



PEPETELA
A GERAÇÃO DA UTOPIA

JOSÉ SARAGAMO



PEPETELA
A SUL, O SOMBREIRO

JOSÉ SARAGAMO



PEPETELA
MAYOMBE

JOSÉ SARAGAMO



PEPETELA

A LITERATURA PARA MUDAR O MUNDO



PEPETELA
O PLANALTO E A ESTEPE

Angola, das anos 60 aos nossos dias. A história real de um amor impossível.



PEPETELA
SE O PASSADO NÃO TIVESSE ASAS

JOSÉ SARAGAMO



PEPETELA
LUEJI

O NASCIMENTO DE UM IMPÉRIO





SUMÁRIO

[A GERAÇÃO DA UTOPIA](#)

[A SUL. O SOMBREIRO](#)

[MAYOMBE](#)

[O PLANALTO E A ESTEPE](#)

[SE O PASSADO NÃO TIVESSE ASAS](#)

[LUEJI O NASCIMENTO DE UM IMPÉRIO](#)



PEPETELA

A GERAÇÃO DA UTOPIA

romance



Ficha Técnica

Copyright © 2013, Pepetela

Equipe Leya Brasil

Diretor editorial: Pascoal Soto

Editora executiva: Tainã Bispo

Assistentes editoriais: Ana Straube e Maitê Zickuhr

Revisão: Mariana Pires Santos

Diagramação: Vivian Oliveira

Equipe Dom Quixote (um selo do Grupo Leya)

Edição: Cecília Andrade

Revisão: Clara Boléo

Capa: Maria Manuel Lacerda

Imagem da metade inferior da capa: © Corbis/VMI

Imagem da metade superior da capa: Rose-breasted Grosbeak, *Pheucticus ludovicianus*, John James Audubon, 1832

Fotografia do autor: © Jorge Nogueira

Dados internacionais de catalogação na publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Pepetela

A geração da utopia / Pepetela. – São Paulo : LeYa, 2013.

ISBN 9788580447354

1. Angola 2. África 3. Política 4. Guerrilha I. Título

12-0459 CDD A869.3

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura Angolana

Este livro foi produzido conforme o Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa. Nos casos de dupla grafia ou nos que não foram contemplados pelas normatizações do Acordo, optou-se por manter a grafia original.

2013

Todos os direitos desta edição reservados a

TEXTOS EDITORES LTDA.

[Uma editora do Grupo Leya]

Rua Desembargador Paulo Passaláqua, 86

01248-010 – Pacaembu – São Paulo – SP – Brasil

www.leya.com.br

A CASA
(1961)

Portanto, só os ciclos eram eternos.

(Na prova oral de Aptidão à Faculdade de Letras, em Lisboa, o examinador fez uma pergunta ao futuro escritor. Este respondeu hesitantemente, iniciando com um portanto. De onde é o senhor?, perguntou o professor, ao que o escritor respondeu de Angola. Logo vi que não sabia falar português; então desconhece que a palavra portanto só se utiliza como conclusão dum raciocínio? Assim mesmo, para pôr o examinando à vontade. Daí a raiva do autor que jurou um dia havia de escrever um livro iniciando por essa palavra. Promessa cumprida. E depois deste parêntesis, revelador de saudável rancor de trinta anos, esconde-se definitiva e prudentemente o autor.)

Era um dia particularmente luminoso e quente para um abril lisboeta. Na véspera tinha chovido toda a noite, o que era próprio da estação, mas hoje o sol nascera num céu tão azul que até doía não poder voar. Sara abriu os braços descobertos. Inútil, não nascera pássaro.

Decidiu caminhar um pouco, até à próxima paragem do autocarro, para gozar o sol e o calor. Ali, perto do Hospital Universitário, havia pouca gente nas ruas. Gente bisonha, que ia para o hospital ou dele vinha. Preocupados com alguma doença, real ou suposta. Se não têm nenhuma, preocupam-se pela que terão no futuro. O português precisa sempre de qualquer coisa para estar melancólico. E se não for a saúde, é a família, ou então o emprego. Povo triste, pensou Sara. É do regime político ou é a essência da gente? Não

vamos também culpar o salazarismo por tudo. O próprio Salazar já era tristonho, cinzento, antes de criar o seu cinzento regime. Regime de eclesiásticos e militares graves, o que convém para um povo de camponeses com pouca terra. Assustou de repente: estas ideias não serão reacionárias? Tinha de perguntar ao Aníbal, ele era obrigado a ser especialista dessas coisas. Mas que são tristes, são. Que diferença com a esfuziante alegria dos africanos, o que os faz passar por irresponsáveis. Também não era verdade. O Aníbal, por exemplo, sempre agarrado aos livros e às ideias, não era um tipo alegre. E era de Luanda, a cidade das mil loucuras... Malongo sim, Malongo era um tipo alegre, até demais. Sara sorriu para o céu, para as pessoas que nela não reparavam, metidas para dentro.

Chegou à paragem. Duas mulheres à espera, vestidas de negro, com um lenço negro na cabeça. Vêm dum enterro ou do campo? Talvez da missa. Ou então vestem assim mesmo, porque são viúvas. Trazem luto por familiares mortos em Angola, com o levantamento do Norte? Rejeitou a ideia. Não têm morrido tantos como a propaganda oficial proclama. Convém a Salazar criar o clima de histeria coletiva, centenas e centenas de brancos trucidados pelos terroristas, Angola é uma fogueira imensa, temos de defender a Pátria e os portugueses. Para Angola em Força! A propaganda estava a resultar, tinha de reconhecer. Um espesso clima de suspeição se abateu sobre os africanos em Lisboa. Passaram a cochichar quando antes discutiam a altos gritos, sempre com gargalhadas no meio. E a população passou de repente a olhá-los com hostilidade. Não em relação a Sara, que era branca, e portanto considerada à partida uma boa portuguesa. Os negros e mulatos eram quase apontados a dedo, nos cafés, nos cinemas, na rua. Traziam na cara os estigmas que os denunciavam como potenciais terroristas. Esses brancos ainda não inventaram uma tinta que dê para a malta se pintar e ficar como eles, dizia Malongo, encontrando ânimo para brincar.

O autocarro chegou. Felizmente era de dois andares, dava para ir lá em cima e gozar melhor o espetáculo de Lisboa ao sol. Sentou nos lugares da frente, esticou as pernas. O Campo Grande e a Avenida da República desdobraram-se aos seus pés. É bonita essa cidade, não há dúvida. Fazia a concessão, quando quase tudo em Lisboa lhe desagradava. Logo temperou. Também não conheço outras grandes cidades para comparar. Nascida em Benguela, feito o final de liceu no Lubango, viera há quase seis anos para

Lisboa estudar Medicina. O barco parou um dia em Luanda, os parentes do pai levaram-na a passear. Tragou com avidez todas as impressões, tentou fixar a cor vermelha da terra e o contraste com o azul do mar, o arco apertado da baía e o verde da Ilha, as cores variegadas dos panos e os pregões das quitandeiras. Sabia, começava o exílio. Essa ideia do exílio que se impregnou nela ao sair de Luanda fê-la chorar, quando o barco se afastou da baía iluminada à noite. Muito tempo ficou na amurada, olhando e respirando pela última vez as luzes e os odores da terra deixada para trás. Impressões que nela permaneciam, intactas, avivadas a todo o momento pelos angolanos vivendo na capital do império. Lembras da Sofia do Bairro Operário?, perguntava um. Na rua dela, duas casas depois, não tem uma casa azul, onde morava a Rita? Não, não há casa azul no BO, todas são amarelas. Há sim, a casa da Rita é azul. E ela ouvia, e revia as ruas que só fugazmente percorrera, e é como se tivesse sempre vivido nelas. O mesmo se passava com Benguela e com Malanje, e toda Angola. Cada um ficava agarrado às suas recordações da infância e transmitia aos outros, que as viviam como próprias. E a ideia cada vez mais mítica da terra longínqua, feita de impressões misturadas, em que se cruzava a cadência do kisanje com as frutas do planalto e as zebras do deserto do Namibe. A distância emprestava às coisas o tom patinado da perfeição.

Foram anos de descoberta da terra ausente. E dos seus anseios de mudança. Conversas na Casa dos Estudantes do Império, onde se reunia a juventude vinda de África. Conferências e palestras sobre a realidade das colónias. As primeiras leituras de poemas e contos que apontavam para uma ordem diferente. E ali, no centro mesmo do império, Sara descobria a sua diferença cultural em relação aos portugueses. Foi um caminho longo e perturbante. Chegou à conclusão de que o batuque ouvido na infância apontava outro rumo, não o do fado português. Que a desejada medicina para todos não se enquadrava com a estrutura colonial, em que uns tinham acesso a tudo e os outros nada. Que o índice tremendo de mortalidade infantil existente nas colónias, se não era reflexo direto e imediato duma política criminosa, encontrava nela uma agravante e servia aos seus objetivos. E demonstrou essas ideias numa palestra que fez com um médico cabo-verdiano, no ano passado. Palestra prudente, com cuidadosa escolha das palavras, que lhe valeu muitos aplausos no fim, mas também uma chamada à PIDE, a polícia política, para advertência. Agora tens ficha na

PIDE, cuidado, avisou Aníbal. Os pais lá em Benguela souberam do caso, por vias que só Deus talvez explicasse. Lá veio a carta, pagamos-te os estudos para seres médica e não para defenderes ideias comunistas. Não ponham adjetivos ridículos, são ideias justas, respondeu ela, sabendo que não os convenceria.

Mergulhada nas recordações, nem se apercebeu da cidade. Desceu na esquina com a Duque d'Ávila, avançou para o Arco do Cego. Passou pela Casa dos Estudantes, entrou no café Rialva, ponto de encontro obrigatório. Cumprimentou o dono, o senhor Evaristo, rosto vermelho e simpático, olhou para as mesas. Quase todas ocupadas por estudantes, esperando a hora do almoço na cantina da Casa. Malongo não estava. Vítor Ramos fez-lhe sinal, ela aproximou-se.

– Bom dia, Vítor. Não viste o Malongo?

– Senta, Sara. Ele foi treinar de manhã. Deve estar a chegar. Vens almoçar connosco?

– Ele devia apanhar-me à frente do hospital. Como sempre, atrasou-se. Talvez almoce convosco, apesar de ter comida em casa.

Vítor Ramos, que um dia adotaria o nome de Mundial, vivia com Malongo no mesmo quarto alugado a uma senhora da Rua Praia da Vitória. Malongo viera primeiro, há cerca de quatro anos, jogar futebol e estudar. Consequira emprego num clube grande, o Benfica, e alugara o quarto. Mas não conseguia ascender à equipa principal e o salário não era grande. Com os treinos constantes, deixou de estudar. Os amigos insistiam para ele ao menos terminar o liceu. Nada feito. Chumbava regularmente no último ano. Vítor chegou um ano depois, Malongo simpatizou com ele, propôs-lhe partilharem o quarto, sempre ficava mais barato. A senhora aceitou um complemento, eu gosto muito de pretinhos, fazem barulho às vezes mas são muito bonzinhos. Vítor parecia seguir as pisadas do mais velho e reprovou logo no primeiro ano de Veterinária. Conseguiu êxito na repetição, mas voltou a chumbar no segundo. Parece feitiço da Rua Praia da Vitória, dizia Malongo, temos de queimar umas ervas para aplacar os maus espíritos.

Sara perguntou-lhe pelos estudos, ao que ele respondeu com o invariável vão bem. E retribuiu a pergunta, ouvindo o que já sabia, ela teria o canudo em julho, se não houvesse terramotos.

– Agora sim, já te podemos chamar de senhora doutora. É bom, pois vais tratar da malta.

O que ela já fazia. Não só ajudava o médico da Casa, nas horas regulares de consulta, como também aconselhava um ou outro amigo, ali mesmo, no café. Ela e outros finalistas de Medicina. Primeiro a medo, sentindo o peso da responsabilidade, depois cada vez mais segura de si. Essa confiança foi-lhe transmitida pelo Dr. Arménio, o médico da Casa, que apesar de brincalhão, sabia ser sério quando era preciso. Fazia pois duplo estágio, no hospital e na Casa. Preferia este último, sem dúvida. Por se tratar de ajudar os conterrâneos? E por causa da personalidade do Dr. Arménio, um nacionalista declarado que não cobrava as consultas aos africanos.

– O Malongo nunca mais vem – disse ela. – Os treinos não duram tanto.

– Deve ter tido outra coisa a fazer. Descansa, ele aparece para o almoço.

Vítor deixava de ficar à vontade quando se falava do Malongo. Deve estar a esconder qualquer coisa. Que anda Malongo a fazer? Política não é de certeza, ele não se mete em nada, só manda umas bocas de vez em quando. Um encontro com uma miúda? É bem capaz, o sacana. Não gostou da ideia. Oh, pode ser outra coisa sem importância, também não vou fazer um drama.

– Mas estás mesmo a estudar, Vítor? Os exames vêm aí.

– Bem, tenho estudado. Mas ultimamente, sabes, com todos esses acontecimentos, deve haver poucos que estão mesmo a estudar. Uma pessoa pensa, pensa... A cabeça está virada para outras coisas.

– Sim, não é o melhor momento para se prepararem exames. Mas tem de ser. Há que fazer um esforço.

Para ela também não era fácil, sobretudo quando se tratava de preparar o relatório do estágio. O que se passa realmente na terra? O que é verdade e o que é propaganda do regime? E como estão os pais lá, confrontados com uma guerra? Pois é duma guerra que se trata, diga o governo o que disser. As notícias enchiam páginas dos jornais, mas as informações eram poucas. A censura estava a trabalhar a triplo vapor, as tesouras nunca funcionaram tanto como agora. Os jornais enchiam-se de discursos patrioteiros, Portugal é uno e indivisível, de declarações de apoio ao regime, mas pouco de concreto sobre os acontecimentos. Sabia-se que o Norte se tinha revoltado em nome duma antes desconhecida UPA e de Lumumba, que era uma esperança de futuro. Tudo começou em 15 de março. Não, antes, em 4 de fevereiro, houve ataques às prisões de Luanda para libertar os presos políticos. Seguiu-se uma repressão terrível em Luanda, falava-se de milhares de mortos entre os nacionalistas. Aí também mistério, quem

executara as ações, qual o seu objetivo? Depois foi março no Norte. Um levantamento contra os brancos, os fazendeiros de café eram mortos e as povoações saqueadas. Era pelo menos essa a propaganda do governo. Informações recolhidas pelos estudantes em outras fontes confirmavam a versão do governo. Mas não seria só intoxicação? O certo é que não se sabia mais nada dessa UPA senão que queria expulsar todos os brancos e mulatos de Angola. Sara não podia estar de acordo. Os amigos também não estavam, queriam um programa político consequente. Nessas conversas e ideias passavam os dias, fazendo suposições. Dava mesmo para estudar? Para Vítor era certamente pior. Vinha do Huambo, onde não se tinha notícia de grandes convulsões. Mas a repressão devia estar a agir também. E ele sofria o racismo exacerbado pela propaganda em Portugal. Sara bateu-lhe na mão.

– Não é fácil, não. Mas ajudas mais a terra estudando do que ficando desesperado, sem nada fazer senão especular.

– Eu sei – disse ele com um sorriso. – Mas não te ofereci nada. Queres um café?

– Não, deixa. E vem aí o Malongo.

Ele entrou com o seu passo gingão. Era grande e forte, a cara toda aberta num sorriso. Deu uma palmada no ombro do dono, como vão os ossos, sô Evaristo? E quase atirou com a bandeja do outro ao chão. Equilibrando dificilmente a bandeja com os cafés, Evaristo sorriu, olhe que me quebra a casa. Mas mesmo que os cafés tivessem caído, o dono ia-lhe perdoar, então não eram os dois do Benfica? Malongo dirigiu-se para a mesa, deu um sonoro beijo na boca de Sara, que queixou estive à tua espera.

– Pois é. Mas sabes, no autocarro encontrei um patrício que não via há tempos e ele esteve a contar-me coisas de Malanje. Ficámos aí a beber uma cerveja. Ele veio de lá agora. Desculpa, mas tinha que ter notícias.

Até podia ser verdade, pensou Sara. Com Malongo nunca se sabia onde começava a mentira ou a brincadeira. Vítor perguntou logo o que o outro tinha contado, também há guerra em Malanje? Talvez para desviar a conversa.

– Bem, ele saiu antes de começar o kibeto, saiu em fevereiro. Havia era montes de prisões, em Malanje e em Luanda. O Riquito, um meu amigo, foi preso em Malanje. Na Baixa de Kassanje antes houve mesmo bombardeamento de avião. Mataram montanhas de camponeses. Diz que em Luanda toda a gente anda apavorada, os brancos por causa dos negros e

os negros por causa dos brancos. Os brancos estão a mandar embora os criados negros, têm medo que os envenenem.

– E da UPA? – perguntou Sara.

– Sabe tanto como nós. Só ouviu falar aqui.

– E quem fez os ataques em Luanda, em fevereiro? Nessa altura estava lá.

– Nada, não sabe. Falava-se de um padre que era o chefe. Mas toda a gente tinha medo, ninguém dizia nada. Está tudo clandestino... O Sporting de Luanda deve ganhar o campeonato. Têm lá um miúdo que é uma maravilha.

– Deixa o futebol, vamos comer – disse Sara.

Atravessaram a rua, entraram na Casa dos Estudantes. No primeiro andar era a cantina. Foram passando por entre as mesas, cumprimentando os que já estavam instalados. Aníbal, numa mesa do fundo, fez-lhes sinal. Sentaram-se com ele. Malongo perguntou logo:

– Em Lisboa a esta hora, Aníbal? Desertaste ou quê?

– Consegui licença de dois dias. Tenho aí uns assuntos a tratar.

Aníbal, que mais tarde seria conhecido por Sábio, era aspirante miliciano. Tinha terminado no ano anterior o curso de Histórico-Filosóficas e fora fazer o serviço militar obrigatório. Depois da recruta em Mafra, foi afetado a uma unidade de infantaria perto de Lisboa. Todas as semanas aparecia na Casa para rever os amigos. Como sempre, estava à civil. Farda só no quartel, dizia ele, pouco à vontade no seu papel de militar. Sara pediu notícias da terra.

– Sei pouca coisa. Só que estão a seguir barcos e mais barcos com tropas. Uma série de oficiais que fizeram a recruta comigo já foram e outros estão mobilizados. São as unidades inteiras que vão.

– E tu? – perguntou Malongo. – Também vais?

– A minha unidade ainda não foi mobilizada.

– E se for? Também vais?

– Não são perguntas que se façam, Malongo – disse ele, ríspido.

– Lá no quartel diz-se que se prepara uma contraofensiva para recuperar todo o Norte. Estão a concentrar as tropas em Luanda para avançarem contra os Dembos, ali é que a coisa está feia. Mas ainda deve durar. Não é dum dia para o outro que conseguem juntar a tropa suficiente para ocupar todo o Norte, um território duas ou três vezes maior que Portugal. E aquelas matas... Eu tinha um tio em Nambuangongo, fui lá passar férias algumas

vezes. Hum, é só floresta e mais floresta. Uma guerrilha bem organizada ali resiste toda a vida.

– E o teu tio? – perguntou Sara.

– Os meus pais não sabem nada dele. Aliás, parece que em Luanda ninguém sabe de nada. Ele tinha uma pequena roça de café, coisa bem pequena e sempre ameaçada pelos vizinhos, fazendeiros portugueses, que lhe queriam apanhar as terras. Sabe-se que a UPA ataca os trabalhadores dos fazendeiros brancos, que geralmente são do Huambo, da terra aí do Vítor. Mas não sei se ataca também os fazendeiros negros originários da região.

– É capaz de ter aderido à UPA – disse Vítor.

– Quem sabe? – disse Aníbal. – Mas conta lá, Malongo. O teu Benfica vai apanhar domingo no Porto, não?

– Deixa lá disso, o Benfica está no máximo. Apesar de eu não ir nem como suplente. Isso eu não entendo. Treino sempre, estou em grande forma. Mas só me põem a jogar nas reservas. Deve haver aí alguma pomba contra mim.

A conversa derivou para o futebol, alimentada por Aníbal e Malongo. Sara entendeu, Aníbal não queria falar de coisas sérias com os outros. Malongo para ele era apenas um futebolista e com poucas ideias na cabeça, isso lhe dissera um dia abruptamente quando ela começou a namorar com o malanjino. Não entendo, Sara, o que tu, quase médica, vês nesse moço. Está bem que ele é simpático, é capaz de ser bonito, mas é tão vazio... Sara conhecia Aníbal desde que chegara a Lisboa. A um momento dado até admitiu a hipótese de criarem uma ligação que ultrapassasse a simples amizade. Mas ele não tentou nada e como mandava a tradição que fosse o macho a avançar, ficaram sempre por aí. Muitas conversas, idas ao cinema. Só. Quanto a Vítor, para ele era um miúdo ainda indefinido, podia explicar-lhe umas coisas, mas não se aventurava em terrenos mais secretos. Só com ela se abria. Sara abstraiu da conversa futebolística que não lhe interessava e ficou a observar a sala.

As mesas estavam todas ocupadas, aos grupos de quatro. A maioria era de angolanos, todos misturados, brancos, negros e mulatos, estes bem mais numerosos. Os cabo-verdianos, que se misturavam facilmente com os angolanos, eram quase exclusivamente mulatos. Os guineenses e são-tomenses, mais raros, eram negros. Os moçambicanos eram na quase

exclusividade brancos. E tinham tendência de se juntar aos grupos. Mesa unicamente constituída por brancos, já se sabia, era de moçambicanos. A *british colony*, como diziam ironicamente os angolanos. Claro que havia exceções, como aquela mesa em que Belmiro, um negro guineense, estava sentado com três brancos moçambicanos. Mas isso porque Belmiro chegou atrasado e o único lugar vago era naquela mesa. Se pudesse escolher, ia para outra, até porque a conversa certamente estava mais emperrada que normalmente. Os angolanos tinham menos desses problemas, apesar dos últimos acontecimentos. No entanto, ela sentia, havia muito subtilmente uma barreira que começava a desenhar-se, algo ainda indefinido afastando as pessoas, tendendo a empurrar alguns brancos angolanos para os grupos de moçambicanos. A raça a contar mais que a origem geográfica? Oh, já estou a ver fantasmas. Ela própria não notara, ao aproximar-se de grupos angolanos, algumas caras mais fechadas, conversas interrompidas? Sim, havia. Era normal. Em Angola tudo estava a tender para uma guerra racial, havia uma repressão seletiva. Isso provocava reflexos em Lisboa.

Terminaram o almoço e foram os quatro para o Rialva. Malongo encomendou três bicas, para os outros, e um iogurte para ele. Um atleta não devia tomar café nem vinho. Cumpria esses preceitos, queria ser titular do Benfica. Mas fumava às escondidas do clube, não podia evitar. Quando Sara lhe mostrava a incoerência dessa atitude, ele ria, como tu fumas eu também tenho de o fazer, senão seria horrível beijar-te, ia sentir o teu cheiro de tabaco. E tomava umas canecas de cerveja, não faz mal, a cerveja tem pouco álcool.

Pouco depois Vítor despediu-se, tenho de estudar, e Malongo aproveitou seguir com ele, marcando encontro com Sara às seis, não tinha treino à tarde. Ela assentiu e ele beijou-a. Saíram os dois. Depois de algum tempo de silêncio, Aníbal perguntou como iam as coisas com o Malongo.

– Vão bem. Enfim... Com ele, uma pessoa está sempre na corda bamba. Vai, vem, falta aos encontros, tem sempre algo misterioso a fazer. Mas é meigo e procura ser um profissional sério.

– Sim, no futebol parece sério. Não sou especialista, mas admira-me como ainda não subiu para a equipa principal.

– Leva isso a sério, o futebol é a sua vida. E a música. Comprou uma viola e agora anda a aprender às escondidas. Muito provavelmente as coisas que disse ter a fazer agora, é ir ensaiar com a viola. No outro dia foi o

mesmo. Telefonei para casa a confirmar. E a senhora respondeu que ele estava no quarto, pois ouvia a viola. Quando lhe pergunto, ele diz, oh, estou a aprender umas coisitas. Só quando souber mesmo tocar é que vai aparecer e dizer.

Aníbal convidou-a depois a irem dar uma volta pela Baixa. Ela devia trabalhar na tese de fim de curso, que ia defender em julho, mas aceitou, uma tarde também não significava um atraso catastrófico. Apanharam um autocarro e foram calados, a apreciar a movimentação nas avenidas. Havia agora muita gente a andar a pé, aproveitando a tarde de sol. Saíram na Avenida da Liberdade, para passearem até à Baixa. Ele iniciou a conversa, queria falar contigo a sós. Percebi, riu ela.

– A situação está séria. Muita repressão, a PIDE anda doida. Devem estar a fazer inquéritos e mais inquéritos sobre a Casa. Neste momento deve ser o alvo principal deles. Conversas mais sérias, não convém tê-las nem na Casa nem no Rialva. Reparaste no tipo com chapéu que estava sentado ao nosso lado no café? Aquele não engana ninguém. Lá no quartel também sinto que me observam. Tenho sempre alguém perto, no outro dia a minha estante foi mexida. Os livros estavam arrumados, só que não exatamente como os deixo sempre.

– E tinhas lá livros perigosos?

– Com esses tipos nunca se sabe o que é livro suspeito ou não. Tenho lá a *Autópsia dos Estados Unidos*, por exemplo. *As Mãos Sujas* de Sartre. Livros de Filosofia e de História, de todas as tendências. *O Processo Histórico* de Zamora, esse é marxista. Mas saberão eles?

– Mas não te vais pôr agora a olhar para trás constantemente...

– Pode ser paranoia. Mas que mexeram nos livros, isso mexeram. E que na Casa deve haver informadores da PIDE, também é quase certo. E ponho a minha cabeça em baixo dum comboio se o tipo do chapéu não é pide.

– Sim, é preciso ter cuidado. A malta está na mira, tem de estar.

– No exército vive-se um clima de desconfiança. Todo o dia grandes discursos patrióticos, palestras com insistência nos oficiais milicianos etc. Sabem, a grande maioria dos milicianos, tudo malta universitária, é do contra. Uns mais progressistas, outros menos, mas do contra. Ora quem vão ser os oficiais para a guerra? Os milicianos, quase não há outros. Daí o carinho com que nos brindam, palestras, discursos, e pides no meio para espiarem.

– Por isso pediste esta licença, sem esperar pelo fim de semana?

– Também por isso. É preciso avisar a malta toda para ter cuidado. Também porque recebi uma carta do exterior, não perguntes nem donde nem de quem. Fala-se lá fora dum outro partido.

Olhou para trás e para os lados. O passeio da avenida era muito largo e tinha pouca gente, podiam conversar à vontade.

– O Mário de Andrade e o Viriato da Cruz é que estão à frente, pelo menos no exterior. Dizem que foram eles que organizaram os ataques às prisões em Luanda. Chama-se Movimento Popular de Libertação de Angola, MPLA.

– Que raio de nome! Eme-pê-éle-i-á. UPA é muito mais sonoro e fácil.

– Deixa lá o nome, isso não interessa. O programa é que conta.

– E qual é?

– Vão mandar-me. Mas o que me escreveu diz para avisar a malta sobre a UPA, é um movimento tribalista do Norte e racista ainda por cima. Nada de bom vem daí. Para já, o Mário e o Viriato são conhecidos, dois grandes intelectuais, oferecem muito mais garantias de seriedade.

– Sem dúvida. Uf! Sinto alívio. Não imaginas que alívio!

– Eu também senti, por isso vim logo avisar. Ter de escolher entre o colonialismo e a UPA, realmente... Bem, a UPA sempre é menos má.

Riram os dois. Ela principalmente. Não ria assim há muito tempo. Era do sol, da presença do amigo, da notícia que ele trazia. As preocupações foram embora, a vida tornava-se mais leve. Olhou para Aníbal, feliz pela alegria dela, e voltou a rir. Ele também, embora mais comedido. Aproximavam-se da Praça dos Restauradores e havia mais gente, mesmo no passeio do meio. Ela deu-lhe o braço, para poderem conversar mais em surdina.

– Não é perigoso receberes essas cartas pelo correio? Eles controlam tudo e tu estás fichado há muito tempo.

– Elas vêm por meios seguros.

Aníbal era baixo e magro, pouco mais alto que ela. Olhos profundos, lábios e nariz pouco grossos. Dava uma sensação de fragilidade a quem não o conhecia. Porém, ela sabia, era todo o contrário, uma tremenda força interior. Conseguira fazer o curso, pago com uma bolsa duma igreja protestante, com notas brilhantes e muitas vezes defendendo ideias totalmente contrárias às dos professores. Ganhara fama no meio universitário e muita gente, mesmo de outros cursos, ia assistir às suas

provas orais, adivinhando polémica. A assistência ficava raramente frustrada. Perante a sua solidez de argumentos, os professores tinham de o classificar com notas máximas, apesar das posições progressistas defendidas pelo examinando. A tese de fim de curso apareceu como uma provocação, uma análise da política colonial no século XIX, em que demonstrava que o Estado português liquidou a burguesia angolana que ganhava consciência da sua diferença e se encaminhava para posições autonomistas inspiradas nos princípios da Revolução Francesa. Foi várias vezes chamado à PIDE, evidentemente. Como não se lhe conheciam atividades políticas, ficavam só pelas intimidações, esperando a primeira oportunidade. Aníbal era extremamente cuidadoso, mas Sara suspeitava que ele tivesse ligações com alguma organização clandestina, provavelmente o Partido Comunista Português. Nunca lhe pergantara, nos seus vinte e quatro anos de idade ela já aprendera que havia curiosidades interditas.

– Apesar de tudo, estás preocupado – disse Sara. Por esta altura, depois de ter dado a notícia principal, normalmente ele teria partido para alguma dissertação sobre qualquer assunto inócuo mas sempre interessante. Se achasse que devia guardar recato, teriam subido de novo a Avenida da Liberdade. Hoje não, ele ia calado. Sinal de preocupação.

– Não se te pode esconder nada?

– Ora, já te conheço. Não posso saber? Se não posso, diz francamente, e vamos a algum cinema.

Depois de alguma hesitação, ele disse:

– Podes, claro. Sim, estou preocupado. – Baixou a voz. – Mais cedo ou mais tarde a minha unidade vai ser mobilizada. E eu, o que faço? Não se trata de mim, o que é melhor ou pior para mim, mas para a terra.

– Não entendi.

– Uma possibilidade é ir com a unidade e lá fazer trabalho de sapa. Sabotar as coisas, entendes? Pode ser útil para mobilizar os angolanos a lutarem contra o colonialismo e a impedir os civis tucas de massacrarem os patrícios. Mas pergunto-me se um oficial negro terá essa liberdade de ação, vou estar tremendamente vigiado. A outra possibilidade...

Cruzavam agora muita gente no Rossio e uma palavra dita mais alto podia ser ouvida e compreendida por algum informador. Tanto mais que o casal chamava a atenção: não era muito comum um homem negro e uma mulher branca de braços dados nas ruas de Lisboa. Colou por isso a boca ao ouvido

dela:

– Desertar, cavar. Passar para o outro lado. Deve ser mais útil.

– E é possível?

– Talvez. Mas precisava de tempo. E devo decidir agora para poder preparar as coisas. Se for possível...

– Quando são avisados de que devem partir?

– Uma semana antes, no máximo. Dá pouco tempo.

Ficaram calados, evitando os choques com a gente apressada que corria no Rossio para apanhar o metrô ou o autocarro, ou as senhoras com crianças que andavam nas compras.

– Pago-te uma ginjinha? – perguntou ele, de repente. – Estou rico. Para quem estudou sempre com uma bolsa de estudos, o soldo de oficial até sobra.

– Não caía mal – disse ela.

Entraram numa taberna famosa pela sua aguardente de ginja. Era uma tasca estreita, onde dez pessoas dificilmente cabiam. Ele encomendou dois cálices.

– Com elas ou sem elas? – perguntou o taberneiro.

– Com elas, com elas – disse Sara, rindo.

Beberam de pé no balcão, como todos os clientes. Com um palito, pescavam as ginja no cálice e depois cuspiam os caroços para o chão, era um ritual. Como era ritual no bar Amazonas, no Arco do Cego, deitar as cascas dos tremoços para o chão, as quais no fim da noite faziam um tapete fofo. Saíram e deram a volta ao Rossio, sempre em silêncio. Nos Restauradores ele disse:

– Lembrei-me agora duma coisa. Já te contei que quando era miúdo fui à tua terra? Sim, já. Fui passar férias a casa dum tio, em Benguela.

– Como bom kaluanda, tens tios em todos os cantos de Angola.

– O kaluanda anda muito. Para civilizar os bárbaros... Tenho também família no Lubango, mas nunca lá fui. Mas em Benguela, levaram-me a uma praia, a Sul. Caota.

– Conheço, há lá uma pescaria.

– Isso. O que talvez não conheças é a Caotinha, um canto ao lado, do outro lado do morro. Dificil de passar, só a pé ou de jipe.

– Ouvi falar. Dizem que é um espanto.

– Fabuloso – disse ele. – Água limpa, mas fria. Só morros e mar. Areia e

rochedos, uma baía pequena e cheia de peixe. Uma maravilha. Pois mergulhei aí. Não te digo. Apareceu-me um polvo gigante quando eu estava debaixo de água a explorar os fundos. Foi o maior susto da minha vida. Não sei como cheguei a terra, não me lembro de nada. Só ficou a imagem dum polvo espantoso, com todos os tentáculos virados para mim. Hoje ainda, quando tenho pesadelos, aparece esse polvo. Uns sonham que estão a cair, outros sonham com mortos, eu sonho com esse bicho. Pois jurei que um dia havia de lá voltar, equipado, para matar o polvo.

– Talvez não fosse tão grande assim.

– Pode ser imaginação de criança. Pode não ser o Náutilus do Júlio Verne. Mas que era enorme, lá isso era.

Tinham voltado para a Avenida da Liberdade, onde já podiam conversar mais livremente.

– Ontem sonhei com esse polvo.

– E então?

– Nada. Só quer dizer que estou preocupado. O que me aconselhas?

– Perguntas-me a mim? Apenas te posso ajudar a raciocinar.

– Já seria muito. Claro que posso não seguir o teu conselho. E vou perguntar a outros. Mas gostava de saber a tua opinião.

Fora um problema que ela nunca se pusera, até porque as mulheres não iam para o exército, nem as médicas. Mas uma ideia lhe repugnava e expressou-a com cuidado, procurando as palavras.

– Não te vejo a desembarcar em Luanda e desfilar na Marginal à frente da tua companhia. O que vão as pessoas dizer? Esse Aníbal mandava bocas mas afinal vem agora matar os patrícios. É o que a gente vai pensar.

– Isso é sentimentalismo. Pouco interessa o que as pessoas pensem de mim. Estarei a cumprir um papel útil, fazendo trabalho clandestino, organizando grupos, talvez roubando armas para a malta que está a lutar. Também não sei o que posso fazer, mas na ocasião saberei.

– Afinal já tomaste a decisão de ir...

– Disparate! Essa é uma hipótese apenas.

– E a mais fácil. A outra agrada-me mais.

– Pode ser a mais fácil agora. Lá na terra será a mais difícil. A outra, cavar, é mais difícil agora, implica toda uma organização. Depois será mais fácil, poderei lutar pelo meu país diretamente. No entanto, que posso fazer no estrangeiro? Ficar lá, a ver as coisas correr?

– Sempre haverá o que fazer. Outros estão lá, já fizeram coisas, pelo que me disseste ainda há pouco. Por que não tu? Tens preparação militar, isso pode ser útil. E tens ideias, o que ainda é mais importante.

– Talvez tenhas razão, não sei. Preciso de perguntar aí a uns tipos...

– Eu não hesitaria. Desertava mesmo. Há meios de passar para França, toda a gente sabe disso. Pode não ser fácil, mas os meios existem.

Ele ficou calado, no meio do dilema. Passado algum tempo, Sara perguntou que vais fazer?

– Ainda não sei.

– Mas tens de tomar uma decisão rápida, tu mesmo disseste. Continuaram a passear, sem voltar ao assunto. Estava uma tarde excepcional, havia que aproveitar o sol e a companhia. Que mais havia de importante? As dúvidas sobre Malongo estavam longe, as preocupações de fim de curso ainda mais. E na situação de Angola uma ténue réstia de esperança se abrira. Tinha o direito de respirar fundo e comungar da amizade de Aníbal, que lhe dava segurança, apesar de parecer tão frágil e hoje particularmente inseguro. Sara aspirou voluptuosamente o ar fresco e apertou-se mais ao companheiro.

O treino tinha corrido bem. Na última parte puseram-no a jogar na equipa principal e tinha-se entendido com as estrelas do Benfica.

Foi pena ter falhado aquele gol, fruto do nervosismo. Mas o resto foi satisfatório e o treinador disse-lhe no fim, temos homem, Malongo, temos homem. Significava que o ia pôr a jogar no domingo? Ainda ia haver outro treino de conjunto, nada estava pois decidido. Pelo menos podia ser escalado para o banco dos suplentes, à espera duma vaga por lesão ou mau dia dum colega. Que lhe dessem uma oportunidade e ele ia mostrar no terreno o que valia. Estava na paragem à espera do autocarro quando passou o Arsénio, no seu carro novo, vindo também do treino. Arsénio parou e fez-lhe sinal. Malongo aceitou a boleia e entrou.

– Podes deixar-me na Alameda, se vais para aqueles lados. Arsénio também era angolano e uma estrela já confirmada, com lugar reservado na equipa principal há dois anos. Aparecia por vezes na Casa dos Estudantes, embora levasse uma vida muito recatada, dedicada à família. Sempre tranquilo, era voz autorizada no meio estudantil pelos seus conselhos, apesar de ter poucos estudos. A mulher chamava-lhe carinhosamente de gato manso, por ele muito raramente mostrar as unhas. E no futebol também parecia um gato quando brincava delicadamente com a bola.

– O treinador ficou satisfeito contigo. Acho que no domingo entras na primeira equipa.

– Ouviste alguma coisa?

– Não, ele nunca diz nada. Mas penso que vai ser a tua estreia, se amanhã treinares como hoje. Jogamos em casa, o adversário não é uma grande equipa. É o momento ideal para ele te experimentar.

– Eu só quero que ele me experimente.

Ficaram em silêncio. Arsénio ligou o rádio do carro e concentrou-se no tráfico. Malongo estudava cada uma das palavras ditas. O outro era já um kota com rodagem do clube, não ia falar à toa. Até podia influenciar o treinador, num momento de conversa, com aquele jeito suave que ele tinha de dizer as coisas. A sua oportunidade estava muito próxima, não a devia deixar escapar.

– Podias-lhe dar um toque, assim como quem não quer a coisa – disse Malongo.

– E não o fiz já? Várias vezes. Mas o Otto Glória tem as suas ideias. Ele estuda constantemente os jogadores e não se deixa influenciar. Se não põe um tipo a jogar, isso não quer dizer que o tipo é pior que os outros. Apenas que a sua maneira de jogar não liga com o esquema que ele quer. E de repente chama mesmo o tipo para a equipa principal. E pronto, ou se safa ou está entregue à bicharada.

Malongo não disse nada. Carro bonito. Este Arsénio está farto de ganhar dinheiro. Uma ponta de inveja riscou o bem-estar que sentia depois do treino. Deixa, ainda vou ter um Mercedes. E andar por aí com o carro cheio de miúdas, a pagar-lhes lanches nas melhores pastelarias. Quando o seu nome aparecesse no título dum jornal desportivo, MALONGO DERROTOU O SPORTING, ou COM MALONGO O BENFICA É OUTRO. Encostou-se mais no assento do carro, vendo os títulos em letras garrafais a desfilar.

– O treino de amanhã é decisivo – disse Arsénio. – Concentra-te só nele. Hoje não te preocupes com nada, vai dormir cedinho. Sem farra, nem cerveja.

Malongo acendeu um cigarro. O companheiro fez uma careta.

– E sem isso.

Atirou o cigarro pela janela, obedecendo num gesto maquinal. Arsénio sorriu, assim é que é. Tinham chegado à Alameda, vestida de primavera.

– Não preferes que te deixe na Casa? Para mim é igual.

– Não, aqui está bem. Obrigado pela boleia.

– Concentra-te no treino. Muito juízo e nada de farras. Malongo saiu do carro. Tanta insistência nas farras, por quê? Otto Glória um dia tinha-lhe dito um jogador de futebol devia ter uma vida regrada. Seria opinião do clube que ele só pensava em farras? E por isso guardavam-no nas reservas até ter juízo? Um diretor também já lhe tinha feito uma preleção. Sem ser categórico, mas tinha dado a entender que não apreciavam muito a sua propensão para as noitadas. Se é isso, é injusto, pensou Malongo. Está bem, nunca perdia um baile da Casa e dançava até de manhã. Era costureiro das farras do Marítimo, o clube formado por marinheiros africanos em Lisboa. Mas nunca antes dum jogo de futebol. Os jogos das reservas eram habitualmente aos sábados e depois é que ia para a farra. Está bem, já tinha acontecido o jogo ser domingo de manhã e ele ter ido dançar na véspera. E não poder com as pernas e ser substituído logo na primeira parte. Mas tinha sido só algumas vezes. E também não abusava muito da cerveja, só algumas para hidratar. Vinho nunca bebia. Haka, um jogador não é de pau, também precisa de se divertir.

Entrou no Pão de Açúcar, café muito frequentado por estudantes e onde sabia estar a Denise. Dirigiu-se para a mesa dela, com o passo mais gingão que podia fazer. A loira riu e indicou-lhe uma cadeira.

– Como foi o treino?

Era francesa e estava em Lisboa a aperfeiçoar o português, que falava razoavelmente. Vivia num quarto ali perto e estudava sempre no Pão de Açúcar.

Malongo era obrigado a corrigir a ideia que tinha das francesas. Foram ao cinema juntos algumas vezes, um dia foi para o quarto dela, mas não passaram dos beijos e carícias. Quando ele a levou para a cama, ela deixou que ele lhe passasse a mão pelos seios e pelo sexo, mas recusou despir-se. Então e o amor livre das francesas? Duma segunda vez foi no quarto dele. Vítor foi dar uma volta para os deixar à vontade, ele foi mais insistente e ela acabou por ficar só de cuecas, depois de muita luta. Mas Denise só permitiu que o sexo dele roçasse no dela por cima das cuecas. Ainda não estou preparada, tens de compreender. Andavam nisto há um mês. E ele cada vez mais ansioso e insistente.

– Vamos ao cinema hoje à tarde? – perguntou ele.

– Tenho aulas. Vamos à sessão das seis e meia?

Combinaram encontrar-se ali pouco antes e partiu para o almoço na Casa.

Mais uma vez falhara ao encontro com Sara. Logo hoje que tinha uma boa notícia para lhe dar, ela ia ficar contente com as perspectivas de ele estreiar no próximo domingo. Sentiu alguns remorsos que logo varreu. Denise tinha vinte anos e era um *bijou*, possas, não podia perder a oportunidade de comer uma francesa. Sara compreenderia. Não as suas pretensões em relação a Denise, mas o facto de não ter aparecido. Ela iria procurá-lo e ele arranjava uma desculpa. Sara era uns meses mais velha que ele, um pouco maternal, por isso tinha de aceitar essas falhas. Agora se soubesse da Denise... Por isso escondia bem as suas aventuras extranamoro. Nunca levava a francesa à Casa, apesar de ela já por várias vezes ter pedido, curiosa de conhecer o centro da revolução africana em Lisboa, como dizia. E os encontros no café eram rápidos e quase frios, pois havia membros da Casa que também frequentavam o Pão de Açúcar e podiam bocar. Só Vítor estava ao corrente e ajudava-o a camuflar as coisas. Grande kamba esse Vítor, apesar de ser do Huambo. Puxava ao pai, kimbundu do Golungo, desterrado para o Huambo como enfermeiro.

Sara também tinha sido difícil. Namoraram meses antes de ela permitir coisas mais sérias. Mas acabou por acontecer e duas vezes por semana ele dormia no quarto dela. Luxuoso para uma estudante. Quarto independente, grande, com casa de banho privativa, o que era muito raro em Lisboa. Ela também pagava caro por ele. Filha de comerciante rico, tinha uma mesada elevada, podia permitir-se certos luxos. Também o de pôr a senhoria do apartamento no seu lugar, quando esta um dia refilou ao ver Malongo sair de manhã cedo do quarto dela. Agora as relações entre as duas limitavam-se ao mínimo necessário. A portuguesa se escandalizava que ela, uma médica, dormisse com um negro. E na sua casa. Mas não era fácil encontrar alguém que lhe pagasse tão caro pelo quarto. Engoliu os escrúpulos, fingia que não sabia de nada. Mas deixou de perguntar a Sara pela saúde dos pais ou pelos seus êxitos universitários. Só quando tinha alguma dor aparecia a pedir conselho. E tinha dores muitas vezes, pois já era velha e sofria das articulações. Outra vantagem de ter Sara em casa.

Malongo foi diretamente para a Casa, sentou a uma mesa vaga e começou a comer. Mais tarde apareceu Vítor. Não, Sara não o procurou. Por um lado era melhor, tinha o tempo livre. Mas no fundo ele não gostou. Antes de se sentarem outros à mesa, pôde confidenciar a Vítor, hoje levo a Denise ao cinema e é hoje ou nunca.

– Devias ter mais cuidado com a Sara. É chato.

Ele não respondeu, porque apareceu o Horácio, um mulato que publicara uns poemas no boletim da Casa, considerados razoáveis para um início, e que agora não perdia uma oportunidade para monopolizar as conversas com literatura. Malongo foi ouvindo a dissertação do Horácio acerca da influência dos escritores brasileiros sobre a juventude literária de Angola. Bastante desatento, mas isso não tinha importância nenhuma, Horácio não conversava, falava só. Vítor também parecia pensar noutra coisa, comendo devagar, sem levantar os olhos do prato. E chegou Furtado, um branco do Uíje, que andava desesperado sem notícias dos pais, roceiros de café no Norte e submersos pela rebelião de março. Furtado antes falava abertamente sobre a necessidade da independência de Angola. Já tinha tido problemas com a PIDE por causa das bocas. Mas agora, que a luta pela independência lhe tocava na família, estava mais moderado. Horácio interrompeu o monólogo literário para perguntar novidades sobre os pais dele.

– Nada. Certamente tiveram problemas graves. Se tivessem conseguido fugir para Luanda, já tinham escrito. Devem estar ainda na roça, vivos ou mortos.

– Ou na cidade – disse Vítor. – A roça é longe da cidade?

– É a vinte quilómetros do Negaje.

– Devem ter escapado para o Negaje – disse Vítor. – E do Negaje não deve ser fácil enviar cartas para aqui. Aquilo deve estar isolado.

– Sim, pode ser. Mas já passou mais dum mês, de qualquer modo. Deves ter razão, Vítor, espero em todo o caso que tenhas.

– O Negaje tem sido atacado – disse Horácio, remexendo na ferida. – Ainda nos jornais de ontem se falava de ataques ao Negaje, até agora sem resultados. Mas praticamente são os colonos que asseguram a defesa, quase não há tropa. Deve estar bem isolada a cidade e pode cair a qualquer momento...

– Deixa disso – interrompeu Malongo. – É preciso sempre pensar positivo. Estão no Negaje e estão bem. Daqui a dias vais receber informações, Furtado. É inútil estar a remorder nas coisas.

Horácio não gostava de ser contestado, mas compreendeu não era bom tema de conversa. Voltou à literatura, aconselhando os outros a lerem Drummond de Andrade, na sua opinião o melhor poeta de língua portuguesa de sempre. Qual Camões, qual Pessoa, Drummond é que era, tudo estava

nele, até a situação de Angola se podia inferir na sua poesia. Por isso vos digo, os portugueses passam a vida a querer-nos impingir a sua poesia, temos de a estudar na escola, e escondem-nos os brasileiros, nossos irmãos, poetas e prosadores sublimes, relatando os nossos problemas e numa linguagem bem mais próxima da que falamos nas cidades. Quem não leu Drummond é um analfabeto. Os outros iam comendo, trocando de vez em quando olhares cúmplices. Até que Malongo e Vítor terminaram a refeição. Malongo despediu-se, levantando-se, um analfabeto vos saúda. Vítor e Furtado riram, Horácio fingiu que não ouviu. Agarrou no braço do Furtado e continuou a cultivá-lo com versos de Drummond e os seus próprios, dedicados ao grande brasileiro.

– É uma cabeça – disse Malongo, já na rua. – Pode falar duas horas sobre literatura sem se cansar.

– É masé um chato – disse Vítor.

E foram para casa, sem passar pelo café. Vítor tentava estudar, enquanto Malongo, deitado na cama, aprendia viola. Sara telefonou às cinco horas e Malongo foi desculpar-se. Já tinha pensado num assunto inadiável que tinha para a noite e por isso só amanhã se podiam ver. Saiu às seis horas, com as melhores roupas, para se encontrar com Denise. Vítor movia a cabeça em muda reprovação. Vai-te lixar, pá, uma francesa daquelas não dá para perder. Hoje é o meu grande dia, já foi no treino, vai ser na cama.

Denise estava pontualmente à espera. Com um vestido branco, leve, de acordo com o tempo doce. Os cabelos loiros caíam em cachos e o vestido curto deixava ver as pernas bem torneadas. Hoje é hoje, pensou Malongo, ao atravessar a rua e se dirigir para ela, os olhos perscrutando todos os detalhes do corpo desejado.

Ele escolheu os lugares da última fila da plateia para estarem à vontade. Só quando as luzes se apagaram lhe pegou na mão. E só quando começou o filme principal começou a acariciá-la, primeiro nos braços, nas pernas depois. Havia pouca gente no cinema e as últimas filas estavam completamente vazias. Esqueceram o filme, se beijaram. E perante a insistência dele, ela foi abrindo as pernas, deixando a mão subir pelo interior das coxas. Quando ele lhe tocou no sexo, ela gemeu e escorregou na cadeira, ficando quase deitada. As pernas afastaram-se ainda mais, em oferta. E ele acariciava-lhe com dois dedos a vagina por cima da cueca, ao mesmo tempo que a beijava. Até que ela teve os primeiros estertores,

silenciosos porque as bocas estavam coladas. Tentou reagir, mas ele manteve a mão esfregando docemente. O orgasmo dela foi violento e prolongado. Estremecia na cadeira e os dentes morderam com força os lábios grossos. Quando ela se acalmou e ele afastou a boca, Denise murmurou *si bon, si bon*. A mão dela procurou o sexo dele que queria romper as calças. Mas ele afastou a mão, não gosto disso, só sexo no sexo.

Denise endireitou-se na cadeira, ficou silenciosa olhando para o filme. Ao fim de algum tempo, sussurrou:

– Não é justo. Eu gozei tanto... Também quero que gozes.

– Não gozo com isso. Só sexo no sexo, sou um tradicionalista. O filme era uma história de amor americana. Olharam um pouco para ele, depois ela disse está bem, vamos para o meu quarto.

Saíram do cinema na escuridão, ele abraçando-a para a orientar até ao corredor. Na rua caminharam rápido, de mãos dadas, indiferentes a quem podia observá-los. Quase subiram as escadas do prédio a correr. E ela não acertava com a chave na fechadura, ofegando. Por fim, a porta se abriu. Eu sabia, hoje é o meu dia, pensou Malongo, ao entrar abraçado a ela para a noite inteira.

A manifestação organizou-se em Arroios. Daí desceria para a Baixa, onde se juntaria a outras vindas de lugares diferentes. Sara tinha estado antes na Casa para arranjar companheiros. Malongo recusou logo, não me meto nessas coisas, não sou estudante nem trabalhador. Vítor foi mais claro, isso é um problema dos portugueses, não é o nosso. Ela tentou argumentar que o 1o de Maio era uma jornada universal de todos quantos eram contra o capitalismo e este ano particularmente importante por causa dos acontecimentos de Angola. Os dois não mudaram de posição. Havia provavelmente informadores da PIDE e ela devia ser prudente. Foi perguntando sigilosamente aos amigos de confiança. Furtado hesitou, depois disse que sim. E Laurindo, um jovem da Gabela, no seu primeiro ano de Portugal, que tinha curiosidade de ver uma manifestação. Agora iam os três, no meio de duas centenas de estudantes e trabalhadores, gritando vivas ao 1o de Maio e Abaixo o Fascismo, sem bandeiras nem cartazes, descendo as calçadas que davam acesso ao Rossio. Sara no meio, de braço dado aos outros dois. Isso aumentava a confiança perante a previsível carga da polícia. Esta, pelo momento, limitava-se a guardar os cruzamentos, sem grande aparato. Sara disse:

- A malta da Casa está a desmarcar-se ou quê? Só estamos mesmo nós.
- Podem estar noutros grupos – disse Furtado. – Só na Baixa se verá.

A manifestação era formada por jovens. Na linha da frente, havia um ou

outro homem mais velho, com aspecto operário, orientando as palavras de ordem. As pessoas abriam as janelas das casas para espreitar, mas poucas saíam para engrossar o grupo. Duma rua lateral, surgiram uns trinta jovens e juntaram-se a eles. No meio vinha um moçambicano branco que se aproximou dos três.

– E a outra malta? – perguntou Sara.

– Não sei. Acho que não vêm. Têm medo...

– Não é isso – disse Furtado. – Com a guerra em Angola, as posições radicalizaram-se. Pelo menos a malta de Angola não quer mais misturas.

– É isso – concordou Laurindo. – A mim falaram-me que não tinha nada que vir. Que o 1o de Maio era problema dos brancos. Eu disse que vinha, porque queria ver o que se passava. Disseram-me ainda és miúdo, se queres levar porrada da polícia sem nenhum resultado, vai. Aqui a malta só leva porrada e daí não resulta nada. A polícia quando te vir, é sobre ti que vai carregar. A nossa luta é lá na terra, não é aqui.

Laurindo era o único mestiço que se via naquela manifestação. Tempos atrás, havia sempre muitos em todos os confrontos de estudantes com as forças do regime. Sara deu razão a Furtado, o nacionalismo radicalizava-se. E também compreendeu a posição dos não brancos, facilmente identificáveis na manifestação e atraindo a atenção da polícia.

Quando desembocavam no Rossio, onde se encontravam outras centenas de manifestantes, alguém gritou Abaixo a Guerra Colonial, Independência para as Colónias. Poucos repetiram, e em breve corria o murmúrio, é um provocador, é um provocador. Sara e Laurindo tinham gritado, acompanhando a palavra de ordem. Por que provocação? Gritar Abaixo o Fascismo não era provocação e Independência das Colónias era? Não se tratava da mesma luta? A malta da Casa teria razão, já não era? Com a ansiedade sobre o que ia acontecer, Sara não teve tempo de pensar a sério no assunto, mas sentiu que algo a perturbava. Por pouco tempo. A barreira da polícia no fundo do Rossio era uma ameaça e toda a atenção foi desviada para ela. As pessoas que estavam nos cafés e bares afluíam à praça para assistir à cena. Muita gente saía dos empregos ou das compras e aglomerava-se junto aos prédios. Em breve o Rossio estava cheio e era impossível distinguir os manifestantes dos curiosos.

– Não creio que a polícia carregue – disse Furtado. – Está tudo misturado, vão só bater em quem é espectador.

O tom das vozes subiu, agora mais ritimado. Abaixo o Fascismo, Viva o 1o de Maio, Democracia. A uma ordem vinda da frente, a manifestação deslocou-se para a direita e subiu para o Chiado. A polícia deixou passar.

– Disparate – disse Furtado. – No Chiado vão carregar.

– Querem passar pelo *República* – disse Sara. O jornal *A República* era assumidamente de oposição a Salazar e apesar da censura tomava posições favoráveis aos estudantes e à democracia. A rua do jornal era lugar tradicional das manifestações de apoio. Mas era um sítio mais fechado, favorável às cargas da polícia, Furtado tinha razão. Entretanto, a manifestação tinha engrossado no Rossio. Atrás vinham pessoas com ar de funcionários ou empregados, acompanhando silenciosas. Mais por curiosidade que convicção. Chegaram à frente do jornal e os vivas recrudesceram. Os jornalistas assomavam às sacadas e os fotógrafos disparavam as máquinas lá de cima. Depois houve um movimento contraditório vindo da frente, em breve tornada retaguarda. A manifestação descia de novo para o Rossio. Foi então que apareceu a Guarda Nacional Republicana, a cavalo, saída do seu Quartel do Carmo. A polícia a pé tinha bloqueado o acesso ao Rossio. E os cavalos carregaram.

– Não disse? – gritou Furtado. – A ordem agora é cavar. Na confusão os três soltaram-se, não era prático correr de braço dado. Sara ainda teve tempo de gritar para Laurindo, vamos para o Bairro Alto. A Guarda Republicana começou a distribuir as porrinhadas de cima dos cavalos e a manifestação dispersou-se numa balbúrdia, todos tentando meter-se pelas vielas ou nas portas das casas do Chiado. Sara e Laurindo passaram bem perto dos guardas e conseguiram subir por uma calçada íngreme, onde os cavalos se não aventuravam. Uma porta abriu-se e uma voz de mulher disse, entrem. A porta fechou-se sobre eles.

– O melhor é virem para a sala – disse a mulher. Aí estavam três homens e cinco mulheres sentados. Não era preciso ser feiticeiro para adivinhar de que casa se tratava. Sara fez esforço para calar um gesto de recuo. Preconceitos pequeno-burgueses, são mulheres como as outras. E ajudaram-nos. Sorriu para a que lhes tinha aberto a porta, de meia idade e com problemas de dentes.

– Obrigada.

– Se os chuis aparecerem, metam-se num quarto. Sem cerimónias. A esta hora estão todos vazios, o negócio começa mais tarde. Estes senhores

também fugiram da manifestação.

Os homens tinham ficado encabulados ao verem entrar Sara, que decididamente não tinha estilo de puta. Mas agora riram todos, solidários. Um deles, o mais velho e com vestuário de operário, disse:

– Esta casa eu não conhecia. Mas como foram tão porreiras, vou passar a frequentá-la. Se a minha patroa deixar...

Os outros riram. A mulher que lhes tinha aberto a porta sentou-se ao lado dele. Segurou-lhe na mão.

– Tens que pedir autorização à tua patroa, queridinho?

– Ela é que guarda o dinheiro. E é muito semítica... Voltaram a rir. Sara reparou na carga preconceituosa que a fala do homem parecia conter. Ela era de origem judia e por isso particularmente sensível. Disparate, é um termo que entrou na linguagem comum e é dito sem maldade. Ele até nem sabe o que significa, só que semítico quer dizer agarrado ao dinheiro. Preconceituosa fui eu, quando me apercebi onde estava. Numa sociedade de preconceitos, quem pode atirar a primeira pedra? Pela janela entreaberta filtrava-se uma luz esbatida que deixava a sala na penumbra. Da rua vinha pouco barulho de cavalgadas e gritos no Chiado. Ou a pancadaria se tinha deslocado para baixo, no Rossio, ou já tinha terminado. Ouviam-se cada vez mais frequentemente as sirenes dos carros de polícia. Devem estar a levar uns tantos presos. Sara falou para a mulher de meia-idade:

– Por que nos ajudou?

– Ora, minha filha, vocês fugiam dos chuis e nós não gostamos dos chuis. Passam a vida a chatear-nos e a levarem-nos uns dias para a choldra. Só para chatear. Até parece que o Salazar também não precisa de nós.

– Não precisa, não – disse o homem sentado ao lado dela. – Ele nasceu sem aquilo, ao que dizem.

– Por isso tem um ar de bispo, coitadinho – disse a mulher, rindo. Foi abrir a janela e espreitou para fora. Virou-se para dentro.

– Tudo calmo. Quem quiser, pode ir sem perigo. Agora quem quiser ficar... A senhora não, claro. E tu, moreninho bonito, não queres ficar?

Laurindo, que desde o princípio estava pouco à vontade, olhando as mulheres sorrateiramente, corou para além da sua mulatice. Sara riu, pois sabia ser por causa dela que ele estava tão intimidado nos seus dezoito anos.

– Não, não, obrigado, nós já vamos.

Saíram da casa, agradecendo o apoio. A rua estava tranquila e só de baixo

vinham os ecos das sirenes. Andaram depressa até à primeira paragem de elétrico e entraram num sem sequer repararem na direção. Interessava era afastarem-se rapidamente dos lugares suspeitos. Abandonaram o elétrico no Marquês de Pombal, sempre silenciosos. Caminharam para os lados da Casa, embora fosse uma boa distância. Sem combinarem, cada um sabia que o outro preferia andar a pé. Laurindo rompeu o silêncio:

– Pergunto-me para que serve isto. Grita-se um bocado, vem a polícia, dá umas porradas, a gente foge. E fica tudo na mesma.

– Num país com censura, onde não se pode saber nada pelos jornais ou pela rádio, dá para as pessoas se aperceberem que há forças contra o regime. É importante. E reforça a organização da esquerda.

– Não sei, pareceu uma brincadeira já combinada.

– Não sejas injusto, Laurindo. Não viste as cabeças a escorrer sangue, porque escapámos logo. Nem viste quantos foram presos. Brincadeira?

– Foi uma maneira de dizer. Mas não resulta em nada.

– É uma primeira fase. Depois virão outras formas de luta. Era evidente para Sara, Laurindo colocava-se na posição da outra malta angolana, para quem já tinha passado a fase das manifestações pacíficas. Sem se aperceber que primeiro tinha de haver organização e caldeamento pelas lutas de massas. Onde lera isso? Certamente no *Avante*, o jornal comunista que por vezes lhe chegava às mãos.

– E outra coisa – continuou ele. – Por que se evitou a referência à independência das colónias? Chamaram ao tipo provocador.

– Sim, isso também me chocou. Queria pensar melhor sobre o assunto. Talvez porque as pessoas agora estão muito sensíveis, consideram o que se passa em Angola como atos de terrorismo. Essa referência ia afastar pessoas.

– É o que a malta diz. Os portugueses, mesmo de esquerda, estão a reagir como brancos. Os nacionalistas das colónias para eles são terroristas. Claro que a UPA estragou as coisas com esses ataques sanguinários. Mas...

– Isso não impede que a causa da independência seja justa. Estou de acordo contigo, também me chocou.

– Que achas, Sara, o Furtado também ficou chocado?

– Não sei, mas ele não gritou a acompanhar o provocador. Notei, só nós os dois gritámos.

– Eu também notei. E o moçambicano desenfiou-se logo, nunca mais o vi.

– O Furtado deve estar baralhado com o que sucedeu aos pais. Já deram notícias, estão a salvo em Luanda, mas a roça foi toda destruída, queimada. Ele deve estar baralhado, sim.

Caminharam de novo em silêncio, triturando os pensamentos. As ruas apresentavam muito movimento e podiam até estar a ser vigiados. Não guardavam nenhuma precaução, a não ser a de conversarem em voz baixa. Laurindo disse:

– Primeiro, quando cá cheguei, nós falávamos muito. Talvez porque os dois nascemos no meio do café. Foi mesmo ele que me ensinou essas nossas ideias de independência, passou-me literatura etc. Mas quando aconteceu o 4 de Fevereiro, ele não festejou. Claro que a situação era confusa e não dava para grandes festas. Mas pela primeira vez acontecia qualquer coisa a mostrar que a malta lá queria mudar as coisas, era extremamente importante. Ele ficou estranhamente calado. A partir daí fomo-nos afastando, afastando.

– Pode ser. Os brancos estão numa posição difícil. Se são pela libertação, têm de se colocar contra a classe de origem, contra a sua sociedade, mas sobretudo, contra os pais. Isso é que complica. Sabem que têm de perder os privilégios e alguns aceitam isso. Mas não aceitam que os pais sofram, é humano.

– E tu?

– Todos os dias me pergunto isso. Há muito tempo que sou pela independência e sei que ela vai acontecer mais cedo ou mais tarde. Posso lutar por ela e à minha maneira lá vou fazendo o que posso. Mas também não queria que os meus pais fossem mortos só porque são brancos. Ou expulsos.

– Se te dessem a escolher, ou a independência ou a vida da tua família, sem possibilidade de meio termo?

– Pessoalmente custava-me muito, claro. Mas escolhia a independência, não tenho dúvida. Embora não fosse certamente o tipo de independência que desejava.

– És especial, Sara.

– Não, há outros. Os meus pais iam pagar por crimes que outros cometeram. Oh, o meu pai também não é nenhum santo, naquela terra ninguém enriquece a fazer ações de caridade... Mas crimes não cometeu. Espero que seja uma independência que permita distinguir as ações das

peessoas, que haja justiça.

– Isso vai acontecer. Vais ver.

– Não com a UPA.

– Não, há outras forças.

Sara ficou calada. Laurindo já estava ao corrente da existência de outras organizações. E era um miúdo, ainda pouco integrado nos meios secretos da Casa. No entanto, a ela, uma antiga, só Aníbal lhe tinha falado há quinze dias, mais ninguém se referira a isso, nem Malongo. Estranhas barreiras se criavam. Malongo era diferente, talvez ninguém o tivesse posto ao corrente. Mas Vítor de certeza estava mais informado que Laurindo, aliás eram amigos. Quer dizer, toda a gente sabia do MPLA, deviam estar a organizar-se, e ela ficava de lado. Por ser branca, só podia ser. Doe. É uma fase de desconfiança normal, pensou ela. Mas doía na mesma.

Continuaram a andar. A tarde de trabalho estava no fim e as pessoas saíam dos empregos. O trânsito automóvel era agora intenso. O fim de tarde estava luminoso, num dia seco e quente para a estação. Esse céu, a cor desse céu, pensou Sara. Só mesmo no Lubango depois da chuva havia um céu com essa tonalidade azul e igual transparência do ar.

– Na Gabela estão a massacrar o povo – disse Laurindo, de súbito. – Não houve propriamente revolta lá, embora se falasse em muitas coisas. Os colonos aproveitaram e organizaram-se em milícias armadas. As vítimas são sobretudo os pequenos proprietários de café. Para lhes ficar com as terras.

– É clássico. Em terra de café sempre se passou isso. E a tua família?

– Recebi carta. O meu pai, muito prudente, não conta quase nada. Mas estão bem, na cidade. Deixaram a roça com os capatazes. Mas não houve as coisas do Norte ali, salvo um ou outro incidente. Claro que ele agora está com medo que lhe fiquem com as terras, é vizinho dum grande roceiro branco que sempre quis comprar-lhe um morro onde se produz bom café. Esse tipo é o chefe das milícias, pode muito bem anexar o morro pela força.

– Mas o teu pai não é branco?

– Não, o avô é que era. Quando morreu, as terras foram divididas entre o meu pai e dois irmãos, um homem e uma mulher. Estes venderam logo as suas partes ao tal grande roceiro e foram para Luanda. O meu pai ficou com um terço da roça e a casa. Dava bem para viver, mas agora não sei. O meu pai deve estar dividido. Por um lado os brancos a quererem aproveitar da

situação para crescer, e para isso acusando os angolanos de terrorismo. Por outro os negros que se podem revoltar a qualquer momento e que dizem que os mulatos são como os pais brancos. Quando o mar bate na rocha, quem se lixa é o mexilhão. O mulato é o mexilhão. Por isso compreendo o que disseste há pouco. Não são só os brancos progressistas que estão em situação difícil.

– Claro – disse Sara. – E também os negros que estudaram ou que têm empregos razoáveis, raros é certo. Também devem ser olhados com desconfiança pelos irmãos de raça, porque subiram no meio dos brancos. E pelos brancos, que os consideram terroristas.

– É. O colonialismo é isso.

– Mas aqui, entre a malta, não há diferenças entre negros e mulatos, estão todos unidos.

– Não te iludas – disse Laurindo. – Há aí uns grupos de negros que não querem nada com os mulatos. Não são muitos, mas existem. Dizem que a elite angolana é constituída sobretudo por mulatos e que esses não os podem dominar. Que essa elite ajudou o colonialismo a implantar-se e aproveitou-se dele. Acabam por apoiar a UPA, lá bem no fundo e muito escondidamente.

O rapaz gostava de falar e Sara apreciava a sua franqueza. Mas não queria usar da influência para lhe sacar informações confidenciais. A prudência exigia, era tão fácil ser-se rotulado de informador da PIDE. Tinha curiosidade de saber coisas, agora que se apercebia que a tinham ilhado numa redoma de respeito distante. Muito diferente de tempos anteriores em que falavam de tudo à sua frente.

Era importante para ela conhecer o ambiente que se vivia, mas nunca sacando habilmente os nabos da púcara a um miúdo ainda ingénuo, como fazia a polícia. Por isso não fazia perguntas.

– Eu li a tese do Aníbal, que deves conhecer – disse ela. – E ele referia-se nos mesmos termos a essa elite, no século passado, sobretudo constituída por mestiços, mas também por negros e brancos. No entanto, o Aníbal nunca apoiará a UPA.

– Eu sei. A tese nunca li, mas já ouvi falar. Estava até prevista uma palestra na Casa para ele a apresentar. Mas depois viu-se que era perigoso e então agora nem pensar.

– Isso sim, cheirava a provocação. O Aníbal falou-me dessa ideia. Ele

aceitava falar, mas era um disparate. Como vês, pode-se reconhecer o papel histórico de determinado grupo social, positivo ou negativo, sem por isso se tomarem atitudes políticas radicais em relação aos descendentes desse grupo.

– Os velhos dizem filho de cobra é cobra. Isso é verdade na natureza, não na sociedade humana.

– Bonita frase, Laurindo. Gostei.

Voltaram a calar-se. Aproximavam-se do Arco do Cego. Sara tinha decidido procurar Malongo, ou no Rialva ou em casa. E Laurindo ia certamente para o Rialva, comentar as suas impressões com os amigos. Já muito perto, Sara não resistiu a disparar a pergunta, e que achas das relações aqui entre brancos e mulatos? Ele foi rápido e frontal.

– Olha, eu percebo pouco dessas coisas. Mas sinto que os mulatos, nem todos, claro, se estão a afastar dos brancos. Exatamente por causa das críticas dessa malta negra mais pró-UPA. Como são acusados de terem feito o jogo dos brancos, agora querem mostrar que não têm nada com os brancos, apenas com os negros. Muitos já esquecem o pai branco, só falam na mãe negra.

– Isso é oportunismo.

– Pois é. Mas está a acontecer. Os brancos também não ajudam muito, com posições como a do Furtado. Enquanto foi para falar, ele estava na ponta. Quando é para agir, ele recua. Aí os mulatos dão razão aos negros, é um argumento forte. E afastam os brancos, mesmo se são amigos deles. Já não se podem apresentar como amigos, apenas como conhecidos.

– Tudo isto é muito triste. Mas pode ser apenas uma fase passageira.

E entraram no Rialva, muito mais cúmplices do que quando foram para a manifestação. A bem dizer, Sara mal conhecia Laurindo.

Ele sim. A quase médica gozava ainda de prestígio em alguns setores e ninguém lhe apontava incoerências. Mas ela agora sentia, com todas as antenas espicaçadas, que uns tantos olhos a observavam continuamente, à espera de qualquer vacilação. E não eram olhos de pides, não.

Malongo estava no café com Vítor Ramos. Furtado também se encontrava, mas noutra mesa. Fez-lhes uma pergunta muda, como é? Sara respondeu com um sinal, tudo bem. E sentaram-se à mesa de Malongo. Vítor mal esperou que estivessem instalados, perguntou com indisfarçada ansiedade:

– Que tal correu?

Laurindo ia responder, mas Sara travou-o com a mão. Olhou para todos os lados. Na mesa vizinha estava o eterno tipo de chapéu que tinha chamado a atenção de Aníbal, quinze dias atrás. Ela sussurrou aqui não. O senhor Evaristo aproximou-se e Sara encomendou uma cerveja. Como Laurindo hesitasse, ela disse que lhe pagava uma, debes estar com sede. Ele aceitou, sorrindo, confidente. Malongo espreguiçou-se na cadeira e perguntou de forma especial:

– Jantas connosco?

Ela disse que sim. A pergunta encerrava uma proposta para depois irem juntos a casa dela. Já entendia imediatamente as alusões do namorado, apesar de ultimamente andar muito fugidio. Falaram sobre coisas superficiais, até à hora do jantar. Como ainda era muito cedo, conseguiram uma mesa vaga e sentaram-se os quatro. Aí puderam explicar aos outros como tinha corrido a manifestação. Malongo fartou de rir ao saber que se tinham refugiado na casa de putas, é o que dá uma médica andar em porradas com a polícia. Contaram as piadas do mais velho com ar de operário e riam. Toda a gente olhava para eles, pois as gargalhadas de Malongo deviam ouvir-se até na rua. De várias mesas vinham os pedidos, contem também para nós. Laurindo até que tinha vontade de se pôr em cima da mesa e contar para todos os comensais. Mas Sara tinha-o avisado que os tempos não eram próprios para anunciarem aos quatro cantos que tinham estado na manifestação, já a própria Casa tinha orelhas pidescas. Passada a onda de riso, Vítor disse:

– Foi o que eu dizia. Não serve para nada metermo-nos em assuntos dos portugueses. Eles que não se metam também nos nossos.

Sara ia ripostar, mas calou-se. Valia a pena? Também já não estava tão segura das suas posições anteriores. Laurindo apoiou o outro.

– Viemos a discutir isso mesmo, a Sara e eu. Foi a primeira e última manifestação para mim. Não resulta em nada.

– Que querias? – respondeu ela, agastada. – Que se tomassem os ministérios no Terreiro do Paço e depois fôssemos expulsos aos tiros?

– Sempre fazia mais barulho – disse Laurindo.

– E aqui parou essa conversa – interrompeu Malongo. – Estava porreiro enquanto contaram as cenas. Não estraguem tudo com discussão que só dá dor de cabeça e não conduz também a nada. A propósito. Qual é a direção

da casa de putas? Tenho de ir lá agradecer o apoio que vos deram.

– Sacana! – disse Sara, rindo.

De novo estalaram as gargalhadas e esse ambiente de boa disposição se manteve até ao fim do jantar. Depois foram de novo ao Rialva, agora para tomar café. O homem do chapéu ainda lá estava, com a mesma chávena vazia à frente. Lia um jornal. Quinze minutos depois, conversando apenas banalidades, Sara e Malongo se despediram dos outros, que tinham decidido ir ao cinema. Dirigiram-se para casa dela. Malongo abraçou-a logo que fecharam a porta do quarto. Ela beijou-o mas depois afastou-se.

– Temos de conversar primeiro, meu menino.

– Há toda a noite para conversar.

– Uma merda! Depois de fazer amor, adormeces logo e só resmungas.

Ele sentou-se, conformado, no sofá perto da janela. Não disfarçava certo enfado. Sempre foi um apressado, ávido de sexo, pensou Sara. Os preconceituosos definem-no como um africano típico. Ela não sabia se ele era típico ou não, tinha sido o seu único homem. Sentou-se na cama e acendeu um cigarro.

– Há vários assuntos que tenho a tratar contigo. Primeiro. Ultimamente andas muito esquivo, quase não te vejo. Faltas aos encontros mais que nunca e depois não apareces. Que se passa?

– Ora, ando chateado.

– Porque não te puseram a jogar no domingo?

– Fiz um bom treino na equipa principal, depois não fui nem para o banco dos suplentes. Isso chateia um gajo.

– Nessas alturas costumavas procurar-me para te dar apoio moral. Desta vez desapareces. E já na semana passada também andaste muito longe.

– É mesmo essa chatice do futebol, acredita. E como ando chateado, também não te procuro muito para não te pegar a má disposição, tens muito trabalho com o estágio e o relatório.

– Obrigado pela atenção, mas não me convences muito. Acho que nunca exigis nada de ti e sou compreensiva. Sê sincero, há outra mulher?

Ele levantou-se num impulso, deixa-te de disparates. Deu dois passos pelo quarto e depois veio abraçá-la. Beijando-a no pescoço, disse onde arranjaste essas ideias malucas? Francamente, Sara. Ficaram algum tempo abraçados, ele insistindo nas carícias. Ela não se deixou despir, espera, não acabei de falar, nem de fumar. De qualquer modo a blusa já tinha voado

para cima numa cadeira. Sara sentou-se na cama, obrigando-o a fazer o mesmo.

– Segundo assunto. Político. Já ouviste falar na existência dum tal MPLA, um partido criado no estrangeiro?

– O Vítor falou-me qualquer coisa, mas não ouvi bem.

Sara levantou-se. Foi apagar o cigarro no cinzeiro. Procurou controlar a fúria. Estava a gozar com ela? Podia ser assim irresponsável que não se interessava com uma notícia tão importante? Por vezes não sabia se ele mentia sempre ou só às vezes. A sua primeira suspeita parecia infundada, ele fora sincero, não a procurava porque andava chateado com o futebol. Mas custava a acreditar que fosse tão apolítico, numa altura daquelas.

– Como é que não ouviste bem? Estás a mentir.

Ele levantou os braços para o céu e olhou para o teto.

– Estava mais preocupado com outras coisas e ele não voltou a insistir. Disse que tinham chegado documentos do tal MPLA, que é uma coisa porreira, não me mostrou nenhum documento e depois não falámos mais disso. Não sei o que queres saber.

– Não quero saber nada. Já sabia. Não fiquei à espera que me dissesse, porque senão ficava sempre no escuro. E o que eu quero saber é porque agora me põem no escuro, é isso mesmo.

– Não entendi mesmo nada. Posso não ser muito inteligente, mas estás a falar de tal maneira que nem o Einstein te entende.

– Estou a dizer que começo a ficar farta de só servir de saco para onde atiras o esperma, quando te apetece.

– Possas, Sara, não é caso para tanto.

– É, é sim. Podias contar-me coisas que me interessam, porque vivo esta situação como tu e todos os outros.

– Tu bem sabes que a política não é o meu forte, nunca me interessou.

– A política! E a tua vida, a vida da tua família, é disso que se trata. Não me venhas cá com estórias de que isso não te interessa, só o futebol. Há um momento em que as pessoas esquecem as trivialidades, para se preocuparem com as coisas sérias que as tocam. E tu também.

– Claro que me interessa saber o que se passa na terra. Mas só isso. Não tenho nada que me meter em organizações, sei lá porquê uma é melhor que a outra. E nem me lembrei de te falar nisso, acho que temos coisas mais importantes para fazer juntos.

– Amor, por exemplo. Só sirvo para isso.

Ele abraçou-a de novo. Passou-lhe a mão pelo cabelo. Sara teve vontade de chorar. Não por causa da discussão ou das suas desilusões, mas apenas porque ele ternamente a acariciava. Não vou ser fraca agora, pensou. E afastou-o. Acendeu outro cigarro, para ganhar distância.

– Não achas estranho que nem tu nem o Vítor ou outro me falassem dessa nova organização, sabendo que estava preocupada? Era normal que me contassem. Mas fecharam-se, devem ter conversas secretas, todos vocês. Já não mereço confiança de saber das coisas. Porquê, porque sou branca?

– Agora és tu que tens complexos? Deixa os complexos para nós, que temos razões para isso. Está bem, tive culpa, devia ter-te dito o que o Vítor me disse. Mas não foi por mal, achei apenas que isso não importava. Estava mais preocupado com o treinador que me põe sempre a secar. Eu é que podia pensar que não jogo porque sou negro. E não penso assim. Sempre me trataram bem no clube, só não me põem a jogar. Vou agora começar a dizer que o treinador é racista?

– Mas vocês andam ou não andam com conversas sobre política?

– Os outros andam. O Vítor então, esse agora descobriu que todo o seu interesse é na política. Já nem estuda, só anda a ler livros proibidos. E a chatear-me, a dizer que sou apolítico, que tenho de participar. Participar em quê, também não me disse. Está com o mesmo papo que tu tens, que sempre tiveste. Mas eu estou-me nas tintas. Quero é jogar bem e ser efetivo.

Sara tinha de reconhecer, Malongo estava a ser sincero. Ou então era um superquadro clandestino, com uma camuflagem a toda a prova, representando magistralmente um papel duplo. O que não podia ser o caso, não tinha estofo para isso. Puxou mais uma baforada do cigarro. Estava agora calma. A sua voz foi triste, mas já sem agressividade:

– Acredito. Mas a outra malta... Antes eu era sempre procurada para discutirem os problemas, quaisquer que eles fossem. Agora param as conversas se eu chego. Não são complexos, são coisas reais.

– Sim, pode ser. A malta está muito desconfiada. Dizem que a PIDE está a apertar o cerco à Casa.

– Isso é verdade.

– Não está certo, mas começam a culpar os brancos de todos os males. Até aqueles brancos que sempre tomaram posições claras contra o colonialismo. Que vão tomar o partido dos pais contra nós. Sim, às vezes

ouço coisas. Mas mesmo comigo poucos falam dessas coisas. Ou porque sou jogador de futebol e ganho mais que os outros. Ou porque namoro contigo, quem sabe?

– Vês que agora estás a falar a sério sobre política? Achas que eles também te afastam das conversas?

– Alguns, sim. O Vítor não, claro. Mas alguns outros...

– Pode ser por minha causa. Por seres meu namorado, podem pensar que és um traidor. Que me revelas segredos...

– Que segredos? Felizmente não tenho segredos, posso dormir tranquilo... Mas há uns tipos que olham de lado. Sabes como eu sou, não ligo puto para essas coisas, mas já notei que uns tipos olham de lado. E calam-se quando eu chego. Até mesmo o teu grande amigo, o Aníbal... da última vez que cá estive, evitou falar à minha frente de política, puxou o assunto para o futebol. Julgas que não percebi? Também não sou assim tão ingénuo, às vezes finjo. Aposto que ele depois contigo falou política, mas nem pergunto o quê, não me interessa.

Sara apagou o cigarro a meio. Não havia dúvidas, parvo ele não era. Bem, sempre soube isso, também não me ia apaixonar por um burro só porque é bonito e passa a vida a correr atrás duma bola.

– O Aníbal tem razões diferentes, não para te afastar. És apolítico e ele acha que te aborreces com essas coisas. Agora, os outros... sim, isso é mau... Aparecem muitas divisões, estão a acabar as amizades antigas, é muito triste.

Ele arrastou-a para a cama. Ela despiu-se. Pouco mais havia a dizer. O amor ao menos fazia afastar a névoa de cacimbo. E Malongo transmitia calor suficiente para evaporar todos os cacimbos. De cada vez era para ela como a primeira, no deslumbramento da descoberta.

Nessa manhã tinha muito trabalho no hospital. Os professores consideravam-na formada, faltava apenas apresentar o relatório final do estágio que tinha valor de tese de licenciatura. Por isso passavam-lhe cada vez mais casos para resolver sozinha. Não dava tempo para se preocupar com os seus problemas, enfrentando continuamente os dos outros. Mas a qualquer momento livre a pergunta vinha, quantos dias já? Não conseguia concentrar-se na resposta, porque logo aparecia novo paciente e o seu instinto de médica despertava. Por vezes tinha dúvidas sobre os diagnósticos e perguntava ao professor. Cada vez mais raras. Tinha sido ao vir para o hospital que pela primeira vez lhe assaltou a ideia. Há quanto tempo não tinha regras? Certamente já tinha ultrapassado o período normal, que nela não era muito regular. Mas há quanto tempo?

Só quando saiu do hospital e resolveu andar um pouco a pé, apesar da fadiga, pôde fazer as contas. Não reparou no sol que a esperava, num aviso sério de começo do verão. Sabia que Malongo não a iria encontrar, tinha avisado na véspera. Por isso foi andando a pé, tentando recordar as datas. Difícil, porque nunca anotava os dias das regras. Seguia mais ou menos o método do calendário, único verdadeiramente disponível para evitar a frustrante camisa-de-vénus. Sem muito rigor. Indesculpável para uma médica, reconhecia. Antes, quando estudou essa matéria, começou a fazer um quadro, com os dias das regras. Durante um ano. Notou que era bastante

irregular. Mas nesse tempo não tinha homem, ainda era virgem. Namorados só de ocasião e que não passavam de beijos e carícias. Depois apareceu o Malongo. Hesitou muito tempo antes de aceitar ir para a cama com ele. Tempo mais que suficiente para se precaver. Mas não o fez e ele também nunca perguntou nada. Lembra-se, a um momento dado ela falou-lhe da possibilidade de usarem camisa-de-vénus. Deixa disso, tu gostas de comer um rebuçado embrulhado no papel? Ela nunca mais pôs o problema. E agora, quase um ano depois, ela tinha dúvidas. Claro que interrompia as relações durante a semana em que previa ter a ovulação. Mas quando era a sua ovulação, se sempre apresentou irregularidades?

Tentou lembrar com precisão a data das últimas regras. Sim, foi antes de ver o Aníbal pela última vez, quando foram passear para a Baixa. Dias atrás estava com a menstruação, pois dissera a Malongo que ele não podia dormir lá em casa. Ele tinha ficado chateado, até disse qualquer dia arranjo uma suplente. É por isso que os mais velhos lá na terra não se contentam só com uma mulher, a poligamia tem a sua razão de ser. Sim, essa observação amarga foi dois ou três dias antes de Aníbal aparecer. E já não via Aníbal há mais de um mês. Ainda a semana passada comentaram que ele nunca mais dissera nada, com certeza tinha sido mobilizado e nem teve tempo de avisar. Depois rebateram, era impossível, ele teria sempre meios de avisar. Portanto, as últimas regras foram há quarenta dias, mais ou menos. Tempo demais, nunca tinha um ciclo tão longo. A ideia não a assustou. No fundo, se nunca tivera muitas precauções é porque realmente não se importava de ficar grávida. Respirou fundo, há que levar esta possibilidade a sério. Amanhã aproveito o privilégio de trabalhar num hospital, vou fazer análise. E até ter os resultados, nada de pânico.

No entanto, a ideia já não lhe saía da cabeça. Ter um filho? Era bom ou era mau? Sempre fora o medo das suas amigas estudantes, isso significava a interrupção dos cursos e muitas vezes a perda das bolsas. O problema não se lhe punha, estava no fim do curso. Sim, podia dificultar o começo da carreira, mas nada de muito grave. E claro que sonhava com um filho de Malongo, ia ser uma beleza de menina. Menina? Sem dúvida, só podia ser uma mulatinha linda. Nascida em Benguela, para não fugir à tradição. A cidade das acácias não era conhecida por ser o berço das mais belas mestiças de Angola? Então! Não havia dúvidas, era bom ter esse filho. Ainda mais uma moreninha de grandes olhos como o pai, de nariz como o

da mãe, ligeiramente arrebitado apesar das origens judias já muito misturadas, lábios a meio termo, cabelo escuro como o dos dois, mas frisadinho como se devia. Claro que era bom, pagava todas as chatices do mundo.

Problemas? Sim, claro que os havia. Em primeiro lugar, com Malongo. Ia assumir? Quando tivesse a certeza, ela ia ser muito clara. Malongo não tinha obrigação nenhuma se não quisesse. Nada de casamentos apressados ou coisas assim. Possas, não era por capricho que tinha ideias progressistas. E ela podia muito bem arcar sozinha com as responsabilidades da filha, se fosse necessário. Mas ao menos que ele lhe desse o nome, para não ser filha de pai incógnito. Malongo faria isso, não tinha dúvida. A sua relação sempre fora livre, nunca tinham feito planos para o futuro, nem combinado grilhetas. Reconhecer a filha por uma questão burocrática não seria grande problema para Malongo.

E os pais dela? Oh, aí sim, ia haver problemas. Gravidez sem casamento já era um opróbrio para a família. E ainda por cima com um negro sem curso, jogador de futebol.

O pai tinha muito orgulho nos seus antepassados vindos há centenas de anos das terras de Israel. Contava a história a quem o quisesse ouvir. No século XIII tinham-se fixado em Portugal, fugidos doutras paragens da Europa. Por força das perseguições religiosas, trezentos anos depois de viverem em Évora, tinham aderido ao catolicismo e mudado o nome familiar para Pereira. Quase todos os cristãos-novos, termo por que eram conhecidos os judeus convertidos, escolhiam nomes de árvores. Escolhiam ou eram obrigados a aceitar, isso não sabia. Mas, mesmo assim, as discriminações não terminavam. O avô dela tentou melhor sorte em Angola no princípio do século e o pai nasceu já em Benguela. Apesar de guardar os ecos antigos de certa cultura de origem, o avô não tinha qualquer religião e em Angola casou com uma senhora sem ascendentes judeus. Por isso o pai só era meio judeu. Mas comportava-se como se o fosse inteiramente, exceto na religião. Conhecia melhor a Bíblia que o Talmude, que era aliás absolutamente incapaz de ler, dado o desconhecimento da língua. No fundo, o que o ligava aos judeus era apenas a reminiscência das perseguições, que lhes dava a aura de mártires do mundo, exacerbada pelos campos de extermínio dos nazis na segunda guerra mundial. Odiava os alemães, quaisquer que eles fossem, porque eram racistas. Nunca aceitara fazer

negócio, por muito lucrativo que fosse, com um alemão. E havia uns tantos na região, ou fugidos do nazismo, ou fugidos depois da guerra por serem nazis. Mas ele confundia-os no mesmo saco e recusava o mínimo contato. As perseguições raciais que os seus antepassados tinham sofrido durante séculos, para não dizer milhares de anos, deveriam tê-lo tornado tolerante em relação às outras raças. No entanto, a prática era contrária ao discurso. Talvez por ter conseguido aumentar a fortuna amealhada pelo pai em negócios de comércio, hoje tinha muito a perder. E o senhor Ismael Pereira gritava que era contra o racismo, que só tinha provocado hecatombes na História, mas nunca um negro entrara em sua casa sem ser na condição de serviçal.

Já a mãe tinha um percurso diferente. A família dela foi para Angola no princípio do século XVIII, desterrada por ordens dum sereníssimo rei de Portugal que procurava assim limpar o país de sangue contaminado. Fixou-se primeiro nas margens do Kuanza. Algumas gerações depois, estava em Benguela, mas já misturada com outros sangues. E Sara tem a certeza que a sua bisavó materna era mulata. A mãe, Dona Judite, não nega, que importância tem isso? Quando Sara lhe perguntava pelas suas origens, Dona Judite apontava as veias, aqui há de tudo, só de chinês é que provavelmente não. Até de bóer, mas não lembres isso ao teu pai, para ele bóer e alemão é a mesma coisa.

Duma coisa Sara estava certa, a família ia aceitar muito mal a ideia de um neto mulato. E sem casamento, mesmo que só pelo civil.

Sobretudo nesta fase de ódio racial aumentado pelos últimos acontecimentos. As cartas do pai eram sintomáticas. Tinha esquecido os *pogroms* sofridos pelos judeus na Europa vinte anos antes. E advogava teses de Salazar, ele que, como quase todos os eleitores de Benguela, votava sistematicamente na oposição liberal ao «ditador jesuíta». Dona Judite acabaria por aceitar, mas à custa de quantas lágrimas escondidas? E David, o irmão mais novo, que estava na tropa no Huambo, disposto a defender com as armas os caducos sonhos imperiais, não a apoiaria.

Pouco importava, a vida era dela, a escolha também. Sempre tinha pensado formar-se e voltar logo para Angola, lá era o seu destino. Mas neste momento não estava segura. Aparecer com um bebé mulato nos braços, abrir um consultório em Benguela? O seu meio social ia rejeitá-la. E daí talvez não, Benguela era a terra dos mestiços. Era, foi. Seria ainda? Um

meio pequeno, em que tudo se sabia, em que tudo era comentado ou nos quintalões onde se reuniam as famílias para os almoços de sábado e domingo ou nas esplanadas dos bares. Provavelmente ia ter poucos clientes. Ora, que se lixe! Sempre lhe restava um emprego num hospital. As pessoas aos poucos iam esquecendo, até porque a fase de intolerância passaria com a independência. Também nunca fora sua ideia abrir um consultório particular, que só servia os ricos, mas trabalhar nos centros mais pobres, periféricos, onde viviam aqueles que realmente precisavam dela. Como, ainda não sabia. Mas sempre advogara a medicina preventiva e em ligação às comunidades mais carentes. Essas estavam-se nas tintas para os preconceitos raciais, misturavam-se a seu bel-prazer e agora estariam mais desprotegidas que nunca. Já faltava pouco para terminar o curso, tinha de pensar em como agir na terra. O pai tinha dinheiro suficiente para lhe montar um consultório de luxo na parte mais rica da cidade, muitas vezes lhe prometera. Mas estaria disposto a enterrar dinheiro num posto popular de saúde na Camunda ou na Massangarala, ainda por cima sem lucro? E depois dela aparecer com a mulatinha nos braços, olha a tua neta? Posto num bairro pobre, com consultas gratuitas ou quase, isso é projeto de comunista e o meu dinheiro não vai para obras comunistas, seria a única resposta dele. Sim, nos primeiros tempos teria de trabalhar no hospital e depois ver como chegar aos bairros periféricos. Sem apoio do Estado, porque esse só servia os ricos. Sem apoio dos ricos, porque esses só se serviam a si próprios. Não era fácil, não. Só mesmo com a independência.

Apanhou um autocarro a meio do percurso, porque já estava cansada de andar. Em casa, preparou uma refeição rápida e logo se pôs a trabalhar na tese.

Trabalho pouco profícuo, porque as ideias se cruzavam. Deveria ir pondo os pais de sobreaviso, dizendo por exemplo que encontrara o homem da sua vida? E noutra carta, mais pormenorizada, narrando a biografia de Malongo? Disparate. Quanto menos souberem por enquanto, melhor. Remexia nos apontamentos que escrevia no estágio, procurando uma informação. Logo ia consultar um manual para esclarecer uma hipótese. E de novo, mas será que a análise vai ser positiva? O trabalho acabava por render muito pouco. Ultimamente estava a perder tempo demasiado e aquilo que se anunciava no princípio como fácil, por ter sido uma aluna boa e já com alguma prática, agora começava a preocupá-la. Tinha menos de dois

meses para apresentar o relatório. O júri ficava com quatro semanas para o estudar e depois era a defesa, em julho. O tempo já estava apertado, porque ela não queria limitar-se a um mero relatório mas a uma verdadeira tese científica. E para receber menção máxima, senão todo o seu esforço de seis anos perdia sentido.

Estava ela a contar os dias que lhe faltavam num calendário cheio de cruces a vermelho, quando bateram à porta. O Malongo a esta hora? Estranho, mas com Malongo nunca se sabia. Foi abrir. Era Aníbal.

– Bons olhos te vejam. Já imaginámos tudo o que te poderia ter sucedido, nunca mais apareceste.

Ele entrou rápido, deu-lhe um beijo na face, foi sentar-se na única poltrona. Estava desfardado, como sempre que vinha a Lisboa, mas com um saco de mão cheio e aparentemente pesado.

– Vim algumas vezes a Lisboa, mas nunca deu para aparecer. Tive de andar sempre a tratar de assuntos. E quanto menos aparecesse na Casa, melhor.

– Pensámos realmente que já tinhas embarcado para Angola. Depois dissemos, não, ele haveria de avisar.

– É amanhã. Fomos avisados hoje que embarcamos amanhã. Deram-nos folga à tarde para as despedidas e compras, enfim...

– Merda! Assim de repente?

– Antes avisavam com mais tempo. Mas agora é assim, para não deixar as pessoas pensarem em mais nada. E andamos três dias a fazer manobras, quase sem dormir. E os sacanas não disseram para que eram as manobras, como se fossem de rotina. Acabam as manobras, dão-nos a notícia do embarque.

Aníbal tinha o aspecto cansado. Três dias de manobras e depois uma notícia horrível, claro, só podia ter essa cara. Sara teve vontade de o abraçar, mas conteve-se. Ele acendeu um cigarro, ela imitou-o. A pergunta estava na ponta da língua e soltou-se sem ela a poder reter, vais?

– Não.

Ela respirou fundo. Temia por ele, mas ao mesmo tempo ficou satisfeita. Aníbal não ia aparecer aos olhos do povo como um fala-barato traidor. Desertava, dando o exemplo a muitos outros que mais cedo ou mais tarde estariam nas mesmas circunstâncias. As lágrimas vieram-lhe aos olhos e murmurou obrigada. Abraçou-se a ele, chorando, repetindo obrigada,

obrigada. Ele afastou-a suavemente.

– Por que me agradeces? Não tens nada que o fazer.

– Tenho, sim. Porque não me desiludiste, é essa a imagem que quero guardar sempre de ti. A do tipo mais coerente que conheci.

Ele sacudiu a ideia com as duas mãos. Sorriu, apesar da tensão nítida. Falou bem baixinho, mas estavam muito próximos e ela entendia perfeitamente:

– Não tem mérito nenhum. Ou quase. Continuo a pensar que seria muito mais duro embarcar e lá fazer trabalho clandestino. Isso sim, era uma posição difícil. Mas a ti não te vou esconder nada. Recebi ordens do exterior de desertar e passar a fronteira. Ordens não, porque de facto não se trata disso. Mas uma sugestão. A malta lá fora pensa que posso ser útil, tenho experiência militar. E eles estão a precisar.

– E como vais fazer agora?

– Vim pedir-te um grande favor. Se não puderes, não tenhas remorsos. Sei que te vai causar problemas, se tivesse outra solução não te pediria. Mas não tenho alternativa imediata.

– Tantas evasivas... Diz lá o que é preciso.

– Hoje não tenho onde ficar. Temos licença até à meia-noite. Se aparecer às duas ou três da manhã, também ninguém se vai chatear. Mas às seis da manhã serei desertor. Esta noite precisava de dormir aqui. Entretanto arranjo outro sítio onde ficar até dar o salto lá para fora.

– Tantos rodeios só para isso. Claro que ficas aqui, qual é o problema?

– Tens a tua vida, eu posso atrapalhar. E se a PIDE sabe, vai chatear-te.

– Não pode chatear muito. Basta eu dizer que não sabia que era deserção. Pediste para dormir aqui e pronto. Não tem maka, fica à vontade.

– E o Malongo...?

Ela riu. Aníbal continuava o mesmo, sempre delicado, evitando tocar nos assuntos que a poderiam melindrar. Ele sabia que ela dormia com o Malongo, mas nunca seria capaz de se referir diretamente a isso, não era conversa própria para se ter com uma mulher, mesmo se grande amiga.

– Vou avisá-lo, não põe cá os pés hoje. Está descansado, não causas transtorno. Só que tens de dormir no sofá.

– Claro. Bolas, sou militar, até no chão dormi estes últimos dias. O sofá é uma maravilha.

– E queres jantar aqui ou fora?

– Tenho de ir jantar com um tipo... O que ficou de me arranjar as coisas. Deve encontrar um refúgio seguro até à passagem da fronteira.

Aníbal disse que voltaria por volta das onze, deixou o saco e saiu, o mais silenciosamente possível. Começava já a treinar clandestinidade, só de vozes ciciadas e olhares furtivos nas esquinas das ruas? Pobre Aníbal, tinha de ter muitos apoios para poder escapar. Espero que nesse jantar fique tudo resolvido.

Tentou trabalhar mas ainda era mais difícil. Aos seus problemas somava agora os do amigo. Via-o já a atravessar fronteiras. A de Portugal com a Espanha não devia ser muito complicada. Mas para chegar à França teria de atravessar os temíveis Pirenéus. Não foi o general cartaginês Aníbal que passou os Pirenéus com elefantes para ir atacar Roma, numa das mais fantásticas gestas da História? Parecia, os cartagineses tiveram um general Aníbal. Mas seria o mesmo? Os temas da História já estavam longe, pela necessidade de reservar a memória para a Medicina. Havia de lhe perguntar, o especialista era ele. Se o outro passou com elefantes, bem mais fácil lhe seria passar sozinho. Até a coincidência de nome ajudava, era um presságio favorável. Mas não se tranquilizou. Por muito que o conhecesse, a primeira impressão era de debilidade. Um militar estava habituado a essas aventuras, mas Sara nunca o via como militar ou aventureiro. Baixo, magro, sempre agarrado aos livros e às ideias, não era propriamente a imagem que se fazia dum herói. E nutria por ele sentimentos que muito se assemelhavam aos maternos. Dizia é um disparate, mas temia por ele, não podia evitar.

Desistiu de trabalhar, preparou qualquer coisa para comer. No canto do quarto tinha um pequeno fogão, onde cozinhava sobretudo à noite. Cozeu dois ovos, comeu-os e bebeu leite. Depois um café. E voltou a sentar-se à secretária. Lembrou Malongo, devia avisá-lo para não vir. Abriu a porta de comunicação com o resto da casa, pediu à senhoria para telefonar. O aparelho ficava no corredor, mas era sempre necessário avisar, para a senhoria anotar num caderninho e cobrar as chamadas no fim do mês. Qualquer extraordinário, como uma chamada telefónica, tinha de ser cobrado. Mas quando a senhoria estava com as mazelas dela, Sara não lhe exigia pagamento pela consulta. É, devia cobrar-lhe também, pensou, sabendo no entanto que nunca teria coragem. Malongo não estava em casa nem no Rialva. Nem na cantina da casa. Conseguiu deixar recado com o Vítor, ela ia sair à noite, não valia a pena Malongo procurá-la.

Mais tranquila, voltou a sentar-se à secretária, decidida a trabalhar até à chegada de Aníbal. Mas pouco resultado obteve. Não tinha avançado nada, quando sentiu um bater leve na porta para a escada. Aníbal vinha com uma cara mais cansada e aparentemente desanimada, más notícias. Sentou na poltrona, inclinou-se para a frente e sussurrou:

– Estão a preparar a fuga, que nunca será antes de duas semanas. Com isso eu já contava. Mas não têm sítio onde me esconder, pelo menos para já.

– Tiveste um mês para preparar as coisas, desde aquela nossa conversa. Demoraste muito tempo a decidir?

– Não. Decidi logo. Toda a malta a quem pedi conselho me disse o mesmo que tu. E avisei quem devia avisar para me preparar as condições. O problema é que não havia data para embarcar e outras coisas mais urgentes devem ter surgido. Só agora é que começam a mexer-se. E como não sou português, não tenho a primeira prioridade na rede clandestina. Isso imagino eu.

– São portugueses os que tratam disso?

– Quem querias que fossem?

– Comunistas?

Aníbal olhou em silêncio para ela. Sara sentiu não devia ter posto a questão, mas já era tarde. Desculpou-se, merda, não tenho nada com isso. Ele sorriu.

– Não tem importância, compreendo a tua curiosidade. Mas quanto menos souberes, menos perigoso é para ti. Isto por um lado. Por outro, é injusto não te dizer. Há coisas que deves saber, até porque vais ter de as enfrentar e precisas de estar preparada.

Ele encostou-se para trás na poltrona, acendeu um cigarro, logo imitado por Sara. No seu jeito próprio de falar, que um dia lhe valeria o nome de guerra de Sábio, ele disse:

– Os comunistas são os únicos que têm uma organização eficaz. Dominam o movimento estudantil e podes ter a certeza que os estudantes não fazem nada sem o seu apoio ou pelo menos o seu aval. Até na Casa. Sem que a malta saiba, eles têm grande influência. Os movimentos anticoloniais que foram surgindo, mesmo que independentes, foram sempre mais ou menos camufladamente encorajados por eles. Numa base de trabalho unitário, o importante era derrubar o fascismo em Portugal e o problema das colónias resolvia-se automaticamente. Houve sempre quem

quisesse fazer as coisas de outra maneira, mas acabava por aceitar essa influência, porque uma coisa é falar como nós fazemos e outra é organizar e saber combater realmente a PIDE e os outros alicerces do fascismo. Eu tinha relações com eles. Servia de ligação com grupos de estudantes mais conscientes das colónias que se organizavam para debater os problemas ou mesmo encarar algumas ações. Mas nunca fiz parte dos seus quadros. Por quê? Porque me sentia angolano e achava que cada um devia trabalhar no seu setor, embora com ações coordenadas. Mas eis que surgem os acontecimentos de Angola e o nacionalismo angolano afirma-se. Muito confusamente, mas afirma-se. Agora há duas posições. Os comunistas acham que se deve trabalhar no interior do regime e derrubá-lo por dentro. E os nacionalistas angolanos, cada vez mais radicais, pensam que os angolanos devem lutar em Angola, de forma absolutamente independente e sem ter nada que ouvir os papás da esquerda portuguesa. Lutamos pela independência do país e por isso devemos ter movimentos políticos absolutamente independentes. Somos nós, com a guerra em Angola, que vamos derrubar o fascismo. Esta é a maka.

– Mas que tem isso a ver com a tua situação?

– Os comunistas estão a mandar os seus militantes e simpatizantes para Angola, combaterem por dentro o regime. Não concordam com as deserções, a não ser em casos excepcionais. Não o disseram, mas penso que tinham outros planos para mim. Eu frustrei-os, porque decidi desertar. Compreendem, ou dizem que sim, mas não me colocam na primeira prioridade para escapar de Portugal. Vão fazê-lo, mas sem arriscar muito os seus aparelhos clandestinos. Noutra situação, poriam tudo em jogo. No meu caso não. Até porque já preveem que muita malta vai querer escapar e há muitos nacionalistas angolanos aqui. Os seus aparelhos ficariam ultrapassados se ajudassem todos. E cairiam nas malhas da PIDE, mais cedo ou mais tarde. Também não têm muita confiança na militância da malta e sabem que há pides infiltrados no meio estudantil. Como vês, não é um jogo fácil e eles têm de se precaver. A culpa é nossa, com a incapacidade de organização que sempre manifestamos. Muito papo, muita arrogância, mas pouca eficácia em montar aparelhos. A tal ponto que agora, se me puseses na rua, não tenho para onde ir. Os estudantes não me podem receber, os seus quartos estão cheios e podem ser facilmente detectados. Só os portugueses de esquerda têm capacidade de esconder um tipo. Mas é sempre

um jogo arriscado e nem todos estão dispostos.

– Podes ficar aqui.

– Hoje sim. Mas amanhã e depois? Eles foram muito claros. Dentro de duas semanas passam-me para França. Mas até lá onde fico? E não posso andar pelas ruas e dormir no metrô, com essa cor que me identifica imediatamente.

– Temos de arranjar maneira. Mas ficas aqui para já.

Aníbal bateu-lhe suavemente na mão. Puxou uma baforada vigorosa.

– Sara, Sara, sempre o coração grande. Mas agora é a cabeça e só ela que tem de funcionar. É evidente que não posso ficar aqui. Amanhã toda a PIDE tem a minha fotografia e vai começar as buscas. Vão procurar onde? Nas residências da malta da Casa, em primeiro lugar. Dentro de dias vão perguntar à tua senhoria se nunca me viu. E é impossível esconder-me dela. Ela vai sentir que há homem em casa. E vem arrumar o quarto, ou és tu que arrumas?

– É uma mulher-a-dias que vem três vezes por semana. Eu só faço a cama.

– Então? Vão descobrir-me.

– De manhã tu saís, ela vem sempre de manhã. Escondemos as tuas coisas. E antes de saíres passas revista para não se deixar nada que denuncie a tua presença. Se sentem que um homem dormiu aqui, isso não é problema... Já estão habituadas. Sou maior e independente.

– O problema é que não posso andar aí pelas ruas, mesmo disfarçado. Há sempre um vizinho que vai achar estranho, um negro a sair todas as manhãs daquele apartamento? A PIDE tem os braços longos. E aí não te safas, vais mesmo para a choça por minha culpa. Como queres que eu aceite isso?

Sara ficou calada, a tentar raciocinar. Havia uma solução, tinha de haver. Com calma chegariam a ela. E não tinha medo de arriscar para ajudar o amigo. Ou ele passava os Pirenéus ou iam os dois para a cadeia, estava decidido. Decisão que não precisou de tomar, de tal modo ela era cristalina.

– Não tens nada que aceitar. Já estás aqui. E daqui só saís para um sítio mais seguro. Com calma vamos encontrar.

– Sempre tive orgulho na minha raça, apesar de ser tão desprezada pelos outros. Desde miúdo eu tinha esse orgulho. Muitos não, dariam tudo para serem brancos. E hoje são racistas em relação aos brancos. Nunca tive desses problemas, talvez pelo meio em que cresci, não sei. Mas neste

momento digo maldita raça. Se ainda fosse inverno, podia esconder as mãos em luvas e a cara num cachecol e num capuz, mais uns óculos escuros. Mas com este tempo já quente, chamaria ainda mais a atenção. Negro fazer clandestinidade na Europa, isso é realmente uma epopeia.

– Ficas aqui o tempo que for preciso. Sais de manhã cedo, muito rápido, metes-te nalgum sítio...

– Os cinemas não abrem de manhã.

– Pois é, seria o sítio ideal. Um jardim. É o que dá menos nas vistas, um tipo sentado num banco de jardim a ler o jornal ou um livro. Nunca o mesmo jardim, claro. Ou uma biblioteca, há aqui uma perto.

– Pode ser, pode funcionar por dois ou três dias. E depois?

– Até lá, arranjam qualquer coisa. Voltas para casa ao meio-dia, já a mulher arrumou o quarto. Levas a minha chave, sobes as escadas com o máximo cuidado e não fazes barulho. Quanto à comida não te preocupes, eu trato dela.

Aníbal parecia concordar. Também não tinha outro remédio. No entanto, voltou à carga:

– Sabes o que estás a arriscar, Sara? E por quê?

– Sei. Primeiro és meu amigo. E mesmo se não fosses... és um nacionalista que vai lutar pela independência do país. Esta é a minha forma de ajudar Angola.

– E o Malongo, já pensaste? Ele não deve saber de nada. Sejam claros, eu não desconfio dele, de maneira nenhuma. Só que, desculpa, mas ele parece-me um pouco irresponsável, pode falar só por falar. Não podes esconder a minha presença aqui por muito tempo. Ele vai querer visitar-te.

– Sim, isso é um problema. Mas é meu, não tens que te preocupar com ele.

– Mais remorsos para cima aqui do rapaz. Posso sem querer criar makas entre vocês.

– Oh, sim. O machismo dele não aceita saber que durmo no mesmo quarto com outro homem. Mas é só isso. E daí até nem sei. Talvez ele aceitasse melhor as coisas. Mas já te disse, o Malongo é problema só meu.

Precisavam dormir. Sara tomou a iniciativa e preparou o sofá, de modo a criar o máximo de comodidade. Depois foi à casa de banho. Aproveitou o momento em que Aníbal também lá foi para rapidamente se despir e deitar na cama. Quando ele voltou ao quarto, ela virou para o outro lado,

deixando-o à vontade para se deitar. Eram amigos mas não tinham intimidades.

Sara dormiu muito mal. Toda a noite tentou descobrir uma maneira de esconder o Aníbal por uns dias. Pensou em todos os amigos ou conhecidos, quer angolanos quer portugueses, que não morassem num quarto alugado e com mais autonomia portanto para o albergarem. Nenhum servia. Os que tinham casas maiores não ofereciam a mínima garantia política, como era o caso duns seus parentes que moravam um pouco fora de Lisboa, numa vivenda enorme e isolada, o sítio ideal, mas demasiado reacionários. Ou recusavam imediatamente um futuro terrorista em sua casa ou chamavam depois a polícia. Os mais modestos tinham casas tão pequenas que ela não tinha coragem de lhes pedir esse sacrifício. E com crianças, o que aumentava o risco de delação involuntária. Havia também pessoas que até tinham meios e eram progressistas, mas as suas casas eram permanentemente espionadas pela PIDE e por isso ficavam automaticamente excluídas. Tinha de haver uma solução. Repetia o pensamento para se reconfortar, mas isso não resolvia nada. Voltava a procurar. Aníbal dormia. A respiração regular dele deveria tranquilizá-la. Mas não. Aníbal dormia, não por estar confiante, apenas porque estava arrasado com as manobras. Um sentimento estranho apossava-se por vezes dela. Tinha vontade de ir para o sofá, abraçar-se a ele. Não por desejo sexual, apenas para o proteger. E lembrou, com ternura, uma fala dele, quando soube que ela era ligeiramente míope mas não usava óculos senão para ler. Não era por uma questão estética. Sem óculos vejo as coisas um pouco mais difusas. Por exemplo, as caras das pessoas parecem-me mais bonitas, pois não distingo os pontos negros, as verrugas ou os pelos mal colocados e que as desfeiam. Isso é mesmo teu. Sara, dissera ele, sempre arranjas um truque para ver as pessoas pelo ângulo que mais as favorece. É generoso, mas não é realista. Gosto de gostar das pessoas, disse ela. Ele sorriu e apertou-lhe a mão. Só. Agora era ela que o queria abraçar. Apenas para lhe transmitir ternura e segurança. Faria amor com Aníbal? Oh, sim, sem dúvida. Naturalmente, sem se colocar questões, nem a ele. Algo tão natural e fácil como respirar. Nunca o fez, porque nunca aconteceu, porque ele nunca pareceu interessar-se. Faria agora, apesar de Malongo? A ideia perturbou-a. Era diferente, uma coisa não invalidava a outra. Com Malongo era uma torrente, para usar uma palavra muito gasta, a paixão, a atração

sexual. Aníbal inspirava-lhe a comunhão. Faria amor com ele para com ele se fundir, comungar. Adormeceu, reconhecendo nessa ideia algo de religioso, vindo talvez do misticismo das origens.

Arrumaram o quarto em conjunto, quase sem palavras. Esconderam o saco de Aníbal no fundo do guarda-fatos e comeram qualquer coisa brevemente. Aníbal saiu, levando as chaves, um livro na mão. Sara ainda rodou pelo quarto, para não deixar vestígios da presença dele. Depois imitou-o, batendo a porta.

Na rua, olhou com raiva para o sol radioso. Pela primeira vez na vida. Aníbal tinha razão, o inverno ajudá-lo-ia a camuflar-se. Mas este sol era agora um inimigo. Acabou por sorrir, perante a incoerência desse ódio súbito ao ser que sempre adorara e cuja ausência a fazia chorar saudades da pátria luminosa. No autocarro, procurou pôr as ideias em ordem. Primeiro tinha de fazer a tal análise à gravidez, embora lhe parecesse quase desnecessária. E pensar numa solução para o problema do amigo. Era muito perigoso ficar lá em casa mais que um ou dois dias. Mesmo sem chamar a atenção de ninguém, era provável que a PIDE desconfiasse dela e fizesse uma visita de rotina ao apartamento. Eles iam vasculhar todo o país à procura dele. Neste momento já estariam informados da sua ausência no quartel. A caça tinha começado. E provavelmente havia poucos desertores. Se houvesse muitos, os pides estariam sobrecarregados de trabalho à procura de todos. Assim, só tinham uma lebre para caçar. E eram tantos os cães... Um combate duvidoso, como o romance de Steinbeck que acabara de ler no original, emprestado de caxexe por uma colega, a Marta. A Marta! A

ideia quase a fez sobressaltar. Quem sabe?

A Marta terminava o curso com ela. Amigas de muito tempo, com as mesmas preocupações. Ainda há dias tinham trocado impressões sobre a manifestação do 1o de Maio. Marta não foi, por estar doente. E sentia-se culpada. Filha de ricos agricultores do Alentejo, mas progressista. Não se metia em organizações estudantis nem políticas, dizia isso é perder tempo, os políticos começam por políticos e acabam todos em ladrões. A própria ideia de organização lhe causava desconfiança, alimentada por leituras dos anarquistas do século passado. Os únicos aristocratas da política, dizia ela, desinteressados. Quanto a Angola, aprovara imediatamente as ações armadas. Os angolanos estão a mostrar a estes políticos da esquerda, que só fazem revoluções nos cafés, como se resolvem as coisas. É assim mesmo, só à porrada. Não se metia em política de grupo, mas não perdia uma manifestação. E se fosse homem, eu ia dar umas porradas nos polícias, só para ver se não têm medo também. Ontem à noite, Sara afastou Marta dos seus pensamentos, porque o apartamento dela era pequeno. Agora parecia uma solução possível. O apartamento tinha só um quarto, cozinha e casa de banho. Mas era dela, oferta do pai, quando passou para o quinto ano. Não tinha senhoria a quem prestar contas. E a PIDE não a vigiava, o pai tinha influências muito fortes no governo de Salazar. Marta lhe contara o que dissera ao ministro da Justiça durante um almoço na quinta alentejana. O ministro estava azul, o pai verde e a mãe, vermelha, fugira da mesa. Um festival de cores, não imaginas. Coisas da idade, isso passa, dissera o ministro no fim do almoço, a tranquilizar o pai. Não, com Marta eles não se metiam.

Chegou ao hospital e foi logo ao laboratório fazer a análise. Amanhã teria o resultado. O professor já estava no gabinete e começou o trabalho, fazendo a visita dos doentes internados. A Marta estava noutro pavilhão. A meio da manhã, conseguiu uma folga para ir ter com ela. Era alta, bem mais alta que Sara, e andava como um homem, afastando os braços enérgicos. Sara já tinha imaginado a estratégia, ia apenas sondar. Tinha de ter a concordância de Aníbal para pôr a questão de forma clara. Perguntou-lhe se não queria fumar um cigarro. Marta abandonou logo o trabalho e foram para a sala de repouso, onde podiam fumar.

– Como vão os teus amores? – perguntou Marta.

– Tudo igual. E os teus?

A outra deu uma gargalhada. Bateu-lhe na coxa. Sara achou que era um gesto tipicamente masculino. É, a amiga imitava os homens inconscientemente. Não, não imitava, nela era espontâneo, como uma forma de independência natural.

– Ainda não te contei? Pus o António a andar... O António-engenheiro, tu conheceste-o. Veio com uma conversa de cuecas, que as mulheres não deviam trabalhar. Para mim fazia uma exceção, mas as outras deviam ficar em casa a cuidar dos filhos. E tudo isso com uma quase proposta de casamento. Imagina! Eu casar com um machista daqueles. Disse-lhe, olha, meu filho, isto durou enquanto era bom e nenhum chateava o outro. Estás a chatear-me e por isso chau, vai à tua vida. Telefonou-me ontem com falinhas mansas, se não podíamos encontrar-nos. Só no inferno. E desliguei-lhe o telefone. Vá para a puta que o pariu!

Sara riu. O António, que ela já não sabia quem era, seguia-se ao Germano e ao Álvaro e ao Fonseca e... perdia a conta. Os amores de Marta não duravam muito, arranjava um pretexto para se desfazer deles logo que passava a novidade. Talvez o riso de Sara tenha sido demasiado breve, porque a outra reparou, que tens, não estás com boa cara.

– Não lighes, umas chatices.

– Com o teu homem?

– Não. Esse ao menos só me chateia por não ser escalado para a equipa principal do Benfica. De resto está tudo bem.

– Nunca tive um futebolista. Deve ser giro, eu que não percebo nada de futebol.

– Eu tive de aprender.

Marta deu-lhe uma nova pancada na coxa. Olhou-a a direito, como só ela sabia fazer. Disse, séria:

– Tens algum problema, vê-se logo. Relacionado com a situação de Angola?

– Não, não... Enfim, até certo ponto é.

– Conta lá. Faz bem desabafar.

– São só umas chatices. Para quê vou estar a maçar-te com isso?

– Ai é? Eu cá conto-te tudo, só não te digo quantas fudas dou por noite porque sei que não gostas dessas conversas. E tu fechas-te em copas. É assim a amizade recíproca?

Sara acendeu um novo cigarro no lume do anterior. Tinha conseguido

interessar Marta no assunto, o que aliás não era difícil. Mas devia ir com muitas cautelas, porque a situação era melindrosa.

– O problema não é meu, é dum amigo meu, um grande amigo. Ele está numa posição difícil e não sei como ajudá-lo. Daí estar preocupada, é tudo.

– E não se pode saber qual é o problema desse teu amigo?

– Não sei se tenho o direito de te dizer. Compreendes, o problema é dele.

– Ora, deixa-te de conversas. Conta lá qual é o problema e depois vamos ver os nossos doentes, que hoje por sinal tenho poucos.

– Ele precisa de uma casa onde morar por uns dias. Uma casa segura, onde possa passar despercebido. E não vejo onde possa encontrar esse sítio. É um grande amigo e não posso ajudá-lo. Compreendes a minha preocupação?

– Mas não pode ir para uma pensão?

– Disparate. Tem de passar despercebido, não entendes?

Marta bateu de súbito com a mão na testa. Ficou mais séria e baixou a voz, habitualmente forte.

– Entendi, o rapaz anda a esconder-se. Política?

– Claro. Deve ter neste momento toda a PIDE atrás dele.

– Logo vi. Os teus problemas acabam sempre por ser políticos. Quando é que te deixas dessas coisas?

– É um problema de amizade. Só por acaso a razão é política.

– Eu conheço esse teu amigo?

– Não.

Estava a mentir, mas era necessário. Já tinha apresentado Aníbal a Marta, simpatizaram até um com o outro. Sustentaram tremenda discussão teórica, num passeio a Cascais. Pontos de vista irreconciliáveis, ele defendia a necessidade de trabalho organizativo para se fazer uma revolução qualquer e Marta dizendo os políticos são apenas candidatos a corruptos. Tinha sido há dois anos, depois nunca mais se viram, pois por vezes ela lhe perguntava onde andava o Aníbal, esse teu amigo revolucionário. Simpatizaram um com o outro, apesar da discussão ter sido dura. Seria assim sempre que se encontrassem, era fatal.

– É angolano?

– Sim. E é preto, se queres saber. O que dificulta as coisas, pois não é muito fácil um negro esconder-se no meio de brancos.

– Queres que ele vá para minha casa?

A pergunta direta era típica de Marta. Sara culpou-se de não ter previsto. Com a amiga, era muito difícil ficar por meias palavras, alusões veladas. Se Marta queria um homem, perguntava-lhe claramente quando iam para a cama, hoje ou amanhã? Quanto mais em relação a este assunto.

– Bem, não sei... Quiseste que eu te contasse qual é o meu problema e eu contei-te, é tudo.

Marta levantou-se da cadeira. Um gesto brusco, como era habitual nela. Só que desta vez era brusco demais, quase derrubou a cadeira branca.

– Vai-te lixar, não sejas hipócrita. Sabes que detesto hipocrisias. Se queres, pronto, dizes-me de caras. E eu digo está bem, pode ficar lá. Faça-te esse jeito, mas é a ti, não a ele, nem a nenhum partido ou lá o que seja. Que fique bem claro.

Sara sentia um enorme alívio, ao mesmo tempo que certa vergonha. A amiga tinha desmascarado o seu truque, que ela chamou de hipocrisia. Tinha razão. Marta não podia compreender que determinadas situações delicadas obrigavam as pessoas a ser prudentes, a fazer rodeios. Numa palavra, a fazer política. Tentou corrigir a má impressão, convencida à partida que desconseguiria.

– Tens razão. Mas deves compreender que era um pedido acarretando riscos. Se descobrem, nem o teu pai te safa. Pensei de facto em ti, mas era meu dever ser cautelosa. E dizer-te que é muito perigoso. Se recusares, não te levo a mal.

– Lá vens tu com as lenga-lengas... Quanto tempo?

– Uns quinze dias.

– Porra, tanto tempo a aturar um gajo! E ainda por cima é capaz de ser burro, como o teu homem.

– É o tipo mais inteligente que conheço. Marta voltou a sentar-se e acendeu lentamente um cigarro. Olhou-a de frente. Sussurrou, os olhos a brilhar de malícia:

– Não me estás a esconder nada?

– Estou... Acertaste, é o Aníbal.

Riram as duas. Sara pensou, com Marta de pouco lhe valiam as precauções. Ou confiava nela e falava logo, ou então ficava muda. Os muitos anos de amizade já lhe deviam ter ensinado.

– Ele está em tua casa?

– Dormiu lá esta noite. E de manhã cedo saiu, porque a mulher-a-dias vai

arrumar o quarto. Deve estar num jardim a tentar passar despercebido. Lá em casa não pode ficar muito tempo, a senhoria mais cedo ou mais tarde vai descobrir. E a PIDE sabe que somos amigos, há-de aparecer.

– Claro. Na minha casa não há problema. Se ele não puser o nariz de fora. O chato é que volta-meia-volta surge alguém da família a visitar-me. Sabes, os alentejanos têm famílias enormes, parecem africanos. Mas dá-se um jeito.

– Quanto à comida dele, eu trato disso.

– Vai à merda. É meu hóspede e tu vais lá fazer-lhe a comidinha? Então para quê o convido? Só nunca percebi uma coisa. Por que não juntaste os trapos com ele e foste escolher o jogador de futebol. Ele tem muito mais classe, apesar de ser baixinho.

– Gostos não se discutem.

Marta levantou-se. Olhou o relógio, suspirou.

– Temos que ir trabalhar. A que horas o levas lá?

– Calma. Primeiro devo falar com ele. Até pode ser que tenha encontrado outra solução. Telefono antes a avisar que te vou levar a carta.

– Adoras essas coisas misteriosas das clandestinidades. Está bem, avisa que levas a cartinha. E que cartinha pesada!

Marta deu-lhe mais uma palmada na coxa, apagou o cigarro e foi ter com os doentes. Sara ainda ficou sentada, a respirar fundo. Esta Marta é um cavalo selvagem, um búfalo. Pobre cavaleiro que lhe tente pôr a sela. A menos que seja um Tarzan. Aníbal vai ter que se munir de muita paciência, senão as discussões vão ser ouvidas no quarteirão inteiro e vem a polícia. Tenho de o avisar sobre a maneira de ser dela, as suas pequenas manias.

Malongo estava à saída do hospital. Sara tinha-se atrasado, com coisas de última hora, e ele impacientava-se. Vinha cada vez mais raramente esperá-la, por isso ela estranhou. Deve haver maka, pensou ao vê-lo sentado na escadaria de entrada. Mas não, Malongo beijou-a com naturalidade e queixou calmamente:

– Nunca mais vinhas, eu já ia arrancar. Muitos mortos?

– Não matei ninguém – riu ela. – E que tal foi o treino?

– Sempre a mesma coisa. Puseram-me na reserva. Marquei um gol lindo. Pode ser que isso conte. Mas já não acredito muito.

Ela deu-lhe o braço. Estava contente por Malongo ter vindo procurá-la, isso significava alguma coisa. Encostou-se muito a ele. O sol de meio-dia

batia-lhe na cara e ela agradeceu, redimindo-se dos pensamentos injustos da manhã. Tinha de se ocupar de Malongo que procurava o seu apoio.

– Tens de acreditar. Se tu próprio te desencorajas, então como vais convencer os outros do teu talento?

Malongo não respondeu. Apertou-a apenas mais. Caminharam até à paragem de autocarro. Estava uma grande bicha e as pessoas olhavam sorrateiramente para eles. Sara leu reprovação nos olhos das mulheres. Também já estou a entrar na paranoia, só nos miram por curiosidade. Irresistivelmente fez uma coisa que geralmente evitava, por não ser comum em Lisboa. Deu um rápido beijo na boca de Malongo. Ele admirou-se mas correspondeu. Beijo breve, um roçar de lábios apenas. Era impressão dela ou de facto houve um movimento de rejeição na bicha de espera? Um velho olhava agora ostensivamente para os dois, parecia ia dizer alguma coisa. Sara convenceu-se, não era paranoia dela, o velho não escondia a reprovação muda. Um fóssil, apoiado num guarda-chuva fechado. Guarda-chuva preto, como mandam as convenções, mesmo já no verão. Arrastou Malongo para fora da bicha, vamos um bocado a pé, cambada de reacionários.

– Ah, notaste? Eu já nem ligo. Mas o teu beijo foi mesmo uma provocação, tiveste até muita sorte porque ninguém disse nada.

– Não estás muito cansado, ainda podes andar?

– Recupero rápido, podia agora jogar mais uma partida. Mas, Sara, tens de te habituar ao racismo.

– O fantástico é que essa gente toda é resultado duma tremenda mistura. Há duzentos anos mais de 15% da população do Sul de Portugal era negra. Escravos trazidos para trabalhar nas casas, na limpeza das cidades e na agricultura do Alentejo. E em Lisboa a percentagem era ainda maior. Esses negros misturaram-se, não foram mortos nem expulsos. Andaram por aí a fazer filhos. E antes deles, os árabes, que eram a maioria da população. E judeus, e sei lá mais quê. Português puro nunca existiu, sempre foi um mestiço. E agora vem com racismos, bardamerda.

– Eu antes não sentia. Ou era muito ingénuo ou as coisas eram diferentes. Podiam olhar para mim na rua, podiam até falar qualquer coisa que não diriam a um branco. Mas era sem mal, via-se que as pessoas me aceitavam sem problemas. Agora é diferente. Há hostilidade.

Mantiveram silêncio durante algum tempo. Em passo lento, Sara

observava as pessoas com quem cruzava. Não havia dúvida, pelo menos provocavam curiosidade, não passavam despercebidos. E as pessoas miravam-na de alto a baixo, olha esta branca agarrada a um negro. Ia chegar-se ao ponto de a lapidarem na rua? Não, seria demais para a mentalidade passiva dos portugueses. Sei lá, quem pode prever as reações de massas fanatizadas?

– Ultimamente tenho-me posto a questão – disse Malongo. – O facto de não me porem a jogar na equipa principal é por ser negro?

– Disparate. O que o clube quer é ganhar. Não lhe interessa a cor dos jogadores. As suas maiores estrelas são negros ou mulatos até.

– São. Mas mais um pode ser demais. Podem estar a fazer as contas e achar que um a mais vai provocar reações.

– Então dispensavam-te, não te pagavam salário para te deixar na reserva.

– Se me dispensam, vou para outro clube. Um rival. Pagam-me para que não vá reforçar um adversário. Isso faz-se, sabias?

Sara entendia pouco de futebol e muito menos dos meandros dos clubes. Mas rejeitava instintivamente a ideia. Haveria outras razões de não porem Malongo a jogar. O Benfica pelo estatuto não podia ter estrangeiros. Por isso recrutava os melhores jogadores das colónias, que legalmente eram portugueses e lhe saíam mais baratos. Não, a causa era outra. Um dia havia de tentar saber. Talvez lhe dissessem o que escondiam de Malongo. Quando estivesse menos ocupada com outras preocupações. Teve de repente o sentimento que não fazia tudo por Malongo. O futuro dele devia ser uma preocupação importante. No entanto, por preconceito em relação ao futebol ou por outra razão qualquer, desprezava a frustração do namorado. Falta de amor? Sentiria apenas atração física por ele, pouco se importando com o resto? Rejeitou a ideia. Até queria um filho dele. Mas a dúvida ficou tilintando no cérebro, incomodativa. Encostou-se mais a ele, sentindo-lhe o calor do corpo possante, indiferente aos olhares que suscitavam.

– Então a menina ontem foi passear à noite? Recebi o recado do Vítor, quando já estava para ir a tua casa.

– É. Tive de fazer uma coisa.

– O quê?

Não seria tão fácil como tinha suposto. Malongo podia desmarcar encontros, ou até nem aparecer. Dava uma desculpa e pronto, não se falava mais nisso. Mas ela tinha de explicar tudo, assim se habituaram. Maus

hábitos, a relação não era igualitária. Culpa dela, sem dúvida.

– Olha, Malongo. Há uma coisa que se passa e que não te posso dizer. Um dia vais saber, prometo, logo que seja possível. Mas agora tens de ter confiança em mim, não é nada de que me envergonhe. Só que não te posso dizer.

– Não gosto que faças coisas que eu não possa conhecer.

– Eu sei, mas desta vez tem de ser. Por favor, não insistas. Não é nada de mal, antes pelo contrário.

Malongo ficou contrariado, calou-se. Passou a responder por monossílabos resmungados a qualquer tentativa de Sara procurar tema de conversa. Em breve ele disse estou cansado, vamos apanhar um autocarro. Na paragem manteve silêncio, apesar de esperarem algum tempo. Persistiu na mesma atitude ofendida durante o trajeto. Saíram na Praça do Saldanha e aí deviam separar-se, pois ela ia para casa e ele almoçar.

– Depois telefono-te – disse Sara.

– Vou até tua casa. Não me apetece ir almoçar na cantina. Compramos aí qualquer coisa e comemos em tua casa.

Por vezes acontecia. Mas logo hoje que ele estava contrariado? Era apenas o desejo de fazer as pazes ou desconfiava de algo? E fazer as pazes por quê, ele é que se chateara. Sara respirou fundo, sentia a maka despontar no horizonte.

– Pela razão que te disse, não pode ser. Não podes ir lá a casa. Lamento, mas tem de ser. Compreende, por favor.

Estavam parados no passeio e ele de cara cada vez mais amarrada.

– O quê que me estás a esconder?

– Não te posso dizer, já sabes.

Ele virou-lhe as costas, furioso, está bem. Nem se despediu, atravessou a rua. Ela ficou com o braço estendido, num gesto inútil de o reter, dividida, infeliz. Viu-o tomar a direção da Casa dos Estudantes, em passada rápida, sem olhar para trás. E foi lentamente no outro sentido, as lágrimas a quererem libertar-se. Reagiu, não ia chorar como uma menina só porque o namorado dava uma de machista. As lágrimas obedeceram. Vitória efémera, não a reconfortou.

Numa mercearia perto de casa, fez as compras para o almoço. Isso ajudou-a a acalmar-se e voltar à realidade dos seus deveres. Ao sair da mercearia, com o saco das compras no braço, foi observando atentamente a

rua. Particularmente as pessoas que se encostavam aos prédios, com ar de espiões. Se alguém tinha notado a presença de Aníbal ou o tivesse reconhecido de manhã, a casa já podia estar vigiada. Mas não havia nenhum homem fingindo ler um jornal ou fazendo os cem passos à frente da porta do prédio. Nem havia cafés onde o pido se pudesse abrigar. A porta do prédio felizmente estava aberta. Só agora se dava conta dum erro cometido. Se a porta estivesse fechada, o que acontecia muitas vezes, teria de tocar para a senhoria. Diria que esquecera as chaves, mas devia entrar para o seu quarto pela porta de comunicação com o resto do apartamento. Aníbal já a teria fechado à chave, para evitar uma entrada súbita da senhoria. Então, como explicar que a porta de comunicação estava fechada à chave por dentro, se ela a deixara aberta para a mulher-a-dias? Estaria desmascarada a presença de algum estranho no quarto. O pensamento fê-la parar na escada. Subiu os dois andares, nervosa, e arranhou na porta do quarto dando diretamente para a escada.

Aníbal abriu a porta e sorriu. Ela suspirou de alívio e abraçou-se a ele.

– Calma, calma, estás a tremer e pálida como um morto – murmurou ele.

Ela contou-lhe dos seus temores. E depois, enquanto preparavam o almoço, explicou a conversa com Marta e as vantagens da mudança. Aníbal assentiu, não é o sítio ideal mas é melhor do que este. Mostrava apenas algumas reticências em relação a Marta, essa tua amiga anarquista é capaz de pegar fogo a Lisboa só para queimar os políticos, de direita ou de esquerda. Sara defendeu a amiga, por vezes só os franco-atiradores resolvem as situações, como era o caso no momento, em que as organizações se mostravam demasiado pesadas para agir de improviso. Marta diria, pensou ela sem o expressar em voz alta, que as organizações só agiam em proveito próprio, amarradas na sua própria lógica de autodefesa, desprezando os problemas individuais. E a sociedade era constituída por pessoas individuais, o que elas deliberadamente esqueciam. Mas isso era assunto para Aníbal e Marta debaterem diretamente, deixava para depois.

Combinaram sair do apartamento só ao fim da tarde, quando escurecesse. Havia então mais gente nas ruas e ele passaria despercebido. Ela saía primeiro com o saco e Aníbal ia encontrá-la na estação de táxis mais próxima. Este foi um ponto muito discutido. Os táxis eram perigosos, a PIDE podia ter distribuído a fotografia ou os dados físicos pelos condutores, que colaboravam normalmente com a polícia. Não iam deixar o carro

mesmo à frente do prédio de Marta, mas a zona ficava sob suspeição. E o risco maior era para Sara, reconhecida na sua companhia. Aníbal acabou por decidir. Ele saía primeiro de casa, sem o saco que poderia parecer suspeito. Apanhava um táxi sozinho e deixava-o num largo muito movimentado, o do Rato. Depois iria a pé, num trajeto de quinze minutos, até à casa de Marta. Sara sairia mais tarde com o saco, apanhava um táxi que a depositava diretamente no destino. Chegaria antes de Aníbal e esperava por ele em baixo. Não os veriam juntos, Sara estava salvaguardada. E o trajeto do Rato até ao apartamento era suficientemente grande para alargar a zona de busca da polícia, no caso de ser denunciado pelo taxista. Tinha também a vantagem de ele o conhecer bem e por isso poder assegurar-se que não era seguido, ou despistar os perseguidores em caso de necessidade. Ficou com o número de telefone de Marta, para o caso de ser obrigado a chegar atrasado. Tudo estava bem combinado e almoçaram, falando de outras coisas.

Sara não contou a cena com Malongo, só ia levar Aníbal a sentir-se culpabilizado. E não tinha vontade de fazer passar-se por mártir da causa num assunto menor, perante uma pessoa que arriscava tudo pela mesma causa. Falaram sobretudo de Marta, Sara explicando as manias da outra.

– Realmente é chato – disse Aníbal. – Vou alterar a vida de uma pessoa que mal conheço. Durante duas semanas vai viver na corda bamba e com outra rotina. Tentarei ser o menos pesado possível, mas mesmo assim...

– O fundamental é nunca saíres de casa nem abrires a porta a ninguém, se estiveres sozinho. E ficas fechado na casa de banho, se ela estiver em casa e alguém lá aparecer. Claro que ela vai dizer logo, ia mesmo a sair, tenho um assunto urgente. E arrasta a visita para fora de casa. Mas isso vocês vão combinar. E verás, ela tem resposta para tudo e é rápida a arranjar meios de se desembaraçar dos problemas. O que me preocupa é que se peguem em discussões políticas, aí ela perde a cabeça e fala mais alto que um locutor de futebol.

– Não tem namorado? Nestas coisas os namorados atrapalham.

– Despachou agora o que tinha. Não, está livre. E se arranjar algum, nem lhe vai dar o endereço. Agora, uma coisa... Se ela for a sair, a qualquer hora que seja, nunca lhe perguntes onde vai. É demasiado ciosa da sua independência e manda-te logo à merda.

– Oh, não te preocupes. Isso já eu percebi.

– Vou visitar-te todos os dias, para ver se precisas de alguma coisa, e levar-te jornais. Não é suspeito, muitas vezes vou a casa dela.

– Não. Isso não é prudente. Imagina que começam a seguir toda a gente que possa estar relacionada comigo. E descobrem que todos os dias vais a determinada casa. Não vão tentar saber o que há lá? Terás notícias minhas pela Marta, que vês todos os dias no hospital.

Sara concordou com a cabeça. Tristemente. Não ia ver mais Aníbal até à sua fuga do país?

– Claro que de vez em quando podes ir. Com a frequência normal. É preciso não modificar os hábitos, qualquer mudança pode parecer suspeita.

Depois do almoço, ela tentou trabalhar. Mas a presença de Aníbal e os problemas com Malongo não permitiam. Ele lia, sentado na cómoda poltrona, o mais calado possível. Mas ela frequentemente se levantava da secretária e puxava um assunto para conversa. A tarde foi passando sem que a tese avançasse um milímetro. Quando arrumaram as coisas para partir, Aníbal lembrou-se:

– Vou passar todo o tempo a ler. A tua amiga tem só livros do Kropotkine e de Medicina?

– Não, tem muitos outros. Mas escolhe aí os que não tenhas lido.

– O saco já está cheio. Se precisar de mais, peço-te através dela. Só levo este na mão.

E indicou *A Náusea*, de Sartre. Na situação dele não era o livro que eu escolheria, pensou Sara. Mas apenas sorriu. Aníbal tinha o espírito forte, não precisava de romances cor-de-rosa para sustentar o moral. Ela estava sempre a esquecer isso.

Denise devia partir daí a três dias, o estágio terminado. A universidade tinha cursos de férias para estrangeiros, mas ela queria passar o verão em França e já estava demasiado avançada no português para deles precisar. Malongo procurava convencê-la a ficar mais um tempo, ainda não saciado. A ligação se tornara mais aberta desde que Sara tinha armado em secreta, há uma semana, recusando-lhe almoço em casa. Levou Denise ao Rialva e à Casa dos Estudantes. Foi um sucesso. Todos os companheiros contemplavam a loira e vinham tentar conversar com ela. Batiam nas costas de Malongo, segredando, sim senhor, estás a comer do bom. Ele ficava orgulhoso dos olhares gulosos que dirigiam a Denise.

E o sucesso foi ainda maior quando, depois do almoço, foram para o salão da Casa conversar. Muitos prescindiram do habitual café para ficarem no papo com a francesa. Que se revelou adepta do FLN argelino, tinha mesmo chegado a militar num grupo de apoio à independência da Argélia. Pela primeira vez os estudantes ouviam a versão nacionalista dessa guerra que tantas esperanças trouxera para África. Denise estava deliciada em poder explicar as origens e as principais peripécias da luta da Argélia e de como alguns franceses apoiavam os seus companheiros árabes. Os jornais portugueses só reportavam a versão colonialista francesa. E advogavam abertamente a tese da extrema-direita francesa que se organizava na OAS. Era pois uma novidade saber que os “terroristas” argelinos tinham grandes

chefes como Krim Belkacem, Ben Bella, Ait Ahmed, Ben Kheda, Boudiaf, uns na cadeia mas em breve libertados, outros preparando negociações com o governo de De Gaulle para se chegar à independência. Ouviram falar da batalha de Argel, da Kabília e dos Aurés, nomes habituais na imprensa, mas agora completamente diferentes, revestidos da aura do heroísmo. O grupo de ouvintes aumentava e a bela Denise era ainda mais cobiçada. Malongo ouvia distraidamente, ela já lhe tinha falado das mesmas coisas, mas por sacadas, pois ele sempre a interrompia para assuntos mais importantes, como por exemplo fazer amor.

Quando às quatro da tarde eles foram embora, Denise foi convidada a vir mais vezes, todos os dias de preferência, ainda tinha muitas coisas para lhes ensinar. Alguém até propôs que ela fizesse uma palestra sobre o assunto, mas os outros depois replicaram, estás maluco, nesta nossa situação era pretexto para fecharem a Casa de vez. E mesmo esta conversa, segredou Furtado a Laurindo, já vai para os ficheiros e a bela Denise nunca mais terá visto para voltar a Portugal. Laurindo assentiu, desolado por ter de dar razão ao antigo amigo.

Malongo só deixou os outros pensarem que ele tinha uma ligação com Denise, não confirmou. Estava chateado com Sara, mas Denise ia embora e Sara ficava. No dia seguinte à cena da recusa do almoço, Sara telefonou-lhe, vem cá a casa hoje à noite, já a situação mudou, daqui a uns dias poderei explicar-te tudo. Ele deu uma desculpa, já tinha um compromisso, e foi dormir com Denise, o que fazia cada vez mais habitualmente. E quando Sara apareceu na Casa, procurando-o, foi frio e não aceitou discutir. Dois dias depois ela voltou à carga e ele manteve a frieza, é para saberes que não sou um boneco. No entanto, ontem, quando Sara pela terceira vez o procurou e perguntou se o rompimento era definitivo, que então ficasse tudo claro, ele hesitou, gaguejou, estou só chateado e quero uma explicação completa, mas não te posso dar ainda, tem confiança em mim e espera um pouco. Quando me puderes dar a explicação, então procura-me, não antes. E foi ter com Denise, a queimar os últimos cartuchos.

A situação convinha-lhe perfeitamente, pensou ele a caminho do Rialva, onde ia se encontrar com Vítor. Tinha todo o tempo livre para os últimos dias de Denise. E mesmo um pretexto preparado, caso Sara ouvisse alguma coisa sobre essa ligação. Claro, estava chateado contigo, apareceu a francesa, preciso de me distrair. Nunca teria acontecido se não me andasses

a esconder coisas. Tinha pois de manter a posição de orgulho ferido, pelo menos até Denise ir embora. Mas não a levou mais à Casa, uma vez bastava. Subira na consideração dos companheiros, que agora o tratavam com mais deferência. Mas não era bom exagerar com essas conversas de política que Denise adorava. Primeiro, dava sono. Depois, ela ficava toda excitada e não parava mais de falar, mesmo quando já estavam despidos. Francamente, quando uma pessoa entra numa mulher tem de estar concentrado nisso, não pode distrair-se com discursos. Só música é que dá para acompanhar o ato, a música até ajuda, faz melhorar o ritmo. E a polícia andava atenta, ainda o podiam chatear por causa das bocas da francesa.

A situação não estava para brincadeiras. Mesmo Vítor se mostrava cada vez mais prudente e conspirativo, sobretudo se não estavam em casa. Aí sim, falava pelos cotovelos. De política, claro. Ontem disse cuidado com os papos, os pides andam em cima da gente como nunca, sobretudo desde que o Aníbal desapareceu. Há dias a notícia tinha estourado na Casa como uma bomba. O oficial desapareceu quando devia embarcar para Angola. Até se tinha despedido de uns tantos, vou cumprir o meu dever. As pessoas comentaram, olha este gajo, agora vai matar negros e isso é cumprir o seu dever. Afinal, dias depois, a verdade veio à tona. Aníbal não tinha ido para Angola, se esfumara. Houve risos abafados, olhares brilhantes, gestos de vitória. Aníbal era fixe, só que não andava a gritar aos quatro ventos o que lhe passava na cabeça, nem qual era o seu dever. As conversas ciciadas se tornaram mais animadas, os amigos apresentavam rostos mais alegres, apesar dos tempos. Mas durou pouco. Logo apareceram caras estranhas no Rialva, tipos mesmo que iam à Casa sem serem sócios, os lares de estudantes mais vigiados, as residências também. Malongo não notara, mas Vítor mostrou-lhe um homem que agora estava sempre à frente do prédio da Praia da Vitória. Vigiam tudo quanto era canto à procura do Aníbal. Ou de outras coisas.

Pela primeira vez se lembrou da sua própria situação militar. Tinha feito tropa aos vinte e um anos, mas só a recruta. O Benfica arranjou maneira de ele ser dispensado ao fim de seis meses. Será que agora o iam chamar para o exército por causa da guerra em Angola? Já tinha saído há dois anos do serviço ativo, mas não estava livre de ser recrutado de novo, sobretudo se faltassem efetivos. Assim como os estudantes que arranjavam adiamentos

até terminarem os cursos, desde que não reprovassem. Falava-se que isso ia terminar, iam ser mobilizados dos vinte para os vinte e um anos, quer passassem quer não. Porra, ainda me vão apanhar e desta vez nem o Benfica me safa. E que faço? Vou fazer guerra, eu, que só gosto de futebol? A solução encontrada por Aníbal podia ser muito bonita para meninas românticas, mas era de político. Claro, Sara devia estar contente, adorava aquele intelectual franzino e tudo o que ele pensava estava certo. Mas ele não se encantava tanto assim com alguém que só lia e gostava de filosofar. Devia falar com o Vítor, a situação não lhe estava a agradar nada.

O amigo estava sentado a uma mesa com Laurindo. Combinavam uma ida ao cinema para depois do jantar. Malongo rejeitou o convite, tenho muito que fazer. Os outros riram, por ele ser um desocupado. Vítor disparou, vais ter com a Denise. Malongo concordou e Laurindo deixou de sorrir. Que tem este, também queria comer a francesa? Vejam lá o miúdo, já tem os dentes afiados. Mas Malongo fingiu não ter reparado, derivou a conversa para o que lhe interessava.

– É verdade que vão mobilizar os estudantes para a tropa, acabar com os adiantamentos?

– Fala-se nisso – disse Vítor. – Aquilo lá na terra é guerra a sério, todo o Norte está tomado pelos terroristas.

Vítor falou, olhando para a mesa ao lado, onde um tipo de chapéu cinzento se tinha tornado hirto atrás do jornal, quando Malongo fez a pergunta. Vítor utilizou a palavra terroristas de propósito, era a linguagem oficial. Assim não corria riscos. E os amigos entendiam que deviam ter cuidado com as falas. Vítor estava a ficar um verdadeiro clandestino, pensou Malongo. Mais um que vira político, constatou com desgosto.

Foram jantar. O ambiente estava pesado, as pessoas falavam prudentemente e olhando para todos os lados. Os ouvidos da PIDE estavam por perto. Malongo tinha um inofensivo assunto de conversa, o futebol. Mas, mesmo picado por Laurindo e Vítor, não se entusiasmava. Queria falar da sua situação militar, mas também não se atrevia. Vítor estava na idade e tinha reprovado no ano anterior. Podia ser mobilizado dum momento para o outro. Seria pois um interlocutor interessado, mas não ali, onde já não se podia conversar tranquilamente. Para Laurindo isso não era assunto urgente, ainda não tinha idade. Só daqui a dois anos seria mobilizado, estava numa boa, em dois anos passam tantas coisas. Malongo respondia por frases

curtas às perguntas dos amigos, pensando em como poderia discutir com Vítor. Ele ia ao cinema e Malongo regressaria a casa só de manhã. Muito tarde. Como em tudo, Malongo era impaciente.

Foi ter com Denise, ruminando as mesmas preocupações. Estás diferente, disse ela quando se encontraram a sós, correu-te mal o dia? Devia começar a despi-la. Mas sentou na cama e ficou a olhar para ela. Ela tirou o vestido leve e o soutien. Já não tinha pudor nenhum, até provocava, também queria aproveitar as últimas noites. Como Malongo não reagia, sentou no colo dele e beijou-o.

– Estou chateado. Podem chamar-me para a tropa e não quero fazer guerra nenhuma. Parece que vão mobilizar toda a gente que se safou até agora.

– Também se passou com os argelinos e os franceses. Tens de fugir.

– Fugir, eu?

– Claro. Vai para França. Lá ninguém te pode ir buscar. E eu ajudo-te. Arranjas um emprego e pronto.

– E deixo o futebol?

– Não sei se lá é fácil jogar, isso não sei. Mas também há boas equipas. O importante é fugir para fazer a revolução. O futebol é secundário.

– Para mim é o principal.

Denise ficou pensativa. Ele não se decidia a acariciá-la. Não sentia o corpo de Malongo vibrar com o calor do dela. Parou de se mexer sensualmente em cima dele, procurando uma reação. Disse:

– Está para muito breve essa mobilização?

– Não sei. Mas também não é dum dia para o outro.

– Logo que chegar a França, vou tentar saber se é fácil um africano ter lugar numa equipa. E escrevo-te a contar tudo. Claro que com cuidado, já sei que aqui as cartas se leem antes de serem distribuídas.

– Não falo francês. Aprendi a gramática, mas não falo.

– Ao fim de pouco tempo já falas. Estudaste cinco anos de francês, não?

– Mas era péssimo aluno.

Denise utilizou toda a sua arte para o fazer esquecer as preocupações. As carícias e os beijos fizeram o membro dele enrijecer. A natureza veio à tona e Malongo esqueceu tropas e guerras. Despiu-se de repente e entrou noutra tipo de combate, para o qual estava mais qualificado.

Sara soube por Marta que Aníbal queria vê-la. Já tinha passado uma semana sobre a deserção. Era normal que fosse visitar a amiga, não podia levantar suspeitas. Tinha notado algumas movimentações estranhas à frente de casa, mas só dois dias depois de Aníbal ter saído. Tipos encostados às portas do outro lado da rua, um ou outro que entrava com ela no autocarro. Fez a sua vida habitual, exceto encontrar-se com Malongo, que a rejeitava. Não se preocupou muito com a vigilância da polícia, pois tinha a certeza que começara só depois de Aníbal ter mudado de residência. Devia ser o que faziam a toda a gente com ligações possíveis com Aníbal. Laurindo também lhe tinha dito que a malta da Casa estava a ser vigiada quase ostensivamente. Mas desde a véspera não sentia essa perseguição.

Habituou-se a fixar as caras de todos os que entravam com ela na mesma paragem de autocarro e dos que saíam. Caminhava um pouco e olhava para trás, a ajeitar um sapato ou fingir observar uma montra. Notava também os que estavam parados à frente de casa. E desde ontem não via nada de suspeito. Desistiram, também não podiam controlar continuamente toda a gente.

No entanto, quando foi com Marta diretamente do hospital para casa, observava tudo o que se passava à volta. No meio duma conversa banal, segredou tens tido cuidado para ver se não és seguida? Marta riu. Apertou-lhe o braço. Tentando falar o mais baixo que podia, a alentejana disse:

– Estou uma perfeita clandestina. Anoto tudo. E sabes que tenho uma memória de elefante. Posso garantir-te, não suspeitam de nada. O Aníbal também ajuda, nunca saiu de casa e se está sozinho não abre para ninguém. Parece um gato, não faz barulho nem a andar. Se as janelas estão abertas, fica sempre longe delas. Acho que não viu a rua desde que chegou. Impossível que desconfiem.

De todas as maneiras, Sara ia atenta. Compraram os produtos necessários para o almoço e subiram para o apartamento de Marta. Nada de suspeito havia na rua. Sara tinha a certeza.

Aníbal parecia mais magro. Expressou a opinião em voz alta e logo Marta interveio, semiagastada, se pensas que o estou a tratar mal estás enganada. Aníbal falou, sorrindo:

– Nunca comi tão bem na minha vida. É impressão tua.

– A comidinha é boa, isso sei – disse Marta. – Só que esse gajo come pouco, deve encontrar energias noutra sítio.

Marta foi para a cozinha. Os dois amigos sentaram-se perto um do outro. Sara contou-lhe o pouco que sabia sobre o cerco que se apertava em relação aos angolanos. E das reações suscitadas na Casa pela notícia da sua deserção. Aníbal sorriu, outros vão seguir. Ele disse que estava bem de literatura, Marta afinal tinha uma biblioteca muito rica. E que as discussões entre eles não eram tão duras como imaginara antes. É porreira, resumiu. Sara falou da espionagem que sofrera, mas que parecia já ter terminado. É normal, disse ele, ao fim de uns dias não descobriram nada e desistiram. Mas não abandones as precauções, o teu segundo sentido tem de estar sempre alerta. A todo o momento podem voltar. Conversaram sobre a situação política, das notícias que vinham nos jornais e que eles tinham de saber interpretar. E depois, fora de propósito, Sara disse:

– Estou grávida. Vou ter uma menina.

– Como sabes que é uma menina?

– Intuição.

– Como reagiu o Malongo?

– Não sabe ainda. És o primeiro a saber. E não digas à Marta.

– Devias contar ao Malongo.

– Sim. Um destes dias.

Sara não confidenciou que estavam praticamente separados. Para quê, provocar mais problemas a Aníbal? Ia ter de dizer que a maka fora por

causa dele. Aníbal ia exclamar esse Malongo não presta, talvez até sugerir-lhe um aborto. E o assunto era só dela, não queria sequer discutir. No entanto achou curioso ter sentido necessidade de se abrir a Aníbal. Mesmo se não estivesse em más relações com Malongo, certamente contaria primeiro ao amigo.

– Olha, Sara, pedi que viesses para mais um favor. Claro que te queria ver e falar contigo. Mas também para esse favor. Como sempre te disse, podes recusar, cá me arranjaréi. Mas não convém que eu saia de casa.

– Podes estar tranquilo, faço o que for preciso.

– Tem algum risco, embora pequeno, se tomares precauções. Lembras-te que jantei com um camarada que me ia preparar a fuga, quando fui para tua casa. Mudei para cá e ele não tem as coordenadas. Preciso de entrar em contacto. Tenho maneira de o encontrar mas não me convém sair. Podes contactar esse tipo?

– Sim, claro.

– Tínhamos combinado um encontro num jardim para amanhã às quatro da tarde. Se eu não fosse, irias tu. Ele tem a tua descrição. Mas põe os óculos, eu disse que usavas óculos e agora me lembro que muitas vezes não os usas, para veres o mundo mais belo do que é.

Riram os dois e Sara maravilhou-se como Aníbal conseguia estar calmo e até lembrar-se de detalhes sem significado. Experiência de situações difíceis ou apenas força moral? Aquela força que é dada pela fé inquebrantável numa causa considerada justa. Podia ser apenas um desejo de mostrar confiança para que os outros a tivessem também. Em todo o caso, exigia muita coragem.

– Leva o número de telefone da Marta escrito num papelito. Chegas ao pé dele e dizes que vens da parte do Joaquim. Escolhi o nome mais português que existe! Perguntas se tem notícias para o Joaquim. Quando partires, aperta-lhe a mão e passa-lhe discretamente o papel com o número. Diz-lhe antes que deve telefonar à noite, quando a Marta está, porque não atendo o telefone. E que peça para falar com o Joaquim. Entretanto, digo à Marta que o Joaquim sou eu.

– Como o vou reconhecer?

– Estará sentado num banco ao lado da estátua de Diana, a ler um jornal. É de meia-idade, com cabelo preto e uma camisa aos quadrados. Combinámos isso para o caso de eu não poder ir. Se o banco ao lado da

estátua tiver outra gente, ele estará no mais próximo. Também não há muitos e será fácil identificá-lo. Depois telefonas para aqui. Duma cabine pública, não de tua casa. Não vens cá, telefonas.

– Falo com a Marta ou contigo?

– Dizes à Marta para chamar o amigo dela, sem nomes. E não dizes o teu, a Marta reconhece a tua voz. Falas comigo, só para dizer que tudo correu bem e quais as notícias. Breves e de forma indireta. Pode ser, a viagem é para tal data ou coisa assim. Está bem?

– Tudo claro. Só não disseste o nome do jardim. Ele deu-lhe o nome dum pequeno jardim não muito longe da casa dela. Tinha lá passado algumas vezes, mas nunca reparara na estátua da Diana. Disse isso a Aníbal e se achava melhor ir lá reconhecer o sítio.

– Não. Vai só amanhã e à hora exata. Não há problema, é a única estátua. Ir hoje e voltar lá amanhã, coisa que está fora dos teus hábitos, podia chamar a atenção. E assegura-te que não estás a ser seguida. Conheces os truques?

– Já li muitos livros policiais, está descansado.

– Sim, às vezes são úteis. Nunca tive tempo para ler muitos, tinha outras preocupações.

– Preconceitos de intelectual, que só lê grande literatura.

– Não, também há grande literatura policial. Nunca tive tempo, estava mais virado para outras coisas. Mas aqui na casa da Marta já li um.

A amiga disse que a comida estava quase pronta e Sara foi pôr a mesa. Foram conversando os três e Sara notou que os outros dois se entendiam muito bem, mesmo quando o assunto era político. As opiniões eram diferentes, Aníbal defendendo as teses marxistas e Marta contestando-as. Mas cada um ouvia os argumentos do outro, não se excitava a rebatê-los. Conversa civilizada. Sara notou um carinho especial, embora muito discreto, na maneira como se falavam. É, duas pessoas inteligentes sempre se entendem, mesmo que as ideias sejam divergentes, pensou ela. E de qualquer modo tinham um vasto terreno comum, o ódio à ditadura de Salazar e a esperança na independência das colónias. Opunham-se nos métodos e na maneira de prever a sociedade futura. Uma sociedade onde o Estado ia abolir as classes, segundo Aníbal, uma sociedade sem Estado pois este tendia a ser o manto sob o qual novas classes se criariam, segundo Marta.

Sara foi para casa, não sabendo se voltaria a ver Aníbal. Escondeu a tristeza que a ideia lhe provocava e despediu-se naturalmente. Ele também. Mas o beijo que lhe deu na face era mais prolongado que o habitual. Uma despedida? Talvez para toda a vida.

Trabalhou alguma coisa, embora o encontro do dia seguinte não lhe saísse da cabeça. Nos últimos tempos, para esquecer a atitude de Malongo e tudo o que sucedia, esforçava-se por trabalhar mesmo à noite. E a tese tinha finalmente avançado um pouco. Aprendia a conviver com as preocupações, fonte de certo orgulho e segurança. Dormiu mal, o que se ia tornando um hábito. E na manhã seguinte, no hospital, estava sempre a olhar o relógio de pulso. Ainda faltava muito tempo, mas não podia chegar atrasada. Sabia, nessas coisas um minuto conta e os camaradas eram rigorosos. Do hospital foi logo para casa, nem tentou entrar em contacto com Malongo. Aliás, esforçava-se por pensar nele o mínimo possível e considerar a separação como estúpida mas irreversível. Tinha de se habituar à ideia de ter uma filha sem pai. Não era bom para a criança, mas tudo na vida se arranja. O importante é que ela nascesse. Sara sentia-se com capacidade de ser mãe e pai ao mesmo tempo. E contra a família, ainda por cima.

Saiu de casa às três da tarde, olhando discretamente para todos os lados.

Apanhou um táxi que passava e pediu para a deixar no Parque Eduardo VII. O movimento para tomar o táxi tinha sido muito brusco e despistaria qualquer perseguidor. No entanto, olhava constantemente para trás. Saiu do carro e entrou no metrô. Apanhou o primeiro, atenta a tudo o que acontecia à volta. Saiu três paragens à frente e foi apanhar um na direção oposta. Tinha a certeza que não era seguida. Saiu cinco estações à frente e entrou noutro táxi. Continuou a observar os carros que o seguiam, já mais tranquila. O táxi depositou-a perto do jardim, mas ainda eram quatro menos um quarto. Meteu-se num café e encomendou uma bica. Sentia dores na barriga, como antes dum exame importante. Quando era mais nova, chegava a vomitar antes das provas, apesar de ter sido a melhor aluna em todas as turmas que frequentara. Saiu às quatro menos cinco e dirigiu-se para o jardim, controlando constantemente o tempo e a retaguarda. Chegou à estátua de Diana precisamente às quatro horas e havia um homem sentado a ler o jornal. Com uma camisa aos quadrados.

– Venho da parte do Joaquim – disse ela, quase num sussurro.

Ele baixou o jornal e mostrou-lhe uns olhos vivos interrogando

atentamente a mulher à sua frente e todo o espaço em volta. Sara vivia o primeiro encontro em carne e osso com um mito, o militante clandestino. Talvez fosse isso que lhe provocava dores de estômago e não o medo. Ele fez um gesto elegante e ela sentou ao lado.

– Há notícias para ele?

– Tem de aguardar pelo menos uma semana. Mas está tudo a correr bem.

– Ele teve de mudar de casa. Tenho o telefone aqui num papel, que lhe darei na despedida. Telefone à noite, vai atender uma mulher, peça para falar com o Joaquim.

– Está bem. Fique cinco minutos e parta depois. O homem levantou-se, apertou-lhe a mão, recebendo o papel com o número de telefone. Caminhou num passo descontraído, aspirando o ar e observando com deleite as flores dos canteiros. Sara estudou então o jardim. Só havia um par de namorados num banco mais ao fundo, totalmente indiferente ao mundo. Deixou correr os cinco minutos, parecendo repousar, mas concentrada na observação dos namorados e no que pudesse passar à volta. Saiu do jardim, voltou pelo lado da rua, viu o par na mesma posição, respirou fundo. Podia ir telefonar na primeira cabine pública, missão cumprida. Sentia-se agora leve e quase alegre. Já tinha distribuído panfletos, feito parte do comité de estudantes para manifestações contra o governo no Dia do Estudante, assinado papéis exigindo eleições livres, feito uma palestra contra o colonialismo na Casa, e outras ações de menos relevo. Teria certamente contactado militantes clandestinos, mas sem o saber. Esta era a primeira vez que falara a alguém sabendo que o era. Mandava a prudência que esquecesse imediatamente a cara e os modos do comunista. Mas não era possível. Aqueles olhos vivos, a fala quente, o ar afável quase carinhoso, tinham ficado para sempre gravados na sua memória. Assim eram os heróis anónimos que arriscavam a vida todos os dias para combater a ditadura. Com o fim de criarem uma outra ainda pior, diria Malongo, o descrente. Também Marta.

Muitas vezes conversara com Aníbal sobre questões de ideologia. E com Furtado, nos tempos em que este era adepto entusiasmado da revolução mundial. Tinha lido um ou outro livro, pouca coisa, pois a literatura marxista só entrava clandestinamente em Portugal e era muito difícil de obter. Uma vez Aníbal falou-lhe do relatório Khrutchev sobre os crimes do estalinismo. Ele não tivera acesso ao texto, apenas a resumos de fontes secundárias. Mas estava perturbado, não se construía uma sociedade justa

com crimes e perseguições. Furtado, pelo contrário, chamava Khrutchev de barriga de ginguba que traía o comunismo. Ela não tinha posição definida, sentia-se demasiado desinformada. Acreditava numa sociedade justa, de homens iguais. Admirava a coragem dos comunistas, que eram presos e viam as suas células destruídas, para logo se levantarem e continuarem a luta. Ao mesmo tempo, sentia em Aníbal uma reserva crescente em relação a esses seres míticos. Bem antes dos acontecimentos de Angola. Instintivamente assimilava as reservas de Aníbal como suas. E ele, a sua bússola, ia desaparecer irremediavelmente. Tinham de ter uma conversa franca antes disso, o amigo não a podia deixar à deriva.

Foi telefonar. Deu o recado. E pediu a Aníbal, antes preciso de falar contigo, para mim é vital. Ele concordou, fica descansada.

Não podia trabalhar. Tinha de ver gente, andar. Por isso dirigiu-se para o Rialva. Era cedo demais para Malongo aí estar, o que lhe convinha. Não queria sentir-se humilhada hoje. Haveria de encontrar alguém simpático, agradável, com quem trocar impressões, mesmo que apenas sobre o estado do tempo. E numa mesa encontrou o poeta Horácio dando uma lição de literatura a Laurindo. Sentou-se com eles, embora o pretense poeta a aborrecesse. Ele nem interrompeu o discurso para a cumprimentar, fez-lhe um gesto com a mão e prosseguiu, demonstrando que os últimos poemas publicados pela Casa dos Estudantes provavam de maneira irrefutável a influência do modernismo brasileiro nos escritores angolanos.

– Vê o livro do Viriato da Cruz. Ele marca a ruptura definitiva com a literatura portuguesa. Utilização da voz do povo, na língua que o povo de Luanda usa. Já não tem nada a ver com tudo o anterior, em particular com os portugueses. A literatura à frente, a expressar o sentimento popular de diferença. Os brasileiros fizeram isso há trinta anos.

Laurindo olhava para todos os lados, inquieto. Não escondia o desejo de arranjar pretexto para fugir. Sara percebeu e deu-lho.

– Desculpa, Horácio, mas o Laurindo tem de sair comigo. O papo está muito interessante, mas vim buscá-lo.

Ela levantou-se, Laurindo arrumou apressadamente o livro inutilmente aberto à sua frente, despediu-se de Horácio e seguiu-a. Já na rua, ele disse:

– Obrigado, Sara, foste providencial. Há mais de duas horas que não me deixava estudar. E ainda por cima a falar do Viriato. Não sabe que hoje é um nome proibido, mesmo que só como poeta?

– Quando ele fala de literatura, esquece tudo. Tem razão que o Viriato significa a ruptura definitiva. Na poesia e agora no resto. Até pode haver influência dos brasileiros, não sei. Mas dizer isso em voz alta no Rialva é pior que declamar um panfleto.

– É inconsciente?

– Não tanto assim – disse Sara. – A impressão que me dá é que ele quer ser perseguido, preso mesmo. O poeta preso porque é revolucionário. E fazendo poesia na cadeia. O herói romântico. Necessidade de afirmação, necessidade de sofrer para se sentir homem. E para ser admirado pelos outros. Posso estar a ser muito má, muito injusta... Coitado do Horácio, a PIDE não o leva a sério e não lhe dá a glória duma prisão.

Riram. Sara sentia-se bem com Laurindo, uma cumplicidade se tinha estabelecido na manifestação. Era muito novo e imaturo, mas queria aprender e integrara-se muito rapidamente no meio dos estudantes. Não lhe parecia o jovem fascinado pela nova liberdade de um meio longe da família, gastando a bolsa nos primeiros dias do mês com futilidades, para depois ir vivendo de empréstimos. E era franco, o que se tornara uma virtude enorme nestes tempos de desconfiança.

– Onde vamos? – perguntou ele.

– Onde quiseses. Pago-te um lanche numa pastelaria fina da Avenida da República? Ou vamos a um cinema?

– A pastelaria fina é boa ideia, nunca estive numa. Mas dividimos a despesa.

– Nem sonhar. Fui eu que convidei.

Laurindo não ripostou. Havia os que aceitavam o convite duma mulher, mas protestavam pela forma, esperando no entanto que ela pagasse. E havia os que se faziam convidar, sem escrúpulos. Ele não se colocava em nenhum dos lados. Nem lhe pediria o dinheiro por baixo da mesa, para parecer pagar a conta.

Tomaram chá com torradas. A pastelaria era fina mesmo. Frequentada por senhoras velhas ou de meia-idade, ostentando joias e vestidos caros. Um ou outro homem numa mesa, de fato e gravata comprados nas melhores lojas, com aparência de profissionais liberais bem instalados na vida. Contrastavam com o seu ar de estudantes. Mais Laurindo, que ainda por cima era mulato. Mas não se sentiam mal ali, numa mesa isolada das outras. Puderam conversar sobre tudo, sem a incómoda presença dum homem de

chapéu lendo sempre a mesma página dum jornal. A conversa acabou por desembocar na situação de Angola e na fuga de Aníbal.

– Agora a malta está preocupada com a possibilidade de uma mobilização geral para o exército. Fala-se muito nisso. E ninguém é muito claro, nem mesmo ao seu melhor amigo, mas todos estão a pensar no exemplo do Aníbal.

– Nem há outra solução – disse Sara.

– Pessoalmente ainda não tenho esse problema. Mas já me decidi, para a guerra não vou. Pelo menos por este lado. Achas que o Aníbal já está em França?

– Já deve estar. Devia ter tudo preparado antes.

– Ainda bem. Só o conheci de vista. Mas tem alto prestígio junto da malta. Espero que vá juntar-se ao Mário e Viriato, não à UPA.

– Podes ter a certeza. Conheço-o o suficiente para jurar a pés juntos.

– O Vítor disse-me que vocês eram muito amigos.

– Sim. Mas ultimamente víamo-nos muito pouco, porque ele foi para a tropa e estava fora de Lisboa.

Tinha de mentir. De esconder. Era chato fazê-lo a Laurindo, um tipo puro, mas havia outra solução? Curioso, não me pus problemas de consciência destes ao esconder as coisas a Malongo, e no entanto é ou era o meu homem. Que raio de relação estranha criei com Malongo? E já nem me ofendo se por todos os lados ouço advertências apenas veladas à pouca seriedade dele.

– Este ambiente está cada vez mais pesado – disse Laurindo. – Abafa-se literalmente. Com medo da própria sombra. Vendo pides por todo o lado. As notícias de Angola é só de prisões, mesmo de intelectuais. Até de brancos. A qualquer momento podemos ser apanhados na rede, mesmo se nos limitamos a conversar sobre as coisas.

– Sim. Tens sentido muito racismo aqui?

– As pessoas olham de lado, mais do que antes. Pergunto-me se não é só imaginação, às vezes não estou tão seguro. Mas nunca ninguém me insultou, lá isso não. Talvez maior brusquidão numa bicha, talvez uma fala mais impaciente se não me decido logo a comprar algo numa loja, talvez...

– Não tenhas dúvidas, o racismo cresceu muito. Há uma vaga de patriotismo provocado pelos acontecimentos. Bem podem dizer, somos todos portugueses e existe uma sociedade plurirracial. Mas as pessoas de

cor diferente são vistas como estrangeiros indesejáveis. Pior, perigosos. O nacionalismo provoca isso.

– Mesmo o angolano, Sara?

– E não está a provocar?

– Queres dizer que qualquer nacionalismo provoca racismos ou xenofobias, mesmo o nosso, pelo qual lutamos?

– No nosso caso, ou no de África em geral, o nacionalismo é uma fase necessária e vale a pena lutar por ele. Não ponho isso em dúvida. Mas provoca também exclusões injustas. E, se exagerado, leva as sociedades a fecharem-se sobre si próprias e a não aproveitarem do progresso dos outros povos.

– Um casamento entre nacionalismo e internacionalismo, é isso?

– Definiste muito bem. Um casamento harmonioso entre dois contrários antagónicos.

– Mas isso é linguagem marxista.

– Pois é. Resta a saber se essa utopia se pode realizar. Alguns dizem que já a realizaram, com o comunismo.

Laurindo abanou a cabeça, mais espantado que escandalizado. E com algum medo escondido, notou ela. A propaganda oficial resultava. Mesmo para as pessoas mais sinceras o comunismo era um espantalho assustador. Não só para os burgueses, como pensava Marx.

– Achas que a malta lá fora segue essa utopia? – perguntou ele.

– Não faço a mínima ideia.

– Li uns papéis, mas não tratam disso. Tu leste?

– Não, ninguém me mostrou – disse ela, amargamente.

– Tive de os ler muito depressa. Se voltar a tê-los na mão, mesmo que só por umas horas, passo-te. Posso ir a tua casa ou telefonar?

– A qualquer hora que seja. E agradeço-te a atenção. Não é agradável sentir-me excluída.

Partiram da pastelaria e despediram-se ali perto. Sara foi para casa, viver mais uma noite de solidão. Trabalharia? Ia tentar, nada mais tinha a fazer. E pensar na sua situação. A conversa com Laurindo tinha-lhe recordado algo que esquecia sempre, talvez como forma de defesa psicológica. Qual era realmente a sua posição? A malta começava a pensar no estrangeiro como o paraíso da liberdade. Não era preciso falar para se entender o que passava nas cabeças. A França era o Éden, o generoso lugar de asilo para todos os

perseguidos, o reino da tolerância e do mel. Paris, apenas conhecida pelos filmes, era a Babel para onde convergiam os contestatários de todos os quadrantes, os humilhados de todas as gerações. Os angolanos olhavam para Paris, mesmo sem o ousar dizer. E ela? Ia terminar o curso e meter-se nas goelas do colonialismo e do ódio racial? Ou ficar aqui, nesta sociedade ambígua, a boca cerrada também pelos mesmos fascistas, temendo a cada passo alguma denúncia anónima? Tinha ainda de incluir Malongo nesta equação a múltiplas incógnitas, tantas que se perdia nas contas. Decididamente, só Aníbal lhe podia apontar alguma luz. Sara entrou em casa, perdida a euforia do encontro no jardim, com a sensação de estar numa piroga sem remos e de olhos vendados, num qualquer rio Cunene correndo para uma cascata.

Os mais-velhos tinham-lhe encomendado um serviço. E Vítor ficara muito orgulhoso, porque pela primeira vez o faziam participar nalguma coisa. Era muito simples e aparentemente sem importância. No entanto, já entendia suficientemente o ambiente da Casa para saber que por detrás duma coisa banal se escondia algo mais importante. Os mais-velhos eram estudantes em fim de curso, ou mesmo com o curso já terminado, que se reuniam em casa dum ou outro, para conversarem sobre os assuntos da terra. Muitas vezes com umas violadas à mistura. Não lhe parecia um grupo organizado, mas bem podiam ter ligações com o exterior. De facto, algum deles por vezes lhe passava um papel clandestino ou lhe dava uma explicação mais séria sobre os acontecimentos. E transmitia notícias frescas da terra. Manobravam nos bastidores da Casa dos Estudantes, alguns faziam parte da direção, e influenciavam decisivamente as eleições nas assembleias gerais. Mas tudo aparentemente sem organização prévia.

Lá ia Vítor, no comboio de Cascais, cumprir a missão de convidar o Elias para um baile na Casa. Conhecera-o no Huambo, numas férias, pois o outro era do Bié. Tipo uns seis anos mais velho. Estudaram também o liceu no Lubango, mas em períodos diferentes. Quando Vítor foi para o Lubango, já Elias tinha de lá saído. Depois encontraram-se por acaso em Lisboa. Reconheceram-se e combinaram novos encontros, o que faziam de vez em quando. Nada de grandes amizades, até porque moravam longe e os

encontros eram raros. Elias habitava num lar numa igreja protestante fora de Lisboa, com outros estudantes, três ou quatro, do Bié e Huambo. Estes nunca frequentavam a Casa, nem os mesmos cafés que os outros estudantes. Talvez por morarem fora de Lisboa, talvez por serem protestantes.

Vítor saiu numa estação e procurou o endereço. Era uma vivenda retirada, numa rua tranquila, sem nenhum sinal exterior de congregação religiosa. Embora não proibidos, os protestantes sofriam muitas restrições em Portugal, onde a religião oficial era a católica. Elias estava no lar e convidou-o ao seu quarto, que compartilhava com outro, no momento ausente. Vítor expôs-lhe o motivo da visita. O convite era extensivo aos outros angolanos, claro. Elias sorriu, limpando os óculos de vidros espessos. Tinha uma fala calma, sempre macia.

– Já deviam saber que não vou a bailes. Nem os meus companheiros.

– Devem saber, mas certamente que isso é um pretexto para se encontrarem. Digo-te sem certeza, porque só me pediram para transmitir o convite.

O quarto era modesto, normal para um estudante. Duas camas de ferro, duas secretárias, um guarda-fatos, um pequeno sofá e uma estante para livros. Pintado de branco e extremamente limpo. Sentado no sofá, Vítor tentava decifrar os títulos na estante. Havia alguns livros de estudo, uma boa parte em inglês. Um ou outro sobre Angola, provavelmente de missionários que tinham estado na terra. Elias notou o interesse dele e disse:

– Há vários livros antropológicos sobre África e alguns sobre Angola. Não são meus, são do lar. Por isso não te posso emprestar.

– Em inglês ainda por cima...

– É uma língua necessária. Também há alguns em francês. De Frantz Fanon. Já ouviste falar?

Para Vítor era novidade completa. Sentiu vergonha de negar, provava a sua ignorância. Elias sorriu, percebendo a atitude do outro.

– É normal, aqui é pouco conhecido, proibidíssimo. Denuncia da forma mais violenta o facto colonial. Mas está descansado, ainda vai dar muito que falar. É absolutamente indispensável ler Fanon, para entender o presente e o futuro dos nossos países. Ele é antilhano, médico, mas está com os argelinos na sua luta pela independência. Diz por exemplo que só a violência do colonizado pode fazer ultrapassar o complexo de inferioridade que o colonizador lhe inculcou. O colonizado só pode adquirir uma personalidade

de homem livre se exercer a violência. Qualquer violência se justifica assim. Como o filho que mata o pai, pelo menos em sonhos, para se tornar adulto.

– Por essa teoria, a violência da UPA justifica-se.

– Exatamente. É a violência dos oprimidos para fazer superar os traumas causados pela violência dos opressores.

– Não estou de acordo. A UPA mata também a gente da minha terra e da tua, os contratados que vão trabalhar para as roças de café no Norte...

– É uma fase necessária. Para que ganhem a consciência de que são colonizados. Não têm nada que ir para o Norte engordar os roceiros. Estão a colaborar com o colonialismo, mesmo se inconscientemente. Na primeira fase, o terror é necessário para criar consciência. Depois isso terminará. E haverá a integração de todos num país independente.

– Não sabia que defendias as teorias da UPA.

Elias voltou a limpar os óculos. Mirou-o atentamente com os seus olhos míopes. Não sorriu. Tinha cara de sacerdote, se não fosse protestante estaria certamente num seminário católico, pensou o outro.

– Ouve, Vítor, é a única teoria que soube mobilizar populações inteiras para lutar com paus ou catanas contra o poderio colonial. Conheces outra melhor?

– Conheço. A que diz que todos os angolanos devem lutar juntos contra o colonialismo, sem massacres de civis, sejam eles quem forem. E que congregue até mesmo os mulatos.

– Utopias! Isso não funciona na prática. Eu sei, são ideias que correm na Casa dos Estudantes. Mas a Casa é dominada pelos filhos dos colonos, sejam brancos ou mulatos. No fundo, querem apenas uma melhor integração no Portugal multirracial. Todos falam da independência, mas a ideia não é a mesma. É mudar para ficar tudo na mesma, com o português dominando o negro. E tu alinhas nessas utopias, porque o teu pai não é camponês. O meu é. E a única hipótese de estudar foi aproveitando a bolsa da minha Igreja. O camponês só pode ser mobilizado para a luta por formas bem concretas, que ele entenda, por exemplo o ódio ao branco ou a repartição das terras dos brancos. Vai falar de luta contra o colonialismo como sistema, sem tocar nos roceiros ou nos comerciantes. Ninguém te segue, a não ser os intelectuais da cidade. E esses não contam numa luta destas.

Vítor sentia-se intimidado. Começara a ler umas coisas, a discutir com os

mais-velhos, mas reconhecia a sua ignorância. Como argumentar contra um tipo que passava a vida a ler e a discutir teorias de que ele nem sequer ouvira falar? E ainda por cima sem levantar a voz, pacientemente, como um professor ou um padre que explica algo a uma criança.

– Devias ler o Fanon. Infelizmente não te posso emprestar. Imagina que o fizesse, mesmo sem a direção do lar o saber, e que o livro fosse apanhado e descoberta a sua origem. Ia criar problemas tremendos à Igreja. Mesmo sem isso já somos acusados de fomentar o “terrorismo” e estão a perseguir protestantes no Bié, no Huambo, em Benguela, apenas porque são protestantes. Tenho pena, porque precisavas de o ler. Muitas das tuas utopias iam cair por terra.

– Tu não acreditas mesmo que possamos viver todos juntos em Angola um dia, sem injustiças nem desigualdades?

– Com os brancos e mulatos não. Eles tenderão sempre a dominar-nos.

– No entanto, os missionários que te formaram e ajudaram são brancos.

– Americanos ou brasileiros, não portugueses. E muito menos portugueses nascidos em Angola, que se sentem com direitos sobre a terra por lá terem sido gerados. Esses são os piores, mesmo se tiveram uma mãe ou uma avó negra. Mãe ou avó que era apenas uma serviçal do branco. Esses transportam em si a supremacia da parte branca sobre a negra, vem desde a nascença.

– Tinham que matar o pai para libertar a mãe.

– É isso mesmo.

Vítor tinha dito a frase com uma certa ironia, mas Elias não notou ou nem se preocupou com isso. Em conversas anteriores, tinha apreciado a maneira profunda como o protestante tratava os problemas. Havia nele algo de amistoso, que cativava à primeira vista. Antes dos acontecimentos de Angola. Permanecia o mesmo, sempre afável, mas agora a barreira criara-se entre os dois, daquelas barreiras de que é impossível delimitar os contornos. Sem mais nada para dizer, voltou a insistir:

– Podias ir ao baile. Sempre é bom conversar com malta da terra.

– O baile é um pretexto fútil. Conversar não recuso, estou sempre pronto. Mas não em bailes nem naquela Casa. Quem quiser falar que venha aqui, podes dar-lhes o endereço. Compreende-me bem, Vítor. Individualmente sou incapaz de fazer mal a uma pessoa, todos os seres humanos me merecem o maior respeito. Mas estamos a tratar dum povo inteiro, aí não há

lugar para sentimentalismos.

– Eu tenho amigos mulatos que são tão nacionalistas como eu. Até um ou outro branco, que me têm ajudado a compreender as coisas.

– E que neste momento devem estar a preparar-se para irem defender os pais e as propriedades.

– Nem todos. Haverá alguns, claro.

– Admitamos que haja alguns justos. Não justificam que se altere a estratégia, a única vitoriosa. Esses ficarão como as grandes vítimas, não nossas, mas da colonização. Não fomos nós que chamámos os pais deles para lá. Não é nossa responsabilidade, por que perder tempo a pensar nisso?

– Um povo nunca perdoa massacres, mesmo se feitos em nome da liberdade.

– A História me ensina que os povos têm a memória curta. Uma geração é sacrificada, mas a seguinte integrou-se e pronto. Todos os poderes se constituem com base na violência, nalgum momento. Depois de passada a necessária fase da violência, então pode-se ser democrata. E o povo orgulha-se das suas liberdades. Mas só depois de ter adquirido uma personalidade livre, autónoma.

Vítor sentia necessidade de ir embora. Não esperou mais tempo. Despediu-se de Elias, que o fitava ironicamente da ombreira da porta da rua. O protestante levantou o braço e disse afavelmente:

– Tens de abandonar os sentimentalismos, Vítor.

Caminhou até à estação de comboio sem olhar para trás. Aproveitava o dia livre a andar um pouco pelas praias? Já havia banhistas, apesar de a água do mar ser gelada para um africano. Desviou-se da estação e foi até à praia. O ar estava quente, um verão antecipado. Mas as ondas que chocavam contra as rochas davam-lhe uma sensação glacial. Como as palavras de Elias a contrastarem com o calor dos olhos míopes. Nunca pensara que um umbundo como ele podia apoiar a UPA, a qual massacrava os “bailundos”, como eram chamados todos os contratados do Planalto Central que iam trabalhar no Norte. Elias não seria o único. Os outros companheiros do lar pensavam certamente da mesma maneira. Pelo menos tinham a mesma atitude de distância em relação à Casa, agora entendia por quê. Sentou-se na areia, olhando o mar esmagando-se nos rochedos.

Muito tempo ficou ali, gozando o sol, a contemplar o mar que lhe parecia sempre hostil, pois nascera no interior do Huambo. Ecos antigos da família

faziam associar o mar à morte. Ecos vindos dos tempos das caravanas de escravos que no mar encontravam o porto para o degredo nas plantações ou minas do Brasil. Ou mais recentemente, para os trabalhos forçados em São Tomé. A família não tinha sido tocada, mas reproduzia esses ecos longínquos que se gravaram na sua memória. Ou, quem sabe, também tinha tido os seus membros desgarrados que faziam o trabalho sujo de ir ao interior capturar escravos para os integrar nas caravanas. Muita gente viveu disso, e não foram só os portugueses. O seu pai era do Golungo, no Norte, e tinha podido estudar enfermagem. Privilégio vindo de famílias escravocratas? E a família da mãe, do Huambo, da linha direta dos chefes? Se os havia, eram segredos bem escondidos.

Notou ao fundo da praia uma mulher escura, deitada na areia. Havia pouca gente entre eles, mas a distância não o deixava ver bem. Levantou-se e caminhou para a mulher. Sentou-se a três metros dela. Parecia dormir. Viu que se tratava duma mulata e o corpo deitado parecia escultural. Ela acabou por se virar e olhar para ele. Vítor sentiu o peito explodir, tal a beleza da jovem. Não a conhecia, parecia nunca a ter visto. Ela mirou-o intensamente, à procura talvez de alguma lembrança. Depois desinteressou-se e olhou o mar, agora sentada. Mas Vítor sentia-se impelido por uma força qualquer que o levava a ultrapassar a timidez. Não tinha nada a perder. Desculpa, mas não és de Angola?

Ela olhou-o de novo, com certa curiosidade. Fez o sim com a cabeça. Vítor aproveitou e encurtou a distância na areia.

– Sou do Huambo – disse ele.

– E eu do Lubango.

– Estudei lá o fim do liceu. Bela terra. Vim de lá há três anos, estudo Veterinária. E tu? Não me lembro de ti.

Ela riu e mostrou uns dentes muito brancos e uniformes. Toda ela era linda, a mulher mais bonita que Vítor já vira, disso tinha a certeza. O fato de banho deixava perceber as formas perfeitas, adolescentes. A cor era escura e, no entanto, os cabelos negros eram quase lisos. Efeitos da mestiçagem. Os olhos eram outro mistério, pois por vezes eram castanhos claros, por vezes pareciam verdes, conforme o sol neles se refletia. Vítor esqueceu Elias e a sua conversa inquietante. Que se lixassem todos os racistas do mundo, perante aquela jovem até um neonazi se rendia à evidência da superioridade das misturas.

– Vim o ano passado estudar Enfermagem. E agora lembro-me de ti. Eras mais velho, por isso nem reparaste em mim. Não andavas atrás da Esmeralda?

Vítor fez uma careta involuntária. Recordava-lhe cenas tristes. A sua paixão pela Esmeralda, uma colega branca de Moçâmedes que jogava basquetebol, e que nunca lhe passou cartão. Paixão por muitos gozada, por não ser correspondida. Racismo? Provável. O certo é que ele nunca tivera coragem de se declarar diretamente, mas Esmeralda sabia e os colegas também. O Lubango era como o Huambo, negro que olhasse para uma branca era notado. Podia não acontecer mais que isso, mas pelo menos era motivo de chacota escondida. Tinha havido mesmo um primo de Esmeralda que o procurou para lhe dizer, tu andas a brincar com o fogo, toda a gente sabe que não tiras os olhos da minha prima, vê lá. Ele apercebeu-se então que a sua paixão era pública. E certamente impossível. A partida para Portugal foi uma libertação, pois ao menos ia esquecer a basquetebolista. E agora vinha esta beleza lembrar-lhe as suas frustrações, as suas humilhações.

– Más recordações, coisas de miúdo. Mas vejo que tens boa memória.

– Oh, também não foi há tanto tempo assim. E era um caso muito comentado.

– Imagino.

– Eu era miúda, dos primeiros anos do liceu. E ficava com as colegas na varanda do primeiro andar a olhar para baixo. Vocês, os rapazes, ficavam no meio do pátio, onde havia os bambus, durante o intervalo, a fumar e a conversar. E tu sem tirar os olhos da Esmeralda, que ficava na varanda do rés-do-chão, no canto, ao pé dos laboratórios. Não era?

– Devia ser – disse ele, incomodado.

– Todas nós sabíamos que ela fazia de propósito. Punha-se ali para que a admirasses, rodopiava, chamava a atenção. E as amigas dela riam, porque tu bebias cada um dos seus gestos.

Ele ficou calado. Olhou o mar. De repente descobria que as suas atitudes mais íntimas tinham brilhado ao sol. Os raios de sol sempre descobrem as faces escondidas do diamante, mesmo se enterrado na areia. É só preciso saber ver. E os homens têm a maldade suficiente para ver. Fizera durante dois anos uma figura ridícula, quando julgara ser um platónico discreto.

– Hoje penso que ela então já mostrava a sua verdadeira natureza. Deu no

que deu.

– Nunca mais soube dela – disse Vítor.

– Meteu-se com um homem casado, um professor do liceu, deu uma bronca dos diabos. Depois arranjou outro. E outro. Hoje está num cabaré do Lobito. Mais ou menos prostituta. Como vês, já na época era uma tipa...

Ela procurava a palavra justa, mas não precisava, Vítor entendia. Não lhe servia de lenitivo saber que Esmeralda se degradara a esse ponto. Nunca desejou qualquer vingança, apenas esquecer. E hoje para ele era igual, fosse Esmeralda princesa ou puta, dava tudo no mesmo. A sociedade continuava a ser racista, a achar ridículo o amor dum negro por uma branca. E se um dia se cruzassem, ele um tipo famoso e com poder, ela uma puta de canto de rua, Esmeralda ainda lhe diria, tu bebias da minha mão, fazia de ti o que queria, seu negro. Podia ir para a cama com ele, mas pelo seu dinheiro ou o seu poder. Sim, esta jovem tinha razão. Esmeralda não prestava. E a sociedade também não. Mas como te chamas?

– Fernanda.

– Já foste à água?

– Nem brincar. Vim só apanhar sol. Mas vou provar com o pé. O pé vai ficar a doer, já sei, mas tenho de o fazer.

Fernanda levantou-se e foi até à borda da água. Vítor não se enganara ao vê-la deitada, tinha um corpo perfeito. Ela pisou a areia molhada, veio logo aos saltinhos. Sentou-se na toalha a rir.

– Não te dizia? Nunca hei de entrar aqui no mar. Nem no máximo do verão.

– Eu também nunca entrei. Aliás, não sou muito tipo de praia. Para ser sincero, nunca, mesmo nunca, tomei banho no mar. Em Angola vivi sempre no interior e aqui é a primeira vez que estou numa praia.

– Sabes ao menos nadar?

– Não me afogo. Aprendi no rio. Mas muito mal.

Ela riu. O riso era um poente nas montanhas do Huambo, depois da chuva, quando todos os arcos-íris se confundiam nos rosa-violetas e azuis das nuvens, rasando as pedras negras no alto dos morros verdes. Ou então era água cristalina caindo do alto da Unguéria com os sons estranhos do deserto castanho-lilás do Namibe. Oh, nem tento definir o riso dela, deixo para o Horácio.

– Eu adoro nadar. Aprendi na piscina da Senhora do Monte, nas férias ia à

praia a Moçâmedes ou a Benguela. Mas aqui, já percebi, só numa piscina.

Conversavam e o tempo passava. Ele não tinha nada urgente a fazer, já desistira de se apresentar aos exames. Ia chumbar mais uma vez, mas os estudos ou a carreira apareciam-lhe tão distantes, tão secundários, que já nem remorsos sentia por gastar inutilmente o dinheiro do pai, fazendo sacrifícios para lhe enviar a mensalidade. Queria fazer parar o tempo, como na canção brasileira que marcara os bailes da sua infância. Até o mar tinha perdido o aspecto hostil, ronronava de encontro às rochas, atirando espuma para o ar. Gozava uma paz há muito perdida. Como quando era criança e ia ao rio com os amigos, na Kahala, e esqueciam o mundo e a família para só pensar na alegria de brincar. A vida tinha enterrado essa sensação de liberdade. A presença de Fernanda fê-la renascer.

Mas tudo tem um tempo e foi ela quem o notou, tenho de ir embora. A frase trouxe a glacialidade do mar e os tormentos da vida. Inútil dizer fica mais um momento, inútil querer agarrar o tempo com as mãos. Ela vestia-se já. Vítor lutou pela última esperança:

– Vais para Lisboa? Podemos apanhar o comboio juntos. Ela concordou e foram lentamente para a estação, sempre conversando sobre as banalidades que os podiam unir. Ela morava num lar de madres. Vítor foi adiando a despedida o mais que pôde, até a acompanhar à entrada do lar. Já não havia mais nada para evitar a separação e ele propôs-lhe:

– No sábado há um baile na Casa dos Estudantes. Gostava de te convidar.

– Mas essa Casa tem má fama. Tu és sócio?

– Sou sócio, claro. É lá onde se juntam todos os estudantes africanos. Não sei por que tem má fama.

– São todos uns comunistas, é o que dizem.

– Disparate! As madres é que dizem?

– Não só. As minhas amigas também. E recebi uma carta do meu pai a prevenir-me para nunca lá pôr os pés, fazem política contra o governo. E eu cá nem percebo nem quero perceber de política.

Vítor sentiu vir à tona o seu sentimento nacionalista. Durante toda a tarde que estiveram juntos, ele evitara entrar nesses assuntos, porque percebera por uma frase ou outra que Fernanda ainda estava crua em termos de consciência política. Queria apenas fazer o curso de Enfermagem e vivia num universo que não lhe facilitava a aprendizagem de outras coisas. Com as madres ainda por cima. Mas agora tudo se juntava, o interesse coletivo e

o seu interesse pessoal.

– A Casa é uma associação que torna a vida mais fácil aos estudantes das províncias africanas – evitou o termo colónia para não a chocar. – Temos uma cantina onde se come mais barato que em qualquer outro sítio. E um posto médico. E há muitas atividades culturais e de recreio. Isso é mau?

– Se fosse só isso! Dizem que é uma capa para outras coisas.

– Vem à Casa, vais conhecer as pessoas, vais ver o ambiente. E por ti mesma descobrirás que te andam a enganar, afastando-te dela.

– Já passa da hora, tenho de entrar.

– Vens ao baile?

– Telefona-me antes. Não estou nada convencida e sou uma filha obediente. Além disso, as mães só raramente autorizam saídas de fim de semana. E nunca para ir a um baile, é evidente.

– Mas então encontramos-nos amanhã ou depois. Conversamos com calma e arranjamós uma maneira.

– Está bem. Espera-me amanhã às quatro da tarde à saída da escola.

Lançou-lhe o sorriso mais luminoso que nele algum dia poisara e entrou no lar. Vítor ainda ficou instantes parado, gozando a saudade do sorriso dela.

Encontraram-se no dia seguinte e no outro. Vítor avançava com muito cuidado nos assuntos melindrosos e concordava com ela ao condenar a violência no Norte, mas sem entrar em detalhes. O pai dela, colono que fora da Madeira para o Lubango fazer agricultura, conseguira uma situação estável. Casou com uma negra, casamento mesmo pela Igreja, raro na zona. Tinham quatro filhos e todos estudavam. Fernanda, a mais velha, veio para Lisboa, os outros seguiriam. Embora no Lubango não tivesse havido nada do que se passava no Norte, o pai estava aterrorizado. Medo de perder a vida ou a chitaca? As duas coisas certamente. As cartas mostravam um pessimismo que a assustava. Vítor ouvia, com a felicidade de tudo saber sobre ela, e cautelosamente procurava mostrar-lhe que a sociedade estava doente. Insistia no racismo existente no Lubango e nisso ela concordava, também o tinha sentido por causa da mãe negra. Mas Vítor entrava nesses assuntos com todo o cuidado, não fosse perdê-la por ser rotulado de comunista, o pior de todos os males, só comparável a ter feito um pacto com o Diabo em pessoa, o próprio Belzebu que aterrorizava os sonhos infantis de Fernanda.

Ao fim dos dois encontros, ela tinha vontade de ir ao baile. No fundo, estava cortada de todo o ambiente em que crescera. No lar só havia outra africana, da Guiné, mas era muito fechada e não tinham criado verdadeira amizade. Queria ver pessoas da terra, dançar os ritmos de Angola, do Brasil ou das Caraíbas, que lhe estavam no sangue. Mas era impossível. As madres nunca iam deixar. Só se alguém acima de qualquer suspeita fosse falar com elas e pedir para passar o fim de semana em casa respeitável.

Vítor despediu-se dela com a promessa de se voltarem a encontrar à saída da escola, sempre que quisesse. Mas o baile era impossível. Ele devia descobrir uma solução e só tinha dois dias. Mas como? Quem conhecia capaz de se apresentar nas madres com ar suficientemente respeitável aos olhos delas para as convencer a deixar Fernanda passar um fim de semana em sua casa? Por vezes elas iam ao cinema sábado. Mas no máximo até à meia-noite. Era nessa altura que a festa começava a sério. Por isso teria de ser um pedido forte, para dormir fora, com todas as garantias de decoro. Era evidente, não conhecia ninguém capaz de convencer as madres. Havia o Dr. Arménio, mas Vítor não tinha suficiente confiança com ele para lhe fazer tal pedido. Nem pensar.

Foi ao entrar no salão de estar da Casa e ao ver Sara no sofá com Laurindo que a ideia lhe veio. Sara era pessoa respeitável, médica, branca ainda por cima. Capaz dum favor a um amigo. Logo afastou a ideia. Com que cara ia pedir isso a Sara, ainda por cima agora que o Malongo a rejeitava? Sentou-se junto deles a um gesto do Laurindo. Conversavam tranquilamente sobre cinema, mas o problema dele não o deixava participar, só ouvia. Se a Sara estivesse em bons termos com Malongo tudo seria mais fácil. Mas podia ter transferido para ele o ressentimento que devia sentir pelo Malongo. Vítor aliás sentia alguma culpa no que se passava entre os dois, já prevenira Malongo que não estava a proceder bem, sempre a arranjar outras mulheres. Mas o amigo não ligava, dizia que a Sara era esposa e as outras amantes. E que não viessem com coisas, não havia angolano sem amantes, fazia parte da identidade nacional. Nesses assuntos, Malongo dava sempre uma de filósofo. Só que desta vez a coisa tinha ido longe demais e eles quase nem se falavam. Era sério, porque Malongo não queria tocar no assunto. A maka era a Denise ou outra? Malongo fechava a cara, não respondia.

Laurindo foi chamado abaixo e ficaram os dois sós. Tinham de conversar

e ele só respondia por monossílabos às perguntas dela. Sobre os estudos, notícias da família, coisas assim. Fez um esforço para ser mais expansivo, pois Sara podia pensar que ele se fechava por causa do Malongo e ia ficar chocada.

– Estou cheio de problemas.

Desabafou involuntariamente, apenas para se desculpar pela sua pouca comunicabilidade. Mas logo a seguir se apercebeu que tinha entrado num caminho do qual podia ser difícil sair. Ela pegou logo, que se passa? Ele sorriu. Timidamente. Tristemente. Sara fez cara preocupada, é tão grave assim? Ele tinha de reconhecer que não era grave. Se lhe dissesse a verdade, mais uma vez ia fazer figura ridícula por causa dum amor. Não, que se lixe. Ela era mulher, compreendia como ninguém. De repente, esqueceu a triste experiência com Esmeralda, e frustrações posteriores que sempre escondera de todos. Precisava de se abrir e confiar.

– Estou apaixonado. Já sei, vais rir. Mas não é caso para rir.

– Rir porque estás apaixonado? Isso alguma vez foi caso para rir?

– É que posso parecer ridículo. Já fui várias vezes ridículo.

– Para os que não sabem o que é o amor, uma pessoa apaixonada pode parecer ridícula. Também muitas vezes me pergunto se não pareço ridícula.

Como por um golpe de magia, Sara tinha-o posto à vontade. Claro, ela não podia senão compreendê-lo, também tinha problemas do género. Vítor sentiu um reconhecimento muito grande pela médica, mesmo se ela não o podia ajudar.

– Chama-se Fernanda e é do Lubango. A coisa mais linda que já vi. Ainda não namoramos, não tive coragem. Mas queria convidá-la ao baile, talvez então as coisas andem. Mas vive num lar de madres e claro, não a autorizam. Ainda por cima na Casa, que tem péssima reputação naquele meio. Só se alguém respeitável lhes fosse pedir para passar a noite de sábado em sua casa. Alguém que se apresentasse como uma antiga amiga da família. Não tenho ninguém que o faça. Ao ver-te com o Laurindo, lembrei-me de ti. Mas vejo que é pedir-te demais.

Sara riu, não de gozo, mas de compreensão, é então esse o grande problema? Bateu-lhe afetosamente na mão.

– É mesmo sério esse sentimento ou é só para gozar?

– Se fosse só para gozar, desligava a pilha e pronto. Além do interesse pessoal, há também o resto. Precisa de ser politizada, tem a cabeça cheia de

teias de aranha.

– Que idade tem ela?

– Dezoito anos.

Sara olhava para ele, sorridente. Vítor tentava adivinhar o que se passava na cabeça dela. Devia estar a ver os dois lados do problema, portanto havia uma esperança.

– Achas que as madres me reconhecem um ar respeitável, como disseste?

– Oh, sim. Médica. Estudaste no Lubango, podias muito bem ter conhecido a família dela daí. E agora descobriste que ela está cá. Gostavas de a levar ao cinema e conversar, mas depois fica tarde para ela voltar para o lar. Que levas a Fernanda domingo de manhã sem falta, para a missa das dez. Tens uma maneira de ser e de te apresentar que dá confiança, elas vão aceitar.

Evitou falar na cor dela, havia coisas que não se diziam senão em última necessidade, por uma questão de pudor. E era desnecessário, Sara compreendia.

– Olha, Vítor, eu alinho. Numa condição. Eu também venho ao baile. Estava hesitante, mas agora decido vir com a minha amiga Fernanda. E vais comportar-te decentemente com ela. Imagino o estilo, miúda muito nova de lar de madres, inocente, sem defesas. Danças e falas com ela o que quiseses, não tenho nada com isso. Mas sem grandes farfalhos nem empernanços...

– Francamente, Sara!

– Oh, eu conheço-vos, não perdem tempo. Ela e eu vamos para minha casa às seis da manhã. Sozinhas. Depois levo-a ao lar. Mais. Se possível, peço para só a levar à tarde, assim podemos dormir alguma coisa. Se as madres exigirem que ela esteja na missa das dez, muito bem, não dormimos, ela irá a essa hora. Agora tens de me prometer que aceitas estas condições e te vais portar bem com ela.

– Queres que jure?

– Não é preciso.

– Quando a vires, vais ver por que eu estou assim. É a sério. Sara, posso beijar-te as mãos? És uma santa.

– Apenas uma amiga. E guarda os beijos para as mãos da Fernanda.

Malongo entrou na sala, viu os dois no sofá, fez ar de enfado e saiu. Ia certamente jantar. Vítor ficou incomodado, evitou olhar para Sara. Ela sim, ela tinha um problema. E ele ajudava? Nada, era um egoísta. Mas também

ajudar como? Seria ajudar contar toda a verdade sobre Malongo e Denise? Quem se mete em makas de casal só estraga ainda mais. A Denise foi ontem embora e portanto as coisas podem resolver-se por si sós. Egoísmo? Talvez. Mas ela também não lhe pedia ajuda, nem tocava no assunto.

– Vens jantar comigo, Sara?

– Não, não. Já ia sair.

Combinaram encontrar-se no dia seguinte com Fernanda, para as duas se conhecerem e acertarem o que dizer às mães. E Sara saiu, sem passar pela cantina, onde estaria certamente Malongo. Vítor ficou ainda sentado no sofá, tentando pôr ordem nas ideias, olhando distraidamente dois colegas a jogarem pingue-pongue. A euforia apossava-se dele, mau grado o desejo de a controlar.

Fernanda era de facto uma linda mulher. Compreendia a forte paixão de Vítor, embora temesse que a atração fosse apenas causada pela beleza física da rapariga. Mas quando a conheceu, apercebeu-se de outras coisas. Com muitas teias de aranha na cabeça, como dissera Vítor, mas que podiam ser varridas com uma certa dose de paciência. Estaria ele à altura? Devia confiar.

Estavam os três no seu quarto, comendo. Há muito não tinha convidados e fizera questão de preparar um jantar especial, digno da ocasião. Afinal, era a primeira vez que Fernanda e Vítor comiam juntos. A conversa com as mães foi mais fácil que julgara. Para isso vestiu-se com o melhor vestido que tinha, sóbrio mas de bom gosto. E adotou uma postura de médica, responsável. Primeiro a diretora do lar queria ver Fernanda chegar à meia-noite. Sara não negou, mostrou apenas que isso lhe complicava a vida. No entanto, se não havia alternativa... Acabou por ter ganho de causa, mas no domingo às nove tinham de se apresentar na porta. Foi ela própria buscar Fernanda sábado às quatro da tarde e ficaram juntas até aparecer Vítor. Deu tempo para conversarem, começando obviamente pelos estudos e o Lubango. Pouco a pouco. Sara apercebia-se que a outra era sensível aos aspectos sociais. Falou-lhe de medicina preventiva, do carácter social da profissão das duas (afinal Fernanda não estudava Enfermagem?) e a jovem concordou facilmente com as suas ideias. Era só questão de tempo para

aquela cabecinha bonita funcionar a pleno.

Jantavam, pois, quando tocou o telefone no corredor e a senhoria bateu na porta de ligação. Sara foi atender e era Marta, dizendo que o seu amigo queria vê-la. A médica teve de fazer rapidamente as contas. Não podia deixar os dois sozinhos no quarto, iam sentir-se constrangidos e talvez até Fernanda pensasse ser uma combina indecente. Marcou o encontro para depois das dez, Marta disse tens até à meia-noite.

Vítor comportava-se em perfeito cavalheiro, embevecido, suspenso das palavras e dos olhares de Fernanda. Esta, mais reservada, não escondia certo interesse por ele. Era bonito observar o par, procurando-se, aproximando-se muito delicadamente. Jogo eterno, mas sempre novo, pensou Sara. E foram as duas lavar a louça. Saíram por volta das dez, rumo à Casa. Já havia muita gente a entrar e de baixo ouvia-se a música alta. Ela deixou-os subir, disse não vou demorar muito, e foi apanhar um táxi.

Marta não estava, tinha ido ao cinema para os deixar conversar à vontade. Aníbal não esperou que ela se sentasse, foi logo dizendo:

– A partida é para esta madrugada. Como pediste para falar comigo antes de eu ir, pedi à Marta para te telefonar logo que fui avisado da data. E antes de mais, mesmo se não pedisses, ia fazê-lo. Foste uma amiga e uma camarada, tinha de te agradecer.

– Não era preciso. Sim, queria falar contigo. Estou um pouco baralhada. Sinto-me marginalizada dos amigos e francamente não sei a quem pedir opinião. Primeiro achava que devia ir logo para a terra, depois de acabar o curso. Neste momento não me sinto capaz de viver naquela sociedade colonial, cheia de racismos. Os outros movimentam-se, noto que discutem, mas nada me dizem. Queria alinhar num projeto coletivo e não ter de decidir individualmente sobre a minha vida. Percebes o que quero dizer? Não preciso de desertar, porque não me chamam para a tropa. Mas no fundo é quase a mesma decisão que tenho de tomar.

– Entendo perfeitamente. E se não houvesse hoje barreiras criadas por alguns, tu estarias ao corrente e também entenderias. O Movimento lá de fora está a chamar os estudantes. Precisam de quadros para a luta. Apesar de eu estar cortado do mundo há duas semanas, sei disso. E estou de certa maneira a tratar esse assunto. Não me perguntes como, mas há sempre meios. Ora bem, precisamos de todos. Precisamos de ti como médica.

– Ainda não o sou.

– Tens o diploma daqui a pouco. E se não tiveres o diploma, pouco importa, tens a ciência e é isso que conta. Tens de pensar numa coisa, Sara. Sair de Portugal e integrar as fileiras da luta. Não tens escolha. Ias toda a vida culpar-te de não o ter feito.

– Foste mais claro sobre aquilo que eu desejava fazer do que eu própria. No entanto há problemas...

– O Malongo? A criança?

– O Malongo tornou-se um problema secundário. A criança é coisa mais séria, evidentemente. Mas não só. Que garantias tenho que vou servir para alguma coisa? Se já aqui me estão a pôr na prateleira, lá fora não será ainda pior?

– É um risco. E tenho a obrigação de ser absolutamente sério contigo. Não te posso garantir nada. O racismo dum lado provocou o racismo do outro. Hoje o branco nacionalista é olhado com desconfiança pelos nacionalistas negros. A cor a contar mais que as ideias, que os comportamentos. É triste mas é uma realidade. Pode durar ou ser ultrapassada rapidamente. Quem pode adivinhar?

Ficaram a olhar-se. Sara pensava, talvez nunca mais visse o amigo. Para já, a travessia de duas fronteiras era arriscada. E depois, que reservava uma vida de luta para cada um? Sempre seriam amigos, isso sabia. Mas voltariam a poder encontrar-se? Aníbal continuou:

– Não tenho muitas informações sobre pontos específicos. Mas creio compreender que o Movimento quer a colaboração de todos os angolanos, por angolano entendendo-se todos os que querem participar na luta pela criação dum país independente. Mas será a minha interpretação subjetiva, aquilo que eu desejo entender? Pode ser afinal que o Movimento não veja as coisas assim. De qualquer modo posso garantir-te que, se chegar ao contacto com eles, é por isso que me vou bater. Mas não te prometo vencer essa luta, não conheço as condições.

– Se o Movimento não tem essa tua visão, então também não é o meu. E que farei lá? Trabalhar num hospital dum país estrangeiro? Até quando? Porque depois não posso voltar aqui.

– Podes sempre voltar. Podes pedir um passaporte e ir legalmente. Vais festejar com uma viagem o fim do teu curso. Que melhor pretexto? E depois ficas lá, se sentires que vale a pena. Ou voltas.

– Tenho ficha na PIDE. Se não me derem o passaporte?

– Aí sim, encaras outra possibilidade. Confidencialmente, mas mesmo muito secretamente, vou te dizer. Vou lá ajudar a preparar a fuga da malta que está aqui e não tem hipótese de arranjar passaporte. Isso ainda vai durar. Se pedires agora o passaporte, daqui a um mês já sabes se podes ir legalmente ou não. Se não deixarem, então aproveitas a outra via.

– Vou pensar nisso. Não. Vou fazer isso. Não tenho alternativa.

Ele sorriu. Olhou-a com estima. Aníbal tinha lágrimas nos olhos? Não, devia ser ilusão provocada pela sua miopia. Mas havia mais coisas a perguntar, não tinha tempo para se preocupar agora com esses detalhes sentimentais.

– Se eu for, como depois contactar as pessoas, a organização? Não vou pôr anúncio no jornal.

– És capaz de memorizar um endereço de Paris, sem nunca o escrever e sem o repetir a ninguém, mas mesmo a ninguém?

– Claro. Esqueces que decorei o calhamaço inteiro de Anatomia?

– Eu sou historiador e nunca fui capaz de decorar datas. Então ouve bem.

Soletrou o endereço e ela repetiu. Tinha a certeza, nunca o ia esquecer. Sonharia com ele, se fosse preciso.

– E se não puder ir legalmente? A malta daqui vai pôr-me ao corrente?

– Lutarei por isso, prometo. E logo que chegar a Paris, escrevo-te um postal assinado Joaquim. Saberás que cheguei bem.

A entrevista estava no fim. Havia tantas coisas a dizer e a ouvir. Mas devia partir. Aníbal tinha de descansar ou preparar a viagem. Podia ser um disparate, mas ela sentia que não devia ficar mais tempo. Talvez porque aquela estranha vontade de o abraçar, de se despedir para sempre doutra maneira, não só como amiga, estava a apossar-se dela. Tudo podia acontecer entre eles naquele momento e isso dava-lhe medo. O medo do depois.

– Precisas de alguma coisa? – disse, tentando ser fria.

– Não, está tudo pronto.

– Eu vou. Há baile na Casa.

Abraçaram-se em silêncio. Já não havia lugar para as palavras. Ela saiu rapidamente, com a sensação que muito tempo ia passar sem voltar a encontrar Aníbal. Talvez toda a vida.

Andou a pé, assegurando-se que não era seguida. Depois apanhou um táxi em direção à Casa. Só ia ao baile por causa de Vítor e Fernanda, embora

não precisassem dela para nada. Mas tinha prometido fazer o papel chato de dama de companhia. Antes, a perspectiva dum baile na Casa sempre a excitava. Outros tempos. Teria de ver Malongo desprezá-la, dançando com outras, fazendo de galo orgulhoso. Ele não perderia a ocasião. E o raio do tipo era bom bailarino, sobretudo nos merengues. Quando namoravam, ele dizia merengue não danço contigo, não mexes o suficiente, vou buscar uma patrícia. Ela não se importava, preferia ficar a vê-lo dar espetáculo, e que espetáculo! Suava em bica mas não parava. Os outros pares é que muitas vezes paravam para o observar. Hoje, já imaginava, Malongo daria um espetáculo ainda maior, apenas para a provocar. Vês, não preciso de ti, diria cada uma das suas massembas. Entrou no baile como na força.

O ambiente estava animado, mas não tinha ainda chegado ao rubro. Isso só depois da meia-noite. Havia talvez uma centena de pessoas no salão, metade dançava. Foi passando pelos grupos encostados às paredes ou nas varandas, cumprimentando. Amigos antigos, que não via há muito tempo, outros que vinham de Coimbra ou do Porto. O baile era o pretexto para as pessoas se encontrarem, refazerem as amizades. No entanto, havia grupos mais fechados e as diferentes fraturas, nacionais ou raciais, começavam a ser evidentes. Vítor dançava com Fernanda. Quando a música parou, foi ter com eles. Viu então Malongo, sentado numa cadeira. Geralmente só as mulheres se sentavam, os homens ficavam sempre de pé, a dançar ou a conversar. Malongo estava sozinho, o que era estranho.

– Ainda bem que já vieste – disse Fernanda. – Este ambiente é uma loucura. E eu não queria vir...

Convidaram Fernanda para dançar e ela interrompeu a conversa. Vítor disse:

- É sempre isto desde que chegámos. Não a largam, todos em cima.
- Ainda agora estavas a dançar com ela, que eu vi.
- Queria dançar todas as músicas com ela. Devia ter posto um letreiro, propriedade privada, quem se aproximar é homem morto.

Sara apertou-lhe o braço, cuidado com essas ideias reacionárias de propriedade sobre as mulheres, é assim que se começa. Ele riu. Disse que Fernanda estava a gostar da festa e isso é que era importante. Até já tinha descoberto amigos que não via desde a terra.

Malongo levantou-se e foi ter com eles. Convidou Sara. Aceitou, surpresa. Era um bolero e dançaram algum tempo calados. A dado momento

ele disse continuas com os teus segredos?

– Já te expliquei mil vezes. Aconteceu uma coisa que não te podia contar no momento. E ainda não posso. Mas que não tem nada a ver com nós os dois.

Ele não disse mais nada. Terminada a música, levou-a ao lugar. Agradeceu gentilmente e ficou ali ao lado, mas em silêncio. Fernanda não parava de gabar a festa e de cumprimentar pessoas. Já um grupo se preparava para a vir buscar, mas Vítor antecipou-se, a próxima é comigo. Fernanda riu e olhou Sara, que lhe piscou um olho. Mal soou o primeiro acorde, Vítor enlaçou-a.

– O Vítor tem um grande combate a travar – disse Malongo. – Toda a malta quer dançar com ela. Ele está completamente maluco, nunca o vi assim.

Horácio, o poeta, juntou-se a eles. Mas já vinha a falar antes, nada preocupado que o som alto da música cobrisse as suas palavras.

– ... o que não deixa de representar a vitalidade de uma cultura intrínseca. O facto é que se consideram as influências como uma desvantagem, quando afinal...

Sara não ouviu mais porque Malongo a puxou para dançar. Horácio continuava o discurso, agora para o grupo do lado. Não faltava a um baile, mas para beber cerveja e falar, a maior parte das vezes para o fumo que nublava a atmosfera. Malongo dançou o resto da música sem falar. E depois pôs-se ao lado dela, sempre em silêncio. Sara estava perturbada. Era evidente que ele procurava as pazes e talvez não soubesse como fazer mantendo a dignidade. Mas havia mais do que isso, estava realmente triste. Vítor não sabia de nada, ou parecia não se importar, todo entregue à guerra total que consistia em conservar o contacto permanente com Fernanda. Quem poderia esclarecê-la? Sim, estava ali Arsénio, colega dele no Benfica. Se o assunto fosse futebol, Arsénio podia estar ao corrente. Inútil perguntar a Malongo, ia negar, estou mesmo porreiro, nunca estive tão fino... Era altura de se preocupar um pouco com Malongo e com ela própria, decidiu Sara.

Pedi desculpa, esperem só um momento, e foi ter com Arsénio, que estava num grupo mas se afastou imediatamente com ela para uma das varandas.

– Desculpa puxar-te assim, mas precisava – disse ela. – Trata-se do

Malongo. Podes explicar-me com toda a franqueza se ele tem algum problema no Benfica? Juro-te que não digo nada a ninguém, nem a ele, se for caso disso.

– Oh, não há segredo. O problema é que não tenho a certeza. Mas estou convencido que o Benfica está prestes a dispensá-lo.

– Dispensá-lo? Pô-lo na rua?

– Mais ou menos. Pode emprestá-lo a outro clube, por exemplo da segunda divisão. Tem um salário muito menor, talvez nada. Ou pode mesmo pô-lo na rua.

– Mas afinal o que se passou?

Arsénio olhou para o outro lado, onde estava Malongo de pé junto de Vítor. Sara também tinha notado, Malongo não tirava os olhos deles, imaginava com certeza que falavam sobre ele.

– Estou a fazer especulações. Sara, não sei se o clube o vai dispensar. O que sei e é verdade, é que o Malongo deixou fugir a oportunidade da vida dele. Devia fazer mais um treino na equipa principal e ia jogar no domingo seguinte, ia mesmo. Apareceu nesse treino decisivo como se tivesse passado a noite num cabaré, não conseguia dominar uma bola, estava estoirado. O que queres que um treinador faça? Agora nem com as reservas alinha. Faz ginástica e pronto, o treinador esquece-o. Isso significa que tem os dias contados no Benfica. Eu avisei-o, avisei-o. Por isso estou à vontade, se ele perguntar podes dizer-lhe que fui eu mesmo que falei. Um jogador de futebol não pode andar em farras.

– Até estou admirada por tu estares aqui.

– Porque não te interessas pelo futebol. Senão sabias que amanhã não há jogos do campeonato. Por isso vim. Mas a minha mulher está aí atenta e às duas da manhã arrasta-me para a cama. Era isso que devias ter feito com o Malongo, pô-lo na linha...

E esta? Agora era acusada de soltar demasiado a rédea. Como se existisse sequer rédea para ele.

– Esqueces que não sou mulher dele, Arsénio.

– Para mim é como se fosses. E tens responsabilidades de o tornar um tipo sério. Se não fores tu, também não será ninguém.

– O problema é que ele não me considera sua mulher, nem aceita que eu o controle. E também, confesso, não o sei fazer.

– A mim faz-me pena, sabes? Ele tem enorme talento, podia ter sido um

grande jogador.

– Falas nele já no passado. Só tem vinte e quatro anos.

– Sim, ainda teria tempo. Mas... Falta-lhe força para superar a dispensa do Benfica, começar tudo de novo noutra clube, impôr-se... Para isso é preciso ter muita força de vontade, ser um lutador. E ele não é, Sara. Não resiste a uma boa música, cai na farra. Só se tu conseguires pô-lo a ferro e fogo.

– Não é o meu estilo. Obrigada pela sinceridade, ao menos fiquei a saber o que o afligia.

Voltou a aproximar-se do grupo. Pela terceira vez consecutiva, Vítor não dançava com Fernanda. Cada um à sua maneira, os dois amigos estavam abatidos. Sara sentiu que mais uma vez tinha de ser uma espécie de bengala. Tristemente pensou, muitas vezes as bengalas são atiradas fora quando uma mais atraente aparece. Sacudiu esses pensamentos, esforçou-se por parecer natural.

– Então, Vítor, sempre na luta?

– Como vês. O problema é que não tenho o direito de lhe dizer, acabou a brincadeira, agora só danças comigo e pronto.

– Seria um erro. Deixa-a divertir-se. Vai dançar também com outras. Por exemplo comigo que estou aqui a levar um chá. Se ficas com ar de cão batido, ela pode perder a consideração que tem por ti.

Vítor concordou e foram dançar. Malongo ficou a vê-los. Era um merengue e ele não tentou sequer arranjar par. Depois Laurindo aproximou-se e disse-lhe qualquer coisa. Sara dançava mas não perdia Malongo de vista. Tinha de o ajudar, mas como? Era evidente que ele levava uma vida dupla, mesmo antes dum treino decisivo se metia em farras, como dissera Arsénio. Também podia ser culpa dela, que o afastou num momento importante. Não, ela não o afastou. Contara com a confiança e compreensão dele, que se revelou um machista completo. Não podia ter remorsos, a sua atitude era a única possível naquelas circunstâncias. Se Malongo fosse sério na sua profissão não haveria um treino decisivo, já teria há muito o lugar desejado na equipa. Antes da tropa era muito novo, jogava na equipa principal dos juniores e era considerado uma revelação. Passou para as reservas, estágio para ascender. Foi para a tropa e isso cortou-lhe um pouco a carreira. Mas mesmo assim foi chamado para a seleção militar, o que era sem dúvida uma enorme garantia. O Benfica mexeu os cordelinhos e tirou-o da tropa. Quer dizer, o clube confiava nas suas capacidades. Teve então dois

anos para se afirmar. Dois anos em que eles se namoraram. Sara fez tudo para apoiar, mas ele não aproveitou estes dois anos, nunca passou das reservas. Alguma coisa estava errada nele e ela não tinha culpa.

Voltou ao lugar, decidida a recusar qualquer culpabilização. Preocupações já lhe bastavam. Podia ajudá-lo, se ele quisesse, mas não como uma expiação, também não era nenhum capacho. Malongo convidou-a logo para dançar, apesar de Laurindo lhe ter feito um sinal antes. E Vítor conseguiu apanhar Fernanda.

– O Arsénio esteve a falar-te de mim?

– Sim.

– Logo vi. E certamente a defender o treinador, que tem razão em não me pôr a jogar. Nem fui convocado para o jogo de reservas de amanhã. Esse Arsénio afinal não presta. Julgava que era meu amigo, mas está a fazer panelinha no clube. Em vez de me defender, fica só a ver.

– Deves estar a ser injusto. Não culpes os outros pelo que te sucede.

– Oh, já percebi tudo. Arrumaram-me lá, tinham demasiada gente de cor. Eu fui o escolhido para dar lugar a algum branco.

– Talvez esse branco chegue aos treinos em boa forma, sem cara de ter passado a noite em farras...

– Ele disse-te isso? Aquele sacana disse-te isso?

– E disse mais. Que talvez sejas dispensado do clube. Não tem a certeza, mas suspeita disso. E a culpa é só tua.

Malongo calou-se. Dançava mecanicamente. O corpo estava ali, mas com a cabeça noutro sítio. Não dava nenhum dos seus passos improvisados, que tanto maravilhavam os espectadores e que atrapalhavam sempre Sara, a qual nunca se habituara a acompanhá-lo nas invenções. Hoje era fácil dançar com Malongo, não saía da rotina. Mais fácil, mas muito menos atraente. Quando terminou a dança, ele propôs ir beber uma cerveja à cantina.

Havia vários grupos sentados. Praticamente só homens. Aproveitavam para beber e descansar um pouco as pernas, condenadas a ficar de pé toda a noite. Já não havia lugar nas mesas e eles sentaram-se nas escadas, cada um com a sua cerveja. Não era um sítio muito cómodo, porque constantemente passava gente para cima ou para baixo e tinham de lhes dar espaço. Malongo voltou à carga:

– É isso que te disse. São capazes de me correr do clube, sim, mas é por uma questão racial.

– Já tínhamos falado disso uma vez. E volto a repetir-te, não acredito. Claro que esta sociedade está cheia de racismo, mas não é o caso agora. Não arranjes desculpas esfarrapadas, isso não te vai ajudar. Encara a realidade de frente, possas...

– E qual é então a realidade?

– Falta de seriedade. Não cumpriste o que o clube estipula. Vais para a farra em vez de descansar para os treinos e os jogos. Que farras não sei. Mas isso está claro para o treinador e os dirigentes. Não sei se ainda tens tempo, mas muda de atitude, leva as coisas a sério. Abandona a farra.

– Farra uma merda! São desculpas deles.

– Que sempre tiveste uns misteriozinhos na tua vida, isso é verdade, eu senti. Achava que era coisa sem importância e que o teu interesse pelo futebol estava acima de tudo. Agora não sei. Se fores para a rua, culpa-te só a ti.

– Não se pode falar contigo. Não sabes nada do que se passa e embarcas logo na conversa do Arsénio.

– O Arsénio é um tipo honesto. E aconselhou-te a teres juízo.

– Também te disse isso?

– Disse, mas não precisava. Lembro-me muito bem de o ter dito uma vez à minha frente. Na época, não levei muito a sério, achava que te comportavas realmente como um profissional. Afinal...

Malongo pousou as mãos na cabeça. Ficou assim algum tempo. Depois disse em tom desalentado:

– Se também tu me abandonas... Não me crês...

– Quero ajudar-te. Mas só o posso fazer se tu quiseres ajudar-te a ti próprio. E não é a inventar justificações raciais que te vais ajudar.

– Então o que devo fazer, senhora doutora?

Sara preferiu deixar passar a ironia implícita no tratamento. Não adiantava de nada agarrar-se a detalhes, isso era a tática dos vencidos. E Malongo estava vencido, apesar de não o querer reconhecer. Ela só podia ignorar ofensas, se as havia, e dar-lhe a mão. Fizera isso desde o princípio, apesar de Marta a acusar de parecer uma boa samaritana. Vítor também lhe dissera, és uma santa. Porra, querem ver que ainda acabo num altar?

– Leva os treinos e a vida a sério. Para com toda a espécie de farras. E se mesmo assim o clube te dispensar, vai para outro menor e treina e joga a sério. Ao fim dum ano, o Benfica chama-te de novo para a sua equipa

principal.

– Isso era bonito. Se o Benfica me dispensa, sou chamado para a tropa, a terminar o serviço militar, e vou dar com os costados na guerra. Não haverá outra hipótese.

Sara sentiu um baque no peito. Ele estava a falar duma coisa séria. Sim, tinha razão. Ninguém o safava dos anos de tropa que não fez. Sobretudo agora que precisavam de gente. Segurou na mão dele, aceitando então todo o seu desânimo. Esqueceu ressentimentos e as suspeitas criadas pelo Arsénio, nada mais contava, apenas o namorado. Seria a palavra correta, seria ainda o seu namorado? Pouco importava agora. Ficaram de mãos dadas muito tempo, encostados um ao outro na escada, sem falar. As pessoas iam e vinham, os copos de cerveja subiam a escada, de vez em quando um tipo mais bêbado dava-lhes um encontrão. Mas eles pareciam não notar. Até que ela falou:

– Mas ainda não te puseram na rua, pois não? Pode ser que te deem mais uma chance. Agarra-a com as duas mãos. Vem, vamos dançar e esquecer os pessimismos.

Voltaram para o salão de cima, onde a festa estava no auge. Furtado, já com uns copos, procurava demonstrar a um desinteressado Vítor que a rebelião angolana estava condenada ao fracasso, com a contraofensiva que o exército colonial preparava. Essas coisas têm de ser bem feitas, como a revolução russa por exemplo, extremamente bem organizada, as *jacqueries* sempre falharam. Laurindo ouvia com ar de fastio e alguma cólera. Sara terminou com a conversa de Furtado, enganaste-te no andar, hoje política é na cantina, aqui é para dançar. Já vinha Fernanda, afogueada, nunca dancei tanto na minha vida, estou exausta. E Laurindo aproveitou para dizer, antes que arrefeças, agora é a minha vez. Foram os dois para a pista, mas Vítor sorriu para Sara.

Saíram do baile às seis da manhã, já o sol nascia sobre Lisboa. Malongo e Vítor foram acompanhá-las a casa de Sara. Na despedida, Malongo disse, vamos logo ao cinema? E deu-lhe um beijo na boca, longo, como há muito tempo. Vítor só deu um na face de Fernanda, tímido e nervoso. Combinaram encontrar-se na segunda-feira. As duas subiram para o apartamento, a aguardar a hora da missa no lar das madres. Tinham muito que conversar entretanto, o tempo ia correr rápido.

Afinal o Benfica acabou mesmo por dispensá-lo. Foi convocado por um diretor que lhe deu o veredicto. Tinha um mês para escolher. Ou aceitava ser emprestado pelo Benfica a um clube da segunda divisão, ou arriscava a sorte e ia procurar emprego à sua conta e risco. Durante esse mês recebia o salário. O clube que lhe propunham era uma filial do Norte. Tinha de abandonar Lisboa e viver numa cidadezinha lá nas berças. Se desse provas, no ano seguinte poderia voltar a ser chamado. O diretor foi claro, demos-te todas as possibilidades, não soubeste aproveitar, no tempo de tropa deves ter-te viciado nas putas porque antes eras diferente. Vê agora se ganhas juízo.

Não ia nada para o Norte. Que morem nas berças os besugos, sempre gozados pelos angolanos, não se rebaixava a lá ficar. Denise tinha escrito, talvez haja possibilidades aqui, falei com uns tipos. Mas ela não tinha influências nem conhecia ninguém com acesso ao meio futebolístico francês, eram só especulações. E Malongo não conseguia arranjar passaporte para sair de Portugal, com a tropa interrompida. Se nem Sara, uma futura médica, conseguira obter o passaporte... Tinha sido ontem que ela recebera a notificação, depois de uma entrevista no Governo Civil. Fizeram bué de perguntas, conforme ela explicou, queriam saber das suas atividades na Casa dos Estudantes, até lhe perguntaram pelo Aníbal. No fim disseram, lamentamos muito, mas não pode sair do país. Sara recebera há

semanas um postal de Aníbal, chegara bem a França. Foi então que ela lhe contou o que passara, porquê não o tinha deixado ir lá a casa quando escondia o Aníbal. Como vês, não te podia dizer nada, só agora. Malongo ficou irritado com a falta de confiança, mas ela contou tudo com muita paciência e disse, nestas coisas de clandestinidade não há amigos nem namorados, em primeiro lugar tem de se guardar segredo. Ele acabou por engolir, embora lhe desagradasse saber que o sabichão do Aníbal tinha dormido uma noite no sofá do quarto dela. A contragosto acabou por lhe dar razão, de facto Sara tinha de guardar segredo. E nem insistiu para saber onde passara ele o resto dos dias até à fuga, não lhe dizia respeito. O facto é que se nem Sara conseguira o passaporte, como lhe iam dar a ele que não tinha terminado a tropa? Se fosse pedi-lo, aí é que o chamavam imediatamente para o exército. E não escapava da guerra.

Mas não aceitava a despromoção de jogar num clube de segunda divisão, sem força para o safar da tropa. Tinha de fugir. Sara já lhe tinha tocado no assunto de forma cautelosa, se tiveres de ir para a guerra, fazes como o Aníbal. Numa conversa com Vítor este tinha adiantado a mesma ideia. Vítor sentia-se sufocar com a falta de liberdade, a vigilância onnipresente da PIDE. Andava todo animado com o namoro finalmente conseguido com Fernanda. Mas dizia que Portugal já não era sítio para viverem, tinham de lutar pela independência. Malongo começava a dar-lhe razão, afinal a política era coisa que tocava na vida da gente, mesmo daqueles que nada queriam com ela. Pouco adiantava dizer estou-me nas tintas para a política. Ela interferia no seu presente e futuro, sem pedir autorização. Sim, tinha de fugir, e pedir asilo em França. Também era um perseguido político, como os antifranquistas que nesse país tinham procurado refúgio, e como tantos outros antes. A dispensa do Benfica não era uma forma de perseguição política?

Sara recebeu a notícia sem grande surpresa. Afinal já estavam a contar com ela, Arsénio tinha sido muito claro. Malongo disse logo que não aceitava ir para o Norte, nunca a deixaria só em Lisboa. E o Norte de Portugal era uma cambada de atrasados, sempre a reboque da capital, mas com dois séculos de diferença.

– Que vais fazer?

– Já falámos disso. Vou fugir para França. Tenho de arranjar uma maneira.

Sara ficou calada. A França aparecia agora aos olhos de todos como a terra prometida, da liberdade absoluta. Não só Vítor, também no outro dia Laurindo, aquele miúdo, suspirara ao se falar em Paris. E os outros amigos. Ninguém dizia vamos fugir, mas todos pensavam nisso, ele percebia tudo agora que estava sensibilizado para o ambiente que se vivia. E Sara também ansiava, por isso pedira o passaporte. Era como uma onda que tocava todos.

– Olha, Malongo, sozinho não consegues. Não tens contactos com os meios clandestinos, nem estes terão confiança em ti para se arriscarem a pôr-te lá fora. Afinal sempre foste apolítico. Mas sei que se prepara uma fuga maciça dos angolanos de Portugal. Aproveita ir junto. Também quero aproveitar. O problema é que ninguém me fala disso e não sei como estão as coisas. O mais certo é esquecerem-me por causa da minha cor.

– Achas que o Vítor pode estar ao corrente? Ele no outro dia veio com uma conversa dessas.

– Acho que ele está. Ou vai estar no momento próprio.

– Vou falar com ele. Possas, sempre fomos amigos, vivemos juntos. Ele vai dizer-me se souber alguma coisa.

Sara concordou com a cabeça. Estavam num banco de jardim, de mãos dadas. Tinha aprendido com ela, os jardins são o melhor sítio para se conversar sobre estas coisas. Mesmo o quarto dela não era muito seguro, a PIDE tinha microfones que instalava para ouvir as conversas. E desde que ela pedira o passaporte, deviam estar a espia-la por todos os lados. As relações deles estavam no ponto alto, mas quando a ia visitar e passava a noite, falavam de ninharias, com medo dos microfones. Sara disse:

– Mudemos de assunto. Tenho uma notícia para ti. Guardo-a há mais dum mês. Como tivemos aquela maka, não te contei, podias interpretá-la como uma pressão qualquer. Mas agora tenho de te dizer.

Ela interrompeu a fala e ele ficou à espera. Olhou para todos os lados, a ver se estavam a ser espiados, mas afinal não tinha sido nenhum movimento suspeito que levara Sara a parar. Devia ser coisa difícil de dizer, alguma confissão grave. Malongo sentiu os intestinos remexerem.

– Estou grávida.

Malongo olhou para o maciço de flores à frente deles. Pensou que podia ali estar instalado um microfone. Estupidez! Grávida. De quem? Ora, era pergunta que se fizesse? De cada vez que faziam amor, ele surrava-a rudemente, para utilizar a sua linguagem habitual. Dada a intensidade e

frequência das relações, a criança só podia ser dele. Haka, nem Sara era mulher para ter outras aventuras. Era dele, claro, perguntar até podia ofender.

– Estou de cerca de três meses. Fiz análise e tudo. Quero essa criança e vou guardá-la. Mas tu não tens obrigação nenhuma, ponho-te já à vontade. Se não a quiseres, eu assumo sozinha.

Que conversa era essa? Malongo nem estava a entender muito bem o sentido das palavras. Ia ter um filho, merda, ia ter um filho a quem ia ensinar a jogar bola e a ser o maior nguendeiro de todos os angolanos. Também ia ensinar-lhe viola, para compor música como o Ngola Ritmos e mestre Liceu. Formariam o Duo Malongo, nome bonito para um conjunto. Não resistiu mais e saltou do banco, gritando. Pulou algumas vezes, perante o pasmo das pessoas que se encontravam no jardim. Abraçou Sara e beijou-a. Uns velhos olhavam reprovadores. Malongo virou-se para eles e gritou:

– Vamos ter um filho. Vou ter um filho.

Sara riu para os velhos, mas estes fecharam ainda mais as caras enrugadas. Comentaram qualquer coisa, mas Malongo nem notou, todo entregue a beijar e acariciar Sara. Olhou para a barriga dela, pôs-lhe delicadamente a mão em cima.

– Ainda não se nota – disse ela.

– Temos de comemorar, vamos dar uma festa.

– Estás maluco? Deixa que ela nasça.

– Ela não. Ele. É um rapaz.

Sara não contestou. Beijaram-se de novo. Um dos velhos levanta-se do banco e foi embora. O outro abanava a cabeça, escandalizado. Mas um par de namorados mais ao fundo sorria e fazia gestos. Sara disse:

– Vamos embora, estamos a dar espetáculo. Daqui a bocado vem a polícia saber o que se passa.

– Que se lixem todos! Estou contente, não posso mostrar?

Mas ela levantou-se do banco e ele obedeceu. Foram andando muito apertados até ao Rialva, onde Malongo queria anunciar a boa notícia. Sara convenceu-o do contrário, nada de barulhos, vamos dizer aos amigos como uma coisa natural. Ele não estava de acordo, nem era uma coisa natural, era uma coisa bestial, mas está bem, já que queres, vamos ser discretos. Na rua fazia planos e contou a Sara a sua ideia de criar o Duo Malongo. Ela ria, feliz, mas se for uma menina também podes criar o duo na mesma. Não era

a mesma coisa, achava ele, mas não tinha problema, fariam o rapaz a seguir. Porque ele queria muitos filhos. Nunca tinha pensado no assunto, nem a sua ligação com a Sara até então o levava a equacionar assim o problema. Agora estava claro, queria prole numerosa. Quando fosse velho, daria conselhos a numerosos filhos e netos, seria um ancião respeitado, um patriarca. E reuniria o conselho de família todos os sábados para o funje da tradição, sentado à cabeceira da mesa comprida debaixo da mangueira do quintal.

Acabaram por não ir para o Rialva, mas para casa de Sara. Ela já tinha entregue a tese e esperava agora o dia da defesa. Mas tinha de estudar, para preparar essa discussão com o júri, na próxima semana. Claro que pouco estudou, Malongo não a deixava. Estava todo animado, até foi dar a notícia à senhoria, a qual franziu a cara biliosa, mas não fez comentários.

Sara teve de o acompanhar a jantar na Casa, ele queria comunicar a boa nova à malta na presença dela. Depois iriam comemorar no Bar Amazonas, com muita cerveja e tremoços. Esqueceu que tinha sido varrido do clube, que só tinha salário por um mês. Ia ser pai e isso tornava-o eufórico. Afinal, era a sua única vitória, depois de amargar tantas derrotas.

As coisas passaram-se como Sara queria. Está bem, ela hoje mandava, tinha-lhe dado um bom presente. Disseram aos amigos, sem grandes gritos nem abraços. Não houve discurso, muito menos grandes algazarras. Tudo foi com o máximo de discrição, afinal Sara era capaz de estar com algum pudor. Malongo adivinhou essa possibilidade, não exagerou nas comemorações. Mas arrastou alguns amigos para o Amazonas, tinha de se regar. E também foi o chato do Laurindo, convidado especial de Sara. Disse esse miúdo não, mas ela não se deixou demover. Engraçava com o fedelho, todo metido a político, ainda a cheirar a mijo nas fraldas.

Malongo não perdoava a Laurindo a franqueza dele, quando Denise estava em Lisboa. Um dia apanhou-o à parte e disse-lhe que não tinha o direito de tratar Sara assim, encornando-a constantemente. Antes até pensara que o garoto estava com pretensões em relação à Denise, afinal andava chateado por causa da Sara. Claro que levou berrida, mete-te na tua vida ou ainda te rebento as fuças. Se nem o Vítor, que era seu amigo, lhe falava assim... Agora Sara tinha convidado o Laurindo e era ele, Malongo, que pagava a despesa. Bom, hoje podia perdoar tudo. Mas que o miúdo não lhe saísse com uma piada, senão esmagava-o ali mesmo no bar. Possas, em breve ele era pai de família, não podia consentir faltas ao respeito, ainda por

cima vindas dum tipo que nada conhecia da vida dos adultos.

Eram dez pessoas. Vieram as canecas de cerveja, acompanhadas de pratinhos com tremoços e azeitonas. Em breve, a conversa derivava para a política. Malongo tentou desviar o tema, mas era fatal. Parecia não havia outro assunto. Sara estava calada, talvez porque não se fiava na confidencialidade do bar, talvez porque pensava no filho. Quem mais puxava o saco era o Furtado, agora convertido ao pacifismo, quando antes era um incendiário. Vítor e Laurindo davam-lhe trela, contrapondo argumentos, tentando provar que as sociedades nunca mudam sem grandes convulsões. Conversa chata, pensou Malongo, estragavam sempre a festa.

Felizmente apareceu Horácio e improvisou um poema de circunstância, de fetos gerados em tempos difíceis, condenados a viver em futuros idílicos, quando todos os homens fossem iguais. O poema nunca mais acabava, porque ele corrigia, como é que eu dizia no princípio?, não pode ser assim, dava nova nota, e vinha acabar no mesmo concerto. Mas ao menos mudou a conversa, onde estava Horácio ninguém mais podia falar. E fazia as pessoas rir, porque combinava flores delicadas com proletários suando no meio do óleo das máquinas e poentes violetas com gerações de grávidas arrastando as barrigas cheias de revolucionários. Malongo quis ir buscar a viola para acompanhar o poema, mas Sara dissuadiu-o. Não faz mal, Horácio, amanhã vamos compor uma coisa juntos, com o teu poema e a minha música. E foi assim que todos souberam que Malongo se treinava à viola, segredo religiosamente escondido que nem Sara nem Vítor tinham divulgado.

A revelação das tendências musicais de Malongo serviu para reanimar a discussão. Tito, um golunguense integrando o conjunto Ngola Kizomba, grupo da Casa dos Estudantes, logo propôs mas tens de ensaiar connosco um dia. Malongo irradiava felicidade com o sucesso, pois tinha conseguido ao menos uma vez roubar o estrelato a Horácio, dono de todas as conversas.

Sara tinha finalmente terminado o curso. A defesa da tese correu bem e arrancou uma distinção do júri. Marta também conseguiu nota alta, embora sem distinção. Foram juntas receber o diploma e decidiram comemorar numa pastelaria com chá e torradas. Falaram ainda do curso e da sua nova condição de médicas. Sara sabia, inevitavelmente iam conversar sobre perspectivas do futuro e temia isso, pois tinha de esconder os seus planos, já adiantados. Malongo informara-a que a todo o momento podia ocorrer a fuga dum grupo numeroso de angolanos, havia muitos preparativos. Vítor punha-o ao corrente das coisas essenciais, só não sabia quem organizava. O amigo falava de mais-velhos, sem os nomear. Malongo estava na lista que corria secretamente. E eu?, perguntara Sara. É evidente que sim, vamos juntos. Parecia um sonho e Sara não estava tão segura de ser incluída na lista. Pensava, tenho de abandonar a paranoia, mas a dúvida persistia.

– O nosso amigo que esteve lá em casa deixou-me cair – disse Marta. – Recebi um postal, como tu. E depois uma carta sem endereço. Como sabes, tenho passaporte e já estive na Itália. Tinha-lhe dito que ia visitá-lo, logo que acabasse o curso. Nesta carta simpática, muito terna, diz para esquecer. E não manda o endereço. Mesmo que saia, não tenho meio de o contactar. Grande sacana!

– Tem outras coisas a fazer. Até pode estar já muito longe.

– A carta tem o carimbo de Paris. Não esperava. O primeiro tipo que não

pus a andar... foi embora e deixou-me.

Sara não entendeu muito bem a desilusão da amiga. Claro que Aníbal tinha uma missão a realizar e não podia comprometer-se com visitas, mesmo de amigas que o ajudaram. A menos que... A dúvida assaltou-a e perguntou:

– Mas que tipo de relações criaram?

– Ora, sua ingénua! As que se criam entre um homem e uma mulher que vivem quinze dias no mesmo quarto. Ora porra! Todos os outros me cansaram ao fim de algum tempo, mas o Aníbal não. Quando estava no melhor, ele foi embora. Está bem, tinha de ir, mas agora deixa-me pura e simplesmente cair. Para eu aprender.

Sara ficou chocada. A revelação de ter havido relações íntimas entre eles doeu-lhe. Bolas, mas que esperava eu? Sempre vira o Aníbal como uma espécie de sacerdote, apenas dedicado às ideias. Nunca suspeitara nele outros interesses nem ouvira sequer alusões a mulheres anteriores. Antes não lhe estranhava, porque o colocava numa redoma de amizade sem mácula. E era mácula? Revelava-se apenas como um ser humano, ela é que estava a ser estúpida.

– Nunca me disseste nada.

– Também eu não sei por quê. Geralmente conto-te os meus casos. Não são secretos e ninguém tem nada com isso. Desta vez foi diferente, foi sério, apaixonei-me mesmo, estou aqui a sofrer que nem uma vaca sem o vitelo.

Sara estava confusa. Marta bebia tristemente o chá e ela aproveitou para pôr as ideias em ordem. Era difícil. Apesar do esforço, sentia desapontamento. Aníbal era um homem e acontecera o normal. Podia dizer isso mil vezes que o fundo de si própria não o aceitava. Sentia ciúme? A palavra pareceu-lhe enorme. Depois admitiu, uma irmã sente ciúme quando sabe que o irmão tem outra relação. Sentirá? Ou apenas se há algo de incestuoso no seu sentimento? Incesto? Que brincadeira. Disse para si própria, amo e estou grávida dum outro homem, não há ambiguidades em mim. Amar dois homens ao mesmo tempo, isso é tema para cinema.

– Ele prometeu-te alguma coisa?

– Não, nunca. Aí é que está. Foi da máxima lisura. Quando lhe falei em ir lá fora, ele apenas riu. Disse claramente, deixa as coisas assim.

– Então, de que te queixas?

– Porra, não percebes? Foi tão forte, tão bom, que criei ilusões. Chegado

lá fora, ele ia ter saudades. Isto não podia acabar assim. E nem sequer sei onde o procurar, o Mundo é tão grande...

Sara tinha o endereço de Paris. Era um possível ponto de informação. Mas não lhe daria o endereço. Aníbal dissera para não o revelar a ninguém, para o recordar apenas lá fora. Talvez ele pensasse em Marta quando insistiu com ela sobre o segredo. Não lhe daria o endereço, por cumplicidade com Aníbal e para respeitar as leis da clandestinidade. Sentiu prazer nisso. Serei sádica a este ponto? Bebeu o resto do chá, o qual lhe parecia estranhamente amargo.

– Estás assim, porque não foste tu que rompestes a relação. Uma questão de amor-próprio apenas.

– Não. Estou assim porque a relação não se esgotou. Tudo se deve esgotar até começar a cheirar mal. Chega sempre o momento de enterrar, como um cadáver. Aí não há razão para desilusão, saudade. A ligação cheirava cada vez melhor. E foi nesse momento preciso que se interrompeu. Dói, ficas com mais sede ainda.

Devia consolar a amiga. Mas não sabia como. As palavras de encorajamento são tão inúteis como as boas intenções. Só a consolaria com um ato, dar-lhe o endereço. O resto seria conformar-se às convenções que as duas recusavam. Não podia cair no formalismo vazio, que além do mais lhe pareceria hipócrita. Marta tinha desfrutado da ternura escondida de Aníbal, adivinhada mil vezes e afinal tão profundamente desejada. Era realmente amiga de Marta, faria qualquer coisa para a ajudar em caso de necessidade, mas desta vez estava ferida, tinha de o reconhecer. Como se a outra tivesse cometido um sacrilégio. Quem sou eu, afinal?, perguntou-se. Exasperada. Sentia que perdia o alto respeito que nutria por si própria, o pior que podia acontecer a alguém. Malongo estava à beira disso, quando o salvou a notícia de ser pai. Agarrou-se à lembrança de Malongo, agora tão carinhoso, sério, aceitando mesmo participar em reflexões políticas.

– Tenho de ir, Marta. Deves compreender o gesto do Aníbal, libertou-te porque não tem nada para te dar. Esqueces que tem uma revolução pela frente?

– Sei de tudo isso. Mas, que raio, como é que vou esquecer um tipo daqueles, um fora de série? E sabes que mais? Dói-me também saber que ele está errado, que se vai lixar.

– Como assim?

– Se não morrer, o que se enquadra melhor com a sua maneira de ser, vai desiludir-se. A tal revolução que tem à frente não vai ser como ele a imagina. Nunca nenhuma é como os sonhos dos sonhadores. É um sonhador, apesar de toda a sua linguagem rigorosa de comunista. Acaba por ter ideias mais libertárias que as minhas, que ele chamava de anarquista. As revoluções são para libertar, e libertam quando têm sucesso. Mas por um instante apenas. No instante a seguir se esgotam. E tornam-se cadáveres putrefatos que os ditos revolucionários carregam às costas toda a vida.

– Falaste-lhe assim?

– Claro. Riu daquela forma paternalista que têm os iluminados, os que detêm a verdade. Como se eu fosse uma criança engraçada. Não me ofendi, nada nele me ofendia. Mas discutimos muito. Disse-lhe que a Revolução Francesa acabou no terror e Napoleão e que a bolchevista terminou logo no estalinismo, mesmo antes de Stálin ser o patrão. Procurou rebater, é muito forte em argumentos históricos. Mas lá no fundo ficou tocado, senti. Porque é um sonhador, um utópico. Pior que eu. Ou morre ou se desilude, não tem outra alternativa.

– Em Angola será diferente.

– Falas como ele. Os iluminados dizem sempre que a sua experiência não descambará como as outras. Não ousam afirmar, porque são ou querem parecer modestos, mas pensam assim: se eu acredito nisto, por que não se há de realizar como imagino? E partem os cornos, sempre, sempre... São aliás feitos para isso, para partir os cornos.

Sara levantou-se. Já conhecia as ideias de Marta sobre a inelutabilidade de os processos políticos se burocratazarem e acabarem num sistema opressivo criado por eles próprios. Não partilhava esse pessimismo e Aníbal também não. Mas hoje não queria discutir. Estava demasiado baralhada com os sentimentos ambíguos que nela descobria. Pagou a conta. Marta não a quis acompanhar, ficou sentada na mesa, fazendo um triste gesto de despedida, uma mão cansada a abanar.

Quase correu para se encontrar com Malongo, como para um refúgio. Agora sabia sempre onde o encontrar, ele levava uma vida regular de casa para o Rialva, deste para a Casa dos Estudantes, daí para o quarto dela. Já tinha passado o mês que o Benfica lhe dera, o último salário estava no fim. Esperava a fuga. Tocava viola, conversava, fazia amor com ela. E pensava em França. Estava transparente como nunca, isso dava confiança a Sara.

Com efeito, lá estava Malongo numa mesa do Rialva. Não conseguia esconder o nervosismo, ela tinha-se atrasado assim tanto? Ao entrar, olhou o relógio na parede. Seis horas da tarde. Não estava atrasada, mas Malongo impacientara-se, era evidente. Havia pouca gente no Rialva, Sô Evaristo cochilava atrás do balcão. Malongo levantou-se mal a viu, vamos dar um passeio. Ela estranhou, não era habitual, mas deu meia volta e saiu com ele. Sô Evaristo nem despertou. Na rua, Malongo segredou é para hoje à noite.

– O quê?

– Ora, o quê! Sabes muito bem. O Vítor vai ter ao teu quarto à noite, o Laurindo também. Vão lá buscar-nos de carro às dez horas. Estava à tua espera para te avisar. Prepara só um saco de mão com as coisas mais indispensáveis. Não se pode levar mala, só um saco.

Sara caminhava maquinalmente, quase empurrada pelo braço forte de Malongo. Aos poucos ia assimilando tudo o que ele dizia. Sempre contara que fosse avisada com mais tempo, muitas coisas ficariam sem ser feitas. Que se lixe, o importante era ir, o resto não contava.

– Se puderes, prepara qualquer coisa para comer, vamos andar toda a noite, de carro e a pé. Conta com quatro pessoas. Não sei por que incluíram o raio do Laurindo no nosso grupo, esse miúdo põe-me a carapinha toda de pé. Mas nem deu para discutir. Vamos aos grupos de quatro e encontramos todos na fronteira. Uns vão de comboio, outros de autocarro, parece. Nós, talvez por tua causa, vamos de carro. O Vítor é que deve saber mais detalhes, é o chefe do grupo. Vou para casa arrumar o saco e depois vou ter ao teu quarto. O primeiro a chegar vai ser o Laurindo, às sete horas, foi o Vítor que decidiu, também não sei por quê. O último serei eu, às oito horas. O Vítor às sete e meia. Não convém que cheguemos todos ao mesmo tempo, pode chamar a atenção.

Malongo afastou-se, no caminho para a Rua Praia da Vitória. E ela pensou, com os sacos iam chamar a atenção, mesmo chegando a horas separadas. E todos a entrarem no mesmo carro às dez, cada um com um saco... Felizmente que a casa não estava vigiada, tinha a certeza. Primeiro que a PIDE notasse, já estavam do outro lado da fronteira. Oh, que se lixe, que se lixe, vamos embora, deixar este país de merda onde se abafa. Tentou recordar um poema de Éluard que circulava clandestinamente, sobre a liberdade, mas só retivera os primeiros versos. Avançou para casa, tentando fazer uma lista mental de todas as coisas que devia levar. O mais difícil era

decidir depois o que tinha de deixar.

Laurindo chegou às sete em ponto. Muito excitado, como era natural. O quarto estava todo virado do avesso, as roupas dispersas por cima da cama e das cadeiras, as malas abertas no chão, os livros e papéis numa desarrumação indescritível. Já tinha escolhido o saco que devia levar, mas nele só pusera ainda os objetos de higiene. Olhava para a sua riqueza, desesperada, sem saber por onde começar.

– Posso ajudar? – ofereceu-se Laurindo.

– Nem sei. Olha, mete os livros todos e papéis nessa mala castanha. Tenho de pensar no que devo levar.

Meteu alguma roupa interior no saco, a de melhor qualidade. Em França era verão também, por isso deixava de lado as roupas pesadas. Só levava um casaco, por causa dos Pirenéus. Laurindo foi arrumando cautelosamente os livros. A mala ficou cheia e ainda sobravam livros. Ela disse-lhe para meter o resto noutra mala, a de porão. Não levas nenhum? Não, são muito pesados. Mas lembrou-se do diploma e dos certificados que atestavam ter o curso de Medicina. Meteu-os no saco, de lado, para não ficarem muito amachucados. Isso era o mais importante. Lembrou-se de repente que ainda tinha de cozinhar, ora, faria qualquer coisa simples, tinha ovos e carne. Arroz para acompanhar. Depois de resolver o problema do saco. Laurindo falou, sem parar o seu trabalho:

– O Malongo já te contou a luta que teve por tua causa?

– Não, não me disse nada. Lutou?

– Maneira de dizer. Estranho que não te tenha dito nada. Admirei-o. Francamente, admirei-o. Parecia um leão.

Sara parou de pensar no saco. Virou-se para o rapaz. Que estória era essa agora? Mais um segredo. Mas Laurindo não lhe deu tempo de formular a pergunta.

– Não te queriam deixar ir. O Malongo disse que não ia sem ti, que estavas grávida e casavam em França. Tanto lutou e discutiu que aceitaram. Acho que o Vítor também ajudou.

– Mas quem não queria que eu fosse?

– Não sei. Os mais-velhos. Fiquei ao corrente mais ou menos por acaso. Também nem sei quem manda nisto tudo, só se diz os mais-velhos. Fiquei admirado por o Malongo fazer esse tipo de exigência. Nunca ninguém o levou muito a sério e o mais certo era dizerem, então também não vais e

pronto. Mas ele conseguiu convencê-los, afinal querem que o máximo de angolanos escape.

Ela não disse nada. Por um lado, estava reconhecida a Malongo pela sua fidelidade. Por outro, irritada porque mais uma vez a queriam deixar de lado. Atirou com raiva umas roupas para dentro do saco. Estava cheio, já dificilmente fechava. Escolheu o casaco mais longo e quente que tinha, os outros foram parar à mala de porão onde Laurindo acabara de pôr os livros. Fez um esforço para só pensar no trabalho. Que fazer depois com as malas? Ia deixar bem arrumadas no quarto, com um bilhete para a senhoria. Tinha o aluguer do mês pago, não ficava a dever-lhe nada. No bilhete diria apenas para ela entregar as malas à Marta que as iria buscar. E telefonava a Marta para no dia seguinte apanhar as biquetas e as expedir para os parentes da província. Um dia poderia reavê-las. Só escreveria aos pais de Paris. Ia ser um choque para eles, a contarem com ela dentro de meses em Benguela, mas não queria pensar agora no assunto.

Foi telefonar para Marta. De caminho disse à senhoria, não se preocupe com o barulho, vêm uns amigos comer, mas às dez horas tudo estará silencioso. A senhoria não disse nada, atitude que tomava desde que a sabia grávida dum negro vadio. Marta estava em casa, pediu detalhes, mas não lhos podia dar, vem só cá a casa amanhã e apanha umas coisas que tenho, depois explico-te, é urgente. Marta prometeu, imaginando que ela estaria metida noutra coisa parecida com a de meses atrás, quando lhe ofereceu o Aníbal. E não era do mesmo género? Depois escreveria de Paris a pedir desculpas pelos segredos, mas a situação exigia servir-se dos amigos sem cerimónias. Marta diria muitos porras e merdas, mas acabaria por rir.

Faltavam ainda umas coisas para meter na última mala. Couberam a bem ou a mal. Fecharam todas e arrumaram-nas num canto. Sobravam os apetrechos de cozinha, mas oferecia-os à senhoria. Sentou-se à secretária e escreveu-lhe um bilhete seco, dizendo que tinha de partir urgentemente para o Porto, recebera um recado da família, e que não a quisera acordar porque o recado chegou muito tarde. Que entregasse as malas à Marta, que a senhoria conhecia. Ficava o quarto livre, já lhe pagara o mês. Pôs o bilhete em cima da última mala.

– Vamos agora pensar no jantar.

Foi nessa altura que Vítor chegou. Com um grande saco que parecia pesado.

Sentou-se no sofá ao lado de Laurindo, arfando com o esforço de subir as escadas com o saco. Sara esperava que a água fervesse na panela, para pôr o arroz. Os bifes e os ovos eram para depois. Aproveitou a pausa e disse para Vítor:

– Tu deves estar ao corrente das coisas. Então não queriam que eu fosse?

Vítor olhou para Laurindo. Parecia acusá-lo de revelar um segredo altamente confidencial. Laurindo baixou a cara, assumindo a falta.

– Houve problemas. Tens de compreender, a situação não é fácil. Mas está resolvido e pronto, esquece.

– Sou a única pessoa branca que vai?

– Por que pões as coisas assim? Há mais. Três ou quatro mulheres casadas com angolanos. Mas essas são portuguesas ou de outras colónias. Angolana, sim, parece que és a única.

– E homens?

– Não sei. Nem me perguntes, vais ver mais tarde quando todos nos juntarmos. Há muito pouca gente ao corrente de tudo, são as regras.

Laurindo mexeu-se no sofá. Hesitava em falar, talvez porque Vítor era um pouco mais antigo no meio e o chefe do grupo, o que indicava que tinha alguma responsabilidade. Mas acabou por desabafar.

– O curioso é que para as portuguesas não houve problemas. Para a Sara houve. Porque é angolana. Ou porque as outras são casadas com mais-velhos?

– Se querem a minha opinião, não sei. Imagino que há muitas influências por fora. As portuguesas não criam dificuldade, serão sempre estrangeiras, não riscam. Mas os brancos angolanos não são aceites por muita gente, porque podem vir a reivindicar a terra, que é deles também. E, bom... não devia dizer, mas que se lixe! Não pensem que foi porque o Malongo e eu insistimos que a coisa se resolveu. A Sara vai porque chegou uma ordem de fora para ela ser incluída no grupo. Mas havia quem, mesmo assim, não queria aceitar essa ordem.

Aníbal, pensou Sara. Ele defendeu a sua causa lá fora e ganhou. Esse, ao menos, que não era nacionalista de última hora a apanhar o comboio, cumpria o prometido. Não era por acaso que uma tipa livre e exigente como Marta se apaixonara por ele, o fora de série, como lhe chamara. Por associação de ideias, lembrou-se de Fernanda.

– Vítor, já que estamos aqui a contrariar todas as regras de

clandestinidade, a falar do que não devemos, e numa casa que nem devia servir para este encontro porque podia estar vigiada desde que me recusaram o passaporte... Bem, vou infringir mais uma regra. A Fernanda?

Ele entristeceu num repente. Durante a conversa anterior estava tenso, de cenho franzido, quase zangado. Agora parecia um saco a esvaziar-se. Fez um esforço visível para responder e antes mesmo de o conseguir já Sara lamentava ter tocado no assunto.

– Não quis vir.

– Não houve tempo para a convencer, com certeza. Quando lhe falaste na possibilidade da fuga?

– Há uns dias, quando eu vi que as coisas se precisavam. Não houve meio de a convencer. Discutimos muito, oh, nem falávamos de outra coisa. Tens razão, foi pouco tempo. Está muito agarrada à família, a fuga seria uma traição às esperanças que os pais depositam nela... E tem medo do que se passará a seguir.

– Sim, foi pouco tempo – disse Sara. – E depois, quem sabe o que será a nossa vida? Nós somos mais maduros e muitos recusam, certamente. Muito mais uma jovem que só há dias começou a descobrir que as ideias impostas pela família e a escola talvez não sejam a verdade. Pode ser que vá ter contigo mais tarde.

– Pode ser. Mas não acredito. Vou-lhe escrever, tentarei sempre guardar o contacto. Mas sem muitas esperanças. Está num meio que não ajuda a tomada de consciência.

– O amor conta muito, Vítor. Não percas a esperança.

Ele não respondeu. Mas tinha ar de não acreditar muito no amor dela. Talvez tivesse razão, pensou Sara, sempre houve muito maior interesse por parte dele. Fernanda aceitou o namoro, mas podia ser apenas para quebrar a rotina do lar das madres. E quando tinha de saltar no vazio, confiando apenas nele, ficou parada, não saltou. Não era de facto grande prova de amor.

Malongo chegou, com um saco e a viola. Sara foi tratar do jantar. Vítor esqueceu as desilusões amorosas e assumiu o papel de chefe do grupo.

– Disse-te que era só um saco. A viola vai ficar aqui.

– Nem brinques comigo. Não vai atrapalhar ninguém, o problema é meu, eu é que a carrego.

– Ocupa lugar no carro.

– Vai no meu colo, não ocupa lugar nenhum. E vais ver, ainda vou ter de te ajudar a carregares esse teu saco tão pesado. Esqueces que sou um atleta? O peso para mim não é problema. E os outros todos vão levar as violas, não é coisa que se deixe para trás. Nem viola nem mulher.

Vítor encolheu os ombros, desistiu da conversa. Laurindo foi ajudar Sara, enquanto Malongo dedilhava a viola. Até o jantar estar pronto. Comeram à pressa, consultando constantemente os relógios. Sara olhava para o quarto, abria e fechava gavetas, não fosse esquecer qualquer coisa importante. Parecia estar tudo em ordem, o dinheiro no bolso, o diploma no saco, o coração aonde?

Perto das dez horas, Vítor levantou-se e ficou encostado à janela, olhando para fora. Ninguém falava há muito tempo, a tensão nervosa não permitia. E se o carro não aparecesse? E se tudo falhou e não os avisaram? As perguntas vinham e iam, na cabeça de Sara. Pelas caras dos outros, até mesmo a de Malongo, que deixara de tocar ou de dizer piadas, as mesmas perguntas atormentavam-nos.

Vítor finalmente disse, alto, quase gritando:

– Está aí o carro, é esse. Vamos depressa.

Cada um pegou no seu saco e desceu as escadas. Sara foi a última, deitou um derradeiro olhar pelo quarto onde vivera seis anos, viu as malas empilhadas com os seus tesouros, apagou a luz e fechou a porta, sentindo que ao mesmo tempo fechava um capítulo da sua vida.

Epílogo

O grupo de fugitivos foi travado na fronteira da Espanha com a França pelas autoridades franquistas. Imediatamente informado, o governo de Salazar pediu a sua extradição para Portugal. Esperava-os a prisão e a tortura.

Uma organização humanitária, a Cimade, que estava na origem da fuga, alertou os governos ocidentais para a situação desesperada dos angolanos. Algumas embaixadas em Madrid fizeram pressão. Finalmente Franco deixou-os seguir para Paris, a cidade da luz e da esperança.

O grupo dividiu-se. Muitos foram estudar para países da Europa, ocidental e oriental, ou para os Estados Unidos. Outros integraram imediatamente os dois movimentos de libertação. Sara e Malongo ficaram em Paris. Aníbal já aí não se encontrava.

A CHANA
(1972)

Ainda o deserto.

Agora, do deserto brotou capim e o deserto se tornou chana. Mas sob o capim há areia. E que é a areia senão o cobertor do deserto?

Não, não é verdade.

A chana não é um deserto, nada tem de comum com um deserto. A areia é um pormenor, não a alma do deserto. O deserto é um mundo fechado. A chana são vários mundos fechados, atravessados uns pelos outros. A complexidade da chana está na sua própria definição. Para uns, os otimistas talvez, a chana é um terreno coberto de capim rodeado por uma floresta; para outros, os pessimistas, a chana é um terreno sem árvores que cerca uma floresta. No fundo, por que distinguir otimistas e pessimistas? Não será a floresta, no segundo caso, uma simples ilha, talvez um Mussulo onde coqueiros nascendo da areia procuram com seus penachos acariciar as nuvens? Ou será a chana, prosaicamente, apenas um terreno sem árvores que é preciso atravessar para chegar à floresta ansiada?

E ainda mais no fundo, não será vão definir a CHANA?

(Duma página arrancada pelo vento ao caderno de apontamentos do Sábio).

O homem é um ponto minúsculo na chana. O sol acaba de se erguer e perdeu o tom ensanguentado que guardara por momentos, depois de violar a noite. O homem já deixou atrás de si uma longa extensão de terreno, coberta apenas por capim. A mata, abandonada ao notar os primeiros alvares que lhe indicavam o Leste, ficou bastante longe, tomou mesmo o tom azulado da distância. Nada se apercebe à sua frente, além dum oceano de capim baixo chegando à altura dos joelhos. Mas ele sabe, lá onde finda a chana haverá árvores e sombra. No fundo duma chana há sempre árvores, bem como à direita ou à esquerda ou atrás; a chana é um mar interior, a única incerteza reside no tempo necessário para chegar à praia.

O sol nascente indicou-lhe o caminho e reaqueceu-o do frio da noite. O homem recebe o calor na cara, como uma carícia particular. Sabe que, em breve, a carícia se tornará incômoda e, mais tarde, tortura. Por enquanto, porém, o sol é apenas o ser que fez afastar o frio e os terrores noturnos; é ainda bendito, para depois ser amaldiçoado e, quando desaparecido, ser desejado. Destino de qualquer soberano...

O homem tem uma arma, uma Kalashnikov soviética, apoiada no ombro esquerdo. Um boné verde oculta-lhe o abundante cabelo encarapinhado. A barba farta termina em duas pontas, no queixo. Os olhos são grandes, muito brancos, realçados pelos sinais duma noite mal dormida. Veste uma farda camuflada e calça botas militares. Do cinturão está pendente uma bolsa-

cartucheira para os carregadores de reserva, do lado direito. Mais atrás, uma corda enrolada. Do lado esquerdo, o cantil e o punhal adaptável à arma. Na parte da frente do boné está espetado um emblema oval, onde se nota um facho aceso empunhado por uma mão negra: o homem é um guerrilheiro.

Marcha rapidamente em direção ao Leste, os olhos inquietos abarcando toda a chana. Por vezes, estaca repentinamente e move a cabeça ou inclina-a, para escutar. Logo prossegue, cada vez mais rápido. A farda, as botas, a barba, estão sujas de pó acumulado. A estação seca está no fim, mas as chuvas ainda não começaram. As chanas estão ressequidas e a poeira cobre tudo. O capim novo já nasceu e contrasta com o amarelo que ficou da estação passada. Nos sítios onde chegara o fogo posto pelos caçadores, o negro calcinado já foi vencido pelo verde possante que fura a terra. Daí a três meses toda a chana estará coberta de água, água parada onde crescerão girinos, sanguessugas e mosquitos, copulando-se constantemente. Então, qualquer marcha será um arrastar torturante com água pelos joelhos, com quedas frequentes por causa dos buracos camuflados e o zumbir permanente dos mosquitos à volta da cabeça.

Agora, a chana está ainda seca e o homem marcha rapidamente para a fronteira-refúgio.

O seu grupo era composto de onze combatentes. Andavam há quase um mês, vindos do Bié para a fronteira da Zâmbia. Atravessaram os planaltos onde o mel impera, rios e riachos, pântanos, chanas, mas sobretudo matas. Nalguns sítios repousavam dois ou três dias, lá onde a comida era abundante e o povo acolhedor, o que rareava com a aproximação da fronteira. Depois recomeçavam a travessia, cada vez mais cansados mas mais rápidos, à medida que as matas do Moxico ficavam para trás e a Zâmbia vinha até eles. O homem fora chamado ao exterior contactar a direção do Movimento e os guerrilheiros iam buscar material. Para não ser retardado, recusava a companhia dos elementos do povo que ao grupo pediam para se integrar e montava acampamento afastado das fogueiras de mulheres, velhos, crianças, que recuavam para a fronteira, fugindo da guerra.

Dos confins do Kembo, do Kuanavale ou do recém-nascido Kuanza, vinham colunas de gente nua e desesperada. As velhas de ventre ressequido arrastavam crianças de barriga inchada e grandes olhos. Os velhos e os homens e as mulheres, um pano esfiado nos quadris, transportavam às costas bolas de cera e quindas com restos de fuba. Os homens ainda possuíam um machadinho, com o qual apanhavam o mel na mata. As mulheres levavam as cada vez mais inúteis panelas. A cera era o seu único bem, o capital que iriam vender ao primeiro comerciante da fronteira para

resistirem aos meses de fome.

As ofensivas inimigas tinham despovoado os kimbos. Os helicópteros despejavam bombas, metralha, e homens treinados para matar. Os campos de milho e massango, as lavras de mandioca, as hortas, tudo tinha sido devastado, ou pelos desfoliantes lançados dos aviões ou por homens raivosos que arrancavam as plantas da terra com a mesma raiva com que outros, antes deles, tinham no Norte despedaçado as cabeças das crianças contra as árvores. Pessoa capturada não tinha escolha: indicava o caminho para a base guerrilheira ou era imediatamente assassinada. As ofensivas eram simultâneas e acompanhadas de propaganda, panfletos, comunicados, agentes infiltrados nos kimbos, programas de rádio especiais. “Vocês, nas matas, sofrem e morrem, enquanto os chefes terroristas vivem como nababos no estrangeiro... Vocês, nas matas, vivem como animais selvagens, mas os que estão connosco são bem tratados, vivem como cidadãos portugueses... Não sigam os bandidos, que estão a aproveitar com o vosso sofrimento... A tropa é vossa amiga...” E lá vinham os helicópteros, e lá vinham os aviões, e lá vinham os Comandos e os GE e os Flechas, todos armados, estranha luz nos olhos, arrancar a mandioca e o milho, em nome da amizade. E lá vinham as cristianíssimas cruzes de Cristo, pintadas a vermelho nas barrigas dos bombardeiros, tingir de vermelho rasgado as barrigas negras das crianças.

O povo perdeu a confiança na guerrilha e criou o vazio à volta dela, recuando aos milhares para a Zâmbia. Ao redor das fogueiras, nas frias noites da caminhada interminável, os lábios dos velhos sussurravam o mesmo desespero que os olhos dos meninos, brandiam os mesmos espectros que os sexos desfalecidos das mulheres: a fome, o frio, a morte. Nada há a fazer, o inimigo é demasiado forte, os nossos filhos e pais e maridos ousaram desafiá-lo, acordaram as cinzas adormecidas dos maus espíritos, lançaram a maldição sobre nós. Aquilo que está parado não deve ser mexido. Fugamos, fugamos, fugamos para a Zâmbia. E as pernas seguiam, dilaceradas pelos espinhos de semanas, obedecendo ao terror.

Quando avistava o grupo de guerrilheiros, o povo vinha pedir, deixem-nos ir convosco, precisamos da proteção das vossas armas. Ele não respondia. Mandava o grupo avançar mais depressa.

– Não nos abandonem. Vocês são os nossos guerrilheiros. Tu, que és um chefe, deixa-nos entrar no teu grupo. Não vos atrasaremos, pediremos um

esforço suplementar às nossas pernas para não vos importunar. Tu és um muata, um responsável, deves ouvir o povo...

Ele nem respondia. As colunas de povo não tinham comida, procuravam-na nos paus, eram pesos inúteis. E ainda por cima acabaria por ter de dividir com elas os restos de sal perdidos nos forros dos bolsos. Por isso evitava-as, fazendo acampamento longe delas, desviando a rota se via alguma à sua frente. Não tinha remorsos, lutava pela sobrevivência. Há muito deixara de se questionar, como antes fazia, quando se considerava um intelectual.

Na margem do Kuando ouviram helicópteros sobrevoarem o rio. Avançaram, o coração apertado. Ainda na véspera tinham visto o que restara dum grupo de populares que atravessara o Kuando e caíra numa emboscada do inimigo, na margem esquerda: dois corpos de mulher abandonados no mato e rastos sanguinolentos de feridos arrastados para os helicópteros. Ao sentir a presença constante dos helicópteros, ele dissera devemos andar de noite, pois os aparelhos podiam ter deixado tropas à frente. Os guerrilheiros recusaram andar à noite, invocando todos os pretextos. Nunca referiam a verdadeira causa, o medo do chieye, o fogo-fátuo que se evola do fósforo de corpos em decomposição. Ele insistiu, mas em vão. Como responsável, poderia obrigá-los. Mas seria ainda pior, pois os guerrilheiros criariam uma razão de parar ao fim duma hora de marcha. Só quando é chana e o inimigo ronda, o guerrilheiro aceita passar à noite, só o medo do inimigo presente é mais forte que o medo da noite e seus fantasmas. Ele sabia, corria para o naufrágio. Mas os kimbo estavam desertos ou habitados por velhos que afirmavam nada ter de comer. O mais certo era ser verdade. Descobriram no entanto um único habitante num kimbo, um velho quase se confundindo com um pau de tão magro, o qual lhes deu kaxipembe de makolo. Era o fim, dizia, não há mais fruta para fazer a aguardente, o alambique estava ali para ser abandonado, bebam comigo o resto, depois me vou deitar ali no sol e morrer. Bebendo o kaxipembe e olhando o velho que preparava o sítio onde ia morrer, ele decidiu, temos de andar depressa, mesmo de dia.

E foi assim que avançaram de dia e caíram na emboscada adivinhada. A primeira rajada abateu o guerrilheiro que ia à frente. Ele e mais dois combatentes responderam ao fogo do inimigo e depois recuaram. Perdeu-se então dos outros, na confusão da retirada no meio da mata, com os obuzes de bazuka a explodirem a seu lado, as balas incrustando-se nas árvores ou

partindo ramos mesmo acima da sua cabeça. Correu, saltando sobre troncos, rastejou, cambalho-tou, continuou a quatro patas, sem medo, sem consciência, sem dor, sabendo apenas tenho de sair daqui. Parou quando os pulmões escapavam rebentar e a garganta estava em fogo. Perdera a noção do tempo e da distância percorrida. Já o tiroteio tinha terminado e ele não sabia de onde tinha vindo. O sol apontava o meio-dia e não lhe servia de indicador. Estava perdido.

Andou às voltas durante o dia, procurando caminhos ou o rasto de algum camarada. Nem sabia que andava às voltas, não procurava orientar-se, só olhava o chão, desejando um sinal de bota. No entanto só encontrava as marcas das suas próprias. Não se assustou demasiado com o facto. Estavam na altura do posto do Ninda, à direita, quando foram surpreendidos. A fronteira não podia ficar a mais de três dias de marcha e a direção ser-lhe-ia dada, na manhã seguinte, pelo sol nascente. O pior era ter perdido a mochila, levada por um guerrilheiro, precisamente para lhe aliviar o sacrifício da caminhada.

Quando o frio apertou à noite, deu razão ao Sábio que nunca permitia que lhe levassem a mochila. Dizia o Sábio, um dia perco-me dos outros e fico sem cobertor. Por isso, o fraquitolas do Sábio lá carregava sempre a sua casa às costas. A contragosto, teve de reconhecer que o Sábio era o mais prudente dos dois. A ele a questão sempre se pusera: levar a mochila era sem dúvida mais seguro, nunca se sabe o que a próxima volta do caminho esconde; mas, além do tormento provocado pelo peso nas costas, também lhe fazia perder prestígio aos olhos do povo, pois é símbolo de importância ter um carregador que leve a mochila do responsável. O Sábio não se importava com isso e, afinal, quando chegavam a um kimbo desconhecido, ofereciam o melhor banco a ele e nunca ao Sábio, pois este levava a sua própria mochila, como qualquer guerrilheiro. A sua desforra era aceitar o banco e deixar o outro sentado num banquinho incómodo, ou mesmo no chão. Para não armar.

O inimigo estava tão perto que não ousou acender o fogo. Não dormiu, tiritando de frio, dando cada vez mais raivosamente razão ao Sábio que mesmo ali o humilhava. E pensou e recordou, esperando a madrugada.

Dois anos antes, o Sábio contara-lhe:

Assisti a uma xinjanguila interessante, no Kembo. Não te vou descrever a xinjanguila, que conheces, mas acho que vale a pena fazer-te notar certos pormenores a que talvez não tenhas dado importância.

O segredo da dança está na interação entre o coletivo e o individual. A dança de pares pode ser dançada só a dois. Basta música, um homem e uma mulher, ou duas mulheres, ou dois homens. No limite, basta mesmo uma só pessoa. Na xinjanguila, o coletivo é fundamental, não só para o ritmo dado pelas mãos e pés dos outros, mas pelas figuras diferentes que se formam quando quatro ou cinco pessoas saltam da periferia da roda para o centro, onde se encontram, para voltarem à periferia convidar a pessoa que fica à sua direita, que por sua vez vai até ao centro. Assim, o movimento é o de quatro ou cinco linhas quebradas, em zig-zag, que se deslocam da esquerda para a direita, interferindo-se. Tudo combinado com os movimentos de ombros, ancas, braços e pernas. E o particular? Está no breve instante em que a pessoa da esquerda, ao vir do centro, te convida batendo os pés ou dando um sacão de anca, ou à tua frente bamboleia o ventre a mimar o ato sexual. Também está na tua ida ao centro, onde encontrarás outros, e quando voltas convidar a da direita. É realmente um equilíbrio constante entre o habitual sentido coletivo da dança de roda e o sentido particular da dança de pares. O prazer não está em sentir o corpo do outro vibrando com

a música e o contacto do teu. O prazer está em sentir o prazer coletivo do rítmico e o de sentir viver, vibrar, o corpo que vem ao encontro do teu, sem o tocar.

Eu estava entre Maria e Mussole. Não as conheces. Maria terá uns dezassete ou dezoito anos, Mussole talvez pouco mais nova. Maria é alta, ligeiramente forte, Mussole é um capim pela sua flexibilidade. Ao princípio, Maria estava à minha esquerda e por isso vinha convidar-me. Depois trocámos e ficou Mussole do lado esquerdo. Maria é uma torrente, é o vento forte que faz uivar a mata. A dança nela é feita de curvas largas, os braços abarcando o Mundo, a língua entre os dentes, o ventre frenético, um vulcão. Mussole, pelo contrário, é o tumulto profundo que se deixa adivinhar nas águas paradas, é a vida borbulhante na chana. Os braços em cruz sobre o peito, a cabeça inclinada para a direita, as ancas rebolando ligeiramente, profundamente. Tudo nela se passa no interior, é como se gozasse o seu próprio corpo. Maria dá-se à dança, ao rítmico, Mussole integra o rítmico nela, é a fêmea que comanda o ato, não pelos movimentos do corpo, mas pelo aspirar profundo dos músculos da vagina. Maria é o que se chama vulgarmente a mulher quente, a dominadora, a que pode tomar a iniciativa perante o homem. No entanto, Mussole é a verdadeira dominadora, porque a promessa quente só é transmitida pelo que nela se adivinha. Muito mais tentacular, subtil.

Se eu não tas descrevesse assim, logo desde o início, preferirias Maria? Foi o que me aconteceu, como a todos os míopes. Preferi Maria. Com ela fui para a mata, com ela fiz amor ao rítmico frenético da xinjanguila que se ouvia dali. Depois voltámos à dança.

E Mussole passou para a minha esquerda. Estava uma Lua cheia de espanto, realçava a mais pequena ruga dum narizinho franzido em riso malandro. E Mussole passou a vir para mim, pouco se importando realmente comigo, toda ela gozando o rítmico que absorvia do ar, da Lua, da chana. E percebi então a potência do prazer de Mussole. Deixei de prestar atenção à dança, ao meu corpo, à luz da Lua, à poeira que se levantava do terreiro, para me entregar à ânsia que precedia o aproximar de Mussole. Comecei a avançar mais, de modo que os nossos corpos se tocassem num lapso de segundo. E tudo o resto se apagou. O prazer era o pressentimento do curto instante que ia vir e a sua realização periódica. Até que ela se tornou sensível ao meu corpo mais pressentido que tocado. Ou talvez só o

desse então a perceber, não sei. O certo é que integrou o meu corpo ao seu prazer, os passos mudaram, no curto instante em que para mim vinha os olhos de mbambi não só examinavam o que se passava no seu interior mas também examinavam o corpo que ia ao seu encontro. Quanto tempo durou, ignoro-o. A fonte de prazer mudava constantemente, saltava do prazer de sentir a vibração do ventre dela colando-se ao meu sexo ao prazer de pressentir o orgasmo profundo e mudo de Mussole, na cópula do rítmico com o meu sexo.

Tudo tem um fim. E a dança também. Ficámos os dois desamparados, face a face, dolorosamente ausentes dos outros que se despediam. A interrupção fora brutal e eu sentia o gosto do inacabado. Era no entanto difícil sair dessa prostração, em que os olhos se beijavam já que os corpos não tinham pretexto para o fazer à frente de todos. E foi ela que decidiu, como sempre, pelo jogo interno das vísceras. Percebi o convite mudo lançado pela espécie de câimbra que lhe arrepanhou levemente o ventre, a convulsão de duas coxas que se apertavam sob o pano. Só eu podia captar uma mensagem tão discreta, pois conseguira entrar no segredo que encerrava aquele corpo de adolescente desabrochando. Peguei-lhe na mão e puxei-a para a mata. Se deitou na areia sem uma palavra. Não fez um gesto para me ajudar a despi-la. Não fez um gesto para me ajudar a penetrá-la. Manteve-se praticamente toda a noite quieta. Quietude enganadora. O seu prazer sentia-se pelas convulsões largas e ininterruptas que nasciam no útero e se espalhavam, morrendo, nos músculos da vagina, em vagas espaçadas, saboreada cada uma como única.

Mussole, nessa noite, ensinou-me o segredo da vida: o prazer de viver está em viver o prazer do instante, como único. Espaçado, para que a reminiscência do anterior se ligue ao pressentimento do seguinte. Mas suficientemente frequente para que o ponto-morto não seja doloroso, pela saudade. Tive de partir no dia seguinte para aqui e trouxe comigo a fadiga da noite inesquecível e a saudade insuportável de Mussole. Numa palavra, estou apaixonado... Não é grave.

Isso contara Aníbal, o Sábio, dois anos antes, quando se reencontraram. O Sábio não era homem para esconder nada, gostava de falar, tudo aproveitando para dar uma lição. Talvez para humilhar os outros...

O sol começa a aquecer. Os olhos estão fixos no horizonte, na sombra que parece não crescer. Para trás, a mesma sombra esbatida das árvores que deixou.

De repente, o homem estaca, a respiração suspensa. Um ruído longínquo, indefinível. Vento ou avião? Vira-se para todos os lados, procurando um arbusto. O mais próximo fica à sua direita, a uns trezentos metros. Escuta de novo. Pode ser um helicóptero. Desata a correr para o arbusto, o coração ritimando os passos. Enquanto corre, parece-lhe que o ruído se afastou, mas pode ser efeito do esforço. Chega ao arbusto que não mede mais dum metro e quase nu. Retomando o fôlego, agachado no meio do arbusto, apercebe-se enfim de que já nada se ouve. Dez minutos à espera, descansando. Nada.

Caminhou durante cinco horas a um ritmo demasiado rápido. A corrida final esgotou-o. As pernas doem, o baço dói-lhe, a respiração é irregular. Efeito da fome também: dois dias sem comer. E lembra-se da sede. O calor vem chicoteá-lo. Tem de avançar para chegar à mata.

O sol está quase a pino. Olha para a floresta que abandonou mas não tem a certeza. A corrida desorientou-o. Tem uma noção da direção que deve tomar, mas é vaga. Começa a seguir as suas pegadas mas acaba por perdê-las, pois atravessou um bocado de terreno duro. O pânico começa a mostrar a cabeça. Está no meio duma chana imensa, cujas margens apenas se adivinham, e o sol não lhe serve para nada. Volta atrás e tenta cortar para o

sítio onde ouvira o ruído. É uma baixa da chana, onde com certeza há água, por isso o terreno não mostra pegadas. Ajoelha-se, pega no punhal. Cava um pouco e a água barrenta brota. Deve esperar o assentar da lama, ficando a água mais límpida. Mas a língua parece inchar na boca e não espera. Bebe assim mesmo. Enche o cantil, volta a procurar o rasto. Se fosse guerrilheiro experimentado, facilmente descobriria um capim pisado ou outro indício qualquer. Mas sempre foi responsável. Sempre teve quem o guiasse, quem estudasse o terreno por ele. As suas preocupações eram outras. Os olhos não se exercitaram e agora são como cegos. Com a procura, a vista teimosamente pregada no chão, acabou por se afastar do arbusto. Quando o tenta encontrar, para dali prosseguir na direção que inicialmente vagamente conhecia, não o pode distinguir dos outros que se situam num raio de quinhentos metros.

Perdi-me completamente, agora sim. É mais uma constatação que um grito de desespero. O pânico, no entanto, cresceu. Que fazer? Espeta uma estaca no chão. Ainda não é meio-dia e por isso a sombra indicará o Ocidente. Sabe que não é bem verdade, pois naquela época do ano o sol não incide perpendicularmente. Tenta refletir. O sol deveria ser perpendicular ao Trópico de Câncer, portanto... Portanto nada! Já não sei o que digo. Sim, Trópico de Câncer, é verão na Europa. E depois? Adianta saber que é verão na Europa? Estão nas praias neste momento, as damas só pensando em bronzear. Ou nos tipos que as vão levar à *boîte*. E eu aqui, nesta praia sem mar. Que adianta pensar no Trópico? Tropical é um cinema de Luanda. Como Tropic é uma loja de Brazzaville. E Tropicana um cabaré de Bucareste, de Berlim, ou sei lá de onde... Estou me borrando para o Trópico de Câncer. Câncer. *O Pavilhão dos Cancerosos*. Quem sabe, eu também? Marilu não leu, dizia que Soljenitsyne era um reacionário e não perdia tempo com merdas. Marilu e os preconceitos obtusos, onde estaria ela, onde estariam os seus preconceitos? Marilu não entraria num partido, não por preconceito, era toda feita para um partido, incapaz de viver sem preconceitos, mas o seu comportamento pessoal impedia-a: tinha criado o preconceito da liberdade total na vida privada, é o único preconceito que qualquer partido não aceita. Marilu... Merda, estou me borrando para Marilu, quero é saber qual a direção a tomar. Que falta me faz agora um mapa com todas as direções, como as do metrô na Europa. Lá estou eu a pensar na Europa, no meio desta África desgraçada. Tão perdida como eu.

Decide avançar para o oposto da sombra indicada pela estaca. Assim faz. Os passos são dolorosos e maquinais. Já tem de novo sede. O mais chato é que não era helicóptero nenhum e eu, feito cagarolas, abri logo o compasso. Devia ser o vento na anhara. Aqui chama-se chana, palavra também só com “aã”. Ou savana, que também quer dizer a mesma coisa. Não é por acaso. A repetição do som é sinal de igualdade, indiferenciação e chatice. Não é regionalismo, como os políticos imediatamente rotulariam, mas a palavra anhara soa melhor. Anhara-aranha. Aranha gigante, Marilu. Teias psicológicas que prendem, depois ela suga a vítima, suga-lhe tudo que de útil pode ter, e deixa cair a carcaça ressequida. Foi o que lhe fizera, mas ele conseguira arrastar a carcaça, por um esforço de vontade, ou de orgulho, e com o tempo refez-se o todo, como uma minhoca. Sou uma minhoca? Pelo menos pareço, com a lentidão da marcha. É preciso puxar mais. E pensar noutra coisa diferente dos apetites vampirescos de Marilu. Ela não fora mais que um par de coxas quentes, tanto mais quentes quanto mais se subia a mão por elas, uma máquina animal de fazer amor. Queria ser jiboia mas não ultrapassava a fase da aranha. Uma jiboia falhada, no fim de contas. Pobre Marilu. O preconceito de jiboia fazia-a proclamar aos quatro ventos sou livre, devoro a vida. A tática era a da aranha, a atração conseguida pela aparência física ou intelectual sobre o que estivesse ao alcance. Mas acabava somente por chupar a vida, não a tragava. Por isso a abandonei. Um par de coxas... Quatro anos? Sim, quatro anos, na Europa. Afinal, hoje só restava a imagem duma aranha mascarando-se de jiboia e sugando uma minhoca. A imagem não era muito lisonjeira para ele, teve de reconhecer. Há grandeza no reconhecimento da pequenez, compensou.

São duas horas da tarde e oito de marcha. A mata está mais próxima mas o homem tem a sensação que se desviou da rota. O sol bate-lhe nas costas e ele segue a sua sombra. Uma minhoca tragando a própria sombra.

A fome, o calor, a fadiga, provocaram-lhe dores de cabeça. Por vezes lhe parece a floresta está a dois passos, mas logo se afasta, caprichosa. Já não sente as pernas, os pés, as costas. As dores de todo o corpo concentraram-se na cabeça. A sede também o persegue. Sabe, na mata não encontrará água. Guarda portanto a que tem no cantil, porque não há pior que dormir com sede. Quando chegar à Zâmbia, fará um refresco de maboque ou laranja. Espremerá a laranja, depois acrescentará água, mas sem esquecer de tirar as pevides. É irritante beber uma laranjada ainda com os caroços. Não porá

açúcar, quer é saborear o sumo natural. Como fazia na Europa, quando era estudante. Em Paris... Gostava de beber um *citron pressé* em Montparnasse, num café tranquilo onde iam os artistas. No tempo em que ainda havia cafés de artistas em Paris, nos primeiros anos de 1960. Punha muito açúcar, pois o limão é amargo. Mas com laranja não é preciso. Passeava à borda do Sena às duas da manhã, solitário, quando a cidade morria e o rio corria para ele. Os vagabundos, deitados debaixo das pontes, nem se mexiam quando ele passava. Mijava para o rio, mesmo ao lado da Notre-Dame, o que lhe dava um prazer especial. Depois acabava por cair num bar qualquer da margem esquerda para beber uma cerveja gelada e encontrar uma mulher não muito exigente. Mas Paris era só nas férias. Estudava em Colónia. Diziam dele que estudara Colónia mas nada do seu curso. Conheceu todos os cantos da cidade e todos os ângulos de sombra da catedral; viveu à custa duma velha que queria ter um negro na sua coleção de objetos exóticos; tentou esquecer Fernanda, que nunca aceitou sair de Portugal; perdeu a bolsa de estudos por reprovar dois anos seguidos; encontrou Marilu, perdida na selva da grande cidade; viveu dum emprego de inquiridor numa firma de publicidade, até ser despedido por preencher os questionários em casa para não se maçar a interrogar as pessoas; e voltou, chamado pelo Movimento, por não ter terminado o curso. Uma injustiça, pois outros nas mesmas circunstâncias tinham ficado pelas Europas.

Mas ele aceitara vir para a luta, sem grande resistência. Estava farto de discutir revoluções nos cafés com africanos e latino-americanos, revoluções falhadas à nascença. Estava farto dos comités europeus de apoio às lutas do Terceiro Mundo, mais revolucionários que os próprios, que exigiam moral de seminário e se escandalizavam com a libertinagem dos africanos. Como os padres europeus em África, o mesmo tipo de gente, só que mais rota e suja. Apesar do seu discurso avançado, ele acabou por se incompatibilizar com os tipos dos comités, sobretudo por causa da velha senhora. Censuravam-no por prostituição. Não era nada, apenas ajuda mútua. A senhora queria exotismo e ele queria a boa vida proporcionada por ela. Comércio como outro qualquer. Os tipos dos comités também reprovavam o pouco empenho em participar no trabalho dos sempre iguais boletins de informação, inventando sucessos no Terceiro Mundo e provando por A mais B que a revolução mundial era para amanhã. Queriam-no metido nas lutas ideológicas deles, dando peso moral dum filho legítimo de África às

querelas sobre as vírgulas de um programa político qualquer. Cruzou pró-chineses, pró-soviéticos, pró-guevaristas, trotskistas, situacionistas, pró-albaneses, titistas-cogestionistas, anarquistas, contra-todistas, posadistas, socialistas utópicos, africano-socialistas, eurocomunistas, numa lista de intolerâncias que nunca mais findava. Estava farto que lhe vigiassem os passos e as companhias e depois viessem com lições de moral revolucionária. Estava farto de ouvir as mesmas discussões sobre tal texto de Marx ou Lênin, cânones sagrados que era preciso saber interpretar a cada momento. Por isso veio para a luta. Fez um rápido treino militar e foi integrado na guerra, primeiro como formador político, depois como responsável a nível zonal.

E agora está perdido numa chana, os olhos fixos numa mata que se recusa a avançar para ele. No entanto, a mata está nitidamente mais perto, já pode distinguir as árvores. Descansará na mata. Depois prossegue à noite, aproveitando o tempo fresco. São três horas e o calor não diminuiu. Um refresco de sumo de ananás caía bem. Os soldados portugueses trazem-nos nas rações de combate, ele costuma ver as latas vazias deixadas nos trilhos da mata. Um dia, na Zâmbia, comprou um ananás e comeu-o sozinho. Nunca tinha tido um ananás inteiro para si. Limpou-o mal e, no fim, tinha a língua a arder, por causa dos picos. O ananás castiga a impaciência, é como uma operação militar. Tenta recordar o sabor do ananás, vai para além do sabor e chega ao amargor do fim, com as papilas irritadas. O ananás tem personalidade, como o maracujá ou o maboque. Há frutas sem personalidade, tais a pera, a maçã ou o figo. Estou para aqui a descobrir personalidades de frutos! Quem me dera mesmo umas uvas... Vinho! A ideia fê-lo sobressaltar. Um vinho branco bem gelado, um La Trappe argelino, por exemplo. Há anos não bebia um bom vinho gelado. Francine embebedava-se regularmente com vinho tinto, especialmente Bordeaux, era da região. A bebedeira fazia-a dizer asneiras grosseiras, acabava por representar o papel de puta barata. Quando sóbria, era uma excelente companheira. O seu defeito era embebedar-se com vinho tinto. Helga embebedava-se com uísque, não olhava a despesas. Talvez mais grosseira ainda que Francine, um dia passara nua por um corredor do Lar Universitário abraçando-se a todos que a cruzavam e apertando-lhes o sexo por cima das calças. Ou Erika que, numa *party*, embriagada com *champagne* e cerveja, propusera uma sessão de bacanal e iniciara-a, sendo

virgem e tímida. Tantas vezes tentara conquistar Erika e ela sempre negara, por medo ou timidez. Nessa *party* foi deflorada à vista de todos por um industrial obeso e repugnante que se dizia de esquerda e pagava a festa. O apetite desperto pela bebida em Erika foi ainda saciado por cinco homens, ele próprio incluído. Os dos comités estavam estarecidos, Erika era uma das suas mais recentes e competentes recrutas. Mas Helga e Erika tinham desculpa, pois não se embebedavam com vinho tinto. Francine não tinha desculpa, nunca percebera a elegância dum branco gelado. Francine se justificava, era devido à sua ascendência proletária. Arvorava o tinto como o aristocrata o brasão. Vira isso em certos intelectuais europeus que, à falta de vivência ou ação provando proletarismo, iam buscar socorro à origem, real ou imaginária, agora que deixara de constituir perigo ou vergonha. Tais alguns mestiços que, na fase do nacionalismo triunfante, recusavam o pai branco para se apresentarem unicamente como filhos da mãe negra. E não se atrapalhavam com essa estranha partenogénese. Ou o outro, este já cabrito, fronteiras-perdidas, que à falta de mãe negra foi agarrar-se à avó, utilizando o dela como seu nome de guerra. Como se isso escondesse a palidez da cara. Eu tenho orgulho em ser negro, mas sou-o realmente. E bastam os anos em que ser negro era humilhação, era sinónimo de escravo ou de ignorante. Hoje, ser negro é ter uma arma e combater contra o colonizador, seja ele ou não branco. Muitos africanos de outros países ainda se admiram: “Mas vocês têm mesmo coragem de lutar contra os brancos?”. Complexo do colonizado que grassa por África. Nós aqui não temos disso. O branco é o dono da técnica e da potência, mas não é um deus. E a branca hoje deseja o negro, como antes as negras desejavam os brancos, à força de os aceitar. O negro hoje é símbolo. A mulher sempre desejou o homem que lhe bate no marido, a mulher deseja o dominador que a vinga da dominação anterior. As feministas que engulam essa, é merecida. O negro hoje começa a ser um símbolo de domínio, porque ousou revoltar-se contra o senhor. É um símbolo sexual, o *phallus* da potência é negro! Sorri, numa careta, satisfeito com a descoberta.

A mata está a menos de quinhentos metros. O homem para. Os pensamentos distraíram-no. É preciso cuidado ao entrar na mata, constitui um bom local de emboscada. Se o barulho da manhã era um helicóptero, pode ter deixado tropas na mata. Os soldados podem tê-lo avistado desde há muito tempo e prepararem-lhe uma cilada. Observa atentamente cada

árvore, tentando descobrir um vulto escondido. O coração pulsa no peito.

A mesma sensação que no ano anterior...

No ano passado, ao atravessar o Kuando. Eram duas canoas para a travessia. Meteu-se na mais pequena e veloz, conduzida por um pescador. Oito guerrilheiros vinham na outra. A sua tomou enorme vantagem durante as três horas de travessia. Ele deixou, pois havia ofensiva inimiga e no rio e pântanos não tinha abrigo contra os helicópteros. Arrependeu-se ao chegar à outra margem. O “porto” era totalmente despido e a canoa vista ao longe. A chana da margem, onde geralmente havia capim alto que encobria a chegada da canoa, fora queimada por inadvertência ou pelo inimigo. A mata ficava a quatrocentos metros, em semicírculo. O pescador depositou-o na margem e voltou para o outro lado. Pensou em retê-lo mas desistiu. Não lhe seria de socorro nenhum, pois não estava armado. E não lhe pediria para o esconder nos caniços do rio, era uma vergonha um responsável medroso. Que diria o povo? Sempre escondera o medo para dar o exemplo. Ficou sozinho na margem, hesitando. A meio da chana havia um maboqueiro raquítico. Decidiu avançar até lá, o dedo no gatilho, os olhos perscrutando a mata. Na véspera tinham ouvido explosões, os tucas podiam estar ali acampados. Hoje é o meu dia, hoje é hoje! O peito doía, pela contração dos nervos ou pelo galopar louco do coração. Pensou que nunca mais chegaria à árvore. Mas chegou. Placou ao solo contra ela, procurando proteção no frágil tronco, a arma apontada contra a mata. O vento fazia mover as sombras e criar vultos. A sensação de o inimigo estar ali... Resolveu ficar junto da árvore. Os soldados esperavam que ele chegasse à floresta para o apanharem vivo. Pois bem, se o quisessem vivo teriam que o vir buscar, avançando no terreno descoberto. Acertaria nalguns e o tiroteio prevenia os camaradas, que escapariam. Não havia outra coisa a fazer. Meia hora passou. O inimigo não se decidia a aparecer. Mas apercebia vultos móveis. Os nervos crispados gritavam e obrigavam-no a rilhar os dentes. Ao fim de novos quinze minutos, a segunda canoa atracou à margem. Pensou que agora o inimigo iria começar o fogo, pois ele já não estava só e seria difícil apanhá-lo vivo. Os guerrilheiros avançaram despreocupadamente e ele fez-lhes com o braço o sinal de perigo. Agacharam-se e progrediram com cautela. Quando chegaram perto dele, o medo sumira, já não estava só. No entanto, mandou dois guerrilheiros à frente, em reconhecimento, os outros ficaram placados em cobertura. Os batedores chegaram à mata e fizeram

sinal para avançar. Não havia inimigos, o vento e a imaginação criavam vultos na mata. Sentiu-se obrigado a dar uma explicação sobre as necessárias medidas de segurança, mais para se justificar que para instruir os camaradas. Os guerrilheiros tomaram atitudes irônicas, no seu silêncio jocoso de camponeses. Fingiu ignorar, mas a lembrança ainda hoje o irrita.

Avanço ou não? Agora não tem o grupo atrás, está só, verdadeiramente só. Tudo o que fizer dependerá dele e será em função de si mesmo. A única vantagem, insignificante, é não precisar de esconder o medo. Avança mais uns passos, a arma em posição, o indicador roçando o gatilho. Está a trezentos metros. O sol bate em cheio nas folhas da mata, criando todos os cambiantes, do verdamarelo ao castanho. As árvores de folhagem caduca já se vestiram de novo e a cortina verde parece impenetrável. O homem para. Põe um joelho no chão para se camuflar no capim. Fica nessa posição quinze minutos, observando e repousando. Se o inimigo está ali, deve tê-lo avistado há muito e a emboscada está disposta. Se assim é, devem ter-se espalhado pela sua esquerda, na orla da mata que faz uma curva, ficando um grupo à frente para abrir fogo. O grupo da esquerda progride então na chana para o apanhar vivo. Só pode ser esse o plano deles. Mais para a direita, a chana prolonga-se. Perpendicularmente à sua direção, para a esquerda, a chana chega à floresta a cerca de um quilómetro. Devo ir para aí e em passo rápido. Obrigo-os a levantar a emboscada e avançarem na orla para me cortarem o caminho. A política deles agora não é matar, é apanhar vivo. Muito mais desmoralizante para a guerrilha ouvir os seus responsáveis capturados apregoarem arrependimentos na rádio. Chamam isso de política “psicossocial”... Tenho de aproveitar também a psicossocial. Terei possibilidade de entrar na mata antes deles e depois é ver quem corre mais. Apesar do medo, sentiu orgulho pela sua lucidez e sangue-frio. Não se é muata à toa, digam o que disserem.

A imagem que fez de si próprio dá-lhe ânimo. Precipita-se para a esquerda, a correr. Ao fim de certo tempo abrande o passo, mantendo-o embora rápido. O cansaço e a fome provocam vertigens. Observa a mata à sua direita enquanto caminha e nada nota de suspeito. Começa a flectir para aí, tentando retomar a respiração. E quando está a cem metros da orla, lança-se de novo na corrida. O ritmo dos passos não o deixa ter medo, mas imagina o som do primeiro tiro. Continua a correr ou placa? O melhor é correr, arriscar, eles vão atirar para o ar. Alcança as árvores e nada se passa.

Sempre a marchar, olha à sua volta, admirado. Depois solta uma gargalhada nervosa, entrecortada de soluços. A mata está vazia de homens.

Deita-se contra uma árvore e fica nessa posição até que o sol desaparece e o frio se assenhoreia, sorrateiramente, da noite. As vertigens não passam, a fome torna-se insuportável. Tenta guardar a água para quando se deitar. Vai andar o máximo esta noite. Com o frio, também não poderia dormir. Esperará que o Cruzeiro do Sul se levante bem acima das copas das árvores, para o guiar. Agora é que era bom andar na chana, a orientação era fácil. Mas infelizmente está na floresta. Tudo sempre ao contrário. É como esta maldita guerra. Quando uma pessoa está a contar com o inimigo e faz um bom plano de defesa, ele não aparece. E cai-nos em cima quando menos o esperamos. Maldita guerra! Os que a iniciaram abandonaram-na, os outros que se arranjem... Caramba, estou a dizer o mesmo que o povo. Mas é verdade, merda. Ninguém o tinha obrigado, se nela participava era por sua vontade. Deixa lá disso, sei bem como é isto de ser voluntário: uma pessoa é obrigada, o que dirão os amigos, o que será o futuro? Voluntariado forçado! A esta obrigação chamamos consciência política, nome bonito para nos enganarmos. Nuns, é para se enganarem; são os idealistas. Noutros, é para enganarem os outros; são os vivaços. Tudo uma aldrabice. Aqui estou eu, perdido, a sofrer da fome e do frio, sabendo apenas que a salvação está no Leste. Para quê? Uns tantos no exterior utilizam o meu sacrifício e o de tantos outros para chegarem aos países amigos e receberem dinheiro. Desse dinheiro, metade vai para os seus bolsos e dos parentes e amigos. A outra metade serve para aguentar a guerra. Esta parte destinada à guerra é o capital investido para apresentarem êxitos aos amigos e receberem mais, não é por estarem interessados em libertar o país. Já fui parvo, já acreditei na boa fé de toda a gente. Agora já não me levam. Foi a última vez que vim combater. Se pensam vou voltar ao interior estão muito enganados. Vão lá eles, os donos da guerra. Vão ver se se pode lutar assim, sem mantimentos, sem povo, com guerrilheiros que fogem ao primeiro tiro. Claro, vão dizer, se os guerrilheiros não são corajosos, é porque os responsáveis não os moralizam. Mas como moralizar um homem que se apercebe de todas as injustiças? Vão dizer, isso é influência da propaganda inimiga, os pequeno-burgueses infiltraram-se na guerrilha... Que somos nós todos senão pequeno-burgueses? Se é propaganda do inimigo, ela constata uma realidade. Ou o inimigo é sempre mentiroso?

A noite já se impregnou em todas as coisas. Dentro de pouco tempo deve retomar a marcha. Não pode estar muito longe da fronteira, só mais um dia de sofrimento talvez. A menos que se tenha desviado... Afasta o pensamento.

Chegará à Zâmbia, sim, chegará. E dirá tudo aquilo que pensa e proporá uma modificação radical no Movimento. Ainda se pode salvar a situação, mas é preciso homens honestos e decididos no comando. Acabar com os apadrinhamentos, com os incapazes e os ladrões. Tem de se acabar com a hegemonia dos nordistas, que já provaram ter conseguido a guerra. Como qualquer organismo, um Movimento vive da substituição do velho pelo novo, pela renovação constante das células. O curioso é que todos os partidos de esquerda aceitam este princípio dialético, passam a vida a proferi-lo. No entanto, nunca o aplicam a si próprios e quanto mais velho é o indivíduo melhor dirigente será. Os velhos nunca largam o poder, só à força. Ora, é preciso sempre sangue novo, uma geração que se substitua à precedente, um revigoramento vindo dos quadros. Só assim se pode recuperar o terreno perdido. O inimigo é como um parálítico, é um subdesenvolvido material e moral, obscurantista. Se se mantém, é porque não temos sabido agir. Vejam lá eu, rodeado de inimigos, não estou a comê-los? Passo no meio deles em plena ofensiva e os pobres indigentes nem se apercebem. Basta coragem e inteligência. São camponeses lá de Portugal, ou camponeses de Angola. Com isso pode-se fazer um exército capaz? Nós também, ou promovemos os quadros, ou então foi-se...

Levanta-se, encorajado pelos pensamentos. Volta à chana e descortina o Cruzeiro do Sul. A constelação sempre lhe pareceu feia, trôpega, mas agora chega a ser bela. Deve caminhar com ela sempre à sua direita, dirigindo-se para leste. Mete-se na mata, tentando manter o azimuth. Deixa de ver o Cruzeiro, escondido pelas copas das árvores. Só pode contar com o seu sentido de orientação. Ao fim de meia hora chega ao fim da mata, depois de ter caído três vezes, por tropeçar nas raízes. Procura o Cruzeiro e encontra-o nas suas costas: esteve a marchar para o Norte. Atravessa a chana na direção correta. Durou pouco tempo, pois está de novo na mata. Vai andando, tropeçando, caindo, chocando contra os paus, tremendo de frio, sangrando das canelas esfaceladas contra as árvores, sem outra preocupação senão a de manter o sentido do Leste. No meio da mata, o Cruzeiro nunca lhe aparece. Avança assim mais duas horas, até que de novo encontra a chana. O

Cruzeiro agora está à sua esquerda. Andou para o Ocidente todo esse tempo. Deita-se no meio da chana, exausto, desesperado. A marcha da noite não serviu para nada, antes pelo contrário. Decide descansar ali. Mas não suporta o frio. Ao fim de cinco minutos levanta-se. Ouve então o ruído do rio, vindo do Norte. Caminha para ele, pelo menos terá água para beber.

À medida que se aproxima, vai adivinhando os contornos da margem. Que rio será? O Kuando não, tinham-no deixado muito para a direita e ele depois desvia para sul. O Tundombe? Se for o Tundombe, está no bom caminho, um pouco desviado. O Kapui? Não, também devia ter ficado para a direita. Sim, só podia ser o Tundombe. Está salvo.

Chega à margem e logo a ilusão se desmorona. É um rio grande. O Tundombe nesta época do ano está seco, como não pensei logo nisso? Que rio pode ser? O Kuando não, ele está na margem direita do rio e, se fosse o Kuando, teria de estar na esquerda. Aliás, o Kuando não é assim, corre no meio de pântanos. Um pressentimento angustioso entra nele: o Ninda? Sim, só pode. Não há outro rio e é possível, se marchou para Norte. O pânico agora é incontornável. Se é o Ninda, terá de atravessar uma picada e uma estrada, evitar o posto... e ainda lhe faltarão dois dias bem puxados até à fronteira. Nunca poderei, nunca poderei. Deixa-se cair sobre os joelhos e fica prostrado, sem nada decidir. Ao fim de longo tempo, resolve beber água. Enche o cantil e depois avança para a mata. Ali se deita, sem ousar acender fogo.

O frio e o medo não o deixam dormir. A pergunta obsessiva é sempre a mesma, será o Ninda? Só pode. O Kapui? Não, neste tempo também está quase seco. Só pode ser o Ninda, só pode ser o Ninda. E ali perto vive uma companhia de soldados tucas. São onze horas da noite. Que fazer?

É meia-noite. Só há uma hipótese, avançar já. Tem de atravessar esta noite a estrada para o Chiume e a picada do Tundombe. De dia é demasiado perigoso, pois os soldados patrulham-nas, sobretudo perto do posto. Deve passar ao lado deste, portanto só o pode fazer à noite. Reúne o que lhe resta de forças, tenta esquecer as dores de todo o corpo, e avança de novo para o Leste. Vai pela orla da mata, junto da chana que se estende até ao rio, para poder orientar-se pelo Cruzeiro e pelo rio. Quando descobrir o posto, desvia-se para a direita. Já não consegue disciplinar as ideias e as recordações, só o medo o faz seguir sempre a orla da mata. Prepara-se mentalmente para encontrar de repente os holofotes do posto, mas nunca

mais chega a eles. E já são três horas.

Deita-se junto a uma árvore, pensando que será incapaz de se levantar. Já não sente fome, ultrapassou essa fase. O cansaço finalmente se torna agradável, pois não o deixa sentir frio e mergulha-o num torpor próximo do delírio. As imagens passam pelo cérebro como se tivesse presenciado o que nunca vira. Mas o Sábio contara as coisas com tal sentimento e colorido que ele via Mussole, o seu corpo flexível dançando para ele, o corpo despedaçado sangrando para ele, os olhos do Sábio sobre ela reclinado derramando lágrimas dele. Sim, fora ele que amara Mussole, fora ele que se extasiara nas suas carícias, fora ele que com ela morrera naquele dia de abril do ano passado em que as chanas cantavam de florzinhas coloridas e os rios se penteavam de grandes folhas redondas. Naquele dia de abril do ano passado, feito para o amor, naquele dia em que ele voltou ao Kembo para encontrar pela quarta vez Mussole. Foi naquele dia de abril em que corria para o kimbo de Mussole, depois de três meses de separação interrompendo os quinze dias do terceiro encontro. Sim, naquele dia de abril em que ele a vinha buscar, pagar o alembamento aos pais, comprar o calor do seu corpo com um cobertor e a promessa de outros presentes que não tinha. E corria pela chana da borda do Kembo, ansioso por mergulhar nos segredos mudos da ternura de Mussole, gazela mais ligeira que o livongue, antílope de olhos macios mais que o mel lhe escorrendo dos lábios ao mastigar um favo doirado como a sua pele quando ao sol roubava os reflexos, ela, seu mbambi negro, fonte de todo o amor. Sim, foi naquele abril de chuvas traiçoeiras que ele chegou ao sítio do kimbo. Foi no abril do ano passado, o dia não sabe, o Sábio escondeu, mas em que os trovões serviam de fundo ao chicotear das faíscas, que viu o kimbo queimado, ainda fumegante. Foi naquele dia de abril do ano passado (por que abril seria sempre fatídico, com a morte do Herói, com o rompimento de Marilu?), foi nesse trágico abril que ele pressentiu no meio do capim o corpo violado e esquartejado de Mussole. Foi nesse dia de abril que soluçou até ficar sem voz, embalando a menina feita para a vida, princesa da ternura escondida, que para ele conservava abertos os atónitos olhos de gazela. Foi, sim, nesse abril que fechou o coração, como um livro lido e relido que não aceita ser mais profanado, e encheu o cérebro de ódio frio para quem lhe roubara a fonte de vida. Sim, no abril das chanas se cobrindo de flores lilases, cavou a sepultura de Mussole e jurou sobre a campa fresca lutar até ser abatido,

mesmo que só ele restasse, já não por ter crença, mas por única volúpia de vingança, agora que o declínio coletivo era irreversível. E queria agora o Sábio usurpar-lhe o direito de chorar Mussole? Mussole era sua, sua era a saudade dela como o fora o seu corpo, como o fora a renúncia depois da sua perda. Mussole, Mussole, Marilu... Fernanda.

Limpa as lágrimas com as costas da mão suja e recorda que tem de avançar até ver o posto. São quatro horas da madrugada, deve atravessar a estrada ao abrigo da noite. Levanta-se maquinalmente, apoiando-se à árvore para não cair, pois as pernas tremem e só vê faíscas vermelhas à sua frente. Admira-se de poder andar e é consciente de que não se trata de milagre, apenas um efeito do medo. Lá vai, arrastando os pés, até que os primeiros clarões se adivinham à frente. Não chegará a tempo de atravessar a estrada. Então, as luzes dos holofotes varrem por cima das árvores a noite agonizante. O posto do Ninda. Aproxima-se mais, penetrando na mata. De repente, a estrada e a ponte, ao seu lado esquerdo. A manhã triunfa finalmente.

O homem recua para a mata. Terá de passar o dia escondido, à noite atravessar a estrada, a picada para o Tundombe, e avançar ao longo do rio até à fronteira. Aguentará? Começa a perder a conta dos dias de fome e de sono. Sabe que não dormirá de dia, por medo de ser descoberto, tão perto do posto. Até onde vai a resistência dum homem?

Dois dias antes da sua partida, dissera-lhe o Sábio:

– Quantos mortos nesta guerra? Quantos lares abandonados, quantos refugiados nos países vizinhos, quantas famílias separadas? Para quê? Quando penso nos sofrimentos somados de todos, nas esperanças individuais destroçadas, nos futuros estragados, no sangue, sinto raiva, raiva impotente, mas contra quê? Já nem é contra o inimigo. Cumpre o seu papel de colonizador. O colonialista é colonialista, acabou. Dele não há nada a esperar. Mas de nós? O povo esperava tudo de nós, prometemos-lhe o paraíso na terra, a liberdade, a vida tranquila do amanhã. Falamos sempre no amanhã. Ontem era a noite escura do colonialismo, hoje é o sofrimento da guerra, mas amanhã será o paraíso. Um amanhã que nunca vem, um hoje eterno. Tão eterno que o povo esquece o passado e diz ontem era melhor que hoje.

– É uma guerra longa – respondeu ele, prudente.

– Pois é. Mas não foi preparada. Prometemos o futuro próximo, é já daqui a uns meses, aguentem um pouco. Vão ver, vem tecido, vem sal, vêm técnicos, já estão mesmo a caminho. E o povo esperava. O tecido não atravessava a fronteira, era gasto em bebida, o sal serve só para salgar os rios da Zâmbia, os técnicos ficam vivendo bem na Europa. E o povo nu, cultivando para os guerrilheiros, sem compensação senão um bombardeamento ou uma investida inimiga. Um povo cansa-se se só ouve

mentiras. Nada foi organizado, já não digo para melhorar, mas pelo menos para manter o nível de vida da população. Nada, ou pouco. Que se vê hoje? O Moxico despovoado, o Kuando-Kubango despovoado, o Bié oriental despovoado, a Lunda *idem*. Só há população na Zâmbia ou nos postos inimigos. Aqui, nas matas, escassos kimbos ainda se mantêm, mas já prontos para a partida. As canções só dizem fujamos, vamos para a Zâmbia. Quem traiu, foi o povo? Não, foi heroico, resistiu durante anos. Mas toda a resistência termina se não há uma perspectiva.

– Os do Norte estragaram muita coisa.

– Cai agora no regionalismo, Mundial – disse o Sábio, mordendo uma haste de capim. – Culpas os do Norte. Sim, os primeiros responsáveis que vieram eram do Norte. Tinham a experiência da guerra lá em cima, por isso eram normalmente os comandantes. Havia bons e maus. A maior parte eram bons patriotas, prontos a todos os sacrifícios. E lutaram. Mas encontraram uma população noutra estádio de desenvolvimento, não integrada no sistema colonial-capitalista e por isso com contradições menos violentas contra o ocupante. A população aceitou a supremacia dos que chegaram com armas e a técnica da guerra, que é sempre fonte de respeito e admiração temerosa. Povo com hábitos diferentes, que não ousava revoltar-se contra o colono, mas que foi despertado pelos que vieram e os apoiou.

– E os do Norte criaram a sua própria colonização. Recrutaram guerrilheiros locais mas eles eram os chefes. Apoderaram-se da logística e arranjavam mulheres com os bens da guerra. Mas nas mulheres deles ninguém tocava, nem para apertar a mão. Nega se és capaz! E os fuzilamentos? Combatente que cometesse uma falta mais ou menos importante era fuzilado. Houve traidores, sim, mas todos? Quem tivesse mulher bonita, arriscava-se a levar um tiro num combate, só que o tiro vinha das costas, e o comandante ficava com a mulher. Nega, se podes.

– Isso nunca ficou provado. Admito que casos desses pudessem ocorrer, mas não eram comuns. E também houve tipos do Norte fuzilados, isso acontece em todas as guerras. As pessoas cansam-se, passam-se para o outro lado, ou cometem crimes que têm de ser punidos. Há muito exagero no que se diz agora.

– O curioso é que geralmente eram pobres tipos do Leste.

– Reages como homem do Sul, Mundial. É normal, diria eu, se não tivesses outra instrução. Se tivesses sempre vivido na mata, se o teu

entendimento não ultrapassasse as fronteiras do teu kimbo, a reação seria normal. Tu estudaste, andaste pela Europa, nasceste no Huambo mas viveste em cidades. Deves refletir menos apaixonadamente. Além disso, o Huambo não é o Leste nem mesmo o Sul. E sou do Norte, mas nunca mandei fuzilar ninguém, sabes bem disso. Nunca faltei ao respeito a um homem do povo, só por ser do Leste. Nunca me comportei em colonialista, nunca quis privilégios. Nega agora, se és capaz.

– É verdade. Mas tu és diferente.

– No entanto, quando os camaradas se excitam chamam-me entre dentes kamundongo, como se fosse o pecado original.

– Porque te não conhecem. Estão habituados ao domínio dos kamundongos.

– Não – disse o Sábio. – Eles conhecem-me, há anos que vivo com eles. Antes nunca o diziam. Talvez pensassem, mas não tinham coragem de o dizer. Os responsáveis, fossem eles do Norte ou do Sul, não admitiam. Mas hoje fala-se. Nesse aspecto talvez seja melhor, ao menos as pessoas manifestam o que têm lá dentro. Mas por que ontem eu era o irmão e hoje sou visto quase como inimigo? Vivo nestas matas há cinco anos, falo a língua daqui, amei com todo o respeito uma mulher do Leste, cuja morte me matou. Sou mesmo do Norte? Nunca me vi assim, sou apenas angolano. Então por que agora se viram contra mim, por que tudo o que digo deve ser falso, quando antes era quase sagrado?

– Os crimes cometidos pelos kamundongos foram demasiados, agora não aceitam nenhum kamundongo. Tens de compreender.

– Não é só isso. Não foram só os kamundongos que erraram. Tu mesmo não fuzilaste homens daqui? Lembro-me dum caso, Vítor...

– Cumpria ordens dos kamundongos – disse Mundial.

– Não mandaste o Panga para uma missão só para aproveitar da mulher dele? E não és kamundongo, apesar de o teu pai o ser. Por que agora me consideram quase um assassino, eu que sempre lutei contra isso, que vos acusava a vocês, homens do Leste ou do Sul, de maltratarem o vosso próprio povo? Esse nome de Sábio veio do facto de ter um curso superior? Até tenho, mas quem o sabe? Deram-me esse nome porque passava demasiadas lições de moral, falava sempre em defesa do povo. Não, o problema não é só esse. Agora, são os responsáveis do Leste que agitam os guerrilheiros e o povo contra os kamundongos. São os pequenos quadros

que gritam acusações, umas verdadeiras, a maior parte falsas, para eliminarem os do Norte e assim subirem na organização. Para o oportunista tudo vale, mesmo a mentira mais grosseira. A massa vai apoiar, a demagogia domina, então por que não aproveitar para sujar o nome dos outros, mesmo do amigo de antes, para apanhar um posto, de preferência civil, pois é aí que se tem acesso aos bens materiais? E os guerrilheiros, vendo isso, sabendo que não podem subir porque não têm o mínimo de instrução para competir com os próprios quadros do Leste, exigem dinheiro para combater. Até o povo exige dinheiro para voltar ao interior.

– Está bem, Sábio. Nós é que estragamos a guerra, somos os oportunistas. Vocês não cometeram erros, eram os bonzinhos que nos vieram ensinar a guerra e a comer com colher. Mas nós aprendemos e quisemos os vossos postos para ter rádio e relógio. Então começámos a fazer agitação regional. É só isso, não é?

– Deixa de ironias. E não te coloques em posições regionalistas. Por que dizes “vocês” e “nós”? Pões-te também do outro lado da barreira? Estás só a criar um fosso entre nós, um fosso falso.

– Não o estou a criar. O fosso existe já, não o notaste?

– Eu contribuí para ele? – disse o Sábio.

– Eu também contribuí?

– Não sei. Já não sei. Antes não acreditaria. Mas vejo-te a falar em “vocês” e “nós”, mais reservado mesmo desde que chegaram as cartas da fronteira. Comentaram-nas entre vocês, evitavam que eu ouvisse. Não me falaste nelas, não me deste nenhuma notícia, mas via-te sempre com elas na mão, lendo-as baixinho para os outros. Se esse fosso já existe, quem o cavou?

– Os crimes, os erros... cometidos pelos do Norte. Não por ti, eu sei. Mas os teus patrícios estragaram tudo.

– Manténs a tua posição, não é? Se há uma divisão regional, tudo acaba, quem aproveita é o inimigo. Já estamos fracos, a divisão aniquila-nos. Pensa nessas mulheres e crianças que olham para nós ainda com alguma esperança. Nós éramos os salvadores, os redentores. Como o seremos, se nos combatemos?

– Não te estou a combater, Sábio. Não estou a dividir nada. Só digo essa divisão existe e os militantes e o povo desconfiam dos kamundongos. Se houve homens do Leste que erraram, o que é certo, aprenderam porém com

os do Norte. Quem formou os homens daqui? Não foram os exemplos mais que as palavras bonitas? Podem dizer-me vinte vezes por dia que somos iguais, a prática mostra que há privilegiados. E quem são os privilegiados? Os do Norte. Alguns do Leste? Sim, alguns vendidos que gravitam na órbita deles, que tudo aceitam para receberem umas migalhas do bolo. Haka, não é mesmo evidente? Com o tempo, os daqui aprenderam. Demorou, mas aprenderam. E agora não aceitam. De quem é a culpa, Aníbal? Por que nos ensinaram a igualdade de boca se não a praticavam?

O Sábio ia interromper, mas Mundial fez um gesto imperativo e continuou:

– Deixa-me acabar. Quantos comandantes eliminaram os seus subordinados do Leste, só com medo de serem suplantados? Não forçosamente eliminação física, mas política. Uma ratoeira, o do Leste fazia um erro, tumba, uma despromoção, uma mancha no currículo. Sabes disso tão bem como eu, falámos de alguns casos. Quem começou com essa luta pelo poder? Não foi o que estragou a guerra? No momento em que todo o povo apoiava, abusaram dele. Quando os guerrilheiros estavam decididos, maltrataram-nos, humilharam-nos, vocês são macacos, nós é que somos homens, portadores duma cultura superior, falamos português ou francês, sabemos ler. Vocês serão apenas guerrilheiros e as vossas mulheres trabalharão para nós. É verdade que esta região era mais atrasada, mas que se fez para a desenvolver, para formar os homens? Pouco. Hoje continua a haver mais quadros do Norte que do Leste e, no entanto, já passaram seis anos de guerra nesta frente. E houve milhares e milhares de guerrilheiros. Os quadros estão aonde?

– É certo isso, Mundial, devia-se ter feito mais. Mas por que não se culpa o Movimento, os dirigentes, por que acusar só os do Norte?

– Quem são os dirigentes? Não são do Norte?

O Sábio atirou mais lenha para a fogueira. Um grupo de guerrilheiros estava num fogo ao lado, a vinte metros deles, observando-os. Os canos das armas, refletindo a luz das labaredas, lançavam para a noite cintilações baças. As armas estão cansadas, já não brilham, pensou Mundial. Disse:

– Quando se fala dos kamundongos, fala-se dos dirigentes e de um grupo de responsáveis subalternos que dominam o Movimento. Nem todos são do Norte. Mas a maioria domina. Mesmo os mestiços são chamados kamundongos, embora não sejam todos. Há mestiços do Sul e muitos com

boas ideias. Mas entram no grupo dominante, se quiseres fazem parte da classe dominante. O termo kamundongo hoje significa privilegiado.

– No entanto, também há privilegiados do Leste ou do Sul, como tu... Entre nós dois, quem é mais privilegiado? Diz sinceramente. Eu nunca mando ninguém ao exterior comprar cigarros ou açúcar ou café. Nem tenho dinheiro para isso. Mas cada caravana que vem traz-te sempre coisas que mandas comprar. Nunca fico com tecido que vem para o comando para dar às mulheres...

– Ora, é porque recusas sempre a tua parte. Tinhas direito a ela.

– Não, acho que não tenho direito. Acho mais justo que se distribua o tecido pelo povo, que anda nu. O mal é que vocês agora opõem-se aos do Norte, não para corrigir os erros, mas para aproveitarem desses erros. Estaria do teu lado se disseses o Movimento não se preocupa com o povo, todo o tecido deve ser para o vestir, vamos acabar com os privilégios dos responsáveis, com o muatismo. Mas não. Dizes é um direito ficar com uma parte, direito instituído pelos primeiros responsáveis e que o Movimento tolerou. Mas para ter esse direito é preciso ser responsável. Por isso corramos com os outros para nós gozarmos esse direito. Não estás a pensar em melhorar as coisas, em acabar com todos os erros que trouxeram a luta para trás. Estás, como os outros, a pensar utilizar a situação atual em teu proveito. Isso tem um nome, é oportunismo.

– É impossível discutir contigo, só insultas.

– Não estou a insultar, estou a dizer a verdade. E digo-te a ti porque sou teu amigo. A outro não digo, arrisco-me a levar um tiro nas costas.

– Não dramatizes. Sempre disseste que somos um povo pacífico, se fazemos a guerra é porque somos forçados. Por que iríamos ajustar as contas aos tiros?

– Nunca se sabe, Mundial, à força de matar e ver morrer, passa-se a dar menos valor à vida humana. Mesmo que para cada inimigo abatido haja uma justificação política. E quando não há formação, é fácil esquecer o sentido do combate e passar-se a matar só pelo prazer de matar. O odor do sangue torna-se imperioso e quando uma rixa surge, as armas podem cantar. Sucede em todas as guerras. Por que não na nossa, onde já tantos nem sabem porque lutam?

– Mas daí até darem-te um tiro, a ti que não fizeste mal a ninguém...

– Ora, é imprevisível. Um bocado de hidromel a mais e já me chamam

diretamente kamundongo. Se digo umas verdades, é fácil prever o que sucederá. Por isso falei-te a ti, mas não falarei aos outros.

Ficaram a olhar para as chamas da fogueira. Pálidas chamas que iluminavam as vinte cubatas dispostas em dois semicírculos com trincheiras à volta.

– Conhecemo-nos desde Lisboa, da Casa dos Estudantes. Há quantos anos já, Aníbal? Doze, treze, sei lá. E andamos há três anos mais ou menos juntos, nesta frente. No Kuando, no Kembo, no Kuanavale, aqui. Sempre fizemos parte do mesmo comando. Depois deste tempo todo, deves conhecer-me... Sempre te considereei um amigo. Achas que sou um oportunista?

– Os homens mudam, não sei. Antes pensava que eras um pouco superficial, inconstante, mas honesto. Nem sempre corajoso. Não me refiro à coragem física, sempre te comportaste em homem corajoso que sabe camuflar o medo, mas à coragem moral. Hoje não sei. As circunstâncias fazem mudar um homem. Antes aproveitavas da posição de responsável para teres privilégios, não demasiados, diga-se de passagem. Mas era compreensível, estava instituído, tinhas tido vida fácil na Europa, habituaste-te a certas coisas. De qualquer modo abandonaste o conforto ao vir para aqui, o que é meritório. Eras jovem, podias aperfeiçoar-te, agir de acordo com os ideais políticos. Mas, de repente, mudaste. Notei quando voltei da última missão. Na minha ausência transformaste-te, bastaram três meses. E quando chegaram as cartas tratavas-me quase com hostilidade. A única coisa que disseste é que te chamavam à fronteira. E evitavas falar-me. Hoje, talvez porque partes, aproximaste-te para conversar. Remorsos de me deixar isolado?

– Por que remorsos? Chamaram-me... E às vezes não apetece falar.

– Discutias horas com os outros, no entanto. E aqui não há mais nada para passar o tempo. Só há combates quando o inimigo ataca, vivemos escondidos na mata como bichos. Todo o dia na base. Livros não há. Só hidromel e conversas. Não vale a pena negares, evitavas-me. Cometi algum erro, fiz-te alguma coisa? Penso não é isso, estamos habituados a tratar diretamente um com o outro. Só pode estar relacionado com as cartas e com o regionalismo que reina agora aqui.

– É escusado, Sábio. Estás pessimista e vês fantasmas onde eles não existem. Não há momentos em que não tens vontade de falar com uma

pessoa?

- Não importa. Tudo se esclarece, mais cedo ou mais tarde.
- Importa, sim. É a opinião que tens de mim. Sou então um oportunista?
- Estás a tomar posições oportunistas. Não é exatamente a mesma coisa.
- Obrigado pela condescendência. Podias chamar claramente oportunista.
- Não estou a ser condescendente. Para ti seria mais simples se te chamasse oportunista? Era um bom pretexto para cortares completamente comigo.

- Porra! Isso já é mania da perseguição.
- Talvez. Quem não fica maluco nesta guerra absurda?
- Vês como estás, Sábio? Até já dizes que esta guerra é absurda. Estás completamente desencorajado. E sabes por quê? Porque não queres convencer-te dos erros. Como corrigir as coisas, se não se aceitam os erros? Chegou o momento de falar claramente, para que a guerra retome o seu sentido.

- O que dizes, no fundo, é o mesmo que estou a dizer. Não digo que a luta contra o colonialismo é absurda, mas o caminho que a guerra tomou é absurdo. Olha para os guerrilheiros. São hoje uns foragidos, quase mercenários, já nada têm de combatentes revolucionários, nada, absolutamente nada. Qual é o problema principal para eles? A mulher que foi dormir com outro, a miúda que está a crescer e que todos disputam, o ndoka que ainda não está pronto, aquele comeu mais carne que eu. E quando há qualquer coisa, a desculpa é o tribalismo, o regionalismo. Porque aquele é umbundo, ou mbunda ou kangala. Ou então, o pior dos crimes, porque é kamundongo. Tudo isto não é absurdo?

- É preciso modificar.
- Como? Metendo em todos os cargos só homens do Leste? É assim que pensas modificar a situação?
- Não é isso. Mas deve-se dar mais cargos aos homens do Leste.
- Mesmo que sejam piores que os outros?
- Mesmo que sejam piores que os outros. É preciso repartir os postos mais equitativamente.

- A competência, a honestidade, a formação revolucionária, isso não conta? O que conta é a regra da proporcionalidade?

- Foi o que sempre contou, Sábio. A competência, a honestidade, mais o quê disseste?... Isso nunca contou. Contava o facto de se ser do Norte ou

não.

– Estás a exagerar. Não subiste na organização? Nunca foste guerrilheiro simples, entraste logo com uma responsabilidade.

– Também era melhor! E sou dos raros. Resta saber se o facto de o meu pai ser kimbundu do Golungo não contou. Mas não vejo o meu caso, vejo o dos outros que continuam como antes. Se falasse por mim, sim, podia ser oportunismo. Não é de mim que se trata.

– Quantos comandantes do Leste há? Um só? Até analfabetos subiram a comandantes, porque eram bons combatentes. O que é justo.

– E por que não os alfabetizaram? E por que não os formaram? Podem ser comandantes de esquadrão, mas não podem passar daí, pois são analfabetos.

– É um erro a apontar. Mas uns tantos foram formados, nada de exageros. E subiram de qualquer modo.

– Claro, já não havia outros. Os do Norte não queriam lutar, estavam todos na fronteira. Eram precisos comandantes. Hop, eleva-se um analfabeto que seja bom combatente. Mas esse terá voz algum dia? Nunca, porque é analfabeto, está limitado. Pouco se fez para formar os homens daqui. Se me formei um pouco, enfim, se estudei, foi à custa do meu pai, não foi à custa do Movimento.

– Tiveste uma bolsa na Alemanha. Não a aproveitaste, costumas confessar que não estudavas nada.

– E quantos há que ficam dez anos a acabar um curso, só porque são do Norte e têm padrinhos?

– Não sejas desonesto. Sabes melhor que eu como se passam as coisas. Recusam vir para a luta, o Movimento retira-lhes a bolsa e eles conseguem uma pelos seus próprios meios, com todas essas associações de ajuda que existem na Europa. Dizem que se estão a preparar para a fase da Reconstrução Nacional! Tu quiseste vir quando foste chamado e esse mérito ninguém te pode tirar.

– Não estávamos a falar de mim.

– Tu é que puxaste o teu caso. Quando te interessa, apresentas-te sempre como exemplo... Mas sobre os comandantes analfabetos... Sempre disse que o Movimento devia ter feito mais para formar quadros. Foi uma grande palavra de ordem, apresentada como propaganda, mas na prática... Outras prioridades mais imediatas aparecem. Pode ser apenas inconsciente, mas o factor humano sempre foi desvalorizado. Falta de sensibilidade ligada ao

próprio subdesenvolvimento da sociedade. Mas não é porque são do Norte ou do Leste, não vejo as coisas assim.

– Não podes ver! Essa é a nossa diferença. És do Norte e inconscientemente defendes os teus. Problema cultural.

– Caímos sempre no mesmo. Mas agora sou eu o regionalista.

– Sim, no fundo é assim. Repara, Sábio. Com o lema Abaixo o Tribalismo pode-se fazer tribalismo. Basta que se utilize esse lema sempre que as nossas posições são atacadas. Estão-me a acusar dum erro, é porque sou de tal tribo, estão a fazer tribalismo. E às vezes é só mesmo porque cometi um erro. Mas ao brandir o lema, toda a gente se assusta e recua no ataque. Ninguém quer ser acusado daquilo que foi ensinado como sendo o pior dos crimes. Foste tu um dia que me chamaste a atenção para isso.

– Lembro-me. E tomei posição para defender um guerrilheiro do Leste que estava a ser injustamente acusado de tribalismo, porque criticou um comandante do Norte, quando ele estava cheio de razão, esse comandante era um malandro.

– Então? O tribalista a gritar Abaixo o Tribalismo, para se safar... Neste momento estás a defender por sentimentalismo os que erraram. Não é uma posição regionalista, mesmo que totalmente inconsciente? Pensa nisso.

– O.K. Quando se chega a este ponto, é impossível discutir.

– Disse-te que havia um fosso. Quando há um fosso, andamos às voltas mas caímos sempre nele. Sábio! Tens de saltar o fosso, mas isso não compreendes.

– Renegando as minhas ideias e pondo-me a gritar os kamun-dongos estragaram a guerra? Eu culpo é o Movimento, a direção, para ser mais preciso.

– Formada pelos do Norte...

– Não só. Há de tudo na direção. Entre os do Norte há intelectuais que concordam connosco nas críticas. Já ultrapassaram tudo, Mundial, tu conheces.

~ Ultrapassaram mesmo? Terás tu próprio ultrapassado? Deste tantas provas, oh, se deste... No entanto, no momento da verdade, por uma lealdade qualquer estranha, recusas saltar o fosso.

– Ouve, Mundial, esta discussão não leva a lugar nenhum. O melhor é vermos honestamente o que fazer para salvar a situação.

– É o que tento fazer. E que propões, Sábio?

O grupo de guerrilheiros foi se deitar. As duas sentinelas, colocadas nos dois extremos da base, revezavam-se na fogueira agora deserta para se aquecerem. Os postos ficavam desguarnecidos, mas havia pouco perigo de ataques noturnos. Depois de algum tempo a aquecer as mãos nas brasas, a sentinela olhava os dois responsáveis e de mau grado voltava para a sua posição. O Sábio respondeu:

– Já muitas vezes tínhamos falado disso. É mais urgente do que nunca a criação dum partido revolucionário dentro do Movimento. Ele devia ser o núcleo que dirigia o Movimento, o qual na prática se convertia em frente. Os elementos desse partido seriam escolhidos a dedo, só entrando os militantes sem mácula.

– Sim, já falámos disso. E já não acredito. Quem escolheria a dedo esses elementos? Quem seria o juiz?

– Uma comissão, sei lá, um grupo.

– Não vês o problema. Sábio? Isso seria público, evidentemente. Uma conferência decidia a criação de tal partido e de tal comissão. Ou pensas que se faria na clandestinidade? Muito arriscado.

O outro abanou só a cabeça. Mundial prosseguiu:

– Mesmo que essa ideia fosse aceite, o problema ia pôr-se na escolha da comissão. Haveria uma maioria de homens do Norte e o povo não aceitava. Ou pior, não diria nada e esse partido estava desde o início desconsiderado. Não vês? Neste momento recusaríamos aos do Norte serem os juizes da nossa militância.

– O que propões então?

– O que já disse. Igualdade no número de dirigentes. Tantos do Norte e tantos do Leste. É uma etapa provisória mas necessária. Depois que subam os melhores, os mais competentes e honestos, como dizes. Se o povo vir que os do Leste também podem fazer recuar a luta, aceitará que só os melhores dirijam.

– Depois quando, Mundial? Quando já tudo tiver acabado? Se a luta for ainda mais para trás, então acabou. Ficamos com armas e sem homens. Já estamos à beira da catástrofe...

– Numa primeira fase, os guerrilheiros e o povo ficarão animados, todos voltam para os seus postos. Se depois a luta recuar, fica como está agora, ou talvez melhor. Mas com tudo esclarecido.

– Utopias! O povo não quererá mais nada connosco, entrega-se todo ao

tuga. Isso é suicídio puro e simples. Se agora a direção não é boa, depois ainda será pior.

– Por que pior? Tiramos os maus elementos da direção e no seu lugar ficam os melhores do Leste. Pior não fica.

– E como se fará a escolha? Se tudo é movido agora pelo regionalismo, pela demagogia, que garantias haverá que os melhores do Norte ficam na direção e que não serão precisamente os piores? O mesmo para o caso dos do Leste.

– É um risco. De qualquer modo, a tua fórmula é impraticável, Sábio.

– Porque vocês não querem. E a tua é um suicídio.

– Que falta de confiança tens nas massas e nos quadros do Leste.

– Conheço-os, isso basta. E deixa de te colocar como quadro do Leste. Claro, agora Leste é tudo que se opõe ao Norte. Além do mais, recuso-me a ver-te como do Centro ou do Sul ou do Leste. Somos apenas angolanos, é tudo.

– As massas não nos veem assim, Sábio.

– As massas... pobres massas, sempre amassadas. Massas de tomate! Manipuladas por todos. Como sempre na história.

– Tive muitos amigos de todas as regiões – disse Mundial. – Na Alemanha, por exemplo, era o único estudante do Leste ou, como dizes, que não era do Norte. Entre nós nem notávamos essa diferença, às vezes brincávamos comparando as nossas cidades de origem, mas nunca se levava realmente a coisa a sério. Quem ia dizer que a Kahala era mais cidade que Luanda? Portanto, não me considero do Leste ou doutro sítio. Certamente me sinto melhor numa cidade qualquer que numa mata do Moxico ou do Huambo, sou homem da cidade. E de preferência cidade grande, só mesmo Luanda, que mal conheço, podendo dar uma pálida ideia da minha cidade de sonho. Gosto é de Paris ou Colónia ou Hamburgo. Regionalista, eu?

– Gostaria de te crer, mas hoje não consigo. Sinceramente. A tua argumentação, o teu comportamento, não me inspiram total confiança.

– Defendo aquilo que me parece justo. Pode ser que por ter nascido no Huambo tenha maior sensibilidade para esses problemas. Mas se fosse de Cabinda ou do Uíje, teria a mesma posição.

– Não estou tão seguro, Vítor. Mas já é tarde, temos de dormir.

É meio-dia. O homem continua deitado na mata, a arma entre os joelhos. Por vezes cai em sonolência, aquecido pelos raios de sol que se filtram, tímidos, pela ramagem. Mas imediatamente desperta, os nervos chicoteados pelo cair dum galho ou o grito duma ave. Logo voltam as recordações, os fantasmas do passado. Presentes, colando-se a ele, como o seu medo.

Malongo abandonou Sara e a filha, Judite. Encontrou-as em Paris, quando ia a caminho da Argélia, chamado pelo Movimento. Viviam no mesmo apartamento em que ele todos os anos ficava, nas férias. Agora estavam apenas as duas. Malongo fora para Amsterdã atrás duma holandesa, tocava e cantava num cabaré, mas não dava mais notícias. Sara trabalhava como médica num hospital e durante os cinco anos depois da fuga de Lisboa sustentou a família. Aguentava resignadamente as escapadas sistemáticas de Malongo, sempre por causa de mulheres. Ele acabava por aparecer ao fim de certo tempo, prometendo ter sido a última vez. Sara fingia acreditar, esperando apenas que o Movimento a chamasse para a luta. Mas nunca a chamavam e Malongo desaparecia de novo. Desta vez era diferente, fora e nunca mais voltara. Se voltar, vai encontrar a porta fechada, acabou, estou farta, disse Sara. Ele deu-lhe razão, o amigo não tinha cura possível. Ficara ainda pior que em Lisboa, definitivamente perdida a esperança de encontrar lugar num clube de futebol. Se virou para a música, mas não era tão bom como no futebol. Tocava em cabarés de terceira categoria e no verão

ocupava um canto no Quartier Latin, cantando para turistas. O dinheiro que ganhava era apenas para o vinho, nunca para ajudar nas despesas da casa. Isso tornou-o amargo, Sara e Judite pagavam pela má disposição. Até que fugiu de vez, dizendo vou fazer fortuna na Holanda. Mundial ficou dois dias em Paris, em casa de Sara, até apanhar o avião para a Argélia. Faria treino militar, não sabia onde, e depois ia para a guerra. Se encontrases o Aníbal, diz que os amigos são feitos para responder às cartas, por muito ocupados que estejam. Nunca mais o vi e escrevi-lhe várias vezes. Só recebi uma carta dele e pouco dizia. Também podes dizer ao Movimento que espero resposta às dezenas de cartas que lhes mandei propondo a minha ida para uma fronteira qualquer, até parece que não precisam de médicos na retaguarda. A Judite não é problema, vai comigo. E suportará o que as outras crianças suportam. Ficar toda a vida no exílio é muito pior que tudo o que possa passar na luta. O Laurindo sim, sempre me escreveu enquanto esteve em Cabinda. Depois foi transferido não sei para onde e deixei de ter notícias. O Horácio, esse, continua em Praga, por vezes manda-me um poema, conta ingressar na guerrilha logo que termine o curso, já falta pouco. Prepara-te para o aturar, se ficarem na mesma zona. Nunca mais soube nada da Fernanda, tiveste notícias? Ele teve de dizer que há muito perdera esperança de a encontrar, provavelmente já tinha voltado para Angola. Ou casara no Puto com um branco qualquer. Disse em tom de brincadeira, mas só a ideia lhe provocava convulsões na barriga. Mais uma frustração, decididamente não tinha sorte com as mulheres.

Tais foram as conversas com Sara, que lhe arranjou um estojo de primeiros socorros com tudo o necessário, sem esquecer os remédios para malária, para diarreias agudas, até mesmo um tranquilizante por causa das angústias da guerra. Não pôde despedir-se de Malongo, perdera qualquer referência. E era o seu grande kamba, tinha pena. Sara despediu-se tristemente, fala ao Aníbal, não esqueças, que escreva de onde quer que esteja, estou a precisar. E ficou abraçada a Judite, menina bonita de cinco anos, lembrando uma outra mulata que ele conheceu numa praia de Portugal, numa vida anterior.

Sara pensava sempre no Aníbal, com quem ele teve uma última conversa antes de partir para a fronteira, cheguei à conclusão que é melhor vires comigo ao exterior. O Sábio repudiou a ideia, não fui chamado, não tenho nenhum assunto urgente a tratar lá e, além de tudo, detesto o clima de

manigâncias políticas que se vive na fronteira. O meu lugar é aqui com os guerrilheiros. Mundial procurou convencê-lo, falou do perigo de haver algum problema disciplinar e ele ter de corrigir um combatente, o que podia provocar um levantamento, dado o atual clima de revolta contra os kamundongos. O Sábio sempre fora um teimoso, quem o não conhecia? Afinal estás com remorsos de me deixar... Disparate, era só para ofender e impedir o resto da conversa. Desistiu, que se lixasse, o problema era dele. Continuar a conversa era chegar ao ponto de dois dias antes, com uma ruptura ainda mais consumada. E afinal eram amigos. Lembrou da Sara e disse para lhe escrever. Meteria a carta no correio, na fronteira. Ela continuava em Paris e esperava por notícias, qualquer bilhete era um lenitivo para dez ou onze anos de exílio. E que lhe vou dizer, que espere e creia, um dia será chamada, como os justos que esperam a graça de Deus? Não, Mundial, deixei de prometer o Paraíso há muito tempo, quando dele perdi o rasto. Não sei mentir. Deixa-a pensar que isto aqui é uma maravilha, que nos batemos heroica e generosamente pelo futuro da terra. A verdade vai destruí-la. Ao menos lá está a trabalhar e a viver sem dificuldades, com a filha a estudar. E não tem a real medida do que andamos aqui a fazer. Pelo menos deve ter uma ilusão, sempre compensa. Mundial disse até à próxima, estamos juntos, vou mandar-te café da fronteira e açúcar, precisas de mais alguma coisa? O Sábio precisava dum par de meias, os dois que tinha apresentavam buracos já incapazes de tapar, tantas vezes tinham sido cosidos e recosidos. Com um abraço, Mundial garantiu é a primeira coisa que faço ao lá chegar, e arrancou para a fronteira.

O dia vai declinando. Em breve virá mais uma noite de frio, de cansaço e de terror. Tudo abandonar. Procurar o calor duma casa, mesmo que a cela duma prisão, uma presença humana, mesmo um carrasco, comida, mesmo um pedaço de pão bolorento e duro. Tudo abandonar. E é tão fácil. O posto do Ninda está a menos dum quilómetro, durante todo o dia ouviu os carros e as vozes e o ladrar dos cães. Que lhe farão se se entregar? Pouco ou nada. Ouve às vezes na rádio dizer, os que se entregam são bem recebidos. Pelo povo correm mujimbos que um tal guerrilheiro que se rendeu hoje é comandante das “milícias”, outro é chefe dos “Flechas”. Toda a propaganda do inimigo é falsa? Se o fosse, não teria nenhum crédito junto da população, o colonialista já ultrapassou a fase da inicial estupidez, em que tudo o que afirmava era ridículo. Hoje eles aprenderam, mentem no geral com coisas verdadeiras no particular.

Onça era um grande combatente. Várias vezes foi citado por feitos heroicos. Mas feriu-se seriamente numa perna e tiveram que cortá-la para evitar a gangrena. Dizem hoje vive num campo da fronteira, sofrendo da fome e do frio como os outros, arrastando-se. Que Movimento é este que nem com os mutilados de guerra se preocupa?

No posto vão interrogá-lo. Obrigam-no a falar na rádio, a fazer apelos aos camaradas para que sigam o seu exemplo e se rendam. Angola Combatente, a rádio do Movimento, vai apodá-lo de traidor. E depois será livre, poderá

voltar ao Huambo natal, encontrar os pais de quem se separou há catorze anos. Não vale a pena? Acabar com a fome, o cansaço inútil, o frio, o medo, a troca de um título de traidor concedido por uma organização que já pouco significa e que nunca chegará ao poder. Com a farda e a arma, abandonará o nome de Mundial e retomará o seu verdadeiro de Vítor Ramos, estudante de profissão. Em Nova Lisboa pode estudar Veterinária, formar-se-á com 35 anos, ainda não é tarde. Aqui é que nunca fará nada. Mesmo se não morrer ou for apanhado, que será dele quando o Movimento rebentar? O declínio é certo, pode aguentar mais uns tempos, mas será vencido. Que será dele e dos outros? Serão uns refugiados na Zâmbia e tratados como tal. Terá de se entregar aos colonialistas em condições piores, pois se renderá aos vencedores já consagrados. Neste momento ainda podem recebê-lo bem, porque dele podem aproveitar. Depois é uma moeda furada, não vale nada. Há que escolher a boa altura e é agora a boa altura. Mais tarde será tarde demais.

Kapangombe tinha a mais bela mulher da zona. O comandante, um kamundongo, desejou a mulher. Ela negou, gostava era do marido. Kapangombe era um combatente corajoso e disciplinado, todos o apreciavam. Em emboscada, de terreno favorável, Kapangombe morreu. Ninguém percebeu porquê, o inimigo quase nem replicara ao fogo. Na emboscada, Kapangombe fora colocado ao lado do comandante. Um mês depois, a mulher do falecido Kapangombe passava para a casa do comandante. Então todos perceberam a razão da morte de Kapangombe, mas ninguém ousou falar.

Em tudo há um risco, pensou Mundial. Quando se vai para a guerra ou se corteja uma mulher, quando se procura um emprego, há uma unidade de contrários: o que se quer obter e as suas consequências funestas. A habilidade consiste em analisar a contradição profundamente e escolher sempre o contrário forte. Hoje, o Movimento só tem força no exterior. A dialética sempre disse o factor interno é o primordial. Então quem duvida da vitória dos portugueses? Só lunáticos como o Sábio. Nele já nem é a necessidade de acreditar para crer nalguma coisa, já não é a mística da revolução. Hoje, para ele só conta a vingança. Eu aceito arriscar, mas quando há possibilidade de ganhar. Arriscar quando nenhuma vantagem está do nosso lado é estupidez. O tempo do romantismo morreu. Como lhe contava o velho Samalanga, em noites de confiança à volta da fogueira:

“A luta veio e agradecemos muito. Já passou muitos dias e não sei quando que a guerra chegou no Muié. Antes ouvimos mujimbos e os primeiros a chegar foram os da Unita, disseram-nos que estavam no Chikolui. Perguntámos: que trouxeram para a luta? Bengalas. Só com bengalas é que vão correr com o tuga? E nós lhes desprezámos, vamos abandonar as nossas casas assim? Estavam a fazer confusão e dissemos, quando vocês aparecerem aqui vamos queixá-los nos tugas. Estão a trazer outra vez guerra de kuata-kuata? Eles foram, nunca mais voltaram. Ali vem o chefe do posto todo atrapalhado, foi ameaçado na picada do Kalimbue e quando o chefe chegou no posto conseguia de falar. Vimos, o que será isso? Os que tinham famílias nas matas, não passou uma semana, já abriram. Aí vem coluna de carros com soldados, disseram lá onde ameaçaram o nosso chefe, vamos lá mesmo limpar hoje. Foram. Quando vieram, nós não podíamos perguntar como é. Trouxeram o Xinjanja, que foi verdadeiro angolano. O Xinjanja morreu por causa da comida dele. Veio o comandante do Movimento, foi mesmo na lavra do Xinjanja. O Xinjanja disse já vi vocês querem mesmo lutar contra os tugas, então comam à vontade. Quando foi apanhado pelos tugas, o Xinjanja foi maltratado na nossa vista, tiraram-lhe os colhões. Disseram quem der comida a esses turras vai ser tratado como o Xinjanja. Ninguém dormiu naquela noite. Mesmo o imposto não doía tanto como aquele mal que fizeram no Xinjanja. Dali nasceu-nos vontade de abandonar toda riqueza e ir no Movimento para expulsar os assassinos colonialistas. Fomos nas matas. Outros que estavam do lado de cá do Muié disseram que iam ver ainda. Os soldados levaram-nos no arame farpado, apanharam o gado deles. E eles disseram: Hum-hum, aqueles outros foram nas matas, eles é que têm razão. E também abriram. Os do Movimento começaram a nos mobilizar que somos todos camaradas. Mas afinal era só mentira. Vinham só comer da comida do povo. Muitos rapazes aceitaram lutar, alguns foram castigados só àtoamente, não pode. Eu, no meu coração, pensei: esse Chapuile é da minha tribo, posso falar com ele. Perguntei como é que vocês estão trabalhar que a luta não avança? E a castigar pessoas a uso, não estamos ficar contentes. Chapuile disse recebia ordens do mais-velho, esse kamundongo... Depois fui apanhado pelos soldados, me levaram no arame. Trabalhei como pedreiro para o comandante da PIDE. No mês de dezembro de 1970, vieram colunas do Luso, umas para Gago Coutinho, outras para Cangamba. Os de Cangamba saltaram na mina, os de Gago

também, Muié e Cangombe também. Os tugas ficaram pior que kissonde. A raiva daqueles carros ainda novinhos que saltaram, haka, os presos que apanharam nas matas começaram então a matar com metralhadora na vista de nós. Daí caí no chão, pensei outra vez vou retirar, aqui não dá. Disse à mulher vamos embora. O pide estava intrujar, me pagava cem escudos por dia como bom pedreiro, não liguei. Vim na mata. Mas afinal foi esta guerra vocês trouxeram, só para o povo morrer? Vale mais acabar com ela.”

O povo assim falava. Como é que ele, intérprete das aspirações populares, ia obrigar as massas a suportar uma guerra que já não queriam?

O Sábio dissera um dia:

– A guerra é um pretexto, ou para os fracos se convencerem de potência ou os criminosos cometerem legalmente atos de sadismo, se não legalmente pelo menos justificadamente. Ou para os fortes arriscarem a sua própria imagem, como o campeão de boxe que põe o seu título em jogo, pelo gosto do risco. Ou para uma espécie de justiça intrínseca nas coisas pôr o rei nu, mostrando as mazelas, se não aos olhos de todos, pelos menos aos seus, ou também aos da rainha.

Pouco depois acrescentara:

– Não, isto é uma noção religiosa da guerra. Ela é feita por místicos, cada um à sua medida e à sua maneira, mas como somatório deixa de ser mística.

– O desgraçado que é enviado para a guerra, contra sua vontade, é um místico? – perguntara Mundial.

– Podia recusar ir. Segue a mística do medo de contrariar a ordem estabelecida, o superior, a lei. Que é isso senão misticismo? A superstição impregnou-se em tudo, meu velho, é uma reminiscência da época em que o homem vivia nas grutas e via no relâmpago um deus temível. Que o digam os tiranos ou os príncipes da Igreja que dela sempre se souberam servir à maravilha.

Levanta-se ao cair da noite. Começa a avançar para a estrada. Quando o ouvirem falar na rádio, os camaradas não vão acreditar, pensam foi capturado. É o que pensam sempre dos que passam para o lado do inimigo. Que comentários farão? Estou-me marimbando, mais dia menos dia todos me imitarão. E o Sábio? Esse não, esse terá de ser abatido. O Sábio vai dizer, já tinha notado algumas modificações nele, estava desencorajado, o moral minado, por isso não resistiu à tortura. O Sábio vai humilhá-lo uma vez mais com superior condescendência. Não era mau moço, mas pouco

corajoso, coragem moral, claro. Merda para o Sábio. Os tugas não o obrigam a indicar o local da base do Sábio? Não o levarão de helicóptero para presenciar a destruição da base, talvez para nela participar? Não, isso não, recusará. E se me torturarem, resisto?

Quase inconscientemente, começa a desviar a rota para a direita, evitando o posto. Não. Terá de aguentar a fome e o cansaço, a salvação não está no posto, está na Zâmbia. Não é salvação ter a barriga cheia mas saber-se toda a vida responsável por Mussole não ser vingada. Que o justiceiro morra antes que justiça seja feita, isso é inevitável e não está na sua mão. Mas não pode ser o agente do inevitável.

A estrada é uma serpente larga e clara, na escuridão. Fica dez minutos a observar um lado e outro, antes de se decidir. Enfim, corre da mata, sobe a ravina, atravessa a estrada, salta para a mata do outro lado. E deixa-se cair, exausto.

Como pode um homem suportar a fome, o cansaço, a falta de sono, o frio, o medo? De que é feito um homem? Que mais podem exigir de mim, não sou super. Por que evitar o posto, se ao menos ali acabava tudo? Fome, fome, preocupação número um desta guerra, sonho e pesadelo do guerrilheiro, tema central de conversa. Nunca sentira verdadeiramente a fome. Quantos livros descrevem as fomes da Índia, do Sul do Saara ou do Nordeste do Brasil? Quantos filmes vira? Afinal, nunca soubera o que é olhar para um esquilo saltando duma árvore para outra e vê-lo, não com uma cauda comprida, mas como um roliço pedaço de carne churrascando na fogueira. Só agora sabia o que é a fome.

Um bom burguês do Primeiro Mundo, ao se refastelar na mesa dum restaurante, nem pensa que o faz para a satisfação duma necessidade primordial, mas como um prazer, um entretenimento. Que fração de tempo por dia consagra ele ao pensamento de que deve comer? Só se quiser fazer dieta para emagrecer. Quanto mais rica é a sociedade, menos pensa no fundamental. Que injustiça. Como não haver revoltas? A verdadeira luta de classes é a contradição que opõe os que passam o dia a pensar na barriga

para a encher e os que, se nela pensam, é apenas para a esvaziar. E não me venham com teorias, esta é a única verdade.

Levanta-se mais uma vez, admirando-se de o poder ainda fazer. Arrasta-se, vendo à esquerda o holofote do posto varrendo periodicamente a copa das árvores.

Horas depois, a picada do Tundombe aparece. Hesita. Talvez seja melhor seguir a picada, tentando chegar à base guerrilheira que conheceu em tempos. Mas já deve ter mudado de sítio e a picada pode estar minada. Resolve aproximar-se do rio, agora que o posto ficou longe, e seguir o rio até à Zâmbia, é mais prudente. Marcha o resto da noite, tentando manter o azimute de nordeste. Não alcança o rio. A madrugada volta. Mais uma. Igual às outras, sem nuvens. O sol apareceu-lhe nas costas, o que significa desvio para ocidente. Pode estar ainda perto do posto, não faz ideia. Esta mata do Ninda era famosa, já dois ataques ao posto tinham falhado apenas porque os guerrilheiros se perderam nela à noite. Constata o facto sem emoção. Deita-se e tenta dormir, gozando a diminuição do frio. Que interessa se está perto do posto ou não? Tudo lhe é indiferente. Tenta pensar, para se manter acordado. Mas o sono de dias vence-o definitivamente.

Acorda com o sol do meio-dia. Dormiu, enfim. Tenta levantar e desconssegue. O sono fez avivar as dores em todo o corpo. E a sede. Tenho de me arrastar até ao rio. Encosta-se a uma árvore, a arma na mão esquerda servindo de bengala, e ergue-se. Balbucia dois passos para a frente e cai de borco no chão. Acabou, é a inação, pensa. Só lhe restará contemplar as folhas, o céu, e despedir-se tranquilamente da vida. Tão perto da meta! Arrasta-se até uma árvore e tenta de novo. Consegue levantar-se. Finca bem as pernas, inclina o corpo ligeiramente para a frente e cai, dez metros à frente. De novo repete a operação. Ao fim de dez quedas, apercebe o fim da mata diante de si. Cai mais três vezes e chega ao término das árvores. É uma lavra de mandioca. Olha para todos os lados. Ninguém. Chega à primeira planta e arranca-a pela raiz. O tubérculo está comestível. Arranca mais dois e rasteja para a mata. Com o punhal descasca os tubérculos e come-os, quase sem mastigar. É mandioca boa, da doce. Se fosse da outra, no mínimo apanhava uma diarreia que o matava. Mas teve sorte, muita sorte. Fica longo tempo descansando. As forças começam a voltar, timidamente, anunciadas pelo sangue que deve circular mais rapidamente

no corpo. Arrasta-se para a lavra e arranca mais tubérculos, com que enche os bolsos. Tenho de me afastar daqui. Se o dono da lavra vier, vai seguir os rastros para exigir o pagamento do roubo. E se não é povo do Movimento, denuncia-o ao tuga. Levanta-se e avança, caindo agora menos frequentemente. Já tem comida para a noite, precisa é de encontrar água. Se não se perdeu de novo, amanhã está na fronteira. E à noite poderá acender uma fogueira, desde que tenha a certeza de se ter afastado do posto.

São duas da tarde. A chana adivinha-se entre as árvores. Marchou praticamente sem guia, tentando manter a direção nordeste, para alcançar o rio Ninda. Calcula que está perto do antigo posto do Monteiro, abandonado pelo inimigo tempos atrás por causa da insegurança. Ao chegar à chana, vê o rio à sua frente. Finalmente! Devo ter dado muitas voltas, para me ter assim afastado do rio. Aproxima-se e cai de bruços na areia, a cara metida na água fresca. Depois de beber, levanta-se e olha para a esquerda. E o coração para, e só raios vermelhos lhe aparecem diante dos olhos: está ao lado do posto do Ninda.

Precipita-se para o meio dos caniços da margem. Como é possível? Ergue cautelosamente a cabeça e vê as casas, as casernas no cimo do outeiro, as cubatas do povo perto do rio, as chapas de zinco refletindo a luz do sol, o fumo saindo das chaminés. Está a menos de um quilómetro. Pode mesmo distinguir a sentinela na sua guarita. E só então ouve os ruídos da vida do posto, gritos de gente e ladrar de cães, que não apercebera antes por causa da sede e fadiga. Acabou, acabou tudo. O povo e os soldados vêm cariar água no rio, algum pode querer descer um pouco a corrente e vai descobri-lo. Maldita guerra, maldita guerra. Quem me mandou meter em aventuras? Não me bastava a aventura da vida? Calma, calma, já estiveste em situações piores. Deixa disso! Nunca mais serei capaz de me afastar deste filho da puta de posto, parece um ímã. A lavra pertence a gente do posto, por isso será descoberto. Não, já é tarde demais para virem à lavra. Só amanhã de manhã. Estarei longe, então.

Só tinha uma solução, ficar deitado entre os caniços até ao escurecer, rezar para que ninguém o tenha visto, e seguir a corrente do rio. Acabaria por chegar à fronteira. Olha para o relógio, duas e meia. Ainda tem quatro horas de aflição. Que fazer se algum soldado aparece? Abrir fogo e fugir. Se for capaz. Não pode caminhar agora para a mata, há demasiados riscos de ser descoberto. A sentinela não me terá visto? Pode, sim. Se viu, também

pode pensar que sou um soldado. Nunca vai supor um guerrilheiro a ousar aproximar-se tanto, em pleno dia. Os olhos estão obstinadamente fixos nas casas e no rio. Um caminhão entra no posto. Chegam-lhe ao ouvido exclamações de alegria, deve trazer comida e vinho, sacanas, comem e bebem do melhor, assim é fácil fazer guerra. Em seguida a dúvida: um carro isolado veio de Gago Coutinho? Quer dizer que os guerrilheiros já não controlam a estrada, antes os tipos só andavam em comboios de mais de dez camiões. Esta guerra está lixada.

Às quatro horas, um grupo de soldados sai do posto e dirige-se em fila indiana para o rio. Vêm armados, nota ele, deve ser uma ronda. Os soldados chegam à margem e começam a descer o rio. Para o lado dele. Estou tramado. São dez soldados. Descem a picada do Monteiro, paralelamente ao rio. Estão agora a quinhentos metros. Se foge para a mata, vão vê-lo e desconfiar. A perseguição começará. Sem hipóteses para ele, fraco como está. Os caniços da margem também não são um esconderijo suficiente. Deixa-os aproximar e abre fogo? Só acerta em dois ou três com a primeira rajada e os outros responderão. Fica encurralado entre a mata e o rio, será presa fácil. Os olhos procuram avidamente um melhor esconderijo. O desespero ganha-o e afasta o torpor beatífico que sentia desde que tinha comido a mandioca. Os soldados estão a quatrocentos metros. A única coisa a fazer é meter-se na água fria. Rasteja os dois metros que o separam do rio e entra na água, deixando fora a ponta do cano da arma, em posição de fogo. Se não estão desconfiados, não reparam na cabeça que emerge, no meio dos caniços. Deixou de ver os soldados, mas ouve já os passos pisando a areia. Pode ser apenas uma ronda de rotina. Nesse caso, passam e nem olham.

Os passos ouvem-se cada vez mais nitidamente. E percebe a primeira frase, deve ser boato do povo. Mais uns passos a rilharem a areia e outra frase, os gajos estão à rasca, já nem pensam em atacar, meu sargento. Nunca se sabe, diz uma voz com pronúncia de português, eles atacaram o Chiume. De novo a primeira, meu sargento, o povo tem medo à toa, não dá para acreditar.

Dentro em breve, os soldados estarão à sua frente. É estranho, pensa ele, como uma existência de anos se pode decidir num segundo. O tal gosto da vida e do risco, o momento da verdade, de que falam os aventureiros. Gosto uma merda, só dor de barriga. Que terá pensado o Laurindo, quando o apanharam e mais à sua coluna de guerrilheiros num rio da Lunda? Teve

tempo de sentir medo, ou morreu com a primeira rajada? O corpo nunca foi encontrado, os comunicados do exército português não o notificaram, os do Movimento ignoraram. Morreu de bala ou afogado? Afogado não, espero que não, mil vezes uma bala rápida, um tiro na cabeça ou no coração. Laurindo foi grande comandante, aquele mulato da Gabela era um gajo porreiro, do Centro como ele. Na Lunda também o consideravam kamundongo? Seria injusto, Laurindo era fixe como poucos.

– Eram rastos de turras – disse a mesma voz de português. – Sempre o mesmo tipo de sapatilhas e em todas as direções. É porque anda um grupo perto.

– Vamos mas é voltar. Os que chegaram trazem notícias de Gago Coutinho. E cerveja...

Lembra-se de repente e a lembrança quase o faz perder os sentidos: as marcas das botas na areia. AS MARCAS DAS SUAS BOTAS NA AREIA. Vão vê-las fatalmente, vão segui-las até ao rio. Está apanhado. Agora sim, acabou tudo. E pelo que ouviu não é uma ronda rotineira. Quando atravessou a picada para beber água, nem se preocupou com os rastos, pensava estava longe do posto, nem sequer olhou para a esquerda. Assinei a minha sentença de morte. De morte, não. Posso render-me já. Digo que me vinha entregar, mas estava à espera da noite, pois tinha medo que abrissem fogo ao me verem. Se me prenderem, será por pouco tempo.

Os soldados estão à sua frente. É agora. Vai levantar-se para chamar. Adeus guerra, adeus Movimento, vou para a paz.

– Olhe, meu sargento! Ali, na mata. O grito travou o gesto de Mundial, que permaneceu deitado na água, paralizado para lá do medo.

– Qualquer coisa mexeu ali.

Primeiro fechou os olhos, querendo iludir a visão do inevitável. Depois abriu-os para o inimigo. Os soldados estão parados à sua frente, a uns vinte metros, de costas, perscrutando a mata. Não era por causa dele. Um esforço para pensar, para agarrar a sorte. Vê-os perfeitamente, porque se soergueu um pouco. Pode fazer fogo e matar uns tantos. Mas para quê? E os outros? A guerra acabou, tudo acabou, só há que se render. Já não é capaz de agarrar a sorte fugidia.

– Uma pessoa? – perguntou o sargento.

– Parecia.

– Ele está a ver fantasmas, meu sargento – disse outra voz. – Não conhece

já o Simão? Ele é sempre assim.

O Simão! Mundial recorda-se dele. Antigo guerrilheiro que se passou para o inimigo e agora é guia das tropas. Pisteiro infalível, vai descobrir-lhe as pegadas, não há dúvida, é melhor entregar-me já.

– Vê fantasmas, mas descobre sempre a caça. Tens mesmo a certeza, Simão?

– Parecia, meu sargento.

– Ei vocês aí – grita subitamente uma voz vinda da direção do posto.

Os soldados viram-se. O sargento faz sinal de silêncio ao que se aproxima, mas este não se preocupa, pois continua a gritar:

– Que é que há? Que estão a fazer?

Mundial já não compreende nada, nem tem força para compreender. Uma só ideia o domina: entregar-se. Levantar a arma e gritar-lhes. É tão simples. Mas a mesma voz distante prossegue não ouviram chamar-vos?

– Este gajo é maluco – resmunga o sargento. – Estes estudantezinhos armados em oficiais é que estragam esta guerra. Ouvimos, sim, meu alferes. Estamos a fazer patrulha.

– Venham embora. Vai haver parada, o major Calado está a chegar.

Os soldados olham em silêncio para o sargento.

– Bom – disse o sargento. – Vamos então, rapazes. Parada! Deixa lá a tua sombra, Simão, o alferes não se interessa por isso. E era bem feito que fosse um grupo de reconhecimento e atacassem o posto e matassem o major Calado e os alferезinhos e mais a puta que os pariu. Cabrões! Talvez aprendessem que não se brinca às paradas na guerra.

E ante os olhos estupefactos de Mundial, os soldados deram meia volta e marcharam para o posto. Simão, ao andar, fitava sempre a mata à sua esquerda, inquieto. Sabia que arriscava tudo todos os dias, era um traidor que não teria perdão se os guerrilheiros tomassem o posto.

Devagarinho, sem ainda acreditar no milagre, o coração de Mundial recomeçou a bater.

Saiu da água e deitou-se na areia. O sol em breve desapareceria e poderia afastar-se daquele sítio amaldiçoado. Sentia frio, a farda estava encharcada. Ainda não compreendeu toda a cena, só sabe que não o apanharam. Mas o cérebro recomeça a funcionar, ainda que hesitante. Aparentemente, os soldados ouviram rumores do povo que andavam guerrilheiros ali perto. Deviam ser as suas pegadas que foram descobertas, já havia dias que rondava por ali. Não sei, falavam sempre de marcas de sapatilhas, como usam os guerrilheiros, e eu tenho botas como as do exército tuga. Não importa. O grupo veio fazer uma patrulha que foi interrompida pela chegada iminente do tal major Calado. E estavam a uns dez metros das marcas das suas botas. Essas botas de algum defunto soldado tuga, recuperadas num combate e que ele, como responsável, aproveitou. É sorte demais, pensa Mundial. O que os distraiu? Alguma sombra furtiva na mata. Mas que sombra? Uma minhoca tragando a própria sombra. Nem o próprio Simão estava seguro. Uma coisa é estranha: se tinham encontrado as suas pegadas, porque vieram fazer ronda do lado leste do posto e não do ocidental ou sul, por onde ele andara? Era a primeira vez que se aproximava deste lado. Verdade mesmo? Sei lá, já nem sei por onde andei, perco-me logo que entro na mata. Não, não havia que compreender. Só sei que fiz muito bem em não me levantar, senão poderiam ter disparado. Isso talvez não fizessem. Mas iam desconfiar da sua desculpa. Desculpa, Marilu, desculpa, será a última

vez. Se ele se entregasse ali, diriam viste-te sem saída e rendeste-te. Não é a mesma coisa que ir entregar-se ao posto. Pensavam, é claro, que ele fazia parte do suposto grupo de reconhecimento. Ia lerpar na tortura, para contar toda a verdade e nada mais que a verdade. A verdade que eles queriam ouvir, na sua nunca acreditariam. Ainda dizem que não há tipos com sorte! Toda a sua vida tivera sorte, porque sabia jogar com ela.

Não, estás a mentir a ti próprio, Mundial. Desta vez não arriscaste, não foste dono de ti, soberano, como costumavas dizer. O dono de si, como o entendes, é orgulhoso, altivo talvez, procurando ultrapassar-se. O dono de si vive a aventura, só pode viver com a aventura. Conquista a sorte, vence-se na má sorte. Tu não és um dono de si, foste vencido pela má sorte, não procuraste dobrá-la. Aproveitaste da sorte, não a conquistaste. Não te dominaste, não fizeste dos nervos cordas de viola, renunciaste à vitória antes de o jogo iniciar, e agora estás a ser batoteiro. É efeito do cansaço, do desespero desta guerra absurda, desculpou-se ele. Não, Mundial, reconhece. O dono de si, ao fazer batota, é impulsionado pelo prazer de enganar, de ridicularizar, de dominar; a batota nele é cruel. Em ti, a batota é mesquinha, pois estás a querer justificar-te. Abandona esse mito do dono de si, já não te serve. Que se lixe a moral! Quem sou eu para me julgar? Já pareço o Sábio. Queria ver outros na mesma situação. Devo é pensar agora como me vou afastar daqui. Que me interessa a opinião que tenha sobre mim ou os meus atos? Marilu interessa-se? Mussole interessou-se? Nem um gesto fez para me conhecer. Oh, quem me dera dormir, dormir, e não pensar no que sucederá se me apanharem.

O frio da roupa molhada fá-lo bater os dentes. Pelo menos disso está convencido. Ou é o medo? Deve ser o medo que está a diminuir e, por isso, se faz sentir. Há bocado era demasiado intenso para que eu o pudesse perceber. Afinal és medroso. Sim, sou, e depois?

Sou um merdas. Marilu sabia-o, sempre o soube, por isso me desprezou. Mussole morreu antes de o poder saber. Sou um merdas, mas ninguém tem nada com isso. A tua bela autossuficiência no perigo era uma máscara... E quem não tem máscara? Quem é igual por dentro e por fora, pelo direito e pelo avesso? Oh, acabar com isto tudo, acabar de vez. Porque não me apanharam? Batiam-lhe, torturavam-no e depois tudo passaria, deixavam-no em paz numa cela, podendo dormir descansado, pois já não havia esperança. É como quando se arranca um dente. Sempre tive um medo horrível do

dentista. E dizia-me que era melhor ter coragem, doeria um pouco e depois tudo passava. Mas nunca era capaz de me decidir a ir dar esse passo, só quando já as dores me levavam ao desespero, jogava então tudo por tudo. Dizia mais tarde que passara inúteis dias de sofrimento quando afinal era tão simples. És um merdas, sim. Sou lúcido, reconheço a minha merdice, mas já não me importo.

No entanto, era preciso pensar no que fazer. Quando a noite o escondesse dos olhos do posto, ia avançar pela picada ao longo do rio, sempre ao longo do rio. Mais à frente deixaria a picada, pois devia estar minada. E continuar ao longo do rio. Assim chegará sem dúvidas à Zâmbia, amanhã ou depois.

E passar a noite com a farda molhada? Andar mais vinte e quatro horas, ou setenta, aos tropeções? Com umas míseras mandiocas? Já que a sorte o favoreceu, era melhor aproveitá-la e meter os trunfos do seu lado. Iria mas é entregar-se mais logo, desde que o sol caísse, para não suportar o frio horrível que se adivinha. Por que não agora? Não, agora estão na parada, podem ficar nervosos e reagir mal. Ao escurecer, aproxima-se. Grita antes a preveni-los que se vai render. Seria estúpido apanhar uma bala no momento em que decide ir ao dentista. É o contrário, Mundial. Estás a protelar o momento de arrancar o dente. Não me chateies, é verdade o que dizes, mas deixa-me ser fraco uma última vez. Depois serei outro homem. Um traidor, um renegado, irei indicar a base do Sábio, darei todos os pormenores sobre a organização, explicarei como devem explorar os conflitos tribais que existem, como isolar ainda mais os kamundongos, falarei de crimes na rádio, farei tudo o que me pedirem. Serei outro homem, já não serei fraco. Mas deixa-me ainda viver a angústia do último momento, esta angústia de ter ainda que decidir. Depois já não precisarei de decidir, eles decidem por mim, apenas os sigo fielmente. Assim poderei descansar.

Está gelado. O sol esconde-se atrás das árvores e a escuridão vem breve. A temperatura desce à noite nesta época quase até aos zero graus. Na Europa não é nada, até são capazes de suar. Mas para nós... e ainda por cima molhado! Deita-se de costas. O céu ainda está iluminado, sem uma nuvem, já a terra e o rio e o posto começam a ter a cor neutra das coisas mortas. A paz invade-o. Vou comer uma mandioca, saborear a doçura do seu leite, beber água em seguida. Logo fumo, tomo banho, vão dar-me roupa limpa, deitarei numa cama, descansarei. Com a tranquilidade tão perto, por que demorei tantos anos a percebê-la? Sim, era agradável a Europa, nos bons

tempos antes e durante Marilu. Admiravam-no, pertencia a um país em luta, era bicho raro, uma novidade. E aproveitava sempre para dar lições de política àqueles jovens imbecis que sonhavam com a revolução mundial. Chegou a ser autoridade no meio estudantil, e antes de 1968. Agora voltará a ser. Ex-terrorista! Todos vão querer conhecê-lo, ver de que carne é feito um responsável do Movimento. Que fácil é viver, afinal, quando se sabe.

A noite já veio. Levanta-se a custo e caminha para a picada. Não a vai seguir, pois podem vê-lo de longe. Primeiro vai até à mata e depois virará para o posto. Antes de chegar ao arame farpado, grita que se vai render. Pobre Sábio, não vingará Mussole, ele o impedirá. Boa desforra. Com que direito quer o Sábio tomar o seu lugar, ele é que deveria vingar Mussole. Mas é estúpido vingá-la, que é Mussole senão um atrasado ser daquelas matas? Bonita? E quanta mulher bonita não foi vingada? Por que seria essa mais que as outras? O Sábio sempre foi um imbecil e vai receber uma lição. Entra na mata.

– Arrto!

Estaca, de novo arrepiado. A surpresa paralisa-o.

– Yove ya. Quem és? – perguntam em Mbunda. Fui estupidamente apanhado. Que se lixe! Ao menos tudo acabou. Duas sombras saem do lado esquerdo, apontando-lhe as armas. Um lampejo de lucidez o percorre. E dispara para a sorte:

– Sou do Movimento, camaradas.

Uma lâmpada de bolso, daquelas género caneta, que mal se apercebe na mata, foca-lhe os olhos e a arma.

– Onde ias? – perguntam-lhe de novo em Mbunda.

Não tem a certeza e isso é cruel. Não consegue ver os detalhes da farda dos outros, apenas vultos. A intuição disse-lhe eram guerrilheiros. Se fossem soldados, não procederiam com tantas cautelas. Agora já tinha lançado a sorte.

– Sou o camarada Mundial. Perdi-me dos outros e vim cair aqui ao pé do posto. Há dois dias que tento sair daqui perto mas perco-me e volto para trás. Essa mata do Ninda! Não me conhecem, camaradas?

– Não – diz um deles. – Vem.

Um vai à frente dele, outro atrás. Internam-se na mata. O cérebro de Mundial agora funciona com rapidez. São guerrilheiros e mais uma vez escapou por um triz. Uns metros mais à frente, ia virar em direção ao posto.

Assim, como o interceptaram a tempo, têm mesmo de acreditar que ia afastar-se do posto pela mata. Se desconfiassem dele, tiravam-lhe a arma. Andam cerca de dez minutos e depois o da frente faz sinal para pararem. Assobia levemente. Respondem de mais longe. De novo avançam. Até um sítio onde estão cinco homens sentados.

– Está aqui o camarada de hoje à tarde – diz o da frente.

Um deles levanta-se. Toparam-me à tarde, pensa Mundial. É preciso dizer toda a verdade, menos a que se passou dentro da cabeça.

– Sou Sangue Forte, chefe de secção – disse em Mbunda. – Como se chama?

– Mundial. Responsável da Zona F.

– Ah, sim, lembro. Na altura eu era guerrilheiro simples. Focou a lanterna na própria cara, que sorria. Tentava fazer-se reconhecer.

– Tenho uma ideia – disse Mundial. – Mas estou lá longe há tanto tempo.

– Como veio parar aqui, camarada?

Mundial deixou-se cair no chão. Contou resumidamente a viagem, a emboscada em que caiu, a marcha solitária, a aproximação do posto e como infrutiferamente se tentara afastar. Depois contava o mujimbo inteirinho, já não aguentava mais.

– O camarada está muito cansado e com fome. É melhor comer um bocado. Mukindo, abre uma lata de carne, rápido. Estamos a fazer reconhecimento ao posto, para um ataque próximo.

– Eles já vos descobriram – disse Mundial.

– Afinal?

– Sim. Quando eu estava no rio, um grupo de soldados veio do posto e avançou mesmo até ao pé de mim. Ouvei o que falavam. O povo tinha informado sobre marcas de sapatilhas, bué. Eu pensei eram as minhas marcas. Depois eles viram qualquer coisa na mata...

– E apareceu um outro a chamá-los. Foi esse Culatra que não se escondeu a tempo. Vimos o camarada a atravessar a chana para o rio. Primeiro pensámos era um tuga. Mas vimos a arma, a AKA. Ficámos admirados, como é que um camarada está aqui perto do posto?

– Nem vi posto nenhum, julguei estava longe. Só pensava em beber água.

– Sim, muito tempo sem beber. Mukindo, a lata já está? Coma, camarada, eu vou falando. Pode beber leite frio? Aqui não podemos acender fogo. É só para ganhar forças. Temos de andar um bocado. Mas é perto, perto. Depois

pode comer à vontade e dormir com fogueira. Mukindo, abre uma lata de leite. Culatra, traz o teu cantil, prepara já o leite. Mandioca também quer? Haka, tantos dias sem comer... Esta guerra é dura.

Mundial aprovava só com a cabeça, enquanto devorava a carne enlatada e a mandioca.

– Ali à frente temos carne e podemos fazer pirão – disse Sangue Forte. – Não vamos continuar com o reconhecimento, vamos mas é recuar para a base. Eles viram-nos mesmo?

– O guia, o Simão, conhecem? O Simão viu um vulto, mas depois apareceu o oficial e foram embora. Podem voltar. Amanhã.

– Não fale, camarada. Coma. Depois falamos na fogueira. Os guerrilheiros viram-no ir para o rio e estranharam. Aproximámo-nos. Então apareceram os soldados. Escondemo-nos na mata, mas esse Culatra demorou. Quando os soldados foram embora, recuámos, mas deixei dois guerrilheiros a vigiar o camarada.

– Pensaram que eles me iam agarrar, não?

– Bem, para falar verdade, pensei que eles iam se encontrar com o camarada. Para lhes dar informações. Podia ser um infiltrado no Movimento.

– Sim, é certo – disse Mundial. A escuridão felizmente impedia que se visse a perturbação dele. – O camarada Sangue Forte é muito vigilante, tem toda a razão. Mas eu só estava a tentar escapar... Tive muita sorte.

Durante dias e dias não viu uma pessoa. Perdido na solidão mais completa. De repente descobriu que o mundo estava sobrepovoado. Aparece gente de todos os lados e eu no meio. Parece um jogo. E é. Joguei e agarrei a sorte, agora ela já não me escapa.

– Se eles o vissem, que é que o camarada fazia? – perguntou Culatra.

– Abria fogo. Já estava pronto a abrir, quando eles olharam para vocês. Aí fiquei à espera, ver o que faziam. Mesmo que matasse alguns, ia ser difícil fugir do sítio onde estava. Não tinha solução, ia morrer como combatente.

– Sim, ali era difícil – disse Mukindo.

– Mas quando eles descobrissem as marcas das botas, eu ia abrir fogo. Vitória ou Morte!

– O camarada teve muita calma, possas – disse Sangue Forte.

– Eu não sei o que fazia – disse o guerrilheiro que o conduziu. – Não sei mesmo. O camarada não tinha medo?

– Um bocado, então não? Quem não tem medo numa situação dessas? Problema não é o medo. É preciso ultrapassar o medo, não deixar que o medo vos domine, senão acabou.

– Se não quer comer mais, vamos então andar – disse Sangue Forte. – É muito perto daqui. Só mais um esforço e depois vai descansar bem, no seco.

– Sim, vamos, eu aguento. A Vitória é Certa!

Avançaram durante cerca de uma hora por um estreito carreiro. Mundial seguia colado ao guerrilheiro que o precedia, para não sair do caminho invisível na escuridão. As dores do corpo e o frio tornavam-se insuportáveis, agora que se aproximava do descanso. Quando se sabe que a marcha está a terminar, os últimos minutos são terríveis, pensou ele. Depois saíram do caminho, quando ele se continha para não desesperar e se deitar no chão, renunciando. Andaram a corta-mato cerca de dez minutos. E chegaram a um lugar aberto na mata, com vestígios de recentemente lá ter dormido alguém. Havia restos de uma fogueira e indícios de que a areia fora preparada para camas.

– Dormimos aqui ontem – disse Sangue Forte. – Acendam rápido a fogueira para o camarada. Mukindo, prepara bem o sítio para ele dormir. Não tem cobertor e está molhado. Mukindo, tu dormes com o Dinamite e emprestas o teu cobertor.

Mundial despiu a farda molhada e embrulhou-se no cobertor de Mukindo. Este, entretanto, tinha apanhado um molho de capim seco. Juntou os restos de lenha da véspera e chegou um fósforo ao capim. A labareda cresceu imediatamente. A mais bela coisa, pensou Mundial, uma fogueira na noite. Não tinham café, mas Sangue Forte deu-lhe um cigarro. Acendeu-o avidamente. Puxou uma baforada e reteve-a nos pulmões o máximo de tempo possível. Sorriu, ao exalar o fumo.

– O fumador sofre sem tabaco – disse o chefe de secção.

– Nem me fale. Não sei o que é pior, se a fome se a falta de tabaco.

– Uma vez estive uma semana sem poder fumar. Pensava ia ficar maluco. Os guerrilheiros depois disseram eu refilava por tudo e por nada, mas nem reparei.

Sangue Forte era falador, pensou Mundial. Tanto melhor, há tanto tempo que não conversavam com ele. O calor da fogueira em breve aumentou, pois os outros guerrilheiros chegaram com mais lenha. Mukindo trouxe-lhe uma mochila e ele encostou-se a ela, ficando com as pernas junto do fogo. O

calor fazia-lhe um agradável formigueiro nas pernas que em breve se espalhava por todo o corpo.

– Esse Mukindo é meu parente – confidenciou o chefe. Mas interrompeu a fala, porque Dinamite veio da mata com outra mochila que aí estava escondida. Desapertou o fecho e tirou dela bocados de carne seca e um saquinho de fuba. Outro guerrilheiro apareceu com uma panela e pô-la ao fogo.

– Que prefere? – perguntou Sangue Forte. – Carne assada ou cozida?

– Assar é mais rápido – disse Mundial. – O problema é o molho.

– Não há problema, temos massa de tomate. Viemos bem equipados. A missão vai ser importante, está aí o comandante Muxima. Primeira vez que venho para um reconhecimento sem passar fome.

Os guerrilheiros sentaram-se à volta do fogo. Eram sete homens a olharem com admiração para Mundial. Ele sentiu a consideração e voltou a encontrar a sua segurança. A vida é bela. Foi melhor assim, não precisei de me render. Sempre o poderei fazer, se as coisas continuarem más.

– Como vai isto por aqui?

– Mal, muito mal, camarada. Estão só a discutir na fronteira, reuniões, mais reuniões, e os guerrilheiros a fugir. Já não há povo no interior, toda a comida vem de fora. Já ninguém está acreditar na guerra, estão cansados ou com medo. O que vale é que ainda há responsáveis com coragem.

– Quais?

– Ora, você, por exemplo. Não é qualquer um que aguenta o que aguentou e continua com vontade de lutar.

– Não sou assim tão bom como julga.

Mal sabes tu que estou a ser sincero, pensou Mundial. A melhor maneira de não se fazer acreditar é dizer a verdade. Os guerrilheiros sorriram, condescendentes, mostrando que aceitavam a sua modéstia porque eram delicados. Um deles estendeu-lhe um maço inteiro de cigarros, fique com ele, camarada.

– Como está aquilo lá à frente? – perguntou Mukindo.

– Como aqui. O povo recuou, os guerrilheiros também. Situação difícil. Mas essas reuniões são para quê?

– Para resolver os problemas, parece – respondeu Sangue Forte. – Até aqui não se viu ainda nada. Este ataque ao Ninda já foi atrasado duas vezes por causa dessas reuniões. Se ainda ao menos dessem alguma coisa... Mas

só se estão atacar uns aos outros.

– Essas reuniões vão resolver os problemas? – disse Mukindo. – O povo já falou tanto, ninguém ouviu ou ligou no que disse o povo. Agora é que vão ligar? Quando fizeram reunião para nós falarmos, eu não fui. Já falámos tudo. Toda a gente sabe o que estragou a guerra. Agora é só preciso avançar com ela.

– Como, se há problemas políticos? – disse Mundial.

– Tragam comida, acabem com isso de alguns terem tudo e só esses serem ouvidos e vamos ver se a guerra não vai avançar. Deem ao povo o que prometeram e o povo vai combater ainda mais do que antes.

– Mas isso são os problemas políticos que é preciso resolver – disse Mundial. – Como queres acabar com as desigualdades de que falas, sem discutir, sem te organizares?

– Deixe, camarada – disse Sangue Forte. – Esse Mukindo não sabe o que diz, é mesmo assim.

– Não sei o que digo, camarada chefe? Sei muito bem. E o que digo é o que o povo diz, é a mesma coisa.

– Como vais então melhorar as coisas? – insistiu Mundial.

– Não é com reuniões, não. É preciso correr com alguns que estão a estragar a guerra. Com a força.

– Mukindo!

– Deixe, camarada chefe, é assim mesmo. Eu sei o camarada Mundial é um responsável, se ele quiser pode ir lá dizer foi o Mukindo que disse isso mesmo, não faz mal. O que diz o povo e os guerrilheiros é aquilo estou a dizer. Se quiserem prender-me ou fuzilar-me, então vão ter de prender muitos. Já chega de falar só nas costas. Agora falamos abertamente e, qualquer dia, vamos empregar a força, já é demais. Por que não falar? – Virou-se para os outros: – Por que ele é responsável? Mas vocês, não sei como estão a pensar. Julgam as coisas se fazem sem responsáveis? Podemos gritar, protestar, isso não dará nada. Mas se há responsáveis que nos ouvem, os nossos responsáveis, não os estranhos, então as coisas serão melhor. Por que não falam agora, para o camarada Mundial aceitar as nossas ideias? Ele não é um Muxima, é dos nossos.

– Por que sabes que sou dos vossos?

– Vê-se logo, muata. Um deles não aguentava como o camarada aguentou, nem falava connosco assim. São superiores, são os donos da

guerra, pensam sabem mais que nós só porque leem português. Eu leio Mbunda, português nem sei falar. Para aprender língua de branco, então inglês é melhor. E ninguém me vai obrigar a falar português. Quem quiser falar comigo, aprenda então a minha língua.

– Deixa disso, Mukindo – disse Culatra. – Se eu pudesse, aprendia mesmo português. Sem português, você não pode passar de chefe de secção, nunca é nada.

– Não estou aqui para ser do comité diretor – disse Mukindo. – Estou a defender as minhas ideias, o meu povo. O povo não fala português. Se não for promovido, não interessa. Isso é porque o Movimento só faz subir os que já são privilegiados, os que sabem português. Julgas que me vendo para ser dirigente?

– Se fores dirigente, podes defender melhor o teu povo – disse Mundial.

– Não sei para ser dirigente. Assim estou bem, como guerrilheiro. As pessoas quando sobem começam só a pensar nas barrigas deles, esquecem o povo. Mesmo alguns dos nossos que quando estavam na base eram bons. Mas depois subiram porque sabiam falar português, uns tinham andado na escola do tuga, outros eram mesmo professores. Foram promovidos. Ao povo falavam a nossa língua, prometiam acabar com a exploração. Mas viviam das migalhas que os dirigentes deixavam na mesa depois de comerem bem. Alguns mobilizavam-nos contra os dirigentes, contra os kamundongos. Afinal também aldrabavam, só queriam aproveitar do poder.

– Foram poucos esses – disse Sangue Forte.

– Foram poucos, sim. Porque foram poucos os nossos que subiram. Mas também estragaram, não cumpriram nada do que disseram.

– Nem podiam, nunca tiveram o poder real – disse Mundial. – Mas então que achas que se pode fazer? Parece que és contra tudo e todos.

– Sim, sou contra tudo o que está mal. E está tudo mal. Estragaram a guerra, aldrabaram o povo, agora estão nas reuniões a se atacar uns aos outros. Julga esta ação contra o Ninda vai ser feita? Não vai nada, no último momento vão dizer as coisas estão mal atrás e por isso é melhor voltar para a fronteira. Os muatas voltam para a fronteira e mandam os guerrilheiros para as bases do interior. Mas os guerrilheiros não ficam sozinhos nas bases, também vão para a fronteira. E têm razão.

– Mas então é preciso mudar os chefes – disse Mundial. – Só os que querem fazer a guerra podem dirigi-la. Por isso é necessário reunir, discutir,

arranjar novos responsáveis. Essas reuniões são necessárias, se os militantes estão a querer escolher os chefes. Não sei nada do que se passa, lá na frente ninguém está informado. Mas acho que se essas reuniões são para se eleger novos dirigentes, então isso é bom, é o momento para se modificar a organização.

– É isso mesmo que digo sempre ao Mukindo – disse um guerrilheiro.

– Mukindo pensa os escolhidos farão como os outros – disse Dinamite.

– O que penso é que vamos escolher mal – disse Mukindo. – Por quê? Porque os dirigentes deviam ser aqueles que querem avançar a guerra. E quem conhece esses? Nós pensamos, este ou aquele é bom combatente, vai fazer a guerra. Vamos pô-lo dirigente. Quando apanhar o poder, acabou, não vai querer fazer guerra, quer só gozar do poder. Os camaradas falam devem ser homens da Frente Leste a dirigir. Estou de acordo, não porque são daqui, mas porque os kamundongos já mostraram não queriam fazer a guerra. De acordo, o povo pensa assim também. Mas eu conheço esses que vão subir. São iguais aos kamundongos. Não vão fazer nada. Não é por ser mbunda ou tchokue que é bom, vocês vão ver.

– Uma luta sem dirigentes? – disse Mundial.

– Os daqui são melhores que os outros – disse Sangue Forte.

– São melhores? – retomou Mukindo. – Esses que nós andamos a falar para subirem, não foram eles mesmos que começaram aí a fazer confusão contra os kamundongos? Disseram é preciso haver dirigentes do Leste. Para que diziam isso, vocês não pensaram? Seriam os escolhidos, por isso andam tão ativos aí. Não acredito neles. Se pensassem éramos nós, os brutos, a subir, deixavam de andar a correr dum lado para o outro, até perdiam a fala.

– Não acreditas em nada, tu – disse Sangue Forte.

– Já não acredito, não. O Linyoka, por exemplo. Todos falam, o Linyoka tem de ser dirigente, vai fazer avançar a guerra. Que é que o Linyoka tem feito estes últimos tempos? Só se embebeda com kaxipembe. Há quanto tempo saiu do interior? Nunca mais volta aqui dentro, ainda menos se vira dirigente. E o Adriano? Foi bom comandante durante uns tempos, fez nome. Aproveitou logo para sair e nunca mais voltou. Se subir é que vai voltar? Haka, são todos iguais...

– Não é nada disso – disse Culatra. – Esses são mesmo bons dirigentes, querem o bem do povo. Se subirem, vais ver como o povo vai apoiar a luta.

– Porque são daqui. O povo apoia os próprios filhos. Depois vai descobrir

que eles também o enganam. E ninguém mais consegue mobilizar o povo.

– Eles não vão nada enganar o povo – disse um.

– Chega já, Mukindo – disse outro.

– Não vês todos estão contra o que dizes? – perguntou Sangue Forte.

O resto dos guerrilheiros mandava calar Mukindo. Este baixou a cabeça, contemplou a fogueira, murmurou entre dentes:

– Vocês pensam o tribalismo é bom. Está bem, hão de aprender.

– Tribalismo, tribalismo – gritou Sangue Forte. – Quem é tribalista?

– Está bem, camarada chefe, acabou.

– Não. Agora vais dizer quem são os tribalistas aqui. Ah, vais dizer...

O chefe de secção olhava ameaçador para o seu parente. Os guerrilheiros seguiam a cena, em tensão. Mukindo não levantou os olhos do fogo. Disse, baixo e tristemente:

– Tribalistas somos todos. Para que negar? Todos queremos dirigentes daqui. Mas eu não digo o Muxima é mau comandante só por ser kamundongo. Digo é mau comandante, porque não fez nada para encorajar os guerrilheiros, porque vive bem no exterior. Pelo menos é o que dizem. Mas não é por ser do Norte. Kudila era do Norte e foi o maior comandante que o Movimento já teve. Até hoje todos nós choramos o Kudila. Kimbari é do Norte e foi um grande comandante, o povo até hoje chora o Kimbari. Lhe mandaram embora daqui não sei por quê, para estudar.

– O Muxima é como os outros, é tudo – disse Culatra.

– Quais outros? – perguntou Mundial, encorajando-o com um sorriso.

– Ele quer dizer os kamundongos – disse Mukindo. – Por que não falas o que estás a pensar, Culatra? Tens medo porque sabes isso é tribalismo? Fala, diz aquilo que costumavas dizer, o Muxima é um kamundongo, tem de ser corrido. Também acho ele deve ser corrido, mas não por ser kamundongo. E quando usar a força contra eles, é por necessidade e não porque são do Norte. Mas falem então, têm medo de quem? O muata é dos nossos, não é kamundongo, podem falar à vontade.

A conversa foi interrompida porque a comida estava pronta. Puseram a panela junto de Mundial. Não há água para lavar as mãos, desculpou-se o chefe.

Mundial meteu os dedos na panela, enrolou uma bolinha de pirão com o polegar e o indicador, mergulhou a bola no molho e levou-a à boca. Com a mão esquerda, pegou num pedaço de carne assada. Os outros esperaram que

engolisse o bocado. O chefe meteu os dedos na panela e a seguir os outros, um a um. Em breve a panela estava vazia.

– O Mukindo tem razão em parte – disse Mundial, encostando-se de novo à mochila e fumando um cigarro. – Não se deve pôr o problema, os kamundongos dum lado, nós do outro. Mas é preciso ver que a maior parte dos dirigentes e comandantes que vieram fizeram muitos erros e não queriam lutar, só aproveitar da luta. Esses infelizmente eram do Norte. Por isso hoje se confunde. O povo não pode distinguir bem, para ele todos são maus. No entanto, é preciso modificar a situação. E, sem ser tribalista ou regionalista, acho que, de qualquer modo, temos de diminuir o poder desses dirigentes que erraram e pôr outros capazes. Se houver também homens do Norte que mereçam a nossa confiança, não devemos ter medo em elegê-los. Mas eu pergunto: há mesmo camaradas do Norte que possam ser bons dirigentes, pelo menos entre estes que conhecemos?

– Não há – responderam todos menos Mukindo.

– Há – disse Mukindo. – O Kimbari.

– Está longe – disseram os outros.

– O Sábio – disse Mukindo. – É da mesma zona do muata.

Mundial ficou incomodado pela observação de Mukindo. Que raio de nome foi ele buscar. Relembra-vo-lhe o passado. Fingiu não ouvir e falou:

– Então não é tribalismo querermos pôr dos nossos a dirigir. Realmente são os únicos capazes de resolver os nossos problemas. Se houver um ou outro do Norte, não tem problema...

– É isso – apoiaram alguns.

– Vistas as coisas assim, ninguém pode acusar-nos de tribalismo. Os que o fazem é para se defenderem, sabem que essa acusação assusta qualquer pessoa.

– É isso – apoiaram todos.

– Camarada Mukindo, não estás de acordo comigo, assim?

– Mais ou menos. É isso que eu queria dizer.

– É o que nós pensamos, então – disse Sangue Forte.

– No fundo, na prática, todos estamos de acordo, só as palavras é que mudam – disse Mundial.

– Não sei – disse Mukindo. – Não sei se compreenderam o que disse, mas para mim não é a mesma coisa. Não falam como o muata falou, há diferença...

– Estamos todos de acordo, sim, Mukindo – repetiu Mundial. – Todos queremos pôr dirigentes que conheçam o povo e o respeitem. Esses têm de ser dos nossos, é o essencial.

– Não o Linyoka ou o Adriano – teimou Mukindo.

– Ouve, Mukindo – disse Mundial. – Este momento é muito importante, por isso devemos estar todos unidos. O que eles querem é dividir-nos, para se manterem no poder. Como o colonialismo e o imperialismo. Durante anos ensinaram-nos o tribalismo é mau, embora eles o fizessem. Esses ensinamentos foram aceites de tal modo que hoje a pior ofensa é chamarem-nos tribalistas. Então aproveitam. Sempre que exigimos justiça, acusam-nos de tribalismo. E nós recuamos. E eles continuam a fazer o que querem. Os tribalistas são eles. Devemos exigir justiça, e a justiça é que sejamos nós a dirigir a guerra e o Movimento aqui na Frente Leste. Não queremos ir dirigir lá no Norte. Então?

– É isso mesmo – disse Culatra, batendo as palmas.

– Isso não é tribalismo, isso é linguagem revolucionária. Não nos podemos separar por causa das palavras, fazer o jogo deles. As ideias é que contam. E como vês, Mukindo, as ideias de todos nós coincidem.

– Talvez, talvez... – disse Mukindo.

Mundial virou-se para os outros a sorrir e disse:

– Parece que consegui pôr toda a gente de acordo.

– Sim, o muata é mesmo um político – disse Sangue Forte.

– Muitos assim é que precisávamos lá em cima – disse um guerrilheiro. – Mas só estão os kamundongos...

A conversa tinha terminado. Antes de se deitar, o chefe segurou Mukindo por um braço e ralhcou com severidade, mas em voz baixa. Mukindo não respondeu, só abanava a cabeça. Ao se estender no seu lugar perto do fogo, Mundial ouviu-o resmungar baixinho, todos falam do povo, mas ninguém pensa nele. O povo é como tronco de árvore. Todos se apoiam a ele, sobem por ele, para apanhar os frutos que estão lá em cima. Não é o povo que lhes interessa. Só os frutos.

Consegui de qualquer modo a unanimidade, até o anarquista do Mukindo concordou. Mas uma unanimidade precária, pensou, enroscando-se voluptuosamente no cobertor aquecido pelo fogo. O que interessa é a ideia que fica. Que consegui pô-los de acordo. Amanhã podem retomar a discussão e dividir-se de novo. Dirão falta aqui o muata para nos pormos de

acordo. A ideia fica, sou capaz de traçar a linha de ação que convém a todos. O mujimbo vai ser espalhado por eles, oh, o mujimbo voa. Daí a ser seu representante vai só um passo. Passo que transpôs com delícia, já meio adormecido, embalado pelas brincalhonas chamas da fogueira.

Ao acordar, Mundial já tinha elaborado o seu plano de ação. Tratava-se de convencer o chefe de secção a deixá-lo seguir para a fronteira, sem passar pela base onde se preparava o ataque ao Ninda. Depois do mata-bicho de leite e mandioca, disse a Sangue Forte:

– É urgente chegar à fronteira, pois tenho relatórios a apresentar. Se for convosco ao Tundombe, é só perder tempo. Não vou discutir com o Muxima a situação da Zona F. E se lá for, tenho de ficar uns dias. Já perdi muito tempo, devem estar todos preocupados a pensar que morri ou fui apanhado.

– Sim, isso é verdade. Mas tenho de o levar à base. É a lei. Não é desconfiar do camarada, mas tem de ser controlado. Nem guia de marcha tem...

– Ficou na minha mochila.

Os outros guerrilheiros tinham aprontado as mochilas para a partida e camuflado os vestígios da sua presença naquele sítio. Ouviam os dois responsáveis a conversar. Mundial piscou um olho a Mukindo.

– Quem me vai controlar é o Muxima? O chefe desta secção é você, não o Muxima. Só se está a suspeitar...

– Não é isso, não – protestou Sangue Forte. – Mas lei é lei.

– E qual é a lei? Que o chefe deve controlar as pessoas que passam no sector. Ora, o chefe é você mesmo e já me controlou.

- Os comandantes podem querer falar consigo para saber coisas...
- Vão ver-me quando regressarem da missão. Vou mas é para essas reuniões, já estou atrasado. Vou levar as opiniões dos sectores mais avançados da guerrilha, da Zona F, vou defender as posições do povo.
- É certo isso – disse Culatra.
- O camarada passa só no Tundombe, o desvio não é grande – disse o chefe.
- Faz-me perder um dia. Se não for mais.
- Os comandantes vão querer conversa e perde dois dias – disse Culatra.
- É melhor ir direto na fronteira.
- Estás só a falar – disse Sangue Forte. – Mas o chefe sou eu e os comandantes xingam-me é a mim, não é a vocês. O camarada Mundial é um responsável e por isso compreende, mas vocês falam só à toa.
- Mundial achou que devia contornar os temores burocráticos do outro. Falou em voz branda, amigável:
 - O camarada tem razão em seguir a lei, é vigilante – Os guerrilheiros resmungaram. – Mas escrevo ao Muxima a explicar porquê quero ir diretamente. Ele não o vai criticar. Tem vezes que a lei não serve, porque há situações que exigem decisões rápidas. Não quero obrigar o camarada a deixar-me seguir, é o seu sector. Mas também sei o camarada chefe compreende a situação especial que estamos a viver. Peço-lhe para me ajudar, pois tenho muita coisa a dizer nessas reuniões, a defender as ideias que ainda ontem discutimos. E, se as discussões correrem bem, o Muxima deixará de ser comandante em breve.
 - É isso mesmo – disse Mukindo. – O chefe tem mas é medo do Muxima. Como é que impede o muata de ir já direto?
 - Não tenho medo nada. Vocês deviam aprender com o camarada Mundial, nem veem como fala. Ele sabe o que é responsabilidade. Vocês falam como mulheres, à toa, sem pensar. É por isso que nunca passam de guerrilheiros simples... Vou deixar o camarada ir, mas estou a aceitar riscos que vocês nem percebem.
 - Eu vou escrever ao Muxima e não haverá riscos. Mas há uma coisa... Não posso ir sozinho.
 - Dois vão acompanhar o muata e depois regressam – disse Dinamite.
 - Como vou explicar a coisa? – disse Sangue Forte, coçando a carapinha.
 - Saio com um grupo de reconhecimento para um ataque. Volto com menos

dois guerrilheiros, porque os mandei acompanhar o camarada à fronteira. Um grupo de reconhecimento é coisa secreta, os homens não podem sair do sector assim.

– Se o camarada diz que me deixa ir, mas não me dá dois guerrilheiros para me acompanhar, então é melhor dizer não me deixa ir. Estou muito cansado, não sei se vou aguentar. E não conheço o caminho, ainda me perco outra vez.

O chefe suspirou. Acendeu um cigarro para ganhar tempo. Os guerrilheiros comentavam em voz baixa. Sangue Forte sabia, estava a perder prestígio à frente dos seus homens, iam acusá-lo de ter medo do Muxima. Mas tinha aprendido que devia manter ao máximo o secretismo das operações militares. Voltou a suspirar.

– Bem, vou-me lixar com tudo isto. Vão me criticar. Se ainda o camarada fosse um deles, podiam aceitar. Está bem. O Dinamite e o Culatra vão consigo. Põem o camarada na fronteira e voltam imediatamente, sem contactar ninguém. Se daqui a três dias não estiverem na base, vão nas cordas. Comigo ninguém brinca. Levem um pouco de comida. E se encontrarem alguém, não deem nenhum mujimbo sobre a missão. Senão ainda vão dizer que sabotei o ataque. Três dias.

Mundial escreveu um bilhete a Muxima e entregou-o ao chefe. Este disse ao despedir-se:

– O muata compreende a minha posição... A situação não está para brincadeiras e trata-se dum ataque que não deve falhar.

Já falhou, pensou Mundial. Os comandantes, quando souberem que o tuga está desconfiado, vão desistir do ataque, e têm razão. Eu teria de defender essa posição, se fosse à base. E é isso que não quero. Os guerrilheiros vão pensar que o ataque se frustra porque os kamundongos não estão interessados na guerra.

– O camarada tem razão – disse Mundial. – O ataque tem de ser um êxito. É preciso entrar no posto e varrê-lo. Se não tivesse tanto assunto importante a resolver, participava também, não como comandante, mas no grupo de assalto. Pode ter a certeza que se houver problema, vou defendê-lo contra os Muximas.

Despediram-se e avançaram uns passos. Mundial se virou e levantou o punho.

– É preciso entrar no posto, camaradas. A Vitória é Certa! Os

guerrilheiros e o chefe levantaram os punhos, respondendo. Nem sequer se aproximaram do Ninda, pensou Mundial. O contrário seria uma estupidez. E o Muxima é tudo menos estúpido.

Sentia todo o corpo dorido, mas acelerava o passo dos dois guerrilheiros. Havia um motivo suplementar para chegar rápido à fronteira. Nem que tivesse de voar. Atrás deixara admiradores, que iam passar o mujimbo a outros. Os dois que com ele andavam fariam o mesmo na fronteira. Talvez não falassem do ataque que se preparava, mas não resistiam à tentação de transmitir o mujimbo sobre ele. E não era Mundial que os impediria, só por causa do Sangue Forte. Em breve o seu nome estaria feito. A situação estava mais madura do que esperara. Havia pontos obscuros que em breve esclareceria. Mas era preciso chegar rápido. Os nervos retesados acabavam por vencer as dores que, com o aquecimento, se tornavam mesmo agradáveis. Voltava a sentir a leveza dos tempos de glória, em que nada o fazia parar, o que lhe dera fama dum homem de vontade férrea junto dos companheiros. Naqueles tempos longínquos em que perseguia, imbecil que eu era, um sonho coletivo. Em que a ideologia o fazia tudo enfrentar com fé religiosa de missão.

Pararam ao meio-dia para comer carne de lata e leite. Sobrou um resto para a noite, mas o dia seguinte seria de fome. E sede, pois não havia água na chana da fronteira, nesta época do cacimbo. Imediatamente deu ordem de prosseguirem a marcha. Culatra perguntou:

- O muata não quer descansar? Está muito sol.
- Não, é preciso chegar rápido.
- Mas o muata está fraco e cansado...
- Não. Vamos. A guerra não espera, camaradas. Com este passo, chegamos quando à fronteira?
- Amanhã quando o sol estiver assim – com o braço estendido para cima, Culatra apontava o meio-dia.

Pararam às quatro horas, para beber água numa poça. Encheram os cantis. Seria a última ração. Como era fim da tarde e pouca gente tinha por ali passado durante o dia, a água estava mais ou menos limpa. Ficava muito pior à noite, pois os animais vinham beber. Continuaram até o escurecer. Prepararam a fogueira e comeram os restos. Os guerrilheiros estavam exaustos, tinham marchado doze horas praticamente sem interrupção. Mundial parecia fresco. Dinamite entregou-lhe o cobertor e disse, sem

poder esconder a admiração, o muata voa mesmo.

– Estou a ver os camaradas estão cansados. Senão podíamos andar agora à noite. Começa a chana a partir daqui, não é?

– Sim, agora é só chana.

– Já sei vocês não querem andar à noite. Mas era melhor. Podíamos chegar de madrugada, até antes.

– Hum, é melhor dormir – disse Culatra. – Estamos cansados e é bom andar de olhos bem abertos. O tuga às vezes dorme aqui perto.

– Não vou insistir, vamos dormir mesmo aqui. Mas estás-me a dar razão, Culatra. Se o tuga às vezes dorme aqui, então era melhor andar na chana à noite. O tuga não dorme na chana... Mas digam-me, o Sangue Forte é bom combatente?

– Como os outros chefes – disse Culatra.

– O que quer dizer? Que é bom ou que é mau?

– Assim, assim. Há melhores.

– Por que foi nomeado chefe de secção então?

– Foi o comandante Linyoka que o nomeou.

– São parentes?

– Todos os mbunda são parentes.

– E tu não és mbunda?

– Não. Eu e o Dinamite somos lutxaze.

– E o Mukindo?

– O pai é mbunda, a mãe é kangala.

– Então a maior parte dos guerrilheiros do Sangue Forte não são mbunda?

– A maior parte? Todos não são. Mbunda só o Sangue Forte e os chefes de grupo. Os guerrilheiros são lutxaze, kangala ou mesmo tchokue. Então o camarada não sabe que aqui os kamundongos são comandantes e os mbunda chefes?

Mundial riu, embora já conhecesse a piada. Continuou o inquérito:

– E os ovimbundu?

– Uns são comandantes, outros são chefes – disse Dinamite.

– Vocês também estão a exagerar – disse Mundial. – Há mbunda, como o Linyoka, que são comandantes.

– Sim, claro – disse Culatra, o mais falador. – Mas nós dizemos assim, kamundongo é muata, mbunda é chefe, kangala ou lutxaze é só guerrilheiro.

– Mas o Mukindo?

– Ah, esse... É o sangue kangala que fala nele.

– O Sangue Forte disse-me que são parentes.

– O pai do Mukindo é mbunda e todos os mbunda são parentes. Se defendem. Mas o Mukindo não se interessa muito com isso. E diz sempre o que tem a dizer aos chefes. É talvez um bocado maluco, uma vez fez uma emboscada sozinho a um grupo de GE e recuperou duas armas. Recebeu louvor. É por isso que pode falar assim. Andava sempre com o comandante Kudila e ainda hoje fala muito dele. Diz que o Kudila foi o maior comandante que ele conheceu. O Mukindo estava ao seu lado quando o Kudila morreu. O Kudila gostava dele, por isso o Mukindo diz não pode ser contra os kamundongos, pois lhe aparece logo a imagem do Kudila quando atacam os kamundongos. Era um grande comandante e um homem justo.

– Esse Mukindo é curioso! Gostaria de conversar mais com ele, mas não tive tempo. Que pensa ele dos ovimbundu? Vocês sabem eu sou umbundu, não sabem?

Culatra sorriu. Avivou a fogueira com um pau.

– Ele diz agora estamos unidos contra os do Norte: umbundu, mbunda, lutchaze, kangala, tudo está junto. Mas que depois vai haver confusão. Quando os kamundongos forem corridos, os mbunda e ovimbundu vão lutar para o poder. E mais lá no norte há os tchokue e luvale... Diz estamos só a fazer tribalismo e depois o tribalismo vai nos separar. Os lutchaze e kangala vão ser dominados pelos mbunda e ovimbundu, como já foram antes. Diz estamos a esquecer quem trouxe o tuga aqui. Os ovimbundu. E antes os mbunda dominavam os kangala. As contradições antigas vão voltar, porque estamos a remexer nas cinzas do tribalismo.

– Esse Mukindo é curioso. Quem lhe ensinou tudo isso?

– Estudou no CIR da Zona A. Só que agora diz não fala português, mas sabe mesmo. Estudou política e o Kudila falava muito com ele.

– Vamos dormir – disse Mundial. – Amanhã ainda há chana. A chana...

Um arrepio percorreu-o, apesar do fogo. Seria a última caminhada na chana. A última! Depois arranjaría pretexto para não pôr mais os pés nesse monstro. Como dizia o Sábio?

“Há dois universos, o da chana e o da mata. O primeiro é a angústia, a interferência de mundos, o desconforto, a mobilidade, a instabilidade. O segundo é o mundo uno e indivisível da tranquilidade, da facilidade, da quietação. O primeiro é o da gazela (ou mbambi ou tava), o segundo é o da

abelha e do mel. Finalmente, o segundo, o da mata, é o mais perigoso, como o hidromel que se bebe sem tento porque é doce, sem se dar conta que embebeda. O primeiro é aquele em que toda a surpresa é agradável, pois só se espera o pior. O segundo é aquele onde toda a surpresa traz a mudança, o perigo, o mau encontro, a situação dolorosa de novidade para o espírito sedentário. O primeiro é o da vida misteriosa que borbulha à sombra minúscula de uma haste de capim: os insetos, as bolhas de água chupadas pelos caules estreitos, os escorpiões ou os mbambis. O segundo é o da vida aparentemente evidente, do verde possante das folhas rebentando nas árvores nuas, do ruído do vento vergastando ramagens. Será mesmo assim? Tudo é ambíguo nos dois universos.”

Diga o que disser o Sábio, pensou Mundial, sempre prefiro a mata. E adormeceu.

O ruído dum avião sobrevoando a linha da fronteira tinha-os atrasado e às dez horas ainda estavam a quatro horas de marcha do destino. A fome, que sempre o acompanhara, era mais insuportável agora, pois sabia que estavam perto.

A chana estendia-se à sua frente. Primeiro começara por ser só à frente, quando saíram da mata onde tinham dormido. Depois a chana prolongou-se para o lado direito, mais tarde para o esquerdo também, e ultimamente para trás. Só um ou outro arbusto com folhas semelhantes às da palmeira cortava o horizonte. O mar, o mar odiado e temido, pensou Mundial. Os guerrilheiros caminhavam à sua frente, mais repousados à medida que chegavam ao termo da caminhada. Para ele era sempre o contrário.

De repente se lembrou do Elias, o protestante adepto de Fanon. Andaria também por aquelas paragens? Tinham fugido juntos de Portugal, com todos os outros. Em Paris se dividiram. Elias e mais uns poucos foram para a UPA, depois FNLA. Perdeu-lhe o rasto. Certamente tinha saído da FNLA para formar a Unita, como todos os ovimbundu da antiga UPA. Podia andar ali pelo Leste. Havia grupos de que quase nada se sabia, vivendo semiclandestinos na Zâmbia e por vezes fazendo incursões em Angola. Elias podia ser um deles. Que aconteceria se se encontrassem? Na Zâmbia, não havia problemas, até podiam conversar. No interior, o mais provável era a conversa das armas, mesmo se absurda.

Ao meio-dia, surgiu lentamente, lá onde a vista se cansa, uma ténue penugem azulada indicando a mata de Kaxamissa. Atrás estaria Sikongo, na Zâmbia, a capital do caxipembe. Duas horas de marcha, calculou Mundial. Ainda se não distinguia a enorme árvore isolada, de folhagem permanente, que marcava a fronteira. O sol projetava a cabeça nos pés e ele foi pisando maquinalmente a sua sombra, distraído.

Um tiro à sua frente o fez estremecer. Placou automaticamente ao solo, tirando a arma da segurança. Não agora, que estavam tão perto, rogou.

– Fugiu, fugiu – ouviu Dinamite gritar. Os dois guerrilheiros correram para o lado esquerdo.

– O que é? – gritou Mundial, soerguendo-se.

Os outros não responderam e continuaram a correr. Mundial olhou para todos os lados. O medo foi cedendo o lugar à perplexidade. Levantou-se cautelosamente e ouviu mais um tiro. Agora foi Culatra que fez fogo. Depois os dois voltaram a correr. Dinamite estacou e disparou. E recomeçou a correria, obliquando para a direita, seguido pelo outro. Mundial, totalmente em pé e com a arma em posição de fogo, viu passar um mbambi à frente, a uns cinquenta metros de distância. Os guerrilheiros iam atrás. Mundial avançou para a direita e em breve apanhou-os.

– Está ferido – disse Culatra.

O mbambi não se via. Andaram uns quinhentos metros e perderam-lhe o rasto. Voltaram atrás, até ao caminho, onde Dinamite descobriu uma haste de capim salpicada de sangue. Pôs-se a avançar, seguido dos outros dois.

– Onde está ferido? – perguntou Mundial.

– Na perna – disse Culatra.

– O primeiro tiro?

– Sim. Estava mesmo à minha frente.

– E os outros tiros?

– Parece que conseguimos.

Dinamite prosseguia seguramente, a indicar sinais que Mundial não via. Mas Culatra aprovava com a cabeça. Um quilómetro à direita do caminho, Dinamite estacou e levou a arma à cara. Mundial só viu o animal quando este saltou, atingido pelo tiro. Mas largou a correr, dando saltos a cada seis passos.

– Vamos, apanhou – disse Culatra.

E correram, seguindo o mbambi que se afastava. O animal em breve

desapareceu.

– Deitou-se a descansar – disse Dinamite. – Já não aguenta muito. E voltou a seguir os rastros sanguinolentos, agora mais nítidos. O teu destino está traçado, pensou Mundial. Correrás e saltarás, por fim só te arrastas, mas a perseverança vai vencer. O sangue irá ficando pelo caminho e na última gota ainda encontrarás a força para a última passada. Mas também o sangue se esgota, meu velho. Não o dizia com maldade, antes com ternura. Era uma constatação duma lei de todos conhecida e por todos aceite: eles tinham fome, havia que matar os mais fracos para não morrerem.

O mbambi levantou a cabeça ao sentir os passos. Culatra, em segunda posição, disparou. O mbambi saltou para a direita e Mundial atirou. O animal rolou na areia, levantou-se e saiu a correr, mas com mais dificuldade.

– Bonito tiro, muata – disse Dinamite.

Voltavam agora para o caminho. O mbambi, uns duzentos metros à frente, escondia-se continuamente. Mas erguia-se logo que sentia os passos. Para se deitar cem metros à frente. Os guerrilheiros, implacáveis, não suspendiam a perseguição. Mundial já esquecera de perscrutar o som dos aviões, todo entregue ao cadenciado aparecimento e desaparecimento da cabecinha amarela. Amarela no amarelo da chana. De repente, o mbambi saltou à sua frente e inflectiu para a esquerda. Os três dispararam à queima-roupa, mas ele afastou-se.

– Deitou-se ali mesmo – disse Dinamite. – Vamos mais devagar. As camisas de camuflado estavam empapadas de suor. Os próprios olhos estavam embaciados pelas gotas que caíam do couro cabeludo, da testa, das sobrancelhas. Os olhos ardiam. Avançaram com cuidado, os dedos nos gatilhos. O animal surgiu, levantando a cabeça, a uns vinte metros. Três tiros soaram no meio-dia parado. O mbambi desapareceu no capim.

– Apanhou – gritou Culatra e correu.

Dinamite ia fazer fogo mas travou a tempo para não acertar no companheiro. Mundial viu o mbambi saltar quase dos pés de Culatra e correr para a direita. Culatra fez fogo mas falhou. Mundial atirou com cuidado, para não visar o outro. O mbambi rebolou, mas pôs-se de novo sobre as patas e se meteu numa moita de capim mais espesso. Tremenda resistência, pensou Mundial. Tal é o apego a uma vida miserável. O sangue ficava viscoso sobre os brilhantes grãozinhos de areia. A moita estava a dez

metros deles. Os três homens avançaram em linha, cada passo pontuado por um gemido do animal. Mundial distinguiu a cabeça surgindo no capim, os olhos que o fixaram, grandes, aterrorizados. Não havia ódio ou recriminação naqueles olhos doces, só medo. A língua, pingando sangue, tornara-se inchada demais para encontrar refúgio na boca.

Os três homens dispararam e voltaram a disparar. A cabeça desarticulou-se. O mbambi estava morto, os olhos abertos para o sol, procurando talvez uma explicação. O ventre, rasgado pelas balas, deixara cair o feto que nele germinava e que agora era uma bola sanguinolenta e palpitante.

Também Mussole estaria grávida quando morreu? perguntou-se Mundial, sem poder afastar os olhos do feto ainda vivo. Com a bota, pisou a cabeça do feto, que parou de palpar. Depois virou-se para o lado e vomitou. Líquidos, apenas.

– Vamos levá-lo para onde há lenha – disse Culatra.

– Onde vais encontrar lenha? – disse Dinamite. – Aqui é chana.

– Eu levo-o. Tu vai apanhando todos os pauzinhos que encontrares.

Culatra pôs o mbambi às costas e dirigiu-se para o caminho. Dinamite e Mundial recolhiam todos os paus que encontravam. Eram raros, só havia restos de arbustos. Ao fim de certo tempo, juntaram uma porção suficiente. Sentaram-se no caminho e, enquanto os outros esquartejavam o animal, Mundial acendeu o fogo.

Ali, no meio da chana, a cerca de duas horas da fronteira, comeram os farrapos de carne que assavam na fogueira. O fogo era fraco e a carne estava meio crua. Os ruídos da chana eram imperceptíveis, salvo o marulhar que se adivinhava nos olhos do mbambi, cuja cabeça cortada estava atirada na areia branca. Mundial comia sem gosto, sem poder evitar os olhos do mbambi fixos nele. E os olhos do mbambi lembravam-lhe os desconhecidos de Mussole ou os demasiado conhecidos de Marilu. Acima de tudo, os do Sábio.

Não, nada já tinha importância. O passado fora enterrado na areia da chana e mesmo as promessas e os ideais coletivos. O que importava agora era o que iria encontrar na penugem azulada do futuro, o seu futuro. Ele, Mundial, já estava a salvo, já tinha um futuro. E o Sábio?

Epílogo

A resposta teve-a dois meses depois, pelos últimos escapados dos sectores avançados. O Sábio morrera, cercado, dois meses antes, por não ter querido recuar sem ser convocado.

Dois meses antes, à uma da tarde. Não o pôde confirmar, mas um pressentimento angustioso segredou-lhe que sucedeu no mesmo dia em que ele, Dinamite e Culatra, tinham caçado um mbambi. Um mbambi que lhes deu força para continuar até à fronteira.

O Sábio fora um mbambi ou um tronco de árvore que deixa de contar logo que se atingem os frutos?

Era coincidência, era superstição, mas esse pressentimento, que de todos calou e lhe trazia um frio ao coração, não mais o abandonou. E era aguçado pelas bebedeiras e pela xinjanguila da fronteira.

O POLVO
(Abril de 1982)

O alto-mar estava agitado. As ondas batiam de encontro aos rochedos que marcavam a entrada da pequena baía e perdiam força. Ainda remexiam as águas por cima do banco de recifes. No entanto, na praia de areia um pouco amarelada por causa da argila caída dos morros, as ondinhas vinham morrer, como sempre, fazendo apenas ondular as serpentinas de algas coladas ao fundo de rocha. Só o estrondo das vagas contra os rochedos, lá fora, fazia adivinhar a calema que se aproximava. Era abril, tempo ainda das calemas. A última fora em fevereiro e durara três dias. As vagas conseguiram ultrapassar a barreira dos rochedos e dos recifes, chegaram a lambar as bases dos morros. Levaram areia e argila, restos de peixes e caranguejos, trouxeram areia limpa. A Natureza a ocupar-se da minha praia, impedindo-a de se poluir, pensou o homem.

Provou a temperatura da água com o pé esquerdo. Mais fria que o habitual. É a agitação do mar que traz a água fria para a costa, disse em voz alta. A corrente de Benguela justificava assim o seu título de corrente fria, mas só quando havia calema se apercebia. No resto do ano, a água era apenas ligeiramente menos quente que em Luanda. Trazia só os óculos de mergulho e o tubo de respiração, mais as indispensáveis barbatanas e a arma. Deixara o fato de borracha em casa. Olhou para o alto do morro, onde ficava a casa. Deu-lhe preguiça de subir o íngreme caminho só para ir buscar o fato. Que se lixe, a água está suportável. Sentou na areia, calçando

as barbatanas. Tinha decidido ao acordar que não faria grandes mergulhos, apenas caçar dois peixes. Por isso tinha deixado o fato e as garrafas de ar, que muito raramente utilizava. As garrafas estavam reservadas para o grande dia. Já as tinha há seis meses, recuperadas num armazém abandonado numa pescaria da Baía Farta. Os pescadores tinham rido, para que precisa disso? Mas eram uma preciosidade, podia com elas explorar a gruta submarina que tinha descoberto. No entanto, uma vez mergulhou perto da gruta e ficou, a cerca de oito metros de profundidade, olhando de fora. Largo tempo. Não ousou penetrar. A entrada era larga, mas depois parecia estreitar. Precisava duma lanterna especial. Levou dois meses até conseguir desencantar uma em Benguela, na casa dum amigo, leva-a, não preciso disso para nada, nem sei porquê anda por aqui. Voltou a mergulhar com as garrafas e agora com a lanterna. Confirmou a suspeita que a gruta se estreitava. Mas não entrou. Ficou só a admirar os tons vermelhos da rocha, esverdeados pelos limos, e brilhantes de quartzo e mica limpos pelas ondas. O polvo estava lá dentro, tinha a certeza. Não teve coragem de o defrontar, voltou para a superfície. Ainda não tinha chegado a altura.

Entrou na água, com um arrepio no corpo magro. Foi nadando, só a bater os pés, olhando para o fundo e respirando pelo tubo. Dirigiu-se para a esquerda, onde havia os fundos rochosos, com mil e umas pequenas cavernas onde repousavam os peixes. Havia centenas de peixinhos, de roncadores, de ferreirinhas com as suas riscas transversais, um ou outro cachucho avermelhado. Ele observava o seu mundo submarino, feito de rochas, algas, peixes e caranguejos, mas sem se apressar. Mais cedo ou mais tarde ia encontrar um peixe grande, um que valia a pena caçar. Por vezes apareciam ali muito perto da praia. Senão, estariam na zona dos recifes. Tudo no seu mundo era feito em pequeno. A baía tinha um perímetro de duzentos metros de areia. Os recifes estavam a cinquenta metros da praia e os rochedos que fechavam a baía pelo sul a setenta. Em grande só mesmo os peixes e um ou outro tubarão cinzento. Na parte norte da baía não havia recifes nem rochedos, o próprio morro avançava em cabo para a fechar. Os grandes peixes entravam pelo norte e depois iam proteger-se atrás dos recifes, na zona sul. Tinha aí caçado na semana passada um punga de quase cem quilos. Caçar foi fácil, mas deu grande trabalho arrastá-lo para a praia. E teve de pedir ajuda para poder transportar o peixe até à Caotinha, a menos de mil metros, onde o vendeu a um casal que tinha vindo de Benguela para

namorar dentro do carro, contemplando a paisagem fabulosa do poente. Foi um bom negócio, mas em Luanda teria vendido dez vezes mais caro. O negócio foi bom por ter conseguido vender o peixe. Se não o fizesse, acabaria como tantos outros, oferecido aos deslocados de guerra, para não apodrecer. O kimbo dos deslocados crescia a olhos vistos na Caota, entre esta e a Baía Azul. Ali a agricultura era impossível, não havia água. Viviam da pesca, que eram forçados a aprender, mas sobretudo da comida que alguns organismos para lá levavam. Raramente. Por isso ele dava-lhes o peixe que não vendia ou não podia comer. Era uma migalha para aquelas bocas esfomeadas, fugidas duma guerra que ainda não tinham entendido.

Os cardumes fugiam à sua frente, mas o homem não se preocupava. Sabia ia encontrar o peixe pretendido na muralha de recifes. Escolhia antecipadamente. Hoje apetece-me um pargo, um grande pargo vermelho, churrascado nas brasas. Por vezes acontecia não encontrar a refeição desejada e ter de se contentar com outra. Mas era raro. Tinha toda a manhã para procurar. Era dono do seu tempo, a única liberdade válida. Afastou-se deliberadamente do extremo sul, onde estava a gruta. Nem queria pensar nisso, bastavam os pesadelos noturnos de toda a vida. Deu uma curva para a direita, explorando sempre os fundos rochosos, sem chegar aos recifes. Apercebeu uma barracuda à sua direita, o peixe nobre por excelência. Não era das maiores, mas pesava pelo menos quinze quilos. Não, chega de pescada, comi há dias. Hoje é pargo, está decidido. Deixou a barracuda seguir lentamente entre os caminhos do fundo, ondulando como uma serpente. De repente sentiu mais frio. Levantou a cabeça e olhou o mar. Claro, tinha saído da zona protegida pelos recifes, estava do lado direito da baía, onde a água da corrente fria entrava diretamente. A barracuda dirigia-se pois para o oceano. Voltou para trás, aproximando-se da praia. Gozou a mudança da temperatura da água, agora mais quente. Mas o fundo era branco, de areia, só por acaso aparecia um pargo. Tinha aprendido na prática os hábitos dos peixes, ali, na sua baía. Provavelmente em outros sítios tinham costumes diferentes. Nunca procurara estudar isso cientificamente, nem muito menos generalizar. Em raras conversas sobre o assunto, nas suas vidas anteriores, tinha aprendido coisas que ali não se realizavam. Por exemplo, que os dourados só gostavam de andar no meio dos lixos, sobretudo dos restos de caniços arrastados pelos rios. Isso podia ser em Luanda. Na sua baía, já encontrara dourados no meio das pedras

mais limpas. Não os caçava, porque não gostava de os comer. Eram apenas troféus e ele não procurava troféus. E o dourado era um peixe lindo, que gostava de contemplar sossegadamente. A sua baía era um ecossistema único no mundo, diferente da Caotinha ali ao lado e da Baía Farta mais longe? Assim a via, assim a queria. Ao menos alguma coisa na vida fosse como ele a queria.

Olhou as horas. Dez. Estava na água há mais de duas. Saiu e deitou-se ao sol para aquecer. Apeteceu-lhe fumar. Mas tinha deliberadamente deixado os cigarros em casa, para ver se o pigarro passava. Ao acordar, tossia cada dia mais. Por vezes chegava a vomitar, líquidos, evidentemente, pois de manhã tinha o estômago vazio. Estabeleceu assim mais uma regra de disciplina, só fumava depois do almoço. Enquanto nadava nem pensava nisso. Mas quando interrompia a caçada, o desejo voltava. A solução era mergulhar de novo.

Nadou agora para os recifes, do lado sul da baía. No princípio passeara, fazendo a inspeção do seu mundo, sem se preocupar com o resultado. O instinto de caçador tinha vindo à tona e estava mais impaciente, observando atentamente o fundo de rocha com algas e areia. Chegou à zona dos recifes, onde a água estava mais agitada por causa da calema lá fora. Não encontrou as costumeiras garoupas escondidas entre as pedras. Deviam estar mais para a esquerda, protegidas da agitação pelos grandes rochedos que emolduravam a entrada da gruta. Assustou um grupo de chocos que fugiram lançando os seus jactos de tinta escura, como os aviões lançavam os gases. A água ficou mais baça e lembrou-lhe a presença do inimigo. Lá no fundo, em emboscada, bem à esquerda. Sentiu a presença, como antes, nas chanas, adivinhava a chegada dos helicópteros portugueses em formação de ataque. Como antes, nas chanas, apertou mais fortemente a arma na mão. E teve a mesma sensação de insegurança.

Duas corvinas estavam paradas à sua frente. Apontou a arma para uma delas. Gesto quase inconsciente. Mas não disparou. Quero comer pargo. Mas também já quase não tinha peixe seco e a corvina era boa para secar. Convinha ter sempre uma reserva de peixe seco para alguma aflição. Disparou. O arpão atravessou o corpo e ele sentiu o sacão do peixe na ponta do fio. A outra corvina fugiu. Pegou no cabo do arpão e nadou para terra, rebocando o peixe. Na praia armou de novo o arpão no disparador, respirou algumas vezes apanhando sol e voltou a mergulhar. Vamos lá procurar o tal

de pargo.

Aproximou-se decididamente dos recifes, evitando ir para o extremo sul onde estava a gruta. Viu mais corvinas e alguns atunídeos, os serras. Davam para acompanhar um funje, de preferência secos. Desprezou-os. Com a turbulência, a água estava menos transparente, com muito plâncton revolteando. Mas via suficientemente os fundos e entre os recifes. Apareceram alguns parguetes, demasiado pequenos. Gostava era dos grandes, com muita carne branca, que era preciso olear bastante ao assar. Uma garoupita, toda assustada, bazou a grande velocidade ao quase chocar com ele. O homem agora estava parado, os pés só mantendo a posição horizontal do corpo, espiando entre os recifes. Por vezes, uma vaga conseguia romper as barreiras e fazia-o deslocar. Logo mais, ao entardecer, a calema estaria no máximo da força e as vagas iam passar por cima dos recifes. Amanhã será um mau dia para a pesca, os barcos vão se conservar ao abrigo dos portos e a canoa do Ximbulo ficar na areia. Por prudência, devia hoje fazer reservas. A calema podia durar dias. Se fosse muito forte, as águas estariam de tal modo agitadas que seria muito difícil caçar. Tinha sempre o recurso do anzol e da linha, mas não tinha paciência de ficar sentado em cima dum rochedo a pescar. Era caçador, não pescador. Diferença cultural enorme. Embora os economistas misturem tudo no mesmo grupo de atividade extrativa, pensou ele, a atitude é outra. O pescador fica fora do meio do peixe, ou numa praia ou num barco. Invade o meio do peixe com uma arma, rede ou anzol, apenas a arma entra nesse meio. O caçador penetra no meio marítimo, arrisca o corpo a corpo, usa a arma contra um adversário-vítima determinado que vê e respeita. Os dois matam, mas o pescador mata sem sequer pensar nisso. O caçador mata, consciente de que o faz. Quem é mais cruel? Ximbulo, um dia em que lhe falou nisso, só riu daquele jeito calmo de quem já viu muitas calemas, respondeu, chefe, deixa disso, resultado é o mesmo, peixe frito ou peixe assado, ou caldo.

Viu finalmente um pargo dos grandes. Estava de frente para ele, entre duas pedras, fitando-o de olhos mansos. Tiro muito arriscado, a arma não era das mais precisas, fora o que pudera encontrar. Só acertando na boca, que abria e fechava para respirar. Esperou ainda um pouco, a arma apontada. Se o pargo mexesse, podia apresentar-lhe o flanco, tiro seguro. Mas o peixe observava-o, sem intenção de se mexer. Anda lá, assusta-te,

tenta bazar. Podia fazer um gesto brusco, levar o pargo à fuga. Mas aí escapava, pois teria de apontar à toa, para a esquerda ou a direita, levado pela intuição. E o arpão chocar contra a rocha, partir-se. Só tinha um de reserva. Era mais difícil encontrar arpões naquela terra que o Reino dos Céus. Como era difícil encontrar comida, cigarros, roupa ou outro produto qualquer. Cada um tinha de se desenrascar com os meios do acaso e usar da imaginação para sobreviver. Disparou com raiva. Não do pargo, invadido no seu meio, inofensivo, mas do passado de quimeras que trouxe este presente absurdo. O arpão entrou pela boca e atravessou-o longitudinalmente. Lindo tiro, disse para si próprio, sem emoção. Levou o peixe para a praia, sentindo frio. Se não tivesse de poupar o arpão, podia assar o peixe assim mesmo, rodando nas brasas como uma espetada.

Retirou o arpão, o que não foi fácil. Despiu-se dos óculos e das barbatanas, segurou a faca presa na perna direita e escamou os peixes. O sol começou a aquecê-lo e a fazer passar a raiva. Abriu os peixes e limpou-os na água. Peixinhos quase transparentes vinham disputar-se os restos de guelras e intestinos dos parentes assassinados. Ficou a ver a luta silenciosa na água clara. Sempre o combate pela sobrevivência, é a lei da natureza. Só o homem mata por prazer, ou por outro objetivo que não o de comer o adversário vencido. Ainda falam mal da antropofagia, essa ao menos respeita a lei da natureza. Sorriu, no meio dos pensamentos amargos. Também estou a exagerar. Os bichos, dum modo geral, não comem os seus iguais. Só os peixes. Ou alguns insetos. O leão ou a onça não comem os seus parceiros mortos, deixam-nos para as hienas. Mas também não lutam entre si até à morte, como o homem. O homem sim, é o maior predador de si próprio. Para deixar o inimigo vencido apodrecer ao sol.

Por causa da calema próxima, devia voltar a caçar. A corvina era para secar, durante uma semana ficaria sem utilidade. O pargo seria comido hoje. Se amanhã o mar estiver bravo e não puder caçar, fico sem reservas. Mas sentia frio na água e não lhe apetecia voltar. Que se lixe, inventa-se alguma coisa. Meteu os dois peixes numa rede em forma de saco, pegou nos apetrechos e subiu o morro, só em fato de banho. O caminho era difícil, muito íngreme, pois o morro era alto. De baixo não se via a casa lá em cima, apesar de estar quase na borda da falésia. A subida aqueceu-o definitivamente. Mesmo os dedos rapidamente perdiam as rugas causadas pelo frio da água. Ora, em julho e agosto é que a água está fria, no cacimbo.

E não é por isso que não caço. O pescador tem mais sorte, fica fora da água no cacimbo. E apanha mais peixe. Sou um mártir. Riu, transpondo o último obstáculo que o separava do planalto onde ficava a casa. Um mártir eremita, que se lamenta pela vida que escolheu. Se alguma vez fui livre numa escolha... Afastou os pensamentos ao ver a casa.

Parou, deixou a carga no degrau acimentado da entrada, olhou à volta. Como fazia sempre que saía do mar. Para o norte, a um quilómetro pelas praias, mas mais perto pelo alto dos morros, via-se a pescaria que agora era do Ximbulo. Destacava-se o telheiro, onde no tempo colonial se esquartejava o peixe para depois ser secado ao sol nas tarimbas. O telheiro ainda guardava a sua cal branca e à distância parecia caiado de fresco. Duas casas também brancas completavam o conjunto. Quando a pescaria funcionava, havia muitas cubatas à volta para os trabalhadores. Ximbulo habitava uma delas. Antes da independência, o dono foi embora com a traineira para a África do Sul, a pescaria encerrou. Um a um, os trabalhadores abandonaram-na também. Só Ximbulo ficou com a família, ou o que lhe restava dela. Ocupou a casa principal, passou a pescar com uma canoa. Apenas para sobreviver. O Estado não quis tomar conta da pescaria, muito isolada e pouco rentável. Ximbulo nunca legalizou a ocupação, nem a lei lhe permitia. Pouco se importava, ia vivendo com o que pescava no sítio onde nascera.

Para lá da pescaria, só morros e mais morros, durante vinte quilómetros, até Benguela. Morros ressequidos, onde com as raras chuvadas aparecia algum tímido capim. Cada vez menos, com o deserto que avançava vindo do Namibe. Para o oriente, o horizonte era muito mais curto, delimitado pelos morros áridos. Só para sul se sentia vida. A mil metros, via-se o restaurante da Caotinha e a casa branca dum arquiteto italiano que a construiu sobre a rocha, numa baía fechada. Depois adivinhava-se uma planície que ia dar à Baía Azul, centro balnear como a Caotinha. Nessa planície seca, os refugiados de guerra se tinham agrupado numa aldeia, mas que dali não era visível. E ainda mais para sul, quase a perder de vista, a Baía Farta, o principal centro piscatório da região, parecendo avançar em aguilhão pelo mar dentro.

Salgou a corvina e depositou-a numa pequena tarimba ao lado da casa, para secar. Destapou o tanque de água e encheu um balde. Regou a mangueira que plantara há três anos e crescia muito bem, apesar de todas as

advertências. Até mesmo Ximbulo, o único que parecia não o considerar maluco, o advertiu, aqui no alto do morro mangueira não dá. Nem imbondeiro. Mas ele teimou em plantar lá a mangueira e todos os dias a regava. O terreno absorvia a água tão rapidamente que parecia não sobrar nada para a árvore. Mas o certo é que crescera muito bem e já dava sombra. Por isso em baixo dela estava uma cadeira de lona, onde ele refletia e lia durante o dia. Um balde de água para uma mangueira era luxo que Ximbulo nunca poderia entender. Mas para ele era vital ter uma árvore de sombra. Ficou-lhe a necessidade por tanto atravessar chanas quando era guerrilheiro no Leste. A mangueira crescia melhor porque ele a acariciava, lhe confessava pensamentos íntimos, lhe lia passagens importantes de livros. A mangueira tinha nome de gente, Mussole, mas só em alguns momentos ele assim a chamava. E nunca à frente de estranhos, aí sim, iam dizer pirou de vez, está todo cacimbado, coitado, até dá nomes a árvores.

Entrou então em casa. Naquela casa inacabada que viu um dia e pela qual se apaixonou. E que terminou com a ajuda de Ximbulo.

A estória da casa começou há muito tempo. Na altura da guerra de 1975. Tinham-no mandado para a União Soviética fazer um curso militar, mais um, este para Estado-Maior. Talvez para descansar dos maus bocados passados no Leste com o desmoronar da guerrilha. Tão maus bocados que várias vezes a sua morte foi anunciada. Os mujimbo acabavam por se revelar falsos mas acabaram por o esquecer na frente, ninguém se lembrava de o mandar chamar e ele também não recuava sem ordem. Até que a sua unidade eram três pessoas, ele, o guia e um guerrilheiro coxo que não tinha para onde ir nem coragem de andar um mês em terras de fome e atravessando rios a caminho da Zâmbia. Nessa altura resolveu recuar, o seu grupo deixara de ser de combate há meses. O guerrilheiro coxo ficou, nada o podia convencer a fazer a viagem. Durante um mês, ele e o guia conseguiram furar os diferentes cercos, alimentando-se de mel. O guia sabia descobrir sempre o mel, sem nunca ter revelado o segredo, se ouvia as abelhas, se cheirava o mel, ou por outra razão qualquer. Era musekele, resto dos chamados bosquímanes, os homens do mato. Com ele não havia perigo de morrer de fome. Não só descobria o mel, como atraía caça assobiando por folhas especiais, ou cheirava à distância o inimigo. Quando chegaram à fronteira, em plena rebelião, tantos tinham sido os mujimbo sobre a sua morte que quase passou como sendo o espírito, o cazumbi, de si próprio. Deviam tê-lo tratado mal, pois estavam em rebelião contra os do Norte, mas

não se atreveram a tocar num cazumbi. E ele apanhou o primeiro carro e foi para Lusaka, onde estava a direção do Movimento. O difícil foi aí, pois passaram a desconfiar dele por ter conseguido atravessar impune toda a zona rebelde. Ficou mais ou menos na gaveta e nem o chamaram para participar nas reuniões importantes que se realizaram. Quando a nova direção foi eleita, alguém se lembrou dele para o tal curso na União Soviética. Não quis aceitar, mas quase lhe impuseram. Muita coisa tinha mudado em 1974 em Portugal e ia terminar a guerra. Era necessário pensar num exército regular, para isso os mais capazes tinham de estudar nova organização e estratégias.

Regressou a Angola em 1975, em plena guerra contra os outros partidos. Logo foi destacado para chefiar uma coluna que travava o avanço dos sul-africanos no rio Keve. Foi então que conheceu Paulino, filho de Ximbulo. O rapaz tinha sobrado da batalha de Katengue, onde morrera o seu irmão mais velho, e recuado com as tropas de Benguela para o Cuanza-Sul. Paulino ficou uma espécie de sua mascote, que passou a levar para todos os sítios. E nas noites de vigília antes das batalhas, Paulino contou que o pai, Ximbulo, era pescador perto da Caotinha e que ele e o irmão tinham sido voluntários para combater quando o kibeto começou na zona de Benguela. O nome da Caotinha evocou nele reminiscências de infância. Foi passar férias a Benguela e levaram-no a essa praia, onde um polvo enorme o assustou, polvo que lhe aparecia nos pesadelos antes das batalhas. Paulino acabou por morrer estupidamente, pisando uma mina, quando voltaram a ocupar Benguela e os sul-africanos retiraram para os seus aprazíveis santuários. Sentiu-se na obrigação de ir comunicar a morte à família de Paulino. E assim chegou àquele lugar seco, onde havia uma construção inacabada, mas quase pronta. Reconheceu na praia o sítio onde em miúdo se banhara e encontrara o polvo. Falou com Ximbulo, tentou encorajar quem perdera os dois filhos varões em três meses, sabendo da inutilidade das palavras.

Dois anos mais tarde, procurando esquecer o passado, desligado de todos os compromissos, decidiu viver naquela casa e caçar o polvo da sua infância. Ximbulo era o vizinho mais próximo e ajudou-o a terminar o teto. Nunca conseguiu arranjar tintas para pintar a casa, ficava assim mesmo. Tinha luz elétrica, o que era um milagre. O proprietário, antes de abandonar os locais, tinha conseguido fazer uma puxada da estrada até lá, mas provavelmente nunca a utilizou. Não havia água e ele teve de arranjar um

tanque de fibrocimento. Um amigo, com casa na Baía Azul e que todas as semanas mandava um carro com água para abastecer as suas cisternas, aceitou que o carro viesse através dos morros até ali, para encher o tanque. Dava para cozinhar, se lavar a ele e a rara roupa que usava, e regar a mangueira. O resto deixava para Ximbulo, que a levava em garrações para a pescaria. Ali, naquele ermo, água era ouro, Ximbulo podia tornar-se seu escravo.

Acendeu o fogo, pôs o pargo numa rede metálica acima das brasas. Pensou em Paulino, miúdo esperto, só com a segunda classe. Como estudar mais em tal local? Frequentou aulas na Baía Farta, mas só quando conseguia alguma boleia, nada regular. Pouco depois de se conhecerem, Paulino chamou-o de comandante Sábio, e ele quis brincar. Olha, chama-me só comandante ou só camarada Sábio. Comandante Sábio não dá, não vês que um tipo ou é sábio ou é comandante? Todos lhe chamavam assim, fez notar Paulino. Sim, mas esses são burros. Paulino ficou pensativo, foi dar uma volta, voltou com a resposta. Comandante, com isso que disse mostra que é sábio, por isso chamo-lhe mesmo comandante Sábio. Miúdo esperto, uma morte sem sentido aos dezoito anos. Alguma morte tem sentido? Algumas têm, as que não nos tocam.

Lembrara-se da morte e olhou para a mangueira. Tinha posto o fogareiro ao sol, um pouco longe da árvore, para o fumo não a incomodar. Abraçou-se ao tronco, acariciou-o. Disse com ternura:

– Alguma morte tem sentido, Mussole? E estás mesmo a ouvir-me? Senti no dia que te dei o nome e te plantei, as tuas folhas começaram a agitar-se em música. O espírito longínquo da falecida no Leste encontrou o caminho para aqui. Longa distância, mesmo para um espírito. Tão cansado ficou que nem fala, nem se manifesta. Cresces, cresces, com o espírito em cima. Frutos não dás, bem sei que ainda não chegou o tempo. Mas podias de vez em quando xuaxualhar as folhas, quando não há vento, para me indicar que estás aí e não dormes.

A mangueira não estremeceu, apesar do vento que vinha do mar, encapelando cada vez mais as ondas para lá da baía. Seguras as folhas? Será um sinal? Pode ser. O dia do polvo está próximo, já é abril. Foi mudar a posição do pargo no lume e deitar-lhe mais óleo nos cortes paralelos feitos com a faca.

Só então foi guardar os apetrechos de caça no quartito ao lado da casa de

banho. Tinha à frente uma cozinha, com um fogão a gás. Depois o quarto de dormir, com uma cama e um armário embutido. Alguns livros espalhados pelo chão, uma AKA encostada à parede, dois carregadores ao lado, despojos dos tempos de guerra. Depois vinha a sala, a preciosidade. Era ampla, intensamente iluminada porque toda a parte da frente da casa tinha vidro ou tijolo transparente. De qualquer posição se via o mar. Apenas um metro separava a parede dianteira da sala do bordo da ravina, por isso a entrada se fazia por trás, pela cozinha. Viu as ondas, cada vez mais altas, chocando contra as rochas. Apesar do sol aberto, a cor do mar estava carregada, só temperada pelos carneiros brancos de espuma. Uma traineira, ao largo, procurava a proteção da Baía Farta. Aparecia e sumia no meio das vagas, tanguendo. Procurou ler o nome com os binóculos que também trouxera da guerra, mas os balanços da traineira não o permitiam.

Lembrou-se do pargo e correu para fora, se se queima lá vai a comida. Chegou a tempo de o virar, estava quase pronto. Foi então que ouviu o barulho do motor, para lá dos morros. O ouvido, treinado, indicou que o carro, um jipe, se dirigia para ali. Pela picada que o carro da água fizera desde a estrada asfaltada ligando a Baía Azul a Benguela. Por vezes acontecia receber visitas, principalmente Marília. Mas não eram horas para Marília, ela trabalhava. Ou seria domingo? Não fazia a menor ideia. Sabia que estavam em abril, ouvira qualquer referência no rádio. Nem precisava de ter ouvido, todo o seu corpo lhe dizia que estavam em abril. Mas os dias de semana tinham há muito perdido sentido.

O jipe verde parou ao lado da mangueira. Conduzido por uma mulher branca. Ela saiu do carro e ele teve dificuldade em reconhecer Sara. Estiveram quinze anos de guerra sem se ver, ela perdida por Paris à espera de ser chamada, ele em missões noutros sítios. Quando Sara voltou a Angola, nos finais de 1974, estava ele na União Soviética. Depois entrou logo na guerra. Só se encontraram, uma única vez, em 1977, quando ele foi a Luanda resolver o diferendo que o opunha à direção do exército e pedir a reforma. Não lhe deram reforma, nem havia lei para isso, mas deixaram-no sair do exército, ele era incómodo. Tinha direito a uma pensão alimentar, apenas. Nessa altura encontraram-se no hospital onde Sara trabalhava, combinaram visitas, ela deu-lhe o endereço. Mas, resolvida a situação militar, ele teve a ideia de vir ocupar a casa inacabada. A pressa foi tanta, com o medo que outros se lembrassem antes dele, que esqueceu tudo. Ou fez por esquecer. Apanhou o primeiro transporte para Benguela, meteu-se no acabamento da casa e a encontrar os meios de caça indispensáveis. Muitas vezes recordava Sara e que lhe devia uma desculpa. Agora ela vinha cobrar, estava certo.

Abraçaram-se demoradamente. Depois ele lembrou que estava de fato de banho e foi pôr umas calças. Voltou rapidamente para fora, retirou o pargo das brasas, disse naturalmente:

– Chegas mesmo à hora do almoço. Não podes perder este pargo, foi

caçado há menos de duas horas, mais fresco não pode ser.

– Parece que adivinhei. Trouxe bebidas. E uma salada fria.

Ela foi ao carro buscar duas garrafas de vinho, uma de uísque, e um taparuer com salada. Ele trouxe da sala uma mesinha articulada e duas cadeiras. Montaram a mesa debaixo da mangueira, era mais fresco que na sala.

– Uísque? – disse ele. – Que luxo! Aqui só tenho kaxipembe, que é o mesmo que em Luanda se chama kaporoto e que o meu amigo Ximbulo, que o distila, chama pomposamente de aguardente. Tem a vantagem de não precisar de gelo. Mas desculpa, estava a esquecer que o kaxipembe é condenado pela medicina, por conter aldeídos.

– Sabes tão bem como eu que o uísque é mais fácil de encontrar nesta terra que uma agulha. E se pode beber sem gelo.

– Fácil para ti que tens cartão de loja especial. No mercado paralelo há aos pontapés, mas demasiado caro para um pobre caçador. Claro, se tivesse um carro, podia trocar peixe por uísque em Benguela. Era só questão de trabalhar mais um bocado, caçar mais uns peixes. Prometeram arranjar-me uma bicicleta, mas, azar, o delegado da indústria que fez a promessa foi transferido. São vinte quilómetros até à cidade, de bicicleta era um bom exercício. Mas tenho de esperar que seja transferido para aqui algum gajo que ainda se lembre de mim.

– Muita gente se lembra de ti, Aníbal.

– Para me apodarem de louco, eu sei.

Sentaram-se à mesa. Ele tinha dois pratos e garfos e até uma travessa para pôr o peixe. Serviram-se do pargo que fumegava e lançava o seu perfume para as nuvens. Ele lembrou de repente que não tinha limão, nem nada que o substituísse. O limão era importante para o pargo assado, mas paciência. Abriram uma garrafa de vinho. Sara falou:

– Deves concordar que a tua desapareição da cena política surpreendeu muita gente. Ofereceram-te vários cargos, ao que constou. O Vítor disse-me que até para ministro. E tu vieste para aqui, longe de tudo, sem contactar ninguém. É pelo menos um comportamento especial. Depois de uma vida inteira de luta...

– O Vítor, o Mundial... continua ministro, mas há tempos mudou de pasta. Ouvi no rádio. Como vês, estou informado. Tenho um rádio e à noite, quando estou com paciência, ouço os noticiários nacionais. Mas nem

sempre, porque custa a engolir tantas palavras de ordem e discursos ocos. Basta um secretário qualquer do Partido para uma comuna, ou o delegado duma organização de massas dum município, fazer um discurso sem interesse, para passar logo na rádio. E o ouvinte que suporte os lugares-comuns, sem poder ripostar, porque oficialmente tratou-se de declarações importantes. Assim como qualquer reunião é decisiva, mesmo se foi dos gatos do bairro, fazendo uma análise profunda sobre a qual todos se debruçaram, como se estivessem à beira dum poço a olhar para baixo, como todos os dirigentes são destacados e pensam lucidamente etc., etc., poupo-te a repetição dos adjetivos mais utilizados neste país, tu ouves isso todos os dias como militante disciplinada que és. Ou deves ser.

— Sou.

— Pois. Não te condeno, sempre foste muito dedicada. E não gostaria de te ofender por qualquer palavra, juro que não é minha intenção. Sei muito bem distinguir as pessoas. Mas puxaste a conversa para a minha desapareição da cena e vens com o argumento de autoridade do Vítor, um sacana que me prometeu enviar café e umas meias para o interior, meteu-se nas confusões de fronteira, e até hoje estou à espera das meias... Aqui para nós, nunca entendi como o Mundial no derradeiro segundo se desviou da Revolta do Leste. Em 1972, quando partiu para a fronteira, já estava todo feito com eles. Não enganava ninguém. Mas depois cheirou o vento, ou teve um sonho anunciador. Mais tarde fui colando os bocados do que me contaram. Foi mantendo certo distanciamento dos dois campos, estando com um pé escondido em cada um. No momento decisivo da opção, cortou as ligações com os revoltosos. E foi naturalmente subindo na organização. Teve enorme habilidade, tenho de reconhecer. O chamado salto do gato que cai sempre de pé.

— Não gostas dele.

— Talvez por ter demasiado gostado dele. Sabes, a desilusão é o pior que há. Era o meu mais novo, tratado com todo o carinho. Desculpava-lhe todas as pequenas falhas, defendia-o quando precisava, confiando nele. Afinal, não passa dum oportunista.

— Estás a exagerar. É um dirigente capaz...

— Como todos, enquanto são dirigentes. São todos capazes e honestos, sem exceção. Quando um deixa de ser dirigente, então é que se sabe que afinal era um incompetente e um corrupto. A mitologia do poder, ou a

mitificação dos homens do poder. Passa-se em qualquer religião ou seita. O chefe da seita é um santo, um desinteressado, adorado pelos fiéis. Quando cai, descobre-se que era o diabo e tem uma conta secreta na Suíça com milhões. Tudo isso é tão antigo e repete-se sempre em todos os regimes. Mas as pessoas não veem, porque acham que a sua experiência é única e melhor que as outras. Uma fé, como a religiosa. Ora, uma fé não se combate, nem por explicações racionais.

– Fazes-me lembrar a Marta. Depois de tu saíres de Portugal, a Marta disse-me que tu só tinhas dois caminhos, ou morrer na guerra, o que seria o melhor para ti, ou desencantares-te. Adivinhou. Porque perseguias um sonho utópico de revolução. Afinal desiludiste-te mesmo.

– A Marta... Nunca mais soube dela, tens notícias?

– Não, quando estava em Paris acabei por perder o contacto.

– Enganou-se numa coisa, colocou a questão numa alternativa. Eu morri e desencantei-me. Os dois caminhos num só.

– O desencanto é sempre uma morte, não é?

Ele afagou distraidamente o tronco da mangueira. Sentiu, por trás da casca rugosa, a seiva movendo-se com volúpia.

– Isso de utopia é verdade. Costumo pensar que a nossa geração se devia chamar a geração da utopia. Tu, eu, o Laurindo, o Vítor antes, para só falar dos que conhecestes. Mas tantos outros, vindos antes ou depois, todos nós a um momento dado éramos puros e queríamos fazer uma coisa diferente. Pensávamos que íamos construir uma sociedade justa, sem diferenças, sem privilégios, sem perseguições, uma comunidade de interesses e pensamentos, o paraíso dos cristãos, em suma. A um momento dado, mesmo que muito breve nalguns casos, fomos puros, desinteressados, só pensando no povo e lutando por ele. E depois... tudo se adulterou, tudo apodreceu, muito antes de se chegar ao poder. Quando as pessoas se aperceberam que mais cedo ou mais tarde era inevitável chegarem ao poder. Cada um começou a preparar as bases de lançamento para esse poder, a defender posições particulares, egoístas. A utopia morreu. E hoje cheira mal, como qualquer corpo em putrefação. Dela só resta um discurso vazio.

Sara serviu-se de mais peixe. E acrescentou um pouco no prato dele, que ainda estava cheio. Pôs também vinho no copo dele, que estava vazio.

– Continuas a comer pouco. A encontrar energias noutra sítio, como dizia a Marta.

– Sempre comi pouco. Nunca ninguém compreendeu essa falta de apetite. Foi bom durante a guerra, em que havia fome, pois mal a notava. Ninguém me criticava então, sobrava mais para repartir. Mas hoje ninguém entende a minha falta de apetite, é curioso. E condenam-me porque mandei tudo para o ar, não quis carros, casas, ou várias mulheres, como eles têm, possuidores dum apetite voraz, insaciável. Eu incomodava, num banquete de canibais eu só tirava um pastel e contentava-me com ele. Deves reconhecer que é incómodo para quem se empanturra com tanta comida. Assim, ao menos, poupo-lhes a minha incómoda presença. E poupo-me de vomitar de enjoo vendo tanta comida a estragar-se quando o povo morre de fome. Desculpa, isto não é conversa para se ter à mesa. Que dizes do meu pargo, não é uma maravilha? Falta só limão para completar a obra-prima do sabor natural e tão requintado. Ainda dizem que os franceses sabem cozinhar. Tu que viveste lá na doce França tantos anos, algumas vez comeste um pargo assim?

– Só em Benguela.

– Como é que apareceste aqui?

– Estou de férias. Resolvi vir passar uns dias a Benguela, apesar de já não ter família aqui. Não sei, talvez tenha, a família da minha mãe deve andar espalhada por aí, por causa da guerra. Mas não consegui nenhum contacto.

– E os teus pais?

– Pais e irmão foram para Portugal antes da independência. Quando cheguei a Luanda, já eles tinham partido. Há três anos fui lá, numa missão do Ministério da Saúde, integraram-me no grupo porque era diretora de hospital, e então estive com eles. Depois de vinte e quatro ou vinte e cinco anos. Estão bem, o meu pai conseguiu levar muito dinheiro para lá. Ele era vivo, logo que houve o 25 de Abril em Portugal percebeu o esquema muito antes dos outros. Vendeu os negócios todos e conseguiu transferir o dinheiro para Portugal. Saíram daqui ainda em 1974. Vivem dos rendimentos, o meu pai a culpar os comunistas de tudo, conheces o discurso, que os comunistas o despojaram de tudo, só não estão na miséria porque enfim, ele se acautelou. A minha mãe tem um discurso diferente, morre de saudades da terra. Este ano vou lá, já tenho os meios, para lhes apresentar a neta que não conhecem.

– Pois é, como está a tua filha? Também veio?

– Não, tinha aulas. Está na Faculdade de Medicina. Parece praga na

família, quer ser médica.

– Tem vinte e um anos e chama-se Judite, não é?

– Continuas com memória de elefante.

– Só para o que me interessa. Procuro esquecer o resto. Infelizmente, muitas vezes sem sucesso. Mas como conseguiste chegar até aqui?

Sara riu. Terminou a sua porção de peixe antes de falar. Enquanto ela falasse, ele comia o pargo que estava quase intacto no prato.

– Sabia que estavas por estas bandas, na Caotinha. Em Benguela explicaram-me o caminho, logo dizendo que não era fácil de encontrar. Muito pouca gente conhecia este caminho. O delegado da Saúde emprestou-me o jipe. E não foi fácil chegar, porque não dei com a picada à primeira. Fui parar à Baía Azul, daí meti pela Caota. No restaurante da Caotinha disseram-me que por aí não chegava cá. Tinha de voltar à estrada e ir com atenção ao poste da luz. Acabei por encontrar o sítio, mas quando saí da estrada vinha com o coração nas mãos, e se não fosse essa a picada? Realmente estás bem escondido, não arriskas visitas indesejáveis.

– Aí é que te enganas. O ano passado o Mundial apareceu aqui. Imagina, nesta paz, com três jipes cheios de guarda-costas e uma comitiva das autoridades de Benguela. Foram visitar a Baía Farta e alguém no regresso lhe disse que o maluco morava aqui. Deixou umas garrafas de uísque que levavam para um banquete qualquer, foi o único proveito. Garrafas que derrotei com o Ximbulo, falando mal do Mundial, claro.

A refeição terminara. Mesmo assim, ele tinha acabado a sua parte do pargo, só sobrou um pouco de salada. Deu cabo da garrafa de vinho, notando que Sara o acompanhava bem na bebida.

– Agora uma boa notícia. Tenho café e vou fazê-lo. Fruta é que não há.

– Deixa, eu faço o café, Aníbal.

Foram os dois para a cozinha e arrumaram as coisas. Enquanto a água fervia, ele mostrou-lhe a casa. Sara ficou encantada com a sala e o panorama que dela se descortinava. Era de facto impressionante ver de cima as massas de água a chocar contra os rochedos, a ultrapassarem os recifes e virem lamber a areia da praia. O sol começava a bater de frente na sala e brilhava com todas as cores refratadas pelos azulejos transparentes. Uma catedral, murmurou Sara, fascinada. A minha catedral, a única, disse o Sábio.

Voltaram para fora, com o café. Acompanharam o café com uísque seco,

em silêncio, cada um agarrando os fiapos de nuvem das recordações. Ele notou. Sara estava envelhecida. Devia ter uns quarenta e seis anos, como ele. Não, ela era um ano mais nova. Muitos cabelos brancos, rugas na testa. Mas não era tanto isso. A maneira como se vestia, como se sentava, como fumava o cigarro, tudo nela tinha ar desmazelado. Muito diferente daquela Sara elegante, sem ostentar luxo, que conhecera em Lisboa. Foi a estadia em Paris? Também não. Quando se encontraram em Luanda, quatro anos antes, ela mantinha a mesma aparência de sóbrio refinamento, com a bata branca do hospital. E agora usava os óculos em permanência. Os últimos anos de vida devem ter sido difíceis, com o seu comboio de desilusões e dificuldades. Estou a notar o envelhecimento dela e nem olho para mim, o espelho que o diga.

– Que tal achas o meu aspecto, Sara? Fisicamente, digo.

Ela olhou os ombros e peito nus, a cabeça. Demoradamente. Ele sentiu a carícia para lá dos óculos. Sara deu uma gargalhada.

– Estás com ótimo aspecto. Pareces um etíope. Verdade, não estou a gozar. Esse cabelo enorme, como uma juba redonda e depois a tua magreza... No entanto, tens aspecto sadio. Seco como sempre, de quem não arrisca doença cardíaca.

– Vida frugal, eis o segredo. Muito peixe e nunca carne, nem manteiga, coisas assim. E o kaxipembe para queimar gorduras. Também muitas horas de mar e sol e vento.

– Se andasses por aí apoiado num pau, com um pano enrolado à cintura em vez das calças, as pessoas tomavam-te por um santo. Um profeta!

– Não preciso disso. Já me consideram uma espécie de profeta, só que do Apocalipse. O louco de Deus! Vou uma vez por mês à logística militar, em Benguela, para receber a pensão alimentar que o exército me concedeu. Carrego açúcar, arroz, feijão, óleo, essas coisas. É a única vez que saio daqui. E os soldados mais novos riem-se, sinto-os a rirem-se nas minhas costas, lá vai o maluco. No entanto, se lhes falo, ficam com muita atenção, bebendo cada uma das minhas palavras. Não é a atitude que se tem perante um profeta?

Ela não respondeu. Deitou o resto de cigarro fora. Virou-se para trás e contemplou os morros escavados por onde viera. Ele acariciava escondidamente o tronco da mangueira. Sara virou-se de novo para ele.

– Não sentes demasiada solidão?

– Mas eu não estou só. Estou rodeado de coisas de que gosto. Os morros, a casa, esta árvore, os peixes, o mar, as algas, os recifes, os caranguejos, os pássaros, as formigas. Conheces a vida das formigas? Sabes distinguir as diferentes espécies e as relações que se estabelecem entre elas? Tenho estudado, continuei o estudo que fazia no Leste. Aqui não há salalé e é pena. No Leste o salalé era uma praga, comia-nos o teto das cubatas. Eu precisava de descobrir um meio de evitar isso. Passei tempos e tempos a estudar os caminhos do salalé, sabes, as espécies de túneis de barro que eles fazem para depois andarem lá dentro em segurança e devorarem os paus secos e capim que encontrem. E inventei a arma ecológica contra o salalé. Não rias, é verdade. Descobri que as formigas pretas, destas que também há por aqui, de tamanho médio e de um negro brilhante, com mandíbulas menores que o kissonde... bem, essas formigas pretas, se conseguiam penetrar nos túneis, dominavam o salalé. Matavam alguns, escravizavam a maior parte. Portanto, o remédio era simples, atrair as formigas pretas para cima do meu teto. Deitava açúcar de vez em quando para cima do teto. Não muito, até porque não tinha em abundância. Resultado, o salalé deixou de me devorar o capim do teto. Ensinei isso ao Mundial, mas ele riu, foi contar a toda a gente a última do Sábio. Até que com uma chuvada mais forte, ficou que nem um pinga, porque chovia tanto dentro de casa dele como fora. Veio pedir-me humildemente a receita. E sabes a melhor maneira de caçar caranguejos na praia, desses caranguejitos pequenos? Atraindo-os com qualquer material escuro, um pedacito de carvão ou um fruto de cazuarina, cada vez para mais longe do buraco. Quando isso acontece, corres e tapas o buraco onde ele quer penetrar. Fica perdido, indefeso, porque cada caranguejo no seu buraco, se entra no de outro leva berrida. Para descobrir essas coisas, preciso de fazer verdadeira pesquisa científica. Não tenho tempo para me chatear. E se quero ver uma pessoa de quem gosto, vou ali à pescaria do Ximbulo, ou à aldeia dos refugiados. Solidão? A pior solidão é estar numa multidão de gente com quem já não tens mais nada em comum.

– Mas por vezes não sentes a necessidade de uma presença humana mais constante, sei lá, por exemplo uma mulher?

– Ah, referes-te à solidão do macho sem fêmea ou da fêmea sem macho? Tenho esse problema resolvido, não à maneira dum santo. Há uma moça de Benguela que engraçou comigo nos tempos antigos em que era comandante.

De vez em quando vem cá e passa a noite. Quando lhe dá na gana. Sem compromissos de qualquer espécie. Acha-me divertido, passamos bons momentos juntos. Eu faço o papel do tipo meio maluco, conto-lhe histórias estranhas, não é precisa muita imaginação, a minha vida sempre foi feita de coisas estranhas. A vida de toda a gente aqui nesta terra de todos os milagres também. Só que as pessoas não se apercebem do carácter estranho dessas coisas e ficam admiradas quando se lhes conta aquilo que afinal veem quotidianamente.

– E essa moça não quer ficar aqui?

– Disparate! Tem a sua vida em Benguela. E eu também não quereria. Assim, de vez em quando está bem para os dois. Quando ela vem, sou eu que falo. Aliás, esse é um terrível defeito que tenho. Acabo sempre por ser o único que fala numa conversa. Por isso me chamaram o Sábio. Primeiro foi a gozar, ironia pura. Acabei por o adotar como nome de guerra e perdeu o carácter de gozo. Tinha notado isso quando era miúdo. Se me arranjavam uma alcunha e ficava chateado, pronto, a alcunha pegava. A melhor maneira sempre foi de assumir a alcunha, acaba por perder a carga semântica original. Aliás, a palavra negro aqui em Angola sofreu o mesmo processo. Os brancos chamavam-nos negros para nos humilhar, nos diminuir. Quando começámos a luta e passámos a utilizar a palavra como reivindicação duma identidade, tratando-nos a nós próprios por negros, os brancos ficaram à rasca, até mesmo os progressistas, já não sabiam como nos chamar. E passaram a chamar-nos negros, não como uma ofensa, mas como uma palavra neutra, um reconhecimento quase de emancipação. Nem sei se eles se aperceberam disso, mas foi o primeiro gesto que anunciava a aceitação inconsciente da independência... Se a Marília vivesse aqui, ia se chatear de me ouvir ao fim de três dias. E eu também ia cansar-me de falar para quem tem pouco a dizer.

– Não tens grande respeito por ela. Não é uma atitude machista?

– Ora, não sei, nunca pensei nisso. Mas eu respeito-a, nunca lhe pedi nada. Ela vem quando quer. Nunca perguntei se tem homem em Benguela, imagino que sim. Moça nova e bonita não se vai contentar com uma carcaça como eu, uma vez por semana ou de quinze em quinze dias. Conheço os problemas dela, se me pede dou um conselho. Sobre a sua vida amorosa não, porque nunca me falou dela. É assunto que não nos interessa quando estamos juntos. Machismo? Talvez por não a fazer participar mais na minha

vida? Ela não quer. Eu também não quereria. A inexistência de qualquer tipo de dependência pode ser encarada como machismo? Porque não feminismo da parte dela?

– Não. Foi a maneira como falaste que ela tem pouco para dizer.

– E tem. Seria paternalismo negá-lo. Apesar de ter idade para ser pai dela, não a trato como filha e reconheço as suas limitações. Qual o mal?

Sara não respondeu. Acendeu outro cigarro. Duas horas da tarde. Em baixo da mangueira estava fresco, mas o sol torrava os morros. Ela propôs:

– Queres vir dar uma volta de carro? Vamos até à Baía Farta, há muitos anos que não ponho lá os pés e não terei outra ocasião tão cedo.

– Vou buscar uma camisa.

Vestiu a camisa, calçou uns chinelos, penteou o cabelo que estava pastoso por não ter tomado banho de água doce. O pente quase não entrava e ainda era mais difícil sair. A Sara tem razão, pareço um etíope. Com este cabelo grande e descuidado, a cara magra e o nariz fino, quase de branco, tenho ar de etíope ou somali. Sem nenhum tipo de ofensa para esse povo notável. Saiu, batendo a porta no trinco. Não utilizava nunca a chave, o que era uma imprudência, a bandidagem por vezes anunciava a sua presença na Baía Azul. Mas era mais forte que ele confiar no ser humano.

Subiram para o jipe e Sara arrancou. Galgou prudentemente a picada por cima dos morros, em silêncio. Quando chegaram à estrada asfaltada, ela perguntou:

– Como fazes para ir buscar o abastecimento, se não tens carro?

– Para lá apanho boleia com o carro da água, que fez ou refez esta picada. Depois, na logística, dão-me também uma boleia para aqui. Nesse aspecto, continuam fixas. Sei, se pedisse outras coisas, talvez me arranjassem. Uma geleira, por exemplo. Até mesmo um jipe militar meio estragado, há tantos. Mas não quero pedir nada, questão de orgulho. E depois, como recuperar o jipe, com que peças? Dava um trabalho dos diabos, não estou para isso.

– Desculpa, Aníbal, mas esse teu orgulho é um pouco incompreensível para mim. Ele não te impede de aceitar a pensão alimentar, que deve ser mínima, imagino, mas de qualquer modo...

Ele não se ofendeu. Sara podia dizer-lhe tudo, ser muito dura, que ele nunca se ofenderia. Não era da natureza dela dizer coisas para ofender, ele sabia. E também compreendia a sua perplexidade, não se tinha feito a mesma pergunta mil vezes?

– Vou tentar explicar-te. Por vezes também para mim é difícil entender. Quando um tipo corta, corta com tudo e não fica dependente duma esmola, é essa a tua dúvida? Aceitei essa pensão ilegal, porque não há lei para as reformas militares. Não foi por pensar que a ela tinha direito por ter lutado esses anos todos. Toda essa malta que lutou pensa que tem todos os direitos porque lutou. Os privilégios que se inventaram encontram justificação no facto de terem feito apenas a sua obrigação de patriotas. Esse é o meu ponto de vista. Angola não me deve nada. Portanto, ao cortar com tudo, também devia ter recusado a pensão. No entanto, sem ela não podia sobreviver, porque inventaram um sistema em que tudo funciona por esquemas. Não há lugar para os marginalizados. Podia vender o peixe ao restaurante mais próximo e com isso sobreviver. Mas o restaurante é do Estado e não me pode comprar, tem de comprar o peixe ao Estado. E não tenho uma loja onde comprar os produtos de que necessito, as lojas estão vazias e exigem um cartão de abastecimento. Como fazer então? Não fui eu que inventei este sistema, nem me pediram opinião, e se o tivessem feito, não lhe ligariam puto. O Estado é pai, o Estado é que sabe, o Estado é que te sustenta. Como filho, aceitei a pensão que o meu pai me dá, não tenho outro. Um homem nunca escolhe o seu pai, não é?

– Numa coisa não estou de acordo. A malta que lutou tem mesmo direito a um reconhecimento. Possas, vocês fizeram a independência deste país...

– Isso não significa privilégios especiais. Deviam ter é direito a uma reforma, com os anos de participação na luta a contar mais. E tratamento especial para os que ficaram sem pernas ou estropiados de qualquer forma, ou viúvas ou órfãos. E tratamento especial para os analfabetos que subiram a funções importantes e que hoje nitidamente não trazem mais nada, porque não podem aprender a gerir um Estado. Mantêm-nos em funções, porque não sabem o que fazer deles, e são um peso morto. Foi essa reforma que pedi. Parece que ficaram ofendidos, fizeram um banzé dos demónios, quem não quer estar connosco, é porque é contra nós. Só me queria afastar, ser independente, não sou contra eles nem existe alternativa fiável. Acabaram por me propor essa pensão, que pode terminar a qualquer momento, conforme os ventos ou as pessoas.

– Podias procurar a tua independência, tudo bem. Outros o fizeram. Mas ficaram a trabalhar no sistema. E tu tens um curso superior, arranjavas emprego em qualquer lado. É mais isso que as pessoas não entendem, que te

tenhas metido aqui, isolado do mundo. Significa um corte radical com o sistema, um exílio voluntário, e isso incomoda.

– Eu sei, oh, sei tão bem! Diz-me, Sara, não posso ter razões particulares para me meter aqui? Terão de ser fatalmente razões políticas?

– As pessoas não as conhecem.

– Nem têm nada de conhecer. O problema é esse, o Estado comporta-se como pai e o filho tem de lhe contar tudo, já não tem direito à privacidade. As pessoas de que falas de maneira sofismática, não são pessoas, são apenas os cargos que ocupam no aparelho do Estado. Não há lugar para sentimentos, relações humanas, apenas relações de poder. Os homens deixaram de ser homens, com as suas virtudes e defeitos, são apenas cadeiras cómodas, são máquinas, parafusos, bens que se utilizam. Ou máquinas mais complexas que se servem desses bens. Essas pessoas de que falas, não são pessoas, Sara, são o Estado, o sistema. A uma pessoa como tu, que te manténs pessoa, apesar de seres diretora dum hospital...

– Já não sou. Pedi para deixar a direção, não me entendia com as burocracias, agora sou apenas médica, com responsabilidades sim, mas na área técnica.

Aníbal riu. A gargalhada era a primeira que dava com tanto gosto há muito tempo, lembrava perfeitamente, desde uma discussão com o Ximbulo sobre o sexo dos peixes. Engasgou-se, tossiu fortemente. Tossia e ria, as lágrimas chegando aos olhos. Quando finalmente acalmou, disse, ainda entre risadas:

– Como vês, em certa medida, também te afastaste do sistema. Prova que ainda és pessoa. Não é o exílio, mas para lá caminhas...

Tinham passado a Baía Azul, sem reparar, e iam a caminho da Baía Farta. Numa baixa, havia capim verde, onde pastava algum gado. Essa baixa estava sempre com capim, mesmo depois do cacimbo, apesar de todas as secas, mistério da natureza. O lençol de água subterrânea devia ser quase à superfície, pensou ele. Tinha essa reflexão sempre que passava aqui, já não lhe dava importância.

– A uma pessoa como tu podia até dar as razões porque vivo aqui. Que são estritamente pessoais. Nunca ao Estado. Nos primeiros tempos muito mais, agora é mais raro, mas ainda aparece um rapaz de vez em quando em missão do paizinho, para ver que ando a magicar. São todos parecidos, com uma pastinha na mão, a fazer perguntas aos vizinhos. Como vivo, o que

faço etc. A mim os rapazitos nunca perguntam, levavam cá uma berrida. Devem imaginar que estou a inventar uma arma secreta...

Calou-se. Tinha-lhe dado a deixa, mas Sara não mudara, nunca se atreveria a perguntar-lhe quais seriam essas razões pessoais. Ia ao volante, a morder-se toda de curiosidade, mas calada. Grande Sara, a descrição em pessoa. Aníbal ainda não decidira se lhe dizia ou não. Se ela perguntasse, a resposta sairia imediata, dela não tinha nada a esconder. Embora temesse um pouco a reação da amiga, exatamente porque era amiga. A Ximbulo também contaria, já lhe tinha sugerido até, mas Ximbulo tinha outras preocupações, gostava que ele morasse ali perto e pronto, cada um conhece o seu coração. Marília várias vezes tinha abordado o assunto, mas ele desviara. Sara devia ter razão, Marília era apenas um corpo de que se servia. Mas também ela se servia do dele e das suas histórias, estavam pagos.

Entraram na Baía Farta. A povoação estava quase sem vida, nada que fizesse recordar os velhos tempos em que era a capital do peixe. As lojas fechadas, muitas com vidros partidos, a maior parte das cervejarias onde se comia o melhor marisco também praticamente fechadas. Notou que a do António estava aberta. Um ou outro serviço funcionava, mas com pouca atividade. Alguma gente nas ruas, muitos com farrapos a indicar a sua condição de deslocados de guerra, que engrossavam os kimbos à volta. Continuaram pela rua principal até à língua de terra que fechava a baía, ao longo das pescarias. As traineiras estavam todas paradas, abrigadas das fortes ondas que vinham do alto mar e as faziam balançar. Algumas pescarias estavam a funcionar, mas nunca chegando para as encomendas. Chegaram à ponta e Sara fez o carro dar a volta, sem uma observação. Também não precisava, Aníbal adivinhava-lhe os melancólicos pensamentos. Sim, a Baía Farta lembrava uma cidade-fantasma, embora ainda tivesse alguma vida. Ainda?

Quando voltavam, Aníbal disse-lhe para parar o carro à frente da cervejaria do António, vamos ver se ele tem cerveja gelada. Sara obedeceu. Sempre caía bem uma cerveja gelada.

O António era um mulato gordo e bem disposto, que se levantou pesadamente dum banco, mal eles entraram. A voz era fininha, de criança.

— Por aqui, comandante? Faz muito tempo.

— Trago aqui uma grande amiga. Está a morrer de sede, coitadinha. Fez o trajeto desde Benguela só para uma cerveja gelada.

António riu. Olhou para a porta de entrada, depois para a dos fundos. Falou, na sua voz fina, piscando o olho:

– Fale baixo, comandante, fale baixo, as paredes têm ouvidos. Não recebo cerveja há bué de tempo, desde o mês passado que não vendo. Por isso é que a casa está às moscas. Mas para si, comandante, tenho a minha reserva, que estava a guardar para o almoço de amanhã. Mas tem de ser na sala do fundo. Uns camarões para acompanhar? Ou caranguejo?

Aníbal olhou para Sara, à espera da resposta. Ela disse:

– Camarões. Acabámos de almoçar.

António levou-os para o que ele chamava a sala do fundo e que de facto era uma varanda nas traseiras, com uma mesa onde a família fazia as refeições. O pátio era acimentado e o calor do sol acumulava-se aí. A sala da frente, apesar de fechada, era mais fresca. Mas Aníbal compreendia que, por razões de segurança do dono, teriam de beber mesmo ali. Se os sequiosos baiafartinos vissem que ele recebia clientes, podiam partir-lhe a casa. E ter um processo judicial por açambarcamento de produtos, o que implicava multa e encerramento da cervejaria. De todas as vezes que Aníbal lá ia, sempre bebia nas traseiras, porque muito raramente António tinha cerveja para o público. E a pouca que conseguia, era por um esquema escondido no Lubango. Vieram três Ngolas, António serviu as duas e sentou-se à mesa com a terceira. Mandou um filho trazer um prato de camarões que estava na geleira.

– São fresquinhos, são da casa, podem comer tranquilos. O caranguejo também é do bom, daqueles antigos mesmo, os célebres. Agora aparecem com facilidade, eu é que só compro para a casa e os amigos, para quê mais? Sem cerveja, não há clientes. O caranguejo vai todo para Luanda, em esquemas.

– Conhecem-se há muito tempo? – perguntou Sara.

António riu, com o seu riso de miúdo. Deu uma palmada ligeira no ombro de Aníbal.

– Desde o Cuanza-Sul. Quando os sul-africanos tomaram Benguela, eu retirei com a família para o Sumbe, daí levámos berrida para Porto Amboim. Aqui o comandante apareceu depois, a comandar uma parte das tropas que tomou o Sumbe e Benguela. Foi das primeiras pessoas a entrar em Benguela libertada, não é assim, comandante? Eu vinha atrás das tropas, com a família e as imbambas, a morrer de saudades dos três meses passados

longe desta baía. Com o coração nas mãos, a imaginar que a casa e a loja estariam todas partidas. Afinal, tive sorte, só levaram as arcas frigoríficas. O seu amigo, minha senhora, trabalhou muito, todos reconhecem. Um dia apareceu-me aqui, a dizer que agora éramos vizinhos, morava perto da Caotinha. Festejámos isso com bué de cerveja, nesse dia havia, recordo-me bem. Os clientes é que sofreram, mas era razão para fechar a loja e comemorar.

– Muita gente acha que ele pirou, enlouqueceu – disse Sara.

– Deixe-os falar, não sabem o que dizem. Nem o que fazem. Malucos são eles, não viu a loja às moscas? Qualquer pessoa sã de espírito e que não queira só encher-se à custa dos outros, fazia como o comandante, mandava tudo bugiar, para viver tranquilo no melhor lugar do mundo. Melhor para um sábio.

Vieram mais cervejas. E outra rodada. Aníbal estava calado, deixava António falar, contar os pequenos dramas de terra pequena, as burocratices que o exasperavam, a calema que se anunciava, a escola dos filhos a funcionar aos soluços, o tempo do colono que ele não desejava rever mas em que se vivia melhor. Depois da terceira rodada, Aníbal disse vamos embora, Sara, que lhe esvaziamos a loja. Ela se levantou. António não quis cobrar nada, o comandante tinha crédito ilimitado na cervejaria, era um libertador que não aproveitara da liberdade dada aos outros. Ficou a fazer adeus com o braço, quando o jipe partiu.

Ele propôs que entrassem pela Baía Azul, para lhe mostrar o kimbo dos deslocados. Quando se aproximavam, as crianças deixaram as brincadeiras ou os trabalhos domésticos, para virem saudar a chegada do jipe. Aníbal saiu do carro e as crianças rodearam-no logo, gritando para as cubatas, Sábio, Sábio. Os adultos vieram imediatamente cumprimentar. Aníbal ria e dizia piadas, saudando um e outro pelo nome, apresentando Sara. Ela inquiriu dos problemas, fome e doença. Por vezes traziam-lhes comida, de vez em quando apareciam uns médicos com vacinas para as crianças, pouco mais.

– Não há um médico que vem regularmente fazer consulta? – perguntou ela.

– Nada – disse um mais velho. – Aparece assim, assim.

– Duas ou três vezes por ano – traduziu Aníbal.

As provisões estavam no fim, comiam arroz-doce, mas já sem leite, esse

ficava reservado para as crianças e escasseava. Arroz-doce era arroz cozido com um bocado de açúcar, explicou o Sábio. Todos estavam magros, mas as crianças tinham barrigas enormes, efeito da falta de proteínas e dos vermes. Sara estava consternada, achava alguma coisa se podia sempre fazer. Foi ela que pediu para irem embora. Os gritos das crianças e as saudações dos adultos acompanharam-nos um bom bocado na picada.

– Está tudo em elevado estado de desnutrição – disse Sara. – Com tanto peixe no mar.

– O peixe é a ração de proteínas deles. Vai te parecer estranho, mas estavam em estado muito pior aqui há uns tempos atrás. Comem peixe, sim, pelo menos um mínimo, não têm é fuba para o pirão.

– Não podes fazer nada por eles?

– Não. Se os organismos apropriados pouco fazem, sou eu que posso?

Não falou do peixe que lhes dava de vez em quando, nada significava. Nem nos berros que proferia em Benguela junto das autoridades competentes, a exigir que tomassem medidas rápidas das várias vezes que a fome total se instalava no kimbo. Para quê? Nada mexeu. Ele sozinho não podia mudar o Mundo, já nem tinha força para tentar. Os deslocados tinham vindo de todos os cantos da província, eram camponeses que ali não tinham terras boas nem água para cultivarem. As roupas eram decentes, tinham recebido fardos duma organização humanitária dinamarquesa. O problema era a fome e as doenças, como disseram. Aníbal olhava para eles e reconhecia o mesmo tipo de caras e atitudes dos que há dez anos vira fugirem para a Zâmbia. As línguas eram diferentes, mas os olhares os mesmos, com luar de guerra a persegui-los.

– Coisa triste – disse Sara. – Vou falar ao delegado da Saúde. Pelo menos uma vez por mês tem de vir uma equipa médica. Há umas tosses por ali que prenunciam tuberculose.

– Eles sabem disso tudo. Prometem sempre enviar gente e medicamentos. Depois, ou realmente não têm meios ou esquecem. E não adianta eu estar sempre lá, já me olham de lado.

Aníbal indicou-lhe um caminho que cortava através dos morros e era mais próximo. Sara concentrou-se a estudar a nova picada. Não lhe parecia mais perigosa que as outras. Meteu o jipe por ela.

– Afinal sempre fazes alguma coisa por eles. Tinha de ser, pela maneira como te receberam e falaram. Havia uma coisa que se reconhece logo,

confiança na atitude das pessoas. Eles gostam de ti, confiam em ti.

– Acho que sim. Por isso não disse que eras médica. Senão pensavam que eu lhes estava a prometer a tua visita regular. Nunca lhes prometi nada, nem quando vou a Benguela advogar a causa deles. Mas sabe-se sempre tudo.

– Sentias-te bem no meio deles. Se eu não pedisse, ias já aceitar um banco e ficar a conversar. Parecias outro, mais aberto, diria mesmo mais alegre.

– Talvez. De vez em quando vou lá conversar.

– Por que és um marginalizado como eles?

– É uma sina. Estou sempre com as vítimas dum processo. Talvez seja orgulho, mas nunca me sinto bem no meio dos vencedores.

– Aqui não podes fazer nada por eles. Nem pelos milhares e milhares que existem pelo país.

– Não posso aqui, nem em lugar nenhum do mundo. Deixei de ser um lutador. Sei que me entendes. Perdi poucas batalhas, mas sou um vencido. No fundo somos todos uns vencidos, não temos futuro, mesmo os que hoje pensam que estão bem ancorados ao fundo. Basta uma vaga mais forte e vão à deriva.

– O Vítor?

– Por exemplo. Não temos futuro, nem representamos o futuro. Já somos o passado. A nossa geração consumiu-se. Fez o que tinha a fazer a dado momento, lutou, ganhou a independência. Depois consumiu-se. É preciso saber retirar, quando se não tem mais nada para dar. Muitos não sabem, agarram-se ao passado mais ou menos glorioso, são os fósseis.

– E quem é o futuro?

– Os Malongos da vida.

– Bela perspectiva!

– Não pior que o presente. Onde anda ele?

Sara ficou instantes calada, observando o caminho. Já estavam muito perto da casa, só que deste lado ela ia aparecer bruscamente, não se via ao longe, pois havia uma pequena elevação no meio. Falou então:

– Pareces feiticeiro. Recebi notícias há pouco tempo. Deixou de cantar, anda metido em negócios. Não sei bem, mas são firmas que negociam com Angola. Parece que se está a tornar num intermediário. Mandou dizer que qualquer dia aparece por aí. Escreveu à filha e mandou-lhe roupas. Coisas úteis. Sempre teve um amor muito especial pela filha, absolutamente sincero. Por duas vezes lhe pagou viagem para Bruxelas, onde se instalou há

tempos, e ela foi passar as férias com ele. Em relação à filha é quase perfeito. Vai rebentar por aí, mais cedo ou mais tarde, a vender coisas inúteis e a encher os bolsos. É bem o seu estilo.

Chegaram a casa. Ele quase saltou do jipe e foi cumprimentar a mangueira. Ela saiu lentamente, com relutância, parecendo com as mãos querer endireitar o vestido bastante amarrotado. Olhou o relógio e suspirou, tenho de ir.

– São só cinco horas – disse ele. – Tens que entregar o carro agora?

– Não, tenho o carro por todo o dia. Só vou entregá-lo amanhã, antes de embarcar para Luanda.

– Então? Como é que vais embora sem dares um mergulho na minha baía? Não é linda? Está mesmo a convidar-te para um mergulho. E agora à tarde a água está quente, apesar da calema lá fora.

Ficaram calados a olhar a baía e os recifes, do cimo da falésia. Sara riu às sacadas. Riso nervoso, notou ele.

– Não trouxe fato de banho.

– Essa é a melhor desculpa, realmente. Tomas de cuecas, ou nua. Qual a diferença?

Ela repetiu o mesmo risinho nervoso. Ajeitou os óculos, a ganhar tempo.

– Sim, é uma desculpa esfarrapada. Estás a dar-me o pretexto para ficar mais um bocado. Vens também?

– Vou lá abaixo contigo, claro. Mas não vou tomar banho, já tomei o suficiente de manhã. Levo-te uma toalha.

Ele foi apanhar a maior toalha e na passagem também a garrafa de uísque. Desceram o caminho, ele à frente, sustentando-a por vezes nos lugares mais difíceis. Sara ria baixinho quando ele tinha de a segurar por um braço para ela não escorregar. Na praia, ele sentou-se, encostando-se à falésia, no seu lugar habitual. Pôs a toalha ao lado e desrolhou a garrafa, um trago antes do banho? Sara negou com a cabeça. Ele bebeu pela garrafa. Ficou a olhar para ela, parada à sua frente. Largos momentos depois, Sara decidiu-se, tirou os óculos, que depositou na toalha e levantou o vestido. Atirou-o para cima da toalha. Ficou de cuecas e *soutien*. Virou-se para o mar, desapertou o *soutien* e atirou-o também, de modo que não se voltou. Correu para a água. Aníbal viu de relance o corpo branco dela, ainda muito bem feito, mergulhar nas ondas. Assim como a vira, sem olhar para a cara, parecia-lhe a menina de dezoito anos que conhecera em Lisboa, o tempo não tinha corrido no corpo

dela. Ficou a vê-la nadar. Durou muito tempo. Ela voltava para a margem, parecia que se ia levantar e vir ter com ele, depois desistia, mergulhava de novo, afastava-se na direção dos recifes, vinha de novo até à margem. Durou o tempo de ele acabar com a garrafa de uísque, gole a gole. De repente Sara aparentemente ganhou coragem e saiu da água. Ele imaginara que ela ia tapar os seios com as mãos, gesto habitual das mulheres pudicas, por isso se surpreendeu a vê-la avançar lentamente, muito lentamente mesmo, parecia até pose estudada, os braços afastados do corpo, os seios redondos e pequenos com os mamilos escuros apontando ainda para cima, a cueca branca absolutamente transparente mostrando o dourado monte de Vénus, batida nas costas pelo sol poente, recortada branca nos lilases e laranjas do ocidente e do mar, chegar perto dele ofegante apesar da lentidão da marcha, fitando-o de frente fixamente, a língua entre os dentes como quem se esvai, parar a um metro e ficar de pernas abertas como uma estátua, os braços sempre afastados do corpo que tremia afinal em estranhas convulsões quase imperceptíveis, até ele afastar a névoa que o álcool tinha posto nos seus olhos e ver a pele dela toda eriçada como de galinha, se levantar num salto com a toalha na mão, lhe envolver o corpo com a toalha e a puxar para se aquecer no calor dele, sentados agora, ele de costas contra a falésia, ela no seu colo, os braços rodeando-a, o bafo dele acariciando o pescoço comprido, muito tempo, tanto tempo que o sol se deitou no mar talvez pela força dos olhos dos dois fixos na morte diária do astro, até ela abrir furtivamente a toalha e lhe orientar as mãos, de modo que tocassem o corpo nu e ainda frio, para ele lentamente, muito docemente, levar as mãos pelo ventre acima a envolverem os seios, neles pararem, pressionando suavemente, enquanto as palavras brotaram como magia, sem comando possível, ali mesmo à frente, à esquerda dos recifes há uma gruta e nela mora o meu inimigo de sempre, um gigantesco polvo que me aterrorizou nesta mesma praia quando era criança e que jurei e trejurei um dia matar, não por vingança, apenas pelo irremediável do destino que nos fez cruzar os caminhos um dia e por isso aqui estou, adiando o dia do encontro, adiando, sabendo que ele lá está mas sem dar um passo para o encontrar, sentindo a presença dele, a existência dele, todos os dias, todos os segundos, no entanto adiando a data fatal em que tudo tem de terminar, ou ele ou eu, embora saiba que tem de ser em abril, e vai ser neste, como antes adiei o nosso encontro, sabendo-te desde sempre pronta para ele, mas teria de ser

de forma especial e para isso vale a pena esperar vinte e cinco anos, só para sentir como agora os mamilos dos teus seios quase explodirem de tão duros pela leve pressão dos meus dedos, o que no fundo é apenas uma explicação, pois outra e mais verdadeira seria dizer que estão assim tão tesos por terem esperado vinte e cinco anos, assim como sinto que te esvais em desejo reprimido, desejo que sinto nos cheiros que exalas, e neste momento podia pedir-te tudo, este mundo e o outro, mo prometerias, porque já não está em tuas mãos decidir de nada, só o consumires-te de prazer, e eu também nada posso decidir, apenas temos de cumprir um destino de morrermos juntos durante minutos, esquecer o mundo e os teus doentes, esquecer eu o meu polvo, e ir ao mais fundo de ti própria beijar a rosa que se esconde atrás do teu monte de Vénus, mas não, não, não me beijas aí, a tua língua está a abrir-me em duas como duas sempre fui em relação a ti, a que te queria e ao mesmo tempo desejava outro, porque demoraste tanto a dar este passo, demoraste tanto, para agora me sorveres a alma com esse beijo que não termina e me esgota e me anuncia sensações novas que sempre desejei e temi, dividida toda a vida. Sara estava deitada, estremecendo ainda do primeiro prazer e Aníbal deitou-se sobre ela, rasgando muito lentamente o que antes langorosamente beijara. Em breve ela recomeçou a perder a razão, a implorar frases quase incoerentes, enquanto convulsionava o corpo, e arfava, e chorava, num orgasmo infundável, a tentar em minutos inutilmente recuperar os anos perdidos.

Mais tarde, na cama, onde Aníbal lhe explorava atentamente com os olhos e as mãos o confiante corpo nu, ela disse:

– Quando me propuseste o banho de mar, percebi que se aceitasse, ia finalmente acontecer aquilo por que tanto esperara. E que mais uma vez, a iniciativa tinha de ser minha, para que se não gorasse de novo. Por isso hesitei. Ao dizeres que não havia diferença se nadasse nua, estavas a indicar que desta vez ajudarias a solução. Aceitei, mas fiquei nervosa. Nervosismo que se tornou pânico quando te vi sentar, preparando-te para tranquilamente gozar o espetáculo de me ver despir, a frio. Afinal eu é que tinha de tomar a iniciativa. Imaginei que seria de outra maneira, não pensei como, mas irias ajudar. Não ajudaste, sentaste-te com a garrafa. Não sei como me despi, foi como num sonho, a tentar ultrapassar o bloqueio psicológico que me levava a ficar parada, à tua frente, certamente com ar de rapariguinha desprotegida. Ao correr para o mar senti-me livre, fugia do teu olhar. Acalmei um pouco ao nadar, mas logo o problema se punha. Sabia, essa cueca molhada era totalmente transparente e os seios estavam a descoberto. Que atitude tomar ao sair da água? A da defesa do meu pudor, o que talvez inibisse qualquer seguimento, ou a da entrega aberta? Só podia ser esta e, apesar dos vinte e cinco anos, não tinha ultrapassado as barreiras. Por isso voltava a nadar, adiando aquilo que tanto tinha sido adiado. Imaginando no entanto o que ia acontecer, imagem essa que me afogueava por dentro e gelava por fora.

Ficava parada na praia e via-te. Olhavas-me, sem esconder o desejo. Um desejo fortíssimo, que me excitava ainda mais ao ponto de sentir dores e espasmos no baixo ventre. Voltava a afastar-me, sentindo cada vez mais frio e que tinha de tomar uma decisão. Não podia durar muito mais. Assim aconteceu, como quando arriscas tudo numa jogada, respirando fundo e atirando-te para o abismo. Avancei para ti em entrega evidente, mas não tiveste a reação esperada, ficaste estático, com um olhar lambezudo apenas. Parei à tua frente, sem saber mais o que fazer, era eu e era outra, de artista de filme erótico a prostituta de rua, e ia certamente chorar se enfim não te levantasses e me enrolasses na toalha. Ao me abraçares e sentares-me sobre ti, tomavas uma ténue iniciativa que permitia enfim o desenlace inevitável. Sentia debaixo de mim o volume do teu sexo querendo romper a toalha e a tua respiração quente no meu pescoço. Era bom mas insuficiente. Um orgasmo anunciava-se, incontrolável, vergonhoso naquela situação. Por isso tomei a iniciativa de abrir a toalha e as tuas mãos e as tuas palavras entraram no meu corpo. As tuas palavras cobriram o meu primeiro orgasmo, morri e fiz amor com um polvo que me sugava e penetrava ao mesmo tempo. Foi diabolicamente forte. Por que tinha de ser eu a precipitar os acontecimentos, por que nunca levaste as coisas até esse ponto? Orgulho?

Ele continuava a acariciar o corpo dela e a estudar cada milímetro de pele. Sara estava deitada de pernas abertas, as mãos atrás da cabeça, deixando-o fazer o que quisesse. Ninguém se entregara a ele tão confiantemente.

– Chama-lhe orgulho, se quiseres. Mas tudo tem o seu tempo. Não adianta sentares-te em baixo duma mangueira a esperar que dê frutos. Dará quando for a altura. A sabedoria está em saber quando é o momento de cada coisa, mais nada. Então desfrutas melhor. Se quando éramos jovens tivéssemos chegado a este ponto, não o teríamos apreciado da mesma maneira. Como qualquer jovem, teríamos apenas consumido o momento, consumido em fogo. Pouco restaria. Cinzas. Quando te reconheci ao descer do carro, soube que hoje era o momento. Apenas fiz durar o instante. Se não tomasses a iniciativa, eu teria tomado. Como tomei, sem que te apercebesses. Apresentar-te o António, os deslocados, não era uma maneira de te dizer que não estou louco, que sou confiável? Que ainda há gente que me entende, fora das esferas que frequentas?

– Estratégia da serpente? Ou do polvo?

Ele mordia-lhe levemente os mamilos saciados, enquanto enrolava os

pelos do monte de Vénus com os dedos e inalava os cheiros que vinham dela. Falava baixo para os seios, o pequeno corte do umbigo, a penugem clara do ventre.

– Talvez. Talvez de velho de kimbo, de sekulo. Esses velhos que desprezamos, imbuídos da nossa cultura citadina judaico-cristã, têm muito a nos ensinar sobre a gestão do tempo, sobre os ritmos da vida. Beberam isso na fonte da sabedoria. Transmitem esses ensinamentos através de fábulas, de poemas orais, de adivinhas. Apesar de aparecerem em livros, não os sabemos ler. O que eles nos dizem, com as suas palavras, e que não entendemos, é que a natureza tem os seus próprios ritmos com os quais nos devemos conciliar para modificar a natureza. Ora, o que fazemos nós, os crioulos híbridos de duas civilizações? Impomos apenas a componente da industrialização e do desenvolvimento exógeno, quer sejamos socialistas quer capitalistas, o que implica outros ritmos. E depois admiramo-nos porque a natureza não nos segue, nos prega partidas a todos os instantes. Eles sabem isso, e dizem-nos, mas como são analfabetos, o nosso preconceito emudece-os ao nosso entendimento. Nós temos o conhecimento sagrado do marxismo-leninismo ou do ultraliberalismo do FMI, estudámos nas melhores universidades, como nos vamos rebaixar, perder tempo, a tentar perceber o que nos ensinam? E se as coisas correm mal, como têm de correr, arranjamos desculpas em fatores de fora, nunca vemos a nossa própria cegueira.

– Falávamos de nós e fugiste para uma análise mais geral, que até mete política no meio.

– Tudo está ligado, tudo explica tudo. Eu falava sobre o tempo, que determina tudo. O tempo das estações, o tempo das sementeiras, o tempo do nascer do capim tenrinho, o tempo do acasalamento das espécies, o tempo de morrer. Também o amor tem o seu tempo. Só que o homem moderno perdeu essa noção dos ritmos, pensa que os pode modificar impunemente. E tu que és médica sabes que o corpo tem os seus próprios ciclos, determinados pela natureza ancestral, e as mudanças atuais do ritmo de vida são a causa número um do stresse. Então?

– Talvez o polvo que procuras não seja um monstro – disse ela. – Apenas engrandecido por um trauma de criança. Até pode não estar na gruta.

– Está. Pressinto-o sempre. Está lá à minha espera.

Ele calou-se, parou de observar e acariciar o corpo dela. Levantou-se,

todo nu, e foi para fora. Era meia-noite. Viu as folhas da mangueira agitando-se, farfalhando. Havia vento, a calema rugia. Mas a mangueira estava protegida pela casa, não havia motivo para tal alegria das folhas. Aproximou-se da árvore, deu-lhe pancadinhas leves no tronco.

– Estás contente, Mussole? Finalmente te manifestas, mostrando a tua alegria? Também chegou o tempo de falares, depois de tantos anos de silêncio? Tudo se precipita neste mês, é como um cataclismo universal. É sempre assim. Tudo parece parado, nada acontece. De repente, a modificação do tempo anuncia-se por um relâmpago, ou uma calema. E as coisas começam a acontecer, aquilo que estava escrito nos ares e na profundidade do mar. Como as profecias antigas.

A árvore acalmou, indicando-lhe que devia voltar para dentro. Ele obedeceu e fechou a porta. Foi beber água à cozinha e deitou-se de novo. Sara estava soerguida, muito atenta. Olhava agora para ele, hesitante.

– Falavas para quem, para a mangueira?

– Sim – disse ele, naturalmente, dando-lhe um beijo leve.

– E chamaste-lhe Mussole. Era o nome da tua mulher que morreu no Leste, disse-me o Vítor.

– Esse tipo sempre foi um grande mujimbeiro. Mas é verdade.

– Ainda não superaste isso?

– Oh, já pertence ao passado. Deixou de ser uma ferida que transportava e que abria a cada momento. Passou a ser uma coisa boa do passado. O espírito dela está aquietado aí em cima da mangueira, veio logo que plantei a árvore. E agora manifestou a sua alegria pelo que aconteceu hoje entre nós.

Sara olhou-o de forma estranha, mas não comentou. Aníbal compreendeu, isso ela custaria a entender, seria exigir demasiado. Agora sim, ia pensar que ele estava maluco. E não tinha nenhum meio, absolutamente nenhum, para lhe explicar melhor. Tinha dito tudo o que podia, da forma mais clara. Sentiu-se na situação do velho do kimbo, que sabe não poder ser mais claro e vê que o outro não o entende. É isso, ser sábio é ser incompreendido, mesmo de Sara. Encolheu os ombros. Voltou a acariciar-lhe o corpo. No entanto, ela já não se entregava de forma tão confiante como antes, as pernas estavam uma sobre a outra. Terminara o momento único da comunhão total. O tempo tinha sido curto, pensou ele com amargura. Estupidez seria tentar alongá-lo como um elástico, o tempo quebraria pois

era mais tenaz que aço. Continuou a acariciá-la, mas agora para provocar excitação sexual. Sara não ia voltar ao assunto, também ia esperar o seu tempo, ou talvez tomasse a coisa como uma brincadeira. Não dramatizemos, ela tem enorme capacidade de aceitação. Ou era verdade o seu pensamento otimista, ou Sara fizera um esforço para atirar a estranheza para trás, o certo é que correspondeu aos gestos dele e em breve se enlaçavam de novo.

Ao despertar com a luz que entrava pela janela, Sara enroscou-se mais no corpo dele, lambeu-lhe um ombro, disse:

– Cheiras a mar, sabes a mar, sabes amar.

Beijou-o, lambeu-o, mordeu-o, até atingir o máximo da excitação. Depois montou-o sem cerimónias, esvaindo-se em gritos e choros, de prazer e despedida.

Lavaram-se, vestiram-se, tomaram café. Ela tinha de partir para apanhar o avião de Luanda. Perto da mangueira, hesitando ainda em entrar no jipe, ela disse:

– Dá-me um pretexto para ficar.

Ele sacudiu a enorme juba. Olhou o sol subindo dos morros, a mangueira, a pescaria do Ximbulo, do lado onde estava o jipe.

– Tu pertences a outro mundo. Tens a tua filha, os teus doentes. Vem passar as férias aqui. Vem sempre que quiseres e puderes.

– Ias cansar-te ao fim de três dias?

– Sabes que não. Temos ainda tanto a descobrir juntos... Já viveste muitos anos no exílio, não estás pronta para outro.

Ela sentou-se ao volante do carro. Fez um gesto de adeus com a mão. As folhas da mangueira agitaram-se de novo, todas em uníssono. Sara olhou durante instantes para elas, espantada, depois para Aníbal. Ele sorriu, encolhendo os ombros. Talvez agora Sara acreditasse que Mussole falava e lhe desejava rápido regresso. Talvez pensasse que era efeito do vento, inexistente. Ela no entanto não disse nada, pôs o carro a trabalhar e arrancou, acenando com a mão para trás. A mangueira, essa, não parava de se agitar. Até o pó levantado pelo jipe ficar apenas como um ponto no horizonte para lá dos morros ressequidos.

Durante a noite a calema tinha aumentado muito de intensidade. As vagas passavam pelos recifes e vinham rebentar na praia, chegando até à base das falésias. Ainda bem, pensou ele, não posso mergulhar. Tinha os cheiros de Sara impregnados no corpo e no cérebro e queria conservá-los. Um mergulho dissiparia os cheiros no corpo e esbateria os que conservava no cérebro. Era bom estar ali, no alto da falésia, olhando o mar batendo nos rochedos, e cheirando Sara. Não eram perfumes, ela não os usava, a não ser um vago desodorizante. Eram cheiros de mulher, fortes, infinitamente aumentados pela excitação. Quando tinham subido para casa, depois do amor na praia, ela quis tomar banho. E ele deitava-lhe água do balde, enquanto ela se ensaboava. E voltou a deitar-lhe água. Quando a ajudou a secar-se, esfregando-lhe a toalha, podia sentir as volutas de cheiro saírem do corpo dela, inundando-o. Bastava tocar uma zona para daí se libertarem os perfumes de fêmea. Os anos de espera tinham tornado Sara numa bateria de desejo inesgotável. Ela controlava todas as manifestações, menos a libertação do cheiro. Tinha adivinhado isso no almoço, quando ela perguntou se ele não tinha ligação com uma mulher. Debaixo da mesa se tinha exalado qualquer coisa, que agora ele sabia, fora provocado nela pelo pensamento. Sentira o mesmo no jipe, ao virem da Baía Farta. Um cheiro forte provocado por uma frase qualquer. Todo o tempo ela pensava em fazer amor com ele, lutava entre dúvidas. O corpo traía o seu recato. Mas Aníbal

só entendeu absolutamente quando lhe propôs o banho de mar e foi inundado por lufadas quase instantâneas. Teve de se reter, quase dolorosamente, para não a abraçar ali mesmo e a levar para a cama. O ritual devia processar-se lentamente com o banho de mar e tudo o que se seguiu. Agora tinha terminado, nele ficaram os cheiros e as dores do baixo ventre. Conservaria também ela os odores dele no avião?

Por volta das dez horas, resolveu ir a casa do Ximbulo. Levou a segunda garrafa de vinho, que sobrara da véspera. Foi só de calções e descalço. O caminho era fácil, sempre a descer numa inclinação suave. Com esse mar bravo, Ximbulo não tinha ido à pesca, devia estar em casa. Senão estariam Maria, a mulher, e Nina, a única filha. Tinham tido só três filhos, o primeiro morreu à nascença, os outros dois na guerra. E uma menina, bem mais tarde, que agora tinha dezassete anos. Chamavam-lhe a menina esperada e tardia. De modo que, no registo, ficou simplesmente Nina. Nesse caminho até casa deles, dominavam os lagartos. Desde as pequenas lagartixas, até aos maiores de cabeça azul. Cruzavam a areia argilosa, fugindo dos seus passos. Aníbal nem reparava neles, a cabeça cheia da presença de Sara.

Ximbulo estava em casa e começou a gritar um cumprimento, quando o viu. Ele desceu a rampa de acesso à pescaria, viu as tarimbas onde secavam o peixe, uma quantidade razoável. Seria muito mais se Ximbulo pudesse reparar a armação que existia do tempo do colono. Ainda se viam à frente da pescaria as balizas e uma parte das boias, onde se instalara a rede da armação. Mas a rede tinha apodrecido e era preciso uma nova. Como encontrar uma? Era o sonho de Ximbulo. Repor a armação em funcionamento, contratar alguns deslocados de guerra para o ajudarem a puxar as redes, aos poucos refazer a pescaria. Até chegar a ter uma traineira. Sonhos burgueses, gozava Aníbal. Ximbulo não entendia e ele também não explicava mais, para quê? Incentivava-o a perseguir o sonho, sabendo que neste momento seria muito difícil de realizar.

Nina veio a correr ao encontro dele. Bela rapariga. Os seios de ufeko, virgem, furavam o tecido da blusa. A saia ampla moldava-se às pernas, fazendo adivinhar o arredondado das coxas. Por baixo da saia e da blusa não trazia mais nada, isso lhe mostrara ela atrevidamente quando o foi visitar de manhã e se meteu na água vestida, exatamente para ele ver que estava nua. No ano passado. Ou há dois anos? Já não sabia. Desde os quinze anos que Nina o mirava provocantemente e se encostava distraidamente a ele, sempre

que tinha ocasião. Não escondia as intenções, mesmo à frente dos pais, indulgentes. Havia uma espécie de pacto na família, mesmo que nunca tivessem falado. Nina estava-lhe destinada, o vizinho precisava de mulher e seria o melhor marido possível para ela. Bastava ele querer. Mas Aníbal gostava de Nina, como de uma miúda atrevida filha do maior amigo, mais nada. Não queria amarras. Por isso nunca lhe tocara, ele sabia. A única coisa que temia era que numa noite em que saísse muito bêbado da pescaria por causa do kaxipembe ingurgitado com Ximbulo, ela lhe aparecesse no caminho e o provocasse. Não podia jurar que nesse momento teria força para evitar o assédio daquela gazela sensual. E ia ser uma chatice. Como explicar a Ximbulo e Maria que acontecera, pronto, mas não a queria em casa dele? Era ofensa para destruir uma amizade tão grande como a deles. Várias vezes dera a entender ao amigo que o evidente interesse de Nina o incomodava. Mas Ximbulo parecia não compreender. Ou então compreendia, mas achava que tudo era questão de tempo. E talvez fosse, quem sabe? Agora seria mais difícil, por causa de Sara. Queria estar livre para Sara, quando ela inesperadamente aparecesse. Este ano, para o próximo? Não dependia dele, por isso não se devia impacientar. Voltaria, era tudo.

– Ontem tiveste visita, eu vi. Uma mulher branca num carro. E só voltou hoje. Dormiram na mesma cama?

– Você é muito atrevida, Nina. Não sabe que uma ufeko não pode fazer essas perguntas a um homem?

Ela deu uma gargalhada. Caminhava ao lado dele e entraram no telheiro onde estavam os pais esperando a visita.

– Diz então. Só tens uma cama, como é que dormiram?

– Nessa cama mesmo. É a minha mulher. Mora em Luanda.

Saiu-lhe sem pensar. Mas não era verdade? Nem perguntara a Sara se tinha homem, não falaram sobre isso, o tempo foi pouco. Mas considerava-a sua mulher. Até era bom para Nina perder as ilusões. Ela acusou o toque, pois disse para os pais com amargura:

– Afinal é a mulher dele, que veio de Luanda.

Ximbulo cumprimentou-o. Maria limpou a mão no pano enrolado por cima do quimono e apertou a sua, como sempre, baixando a cabeça. Tinham acabado de limpar o telheiro, vazio.

– Com essa calema, vamos ficar uns dias sem peixe – disse Ximbulo,

desviando o assunto.

– É, também não tive coragem de caçar. Trouxe essa garrafa de vinho.

– Então vai almoçar connosco êh – disse Maria. – Ou o vinho é para beber agora?

– Vocês é que sabem – disse Aníbal. – Se me convidam ou não...

Ximbulo riu. Recebeu a garrafa, passou-a à mulher. Fez-lhe sinal para se sentar num cadeirão e imitou-o em seguida.

– É melhor ficar para o almoço. A Maria vai preparar um calulú. Ontem recebemos óleo de palma e fuba. Estava para ir convidar o vizinho ontem mesmo, mas vi que tinha visita...

– Podia ter ido, não tinha problema. Ainda por cima se era para me convidar para um calulú. Mas conseguiram rama de batata doce?

– Tudo mesmo, êh – disse Maria. – E jindungo êh, que já tinha acabado.

– O Mateus veio buscar peixe – disse Ximbulo. – Comprou barato, me roubou mesmo. Depois deixou os produtos que tinha trazido como oferta.

– E ainda ficou a ganhar bué, imagino – disse Aníbal.

– Claro, candongueiro nunca perde. Mas que havemos de fazer? São os únicos que vêm cá comprar peixe. Temos até que lhes agradecer. Senão tudo ficava aí a apodrecer.

Nina foi para dentro de casa, desinteressada da conversa. A mãe seguiu-a pouco depois, com licença êh, vou cozinhar. Gritou para a filha, vem acender o fogo. A rapariga apareceu, ficou agachada à frente do fogareiro, num canto do telheiro, vinte metros afastada deles. A saia estava metida entre as pernas, deixando a descoberto as coxas redondas. Assoprava no carvão e olhava para Aníbal, com ares de amuo. Ele fingia não notar, mas estava atento às reações. O fogo pegou e ela gritou para dentro já está, mãe, faço mais quê? Aníbal não percebeu a resposta, mas Nina levantou-se e entrou na casa. Com um último olhar assassino.

– Água ainda tem, vizinho? A nossa está no fim.

– Pode ir buscar, ainda devo ter meio depósito. O carro nunca vem em dia certo, mas deve estar quase.

– É, faz mais duma semana que não vem – disse Ximbulo.

Aníbal não tinha a noção dos dias que passavam, mas Ximbulo estava sempre atento. O que era uma vantagem, o amigo era o seu calendário para lhe lembrar quando devia ir a Benguela buscar as provisões.

– Vai um pouco de aguardente?

– Por mim não, obrigado. Só depois do almoço. Ontem bebi demais. A Sara trouxe uma garrafa de uísque, acabei com ela. E à tarde fomos derrotar umas Ngolas no António. Kaxipembe agora matava-me.

– Nunca tinha dito que era casado, pensava que só tinha essa namorada, Marília.

Ximbulo era como Sara, a discrição em absoluto. Para lhe falar nisso é porque estava realmente perturbado, o que confirmava o tal pacto existente na família. Aníbal já não sabia muito bem como proceder. Preferiu ser um pouco mais claro, no fundo até ajudava.

– É uma ligação muito antiga que agora retomámos. Ela é médica e vive em Luanda. Só aparecerá aqui de vez em quando, mas é a minha mulher. A Marília é para entreter, o vizinho sabe disso.

Ximbulo só acenou com a cabeça. Nunca mais ia tocar no assunto, caso encerrado. E talvez desse uns bafos à filha, para se comportar menos despudoradamente. Libertando-se da obsessão por ele, Nina ia entregar-se ao primeiro candongueiro que aparecesse e desgraçava a vida. O livro já estava escrito, nem precisava abrir um cabrito para lhe ler os intestinos. Que alternativa tinha ela naquele sítio longe de tudo? Se ainda houvesse algum homem novo no campo dos deslocados... Mas os homens novos e os jovens eram apanhados por um ou outro dos exércitos para fazerem a guerra, nos kimbos só ficavam velhos, crianças e raros homens maduros. No campo a natalidade deve estar a descer, com a ausência dos homens novos, pensou Aníbal um tanto a despropósito. E a crescer desmedidamente nas cidades. Mas não havia estudos, ou pelo menos ele não os conhecia.

Nina voltou, trazendo uma panela que pôs no fogo. Devia ser o peixe e os legumes, que Maria preparara em casa. Ximbulo entrou numa explicação sobre as vantagens da pesca com armação. Tinha ódio mortal aos grandes barcos das frotas estrangeiras que chupavam os mares, arrastando peixe miúdo ainda em crescimento, viveiros de camarão e lagosta, redes e tudo, até as nossas canoas, se não tivermos cuidado. Sobretudo os soviéticos e japoneses, que se aproximam das costas, chupam mesmo nas barbas do governo, ninguém faz nada. Ainda no outro dia estivera a conversar sobre o assunto com os pescadores de empresas nacionais, eles confirmaram, se faltasse pescado era por causa desses estrangeiros que não respeitavam as leis do país e depredavam os mares alheios, depois de terem levado a desolação aos seus. Aníbal ouvia e mirava Nina, que aparecia para vigiar a

panela, lhe olhava de lado e depois voltava para dentro, quase muxoxando de raiva. Ximbulo explicava, no tempo do colono não era assim, havia fiscalização sobre os barcos, esses grandalhões nem que se podiam aproximar da costa, eram logo topados. Por isso havia muito mais peixe então, apesar de tantas pequenas traineiras que trabalhavam todas as noites.

Ao fim de muito tempo, o calulú estava pronto. Nina pôs outra panela no fogo, certamente com água para o pirão. Quando começou a ferver, chamou a mãe para vir bater o funje. O que Maria fez. Tirou a panela do fogo e acrescentou farinha na água, segurando a panela no chão com os dois pés e batendo a massa com um pau próprio. A observar os preparativos, Aníbal sentiu um apetite raro. Talvez porque o perfume do calulú se vinha misturar ao de Sara que conservava no corpo. Logo se instalaram à mesa, ali mesmo no telheiro da pescaria, onde fazia mais fresco, e Ximbulo abriu a garrafa de vinho. Aníbal conseguiu comer o farto prato servido por Maria, o que era notável, e todos gabaram o seu apetite. Todos não, Nina conservava teimosamente os olhos no prato.

No fim da refeição, Ximbulo mandou a filha ir buscar a garrafa de aguardente. Claro que se tratava de kaporroto, com os aldeídos mortais, segundo os médicos. Ninguém ligava a isso. O pescador já no tempo colonial aprendera a destilar o kaxipembe, mas às escondidas, porque era proibido. Não por a lei se preocupar com a saúde dele, mas porque essas bebidas caseiras faziam concorrência aos vinhos e cerveja coloniais. Depois, com a desapareição quase total das outras bebidas, dedicou-se à arte da destilação com mais requinte. Tinha ficado admirado quando Aníbal lhe explicou que em Luanda alguns fabricantes punham pilhas secas para acelerar o processo, o que ainda aumentava mais o perigo de envenenamento. Não entendeu a explicação científica, mas tinha tirado a lição, essa Luanda não tem remédio, todo o mal vem dali. Só para ganharem mais depressa uns kwanzas, até podem matar o parente. Por vezes brincava, essa minha aguardente é pura, não tem pilha. Nina hoje era também capaz de achar que todo o mal vinha de Luanda, com a visita de Sara, pensou o Sábio.

Ficaram a beber e a conversar toda a tarde, pouco mais havia para fazer. Já razoavelmente tocado pela bebida, Aníbal despediu-se quando os tons do crepúsculo apareciam sobre o mar. Não viu Nina. Ao aproximar-se de sua casa, encontrou-a sentada numa pedra. Ela se levantou logo. O que eu

temia, pensou ele. Felizmente não estou completamente embrutecido. E tenho os cheiros de Sara para me proteger.

– É mesmo verdade que ela é tua mulher?

Nina parecia desesperada, torcendo as mãos uma na outra. Talvez fosse algo mais forte que o mero capricho duma rapariga que mal conhecia outros homens. Parou à frente dela, para não a convidar a entrar em casa. Olhou a mangueira, que estava parada e silenciosa. Em expectativa.

– É verdade.

– O Mateus anda sempre a dizer-me que me vai levar para casa dele de Benguela. Tem carro, casa grande.

– E quantas mulheres?

– Não disse, nem me interessa. No outro dia quis me apalpar. Eu fugi. Da próxima vez não vou fugir.

Aníbal precisava dizer alguma coisa. Embora o livro já estivesse escrito, de pouco ia servir. Retomar o hábito dos velhos tempos e passar-lhe uma lição de moral? Explicar-lhe os motivos do Mateus, fazendo uma análise de classe, se preciso, para demonstrar que essa pequena burguesia selvagem de dentes afiados passava por cima de tudo só para conseguir os seus fins? Assim se tornaria numa burguesia selvagem que sangraria o povo, mais cedo ou mais tarde, ditando as leis do lucro imediato. Podia fazê-lo utilizando palavras simples, tinha enorme prática de tudo explicar com frases comuns, compreensíveis até duma criança. Mas também aprendera na vida que as pessoas só aceitam os conselhos que reforçam a decisão já tomada. E não seguem as opiniões que chocam contra os seus desejos. Nina podia estar apenas a fazer chantagem, conhecia as ideias dele sobre os candongueiros. Chantagem para o vergar aos seus desejos. E ele estava terrivelmente cansado de dar conselhos e fazer discursos moralistas que nunca ninguém seguia.

– Só quer aproveitar de ti, depois põe-te na rua.

– E vou fazer mais como? Preciso dum homem.

Ela entrou dentro de casa, sem ser convidada. O que era normal, fazia-o muitas vezes. Acendeu a luz e foi para a sala. Aníbal seguiu-a. Nina deitou-se sobre o único sofá, displicentemente. Ele preferiu ficar de pé, junto do vidro, olhando o mar bravio lá em baixo.

– Precisas dum homem que te respeite, que te trate sempre bem. Se esperares, ele vai aparecer.

- Aqui não há ninguém, só tu.
- Há de aparecer. Ainda és muito nova, tens tempo de esperar. Na Baía Farta há homens solteiros.
- Não quero nenhum pescador. E a Baía é longe. Para que ir tão longe só para arranjar um pescador?
- O teu pai é pescador e isso não é desonra. É das melhores pessoas que conheço. Pergunta à tua mãe se não é feliz por ser casada com um pescador.
- A minha mãe nunca viu mais nada. Eu ainda fiz a quarta classe e por isso conheço outras coisas. O mundo não é só estes morros e este mar. Estou farta.

Ele continuava de costas para ela. Lembrou-se de repente que durante todo o dia não fumara. Esquecera deliberadamente os cigarros em casa e só depois do almoço tivera vontade de fumar. Virou-se para procurar o maço e viu-a, toda nua, por cima do sofá. Contemplou-a durante instantes. O único gesto de pudor era a mão que tapava o sexo. Acendeu o cigarro e puxou duas baforadas ávidas. Pensou, tinha duas atitudes. A primeira era dar-lhe dois berros, obrigá-la a vestir-se e pô-la na rua, indo depois contar a cena a Ximbulo. A segunda era despir os calções e cair sobre ela. Respirou o braço direito e reconheceu o cheiro de Sara. Sentou-se numa cadeira à frente dela, olhando aquele corpo jovem e extremamente atraente. Falou com calma:

– Estes morros e este mar têm uma coisa que desconheces, a paz. Para lá dos morros, no campo, há guerra, todos os dias morre gente. E nas cidades há outro tipo de guerra, uns a tentarem dominar e enganar os outros, muitos morrem também. Só darás valor a esta tranquilidade, quando a perderes, é sempre assim. Mas não adianta provocares-me, eu gosto da minha mulher. Já vi que és bonita, obrigado por me teres mostrado a tua beleza. Agora podes ir embora.

Ela não fez um gesto, os olhos húmidos fixos nele. Aníbal continuou a fumar e a apreciar o corpo de Nina. Como um pintor que admira o modelo, o estuda para o fixar na tela, pensou.

- Queria que a primeira vez fosse contigo. Depois posso ir com o Mateus.
- Não haverá primeira vez. Respeito-te demais para isso, embora agora não o entendas assim. E esquece o Mateus, ele vai-te abandonar com um filho nos braços. Pergunta à tua mãe, ela te dirá. A cidade é uma ilusão e o Mateus um mentiroso.
- Sei, mas já não me importa. Nada me interessa mais.

No entanto, ela levantou-se depois de algum tempo. Passou a saia pelas pernas e ele notou a quase ausência de pelos no púbis. Depois Nina vestiu a blusa sobre os seios redondos e firmes. Andou para a porta de fora. Daí, gritou, com soluços na voz:

– Da próxima vez que o Mateus aparecer, vou com ele, não me interessa.

Aníbal ficou sentado na cadeira, olhando pelas janelas. Já estava escuro e dali não via o mar. Ouvia-se apenas o troar da calema contra os rochedos. Tudo acontece de repente, tudo aquilo que se anunciava acontece agora, como um cataclismo universal. Levantou-se a custo, foi fazer uma carícia no tronco de Mussole, voltou para casa. Estava muito cansado, a noite em branco e o kaxipembe tinham-no arrasado. Deitou-se na cama e adormeceu, sonhando com polvos e Sara abrindo frascos e frascos de cheiros intensos, e Nina deitando-se nua sobre o elao, a pedra-altar dos cuvale, para o sacrifício da virgindade.

Acordou com a luz da madrugada. Ouviu logo o fragor da calema. Não lhe apetecia sair da cama, nada tinha para fazer se havia calema. Mas também já não podia dormir e levantou-se. Pensando na forma como ocupar o dia. Lavou-se e tomou café. Ia fumar, mas lembrou-se da tosse. Estava muito melhor, porque na véspera só fumou um cigarro. Valia a pena continuar seguindo a disciplina que se impusera. Isso lhe lembrou o almoço. Foi procurar nas reservas, já muito rarefeitas. Devia ser altura de ir a Benguela buscar as provisões. Tinha um pouco de arroz, feijão, latas de carne e de atum. Pôs logo de parte o feijão, tinha de dormir de molho e cozer durante muito tempo, nunca podia servir para o almoço. Talvez para amanhã. Ia fazer arroz com atum, o mais simples. Encontrou uns restos de cebola para o refogado, mas já não havia tomate. Faria assim mesmo. Resolveu pôr feijão no taparuer que Sara deixara. Com água durante um dia inteiro, amanhã vai cozer mais rápido.

Sentou-se em baixo da mangueira, contemplando entre as folhas o sol a subir pelos morros. Ficou semidesperto, deixando correr os pensamentos. De repente levantou-se, foi a casa buscar o bloco de notas e uma caneta. Escreveu febrilmente:

“A raça humana anda sempre a olhar para trás, para o passado, à procura da cauda perdida na evolução. Por isso o homem não olha para o futuro e agarra-se ao que foi (e ao que não foi, mas pensa ter sido, ou que gostaria

que dele os outros pensassem).”

Deixou o bloco de notas e a caneta no chão, ficou prostrado, olhando o sol. Mais tarde, voltou a pegar no bloco e releu o que escrevera dias antes, tendo certa dificuldade para adivinhar os gatafunhos rabiscados com frenesi.

“Os regimes inspirados pela experiência de outubro reescrevem constantemente a História. Não só no sentido mais conhecido de alterar dados em função das necessidades do grupo dominante de momento, mas de forma mais importante e subtil. É o de recusarem que promovem modificações radicais que ponham em causa os princípios anteriores. Se há uma mudança a fazer, ditada por condições imperativas, não se assume a mudança como tal; é um ‘ajustamento’ que vem na linha anterior, baseado nos princípios sacrossantos e imutáveis, tecido que serve para todas as *toilettes*. Mesmo se o que se faz hoje está a desdizer absolutamente o que se fez ontem, é apenas um ajustamento a novas condições. O regime é como o papa, nunca erra porque nunca errou e por isso nunca errará. Devemos ter confiança cega. Fé, nos dirigentes, nos Partidos, eles são como Deus. O curioso é que as pessoas não percebem que estes partidos ateus foram os que mais copiaram os ensinamentos da Igreja. O reescrever a História, neste caso, é o fazer do curso dela uma linha reta, profeticamente ditada desde que tomaram o poder. É a maior canelada à dialética que já se viu e por isso Marx não deve parar de se remexer na tumba, num baile subterrâneo, o pobre Marx num frenético semba.”

Abandonou o bloco porque ouviu a voz de Ximbulo se aproximando. Vinha com os garrafões, acompanhado de Nina. Encheram quatro garrafões no depósito, que afinal estava mais vazio do que ele supunha. Isso fez-lhe lembrar que ainda não tinha regado Mussole. Foi buscar o balde e regou-a, perante o olhar sempre incrédulo de Ximbulo. Mas este não disse nada, eram conversas antigas, tinha de reconhecer que a mangueira crescia bem e talvez no próximo ano daria os primeiros frutos. Nina conservava-se afastada, junto dos dois garrafões, os olhos baixados. Teria vergonha da cena de ontem? Aníbal não acreditou, não era vergonha, ela não tinha dessas vergonhas. Nem mesmo a da rejeição. Estava amuada e queria demonstrá-lo.

— Não sei se podemos buscar mais. O tanque está muito vazio. Essa água já chega para a comida de hoje. Precisava era para aguardente, mas vou esperar.

- Pode levar mais, vizinho. O carro deve vir hoje ou amanhã.
- E já é dia 12. Tem de ir a Benguela buscar o abastecimento, não esqueça.
- Já tinha notado que a comida estava no fim. Esperemos que o carro da água venha hoje ou amanhã.
- Hoje já não vem – disse Ximbulo. – Ainda tenho um restito de aguardente, ontem conseguimos de a acabar. Se o carro vier amanhã, cartamos mais água.

Ximbulo pegou nos dois garrações que lhe competiam e Nina preparou-se para partir. Depois o pai lembrou-se e disse para trás:

- O Mateus daqui a três dias vem cá buscar o resto do peixe. Não quer que ele lhe traga nada?

Nina olhou para Aníbal pela primeira vez. O olhar dizia, vês, só faltam três dias. Desafiador, o olhar de Nina. Ele fingiu não notar. Disse:

- Se o puder avisar, umas cebolas e tomate davam jeito. Nem sempre há na Logística, só massa de tomate.

Ximbulo se despediu e partiu. As pequenas coisas que Ximbulo encomendava a Mateus para Aníbal eram uma espécie de retribuição pela água. Não era o valor das coisas a trocar que contava, era o gesto. Assim como o kaxipembe que muitas vezes lhe oferecia. Se fizessem contas, a água valia muito mais. Mas uma amizade é sempre alimentada pela retribuição de pequenos favores, tão importantes como as palavras que se trocam.

Hoje é 12 de abril, pensou o Sábio. Já falta muito pouco para o inevitável. Esperemos que amanhã seja o último dia de calema. Assim se cumprirá a profecia adivinhada nas convulsões que percorrem o tronco de Mussole.

Varreu e arrumou a casa, fez o almoço. De vez em quando ia espiar o mar, procurando sintomas de diminuição da calema. No entanto, a água continuava a chegar à base dos morros, ultrapassando os recifes. Uma ou outra nuvem passava, mas sem consistência suficiente para provocar chuva. Este ano só choveu uma vez, lembrou. O capim nem chegou a nascer no alto dos morros, o que acontecia quando havia muita chuva. E abril era o último mês em que podia chover. No interior, a seca instalava-se, aumentando o sofrimento das gentes já desesperadas por causa da guerra. Os cuvale, para sul, deviam estar instalados nos raros pontos de água, com as cacimbas quase secas por tantos bois e homens nelas beberem. Ia ser um

mau ano de fome. Mais um.

Almoçou à sombra da mangueira, conversando com ela de vez em quando. Não recebia respostas, parecia que o espírito de Mussole tinha adormecido de novo. Deixou correr a tarde, o bloco de notas teimosamente perto dele. Por vezes lia uma passagem, das muitas escritas durante os anos de solidão, aqui ou nas diferentes guerras em que tinha participado. Já as sabia quase de cor. Pegou no bloco e abriu-o à toa. Leu a reflexão da página ímpar.

Antes da Revolução de 1789, havia em França três estados: a nobreza, o clero e o povo, nesta última noção estando contida a burguesia. Aqui também há três estados: a burocracia dirigente, os candongueiros e o povo. Contrariamente a França, não é no terceiro estado que estão as forças que tomarão o poder. Aqui são os candongueiros, que hoje crescem à sombra de pequenos negócios mais ou menos lícitos, de transporte de pessoas ou mercadorias, trocas desiguais com o camponês ou pequeno comércio nas cidades, desvios e roubos, falsificações de documentos, que estão a acumular capital, a constituir-se numa classe selvagem de empresários. Entre o primeiro estado também há candongueiros, geralmente ligados por laços familiares. Quando a casca da utopia já não servir, vão despudoradamente criar o capitalismo mais bárbaro que já se viu sobre a Terra.

Foi deitar-se mal o sol se pôs. Muito tempo ficou ouvindo a calema, pensando no polvo tranquilamente refugiado na sua caverna, à espera de águas mais calmas para sair a caçar. O polvo também fazia parte do segundo estado, tinha tentáculos que entravam por toda a parte, agarrando lulas e peixinhos desprevenidos, para os tragar selvaticamente. A cama cheirava a Sara. Concentrou o espírito apenas nos perfumes que ela deixara atrás. Sorveu-os ansiosamente, esquecendo a calema, revendo apenas a imagem de Sara saindo da água, lentamente, muito lentamente, num universo de cheiros fortes. Adormeceu.

A calema tinha nitidamente abrandado durante a noite. Levantou-se para ir verificar pelos vidros da sala. Com efeito, embora o mar estivesse bastante revolto, só algumas vagas ainda passavam por cima dos recifes e já sem força para lambar a base dos morros. Podia voltar a mergulhar, se fosse absolutamente necessário caçar um peixe. Foi à cozinha e viu o feijão dentro da água. Não, não precisava mergulhar, tinha refeição para o dia. Era melhor esperar por amanhã, já então as águas estariam calmas, mais até do que habitualmente. O mar também se cansa e durante uns tempos seria um espelho fatigado.

A meio da manhã, ouviu o carro da água vencendo a picada por cima dos morros. Levantou a tampa do tanque, aproveitou o resto de água para regar a mangueira. O motorista parou o carro mesmo junto do tanque. E começaram o trabalho de encher o depósito.

– Vou me vestir – disse Aníbal. – Preciso de ir a Benguela.

O motorista aquiesceu. Ficou a controlar o enchimento do tanque, enquanto ele foi pôr uma camisa razoavelmente limpa e umas calças. Quando estava fora, lembrou-se dos sapatos. E voltou para dentro, lavar os pés e pôr uns chinelos. De tanto andar descalço, mais uma vez ia esquecer de se calçar e aparecer na cidade como um monangamba. Já tinha acontecido, o que reforçava a opinião das pessoas sobre o fraco estado mental dele. Na passagem, olhou para o espelho. Realmente cada vez se

parecia mais com um etíope. Tentou acamar o cabelo, mas conseguiu. Quando voltar de Benguela, tenho de lavar três vezes essa trunfa, ou mesmo cortá-la antes, já não há pente nem escova que nela entre.

O tanque estava cheio e arrancaram para a cidade. Ximbulo devia ter ouvido o carro e já se preparava para vir buscar água, pensou ele. Logo há kaxipembe. O carro galgou a picada para entrar na estrada asfaltada. O motorista falava sobre as dificuldades da vida em Benguela. As mesmas queixas de sempre: falta de comida, falta de roupa, estradas esburacadas, falta de materiais para construção de casas, ele tinha uma casita a meio à espera de alguns sacos de cimento para a terminar, emboscadas constantes nas estradas, sobretudo na Canjala, interrompendo a circulação terrestre para Luanda. Aníbal só ouvia os lamentos, não respondia. Nem o outro estava preocupado com isso, queria é que ele o ouvisse, pois se tratava dum antigo responsável, excêntrico é certo, mas para sempre ligado aos que tinham algum poder para mudar as coisas. Foi mesmo o que lhe disse às tantas, o camarada conhece a situação, devia ir lá acima explicar-lhes o que se passa, o povo está a sofrer demais. O Sábio achou inútil tentar mostrar-lhe que não resolveria nada, a engrenagem estava montada de tal maneira que até tipos sinceros ainda com responsabilidades não sabiam como fazer para dela escapar.

Entraram na Baía de Santo António e viram as salinas com montes de sal, já amarelo pela capa de poeira que os cobria. O sal não era comercializado, ficava ali a amarelecer, porque não se conseguia organizar um eficiente sistema de transportes. No entanto, todo o campo precisava de sal, as populações queimavam uma erva especial que conservava restos de cloreto de sódio para o substituir. E Luanda por vezes importava sal do estrangeiro. Vê isto?, dizia o motorista, e ele sabia qual a reflexão. Tomaram a estrada que ia dar ao Casseque, entrando na cidade. As casas de adobe aglomeravam-se nas bases dos morros, abrigando refugiados do interior. As coberturas eram de materiais de ocasião, à espera das sempre prometidas chapas de fibrocimento. Os bairros de deslocados sem emprego iam crescendo, vivendo de misteriosas reservas.

O motorista deixou-o no quartel, onde se abastecia, e Aníbal tentou falar com o responsável. Não estava, mas o substituto era um jovem tenente que o conhecia dos tempos da guerra, tinha feito parte do seu grupo.

– O camarada capitão foi para a Ganda, há problemas lá. Não vê que

estamos sem luz? Voltaram a sabotar a linha elétrica.

Ele não tinha notado a falta de luz. Ontem deitei-me cedo, deve ser por isso. Iam ficar mais uns tempos sem eletricidade, problema enorme para os cidadãos. Dos burocratas Aníbal não tinha pena, iam sofrer sem o ar-condicionado dos gabinetes, arranjavam-se sempre para o resto. Mas para o povo era uma desgraça, sem meios de conservar os alimentos, fazendo bichas intermináveis para comprar petróleo, sempre escasso, apesar de o país ser um grande produtor.

– Este mês estamos mal com o abastecimento – disse o tenente. – Faltam alguns produtos. Vamos ver o que lhe podemos arranjar.

Guiou-o para o armazém, falou ao responsável. Dois soldados começaram a ensacar a comida que havia. Açúcar não faltava, o que era bom, Aníbal fornecia também algum a Ximbulo para a destilação do kaxipembe. As latas de conserva é que rareavam e nada de frescos, nem uma cebola. Para ele as latas de atum, sardinhas, carne ou salsichas, não eram verdadeiramente um problema, tinha o peixe fresco que caçava.

– Mas como fazem para alimentar a tropa? – perguntou Aníbal ao tenente.

– Tem sido difícil. Arroz e feijão, arroz-doce, é o que se está a comer. A tropa já está a refilar, mas não nos mandaram nada o mês passado. Os barcos não chegaram e a estrada está muito insegura. Duas colunas de camiões com abastecimento caíram em emboscadas na Canjala, tiveram de voltar para trás. A Unita aumentou muito a atividade militar, desde a última invasão sul-africana. Agora têm o Cunene e parte do Cuando-Cubango ocupada pelos sul-africanos, daí podem municiar os grupos no interior. A guerra está mais forte que nunca. E as ações de sabotagem.

Os soldados terminaram a tarefa de ensacar o arroz, açúcar, feijão, farinha e massas, e colocaram os sacos à entrada do armazém. O tenente disse:

– Vou arranjar um jipe para o levar.

– Espere – disse Aníbal. – Ainda tenho de fazer uma coisa na cidade. Depois venho apanhar as coisas, daqui a duas horas.

– Então vai de jipe. Vou arranjar um motorista. Depois apanham aqui as coisas e vão para a Caotinha.

– Não vale a pena, obrigado. Vou mesmo a pé, não é longe.

O tenente insistiu, amável. Mas Aníbal foi mesmo inflexível, queria o mínimo de favores possível. O tal orgulho estranho de que falara Sara. Sim, era isso. Sabia estar mergulhado em plena contradição, que é que fazia uma

boleia a mais? Mas irritava-o a ideia de pensar que um motorista estaria lá fora no carro à espera dele, enquanto resolvia o seu assunto. No entanto, não tinha remorsos de obrigar o motorista a levá-lo até à Caotinha e depois voltar sozinho. Ora, isso não chateava nada o motorista, era o pretexto para um passeio, esses soldados adoram guiar. E depressa, ainda por cima. Pondo em risco muitas vidas: as suas e dos passageiros, e as dos desgraçados que por acaso nesse momento estiverem na estrada. Se despediu do tenente que lhe prometeu ter o carro pronto daí a duas horas.

Tinha mentido, a Delegacia de Saúde não era perto. Foi andando a pé, contemplando as modificações surgidas entretanto na cidade. Para pior, era sempre para pior. As casas sem pintura nem reboco, muitos telhados nitidamente a deteriorar-se, as ruas com menos asfalto, os passeios partidos, as lojas vazias e com bichas de gente esperando a graça de comprar um produto qualquer. Perto do mercado havia animação, ele evitou e passou de lado. Nesse desvio acabou por cair à frente do bar do Honório, com a porta semicerrada. Mas Honório estava lá dentro e viu-o no passeio. Veio a correr chamá-lo.

– Quanto tempo, comandante! Tenho ali uma cerveja que ainda está fresca. Aproveite que amanhã já não há cerveja fresca, estamos sem luz.

Entrou no bar vazio. Honório foi lá dentro e trouxe uma garrafa. Serviu.

– Ontem à noite a luz foi-se. De maneira que hoje de manhã meti umas garrafas no congelador, sempre conserva o frio por algum tempo. É aproveitar.

– Vai ser só mesmo uma, tenho de fazer umas coisas.

– Que é feito, comandante? Sempre na Caotinha?

– Sempre.

Essa gente de Benguela nunca mais ia perder o hábito de lhe chamar comandante. Já não o era há muito e essa patente tinha até desaparecido do exército. Mas para eles, Aníbal seria sempre um dos comandantes que entrou à frente das tropas para libertar Benguela dos sul-africanos. Honório olhou-o de frente, com algum desgosto, pensou o Sábio. De facto, devo ter um aspecto miserável.

– A guerra está a aumentar, os tipos estão a sair das cascas, com os sul-africanos outra vez aqui. Precisamos de novo dos comandantes dos outros tempos. Não pensa em voltar para o exército?

– Nem morto.

Honório sacudiu a cabeça com pena. Queria nitidamente perguntar como ele vivia, o que fazia, mas não tinha coragem para tanto. Afinal, não tiveram nunca intimidade, como o António, por exemplo. O dono do bar mudou a conversa, enquanto Aníbal saboreava a cerveja bem gelada.

– A vida está cada vez mais complicada. Agora é a falta de luz, sabe-se lá até quando.

– Vai demorar, foi sabotagem.

– Sacanas! Ainda tinha esperança que fosse uma avaria qualquer. Esses filhos da puta não sabem que só lixam ainda mais o povo? E depois dizem que o estão a libertar...

Aníbal aprovou com a cabeça. Ia dizer todos querem libertar o povo, não pensam senão nisso, para depois lhe cagarem em cima. Mas reteve-se e preferiu beber a cerveja.

– Hoje há falta de luz. Mas se não houvesse seria quase a mesma coisa. A cerveja vem de vez em quando, mas o resto há muito desapareceu do mercado. Como sustentar um bar só com cerveja às pinguinhas? E toda a gente sabe que o forte dos bares é cerveja de barril, não essa de garrafa. Mas barril não vejo há séculos. E outras bebidas então. Noutros tempos, este bar era famoso pelos pregos que fazia. Prego no pão ou no prato com ovo a cavalo. E tremoços e jinguba, e peixinhos fritos e camarões... enfim, tudo o que faz um bar. Agora, tudo vazio. Carne não há para os pregos e se houvesse carne não havia pão, os ovos já nem no cu da galinha, tremoços então... Porra de vida!

Honório tinha linguagem forte, que utilizava mesmo quando a casa estava cheia de clientes. Talvez restos da educação recebida do pai português, um casca-grossa, como dizia a gente fina de Benguela, tempos idos. O casca-grossa bazara antes da independência, deixou o bar com o filho mulato. Mas a gente fina também bazou na mesma altura, misturaram-se todos democraticamente nos barcos que levavam gente e caixotes para Portugal.

Aníbal acabou a cerveja, perguntou quanto lhe devo, mas parece que está a brincar comigo, comandante, fui eu que convidei, e beba a da porta, é sempre um prazer tê-lo aqui em casa. Ele recusou a segunda cerveja, despediu-se com afeto, partiu. Honório acompanhou-o à porta e ficou a vê-lo caminhar. Aníbal sentiu os olhos dele na nuca, virou-se para trás e lá estava Honório a mirá-lo. Fez um aceno e seguiu. Mais um que pensa cacimbei de vez, até já recuso uma segunda cerveja neste tempo de crise.

Chegou à Delegacia Provincial de Benguela e entrou. Foi diretamente ao gabinete do delegado, que já conhecia de outras visitas infrutíferas. Se Sara tivesse falado com o delegado, talvez ele fosse mais diligente. Dirigiu-se à secretária, mas esta estava ocupada com um mutilado que falava exaltado. Estava vestido dum camuflado muito gasto, amparado em duas bengalas. Não tinha uma perna. Mina, pensou Aníbal. A secretária apenas ouvia a fala do mutilado, que se expressava num português típico de homem do Leste. Ela levantou o tom e interrompeu-o:

– Já lhe disse duas vezes, isso é assunto da Secretaria de Estado dos Antigos Combatentes. Nós só nos ocupamos da Saúde. Pode ser que a Secretaria de Estado dos Assuntos Sociais também possa fazer alguma coisa. É lá que tem de ir.

– Já fui lá, já fui nos Antigos Combatentes, já fui no camarada comissário, todo o lado. Sempre a mesma coisa, tem de esperar.

– Nós não podemos fazer nada. E nem vale a pena falar com o camarada delegado, está muito ocupado e não tem nada com o seu assunto.

O mutilado encolheu os ombros, vencido. Virou-se para trás, olhou Aníbal. Um luar de alegria perpassou nos olhos cansados.

– Camarada comandante... O camarada Sábio!

Aníbal não se lembrava dele, apenas tinha reconhecido pela fala que devia ser do Leste. Antigo guerrilheiro, sem dúvida. O mutilado encostou-se à mesa para libertar uma das mãos, estendeu-lha, dizendo:

– Muata, não se lembra. Sou o Mukindo, estava sempre na Zona C. Andava com o comandante Kudila.

E olhava para ele, sorridente. Aníbal lembrou por causa da referência ao falecido Kudila. Sim, um jovem guerrilheiro esperto a quem Kudila muito se afeiçoara. Tinham passado quantos anos já? Bem mais de dez. Mas o então miúdo tinha agora aspecto de velho, as rugas vincadas na cara magra. A guerra e todos os seus horrores estavam ali à sua frente.

– Como é que foi isso na perna?

– Mina. Em 1979, no Cuando-Cubango. Cortaram a perna no hospital, fiquei lá esse tempo todo. Ano passado, o exército mandou-me para aqui, também não sei porquê. Mas me esqueceram, estou só no quartel. Ando a pedir prótese, aqui ninguém quer resolver. Então é assim que tratam os antigos combatentes? Minha família está no Moxico, nem posso ir lá. Todos arranjam prótese, por que não eu? Vou andar toda a vida de muletas?

– Eu já disse ao camarada que a Saúde não tem nada com isso – disse a secretária para Aníbal.

Ele irritou-se com a maneira importante como ela falava, a afinar a voz num português pretensamente de Lisboa. E parecia mandar mais que o delegado. As unhas bem pintadas, roupa cara, e nada nos miolos, notou ele. Falou de forma ríspida:

– Eu ouvi. O delegado está? Quero falar com ele.

Ela baixou os olhos, intimidada pela fama do Sábio, disse vou ver, e entrou na peça vizinha. Pouco depois apareceu o delegado, com um envelope na mão, atrás dele a secretária.

– A doutora Sara entregou-me esta carta para si. Estava a ver como podia fazer-lha chegar. Mas entre, entre.

Aníbal recebeu a carta, meteu-a no bolso, não ia ler ali a carta de Sara. Fez sinal a Mukindo, entra também. A secretária ia fazer um gesto, mas parou, perante a cara fechada de Aníbal. Mukindo entrou aos saltinhos no gabinete. O delegado fechou a porta.

– Sentem-se, sentem-se. Que posso fazer por si, comandante?

– Primeiro o assunto deste camarada. Ele bem tentava falar-lhe mas a polícia com cara de foca que tem aí ao lado impediu-o. É um antigo guerrilheiro e anda a apanhar bonés de secretária em secretária. Quem faz as próteses e quem se encarrega disso?

– Bem, eu realmente não tenho...

– Sei que não é consigo. Mas conhece os mecanismos e pode orientá-lo. Talvez escrevendo uma recomendação ao seu colega dos Assuntos Sociais ou outro. O camarada é membro do governo provincial.

– Sim, isso posso. Devia ser evacuado para Luanda, lá é mais fácil arranjar uma prótese. Eu vou escrever já.

Puxou dum cartão e escreveu umas linhas. Meteu num envelope e disse a Mukindo onde se devia dirigir, eles lá vão resolver o caso. Mukindo recebeu o envelope como se de ouro se tratasse. Levantou da cadeira e apertou a mão do Sábio. Os olhos tinham lágrimas, muito obrigado, comandante. Mukindo apertou a mão do delegado e saiu, aos pulinhos nas suas muletas.

– Que hipóteses tem ele de arranjar uma prótese? – perguntou o Sábio.

– Há muitos mutilados. Ele tem mais hipóteses que outros, porque é antigo guerrilheiro. Creio que em Luanda tratarão do caso. Se conhecer lá alguém...

– O assunto que me traz aqui é sempre o mesmo. Levei a Dra. Sara ao campo dos deslocados e ela ficou assustada com o estado de saúde daquela gente. Disse que ia falar consigo. Além da desnutrição notou possibilidades de tuberculose.

– Falou-me nisso. E aqui para nós, passou-me um sabão. Mas não temos meios, nem médicos nem material. Vou falar com a Cruz Vermelha, talvez eles possam dar uma assistência mais regular. Prometi à Dra. Sara que ia meter a Cruz Vermelha no assunto.

– E quando vai falar com eles?

– Hoje, amanhã. Prometo que vou tentar.

– Da próxima vez que vier a Benguela, venho saber o resultado.

Levantou-se, tinha impaciência de ler a carta de Sara. Que coisa tão importante tinha a comunicar-lhe? Despediram-se de manhã, ela depois ia apanhar o avião. Só mesmo uma coisa importante levava-a a escrever ainda antes de embarcar. E a carta ia ficar com o delegado um mês, se ele por acaso não se lembrasse de falar com ele. Despediu-se com pressa e rasgou o envelope logo que saiu do gabinete. Andou um pouco pela rua, lendo. Sara escrevia do aeroporto, à espera do avião, para lhe dizer que nunca poderia esquecer o que passaram juntos. Que na primeira oportunidade aparecia. Era importante, sim, tinha tido razão em escrever.

Viu Mukindo saltitando no fundo da rua. Acelerou o passo e depois chamou. O mutilado parou para o esperar.

– Olha, lembrei-me duma coisa. O delegado tem a certeza que te mandam para Luanda. Lá é que é mais difícil, naquela selva ninguém se conhece. Tenho lá uma pessoa que te vai ajudar. Diz que fui eu quem te mandou. É uma médica que conhece o Mundial, ele é ministro, vai te ajudar.

– Hum, esse...

– Não tens grande opinião do camarada Mundial, pelo que vejo. Por causa dos tempos do Leste?

Provavelmente Mukindo era um antigo adepto da Revolta do Leste e que tinha criado raiva a Vítor por não ter apoiado a revolta no último momento, pensou. Por isso admirou-se de ouvir o outro dizer:

– Encontrámos esse camarada, quando ele recuou para a Zâmbia. Grande conversa tribalista, que os do Leste deviam mandar, ele ia para as reuniões falar isso. Cheio de conversa e de força, falava como herói. O único que não estava de acordo era eu, achava o tribalismo não ia dar nada. Afinal, ele não

embarcou na revolta. Um dia, no Cuando-Cubango, fui guardar o aeroporto porque um ministro ia chegar. Foi ele que saiu do avião, Mundial ministro do MPLA. Ele me viu mesmo, lhe andei a servir de segurança. Mas nem queria falar assunto do Leste, com medo eu desmascarasse as conversas dele. Eu deixei, para que mais?

Confirmava apenas o que ele sempre suspeitara. Lembrava bem esse recuo de Mundial e as conversas que tiveram então. Sempre foi uma luta para vivaços e Vítor era um vivaço. Hoje ministro. Disse:

– Se a Dra. Sara pedir, ele faz isso por ti. Até mesmo para te calar a boca. E ela vai pedir-lhe. Diz só que vens da minha parte.

Deu-lhe o endereço de Sara, insistiu, vai mesmo falar com ela, vais ter a prótese. Novo aperto de mão, não podia fazer mais nada. Dirigiu-se para o quartel. Sara ia ajudar Mukindo, tinha mais certeza disso do que no encontro de amanhã com o polvo. Se um dia também Sara falhasse, então podia perder a fé em tudo, o mundo estaria definitivamente envolto em trevas. O bilhete dela queimava-lhe a perna, tinha vontade de o reler. Ia reencontrar o seu cheiro. Mas acelerou o passo, com pressa de voltar a casa, de rever a mangueira, a sua baía. Teria muitos momentos para reler o bilhete, impregnar-se do perfume dela e da sua promessa de voltar.

O dia 14 nasceu de forma diferente. Adivinhava-se pela cor do céu, mais luminoso do que nunca. O mar estava particularmente calmo e de cima da falésia via-se o fundo de rocha e areia. Podiam mesmo distinguir-se as formas delgadas dos peixes, nadando entre as pedras e as algas. Os morros pareciam mais dourados e recortavam-se nitidamente do azul brilhante do céu. Aníbal foi cumprimentar a mangueira e ela agitou as folhas. Pôs-lhe a mão no tronco e sentiu as convulsões espasmódicas da seiva. Estás excitada, Mussole, hoje é o dia, tu sabes. Ela tinha-se despido durante a noite de todas as folhas velhas, que juncavam o chão. Vestiste-te a preceito, só tens folhas verdes, novinhas, estás uma linda menina.

Tomou o café, resistiu para não fumar. Resolveu limpar o chão debaixo da mangueira das folhas velhas. Se ela se tinha despojado delas, não era para ficarem ali a estragar a paisagem. Varreu as folhas para um buraco que tinha cavado há tempos, onde também deitava as sobras orgânicas da cozinha. Depois cobriu o buraco com uma ligeira camada de terra. Com os restos de comida e as folhas da mangueira, essa fossa estaria em breve pronta para receber outra árvore, que cresceria ainda melhor porque o estrume natural ajudaria. Ainda não tinha decidido que tipo de árvore plantaria. Uma mulemba seria o máximo, a árvore sagrada. Mas na região não existiam, por isso seria difícil arranjar uma muda. Só vira uma, a árvore sagrada dos cuvale, muito para sul, depois do Dombe Grande. Talvez uma

mafumeira de Cabinda, árvore também sagrada e habitada pelos espíritos. Ainda mais difícil de obter. Quando a fossa estivesse quase cheia, tinha de decidir. Era bom ter duas árvores para o espírito de Mussole poder escolher o lar. Seria uma espécie de jogo, ela a mudar de árvore e ele a ter de adivinhar onde ela se escondia. Sorriu à ideia, Mussole ia gostar de brincar às escondidas.

Lembrou então, mas quando é que as mangueiras se despem das folhas velhas? Seria esta a altura? Certamente não. Nem o faziam de repente, numa noite. Só por uma vontade especial dos espíritos que a habitam. Era mais um sinal de que tinha chegado a hora, Mussole estava impaciente. Calma, calma, hoje é hoje.

Preparou os instrumentos de caça, amarrou o arpão de reserva à cintura. Segurou também nas duas garrafas de ar, verificou o funcionamento, tudo normal. Fez o mesmo para a lanterna especial que funcionava debaixo de água. Ia descer a falésia, quando Nina o chamou. Trazia duas garrafas de kaxipembe. Ximbulo tinha destilado na véspera, aproveitando a água que chegara. Ele guardou as garrafas na cozinha, trouxe dois sacos de açúcar, dá ao teu pai.

– Posso te ajudar a levar as coisas?

Ele condescendeu, entregou-lhe a arma e as barbatanas, levou as garrafas de ar. Desceram o caminho íngreme. Ela ficou na praia a vê-lo pôr as barbatanas e as garrafas no dorso. Quando ele lavava os óculos de mergulhador, ela disse:

– O Mateus deve vir amanhã. Vou com ele.

Naturalmente, como podia dizer que já não choveria mais nesta estação. Ele adotou o mesmo tom desprendido:

– Disseste aos teus pais?

– Não, claro.

Ela levantou a saia e entrou na água. Levantou tanto a saia que se viam as nádegas redondinhas. Ficou parada, com água pela cintura, de costas para ele. Estava a mijar ou quê? Podia ser. Talvez um feitiço qualquer para o prender. Mas quando Nina saiu do mar, Aníbal não lhe deu o prazer de perguntar a razão do seu gesto. E não ia mergulhar no sítio onde ela mijara, se realmente mijara. Disse com tranquilidade:

– Agora vai levar o açúcar. Quando estou a caçar, não gosto que me vejam. E hoje especialmente. Está bem?

Ela olhou-o demoradamente. Deu-lhe as costas e começou a subir o caminho. De lá de cima, gritou:

– Vou voltar depois do almoço.

Ele nem replicou, concentrado a olhar o mar no sítio onde estava a entrada da gruta. Entrou na água, mergulhou para experimentar o funcionamento das garrafas. Perfeito. Não se podia dizer que fosse o mesmo que respirar ao ar livre, mas era suportável. Tinha lido que os efeitos de descompressão podiam ser perigosos quando se mergulha a grandes profundidades. Nesses casos é necessário subir à superfície por etapas, para a pressão sanguínea se adaptar gradualmente à menor pressão do ambiente. Mas não era o caso, só ia mergulhar a oito ou nove metros, coisa que ele fazia facilmente mesmo sem as garrafas. Claro que ao chegar à superfície, os ouvidos parecia que explodiam, pela falta de pressão. Mas nada mais acontecia. Com as garrafas, nem precisava de subir tão depressa.

Foi nadando em direção aos recifes, só pela propulsão dos pés. Havia muito mais peixes hoje, talvez porque tinham sido arrastados pelas ondas. Não, devia ser o contrário, tinham-se refugiado por trás dos rochedos por causa da agitação do mar. E ainda não tinham encontrado a saída da direita para o oceano, ou então tinham decidido que aquela baía aparecida providencialmente era melhor ambiente que o mar alto. As corvinas, os pungos e os pargos misturavam-se às barracudas. Apercebeu também dois ou três dourados e um grupo de serras. A baía estava superpovoada, era só escolher. E ainda nem sequer tinha chegado à zona dos recifes, onde havia maior profundidade e portanto muito mais peixe. Apercebeu de repente um tubarão e, num gesto de defesa instintivo, apontou o arpão na sua direção. O tubarão mirou-o, ou pareceu mirá-lo, nunca sabia o que passava na cabeça dum tubarão, e virou para a direita, desinteressado do homem. Ou com medo dele mas demasiado orgulhoso para o demonstrar. Um dia havia de matar um tubarão, só pelo prazer. Estupidez, pensou em seguida, vou seguir o exemplo dos caçadores de troféus que depois se deixam fotografar com um pé em cima da vítima? Os tubarões ali não eram perigosos, Ximbulo lhe tinha contado que quando miúdo mergulhava no meio deles, a partir dos batelões da armação. Eles preferem peixe e peixe há demais, tinha dito Ximbulo. Não estava tão seguro assim, talvez por ter lido livros sobre os tubarões. Que eram atraídos pelo sangue e então atacavam o que estivesse à sua frente. Recordou um filme em que um caçador submarino era atacado

por um tubarão, por levar à cintura um peixe que arpoara. O tubarão foi atraído pelo sangue do peixe e tentou apanhá-lo. Com o peixe, foi uma parte do estômago do caçador. Nunca fiando, esses dentes não são para brincadeiras. Os tubarões angolanos são pacíficos, já se sabe, como os homens angolanos o são. Mas os angolanos há séculos que andam em guerras e nos últimos vinte anos não passou um dia sem mortes. Por isso não dá para confiar no pacifismo dos tubarões.

Esqueceu o bicho, contemplou o fundo. Aproximava-se da cadeia de recifes e apareceram as garoupas. Havia para todos os gostos. Logo hoje que não venho caçar peixe. Era só fechar os olhos e disparar, alguma ficaria na ponta do arpão. Assim também não dá gozo, tem de haver dificuldade para um ato ganhar valor. Com Sara não houve dificuldade, ele nem procurara a caça, a caça é que o procurara e, no entanto, deu-lhe um gozo que recomeçava só ao recordar. Não, aí foi diferente. O gozo veio do facto de esperar tanto tempo, sabendo que podia acontecer a qualquer altura. O gozo veio da dificuldade de esperar. E porra, com Sara não houve caça, nenhum caçou o outro, nem tenho o direito de misturar as coisas. Completamente imerso na água, quase raspando o fundo rochoso com o peito, não podia respirar o cheiro de Sara. Mas ele estava na sua cabeça e veio quando o evocou.

Viu à sua esquerda a súbita depressão que indicava a aproximação da gruta. O fundo caía quase a pique, passando de dois para oito metros. Entrou na depressão e olhou para baixo. Hoje a água estava tão límpida que, mesmo com o sol das nove horas ainda batendo obliquamente, se via perfeitamente o fundo e os peixes de todos os tamanhos e cores que o habitavam. Um pouco mais para a esquerda estava a entrada da gruta, entre dois rochedos gigantes que vinham desde baixo até trinta metros acima do nível do mar. E se a gruta não fosse fechada, fosse apenas uma passagem dando acesso à baía da Caotinha, por baixo do morro? Podia ser, a natureza tinha desses caprichos. Não, não pode, isso estragava tudo. Se a gruta fosse aberta, uma passagem, então não era gruta, era um túnel, e não servia para refúgio. E tinha de ser o refúgio do polvo, senão nada teria sentido.

Sara tinha cautelosamente sugerido, pode ser que não seja um monstro. Temia a desilusão dele depois da caça, ou queria significar que a caça perpétua não tinha razão de ser? Ele nem quis aprofundar o pensamento dela. Por orgulho, claro. Sabia, sentia em todos os poros da pele, era um

monstro, o mesmo que o desafiara em criança. Levava toda a vida a preparar-se para o combater. E não lhe faltaram estágios, até um curso de Estado-Maior na melhor academia soviética. Os soviéticos não sabiam, nem ele na altura, mas esse curso não foi para aprender a comandar tropas e blindados e artilharia, a fazer planos com régua e esquadro. Só mais tarde entendeu o sentido da formação que recebera também na Coreia, antes, para comandar grupos de guerrilha. E todas as noites durante nove meses lhes passavam filmes de guerra. Da guerra coreano-japonesa e da guerra coreano-americana. Eles faziam aposta à hora do jantar, hoje o filme é contra os imperialistas ianques ou contra os militaristas japoneses? Apostavam cervejas. E o curioso é que os ianques ou os japoneses ou os reacionários coreanos apareciam nos filmes sempre pintados de branco, com pó de talco nas caras de atores coreanos. Para distinguir, não podia haver qualquer dúvida no espírito do espectador. Os bons tinham o tom natural das coisas, os maus eram brancos. Os bons tinham olhares profundos e luminosos, contemplando o futuro, filmados de baixo para se perceber que eram os gigantes da justiça. Os maus tinham olhares fechados, rancorosos, lábios apertados, filmados de frente para se ver toda a vilania que albergavam. Os bons ganhavam sempre, mas um deles tinha de morrer, ou uma rapariga, para que se soubesse que a luta custa sacrifícios, mas que tudo vale a pena, porque o futuro é sobre flores e o paizinho vela sobre nós. Ele escarnecia dos filmes, mas com prudência, não fosse algum companheiro enviar um relatório denunciando as suas ideias heréticas e o niilismo pequeno-burguês. Afinal, bem mais tarde, percebeu por quê tinha estado a aguentar nove meses de Coreia, era para hoje ver o inimigo pintado de branco, o horrível monstro marinho de mil tentáculos. Era isso, hoje ele precisava de ser maniqueísta ao extremo, ele o bom *cowboy*, o polvo o mau índio.

Foi descendo muito lentamente, praticamente só por uma leve pressão no dorso. Mirava atentamente o buraco escuro que se adivinhava. Tinha todo o tempo, não devia precipitar as coisas. Via-se a si próprio dentro da água, por um esforço de imaginação, movendo-se em câmara lenta, como nos filmes. E queria parecer a si próprio e ao inimigo e às aquáticas testemunhas do drama, como o herói justiceiro calmo e determinado que representa o braço do destino. Não se viam peixes na proximidade do buraco. O que mais reforçou a sua certeza, os peixes sentiam a presença do polvo e afastavam-

se do refúgio. Ele só saía à noite para caçar. Por isso se não tinham ainda encontrado, embora o tivesse um dia apercebido. E da outra vez, mais de trinta anos atrás, quase quarenta. Não foi por um acaso que o polvo saiu do ninho quarenta anos atrás. Saiu com o propósito deliberado de se dar a conhecer. E saiu segunda vez, quando ele o apercebeu fugitivamente, apenas para confirmar a sua presença e o atrair. Nada na natureza era feito ao acaso, os homens é que não compreendiam os motivos profundos e a eles chamavam acaso. Na natureza só há fatalidades, pensou. E os homens teimam em tentar operar contrariamente a essas fatalidades, até destruírem burramente o planeta.

Estava um metro acima da fenda e a três de distância. Os ouvidos começaram a acusar a pressão da água. O fundo era particularmente branco, só com areia. Como se o polvo todas as noites limpasse a entrada, a varresse com os mil tentáculos, afastando algas e pedras para só deixar a areia brilhante, num semicírculo de cerca de seis metros de raio. Desceu até pousar no chão. Era uma estranha sensação estar de pé debaixo de água e olhar a entrada da gruta. Tentou caminhar para lá, muito lentamente, era um exercício muito duro. A todo o momento os pés se despregavam do chão e tinha de bater os braços para cima. Com a lanterna na mão esquerda e a arma na direita, não era fácil. Chegou a um metro. Estás aí, bicho nojento? Estás encolhido de medo contra a rocha, pretendendo passar despercebido, ou estás a afiar tranquilamente as ventosas? Não me desiludas, prefiro que estejas em posição de ataque, como um índio comanche com a machadinha preparada. Eu sou o xerife justiceiro, a quem mataram a namorada e os pais para fazer escalpes, não me reconheces? Sabias que eu vinha, por isso estás pintado de branco, o branco do medo, mas também o branco do ódio e da morte.

Deu o último passo, ficou à frente da entrada. Ligou a lanterna e o feixe de luz amarela passou pelas paredes nuas e brilhantes de quartzo, refletindo-se em cores azuladas. A câmara devia ter dois metros de largura por três de altura e estava vazia, absolutamente vazia. Voltou a passar a luz, tentando dominar a desilusão. Não era possível, o polvo não estava ali? Tantos anos a sonhar com este momento, a desejá-lo e a temê-lo. Afinal para nada? Sentiu o coração bater com força porque viu em cima um buraco, quase no teto da caverna. Havia outra câmara, mais interior. E se fosse verdade o que temia, e essa câmara desse acesso à Caotinha, por baixo do morro? Não, é uma

gruta, é uma gruta, tem de ser. Bateu os pés com as barbatanas e subiu pela rocha até ao buraco. Primeiro introduziu a arma no buraco, que tinha só a largura suficiente para ele passar. Depois meteu o braço esquerdo, com a lanterna. E ficou paralelamente ao solo, para poder ver. Era uma espécie de pequeno túnel, que se alargava à frente.

Penetrou cautelosamente no buraco, nadando a direito. À medida que avançava, ia apercebendo a gruta à sua frente. Chegou ao bordo do túnel e a luz da lanterna mostrou-lhe uma câmara de uns vinte metros de comprimento e cinco de altura. Mas completamente cheia de água, o teto devia ficar abaixo do nível do mar. Entrou na gruta, focando a lanterna um pouco à toa. De repente viu-o, acima e à direita, parado em suspensão. O seu instinto não o tinha enganado, o inimigo estava ali.

Encostou-se à parede do lado esquerdo, dando todo o espaço. O polvo estava longe demais para disparar, a corda do arpão só tinha dez metros. Apontando a arma, olhou-o, todos os sentidos em tensão. O mundo parou, os ouvidos já não zumbiam, Sara escondeu-se num canto da memória. O monstro afastava os tentáculos do corpo e cada vez crescia mais. Não estava pintado de branco, antes parecia roxo-negro, com pintas rosadas das ventosas. O bicho mexeu então os tentáculos e começou a baixar. Queres pôr-te ao meu nível? Como é que vais atacar? De frente, de igual para igual? Em cima talvez tivesses vantagem, o tiro era mais difícil por causa da gravidade. Mas que conta a gravidade dentro da água? Não sei, nem me interessa. Ainda estás muito longe, ataca que cá te espero. Vim ter contigo, fui eu que dei o primeiro passo. A ti o seguinte, parece-me justo.

O polvo continuava a descer, mexendo mais rapidamente os tentáculos, que pareciam ocupar todo o espaço da gruta. Acabou por ficar à altura dele, mas sem tocar no fundo. Aníbal endireitou-se mais, estava quase de pé. Via agora perfeitamente a cabeça redonda e os olhos. A arma estava apontada para ele, segura apenas pela mão direita. Com a água absolutamente parada, não lhe era difícil manter a arma direita, o dedo no gatilho, nem precisava fazer força para a sustentar. Aproxima-te, anda. Calculou a distância, o que em baixo de água era muito pouco certo, como a experiência lhe ensinara. Já estava ao seu alcance, parecia-lhe. Mas resolveu esperar, não podia errar o primeiro tiro. Se falhasse, não teria tempo de recarregar a arma com o arpão de reserva, logo um tentáculo o agarraria. Tu não tens medo, senão já tinhas lançado a tinta para escurecer a água. Nem estás pronto para o

ataque, senão também mijavas o teu líquido roxo. Que esperas? Queres que seja ainda eu a avançar. Não é justo, só deste uns passinhos com os teus braços-pernas desajeitados. Mas realmente é exigir demais, quando é que os índios foram leais, ou os vietnamitas, ou os reacionários militaristas? Sou eu o bom da fita e por isso tenho de voltar a tomar a iniciativa, não tens valor para tanto.

Afastou o corpo da rocha, num passo lento dum metro. Enquanto o fazia, muito devagar, reteve uma imagem da infância, em Luanda, foi como um clarão, vendo um corpo negro deitado no asfalto a ser espancado por polícias brancos e negros. Não era um ladrão, soube depois, era um jovem trabalhador que retilara com o patrão porque lhe tinha indevidamente descontado três dias de salário. O patrão chamou a polícia, começaram a bater, empurraram-no para a rua, ali continuaram a bater. Ele era muito pequeno, teria cinco anos, e viu o corpo sangrando, deitado no asfalto, e quatro homens a aporriñarem-no brutalmente. Foi essa visão rápida que veio, como no momento de dar a ordem de ataque nos combates que percorrera na vida. Sabia, a visão vinha como um clarão, um relâmpago, nunca como um filme em câmara lenta.

O polvo deve ter adivinhado, porque esboçou um gesto para cima. Já o arpão atravessava a água para se cravar embaixo da linha dos olhos. A gruta ficou escura de repente, com o líquido que o bicho largava. Aníbal sentia apenas a pressão sobre a corda fixa à arma. Pensou em voltar a carregar a arma com o arpão de reserva, mas para isso teria de largar a lanterna, não tinha três braços. O polvo via naquela escuridão, ele não. Pôr a lanterna na boca e segurá-la com os dentes também não podia, por causa do tubo de respiração. Situação empírica, pensou como antes nas batalhas, que na linguagem guerrilheira significava situação complicada. Continuava a sentir a força do polvo na corda. Enquanto a sentisse, tudo estava bem, era ele a tentar afastar-se. Quando deixasse de sentir é que podia ser mau, significava o ataque. Tentou controlar o pânico dentro de limites razoáveis. Devia ter arranjado maneira de fixar a lanterna à cabeça, como o fazem os mineiros. Ficaria com os dois braços livres. Mas agora era tarde, só podia esperar para ver. Lembrou-se do punhal que trazia sempre na perna. Com a mão esquerda segurando a lanterna, conseguiu puxar do punhal. Não era muito fácil utilizá-lo nessas condições. Passou a lanterna para a mão direita, que ficou segurando a lanterna e a arma. Tinha a mão esquerda livre para

manejar o punhal, arma fraca para tal momento e ainda por cima não era canhoto. Melhor que nada. Sentiu nesse momento a pressão diminuir sobre a arma. Era o ataque?

A pressão parou completamente. Tentava freneticamente apontar a lanterna para o longo da corda, mas só via dois metros dela. Depois tudo escuro, uma espécie de líquido sanguinolento e baço. Só veria o polvo quando lhe caísse em cima. Agora não tinha pensamentos, nem pânico. Esperava o inevitável. Durante quanto tempo? Tinha perdido a noção, mas sentia que estava ali já há muito tempo. Tinha pouca experiência de nadar com ar comprimido, mas começava a ter sensação de falta de ar. As garrafas deviam estar no fim, tinha de sair dali. E de repente compreendeu. O polvo já não fazia força na corda, porque estava morto. Não era porque preparava o bote, é porque estaria depositado no chão. Avançou de costas para o túnel e sentiu de novo a pressão na corda, claro, estava a arrastá-lo. Meteu-se no túnel e nadou, vencendo a resistência que o corpo do bicho fazia ao roçar no chão. Chegou à primeira câmara e puxou a direita pela corda. E então viu a massa informe na ponta. Baixou pela gruta e saiu dela. O polvo seguia-o docilmente. Subiu para a superfície, sentindo cada vez mais falta de ar. Felizmente a corda era longa, não precisava de levantar o bicho para chegar até lá cima, afastar o tubo da boca e respirar. Os ouvidos fizeram-se sentir então. Mas quase não notou, todo entregue à ânsia de respirar.

Nadou para terra, sentindo pelos solavancos na arma que o polvo ia aos arrastões pelo fundo. Chegou à praia e levantou-se, libertando-se logo das garrafas vazias. Deixou a arma na areia, atirou com a lanterna e deitou-se de barriga para cima, respirando o ar fresco que vinha do mar. O polvo ficara na água, na ponta da corda. Não queria pensar nele, não o queria puxar para fora. Queria apenas respirar. E descansar.

Muito tempo ficou a apanhar sol, em sonolência, deixando correr os pensamentos e as recordações, sem os comandar. Começou a ter calor e sentou-se na areia. Tirou as barbatanas. Olhou para a água, pareceu-lhe ver uma mancha escura e um remoinho de peixes. Levantou-se e avançou para a água. Tinha de tirar o bicho e remover o arpão. Puxou pela corda e o polvo apareceu, uma massa redonda primeiro e depois os tentáculos todos juntos, virados para o mar. Dezenas de peixinhos rodeavam-no para o debicar. Puxou-o para fora e viu então que era um polvinho, não o monstro marinho contra o qual combatera. Retirou facilmente o arpão daquela massa mole.

Com o arpão afastou os tentáculos. Da ponta dum tentáculo até o outro não teria mais que metro e meio.

Voltou a sentar-se, olhando para o bicho. Uma ondinha ou outra chegava até ele e fazia mover os tentáculos. Podia ser ilusão, mas o polvo mirrava com o sol a olhos vistos. Parecia uma flor murcha, uma *Welwitschia mirabilis* do deserto do Namibe. E feia, pensou ele. Nunca o devia ter tirado do seu elemento, o polvo pertence ao mar. Com o pé, empurrou-o para a água. Ficou a boiar, os tentáculos todos desengonçados, a ser debicado pelos peixes e caranguejos. Não te matei com ódio, disse para os restos do bicho. Matei-te apenas. Foi a morte que te fez mirrar, ou foram estes trinta ou quarenta anos que levei para te matar? Hoje não és um monstro, mas sim o cadáver dum polvinho, certamente o maior destas águas. Não deixas de ser um polvinho. Tantos anos, tantos anos...

Pegou nas coisas, começou a subir o caminho. Virou-se a meio e olhou para baixo. Um grande restolhar agitava as águas. Os peixes e caranguejos acabavam com o polvo. Talvez o tubarão também viesse ajudar a festa. Subiu até casa, muito cansado. Sabia, tinha envelhecido nesta manhã. Nunca mais nada seria como antes, ia faltar sempre o polvo. Haveria de continuar a mergulhar, por vezes a entrar na gruta, esperando que ele voltasse. Uma fatalidade se tinha cumprido, mais uma, mas não se sentia orgulhoso. A mangueira agitou as folhas em saudação. Ele não correspondeu ao chamado e entrou em casa.

Atirou-se para cima do sofá da sala. Não fez o almoço, nem sequer pensou em comida. Ficou muito tempo deitado, vazio de pensamentos. Sentia-se definitivamente vazio. Lembrou-se do kaxipembe e levantou a custo para ir buscar uma garrafa. Bebeu pela garrafa, fazendo uma careta. Os primeiros goles eram sempre horríveis, pelo sabor de álcool queimado. Depois passava, os seguintes já sabiam melhor. Voltou para o sofá, com a garrafa na mão. Foi deixando passar o tempo, bebendo gole a gole, muito lentamente. O kaxipembe havia de fazer o seu efeito e dar-lhe a paz da estupidez. Só os estúpidos são felizes, contentam-se com o pouco que conseguem obter, pensou. Há trinta anos era um monstro tremendo, hoje era um polvinho mirrando na areia, agora são só uns fiapos de pele e carne. Bebeu de novo. Estava ainda longe da paz.

Nina entrou então em casa. Sentiu-a aproximar do sofá. Através dos olhos semicerrados, apercebeu o vulto da eterna saia azul-clara, já muito usada mas sempre limpa. Ela parou à frente dele, não disse uma palavra. Ficou só fitando-o. Ele nem mexeu os olhos, mas perdera o pouco de paz conseguida. A saia azul tremeluzia à sua frente, como a muleta vermelha aos olhos do touro. Levantou-se, poisou a garrafa ainda quase cheia na mesa.

– Vem para o quarto.

Ele foi primeiro, ela atrás. Ergueu-lhe a blusa e atirou-a para o chão. Os seios jovens surgiram, desafiantes. Com um golpe, baixou-lhe a saia. Nina

ficou inteiramente nua, e teve um gesto de defesa, tapando o sexo com as mãos. Ele empurrou-a para a cama. Caiu sobre ela, afastou-lhe as pernas que hesitavam em se separar, penetrou-a. Não foi brutal, apenas firme. Ela gritou ao ser deflorada. E depois ficou quieta, deixando-o operar sozinho. Ele terminou e permaneceu em cima dela, quase dormindo. Depois, pela primeira vez, afagou-lhe os seios duros. Não sentiu qualquer palpitação nos seios dela que indicassem desejo. Beijou-lhe levemente os lábios e deitou-se de lado. A mão desceu para o ventre liso. Ela falou então:

– Afinal não foi bom. Só doeu.

Aníbal sentiu que devia fazer qualquer coisa. Sabia o que faltara e o que faltava. Dar-lhe ternura, para apagar a primeira má impressão que iria acompanhar a vida dela. Mas estava demasiado cansado. Nem o corpo jovem o excitava agora. A mão no ventre dela não tinha calor, acariciava apenas mecanicamente, pelo sentido intelectual dum dever.

– Vês? Não sou só eu que tenho o direito de me desiludir. Também tens o direito à desilusão, é o único direito real que temos.

– Não percebi. Mas não falaste para mim, pois não?

– Tens razão, nunca falo para os outros.

Ficaram deitados, lado a lado, a mão dele parada por cima do ventre dela. Muito tempo. Depois ela levantou-se, olhou a cama, disse:

– Há sangue no lençol.

Ele não respondeu. Nina devia saber era normal ou não estava informada? Ele sentia dever uma explicação, uma fala qualquer, não para ensinar, apenas para estabelecer um contacto humano. Ela pôs a blusa e a saia. Ficou quieta, muito tempo, contemplando-o, esperando certamente algo mais. Uma palavra de carinho, pelo menos. Ele não mexia.

– Amanhã vou com o Mateus.

Saiu do quarto. Ele sentiu-a bater a porta da rua. Vais só desgraçar a vida, pensou. E eu não posso fazer nada.

Muito tempo depois da saída dela, apeteceu-lhe beber. Viu as duas gotas de sangue no lençol que muitas vezes ela própria lavava. Ia embora com o candongueiro e já não lavaria o lençol com o seu sangue. Tirou-o da cama, atirou-o para o canto. Tinha um outro limpo, depois mudaria. Foi para a sala, bebeu pela garrafa. Deixou-se de novo cair no sofá, bebendo mais rapidamente, à procura da paz.

A segunda garrafa estava no fim quando ouviu o carro parar perto da

árvore. Nem fez um gesto para ver que horas eram, mas já devia ser noite. Sara? A ideia louca deu-lhe um resto de lucidez, em que estado me vai encontrar. O carro arrancou de novo. Alguém abriu a porta da rua. Entrou em pânico. Sara não o podia ver assim. Mas as ideias turvaram-se de novo porque ouviu a voz de Marília, ainda de calções a esta hora? Estupidez, ele estava sempre de calções, é mesmo falar só por falar.

– Não comeste nada?

– Não me apetece.

Tinha feito um esforço enorme para responder e a voz saiu-lhe pastosa. Continuou na mesma posição, os olhos fechados.

– Queres que faça alguma coisa para comeres?

– Merda.

– O quê?

– Não me chateies.

Ela viu a garrafa quase vazia, ao lado da outra. Cheirou a garrafa e fez uma careta de desgosto.

– Estás lindo. Kaporoto!

– Não me chateies.

– Se não me queres ver, diz. Não é assim que se recebem as pessoas.

– Desaparece então.

– Estás bêbado, não sabes o que dizes. O kaporoto faz-te mal.

– E depois? És a minha moral?

– Não pretendo ser.

– Então desaparece.

– Olha que vou mesmo. E nunca mais volto.

Ela avançou para a porta. Talvez à espera que ele lhe pedisse para ficar. Como ficara Nina no quarto, já vestida, com uma última esperança de ternura. Ele estava vazio e cansado, incapaz de pensar nas necessidades dos outros. Marília, com a mão no puxador da porta, disse, soluços na voz:

– Vou a pé? Apanhei uma boleia e deixei o carro continuar para a Baía Farta. Não posso ir até lá assim, já está escuro.

– Vens para aqui como se tivesses quarto reservado num hotel. Agora safa-te como puderes. O hotel fechou.

Ficou esgotado por ter falado tanto. Jurou, não abro mais a boca, falar mata-me. Sentiu Marília aproximar-se de novo.

– Aconteceu alguma coisa?

Não respondeu. Ela sentou-se na cadeira. Ficou largos momentos calada e ele readquiriu a paz. Esqueceu que ela existia. Mas lá veio a voz da mulata.

– Aconteceu alguma coisa. O que foi?

Ele não respondeu. Furioso por ela lhe ter roubado a tranquilidade de novo. Mas demasiado fraco para mostrar a sua fúria.

– Posso fazer alguma coisa por ti? Comida, por exemplo?

– Podes. Morrer.

Ela levantou-se num salto. Quase gritou, o que demonstrava desespero, pois Marília era muito calma.

– Vou para o teu quarto. Dorme aqui no sofá se quiseres, pouco me importa. Mas não aturo mais a tua ordinarice de bêbado kaporroteiro.

E foi mesmo para o quarto. Num supremo esforço de lucidez, Aníbal lembrou que não tinha posto um lençol limpo na cama. Marília sabia onde os guardava? Era capaz de ver o lençol sujo no chão e embrulhar-se nele. O que conservava os cheiros de Sara e agora tinha as gotas do sangue de Nina. Que se lixe, ela vai procurar um limpo. Tudo acontecia de repente e em simultâneo, era o cataclismo anunciado, que podia ele fazer? Conseguiu estender o braço para a garrafa, emborcá-la e acabar com o resto de kaxipembe. Deixou cair a garrafa, perdeu os sentidos, com a luz acesa.

Acordou com a manhã que invadia a sala. Tentou levantar-se e cambaleou até cair no chão. A cabeça doía e tinha náuseas. Estranhou estar na sala. Viu as duas garrafas vazias, possas, bebi dose de cavalo. Ergueu-se de novo, cambaleou a caminho da casa de banho. Notou a porta entreaberta do quarto e espreitou para dentro. Marília dormia na cama dele, só de cuecas, sobre o colchão. Admirou o corpo dela, castanho doirado à luz da manhã. Entrou na casa de banho e aos poucos foi recordando o dia anterior. Lavou-se, com uma sensação de náusea, vomitou para a retrete. Depois foi beber água. Sentiu-se melhor, voltou a beber. Tudo lhe ardia por dentro. E uma grande secura. Bebeu mais um copo de água. Sabia, enquanto não eliminasse todos os aldeídos, a secura e as náuseas não parariam. Pôs água a ferver para o café. Um café bem forte ia ajudar. Abriu a porta de fora e olhou a mangueira. Mussole não agitou as folhas. Parecia mesmo mais pequena, toda recurvada sobre si. Era impressão por causa dos luars da madrugada.

Foi fazer o café. Tomou duas chávenas, deixou o resto para quando Marília despertasse. Lembrou então, ontem só tomei café, não comi nada. Mas não tinha fome, só náuseas e secura no estômago. Voltou a beber água.

Sentou no degrau de fora e ficou a olhar para a mangueira, à espera dum sinal. Até que Marília acordou. Sentiu-a ir à casa de banho. Apareceu mais tarde, já vestida. Trazia uma blusa larga, de flores, e saia branca. Ontem não tinha reparado na blusa, era linda. Tinha-se enfeitado para ele. Hoje estava com ar abatido, tremendas olheiras que provavam uma noite má. Ele disse com voz branda:

– Há café na cozinha.

Ela foi tomar o café e ele levantou-se. Ficou encostado à porta da cozinha. Quando ela terminou o café e se preparava para acender um cigarro, Aníbal disse:

– Ontem fui horrível e peço desculpa. Não tinha o direito de te tratar assim.

Viu o olhar dela ganhar vida. Marília aprontava-se rapidamente à reconciliação. Mas ficou à espera que ele continuasse. O seu amor-próprio não lhe permitia ceder imediatamente. Perdoava, mas devagar. Ele deveria explicar primeiro as razões da sua atitude, deveria depois abraçá-la, dizer-lhe ternuras e acabariam então na cama, o passado definitivamente para trás. Não era assim no cinema? Ele retomou a fala, de forma sempre muito branda:

– A maneira como disse as coisas foi indecente, mas o essencial era verdade. Acabou tudo, Marília. Por favor, não voltes mais.

Ela baixou os olhos, certamente para esconder a desilusão. Fumou uma baforada nervosa. Saiu da cozinha, encolhendo-se para evitar o corpo dele. Já fora de casa, voltou a fumar e atirou o cigarro quase inteiro para o chão. Pisou-o meticulosamente, em silêncio. Mirou o Sábio rapidamente e começou a andar pela picada, a caminho da estrada. Sem se voltar para trás. E nem perguntou por quê, pensou ele. Ficou a vê-la avançar pela picada, com um passo tão leve que nem uma nuvenzinha de pó levantava. A blusa dava cor à picada e aos morros amarelos, já banhados de sol. Flores que esvoaçavam com graça, com dolência. Um pouco do passado despreocupado dele acompanhava as flores, passado de risos e prazeres sensuais, jogos inocentes e histórias meio verdadeiras, meio imaginadas. Com as gargalhadas malandras de Marília.

Epílogo

Abraçou-se ao tronco da mangueira, afagou-o com a mão. A seiva não corria, as folhas não pareciam tão verdetenrinhas como ontem de manhã, ela retinha os perfumes e os pequenos gorjeios indicando vida e prazer.

– Estás triste? Pareces muda e parada como antes de Sara chegar. Ontem foi 14 de abril, aniversário da morte de Mussole e do Herói, e estavas alegre. Eu sei, o Herói foi a enterrar e os tantos discursos que lhe puseram por cima mataram-no de vez, um dia não será recordado. Tal é a injustiça dos homens. Quanto a Mussole, fiz o que pude, plantei-te para receberes o seu espírito. Faltou alguma coisa?

A mangueira não respondeu. Será por causa do polvo, ou por causa de Nina? Ou de Marília? O espírito tinha de novo adormecido, talvez por anos, à espera de novo cataclismo universal. No entanto, todos os dias, ele sabia, haveria de regar a mangueira, acariciar o tronco e falar para ela, cada vez mais velho e fraco, mais descrente também, na esperança de despertar o espírito das chanas do Leste que nela vivia, dormitando.

O TEMPLO
(A partir de julho de 1991)

Trinta anos.

Na vida duma pessoa, dá para fazer bué de filhos. Ter um curso, uma vida estabilizada. Para um jogador de futebol, é quase o fim da carreira. Para guerra então, é tempo demais.

Durante os últimos anos que viveu na Europa, foi muito chateado com a eterna pergunta, mas quando é que acabam com essa guerra? Também ele tinha vontade de fazer a pergunta a quem de direito, e chegara a fazê-la, mas aí era diferente. Não admitia é que os europeus lhe viessem com lições. Tiveram uma guerra que até se chamou Guerra dos Trinta Anos. E uma outra dos Cem Anos, devia ser recorde mundial. Não viessem por isso armar em professores de pacifismo só porque desde a hecatombe de meados do século não tinham uma guerra a sério na Europa. Aprenderam mas é a fazê-las longe de casa, quem se lixa é o quintal do outro. E havia países europeus, hoje considerados de segunda classe porque atirados lá para os orientes, que estavam mortinhos por se estraçalhar em conflitos caseiros. Não, os europeus não tinham lições a dar a ninguém, até porque os trinta anos de guerra em grande parte (na maior) tinham sido provocados por eles.

Mas a guerra tinha finalmente acabado. E ele estava há muito tempo preparado para a paz. Começou a vir à banda para pequenos negócios. Servia de intermediário de firmas belgas, francesas ou holandesas, de médio porte, que queriam vender produtos ou tecnologias. Como era amigo antigo

de responsáveis importantes, especialmente o Vítor Ramos, grande kamba de sempre, conseguiu os primeiros negócios. Coisas pequenas, até porque as firmas não confiavam na sua capacidade. Com os primeiros sucessos, a sua aceitação cresceu. Passou a vir mais frequentemente e para tratar de negócios cada vez mais importantes. Nunca se metera em política, era amigo de todos, as casas estavam abertas. Foi só entrar na primeira, a do Vítor, depois entrava na que quisesse. Falando muito de futebol e música, tocando umas violadas por vezes para descontraír. No meio da conversa, já tudo muito animado, eh pá, meu, amanhã vou te falar num assunto que tenho aí, hoje não, trabalho é trabalho, uísque é uísque, uma coisita pequena mas que me interessava resolver, sabes como é, um gajo tem de viver e aquilo na Europa é fogo, tudo caro, vê se me podes conceder uma audiência amanhã, não, agora não, é chato, estás aqui todo descontraído, com a família e os amigos, não te vou pôr assuntos de trabalho em casa, mas, já que insistes, é sobre aquele caso que te falei há tempos, estamos à espera duma decisão tua, claro que sabemos que houve concurso público e outras propostas, mas é evidente que a nossa foi a melhor, dá mais vantagens ao país, aliás a única coisa que nos interessa é o progresso do país, e tudo depende agora da tua decisão, basta dizeres que preferes a nossa firma e acabou, o resto nós resolvemos, mas claro que ainda não está resolvido, o teu diretor de gabinete disse ontem que o assunto está nas tuas mãos, então amanhã decides, está fixe, meu, assim é que é, vou tocar-te aquele sambinha que a malta dançava em Lisboa, lembras-te de certeza, tu a namorares a Ermelinda e eu atrás da Joana, aquela mesma do baile dos bombeiros que acabaste por comer, grande sacana, nunca nenhuma saloia te escapou, deves ter inundado aquele país de mulatinhos. Os amigos acabavam assim por resolver os assuntos a favor das firmas que representava.

Tinha começado há sete anos. Nos últimos tempos, só tratava de negócios grandes, recusava representar as firminhas com que iniciara. Agora nadava no meio dos tubarões e recebia grandes postas dos peixes caçados, já não se contentava com uma sardinha. Claro que os assuntos implicavam outros riscos. Porque agora os amigos também não se contentavam com umas músicas e muita amizade com recordações dos bons tempos. Para esses negócios grandes, os amigos também precisavam de ser prudentes, não fossem cair na boca do povo, cambada de ingratos, que tratava todos de corruptos e ladrões. Para se prevenirem, os amigos exigiam condições

especiais, não só para os projetos, que tinham de ser bem feitos e minimamente fiáveis, como para eles próprios, que arriscavam passagem precipitada à reforma se fossem descobertos a favorecer as firmas que ele representava. As condições especiais já não eram uma ida a um cabaré de luxo em Paris ou Bruxelas, todas as despesas pagas, ou quinze dias de férias nos Alpes para a família aprender a esquiar. Queriam outras condições especiais, que se não derretiam com o sol da Suíça. Ele tinha de repartir a sua comissão. Mas mesmo assim ganhava muito dinheiro. Ganhou dez vezes mais num ano que em toda a vida anterior. Estava preparado para a paz tão esperada. E era mesmo a tempo, pois sentia ventos de intolerância racial que começavam a soprar pela Europa ocidental, vindos da sua previsão de futura grande potência.

A paz encontrou-o já instalado na terra. Comprou em divisas uma vivenda no bairro Alvalade, não era tão grande como queria nem tinha piscina, mas dava para começar. Teve de pagar bem caro, um escândalo, mas não havia remédio, era mais difícil encontrar casa em Luanda que água no deserto do Namibe. Aproveitando o recente aligeiramento das barreiras burocráticas, registou uma firma de *import-export*. Ele agora é que ia escolher os produtos e as tecnologias que queria introduzir no país. Pensando acidentalmente naquilo que poderia vender lá fora. Assunto secundário neste momento em que a terra precisava de importar tudo e não produzia nada para exportar. No entanto, era uma situação transitória e ia recenseando o que um dia poderia ser vendido no estrangeiro a preços competitivos. Como as rosas de porcelana, por exemplo. Era ideia antiga, surgida ao ver o negócio da tulipa na Holanda. Podia até aproveitar a ideia louca daquele escritor que indicou o Leste de Angola como local de origem da rosa de porcelana, ligando a flor à mitologia. A publicidade podia ser baseada nos mitos, flores com máscaras tchokue, alusões à história do Império Lunda, coisas assim. Quando viesse o primeiro botânico filho da puta a provar que a origem da planta era doutro sítio, até talvez doutro continente, já a coisa tinha pegado, era mais um mito. E este mito dava muito dinheiro. Bendita loucura essa que atacou o tal escritor, provavelmente a chupar só espinhas de peixe agora que os livros não se vendem. A ideia ia fazê-lo engordar, a ele que só nadava com os tubarões e há muito não sabia o que era chupar uma espinha de peixe. O génio do empresário é cheirar o dinheiro escondido nas ideias dos outros, pensou,

agitando o gelo no copo de uísque doze anos. Raio de terra, deve ser a cidade do mundo onde mais se bebe uísque de doze anos. Ainda no outro dia, um burocrata que convidou a beber um copo em casa para facilitar um negócio, ao ver a garrafa que ele abria, um bom uísque, que fazia crescer água na boca de muito europeu classe média, franziu a cara, não é de doze? Vejam lá o sacana, um tipo que pouco mais é que contínuo, armado em fino. Essas partes acabavam com a economia de mercado, os preços do uísque iam para tal altura que os burocratas haviam de dar o cu só para cheirarem um novo e da marca mais rasca. Bendita economia de mercado, que havia de pôr as pessoas nos lugares certos, o cozinheiro na cozinha, o criado a lavar retretes e o magnata no iate. Ainda não tinha iate, mas para lá caminhava.

Olhou o relógio, o Vítor estava a demorar. Tinham combinado ir para os lados de Viana, onde abriu um cabaré que estava a mandar fama pela qualidade do serviço e, sobretudo, por não haver outro em Luanda. Já lá tinha estado e devia reconhecer que era do mais rasca no nível da Europa. Suspeitava que o Vítor tinha interesses nesse cabaré mas não lhe perguntou nada, essas coisas nunca se perguntam. Viu o brilho nos olhos do outro quando lhe falou do cabaré, bastava. E se lhe batessem muitas reverências ao chegar, seria difícil distinguir até onde iam as devidas ao ministro e onde começavam as devidas ao patrão.

Tocaram à porta. Saltou da poltrona para ir abrir, devia ser o Vítor. Mas não, era a Judite com o namorado, Orlando. A filha beijou-o afetuosamente.

– Resolvemos passar para ver como está, pai. Não ia sair?

– Por acaso estou à espera do Vítor Ramos para sairmos juntos. Mas não tem problemas, fiquem à vontade. Por uma vez que vêm a minha casa, não vos ponho na rua nem para receber o papa.

O casal instalou-se no sofá da sala. Ele serviu-lhes bebidas. Judite continuava uma beleza de mulher, agora com trinta anos, tinha muito orgulho naquela filha única. Parecia muito apaixonada, sempre de mãos dadas. Orlando sentia-se pouco à vontade, era a primeira vez que estava na casa dele. Tinham-se visto só duas vezes, uma no aeroporto e a segunda na casa de Sara, onde Judite ainda morava com a mãe. Resolveu provocá-lo, maneira de iniciar conversa.

– Então, quando é o casamento?

– Que brincadeira é essa, pai? Agora virou tradicionalista, com estórias de

casamento? Já não tenho idade de ir de flor de laranjeira. Ou está a querer apanhar um alembamento?

Ele riu, a filha sempre tivera resposta para tudo. Médica, criada só com a mãe, espírito independente. E sempre se entendiam como dois amigos, não tinha havido possibilidade de criarem outro tipo de relação. Orlando aparentemente descontraiu, porque arriscou dizer:

– Por acaso já falámos disso. Eu queria ter filhos, mas a Judite não está para conversas dessas. Sabe como é que ela arrumou a questão? Disse muito simplesmente, arranja uma casa. Ora, eu ainda vivo com os meus pais, porque nunca consegui um apartamento. E ela vive com a mãe. Se casarmos só quando eu arranjar um apartamento, não vai ser para este século, sabe como é difícil.

– Esta casa dá para vocês. Vivo sozinho e não penso mudar de estatuto.

– Nem pensar, pai. Estamos muito bem assim. Mas acabou essa conversa. Ou é agora depois de velho que queres uma filha para te fazer as papinhas?

– Xê, ainda não sou velho. Nem cinquenta e cinco anos tenho. Mas a casa é grande, dá para todos. Arranja outra desculpa para não te casares, Judite.

– Está bem, não quero casar e pronto. Assim estamos bem. Quanto a filhos, veremos mais tarde, quando a situação melhorar. É tudo tão difícil agora, ainda mais com filhos.

– Os outros fazem – disse Orlando.

– Os outros sabem da vida deles.

Notou que a filha começava a irritar-se com a conversa, pelos vistos tema exaustivamente debatido entre os namorados e por isso mudou de assunto, não fosse provocar uma daquelas makas chatas no casal. Se virou deliberadamente para Orlando, um tipo alto e magrinho, com uma barbicha tímida a tornar o queixo ainda mais afilado. Pelos traços da cara, devia ter um remoto sangue branco nas veias, figura típica das grandes famílias caluandas.

– E como vai o trabalho?

– Sabe como é, o mesmo de sempre. Agora vão criar-se novos bancos, privados. Vai haver portanto mudanças de perspectiva. Mas não penso por enquanto sair do Banco Nacional.

Orlando era economista. Pelo que tinha ouvido, competente e com futuro. Devia ter a mesma idade de Judite, já namoravam há muito tempo. Apercebeu-se de repente que nada sabia sobre eles. Nunca vivera com a

filha, exceto durante as férias que por vezes passavam juntos no estrangeiro. Agora que voltara, viam-se mais frequentemente, mas não o suficiente para aprofundar a relação apenas amigável que tinham. E sobre Orlando, Judite era extremamente reservada. Parecia querer barrar-lhe qualquer veleidade de interferência na vida dela.

– O Banco Nacional dá talvez mais estabilidade, mas os novos bancos devem permitir possibilidades de avanço mais rápido e melhores salários.

– Talvez – disse Orlando. – Mas não tenho intenção de trabalhar para o privado.

– Preconceito socialista?

– Oh, não. Já não. Acho que o Estado tem papel importante de regulador. E dá outras garantias aos empregados. Pelo menos não me posso queixar muito.

– Isso é verdade, pai. Os quadros da Banca sempre tiveram condições superiores aos outros. Por exemplo, o Orlando tem um cabaz alimentar muito melhor que o meu. E outras facilidades, como carro de serviço ou missões frequentes ao estrangeiro.

– Mas essas mordomias vão acabar. O Estado vai ter de se reduzir para comprimir despesas. Acabam as viagens de serviço e os carros. Acabam os monopólios públicos e as ordens vindas de cima. Os privados vão decidir sobre a vida económica e assim dar melhores vantagens aos empregados competentes.

– Acredita realmente nisso, senhor Malongo? – disse Orlando. – Em primeiro lugar, acredita que o papel do Estado vai ser reduzido à expressão mais simples? Eu não creio, porque estamos em África. Isso é só demagogia de alguns políticos que dizem que vão limitar quase até ao zero a intervenção do Estado, imitando as teorias ultraliberalistas. Mesmo nos Estados Unidos essas teorias já estão de novo a ser contestadas. Agora é moda, mas como todas as modas, fica ligada a uma década. A década de 1990 terá outras modas, não essa. Os nossos políticos, como sempre, estão atrasados. Querem imitar a linguagem do Reagan e da Thatcher, agora que o Mundo já deu outra volta e eles nem se aperceberam.

– Acha então que o aparelho estatal continuará a ser o monstro de agora?

– Poderá ser racionalizado, há muitos serviços mesmo que vão desaparecer. Mas não será o tal enxugamento radical que alguns prometem. Porque não é possível, porque estamos num país subdesenvolvido, onde ou

o Estado faz algumas coisas ou ninguém faz. O caso do ensino é exemplar. A moda agora é o discurso sobre o ensino privado. Todos os políticos descobriram de repente que a solução mágica do problema da falta de escolas e professores é o privado. Afinal quantas escolas vão abrir com capitais privados? São os milhares que se precisam? Nada. Poderá haver um ou outro grupo de professores que o tentem, e só o podem fazer com o apoio financeiro do Estado. Porque se eu tivesse dinheiro para criar uma escola, ia mas é abrir um restaurante ou uma lanchonete, que dá mais no imediato. E os nossos empresários pensam só no imediato, são empresários primitivos, na fase da acumulação primitiva do capital. Os raros empresários com espírito criador, que poderíamos considerar como fazendo parte de uma burguesia nacional, não podem atender a todas as encomendas. E os europeus dizem, uma andorinha não faz a primavera. Alguns empresários dinâmicos e com visão de futuro não fazem uma burguesia nacional. Num país sem burguesia nacional, ou o Estado assegura alguns serviços ou então é o vazio. Facilmente ocupado pelos estrangeiros. Por isso esse discurso ultraliberalista não é só teórico nem inocente. Corresponde a uma estratégia invasora por parte de quem o propaga. Que afinal são sempre os mesmos invasores da história moderna, hoje com o campo todo aberto.

– Bem, de política não percebo nada. O meu ramo são os negócios.

– O que é a mesma coisa. Quando diz que o Estado deve ser reduzido, está a fazer política.

– Cuidado, pai, não sabe com quem se meteu. O Orlando é catedrático em política. Ainda vai acabar por mobilizar o pai para um partido.

O namorado não fez caso da piada de Judite, só parou a fala para derrotar o copo de uísque. Prosseguiu logo, entusiasmado, enquanto Malongo, solícito, lhe servia mais bebida.

– Também não é certo que os privados paguem melhor que o Estado. E que terminem as tais mordomias dos principais funcionários. Há muitos exemplos, africanos e não só, que fazem conciliar o capitalismo com grandes regalias dos funcionários superiores. O contrário é discurso demagógico de quem quer ser exatamente um grande funcionário, de preferência o mais importante de todos, Presidente da República ou primeiro-ministro.

Judite bebia as palavras do namorado. Ela também se interessava por política ou era apenas fascínio do amor? Malongo pensou ela também tinha

tomado a política já pelo biberão, por influência da mãe. Mas às vezes isso vacina em vez de viciar, conhecia muitos casos.

– E tu, Judite, o que pensas? Ou és como eu, a política para ti é a tua profissão?

– Que frase horrível, pai. Desculpe, não tenho a intenção de ofender, mas é uma frase tremendamente reacionária. Fartei-me de ouvir coisas desse género, exactamente de pessoas que não queriam mudar nada ou que tinham medo de o fazer. A política para mim é o meu trabalho, a política para mim é a minha família, a política para mim é o futebol etc., etc. Esse é o discurso dos imobilistas.

– A Judite tem razão, os que advogam o apoliticismo são os que ajudam a manter as coisas sempre paradas, sem progresso, qualquer que ele seja. E todos os regimes totalitários adoram esses apolíticos, embora não o reconheçam.

– Pobre de mim, o que fui dizer – lamentou Malongo, procurando fazer humor. – Daqui a pouco, acusam-me de ser responsável desta merda toda.

– Eu não falava para si, pai. Só disse que a sua frase foi infeliz, porque demasiado feia e gasta. Mas sei que o seu apoliticismo é verdadeiro, é total. A mãe conta que por vezes o pai até adormecia se os amigos começavam a discutir política. Porque se não interessa, quer coisas práticas, é um pragmático e acha que os políticos estão sempre a falar no abstrato. Mas que essas atitudes de alheamento favorecem a ordem estabelecida, qualquer que ela seja, isso é facto.

Tocaram de novo. Agora era certamente o Vítor Ramos. Malongo foi abrir, preparando-se para xingar o amigo pelo atraso. Mas ficou estático, porque quem lhe apareceu primeiro foi Luzia, a mulher. Ela foi logo entrando. Vítor vinha atrás, fazendo o gesto de impotência. Luzia pespegou-lhe dois beijos na cara e gritou, afinando a voz na pretensão de imitar uma fala lisboeta:

– Olha quem está aqui, a Judite...

Não era caso para tal espanto uma filha estar na casa do pai, mas a Luzia tinha de chamar a atenção sobre ela, de qualquer maneira que fosse. Malongo era bastante ríspido nos juízos a respeito da mulher do amigo, mas guardava-os para si, não tinha nada que opinar sobre isso. Mundial tinha abandonado a mulher que trouxera da mata e dois filhos, um ano depois de se fixar em Luanda. Seis meses após ascender ao cargo de ministro, reparou

na Luzia, datilógrafa do seu gabinete. Em breve foi nomeada sua secretária e tornada amante. Mas Luzia quis mais e conseguiu, casamento com muitos convidados e grande boda fornecida por uma empresa estrangeira. Deixou de trabalhar, não ficava bem a mulher do ministro ser sua secretária. Mas impôs mudanças no pessoal do gabinete, de modo a não facilitar a vida a rivais que pudessem surgir. E ia lá muitas vezes para vigiar de perto as relações do ministro com as mulheres do ministério e se informar sobre os mujimbos. Um dia em que uma mulher bonita foi nomeada para chefe de departamento fez tal escarcéu que ela não durou muito tempo no lugar. Malongo olhava para Vítor, para entender o que o levava a trazer a mulher. A presença da Luzia lhes estragava a noite, adeus cabaré.

– Imagina que a Luzia embirrou que nós os dois íamos para a farra. Bem lhe disse que não, tínhamos assuntos a tratar, íamos só beber um copo. Mas ela não aceitou. Quis vir comprovar que vamos estar aqui em casa.

– Granda Luzia! – disse Malongo, fazendo-a sentar no sofá. – Assim é que é, vigilância constante. Até porque ministros há poucos, é preciso conservar o que se tem.

– Ah pois – concordou ela. – E eu conheço essas meninas daí, sempre prontinhas para pescar algum.

Malongo reparou, Judite e Orlando ficaram pouco à vontade. Judite certamente pela presença de Luzia. Um dia tinha comentado, é mais burra que uma galinha, o que tinha provocado os protestos de Sara, a mãe, sempre pronta a desculpar tudo nos amigos e na família dos amigos. Mas ele concordava com a filha. A Luzia, coitadinha, até que tinha uma carita bonitinha, mas aquela cabeça era completamente vazia, o que parecia muito comum num certo tipo de pessoas que enchiam os ministérios e as recepções oficiais. E sem o mínimo sentido das ocasiões. Para vir a casa dum velho amigo do marido, punha um pesado vestido de veludo azul. Lindo vestido comprido, mas para usar nalgum salão europeu ou numa cerimónia da Presidência da República. E trazia uma cabeleira comprida, de largos caracóis até a meio das costas. Só faltava a peruca ser loira para o ridículo se tornar ainda mais notável. Malongo serviu-os de uísque com muito gelo, sem perguntar nada, conhecia os hábitos.

– Antes de vocês chegarem, o Orlando estava a dar-me uma lição de política. Conhecem-no, claro.

– Eu até nem conheço – disse Luzia. – Quer dizer, ouvi falar na casa da

Sara.

– Conheço, já estivemos numa reunião – disse Vítor.

– Em algumas, senhor ministro.

Orlando estava muito formal, notou Malongo. Havia que quebrar o ambiente glacial, mas não lhe ocorreu nada de momento. E tinha que ser qualquer coisa com piada para degelar de vez. Mas Vítor Ramos pegou na conversa.

– Ouvi dizer que pensa formar um partido.

– Oh, é cedo para falar na formação dum partido – disse Orlando, medindo as palavras. – Digamos que há um grupo de pessoas com o mesmo tipo de ideias e preocupações e que se organiza para pensar em conjunto. Poderá ou não atuar em relação ao poder. Não é forçoso que seja um partido, mas a hipótese também não está afastada. O que acho espantoso é que o senhor ministro já tenha ouvido falar duma coisa que ainda nem sabemos o que vai ser.

– Nesta terra sabe-se tudo. Sempre se soube. Quando havia partido único e o Comité Central reunia, não se sabia logo todas as decisões? O mujimbo faz parte da nossa cultura política, a maior parte da política se fez sempre com mujimbo. E há os especialistas, os manipuladores do mujimbo. Hoje mais do que nunca se manipula o mujimbo para se sujar o nome dos responsáveis, com invenções sobre corrupção, por exemplo. E isso faz estragos, tremendos estragos.

– Em que sentido está a usar o termo mujimbo, senhor ministro? No de boato, que é agora o mais corrente, ou no de informação, o seu sentido original?

– Depende do contexto, uso nos dois sentidos, conforme...

Orlando parecia divertido agora. Judite tinha razão, ele só acordava quando lhe falavam em política. Ainda bem que ela não quer casar, imagina que genro chato eu ia ter. Mas o sacana está a gozar, está a ser irónico. Espero que o Vítor não note. Orlando voltou à carga:

– Neste caso da corrupção, senhor ministro, usa o termo no sentido do boato falso ou no de notícia verdadeira?

– Boato, claro, são só boatos, nunca ninguém consegue provar nada. Mas fazem estragos, morais em primeiro lugar, até já há gente que quer sair do governo ou das direcções de empresas, dizem que não suportam mais desconfianças infundadas. E eu pergunto, se todos saírem, quem toma conta

do país?

– Bem, acho que esse perigo não existe. Há sempre gente disposta a arriscar ficar com má fama para toda a vida, nem que seja por um dia de poder. O poder atrai mais que o sol. O problema é que quando se cria um regime de secretismo, a resposta da sociedade só pode ser pelo mujimbo. E pode haver injustiças, pagam os justos pelos pecadores. Mas que há pecadores, isso é inegável. Não é pelo facto de não se poder provar... As provas até devem existir, mas são retidas pelos acusados, os que detêm o poder. Muda o poder e aparecem as provas. E também muitas que são provas falsas, inventadas pelo novo poder só para queimar os adversários que antes o detinham. Já se viram coisas dessas, não será a primeira vez.

– Mas é chato, é chato.

Malongo notou o apertão que Judite deu na mão do namorado, para o fazer calar. Este no entanto estava lançado, nada o podia travar.

– Têm levantado mujimbos a seu respeito, senhor ministro?

– Vocês é que devem saber. O interessado é sempre o último a saber, não é o que se diz do corneado? Neste caso dos mujimbos também. Mas eu tenho um princípio e não é de agora, não. A gente que trabalha comigo tem de me contar o que ouve a meu respeito, seja bom, seja mau. Assim fico ao corrente do que se diz. E ultimamente fala-se sobre toda a gente, a torto e a direito. Por que é que eu havia de ser exceção?

– Nada de grave, espero – disse Malongo.

Se meteu na conversa, apenas para não a deixar entre os dois, o que podia ser perigoso para o bom ambiente da noite, pois Orlando não escondia o gozo que tudo aquilo lhe dava.

– As mesmas coisas de sempre. Sempre as mesmas acusações, comissões enormes, dinheiros em contas secretas, contratos ruinosos para o país, já conheces o género.

– Não falo do senhor ministro, com todo o respeito – voltou a insistir Orlando. – Mas não há fumo sem fogo.

– Ora, ora, também não meto as mãos nesse seu fogo. Se até entre os mais próximos companheiros de Jesus Cristo havia um traidor... E eram todos uns santos... Como é que não haverá alguns mais ambiciosos num elenco governativo? Por isso falo só por mim, não pelos outros.

– O que não dá ideia de grande solidariedade no governo – disse Judite.

– Nem nunca houve – respondeu Mundial. – Cada um sempre puxou para

o seu lado. Eu sempre disse que era governo de coligação e não dum partido único. E alguns que estavam connosco até há pouco tempo, agora criam partidos de oposição e culpam-nos de todos os males. Como se eles o ano passado ainda não estivessem a mamar das mesmas tetas para as quais agora cospem. Oportunismo do mais puro... Por que hei de ser solidário desses tipos? Ou dum Arnaldo, que é meu colega do governo e já tem a mulher e os filhos em Portugal, para o que der e vier? Como ela não sabe trabalhar em nada, é uma estadia cara. Paga por quem? Se é pelo Estado, está errado. Se é por ele, como conseguiu o dinheiro?

Luzia finalmente encontrou espaço para meter uma frase. Foi com visível prazer que desferiu:

– E olhem que a mulher dele não quer coisas baratas, só vive no luxo...

Malongo pensou também não podes falar. Lembrou a vez que a Luzia foi passar férias na casa dele em Bruxelas, sozinha com os filhos porque à última hora o Vítor não pôde ir. Ia ficando arruinado com as despesas, jurou para nunca mais. E nessa altura ele não começara ainda os negócios com Angola, mal tinha para viver no dia a dia. Não porque ela fosse de luxos, mas porque não tinha a mínima noção sobre o custo das coisas. Comprava do mais caro, por não ter referências. Notou depois que isso era geral no meio das pessoas que podiam ir ao estrangeiro com ajudas de custo do Estado. Iam jantar aos restaurantes mais caros e quando alguém lhes dizia, com esse dinheiro podia comer o dobro e muito melhor, ficavam todos muito admirados. Luzia deu-lhe cabo das poucas economias, mas também lhe deu a ideia de ganhar alguma coisa com a terra, ao falar dos mujimbos sobre os negócios e como se faziam as coisas. Ela conhecia os esquemas por dentro. E ele pensou, por que não eu? Como quem não quer a coisa, apresentou Luzia a alguns conhecidos que tinham empresas médias. Só para mostrar que tinha conhecimentos bem situados. Tempos depois, começou a ser intermediário dessas firmas nos negócios com Angola. Assim começou a sua fortuna.

– O senhor ministro está a dar razão aos mujimbos, ou a alguns pelo menos – disse Orlando. – Por que não denuncia esses casos publicamente, já que o governo ou o partido no poder não o faz?

– Está maluco?

– Vinda de si, essa denúncia ia ter repercussões. O senhor ministro ganharia popularidade. E o poder, finalmente, tinha de fazer qualquer coisa

para limpar a cara.

Mundial acariciou as barbas longas que trouxera da guerrilha. Apresentavam brancas consideráveis. O gesto servia para ganhar um tempo de reflexão. Também para dominar as emoções, Malongo já conhecia.

– Não brinque comigo, para que quero eu a popularidade? Alguns, sim, estão a pensar nisso. Serem conhecidos agora por provocarem estardalhaço, fazerem algumas obras nas suas terras de origem, e depois se candidatarem como deputados, contando com o regionalismo para conseguirem votos. Mas eu não tenho a mínima intenção de me candidatar a um cargo nas eleições.

– Fica então dependente da vitória eleitoral do seu partido. Se ele perder, passa para a oposição e fica desempregado?

– Ora, ora. Não é por acaso que se é ministro durante muito tempo. Aprende-se umas coisas. Posso fazer carreira no mundo dos negócios. Tenho muitos contactos, conheço muitos processos. Sempre encontrarei qualquer coisa.

– Mas não teme dar então razão aos mujimbos? Aos que o acusam de ter ligações privadas com interesses estrangeiros?

– Não vejo por quê.

– Muita gente terá tendência a fazer o seguinte raciocínio. Que quando era ministro favorecia determinadas firmas estrangeiras e por isso mantém boas relações de negócios com elas, partindo mesmo dum capital criado pelas comissões que recebeu enquanto estava no governo. Todas as especulações serão possíveis.

– Já me convenci duma coisa – disse Mundial, mostrando discretamente a Malongo o copo vazio. – As pessoas falam de qualquer maneira. E acreditam sempre nos mujimbos. Precisam deles.

Malongo serviu-lhe mais uísque. Na passagem, deitou mais dois dedos no copo de Luzia. Nunca se pode falar de negócios sem se acabar na política, pensou ele. Por muito que se queira, é inevitável. Até eu mesmo, que nunca me quis molhar, acabo por me envolver nestas conversas, se quero fazer negócios. Mas são bem mais interessantes do que aquelas da juventude, em que todos queriam mudar o Mundo e só discutiam coisas abstratas, como liberdade, igualdade, justiça social. Então era uma chatice, vinham sempre com palavras que ninguém entendia, mais-valia, exploração, luta aqui, revolução ali. Agora é melhor, trata-se sempre de como enganar o outro ou

o Estado, para se enriquecer mais depressa. Isso ao menos é claro e é positivo, é a única política que me pode interessar.

– E se quando ele deixar o governo eu o convidar para ser sócio na minha firma? – disse Malongo para Orlando. – Isso quererá dizer que me beneficiou quando era ministro?

– As pessoas vão provavelmente pensar isso.

– Estás lixado, Vítor, já não te convido, não quero cair na boca do povo.

– Perdes um gestor com muita experiência – disse Mundial, rindo, mas sem esconder certa tensão. – Creio que o nosso amigo Orlando exagera, vai descobrir mais tarde que isso realmente não tem assim tanta importância. O povo esquece as coisas, interessa-se logo por outras.

– Cuidado, tio Vítor, não se iluda – disse Judite, estranhamente calada em toda a conversa. Malongo notou também o hábito que lhe ficou das primeiras idades, de tratar por tios e tias todos os amigos dos pais, hábito comum a toda a sua geração. – Alguns de vocês, que enriqueceram ilicitamente, vão ter de explicar mesmo como o fizeram. O tio Aníbal diz que vieram todos iguais da mata, cada um com a mão à frente e outra atrás, para tapar a nudez. Depois, alguns acumularam fortunas. Como conseguiram, se todos ganhavam mais ou menos os mesmos salários?

– O Aníbal tinha de vir parar à conversa – resmungou Vítor.

– Não é o tal maluco que vive numa praia em Benguela? – disse Luzia. Mas depois olhou para Judite e tapou a boca com a mão. – Desculpa, saí-me.

Malongo deu uma gargalhada. Pelo ar atrapalhado da burra da Luzia. Mas também porque não lhe desagradava alguma observação mais pesada sobre o Sábio, que o desprezava na juventude. E todos conheciam a estranha ligação de Sara com ele, feita de encontros uma ou duas vezes por ano, nas férias. Mas Judite não ficou nada chocada pela frase de Luzia, até riu. Disse, divertida:

– A propósito, mandou dizer que vem aí. Vem em cima da carga duma camioneta, para festejar a paz que permite o trânsito pelas estradas.

– Está mesmo cacimbado – disse Vítor, com rancor.

– Por quê? – perguntou Judite. – Por que vem como o povo vem? Ele não tem carro e de avião é aquela confusão que todos conhecem, exceto para os VIP, claro. Acho bonito vir assim, no cimo dum camião. E goza melhor a beleza das paisagens.

– Estivemos com ele na Caotinha o ano passado – disse Orlando. – Gostei muito de o conhecer. Não é louco, nem pouco mais ou menos. Mas é demasiado lúcido para o gosto de certas pessoas, viu o filme todo muito antes do que ia acontecer. Amargo sem dúvida, mas isso só mostra a sua lucidez.

– Aquilo é exibicionismo, é o que é – disse Vítor. – Quer parecer mais puro que os outros, mais desinteressado.

Fez de novo sinal a Malongo, que passou com a garrafa. A Luzia não foi em fintas e exigiu mais dois dedos. O outro casal também aceitou nova dose. Judite bebeu um gole, depois respondeu:

– Ninguém vive treze ou catorze anos assim só para parecer. Ele é mais puro que os outros, é tudo. E é isso mesmo que certas pessoas não lhe perdoam.

– Essa é para mim? – perguntou Mundial, agressivo.

Pronto, estragaram a noitada. Nada pior para enfurecer o Vítor que alguém a falar bem do maluco do Aníbal. Devem ter tido maka muito grossa na guerrilha, pensou Malongo, o Vítor tem-lhe verdadeiro ódio. E pensava eu que as coisas iam rebentar por causa da discussão política, afinal foi a referência a Aníbal que estragou tudo. Judite, imperturbável, respondeu:

– Eu falo em geral. O tio interprete como quiser.

Malongo sentiu-se na obrigação de intervir, afinal era a sua filha que estava a irritar um convidado de marca, o qual fazia esforços notórios para conter a fúria.

– Vamos mudar de conversa, que essa já cansa. E se fôssemos beber um copo aí a um sítio qualquer? Há umas *boîtes* agradáveis e como hoje é dia de semana não deve haver muita gente.

Era uma forma de indicar a Judite que estava na hora de irem saindo, ela detestava *boîtes*, por causa da música altíssima que impedia qualquer conversa. O que era o ideal com um grupo assim tão heterogéneo, em que qualquer conversa se arriscava a acabar em pancadaria. Ela percebeu, pois bebeu rapidamente o uísque e disse:

– Vão vocês. Nós temos ainda uma volta a dar.

Despediram-se apressadamente, da maneira mais formal, e saíram. Malongo ainda disse apareçam mais vezes, eles nem responderam. Mas Mundial também foi logo dizendo:

– Obrigado pelo convite mas não me apetece. Essa conversa tirou-me o apetite. Estes jovens de agora. Primeiro foi o teu genro...

– Espera, espera, não é meu genro, não são casados.

– Vai dar no mesmo. O gajo estava a gozar-me. Eu fingi que não percebia para não arranjar maka. O sacanita com ironias... Subversivo! Se não fosse teu genro, amanhã estava preso por ofensas a dirigente.

– Deixa disso, meu. Ele não fez nenhuma afirmação que te pudesse ofender. Perguntar não ofende.

– Vai-te lixar. Aquelas perguntas tinham veneno. A sorte dele é ser teu genro, repito.

Malongo deu-lhe uma palmadita no joelho e serviu mais uísque. Claro que a Luzia estendeu logo o copo e não o deixou parar até ficar quase cheio. Nem esperou que o uísque assentasse no fundo do copo para o virar. Esta gaja vai apanhar uma bebedeira, mas talvez seja melhor assim. Se adormecer, ainda podemos ir ao cabaré de Viana, que ela nem repara na nossa ausência.

– Esse tempo já passou, Vítor, em que podias meter um gajo kuzuo por ofensa real ou imaginária.

– Essa é a merda, essa é a merda.

– Agora há democracia. Cada um pode falar.

– Democracia... – disse Luzia. – Encha mais é o copo, vou brindar à democracia, urra!

– Urra é russo, pouco apropriado para brindar à democracia – disse Malongo, enchendo-lhe o copo e esquecendo de propósito o gelo.

Piscou o olho a Vítor, que ia segurar no copo da mulher para a impedir de beber assim sem gelo. Vítor depois percebeu a intenção do amigo e sorriu. Luzia deu cabo do copo em cinco segundos. Fez uma careta e pousou o copo na mesa. Malongo ficou a olhar para ela e para o copo, de garrafa na mão, hesitando.

– Enche, enche – disse Vítor. – A Luzia quando começa a beber nunca mais para, não é, querida?

Ela fez-lhe uma carícia rápida no joelho. Revirou os olhos e disse, enrolando já as palavras na boca, mas sempre a afinar a voz:

– Há quanto tempo não me chamavas querida! Desde... desde que nasceu a caçula, há dez anos. Não discutas, foi nessa altura...

– Mas eu não estou a discutir nada. Vá, bebe e fica caladinha, que estou a

falar com o Malongo.

– Quando eu bebo, falo muito, discuto bué.

– Nada. Quando bebes, dormes logo.

Malongo observava a cena, divertido, reparando na rapidez impressionante com que Luzia se embebedava. Vítor estava agora aparentemente muito calmo, cofiando as barbas.

– Durmo, não é? Não posso beber, durmo logo, não é, querido? Como naquele jantar em Moscou, com aqueles russos todos a beberem vodka e água mineral, e eu só bebia vodka e não queria água mineral, foi uma cena, jantar oficial para a delegação que o Vítor dirigia, eu gritei urra e adormeci na mesa.

– Foi assim mesmo. Agora bebe mais um copo e dorme. Nós ficamos aqui a conversar.

Malongo encheu-lhe o copo, ela bebeu e caiu para o lado, sem uma palavra. A peruca deslocou-se e Vítor arrancou-a, sem cerimónias. Pousou-a no sofá, com um largo gesto teatral.

– Fantástico – disse Malongo. – Nunca vi ninguém adormecer tão depressa. E dorme quanto tempo?

– Toda a noite. Um médico uma vez disse que era um estado próximo do coma. Mas não deve ser perigoso. Podemos sair nas calmas. Acordo-a para voltarmos a casa.

– É melhor levá-la para o quarto de hóspedes.

Malongo segurou-lhe nos pés e o outro pelos sovacos. O antigo jogador de futebol continuava de avantajadas proporções, podia pegar nela ao colo e carregá-la sozinho. Mas já que estava ali o marido, ele também devia participar. Levaram-na para um quarto do primeiro andar e deixaram-na em cima da cama. Vítor tirou-lhe os sapatos e pô-los ao lado da cama, bons sonhos, querida.

Depois foram esquecer os amargores da vida no cabaré de Viana.

A noite não estava a correr tão bem como tinham esperado. A teimosia de Luzia tinha atrasado muito a saída de casa e as duas moças com quem tinham combinado ir ao cabaré já não estavam disponíveis. Foram sozinhos e, apesar das atenções especiais com que o dono do cabaré tratava Vítor, não conseguiram companhia interessante. As donas estavam todas com homens e eles já não tinham idade para entrarem em disputas dessas. Havia algumas raparigas, que até se aproximavam por vezes da mesa, mas eles punham-nas a andar. Nada de putas, só criavam problemas e má reputação, e o fantasma do Sida a pairar...

Iam bebendo maquinalmente o uísque, sem vontade de conversar por causa da música demasiado alta. Nisso Judite tinha razão, os *dancings* e cabarés, locais de convivialidade africana por excelência, eram péssimos para a conversa. E a conversa era nas sociedades tradicionais o supremo prazer e a suprema arte. Quer dizer, a música eletrónica destruiu nas cidades a alma da cultura africana, o comércio da palavra. Destruiu em nome da cultura africana, que se diz baseada na música. As pessoas dançavam ou desarticulavam-se em movimentos eletrónicos de *pop*, mas não falavam. As moças mastigavam chuíngame, para terem as bocas ocupadas, ruminando. Os homens viravam os olhos para dentro, para sentirem as vibrações do *stereo* no crânio, embebedando-se de vazios e dos movimentos cadenciados. Malongo seguiu os pensamentos, afinal fora também um

músico. Não, não era a mesma coisa, ele tocava viola e cantava, sem eletrónicas especiais para encobrir com o ritmo a falta de melodia ou de poesia da canção. E nunca se deixara influenciar pela música zairense, considerada erradamente em muito lado como o protótipo da música africana. Aliás, em Bruxelas e Paris, se se pensava em África só se tinha ideia da existência da francófona. Para a música era a mesma coisa. Como se não houvesse muitas Áfricas, todas diferentes...

Vítor estava há muito tempo em tensão, observando um homem que dançava sozinho no meio da pista. E tinha lançado exclamações que Malongo não percebeu por causa da música. Puxou-lhe a camisa e Malongo juntou o ouvido à boca dele.

– Esse tipo aí de camisa verde... Não sabes quem é?

Malongo negou. Notando melhor, o homem não estava sozinho. Só que dançava tão afastado e desinteressado da dama, que parecia de facto estar agarrado a si próprio, balançando a sua própria música. O par dele era uma mulher de vestido vermelho, com manchas escuras por causa do suor. O homem era todo redondinho, baixo e gordo, com grandes óculos e quase completamente calvo. Tudo nele acentuava o ar redondo.

– Deve ser o fantasma do Elias. Parece mesmo o Elias. Não o vejo há trinta anos, posso estar enganado.

– Qual Elias? – gritou-lhe Malongo. – Aquele que fugiu connosco de Portugal para Paris?

– Esse mesmo. E que depois foi com a UPA para os Estados Unidos.

Malongo fez um esforço para se lembrar. Conhecera mal o outro. Podia ser o mesmo, não fazia a mínima ideia. Vítor continuou olhando o dançarino e de vez em quando gritava, é ele mesmo. Malongo estava admirado, pois se lembrava que Elias era na época protestante e um intelectual muito sério, do género tipo chato que só fala das coisas mais importantes do Mundo. Não era possível encarnar agora num careca gordinho, dançarino ainda por cima. Mas não insistiu, Vítor é que era amigo dele, nos tempos da Casa dos Estudantes. Terminou a música e havia alguns segundos de descanso para os ouvidos. Mundial aproveitou o súbito silêncio e gritou Elias, por cima do ruído das conversas que retomavam na sala. E de facto o outro reagiu, olhando para todos os lados. Começou outra música, mas Vítor não perdeu tempo. Levantou-se da mesa, situada na obscuridade dum canto estratégico, arriscou o reconhecimento público e foi ter com

Elias. Malongo viu-os falarem qualquer coisa, se abraçarem e caminharem para a mesa. Não ouviu o que Vítor dizia, provavelmente a apresentá-lo, caiu nos braços do careca de óculos espessos, todo suado mas cheirando a desodorizante recente. Elias sentou à mesa com eles, mas em breve Vítor desistiu de conversar, o que só podia ser feito aos gritos. Chamou o gerente do cabaré, disse qualquer coisa, o outro aprovou com a cabeça. A um sinal do ministro, levantaram-se e saíram da sala por uma porta lateral. Entraram numa salinha com duas mesas. Sem ninguém. A música chegava abafada.

– Aqui podemos conversar – disse Vítor. – Traga bebida, senhor Gomes.

– Espera, vou buscar a minha dama – disse Elias.

Esboçou o gesto de se levantar, mas Vítor não o deixou, pressionando o ombro redondo do outro.

– Deixa-a ficar lá a dançar, temos de conversar. Ela não está sozinha, pois não?

– Pois esse é que é o problema, não está. Há ali um rapazito em quem não tenho total confiança e que a pode cobiçar.

– Deixa disso, já a vais buscar. Mas diz-me, que é feito? Como apareces aqui e nem avisas os amigos que voltaste?

– Oh, é uma longa história.

– Foste para os Estados Unidos em 1961. Depois nunca mais ouvi falar.

– Estava na UPA, depois FNLA. Arranjei uma bolsa e estudei nos States, Filosofia, claro. E Psicologia mais tarde. Depois criaram a Unita e aderi. Mas acabei por descrer dos meus conterrâneos do Bié que a dirigiam. Makas que agora não interessa descrever. Afastei-me de toda a atividade política. Fiz um doutoramento em Psicologia Social, comecei a dar aulas. Em 1975 fiz um movimento para aqui, mas a situação de guerra desencorajou-me e parei pela Nigéria, onde fiquei como professor. Vivi aí esse tempo todo. Mas tive notícias de que aqui as coisas mexiam e voltei. Já há liberdade suficiente para transmitir a minha mensagem, antes era capaz de ter problemas.

– Estamos lixados, mais um que vem criar um partido político – disse Malongo. – Vocês que andaram lá fora esse tempo todo julgam que a malta aqui andou a dormir e agora vêm todos ensinar a democracia. Façam como eu que vim mas é para fazer negócios. Os que ficaram aqui é que sabem de política. O Vítor, por exemplo, tem mais experiência que vocês todos juntos.

– Espera lá, espera lá. Quem te disse que venho criar um partido? Não fui eu, pois não?

Malongo ficou de boca aberta, sem saber como responder. De facto, Elias não o disse, sugeriu que tinha uma mensagem a transmitir. O gerente voltou com a garrafa de uísque, o gelo e copos. A mesa lá dentro continua reservada, disse ele, quando os senhores quiserem voltar... Vítor serviu os outros.

– Então o que vieste fazer?

Elias fechou a cara, fazendo sumir como num passe de mágica o ríctus divertido que ostentava. Bebeu o uísque todo dum trago e com o ar mais sério. Vítor reconheceu o estudante de trinta anos antes, bem mais velho do que ele e que lhe dava lições sobre a necessidade da violência, mesmo que total, para a libertação psíquica dos povos.

– Vim ensinar aquilo que aprendi. Sei o que arrisco ao dizer isto, pois imagino que vocês continuam os mesmos descrentes e escarnecedores de antes. Mas digo na mesma. Sou bispo da Igreja da Esperança e Alegria do Dominus.

– Que raio é isso? – quase gritou Malongo. – E quem é esse Dominus?

Elias sorriu com condescendência, como um avô ou um sekulo do kimbo que já viu muita coisa. Falou como um médium, pois a voz saiu-lhe do mais profundo da garganta, sem mexer os lábios e com os olhos fixos num futuro qualquer:

– É uma Igreja de Deus. Dominus quer dizer o Senhor em latim. E é da Esperança, porque é a única igreja que tem sempre uma palavra de estímulo, de encorajamento, para as pessoas. As outras igrejas são repressivas, ameaçam, todas influenciadas pelo Jeová de Israel que é um deus cruel. Os crentes vivem sempre com a espada de Dâmocles sobre a cabeça, temendo o Juízo Final, pagando por um pecado original que não cometeram. Dominus é o Deus da bondade, que tudo perdoa, que nunca ameaça, para quem a vida é sempre esperança e doçura. E da Alegria, porque Dominus quer que toda a gente se divirta, até certos limites, evidentemente. Por isso não deve ser surpresa que o único bispo da Igreja esteja neste momento a dançar e a beber neste cabaré. Dominus apareceu-me na Nigéria, estava eu em Ibadan, doente e abandonado pela minha última mulher, curou-me pela imposição da mão e ensinou-me a religião da esperança e da alegria. Como a saúde é importante para a alegria da vida, ensinou-me também a tratar algumas

doenças, concentrando energias insuspeitadas na mão que cura.

– Que curas fazes? – perguntou Vítor. – Doenças mentais?

– Também. Mas essas são as mais fáceis. Qualquer impostor suficientemente hábil para convencer as pessoas pode curar muitas dessas doenças. É uma questão de crença. Que o digam os psiquiatras. Eu curo sobretudo as doenças radiciais, que os médicos não conhecem, ou não querem conhecer.

Malongo fazia esforço para não rir. Sabia, tinha de se conter, como Vítor o fazia, aparentemente com muito mais facilidade. Que grande farsante este Elias! Mas que capacidade de enganar os outros se sentia nele. Isso, ao mesmo tempo, intimidava Malongo. Perguntou:

– Doenças quê?

– Radiciais. A palavra vem de raiz. São as doenças que estão na base de todas as outras. Os médicos curam as outras, as que se manifestam. Não sabem que essas doenças que se manifestam são apenas os epifenómenos das doenças radiciais, as da estrutura. Para ser mais claro: tem o Sida, que se manifesta através de outras doenças como a pneumonia, gripes, infecções etc.

– O Sida é radicial? – perguntou Vítor. – Podes curar o Sida?

– Não. Vocês não estão a entender nada. Dei só o exemplo de como uma doença como o Sida se manifesta através de outras. O Sida não é radicial e eu infelizmente ainda não sei curá-lo. Mas consigo atacar a raiz do Sida. Curo doenças que facilitam a aparição do Sida, se não são combatidas. Estão a compreender? Ataco na profundidade do ser, na sua apetência a ter uma doença. Curo o íntimo do indivíduo, mas o íntimo do organismo, não as doenças da mente. Interfiro nos fluxos de energia de base do corpo, no metabolismo essencial e nas trocas com a natureza. Ao curar o íntimo do organismo, ele defende-se melhor de todas as agressões de bactérias, vírus etc. As doenças normais ficam para os médicos, que já conseguiram desvendar alguns mistérios de Dominus, os mais superficiais. Os segredos profundos ele só mos revelou a mim, e é evidente que não os posso desvendar todos duma vez, o Mundo ainda não está preparado. Mas este tratamento pela minha mão, que faço de forma geral nas cerimónias públicas, é só uma parte da prática religiosa. O mais importante é o ensinamento de que o homem é bom, como Dominus é bom. Muito diferente das outras religiões que dizem que o homem é mau, só porque o

seu deus é severo e impenetrável. Como o homem se convence que é mau, então mata e fere, por culpa desses deuses da guerra. Dominus é transparente e as civilizações antigas conseguiram apreender parte da sua essência. Por exemplo, Dionísio dos gregos e Baco dos romanos são manifestações parciais de Dominus, assim como Afrodite ou Vénus. Algumas culturas africanas também apreenderam partes da essência de Dominus. Este Nzambi que nos deixa à vontade, sem se imiscuir nas nossas vidas, é Dominus, claro. O problema é que nenhuma civilização o apreendeu na totalidade.

– Só tu – disse Malongo, irónico.

Elias baixou modestamente os olhos. Ficou alguns instantes em silêncio, talvez para os outros se aperceberem da sua atitude humilde. Falou com a voz cavernosa que devia ter aprendido com algum ventríloquo de circo.

– Dominus escolheu-me para se revelar. Mas não terei sido o único. A existência dessas parcialidades da sua essência, como Baco ou Yemanjá, provam que se revelou antes a outros. Mas esses talvez não tenham tido a capacidade de o apreender na sua totalidade, ou talvez a própria época não o permitisse. A mim incumbe pois a pesada e grata tarefa de ser o seu mensageiro.

– Na cultura banta, o mensageiro muitas vezes é o criador, porque a palavra cria – disse Vítor.

O bispo de Dominus soltou uma gargalhada rápida, em total desacerto com a atitude anterior. Mudou de vocalidade, passando a falar normalmente e mexendo os lábios.

– O que não sabes é que isso é revelação de Dominus aos povos bantos e a Moisés. Daí que na Bíblia se diga que primeiro era o Verbo. Como hoje se sabe que tudo começou em África, pode-se dizer que foram os africanos que o ensinaram aos primeiros judeus. Mas percebo onde queres chegar. E digo-te, apesar da tua malícia. Claro que, como mensageiro de Dominus, o vou recriando. Ele me criou e eu o recrio. Falando dele, revelando-o aos olhos dos outros, recrio-o. Que outro Deus aceita ser recriado? Nenhum. Todos nos criaram e pronto, são inamovíveis e nós os seus inferiores. Dominus vive do nosso amor e do carinho com que lhe damos forma. A sua superioridade é absoluta, tens de confessar. É tão superior que admite ser recriado por um pobre profeta.

– Afinal és profeta? – disse Malongo, abrindo muito os olhos.

– Assim são chamados os eleitos que Dominus escolhe. Buda, Jesus, Maomé...

– E Elias... – concluiu Malongo, com uma gargalhada. – Vai te lixar, possas. Estás a nos gozar. E com ar de santo, ainda por cima.

– Que gozo o vosso espanto é verdade. O gozo é a principal obrigação da minha religião. Gozo sem maldade, entenda-se. Mas digo a verdade. Não sei se isso prova alguma coisa perante os vossos incrédulos espíritos, mas vejam.

Sacou do bolso dois cartões de visita, entregou-os. Estava escrito:

Elias Mungombe, Bispo da Igreja da Esperança e da Alegria do Dominus, e depois um número de telefone. No canto superior esquerdo tinha um emblema, um triângulo em equilíbrio instável sobre uma linha inclinada. Nem hieróglifos, nem outros sinais cabalísticos, notou Malongo.

– Se fosse só para vos gozar, não ia mandar imprimir cartões. Embora reconheça que o prazer de vos gozar talvez o merecesse, sobretudo o Vítor, que é ministro deste governo de ateus e pecadores. Fique desde já claro que não os culpo de o serem, antes ateus do que crentes dessas religiões estafadas que nada de novo podem trazer.

Vítor estava decididamente muito calmo, talvez até intimidado, pensou Malongo. Não tinha acompanhado a gargalhada dele e agora analisava atentamente o cartão de visita. E falou com a maior naturalidade do Mundo:

– Muitos despiram rapidamente a camisa do ateísmo, agora já não é muito conveniente. Mas estás a viver disto aqui?

– Que nada. Felizmente fiz umas economias estes anos todos no exterior. Trouxe divisas e sabes como é, um gajo com divisas safa-se bem nos primeiros tempos, trocando-as no paralelo. Mas tudo acaba. Ainda não consegui construir uma igreja. Organizei algumas sessões de culto em pequenas salas de clubes, angariei alguns crentes que começam a cotizar. Mas pouca coisa. As dificuldades vão surgir se não conseguir financiamentos.

– Vai te lixar – disse Malongo. – Quem é que te vai financiar, o Banco Mundial, a Comunidade Europeia?

– Não – respondeu Elias tranquilamente, um sorrisinho suave no canto da boca. – Tu, por exemplo, sei que és milionário. E o Vítor que pode não ter muito dinheiro para arriscar, mas tem influência. Com apoios desses, construo uma igreja grande. Mas o mais importante é estender a

organização a todo o lado, conquistar o amor dos homens. Com o amor dos homens, é evidente que a Igreja pode também ganhar parte do dinheiro das pessoas, o amor é isso, é saber partilhar. Falando claro, ando à procura de sócios com poder e dinheiro. O resto faço eu.

A conversa entrava num campo mais interessante. Malongo parou de sorrir. Sentiu pela primeira vez aquele friozinho na barriga que lhe indicava estar em presença de perspectiva de negócio, a angústia do risco. Perante o mutismo aparentemente desinteressado de Vítor, perguntou:

– Tens a intenção de montar uma seita como essas que percorrem o Mundo e sequestram os bens das pessoas, se metem em negócios estranhos, torturam os adeptos etc.? Ganham bué de dinheiro, mas estão sempre contra a lei. E de vez em quando o chefe vai parar à cadeia, ou desaparece da circulação.

– Isso são seitas demoníacas. A minha é uma Igreja, não uma seita. E seguirá as leis do país. Nada de violências nem extorsões. As pessoas contribuem para a Igreja, disso ela vive. Mas são contribuições absolutamente voluntárias. E os que são curados, pagam alguma coisa se quiserem, não são obrigados.

– Do que percebi, tu acabas por não curar doenças conhecidas – disse Vítor. – Curas aquilo que não se sente. As pessoas não sentem pois que as curas. E não contribuem com dinheiro.

Elias abanou a cabeça perante a incapacidade de compreensão do outro. Mas sem impaciência. Como o professor que sabe que o aluno há de entender, mais cedo ou mais tarde, se ele tiver a calma suficiente para insistir e explicar de maneira diferente. Encheu os copos dos três.

– As pessoas sentem que estão melhor, mais alegres, mais disponíveis, com mais capacidade de comunicação, mais otimistas. Isso sentem. E também que ganharam mais resistências em relação às doenças comuns. O importante é isso, na fé do Dominus as pessoas sentem-se alegres e fortes, otimistas.

– Bem, outra coisa – disse Malongo. – Como é que funciona o *show*? Com instrumentos eletrónicos? Ou não usas o *show* como ponto central da atividade?

– Estás certamente a falar do culto. Chama-lhe *show*, se quiseres. Tem muito a ver com um espetáculo, claro. A Psicologia explica a necessidade do culto, para fazer os fiéis comungarem com a divindade. O sacerdote tem

o papel fundamental, pois faz a ligação. Quanto melhor é o sacerdote como ator, mais emoção consegue ele criar, e mais forte é o elo entre a massa de crentes e a divindade. Neste caso, a eletrônica ajuda muito. O som tem de ser bem forte, há ritmos próprios que devem ser mantidos, os ritmos que estão de acordo com a cultura original das pessoas... Aqui é o do batuque, na Europa será outro. A litania em cadências ancestrais provoca um efeito próximo da hipnose, o que facilita a compreensão das verdades supremas e o fortalecimento do poder da mão. Todas as grandes religiões perceberam isso, daí a importância dos cânticos e certos movimentos repetitivos do corpo para levar os fiéis ao êxtase. Em África, o ritmo tem de ser outro, mais rápido, que atue sobre os batimentos do coração, acelerando-o. Até os católicos começam a mudar as cadências, senão são definitivamente ultrapassados. As litânicas introspectivas e murchas da Ásia Menor, transpostas para a Europa pelo judaísmo-cristianismo, chocam com a natureza extrospectiva e alegre do africano. Os protestantes perceberam isso muito antes e ganharam terreno. Mas estão amarrados à ideologia tristonha da Bíblia. Nós cortámos todas as amarras com a Ásia Menor, somos uma Igreja africana, a primeira que proclama a virtude do amor e da alegria, desculpabiliza o prazer, que alia Deus e a festa. Dominus é Deus único, mas pagão, força sensual da Natureza.

– Está porreiro – disse Malongo. – Uma Igreja que encoraja os bacanais. Diz, nos cultos há dessas cenas de orgias coletivas, todos a enrolarem-se uns com os outros?

– Não, tu não entendes nada! – a exclamação foi forte e absolutamente condenatória, deixando pela primeira vez escapar um sopro divino de cólera. – Estás corrompido pela vida devassa da Europa, pelo capitalismo materialista que tudo conspurca. O gozo não tem de ser forçosamente luxúria, perversão. Tudo deve ser dentro de limites aceitáveis.

– Aceitáveis para quem? – Perguntou Vítor. – Quem estabelece os limites? A moral da Bíblia?

Elias abanou a cabeça, em aprovação, como o professor perante uma observação inteligente do aluno. Acabou com a dose de uísque, estendeu o copo para Malongo, o qual o serviu.

– Essa é uma boa pergunta, continuas esperto. Os outros profetas, que receberam revelações, disseram somos apenas intermediários. Não criavam nada, apenas interpretavam os ensinamentos diretamente apreendidos de

Deus. Connosco é diferente. Nós somos os primeiros que dizemos sinceramente tivemos uma revelação, Dominus ensinou-nos coisas, mas há uma grande zona de sombra na qual temos de nos mover, improvisando, inventando. E portanto a nossa cultura de origem tem uma influência, é a partir dela que inventamos as respostas que não tivemos da divindade. Por isso, respondo sem subterfúgios, os limites são os apontados pelo nosso senso comum, como imaginamos que reage o cidadão médio. Claro que nos podemos enganar. Por exemplo, somos contra a poligamia agora, porque antes de chegar a Angola estávamos influenciados pelo que vimos na Nigéria. Na altura éramos a favor da poligamia, como uma manifestação da liberdade do homem e símbolo das tradições familiares africanas. Mas aqui vimos que essa não é uma causa muito popular, a mulher tem mais peso em Angola que na Nigéria, a propaganda do regime a favor da igualdade da mulher entrou nalguns espíritos, as igrejas monogâmicas também já tinham feito o seu trabalho durante muitos anos. Mudámos a nossa posição. Neste caso nem foi preciso mudar publicamente a posição, porque ainda não tínhamos tocado nesse assunto. Mas a vocês o digo. Como veem, é o senso comum que nos norteia nestes assuntos que Dominus não nos revelou.

– Quer dizer, a doutrina vai de acordo com o que pensam ou desejam as pessoas. Como os políticos na Europa que fazem primeiro uma sondagem de opinião e depois tomam posições em função do que desejam os eleitores.

– Não, Malongo, continuas sem entender. Isso seria oportunismo. As grandes linhas da doutrina são imutáveis, porque são a revelação do Dominus. Mas naquilo que não foi revelado, nós temos de encontrar resposta e a nossa resposta é influenciada pela nossa cultura, pelo senso comum, o que não quer dizer que seguimos o que as pessoas querem.

– Vai te lixar, foste bem claro no caso da poligamia. Mudaste de opinião porque te apercebeste que aqui a poligamia não seria uma causa muito popular, foram essas as tuas palavras.

Elias abanou a cabeça, desanimado com a incompreensão. Mas não mostrou impaciência. Como qualquer servo do Senhor, devia suportar tudo, e explicar, explicar. Os homens sempre entendem dificilmente as coisas. Usou a voz gutural para dar mais solenidade à fala:

– As coisas são demasiado subtis, talvez. Dou outro exemplo. Dominus não me disse que título usar, mas eu tinha de ter um. Pensei em soma, soba, muata, mfumu, que todos querem dizer chefe nas línguas de Angola. Depois

virei-me para títulos de sacerdotes, como tahi, kilamba ou outros. Não podia ser, era sempre privilegiar uma região ou uma cultura, em detrimento das outras, retirava logo o carácter nacional. Tinha de ser um título em língua de todos, portanto em português. Ou latim, que podia ser explicado e que aqui nas zonas aculturadas é imediatamente compreendido como língua de religião. Acabei por escolher o título de bispo, que é o mais simples e que toda a gente conhece. Já expliquei isto num culto e os fiéis concordaram que tinha sido a melhor opção. A diferença com os outros profetas, é que eu assumo que muita coisa não é decidida por inspiração divina, mas apenas por inspiração social e cultural, passível portanto de correção e aperfeiçoamento.

– Espera, deixa-me falar – cortou Malongo. – Tu tens de defender essa opinião, compreendo perfeitamente, e se entramos nessa discussão nunca mais saímos daqui. Não precisas de me convencer de nada, nem é esse o teu objetivo. Queres um sócio e tens é de me convencer que o negócio pode funcionar. Como negócio. O *show* pode funcionar, mas precisava de te ver em palco, isto é, no púlpito ou lá como lhe chamas. Essa do ritmo, gostei, gostei mesmo, tem de haver palmas ou batuque ou coisa assim, e um sintetizador eletrónico ajuda. Vi o papa na praça do Vaticano, a receber os fiéis de todo o mundo e a falar em todas as línguas. Ali o que funcionava como *show* eram os paramentos, o fausto da praça com aquele espaço todo e umas colunas de grossura exagerada, a lentidão das coisas, e a representação teatral duma pessoa que é capaz de falar dezenas de línguas, esse é o truque. Funciona para lá. Estava um calor de morrer e as pessoas ficaram três horas ao sol à espera que ele dissesse umas palavras na língua delas. E quando acontecia, derretiam-se de sol e de prazer, era como se Deus lhes falasse diretamente. Este papa é um artista, criou o papel de papa da comunicação, com as línguas e as viagens a todos os cantos do mundo. Tu também podes ser um grande artista. Esse truque de falar como um ventríloquo até pode dar certo, a maralha gosta dessas artes de circo. A gente também vai gostar dessa do prazer e da desculpabilização do prazer. Claro que vais ser acusado de incitar ao vício. Neste momento em que as pessoas têm medo do Sida, essa acusação pode ser má, pois se liga vício e Sida. Mas uma parte da juventude vai apreciar.

– Em todos os cultos incito ao máximo cuidado em relação ao Sida, explico como o evitar. Gostaria de distribuir camisas-de-vénus, mas fica

muito caro.

– Não sei se pegava bem – disse Vítor, rompendo finalmente o mutismo.
– Distribuir camisas-de-vénus num culto religioso...

– Agora és tu que te agarras a uma moral da Bíblia. Estás a fazer uma associação simples entre Igreja e Igreja Católica, entre culto e missa. Claro que ficava mal à saída da missa aí da Igreja da Nazaré estar um padre a distribuir preservativos. Eles são contra os preservativos, porque no íntimo e sem o poderem confessar são contra o ato sexual, e contra o prazer em geral. Querem a gente toda triste, a arrastar os pés. Não o afirmam claramente, porque seria pecar contra a caridade, mas festejaram escondidamente a aparição do Sida, porque parece a vingança de Deus contra os abusos sexuais provocados pelas liberdades da revolução dos anos 1960. A minha Igreja não tem nada a ver com eles, nós somos os apóstolos da sã alegria e do prazer compartilhado.

Vítor afagou as barbas, enquanto Malongo voltava a servir o uísque. Não havia mais gelo e ele foi com o balde para o encher. Observou que os pares não dançavam, pois o segundo espetáculo da noite ia começar. Gomes apoderou-se do balde com mil desculpas, já levo, já levo, mas não querem apreciar o espetáculo? Malongo ia responder é sempre o mesmo, mas encolheu os ombros e voltou à sala reservada. Elias falava, de novo em voz normal.

– Claro que devemos ter uma posição, mas ainda não decidimos. Evidentemente que Dominus não entrou nesses detalhes. O aborto hoje é um problema importante e em breve vamos anunciar o que pensamos.

– Diz-me uma coisa, Elias – perguntou Malongo, sentando-se. – Em que língua é que Dominus te falou?

O bispo riu. Deu-lhe uma palmadinha no joelho. Bebeu um trago do uísque sem gelo, fez uma careta, respondeu alegremente:

– Essa é uma pergunta que me fazem logo. A grande curiosidade, saber qual é a língua de Deus. Olha, não sei. Falou-me muito, era aliás apenas uma voz e uma luz. Eu percebia tudo, mas não sei distinguir qual era a língua. Certamente a radicial, a primeira da Humanidade. Por vezes penso nessas coisas e é como se falasse em umbundu, a minha língua materna, outras vezes em português, outras em inglês, que foi a que mais usei ultimamente...

O gerente apareceu com o gelo, anunciando o princípio do segundo

espetáculo da noite. Elias agitou-se na cadeira. Vítor perguntou há mudanças?, o gerente disse que não. Quando o senhor Gomes saiu da sala, o bispo levantou o copo, bebeu-o dum trago.

– Desculpem, mas tenho de ir. Há um número sensacional de *streap-tease*, uma gaja que veio do Zaire.

– Já vimos – disse Malongo. – Não vale nada, a gaja é zarolha e lésbica ainda por cima. E não é agora. Primeiro há umas canções.

– Tenho de ir ver como está a minha dona. Compreendem, aquilo ainda não está muito seguro e o rapazito que veio connosco pode aproveitar a minha ausência e o escuro da sala para lhe meter a mão nalgum sítio menos conveniente. Esta malta agora não tem o mínimo decoro.

– Ele não é da tua Igreja? – perguntou Vítor.

– Não. Ela é que o arrastou e mais a uma amiga. Só a minha dona é crente, mas ainda muito recente, pouco preparada.

– Espera, queria fazer-te uma pergunta, a última. Um tipo que andou comigo na guerrilha, o Aníbal, mais conhecido pelo Sábio, acho que nunca o encontrei... Bem, esse gajo dizia que os deuses da Terra eram reminiscências na memória dos homens de seres extraterrestres que teriam colonizado o planeta, ou pelo menos influenciado a sua evolução. Seres de civilização muito superior, dominando formas avançadas de energia, que os homens temiam e adoravam, por isso os endeusaram. Todos os deuses viriam daí, porque todas as culturas teriam transportado esses resquícios duma memória do princípio dos tempos. Bem, nunca tentaste integrar os OVNI e os extraterrestres na tua religião? Isso mexe com a imaginação das pessoas.

Pela primeira vez, Elias pareceu perturbado. Encheu o copo com uísque mais uma vez, bebeu um gole, acrescentou o gelo. Ficou pensativo, mexendo o copo. Depois falou muito baixo, como quem revela os segredos mais escondidos.

– Dominus nunca me falou disso e eu também não me lembrei de lhe perguntar. Não estava muito preocupado com problemas de história, queria saber mais sobre Ele próprio. E nunca mais me apareceu. Disse, no entanto, que se eu tivesse uma dúvida fundamental, mas só nesse caso, O poderia invocar e com Ele conversar. Nunca tentei, não era necessário. Pergunto-me se desta vez... Uma cosmogonia é importante, toda a religião tem as suas respostas a essas perguntas sobre o espaço e o Universo. Provavelmente é

onde mais têm errado, porque a ciência ao avançar mostra as incongruências das diferentes respostas. A religião de Dominus está centrada no Homem, na felicidade do Homem. Mas o Homem será mesmo o único ser pensante do Universo? Há tantos sintomas de que não o é... Tenho de decidir se isto é um problema radicial, para O invocar ou não.

Malongo mais uma vez se conteve para não rebentar com uma gargalhada possante. Que finório este Elias! Um artista, sem dúvida. Estava nas trombas, o tipo nunca se tinha lembrado dos OVNI, o Vítor prega-lhe a rasteira, uma finta daquelas de político, o tipo fica em desequilíbrio, apanhado no contrapé, sabe que nos apercebemos do seu enrascanço, já não pode responder com uma certeza em voz de ultratumba, safa-se às maravilhas dando uma de sincero e deixando em aberto a possibilidade de utilizar a sugestão do Vítor. Assim se constrói uma religião, que, claro, vai integrar os extraterrestres, está nas trombas.

– Tu mereces um apoio, és um malabarista de primeira. Mas arranja maneira de meter todos os OVNI que puderes no espetáculo, já estou mesmo a ver, luzes de todas as cores sobre o palco e tu a subires nos céus sem balão nem nada. *Show* de primeira, os patrícios vão pagar bué para ver. Vão te chamar o maior feiticeiro do século.

Elias não modificou a atitude humilde da última fala. Virou-se totalmente para Malongo e perguntou:

– Verdade que nos vais apoiar? Era importante para a Igreja o apoio de alguém tão bem prestigiado nos meios económicos como tu. Claro que insistirei muitas vezes para não veres coisas sérias apenas como *show*, mas só com o tempo a graça de Dominus entrará em ti.

– Deixa de fintas, que em mim não entra nada, quem tu pensas que eu sou? Mas calma aí. Talvez te apoie, ainda vou pensar. Para já, não quero que ninguém saiba, é condição *sine qua non*.

– Claro, claro. E tu, Vítor?

– Eu? Porra! Nestes tempos de mudança não se sabe para quê? Já me acusam e aos colegas do governo de corrupção, de repressão, de tudo e de nada. Todos os dias aparecem partidos de oposição a querer escarafunchar na merda e eu vou meter-me numa igreja eletrónica? Preciso é do apoio duma boa Igreja prestigiada, católica ou protestante, mas com peso.

Elias já tinha esquecido a dona que devia estar lá dentro a empernar com o rapazito, enquanto o espetáculo de quinta categoria decorria. O bispo de

Dominus agora estava todo voltado para Vítor, os olhos pedinções escondidos pelas lentes fortes. A voz ganhou tons sensuais de certeza:

– Uma Igreja ganha prestígio e poder pelo apoio que recebe. A nossa pode ter tanta força na sociedade como essas que citaste. A sua mensagem é muito mais moderna e mais de acordo com o ser profundo do homem angolano. Daqui transbordará para África e depois para todas as diásporas africanas. Imagina o mercado mundial de almas à nossa disposição. Com as crises económicas, com a perda da utopia da libertação política, com o fim do inimigo que estava do outro lado na guerra fria, com a dívida externa que tira qualquer hipótese de desenvolvimento aos nossos países, os jovens desempregados e sem instrução, a delinquência e insegurança galopantes, tudo isso leva as pessoas a verem a religião como a única salvação. Todos apelam a um deus que lhes indique um caminho na vida, que já não têm ou que nunca tiveram. Os políticos vão namorar-nos um dia também, porque seremos a força. Mas para já precisamos dum pequeno apoio discreto dum político. Uma palavrinha a quem de direito para que a Igreja seja legalizada. É isso, ainda não estamos reconhecidos, o que nos limita. Uma palavrinha não custa nada. Não te compromete muito. E terás o nosso apoio quando dele precisares, o que vai acontecer em breve, não é preciso ser feiticeiro para adivinhar. Serás o único comunista a ter o apoio duma Igreja.

– Nunca fui comunista.

– O teu partido era e o governo também. Não estou a acusar, apenas a mostrar-te onde serás atacado no futuro.

– Nunca foram. Toda a gente sabe que aquilo era só papo, ninguém acreditava na teoria que se papagueava, nem a seguia. Todos sabem, o KGB e a CIA em primeiro lugar.

– Terás o nosso apoio discreto e eficaz. Pensa nisso.

Malongo estava fascinado. O bispo tinha de novo dado uma reviravolta e agora apresentava-se com uma força interior insuspeitada. Absolutamente abandonado o ar humilde, encurralava Vítor naquilo que sabia ser o seu ponto fraco, sem precisar de ameaçar, mas sugerindo-lhe um futuro desgraçado se ao seu projeto não aderisse. E Malongo sabia que o tiro acertava em cheio no alvo, porque Vítor estava atemorizado com as denúncias que se gritavam pela cidade e que foram o ponto central da conversa com Orlando. Mundial sentia que o poder que durante anos e anos controlava se lhe esvaía pelos dedos como areia fina. O seu mundo

esboraava-se e talvez não tivesse tido tempo de juntar divisas suficientes para viver nalgum lado o resto da vida. Malongo percebia, porque era seu amigo. Mas o bispo do Dominus não tinha contacto com Vítor há trinta anos. Conseguira imediatamente compreender o ponto fraco do outro e ia usá-lo até obter o que queria. E ninguém podia chamar chantagem a isso. Não, esse Elias não era para brincadeiras. Vale a pena fazer um negócio com ele, sim, mas com muito cuidado, pode-se ser atropelado.

– Vai pensar, sim – disse Malongo. – Não querias ver a zarolha zairense? Deve estar a começar.

– Já me desmoralizaste com essa de ser zarolha e lésbica. Mas vou apreciar de perto.

O bispo levantou-se, encostou um pouco à mesa para ganhar equilíbrio e partiu para a sala principal, em movimentos mais redondos que habitualmente. Vítor falou então:

– Que mudança fantástica! Este tipo era um estudante sério, cheio de ideias sérias, um religioso. Radical como político. Sempre pensei que fosse um dos chefões da Unita, ou então que tivesse morrido. Muitas vezes perguntava por ele, ninguém sabia informar. Olha no que deu. Por isso lhe perdemos o rasto.

– Como vês, meu, não é só a política que atrai os talentos.

– Achas que ele tem talento? Este aldrabão?

Malongo riu uma daquelas gargalhadas célebres. Deu uma palmada forte no ombro do amigo, o qual se encolheu, defendendo-se. Não fossem as barbas esbranquiçadas de Vítor e os quilos a mais de Malongo, parecia não tinham passado trinta anos sobre a amizade deles, na Casa.

– Disso percebo eu. Andei em muitos lugares de showvício, a ganhar a vida da maneira que sabes, cantando, tocando, mas sobretudo à custa das mulheres que ia engatando. E aprendi, nos contactos com a gente mais variada. Este tipo tem um talento bestial. De aldrabão? Sim, está bem, mas para isso é preciso talento. E no fundo continua religioso, nisso não mudou muito. Só que agora mudou de religião, para a do prazer. Está a desferrar-se dos traumas que os protestantes lhe devem ter causado com aquela moral puritana deles. Este gajo é uma mina.

– Estavas a falar a sério, vais apoiá-lo?

– Ainda não pensei bem, mas vou fazer um negócio com ele. E tu também, velho. Vamos entrar nessa juntos. Deixa-me pensar uns dias. Antes

de lhe propor qualquer coisa vou combinar contigo. Vamos sacar umas balas da credence da maralha. E sem ninguém saber. Atiramos o bispo para a frente, o gajo é que aparece. Nós arrecadamos. Porque essa Igreja vai ser popular e ganhar muito dinheiro. A maralha quer é dançar, beber, foder, sem sentimento de pecado. E se no meio houver umas curas, porreiro. E espetáculo com música e barulho e luzes. Mas antes de nos enfiarmos a fundo, o Elias organiza um *show* para nós, vamos ver como é que ele é num palco. Pode ser que com as pessoas a verem-no, o gajo se desmanche, não tenha os nervos suficientes, perca a capacidade de dominar. Até porque o físico não ajuda muito, baixinho, gordinho, careca... Não é propriamente um Apolo. Mas se tiver eletricidade que compense...

– Nessa não entro.

– Estás tão seguro assim do teu futuro político? Ou tens bué de bala lá fora? Olha que isto aqui pode dar para tudo, um gajo tem de começar a pensar a sério no dia de amanhã. Umas balas a mais e o apoio duma Igreja dinâmica, não sei se será para desprezar. Imagina os jovens fanáticos que o Elias poderá ter sob controle. Basta dizer, apoiem este tipo, os gajos partem tudo. Em África, ganha quem tiver mais possibilidade de partir. Pelo menos, sempre ganha tempo para recuar em ordem, enquanto os fanáticos se deixam matar.

Vítor não respondeu de imediato. Olhou para a garrafa vazia, agitou os restos de gelo do copo e bebeu o pouco de água que sobrava no fundo. Levantou-se, encostando também na mesa o corpo magro.

– Vamos ver o resto do espetáculo e pedir mais bebida. Está bem... pensa no assunto e depois falamos. Mas não quero ouvir falar mais de igrejas hoje. Quando me lembro que ficava todo intimidado a falar com o Elias, mais velho, que já tinha lido bué... Duma vez que o fui convidar para o baile da Casa, quase tremia por causa da certeza que ele tinha na violência da UPA. Duvidei das nossas ideias, tal a convicção dele. Sim, tens razão, é um ator. Pode ser...

Entraram no salão e reocuparam a mesa reservada. O gerente fez um sinal a um criado que veio logo perguntar se queriam mais bebida. A zairense já tinha feito o seu número e agora um tipo cantava, acompanhado da viola. A música estava baixa, até dava para falar. Malongo percorreu a sala com os olhos. As mesas estavam todas ocupadas. Uma parte importante eram estrangeiros, homens e mulheres. Estrangeiros mesmo, não pelo facto de

serem brancos, mas pelo tom de pele indicando o europeu que apanha temporariamente o sol dos trópicos, muito diferente do tom branco encardido de Sara, por exemplo. O único cabaré de Luanda começava a ser procurado. Acabou por descobrir o Elias numa mesa do fundo, difícil de descortinar porque o bispo e a dona faziam um só, beijando-se enroladíssimos numa cadeira. O rapazito, como Elias dizia, e a amiga riam.

– O nosso sacerdote não perde tempo para pôr em prática as suas prédicas
– disse para Vítor, apontando com um gesto de cabeça.

O outro procurou na direção indicada e sorriu.

– Não havia um santo que dizia façam o que eu digo e não o que eu faço?
O nosso santo Elias é o contrário, faz mesmo o que diz. Coerência radicial.

Malongo deu uma gargalhada que se sobrepôs ao barulho da música e fez as cabeças se voltarem na direção da mesa. Vítor encolheu-se mais no canto, para se ocultar dos olhares curiosos, que tudo registam e depois atiram mujimbos malévolos para a rua. Malongo notou, o bispo também ouvira, do outro lado, e lhes fazia um adeus com a mão vaga. A outra não largou o peito farto da neófito.

Malongo respirou com deleite o ar fresco da manhã de cacimbo. Vivera demasiados anos na Europa e o frio passara a agradar-lhe. Até tinha muita dificuldade em suportar o calor de Luanda na época da chuva. Corria se refugiar em qualquer canto que tivesse ar-condicionado, o que, felizmente, abundava nos meios que frequentava. Agora estava-se no cacimbo. No entanto, durante as horas de sol, tinha de ligar o sistema de arrefecimento do Volvo. É, virei branco, mas só o noto aqui na terra. Espreguiçou-se na varanda. O criado estava a servir o mata-bicho na mesa da varanda, onde ele gostava de o tomar, olhando o movimento da rua e as plantas do jardim. Fazia falta uma mulher na casa, ele não gostava de se ocupar desses afazeres domésticos de controlar os criados, de escolher a refeição que o cozinheiro devia confeccionar, ou contar a roupa que Dona Maria devia lavar e engomar. Fazer as compras não lhe desagradava, resolvia facilmente a questão num supermercado de divisas. O problema ia ser quando deixassem de funcionar com divisas, como o governo prometia. Qualquer pé-descalço poderia lá ir, o que significava bichas de quilómetro e fim imediato dos produtos. Também não podia ser assim. Antes faziam subir os preços de tal maneira que os patas-rapadas desistiam de entrar. Têm de aprender que o igualitarismo terminou, há sítios para uns e há sítios para outros, quem tem entra, quem não tem olha só e alimenta-se com a visão dos produtos.

A mesa estava posta e ele sentou-se numa das cadeiras de ferro forjado pintado de branco, a combinar com a mesa. Era a habitual mobília de varanda das casas da burguesia de Alvalade, incómoda mas na moda. Abriu um *croissant* e besuntou-o de manteiga. Tomou o sumo de laranja para abrir o apetite e depois serviu-se de um prato de ovos mexidos com *bacon*. Ainda havia pão, leite, café e fruta. Mata-bicho de hotel quatro estrelas, pensou, satisfeito. Num de cinco não sabia como era, nunca tinha estado. Aconteceria da próxima vez que fosse ao estrangeiro, se os negócios corressem como previa. Provou os ovos e merda, falta sal. O cozinheiro ensinara o criado, João, a fazer os ovos, para não ter de vir trabalhar logo de manhã cedo. Mas duas em cada três vezes, o João esquecia o sal nos ovos ou punha demais. O berro de Malongo fê-lo comparecer, assustado. Aparentava cerca de inquietos dezoito anos.

– Você não aprende, não é, seu negro burro? Esqueceste outra vez o sal, filho duma puta velha. Vem cá, vem provar aqui.

Malongo segurou-lhe a cabeça com as duas mãos, enfiou-lhe a cara no prato, prova, cabrão, prova para aprenderes. João estrebuchava, mas o patrão era demasiado forte, e a cara dele só largou o prato quando uma chapada monumental o atirou contra a parede da varanda. O criado ficou no chão, tonto, a esfregar a cara. Dois miúdos que passavam na rua pararam para ver. O jardineiro ouviu os berros e veio à parte da frente do jardim, mas logo se apercebeu do que passava e se retirou estrategicamente. João sacudiu a cabeça e levantou-se. Os olhos ficaram mais pequenos, de raiva, e gritou:

– Você julga que isto ainda é terra de colono?

Malongo avançou para ele, ameaçador. Mas parou a dois metros, notando que a cena estava a ser observada da rua por uma mulher que se juntara aos dois miúdos. Que chatice, esse muro não era suficientemente alto para garantir a privacidade da casa. E a sebe que o encimava tinha sido maltratada pelo anterior inquilino, apresentando espaços vazios que só aos poucos se recompunham.

– Cala a boca, senão te dou mais.

– Somos independentes, ouviu? Ninguém tem o direito de me bater.

– Vai arrumar as tuas coisas e desaparece-me da vista. Senão rebento-te à porrada. Gente como tu é o que não falta para trabalhar aqui em casa. Dei-te uma chapada para aprenderes, pois os negros burros como tu só aprendem à

porrada. Não queres aprender? O problema é teu, desaparece.

– Você não é negro também? Parece colono, pior que colono.

Malongo entrou para casa, incomodado pela gente que se juntava no passeio, ouvindo o relato gesticulado dos miúdos e atenta aos gritos do criado. Foi ao quintal de trás, disse para o jardineiro, um velho assustado.

– O João vai embora, faltou-me ao respeito. Vá lá dizer-lhe para pegar depressa nas imbambas dele e desaparecer. Senão ainda lhe rebento as trombas.

O criado vivia há dois meses no quarto do quintal, a pedido do jardineiro que era tio dele. Pelo menos assim se intitulou, quando lhe pediu emprego para o João. Deve ser do mesmo kimbo, já virou sobrinho, pensou Malongo. Sacana do miúdo, sempre com a independência na boca. Um boçal desses do mato já se sente gente para refilar com um mais-velho. Claro, fez a quarta classe na escola do mato, depois veio para Luanda tentar a vida. E na escola, em vez de aprender a trabalhar, só aprendeu essas politiquices de orgulhos balofos porque somos independentes. São independentes há bué de tempo e cada vez trabalham menos mas é. Voltou para a sala da frente, mas não se atreveu a aparecer na varanda. Pela janela se apercebeu que o João quase fazia comício no passeio. Já havia mais de vinte pessoas. O jardineiro tentava puxar o sobrinho para dentro, mas este estava possesso, explicando que os colonos estavam de volta para retomarem o país, agora ajudados por uns negros que andaram esses anos todos na Europa a aprender a melhor vender os seus patrícios.

O jardineiro lá conseguiu trazer o João para o quintal e as pessoas foram dispersando aos poucos, discutindo entre si. Por isso é que este país não avança, as pessoas não têm nada para fazer. A ver se na Europa uma cena destas reunia assim um magote de desocupados, todos felizes por passarem o tempo com um centro de interesse inesperado. Nada, porque lá o tempo conta. E agora, por causa dos basbaques, estou sitiado aqui na sala, com a comida a arrefecer lá fora. Que se lixem! Saiu para a varanda, olhou para a meia dúzia de pessoas que restavam no passeio, sentou-se à mesa com ar indiferente. Afastou o prato com ovos onde tinha enfiado a cara de João. Serviu-se de café e leite, comeu o *croissant* que tinha preparado.

– Me dá pão, colono – gritou um dos miúdos, no passeio, estendendo o braço magro.

Malongo engasgou-se com a raiva súbita que o acometeu. Tossiu o café

com leite para a toalha e as pessoas do passeio riram. Se levantou, tossindo, fugiu para dentro, perseguido pelas moscas e pelas gargalhadas dos miúdos. Ficou largos momentos na casa de banho, esperando acalmar a tosse e fazendo tempo para que a maralha dispersasse lá fora. Mas duma coisa estava certo: já lhe tinham estragado o mata-bicho, perdera definitivamente o apetite. Ao sair da casa de banho, encontrou o jardineiro e o seu ar humilde.

– Desculpa, patrão. O João quer falar.

– Que desapareça, não o quero ver.

Mas o criado entrou sem pedir licença. Trazia um saco, onde tinha as suas coisas. Olhou Malongo sem medo, mas também sem ar de desafio. A cara começava a inchar no lado esquerdo.

– Venho buscar o dinheiro. Este mês trabalhei duas semanas.

– Não te pago nada. Vai queixar no sindicato.

O pessoal doméstico não era defendido pelo sindicato, Malongo sabia. Até lhe podia pagar, era uma soma irrisória para as suas possibilidades. Mas João hoje era culpado de todos os seus males, ainda por cima fizera-o se retirar da varanda e ficar sem mata-bicho. Não pagava e pronto, não havia força que o obrigasse. E não viessem com os direitos sociais adquiridos com a Revolução, isso já tinha acabado. Para nunca mais esses populismos e igualitarismos que só tinham estragado o país.

– O patrão tem de pagar, eu trabalhei.

– Ou me desapareces da frente, ou rebento-te todo. E ainda vais parar na cadeia.

O jardineiro agarrou no ombro de João, vai embora então. O rapaz libertou-se com um safanão. Os olhos voltaram a ficar pequenos. Pousou o saco no chão e enfrentou Malongo. Este gajo vai obrigar-me a dar-lhe mais porrada, boçal da merda. Mas o jardineiro meteu-se entre os dois e empurrou o sobrinho, chega, vai embora, depois falo com o patrão. João voltou a agarrar no saco e deixou-se levar pelo tio. Saiu pela porta de trás. Malongo ainda ouviu a fala dele vinda do quintal:

– Esse colono vai pagar, tio. Esses muadiés vêm lá de fora e pensam que mandam em nós, que nos podem roubar e bater. Tempo do colono acabou.

Ouviu depois o portão do jardim bater e o velho a ralar com os miúdos no passeio, estão à espera mais de quê? O silêncio apoderou-se das coisas. Malongo sentou numa poltrona da sala, acalmando. Passado tempo, a

tesoura do jardineiro começou a aparar a buganvília que iria reforçar a sebe por cima do muro do quintal, tornando a casa numa fortaleza inexpugnável. O ruído monótono da tesoura de podar fê-lo cair numa sonolência que fazia afastar a raiva. Ficou muito tempo concentrado apenas nesse ruído.

Olhou o relógio, nove horas. O cozinheiro ainda não tinha chegado, mas não ia esperar. Ele saberia destinar o almoço sozinho. Tinha de arranjar um outro criado. Talvez fosse melhor uma mulher, de preferência da família do cozinheiro, o qual era do Cuanza-Sul. Gente séria. Não queria mais miúdos estragados com as ideias da independência populista.

Mandou o jardineiro abrir o portão da garagem e saiu com o Volvo. Foi conduzindo devagar, respirando o ar-condicionado do carro, o disco compacto tocando música das Antilhas. Com isso e mais os vidros fumados, sentia-se em segurança dentro do carro. Muito diferente da sensação de quem anda a pé nas ruas, permanentemente mergulhadas em clima de guerra. O asfalto da Rua Marien Ngouabi tinha os mesmos buracos de sempre, já os conhecia desde há sete anos. Por vezes desapareciam, porque os atulhavam com asfalto. Mas como os canos rebentados não eram arranjados em baixo, quinze dias depois os buracos reapareciam. Evitou os buracos, evitou os miúdos que vendiam cigarros e pão na rua, continuou a caminho da Baixa. Estava a dar uma grande volta para o destino pretendido, que era o Cazenga. Mas não havia pressa e sempre era um prazer passar pela Baixa, apesar da degradação dos prédios. Se sentia, havia de voltar a ser o centro dos negócios, a Wall Street luandina. Por isso instalara a firma aí. Um apartamento pequeno, com duas divisões, o seu gabinete e o da secretária. A secretária não tinha nada para fazer, mas um empresário tinha de ter uma secretária. Realmente os negócios ainda não tinham começado, estava nos trabalhos de instalação e tomada de contactos. E tivera também de comprar o apartamento com divisas, mas valia a pena. Nem toda a gente podia apresentar a sede social da empresa na Rua Rainha Jinga.

Nos largos e esquinas, mulheres e miúdos vendiam cigarros e cerveja. Alguns montavam banca de engraxar sapatos, sentados em cima de latas de leite. Lembrou de repente o Horácio, poeta dos tempos de Lisboa, um chato que queria impingir literatura a toda a gente. O Horácio dizia os engraxadores percorriam toda a literatura angolana, porque eram a imagem mais acabada do colonialismo. Pois é, mas tantos anos depois da independência, os miúdos continuavam a fugir da escola para engraxar

sapatos, se queriam ganhar a vida sem roubar. Imagem do colonialismo? Essa malta achava que ia fazer as coisas de maneira diferente dos outros africanos. Quando passavam pela casa dele, em Paris ou Bruxelas, na época da guerra contra os portugueses, diziam, tal país, uma desgraça, nem usam balança nos mercados; tal outro país, uma vergonha, arrastam-se atrás dos europeus. Afinal, tudo caiu no mesmo. Até a venda de produtos ao montinho, sem balança, resultado duma economia de miséria. E a prostituição, os pequenos negócios ilegais, os biscates. E a mendicidade dos governantes junto do Banco Mundial, CE, e todas as instituições de ajuda. Um povo tão digno tornado mendigo... Merda, essa frase era do Aníbal, segundo tinha dito Judite. Um amigo lhe tinha confidenciado, em jeito de autocrítica: quisemos fazer desta terra um País em África, afinal apenas fizemos mais um país africano.

Passou pelo prédio onde tinha a firma, a secretária devia lá estar a olhar para os móveis. Tanto faz. Importa é ter uma empresa legalizada, com endereço de prestígio. Os negócios passam-se fora dela. Como este em que se metera agora, com o divino pastor do Dominus. Tinha imposto as suas condições ao redondo Elias: entrava com um capital, sobretudo para as aparelhagens sonoras, colunas de mil *watts*, lâmpadas de todos os tons e tamanhos. E para a construção da igreja no Cazenga, onde agora ia. O Vítor dava o apoio político. Mas ele, Malongo, era o tesoureiro e os lucros repartidos em duas partes. Uma para o bispo e outra para eles. Era justo que Elias ficasse com metade dos lucros, tivera a ideia e dava a cara. Os dois amigos dividiam por igual a outra metade. Elias suspirou, discutiu, voltou a suspirar, queixou que estava a ser roubado, mas não tinha safa. Precisava de ajuda urgente, pois nem conseguia o aluguer dum cinema domingo de manhã para fazer o *show*. E tinha escolhido um terreno vago no Cazenga, começou a construir a igreja em trabalho voluntário com alguns fiéis, mas não conseguia o cimento para continuar e, pior de tudo, foi chamado ao comissariado por construir sem autorização, queriam deitar tudo abaixo. O servo de Dominus acabou por aceitar as condições e ainda a última: acontecesse o que acontecesse, ele não os conhecia, não tinham nenhum negócio juntos. Na melhor maneira africana, o acordo foi celebrado com uma garrafa, sem papéis, nem testemunhas. Dois dias depois, Vítor entrou em campo e legalizou a Igreja da Esperança e da Alegria do Dominus. E numa semana, Elias recebeu os papéis autorizando a construção do templo e

a propriedade sobre o enorme terreno à volta, antes destinado para um bairro de construção popular. Ficava longe do centro da cidade, mas não havia nada a fazer por enquanto. Com as liberalizações que se anunciavam, talvez pudessem comprar outro terreno mais central, com crédito dum banco.

Subiu pelo Eixo Viário, em direção ao cemitério do Alto das Cruzes, ultrapassando camiões carregados de produtos vindos do porto. Mas em breve a circulação estava bloqueada, porque um Mercedes de dez toneladas, carregado de garrações de vinho, tinha perdido a estrada numa curva e virara. Metade da carga caiu. Muitos garrações se partiram e o vinho escorria pela estrada abaixo. Os transeuntes aproveitavam para apanhar garrações inteiros e fugiam com eles. Pela quantidade de pessoas que logo se juntaram a pilhar o camião, dava a ideia que havia combina com o motorista. Já lhe tinham falado deste tipo de manobras: o camião virava de propósito, sempre na mesma curva apertada, e a carga era pilhada antes que chegasse a polícia. O motorista se justificava facilmente com a curva, demasiado apertada para veículos tão grandes e mal carregados. Como os produtos eram do Estado, ninguém se preocupava muito em saber como os acidentes ocorriam. Malongo viu uns tipos encherem uma carrinha com os garrações que retiravam de cima do camião. E a carrinha arrancou, mesmo à frente de toda a gente. O vinho seria imediatamente vendido num mercado paralelo. Os negócios cá da banda, feitos em plena luz do dia!

O trânsito recomeçou, muito lento. Os carros que conseguiam pôr-se à altura do camião, paravam, porque toda a gente queria ver as cenas. E também aproveitar um garração de vinho. Malongo demorou meia hora até se desenhencilhar do engarrafamento. O motorista do camião mostrava ar resignado, conversando com dois polícias que entretanto chegaram de moto. A pilhagem já tinha sido executada, por isso os polícias tiveram trabalho fácil em afastar as pessoas. Esse é o resultado da economia estatal, pensou Malongo, nunca ninguém é responsável de nada e a máfia aproveita. Se o motorista soubesse que o patrão lhe rebentava com as trombas e o metia em tribunal, nunca viraria o camião. Nem se aventurava a passar por ali, caminho que toda a gente sabia não ser para camiões carregados. Mas o patrão é o Estado que se está nas tintas para o prejuízo.

Avançou pelo Miramar até ao Sambizanga. Mais uma vez escolhera um caminho longo, mas precisava de passear para esquecer de vez a má

disposição causada pelo criado. Sacana do miúdo, armado em esperto. Logo mudou de pensamento, ao ver as pessoas, sobretudo crianças, que se aglomeravam na lixeira, procurando restos de comida, roupa, ou coisas que pudessem ser vendidas, disputando-as com os ratos e as aves. Essa lixeira antes era pequena e a zona não estava ocupada. Mas com o crescimento da cidade, agora era quase no centro, mesmo ao lado do bairro diplomático. Quando o vento soprava do norte, o cheiro pestilento invadia as embaixadas. Uma vergonha. As pessoas se moviam por cima do lixo fumegante, tão sujas como a própria lixeira. E os bairros tinham rodeado a lixeira, para mais perto respirarem os miasmas que dela emanavam. Um médico lhe tinha dito que toda essa população tinha problemas respiratórios. Muitas vezes se falara em mudar a lixeira para fora da cidade, mas os camiões continuavam a descarregar ali nas barrocas. Desligou o ar-condicionado para não meter o fumo pestilento dentro do carro e ultrapassou a zona o mais depressa que pôde.

Logo a seguir, num descampado que dominava toda a baía, ficava o maior mercado de Luanda, o Roque Santeiro. Nestes últimos anos que veio regularmente à terra, pôde acompanhar o crescimento imparável desse mercado, primeiro combatido, depois resignadamente aceite pelas autoridades. Milhares de vendedores se instalavam no chão para vender legumes, depois também roupa, sapatos, medicamentos, aparelhos domésticos, motos, peças de carros, enfim tudo. O que não se pudesse encontrar nas lojas oficiais aparecia no Roque. As barracas foram sendo montadas e agora havia bares e restaurantes, cobertos por folhas de palmeira. O centro de negócios foi progressivamente passando para ali, quase na periferia da cidade, em plena zona do muceque. A desforra do muceque sobre a Baixa colonial. Parou o carro numa lomba fora da estrada, mas relativamente longe do mercado. Contemplou o azul do mar, a Ilha verde à sua frente, o vermelho das barrocas, o amarelo e cinzento dos prédios da Marginal. Dali, Luanda era um arco-íris numa concha. Essa imagem tinha percorrido a sua juventude, desde que viera de Malanje para Luanda estudar e jogar futebol. Longe da terra, muitas vezes abria a concha da memória, dela saía o arco-íris para o reconfortar.

Uma mulher bateu no vidro do carro, não tens nada, amigo? Claro, um carro parado ali, fora do mercado, chamava a atenção. Pensavam imediatamente que trazia cerveja para revender. Fez um gesto de negação

sem baixar o vidro. Tinha de ir embora, senão mais gente vinha incomodá-lo. Mas a atenção dele foi atraída por um burburinho na zona esquerda do mercado, onde ficavam as mulheres que vendiam legumes e carvão. Dele sobressaiu um homem que corria, perseguido por dezenas de pessoas. Viu o homem ser rasteirado por alguém, cair no chão, logo ser abafado por dezenas de corpos. As pessoas corriam de todos os lados do mercado para lá. E vinham também da estrada, a correr e gritar, passando pelo carro. A mulher que lhe queria comprar cerveja também correu. Malongo baixou o vidro, para ouvir o que acontecia. Os gritos anunciavam, um ladrão tinha sido apanhado. Um miúdo passou rente ao carro, berrou para outros mais atrás:

– Ladrão! Lhe vão carbonizar.

Não se conseguia distinguir nada na amálgama de pessoas, mas deviam estar a bater-lhe até ao linchamento. Como num filme, Malongo viu a turba abrir um círculo, deixando no meio um corpo deitado que tentava levantar-se, depois alguém lhe despejar um líquido pelo corpo, devia ser gasolina, e segundos depois uma chama alaranjada sair do corpo caído, que se levantou, correu em direção às pessoas, as quais se afastavam em movimentos rápidos, para cair de novo sobre a terra vermelha de muceque e ficar a se consumir, chama e vida, num silêncio pesado de todo o mercado. Um carro da polícia chegava, com a sirene a tocar, e as pessoas correram para todos os lados, diluindo a responsabilidade coletiva no dédalo de bancas e barracas, deixando o corpo no chão.

Malongo pôs o carro a trabalhar, ligeiramente trémulo, arrancou pelo meio do Sambizanga, agora a direito para o Cazenga. Já chegava de passeio, o dia estava definitivamente estragado. Só a paz e alegria de Dominus me pode serenar, pensou no entanto ironicamente. Conduziu em alta velocidade, esquecendo até de subir o vidro, pelas longas ruas que o levavam ao templo de Elias.

Teve uma surpresa, desta vez agradável, ao chegar ao largo onde se ergueria a igreja. Cerca de uma centena de pessoas trabalhavam e dançavam e cantavam, fazendo blocos de cimento, colocando os blocos já secos nas paredes da construção, com um empenho e uma alegria que nunca vira. No meio, um Elias esfuziante, gritando, dançando, indo de grupo em grupo. Malongo viu a devota que estivera no cabaré e que sabia se chamar Micaela. Mulher já madura, viúva, segurava uma colher de pedreiro. As duas colunas

que arranjava provisoriamente, enquanto não chegava a aparelhagem que tinha encomendado do estrangeiro, sopravam música de Mory Kanté. Outra centena de pessoas, num círculo à volta, apreciava o espetáculo, mexendo os corpos ao ritmo da música. Saiu do carro e aproximou-se do bispo.

– Muita animação. E o trabalho avança rápido.

– Olá, Malongo. Como vês, o amor por Dominus faz milagres. Quem disse que esse povo não gosta de trabalhar? Aqui sabem que participam na obra de redenção do Mundo, estão motivados.

– Deixa disso – segredou Malongo. – É por causa da música.

– Isso ajuda, mas não é tudo. O trabalho deve ser uma alegria e a música puxa a alegria. Mas espera um pouco e vais ver a principal causa.

Elias subiu para um estrado onde estavam os aparelhos de som, pegou num microfone, diminuiu um pouco o volume da música e começou a falar, sobrepondo as palavras sobre a canção, aproveitando o fundo musical e o ritmo. Falava e dançava, percorrendo o estrado dum lado para o outro.

– Este é o povo de Dominus, o único senhor. Este é o povo que desafia o Mal, o único perdedor. O Mal é a tristeza, o Mal é o desamor. Dominus é Alegria, Dominus gosta d’amor. Temos Esperança, nós somos de Dominus. Temos Alegria, nós somos de Dominus. O futuro é nosso, nós somos de Dominus. O Mundo será de Paz, nós somos os construtores. Nenhuma doença nos vencerá, nós somos de Dominus. Construimos um templo, o templo de Dominus. Endireitamos o Mundo, um Mundo para nós. O prazer não é pecado, o pecado não é amor. Trabalhamos com alegria, dançamos com Dominus.

Malongo ouvia a voz cheia de Elias e inconscientemente entrava na ladainha animada. E via as pessoas sorrir embevecidas e acelerar o trabalho. Transportavam os blocos pesados com passos de dança, riam uns para os outros, se afagavam ao cruzar. Uma ou outra pessoa do círculo de observadores atravessava o espaço vazio e se incorporava voluntariamente no trabalho. E vinha gente das ruas vizinhas para engrossar constantemente o grupo de mirones e o dos trabalhadores. Elias não parava de se mexer no palco improvisado e de falar. A música terminou, começou outra, e ele, sem um segundo de hesitação, manteve o discurso mudando apenas o ritmo de acordo com a nova canção. Um artista, sim senhor. Balançando o pesado corpo na dança, Malongo sentiu-se vaidoso, tinha apostado no clube vencedor. Elias era de facto uma mina.

O pastor parou o discurso, exortando as pessoas a não diminuírem o trabalho, aumentou o som da música, e veio ter com Malongo.

– De vez em quando faço isto para os animar e para atrair mais gente. Ao meio-dia a praça está cheia. Ontem foi a mesma coisa, só que os blocos não estavam secos e não se podiam construir as paredes. Hoje está mais gente a trabalhar. No fim, explico aos novos o que é a Igreja de Dominus e concentro neles a energia da minha mão. Sentem-se muito mais alegres e amanhã voltam.

– Devias impor a tua mão aos vendedores do Roque Santeiro. Vi matarem um ladrão. E pegaram-lhe fogo.

O bispo fez um ar compungido. Olhou bem para Malongo com os olhos míopes e notou a perturbação dele. Guardou um momento de reflexão. Depois falou com uma voz muito doce:

– A sociedade está doente. As pessoas perderam os valores morais, para elas a vida do outro não conta para nada. Precisamos de trabalhar muito para lhes dar novos valores.

– O problema é que não confiam nas autoridades, o Estado caiu em descrédito absoluto. Fazem logo justiça com as mãos deles, porque não confiam que o Estado o faça. Matar um tipo porque roubou qualquer coisa...

– Esse é um tema bom para uma prédica. Aqui no Cazenga é usual queimarem ladrões, carbonizarem como se diz. Tema polémico, deve ser tratado com cuidado. Mas talvez valha a pena. Uma sociedade de Alegria não faz isso. Mas anima-te, irmão, o nosso templo cresce. E sem arquiteto nem operários especializados.

– Isso é que me preocupa. Não vai cair?

– A mão de Dominus está por baixo dele. Como vai cair?

– Eu ficava mais tranquilo se um arquiteto viesse ver isto. Importas-te que arranje um? Porque, se há um acidente e morre gente, acabou, temos de inventar outro negócio.

Elias olhou para as paredes que começavam a ultrapassar os dois metros de altura. Ele mesmo tinha marcado no chão as linhas para os caboucos. Encolheu os ombros, disse:

– Se quiseres arranjar um arquiteto, OK, não há maka. Apesar de achar que não é preciso, Dominus não ia deixar cair o seu templo.

– Vai te lixar! Tu mesmo dizes que Dominus não intervém nas coisas, é como Nzambi.

– Está bem, está bem, faz como quiseres, não me importo.

Malongo voltou a reparar em Micaela, animando um grupo de fiéis. Suava, apesar do ar fresquinho de cacimbo. Era razoavelmente gorda, fruto de muito funje religiosamente ingerido. Ao falar dias antes com ela, notara o hálito forte, cheirando a carne. Talvez fosse esse o bafo do leão, depois de comer uma pacaça. Chamou a atenção de Elias para a atividade de Micaela. O bispo sorriu e os olhos mostraram a virtude da luxúria.

– Aquilo é muita mulher. Só carne e energia. Entrega-se a Dominus com toda a devoção e exuberância.

– Ou ao seu pastor – disse Malongo, rindo e entrando no carro.

Para trás tinha ficado a indisposição causada pelo criado, pelos buracos da rua e o lixo, pela violência correndo solta nos bairros e mercados. Dominus também o tinha tocado com a sua Graça. O futuro apresentava-se agora pleno de Esperança e Alegria.

E Aníbal, o Sábio, chegou. Vinha a transpirar pó e alegria, contando a longa viagem de dois dias numa camioneta que trazia produtos para os mercados de Luanda, ele e mais dez pessoas sentados por cima da carga, dividindo as comidas e bebidas que cada um trazia nos sacos. A camioneta era de Mateus, o candongueiro com quem Nina fora viver quase há dez anos atrás e que, seguindo todas as profecias, a tinha engravidado e depois despedido. Nina tivera o filho na Caotinha, ficou aí uns tempos, deixou a criança com a mãe dela, desapareceu depois diluída nalguma cidade. Sara conhecia a estória. Cada um dos viajantes pagava uma fortuna pela boleia em cima da camioneta, mas Aníbal veio de borla, gentileza do candongueiro. A viagem foi interrompida inúmeras vezes, quer pelo mau estado da estrada, rebentada pelas minas, quer pelo impedimento de alguns grupos armados que recebiam parte dos produtos para os deixar seguir. Grupos de um ou outro dos antigos contendores agora em paz, já ninguém os sabia distinguir nem eles se identificavam. Também podiam ser bandos de desertores, quem sabe se misturados nas pilhagens e esquecidas as origens antagónicas dum outro tempo. Os camionistas já estavam habituados e traziam à parte as mercadorias que deveriam pagar como direito de passagem aos senhores da guerra. País de salteadores de estrada, ao que chegámos, dizia Aníbal sem grande emoção. Até pode ser que sejam verdadeiros militares, mas desorientados. Sentem que a paz lhes vai retirar

importância. Os cigarros ou parte da comida que exigem, é uma afirmação do poder das armas, mas ao mesmo tempo uma antecipada compensação pela futura perda de poder. Um tipo estar vivo e sentir que já passou a peça de museu é sempre uma sensação incômoda. O importante é que tinha terminado a guerra e as pessoas e transportes já podiam circular, refazendo a Nação dilacerada. Mas foi lindo, não imaginam, depois de tantos anos pude passar na Canjala, olhando lá ao fundo recortarem-se no horizonte os temidos morros do Pundo e do outro lado o desfiladeiro suave que vai morrer no mar, no Egito Praia. Atravessar o Quicombo e subir o Xingo, morros de tantas batalhas em guerras passadas, onde ainda restam para a História os esqueletos de gente esquecida e os ferros de carros destruídos. Ultrapassar o mítico Keve, adivinhar à direita a serra da Gabela no seu verde eterno, entrar depois na Kissama de todos os leões, que, diga-se de passagem, já não se encontram, nem elefantes, nem pacaças, eliminados pelos heróis caçadores de fim de semana, alguns até a bordo de helicópteros. País de depredadores, foi nisso que nos tornaram. Depois os olhos de Aníbal se iluminaram involuntariamente, quando descreveu a travessia da ponte do Kwanza, as pessoas cantando no caminhão porque Luanda estava perto e o cheiro do mar batia no rosto. Aí acabou a narrativa, Sara sabia por quê. Aníbal evitava falar da sua chegada à terra natal, que tinha abandonado tantos anos atrás e que no entanto o atraía irresistivelmente, embalando-o com canções de meninice, lendas de Kianda e berridas nas areias vermelhas dos muceques. Amor-ressentimento, paixão-rejeição, Luanda. Há sempre uma Luanda no passado de qualquer benguelense, como Aníbal se considera ser.

Estavam na sala também Judite e Orlando. Era já noite e Aníbal tinha tomado banho e comido. Usava os eternos calções e chinelos de plástico, como na sua casa da Caotinha. Mas porque era hóspede, tinha uma blusa, oferta de Sara, com a palavra PAZ no peito. O cabelo e a barba continuavam grandes e desgrehados, apresentando fios grisalhos. Tenho de o obrigar a cortar a trunfa, pensou Sara, senão as pessoas vão classificá-lo definitivamente de doido irrecuperável.

– Começa a ser tempo de se fazer a História disto tudo – disse Orlando. – Como uma geração faz uma luta gloriosa pela independência e a destrói ela própria. Mas parece que a gente da sua geração não é capaz de a fazer. E a minha geração, a dos que agora têm trinta anos, não sei. Fomos castrados à

nascença. Eu tinha treze anos quando Luanda se mobilizou em massa para receber os heróis da libertação. Fiz parte duma base de pioneiros, à entrada da Ilha, onde morava. Vivíamos para aquilo. Marchávamos, ouvíamos os relatos dos mais velhos vindos das matas, cantávamos as canções revolucionárias, inventámos aquela marcha-dança que se espalhou por todo o país, misto de fervor patriótico e imaginação criativa. E depois quiseram enquadrar-nos. Disseram, devem marchar como os soldados, vocês são os futuros soldados. Já não podíamos dar aqueles passos malucos que arrancavam palmas a toda a gente, vai para a frente, um passo para o lado, volta para trás, uma piada no meio. Mesmo no Carnaval, anos mais tarde, só se podia marchar como os soldados, os grupos deixaram de dançar. Liquidaram a imaginação, em nome duma moral militarista, de disciplina de caserna ou de convento, não sei, já não se podia criticar, dizer o que se pensava, tinha de se pensar antes de dizer. Houve as lutas internas, golpes de palácio que ninguém entendia, afastamentos de tipos que para nós eram heróis, outros iam parar à cadeia. E a minha geração, jovem e entusiasmada, foi perdendo o entusiasmo, foi considerando que a política era algo proibido e perigoso, só se devia cumprir e não pensar. Ela aí está, pensando só no carro e nas viagens, no futebol e nas farras. Sem meta na vida.

– Tens razão – disse o Sábio. – O mais importante para uma geração é dar qualquer coisa de bom à seguinte, um projeto, uma bandeira. No fundo, é o pai a deixar uma herança para o filho. E é triste sentir que a nossa geração, que vos deu apesar de tudo a independência, logo a seguir vos tirou a capacidade de a gozar. Como o pai que, ao oferecer um brinquedo ao filho, o monopoliza, só ele brinca com ele, com o pretexto de que o filho o vai estragar. Não é mesmo tragicabsurdo?

– Vocês são demasiado negativos em relação a tudo – disse Sara. – Está bem, houve erros. Mas nem tudo foi mau, como agora se diz. E não nos deixaram fazer o que queríamos, houve sempre pressões externas impeditivas. Dum lado ou doutro, é preciso que se diga.

Aníbal foi recuperar a garrafa de uísque, que trouxera de Benguela e estava esquecida na mesa. O que havia mais em Luanda era uísque, mas não lhe ocorreu prenda melhor e tinha de trazer uma lembrança, além do peixe seco que ele próprio caçara. Reforçou a dose que ainda tinha no copo e foi servindo os outros. Disse:

– Para falar a verdade, o mal vem de muito atrás. Este país teve uma elite

intelectual de causar inveja a qualquer país africano. Elite citadina, transitando tranquilamente da cultura europeia para a africana, acasalando-as com sucesso, num processo que vinha de séculos. Elite que nunca soube aliar-se às elites rurais, tradicionais. No século passado, isso foi a causa do fracasso de diferentes tentativas de autonomização. Porque, quando o poder colonial atacava os poderes tradicionais, essa elite saudava as guerras de conquista como portadoras de progresso, porque novos territórios lhe davam mais oportunidades de negócios e de cargos administrativos, sem compreender que assim se estava a enfraquecer a si própria. E depois, neste século, apesar de muita conversa sobre a ligação com o campo, a elite urbana continuou egoisticamente só, considerando-se superior ao resto do país. Daí a chamada divisão do nacionalismo angolano, que acabou por se manifestar nesta guerra civil, que ninguém queria considerar como tal. Não digo que o erro esteja só do nosso lado. Mas nós éramos os mais conscientes, os mais abertos ao progresso, por isso com mais responsabilidade de dar o passo decisivo para chamar os outros às nossas posições. E quando uma parte de ti próprio exclui a outra, vai acabar por se dividir em sucessivos processos de exclusão. E aconteceu esta lenta agonia de golpes e contragolpes que o Orlando referiu, de exclusões sucessivas dos que pensavam diferente, a um momento dado, muitas vezes apenas por questões táticas. Se criou a mentalidade da exclusão, da intolerância. O poder de momento não podia aceitar uma opinião diferente da sua, a qual até era capaz de mudar depois, mas sem o admitir e sem voltar a chamar os entretanto excluídos. Nós, os intelectuais, sempre tivemos belas ideias, mas nunca fomos capazes de as defender a sério. E absurdamente criámos um anti-intelectualismo populista que nem nos apercebemos ser suicida.

– Segundo o tio Aníbal então tudo se explica pela história daquilo que alguns chamam a elite crioula – disse Judite. – Não será fácil demais?

– Se só nos cingirmos a isso... Claro que houve factores externos que complicaram as coisas, sobretudo o conflito ideológico Este-Oeste. Mas esses factores alimentaram-se apenas da nossa incapacidade de união. O termo crioulo presta a confusão e por isso não gosto dele. Talvez o adjetivo angolense fosse mais correto. De qualquer modo, essa camada social misturada culturalmente e até mesmo racialmente era a única capaz de olhar para a frente e unir o país, porque era a única com uma ideia de Nação. Mas estava demasiado marcada pela sua própria trajetória ambígua. Tinham sido

os intermediários da colonização, embora gritando contra ela. Reclamavam a defesa da raça negra e desprezavam os direitos das populações do interior, considerando-as incivilizadas. Exigiam autonomia e, ao mesmo tempo, beneficiavam da dependência. Claro que isso criou desconfianças entre essa camada urbana das grandes famílias e as sociedades tradicionais, que sentiam serem apenas piões no jogo. E até mesmo no seio das grandes famílias se mantinha a divisão de estatuto social entre os que tinham sido donos de escravos e os descendentes de escravos, entre os filhos da casa e os filhos do quintal. Eram conversas e makas que acompanharam a minha meninice no Bairro Operário, sei do que falo. Isso deixou ressentimentos, marcou os comportamentos, dividiu a elite. O resto vem num processo lógico de exclusão. Evidentemente, estes processos não aparecem claramente aos olhos das pessoas. Mas os intelectuais tinham obrigação de se aperceberem deles desde o princípio e terem conseguido superá-los. No entanto, carregavam o pecado original, os privilégios do passado. E como todos os cristãos, tinham de se mortificar pelo pecado que carregavam dos antepassados. Tornaram-se intelectuais com vergonha de o ser. Não exerceram o seu papel de intelectuais, aqueles que mostram o caminho. Chegaram ao ponto de aceitar serem considerados por alguns ditos dirigentes como inimigos de classe por terem estudado mais que os outros. E batiam no peito, *mea culpa, mea culpa*. Quando os intelectuais se demitem, é evidente que a sociedade perde o norte, vai buscar outros valores, geralmente à mediocridade. Esse é o problema que estamos com ele.

– Essa é uma linha de pensamento interessante – disse Orlando. – Como sabe, criámos um grupo apartidário para refletir sobre esses problemas. Por que não vem falar disso ao nosso grupo? Dará uma discussão animada.

– Se me prometerem que não convidam a imprensa. E no fim não me entregam um papel qualquer dum partido para eu assinar.

– Já lhe disse, é um círculo apartidário, apenas para reflexão.

Sara tinha deixado Aníbal falar, como ela sabia que ele gostava de fazer. Coitado, ficava meses a falar com as mangueiras, porque agora tinha quatro, todas com nomes. Era raro ter um público e o seu pecado era precisar dum público. Oh, tinha outros pecados, ela bem sabia. No fundo, nunca lhe perdoara a cena com a Nina, que ele lhe contou com a maior candura. Não o facto de ter feito amor com ela. Mas o de ter sido bruto, lhe ter negado a

ternura que tal momento exigia. Ele também reconhecia a sua culpa, o macho violento que há em todo o homem veio à tona do álcool, fui cruel.

– Abordaste a guerra civil – disse Sara. – Ela também foi derivada dessa ruptura?

– Claro. Há duas Angolas, elas se defrontaram. Duas Angolas provenientes dessa cisão da elite, a urbana e a tradicional. Isto de forma grosseira, é evidente, porque sempre houve pontos de passagem entre os diferentes sectores. Felizmente nesta guerra houve um empate, nenhuma destruiu a outra. Mas continua a haver duas Angolas. Temos de tapar esse fosso, voltar a criar as pontes. Ora, não é com partidos que se consegue encher o fosso. Os partidos são feitos para dividir, não para unir. Só uma ideia suprapartidária de Nação.

– E uma religião? – disse Orlando.

– Não certamente a do Dominus – riu Judite.

Perante o espanto manifestado por Aníbal, Judite contou o projeto de Malongo, Vítor e Elias. Tinha-lhe sido confidenciado pelo pai, mas naquele grupo ela não se sentia particularmente culpada por revelar segredos que, no fundo, haviam de ser conhecidos mais tarde ou mais cedo. Aníbal não fez nenhum comentário. Sara insistiu com ele, o que achas?

– Preferia não dizer nada – respondeu ele. – Afinal um é o pai da Judite e o outro o vosso grande amigo Vítor. Não me admira que tenham descoberto isso. Hoje que a sociedade está sem valores, as pessoas viram-se para a religião, qualquer que ela seja, precisam de acreditar nalguma coisa. E, como sempre, haverá as religiões que servem as pessoas e as que se servem das pessoas.

– Pode falar à vontade, tio – disse Judite. – Eu já critiquei o meu pai por causa disso. Não em termos políticos, porque não sei nem quero saber dessas inglórias lutas pelo poder, mas por uma questão moral. Vão ganhar dinheiro à custa da credulidade das pessoas, é desonesto, quase um roubo.

– O problema fundamental é que o Malongo e o Vítor são os neoburgueses, os que enriqueceram ou pensam enriquecer à sombra do Estado e têm comportamento de novos-ricos, com tudo de trágico e ridículo que essa palavra comporta. E há os lúmpen-burgueses, os candongueiros de todas as espécies, os que começaram por pequenos negócios de rua e vão crescendo, sem cultura nem ética. Qual das duas classes comerá a outra? São classes com origens sociais diferentes, mas de igual apetite insaciável.

Chegarão a fazer uma aliança e a criar um novo empresariado? Vão vender-se ao estrangeiro ou serão capazes de o assimilar? Seguirei com curiosidade esse combate que vai preencher o fim do século.

– A propósito – falou Sara. – O Malongo pensa oferecer-te um jantar em casa dele, onde juntará o Vítor e outros amigos antigos.

– Espero que tenhas diplomacia suficiente para me evitar essa cilada.

Judite foi juntar-se a Orlando no sofá. Deu-lhe um beijo rápido e disse baixo, mas de maneira que todos ouviram, temos de deixar os pombinhos irem para a cama, há um ano que não se encontram e têm muita coisa a fazer. Todos riram, em cumplicidade total. Aníbal bebeu o resto do uísque e ia-se levantar. Mas Orlando ainda perguntou, tentando alimentar a conversa:

– Não pensa mesmo fazer atividade política?

– Para dizer a verdade, tinha vontade de criar o MMP, o Movimento dos Marginalizados do Processo. Como único programa, ser oposição ao futuro governo eleito, qualquer que seja. Porque marginalizados só podem ser oposição, nunca ganham eleições, mesmo sendo a esmagadora maioria da população. Se por um azar o Movimento conseguisse ter a maioria dos votos, o que correspondia a uma impressionante tomada de consciência do povo, dissolvia-se automaticamente, para não ser corrompido pelo uso do poder. Mas, como bom intelectual angolano, não tenho capacidade para pôr em prática esta bela ideia.

– Não se vai demitir agora das suas responsabilidades de intelectual, espero – disse Orlando. – Pelo menos, vai aceitar desenvolver as suas ideias no nosso grupo de reflexão. Também é um grupo que reúne os marginalizados do processo.

– O passado nunca justifica a passividade – disse Judite. – Se todos dissermos que nada vale a pena, então é melhor morrermos ou deixarmos morrer, sempre é mais coerente do que vegetarmos.

Cada casal foi para o seu quarto, com sorrisos malandros. O apartamento só tinha esses dois quartos e a sala, porque Sara sempre recusara arranjar uma vivenda. Já do outro lado, Judite gritou:

– Se precisarem de pau de Cabinda, sabem onde está guardado.

– Oxalá vocês cheguem aos cinquenta e tal anos com o nosso tesão – respondeu Aníbal, o Sábio. – A nossa geração só nisso foi competente.

Já na cama, enquanto esperavam para se abraçarem, gozando o adiamento do inevitável, Sara perguntou:

– Quanto tempo contas ficar em Luanda?

– Uma semana. Tenho de gozar ao máximo a minha baía. Porque com esse capitalismo selvagem que se anuncia, vão atulhá-la de hotéis e bares, vão dar cabo dela e da minha solidão doirada. Um dia terei de procurar outra baía mais para sul, sempre mais para sul. Será o sul a minha última utopia?

A fala de Aníbal tinha o relento descrente do conformismo. Evocava a sucessão monótona dos morros áridos eternamente à espera de chuva, a infinita dimensão das chanas, o repetitivo apelo do sol morrendo no mar da Caotinha. Sara sentiu nele a renúncia fatal do guerreiro, baixando a arma, o gesto impotente de revolta cedendo à fatalidade. Teve uma visão de Aníbal nadando para o mar alto, sempre a direito, caminho do Brasil, sem forças nem vontade de lutar contra a corrente que o sugava. Com desespero e compaixão, abraçou o corpo magro, procurando dar-lhe calor.

O primeiro grande culto da Igreja da Esperança e Alegria do Dominus realizou-se no cinema Luminar, numa manhã de domingo cacimbado. Vítor conseguiu o empréstimo da sala e Malongo fez montar as aparelhagens de som, alugando as da Cultura. Dentro de meses chegariam as compradas no exterior, o que daria autonomia à Igreja. O terreno do Cazenga estava a ser arranjado, a cargo duma equipa de arquitetos e engenheiros contratados para o projeto. Foram desenhados os planos para o templo, corrigindo a ideia inicial de Elias, e foram também projetadas as áreas vizinhas, com um pátio para as grandes celebrações no meio de árvores. Nessa zona árida, foram plantadas as árvores e arranjados os meios para as regar. Os espíritos dos antepassados ganhavam foros de divindade dentro da teologia de Elias, por isso eram necessárias árvores onde eles pudessem habitar. Uma parede lateral do templo foi projetada de forma a sustentar um enorme palco em socalcos, onde ele oficiaria. Entretanto, os cultos passariam nos cinemas alugados para o efeito.

Desde as sete horas começaram a se juntar os fiéis, os quais arrastavam amigos e familiares curiosos de assistir ao culto que era publicitado como um espetáculo em que haveria curas e outras surpresas. Os panfletos para a reunião, impressos com o dinheiro de Malongo, tinham sido concebidos por uma empresa de jovens desenhadores de talento, os melhores da banda, dirigidos por um velho artista lembrando Búfalo Bill, e distribuídos pela

cidade inteira durante uma semana pelos miúdos desocupados das praças, os quais tinham aprendido a gritar, no Luminar Dominus se vai revelar, com Dominus no Luminar vamos xinguilar. No jornal apareceu também uma publicidade a meia página que dizia apenas: DOMINUS NO LUMINAR. E as pessoas perguntavam nas conversas das lanchonetes e bares, mas quem é Dominus, é um novo partido? Muitos perguntavam, poucos respondiam. Tanta propaganda acabou por chegar à rádio, que num programa matinal de muito sucesso também punha a questão, mas que é isso de Dominus? Vá ao Luminar domingo para saber. A palavra mágica entrou nos ouvidos da cidade, Dominus passou a ser curiosidade geral. Por isso, às nove da manhã, hora anunciada para o culto, o cinema estava cheio e muita gente ainda procurava entrar. Quase todos os espectadores tinham respeitado o pedido dos panfletos e não vinham vestidos de preto, cor desaconselhada porque triste, trajando saias e blusas floridas, calças azuis, verdes ou vermelhas. Os fiéis traziam o vestuário da Igreja, arranjado à pressa porque as discussões sobre as cores tinham demorado muito, Dominus não se tinha pronunciado sobre elas. Assim, Elias acabou por escolher amplas blusas ou camisas feitas de pano do Congo, com calças ou saia de tecido amarelo. Nada de bubús ou abakos, trajes africanos que em Luanda eram conotados com autenticidades importadas de triste lembrança, mas calças e camisas à maneira europeia, tropicalizada pelos panos garridos feitos na África Têxtil de Benguela. A música africana e das Antilhas, amplificada por milhares de *watts*, desde as sete horas atraía gente dos bairros vizinhos, até mesmo diplomatas que moravam na zona, arrancados das camas pela potência das aparelhagens anunciando um domingo diferente. Grupos de calús, vindos das farras de sábado, caíam no cinema pensando continuar a festa interrompida pelo sol.

Se a publicidade tinha sido um sucesso e a sala apresentava um aspecto acima das previsões mais otimistas, Malongo e Vítor, acompanhados da curiosa Judite, não ocultavam um certo nervosismo. Tinham vindo no carro de Malongo e o ministro usava espessos óculos escuros e um chapéu de pano, para passar despercebido. Como se comportaria Elias perante tanto público? A hora da verdade chegava. Não conheciam os pormenores do culto e tinham particularmente medo das curas, porque esse era o ponto sensível, dando facilmente o flanco à acusação de charlatanice. Mais nervosos ficaram quando viram o André Silva, jovem jornalista, com um

bloco e caneta, prontinho para anotar dados para alguma crónica virulenta. O André Silva tinha uma prosa corrosiva e elegante, caso raro na nova geração de jornalistas. Eles estavam na última fila, a mais escondida, guardada pelos caxicos de Elias desde as sete da manhã, mas mesmo assim Vítor encolheu-se mais no banco, não fosse o jornalista detectá-lo. Já viste o que seria, segredou Mundial para Malongo, amanhã aparecer no jornal em letras garrafais MINISTRO ASSISTE A CULTO ELETRÓNICO? Estava lixado. Que nada, respondeu Malongo, sempre podes dizer que um ministro deve estar com o povo e vieste ver o que era isso de Dominus. Não é por aí que te pegam. Mas, claro, podiam começar a investigar e descobrir que tens dado uma mãozinha para ajudar a Igreja, já era uma maka. Judite sorria, ouvindo a conversa. Tinha aceitado o convite do pai para ver, como médica, quais os efeitos das curas de Elias. E percebia o nervosismo de Malongo. Ele tinha tentado convencer Elias a abandonar as curas, mas o bispo foi inflexível, religião que não opera curas não é religião aceite, e a minha missão é tornar as pessoas mais felizes. O contrato entre eles era claro e Elias lembrou-lho, em questões religiosas só eu decido, eu é que fui escolhido por Dominus.

A música de repente mudou dos Kassav antilhanos para Bach. Eram exatamente nove horas e um murmúrio nervoso percorreu a sala superlotada, com todos os corredores entre os bancos cheios de gente em pé. Um minuto de Bach e silêncio. O silêncio feriu os tímpanos e intimidou todos os assistentes, de forma que nem uma tosse ou um suspiro se ouvia. No meio desse silêncio quase doloroso, Elias entrou no palco repleto de flores. Espantoso como conseguiram tantas flores, pensou Judite, devem ter devastado todos os jardins, ainda vão ter os jovens ecologistas à perna. O bispo de Dominus trajava como os membros da congregação, uma ampla blusa de todas as cores, com motivos da cultura nacional, destacando-se a figura do Pensador e Tchibinda Ilunga, e calças amarelas. Ao pescoço trazia um colar grosso e brilhante, que sustentava uma enorme medalha com o triângulo e a linha inclinada. A cabeça nua deixava ver a careca brilhante. Entrou de braços abertos, em passos pequenos e redondos e ficou parado no meio do palco, enquanto ia crescendo o som de batuque. O batuque foi aumentando e ele foi progressivamente acompanhando com o corpo o ritmo ancestral. E começou a falar, através do microfone dissimulado na camisa, colando a cadência da fala à do batuque, esta é a Igreja de Dominus,

todos são bem-vindos, os fiéis são bem-vindos, os curiosos são bem-vindos, os inimigos são bem-vindos, os caluniadores são bem-vindos, os descrentes são bem-vindos, todos são de Dominus, porque a todos Dominus ama, e no fim já não serão descrentes, e no fim já não serão inimigos, e no fim já não serão caluniadores, pois no fim todos somos irmãos, no fim todos somos filhos de Dominus, e Dominus é único e é pai e mãe de todos os deuses, e é pai e mãe de todos os espíritos, e é pai e mãe dos ventos e da Lua, das tempestades e do sol, dos animais e das plantas, dos que amam e dos que desamam, dos que se alegram e dos tristes, dos que aceitam e dos intolerantes, dos que amam sem medo e dos medrosos do amor, porque Dominus nos criou para a felicidade, porque Dominus nos criou para o prazer, e houve homens que não entenderam, houve homens que quiseram nos tornar tristes, houve homens que inventaram regras de infelicidade, e esses homens criaram religiões sem entender a mensagem de Dominus, a do amor e da alegria, e essas religiões oprimem as pessoas, querem que as pessoas sofram e chorem, se sintam culpadas quando estão alegres, se sintam culpadas quando têm prazer, se sintam culpadas quando fazem amor, e as pessoas são infelizes, perdem o sentido do prazer, se tornam iguais a esses que as desamam, e matam e ferem, e fazem guerras e roubam, tudo por falta de prazer, tudo por falta de amor, tudo por esquecerem a mensagem de Dominus, o único e verdadeiro, o Nzambi dos nossos corações, Nzambi-Kalunga das nossas crenças, Nzambi da nossa esperança, e por isso aqui estamos ensinando a doutrina de Dominus, que nos foi revelada por Ele na Nigéria, terra de todos os deuses e orixás, deuses que atravessaram o Atlântico, todos eles filhos de Dominus, o Nzambi da nossa alegria, que nos disse vai e ensina, aos meus filhos que sofrem com a guerra, aos meus filhos que são oprimidos, aos meus filhos que esqueceram o prazer, vai e ensina a verdade, e nesse momento o batuque aumentou de frenesi e Elias se pôs a bungalow, vai e ensina, Dominus disse, vai e ensina, Dominus falou, que as mulheres ouçam, Dominus falou, que os homens ouçam, Dominus falou, que as crianças ouçam, Dominus falou, que os surdos ouçam, Dominus falou, que os mutilados ouçam, Dominus falou, que os estropiados dancem, Dominus falou, que os cegos dancem, Dominus falou, que os tristes cantem, Dominus falou, que os viúvos cantem, Dominus falou, que os órfãos cantem, Dominus falou, que os espíritos dancem, Dominus falou, nas folhas dancem, Dominus falou, nas

encruzilhadas cantem, Dominus falou, que os feiticeiros cantem, Dominus falou, que os feitiços acabem, Dominus falou, que a ingratidão acabe, Dominus falou, que a inveja acabe, Dominus falou, que o ciúme acabe, Dominus falou, e a multidão começou a bater palmas, a repetir a ladainha Dominus falou, os olhos a se revirarem, os corpos a tremer, o ritmo do batuque entrando, entrando, os olhos a olharem mais para dentro, as falas mais ansiosas, as respirações mais ofegantes, até que uma mulher se levantou na sala, correu para o palco, gritou Dominus falou, se pôs a xinguilar, a boca espumando, os olhos revirando, xinguilando até ficar ajoelhada, Elias continuando a bungular dum lado para o outro, recitando, o povo gritando Dominus falou, e a mulher xinguilando até cair, ficar deitada no chão de madeira, em convulsões, as ancas rebolando como no ato frenético do amor, e Elias parou de falar, de bungular, apontou para ela o braço direito, a mão aberta para a mulher e disse, a minha mão te cura, a minha mão é de Dominus, com Dominus te curo, as tristezas vão para o mar, a minha mão te cura, e a mulher ficou quieta, deitada, respirando suavemente, e as pessoas que estavam sentadas se levantaram para ver melhor, Judite das primeiras, e só ficou o batuque agora mais suave, até a mulher se sentar, olhar o povo que a fitava, sorrir aquele sorriso da tranquilidade, fazer uma vénia agradecida a Elias, e descer a escada do palco com ar de felicidade, os olhos já não olhando para dentro mas para o mundo que a observava, e Elias retomou a ladainha, porque Dominus a curou, apenas pela imposição da mão, ela tinha os calundus dos antepassados que lhe oprimiam o peito, agora está livre e alegre, nunca será a mesma pessoa, e as doenças mais dificilmente lhe pegarão, porque recebeu a graça de Dominus, e o batuque voltou a aquecer e ele começou a retomar a bungulação, por esta mulher Dominus falou, pelo corpo dela Dominus falou, quem quer ser livre, Dominus falou, deve amar Dominus, Dominus falou, deve amar os outros, Dominus falou, no momento em que Judite ouviu um profundo suspiro de alívio, olhou para o pai e viu Malongo sorrindo, a primeira prova tinha passado bem, a sala estava de novo ao rubro, o ritmo do batuque cada vez mais frenético, as pessoas gritando em uníssono Dominus falou, já ninguém ouvia o discurso de Elias, embriagados todos pelas palmas e batuque, pelos gritos e as idas e vindas do grande profeta no palco, até se gerar um burburinho na plateia e um homem saltar para o palco, os olhos absolutamente desorbitados, o qual correu para Elias

agitando os braços, parecia o ia atacar, mas estacou e caiu de joelhos, lhe beijando a mão estendida e ficou logo em seguida como hipnotizado pela mão aberta estendida para ele, adquiriu ar beatífico num esgar de felicidade, se levantou sem uma palavra e saiu do palco, um sorriso pacífico no rosto, dando o lugar a uma jovem e depois outra e mais uma mulher, numa fila interminável de gente indo receber o que podia significar uma bênção mas que segundo Elias eram os fluidos de energia vindos diretamente de Dominus e que tratavam as doenças radiciais através da mão dele, modesto instrumento do qual a divindade se servia, enquanto na plateia as pessoas repetiam a mesma ladainha, balançando ao ritmo do batuque, até o som diminuir um pouco e o bispo aproveitar para falar, sempre no mesmo tom, explicando os passos principais da doutrina, trovejando contra a intolerância, falando da necessidade de se esquecer os ressentimentos da guerra, da necessidade de acreditar no futuro coletivo, não no paraíso depois da morte mas agora, imediatamente, porque o futuro era apenas feito de presente e o presente devia ser vivido com prazer, com fé e confiança, pois só pessoas felizes podiam criar mundos justos e não o contrário, como lhes tinham desde sempre ensinado todas as religiões e ideologias, que o futuro justo tornava os homens melhores, isso era um erro vindo da não compreensão por parte dos profetas anteriores das palavras de Dominus, pois a nós na Nigéria Dominus ensinou a única verdade, o futuro só é justo se hoje formos felizes, para isso temos de encarar a vida como o tempo curto do prazer, sem exageros nem luxúrias, mas com esperança e fé, porque Dominus é bom e não nos cobra nenhum pecado original, o Homem nasceu puro e puro se mantém se seguir as regras duma vida normal em que o amor é natural, comer e beber é natural, cantar é natural, dançar é natural, e sobretudo, e sobretudo, deixando aqui Elias uma pausa cair sobre a cabeça das pessoas para o entenderem absolutamente, dançar é a arte dos deuses, por isso que em todas as religiões antigas, as mais próximas do ensinamento de Dominus, as bailarinas eram sagradas e tudo se passava com danças como nas nossas sociedades tradicionais, porque o ritmo e o prazer dos movimentos do corpo são a manifestação da divindade, não sendo pois por acaso que os africanos sejam os melhores bailarinos do mundo, pois em África nasceu o Homem e em África nasceu a fala, a palavra divina, e em África nasceu a dança, a arte divina, e de África a verdadeira palavra de Dominus vai irradiar para o Mundo, desta África aqui nossa, desta terra

bendita de todas as maravilhas e desde sempre amarfanhada por todas as opressões, que no entanto nunca conseguiram abafar completamente a VOZ que vem dos tempos para lá da memória, A VOZ DE DOMINUS, esta voz com a qual vos vou agora falar, como a ouvi um dia na Nigéria, e Elias voltou a fazer uma pausa, e todos os que xinguilavam pararam para ver e ouvir, e ele começou a falar naquela maneira dele sem mexer os lábios, uma voz profunda e quase rouca enchendo o cinema agora em silêncio absoluto, esta é a minha voz, Eu sou Dominus que vos falo através de Elias, o meu filho querido, e tudo o que ele disser sou Eu que o digo, e tudo o que ele fizer sou Eu que o quero, e os que o seguirem serão melhores, e os que o seguirem serão felizes, e os que o seguirem terão o presente, porque assim o quero, e Elias sacudiu a cabeça, voltou a falar em tom normal, enquanto o batuque retomava baixinho, fazendo as pessoas balouçar levemente, assim fala Dominus, e ele é luz e ele é voz, e ele vem das estrelas nos visitar e nunca o entendemos, não conseguimos perceber os objetos estranhos que por vezes passam por cima das nossas cabeças e nem os cientistas os conseguem explicar, aí está, disse Malongo em voz alta, conseguiu enfiar os OVNI nesta merda, eu sabia, eu sabia, mas Judite notou que o pai estava radiante, maravilhado, e a sua veia de bailarino tinha vindo à tona e não podia parar de se balançar ao ritmo da ladainha e do batuque, apanhado ele próprio na armadilha, enquanto Elias continuava a falar e a aumentar a cadência, bungulando de novo e repetindo Dominus falou, no que foi acompanhado pelos fiéis e em seguida por toda a assistência, até pelo jornalista André Silva que abandonara o caderno de notas e gritava como todos, os olhos redondos, esquecida a sua função de crítico mordaz, chegando ao ponto de no dia seguinte escrever no jornal que o cinema Luminar perdera o teto durante o culto, ele próprio tinha visto o teto projetar-se para o espaço em milhões de fragmentos luminosos e por isso hoje esse cinema é ao ar livre, sendo uma maravilhosa ruína que assim deveria permanecer para mostrar a todos a força de Dominus, ruína igual à do Coliseu de Roma que, segundo estudos científicos recentes, também tivera teto antes de os leões comerem os primeiros cristãos, na época seguidores muito próximos dos preceitos de Dominus embora já enganados pelo ascetismo dos profetas que não tinham entendido totalmente a lição da tolerância, e as únicas pessoas que mantinham o sangue-frio eram Vítor, sempre encolhido no seu canto, e Judite, estranhamente atirada para os seus

quinze anos em que assistira às multidões cantando as palavras de ordem da independência com igual fervor, pois Malongo balançava com a ladainha, a qual atingia a cadência máxima, Elias agora totalmente solto e iluminado, proferindo Dominus falou, impondo a cura pela mão à fila de gente que subia para o palco e xinguilava, impondo a mão a toda a assistência, a qual cantava e dançava e ria, absolutamente sintonizada, havendo um ou outro feiticeiro que subia ao palco para se despojar dos seus feitiços, perna de galinha, pedaço de osso, resto de orelha humana, pregos ou paus, figurinhas de madeira, feiticeiros arrependidos e agora livres, numa festa sem precedentes em Luanda, e os caxicos da Igreja passavam entre as pessoas com sacos, enquanto o bispo dizia, suando e rouco, Dominus falou, só dá quem quer, Dominus falou, ninguém é obrigado, Dominus falou, o descrente não deve dar, Dominus falou, o dinheiro é para a Igreja, Dominus falou, África ensina o Mundo, Dominus falou, os que desamam não devem dar, Dominus falou, o inimigo de Dominus não deve dar, Dominus falou, precisamos da vossa ajuda, Dominus falou, vamos ensinar a verdade, Dominus falou, mas não queremos dinheiro sujo, Dominus falou, dinheiro da droga é sujo, Dominus falou, dinheiro da corrupção é sujo, Dominus falou, dinheiro da inveja é sujo, Dominus falou, dinheiro do roubo é sujo, Dominus falou, e os assistentes enchiam os sacos com o dinheiro e as poucas joias e até mesmo as camisas, e os caxicos iam com os sacos despejar atrás do *ecrã* do cinema e voltavam receber mais, todo o povo dançando e se beijando e se tocando, se massimbando mesmo nas filas e nos corredores e depois no largo à frente do Luminar e nas ruas adjacentes, batendo os pés e as palmas e dizendo Dominus falou, a caminho dos mercados e das casas, das praias e dos muceques, em cortejos se multiplicando como no Carnaval, do Luminar partindo felizes para ganhar o Mundo e a Esperança.

Epílogo

Como é óbvio, não pode existir epílogo nem ponto final para uma estória que começa por portanto

Berlim, Fevereiro de 1992

GLOSSÁRIO

Abako: casaco de gola fechada, à Mão Tsé-Tung.

Alembamento: pagamento feito aos pais da noiva.

Àtoamente: à toa.

Bazar: fugir, retirar.

Berrida: corrida. Dar berrida = afugentar.

Biberão: mamadeira.

Bica: café expresso.

Bubú: camisa larga de panos coloridos.

Bué: muito.

Bungular: agitar as nádegas rapidamente. Gesto de feiticeiro.

Cacimbar: cair cacimbo.

Cacimbo: névoa fina, característica dos meses de junho a agosto.

Calema: agitação no mar, o que provoca grandes ondas.

Caluanda (kaluanda): habitante de Luanda.

Calulú: prato de peixe, óleo de palma e farinha de mandioca.

Calundú: espírito.

Calús: termo irónico para designar os habitantes de Luanda.

Capim: erva.

Caxicos: serviçais, criados.

Caximpembe: aguardente.

Caximpembe de makolo: aguardente feita a partir do makolo, um fruto.

Cazumbi: alma do outro mundo, duende.

Chana: o mesmo que savana.

Chau: interjeição de despedida. Adeus, tchau.

Chuíngame: chiclete.

Combina: forma popular de “combinação”, “acordo”.

Dembo: chefe tradicional. Pode designar uma região do Norte de Angola.

Ela: pedra mais ou menos quadrangular que serve de altar nas cerimônias dos Cuvalé, sobretudo para os sacrifícios de animais.

Estória: história.

Fuba: farinha de milho ou mandioca.

Funge ou funje: pasta de fuba com água.

Haka: interjeição de admiração.

Imbamba: os pertences, as bagagens.

Império Lunda: império existente no Nordeste de Angola até finais do século XIX.

Kaluanda: o mesmo que caluanda.

Kalunga: nome do Deus supremo.

Kamba: amigo.

Kamundongo: originalmente significava “habitante do reino do Ndongo”, onde fica Luanda. Passou a designar, no Leste de Angola, os do Norte.

Kangala: língua do Sueste.

Kaporoto: aguardente caseira.

Kembo: rio do Moxico (sueste).

Kianda: ser mítico das águas.

Kibeto: luta, guerra.

Kimbo: aldeia.

Kimbundu: língua do Norte.

Kissanje: instrumento musical.

Kissonde: formiga voraz, que pode atacar o homem.

Kota: mais velho.

Kuata-kuata: agarra-agarra. Assim se chamavam as guerras para caçar escravos.

Kuzuo: preso.

Kwanza: unidade monetária de Angola.

Jindungo: picante.

Lerpar: morrer. Também pode ser usado no sentido de “fugir, escapar” ou, ainda, “perder”.

Livongue: antílope. Termo da língua mbunda, do Leste de Angola.

Lutxaze: língua do Leste.

Luvale: língua do Leste.

Maka: discussão, conflito.

Maboque: fruto do maboqueiro, com cor e tamanho de uma laranja e polpa aromática.

Marimbando: gerúndio do verbo marimbar: Não dar importância, não fazer caso.

Masé: mas é.

Massembar: dar massemba, juntar os umbigos na dança.

Mata-bicho: pequeno almoço.

Mbambi: antílope pequeno.

Mbunda: língua do Leste.

Monangamba: trabalhador forçado.

Muadiés: senhores.

Muata: chefe tradicional do Leste.

Muatismo: originada de “muata”, o muatismo designa o abuso dos privilégios das chefias.

Muceque: bairro africano de Luanda.

Mujimbo: notícia. Ultimamente com sentido de boato.

Mulher-a-dias: diarista.

Muxoxar: fazer ruído com a boca em gesto de desdém.

Ndoka (hidromel): bebida fermentada à base de mel.

Ngola: título designando o rei do Ndongo.

Nzambi: Deus supremo.

Ovimbundu: população do centro de Angola. Singular: umbundu.

Pacaça: antílope grande, como um búfalo.

Patrício: termo designando o angolano negro.

Pirão: pasta de milho com água.

Possas: interjeição utilizada com um sentido de admiração e, ao mesmo tempo, irritação. Equivale aproximadamente a “puxa vida!” ou, até mesmo, uma forma branda de “porra!”.

Puto: Portugal.

Quinda: espécie de cesto de palha.

Quitandeira: vendedora.

Rítimo: ritmo. Pepetela decidiu passar a escrever assim, com o intuito de aproximar o escrito do falado.

Salalé: formiga branca.

Sekulo: mais velho.

Semba: dança.

Tchibinda Ilunga: herói mítico, fundador do Império Lunda.

Tchokue: língua do Nordeste.

Tuga: português (pejorativo).

Turra: terrorista.

Umbundu: singular de ovimbundu.

Xinguilar: estremecer os ombros e depois todo o corpo, quando se recebe um espírito.

Xinjanguila: dança de roda do Leste de Angola.

Índice

[CAPA](#)

[Ficha Técnica](#)

[A CASA \(1961\)](#)

[1](#)

[2](#)

[3](#)

[4](#)

[5](#)

[6](#)

[7](#)

[8](#)

[9](#)

[10](#)

[11](#)

[Epílogo](#)

[A CHANA \(1972\)](#)

[1](#)

[2](#)

[3](#)

[4](#)

[5](#)

[6](#)

[7](#)

[8](#)

[9](#)

[10](#)

[11](#)

[Epílogo](#)

[O POLVO \(Abril de 1982\)](#)

[1](#)

[2](#)

[3](#)

[4](#)

5

6

7

8

9

Epílogo

O TEMPLO (A partir de julho de 1991)

1

2

3

4

5

Epílogo

GLOSSÁRIO



PEPETELA

LUEJI

O NASCIMENTO DE UM IMPÉRIO



Lueji - o nascimento de um império

Pepetela

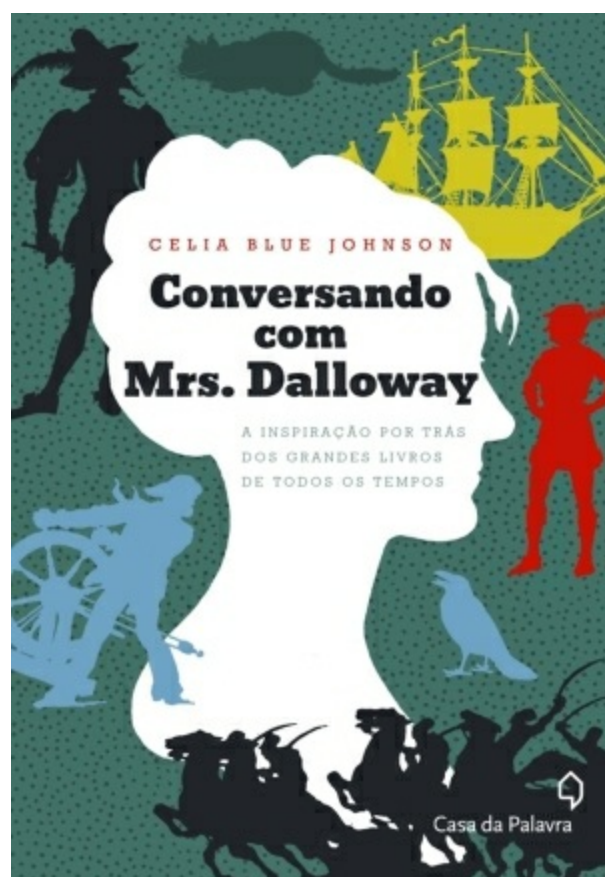
9788544101896

464 páginas

[Compre agora e leia](#)

Em Lueji, o nascimento de um império, Pepetela constrói uma narrativa original, revelando a história de duas mulheres, Lu e Lueji, personagens separadas uma da outra por 400 anos, mas unidas numa mesma trajetória: o confronto com o mundo e a busca por identidade. É por meio dessa intersecção, que extrapola os próprios limites do tempo na prosa, que o autor tece a História de Angola. E as lacunas deixadas pelo mito, pelo saber colonial e pela tradição oral são preenchidas pela fascinante ficção de Pepetela. Pepetela nasceu em Benguela, Angola, em 1941. Licenciou-se em Sociologia, em Argel, durante o exílio. Foi guerrilheiro pelo MPLA, político e governante. Desde 1984 que é professor na Universidade Agostinho Neto, em Luanda, e tem sido dirigente de associações culturais, com destaque para a União dos Escritores Angolanos e a Associação Cultural e Recreativa Chá de Caxinde. A atribuição do Prêmio Camões (1997) confirmou o seu lugar de destaque na literatura lusófona.

[Compre agora e leia](#)



Conversando com Mrs. Dalloway

Johnson, Celia Blue

9788577343485

256 páginas

[Compre agora e leia](#)

A volta ao mundo em 80 dias, Alice no País das Maravilhas, Moby Dick, Crime e castigo, Orgulho e preconceito, E o vento levou. Todos esses livros resultaram de uma intrincada trama de imaginação, experiência e, muitas vezes, mero acaso. Mas o que os autores desses títulos de fato têm em comum é um intenso desejo de capturar a inspiração no momento em que ela se manifesta. São essas inspirações que Celia Blue Johnson apresenta neste livro. As histórias por trás de cinquenta clássicos, entre eles O fantasma da ópera, Jane Eyre, Frankenstein e O ursinho Pooh, revelam os motivos que levaram nossos heróis literários a pôr a pena no pergaminho, a caneta no papel ou o dedo no teclado da máquina para escrever alguns dos livros mais queridos que conhecemos.

[Compre agora e leia](#)

**a
bruxa
não vai para
a fogueira
neste livro**

amanda lovelace



A bruxa não vai para a fogueira neste livro

Lovelace, Amanda

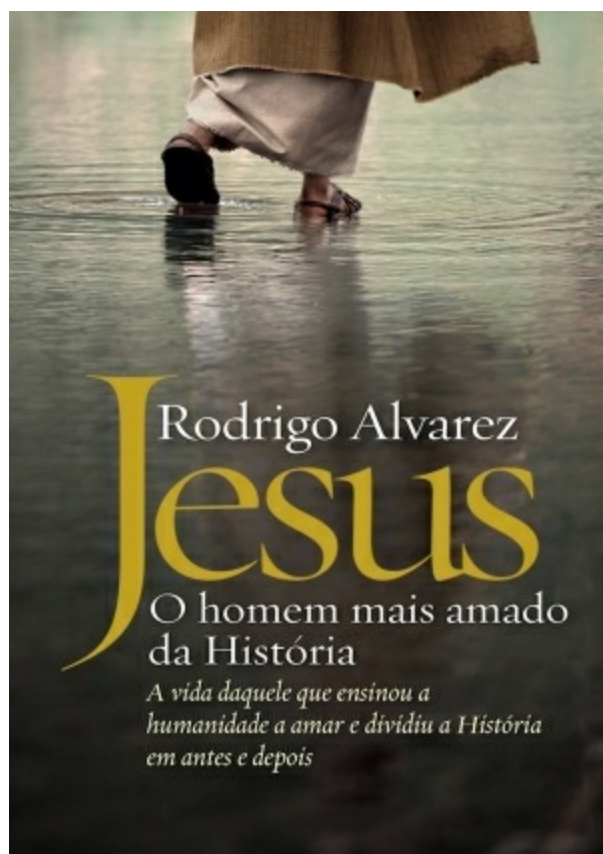
9788544107027

208 páginas

[Compre agora e leia](#)

Aqueles que consideram "bruxa" um xingamento não poderiam estar mais enganados: bruxas são mulheres capazes de incendiar o mundo ao seu redor. Resgatando essa imagem ancestral da figura feminina naturalmente poderosa, independente e, agora, indestrutível, Amanda Lovelace aprofunda a combinação de contundência e lirismo que arrebatou leitores e marcou sua obra de estreia, *A princesa salva a si mesma* neste livro, cujos poemas se dedicavam principalmente a temas como relacionamentos abusivos, crescimento pessoal e autoestima. Agora, em *A bruxa não vai para a fogueira* neste livro, ela conclama a união das mulheres contra as mais variadas formas de violência e opressão. Ao lado de Rupi Kaur, de *Outros jeitos de usar a boca* e *O que o sol faz com as flores*, Amanda é hoje um dos grandes nomes da nova poesia que surgiu nas redes sociais e, com linguagem direta e temática contemporânea, ganhou as ruas. Seu *A bruxa não vai para a fogueira* neste livro é mais do que uma obra escrita por uma mulher, sobre mulheres e para mulheres: trata-se de uma mensagem de ser humano para ser humano – um tijolo na construção de um mundo mais justo e igualitário.

[Compre agora e leia](#)



Rodrigo Alvarez
Jesus
O homem mais amado
da História

*A vida daquele que ensinou a
humanidade a amar e dividiu a História
em antes e depois*

Jesus, o homem mais amado da História

Alvarez, Rodrigo

9788544106440

368 páginas

[Compre agora e leia](#)

Escrito pelo autor laico brasileiro que mais vende livros de temática religiosa no Brasil, Jesus – O homem mais amado da História: a biografia daquele que ensinou a humanidade a amar e dividiu a História em antes e depois é o livro mais atual sobre a vida do homem cuja história mantém seu vigor e interesse há mais de dois mil anos. O escritor e jornalista Rodrigo Alvarez tomou como base as fontes arqueológicas e bibliográficas mais recentes, além das mais antigas (entre eles diversos manuscritos originais), e viajou pelos mesmos lugares percorridos por Jesus em seu tempo para reconstituir os passos do pregador que, ao mesmo tempo Deus e homem, ensinou a amar, mudou o curso da humanidade e dividiu a História em antes e depois. Com uma narrativa elegante, acessível e guiada pelos fatos, além de ricamente ilustrado, Jesus – O homem mais amado da História é um livro sobre um Jesus de antes do cristianismo e de todas as suas divisões futuras – e que mostra a todos os leitores, cristãos ou não, a relevância e a permanência de sua trajetória e de seus ensinamentos.

[Compre agora e leia](#)



O LIVRO QUE
DEU ORIGEM À
SUPERPRODUÇÃO
DIRIGIDA POR
STEVEN SPIELBERG

ERNEST CLINE

Jogador nº 1

Cline, Ernest

9788580444728

464 páginas

[Compre agora e leia](#)

Agora uma megaprodução de Steven Spielberg para os cinemas Cinco estranhos e uma coisa em comum: a caça ao tesouro. Achar as pistas nesta guerra definirá o destino da humanidade. Em um futuro não muito distante, as pessoas abriram mão da vida real para viver em uma plataforma chamada Oasis. Neste mundo distópico, pistas são deixadas pelo criador do programa e quem achá-las herdará toda a sua fortuna. Como a maior parte da humanidade, o jovem Wade Watts escapa de sua miséria em Oasis. Mas ter achado a primeira pista para o tesouro deixou sua vida bastante complicada. De repente, parece que o mundo inteiro acompanha seus passos, e outros competidores se juntam à caçada. Só ele sabe onde encontrar as outras pistas: filmes, séries e músicas de uma época que o mundo era um bom lugar para viver. Para Wade, o que resta é vencer - pois esta é a única chance de sobrevivência. A vida, os perigos, e o amor agora estão mais reais do que nunca.

[Compre agora e leia](#)

Ficha Técnica

Copyright © 2012, Pepetela

Equipe Leya Brasil
Diretor editorial: Pascoal Soto
Coordenação editorial: Tainã Bispo
Produção editorial: Fernanda Ohosaku
Assistente editorial: Arthur Higasi
Revisão: Max Gimenes

Equipe Dom Quixote (um selo do Grupo Leya)
Edição: Cecília Andrade
Revisão: Clara Boléo
Este livro foi composto em Rongel
Capa: Maria Manuel Lacerda
Imagem da metade inferior da capa: © The Bridgeman Art Library/AIC
Fotografia do autor: © Jorge Nogueira

Dados internacionais de catalogação na publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Pepetela
A sul, o sombreiro : romance / Pepetela. --
São Paulo : Leya, 2012.
ISBN 9788580447132

1. Romance angolano (Português) I. Título.
12-02579 CDD-869.3

Índices para catálogo sistemático:
1. Romances : Literatura angolana em português 869.3

2012
Todos os direitos desta edição reservados a
TEXTO EDITORES LTDA.
[Uma editora do Grupo Leya]
Rua Desembargador Paulo Passaláqua, 86
01248-010 – Pacaembu – São Paulo – SP – Brasil
www.leya.com.br

Manuel Cerveira Pereira, o conquistador de Benguela, é um filho de puta.

O maior filho de puta que pisou esta miserável terra. Pisou no sentido figurado e no próprio, pisou, esmagou, dilacerou, conspurcou, rasgou, retalhou. O filho de puta admito ser apenas no figurado, pois da mãe dele pouco sei, até dizem ter sido prendada senhora e de bem. Embora quem tal crocodilo deixou crescer no ventre pomba não deveria ser, afirmam os entendidos. Mas mereço eu, desgraçado padre, julgar o ventre de donas bem casadas?

Ventres não se julgam, dão frutos, alguns podres.

Sou sacerdote. De rito católico. A vida perigosa me fez assim. Talvez não o coração, mais de judeu. Entretanto, nestes pesados tempos dos bons reis Filipes de Espanha, quem quer ser judeu? Pior ainda, quem pode ser judeu? O meu prudente bisavô, de nascimento Jacob, mesmo antes de ser obrigado, mudou o nome de família para Oliveira e por isso me chamo Simão de Oliveira. Cristão-novo, marrano, pois claro. Mas poucos o sabem. E a minha ordem aceitou o ingresso e formou-me despachadamente, iam fazer mais como?, dada a falta de vocações religiosas entre as linhagens peninsulares, todas atraídas pela fortuna das Índias e do Brasil, para aí enviando os rebentos mais prometedores, os outros vegetando pelos paços. Ou nas ruas. Os superiores sempre conheceram as minhas origens, mas já não é crime ter proveniências hebraicas, crime é conservar as antigas

lealdades de crença. Se acreditarmos em tudo que dizem. E eu sou como os outros todos, traímos a nossa religião milenar para guardar o pescoço, traímos o Deus do verdadeiro Livro para beijar os pés do deus pequeno do novo livro, o que fala de bondade, perdão e indulgência. Como se um Deus verdadeiro perdoasse as ofensas e não destruísse com um gesto cidades inteiras de pecadores. Como se um Deus verdadeiro fosse indulgente para os traidores, os idólatras, os ingratos, sem os transformar em estátuas de sal. Lá porque um desgraçado foi sacrificado numa cruz, se dizendo o filho dele, o pequeno deus das causas justas, já todos aceitaram a hipocrisia de rezar ao deus do amor para em terra praticarem as maiores atrocidades contra os seus semelhantes e dissemelhantes. Ao menos, o Deus verdadeiro dizia e obrigou a gravá-lo em fogo na pedra, quem com ferro mata com ferro morre, olho por olho, dente por dente. Assim é que é falar, nada de lamechices e perdões sem sentido, quem tem poder, poder a sério, sabe usá-lo com fúria, com rancor, sem perdão. Estarei a justificar por isso Manuel Cerveira Pereira, o brutamontes impiedoso?

Dúvida insuportável.

Não posso defender em público ideias religiosas tão perigosas como as que acabo de expor, apenas guardá-las nos recessos do silêncio temeroso, como fizeram o meu avô e o meu pai, esse dito agiota de Lisboa, com banca de penhores por baixo do castelo, banca herdada de avós e bisavós, escapando a todas as chacinas que se seguiram aos éditos dos reis católicos de Portugal, imitadores baratos dos da sangrenta Espanha, terminando os meus parentes por se prosternarem borrados de medo na Igreja de S. Domingos, batendo com vigor no peito contrito. Na igreja onde antes os sacerdotes da mesma ordem incitaram ao ódio e vingança contra os nossos, provocando impavidamente a carnificina que se seguiu em Lisboa. Talvez então o meu bisavô tenha apontado um antigo companheiro que recusou mudar para a nova religião, quereis um judeu?, aí o tendes, o Isaac.

Com efeito, não há famílias inocentes.

Voltarei talvez a falar de massacres semelhantes e a propósito do objeto do meu ódio, Manuel Cerveira Pereira, o conquistador de Benguela. Mas noutro ponto deste relato visceral, odiento, vingativo.

E perplexo.

Diz ele, Manuel Cerveira Pereira, ter nascido em Ponte da Barca, seja isso onde for no pequeno território junto da grande Espanha. Não tem real

importância, mas mesmo esse detalhe, por mais insignificante que seja, pode ser falso. Tudo nele soa a falso. Quem me garante que não nasceu em Arraiolos ou Alcaídes? Ou até na digníssima vila de Águeda, onde por contraste dois grandes homens virão a nascer, honrando a vila e o nome? Espero bem que tenha sido em Ponte da Barca, para não misturar o bolor com o pão velho. Garante ele ter nascido nessa ignota terra e não me interessa. Pode ser. Que se dane. Ele e a terra onde foi parido. E mais aquela onde vai morrer. Pois seu corpo, mesmo putrefacto de morto, pode contaminar a região pelo pus maléfico expelido dos seus tumores. Nada pior para a natureza que fluidos saídos de um mau corpo, ainda por cima empestado por alma ruim. Pena não ter ficado em Ponte da Barca antes de nascer. Um aborto que pouparia muitos trabalhos e maldades ao mundo. Um dos deuses não quis, ou o Verdadeiro ou o pequeno, que interessa? Inclino-me mais para o pequeno, só faz mal com sua intrínseca bondade, essa mania insana de salvar toda a gente do horror do pecado, como é morrer sem batismo. Mas já não fala o antigo judeu, antes o católico profissional. Porque isto de ser sacerdote católico em África é uma profissão rentável, um simples negócio, nunca uma devoção desinteressada.

As devoções foram tragadas no tráfico de escravos.

Pertença à ordem dos franciscanos. Pelo facto, nunca poderia ser o chefe da Inquisição em Benguela, se ela aqui estivesse instalada. Seria muito longo de explicar, nem eu sou o mais dotado para o fazer, mas a ordem dos dominicanos ganhou provisoriamente o combate mortal contra outras, em especial a dos jesuítas, esses quase heréticos que tentam o poder através da instrução, e contra a minha organização, feita de frades mendicantes e pobres. Bem, nem todos vivem das esmolas, sobretudo nesta terra fonte de escravos, sempre com possibilidades de negócios, mas quem se importa? A jogada dos jesuítas é boa, formam as elites e naturalmente ficam com a influência posterior. Quem é o indivíduo criado numa escola que depois a renega, ao ter de dividir as benesses políticas e patrimoniais? De facto, a Companhia de Jesus começa a gozar de grande influência em Luanda, por formar as suas elites, quer dos brancos quer dos mulatos ou negros. Mas também cria anticorpos. E nós, os outros, os iletrados, pobres, beneficiamos disso. Sobretudo os dominicanos, esses seres tortuosos por excelência e dados a ganhar as jogadas mais sujas nas travessas escuras. Todos os principais inquisidores peninsulares saem hoje dessa ordem, segundo dizem

os mais instruídos. Uma forma de o papa equilibrar influências, pois a nossa ordem goza do amor bondoso dele e dos cardeais, mas para aí, fica só pelo amor brando, os benefícios vão para os outros. O aspeto feliz da coisa é que a Santa Inquisição não existe de forma oficial em Benguela. Nem no Congo ou Angola, os demais reinos ao norte. Isso implica menos espionagem sobre os nossos atos e pensamentos. No entanto, apesar da inexistência local do Santo Ofício, os relatórios que enviamos para o Vaticano são lidos atentamente e algumas acusações levam a processos encobertos. Embora os dos dominicanos pareçam mais credíveis aos olhos da Santa Sé, talvez por terem ganhado inextinguível experiência em venenosas denúncias, os nossos relatórios também lá vão fazendo o seu laborioso caminho. Tudo no maior sigilo, como se deve. Houve mesmo um bispo, bispando sem vergonha por partes de África mais perto de Marrocos, que foi chamado à Europa e aí condenado por não respeitar os sagrados ensinamentos da Madre Igreja, ficando com a cabeça a alguns metros do corpo. Curiosamente, não foi queimado na fogueira, como é hábito na sagrada casa, mas degolado.

Por ser bispo? Há privilégios.

Pelo meu lado, não tenho poderes para fazer decepar uma cabeça. As minhas exposições contra o criminoso que se diz nosso governador caíram até hoje em saco roto, foi preciso tomar providências locais.

Infelizmente de resultado duvidoso.

Mas estou a avançar no relato dos factos, inconveniente para a compreensão. Resumindo, o meu objetivo é retificar as insuficiências do Santo Ofício e aqui, em letras escritas com vagar e sacrifício, fazer justiça terrena e divina ao conquistador de corpos em nome do rei de Espanha e Portugal, Dom Filipe como o seu antecessor, denunciando o grande criminoso e pecador chamado Manuel Cerveira Pereira.

Este fidalgo, muito certamente fidalgo de papel e não de sangue, pois o seu ruim mais parece o de um bastardo de bode com galinha, conseguiu por certas influências arrebatado o governo de Angola em 1603. Não por merecimento mas por falta de outro nobre e por ações torpes exercidas em nome do monarca, seu grande protetor. Quem tem um rei como guarda-costas não precisa de para-vento. Tal honraria lhe subiu à cabeça de forma intempestiva, levando-o a cometer todo o tipo de despautérios, até mesmo trocar de símbolos sagrados.

Vamos a alguns factos.

Cerveira era apenas um capitão do exército, sem dúvida destemido e com uma boa folha de serviços, secundando um espanhol degredado, capitão-mor. O governador João Rodrigues Coutinho, com quem Manuel Cerveira Pereira veio de Portugal, morreu menos de dois anos depois de chegar, com as febres. Enquanto o rei não nomeasse outra chefia para a colónia de Angola, ficava o capitão-mor a despachar ou quem fosse escolhido pelos principais cabos de guerra, padres e conquistadores mais antigos. O novo governador mandava em pouco, pois a colónia era aquele arremedo de vila chamada de Luanda e mais um território ao longo do Kwanza que quase cabia na palma da mão. Mas o Cerveira ambicionava deitar as unhas sujas ao ridículo território, conquistado por se dizer haver imensas minas de prata no curso do rio. Moveu-se nas sombras. A uns dizia, como engolir isso, um rei espanhol e ainda mais um governante espanhol? E este candidato a governador não passa de um degredado, que tiraram da prisão porque mais gente não arranjamos para guerrear em África. A outros dizia cinicamente, temos de obedecer ao capitão-mor, apesar de ser espanhol e degredado por ter matado vinte pessoas inocentes. Para quem se dizia tão fiel partidário do rei Filipe e a favor do domínio castelhano sobre Portugal, tendo conquistado benesses por andar a beijar os cueiros do soberano na corte e a fazer guerras na Flandres com o duque de Alba, que ele chama de seu mestre eterno, estas afirmações só denotam mau carácter e hipocrisia. Até hoje não se descobriu como o capitão-mor apareceu apunhalado num ermo escuro, na subida da barroca, abraçado a um cato-candelabro, em Luanda. Para mim, foi Manuel Cerveira Pereira o mandante escondido no meio do exército de Massangano, mas, cala-te boca, só os mudos têm vida larga. Não possuo provas, no entanto, a quem aproveitou o homicídio? O assassinato do espanhol levou o Cerveira para o cargo de capitão-mor e portanto governador interino.

A estória merece ser contada com alguns detalhes. O Manuel Cerveira nunca escondeu a amizade tecida com os hipócritas jesuítas, os verdadeiros chefes do território, passando no seu retiro maior parte do tempo ocioso de Luanda. Conspirando, evidentemente. Que sabe um jesuíta fazer quando não está na missa e nos velórios? Mesmo aí conspira. Contra Deus, contra o rei, contra os homens, até contra os cães pode conspirar. Pois bem. Mortos o governador Coutinho de doença no mato e em seguida o espanhol capitão-mor na vila de Luanda, um padre da Companhia de Jesus, Jorge Pereira de

seu nome, logo se pôs aos gritos em Massangano dizendo que João Coutinho, antes de ir desta vida miserável, tinha deixado no seu escritório do presídio, fechado e lacrado, o nome do sucessor. E que este era Manuel Cerveira Pereira. Os capitães andavam todos agitados, disputando entre si e com os antigos conquistadores os despojos do extinto governador, que eram apetitosos, mas perante tal nome logo se acalmaram, calando despeitos e escondendo riquezas. Não se calaram por respeito, antes por temor. Pois era conhecido o feitio irascível e desbragado do chefe designado pelos jesuítas. Maus tempos vinham e todos sabiam, ninguém era ingénuo. Mas cada um se pôs a jeito, ou para abrandar a pancada anunciada ou para estender a mão à fortuna corrupta.

Manuel Cerveira Pereira, se já antes era façanhudo e tempestuoso, com o poder virou um animal feroz e sedento, ao qual tudo era permitido. Eu estava então na vila de Luanda, hoje cidade, sei do que falo. Umas coisas vi, outras me foram contando na frescura dos claustros, no nosso tranquilo sítio, mais tarde convento, no final da Cidade Alta, onde a própria brisa do entardecer levava a ciciar notícias sigilosamente, nunca trombetear informações como um arauto antigo.

As lições da brisa nunca se esquecem.

Nem as dos claustros.

[Os claustros do convento de S. José dos franciscanos foram eliminados quando, no século XIX, deram origem ao hospital Maria Pia, hoje com outro nome oficial, mas continuando a ser um dos mais importantes de Luanda. Também o antigo colégio dos jesuítas cedeu o lugar ao arcebispado, mesmo colado ao palácio presidencial. No entanto, permaneceu a igreja de Jesus, a mais antiga de Luanda e com a fachada característica dos jesuítas. Tornou-se na sé da cidade já depois de 2000. Durante os séculos XVI e XVII, várias outras igrejas, conventos e edifícios públicos foram construídos no espigão entre a fortaleza de S. Miguel e o antigo convento dos franciscanos, constituindo o que até hoje se chama a Cidade Alta, atualmente como antes, o centro do poder político. Outrora também era o centro do poder religioso.]

Quando Manuel Cerveira Pereira ascendeu, por merecimento ou intrigas religiosas, ao cargo de capitão-mor e portanto governador interino, ainda não existia o convento de S. José, apenas uma modesta ermida, e só no ano seguinte começariam as obras do colégio e igreja dos jesuítas. Que ele ajudou a edificar, tirando dos seus cabedais e sobretudo do erário público. Mas se tratava de obra meritória, acharam alguns dos mais neutros em partilhas de poder, porque os membros da Companhia de Jesus eram reconhecidos professores e homens severos. Aquela conquista de Angola

estava tão periclitante desde o princípio que eram precisos homens de facto rígidos. Por isso também Cerveira Pereira foi aceite pelos colonos e conquistadores antigos e influentes, parecendo o mais inflexível e austero de todos. Alto e magro, trajava sempre de escuro, barba bicuda, cabelos longos mal aparados e bigodes a ficarem grisalhos mas empertigados e atrevidos. Andava muito direito, a cavalo ou a pé, puxando para a frente a fidalguia, uma espada reluzente batendo nas coxas. E a sua presença era sentida regularmente na primeira fila da missa dos jesuítas, dando a entender que conhecia todo o latim por trás do ritual.

Frequentara a corte por mérito próprio, costumava dizer.

Os que dele duvidavam em breve tiveram de reconhecer, devia mesmo exercer algumas influências em Espanha. Talvez por ter combatido nas guerras que o pai de Filipe II e o próprio provocaram nos Países Baixos, províncias indefinidas que tanto eram holandesas como belgas. Servira diretamente o mais prestigiado cabo militar de Carlos V e Filipe II, o temido duque de Alba. E ouvira algumas considerações do Duque sobre como se governam impérios tão poderosos como a Espanha, representando um mundo complexo, dividido por nações e províncias variadas, governadas por soberanos austríacos, primos de todos os aristocratas da Europa. Nenhuma nação podia se gabar, o meu rei é do meu puro sangue. Os reis muitas vezes nem sequer falavam a língua do país governado. As coisas não se passavam como aqui em África, onde o chefe é sempre alguém conhecido por todos os responsáveis e comungando da mesma maneira de ver as coisas, e até dançando de forma semelhante. Aproveito assim a ocasião para meter solenemente minha farpa afiada, sejamos condescendentes com os modos e hábitos dos europeus, para não parecermos copiar a falta de compreensão e mesmo desprezo que sempre mostraram pelos nossos costumes.

O próprio governador se dizia chocado, quando conversava entre amigos, pela nossa falta de educação, pois aqui o filho nunca herda do pai mas sim do irmão mais velho da mãe. E refilava, bando de selvagens, consideram mais próximo o tio que o pai. Estava portanto de acordo com as tentativas de impor no Kongo como reis os filhos de reis, o que só conseguiram com canhões e a pressão insuportável dos sacerdotes católicos sobre os aristocratas kongueses. Não compreendia, o sobrinho é de certeza do mesmo sangue do tio materno, enquanto o filho provém obviamente da

mãe, mas qual a certeza no pai? Aceitamos, pois nasceu em casa de um homem e temos por princípio de vida que criança nascida num casal é filho do marido. Acabou. Mas podemos duvidar, quem sabe por onde a nossa mulher andou? Porém o tio é ciente, aquela criança que nasceu da sua irmã só pode vir do seu sangue, os três tendo origem na mesma mulher, a mãe do tio. Portanto o sobrinho deve ser seu herdeiro. Para os europeus fique a dúvida, nós temos sempre a certeza das nossas origens, nos baseando nas ligações familiares das nossas mães. Isso, os padres e os governadores portugueses nunca se esforçaram por compreender. Ou então tinham medo de compreender muito bem mesmo, e nunca aceitaram, por pôr em dúvida a sua própria paternidade. Com essas ideias e imposições iam enfraquecendo o Kongo, roendo-o por dentro como fazem os ratos ou a formiga salalé. E era esperança do governador enfraquecer da mesma maneira o vizinho reino dos Ngola. Se informara de muitos detalhes junto dos padres tendo vivido no Kongo e aí conspirando. Sempre estava atento a quem podia ensinar dicas lhe servindo nas suas ambições.

Por isso preferia os da Companhia de Jesus, os melhores mestres.

Andava matutando nestes mambos, enquanto percorria o areal vermelho fora da fortaleza, dois guardas armados atrás. Decidira visitar o vigário, adjunto do bispo do Kongo, com soberania religiosa sobre o reino de Angola. Precisava de percorrer quatrocentos metros, os quais eram dolorosos, por causa do calor de fevereiro a meio da tarde. Estava com alguma pressa, por isso enfrentava o suor gotejando do fato escuro de pano grosso e se aglomerando nas botas altas. Tinha feito mais de dois anos de campanhas militares no interior, mas era escusado, as bolhas de água não lhe largavam os pés. Bolhas que depois rebentavam em dores quase intoleráveis. Sabia, era de andar longas caminhadas com botas altas no calor sufocante. Os pés dançavam dentro das botas, afogados no suor acumulado no fundo delas, provocando as bolhas. O barbeiro já lhe tinha explicado, era questão de tempo. O certo é que gente chegada há apenas alguns meses já não se queixava e ele continuava sempre com as bolhas a dificultarem a marcha. Ninguém notava, pois era demasiado orgulhoso para mostrar alguma fraqueza e evitava coxear. Também não usava outro tipo de calçado, mais leve e fresco, como faziam os franciscanos. As botas de montar eram signo da sua condição de cavaleiro e acima de todas as dores devia sempre ficar a insígnia de nobreza. A humildade de andar descalço ficava bem ao

peregrino e ao homem atormentado pelos seus pecados. E aos negros. Nunca a um fidalgo de sua majestade Filipe de Espanha. Só o barbeiro sabia do seu tormento, pois era também o cirurgião da tropa. O barbeiro conhecia outra coisa, explicada com o gume de uma navalha espetada no pescoço, se espalhasse a notícia das bolhas seria um homem morto. Manuel Cerveira Pereira não gostava de falinhas mansas, entrava logo a direito nos assuntos. Se contar a alguém, por mais íntimo e recatado que seja, mesmo ao seu confessor, eu saberei. E lhe espeto sem hesitar este punhal no pescoço. Portanto trate-me dos pés e feche a boca para sempre sobre este assunto. O que o apavorado barbeiro cumpria religiosamente, cada vez mais aterrorizado à medida que o tempo passava e o seu comandante não apresentava melhorias. Mais cedo ou mais tarde se voltaria contra o curandeiro, dado como incompetente ou até mesmo sabotador. O pobre barbeiro, habituado a encostar a navalha ao pescoço dos outros, já sentia o seu cortado pelo punhal do homem de preto. Claro, o governador usava o cavalo sempre que podia e evitava longas marchas pedestres. Porém, bastava o calor apertar e os pés reclamavam. Ele tinha percorrido os pântanos salgados da Flandres e de França, tinha quase atravessado metade de Espanha e Portugal ao lado do cavalo, sem nunca ter tido problemas desses. Em África era um desgraçado. Mesmo no tempo mais fresco, indo de maio a setembro, as roupas pesadas e as botas grossas eram suficientes para o martirizarem. Por isso ainda tinha hesitado em sair para a visita ao vigário. A importância da missão obrigava-o. E não era conveniente convocar constantemente o padre à fortaleza. Apesar de duvidar do resultado, devia tentar as boas graças do sacerdote, já que o bispo escrevera para o Vaticano intrigando contra ele, o indevido captor do poder em Luanda, na opinião de sua eminência. De vez em quando podia convocar o vigário, mas sem abusar. Um gesto de delicadeza só ficava bem, sobretudo tendo de solicitar um favor.

O governador anterior tinha usado a casa de pau a pique perto da Companhia, a que mais tarde se chamaria palácio, muito sombreada por frondosas árvores, mulembas. Ele preferia dormir na fortaleza, entre os seus soldados, ao abrigo dos canhões. Ainda por cima, nunca tinha estado em Luanda senão por dias esparsos, sempre metido nas guerras do mato. Por um lado, na fortaleza controlava de perto a tropa. Por outro, beneficiava de proteção contra possíveis conspirações.

Só não desconfia quem é santo.

O vigário deu exageradas mostras de gratidão pela honra da visita. Manuel Cerveira Pereira fingiu não reparar na hipocrisia e respondeu ser normal fazê-lo. Ainda era novo na cidade, já tinha sido visitado por todos, seria a sua vez de retribuir as gentilezas. E trazia assuntos confidenciais para tratar. O seu gabinete na fortaleza garantia segurança, como é óbvio, no entanto preferira conversar com ele fora de portas.

– De facto há dois assuntos. O primeiro, do padre Tomás Peres. Recebi cópia da corte, o rei não o quer cá. Penso que o senhor bispo terá recebido a notificação.

O vigário ficou admirado. Mais, pareceu subitamente receoso.

– Desculpe, Vossa Excelência. Mas do Kongo não me informaram de nada. Talvez o senhor bispo ainda não tenha recebido as vontades de Sua Majestade.

– Eu estava no interior do território, como sabe...

– Obtendo grandes vitórias, como já tive ocasião de felicitar o senhor governador.

Cerveira afastou com a mão os cumprimentos, em sinal de modéstia.

De facto, não tinham sido pequenas vitórias. Depois de se tornar capitão-mor e governador em exercício, avançara contra o soba Kafuxi, um dos mais fortes e temidos nas cercanias de Kambambe, onde estavam as minas de prata. Derrotou-o em batalhas sucessivas. Com essa vitória, não só se aproximou das montanhas da prata, como fez milhares de escravos. E, importante consequência, mereceu o respeito do grande Ngola Kiluanji, pois o Kafuxi há muito recusava obediência ao rei do Ndongo. Agora os homens do governador construía a fortaleza em Kambambe, para onde voltaria em breve, depois de despachar os assuntos que requeriam a sua presença em Luanda. Em seguida, era só apanhar prata. A maior parte para ele, uma pequena parte para o rei. Assim era o negócio. Já tinham andado a escavar e havia boas promessas. Trazia uns pedacitos de rocha no bolso, só para os sentir acariciarem a perna ao andar. Prazer quase tão sensual como roçar na coxa de uma mulher.

– Sobre o padre Tomás Peres... – retomou Cerveira Pereira. – As ordens para o bispo no Kongo e a cópia para mim chegaram a Luanda no mesmo navio, o *Albatroz*. Daqui o barco seguiu para o Pinda. Até sei que já regressou ao reino. Portanto, é impossível que o bispo não tenha recebido as

ordens. E é bem verdade que os bispos só devem responder perante o Sagrado Pontífice. Mas, no fundo, todos conhecemos, são indigitados pelo rei. E são obrigados a seguir as orientações reais em tudo que diga respeito ao bom governo dos territórios. Eu não quero insistir. Porém, se tratando de um marrano... fica difícil esconder a presença de Tomás Peres nesta vila de Luanda.

– Senhor governador, não sei de nada, a correspondência seguiu diretamente para o Kongo. Mas estou disposto, claro, a cumprir os desejos de Sua Majestade. Embora a ordem de embarque só possa ser dada pelo senhor bispo...

– Sua Majestade mostra um grande desconforto por a maior parte dos sacerdotes aqui em Angola e no Kongo provirem da nação dos hebreus. Tem algumas dúvidas sobre a sua lealdade à verdadeira religião. Uns ficam mais escondidos, mas outros, como no caso de Tomás Peres... não há dúvida nenhuma, tem sangue judeu. E a mãe está na cadeia no Porto por ter sido apanhada em pleno culto de judiaria. Filho de judia, judeu é. Pelos documentos que recebi, não há sombra de uma dúvida. Por que razão o senhor bispo não cumpriu imediatamente a ordem de Sua Majestade e não o enviou pelo *Albatroz*? Ou outro barco que entretanto já seguiu?

Estava de facto muito calor. No entanto, o sacerdote sufocava e se derretia em suor. De calor? De medo? De culpa? Cerveira estudava os olhos dele, sempre fugindo dos seus. Era uma caçada, uma luta contra um touro que se escondia sob a capa de uma raposa. Pouco importava, raposa ou touro, sentiu, tinha o bicho dominado. Se recostou na cadeira, mexeu o pé direito docemente dentro da bota, sentindo a dorzinha no meio do líquido. Este vigário também devia ser “da nação”, como eram denominados os judeus. Para chegar a vigário é porque tinha camuflado muito bem as origens. Não tivera tempo de se informar junto dos amigos da Companhia de Jesus, mas duvidava serem muito boas as relações entre eles e o vigário. Tinha sido nomeado pelo bispo, o qual, frei António de Santo Estêvão, ainda muito recente em África, franciscano, era feroz inimigo dos jesuítas. Por isso lhe dava prazer escarafunchar na ferida aberta, observar os pensamentos do vigário a serem refletidos pelos olhos fugitivos e atemorizados. Mal sabia que tinha olhos muito fáceis de ler por alguém perspicaz.

– Senhor governador, se me der uma ordem, eu ponho o padre no

primeiro barco. Mas não seria melhor eu escrever ao senhor bispo primeiro pedindo autorização? Que acha?

Vinha em missão de paz. Tinha um pedido a fazer. Portanto, uma concessão só parecia bem. Haveria muito tempo para investigar as origens do vigário e suas lealdades. Agora estava em posição de tudo saber sobre os habitantes da conquista, bastava pôr meirinhos a investigar, as pessoas adoravam contar os podres dos outros. E um governador age em consequência das informações, mas com toda a tranquilidade.

– Escreva então para São Salvador do Kongo. Esperemos pela resposta do senhor bispo. Não quero impor nada contra os procedimentos normais da Igreja.

O vigário suspirou de alívio. Não perdera o ar preocupado, mas relaxou um pouco, se recostando para trás na cadeira. Logo um fugaz brilho cruzou o olhar dele.

– A nossa casa é pobre, senhor governador, mas temos um licor de laranja muito bom. Aceitaria um cálice?

– De bom grado, senhor vigário, de bom grado. Embora este calor não seja muito convidativo.

– É o pior mês do ano nesta vila de São Paulo.

Bebericaram o licor, conversando futilidades como a do tempo quente e da falta de géneros verdes em terras tão promissoras. Depois o governador se chegou à frente na cadeira.

– Tenho um pedido a fazer-lhe, senhor vigário. Sobre o padre Jorge Pereira. Como sabe, ele tem acompanhado sempre as guerras. Está cego, totalmente cego. Se diz missa é porque sabe toda ela de cor. Não pode ler nada. E fica em grande perigo, cego por aqueles matos. Peço que acelere o seu regresso para Lisboa. É um ato de piedade cristã.

Se tratava do mesmo jesuíta que ficara na posse do nome do substituto de João Rodrigues Coutinho, no caso da morte deste, e indicou Manuel Cerveira Pereira como a escolha do defunto. O vigário teve um primeiro gesto de recuperação do aprumo perdido. Lhe passou brevemente pela cabeça a tentação de regatear um pouco, negociando futuros apoios do governador. Logo o cenho franzido de Cerveira Pereira o trouxe à realidade. Os responsáveis da Companhia já tinham pedido a substituição de Jorge Pereira e se o faziam até era mais por uma questão de respeito às hierarquias da conquista, pois podiam insistir diretamente com Roma ou Madri. As

ordens religiosas tinham grande latitude sobre as questões dos seus sacerdotes, sobretudo os jesuítas. Essa latitude permitia meterem-no num barco e dizerem depois se tratar de uma razão de força maior. E o caso da cegueira do padre era conhecido. Só não se percebia como tão depressa, sem visão, dera com o papel onde o extinto governador escrevera o nome de Manuel Cerveira Pereira para seu sucessor, podendo proceder quase da ordem do milagre. No entanto, perante o ligeiro ar de ameaça do governador em exercício, o vigário recolheu as unhas, amoleceu o semblante, suspirou de piedade.

– Pobre padre Jorge Pereira, como tem sofrido. Agradeço a Sua Excelência preocupar-se com ele. É sem dúvida um dos nossos mais queridos e melhores companheiros. Já escrevi de facto para a Mesa da Consciência em Lisboa, com cópia para o senhor bispo e para a Companhia de Jesus. Aguardava apenas a autorização. Mas se o senhor governador acha haver até perigo de vida, e portanto urgência, seria melhor para ele vir já para Luanda e embarcamos-lo logo que tenhamos transporte e a saúde dele permita. Eu assumo a responsabilidade perante a Igreja.

– Seja feito como diz. Vou avisar os padres da Companhia para o chamarem a Luanda e aguardar embarque. Não será muito complicado, pois ele não tem nada de seu. Apenas o corpo e uma grande alma.

– Algumas peças terá para seu conforto... – disse o vigário, melífluo.

– Pois fique sabendo que não. Nem um escravo. Dele, só a roupa do corpo. E mesmo essa, nem sei se a ele pertence se à Companhia. Aquele homem é um santo. Rezemos para que venham muitos como ele, que rapidamente esta conquista estará toda na fé de Cristo.

E com tão solenes e pias palavras se despediu o governador, satisfeito com a conversa, em todos os aspetos. Reparou mais tarde, acabou por nem agradecer o compromisso do vigário no envio do padre cego. Tanto melhor, não me rebaixo com gratidão perante este nojo de padre, só pode ser marrano.

O vigário ficou a vê-lo subir, coxeando controlado, a ligeira ladeira levando à fortaleza. Que queria o escorpião? O assunto do padre Jorge Pereira é banal, não seria o motivo. E para me mandar despachar o Tomás Peres também não precisava de se incomodar. Veio dizer que suspeita das minhas origens? Veio intimidar, fica com juízo que sei quem és? Ou terá sido um aviso ao bispo? Sim, as palavras ou as dúvidas foram dirigidas a

ele, não a mim. Aquele frei António também não é nada maleável nas suas posições, andou a falar em Mbanza-Kongo (que nós chamamos São Salvador do Congo), contra o Manuel Cerveira, toda a gente ouve tudo, além de ter escrito vários relatórios para a Europa sobre as tropelias deste traste. Tudo se sabe, as palavras correm pelo mato mais depressa que as onças. Porquê frei António precisava de se insurgir contra o governador? Ainda por cima agora que ele teve grandes vitórias militares e até conseguiu cair nas boas graças do Ngola. Com o risco ainda maior de descobrir mesmo as afamadas minas, se tornando num dos homens mais ricos do reino e com força política para esmagar qualquer um. Tinha de haver prudência, saber primeiro o que se passou realmente com o Kafuxi para explorar bem a coisa. O Kafuxi também não é flor que se cheire mas servia de contenção contra o ódio do Ngola, como sempre aconselhava o grande capitão Bento Banha Cardoso, hábil estratega da ocupação do território e em tão má hora enviado de novo para Portugal.

O vigário não esperou a improvável brisa de fim de dia para sair de casa. Estava em pulgas para tratar estes assuntos urgentes com André Velho de Sottomayor, seu grande kamba. Foi buscar o largo chapéu de sol, encostou a porta e enfrentou o calor da tarde. Felizmente para ele, o amigo não morava longe. Se via dali de cima, na suave descida para sul, a grande casa de adobe que mandara construir, um muro alto à volta. Dentro do quintal havia inumeráveis palhotas de escravos esperando barco para o Brasil. Noite e dia a casa era guardada por uma dezena de homenzarrões, todos negros. Mas o chefe dos guardas era português, como se devia.

A confiança matou o rato.

O ouvidor estava em casa, como toda a gente com juízo naquela terra. Era uma vivenda rodeada de varandas, duas delas viradas para o mar e já recebendo alguma aragem, coberta de molhos de capim como se usava na terra e no Kongo, o que refrescava o ambiente. O juiz ouvidor recebeu-o com grandes gestos de amizade e levou-o a sentar no melhor cadeirão de palha da varanda. Algumas almofadas amaciavam a rudeza da palha. Logo veio uma mucamba muito jovem, quase uma menina, com um moringue e canecas.

– Vamos então molhar a garganta. É vinho de palma que me trouxeram hoje mesmo do Bengo. Está fresquinho.

O juiz André Velho de Sottomayor era a principal autoridade de justiça da

cidade e da colónia naquele momento. Mas, ao vê-lo, ninguém daria nada por ele. Velho como o nome profetizara cinquenta anos antes, mirrado, pálido por fugir sempre do sol, seu eterno inimigo, tinha uma vozinha raquítica de criança. Felizmente o tribunal era um quarto pequeno e mal ventilado, senão com muita dificuldade se ouviriam os vereditos.

– Sabe quem acabo de receber em casa? – lançou o padre, depois de dois goles de maluvo. – Nem vai acreditar...

– O Cerveira...

O ouvidor riu por causa do ar abumado do outro. O vigário depois abanou a cabeça e sorriu, matreiro.

– Quem mandou o amigo vigiar, o governador ou a minha pessoa?

– Nem um nem outro. Nesta terra pequena tudo se sabe. Sobretudo aqui na Cidade Alta, onde há gente encostada às janelas, morrendo de tédio. A sua vizinha Conceição mandou uma moça avisar a minha Nelinha. E Nelinha cumpriu a sua obrigação, informou-me. Nada mais simples. Convém de facto que eu esteja sempre ao corrente e em tempo útil.

– Mas uma coisa não sabe... Foi do que tratámos.

– É claro, D. Conceição não se pôs a escutar à sua janela. Mas eu sabia que o amigo viria contar. Agradeço a rapidez.

O vigário voltou a se servir do maluvo. Preferia vinho de uva, como qualquer bom português, no entanto... sorte dele apenas ter pensado sem o expressar, poderia ofender o kamba, um grande português, dos mais antigos também naquela conquista de Angola, tendo vindo moço para a terra, antes mesmo de Luanda existir.

– Foi perguntar porquê o padre Peres ainda não foi mandado para a Europa.

– Pelos vistos, ele está a levar a sério essa comédia de ser governador. Tirou-se dos seus cuidados para lhe ir perguntar isso?

– Disse que o rei anda muito preocupado por haver demasiados padres cristãos-novos.

– Lá isso é verdade, há muitos. Provavelmente a maioria, mas quem pode mesmo saber? E Sua Majestade, cá entre nós, assusta-se com facilidade.

Riram, cúmplices. Logo voltou o vigário a pegar na palavra:

– Por vezes mesmo eu me sinto pouco à vontade. Será que as pessoas pensam que também sou? Pela maneira como me olham de esguelha... Sei que é um disparate e conheço bem as minhas origens, mas nesta terra de

degredados todas as desconfianças têm fundamento.

– Mas afinal o que respondeu ao dito governador?

– Que vou escrever ao bispo a perguntar. As ordens foram diretamente para ele, eu não estava informado.

– E não sabia mesmo?

– Por acaso até sabia. Leio sempre a correspondência oficial que vai para ele. Exceto a duplamente selada. Mas faço-o porque o senhor bispo me autorizou. Com o tempo demorado das viagens aqui, por vezes é necessário saber logo o que chega. Bem, já lhe falei sobre este trato com o bispo... Não achei oportuno dizer ao Cerveira que estava ao corrente dessa preocupação de Sua Majestade.

– Fez bem. Mesmo nas coisas sem importância, quanto menos informação lhe dermos, melhor. Só para o ocupar a pensar no supérfluo e a perder tempo. De facto esse Peres já podia ter ido despachado, só por teimosia do bispo é que não foi.

A mucamba veio servir mais maluvo, mas só ao vigário, porque o ouvidor pôs a mão em cima da caneca, em jeito de negação. Com a sua idade e o calor, muito maluvo provocava dor de cabeça. E ele tinha de estar sempre lúcido, pelas responsabilidades e sobretudo pelas inimizades que somava nesta terra desgraçada.

– Também pensei assim. Frei António é muito casmurro.

– Escrevi-lhe a avisar deste assunto – disse André Velho. – O caso arrastava-se sem necessidade nenhuma e recebi avisos da corte do vice-rei. Que interesse pode o bispo ter no marrano? É seu parente? Associado? Até nem é, pelo menos que eu saiba. Está há pouco tempo aqui e sempre metido em São Salvador, por isso nem deve conhecer o padre. Então porquê protegê-lo? E nem se trata bem de proteção, pois não lhe farão nada de mau lá no reino.

– Afastá-lo da fonte das peças é um grande mal.

– Sim, admitamos. Mas só se têm negócios em conjunto.

– Algo terá havido, sim. Sabe como sou fiel ao meu bispo e como o defendo e corto todas as calúnias que lhe possam levantar. Mas só entre nós, que você também se tornou amigo dele... Suspeito que o interesse do senhor bispo dá pelo nome de Inês...

– Inês? A amásia do padre?

– Só há uma. O senhor bispo já tentou despachá-la para São Salvador, o

Peres insurgiu-se, pois ela foi mandada para o degredo aqui em Angola e não no Kongo, claro, desculpa para não se separar dela. Se o bispo o manda embora, mesmo cumprindo ordens do paço, o padre Peres pode acusá-lo de perseguição por causa da Inês. E há sempre gente que aproveita para montar uma forte campanha.

– Ó vigário, mas você nunca me falou disto... Estava completamente a leste. Não se faz. Ainda por cima sabendo que eu, como ouvidor, acabo por ser em certa medida o responsável máximo pela estadia dessa Inês entre nós. Não esperava isso de si...

O vigário engoliu em seco. Logo se tentou recompor com o maluvo. E aceitou mais uma canecada da mucamba, a qual parecia adivinhar quando a sua estava vazia e vinha logo com o moringue.

– Desculpe, desculpe, não foi por mal. Mas não quis revelar um assunto do meu superior, já lhe disse que respeito muito a lealdade...

– Pois, mas devia ter contado. Primeira razão, a Inês é a primeira mulher a vir degredada para Angola. E não foi por coisa pequena...

– Matou o marido e não esconde.

– Além disso, só soube há pouco tempo que o padre Peres andava enrolado com ela, o que não é digno...

O vigário não tentou preencher o vazio da falinha do outro. Deixou ficar mesmo assim, o ouvidor que se queixasse para dentro. Esperou para saber o que não era digno, se o padre ter amásia, se o juiz ser informado tardiamente. Mas não ficou elucidado, pois André Velho de Sottomayor mudou o rumo do pensamento.

– Se conhecesse os pormenores não teria insistido com o bispo, teria eu mesmo tomado as providências necessárias.

– Despachava o padre Peres para fora de Angola?

– Sim. O bispo podia ficar zangado comigo por uns tempos, mas passava-lhe. E quando cá viesse, teria outra mulher para lhe aquecer os pés, eu tratava do assunto.

– Nunca uma branca, esse é o problema. Só vêm umas poucas brancas, e casadas ou para casar imediatamente, como essas órfãs criadas na Misericórdia, desembarcadas aqui ainda donzelas. Por pouco tempo. Mas isso é para quem é livre ou tem muito dinheiro. A Inês é um caso raro de mulher disponível...

– Caso único...

O vigário percebeu a nuvem luminosa passando na cara do outro, impossível de disfarçar. Afinal todos tinham seus segredos. Por isso cada um se confessava apenas a desconhecidos. Decidiu reverter a situação, mais para aborrecer o amigo do que propriamente fazer uma prova de força. Antes esvaziou a caneca.

– Agora entendo – deu uma gargalhada. – O nosso ouvidor também ajuda a aliviar as penas do degredo da pobre senhora!

– Ora, ó vigário!

Mas o padre tinha um sorriso tão irónico que o juiz não aguentou e também deu uma gargalhada. Bateu na perna do amigo.

– Não se pode recusar uma branca, não é? Desde que a minha Rosa morreu, só me contento com negrinhas e uma ou outra mulata. Mas estas são produto muito raro também, estão todas lá pelo Kongo.

– Então porque é que a sede da diocese ainda não passou para Luanda e se mantém em São Salvador? Alguma razão de peso teria de haver para o bispo de lá não sair... Não se tinha apercebido, senhor ouvidor?

– Esse frei António de Santo Estêvão saiu-me cá um devasso...

– Somos todos. Mas, falando a sério, convenci o governador a esperar um pouco pela reação do senhor bispo. No entanto, se o ouvidor recebeu uma cópia da ordem do rei ou se o governador lhe falar nisso com alguma insistência, por mim não me importo de despachar o Peres, já está a causar muita confusão.

– É melhor, é melhor. Eu mesmo vou falar com o governador para abreviar as coisas. Primeiro que você escreva e que haja barco para o Pinda e o bispo se decida...

– Ainda a Inês engravida do padre Peres e deixa de estar prestável – disse o vigário, e parecia falar para si próprio.

Sorriram ambos, silenciosos.

Luanda, terra de meias palavras.

Quem olhasse para Carlos Rocha não diria, este homem tem sangue de branco. Escuro e de cabelo carapinha. Os lábios menos grossos talvez servissem de pista. Mas há negros de lábios finos. Carlos Rocha, querendo, poderia se vangloriar de ascendência europeia, no caso de isso servir para alguma coisa, na altura dos factos narrados e ainda agora. Com efeito, o seu bisavô era um dos capitães de Diogo Cão, na primeira viagem de europeus à foz do rio Kongo, em 1482. À boca pequena se dizia ter sido, não um oficial, mas o próprio navegador Diogo Cão que pusera barriga numa princesa do reino, princesa do Soyo. Se falava em tempos de Mbanza-Kongo, a capital do poderoso reino e mesmo muito mais tarde na sonolenta São Paulo de Luanda, capital da colónia de Angola. Por aí se vê como os mujimbo podem ser teimosos, resistindo ao tempo e muitas vezes às evidências contrárias. Carlos Rocha não sabia se seu bisavô era o Cão ou outro navegador qualquer, mas uma coisa sabia, sua bisavó nunca fora princesa nenhuma, antes filha e sobrinha de ferreiro, profissão aliás de estirpe importante, pois detentora de poderes sobre o fogo e o ferro, ambos possuídos pelo espírito da poderosa cor vermelha, como as armas e a guerra. De cores entendia, sobretudo da sua, o vermelho.

[Aproveitando a deixa, adianto dizer que o rumor sobre a origem principesca de Carlos Rocha é mito muito comum que passou para o outro

lado do Atlântico. Não é de facto raro que um brasileiro ou, sobretudo, uma brasileira, com alguma vaga ascendência africana, afirme com todo o orgulho, meus avós eram escravos, vieram da África. Rematando invariavelmente, na maior candura, era um príncipe. Ou uma princesa, tanto faz. Como se príncipes fossem escravos! Terá acontecido uma singularidade dessas por lutas de poder, eventualmente. Os príncipes e outros chefes eram mas é vendedores de escravos, grito eu, furioso. Inutilmente, como é óbvio. Mito serve para compensar frustração, serve de ensurdecidor social.]

O avô de Carlos Rocha era portanto um mulato nascido no Soyo mas crescido em Mbanza-Kongo, chamado Xavier, desconhecedor do pai verdadeiro, criado pelo tio mais velho da mãe, senhora Nzuzi, e pela própria. Da casa materna herdou a estirpe e os dons de trabalhar o fogo, em todos os sentidos. Com os padres aprendeu a falar português, compensando a falta do pai. Se o avô Xavier teve conversas sigilosas com dona Nzuzi ou o tio desta, ele não soube, mas admite como quase inevitável terem abordado a identidade do seu pai, são assuntos importantes merecendo trocas de opinião. Sobretudo no Kongo em que a família ou a linhagem faziam a pessoa. Só que, estranhamente, a verdade não foi transmitida ao pai de Carlos, Sebastião ou Mbaxi, nome mudando conforme as línguas utilizadas. Acrescentaram mais tarde o apelido Rocha, por um padre achar o Mbaxi teimoso e mudo como uma pedra. Carlos chegou a falar do assunto do avô, porém Mbaxi lhe confiou, na sua habitual economia de palavras, não acredite em tudo o que se diz, as gentes gostam de exagerar, de contar o muito errado ou o bom demais, seguindo intenções indignas ou dignas. Mas te posso assegurar, o meu pai mulato nunca me apresentou o seu, como se tivesse sido um daqueles pássaros que voa pelo céu e nunca voltas a ver, nem um ovo deixa, nem mesmo uma pena marcando o rasto. Também é verdade que cedo saí de casa do meu pai, enviado para trocar sal por escravos no interior longínquo, quase escravo eu próprio de um degredado português de nome Mexia. No princípio me agradou a viagem e o trabalho, sobretudo por me afastar da rivalidade crescente entre a minha mãe e as duas outras mulheres do meu pai. Deve ter sido a conversa mais longa que Carlos Rocha teve com o progenitor, logo interrompida por este com um abanar de ombros, para quê se cansar com palavras? O avô Xavier foi

educado pelos padres mas nunca seguiu os seus ensinamentos de só ter uma mulher, ensinamentos chocando na verdade com os nossos costumes. Ao menos podia ter sabido escolhê-las, o que não aconteceu. Nos dias seguintes, incitado pelo filho, Mbaxi lá foi contando o resto da sua estória, pois eram discussões e mais discussões entre as minhas três mães, cada uma delas pior que galos lutando por uma capoeira. Assim, era eu rapaz, parti feliz para o mato, trocar escravos por sal, resgatar peças, como dizemos. Era trabalho fácil, os resgates ou peças numerosos, os chefes sempre prontos a organizarem uma guerra de kwata-kwata para os capturar. Talvez a minha mãe soubesse alguma coisa sobre a identidade do avô português, mas não falou, provavelmente porque isso seria obrigação do meu pai, pessoa calada como poucas.

[Pelos vistos, era característica da família e não nos admiremos por Carlos Rocha também ficar dias ou semanas sem articular um som.]

A mãe só me disse uma vez, não tens a cor do teu pai, ainda bem. Eu até achava a cor do meu pai bastante bonita, igual à das argolas que as mulheres usam no pescoço e nas pernas. Mas o Mexia abusava da minha boa vontade. No princípio era jovem e aceitava ingenuamente as prepotências. Tinha aprendido a ler e a escrever com os padres, sabia ser importante ouvir antes de falar, aceitar antes de rebelar. Porém, cresci e perdi a paciência. O meu patrão era um português com muitos redondos, cara redonda, braços roliços e as pernas como troncos de árvores muito finos. Isso era o menos. Além de estar sempre a me mandar fazer os trabalhos mais complicados, talvez porque lhe irritava eu saber escrever enquanto ele, analfabeto de várias gerações, não distinguia o ponto do traço, deu de embirrar e gritar por tudo e por nada. O que eu fazia estava definitivamente errado, sempre. Ainda não era o pior. Descobri mais tarde, gostava de rapazes. Não de raparigas, de rapazes, podes imaginar? A tática dele era sempre a mesma: rapaz que lhe interessasse primeiro sofria. Destratava-o, torturava-o mesmo, sempre com grandes ensinamentos sobre a necessidade de suportar para aprender. Me contavam os outros rapazes, dominados. A um certo momento, os rapazes não sabiam ou queriam se defender, achavam serem nojentos, fracos, estúpidos, não havia ninguém mais asqueroso que eles no mundo. Quando estavam nesse estado de ânimo, ele então mudava de atitude, se tornava carinhoso, com afagos, até os levar para a cama. Percebi, eu estava na primeira fase do tratamento, ainda no insulto e humilhação. No entanto, era

mais esperto que os outros, nunca ia deixar que o Mexia passasse à fase seguinte. Um dia, estávamos a dez dias de Mbanza-Kongo para o sul, em território onde se falava já outra língua, o teu kimbundo, quando à noite começou a disparatar, que eu tinha lavado mal a tigela com que ele comia. E lhe atirei com a tigela à cara, não sou seu criado para a lavar, foi por piedade cristã que o fiz, você é tão porco que a tinha num nojo. Tão porca como a sua roupa, cujo mau cheiro se nota a uma légua. Quis se virar para mim, tentou bater com a mão peluda, mas eu usava punhal. E ele leu nos meus olhos que o podia matar. Para mim era igual. Quem ia saber? Os outros companheiros? Todos o odiavam, uns por terem sido violados, outros por terem sido depois abandonados na indiferença. Os escravos? Esses só queriam se perder nos matos. Sim, eu tinha uns olhos de matador e avancei para ele. O senhor Mexia perdeu logo a arrogância. Se borrou desavergonhadamente, com um fedor insuportável. Pediu perdão, começou a prometer coisas. Deixei-o ajoelhado no chão, no meio do acampamento, soluçando seus temores, misturado na sua merda. Disse aos meus companheiros, não volto a Mbanza-Kongo. Quem quer vir comigo? Todos quiseram. Levámos os escravos para o porto mais próximo, Luanda, onde os vendemos. Repartimos o dinheiro por igual, sem deixar sobrar nada para o primeiro dono deles. O Mexia ficou remexendo sozinho no mato e deve ter sido devorado por algum animal, porque nunca mais ouvi falar em semelhante traste. Solitário, não chegaria à grande Mbanza. E tinha medo de avançar por terras do Ngola, inimigo jurado do rei do Kongo e dos portugueses.

Fiquei então por Luanda, fazendo os negócios que todos faziam.

— E aí conheci a tua mãe.

A mãe de Carlos Rocha era do leste, de muito longe mesmo. A distância não podia se medir por léguas nem jardas, se media por rios atravessados, cera ou marfim nas costas. E era uma difícil contagem, a dos rios. Não falava português nem kikongo nem kimbundo, as línguas da costa. Depois lá se foi entendendo com o pai dele, que também não falava idioma do leste, mas dava para comunicar. Com as viagens e os negócios de escravos, ele acabara por aprender muitas palavras de muitas línguas. E ela se adaptou ao novo meio, depois de Mbaxi a comprar ao dono mulato, evitando o iminente embarque para o Brasil.

Estória igual a outras, não avancemos por aí.

Carlos Rocha nasceu portanto no sítio onde começava dificilmente a se erguer a cidade de São Paulo de Luanda. Proveniente de múltiplas origens geográficas e étnicas, signo de humano, não é mesmo? Naquele tempo do seu nascimento, só havia um muro mal rebocado a imitar um fortim com dois baluartes no alto do morro de S. Paulo sobre o mar, a ilha à frente; uma capela lá dentro, dedicada a S. Sebastião, e várias cubatas. A esse fortim despretenso chamavam fortaleza de S. Miguel. Duas igrejas em construção no alto do morro, mais cubatas à volta servindo de conventos. E em baixo, perto do mar, atracavam os botes que traziam as mercadorias das naus e caravelas jazendo na baía fechada. Aí embarcavam os escravos para as Américas. Havia mais movimento na ilha, território do rei do Kongo, onde se recolhia o nzimbo, a principal moeda, que se apresentava sob a forma de conchas muito pequenas. Carlos cresceu com a cidade, morando na cubata da mãe, onde mais tarde haveria de ser o bairro dos Coqueiros, na base do morro, perto da baía, o pai na cubata do lado. Vieram irmãos enquanto a mãe era nova, depois mais irmãos de outra mãe, e foi preciso acrescentar ainda duas cubatas. O conjunto das quatro cubatas mostrava a importância de Sebastião Rocha, o Mbaxi, quando negociava marfim, cera e escravos, artigos vindos do interior em longas caravanas de que ele aproveitava os restos. Os brancos, comerciantes, se estabeleciam perto do sítio de embarque. Negociavam pessoas, quase exclusivamente. Mesmo os que vendiam vinho ou aguardente, ou farinha de guerra, como se chamava a de mandioca, vinda no princípio do Brasil, depois do Kongo. Na infância dele, se começou a plantar mandioca por todo o lado onde podia haver rega, mesmo parca. As hastes eram enterradas na diagonal em montinhos de terra, para melhor reter a água da chuva. Técnica dos indígenas brasileiros, aprendeu.

O pai ajudava sobretudo os portugueses a obterem escravos. Chegou a ter cabedais suficientes para montar a sua própria caravana ou a comprar terras perto do rio Bengo e produzir comida para a cidade. Mas primeiro faltou poder de iniciativa ou confiança e depois foi perdendo as posses à medida que envelhecia e o vinho se tornava no mais íntimo confidente. Com a decadência, começava a tentar explorar as suas suspeitas origens aristocráticas, mas lhe valiam de pouco, porventura mais um copo numa taberna perto do cais, oferta de quem não conhecia as linhagens. E as gentes sussurravam, ouvi dizer que é verdade, talvez na primeira viagem de Diogo

Cão ele tenha sido engendrado, mas passara a ser uma curiosidade sem valor, até se atreverem a expulsá-lo a pontapés das tabernas.

O lugar dos negros bêbedos era nas ruas.

Sorte teve Carlos Rocha em não ser apanhado como escravo, quando o pai ficou na miséria e pronto a vender tudo o que lhe desse ocasião de beber até cair. Foi a mãe, previdente e sagaz como são todas elas, a avisar, desaparece, vai para Kabasa ou Mpungo-a-Ndongo, ou vai para a grande Mbanza, mas desaparece daqui, o bêbedo do teu pai ainda te vende. Para nada serviria o facto de Carlos ter estudado com os jesuítas, poderia vir a ser uma peça como os outros e enfiado num navio negreiro para o Brasil. Se aconselhou com o padre João Domingos, o qual corroborou o medo da mãe. O teu pai perdeu o norte, está nas mãos do demónio do vinho, bem pode te vender no meio do seu desespero por um copo. E será difícil depois resgatar-te da triste condição de escravo. Segue os conselhos da tua mãe, são os mais sábios que há. Ele tinha muito respeito pelo padre, pessoa de uma só verdade. Mas não era fácil sair de Luanda, até hoje nunca foi fácil a ninguém se libertar do demónio de Luanda, só para usar a expressão do jesuíta.

Tinha a idade, podia se oferecer para o exército, sempre com falta de gente para conquistar o interior e as sonhadas minas de prata. Havia duas fortalezas, Muxima e Massangano, numa margem e outra do rio Kwanza, despojadas de tropa, minada constantemente pela malária. E o capitão-mor promovido pelos jesuítas a governador construía nesse momento a terceira, a de Kambambe, na perseguição do sonho da prata, a mesma Kambambe de onde fugiam pessoas para Luanda, tal a fama de crueldade do capitão Manuel Cerveira Pereira. Certamente haveria lugar para mais um soldado, embora a sua cor o remetesse para a milícia formada por negros, chamada de “guerra preta”. Já fora aliciado por vários chefes militares e o próprio tendala António Dias Mossungu, comandante-geral das guerras pretas, quase tão importante como um capitão branco, um dia dissera meio a sério meio a brincar ao pai dele, vou levar o seu filho Carlos comigo, pode dar um bom soldado. Mas a vida militar não o atraía, como não o atraía servir de intermediário e língua numa caravana para andar ao resgate nos matos. O tendala seria um bom protetor, em gente de António Dias Mossungu nem o próprio Manuel Cerveira Pereira se atreveria a tocar. O tendala não só tinha mais homens, como podia facilmente se diluir na selva e aparecer em

aliança com os terríveis jagas, os guerreiros incomparáveis que povoavam os piores pesadelos dos brancos e mesmo dos chefes aliados aos portugueses. Mossungu combatia contra ele num dia e no outro estava a beber vinho de palma com o rei do Ndongo, o poderoso Ngola Kiluanji Kya Samba que dominava o rio Kwanza. De facto, ninguém controlava o tendala, só se tornando macio quando lhe convinha entrar num negócio grande de venda de escravos ou marfim. Mas Carlos Rocha não estava interessado nem em guerras nem em negócios de peças e marfim. E desconfiava das amabilidades e sorrisos muito rasgados do tendala, demasiado poderoso para seu gosto de jovem prevenido e calado.

Outra possibilidade era se apresentar nos jesuítas e pedir para ingressar, não imediatamente na ordem, mas nos estudos para o sacerdócio. Um dia seria padre. Era uma boa profissão, se fizesse parte de uma casa respeitável como era a Companhia de Jesus. Claro, havia alguns jesuítas que também traficavam, pelo menos se dizia na cidade. De facto não era proibido. E todos os outros clérigos tinham os seus escravos. João Domingos não possuía e pregava contra os traficantes de escravos, não por serem negociantes, mas por insensíveis ao sofrimento humano separarem as famílias, vendendo o homem a um comprador e a mulher a outro e os filhos a outros, se filhos houvesse. Que ao menos fossem as famílias mantidas sob o mesmo dono. Não era pequena concessão naqueles tempos, inaceitável para os escravocratas.

Carlos tinha um dia assistido acidentalmente a uma discussão entre o padre e um superior, no colégio dos jesuítas, na Cidade Alta. Estavam os dois convencidos de que ninguém os escutava, mas o rapaz de facto ouvia, escondido numa sombra. E dizia João Domingos:

– Não é justo, não senhor. Se os índios no Brasil não devem ser escravos e a nossa ordem os protege, não percebo porquê os negros podem ser vendidos e mortos como animais.

– Agora também se levanta contra a nossa ordem? Até onde vai a sua rebeldia?

– Não é rebeldia. É o direito de contestar.

– Não se pode contestar uma ordem da Companhia, caro João. Vai contra os ditames de Santo Inácio de Loyola?

– Ó Jerónimo, compreenda-me bem. Não vou contra ditame nenhum. Apenas não acho justo que haja maneiras diferentes de tratar os indígenas

da América e os de África. Não levanto um braço contra as ordens, a minha ordem é a minha casa, mais que a minha vida. Mas no meu íntimo considero uma injustiça, é tudo.

– Não estará a conviver com o pecado da arrogância? – disse o superior.

– Não sei, sou pecador como outro qualquer. Não será a injustiça um pecado ainda maior?

Se afastaram e o jovem Carlos perdeu o resto da discussão, prolongada por palavras e gestos veementes. Jerónimo Vogado era superior a João Domingos na hierarquia da ordem, mas este não se deixava intimidar quando se considerava com a razão. Por isso Carlos o respeitava e nunca esqueceu o que presenciara. Se não tivesse alternativa, ingressar nos jesuítas pela mão do padre João Domingos seria uma possibilidade.

Outra era se meter pelo mato e caçar elefantes. Sabia atirar com mosquete, mesmo arcabuz, e conhecia caçadores com quem se associar. Sobre os elefantes não se discutia se tinham alma e se deviam ser salvos do fogo dos infernos, como acontecia com os negros. Até então, não tinha havido uma decisão do papa esclarecendo completamente essa questão, a qual dividia os teólogos, os negros tinham ou não tinham alma como os brancos? Apesar disso, o papa aceitara que houvesse padres negros. Sem saber se tinham alma, reconheceu entretanto como embaixadores junto da Santa Sé alguns fidalgos do reino do Kongo, sendo o rei tratado nas cartas como um filho querido de Sua Santidade. E o papa chegara à suprema honraria de nomear bispo um filho ou sobrinho do próprio rei do Kongo.

Um bispo sem alma?

Discussões teológicas complicadas, essas, sobre o direito a ter alma. Caçar elefantes ao menos não levantava dúvidas teológicas, era só matar bichos e ficar-lhes com as presas, valiosíssimas na Europa. Mas Carlos também hesitava, porque era vida trabalhosa e incómoda, sujeita aos perigos do mato. Entretanto, não fazia nada em Luanda. Vivia cada vez com maiores dificuldades, crescendo sem ocupação. E via os irmãos e as duas mães também a viverem pior, com a desgraça que o seu pai provocava pelas constantes e perigosas bebedeiras. Tinha de olhar pela sua vida se não pelo seu futuro.

Fugiu de Luanda numa manhã de cacimbo.

Levou consigo o jovem Mulende, um escravo que lhe pertencia por oferta do Mbaxi, nos tempos de fartura e generosidade. Podia levá-lo, o escravo

era seu. Também porque se afeiçoara ao jovem, mais novo uns cinco anos, e já ouvira o pai propor a sua venda a um taberneiro. O negócio podia se fechar a qualquer momento. Primeiro seria Mulende vendido, depois ele próprio. Porque, à velocidade com que o pai ia derretendo os bens, um escravo devia servir de bebida para menos de duas semanas. Por outro lado, sempre parecia melhor enfrentar os perigos da natureza com um parceiro de confiança, o qual ao menos tinha crescido no mato. Deu um punhal a Mulende, ele próprio levou o mosquete de Mbaxi e toda a pólvora e balas disponíveis. Subiram as barrocas antes do alvorecer e se meteram pelo mato rasteiro. O dia já clareara quando se aventuraram pelo rio dos elefantes, assim chamado o único ponto onde jorrava alguma água, por vezes. Se projetava cavar aí um poço, criando uma nova maianga. A falta de água era tanta que havia um batel destinado a trazer tonéis do líquido a partir do rio Bengo, para uso da guarnição e restantes populares. Se vendia aos baldes e era muito cara. Só na ilha a água era mais abundante, embora fosse um pouco salobra e controlada pelo Mani Luanda, o seu governador konguês. Se vendia também aos moradores, tão cara como a vinda do Bengo. O primeiro poço cavado se chamou maianga do rei, supondo Carlos Rocha se tratar de honra devida ao rei de Portugal. Podia ser também o rei Ngola Kiluanji, verdadeiro dono do território, pouco a pouco ocupado indevidamente pelos portugueses. Conhecia os mambos desde criança, Ngola Kiluanji reclamando os seus direitos e os conquistadores dizendo, o próprio rei do Ndongo tinha autorizado Paulo Dias de Novais, o capitão que fundara Luanda, a se estabelecer no território e portanto a ser dono dele.

Havia sempre duas versões para as makas de terrenos, já se sabia.

Caminhando para sul, com Mulende atrás, se perguntava muitas coisas e uma delas era qual o passo a seguir. Tinha noção que deveria ir até o rio Kwanza. Aí veria. A partida foi pouco ou nada planeada. Se despediu da mãe, pediu para calar a notícia da sua fuga até o pai perguntar por ele. Ia demorar algum tempo, atendendo à bebedeira com que tinha entrado em casa. Antes do nascer do sol, avisou Mulende, toma o meu punhal, te ofereço e agora vem comigo. Levou duas mantas velhas, carne fumada, um saquito de farinha de guerra, um odre com água. E a arma. Nem umas botas de reserva, que poderia ter roubado a Mbaxi, visto calçarem o mesmo. Seria uma humilhação para o velho se apresentar descalço na taberna que o aceitava ainda, depois de se sentir lesado com a falta do filho, do escravo e

do mosquete. A Mulende disse, quando caminhavam, vamos até o Kwanza. Nunca tinham feito a viagem e o jovem estranhou. Mas escravo, mesmo se tratado como parente, já aprendeu com a vida, perguntas só as imprescindíveis. Os donos de escravos, mesmo os melhores cristãos, têm reações imprevisíveis, geralmente violentas.

E a cor do dono não significa nada.

Avançaram pois para sul, dormiram no caminho, uma manta para cada um, no fim do dia seguinte chegaram ao Kwanza. Aqui começavam os problemas. Dois homens negros, mesmo com um mosquete, eram presas fáceis para os bandos. Havia os mais perigosos, os bandos de caçadores de escravos, brancos, mulatos ou negros livres. Nunca deixariam escapar uma oportunidade de os kanzarem e depois venderem longe de Luanda. Havia os que se reclamavam de ser autoridade e esses também eram perigosos. É verdade, Carlos Rocha tinha um documento do ouvidor declarando-o homem livre e dono de Mulende. Mas no mato, que autoridade respeitava o documento do juiz? Podiam mesmo duvidar do seu nome escrito no papel e portanto da identidade. Havia outros perigos, como o personificado na figura do rei do Ndongo. Carlos era negro, até falava a língua do país, e depois? A sua roupa, os seus modos, tudo indicava o convívio com os portugueses. E Ngola Kiluanji estava furioso com as traições imputadas aos governadores e capitães vindos da Europa. Apanhado por algum soba leal ao Ngola, seria escravizado certamente. E, o pior de todos os perigos, os famosos jagas, hordas de guerreiros que se aliavam por vezes aos portugueses, outras vezes aos reis do Ndongo ou do Kongo, ou eram pura e simplesmente hordas independentes, e que atacavam quem mexesse. Diziam que para os comer, pois praticavam o canibalismo. Se falava e poucos duvidavam. Era a mais horrorosa ideia para Carlos, ser comido por um antropófago. Nunca se sabia de onde apareciam os jagas, que outros chamavam yakas ou imbangala ou benguelas ou... ou... Tantos nomes, todos para significarem o mesmo terror de gente cortada às postas e cozida numa panela enorme. Pois bem, para lá do Kwanza, começavam os sobados da Kissama e ninguém sabia distinguir kissamas de jagas. Aliás, os portugueses e os africanos vivendo com eles desconheciam muitas coisas sobre as terras vizinhas. Alguns exércitos portugueses já tinham sido dizimados e comidos (se contava) na margem esquerda do Kwanza e nas irreduzíveis terras da Kissama.

Carlos Rocha olhava o rio, turbulento por ser época das chuvas e ele correr cheio de barro, paus de árvores, tetos de cubatas e animais mortos. A coloração das águas era por vezes acastanhada, outras leitosa, jamais o azul do céu. Nunca tinha visto rio tão largo. Para dizer a verdade, nunca tinha visto um verdadeiro rio. Esteve para ir no Bengo uma vez com o pai, mas logo a mãe se interpôs, que vai lá fazer a criança?, ainda é muito pequeno. O pai não insistiu. O rio seco que existia em Luanda era isso, um rio seco, que na época das chuvas podia levar alguma água, mas se atravessava com um salto sem molhar os pés, como na véspera. Também o Soroca, mais a norte. Cavavam uns sulcos que as pessoas chamavam vale, mas que não passavam de ravinas pouco profundas. O Kwanza não, o Kwanza era mesmo um rio a sério. Se sentaram na margem, olhando. Olhando só, sem palavras. Um deus poderoso, tudo levando com ele, lento na sua majestade. Atravessar? Enfrentar este deus, não sabiam sequer como, para se embrenharem em território dos jagas ou dos kissamas ou lá o que fossem?

Carlos puxou do último resto de carne, dividiu-o com Mulende, se serviu também da farinha. Depois de comerem, beberam a água do rio. Tinha ligeiro sabor a barro, justificando a cor. Depois de muito tempo a olhar a corrente, resolveram dormir antes de tomar qualquer decisão. Mas se afastaram do rio e pernотaram num montículo calvo, sem acender fogueira. Sabiam, nas margens havia todos os perigos, desde jacarés a serpentes perigosas, a barcos manobrados pelos piores bichos do mundo, os homens caçadores de outros homens.

Jovens, mas avisados.

Mais avisado ainda era Andrew Battell, o inglês.

Astuto, conhecedor daqueles matos como poucos, muito hábil com as armas. Reconheci logo o valor dele, quando se apresentou em Massangano, dizendo fugir dos jagas. Aliás, quem não conhecia as façanhas do inglês louco, bom piloto, grande falador, exagerado em tudo o que contava, o qual tinha ficado em território dos benguelas, lá para sul? Ainda eu não tinha chegado a estas terras. Para dizer a verdade, ele antecedeu-me de uns doze anos, pois só aqui cheguei há dois e tal. Pode ser um grande exagerado, mas muito do que diz cheira a verdade, outros também o afirmam. Claro, a nós conta sempre a parte boa, a que lhe realça o valor ou nos convence de encetar algo que o favoreça, escondendo as suas patifarias. Todos o fazemos, não é? E o que me interessava era usar a sua habilidade para nosso proveito, pois como inglês é inimigo de Espanha e nós somos os defensores do bom rei Dom Filipe, filho ou pai, tanto faz.

Estávamos ainda em Massangano com o governador Coutinho, nos preparando a rumar para Kambambe, onde se encontram as montanhas de prata, quando ele nos apareceu, meio esgazeado, carregando o mosquete e quase sem pólvora. O cabelo era uma mata de cobras e piolhos, a barba não lhe tocava nos joelhos pois de vez em quando arrancava os pelos mais compridos. Os trapos com que se cobria já não tinham cor, de tanto barro terem absorvido da terra onde dormia e do fumo com que se aquecia. Os

comerciantes que chegaram com ele gabaram logo a sua esperteza, audácia e conhecimento da região. Andava mais ou menos livre do outro lado do Kwanza, com um jaga atrás, mais uma companhia que um guarda. Aliás, se quisesse acabar com o jaga, tinha o mosquete bem aperreado na mão. Mas, contaram os comerciantes, estavam em Calicassamba

[Aviso desinteressado aos leitores: inútil procurar os nomes num mapa, pois nem eles estão bem escritos, vindos todos de tradição oral e corrompidos pela péssima audição dos portugueses para as nossas línguas, nem fazem parte da paisagem há muito tempo.]

a resgatar peças e com grande apreensão, pois muito próximo era o acampamento temporário do grande jaga Imbe Kalandula, o maior de todos, reconhecido amigo do inglês. De repente viram um branco todo sujo, enfarruscado, mais parecendo mulato embora se vissem umas farripas louras de cabelo por baixo dos nós de muitas proveniências e que lhes perguntou em português, quando partem e para onde? Se alegrou quando lhe foi respondido que voltavam no dia seguinte a Massangano, a cinco dias de viagem. Posso ir convosco, sem vos causar transtorno algum? Os comerciantes hesitavam, não sabiam com quem lidavam e quais as consequências de tal companhia no seu trato com os negros, muito combativos e desconfiados do lado de lá do rio. Ainda por cima se tratando de jagas... Ele percebeu e disse, ninguém me verá sair com vocês, encontramo-nos para lá do morro que tem o grande imbondeiro em cima, só tenho de saber o dia e se de madrugada. Seria, sim, de madrugada, amanhã. Os comerciantes não sabem o que aconteceu ao jaga que andava sempre atrás, pois o inglês apareceu sozinho e sem explicações. Pode tê-lo matado ou apenas enganado, que importava, ninguém perdia tempo a fazer perguntas dessas. No caminho foi parco de palavras, contra o seu natural. Só quando cruzavam o rio, à vista de Massangano, disse quem era. Um dos comerciantes desconfiava da identidade, mas parecia demasiado extraordinário para ser verdade. Todos conheciam a estória desse inglês vindo do Brasil como degredado por ser corsário e apanhado na costa brasileira por um grupo de índios, mas que sempre dissera ser apenas um marinheiro, meio piloto, meio soldado, sob as ordens do comandante Abraham Cocke, tentando fazer comércio no Rio de la Plata. Desterrado para Massangano com outro inglês, dois meses depois era piloto do patacho que fazia a ligação com Luanda através do Kwanza, pois o piloto oficial

morrera entretanto. Ninguém sabia tratar de barcos como ele, ali na fortaleza. Chegado a Luanda, o governador João Furtado de Mendonça incumbiu-o de ir com um patacho ao reino do Kongo negociar marfim, óleo de palma e farinha, a troco de missangas. Mas não perdera a condição de degredado e portanto andava com grilhetas ligeiras nos braços e uma guarda constituída por três homens. Acabou merecendo a confiança do governador por ser hábil não só com o barco mas também nos negócios. A guarda foi aligeirada e esquecidas as grilhetas. Que podia fazer num patacho cuja tripulação e soldadesca era toda portuguesa e odiando hereges, ingleses ou outros? Nem ele tentou nada. E depois os comerciantes desfiavam as aventureiras viagens, novas e antigas, de Andrew Battell, conhecidas pelas pessoas vivendo há muito no território.

No entanto, entrou em Massangano, não como um herói, mas como pedinte. De facto, desconhecia a sua condição. Prisioneiro ainda, homem livre? Falei com ele e achei-o demasiado obediente e tímido para ser honesto. O governador encarregou-me de o vigiar, pois, sendo nós relativamente novos no lugar e ignorantes de muitas coisas, era preciso ponderar antes de cada passo. Aconselhei-me com o padre jesuíta que sempre nos acompanhava, Jorge Pereira, meu amigo e sacerdote de grande merecimento, o qual estava por infelicidade quase cego dos dois olhos. Ainda disse, sobre esse inglês correm muitas lendas, mas uma coisa é certa, como todo inglês é demoníaco e traiçoeiro, mais vale a pena ser prudente. E eu segui os conselhos. Cautelosamente metia conversas com o herético e ia sacando informações sobre as terras e as gentes.

Battell, por minha proposta, foi integrado no exército no grau de sargento de uma companhia. Parecia ser muito perigoso pô-lo à frente de tantos homens, mas estávamos faltos de oficiais e ele gozava de muito mais experiência daquelas guerras de África que todos nós. Não tenho arrependimento de o ter integrado, pois sabia da poda como só os mais velhos conquistadores, esses que apenas pegavam numa arma quando a situação estava desesperada, caso do meu amigo Gaspar Álvares, cuja companhia eu não dispensava. Battell de facto ajudou-nos a vencer muitos sobas e sobetas rebeldes, pelo facto de lhes conhecer as manhas todas e falar a língua do país como eles próprios. Conseguia até entendimentos com exércitos de jagas, se fosse para grandes operações. Apesar de ter saído da sua corte sem autorização, o grande jaga Imbe Kalandula continuava a

gostar dele e por mais de uma vez pôs à nossa disposição os seus hábeis arqueiros. O nome de Battell para os jagas era Kingrêje, de inglês. Outro detalhe importante, Battell era mesmo capaz de escrever em português, coisa que só nós, os fidalgos e alguns padres conseguíamos.

À noite, quando eu reunia os capitães e sargentos para um copo de vinho, com o objetivo de sentir o pulso da tropa, sempre pronta a trair e desertar, fazia-lhe perguntas sobre o seu passado. E, reticentemente no princípio, mais lesto quando o vinho fazia efeito, contava ele alguns episódios sempre úteis de conhecer.

Contou por exemplo que, depois de andar com o patacho de Furtado de Mendonça a fazer viagens para norte e sul, já com uma promessa de libertação próxima por parte do governador, lhe montaram uma armadilha ao acostar um barco holandês no porto do Pinda, o porto do reino do Kongo. Que um frade franciscano o denunciou às autoridades, por ter entrado no barco holandês com a intenção de fugir para a Europa. Battell jurou ter ido a convite do capitão do navio para beber uma aguardente como se fazia na terra dele, não em fuga, até porque lhe tinham prometido a liberdade mal chegasse a Luanda. O franciscano foi convincente, os holandeses, além de serem tão heréticos ou mais que os ingleses, faziam explorações com a intenção de conquistar os nossos portos e nos roubar todas as peças. Apanhado pelos nossos, Battell foi recambiado para Massangano como desertor, onde ficou seis anos na tropa e sem ver o mar. Terá sido grande desgosto para um marinheiro, compreendo-o. E, seja ou não verdadeira a traição do franciscano, do que pessoalmente não duvido, pérfidos como são, deve ter ficado muito mais desconfiado em relação aos portugueses e jurando vinganças.

— Estávamos esquecidos em Massangano, cada vez menos gente e com fome — conta o próprio Battell, para justificar a sua próxima traição. — Perdi a esperança. Um dos meus colegas era um egípcio, Gamal. Falei com ele, posso morrer, mas não aguento mais esta ausência de mar, só dois rios sujos em confluência — se referindo à situação do presídio, na embocadura do rio Lucala no Kwanza. — Vou fugir. Sozinho ou acompanhado. Acompanhado seria melhor. Gamal disse, também vou e convenço alguns outros. De facto, persuadiu mais três mouros e sete portugueses. Éramos doze, um bom grupo para enfrentar o mato. Fugimos numa canoa, descendo o Kwanza. A ideia era evitar Luanda e nos metermos pelo Kongo. Mas não de barco.

Afundámos a canoa de madrugada para não deixarmos rasto e andámos pelo mato. Tínhamos pouca comida e a terra era seca como pele salgada. No segundo dia já sofriámos de fome. Eis que encontrámos um velho negro a apanhar paus para lenha. Amarrámos-lhe as mãos atrás das costas e mandámo-lo indicar a lagoa da Kilunda, onde pelo menos água haveria. Fomos à aldeia, pedimos comida e água. O soba Kazonza recusou a nossa solicitação, estava feito com o Ngola do Ndongo. Queimámos a aldeia por vingança e levámos a pouca comida que tinham. Não podíamos andar com um grande grupo de escravos, por isso não os aprisionámos. Discutimos o assunto, mas a minha opinião prevaleceu, tínhamos muito tempo para resgatar peças no Kongo, agora só interessava a liberdade. Bebemos à farta na lagoa. Daí saltámos o rio Bengo. Caçávamos facilmente, não faltava carne. Saltámos o Dande. A ideia era ir para as terras de Bamba, por aí entrarmos no Kongo. Mas fomos traídos por um grupo de guerreiros do duque de Bamba e nos refugiámos num bosque. De repente apareceu uma tropa enorme, brancos, mulatos e negros. Eram os portugueses. Pronto, fui apanhado e levado para Luanda, com promessa do capitão, meu conhecido, de soltura imediata. Mentira! Três meses fiquei na cadeia, com grilhetas nos pés e um colar de ferro no pescoço. Ao lado estava o Gamal e dois outros mouros. Dos portugueses desertores nunca mais ouvi falar. Ao fim desses meses, o governador lá se apiedou de mim e mandou-me para a tropa. Agora era soldado condenado para sempre e sem esperança de liberdade, pois tentara de novo fugir, prófugo reincidente. O que não era exatamente verdade, da primeira vez fui acusado de tentativa de fuga no porto de Pinda por boato maledicente.

Se tratava da antiga história do Congo e do barco holandês. Já conhecíamos. Por isso lhe cortei a palavra, conta coisas novas. E mandei vir mais uma púcara de vinho, pois este clima dá cá uma sede... Os oficiais tocavam conspirativos uns nos outros, se divertindo com a próxima história do inglês. Eu ouvia muito atento, havia reais ensinamentos em muita coisa, mesmo se imaginada ou acrescentada.

– Durante mais de dois anos combatemos por aqui. Chegámos a ter um forte exército, com quatrocentos brancos e mulatos e quinze mil negros, sobretudo arqueiros. Souonso, Namba Calanga, Solacango, Combre Caianga, Engombe, Ingásia, nomes que lembro de sobas derrotados e que depois se rendiam ao rei de Portugal, entregando milhares de escravos. Na

batalha contra Engombe fui ferido na perna direita e tive as febres. Foram necessários uns meses de recuperação. Foi nessa altura que o governador mandou uma embarcação para sul com sessenta homens. Fui escolhido porque sempre podia dar uma mão como piloto auxiliar, além de soldado. Estava fraco por causa do ferimento e das febres, mas fiz de forte, queria chegar ao mar. E consegui. Nem imaginam o que senti quando comecei a cheirar a maresia, na barra do Kwanza. Digam o que disserem os homens da terra firme, o mar tem outro perfume e encanto.

– E então? Continue a contar.

– Fomos para sul. Passámos o sítio de um fortim destruído no morro perto do rio Cuvo, chamado Benguela. Era o nome do povo que ali vivia, muito guerreiro, certamente parentes dos jagas, benguelas e jagas é tudo farinha do mesmo saco. Continuámos para lá dos doze graus...

– Explica lá isso – interrompeu um dos ouvintes, Gaspar Álvares, dos primeiros conquistadores, muito sabido da vida e meu companheiro, mas com pouca instrução.

– É uma medida, doze graus abaixo do Equador. Muito para sul, portanto. Aqui estamos a cerca de nove graus e a grande São Salvador do Kongo próxima dos seis graus. Para terem uma ideia.

– Portanto daqui a São Salvador é mais ou menos a mesma distância que daqui até onde vocês foram no sul – disse eu.

– Na Baía das Vacas, a que vocês também chamam a Baía da Torre. Eu chamo das vacas porque encontrámos lá muitas. Vocês chamam da Torre por causa do morro que constitui a baía e tem a forma de um chapéu. Bois, cabras, muita caça também. E cobre. Dizem, lá existem minas do mais fino cobre. É tão vulgar que as mulheres usam argolas de cobre nas pernas e nos braços e no pescoço um anel a toda a volta com quinze libras.

– Credo! – disse Gaspar Álvares. – Como podem andar com tanto peso?

– Ficam de pescoço esticado, para elas é o máximo da elegância. Não se incomodam com o peso. E os homens usam colares de conchas e nas partes um pano feito de casca de árvore...

– Como aqui.

– Ou peles de animais. O reino é chamado de Dombe. Os naturais são sobretudo pastores, mas fazem alguma agricultura junto das lagoas, parece ser coisa recente. Vivendo perto do mar, não comem peixe, não gostam. Enchemos o barco com carne dos bois e mandámos para Luanda, ficando

por ali na baía a fazer um fortim tosco de madeira e a negociar. O governador mandou mais três barcos e enchemo-los com carne. Negociámos mais de quinhentos bois só dessa vez. Depois fizemos várias viagens... Numa das viagens, parámos no rio Cuvo, onde se tentou fazer um forte mas os donos da terra, os benguelas ou bângalas, queimaram o forte e mataram os homens, uns trinta. Na margem sul estava um grande exército, comandado pelo maior chefe jaga, Imbe Kalandula. Aceitou vender-nos escravos. As peças foram num barco para Luanda, ficámos cinquenta homens no outro. Então o Grande Jaga quis que o ajudássemos a atravessar o rio Cuvo para atacar os benguelas. Passámos o exército dele em muitas travessias. Depois fomos com ele tomar a cidade dos benguelas que destruímos. O chefe deles foi morto. Durante cinco meses fizemos comércio com os jagas. Na quarta viagem, não os encontramos no Cuvo. Como tinham acabado com todas as palmeiras, que cortavam para aproveitar o vinho de palma, chamado maluvo ou marufo, não quiseram ficar na costa. Havia muita carne e cereais, mas faltavam as palmeiras e portanto o vinho. Outros povos põem uma cabaça no alto da palmeira e fazem um furo, de onde vai caindo, gota a gota, a seiva doce, que depois de fermentar se torna no vinho. Os jagas não estão para maçadas. Cortam a palmeira e apanham toda a seiva imediatamente. Terreno perto de uma concentração deles só tem cepas de palmeira, portanto. Mas, como ia dizendo, eles insistiram para abandonarem a costa, pela falta de vinho de palma. O Grande Jaga ouviu o rogo dos seus homens e foi para terras de Calicassamba, no interior, onde dominava a grande cidade de Caxinde, a mais importante a sul do Kwanza. Fomos no encalço deles na intenção de resgatarmos peças, era o que nos interessava. Acabámos por encontrar um grupo, o qual indicou a posição do Grande Jaga. Bem, abrevio o relato, foi muita vida. Como não nos queriam deixar partir, pois os nossos mosquetes lhes eram de grande serventia, houve negociações. Para garantir que voltássemos, tínhamos de deixar alguém com eles como refém. Eu era o único não português ou mulato, votaram em mim. Votei vencido, claro. Para as coisas duras, era sempre o herético inglês a pagar! Quando era para ganhar, eu era prisioneiro ou degredado, só recebia migalhas. Os meus companheiros prometeram estar de regresso em dois meses, mas nunca mais voltaram. Fiquei a combater ao lado dos jagas, mas era um cativo muito bem tratado, pois o Grande Jaga tinha percebido a minha utilidade nos combates contra gente que nunca

tinha visto um branco nem um mosquete. E Kalandó, como lhe chamava para abreviar o nome, começou a deixar-me andar mais solto, apenas com um homem a tomar conta. Era mais um guia e um companheiro que um guarda, com efeito. Aprendi a vida deles, até tive as mulheres, com o que se não preocupam nada, não sabem o que são ciúmes.

– Deixavam-no ter as mulheres? – perguntei eu.

– Sem problemas. As que quisesse. Elas também achavam graça, era uma experiência diferente. Devem ter nascido alguns mulatinhos... Só que nunca os vemos. Os jagas matam os recém-nascidos imediatamente. E quando atacam uma aldeia, só guardam as crianças e jovens, que se tornam seus filhos e são preparados para a guerra. Matam os adultos e comem-nos. Por isso há poucos jagas originais, que são os verdadeiros capitães. Dizem que os originais vieram da Serra Leoa, mas acho um bocado longe demais para caminhar. Se de barco leva meses...

– É o que eles contam, sim, também deste lado do rio – apoiou Gaspar Álvares.

Os outros capitães limitavam-se a ouvir, bebendo vinho pelas canecas metálicas. De vez em quando batiam com as mãos nas pernas, em gesto de grande admiração, mas não comentavam. Por respeito a mim, pois eu é que conduzia o interrogatório, como quem não quer a coisa. Os oficiais percebiam e respeitavam o meu interesse em guiar a conversa do inglês. O capitão-mor era o espanhol Vilória mas o temor vinha todo para mim, o que me aquecia o coração.

É bom ser temido.

O Gaspar Álvares beneficiava do facto de ser o mais antigo dos conquistadores e ser meu amigo, a quem eu tinha sido confiado quando embarquei para este território. Conhecimentos da família. E outro ponto nos unia: a sua devoção aos padres da Companhia, verdadeiros obreiros no ensinamento da Fé a estes selvagens e pecadores. Uma parte do que ganhava com o negócio das peças, e ganhava muito, sendo dono de várias caravanas, Gaspar doava ao colégio na cidade, para que os nossos amigos da Companhia de Jesus pudessem se dedicar sem cuidados ao ensino. Por isso ele era o único a ousar dialogar com o inglês e até mesmo a interromper-me, se lhe apetecesse. Não levava a mal, ele era pessoa de todo o merecimento.

– Andei por toda essa parte da Kissama e rio Longa, às vezes entrando

nas guerras deles – continuava o Kingrêje, depois de se inspirar na caneca de vinho. – A minha esperança era chegar ao mar e pedir apoio de um barco que me levasse para Luanda. Cheguei à sua grande cidade, a maior de todas, Caxinde, onde morava mais regularmente o chefe Imbe Kalandula ou Kalandu, como já disse. Tinha ruas com palmeiras alinhadas, de grande beleza, mas umas palmeiras diferentes, mais altas e direitas, sem darem frutos nem vinho. Por isso se mantinham de pé. Muita gente, muita gente, mas tudo bem ordenado. No meio da cidade há uma imagem a três metros do chão e com o tamanho de um homem. Chama-se Ke-Sango. Por baixo da plataforma onde está montada a imagem, há presas de elefante gigantescas, espetadas no chão em círculo, inclinadas para a frente sem se tocarem e com muitos crânios humanos entre elas. Aí os jagas fazem cerimónias antes das guerras, matando pessoas ou animais e o sangue ficando em baixo do Ke-Sango, onde também deitam vinho de palma para ele beber. Ke-Sango é extremamente respeitado e se há doenças numerosas ou a guerra não lhes corre bem, atribuem o facto a não estarem a tratar convenientemente de Ke-Sango e ele estar zangado com o povo. É assim como um deus para estes bárbaros. Mas só lhe fazem oferendas e por vezes dançam para ele, não há rezas nem procissões.

Esperou que a caneca voltasse a ser cheia. O inglês andava com uma sede danada. Talvez aquele tempo todo em que só podia encontrar maluvo lhe provocasse saudades demasiado grandes de vinho feito de outras frutas. Fiz um gesto para lha encherem. Depois de um grande trago, limpou os bigodes que lhe tapavam completamente a boca e continuou o relato:

– Também estive em guerra contra Kesoke, chefe kissama vivendo mais perto do Kwanza, a norte da área habitual de Kalandu. O kissama se tinha tornado muito famoso por ter vencido um enorme exército vosso, sete anos antes. Diziam se contar por milhares e não centenas os inimigos mortos. Lembro-me desse desastre, foi de facto grande, mas não acredito em tantas baixas. Enfim... Impando de orgulho por vitória tão estrondosa, Kesoke ousava defrontar o grande jaga Imbe Kalandula, ainda mais orgulhoso do seu poderio. Por isso os atacámos, para diminuir a soberba do Kesoke. Não os conseguimos vencer à primeira, embora tivéssemos combatido durante um dia inteiro, mas também não fomos vencidos. Entretanto, obrigámo-lo a ficar refugiado num território limitado com um fortim de estacas no meio, onde se acoitava com os seus capitães. Devastámos a terra dele, livre agora

para nós, acabámos com as palmeiras e queimámos muitas aldeias, matando milhares de gente. Eles constroem outras aldeias e fazem mais filhos, as mulheres têm ótimo ventre.

– Muitas aventuras passou – disse eu.

Era difícil esconder a minha admiração. O homem podia exagerar mas algo seria verdade. Sobretudo tinha retido a informação dada por alto, também havia minas de cobre perto da grande cidade de Caxinde. Pelos vistos, havia cobre por todo o lado.

– Muito cobre, então, por ali... – disse eu.

– Eles só o usam para adorno. E a haste do machado de guerra de Kalandó é toda ornamentada com ouro que disse haver num rio a sul da Baía da Torre. Ouro misturado com cobre.

Foi dessas conversas de Andrew Battell que retirei a intenção de um dia procurar as minas de cobre do sul do Kwanza. Se em Kambambe os nossos esforços para encontrar as minas de prata falhassem. E, já agora, também gostaria de dar uma espiada ao rio com ouro e apanhar umas pepitas. Mas seria mais tarde, quando pudesse adquirir direitos firmes sobre as descobertas, porque isto de desencantar tesouros para os outros, mesmo reis da poderosa Espanha, e eles ficarem com a maior parte das riquezas, nunca me despertou muito interesse.

Sou patriota, mas não idiota.

Carlos Rocha sempre se sentiu confuso quando os brancos vinham com a conversa do patriotismo. Ele não sabia o que era pátria, muito menos amor por ela. Seria Luanda a sua pátria? Afinal é onde se nasce, não é? Luanda seria uma pátria? Uma vilazinha perdida numa baía podia ser considerada pátria? Os jesuítas, ao falarem de pátria, se referiam a Espanha, Portugal ou França, grandes territórios, mandando em muitos povos. Os jesuítas pouco mais conheciam também de pátrias, pois a Santa Sé era um retalho de regiões com uma capital num bairro minúsculo de Roma. Pelos jesuítas também se apercebera, os portugueses às vezes se identificavam como espanhóis, enquanto outros detestavam tudo o que cheirasse a Espanha. Entretanto, nunca acontecia os espanhóis se identificarem como portugueses. Era tudo muito complicado. O mais próximo de uma pátria, no sentido dos brancos, que Rocha reconhecia, seria talvez o reino do Ndongo. Mas não lhe pertencia, até podia ser considerado inimigo dos Ngola, mesmo se involuntariamente. E o mais certo era ser feito escravo por algum português ou pumbeiro de português tendo autorização de negociar nas terras de Ngola Kiluanji ou por algum soba ou sobeta com necessidade de dar um presente ao rei. Sebastião Rocha, o Mbaxi, considerava o reino do Kongo como sua pátria, terra onde nascera? Duvidava, apesar de nunca terem falado sobre o mambo. Não sabia pois o que era ser patriota, conseguia de adivinhar a sensação ligada ao facto de pertencer a um

lugar e a um povo. A questão se resumia mesmo a não se sentir identificado com um povo, pois havia muitos e em conflito. Mesmo com a sua família tinha problemas, contradições fortes com o pai, como já sabemos. Sem o poder referir, Carlos Rocha estava sem raízes. Porém se sentia mais próximo, na maneira de ver as coisas e nos sentimentos, do seu escravo Mulende que de um Mexia qualquer. Ou do governador Cerveira Pereira, que tinha entrevisto uma vez na vila de Luanda, muito direito, com uma espada a lhe bater na coxa esquerda e aquele andar estranho de quem finge não coxear.

O dia nascia vaporoso sobre o Kwanza.

Ele há muito estava acordado, sempre inquieto pelos ruídos do mato. Mulende, pelo contrário, dormia os sonos pesados da juventude.

Os raios tinham rompido o nevoeiro ligeiro pairando sobre o rio e iluminado primeiro o cimo das árvores da margem oposta. Ele estava afastado da corrente e no cume de um outeiro, o que lhe dava visão privilegiada sobre a luminosidade se refletindo nos verdes da floresta, bem mais densa e alta no lado sul que deste lado. Em breve o sol se transformou em poalha de ouro sobre o rio poderoso e ele pôde descortinar a força tranquila das águas moventes, com ruído de kissonde.

O ruído do kissonde.

Acontecera uma vez que fora caçar com o pai fora da vila. Um barulho constante chegou a eles e o pai lhe segurou o braço, para, escuta. Parecia trovoadas distantes, mas sem relâmpagos nem sons agudos, num céu absolutamente azul. Uma trovoadas grave constante num vazio de nuvens. Kissonde, disse o pai, estremecendo. Tinham de ver onde estava o carreiro das formigas, pois se caíssem no meio delas poderiam ser mordidos por centenas de tenazes ferozes. Havia quem não escapasse. O pai, à frente, foi afastando prudentemente o capim e avançando passo a passo. Não queria repetir experiências passadas, fruto da ignorância juvenil. Subiu a um morro pequeno e lhe fez gesto de se aproximar com cautela. Do outro lado do morro o capim estava apenas a romper do solo, absolutamente verde, por ter havido uma queimada na estação de cacimbo. E no meio do verde do capim novinho se via o carreiro formado por milhões de formigas pretas. Estava a vinte metros deles e se podiam distinguir os guerreiros, postados dos dois lados, tenazes abertas no ar, prontos a defenderem o resto do exército de obreiras que caminhava. Estão a mudar de formigueiro, segredou o pai.

Podem passar durante um dia inteiro para depois se voltarem a meter na terra, no novo formigueiro. A rainha virá no grupo de trás. Dizem os mais velhos, a rainha é maior que todas, mas como vem com centenas de guerreiros à volta, será muito difícil de reconhecer, um ponto vermelho no meio do preto. É um combate terrível, se tentarmos descobrir a rainha, não vale o sacrifício. Vamos masé embora, senão passamos o dia nisto. Fletiram para a direita, e durante algum tempo continuavam a ouvir a trovoadas se distanciando. O rio Kwanza descia para o mar com o som do kissonde a mudar de formigueiro.

Mais perigoso ainda.

Mulende entretanto se espreguiçou, acordado pelos primeiros raios brincando com a cabeça dele. Viu o dono já de pé e imitou-o. Ficou também maravilhado com o espetáculo de um dia nascendo sobre o Kwanza. Vamos para onde? Não chegou a formular a pergunta, para a qual Carlos não tinha resposta pronta. Este optou pela primeira solução que lhe ocorreu, vamos subir o rio. Se se tinham afastado tanto de Luanda para sul, também era disparatado agora voltarem para norte. Como não tinham canoa para atravessar o rio e sabiam dos perigos ligados à margem esquerda, a travessia estava à partida excluída. O óbvio era de facto subirem o rio, na direção leste. Pelo menos teriam água. E caça farta. Ouvira falar de aldeias existentes ao longo do Kwanza até a fortaleza de Massangano, mas não tinha a intenção de ir tão longe. Ainda por cima sabia, o governador tinha regressado para lá, de barco, de volta à procura da prata. Os barcos portugueses subiam e desciam regularmente o Kwanza, fazendo a ligação entre Luanda ou o reino do Kongo e as duas fortalezas do interior. O instinto lhe dizia para se conservar longe daquele governador. E não era só o instinto, também Na Gonga, uma mais-velha muito sabedora das coisas e que tratava com os espíritos do cesto de adivinhação. Um dia que a fora visitar com a mãe, a velha agitou o cesto, que as duas senhoras chamavam ngombo, dizendo que era nome usado numa terra muito longínqua de onde tinham vindo, na direção de onde nasce o sol. Mexeu o cesto, tirou de lá coisas, um pé ressequido de pato, um chifre pequeno, pedras diversas, uma pena, tirava e voltava a pôr, agitava o cesto de adivinhação e meditava, até que disse uma série de coisas em voz diferente da dela, voz grossa de homem grande, que nunca devia comer galinha quando estava escuro, para tomar banho devia ficar agachado e não de pé, não devia gritar com a boca

toda, conselho incompreensível para ele e, no fim, que se devia afastar sempre de homens brancos altos e magros vestidos de preto, muito perigosos para o seu destino. Ao ver Manuel Cerveira Pereira, o governador fino e de escuro, Carlos compreendeu, esse é um dos que devo evitar. Por isso não avançaria para Massangano por nada deste mundo.

O pai falava muito da bela lagoa de Kalumbo, onde havia peixe e muita caça. Gente acolhedora também. Não devia estar longe. Seria uma boa primeira etapa, para depois pensar melhor no que fazer da vida. O objetivo imediato tinha sido fugir do pai até este morrer de bebedeira ou assassinado por algum credor furioso. Quando se fixasse num sítio, enviaria mensagem à mãe. Ela havia de o informar quando o perigo tivesse passado. E isso significava que o pai ou se tinha regenerado ou morrera. A primeira hipótese era quase absurda. Portanto...

Andaram durante largas horas. Tinham comido o resto logo de manhã, de maneira que estavam com muita fome quando avistaram um pescador na margem, atirando a tarrafa. Meteram fala em kimbundo, seguros de ele não representar um perigo imediato. O pescador disse, podem ir comigo à aldeia e pernoitar lá. Estavam no caminho de Kalumbo. Aceitaram, claro. De facto quem aceitava era Carlos Rocha, Mulende só o seguia, parecendo muito infeliz, mais calado que o fruto de maboque, fechado como ele na dureza da sua casca. Mulende já estava há mais de três anos em Luanda e não apreciava o mato de onde tinha vindo, devia ser isso. A sua terra de origem ficava muito para leste, mas ainda dentro da região de fala kimbundo, longe do Kwanza. Nunca lhe tinham explicado muito bem de onde ele tinha vindo, podia ser da desconhecida e temível Matamba, onde o kimbundo e o kikongo confraternizavam, ou do distante Kassanje, ainda mais insondável. No entanto, o escravo deve acompanhar o dono, feliz ou não. Carlos pensou, logo falo com ele, não sou um dono como os outros. E não era, pois tinha medo de ser ele próprio escravizado.

Na aldeia, comeram peixe e funje de massango. O homem que os acolheu disse, podem dormir aí em frente da minha cubata, ao pé da fogueira. E era bom estarem ali no semiescuro de uma noite iluminada por uma fogueira. As chamas já tinham esmorecido, mas havia ainda a luz vermelha das brasas. A aldeia, constituída por dez cubatas e vinte pessoas, crianças incluídas, adormeceu cedo, pois acordavam com o sol. E os dois ficaram deitados de um lado e do outro das brasas, conversando em voz baixa.

– Vais ver, em Kalumbo vamos viver bem – dizia Carlos Rocha, para acalmar as dúvidas do escravo. – O meu pai contava, tem uma bonita lagoa, grande, com muito capim, uma ilha mesmo que anda de um lado para o outro, conforme o vento, e muitos animais, pouca gente. De um flanco tem uma aldeia, mas nós vamos só cumprimentá-los e depois fazemos uma cubata do outro lado, para ficarmos isolados. Não vamos passar fome. Caçamos e trocamos carne por farinha com os da aldeia...

– Não vão querer trocar. Eles também caçam.

– Não como nós. Temos o mosquete, é mais fácil que com o arco, caçamos melhor carne.

– Usam armadilhas. Basta ir de vez em quando verificar. Numa armadilha bem feita tem sempre um coelho ou um mbambi.

– Mas com armadilhas não apanham búfalos ou pacaças. E devem gostar de comer carne diferente, de bichos grandes.

– Com armadilhas até elefante se pode apanhar. Depende do trabalho, do número de pessoas que cavam os buracos. Se nos kimboos tiver muita gente...

Mulende estava mesmo mal disposto ou amedrontado, punha negativas em tudo. Carlos Rocha se armava de toda a paciência. Já em Luanda era assim, quando davam juntos uma escapadela e o escravo temia represálias do pai dele ou mesmo da mãe. Ia todo o caminho a refilar, que vai acontecer isto e aquilo, invocando todos os azares do mundo. E tinha um medo terrível de cobras, apesar do amuleto contra serpentes que usava no pulso esquerdo, encomendado por Carlos a Na Gongu. Desta vez, até aquela conversa à volta da fogueira, tinha estado sempre sem lamúrias, acompanhando silenciosamente o dono. Mas aproveitou o primeiro momento concedido para se queixar e aí estavam os maus presságios e os medos infantis.

– Quando vais ser homem, afinal? Já tens idade.

Era grande ofensa para Mulende. Não ripostou, nunca ripostava a esta ofensa, a pior de todas. Na sua concepção, ele já tinha nascido adulto, com todas as contrariedades de vida sofridas por um homem. Talvez fosse pelo facto de ter sido kanzado muito cedo, ainda menino, trocado várias vezes de dono, e obrigado por fim à longa marcha para ocidente a caminho do mar. E a caminho dos homens brancos. Agora estava longe deles, Carlos supunha que o facto lhe agradaria. Talvez sim, mas havia o inconveniente de estarem

no mato. Quem diria, o rapaz tinha estima mesmo pela vila de Luanda e pela vida que lá se levava. Carlos compreendia facilmente, também ia sentir falta da confusão. Apesar de haver pouca gente e muita dela apenas a chegar e a partir aos magotes, se notava um alvoroço alegre e barulhento no meio de toda a dor, havia constantemente gargalhadas e gritos nos ares, crianças a correr à toa nas suas brincadeiras, mulheres a berrar com as outras ou com os filhos, sempre difícil de decifrar o porquê dos berros das mulheres de Luanda. Na cidade, alguma coisa diferente acontecia a todo o momento. No mato era tudo muito silencioso, exceto o piar ocasional das corujas ou o urro longínquo de alguma fera. Talvez fosse o silêncio que desagradava a Mulende.

– Preferias ficar em Luanda, não é?

O escravo não respondeu, estava ofendido por ele ter dito que já era altura de crescer. Ia ficar amuado durante algum tempo. Carlos avivou o fogo com um pauzinho, só para sacudir ligeiramente as brasas e se libertarem da cinza que as cobria. Se assoprasse nelas, o efeito seria mais forte e imediato. Mas as brasas queimariam depressa e breve seria a vida da fogueira.

– Vamos ficar em Kalumbo algum tempo. Se não te deres bem, prometo, te deixo voltar para Luanda.

Mulende se agitou, mas permaneceu calado. Como quem é mordido apenas por uma formiga numa perna.

Com as indicações dos aldeãos, no dia seguinte chegaram a Kalumbo. O soba do kimbo estava desconfiado por ver um negro com um mosquete. Só os pumbeiros caçadores de escravos tinham direito de os usar, direito concedido pelos brancos a raros. Ali era uma região de ninguém, fronteira instável, disputada pelos dois poderes, mas nos últimos tempos os portugueses apareciam mais frequentemente e com mais homens armados que os soldados de Ngola Kiluanji, o senhor do Ndongo, pois Kalumbo era muito próxima de Luanda e os portugueses se reforçavam em soldados e comerciantes. O soba ficou mais calmo quando percebeu que Carlos Rocha não procurava escravos e já tinha Mulende como o seu próprio. Deu água e comida e informações. De facto, do outro lado do lago não morava ninguém e a povoação mais próxima distava meio dia de marcha, ou para oriente ou para norte. Para sul não havia vivalma, só o rio Kwanza. Com muitos agradecimentos e promessas de boa vizinhança, os dois companheiros partiram nesse mesmo fim de tarde para o outro lado, contornando a lagoa

grande. Tinham recusado gentilmente a hospedagem de uma noite, pois se o soba não tinha confiado neles, eles também tinham razão de desconfiar. Era comum aprisionar alguém para o vender ao primeiro que aparecesse, possibilidade que nunca dava para esquecer.

Chegaram já noite cerrada ao oposto oriental do kimbo. Aí fariam uma cubata, mas não nessa noite. Mulende acendeu o fogo e dormiram com a sua fome. Depois da alvorada, arranjariam comida. Ao terceiro dia já tinham uma cubata mal feita, pois nenhum dos dois tinha experiência em construções, servindo no entanto de proteção contra o frio noturno. E amontoaram à volta um cercado de espinheiras para evitarem aproximações indesejáveis, sobretudo de onças, muito traiçoeiras. Citadinos, ficaram com as mãos e braços todos arranhados pelos espinhos dos arbustos cujos ramos cortaram. Riram de si próprios, mostrando as feridas. Mas só conseguiam comer carne de caça, ou peixe que apanhavam facilmente na lagoa. Precisavam de outra coisa. Havia colmeias de mel no mato, mas teria de aparecer alguém que lhes ensinasse a utilizar o fumo para drogar as abelhas, de modo que estas não lhes picassem enquanto roubavam os favos. Enquanto não aparecia o improvável mestre, viam as colmeias ao longe sem ousar se aproximar.

E ouviam o zumbido das abelhas, marcando território.

Uma coisa que espantava muito Mulende, obrigando-o a ficar horas a observar, era a ilha móvel na lagoa. Formada por raízes de plantas aquáticas se embrulhando umas nas outras, misturadas a bancos de nenúfares de grandes folhas, como havia nas margens, deve um dia se ter desprendido do seu solo original. Crescera solta, pois as plantas se iam reproduzindo, com flores brancas e amarelas. E vogava ao sabor do vento. Quando acordavam, a ilha estava num local diferente do da véspera. Por vezes se encostava à margem, mas com alguma mudança de vento voltava a se deslocar. Mulende tinha vontade de mergulhar e ver a ilha de mais perto. Mas o medo das serpentes de água impedia-o. Não era a única lagoa com ilhas flutuantes, mas eles apenas tinham visto pedaços em cima da água deslizando no rio Kwanza. Outras lagoas haveria.

E outras ilhas.

Carlos preveniu-o, aprendera com o pai. As margens das lagoas não eram de confiar, por causa das ilhas. Às vezes, uma ficava encostada à margem tempo demais, altura de fracos ventos, e por alguma razão se prendia.

Cresciam raízes e rebentos que se emaranhavam na margem para sempre. O passeante descuidado pensava aquilo ter terra por baixo e se aventurava pisar nela. Se arriscava a desaparecer na água e não dar depois com a saída. Mesmo sabendo nadar, gente se afogava. Por isso, cuidado com as margens, é preciso sempre olhar bem antes de pôr o pé, podem ser falsas como moeda dos brancos.

Ao fim de três dias, levaram uns quartos de veado ao kimbo para trocar. Trouxeram alguma farinha, mas numa troca evidentemente desigual. Também não tinha grande importância, com o tempo fariam melhores negócios. O sal não era problema, porque Carlos tinha retido a lição do pai, quem tem sal no mato não morre de fome. E trouxera um pequeno saco dele. Valia mais trocar sal que carne, todos o procuravam. Mesmo na lagoa de Kalumbo, bem perto da Kissama, onde havia as minas de sal gema, tão famosas que eram a melhor moeda do interior. Em Luanda se dizia, na Kissama se cavava um pouco, nem chegava a um metro em certos sítios e o sal aparecia, duro de tão compacto. Cortavam em placas grandes, de cerca de dois metros de comprimento. Levavam assim para as grandes compras. Carlos tinha visto um pedaço em Luanda. Desconfiado em relação a tudo, dividiu o conteúdo do saco em duas partes e enterrou a maior num buraco perto da cubata. Era o seu tesouro, só para utilizar em caso de extrema necessidade.

Quem tinha um tesouro, defendia a terra como sua. Seria a sua pátria, afinal?

Tempos depois, passou pela região um mulato com uma enorme cicatriz na face, comandando uma caravana de escravos, cerca de cinquenta. Vinham amarrados uns aos outros com correntes de ferro e cipós prendendo os pés à distância máxima de meio metro, para os impedirem de correr numa tentativa de fuga. Pararam perto da cubata, para beberem água na lagoa. Depois se deixaram cair no chão, esgotados. As mulheres tentavam se aproximar das crianças, mas nem todas conseguiam, por estarem amarradas separadamente, com homens pelo meio. O que atrapalhava as aproximações era garantia para o chefe da caravana, dificultava a fuga ou uma rebelião. O pumbeiro tinha os dentes separados e afiados nas pontas, como alguns povos do leste, de onde devia ser a sua mãe ou avó. Com ele estavam quatro guardas negros, dois armados de mosquetes. O mulato se aproximou da cerca e meteu conversa com os residentes. Perguntou logo

quem eram. Era melhor responder e desejar que a caravana desaparecesse rapidamente.

– Sou Carlos Rocha, de Luanda, filho do Mbaxi.

Quem não conhecia o pai? Todos os chefes de caravanas eram fregueses habituais das tabernas de Luanda, vinham em grandes libações matar a sede acumulada nos meses de mato.

Um sorriso perpassou no olhar do mulato, não nos lábios. Observou Mulende, calado. Disse, em voz baixa, pretendendo confidencial:

– O teu pai tem uma dívida para comigo.

Carlos era esperto suficiente para perceber o rumo da conversa. Pensaria o pumbeiro que Mulende era seu escravo e disponível para algum negócio?

– As dívidas do meu pai são problema dele. E deve pagá-las.

– Os filhos herdam as riquezas dos pais. E herdam também as dívidas. Não achas justo?

– Que eu saiba, o meu pai ainda está vivo, é cedo para falar de heranças.

O rapaz sabia, tinha de mostrar firmeza. E que ficasse bem claro, o seu mosquete podia ser perigoso. Pôs a coronha de encontro à coxa, o dedo no gatilho, procurando fazer o gesto de forma displicente, fruto do hábito e mais nada. Queria no entanto dizer, o mosquete estava sempre preparado e ele não se amedrontava facilmente. O pumbeiro tinha obviamente o seu mosquete, mas na sela da égua, vinte metros ao lado. Vantagem para Carlos, que mostrava saber aproveitar. Mulende continuou a afiar um pau com o punhal, parecendo alheio à conversa, sentado num banquinho fabricado dias antes. No entanto, vigiava os guardas pelo canto do olho. Se o mulato quisesse armar confusão, o seu punhal seria tão rápido como o mosquete do dono. O problema seriam os guardas. Porém, momentos depois, o pumbeiro pareceu abandonar qualquer agressividade.

– Viemos só beber água e vamos descansar à noite no kimbo do outro lado. Sou compadre do soba. Espero estar em Luanda depois de amanhã. Não queres que leve nada para o teu pai, um recado, qualquer coisa?

– Não, obrigado.

O outro sorriu, agora com os lábios. Os seus olhos mexiam constantemente, estudando o cercado.

– Tudo isto tem um ar novo. Estás aqui há pouco tempo, não?

– Sim, saí de Luanda há algumas semanas.

– Não vejo trabalho agrícola. Só te dedicas à pesca e caça? Podias secar

carne de pacaça e ir vender em Luanda. Um bom negócio. Terás de fazer umas tarimbas para pôr a carne a secar.

Carlos assentiu com a cabeça.

– Estou a me preparar para fazer isso mesmo. E também peixe seco. A lagoa está carregada de peixe.

– A carne tem mais valor, em Luanda se apanha muito peixe. Mas, claro, é só um conselho de amigo, tu é que sabes.

Falhada a intimidação inicial, queria agora paz? Talvez. Mas Carlos se mantinha vigilante.

O pumbeiro deu uma ordem e os guardas começaram a pressionar os escravos para se levantarem, o que fizeram a custo. Além de praticamente nus, muitos usando apenas saias curtas ou tangas de casca de árvore, tinham as pernas e as costas com sinais de múltiplas vergastadas, não só dos espinhos do mato como do chicote. Os guardas tinham mosquetes nas mãos e chicotes enrolados à cintura e todos sabiam como eram lestos no uso deles.

O silvo do chicote era a verdadeira fala do pumbeiro.

Os olhos no chão, vazios de futuro, marcharam os escravos ao longo da margem da lagoa. Magros, cansados, vencidos. Muitos morreriam durante a viagem de meses até a América, deitados num espaço de porão escuro só suficiente para o seu corpo comprimido contra os dos companheiros de desgraça, comendo, dormindo, defecando e urinando no mesmo sítio. Os escravos nem olharam para Carlos e Mulende, já não olhavam para fora do seu destino. Se foram arrastando, levantando pó com os pés. Atrás de si, permaneceu um caminho de mato, limpo de capim e de espinheiras.

Cheio de dor e fantasmas.

Mulende conhecia as sensações, já traçara caminhos semelhantes, num passado próximo. Engolia lágrimas e soluços às escondidas, para não parecer criança.

Carlos Rocha guardava outra preocupação: o pumbeiro ia falar em Luanda que eles estavam na lagoa de Kalumbo, perto demais do pai dele. Tinham de sair dali nos próximos dias. Pensou na mãe e nos irmãos. Quem iria pagar as dívidas que o pai deixasse ao morrer? Se sentiu mal, com vontade de voltar à vila, para estar presente no momento do ajuste das contas. Mas a voz da mãe fora firme e insistente, desaparece, ou vais acabar escravo para toda a vida, o vinho destruiu o espírito do teu pai, foge do

espírito do vinho do teu pai. Quase o mesmo lhe dissera o padre João Domingos. O padre não aconselhava fugir da vila, mas sim da cabeça desarranjada de Mbaxi. E ia dar no mesmo, a fuga temporária era o único remédio. Quanto às dívidas, talvez a mãe encontrasse solução na altura. Uma coisa era certa, a lagoa de Kalumbo se encontrava demasiado perto de Luanda.

Apenas dois dias depois, desenterraram o saco de sal, secaram um pouco de carne de songue e partiram para nordeste. Havia outras lagoas na região mais perto do Bengo, o problema era chegar a elas evitando maus encontros. Uma vantagem, se afastavam do Kwanza onde poderiam cruzar com o governador trajando de escuro, alvo das profecias de Na Gongga.

Homens de fato preto são perigosos nas profecias. Os padres também?

Perigosa foi a conversa do mulato pumbeiro com o Mbaxi, em Luanda, quase ameaçadora. Carlos Rocha nunca soube desse encontro que previra imediatamente, para o prever não precisava ter os poderes de Na Gongga.

– Vi o seu rapaz na lagoa de Kalumbo. Tem lá uma boa casa e vai ganhar muito secando carne de caça para vender aqui na cidade.

[Outra coisa desconhecida por Carlos Rocha, a vila tinha entretanto recebido foros de cidade, o que provocou muitas festas em Luanda. Aconteceu em 1605. Os moradores ganhavam alguns direitos e a terra sempre seria tratada diferentemente pelos poderes estabelecidos, pelo menos vinha na lei.]

– Esse bandido! Fugiu e levou com ele o meu mosquete e o meu escravo. Estou velho demais senão ia mesmo apanhá-lo lá para o castigar. A culpa é da mãe, sempre a lhe meter ideias na cabeça. E dos padres, que diziam, este vai ser alguém, tem grande inteligência e aprende muito rápido. Um negro como ele pode ter essa inteligência toda? Mesmo tendo algum sangue de branco...

O mulato riu. Se chegou mais a Mbaxi e fez sinal ao taberneiro para servir a caneca vazia do outro.

– Você está velho demais, como diz, mas eu não. Se quiser, posso ir lá canzá-los. Faço um bom preço pelos dois, são jovens e parecem de boa saúde. Que me diz?

Sebastião Rocha emborcou um grande trago da caneca. Demorou algum

tempo olhando para o nível do líquido que tinha na mão. Abanou a cabeça.

– Não sei, não. De qualquer maneira, é meu filho e a mãe matava-me se soubesse que o vendi. Só lamento o escravo que ele roubou, esse eu podia vender, ainda me dava umas boas massas. Já pensava em procurar um comprador quando fugiram, os grandes cabrões. O escravo não é cabrão, coitado, isso foi ideia do meu filho, o cabrão é ele, salvo seja.

Seja o que Deus quiser, dizia eu, mas não me conformava, pois as minas de prata teimavam em se esconder na sua magnitude. Apanhámos algumas pedras contendo mineral, logo enviadas para os padres da Companhia em Luanda. Eles também não eram grandes conhecedores e diziam, temos a certeza que é prata, mas a quantidade não parece prometedora, o melhor é enviar para o reino e lá fazem os estudos. Todos os cabedais apanhados do governador João Rodrigues Coutinho estavam enterrados na descoberta das minas. O rei é esperto, pouco gastou com a expedição. João Coutinho tinha recebido a incumbência de explorar as minas durante sete anos, à sua custa, mas ficando com o seu produto integral. Depois todo o resultado passaria para o rei. Já lá iam quase quatro anos e eu fiquei a gerir os restos do investimento. Se não encontrasse em breve um veio grande, para já não falar de uma montanha inteiramente constituída de prata, como pensava no princípio e tinham prometido, era obrigado a respeitar a última decisão real. Tinha três anos para mostrar o meu valor, ou antes, a minha boa sorte. Passam tão rapidamente três anos, quando se busca fortuna.

O rei, porém, era mais impaciente ainda. E o regimento dele apanhou-me de surpresa. Escreveu ele, mudo os objetivos da nossa presença no reino de Angola. A prata deixava de ser a finalidade, mas sim a salvação das almas deste gentio e uma melhor distribuição da justiça. Os padres da Companhia fazem muito por isso e já salvaram milhares de almas do horror do inferno.

Estão batizados, embora como não sabem português nem latim e os religiosos pouco falam das línguas deles, acho que se batizaram sem compreenderem muito bem a doutrina. E a sua prática corrente é de quem não respeita Deus nem os seus mandamentos, pois continuam tendo as mulheres que podem, se apoderam tranquilamente do que não é deles, mentem descaradamente e cometem todos os outros pecados que a nossa Santa Madre Igreja proíbe.

O rei, por outro lado, voltou à antiga decisão que tomou uma vez e teve de abandonar em seguida, tal o clamor da medida. Se tratava de mudar a maneira de tratar os sobas. Até há uns anos, o governador distribuía os sobas que se submetiam ao rei de Portugal pelos fidalgos que queria distinguir. Os fidalgos ficavam como amos dos sobas, o que obrigava estes a trabalharem para aqueles, sobretudo em tributos. Os sobas resgatavam as peças para os seus amos, fazendo razias nos territórios de outros, e os fidalgos protegiam os sobas de qualquer injustiça ou mesmo do poderio dos senhores locais. Era uma imitação do que os Ngola sempre fizeram neste reino. Assim se submeteram uns cento e cinquenta sobas antes da nossa vinda, todos batizados e leais a el-rei, mas vassalos dos conquistadores. Uns iluminados bacharéis em Espanha e Portugal acharam errado, os sobas deveriam responder apenas perante o rei de Portugal, pois eram homens livres e a haver alguma submissão que o fossem ao rei do Ndongo, Ngola Kiluanji. Caldo entornado. O nosso soberano aceitou levianamente a ideia e deu ordens trazidas pelo governador Francisco de Almeida que, por causa disso, foi expulso para o Brasil e substituído pelo irmão, muito mais maleável e aceitando as ideias dos conquistadores e dos padres da Companhia. Foi um ver se te avias, os sobas todos a escapar e a recusar qualquer negócio com os portugueses. Encontrámos essa situação quando chegámos com João Coutinho como governador e contratador no tráfico de escravos. Ele era um homem de têmpera e enviou brados por todas as partes, queria recuperar a autoridade perdida. Vencemos umas batalhas contra os sobas mais recalcitrantes e, como trazíamos um grande exército, tudo correu bem. Sua Majestade voltava a ter súbditos ajoelhados a seus pés, embora não propriamente conforme as suas ordens. Quando tive de subir para o cargo deixado por João Coutinho, mantive a mesma política e subjuguéi mais uns tantos, mas mantendo-os vivos para serem úteis, sobretudo o tal Kafuxi, um traidor peçonhento da pior espécie. Voltei a

distribuir alguns sobas pelos meus capitães, como era no princípio, e também pelos colonos mais antigos, uma forma de os levar contentes, sobretudo o meu amigo Gaspar Álvares, pessoa da melhor têmpera. Claro, a maior parte dos sobas ficava como meus afilhados, para não lhes chamar súbditos, pois só há súbditos de Sua Majestade poderosíssima, o senhor D. Filipe III de Espanha e II de Portugal. Com os sobas arranjava os trabalhadores necessários para cavar as montanhas à procura da prata. Com os sobas também nos abastecíamos de soldados para enquadrar nas guerras pretas. O rei ouviu de novo queixas e intrigas, vem agora com ordens para se acabar de vez com esta política dos amos, deixando os sobas sozinhos, sem proteção, dependentes dos humores de Ngola Kiluanji. Muitos ameaçaram fugir de junto de nós e levar os seus homens. Com isso se enfraquece o poderio militar, com isso se atrasa também o trabalho das minas. E, ainda por cima, sempre que se pergunta aos da terra o sítio exato onde encontraram a prata que os vemos usar como adorno, são sempre muito vagos, é já ali, é perto mas é longe, é preciso dormir no caminho, etc. Tudo maneiras de dizer, não vos indicamos nunca o sítio das minas. Os antigos conquistadores dizem, no Kongo era a mesma coisa, nunca indicam com precisão as minas de cobre e até hoje ninguém as encontrou. Uns rebeldes e traiçoeiros, estes macacos! Almas mesmo a precisarem de salvação do inferno.

Por isso escrevi ao ditoso rei, dizendo compreender muito bem a inquietação dele com a salvação das almas desta gente, sendo minha preocupação principal também como um bom cristão, mas entendia ainda melhor quando dizia que com as almas também os corpos deviam seguir para as Américas, pois o açúcar sente muita falta de mão de obra. El-rei quer apenas tráfico de escravos e deixa-me impotente para procurar a prata. Podíamos conjugar todos os interesses, como antes.

Vários padres jesuítas escreveram para a corte, para o papa e para o vice-rei em Lisboa, falando das amostras importantes enviadas para lá. No entanto, os meus inimigos, que os tenho em Lisboa e em Madri, dizem que de chumbo se trata. Nada mais falso. Começo a ficar cansado de tudo isto e se o rei insiste em eu governar apenas os sobas e as populações sem me ocupar da prata, acho que sim, vou fazer mesmo isso, vou me dedicar apenas a guerras para resgatar peças e enviar mais barcos para a América, dizendo sempre que são guerras defensivas. Sua Majestade quer impedir-

nos de atacar, como se fosse possível conquistar esta gente só com a palavra, apesar do esforço meritíssimo dos padres da Companhia em lhes pôr luz nas cabeças duras. Se el-rei insiste, faço mesmo o que diz. E fico em Luanda a olhar para os barcos que chegam e os que partirão com os meus escravos, um belo espetáculo. Ao menos em Luanda há mulheres que me podem distrair. E uma delas é a filha mais velha do ouvidor André Velho de Sottomayor, a bela Margarida. Está prometida a um moço tenente, sei, mas sempre se pode agradar a todos. Quando for à cidade, e será em breve, vou organizar uma serenata, vou lhe dar música. Quero ver se o juiz responde à desfeita, porque uma serenata não é coisa que se esconda na cidade de Luanda. Veremos se ele tem tomates para vir cá fora pedir explicações. Vai esconder-se debaixo das saias da primeira mulher que encontrar, talvez da degredada Inês, a qual tem passado em casa dele várias noites, desde que o judeu disfarçado de padre se foi embora. Eu estou aqui neste mato mas sei tudo, o meu primo e o meu sobrinho vigiam por mim. Porque seria de mau tom pedir aos padres da Companhia para me fazerem relatório destas aventuras amorosas do velho desbragado. Talvez o fizessem de boa vontade, meus amigos como são, mas acho ser demasiado indecente da minha parte obrigá-los a meterem-se em assuntos tão escabrosos. Uso pois os meus parentes, os únicos em quem confio.

Desanimado com a falta da prata em quantidade suficiente, parti pois para Luanda. Levei comigo o inglês Battell, um grande oficial que me habituei a estimar. Infelizmente, a sua estadia aqui está a chegar ao fim, pois houve mudanças grandes na Europa. A rainha da Inglaterra morreu e sucedeu-lhe o rei James, o qual fez a paz com a grande Espanha. Battell automaticamente deixa de ser um prisioneiro, pois agora é cidadão de um país amigo de Espanha. Ele já sabe disso, as notícias chegam sempre muito depressa, embora eu tenha escondido de todos o ofício em que era informado do assunto. Veio ter comigo, os olhos a brilhar, pedindo que fosse autorizado a voltar à Europa. Não posso negar-lhe a petição, sem ficar mal visto. Bem basta o que dizem de mim, porquê arranjar pendência também com o inglês, por muito bom soldado que seja e muito me conviesse guardá-lo aqui? Por isso o convidei a acompanhar-me à cidade. Mal chegou a Luanda, partiu com dois escravos para o ducado de Bamba fazer um negócio. Como homem livre, pode agora ganhar algum dinheiro para levar com ele, deve ser o objetivo. Porque durante estes anos nada ficou para si, estava sempre

preso de uns ou de outros e as riquezas que conseguia eram-lhe arrancadas das mãos. Não pode partir imediatamente, só com a roupa de corpo e dois escravos. Enquanto ele foi ao Kongo, eu tentei demover o rei da sua política pouco agressiva em relação aos sobas e ao rei de Angola. Espero resposta, já sei que serão seis meses pelo menos. É o que há de irritante nesta tarefa de governar um território sem ter grande autonomia. As respostas demoram como os barcos, meses e meses defrontando os ventos. Quando as autorizações chegam já as circunstâncias mudaram. Também tem coisas boas. Por exemplo, os meus amigos jesuítas avisaram-me logo que voltei à cidade. Se preparava mudança no governo e há um governador nomeado para vir para Luanda substituir-me. Os meus inimigos têm travado uma guerra sem quartel para me fazerem demitir, com as mais vis infâmias. O rei hesitou, porque sabia da minha fidelidade e também porque certamente o partido que restou do duque de Alba me protege, respeitando as velhas fidelidades. Mas Sua Majestade teve de ceder aos meus detratores. Só que o governador nomeado custa a vir, porque para isso é preciso muito dinheiro. Quem vem governar um território arriscado, pouca ajuda recebe do rei, o qual só investe pelo seguro. O pretendente deve tirar quase tudo do seu bolso ou dos familiares. Sobretudo agora que o soberano pretende centralizar os lucros do tráfico, isto ainda se torna menos atraente. Portanto, os meus inimigos têm de arranjar outro candidato com riqueza suficiente para avançar com barcos e soldados, além de toda a fazenda necessária. O que me dá algum tempo para congeminar alguns negócios e tentar reverter a política do palácio, mais preocupada em paz e conversão das almas, com isso fomentando o resgate de escravos, do que em conquistar e explorar o território.

A questão principal que me preocupa neste momento e para a qual também fui logo alertado pelos meus amigos do Colégio é a presença entre nós do bacharel Filipe Butaca, acompanhado do escrivão Jerónimo Pereira. Representante do monarca em Lisboa, o vice-rei de Portugal, D. Pedro de Castilho, bispo de Leiria, faz parte dos meus inimigos, talvez por não ser jesuíta. Mal subiu ao poder em Lisboa, esqueceu a piedade cristã que como bispo devia sempre seguir, para ouvir a voz do demónio. Enviou para cá o bacharel Filipe Butaca, com o pretexto de investigar ou recuperar as casas dos antigos governadores, por questões de herança. Não quero saber dessas coisas triviais e nem estava cá na cidade. Até me deu uma ideia, há um

pavilhão que pertenceu ao governador João Coutinho que me pode interessar, verei com calma. Entretanto, o escrivão que trabalha com o Butaca, bêbedo a cair, foi apanhado numa taberna pelo meu primo e protegido João de Araújo. Eu tinha dado por missão saber o que andavam aqueles dois a congeminar. O João aproveitou pois para o interrogar, pagando-lhe mais vinho. Mas o escrivão dizia, apontando um dedo no gibão do interrogador, com riso de bêbedo, você quer saber, não é, para depois ir contar ao governador, mas isso já conhecemos, o Cerveira anda preocupadíssimo por ter vindo um sindicante investigar sobre ele, sim, dizia o meu primo, mas quais são as acusações ou as denúncias que há contra o governador, ao que repetia o escrivão Jerónimo Pereira, isso é que você queria saber para depois contar tudo, o tipo não se desmanchava, mesmo borracho a cair e por isso o meu primo o puxou para um canto escuro por trás da taberna e começou a bater-lhe, para ver se o Jerónimo confessava. Qual quê. Ficou todo estropiado, dado como morto, mas não falou. Chamaram o barbeiro que lhe salvou a vida, pois a pancada foi tanta, sendo João de Araújo macho forte e destemido, que dava para matar um bezerro.

Chegou à corte a acusação de eu ter atacado o soba Kafuxi apenas para me apoderar de um lote de trezentas peças que ele lá tinha à disposição, sendo o Kafuxi um aliado do rei de Portugal contra o Ngola Kiluanji. É verdade que o Kafuxi batia o pé ao seu chefe, mas também tinha destroçado um exército nosso, anos atrás, a merecer portanto castigo de ferro. E o desaguizado dele com o seu rei não era nosso assunto. Acho também perfeitamente normal que me tivesse apoderado de todos os prisioneiros que o nosso exército conseguiu apanhar quando o derrotou. Sempre se fez, os prisioneiros são escravos do comandante vitorioso. E até distribuí uma parte generosa das peças pelos meus capitães. O que me dói, e doeu muito ao meu primo, foi quererem transformar uma vitória importante sobre um soba traidor, vitória que nos valeu uma melhoria de relações com o rei de Angola, numa sórdida manobra para lhe ficar com trezentas peças. Francamente! Há gente muito mesquinha. E muito provavelmente o Butaca vinha sindicar por causa disso. O certo é que se travaram de razões em plena taberna e João de Araújo mostrou a sua lealdade para comigo e também a sua destreza de luta, tendo rebentado com a cara e o peito do dito escrivão. Chego a Luanda e quem vem exigir a prisão do meu primo por ter defendido a minha honra, sovando o dito Jerónimo Pereira, embora sem

conseguir as informações? O próprio bacharel Butaca. Que não saía do meu gabinete sem levar a ordem de prisão do meu defensor. Como se eu fosse um merdoso qualquer, sem honra nem gratidão pelos que se empenham na defesa da minha dignidade e que cumprem as minhas ordens. É claro, a conversa não foi agradável de se ouvir.

– Vim a Angola cumprir ordens de Sua Majestade – guinchava ele, que até se escutava na rua.

– Não desnature as ordens de Sua Majestade porque fica em grande perigo – ameacei eu, no mesmo tom, mas sem guinchar, eu grito forte. – Sua Majestade tem todas as razões para confiar em mim e não é um bacharel qualquer que vem ditar-me ordens.

– Sou um sindicante de Sua Majestade.

– É apenas um mísero ajudante do vice-rei, não confunda as coisas, as pessoas, nem os poderes. E por muito que eu respeite o vice-rei, não tenho de receber ordens de você, seu bacharel.

– E o que tem contra os bacharéis?

Agora íamos nós pelo declive da querela. Discussão atravessando os gabinetes do paço e chegando às ruas de todas as cidades. O recente papel dos bacharéis. A nobreza de toga contra a nobreza de armas. Era conhecida a minha aversão aos que subiram na vida lá porque andaram a perder tempo nos claustros das universidades, delas saindo com um papel esborratado e alatinado de bacharel. Mas estes entes erráticos, de olhos furados por tanto tentarem ler papéis inúteis, de mentes obscurecidas por decorarem leis e procurarem nelas os buracos que todas têm, buracos por onde se esgueiram nas suas negociatas sujas, julgam que nos enganam e subjugam. Nunca perdi uma ocasião para sovar um desses ratos de biblioteca, morcegos de claustros. Não o podia fisicamente fazer, estando investido de um cargo tão nobre como o de governador. Mas tinha outros meios. Antes de os usar, tentei a razão.

– O senhor João de Araújo apenas defendeu o meu bom nome, que o seu escrivão queria sujar numa taberna dos Coqueiros, como uma dezena de pessoas testemunhará se você o quiser. Procurou o presunto, levou no toucinho, como dizem os de Andaluzia. Justiça foi feita ali mesmo na taberna. Quer mais justiça? Pois então vou aplicar uma severíssima pena de calabouço em Massangano por sedição ao seu impedido. Fica satisfeito assim, senhor bacharel Butaca?

O homem tinha o dom de me irritar. Em vez de responder a uma pergunta direta como lhe fiz, fica satisfeito se eu prender o seu escrivão, não é que o velhaco vem lembrar-me que eu não tinha respondido à sua pergunta, anterior à minha? Argumentos próprios de quem perdeu os melhores anos de juventude a consultar pergaminhos de mau hálito e pior conteúdo.

– Perguntei o que tem contra os bacharéis – embirrou, guinchando.

– O que tenho ou não tenho só a mim diz respeito. Tenho contra a sua petulância de vir aqui pedir satisfações. Esquece que está a falar com o governador de Angola, fidalgo da corte de D. Filipe?

– Fidalgos há muitos. E poucos sabem o que andam a fazer, se não forem os bacharéis a aconselhá-los.

Foi longe demais. Deve ter sido o meu ar ou então ele próprio não conseguiu agarrar as palavras que involuntariamente lhe saíram da boca. É conhecida a imagem: a pessoa ainda não acabou de falar e já está desesperadamente a puxar as palavras que lhe vão saindo da boca como um regato de uma fonte. Empalideceu perante o meu olhar. Como a lagartixa fixa a borboleta que vai engolir, eu olhei fixamente para ele. E tive um prazer imenso em o ver tremer, revirar os olhos redondos, estremecer quase em convulsões. Ele sabia, estava perdido. Chamei dois guardas e lhe dei voz de prisão.

– E não lhe rebento a cara porque nem isso merece. Vai a ferros no primeiro navio que sair de Luanda. O Butaca no navio e o escrivão para Massangano, com ordens de não o segurarem se escorregar no rio, os jacarés vão agradecer carne fresca. E divirta-se a bordo com os ratos do porão.

Fiz um gesto para os guardas sem ouvir os protestos tímidos do cavaleiro. Cavaleiro? Toupeira de esgoto, assim está melhor dito. Logo ali escrevi para o paço a explicar a minha decisão, argumentando que o Butaca traía os princípios cristãos, pois se amancebara logo com uma mulher negra mal chegara; e em vez de fazer o seu trabalho de sindicante, estava mais interessado no tráfico, além de para isso se ligar aos rebeldes. Eram acusações suficientes para justificar a expulsão. Terminou portanto a sindicância do dito Butaca e se os herdeiros dos antigos governadores ficaram prejudicados, o problema não é meu, é do bispo de Leiria que aceitou ser vice-rei quando não está preparado para cargo de tal responsabilidade, de facto é o chefe de Portugal e de todos os territórios que

domina. O meu bom rei Filipe foi mal aconselhado, escolheu a pessoa errada, aqui entre nós.

Fiquei incomodado e fui logo desabafar com os meus amigos do Colégio, esses sim, bons conselheiros. Os quais também acharam que o assunto ia ser mal interpretado pelo partido contrário a mim. Certamente intrigariam junto do rei e do seu Conselho da Índia, onde os assuntos principais destas terras se resolviam. Que seria bom avisar logo o meu amigo sentado nesse Conselho que a trovoada estava a chegar. Agradei os bons avisos, mas declarei:

– Sei que foi uma medida forte e me trará inconvenientes, pois o Butaca veio a Luanda em nome de el-rei, mesmo se Sua Majestade nunca ouviu falar dele e não trata de assuntos menores. Mas não posso recuar, senão perco toda a autoridade.

Os meus amigos, constrangidos, concordaram.

E aqui estamos aguardando o primeiro barco a zarpar para a Europa ou Brasil com o fim de enviar o energúmeno. Bacharéis! Acusam os nobres de só pensarem em guerras e tudo resolverem pela lei da espada e da conquista. Pergunto então, como se constituíram os países? Com falinhas mansas? Eles querem que deixemos as espadas, para se apoderarem do poder com as penas sujas. Conspiradores de um raio! Sodomizados pelo prazer e não pela força!

Ainda não tinha encontrado barco para me desembaraçar do estropício e já me chegavam outras más notícias. Um importante grupo de jagas que mantinha a aliança com o tendala António Dias Mossungu, cerca de dois mil, tinha tentado uma revolta perto de Massangano e se retirara para a região da Kissama. Ainda não tinha os detalhes nem conhecia as razões da deserção. O soldado que me trouxe a notícia pintou a situação nas cores mais escuras: com esta defeção, o exército enfraquecia muito, pois os jagas atemorizavam as tropas dos sobas e sobretudo as nossas guerras pretas. Se Ngola Kiluanji pensasse que estávamos muito mais fracos, ia de novo atacar as nossas posições, rompendo a paz que tão dificilmente conquistei. Não lhe agradava a concentração de gente nossa à volta das minas de Kambambe e aproveitaria qualquer pretexto para nos arrastar até o litoral. Massangano podia ser cercada e Kambambe ficava em grande perigo, isolada. Lá se iam as minas e mais os homens que nelas trabalhavam.

Chamei o capitão-mor, Custódio Antunes, o qual eu tinha escolhido

criteriosamente para o cargo por ser homem sem grandes ambições e da minha casa de Ponte da Barca, um vago parente de minha mãe. Por acaso, também se encontrava na cidade e já sabia da funesta notícia.

– Situação perigosa, situação perigosa... – repetia a cada frase dita.

Podia haver várias explicações ao facto. Um desentendimento entre os próprios jagas, muitas vezes se enredando em lutas de partilhas de escravos ou por razões de subida nas suas hierarquias voláteis, coisa demasiado complicada de entender por nós, ainda frescos no sítio. Uma aliança secreta entre esse grupo ou um seu chefe mais relevante com Ngola Kiluanji, estando este doente e fraco, quase a morrer, segundo as minhas fontes, nem sempre credíveis. Pedido de socorro de algum importante chefe jaga do outro lado do Kwanza, atacado por um rival. Ou preparativos para um grande ataque contra nós. Tudo devia ser considerado, enquanto não viessem mais informações.

– Senhor capitão-mor, parta de imediato para Massangano com a tropa disponível aqui. Sem desguarnecer Luanda. Tem havido muitas queixas de parte do rei do Kongo contra nós, que o bispo envia diretamente para el-rei com o fto de nos enfraquecer lá na corte de Madri. O Kongo pode aproveitar a situação para nos atacar.

– Nunca aconteceu, o rei do Kongo não faria tal coisa – contrapôs Custódio Antunes. – Nunca nenhum rei do Kongo atacou uma nossa posição. Não seria agora...

O Custódio tinha sido nomeado por mim para ser capitão-mor provisório. Por ser minha criatura. Mas agora parecia ter sofrido dos ares maléficos de Luanda, mais rebeldes que as cobras peçonhentas, e ousava discordar de mim, seu parente e mentor. Não disse nada, e podia tê-lo chamado à razão, mas memorizei a ousadia. Para inscrever na sua ficha. Sempre foi leal e um dos capitães mais próximos de mim, como seria de esperar de um familiar. Mas as pessoas mudam com os cargos e os ares dos sítios. Eu devia estar atento. Era conhecido que o governador Francisco de Almeida, havia pouco mais de dez anos, tinha sido traído pelo próprio irmão, Jerónimo de Almeida, o qual se fez governador de Angola.

Mesmo nas melhores famílias há traições.

– Avance já para Massangano. Mesmo com pouca gente, pelo menos acalma um pouco o espírito dos que lá estão. E envie mensagem para Kambambe, que o trabalho não deve parar.

O capitão-mor parecia contrariado, mas não ripostou. Despediu-se de forma humilde e foi preparar a partida. Também não seria para o dia seguinte. Escolher homens, arranjar mantimentos e munições suficientes, implicava trabalho para dois dias. Havia certamente urgência mas não o podia pressionar mais. Mandar homens para a guerra implica tranquilidade de pensamento, reflexão. Senão, a bala mal preparada enviada para a frente regressa contra nós.

Um a sair e outro a chegar.

O inglês Battell, já regressado do Kongo, pedia uma audiência comigo. Percebi logo o motivo, mas a sua vinda despertou uma ideia interessante. Achei mesmo providencial a coincidência. Autorizei com alguma rapidez a entrada dele no gabinete e ficou grato, certamente não estava habituado a ser recebido por um governador de forma tão informal e fácil. Ao cumprimentar, quase me beijava as mãos. O negócio tinha-lhe corrido muito bem, acumulou uns cobres, segundo dizia, que davam para um recomeço de vida na sua terra. Vinha pedir a tão desejada permissão de embarque.

Só que entretanto outros planos para ele me tinham ocorrido. Sou assim, tenho relâmpagos rápidos do necessário em dado momento e reflito depois de decidir. Nós enfrentávamos sérios problemas militares com a deserção dos jagas e aparecia-me pela frente um capitão da maior experiência, hábil não só no manejo de todas as armas e até navios, como conhecedor profundo dos jagas, com eles tendo as melhores relações, pelo menos com o chefe mais importante, Calando ou Kalandula ou lá como era o raio do nome. Não se tratava de providência divina? Podia rejeitar o desejo de Deus?

Mandei-o sentar num cadeirão e sentei-me no outro. Não era deferência que eu fazia normalmente a quem vinha pedir despacho e ele registou com agrado o meu gesto de cortesia. Expliquei o que acontecera no interior com os jagas. Ele não se comoveu, não denotou nenhum alarme ou sequer preocupação. Como se o assunto já não lhe dissesse respeito. E não dizia mesmo, temos de reconhecer. Mas passou a dizer-lhe respeito diretamente quando falei de novo como conclusão:

— Por essa razão, meu caro Battell, não o posso dispensar do exército. Preciso de si em Massangano e quanto mais depressa melhor. Prometo que, logo que este assunto fique resolvido, lhe passo a autorização de embarque. E com um prémio suplementar.

O inglês franziu o cenho. Só não ficou vermelho de raiva, como costumam ficar os ingleses, por estar bastante tisonado de sol pelos anos todos de mato, mais parecia um espanhol ou português do sul. Fez gesto de se levantar em protesto, mas depois se deixou cair. Lutava contra os seus instintos, era bom de ver. Por um lado, queria mandar-me à merda ou a partes ainda mais ruins, por outro, tinha aprendido a respeitar a autoridade e instintivamente se retraía.

– O senhor governador prometeu... – pareceu mais um balbucio.

– Sim, eu sei. Prometi e vou cumprir. Mas deve compreender que isto é um caso de força maior. Preciso de todos os homens válidos e sobretudo de quem tem a arte que o senhor tem. Não posso evitar incorporá-lo de novo e por breve tempo. No entanto, recompenso-o depois com a maior generosidade.

Ele não tinha mais nada a argumentar. Só podia obedecer. Eu sei, a lei estava algures entre ele e eu, certamente muito mais perto dele. Mas o governante tem sempre a vantagem de poder puxar a lei para o seu lado. Se me defraudasse o desejo, podia contar com a minha má vontade futura, a qual era conhecida e temida de todos. Ninguém embarcava de Luanda contra a aspiração do governador. Até estava escrito. Se não estivesse, era a mesma coisa, os interesses do governador sobrepõem-se a tudo. O governador representa Sua Majestade no território e el-rei é ungido por Deus. Vi-o levantar-se devagar, o chapéu a rodar entre as mãos, a cabeça em exercícios rápidos de raciocínio. Nem lhe dei tempo de alinhar as ideias, sabia que com ele a iniciativa contava muito.

– O capitão-mor parte imediatamente para Massangano. Apresente-se a ele. E com os meus agradecimentos. Não esquecerei os seus préstimos. Pode dispor.

O silêncio dele foi eloquente. Empertigou-se numa saudação muda, deu meia volta como um oficial orgulhoso que era, saiu pela porta. Sem uma palavra. Os ingleses são conhecidos por teimosos como mulas, naquelas circunstâncias ninguém lhe arrancaria uma palavra, azeda ou doce. Isso passa-lhe, pensei.

Temendo no entanto que o Custódio Antunes tivesse excessos de zelo em guarnecer de soldados a região de Massangano, fui logo no fim do expediente à fortaleza, renunciando ao passeio de tarde pelo resto da Cidade Alta. Lá estava o capitão-mor a conferir a lista de soldados sãos e a lista dos

doentes, para escolher um número compatível para enfrentar o sertão. Como sempre, os doentes excediam os sãos. E, desses doentes, muitos seriam falecidos dias depois. As febres apanhavam as pessoas recém-chegadas e derrubavam-nas com sezões intermitentes. Os barbeiros e cirurgiões diziam ser dos maus ares da cidade. Mas no mato era a mesma coisa. Quase metade dos mancebos morria ao fim de uns dias. Os que resistiam ficavam mais fortes para a vez seguinte. Antes mesmo de partir para Angola, já conhecia os números que corriam pelo Conselho da Índia e eram impressionantes. Dos soldados enviados para Luanda, desde Paulo Dias de Novais até os primeiros anos do século XVII, em que eu tinha entrado na região, cerca de metade morria no primeiro ano de estadia. Os outros depois lá se iam arrastando de febre em febre. Enfraqueciam progressivamente até ficarem verdes ou amarelos e morrerem velhos aos trinta anos de idade. Mesmo assim havia conquistadores, chegados com Novais, ainda vivos, como o Furtado, António Antas, Garcia Mendes, Samuel Pestana e outros, alguns de idade avançada, como o meu amigo Gaspar Álvares, desembarcado até antes de Novais. Exceções da regra que levava a chamar ao reino de Angola o cemitério dos brancos.

O capitão-mor mostrou-me os homens propostos para seguirem com ele. Nem reparei nos nomes, não me interessavam, apenas o número dos que ficavam na cidade. Vinte e dois sãos, cinco ligeiramente doentes e uns quarenta com as febres. Não daria para defender a cidade de um ataque de calvinistas fanáticos ou de corsários ingleses. Mas o Custódio tinha sido comedido, propunha-se levar apenas dezoito. Tínhamos que contar com o apoio das guerras pretas.

– Acrescente à sua lista o inglês Battell. Já lhe dei ordens de se apresentar a si.

– É uma prestimosa ajuda – disse o capitão-mor, surpreendido. – Julgava que ele ia embarcar para a Europa.

– Também ele. Resolvi alterar-lhe os planos, até mais ver. Pode ser muito útil, como você disse. Além do mais, embora o seu rei tenha feito as pazes com o nosso, foi apanhado em atividade de pirataria no Brasil. Já somos muito brandos perdoando-lhe isso. Se nos ajudar agora...

O capitão-mor sorriu, mais reconfortado. O grande problema dele nem seria a gritante falta de soldados ou a sua preparação, mas sim o eterno e insolúvel problema da fraca qualidade dos oficiais.

– Outra coisa. Mandeí prender o escrivão Jerónimo Pereira.
– Está aqui no forte, sim.
– Leve-o para Massangano com ferros. Mas com os ferros mais sem uso que houver. E numa das noites de travessia, deixe-o escorregar para o rio, com correntes e tudo. Pasto para os grandes lagartos...

O capitão-mor olhou-me com a maneira tranquila de sempre. Tinha percebido, ia cumprir, e não falar disso com ninguém, estávamos todos nas mãos uns dos outros.

Mais calmo por saber que Custódio Antunes não me ia tentar levar toda a soldadesca, fiz as contas. Com soldados e residentes armados na cidade, juntaríamos uns quatrocentos homens e ainda as tripulações dos navios, aptas a combater no mar e em terra. Somando-se os canhões das naus e das fortalezas, juntava-se suficiente poderio. Tínhamos pólvora em abundância no arsenal, por esse lado estávamos preparados.

Podia dedicar-me à suave Margarida.

Margarida eu sou.

Como dizem alguns atrevidos, bonita como uma flor, olhos de gato ternos mas capazes de ferir qualquer coração. Claro, gosto desses atrevimentos galantes, que mulher não gosta? Sobretudo se ditos longe de meu pai, sempre atento e temente pela minha pureza, o qual poderia assustar o atrevido com sua voz fina mas capaz de ameaças. Como eu conheço as advertências proferidas por aquela garganta fraca! Não feitas a mim, sempre me tratou com doçura, o contrário do que fazia à minha mãe. Os meus irmãos, todos mais novos, nunca perceberam a razão da sua brusquidão em casa, sobretudo em relação à mãe. Eu sei. Descobri em noite de tempestade, com a trovoadas abafando vozes, mas não o suficiente para eu não ouvir o que entre eles se disse, faiscando em berros destemperados. A minha vida mudou com essa noite. A minha mãe apercebeu-se de alguma coisa diferente em mim, pois perguntava, que se passa contigo, andas tão alheada de tudo. Depois acabou por esquecer a mudança. Ou se habituar à minha sisudez constante. O pai, suponho, nunca notou, sempre longe de casa, metido pelos matos a julgar casos de presidiários, assuntos sem dúvida importantes para ele e para todos os outros, menos para nós. Na vila, se enfiava pelas barrocas escorregadias separando a parte alta e a baixa, sem medo dos gatos e cobras, escondendo-se em cubatas. Só nos últimos tempos fica mais em casa, exatamente desde o funeral da nossa mãe. Atento à

minha pureza e à da Nelinha, com os outros ainda é cedo para se preocupar. Desconfio, não é por amor que nos vigia, mas como o avarento vigia o pote com as moedas que tem enterradas no quintal. A nossa pureza pode significar, não dinheiro, mas prestígio e autoridade, até mesmo poder, dependendo do casamento que nos arranjar. Dele na realidade não espero amor, afeição desinteressada, apenas cálculo. Sinto-o desde a descoberta do segredo escondido entre os meus pais.

Desse segredo, nunca partilhado com mais ninguém, nem com a Nelinha, a irmã que me segue na idade, dificilmente me desembaraço. Talvez outra qualquer não lhe desse tanta importância e até justificasse as ações dos intervenientes. Mas eu não consigo esquecer ou sequer mitigar a dor infligida por tal descoberta. É qualquer coisa que está sempre comigo, que me vem atormentar em momento de tranquilidade, uma dor não muito forte, mas permanente, tristeza que paira sobre os meus pensamentos, mesmo nos momentos de maior felicidade. E não tenho culpa nenhuma do que aconteceu, não fiz parte do sucedido, talvez seja apenas mais uma vítima. Pouco importam as culpas, outros penaram por desmandos alheios e não queixaram inocências, aceitaram as culpas como bons cristãos. Não me queixo também, sigo o exemplo dos santos e mártires, mas dói. Dói muito mesmo. No entanto, ficaria mais aliviada se o partilhasse com alguém? Um dia terei de o fazer, presumo, mas ainda estou para conhecer a pessoa merecendo tal confiança. Tem de ser mesmo muito especial, capaz de tudo deitar para trás só por amor de mim. Os meus irmãos são seres especiais e amo-os muito, como se deve, mas contar-lhes seria não partilhar um segredo, apenas passar-lhes a dor que sinto, sem a diminuir em mim. Que fiquem pois na ignorância, felizes, alegres, descuidados. Cá me têm para sofrer sozinha. Eu e meu pai. Sem ele saber que estou ao corrente do seu próprio ressentimento. E nem sei se sofre, pelos menos esconde muito bem, nunca se queixou.

Os homens sabem suportar as dores e esconder, eles o dizem ou se dizem deles. Só conheço mulheres, com exceção do meu irmão Paulinho, mas esse ainda é um menino. O único homem da casa, o meu pai, é meio estranho para mim, nunca conversámos a sério sobre nenhum assunto, dadas as suas reservas ou o facto de se ter ausentado em momentos importantes. Pode suportar o sofrimento ou apenas manter o ressentimento. Além disso, qual é o homem, mesmo pai, que fala a sério com uma mulher, mesmo filha?

Somos seres incapazes de grande reflexão, por isso eles preferem para conversas sérias os amigos das tabernas, ou os companheiros de guerra. Parece que na guerra os homens confidenciam uns aos outros coisas que nem aos padres contam. A minha mãe dizia isso e ela sabia mais de homens do que era suposto, pelo menos gabava-se a meia voz de não ser fácil de enganar por eles. Se calhar tinha razão, os homens são mais fracos do que parecem e também se confessam no vinho com assombrosa facilidade.

Perdi tudo com a morte dela. Um vazio que nunca mais se fechou. Não só por ser a minha mãe, mas por me falar como se eu fosse uma adulta, por me contar coisas que mais ninguém me explicou, com a exceção do tal segredo, sobre esse nunca lhe perguntei nem ela se abriu, o que me parece hoje óbvio, não poderíamos abordar essa questão em vida dela. Mas tinha muitas outras conversas interessantes, confidências e ensinamentos de mãe para filha. Não é com a Minga, a cozinheira, que posso ter esses diálogos. Apesar de toda a sua aparente lealdade, não passa de uma escrava. E os escravos, conforme me ensinaram desde pequena, nunca são de fiar totalmente, porque estão sempre à espera da primeira ocasião para nos enganarem e fugirem. Para eles o que conta é voltar ao local de origem, fazem tudo para regressar ao mato. Portanto, por muito leais que pareçam, não merecem o pinga doirado de uma confiança e nunca a confiança que se tem no verdadeiro amigo. No entanto, não tenho razão de me queixar dos nossos escravos, mesmo se por vezes parecem indolentes, mas esse é o tempo certo deles para fazerem as coisas, diferente do nosso, mais apressado e por isso mais cansativo neste clima tão opressivo. Mulheres ou homens, os escravos de casa sempre foram respeitadores e obedientes. Até o meu pai, homem pouco dado a sentimentalismos, conserva alguns e não os vende por nada, diz este ou aquele não há preço que os pague, são fiéis como cães. Talvez ele tenha razão e a minha educação seja deficiente, é bacharel e, pelo meu lado, só aprendi a ler e escrever toscamente algumas frases com a minha mãe. As meninas não vão ao colégio dos jesuítas aperfeiçoar a leitura, só o meu irmão Paulinho tem esse direito, por ser rapaz.

A minha mãe, Rosa Antunes, tinha tido outras oportunidades, pôde estudar um pouco na sua juventude de Portugal, sobretudo música e costura. Também escrever e ler. Até aprendeu as danças de corte, não apenas as dos bailaricos de largos nos dias santos. Talvez por ser de boa família, na região

da Ericeira, terra onde o meu pai a foi desencantar. Contou ela, conheceram-se na altura em que na Ericeira havia um rei ou falso rei, se afirmando D. Sebastião, escapado de Marrocos.

O nosso bom rei D. Sebastião, ainda solteiro e sem descendentes, quase um menino de uma beleza divina mas voluntarioso, tinha organizado uma grande expedição para apoiar um rei de Marrocos que outros pretendentes queriam derrubar, ou coisa parecida, de facto era uma forma de acrescentar terras do norte de África às que tinha herdado dos antepassados. Mas foi vencido na funesta batalha de Alcácer-Quibir e aí morreu, diz-se, com o melhor da cavalaria portuguesa e a fina flor da nobreza de então. Uma versão conta ter desaparecido num turbilhão de cavalos e ventos, quando atravessavam um rio do deserto. Outra, horrível e achincalhante, afirma ter-se afogado no rio com pouco caudal, como o são os rios do norte de África, mas a armadura de cavaleiro era tão pesada que não se pôde levantar do chão e morreu na pouca água. Outra, que se volatilizou na poeira do deserto. Não importa agora qual a verdadeira versão. Poucos anos depois, não havendo por conseguinte rei português, Filipe II de Espanha, neto de um nosso anterior soberano, reivindicou para si o trono. Teve apoios internos e sobretudo teve o duque de Alba com o seu exército que avançou logo para Lisboa. Havia outras possibilidades e pretendentes, mas o partido de Filipe era o mais forte e triunfou. Muitos não aceitaram, davam ouvidos a crenças da salvação do rei Sebastião, o qual voltaria numa manhã de nevoeiro.

A Ericeira, terra de muito nevoeiro, viu aparecer, anos depois da batalha, um eremita, que se dizia o rei Sebastião. Meu pai, contrariado com a passagem do trono para os odiados castelhanos, ouviu os ditos em Lisboa, com alguns fidalgos a confirmarem a verdadeira identidade do eremita, o qual dizia ter de pagar sete anos de anonimato e provação para se redimir do mal que tinha feito a Portugal, lançando o país no desastre africano e no caos. Meu pai resolveu ir à Ericeira procurar o pretendente, ver com os seus próprios olhos para saber se era ou não o nosso soberano, tendo intenção de o apoiar se ficasse convencido da real majestade, mas não deu com o sítio onde se escondia. Foi então que se hospedou na casa dos meus avós maternos, pois conheciam os parentes dele, uma família de respeito. Os meus pais gostaram um do outro, eram famílias chegadas, combinaram logo casamento. Dizia a minha mãe, os portugueses estavam divididos, embora a

maior parte se posicionasse contra a entrega do trono ao rei de Espanha. Entretanto, havia os que diziam ser de facto o eremita o verdadeiro rei, enquanto outros diziam, nem se parece um pouco, o nosso D. Sebastião era um jovem lindo e este é um velho quase marreco e feio. Os outros argumentavam, o sofrimento e o ar seco do deserto fazem envelhecer prematuramente, não há dúvidas que é o nosso rei, basta ouvi-lo. Em Lisboa, o representante de Filipe de Espanha era um tal Cardeal Alberto, nomeado vice-rei de Portugal pelo soberano espanhol. O cardeal ficou assustado com os boatos que afirmavam haver já um exército de mil homens pronto a avançar sobre Lisboa para impor o eremita no poder. E quem foi no exército do cardeal para reprimir os revoltosos patriotas? O nosso atual governador, Manuel Cerveira Pereira, um criado do duque de Alba.

O meu pai conhecia-o de outras lides, foi falar com ele na Ericeira, intercedendo para evitar um banho de sangue, sugerindo negociações entre as partes. Quase foi acusado de sedicioso por defender os revoltosos, os enganadores, os conspiradores, quando afinal apenas propôs conversações. Então um bacharel não devia intervir como mediano para evitar uma guerra civil? A minha mãe dizia, o teu pai fez bem nessa altura e com nobreza de alma, embora nos tenha criado grande perigo. O facto é que as tropas do cardeal nem quiseram ouvir falar de mediações, acabaram rapidamente com a rebelião, enforcaram uns tantos apoiantes do partido português, mais de trinta, apanharam o eremita que foi degolado e ficou com a cabeça pendurada num largo de Lisboa durante o tempo suficiente para amedrontar as pessoas e prevenir futuras repetições. Até hoje se discute se era ou não o bom D. Sebastião saindo do nevoeiro. Na minha opinião não era, pois dizia a minha mãe que viram depois o rei Sebastião, mais novo, noutros sítios, e ele anda por Portugal até hoje tentando recuperar o trono aos Filipes e fugindo de lacaios dos espanhóis como o Manuel Cerveira Pereira.

Cerveira, este bandido sem escrúpulos nem vergonha que ontem à noite veio com músicos tocar debaixo da minha janela. Debaixo também é exagero meu, pois ficou do lado de fora do muro. Chegou a declamar um poema de um seu tio, Diogo Bernardes, numa voz roufenha e quase a gaguejar. Os guardas perguntavam ao meu pai, que fazemos? E que podiam fazer? O meu pai disse, gozem da música, embora ele diga que é música

para a nossa querida Margarida, desfrutamos todos da música e a Margarida nem aparecerá para lhe agradecer. Claro que não apareci, ele tem nas mãos sangue da gente da Ericeira, terra que nunca conheci mas é minha, pois de lá era minha mãe. E a música também se revelou muito má, nem soube escolher os tocadores, mais duros de dedos que os arcabuzeiros. A única coisa que se salvava era o poema, mas estragado pela má dicção do governador, mais habituado a gritar ordens de combate do que a declamar poesia. Se me pretendia impressionar, só o fez pela negativa. Continuo a considerar esse homem sinistro, puramente sinistro. Sei, deveria respeitar o cargo que tem, o mais importante da colónia. Mas nisto estou com o meu pai, só respeito quem se dá ao respeito.

Deve ter debandado furioso pois não foi convidado a entrar. O meu pai disse, tratemo-lo como um mísero jogral, tentando vender arte no sopé de um castelo. O castelão não é obrigado a aceitar mandar abrir as portas a um menestrel qualquer. Durma do lado de lá do fosso, se não achar fria a noite. Neste caso, sem castelo nem pontes levadiças nem fosso, havia algo pior para quem quisesse dormir ao relento, os mosquitos. Vendo a porta do quintal permanecer cerrada, Manuel Cerveira recuou, humilhado, fugindo do ataque dos mosquitos sedentos de sangue.

Ele só sabe sangrar os outros.

Durante a noite fui cosendo as pontas e descobri, o governador organizou a serenata como já fez com mulheres casadas, para me desonrar. Toda a cidade ficou com a suspeição, para ele lhe dar música é porque ela lhe concedeu alguma coisa em troca. Assim se criam os boatos, assim se arruinam reputações. Já me tinham ciciado ser essa uma das suas vinganças, uma mulher despreza-o e ele finge ter trato com ela através de serenatas públicas. Porque fez isso comigo? Nunca falei sequer com tal indivíduo, olhou-me duas ou três vezes na missa, se tanto, pois não estive ali a contar.

O seu alvo não era eu, só podia ser o meu pai.

No dia seguinte, o meu pai cumprimentou-me muito suavemente, bem fizeste em não sair do quarto. E eu repliquei, o governador quis atingir o senhor, a sua honra, não a minha, que nada valho. Ele concordou, talvez tenhas razão, filha, talvez tenhas razão, pertencemos a partidos diferentes e mais cedo ou mais tarde haveremos de nos enfrentar com violência, parece uma sina já escrita. O pai beijou-me a testa, coisa que não fazia há muitos anos. Depois fiquei a comentar com a Nelinha, ia sair do quarto para abrir o

portão ao governador rufião? Nunca poderia ser eu a tomar uma iniciativa dessas, só o pai. E ele não o fez, nem deixou os criados fazer, portanto nem sequer devia cumprimentar-me por ter cumprido apenas a minha obrigação como filha e como senhora decente. Havia pelos vistos senhoras que abriam o portão!

No entanto, o meu pai permaneceu com ar preocupado durante algum tempo. Provavelmente já sentia no ar a ameaça lançada por Cerveira Pereira. Não fora nessa noite, não ouvi nada. Mas o próprio ato de aparecer em nossa casa àquelas horas da noite e com tocadores não era uma ameaça por si só? Claro que sim. André Velho teria de presumir que à primeira oportunidade ia pagar caro pela desfeita ao governador.

Até eu, que andava sempre um bocado fora das coisas do mundo real, ensimesmada nas minhas tristezas, sabia da última desavença entre eles, acontecida mesmo na véspera da serenata. O governador tinha mandado embarcar de força para o Brasil o bacharel Butaca e para Massangano o escrivão Jerónimo Pereira, este em péssimo estado físico depois de uma surra dada pelo primo e homem de mão do Cerveira. O meu pai, ouvidor, tinha de reportar a el-rei a magna ofensa do governador, pois um sindicante enviado por Sua Majestade estava acima de qualquer outro poder no cumprimento da sua missão, sendo a prisão e expulsão da colónia consideradas impedimento grave à cabal execução da ordem real. André Velho foi chamar a atenção do governador contra tal crime, pois de crime se tratava e merecedor de um castigo fortíssimo, até a morte. Como uma vez na Ericeira tinha pedido tréguas para negociações, mais uma vez solicitava ao Cerveira que se contivesse e o caso podia ser resolvido localmente, sem prejuízo para ninguém. O meu pai me contou das suas boas intenções quando pediu audiência ao governador. Foi ouvido? Aquele homem não ouvia ninguém, sempre imbuído do máximo desprezo pelos outros, cego pela sua imagem projetada no espelho. Contou meu pai a quem o quis ouvir, o governador quase o despediu à força, faço o que bem entendo, eu sou o representante de Sua Majestade aqui e não é um bacharel qualquer enviado pelo vice-rei fantoche que me vai levantar autos ou inquirir decisões. Vou mandá-lo para o Brasil, sim, porque é o primeiro navio que daqui sai, sorte dele não ser despachado para a Malásia, apenas porque não há um próximo barco a partir para lá. E o senhor ouvidor faça o relatório a quem quiser, até o papa, pouco se me dá, farto de intrigas contra mim está Sua Majestade,

nem as ouve. E já agora, cúmulo da arrogância, contou o meu pai, avise sua filha Margarida que esta noite levo tocadores para lhe dar música, ela que perceba nas canções a minha intenção profunda. Assim, sem mais aquelas, o debochado! O meu pai até corou ao me contar estas últimas palavras do governador e me pedia mudamente perdão. A ofendida era também eu, não apenas o pobre ouvidor desta insalubre vila ou cidade, tanto faz, de Luanda.

Agora o segredo.

Sempre tenho de o contar. À falta de um ouvido respeitoso, incapaz de o reproduzir para outros, faço por escrito, sabendo que ninguém lerá as linhas mal traçadas de uma quase analfabeta, linhas essas que vou queimar a seguir. Preciso de o contar, mesmo se para ninguém, tenho de desabafar, e não vai ser à minha irmã nem a um escravo, nem a um padre, possibilidades que já ponderei e delas desisti. O segredo que me descompôs a vida para sempre e também arruinou a dos meus pais, suponho eu, foi revelado numa discussão em noite de muita trovoadas. Quem não sabe como são as trovoadas de Luanda? Não há muitas, duas a três por ano, mas quando sucedem parece que o mundo se desfaz, os cometas e estrelas caem todos sobre nós em clamores ensurdecedores e os relâmpagos irradiam faíscas a riscar os céus, muitas delas caindo no mar. E desta casa temos mar à esquerda, mar à frente e mar à direita, tão bem situada está. Se é um privilégio de dia de muita luminosidade, talvez também seja de noite tempestuosa, mas a mim dá medo. Não sei porquê, tenho medo de ver raios caírem no mar, antes fosse em terra. Será absurdo, pois o mar está vazio e lá as faíscas não fazem mal, mas sou uma rapariga sem educação, todos reconhecerão a normalidade da minha condição, embora dotada de jeito para costura e cozinha, esta pouco usada por as escravas se encarregarem de fabricar os alimentos, deixando-me reservada apenas a costura e os bordados. Quando se borda ou costura sozinha, como eu gosto de fazer no antigo quarto da minha mãe, isolada do mundo e suas ganâncias e maldades e sujidades, temos todo o tempo para pensar no que é bom ou poderia ser e no que nos atormenta e deveríamos deixar nas sombras da memória. Ao fim de algum momento de paz a bordar, lá vêm os pensamentos angustiosos de que não tenho culpa mas os quais carrego até o fim dos meus dias, tormentos de outros, ou talvez só de um deveriam ser, que tocam várias pessoas mais ou menos indiferentes e que ninguém sabe do meu conhecimento, mas lá estou eu a derivar, este sofrimento faz-me sufocar e

esquecer os pensamentos anteriores, preciso porém de o contar e aí vai, assim mesmo, sem corrigir mais nada, sem me preocupar com a compreensão das coisas pois ninguém isto vai ler eu é que tenho de atirar tudo para fora libertar-me deste pesadelo e só escrevendo já que falar não posso nem saberia nem pararia de chorar e gaguejar como o governador a gaguejar o poema do tio dele se é mesmo irmão da mãe pois tudo o que dele venha mentira pode ser e eu ouvi então o meu pai berrar para a minha mãe no quarto deles estava ela grávida da minha irmã mais novinha a Beatriz e essa de quem é filha pois eu fiz as contas e dado que fiquei ausente sete meses a senhora nunca poderia estar grávida se me fosse leal e então tive uma luz e desconfiança fiz as contas aos outros e o Paulinho meu filho também não pode ser porque nasceu quatro meses depois de eu chegar de Massangano só se a senhora tivesse gravidezes exageradas e a Nelinha também não poderia pois eu tinha estado no Kongo em serviço de Sua Majestade pelo prazo de cinco meses e cheguei cá e já a encontrei em estado de princípio de gravidez até pensei ser erro de contas na altura ou ter durado demais dizem haver gravidez de doze meses as que têm o buxo virado os pretos têm um nome para isso *hebu* eles chamam a criança fica anos sem sair de dentro da mãe mas não acredito em superstições dessas e só talvez a Margarida seja minha filha mas nunca do meu lado houve alguém de olhos verdes, o que é muito raro em quem tem linhagens de olhos escuros vindos todos dos Alentejos e das Estremaduras trigueiras mas essa eu concedo pode ser minha filha os outros não são e ou a senhora me explica tudo agora ou esse filho que tem no ventre não vai ficar vivo porque vou tirá-lo com este punhal e deixar a senhora sangrar como uma porca que é e a minha mãe chorava e gritava é tudo mentira e ele fazia as contas aos meses e dizia explique lá esse milagre e tanto insistiu e ameaçou talvez tenha mesmo espetado um pouco o punhal na barriga da minha mãe pois eu ouvi ela gritar não mate a criança não mate a criança eu confesso nenhum deles é seu filho nem mesmo a Margarida a sua semente não presta tantos anos a tentarmos e sem dar fruto experimentei com um e deu logo experimentei depois com outro e também deu e assim todos eles filhos de homens diferentes uns marinheiros outros soldados um padre e pronto já contei tudo perdoe a vida desta criança aceite como filho como aceitou os outros ninguém saberá pois os pais verdadeiros desconhecem a verdade foi ligação passageira porque me sentia muito só o senhor meu marido sempre

a julgar casos a salvar tratados e soltar inocentes condenando culpados a fazer um trabalho meritório mas incapaz de me dar um filho falei com uma velha que me tocou e cheirou uma escrava sim uma velha escrava sabedora das coisas desta terra e que depois de me estudar muito tempo disse tu podes parir és de boa barriga o problema só pode ser do teu marido experimenta com outro homem para veres como é e eu segui o conselho dela e logo engravidei da Margarida ele era um marinheiro cujo nome desconheço apenas tinha olhos verdes e nisso o meu senhor marido tem razão ele tinha olhos verdes o resto não sei nome condição apenas um marinheiro de olhos verdes

eis a razão que várias vezes me interroguei de sermos tão diferentes uns dos outros e eu ter estes olhos verdes que fazem os homens estremecer à minha frente

olhos verdes de Margarida

olhos meus

Os olhos astutos de Mulende não largavam o antílope, um golungo, pastando descuidadamente a duzentos metros. Demasiado longe para o mosquete de Carlos Rocha, apesar da sua boa pontaria. O caçador fez sinal ao escravo de ficar parado, ele ia continuar a avançar pé ante pé. Mulende obedeceu, se cosendo atrás do arbusto, vendo o golungo comer o capim tenrinho da clareira. O melhor capim, o brotado das primeiras chuvas, sobretudo se houve uma queimada na época do cacimbo. Já era a segunda vez que provocavam o fogo naquela clareira perto da lagoa Kazanza, no cacimbo, quando o mato fica alto e seco, para atrair caça depois das primeiras chuvas. Durante meses, nem precisavam de mudar de local, pois todos os dias o apelo do capim verde-claro era fatal para os herbívoros. No resto do ano caçavam os bichos que iam beber de manhã cedo à lagoa. Dois anos já perto da lagoa. Mulende não tinha essa noção do tempo, o dono lhe tinha dito, estamos há dois anos aqui, como andarão as coisas por Luanda? A lagoa da Kazanza ficava para norte do Bengo e sul do Dande, lagoa entre rios por conseguinte. Era o maior manancial de caça de toda a região, onde se podia escolher sempre a carne apetecida naquele dia. Tinham ouvido dizer de outros caçadores, nos territórios do sul, muito a sul, tinha homens baixinhos e mais claros os quais sabiam chamar os bichos preferidos, assobiando através de folhas especiais que punham na boca. Para cada animal um assobio diferente. E eles vinham, dóceis, ao chamado da morte.

Mas era muito a sul, na Kazanza não havia esses homens baixinhos, ninguém sabia chamar animais para os abater. O caçador tinha de avançar, curvado, entre os paus e o capim, sujeito a que o bicho ouvisse o estalar de um galho seco ou sentisse o cheiro a homem e fugisse. Carlos Rocha sabia isso tudo, avançava portanto lentamente, sem barulho, contra o vento, quase podia sentir o cheiro do animal. Conhecía bem a clareira e o melhor sítio onde se posicionar, um tronco caído que marcava o fim da floresta, ele mesmo tinha abatido essa árvore grande para servir de apoio ao tiro certo. Tinha sido intuitivo criar aquele ponto que no exército se poderia chamar uma carreira de tiro.

Chegava ao tronco quando o antílope desembestou para dentro da mata. Que coisa assustou o golungo? Ele não fora, tinha a certeza de tomar todas as precauções. Olhou para a direita e teve vontade mesmo de disparar o mosquete, só de raiva. Três homens avançavam, falando, entrando na sua clareira, a clareira que ele preparava todos os cacimbos para dois meses tranquilos de caça. Um branco e dois negros. Falavam alto, dava para ouvir, embora longe demais para perceber sequer a língua. Fez sinal a Mulende para se aproximar e ficou vendo os três forasteiros a percorrerem a clareira. O branco tinha barba comprida, cabelos amarelos compridos debaixo de um chapéu de abas, calças largas, gibão e um mosquete ao ombro. Os dois negros carregavam sacos pesados, dois cada um. Quando estavam a distância de fala, percebeu conversarem em kimbundo. Podiam ser caçadores, mas os piores, de escravos. Manteve portanto a arma preparada para servir.

– Alto aí – gritou Carlos. – Não se mexam, senão disparo.

Os três olharam para o lado dele, mas não o viram imediatamente, pois se escondia atrás do tronco. Só um descortinou o mosquete e apontou para ele, sítio para onde os outros dois se viraram.

– Somos caçadores e vimos em paz – disse o branco, em português.

Carlos teve vontade de perguntar, caçadores de quê? Mas só o branco estava armado, o mosquete no ombro, portanto não ofereciam grande perigo. Saiu do seu esconderijo, sempre com a arma apontada, podem avançar para aqui.

– Sou Domingos Afonso – gritou o branco. – O Simão e o Ximba são meus escravos. Viemos de Luanda caçar na lagoa de Kazanza.

Vinham de muito longe, longe demais para caçar bichos, pensou Carlos.

Foram chegando devagar, olhando para todos os lados. Mulende se fez ver junto do tronco e eles se assustaram um pouco mais. Deviam pensar, Carlos Rocha estava sozinho, vítima fácil. Afinal se defenderia melhor, acompanhado.

– Sou Aníbal e este é Mokambo – disse Carlos. Não revelava a sua identidade a desconhecidos, prudência aconselhava. – Caço há muitos anos aqui na Kazanza. Que vêm cá fazer?

O branco parou à frente dele, sem responder, talvez por a pergunta vir atrasada, já ter encontrado resposta. Não deixava de ser um desafio mudo. Tinha uns olhos muito azuis, notou Carlos. Dentes escuros de fumar tabaco. Exalava o odor próprio dos brancos que tomavam pouco banho, um cheiro ácido muito forte e enjoativo.

– Vive aqui perto? – perguntou o branco.

– Sim, junto da lagoa. Vendo carne seca a quem a quer comprar.

– Chega a vender em Luanda?

– Não, nunca lá vou. Tem notícias da cidade?

O outro acenou com a cabeça, saí de lá há uma semana. Se encostou ao tronco. Os escravos sentaram logo no chão, se desembaraçando dos pesos. Carlos mantinha a arma pronta, não totalmente descansado. Podiam ser a vanguarda de um grupo maior, neste momento a fazer envolvimento. Olhou atento para os dois lados da clareira. Não lhe parecia haver movimentações, mas era melhor estar precavido, sobretudo se houvesse jagas no terreno, pois estes pareciam nascer da terra, como o kissonde, num salto estavam sobre ele. Também notou, o branco tinha uma maneira de falar um pouco estranha, não parecia a fala de um português embora se expressasse corretamente. Cada um tinha os seus segredos e suas armas escondidas. No mato, um encontro daqueles exigia cautelas especiais, não era como um choque na rua de uma vila, desculpe, foi sem querer, já vou andando. No mato, tudo o que sai do normal é em princípio perigoso. Fez sinal ao branco para o imitar e sentou no tronco. O outro obedeceu e puxou do cachimbo. Devia estar há muito tempo com vontade de fumar, Carlos não tinha o hábito mas conhecia, o pai era grande fumador de cachimbo e ficava muito nervoso quando lhe faltava o tabaco.

– São só vocês os dois? – perguntou o branco.

– Não há aldeias mesmo à volta da lagoa. Há uns kimbos, sim, do outro lado, mas a alguma distância. A população daqui não gosta de ficar junto da

água, por causa dos bichos. Embora toda esta região esteja cheia deles.

Em seguida achou disparatado dar tantas informações a um estranho que entrava no território dele. Devia masé interrogar o outro, o intruso é que tinha de se explicar. Já o tinha feito, pronto, agora devia ficar atento e não escorregar mais uma vez.

– Não se importa que eu fique um tempo por aí a caçar também? Como disse, há muitos bichos, não o vou prejudicar.

– Já o fez. Ia disparar sobre um golungo quando o assustaram ao entrar na clareira.

O branco foi sincero ou pareceu, na sua penitência. Fez um ar mesmo contrito, pôs as mãos juntas, peço imensa desculpa, mas como podíamos saber? Houve um momento de hesitação, em que nenhum dos dois falou. Se estudavam, olhos nos olhos. De repente, o branco se decidiu. Encolheu os ombros, suspirou fundo, falou:

– Tenho que abrir jogo, não adianta estar a esconder. O meu nome não é esse que disse, de português. Mas não sabia com quem estava a lidar, podia ser um jaga ou um soldado dos portugueses. Fugi de Luanda. Sou inglês, o meu nome é Andrew Battell e ando a ser prisioneiro dos portugueses há demasiado tempo para meu gosto. Resolvi esperar no mato que mude o governador para poder voltar a Luanda e de lá partir para a minha terra.

Todas estas informações ditas de um jato, como a querer se libertar de segredos contidos. Era evidente a sinceridade e Carlos relaxou um pouco. Reteve um detalhe.

– O governador vai mudar?

– Já está no cargo há muito tempo. A notícia já veio de Lisboa, foi nomeado um outro. Como deve saber, quando muda um governador, o novo manda espalhar bandos, perdoa a todos que andam fugidos pelo mato desde que se apresentem à sua frente. Mas ainda não chegou. E eu fui traído pelo atual governador, em vez de me deixar ir embora, como prometeu e era de meu direito, mandou-me apresentar ao capitão-mor para voltar a Massangano, só porque dois mil jagas abandonaram o exército e passaram para o outro lado do Kwanza.

O homem de preto ia embora? Era uma boa notícia para Carlos Rocha, embora não mudasse nada à sua situação. O problema imediato dele era o Mbaxi e não o Cerveira. Mas tinha sido avisado para não cruzar com o governador, todos sabemos, homens brancos vestidos de escuro traziam

perigo, profecia de Na Gongga.

– A sua maneira de falar não parecia de português...

– Sei, nota-se logo... Falo o kimbundo dos jagas também, mas eles achavam que eu tinha uma maneira diferente de o falar.

– Andou com eles? – desconfiado de novo, amigo de jagas jaga pode ser. E estes não se recomendavam.

– É uma longa história. Se quiser, conto-lhe imediatamente. Mas deve ter mais piada se for ao lado de uma fogueira e com algum maluvo, depois de uma boa refeição. Temos farinha, trouxe um saco dela. Também tenho cem balas e seis libras de pólvora, posso dar-lhe uma parte.

Assim se encontraram os dois personagens, foragidos, Battell e Rocha. À partida para casa de Carlos, este disse:

– Também tenho de lhe confessar uma coisa. O meu nome não é Aníbal. Sou Carlos Rocha...

– Desconfiei que não me estava a dar o nome verdadeiro. Quem o faria? Fugiu da escravidão?

Carlos deu uma gargalhada. Apontou para Mulende.

– Ele, sim, é escravo, é o meu escravo. Eu nunca fui. Sou filho de um homem livre, vive em Luanda.

– Talvez eu o conheça.

– Não é tão célebre como o senhor. Só quando me disse o nome é que associei. Já o tinha visto em Luanda. Mas o seu nome é ainda mais conhecido que a cara. O meu pai não é tanto. Lhe chamam Mbaxi uns, Sebastião Rocha outros.

O inglês deu uma palmada de reconhecimento no ombro de Carlos.

– E então não o conheço? Ainda no mês passado estive a beber com ele numa taberna da baixa.

– Taberna é o escritório dele... – disse Carlos, amargo.

Battell ficou calado por momentos. Caminharam um pouco, ao lado um do outro, os escravos tentando a fala em kimbundo mais atrás.

– Sabe, as pessoas às vezes estão tão entaladas que só podem beber. Não têm alternativa para a vida. Acho que o seu pai foi uma vítima do que lhe aconteceu.

– Não lhe aconteceu nada de especial, derreteu toda a fazenda que tinha em vinho. Eu é que fui obrigado a fugir, senão ainda me vendia como escravo, só para beber durante mais uns tempos.

– É uma acusação muito forte. Não creio Mbaxi capaz disso, me parece um homem de bem. Mas não o conheço como o amigo deve conhecer, peço desculpa. É essa a sua razão de não estar em Luanda?

Carlos Rocha baixou os olhos para o chão. Estava até certo ponto envergonhado do seu medo, forçado agora a confirmar a fuga pelo receio de ser escravizado. Raios partam, porquê falava tanto com um estranho e logo contando coisas que mais ninguém sabia? Por o outro ser também um fugitivo, motivos diferentes mas iguais?

Na mesma corrente vão presos homens e mulheres, adultos e crianças, não forçosamente seres da mesma espécie. E falam uns com os outros, que remédio!

– A minha mãe estava muito aflita e insistia comigo. Ela conhece o Mbaxi melhor do que ninguém, já vivem juntos há muitos anos. Preferi então andar na caça, viver no mato, à espera que aconteça algo que me liberte do perigo.

– A morte dele, por exemplo...

Carlos Rocha não respondeu. Deu umas passadas, forçando-se por parecer seguro. Não ia ripostar, era assunto seu. Mas o outro tinha pontaria, acertara logo à primeira. Agora viria falar das dívidas do pai, como o mulato que o encontrara na lagoa de Kalumbo? Não, Battell era um degredado sempre a viver na contingência da sua condição, nunca poderia ser credor do Mbaxi, exceto algumas canecas de vinho. No entanto, se viesse com a mesma conversa, receberia a mesma resposta que o outro e seria despachado para fora da sua área, bolas, ele era o dono do terreno por direito de posse, mesmo sem registo.

– Porque não experimenta ir para o Kongo? – perguntou Battell. – Dizem, ali se fazem grandes negócios. É preciso falar português, ter bom relacionamento com a igreja, ser esperto. Tem essas vantagens?

– O meu pai por acaso até é de lá, saiu moço de São Salvador.

Riram os dois. O inglês voltou a lhe bater no ombro, pelos vistos era gesto habitual nele.

– Como vê, não conheço bem o senhor seu pai. Devia saber que ele é do Kongo, não lhe parece?

– Penso nem ele sabe, há muito esqueceu de onde veio. Vive no meio de vapores...

– Não seja mau para ele.

Carlos Rocha concordou com a cabeça. Deu mais umas grandes passadas.

– De facto, não há razão para tanto ressentimento – reconheceu. – Uma pessoa se habitua a culpar um outro de tudo o que lhe aconteceu, é só mesmo um hábito. Necessidade de justificar... o quê, nem se sabe também, esquece-se...

Chegaram à lagoa. A casa de Carlos Rocha era em tudo semelhante à que tinham construído na lagoa de Kalumbo, só que um pouco maior e feita com mais perícia. Tinha já sido reparada duas vezes, por não resistir às fortes chuvadas. O cercado exterior era também mais largo e alto. E, novidade, havia uma pequena jangada de paus de bimba amarrados uns aos outros, o que lhes permitia irem pescar no meio da lagoa, perto de um banco de caniços e papiros, onde havia mais peixe. Tudo fruto de muito observar as águas, uma pessoa aprende se fica a olhar para uma coisa horas sem fim. E ali ele tinha todo o tempo do mundo para contemplar o seu lago cheio de peixes, de caniços, nenúfares e animais selvagens.

Um lago é repousante.

– Magnífico! – exclamou Battell.

Era sem dúvida. Carlos não precisou de concordar.

– Também tive uma casa durante algum tempo na lagoa de Kalumbo. Tem uma ilha flutuante, anda de um lado para o outro ao sabor do vento.

– Conheço – disse Battell. – Consegui um bom relacionamento com a gente de lá, mas o problema é ser demasiado perto de Luanda.

– Foi o meu problema também.

A visita tinha mudado o seu dia, mas queria saber novidades de Luanda. De repente, lhe tinha dado uma saudade. Meses sem pensar na cidade, mas bastava alguém vindo de lá para lhe despertar lembranças. E a curiosidade. Não tinha pressa em caçar, o golungo amanhã estaria no mesmo sítio e a última troca de carne seca tinha sido proveitosa com uns pescadores e agricultores perto da barra do Dande. Tinha trazido muita farinha, banana e batata-doce, além de panos servindo de moeda. O inglês ia passar alguma pólvora, era tudo de que necessitava. Podia muito bem mandar Mulende preparar uma boa refeição e ouvir a história que o inglês prometera contar, a qual de facto era qualquer coisa de espantoso, narrada à mistura com hidromel fabricado na véspera por Mulende, o escravo relembrou ensinamentos antigos da sua região de origem e como ali havia bastantes cortiços, fazia habitualmente a verdadeira bebida dos deuses, a qual já era

descrita em livros antigos e sagrados de várias partes do mundo, embora ele não soubesse que da mesma bebida se tratava, nem o nome dos livros sagrados. Battell se embebedava com o hidromel e mais fluida saía a história da sua vida.

[A história seria um dia escrita pelo próprio e editada por E. G. Ravenstein em 1901, com o sugestivo título The strange adventures of Andrew Battell of Leigh, in Angola and the adjoining regions, coisa que Carlos Rocha nunca viria a saber em vida, como parece óbvio para quem compare as datas.]

Depois de contar todas as peripécias com os jagas e as promessas de Manuel Cerveira Pereira, uma vez que os reis respetivos agora eram amigos como irmãos, e mais a traição pérfida do governador, só restava ao inglês se esconder e fazer pela vida, estava farto de trabalhar e combater para o enriquecimento dos portugueses, esperava que o governador mudasse para se apresentar em Luanda e reclamar a partida para a Inglaterra. Entretanto tinha de ganhar alguma coisa, não podia voltar para Leith sem nada nos bolsos, a família nem o aceitaria, pretensão que foi bem compreendida por Carlos Rocha.

– Mas não sei como vai enriquecer a vender carne seca. A menos que avance mais para norte e mate elefantes, os dentes são valiosos. Aqui há elefantes, mas não é bem o sítio deles.

– Tenho de encontrar alguma coisa. Talvez ir para o Kongo ou Loango. Como lhe contei, fui lá várias vezes comerciar em nome do governador anterior e conheço a zona e gente. Um homem pode beneficiar muito disso, se tiver engenho. Mas é complicado chegar até lá, o duque de Bamba não pode comigo e ocupa o território sul do Kongo. Nunca lhe fiz mal, de facto nem nos encontrámos, mas se puder deitar-me as mãos me torna num pudim, certamente por intrigas antigas. Por isso só posso esperar que o governador mude. E este deve ter mandado todos os cães atrás de mim.

– O território é grande, o Kongo também.

– No Kongo nunca me sentiria em segurança. O governador tem um trato forte com os jesuítas. E eles têm influência no Kongo. Não tanto como quereriam, mas a suficiente para me detetarem. Se ele descobre o meu paradeiro, pode impor a deportação ao rei do Kongo, um fantoche nas mãos

dos padres, de qualquer ordem que sejam.

Incomodava Carlos ouvir tais coisas sobre o rei do Kongo, afinal parte das suas origens estava lá. Mas não podia duvidar da justeza das observações, todos sabiam que o verdadeiro poder no Kongo era dos padres e só não era maior porque as diferentes ordens se guerreavam umas às outras, sobretudo franciscanos e jesuítas.

– Para completar o que me contou, diga só mais uma coisa – pediu Carlos Rocha. – Por que nome era conhecido entre os jagas?

– O Kingrêje. Claro, vem de inglês. Porque pergunta? Tem intenção de procurar o chefe Kalandula?

– Só curiosidade. Podiam chamar-lhe batel e não ficava mal para nome de um marinheiro.

– Eles não falam português. Se quiser arriscar um pouco, procure o Kalandu. De certeza que não comerá um amigo do Kingrêje.

– Acho que nunca arriscaria, obrigado.

À hora do escurecer, Battell se despediu, vou dormir ao lado. Carlos disse haver lugar, não dentro de casa, onde ele gostava de ficar sozinho, nem mesmo Mulende aí se acoitava, mas no interior da vedação. Não quero incomodar, insistiu o inglês, obrigado, vamos dormir ao lado de uma fogueira. E entrou com os dois escravos um pouco no mato, se afastando da água e acenderam um fogo que Carlos ficou olhando, mais os vultos feitos pelas chamas na folhagem das árvores. Não podia distinguir as pessoas. Ainda desconfiado, pensou, podem ter feito a fogueira e agora avançarem no escuro para nos atacar. De facto, já não acreditava nisso, pelo menos não o suficiente para sair do cercado, se aproximar só para confirmar que estavam mesmo deitados perto da fogueira.

E a confiança recíproca aumentou no dia seguinte de manhã e foi crescendo à medida que caçavam juntos, trocavam estórias, recordações e confidências. Uma surgiu logo nos primeiros dias.

– Há quanto tempo não está com uma mulher? – perguntou o inglês.

– Há demasiado tempo. Por vezes vou aos kimbo procurar uma oportunidade, mas é complicado, mesmo arriscado. Poderia comprar uma, mas não tenho posses suficientes. Sem fazer negócio, é perigoso caçumbular alguma, há sempre um marido ou pai ultrajado. E, acima de tudo, quero boa vizinhança.

– Eu não aguento muito tempo sem arranjar alguma. Bastam os anos de

presídio. Havia mulheres da vida, estavam lá mesmo para aliviar os homens, mas também não me chegava. É sem dúvida um grande problema.

– Fico espantado com o Mulende. Nunca fala disso, como se não precisasse. E já é um rapaz grande, devia sentir falta. Será mesmo que não sente?

– Tem vergonha de dizer. Os escravos sentem tanta necessidade como nós. Mas, quanto a si, acho que devia ir aí a um desses kimbos e negociar com uma família. Certamente haverá uma rapariga bonita...

– Há, já tenho visto.

– Então?

– Carne de caça não é suficiente para pagar o alembamento. A família queria mais que carne. E não tenho muito para dar. Repare, eles perdem a filha para sempre, se for comigo. Hoje estou aqui mas amanhã posso partir para outro lado qualquer. O pagamento tem de ser definitivo.

– Cace mais e venda mais. Arranje mais sal. É a melhor troca, mulher por sal.

O inglês falava a sério mas Carlos riu. Talvez apenas por nervosismo. Era um assunto muito grave, o qual de facto tinha de resolver um dia. Quanto mais cedo melhor. E até divisava dois alvos preferidos, em kimbos diferentes. O mambo era se apressar, pois com as demoras perderia as duas oportunidades. As raparigas seriam entregues aos futuros maridos com pouca idade, assim mandava a tradição.

– Vamos fazer uma coisa – disse Battell. – Caçamos mais, os dois juntos, e vendemos os produtos para o seu alembamento. Contento-me com pouco, por isso conseguiremos depressa juntar muito sal. Quando você tiver a quantidade suficiente, vou pensar em tratar da minha vida. Aposto que, no kimbo onde arranjar noiva, eu consigo encontrar uma viúva que me resolve provisoriamente o problema. Enquanto você está a negociar, estou eu no mato a regalar-me...

Deram gargalhadas. No fim do riso, o inglês disse, estou a falar a sério, é um bom plano, aceite.

Chegaram a matar elefantes, ficando combinado que o marfim era para Battell. Tudo o resto se reservava para Carlos Rocha, o qual visitava os kimbos e não decidia entre as duas raparigas. O inglês acompanhava-o aos kimbos, punha todas as mulheres a rir e a dançar com o seu kimbundo de jaga, acabava por desaparecer no mato, enquanto Carlos procurava entreter

os velhos com descrições de Luanda. Battell voltava todo contente, já podemos ir embora. Carlos Rocha nunca descobria como ele fazia aquilo, nem os do kimbo, mas acreditava que ia se encontrar com uma mulher, nem sempre a mesma. O inglês só ria, quando ele inquiria sobre as ausências, então não foi esse o nosso trato, você casa e eu desenrasco-me com viúvas?

Regularmente iam à barra do Dande trocar carne seca por farinha e batata-doce, mas, sobretudo, sal vindo do norte de Luanda, de umas salinas naturais chamadas Kakwako, incapazes de abastecer a cidade, daí ter um alto preço. De qualquer modo, o saco de sal ia crescendo, guardado em casa de Carlos Rocha. Battell não quis construir cubata e os três dormiam no mesmo sítio do mato, com uma fogueira. Fazer uma residência seria admitir que estava na lagoa para ficar por tempo indeterminado. E o inglês só estava à espera de receber a notícia de que o governador novo tinha chegado a Luanda. Era a pergunta sacramental quando chegavam à barra do Dande, ainda é o mesmo governador que está em Luanda?

Era.

No entanto, essas visitas de negócios à barra não se faziam sem precauções prévias. Mulende ou um dos escravos do inglês iam à frente, convocavam pessoas querendo fazer trocas. O mesmo para dois kimbos ali muito perto da barra. Rocha ou Battell só apareciam para fazer o comércio quando se tinham inteirado que não havia gente do governador pelas cercanias. Nunca esqueciam que eram foragidos, embora os casos fossem diferentes. Antes, Rocha aparecia mais afoitamente às pessoas, mas a presença de Battell levou-o a tomar também maiores precauções, não eram inúteis em tempos tão complicados. Tinha falado nisso com o inglês e analisaram a hipótese a fundo: admitamos que o Mbaxi, de repente, morria ou era preso por dívidas; a justiça exigia que a família pagasse em vez dele, havia juízes para esses casos; sabendo que um filho aparecia de forma regular na barra do Dande, podia um dia estar um meirinho com soldados à sua espera. Absurdo? Não tanto assim. No caso de um branco ou mulato, não haveria perigo nenhum, mas se tratando de um negro não existiam garantias, a justiça só tinha um sentido, sempre a favor do credor branco ou mulato. Andrew Battell insistiu, Carlos tinha razão em tomar precauções, a sua própria experiência de branco mas inglês provava que a justiça era movida pelos interesses dos portugueses ou espanhóis, que havia também alguns na colónia. Todos diziam se tratar da justiça de el-rei, mas isso era

uma imagem, interesses dos conquistadores, defendidos pelos ouvidores e outros juízes.

Um dia, Battell acordou com cara torcida, de zangado. Ou decidido. Foi ter com Carlos Rocha, estava este se espreguiçando a contemplar a lagoa. Mulende dormia ao lado das cinzas da fogueira do cercado.

– Tomei uma decisão. Não vou esperar mais que este governador desapareça. Vou para o Bengo, fazer uma jangada, desço o rio e tento a minha sorte no mar. Já não aguento mais estar longe do mar, a minha verdadeira casa.

O outro ainda estava meio atordoado pelos sonhos em que misturava as suas duas possíveis noivas, não percebeu de repente. Mas venceu a surpresa.

– Porquê o Bengo e não o Dande? Se é isso que quer, eu mesmo o acompanho à barra do Dande.

– Não, tem de ser o Bengo. É lá onde há barcos que param para fazer as aguadas, quando navegam para norte. Quero apanhar um e ir para o Loango, fazer negócio. Até chegar a Inglaterra.

– No Bengo há soldados e é mais perto de Luanda.

– Sei. Mas no Dande não para nenhum barco grande. Tenho de arriscar.

– Sempre disse que era perigoso para si ir ao Kongo...

– Por isso avanço até o Loango. Lá não há influência portuguesa.

– Se conseguir um barco para o Loango.

Nada o demoveu. Nesse mesmo dia fez as partilhas de pólvora e balas. Não quis levar os dentes de elefante, é peso de mais para mim e vão ser úteis para o seu alembamento, e os meus escravos ficam consigo, só preciso deles para me ajudarem a fazer a jangada. No dia seguinte partiram todos para sul, o Bengo. Carlos Rocha fez questão de ajudar o amigo, se ele queria arriscar, o mais que podia fazer era contribuir na feitura da jangada. Foi rápido de construir, pois não era preciso serem paus muito grossos, fáceis portanto de cortar. A corrente do rio naquela altura do ano era muito fraca e por isso improvisaram uma vela com uma manta velha. Assim partiu o inglês, deixando a maior parte da sua fortuna para Carlos Rocha, agora possuidor de três escravos, quatro dentes de marfim e bastante pólvora e sal.

[Andrew Battell conseguiu descer o rio Bengo sem percalços e na foz encontrou o comandante de um patacho português seu conhecido, o qual aceitou lhe dar boleia até o reino do Loango, a norte do Kongo, onde

andou por vários anos a comerciar, amealhando o suficiente para voltar ao seu país e escrever as célebres memórias. Mas isto Carlos Rocha nunca soube.]

De novo na Kazanza, Carlos meditava sobre o seu futuro. O inglês decidiu de repente partir, como devem de facto ser tomadas as grandes decisões. E ele? Continuava a juntar sal, trocando-o pela carne que caçava? Ou tentava a sua sorte noutras paragens? Também ele tinha ficado marcado pela estória ou estórias contadas por Battell. E muitas vezes relembrava o episódio do grande chefe jaga cujo machado tinha um punho com ouro apanhado a sul de uma baía chamada da Torre ou das Vacas. Aí não havia brancos nem caçadores de escravos. Mas como chegar tão longe?

Há visões que entram na cabeça das pessoas, inadvertidamente.

Foi como a de uma baía larga de mato rasteiro e calmas águas, dominada por um morro com forma de chapéu largo, um sombreiro.

Sua Majestade tiraria o chapéu largo e assim me cumprimentaria se ao vivo lhe contasse o que escrevi, um relato acerca dos meus sucessos contra os sobas rebeldes que faziam perigar esta conquista. Na carta lhe contava também a recepção que fiz aos embaixadores do rei do Ndongo, nada menos que quinze. Ngola Kiluanji, a partir de então, queria aumentar o comércio connosco e pedia jesuítas que lhes ensinassem a verdadeira religião e não os padres que têm mulher em casa. Palavras textuais de um sábio. Muito gratos ficaram os padres da Companhia e eu também. Disse ainda o rei do Ndongo pela voz do embaixador principal, um fidalgo falando um razoável português, que nos dava toda a prata que pudéssemos retirar das minas e esperava que entre a capital do Ndongo e Kambambe não nascesse erva no caminho, tanto ele seria utilizado. Os embaixadores foram muito bem agasalhados por mim e pelos padres da Companhia, para contarem ao seu rei a vontade que tínhamos de manter as melhores relações. Se não é isso que Sua Majestade poderosíssima deseja, então deixo de entender qualquer coisa na arte da governação.

Claro, toda a vitória tem o seu reverso. Houve conquistadores e alguns capitães que não apreciaram a iniciativa do rei do Ndongo, pois assim fica mais longe a guerra que lhe possamos fazer. E sem guerra, menos prisioneiros. E, com menos prisioneiros, menos peças. O que é um raciocínio errado, não me canso de lhes explicar. O comércio com o

Ndongo significa exatamente o aumento do resgate. É certo, compramos peças em vez de nos apoderarmos delas. Mas fica mais barato dar uns sacos de missangas que fazer uma guerra. Em dinheiro, armas e em homens. Será tão difícil de entender? Por outro lado, que se pode esperar de gente tão dura, tirada às cadeias de Portugal e do Brasil para encherem aqui o nosso exército e os presídios? Por vezes até eu esqueço que quase todos são degredados por crimes horrendos, mesmo alguns executando agora funções de responsabilidade.

Tudo isto não impede que tenham escrito para o reino queixando-se da minha fraqueza, segundo eles, em relação a Ngola Kiluanji, pois deveria continuar o esforço de guerra até o derrotar definitivamente. Tenho a certeza de que essas reclamações tiveram pouco efeito, pois pelas respostas chegadas de Lisboa confirmei o que já sabia antes, el-rei quer o máximo de paz aqui, para poder alimentar a América com mão de obra, é só isso que lhe interessa. Desde que as peças sejam batizadas antes de embarcarem, para não morrerem afogadas no pecado.

Peças afogadas não rendem nada.

Por vezes, no entanto, é preciso dar lições a estes negros boçais e fazer-lhes guerra dura. Deve ser porém uma guerra justa, de defesa ou de vingança. Essa filosofia do trono procuro cumprir. Pela mesma razão ameacei atacar o soba Kabanga, que andava muito atrevido à volta de Massangano. Ele rendeu-se logo e jurou ser inocente pois de facto estava a ser pressionado pelo grande soba Axilambanza, familiar do próprio rei do Ndongo. Não foi sem reflexão que tomei certas medidas necessárias. Antes disso, reuni os capitães e contei o que já se sabia. E me parecia que tínhamos de dar uma lição a este Axilambanza, muito insolente e cada vez mais audacioso e forte. Os capitães e conquistadores antigos concordaram todos comigo, festejando mesmo a próxima guerra. Derrotámos o soba, o qual se rendeu, entregando muitas peças. Uma parte distribuí pelos meus companheiros. O rei do Ndongo protestou furiosamente e ficámos de relações muito tensas. Mandou o emissário Baltasar Lopes a Luanda, onde então eu me encontrava, para reclamar e fazer ameaças inauditas. Que deve fazer um governador que preza a sua dignidade? Mandeí pôr o emissário a ferros, pois claro, apesar de saber que ele apenas cumpria ordens. Mas enviava um recado para o rei do Ndongo, óbvio: este governador não está para brincadeiras e não aceita ameaças de ninguém. O comércio de peças

com o interior não se ressentiu como temíamos, pois os sobas sentiam que havia uma mão forte na região e queriam andar todos enfeitados com as missangas que lhes fornecíamos. Porém, os mesmos portugueses verrinosos de sempre começaram então a protestar e a enviar reclamações para o reino, por eu ter atacado o Axilambanza, assim envenenando as excelentes relações com o rei do Ndongo. Os mesmos queriam antes que eu fizesse a guerra a Ngola Kiluanji. Se Sua Majestade não vê as contradições, é porque terá algum conselheiro vesgo na corte. Vesgo e com muita influência. Infelizmente, sei, tem não um mas vários. E são tão fortes que não lhes posso chegar. Consigo no entanto apanhar aqui alguns que redigem os relatórios e alimentam a corrente contra mim na corte. E eles sabem. Por isso ostentam todos sorrisos por fora, vénias e mesuras, enquanto na escuridão congeminam as suas intrigas infames. Infelizmente tenho de conviver com gente de tão baixa extração.

Mesmo um fidalgo tem de engolir as tripas, com este nojo de gente.

Um deles é o vigário de Luanda. Até hoje não consegui descobrir provas da sua origem judia. Age como eles, sempre a coberto das trevas. Mandeí vasculhar nos registos de Portugal a um meu afilhado conhecedor do ofício de tabelião e mais cedo ou mais tarde ele há de desenterrar provas. Mas as distâncias são longas e o meu tempo escasso, por isso me escapam alguns adversários. O vigário passa a vida em concílios pouco apostólicos com o ouvidor André Velho e agora também com um bacharel recém-chegado, de nome Manuel Nogueira, o qual ainda se não apresentou a mim, o que não é normal e me cheirou logo a esturro. Já me constou ter sido enviado para uma sindicância à expulsão do Filipe Butaca. Eu seria o principal interessado, se de facto há uma sindicância aos meus atos, e deveria ser o primeiro visitado. Pois o bacharel reúne com os meus inimigos e não me pede audiência. Que deve uma pessoa inteligente e avisada pensar? Evidente, foi mandado contra mim. Os padres da Companhia também ainda não foram visitados pelo Nogueira, no entanto é assíduo no consumo de vinho na residência dos franciscanos, um magote deles acabado de chegar, sem religião mas com pipas.

Para ver se amansava um pouco os franciscanos, ofereci o sítio que fica no fim do morro e onde se encontra a ermida de São José, antes guardado para os carmelitas que desistiram dele, por não quererem investir em Angola, preferindo o Brasil, com um clima menos mortífero, segundo

dizem. Os franciscanos aceitaram logo a ermida recusada pelos do Carmo, pois vinham com ordens de fazer um convento. Montámos um grande espetáculo para oferecer a ermida e o local, com os habituais ritos e todos os grandes senhores da terra vestidos de cerimónia, desembargador, ouvidor, provedores, primeiros conquistadores, capitães e sacerdotes. O principal da ordem dos franciscanos, frade Piedade, andou a tocar em todos os haveres, paredes, bens, móveis e arbustos, a reclamar em voz alta, alguém protesta contra a nossa propriedade sobre isto, e ia a outro local e gritava o mesmo, alguém reclama para si este arbusto, esta árvore, esta cova, etc., etc., percorreu várias vezes o terreno, perante o silêncio sepulcral de todos. Como ninguém se opusesse à sua tomada de posse, por fim veio postar-se perante mim, dizendo que aceitava o sítio para aí se edificar o seu convento. Para não dizerem que sou contra eles, ainda lhes forneci o pedreiro que começou a construção e algum material, além de lhes deixar o recheio da ermida. O resto será doado pela confraria de São José, chefiada pelo meu parente e capitão-mor, Custódio Antunes, e pelo povo, claro, pois os franciscanos são tão pobres que nunca dão nada, só recebem. E, mesmo quando obtêm centenas de peças e as embarcam para venda no Brasil, continuam pobres e pedintes obstinados.

Como conheço todos os nossos pobrezinhos!

O bacharel Manuel Nogueira incomoda-me. O facto de me ignorar ostensivamente tira-me muitas vezes o sono. É porque vem com muito convencimento, de espáduas largas. Deve saber mais das intenções do vice-rei e de Cristóvão Soares, secretário real em Lisboa, que mexe muitos cordelinhos, do que os meus próprios informadores. Outros sindicantes vêm apresentar-se ao chegar, até Filipe Butaca o fez, embora de forma desajeitada. Podem não dizer tudo o que vêm examinar, compreendo ser por vezes preciso esconder o alvo para chegarem às provas com maior facilidade. Mas aparecem, mesmo se no meio de denso nevoeiro. Este bacharel faz de conta que não existo, que não há um governador em Luanda, que está acima de tudo lá por ser enviado do vice-rei, o caquético bispo que nos impuseram. Tanta arrogância, a par dos avisos que os meus amigos da Companhia me têm dado, indica que já existe alguma decisão real em me tirar daqui, ou, pelo menos, uma forte proposta. Como sempre, a notícia vinda do rei chega depois dos executantes da decisão. E não pode ser boa notícia. Infelizmente o meu primo João de Araújo não está cá na cidade,

deixei-o a comandar o forte de Kambambe, na esperança de aparecer alguma prata e contrariar as previsões pessimistas de Sua Majestade, que até já me mandou abandonar as minas e tratar apenas dos resgates. Se entretanto aparecesse uma amostra cheia de prata, tudo mudava. Por isso pus lá o João a comandar. Fez um grande trabalho aqui como provedor dos defuntos, defendeu bem os interesses dos herdeiros dos que vão morrendo, ficando, como é normal, com uma comissão e uma parte das fortunas, quantia que vai sendo desviada para o Brasil, onde temos alguns depósitos comuns. Outro parente que faz falta neste momento é o Custódio Antunes, homem fiel, que poderia resolver a contento a agitação provocada por este bacharel. Pelo menos punha a guarnição militar em sossego e pronta para tudo, o que intimida qualquer sindicante, apenas habituado a batalhas de papéis e tribunais. Mas não está na cidade, metido de novo lá em Massangano, a proteger Kambambe e a travar a vontade belicosa do rei do Ndongo. Somos tão poucos, não podemos ficar em todo o lado onde se necessita a nossa presença. E com tantos inimigos peçonhentos à nossa volta a intrigarem! Começo a ficar cansado. Só me consola ver as caras resignadas dos maridos cujas mulheres requisito para serviço na fortaleza e depois fecho num quarto já aparelhado. Eles sabem o que acontece entre paredes mas nada fazem, são demasiado covardes. E baixam os olhos quando os fixo de frente, como a dizer, então tem alguma coisa a reclamar? Baixam os olhos, os cornudos. Bem posso gabar-me, há cerca de cinquenta mulheres casadas em Luanda e dessas já alcancei metade.

Só não alcancei a Margarida Sottomayor, casada entretanto com o tenente Malaquias. Dizem, foi um casamento de amor. De facto, não vejo o interesse de o André Velho fazer aliança com um tenente sem futuro, o qual nunca chegará sequer a capitão, pois gosta mais de saias que de mato e do cheiro de perfume que de pólvora. Pelo menos da fama não se livra, embora pessoalmente pouco possa dizer sobre o rapaz, nunca o tive sob meu comando. Tem artes de se escapar para trabalhos de secretaria e ninguém se lembra de o despachar para longe da mulher. Um destes dias, vou lembrar-me do assunto, para comprovar o seu valor militar.

O verdadeiro valor só em guerra se manifesta.

Não fui convidado para as bodas. Não o seria de qualquer maneira, mas sempre posso dizer para meu orgulho, não estava cá, o que é verdade, subi na altura o Kwanza num patacho para ir visitar o forte da Muxima, em

péssimo estado. Não temos forças para reparar e aumentar o forte e até nem seria prudente, pois os kissamas iam interpretar as obras como uma provocação e atacá-lo. Bem, talvez não o atacassem, evitam tomar a iniciativa, pois parece ser o sítio frequentado por muitos mistérios, crendices próprias deste povo de pagãos. Alguém me contou em Massangano, as pessoas acreditam ser uma ofensa tão grande aos espíritos do local provocar inimizades ou batalhas, que já viram exércitos derretidos pela vontade dos deuses. Bom, não falam de deuses, mas sim de seres estranhos voando ou nadando, ingenuidades de não-cristãos.

Foi um bom passeio até Muxima e um pretexto para não estar presente na altura do casamento. Pois o André Velho é casmurro e não ia endereçar o convite, o que seria um insulto ostensivo à pessoa de um governante, é de hábito todos os habitantes de prestígio serem convidados. Sendo discriminado dessa maneira evidente, seria obrigado a dar mais música à Margarida como réplica, gesto com consequências inimagináveis. Devo confessar, tinha intenção de proceder energicamente, só para esmagar o orgulho daquela família de víboras. Mas o superior dos jesuítas, padre Pedro de Sousa, que muito estimo, aconselhou-me prudência, não deite mais óleo no fogo, vá dar uma volta até a ermida que queremos construir na Muxima, escolha o melhor local e nós faremos lá uma construção bonita, obra para ficar.

Sou humilde, aceito os bons conselhos.

Numa tarde, resolvi dar o meu passeio para fora da fortaleza, indo até o fim desta parte alta, onde se constrói o convento de São José. Já não fazia muito calor, por isso pus o cavalo a passo, não se justificavam grandes correrias à procura de vento. É uma bela vista, bordejando sempre a ravina, olhando o mar de quase todos os lados. E para as bandas da rebentação da Corimba, por onde entram os barcos, há ilhas e restingas de areia muito branca e arvoredo. Repousante para quem tem todas as responsabilidades de uma conquista tão ingrata. Atrás de mim caminhavam dois soldados, não tanto para proteção, pois não preciso, sei muito bem proteger-me, graças a Deus. Apenas por uma questão de dignidade. Até podia ir de liteira ou tipoia, com dez escravos atrás, como fazem os velhos conquistadores pretendendo dar nas vistas. Sou frugal na comida e nas companhias, dois guardas me chegam e até acho demais.

Pois bem, ia eu gozando da paisagem e da brisa, quando vejo saírem três

peçoas do quintal do André Velho de Sottomayor. O próprio, o vigário e um terceiro, desconhecido, que logo pensei ser o famoso bacharel Manuel Nogueira. Nenhum de nós deve ter apreciado o inesperado encontro. E era mesmo impossível evitar o contacto. Nem eles se podiam esgueirar para dentro da casa sem parecerem conspiradores, nem eu podia dar meia volta e parecer um covarde. Mantive a minha rota, perguntando qual o melhor procedimento. Dei a resposta a mim próprio, cumprimenta e para, só para que os sorrisos fiquem verdes na cara deles. Segui o meu conselho, vindo da intuição. Olhei-os de frente, sem os largar, desde o primeiro momento. As visitas ainda estavam de chapéu na mão, para se despedirem uns dos outros, como parecia. E revolviam os chapéus, virados agora para mim, vendo-me aproximar e se estudando mutuamente. Pareciam crianças apanhadas numa brincadeira proibida. Era até uma brincadeira proibida, levava muita gente à força, pois se tratava de conspiração. Devo ter acrescentado um riso ao sorriso, coisa pouco comum em mim, não sou de mostrar dentes. Na verdade, o espetáculo era caricato. Os chapéus iam e vinham, rodando de mão para mão, exceto André Velho que não sabia como se postar, até por fim se perfilar rigidamente, como lhe convinha perante o governador. Estava eu já muito próximo e pareceu que os três se concertaram em voz baixa, pois inclinaram as cabeças em vénia respeitosa. Ah, aqueles pescoços mesmo em posição para lhes brandir com uma espadeirada! Não teria maior prazer na vida. É um espetáculo impressionante e mesmo excitante, uma cabeça rolando na areia vermelha. Mas contive o impulso.

– Boas tardes, meus senhores – cumprimentei, em voz moderada, algo solene.

Eles responderam em coro, o tom servil, como lhes fica bem. Estavam treinados, não havia dúvida. Deviam orquestrar outras coisas, pois ações feitas muitas vezes em conjunto harmonizam involuntariamente gestos, falas ou cantos.

Parei o cavalo mesmo à frente deles, curioso por ver a atitude do tal bacharel, forçado a apresentar-se ou a ser apresentado. O vigário era o mais ágil ou matreiro, tomou a palavra:

– Que boa surpresa, senhor governador. Já não via Sua Excelência há uns dias.

– Nem tanto – respondi. – Ou não estive na missa de domingo na igreja de Jesus?

Bem eu sabia que nenhum dos três tinha estado. Preferiam a missa dita pelos franciscanos na sua ermida. O vigário devia benzer-se três vezes antes e depois de entrar no templo dos jesuítas, como se faz para afastar o Maligno, escapei do inferno. O juiz tossiu para chamar a atenção e mudou o rumo à conversa, antes que o vigário se engasgasse na resposta.

– Penso que o senhor governador ainda não conhece o bacharel Manuel Nogueira, acabado de chegar...

O dito Nogueira inclinou-se de novo em vénia de cavalheiro. Foi pena não ter arrastado a pluma branca do chapéu pelo chão arenoso da Cidade Alta.

– De facto... Acabado de chegar será uma força de expressão, não é mesmo, senhor bacharel? Já lá vão algumas semanas, segundo as minhas informações.

Não se podia ser mais direto. Ele levantou a cabeça e tentou manter os olhos nos meus. Resistiu pouco tempo e desviou-os para a sua esquerda, como fazem os mentirosos.

– Estava a avançar um pouco no trabalho para o poder ir visitar – disse com todo o descaramento.

– Certamente que esta tarde avançou bastante com o trabalho, pelo que vejo.

O ouvidor ficou vermelho, o vigário interessou-se pela lança de um dos guardas e o bacharel ficou mudo, sem saber o que fazer das mãos nem da língua.

– Bem, não vos roubo mais tempo ao trabalho. Continuem, meus senhores, continuem na labuta...

E esporeei o cavalo, que desandou dali num trote moderado. Os guardas correram atrás, surpreendidos com a partida. Não escondi a gargalhada que dei ao partir e que lhes deve ter chegado aos ouvidos descoroçados. Com quem julgavam eles que se metiam? Pensei, sem olhar para trás, a esta hora estão os três muito juntos a confabular, o que quis ele dizer com aquilo, que raios sabe o governador das nossas conversas. E logo ali uma ideia me veio. daquelas que se tem de repente e nos iluminam, como vindas diretamente de Deus. O frade Piedade, dos franciscanos, que me parecia uma boa pessoa e capaz de transmitir recados de forma fiel, servia muito bem para levar a cabo a minha ideia. Toquei o cavalo para o destino inicial, a ermida de São José.

Os franciscanos estavam recolhidos em cubatas agrupadas perto da construção. Já se viam os caboucos para o futuro convento. Apesar de estarem a trabalhar regularmente uns trinta escravos, parecia que ainda faltava cavar muito. Neste momento o labor tinha terminado e os escravos voltado para os seus donos, os membros da confraria de São José. Um frade apareceu à porta de uma das cubatas e perguntei pelo chefe deles. Logo surgiu o frade Piedade. Apeei-me do cavalo e cumprimentei-o com todo o respeito. Não me pareceu hostil ao responder. Tinham feito um telheiro perto das cubatas, a que os da região chamam jango, muito próprio para o clima, pois é só uma cobertura de capim sem paredes, sendo por isso muito arejado. Ele encaminhou-me para lá.

– Posso oferecer-lhe uma bebida, senhor governador?

– Água, se fizer o favor.

O franciscano transmitiu o pedido a um escravo, que logo desapareceu para se incumbir da tarefa.

– Vim inteirar-me do andamento das obras. Que tal?

– Estamos a começar, estamos a começar. Ainda vai durar muito tempo. Mas, devo dizer, o trabalho está a avançar, estamos todos muito contentes e esperançados que possamos mudar-nos no Natal.

– Já no Natal? Isso é que vai ser trabalho rápido. Frade, não esmoreça com o que lhe digo, é com muita amizade que previno. Acho que não há tempo. E digo isto porque a desilusão será maior se acreditam mesmo ser possível usarem as paredes já no fim do ano. Conheço os escravos, começam bem no princípio, mas depois vão sendo mais lentos, mais lentos. É do clima, do calor. Eu poderia arranjar uns soldados para os espicaçar, mas sei que não é muito da vossa vontade...

– Agradeço o interesse, senhor governador, porém não vale a pena. Sobretudo usar soldados, não, eles são necessários para outras coisas...

– E também não há muitos.

– Rezamos para que o convento fique pronto no Natal. Mas se não ficar, paciência, na Páscoa ficará.

– Ah, nessa altura acredito mais. Mas tem razão, rezamos todos para que fique pronto o mais depressa possível. A Páscoa, de todos os modos, também é um período muito importante, bom para se inaugurar uma obra tão santa.

Era este tom amigável e prazenteiro que eu queria manter na conversa.

Uma visita de gentileza, só isso. Perguntei pela saúde de todos eles, um dos recém-chegados já tinha apanhado as febres, mas parecia sobreviver à fase mais difícil. Os outros estavam bem. Não lhe quis dizer o que todos sabíamos, chegaram seis, três morrerão no espaço de um ano, mais coisa menos coisa. Era a lei daqueles ares, embora na ermida fosse como na fortaleza, corria mais vento vindo do mar. Conteí algumas coisas sobre a terra, as últimas notícias vindas do sertão e também do Kongo, falei do esforço para encontrar prata nas minas de Kambambe e ele contou das suas esperanças na conversão de muitas almas. De repente, como quem não quer a coisa, espetei a minha haste.

– Ao vir para cá encontrei o senhor vigário. A propósito, ele tem apoiado a construção com meios?

– Vontade não lhe faltará. Mas a Igreja não tem meios, todos sabemos, é muito pobrezinha.

– Naquilo que eu puder ajudar, já sabe, nada de acanhamentos, pode contar comigo. Logo que não se arrombe com a Fazenda Real...

Rimos os dois. Achei graça à referência sobre a pobreza da Igreja, ninguém se escusava a esse argumento verdadeiramente decisivo para pedinchar esmolas. Mas eu só tinha lançado uma pequena parte da haste. Haveria de voltar para o bote final.

– Pois, como lhe dizia, vi o senhor vigário. Estava a sair da casa de André Velho com o bacharel que chegou. Ao fim e ao cabo acabei por conhecer o bacharel Nogueira, um homem tão falado cá na cidade.

– Não o conhecia? – o bom do frade parecia mesmo muito admirado, para não dizer escandalizado.

– Ainda não tinha tido o prazer. É normal, os jovens de agora... Não se lembrou de ir apresentar-se ao governador, estava à espera de maior avanço no trabalho. Pelo menos foi essa a desculpa apresentada. Ligeirizas de juventude.

Não sei o que terá pensado o frade, nem me interessava muito, mas chamar jovem ao bacharel e ainda por cima ligeiro era chamar burro a um cavalo. O efeito pretendido era exatamente esse.

– Deviam estar os três em animada cavaqueira, pareciam muito amigos. E, como se têm encontrado muitas vezes, já teceram laços bastante chegados. É bom, a cidade ainda é pequena, todos os habitantes devem estreitar as relações, não lhe parece?

O frade meneou a cabeça, sem responder. Espraiou os olhos pelo mar da Chicala, poucas ondas provocando espuma, bebeu um gole de água. Parecia mesmo boa pessoa, afastado das intrigas políticas e das traiçoezinhas dos habitantes e graduados. Daqueles frades prontos para serem enganados a qualquer momento, vendidos num mercado do norte de África a troco de umas rezas.

– A cidade devia ter pontos de encontro para os habitantes – disse ele, ainda absorto no mar.

– Há as missas – disse eu. – As missas são o ponto de encontro. E as procissões, os maiores espetáculos. Espero que, com a vossa ordem em força aqui, haja mais manifestações dessas. Vocês a organizarem, os da Companhia a organizarem também as deles, sempre animam mais a alma das pessoas. Sem esquecer os dominicanos, que adoram espetáculos, sobretudo com fogueiras...

– Estava a referir-me a atividades profanas. Nas grandes cidades há teatros, bailes, feiras, pontos de discussão.

– Luanda terá um dia, frade. Mas Luanda ainda é uma menina. Temos de dar tempo.

Continuámos falando neste tom, cheios de esperança no trabalho dos franciscanos e no crescimento da conquista. Muito me admiravam as ideias do frade, para dizer a verdade pareciam muito pouco franciscanas. Teatro, bailes? Tinha aspeto bonacheirão, certamente um bom bebedor de vinho e apreciador de carnes e enchidos. Havia de o convidar para comer na fortaleza, num dia em que o rancho fosse melhor. Ao despedir-me, atirei assim como por acaso:

– Espero que, ao voltar para a casa, não encontre os três amigos ainda a conversar, senão o vigário não tem tempo para rezar as suas orações. E o tema das conversas deles é sempre o mesmo, já me contaram. Não é lá muito religioso.

Despedimo-nos com muita urbanidade e fui cumprimentar todos os frades, mesmo o que estava deitado. Saí das cubatas e acelerei um pouco o trote do cavalo. Pairava uma névoa sobre aquelas cubatas? Certamente não provocada por frei Piedade, mas a névoa ou bruma lá estava de facto. Como a dos pântanos nas cercanias do rio Bengo. Toquei no crucifixo de prata pendurado ao pescoço, o qual me afastava dos perigos e do mau olhado.

O olhar de Cerveira Pereira percorreu todo o espaço da Cidade Alta, no regresso a casa. Edifícios raros, havendo obras importantes em dois ou três pontos apenas. Este sítio, destinado às repartições oficiais e às principais igrejas, não apresentava o mesmo ritmo de construção da parte baixa, próxima do porto e mais dinâmica, onde apareciam casas novas todos os meses. Desconseguiu de vislumbrar os três conspiradores. André Velho de Sottomayor já estava recolhido, com um copo de vinho de palma à frente, servido pela Nelinha, a sua filha agora senhora da moradia, depois do casamento de Margarida e consequente saída para uma casita dos Coqueiros, propriedade dos jesuítas. André Velho quis convencer o genro a procurar outra coisa, não lhe agradava dar dinheiro a ganhar aos jesuítas, mas todas as casas para alugar na baixa da cidade lhes pertenciam. Ou o parzinho ficava em casa do pai, o que não agradava nem a Margarida nem ao noivo, ou tinha de alugar uma propriedade da Companhia. As outras vivendas particulares eram habitadas pelos seus donos, algumas servindo de alojamento e ao mesmo tempo loja, armazém ou tasca, dependendo do negócio. As maiores casas tinham quintais com altos muros para abrigarem as cubatas onde ficavam os escravos esperando embarque para o Novo Mundo. Estas eram propriedade de particulares, os mais ricos moradores. Os jesuítas vindos em 1575 com Paulo Dias de Novais se apoderaram imediatamente da parte próxima do lugar onde acostavam os batéis e chatas,

onde se faria uma ponte-cais para eles, ficando os navios ancorados no meio da baía. O primeiro governador só negociava com a Companhia de Jesus e deixou que ela tomasse de assalto os terrenos, perante alguns mas fracos protestos. Aos poucos foram sendo aí construídas pequenas vivendas. As rendas, mais baratas, serviam para financiar as atividades da Companhia, sobretudo a instrução. André Velho se recusava visitar a filha desde o matrimónio dela, para não ter de entrar numa das casas dos jesuítas. Pode se dizer, era um fanático. Bebericou o vinho, ainda pensando nos acontecimentos da tarde. Promissores e fatídicos ao mesmo tempo. Sorriu primeiro, ao recordar o que foi dito entre eles, depois tremeu ao lembrar a sinistra figura do governador.

De forma geral, tinha sido uma boa conversa. Finalmente, tinham acertado todos os pontos da conclusão à sindicância que o bacharel Manuel Nogueira fazia sobre os atos do governador. Só faltaria escrever o relatório, arte adquirida na erudita e prestigiada Universidade de Coimbra.

– Primeiro há que insistir nas guerras injustas – tinha avançado André Velho, tomando as rédeas da conversa, como lhe competia por ser o mais idoso e juiz. – É um aspeto que toca muito a sensibilidade de Sua Majestade. Vários já escreveram, mas penso ser o ponto número um. Atacou sobas nossos aliados, sobretudo o Axilambanza, por este lhe negar acesso ao caminho dos escravos. No entanto, deixou de fazer guerra ao Kafuxi só porque este lhe deu umas peças. Poderia ter destruído completamente o soba, mas deixou-o ficar, para servir de instrumento quando precisasse.

– É o aspeto importante – concordou o bacharel. – Parar uma guerra já vitoriosa só para receber um suborno. E, como muitos me referiram, fez coisa parecida com Ngola Kiluanji. Poderia arrasá-lo depois da fundação de Kambambe mas preferiu fazer a paz com ele para aproveitar do tráfico de peças.

– Admitamos – disse André Velho. – Nesse caso, tenho algumas dúvidas. Interrogo-me se alguma vez tivemos força para de facto arrasar com o rei do Ndongo. Não é um sobeta qualquer, tem um exército poderoso e alianças muito fortes com a Matamba, grandes guerreiros. Mas para o que nos interessa podemos usar esse argumento, brandido por vários inimigos do governador. Também não faz mal nenhum ser pouco verdadeiro.

– Não sei se devemos insistir muito nesse aspeto militar – disse o vigário.

– O homem é bom comandante, conhecido e admirado na corte, teve muitas vitórias contra o gentio. O grupo do celeberrimo duque de Alba pode comprovar a sua competência em combates na Europa. E, nesta questão de guerras, o argumento tanto dá para um lado como para o outro. Acho ser muito mais interessante atacarmos as questões morais.

– Depois, depois – insistiu André Velho. – O duque de Alba já não tem a força que tinha. Além do mais, este rei não está tão ligado a esses aspetos como o pai estava, o audacioso Filipe II. É bom mostrar a péssima qualidade de comandante de uma pessoa que faz ou desfaz guerras conforme lhe interessam ou não. O que está em causa é a honorabilidade do governador, não a sua habilidade militar.

– Mas os aspetos morais também mostram o carácter...

– Também. Mas é importante diminuí-lo exatamente onde parece ser o seu ponto forte, a capacidade militar. Temos vários exemplos. Os conquistadores antigos, com que o senhor bacharel falou, deram vários argumentos. Se quiser, ainda tenho outros de reserva...

– Se for preciso acrescentar alguns, vamos ao seu baú – disse o bacharel, rindo.

– Isto é um baú na verdade – repisou André Velho, batendo na cabeça. – Não esqueço nada. Sobretudo se tratando desse ladrão.

– Bem, então começa o relatório com os feitos militares do nosso governador – concluiu o vigário, se conformando.

O dono da casa tocou a campainha para o escravo servir mais água. Ele veio com o moringue e encheu as canecas. Estava um calor de rachar e a água era o único remédio para refrescar.

– Depois virá o caso Butaca, suponho – disse o Manuel Nogueira.

– Pode ser – apoiou André Velho. – Sem esquecer o bandido Custódio Coelho, que o bacharel Filipe Butaca mandou prender por ter roubado bens dos antigos governadores e o Cerveira se permitiu soltar. De facto, o caso Butaca começa aí. O Coelho estava ligado ao governador, supõe-se que é familiar ou pelo menos de casa dele, e o Cerveira tomou a prisão decretada pelo Butaca como sendo um gesto contra si. E foram acrescentando mais fogo ao fogo já iniciado. Depois meteu-se no barulho o primo João de Araújo, outro facínora...

– Pois, conheço bem – disse o bacharel. – Este caso Butaca toca diretamente na figura e sacralidade de el-rei. O governador arrojou-se a

mandar prender um sindicante nomeado por D. Filipe. É crime de lesa-majestade!

– Ele defende-se com o facto de o Butaca ter sido enviado pelo vice-rei – disse o vigário. – Não sei o que isso vale como direito.

– Nada – afirmou o bacharel, antecipando-se ao juiz. – O vice-rei é o representante do rei, é como se fosse ele em pessoa. O facto de não ser o rei a decretar a sindicância não conta, a ofensa ao vice-rei é diretamente uma ofensa a Sua Majestade, daí não pode escapar. E não escapou. O Conselho decidiu a prisão dele e há mesmo um conselheiro que o quer ver garroteado mal chegue a Portugal. O que atrasa tudo é as ordens virem com o novo governador...

– ... que nunca mais aparece – concluiu André Velho. – Toda a gente conhece as conclusões do Conselho, sabemos dos factos, espero que não tenham mudado entretanto. Lá em Lisboa há gente que muda de opinião muito facilmente e as ordens trocam-se como por milagre. Ou por um saco de pepitas. Quem devia ir para a cadeia é solto e para o presídio vai o inocente. Tem acontecido demasiadas vezes. Muitos inocentes têm vindo para cá como degredados.

André Velho de Sottomayor por mero acaso não se estava a referir a si próprio, viera de facto como voluntário, embora constasse nas tabernas dos Coqueiros e até na fortaleza de S. Miguel que se voluntariou muito ligeiramente para fugir de um enorme desfalque feito à Fazenda Real, deixado no limbo pela sua ausência. Por isso nunca aceitara outro posto no Brasil ou mesmo em Portugal, com medo de a verdade subir à superfície, trazida pela sua presença, como as moscas vêm, atraídas por certos cheiros. De Angola só sairia morto, estava decidido, o que acontecia também com os degredados. Os quais na realidade não chegavam a sair de Angola, mas sim da vida.

Eram apenas enterrados.

O desfalque podia não ser verdade, esta era feita e refeita nas tabernas da baixa.

– Em seguida, que ponto foco? O do Butaca é fácil e vital, já está em todos os tribunais e na corte.

– O caso das perseguições aos armadores, acusados injustamente de fugirem ao pagamento dos impostos de exportação de peças, para depois os soltar quando eles pagam uma boa maquia como fiança. Chama fiança ao

roubo, de facto indo para o seu governadoral bolso e não para o de Sua Majestade. E a indevida utilização do escrivão dos defuntos para receber os resultados das pressões e chantagens sobre os comerciantes. A extorsão habitual dos envios de peças para a América, pois quem não lhe paga comissão não pode embarcar escravos ou fica no fim da fila. É público, ele nem o esconde e já foi escrito.

O bacharel concordou com a minuciosa fala do vigário:

– Sim, parece-me bem ir para esses crimes de extorsões. O homem é exímio nisso.

– Entre por essa parte, tem muitos exemplos dados pelos comerciantes – disse André Velho. – E sem deixar arrefecer a pena, acrescente as pressões sobre os colonos para se alistarem em guerras inventadas de que depois se libertam contra o pagamento de uma soma. Há sobas que estão sempre a ser ameaçados com guerras apenas para obrigar os conquistadores a comprar a dispensa do exército, sua ou dos filhos. O ano passado houve quatro ameaças de guerra para essa chantagem. Eu tive sorte, o meu único filho macho é ainda um menino. Mas este governador qualquer dia até manda mobilizar as raparigas, só para extorquir dinheiro dos pais.

– Vêm em seguida as roubalheiras à Coroa e aos moradores e os abusos do poder – disse Manuel Nogueira. – Falaram-me da realização de contratos condenados por lei, por recebimento de uma comissão e de comércio feito com rebeldes holandeses e corsários, o que é de uma gravidade enorme...

– Nesse terreno tem pano para mangas, embora nem tudo possa ser provado. Falta de pagamento de honorários a soldados e a sacerdotes, atrasos constantes no soldo para as fortalezas para investir esse dinheiro da Fazenda Real em negócios pessoais, enfim, como lhe disse, tem todas as denúncias feitas pelos comerciantes e moradores. Sem esquecer o desvio das mercadorias vindas pela nau *Palma*, quando ele pôs de guarda o primo João de Araújo para esvaziar a nau.

– Esse João de Araújo também devia levar com um processo em cima por cumplicidades, presunção de assassinato do escrivão Jerónimo Pereira, desvio de bens no cargo de provedor dos defuntos... – o bacharel parecia estar a pensar em voz alta.

– Deixe o provedor dos defuntos para depois, em processo separado, e passe para as práticas imorais – insistiu o vigário. – Os crimes financeiros, todos esses já mencionados e mais os que registou das conversas anteriores

e os crimes contra a religião, tudo bem... mas, sobretudo, perseguição de mulheres casadas, com artifícios diabólicos... Ele próprio se gaba de ter alcançado metade das senhoras casadas de Luanda. Ah, como gostava de me tornar no seu confessor...

André Velho deu uma gargalhada e bateu familiarmente no joelho do vigário.

– Aqui o meu amigo queria ouvir em primeira mão os detalhes das patifarias que ele faz com as mulheres. Olhe que não fica bem a um padre!

– Não é nada disso. É que o obrigava a cumprir umas penitências que nunca mais esqueceria. Subir de joelhos a Calçada dos Enforcados, por exemplo. E só de camisa e calção.

– O nosso vigário gosta de penitências violentas – voltou André Velho. – Vejo-o bem a torturar pessoas, como fazem na Inquisição.

– Se for preciso para os obrigar a reconhecer os pecados, porque não? É uma ação piedosa.

– Salvar almas! – rematou o bacharel.

– Destruindo os corpos, que são a parte mais corrupta das pessoas – concluiu o vigário. – Não posso estar mais de acordo.

– Pois é, o nosso corpo corrupto é que nos provoca sempre os piores males – disse o ouvidor. – Felizmente temos santos, como o nosso vigário, que não se preocupam com o próprio corpo.

– Pelo que percebi, preocupa-se com o dos outros – rematou o bacharel, provocando gargalhada geral.

– Deixem-me preocupar somente com o corpo do governador, que bem gostaria de ver balançando numa corda. Imaginem, no alto da fortaleza, agitado com a brisa vinda do mar. Imaginem, senhores, uma visão encantadora...

– Esses pensamentos macabros dão-lhe para a poesia – gozou André Velho.

Foi neste tom de brincadeira, tratando assuntos sérios, que passaram a tarde. Para concluírem que o bacharel estava mais do que preparado para escrever o depoimento que ia destruir definitivamente Manuel Cerveira Pereira. Foi sem dúvida um momento de triunfo, perfeito, como só pode ser o da vingança há muito arquitetada.

Se despediam fora da residência quando apareceu a figura de preto. E toda a euforia se perdeu com aquela presença detestada. E os ditos do

governador, em tom chocarreiro, de quem sabia tudo o que eles conspiravam, despreocupado, como se não viesse uma ordem de expulsão a caminho, como se soubesse ter acontecido um naufrágio, o novo governador afogado e com ele o papel da decisão do Conselho. Como se o homem tivesse trato com o diabo, corajoso como a puta que o pariu, se permitindo rir deles, sugerindo sei o que fazem, sei tudo, tenho os meus espiões bem infiltrados e a vossa conspiração é apenas tempo perdido, disponho de poção contra qualquer veneno.

Ele, André Velho de Sottomayor, filho de família ilustre, ligado a linhagens provenientes de Afonso Henriques, o primeiro rei de Portugal, ficou de novo aterrorizado. Não era possível tanta imprevidência da parte do governador. A maneira desdenhosa como tratou o bacharel, enviado para o sindicar, apontava para um poder ou uma proteção da ordem do divino, ou o homem era completamente louco ou então tinha mesmo o apoio de Sua Majestade, contra a qual nada haveria a fazer. Gozava do apoio dos jesuítas, apoio importante. Mas insuficiente. Só podia ser coisa maior. O do próprio Satanás? Ou desse ser maléfico ou de Sua Majestade Católica, Filipe de Espanha. André Velho, contemplando também ele o mar da Chicala, se atreveu a pensar, vai dar tudo no mesmo. Mas apenas lhe era permitido pensar e nunca formular a reflexão, nem ao mais chegado familiar, nem mesmo à sua falecida Rosa, senão teria o pescoço muito arriscado.

Em Luanda, nunca houve pescoços bem seguros no corpo.

O frade Piedade já percebera isso no pouco tempo passado na cidade. Por isso foi a correr avisar o vigário, recebi a visita do governador. Os restantes frades quiseram retê-lo, a noite vai cair e temos de rezar. Mas ele disse, se chegar tarde rezem sem mim, tenho um assunto muito urgente a tratar. E assim se meteu pela casa do vigário, ao lado da obra que haveria de ser durante séculos a sé de Luanda, mas se arrastando a construção no tempo pela sempre alegada falta de dinheiro por parte da Igreja de Roma e falta de vontade por parte dos governadores que se seguiam no trono da Cidade Alta.

– Senhor vigário, peço desculpa pela intromissão sem aviso mas venho preveni-lo sobre o que me disse Manuel Cerveira. Que o senhor está sempre em reunião com André Velho na casa deste e agora com o bacharel Nogueira. Que sabe o que estão a combinar... É assunto muito perigoso. Ele foi muito simpático e caridoso para mim, não tenho de me queixar. Mas

estava claramente a mandar um recado para os senhores. Achei não dever perder tempo.

– Fez muito bem e agradeço. Mas que saberá ele? E como?

Alguns de nós faz jogo duplo, pensou o vigário, habituado a traições. Não, o bacharel não tem o mínimo interesse em denunciar o nosso trato e o André Velho é conhecido por inimigo do governador há muito tempo. Alguém da casa de Sottomayor anda a espionar, só pode ser. Tenho de o avisar, toda a atenção é pouca. Mas desconfiar de quem? De um membro da família? De algum escravo? O mambo superava a sua faculdade de adivinhação. E o perigo rondava. Não havia tempo a perder. Felizmente o frade era um bom aliado, fiel e inteligente, dupla virtude não muito comum em ordens mendicantes.

– Tenho de ir para o terço.

– Sim, vá, frade. E, mais uma vez, obrigado.

O outro saiu disparado para o fim do espigão, onde os irmãos o esperavam para começar as rezas. O vigário partiu quase atrás dele, na direção da moradia de Sottomayor, tudo no mesmo caminho.

André Velho empalideceu quando viu o vigário entrar sem bater. E de ar aterrado. O sacerdote nem esperou que estivessem sozinhos, pois Nelinha fazia companhia ao pai, costurando silenciosamente enquanto o ancião olhava para o mar. Agora não olhava mais, ainda por cima com a frase de entrada do vigário:

– Estamos descobertos, ele sabe de tudo.

Sottomayor fez uma careta de contrariedade mas teve o sangue-frio suficiente para fazer sinal a Nelinha, deixa-nos sós. A filha obedeceu, como estavam habituadas as mulheres da casa. Assuntos de homens não deviam ser tratados com saias. Saias laicas, entenda-se. Levou as costuras para o quarto destinado aos trabalhos manuais e às confidências femininas.

– Explique.

– Recebi a visita do superior dos franciscanos e vim logo a correr. O frade estava assustado com os recados que o Cerveira nos mandou indiretamente. Que sabe dos nossos encontros em sua casa e do que se fala. Como se tivesse um espião aqui.

– Disse assim mesmo?

– Não, segundo o frade, foi tudo por meias palavras e alusões jocosas. O estilo dele! Frei Piedade, que é novo na cidade, já percebeu e ficou deveras

assustado. É caso para isso, quase uma sentença de morte.

André Velho se levantou. Passou o braço por cima do ombro do padre, o qual esticava a gola da batina que lhe apertava o pescoço, e levou-o para a varanda de trás da casa, de onde se contemplava o espantoso pôr do sol no mar da Corimba. O céu se tingia de todas as variantes do laranja ao lilás, passando pelo vermelho e o carmim. O mar parecia só inventar ondas espaçadas para refletirem os tons mais escuros, de mistura com o verdazul das águas.

– Goze este espetáculo único e acalme-se. Não há pôr do sol como aqui.

O vigário pensou, de minha casa é igual. Provavelmente o mais velho não se referia ao local de onde se via, mas sim ao pôr do sol de Luanda. O padre preferia quando havia nuvens escuras num céu revolto, pois os contrastes de cores ainda eram mais denunciados.

– Vá, respire fundo. Está muito agitado.

– Vim quase a correr.

– Vê-se. Por isso lhe digo para respirar. Quer uma caneca de vinho?

– Não caía mal.

André Velho tocou a campainha e apareceu uma escrava. Deu as suas ordens. Hoje faria exceção e acompanharia o padre na bebida. De vinho só uma caneca ao fim da tarde e já a bebera. Mas havia justificação para um entorse na disciplina de velho.

– Ele já desconfiava do que falamos, não sejamos ingênuos. Até pode ter alguém enfiado aqui em casa, essas coisas fazem-se. Mas os escravos percebem mal português, exceto duas mulheres, esta por exemplo...

Deixou que a escrava enchesse as canecas e se retirasse.

– Há uma outra que fala bem. Mas mesmo a Nelinha e a Margarida, quando tratam com a criadagem, falam em kimbundo para se fazerem entender. Portanto, o que possam ter ouvido e reproduzido para o governador não lhe será de grande valia. O mais certo é ele ter alguém a vigiar-nos. Já há pouco dissemos ser melhor mudarmos de sítio para os encontros. Agora, aliás, já nem precisamos de muito, temos é que deixar o bacharel escrever o seu relatório. E podemos encontrar-nos na casa de um ou de outro, ou numa taberna ao pé do porto, faz bem para desentorpecer as pernas.

– Eu não posso. Um vigário ir a uma taberna?

– Que grande mal! Bebe em público quando diz missa.

– É diferente. Mas tem razão, em casa de uns ou de outros é melhor. Assim terei o prazer da sua visita mais frequentemente.

– E, quanto ao assunto em causa, não adianta assustarmo-nos. O que tiver de ser, será. E, em todo o caso, não me parece possível o governador expulsar outro sindicante, quanto mais cometer crimes de sangue.

– Talvez ao bacharel não se atreva. Mas a nós que ficamos por cá... Lembre-se do espanhol que era capitão-mor...

– Não ficou provado.

– Claro! Nada contra ele fica provado. Nem sequer o afogamento do escrivão no Kwanza. Os que sabem de alguma coisa calam, a prudência manda. O certo é que o espanhol ficou abraçado ao gato e o outro serviu de pasto aos jacarés.

André Velho bebeu um grande gole de vinho, sorriu a limpar os beiços, depois disse:

– Estranha maneira de morrer, abraçado a um gato. Mas não culpe o gato, o que o matou foi a facada no pescoço.

– Ainda brinca!

– Então que havemos de fazer? Mas, é certo, dá algum medo, o tipo é violento e sem escrúpulos.

– E rápido a dar o bote.

– Nisso tem toda a razão. Surpreende-nos sempre porque reage muito depressa. Quem havia de dizer, no caso do Butaca... O senhor vigário é capaz de não conhecer, mas aí no mato há uma cobra que me lembra este governador. A cuspideira. De uma rapidez impressionante. Cospe para os olhos da pessoa, esta fica cega e então a peçonhenta faz o que quer. Não dá tempo para nada.

– Como o Cerveira...

– Temos de estar sempre avançados em relação a ele. E será que estamos? O padre suspirou profundamente.

– É esse mesmo o problema. Quem está mais avançado, quem tem a arma já apontada?

– Não chega ter a arma já apontada. Quem tem a bala já no ar?

Beberam o resto do vinho em relativo silêncio, cortado por suspiros, e o sacerdote se despediu.

Só quando viu o vigário sair é que Nzoji se despegou da mulemba e caminhou para a fortaleza. Ia fazer o seu relatório ao governador, pois já há

mais de um mês vigiava a casa de André Velho, contando todos os passos das pessoas a entrarem e saírem.

Nzaji era um rapaz ainda. Com uma estória de vida complicada. Tinha por volta de cinco anos, morando com os pais numa aldeia do sul do Kwanza, quando esta foi atacada e destruída por um chefe jaga. Seguindo o esquema habitual dos imbangala, todos os adultos foram mortos e as crianças adotadas. O grupo que o perfilhou saltou para a margem direita do Kwanza, alguns anos depois. Porém houve complicações entre eles, divisões por direitos de saque, e parte do grupo foi capturada numa batalha contra os portugueses, não longe de Massangano. Nzaji coube como despojo de guerra a Gaspar Álvares, ficando anos com ele no presídio. Aprendeu depressa o português. O colono reparou nele por isso mesmo e começou a usá-lo para recados e pequenos trabalhos dentro de casa. Tempos depois, quando Gaspar Álvares se ligou em negócios a Manuel Cerveira Pereira, lhe ofereceu o rapaz, é muito fino e precisa de aprender mais da vida e da nossa língua, não é com um velho como eu que aprenderá. Feito Cerveira Pereira governador, Nzaji passou a andar com ele para todo o lado. Cuidava da sua roupa, do seu quarto e fazia trabalhos que exigiam habilidade. Como espiar a casa de um inimigo ou segui-lo pelo mato ou pela cidade, sem ser notado. Realmente, quem repararia num rapaz vestido só com calção e descalço, não andavam todos assim? Porém, Nzaji não se dava mal com a sua situação, comida garantida, sem maus tratos, tendo aliás um estatuto superior ao de qualquer escravo, e sabia de coisas que alimentavam a sua curiosidade.

Adorava sobretudo constatar que os brancos eram iguais aos negros nas suas intrigas, vinganças e violências.

Batizado em Massangano, ainda por decisão de Gaspar Álvares, aprendeu uns rudimentos de religião e recebeu também alguma instrução, embora sem chegar à leitura. Mas não entendia muita coisa, sobretudo os pecados constantes cometidos pelos brancos. A religião dizia uma coisa e eles faziam outra. Os próprios padres por vezes eram apanhados em faltas evidentes, como quando se dividiram, padres brancos num partido, padres mulatos no outro, apoiando diferentes pretendentes ao apetecível posto de vigário de Massangano. E os pregadores do amor pelo próximo, se te batem numa face oferece a outra face mas não ripostes, faziam exatamente o contrário, lutavam uns contra os outros, chegando a haver um esfaqueado

no campo dos mulatos que por acaso sobreviveu. Isso de facto ele não podia entender. Acreditava portanto mais em certas forças que lhe deram a conhecer os jagas em criança, como Nzambi ou Kalunga, ou nos seres misteriosos habitando os rios e os lagos, como as ituta ou yanda ou até em poderes especiais do vento, das nuvens, da chuva, ou das falas de cágados e do poder dos antepassados, espíritos escondidos nas montanhas e nas árvores mais altas. Para infelicidade dele, estava cortado do mundo dos antepassados, pois os jagas nunca lhe ensinaram o nome da mãe de sua mãe e mesmo o desta esquecera.

Nzaji também não entendia as relações dos brancos com os jagas. Uma vez combatiam juntos, outras vezes estavam em campos opostos. No entanto, isso não era apanágio só dos brancos. Muitas vezes os jagas se dividiam em apoios militares. E Ngola Kiluanji, o poder mais constante de que se lembrava de ouvir os mais velhos, o senhor de Kabassa, por vezes tinha de se defender de jagas enquanto era aliado dos jagas que dominavam a Matamba. Das conversas entre os brancos e entre os escravos dos brancos concluía que esses jogos de poder, chamados política, eram normalmente sujos. Bem, ele estava atascado neles, pois se tornara no criado do governador. Mas não era a mesma coisa, pouca capacidade de decisão tinha, os outros é que a exerciam sobre ele. Mandavam que lavasse roupa, apesar de ser tarefa de mulher escrava, ele sim, lavava a roupa. Mandavam que vigiasse o branco André Velho e a sua casa, ele fazia. E trabalhava bem na espionagem, pois a sua memória para caras e nomes ajudava-o no serviço. Nem conhecia o objetivo, o governador lá saberia. O governador detinha a autoridade máxima da terra e servi-lo era melhor que ser escravo de um kaxiko qualquer, mesmo se comerciante e dono de caravanas. Razão suficiente para servir bem o detentor do poder entre os brancos. E não lhe custava fazer porque Cerveira se portava corretamente com ele, embora fosse acusado de crueldade por muita gente. E se dava bem com o seu antigo dono, Gaspar Álvares, o qual também o protegeu quando era criança. O mesmo Gaspar Álvares que chicoteou até a morte um escravo por se deitar com uma sua preferida. Nzaji nunca esquecerá os pedaços de pele a se soltarem do corpo colados ao chicote, depois pedaços de carne. Morreu de perda de sangue, disseram, mas ele acha, morreu de dor, dor tão grande que ficou surdo aos próprios gritos. Deixa!

Entretanto, chegado na fortaleza, bateu na espessa porta de uma sala.

Recebeu autorização de entrar. A porta protegia o quarto privativo do governador, o qual estava sentado a uma mesa cheia de papéis. A sala servia de quarto de dormir e também de gabinete de trabalho, exceto para receber pessoas, acontecendo numa divisão contígua, separada por uma porta mais pequena. O cheiro a branco sujo era muito forte, Nzoji sempre recebia um choque ao entrar no gabinete, apesar de se preparar antes para enfrentar a vaga de odor podre proveniente da cama, das roupas atiradas e sobretudo das botas.

– Então, conta lá o que viste.

– Bem, hoje andaram muito para cá e para lá. Primeiro o padre chegou na casa do ouvidor, depois o branco que chegou há pouco tempo...

– O bacharel Nogueira...

– É. Ficaram lá dentro muito tempo. Depois o sô governador chegou, eles estavam a se despedir. O sô governador continuou a andar, eles começaram a falar todos ao mesmo tempo e a mexer muito os braços. Nervosos ou chateados, não sei. O bacharel foi embora rápido rápido, o padre ainda falou um bocado com o dono da casa, depois foi. Tudo parado na casa. Depois o sô governador voltou, passou na casa, nada. A seguir vinha quase a correr um padre de castanho e gordo, entrou na casa do padre.

– O de castanho de que falas é o frei Piedade. Franciscano. Já sabias que os de castanho são franciscanos. Em Massangano não há.

– Não tem, mas eu sabia, tinha esquecido o nome. Franciscano. Frei Piedade. Entrou na casa do vigário, não demorou, saiu, voltou para São José. Depois o vigário saiu, correu mesmo, voltou à casa do ouvidor. Ficou um bocado lá, voltou mais devagar. Aí eu vim.

– Muito bem, fizeste um bom trabalho. Eles não te viram, pois não?

– Hã, hã! Não viram mesmo.

– Tens comida ali naquela estante. Come e depois vai dormir. Amanhã há mais trabalho.

O jovem encontrou uma travessa com restos de carne, feijão e farinha de guerra, em quantidade suficiente. Levou a travessa. Não se despediu, não precisava, já tinha sido despedido.

Então o frade foi muito rápido a dar os recados, pensou Cerveira. Se não lhe interessasse tanto, poderia esperar para o dia seguinte. Não é nada parvo, percebeu a urgência da ameaça. Quer dizer, eles todos estão coligados contra mim. Era só o que desejava saber. Lamento o frade, até

simpatizo com ele, parece uma boa pessoa metida no partido errado. Suspirou e voltou a fazer contas num caderno, consultando outro livro onde estavam anotadas listas e números.

Negócios, certamente.

Os negócios da conquista não corriam mal. A prata de Kambambe tardava em aparecer em quantidades suficientes e ninguém se interessava mais por ela, o próprio rei tinha insistido em se abandonar a missão e ocupar pacificamente território e almas. Por isso chamei o meu primo João de Araújo para Luanda, onde os inimigos se agitavam e eram precisas pessoas da máxima confiança. O tráfico corria muito bem com o resgate de peças, pois as ameaças de ataque faziam os sobas invadir zonas mais longínquas para agarrarem os escravos e venderem uma parte aos conquistadores. A outra parte não era vendida, eu ficava com ela, privilégio de governador. Os sobas sentiam a obrigação de nos arranjar os escravos pois senão ficavam eles próprios sem povo, todo ele mandado por nós para o outro lado do mar. Eu até compreendia e me entristecia com o dilema deles, pobres governantes presos por um lado e outro. Nada pior para um chefe do que ter outro maior por cima. E quando havia vários chefes na cadeia de comando, como era o caso, pois conquistadores e capitães por um lado, governador pelo outro, todos mandávamos neles e lhes exigíamos esforço continuado, ainda mais o caso se complicava para os chefes menores. Daí a facilidade com que procuravam esquecer no maluco as queixas do seu povo, queixas quase silenciosas, temerosas, mas queixas na mesma, que se manifestavam na prática pela fraqueza dos braços no trabalho e diminuição da fertilidade das mulheres. Não era minha filosofia, era do padre Pedro de Sousa, o

superior dos jesuítas, grande sabedor das coisas deste mundo e do outro.

Não tenho tempo para filosofia, sou homem de espada.

Pedro de Sousa garante, não serão somente os jagas os grandes apreciadores de vinho de palma. Os sobas não-jagas também o usam e cada vez mais. Os jesuítas andam a procurar as razões para certos descaminhos das populações sob sua influência espiritual mas pretendem filosofar para esta terra, esquecendo que o mesmo acontece com portugueses e espanhóis. Umas pessoas bebem vinho a mais enquanto outras se contêm. É de sua própria natureza e não por outras razões. Mas o meu amigo entende que a desventura dos sobas, apanhados entre vários interesses que os ultrapassam, é causada pela sua diluição moral no vinho de palma, o dito maluvo. Gosto da palavra dos pretos, maluvo, dá-me sempre a ideia de maluco, que é como as pessoas ficam quando o tomam em excesso. Sei por outras vias e Nzoji informa regularmente, é um dos vícios secretos do meu inimigo principal nesta terra, o ouvidor André Velho de Sottomayor. Nem secreto será, toda a gente conhece que ele prefere o da palmeira ao da uva. Embora às visitas ofereça o nosso, o que vem da nossa terra, por força da vergonha. Porém, segundo Nzoji, todos os dias entra naquela casa muita bebida vinda do sul da cidade, da Samba ou mesmo da Corimba, onde há as palmeiras pequenas e que só servem para fazer esteiras e cestos, por ser fácil transformar as suas folhas em fibras muito resistentes, a mateba, outro nome bonito. Pois bem, dizem os nativos, o melhor maluvo é o extraído dessa palmeira pequena, matebeira. Não posso confirmar se é o melhor maluvo, por nunca ter provado as diferentes qualidades, mas será o mais fácil de obter.

O segredo de André Velho anda muito mal guardado.

Nzoji meteu conversa com uma das escravas dele, a qual, a rir, lhe contou ter o dono um grande parceiro na bebida do maluvo, ela costuma servi-los do moringue. Quem podia ser? Só mesmo o nosso excelentíssimo vigário, outro apreciador do vinho dos pretos. Assim o chamo porque nunca em minha boca poderia entrar coisa que é da tradição deles, sou um cristão muito fiel à religião e aos bons costumes europeus. Da mesma maneira que nunca toquei numa preta, tenho nojo delas. Jamais senti falta de mulher, tenho as que quero, mas brancas, pois claro. Basta ter uma alcoviteira que lhes vai falar, convencer com favores ou ameaçar se os favores não chegarem. E há sempre alcoviteiras prontas para servir o governador, esperando recompensa graúda. Por isso não me escapam as escolhidas,

mesmo se por vezes é necessário mandar o marido para uma missão prolongada no mato, de preferência uma diligência proveitosa, para juntar o útil ao agradável. Escapou a Margarida, é certo, mas corre na cidade que acabou por não escapar, pois até serenata mereceu, e da fama não se livra. E antes do casamento! Daí a pressa nas núpcias com aquele imprestável, tenente burocrata, gordo como um texugo, suando permanentemente por causa da gordura e do calor, e, ainda por cima, chamado Malaquias.

Que tenham muitos meninos e ela fique deformada como o marido.

Ontem chegou um pequeno barco de S. Tomé a buscar peças e a notícia correu logo pela cidade, um novo governador deve estar muito próximo. Mandados a sondar os boatos nas tabernas, melhor sítio para se saber das novidades, os meus homens de confiança foram unânimes nas opiniões. Que o governador terá usado a rota habitual dos grandes navios, fazendo a curva em direção do ocidente desde as ilhas de Cabo Verde até quase tocar no Brasil e depois vindo a direito para atingir esta costa quase na ponta do sul. Entretanto a notícia chegou a S. Tomé pelos barcos de pequeno calado, apalpando a costa dos mouros e do golfo. Nunca entendi estas coisas do mar e o porquê de os barcos grandes demorarem mais tempo que os pequenos por os grandes darem sempre a curva do Atlântico. De mar não quero nada, nem gosto de o ver, sendo uma agonia ter de o atravessar. Esta notícia tem todo o ar de verdadeira. De facto já passou muito tempo para o rei ou me confirmar como governador, ou mandar substituto. Sim, tentou despachar um fidalgo, mas este recusou, notícia confirmada. Portanto, estou a todo o momento à espera de ver aparecer o governante tão desejado por alguns. Não me importo pela substituição, pois a conquista de Angola já não me interessa, tenho outra ideia em mente, muito mais grandiosa. E preciso de convencer el-rei da importância desse projeto. Isso só é possível se eu lá for, tratando diretamente com quem manda, não falando com intermediários lambe-botas. E só lá poderei ir se vier outro governador render-me no posto. Ele que aguarde com estas cobras aqui se agitando, em breve ferrando-lhe os dentes. Eu vou tratar das minhas coisas, que o cabelo já vai embranquecendo e os ossos cada vez mais doridos. Estado de espírito de um verdadeiro devoto se entregando nos braços de Deus.

Porém, noutros braços me entregaram.

Foi pelo meio de uma manhã cinzenta. Na fortaleza tocou o sino de aviso, duas naus se avistavam ao longe, apesar da névoa sobre o mar. Difícil de

distinguir, podiam ser hereges holandeses ou piratas franceses. Ou naus de Portugal. Vinham de sul, a rasar a praia do Mussulo. Chegado à muralha, constatei imediatamente, eram nossas. Pouco depois o vigia gritou são nossas, são nossas. Alívio por parte de muitos, pois ninguém estava para combates contra flamengos ou franceses e os seus poderosos canhões. A notícia correu para baixo, para a cidade, descendo a trote as duas calçadas. Ainda ia demorar muito tempo até desembarcarem, pois tinham de terminar a ponta do Mussulo, entrar na baía da Corimba, passando a rebentação, e se desviarem para passarem no canal que corre entre a ilha e o morro de S. Paulo para enfim desembocarem na baía onde temos o porto. Coisa para mais de três horas, dependendo dos ventos. Mas logo se juntava muita gente na praia, esperando. Novidades, fazendas, pessoas, oportunidades. Eu tive a intuição, aquilo era frota do novo governador. Só duas naus? Não poderia ser fidalgo poderoso, trazia pouca gente e pouco mantimento, só com duas naus. Angola atraía escassas ambições, nenhum fidalgo de valor e posses aceitava o cargo de peito aberto, ainda por cima terminada a miragem da prata, miragem desfeita no meu tempo. Sei lá, pode um dia aparecer de facto o metal valioso, no governo de alguém mais afortunado. Que eu não posso gabar-me de ter seduzido a bela deusa fortuna. Não vou mais pobre do que vim por causa do tráfico e de outros negócios, mas não tão rico como esperava. No entanto, é questão de convencer Sua Majestade do sítio das verdadeiras oportunidades. Mas também com diferentes condições, isto de ser governador de ladrões e traidores não compensa os sacrifícios consentidos.

Os ladrões devem estar na cadeia ou em baixo de terra.

Infelizmente aqui os degredados por crimes de sangue ou de roubo acabam por ser magistrados, meirinhos, comerciantes, mesmo capitães de exército ou vigários. A desculpa é sempre a mesma, não há gente. Portugal não tem pessoas para pôr na Índia, em Malaca, em Ormuz, no Brasil, em África, demasiada terra para tão pouca gente. É verdade, mas deixem vir mais espanhóis. E de outras nações. O rei é espanhol, de facto de cepa austríaca, mas como soberano de Portugal só deve mandar portugueses para aqui e um ou outro estrangeiro que se justifique muito bem. Se enviasse mais, era toda uma revolta naquela terra tão pequena mas cheia de orgulhos campónios e invejas mesquinhas. Conheci mundo, sei do que falo. As grandes nações não se fazem assim, com pensamentos de terreiro, de

defender o pequeno bocado. Nem com disparates como o mito de que D. Sebastião vai aparecer um dia desses do denso nevoeiro. Tretas! O rapazinho efeminado, que só gostava de rapazes como ele, queria fazer de soldadinho, como uma brincadeira. E resolveu ir conquistar a terra dos mouros, como os avós e bisavós tinham feito. Só que nunca teve a têmpera deles, mesmo dos mais fracos. Ainda por cima, queria ser solteiro e, para não tocar em mulher, resolveu não fazer filhos. Alguns pensavam que era a castidade própria dos cavaleiros de outras eras. Não era nada, a história sempre correu pelo reino, a castidade dele só se revelava em relação às mulheres. Tive acesso a um texto ainda mais ou menos escondido na altura em que o li, mas hoje penso de utilidade pública ser editado. Chama-se “Crónica d’el rei D. Sebastião” e foi escrito por Bernardo da Cruz. Entre muitas coisas da vida do rei morto aos dezoito anos se conta o episódio célebre da caçada no Alentejo. Sua Majestade gostava muito de organizar essas surtidas, para ele semelhantes em excitação a torneios de cavalaria. Pois bem, às tantas os nobres deixaram de ver o soberano. Agitaram-se, espalharam-se. Alguns ouviram barulho atrás de uns arbustos. Foram ver. E o que viram? O rei a abraçar um negro e sem o vestuário de baixo. Veio a saber-se que era um escravo fugido nessa noite de uma herdade próxima, tão cansado de ter corrido durante toda a noite que não teve força de evitar o cavalo do rei. Devem ter conversado algo, para chegarem àquela situação. O rei lá tentou disfarçar e dizer que, no lusco-fusco da manhã, tomara o escravo por um javali. Um javali! E apanhado com o rabo do caçador! Os nobres calaram, envergonhados, tentaram abafar a história. Mas tudo acaba por se saber. É este o rei salvador da pátria devassada! Por isso sempre defendi que a Coroa está melhor com um Filipe de Espanha, esses ao menos não são sodomitas, a descendência provando como são machos laboriosos.

Já se viam os pendões e bandeiras dos barcos, se tratava mesmo de um governador. Para meu desgosto, muita gente reunida no alto da fortaleza bateu palmas e lançou vivas, quando o facto ficou à vista de todos. Não faltou quem gritasse mesmo, é o novo governador, alvíssaras, temos novo governador. Alguns dispararam a correr pelas barrocas para anunciarem as notícias na cidade. Comecei a pensar no que fazer das coisas em suspenso. Estava preparado para a eventualidade, há muito anunciada, e tinha fechado quase todos os negócios.

Mas há sempre umas pontas soltas.

Fui trocar de roupa, pôr os melhores trajes, para receber com dignidade o meu sucessor. Mande logo fazer uma faxina rápida aos quartos e salões da fortaleza, pois o ilustre chegado merecia encontrar tudo limpo e ajeitado. E desci da fortaleza a cavalo e acompanhado de uma guarda de honra, deixando poucos soldados no quartel. Chegámos à baixa da cidade a tempo de ver as âncoras serem lançadas no meio da baía. Toda a população acorreu para assistir ao espetáculo, sempre raro. Os brancos estavam à frente, junto do porto onde iam acostar os batéis. Atrás, os escravos de casa, numerosos. Só faltavam os escravos fechados nos quintalões ou nas grilhetas, prontos para serem embarcados. Os brancos vinham também vestidos com as melhores roupas, como para um momento solene ou uma festividade. Tinha ar de tudo isso. Alguns conquistadores estavam molengamente nos cavalos e, quando o governador desceu para a chalupa, dei uma ordem, toda a gente com o pé em terra. O único que tinha direito de esperar o governador em cima do cavalo era eu, pois claro, haja diferenças de estatuto. O barquinho veio e já se distinguia a figura do meu sucessor, de pé, equilibrando-se de forma autoritária, as plumagens do chapéu voando. Saltou levemente para terra e quatro soldados imitaram-no. Em outro batel vinham mais soldados.

Virei o cavalo para ele e ia desmontar e saudá-lo com o devido respeito, quando o novo governador de repente deu ordem aos quatro soldados para me tirarem do cavalo.

– O senhor está preso – gritou ele com um vozeirão.

– E com que razão? – perguntei, muito digno.

Lançou um riso escarninho, mesmo para ofender, espezinhar o orgulho alheio. O meu substituto era da mais baixa estirpe dos cavaleiros do reino, estava visto. A população e conquistadores iam passar mal com o traste, pensei.

– O tribunal em Lisboa informará quais as acusações que pesam contra si, as ordens recebidas são para o prender e o enviar em ferros no primeiro barco para Portugal.

Ali mesmo, na praia, me desalojaram do cavalo e me prenderam com grilhetas, como um meliante, um inimigo, um traidor. E a multidão boçal e ignara, cambada de bandidos e assassinos, aplaudiu com muitas palmas e vivas e assobios de júbilo. Os meus amigos, Gaspar Álvares, padres da Companhia, João de Araújo, Custódio Antunes, apanhados de surpresa,

apenas me olharam tristemente e baixaram as cabeças. Que poderiam eles fazer perante a força bruta? Ainda consegui ver o riso na boca repelente do vigário e de André Velho de Sottomayor, acompanhado do genro, o inútil tenente Malaquias, também sorridente. Enquanto o meu substituto, Manuel Pereira Forjaz de seu nome, era cumprimentado pelas pessoas no cais, fui empurrado calçada acima, para as masmorras da fortaleza. Eu, Manuel Cerveira Pereira, fidalgo da corte de el-rei Filipe Terceiro de Espanha, Segundo de Portugal. A ferros, como um vulgar condenado.

A justiça voou de vez desta terra desgraçada.

A surpresa ganhou o rosto dos poucos soldados que aí tinham ficado. E ainda não tinha desaparecido da cara de Nzoji, que a tudo assistiu na praia e nos acompanhou. Nem olhei, mas sabia, ele vinha atrás de nós subindo a calçada, atordoado. Talvez pensando, há brancos muito malucos e impiedosos. Se assim raciocinou, tinha toda a razão.

Atiraram-me para uma cela tão acanhada que não me podia deitar por terra, esticado. Sem catre nem cadeira. Um cobertor sujo no chão, onde me sentei. O guarda, muito encabulado, veio perguntar se queria água. Agradei, recusando. Faria greve de comida e água. Passaram duas noites e dois dias. Ao terceiro, compreendi, se morresse de inação os meus inimigos iam festejar antecipadamente. Não lhes daria esse prazer. Antes pelo contrário, tinha de preparar a vingança desde logo. Todo o tempo seria usado para estudar planos e argumentos, pensar e repensar, até conseguir a liberdade e a limpeza do meu nome. Sobretudo, despertar o interesse do rei. Então soaria a voz da desforra. Iam pagar, um a um, devagar. Primeiro deveria descobrir qual a cabeça dos meus inimigos na corte de Filipe e depois os restantes. Até chegar à escumalha que riu na praia enquanto eu caminhava para o meu gólgota, carregando ferros em vez de uma cruz, única diferença com o crucificado de Jerusalém.

Gaspar Álvares foi o primeiro dos meus amigos a conseguir visitar-me. Tiraram-me da cela, voltaram a pôr os ferros nos braços e nas pernas, como se fosse possível fugir mesmo sem eles, levaram-me para a salinha contígua onde os presos recebiam as visitas. O chefe dos guardas era um dos soldados acabados de chegar, todo vermelho por causa do calor. Nem me deixou sentar à mesa. Fiquei de pé. Gaspar Álvares, vendo a minha situação, levantou-se e tentou abraçar-me.

– Não pode tocar no preso – gritou o guarda vermelhusco.

Devia ter ficado todo o tempo no porão da nau, na viagem para cá, revolvendo-se no próprio vômito, porque já era tempo de apresentar um tom de pele mais escurecido, se tivesse apanhado sol suficiente na travessia. Vejam só os pensamentos que me ocorriam, em vez de me concentrar na amizade de Gaspar Álvares, o qual foi obrigado a suster o gesto de aproximação.

– Como tem sido tratado, meu amigo?

– Como um reles criminoso. Nem um catre me deram. A cela não me permite esticar as pernas, deito-me em curva em cima de um cobertor de muito uso.

– E a comida?

– Não me posso queixar. Como o que comiam os prisioneiros quando eu mandava aqui. É a única coisa justa. Mas, diga-me, já transpirou alguma coisa sobre o processo? Porque me prenderam e me enviam assim para o reino?

– Pouco se sabe. Quer dizer, eu pouco sei. Mas ouvi um boato sobre o caso Butaca.

– Deve ser isso, sempre o Butaca. O maldito há de perseguir-me.

– Pelos vistos, nem esperaram as conclusões do sindicante Nogueira para o mandarem prender.

– Ou então apenas me mandaram chamar, o que é lógico por haver novo governador. E este quer mostrar que é um grande guerreiro e exorbitou nos poderes, mandando-me prender.

O guarda de rosto vermelho mexeu-se, mas não ousou interferir na conversa que ouvia com toda a atenção, provavelmente com ordens de a ir contar na íntegra ao Forjaz. Eu mandaria fazer isso, pois claro. Consegui fazer um sinal dissimulado a Gaspar, apontando para o guarda.

– E de onde saiu este Manuel Pereira Forjaz? – perguntei. – Já se sabem as obscuras raízes do indivíduo? Porque não o conheço de lado nenhum, o que é raro entre fidalgos. Deve ter sido promovido às pressas, ninguém quer vir para cá, nem como governador. Para ele deve ter sido um recurso extremo para ter alguma coisa antes de morrer com as febres.

Olhei para o guarda, na esperança de que conseguisse memorizar tudo o que ouvia. Eu estava a falar para o novo governador, como era óbvio, Gaspar servindo só de pretexto. Humilhou-me, mandando prender à frente de todos. Pois ficava a saber do meu desprezo e da praga que lhe rogava.

Mal sabia ele, verde nos mistérios desta terra, como as pragas se realizam facilmente em chão angolano. Basta ouvir as histórias das velhas, como me contaram. Gaspar Álvares tinha agora o rosto mais desanuviado, pois percebeu a minha intenção e também o divertia enriquecer o relatório oral do chefe da guarda.

– Não sei nada, perguntei a quem conhece a fidalguia portuguesa, como o amigo sabe. Nunca se ouviu falar. Fui com os outros moradores antigos para os cumprimentos e conhecer o regimento dele. El-rei nesse regimento insta o novo governador a cessar a conquista, com proibição da convocatória forçada dos moradores para a guerra. O clima de paz deve ser aproveitado para aumentar o tráfico de peças, a agricultura e exploração de minas, se as houver. Mais uma vez, revogação da doação dos sobas e imposição a estes de um tributo anual para a Fazenda. O governador pode nomear o ouvidor...

– Caramba, essa determinação tinha-me dado muito jeito... Ia o André Velho pastar elefantes...

– Outra novidade, aproveitamento do reino de Benguela...

Essa doeu, mas fingi desprendimento.

– Claro. El-rei leu os meus relatórios falando das riquezas do reino do sul. Veremos se este governador tem estofos para lograr o que labutei para ele. Já que é tão bom soldadinho e não pode fazer guerra aqui, pois foi decretada a paz, que a vá fazer para Benguela.

O tom era de escárnio, para ser bem perceptível pelo energúmeno vermelhusco. Estava cada vez mais apoplético, porque o calor apertava e via-se mesmo que o animal quase explodia de calor e de sangue na cabeça. Talvez por isso tenha desejado abreviar a visita.

– Passou o tempo. Queira sair, senhor.

Gaspar Álvares encolheu os ombros, apertou-me a mão já que os abraços eram proibidos, talvez para evitarem que ele me passasse um punhal e eu tomasse a fortaleza de assalto, sozinho. Lembrei-me do Nzoji, já o meu amigo ia a sair.

– Alforrie o Nzoji. É demasiado inteligente e leal para ficar no testamento de alguém.

– É sua propriedade e não lhe pode ser retirado. Só para pagar dívidas que o amigo não tem.

– Então eu ofereço-lho de novo, não o quero vender. Disponha dele como

quiser.

– Depois faço-lhe chegar o papel da doação para assinar.

Foi uma decisão precipitada, mas tinha a sensação de não voltar a ver Gaspar Álvares. Desconheço a razão profunda, não queria levar Nzoji para Portugal. Por muito que gostasse do rapaz, não poderia viajar no mesmo porão que ele. E iria acontecer isso, escravo e dono fidalgo a viverem lado a lado durante os meses da travessia, tão presos um como o outro. Poupava-me a humilhação. Gaspar Álvares faria o que julgasse melhor.

Recebi no dia seguinte a visita do padre Pedro de Sousa, o superior dos jesuítas, que foi de muito proveito para a minha alma. Ajoelhámos na salinha das visitas e rezámos um terço. Entretanto, o guarda vermelhusco não sabia o que fazer, se permanecia de pé, se ajoelhava também. Enquanto o padre ia rezando, eu divertia-me com a situação do guarda e fiz-lho perceber pois o fitei de maneira alongada. Ele não conseguia conservar os olhos nos meus, envergonhado. Que os meus inimigos sofressem humilhações e atrapalhões mil vezes piores, era apenas o meu desejo. Não podia rogar a Deus ajuda em vinganças, pedido contrário à lei divina, mas eu integrava a súplica mentalmente nas orações. Deus tinha poderes de ler a minha mente e tinha ainda poderes para me conceder essa graça. E até me perdoar o pecado de lhe pedir isso.

Se a justiça dos homens falha, só nos podemos socorrer da divina.

O padre Sousa aconselhou-me muito bem para ter humildade na desgraça, suportar tudo como Nosso Senhor Jesus Cristo consentiu todos os tormentos para nossa salvação, que me inspirasse no seu exemplo e no seu sacrifício para resistir e perdoar a quem me fazia mal, pois no dia do Juízo Final tudo se esclareceria e eu estaria à direita de Deus-Pai por ser um bom cristão, enquanto os meus inimigos estariam à esquerda do Diabo, por irem esturricar para toda a eternidade no inferno. Eu, ouvindo estas sábias palavras, concordei, farei isso mesmo, olhando entretanto para o guarda, cor do rosto indicando atravessar já a antecâmara do Hades. Espero, desejo, de todo o coração que ele tenha compreendido o sentido das palavras do meu amigo Pedro de Sousa e reportasse, os que me faziam mal iriam sofrer num futuro breve, o Juízo Final era longe demais. Até hoje não fiquei ciente se ele percebeu e contou o teor das visitas ao novo governador. Provavelmente era estúpido demais para entender subtilezas de espíritos tão elevados como eram o do padre e o meu próprio, inacessíveis à plebe ignorante. Mas deve

ter contado a conversa com Gaspar Álvares, julgando-se o governador muito astuto por usar tais meios. Se usou, apostou, deu murros nas paredes, de raiva e impotência.

Que fazer contra o desprezo?

À despedida, o bom padre disse num sussurro que os meus amigos tinham sido impedidos de me ver. Ia pedir autorização para vir receber a minha confissão antes da viagem e então poderíamos conversar melhor. Tive vontade de rir, ao pensar no guarda, impedido de assistir à conversa. Se até os escravos eram obrigados ao batismo coletivo antes da travessia, para não morrerem em pecado, como me negariam o direito à confissão, a mim, católico de nascimento e tradição ancestral de linhagem? Sendo as confissões conversas exclusivamente entre padre e confesso, o guarda tinha de sair da sala, deixando-nos livres para trocar opiniões. Pedro de Sousa, além de um bom padre e meu amigo, era um astuto estratega.

Nem pensou em estratégia, quando ouviu o mujimbo da chegada do novo governador e a prisão do homem magro vestido de negro. Fora informado na barra do Dande, quando fazia mais uma venda de carne seca. Só aceitou então panos servindo de moeda. Ou sal. Retirou imediatamente com os seus homens para a lagoa da Kazanza. Chegado a casa, desenterrou o saco de sal e mandou os escravos carregarem os dentes de elefante. Esqueceu as duas futuras noivas, entre as quais acabara por não se decidir, e não se despediu das pessoas dos kimbos. Tomou o caminho de Luanda, a direito.

Carlos Rocha apenas procurava um pretexto para voltar à cidade? De facto não, sentia poucas saudades, se não considerarmos a falta da mãe e irmãos. O apelo que sentia era outro, apelo nascido aos poucos pela visão do poderoso rio Kwanza e, sobretudo, pelas conversas do inglês Andrew Battell. O sul. Não sabia muito bem o que isso significava, mas encontrava uma tentação, um chamamento, em palavra tão pequena. O pai estaria ainda vivo e constituía sempre um perigo para a sua liberdade. Mas o sul passava por Luanda, seria o caminho mais curto. Demorou quatro dias até entrar na cidade, porque os dentes de elefante, entretanto acrescentados por mais dois, se revelavam demasiado pesados para os três escravos e Mulende não era tão forte como os outros, além de estar cada vez mais mangonheiro. Várias vezes quis castigá-lo a sério, sacudir a mangonha, mas não se sentia capaz de exercer violência sobre o jovem e o escravo abusava da sua

benevolência quase fraternal. Uma das primeiras regras aprendidas com o pai e com outros era que um dono de escravos não os podia considerar seres humanos, com risco de perder firmeza e portanto autoridade. Mas como não considerar humano um ser com quem se vive durante anos e anos, partilhando alegrias e sobretudo canseiras e sofrimento? As defesas caem fatalmente.

Até os donos de escravos por vezes são sensíveis.

Ao chegar, notou logo melhorias na povoação. As moradias pareciam maiores e os espaços vazios iam sendo preenchidos nos Coqueiros. Olhando para cima, também se notava haver construções novas na Cidade Alta, algumas imponentes. Não parou para contemplar o espetáculo, queria apenas chegar a casa.

A mãe abriu a porta e levou um susto. Susto normal, Carlos apareceu sem advertência prévia. Depois a senhora correu no seu correr de velha, gritando de alegria, o meu filho voltou, o meu filho voltou, avisando a vizinhança. Acorreram os irmãos a abraçar o filho pródigo, renascido da memória. E todos lhe tocavam e admiravam, está um homem forte, está mesmo um homem. Depois viram as seis presas de marfim, uma boa maquia, e mais dois escravos para além de Mulende, o nosso irmão voltou rico, o mano agora é homem rico. Os vizinhos vieram em seguida, eram só cumprimentos e mais cumprimentos, bué de notícias chocavam umas contra as outras, todos a quererem falar, contar dos mambos que passaram de um lado e do outro, enfim, ninguém se entendia, só mesmo os olhos da mãe, agora calada, se faziam compreender.

Olhos de mãe.

Carlos Rocha tinha escolhido bem a hora para chegar à cidade, o pai estava fora de casa, provavelmente numa taberna perto do porto. Em breve a notícia chegaria até ele e viria reclamar. Mas o filho não era o mesmo que fugira, o filho era um homem e com algumas posses, não muitas, exagero dos irmãos em lhe chamarem rico. Sobretudo, o filho deixara de ter medo dele e de repente também parecia ter perdido o receio de ser vendido como escravo. O pai é que devia ter medo, se não se portasse decentemente. Não lhe faria nada de mau, mas mostraria o seu descontentamento. Havia urgência em falar antes com a mãe, por isso evitou alimentar muito o entusiasmo dos presentes e pediu:

– Mãe, onde podemos falar?

Ela enxotou os vizinhos, depois conversam tudo, tem muito tempo, mandou os escravos porem as mercadorias no quintal, levou Carlos para o fundo, à sombra de um jacarandá ganhando timidamente vulto.

– Cresceu – Carlos apontou para a árvore.

– Notas diferença?

– Sim, cresceu bastante. E já tem flores. Quando lhe deixei, não dava ainda flores. Mas quero falar no pai. Como está?

– Mais velho e sempre bêbedo.

– Tenho dois escravos e seis dentes de elefante. Dá para pagar as dívidas dele?

– Quem pode saber? Ele não sabe, de certeza.

– A mãe guarde isso para si. Se ele morrer, já tem alguma riqueza para pagar o funeral e não lhe acontecer nada a si nem aos manos.

A mulher abanou a cabeça e muxoxou.

– Vou guardar aonde? Aonde? Ele vai encontrar e beber tudo.

Fitou a cara enrugada da mãe, os olhos desesperados espreitando para todo o lado como procurando um esconderijo seguro para guardar tamanha fortuna. Só nos tempos do seu casamento com o Mbaxi o quintal guardava mercadoria preciosa, tantos anos antes. Ele pensava, olhando a mãe, não ousando tocar nela, uma carícia que fosse, um abraço, uma fala mais meiga. A sua educação fora tradicional, os homens não mostram sentimentos.

– Vamos fazer de outra maneira. O sô Filipe ainda tem loja? Vou vender o marfim a ele. E os escravos, a ele ou a outro qualquer. Dinheiro é mais fácil de esconder que marfim e escravos.

– A loja do sô Filipe é no mesmo sítio. Ele compra.

– Tenho pena de vender os escravos, afinal são quase amigos, vivemos juntos muito tempo. Mas tem de ser. O Mulende não, o Mulende vai comigo.

– E tu vais aonde?

– Vou no sul.

– Sul?

– Sim, Baía da Torre.

A velha não fazia a menor ideia de onde ficava esse lugar. Na verdade, a imensa maioria da população de Luanda também não. Talvez algum alto funcionário ou comerciante dos mais antigos. Ou algum sacerdote velho. Por isso um nome não valia mais do que um conjunto de sons. No entanto,

havia certos sons de palavras que tinham força particular. Sul, por exemplo.

– Vais fazer lá o quê?

– Ainda não sei. Mas vou descobrir.

O apelo do sul desenterrara nele uma conversa antiga. Uma conversa e mais uma informação. Mas não ia dizer. Nem à sua mãe ia dizer.

Sonhos se sonham, não se partilham.

Deu ordens aos escravos e, antes que o pai aparecesse a reclamar a sua parte, levaram o marfim à loja de sô Filipe, um português desdentado, com pouco cabelo. Se já na meninice de Carlos sô Filipe tinha falta de dentes, agora estava muito pior. Lhe chamavam muitas vezes o Kibobo. No princípio o comerciante se zangava, eles insistiam, ele deixou de se zangar, o nome pegou, mesmo sô Filipe se apresentava por vezes com a alcunha. O negociante prosperara entretanto, pois acrescentara um andar de residência em cima da loja. E atrás da casa se abria um quintal cercado de um muro alto, antes inexistente. O quintal fechado devia esconder cubatas para os escravos viverem algum tempo e recuperarem forças da extenuante viagem pelo mato. Com o descanso, haveria alguma possibilidade de resistirem fisicamente à navegação para o Brasil. E valerem mais no mercado.

– Lembra-se de mim, sô Filipe?

– Tu és... ora deixa ver, lembro-me já.

Mas Carlos tinha pressa, não perdeu mais tempo a espicaçar a memória do outro, como num jogo. O comerciante estava de facto com a cara mais carcomida, quase verde das biliosas e do paludismo, as gengivas chupadas por falta de dentes. Cheirava mal, cheiro de branco, mas agravado pela doença. Se morresse de repente, Carlos Rocha não se ia admirar.

– Sou o filho do Mbaxi.

– Claro, claro, o mais velho.

– Sim, sou eu. E tenho aí uns dentes de elefante e dois escravos para vender. O sô Filipe está interessado?

O negociante olhou a mercadoria, os olhos matreiros indicando que a cabeça já fazia contas. Examinou o marfim, depois os dois escravos. Ia dirigir-se primeiro a Mulende, que se encolheu em desespero, pois percebia toda a conversa, diferentemente dos outros escravos, só competentes em kimbundo, mas o dono disse, esse não está à venda, são os outros dois. Mulende respirou fundo e olhou de forma ambígua para Carlos.

Sô Filipe disse um número, Carlos protestou, isso é apenas o valor do

marfim. O outro resmungou, voltou a olhar para as peças, fazendo mais contas. Havia no lado oposto da loja um negro alto e de grandes botas, nítida figura de um pumbeiro, observando a cena. Carlos não se lembrava daquela cara, nos últimos tempos em Luanda estava sempre atento aos rostos dos possíveis pumbeiros, com medo de que algum lhe agarrasse para o transformar em escravo. Por isso tinha a certeza de não o conhecer.

– O rapaz está a esticar a corda, não acha, Zala Nkundu? – perguntou o comerciante ao aparente pumbeiro.

– Quer a minha opinião? – perguntou o homem, se aproximando. – Não sou forte em números. Prefiro canzar as peças, não fazer contas com elas – e soltou uma gargalhada.

Sempre seguiu num dos escravos, lhe apalpou os braços, abriu a boca e viu os dentes. Depois examinou o segundo. Eram dois rapazes saudáveis e fortes, Carlos Rocha estava seguro da qualidade do produto que vendia. Ficou no entanto apreensivo por outro motivo, Zala Nkundu era nome por demais conhecido. Tinha razão, nunca o tinha visto, mas sabia quem era, um afamado pumbeiro mas desde sempre em São Salvador do Congo. Que faria ele em Luanda?

– O material é bom – afirmou o pumbeiro, fixando os olhos em Carlos Rocha.

Os escravos tinham percebido enfim o que se passava. O gesto de ver os dentes era universalmente conhecido como atestado de qualidade de um escravo. Estavam a ser vendidos. Olharam descoroçados para Carlos, mudos perguntando, estás a nos trair? Ele intuiu o terror deles, adivinhando males lhes acontecendo no futuro com novo proprietário, ao menos este já conheciam e não era dos piores, nem chicote usava. Entre os cativos corriam, claro, informações sobre torturas e barbaridades perpetradas pelos donos por puro sadismo ou para ganharem um qualquer prestígio na sociedade escravocrata. Portanto, um senhor como Carlos era quase um milagre acontecer. Estavam a ser condenados à roda do destino e adivinhavam o sofrimento a caminho. O rapaz preferiu não enfrentar a desilusão na face deles, evitando fitá-los. Sentia vergonha da sua covardia, mas era duro demais confirmar a reprovação nos olhos de quem já considerava amigos. O comerciante lá se decidiu a subir a oferta. Era uma quantia razoável, embora abaixo do real valor, sabia. Tinha porém pressa, não podia andar com o marfim e os escravos pela cidade, a perguntar aos

comerciantes quem dava mais. A esta altura já o pai saberia da sua chegada, se não estivesse a dormir bêbedo num canto de rua. Por isso aceitou a oferta, sem mais discussão. Olhou Zala Nkundu, talvez à procura de imprevista aprovação, e este fez um gesto amistoso.

– Quer beber um copo comigo?

Estavam em Luanda, onde o mais estranho acontecia todos os dias. E um tipo que nunca o tinha visto o convidava para beber um copo. Contra toda a prudência, Carlos concordou com a cabeça, pois pensou, talvez erradamente, rejeitar o convite seria grande indelicadeza. E também tinha alguma curiosidade sobre a razão que fazia um dos pumbeiros mais famosos do Kongo descer até Luanda. Mbanza-Kongo já não lhe chegava? A loja de sô Filipe devia ser a única na baixa onde não se vendia vinho ou comida. Só outro tipo de artigos, para casa, para os vários ofícios, instrumentos de trabalho, roupas e armas. Teriam pois de ir a outro sítio, uma taberna de preferência. O comerciante pagou o estipulado e Carlos meteu o dinheiro num saco escondido por baixo da camisa, na cintura. Com a ajuda de Zala Nkundu, amarraram as mãos dos dois escravos, para não se escapulirem da loja. Era possível, no momento da troca de dono, os cativos aproveitarem para fugir. Era raro acontecer quando andavam com o seu dono. Sabiam, podiam encontrar pior que aquele amo. E dificilmente escapariam aos kaxikos que seriam lançados no seu encalço, se tentassem escapar, sofrendo de seguida horrores no pelourinho. Carlos viu ser feita a operação sem fitar os dois homens. Estes não tiravam os olhos dele, acusando-o de os abandonar à sua má sorte. Mulende tinha saído da loja logo no princípio da negociação e ficou à espera do lado de fora. Também ele me acusa de traição?, pensou o dono, chocado. Os serviçais não podem entender o que custam certas cedências que os senhores são obrigados a fazer, eu mesmo muitas vezes não entendo, mas neste caso não tinha alternativa, tenho de deixar algo para os meus irmãos. A mãe já estava velha, ninguém a queria para escrava. Mas os irmãos eram novos, alguns mesmo muito novos e portanto apetecíveis. Se o pai morresse com dívidas, eles serviriam para as compensar. Agora estariam até certo ponto protegidos. Para defender uns, é preciso abdicar de outros, é a lei da vida, disse a si próprio como consolo. Mas Mulende parecia não entender as coisas assim, de olhos doídos. Teria de lhe explicar. Mais tarde, quando viajassem de novo.

Sabiam fazer outra coisa?

Disse a Mulende para o esperar em casa, se despediu de sô Filipe, foi com o pumbeiro para uma taberna mais próxima do cais de acostagem. Havia duas caravelas e um patacho fundeados na baía. Aquela baía era tão fechada e um porto tão seguro que os barcos nem se mexiam.

De pé ao balcão, depois de serem servidos de duas canecas de vinho, Carlos perguntou:

– Deixou São Salvador ou é uma viagem curta?

– Pelos vistos sabe quem sou. Tanto melhor. Conheço o seu pai de miúdo. E tenho pena de o ver em tão mau estado. Mas isto – bateu com dois dedos na caneca – é amigo perigoso.

– Ainda nem vi o meu pai, andava a caçar. Está de passagem na cidade?

O outro sorriu. Bateu com a caneca na dele, brindando. Afinal era a primeira vez que se viam e bebiam juntos. Pumbeiro, mas bem educado. Não como aqueles brancos meio selvagens e ensimesmados que desembarcavam das naus, escapando das prisões europeias ou brasileiras. Alguns desses preenchiam umas mesas da taberna, olhando-os à socapa. Beberam em silêncio.

– Vim resolver uma questão – disse Zala Nkundu. – É a primeira vez que venho a Luanda. Se me perguntar se vim a negócios, nem sei responder. Sou muito mau para negócios. O problema é que chego aqui e encontro outro governador no terreno. Já não sei se valeu a pena viajar, o trato era com o anterior.

– Pode ser que o novo queira a mesma coisa...

– Pode ser. Mas está difícil falar com ele para explicar a coisa e lhe perguntar se o governo continua interessado ou não. Mas mudemos de assunto, os meus problemas não lhe servem para nada.

– E devo confessar que conheço tão mal as coisas daqui que também não lhe poderia dar um conselho, se mo pedisse, claro.

Voltaram a beber, virados um para o outro. Estudavam-se.

– Sabe? A minha família sempre foi muito ligada à do seu pai, lá em São Salvador. O meu pai falou-me do seu avô Xavier...

– O filho de branco.

– O filho de branco! – Zala Nkundu sorriu. – E, parece, branco muito importante...

– Oh, são invenções. O meu pai nunca aceitou ser neto do capitão Diogo Cão.

– Capitão? Não rebaixe o homem. Almirante. Diogo Cão era almirante, comandante de frota, mesmo se só com dois ou três barcos. E de linhagem importante. Parece, é mesmo avô do seu pai. Pelo menos é o que se afirma na minha família, conhecedora dos casos. E meia Mbanza-Kongo diz o mesmo.

– Não sei como podem ser tão firmes nisso. O mulato era do Soyo, nem era de Mbanza-Kongo. São rumores sem sentido.

O pumbeiro acabou com o líquido da caneca. Eram os dois únicos negros na taberna, mas não repararam no facto até Zala Nkundu sentir todos os olhos em cima deles e a casa inteira em silêncio. Fitou diretamente a cara dos brancos sentados nas mesas e estes baixaram os olhos. Mirou o taberneiro careca, que também desviou o olhar. Zala Nkundu tinha um porte enérgico, um físico majestoso e onde estava impunha a sua presença. Realmente, o tipo provocava respeito, pensou Carlos Rocha, mesmo algum temor. No princípio não havia problemas discriminatórios nas tabernas e lojas, aprendera com o pai. Mas, à medida que o número de brancos na cidade aumentava, começaram a preferir ver os negros frequentarem outros locais, sobretudo a kitanda, mercado ao ar livre. Aceitavam os mulatos, pouco numerosos. Sabia, em São Salvador havia um número considerável de mestiços, mas os portugueses residiam há mais de cem anos em Mbanza-Kongo, enquanto Luanda chegava apenas aos trinta anos. E só ultimamente a cifra de habitantes tinha ultrapassado as duas centenas de pessoas livres, todas as cores consideradas, estando os conquistadores sobretudo nos três presídios ao longo do Kwanza. A capital do Kongo, pelo seu lado, tinha cerca de cem mil habitantes na altura da chegada dos primeiros portugueses, muito mais que Lisboa ou Madri ou até Paris.

– Ser do Soyo ou de Mbanza-Kongo não tem a mínima importância. O seu avô Xavier, segundo o meu pai, tinha o porte de uma grande linhagem. Quisesse ou não ser.

– Linhagem de ferreiros...

– Sabe o que quero dizer, falo da linhagem paterna. Evidentemente que os ferreiros eram importantes no Kongo e, segundo a tradição, o primeiro rei era um ferreiro. Mas refiro-me à ascendência portuguesa... Bom, se o incomoda, não insisto. Já agora, deve saber, imagino... Onde está sepultado o almirante Diogo Cão, o primeiro português a chegar a estas paragens?

– Não faço ideia, claro.

– Em Portugal não está.

Carlos Rocha acedeu a beber mais uma caneca que o taberneiro lhe tinha posto em frente. Que conversa era aquela? Qual o seu interesse em saber se Diogo Cão estava sepultado em Portugal ou na terra dos malaio? Este tipo deve estar a gozar comigo, ou então a levar a conversa para algum campo que lhe interessa e eu não descortino. Mas o pumbeiro não esperou pela resposta e continuou:

– Os padres de Mbanza-Kongo conservam muitos mistérios entre si, são tão mestres nisso que até o papa se queixa. Mas deixaram levantar o véu um pouco, falando com o meu pai. Diogo Cão veio a primeira vez em 1482, altura em que chegou à foz do rio Kongo. Ficou-se pelo Soyo. Voltou a Portugal, com quatro nativos, para mostrar ao rei. Dois anos depois, regressou a África, trazendo os quatro. Mas deu a curva do Atlântico e foi parar muito a sul, quase perto do Cabo da Boa Esperança. Aí chegado, em vez de continuar para baixo e dobrar o Cabo, como seria lógico, decidiu voltar para trás. Por ter já ido mais longe que qualquer outro europeu? Ninguém parece saber. Veio acompanhando a costa para norte até chegar à foz do Kongo. Nessa altura se descobriu que este era o meio mais rápido de atingir esta parte de África com grandes naus, por causa das correntes e dos ventos. Se o fez conscientemente, se foi pura sorte, os padres dizem não saber. Mas promete ser uma descoberta muito importante. Pois bem, Diogo Cão deixou os nativos, que foram ao rei do Kongo contar as maravilhas vistas na Europa. O almirante deixou mais uns padres e comerciantes. Partiu e chegou a Portugal, existe notícia. Porque não está enterrado lá?

– Que me importa?

– Devia importar. Acaba por ser da família.

– Deixe-se disso.

– Está bem, não insisto na parte pessoal. Os padres acham que ele voltou cá numa terceira viagem porque no caminho do sul até o Kongo terá visto qualquer coisa que o entusiasmou. Viria só com um barco. Terá desembarcado na foz de um pequeno rio, chamado Kubal, na terra dos sumbes. E ele, a tripulação e o barco desapareceram.

– Sem mais nem menos?

– Sem mais nem menos. O que explica não ter sepultura em Portugal. Tem de reconhecer, é estranho que um navegador tão importante tenha um túmulo desconhecido. Algo de muito grave se passou. Por exemplo, um

naufrágio. Ou um ataque e consequente incêndio do navio, para não ficarem rastros. Naquele momento podiam andar jagas por ali. Sabe como os jagas são combatentes incomparáveis.

Carlos Rocha estava desesperado pela insistência do pumbeiro em lhe relatar factos que o incomodavam. Estranhamente, tinha de reconhecer, esse relato incomodava-o. Tocava em fibras perdidas na memória? Ligava os pontos e tentava recordar conversas muito antigas. Não estabelecia conexões, mas ficava perturbado, muito perturbado. Tinha alguma coisa ligada ao contado por Battell?

– Desculpe, senhor, mas essa estória não me interessa.

– Deixe-me acabar, já agora, falta pouco. E é de borla, não lhe cobro nada pela informação. Aqui, em Luanda, encontrei alguém que, instado por mim, falou no assunto. E me disse saber ao certo que Diogo Cão foi enterrado num sítio chamado Kikombo a menos de uma légua do mar, onde o rio Kubal corre entre montes. Depois de uma ilha...

– Com um tesouro no túmulo, claro – disse Carlos, com ironia.

– Não me falou de tesouro, mas é fácil imaginar que pode haver. Que foi Diogo Cão lá procurar? Encontrou, não encontrou? Pode estar apenas com os seus ossos, mas dá para interessar pessoas na descoberta do túmulo. Se se encontrar a pessoa certa.

Rocha sentiu o outro de repente muito sério. O pumbeiro emborcou o resto da caneca.

– Mais uma para fecharmos a conta?

Aceitou. Que tinha a perder? O estranho da coisa era ele pensar em visitar essas paragens do sul, por onde Battell andara, no momento exato em que lhe aparece um pumbeiro de São Salvador em Luanda falando de um mito que lhe tocava na família, verdadeiramente ou não. E agora com uma nota de mistério. E até outra nota atraindo ganâncias, para aliciar parvos. Qual era mesmo o objetivo de Zala Nkundu?

– E então? Depois do que me contou, que espera de mim?

– Absolutamente nada. Em Luanda só quero falar com o novo governador e voltar em seguida à grande Mbanza. Mas essa informação pode ser-lhe útil.

– Para quê?

– A pessoa que encontrei em Luanda e que me disse estar o Diogo Cão enterrado no Kikombo foi o senhor seu pai, Sebastião Rocha. Interessa-lhe

agora?

Carlos ficou obviamente abalado. Não esperava chocar contra o nome do Mbaxi. Mas logo deu uma gargalhada algo nervosa.

– Descoberta que é resultado do vinho. Prometeu lhe pagar uns copos por essa informação?

– Lhe paguei uns copos antes por ser amigo da minha família. E ele disse o que sabia de sua livre vontade e sem me pretender vender nada. Tinham acabado de lhe contar o mujimbo e ficou naturalmente confundido. Por muito que não queira, o Mbaxi sempre se sente tocado pelo nome de Diogo Cão, há uma hipótese, mesmo que ténue, de ser avô dele. Compreendo isso, você não?

O raio do pumbeiro agora queria lhe criar problemas de consciência por um caçador de escravos ser mais benévolo em relação ao pai que o próprio filho. Era ousadia. Arrogância. Teve ganas de responder de forma dura mas caiu em si, devia ser efeito do vinho em dia de calor. Criticava o pai e começava a reagir como um bêbedor? Brincar com a caneca ajudou-o a esconder a perturbação. Raio de estória! Até quando a lenda de Diogo Cão ia perseguir a sua família? Porquê a sua bisavó, que sabia muito bem dos mambos, pelo menos com quem se deitara, não contou ao filho a identidade do pai? Teria ficado tudo resolvido. E se o avô Xavier tivesse sido de facto informado e sempre evitasse transmitir a verdade aos descendentes, por uma razão só dele? Também podia ser. De qualquer forma, não percebia em quê isso agora podia ter importância.

– Aqui as linhagens e ascendências têm significado, todos sabemos – disse Carlos. – Como em qualquer outro lugar, no fundo. Mas só a materna, como conhecemos. Por isso sei da minha, ligada à mãe. O resto realmente não conta.

– Escusa de se aborrecer, juro não ter sido minha intenção maçá-lo. Tenho uma dívida de gratidão em relação ao seu pai, foi ele que defendeu o meu contra um tal Mexia que era o patrão de ambos e um grande cabrão. O meu pai sempre contou essa aventura e guardou reconhecimento para com o Mbaxi. Foi por isso que quis conversar consigo, quando se apresentou ao sô Filipe. Apenas me pareceu correto ser-lhe útil. Com habilidade, pode usar essa suposição em proveito próprio. Os portugueses são muito crédulos em algumas coisas. Se não o quiser fazer, não me diz respeito à mesma.

E pagou o vinho. Saiu da taberna sem se despedir.

Carlos hesitou uns momentos. Acabou por ir atrás dele, procurando pretexto para agradecer a bebida e apagar a má impressão causada. Mas teria de correr para recuperar os metros perdidos. E tinha calor, preguiça, como o Mulende, não lhe apetecia correr. O caçador de escravos se distanciou em grandes passadas, não olhando para trás. Quem se cruzava com ele é que virava a cabeça para apreciar a presença imponente. Escravo que soubesse, Zala Nkundu anda atrás de ti, devia se borrar de medo. Com razão, o pumbeiro canzava quem quisesse. Carlos Rocha não pôde evitar um arrepio, apesar do calor. Se era verdade o que lhe contara sobre a dívida de gratidão, então por esse lado podia estar descansado, Zala Nkundu seria mais um aliado que um inimigo. Aliado que deixara fugir, talvez enraivecido de vez.

Também, para quê remexer no passado? Informação útil? Não via como usar esse mujimbo para tirar proveito. Já se foram mais de cem anos desde a chegada de Diogo Cão. Cem e muitos. E nesta terra as coisas abandonadas apodrecem depressa, os corpos se corrompem, as ideias ainda mais. Da mesma maneira, a lembrança do que aconteceu não é muito importante, porque quem volta a contar distorce a estória. Talvez seja a razão de ninguém querer saber do passado, cada um vive o presente, de preferência a dançar e a beber.

Beber água, na situação em que se encontrava, parecia o máximo de sorte possível. No entanto, Manuel Cerveira Pereira teve uma vez direito a vinho, uma garrafa trazida por Baltazar Rebelo de Aragão à cadeia. Gesto amistoso de quem foi o seu capitão de muitas guerras e particularmente na tomada de Kambambe, para a construção de cujo forte se gabava de ter carregado pedra às costas? Com muita relutância, o guarda aceitou a entrada da garrafa, apenas por Baltazar ser figura grada da terra, com uma folha militar enorme e dono de grande fortuna, conhecida de todos. Evitava um pouco as lutas políticas e preferia negócios e estudar o terreno que pisava, em todos os aspetos. Andava sempre com papéis, observando e anotando coisas sobre a geografia, as gentes e os assuntos relevantes de conversas. Por isso foi encarregado pelo governador Manuel Pereira Forjaz, acabado de chegar, para preparar uma expedição e descobrir a travessia terrestre no sul de África, com destino ao império do Monomotapa, inchado de ouro, na costa de Moçambique. A desejada ligação de Angola à contracosta aparecia em muitas recomendações de conquistadores, visitantes religiosos ou traficantes, para marcar o terreno e se chegar às minas chamadas de Sofala para os árabes, Monomotapa para outros, ouro na ambição de todos. Ia já a caminho do destino, que se julgava fácil e rápido de atingir, quando ouviu a notícia da situação precária do forte de Kambambe, ameaçado pelas forças do rei do Ndongo. Tocado pelo facto de ter andado “a carregar pedras às

costas” na sua construção, temeu que a obra-prima fosse destruída e voltou atrás para apoiar a defesa.

[Lá se foi a travessia terrestre do sul de África. Só mais de dois séculos depois se concretizaria com Serpa Pinto, Livingstone, Capelo e Ivens. Claro, isto segundo a historiografia europeia, que ignora os milhares de africanos que a fizeram durante séculos e séculos, senão milénios. Alguns árabes também. Mas gente do sul não merece estar em compêndios de História, nem em coleções de Academias de Ciências, já se sabe.]

Existirá provavelmente outra razão para Baltazar de Aragão ser o escolhido do governador para a descoberta da rota terrestre: a visita que fez a Manuel Cerveira Pereira, na véspera da partida deste, a ferros, para Portugal. O novo dirigente da conquista não terá gostado da deferência a um futuro deportado, e da ousadia ofensiva de introduzir uma garrafa de vinho na cela do detido.

Como se fosse arma letal nas mãos de um agrilhado.

A conversa em si não tinha muito para dar. A nau já estava aparelhada, a cidade inteira se preparava para ir assistir à partida, pois despertava todo o interesse ver um governador expulso em ferros da colónia. Já tinha acontecido com um, mas havia uma diferença muito grande, Francisco de Almeida, quinze anos atrás, não foi amarrado com cadeias como um chouriço, saiu de cabeça confusa mas erguida. Se compreende, à frente da conquista ficava o irmão Jerónimo e este não deixaria agrilhoarem o mano mais velho, apesar de ter entrado na conspiração para o demitir e se tornar governador.

Maldades maiores entre irmãos só na Bíblia e em livros de Alexandre Dumas.

Cerveira ouviu meio distraído os mujimbos que Baltazar lhe quis passar sobre os últimos acontecimentos relevantes no sertão. E logo pediu ao carcereiro uma caneca para provar o vinho. O que provocou mais hesitações prisionais e um convincente murro na mesa dado pelo capitão Baltazar de Aragão, traga lá a porra da caneca, que chatice! Depois do incidente, depressa resolveram alguns negócios de deveres e haveres que tinham pendentes, tudo baseado na confiança mútua, sem papel escrito.

Fidalgos honravam compromissos e palavra dada.

Quando se não apunhalavam pelas costas.

Não seria o caso, pois os dois sempre se entenderam, embora sem grandes intimidades. O que não impedia Baltazar de criticar veladamente algumas opções e procedimentos do outro. E, ao se despedirem, pensavam que era para sempre, atendendo ao perigo das viagens por mar e às vilanias cegas da política. Isso mesmo disse o Cerveira ao padre Sousa, quando este o visitou para a confissão. Encontro que provocou a previsível confusão na cabeça do carcereiro-chefe, devia ou não sair do sítio onde iam conversar? Teve de ceder e deixá-los sozinhos na exígua sala de visitas, Pedro Sousa não só era sacerdote como superior dos jesuítas, o verdadeiro senhor da cidade, pelo menos no sentido espiritual e das finanças. E o soldado tinha chegado há pouco mas já sido bem avisado sobre as hierarquias a respeitar, quer da terra quer do céu.

A partida do governador foi de facto um espetáculo digno de se ver. Não o embarque, igual a tantos outros, mas porque todos os soldados das guarnições de Luanda estavam postados dos dois lados da calçada conduzindo do fortim de taipa ao porto e não faltou nenhum morador, nem mesmo os precisados de extrema-união, na assistência. Os ditos e risos cruzavam de um lado para o outro da Calçada dos Enforcados, feitos pelos muitos inimigos criados pelo génio irascível e prepotente de Cerveira Pereira. Os escravos também tinham vindo à despedida, mas se destacavam apenas pela mole imensa e silenciosa, pois não tinham direito de manifestar qualquer opinião sobre assunto de brancos. Mbaxi se postava mais à frente, longe dos escravos, mas lateral em relação aos portugueses. Os sacerdotes estavam em cachinhos, segundo as ordens religiosas, sendo o cacho maior constituído pelos jesuítas, claro. Visivelmente consternados. Os franciscanos evitavam mostrar grande regozijo, porque o mal de outro nunca deve agradar a um verdadeiro cristão, assim diziam os textos sagrados, porém conseguiam de esconder o piscar matreiro de olhos e sorrisinhos dissimulados. Também as senhoras se juntavam aos cachos, com as filhas do ouvidor em lugar de destaque. O único importante habitante da cidade a não comparecer na baixa foi o governador em exercício. Mirava lá de cima, meio escondido pelos catos-candelabro, se ajudando com o binóculo de marinheiro usado para sondar o oceano, espreitando navios piratas.

O prisioneiro entrou a bordo do batel e lhe levaram à nau, sempre em pé,

desafiador, arrogante e destemido, até o atirarem para o porão. Pouco depois a nau levantava ferro. E a multidão se desfez, alguns correndo para a primeira taberna, outros às suas ocupações. Um capítulo estava encerrado, como pensou jubilosamente André Velho, convencido, também ele, de nunca mais ter de encarar Manuel Cerveira Pereira. E repetiu o pensamento em voz alta, para gáudio de Manuel Nogueira, já de partida, tendo atrasado a própria viagem para não embarcar com o prisioneiro, embora fosse nulo o risco de se encontrarem a bordo. Não fica bem, como confessou aos amigos, no mesmo barco seguir o sindicato e o sindicante e mais o relatório da sindicância. Havia outro barco no porto prestes a ser aviado para a Bahia, daí se dirigindo para Lisboa. E sempre me dá jeito aproveitar uns dias em Salvador com a Rosália, uma mulata cheirando a jasmim, segundo confidenciou, tendo recebido na volta uma advertência amistosa do vigário, deveras preocupado com a salvação de almas alheias.

A viagem de Manuel Cerveira foi uma verdadeira provação, pois dividiu o porão com escravos e ratazanas. No primeiro dia aligeiraram as correntes que levava apenas nos pés e mais tarde mesmo essas lhe tiraram. Mas continuou no porão, vomitando e padecendo de fome e sede. Resistiu porque era feito de bronze, aquele bronze que poderia provir do cobre um dia procurado em Benguela. Esse dia havia de chegar. Foi a ideia do cobre de Benguela que lhe fez resistir até Lisboa. Mas não nos percamos em detalhes de alta marinharia, digamos que a viagem foi lenta mas segura, apenas mais agitada por uma tempestade na linha do Equador, perto da ilha de S. Tomé. Dois escravos não resistiram aos choques brutais das mercadorias mal estivadas e foram atirados, moribundos, ao mar.

Arrojado em Lisboa para a cadeia, Cerveira não perdeu tempo. Mandou ir a família para perto de si. Com a mulher e filho foi um irmão dela, padre e poeta, o qual o passou a visitar regularmente na cadeia. Sabendo que mais cedo ou mais tarde enfrentaria problemas legais graves, de Angola despachara antes para o Brasil um escrivão de sua total confiança, Francisco Rocha, com a maior parte da sua fortuna. O escrivão poderia se perder pelos matos do Brasil, ir mais a sul para território espanhol ou até para outra parte do mundo torrar a fazenda respeitável e ninguém descobriria o seu rasto. Porém foi fiel, como fora em Luanda, dando a cara para todos os negócios sujos do governador. Quando soube da deportação de Manuel Cerveira para Lisboa, levou os registos da fortuna consigo e se apresentou na cadeia,

trouxe a fazenda toda, que faço com ela? Cerveira Pereira bem sabia o que fazer de tanta riqueza. Convocou o cunhado.

— Já me chegou a fortuna vinda do Brasil com Francisco Rocha. Podemos trabalhar. Quero que leve uma parte e se estabeleça o mais perto possível da corte. Ela agora está em Madri. Gaste o que for preciso, mas chegue aos amigos do falecido duque de Alba. Algum se lembrará de mim. E comece a enviar recados para el-rei, através desse ou outros amigos. O tema será sempre o mesmo: há gente em Angola e Kongo, mancomunada com gente daqui, que não aceita no trono de Portugal um castelhano ou austríaco, use a origem que melhor achar, e me fizeram acusações adulteradas por eu defender sempre os interesses de Sua Majestade. É tudo falso o que dizem e escrevem. Os sindicantes enviados iam já instruídos sobre o que deviam escrever, sobretudo por pessoas próximas do último vice-rei. Temos felizmente de novo D. Cristóvão de Moura aqui como vice-rei de Portugal, um homem que sempre defendeu o domínio castelhano, e esse argumento também será usado para ele. Mas ao rei é preciso fazer constar que o partido meu inimigo não quer que eu prossiga com a minha ação em África, que era sobretudo chegar às enormes minas de cobre a sul do rio Kwanza. Há muito cobre ali e não é uma quimera como a prata de Angola com que tantos andaram a enganar o rei e a enganar-nos a nós. Eu sei onde está o cobre, sei ir lá. Preciso de sair da cadeia e ser nomeado conquistador pelo rei para lhe chegar. Uma parte das despesas pagarei do meu bolso. Outra parte terá Sua Majestade de prover, mas a menor. Confio em si, meu cunhado. Gaste o que for preciso, unte as mãos que tiver de untar, mas faça chegar estes recados a el-rei. Eu tratarei aqui de D. Cristóvão, tenho a pessoa certa.

Partiu o cunhado para Madri. Entretanto, Manuel Cerveira mandou vir falar com ele um primo do pai, fidalgo vivendo no norte de Portugal, de onde eram todos afinal. E lhe contou discurso parecido.

— Arranje maneira de falar ou mandar recado ao vice-rei, D. Cristóvão de Moura. Fale de mim, recordando que era um ajudante de campo do duque de Alba na Flandres. Ele vai recordar-se, conhece-me, sabe que sempre defendi a causa de Espanha. E conte da minha triste situação, por uma conspiração dos inimigos de Sua Majestade, dos que querem ainda hoje um rei português, mesmo sendo filho de judia como esse António prior do Crato que se rebelou há muito e obteve o que merecia, perdendo a cabeça. Continua no entanto a ter apoiantes e se acoitaram quase todos em Luanda.

Eram protegidos do bispo de Leiria que foi vice-rei. Montaram contra mim as piores acusações e eu só peço para ser ouvido por um tribunal honesto ou pelo Conselho da Índia, que manda nos negócios de África. Ou por um qualquer conselho que Sua Majestade quiser. Posso demonstrar as minhas razões e as vilanias desse grupo de renegados. E venha regularmente contar-me o que se passa.

Várias vezes vinha o primo explicar as suas diligências, com palavras de alento, as coisas corriam bem. Encontrara um antigo companheiro de Cerveira na Flandres, amigo de D. Cristóvão; dizia haver mudanças com a idade avançada no vice-rei, agora muito ávido de dinheiro; se recebesse algum incentivo monetário ficaria mais diligente a influenciar os outros poderes. Cerveira só perguntava quanto é preciso e depois dizia pague. Tinha acumulado grande fortuna de facto no desvio dos impostos sobre o tráfico e na quantidade de peças que conseguira kanzar e vender, além do que recebia de qualquer negócio feito por particulares em Angola. Era frugal e não tinha grandes vícios, portanto de poucos gastos e toda a riqueza acumulada estava disponível para corromper os poderosos, amigos ou indiferentes.

Seis meses depois da sua chegada a Lisboa, já tinha mujimbos animadores. O primeiro portador foi o cunhado, chegado de Madri com um sorriso rasgado e um abraço.

– Sua Majestade ouviu as suas explicações. E recebeu um relatório muito favorável do vice-rei, D. Cristóvão de Moura. As minhas fontes na corte garantem, em breve teremos novidades.

E era verdade. Pouco depois da conversa com o cunhado, a própria mulher se apresentava na cadeia contando ter sido visitada pelo corregedor Bartolomeu Rodrigues Lucas, nomeado pelo rei para conhecer as culpas e devassas tiradas em Angola pelo bacharel Manuel Nogueira, o qual se encontrava em maus lençóis pelas suas intrigas, palavras do próprio corregedor. Estavam a investigar ainda. No entanto era ótimo sinal o assunto não ter sido arquivado sem solução até ele apodrecer na cadeia, como era habitual em casos semelhantes. Curiosamente, coincidiu com um melhor regime de prisão, pois a comida aumentou de forma substancial e podia apanhar ar livre no pátio por quanto tempo desejasse. Chegava a ser convidado para jogar cartas pelo capitão da cadeia. Não sou muito dado a cartas e jogos de salão, sou um homem que só gosta de brincar com

espadas, dizia em particular, mas fazia o sacrifício de jogar e beber vinho com o capitão, curioso em conhecer coisas sobre as guerras e negócios de África. Sobretudo, como se apanhavam escravos ou se descobriam minas de minérios cobiçados na ávida Europa.

E, pouco depois, o Conselho da Índia mandava tirá-lo da cadeia, por uma fiança de 3000 cruzados, tendo sido concedido o prazo de oito meses para se justificar, o que ele fez muito rapidamente com a ajuda de um bacharel. Talvez tenha apertado o nariz de nojo por se sentar junto de um odiado bacharel, mas dessa vez lhe deu jeito.

A liberdade pode obrigar a mau cheiro de bacharel.

Cerca de um ano após ter chegado a Lisboa, “o rei absolveu-o *das culpas injustamente impostas*, pois se verificou, nos trâmites do processo, não ter pecado pelos abusos de que era acusado, antes se mostrara sempre *obediente, verdadeiro vassalo, defensor dos interesses públicos e promotor de guerras justas contra inimigos, nada devendo a oficiais da Justiça, nem da Fazenda*”¹.

O cunhado voltou a correr de Madri para festejar com toda a família a vitória, mas também para trazer o recado:

– El-rei D. Filipe fez-me saber que é de seu muito agrado receber o cunhado, logo que esteja recuperado de todos estes agravos e canseiras.

Manuel Cerveira não quis ouvir mais nada. Quais agravos, quais canseiras, tudo estava de súbito atirado para trás se o amado soberano o chamava, a vida era curta para tanta tarefa. Foi então por ele proferida a frase que, devidamente retocada e traduzida, viria a se tornar célebre noutras bocas e circunstâncias:

– Não me pergunto o que a Pátria fará de mim mas o que ainda poderei fazer por Ela.

E se mandou para Madri.

Durante anos faria o vaivém Lisboa-Madri, interessando o rei e outros dignitários no cobre do reino de Benguela, no marfim do reino de Benguela, nas peças do reino de Benguela. Na sua cabeça e de quem o ouvia, Benguela era um território indo do rio Kwanza até o cabo de Boa Esperança, na ponta sul de África. E na realidade não existia reino de Benguela, nem mesmo Benguela.

A cobiça inventa mitos.

O rei começou a criar cobiça suplementar. Tinha ouro, prata, cobre,

vindos das Índias e das Américas. Muitas outras riquezas. Mas queria mais. Insaciável. Como se pudesse engolir os metais e os diamantes e os rubis e as esmeraldas. Uma fome desesperada se apossara da Europa e a Espanha, ingerido Portugal, era a encruzilhada de todos os caminhos brilhantes da riqueza. No meio da encruzilhada estava ele, o trono de Filipe, de ouro e marfim sobre pernas de ébano, refulgindo com diamantes e esmeraldas. Junto ao chão, nas pernas, estava o ébano. Esse até chicote merecia, por ter cor de carvão, e grilhetas nos pés.

Todos os reis se pareciam, este não seria pois indiferente às miragens agitadas à frente dos cornos, como aos toiros o pano vermelho. Cerveira Pereira soube brandir muito bem o cobre, o marfim e os escravos de Benguela para o tourear. E o rei ficou fascinado por esse homem de aspeto ascético, magro e sempre de negro, uma barba afilada já com cãs e voz de flauta sonhando e fazendo sonhar com paraísos desconhecidos, cursos de água torrenciais, levando não só lama mas também brilhantes, florestas maiores e muito mais altas que as da Península Ibérica de árvores de madeira preciosa cheirando a sândalo alfazema manjerico canela e todos os perfumes inventados pelo homem madeiras dignas dos móveis mais magníficos e das esculturas de fino talhe e climas benignos todo o ano em que não eram necessárias roupas e só por pudor cristão as usavam e a terra tão nutrida que semente aí caída germinava mais depressa e alcançava produções nunca vistas e o mar oh o que dizer do mar onde abundavam peixes do tamanho de baleias mas saborosíssimos mansos de apanhar quase pedindo licença para serem pescados e logo assados que morriam de prazer de ser devorados pelos novos deuses vindos da desgastada Europa sem falar nas pessoas estúpidas ignorantes ingênuas se deixando kanzar com a maior facilidade e incapazes de combater dóceis crianças competentes no entanto de trabalhar em todas as tarefas pesadas sem se queixarem sem se rebelarem aceitando de boa mente o destino que os padres lhes indicavam como sendo o da salvação.

O espanto é o rei, farto de discursos semelhantes, ter acreditado nele e na flauta da sua música.

Sempre há reis incautos.

Em 1612 estava tomada a decisão de enviar Manuel Cerveira Pereira conquistar o território ao sul do Kwanza, explorar o cobre, sem esquecer o melhor produto, o escravo. Como sempre nestes assuntos de tanta

gravidade, as ideias nascem como faúlhas nas cabeças dos grandes homens mas os kaxikos que os rodeiam são mangonheiros e timoratos, sensíveis a pressões de todos os lados, sempre de mão estendida a ver quem dá mais, por isso atrasam as tarefas burocráticas com discussões de vírgulas e pontos parágrafos, opondo hesitantes dúvidas a qualquer progresso. O regimento onde se garantiam os direitos e deveres do conquistador, precisões como proceder na guerra e na paz, nos negócios, nas explorações de caminhos e minas e na ajuda aos padres enviados com ele para salvar almas, na administração da justiça e como se repartiam os lucros da empreitada, assim como a fazenda que trono e interessado investiam na aventura, recomendações e avisos, enfim, o habitual trabalho dos secretários e bacharéis, devido a impedimentos e atrasos provocados por inimigos ou indiferentes, levou dois anos a elaborar, perante o impaciente desespero do homem de negro. Aprovado e assinado, enfim, o regimento, imediatamente seria nomeado.

Em gesto inédito e aparatoso, o católico rei Filipe de Espanha e Portugal levou-o às cavaliças pessoais, lhe dizendo para escolher um cavalo digno de ser cavalgado na primeira batalha de Benguela. Cerveira não se fez rogado, escolheu um branco puro sangue, dos nascidos na Andaluzia, conhecida pelo bom pasto que fazia enriquecer os músculos dos animais, fortalecendo-os e os tornando maleáveis. O rei lhe confessou, muito admirado, bendita a coincidência, Hernan Cortez tinha preferido um semelhante para levar na conquista do Novo Mundo. E não só fora vitorioso, encontrando fabulosos tesouros, como cortara muitas cabeças de infiéis.

Predestinações.

Feitiços de branco.

¹ Ralph Delgado, *História de Angola*, 2º volume, pág. 41.

Carlos Rocha tinha medo de brancos e feitiços, mas também de alguns negros. Sobretudo os que trabalhavam como pumbeiros dos brancos. A conversa de Zala Nkundu sobre a amizade com o pai e a estória de Diogo Cão podiam ser apenas cortinas de fumo para atingir o principal objetivo, apanhá-lo como escravo. Em Luanda não aconteceria facilmente, sua condição de homem livre sendo demonstrada com muitas testemunhas. Mas a uma légua da cidade a situação podia mudar. Também a situação do pai continuava a inspirar alguns temores. Devia pois abreviar a sua estadia na cidade. Ajudou a mãe a esconder o dinheiro no quintal, à noite, enquanto o resto da família dormia e o pai se encontrava ausente, como de hábito. Enterraram os libongos e algumas moedas portuguesas dentro de uma caixa de metal cabendo numa maior de madeira. Poderia resistir a bué de chuva, a pequena fortuna ficava protegida por décadas. E, pelo andar das coisas, não teriam de esperar tanto assim pela morte do Mbaxi, este se encarregava de dar cabo da saúde rapidamente.

No dia seguinte, e ainda antes de o governador antigo ser embarcado em ferros para Portugal, saiu de madrugada com Mulende, levando o mosquete que Mbaxi nem tivera a coragem de reclamar como seu, algum sal para comércio, muita pólvora e balas, cobertores e pouca roupa. Desta vez arrebatou mesmo as botas do pai, sem remorsos. Sebastião Rocha, com evidente desleixo e rebaixamento do estatuto social, andava constantemente

descalço, como um criado ou escravo. Nem daria pela falta das botas. E a Carlos dava jeito ter um par de reserva, as do pai não apresentavam bom aspeto mas as suas estavam também velhas e cambaias. Tinha dinheiro para comprar umas novas, mas preferiu deixar o máximo de fazenda com a mãe, ia lhe dar mais proveito.

Foram direitos a Kalumbo, agora que conheciam bem os caminhos, não só de os vasculharem, mas das conversas com gente dos kimbos e de viajantes. De lá atravessaram o rio Kwanza na canoa de um pescador cooperativo e ladearam o rio a pé durante dias, o coração na boca com medo dos kissamas e dos jagas, até alcançarem o fortim da Muxima, chamado com toda a pompa de fortaleza. Era objetivo de Carlos continuar a avançar pela margem esquerda do rio para o interior, tentando evitar encontros perigosos, chegando ao planalto de que lhe tinham falado como região só conhecida por gentes do Ndongo. Um pouco arriscado, mas pior seria tentar atravessar a Kissama mais perto da costa. Em Luanda tentara se informar de barcos indo para o sul, mas não havia perspectivas a breve prazo. Por vezes um comerciante mais audaz resolvia fretar um patacho e ia tentar o resgate por terras em que andara Battell, o sítio chamado Benguela onde os portugueses tinham posto um pequeno forte, destruído pelos imbangala da região e tendo sido mortos quase todos os soldados portugueses. [*Um dia haveria de se nomear o lugar de Benguela-Velha e mais tarde Porto Amboim.*] Fora esse sítio que o grupo de Battell, fazendo atravessar os guerreiros em barco, ajudara a conquistar pelo jaga Imbe Kalandula, a quem o inglês chamava amiudadamente de Kalando. Os comerciantes tinham deixado de ir mais a sul, como nos tempos de Battell, até a Baía da Torre, porque os governadores não lhes concediam tropa, cada vez mais curta para manter em segurança os presídios do norte do Kwanza e a cidade de Luanda. Devia pois seguir a pé, se aventurando em território desconhecido e certamente perigoso. Não escondeu nada a Mulende. Propôs, vou escrever um papel a dizer tu és um preto forro, quer dizer, deixas de ser escravo. Mas andas sempre comigo. À pergunta de Mulende, mas qual é a diferença afinal, ele disse, então não vês, não te posso vender nem matar, podes fazer o que quiseres, mas andas comigo, para eu não estar sozinho. E não te posso castigar. Há muito não o castigava e há muito Mulende fazia o que queria. Mais ou menos. Não haveria grande diferença no tratamento, exceto em caso de morte de Rocha. Se fosse forro, uma vez Carlos morto, não voltaria

à escravidão, argumento de peso. Mas não foi essa razão a convencer o escravo ou ex-escravo a seguir o dono.

– Lá nessa terra onde vamos, posso arranjar mulher?

– Tu e eu.

Eis o grande motivo.

Em Luanda, mesmo na condição de forro, como arranjaria mulher permanente? As livres eram brancas ou mestiças, as negras, escravas ou amigadas com homens ricos. Umas eram livres demais para o querer, as outras tinham dono. E mesmo as consideradas livres tinham de facto donos, os pais ou maridos. Um escravo ou ex-escravo só podia ter relações fugazes com escravas. Fugazes não por vontade, mas pela própria condição da escrava, atirada de repente para o outro lado do mar ou vendida para S. Tomé ou Kongo. Talvez no interior pudesse encontrar mulher livre que aceitasse um pretendente sem grande alembamento. Te ajudo a pagar alembamento, prometeu Carlos Rocha, pensando também nele próprio, já com necessidade de mulher permanente.

Apresentou os papéis que o identificavam ao comandante da tropa de Muxima, um branco carcomido pelas febres, mais amarelo que uma gajaja. Já te resta pouco tempo, pensou o viajante. O capitão do presídio deixou-o falar com os moradores, três traficantes, o padre e um sargento, preferindo ficar na quietude do seu quarto, sem sequer perguntar o que vinha fazer. Os soldados estavam proibidos de contactar estranhos ao forte, uma ordem pouco usual, proveniente talvez do cérebro muito entorpecido do comandante da guarnição. A chamada fortaleza era na verdade um muro de taipa mal amanhado em cima do morro, protegido por dois baluartes em pedra virados para terra, para a Kissama, duas peças de artilharia cada um. Dentro do muro havia uma casa de pau a pique, onde vivia e comandava o capitão amarelado, várias cubatas e uma ermida, a de Nossa Senhora da Muxima.

Do alto, a vista sobre o rio era de facto fabulosa, um rio largo e cheio de curvas no meio do verde, correndo para oeste.

Mulende, mal chegou ao interior do fortim, começou a bater os dentes, parecia ter as febres. O padre se admirou, um rapaz tão forte e atacado pela febre das sezões? Não era invulgar, de todo o modo. Mas Carlos Rocha achou estranho terem começado as tremuras mal ele entrara no presídio e lhe perguntou, o que tens? Mulende revirava os olhos e principiou com

convulsões, se babando de espuma na boca, sem poder responder. Os três traficantes mandaram os seus kaxikos de guerra levarem o rapaz para uma das cubatas. Carlos foi atrás. E Mulende, posto num catre, lhe segurou a mão, fica comigo. Um dos kaxikos abanou a cabeça, simpático, e disse para Carlos em kimbundo, não são nada as febres, é outra coisa. Que poderia ser? Mulende segurava a mão dele e segredou, me leva daqui, me leva daqui, quero sair.

Embora sem saber porque seguiu o desejo de Mulende, pediu aos kaxikos, vamos levá-lo para fora. Não só da cubata, mas do fortim. O kaxiko que abanara a cabeça sorria, antecipando a cena. E deu uma gargalhada, no exterior, quando Mulende se sacudiu, passou a mão pela cabeça, sentado no chão, e falou, já estou melhor. O padre entretanto tinha seguido o grupo e abençoou o rapaz, que te cures depressa conforme o desejo de Nosso Senhor, mas Mulende se levantou, ainda um pouco tonto, sem tremuras.

– Que te aconteceu, Mulende?

– Já estou bem, sô Carlos.

– Voltamos para dentro?

– Volte o senhor. Eu fico mesmo aqui fora.

O padre se intrometeu na conversa. Já vinham os outros moradores ver o que eram aquelas idas e vindas.

– Lá dentro ficas melhor, rapaz. Isto é região de muito leão, é perigoso ficar sozinho cá fora, mesmo no morro.

Mulende abanou a cabeça, calado. Carlos conhecia o gesto, nada o ia demover, tinha entrado numa onda de teimosia. Como quando se zangava e ficava três dias sem falar.

– Só gostava de experimentar uma coisa – disse Carlos. – Entras e juro que te trago logo para fora se voltares a ter tremuras.

– Vou ter.

O kaxiko simpático concordou, acenando com a cabeça, vai ter mesmo.

– Vamos experimentar – insistiu Carlos.

– Entremos todos que começa a escurecer – disse o padre.

– Vamos? – pediu Carlos ao rapaz.

Mulende encolheu os ombros, conformado. Avançaram para o interior do fortim. Mulende foi o último a entrar. Nem deu dois passos lá dentro, caiu no chão, com convulsões. Carlos e o kaxiko pegaram imediatamente nele e lhe trouxeram para fora, com o padre a fazer consecutivos sinais da cruz e já

arrependido de não ter trazido água benta consigo. Só lhe faltava vencer a preguiça e ir mesmo buscar a água para aspergir sobre todos, muito necessária nestes casos de possessão por demónios. Entretanto, deitado no chão exterior, Mulende logo se aquietou. Em breve estava sentado, sacudindo a cabeça como cão molhado, a afastar maus pensamentos. Agora estava rodeado por dez pessoas, uma das quais rezava em voz alta para esconjurar pragas, maus olhados e invejas.

– São maus espíritos, sim – disse o kaxiko que se rira antes. – Algumas pessoas sentem isso lá dentro.

– Superstições pagãs! – bradou o padre. Logo fez mais três sinais da cruz sobre o rapaz. – Vais entrar e rezar comigo na ermida, tudo passa, vais ver. Na ermida não há maus espíritos.

Mulende negou em silêncio. Fixou os olhos do kaxiko e entendeu neles. O homem sorriu, fez-lhe que sim com a cabeça, falou para o grupo:

– São sabedorias antigas, este lugar tem força. Algumas pessoas são apoderadas pelos espíritos, outras não. É um lugar muuuito forte! Tem malunga.

O sargento deu ordem para todos, vamos entrar que se faz noite. Os outros obedeceram, menos Mulende, Carlos e o padre.

– Pode ir, senhor padre, eu fico com o Mulende. Vou só lá dentro buscar as nossas coisas. Fazemos uma boa fogueira, bem perto do muro, ficamos bem, já estamos habituados.

O padre encolheu os ombros, resignado, e acompanhou-o lá dentro. Em breve Carlos trazia as vikwatas deles. Mulende entretanto já juntava paus secos para a fogueira. Fizeram mesmo um bom fogo e se instalaram para ali passar a noite. De dentro do fortim vinham vozes abafadas. Com os escravos que se deitavam ao relento, deviam ser perto de cem pessoas, o que provoca sempre barulhos, de conversas, choques de panelas, outros choques, discussões, até mesmo o ruído das brasas caindo nas fogueiras.

– Afinal o que aconteceu contigo?

– Aquele homem tem razão, sô Carlos. Esse lugar tem espíritos fortes. Eu entrava e sentia logo me puxarem, me puxarem, primeiro era as pernas, depois os braços e vozes a me gritar...

– Em que língua?

– Não sei. Me gritavam só e faziam barulhos fortes com a garganta, não sei mesmo. E me puxavam e eu tinha calor e tinha muito frio e um bocado

calor e bué de frio, friiio... Hum, hum, é um lugar mesmo forte. Sô Carlos, se quiser podes ir, devem ter comida boa e bebida, é aproveitar, eu fico bem.

– Não, durmo aqui.

Comeram carne seca com pasta de jinguba esmagada em mel, ótima ração de viagem. A mandioca já tinha acabado e era tarde demais para desenterrarem alguma. Beberam água. Se deitaram e dormiram até ouvir os leões. Realmente nisso o padre tinha razão, os leões faziam concerto com suas vozes diferentes conforme a distância, todas vozes de baixo, algumas mais fortes, as próximas, outras era só um respirar longínquo, profundo. Sabiam, o urro de leão se ouvia a mais de uma légua, se o vento ajudasse. Uma ou outra hiena ou coruja se intrometia no concerto alheio. Ficaram acordados até o dia raiar do outro lado do Kwanza. Os leões se calaram, as hienas também com os choros delas, foram dormir nos muxitos. Em breve se ouviam vozes no fortim da Muxima.

Carlos Rocha, depois de se lavar no rio, entrou no reduto para receber informações da região. O sargento lhe deu de comer e informou permanecer tudo mais ou menos quieto. Algumas pessoas vindas do ocidente e sul contavam, o grande jaga Imbe Kalandula estava muito próximo do rio com os seus guerreiros, alguns milhares. Havia quem tivesse medo de um ataque, mas era pouco provável. O forte ali irritava os kissamas mas não tinha grande papel ofensivo, apenas para controlar o movimento do rio. Os jagas não se preocupavam com a Muxima, até temiam o lugar. O kaxiko da véspera, que entretanto se tinha aproximado, confirmou com a cabeça.

– Imbe Kalandula sabe, este lugar tem espíritos fortes, não o ataca.

Foi nessa altura que a ideia entrou na cabeça de Carlos Rocha. Porquê continuar para leste, avançando com o Kwanza para o interior dos domínios de Ngola Kiluanji, sem saber onde parar? Era algum explorador, ávido de conhecer terras? O senhor do Ndongo não estava de boas relações com os portugueses e seria tomado por um deles. Aliás, a gente do interior considerava um negro de botas como um branco. Ainda por cima carregando mosquete. Por outro lado, se avançasse mais para leste acabaria por chegar ao território dos chefes do Libolo, os quais eram concorrentes do poder do Ndongo. Se meter entre os dois poderes seria aconselhável? O leste era demasiado problemático e ele queria chegar à costa, de todos os modos. Ora, a costa estava a ocidente.

Porque não beneficiar das informações e amizades do inglês Battell, o Kingrêje dos jagas, avançando para sudoeste? Arriscado, sem dúvida. Mas tinha curiosidade em chegar a Caxinde, a cidade descrita por Battell como a maior a sul do Kwanza e a mais ordenada de todas. Teria de levar algo que pudesse interessar o chefe jaga. Um mosquete? Não possuía a perícia de Battell nem a sua experiência guerreira. Aliás, nunca se tinha envolvido numa batalha, por mais pequena. Que coisa poderia oferecer a Imbe Kalandula, prenda que o impedisse de o comer?

Era pouco provável que o chefe se interessasse por ela, mas havia qualquer coisa, um conhecimento recente e uma estória antiga. Quanto mais disparatadas as estórias mais elas tocam na imaginação das pessoas. O túmulo de Diogo Cão não seria uma delas?

Mais disparatada não havia, com certeza.

Estava com orelha meio distraída e depois uma palavra chamou-lhe a atenção. Dizia o kaxiko, envolvido em discussão com o sargento português.

– Malunga, sim.

Carlos Rocha sabia dessa tradição antiga, do norte do Kwanza. O seu pai, antes de ser um bêbedo incorrigível, tinha andado muito e aprendido com os mais velhos, não só do Kongo mas também do Ndongo. E dizia ser crença merecedora do maior respeito. Malunga seria uma figurinha de madeira que se fixa no leito de um rio, perto da margem, entre rochas por exemplo, numa espécie de pequeno santuário. Os zeladores desses santuários tinham grande poder na sociedade, chegando a ser fazedores de reis. Ora, o kaxiko simpático, proveniente como os outros do norte do Kwanza, dizia que no leito do rio, no sítio onde desembarcavam as canoas na altura da construção do forte e da ermida da Muxima, tinha sido encontrada uma malunga. Prova de ser um sítio com muitos poderes incrustados. As pessoas mais sensíveis aos espíritos, como Mulende, por vezes com dotes divinatórios ou até de cura, reagiam violentamente quando se chegava a esses sítios de forte presença espiritual. Outras se sentiam muito bem, numa tranquilidade estranha. Por isso aquele cabeça de Muxima era visitado desde sempre por muita gente à procura de paz de espírito, se não de tratamentos milagrosos. Como o sargento português tinha dificuldade em seguir um raciocínio tão espiritual, ou talvez a fala em português fosse demasiado cansativa, o kaxiko terminou em kimbundo na direção de Carlos Rocha:

– Se insistirmos em pôr o jovem aqui dentro, uma de duas coisas

acontece: ou ele morre ou salta o teto da ermida ou de alguma casa. São forças incompatíveis.

– Por isso em São Salvador do Congo a primeira igreja não aguenta o teto? Põem e ele voa?

– Quem sabe? Pode ser sítio de malunga. Mas no Kongo eles não conhecem as malungas.

– Não, não conhecem – disse Carlos.

Podiam não conhecer e as forças estarem lá, com outros nomes ou configurações, quem pode saber os caminhos e as cores dos espíritos?

Mulende seria então um jovem dotado de poderes sobrenaturais? Carlos Rocha nunca se preocupara a sério com o assunto mas agora, pensando bem, o escravo ou ex-escravo lhe aparecia de forma diferente. De uma vez ou outra tinha de facto pressentido a chegada de pessoas muito antes de elas estarem próximas. E, quando lhe contou a prevenção da velha Na Gonga sobre homens brancos vestidos de escuro, Mulende estremeceu. E, da única vez que viu o governador Cerveira, ficou completamente transtornado, gritou para Carlos, ele pode te fazer mal, ele pode te fazer mal, a velha tem razão. Também em relação aos bichos havia factos estranhos. Não falava com eles nem os entendia, nada disso, mas frequentemente parecia lhes adivinhar os movimentos. Carlos atribuía à experiência e a muita observação. Agora duvidava, que experiência poderia possuir um tipo tão novo apesar de ter crescido no mato? Como se pressentisse o movimento do bicho, antes mesmo de o bicho querer. Confuso? Um pouco. Daria muito jeito se fosse um bom kimbanda, daqueles que adivinham factos ou doenças e as podem curar. Viveriam à larga com essa ciência tradicional, tão respeitada pelas populações dos kimbos. Mas ninguém lhe tinha ensinado nada e nunca o vira a fazer manipulações com raízes ou folhas, técnica habitual de kimbanda. De qualquer modo, devia observar melhor o rapaz.

Se os jagas deixassem.

Claro, Mulende tremeu dos pés à cabeça quando o dono lhe apresentou o mirabolante plano. E o mujimbo colhido no forte de Imbe Kalandula estar perto da Muxima era suficiente para o aterrorizar. Mais uma razão para avançarem até os confins do leste. Mulende já não sabia exatamente de onde tinha vindo quando mukwenje, apenas ser do leste, mas isso era muita terra, travessia de muitos rios. Embora lhe agradasse até certo ponto a ideia de se aproximar do sítio onde podia ter nascido, uma vez que a cidade lhe

estava no momento interdita. Ainda nem tivera tempo para chorar saudades de Luanda e já o dono lhe dizia, vamos nos entregar na bocarra daquele canibal do Kalandula.

– Adivinhas alguma coisa má? – perguntou Carlos, na esperança de testar as capacidades mediúnicas do rapaz.

– Não adivinho nada, Sô Carlos. Sei é que eles vão te comer e a mim também.

Se era a certeza de um vidente, então pior plano não havia.

Rocha não achou no entanto ser visão de um superdotado. Manteve a ideia, a qual necessitava de aperfeiçoamentos. Nessa altura foi chamado pelo capitão do forte, o qual lhe pediu tardias explicações sobre a razão da sua estadia na Muxima. Na véspera não houve ocasião, por causa do mal-estar de Mulende. O capitão repetiu duas vezes mal-estar, com olhos desconfiados. O sargento devia ter contado a conversa do kaxiko simpático e o chefe dos brancos vinha tentar descobrir segredos ou estar atemorizado com a possível presença de um feiticeiro, Mulende. Os brancos tinham bué de medo dos feitiços da terra, embora disfarçando com fanfarronadas. Ou então imaginava Mulende como experimentado médico, capaz de o curar das febres persistentes. Algum interesse pessoal havia no interrogatório, não era mera formalidade.

O kaluanda se sentiu no entanto apanhado numa ratoeira. Andava tão à toa da vida por causa do pai e dos pressentimentos da mãe e dos medos de todo o género que parecia de facto um caranguejo sem buraco. Não sabia realmente responder à pergunta, que faz aqui?

– Estou a caminho do sul.

Mais estranho pareceu ao capitão. Sul? Na véspera tinha visto o papel dele e até reconhecia a assinatura do ouvidor em Luanda, atestando a condição livre de Carlos e a sua posse legítima de Mulende. Mas não aparentavam aspeto de mercadores, nem de caçadores de escravos, nem nada, apenas dois rapazes negros, um falando bem português, do outro não sabia, além de parecer feiticeiro. Então que faziam ali? Iam para o sul?

– Que sul é esse?

– Vou tentar descobrir uma terra de que se fala na minha família. Espero chegar lá e voltar a tempo de contar ao meu pai, antes que ele morra. Está velho e às portas da morte.

Mentira deslavada, mas às vezes os brancos eram sensíveis a razões de

família, sobretudo este capitão, moribundo anunciado. Mais não precisava de contar. Também lhe parecia tudo tão disparatado que duvidava poder convencer o capitão. Razão de sobra para desaparecer no dia seguinte de madrugada. Disparatado ou não, o motivo da estadia foi facilmente aceite. O capitão estava doente, com muita gravidade, e já não raciocinava bem. Aliás, o estado calamitoso do forte denotava a falta de chefia, tudo sujo e a cair aos pedaços, os soldados com fardas descuidadas e aos farrapos, as armas abandonadas pelos cantos. O sargento era a verdadeira autoridade, mas parecia ultrapassado pela tarefa. E os três moradores brancos não deviam ajudar muito, a sonhar com sortidas para apanhar peças. Mas quem era ele para criticar os outros, ele que nem sabia ao certo onde ir e porquê. Devia ter voltado masé para a lagoa da Kazanza, escolher uma mulher para ele e outra para Mulende, pagar alembamento e pronto. Ideia estúpida ter atravessado o Kwanza.

Para se meter nas mãos de Imbe Kalandula!

Despediu do capitão, o qual nem reparou na sua saída. Foi dizer adeus a todos os que conhecera, inclusive ao padre na sua ermida, sendo obrigado a rezar com ele. Pensando nas palavras do kaxiko, se aquilo fosse mesmo lugar de malunga, o padre também podia explodir nos ares. Não, as coisas não se passavam assim, o pai nunca tinha falado disso. Fora só imaginação do kaxiko, já um pouco cacimbado de não fazer nada naquele sítio. De facto, que faziam aqueles moradores e seus criados ali? Definhando com as febres. O capitão talvez se devesse preocupar com isso, além do destino da sua alma.

Na madrugada seguinte levantaram acampamento e andaram para sul. Mulende tentou reclamar antes da partida, mas o ar decidido e de poucos amigos de Carlos Rocha dissuadiu-o. Durante o princípio de marcha, o escravo, que já não o era mas não tinha nenhum papel a provar o aforro, pensava no que lhe tinha sido prometido. Nesse caso, não era obrigado a acompanhar Carlos, era um homem livre. Não, o trato fora claro, ele era livre mas tinha de andar com o antigo dono. Então não era livre. Silogismo que qualquer escravo descobria imediatamente ser falacioso. Depois deixou de se importar com esses aspetos filosóficos, muito mais atento ao caminho de kimbundo que usavam, de certeza marcado por pés kissamas e jagas, tentando adivinhar alguma aproximação perigosa. E de facto acabou por notar, já a tarde chegava ao fim, um vulto de cubata à esquerda. Fez sinal a

Carlos, que vinha logo atrás dele, para estacar. E apontou silenciosamente o teto cónico de capim. Se esconderam atrás de uma árvore. Uma cubata isolada no meio do mato, sem lavras nem sinais de rio próximo, era um encontro insólito. Podia ser um refúgio de caçador. Apenas.

Carlos decidiu, vamos lá. Mulende ia replicar, pode ser perigoso, mas calou. Se houvesse alguém na cubata, era melhor contactar essa pessoa e obter alguma informação do que deixar uma dúvida para trás. Saíram do caminho e chegaram perto. Pararam, a olhar. Tinha uma entrada, sem porta nem esteira. O dono avançou e espreitou para dentro, fez sinal para Mulende, está vazia, e foi dar a volta. Por trás da cubata se apercebia uma ligeira subida no terreno. Foram por aí. Chegados rapidamente ao cimo, viram uma baixa verdejante do outro lado. Um kimbo se destacava no meio. E fumo indo para oriente. Não ouviam nada por estarem longe e com o vento no sentido contrário.

– A cubata está abandonada há muito tempo. Podemos continuar pelo caminho que seguíamos. Ou ir a corta-mato até o kimbo, estão a preparar a comida da noite. Que achas?

Mulende não achava nada. Encolheu os ombros. Carlos Rocha decidiu então:

– Esse kimbo fica muito para oriente e ainda é cedo. Vamos masé continuar pelo caminho.

Mulende pensou, caminho, caminho, o caminho dos jagas com as suas panelas prontas para nos cozerem. Mas vamos então por esse caminho mesmo. Voltaram atrás e retomaram a marcha. Mulende ainda pensou, aquele kimbo parecia pacífico, não era de jagas com certeza. E talvez tivesse raparigas bonitas. Foi assim se entretendo com pensamentos benignos até o dia começar a escurecer. Saíram do caminho, juntaram lenha e montaram acampamento. No dia seguinte teriam de encontrar um rio, a água já rareava. Acenderam o fogo, comeram e dormiram.

Acordaram com berros e pontapés. Estavam cercados por um bando de vinte rapazes, pintados de pemba e tacula, o branco e o vermelho dos guerreiros. Se agacharam, se enrolaram no chão, suportando os pontapés. Depois se ouviu uma voz de comando e os guerreiros pararam. Carlos Rocha levantou os olhos e viu um homem forte de lança em punho, uma saia de ráfia e o tronco nu, pintado com o branco da pemba. Um chefe. Se levantou e não teve dúvidas, tremeu sem vergonha. O personagem cabia nas

descrições, era um jaga. Os dentes em serrilha, por os incisivos serem limados em pontas triangulares, as escarificações no peito e nas faces, o colar de unhas de onça e a trunfa do cabelo indicavam o grupo. Battell tinha vezes sem conta falado nessas características dedicadas a inspirar terror. Mulende tremia igualmente mas se levantou também. O mosquete permanecia no chão, inútil. Um dos rapazes pegou nele, com muito cuidado e temor.

– Vim falar com Imbe Kalandula – disse Carlos Rocha, sem grande raciocínio e ostentando arrogância no falar. Com os jagas era preciso não mostrar medo, achava.

Um frêmito de pasmo percorreu o grupo. Seria por deferência ao nome do grande chefe ou pela inaudita ousadia do rapaz? O próprio homem que o afrontava pareceu surpreso.

– Quem é que tu és, branco?

– Não sou branco, mas sou amigo do Kingrêje.

Outro ah de admiração foi solto pelos rapazes. O homem ficou calado, olhando para ele. Mulende não lhe interessava, só o atrevimento de Carlos Rocha. Ficou algum tempo medindo-o, depois deu a ordem para o grupo, amarrem-nos e peguem nas coisas deles. A ordem foi prontamente cumprida. Alguns já tinham tiras de ramos de palmeira enroladas na cintura, com as quais amarraram as mãos dos dois rapazes. Lhes deixaram os pés livres, quem ia tentar fugir? Os porrinhos e os arcos e flechas eram ameaça suficiente para evitarem pensamentos de fuga. Empurraram-nos para o caminho e continuaram a marcha para sul.

Pararam junto de um riacho quando o sol estava a pino. Beberam todos e os rapazes jagas brincaram um pouco, atirando água uns nos outros mas não se banharam. Enquanto isso, Mulende e Carlos se deixaram cair no chão, ficando sentados a descansar. O ritmo da caminhada fora infernal e não imaginavam quando ia acabar.

– Chegamos hoje? – perguntou Carlos ao chefe do grupo.

– Chegamos onde?

– Onde vocês vão, claro.

– Dormimos no caminho.

Estava tudo dito. Iam andar até o quase pôr do sol, dormiam e continuariam no dia seguinte. Não era certo se chegavam nesse dia. “Dormimos no caminho” pode ser uma vez ou trinta. O chefe era parco de

palavras e devia estar indeciso sobre eles. Levava-os para algum acampamento ou kimbo ou mesmo para a célebre Caxinde. Se fosse para os matar, já o teriam feito. O chefe ia conduzi-los a alguém mais poderoso. Com muita sorte, seria Imbe Kalandula. O qual talvez se comovesse com a lembrança do Kingrêje Battell.

Nada mais duvidoso.

Mulende, pelo menos, já se tinha preparado mentalmente para entrar num caldeirão e ser cozido aos poucos. Escravo sabe, a sua vida é tão dependente da vontade alheia, que pouco vale ter esperanças. O pior era mesmo ser cozinhado em lume brando, demorava mais tempo, sofrimento a duplicar. A sua esperança era uma estocada rápida de lança, uma bênção. De facto se revelara muito perigoso acompanhar o seu dono desmiolado. Que ideia essa de procurar os jagas, exatamente o género de pessoa que ninguém queria encontrar naqueles matos! Seria preferível tentar entrar uma terceira vez no forte de Muxima, se babar e ter convulsões, aí ao menos poderia se habituar. Agora, cair no meio dos jagas! Por muito escuro que fosse, o seu dono era tão burro como um branco.

Dormiram no caminho três vezes. E o chefe nunca respondia quando Carlos lhe colocava uma questão. Já os soldados eram mais expansivos e por vezes conversavam um pouco. Ficaram assim sabendo se tratar de um grupo de reconhecimento que chegara mesmo ao rio Kwanza para contactar grupos da margem oposta. O quê, só o chefe sabia, ele é que falou com os outros. Não tiveram mais encontros e agora regressavam ao acampamento. Caxinde? Olharam uns para os outros, como se não conhecessem? Imbe Kalandula? Os olhos baixavam, uns ahs e suspiros baixos indicavam respeito. Mas não adiantavam mais informação, território reservado ao chefe. Dava para ver, um grupo altamente treinado e disciplinado. O muata deles quase não falava, as ordens eram na maior parte das vezes dadas com os olhos ou discretos sinais de mãos. Tremendos adversários! E os dois, além de já amarrados, não percebiam nada de lutas. Só mesmo a argumentação podia salvá-los. Tempo não faltara e Carlos Rocha aproveitava as marchas e as noites para preparar as palavras a dizer a Imbe Kalandula. O problema era conseguir chegar até ele. Nem tinha sequer a certeza de estar no grupo certo, pois podia se tratar de chefias diferentes. Segundo percebera dos relatos de Battell, os grupos jagas eram diversos e independentes uns dos outros. Faziam um jagado, que se chamava a um

poder localizado debaixo de um grande jaga e aí permaneciam. Quando o grupo crescia demais e havia poucas palmeiras, os guerreiros deixavam as mulheres com uma parte, geralmente os mais velhos, e avançavam atacar outros povos. Se apoderavam de novo território e criavam portanto um jagado. Até estar cheio de gente. Avançavam de novo. Não parecia haver um poder acima de todos os outros. No entender de Battell, Kalandula seria o mais importante, mas não dominava completamente os outros chefes. E poderia a qualquer momento ser desafiado por um deles. Assim se iam espalhando pelo sul do Kwanza como se tinham antes espalhado pelo norte, desde as terras de Kassanje até o mar. E tinham atacado o próprio reino do Kongo, confinando o rei a uma ilha no meio do rio, até ser salvo por intervenção dos canhões portugueses. Uma coligação de jagas reinava na Matamba, reino a norte do Ndongo e a leste do Kongo. Carlos percebera por viajantes que o poder se consolidava muito na Matamba, enriquecida pelo marfim mas sobretudo por vender escravos aos pumbeiros dos portugueses. A Matamba ainda ia dar que falar. E, de facto, os jovens guerreiros também revelavam respeito quando se falava na Matamba. Como se fosse um lugar mágico, diria, um lugar de malunga. Em contraposição, mostravam certa raiva a Ngola Kiluanji, o senhor do Ndongo. Cuspiam no chão, está velho, já não é capaz de combater. O chefe ouvia, não dizia nada, mas não os mandava calar. Sim, estes jagas pelo menos não eram aliados dos ngolas.

Ao fim da dura caminhada, rápida demais para os hábitos de Mulende e Carlos, chegaram a um kimbo grande. Ainda não era o fim de tarde e o fumo se sentia ao longe. Muitas fogueiras estavam acesas, centenas de mulheres preparando a comida. Como em toda a região, a principal refeição se fazia ao fim da tarde. E a digestão era ajudada pelas conversas à volta da fogueira, os cânticos e danças.

Levados à presença do chefe do kimbo, logo Carlos percebeu não ser Imbe Kalandula. Se tratava de um velho muito seco com uma voz fraca, nada semelhante ao ser forte e imponente descrito pelo Kingrêje. O chefe do grupo que os trouxera mostrava porém muito respeito por ele, batendo palmas a dar as informações e batendo palmas a ouvir as ordens do velho. Este acabou por perguntar aos dois viajantes:

– Que vieram fazer às nossas terras do Demba?

Carlos percebera tudo o que tinham falado, pois o kimbundo não era tão diferente do seu. Já tinham referido o motivo invocado por ele. Registou o

nome do kimbo, Demba, talvez mais que um kimbo, podia ser mesmo um jagado de menor importância. Se limitou a repetir quase com enfado:

– Procuro o grande chefe Imbe Kalandula. Tenho de falar com ele um assunto que lhe interessa.

– E que assunto é esse?

– Só posso dizer a ele. O Kingrêje é meu amigo e disse para eu falar com o grande chefe.

O velho olhou-o durante muito tempo, procurando intenções escondidas por trás das palavras. Intenções por trás das intenções talvez fosse mais certo. Mastigou um pau seco e cuspiu os restos para o lado. Contemplou o chefe do grupo, Mulende, ajoelhado em sinal de grande respeito, as mãos amarradas de Carlos Rocha, o seu ar arrogante, de pé, pernas afastadas, cabeça a direito. Procurava intenções, mastigava, cuspiu, procurava.

– E quem te diz que Imbe Kalandula quer falar contigo?

– Só dele poderei saber que não quer.

Era realmente uma resposta ousada, a roçar a impertinência. Ele sabia, tinha de mostrar certezas para se fazer respeitar. Mulende, pelo contrário, se encolhia a cada resposta do amo.

– Mas vocês estão a me fazer perder tempo, a andar para trás. Em Muxima fui informado, Imbe Kalandula estava perto. Aqui já não sei se está perto, se me afastaram dele.

– A última vez que ouvi falar dele, morava perto do rio Longa, que é o sítio dele – disse o velho.

– Na Muxima os portugueses me disseram, ele estava perto. O Longa é longe demais.

– O Longa está por toda a parte, não é longe... Bem, vão dormir. Amanhã falamos.

O velho fez um gesto e os guardas empurraram-nos para longe. Lhes obrigaram a sentar junto de uma fogueira. O resto do grupo estava por perto, menos o chefe, que ficou com o velho.

– Hum, esse velho não falar verdade – disse Mulende em português.

– Ainda bem, dizes alguma coisa, andavas muito calado. É do medo?

– Sim, sô Carlos, ter muito medo. Vão nos comer.

Falavam geralmente kimbundo entre eles, mas agora, no meio dos jagas, era preferível usar o português para não serem entendidos. Sobretudo quando faziam avaliação de situações delicadas.

– Se era para matar, porquê terem tanto trabalho a nos trazerem aqui? Não, eles nos vão levar ao grande jaga ou a um rival dele, importante também. Devem achar servimos para alguma coisa. E não devemos mostrar medo, somos fortes.

– Fortes? Eh eh, está maluco!

– Temos de parecer. Levanta a cabeça. Ri mesmo, se quiseres.

– Eu queria é chorar...

Carlos Rocha deu uma gargalhada. A mais atroadora que podia. Por um lado achara graça ao lamento do rapaz, por outro queria mesmo mostrar à vontade, segurança. Existe melhor chicote que uma grande gargalhada? A gente que estava sentada na praça central do kimbo olhou na direção deles. O soba do Demba e o chefe do grupo também. Espantados.

Prisioneiros alegres era coisa estranha.

Comeram, beberam maluvo, alguns até dançaram. Mas não deram nada aos cativos. Mau sinal. Finge que estás alegre, dizia Carlos, finge que não tens fome, estás acima disso tudo, és resistente. Fácil de dizer. Depois de um dia inteiro a andar, doía ver os outros comer e beber e estar amarrado. Por sorte tinham a fogueira para aquecer e afastar mosquitos e outros bichos da noite. Assim a passaram, pensando os dois, se não dão de comer é porque amanhã nos vão cozinhar.

Quem dorme numa situação dessas?

No entanto, logo que acordou e comeu, o chefe mandou-os, desanimados, à sua presença.

– Que querem falar com Imbe Kalandula?

– O mambo é só entre mim e ele – respondeu altivamente Carlos, para desalento de Mulende, o seu dono bem podia ter inventado uma conversa melhor.

O velho demorou muito a olhar para ele. O escravo não contava, embora fosse de carne mais tenra. Enfim suspirou, batendo no chão com o rabo de olongo servindo de enxota-moscas.

– Vão comer, depois seguem com o grupo.

Lhes deram a comida da véspera e até um pouco de kissângua demasiado fermentada, quase azeda. Mas era uma refeição principesca para quem pensava momentos antes ser cozinhado num caldeirão. E partiram com o mesmo grupo de guerreiros, embora mudando de chefe. Saíram do kimbo e logo pararam. Havia de facto diferença enorme entre os chefes. Este era um

falador, tudo ao contrário do outro. Explicou logo, Carlos tinha impressionado muito o soba do Demba com a sua coragem e achava poder ser uma importante ajuda para Imbe Kalandula. Dito isto, puxou do facão e cortou as amarras dos dois. O mosquete foi restituído ao seu dono. Carlos nem sabia o que dizer, agradecer também seria amabilidade de mais, um sinal de fraqueza, afinal tinham andado amarrados durante dias e a sofrer todas as contrariedades possíveis sem uma explicação. Se limitou a aceitar o mosquete e colocá-lo ao ombro. Olhou Mulende, renascido. Fez uma cara séria, de zangado mesmo, para que o escravo não rompesse em agradecimentos ou louvores, fica calmo e calado, lhe disse em português. O rapaz entendeu e confirmou com um aceno discreto. Partiram naquele rítmico endiabrado dos jagas que apanhava os inimigos desprevenidos.

Quem corre, alcança.

Viriam a saber pelo caminho que o anterior chefe do grupo era filho do velho soba do Demba. E o atual, de nome Mukilango, era sobrinho, talvez o herdeiro. Só que, conforme explicara o Kingrêje, era preciso ter cuidado com essas relações de parentesco, se tratando de jagas. Não tinha nada a ver com o sangue, pois os filhos eram adotados e os sobrinhos também, provavelmente de povos diferentes uns dos outros. Mas funcionavam como nas outras sociedades, com os sobrinhos a terem primazia sobre os filhos. Portanto este chefe falador seria mais importante que o anterior, quase mudo. Contou, iam tentar apanhar Imbe Kalandula ainda em Caxinde, cidade perto do Longa. Se em Muxima sentiam a sua presença era por estar a pensar se aproximar do Kwanza, para algum objetivo. Um grande chefe é assim, antes de sair de um sítio já sentem a sua presença no lugar do destino. O grupo do irmão, assim ele chamava ao anterior chefe, tinha-os capturado perto do Kwanza por andarem a fazer alguns reconhecimentos. Não avançou detalhes nem os dois forasteiros perguntaram se eram reconhecimentos militares ou de negócios. Perguntas indiscretas criam suspeitas perigosas. Carlos apenas ousou fazer uma suposição para manter conversa, Kalandula já teria idade avançada, ideia imediatamente refutada pelo chefe, Kalandula era forte, fazia filhos e mais filhos, tinha constantes vitórias militares, portanto não tinha idade, nem avançada nem atrasada.

Os mitos não têm idade.

Dormiram no caminho nesse dia, no seguinte e mais nos dois seguintes, o território da Kissama era vasto, pouco povoado, e tinham por vezes de fazer

longas curvas para evitar precipícios acentuados ou rios sem vau. Um estranho se perderia naquela confusão de caminhos cruzados, alguns com aparência de muito uso, outros quase invadidos pelo capim, até mesmo os que desapareciam de repente e era preciso avançar a corta-mato. Outro motivo de atraso da marcha era terem de caçar e passarem dias sem encontrar kimbos. Sem kimbos não havia farinha. Tudo inconvenientes. Mas o que os jagas sentiam mais era sem dúvida a raridade de palmeiras. Se encontravam alguma matebeira, já se não andava nesse dia. Cortavam-na, tiravam a seiva e esperavam até fermentar numa cabaça andando sempre na cabeça de um deles. Bebiam e dormiam. Mas nunca chegavam a se embebedar realmente, coisa tão frequente nos jovens de outros povos. Resistência natural ou autodisciplina? Carlos Rocha fazia como o Kingrêje lhe tinha ensinado, observava, aprendia. Se punha muitas questões, não lhes encontrava resposta, esperava. A resposta surgiria um dia, pela observação das coisas e das pessoas.

– Estamos perto – foi quase um grito de Mukilango, o chefe do grupo.

Alegria geral. Essa alegria se adivinhava na marcha anterior, cada vez mais rápida. Por isso o grito do chefe não surpreendeu totalmente Carlos Rocha. Os guerreiros imaginavam o que fariam na capital e os visitantes viam terminadas as canseiras da caminhada. Estavam quase insensíveis de fadiga. Só queriam dormir, ficar deitados sem mexer durante dias e dias.

Não tiveram essa sorte.

O povo todo veio esperá-los na tal avenida larga ladeada por palmeiras gigantes, apenas com um tufo de penas lá em cima. Se perdia na memória das pessoas quem projetara aquela avenida ou quem plantara as árvores todas alinhadas durante mais de quinhentos metros. A estranha avenida desembocava na praça onde pontificava o Ke-Sango, monumento ímpar que Battell descrevera como uma espécie de deus dos bárbaros jagas, uma figura de tamanho de homem sobre uma paliçada, em baixo da qual haveria uns quarenta gigantescos dentes de elefante espetados em círculo no chão e inclinados para a frente, quase se tocando nas extremidades, no meio dos quais havia centenas ou milhares de crânios humanos. Impressionante na verdade. E aterrorizante. Passavam rapidamente entre as pessoas e estas batiam palmas, pois não era comum ver ali um negro trajando como branco. Depois se dirigiram para um outro terreiro cercado de vissapas espinheiras, com algumas cubatas dentro e um grande njango. O chefe do grupo entrou

numa cubata, batendo as palmas rituais de saudação. Passado algum tempo saiu e se juntou ao grupo. Havia algumas dezenas de pessoas no terreiro, mas o njango estava vazio. Mukilango disse a Carlos para se aproximar do njango e sentar no chão. Quando o Grande Jaga viesse devia se prosternar em sinal de respeito. As regras eram semelhantes em todas as regiões que percorrera e por isso não se admirou. Apenas apreensivo, de facto nunca estivera perto de um muata importante. Sobas e sobetas de kimbo sim, como capitães de fortalezas portuguesas. Agora um Imbe Kalandula...

De facto não tinha a imponência que sua imaginação emprestara ou os relatos de Battell sugeriam. Parecia uma pessoa normal, de idade avançada mas não velho, apenas com o saiote de fios de palmeira, sem pinturas de pemba ou outra, as escarificações próprias do seu povo nas faces e no peito, um colar de missangas e anéis de cobre, pulseiras do mesmo metal nos dois pulsos e um rabo de olongo ou pacaça na mão. Sobre os ombros uma pequena pele de mbambi em equilíbrio instável. Entrou no njango e recebeu mudamente os cumprimentos de Carlos Rocha, só meneando a cabeça. Sentou num banquinho e ficou a observar o outro, reclinado para a frente a bater as palmas tradicionais de respeito.

– Podes sentar.

Havia bancos corridos no njango mas o visitante preferiu sentar mesmo no chão. O jaga sorriu.

– Então, que coisa tão importante tens para me dizer?

Carlos mirou-o mais uma vez de lado para confirmar a impressão inicial. Estava admirado com tão pouco formalismo. Normalmente os chefes gostavam de cerimónias e receções cheias de salamaleques para ostentarem poder. Imbe Kalandula nem se preocupara em convocar os seus comandantes e conselheiros, certamente numerosos, para ouvir o forasteiro. Nem sequer um feiticeiro veio se saracotear a afastar maus espíritos, o mínimo de ritual para qualquer soba que se preze receber visitas. Se falasse em tom baixo, talvez só o muata o pudesse escutar. Mas Carlos preferiu usar a sua voz normal, pois o secretismo ou a privacidade das conversas era muito relativo, como sempre soubera.

– Com atraso, mas trago-te os cumprimentos e a amizade do Kingrêje, que muito bem me falou do teu poder e da tua justiça.

– Onde está esse bandido? – O sorriso na cara do jaga suavizava o rigor da palavra.

– Partiu num barco para o Loango, já há uns meses, fugindo do governador português, esse sim, um grande bandido. Contava ficar no Loango a fazer negócios uns tempos e depois voltava à terra dele. Não enriqueceu neste tempo e tem de levar alguma fortuna para a família.

– O Loango é longe. Levou muitos escravos com ele?

– Nenhum.

– Nenhum? Sempre foi um bocado maluco esse meu amigo branco. Como vai viver? Sabes, foi o único branco que me serviu lealmente. Os outros só veem os seus interesses.

O Kingrêje também, pensou Carlos, outros interesses. Mas concordou com ar grave, era boa pessoa, muito leal.

– E então, a tua conversa?

Tinha mesmo de narrar a sua incrível, inconcebível estória. Cada vez que nela pensava para a melhorar, a achava mais despropositada. Agora nada havia a fazer, só podia avançar para o escuro. Quase certamente para a morte.

– Bem, venho contar-te um segredo e propor-te um negócio. Deves saber que o primeiro navegador português que chegou a estas terras, lá no Kongo, se chamava Diogo Cão...

Era evidente, Imbe Kalandula não sabia. Mas não disse nada, ficou só à espera do resto, como mandava a sabedoria.

– Bem, estabeleceu contactos com o rei, o Mani-Kongo, e foi embora. Voltou dois anos depois e deixou gente. Aí começaram as trocas entre kongueses e portugueses. Dizem, ele voltou uma terceira vez mas continuou pela costa do mar até muito longe. E desapareceu. Os portugueses não sabem dele. Alguém me contou o sítio onde ele morreu e está enterrado. A sul do teu território, num lugar chamado Kikombo. Tem um rio perto do mar, o rio Kubal. Aí está a sepultura dele. É uma informação muito importante para os portugueses. E esse é o trato que quero acertar contigo. Se me ajudares a ir até lá com proteção, porque aquilo é terra de sumbes, que são fortes guerreiros...

– Hum, hum, os sumbes são uns traiçoeiros. E não são nada fortes guerreiros. Nós é que somos.

– Claro, grande chefe, eles não são nada ao pé de ti. Mas são fortes de mais para mim.

Kalandula riu. Lançou o olhar à volta, esperando a reação dos ouvintes

àquela bajulação hábil. Os assistentes, que entretanto se tinham aproximado e rodeavam o njango, aplaudiram e riram, Imbe Kalandula brinca com os sumbes, nem precisa de lhes rosar para eles fugirem como mabecos.

– Por isso preciso do teu apoio para chegar lá e pôr os sumbes à distância. E encontrar a sepultura. Se a encontrar, esse mérito fica para ti, podes negociar com os portugueses. Eu quero é ficar ali na região e encontrar um modo de vida qualquer.

– Então, andas à procura de um corpo...

– Já passou tanto tempo, grande chefe, tanto tempo, os filhos já tiveram filhos que tiveram filhos que tiveram filhos... Só há ossos e pó, não pode haver corpo.

– Ainda pior. Esse tempo todo... Queres que eu negocie ossos?

A pergunta continha alguma irritação, perdida a afabilidade inicial. Carlos Rocha dizia para si mesmo, era demasiado estúpido, por isso até podia dar certo. Tinha de insistir na relevância da informação.

– Diogo Cão era um chefe importante dos portugueses, que eles chamam um almirante – ah, obrigado, Zala Nkundu! – Chegar à sepultura de um almirante desaparecido dá muito valor, mesmo se só tem ossos. O túmulo pode ser moeda para negociar com os brancos.

– Os brancos querem mesmo saber onde ficam os ossos? Então e os espíritos? Esses é que são importantes. Há uns que enterram e guardam os corpos como na Kibala. Ali fazem túmulos grandes com muitas pedras, no entanto é só para os chefes, mesmo na Kibala. Quem sabe onde fica enterrado o tio do tio da mãe? Não conheces, ninguém já se lembra, mas tu sentes o espírito dele a vadiar por cima das árvores, às vezes a perturbar a vida das pessoas, isso é que interessa.

– Os brancos são estranhos, se preocupam mesmo com os ossos. Até os enterram nas igrejas.

– O que são igrejas?

– São casas para cerimónias assim como o sítio que vocês fizeram para o Ke-Sango, um lugar de muitas forças.

– Já encontrámos. Não fomos nós que fizemos.

– Está bem. É como esse, um sítio com muitas forças.

– E eles enterram lá?

– Sim. Como se os ossos fossem importantes...

– Os da Kibala acham que sim. Noutros sítios também guardam as

sepulturas, ouvi dizer. Mas esses sítios não têm força, são como os outros. Se encontrares esses ossos do tal branco, isso me dá força?

– Para discutir com os brancos, sim.

– E discutir mais quê?

– Podem vir negociar.

– Sei o que eles querem. Escravos. Marfim também. E construir um forte para nos atacar, como fizeram perto do Cuvo.

– Podes exigir mais panos, mais aguardente. Mosquetes, pólvora.

– Isso, sim, era bom. Nunca quiseram nos fornecer armas. Kingrêje me explicou, tinham medo que eu ficasse com força demais.

– Se eu encontrar os ossos, talvez vão te respeitar mais. Eles querem esses ossos para levar para a igreja deles. Se lhes deres os ossos, eles podem trocar armas e pólvora por escravos. Ficam muito gratos ao grande jaga Imbe Kalandula.

– Hum!

Obviamente, o jaga não estava convencido. Mas devia fazer contas de cabeça. A coisa deve ser séria para este branco de cor preta vir arriscar me encontrar. Não percebo, mas os brancos são mesmo estranhos, este também já o afirmou. Até pode ser que fiquem muito agradecidos e me forneçam armas. Que tenho mesmo a perder? É só despachar um grupo de guerreiros com ele lá para a terra dos sumbes. Claro, está a atravessar o meu território e a conhecer. É o segundo branco a entrar em Caxinde, o primeiro foi Kingrêje. Mas que informações pode dar aos meus inimigos? Só vai ver a minha força. E depois, Caxinde agora é importante, amanhã pode não ser, nós estamos sempre a mudar. Parei aqui porque tem coisas diferentes, essas palmeiras que nunca deram maluco, o Ke-Sango, muita palmeira das boas à volta. Um dia não vai haver e os guerreiros vão pedir para irmos embora. E vamos. Portanto, ele conhecer o sítio também não é grave. Mas porquê aqueles ossos?

– Ouve lá, mas para quê tanta trabalhadeira à procura de uns ossos se há tantos inúteis por aí? Não era mais fácil juntar os ossos de uma pessoa que morreu há muito tempo e lhes entregar dizendo que são as ossadas do... como é que se chama?

– Diogo Cão...

– Isso, Diogo... Qualquer osso serve, osso velho é sempre igual.

– Vai ser preciso mostrar o túmulo. Eles fazem uns diferentes, não atiram

as pessoas para um buraco só à toa como nós. O túmulo tem de mostrar que é mesmo dele. Também pensei nisso, grande chefe... Enganá-los... Mas não ia dar certo, eles são desconfiados. Tem de ser no lugar que me disseram, assim eles vão acreditar, vão ver mesmo.

– E como chegam lá? Não deixo eles atravessarem o meu território com um exército.

– Claro que não. Vão de barco, pelo mar. O tal sítio é perto da costa.

Imbe Kalandula sorriu, mais tranquilo. Realmente era a estória mais estúpida que já ouvira. Se uma sua mulher lhe contasse, ele dava uma surra para ela aprender a não gozar com um chefe tão temido. Um branco da cor dele vir de tão longe para lhe contar, é porque havia alguma razão forte, ninguém é tão maluco assim.

– Está bem, te dou os homens. Agora vamos comer e beber.

Ao ouvir aquelas palavras, para ele mais que improváveis, Mulende não aguentou tanto nervosismo, tanta angústia, dias seguidos. Caiu, desmaiado, no terreiro.

– Ouviu falar em comer e desmaiou de fome – riu Carlos Rocha, um fino diplomata.

Então conquistou a simpatia de Imbe Kalandula.

Sempre nas pegadas de Andrew Battell.

Battell me contou muita coisa, mas nunca falou no pequeno arbusto que encontrei em Caxinde. De longas folhas verde-claras, bem cheirosas quando se calcava um pouco na mão. Aparecia por todo o lado. As folhas eram tão aromáticas que um dia resolvi experimentar como chá. Pus a ferver umas tantas folhas e acrescentei um pouco de mel ao líquido resultante. Deu uma infusão muito agradável. Mulende também apreciou. Me arrisquei e preparei um pouco para Imbe Kalandula, numa das nossas sessões de conversa. Eram frequentes, ele me chamava para lhe contar muitas coisas da minha vivência em Luanda e com os brancos. Tinha bué de curiosidade em perceber como era uma cidade de brancos, o tipo de casas, como eram feitas e quanto tempo duravam. Dizia, aprendia mais comigo que com o Kingrêje, que só gostava de falar de coisas do mar, assunto sem interesse e até muito perigoso, ou então falar dos presídios. Bem sabia que Battell teve ocasião de conhecer Luanda, mas talvez não lhe fosse agradável conversar sobre ela. No entanto o Grande Jaga não apreciou o chá, disse, isso é bebida para mulher, não aquece o peito. Preferia vinho de palma ou kissângua de massango. Se eu lhe desse geribita, então, teria dado urros de contentamento.

Kandalu, pelo seu lado, gostou do chá. Vinha constantemente ao cercado feito por mim e Mulende, não longe da onganda do Grande Jaga. Vinha Kandalu, a jovem de mamas redondas e duras, vinha Muhongo, a das

mamas pontiagudas, duas amigas como irmãs, seios sempre à mostra, como era tradição, pois lhes bastava uma saia curta de ráfia ou de pele de animal e alguns colares ou braceletes. Na barriga, Kandalu tinha uma escarificação representando um lagarto estilizado, enquanto Muhongo mostrava pontos em losango. Eram muito novas mas já deviam conhecer homem, havia liberdade sexual. Viviam em ongandas próximas, sobrinhas adotadas por dois homens já de certa idade, amigos como irmãos, possuidores cada um de duas mulheres.

Um dia Kandalu se deitou na esteira que eu tinha na minha cubata, tenho sono, estou cansada. Fiquei fora da cubata, para não parecer que me aproveitava da rapariga. Muhongo e Mulende me faziam companhia. Mas logo a seguir Muhongo disse, estou muito cansada, entrou na cubata do meu amigo, se deitou na esteira dele. Já tínhamos comido o que elas nos tinham trazido das suas casas e a fogueira estava acesa, colocada entre as nossas duas cubatas. Escurecia. Mulende estranhou, as duas têm sono ao mesmo tempo e se deitam nas nossas esteiras?

– Não estás a perceber? Querem a nossa companhia. Vai para a tua esteira que eu vou para a minha. Elas são livres, querem isso, nós também, que se lixe!

Deixei Mulende a hesitar e entrei na minha cubata. Kandalu afastou o pano de casca batida de imbondeiro com que se tapara e me servia habitualmente de cobertor. Me deitei e a envolvi. Passou a ser minha mulher. Foi então que confirmei, ela já tinha conhecido homem. Me disse, foi o meu tio o primeiro. Depois houve outros. E então?, desafiava ela. Nada, nada, lhe disse eu, acariciando o corpo sedoso. Já Battell tinha explicado esses mambos, as mulheres não tinham as peias habituais de outros povos. Aliás, também aprendiam a combater para servirem em caso de alguma emergência. E eram todas bravias quando se zangavam. Não passou muito tempo até conhecer o feitio difícil de Kandalu, quando os kalundús lhe atravessavam à frente dos olhos. Virava onça, dentes e olhos a faiscar de raiva. Com alguma calma, carícias e fala meiga, amansava a fera, virava gatinha de estimação. Mas cuidado com as garras, nunca encolhidas de todo. Era destemida para saltar de rochedo em rochedo, atravessar rios, caçar animais perigosos, subir às mais altas árvores. Não tinha dúvida, poderia combater com várias armas.

Uma guerreira, Kandalu.

O problema se começou a pôr em relação à família. Deixou logo de ser segredo que as raparigas dormiam muitas vezes na nossa onganda. Não sabíamos como atuar em semelhante situação. Battell, segundo suas próprias afirmações, se deitava com umas e outras, o que não causava problema, mesmo com mulheres casadas, os jagas não eram ciumentos. Mas se a ligação era permanente? Eu estava embeijado pelos modos aguerridos de Kandalu, afinal até tinha sido ela a me escolher, e adorava quando se zangava porque sabia que depois haveria quente reconciliação. O nome dela queria dizer “fogo pequeno”, um fogozinho, um foguinho. Por vezes ultrapassava o nome, se enfurecia e o fogo rugia em labaredas, já não era um fogozinho, era uma chana inteira a arder, uma floresta em chamas, um inferno. Para se apagar com umas carícias e umas palavras meigas. Não estava muito disposto a deixá-la e passar para outra. O mesmo acontecia com Mulende, o qual nunca tinha conhecido mulher até então. No entanto, como estabelecer uma ligação permanente com uma rapariga jaga? O jovem chefe de grupo que nos tinha trazido, Mukilango, herdeiro do soba do Demba, era o único conselheiro disponível. Terminada a missão de nos trazer a Caxinde, se preparava para o regresso ao jagado familiar. Não antes de falar comigo.

Fui direto, com os jagas os desvios são contraproducentes.

– Como faço para ficar com Kandalu? Pago o quê ao tio dela ou à família? Tenho de pedir a Imbe Kalandula?

– Queres Kandalu para mulher?

– É isso que estou a dizer.

– Pensávamos que se estavam apenas a divertir. Ela está de acordo?

– Não falei com ela sobre isso. Preferi falar contigo, não conheço os costumes e não quero ofender os mais velhos.

Ele riu. Andou mais uns passos na direção do rio onde tínhamos combinado ir nadar juntos. Era um riacho, em comparação com o Kwanza, mas dava para uns mergulhos e nos lavarmos bem. Tinha muitas rochas e mais abaixo uns rápidos perigosos. Mukilango avisava sempre, esses rápidos são traiçoeiros, muitas pedras pontiagudas, rasgam-te todo se vais para lá. Um pouco acima formava um largo calmíssimo e era aí onde os homens tomavam banho e conversavam. As mulheres tinham um sítio diferente, ainda mais acima, onde também lavavam os poucos trajes com que se cobriam.

– Fizeste bem em falar comigo. Primeiro tens de saber se ela te quer para marido. Pode só querer experimentar como é um branco...

– Não sou branco, sou da tua cor.

– Está bem, és da minha cor mas és branco, até andas de botas. Não interessa. Fala com ela. Se quiser, então deves falar com a família. Tens de pagar alembamento.

– O que é que se dá?

– É uma grande festa. Por isso é preciso um escravo.

– Dou um escravo?

– Sim, tem de haver boa carne na festa.

Percebendo a alusão, devo ter ficado mesmo da cor que ele me chamava, branco. Dava um escravo para ser comida! Ainda não tinha assistido a nenhuma festa a sério, de casamento ou por alguma vitória militar, por isso tinha sido poupado ao espetáculo. Battell disse, uma pessoa se habitua. Alguns acabam mesmo por comer carne humana, se tornam jagas, porém eu nunca aceitei, tenho princípios cristãos. Seria mesmo verdade, o Kingrêje nunca tinha participado do festim? Eu, Carlos Rocha, não o faria. E como arranjar um escravo, se de facto me decidisse a oferecê-lo? Mukilango obviamente não via dificuldade, devia estar a pensar em Mulende. Mas Mulende já não era meu escravo e mesmo que fosse...

– Não tenho escravo. Não há maneira de substituir um escravo por outra mercadoria?

– O rapaz não é mesmo teu escravo?

– Já disse várias vezes, ele é um homem livre.

– Então atacas um kimbo, logo que não seja dos nossos. Kimbo jaga não, jaga morre mas não pode ser escravo, muito menos ser comida, seria uma grande ofensa ao espírito que saísse dele, nunca mais teríamos paz. Tens um mosquete, consegues prender quem quiseses. Depende da família, como conversares, podem aceitar outra coisa. Mas costuma ser um escravo, não me lembro de ter acontecido de outra maneira. Tem de haver boa carne para a festa, para o início da festa. Depois se come outra qualquer, nuncce, mbambi, pacaça...

Estava verdadeiramente entalado. Ia procurar uma aldeia, esperar que alguém aparecesse num caminho dando ao rio, por exemplo, e depois lhe saltava em cima e o prendia? Para depois o oferecer como pitéu? Nunca o poderia fazer, por mais que quisesse Kandalu para mulher. Pronto, ficamos

assim, brincamos um com o outro, até ver. Qualquer dia, passada a novidade, ela escolhe outro. E eu fico a morder-me de ciúmes e a me acusar de ser um fraco que nem a soube guardar. Pior que perdê-la devia ser o remorso de não ter feito tudo para a merecer.

A decisão tinha de ser tomada, pois Imbe Kalandula se aprontava para partir, como já se sabia há muito. Me disse, ia se encontrar com jagas da margem direita do Kwanza, muito ativos a kanzar peças para as vender aos portugueses de Massangano e Luanda. Deste lado do rio havia bastante gente mais para o leste, onde ele poderia também apanhar muito escravo. Mas precisava de estabelecer uma melhor maneira de vender. Deste lado vinham raros pumbeiros combinar as trocas, por medo dos kissamas. Além disso era comércio incerto e Imbe Kalandula de cada vez se sentia aldrabado nos preços. Do outro lado do rio, os portugueses estavam a criar feiras, que reuniam regularmente, onde se negociavam peças. Ele precisava de ver uma feira de mais perto, como processavam as coisas, se era mesmo negócio seguro. Tinha desconfianças das feiras do outro lado do rio, pois tudo se passava muito próximo dos domínios do senhor do Ndongo e este reino se apresentava muito instável, com o rei velho e doente. Se dizia... Adivinhando dúvidas na fala de Kalandula, lhe perguntei se era mesmo verdade estar Ngola Kiluanji no fim da vida. Ele abanou a cabeça, muxoxou, resmungou:

– Esse velho é muito sabido. Ouvi dizer, ele estava a morrer, da única vez que saltei o Kwanza. Fui falar com o mais-velho. Encontrei-o todo satisfeito com dois filhos nos braços. Duas das suas mulheres tinham acabado de parir. Hum, deixa! Finge que é muito fraco, finge estar doente, para ver quem é que começa a se pôr demasiado de pé. Filhos, sobrinhos, todos a se olharem nas costas, medindo forças, negociando apoios... De repente, já está bom, e o pretendente que aproveitou a doença para fazer campanha de sucessão tem a cabeça cortada. Lá é como no Kongo, tudo se complica com as regras que os padres ensinaram de os filhos substituírem os pais no trono. Os sobrinhos e os guardiões da tradição puxam para um lado; os filhos, as mães dos pretendentes, os padres, todos puxam para o outro lado. Quando ele morrer, vai haver muita confusão, podes acreditar. Pode ser confusão boa para mim. Também pode ser má, se eu estiver no meio da maka com uma bebedeira de maluvo. Deste lado do rio temos mais proteção.

De facto sempre ouvi dizer do Ngola Kiluanji ser um rei à beira da morte.

E a política da região era altamente influenciada pelos prognósticos do seu futuro falecimento. Seria mesmo uma inteligente tática dele para descobrir as ambições e traições escondidas?

Um dia ousei abordar com Imbe Kalandula a questão do tráfico de escravos. Eu não era contra, sempre o conheci, parecia prática de toda a gente na região. Porém só beneficiava os portugueses, pois, como o meu pai dizia, no Brasil se construíam coisas muito boas com o trabalho dos escravos idos daqui. E terras que o meu pai conhecera cheias de gente agora estavam vazias, abandonadas. Fiz essas reflexões ao Grande Jaga, sem perguntar a sua opinião.

– Aqui tem gente de mais. E vais ver lá para baixo – apontava o sul. – Perto do mar nem por isso, mas quando a terra começa a subir, tem muita população, muita mesmo. Se eu puder ter armas boas a troco de escravos, porquê não vou vender? Só comer? A carne de pessoa é boa para certos momentos, não deve ser a comida de todos os dias.

Quer dizer, para ele não havia alternativa: ou vendia ou comia os escravos. Cocei a cabeça, não repliquei.

Ia falar mais o quê?

Imbe Kalandula arranjou um grupo de vinte guerreiros para nos acompanhar ao sul. O grupo seria liderado por um chefe chamado Mbombe, o qual tinha privilégios especiais e por isso obtido consentimento de levar a mulher, Kafeka. Eu estava pronto para a partida, apenas com um senão: Kandalu. E o mesmo mambo afetava Mulende, apaixonadíssimo por Muhongo. O tempo corria para o momento da partida e mais angustiados íamos ficando. Falávamos entre nós e Mulende estava comigo, não podíamos apanhar gente para ser comida. Uma coisa era suportar o espetáculo, se acontecesse. Outra era participar dele, financiá-lo mesmo. Não era coisa de cristão, uma barbaridade. Mulende encolheu os ombros ao argumento religioso, isso não lhe tocava. Mas instintivamente tinha horror ao costume, aliás, na sua etnia nunca se praticava a antropofagia, nem mesmo a esporádica e ritual.

Falei com Kandalu, uma noite. Tinha de partir e não queria deixá-la. Mas não dava para casar de repente, falta de alembamento, falta de tempo para arranjar alembamento. Mais tarde, devagarvagar, haveria de lhe ensinar a ser contra o hábito de comer carne humana, porém ainda era cedo para utilizar o argumento moral. Ela estranhou, então não tens bens para

oferecer? E não és capaz de caçar uma pessoa? Sim, podia, mas não tinha tempo, já íamos partir. Como fazemos para vires comigo e Muhongo com Mulende? Se queres vir comigo...

– Podes me pedir emprestada ao meu tio. Quando voltarmos tu pagas então o devido.

Era simples.

Porque não tinha falado abertamente há mais tempo? Ela ia de empréstimo e eu não tinha intenção de voltar a Caxinde, de Caxinde levava Kandalu e o chá. Não sabia se voltaria a encontrar a planta de folhas bem cheirosas, por isso arranquei uma pequena com as raízes, levaria para toda a parte, humedecendo de vez em quando as raízes para a manter viva. Nunca pagaria o alembamento, tal como o concebiam os jagas. Fui falar com Mulende, que se entusiasmou também.

Portanto, lá fomos nós parlamentar com os tios das respetivas. Pedi a Mbombe para ser meu advogado e Mulende arranjou outro. Mbombe ficou efetivamente vaidoso por ser escolhido para advogado de um “branco”, não era responsabilidade para todos. Mas o regateio foi complicado, exigia discursos de um lado e do outro, gritos, ameaças de zangas, reconciliações, muito maluvo. Durou um dia inteiro, um verdadeiro teatro encenado pela tradição. O empréstimo se compensava com dois cabritos a cada uma, que paguei com sal. Quando voltássemos se faria a festa a sério.

Se dependesse de mim, não haveria escravo ingerido na minha boda.

Nos despedimos de Imbe Kalandula, não sabia se para sempre. Quase certo ser despedida definitiva, pois teria de passar a fugir dos jagas, ao fim de certo tempo, se quisesse guardar Kandalu sem pagar o kilapi. No improvável acaso de encontrar o túmulo de Diogo Cão no Kikombo, e essa de facto era a última das minhas preocupações, então veria ainda Kalandula, para lhe servir de intermediário nas negociações com os portugueses. Na hipótese meio absurda de os portugueses aceitarem a descoberta como importante, teria o meu quinhão no negócio, o qual talvez resolvesse o problema do alembamento com a oferta de outra coisa preciosa no lugar de um escravo. Talvez. Para já, o importante era sair de Caxinde com ela e em bons termos com todos os jagas. O empréstimo não tinha prazo, podíamos pois dilatá-lo conforme as dificuldades da empreitada. Atirei para trás os temores, bati palmas e mais palmas de reconhecimento, partimos, os guerreiros, nós dois e três mulheres. Para a felicidade ser completa, eram

amigas e crescido perto umas das outras, embora Kafeka tivesse mais idade.

Mas não foi fácil chegar ao Kikombo.

Atravessámos serras com densas florestas. No princípio da caminhada, os homens do grupo sabiam qual o trilho, percorriam a sua área habitual. Logo entrámos em regiões que eles só conheciam indiretamente, por outros lhes terem contado cenas de incursões passadas. E quando as serras cresceram ainda mais e as florestas se cerraram, as amarguras começaram. Havia pouco alimento e mesmo o meu mosquete não se revelava muito útil. A selva era fechada demais para ter caça suficiente à vista. Não havia kimbos, portanto pouca esperança de encontrar farinha, inhame ou fruta. Os rios eram de montanha, água límpida e fresca e tinham algum peixe, mas se perderia tempo demais a pescar para vinte e cinco pessoas. De vez em quando um javali era abatido. Dava para um dia se fosse dos grandes. Água não faltava e sede não tivemos, fome sim. Ainda por cima aquelas florestas pareciam não ter abelhas. O mel é uma grande ajuda para um viajante esfomeado. Basta um favo mastigado com parte da cera e muita água por cima. Se fica um pouco enjoado e com cera colada nos dentes, mas sem fome por um dia. Porém, não encontrávamos mel. As mulheres eram novas, guerreiras, andavam ao nosso passo. E digo nosso, pois acabámos por apanhar a cadência jaga. Eu ficava sempre espantado à noite, quando fazíamos acampamento e Kandalu ainda era capaz de acender a fogueira, fazer a comida se houvesse o material necessário e ainda cuidar de mim. Nunca mostrava cansaço. O mesmo se passava com as outras. E carregavam tanto peso como nós, quando o havia para transportar. Apesar do treino de caminhada rápida, eu chegava esgotado ao fim do dia, Mulende também.

Mesmo com a fome, a nossa marcha para o sul parecia tranquila. Nada de grupos inimigos ou obstáculos intransponíveis. Propus entretanto que fletíssemos mais para ocidente, na esperança de sair da região das montanhas arborizadas e nos aproximarmos do mar. Para procurar povoações, comida. Naquelas florestas não se tinha vista para nada, só árvores. Se ascendíamos à mais alta, um oceano verde se apresentava aos nossos olhos. Ondulava conforme os vales e as elevações. Mas nada de fumo a subir para o céu azul, indicando um kimbo. Mbombe também já andava a pensar o mesmo, me disse, tínhamos de sair da floresta e só podia ser para sudoeste (ele indicava com o braço, esse deve ser o caminho). Porém, mesmo assim a floresta parecia nunca mais acabar. Finalmente, um

dia, no alto de uma montanha mais escavada que as outras, percebemos muito longe uma falha no tapete verde. Numa baixa, talvez ao lado de um rio pois havia reflexos do sol. Podia ser uma aldeia. Marchámos para lá mas ainda dormimos no caminho.

Nessa noite, Kandalu se chegou mais a mim. Devia ter frio, mais frio que o habitual. Estava agarrada às minhas costas e por vezes tinha estremeções. No sono? Seriam sonhos maus? Esperava que não fosse doença.

De manhã estava murcha. Brinquei com ela, mas não riu. Os outros também repararam, mas ninguém perguntou a causa da sua tristeza. Avançámos para o kimbo, Kandalu à minha frente, no meio do grupo. De vez em quando me parecia vê-la ter um estremecimento, mas podia ser provocado pelo trilho que ia sendo talhado à sua frente. Encontrámos por fim um carreiro sem uso há muito tempo. O homem da frente passou a ter menos trabalho de cortar as lianas e folhas com o facão para abrir caminho. Descíamos com rapidez. De repente vimos o rio. Ao lado, como suspeitei, havia um terreno razoavelmente grande com poucas árvores dispersas e paus queimados há muito tempo. Tinha sido um kimbo.

E Kandalu caiu à minha frente.

Nem tive tempo de a segurar. Me debrucei sobre ela, estava sem sentidos. Os da frente continuaram a avançar para a água sem reparar no sucedido atrás. O kimbo fora há muito abandonado mas poderia haver cereais ou restos de hortas à volta, daí a urgência. Nós estacámos e, depois de tentar reanimar a minha mulher, resolvi levá-la para baixo. Peguei nela ao colo e os outros ajudaram a carregar as nossas poucas vikwatas.

Quando chegámos abaixo, o grupo da frente já tinha feito as primeiras explorações. Tinham encontrado alguns arbustos de jindungo, carregados, mangueiras sem frutos, nem vestígios de massango ou massambala, antes uma árvore de fruta-pão bem cheia. Esta notícia era magnífica, pois o fruto cozido acompanhava lindamente carne ou peixe, como inhame, mas mais saboroso. No entanto, eu nem ouvi as notícias, preocupado com o desfalecimento da minha amada. A qual enfim abriu os olhos, nos meus braços. Viu o rio, fitou a margem e os restos de kimbo, soluçou e voltou a desmaiar, para meu desespero.

– Que faço, Mulende?

Ele estava aflito, porém só encolheu os ombros, vai passar. Nem Muhongo ou Kafeka sabiam o que fazer. Febre não tinha, outra coisa seria.

Mulende, que tinha pressentimentos, não estava preocupado, por isso me acalmei um pouco. Fiquei com ela nos braços, ninando, rezando para que despertasse, enquanto os outros montavam acampamento afastado das águas e um grupo tinha alargado a área das buscas à procura de comida. Vieram com uns tubérculos parecidos com inhame. Fruta-pão e espécie de inhame, já não era mau.

Kandalu voltou à consciência. Falei para ela como se fosse uma criança, numa voz segura e baixa para a tranquilizar, em kimbundo dos jagas e em português que ela não entendia mas gostava de ouvir, sobretudo quando eu falava, meu foguinho, meu fogozinho que me queima por dentro, meu mel queimado, minha queimada no capim, minha fogueira na Lua. Ela tremia agora. Perdi conta do tempo, ficou escuro e nós naquela posição, eu falando coisas doces e ternas, ela mudamente teimosa.

Recusou comer. Comi o que me competia de fruta-pão e inhame meio assado, bebi água. Levei água a Kandalu e aceitou. Foi a única coisa ingerida por ela. Dormimos apertados um contra o outro, eu rezando como antes para não ser doença, sem saber, há mambos piores que doença. Ou outras formas de doença. Passei a noite quase sempre acordado.

De manhã desmontámos o acampamento, partimos. A minha mulher não falava. Me lembrei de fingir uma zanga, berrar com ela, ameaçar, pois talvez fosse um capricho qualquer. Mas pensei, desmaiou duas vezes, não pode ser só um capricho. Resolvi não dizer nada, só ajudá-la a se aprontar. Os preparativos para a marcha eram do mais elementar. Beber água do rio, passar o pau de escovar dentes pela boca, lavar os olhos e arrumar o precioso cobertor de casca. Que mais havia para preparar? Eu tentei colaborar o máximo, poupando esforço dela. Voltámos ao caminho de saída e ao fim de cinquenta metros Kandalu se virou para trás na minha direção. Porém, não me fitava, olhava para os restos do kimbo.

E vi a dor nos olhos dela.

Andámos de novo pela floresta, subindo e descendo montanhas, primeiro por uma senda antiga, depois a corta-mato, até encontrar um carreiro mais novo, isto é, com vestígios de ter sido usado, alto! Os mais experientes dos batedores andaram num sentido e depois no outro, se decidiram para a direita, vamos por ali, apontavam. E eu a pensar na dor descoberta nos olhos dela. Falei para Kandalu, este trilho vai dar a um kimbo, vamos comer funje, descansar, coragem, falta pouco. Pareceu não ouvir, nem para trás se

virou. O caminho era todo às curvas, fugindo aos acidentes naturais. Não eram só ravinas cavadas pelas águas das chuvas, por vezes precipícios de dezenas de metros, mas também rochedos surgidos do meio das árvores, que era preciso rodear. O sol estava no zénite quando ouvimos pilões.

Alto!

Os pisteiros foram sozinhos, silenciosos, sem pisar uma folha seca, sem tocar num galho de árvore, como onças em sonhos, avançando, se fazendo sinais incompreensíveis para mim, mas eu não era jaga e muito menos pisteiro, só andava pelo mato há anos por zonas conhecidas. Desapareceram da nossa vista, tragados pela selva e uma curva do caminho. Era preciso esperar. Me encostei a Kandalu, forcei-a a sentar, eu de costas num tronco e ela no meu peito. Lhe falei palavras de amor, em kimbundo e português, só abanou a cabeça, se aninhou mais, suspirou. Eu estava assustado, perdera a fala? Por minha causa? Não parecia zangada comigo, não, eu vi nos olhos dela a dor, mas não era dirigida a mim, fitava o kimbo desaparecido. Lhe lembrou alguma coisa, podia ser. Às vezes temos umas visões que nos levam para longe e nos atormentam, ouvira as velhas falar disso, nos meus tempos de Luanda, em conversas sobre kalundús e feitiços.

Vieram os pisteiros, andando mais depressa, tem um kimbo, pouca gente, explicaram. Os homens estão todos juntos no njango, bebendo maluvo, as mulheres a preparar o funje. Não ouvimos bem a fala, mas não são dos nossos. Mbombe escutou, como todos nós, as informações sussurradas. Estava agachado, bunda sobre os calcanhares. Levantou, vamos apanhá-los. Deu ordens, dividem-se em três grupos, tu, tu e tu vão por aquele lado, muito devagar. Tu, tu, tu, tu vão por ali, e apontava em arco, fazem assim, tu, tu, tu, tu e tu, vêm comigo, vocês ficam aqui com as mulheres. Os que ficavam com as mulheres éramos nós, Mulende e eu. Levantei, obrigando Kandalu a sair da sua posição, nada disso, falei, vamos todos. Ele encolheu os ombros, está bem. Vi a minha mulher empunhar o facão, as outras também, os guerreiros prepararem os arcos, outros brandirem os onjavitis e os porrinhos de guerra.

— Esperem aí — disse eu. — Mbombe, não vamos atacá-los. Só cercá-los para que não se escapem e espalhem por aí. Não é para matar. Vamos só pedir comida e informações sobre o caminho.

Uma gargalhada geral acolheu as minhas palavras. Se o kimbo era muito perto a gargalhada estragava o efeito de surpresa. Reparei, Mulende não riu.

Nem Kandalu. Esta era de facto uma jaga estranha.

– Se não é para os matar, porquê vamos então lá? – disse Mbombe. – Matamos, comemos alguns e a comida deles, bebemos o maluvo, abatemos uma palmeira, dormimos, depois vamos embora. É assim que se faz.

– Não, desta vez não se vai fazer dessa maneira.

– Eu sou o chefe do grupo – soprou Mbombe, fervendo. As narinas dele começaram a abrir e fechar com a fúria.

– Tu és o chefe do grupo para marchar. Eu sou o chefe da missão. Vocês não estão a vir para me acompanhar? Não foi o que Imbe Kalandula mandou? Tomarem conta de mim e dos meus. Só isso. Levar, proteger. Na guerra eu sou o chefe. E não vai haver guerra.

Eu próprio estava admirado da minha coragem. Afrontar um grupo de guerreiros jagas, dizer-lhes que não iam comer os seus inimigos, pitéu sempre esperado? Mulende deve ter pensado eu era maluco, às vezes ele pensa isso, sei. Mas estava determinado. E parecia manter o apoio mudo – incompreensível e insólito talvez – da minha Kandalu. Isso me dava forças redobradas.

Mbombe respirava com força à minha frente. Mas as narinas diminuíram o seu rítimo de fremir e vi as armas dos outros baixando lentamente. Não deixei passar o momento.

– Vamos fazer como Mbombe disse, divididos em grupo, ele é um bom guerreiro, conhece como se ataca. Mas só para eles ficarem cercados e não fugirem. O nosso grupo vai entrar no kimbo, falar com eles, para se acalmarem. Vamos então, vocês avancem por ali, sem fazer barulho, vocês pelo outro lado para lhes fecharem a fuga, nós vamos pelo caminho, a direito até o kimbo.

Na mata as vozes enfurecidas se ouvem longe, no entanto. Apesar da distância razoável a que nos encontrávamos, falámos forte demais. Quando chegámos à vista do kimbo, não estava ninguém, exceto dois cabritos num cercado. De facto eu notara ter deixado repentinamente de ouvir os pilões, mas julguei ser por outra razão. Antes de mim, os jagas tinham percebido o silêncio dos pilões. Mas havia comida suficiente para nos alimentar e nenhum morador. Tanto melhor! Mbombe olhava para mim, furioso. Eu disse:

– Vamos comer à vontade. Temos aí dois cabritos. E massango para funje. Dormimos aqui. Amanhã vou deixar um bocado de sal como

pagamento pela hospitalidade forçada.

Isso já era demais para ele. Pegou em Kafeka pela mão e entrou no mato. Não sei se foi mijar, se foi descarregar nela a frustração. Depois perguntaria a Kandalu. O grupo que avançara pela esquerda entrou no kimbo e o da direita também, de forma sincronizada. Sem mostrarem admiração por terem os habitantes desaparecido.

– Ouviram – disse Muhongo.

Abanaram as cabeças, furiosos. Me olharam, acusadores, silenciosos. Mas sentaram no chão, a observar todos os movimentos. Pedi a Mulende e ele foi matar os cabritos. Logo três guerreiros se ergueram e o ajudaram. As mulheres continuaram a tarefa interrompida de esfarelar o massango nos pilões, trabalho de mulher. Eu fiquei a ver o meu grupo e a adivinhar a raiva de todos. De Kandalu também? Não me parecia. Se ao menos falasse...

Comemos e bebemos o resto do maluvo. Havia pouco, mas ninguém ousou abater uma palmeira, pois eu não tinha dado a ordem. Mbombe e Kafeka apareceram mais tarde, já a noite caía e estávamos espalhados pelas fogueiras. Kandalu foi lhes levar a comida que guardara. Não a recusaram. Mbombe não tentou sequer explicar porque se ausentaram, nem me dirigiu a palavra. Tinha feito um inimigo? Mas que queriam eles? Que matássemos toda a gente e comêssemos alguns? À minha frente?

Kandalu se deitou ao pé de mim e repartimos o cobertor comum. Segredou:

– Diminuíste a autoridade de Mbombe no grupo. Ele está muito sentido.

Afinal ela falava, aleluia! Só isso me fez sentir melhor. Capaz de enfrentar todos os Mbombe do mundo.

– Eu sei, mas tinha de ser. Não podemos matar gente que nem conhecemos, só porque são gente. Queríamos comer. E não comemos? Não conseguimos informações, mas aquele caminho vai nos levar para outro kimbo e está na direção que me interessa. Mbombe está a fazer bom trabalho. Amanhã falo com ele, espero que ele compreenda e me desculpe se o desautorizei.

– Desculpar de quê? Tu és o chefe, tomaste o comando. Mbombe vai ser como um guerreiro qualquer, vai ficar à espera das tuas ordens. Ele deixou de ser chefe, tu o tiraste da chefia.

– Não, não é isso que quero. Ele deve continuar a comandar.

– Não vai. Disseste, Imbe Kalandula mandou te obedecerem, ele aceitou.

– Falou isso contigo?

– Não falou nada. É preciso?

Eu estava indeciso, sem perceber muito bem se ela me criticava ou não. Falava calmamente, nada de fúrias. Apenas numa voz cansada. Algo distante. Não íamos adiantar muito com aquela conversa.

– Amanhã vou lhe falar e esclarecer tudo. Quero que fique como estava antes, ia tudo bem, ele sabe dirigir um grupo melhor que eu.

– E não houve guerra...

– Pois, e não houve guerra... mas quero falar de outra coisa. Que aconteceu contigo ontem? Hoje também não falavas, estavas triste. Que aconteceu? Estás doente, *meu fogozinho*²?

Emudeceu. Bem tentei puxar conversa para voltar à mesma pergunta. No entanto, ela não disse mais uma palavra. Até adormecer.

No dia seguinte, me dirigi a Mbombe. Ele mantinha os olhos baixos, não por humildade, atitude desconhecida dos jagas, provavelmente apenas para não revelar raiva.

– Não quis tirar a tua autoridade, mas tenho as minhas razões para não atacar os kimbos. Faz parte do plano que me leva ao sul e que Imbe Kalandula conhece. Sabes nos conduzir muito bem, és um bom comandante. Deves continuar a chefiar a marcha.

Ele hesitou por breves instantes, coçou a cabeça, concordou com ela. Em seguida deu as ordens necessárias. Os guerreiros olharam para ele, para mim que sorria, aliviado, e sorriram também. Era lógico, se sentiam muito mais confiantes comandados por ele do que por um *branco* incapaz. E instintivamente sabemos, sempre é melhor ir num grupo em que os chefes não se digladiam. Tinha conseguido vencer uma batalha, me desviar de um escolho importante, motivo de satisfação. Disse baixo para Kandalu, viste que tudo correu bem?

– Tiveste sorte. Mbombe é boa pessoa, minha família.

Eles eram todos família quando dava jeito, famílias de adoção. Não liguei muita importância a essa parte da resposta. No resto sim, ela tinha razão, tive sorte, apenas isso, sorte, que é muito necessária quando se trata com jagas.

Foi só dias depois, já estando nós em território dos sumbe, com as florestas pelas costas, nos restos de montanhas morrendo na faixa costeira, dentro de uma gruta onde passámos a noite enquanto o resto do grupo

ficava fora deitado junto de fogueiras, que voltei a insistir com Kandalu, explica lá o que aconteceu naquele kimbo abandonado que te pôs tão triste, tens de me contar, agora estamos juntos e deves confiar em mim, conta o que viste e eu não vi. Foi deixando escorrer areia fina entre os dedos, matutando. E falou, longos momentos depois, como um kazumbi, uma voz desencarnada, trazida do mundo dos mortos, aquela era a aldeia onde tinha nascido, reconheceu os cheiros, o ar, os sons, não sabe, mas ao nos aproximarmos ela sentiu entrar num mundo conhecido mas muito longínquo, já esquecido nos escombros da memória, ouviu as vozes dela e dos irmãos e dos amigos brincando a se darem de pinos no rio, o barulho dos pilões a bater, a voz tranquila das mulheres trabalhando, os homens conversando no njango sobre o tempo e as lavras, até de repente o ar explodir em gritos e flechadas, correrias e lamentos de aiué, mamaué, os jagas, os jagas, e aparecerem de rompante os grandes guerreiros invencíveis pintados de pemba e era tudo muito confuso, muito baço, não via bem, mas as pessoas caíam trespassadas pelas flechas ou pelas azagaias ou atordoadas pelos onjavitis rachando cabeças ou esventradas por punhais compridos, e sangue, rios de sangue e gritos e roncões e choros... e depois muito fumo, fumo, tudo a arder, as cubatas a arder, as árvores a arder, os puxões nos braços ou nas pernas, fumo... silêncio... só silêncio... tinha esquecido, tudo fiz para esquecer na minha cabeça e consegui mas aquela curva que fizemos antes do rio, aquelas árvores que tinha em criança subido, aquele ar que já tinha cheirado, tudo entrou em mim de repente e eu pensei, morri outra vez.

Fiquei só abraçado a ela, lhe acariciando os ombros, absorvendo em mim o ligeiro tremor do seu corpo, olhando as línguas se soltando da fogueira num fogozinho lento, como o nome dela. Muito tempo passou. Os outros dormiam, podíamos ver os vultos deitados mais abaixo. A gruta estava na falésia, um pouco elevada, de dia tínhamos explorado o interior à procura de cobras. Tinha algum lixo, resto de ramos e mesmo uns ossos, certamente de algum animal comido por uma fera, mas nada era recente, parecia a gruta estava ali para nós e por isso a escolhemos com o fim de passar a noite. Mudei ligeiramente a posição e rodeei melhor o corpo dela com os braços. Agora era noite e podíamos fazer o que quiséssemos. Os jovens ficavam sempre muito admirados e se riam, porque eu abraçava Kandalu frequentemente. Não era hábito, nem deles nem de ninguém, nunca vira Mulende tocar em Muhongo em público. De uma vez, ele ousou lhe apertar

o braço numa discussão e levou logo uma palmada no peito, afastando qualquer intimidade. Kandalu talvez não fosse uma jaga vulgar, me deixava manifestar ternura à frente do grupo, não se envergonhava quando os outros riam, ela ria também, à vontade.

– Quantos anos tinhas?

Ela nem respondeu, se limitou a sacudir um ombro. Depois percebi, que disparate, perguntar a idade a um jaga, mesmo não sendo vulgar. Os jagas não sabem o que são anos ou idade, nem lhe dão importância. São crianças, adultos ou velhos, basta. Tinha sido a minha educação europeia a vir ao de cima, o que aliás era frequente, sobretudo nas conversas com ela. Insisti, de outra maneira:

– Eras muito pequena?

– Assim.

Esticou o braço para o lado, a mão para cima. Apontava a altura de uma menina de quatro anos. Podia se lembrar de algumas cenas, embora não quisesse. Talvez daí, das lonjuras do passado, viessem os sonos agitados, não com gritos, só estremeções frequentes. Pensei, era melhor não recordar mais nada, ficar só pelo que tinha contado, já comportava horror suficiente. Preferível esquecer, por exemplo, se queimou alguma cubata a mando do grupo invasor, se pancou com um pau na cabeça do pai moribundo, se cuspiu na mãe morta, gestos que os jagas forçavam, obrigando as crianças a esfrangalhar o próprio passado. Com tal marca de infância, os kandengues ficavam prontos para apagarem o antes e só se ligarem aos costumes, alianças e valores jagas, virgens para idolatrarem o novo chefe de família e, sobretudo, caninamente leais ao Grande Jaga que os comandasse. Com Battell tinha aprendido essa tradição bárbara mas eficaz, pensara na altura ser óbvio exagero, agora repousava entre os meus braços a prova da verdade do Kingrêje. Por isso são grandes combatentes, não olham para trás, para o passado, só querem olhar para a frente, o inimigo a esmagar, dizia o inglês. E não se ligam por sentimento a ninguém a não ser os seus chefes. Fidelidade absoluta. Kandalu no entanto não fora bem educada, pois gostava de ser amada por mim, coisa quase impossível para uma jaga, como Muhongo ou Kafeka, ambas com a mesma trajetória dela e comportamentos diferentes. De facto, não era só na recusa dos gestos de carinho que diferiam. Muhongo, segundo confidências de Mulende, não gostava sequer de conversar com ele, aceitava fazer sexo, tratava da comida, pronto, parava

aí o relacionamento. Kandalu, pelo seu lado, tinha de facto uma relação afetiva e constante, preocupação em ver se eu estava feliz ou não, sempre pronta a discutir os mambos, como fora o caso de Mbombe e outros assuntos. Seria só da pessoa ou porque algo ficou do que sentiu quando criança muito pequena, antes da hecatombe, restando agarrado na sua cabeça ou no coração? Ou então o seu tio foi um jaga diferente e lhe ensinou outras coisas? Porque agora o grupo inteiro era de jagas, mas na origem quase de certeza nenhum o era, todos raptados de diversas sociedades e adotados para sobrevivência e educação. O tio também não seria jaga de origem. E pode tê-la educado de forma diversa, mesmo se involuntariamente. Conjeturas muito sérias e complicadas para os meus fracos conhecimentos sobre as pessoas, mas me ajudaram a passar os momentos dolorosos da confissão. Do segredo de Kandalu.

 Todos temos segredos.

 Uns mais dolorosos que outros.

[2](#) Dito em português.

Dolorido.

No entanto, Manuel Cerveira Pereira chegou a Luanda em setembro de 1615.

Esteve quase para não vir, pois nesse mesmo ano ainda foi preso em Lisboa. André Velho de Sottomayor, entre outros inimigos, tinha tentado muitas maneiras de evitar a nova tomada de posse do governador, usando a sua posição de ouvidor. Finalmente conseguiu, quando já desesperava. Fez uma devassa de última hora, acusou Cerveira Pereira de se ter locupletado com um pavilhão e um cavalo pertencentes ao antigo governador João Rodrigues Coutinho, reclamados pelos herdeiros, minudências velhas e a cheirar mal, segundo os amigos do perseguido, mas a Mesa da Fazenda Real aceitou como boa a acusação e o seu procurador pediu prisão ao então vice-rei de Portugal, o arcebispo de Lisboa, Miguel de Castro. Este arcebispo, raivoso por ter sido preterido nos favores de D. Beatriz de Viseu pelo seu rival Cerveira, talvez por este lhe dar música como fazia em Luanda, mandou-o prender de imediato. Mas nessa altura o futuro conquistador de Benguela já tinha ligação direta com El-rei e logo o seu campo apresentou queixa ao monarca. Furioso com a decisão do vice-rei, o rei mandou o arcebispo soltá-lo, tendo usado na ordem de soltura linguagem quase de carroceiro, o que fez o arrependido ou aterrorizado vice-rei pedir imediata demissão de todos os cargos e fugido se refugiar nas pedras da Beira, talvez

na vã esperança de voltar às boas graças da senhora de Viseu ou mesmo só de escapar à cólera de Sua Majestade. No entanto, o rei não aceitou a demissão, ele é que tomava as iniciativas e não os lacaios que estavam ali só para obedecer às suas vontades, mandando portanto o arcebispo regressar a Lisboa, deixando as múltiplas saias de D. Beatriz e os bolinhos de ovos moles com que enchia a sacerdotal barriga.

Cerveira Pereira saiu da cadeia mais petulante do que entrou, porte direito e a desdenhar dos poderes locais, bando de vendidos. Apressou a partida de Lisboa, a qual já estava muito avançada, com a bússola virada para a pessoa de André Velho, desta vez é que não me escapas, pois chego antes da notícia da minha libertação.

Se enganou, os mujimbos voam sempre mais rápido.

Chegado a Luanda, encontrou tudo parecido com o que deixara, embora não certas pessoas. Bem procurou saber de André Velho de Sottomayor mas este tinha desaparecido, se dizia, para os lados do reino do Kongo. Deixou a filha, Margarida, com os três irmãos, o marido e mais quatro filhos, na cidade, esperando serem poupados à vingança do agreste cavaleiro. O qual apenas mandou chamar o marido de Margarida, o alferes Malaquias, para o informar que, como governador de Angola, o incluía na lista de soldados que levaria consigo na devida altura para o outro lado do Kwanza a conquistar Benguela. Enquanto as condições não se encontrassem reunidas e novo governador não chegasse do reino para substituir Bento Banha Cardoso, antigo capitão-mor e pau para toda a obra, o qual assumira o cargo vago por uns morrerem antes de embarcarem para Luanda ou outro desistir da empreitada, ele, Cerveira Pereira, ficaria a administrar a colónia de Angola, segundo o regimento assinado muito a contragosto e anteriormente à sua última prisão pelo vice-rei arcebispo, por representação do seu amigo e benfeitor, el-rei Filipe de Espanha. As disposições eram muito claras: devia em Luanda juntar aos efetivos embarcados com ele aqueles que achasse necessários no avanço para o território do sul, sem desguarnecer demais a colónia de Angola, já quase sem militares, deixada há anos ao abandono. Malaquias e Margarida perceberam logo o recado, o qual de facto não era para eles, mas para André Velho: esconde-te o tempo que quiseses, mas vou te bater onde mais dói. E onde seria que lhe doía mais?

Claro, Margarida.

O antigo vigário, conivente com André Velho, tinha sido despachado para

Portugal nos últimos tempos do governador Forjaz por causa do seu mau caráter. Apesar de Manuel Pereira Forjaz não o ter melhor, neste caso lhe assistiria alguma razão. Andavam pegados por futilidades que os registos não mencionam, mas certamente ligadas a algum concubinato de um ou outro, ou dos dois, pouco importa. Os ânimos já exaltados. E um dia explodiram por o Forjaz notar o atrevido vigário ocupando de maneira indevida a cadeira do bispo na Sé, enquanto outro padre oficiava a sagrada missa. O bispo estava no Kongo, como de hábito, embora os governadores de Angola insistissem na mudança do bispado para Luanda, tornado ponto mais importante no tráfico. Enquanto estava ausente da cidade, a sua cadeira de púrpura, ao lado da do governador, deveria ficar vaga. Porém o vigário, se arrogando o direito de mostrar ser a face mais distinta da Igreja em Angola, a qual de facto representava, queria prová-lo a todos de forma indiscutível, aproveitando a fraqueza do Forjaz, cada vez mais desacreditado junto dos antigos moradores e conquistadores. E sentou mesmo na cadeira do bispo, ao começar a missa. Em pleno serviço, o Forjaz lhe deu ordem de abandonar o lugar alheio. O vigário teimou em se manter sentadinho nele, aí que bem sabe o pequeno bocado de poder dado por um estofo mole na bunda. Sentar em banco de madeira dura como todos os fiéis, ele, o chefe por procuração da Igreja? Recusou sair, em gesto inaudito. O governador engoliu em seco, não quis fazer escândalo num ato tão piedoso como era uma missa, durante a qual todos os fiéis amavam o seu próximo como só Jesus Cristo pudera fazer. Na vez seguinte, o vigário repetiu a cena. No entanto, Forjaz já vinha preparado. Lhe disse baixo, em conselho paternal, saia já daí e vá sentar-se no banco como os outros, ou então mande pôr uma cadeira de pau ao lado, mas não deixe o seu cu mal lavado nesse estofo. Não vou nada, o meu lugar é aqui mesmo a representar o bispo. O governador chamou então dois meirinhos que pegaram no vigário ao colo e o enfiaram esbracejante numa carroça a caminho da fortaleza. No primeiro barco foi despachado para Lisboa, com grande alvoroço de toda a população, dividida como sempre entre os dois poderes. Neste caso, venceu o poder temporal.

Por pouco tempo, porém.

Na realidade, a morte levou de repente o governador Forjaz para uma vida melhor, segundo a opinião dos entendidos nestes assuntos de outro-mundo. O vigário até podia ser pessoa difícil e ambiciosa, mas foi injustamente

acusado por alguns populares de ter urdido fortíssimo feitiço vitimando o governante. O bispo, frei Manuel Batista, estava por sinal em Luanda quando se finou o Forjaz. E também ele suspeitou de algo estranho, pois declarou a um seu acólito franciscano que o cadáver cheirava a mandioca estragada. Como todos sabemos, há espécies de mandioca que contêm cianeto, por isso devem ficar em água três dias, se mudando de vez em quando o líquido para a tornar comestível. Mas Na Gonga, que conhecia muito mais desse território que qualquer bispo católico, segredou para a mãe de Carlos Rocha, estão a dizer que foi a mandioca, mas governador não come dessa mandioca, come só *mundele-paka*, que não tem veneno e é mais rara. O homem morreu masé comido por aquele que foi no barco para o Puto. A mãe de Carlos Rocha ficou na dúvida se ela se referia ao homem vestido de preto, detestado pela velha kimbanda, anos antes mandado em ferros para Lisboa, ou ao vigário, também trajando de preto, despachado sem autorização episcopal e portanto ilegalmente. Entre duas opiniões, vale mais acreditar na de Na Gonga, Manuel Pereira Forjaz, com sepultura na Igreja de Nossa Senhora dos Remédios, na baixa de Luanda, foi mais cedo desta vida por obra e graça de poderoso feitiço encomendado por um branco muito piedoso mas vingativo, qualquer um deles tanto faz.

Depois da morte do governador Forjaz, Bento Banha Cardoso foi chamado a ocupar o cargo em reunião do bispo com os principais moradores, enquanto se arranjava sucessor nomeado pelo rei. Como sempre em tais casos, foi processo complicado. Já foi dito mas não custa repetir, uns morreram sem chegar a tomar posse, um outro recusou. Luanda não era terra que se desejasse, sobretudo depois de perdida a ilusão da prata. Assim, temos de novo Manuel Cerveira Pereira na Cidade Alta, já não alojado na fortaleza onde passou o primeiro governo, mas na casa grande que viria a ser um palácio e nunca mais pararia de crescer.

Não encontrou também o frade Piedade, o superior dos franciscanos, agora albergados num formoso convento no fim do espigão principiando na fortaleza. Não perguntou por ele com intenção de se vingar de algo, até simpatizava com o frade, apesar da amizade deste com o vigário e André Velho. Mas Piedade tinha avançado para o norte, convertendo infiéis e acabou nas mãos de uns jagas da Matamba pouco preocupados com palavras pias. Segundo testemunhos fidedignos, o bom do frade, que tão sábios conselhos tinha dado ao vigário e a André Velho, teve uma morte

gloriosa. De joelhos não parou de orar em voz alta e segura, até o fatídico momento em que uma machadada lhe cortou a cabeça. Manuel Cerveira ouviu o relato de cenho entristecido e não deixou de lamentar, os melhores vão cedo demais, esquecendo que o bom frade era mais velho que ele vários pares de anos.

Encontrou no entanto o seu antigo servo Nzoji, feito homem livre, por ter continuado o seu louvável trabalho de espião, para o governador Forjaz primeiro e depois para Bento Banha, se oferecendo de novo para o seu serviço, pois se gabava de ter adquirido grande experiência nas dissimulações e perseguições clandestinas e portanto se sentia merecedor de um soldo mais compatível com as suas qualificações. É evidente que o governador o admitiu imediatamente ao serviço, pois sabia existirem muitos inimigos, apesar de neste momento esconderem o rabo entre as pernas. No entanto, exigiu uma explicação, como era possível ter servido o seu inimigo Manuel Pereira Forjaz se o recambiara ao seu antigo dono, Gaspar Álvares, antes de ser ele próprio remetido para Lisboa? Foi o amigo Gaspar a confirmar a explicação, alforriou o escravo e introduziu-o na corte do novo governador com muitas recomendações, para saber os planos do Forjaz. Um agente duplo, portanto. Segundo Gaspar Álvares, Nzoji foi precioso em informações sobre todos os passos do governador e seus kambas, inimigos de Cerveira e do mesmo Gaspar. Por isso o voltou a enxertar junto de Bento Banha Cardoso, um grande cabo de guerra mas muito limitado em manobras políticas, o qual também se afeiçoou ao jovem, dinâmico, eficiente e silencioso, e até lhe passou a pagar um soldo, o qual ele agora queria aumentado. Nada mais justo, rematou Gaspar Álvares. E nunca esqueça uma coisa, amigo Manuel Cerveira, o Nzoji foi resgatado dos jagas, conhece os hábitos deles, pode ser muito útil na conquista de Benguela. Nem precisava de o dizer, o novo governador já tinha aceitado dobrar o soldo do seu antigo escravo só para o ter consigo e não o deixar fugir para o serviço de qualquer inimigo.

Os espias devem ser bem pagos.

Também reencontrou o fiel capitão Baltazar Rebelo de Aragão, frustrado nos seus planos de encontrar o caminho para a contracosta, impedido por traiçoeiro ataque dos nativos contra Kambambe, estava já ele entrando no planalto central, até aí virgem da presença de qualquer homem branco, onde se falava outra língua, não o kimbundo desta região. Logo foi tranquilizado,

uma das recomendações do meu regimento é o de enviar uma expedição a desbravar os sertões até o Monomotapa, lhe confiou o Cerveira, não esquecido da garrafa de vinho levada pelo capitão ao cárcere, por sua conta e risco, em tempos difíceis.

Há garrafas preciosas, mesmo se o vinho é mau.

Custódio Antunes também se apresentou logo a cumprimentá-lo, ainda suado da correria pelo mato, pois se encontrava no sítio do Ango quando lhe chegou a maravilhosa notícia. O Ango era projeto antigo de forte para proteção de Luanda, nunca iniciado ou nunca acabado, as versões diferem fortemente. Alguns moradores aproveitaram a proximidade com a cidade para nele cultivarem alimentos à volta de lagoas. O antigo capitão-mor Custódio Antunes, destituído pelo Forjaz por desconfianças de conluio com o antecessor condenado à deportação, se dedicara desde então à vida civil. A pedido de Manuel Cerveira Pereira, aceitava voltar a envergar a farda ingrata, mas é apenas porque o amigo me pede, só por isso. Hoje não me fale de pátria e necessidade nacional, a minha pátria é o arimo no Ango, trabalhando duramente a terra, e onde cresce a família, com duas mulheres negras e dez filhos mulatos. Nesse labor pesado descarrego também a minha raiva contra o falecido Forjaz, partido desta vida demasiado tarde e sem a agonia prolongada tão merecida.

Outro membro recuperado, mas esse fazendo já parte da comitiva, era o primo João de Araújo, o qual tinha ficado por Kambambe a defender o forte dos sobas revoltados. Apesar disso foi perseguido pelas calúnias e vis acusações de Manuel Pereira Forjaz, sobretudo de ter atirado o escrivão Jerónimo Pereira ao rio Kwanza, e andou escondido uns tempos pelo Ango, protegido por Antunes. Se apresentou enfim em Luanda, exigindo um processo de inquérito e o governador, mais interessado em outros negócios e acossado ele próprio por inúmeras acusações, lhe disse em jeito de conciliação, o que passou passou e muita gente falou mas não provou nada, por isso não vou abrir nenhum processo, nem o ouvidor deve sequer se lembrar do assunto mas falo com ele para esquecer mesmo, se por acaso quiser teimar. Todos muito prestáveis! João de Araújo aproveitou apanhar o primeiro barco para Salvador da Bahia e aí esperar melhores dias, não se fiava nas promessas de governadores prestes a cair em desgraça. Quando o primo recuperou a liberdade, foi se juntar a ele em Lisboa, pronto para mais batalhas e negócios. E veio naturalmente na expedição.

Vinham também na expedição os membros da família em que se apoiaria nos maus momentos, para além do fiel João de Araújo. O irmão mais novo, o imberbe Ambrósio, sonhando com batalhas e aventuras, o cunhado Edmundo Ramos, cirurgião para além de soldado, e o filho deste e portanto sobrinho do conquistador, Filipe Pereira Ramos. Se para o irmão e o cunhado nem objeções houve, muito debateu a família a inclusão deste terceiro elemento, mas foi sobretudo a tia, mulher de Manuel Cerveira, a mais insistente. O Filipe andava metido em tropelias pelos bairros mais marginais de Lisboa, ao arrepio de todos os conselhos e ameaças paternas, sempre acompanhado de vinho e prostitutas baratas, tendo chegado a agredir um meirinho que tentou proteger bens camarários. O feito custou ao dito Filipe uns dias de cadeia e mais não foi por ter sangue fidalgo. Que gastasse alguma da sua fogosidade em África, dizia a tia, onde tudo era permitido, ainda para mais sendo familiar do governador. Não era novidade as famílias agregarem a um novo empossado algum membro precisando de fazer asneiras longe de casa, sem o perigo de pagar por elas. Uma boa parte dos fidalgos adolescentes e inúteis arranjavam por isso posições na administração e no exército de África, Brasil ou Índia, pouco importando se as suas futuras ações poderiam ser lesivas dos interesses de Sua Majestade e muito menos do império. Manuel Cerveira Pereira acabou por concordar com a mulher, o sobrinho de facto não era boa peça, mas devia servir para educar os escravos, pois era conhecido por usar facilmente da violência em relação aos mais fracos. Pois bem, ficava encarregado de usar o látigo escravagista e assim queimar energias.

Não conhecia o atual bispo do Kongo e Angola, frei Manuel Batista. Recebeu-o no gabinete com os desejos de boas-vindas, tendo o bispo pedido desculpa por não estar presente no porto mas tinha sido vítima de terrível disenteria, felizmente já tratada com muito chá de folhas de goiabeira. Dias depois foi a vez de o governador retribuir a visita no episcopado. Queria melhorar as relações com os franciscanos, embora estes até devessem estar gratos por lhes ter oferecido o terreno para o convento. Mas eram outros tempos e talvez ninguém se lembrasse da transmissão, ou até a atribuísem a outra personalidade mais presente, portanto era importante estabelecer novas ligações e sólidas. Já sabia da preferência do bispo em ficar por São Salvador do Congo, mas um dos objetivos era insistir com ele na mudança para Luanda. De facto nem o governador nem el-rei, o qual muito se

honrava de representar em Angola neste momento e no grande reino do sul do Kwanza quando Deus criasse as condições para tão grande empreendimento, se deviam imiscuir nas decisões do bispo, elas só cabendo à Santa Sé, mas insistir não deveria ofender o digníssimo prelado acerca da importância cada vez maior do porto de Luanda no comércio com o Brasil e como apoio às naus da Índia. Aqui estava o futuro e sobretudo no sul do Kwanza, o qual seria uma colônia à parte, mas sob a sagrada batina do bispado de Angola, se o Santo Padre autorizasse e ao senhor bispo apetecesse. Quem sabe, talvez um dia fosse verosímil a descida da sede episcopal para o sul, mas neste momento Luanda ficava muito mais perto de tudo. E outro assunto incomodando Sua Majestade era a existência em São Salvador do Congo de tantos mulatos e cristãos-novos, alguns com cargos de deão ou cônego, todos eles muito traiçoeiros e só na aparência fiéis à Igreja católica. Havia em particular um deão de nome Diogo Rodrigues Pestana, suspeito de judaizar, o qual deveria ser remetido a Lisboa para julgamento secular. O próprio rei do Kongo não era de abonar, apesar de todos os protestos de amizade e fidelidade. As informações recolhidas por Madri eram de hipocrisia no trato, tentando o Manikongo a ligação manifesta com o Vaticano, sem passar por Portugal ou Espanha, muita correspondência dele sendo endereçada diretamente ao secretário do papa e por felizes acasos interceptada por agentes nos navios ligando o Kongo à Europa. Não se tinha ciência de quantas cartas e petições chegavam com efeito a Roma sem el-rei de Espanha saber, ultrapassando todas as redes montadas para as apanhar. Neste tráfico de correspondência direto havia a mão do dito Pestana, grande amigalhaço do rei konguês, com o qual fazia escandalosas libações de vinho de palma acompanhadas de música e bailarinas balubas vindas do leste, conhecidas pela arte de danças inconfessáveis de obscenidade e de outras destrezas relacionadas mas que ele até corava em referir. O bispo Manuel Batista reconheceu a negativa influência do deão Pestana sobre a atitude do rei do Kongo, de tal modo ela era pública e escandalosa, mas estava impossibilitado de agir com a devida firmeza, para não contrariar de forma irremediável as relações com a própria Santa Sé. Cerveira ainda lhe falou do conhecimento existente na corte de nunca os navios dos hereges holandeses serem incomodados pelo rei do Kongo quando atracavam no Pinda e o comércio entre eles florescer para grande tristeza de Sua Majestade católica, uma verdadeira punhalada

pelas costas.

– Mas aí é que está, caro governador. Se eu fico aqui nesta doce vida de Luanda, no meio de bons cristãos desde o governador ao mais ínfimo escravo, não me apercebo das manobras dilatórias do rei do Kongo nem dos sacerdotes que o Santo Padre, na sua boa-fé mas mal aconselhado, coloca em São Salvador. Estando lá, no centro do pecado, posso me aperceber de tudo e defender melhor os sagrados interesses de São Pedro e de D. Filipe III de Espanha.

O bispo cultivava a prosódia, necessário reconhecer. E argumentação não negligente. Talvez fosse verdade o mujimbo correndo em Luanda sobre as belezas irresistíveis das mulatas do Kongo, mas esse era boato correndo também no tempo do anterior bispo, frei António de Santo Estêvão. Pelos vistos, ou a armada de mulatas belas era verdade mesmo, ou então havia falta de imaginação nos fazedores de mujimbos. Porque não admitir a seriedade dos propósitos episcopais? Esta ponderação lhe tinha sido pedida pessoalmente por el-rei, sempre desconfiado das macabras manobras do Vaticano contra o seu Império. Vá lá, fale com o homem, ausculte as suas intenções mais profundas e depois informe se devo ou não confiar no personagem. O curioso da questão era ser o rei de Espanha e imperador da Áustria o principal se não único apoio sério do poder do papa na Europa. Tão aliados eram que até desconfiavam um do outro e se vigiavam em todos os cantos do mundo. Manuel Cerveira estava inclinado a escrever no próximo relatório um parecer favorável ao bispo do Kongo e Angola, pessoa com quem se podia contar apesar de ser franciscano, omitindo, como parecerá óbvio, esta última frase no seu relatório.

Eram todos bons cristãos.

Nesse dia ficou abalada, entretanto, a determinação do prelado em retornar a São Salvador, embora só tenha ouvido santas palavras e de muita amizade por parte do governador. De facto, e para abreviar a estória, o frade foi ficando por Luanda, que passou a ser cada vez mais a sede do bispado, para desespero do rei konguês. Foi uma época de altos e baixos, com estadias num e no outro ponto, mas com clara primazia para Luanda. E algumas pequenas vitórias do monarca espanhol, como a cilada montada ao deão Diogo Pestana de São Salvador, notificado para uma reunião importante de todos os responsáveis da região em Luanda. Apanhado ingenuamente na cidade, logo foi embarcado de força para Lisboa e aí

julgado por crimes inumeráveis. Existia forte probabilidade de uma coisa não ter nada a ver com a outra, estando bem separados os interesses materiais dos espirituais, como é de boa regra divina, mas coincidiu com a ultrapassagem do Pinda como porto exportador de escravos, vencido a partir daí por Luanda. O caso do deão tornou incompatíveis as relações do bispo com o rei do Kongo e por isso frei Manuel Batista nunca mais pôs o pé em São Salvador, do que se queixou, amargo, ao rei Filipe, quando regressou de sua teimosa iniciativa a Portugal, anos depois. A propósito, o bispo, já no recato de Lisboa, atirou todas as responsabilidades para cima da figura detestada de Manuel Cerveira, o qual fazia perigar todas as boas intenções de Sua Majestade católica em África, mentindo nos relatórios, jogando as pessoas de bem umas contra as outras, beneficiando apenas os jesuítas e alguns comparsas de negócios, intrigando constantemente contra o rei do Kongo, um fiel irmão de Filipe III.

Imune a manobras e ódios escondidos, o governador foi retomando o seu poder sobre a cidade primeiro e as áreas vizinhas em seguida. Mas a sua cabeça já não estava virada para o norte do Kwanza, ansiando por criar um novo foco a sul, dominando toda a costa até a ponta do continente, o afamado e sempre temido Cabo da Boa Esperança. Por isso ia escrevendo ao rei, dando conta dos seus sucessos militares, que os teve, derrotando alguns sobas menores que ousaram antes se revoltar, mas, como sempre insistia em afirmar ao soberano, usando de estratégias puramente defensivas e no intuito de convencer os sobas de que o melhor caminho era abraçarem a fé cristã e a submissão ao rei de Espanha. Alguns estudiosos não sabem explicar até hoje como se consegue usar de estratégias defensivas quando se atacam poderes estrangeiros, mas aparentemente tal dúvida militar nunca ocorreu à coroada cabeça austríaco-espanhola ou então Filipe III teria também sido aluno não assumido do duque de Alba, grande adepto do princípio militar mais tarde generalizado, *a melhor defesa é o ataque*. Nessas missivas, Cerveira nunca esquecia também de falar das minas de cobre de Benguela, sobre as quais ia reunindo cada vez mais documentação, estando já muito ciente de onde e como se podiam encontrar as ditas jazidas, aumentando com o tempo o valor virtual delas. Reunia escassas tropas e mantimentos para partir na expedição ao sul, esperando entretanto a vinda do novo governador, o qual deveria ficar com as makas e proveitos de Luanda, que pouco lhe interessavam, e lhe trazer quantidade de homens de

armas e mantimentos, para refazer o que se ia esgotando por morte ou consumo em Luanda.

No entanto, os queridos amigos jesuítas, cujo colégio visitava com regularidade, davam sempre informação sobre as maquinações e falsidades perpetradas pelos inimigos da ocupação do território sulano. Mesmo o grande kamba Gaspar Álvares por vezes vacilava em relação a esses projetos. Era aliás a única pessoa com coragem de exprimir junto de Cerveira o pensamento generalizado dos colonos e traficantes de Luanda. Assim, com palavras estudadas, ia desfiando os pensamentos e maus presságios:

– Caro amigo Manuel, há de desculpar... Estou velho, nunca fui de muitas letras, como sabe, mas temo essa ideia da criação de uma nova colónia ao sul do Kwanza. Com as riquezas anunciadas lá, a Coroa vai fatalmente esquecer Luanda. E todos os meus cabedais estão aqui enterrados. Na minha idade, já não é aconselhável mudar as atividades para outro sítio, recomeçar tudo de novo. Conhece as coisas destas partes e suas dificuldades, como posso eu ir desbravar um novo sertão, aprender uma língua diferente, combater o gentio se necessário, conquistar o meu espaço de negócio? Não tenho força nos braços nem nas pernas, nem mesmo na vontade.

– Mas, meu caro Gaspar, uma coisa não tem a ver com a outra. Pode haver tráfico a partir de Benguela e manter-se o comércio a partir daqui e cada vez mais forte. Benguela não vai atrair todas as forças, não vai esgotar todos os meios. Muito gostaria de ter o amigo por lá, valorizo um braço e um ombro fiel ao meu lado no meio do desconhecido, mas compreendo que já não tem idade para aventuras dessas. Deve gozar as delícias desta cidade de Luanda e as enormes riquezas que conseguiu acumular durante tantos anos de trabalho...

– Ora, ora, riquezas...

– E enormes. Comigo escusa o amigo de negar, conheço bem. Tem o suficiente para três vidas desafogadas e só me regozijo com isso. Nunca partiria de mim o menor gesto para o prejudicar. O que não entendo é o medo de Luanda sofrer com a criação do novo presídio e território. Luanda só tem a ganhar com eles, fica com um sítio seguro com o qual trocar mercadorias e ter apoios em caso de necessidade. Porque o Kongo é muito instável, S. Tomé já fez mal que chegue com as suas constantes

interferências, e o rei do Ndongo também não merece confiança. Talvez em Benguela se consiga maior estabilidade, o que reforça o nosso poderio nesta Etiópia ocidental. Os pumbeiros e os seus patrões podem se estabelecer em Benguela e continuarem com os negócios aqui, como os do Kongo fazem em Luanda.

Se em Gaspar Álvares os temores existiam, pior seria com os outros, com menos acesso ao governador e aos seus conhecimentos dos negócios do reino. Por isso os jesuítas insistiam, era preciso avançar depressa para as minas de cobre antes que os inimigos do novo estabelecimento conseguissem ganhar terreno junto de el-rei. Os jesuítas também ansiavam por deitar a mão aos territórios do sul, espaço imenso para a salvação das almas e alguns negócios colaterais, pois quem desgosta de acumular terras, mesmo indo contra as palavras de Jesus Cristo, provavelmente mal transcritas? Tinha de se apressar. Por enquanto estavam nas boas graças do soberano, mas até quando?

Os humores dos soberanos sempre foram instáveis, ora dão um prémio a uma pessoa, ora lhe mandam cortar a cabeça.

Cerveira Pereira sabia dessa verdade e por isso não esperou pelos reforços, armas, cavalos e mantimentos prometidos pela corte. Muito menos esperou pelo novo governador. Ele bem dizia que era homem de ações e não de palavras ou documentos, embora escrevesse infindáveis relatórios com suas petições e queixas, documentos que copiava várias vezes, descarregando as cópias para cada barco indo para o reino, alguma haveria de ser lida. O rei respondia com ordens para a Mesa da Fazenda, no sentido de satisfazer os pedidos que afinal eram promessas suas, desfeiteadas pelos burocratas de Lisboa. E chegou a escrever ao arcebispo de Lisboa, vice-rei de Portugal, sobre a sua incompreensão quanto à falta de vontade registada em obedecerem às suas determinações. E uma ameaça surgia nesse escrito virulento: que parecia só ter mão bem dura sobre o país indo a Lisboa ele próprio ferrá-la em cima, coisa que nunca tinha feito desde que subira ao trono, vinte anos antes, pois detestava sair da corte para ir ao mato.

Farto de esperar pelos apoios prometidos e pelo novo governador, Luís Mendes de Vasconcelos, nomeado no ano anterior mas sem nenhuma pressa de deixar Lisboa para se meter nas makas de Luanda e no seu clima infecto, Cerveira Pereira passou mesmo à ação. Mandou Baltazar Rebelo de Aragão cangar uns soldados que tinham fugido para lá de Kambambe, se internando

em terras do Libolo, o que o velho capitão cumpriu com zelo, prendendo-os a todos. Preparou os cento e trinta homens que reuniu entre os que consigo tinha trazido de Portugal e os que conseguiu arregimentar em Luanda, pequena tropa para tamanha conquista, nomeou para o substituir no governo Gonçalves Pita, até então capitão-mor no Kongo, e deu ordem de largada.

Deixou Luanda em 1º de abril de 1617 em quatro navios e um patacho, com entusiásticos gestos de despedida da população amontoada na praia, bastante aliviada por ver o homem de negro pelas costas.

Mas recebeu a bênção do bispo, sincera ou hipócrita, sempre pode ajudar nos apertos, sobretudo quando se está entregue aos caprichos do mar, comandando uma armada precária.

A armada visitou o antigo fortim, a norte da foz do Cuvo, onde os “benguelas” tinham matado todos os defensores nos tempos do primeiro governador, desceu até o paralelo quinze, chegando ao Cabo Negro e depois veio esquadrinhando a costa para norte, pela foz do Bero, Cuio, Baía Farta, até ancorar na conhecida Baía da Torre, Baía das Vacas ou de Santo António, os mapas designando por nomes diferentes a mesma enseada larga, tranquila, já referida por Andrew Battell, limitada por um cabo em forma de sombreiro mexicano. E aí, atraído por algum mistério até hoje não cabalmente desvendado, mas os grandes kimbandas supõem ter sido manipulação de poderoso ser marinho, malandro e burlador, Manuel Cerveira Pereira resolveu desembarcar e fundar cidade, para ser a capital do que ele tinha pomposamente chamado o “Reino de Benguela”. São suas as entusiásticas palavras para o rei, justificando a escolha do sítio “por não achar melhor porto, terra de mais salutíferos ares, fértil e abundante do mantimento da terra, como na abundância de muito e diverso peixe que há nesta baía, estando vizinho de dois rios que correm de excelente água”³.

[Os chefes são enganados quando querem. Porque todo o monarca, do maior ao mais pequeno, tem seus espias e agentes de segurança. O espantoso nesta carta e em muitos outros relatórios de igual proveniência é o facto de o Cerveira sempre referir o clima como argumento decisivo na

escolha, talvez por ter medo de revelar o verdadeiro motivo, imposição de Kianda, o ser mais mítico das águas do mar, charcos ou rios. Tal confissão podia ser mal interpretada, levando o rei tão católico a antecipadamente se arrepender de pôr à frente de uma conquista importante um homem com perturbações mentais, dando valor a avisos do diabo. De facto não seria novidade. O governador chegou em maio de 1617, tendo desembarcado no mesmo 17, altura do ano mais fresca e sem chuva, mas com aqueles restos de humidade que fazem o capim estar ainda verdinho, dando a ideia, com muito boa vontade, de prados da Europa. Compreende-se o erro. Mas designar ares salutíferos os respirados no meio de pântanos já é mais difícil de aceitar. E que os dois rios, Cavaco ou Maribombo e Corinje, corram com excelente água é a mais deslavada das mentiras, pois só têm água nos últimos séculos (e os arqueólogos geológicos poderiam apontar para milénios, para tanto não me arriscando eu) durante três ou quatro dias por ano, numa enxurrada de água barrenta depressa absorvida pela secura dos leitos. Quase sempre, para beber é preciso cavar cacimbas e rezar. Terá sido assim desde os primeiros vestígios, não havendo razão para alterações, pois se desconhece existência de falhas geológicas, vulcões, furacões ou outros fenómenos modificando bruscamente o clima ou roubando a água de rios.]

Os soldados não leram as cartas do governador ao rei, escritas posteriormente, mas logo perceberam na carne o erro da escolha: morreram como tordos e começaram a se revoltar, exigindo mudança de lugar. Os mosquitos saíam em enxames densos dos pântanos cheios de caniços e papiros mal ameaçasse escurecer e atacavam em chusmas enfurecidas os mareantes desembarcados. Sem ligarem uma causa ao efeito, depressa adoeciam com as célebres febres que derrotavam um exército antes mesmo de ele entrar em batalha. Ainda não tinham construído o primeiro fortim para proteger tropa e conquista, já estavam reduzidos a metade dos europeus, aguentando melhor os nativos do território e os conquistadores há muito vivendo na região de Luanda. Manuel Cerveira também se pode queixar de a senhora suprema da morte, o paludismo, não fazer distinções familiares: perdeu logo o irmão Ambrósio, sem sequer ter tido tempo de pelejar em Benguela e se tornar adulto. O cunhado seguiu em breve, fazendo enorme falta como cirurgião, pois se pensava na altura que as

sangrias ajudavam na cura do paludismo. O sobrinho Filipe resistiu ao primeiro embate das febres. Tremeu e gemeu durante uma semana, sendo Nzoji a sua ama-seca, lhe dando infusões de plantas desconhecidas. Acabou por recuperar a saúde e o ânimo belicoso, continuando a praticar no chicote de cavalo-marinheiro com que infernizava a vida dos escravos.

O dito fortim não foi mais de um cercado de espinheiras muito duras, perto do mar, com dois montículos de pedras para assentar os canhões, uns tantos virados para o oceano, dois para terra. Construíram cubatas e uma casota de pau a pique, a casa do comando, arvorando bandeiras do rei de Espanha e Portugal. Uma das cubatas maiores tinha uma cruz em cima e aí disputavam quatro religiosos as honras da missa, a qual afinal sempre foi celebrada num resguardo coberto de folhas de matebeira, onde se aproveitava a brisa marinha.

Cerveira era mesmo homem de convicções (alguns preferindo o termo teimosias), pois não acreditou nos que o preveniam quanto ao sítio e o clima, desdenhou a vizinhança dos pântanos e das lagoas de cheiro pestilento, passou ao trabalho de alargar território e fazenda. Precisava de um primeiro pretexto para kanzar peças a sério, pois de el-rei de Espanha recebera instruções de tratar os nativos sempre como filhos bem amados. Um grupo de homens, fazendo parte do corpo de guerra preta, foi apanhar lenha perto de um kimbo cujo chefe já tinha vindo cumprimentar os recém-chegados, propondo trocas e presentes insignificantes. Difícil dizer quem provocou quem, se os do grupo português se meteram com as mulheres do kimbo, se os habitantes do local reclamaram direitos de posse sobre o mato e suas madeiras, o facto é que houve um recontro, tendo sido mortos dois soldados e presos seis. Os restantes recuaram para o reduto e o governador não esperou negociações ou esclarecimentos, que seriam a primeira medida sensata, no entender de futuros rebeldes.

Deu ordem imediata de ataque.

Alguns cavaleiros, os mosqueteiros, os arcabuzeiros, os frecheiros, enfim, um exército miserável mas com relativo poder de fogo caiu sobre o kimbo, matou trinta e uma pessoas, capturou meia centena de escravos e setenta bois. A aldeia foi queimada e o lugar interdito de ocupação indígena, passando a território da colónia. Dias depois, o mesmo exército avançou para as Bimbas, o sítio mais privilegiado da área, pois tinha água e as lavras produziam melhor, bem como mais capim para o gado. As Bimbas eram

governadas pelo soba Pelingue ou Peringue, conforme as línguas, que já esperava pelo ataque. Alguns arqueiros ficaram de prevenção nos outeiros, atrasando a progressão inimiga, enquanto o grosso da população recuava para sul. Não foi difícil ocupar as Bimbas, mas, para desilusão do conquistador, os bois tinham sumido bem como as gentes. Apenas uma mulher velha, desorientada pelos novos tempos, tendo ficado para trás, foi apanhada. A qual explicou o recuo de Peringue para o Cuio perto da foz do rio Cuporolo, umas nove léguas a sul de Benguela, onde tinha um soba amigo. As informações recolhidas indicavam a existência no Cuio de muita gente e gado. No meio estacionava um grupo de jagas, estabelecendo alianças com os sobas locais. Eram demasiados inimigos para serem atacados por junto, como lhe explicava o seu espião predileto, Nzoji. O rapaz, se disfarçando de gente da terra, andava pelos matos vasculhando, logo desde a chegada. E vinha trazer os dados recolhidos na pesquisa. De vidas anteriores, tinha aprendido línguas parecidas com as faladas ali, por isso conseguia comunicar com as populações. Chegou ao Dombe e ao Cuio, viu o acampamento de jagas, o número de soldados, avisou, é melhor deixar o Peringue por lá, ainda é cedo para atacar.

Cerveira Pereira acatou os conselhos e orientou o interesse para norte, num sítio chamado Catumbela, a quatro léguas de Benguela, ao lado de um rio de muita água e farta vegetação, com o mesmo nome. O soba, Cangombe, tinha afirmado ser jaga e por isso não manter boas relações com os vizinhos, o que levou Cerveira Pereira a nomeá-lo provisoriamente kiambole da guerra preta, isto é, capitão de um exército de africanos. Nzoji preveniu, jaga coisa nenhuma, eles agora usam o nome só para meter medo, os únicos jagas na região estão entre o Dombe e Benguela. Cangombe em breve deu pretexto ao governador, porque acolheu alguns escravos fugidos de Benguela. À ordem de os entregar, afirmou, fico com eles, são homens livres. Acrescentando conhecer os portugueses de outros tempos e sítios, os quais só eram homens no mar porque em terra pareciam mulheres. Cerveira bufou por tudo que era sítio, deu uns pontapés nas paredes, preparou o grupo e atacou a Catumbela. Foi preciso esperar entre o matagal da beira-rio até a madrugada seguinte. O perigo eram os jacarés, numerosíssimos. Na foz do rio se dizia haver uma ilha que de dia faiscava ao sol pela quantidade de répteis brilhando. Os soldados conseguiram de dormir, através dos sáurios mas também dos mosquitos, incansáveis durante toda a noite. De

madrugada, atravessaram o rio com jangadas improvisadas na véspera, no maior segredo, e atacaram os dois kimbos principais. Cangombe foi aprisionado e levado para Benguela, acompanhado de centenas de peças e gado. O soba rebelde foi convertido ao cristianismo por muitas orações e poder de convencimento dos sacerdotes do reduto, que tiveram a glória de lhe salvar a alma, pois, a seguir ao batismo, foi decapitado à frente de toda a colônia.

Mais uma alma para o paraíso.

Assim o governador aumentou os seus domínios e os seus cabedais, com os escravos embarcados numa nau para venda no Brasil. Por pagamento das suas valiosas informações, Nzoji foi recompensado com um jovem ajudante que deveria iniciar nas funções de espião. Nunca ficou muito claro se o jovem era propriedade de Nzoji ou não. O que deixa de ter importância, por ter sido comido logo depois por uma família de leões acampando perto do Corinje. Se nem sabia se safar dos leões, bom espião não viria a ser, consolou Cerveira o seu subordinado.

Entretanto, as populações das Bimbas foram voltando aos poucos ao seu sítio, com autorização de Cerveira. Por fim também apareceu Peringue, mais preocupado com a vizinhança ameaçadora dos jagas. Cerveira aceitou os cinco escravos que o soba lhe trouxe como prova de boa vontade e permitiu que continuasse a chefiar as Bimbas, com a promessa de o apoiar com homens armados no caso de guerra contra os jagas. Peringue deu todas as informações sobre o grupo de inimigos e sobre o soba do Cuio, seu amigo e parente. Nessa conversa, em que participava Nzoji como intérprete, Peringue dizia ser cada vez mais frequente a presença jaga na região, embora estas hordas preferissem o interior, com muito arvoredos e melhor comida. Sabia da existência de fortes chefias no planalto, a partir de Caimbambo, às quais chamavam jagados. No litoral, como já tinha dito, era raro encontrar grandes grupos. À pergunta sobre ouro, referida por Battell, dizia desconhecer o tal rio onde se encontrava abundância do mineral. Cerveira depositava esperanças de o Cuporolo, o primeiro rio a sul da baía da Torre, se tratar do mesmo referido como mina de onde fora retirado o ouro de Imbe Kalandula. Segundo Peringue, pelo menos na foz não tinha encontrado as pedras amarelas que brilhavam como os portugueses diziam. No entanto, ia perguntar aos mais velhos, detentores de todos os conhecimentos. Quanto ao cobre com que faziam as manilhas e argolas de

enfeite, esse era encontrado à flor da terra, sem ser preciso cavar. Podia indicar os lugares, fáceis de descobrir. A maior quantidade provinha das montanhas de Caimbambo, porém.

Foi por essa altura que parou na baía a frota de Luís Mendes de Vasconcelos, novo governador de Angola. Os navios fizeram a rota habitual do Atlântico, tendo encontrado terra africana apenas a sul do Cabo Negro e depois vindo a bater a costa para norte até chegarem ao Sombreiro. Cerveira Pereira viu os navios e pelas bandeiras soube se tratar do governador, o qual, por ordem real, deveria deixar homens e mantimentos em Benguela. Mandou preparar festejos e equipar um batel para nele ir cumprimentar o colega, convidando-o para terra. Com espanto, viu os barcos levantarem subitamente ferro e prosseguirem para norte, sem um cumprimento nem satisfação.

Nessa noite escreveu ao rei, contando a fundação da cidade de S. Filipe de Benguela, em honra do nome de Sua Majestade, os seus feitos nas guerras, os progressos no conhecimento das minas de cobre, e a desfeita do governador Vasconcelos, incumpridor das ordens do seu soberano, passando sem uma vénia sequer.

Carta que o rei leria, mas sem grandes consequências.

Perdida a esperança em reforços, reuniu os seus homens, falou do rancor adivinhado em Mendes de Vasconcelos, certamente alimentado por informações saídas de Luanda e de Benguela, entre eles haveria traidores e intriguistas contumazes, alguns já identificados, mas ele não os indicou para deixar pairar a suspeita sobre todos, pois o medo deve ser o mais generalizado possível, os olhos dele procurando os do alferes Malaquias, cujo único crime seria provavelmente ter casado com a bela Margarida, filha do seu inimigo jurado André Velho, mas o alferes mantinha os olhos sonhadores contemplando o vazio, como aprendera num livro antigo, aconselhado pela prudente esposa.

O mal não pode alcançar quem mira o infinito.

O governador preparou o exército, reforçado pelo grupo de jagas do Dombe, conhecidos como excelentes frecheiros, contactados por Nzoji e mobilizados com as promessas do saque, avançou contra as terras de Peringue, que apanhou de surpresa. Fez muitos escravos, logo despachados para um novo cercado ainda mais bravio de espinheiras, sem cubatas, apenas postos de guarda, à espera de navio para o Brasil. E, aproveitando a

boa disposição conseguida pela vitória fácil, atacou o Cuio com toda a brutalidade.

O soba era de outra estirpe, mais guerreira, e teve o apoio das gentes do Dombe não jagas. A foz do Cuporolo de facto foi tomada, mas à custa de enorme sacrifício e muitos mortos de ambos os lados, entre os quais o sanguinário sobrinho Filipe, varado por uma azagaia mundombe. Como família, só restava ao governador o primo João de Araújo, feroz capitão. Depois da razia aos kimbos vizinhos, onde resgataram mais de trezentas peças, a juntar às duas centenas do cercado de Benguela, ainda ficaram pelo Cuio, pesquisando as margens e o leito do rio Cuporolo, à procura do ouro. Nem uma pepita. Mesmo o cobre que aparecia era muito escasso e de fraca qualidade, embora não houvesse nenhum perito para o avaliar. Também não era necessário.

Voltaram a Benguela, muito ufanos mas cada vez mais fracos e cansados, transformados os soldados em pastores de vacas e cabras, únicos bens para além dos escravos. Uma coisa ganharam, um vazio de gente à volta do acampamento, terreno para pasto de cabras, sítio predileto para os leões beberem água nas poças do Corinje à noite, depois de atacarem os rebanhos. Os urros das feras devassavam as trevas, impedindo as sentinelas de adormecerem nos seus postos, se borrando de medo, apontando os bacamartes para a escuridão. Mas também os que não estavam de sentinela ficavam despertos, ansiosos pela madrugada.

– Se não tivermos reforço de tropa, não saímos daqui, foda-se – lamentou o governador ao primo João de Araújo.

– Temos de ir para norte.

– Não temos gente suficiente para manter Benguela e avançar para a merda do norte. Mesmo com o apoio dos jagas.

O parente era agora o único membro da expedição com quem podia desabafar. O padre jesuíta também lhe merecia confiança, mas não abusava muito dele, por causa da contenção de linguagem obrigatória em conversa com um sacerdote. Com o familiar ficava mais à vontade, dizia as coisas como lhe vinham ao espírito, sem peias.

– O primo desculpe, mas acredito pouco no apoio dos jagas. Mais cedo ou mais tarde vão embora, somem. Se não estabelecerem uma aliança contra nós. Conhecemos isso de Massangano e Kambambe. Ouvi dizer, eles lamentam a falta de bebida. Aqui não há palmeiras para o maluvo,

raramente se vê uma matebeira. E gostam pouco de ficar junto do mar, preferem o mato e os ares do planalto. Dizem, o planalto não está longe, é depois de Caimbambo.

– Caimbambo, Caimbambo, só oiço falar de Caimbambo. Cobre é em Caimbambo, os jagas querem é Caimbambo...

– Os da terra afirmam ter bons ares, mais frescos – disse João de Araújo.
– E agora aqui começou o calor. É a altura. Como em Luanda.

Pausa na fala para Cerveira dar duas voltas ao acanhado espaço entre cubatas. Os pés estavam de novo em ferida dentro das botas, apesar de ter feito a maior parte dos percursos a cavalo, no cavalo branco oferecido por Sua Majestade católica. Tinham melhorado com o tempo fresco, mas os pés voltavam a suar. Quem seria mais teimoso, o calor ou a sua mania de usar constantemente as botas? Há muito tinha estabelecido o seu pacto com o destino, andaria sempre de botas, quer o calor existisse ou não. Nunca umas bolhas rebentadas o fariam coxear, muito menos mudar de calçado.

– Escrevi ao rei. Ele tem de obrigar o Vasconcelos a mandar-me homens. É uma ordem de Sua Majestade...

– Que o Vasconcelos desprezou...

– Filho da puta. Mas hei de apanhar o Vasconcelos pelo pescoço. Hei de, hei de.

O primo concordou com a cabeça, em silêncio. Acreditava mesmo?

Alguns membros da expedição tinham trazido famílias. Ao todo, havia cinco mulheres casadas, uma jovem, filha do capitão-mor, e algumas crianças. A promiscuidade era grande e não agradava ao governador, pois as cubatas estavam próximas umas das outras, dormindo casais em algumas, enquanto na grande maioria só havia solteiros. E os casados nem sempre tinham o cuidado suficiente para não se ouvirem ruídos característicos e incómodos. Pior que isso, as cubatas onde dormiam os soldados da guerra preta estavam coladas às dos brancos e alguns desses soldados tinham trazido mulheres ou já arranjado alguma nos kimbos raziados. Esses tinham ainda menos cuidado com os barulhos do sexo. De modo que as noites eram, no dizer de frei Simão de Oliveira, oficinas de práticas pecaminosas, sem recato nem pudor. Este padre ganhava uma certa autoridade sobre os outros, ou por ser mais velho, ou por estar há mais tempo em terras de África, ou por qualidades naturais de chefia. Se quisesse, podia ajudar Cerveira Pereira a diminuir as tensões entre moradores, como o

conquistador reconhecia intimamente. Mas nada fazia para isso, votando ao governador um ódio notório. Franciscano, claro. Seria mesmo por isso?

Cerveira bem tentava por vezes conversar com o padre, falando do futuro breve no qual, esperava muito, Benguela se transformaria em sede episcopal, quase lhe dizendo, olha, é para ti, aguenta-te que te farei bispo, mas o outro não respondia às amabilidades e insistia apenas na necessidade de o governador se confessar, a ele ou a outro, não ficava bem aos olhos da comunidade e muito menos aos olhos de Deus se o governador guardava para si os seus atos ou pensamentos pecaminosos, todos os temos. Manuel Cerveira resistia. Num meio tão pequeno, onde todos estavam em cima uns dos outros, o governador não podia explicar os seus pecados a um homem, fosse ele o mais puro sacerdote, mesmo se jesuíta. Tudo se sabia. E o conhecimento dos seus pecados serviria de pasto para as chamas da revolta. Mesmo sem confissão já os homens tentavam fugir... Aconteceu com o clérigo Francisco Delgado, o qual combinou com o último cirurgião e um piloto se meterem num patacho e fugirem numa noite para Luanda. Descoberta a fuga na manhã seguinte, o governador mandou dois batéis atrás deles. Para sorte dos perseguidores, o vento parou e o patacho ficou imobilizado, cinco léguas a norte de Benguela, mesmo à frente da foz do Catumbela. Os batéis alcançaram-no a remos, prenderam os três fugitivos e trouxeram-nos para Benguela. O piloto e o cirurgião foram arcabuzados depois de uma confissão expedita. O religioso Francisco Delgado ficou sob proteção da Igreja e solto pouco depois por responsabilidade do padre Simão de Oliveira, tornando-se num dos maiores revoltosos do arraial.

No entanto, as tentativas de fuga persistiam. Algumas com êxito, a maior parte impedidas por conhecimento antecipado do governador. Os soldados suspeitavam de haver denúncias, mas era difícil apontar o dedo a alguém, pois se às vezes parecia ser Nzoji o espião de serviço, uma vez houve certeza de ter sido o padre jesuíta a avisar Cerveira Pereira. Se deu quando Gaspar Penso, vindo de Portugal com o governador e seu homem de confiança, ia tentar um atentado à vida do próprio Cerveira. Prevenido a tempo pelo sacerdote, o governador mandou tocar o alerta e, juntando alguns soldados, desarmou o Gaspar Penso. Este tinha um cúmplice de peso no alferes Francisco Fontoura, o qual o ajudou a fugir à noite. Ao fim de cinco dias de batidas pelos morros perto do arraial, Nzoji descobriu rastros recentes, que conduziram à prisão de Gaspar Penso, tendo o alferes

Fontoura escapado para o Dombe. O prisioneiro foi logo arcabuzado, antes que encontrasse outro oficial pronto para o libertar. Tempos depois se soube que o Fontoura fora morto no Dombe pelo soba local, imposto pelos portugueses e desejoso de ter paz no território. Entretanto se foram descobrindo as ramificações da rebelião e eram numerosas. Havia simplesmente 47 implicados com Gaspar Penso, mas que preferiram dar o dito por não dito e presenciar as cenas de longe. O governador não podia castigar tanta gente, pois ficaria praticamente sozinho. Aconselhado pelo jesuíta, perdoou a todos os implicados e partamos para nova cruzada com ânimo redobrado. Foi pelo menos o que disse no domingo depois da missa, numa espécie de comício improvisado para explicar os mambos e as suas determinações.

Para frustração de Cerveira Pereira, o alferes Malaquias, marido de Margarida, nunca era apanhado em qualquer ato ilegal. Sempre que os prisioneiros de uma tentativa sediciosa começavam a denunciar os cúmplices, o governador afinava a orelha, à espera do execrado nome. Nada. Ou Malaquias era muito hábil, fazendo as coisas pela calada, ou possuía feitiço poderoso que o escondia dos olhos da Justiça. Porque Cerveira não acreditava na outra possibilidade, a de ele efetivamente se não meter nas conspirações, ou por lealdade ou covardia. Parecia sempre meio alheado do mundo, transpirando infelicidade pelo calor e pela ausência de Margarida. Até mesmo nos combates parecia indiferente, embora cumprindo de forma razoável o seu ofício, o que se revelava uma surpresa positiva num burocrata empedernido. O governador observava o odiado alferes sempre com o máximo de atenção e tinha de encolher os ombros, o tipo não se deixava apanhar em nada, ou ato criminoso ou negligência no cumprimento do dever. Por um lado isso era bom, um oficial minimamente competente a seu lado. Por outro, a compostura do outro lhe retirava o pretexto para a vingança tão ansiada em relação a toda a família de André Velho de Sottomayor.

– Não acredito que ele consiga sempre escapar – confidenciava ao primo Araújo. – O tipo é uma raposa velha, é o que ele é. Não foi por acaso escolhido pelo André Velho para genro, as raposas reconhecem-se entre si com facilidade. E eu trouxe a raposa para o galinheiro. Ainda me vou arrepender. Também não posso inventar uma falta grave do sujeito, ele não as tem...

Por outro lado, perdeu uma oportunidade na imposição do jesuíta como vigário, tendo sido escolhido Simão de Oliveira, numa votação curiosa. Além dos dois candidatos, viviam na colónia o clérigo Francisco Delgado e um padre negro, formado no Kongo, de nome Manuel Rodrigues. Os dois apoiaram o Simão de Oliveira, isolando o jesuíta. Não tinham poderes para designar oficialmente um vigário, mas Simão de Oliveira passava a fazer as vezes, em carácter oficioso, à espera de um dia vir uma ordem de cima legalizando a situação de facto.

Nzaji, por seu lado, começava a se arrepender de ter escolhido o barco errado. Aquilo não conduzia a lado nenhum, já era olhado de través, não só pelos brancos que o desprezavam por ser negro, mas pelos próprios soldados da guerra preta, pouco tolerantes para espiões de brancos. Por muito cuidadoso que fosse numa denúncia, nem sempre conseguia apagar todos os rastros conduzindo à sua pessoa. Nzaji sentia a garganta cortada quando vinha o vento do oceano em noites sem luar e as hienas choravam na escuridão. Os choros das hienas sempre foram vaticínios fúnebres, em todas as circunstâncias. Podia fugir, mas então teria de renunciar ao mundo que conhecia. Pois até talvez chegasse a Luanda, embora a distância a pé fosse considerável e os perigos inumeráveis. Desconseguiria de apanhar boleia num barco, por nenhum piloto o aceitar a bordo como fugitivo. Ou seria imediatamente feito escravo. Mas, mesmo na improvável hipótese de chegar a Luanda, seria aí perseguido por Gaspar Álvares, a mando de Cerveira. E em Massangano também. E em Kambambe. Até no Kongo, pois os brancos tinham mãos compridas. Para onde ir? A contragosto e adivinhando um fim breve, escolheu ficar, mas atento. Devia procurar futuros esconderijos, sobretudo nos morros.

³ Carta de Cerveira Pereira para Filipe II, de 6 de março de 1618, in *Monumenta Missionária Africana*, vol. VI, série *África Ocidental*, de Padre António Brázio, Lisboa.

Apertado entre morros, altas escarpas de pedra verticais, o rio Kubal do Kikombo corria manso, embora de vez em quando tivesse de galgar uma placa de solo mais rochosa. Nessa altura apresentava rápidos, mas nada de outro mundo, apenas ameaçadores para quem vinha lançado na corrente. Na maior parte da sua extensão, deslizava entre margens muito acentuadas com vegetação perto da água, desde árvores imponentes até arbustos com frutos e plantas de tubérculos. Se os morros eram acastanhados, pela cor da rocha e por escassa vegetação em cima, nas margens predominava o verde, sobretudo ali. Acontecia também haver alguns rápidos ligeiros no sítio onde acamparam, depois de se terem esgueirado por entre os previsíveis mas raros habitantes do lugar.

Tentando convencer o chefe local de que as suas razões eram pacíficas, Carlos Rocha não se podia apresentar com a tropa de jagas, entrar pela capital do sobado, dizer vimos em paz, somos apenas passeantes apesar de estarmos coloridos de guerra e armados. Os jagas eram facilmente reconhecidos pelas suas pinturas e os dentes serrados. Mesmo sem nada disso para os diferenciar, tinham um porte guerreiro difícil de encobrir, os olhos mirando fixamente a direito, ameaçadores, ou apresentando qualquer característica notória. Por isso convenceu Mbombe e os outros a arriscar entrar sozinho na ombala, nada me vai suceder de mau.

Kandalu se despediu dele como se fosse a última vez. Mulende

lamentava, o meu amo é louco, vai se meter na boca das feras, também não é a primeira vez. Mbombe foi mais prático, embora discordando compreendeu a ideia, vou atrás sem dar nas vistas e me esconder para observar como tudo corre. Se houver algum perigo para o muata, dou sinal de ataque. Carlos aceitou de bom grado esta última sugestão, também se sentiria mais tranquilo sabendo o kimbo vigiado pelos incansáveis olhos de Mbombe.

Entrou com o mosquete a tiracolo para falar com o chefe grande, mas ele não estava, lhe disseram os habitantes desconfiados.

– O nosso chefe Ebo-Kalunda viajou para longe – e apontavam o sul, não deixando de mirar a comprida arma.

A fala deles era diferente do kimbundo dos jagas, que Carlos Rocha aprendera entretanto, a qual de facto não era tão distinta do seu próprio kimbundo. Dava para entender o que lhe diziam, um kimbundo mais nasalizado talvez, com algumas palavras desconhecidas pelo meio.

– Quero atravessar o vosso território mas preciso de autorização. Quem ma pode dar?

Vários *haka!* de negação ou desconhecimento dos habitantes, muitos gestos de cabeça e finalmente uma alternativa. Havia um velho, um sekulo, conselheiro do chefe. Talvez ele pudesse resolver o mambo, na ausência era o substituto. Mas se encontrava doente, acamado numa cubata, sem capacidade de levantar. Devia estar muito mal ou sem nenhuma autoridade, pois demoraram tanto a se lembrar dele. Rocha pediu no entanto audiência urgente. Foram ver se era possível e nunca mais voltavam. Como se o kimbo fosse uma cidade grande do tamanho de Caxinde, demorada de atravessar. Ficou impaciente, sentado à sombra de uma árvore, sabendo estar a ser observado por Mbombe. Isso de qualquer modo o tranquilizava. Como vinha sozinho, não tinha despertado muitas desconfianças aos olhos dos aldeões, apesar do bacamarte a que eles não estavam habituados ou mesmo desconhecerem de todo. E era a questão que ele queria debater com o chefe. Trazia um exército atrás de si. Convencê-los do pacifismo do seu exército seria uma obra-prima de enganos, mas devia ser feito, não podia arriscar ter uma população inteira contra eles.

Muito tempo passou até o chamarem para a residência do sekulo. Entrou na cubata e logo sentiu o cheiro a fumo, por as cinzas estarem acesas na fogueira, apesar do calor ambiente. Os olhos se habituaram à escuridão e ao

fumo. Se apercebeu afinal do estado grave do mais-velho deitado na esteira, incapaz de se soerguer. Carlos cumprimentou com todo o respeito, batendo palmas e fazendo vénias, se mantendo meio dentro meio fora da cubata, de forma a ser visto por Mbombe. Não queria despertar nenhuma intranquilidade na sua vigilância, pois os jagas podiam atacar ao mínimo sinal suspeito.

Explicou ao que vinha e não era muito. Queria apenas atravessar o território e se estabelecer num sítio chamado Kikombo, à beira de um rio de nome Kubal. Lhe parecia ser um pouco ao sul, mais perto do mar, mas não tinha a certeza, pedia também indicações. O ancião reagiu positivamente ao nome Kikombo, mas Kubal não lhe dizia nada, conforme explicou, todos os rios assim se chamavam. Aliás, para quê rio ter outro nome? Era apenas um grande bocado de água atrapalhando caminhos, regando nakas, permitindo banhos e namoros de jovens. Rio não devia ser como as pessoas, com direito a nome. Porque se até a água tem nome quando é pouca, água, para quê um monte dela se chamar de outra maneira, rio? A quantidade muda alguma coisa? Não sei se percebes o que quero dizer, perguntou o sekulo muito mais depressa do que nas falas anteriores, como uma frase recorrente, uma muleta para a conversa. Carlos entendeu porquê tinham primeiro esquecido e depois hesitado em o levar até o mais-velho, perdido nas suas filosofias sobre o sentido das palavras.

– Vens sozinho? – estranhou o sekulo.

Essa era a parte mais difícil da conversa. Mas também não era obrigado a ser muito específico nas respostas, desde que os habitantes da ombala se não aproximassem muito da sua escolta para a reconhecerem como um conjunto de jagas.

– Venho com a minha mulher e os meus acompanhantes. Preferi me apresentar sozinho ao mais-velho venerável para não ofender os espíritos do kimbo com a minha falta de respeito. Uma pessoa deve ser humilde quando entra na casa de outro, assim me ensinaram.

– Fizeste bem. Vejo que és ajuizado.

Mais não falou o velho. Parecia ter adormecido ou caído em coma. Provavelmente estaria na difícil tarefa de tentar compreender porquê um jovem vestido de branco ou lá o que era se apresentava perante ele com tão estranho pedido, passar por ali, agora já pediam autorização para atravessar territórios? Como lá dentro estava bastante escuro e não parecia haver mais

ninguém, Carlos ficou sem saber o que fazer. A resposta era sim ou não, podia ou não avançar para o Kikombo desejado? Aguardou. Até que na sombra à sua esquerda se mexeu uma velha escanzelada e a cheirar também muito a fumo, talvez por viver sempre ao lado do homem e aproveitar o calor da fogueira por causa das dores nos ossos. A velha deu um passinho e lhe puxou com brandura para fora. Saíram os dois.

– Podes ir, ele dormiu.

– Posso ir para onde quero? – perguntou ele.

– Ele te disse que não podias? Então podes.

Carlos Rocha não sabia se era conveniente acreditar na fala de uma velha meio tonta, como lhe parecia, sobretudo ao vê-la à luz do dia. Raquítica, curvada, roída pela velhice, tão anciã como o sekulo doente, se apoiando dificilmente numa bengala com figuras esculpidas. Pelo aspeto, ela usava a bengala do marido, objeto marcando um estatuto elevado. Mas, se o verdadeiro chefe não estava, podia dar como concluída a sua missão de boa vontade e que os deuses decidissem se ela estava certa ou se tinha exorbitado nas suas competências. De qualquer modo, o ancião também não estava com capacidade para decidir coisa alguma, o importante seria a população do kimbo ter visto ele ir lá dentro falar. O resto dependia de espíritos protetores dos viajantes e dos aventureiros. Agradeceu à senhora, bateu mesmo palmas, cumprimentou sorrindo toda a gente ao atravessar o kimbo, e foi se juntar aos seus.

– Vamos rápido antes que vos vejam – disse para os outros.

Um grupo de jagas tinha penetrado em pleno território sumbe sem estes se aperceberem. Mais cedo ou mais tarde iam saber. Teria valor a ausência de negativa de um velho meio moribundo?

O futuro, sempre diante deles, seria o juiz.

Agora estavam à frente do rio, no Kikombo. Tinham andado um dia e pouco desde a libata, nome que os sumbes davam na realidade ao kimbo. Evitaram os caminhos usados recentemente e as aldeias, tarefa muito menos complicada pois dos morros podiam ter uma visão panorâmica à distância, com o fim das florestas, e se afastaram dos lugares habitados. No entanto, as provisões estavam mais uma vez esgotadas e teriam de fazer alguma coisa para resolver a maka. Já se sabia, viajantes têm sempre problemas de fome, se não querem atacar os kimbos. Querer até queriam quase todos eles, mas o chefe teimoso não deixava. Carlos Rocha explicou a Kandalu e a Mulende,

devemos ter a retaguarda protegida. Se andamos para aí a atacar e queimar as aldeias, depois como faremos para o regresso? O mujimbo corre que um grupo de jagas anda em guerra na região e todos se escondem. Ou se juntam em desespero para nos combater. O nosso exército é pequeno, só para garantir a missão, não para conquistarmos este território todo. Deixemos isso para o grande jaga Imbe Kalandula, se tiver o desejo.

Palavras sábias merecem palmas, pelo menos sorrisos.

E todos suportavam a fome, embora os jagas fossem mais obstinados na combatividade, mesmo Muhongo. Ela passava a vida a refilar com o companheiro Mulende, o teu amigo branco só complica a nossa vida, vê como estou a ficar magrinha. Devíamos ter atacado a aldeia, tinham muita comida, dava para umas semanas. Foi Mbombe que falou, viu mesmo de longe, mas só falou na Kafeka. Ela me contou, Kafeka me conta tudo. Os outros se queixam a ele, o verdadeiro chefe, se continuam assim ainda morrem de fome, mas Mbombe só diz, devemos obedecer ao branco amigo de Imbe Kalandula, o nosso Grande Jaga. Aguentem a fome, aguentem tudo, mas não atraiçoem a vontade de Imbe Kalandula, o chefe poderoso de que nos orgulhamos, o que nos dá terras e comida e mulheres e maluvo e todas as riquezas que conhecemos. Os guerreiros baixam as cabeças, conformados, habituados a obedecer, mas mesmo Mbombe está com receio, pode perder o controlo sobre os seus homens. Basta alguma razão suplementar para acontecer uma explosão de violência e ele desconseguir de travar a revolta.

Apesar do seu aspeto meio distraído, Carlos Rocha estava muito atento e conseguia apanhar olhares, concordâncias, cumplicidades, sobretudo descontentamento. Era urgente arranjar comida. Tinha de haver ao longo do rio. Por isso obrigou os seus a descerem quase até o mar, procurando. Não foi necessário irem tão longe. Naquele sítio onde havia uma ilha pequena, as largas folhas indicavam plantas com tubérculos comestíveis, parecidos com inhame, como por vezes se encontrava no norte do Kwanza. Mulende também as reconheceu. Foram os dois os primeiros a cavar e a extrair os tubérculos. Os jagas finalmente se convenceram da possibilidade de comida e também ajudaram na extração. Fizeram fogueiras e assaram os tubérculos para acompanharem a carne do nunce que lhes tinha aparecido pela frente. Carne sempre havia, porque caça não escasseava. Carlos Rocha na ocasião preferiu não disparar o mosquete, para não se fazer notar por populares

existindo eventualmente por ali, e deixou o encargo para os jagas, que mataram o animal com flechas. Mas carne sem nada a acompanhar era insuficiente. Por isso festejou a existência daquelas folhas largas ali na ilha. Os jagas primeiro desconfiaram, mas comeram e no fim apreciaram. Eram jagas novos, não conheciam muita coisa existente no norte do Kwanza, nem mesmo o chefe Mbombe.

À noite, deitado com Kandalu, ouvindo Mulende e Muhongo muito perto, Carlos Rocha segredou:

- Viste como resolvemos o mambo da fome?
- Hoje. E amanhã?
- Há muitas plantas daquelas por aqui. E folhas boas, tu conheces.

Sim, folhas comestíveis havia. E caça, e peixe. E agora os tubérculos. Um rio bonito, um sítio calmo. Mas faltava gente. E Kandalu, sem o perceber inteiramente, também sentia falta de um plano de vida.

Problema para Carlos, o eterno fugitivo de um pai bêbedo.

No entanto, Kandalu escondia a fome sentida. Mesmo depois de comer. E notara a barriga a crescer. Carlos também, ao lhe fazer festas enquanto conversavam, mas levava para outro lado.

– Enquanto os outros se queixam que emagrecem, tu engordas – apenas estranhou.

Inexperiência de homem sempre solteiro.

Kandalu disfarçava a agitação sentida dentro do corpo dela. Mas era por demais evidente. Também o fora para Muhongo, a qual também pouca experiência tinha. Na véspera a amiga lhe perguntara:

- Estás grávida?
- Acho que não – respondeu, sem ousar sequer inquirir da razão da pergunta.

Muhongo muxoxou, mas não insistiu. E não falou a Mulende. Aliás, ela falava poucas coisas a Mulende, só o estritamente necessário, como faziam todas as mulheres jagas. E se admirava das conversas longas que observava Kandalu manter com Carlos Rocha. Homem conversa com homem, assuntos deles, não com mulher. Esse branco tinha de facto hábitos estranhos, ainda bem que lhe coubera Mulende e não ele no momento das partilhas. Decisão de Kandalu.

Foi assim.

Elas tinham gostado daqueles dois estrangeiros que apareceram em

Caxinde. Eram diferentes dos homens com que conviviam. A curiosidade levou-as à aproximação. Muhongo não tinha nenhum plano, apenas desejo de um conhecimento maior dos visitantes e tomou a iniciativa de propor. Kandalu, como sempre mais reservada, hesitou, achas que devemos falar com eles? Não nos vão comer, replicou Muhongo. Vamos lá. Foi na altura em que Carlos Rocha descobrira a maneira de fazer uma infusão a partir das folhas daquela planta que nascia nos terrenos vagos. Elas se aproximaram das cubatas deles e Carlos ofereceu a bebida. Kandalu desconfiou, não queria provar. Muhongo lhe perguntou baixo, mas tens medo de quê? Não tenho medo, mas pode nos fazer mal, nem sabemos o que aquilo é. Há tortulhos envenenados, mandioca envenenada, porque não veneno nessas folhas? Muhongo aceitou no entanto provar, perante a reprovação da amiga. A qual também provou em seguida, seguindo o exemplo. Gostaram. Foi o pretexto para aparecerem mais vezes, até que Kandalu se deitou na esteira do branco. Foi ela que escolheu a esteira do branco, só tinham falado antes em experimentar com eles, para ver se era sexo diferente, sem se dividirem os companheiros. Nesse caso, Muhongo foi ultrapassada por Kandalu, que fez a sua própria escolha. Ainda bem. Muhongo preferia mesmo Mulende, mais submisso, por outro lado mais parecido com o seu próprio povo. Carlos Rocha era diferente, na atitude e na maneira de falar, devia ser mesmo como os brancos, de que se contavam histórias fantásticas. Tinha curiosidade, não podia esconder, de deitar com ele, só para notar se de facto havia diferenças. Interrogada, Kandalu encolheu os ombros, não quis comparar Carlos Rocha com os outros que conhecera. Se havia diferenças, ficavam só para ela.

E agora estava grávida. Muhongo não se importaria de engravidar, era o aborrecido destino de mulher, embora não fosse cómodo estar de barriga tão longe de Caxinde. A amiga ia dar trabalho, porque faltavam as mulheres velhas para ajudar no parto. A menos que decidissem a missão cumprida e voltassem a tempo. Para o norte a viagem seria muito mais rápida, conheciam já os caminhos. Mas ninguém sabia qual a missão deles e até que ponto estava concluída. A essa altura, já Imbe Kalandula se encontraria do outro lado do Kwanza e Caxinde muito vazia de habitantes, sem diversões, portanto. Bem, o melhor era mesmo não pensar muito no caso, deixar andar e ver como corriam as coisas, calmas até então. E, no momento de necessidade, ela própria e Kafeka teriam de ser suficientes para ajudar a

amiga.

Mas a calma abandonara definitivamente Kandalu.

Antes não se apercebera dos sintomas ensinados pelas mais velhas sobre a gravidez, a falta de apetite, tonturas, má disposição. Com a viagem, não sabia de onde vinha aquele cansaço constante. E a tristeza de ter revisitado o lugar onde nascera, as lembranças, tudo tinha confundido as pistas. De facto, a barriga crescera durante a viagem. Não era natural, mas nem ela nem Carlos deslindaram a verdadeira razão. Agora era evidente. Tinha de explicar ao homem que ia ficar disforme, horrível, período em que as mulheres se escondem dos olhares masculinos até voltarem a aparecer esbeltas e ágeis. Isso se estivesse na sua casa. As condições no mato não eram normais, tinha de se mostrar aos olhos de todos, a menos que se enfiasse numa gruta e proibisse visitas, exceto de Muhongo e Kafeka. Logo compreendeu não ser possível, tinham de conviver todos e estarem sempre prontos para ripostar aos perigos da situação. Quanto aos companheiros jagas, pouco se importava, mas surgir gorda e disforme aos olhos de Carlos não lhe agradava mesmo nada. Compreendia muito bem o que as mulheres confidenciavam entre si, a situação de gravidez era inevitável mas horrorosa, as mulheres tinham mesmo muito azar na vida. Porquê os homens não ficavam grávidos? Tinham guerras para fazer, é verdade, deviam estar constantemente em forma física e prontidão combativa. Mas elas também podiam lutar e substituir os maridos grávidos nas batalhas.

Nada de mais para uma jaga...

Esperou pela noite para dizer a Carlos o que a atormentava. Não seria fácil porque parecia ainda muito apaixonado e nada preparado para enfrentar o corpo dela inchando, inchando. Hesitou ao dizer, arranjava desculpas para protelar. Até não poder mais esconder um segredo que ele adivinhava existir sem saber qual. Porque ela ia falar e depois recuava, se calava. E ele perguntava mas é o quê e ela dizia não é nada, mas difícil de mentir e Carlos desconfiou, estás a esconder alguma coisa grave, é melhor falares já. Aí ela não teve mais ponto de recuo. Falou a medo e com vergonha também.

Ele reagiu de uma maneira estúpida, como era de prever num branco que dizia ser preto: ficou satisfeito. Quando devia se rebolar de raiva, agora como vamos fazer, não sabias evitar? Mas não fez nada disso, antes pelo contrário, riu, todo feliz, ela é que o travou senão sairia disparado a contar a

toda a gente a má nova como se fosse uma grande coisa, como se tivesse matado um elefante com um punhal ou um grupo de vinte inimigos. Os brancos eram de facto complicados, imprevisíveis, tinha de concordar. Chorou, protestou, arranhou o corpo, mostrou o maior desespero, embora em silêncio para os outros não ouvirem. Até ele arrefecer a alegria, acalmar e estranhar depois a irritação dela. Mais sereno, Carlos Rocha lhe prometeu guardar segredo, pelo menos por enquanto. Deixassem os outros descobrir quando ela ficasse toda deformada, uma bola de meter nojo. Mas, fgozinho, vais ficar ainda mais bonita, toda redondinha e muito satisfeita por teres na barriga um filho meu. O parvo não percebia ser esse o verdadeiro problema, que não sentia prazer nenhum em ter um filho na barriga, dele ou de outro qualquer. Nem mesmo se fosse de Imbe Kalandula, o partido mais desejado por qualquer mulher jaga em seu perfeito juízo. Infelizmente, o grande chefe ainda nem sequer tinha reparado nela, sempre rodeado do seu harém de concubinas treinadas para o satisfazerem em todos os aspetos. Nunca poderia ter prazer em se saber grávida como um hipopótamo, um estado lamentável que só chegava a um fim. Não podia dizer isso tudo ao seu companheiro, Carlos Rocha que aprendesse por si, no momento devido.

Há um momento para tudo e os homens só pensam no seu egoísmo.

Depois de Carlos prometer calar a novidade e agir como sempre, ainda acrescentou:

– No entanto, *fgozinho*, vai adiantar pouco, Muhongo conta a Mulende e a Kafeka, que conta a Mbombe, que conta a todos...

– Não, Muhongo vai se calar por enquanto. Só perguntou sem muito interesse. Como eu neguei, ela não insistiu, mudámos de conversa. Não é um assunto importante.

Carlos Rocha não ficou muito convencido da capacidade de Muhongo calar tão grande notícia e nem notou o sentido da última frase da sua mulher. Por muito que contactasse os jagas, esquecia que eles raciocinavam de maneira diferente em relação aos nascimentos e às crianças. E aquilo não era novidade suficiente para Muhongo se cansar a contar. Para eles, um bebé não tinha a mínima importância, era coisa para deitar fora.

Só que Kandalu teve a delicadeza de não relembrar naquele momento de felicidade o que ele aprendera antes e já esquecera.

Não haveria de faltar oportunidade...

Uma oportunidade pareceu por breves momentos surgir com André Coronado. Finalmente um conjurado com força, um capitão, embora de sangue mouro ou árabe, se dizendo espanhol. Mas meio tonto. De vidas anteriores ou entontecido por febres ou calor. O capitão, homem antes valoroso, segundo seus companheiros presidiários, começou de repente a gritar no arraial, primeiro palavras e frases sem sentido, correndo de um lado para outro, afastando os que o tentavam segurar e acalmar. Gritava e balbuciava, os olhos redondos muito salientes, de possuído por algum demônio. As razões do descaminho encontradas pelos assistentes, depois dos acontecimentos dessa manhã, podiam ser muitas, mas a prevalecente foi a influência do forte sol lhe crestando os miolos. De repente, deixou de balbuciar sons sem sentido e se fixou numa única frase que arrepiou toda a gente:

– Vou matar o governador, vou matar o governador, vou matar o governador.

Corria como louco, gritando vou matar o governador e de novo uma mudança na fala, agora menos gritada e mais ponderada, parecendo ter recobrado parte da razão:

– Não pode nos manter neste atoleiro de morte lenta, no meio destes pântanos, com fome e sede. Com peçonha ou punhal, hei de matar o governador.

Bem, pensou Nzoji, quem quer cometer crime assim tão grave não o confessa antes de o executar, endoideceu. E lá se foi o sonho de uma revolta bem feita e, portanto, com sucesso, para o libertar, também a ele, Nzoji, ansioso por saltar do barco do governador enquanto era tempo. É claro, o André Coronado foi desarmado e atirado para as masmorras, onde o fixaram com ferros à trave central. Cerveira Pereira não se alterou com a cena que observara do seu posto de comando. Deu calmamente ordens para chamar a rebata todos os residentes, os que trabalhavam no fortim e os que andavam pelos campos em reconhecimentos ou ações de patrulhamento ou mesmo a preparar terrenos para a lavoura. Quando toda a população estava reunida na praça central, mandou buscar o prisioneiro e lhe disse em voz clara mas pouco severa para se confessar perante o magote. Coronado começou a espumar pela boca, saliva e sangue, parecia. A raiva ou o medo, algo lhe deve ter feito morder a língua. Talvez por causa dos feitos e lealdade anteriores, talvez por uma estranha tolerância para ele, Cerveira deixou-o amansar primeiro, depois lhe deu a palavra. O amotinado sabia estar perdido, explicou mesmo as suas razões, que eram as de todos, queria matar o governador para poder ir embora para Luanda, não aguentava mais aquele desterro e em Angola tinha mulher. O governador riu, perdoou a candura da confissão, fez o desconto, essa só mesmo de mouro... Perdoou até mais ver...

Era um ambiente de facto turbulento.

As tropas não podiam ir à procura das minas de cobre, de certeza nas montanhas a norte do território ou a oriente, pois estavam demasiado enfraquecidas para enfrentarem o mato e seus perigos. Sobretudo porque se sabia haver jagas nessas direções. Jagas sem compromisso, prontos para o ataque. Se mantendo ali, sem perspectivas, sem apoio de Angola, iam morrendo, ficando ainda mais fracos. Cerveira estava metido num círculo vicioso, pois se não encontrasse as minas também não contaria com apoio régio ou outro. E minas não se inventam tão facilmente no terreno como na corte. Na corte tinha sido fácil encontrá-las.

No terreno, no entanto, elas corriam à frente dele.

Fez tréguas com as raras populações ainda vivendo na região, mandou o soba Peringue voltar ao seu kimbo das Bimbas, pagou bem o apoio dos jagas, na esperança de os manter aliados, com o gado alimentou o melhor que pôde os seus homens. Houve também alguma clemência do clima e

recuperaram dos esforços guerreiros. Enviou a Luanda o capitão Lourenço Dias Ferreira numa caravela atestada de peças, com o fim de as vender ao melhor preço mesmo ali e não no Brasil, podendo com o ganho comprar mercadorias para Benguela. Levou também uma carta ao governador de Angola, intimando-o a lhe despachar sem perda de tempo as tropas e mantimentos ordenados pelo rei. E confiou a Nzoji uma missão muito secreta e importante, seguir para norte contactar sobas que conhecessem o local das minas de cobre.

As duas missões tiveram resultados diferentes.

O capitão Dias Ferreira voltou a Benguela quase de mãos vazias, um barco com algumas mercadorias compradas dificilmente em Luanda, mas com muitas informações, sobretudo a forma vexatória como foi recebido na cidade. Não se fez rogado para tudo expor a Cerveira:

– Não há maior inimigo de Vossa Senhoria que o governador Luís Mendes de Vasconcelos. Tentou primeiro impedir-me de vender os escravos, exigindo depois uma taxa especial. E, após as vendas consumadas com as altas taxas cobradas, dificultou ao máximo a compra dos mantimentos pelas vias normais. Os comerciantes estavam interessados no negócio, como é lógico, e por isso me ajudaram e desfeitearam o governador, mandando os seus homens carregarem o barco à noite fora do porto com as mercadorias vendidas. Quem também muito ajudou foram os padres da Companhia, pois animaram constantemente e com boas palavras os comerciantes no negócio, dizendo que apoiando a conquista de Benguela apoiavam o próprio Deus, pois era Sua Vontade que a conquista prosperasse, Benguela sempre foi um projeto divino. Pelo contrário, Luís Mendes de Vasconcelos mandou-me dizer a Sua Senhoria que não despacharia nada para Benguela, mesmo com ordens reais, pois este território nem tem razão de ser e muitos em Lisboa concordam com ele. Ele, como governador de Angola, devia comandar todo o território de Luanda até o Cabo de Boa Esperança e ao Monomotapa, sendo Benguela uma fraude, o pior sítio do mundo para morar gente, um cemitério de brancos. E mais disse, se o meu governador o permite... Que todas as manilhas de cobre mandadas para a corte não eram provenientes de Benguela, pois aqui não há cobre nenhum. E as manilhas eram arrançadas em Luanda para enganar Sua Majestade...

– O biltre, o pulha!

– Que era altura de el-rei compreender que género de pessoas tinha mandado para Benguela, gente sem princípios, uma cambada de mentirosos, criminosos, bem, outras palavras que nem me permito repetir perante Vossa Senhoria por serem muito ofensivas para todos nós.

– O filho de uma mula, a escória de Lisboa, desculpe, meu caro capitão, mas tenho de dizer, o filho de uma vaca mal parida...

– Diz bem, senhor, diz bem, muito mal parida mesmo.

Depois de inúmeros pontapés no vazio e impropérios, o governador acalmou. Olhou o capitão nos olhos, de forma intimidante, como sempre fazia, o que levava muita gente a dizer que tinha olhos de diabo, raiados de sangue, coruscantes. Perguntou:

– Está disposto a escrever isso que o Luís Mendes afirmou à sua frente e a fazer reconhecer pelo ouvidor?

O capitão nem vacilou. Pôs-se em sentido, muito esticado por ser bastante baixo, e disse:

– Estou, sim, senhor.

O capitão Lourenço Dias Ferreira escreveu o seu relatório, o qual foi afiançado pelo juiz e lido pelo escrivão na presença de todos os moradores, para que o povo de Benguela e soldados soubessem quais eram afinal os inimigos da conquista, como realçou no seu discurso de conclusão o governador, na sua voz mais firme e glacial.

– Gente como este dito fidalgo Vasconcelos, que ofende o próprio rei D. Filipe, não está sozinha. Tem seguidores, cúmplices. E alguns vivem entre nós. Não querem que Benguela exista como conquista independente de Luanda, conspiram todo o tempo contra nós. Sabemos quem são, estamos atentos. E a nossa pesada espada só não cai mais vezes sobre os pescoços desses peçonhentos indivíduos porque com Jesus Cristo Nosso Senhor aprendemos de boa mente a perdoar as ofensas e humilhações para alcançarmos o reino dos céus...

Era uma tarde quente mas um vento gélido passou nos corações de muitos dos presentes. Nem ousavam olhar uns para os outros, para não serem identificados como supostos conspiradores. As poucas crianças existentes no acampamento pareciam compreender o peso da situação, pois se mantinham quietas e silenciosas, deixando as palavras ameaçadoras soarem sem ruído de fundo nem eco. Mesmo o padre jesuíta estava impressionado com a atmosfera de terror, se não respeito.

Só o medo corria solto no fim de tarde, como o sol a caminho do Sombreiro e do mar.

A missão confiada a Nzoji, por outro lado, foi coroada de sucesso. Nzoji se apresentava de facto como um poço de contradições, esperando uma revolta que o libertasse da sua condição de cúmplice do poder despótico, embora sabendo ser o alvo segundo dos conspiradores. E, com vontade de desaparecer, não aproveitava a liberdade de movimentos que tinha para sumir de vez, por medo da vingança do governador. E cumpriu a missão, como Cerveira Pereira esperava. O rapaz chegou uns dias depois do capitão Lourenço Dias Ferreira. Vinha magro e cansado, mas os olhos brilhavam intensamente na companhia imponente do soba Ebo-Kalunda, senhor do território onde se dizia encontrarem as verdadeiras minas de cobre. O governador Cerveira não era homem de exteriorizar sentimentos, mas teve um impulso para o abraçar ao receber a notícia do sucesso. Logo se conteve, Nzoji não passava de um antigo escravo, de um negro. Seria rebaixamento exagerado lhe honrar com um abraço. No entanto, sorriu levemente para o serviçal.

– Então é mesmo ele o dono das minas?

O fidalgo não percebia uma palavra de português, garantia de Nzoji. Podiam falar à vontade à frente dele.

– Bem, eu não percebo nada de minas – disse Nzoji. – Mas ele garantiu e os outros kotas também, era ali nuns buracos que eles tiravam pedras que depois punham ao fogo durante muito tempo e depois saía um líquido grosso, de que se fazem os braceletes e pulseiras. Mas é muito longe daqui, a norte do rio Kubal do Kikombo, um sítio que já conhecemos, passámos perto de barco. Dormi muitas noites no caminho. Estive mesmo a pensar vou desistir, me parecia afastar demais. Mas as pessoas diziam, é já ali, e eu avançava mais um pouco. Depois encontrei o kimbo deste chefe e ele afirmou as minas são no território dele. Me mostrou os buracos, vi mesmo. O sítio se chama Sumbe-Ambuela, o povo é sumbe. Como este soba.

– Quantas noites dormiste no caminho?

– Quando voltei, como eu vinha com ele, dormimos cinco vezes. Para lá foi muito mais tempo porque ia para aí e depois para ali, a perguntar, a fugir dos jagas...

– Viste jagas?

– Senti. Mas aprendi a fugir deles. Este soba também foge deles.

– Diz então ao fidalgo que estamos muito felizes por o receber aqui neste reino de Benguela, onde será bem agasalhado. E queremos trocar coisas com ele. Todos ganhamos.

Nzaji falou para Ebo-Kalunda. Ele aprovava com a cabeça, um ar grave. Estava impecavelmente limpo, a pele brilhava com algum óleo passado antes, talvez de mupeke, e a saia de ráfia parecia nova. Trazia colar de pedras grandes coloridas e pulseiras de cobre no alto dos braços. Grossas e largas, com entalhes profundos, fazendo realçar os músculos. Não tinha aspeto de quem andara tanto a pé pelo mato. É verdade que vinha com um séquito de mulheres que cuidaram dele antes de se apresentar no governador. Este teve de admitir, Ebo-Kalunda tinha uma figura elegante e digna, se não fosse a cor demasiado escura poderia passar por um fidalgo europeu. Respondeu a Nzaji com voz forte, a corresponder ao corpo.

– O soba diz está muito contente com a maneira de o senhor governador lhe receber. Comeu bem quando chegou, bebeu bem, todos lhe estão a tratar bem. Vamos fazer negócios. Tem muito marfim e pode arranjar peças nos povos vizinhos, embora que não tem muito povo, só depois das montanhas. Problema dele é os jagas que lhes atacam muito para roubar e matar, por isso precisa das armas dos brancos para lhe defender e ao seu povo contra os jagas. E quer também vinho, ele bebeu aqui em Benguela e gostou muito. Senhor governador, o kota ficou mesmo bêbedo, só conhece maluvo e kapuka, vinho desse escuro ele não conhecia, gostou, bebeu demais.

– Quer proteção contra os jagas e fica vassalo do rei de Portugal, é isso?

Nzaji traduziu a pergunta e dá para desconfiar da interpretação do próprio língua, o qual, apesar do convívio constante com os portugueses, devia ter algumas dúvidas sobre o conceito de vassalagem à distância. O mais certo é o ato de vassalagem não ter sido sequer traduzido por inútil, pois a resposta do soba foi clara e rápida.

– Ele quer armas e soldados contra os jagas, vinho, missangas e dá escravos, marfim e mostra o sítio das minas.

O governador não insistiu na sua pergunta de mera retórica sobre o preito de vassalagem. Queria as minas e as peças. Armas não dava, podia mandar uns homens em caso de guerra, sobretudo para defender as minas. E um padre para os converter à verdadeira fé, como gostava el-rei de Portugal e Espanha, muito cioso na expansão do seu catolicismo.

Convidou Ebo-Kalunda a descansar mais uns dias e voltar ao seu sobado

com alguns presentes, ele iria visitá-lo na melhor altura a Sumbe-Ambuela. Fazia contas à vida e aos homens. O eterno problema dos efetivos se punha, não tinha gente suficiente para avançar para norte e ocupar as minas. Se levasse uma boa parte da guarnição, a suficiente para arriscar entrar por terrenos desconhecidos, deixaria Benguela desprotegida. Se ao menos pudesse tirar algumas amostras de minério, ao mesmo tempo que mantinha posse sobre Benguela... Deixaria a ocupação efetiva das minas para mais tarde, bastavam as amostras de minério para convencerem todos os descrentes e reforçarem a convicção do rei. Porém, como dizia Nzoji, as terras do soba ficavam para lá do rio Kubal do Kikombo, portanto eram a meio caminho entre Benguela e Benguela-Velha, o tal fortim destruído ao pé do Cuvo. Representava muito caminho. Contas difíceis de fazer, exigiam muitas ponderações, algumas alianças com povos da região e a certeza na tranquilidade dos jagas.

Não lhe deram tempo para cálculos.

A jovem filha do capitão-mor atraía cobiças cada vez mais acesas, como era de esperar. E ela crescia e sabia. Por isso, quando ia à água com as escravas ou passear perto do mar, andava de forma estudada, se sabendo observada por quase todos os homens do arraial. Os olhos baixos, de forma casta, mas atentos aos homens que ia mirando por entre as pestanas compridas e cúmplices, fazendo escolhas. A mãe avisava o capitão-mor, temos de a casar o quanto antes, mas o pai, ou por ciúmes próprios da condição de pai, ou por ser de facto realista, dizia ser melhor esperar só mais um tempinho.

– Aqui não há nenhum homem que a mereça. Repara, são todos uns bandidos, degredados. Deixa vir a nova leva, sempre haverá algum fidalgo solteiro no meio e bom partido. Como garante o governador, mais cedo ou mais tarde virá o reforço prometido por el-rei. E nele certamente um jovem oficial de boas famílias.

A grande esperança tinha sido o irmão mais novo de Cerveira, um bom casamento sem dúvida, mas morreu antes de reparar na moça. Já o sobrinho do governador era um safado da pior espécie, um arruaceiro ordinário, nunca o aceitaria para genro, apesar de todas as vantagens políticas e até negociais. E também foi para outro mundo antes de mudar de comportamento.

Porém, os apelos da carne são muito fortes, de um lado e do outro.

Quando a Lua faz das suas, ninguém segura o destino. Depois de várias tentativas rejeitadas, finalmente um soldado feito às pressas oficial, de baixa extração e condenado por vários crimes em Portugal, considerado ainda por cima de sangue judeu, tendo portanto engrossado o exército de Cerveira como degredado comum, conseguiu chegar aos favores mais íntimos da donzela nas moitas perto da praia, quase às vistas de todo o acampamento, para desespero do capitão-mor e de sua honradíssima esposa. Apanhado por denúncia em pleno ato, o facínora foi levado pelo indignado pai da moça ao governador. Inteirado dos factos, apesar de aleitado na altura com sezões de febre, Cerveira Pereira nem hesitou em proferir a sentença. Condenado à morte na forca e largados bandos pelo arraial e arredores a anunciar a decisão.

A população estava pronta para tudo. Desesperados pelo isolamento, sem o reconhecimento nem apoio de Luanda, governados por um homem acusado de barbaridades e falta de escrúpulos, agitados por um vigário oficioso hábil de palavras e apelando à ação, logo cinco homens aproveitaram o pretexto para porem Cerveira Pereira à prova, ainda por cima estando ele doente. Era realmente um grupo multicultural, como se diz hoje, pois constituído por dois cristãos-novos, o mouro André Coronado que se tinha rebelado antes, um Pantaleão Monteiro e um Cosme Carvalho, os dois degredados também por crimes de sangue. A este grupo de cinco proscritos se juntou frei Simão de Oliveira, o vigário, e o padre negro do Kongo, Manuel Rodrigues. Mas decidiram evitar erros e cumprir todos os regulamentos do perfeito golpe de estado.

Os dois padres foram primeiro à casa do governador, se despindo de qualquer ar humilde. Era cedo e Cerveira Pereira estava ainda deitado, com as febres. Simão de Oliveira nem pediu desculpa pelo incómodo, nem lhe perguntou pelas dores, foi logo perguntando:

– Vimos aqui só para lhe fazer uma pergunta. Está disposto a perdoar o oficial sentenciado?

Mesmo enfermo, Cerveira não permitia faltas de respeito ou rebaixamentos sem lutar. Preparou uma resposta diplomática, de molde a dar tempo que se vestisse. A espada e a adaga não estavam longe da cama, era só um instante para chegar até elas. Nesse caso, a situação mudaria de repente, pois os padres geralmente não são hábeis com esse tipo de armas, as deles são outras.

– Hoje é domingo, dia santo, não de executar a sentença – disse o Cerveira. – Vão pois dizer missa e depois voltem para discutirmos o assunto. Rezem muito na missa pelas minhas melhoras.

Frei Simão de Oliveira recusou sair sem uma resposta definitiva do governador, a missa podia esperar. E Cerveira Pereira repetiu, vão primeiro fazer o culto, devem estar todos à espera, e voltem para discutirmos o assunto com calma.

Os cinco degredados estavam à porta a ouvir a conversa. Percebendo que só perdiam tempo e o governador se manteria irredutível, irromperam pelo quarto, um se apoderando logo das armas de Cerveira. Os padres fingiram espanto, que fazem os senhores? Nenhum ponto podia ficar com o fio de fora. Os amotinados não deram ouvidos aos sacerdotes e se viraram apenas para o governador. Lhe deram voz de prisão:

– Vai para onde tanto gosta de mandar os outros – disse um de cara bexigosa. – Depois veremos o que fazer consigo.

– Obrigado pela vossa tentativa – disse outro para os padres, como se eles não estivessem todos combinados. – Mas certas coisas devem ser tratadas à bruta, como este bruto merece.

O governador, porém, não se dava por vencido e tentou num repente se levantar da cama. Foi então que o frade Simão, dos sete o mais perto dele, lhe segurou por mero instinto numa perna, impedindo-o de se erguer. Os outros caíram em cima do Cerveira com todo o seu peso. Lhe apunhalaram várias vezes.

Ouvindo gritos e algazarra, Nzoji apareceu. E um dos assustados membros da guarda do governador. Mas a palavra de ordem já tinha corrido pelo acampamento e mais de cinquenta homens com as suas armas se reuniam aos conjurados. Não havia resistência possível, trabalho bem feito. O alferes Malaquias afinal destapava a cara: comandando esses cinquenta homens.

Nzoji só tinha ido ao quarto do governador para saber da origem dos gritos, não para prestar qualquer socorro. Por isso, quando compreendeu a cena, tentou se coser à parede. Mas não passou despercebido. Foi logo agarrado e atirado para a casota que servia de cadeia. Uma pessoa não deve ignorar os maus augúrios, Nzoji tinha tido tempo para desaparecer quando foi desencantar Ebo-Kalunda lá pelos lados do rio de Kikombo. Agora estava nas mãos de inúmeros inimigos, pois ninguém gosta de um espião

descoberto.

O oficial que estava na origem da revolta foi logo libertado e passeado pelo arraial ao som de aplausos e gritos de herói, herói, levando pela mão a donzela desflorada. Ela ia meio encabulada pela situação e também com alguns remorsos em relação aos pais, humilhados em plena praça pública. Os infelizes nem tentavam aparecer à porta de casa, tanta era a vergonha do escândalo. Se percebe por isso o rubor que cobria as faces da moça, baixando os olhos sempre que alguém a felicitava pelo futuro enlace. Teriam já casamento combinado? Qual dos padres os casaria? Era óbvio que nunca tinha sido assunto de conversa nas escapadelas, o tempo não sobrava para combinar sonhos.

Voltando ao governador...

As estocadas não foram mortais e alguém estancou o sangue das feridas, sendo de prever obra do padre jesuíta, embora não haja referências explícitas nas crônicas. No entanto, os revoltosos agrilhoaram o governador e mantiveram guarda pesada na porta do quarto, apenas deixando entrar o padre. Escolheram imediatamente outro capitão-mor, pois o presente estava desmoralizado pelo comportamento da filha e se mantivera sempre demasiado próximo do governador. Os amotinados não se fizeram rogados e apanharam todos os bens de Manuel Cerveira Pereira, ouro, prata, fazendas e centenas de escravos. O oficial que escapara à execução pelo feito dos conjurados foi nomeado feitor, dividindo o saque entre eles. Segundo o espoliado governador, em relatório posterior, o total chegava a 32 mil cruzados, uma fortuna para o tempo.

No dia seguinte, cortaram a cabeça de Nzoji, com duas frases do novo capitão-mor a servir de sentença e epitáfio:

– Este negro tinha tantos privilégios que até julgava ser branco. Morre, espião, porque o teu dono também vai morrer.

Entretanto, sem esperar que se lembrassem dele para a natural vingança, o violento primo do governador, João de Araújo, se misturou com o pó dos morros rodeando Benguela. Desapareceu para sempre da crônica.

Quanto a Cerveira Pereira, lhe valeu o poder de persuasão do jesuíta. E do capitão Dias Ferreira, com alguma autoridade por não ser degredado e tratar humanamente os seus homens. Mas, sobretudo, contou o medo da vingança de el-rei de Espanha e Portugal. Afinal, D. Filipe era um dos homens mais poderosos do mundo e o seu braço ia longe, se vingando pesadamente de

quem pusesse em causa a sua soberania e maltratasse os protegidos. Reunidos na praça principal, os militares detentores do poder pouparam por conseguinte a vida do governador, depois de algumas discussões ásperas e sábios conselhos do jesuíta, convencidos que a natureza se encarregaria de fazer o que lhes faltava a coragem de consumir. Se limitaram a enfiar a carcaça balbuciante num frágil batel com um mastro partido, puseram algum peixe e vinagre a bordo, pouca água, e empurraram a embarcação para o mar.

– Vai para o inferno.

De facto, a corrente de Benguela levou-o ao seu destino, Luanda.

Os destinos se procuram, como dizem os mais velhos.

Um mês depois de baterem toda a zona, subirem dificilmente o rio, apertado entre encostas rochosas e íngremes, até as montanhas inóspitas onde nascia, embora sem chegarem mesmo à fonte, demasiado longe, procurando em cada recanto qualquer coisa que só Carlos Rocha parecia pretender no maior segredo, estavam de novo perto da ilha, no sítio bastante acidentado onde tinham pela primeira vez chegado ao Kikombo, quando pelo barulho se fez anunciar o grande séquito de Ebo-Kalunda, regressando de Benguela, onde fora negociar com o governador. Havia sempre um guarda em cima dos morros altos, em observação de grande visibilidade. E ele avisou da aproximação de um grupo numeroso. Carlos Rocha intuiu a chegada do chefe local, que, como todos os muatas, devia andar sempre com grandes comitivas. Mandou a maior parte do bando para a primeira curva do rio, devendo ficar em silêncio, e alguns frecheiros se camuflarem em cima dos morros. Mbombe segredou para ele, estamos muito longe para correr e te ajudar, o terreno não é bom, devíamos ficar abaixo, camuflados na vegetação. Tinha razão e Carlos reconheceu, agora não dá tempo, a parte debaixo é vista por eles facilmente, vou arriscar. Corram como jagas sobre as pedras, se eu ficar em situação perigosa. Mbombe recebeu aquilo como um elogio e fez o esgar de um sorriso, foi ter com os outros. Carlos ficou sozinho na margem, à espera. O caminho cortado pelo rio não enganava,

Ebo-Kalunda ia ter de passar por ali.

Primeiro chegaram os batedores que foram logo procurar as canoas escondidas entre os papiros e caniços da margem sul. Os jagas já as tinham descoberto há muito e até utilizado para atravessar a corrente várias vezes. Mas Carlos mandou repô-las de novo nos seus lugares, para não revelar a presença alheia aos donos delas. Precaução inútil, pois quem fosse do lugar e desse um passeio distraído logo perceberia os múltiplos rastros marcados no chão e os vestígios de fogueiras acendidas todos os dias. De facto, ali próximo não havia população a viver, era região com aparência muito vazia, e as canoas deveriam ser do sobado e não de particulares. Para dizer a verdade, as canoas nem eram necessárias para atravessar o rio, pelo menos naquela época do ano. Se passava a vau quase todo ele e só havia uns metros com profundidade maior, mas facilmente transponível. Também não parecia ter muitos jacarés.

Porém, um chefe como Ebo-Kalunda, acompanhado pelas suas mulheres e comitiva numerosa, nunca ia molhar os pés num rio como o Kubal. Por essa razão havia os barquitos. Esperaram os batedores com as canoas. Estes devem ter avisado sobre os muitos rastros descobertos, pois houve movimentos nervosos no séquito, antes de começarem a travessia, em grupos de quatro. Ia levar o seu tempo. Sentado na sua gruta, bem à frente do grupo mas escondido pela sombra e pela vegetação, Carlos Rocha foi observando a atividade. Rapidamente notara o chefe, fácil de distinguir pelo modo como se movimentava e dava ordens, na margem do outro lado. Brilhava ao sol, por causa do óleo com que o besuntavam para lhe aumentarem a dignidade, fazendo realçar músculos firmes. Método ridicularizado por Imbe Kalandula, há aí uns que se besuntam de óleo para parecerem mais fortes, nós não precisamos de gorduras para mostrarmos poderio, as nossas façanhas falam por nós. Ebo-Kalunda foi dos últimos a atravessar, sozinho numa canoa, de pé, em toda a sua soberania abrilhantada.

Então Carlos se mostrou.

Esperava que a agitação provocada nos sumbes pela presença de um estranho não preocupasse demais os jagas. Tinha avisado, se eles forem muito ameaçadores, podem avançar. Mas só se me agarrarem ou quiserem espetar uma facada. Vai haver discussões e gritos, é normal, não se mostrem nesse caso. Eles são um grande grupo, bem maior que o nosso. Teremos o

fator surpresa do nosso lado, em caso de combate, no entanto só se for mesmo necessário. Nunca se sabia até que ponto o instinto combativo dos jagas era contido pelas ordens de um chefe pouco apreciado. Eles tinham medo de Imbe Kalandula. Se lhe acontecesse alguma coisa má, teriam de se justificar ao Grande Jaga. E esse temor podia complicar coisas mais simples. Sobretudo a reticência de Mbombe por ficarem a mais de cem metros dele e com mau terreno debaixo dos pés. Porém, Carlos apostava a vida numa conversa tranquila, os viajantes iam se comportar como os da libata do soba.

Os sumbes com efeito não se assustaram com a presença de um homem só e aparentemente desarmado. O mosquete tinha ficado na sombra da gruta. Olharam com tranquilidade para ele no seu gesto amigável de avançar, batendo palmas de saudação na direção de Ebo-Kalunda. A estranheza era apenas provocada pela sua roupa, igual à dos brancos de Benguela.

– Presumo que sejas o chefe desta região – gritou para o homem na canoa.
– Te saúdo com humildade.

– E tu quem és?

– O meu nome é Carlos Rocha e venho de Luanda, a cidade dos brancos. Vim para falar contigo.

O chefe desceu da canoa, recusando com um gesto a mão estendida por um serviçal. Apenas ajeitou o pano que lhe tapava parte das pernas, pensativo.

– Não estavas também em Benguela? – perguntou Ebo-Kalunda, a desconfiança a arranhar a voz.

– Nunca aí estive. Nem sei onde é esse sítio. Vim dali – apontando o norte.

– Sei onde fica Luanda – disse impacientemente o chefe. – Que queres de mim, já que vens de tão longe?

Carlos Rocha rodava o chapéu entre as mãos. Agora vinha a parte mais complicada. Esperara que o chefe estivesse cansado, com calor, e o convidasse para se sentar numa sombra. Diminuiria a distância e poderiam falar com mais calma. Porém, Ebo-Kalunda não o convidou. A conversa teria de decorrer de pé, ao sol, perto do rio. Paciência.

– Pedir autorização para ficar aqui neste sítio. Conto instalar-me aqui com a minha gente.

– Fazer o quê?
– Ficar.
– Vieste de tão longe para te instalares aqui, só para ficar?
– É verdade. Em Luanda e nos sítios onde passei havia sempre muitas confusões. Não quero confusões. Acho este sítio calmo e bonito, um bom rio, lugar excelente para viver.

Os membros da comitiva riam entre si, apontando o homem com botas altas e chapéu de abas largas, um branco de cor preta, como tinham visto outros lá de onde vieram.

– Eu vim de Benguela, onde estão a construir uma libata grande. Falei com o governador, um homem importante. Não te mandou aqui?

– Nem sei quem é esse governador. Nunca estive em Benguela, como já te disse. Vim de Luanda, atravessando todo o território perigoso. Primeiro, grupos de gente muito ferozes. Depois altas montanhas, com muitas árvores, pouca comida. Caminho duro.

– Sozinho?

– Não, com a minha família e a minha guarda.

– E onde estão eles, que não os vejo?

– Estão pelos montes. À procura de lenha e comida. Fui ao teu kimbo, pedi autorização ao sekulo que está doente, esperava por ti. Ele disse que eu podia avançar aqui para o Kikombo.

– Ainda está vivo?

– Estava quando o deixei. Mas já passou algum tempo.

Silêncio. Ebo-Kalunda media-o e media as suas intenções. Bateu com a chibata nas pernas, forma de expressar meditação. Olhou a comitiva, que se sentava agora na margem, à espera de ordens.

– Foi a tua gente que deixou as marcas ao pé das minhas canoas?

– Sim. E também deste lado do rio. Não estamos escondidos a pensar fazer algo de mau. Devo mesmo confessar que utilizámos às vezes as tuas canoas para atravessar de um lado para o outro. Mas tivemos o cuidado de não estragar nem desorganizar nada.

– Falas bem, pareces ter respostas já prontas. Também andas à procura do cobre, como o governador?

– Cobre? Não, não me interessa. Prefiro caçar e comer a carne. Já encontrei alguns sítios bons de caça, mas ainda procuro mais.

– Os que fundaram o meu povo eram caçadores, dizem os mais velhos.

Vieram do norte do Kwanza. Outros vieram do leste, das partes altas. Se misturaram aqui. Agora somos todos sumbes.

– Os sumbes são conhecidos por serem hospitaleiros e generosos – Carlos Rocha se desprezava quando era obrigado a lisonjear, mas não tinha escapatória. – Pelo menos é o que se diz em Luanda. Uma forte razão para vir ter contigo.

Ebo-Kalunda riu. Talvez por desprezo, talvez envaidecido. Talvez as duas coisas, quem sabe o que passa na cabeça de um chefe? Luanda conhecia os sumbes? Bem, o governador de Benguela conhecia, portanto era normal a informação passar entre os brancos.

– Quantos são vocês?

A pergunta não tinha nada de amistosa, numa súbita mudança de humor. Carlos Rocha também conhecia essas manifestações de poder, não por as observar amiudadamente, sempre fugindo de sítios com alguma autoridade, mas por lhe terem sido contadas pelo seu pai e sobretudo por Andrew Battell. E o Kingrêje dizia, os chefes daqui são iguais aos tipos da Europa com algum poder, tanto te ameaçam como riem para ti, no fim estás confuso, não sabes se os estás a convencer ou não, quanto mais desorientado ficares mais fácil te tornas para eles. E te dominam. É uma arte comum na minha terra.

– Somos cerca de vinte pessoas.

– Gente de mais para estar aqui. Este vai passar a ser um caminho importante para ir comerciar com Benguela.

– Se quiseres posso ir para outro sítio.

De novo uma mudança no interrogatório para um tom de voz mais simpático:

– Dizes que és caçador. E onde está a tua arma?

– Está ali. Posso ir buscar?

– Vai.

Carlos se afastou na direção da gruta, onde se encontrava o mosquete. Andava devagar, não só para mostrar aos seus homens que estava tudo bem como também para refletir. Este era o sítio ideal para ficar. Podia dizer que ia subir o rio e depois vinha de novo para baixo. Na direção do leste, nas montanhas de onde descia o rio, não viram população durante todo esse mês. Se o chefe recusasse autorização, fingiam ir embora e instalavam-se um pouco ao lado, provisoriamente. Trouxe o mosquete, seguro

descuidadamente, para não parecer ameaçador. O muata não escondeu o misto de temor e gula. Quem não se sentia atraído por uma arma daquelas?

– Chama a tua gente. Quero vê-los.

Era a prova menos desejada. Falou da forma mais calma e desprendida que arranhou:

– Como te disse, devem estar muito espalhados. Mas alguns devem estar perto, vou chamar.

Se afastou de novo, agora na direção leste, para a curva do rio, até desaparecer da vista dos sumbes. Gritou em português para Mulende.

– Mulende, eh, Mulende. Vem com as mulheres e dois rapazes. Só dois rapazes, tu e as mulheres.

Depois reparou, esqueceu explicar se Kafeka também vinha ou não. Tanto fazia, mais uma menos uma. Mas viu aparecerem as três mulheres, Mulende e dois guerreiros, os mais jovens. De qualquer modo, os jagas fizeram sensação. Alguns *haka!* e outras exclamações de surpresa saíram do séquito de Ebo-Kalunda. Os homens apertaram os punhos das armas, alguns seguraram em flechas mas sem as colocarem nos arcos. Nem repararam propriamente nas mulheres, os olhos iam para os jovens guerreiros, os quais fechavam as bocas para esconderem os dentes em serra. Mesmo assim...

– São jagas! – disse Ebo-Kalunda.

Não adiantava negar a evidência. Também não tinha guardado muitas ilusões de os enganar. Com grande à-vontade, Carlos Rocha admitiu:

– São a melhor guarda que encontrei. Totalmente de confiança. Não quero outros guardas senão jagas. Nunca fogem do perigo e só fazem o que lhes ordeno. Ainda são miúdos, fáceis de instruir.

Como eram apenas dois, sem outras armas senão os porrinhos, em breve os temores e o espanto desapareceram da comitiva. Ebo-Kalunda em Benguela tinha visto muitos outros no exército de Cerveira Pereira e de aspeto bem mais feroz. Mas Carlos não sabia isso, nem sequer que o temido homem de preto estava tão perto. Nem ficaria a saber, pois o chefe não entrou por essa picada na conversa.

– Não me agrada ter jagas perto da minha libata. Quanto tempo contas ficar aqui?

– Vim para me estabelecer. Mais tarde fazer comércio, se valer a pena. Mas, por enquanto, tenho de alimentar a minha gente. Se queres, podemos subir um bocado o rio...

– Não te aconselho subir muito. Vais cair no território dos seles. São muito falsos, piores que lacraus. Fica por aqui. E vai visitar-me à libata.

Mais uma súbita mudança de humor na conversa do muata, pelos vistos ele era especialista. Além do mais, não tinham sentido presença dos seles perto do rio. Devia ser uma manobra intimidatória de Ebo-Kalunda ou então se revelava um grande medroso, só pompa por fora mas borrado de medo de qualquer coisa diferente. Este continuou:

– O governador de Benguela quer fazer comércio de escravos e cavar nas minas de cobre. Gostaria de conversar contigo sobre isso. Tu é que conheces os brancos. Vem visitar-me, não deixes o pó assentar no meu caminho.

– Irei com muito prazer. Também preciso de sementes para plantar aqui na margem, fazer uma boa naka e vi muitas plantas na tua libata. Na próxima Lua?

– Combinado, na próxima Lua.

– Muito obrigado, grande chefe Ebo-Kalunda. Podes contar com a minha fidelidade.

Percebendo a conversa terminada, os membros da comitiva começaram a se levantar. Carlos Rocha perguntou:

– Afinal quanto tempo demoraram a chegar a Benguela?

– Para lá dormimos cinco noites no caminho. Para cá, dormimos seis. Vínhamos mais carregados, com as coisas que o governador nos deu.

Não pareciam transportar muita mercadoria, talvez umas missangas e algum sal. Ou porventura viessem carregados dos sonhos de grandeza do seu chefe Ebo-Kalunda, grávido de vaidade por ter conhecido um governador dos brancos.

– Fica bem.

– Vai bem, grande chefe Ebo-Kalunda. Até a próxima Lua.

E assim se despediram, parecendo grandes amigos. Talvez por pressa de abalar, o chefe esqueceu de ver o resto do grupo. Partiu do princípio que seriam todos jagas? Certamente não, porque então se sentiria ameaçado. Deve ter pensado, eram escravos e familiares, apenas os dois guardas seriam jagas. Bem, agora pouco interessava o que caminhava na sinuosa cabeça de Ebo-Kalunda, as coisas ficaram bem encaminhadas por esse lado, havia de aproveitar.

Então o governador, de supor um português que estava para sul, queria

cobre? E o chefe precisava dos seus conselhos. Nada mau. Teria de inventar uns conselhos. Mas disso até conhecia alguma coisa, a partir do que o pai lhe contara sobre as manobras dos portugueses e dos padres para chegarem às minas de cobre do Kongo e sobre o que ele soubera mais recentemente da prata de Kambambe. Informações suficientes para fornecer a Ebo-Kalunda e recompensar a sua hospitalidade. O chefe, com suas constantes mudanças de tom na conversa para o desorientar e marcar o seu território, até tinha sido no final muito generoso, sem exigir as habituais contrapartidas. Talvez na visita aprazada para a próxima Lua lhe fixasse algum tributo, estava no seu mais elementar direito, era com efeito o dono da terra.

Deixou a comitiva se distanciar e mandou chamar os outros jagas. Mbombe apareceu e Carlos Rocha explicou as novidades.

– Os brancos que fizeram uma fortaleza perto do Cuvo também estavam sempre a perguntar pelo cobre, onde fica o cobre, cobre, cobre, conforme explicaram os mais velhos – disse Mbombe. – Gostam muito de cobre, estou a ver. Comem?

Carlos riu com gosto. Se sentia muito mais calmo agora, passada com distinção a prova dos sumbes.

– O cobre não serve só para fazer argolas e pulseiras. Dá para armas. Eles na Europa apreciam muito.

Claro, não explicou o que era a Europa, noção muito vaga também para ele. Traduziu por longínqua terra dos brancos e estava certo. Mas lhe apetecia um chá de caxinde, planta que ele trouxera da capital de Imbe Kalandula e enterrara perto do rio, onde crescia muito rapidamente. Pediu a Kandalu que lhe fizesse uma infusão. Ela sorriu, fora a única a captar completamente o final de conversa com Ebo-Kalunda, então esta agora é a nossa terra? Parecia, a ideia lhe agradava. Tinham falado nisso várias vezes, aquela curva do rio, seguida de outra no sentido contrário cem metros acima, constituía um espaço muito bonito e fresco. O alto dos morros, se bem que difícil de alcançar, tinha ar puro e visão para longe. Com o tempo e o uso, o caminho até o cimo se suavizaria. E a ilha também lhes agradava. No entanto, os companheiros não sabiam do trato deles. Nem Mulende ainda fora informado. Podia ser hoje mesmo. Como iria reagir Muhongo?

Tinha de explicar o plano a Mulende, ninguém era obrigado a ficar. Mas gostaria de manter o grupo unido um tempo mais, para controlarem completamente o território. Sem contar com o facto de dever um

alembamento à família de Kandalu.

A propósito, o filho fazia aumentar ou diminuir o alembamento?

À noite, se retiraram do resto do grupo para ficarem mais à vontade. Os outros todos dançavam à volta da fogueira, festejando o facto de Ebo-Kalunda não pôr obstáculos à sua presença. Mbombe tinha aceitado a festa pouco animada por não haver maluvo nem outra bebida fermentada, por isso mesmo não percebendo a razão de dançar. Era mesmo necessária alguma razão para dançar? Amanhã teriam kapuka feita a partir do inhame encontrado mais perto da foz do rio, uma boa quantidade de plantas que se tinham emaranhado nos troncos e galhos das árvores. Nessa altura Carlos Rocha disse, podemos tirar algumas daqui e plantar mais perto da ilhota, não tendo ninguém percebido qual o interesse de aumentar as plantas de inhame. Um tipo estranho, esse Carlos Rocha. Mas hoje não havia razão para festejar. Que lhes interessava a autorização para ali permanecerem? Só estavam a acompanhar Carlos e Mulende, até terminar a missão. Era um sítio isolado, impedidos de fazerem um combate, de arrasarem uma aldeia, apenas com um rio de algum peixe, uma ilha onde havia umas folhas largas que davam uns tubérculos comestíveis, o inhame perto do mar, e a caça nos morros e vales. Mbombe sentia falta da animação de Caxinde ou de outras libatas mais a norte, alegres, cheias de gente e de acontecimentos. Ali se tratava de um degredo. E Kafeka também estava farta de isolamento, se queixava todo o tempo. Iam ficar como criados de Carlos Rocha quanto tempo mais? Só ele parecia saber, mas não lhes dizia nada.

O filho de Mbaxi adivinhava pensamentos destes na cabeça dos companheiros e até compreendia. Eles podiam mesmo ir embora se quisessem, já não precisava de guardas desde o momento em que tinha sido aceite por Ebo-Kalunda. Mas como fazer com Kandalu? Não tinha alembamento para ela e recusava arranjar um escravo para servir no festim de casamento. Por outro lado, Carlos não aceitaria deixar ir a mulher embora. Meio a brincar, perguntou:

– Agora com o filho, o teu alembamento aumenta ou diminui?

Ela não percebeu. Abanou a cabeça, abrindo os olhos, que queres dizer com isso?

– Perguntei, vais ter um filho e o que eu quero saber é se tenho de pagar mais ou menos pelo teu alembamento.

Ela continuava a fazer cara de incompreensão e ele teve de repetir várias

vezes e de maneiras diferentes. Por fim ela entendeu a dúvida.

– Que é que tem? Não muda nada. O pagamento é o mesmo, está estabelecido, um escravo, vinho, comida...

– Mas não devia. Sendo mãe, tens mais ou menos valor?

Kandalu ficou inesperadamente furiosa.

– Não compras o meu valor com alembamento. É só respeito pela tradição, pelos meus familiares. Não me compras...

– Eh, eh! Estamos só a conversar, não zangues. Não considero o alembamento uma compra, apenas uma compensação por a tua família te perder com o casamento. Mas alguma coisa muda com o filho, sim, mesmo sem ser compra. Porque a tua família vai ter mais um membro, ela vai ficar mais rica.

– A minha família fica com as mesmas pessoas...

– Mas o filho...

– Ele nunca será da minha família. Quase nem vai respirar, só um pouco. Ou eu ou Muhongo ou Kafeka, uma de nós aperta-lhe logo o pescoço quando ele nascer e deixa de respirar. Assim deve ser. A minha família não aumenta.

Carlos Rocha se afastou dela num repelão. Horrorizado, entendeu o que lhe tinham ensinado, os jagas não guardam os próprios filhos, são mortos à nascença. Se quiserem uma prole, atacam aldeias, matam os pais e ficam com as crianças. Naturalmente, Kandalu reagia como lhe ensinaram durante toda a vida. Por isso a sua indiferença ao ser que trazia na barriga. Quando Carlos Rocha lhe acariciava o ventre e falava palavras doces com a boca colada à barriga dela, lhe deixava fazer mas sem se comover. E até era capaz de se virar de repente ao contrário, para ele parar com as carícias indesejadas. Havia sítios melhores no corpo dela para ele acariciar. Esse era um problema que estava mesmo com ele. Tinha de explicar a Kandalu que queria guardar o filho, ele como quase todos os pais do mundo defendia a cria e não o contrário. Vinha na religião, mas mesmo se não viesse era instintivo. Povos com outras religiões também guardavam com desvelo as crias.

Se preparou para uma grande discussão.

Tentou controlar a voz, para não parecer estar irritado e a exigir algo já decidido, pois Kandalu era propensa, como todas as mulheres jagas, a contrariarem os seus ditos se parecessem imposições. Quanto mais

insistente fosse, mas teimosa ela seria em negar. Como todas as jagas? Talvez fosse assim com todas as mulheres, mas ele não tinha suficiente experiência de mulheres para generalizar.

E lhe falou pois com todo o carinho de como os outros povos que conhecia tratavam dos rebentos, como consideravam os filhos o bem mais precioso que possuíam. Morriam por eles em vez de ser o contrário. Ela só muxoxava e fungava, desprezando.

– Se tu existes, se estás viva, foi porque a tua mãe te deixou viver. Falo da tua verdadeira mãe, a que morreu naquele kimbo que atravessámos, não a que está em Caxinde e que chamas mãe. Não te lembras dela, eras muito pequena, mas ela existiu. E te tratou e te alimentou e te amou. Como todas as mães do mundo. Com um pai que também tiveste e foi morto. Se estás viva, foi graças aos teus pais verdadeiros, como já disse. Só os jagas têm esse hábito de matar os bebés, não sei porquê.

Kandalu muxoxou de novo. Mas não replicou.

– O teu verdadeiro povo, talvez sumbe, talvez seles, talvez outro qualquer, guarda os próprios filhos. Não viste na comitiva de Ebo-Kalunda? Iam crianças. As mães, as verdadeiras mães, não os deixaram, levaram-nos às costas ou pela mão, sempre atentas, sempre a cuidar deles, apesar de ser uma grande viagem, muitos dias a andar. Tu viste, elas se preocupavam com os filhos. E isso se passa com todas as pessoas daqui e do lado de lá do Kwanza. Ninguém mata os próprios filhos, isso é um hábito horrível...

– É o nosso e deves respeitar.

– Desculpa, mas não tenho de respeitar esse hábito monstruoso. Monstruoso mesmo. E não é o teu. É o daqueles que mataram os teus pais.

– Os meus pais estão em Caxinde.

– Os teus pais foram mortos naquele kimbo que passámos, sabes muito bem. Tu mesma contaste, embora não lembres tudo. E isso dói-te. Deve doer mesmo. E eu sofro porque sei que tu sofres. Nem gosto de falar nisso, para não te lembrar. Mas não vais fazer ao meu filho, ao nosso filho, o que os jagas fazem aos filhos deles. Se querem ser jagas que sejam. Eu não sou. Tu não és.

– Sou jaga, sim.

– Por adoção. Verdadeiro jaga é Imbe Kalandula. A ele não mataram quando nasceu, apesar de a mãe dele ser uma jaga e o pai dele também ser.

– Como sabes?

– Me disse o Kingrêje. Ele conhecia tudo sobre Imbe Kalandula. Achas mesmo que podia ser um grande chefe se não fosse filho de jagas, se fosse por adoção? Conheces algum grande chefe que foi adotado?

– Nunca se pergunta isso a um chefe.

– Claro, convém aos chefes que vocês não saibam, por isso são chefes. Andam a enganar-vos e vocês dançam.

Ela não falou mais. Demorou muito tempo acordada. Mas acabou por adormecer. Com uma mão apoiada na barriga. Protegendo alguém?

Carlos Rocha adormeceu, sorrindo.

Sorrisos havia só nas faces dos jesuítas. Sorrisos misturados com muita preocupação. Quando lhes deram o mujimbo da chegada de um bote todo desconjuntado, sem vela, mastro partido, um homem ferido e possivelmente moribundo a bordo. Pelo aspeto do homem descrito, só podia se tratar de Manuel Cerveira Pereira, o que partira para governar Benguela e era mal falado pelo potentado local, o senhor Luís Mendes de Vasconcelos, o qual desdenhava das argolas de cobre mandadas daquela conquista do sul para a corte de Espanha, provando a existência de minas do dito metal. O governador de Luanda dizia serem restos apanhados no solo em vastas regiões, pois o cobre aflorava de facto mas em pequena quantidade, não se podia falar de minas e muitas vezes era mais o chumbo que outra coisa. Ficaram também sabendo os padres jesuítas que o mesmo homem moribundo e de negro vestido foi levado para o palácio do Vasconcelos, notícia desassossegando muitíssimo o superior do Colégio, colocavam o cabrito diretamente na cova do leão. Por sorte morava mesmo ao lado e enfrentou o terrível sol de janeiro para em passinhos rápidos se deslocar à residência oficial.

O governador recebeu o reitor do colégio dos jesuítas, padre Jerónimo Vogado, sem perguntas inúteis. Suspeitou do motivo da visita mas fingiu de morto, cabia ao sacerdote abrir o jogo. O padre estava perturbado e não se preocupou com fúteis joguinhos de poder.

– Fui agora informado de que um homem chegou num batel em muito mau estado.

– Os dois em muito mau estado. O homem e o batel.

– Desculpe, senhor governador, mas pouco me interessa o batel. É verdade tratar-se de Manuel Cerveira Pereira?

O governador não evitou sorrir, apesar da brusquidão do outro. Era um triunfo pessoal, mesmo se só ele soubesse, tinha acertado. Respondeu da forma mais cortês:

– De facto se trata de Manuel Cerveira. Em muito mau estado, como lhe disse. Ferimentos, fome, sede, muita debilidade... Um verdadeiro milagre como o barco todo destroncado o trouxe até Luanda, só pela força da corrente...

– Está muito grave?

Luís Mendes de Vasconcelos, que não era à partida inimigo figadal dos jesuítas como outros governadores anteriores e seguintes, sentiu uma pontada de ciúme. Realmente o Cerveira Pereira era o homem deles. Havia ansiedade na voz sacerdotal, clara, forte, sincera. Se fosse ele a vir naquelas condições, certamente o reitor não ficaria tão contristado. E, no entanto, ele bem os ajudava nas obras do colégio e nunca fora contra os desejos da Companhia...

– Está grave. Mas fala. Tive muita pena em ver tanto sofrimento numa pessoa cristã, mas também admirado com tanta força de viver. Mande preparar um caldo. Ficou uns seis dias sem alimento senão algum peixe com vinagre que lhe meteram no barco. Não deve comer muito por enquanto, tem de ser aos poucos. E só caldos muito leves. O barbeiro está com ele...

– Vai sangrá-lo?

– Não creio. Sangrado já foi ele. Umas cutiladas no peito, nas pernas... Não sei como está vivo.

– Posso ir vê-lo?

– Claro, claro. Eu acompanho-o. Antes da sua chegada, até estava a pensar se não seria abuso demasiado pedir aos senhores padres para o abrigarem no colégio. Sempre ficaria melhor acompanhado que aqui, têm mais experiência de santas obras.

– Com certeza, com certeza. Fica no nosso colégio, tomamos conta dele. Se isso agrada ao senhor governador...

– Como lhe disse, ia mesmo propor.

Luís Mendes também não queria o Cerveira Pereira em casa. Pelas suas contas ele teria de ficar em Luanda uma temporada demasiado grande para permanecer no palácio sem suscitar comentários. Isso era dever e prazer dos jesuítas. Se ficasse no palácio, a população ia reclamar de favorecimento inadequado, tão odiado era Cerveira Pereira. Ele próprio, Vasconcelos, sentia ser cada vez menos apreciado e se acumularem as queixas, por enquanto por escrito para a corte e murmuradas nas tabernas. Qualquer assunto delicado podia provocar queixas mais frontais e protestos irados. Não convinha pois acrescentar uma razão à má vontade dos moradores. Os jesuítas tinham arcaboço para suportarem as críticas. Nem precisavam se preocupar, pois não era essa uma obra de caridade própria de bons filhos da Igreja?

Levou o padre à divisão onde estava o governador de Benguela deitado num catre, com o macambúzio cirurgião-barbeiro à cabeça, o mesmo que em tempos lhe tratava dos pés. Esses ao menos agora estavam sem bolhas. Numa cadeira ao lado sobrava algum caldo numa gamela de madeira. Cerveira parecia uma caveira, um kazumbi, de faces cavas, pálido como uma vela de altar, apesar do sol apanhado no batel.

– Então, meu filho, que lhe fizeram? – gemeu o padre, abençoando o ferido com o sinal da cruz, certo de com o gesto logo aliviar dores e tormentos.

Cerveira Pereira tentou se soerguer. Em sinal de respeito. Mas lhe faltaram as forças e se deixou cair no catre. O barbeiro tapou-o melhor, para não mostrar partes do corpo despido ao sacerdote.

– Meu padre... veja o que os meus inimigos me fizeram.

E voltou a contar, numa voz quase inaudível, o que Luís Mendes e o barbeiro já tinham ouvido. Como se revoltaram em Benguela por uma pena justíssima, o papel dos dois religiosos na conjura, felizmente surgindo o amparo precioso do padre jesuíta, o único que tentou lhe tratar das feridas. Os nomes dos cabecilhas, sem esquecer o odiado Malaquias, genro do seu eterno inimigo, André Velho de Sottomayor, sempre caladinho até então, parecia não sentir calor ou frio, alegria ou tristeza, um mosca-morta, mas afinal conspirando pelas esquinas, aparecendo no fim a comandar um grupo de apoio aos revoltosos.

– Mais uma grande perda para esta conquista – aproveitou o padre, suspirando. – O amigo não deve saber, mas André Velho morreu no mês

passado, por altura do Natal. Um Natal bem triste para a pobre família, sobretudo Margarida...

Cerveira Pereira se conteve, considerando a dúbia presença do governador e a indecifrável do barbeiro. Fez esforço para não sorrir com a boa notícia, se manteve imperturbável. Também não podia lamentar ou fazer ar compungido, a sua hipocrisia tinha limites. Talvez estivesse apenas com raiva de o outro ter conseguido escapar à sua vingança por artes maléficas, se deixando morrer. Desaparecera quando ele voltou, ficou sempre pelo Kongo enquanto Cerveira governava em Luanda, se mostrou na cidade logo que soube da partida para Benguela. E agora sumiu de novo, e definitivamente, antes de ele voltar à cidade, mesmo ferido e alquebrado, disposto à vingança. Porque desta vez não escaparia. A bela Margarida também podia acrescentar ao luto do pai o luto pelo marido, pois o Malaquias não ia se safar. Todos os conjurados haveriam de pagar bem caro tamanha traição e crueldade. Darem-no de pasto aos tubarões? Atirarem-no para morrer de sede? Deus estava com ele e a sua espada ainda era prestável. Mas não abriu a boca, apenas fechou os olhos para não deixar perpassar os pensamentos. Foi um verdadeiro milagre dar à costa na ilha de Luanda, repetiu para si.

Não sabia ou não se lembrou nesse momento, mas muita porcaria trazida pela permanente corrente fria de Benguela vinha dar à costa em Luanda. Era porcaria carregada pelos rios que desaguavam no Atlântico, sobretudo o grande Kwanza, e vinha para norte. Eram navegantes e seus hóspedes cujos barcos faziam a curva rasando o Brasil e batiam na costa africana muito ao sul e depois vinham arrastados pelos ventos e pela corrente para norte. Se tratava com efeito de bué de porcaria.

Destinos...

No refúgio dos jesuítas foi curando as feridas e recuperando forças. No pátio e à frente do colégio e do palácio do governador havia sombras aprazíveis dos enormes jacarandás com florzinhas de um violeta muito pálido, em contraposição com outras árvores de mesmo nome, mas muito mais pequenas, troncos mais finos, escuros e apresentando flores roxas. Aproveitando da sombra fresca, escrevia não propriamente as suas memórias, mas longas cartas e relatórios ao rei de Espanha, ao vice-rei de Portugal e aos superiores dos padres jesuítas no Vaticano, explicando e repetindo vezes sem conta as maldades em que caíra e as injustiças

constantemente recebidas, não só da gentilha revoltada de Benguela mas dos poderes públicos de Angola, aleivosias acatadas com verdadeira paciência cristã e logo perdoadas, esperando sempre servir da melhor maneira el-rei seu senhor e a Santa Madre Igreja. Só tinha preocupação pela salvação das almas, a sua e a dos seus subordinados, por vezes tão refratários e ingratos. Em longas cartas à família, contava as mesmas cenas, embora o tom fosse diferente, prometendo recuperação das forças e vingança breve. Só precisava que o rei lhe mandasse tropa para avançar sobre Benguela e conquistar as minas. Pelo caminho, resolveria alguns assuntos pendentes, pois muitos lhe deviam muito. Insistia com a família, hoje bastante mais influente que anos atrás quando fora preso por ação da riqueza acumulada, para insistir junto de quem de direito com o fim de as determinações do rei serem imediatamente cumpridas, mesmo se fosse necessário – e seria sempre – untar algumas ávidas mãos de altos funcionários, os eternos sugadores de sangue alheio se distribuindo pelas diferentes câmaras e repartições, fingindo resolver assuntos do rei, mas só se preocupando com os próprios. Sobretudo os cunhados que se mexessem, os quais já conheciam todas as travessas e vielas das decisões burocráticas.

Entretanto, apreciava deveras as conversas com o reitor Jerónimo Vogado e o procurador dos jesuítas, nos fins de tarde tão quietos da Cidade Alta, depois das últimas rezas, em companhia do seu amigo de sempre, o velho morador e conquistador Gaspar Álvares, que dividia a maior parte das casas dos Coqueiros com a Companhia de Jesus. Muitas apostas se faziam sobre quem mais bens possuía, mas Cerveira, bem ao corrente desses assuntos, não tinha dúvidas, muito rico seria Gaspar Álvares, mas mais casas possuíam os jesuítas, em muitos assuntos ele próprio os tinha ajudado.

Era conhecido, um ferido em recuperação tanto precisa de bálsamos para o corpo como para a alma e os melhores são uma amena conversa com amigos dedicados e um copo de bom vinho. Os padres, na sua santidade e generosidade confirmadas, tratavam dele com desvelo, aí se encontrando o segredo do seu restabelecimento tão rápido.

Foi assim que lhe contaram, provando da última pipa acabada de abrir, o verdadeiro escândalo protagonizado pelo governador de Angola, Luís Mendes de Vasconcelos, o qual até nem era dos piores, no dizer dos sacerdotes, mas dessa vez tinha mesmo exorbitado, ao expulsar o antigo ouvidor, nomeado pelo rei em tempos de Cerveira Pereira, juiz Diogo

Garcês, para nomear Francisco Rodrigues de Azevedo, um idiota chapado, pouco menos de atrasado mental. O ouvidor nem foi escutado pelo governador nem as forças vivas da terra souberam qual a razão ou o pretexto de tal decisão. O caso deu muita água pela barba, com o antigo ouvidor André Velho de Sottomayor a aplaudir a tola decisão do governador e toda a população revoltada, pois o Garcês, no pouco tempo de atividade, tinha ganho respeitabilidade, parecendo de facto ser sério e justo, os jesuítas pelo menos não tinham razão de queixa, até podiam agradecer a presteza do ouvidor na resolução de um caso de propriedade de uns terrenos ao longo do rio Bengo. André Velho, que Deus tenha em sua santa glória, estava nos últimos tempos fora de si, talvez devido à muita idade ou a desastres pessoais, proclamando pelas ruas o enxovalho feito à família com a ida do alferes Malaquias para Benguela quando Margarida estava mais uma vez prenha, enquanto os habitantes se riam do acaso que a levava a engravidar estando o marido fora tanto tempo. Parecia sina da família, mas esse era o segredo mais bem guardado de Luanda. Segundo o pai dela, a culpa não era senão do governador Cerveira Pereira, que tinha rebocado o marido para longe de casa. E riam os padres contando os escândalos e ria o maltratado governador, embora se queixando, ai que não posso rir, me doem as feridas, ainda vão reabrir de tanta gargalhada, correndo o vinho com moderação pelas canecas, muito bom e bem conservado na frescura da adega cavada a cinco metros de profundidade. Voltando às partes mais sérias da conversa, o governador Luís Mendes de Vasconcelos tinha feito saber que, em caso de doença ou outra qualquer impossibilidade de exercer o poder governativo, este deveria ser logo transferido para o seu filho Francisco de Vasconcelos, nomeado à chegada capitão-mor. Pois bem, o menino Francisco tinha dezanove anos e nunca combatera na vida, garantindo Gaspar Álvares que só sabia usar a espada para com ela dar palmadas nas bundas das criadas, isto evidentemente acompanhado por alguns escandalizados sinais da cruz e sorrisos contritos, não se vá pensar mal da santidade dos sacerdotes, forçados a ouvir piadas tão picantes.

Eram conversas muito revigorantes para Cerveira Pereira, delas tão saudoso com o desterro em Benguela. Porque tinha de confessar aos amigos, aquilo se tornara num buraco sem vida intelectual e espiritual como a vivida ali à sombra dos jacarandás, sem amigos nem pessoas de confiança, exceto duas ou três, mas tão pobres de cultura, com a exceção óbvia do

padre jesuíta que era o seu único consolo e conselheiro. Os familiares que levara morreram de súbito e só o cunhado João de Araújo resistia mas neste momento o mais certo era ter sido ingloriamente justificado só por ser seu familiar. Também não sabia se de facto estariam a caminho as duas sobrinhas da esposa, como esta lhe confiou em carta recebida ainda em Benguela, as quais poderiam distraí-lo um pouco na sua solidão de velho, a mais crescida sabendo tocar música e a kassule declamar poesia e cantar como a mais maviosa das aves. Felizmente ainda não tinham arribado aquando dos fatídicos acontecimentos e agora só rezava para que as suas cartas chegassem a tempo de adiar a viagem delas, pois cairiam nas garras da população satânica que se apoderara de Benguela com suas práticas contra a verdadeira religião. De Nzoji tinha sabido pelo padre jesuíta ainda em Benguela, triste sina a do rapaz, lembrança provocando também um esgar condoído na face sulcada de rugas de Gaspar Álvares, o verdadeiro criador do espião, bastante falta lhes podia fazer o moço tão hábil e fiel. Do destino de outros não sabia nada, por exemplo do capitão-mor deposto, devastado pela humilhação provocada pela devassa filha, agora amancebada ao novo feitor de Benguela.

– Talvez essa mancebia salve a vida do capitão – disse em tom fraco Cerveira Pereira.

Frase que provocou animada discussão entre os quatro amigos, seria preferível morrer injustificado e com honra ou ser salvo pela escandalosa influência de uma meretriz de dezassete anos? Foram recitados salmos e desenterrado São Tomás de Aquino, Santo Agostinho e todos os teólogos conhecidos que sobre casos de virtude se tinham reclinado. O procurador dos jesuítas discordava do seu superior, admitia a salvação da vida mesmo à custa de algum vexame, pois com vida sempre poderia o capitão-mor evitar consequências piores, enquanto o seu chefe sonhava com o martírio supremo para nunca manchar a pureza de verdadeiro cristão. Gaspar Álvares se inclinava para o procurador e Cerveira para o reitor. Estavam empatados em número, embora Gaspar Álvares não tivesse a instrução nem o berço de Cerveira e os dois jesuítas se valessem em conhecimento das Escrituras e das condenações escritas em nome dos papas, esgrimindo citações em todas as línguas civilizadas. Deu uma bela discussão, muito enriquecedora. Cada parte manteve as suas posições, mas todos estavam de acordo em aguardar ansiosamente o futuro para saber qual o destino do

antigo capitão-mor de Benguela, se o da honra em glória se o da humilhante salvação material. Adiantando já ao tempo, foi esta a vitoriosa, como seria de esperar.

Os humanos são muito previsíveis.

Se, entretanto, a saúde de Cerveira Pereira se restabelecia, o mesmo não acontecia com as condições necessárias para a recuperação de Benguela. Luis Mendes não lhe dava um regimento, por mais pequeno que fosse, pois se queixava de estar sitiado por todos os lados e com ameaças dos corsários holandeses, os quais afoitamente visitavam o porto do Pinda, no Kongo, ameaçando descer para sul. Da mesma maneira, os hipócritas franceses faziam excursões de rapina às costas a norte do rio Kongo, conluiados ou em guerra com os flamengos, enquanto os cínicos ingleses não mexiam uma palha, atentos a tudo o que mexia no Atlântico e alfinetando uns e outros, há muito esquecida a aliança de que só se orgulhavam os portugueses. Portanto, o governador de Luanda, com chefes a se rebelarem todos os meses em algum ponto da volúvel fronteira do norte, com um rei do Kongo cada vez mais exigente, querendo mudar o rumo a uma cooperação até então de sentido único e exigindo igualdade de tratamento, um rei do Ndongo ameaçando as fortalezas e os ferozes jagas a se movimentarem em qualquer dos campos, ia aproveitando para atacar um soba ou outro, rapinando aldeias, extorquindo caravanas de pumbeiros, beneficiando com o tráfico, esquecendo de pagar ao rei o devido, mas os feitores e ouvidor e todos os responsáveis preferiam estar de bem com o governador ali presente que com um longínquo rei que nem sequer português era e só sonhava com neve nos Alpes. Era pelo menos o que se dizia em Luanda contra o Vasconcelos.

– Está para ser inventado um governador que reúna todas as boas vontades locais – dizia Gaspar Álvares, com mais de trinta anos de presença contínua naquela terra.

– Nem é possível – retrucava com veemência Cerveira Pereira. – Ou o governador governa de facto, comanda, e cria ódios, despeitos, queixas e resistências... ou é um mole sem fígados e portanto não governa nada e não está aqui para coisa nenhuma. É a lei do poder.

– Não basta ser misericordioso e justo, de facto – disse o reitor Vogado. – Os homens são avessos aos governantes, por muito bons que sejam. Só nas quimeras de Platão. Por isso temos esse fardo tão doce, o de nos

intrometermos para convencer as pessoas que devem aceitar de boa mente as decisões do príncipe, pois são as mais próximas de Deus. Aliás, as decisões dos príncipes podem não ser ditadas por Deus diretamente, como acontece com o papa, mas o facto de o Príncipe ser escolhido por direito divino já aponta para uma quase infalibilidade. Nós, os sacerdotes, devemos ensinar isso aos cristãos.

– O que às vezes também não chega – disse Cerveira Pereira. – O meu caso é disso exemplo. Sempre tive todo o apoio da Companhia e muitas rezas, sei bem. No entanto, os moradores de Luanda passavam a vida a denegrir-me e a atraiçoar-me. E os de Benguela vão pelo mesmo caminho com suas intrigas e conspirações cavilosas. Será preciso rezar ainda mais?

– Todos temos de rezar ainda mais – concluiu o reitor. – E nunca saberemos se foi suficiente.

– Vejo nessas palavras algum laivo de calvinismo? – perguntou, sorrindo, o procurador dos jesuítas.

A voz era calma e não manifestava nenhuma maldade aparente, ou algum oculto segundo sentido, mas o superior saltou da cadeira, subitamente espevitado. Essas tensões entre jesuítas eram muito raras, ou por não existirem ou por se passarem apenas no segredo dos claustros e por isso quer Cerveira quer Gaspar se admiraram e fitaram de forma intensa os dois prelados.

– Nem a brincar lhe consinto paralelismos ou comparações – exclamou o reitor, ainda de pé e com um dedo em riste para o outro. – Não é a mesma coisa, irmão.

– No entanto, Calvino disse que podemos ser perfeitos nesta vida, adoradores do reino de Deus e trabalhando sem cessar para ele, sem mácula, sem pecado, com toda a modéstia e sobriedade, mesmo assim não sendo escolhidos para entrar nesse reino. Trabalhamos como escravos, adoramo-Lo, levamos uma vida pia e recatada, mas podemos não ser escolhidos...

– Sei disso – atalhou o superior, desgastado. – São ideias heréticas, do mais demoníaco dos hereges... Calvino, Lutero... Não foi isso que quis dizer, não ponha na minha boca tais palavras.

– Desculpe, não o quis ofender. Mas a frase que disse lembrou-me o que aprendi sobre Calvino. O senhor padre disse “e nunca saberemos se foi suficiente o quanto rezámos”. Esse suficiente, e apenas esse suficiente, lembrou-me Calvino. Mas não quis...

– Vejo que o senhor procurador sabe muito sobre os ditos de Calvino... Sempre ouvi serem escritos proibidos para um bom católico. Onde teve acesso a esses conhecimentos?

Havia raiva se não ódio na fala do reitor, até talvez uma ameaça escondida. Cerveira Pereira compreendeu o perigo de manter tal conversa, pois desembocava certamente em agravos entre os dois, deixando marcas difíceis de conciliar adiante.

– Por favor, senhores padres, não discutam por minha causa. Esta pobre carcaça não vale o peso de duas palavras vossas.

Todos sabiam que os dois sacerdotes não disputavam sobre Cerveira, nem ele tinha sido o pretexto. A bem dizer, o governador de Benguela se tinha metido como exemplo na discussão que tocava gente muito mais importante, pois de príncipes se tratava. No fogo cruzado da discussão seguinte, ninguém pareceu reparar em tamanha presunção de Cerveira. A discussão azeda comprometia os chefes mais importantes da Companhia em Angola. A facilidade com que o morrão provocara fogo dizia muito sobre o clima vivido também naquela congregação, tão fechada e aparentando unanimidade e harmonia. O que preocupou o governador, desconhecedor de atritos entre eles, pois reitor e procurador já eram colegas há bastante tempo e sempre em grande sintonia de ideias. Cerveira era conhecedor de bué de cumplicidades entre os dois em certos assuntos espinhosos. Devia ser do clima, do calor, da falta de chuva, dos miasmas, das febres, as pessoas perdiam facilmente as estribeiras, conforme comentou mais tarde com o amigo Gaspar Álvares, quando ficaram sós. Eles sabiam, o mambo começou com uma conversa política e terminou com uma conversa também política, mas mascarada de religiosa.

Como eram espantosas as cenas daquela terra de todos os mistérios.

Com mistérios ou sem eles, Luís Mendes era taxativo na sua recusa de qualquer apoio. Uma vez mais Cerveira foi visitá-lo. Não se vergava à humilhação de pedir audiência. Era um igual, governador como ele. Portanto visitava, não peticionava. Quando lhe apetecia, entrava pelo denominado palácio adentro, afinal uma casa térrea e sem dignidade alguma.

– Já me sinto melhor e pronto a recuperar o meu lugar em Benguela. Mas preciso de homens e do material que Sua Majestade despachou para mim. Vossa Excelência deve entregar-me o devido. Pelo menos uma centena de

homens bem armados e equipados até eu receber o reforço vindo de Lisboa...

O Vasconcelos tinha-o mandado sentar no cadeirão à frente da sua mesa, porque julgava que ele ainda mal se aguentava nas pernas. Estava agora arrependido da deferência, devia tê-lo deixado de pé, como um suplicante qualquer. Já viram a desfaçatez? De novo vem reclamar o que foi enviado do reino em vez de agradecer lhe ter salvado a vida. Sim, porque seria muito fácil deixá-lo sem assistência mais um tempo, pouco faltava para ele se finar de vez. Teve mesmo a piedade de pedir aos padres da Companhia para dele tratarem. Antes disso, chegou a chamar o barbeiro. Em vez de estar agradecido, ainda vem com reclamações. Como se não soubesse que os homens lhe faziam falta e o material todo estava a ser usado para defender a conquista de Angola. Respirou duas vezes, se distendeu na cadeira, olhou o outro de lado.

– Quantas vezes terei de dizer que não tenho tropas disponíveis? E que todo o material já foi gasto? Pediu mais a Sua Majestade?

– Mandei pagar a pronto. Da minha própria fazenda.

– Então só lhe resta aguardar.

– E os meus três cavalos? – perguntou Cerveira Pereira.

Pergunta sem esperança, só para a fazer.

– Quais cavalos?

– Sabe muito bem, não me venha com conversas fiadas. Os cavalos que Sua Majestade lhe entregou para mos deixar em Benguela e que trouxe para Luanda sem me dar cavaco.

– Também sabe a resposta. Morreram valorosamente em combate para defender as cores de Sua Majestade.

– Esses ou outros, tanto me faz. Deve-me três cavalos, é bom não esquecer. Cobrarei até mos pagar.

Um indiferente encolher de ombros.

E a conversa não saiu dali. Os dois se odiavam e mostravam os sentimentos sem rodeios, olhos chispantes, dentes cerrados, embora evitassem ofensas verbais, pouco próprias de cavalheiros aspirantes à corte dos Filipes.

Havia ao menos sinceridade.

Devia ser sincero em relação a Mulende e por isso o chamei para caçar, talvez só passear. Ia um jaga connosco, Undu, um dos jovens apresentados a Ebo-Kalunda e que não me largava. No princípio supus serem ordens de Mbombe, não tanto para me servir de guarda-costas mas para me espiar. Depois descobri por Kandalu não serem ordens, apenas iniciativa própria do jovem, fascinado pelas minhas maneiras de homem da cidade e pela forma como manejava o mosquete, sua suprema tentação. Correria atrás de quem tivesse um mosquete ou um arcabuz, qualquer coisa que fizesse barulho e atingisse no alvo. Não entendia nada de português e mesmo kimbundo pouco falava, calado por natureza. No entanto, certamente ia aprendendo algumas palavras com o contacto, embora nunca dominasse a língua para perceber o que falávamos e muito menos para reportar a Mbombe ou Imbe Kalandula.

Podíamos estar descansados.

Contei a Mulende a nossa intenção de ficarmos por ali sem prazo, o sítio agradava a Kandalu e de todas as maneiras não dava para pagar o alembamento da maneira como desejavam os jagas. Íamos pois permanecer por ali. Mais cedo ou mais tarde haveria problemas com Mbombe, já farto de não fazer nada, ou aquilo que ele acreditava ser não fazer nada, isto é, não guerrear, não pilhar, não matar. Fosse qual fosse a razão, Mbombe haveria de criar uma maka, não suportaria muito mais tempo a submissão a

mim. Mulende estava em situação parecida à minha, julgava eu, e portanto alinharia. Fiquei pois surpreso quando afirmou:

– Muhongo todos dias diz quer ir embora em Caxinde. Vimos tudo, não fazemos nada aqui, está farta. Lhe falo tem o mambo do alembamento, ela diz é muito fácil resolver, atacas um kimbo antes de chegarmos a Caxinde, eu mesma te ajudo, o resto o teu branco dá para pagares. Ela não entende porque estamos parados aqui. Nem eu, para falar verdade.

– Aceitas apanhar uma pessoa para os jagas comerem e ficares casado? Tu és cristão. Ou não és?

– Sou e também não sou, como todos nós. Mas a religião não tem a ver. Afinal, não preciso pagar alembamento. Vou lá, entrego a Muhongo, digo, não quero casar, pronto, pago um cabrito de multa, nos separamos.

– Não querem ficar juntos?

– Ela não diz mas parece não quer. Pode casar, mas não gosta de mim. Nem de outro, de ninguém, acho. E eu não me importo. Assim não dá para ficar aqui. Afinal onde está essa tumba?

Ah, onde andas tu, Diogo Cão?

Era coisa esquecida ou deixada muito no fundo da consciência. Muito provavelmente Imbe Kalandula também já não lembrava. Tinha sido só uma maneira de o interessar em nos deixar seguir para sul e com escolta ainda por cima. Agora estava longe do Grande Jaga, queria lá saber de sepulturas perdidas. Nem de supostos parentescos. O meu interesse maior era ficar longe dos brancos que me assustavam, não me auguravam nada de bom, e ficar perto de Kandalu e do filho a nascer. Se fosse possível tudo isso...

– Uma razão suplementar para eu ficar longe de tudo é que Kandalu está grávida.

– Sabemos.

– Sabem?

– Mas julgavas podes esconder uma coisa dessas de Muhongo? Desconfiou logo, me disse Kandalu, lhe puseram barriga. Muhongo tem mais cuidado, toma sempre as ervas dela.

– Ervas?

– Evitantes. Ela diz com aquelas ervas não lhe põem barriga, conhecimento dos mais velhos. Todas as noites toma. Kandalu também devia tomar, me explicou Muhongo. Mas a tua mulher é um bocado... como dizer... não sei... assim...

– Alheada?

Sim, de facto Kandalu por vezes parecia afastada das coisas. Agora, depois de ela se abrir, eu compreendia, a causa devia residir nos sofrimentos quando criança. Todos os raptados pelos jagas passavam pela mesma prova, é verdade, mas nela as coisas chocantes podem ter ficado mais presentes, ou era mais fraca, não sei explicar, de facto caía muitas vezes em estranha melancolia, mesmo em Caxinde. Não falava, parecia não ouvir pássaros ou pessoas, parada. E pelos vistos era de conhecimento dos amigos dela esse pairar sobre o mundo, como um dormir acordado, que tantas vezes observava nela, os olhos abertos mas mortos, para cima, fitando as nuvens, ou fitando o interior dela ou coisa nenhuma. Ao ponto de esquecer tomar os evitantes, que certamente serão úteis para quem não quer se chatear com gravidezes.

– Eu julgava ia te dar uma grande novidade.

– Com a gravidez? – e ele riu.

Andámos um bocado pelo cimo dos morros, sem preocupações de silêncio, nos pancando mesmo nas pedras ou paus secos. Não estávamos a caçar, apenas em conversa séria. Undu fazia a sua parte, indo uns passos atrás e sem interferir. Nem quando um nunce saltou de uma moita e fugiu à nossa frente. Ainda tive o reflexo de apontar a arma, mas depois baixei o cano, ia falhar. Na caça tem de se estar concentrado para ter êxito. Mesmo a maneira de andar é diferente entre o caçar e o passear. Por isso Undu nem fez a habitual exclamação de frustração quando um bicho nos escapava. Ele sabia, o nunce ia continuar a pastar tranquilamente mais longe, as minhas balas nunca o procurariam, não viemos para isso.

– Se eu e Kandalu ficarmos nesta região, fazes o quê? Vais com eles para Caxinde?

– É uma pergunta rápida. A resposta tem de ser lenta. Nunca pensei no mambo.

– Mas achas que não estamos a fazer nada.

– Não estamos. Ou estamos?

– Nos mantemos longe de Luanda. E afinal existe outra cidade portuguesa perto, Benguela. Eles tinham ideia de fazerem qualquer coisa para sul, sim, isso é antigo, ouvi em Luanda e até na Muxima. Mas não sabia que já tinham começado. Procuram o cobre. Talvez também ouro. Lembras, o Kingrêje nos disse, os olhos do homem de preto que depois foi governador

brilharam quando ele contou do ouro no rio misturado com o cobre. Deve ser para aqueles lados...

– Muda alguma coisa para nós?

– Depois de falar com Ebo-Kalunda talvez tenha uma ideia.

– Tem de ser depressa, muito depressa. Mbombe fala em nos deixar e ir embora. Ele não fala diretamente, mas a mulher conversa muito com Muhongo, tu sabes. Todos os jagas estão fartos da solidão... saudades de maluvo.

– Já não preciso deles. Se quiserem ir, podem ir.

– Levam as mulheres. Deixam-nos a nós, mas levam Muhongo e Kandalu. E depois vêm cobrar pela força. Só precisam da autorização de Imbe Kalandula.

– Achas que levam as mulheres?

– Levam.

– Achas ou sabes?

Mulende hesitou. Se não tinha pensado no mambo, nunca poderia ter uma certeza. De facto tinha uma fonte de informação, mas que também podia ser parcial. E Muhongo pouco falava com ele de coisas fora da vida comum, por isso não devia entrar em detalhes de planos jagas. Percebi a hesitação. Por isso, antes que ele desse uma resposta à toa, só porque tinha de dar uma, me antecipei:

– Não deixo que levem Kandalu. E gostava que ficasses comigo. Mas, se quiseres ir com Muhongo, és livre. Só te peço para me ajudares a fugir com Kandalu, cobrir de alguma forma a fuga. Depois volto aqui, gosto deste lugar. Tenho só que falar antes com Ebo-Kalunda, me mostrar importante para ele, um conselheiro sabedor dos brancos. Para ter proteção dele, em caso de necessidade.

– Kandalu aceita deixar os jagas? Ficar contigo?

– Acho que sim.

– Achas ou sabes?

Aí estava o Mulende que eu conhecia. Rimos os dois. Batemos nas costas um do outro, para admiração de Undu, o qual certamente gostaria de perceber a piada. Acontecia comigo quando observava uma conversa que não podia entender. Vistas de fora, as pessoas podiam passar de maneira brusca de um clima de tensão, mesmo agressividade, para a maior alegria, pelo menos com gargalhadas e palmadas nas costas, como se tudo fosse

uma grande farsa, hipocrisia.

As relações eram sempre hipócritas?

Se compreendíamos o sentido das discussões, por se passarem numa língua conhecida, as relações perdiam esse caráter, pelo menos se tornavam mais razoáveis. Mas Mulende tinha feito uma pergunta e merecia resposta, embora algo hesitante.

– Acho mesmo ela aceita. Vou levá-la comigo até a libata do chefe, para ver como é um kimbo normal, não de jagas. Depois não poderá andar muito, a barriga está a inchar. E, outra coisa... só entre nós... o nosso filho vai viver.

– Vai dar maka com os jagas...

– Se ainda estiverem aqui. Espero que já não estejam.

– Grande maka!

– Eu sei.

Passou o momento das gargalhadas. O meu amigo agora estava terrivelmente sério, preocupado. Eu ouvia abelhas zumbindo por todos os lados, deviam ser os kalundús a entrarem na cabeça de Mulende, a apavorarem-no com violência. No entanto, ele só podia estar de acordo com a minha decisão, nem admitia alternativa.

– Tem de ser tudo muito bem pensado – disse Mulende.

Concordei.

Voltámos para o acampamento. Tínhamos muita carne seca e fumada, sem contar com a que os jagas teriam caçado nesse dia. À falta de homens, eles matavam bichos. Não eram só os jagas. Outros também matavam pelo prazer. E nem todos os grupos que andavam pelo território, considerados jagas, de facto o eram. Fora prático para os portugueses, e talvez antes deles para os kongueses, chamar jagas a todos os bandos guerreiros que apareciam no território, com quem trocavam escravos por mercadorias, cujo apoio procuravam nas guerras e por vezes também atacavam para os controlar. Coisas da política. O meu grupo era mesmo de jagas, não podia ter dúvidas sobre Imbe Kalandula, o guerreiro mais terrível a sul do Kwanza. O chefe que me propunha trair. Era preciso coragem. Ou loucura. Mas estava desesperado, me sentindo apertado por um laço múltiplo, com os portugueses de um lado com seus pumbeiros inescrupulosos, governadores e capitães cruéis e sem palavra, e do outro lado os jagas e os súbditos de Ngola Kiluanji, este último tentando recuperar a terra

progressivamente perdida. Não sabia nessa altura que Ngola Kiluanji já não era deste mundo, tendo sido substituído à frente do Ndongo pelo filho Ngola Mbandi, um chefe fraco, o qual reinaria pouco tempo, até a sua irmã Njinga Mbandi tomar o poder. Tinha ouvido vagamente o nome de Njinga ou Nzinga, dependia das línguas, como soberana da Matamba, aliada portanto aos imbangala. Voltávamos aos contextos jagas. Mas havia diferenças: Imbe Kalandula seria uma criança débil em comparação com os jagas da Matamba. E ele já era suficiente para me provocar suores frios. Além do mais, tinha de aturar as futuras raivas de Mbombe, o seu representante no Kikombo.

Ao chegar perto de Kandalu e vendo o seu vulto já inequivocamente grávido, me sentia numa encruzilhada. Meti a mão na terra e deitei um punhado ao ar. O vento levou a terra e a poeira para sul. Sim, o meu destino devia estar por aí. Mas tinha primeiro de andar em direção contrária, falar com Ebo-Kalunda.

Não foi fácil convencer Mbombe. Ele queria o grupo junto, portanto todos deveriam ir até Sumbe-Ambuela, nome dado à capital de Ebo-Kalunda, a povoação que tínhamos visitado. Eu queria ir sozinho ou com um grupo reduzido, o mais íntimo, para não assustar os sumbes. Se o grupo fosse todo, haveria certamente combate. E não estava ali para provocar sangue. Na discussão também entrou Mulende, do meu lado sem ambiguidades. E Kandalu, embora Mbombe nem ouvisse os seus argumentos, desde quando mulher entrava nas discussões masculinas?

[Mбомбе devia ficar ofendido na sua masculinidade quando um dia soubesse, Njinga Mbandi tomou o poder não só na Matamba, como no importante Ndongo. Mas isso seria mais tarde, não entra nesta estória.]

Por fim, ficou decidido ir eu e Kandalu, mais Mulende e o jovem Undu. Muhongo teria lugar na caravana mas ela recusou, andar dois dias para lá e dois para cá só para conversar? Nem o argumento de haver por lá maluvo, pois em Sumbe-Ambuela tínhamos visto palmares, a convenceu. Estava farta de Mulende, ou da nossa companhia, apenas queria ir para Caxinde. Mulende não se importou muito, pelo que me disse. Se ela queria ficar com os jagas, podia ficar. De certeza ia encontrar outra mulher para o acompanhar nas noites mais frias. Olha, olha, o rapaz tinha aprendido os

jogos e agora se soltava, pensei eu. Tanto melhor, Muhongo não era uma boa influência para os meus planos.

Partimos quase sem despedidas e demorámos dois dias a chegar a Sumbe-Ambuela. Não havia comité de receção, mas também não havia hostilidade, nem mesmo grande curiosidade. Eu seria um dos alvos principais, mas já me tinham conhecido. Por isso Undu suscitava maior interesse, com bastante desconfiança. Um jaga em Sumbe-Ambuela? Quanto a Kandalu, aparentemente ninguém a associava com os jagas, tomavam-na como Mulende, uma semelhante. A aldeia era muito menor que Caxinde, igual a tantas outras encontradas à volta de Luanda e perto do Kwanza. Mas o chefe parecia muito orgulhoso dela, pois fez questão de passear connosco e nos mostrar todos os recantos. Claro, Undu aproveitou estudar os pormenores, poderiam ser úteis para uma ação futura, os instintos guerreiros nunca o abandonavam. E talvez tivesse recebido instruções nesse sentido por parte de Mbombe. Depois de comermos e bebermos maluvo, ficámos a sós com Ebo-Kalunda. Eu e Mulende. Não podia falar com o muata na presença de Undu, por isso pedi a Kandalu para o levar em mais um passeio. Ela estava cansada mas não fez má cara. O jovem, por seu lado, considerou a oportunidade para observar melhor a terra, não se importando com o facto de ser afastado do sítio onde se bebia maluvo. Eu apreciara a sua contenção, pois não tomou mais que nós. Admirável, nas atuais circunstâncias.

Ebo-Kalunda estava ansioso por explicar em detalhe a conversa tida com Cerveira Pereira. E, ao fazer a descrição do governador, o meu coração ficou apertado. Poderia ser o mesmo homem que eu evitava? Não, o outro tinha ido, amarrado, há anos para o Puto, nunca voltaria como governador de um novo território. Conhecia mal a história dos colonizadores, saí de Luanda ainda moço, mas não me lembrava de ouvir de um governador ser expulso de Luanda ou do Kongo e depois voltar para dirigir nova colónia. No entanto, a descrição encaixava demasiado bem, haveria assim tantos brancos magros e altos, barbicha pontiaguda, com um leve coxear, sempre de preto vestido? Hum, o meu coração latia.

— Os portugueses estão interessados em três coisas — disse eu, procurando dominar as emoções. — Escravos, marfim e metais — felizmente havia tradução de metais para kimbundo e ele acabou por entender que não era só cobre. — Ouvi falar de ouro e em Luanda eles procuravam prata. Ainda a pesquisam, mas já sem esperança. No Kongo, de onde é a minha família

parte de pai, eles andam atrás das minas de cobre. O rei nunca lhes mostrou o sítio, por ter percebido era uma arma para negócios mais corretos. Não sei se vai ceder. Os portugueses entram de mansinho, com os padres, as missangas, alguns panos e muitas promessas de amizade e boa vizinhança. Depois compram muito barato os escravos e o marfim e mandam tudo para o outro lado do mar. Verás, o que eles te dão são missangas.

– Preciso de armas.

– Esquece. Nunca te vão dar. Não deram no Kongo, não deram no Ndongo, não deram nos jagas... as armas são a força deles contra nós.

– Como tens uma?

– Estória longa de família. Alguns de nós conseguem, porque eles acham que lhes somos fiéis. E úteis. Mas a um reino eles não dão. Por isso podem lutar em grande inferioridade numérica, o barulho das armas compensa... Enfrentam exércitos muito mais numerosos e conseguem provocar a desmoralização e o pânico no inimigo com o barulho das armas. Os canhões então... parecem trovões a cair em cima da tua cabeça. Se te dessem essas armas, ou vendessem, como te iam dominar? Tens muito mais guerreiros...

Ebo-Kalunda desconsuevia de esconder a desilusão. Algum tempo se passou em silêncio, ele com um pauzinho desenhando riscos no chão.

– O governador de Benguela te prometeu armas? – perguntei.

– Não. Também não disse não.

– Claro. Vai dizer, primeiro quero ver se tens cobre mesmo a sério, mostra o lugar das minas. E quando lhe mostrares o sítio, ele não te dá armas, vai te subjugar para trabalhares com os teus homens a apanhar o cobre e ele leva nos barcos para o Puto, a terra dele. A ti vai dar umas missangas, que são muito baratas na terra dele, não valem nada. Ou uns panos, poucos.

– Também não precisamos de muito cobre, só para nos enfeitarmos. Eles podem levar um bocado.

– Não imaginas quanto é o bocado deles. Os canhões, que são armas enormes, deves ter visto em Benguela...

– Vi, me mostraram os canhões...

– São feitos de cobre. Com outro metal. Por isso o cobre é importante para eles. Mas em grande quantidade. Não é para fazerem pulseiras. Estás a perceber agora?

Me sentia um verdadeiro professor, explicando a um mau aluno as

primeiras noções da vida. Ebo-Kalunda, no entanto, não era um mau aluno. Apenas era um chefe com pouca força, vendo nas armas portuguesas a garantia contra os inimigos que o rodeavam. Compreendi isso bem. E nem era preciso pensar sequer em Imbe Kalandula: outros chefes sumbes ou seles ou mbuins deveriam ambicionar o seu território. E eu previa já ali acontecer o que se passara no norte. Com a vinda dos portugueses, os chefes iam se atacar uns aos outros, para apanharem peças e venderem aos pumbeiros. Ebo-Kalunda estava de facto ameaçado, embora ainda não tivesse o conhecimento das verdadeiras causas. Me preparei mesmo para lhe dar uma lição completa, contando a história do Kongo e das coisas de Luanda, vistas segundo o meu entendimento, o que já observara na vida e aprendera nas conversas do meu pai, quando ele era um homem lúcido. Mulende ouvia e, de vez em quando, produzia um som rouco de apoio, suficiente para mais convencer o chefe sumbe da justeza das minhas palavras.

A conversa foi longa e só parou quando a noite mais cerrada se abatera sobre a povoação.

– Amanhã continuamos a conversa – me disse o chefe. – Vocês vão agora com uma escolta para o vosso sítio. Não pensem são guardas, aqui estão bem protegidos, não há inimigos. Só para não se perderem nos caminhos do kimbo, já está escuro.

E eu fui procurar Kandalu para comermos e bebermos e nos resguardarmos nas casas que nos tinham reservado, afinal bem perto da ombala do muata. Para ver como era alta a consideração alcançada por nós junto de Ebo-Kalunda.

– Gosto disto aqui – segredou Kandalu, depois de termos feito amor, de lado, com todos os cuidados para não apertar muito a barriga dela. – Falei com umas pessoas simpáticas. Me trataram bem, mas olhavam muito para Undu.

– Talvez este seja o teu povo.

Ela não disse nada. Mas eu pensei, afinal o kimbo queimado não era assim tão longe. No meio das serras e das matas. Dois dias a andar rápido? Muito perto, na verdade.

De manhã, o soba nos chamou, a Mulende e a mim, para prosseguirmos na conversa. E surpreendi o meu companheiro, porque propus logo no começo:

– Devias mandar alguém a Benguela. Pensei muito esta noite. E acho, era bom enviáres um emissário. Para levar alguns bocados de cobre, só para mostrar que ele existe por aqui, e saber quais as intenções do português. Pode ser ele esteja a preparar uma expedição de ataque, isso é difícil de esconder de um emissário esperto. E terás tempo de preparar a defesa. O Mulende podia ir com o teu emissário, sem mostrar que sabe português, assim apanhava segredos. E depois voltavam rápido contar a verdade.

Mulende ia dizer qualquer coisa, talvez reclamando de dispor dele sem o consultar, por isso adiantei:

– Não falei com o Mulende antes, por isso ele deve estar admirado, mas certamente faria tudo para ficares contente com ele. Mulende e eu estamos muito reconhecidos pela maneira como nos recebeste na tua ombala, devemos retribuir de alguma maneira, não é mesmo, Mulende?

O rapaz me olhou desconcertado, mas só baixou a cabeça, ia fazer mais como? Ebo-Kalunda aprovou logo a ideia. E descobriu em seguida o homem indicado, um dos que tinham ido com ele a Benguela, já conhecia o caminho e era um muata importante. Sem outra comitiva, só os dois, para andarem mais depressa.

Tive de ouvir as críticas e queixumes de Mulende a seguir, quando nos encaminhámos para os nossos, pois, dizes sou um homem livre, já não sou teu escravo, mas me metes em grande confusão sem perguntar a minha opinião, em Benguela tem gente que viveu em Luanda, alguém pode me reconhecer, vai gritar logo sou um escravo fugido, e vamos depressa porque só somos dois, mas mesmo assim vamos morrer de fome no caminho, não podemos levar comida para tantos dias...

– Não, levam só para a ida. Os portugueses vos dão a comida para voltar. Pensa, Mulende. Se fossem os sumbes sozinhos, e irão mais cedo ou mais tarde a Benguela, como combinaram com os portugueses, o que encontravam no Kikombo? O nosso exército de jagas. Era uma guerra. Assim, tu vais evitar o Kikombo, passar junto ao mar, vais despistar o teu companheiro nessa parte que conheces bem. Eu vou mandar hoje mesmo o Undu avisar o Mbombe para se retirarem um pouco para o interior dos morros, assim vocês têm espaço de passar sem haver perigo de encontro. E em Benguela vais ouvir tudo e ver tudo. Precisamos de saber como é o governador e como vivem lá. É muito importante conhecer o máximo sobre Benguela, a língua do povo de lá, os costumes, a força militar dos

portugueses, tudo. E deixa disso, ninguém te vai reconhecer lá, eras muito miúdo em Luanda e ninguém reparava num rapaz escravo, para eles somos todos iguais.

Não era assim tão difícil convencer o meu amigo, eu conhecia os argumentos fortes. Por isso, nessa noite partiu Undu para o Kikombo e na manhã seguinte partiu Mulende e o sumbe para Benguela. Eu e Kandalu ficámos gozando a amizade e os bons tratos de Ebo-Kalunda, lhe explicando como os brancos se vestiam, comiam, bebiam, combatiam, conspiravam. E sobretudo como pensavam. Falei de religião, o que lhe fez muita confusão na cabeça, confusão que já tinha trazido de Benguela por ter assistido a uma missa sem nada entender. Não fiz grande esforço para ensinar, considerava isso trabalho de padre, mas falei de Jesus e da sua morte espetado numa cruz para nos salvar, embora ele tenha ficado mais impressionado pela forma da morte, a crucificação, desconhecida entre os sumbes. Entrando por esse tema, lhe expliquei as diferentes formas de matar entre os brancos, com a mais atual e que a mim também horrorizava, a morte na fogueira.

– Usam para os que têm outras religiões, também para algumas pessoas acusadas de feitiçaria.

– Queimam?

– Juntam muita lenha, põem a pessoa em cima da pilha de lenha, pegam fogo. Ela demora a morrer.

– Bárbaros!

– Também acho.

– Nós usamos o punhal, o porrinho, a flecha, a azagaia, o veneno... Tudo mortes rápidas. Mas o fogo...

Contei ter visto a leste de Luanda um julgamento em que um velho era acusado de feiticeiro. Foi obrigado a caminhar em cima de brasas. Se não se queimasse, era inocente. Se ficasse queimado, como ficou, é porque era culpado. Claro, assou a planta dos pés e depois foi morto. Mas isso não se passou com brancos, era gente do interior.

– Também fazemos isso – disse Ebo-Kalunda. – Mas só para os acusados de feiticeiros. E alguns não se queimam mesmo, ficam livres. É um julgamento correto.

Com estas conversas sobre castigos, ordálias, julgamentos e princípios religiosos, passávamos o tempo e nos instruíamos mutuamente. Acho

termos criado uma relação recíproca forte, a qual era reforçada pela amizade crescente entre Kandalu e as mulheres do muata. Ele já propusera ficarmos até o parto, no kimbo haveria melhores condições que na nossa gruta isolada do Kikombo. Não recusei logo, mas também não me comprometi. Tinha de ter notícias antes e ponderar bem o estado de exasperação dos jagas. Podia continuar a mantê-los tanto tempo afastados de Caxinde? Podia manter a sua existência escondida de Ebo-Kalunda? Como ia interpretar ele a verdade, a qual, mais cedo ou mais tarde, haveria de deitar a cabeça de fora?

De facto, na vida não há sossego.

Finalmente, Mulende e o sumbe voltaram da expedição. As notícias eram mesmo animadoras. O governador tinha sido morto e metido num barco para desaparecer no mar, o que interpretei como sendo uma tentativa de esconder o corpo, mas depois reparei, perfeito disparate, havia muitos cúmplices e testemunhas, qual o interesse de esconder as provas? Segundo Mulende me disse depois, suspeitava muito de o governador ser de facto o tal Cerveira, pelo menos foi o nome referido, que tinha estado em Luanda e nos assustava, sempre vestido de preto, alto e magro, barba comprida e afilada, olhos alucinados a saírem das órbitas, crueldade desmesurada, odiado por todos e só sonhando com cobre ou outro metal. O retrato perfeito do homem de preto. Coincidência? De qualquer modo, desta vez morreu mesmo, insistiu o meu amigo. Desapareceu no mar, como da outra vez, corriji eu, muito supersticioso quando se tratava de gente vestida de preto. Os dois também informaram não haver sinais de preparativos para uma campanha, aliás reinava muito medo e desorientação, todos falando mal uns dos outros, se acusando, os padres também em luta uns com os outros, um jesuíta, mais um padre branco e um preto. Ninguém ligou importância aos bocados de cobre que levaram, ninguém discutiu nada com eles, nem lhes deram comida para o regresso, vieram a comer raízes encontradas pelo sumbe, isto dito por Mulende numa crítica direta a mim dirigida, os portugueses falavam só de abandonar Benguela mas tinham medo de ir para Luanda, preferiam o Brasil, para onde tinham mandado um barco com escravos, causa de mais desavenças sobre a repartição dos lucros, o capitão do forte não parecia ter mão sobre os homens, os quais andavam à toa pelos matos perto à caça de peças e sobretudo de comida e mulheres. Mulende e o sumbe resolveram vir embora depressa, pois arriscavam ser apanhados

como escravos. Numa palavra, daquele lado não havia perigo imediato.

Ebo-Kalunda mandou vir mais maluvo para se festejar tão boas notícias, bebemos até cair, repetindo muitas juras de amizade, as mulheres do chefe rindo e servindo vinho, servindo e rindo. Talvez Kandalu não estivesse tão contente à minha espera em casa, mas me esqueci dela, por causa da bebedeira. Acordei com forte ressaca, dores de cabeça e vontade de morrer, tudo produto da bebedeira de maluvo. O problema é esse com o maluvo, toda a gente adivinha vir ressaca horrível a seguir, mas sabe tão bem bebê-lo...

Comecei então a costurar planos.

Undu tinha voltado com recados desesperados de Mbombe, já não dava mais para ficarem lá no sítio, queriam voltar. Ou eu aparecia ou eles apareciam. Não era um recado, era uma ameaça.

A terrível ameaça vinha com uma carta enviada de Luanda por mão amiga. O detestado herege Manuel Cerveira Pereira tinha sobrevivido aos ferimentos, à fome, à sede, ao sol, ao mar, e vivia aquecido pelos desvelos dos desprezíveis jesuítas. Pior não podia haver? Pois havia. Já se sabia em Luanda, uma frota avançava com reforços mandados pelo rei para o bicho peçonhento recuperar o poder em Benguela. O rei queria peças e ele prometia enviá-las ainda em maior quantidade que Luanda. O rei queria metais e ele prometia levar nos bolsos montanhas de cobre, já tinham seguido amostras de fortíssimo teor provando que conhecia o sítio das minas. Tudo mentira, claro, mas o rei era crédulo, acreditava no que queria ouvir ou ler. Quem dizia que só Portugal e o Kongo tinham reis fracos e incapazes? Espanha também os tinha por vezes. Este era um deles. E foi apanhado pelos cantos de sereia dos amigos do Cerveira, música divina para os reais ouvidos.

E que faço eu aqui?

Vou ficar à espera que de repente se postem três ou quatro barcos à frente do nosso patético fortim e dos barcos saiam os homens sedentos do nosso sangue, comandados pelo demoníaco ser que nos governou? Os outros não sei, cada um se defenda como puder. A minha única defesa é uma escapada à grande e à francesa. Para o mato não vou, farto de matos estou eu. Luanda me está interdita por todas as razões, mesmo se posso ter um bispo a cobrir-

me. Será? Qual é o partido do novo bispo? Do antigo sabia eu, era dos nossos, embora de fracas decisões. Em consequência renunciou ao cargo, fugiu vergonhosamente de Luanda para Lisboa, sem sequer esperar autorização real, lhe bastava a do arcebispo e do chefe da nossa Ordem. Não conheço os detalhes, o certo é que o velhote, e nisso também ele merece o seu desconto, cansado da idade e das maldades feitas pelo rei do Kongo e pelo governador de Luanda, cada um puxando pelo seu lado, disse basta, não aguento mais este clima peçonhento e estas gentes ainda piores, e foi embora com grandes riquezas. Veio um outro mas nunca o vi, nem tenho notícias. Por isso não posso arriscar chegar a Luanda e me sair da batina um bispo mancomunado com os nossos inimigos. Entregue-me logo a quem não deve. De surpresas desagradáveis estou eu farto. Só há pois um caminho viável, o do mar. E não o caminho de Lisboa, é muito longo e exigiria demasiadas explicações aos chefes da Ordem e ao Vaticano, confissões e arrependimentos forçados. Enquanto o Brasil é enorme, dizem ser do tamanho de um continente, todos os dias se descobrem novas terras, onde uma pessoa se mete e nunca mais é descoberta, levando vida folgada. Apanhando-me num sítio desses, enterro logo a batina e sem remorsos.

Fui lerdo nos pensamentos e não aproveitei a melhor oportunidade. Ela surgiu na figura daquele barco carregado de escravos que daqui enviámos para Salvador da Bahia. Podia ter-me nomeado capelão do barco, até tinha autoridade, para isso era vigário em Benguela. Cheguei a vigário com muita luta e contra a vontade do governador, claro, vislumbrando com o cargo poder defender-me dele. E depois de nos desembaraçarmos do caluniador, ainda acreditava ser possível ter mão na conquista e beneficiar com os outros do manancial de escravos. Parecia fácil, o único óbice a impedir o aproveitamento total da situação sendo a teimosia e força do capitão Dias Ferreira, o qual se mantivera sempre acima das disputas pelo poder, ainda no tempo do Cerveira, parecendo sempre ser apenas leal ao rei. Sem ser o capitão-mor, tinha e tem, por isso, mais prestígio que este. Dito dele era seguido pela generalidade dos oficiais, todos desmoralizados e sem horizontes, por serem obrigados a ir cada vez mais longe apanhar gente, pois não tinham habilidade para costurar alianças com os poderes locais e não tinham força militar para impor apenas as suas vontades. Os escravos escasseavam, a comida escasseava, vinho já era uma miragem, e os soldados morriam das febres, das mordidas de serpentes e escorpiões, ou

nas surtidas. Como, nestas circunstâncias, organizar uma força militar suficiente para atacar os fortes reinos do interior e fazer uma boa colheita de peças? As deixadas por Cerveira Pereira tinham seguido naquele barco onde eu também devia ter ido. O capitão Dias Ferreira aguentava o moral dos homens, convencendo-os a permanecerem no fortim, não desertarem, pois haveria de vir um socorro ou então a ordem real para abandonarmos o local com honra embora sem glória. Os moradores e soldados iam ouvindo, no geral, com algumas fugas mal sucedidas entretanto. Mas o Malaquias resolveu acelerar o processo de degenerescência da conquista. Armado em doido, passado num instante de burocrata cumpridor e subserviente para herói e militar prestigiado por ter liderado a força de apoio ao nosso gesto contra o governador, considerava necessário atacar tudo e todos, limpar o território de cafres, jagas, ou mundombes. Por isso se meteu na aventura de avançar com catorze homens pelos morros da Catumbela, procurando novos kimbos para arrasar, kanzar, dizia ele. Tinha família em Luanda para sustentar, precisava de apanhar escravos, quantos mais melhor. Até é compreensível para qualquer cristão, necessidades de um bom pai de família, mas o erro reside na forma como tentou. Subiu morros e mais morros lhe surgiram pela frente. Não se preocupou com reconhecimentos dos locais, avançou a eito como uma cabra que só gosta de montar rochas. Até que num sítio chamado Pundo, no meio do nevoeiro, começaram a cair flechas, ninguém sabia de onde vinham, mas logo dois soldados foram feridos e um outro morreu e o pânico se instalou, fugindo cada um para sítio diferente, perdidos no nevoeiro denso que parece ser frequente naquela região de montanhas íngremes. Até hoje. Só um voltou a Benguela para contar a história ou o pouco que dela percebeu. O desaparecimento do Malaquias, previamente promovido a capitão, deixou a tropa em maior desalento, porque não só se reduzia o número de homens válidos como ficava provado que quer a sul quer a norte quer a leste estávamos com inimigos conhecendo táticas militares e prontos a morrer para defender as suas terras e famílias. E nós aqui, aprisionados pelo mar de um lado, os pântanos por todo o lado e ainda os morros à volta. Em bela enrascada nos tinha metido o louco que antes nos governava e dizia ser este o melhor sítio para se construir uma cidade.

Cidade?

Este conjunto de cubatas à volta de um barracão esburacado servindo de

templo, quase nunca usado por ser demasiado quente, ao lado de uma casa de adobe mal amanhada onde mora o senhor da terra, o capitão-mor, à falta de governador, e à volta cubatas mal cheirosas onde vivem os soldados e os raros escravos? Senhoras casadas, brancas, a viver com os filhos em cubatas de negros? Isto, um cercado de espinheiras no meio de pântanos ao lado da praia, é uma cidade? Pois chamam S. Filipe de Benguela à povoação imunda. Há kimbos aqui ao lado sendo muito maiores que S. Filipe e tendo melhor aspeto, varridos constantemente com vassouras de folhas de palmeira, sem nunca acumularem as imundícies. E não têm nome de santo nem de um grande rei de Espanha, apenas o do seu chefe. Muda o chefe, muda o nome do kimbo. Mais organizados, mais limpos, de melhores ares e muito mais população que esta infecta aldeola onde estamos prisioneiros de nós próprios.

Eu, Simão de Oliveira, frade franciscano e vigário desta paróquia de Nossa Senhora do Pópulo, tudo nomes demasiado pomposos para a mirrada realidade existente, declaro de espírito limpo e lúcido ser pecado não tentar fugir de ratoeira tão mortal, não só para os corpos sujeitos às febres e todos os seres nefastos saídos dos miasmas dos pântanos e dos matos, como também para as almas, atormentadas pelos fantasmas dos mortos pairando sobre nós e pelos agravos, traições, infidelidades, enganos urdidos pelo demónio, o qual habita estas águas infestadas de sanguessugas, de cobras, sereias venenosas, aranhas peçonhentas, como habita os ares e os morros tumorosos de perfídia. Declaro Benguela cidade apenas para Satanás, não para homens crentes a Deus. E prometo apanhar o primeiro barco, se o Senhor mo permitir, e me mandar para o Brasil, deixando para trás quem quiser ficar ou quem não puder partir. Pouco me interessam os outros, essa treta de ser eu o pastor do rebanho nunca me convenceu, rebanho serão eles, e de carneiros sem vontade, mas eu nunca fui moldado para pastor, mesmo com o título de vigário. Se querem ser guiados como rebanhos, e como tal defendidos, arranjam cães, outros seres muito assemelhados a Belzebu. Considero terminada a minha missão nestas terras da Etiópia ocidental, do Kongo até aqui, onde só contraí doenças, não enriqueci como os meus pares mais afortunados, e até falhei em dar cabo do meu inimigo mortal, Manuel Cerveira Pereira, aliado do demónio.

Não é fácil para uma pessoa como eu reconhecer derrota.

Já em criança lutava pelas ruas de Lisboa por uma moeda, fugindo pelas

vielais debaixo do castelo dos mais velhos querendo me dar uma surra, escapando com êxito por ser esperto e rápido. E lutador. Adulto, jogava nas tabernas com os marinheiros, me arriscando em golpes ousados que por vezes obrigavam as navalhas a murmurar suas ameaças metálicas. Tanta determinação levou meu pai a me inscrever nos franciscanos, única maneira de fugir ao destino de todos os rapazes crescendo como eu nas ruas e tabernas, as naus ou a cadeia. O perigo rondava por causa da origem familiar e do fanatismo dos reis de Espanha, convencidos serem o último reduto de defesa do cristianismo. Compreendi a preocupação do meu pai, conhecia a história dos crimes contra nós urdidos e num assomo de lucidez me escondi nos claustros dos franciscanos até receber as ordens. Estava mais ou menos protegido, embora pouco convencido.

Sempre lutei até o fim para obter os objetivos julgados proveitosos. Sempre fui capaz de me aliar a quem me permitia sucessos e soube evitar os excessos, quer de confiança, quer de desespero. No meio está a virtude, assim o dizem os criadores de doutrina. Nisso acredito também. Mas algum dia haveria de aparecer quem desse as voltas ao contrário ao meu destino. Tinha de ser um miserável fidalgo de fraca linhagem mas ambição desmedida, usando as artes mais maléficas e até a da chantagem, o qual mandou recado por terceira pessoa me informando do seu conhecimento de minhas raízes, mas que não as levava em conta pois todos eram precisos nesta conquista, mesmo os mais desprezíveis, como eram os homens da Nação, e isto para me dar a entender ter descoberto o passado judeu dos meus antepassados. Tal chantagem me pôs a tremer de medo, é certo, pois bastava qualquer coisa correr mal para ele me apontar o dedo e dizer, eis a causa do fracasso, temos entre nós marranos disfarçados de frades para corromperem a nossa religião e enfraquecerem a nossa conquista. Porque ele justificava os fracos sucessos com a pouca tenacidade das pessoas, todas com vontade de fugir para Luanda ou outro sítio qualquer, usando de mil expedientes para se desenfiarem pelos matos procurando um futuro negado neste cercado de espinheiras venenosas. E os cristãos-novos eram sempre os culpados pela fraqueza ou falta de coragem da tropa, pois, segundo os puristas diziam, aproveitávamos o momento secreto e seguro da confissão para conspirarmos, minando o moral dos soldados e murmurávamos-lhes ao ouvido os perigos que suas almas corriam, depois da decomposição do corpo. Eu sabia, mais cedo ou mais tarde o governador haveria de se virar

contra mim. O momento pareceu propício para o neutralizar de vez. Éramos muitos, praticamente todos os homens válidos da guarnição, com a exceção do capitão Dias Ferreira, do sabujo jesuíta, do cunhado dele Araújo e mais meia dúzia de pessoas sem caráter. O golpe não podia falhar. E, de facto, não falhou. Resultou. Mas o temperamento fraco dos capitães ditou o destino. Não tiveram coragem de o executar, preferiram deixar essa tarefa para o oceano. Porém o mar deste lado, apodrecido pelos milhares de seres maléficos, de ninfas e sereias a monstregos, também pelos demónios dos pretos que me recuso a conhecer, esse mar que dizem ser a estrada real dos portugueses, mais uma vez me desfeiteou. Levou-o são e salvo para Luanda.

Não é de desesperar?

Parto, pois, antes que ele chegue. Se houver navio. Nos tempos livres hei de escrever cartas e relatórios para todos os lados, contando as malvadezas desse filho de Satanás com uma porca. Mesmo se for necessário ocultar o remetente, para não sofrer perseguições e vinganças mesquinhas, como só ele sabe inventar.

Para terminar, eu, Simão de Oliveira, proclamo S. Filipe de Benguela amaldiçoada para a eternidade, pois uma cidade (ou o que lhe queiram chamar) criada por tal criatura da corte do demo só pode ser azarada e enfeitiçadora. Todos os gafanhotos, lagartos, vermes, abutres e onças hão de cair sobre ela, dizimando a terra e os seus desgraçados habitantes.

A praga está lançada.

Pragas lançaria eu, se nunca mais as visse.

Finalmente, velas no horizonte. Tive um daqueles pressentimentos, eram bons augúrios. Fui para baixo de uma enorme mafumeira, assim lhe chamam os nativos, onde havia sombra aprazível e ótima vista sobre o canal. Duas naus se aproximavam. Durante horas vi o desenrolar da complicada operação de passarem a barra da Corimba, depois se meterem entre a ilha e o continente, navegarem mesmo abaixo da fortificação de S. Miguel. Não esperei o resto e desci, em ânsias, para o cais, pela ladeira do tribunal. Queria estar lá quando surgissem as primeiras notícias. E algo me dizia, enfim a promessa se cumpria e os desejados reforços me acudiam de Lisboa.

Tinha de esperar na primeira fila.

Já muita gente se tinha juntado no cais. Cidade sem distrações, a chegada de uma nau era motivo suficiente para parar todo o trabalho e a grande maioria dos habitantes se aglomerar na borda da baía, esperando notícias, mercadorias, mulheres vagas, possibilidades de negócio. As naus lançaram ferro e muitas fardas apareciam nas amuradas. Eram tropas e só podiam ser as minhas. Tinha razão em assim acreditar. Com efeito, nas baleeiras que desembarcaram, logo o capitão se anunciou como fazendo parte do destacamento que el-rei mandava para Benguela. Me apresentei ao oficial, o qual muito cortesmente e para raiva dos meus invejosos inimigos se pôs em

impecável posição de sentido, mandando o resto dos soldados fazer o mesmo. Mas que decepção tive ao olhar para os pobrezinhos, setenta meninos quase sem pelo na venta, acabrunhados e assustados pela torreia do sol. Eu tinha pedido um mínimo de cento e cinquenta, mas me mandavam setenta rapazes com dois oficiais. Armas, munições e mantimentos correspondentes. Com isto ia recuperar Benguela? Tinha aliciado em Luanda uma meia dúzia de soldados experientes, velhos combatentes daquelas guerras. Os soldos eram exagerados, mas a única forma de os convencer a me acompanharem no momento certo. Serviriam para enquadrar os recém-chegados. Apenas não contava com tropas tão jovens. Logo a questão do aquartelamento se pôs. Como não houvera aviso prévio, não tinha sítio onde os abrigar. Mandeí pois os comandantes das naus fazerem meia volta e ficarem para lá da rebentação da Corimba, enquanto eu preparava o regresso. Compreendo não ser muito agradável para gente que andou meses no mar, a ele ter de voltar ainda antes de passar o enjoio da viagem. Porém eu conhecia os meus inimigos. Se permanecessem na cidade, sem nada para fazer, os meninos seriam presa fácil dos detratores. Começariam por falinhas mansas e convites para o vinho, logo dizendo são loucos em avançarem nessa aventura, não sabem para onde estão a ser lançados, Benguela é um cemitério para todos os chegados da Europa, é melhor ficarem por Luanda ou em algum presídio junto do Kwanza, boas águas, muitos negócios de escravaria, bons ares, imaginem, bons ares, como se eu não conhecesse todos estes matos! O capitão ia resmungar qualquer coisa do género há meses que andamos no mar e seria bom descansarmos as pernas em terra, mas eu não lhe dei tempo, repeti a ordem, aqui não há sítio onde ficarem, ao menos nos barcos podem dormir com alguma tranquilidade, amanhã vou visitar-vos à Corimba.

Os escaleres voltaram para as naus e estas para sul da Corimba, em mar calmo. Entretanto, tinham-me entregado o correio, onde vinha uma carta muito melosa do vice-rei explicando as dificuldades de arranjar aquele contingente, mas a minha proverbial arte marcial haveria de saber aproveitar ao máximo a dádiva real.

Dádiva! Com o meu dinheiro.

No dia seguinte fiz saber que comprava toda a comida disponível no comércio da cidade, no que fui ajudado pelos meus amigos, servindo de

caução. Uma parte comprei, outra me fiaram, portanto. Deve ter sido isso que pôs furioso o governador Luís Mendes de Vasconcelos, vendo toda a comida lhe sair da cidade para a Corimba apoiando a reconquista de Benguela, ainda por cima com uma parte avançada pelos comerciantes, em mim inteiramente confiantes.

Não pode ter havido outra razão senão o ciúme para a sua fúria criminosa. No dia seguinte, estava eu na Corimba recebendo as mercadorias vindas da cidade e estabelecendo a ligação entre os soldados acabados de chegar com os antigos recrutados em Luanda, mais os dois padres jesuítas enviados para me acompanharem e mais o reitor do seu colégio, quando apareceu um escrivão mandado pelo governador. O escrivão convocava-me a Luanda para depor no caso de um escravo fugido e que se tinha apresentado a mim de livre vontade. Em vez de ficar com o escravo, deveria entregá-lo ao legítimo dono, um Diego qualquer. Mas Gaspar Álvares já tinha pago a diferença e o dono satisfeito. Não havia razão para qualquer processo. E nem o escrivão usava o nome do Diego como queixoso.

– Diga ao governador Mendes de Vasconcelos que tenho mais que fazer do que aturar processos sem nexos. Esse assunto do escravo está resolvido a contento das partes. E tenho muito trabalho aqui. Não volto a Luanda. Daqui vou para Benguela, reino absolutamente distinto desta colônia e o Vasconcelos não manda em mim, somos ambos governadores, com uma diferença, eu sou um fidalgo reconhecido na corte de el-rei e ele um labrego só conhecido na sua aldeia.

Às vezes é preciso dar umas pinceladas a mais para o quadro ficar bem visível, como aprendi com os mestres da Flandres.

Estava só à espera do meu patacho que se encontrava ainda em Luanda e devia chegar nesse dia à Corimba com as minhas coisas para embarcarmos tudo e zarparmos. O escrivão devia achar-se pessoa de muita importância pois teve a ousadia de insistir e de maus modos, quase com ameaças. Não tive alternativa senão obrigá-lo a ponderar a sua falta de educação. Encostei-lhe a ponta do punhal ao pescoço, aconselhei:

– Desapareça antes que me trema a mão e lhe corte a garganta sem querer.

É claro, o dito escrivão correu até os bofes lhe saírem pela boca. Foi fazer suas queixas ao governador. Estava a tarde a se aproximar do fim quando aparece, igualmente apressado, o ouvidor Francisco Rodrigues de Azevedo, cristão-novo nomeado indevidamente pelo governador Luís Mendes. O

ouvidor vinha acompanhado de um escrivão também da nação, Cosme Damião. O ouvidor, à frente de toda a gente, imbuído da alarvidade e desfaçatez conferidas pelo governador, teve a coragem de fazer o seguinte discurso:

– Venho aqui restabelecer a lei e a ordem que Sua Senhoria perturbou ao não aceitar a convocatória de Sua Excelência, o governador. Devo recordar a Sua Senhoria, a sua atitude ostensiva de desobediência é crime grave e punível com prisão.

Ia ele continuar vomitando parágrafos e artigos, mas não o deixei. Então, à frente dos meus homens, um bastardo qualquer, um reles marrano, tinha o arrojo de me insultar com tais palavras ameaçadoras? Que prazer vê-lo esturricar numa fogueira da Santa Inquisição! Mas estávamos em Luanda... Virei-o num repente e pespeguei-lhe um pontapé no traseiro que o levou ao chão. O escrivão ficou parado, mudo e pasmado. Ajeitando as roupas e limpando o pó, vermelho de faces mas de coração enfraquecido, lá se foi para a cidade o ouvidor, orelhas caídas, como um rafeiro escorraçado. Era, de facto, um rafeiro do governador, nem sequer um digno cão de caça.

Passámos a noite na Corimba, esperando o patacho e terminando os preparativos.

De manhã, já se viam as velas do meu barco, quando irrompeu Luís Mendes pelo nosso acampamento, com o filho atrás, o jovem promovido a capitão-mor sem ter dado um tiro numa batalha. Com eles, sessenta soldados armados a preceito. Saía eu de onde tinha dormido, antes mesmo de me lavar, quando o governador me deu ordem de prisão. E antes que me armasse com minha espada e adaga, oito homens me caíram em cima. Lutámos, mas a diferença numérica e a minha fraqueza depois dos ferimentos de Benguela ditaram o resultado. A minha roupa foi rasgada, as armas retiradas e os braços amarrados atrás das costas. Como um vulgar criminoso.

Começava a estar habituado.

– Manuel Cerveira Pereira, fica detido até se decidir o seu futuro.

E me atiraram para um bote, o qual me levou a uma nau fundeada entre os meus navios. Vá lá, honra lhe seja feita, o comandante da nau não me pôs a ferros, antes me alojou no seu camarote, aqui fica bem enquanto não se resolve a pendência. Pendência? Desconhecia alguma. Apenas vislumbrava despotismo, perseguição, inveja. O preocupado comandante não quis

responder ao meu desabafo, mas percebi dar-me razão.

– O capitão Gomez Rodriguez Morales, na praia, recusou a ordem do governador. Fique sabendo, Luís Mendes mandou esfaqueá-lo e o capitão Morales recusou, que não viera de Luanda para isso. E desandou para a cidade. Ainda há espanhóis honestos...

Não quis interpretar as palavras do comandante da nau, demasiado políticas para uma situação tão complicada. Aguardei com prudência e confiança, afinal tinha amigos. Dava-me muito jeito levar comigo o capitão espanhol Morales, mas não valia a pena sonhar com isso. Mais tarde soube, o reitor dos jesuítas foi falar ao governador, apontando-lhe o dedo, está a pôr em perigo uma conquista apenas por despeito, já é altura de deixar Cerveira Pereira ir cumprir a missão pelo rei confiada, isto vai saber-se na corte, Sua Majestade certamente não aprovará que impeça uma determinação real. O governador foi indelicado ao extremo para o reitor, pondo-o na rua com pesadas palavras, todos os testemunhos confirmam. Mas depois lá refletiu durante a noite, não poderia desfeitear tanto a poderosa Companhia de Jesus, com ligações diretas à corte de Madri e que ele no fundo respeitara até então. Enviou ordens de manhã para me soltarem.

Foi um comandante radiante que apareceu no camarote, me dizendo, está livre, pode ir para onde quiser e se Deus aceitar as minhas intenções, em breve o visitarei em Benguela. Lhe dei um abraço, agradecendo o bom trato e prometendo, venha a Benguela, não se arrependerá, bons negócios o esperam. Enquanto me levavam no batel de novo para a praia, pensava eu, eis um comandante de navio, pessoa honesta, capacitada, o qual será sempre beneficiado em qualquer negócio onde me encontre. O contrário seria ingratidão. Ou também vão chamar favorecimento ao facto de o preferir num negócio a outro comandante adepto de Luís Mendes ou do seu grupinho de invejosos? O Vasconcelos chamaria favorecimento ilícito, corrupção, desde que o negócio não fosse para seu proveito. Com gente desta se faz um império? Destinado a soçobrar, certamente.

Enfim, saíram as duas naus e o patacho para o mar largo, demandando diretamente o sul. Os dois padres ficaram divididos pelas naus, para educarem os soldados, preparando-os para os perigos e dificuldades das jornadas futuras. Como me sentia tranquilo sabendo ter dois padres da Companhia com os jovens! Precisava de mais. Escrevi ao rei, pedindo o

envio de pelo menos sete. O reitor Jerónimo Vogado apoiava o pedido, ele bem entendia a importância de Benguela para a propagação da Fé. E só com jesuítas isso era possível.

Viajámos sem sustos nem ventos contrários. Ao chegarmos à baía da Torre, com a altiva ponta entrando pelo mar dentro, a alma se me encheu de pura alegria, aspirando aquele ar benfazejo, perante a visão dos morros escavados mas amigos, prontos para me receberem. As gaivotas voavam acima das naus, festejando a chegada. Como nos receberiam os soldados da guarnição? Se ainda os houvesse.

De facto, poucos lá estavam. Uns tinham morrido, de doença ou de pequenos combates de kwata-kwata, como dizíamos às investidas para apanhar escravos. A maior parte, porém, tinha fugido há muito para Luanda ou outro sítio. A alguns vi na cidade e o governador Vasconcelos nunca aceitou prendê-los para mos entregar, acobertava desertores e traidores só para me prejudicar. Bom proveito tivesse com eles, que ainda haviam de lhe espetar algum punhal nas costas, como a mim fizeram. Não desejo o mal de ninguém, sigo os ensinamentos dos padres da Companhia, mas teria o maior prazer em ver Luís Mendes com a cabeça cortada por esses facínoras que ele agasalhava.

Em S. Filipe estava ainda o antigo capitão-mor, que eu tinha nomeado e fora desfeito pela filha e o bandido promovido a feitor pelos meus suplicadores. A mulher tinha morrido e ele parecia um fantasma, não me servindo para nada. O dito feitor e a sua prostituta tinham desaparecido há meses, talvez indo para o Brasil, com o renegado franciscano Simão de Oliveira e muitos mais. Encontrei portanto doze soldados, alguns totalmente incapacitados, alguns membros da guerra preta que por ali tinham ficado em negócios, os canhões intactos do fortim mas uma parte deste desfeita. Mais nada. Os habitantes do lugar ao todo eram uns vinte, pois nem todos eram soldados. Parecia milagre não terem sido dizimados pelos jagas ou forças locais, mas isso apenas porque os nativos careciam de vontade de combater e sabiam não haver nada em Benguela com valor. Agora os moradores mostravam resignação à nossa chegada. Por uma questão de prudência, enviei à frente os dois padres, que com eles conversaram muito, os confessaram e lhes deram missa. Só depois desembarcámos todos no dia seguinte. De maneira que não tentaram empreender nenhuma ação negativa ou fuga. Certamente se sentiam mais protegidos, mesmo com medo de mim,

do que sozinhos em meio hostil. Os padres prometeram-lhes que eu não iria recorrer do meu justo direito de vingança e cumpri a promessa. Acalmaram-se portanto.

Podia pensar em minas de cobre.

Nem duas semanas ficámos em Benguela. Escolhi o grupo de acompanhamento. Como os meninos começavam já a adoecer com as febres, levei os soldados antigos e o resto com os novos recrutas, num total de sessenta. Mais alguns dos meus escravos para carregadores. Era pouca coisa, uma miséria, mas com determinação pode vencer-se qualquer batalha. Em vez de irmos a pé, preferi o mar, sempre nos cansávamos menos. Se os meus pedidos tivessem sido satisfeitos, também iria o especialista em fundição, o qual distinguia os metais só de olhar para as pedras. Mas a corte não me satisfez o pedido.

Dias depois desembarcámos num sítio chamado Kikombo, perto da foz de um rio. Ali tinham dito haver cobre e o dono do lugar era o meu conhecido Ebo-Kalunda. Em S. Filipe havia um negro daquela região que dizia saber do sítio onde tiravam o metal, por isso nos servia de guia. Talvez o soba não apreciasse que lhe aparecêssemos na costa sem aviso, mas o tempo urgia, havia necessidade de convencer el-rei da existência de cobre para que mais reforços chegassem. Sem reforços, seríamos massacrados, mais cedo ou mais tarde, pois os jagas se aliariam aos sobas locais e nos atacariam em Benguela. Eu sabia não ser Sumbe-Ambuela o sítio onde desembarcámos e se dizia haver grandes minas. Para lá chegar e para convencer o soba precisava de mais militares, esses meninos não persuadiam ninguém. Portanto, o importante era apanhar umas amostras, interessar verdadeiramente o rei Filipe e pronto... minha fortuna estava feita.

Saltámos pois dos navios e pusemo-nos em marcha no rumo dos morros. Nzoji tinha andado por ali e descrito perfeitamente o lugar. Eu sabia não haver aldeias perto. Com alguma sorte, ninguém se aperceberia da nossa presença. Não se podia perder tempo com ninharias. Acelerámos até os morros, subimos, sempre guiados pelo homem, o qual, ao fim do segundo dia de marcha nos mostrou uma lagoa. Logo os homens quiseram beber mas o guia não deixou, se bebem podem morrer, é água envenenada. Então compreendi, havia muito verdete naquela água, sinal que o cobre estava perto. De facto, umas horas mais à frente o homem disse, aqui nestes buracos costumavam os sumbes apanhar cobre. Pelas contas feitas, há mais

de trinta anos que tinham parado de extrair, porque entretanto Sumbe-Ambuela produzia mais e era perto das populações.

Palavras reconfortantes.

Sobretudo a evidência de haver metal nas rochas. Pusemo-nos ao trabalho, os escravos cavando com os poucos aparelhos que sobraram dos desmandos de Benguela e mais duas pás, e eu e os capitães escolhendo os pedaços de rocha mais prometedores, por apresentarem os sinais verdes característicos. Nenhum de nós sabia de fundições, mas tudo parecia claro. Teria sido melhor ter o especialista connosco, mas à falta de especialista, fazíamos nós o ofício. Carregámos o que pudemos, até nos bolsos pusemos pedras. E voltámos imediatamente para o litoral, sem encontrar pessoas, embora houvesse muitos rastos, pegadas recentes, até restos de fogueiras. Mais uma razão para tudo ser feito depressa.

Quatro dias depois de termos desembarcado, retornávamos a Benguela, carregados de amostras indicando haver cobre. E só explorámos o existente à superfície. É fácil de imaginar o que haveria a dez metros de profundidade. E então em Sumbe-Ambuela...

Muitos dos soldados chegaram doentes a S. Filipe. Alguns não resistiram e morreram. Outros haveriam de os seguir. Ao todo dezassete defuntos por umas amostras, o que é alto preço, mas valioso por ser serviço de Sua Majestade. Esperei até que a maior parte se recompusesse ou fosse de vez visitar as celestiais moradas.

Embarquei finalmente para Luanda, levando as amostras de rochas para serem examinadas pelos padres da Companhia. Cheguei com as febres terçãs, mas já não me assustavam, sabia quanto tempo duravam, embora me enfraquecessem. Só me consolava pensar no tesouro que levava e nos mimos a receber em Luanda pelos sacerdotes do colégio. Os dois padres voltavam comigo e esperava depois levar novos para S. Filipe. Apesar das febres, por causa da presença amiga dos padres e da recuperação de alguns meninos que connosco embarcaram, a viagem correu sem incidentes.

Em Luanda encontrei o meu velho amigo padre Mateus Cardoso, que antes andava pelos matos a converter almas, bem como o reitor Vogado e demais eclesiásticos, todos muito animados com as notícias que lhes trazia da nova conquista. O padre Mateus Cardoso logo se decidiu dirigir a fundição de algumas pedras.

Entretanto, o truculento Luís Mendes de Vasconcelos não estava na

cidade, talvez meio escondido nos presídios com o seu filho, fazendo guerras injustas porque não autorizadas por Sua Majestade, conforme me explicaram os atentos jesuítas. Os habitantes estavam muito revoltados com as injustiças cometidas pelo governador, pois ficava com a maior parte do dinheiro das peças, impunha impostos exorbitantes por qualquer negócio, os quais não passavam para a Fazenda Real mas para os seus bolsos e do filho. Esperava-se a chegada já anunciada de um ouvidor de nome Fajardo que lhe vinha fazer uma sindicância, de cujo Fajardo dizia o velho Gaspar Álvares ser fino como um furão na contabilidade e traficâncias. Também se afirmava haver já decisão sobre novo governador, embora ninguém soubesse quando arribaria.

E então, como uma anunciação da Virgem Maria, apareceu o padre Mateus Cardoso com os olhos a brilhar e uma espécie de gamela de madeira na mão.

– Vede, irmãos – disse ele, incapaz de falar.

O reitor e eu e mais um padre olhámos para a gamela e vimos uma fina placa acobreada muito brilhante.

– Parece cobre – disse o reitor.

– E ouro – conseguiu dizer Mateus Cardoso.

Eu não dizia nada, só ouvia sinos a tocar por toda a cidade, num concerto maravilhoso de natal.

Era a vitória. Ninguém mais poderia dizer mentiras a meu respeito e do cobre de Benguela. A prova estava naquela gamela, uma prova gritante, impossível de olvidar ou escamotear. Queria ver os meus inimigos a torcerem-se de raiva, olhando o metal encantado que eu fora desenterrar no sul do Kwanza. Muitas testemunhas havia de as pedras terem sido cavadas na região, de terem vindo para Luanda e aqui derretidas. Não era só a minha palavra. Era a do reitor Vogado, do padre Mateus Cardoso, de todos os jesuítas do colégio, dos capitães de Benguela, dos moradores, soldados e até escravos, se para alguma coisa a palavra deles contasse. El-rei D. Filipe haveria de mostrar a fina barra de cobre na corte e dizer, aquele fidalgo é homem de palavra, nunca me enganou e por isso cessem de vez os falatórios e as intrigas, não aceito ouvir mais ninguém com aleivosias e calúnias contra quem tão bem me serve. E me daria um qualquer presente, como recompensa dos bons serviços. Então já me poderia retirar para Lisboa, de nome lavado.

E rico.

Logo o reitor se lembrou de comemorar a boa nova, mandando buscar uma garrafa de vinho. Deu para brincarmos um pouco uns com os outros, todos felizes.

– Que grandes artistas somos – dizia o reitor. – Nem sabemos se é ouro, se é cobre, se é uma mistura dos dois.

– Por mim falo – disse eu. – Só sei de cavalarias e guerras. Nem sequer como melhorar a liga com que foi feita a minha espada. E ela é de confiança, do melhor aço de Toledo. Só isso sei.

– E nós só sabemos de latim e missas e salvar almas – disse Mateus Cardoso.

– Sempre disse que muita falta me fazia um fundidor e um mineiro – disse eu. – Mas as finanças reais não o permitem.

– Talvez agora descubram dinheiro para contratar os homens – disse o reitor.

– De metais nada percebo, mas que é ouro, é – disse Mateus Cardoso.

– É ouro, é ouro, é ouro! – gritámos todos, batendo as canecas.

Se ainda tinha alguma fraqueza provocada pelas febres, ela passou imediatamente com a notícia e esta boa disposição dos meus amigos. Sentia-me forte como quando tinha vinte anos e desfazia os inimigos à espadeirada nas gélidas terras da Flandres.

Os dias seguintes foram de felicidade. Escrevi ao rei, enviando não só o excelente trabalho do padre Mateus Cardoso como duas pedrinhas, contendo um veio de cobre no interior. Parecia cobre, mas quem o saberia distinguir do ouro? Em Espanha saberiam. E despachei, por um navio escalando Pernambuco no Brasil, o resto das pedras retiradas das minas, que eram muitas mais que o padre tinha conseguido laborar sem meios nenhuns em Luanda. Na corte fundiriam as pedras, para provar a quantidade de bom metal que encerrariam. Tentei ao máximo me conter em otimismo nas missivas para Sua Majestade.

Alguna modéstia fica bem nos momentos de vitória.

Mas não me podia conter nas críticas ao comportamento do governador Luís Mendes, sumido no interior, fazendo guerras injustas, caçando escravos em territórios de sobas amigos, aniquilando todo o trabalho que eu e muitos outros fizemos durante anos, infundindo respeito mas também amizade ao gentio que queríamos dominar e cristianizar. Outros mais

esclarecidos com a escrita seriam convincentes na denúncia dos desmandos do Vasconcelos, mas também me cabia o dever de prevenir Sua Majestade, embora soubesse estar o governador já substituído no papel. O problema, e era sempre o mesmo, é que o papel demorava meses e meses a chegar, o que dava tempo ao algoz de trucidar descansadamente a sua vítima ou ao ladrão de depenar o frango roubado.

Outra boa nova para acrescentar à anterior. Por fim chegaram as sobrinhas da minha mulher, a Ana e a Dulcineia, dois verdadeiros anjos enviados para me sarar as feridas do corpo e da alma. As duas tocavam vários instrumentos musicais e Dulcineia tinha uma voz divina. E como eram belas, as moças. Era incompreensível, satânico mesmo, o que lhes tinha sucedido em espaço de meses. Ana fora deflorada, em toda a inocência, por um sacerdote de aldeia, quando limpava a sacristia, trabalho incumbido alternativamente a todas as mulheres da paróquia. Para evitar o escândalo e a revolta da população, o bispo despachou o criminoso para a Índia sem mais delongas, ficando a pobre moça entregue às mães do Carmo enquanto se não encontrasse solução. Ela não queria entrar para um convento, nem a mãe suportaria ver a filha inocente sofrer por causa de um malfeitor. A solução surgiu quando eu me queixei da solidão e de tanta doença. Mandavam Ana para ficar comigo, até eu lhe arranjar um bom partido. Não seria difícil. Quem não quereria entrar na família do conquistador dos reinos do sul? Mesmo sendo a nubente uma antiga virgem. Quanto a Dulcineia, o problema era quase o inverso. De facto fora ela, e assim ficara provado, a sedutora de um pastor de ovelhas trabalhando para a mãe. Ficava fora de questão o casamento com um elemento tão desqualificado da sociedade. A solução também passava pela procura de um marido condescendente. Mas seria muito difícil em Portugal, onde tudo se sabia. Em África pouco se ligava a essas questões de virgindade, mesmo entre os brancos, dada a enorme falta de mulheres para os moradores. Mulher livre chegada ao cais de Luanda era quase prova de leilão, se concordasse. De qualquer modo, só eu nestas conquistas conhecia o historial das duas angélicas criaturas. Por isso calei o que sabia, mesmo dos meus amigos confessores, pois não seria eu a ter de revelar pecados alheios e elas já tinham sido perdoadas em Portugal.

Ponto final no assunto.

Desta forma, tinha companhia para me alegrar a velhice, enquanto elas

não casavam ou eu não regressasse ao reino. Ou não morresse. Tinha de sopesar todas as hipóteses e a possibilidade da morte está sempre presente em todos nós, sujeitos a uma febre, uma fera ou um inimigo traiçoeiro. Contra tantas atribulações, muito deveria regozijar-me e agradecer a Deus por ainda não ter embarcado com Caronte.

Uma questão prática se punha de imediato. Onde alojar as moças em Luanda? Eu mesmo vivia no colégio dos jesuítas, sem casa disponível na cidade, embora mantivesse algumas propriedades alugadas. Gaspar Álvares, sempre solícito, ofereceu logo uma casinha nos Coqueiros acabada de vagar, mas foi adiantando, não é muito grande porém tem sala e dois quartos, o que resolve a questão de não podermos deixar numa casa dos Coqueiros duas virgens sozinhas e por isso o amigo tem de se mudar com elas para lá. Olhei, meio encabulado, para o reitor, o qual concordou com o meu amigo, só o tio poderia ir habitar com as sobrinhas, as duas num quarto e eu no outro. Assim me mudei para a casa amarela ocre, nos poucos dias que me restavam em Luanda. Essa casa dos Coqueiros acabaria por me ser atribuída por Gaspar Álvares, para uso sempre que fosse à cidade. A ele tanto lhe fazia, possuía tantas!

Tinha cumprido a missão de enviar diretamente de Luanda as amostras para o rei e os resultados da experiência de fundição no colégio, evitando que o governador ou outro qualquer inimigo extraviasse as provas da importância de Benguela para as finanças reais. Aproveitara também para fazer negócios com os comerciantes de Luanda e preparei um envio de peças a partir de Benguela. Tinha recebido as sobrinhas da minha mulher. Que mais tinha a fazer em Luanda? Nada. Voltei para a conquista do sul com os dois anjos doirados.

O mar haveria de ser benigno.

Carlos Rocha voltou para o Kikombo, mais tranquilo pela fraqueza e desorientação manifestadas pelos portugueses de Benguela, mas com terrível problema em relação aos jagas, fartos de estarem parados ali, sem guerras, mulheres e maluvo. Ainda se houvesse umas palmeiras, mas nem matebeiras cresciam, apesar de se darem bem em qualquer tipo de terreno, mesmo na areia salgada. Já teriam passado grupos de jagas por ali, devastando... O sítio era bom e bonito, umas palmeiras davam óleo, coisa importante e, nesta altura, serviriam para maluvo. Quem sabe, um dia... Bastava trazer uns caroços de Sumbe-Ambuela, onde havia tantas. Se de facto se fixasse por ali. No momento tinha preocupações ultrapassando a melhoria do local. Sobretudo o estado físico de Kandalu, chegada à gruta já com grandes dificuldades, devido ao peso da gravidez. Ele fez o que pôde para a ajudar, desafiando os olhares reprovadores do jovem Undu, uma mulher jaga anda sempre sozinha, não precisa de ajuda, mesmo se prestes a parir. E ainda devia faltar algum tempo a Kandalu. De qualquer forma, o volume dela e o manifesto sofrimento em se mexer podia servir de desculpa para evitar grandes marchas no imediato.

Undu aparecia como um ser muito curioso aos olhos de Carlos. Não escondia o fascínio por ele exercido e sobretudo pelo mosquete. Preferia a sua companhia à dos próprios parentes. Revelava porém constantemente tremenda discordância com os gestos e opções de Rocha. Discordância

muda, mas real. Um crítico implacável. Em caso de cisão iria para o lado de Mbombe e dos outros jagas, não devia haver ilusões.

O fascínio não permite tudo.

Mbombe não mostrou satisfação em os rever, antes impaciência. Os outros manifestaram a mesma postura. Rocha contou com todos os pormenores como era a capital de Ebo-Kalunda, para acalmar Mbombe, para arranjar conversa e porque sabia, ele ia receber relatório bem mais completo do discreto Undu. Tinha discutido o caso com Mulende e decidido nada dizer sobre Benguela. Undu não sabia da existência da nova fortificação, nem lhe fora explicado porquê Mulende se ausentara por duas semanas da capital de Ebo-Kalunda. Era inútil dar essa informação a Mbombe, melhor guardar todos os trunfos para o futuro tão incerto. As mulheres ficaram com Kandalu, não só ouvindo os mujimbos sobre a maneira hospitaleira dos sumbes e os hábitos cordatos deles, mas lhe tratando da barriga, muito inchada, assim como as pernas. Lhe passavam um óleo mal cheiroso feito de umas raízes maceradas no pilão pequeno que nunca abandonavam. Kafeka era a única que tinha engravidado, parindo duas vezes. Por isso podia ajudar. E não gostou das pernas inchadas, as velhas diziam não era bom nas grávidas, embora frequente. E uma viagem de dois dias tinha piorado a situação.

– Fizeste aqui tudo o que tinhas a fazer? – perguntou Mbombe. – Já podemos voltar para Caxinde? Estamos fartos de esperar.

– Preciso ainda de uma coisa para completar a missão e depois informar Imbe Kalandula. Falta pouco.

– Não, vamos embora. Chega.

– Está bem, vamos embora agora mesmo – atirou Carlos Rocha. – Mas depois assumes junto de Imbe Kalandula que foste tu que quiseste partir antes de completar a missão, que não fui eu. Ele será obrigado a arranjar outro grupo para me trazer de novo aqui e completar o trabalho. Não deve ficar muito contente.

Foi argumento suficiente para o calar por uns dias. Mas, ao fim de uma semana de geral inatividade, voltaria à carga e ainda mais mal humorado. Aí entrou em peso o mau estado de Kandalu. Kafeka falou ao marido nas dificuldades da jovem, impossível encetar uma marcha de vários dias ou mesmo semanas naquelas condições. Mbombe propôs inesperadamente a Rocha irem fazer uma caçada, facto único. Carlos estranhou o convite, mas

não deveria recusar, por perigo de ainda esgarçar mais as relações entre ambos. No meio da marcha pelos morros, Mbombe falou:

– Kandalu não está a passar bem. Kafeka me disse, ela deve ficar sem andar muito.

– É verdade, também já sei.

– Temos de a levar de tipoia. Podemos fazer uma.

Carlos não estava à espera da proposta. Andou uns passos, fingindo observar algum vulto de mbambi ou coelho. Apontou para a sua esquerda:

– Ali.

A voz veio de trás deles. Do impassível Undu:

– Não, ali não tem bicho.

Vinham mais dois rapazes com Undu. Este estava claramente descontraído, os chefes não tinham vindo caçar, apenas conversar. Se a conversa fosse breve, talvez depois se concentrassem nos bichos. Havia caça cada vez mais longe, os animais iam progressivamente fugindo dos homens. Um coelho ou outro ainda aparecia por ali, mas para os antílopes tinham de andar muito. Os caçadores eram agora obrigados a dormir no caminho, para trazerem um animal grande.

– Vou mandar fazer uma tipoia – tornou Mbombe.

Carlos Rocha concordou primeiro com a cabeça, ganhando tempo.

– Podes mandar fazer, vai ser útil. Mas não podemos partir já, ainda falta uma coisa.

– Que esperas afinal?

– Uma informação.

– De quem?

– Ebo-Kalunda mandou uns homens descobrirem uma coisa que interessa Imbe Kalandula. Ele depois vai me mandar alguém com a informação. Então poderemos partir. Se a informação for a que espero, o Grande Jaga vai ficar muito contente.

– É mais fácil irmos todos até o kimbo dele e esperar lá por essa informação.

Mbombe já se via em Sumbe-Ambuela arrasando as palmeiras e se embebedando. Carlos olhou para ele com ar compungido e impaciente ao mesmo tempo.

– Sabes, eu expliquei, não é possível. Se aparecemos todos lá, ele vai pegar em armas. Não sabe que vocês são tantos. Vai se sentir traído por

mim e começa um combate. E a missão não é de combate, estamos a tentar fazer um negócio muito importante para Kalandula. Sem armas. Por isso sempre peço para vocês se esconderem e só Undu foi comigo. Já discutimos isso muitas vezes. Vocês não põem o pé em Sumbe-Ambuela e acabou a conversa sobre esse ponto.

Tinha sido dito em voz suficientemente alta para os outros três ouvirem. E de forma ríspida. No instante em que se calou, Carlos Rocha percebeu, cometi um erro, devia me ter contido, só falado para o chefe jaga. Mbombe ficou furioso, não tanto pela argumentação que no fundo ele já conhecia, mas porque os seus soldados ouviram a última frase do “branco”, frase roçando a ofensa. Tinha de replicar, tentando defender o seu prestígio de chefe.

– Pois podes ter a certeza, quando o teu negócio acabar, vamos lá, matamos tudo, queimamos o kimbo e só saímos quando não houver uma palmeira de pé.

– Imbe Kalandula ia gostar de saber que destruístes um aliado dele? Duvido.

Mbombe resmungou mas fingiu observar atentamente o alto dos morros. A situação se tornava insustentável, cheia de armadilhas. A sua intuição de guerreiro lhe ladrava aos ouvidos, estava a ser enganado, mas algo escapava. Um sumbe aliado? Podia ser, os jagas se aliavam a quem fosse necessário. Só o tempo de aproveitarem alguma coisa. Depois podiam atacar o aliado sem remorsos. E se juntarem a outro, antes inimigo. Sempre fora assim e os mais velhos lhes contavam muitas cenas passadas de um lado e outro do Kwanza, na longínqua Matamba ou no mítico Kassanje. Havia também histórias do lado de cá, em Caxinde, Kibala, Tchyaka, Mbalundu. Mbombe nunca se interessara muito por esse tipo de conhecimentos do antigamente, mas mesmo estando meio distraído ao pé da fogueira os ensinamentos dos mais velhos lhe entravam na cabeça. Sobretudo os ligados a guerras, a conquistas, a morte.

Esta figura lhe perturbava.

Alguns diziam, a morte se passa apenas no corpo, há um espírito ficando a flutuar algures. Outros achavam, o corpo sepultado nunca se destruíra completamente, apenas as carnes, e o seu detentor mais tarde ou mais cedo se voltaria a erguer. Daí a necessidade de protegerem o cadáver com grandes pedras, de modo a que ninguém, homem ou bicho, o amputasse. O

renascido seria portador de força descomunal, suficiente para afastar as pedras e sair para o sol. Estava assim designado a ser um homem importante, um chefe temido. Acontecera com Ke-Sango, o grande herói merecendo monumento em Caxinde e sacrifícios rituais periódicos para garantirem o seu amparo quer nos combates quer nos necessários tempos de paz.

Mbombe gostava mais desta interpretação e já se via protegido por pedras e delas saindo para o seu glorioso destino. Logo a dúvida se instalava, como saber se o corpo ficava intacto, como providenciar isso? A morte muitas vezes vem repentinamente, não dá tempo para se precaver de nada. E, depois de morto, não se pode evitar que lhe tirem um braço ou outra parte do corpo. Gostaria de discutir estas ideias com Carlos Rocha, dada a vivência dele num outro mundo. Talvez o “branco” soubesse responder às suas angústias, tivesse outras visões da morte e da vida. Mas como entrar em conversa com um tipo tão arrogante, tão fechado, sabendo tudo, se escudando sempre com o medo infundido por Imbe Kalandula? Nunca conseguira falar com ele de coisas mais complicadas. Era sempre o rotineiro, vamos por aqui ou por ali, fazemos isto ou aquilo, não atacamos ou atacamos, se alguém propunha algo que lhe desagradasse, lá vinha a missão confiada pelo Grande Jaga, a ameaça de separar a cabeça do corpo e nunca mais renascer, o pior dos temores para alguém crente como Mbombe. Sim, o pior a acontecer era mesmo separarem a cabeça do corpo de alguém, por isso nunca viram andar por aí alguém sem cabeça como alguns lagartos ou as galinhas conseguem fazer. Corriam sem cabeça por pouco tempo, na verdade.

A morte vencia sempre.

– Vamos voltar – disse Mbombe, dando meia volta.

– Eh, então não caçamos? – perguntou Carlos Rocha.

– Tu não estás interessado em caçar.

E continuou no caminho do regresso, logo acompanhado de dois dos jagas. Undu ficou parado, um pouco confuso mas esperando por Carlos Rocha. Este sorriu para o jovem, ao menos tu és um guarda de confiança. Undu retribuiu o sorriso, sem perceber as palavras em português. E voltaram para o Kikombo.

Não haveria tréguas.

Rocha caminhou sempre um pouco atrás do grupo, dando assim a

entender ser de Mbombe a falta de vontade de comunicar, mas sem atribuir grande importância à contenda verbal. De facto, ainda pensou, também não tenho de convencer ninguém e todos já têm as suas opiniões bem formadas, vivemos apenas juntos e sem alegria nisso. Chegados ao acampamento, Mulende desconfiou de um regresso tão rápido e ficou visivelmente assustado. Se acercou de Rocha, antes mesmo de este atingir a caverna onde estaria Kandalu.

– Houve algum problema? Voltaram logo e sem carne...

– Outros caçam e trazem carne. Mbombe decidiu vir embora.

– De repente?

– Estávamos a discutir e, pelos vistos, ficou zangado.

– Discutiram o quê?

– A mesma coisa de sempre. Ir embora para Caxinde. Agora com uma variante. Na passagem, destruímos Sumbe-Ambuela.

– Claro.

– Achas?

– Queres um jaga a pensar de outra maneira?

Refletiu, na realidade tenho dificuldade em entrar na cabeça de um jaga. Mulende, sem ser da mesma cultura, consegue sem problemas, percebe logo as reações deles. Porém, ele terá um sexto sentido qualquer, muitas vezes antecipa a visão de coisas, portanto não admira compreender com facilidade os jagas ou outros fenómenos ainda mais complexos. Mulende perceberia melhor Kandalu que ele? Não, de certeza que não, aí é outra coisa. Além disso, Kandalu já não é totalmente jaga, o que a torna mais transparente para mim. Não entrou nesse tipo de conversa com Mulende, o qual o observava de maneira dissimulada, como desconfiando de ser personagem nos pensamentos dele.

Intuições.

Uns dias passaram e o clima do grupo se decompunha com rapidez. Aconteceu algo de inédito, dois rapazes se pegaram à pancada e em breve se enfrentavam com porrinhos na mão. Mbombe se meteu decididamente no meio deles, empurrou um e outro, praguejou, ameaçou, até os afastar, ficando a se olhar com rancor. Todos os outros estavam espantados, o motivo era uma banalidade ridícula, mas quando dois jovens se põem à luta assim, o motivo não conta para nada. O chefe perdia a mão nos homens por causa da temporada de ócio, este tinha sido o mais forte sinal. E era um

chefe disciplinador, inflexível. Mbombe tinha de fazer alguma coisa e Carlos entendia essa necessidade disciplinadora do outro, mas ele, pelo seu lado, tinha de prolongar a situação até Kandalu parir. Depois poderiam fugir dos jagas, despistá-los e voltar mais tarde para Sumbe-Ambuela, pedindo o apoio de Ebo-Kalunda.

Era o único plano.

Com a ajuda de Mulende, tinha feito disfarçadamente a exploração do terreno, procurando um esconderijo para norte, portanto mais perto do chefe sumbe, mas sem indicar diretamente o caminho para o kimbo, primeiro alvo dos jagas despistados. Nunca podiam ir muito longe sem despertar suspeitas, sobretudo agora que os guerreiros estavam mais e mais ressentidos e desconfiados. Além disso, um problema moral se punha a Carlos, o de não implicar Ebo-Kalunda. Por conseguinte, tinha combinado também com Mulende uma forma de este partir de imediato e prevenir o chefe sumbe da aproximação inesperada de uma força jaga. Se houvesse ataque, os habitantes estariam preparados e podiam repelir com certa facilidade um grupo tão pequeno de guerreiros, mesmo de aspeto e fama terrificantes.

Encontraram outra gruta e camuflaram-na melhor com pedras e ramos. Quando podiam, levavam carne seca e alguns tubérculos. Era nos morros e longe do rio, por isso esconderam lá alguns estômagos dos animais caçados. Os estômagos estavam cheios com água do rio. Não seria muito agradável de beber, mas dava para manter o casal vivo por uns dias, os suficientes para os jagas desistirem de os procurar na zona. Mulende deveria avisar o chefe sumbe da presença inimiga, usando caminhos rente ao mar, nunca utilizados antes, para despistar os guerreiros, e depois dar uma volta pelas montanhas arborizadas, regressando pelo interior, com riscos reduzidos de encontrar o grupo de jagas. Quando se reencontrassem os três, traçariam planos de futuro.

Para tudo funcionar bem, Kandalu precisava de dar à luz, querer guardar o filho, e lutar por ele. Talvez fosse a parte mais equívoca do plano. Com o fim de garantir a participação dela, havia as conversas ternas na gruta à noite, quase ciciando, para nenhum espião ouvir as palavras, mesmo estando muito próximo. Pouco a pouco, achava Carlos Rocha, a natureza ia fazendo o seu trabalho, convencendo a futura mãe da sua obrigação de defender a cria, como fazem as leoas, as onças, até mesmo as hienas. Ele

falava dos povos que conhecera e da maneira como guardavam e protegiam os filhos, aceitando sacrifícios para o seu bem-estar. Insistia nas comoventes imagens observadas em Sumbe-Ambuela, onde as famílias se reuniam ao fim de tarde comendo juntas, as crianças vigiadas pelos mais velhos, para nenhum ser maléfico da noite as poder atacar. Lembrava o calor sentido pelo filho quando transportado nas costas da mãe, um calor vindo muito mais da ternura do corpo materno que das roupas, aliás quase inexistentes. Essa imagem tinha surpreendido muito Kandalu, pois em Caxinde e em qualquer kimbo dos jagas inexistiam bebês de colo para serem ninados ou transportados às costas. As crianças eram sempre mais velhas, apanhadas nas redondezas. Exceto os filhos de algum chefe muito grande, os quais cresciam meio abandonados pelos pais ou parentes, se arrastando ou gatinhando primeiro pelo chão, se bamboleando depois sobre pernas ainda fracas, nunca seguros por um adulto. Realmente, nas aldeias jagas não havia carinho para as crianças, apenas trabalho e castigos. Com a finalidade de endurecerem o corpo, rejeitarem sentimentos e ficarem prontas para a preparação militar. Ela não tinha argumentos para defender a tradição dos jagas, embora no princípio ainda tentasse debilmente. Foi ficando cada vez mais calada, até começar a participar na conversa, e te lembrás aquela mulher que correu a fugir das abelhas mas se abanava nas costas para as abelhas não picarem o bebê?, e da outra mergulhando no rio e apanhando o filho só porque um remoinho nas águas lhe pareceu um jacaré, ou estória parecida observada no kimbo dos sumbes.

Foi nessa altura que Carlos Rocha lhe segredou, uma noite:

– Quando tiveres a criança, pegamos nela e fugimos. Tenho tudo preparado. Nunca mais veremos jagas na vida.

A revelação vinha com o peso de muitos anos e ela parou de respirar. Longo tempo. Retomou a respiração com dificuldade. Ele teve de repetir várias vezes a mesma frase até ela abanar com a cabeça, consentindo. Carlos Rocha sentiu lágrimas deslizando dos seus olhos para as faces, mas na escuridão Kandalu não as podia ver. Se chegou mais para ele, talvez pensando no filho que dela ia sair. Esse filho para ela deixara de ser um estorvo de que se deve rapidamente desembaraçar, se tornara uma presença desejada.

Coincidiu.

A bolsa das águas a rebentar, o grito de Kandalu, Kafeka e Muhongo se

precipitando para ajudar no parto, mandando com ar ríspido afastar todos os homens, e o sentinela vindo a correr do morro próximo, avisando numerosa gente chega do lado do mar, com muitas armas, brancos e pretos, bué, um exército. Mbombe olhou Carlos Rocha, o qual estava nervoso contemplando as dores de Kandalu e os preparativos das companheiras, nem percebeu bem a mensagem, só depois de Mbombe dizer:

– Os brancos nos descobriram e vêm aí. Que fazemos?

Mbombe lhe pedia opinião num assunto militar? Estranho. Normalmente tomaria as suas providências e só depois o informaria. Andava desmoralizado por desconseguir de impor a disciplina nos seus homens? Ou as negativas constantes de Carlos às suas propostas de ataque agora o inibiam? Ou por se tratar de brancos e ele achar ser já um assunto mais do foro do cidadão? Seria a pior altura para pedir conselho ou orientação a alguém tão nervoso como estava Carlos Rocha. Sacudiu a cabeça, com o gesto tentando afastar a confusão do seu cérebro.

– Estão muito perto? – perguntou Rocha ao sentinela. – Dá para subir no morro?

O soldado confirmou com a cabeça, dá para ir, mas eles estão perto perto.

– Mbombe, vai com o teu grupo para o morro, se camuflem e vigiem. Eu vou levar as mulheres para a gruta, nos escondemos, não dá para subir o morro com Kandalu como está.

– Eles vão vos descobrir.

– Com sorte, não. Rápido.

Era arriscado, mas havia melhor solução? Enquanto os jagas subiam os morros com a facilidade de cabras, ele empurrou as mulheres para a gruta, exigindo silêncio. Fora, cortou dois ramos de árvore e passou várias vezes no chão à volta da gruta, com cuidado para não levantar poeira que o poderia denunciar aos invasores, mas com suficiente firmeza para apagar os rastros levando à gruta. Já ouvia vozes gritadas em português quando se foi aproximando da caverna, os ramos atrás a apagar as suas próprias pegadas e colocados em seguida na entrada. Disfarçavam alguma coisa. Se os brancos passassem muito perto veriam a gruta, mas sem marcas exteriores de uso poderiam não parar para investigar. A menos que tivessem a caverna como alvo. Significaria denúncia. E nesse caso estavam perdidos.

Kandalu obedecia corajosamente à ordem dele e gritava para dentro. Nem um queixume, nem uma respiração mais forte. As duas mulheres tinham

recolhido para dentro da caverna as panelas e outros objetos de uso comum, a pouca coisa trazendo consigo. Carlos não tivera tempo de apagar os vestígios de muitas fogueiras e de corpos ali acampados numa área mais alargada. Mas como a gruta ficava a cerca de cem metros do arraial dos jagas, poderia não despertar a atenção. Os portugueses sabiam haver gente na região e as fogueiras indicariam ser um sítio onde com frequência se estacionava para atravessar o rio. Se as coisas corressem bem, se eles de facto não tinham um guia para lhes dizer aquela caverna pode conter algum interesse...

As vozes se aproximavam. Ele apontava o mosquete para a entrada, encostado à parede da cova, as munições ao lado, onde sempre estavam escondidas. Se alguém forçasse a entrada, dispararia. Não aceitava ser escravo nem que Kandalu o fosse.

– Vamos subir os morros? – ouviu alguém gritar.

– Não – disse outro. – Subimos mais à frente, estes aqui são muito íngremes.

O barulho das botas e de pés descalços a desfilar ao lado da gruta lhe fizeram recordar o barulho do kissonde a mudar de formigueiro. Claro, era diferente. Com o kissonde, só se ouvia a trovoadas constante. Agora havia vozes, gritos, ferro a bater nas pedras ou noutro ferro, botas a resvalar, respirações pesadas, cheiro azedo de gente branca suada. Depois o barulho foi se afastando, afastando, e Kandalu começou a expirar mais forte, a gemer baixinho a cada contração, agora já podia, os olhos dele diziam já podes sofrer em companhia, não como até aqui, em que sofreste sozinha. Se aproximou dela e lhe apertou a mão. Ela sorriu no meio das dores.

– Vamos precisar de água – disse Kafeka.

– Eu vou buscar ao rio. – disse Carlos. – Levo neste? – indicava um recipiente.

Perante o silencioso consentimento de Kafeka, ele pegou no recipiente, afastou os ramos tapando parcialmente a entrada, e olhou para fora. Não viu os portugueses, embora se pudesse ainda ouvir alguns ruídos provocados por eles. Foi com cautela no rio, encheu o recipiente e voltou. Onde estariam os jagas, pensou. A seguir os brancos pelo alto dos morros, para confirmarem o sentido da marcha, claro. Entrou na gruta quando as dores estavam mais contínuas e Kafeka dava ordens a Kandalu, está quase, faz força, faz força.

Só então Carlos Rocha compreendeu a mão do destino. Como se passavam as coisas, ele poderia estar presente no parto e impedir que estrangulassem o recém-nascido. Teria de se antecipar às mulheres e segurar no bebé. Talvez até compreendessem a vontade dele de guardar o filho, afinal não era jaga. Talvez. Mas na dúvida tinha de o proteger logo. Nunca tinha visto um parto, aliás, não era coisa de homem, apenas as mulheres observavam e ajudavam. Se elas fossem muito reticentes, talvez Kandalu lhe dissesse o que fazer com o bebé, as mulheres conversam sobre essas coisas, mesmo as que matam as próprias crias.

Continuava o trabalho de parto e pelos vistos não ia ser tão simples como imaginara. Kafeka, às tantas, notou a presença dele, que estás a fazer aqui, os brancos já foram, podes esperar lá fora.

– Não, fico a ver.

A mulher encolheu os ombros, muxoxou, coisa de branco, homem a ver um espetáculo tão feio de se ver. Por sorte se distraiu com os gritos mais fortes de Kandalu e toda a sua atenção se voltou para ela. Carlos Rocha se fez osga, colado em silêncio à parede. Como a osga na passagem do mosquito, ele também seria rápido no bote para apanhar a criança antes delas.

De fora veio a voz de Mulende:

– Está tudo bem?

– Ainda não nasceu – respondeu Carlos em português. – O que fazes aqui? Onde está o nosso grupo?

– O chefe foi com os homens atrás dos brancos. Temos de saber o que eles querem e se vão longe. Mandou-me a mim e aquele que nos acompanhou a Sumbe-Ambuela, sabes de quem falo... Bem, o chefe nos mandou ir ver de onde saíram os brancos.

– Vai até a foz do rio, vinham dali. Deve haver gente deles lá. Até podem ter vindo de barco.

– Foi o que pensei.

– Vai com cuidado, devem ter vigias pelo caminho do rio.

– Já conheço bem o sítio. Ou esqueceste eu passei por ali e nenhum jaga me viu? Um branco não vai ver. Volto logo.

A atenção de Carlos se virou de novo para o trabalho de parto. As duas mulheres estavam debruçadas sobre Kandalu. Esta parecia exausta. A mando da outra, Muhongo apertava a barriga da parturiente para baixo e

dizia força, força. Agora, força, está a sair.

Foi de repente. O corpo foi expulso e caiu nas mãos de Kafeka. Carlos Rocha se precipitou e raptou aquela massa repugnante, mistura de fluidos esbranquiçados e sangue, apertando-a contra si. Muhongo olhava, espantada, para ele. Apática. Kafeka era mais pragmática, pegou na faca e cortou o cordão umbilical, começando a limpar Kandalu, usando a água. Carlos sabia ter de fazer alguma coisa, mas nunca tinha visto, não sabia o quê. Percebendo o gesto, ela ia ajudá-lo a guardar o filho, dando o passo necessário? Ou ignorava apenas a presença masculina e deixava o bebé morrer assim nos braços dele? Rocha não fazia a menor ideia do que esboçar, agia por impulso. Já era uma sorte saber existir um cordão umbilical, que as tradições mandam enterrar em sítios especiais, pois é muito perigoso que algum feiticeiro dele se apodere. Não sabia mais nada. E ficou com o bebé nos braços, até descobrir que ele sufocava.

Kafeka também percebeu. Interrompeu o trabalho em Kandalu, disse a Muhongo para continuar e se virou para ele.

– Tenho de fazer ele chorar, senão morre já.

Ele percebeu não ter alternativa. Entregou passivamente o recém-nascido a Kafeka, a qual virou o bebé de cabeça para baixo e um berro se soltou. Kafeka limpou então o corpo pequeno.

Entretanto, Kandalu se apercebeu da situação. Disse para Carlos em voz muito enfraquecida:

– Primeiro o bebé deve ser bem limpo e estar a respirar bem. Só depois Kafeka lhe aperta o pescoço.

Era uma mensagem. Agora sim, ele estava em condições de mudar o curso dos acontecimentos. Estúpido, não entrei na cabeça delas. Se desembaraçam das crias, mas tem de haver algum ritual, claro, ninguém faz nada sem ritual.

Assentiu com a cabeça, indicando ter captado a mensagem e Kandalu sorriu. Tinham tirado o resto da placenta e ela podia descansar. Mas seria difícil dormir, dadas as circunstâncias. O bebé estava limpo e Kafeka ia se inclinar para ele quando Rocha deu o segundo bote. O definitivo. A criança estava no colo dele.

– Outra vez? – disse Kafeka. – Parece brincadeira.

– Mas não é. É meu filho e eu fico com ele.

– Tenho de cumprir as nossas regras – disse Kafeka, de forma distante,

como um oráculo.

– Ele é meu filho e por isso não é jaga. Não tens de cumprir regras nenhuma. Muito obrigado por teres ajudado Kandalu e também tu, Muhongo, muito obrigado. Vocês foram excelentes amigas. Mas agora o vosso trabalho terminou.

Kafeka ainda fez o gesto de avançar para a luta. Mas desistiu. Talvez a pouca luz se refletindo nos olhos dele fosse aviso suficiente. Preferiu arrumar as coisas e sair da gruta. Muhongo falou para a amiga:

– Vais deixar este homem descumprir os nossos costumes?

– Tu ouviste, o filho é dele...

– Não é, o filho é da mãe. E tu és jaga, por isso o bebé é jaga. A mãe é que manda.

– Kandalu não é jaga – disse suavemente Rocha. – Ela até viu o kimbo onde nasceu. Tu também não és jaga de nascimento. Eles mataram os teus pais e te tornaram jaga. Mas não és.

Nesse momento Kafeka voltou a entrar para apanhar uma panela ali escondida.

– Esse problema se resolve quando Mbombe vier – disse ela, com voz amarga.

– Está resolvido. Fico com o meu filho. E não tenhas ilusões, Mbombe não é um grande chefe, nem é um verdadeiro jaga. Se fosse, os teus filhos não teriam sido mortos. Em Caxinde quais foram os bebés que não foram mortos? Só os filhos de Imbe Kalandula. Esse, sim, é um verdadeiro jaga, um chefe.

Kafeka encolheu os ombros, saiu sem responder, seguida de Muhongo. Carlos entregou a criança à mãe, toma, segura nele, deve querer mamar. E ficaram os dois, deitados, observando a criança a dormir encostada ao seio materno.

– Descansa, preciso de ti forte para fugirmos – disse ele à mulher.

– Quando?

– Quando puderes subir bem os morros. E quando Mulende voltar da praia.

Não foi preciso esperar muito por este. Afastou o segundo ramo e entrou na gruta, depois de ter recebido autorização. Observou o bebé nos braços da mãe, sorriu.

– E então? – perguntou Rocha.

– Estão dois barcos perto da foz. E alguns soldados na praia. Três. Não pareciam muito bem de saúde.

– Onde terão ido os outros?

– Mbombe vai nos dizer quando voltar.

– Mbombe, Mbombe – disse entre dentes Carlos Rocha. – Esse é um dos meus mambos agora.

– Quando pensas fugir?

– Quando Kandalu recuperar.

– Vou buscar comida para ela – e Mulende saiu.

A noite caíra e o resto do grupo não veio. Mulende voltou a trazer alguma comida, confeccionada de má vontade pelas duas mulheres. E água.

Se ouvia uma conversa entre Undu e as duas, mas permaneciam perto das fogueiras dos jagas, sem se aproximarem da caverna. Deviam estar a comentar e recomendar a heresia cometida por Rocha, com seus costumes de branco. A avaliar pela conduta delas, a reação de Mbombe seria terrível. Felizmente tinham aparecido os portugueses para o afastar. Estavam a comer o magro jantar quando ouviram uma outra voz no acampamento e Mulende, ansioso, foi verificar. Voltou com a notícia, era um guerreiro mandado pelo chefe, dizer, os brancos tinham andado todo o dia com seus passos pesados e agora se preparavam para dormir. O grupo jaga ficaria a vigiar os estrangeiros para perceber a intenção. Por isso vinha o emissário avisar não se preocupassem, estava tudo sob controlo. Só aqui não estava, como se apressariam as mulheres a explicar ao recém-chegado, um bebé sobrevivera.

– Ótimo – disse Rocha. – De madrugada Kandalu já poderá andar à vontade. Podes, não podes?

Ela aprovou com a cabeça. O bebé acordou e começou a chupar na mama, orientado pela mãe. Carlos disse para Mulende:

– Vê, está a mamar.

– Está mesmo – disse Mulende. – Isso, mama, bebé, para seres forte. Que nome vai se chamar?

– Nem pensei nisso. Não é bom momento.

– Tem de ser um nome, assim... pessoa que escapou de um grande perigo.

– Temos tempo para pensar – insistiu Rocha, mais preocupado com a preparação da fuga. – Mulende, tu vais a direito avisar Ebo-Kalunda.

Depois nos encontramos na outra gruta, como combinámos. Nós vamos subir os morros e acompanhar o rio até desviarmos para a caverna. Ficamos uns dias aí, talvez uma semana, e voltamos. Já então os jagas foram embora... É a altura de chegares também...

– Se não descobrirem o vosso rasto...

– Eles pensam que nos fomos apresentar a Ebo-Kalunda, acho, vão direitinhos para lá. Mas vou ter cuidado de apagar os rastos, de qualquer maneira.

– Esperemos.

– Sim, esperemos.

Os três sabiam, os jagas eram ótimos pisteiros, conversavam com um capim partido, duas folhas pisadas, irmão capim quem te partiu, irmãs folhas quem vos pisou, e obtinham as respostas certas. Seria suficiente dois ramos a varrerem a retaguarda?

– Vamos sem comida. E Kandalu precisa se alimentar muito.

– Vou apanhar alguma de caxexe para vocês. Devemos partir ainda de noite. Para os guerreiros não verem que nos separámos e para onde fomos. Acho, Mbombe vem aí muito depressa... quando descobrir o que os portugueses querem.

– Depende das forças de Kandalu – disse Carlos.

– Posso andar – disse a mulher. – Posso mesmo andar.

– Descansa agora. Saímos antes de haver luz. Mulende, dorme aqui perto da gruta. Eu te acordo para partirmos. Se conseguires roubar alguma comida, é melhor ser agora. Vai.

Se virou para a mulher e a criança, até as duas adormecerem. Mas ele não dormiu. De vez em quando avivava a fogueira para o bebé não ter frio. Coitado, nasce e começa logo a fugir. Que vida vai ele ter? De fugitivo? Como tantos, como tantos... Não somos todos uma cambada de evadidos? Alguns nem sabem de quê.

Devaneios próprios de uma noite em claro.

A noite passada em claro também não ajudou Carlos Rocha a descobrir que o comandante dos portugueses passando perto dele era Manuel Cerveira Pereira. Nem uma lufada de vento nem um cheiro maligno se libertara do governador para o alertar? Até lhe trouxera no fundo sorte, pois desviara a atenção suspeitosa dos jagas. O governador depois foi para Luanda com suas amostras, as quais deviam provar existência de algum cobre, e já regressava a S. Filipe na companhia das duas sobrinhas da mulher, Ana e Dulcineia, na viagem mais feliz que teve na vida. Disseram mais tarde as más línguas que os três ocupavam o único camarote da nau. Verdade ou mentira, o certo é ter ele desembarcado em Benguela com outro aspeto e disposição, embora incapaz de sorrir, sempre de ar austero.

Foi escrevendo cartas e relatórios ao rei, se queixando da falta de apoio por parte do governador de Angola, inventando descobertas e fantásticas promessas, ouvindo música tocada pelas sobrinhas, controlando a extração do sal que era depois mandado em barcos para vender em Luanda, dinheiro suficiente para governar duas vezes Benguela.

O sal existia em boa quantidade numa praia a sul, nomeada de S. Francisco primeiro e depois St.º António por um dos padres que vieram com a primeira expedição, sendo a última praia antes de se chegar ao cabo que termina com o Sombreiro em cima. Havia uma baixa no interior e o mar entrava nessa baixa por uma passagem subterrânea, quando a maré enchia.

No momento da vazante as águas se retiravam e ficava uma camada branca no fundo da baixa. Os povos pastores da região iam lá com as manadas e os bois se refastelavam a lamber o sal da terra. De tanta língua áspera de boi a afagar a baixa, durante décadas ou séculos, quem sabe mesmo?, a terra ficara dura e lisa, pronta para receber mais sal. O governador percebeu a riqueza fácil à mão de semear, sal era dinheiro, por isso mandou soldados montarem guarda permanente. Acabou para os pastores a facilidade de se aproximarem da baixa.

– Que finos, bois a comerem sal! Era o que mais faltava...

Os pastores se revoltaram e com eles os sobas da região, pois todos lucravam com aquela dádiva natural. Só foram aquietados pela força das armas, uma das razões para a aldeia do soba Peringue ser arrasada mais uma vez, repetindo a ação acontecida aquando do estabelecimento da colónia. A entrada e saída da água foi mais controlada com alguns trabalhos, aumentando em muito o rendimento da enorme salina, tratada a partir de então por escravos. O sal ia num carro de bois para Benguela, a pouco mais de uma légua. Um carpinteiro tinha ousado fazer as rodas e depois o carro. Só havia na povoação esse carpinteiro, o qual era pau para toda a obra. Cerveira pedia mais carpinteiros ao rei, em todas as cartas, pois muitas eram as necessidades de móveis, portas ou carroças. Por outro lado, não deixava o carpinteiro ter como ajudantes homens livres. Só escravos.

– Ainda aprendem a arte consigo – explicava o governante. – Depois espalham os ensinamentos pelos outros. E ficam demasiado independentes. Já com os escravos não há problema, vão para o Brasil com os rudimentos e não espalham a arte aqui. Lá até podem ser úteis, se aprenderem a trabalhar, falta sempre mão de obra.

O rei do Kongo durante um século também pedia carpinteiros e pedreiros, mas el-rei de Portugal mandava o mínimo, para fazerem uma igreja ou uma casa, ou umas mobílias necessárias aos portugueses ou à propagação da fé. E não deixava os kongueses aprenderem os mesteres com os especialistas, só podiam ser ajudantes no comércio ou no tráfico de escravos. Ou fornecerem soldados para as guerras. E se formarem para padres. O ensino da religião não fazia mal a subordinados, antes pelo contrário.

– Se não nos precatamos, qualquer dia sabem tanto como nós. Deixam de nos respeitar.

Cerveira Pereira debitava estes discursos na sua corte miserável da cidade

de S. Filipe, uma raquítica aldeola de uma centena de cubatas, como sendo pensamentos ouvidos ao próprio rei. Não haveria grande exagero, no fundo. Se tivesse disposição para pensar no assunto em vez de caçadas, certamente Sua Majestade concordaria.

Os reis são sábios na defesa dos seus interesses.

Outra descoberta preciosa para o governador aconteceu numa outra praia próxima de Benguela, onde tinha umas conchinhas iguais aos nzimbos ou njimbos da Ilha de Luanda, os quais serviam de moeda principal do reino do Kongo. Obtinha assim dinheiro para negociar em várias áreas e apenas com o trabalho de pôr umas mulheres e crianças a encherem cestos com essas conchas, as quais se depositavam em sacos de ráfia para seguirem até o Kongo. Com o nzimbo comprava escravos, enviados em seguida para o Brasil. Em termos financeiros, a conquista se bastava com o sal e os nzimbos. Havia ainda as peças que chegavam nas caravanas do interior, dirigidas primeiro por pumbeiros vindos de Luanda e depois também por sobas do planalto, os quais rapidamente perceberam a utilidade de atacar povoações mal defendidas para aprisionarem toda a gente e a venderem aos brancos da costa. Os donos das caravanas só podiam vender os escravos ao governador, que os enviava para o outro lado do Atlântico nos seus próprios navios, sem prestar contas nem pagar impostos à Fazenda Real. No entanto, havia mais: a carne de boi salgada, também vendida para Luanda, e a madeira chamada de kikongo, um pau com cheiro alcanforado e muito apreciado na Europa.

Enriquecia. E se queixava.

Pedinchava mais soldados, pelo menos uma centena, padres, pelo menos uma dúzia e de preferência da Companhia de Jesus, um barbeiro hábil em sangrar pessoas, um serralheiro para consertar as armas que estavam quase sem utilidade, um fundidor e mineiros para o caso de começar a explorar o cobre das riquíssimas minas por ele descobertas. Entretanto entesourava. A tal ponto que chegava por vezes a pagar aos donos das caravanas à vista e pelo preço por eles exigido, sem regatear nem impor leis de monopólio, passando por liberal para meia dúzia de felizardos seus protegidos, pois aprendera a fechar os olhos às pilhagens feitas aos povos do planalto. E aprendera há muito a vantagem de ter gente dependente das suas larguezas. O que não impedia de existirem sempre relatórios denunciando os desmandos dele, a brutalidade da sua justiça e a devassidão moral em que

vivia.

Gente ingrata.

Fundeou ali um dia o novo governador de Angola, João Correia de Sousa, mas nesse momento estava Cerveira atacado pelas febres e não foi a bordo. Recebeu no entanto carta do rei, dizendo ter ordenado ao Correia de Sousa dispensar soldados e armas para Benguela. Mas com as cartas do rei recebeu um bilhete do novo governador, alegando ser impossível entregar um homem que fosse, contrariamente às ordens reais, pois Luanda estava quase despida de gente e muito ameaçada pelos hereges holandeses. Correia de Sousa ainda teve tempo, no entanto, para tentar convencer alguns subordinados do Cerveira a aproveitarem a boleia nos barcos e desertarem para Luanda, onde o clima era melhor e mais abundantes as oportunidades de negócio, como todos sabiam, além de escaparem a um déspota odiado. Fracassou com estrondo, pois maior era o medo em relação ao governador de Benguela, mesmo doente e fraco. E lá foi embora o Correia de Sousa para a conquista do norte, sem lhe deixar nada senão o correio.

Como queriam descobrir as minas se não obedeciam ao rei e lhe facilitavam tropas? Bom pretexto para mais umas cartas de denúncia, já nem a palavra de Sua Majestade era respeitada. E uma missiva mais violenta para o novo governador de Angola.

Sem resposta.

Finalmente, novidades. Péssimas, porém. Sua Majestade escrevia, intimando-o a parar com a procura do cobre, pois as amostras enviadas revelavam muito pouco teor, não valendo a pena investir esforço e capitais para tão fracos resultados. Pelo menos a coroa não arriscava mais.

Era o golpe final nas suas ambições de se retirar em glória.

Depois de se confessar ao jesuíta de dia, com o qual discutia assuntos de máxima transcendência mas nunca os acontecimentos de dentro de casa, como por exemplo as relações com as sobrinhas da mulher, sentou de novo à mesa para escrever ao rei. O monarca tinha de compreender uma coisa, havia cobre na região, tudo indiciava, mas ele só seria descoberto em doses maciças se Benguela fosse ligada a Angola pelo mesmo governador. A criação separada das duas conquistas, embora ideia pela qual tanto lutara, era na realidade a causa de nunca haver apoio para Benguela e portanto resultados convincentes. Fora talvez demasiado ambicioso em sonhar com uma colónia a sul do Kwanza até a ponta extrema de África, tendo como

capital a cidade encantada. Assim, ele que estava velho e cansado, quase cego de um olho e a manquejar por ferimento num combate, pedia para ser dispensado e voltar a Portugal, com os poucos rendimentos adquiridos e assim amparar a família desvalida.

Desistia finalmente do seu sonho.

O governador de Angola que se apoderasse do que restava em Benguela e avançasse para as terras dos sumbes a explorar o cobre. E adiantasse a leste até o Monomotapa, atravessando aquela região até ver o sol nascer no mar. Encontraria cobre e ouro e outros metais e todos ficariam felizes.

A resposta do rei, um novo Filipe pois o anterior falecera entretanto, chegou quase um ano depois do pedido de rendição. Nem sim nem sopas. Cerveira Pereira deveria permanecer na conquista, pois a sua experiência, a sua lealdade tantas vezes comprovada, a sua bravura, etc., etc., tudo encômios, se tornavam mais necessárias que nunca naqueles tempos tão conturbados da Pátria rodeada por inimigos e concorrentes ávidos debicando nos seus impérios. No entanto, não contasse com homens nem armas nem apoio a vir de Portugal ou de Luanda. Era cedo para juntar as duas conquistas, um trabalho ciclópico, embora se tratasse de excelente ideia para o futuro. Como se ninguém tivesse dado esse conselho ao rei precedente e a ele próprio, desde governadores, antigos conquistadores, bispos e prelados, ouvidores, exploradores, simples comerciantes, todos invejosos da independência do reino de Benguela, o futuro na palma da mão. Resumiu Cerveira Pereira para o jesuíta:

– Mandam-me definhar aqui. Que morra devagar com este reino de Benguela, pois ninguém o quer. Quando antes eu insistia manter uma só conquista, propunha Benguela para sede, podendo assim equilibrar a potência do Kongo. Nunca aceitaram, Luanda era importante e bem situada. Quando agora proponho fazer engolir Benguela por Luanda, acham cedo demais. Como se eu só tivesse más ideias...

– Que vai fazer o tio? – perguntou Dulcineia, desesperada por não aparecer, saído milagrosamente do mar, nenhum pretendente interessante para matrimónio.

– Forçam-me a isto. Enriquecer ainda mais. Envio carradas de sal para Luanda e duas naus cheias de nzimbo e pau de kikongo. E continuo a despachar as peças para o Brasil, aumentando o espólio da família. Pelos vistos, só sirvo mesmo para isso.

– E para ajudar a Companhia, o que não é pouca coisa – lembrou, untuoso, o jesuíta.

Cerveira abriu a boca, no que poderia ser uma tentativa de riso, mas só se viam os parcos dentes podres.

Os inimigos, a começar pelo novo governador de Luanda, acusavam-no do mesmo, de enriquecer desalmadamente. Invejosos, por não terem olho para o negócio. Perante o rei se defendia, dizendo serem alvitres de ciumentos, estando ele quase sem camisa, tão pobre quanto o Job da Bíblia, investidos todos os seus cabedais nas armas, homens e munições daquela conquista maravilhosa de Benguela, um reino que valia dois brasis, se bem aproveitado e povoado com gente capaz. Reino afinal sem rei, nunca o teve, nem africano nem de outra espécie, reino que nunca saiu de páginas escritas, por ele primeiro e por todos os outros que o foram copiando. De facto era ele o reizinho daquela fortificação erguida entre pântanos de água salobra, apenas isso. Mas não o podia confessar, nem a si próprio em noite de insónia.

Dava curtos passeios por fora da paliçada, coxeando cada vez mais e já sem ânimo de o esconder, os pés em chagas dentro das botas cambaias, acompanhado pelas duas moças, esquecidas de se mostrarem alegres, sisudando com o tempo passado sem resultado nas suas pretensões de jovens envelhecendo, e quatro soldados, tão desesperados que nem tentavam fugir ou se revoltar, vestidos de farrapos. Era a parte mais curiosa do cenário: Cerveira Pereira tinha conseguido liquidar o espírito de sublevação, estabelecendo um conformismo estranho para desterrados e gente sem princípios. Os seus homens pareciam tomados pelos espíritos do lugar, os zumbi da tradição, chupando a alma da pessoa até esta ficar sem força nem desejo. Ou então era milagre, obra dos jesuítas, conhecidos como bons professores e modeladores de consciências, capazes de pegar em fanáticos pelo dinheiro, criminosos violentos, ignaros e desesperados, e os transformar em inofensivos espíritos errantes, adelgaçados pelo paludismo e a falta de coragem.

Por essa data, o governador recebeu uma perturbante carta do padre Mateus Cardoso, o jesuíta de Luanda que tinha fundido as pedras no colégio. Estava o padre desesperado e de partida forçada para fora de Angola. Lhe contava em breve prosa como o governador Correia de Sousa punha em perigo aquela conquista com sua brutalidade e traição. Tudo

começara quando resolveu forçar o rei do Kongo a lhe indicar o local das almeçadas minas de cobre, talvez para fazer concorrência a Cerveira Pereira e mostrar mais valia perante a Espanha. Como todos os seus antecessores fizeram, o Rei do Kongo assobiou para o lado. Correia de Sousa resolveu então mandar a tropa invadir a província de Bamba, a mais próxima de Luanda e a mais importante. Com muitos jagas à frente. Em mais de um século, nunca se declarara guerra ao rei do Kongo, suposto irmão do monarca português. Face à atitude do governador, o ouvidor André de Moraes Sarmiento, homem justo segundo o padre Mateus Cardoso, juntou os vereadores eleitos de Luanda e foram protestar, pois tal ato hostil contra o Kongo punha em perigo a vida do milhar de portugueses que nele residia, como prejudicaria enormemente o comércio de Luanda, vivendo dos escravos do interior e sobretudo do reino ao norte. O governador não os ouviu. E numa batalha dessa guerra injusta, por não ser de defesa nem consentida por Sua Majestade, o bom rei Filipe, o duque de Bamba, segundo aristocrata do Kongo, foi morto e com ele oitenta nobres mais umas centenas de guerreiros. Conhecida a funesta notícia, os kongueses chacinaram uns tantos comerciantes portugueses em Mbanza-Kongo e respetivas famílias, e mais não fizeram porque o rei os impediu. O ouvidor e vereadores foram pedir ao governador de Luanda a retirada imediata do exército das terras do Kongo, pois o prejuízo seria imenso. O governador, de facto, mandou regressar o exército, informando o capitão-mor de estar ameaçado pelo ouvidor e seus apaniguados, por isso o viesse salvar da rebelião. O capitão-mor atacou a cidade de surpresa e prendeu o ouvidor e alguns dos vereadores. Por não se encontrarem em casa ou por terem sido avisados, alguns vereadores e o juiz escaparam. Gaspar Álvares, o maior amigo de Cerveira Pereira, também era acusado de sedição, mas, prevenido a tempo, se escondeu no colégio dos jesuítas, dizendo ser já há muito tempo seu projeto entrar na ordem prestigiada, por conseguinte pedia que lhe fizessem noviço, em troca de toda a sua fortuna, nomeando a Companhia como único herdeiro. Logo rapou a barba e trocou a roupa pelos trajes de noviço, dizendo ser um imperativo chamado de Deus.

– Meu pobre amigo – queixou Cerveira ao padre e às sobrinhas. – Imaginem Gaspar Álvares noviço, ele que sempre gostou da boa vida...

– Sempre é tempo para se mudar... – disse o jesuíta. – Aqui para nós, em Luanda nem é tão má vida assim...

Estavam sentados nuns bancos de madeira junto à praia, ao abrigo da tosca fortaleza caindo aos pedaços, sem ninguém para a recuperar. O sol se escondia por trás do Sombreiro, dardejando céu e mar de violetas e laranjas incandescentes. Em breve os lilases de fogo se aquietariam e cairia de repente a noite. Eles nem notavam, envoltos nas trevas das notícias de Luanda.

– Bem. Continuo a contar-vos o que diz o padre Mateus Cardoso na sua carta... O diabo do Correia de Sousa condenou todos à morte pela força, acusados do crime de traição. E fez erguer um cadafalso mesmo perto da igreja da Companhia, talvez para intimidar sacerdotes e leigos, pois soltou bandos a dizer serem os jesuítas os principais fomentadores da revolta abortada. Os irmãos franciscanos, por uma vez solidários, foram falar com ele, pedindo encarecidamente que soltasse o ouvidor, inocente de qualquer sedição, e parasse com outras acusações aos religiosos. O Correia de Sousa destratou-os, insultando-os de muitos nomes vis e de traidores, tal como fizera aos outros. Para ele, todos são conspiradores, apostados apenas em atentar contra ele, talvez também eu que estou no entanto tão longe... Houve muitos pedidos, de moradores, de sacerdotes de todas as ordens, dos capitães mais antigos, os rogos e as preces se perdiam no mato... Sem resultado. Entretanto, os nossos amigos do colégio, com medo que o governador invadissem o local para prender o arriscado Gaspar Álvares, de que ambicionava a fortuna, mandaram-no escondido para o Pinda, mais o juiz e um dos vereadores que tinham escapado. A intenção era contarem na corte o que se passava em Angola, para o que deviam apanhar o primeiro barco com destino à Europa, pois naus nunca faltavam no Pinda, com a diferença de isso ser impossível de fazer em Luanda, tão vigiada estava pelos espias do governador. E lá chegaram ao Pinda, ficando bem agasalhados pelo duque do Soyo e a salvo, por enquanto. Poderão viajar e contar tudo em Lisboa e Madri, para conhecimento de Sua Majestade. Enfim, perante tantos rogos e revolta da população, ameaçando uma amotinação com apoio de parte dos militares, o governador comutou a pena de morte do ouvidor e mandou-o para as masmorras.

O padre Mateus Cardoso não podia contar detalhes, limitado pela falta de tempo e papel, mas têm certo interesse para a estória e por isso os descrevo. Um deles, e de peso, foi a doação feita à Companhia de Jesus de todos os bens e fazendas de Gaspar Álvares, doação logo legalizada pelo juiz,

tremendo de medo e precisando de apoio para fugir de Luanda. Gaspar Álvares ainda perguntou, prescindindo então de toda a minha fortuna, ao que lhe respondeu o reitor Vogado, pois claro, agora é um noviço e a primeira condição para estar na Ordem é mostrar humildade, renunciando a todos os bens deste mundo para só desejar os do outro.

[Devido a este facto, a Companhia ficou praticamente com a totalidade das casas dos Coqueiros e os escravos espalhados pelos arimos do Bengo e das plantações de Massangano. Sem esquecer o dinheiro que tinha sido transferido para Portugal e Brasil. Daria uma boa maka durante muito tempo, pois os familiares se sentiam legítimos herdeiros e exigiam algumas restituições, fugindo os tribunais de se imiscuírem nos negócios da Companhia, demasiado poderosa para qualquer juiz. O assunto apodreceria portanto com o tempo...]

Ainda sem saber da combina, o governador Correia de Sousa tentou invadir o colégio com os seus meirinhos, oficiais e soldados. Opôs-se o reitor Vogado.

– Apenas quero que me entregue o traidor Gaspar Álvares, que os meus homens viram entrar aqui ontem.

– Gaspar Álvares é um noviço da nossa Ordem. Não o posso entregar.

Foi grande a surpresa na comitiva governamental. Os comparsas, chamados a conselho, não foram de grande ajuda. Era uma fraqueza de Correia de Sousa, se rodeava dos mais imbecis e incompetentes para não lhe fazerem sombra ou pretenderem o poder supremo, só por serem servis e lambe-botas. Sem conselhos válidos de gente mais esclarecida e prudente, o governador deu ordem aos meirinhos para forçarem a entrada no colégio mesmo assim e prenderem o odiado noviço, perante os protestos do reitor e restantes padres. Claro, não o encontraram nem a algum estranho, pois já tinham partido para o Soyo.

Manuel Cerveira Pereira terminou de sua própria voz a carta de Mateus Cardoso, para atenta audição das sobrinhas e do jesuíta:

– Talvez para compensar a sua avidez de sangue e completar de vez a sua baixaza, Correia de Sousa deu voz de prisão ao superior Vogado e dois padres...

– Que horror! Heresia! – gritou o jesuíta.

– É verdade. Prendeu o superior reitor do colégio, o próprio padre Mateus Cardoso e o padre Amaral. Os soldados recusaram bravamente a ordem, com medo de tocarem no reitor e o Correia de Sousa mandou os escravos agarrarem no venerável padre...

– Ignomínia!

– Ignomínia, sim, padre. Mas escreve Mateus Cardoso, os escravos foram de uma extrema delicadeza, muito mais humanos que o diabólico governador. Tão mortificados ficaram que no dia seguinte fugiram às dezenas de Luanda, tendo o Correia de Sousa sofrido grande prejuízo nas suas fazendas. Finalmente, no momento em que escrevia para mim, o padre Mateus Cardoso e os outros aguardavam a deportação para o Brasil, o que já deve ter acontecido. A cidade está prestes a rebentar em rebelião e o governador não sai da fortaleza, com medo dos moradores e dos próprios soldados. Distribuiu por estes parte da pilhagem de Bamba, mas mesmo assim se sente inseguro. Nomeou para ouvidor um quase analfabeto e para vigário um padre idiota, desta maneira se sentindo mais acompanhado. Meu Deus, a que assistimos nós... Se não estivesse tão alquebrado, ia eu a Luanda. Talvez pudesse ajudar os nossos amigos.

– Para acabar numa masmorra do Correia de Sousa – disse Dulcineia.

– Já estive preso tantas vezes... Nada me assusta!

O padre abanou a cabeça para em seguida segredar a sua concordância com Dulcineia, de pouco adiantaria a viagem pois não dispõe de força militar conveniente e o Correia de Sousa não quer ouvir a voz da razão.

– Mesmo assim sinto a voz do dever...

A frase se misturou aos lilases se esbatendo no mar.

– Mas que quer afinal o governador Sousa? – perguntou o jesuíta.

– O ouvidor, o juiz e os vereadores têm muita fazenda – disse Cerveira. – Já sem falar de Gaspar Álvares, o mais rico de todos. Acusados de traição ou conspiração, todos os bens são confiscados pela justiça. E, em vez de irem para a coroa, as fazendas ficam nas mãos do governador, que as transfere para o Brasil. Conheço o processo.

Por resquícios de pudor, não revelou a fonte fidedigna dos seus conhecimentos. As meninas eram ingênuas e não perceberam o alcance das palavras. Mas o jesuíta conhecia os métodos administrativos de Cerveira, pelo menos as acusações constantemente levantadas contra ele. Enrubescou pela lembrança e mudou de assunto:

- Não me parece seguro ir a Luanda por esta altura.
- Vou pensar na melhor maneira de intervir. Ficar por aqui e deixar os meus amigos sofrerem lá? Não é de minha feição.
- Todos sabemos da sua generosidade e lealdade. Porém há situações impossíveis de serem enfrentadas por uma pessoa isolada. Esta é uma delas, seria destemor a mais.

As sobrinhas olhavam-no, embevecidas. Que orgulho ter um tio daquela têmpera, disposto a enfrentar a fúria do mar para partir sozinho em socorro dos amigos, contra tudo e todos.

– Talvez o senhor padre tenha razão – disse Cerveira. – Afinal tenho responsabilidades em relação ao reino de Benguela, não o posso abandonar por outras causas, por muito nobres que possam ser.

E fez aquele ar condoído do herói que tem de refrear os instintos da paixão para se dobrar perante a voz do dever. Ana experimentou um calor no peito e arfou, em agonia de prazer. Dulcineia, essa, sentiu humidade entre pernas.

[Cerveira Pereira não sabia mais na altura, mas hoje podemos acrescentar à cena que o dito governador João Correia de Sousa teve intuição do que lhe podia acontecer, pois dias após despachar os padres prisioneiros para Pernambuco, promoveu uma espécie de auto-de-fé, onde foram queimadas as efígies do juiz, vereadores fugitivos e do noviço Gaspar Álvares. Logo em seguida, requisitou a primeira nau encontrada em Luanda, a encheu de ouro, prata e escravos e escapou para futuro incerto. Na despedida dizia aos moradores que o esperassem oito meses, pois tinha de tratar assuntos urgentes e decisivos com o rei de Espanha, findo o prazo voltaria com o resultado. Sempre há uns vivaços que se escapulem a tempo das revoltas, deixando os caxicos a aguentar com as consequências dos seus desmandos.]

E Benguela?

No meio de miséria e falha de futuro, Benguela se mantinha quieta, como parada ao sol, talvez derretida mesmo pelo astro e encharcada pelos seus pântanos.

– Cidade azarada vinda de um sonho sem nexo – diria um poeta anónimo, bem mais tarde.

Seria mesmo azarada? Ou apenas em prudente hibernação?

Deitando a cabeça para fora do buraco, como a jiboia saindo do seu sono de meses, Carlos Rocha contemplou o povoado. Se tinha metido na cova momentos antes, ao avistar a aldeia com nome de cidade e de reino, temendo ser notado. Se revolveu no buraco e conseguiu espetar a cabeça de modo a observar sem ser visto. Uma centena de cubatas, uma casa maior, de pau-a-pique, com uma cruz em cima, e outra casa maior ainda, também de pau-a-pique, mas com duas torres pequenas onde se acoitavam sentinelas. Uma vedação de espinheiras e catos à volta, exceto a parte defronte do mar. Ele estava num ponto mais alto, acabado de passar o rio quase seco chamado Cavaco, e por isso podia observar com relativa facilidade. Este aglomerado miserável de casas era Benguela? Menor que Luanda, muito mesmo, e sem comparação possível com Caxinde, a cidade de Imbe Kalandula, de quem fugia. Mesmo Sumbe-Ambuela, a capital dos sumbes, governada pelo seu amigo Ebo-Kalunda, era muito maior e mais povoada.

Podia esconder perigo?

Carlos Rocha já estava habituado a correr riscos, embora não se considerasse um homem de ação, muito menos um guerreiro. Procurava apenas um sítio tranquilo onde pudesse fazer crescer o filho já nascido e eventualmente outros. Por isso aceitara alterar os planos, quando fugiu do grupo de jagas e se meteu com Kandalu e o bebé pelos morros, enquanto Mulende fugia para norte, na finalidade de avisar Ebo-Kalunda. Kandalu

conseguia marchar bem, como uma jaga, e se afastaram do acampamento antes do nascer do sol. Cumpriram tudo o que fora combinado. Andaram para oriente no cimo dos morros, o rio lá em baixo, até consumirem toda a comida. Beberam mais uma vez a água do rio, beberam para lá da vontade, beberam, encheram as barrigas, apagaram com cuidado os vestígios da sua passagem e se desviaram para norte, indo alcançar a gruta onde tinham escondido víveres e os estômagos de animais com água meio putrefacta. E não saíram dali durante dias. Beber aquela água era a maior provação, mas suportaram, tinha de ser. Os jagas, se foram atrás deles, acabaram por lhes perder o rasto a sul e nunca pensariam que eles afinal se tinham voltado a aproximar do Kikombo. De facto, não sabem o que aconteceu com o grupo de guerreiros, o certo é que na época mais ou menos calculada, lhes apareceu na gruta o amigo Mulende, cansado e magro, mas satisfeito. Tinha chegado a Sumbe-Ambuela, avisado o chefe da presença na região dos terríveis jagas, recebido os agradecimentos de Ebo-Kalunda pela lembrança e risco de os prevenir, agradecimentos também dirigidos a Carlos, um bom amigo, estando ambos convidados a se protegerem na cidade se precisassem. Ele partiu dali para as montanhas cobertas de mata, andou dias e dias quase sem comer além de raízes e fruta, aos ziguezagues, para confundir possíveis perseguidores, se perdeu várias vezes mas prosseguiu, até reencontrar o casal na gruta.

Dos jagas, nem o rasto.

– Como combinámos – disse Carlos. – E agora, Mbombe e a sua gente ou atacaram Sumbe-Ambuela ou retiraram directamente para Caxinde. Não estão no Kikombo, com certeza. Podemos voltar.

De facto não avistaram presença humana. No entanto, o sítio se tornara vulnerável, demasiado conhecido, um obrigatório ponto de passagem. Mais cedo ou mais tarde, tropas de Imbe Kalandula iam procurar os traiçoeiros amigos, devedores de alembamento ainda por cima. Foi então Mulende quem sugeriu no seu jeito desprendido, e se avançássemos para Benguela? Caçando, comendo o que houver, andando sem pressa de chegar, tranquilos.

Para quem não tem plano, este pareceu excelente.

Demoraram duas semanas no trajeto. Como dissera Mulende, sem pressas. Ainda hesitaram quando chegaram ao sítio da Hanha, parecia bom para viver, com rio e sem gente perto. Despovoado demais para Mulende, de novo solteiro e precisando de companhia. O casal deu razão aos seus

argumentos. Continuaram portanto para sul e chegaram ao Cavaco, um areal indo até o mar. O bebé se portava bem e Kandalu tinha recuperado completamente. Estava alegre como quando se conheceram em Caxinde, feliz por ser mãe.

Mas um reconhecimento ao terreno se impunha.

Carlos Rocha tomou a iniciativa. Bem procurou antes os augúrios no voo das aves ou nos cheiros vindos com o vento, mas nessa ciência o companheiro era melhor. Mulende estava confiante, perto de Benguela ficariam seguros. Não demasiado perto, dizia ele, pois tinha brancos. O suficiente perto para conseguirem contacto com as populações locais. Demasiado confiante? Carlos Rocha aprendera a desconfiar de tudo. Uma coisa era certa, no Cavaco não ficariam. Era sítio de muito tráfego, muito mais que o Kikombo, pois as caravanas vinham por ali, deixando caminhos largos desde o rio grande chamado Catumbela, que tinham com muita dificuldade atravessado na véspera, aproveitando uma canoa escondida na margem. Lhe parecia preferível avançar pelo leito arenoso do Cavaco para os morros do interior e ali encontrar um sítio isolado. Pelo que Mulende tinha aprendido na viagem com o emissário de Ebo-Kalunda, o leito estava muito perto da superfície, bastava fazer um buraco para logo água límpida brotar. Depois de ter olhado com atenção o povoado, estudando todos os detalhes visíveis, recuou até onde estavam os outros e lhes disse, vamos por aqui. Avançaram pela margem esquerda sem dificuldade. Ao fim do dia encontraram de facto um local aprazível, com altura suficiente para receberem a brisa marinha e observarem a baixa onde ficava a cidade. Não viam a povoação, mas podiam notar qualquer aproximação suspeita.

Dois dias depois, Mulende deu encontro com uns pastores que, hospitaleiros, o encaminharam até o seu kimbo. E lhe contaram muitas coisas que ele veio relatar.

— Lá no fundo do morro, basta andar assim — e apontou duas posições do sol com a mão esticada, o que indicava uma hora de marcha. — Contaram, nesse lugar houve um grande kimbo do principal soba da região, o soba Peringue. Foi atacado pelo governador Cerveira, aquele mesmo vestido de negro que te avisaram fica longe dele... O Cerveira atacou de repente a aldeia dele, matou uns homens, levou as mulheres e crianças para escravos, queimou as cubatas. Como fazem os jagas. O soba recuou para lá longe — apontava o sul — e mais tarde fez a paz com os portugueses. Mas montou

kimbo afastado de Benguela. Hoje este kimbo tem lá pouca gente, pagam imposto de boi ao Cerveira...

– Ao Cerveira? Ao mesmo Cerveira ou a outro?

– O mesmo. O homem tem feitiço muito forte, lhe espetaram punhais, lhe meteram num barco, chegou em Luanda ainda vivo.

– Mas quem lhe fez isso? – perguntou Carlos.

– Outros brancos. Que ficaram a mandar na terra até ele voltar outra vez. Hoje é de novo o chefe.

– Afinal se tratava da mesma pessoa, lembrás que eu falei? – se envaideceu Carlos. – Que não podia ser, aquele estava morto, desapareceu no mar. Afinal...

– Parece, ele volta sempre do mar. Grande feitiço!

Um mau pressentimento bateu no peito de Carlos Rocha. Sempre tinha evitado o homem de negro e agora ia escolher sítio mesmo ao lado? Falavam em português, que tentavam ensinar a Kandalu, mas esta não era ainda capaz de perceber tudo. Porém, o essencial nunca lhe escapava. E esse essencial lhe era revelado mais pela entoação e as feições dos companheiros do que a compreensão das palavras. Tinha perigo no ar, era o essencial.

– Os do kimbo são poucos. Mas são pastores. Andam por aqui e por ali. Olham e ouvem. Conhecem tudo dos brancos. Souberam, o Cerveira com muitos homens foi de barco no Kikombo, depois voltou.

– Eram também aqueles do Kikombo?

– Só pode. Dois barcos...

Passou pela gruta onde Kandalu pariu? E ele, Carlos Rocha, não adivinhou a presença funesta? Efetivamente aquele barulho de tropa lhe tinha trazido muito medo, mais do que o regresso de Mbombe e dos jagas, isso é verdade.

– Devíamos descansar um pouco neste sítio, comprar leite e comida aos teus amigos. E continuar pelos morros para onde nasce o sol, mais afastados de Benguela. Com esse homem ali, o perigo é certo.

– Temos tempo – disse Mulende. – Ele viajou na Luanda. A povoação está muito calma, os pastores acham, ele não vem mais.

– Com esse homem, parece, o tempo não existe. Ele vem sempre. Vamos ficar só uns dias. Amanhã voltas ao kimbo, saber coisas de Benguela. Com cuidado, sem falar demais.

– Sou burro? Lhes disse estou morar sozinho, fugi dos jagas que queriam

me matar. Ando escondido pelas covas, eles compreenderam, disseram tenho razão. Não gostam dos jagas.

– Quem gosta?

Depois se lembrou de Kandalu, mas ela não reagiu. Percebeu sem dúvida a pergunta com intenção, mas já não se ofendeu. Bom sinal. Desjagava aos poucos.

– Disseram, tem jagas naquela direção – e voltou a apontar o sul.

– Não gosto disso.

– Parece, esses jagas já estão diferentes. Calmos. Mas eles ainda desconfiam um bocado. Agora são aliados contra os brancos. Escondidos.

No dia seguinte, Mulende veio com comida, trocada por sal. E informações. Uma dizia mesmo respeito ao sal, antes abundante mas agora açambarcado pelo Cerveira, os bois sofriam, com pelo pouco lustroso, e as vacas davam menos leite. Por isso trocavam qualquer mercadoria por mais sal. Outro mujimbo trazido por Mulende, os brancos eram tão poucos e com tanto medo dos jagas que não ousavam sair de Benguela, só ali se sentiam seguros. Carlos Rocha não se tranquilizou, tinha uma família a defender. Portanto deveriam poupar o sal, o bem mais precioso, apesar de estarem perto do mar.

– Amanhã vamos explorar os morros mais para lá – e apontou o interior, o leste. – Vamos encontrar um sítio calmo, não muito longe deste kimbo de amigos...

– Eles dizem são mundombe...

– Pois bem, vamos deixar este kimbo de mundombe entre nós e Benguela. Junto do rio tem de haver um bom sítio para fazer umas cubatas... E como é, alguma rapariga jeitosa no kimbo?

Mulende se mexeu, incomodado, perdendo de repente posição cómoda para sentar. Parecia o rapaz tímido e reservado de antigamente, antes de Muhongo.

– Tem duas...

Kandalu riu. Ela afinal percebera.

– Acho, este alembamento podemos pagar – brincou Rocha.

Mulende enfim se distendeu e mostrou os dentes.

– Deve ser preciso só uns cabritos – respondeu.

No dia seguinte evitaram o kimbo dos mundombes e continuaram a subir o leito do rio, por vezes absolutamente seco; de tempos a tempos, havia

poças de água, até mesmo regos finos que voltavam a desaparecer. Havia catos de xandala e de tabaibos nas margens e no alto dos morros, matas de espinheiras e algumas acácias mirradas. Muitos animais, sobretudo cabras de mato e antílopes. Também coelhos, mabecos e macacos. Estes preferiam andar pelos morros, de onde emergiam rochedos mais salientes. Com tanto onjiri e golungo e mbambi, não faltavam de certeza leões e onças, pois onde está o capim está o cabrito, como se diz, mas de dia os predadores dormiam nas sombras. Depois de três horas daquela marcha lenta e interrompida pelos mais diversos acidentes, entre os quais dar de mamar ao bebê, encontraram um bom sítio.

Era uma espécie de bacia em ferradura, protegida por rochas altas num círculo quase perfeito, exceto na parte dando para o rio. No centro, um imbondeiro com múkuas pendentes. As rochas, talhadas a pique, tinham no entanto muitas reentrâncias, sobretudo uma gruta bastante profunda. Carlos explorou-a até a parede final, encontrando apenas alguns restos de ossos já muito antigos. Parecia desabitada quer por homens quer por animais, pois não tinha cheiros característicos nem indícios de fogueiras. Nem sequer morcegos. O chão era de areia. Todos concordaram, um local perfeito. Em caso de perigo, podiam se esconder com facilidade, desde que evitassem deixar vestígios da sua presença fora, junto do imbondeiro, onde viveriam mais tempo. E à noite ficavam protegidos das feras. Uns vinte metros mais adiante havia outra gruta, embora de menores dimensões, também limpa. Uma vantagem suplementar para quem queria se estabelecer: avançando um pouco com o rio, muito próximo, tinha boas terras planas, onde fazer horta, como possuíam os mundombes no kimbo que espreitaram de longe.

– Único problema, tem uma só saída – disse Mulende.

Era o mambo principal. Se fossem descobertos por inimigos, não tinham fuga, a única saída era pelo rio, local onde se emboscariam fatalmente os atacantes.

– Não se pode ter tudo – disse Carlos Rocha. – Também, que inimigo nos vem procurar aqui?

Se convenceu a si próprio?

Claro, ele não quis mostrar preocupação, mas já aprendera, pessoas isoladas e fracas nunca encontrariam fortaleza insuperável em parte alguma. Inimigos sempre aparecem. Porém, até lá talvez passasse tempo suficiente para acumularem força. Numa família grande, por exemplo. Agora

precisavam apenas de permanecer com relativa segurança, longe dos jagas de Imbe Kalandula e, sobretudo, longe daquele fantasma vestido de negro que lhes roçava pelo nariz sem o sentirem.

No dia seguinte descobriram outro dado valioso a favor do lugar. Dando a volta pelo lado oriental, a muralha de pedra era fácil de subir numa espécie de trilho entre rochas que ia parar mesmo por cima da caverna, cinquenta metros acima do nível do rio. Dali se via o kimbo dos mundombe, e, muito ao fundo, o mar, com o Sombreiro como referência. Acabariam por divisar, em dias de céu limpo, onde se situavam as duas pequenas torres de vigia da fortaleza de Benguela.

Mulende levou Carlos ao kimbo, fizeram negócios, sal por comida. Mulende explicou a sua sorte de ter encontrado naquele fim de mundo um casal amigo de outros sítios, Carlos e Kandalu, agora acrescido de uma criança. Os mundombe acreditaram na mentira. Ou então não acreditaram, pois devem tê-los visto passar para o interior, quando procuravam poiso seguro. Sábios como qualquer pastor que consegue ver a longínquas distâncias e compreende o mundo através do rítimo dos pés das vacas, não se importaram com a mentira necessária. Nem mesmo com o mosquete que Carlos nunca largava. Levaram-nos a conhecer o soba do local, o tal Peringue, que afinal já não era o mesmo que se submetera a Cerveira Pereira mas um seu descendente. Por respeito à tradição, adotara o nome do tio falecido. E Peringue serviu de fiador no trato de Carlos e Mulende com o grupo de jagas da região, com influência no Dombe Grande e no rio Cuporolo. Os jagas se tornavam sedentários, eram tão violentos como qualquer outro povo querendo defender o seu território, se misturavam com os mundombe e já não matavam os filhos.

Afinal, não era só Kandalu que desjagara, sorriu Rocha.

Através de Peringue e seus sekulos, conheceram as guerras ali passadas. As muitas traições à palavra dada e aos acordos combinados. Sobretudo por parte do Cerveira Pereira. Até mesmo os soldados dele se queixavam, ansiavam por outro chefe, nem o soldo lhes pagava a tempo e nunca completo, pois inventava dívidas e carregava no preço da farinha de guerra comprada em Luanda. Revoltas, sim, houve, toda a gente conhecia. Mas o governador se safava sempre, guardava um grande feitiço, uns diziam ser da própria terra e em forma de bode branco, outros afirmavam ter vindo com ele já do Puto num xaile de mulher. Fosse como fosse, feitiço poderoso

teria. Tão forte que temiam ele poder viver mais que um imbondeiro, árvore conhecida por sobreviver aos povos. Quando o governador estava na Luanda, a vida era calma. Se o ar agitava demais e as trovoadas não paravam durante dias, era porque o barco dele tinha chegado na baía. Até as nuvens lhe respeitavam.

Aconteceu mesmo.

Vieram os ventos do planalto carregados de chuva, relâmpagos a estralejar nas noites inteiras, o rio com água ameaçando inundar o largo do imbondeiro, como chamavam ao seu recanto, e dois dias depois a notícia confirmava, o homem vestido de negro tinha chegado. Mais velho, mais torto, mais desdentado. De voz forte, porém. Redobraram os cuidados, pediram o silêncio dos mundombe quanto à sua vizinhança. Peringue fez correr o mujimbo, o mosquete de Carlos Rocha poderia ser muito útil, se o velho de Benguela exorbitasse nas exigências e eles tivessem de voltar à guerra. Tratassem bem do homem do mosquete, portanto. Era como se nenhum dos viajantes do norte existisse, aquele pequeno grupo nunca acampara perto das cavernas do Cavaco, nunca nenhum bebê chorou dentro de uma gruta.

Mulende entretanto arranjou mulher mundombe, a festa durou alguns dias e veio gente do Cuporolo, do Dombe, da Catumbela, da Chimalavera, até mesmo da longínqua Lucira e do frio Caimbambo. Nomes cheios de força da terra, de lutas pela vida, de gente recusando escravidão. Muita movimentação era um perigo e chamava a atenção dos brancos de Benguela, mas já então Peringue tinha informações seguras, havia menos de trinta brancos lá, todos embrutecidos pela inação e doentes de paludismo, sem coragem de saírem do cercado, mais uns tantos escravos que só não fugiam porque também não sabiam para onde ir e não queriam ser apanhados por jagas.

Depois de novo o mujimbo redentor, o governador partiu na Luanda mais as duas mulheres dele, muito marreco e a tropeçar nas botas, ia esquecendo a espada em casa, o padre é que lha deu.

Quando já o filho de Carlos andava, as nakas produziam bem, e a mulher de Mulende pariu de uma menina, souberam, o governador de Benguela, o Cerveira, vestido sempre de negro, tinha morrido na Luanda, no colégio dos jesuítas, rico como um nababo, mas vivendo e morrendo miseravelmente.

A sua morte anunciava o fim da colônia de Benguela independente de

Luanda. Mas isso nem Mulende, nem Carlos, nem Kandalu, nem os mundombe ou os jagas podiam perceber.

Afinal, era irrelevante.

A propósito de relevâncias, Diogo Cão, onde param as tuas ossadas?

Luanda, abril de 2011

CONTRIBUTOS

Para este livro, utilizei várias fontes, mas destaco apenas as que mais me ajudaram:

Do benguelense Ralph Delgado, as obras *O Reino de Benguela*, *História de Angola* (1º e 2º volumes) e *A Famosa e Histórica Benguela*.

Os imprescindíveis volumes de *Monumenta Missionária Africana* – série *África Ocidental* do Padre António Brásio, verdadeira mina de estórias.

Angola, de Alfredo Felner.

Benguela e o seu sertão, de autor anónimo.

The strange adventures of Andrew Battell of Leith in Angola and the adjoining regions, editado por Ravenstein, E. G.

História Geral das Guerras Angolanas de António de Oliveira Cadornega.

Dos Filipes à Restauração – Cultura política e dominação espanhola, de Diogo Ramada Curto (em manuscrito).

O meu reconhecimento aos amigos Aida Freudenthal, Rui Breda e Jorge Couto, que facilitaram o acesso a documentação de arquivos e bibliografia diversa.

À minha mulher e filha agradeço a paciência com que vão suportando o fardo de serem familiares próximos de escritor, com suas birras e ausências.

GLOSSÁRIO

Abuamado: admirado, espantado.

Aiué: manifestação de dor ou desespero equivalente a “ai”.

Aldrabado: enganado, ludibriado.

Alembamento: dote pago pelo noivo à família da noiva para casar-se.

Arimo: plantação, lavra.

Borla, de: gratuitamente, de graça.

Bué (de): em grande quantidade, muito.

Cabecilha: líder, cabeça.

Cacimbo: estação sem chuva, mais fria e frequentemente enevoadada.

Caçumbular: apoderar-se por meios fraudulentos de uma coisa que outro detém, furtar.

Candengue: criança.

Cangar: prender.

Caxexe: segredo.

Caxico: criado, bajulador.

Cepa: base do tronco; origem, linhagem.

Chana: planície, baixada.

Dar-se de pinos em algum lugar: mergulhar.

Enchido: peça de salsicharia, embutido.

Estratega: estrategista.

Esventrado: estripado, desventrado.

Funje: pirão de farinha de mandioca.
Gajaja: cajá.
Golungo: antílope florestal africano.
Imbondeiro: baobá.
Jeribita: aguardente.
Jindungo: malagueta.
Jinguba: amendoim.
Kaluanda: natural ou habitante de Luanda, luandense.
Kalundu: entidade sobrenatural que guia o espírito dos homens.
Kamba: amigo, camarada.
Kapuka: bebida alcóolica caseira feita à base de um cereal qualquer.
Kazumbi: espírito, fantasma, zumbi.
Kiambole: comandante de “guerra preta”, isto é, exército auxiliar constituído por africanos.
Kianda: espírito habitando as águas de mares, rios ou lagos.
Kilapi: empréstimo.
Kimbo: povoado não urbano.
Kissonde: formiga preta de forte mordida.
Libata: aldeia, povoado.
Libongo: pequena moeda africana.
Língua: intérprete.
Mabeco: cão selvagem africano.
Maboque: fruto de casca muito rija e de alto teor vitamínico.
Mafumeira: árvore frondosa africana.
Maianga: poço, reservatório de água.
Maka: desentendimento, discussão, conflito.
Maluvo: bebida alcoólica feita a partir da seiva da palmeira.
Mambo: objeto, coisa, assunto.
Mamaué: Minha mãe!
Mangonha: preguiça.
Mangonheiro: preguiçoso.
Manicongo: título dos governantes do antigo reino do Congo.
Marrano: designação injuriosa dada aos judeus batizados, suspeitos de se conservarem leais ao judaísmo.
Masé: mesmo que “mas é”.
Massambala: pequeno sorgo, cereal similar ao milho utilizado na

produção de fubá e na alimentação de aves domésticas.

Massango: sorgo, cereal produzido em Angola.

Mbambi: o menor dos antílopes.

Mbuim: grupo étnico de Angola.

Muata: chefe.

Múcua: fruto comestível do baobá.

Mujimbo: boato ou notícia.

Mukwenje: rapaz.

Mulemba: árvore frondosa e considerada sagrada.

Mupeque: arbusto de cujos frutos se obtém um óleo utilizado para untar o corpo.

Muxito: bosque pequeno, de poucas árvores.

Naka: horta.

Njango: construção circular utilizada para reuniões.

Nunce: cob-grande-dos-juncas, espécie de antílope africano.

Olongo: cudo, grande antílope africano.

Ombala: povoado onde vive um grande chefe.

Onganda: habitação dos povos pastores do Sul de Angola.

Onjaviti: espécie de machado.

Onjiri: antílope africano considerado belo.

Peça: forma como eram referidos na época os africanos escravizados e negociados como mercadorias.

Pemba: giz utilizado em cerimônias e rituais religiosos.

Porrinho: espécie de porrete.

Pumbeiro: indivíduo que se embrenhava pelo interior da África a fim de trazer informações para os traficantes ou para negociar escravos.

Puto: Portugal no tempo colonial.

Refilar: dar resposta grosseira.

Salalé: cupim.

Sekulo: líder de aldeia ou aconselhador do soba.

Soba: chefe de povo ou pequeno Estado africano.

Tabaibo: o mesmo que figo-da-índia.

Tacula: árvore de madeira vermelha, usada em tinturaria.

Tendala: chefe militar.

Ver se te avias: ver se resolves rapidamente o problema.

Vikwatas: os pertences de um indivíduo.

Vissapa: arbusto, moita.

Xandala: babosa.

Índice

[CAPA](#)

[Ficha Técnica](#)

[1](#)

[2](#)

[3](#)

[4](#)

[5](#)

[6](#)

[7](#)

[8](#)

[9](#)

[10](#)

[11](#)

[12](#)

[13](#)

[14](#)

[15](#)

[16](#)

[17](#)

[18](#)

[19](#)

[20](#)

[21](#)

[22](#)

[23](#)

[24](#)

[25](#)

[26](#)

[27](#)

[GLOSSÁRIO](#)



PEPETELA

LUEJI

O NASCIMENTO DE UM IMPÉRIO



Lueji - o nascimento de um império

Pepetela

9788544101896

464 páginas

[Compre agora e leia](#)

Em Lueji, o nascimento de um império, Pepetela constrói uma narrativa original, revelando a história de duas mulheres, Lu e Lueji, personagens separadas uma da outra por 400 anos, mas unidas numa mesma trajetória: o confronto com o mundo e a busca por identidade. É por meio dessa interseção, que extrapola os próprios limites do tempo na prosa, que o autor tece a História de Angola. E as lacunas deixadas pelo mito, pelo saber colonial e pela tradição oral são preenchidas pela fascinante ficção de Pepetela. Pepetela nasceu em Benguela, Angola, em 1941. Licenciou-se em Sociologia, em Argel, durante o exílio. Foi guerrilheiro pelo MPLA, político e governante. Desde 1984 que é professor na Universidade Agostinho Neto, em Luanda, e tem sido dirigente de associações culturais, com destaque para a União dos Escritores Angolanos e a Associação Cultural e Recreativa Chá de Caxinde. A atribuição do Prêmio Camões (1997) confirmou o seu lugar de destaque na literatura lusófona.

[Compre agora e leia](#)

NICHOLAS MONTEMARANO

O Livro do Porquê

a vida se encarrega
das respostas

ROMANCE



"O Livro do Porquê explora os profundos poderes do coração e da mente que moldam o mundo à nossa volta, borrando as fronteiras entre perda e amor, destino e livre-arbítrio, desespero e alegria." Goodreads

leYa

O livro do Porquê

MONTEMARANO, NICHOLAS

9788580448900

272 páginas

[Compre agora e leia](#)

Eric Newborn está acostumado a lidar com pessoas cujas vidas estão em crise. É um aclamado autor de diversos livros motivacionais e também um inspirado palestrante. No entanto, quando sua esposa morre, a angústia o toma de forma inescapável. Não existe cura fácil, nenhum clichê é capaz de consolá-lo, nada preenche o enorme vazio deixado pela perda. Ele se recolhe com sua cadela, Ralph, em sua isolada casa em Martha's Vineyard. Cinco anos mais tarde, em uma noite agitada de tempestade, um carro sofre um acidente em frente a sua casa e uma mulher bate à porta, procurando ajuda. Sam é uma admiradora que estava a procura de Eric, convencida de que ele saberia dar sentido às coincidências que, simultaneamente, destruíram e deram nova cor à vida dela. À medida que Eric e Sam orbitam um em torno do outro, como constelações em um gigantesco universo, eles se põem a buscar respostas para suas perguntas, e encontram significados em sinais que às vezes ignoramos diariamente. Uma poderosa história de amor e um mergulho profundo no funcionamento da alma, O Livro do Porquê é um romance delicado e instigante, que nos faz refletir sobre a natureza da felicidade humana.

[Compre agora e leia](#)

**a
bruxa
não vai para
a fogueira
neste livro**

amanda lovelace



A bruxa não vai para a fogueira neste livro

Lovelace, Amanda

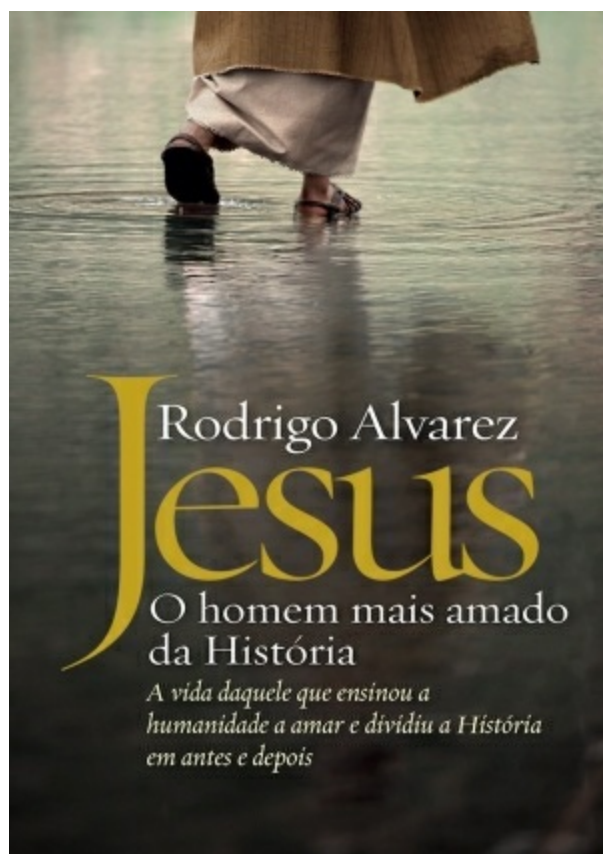
9788544107027

208 páginas

[Compre agora e leia](#)

Aqueles que consideram "bruxa" um xingamento não poderiam estar mais enganados: bruxas são mulheres capazes de incendiar o mundo ao seu redor. Resgatando essa imagem ancestral da figura feminina naturalmente poderosa, independente e, agora, indestrutível, Amanda Lovelace aprofunda a combinação de contundência e lirismo que arrebatou leitores e marcou sua obra de estreia, *A princesa salva a si mesma* neste livro, cujos poemas se dedicavam principalmente a temas como relacionamentos abusivos, crescimento pessoal e autoestima. Agora, em *A bruxa não vai para a fogueira* neste livro, ela conclama a união das mulheres contra as mais variadas formas de violência e opressão. Ao lado de Rupi Kaur, de *Outros jeitos de usar a boca* e *O que o sol faz com as flores*, Amanda é hoje um dos grandes nomes da nova poesia que surgiu nas redes sociais e, com linguagem direta e temática contemporânea, ganhou as ruas. Seu *A bruxa não vai para a fogueira* neste livro é mais do que uma obra escrita por uma mulher, sobre mulheres e para mulheres: trata-se de uma mensagem de ser humano para ser humano – um tijolo na construção de um mundo mais justo e igualitário.

[Compre agora e leia](#)



Rodrigo Alvarez
Jesus
O homem mais amado
da História

*A vida daquele que ensinou a
humanidade a amar e dividiu a História
em antes e depois*

Jesus, o homem mais amado da História

Alvarez, Rodrigo

9788544106440

368 páginas

[Compre agora e leia](#)

Escrito pelo autor laico brasileiro que mais vende livros de temática religiosa no Brasil, Jesus – O homem mais amado da História: a biografia daquele que ensinou a humanidade a amar e dividiu a História em antes e depois é o livro mais atual sobre a vida do homem cuja história mantém seu vigor e interesse há mais de dois mil anos. O escritor e jornalista Rodrigo Alvarez tomou como base as fontes arqueológicas e bibliográficas mais recentes, além das mais antigas (entre eles diversos manuscritos originais), e viajou pelos mesmos lugares percorridos por Jesus em seu tempo para reconstituir os passos do pregador que, ao mesmo tempo Deus e homem, ensinou a amar, mudou o curso da humanidade e dividiu a História em antes e depois. Com uma narrativa elegante, acessível e guiada pelos fatos, além de ricamente ilustrado, Jesus – O homem mais amado da História é um livro sobre um Jesus de antes do cristianismo e de todas as suas divisões futuras – e que mostra a todos os leitores, cristãos ou não, a relevância e a permanência de sua trajetória e de seus ensinamentos.

[Compre agora e leia](#)



O LIVRO QUE
DEU ORIGEM À
SUPERPRODUÇÃO
DIRIGIDA POR
STEVEN SPIELBERG

ERNEST CLINE

Jogador nº 1

Cline, Ernest

9788580444728

464 páginas

[Compre agora e leia](#)

Agora uma megaprodução de Steven Spielberg para os cinemas Cinco estranhos e uma coisa em comum: a caça ao tesouro. Achar as pistas nesta guerra definirá o destino da humanidade. Em um futuro não muito distante, as pessoas abriram mão da vida real para viver em uma plataforma chamada Oasis. Neste mundo distópico, pistas são deixadas pelo criador do programa e quem achá-las herdará toda a sua fortuna. Como a maior parte da humanidade, o jovem Wade Watts escapa de sua miséria em Oasis. Mas ter achado a primeira pista para o tesouro deixou sua vida bastante complicada. De repente, parece que o mundo inteiro acompanha seus passos, e outros competidores se juntam à caçada. Só ele sabe onde encontrar as outras pistas: filmes, séries e músicas de uma época que o mundo era um bom lugar para viver. Para Wade, o que resta é vencer - pois esta é a única chance de sobrevivência. A vida, os perigos, e o amor agora estão mais reais do que nunca.

[Compre agora e leia](#)



PEPETELA

MAYOMBE

romance



Ficha Técnica

Copyright © 2013, Pepetela

Equipe Leya Brasil

Diretor editorial: Pascoal Soto

Editora executiva: Tainã Bispo

Assistentes editoriais: Ana Straube e Maitê Zickuhr

Revisão: Mariana Pires Santos

Equipe Dom Quixote (um selo do Grupo Leya)

Edição: Cecília Andrade

Revisão: Clara Boléo

Capa: Maria Manuel Lacerda

Imagem da metade inferior da capa: © Shutterstock

Imagem da metade superior da capa: Hortus Eystettensis: *Cinera cum flore*, Basilius Besler, 1613

Fotografia do autor: © Jorge Nogueira

Dados internacionais de catalogação na publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Pepetela

Mayombe / Pepetela. – São Paulo : LeYa, 2013.

ISBN 9788580447347

1. Angola 2. África 3. Política 4. Guerrilha I. Título

12-0460 CDD A869.3

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura Angolana

Este livro foi produzido conforme o Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa. Nos casos de dupla grafia ou nos que não foram contemplados pelas normatizações do Acordo, optou-se por manter a grafia original.

2013

Todos os direitos desta edição reservados a

TEXTOS EDITORES LTDA.

[Uma editora do Grupo Leya]

Rua Desembargador Paulo Passaláqua, 86

01248-010 – Pacaembu – São Paulo – SP – Brasil

www.leya.com.br

Aos guerrilheiros do Mayombe,
que ousaram desafiar os deuses
abrindo um caminho na floresta obscura,
Vou contar a história de Ogun,
o Prometeu africano.

Capítulo I

A MISSÃO

O rio Lombe brilhava na vegetação densa. Vinte vezes o tinham atravessado. Teoria, o professor, tinha escorregado numa pedra e esfolara profundamente o joelho. O Comandante dissera a Teoria para voltar à Base, acompanhado de um guerrilheiro. O professor, fazendo uma careta, respondera:

– Somos dezasseis. Ficaremos catorze.

Matemática simples que resolvera a questão: era difícil conseguir-se um efetivo suficiente. De mau grado, o Comandante deu ordem de avançar. Vinha por vezes juntar-se a Teoria, que caminhava em penúltima posição, para saber como se sentia. O professor escondia o sofrimento. E sorria sem ânimo.

À hora de acampar, alguns combatentes foram procurar lenha seca, enquanto o Comando se reunia. Pangu-A-Kitina, o enfermeiro, aplicou um penso no ferimento do professor. O joelho estava muito inchado e só com grande esforço ele podia avançar.

Aos grupos de quatro, prepararam o jantar: arroz com *corned-beef*. Terminaram a refeição às seis da tarde, quando já o Sol desaparecera e a noite cobrira o Mayombe. As árvores enormes, das quais pendiam cipós grossos como cabos, dançavam em sombras com os movimentos das chamas. Só o fumo podia libertar-se do Mayombe e subir, por entre as folhas e as lianas, dispersando-se rapidamente no alto, como água precipitada por cascata estreita que se espalha num lago.

EU, O NARRADOR, SOU TEORIA.

Nasci na Gabela, na terra do café. Da terra recebi a cor escura de café, vinda da mãe, misturada ao branco defunto do meu pai, comerciante português. Trago em mim o inconciliável e é este o meu motor. Num Universo de sim ou não, branco ou negro, eu represento o talvez. Talvez é não para quem quer ouvir sim e significa sim para quem espera ouvir não. A culpa será minha se os homens exigem a pureza e recusam as combinações? Sou eu que devo tornar-me em sim ou em não? Ou são os homens que devem aceitar o talvez? Face a este problema capital, as

peçoas dividem-se aos meus olhos em dois grupos: os maniqueístas e os outros. É bom esclarecer que raros são os outros, o Mundo é geralmente maniqueísta.

O Comissário Político, alto e magro como Teoria, acercou-se dele.

– O Comando pensa que deves voltar ou esperar-nos aqui. Dentro de três dias estaremos de volta. Ficará alguém contigo. Ou podes tentar regressar à Base aos poucos. Depende do teu estado.

O professor respondeu sem hesitar:

– Acho que é um erro. Posso ainda andar. Temos pouca gente, dois guerrilheiros a menos fazem uma diferença grande. O plano irá por água abaixo.

– É pouco, mas talvez chegue.

– Posso discutir com o Comando?

– Vou ver.

O Comissário voltou para junto do Comandante e do Chefe de Operações. Momentos depois, fazia sinal a Teoria. O professor levantou-se e uma dor aguda subiu-lhe pelo joelho até ao ventre. Sentiu que não poderia ir muito longe. A escuridão relativa escondia-lhe as feições e ninguém se apercebeu da careta. Procurou andar normalmente e aproximou-se dos três responsáveis.

O Comandante Sem Medo contemplou-o fixamente, enquanto o professor se sentava, gritando calado para esconder as dores insuportáveis. Estou arrumado, pensou.

– É inútil armares em forte – disse Sem Medo. – Topa-se bem que estás à rasca, embora tentes esconder. Não vejo qual é o mal de reconheceres que não podes continuar. Serás um peso morto para nós.

Teoria esboçou um gesto de irritação.

– Eu é que sei como me sinto. Afirmo que posso continuar. Já fui tratado e amanhã melhora. É evidente que nada está partido, é só um esfolamento sem gravidade. Mesmo o perigo de infeção está afastado.

– Se amanhã encontramos o inimigo – disse o Comissário – e for necessário retirar rapidamente, tu não poderás correr.

– Querem que corra aqui para provar que poderei?

– Sou contra a tua participação – repetiu o Comissário. – Não vale a pena insistir.

O Chefe de Operações contemplava as sombras das árvores, deitado na lona. Ouvia a conversa dos outros, pensando na chuva que iria cair dentro de momentos e na casa quente de Dolisie, com a mulher a seu lado.

– É evidente que a razão objetiva está do lado do Comissário – disse o Comandante. – No entanto, eu compreendo o camarada Teoria... Por mim, se ele acha que pode continuar, não me oponho. Mas objetivamente o Comissário tem razão...

– E subjetivamente? – perguntou o Comissário.

– Subjetivamente... sabes? Há vezes em que um homem precisa de sofrer, precisa de saber que está a sofrer e precisa de ultrapassar o sofrimento. Para que, por quê? Às vezes, por nada. Outras vezes, por muita coisa que não sabe, não pode ou não quer explicar. Teoria sabe e pode explicar. Mas não quer, e acho que nisso ele tem razão.

– O problema é que se trata duma operação de guerra e não dum passeio. Num passeio, um tipo pode agir contra toda a razão, só porque lhe apetece ir pela esquerda em vez de ir pela direita. Na guerra não tem esse direito, arrisca a vida dos outros...

– Neste caso? Não, aqui só arrisca a sua, e mesmo isso... Sei que se for necessário bater o xangui, Teoria parecerá um campeão. Não tem a perna partida, também não exageremos. O enfermeiro diz que a coisa não é grave, só dolorosa. Passará depressa. Por que não dar--lhe uma possibilidade?

– Mas possibilidade de quê? Isso é que não compreendo!

– Pois não! Possibilidade de... sei lá! Ele é que sabe. Mas com certeza não querará dizer, e concordo com ele. O camarada Teoria tinha duas hipóteses: ir ou não ir. Escolheu a primeira. Talvez mal, talvez sem muito refletir, mas escolheu. E ele é homem para não voltar atrás na sua escolha. Se foi por teimosia ou não, isso só ele o sabe. O que sei é que os homens teimosos são--no geralmente até ao fim, sobretudo quando há um risco. Se quer partir a cabeça, se escolheu partir a cabeça, devemos dar-lhe a liberdade de partir a cabeça.

– Isso é liberalismo!

– Lá vens tu com os palavrões! É possível que seja liberalismo. Mas eu não sou Comissário Político. É a ti que compete politizar--nos e defender a posição política justa. Posso ser liberalista de vez em quando, pois tenho-te sempre como anjo-da-guarda para me guiar.

O Comissário sorriu. Dez anos mais velho do que ele, o Comandante

comportava-se agora como um miúdo para desviar a discussão. Era claro que Sem Medo já tinha uma ideia na cabeça.

– E tu, camarada Chefe das Operações, o que pensas? – perguntou o Comandante.

– Penso que tem razão – respondeu distraidamente o outro.

– Bem, estou em minoria – disse o Comissário. – A responsabilidade é tua, Comandante. Espero que não suceda nada.

– Mais uma ou menos uma responsabilidade! – disse Sem Medo.

– Nada sucederá – replicou Teoria, sem saber se devia estar contente ou não: não se perguntara.

O Chefe de Operações adormeceu. Teoria foi deitar-se. Em breve acordariam com a chuva miudinha que primeiro só molharia a copa das árvores e começaria a cair das folhas quando já tivesse parado de chover. Tal é o Mayombe, que pode retardar a vontade da Natureza.

O professor pouco dormiu. A perna molhada doía-lhe atrozmente. Para que insistira? A sua participação não modificaria em nada as coisas. Sabia que não era um guerrilheiro excecional, nem mesmo um bom guerrilheiro. Mas insistira.

Era o seu segredo. Da mesma maneira que impusera ao Comando a obrigatoriedade de ele fazer guarda como os outros guerrilheiros, embora o seu posto de professor da Base o libertasse dessa tarefa. Teoria era mestiço e hoje já ninguém parecia reparar nisso. Era o seu segredo. Segredo doloroso, de que o Comissário se não apercebia, de que o Chefe de Operações se não interessava. Só Sem Medo, o veterano da guerra e dos homens, adivinhara.

Sem Medo, guerrilheiro de Henda. Antes chamava-se Esfinge, ninguém sabia por quê. Quando foi promovido a Chefe de Secção, os guerrilheiros deram-lhe o nome de Sem Medo, por ter resistido sozinho a um grupo inimigo que atacara um posto avançado, o que deu tempo a que a Base fosse evacuada sem perdas. Uma das muitas operações em que rira do inimigo, sobre ele lançando balas, gracejos e insultos.

Teoria sentia que o Comandante também tinha um segredo. Como cada um dos outros. E era esse segredo de cada um que os fazia combater, frequentemente por razões longínquas das afirmadas. Por que Sem Medo abandonara o curso de Economia, em 1964, para entrar na guerrilha? Por que o Comissário abandonara Caxito, o pai velho e pobre camponês

arruinado pelo roubo das terras de café, e viera? Talvez o Comissário tivesse uma razão mais evidente que os outros, sim. Por que o Chefe de Operações abandonara os Dembos? Por que Milagre abandonara a família? Por que Muatiânvua, o desenraizado, o marinheiro, abandonara os barcos para agora marchar a pé, numa vida de aventura tão diferente da sua? E por que ele, Teoria, abandonara a mulher e a posição que podia facilmente adquirir? Consciência política, consciência das necessidades do povo! Palavras fáceis, palavras que, no fundo, nada diziam. Como age em cada um deles essa dita consciência?

Os companheiros começavam a mexer-se, despertando, e o professor não tinha afastado esses pensamentos. O Mayombe não deixava penetrar a aurora, que, fora, despontava já. As aves noturnas cediam o lugar no concerto aos macacos e esquilos. E as águas do Lombe diminuía de tom, à espera do seu manto dourado. À frente, descendo o Lombe, a menos de um dia de marcha, devia estar o inimigo.

EU, O NARRADOR, SOU TEORIA.

Manuela sorriu-me e embrenhou-se no mato, no mato denso do Amboim, onde despontava o café, a riqueza dos homens. O café vermelho pintava o verde da mata. Assim Manuela pintava a minha vida.

Manuela, Manuela onde estás tu hoje? Na Gabela? Manuela da Gabela, correndo no mato do Amboim, o mato verde das serpentes mortais, como o Mayombe, mas que pare o fruto vermelho do café, riqueza dos homens.

Manuela, perdida para sempre. Amigada com outro, porque a deixei, porque Manuela não foi suficientemente forte para me reter no Amboim e eu escolhi o Mayombe, as suas lianas, os seus segredos e os seus exilados.

Perdi Manuela para ganhar o direito de ser “talvez”, café com leite, combinação, híbrido, o que quiserem. Os rótulos pouco interessam, os rótulos só servem os ignorantes que não veem pela coloração qual o líquido encerrado no frasco.

Entre Manuela e o meu próprio eu, escolhi este. Como é dramático ter sempre de escolher, preferir um caminho a outro, o sim ou o não! Por que no Mundo não há lugar para o talvez? Estou no Mayombe, renunciando a Manuela, com o fim de arranjar no Universo maniqueísta o lugar para o talvez.

Fugi dela, não a reví, escolhi sozinho, fechado em casa, na nossa casa, naquela casa onde em breve uma criança iria viver e chorar e sorrir. Nunca vi essa criança, não a verei jamais. Nem Manuela. A minha história é a dum alienado que se aliena, esperando libertar-se.

Criança ainda, queria ser branco, para que os brancos me não chamassem negro. Homem, queria ser negro, para que os negros me não odiassem. Onde estou eu, então? E Manuela, como poderia ela situar-se na vida de alguém perseguido pelo problema da escolha, do sim ou do não? Fugi dela, sim, fugi dela, porque ela estava a mais na minha vida; a minha vida é o esforço de mostrar a uns e a outros que há sempre lugar para o talvez.

Manuela, Manuela, amigada com outro, dando as suas carícias a outro. E eu, aqui, molhado pela chuva-mulher que não para, fatigado, exilado, desesperado, sem Manuela.

Sem Medo foi lavar-se perto do Comissário. Admirou o torso esguio mas musculado do outro.

– Estás em forma. Eu começo a ficar com barriga.

– É a vida do exterior – disse o Comissário. – Há quase seis meses que não fazes uma ação... O que me chateia é avançar sem saber ao certo o que se vai fazer. O plano não me agrada.

O Comandante sentou-se numa pedra.

– Esperemos que o Das Operações tenha razão. Ele é que fez o reconhecimento...

– Reconhecimento! – disse o Comissário. – Desceu o rio, encontrou a picada de exploração de madeira. Chamas a isso um reconhecimento? Nem sequer sabe se os tucas têm tropa na exploração.

– Vamos saber agora. O que é preciso é começar. Metemos a Base no interior, já foi um passo em frente. Acabada a guerra de fronteira! Agora vamos estudando as coisas no terreno e decidindo aos poucos. De qualquer modo, esta operação está dentro das tuas teorias: ação política mais que militar. Não sei de que te queixas...

– Não é isso, Comandante. Se impedirmos essa exploração de continuar a roubar a nossa madeira, é um golpe económico dado ao inimigo, está porreiro. Além disso, vamos atacar num sítio novo, o que é bom em relação ao povo, que nem sequer pensa em nós... pelo menos, aparentemente. Mas é

o lado militar que me preocupa. Não sabemos onde está o inimigo e qual o seu efetivo. Somos tão poucos que não podemos permitir-nos o luxo de sermos surpreendidos. Nenhuma outra vitória justifica essa derrota.

O Comandante ensaboou a cara e mergulhou-a na água fresca do rio. Depois ficou a observar os primeiros peixes que apareciam.

– Como sempre, tens razão. Pois é esse lado ignorado da operação que me agrada. Não gosto das coisas demasiado planificadas, porque há sempre um detalhe que falha. Reconheço ser um erro, que queres? É a minha natureza anarquista, como dirias. Como conhecer o inimigo? Só fazendo-o sair dos quartéis, pois que informações não temos. Esta inércia, esta apatia, têm de acabar. É preciso dinamizar as coisas. Já estivemos parados demasiado tempo, à espera de instruções. É a nós de tomarmos a decisão. Só a ação pode pôr a nu as faltas ou os vícios da organização. Por que é que nas outras Regiões a guerra progride e aqui não cessa de recuar? Porque não temos estado à altura, nós, o Movimento. Culpa-se o povo, que é traidor. Desculpa fácil! É o povo daqui que é traidor ou somos nós incapazes? Ou as duas coisas? Para o saber, temos de agir, fazer mexer as coisas, partir as estruturas caducas que impedem o desenvolvimento da luta.

O Comissário vestiu a camisa. Sentou-se numa pedra e ficou a observar Sem Medo. Outros guerrilheiros lavavam-se mais adiante.

– Estou de acordo que é preciso agir. Não acredito nessa estória de que o povo é traidor, a culpa foi nossa. Mas acho que é preciso estudar mais as coisas, não agir à toa. Sobretudo agora que fazemos uma guerra sem povo, que estamos isolados...

– Náufragos numa ilha que se chama Mayombe – disse Sem Medo.

– Sobretudo agora que somos fracos, que temos um efetivo ridículo, devemos ser prudentes. Os nossos planos têm de ser perfeitos. Ação sim, só ela agudiza as contradições que fazem avançar, mas ação consciente. Somos cegos, pois não temos os olhos e as antenas, que são o povo. Se somos cegos, então apalpemos o caminho antes de avançar, senão caímos num buraco.

Tinham acabado de se lavar. Sem Medo acendeu um cigarro. Até eles chegava o cheiro de matete para o mata-bicho. O Comissário tossiu e disse:

– Tu és o Comandante, o que quiseses é lei...

– Somos três no Comando, camarada. Se vocês dois não estiverem de acordo, eu inclino-me. Não sou ditador, bem sabes.

– Somos três? Vocês são dois!

Sem Medo fixou-o. Uma ruga cavou-se-lhe entre os olhos.

– Que queres dizer?

– Simplesmente que, desde que tu e eu não estejamos de acordo, vocês são dois e eu um: o Das Operações vai sempre pelo teu lado. Até parece que nunca reparaste!

– Sim, reparei. Por que faz ele isso?

– Não tens ideia?

– Tenho duas: ou porque sou o Comandante, ou porque tu és o Comissário.

– Estás a gozar!

– Não estou nada. Ou porque sou o Comandante e deve apoiar--se para estar bem comigo e poder subir... ou porque tu és o Comissário, cargo logo a seguir ao dele, e deve estar contra ti, destruir-te, mostrar os teus erros, para apanhar o teu lugar.

– Pensas assim?

– É certo!

– Também me parece que sim – disse o Comissário. – É pena! É um bom militar, no meu entender. Sobretudo quando eu não participo numa operação e, assim, as suas boas ideias não podem vir ajudar o meu prestígio. Quando eu estou, ele comete erros só para me contradizer. Não porque eu tenha sempre razão, mas às vezes também tenho...

O Comandante deu-lhe uma palmada no ombro.

– Tens de te habituar aos homens e não aos ideais. O cargo de Comissário é espinhoso, por isso mesmo. O curioso é que vocês, na vossa tribo, até esquecem que são da mesma tribo, quando há luta pelo posto.

– O que não quer dizer que não há tribalismo, infelizmente. Aliás, não me venhas dizer que com os kikongos não se passa o mesmo.

– Eu sou kikongo? Tu és kimbundo? Achas mesmo que sim?

– Nós, não. Nós pertencemos à minoria que já esqueceu de que lado nasce o Sol na sua aldeia. Ou que a confunde com outras aldeias que conheceu. Mas a maioria, Comandante, a maioria?

– É o teu trabalho: mostrar tantas aldeias aos camaradas que eles se perderão se, um dia, voltarem à sua. A essa arte de desorientação se chama formação política!

E foram tomar o matete.

EU, O NARRADOR, SOU TEORIA.

Os meus conhecimentos levaram-me a ser nomeado professor da Base. Ao mesmo tempo, sou instrutor político, ajudando o Comissário. A minha vida na Base é preenchida pelas aulas e pelas guardas. Por vezes, raramente, uma ação. Desde que estamos no interior, a atividade é maior. Não atividade de guerra, mas de patrulha e reconhecimento. Ofereço-me sempre para as missões, mesmo contra a opinião do Comando: poderia recusar? Imediatamente se lembrariam de que não sou igual aos outros.

Uma vez quis evitar ir em reconhecimento: tivera um pressentimento trágico. Havia tão poucos na Base que o meu silêncio seria logo notado. Ofereci-me. É a alienação total. Os outros podem esquivar-se, podem argumentar quando são escolhidos. Como o poderei fazer, eu que trago em mim o pecado original do pai-branco?

Lutamos não estava de acordo com a proposta do chefe de grupo Verdade. Mal o Comandante surgiu, Lutamos disse:

– Camarada Comandante, o camarada Verdade acha que devíamos apanhar os trabalhadores da exploração e fuzilá-los, porque trabalham para os colonialistas. Diz que é isso o que se decidiu fazer.

O Comandante sentou-se e meteu a colher na tampa da gamela, sem responder. O Comissário encostou-se a uma árvore, comendo, observando o grupo.

– Deixa lá, pá! – disse Muatiânvua. – Esses trabalhadores são cabindas, é por isso que te chateias. Mas são mesmo traidores, nem que fossem lundas ou kimbundos...

– Como é? – disse Lutamos, nervoso. – E os trabalhadores da Diamang? E os da Cotonang? São traidores? Têm de trabalhar para o colonialista...

– São, sim, pá – disse Muatiânvua. – Depois de tanto tempo de guerra, quem não está do nosso lado é contra nós. Estes aqui estão mesmo perto do Congo. Talvez mesmo que ouvem a nossa rádio. Veem que há exploração. Então por que não se juntam a nós? Deixa! É só varrer, pá!

Milagre esperou a reação de Lutamos. Como este, ofendido, não respondia, Milagre falou para o Comissário:

– Que é que o camarada Comissário pensa?

– Penso que devemos partir, por isso não há mais papos. Discutiremos depois. Mas aí de quem tocar num trabalhador ou num homem do povo sem que se dê ordem. Aí dele!

– O Muatiânvua está a brincar com o Lutamos – disse o Comandante. – Estes lumpens gostam sempre de brincar com coisas sérias...

Muatiânvua riu, acendendo um cigarro. Piscou o olho para Lutamos.

– Mas o aviso do Comissário é sério – continuou Sem Medo. – Quem vier fazer tribalismo contra o povo de Cabinda será fuzilado. Fuzilado! Não estamos a brincar.

O silêncio pesado que seguiu a afirmação de Sem Medo não foi afastado para trás, como as lianas que nos batem na cara. O silêncio era o Mayombe, sempre ele, presente, por muitas lianas que se afastassem para trás.

Caminharam a direito, atravessando constantemente o rio, para encurtar caminho. Os primeiros minutos foram o inferno para Teoria. Agora ia melhor. Vencera o primeiro combate, o mais duro. Sabia que vencera mesmo todo o combate. Avançaram distanciados uns dos outros, em fila indiana, por entre as folhas largas de xikuanga, onde vivem os elefantes. O cheiro de elefante era persistente. Pena que não viemos caçar, pensou Ekuikui, o caçador; daria comida para muito tempo. E, ao atravessarem de novo o rio, depararam com uma manada de elefantes. Instintivamente, Ekuikui levantou a arma.

– Ninguém dispara! – gritou o Chefe de Operações.

Ekuikui contemplava os elefantes que se afastavam calmamente, agitando as trombas e as enormes orelhas, nada alarmados por aquela fila de homens de verde que saíam do verde imenso do Mayombe. O Comissário bateu-lhe no ombro:

– Viemos procurar o tuga. Se fazemos fogo, o tuga pode ouvir e ficar de prevenção.

Ekuikui, o caçador do Bié, abanou tristemente a cabeça.

– Eu sei, camarada Comissário.

Lutamos meditava no que discutira com os camaradas. O Comandante dissera que era brincadeira. De Muatiânvua, sim; mas Verdade não brincava. Lutamos ia distraído, à frente da coluna, guiando-a numa zona praticamente desconhecida. Em breve chegariam à picada que servia para o transporte das árvores derrubadas. Também esse povo que não apoia! Só mesmo fuzilando. O pai dele, a mãe, os irmãos? Todos fuzilados? O povo

não apoiava, porque a guerra não crescia. O povo não apoiava, porque vieram fazer a guerra em Cabinda sem explicar bem antes por que a faziam, era ainda Lutamos uma criança.

Ao dobrarem uma montanha, o zumbido duma serra mecânica fez-se ouvir, através dos mil zumbidos do Mayombe. O ruído vinha da direita, muito perto deles. Mas Lutamos, dentro de si, continuava a avançar.

– Que é que ele tem? – segredou o Comandante a Ekuikui.

Lutamos distanciava-se do resto do grupo, que tinha estacado ao ouvir o ruído. O Comissário correu atrás dele, evitando fazer demasiado barulho.

– Está a fazer de propósito – disse Milagre.

– Vai avisar os homens – disse Pangu-A-Kitina.

– Vai sabotar a missão – disse Verdade.

– Calem-se, porra! – disse o Comandante. – Esperem saber para falar.

O Chefe de Operações tinha ido atrás do Comissário. Lutamos parara ao ouvir o seu nome chamado atrás. Espantou-se ao ver o Comissário com cara de caso e, mais atrás, o Chefe de Operações. A um gesto do Comissário, apercebeu-se do zumbido forte.

– Por que é que avançaste?

– Estava distraído. Os outros?

– Vamos voltar atrás. E presta atenção.

O Chefe de Operações nada disse; deixou-os passar por ele e limitou-se a segui-los. Os guerrilheiros olhavam Lutamos com desconfiança, mas ele não notou.

– Que houve? – perguntou Sem Medo.

– Estava distraído e não reparou em nada – disse o Comissário.

O Comandante esboçou um sorriso, que logo desapareceu.

– Temos um guia às dimensões da Região! Bem. Verdade e Muatiânvua vão pela esquerda, com o Comissário. Milagre, Pangu-A-Kitina e o Das Operações vão pela direita. Nós ficamos aqui. Vejam o que há e voltem. Cuidado, nada de tiros! É preciso saber se há soldados.

Sem Medo sentou-se, logo imitado por alguns companheiros. Teoria esfregava o joelho. Ekuikui estudava as árvores, procurando vestígios de macacos. Fazia-o por hábito, o seu passado de caçador nos planaltos do Centro tinha-o marcado. Mundo Novo, sentado, limpava as unhas com o punhal. As mãos eram finas e as unhas compridas. Um perfeito intelectual, pensou Sem Medo. Lutamos alheara-se do grupo, os ouvidos atentos. O

zumbido da serra continuava a cortar o ar. De repente, a serra parou e ouviram-se gritos.

Os guerrilheiros levantaram-se, em posição. Ruídos de ramos partidos e, em seguida, um fragor que cobriu todo o tumulto do Mayombe e ficou a ressoar nas copas das árvores, até se ir diluindo, aos poucos, pelos vales do Lombe.

– Foi a árvore que caiu – disse o Comandante.

E voltou a sentar-se. Os outros permaneceram de pé, salvo Teoria. Pouco depois, o zumbido da serra chegava de novo até eles.

– Está tudo normal – disse Mundo Novo. E sentou-se também.

Lutamos está nervoso, inquieto, notou Sem Medo. O Teoria está a sofrer, mas finge que não. O Ekuikui... esse é sempre o mesmo. Ingratidão está desconfiado do Lutamos. Mundo Novo deve estar a pensar na Europa e nos seus marxistas-leninistas. Os pensamentos do Comandante não iam mais longe. Eram fotografias que tirava aos elementos do grupo e que classificava num ficheiro mental, sem mais se preocupar. Quando necessário, servia-se dessas informações para ter uma imagem fiel de cada guerrilheiro e saber que tarefa dar a cada um.

O primeiro grupo a chegar foi o do Chefe de Operações. Chegou-se ao Comandante e disse:

– Vimos seis trabalhadores. Nenhum soldado.

– Foram eles que abateram a árvore?

– Não. Estes têm machados. A serra está no grupo da esquerda. Atrás deles há uma picada para o transporte da madeira.

– Bem.

– Comandante, penso que é melhor vigiar o Lutamos.

– Por quê?

– Não acredito na distração dele. Ele ia mas é avisar os trabalhadores, afugentá-los...

O Comandante olhou-o em silêncio. Franziu a boca. O outro continuou:

– Há momentos que ele tem um comportamento estranho. Os olhos dele não são bons. O Comissário não vê essas coisas, acreditou logo nele. Acho que se tem de fazer um interrogatório.

O Comandante não respondeu. Pensou que tinha uma vontade louca de fumar. Ali não podia, o cheiro de cigarro penetrava na mata.

Quando o grupo do Comissário chegou, Sem Medo pôs-se de pé.

– Então?

– São oito trabalhadores, mais um branco que guia o caminhão. Não há soldados à vista.

– E o caminhão?

– Está lá, parado, com o nguêta a fumar e a ouvir rádio. Mais ao lado deve haver um buldózer para carregar os troncos no caminhão. Que é que se faz?

O Comandante chamou o Chefe de Operações. Reuniram-se os três.

– Que pensas que se deve fazer? – perguntou Sem Medo ao Das Operações.

– Acho que devemos fazer uma curva, para apanharmos a picada mais à frente e chegarmos à estrada.

– E tu, Comissário?

O Comissário mediu as palavras, antes de falar.

– Penso que deveríamos aproveitar esta ocasião. Podíamos apanhar os trabalhadores, recuperar a serra, que é leve de transportar, destruir o buldózer e o caminhão. Era uma ação que fazia efeito e era esse o nosso objetivo. Por que mudar?

O Chefe de Operações interrompeu:

– Nós somos militares. Nós devemos combater o inimigo. Por isso penso que a primeira ação nesta área devia ser militar. Os soldados devem andar à vontade na estrada. Esta picada vai de certeza dar à estrada. Uma emboscada era muito melhor. Os trabalhadores? Não vejo qual o interesse. Se ainda fosse para os fuzilar... Mas não. Para os politizar! Vocês acreditam que vamos politizar alguma coisa? Aqui só a guerra é que politiza.

O Comandante disse:

– Comissário, sei que uma operação política e económica tem interesse. O problema é o seguinte: se destruímos estes aparelhos, a ação militar está estragada, pois os tugas ficarão prevenidos de que andamos por aqui...

– Claro – cortou o Comissário. – Mas isso será mais uma razão para que eles andem na estrada. São forçados a aumentar as patrulhas, pois aqui há população e eles querem cortar-nos dela. Eles andarão ainda mais e teremos pois mais oportunidade de lhes dar porrada. Qual é o problema? Não mataremos vinte na primeira emboscada, pois estarão mais atentos? Bem, mataremos dez. A guerra popular não se mede em número de inimigos mortos. Ela mede-se pelo apoio popular que se tem.

– Esse apoio só se consegue com as armas – disse o Das Operações.

– Não só. Com as duas coisas. Com as armas e com a politização. Temos de mostrar primeiro que não somos bandidos, que não matamos o povo. O povo daqui não nos conhece, só ouve a propaganda inimiga, tem medo de nós. Se apanharmos os trabalhadores, os tratarmos bem, discutirmos com eles e, mais tarde, dermos uma boa porrada no tuga, então sim, o povo começa a acreditar e a aceitar. Mas é um trabalho longo. De qualquer modo, esta ação pode não impedir que se faça também uma emboscada.

– Questão de tempo e de comida – disse Sem Medo.

– Os camaradas aceitarão passar um pouco de fome, se lhes explicarmos o interesse da coisa.

– Bem – disse o Comandante –, vamos fazer como tu queres. Vamos rodear os grupos, aprisioná-los, destruir o que se puder, apanhar a serra etc. Depois recuamos com os trabalhadores e estudaremos a possibilidade de se voltar à estrada para fazer a emboscada. Eu vou com dois camaradas pôr-me na picada, para lá do camião. Se ele fugir, nós varremo-lo. Se aparecer tropa, vinda da estrada, nós travamo-la. Vocês vão cada um do lado que reconheceram. Evitem fazer barulho. Cerquem-nos e, às dez em ponto, prendam-nos. Acertem os relógios. O lugar de encontro é aqui, se não houver novidade. Se o tuga aparecer, encontramos-nos onde dormimos ontem.

– O Lutamos com quem vai? – perguntou o Das Operações.

– Comigo – disse Sem Medo.

O grupo do Chefe de Operações afastou-se imediatamente. Os outros dois grupos foram juntos até próximo dos trabalhadores. O Comandante, Lutamos e Teoria avançaram então ao longo da picada, para fecharem o cerco. A serra zumbia e cobria os ruídos das folhas pisadas. Mesmo os pássaros estavam desorientados e não fugiam.

O Comissário avançou prudentemente, seguido dos seus homens. As folhas secas estalavam sob as botas, mas os estalidos eram abafados pelo ruído da serra devastando o Mayombe. Os guerrilheiros encavalitaram-se num enorme tronco caído. Deixara de respirar, monstro decepado, e os ramos cortados juncavam o solo. Depois de a serra lhe cortar o fluxo vital, os machados tinham vindo separar as pernas, os braços, os pelos; ali estava, lívido na sua pele branca, o gigante que antes travava o vento e enviava desafios às nuvens. Imóvel mas digno. Na sua agonia, arrastara os rebentos, os arbustos, as lianas, e o seu ronco de morte fizera tremer o Mayombe,

fizera calar os gorilas e os leopardos.

Os guerrilheiros dispersaram para avançar. A serra mecânica – abelha furando um morro de salalé – continuava a sua tarefa. Havia o mecânico, que acionava a serra, e o ajudante, com a lata de gasolina e de óleo; mais atrás, quatro operários com machados. Todos tão embebidos na tarefa que não repararam nas sombras furtivas. Nem protestaram, quando viram os canos das pépéchás virados para eles. Os olhos abriram-se, o imenso branco dos olhos comendo a cara toda, a boca aberta num grito que não ousou sair e ficou vibrando interiormente. O Comissário e Ekuikui avançaram para a serra. Ekuikui encostou o cano da arma às costas do mecânico:

– Não mexe!

O mecânico olhou por cima do ombro e compreendeu rapidamente a situação. Fez parar a serra. O silêncio que se seguiu furou os ouvidos dos guerrilheiros, subiu às copas das árvores e ficou pairando, misturado à neblina que encobria o Mayombe.

– Todos para aqui, vamos! – ordenou o Comissário. Juntaram os prisioneiros, revistaram-nos para procurar armas: retiraram dois canivetes.

– Há outros? – perguntou o Comissário.

– Ali – murmurou o mecânico, apontando o sítio para onde se dirigira o Chefe de Operações.

– Soldados?

– Só no quartel. A dez quilómetros.

– O branco?

– Está no camião.

– Vamos. E não tentem fugir, ninguém vos fará mal. O cortejo partiu em direção ao ponto de encontro. Muatiânvua vigiava o mecânico, que carregava a serra. Os outros trabalhadores tremiam.

Quando a serra parou de zumbir, o grupo do Chefe de Operações ainda não tinha cercado os trabalhadores que, a grupos de dois, atacavam a machado os colossos do Mayombe.

Pangu-A-Kitina, que ia à frente, travou logo: estavam a dez metros do primeiro par de trabalhadores; os outros pares estavam distanciados uns dos outros. O silêncio chamou a atenção dos operários, que se fizeram sinais, esperando a queda da árvore. Os guerrilheiros esperavam, o coração apertado, que eles retomassem o trabalho. Mas o fragor da queda da árvore não vinha e o mais velho dos trabalhadores disse:

– Há qualquer coisa. O motor parou à toa.

Todos espetavam as orelhas. Os guerrilheiros pararam de respirar, enroscados ao verde da mata. Um dos trabalhadores mais afastado abandonou o machado e dirigiu-se para o par que estava mais próximo dos guerrilheiros. O Chefe de Operações avaliou a situação: tinha de agir rápido.

– Não se mexam! – gritou, saltando para perto do trabalhador velho.

A surpresa gelou os mais próximos. Mas os outros abandonaram os machados e correram para o mato. Alguns guerrilheiros perseguiram-nos.

– Não disparem! – gritou Mundo Novo, correndo atrás dos fugitivos.

Mas o Chefe de Operações, para assustar os trabalhadores, fez uma rajada para as folhas.

Milagre, voando sobre os troncos caídos, aproximou-se dum trabalhador. De repente, uma baixa e um regato. O trabalhador lançou-se de mergulho e foi rastejando sobre as pedras do rio pouco profundo. Milagre levava a bazuka e hesitou: gastaria um obus no ar para o travar? O trabalhador desapareceu na curva do regato, rasgando o ventre nas pedras, e Milagre voltou para trás, trazendo como troféu a catana que caíra da cintura do homem.

Mundo Novo fez fogo para o ar e o trabalhador que perseguia parou, as pernas trementes. Era um rapaz. Com afeição, quase carinhosamente, Mundo Novo conduziu-o para o grupo dos três outros prisioneiros.

– Onde está o buldózer? – perguntou o Das Operações. O mais velho dos trabalhadores apontou a direção.

Tinha uma perna torta. Deve ter sido uma árvore que lhe caiu em cima, pensou Mundo Novo.

– Leva-nos lá.

O grupo foi avançando para o sítio da picada, onde devia estar Sem Medo.

O silêncio da serra parando subitamente não interrompeu as reflexões do português, que se sentava ao volante do camião. Acendera mesmo um cigarro, segundo se pôde aperceber Sem Medo. Mas, quando a primeira rajada soou, o tuga acordou do torpor e tudo nele se pôs a vibrar. Sem querer saber o que se passava, pôs o camião em marcha e arrancou. A vinte metros dele, emboscados, os guerrilheiros visavam-no. Sem Medo viu que o branco suava e fazia caretas, acelerando.

– Não atirem! – gritou Sem Medo.

Lutamos ia protestar.

– Atirem só para as rodas!

Foi nesse momento que se ouviu a segunda rajada, feita por Mundo Novo, que se confundiu com a rajada de Lutamos.

Um pneu estourou, mas o caminhão já passara e continuava a rolar sobre a junta. O tuga esmagava o acelerador, as duas mãos aduncas eram tenazes sobre o volante.

Lutamos virou-se para Sem Medo.

– Por quê?...

– Era um civil.

– E o buldózer? – lembrou Teoria.

Correram os três para o sítio onde devia estar o buldózer. Encontraram-se então com o grupo do Chefe de Operações.

– Deixaram fugir o nguêta? – perguntou este.

– Sim. E demos-lhe mesmo uma Guia de Marcha – disse Sem Medo, de mau humor.

O motorista do buldózer tinha-se metido no mato, ao ouvir a primeira rajada. Os guerrilheiros rodearam o buldózer.

– Bazukem-no e depois metam fogo – ordenou o Comandante.

Um trabalhador pediu timidamente a Mundo Novo autorização para ir um pouco para o lado. E apertava o ventre.

– Caga aí! – disse Mundo Novo.

O estoiro da bazuka rivalizou com o de um gigante desmoronando-se. Depois de o fumo dispersar, viu-se o motor do buldózer completamente destruído. Ao cheiro da pólvora veio misturar-se um cheiro mais característico. Mundo Novo olhou Sem Medo e este olhou o trabalhador que pedira para se afastar.

– Este gajo... – só teve tempo de exclamar Sem Medo.

Subitamente, dobrou-se numa gargalhada que atroou sobre o Mayombe. A gargalhada de Sem Medo era uma ofensa incomensurável ao deus vegetal que obrigava as vozes a saírem ciciadas. Os guerrilheiros, a princípio, pensaram que a bazukada, disparada de perto, tivesse dado a volta à cabeça de Sem Medo. Mas depois viram o trabalhador de pé, as pernas afastadas, o ricto bestificado em êxtase e as fezes a deslizarem-lhe pelas coxas, e a pingarem sobre o chão.

O Comandante, acabando por dominar-se, fez uma cara de desgosto e ordenou que se lançasse fogo ao buldózer, visto que nada podiam recuperar. Apanharam lenha seca, empilharam-na sobre a máquina, regaram a lenha de gasolina e pegaram fogo. As chamas elevaram-se, numa lambidela rápida, aos ramos mais próximos das árvores. Dois guerrilheiros levaram os quatro trabalhadores para um sítio mais afastado, donde nada pudessem ver, enquanto Ingratidão do Tuga colocava três minas antipessoais perto do buldózer. Quando as minas estavam bem camufladas, Sem Medo escreveu num bocado de papel:

SACANAS COLONIALISTAS,
VÃO À MERDA, VÃO PARA A VOSSA TERRA.
ENQUANTO ESTÃO AQUI,
NA TERRA DOS OUTROS,
O PATRÃO ESTÁ A COMER A VOSSA MULHER
OU IRMÃ, CÁ NAS BERÇAS!

E deixou o bilhete bem à vista, no meio do terreno minado. Os guerrilheiros sorriam.

- O sacana que quiser ler, vai pelo ar – disse o Das Operações.
- Foi pena não reforçar as minas com dinamite – disse Ingratidão do Tuga
- mas não dá tempo.
- Vamos – disse Sem Medo.

O grupo avançou pelo Mayombe, a caminho do ponto de recuo, os prisioneiros no meio.

No ponto de recuo, contaram os prisioneiros feitos pelos dois grupos: dez. Sem Medo reparou no mecânico, que tinha ar mais instruído que os outros. Perguntou-lhe:

- Aonde vai dar a picada?
- À estrada.
- Qual estrada?
- Entre Sanga e Caio Nguembo. A estrada está a uns cinco quilómetros.
- Quantos soldados há no quartel?

O mecânico hesitou. Olhou os companheiros. Destes não vinha nenhuma ideia.

- Não sei. Talvez cem...

– Tugas?

– E angolanos. Tropas Especiais...

O interrogatório continuou e alargou-se aos outros prisioneiros. O miúdo capturado por Mundo Novo tinha catorze anos e chamava-se António. Falava mais à vontade que os outros. O mecânico estava desconfiado, os olhos inquietos passavam de uns a outros, fixando-se mais em Sem Medo. Lutamos pedira autorização para falar com eles em fiote, mas o Das Operações respondeu que não valia a pena. O Comissário ia intervir. Sem Medo pegou-lhe no braço, exigindo silêncio. E Sem Medo mantinha o interrogatório em português, língua que todos falavam, bem ou mal.

O Comando reuniu em seguida. Decidiu guardar os trabalhadores por um dia, caminhando em direção ao Congo. Depois libertariam os trabalhadores e voltariam para o mesmo sítio, entre a picada e a estrada. Nesse dia, os tugas não ousariam aproximar-se. No dia seguinte, os trabalhadores iriam dizer que os guerrilheiros tinham voltado ao Congo e os soldados cairiam, sem contar, numa emboscada. O que faria pensar que vários grupos atuavam ali.

– Habitados a que nós façamos uma ação e depois recuemos para o Congo, nunca se aperceberão de que é o mesmo grupo – disse Sem Medo. – E isso influirá no espírito do povo, a quem mostraremos uma força desconhecida, e no do tuga, que ficará certamente desorientado. O que é preciso é não fazer erros.

– Foi pena o tuga ter escapado – disse o Das Operações.

– Que íamos fazer? Disparar sobre ele e matá-lo, como faz a UPA? É um civil. Tinha uma tal cara de medo! Não devemos mostrar coragem assassinando civis, mesmo que colonialistas... Tentámos apanhá-lo vivo, mas fugiu. Assim até foi melhor! Que íamos fazer dele? Libertá-lo como aos outros? Haveria uma revolta dos guerrilheiros. Levá-lo para o Congo? Com que pretexto?

– Acho que fizeste bem – disse o Comissário. – Não devemos ir contra a população civil, embora ela seja hostil. Para que dar argumentos ao Governo?

O Chefe de Operações nada disse. Levantou-se e foi à mata.

– Falaste do bilhete que deixaste no buldózer, mas não disseste qual o teor dele, Comandante.

Sem Medo explicou-lhe o que dizia o bilhete. O Comissário riu e depois

disse:

– Muito pouco político!

– Que querias? Que copiasse uma citação de Marx? A única política que esses tugas compreendem é essa.

Almoçaram ali mesmo, os guerrilheiros e os trabalhadores. As gamelas foram passadas de mão em mão. Um trabalhador tinha um maço de cigarros, que distribuiu pelos guerrilheiros. As palavras soltaram-se, deitados perto do Lombe, e só então os trabalhadores descobriram que Lutamos também era de Cabinda.

Pronto, pensou Sem Medo, viram que há um deles entre nós, já têm confiança. O tribalismo às vezes ajuda. Mas que tem o Das Operações que está tão atento à conversa? Ah! Tenta captar o que diz Lutamos, espiar se não trai. Com que prazer este tipo não comeria o Lutamos, frito com óleo de palma...

EU, O NARRADOR, SOU MILAGRE.

Nasci em Quibaxe, região kimbundo, como o Comissário e o Chefe de Operações, que são dali próximo.

Bazukeiro, gosto de ver os camiões carregados de tropa serem travados pelo meu tiro certo. Penso que na vida não pode haver maior prazer.

A minha terra é rica em café, mas o meu pai sempre foi um pobre camponês. E eu só fiz a Primeira Classe, o resto aprendi aqui, na Revolução. Era miúdo na altura de 1961. Mas lembro-me ainda das cenas de crianças atiradas contra as árvores, de homens enterrados até ao pescoço, cabeça de fora, e o trator passando, cortando as cabeças com a lâmina feita para abrir terra, para dar riqueza aos homens. Com que prazer destruí há bocado o buldózer! Era parecido com aquele que arrancou a cabeça do meu pai. O buldózer não tem culpa, depende de quem o guia, é como a arma que se empunha. Mas eu não posso deixar de odiar os tratores, desculpem-me.

E agora o Lutamos fala aos trabalhadores. Talvez explique que os quis avisar antes, mas que foi descoberto. E deixam-no falar! O Comandante não liga, ele não estava em Angola em 1961, ou, se estava, não sofreu nada. Estava em Luanda, devia ser estudante, que sabe ele disso? E o Comissário? Nestas coisas o Comissário é um mole, ele pensa que é com

boas palavras que se convence o povo de Cabinda, este povo de traidores. Só o Chefe de Operações... Mas esse é o terceiro no Comando, não tem força.

E eu fugi de Angola com a mãe. Era um miúdo. Fui para Kinshasa. Depois vim para o MPLA, chamado pelo meu tio, que era dirigente. Na altura! Hoje não é, foi expulso. O MPLA expulsa os melhores, só porque eles se não deixam dominar pelos kikongos que o invadiram. Pobre MPLA! Só na Primeira Região ele ainda é o mesmo, o movimento de vanguarda. E nós, os da Primeira Região, forçados a fazer a guerra aqui, numa região alheia, onde não falam a nossa língua, onde o povo é contrarrevolucionário, e nós que fazemos aqui? Pobre MPLA, longe da nossa Região, não pode dar nada!

Caminharam toda a tarde, subindo o Lombe. Pararam às cinco horas, para procurarem lenha seca e prepararem o acampamento: às seis horas, no Mayombe, era noite escura e não se poderia avançar.

A refeição foi comum: arroz com feijão e depois peixe, que Lutamos e um trabalhador apanharam no Lombe. Os trabalhadores não tentavam fugir, se bem que mil ocasiões se tivessem apresentado durante a marcha. Sobretudo quando Milagre caiu com a bazuka e os guerrilheiros vieram ver o que se passara; alguns trabalhadores tinham ficado isolados e sentaram-se, à espera dos combatentes, sem escaparem. A confiança provocava conversas animadas.

Aproveitando algumas informações colhidas, o Comissário falou para os trabalhadores, enquanto os garfos levavam o arroz com feijão ao seu destino.

– Vocês ganham vinte escudos por dia, para abaterem as árvores a machado, marcharem, marcharem, carregarem pesos. O motorista ganha cinquenta escudos por dia, por trabalhar com a serra. Mas quantas árvores abate por dia a vossa equipa? Umas trinta. E quanto ganha o patrão por cada árvore? Um dinheirão. O que é que o patrão faz para ganhar esse dinheiro? Nada, nada. Mas é ele que ganha. E o machado com que vocês trabalham nem sequer é dele. É vosso, que o comprou na cantina por setenta escudos. E a catana é dele? Não, vocês compram-na por cinquenta escudos. Quer dizer, nem os instrumentos com que vocês trabalham pertencem ao patrão. Vocês são obrigados a comprá-los, são descontados do vosso salário no fim do mês. As árvores são do patrão? Não. São vossas, são nossas, porque

estão na terra angolana. Os machados e as catanas são do patrão? Não, são vossos. O suor do trabalho é do patrão? Não, é vosso, pois são vocês que trabalham. Então, como é que ele ganha muitos contos por dia e a vocês dá vinte escudos? Com que direito? Isso é exploração colonialista. O que trabalha está a arranjar riqueza para o estrangeiro, que não trabalha. O patrão tem a força do lado dele, tem o exército, a polícia, a administração. É com essa força que ele vos obriga a trabalhar, para ele enriquecer. Fizemos bem ou não em destruir o buldózer?

– Fizeram bem – responderam os trabalhadores.

– E esta serra mecânica, a quem é que ela pertence verdadeiramente? O patrão comprou-a aos alemães, mas onde arranjou dinheiro para comprá-la? Quem explorou ele para comprar esta serra? Respondam.

– Aos trabalhadores – respondeu o jovem António.

– Esta serra pertence-vos, pertence ao povo. Por isso não pode voltar para o colonialista. A gente dava-a a vocês, porque é vossa, mas que vão fazer com ela? Podem vendê-la? Podem utilizá-la?

– Não. É melhor levarem a serra – respondeu o trabalhador mais velho, o que tinha as pernas tortas. – Nós não podemos utilizar isso.

– O que é vosso, os machados, as catanas, os canivetes, os relógios, o dinheiro, tudo o que é vosso, vocês vão levar convosco. E vão levar os machados e catanas dos que fugiram, para lhes entregar. Mas o que é do colonialista fica connosco. Os tugas dizem que somos bandidos, que matamos o povo, que roubamos. Fizemos-vos mal? Matámos alguém? Mesmo o branco, podíamos matá-lo, não quisemos. Não somos bandidos. Somos soldados que estamos a lutar para que as árvores que vocês abatem sirvam o povo e não o estrangeiro. Estamos a lutar para que o petróleo de Cabinda sirva para enriquecer o povo e não os americanos. Mas como nós lutamos contra os colonialistas, e como os colonialistas sabem que, com a nossa vitória, eles perderão as riquezas que roubam ao povo, então eles dizem que somos bandidos, para que o povo tenha medo de nós e nos denuncie ao exército.

A conversa prolongava-se, ora em português com o Comissário e Teoria, ora em fiote com Lutamos. Os trabalhadores contaram o que sabiam dos quartéis da Região, das condições de vida, do que pensavam as populações. Sem Medo escutava, mas estava também atento aos comentários do resto dos guerrilheiros. Estes dividiam-se *grosso modo* em dois grupos: os

kimbundos, à volta do Chefe de Operações, e o grupo dos outros, os que não eram kimbundos, os kikongos, umbundos e destribalizados como o Muatiânvua, filho de pai umbundo e mãe kimundo, nascido na Lunda. Mundo Novo era de Luanda, de origem kimundo, mas os estudos ou talvez a permanência na Europa tinham-no libertado do tribalismo. Mantinha-se isolado, limpando a arma à luz da fogueira.

Quando se deitaram, o Comissário perguntou a meia voz:

– Então, que pensas desta operação?

– Falas que nem um padre – disse Sem Medo. – Se não acreditaram em ti, pelo menos são suficientemente bem educados para não o mostrarem... Penso que sim, que é preciso repetir ações deste género, este povo pode ser mobilizado. Se tivéssemos aqui uma organização sólida, sim. Mas que queres? Com a organização que temos, com a bandalheira que há, estas ações lembram-me demasiado as promessas do Seminário. Por isso te falei em padres. É como se prometesses a vida eterna no Além, quando na Terra fazes o máximo por tornar a vida insuportável.

– Não percebo o que queres dizer.

– Quando estava no Seminário, uma coisa sempre me intrigou, era uma nota discordante. Foi essa nota discordante que me empurrou para o sacrilégio e, mais tarde, para o ateísmo. Porque é que os padres, tão puros, tão castos, tão bondosos e tão santos, que nos preparavam para servir Deus, para merecer Deus, prometendo-nos as delícias da vida celestial, nos faziam a vida negra no Seminário, eram tão arbitrários, tão cruéis, tão sádicos nos tormentos que inventavam em nossa intenção. Isso levou-me a desejar o que os horrorizava, a querer conhecer o que eles temiam, a procurar o que eles nos proibiam de ver ou ouvir ou sentir. Foi com um misto de terror sagrado, de prazer carnal e de prazer de vingança que tive a primeira mulher. Em pleno Seminário, num anexo; era uma criada que aliviava os seminaristas e, quem sabe?, alguns padres. Eu tinha catorze anos. Confessei-me na manhã seguinte e escondi o facto, pois seria expulso: já não acreditava no segredo da confissão. E comunguei em pecado mortal, pois, se o não fizesse, notar-se-ia que qualquer coisa se passava. E continuei a confessar-me, sem coragem de lavar o sacrilégio. E continuei a encontrar-me com a criada nos anexos e a ter cada vez maior prazer no amor e, sobretudo, no facto de ser um amor perverso, envenenado pelo sacrilégio que nunca corrigiria. Até que, aos dezasseis anos, já fora do Seminário – donde finalmente fui

expulso por ameaçar de bater num padre branco que fazia racismo aberto –, tornou-se intolerável o medo do Inferno, senti-me danado, perseguido por mil crimes e por todos os prazeres ignóbeis que praticara. A certeza de que estava perdido foi tão grande que decidi que o Inferno não existia, não podia existir, senão eu estaria condenado. Ou negava, matava o que me perseguia, ou endoidecia de medo. Matei Deus, matei o Inferno e matei o medo do Inferno. Aí aprendi que se devem enfrentar os inimigos, é a única maneira de se encontrar a paz interior.

– Não vejo a relação – disse o Comissário.

– Eu também não. A princípio via-a, agora já nem sei por que falei nisso. Mas tu a falar, a prometer liberdade, fizeste-me lembrar o Seminário, que queres?

E tapou a cabeça com o cobertor, caindo imediatamente em sono profundo.

O Comissário ficou a pensar nas palavras de Sem Medo, a olhar as chamas da fogueira que modificavam as feições dos homens e das coisas, e abriam as confidências.

Depois do mata-bicho, despediram-se dos trabalhadores, devolvendo-lhes tudo o que lhes pertencia. Tudo não, pois foi impossível encontrar a nota de cem escudos que tinham retirado dos bolsos do mecânico, e que Ekuikui guardara. Tinham revistado os bolsos, a roupa, o sacador de Ekuikui, e não a encontraram. Ekuikui chorava, dizendo que ainda à noite estava no seu bolso, quisera entregá-la ao Comissário, este dissera que não valia a pena, que ficasse com Ekuikui e que, de manhã, seria restituída ao dono. Durante a noite desaparecera, alguém a roubara, protestava o ex-caçador. Mas ele não a escondera, nunca roubaria um homem do povo, sabia o que isso significava para o Movimento. Despediram-se dos trabalhadores, o mecânico dizendo que não tinha importância, era pouco dinheiro. O que queria era ver-se livre e o problema da nota atrasava a partida e a liberdade.

Quando os guerrilheiros avançaram cerca de um quilómetro, subindo o rio, o Comandante mandou estacar.

– Reunião. Vamos sentar.

Os guerrilheiros obedeceram. Sem Medo continuou:

– Vamos voltar para trás e fazer uma emboscada na estrada. Os trabalhadores vão dizer que voltámos para o Congo e os tucas não esperarão encontrar-nos na estrada. Mas é preciso tomarmos um bom avanço. Claro

que não temos comida suficiente para estes dias a mais que passaremos longe da Base. Teremos de fazer sacrifício. Mas, se a operação for bem sucedida, o Comando pensa que vale a pena passar uns dois dias sem comer. Se os camaradas estiverem de acordo. Estão de acordo em aguentar mais um bocado e dar uma porrada valente no tuga?

Os guerrilheiros, sem exceção, aprovaram entusiasticamente. Há muito não tinham encontro com o exército colonial.

– Bem – disse Sem Medo, sorrindo –, então temos de deixar os trabalhadores ganharem um bom avanço. Entretanto, vamos aproveitar para ver este caso dos cem escudos. Isto é grave, pois pode desmentir tudo o que dissemos. Quer dizer que, afinal, somos mesmo bandidos, que roubamos o povo. O sacana que ficou com o dinheiro é um contrarrevolucionário, além de ser um ladrão barato, pois sabotou toda a boa impressão que podíamos ter causado aos trabalhadores. É melhor que ele diga já onde está o dinheiro... Quanto mais tarde, pior!

Ninguém falou. O Comissário reforçou as palavras do Comandante. Ninguém se manifestou. O Comandante mandou então vir um por um junto dele, para ser revistado. Foi nesse momento que o Chefe de Operações disse:

– Mas, que eu saiba, o Ekuikui é que tinha o dinheiro. Por que se pensa que não foi ele e que foi outro? Pode ter enterrado a nota, ou escondido atrás dum pau, para que não se visse ao ser revistado. Aliás, tudo devia ter ficado com o Comissário, ele é que devia guardar. Agora, revistar toda a gente... É uma desconfiança, é ofender!

– Já sei que a culpa é minha – explodiu o Comissário. – É certo que a culpa foi minha por não ter ficado com o dinheiro, como fiquei com os relógios. Sim, a culpa é minha. Mas agora o que há a fazer é revistar todos. Já revistámos o Ekuikui, vamos fazê-lo a todos. Não é ofensa nenhuma, mas por um pagam todos.

Entretanto, Sem Medo não olhava a cara exaltada do Comissário ou os olhos frios do Chefe de Operações. Sem Medo estudava as reações de cada um dos guerrilheiros.

– Eu não estou de acordo com a desconfiança que existe contra os guerrilheiros – disse o Das Operações, o que fez soltar das gargantas de alguns combatentes murmúrios de aprovação. – Se um responsável erra, por que é que esse erro se torna numa desconfiança em relação aos

guerrilheiros? Por que é que todos os guerrilheiros são envergonhados, todos, só por causa de um? E se o erro vem dum responsável?

– Chega! – gritou Sem Medo. – O erro dum responsável não justifica um roubo, um roubo de merda de cem paus, dum miserável sabotador. Vamos passar revista. As guerras não se ganham com demagogias, só para se ter apoio das bases! Lutamos, aproxima-te.

Mas Sem Medo não olhava Lutamos, que se aproximou com o sacador aberto. Sem Medo fixava o grupo do fundo.

Lutamos foi revistado pelo Comissário e mais o sacador, e tudo onde se poderia meter uma nota de cem escudos. Lutamos estava a vestir-se, quando Sem Medo deu um salto terrível, rugindo, sobre o grupo do fundo. Segurou um braço de Ingratidão do Tuga, que tentou libertar-se, e a nota de cem escudos caiu no chão.

– Sacana! – disse Sem Medo, arquejando. – Desconfiava de ti desde o primeiro momento.

Arrastou Ingratidão para o meio do grupo e disse:

– Foi ele que dormiu ao lado do Ekuikui. Agora, estava a tentar enterrar a nota, para depois a recuperar. Mas eu estava atento. Fala, como apanhaste essa nota?

Era inútil esconder, perigoso mesmo. Ingratidão do Tuga confirmou que dormira ao lado de Ekuikui e tinha visto em que bolso o ex-caçador tinha guardado a nota. Roubara-a durante a noite. Os guerrilheiros não diziam nada, uns estavam a favor de Ingratidão, outros contra.

– Serás julgado ao chegar à Base. A tua arma fica com Ekuikui, que te vai guardar. Cuidado se ele foge! Serás tu julgado no seu lugar. Que raio de guerrilheiro me saíste tu, que te deixas roubar? Não dormes só com um olho?

– Ontem estava muito cansado, camarada Comandante. Dormi demais...

– Comandante, como vamos fazer para reencontrar os trabalhadores? – disse Lutamos. – Agora devem já estar muito longe, é impossível.

– Eu penso que o melhor é depois do ataque tentarmos contactar o povo – propôs Teoria. – Estudaremos calmamente a maneira. Temos o nome dele e do kimbo, talvez consigamos lá chegar e entregar-lhe.

– Muito arriscado – disse o Das Operações.

– Eu sou voluntário para lá ir – disse o Comissário. – Fui o responsável do que se passou, sei qual a importância da coisa no aspeto político e...

– Vamos estudar isso depois – disse Sem Medo. – Agora vamos avançar. Mas com cuidado. Se, por acaso, o tuga nos perseguiu e quer ver até onde vamos, podemos dar encontro cara a cara. É melhor mesmo irmos por outro caminho, não temos pressa de chegar.

Lutamos pôs-se à frente da coluna e esta lá seguiu, levando no meio um Ingratidão do Tuga desarmado, o que era um risco, pois o inimigo podia aparecer dum momento para o outro.

Os homens começavam a dar mostras de fadiga, já tinham saído da Base há quatro dias e as provisões em breve faltariam, pois tiveram de as repartir com os trabalhadores. Eram dados que se tinha de ter em conta, pensava Sem Medo, a AKA segura pelo cano e atirada negligentemente sobre o ombro, o chapéu cubano escondendo o risco da bala na pele da testa (daquela vez que fora surpreendido pelo inimigo no rio, quando tomava banho; tivera de fingir estar morto, o que era confirmado pelo sangue que lhe corria da testa e tingia a água do rio; quando os camaradas reagiram, ele pôde esconder-se entre as pedras e voltar à Base, nu; fora castigado pelo Comando, por Henda, pois o cantil e o cinturão foram recuperados pelo inimigo; não a arma, que os companheiros tinham trazido). Depois de uma hora de marcha, Sem Medo mandou parar.

– Vamos pescar, temos de poupar comida.

A maior parte das provisões eram conservas (*corned-beef*, sardinhas, um pouco de leite), o resto era arroz e xikuanga.

Lutamos trazia sempre anzóis e linha. Ele e Mundo Novo encavalitaram-se numa pedra, enquanto os outros se espalhavam em grupos pelo Lombe, lavando-se ou conversando. Sem Medo gostava destas pausas numa marcha, em que filosofava consigo, contemplando as árvores, ou em que auscultava a maneira de ser dos companheiros. Vendo Teoria isolado, esfregando o joelho, o Comandante aproximou-se e sentou-se a seu lado.

– Está a doer?

– Ligeiramente. Está a melhorar.

Sem Medo acendeu um cigarro, um dos últimos que lhe restavam. Fechou os olhos, para melhor saborear a baforada.

– Quando era miúdo, antes de ir estudar para o Seminário, aconteceu-me um caso. Devia ter uns oito anos. Meti-me com um mais velho e o gajo surrou-me mal. Fugi de medo. Abandonei o combate. Durante dias, senti-me um tipo nojento, um covarde, um fraco, sentia que um miúdo qualquer

me bateria e eu fugiria...

Calou-se um momento, observando o professor: Teoria ouvia, o ar impenetrável. Sem Medo continuou:

– Decidi então que, para ter respeito por mim mesmo, só havia uma coisa a fazer: procurar a desforra. Provoquei o outro novamente, não imaginas o medo que eu tinha, sabia que ia levar uma surra, não tinha a mínima possibilidade. O outro era muito mais forte e treinado nas lutas do muçequê. Defendi-me como pude, mais do medo que ele me inspirava que propriamente dos murros que recebia. Afinal não doía tanto assim. Sangrava do nariz, foi daí que fiquei com o nariz ligeiramente torto, como podes ver. Afinal não doía. Foi o outro que parou, cansado de bater. Eu iria até ao fim, morreria se fosse necessário, mas não me rendia. Ele acabou por dizer: ganhaste, desisto. Depois disso ficámos amigos... A partir daí compreendi que não são os golpes sofridos que doem, é o sentimento da derrota ou de que se foi covarde. Nunca mais fui capaz de fugir. Sempre quis ver até onde era capaz de dominar o medo.

– Por que me falas nisso? – perguntou Teoria.

Havia qualquer coisa que ele queria descobrir em Teoria, qualquer coisa que lhe escapava. Respondeu com nova pergunta:

– Tens sempre medo?

O outro contemplou-o, assustado. Sim, assustado, reparou Sem Medo. Assustado, mas, no fundo, como que aliviado. Num rompante inconsciente, como a libertar-se, Teoria disse:

– Sim, tenho sempre medo. O medo persegue-me. Não sei porque to digo, mas é a verdade. Tenho medo de fazer guarda à noite, tenho medo do combate, tenho medo mesmo de viver na Base...

– Desconfiava disso. E por que não o mostras?

– Mostrar? Um mestiço mostrar o medo? Já viste o que daria? Tenho procurado sempre dominar-me, vencer-me... compreendes? É como se eu fosse dois: um que tem medo, sempre medo, e um outro que se oferece sempre para as missões arriscadas, que apresenta constantemente uma vontade de ferro... Há um que tem vontade de chorar, de ficar no caminho, porque o joelho dói, e outro que diz que não é nada, que pode continuar. Porque há os outros! Sei que, sozinho, sou um covarde, seria incapaz de ter um comportamento de homem. Mas quando os outros estão lá, a controlar-me, a espiar-me as reações, a ver se dou um passo em falso para então

mostrarem todo o seu racismo, a segunda pessoa que há em mim predomina e leva-me a dizer o que não quero, a ser audaz, mesmo demasiado, porque não posso recuar... É duro!

Sem Medo passou-lhe o cigarro que fumara até meio. Teoria agarrou-se ansiosamente a ele e fumou-o até ao fim, sem parar, tremendo. Sem Medo disse docemente:

– Há coisas que uma pessoa esconde, esconde, e que é difícil contar. Mas, quando se conta, pronto, tudo nos aparece mais claro e sentimo-nos livres. É bom conversar. Esse é dos tais problemas que pode destruir um indivíduo, se ele o guarda para si. Mas podes ter a certeza de que todos têm medo, o problema é que os intelectuais o exageram, dando-lhe demasiada importância. É realmente aqui uma origem de classe social... Todos pensamos ter duas personalidades, a que é covarde e a outra, que não chamamos corajosa, mas inconsciente. O medo... o medo não é problema. A questão é conseguir dominar o medo e ultrapassá-lo. Dizes que o ultrapassas quando os outros te observam, ou quando pensas que te observam, que é o mais verídico... mas que, se estiveres sozinho, não és capaz. Talvez. Dás demasiada importância ao que os outros pensam de ti. Hoje, tu já não tens cor, pelo menos no nosso grupo de guerrilha estás aceite, completamente aceite. Não é dum dia para o outro que te vais libertar desse complexo de cor, não. Mas tens de começar a pensar que já não é um problema para ti. Talvez sejas o único que tem as simpatias e o respeito de todos os guerrilheiros, isso já o notei várias vezes. Não podes viver nessa angústia constante, senão os nervos dão de si. E hoje já não há razão.

– Os meus nervos já estoíram tantas vezes...

– Ainda não. Foram só ameaças! É bom falar, é bom conversar com um amigo, a quem se abre o coração. Sempre que estiveres atrapalhado, vem ter comigo. A gente papeia. Guardar para si não dá, só quando se é escritor. Aí um tipo põe tudo num papel, na boca dos outros. Mas, quando se não é escritor, é preciso desabafar, falando. A ação é outra espécie de desabafo, muitos de nós utilizam esse método, outros batem na mulher ou embebedam-se. Mas a ação como desabafo perde para mim todo o seu valor, torna-se selvática, irracional. As outras formas são uma covardia. Só há a conversa franca que me parece o melhor, a mim que não sou escritor. Não foi por acaso que os padres inventaram a confissão, ela corresponde a uma necessidade humana de desabafo. A religião soube desde o princípio

servir-se de certas necessidades subjetivas, nasceu mesmo dessas necessidades. Por isso o cristianismo foi tão aceite. Há certas seitas protestantes, não sei se todas, em que a confissão é pública. Isso corresponde a um maior grau de sociabilidade, embora leve talvez as pessoas a serem menos profundas, menos francas, na confissão. Corresponde melhor à hipocrisia burguesa... E daí não sei, pois eu nunca fui muito franco nas minhas confissões individuais de católico...

Lutamos tinha apanhado um grande peixe e os outros aplaudiram, esquecidos do sítio onde se encontravam. O Comissário mandou-os calar.

– Mas será que o medo passa? – perguntou Teoria. – Eu nunca fui um miúdo muito combativo, nunca me tinha experimentado. Será que ficarei sempre em pânico?

– O teu problema principal é o complexo racial. Esse é que condiciona o outro, penso eu. Se ficares libertado dele e compreenderes que tirar o xangui de vez em quando não te vai rebaixar aos olhos dos outros, que o fazem constantemente e sem remorsos, então deixarás de ter pânico e reagirás normalmente, com medo umas vezes, sem medo doutras. De qualquer modo, já combateste frequentemente, já é altura de te habituares...

– E tu? Nunca sentes medo?

– Eu? Às vezes sinto, sim. O pulso acelera-se, tenho frio, mesmo dor de barriga. Outras vezes, não. Geralmente, nos momentos de maior perigo, fico calmo, lúcido. Penso sempre que assustar-me é pior. Isso ajuda. Mas procuro sempre o medo, isso é verdade. Não tenho propriamente medo da morte, assim, a frio. Tenho medo é de me amedrontar quando vir que vou morrer, e perder o respeito por mim próprio. Deve ser horrível morrer com a sensação que os últimos instantes de vida destruíram toda a ideia que se tem de si próprio, toda a ideia que se levou uma vida inteira a forjar de si próprio.

O Chefe de Operações aproximou-se deles, mas, como os viu conversando baixo, afastou-se. Sem Medo chamou-o.

– Há alguma coisa?

– É melhor preparar-se o almoço, não?

– Sim, sim, aproveita-se.

Sem Medo e Teoria foram ajudar a preparar o almoço.

Depois de comerem, voltaram a avançar. Encontraram uma montanha pela frente, que atacaram às duas da tarde. A primeira parte da montanha

estava coberta de folhas de xikuanga, o que dificultava a ascensão. As mochilas pesavam nos ombros, as pernas vergavam-se. Paravam frequentemente, para retomar o fôlego. Quando parecia que se aproximavam do cume, surgia nova elevação. As folhas de xikuanga foram substituídas por mata espessa, que era preciso cortar à catana, para abrir caminho. Às quatro horas, começou a chover. A água descia pela montanha, ensopava o solo. As botas tornaram-se dez vezes mais pesadas, com o peso da lama. As escorregadelas eram frequentes e Pangu-A-Kitina, o enfermeiro, ao escorregar, deixou cair a pépéchá, que foi preciso ir buscar vinte metros mais abaixo. Às cinco horas atingiram o alto da montanha, exaustos. Depois de curto descanso, principiaram a descida, pois à noite era impossível dormirem na montanha, por causa do frio. A descida, embora mais rápida, era mais perigosa que a subida. O Comissário escorregou e rebolou na lama, até se conseguir agarrar a uma liana. As pernas tremiam, pelo esforço de se aguentarem. Os joelhos doíam. Os sacadores impeliavam os homens para a frente, para o abismo. A chuva continuava a cair. Às seis horas escureceu totalmente e eles ainda não tinham descido a montanha. O resto foi feito quase de rastos, na escuridão da montanha traiçoeira, a chuva fustigando o rosto. Quando algum caía, os outros não tinham esperança de o reencontrar. Chegaram finalmente ao rio. A noite não permitia procurarem um sítio mais ou menos seco para acamparem. Deixaram-se cair numa espécie de clareira, controlaram o grupo para ver se estavam todos. Felizmente, ninguém faltava. Abriram os sacadores, onde tudo estava molhado, o pano de dormir, a comida, as munições, tiraram latas de leite e beberam o leite frio, pois não se poderia acender fogo com aquela chuvada.

Ao cair, Teoria voltara a esfolar o joelho. O sangue agora já estancara. Pangu-A-Kitina olhou a ferida, alumiada pela lanterna a pilhas, e deixou-a ficar assim. Como tratá-lo, se todos os pensos estavam molhados? Limitou-se a deitar-lhe um bocado de álcool sobre o ferimento. Teoria apertou os lábios, o que não impediu um gemido teimoso de lhe sair da boca.

Houve quem estendesse a lona no chão molhado para dormir. A maior parte, porém, deitou-se mesmo diretamente no chão, tapando-se com o pano já molhado.

— De vez em quando mexe os braços e as pernas — disse Sem Medo ao Comissário. — Senão podem ficar fixos ao chão, pois o clima aqui é tão fértil que, com a chuva, se criam raízes dum dia para o outro. Boa noite, sonhos

cor-de-rosa!

Como pode ele ainda brincar?, perguntou-se o Comissário, meio escandalizado.

*EU, O NARRADOR, SOU MILAGRE,
O HOMEM DA BAZUKA.*

Viram como o Comandante se preocupou tanto com os cem escudos desse traidor de Cabinda? Não perguntam por quê, não se admiram? Pois eu vou explicar-vos.

O Comandante é kikongo; embora ele tenha ido pequeno para Luanda, o certo é que a sua família veio do Uíje. Ora, o fiote e o kikongo são parentes, é no fundo o mesmo povo. Por isso ele estava tão furioso por se ter roubado um dos seus primos. Por isso ele protege Lutamos, outro traidor. E viram a raiva com que ele agarrou o Ingratidão? Por quê? Ingratidão é kimbundo, está tudo explicado.

Os intelectuais têm a mania de que somos nós, os camponeses, os tribalistas. Mas eles também o são. O problema é que há tribalismo e tribalismo. Há o tribalismo justo, porque se defende a tribo que merece. E há o tribalismo injusto, quando se quer impor a tribo que não merece ter direitos. Foi o que Lenine quis dizer, quando falava de guerras justas e injustas. É preciso sempre distinguir entre o tribalismo justo e o tribalismo injusto, e não falar à toa. É verdade que todos os homens são iguais, todos devem ter os mesmos direitos. Mas nem todos os homens estão ao mesmo nível; há uns que estão mais avançados que outros. São os que estão mais avançados que devem governar os outros, são eles que sabem. É como as tribos: as mais avançadas devem dirigir as outras e fazer com que estas avancem, até se poderem governar.

Mas, o que se vê agora aqui? São os mais atrasados que querem mandar. E eles vão apanhando os lugares-chave, enquanto há dos nossos que os ajudam. É como esse parvo do Comissário, que não percebe nada do que se passa. Deixa-se levar pelo Comandante, está sempre contra o Chefe de Operações. Um tipo que é inteligente, possas!, ele lê muito, e, afinal, deixa-se levar assim. Ou será que faz de propósito? Às vezes penso que ele tem um pacto com os outros contra nós, os do seu sangue.

Eu sofri o colonialismo na carne. O meu pai foi morto pelos tucas. Como

posso suportar ver pessoas que não sofreram agora mandarem em nós, até parece que sabem do que precisamos? É contra esta injustiça que temos de lutar: que sejam os verdadeiros filhos do povo, os genuínos, a tomar as coisas em mãos.

Choveu durante toda a noite. Alguns guerrilheiros, entre os quais Sem Medo, conseguiram dormir. A maior parte, porém, não pregou olho, tremendo de frio e recebendo a chuva em todo o corpo.

De madrugada, as feições encovadas demonstravam o cansaço de dias seguidos de esforço e sofrimento. Só beberam leite. A comida estava molhada, a xikuanga desfizera-se com a água. Restava-lhes o arroz e as latarias, aliás raras.

A mata estava húmida, pingando ainda das folhas. O chão era um pântano escorregadio. Avançaram sempre a corta-mato, até que às dez horas reencontraram o Lombe. Uma patrulha subiu a uma elevação, para se orientar.

Estavam perto da estrada. Retomaram a marcha, tendo esquecido o cansaço. Ao alcançarem a estrada, ouviram duas explosões surdas, logo seguidas de uma outra: os tucas tinham saltado nas minas perto do buldózer. Os guerrilheiros riram, segurando com mais firmeza as armas.

Passados momentos, o Chefe de Operações foi fazer um reconhecimento, à procura do melhor sítio para se fazer a emboscada. Era já meio-dia. Quando o Chefe de Operações voltou, avançaram todos para o local escolhido. Sem Medo apreciou o sítio, aprovou com a cabeça e dispôs os homens ao longo da estrada. Ninguém comera, só chuparam um pouco de leite das latas. Os guerrilheiros tinham de estar prontos para tudo, pois os soldados podiam voltar dum momento para o outro, transportando os feridos das minas.

Passaram duas horas. Nada. Sem Medo foi ter com o Comissário e o Chefe de Operações.

– Levaram os feridos para o outro quartel, certamente – disse o Comandante. – Mas há de vir uma patrulha por aqui. Temos de aguentar.

– A última vez que comemos foi ontem ao meio-dia – disse o Comissário.
– Os camaradas não aguentam muito mais, com o esforço de ontem... O melhor é retirarmos para podermos acender fogo e cozinhar. Amanhã eles passarão.

– Não – disse o Chefe de Operações –, eles vão passar hoje. É impossível que não mandem reforços do Sanga. Portanto, os reforços vão voltar, eles não aceitam dormir na mata. Os camaradas aguentam, querem combater. E esperar mais um dia é pior, então acaba a comida de vez.

– Tens razão, Das Operações. Vamos esperar até às cinco horas – disse o Comandante. – Se até lá não vierem, então retiramos para acampar e procurar lenha seca. Dá tempo! O Comissário ficou contrariado, mais pelo brilho dos olhos do Chefe de Operações. Mas não replicou. Voltaram a tomar posição.

Havia guerrilheiros que adormeciam, as armas em posição e o dedo no gatilho. O Comandante percorria constantemente a fila de combatentes, acordando-os suavemente para não os assustar, perguntando coisas insignificantes, sussurrando histórias e anedotas, para levantar o moral. Os guerrilheiros sorriam, piscavam-lhe o olho, demonstrando confiança. É engraçado, pensava Sem Medo, ao ir de um para outro, mesmo os que não me gramam nada parece que me adoram. É a solidariedade do combate!

Tinham devolvido a arma a Ingratidão do Tuga, mas Ekuikui recebera missão de o vigiar de perto. Ekuikui cumpria, muito compenetrado, o seu papel.

O Comandante deitou-se ao lado de Teoria. O professor lançou-lhe uma rápida mirada, mas nada disse. Sabia por que Sem Medo viera. Sem Medo também sabia por que viera.

– Então? – perguntou o Comandante.

– O meu segundo eu prevalece – disse Teoria. – Não te preocupes.

– Não estou preocupado. Sabia disso.

Sem Medo levantou-se e avançou ao longo da estrada, para saber como estava o guarda, colocado a duzentos metros da emboscada e encarregado de dar o sinal, quando o inimigo aparecesse.

– Vamos embora, camarada Comandante?

– Não. Eles vão vir.

– Tenho fome, camarada Comandante.

– E eu que ainda não fumei hoje? – respondeu Sem Medo.

Voltou para o sítio da emboscada. Placou no seu lugar e esperou, numa sonolência leve, interrompida pelo gesto de ver as horas. Às quatro, o Sol já não se vislumbra, tapado pelas árvores do outro lado da estrada.

A espera era o pior. Depois de o inimigo surgir, acabavam os problemas,

os fantasmas ficavam para trás, e só a ação contava. Mas, na espera, as recordações tristes da meninice misturavam-se à saudade dos amigos mortos em combate e mesmo (ou sobretudo) ao rosto de Leli. Sem Medo notou que tinham passado mais de seis meses sem pensar em Leli. Desde o último combate. Ao irem atacar o Posto de Miconje, a imagem de Leli viera confundir-se com a chuva que formava torrentes de lama, resvalando pela encosta que subiam para atingirem o inimigo. Tinham progredido na noite, debaixo do aguaceiro constante, para atingirem o ponto de ataque às seis da manhã. A lama e a chuva cegavam-nos, asfixiavam-nos, ofegantes pelo esforço de subirem de rastos uma montanha coberta de mata densa. Fora aí, na cegueira da floresta e da chuva, que Leli viera, se impusera de novo. A angústia perseguiu-o até dar a ordem de fogo. O grito de fogo saíra-lhe como uma libertação, um urro de animal fugindo da armadilha. O grito ferido de Sem Medo afugentara a imagem de Leli.

Mais uma vez Leli voltava e se impunha. Os olhos de Leli acusavam-no de mil crimes, vingativos e meigos; havia tal abandono e solidão nos olhos dela que Sem Medo quis gritar, afastando o fantasma. Mas era demasiado cedo, o inimigo não aparecera, e ele não podia dar ordem de fogo. Quatro e um quarto. A angústia ganhara-lhe o ventre, sentia cólicas. Esquecera onde estava, o corpo não se fazia sentir sobre os cotovelos dormentes, as mãos encravadas na AKA, os olhos teimosamente fixos na estrada, no princípio da curva. Leli suplicava e acusava, muda, as palavras eram inúteis, ele conhecia-as, não as esquecera. Foi essa a tua vingança, reconquistares-me para me abandonares ao saberes que eu estava de novo presa a ti. O teu orgulho, tudo pelo teu orgulho, um orgulho sem limites, que tudo sacrifica. Ele conhecia as palavras, as palavras que mil vezes lhe martelaram a memória, por isso só os olhos de Leli falavam agora.

Ela corria na praia branca. Os coqueiros inclinavam-se para a cumprimentar. Nua, resplandescendo à luz da Lua, o corpo castanho perlado de gotas de água que refletiam o brilho da Lua. Ela corria pela praia branca ao seu encontro. Abraçavam-se, nus, à sombra confidente dos coqueiros, e deixavam-se cair na areia.

O suor manchava-lhe a camisa. Sentia-se mal, a angústia irradiava do ventre para o peito e a respiração tornava-se ofegante. O teu orgulho, um

orgulho sem limites... Sem Medo quis levantar-se para correr, correr até ao sítio onde estava o inimigo, despejar todos os carregadores até apagar a imagem de Leli. Mas o guarda apareceu, fazendo sinais, e Leli sumiu.

Pelos sinais, Sem Medo compreendeu que os soldados vinham a pé, o que dificultava a operação. A notícia correu rapidamente pelos guerrilheiros. Momentos depois, ouviram as primeiras vozes. Os tugas vinham alegres por regressarem ao quartel, barulhentos, despreocupados, convencidos que os guerrilheiros já estavam no Congo. Sem Medo percebeu mesmo a alusão gritada dum soldado aos hábitos da irmã de outro. O tuga é sempre o mesmo, em todas as circunstâncias, pensou. Será o que fala que tombará com a minha rajada, ou o outro, cuja irmã foi ofendida?

Os primeiros soldados apareceram na curva da estrada. Depois, aos poucos, o resto da companhia. Vinham sem ordem, aos grupos, desatentos, as armas sobre o ombro. O grupo da frente entrou na zona de morte, avançou até passar pelo comandante. Sem Medo ia contando os soldados inimigos. Contou até setenta. Os guerrilheiros esperavam a rajada do Comandante, sinal de abrir fogo. A vanguarda inimiga aproximava-se do último guerrilheiro, enquanto os da cauda entravam na emboscada.

Está lindo, entraram que nem patinhos! – pensou Sem Medo. E disparou, visando os que estavam à sua frente, a menos de quatro metros. Imediatamente crepitaram as pépéchás com o seu barulho de máquina de costura. Dois segundos depois, Milagre erguia-se e bazukava sabiamente o grupo avançado. Os soldados, apanhados na mais completa surpresa, só placaram ao solo ou cambalhotaram, quando já muitos tinham caído. Os gemidos confundiam-se com o cacarejar das pépéchás e o estrondo das granadas. Finalmente, os primeiros soldados começaram timidamente a responder ao fogo, para permitir que os que estavam na estrada pudessem ganhar a mata protetora.

Sem Medo mudou o carregador, no momento em que apercebeu o soldado à sua frente, deitado na borda da estrada, tentando febrilmente desencravar a culatra da G3. O soldado tinha-o visto, mas a arma encravará. Sem Medo apontou a AKA. O soldado era um miúdo aterrorizado à sua frente, a uns quatro metros, as mãos fincadas na culatra que não safava a bala usada. Os dois sabiam o que se ia passar. Necessariamente, como qualquer tragédia. A bala de Sem Medo abriu um buraquinho na testa do rapaz e o olhar aterrorizado desapareceu. Necessariamente, sem que

qualquer dos dois pensasse na possibilidade contrária.

Os soldados que se encontravam na estrada estavam mortos ou feridos. Os outros disparavam agora furiosamente, visando as árvores. Tinham ficado muitos vivos, era impossível passar ao assalto. Sem Medo deu ordem de retirar. Era o mais difícil: as balas silvavam acima das cabeças, cortando os ramos ou cravando-se nos troncos das árvores. Milagre, expondo-se perigosamente, bazukou uma moita donde vários inimigos faziam fogo nutrido. A ação de Milagre fez parar o fogo inimigo e os guerrilheiros aproveitaram para recuar, rastejando, até ficarem ao abrigo dos tiros adversários. Grande combatente, esse Milagre, pensou Sem Medo, enquanto rastejava. A dez metros do sítio onde se encontravam, já puderam erguer-se um pouco e afastarem-se, pois tinham árvores interpostas. Os soldados colonialistas aumentaram o volume de fogo. Os guerrilheiros recuaram até ao ponto de encontro. Os soldados lançavam insultos, de mistura com balas, certos agora que os guerrilheiros já tinham partido. Do Sanga começaram a cair os primeiros obuses de morteiro, atirados à toa, só para desmoralizar.

No ponto de recuo, os responsáveis controlaram os combatentes: Alvorada tinha um ferimento ligeiro no ombro e Muatiânvua ainda não tinha chegado. Esperaram Muatiânvua, enquanto Pangu-A-Kitina tratava do ferido. Muatiânvua não aparecia.

- Deve ter apanhado – disse o Comissário. – É preciso ir buscá-lo.
- Não pode – disse Milagre. – Eu estava ao lado dele e não o vi apanhar.
- Viste-o recuar? – perguntou o Comandante.
- Não.
- Então, pode ter apanhado no recuo. Quem é voluntário para o ir buscar?

Os guerrilheiros contemplaram-se, hesitando. Os soldados continuavam a fazer fogo e era arriscado voltar ao sítio da emboscada, mais perigoso que fazer a emboscada. Lutamos e Ekuikui ofereceram-se. Teoria não se ofereceu, notou Sem Medo. Está a fazer progressos, noutra altura teria de ser voluntário, por afirmação. O Comandante deixou partir os dois voluntários e depois disse:

– Ninguém se queria oferecer, porque Muatiânvua é um destribalizado. Fosse ele kikongo ou kimbundo e logo quatro ou cinco se ofereceriam... Quem foi? Lutamos, que é cabinda, e Ekuikui, que é umbundo. Uns destribalizados como ele, pois aqui não há outros cabindas ou umbundos... É assim que vamos ganhar a guerra?

O soldado aterrorizado que deixara encravar a arma devia ser minhoto ou transmontano. E os outros minhotos ou transmontanos disparavam raivosamente para o cobrir. Ao situarem de onde viera o tiro de Sem Medo que fizera desaparecer o olhar aterrorizado, todos os minhotos ou transmontanos dispararam raivosamente na sua direção. Não havia grande diferença!

Os dois voluntários não precisaram de chegar à emboscada, pois encontraram Muatiânvua, que se dirigia tranquilamente para o sítio de recuo.

– Que ficaste lá a fazer? – perguntou Sem Medo.

– A contar os mortos, para o Comunicado de Guerra! Havia dezasseis corpos na estrada, mortos ou feridos, quem sabe? Os outros estavam zangados, insultavam mal...

– Quando mando recuar, é para recuar! – gritou Sem Medo, para se convencer. Fizera um dia a mesma coisa e fora criticado e louvado ao mesmo tempo. Mudou logo o tom de voz: – Dezasseis, dizes tu? Não foi nada mau. Vamos embora.

E avançaram a corta-mato, Lutamos à frente abrindo caminho com a catana. Até às seis horas, momento em que voltaram a encontrar o Lombe. Acamparam aí. Os soldados tinham parado de fazer fogo, certamente sem mais munições, mas a artilharia do Sanga continuava a gastar inutilmente obuses. Seria assim toda a noite. O combate durara dois minutos, constatou Sem Medo.

Voltaram a retirar a arma a Ingratidão do Tuga. Não fizeram guarda. À noite, na mata, o melhor guarda era a impenetrabilidade do Mayombe. O inimigo não sabia o lugar para onde tinham retirado, por isso os obuses de morteiro caíam a uns cinco quilómetros para a direita. Os morteiros, aliás, não eram utilizados como arma ofensiva, mas apenas para levantarem o moral dos soldados tugas, cercados numa mata desconhecida e temível, que escondia monstros aterrorizadores. O barulho acalmava-os, dava-lhes consciência do seu poderio, protegia-os do seu próprio medo.

O Comissário veio sentar-se ao lado do Comandante, a testa jovem cortada por uma ruga. O Chefe de Operações também se encontrava ali ao lado.

– Camarada Comandante, vamos pensar no dinheiro do trabalhador?

Como fazer para o devolver?

– Deixa lá isso! – disse Sem Medo.

– Não deixo, não. É importante. Tratámos bem os trabalhadores, há muito tempo que não tínhamos um contacto tão importante com o povo do interior, as consequências podem ser muito positivas. Mas houve uma sombra. Um trabalhador foi roubado e soube-o. Os outros também souberam. Que é que o povo vai dizer? Os do MPLA trataram bem os trabalhadores, é verdade, mas foi só para os mobilizar. Logo que puderam, roubaram o que de valor levavam. Que interessa fazer ações assim, se ficamos sujos?

– Bem. Que propões?

– Eu vou com dois camaradas. Tentaremos chegar à aldeia onde o mecânico mora e deixamos o dinheiro num papel. Alguém apanhará o papel e entrega-o.

– Quem apanhar fica com o dinheiro, não o entrega e pronto! Um risco para nada – disse o Chefe de Operações.

O Comissário coçou a cabeça. Os olhos brilharam. Falou de novo:

– Esperamos o mecânico no caminho que sai da sanzala. Ele de manhã cedo vai para o trabalho. Entregamos-lhe o dinheiro e pedimos desculpa...

– Arriscado, muito arriscado – disse Sem Medo –, os caminhos devem estar patrulhados.

– Só três homens passam em qualquer sítio sem se fazerem notar.

– O mecânico avisa os tugas, que devem estar a vigiar a zona, e cortam-vos a retirada. Vocês têm de vir pelo Lombe e é fácil cortar...

– Não é nada fácil. Cortaram-nos? De qualquer modo, tens uma ideia melhor?

– Tenho – disse Sem Medo –, deixa cair!

– Não podemos.

– Camarada Comissário – disse o Das Operações –, oiça o camarada Comandante, é um plano arriscado. E o resultado...

– Aí é que vocês se enganam. O risco pesa-se com a importância da coisa. E vocês não compreendem que isto é fundamental, pode decidir sobre a impressão que o povo tenha de nós. É mesmo o mais importante.

Sem Medo fumava o seu primeiro cigarro daquele dia. Restava-lhe um, que seria guardado para o dia seguinte. Estou a ficar velho, pensou ele, começo a tornar-me previdente. Antes eu teria fumado todos os cigarros no

princípio e depois sofreria o tempo que fosse necessário. Só os velhos são capazes de repartir o prazer. E é por ficar velho, aos 35 anos, que xinguei o Muatiânvua pela sua ousadia. É por ficar velho que não aprovo a coragem generosa do Comissário? O risco é como o prazer, o jovem não o pode repartir.

– Com quem irias? – perguntou Sem Medo.

– Com dois voluntários. Um terá forçosamente de ser o Lutamos, é o único que conhece a mata.

– E nós? Ficaríamos aqui à tua espera?

– Para quê? Encontramo-nos na Base.

– Eu continuo a não estar de acordo, camaradas – disse o Chefe de Operações. – É demasiado perigoso. O tuga está alertado, ele tem bufos em todo o lado. Vocês vão deixar pegadas, eles vão topar. O próprio povo vai indicar as pegadas.

O Comandante cortou:

– Deixa! Vamos mudar um bocado o plano. Um grupo de seis vai até ao trator. Três avançam e três ficam à espera. O resto fica aqui. Se houver qualquer coisa, vamos em socorro. Os tugas agora estão ocupados em sepultar os mortos...

– Mas não temos quase comida – disse o Das Operações.

– É verdade, Comandante – disse o Comissário. – O melhor é arrancarem para a Base e deixam-nos a comida que sobra. Daqui a dois dias estamos na Base.

– Bem – disse Sem Medo –, façamos um compromisso. Vocês os três partem. Eu e mais dois camaradas ficamos perto da aldeia, para vos proteger em caso de necessidade. O resto volta com o Das Operações para a Base. Está decidido!

– Mas... – disse o Das Operações.

– Está decidido – repetiu Sem Medo.

– Por que tu, Comandante? – perguntou o Comissário.

– E por que tu, Comissário? – disse Sem Medo.

O Chefe de Operações partiu às sete horas para a Base. Sem Medo e dois guerrilheiros seguiram com o Comissário, Lutamos e Mundo Novo. Avançaram prudentemente, evitando os trilhos que se deparavam na mata. Ao meio-dia chegaram perto duma aldeia: ouviam-se gritos e choros de crianças. Afastaram-se de novo para prepararem o almoço.

À tarde, Lutamos e Mundo Novo foram fazer um reconhecimento. Voltaram para junto dos outros, três horas depois.

– Soldados, há? – perguntou Sem Medo.

– Não nos aproximámos muito. Vimos o caminho que vai para a estrada. Não nos aproximámos, para não sermos vistos nem deixarmos pegadas.

– Bom. Vamos avançar então os três, para dormirmos ao lado do caminho – disse o Comissário. – Vocês os três ficam aqui, Comandante.

– Sim, chefe! – disse Sem Medo. Fez sinal ao Comissário para se aproximar e segredou-lhe ao ouvido: – O Das Operações repetiu-me mil vezes para desconfiar do Lutamos.

– Acreditas nisso?

– Eu não. Mas devia dizer-te.

– Se tivesses partido, como eu propus, a esta hora estavas a fumar os cigarros que quisesses na Base. Assim, vais sofrer durante mais uma noite e um dia...

– É preciso saber retardar o prazer... Depois sabe melhor.

Os guerrilheiros abraçaram-se, como quando enfrentavam um perigo qualquer. Depois, o Comissário, Lutamos e Mundo Novo partiram, cautelosamente, para junto do caminho. Demoraram uma hora a chegar lá, com a preocupação de escutarem os ruídos e evitarem partir os paus secos. Anoitecia, quando se sentaram a dez metros do caminho, invisível pelas ramagens e pelo crepúsculo. Abraçaram-se às lianas, cobriram-se com as folhas que dos seus braços nasciam, e prepararam-se para ali passar a noite.

Foram acordados pelas primeiras vozes que se libertavam do espaço limitado da sanzala, para se irem combinar ao orvalho que avivava o verde das folhas. Sacudiram o torpor dos membros e do corpo doído pelas raízes, sobre as quais se deitaram. Avançaram na noite para o caminho. Emboscaram-se ao lado dele. Cada cão que ladrava trazia-lhes a impressão de ladrões esperando a vítima. No entanto, eles esperavam um homem para lhe entregar o seu dinheiro. Estranha situação que leva o que dá a esconder-se, pensou Mundo Novo. Só o colonialismo poderia provocar tal aberração.

As vozes aproximaram-se. Dois homens conversavam, caminhando. Impossível ver-lhes a cara, na escuridão. Não poderiam pará-los, para lhes perguntar quem eram. Os homens chegaram à frente deles e Lutamos compreendeu que falavam do combate. O Comissário segurou no braço de cada companheiro, indicando-lhes que nada fizessem. Os homens passaram.

Lutamos segredou aos outros que nenhum dos homens era o mecânico.

– Como sabes?

– Pela voz.

Quinze minutos depois, um vulto desenhou-se na obscuridade quase total. Era uma mulher que ia para a lavra. Deixaram-na passar.

Já clareava, quando distinguiram a uns dez metros o rosto inteligente do mecânico. Vinha com outro trabalhador, o velho que tinha uma perna defeituosa. Ao passarem junto deles, o Comissário chamou baixinho:

– Malonda!

O interpelado virou-se para eles, atônito e assustado. Lutamos surgiu então da ramagem com que se camuflava.

– Somos nós. Venham aqui só um minuto.

Os trabalhadores reconheceram Lutamos. Hesitaram, olharam para trás, em direção da aldeia, depois interrogaram-se, mudos. Lutamos repetiu o convite e os homens decidiram-se a entrar na mata.

Os guerrilheiros afastaram-se com eles alguns passos do caminho.

– Trouxemos-lhe o seu dinheiro – disse o Comissário. – Um dos nossos camaradas tinha-o roubado. Vai ser julgado e castigado. Está aqui o dinheiro.

– Vieram só por isso? – perguntou o coxo. – Mas era perigoso...

– Era o nosso dever. O MPLA defende o povo, não rouba o povo – disse Mundo Novo.

– Era melhor não virem – disse o mecânico –, não tinha importância.

– Tinha, sim – disse o Comissário. – Vocês podiam acreditar que nós somos bandidos, como dizem os portugueses, e isso não é verdade.

– Mas podem ficar com o dinheiro – disse o mecânico. – Verdade! Ofereço ao MPLA. Verdade mesmo, fiquem com ele.

O mecânico olhava nervosamente para trás, para o caminho. Murmuravam apenas, mas um murmúrio pode ir longe, naquela mata. O Comissário agradeceu e guardou o dinheiro.

– Ouviram do combate?

– Sim – disse o coxo, com um sorriso. – Morreram muitos. Morreu um rapaz ali da aldeia ao lado. Houve óbito ontem.

– Nós sempre dizemos para os angolanos desertarem do exército. As balas não escolhem – disse o Comissário. – Foi o único angolano que morreu?

– Não. Houve outro. Mas esse era do Sul. Brancos é que morreram muitos. Um era capitão.

– Como se chamava?

– Capitão Lima. Eles deram ordem para se procurar rastos em todo o lado, mas o povo não está a fazer...

– E a vocês, fizeram alguma coisa?

– Interrogatório – disse o mecânico. – Muitas perguntas. Quantos guerrilheiros eram, como era o chefe, onde foram, o que falavam, o que comiam, como eram as armas... Mostraram fotografias, para ver se vocês eram aqueles das fotos. Nenhum era! Ficaram zangados, foi com as minas. Que nós sabíamos das minas e que não dissemos nada. Mas nós não sabíamos. Eles estão bravos... Puseram um da Pide aí na aldeia.

– Vocês sabem quem é?

– Sabemos, sim. Então por que veio só agora? É mesmo da Pide. Por isso que é perigoso aqui...

– Sim, nós já vamos – disse Lutamos.

Surgiram vozes no caminho. Esperaram que os passos se afastassem, depois despediram-se dos trabalhadores. Estes aproximaram-se cautelosamente do caminho, espiaram dos dois lados e, não vendo ninguém, meteram-se nele. Os guerrilheiros tinham-nos seguido, para verem se, de facto, iam sair da aldeia ou se a ela voltavam. Esperaram ainda uns minutos, os nervos tensos, para se certificarem que os trabalhadores não os iam trair. Tranquilizados, embrenharam-se na mata.

Quando chegaram ao local do encontro, os camaradas já estavam levantados.

– Então? – perguntou Sem Medo.

– Correu tudo bem. Encontrámo-lo sem problemas. Ofereceu--nos mesmo o dinheiro. Oferta ao MPLA!

A gargalhada de Sem Medo, como um ronco, era imprudente, podia ser ouvida longe. Mas o Comandante não pudera conter-se.

– Realmente... vir tão longe, arriscar tanto, para continuar com o dinheiro no bolso...

O Comissário respondeu, um pouco vexado:

– Mas era o que devia ser feito...

– Eu sei, eu sei. Mas não deixa de ser cómico! Partiram apressadamente, tentando afastar-se da zona perigosa. O almoço foi só restos de sardinha em

lata, o que os fez perder dez minutos. Prosseguiram a marcha, cortando caminho, sem preocupação pelos rastros que poderiam deixar. A noite encontrou-os na marcha, mas decidiram continuar mesmo assim, ansiosos de dormirem sob um teto e de comerem qualquer coisa quente.

A escuridão e a lama provocaram quedas inúmeras. Não fosse o sentido de orientação de Lutamos, ter-se-iam perdido mil vezes nas curvas do Lombe. A fadiga, as dores, a fome, tinham desaparecido, eram máquinas feitas para andar. Mas às dez horas da noite chegaram à Base. Tinham marchado dezasseis horas seguidas.

Antes mesmo de cumprimentar alguém, Sem Medo pediu um cigarro. E fumou-o integralmente, encostado a uma árvore, ouvindo o Comissário contar aos outros o que se passara. Só depois de esgotar o cigarro, até sentir os dedos queimados, é que Sem Medo se lembrou que ainda tinha o sacador nas costas. Foi então aquecer água para tomar café e fumar outro cigarro. Para comer, tinha a noite inteira...

O julgamento de Ingratidão do Tuga realizou-se no dia seguinte. Julgamento em que participavam todos os guerrilheiros da Base. Ingratidão reconheceu que tinha roubado. Cada guerrilheiro falou, todos condenaram o gesto. Mas alguns invocavam circunstâncias atenuantes; entre eles, Teoria e Ekuikui. O Comando reuniu-se em seguida, para deliberar sobre a pena.

O Comissário foi o primeiro a falar:

– Como prevê a Lei da Disciplina e como se faz habitualmente noutras Regiões, este crime só pode ter um castigo: fuzilamento. Não tenho mais nada a dizer, a situação é clara. Ingratidão deve ser fuzilado, por roubar bens do povo, por sabotar as relações entre o Movimento e o Povo, sobretudo agora, que estamos no princípio.

As palavras do Comissário não foram seguidas de exclamações. A sua dureza provocou um silêncio gelado e um arrepio nos outros dois. Só muito tempo depois o Chefe de Operações deixou de brincar com o punhal, para afirmar:

– Acho que o Camarada Comissário é muito duro. Não devemos esquecer a atitude desse povo contra o MPLA. Muitos camaradas já morreram, por traição do povo. Por isso os guerrilheiros não gostam do povo de Cabinda. Isso leva-os a cometerem crimes. Está errado, eu sei. Ninguém defende o Ingratidão, mas é preciso também considerar isso. Um erro é menor, se há razões anteriores que levam as pessoas a cometerem esses erros.

– Não há justificação! Se o povo antes traía, havia razões. Não estava politizado, o Taty enganou-os e eles acreditavam que o tuga ia mudar de política e que éramos nós que impedíamos, porque teimávamos em fazer a guerra. E Ingratidão estava esclarecido. Quantos papos batemos nós para explicar como se deve tratar o povo? Os erros anteriores não justificam um erro presente. E só pode haver um castigo. Somos nós que permitimos estes erros que estragam as nossas relações com o povo. Somos nós, com a nossa fraqueza, o nosso tribalismo, que impedimos a aplicação da disciplina. Assim nunca se mudará nada.

O Chefe de Operações ia responder, quando Sem Medo tomou a palavra:

– Comissário, tu és jovem e, como todo jovem, inflexível. Mas vê um pouco com calma. Que se deve fazer a um tipo que rouba dinheiro do Movimento? Fuzilamento. Já alguém foi fuzilado? Não. Que devia acontecer a alguém que recuse, sem razão, vir para a Base? Expulsão, depois de um tempo de cadeia, não? Mas que lhe acontece na realidade? É protegido, não lhe acontece mais que uns quinze dias de cadeia e depois fica em Dolisie. Podia repetir-te os exemplos... Como é que nós, agora, podemos aplicar a maior pena, a pena de morte?

– Não é por fraqueza, acredita. Mas a indisciplina que reina lá fora leva à indisciplina aqui. Os exemplos de fora, do exterior, dos refugiados fardados de militantes, vêm influenciar os combatentes, enfraquecer-lhes o moral. Isto não sucederia se a Região funcionasse bem. Vê o Ingratidão! Combatente no Norte de 1961 até 1965. Combatente em Cabinda desde essa data. Há dez anos que combate o inimigo. Tem pouca formação política? Certamente. Mas a culpa não é dele. Quem a tem? Ele vê os exemplos que vêm de cima. A culpa também não é tua. Tu tomas este facto como uma ofensa pessoal, porque és o Comissário, o responsável pela formação política. Não podes fazer mais do que fazes para convencer o Ingrati-dão que o povo de Cabinda é como o do resto de Angola. Ingratidão também não pode ser convencido só por palavras. Só a prática o levará a essa constatação. Não é justo fuzilar um combatente com dez anos de luta, quando outros criminosos ficam indemnes, embora o seu crime teoricamente mereça esse castigo. Não, não se pode. Noutras circunstâncias, Ingratidão não teria feito o que fez e seria permeável à formação que lhe tentámos dar. Mas neste contexto é impossível.

O Chefe de Operações apoiou:

– Se o executarmos, ou há uma revolta ou a maior parte dos guerrilheiros deserta. E não temos efetivo...

– Isso não é argumento – disse o Comissário. – Que fiquem só cinco, mas cinco bons, cinco conscientes... é melhor que ter muitos, graças a compromissos. Não posso admitir a chantagem!

– Chantagem?

– Sim, isso é chantagem. Os guerrilheiros mal formados fazem chantagem por causa da falta de efetivo. O verdadeiro efetivo está lá onde fomos, naquelas aldeias, naquelas explorações. Esse é o verdadeiro efetivo desta Região. E não é permitindo o roubo que conseguiremos esse efetivo. E os responsáveis aceitam essa chantagem!

O tom tinha subido perigosamente. Por isso, Sem Medo interveio:

– Penso que o Comissário tem razão neste aspeto. Isso não é argumento. Mas gostaria que ele respondesse aos meus argumentos.

– Tu és um sentimental, Sem Medo! – disse o Comissário, alterado. – Não acredito que tivesses sequer coragem de mandar fuzilar um traidor.

Sem Medo apertou as mãos, cujos nós se tornaram brancos. Os lábios tremeram. Falou baixinho, dominando-se a custo:

– Fica sabendo, camarada Comissário, que eu já executei um traidor. Não só tomei a decisão, sozinho, como o executei, sozinho. E não foi a tiro, pois o inimigo cercava o sítio onde estávamos. Foi à punhalada! Já espetaste o punhal na barriga de alguém, Comissário? Já sentiste o punhal enterrar-se na barriga de alguém? Poderia ter evitado fazê-lo, mas todos evitavam, não houve voluntários, não tive coragem, sim, não tive coragem, de mandar um camarada executá-lo, escolhi-me a mim próprio como voluntário, para dar o exemplo. Tu ainda não estavas aqui; se as gentes não falam nisso, é porque ninguém gosta de falar em certos assuntos. Nessa altura não fugi à minha responsabilidade, camarada. E foi a responsabilidade mais difícil de assumir, comparado com isso é brincadeira ser-se voluntário para assaltar um quartel... Há os assassinos, que gostam de matar. Para os homens que apreciam a vida humana, que lutam porque apreciam a vida humana, camarada, é muito difícil ser-se voluntário para executar à punhalada um homem, mesmo que seja um traidor miserável. Eu vi as caras dos outros. Os maiores combatentes viravam-se para não ver, os mais duros combatentes tapavam os olhos com as mãos. E estas mãos, camarada, estas mãos espetaram o punhal na barriga do traidor e rasgaram-lhe o ventre, de baixo

para cima. E o meu corpo todo sentiu as convulsões da morte no corpo do outro. Queres mais detalhes? Camarada Comissário, agradeço as tuas palavras, que me fizeram recordar um momento terrível, o mais terrível... Agradeço, Comissário...

Engasgou-se e calou-se. O Comissário, num relance, percebeu as lágrimas que enevoavam os olhos de Sem Medo. Cada palavra tinha sido sibilada como uma bofetada. Nada disse, nada tinha a dizer, nada mais havia a dizer.

– De qualquer modo – disse o Das Operações – nós não temos autoridade para condenar à morte um guerrilheiro. Podemos propor, mas quem decide é a Direção...

EU, O NARRADOR, SOU MILAGRE.

Vejam a injustiça. Eu, Milagre, vim de Quibaxe, onde os homens atacavam o inimigo só com catanas e a sua coragem, eu vim de longe, o meu pai foi morto, a cabeça levada pelo trator, para ver agora um dos nossos, amarrado, seguir para o Congo, amarrado, porque ficou com cem escudos dum traidor de Cabinda! Eu, Milagre, nasci para ver isto!

Ingratidão foi condenado a seis meses de cadeia. E quantos traidores não são castigados, são mesmo aceites? Lutamos foi castigado? Tentou avisar os trabalhadores que íamos prendê-los, tentou sabotar a missão, foi castigado? E Ekuikui, que guardou o dinheiro em vez de o entregar logo, foi ele castigado? Só um dos nossos é que foi.

Quem decidiu? O Comandante. Quem fez pressão para que fosse condenado? O Comandante, sempre o Comandante. Um intelectual, que nada conhece da vida, que não sofreu, um homem desses é que pode condenar-nos?

Assim vai a vida. Ah, na Primeira Região... Na Primeira Região, isto não ficaria assim! Esse Comandante há muito teria ido já para o tuga, para escapar ao nosso castigo. E o Comissário seguia-o, esse miúdo que só faz o que lhe diz o Sem Medo.

Sem Medo? Quem lhe deu esse nome? Nunca vi que fosse assim tão corajoso. É corajoso, sim, mas também não tanto.

É esta a injustiça a que assistimos, sem poder fazer nada. Quando mudará isto? Oh, Nzambi, quando mudará isto?

Capítulo II

A BASE

O Mayombe tinha aceitado os golpes dos machados, que nele abriram uma clareira. Clareira invisível do alto, dos aviões que esquadrihavam a mata, tentando localizar nela a presença dos guerrilheiros. As casas tinham sido levantadas nessa clareira e as árvores, alegremente, formaram uma abóbada de ramos e folhas para as encobrir. Os paus serviram para as paredes. O capim do teto foi transportado de longe, de perto do Lombe. Um montículo foi lateralmente escavado e tornou-se forno para o pão. Os paus mortos das paredes criaram raízes e agarraram-se à terra e as cabanas tornaram-se fortalezas. E os homens, vestidos de verde, tornaram-se verdes como as folhas e castanhos como os troncos colossais. A folhagem da abóbada não deixava penetrar o Sol e o capim não cresceu em baixo, no terreiro limpo que ligava as casas. Ligava, não: separava com amarelo, pois a ligação era feita pelo verde.

Assim foi parida pelo Mayombe a base guerrilheira.

A comida faltava e a mata criou as “comunas”, frutos secos, grandes amêndoas, cujo caroço era partido à faca e se comia natural ou assado. As “comunas” eram alimentícias, tinham óleo e proteínas, davam energia, por isso se chamavam “comunas”. E o sítio onde os frutos eram armazenados e assados recebeu o nome de “Casa do Partido”. O “comunismo” fez engordar os homens, fê-los restabelecer dos sete dias de marchas forçadas e de emoções. O Mayombe tinha criado o fruto, mas não se dignou mostrá-lo aos homens: encarregou os gorilas de o fazer, que deixaram os caroços partidos perto da Base, misturados com as suas pegadas. E os guerrilheiros perceberam então que o deus-Mayombe lhes indicava assim que ali estava o seu tributo à coragem dos que o desafiavam: Zeus vergado a Prometeu, Zeus preocupado com a salvaguarda de Prometeu, arrependido de o ter agrilhado, enviando agora a águia, não para lhe furar o fígado, mas para o socorrer. (Terá sido Zeus que agrilhoou Prometeu, ou o contrário?)

A mata criou cordas nos pés dos homens, criou cobras à frente dos homens, a mata gerou montanhas intransponíveis, feras, aguaceiros, rios caudalosos, lama, escuridão, Medo. A mata abriu valas camufladas de folhas sob os pés dos homens, barulhos imensos no silêncio da noite, derrubou árvores sobre os homens. E os homens avançaram. E os homens

tornaram-se verdes, e dos seus braços folhas brotaram, e flores, e a mata curvou-se em abóbada, e a mata estendeu-lhes a sombra protetora, e os frutos. Zeus ajoelhado diante de Prometeu. E Prometeu dava impunemente o fogo aos homens, e a inteligência. E os homens compreendiam que Zeus, afinal, não era invencível, que Zeus se vergava à coragem, graças a Prometeu que lhes dá a inteligência e a força de se afirmarem homens em oposição aos deuses. Tal é o atributo do herói, o de levar os homens a desafiarem os deuses.

Assim é Ogun, o Prometeu africano.

Três dias depois da missão, chegou à Base um grupo de oito guerrilheiros. Todos jovens, as idades variavam entre os dezassete e os vinte anos. Tinham atravessado há pouco clandestinamente o rio Congo, de Kinshasa para Brazzaville, e recebido um treino militar de um mês.

– É pouco – disse Sem Medo. – E este aqui é novo de mais, devia ficar a estudar ainda. É mesmo um miúdo! Precisamos de guerrilheiros, mandam-nos miúdos sem treino. Só servem para fazer guarda.

– Formam-se aqui – disse o Comissário.

– E entretanto? Vão causar-nos problemas. Quer-se engrossar o efetivo à toa, não se olha à qualidade. Há outros no exterior, com suficiente experiência, mas como são primos de tal ou tal responsável, não podem vir para a guerrilha. Os que não têm primos é que aguentam...

Mundo Novo esboçou um sorriso trocista e disse, piscando o olho ao Comissário:

– Mas, camarada Comandante, este mais miúdo é da família do camarada André. É mesmo da família dele, parece.

Eu sei – disse Sem Medo. – Mas é um primo em desgraça, pois o pai dele partiu a cara ao André em Kinshasa, em 1963, quando estavam na UPA... História de medicamentos que desapareceram. Desses assuntos entre kikongos estou bem informado, porque também pertenço à família...

Encontravam-se na casa do Comando, lugar de reunião à tardinha, antes de ouvirem a emissão de rádio do MPLA. O jovem aspirante a guerrilheiro, acabado de chegar, encostava-se timidamente num canto. Percebia mal o português, falava era kikongo e francês, e a personalidade do Comandante intimidava-o: eram vagamente parentes e tinha ouvido falar muito dele; agora, estava pela primeira vez na sua presença. A barba farta e a cabeleira

descuidada do Co-mandante, a sua cabeça grande, o tronco forte, a voz firme, o olhar agudo, tudo nele concorria para o intimidar. Sem Medo virou-se para ele.

– Qual é o teu nome de guerra?

– Não tenho.

– Bom. Temos de lhe arranjar um nome. Que propõem, camaradas?

Os guerrilheiros estudavam o *rapaz*. Este baixou os olhos.

– Onhoká, a cobra – propôs Ekuikui.

– Deixa lá o teu umbundo – cortou Sem Medo. – Ou lhe dás um nome na língua dele, ou em português, que é de todos. Mas não na tua... Aí começa o imperialismo umbundo! Aliás, não me dá ideia nenhuma duma cobra.

O batismo dum guerrilheiro era sempre um tema de fartas discussões. As propostas saíam de todos os lados. Os guerrilheiros obrigaram-no a pôr-se no meio da casa, para lhe estudarem as características e encontrarem o nome conveniente. As gargalhadas misturavam-se às palavras. Cada um contava uma história que conhecesse sobre ele, até que uma ideia clara se formasse sobre o novo recruta. Os outros sete recém-chegados esperavam a sua vez. Milagre propôs “Avança” e logo Muatiânvua disse que não podia, ele tinha era cara de quem recua. Entre risos e piadas, lá ficaram de acordo com uma característica: a timidez. Finalmente foram unânimes na alcunha de Vewê, o cágado1.

– Bem, Vewê, és dos nossos – disse Sem Medo. – Espero que não nos dê muito trabalho, sobretudo aqui ao Comissário. A lavar-te as fraldas...

– És duro para ele – segredou-lhe o Comissário.

– É para ele não pensar que o facto de ser meu parente lhe dá privilégios. O que não quer forçosamente dizer que vou ser uma má galinha para este pintainho...

Baptizaram os outros recém-vindos e ouviram a emissão. Quando na casa de Comando só ficaram os responsáveis, Sem Medo disse:

– Mandam-nos mais bocas e não mandam comida. Comissário, tens de ir lá fora arranjar comida. Se um de nós não vai, bem podemos morrer de fome, que os civis do exterior não se preocuparão. É assim esta guerra!

O Chefe de Operações ficou contrariado, pois queria ir a Dolisie passar uns dias com a mulher. Lançou apenas um olhar carregado ao Comissário.

– Devias ir tu, Comandante – disse o Comissário. – Há três meses que não saís daqui. Desde que a Base está no interior... Uma semana lá fora fazia-te

bem.

– Acho-te uma piada! Estás ansioso por ir lá por razões que todos conhecemos... Sabes muito bem que os civis me põem fora de mim, que não suporto estar em Dolisie. E tens a lata de dizer que é a mim que uma semana lá fora faria bem! Para já, se eu fosse, iria partir a cara ao meu primo André, que nos manda estes caga-fraldas e não a comida. É melhor pois ires tu, que respeitas o André, como teu responsável...

– Questão de disciplina!

– Ficam-te bem esses sentimentos! Por isso a minha escolha é justa.

– Mas talvez o Das Operações quisesse ir – propôs o Comissário.

O Chefe de Operações encolheu os ombros, embora ansioso pela resposta de Sem Medo. Esta foi uma chicotada que soou na mata:

– *Pás question!* Quem for, tem de levar o Ingratidão para a prisão. O Das Operações era capaz de o deixar fugir, só porque é parente dele.

O Das Operações encolheu-se ao som da chicotada. Sorriu com meia boca, esgar que lhe ficou colado aos lábios.

– Mas, camarada Comandante, está a brincar... Eu...

– Brincar? Nunca falei tão a sério. Pensas que não conheço a minha gente?

O Comissário exultou com a resposta. O Das Operações não ousava reagir à alusão, era um tapete que se metia debaixo dos pés do Comandante. O fel deve estar a sufocá-lo, mas continua numa atitude servil de cão batido. O Comissário, momentos depois, censurou-se por se congratular com o que se passava: para se absolver, acabou com a discussão apressadamente.

– Bem, eu vou então... O que não me desagrada, aliás. Só há aqui comida para três dias, desde que arranje alguma coisa, forço o André a enviar um grupo de reabastecimento. Parto amanhã, então. Que outros assuntos há a resolver lá? O nosso efetivo agora é de trinta guerrilheiros, tem de se prever um maior orçamento mensal. Tem de se arranjar um novo enfermeiro, para substituir por uns dias o Pangu-A-Kitina, que deve ir a Ponta Negra tratar da vista...

– De acordo, de acordo – cortou Sem Medo. – Não metralhes mais, pareces uma mulher que conheci que disparava duzentas palavras por minuto. És um Jesus Cristo, tu e o teu conceito da honra: não queres que Judas seja castigado à tua frente, embora sabendo que ele te denunciou com o seu beijo. Não vale a pena, não insisto mais.

O Chefe de Operações não compreendeu, mas o Comissário percebeu: Sem Medo tinha-lhe lido integralmente o pensamento e, magnânimo, não lhe queria ferir mais os escrúpulos.

O Comissário olhou Sem Medo com espanto, como quem olha um feiticeiro, e o Comandante sorriu:

– Não é por acaso que tenho 35 anos, miúdo!

O Comissário partiu de manhã com um pequeno grupo, do qual fazia parte Ingratidão do Tuga. Depois da partida do grupo, a maior parte dos guerrilheiros foi ocupar a sala que se encontrava no centro da Base e que servia de escola. Três combatentes saíram em patrulha, outros ocupavam-se da cozinha, alguns não faziam nada, arranjando pretextos para não estudarem.

O Comandante dirigiu-se com o grupo de novos recrutas para uma clareira, obrigando-os a fazerem exercícios e explicando-lhes os rudimentos da guerrilha. O Chefe de Operações foi caçar com uma 22 longo. Mundo Novo, que tinha estudado na Europa, por vezes ajudava Teoria. Mas nesse dia estava livre, por isso acompanhou o grupo de novatos. Deitado no capim, onde o raro sol do Mayombe batia durante duas horas, ouvia distraidamente as explicações de Sem Medo, enquanto limpava a arma.

Lutamos já passara uma vez em direção ao rio e regressara para a Base. Voltou a passar para o rio, observou um pouco o grupo, e acabou por sentar-se ao lado de Mundo Novo.

– Vai para a escola!

– Oh! Tenho trabalho – disse Lutamos.

– Que tens a fazer?

– Lavar roupa...

Mundo Novo sorriu. Lutamos era habitual nas fugas à escola, especialmente quando o Comissário não estava presente. Já tinha sido castigado por não estudar, mas não se modificava.

– Tens de te convencer que precisas de estudar. Como serás útil depois da luta? Mal sabes ler... onde vais trabalhar?

– Fico no exército – disse Lutamos.

– E julgas que para ficar no exército não tens de estudar? Como vais aprender artilharia ou tática militar ou blindados? Precisas de Matemática, de Física...

– Ora! Eu não quero ser oficial.

– E quem vai ser oficial, então? Esses que se formam no exército tuga, sem formação política, que um dia tentarão dar um golpe de Estado? É isso que queres? Que depois da independência haja golpes de Estado todos os anos, como nos outros países africanos? Precisamos de ter um exército bem politizado, com quadros saídos da luta de libertação. Como vamos fazer, se os guerrilheiros não querem estudar para serem quadros?

Lutamos encolheu os ombros. Contemplou o grupo de jovens que cambalhotavam por terra, suando, o suor agarrado à lama do Mayombe, e o Comandante, de tronco nu, cambalhotando também, levantando-se para em seguida rolar pelo solo, misturando explicações a encorajamentos e gritos.

– Camarada Mundo Novo, há muitos que estudam. Não é um que não quer estudar que vai estragar tudo. Eu nasci na mata, gosto é de caçar, de andar de um lado para o outro, fazer a guerra. Mas não gosto nada estudar. Já aguentei, aprendi a ler e a escrever. Sei mesmo fazer contas de multiplicar! Para mim já chega. O Comissário mobilizou-me, o ano passado estudei mesmo. Mas agora já chega, o Comissário já não consegue mobilizar-me mais. E o que disse é verdade, tem razão. Mas as milícias populares vão impedir os golpes de Estado, o povo em armas...

– E quem vai instruir o povo? Somos nós. Quem vai enquadrar as milícias? Tem de ser um exército bem treinado. Para isso, é preciso quadros bem formados.

– É o que diz o camarada Comissário. Todos os que têm muita política na cabeça falam assim. Mas eu não tenho política na cabeça, sou só guerrilheiro. Quando a independência vier, se não me quiserem no exército, volto para aqui, viro caçador no Mayombe. Eu não quero ser muita coisa. Há aí uns que querem ser diretores, chefes de não sei quê, comandantes... Esses estudam. Eu não quero ser chefe.

Mundo Novo deu por terminada a limpeza da arma. Começou a montá-la cuidadosamente. Lutamos observava a operação, a sua pépéchá entre os joelhos.

– Há camaradas que estudam só para subirem, isso é verdade. Mas não podes dizer que são todos. Há outros que querem verdadeiramente ser úteis, ou que querem aprender pelo prazer de aprender.

– Tchá! – disse Lutamos. – Não acredito. Todos querem é subir ou viver

melhor ou mandar.

– Nem todos, nem todos. É certo que uma pessoa que se aperfeiçoa está a pensar no seu futuro pessoal também, está a calcular que assim poderá viver melhor. Mas há aqueles que só pensam nisso e os outros, que pensam mais no bem do povo.

– Diz um aqui na Base, um que seja assim...

– Pode-se encontrar.

– Diz um!

– Não sei. Não os conheço bem, cheguei há pouco. Mas penso que haverá, tenho de pensar que haverá...

Sem Medo interrompera os exercícios para um curto descanso. Tinha ouvido as últimas frases. Sentando-se perto deles, perguntou:

– Tens de pensar que haverá, Mundo Novo? Tens de pensar?

Mundo Novo cofiou a barba fina. Hesitou instantes.

– Sim, tenho de pensar.

– Como os crentes que sentem que têm de crer em deus? Por que têm medo de deixar de crer, de perder o amparo dessa crença que lhes dá um significado à vida, não é?

– Não é bem isso.

– É quase isso. Praticamente é o mesmo. Quando alguém afirma que tem de acreditar no desinteresse de alguns homens, porque isso corresponde à ideia que ele tem da humanidade, mesmo que os factos mostrem o contrário, então que é isso? Tem-se uma ideia preconcebida do género humano, uma ideia otimista. Por isso, recusa-se toda a realidade que contrarie essa ideia. É o esquematismo na política. É um aspeto religioso, uma conceção religiosa da política. Infelizmente, é a maneira de pensar de muitos revolucionários.

– Mas, camarada Comandante, não achas que há camaradas que estudam desinteressadamente?

– Crês que haja alguma coisa que se faça desinteressadamente na vida?

Lutamos pensou que encontrava apoio no Comandante. Sentiu coragem para proferir:

– É por isso que não estou de acordo com o Comissário, que nos obriga a ir à escola.

– Tu, Lutamos, és um burro! – disse Sem Medo. – Quem não quer estudar é um burro e, por isso, o Comissário tem razão. Queres continuar a ser um

tapado, enganado por todos... As pessoas devem estudar, pois é a única maneira de poderem pensar sobre tudo com a sua cabeça e não com a cabeça dos outros. O homem tem de saber muito, sempre mais e mais, para poder conquistar a sua liberdade, para saber julgar. Se não percebes as palavras que eu pronuncio, como podes saber se estou a falar bem ou não? Terás de perguntar a outro. Dependes sempre de outro, não és livre. Por isso toda a gente deve estudar, o objetivo principal duma verdadeira Revolução é fazer toda a gente estudar. Mas aqui o camarada Mundo Novo é um ingénuo, pois que acredita que há quem estuda só para o bem do povo. É essa cegueira, esse idealismo, que faz cometer os maiores erros. Nada é desinteressado.

– Estás a treinar esses jovens. Que ganhas pessoalmente com isso?

Sem Medo acendeu um cigarro, estirou-se sobre o capim.

– Podia dizer-te que tenho pena deles, tão mal treinados e arriscando-se a morrer logo no primeiro combate. Em parte, até pode ser verdade. Também poderia dizer-te que é para formar mais guerrilheiros, para a luta avançar. É exato! Mas para que quero eu que a luta avance? Não é mesmo para viver melhor numa Angola independente? Portanto, isto que faço tem um fim interessado, o que é normal e humano. Poderia também dizer-te que é para dar uma bofetada nos civis de Dolisie, que nos enviam homens sem treino suficiente. Também pode ser verdade. Então? Diz-me lá onde está o desinteresse?

Mundo Novo pesava as palavras. Os recrutas iam-se aproximando, ao verem o Comandante fumar. Sem Medo mandou-os continuar os exercícios e observava-os.

– Mas não acreditas, Comandante, que haverá homens totalmente desinteressados?

– Jesus Cristo?... Acho que sim, existem alguns raros. Mas não o são sempre. O Comissário, por exemplo, é em certa medida um desinteressado. Penso que pode corresponder, nalguns eleitos, a um período determinado. Mas é temporário. Ninguém é perpetuamente desinteressado.

– Nem Lenine?

– Lenine! Eu não conheci Lenine, como poderei falar dele? Fala-me dos que conheço, dos homens que conheci. Devo dizer-te que nunca vi ninguém totalmente e permanentemente desinteressado. E não atires com os grandes homens na discussão, só para meter medo aos outros e dar força aos teus

argumentos. Isso é truque de político!

– Eu acredito que haja homens para quem só conta o bem dos outros. Che Guevara, Henda, para só dar esses exemplos. E muitos outros, anónimos. Quem não acredita nisso não tem confiança na generosidade humana, na capacidade de sacrifício da humanidade. É pessimista...

– E, portanto, incapaz de lutar coerentemente, não é isso? – disse Sem Medo.

Mundo Novo olhou-o de frente. Baixou a cabeça, murmurou:

– É isso.

Logo os olhos de Mundo Novo se iluminaram e continuou, mais firme:

– Para se lutar duma maneira coerente, é necessário um mínimo de otimismo, de confiança nos homens. Estou a pensar em mim e tu estás a pensar em ti, Comandante! Eu tenho confiança. Se tu não fores otimista, não poderás combater.

– Que faço eu?

– Não nego que combates, não. Mas podes abandonar, se as dificuldades forem grandes, podes cansar-te mais facilmente que outro que seja mais otimista. É preciso ter uma fé profunda, para se poder suportar sempre tudo.

Acabas de chegar, de entrar na guerrilha, pensou Sem Medo. Com que direito falas como se já tivesses aguentado inúmeras vicissitudes? Ainda nem viste a verdadeira guerra e já és capaz de dizer que resistirás mais do que eu. Estes jovens vêm todos da Europa com a ideia que o estudo teórico do marxismo é uma poção mágica que os fará ser perfeitos na prática. No entanto, é um tipo que é capaz de falar de frente ao seu Comandante, o que é uma boa base para começar; o resto virá talvez depois, com o tempo, com os pontapés que apanhar da vida.

– Penso que é como a religião – disse Sem Medo. – Há uns que necessitam dela. Há uns que precisam crer na generosidade abstrata da humanidade abstrata, para poderem prosseguir um caminho duro como é o caminho revolucionário. Considero que ou são fracos ou são espíritos jovens, que ainda não viram verdadeiramente a vida. Os fracos abandonam só porque o seu ideal cai por terra, ao verem um dirigente enganar um militante. Os outros temperam-se, tornando-se mais relativos, menos exigentes. Ou então mantêm a fé acesa. Estes morrem felizes embora talvez inúteis. Mas há homens que não precisam de ter uma fé para suportarem os sacrifícios; são aqueles que, racionalmente, em perfeita independência,

escolheram esse caminho, sabendo bem que o objetivo só será atingido em metade, mas que isso já significa um progresso imenso. É evidente que estes têm também um ideal, todos o têm, mas nestes o ideal não é abstrato nem irrereal. Eu sei, por exemplo, que todos temos bem no fundo de nós um lado egoísta que pretendemos esconder. Assim é o homem, pelo menos o homem atual. Para que serviram séculos ou milénios de economia individual, senão para construir homens egoístas? Negá-lo é fugir à verdade dura, mas real. Enfim, sei que o homem atual é egoísta. Por isso, é necessário mostrar-lhe sempre que o pouco conquistado não chega e que se deve prosseguir. Isso impedir-me-á de continuar? Por quê? Se eu sei isso, a frio, e mesmo assim me decido a lutar, se pretendo ajudar esses pequenos egoístas contra os grandes egoístas que tudo açambarcaram, então não vejo por que haveria de desistir quando outros continuam. Só pararei, e aí racionalmente, quando vir que a minha ação é inútil, que é gratuita, isto é, se a Revolução for desviada dos seus objetivos fundamentais.

Lutamos deixara de seguir a discussão e fora-se embora, para o lado do rio. Os novos guerrilheiros tinham parado as cambalhotas e esperavam o Comandante. Mundo Novo, pensativo, não respondeu. Levantando-se, Sem Medo disse:

– Não estás de acordo? Não és obrigado a estar. Mas conversaremos depois, temos tempo de sobra. Agora tenho que prestar atenção aqui aos meus pintainhos!

E misturou-se a eles, enquanto Mundo Novo perseguia teimosamente com o olhar as lianas que subiam até às árvores, para daí voltarem a descer mais ao lado, tecendo o deus Mayombe de uma enorme e emaranhada teia, que o manietava, dando-lhe o ser.

EU, O NARRADOR, SOU MUNDO NOVO

Recuso-me a acreditar no que diz Sem Medo. Lá está ele, ali, no meio dos jovens, rasgando-se nas raízes da mata, rastejando, triturando os ombros contra o solo duro, putrefacto e húmido do Mayombe, enrouquecendo com os gritos e imprecações que blasfema, emasculando-se no sémen da floresta, no sémen gerador de gigantes, suando a lama que sai da casca das árvores, beliscando-se nos frutos escondidos por baixo das folhas caídas, lá está ele, ali, no meio dos jovens, ensinando o que sabe, totalmente,

entregando-se aos alunos, abrindo-se como as coxas duras duma virgem, e ele, que está ali, diz que o faz interesseiramente.

Sem Medo é um desinteressado, a terceira camisa que tinha ofereceu-a ao guia, que acabou por fugir com ela, entregando-se aos tugas.

Se diz que é interesseiro, isso é vaidade. É vaidade de mostrar o que muitos escondem, é uma afirmação de personalidade. Claro que é uma afirmação exagerada, extremista, defeito da sua mentalidade pequeno-burguesa.

Como se fosse possível fazer-se uma Revolução só com homens interesseiros, egoístas! Eu não sou egoísta, o marxismo-leninismo mostrou-me que o homem como indivíduo não é nada, só as massas constroem a História. Se fosse egoísta, agora estaria na Europa, como tantos outros, trabalhando e ganhando bem. Por que vim lutar? Porque sou desinteressado. Os operários e os camponeses são desinteressados, são a vanguarda do povo, vanguarda pura, que não transporta com ela o pecado original da burguesia de que os intelectuais só muito dificilmente se podem libertar. Eu libertei-me, graças ao marxismo.

Por isso, Sem Medo está errado. Mas como explicar-lho, como fazer-lhe compreender que a sua atitude anarquista é prejudicial à luta? Lá está ele, e ri quando um se fere, e zanga-se quando um hesita, e é esse sadismo maternal que os faz ultrapassarem-se, vencerem o medo e lançarem-se no espaço para agarrarem uma liana fugidia. E um sorriso de triunfo perpassa nos olhos dele, sorriso discreto que logo é abafado pela ordem dada ao seguinte. No entanto, com que remorsos se revolveria no leito se um recruta se ferisse gravemente! Ao vê-lo, dir-se-ia que não tem alma. Mas foi ele que correu a peito descoberto para salvar o Muatiânvua, quando caíram na emboscada, e que chorou ao vê-lo ileso. Como é possível que diga que todos são egoístas? É vaidade, vaidade pequeno-burguesa, e mais nada.

Não posso acreditar, recuso-me a acreditar.

O Comissário corria de um lado para o outro, em Dolisie, à procura do responsável, André.

Este marcara-lhe encontro, na véspera à tarde, num bar, e não apareceu. Na manhã do dia seguinte, o Comissário estava na casa de André às sete horas, mas já este se eclipsara. O Comissário mandou Verdade ficar no *bureau*, à espera, e partiu, entrando nos bares, cruzando as ruas, irrompendo

pelas casas dos militantes. Nem rasto de André.

Podia ter ido ver a Ondina, desde que cheguei nem a procurei, e ando para aqui atrás dum homem que se esconde de mim! É isto um responsável? E Ondina deve estar furiosa por eu não ter aparecido.

Voltou a passar pelo *bureau* às onze horas. Verdade montava a guarda.

– Não entrou nem saiu.

– Fica aqui. Vou à escola.

O Comissário partiu para a escola do Movimento, em que Ondina ensinava, a um quilómetro da saída da cidade. Os camaradas da Base devem estar praticamente sem comida, pensou. Uma raiva surda invadia-o gradualmente.

O passeio ao Sol ardente ainda enfureceu mais. Não estava habituada ao Sol, sempre escondido na sombra protetora do Mayombe. Ingratidão tinha ido para a cadeia, mas precisava de informar André da decisão do Comando e combinar com ele qual o regime que Ingratidão deveria seguir. E André escondia-se...

A escola encontrava-se numa elevação, escondida por arvoredos. As várias casas de adobe espalhavam-se num raio de 50 metros, servindo de escola e hospital. Mais para cima, havia casas de pau a pique, que eram o internato.

As crianças estavam nas aulas. Ondina também. Esperou por ela, cumprimentando as pessoas, perguntando por André. No entanto, Ondina foi avisada que ele chegara e saiu da sala.

– Chegaste ontem, já sei.

– Sim. Mas tenho andado atrás do camarada André. Ele não aparece.

Ondina estava amuada, era evidente. Ele tentou segurar-lhe a mão, ela evitou, olhando em volta.

– Que tem? – disse ele. – Todos sabem que somos noivos...

– É melhor não. Espera um pouco, eu vou já acabar a aula. Vens almoçar comigo?

O Comissário hesitou, desviou os olhos.

– Tenho de ver se apanho o camarada André à hora do almoço.

– Quer dizer que vais já para Dolisie? – perguntou ela, friamente.

Os camaradas tinham fome, ele viera por isso e por Ingratidão. Não viera por Ondina. A custo respondeu:

– Tenho de seguir daqui a pouco. Não temos comida na Base...

Ondina não replicou. Virou-lhe as costas e partiu para a sala. O

Comissário ficou vendo-a, o chapéu guerrilheiro a passar duma mão para a outra, o nome dela atravessado na garganta. Foi visitar os camaradas feridos, passando tempo, passando a esponja sobre a atitude dela. Ele é que se sentia culpado.

O sino finalmente tocou e Ondina saiu, rodeada pela gritaria dos pioneiros libertos. O Comissário dirigiu-se com ela para o quarto. Ondina habitava um quarto da única casa de cimento, quarto que partilhava com uma aluna mais crescida, Ivone.

– Por que não vais a Dolisie? – perguntou ela bruscamente, quando chegaram ao quarto.

– Ainda é cedo. O André só lá deve estar à uma hora.

Esperou que ela o convidasse e depois sentou-se na cama. Ondina ficou de pé, fingindo arrumar as coisas, dominando a irritação.

– Ondina, debes compreender que vim para tratar de certos assuntos urgentes... Ontem à noite, estive para cá vir, quando perdi as esperanças de encontrar o André... Mas era tarde... Já sabes como as pessoas falam, preferi não vir...

– Preferiste eu sei o quê! Foste ao bar...

– Mas só lá estive meia hora...

Queria dizer que fora convidado por um camarada. Queria explicar-lhe o que significa beber uma cerveja gelada quando se está meses e meses na mata. Queria explicar-lhe que não prestara atenção à conversa, com vontade de vir vê-la, que ela se refletia na espuma da cerveja, que se não fosse a má língua... Mas nada disse, intimidado, vencido.

– Vieram-me dizer que te viram no bar – disse ela. – Não venhas com estórias que andas atrás do André, o André não vai aos bares.

– Não vai aos bares? Passa lá a vida!

– Que é que tens contra o André? Ele não ficaria no bar se estivesse no teu caso.

– Ora, não queres compreender.

Ondina viera há um ano de Angola. Estudara uma boa parte do Liceu, mais que ele. Mesmo depois de noivarem, isso sempre foi uma barreira. O Comissário considerava que Ondina lhe fizera um favor, aceitando-o, pois podia aspirar a pessoas mais cultivadas. Ele formou-a politicamente, mas nem isso o convenceu de que estavam em pé de igualdade. Se não acabasse com esses complexos, o amor deles falharia, dissera um dia Sem Medo.

Mas o Comissário nunca tivera um namoro, a sua experiência era unicamente de prostitutas, a desvantagem era grande em relação a uma Ondina que já conhecera outros homens.

A primeira vez que fizeram amor foi provocada por ela, que comandou, enquanto ele se afligia, se atemorizava, se inibia. A impressão de que o amor é melhor quando com uma quitata custou a abandoná-lo, mesmo depois de várias experiências com Ondina. Sem Medo tinha razão, devia ter confiança em si próprio. Mas não tinha. E sentia que Ondina não apreciava a sua maneira de amar.

– Vou encontrá-lo agora. Logo à tarde podemos estar juntos, eu venho cá. Se se arranjar a comida, mando um grupo lá e fico uns dias. É tudo o que posso fazer... Tivemos um combate...

A lembrança fê-la sobressaltar. Virou-se para ele e agarrou-lhe na mão.

– Ouvi falar, sim. Não foi perigoso?

– Não, correu tudo bem.

Aproximaram-se. Os olhos dela brilharam. O Comissário sentiu um calor indefinível subir-lhe pelo corpo e toda a amargura desapareceu. Beijaram-se. Estava perdoado, pensou ele. Mas já estava a imaginar como se desculparia em seguida para partir e o gelo que de novo se formaria entre eles. A voz saiu triste:

– Ondina, tenho de ir.

– Vai!

Ele ficou parado, o chapéu na mão, olhando a porta e Ondina, Ondina e a porta, sem se decidir. Os camaradas têm fome...

– Logo venho.

E saiu, um soluço galopando, a raiva toda concentrada em André, que o obrigava a correr-lhe atrás, a viver para ele, ele, o homem que tinha o dinheiro da comida. Disparou para a cidade, sem falar a ninguém, vingando-se nas pedras do caminho, quase voando sobre a estrada empoeirada, sob o Sol inclemente.

André chegou pouco depois dele. Alto, magro, uma pera fina aguçando-lhe o rosto, ar de intelectual-aristocrata, eis André. Agarrou o Comissário pelo braço, levou-o para a varanda, confidenciando:

– Há aí uns problemas graves com os congoleses, sabe, camarada Comissário? Por isso ando dum lado para o outro. Mas não me esqueci de si. Ando por aí a partir cabeças, não há dinheiro... É verdade, não há

dinheiro. Mas vamos arranjar qualquer coisa esta tarde, sim, vamos. Almoça comigo, não é?

O Comissário queria refilar, dizer que via o jipe a andar dum lado para o outro, por isso havia dinheiro, que se morria de fome na Base, que ele lhe mentira. Mas estava habituado a respeitar os superiores.

– Não há comida nenhuma na Base. Ontem estive à sua espera...

– Pois é esse o problema de que lhe falei. Vieram-me chamar de urgência. Mas esta tarde vamos arranjar qualquer coisa, já poderá seguir amanhã para a Base.

– Eu queria discutir consigo outros assuntos. O do Ingratidão...

– Ah, sim, sim, está bem. O melhor é mesmo ficar uns dias em Dolisie. – Meteu a mão no bolso e entregou-lhe uma nota de 500 francos. – Para beber uma cerveja com a camarada Ondina. Vamos primeiro almoçar, uns congoleses ofereceram-me uma galinha.

O Comissário não quis aceitar o dinheiro, mas André insistiu. Guardou-o com a sensação de que estava a ser comprado: era o preço da sua compreensão. Recusar, dizer as quatro verdades a André, era o que faria Sem Medo. Ou talvez aceitasse e lhe dissesse na mesma as quatro verdades. Mas Sem Medo era quase da idade de André, não ele.

Sentaram-se à mesa e logo apareceram mais cinco que se sentaram e mais a mulher de André. Era fúnji com galinha, oferecida pelos congoleses, segundo dissera André. A galinha sabia mal ao Comissário, sabia-lhe a dinheiro do Movimento. Mas comeu. A raiva estava toda contida nele, raiva contra André mas, sobretudo, contra si próprio. Como é fácil enfrentar o inimigo! Mil vezes mais fácil que certos problemas políticos. Embrenhado em rancores íntimos, limitou-se a resmungar monossílabos às perguntas de André. Este desistiu de o fazer falar.

Findo o almoço, o Comissário tentou discutir com André. Mas este despachou-o.

– Vou já tratar de arranjar comida para a Base. Há camaradas para o transporte?

– Viemos só três. Não chega.

– Bem, então vou organizar um grupo de reabastecimento. Logo que arranjar o dinheiro...

– Têm de partir esta noite – disse o Comissário.

– Sim, sim. Quando nos encontramos? Aqui, às seis horas, está bem?

– Está bem – disse o Comissário, contrariado. Mais uma vez lhe ia cortar o encontro com Ondina.

André desapareceu e o Comissário meteu-se a caminho da escola. Cruzou-se com Verdade, que acompanhava uma mulher.

– Prepara-te para partir esta noite. Vai um grupo de reabastecimento.

– Mas, camarada Comissário, eu tenho um problema...

– Partes esta noite! Prepara-te!

Verdade calou-se e continuou o caminho. Vai furioso, pensou o Comissário. O seu problema é aquela mulher, com quem queria passar a noite, é evidente. Mas ainda tem tempo, a partida é sempre de madrugada. Com que direito fico eu aqui mais uns dias e mando o Verdade para a Base? Mando-o, porque lá há pouco efetivo, porque veio para uma missão que já cumpriu. Por isso, não tem razão de ficar. E eu? Por que fico eu? Esta noite posso perfeitamente combinar com o André o que fazer sobre o Ingratidão. Não tenho outra razão senão Ondina. Que direito tenho de mandar o Verdade para a Base, se, pela mesma razão, eu não vou?

A dúvida foi aumentando à medida que se aproximava da escola. Os responsáveis formavam uma casta que se arrogava todos os privilégios, diziam os militantes. E era verdade. Era verdade, ele ali estava a prová-lo. A decisão já estava tomada ao chegar à escola.

Ondina recebeu-o a princípio com hostilidade. Mas Ivone depois saiu do quarto e ela enterneceu-se. Saíram abraçados e foram-se meter pelo capim, o mais longe possível da escola. Pararam em baixo duma mangueira majestosa, à sombra da qual se sentaram.

Fizeram amor uma, duas vezes, ele sempre desajeitadamente. O Comissário convencia-se que ela não tinha prazer e perdia-se em divagações, auscultando as reações dela, sem se entregar realmente, e sem gozar. Ela sentia-se espiada e deixava de gozar: o orgasmo era um resultado mecânico dum ato maquinal. Mentiam-se depois um ao outro, dizendo terem tido um vivo prazer. Cada um sabendo que o outro mentia. Ondina não ousava falar desse problema, pois o noivo ficaria chocado: ele não permitia que se formasse a verdadeira intimidade dos amantes que podem falar naturalmente, sem preconceitos. Eram noivos, não amantes. E ela pressentia ser necessária uma explicação. Resolvera optar pela prática: com o tempo ele acabaria por se descontrair e se entregar. Mas o tempo parecia ser incompetente para resolver a questão, pois era raro verem-se;

encontravam-se por dois ou três dias, de dois em dois meses, ou mais. Só com o casamento. Ondina sabia, no entanto, que o casamento não provocaria uma mudança da vida, porque ele continuaria na Base e ela na escola. Recusava-se a aceitar que estavam no impasse.

No fundo de si mesma, Ondina tinha saudades doutras experiências, em que encontrara mais prazer. Com ele seria sempre assim? Era quando se afastavam que ela realmente sentia um desejo intenso que ficara insatisfeito. Ondina recusava-se a aceitar de face esta realidade. Por isso enveredava as suas relações para o lado intelectual.

– O que há com o André? Parece que não gostas dele.

– É um sabotador! Na Base há fome, mandou para lá uns guerrilheiros novos, praticamente sem treino, e não mandou comida. Eu venho resolver o problema e ele prega-me fintas. Marca encontros em que não aparece, depois diz que não há dinheiro e que vai pedir empréstimos. Mas passou-me 500 francos, sem eu pedir, e o jipe anda dum lado para o outro a gastar gasolina...

– Vocês são todos iguais! Deu-te 500 francos e ainda refilas! Se não desse, é porque só dá aos civis e não liga aos guerrilheiros. Sempre encontram coisas para criticar!

– Não é isso, Ondina. Quando não há dinheiro para comprar comida para a Base, não tem nada que dar 500 francos para cerveja. Se há dinheiro, é normal que dê, uma pessoa que está três meses no Mayombe tem necessidade de um dinheirito qualquer. Mas depende das situações e das possibilidades...

– Pois eu acho que o André é um bom responsável. Sempre a preocupar-se com as necessidades dos militantes...

– É falso – cortou o Comissário. – Preocupa-se com certas pessoas, não com os militantes.

– A mim nunca me faltou nada.

– A ti! Mas e aos outros?

Ondina lançou uma gargalhada. Beliscando o braço do Comissário, disse:

– Veio-me agora uma ideia. Tu não gostas do André porque ele me trata sempre bem. Tens ciúmes dele...

– Eu?

Os olhos espantados do rapaz convenceram logo Ondina que falhara completamente no alvo.

– Nem nunca pensei nisso... Que ele se interessava por ti, realmente nunca me passou pela cabeça. Mas, no fundo, talvez tenhas razão. Ele é um nguendeiro, tem um monte de mulheres por aí, ao que dizem. Pode ser que se interesse. Aqui não há muitas como tu, com estudos, bonita...

– Deixa-te disso! As pessoas falam demais. Vi como ele trata a mulher, não é de homem que tenha outras. São calúnias.

– Ora, trata-a como mãe dos seus filhos...

Ondina acariciou-o para apagar a ruga que se cavara na fronte do Comissário. Este continuou:

– Ele tem apoio no meio das mulheres, dizem que é um belo homem. E bom falador, parece ter mais instrução que na realidade... E tem um cargo importante. Enfim, coisas que contam para uma mulher despolitizada.

– Não para todas, mesmo despolitizadas. Mas deixa o André! Fala-me do combate.

O Comissário obedeceu-lhe, contando o que se passara. Explicou mesmo o caso de Ingratidão e a resposta do Comandante à sua observação infeliz sobre os traidores.

– Sem Medo tinha razão, parece-me – disse Ondina. – E ele ficou furioso, porque isso veio de ti. Basta ouvir como ele fala de ti, pareces filho dele...

– Sim, ele gosta de mim.

Calaram-se, pensando os dois em Sem Medo. E a angústia do Comissário voltou. Como dizer? Como dizer que às seis horas deveria ir para Dolisie e que, nessa noite, partiria? Sobretudo que de manhã prometera ficar uns dias... O silêncio dele fez despertar Ondina. Debruçou-se sobre ele e viu-lhe a ruga na fronte.

– Que tens?

– Nada.

– Conta na tua Dinha!

Suspirou fundo, ganhando coragem.

– Sabes? Às seis horas tenho um encontro, mais um, com o André. Vou seguir esta noite.

Ela soergueu-se num repelão.

– Mas tu disseste...

– Sim, mas o André... Enfim, não foi o André. Eu é que acho que tenho de ir. Nada mais tenho a fazer aqui.

Ondina não respondeu. Ficou sentada, os braços passados sobre os

joelhos, a saia tapando metade das coxas. Ele veio a ela. Afagou-lhe os cabelos.

– E eu? – disse ela.

O Comissário afagou-lhe de novo o cabelo.

– E eu? – repetiu ela.

– Vou procurar vir o mais cedo possível.

– Ora!

As carícias dele tornaram-se mais insistentes e ela sentiu o ventre abrir-se-lhe em calor. Esqueceu por momentos a irritação e entregou-se. Mas ele pensava na separação iminente, eram já cinco horas, e não correspondeu ao desejo. Foi mais uma vez fechado e racional. O fogo dela acabou por apagar-se cedo demais e, quando voltou a abandonar-se, já ele terminara. O ventre de Ondina doía de insatisfação, ao voltarem à escola. Mas escondeu a dor e o despeito. Ele partia para a frente de combate, a despedida dum combatente não pode ser feita com queixas nem ralhos, só com ternura, quando há disso para dar.

O Comissário teve de esperar pelas oito horas, para poder avistar André. Este chegou no jipe com dez quilos de fubá e outros tantos de arroz e um pouco de peixe seco.

– Foi o que consegui. Nomeei três camaradas para levarem isso.

– Só isso? Mas não chega nem para dois dias... E para levar isso não são precisas três pessoas.

– Não há dinheiro, camarada. Isto foi agora mesmo um congelês que me deu... Amanhã vou ver se arranjo mais. E é sempre bom que os camaradas daqui vão lá à Base. Embora um pudesse levar essa carga, é sempre bom. Amanhã haverá mais...

É bom que os camaradas vão lá, mas tu nunca puseste os pés na Base, pensou o Comissário.

– Amanhã...

André bateu-lhe no braço.

– Já jantou?

– Eu não!

– Então venha daí... Amanhã arranjo comida para quinze dias.

– Tenho de preparar a minha partida. Temos de falar agora, camarada André.

– Mas amanhã...

– Hoje mesmo, agora! Arranco esta noite.

– Mas por quê? Pode ficar cá mais um ou dois dias e levar o resto da comida...

O Comissário queria mas é fugir de Dolisie e refugiar-se na sua Base. Aqui perderia toda a força moral, desencorajaria.

– Não! Tenho de partir esta noite. Vamos conversar. Janta depois!

– Mas...

– Janta depois – gritou o Comissário. – Há assuntos de guerra a tratar, o jantar pode esperar. Estou farto de esperar por amanhã.

– Bem, bem, camarada Comissário.

A discussão durou dez minutos, pois André tomou nota do que o Comissário dizia, aprovando sistematicamente. André estava sempre de acordo com o interlocutor, era uma característica sua. Só para o caso de Pangu-A-Kitina é que teria de se esperar a resposta de Brazzaville, pois em Dolisie não havia enfermeiro disponível que o substituísse por uns tempos na Base.

Acabada a reunião, o responsável convidou o outro para jantar.

– Já almocei galinha, camarada André. Nem sei se os camaradas na Base almoçaram outra coisa senão comunas. Não preciso de jantar. Até à próxima, camarada André. E obrigado pelos 500 francos, vou comprar com eles comida para os guerrilheiros.

E saiu, batendo com a porta. A guerra estava aberta, o Comissário sabia que tinha feito mais um inimigo.

Às quatro da manhã, quando se preparavam para partir, o Comissário perguntou aos outros:

– O Verdade?

– Não vai.

– Não vai como?

– Tem autorização do camarada André para ficar.

– O quê? O quê? O quê?

O Comissário percorria o quarto escuro, batendo os tacões da bota na terra batida. O quê? Tinha vontade de ir arrancar André da cama e esbofeteá-lo. Como? Ele não autorizara Verdade a ficar e André fizera-o. Quem era o Comissário da Base? Com que direito André se metia a decidir das permissões? Ele partia para não dar um exemplo de abuso e o responsável encorajava os abusos.

Quase com lágrimas nos olhos deu a ordem de partida. O cortejo de cinco homens meteu-se na mata, na noite, em passo acelerado, ritmado por um Comissário que fugia, como louco, para não desesperar, correndo para a sua Base, onde as coisas eram normais, onde os homens faziam o que podiam para lutar e para esquecer o clima que reinava nas suas costas. O dia rompeu e o Comissário não parou. À frente do grupo, contra todas as medidas de segurança, voava sobre o tri-lho escorregadio, indiferente aos pedidos dos homens que queriam beber água, indiferente às lianas que lhe batiam na cara, defraudado, violado, jurando vingança, procurando a companhia e a segurança de Sem Medo, que já se não desiludia de nada, porque com nada se iludia.

E o percurso durou só cinco horas e meia, quando geralmente eram precisas oito.

Ao ouvir a narrativa do Comissário, Sem Medo riu dele. Olhava o seu ar meio envergonhado, meio ofendido, e ria, ria até se torcer. O Chefe de Operações compôs um sorrisinho leve, que se colou ao bigodinho bem aparado.

– É o que dá querer ser-se mais papista que o Papa! Tinhas todo o direito de ficar uns dias em Dolisie, pois há meses que não ias e aqui não havia nenhum trabalho urgente. Quiseste ser irrepreensível até ao fim, quiseste ter uma ideia superior de ti mesmo... Foste levado! É o que dá ser-se ingénuo. E pensas que amanhã receberemos comida? Uma ova! Vai ser preciso que mais um de nós arranque para lá. Se não fossem as comunas, morreríamos de fome.

O Chefe de Operações levantou o braço, como que pedindo a palavra. Falou pausadamente, procurando com cada palavra lançar uma pedrada ao Comissário.

– Morrer de fome, não, pois consegui caçar uma cabra-monte. Carne há para uns dias. E amanhã pode ser que cace mais. Foi pena o Comissário ter-se esquecido de trazer mais óleo e sal, para se preparar convenientemente a carne.

O Comissário ia a ripostar.

– Fizeste muito bem, Das Operações – disse Sem Medo. – Foi uma operação brilhante! Vamos nomear-te caçador oficial da Base.

O Comandante virou-se depois para o Comissário.

– Como ficou o Ingratidão?

– Falei com o André. Tudo resolvido. Fica na cadeia de Dolisie. O André disse que ia tomar precauções especiais...

– Imagino! – disse Sem Medo.

O Comissário levantou-se e pegou na farda lavada.

– Vou tomar banho.

– Acompanho-te – disse Sem Medo.

Foram para o rio. Sem Medo montava a guarda, enquanto o Comissário se lavava. Saindo da água fresca, o Comissário correu para a clareira, aproveitando os últimos raios de Sol. O Comandante trouxe a camisa que ele esquecera no rio. Atirou-a sobre o capim. O Comissário sentiu no gesto a solicitude do amigo. Isso fê-lo esquecer o riso trocista de Sem Medo, quando lhe contara os dissabores de Dolisie.

– A Ondina e eu... as coisas não estão bem.

O silêncio de Sem Medo, a fumar, sentado num tronco de árvore abatida, encorajou-o a contar o que se passara na véspera. O Comandante ouviu-o, os olhos fixos no cano da AKA.

– Sexualmente vocês não se dão bem, não é?

– Por que o dizes? – O Comissário lançou-lhe uma mirada inquieta, depois continuou: – A princípio não, mas agora as coisas normalizaram-se.

Sem Medo deitou fora o cigarro. Um par de macacos perseguia-se nas árvores próximas. Um tiro liquidaria um deles, era certo. Mas o Comandante não ousou desfazer o casal que se preparava para o amor. Menos uma refeição, pensou. Voltou a concentrar-se na conversa.

– Não sei. Há qualquer coisa que me choca, quando os vejo juntos. Fazem duas pessoas, sempre duas pessoas, não uma simbiose. É como se se vigiassem constantemente, uma espécie de desafio entre vocês dois, utilizando os terceiros no vosso duelo. O amor é um duelo. Mas o amor realizado é também uma combinação, diz-se mesmo que os velhos casais acabam por se assemelhar fisicamente. Vocês ainda não se fundiram um no outro, nenhum dos dois se deixou fundir. Mas era preciso conhecer melhor Ondina, conheço-a mal...

A solução do problema só me seria possibilitada se dormisse com ela, pensou Sem Medo. Há mulheres que podem ser conhecidas do exterior, as atitudes correspondendo à maneira de ser. Outras só podem ser estudadas na intimidade, no modo como se entre-gam, quais os centros de prazer, quais

as defesas que se forjam. Ondina era uma destas últimas. Sabia pelo Comissário que já conhecera outros homens, aos quinze anos fora deflorada, desde então tivera regularmente relações. Aos vinte e dois anos era uma mulher, sentimentalmente muito mais velha que o noivo, adolescente de vinte e cinco anos.

– Já te disse que uma mulher deve ser conquistada permanente-mente – disse Sem Medo. – Não te podes convencer que ela ficou conquistada no momento em que te aceitou, isso era só o prelúdio. O concerto vem depois e é aí que se vê a raça, o talento, do maestro. O amor é uma dialética cerrada de aproximação-repúdio, de ternura e imposição. Senão cai-se na rotina, na mornez das relações e, portanto, na mediocridade. Detesto a mediocridade! Não há nada pior no homem que a falta de imaginação. É o mesmo no casal, é o mesmo na política. A vida é criação constante, morte e recriação, a rotina é exatamente o contrário da vida, é a hibernação. Por vezes, o homem é como o réptil, precisa de hibernar para mudar de pele. Mas nesse caso a hibernação é uma fase intensa de autoescalpelização, é pois dinâmica, é criadora. Não a rotina. Evita a rotina no amor, as discussões mesquinhas sobre os problemas do dia a dia, procura o fundamental da coisa. Para ti, o fundamental é a diferença cultural entre os dois. Ainda não te livraste desse complexo. Ao falar dela, há uma admiração latente pela sua maneira de se exprimir, uma procura das suas frases, da sua pronúncia mesmo. No entanto, tu és mais culto que ela. Os teus estudos foram menos avançados, mas tens uma compreensão da vida muito superior. Ela conhece mais Física ou Química, mas é incapaz de compreender a natureza profunda da oposição entre os dois polos do eléctrodo e da sua ligação essencial. Tu pouco conheces de Física, mas és capaz de a compreender melhor, porque conheceste a dialética na vida. A tua ação na luta, em que estás a contribuir para transformar a sociedade, é um facto cultural muito mais profundo que todos os conhecimentos literários que ela tem. Vocês dois podem completar-se, pois têm muito para ensinar um ao outro. Mas tu fechaste-te no teu complexo, na consciência da tua incultura que, afinal, é só aparente; ela sente isso e considera-se intelectualmente superior, daí até ao desprezo só vai um passo. És tu que a levas a dar esse passo.

O Sol fora tragado pela folhagem. O Comissário vestiu-se. Ao calçar as botas perguntou:

– Que devo fazer?

– Conquistá-la verdadeiramente. Conquistá-la sexualmente, penso que ainda não o fizeste. Há três meses, quando a vi, ela tinha todo o aspeto de quem não estava totalmente saciada sexualmente. Isso vê-se numa mulher, acredita.

– Mas como fazer?

– A receita prática? Não ta posso dar. É como o marxismo. Serve de guia, de inspirador para a ação, mas não te resolve os problemas práticos...

Calou-se, riu silenciosamente, afagando a AKA. Depois continuou:

– Sempre achei ridículo o indivíduo que pega no Mao e passa uma noite a lê-lo, para estabelecer o plano duma emboscada. O Mao dá lições de estratégia, não a tática precisa para cada momento. O indivíduo tem de ter imaginação, estudar o terreno, e recriar a sua tática. Posso dar-te uma orientação, mas não os detalhes do procedimento. Há mulheres que amam a violência, que amam ser violadas, outras preferem a violação psíquica, outras a ternura, outras a técnica. Tens de estudar a Ondina, saber qual é o seu género e então traçar o teu plano. Ao meter em execução o plano, tens de ser lúcido, mas, ao mesmo tempo, apaixonado, intuitivo, para o poderes mudar se for necessário. A lucidez não significa frieza no amor. Podes ser espontâneo e lúcido.

– Muito complicado!

O Comissário fez um gesto de desencorajamento. Sem Medo bateu-lhe no ombro. Nesse momento passou Ekuikui, que voltava da caça, sem nada. Tinha o mesmo ar desencorajado do Comissário, o fracasso gravando-lhe uma ponta de vergonha no rosto.

Voltando para a Base, onde os guerrilheiros saíam das aulas para prepararem os fogos e o jantar, Sem Medo disse:

– Queria evitar, mas parece que terei de ir dizer duas palavras ao André. Se amanhã não vier a comida...

– Podias falar com a Ondina. Talvez percebesses melhor o que há, podias aconselhá-la... e a mim também.

A voz era uma súplica reticente. Um esforço de desprendimento, pensou Sem Medo.

– Se tiver ocasião.

Que choque seria para ele, se lhe dissesse que só poderia conhecer verdadeiramente Ondina e aconselhá-los decentemente, estudando-a sexualmente. Nunca compreenderia, perderia sem dúvida a confiança total

que tem na amizade, na minha amizade. É dos tais que me entregaria a mulher para tomar conta dela... Eu nunca o faria. Ou, se o fizesse, era já admitindo que tudo poderia acontecer, e sem culpar ninguém do que sucedesse. Se há alguma coisa a culpar! Mas o Comissário é demasiado jovem para compreender. E, de qualquer modo, a Ondina não me interessa.

Entraram na casa do Comando, onde se encontravam vários guerrilheiros, discutindo sobre o último jornal do Movimento que chegara de Dolisie. O Comissário meteu-se na discussão, era o seu trabalho.

O Comandante deitou-se no catre, fumando. Ondina não lhe interessava? Não, isso era certo. Não porque fosse a noiva do Comissário, deixara de acreditar na pureza da amizade quando havia mulheres no meio. Caim não matou Abel por causa duma mulher? Tentou recordar a passagem da Bíblia. É possível que na Bíblia isso não venha expresso. Mas é evidente que uma mulher esteve na origem do crime. Ondina devia ser uma artista na cama, sentia-se, tinha fogo escondido sob a capa criada pela educação de menina de Luanda. Bastava ver como estudava os homens, os apreciava, pesando o seu valor, procurando mesmo um duelo surdo ao cruzar o olhar e ser a última a desviar a vista. Fizera-o com ele e com outros mais. Tinha sempre um sentido alerta para conhecer se agradava ao homem que afrontava, se uma palavra sua bastaria para o excitar. Ele entrara no duelo, pela primeira vez, antes de o Comissário a conhecer.

Ela chegara na véspera a Dolisie. Ele vinha de Kimongo, onde estava anteriormente a Base. Foram apresentados pelo Kassule, que hoje estava no Leste. Ela enfrentara o olhar apreciador que ele lhe deitara, convidara-o para tomar um café no seu quarto. Ela sentou-se na cama, ele ficou de pé, bebendo o café. A saia curtinha subia e mostrava as coxas. Ele mirou-as descaradamente e fez o olhar subir lentamente do joelho à ponta da cueca branca que se adivinhava, deixou-o aí longamente, e depois continuou a ascensão até aos olhos que brilhavam, desafiadores, olhos de onça. Ela susteve o olhar, esperando o resultado do exame. Ele voltou a baixar os olhos, lentamente, até ao pescoço alto e viu a garganta dela contrair-se, prosseguiu até aos seios pequenos e duros, o ventre magro, chegou de novo às coxas redondas. Daí, o olhar de Sem Medo fixou-se na chávina. Ela esperava a reação. Ele não mostrou perturbação, disso tinha a certeza.

A conversa prosseguiu, agora ele sentado no banco à frente dela. Falaram de Luanda, das pessoas que ele conhecera e que ela conhecia. Ondina

procurava o duelo, não deixava de o fitar de frente, uma luzinha brilhando no fundo do olho. Sem Medo por vezes perdia-se na contemplação das coxas, era o que ela tinha de mais excitante, lembravam-lhe outras, só que estas eram mais escuras. O olhar dela era então discretamente jubiloso, mas ele não piscava os olhos ou contraía os lábios ou engolia saliva. Mantinha o porte indiferente do gigante do Mayombe, e o júbilo esbatia-se suavemente no olhar dela, para ser vencido pelo tom ambíguo da perplexidade.

Sem Medo partiu e nunca mais permitiu outro desafio, embora ela o provocasse, mesmo depois de estar noiva do Comissário.

Há mulheres para quem esse duelo é apenas um capricho, uma necessidade fútil de medir forças, e que não vai mais além. Ondina não. Sem Medo sentira que, nela, o que parecia começar como jogo, era afinal uma necessidade imperiosa de se julgar e se refazer a pele que caía durante o duelo. O que começara como jogo, no fim já era convite mudo. O que o fizera desinteressar de Ondina fora a certeza de que ela lhe teria sido uma presa fácil, demasiado fácil, nessa tarde em que se conheceram. Não que ele só quisesse combates difíceis, não. Mas, quando se tratava duma menina bem educada, com maneiras estudadas de cidadina que nasceu no muceque e que quer chegar a viver na Baixa, então essa tinha de ser natural e direta, ou então difícil. Ou ela conduzia o jogo ou então não provocava um duelo para suplicar em seguida. Sem Medo apreciava a dignidade da mulher que é capaz de lutar pelo que deseja ou que é capaz de retardar a captura, só para aumentar o prazer da captura. Ondina deixara aperceber uma natureza equívoca, eis o que fizera desinteressar Sem Medo.

Estava o Comandante nestas observações, quando Vewê entrou na casa e se sentou no catre de Sem Medo. Este reparou que ele não pedira licença, era uma familiaridade rara, inédita em Vewê. O gesto agradou-lhe.

— Já não sou um papão?

O rapaz não compreendeu a alusão. Levantou para ele uns olhos límpidos, onde se lia o temor.

— Sentaste-te sem pedir licença, como se fosse a tua cama. Quer dizer que me perdeste o medo...

Outros guerrilheiros observavam a cena do lado de fora da janela, mas não podiam ouvir, pois Sem Medo falara baixo. Vewê baixou os olhos, à espera duma reação violenta. Se a familiaridade lhe é conferida pelo facto de ser seu parente, então isso é mau; se é porque começa a sair da casca, se

começa a desenvolver como feto de homem adulto, então está bem. Qual o móbil de Vewê?

– Pensas que o facto de ser meu primo te dá direitos que os outros não se permitem ter?

– Vai haver a rádio...

– Eu sei, não é isso que pergunto – levantara a voz e os que estavam à janela aguçaram os ouvidos. – Pergunto-te se pensas que ser primo do Comandante te faz considerar superior aos outros.

– Não, não, camarada Comandante.

– Então, por que não pediste licença para te sentares?

Vewê hesitou. Olhou para trás do Comandante, para o grupo de espectadores que se formara atrás da janela, sem que o Comandante os visse. Falou alto para que todos ouvissem:

– Achei normal... Como o camarada Comandante se podia sentar na minha cama sem pedir autorização.

Sem Medo sorriu. O ar tímido de Vewê enganava: tinha carácter, começava agora a tirar lentamente as unhas. Não era Vewê, era gato, onça, ou leopardo. Quem sabe se leão? Ia dar um bom guerrilheiro. O Comandante bateu-lhe no ombro.

– Podes estar à vontade. Conquistaste o direito de te sentares na minha cama sem pedir autorização. Duvido que isso conte para ti, mas enfim...

Vewê olhou para a janela. O murmúrio que percorreu os guerrilheiros fez compreender a Sem Medo que algo se passava. Fixou Vewê e viu o olhar triunfante que lançava aos companheiros de fora. Triunfante e tranquilizado. Sem Medo compreendeu tudo: não era iniciativa de Vewê, fora simplesmente uma aposta que fizera com os outros.

– Vai embora! – gritou o Comandante. – Sai-me daqui, desaparece!

O rapaz olhou-o, perplexo e atemorizado.

– Sai! – gritou Sem Medo, furioso.

Vewê pôs o chapéu na cabeça e desapareceu. O Comissário falou do outro lado da casa:

– Não tens o direito de falar assim a um guerrilheiro, Comandante!

Sem Medo amachucou o cigarro no chão. Sentou-se no catre. Os olhos faiscaram, ao fixar o Comissário. Este levantou-se e avançou para o meio da casa. Sem Medo olhava-o, o cenho carregado.

– Não assisti ao que se passou – disse o Comissário – mas não são

maneiras de se falar a um guerrilheiro.

O Comandante levantou-se por sua vez. Os combatentes ouviam atentamente, adivinhando a tensão que se criara entre os dois homens. Os ruídos da mata tornaram-se perceptíveis, ritmados pelo ruído do pé do Comandante martelando o solo.

– É um impostor! – disse Sem Medo. – Não percebeste nada, então não te metas!

E saiu de casa, sem olhar ninguém. O Comissário ia falar, mas a brusca saída do outro deixou-o com a fala suspensa. Os guerrilheiros que rodeavam o Comissário, e os outros que estavam na janela, calavam-se, desiludidos por ter parado aí o conflito entre os dois responsáveis.

Quando Teoria entrou na cabana do chefe de grupo Kiluanje, estavam lá Milagre, Pangu-A-Kitina, Ekuikui, outros guerrilheiros e, num canto, confidenciando-se pensamentos íntimos, o jovem Vewê. Teoria notou que Kiluanje se interrompera no discurso, mas que, ao vê-lo, voltou a falar.

– O problema que há aqui é que o Comandante não tinha razão e o Vewê é um guerrilheiro, antes de ser primo dele.

– É primo dele e por isso ele tem poder de lhe bater mesmo – disse Pangu-A-Kitina. – E você não tem nada com isso.

– Viste como o Comissário ficou zangado? – perguntou Milagre. – Se ele ficou assim, é porque o Comandante estava mesmo errado. O Comissário não fica zangado à toa!

– Porque o Comissário nunca erra? – disse Pangu-A-Kitina.

– Não é isso que eu estou a falar – disse Milagre. – Mas tu, lá porque és kikongo, só queres defender o Comandante.

– Ai é? E por que é que vocês o atacam? Porque são kimbundos...

– É melhor travar aí a discussão, camaradas – disse Teoria.

Ninguém lhe ligou importância.

– Nos Dembos – disse Milagre – um tipo como o Sem Medo já não vivia. Já o tínhamos varrido!

– Como varreram os assimilados e os umbundos em 1961 – disse Pangu-A-Kitina. – Mas isso não parou aí. Ainda vai haver muitas contas a ajustar.

– Camaradas, parem por favor – gritou Teoria, metendo-se no meio.

– Vocês julgam que vêm aqui fazer como na UPA? – disse Milagre. – O vosso partido é a UPA, o partido dos kikongos. Vieram aqui sabotar, estão a trabalhar para o imperialismo.

– Deixa, Milagre! – disse Kiluanje. – As coisas um dia vão-se resolver, mas não interessa agora com a boca.

– Com que então que se vão resolver? – perguntou Pangu-A-Kitina. – Com que então?

– Não interessa, deixa só!

– Camaradas, se continuam assim eu vou chamar os responsá-veis – disse Teoria.

– Tu, cala-te – disse Milagre. – Não tens nada que falar, ouviste? A conversa não é contigo...

– Mas...

– Camarada Teoria – disse Kiluanje –, o camarada não foi chamado aqui. Por isso é melhor não se meter.

– Mas o que estão a dizer é grave – disse Teoria. – Vocês ainda não se aperceberam?

– Como não se aperceberam? – interrompeu Ekuikui. – Eles sabem o que estão a dizer, é o que eles sentem. Não só o camarada chefe e o Milagre, mas também o Pangu. Sabem o que estão a fazer e o que querem. Mas como eu não estou de acordo, nem com uns nem com os outros, vou dormir. E digam, se quiserem, que é porque sou umbundo, que não me interessa, estou cagando!

Ekuikui ia a sair, mas Teoria segurou-lhe no braço. O professor tremia e foi isso que fez parar Ekuikui. Os outros guerrilheiros ouviam, interessados, a cena, sem se meterem.

– Não podes sair Ekuikui. Temos de acabar com esta discussão.

– Camarada professor, quando se entra em discussão tribal, o melhor é deixar, não se meter no meio.

– Discussão tribal? – cortou Kiluanje. – Quem é que está a fazer discussão tribal aqui?

Ekuikui riu, tenso.

– Então eu tinha compreendido mal, camarada Chefe. Tinha percebido que se falava de kimbundos e kikongos. Se não se falou, afinal, não é discussão tribal. Fui eu que ouvi mal!

– Pode-se falar sem ser discussão tribal.

– Como? – disse Teoria. – Não se pode falar nada. O melhor, Pangu-A-Kitina, é vires comigo.

– Por que é que hei de ir, se estou aqui tão bem?

– Eu vou – disse Vewê – essa conversa não me interessa.

Vewê saiu e ninguém o reteve.

– Você disse que as coisas se iam resolver, mas não de boca – disse Pangu-A-Kitina para Kiluanje. – Vão-se resolver como? Com tiros?

– Travem isso, camaradas! – gritou Teoria.

– Vão-se resolver, é o que eu digo. Lembras-te do grupo do Tomás Ferreira assassinado pela UPA? E todos os outros? Ainda não estão pagos...

– E eu sou da UPA, lá porque sou kikongo? Que culpa tenho eu que a UPA faça isso?

– Não está pago, é o que eu digo.

– E os bailundos que mataram em 1961? Julgas que eles também esqueceram? Éramos nós que os protegíamos de vocês, que vinham com as catanas...

– Camaradas, eu vou chamar o Comissário – disse Teoria.

– Não é preciso – disse Kiluanje –, está tudo claro. Eu também não discuto mais.

– Parem mas é com as vossas ameaças – disse Pangu-A-Kitina. – Pensam que metem medo? Nós também temos armas.

Teoria pegou no braço de Pangu-A-Kitina e puxou-o para fora. Mas o enfermeiro era mais forte e foi Teoria que foi arrastado para dentro do quarto.

– Vocês não metem medo, hem?

Os guerrilheiros kimbundos riram e não responderam. Tinham segurado Milagre violentamente, para evitar que discutisse mais. Kiluanje controlava-se bem.

– Nós também temos armas! Estão só para aí a ameaçar... O MPLA é vosso? O MPLA não é só dos kimbundos, é de todos.

Os outros não responderam. Esperavam que os gritos de Pangu-A-Kitina, que já tinham atraído outros guerrilheiros que espreitavam pela janela, chamassem o Comissário. Teoria puxava-o, mas o enfermeiro repelia-o com brutalidade.

– Nós varremos muitos de vocês no passado. Os Dombos e Nambuagongos pagavam imposto ao Rei do Congo. Vocês eram nossos escravos, como é que falam agora?

O barulho trouxe o Chefe de Operações.

– Que se passa aqui?

– O camarada Pangu-A-Kitina veio aqui insultar-nos – disse o chefe de grupo Kiluanje.

– Não – disse Teoria. – Começaram a discutir, tentei interromper, mas dum lado e do outro não queriam parar.

– Mas quem é que está a falar agora, a provocar? – disse Kiluanje. – Nós calámo-nos, quando vimos o que Pangu queria. Mas ele continuou, continuou. Agora chamou-nos escravos dos kikongos...

– É mentira! – disse Pangu-A-Kitina.

– É verdade! – disse Ekuikui. – Você foi burro, perdeu a cabeça, era o que eles queriam. Disseste, sim, isso. Mas quem puxou a conversa foram eles e depois aqueceu. Não foi o Pangu que veio aqui insultar.

– Bem, o Comando vai resolver isso depois – disse o Chefe de Operações.
– E agora dispersem!

Indo para o quarto que partilhavam, Ekuikui disse a Teoria:

– Não sei se o Pangu foi só levado ou se queria mesmo arranjar uma maka.

– Os outros foram malandros. Irritaram-no e depois calaram-se, para ser ele a enterrar-se. Ele reagiu por tribalismo.

– Claro, camarada professor. Mas parece a mim que ele sabia disso e não se importou. Estava a fazer de propósito.

– Para provocar?

– Sim, para provocar porrada tribal.

– Mas com que fim?

– Isso aí... O que os homens mostram é sempre uma parte muito pequena do que têm no coração.

– Achas portanto que os dois têm culpa?

– Camarada Teoria, os dois queriam a mesma coisa. Quando há problema tribal, não vale a pena pensar quem é que tem a culpa. Se duma vez foi um que provocou, é porque antes o outro tinha provocado. Quem nasceu primeiro, a galinha ou o ovo? É assim com o tribalismo.

Teoria entrou em casa e ficou calado. A sua atitude terá sido a mais correta?

Que podia eu fazer a mais? Tentei impedi-los, fui mesmo contra todos os que ali estavam, não tive medo de me meter. Será um sinal de progresso, de vitória sobre o medo? Noutra altura calar-me-ia ou iria embora, para não provocar problemas. Mas foi mais forte do que eu, não me controlava, fiz o

que me passou pela cabeça. Talvez, sim, talvez tenha sido uma vitória.

E adormeceu, sem ter fumado.

EU, O NARRADOR, SOU MUNDO NOVO.

Assistimos neste momento a qualquer coisa de novo na Base: o Comissário ousa afrontar o Comandante.

Para que o progresso se faça, é necessário que um elemento crie o seu contrário, o qual entrará em contradição com ele para o negar. Sem Medo, de certa maneira, criou o Comissário, formando-o. Mas eis que este o ultrapassa em grau de consciência. Surge logicamente uma luta entre eles, luta que se traduz por posições práticas antagónicas. Até agora, o Comissário limitava-se a seguir o Comandante, a imitá-lo: mesmo nos gestos, no estilo de combater, na indiferença aparente com que enfrenta o inimigo. Hoje opôs-se publicamente ao Comandante, levantou a voz para o criticar. Sem Medo, pasmado pela rebeldia do seu pupilo, abandonou a casa de Comando, foi passear na noite.

O Comandante não passa, no fundo, dum diletante pequeno-burguês, com rasgos anarquistas. Formado na escola marxista, guardou da sua classe de origem uma boa dose de anticomunismo, o qual se revela pela recusa da igualdade proletária. Não é de bom grado que aceita a democracia que deve reinar entre combatentes e, por vezes, tem crises agudas e súbitas de tirania irracional. Defensor verbal do direito à revolta, adepto da contestação permanente, abusa da autoridade logo que a contestação se faz contra ele. O caso de Vewê pôs a nu toda a sua mentalidade de ditador. Este flagrante caso de abuso do poder levou o Comissário, que tem uma formação ideológica bem mais clara, a tomar posição a favor da linha de massas.

Esta atitude faz-me pensar que a relação de forças no Comando vai mudar. Como diz o Chefe de Operações, o desprezo do Comandante pela opinião dos outros membros do Comando tem levado a erros graves, situação agravada pelo facto de o Comissário aprovar sempre Sem Medo. Mas agora talvez vejamos a desejada união entre o Comissário e o Chefe de Operações fazer-se contra o Comandante, defensor do niilismo pequeno-burguês. Não há que lamentar divisões entre os responsáveis: elas são uma necessidade histórica.

Por que Sem Medo perdeu a cabeça? Falei com Vewê, soube da aposta que tinham feito, das palavras murmuradas pelo Comandante. Este fez uma ideia superior de Vewê, que o ousava desafiar, e ficou desiludido, ao verificar que a ousadia de Vewê era fruto apenas duma aposta. Reagiu pessoalmente, subjetivamente, ofendido porque a ideia que fizera de Vewê era falsa.

Não foi Vewê que o desiludiu, foi ele que se iludiu sobre Vewê.

Como poderemos fazer confiança num homem tão pouco objetivo?

A Revolução é feita pelas massas populares, única entidade com capacidade para a dirigir, não por indivíduos como Sem Medo.

O futuro ver-me-á, pois, apoiar os elementos proletários contra este intelectual que, à força de arriscar a vida por razões subjetivas, subiu a Comandante. A guerra está declarada.

No dia seguinte, esperaram impacientemente o meio-dia. Nada viera do exterior. A comida só daria para esse dia, depois teriam de voltar ao regime de comunas assadas.

O Comandante acordara mudo e o seu olhar fixava-se obstinadamente no relógio. Não saíra da casa do Comando, não fora treinar os novos recrutas. Depois do almoço, a esperança de ver chegar um grupo de Dolisie esvaiu-se.

– Esse André mais uma vez me aldrabou – disse o Comissário.

– Que esperavas? – respondeu Sem Medo.

Levantou-se, pegou na AKA, chamou Lutamos e Muatiânvua.

– Vamos fazer uma patrulha.

Os três guerrilheiros saíram da Base, a passo rápido, o Comandante à frente. Andaram ininterruptamente até às três horas, inclinando-se para subir as montanhas a pique que se elevavam sempre à sua frente. Chegados a um regato, Sem Medo parou e bebeu água. Os outros imitaram-no. Lutamos foi observar um caminho que passava ali perto e que estava por eles minado. Muatiânvua deitou-se a fumar. Sem Medo estava taciturno, como acordara nesse dia. Lutamos voltou ao grupo, sem nada de anormal a assinalar.

– Nem caça se encontra – disse Muatiânvua. – Até parece que a caça combinou com o André, para nos deixar morrer de fome.

– Se a gente fosse unido – disse Lutamos –, a gente dava mas é um golpe

de Estado, tirava o André de responsável. Isso é que era preciso. Mas a gente do maquis não está unida!

E olhava o Comandante, a estudar a reação. Sem Medo manteve-se calado. Muatiânvua trocou uma mirada entendida com Lutamos e acrescentou:

– Se houvesse um Comando unido, ele podia impor certas coisas ao André...

O Comandante acendeu outro cigarro. Contemplava as copas das árvores que percorriam os ares, desdobrando-se, deixando um ou outro fragmento azul de céu. Fingiu não perceber as alusões dos companheiros e fumou, indiferente. Muatiânvua desistiu de provocar conversa e foi observar o rio, a ver se havia peixe. Entretanto, Lutamos olhava o Comandante, discutindo interiormente se deveria falar diretamente ou não. Há coisa no ar, pensou Sem Medo, sente-se no ambiente abafado da Base, no nervosismo dos homens. E aqui aproxima-se trovoadas.

– Vamos até ao deserto – disse ele.

Andaram mais meia hora e saíram da mata, para uma montanha sem árvores, só com capim. A isso chamavam deserto. Tudo é relativo. Para um homem habituado a ter folhas até cinquenta metros acima da cabeça, qualquer terreno em que só encontra capim é um deserto. Da mesma maneira, a savana seria um Mayombe para o camelo. Ainda há homens para os quais a sua verdade tem de ser conhecida por todos, pensou Sem Medo, se a própria vida nos leva a relativizar tudo, até o próprio vocabulário!

O Sol forte do meio da tarde feriu-lhes a vista e tiveram de se habituar aos poucos, piscando longamente os olhos. Sentaram-se no alto do monte, vigiando o horizonte. Muatiânvua e Sem Medo tiraram a camisa e puseram-na a secar sobre o caminho em que se encontravam, utilizado pelos soldados portugueses para patrulhas na região.

As nuvens acumulavam-se sobre a floresta, à sua frente. A floresta concentra nela as nuvens, pensou Sem Medo. Elas vêm dos desertos e vão cruzar-se, penetrar-se, sobre o Mayombe. Correm livremente pelo espaço, em jogos essenciais de deformação constante – ou recriação constante – para serem atraídas em massa informe, se tornarem prisioneiras do seu próprio conteúdo. Uma nuvem isolada tem a individualidade que lhe é dada pela sua mutabilidade inquieta e caprichosa; esta individualidade perde-se na massa que se concentra e que vale pelo seu peso, pela sua potência

selvagem.

Sem Medo identificou-se a uma nuvem cinzenta, com fimbrias brancas, que corria em revolução constante, e parecia poder escapar-se, poder passar ao lado da massa de nuvens que se adensava sobre o Mayombe. O coração pulsando, seguiu os movimentos frenéticos da nuvenzita que ora era ave ora luz ora cabelos de mulher loira, ora cavalo galopando. Dentro de si fazia votos para que ela passasse ao lado da massa ameaçadora que a atraía invencivelmente. Por momentos, pareceu-lhe que a nuvem passaria ao lado e percorreria livremente o seu caminho precipitado. Mas, ou foi um golpe de vento ou a atração, o certo é que a nuvenzita foi engolida pela massa cinzento-escura e se desfez nela. Um aperto no coração e um gesto de desalento acompanharam a sua voz:

– Que se passa então, camaradas?

Muatiânvua não esperava senão isso. Cofiou a barba, enquanto os olhos pareciam soltar-se do rosto anguloso.

– O que se passa é que está a haver agitação na Base. Uns dizem que se não há comida é porque a direção não faz confiança no Comando da Base, que está dividido. Outros que porque o Comandante não serve e não faz ações que justifiquem a comida. Outros, esses são poucos, dizem que a culpa é dos civis e que é preciso mudar as coisas. Há os que são pelo Comandante, os kikongos; os que são pelo Comissário contra o Comandante; os que são pelo Chefe de Operações, contra o Comissário e o Comandante; os que são pelo Chefe de Operações e o Comissário contra o Comandante; enfim, são esses...

Sem Medo sorriu tristemente.

– E os que são pelo Comandante, sem serem kikongos, ou pelo Comissário, sem serem kimbundos?

– Há, mas, eh pá, são poucos!

– Pelo que compreendo, há quem pense que entre mim e o Comissário há problemas...

– Sim. Desde ontem...

Sem Medo não respondeu. Lutamos aproveitou a pausa para dizer:

– É preciso é fazer a unidade no Comando contra os civis. Temos de dar o golpe no André.

O Comandante olhou-o fixamente.

– Mesmo com o Chefe de Operações? Pensas que mesmo com o Chefe de

Operações? Sabes por que to pergunto, não?

Lutamos sustentou o olhar penetrante.

– Sim, camarada Comandante. O Chefe de Operações não pode comigo, desconfia mesmo de mim, mas isso é normal. O povo daqui não apoia, homem de Cabinda é logo traidor... Mas ele é bom militar e um dia vai compreender. Eu só quero que a luta avança, por isso penso é preciso fazer a unidade do Comando e obrigar a Direção a pôr outro responsável em Dolisie. Só assim a luta pode avançar. Esse povo não é traidor, mas precisa de ver a guerra está a sair mal ao tuga. O Povo apoia o que tem razão, mas quando o que tem razão mostra que é forte. Os civis falam em Dolisie não se deve enviar comida porque nós não fazemos guerra e que o Comando está dividido por tribalismo e ambição...

– Vocês sempre com a desunião do Comando! – disse Sem Medo. – Onde é que viram que o Comando está dividido? Há ou havia problemas entre o Comissário e o Das Operações. Nunca tive problemas com nenhum deles. O caso de ontem... quem é que está para aí a inchar o caso de ontem, a fazer dele um monstro? Ontem não houve nada de especial. Porque o Comissário me criticou? Está muito bem, devia fazê-lo mais vezes. Julgam que isso criou problemas, estão muito enganados, não há problema nenhum. Vocês todos não dão o devido valor ao Comissário, pensam que ele é um mole ou um miúdo. Ele tem a sua cabeça, que pensa muito bem.

– Sabemos, sim – disse Muatiânvua.

– Se uma vez ele discute comigo, pronto, é porque há coisa séria por trás! Não é normal que dois homens discutam e se zanguem mesmo, sobretudo se são amigos? E eu digo-vos a vocês, que são uns destribalizados aqui, que não são kikongos nem kimbundos: não tentem atirar-me contra o Comissário, com intrigas, do disse que disse, comigo não pega. Com ele também não.

– Não, a gente só contou o que dizem os guerrilheiros – disse Muatiânvua. – Eu não vou com uma pessoa contra outra. Eu vou com o que tem razão. Não gosto de intrigas, sempre falei de homem a homem. O que disse posso repetir numa reunião, com o André e tudo.

– Eu sei – disse Sem Medo.

Muatiânvua era considerado por muitos como “anarquista nas palavras”. Quando se levantava numa reunião muitos tremiam intimamente: Muatiânvua só falava quando tinha uma bomba para a discussão, que

atirava para o meio da reunião, com um ricto trocista na boca, os cabelos em desordem e os olhos dardejando desprezo para o responsável em falta. Fora muitas vezes indigitado para estágios ou mesmo para promoções. Mas sempre aparecia um inimigo feito pelas suas palavras para lhe sabotar o estágio ou a promoção. Muatiânvua encolhia os ombros e dizia que não viera para passear pelo estrangeiro – que conhecia devido às viagens de marinheiro – ou para ser chefe; viera para lutar.

Sem Medo bateu-lhe no braço.

– Eu sei. Não falo para ti, nem para o Lutamos. Mas há muitos que só esperavam uma pequena discussão entre o Comissário e mim, para começarem a agitar. Muitos nem sabem o que fazem. Estão enganados. O que nos une, a mim e ao Comissário, é muito forte, demasiado forte.

Calou-se, porque a voz lhe saía dificilmente, pela contração da garganta. Os outros respeitaram o seu silêncio. Sem Medo olhou o vulto ameaçador das nuvens sobre o caminho que iriam percorrer para voltar à Base. Vestiu a camisa.

– Vamos apanhar chuva.

Não só apanharam chuva, mal se embrenharam na mata, como a noite os surpreendeu no caminho. Tropeçavam nos troncos caídos, escorregavam no chão lamacento, enrodilhavam-se nas lianas que os vigiavam. Sem Medo avançava à frente dos outros, impaciente por chegar, não pelo calor da cubata, mas pelo café que o Comissário preparava, sabendo que eles estavam cansados e friorentos. E não era pelo café, mas porque era preparado pelo Comissário para ele, Sem Medo.

O Comissário tinha mesmo preparado o café e encheu-lhe a lata de leite que servia de caneca. Sem Medo bebeu o café e acendeu um cigarro. Depois de fumar, mudou de farda. O jantar esfriara há muito no prato. O Comissário sentou-se na cama, ao lado dele.

– Queria falar-te.

– Sobre o caso de ontem?

– Sim.

– Não vale a pena – disse Sem Medo.

– Vale, sim. Não vais jantar agora?

– Mais logo.

– Então vamos para fora. Já deixou de chover há muito.

O Comissário estava nervoso, e os seus olhos revelavam falta de à-vontade. Discutir para quê? – pensou Sem Medo. Desenterrar o que já morreu. Os homens gostam de se flagelar com o passado e nunca se sentem contentes sem o fazer. É a incapacidade de pôr uma pedra sobre um facto e avançar para o futuro. Há outros, no entanto, os que não sabem gozar a vida, que só veem o futuro. Incapacidade de sofrer ou gozar uma situação. Se sofrem, consolam-se, pensando que o amanhã será melhor. Se são felizes, temperam essa felicidade pela ideia de que ela acabará em breve. Eu vivo o presente; quando faço amor, não penso nas vezes em que não encontrei prazer, ou que será necessário lavar-me a seguir. Mas o Comissário é um miúdo, cuja personalidade está indecisa entre o passado e o futuro. Poderá talvez aprender a gozar a vida, mas por enquanto ainda necessita duma explicação.

– Vamos – disse Sem Medo.

Sentaram-se sobre um tronco caído, à entrada da Base, as armas nos joelhos. Muatiânvua vira-os e não despegava os olhos dos dois vultos.

– Quero pedir-te desculpa do que se passou ontem – disse o Comissário. – Não devia falar-te assim à frente dos guerrilheiros. É desautorizar-te e tirar a confiança dos guerrilheiros no Comando.

– Tinhas razão, eu não devia tratar o Vewê como tratei.

– Mas não devia falar-te ali. Deveria ter-te dito isso à parte. Os guerrilheiros...

– Os guerrilheiros devem habituar-se a ouvir os responsáveis criticarem-se e verem que isso não vai provocar problemas entre eles.

O Comissário abanou a cabeça.

– Foi um gesto impensado, está errado. As críticas devem ser feitas em reunião do Comando ou em privado. Foi assim que sempre se disse.

– Pois aí é que está o mal – disse Sem Medo. – As coisas passam-se entre os responsáveis. Se há roupa suja a lavar, é preciso que o militante não saiba, ela é lavada na capelinha. Fica tudo sempre na capelinha. Como ensinas então os guerrilheiros a criticar e a ser sinceros, e a controlarem os responsáveis, se na prática não lhes dás exemplos? Eu, quando tenho uma coisa a dizer-te, ou ao Das Operações, não vos chamo à capela para criticar, já reparaste? Com vocês deve ser a mesma coisa.

– Isso dizes tu! Mas os guerrilheiros já estão a falar, a dizer que há makas entre nós, que o Comando está dividido.

– Precisamente porque tu sempre evitas fazer-me críticas públicas. Se o fizesses, já estariam habituados e não era uma coisa destas sem importância nenhuma que os ia alertar.

– O princípio está errado! – disse o Comissário.

– Bom. Tu tens necessidade de te sentir em falta e estás a confessar-te. Enquanto não tiveres a penitência, não tens a alma tranquila. À confissão chamas autocrítica, à contrição chamas o reconhecimento do erro. Queres que te ordene a flagelação para expiares o sacrilégio?

– Vês em tudo o pensamento religioso!

– Porque ele está em tudo. Os quadros do Movimento estão impregnados de religiosidade, seja católica, seja protestante. E não são só os do Movimento. Pega em qualquer Partido. Há uns que procuram aldrabar o padre e escondem os pecados: é como os militantes que fogem à crítica e nunca a aceitam. Há os outros, os que inventam mesmo pensamentos impuros que afinal nem chegaram a ter, salvo no momento da confissão, para que se sintam mesquinhos em face do sofrimento do Cristo: são os militantes sempre dispostos a autocriticar-se, a reconhecer erros que não cometeram, apenas porque isso lhes dá a impressão de serem bons militantes. Um Partido é uma capela. E é por isso que achas que os responsáveis devem criticar-se a sós, como o padre e o sacristão, que só na sacristia se acusam de roubarem as amantes respetivas, porque se o fizessem em público os crentes tornar-se-iam cétricos.

– Não é a mesma coisa. Um Partido não é uma capela.

– Não deveria ser uma capela, mas é. Onde é que os dirigentes discutem em público? Não, só no seu círculo. O militante tem de entrar no círculo, pertencer à casta, isto é, tornar-se dirigente, para saber da roupa suja que se lava nas altas instâncias. Quando um dirigente é publicamente criticado, é porque caiu em desgraça, é um bispo tornado herético, um Lutero.

– Então, achas que tudo se deveria fazer em frente do povo?

– Pelo menos dos guerrilheiros, dos militantes, vanguarda do povo, como se diz. Vocês falam tanto das massas populares e querem esconder tudo ao povo.

– Vocês, quem?

– Vocês, os quadros políticos do Movimento. Os que têm uma sólida formação marxista.

– Tu também a tens.

– Eu? – Sem Medo sorriu. – Eu sou um herético, eu sou contra a religiosidade da política. Sou marxista? Penso que sim, conheço suficientemente o marxismo para ver que as minhas ideias são conformes a ele. Mas não acredito numa série de coisas que se dizem ou se impõem, em nome do marxismo. Sou pois um herético, um anarquista, um sem-Partido, um renegado, um intelectual pequeno-burguês... Uma coisa, por exemplo, que me põe doente é a facilidade com que vocês aplicam um rótulo a uma pessoa, só porque não tem exatamente a mesma opinião sobre um ou outro problema.

– Por que estás sempre a dizer “vocês”, a incluir-me num grupo?

– Porque fazes realmente parte dum grupo: os futuros funcionários do Partido, os quadros superiores, que vão lançar a excomunicação sobre os heréticos como eu. “Vocês” representa todos os que não têm humor, que se tomam a sério e ostentam ares graves de ocasião para se darem importância...

Sem Medo interrompeu-se. O Comissário esperou a continuação. Mas o Comandante parecia ter parado de vez. Acendeu um cigarro e ficou a ver as volutas destacarem-se na noite e perderem-se, mais alto, na escuridão do Mayombe. Muatiânvua continuava a observá-los, de longe. Ekuikui aproximou-se dele.

– Estão a discutir?

– Só a falar – disse Muatiânvua.

– Estão zangados?

– Não sei.

– Se ao menos ficassem de acordo...

– Por que é que não haveriam de ficar?

O Comissário bateu na perna de Sem Medo. O Comandante fumava, o olhar perdido na noite.

– Por que paraste de falar? – perguntou o Comissário. – Para não me ofenderes?

Sem Medo sorriu. Ficou ainda calado por momentos, sorrindo.

– Sei que não te ofendes com isso. Ainda tens uns restos de compreensão, ainda não és totalmente dogmático... Isso virá, talvez, mas por enquanto ainda podes ouvir umas verdades sem te ofenderes.

– A partir de que momento pensas que me ofenderei?

– Tu? Quando acabar a guerra. Quando fizeres parte dum Partido

vitorioso e glorioso que conquistará o poder e que considerará pagãos todos os que dele não fizerem parte. Quando estiveres sentado no poder, pertencendo ao grupo restrito que dominará o Partido e o Estado, depois da primeira desilusão de constatar na prática que o socialismo não é obra dum dia ou da vontade de mil homens.

– Não é forçoso que uma pessoa se torne dogmática...

– Então terás de abandonar a capela!

– Não é forçoso...

– Ora! Vamos tomar o poder e que vamos dizer ao povo? Vamos construir o socialismo. E afinal essa construção levará trinta ou cinquenta anos. Ao fim de cinco anos, o povo começará a dizer: mas esse tal socialismo não resolveu este problema e aquele. E será verdade, pois é impossível resolver tais problemas, num país atrasado, em cinco anos. E como reagirão vocês? O povo está a ser agitado por elementos contrarrevolucionários! O que também será verdade, pois qualquer regime cria os seus elementos de oposição, há que prender os cabecilhas, há que fazer atenção às manobras do imperialismo, há que reforçar a polícia secreta, etc., etc. O dramático é que vocês terão razão. Objetivamente, será necessário apertar-se a vigilância no interior do Partido, aumentar a disciplina, fazer limpezas. Objetivamente é assim. Mas essas limpezas servirão de pretexto para que homens ambiciosos misturem contrarrevolucionários com aqueles que criticam a sua ambição e os seus erros. Da vigilância necessária no seio do Partido passar-se-á ao ambiente policial dentro do Partido e toda a crítica será abafada no seu seio. O centralismo reforça-se, a democracia desaparece. O dramático é que não se pode escapar a isso...

– Depende dos homens, depende dos homens...

– Os homens? – Sem Medo sorriu tristemente. – Os homens serão prisioneiros das estruturas que terão criado. Todo organismo vivo tende a cristalizar, se é obrigado a fechar-se sobre si próprio, se o meio ambiente é hostil: a pele endurece e dá origem a picos defensivos, a coesão interna torna-se maior e, portanto, a comunicação interna diminui. Um organismo social, como é um Partido, ou se encontra num estado excecional que exige uma confrontação constante dos homens na prática – tal uma guerra permanente – ou tende para a cristalização. Homens que trabalham há muito tempo juntos cada vez têm menos necessidade de falar, de comunicar,

portanto de se defrontar. Cada um conhece o outro e os argumentos do outro, criou-se um compromisso tácito entre eles. A contestação desaparecerá, pois. Onde vai aparecer contestação? Os contestatários serão confundidos com os contrarrevolucionários, a burocracia será dona e senhora, com ela o conformismo, o trabalho ordenado mas sem paixão, a incapacidade de tudo se pôr em causa e reformular de novo. O organismo vivo, verdadeiramente vivo, é aquele que é capaz de se negar para renascer de forma diferente, ou melhor, para dar origem a outro.

– Depende dos homens – disse o Comissário. – Se são indivíduos revolucionários e, por isso, capazes de ver quais são as necessidades do povo, poderão corrigir todos os erros, poderão mudar as estruturas...

– E a idade? E o assento que conquistaram? Quererão perdê-lo? Quem gosta de perder um cargo? Sobretudo quando atingem a idade do comodismo, da poltrona confortável com os chinelos e os charutos que nessa altura poderão comprar? É preciso ser exceccional!

– Há homens exceccionais...

– Sim, há. Uma vez todas as décadas. Um só homem exceccional poderá mudar tudo? Então tudo repousará nele e cair-se-á no culto da personalidade, no endeusamento, que entra dentro da tradição dos povos subdesenvolvidos, religiosos tradicionalmente. O problema é esse. É que, nos nossos países, tudo repousa num núcleo restrito, porque há falta de quadros, por vezes num só homem. Como contestar no interior dum grupo restrito? Porque é demagogia dizer que o proletariado tomará o poder. Quem toma o poder é um pequeno grupo de homens, na melhor das hipóteses, representando o proletariado ou querendo representá-lo. A mentira começa quando se diz que o proletariado tomou o poder. Para fazer parte da equipa dirigente, é preciso ter uma razoável formação política e cultural. O operário que a isso acede passou muitos anos ou na organização ou estudando. Deixa de ser proletário, é um intelectual. Mas nós todos temos medo de chamar as coisas pelos seus nomes e, sobretudo, esse nome de intelectual. Tu, Comissário, és um camponês? Porque o teu pai foi camponês, tu és camponês? Estudaste um pouco, leste muito, há anos que fazes um trabalho político, és um camponês? Não, és um intelectual. Negá-lo é demagogia, é populismo.

– Está bem. Que sejam todos intelectuais... Que tem isso a ver?

– Não sou contra os intelectuais. Há intelectuais que têm vergonha do seu

pecado original, que parecem desculpar-se de o ser, e gritam aos quatro ventos o seu anti-intelectualismo. Não sou desses. Sou é contra o princípio de se dizer que um Partido dominado pelos intelectuais é dominado pelo proletariado. Porque não é verdade. É essa a primeira mentira, depois vêm as outras. Deve-se dizer que o Partido é dominado por intelectuais revolucionários, que procuram fazer uma política a favor do proletariado. Mas começa-se a mentir ao povo, o qual bem vê que não controla nada o Partido nem o Estado e é o princípio da desconfiança, à qual se sucederá a desmobilização. Não digo que seja isto o fundamental, nota bem.

– Sei. Mas acho que estás a ser parcial. Se se fizer uma política no geral justa e se conseguir melhorar o nível de vida do povo, este fará confiança. E isso representará um progresso enorme em relação à situação atual...

– Evidentemente! Comissário, compreende-me bem. O que estamos a fazer é a única coisa que devemos fazer. Tentar tornar o país independente, completamente independente, é a única via possível e humana. Para isso, têm de se criar estruturas socialistas, estou de acordo. Nacionalização das minas, reforma agrária, nacionalização dos bancos, do comércio exterior etc., etc. Sei disso, é a única solução. E ao fim de certo tempo, logo que não haja muitos erros nem muitos desvios de fundos, o nível de vida subirá, também não é preciso muito para que ele suba. É sem dúvida um progresso, até aí estamos de acordo, não vale a pena discutir. Mas não chamemos socialismo a isso, porque não é forçosamente. Não chamemos Estado proletário, porque não é. Desmistifiquemos os nomes. Acabemos com o feiticismo dos rótulos. Democracia nada, porque não haverá democracia, haverá necessariamente, fatalmente, uma ditadura sobre o povo. Ela pode ser necessária, não sei. Outra via não encontro, mas não é o ideal, é tudo o que sei. Sejam sinceros connosco próprios. Não vamos chegar aos cem por cento, vamos ficar nos cinquenta. Por que então dizer ao povo que vamos até aos cem por cento?

– Como é que vais dizer que só ficaremos pelos cinquenta por cento? Isso desmobiliza...

– Aí está onde queria chegar! Como todos os do teu grupo, pensas que se não pode dizer a verdade ao povo, senão ele desmobiliza-se. Tem de se aumentar, tem de se exagerar, para aquecer as esperanças que farão as pessoas aguentar os primeiros tempos duros. Eu, se estivesse à morte, preferia que mo dissessem, detesto as mentiras piedosas. Ora, é o que vocês

querem fazer. Para que o moribundo não desanime, não se suicide, prometem-lhe a cura; os padres prometem a salvação no outro mundo. O vosso Paraíso, aquele Paraíso que agitam diante dos olhos das massas, é o futuro, um futuro tão abstrato quanto o Paraíso cristão.

– Não há dúvida que ainda tens problemas metafísicos. O vocabulário trai-te, Comandante!

Sem Medo fez uma pausa. Repetiu o seu gesto maquinal de acariciar o cano da arma.

O silêncio ia invadindo a Base, ao aproximar-se a hora de recolher. Mas da casa do Comando saíam risos abafados dos guerrilheiros que escutavam a rádio. Muatiânvua e Ekuikui, sentados a distância dos dois homens, tentavam adivinhar nos vultos e nas palavras que por vezes a eles chegavam se o clima de confiança fora restabelecido.

– É possível – disse Sem Medo. – Ou é apenas um hábito que ficou. Todos nós pensamos na morte e isso é um problema metafísico. Mas essa linguagem exprime bem o meu pensamento, por isso a utilizo. O que queria que tu compreendesses, e que me parece que o Mundo Novo não percebeu no outro dia, é que não é pelo facto de eu saber que não chegaremos ao paraíso prometido que recuarei.

– Eu sei, ele falou-me disso. Pôs essa dúvida. Respondi-lhe que não recuarás porque as tuas razões de lutar são sinceras.

– Quais são?

– Quais são? Enfim, sei lá! São razões humanas, de crença numa necessidade de justiça, de ódio à opressão... as mesmas que as nossas. A única divergência é no futuro. Tu és mais um homem para esta fase da luta, recusas-te a pensar no futuro. Nós pensamos também nesse futuro. Como te vês em Angola independente?

– Eu? Não me vejo. Simplesmente, e em toda a sinceridade, não me vejo. Isso é que vos choca?

– Enfim, cada um tem os seus planos... Onde mais gostará de trabalhar, ou então quais as suas ambições.

– A ti vejo-te claramente, como um quadro político. A mim, não me vejo. Talvez noutro país em luta... Quem sabe se na cadeia? Não me vejo em Angola independente. O que me não impede de lutar por essa independência.

– A primeira vez que te vi, não, a segunda vez, estavas num bar a beber

uma cerveja. As pessoas dançavam, as mesas estavam cheias de pares barulhentos, como são os bares congolese. Havia uma orquestra que tocava, num barulho infernal. Entrei com vários camaradas, não havia mesa vaga. Num canto descobrimos-te a uma mesa, sozinho, com uma garrafa de cerveja à frente. Contemplavas a garrafa vazia. Tudo te parecia indiferente, o barulho, as pessoas que dançavam, as mulheres que passavam à frente da mesa, fazendo-te sinais. Disseram-me: está ali o Sem Medo, o chefe de secção Sem Medo. Eu era novo no Movimento, tinha chegado há pouco de Kin-shasa, tinha-te visto uma vez no *bureau*. Compreendi então que eras um homem só. Os outros quiseram ir ter contigo, para se sentarem à mesa vaga. Consegui convencê-los a irmos para outro bar, a deixar-te sozinho. Nunca me esqueci dessa cena, tu a olhares a garrafa vazia, longe, muito longe do mundo que te rodeava. És um homem só, Sem Medo.

O Comandante aprovou com a cabeça.

– No entanto – continuou o Comissário – há uma coisa em ti, talvez a solidão, que intimida e ao mesmo tempo leva as pessoas a serem sinceras contigo...

– Talvez a solidão...

– Achas que sim?

– Todos nós somos uns solitários – disse Sem Medo. – Os solitários do Mayombe! Por que gostamos de viver na mata? Não é porque gostamos de nos sentir sós no meio da multidão de árvores que nos rodeia? Quando estava na Europa, eu gostava de andar no meio da gente, à hora da saída dos empregos. Anónimo, absolutamente anónimo no meio da massa. Por isso gosto das grandes cidades ou então da mata, onde se não é anónimo, antes pelo contrário, é-se singular, mas em que realmente uma pessoa sente ser uma personalidade singular, assim como no meio da multidão. Por isso não gosto de cidades pequenas, que são o destestável meio-termo da mediocridade. Desculpa os palavrões, mas é isso mesmo!

Muatiânvua tocou na perna de Ekuikui. Sussurrou:

– Está tudo porreiro! É conversa mole, pá!

– Sim, parece que está tudo porreiro. Vamos deitar?

– Não, aguenta. É bom tomar conta deles, a noite está escura.

Teoria fora urinar e encontrou os outros dois.

– Que fazem aí, camaradas?

– Guarda – disse Muatiânvua, apontando os dois vultos.

Teoria sentou-se também, com a arma entre os joelhos, contemplando o Comissário e Sem Medo.

– Enquanto os outros desejam que eles se peguem um com o outro, vocês são os únicos que velam por eles – disse Teoria.

– Há mais, camarada, há mais! – disse Ekuikui.

Sem Medo acendeu outro cigarro. À luz do fósforo, o Comissário viu os olhos que brilhavam. Apertou-lhe o braço.

– Comandante, podes fazer confiança em mim. Confiança total! Tens um segredo, uma coisa que te faz ser um solitário, mais solitário que nós todos. Se achas que te faria bem contar, podes ter confiança. A minha boca não o revelará a ninguém.

– Mais tarde, Comissário, mais tarde. Mas não penses que é um segredo temível que me leva a ser solitário. Todos temos uma história, eu também tenho uma, mas não é nada de especial. Sempre fui um solitário. Quando era miúdo, escondia-me para inventar aventuras extraordinárias em que participava.... como herói, bem entendido! Tudo começou com uma tarefa que apanhei dum mais velho, e do qual fugi vergonhosamente. Como compensação, comecei a inventar estórias, situadas nos mais variados ambientes, em que o fim era sempre o mesmo: o duelo de morte contra esse miúdo. Até que me convenci que inventar estórias não chegava e que era preciso agir, chegar até esse duelo de morte. Provoquei-o e lutámos. Mas nunca mais deixei de inventar estórias em que era o herói. Como não era tipo para ficar só na invenção das estórias, tinha dois únicos caminhos na vida: ou escrevê-las ou vivê-las. A Revolução deu-me oportunidade de as criar na ação. Se não houvesse revolução, com certeza acabaria como escritor, que é outra maneira de se ser solitário. Como vês, não é esse segredo, que pensas terrível, a causa da minha solidão, é uma questão de temperamento.

– Sabes o que penso? Deverias casar.

– *Trop tard!*

– Por quê?

– Passou a época. Penso que já me habituei demasiado a ser o único dono de mim próprio, para me poder partilhar. Ou então arranjaria uma mulher em quem mandasse, o que não é o meu estilo. Viver duradoiramente com uma mulher, respeitar os seus desejos, confrontá-los com os meus, procurar um compromisso quando os desejos são divergentes, aceitar que ela decida,

como eu, sobre os

pequenos e grandes problemas, tudo isso hoje me é difícil. Tornei-me demasiado independente. Para continuar a fazer uma vida independente, mesmo casado, então não vale a pena. Prefiro a independência duma vida e a dependência duma noite, de vez em quando. A menos que apareça a mulher excecional, aquela que só aparece uma vez numa década! Até aqui não a encontrei. Mas isso tudo leva-nos longe do assunto principal e não jantei por causa dele...

– Tens razão, estou a ser egoísta – disse o Comissário.

– Lá estás tu a desculpar-te! Se não quisesse, não teria vindo, ou teria abreviado.

– Sabes o que se passa na Base? Há o campo kimbundo e o kikongo. Ambos os campos desejam a nossa ruptura, para terem um chefe de fração, pelo que entendi.

– À parte os elementos destribalizados, que são pela nossa união – disse Sem Medo.

– Exato. A tensão tribal tem vindo a crescer desde a missão. Os kimbundos não estão contentes por causa do que aconteceu ao Ingratidão e por causa do André...

– Lá nisso do André têm razão...

– Os kimbundos atribuem os erros todos ao André, mas também a ti. São os dois kikongos mais em vista. Querem pois um conflito, de modo que eu tenha de me apoiar neles contra ti. Os kikongos, por seu lado, defendem o André e querem que tu te coloques como o líder militar kikongo que expulse os kimbundos do Comando.

– O azar dos kikongos é que não posso com o André e não o escondo.

– E o azar dos kimbundos é que entre mim e o Das Operações...

Riram os dois, como duas crianças que enganaram os pais. Muatiânvua e os companheiros ouviram os risos e apertaram os braços uns dos outros.

– O Das Operações está a trabalhar na sombra – disse o Comissário. – Toda a tarde esteve em conferência com os kimbundos, até mesmo com o Teoria... Chamou-o a sós!

– Ah, bom? O tribalismo nele é mais forte que o racismo? Não o pensava.

– Não é o tribalismo. É a ambição!

Sem Medo aprovou com a cabeça. O Comissário disse:

– Falou também a sós com o Mundo Novo, que depois me veio sondar.

Como pensas que joga o Mundo Novo?

– Acho que não se meterá nas coisas, desde que perceba que a base de tudo é tribalismo. Talvez ainda não tenha topado muito bem e as complicações teóricas baralham-no... Complicações que ele vê, mas que não existem, entenda-se! Esse moço é realmente um teórico, mas tem estofo, gosto dele. Certamente pensa que sou um burguês, ele é o mais alto expoente do vosso grupo de dogmáticos. Mas isso passa-lhe!

– Que devemos fazer? – perguntou o Comissário.

– Acho que o melhor é deixar andar – disse Sem Medo.

– Se vamos fazer uma reunião geral, como é do teu gosto porque isso vem no manual do perfeito comissário, não vamos resolver nada, antes vamos dar razão aos que pensam haver makas escondidas que pretendemos camuflar. Vamos deixar passar a vaga, preparar as coisas para outra missão e depois reúne-se, quando o ambiente esfriar.

– Por uma vez estou de acordo contigo sobre a reunião. Mas como preparar a missão, se não há comida?

– É verdade. Esse gajo do André... Temos de resolver isso em primeiro lugar. Não convém que nenhum de nós abandone a Base. Vamos enviar o Das Operações a Dolisie. Já sei que vai lá ficar uma semana, mas não há outra solução.

– OK.

– Desde que ele traga a comida, vamos fazer uma ação. A inatividade cria toda a espécie de problemas. Como diz o Milagre, a guerra está fria, por isso a lei também fica fria! E só poderemos vencer o tribalismo quando o povo de Cabinda começar a aderir. Mesmo a maka entre kikongos e kimbundos aí fica menos aguda.

– Temos de ter muita cautela para não cometer uma injustiça que possa provocar uma catástrofe. E dar sempre a entender que somos unânimes. Sobre o caso do Pangu-A-Kitina é melhor deixar andar.

– É isso, Comissário. Mais nada?

– Não, o resto fica para depois, deves estar com fome.

– E estou mesmo. O papo abriu-me o apetite.

– A mim, levantou-me o moral.

– Comissário, então que significa o meu súbito apetite? Não é o mesmo?

Levantaram-se, rindo. Foram para a casa do Comando, livres como as volutas de fumo que se libertavam na mata. Tranquilizados, Muatiânvua e

os companheiros foram-se deitar.

Em breve soavam as palmas do toque de silêncio.

EU, O NARRADOR, SOU MUATIÂNVA.

Meu pai era um trabalhador bailundo da Diamang, minha mãe uma kimbundo do Songo.

O meu pai morreu tuberculoso com o trabalho das minas, um ano depois de eu nascer. Nasci na Lunda, no centro do diamante. O meu pai cavou com a picareta a terra virgem, carregou vagões de terra, que ia ser separada para dela se libertarem os diamantes. Morreu num hospital da Companhia, tuberculoso. O meu pai pegou com as mãos rudes milhares de escudos de diamantes. A nós não deixou um só, nem sequer o salário de um mês. O diamante entrou-lhe no peito, chupou-lhe a força, chupou, até que ele morreu.

O brilho do diamante são as lágrimas dos trabalhadores da Companhia. A dureza do diamante é ilusão: não é mais que gotas de suor esmagadas pelas toneladas de terra que o cobrem.

Nasci no meio de diamantes, sem os ver. Talvez porque nasci no meio de diamantes, ainda jovem senti atração pelas gotas do mar imenso, aquelas gotas-diamante que chocam contra o casco dos navios e saltam para o ar, aos milhares, com o brilho leitoso das lágrimas escondidas.

O mar foi por mim percorrido durante anos, de norte para sul, até à Namíbia, onde o deserto vem misturar-se com a areia da praia, até ao Gabão e ao Ghana, e ao Senegal, onde o verde das praias vai amarelecendo, até de novo se confundir com elas na Mauritânia, juntando a África do Norte à África Austral, no amarelo das suas praias. Marinheiro do Atlântico, e mesmo do Índico eu fui. Cheguei até à Arábia, e de novo encontrei as praias amarelas de Moçâmedes e Benguela, onde cresci. Praias de Benguela, praias da Mauritânia, praias da Arábia, não são as amarelas praias de todo o Mundo?

Em todos os portos tive uma mulher, em cada porto uma maka. Até que, um dia, estava eu nos Camarões, ouvi na rádio o ataque às prisões, no 4 de fevereiro. O meu barco voltava para o sul e não cheguei a Angola. Fiquei em Matadi, ex-congo Belga. Lumumba tinha morrido, a ferida sangrava ainda, a ferida só ficou sarada quando o 4 de fevereiro estalou.

Onde eu nasci, havia homens de todas as línguas vivendo nas casas comuns e miseráveis da Companhia. Onde eu cresci, no Bairro Benfica, em Benguela, havia homens de todas as línguas, sofrendo as mesmas amarguras. O primeiro bando a que pertenci tinha mesmo meninos brancos, e tinha miúdos nascidos de pai umbundo, tchokue, kimbundo, fiote, kuanhama.

As mulheres que eu amei eram de todas as tribos, desde as Reguibat do Marrocos às Zulu da África do Sul. Todas eram belas e sabiam fazer amor, melhor umas que outras, é certo. Qual a diferença entre a mulher que esconde a face com um véu ou a que a deforma com escarificações?

Querem hoje que eu seja tribalista!

De que tribo?, pergunto eu. De que tribo, se eu sou de todas as tribos, não só de Angola, como de África? Não falo eu o swahili, não aprendi eu o haussa com um nigeriano? Qual é a minha língua, eu, que não dizia uma frase sem empregar palavras de línguas diferentes? E agora, que utilizo para falar com os camaradas, para deles ser compreendido? O português. A que tribo angolana pertence a língua portuguesa?

Eu sou o que é posto de lado, porque não seguiu o sangue da mãe kimbundo ou o sangue do pai umbundo. Também Sem Medo, também Teoria, também o Comissário, e tantos outros mais.

A imensidão do mar que nada pode modificar ensinou-me a paciência. O mar une, o mar estreita, o mar liga. Nós também temos o nosso mar interior, que não é o Kuanza, nem o Loje, nem o Kunene. O nosso mar, feito de gotas-diamante, suores e lágrimas esmagados, o nosso mar é o brilho da arma bem oleada que faísca no meio da verdura do Mayombe, lançando fulgurações de diamante ao sol da Lunda.

Eu, Muatiânvua, de nome de rei, eu que escolhi a minha rota no meio dos caminhos do Mundo, eu, ladrão, marinheiro, contrabandista, guerrilheiro, sempre à margem de tudo (mas não é a praia uma margem?), eu não preciso de me apoiar numa tribo para sentir a minha força. A minha força vem da terra que chupou a força de outros homens, a minha força vem do esforço de puxar cabos e dar à manivela e de dar murros na mesa duma taberna situada algures no Mundo, à margem da rota dos grandes transatlânticos que passam, indiferentes, sem nada compreenderem do que é o brilho-diamante da areia duma praia.

Capítulo III

ONDINA

A comida acabara, mesmo a presa caçada pelo Chefe de Operações. Os homens iam cada vez mais longe apanhar comunas, pois as árvores que estavam perto da Base já se tinham esgotado. Era preciso marchar duas horas para se chegar ao sítio virgem onde havia ainda frutos. Iam aos grupos de três e enchiam os sacadores. As comunas eram repartidas de igual modo por todos. Havia vários guerrilheiros com diarreia, causada pelo óleo do fruto. Ekuikui saía ainda de noite e voltava à noite, procurando caça. Nada se encontrava. Ekuikui emagrecia a olhos vistos, com o esforço não compensado, mas partia teimosamente no dia seguinte.

Há quatro dias que o Chefe de Operações partira. Tinha enviado logo um mensageiro, avisando que a comida seguiria breve. Mas os dias passavam e o reabastecimento não chegava. Podia-se dizer que havia uma semana não se alimentavam devidamente. As comunas eram nutritivas, mas não tiravam a fome, pois estavam habituados à mandioca, que enche o estômago sem alimentar. A sensação de fome aumentava o isolamento.

O Comissário corria constantemente dum sítio para o outro, resolvendo os litígios que se multiplicavam. Vários guerrilheiros ameaçaram mesmo desertar, mas ficaram-se nas palavras. Mais uns dias e as deserções seriam reais. Sem Medo dissera ao Comissário para evitar dar castigos em caso de conflitos tribais, pois a fome acentuava o nervosismo e o tribalismo. O Comissário não queria ceder, mas acabou por reconhecer que a situação era anormal e que a irritação se apoderava de todos. Tornou-se um mediador entre os adversários, em vez de juiz.

Mundo Novo tinha notado a modificação de atitude do Comissário. Um dia, pediu para lhe falar. Estavam junto do rio e o Comissário concordou.

– Camarada Comissário, parece-me que o camarada está a ser muito liberalista. Tem havido coisas graves, muito graves mesmo, aqui na Base, e o Comando não se pronuncia sobre elas. Está a ver--se que só faltam tiros! O camarada, em vez de impor a disciplina, tenta apaziguar.

– Há fome, camarada. As cabeças não funcionam bem com fome, muito menos os nervos. Não podemos agir com a mesma rigidez que em período normal.

Os olhos do Comissário fixavam-se obstinadamente no rio, como que

esperando ver um cardume de peixes. Já tinham mesmo pensado ir até ao Lombe pescar, mas não compensaria o esforço e o risco, e, além disso, não havia sal.

– Eu acho que não se pode transigir. A situação agrava-se ainda mais. Todos aproveitarão a desculpa do enervamento para não se conterem. Acho que o camarada, como Comissário, deve ser inflexível.

– Não, isso só provocaria uma rebelião em peso, que noutra altura seria injustificável.

– Não se pode abandalhar a disciplina só por medo duma rebelião.

– Depende das ocasiões, das circunstâncias.

– Não, camarada Comissário, não posso estar de acordo. Isso é um compromisso, é mesmo um oportunismo. Há coisas rígidas, como a disciplina...

– O problema não é a disciplina. É o castigo à indisciplina. Quando a situação mudar, criticar-se-ão os que neste momento tomaram atitudes erradas. Mas não agora. Tudo depende das circunstâncias.

– Há coisas que devem estar acima das circunstâncias. Não se pode entrar numa casa sem se assistir a uma discussão. Porque a minha comuna é mais pequena que a tua, porque o intendente te deu uma comuna a mais, etc., etc. Isto não pode ser. Se algo de grave se passar, a responsabilidade será sua.

– Nunca fugi à responsabilidade, camarada Mundo Novo, não precisa de me lembrar isso. E estou disposto a defender a minha opinião em qualquer altura.

– Aí será demasiado tarde, pois o mal já se terá passado. Os problemas disciplinares competem-lhe a si, por isso deve decidir sobre eles com toda a autoridade e sem pedir a opinião de ninguém.

– Obrigado pelo conselho, mas conheço o meu trabalho. E peço a opinião a quem quiser... Até sou obrigado a ouvir as opiniões que me querem impor, como a sua...

O Comissário virou-lhe as costas e afastou-se, para a Base. Mundo Novo apertou os punhos para não gritar. Teleguiado murmurou entre dentes: O Comandante apanhou-te sem o Das Operações, já te virou ao contrário e te meteu no bolso.

O Comissário foi diretamente à casa do Comando. Estavam lá Teoria e Sem Medo. O Comissário deitou-se no catre, tentando acalmar-se.

– Não ouviste a declaração que deu agora na Rádio? – perguntou Sem

Medo. – Um guerrilheiro qualquer foi apanhado e prestou declarações. Declarações contra nós, claro! Pode ser mentira, mas também pode ser verdade.

– Não ouvi – disse o Comissário.

– Dizem que foi no Moxico.

– É tramado um gajo ser preso! – disse Teoria. – Ficar isolado, contra todos. Toda a cara que vires é um inimigo e tu estás só, no meio deles. É duro, não há dúvida que é duro. Que fazer em tal situação? Há malta que resiste, outros falam.

Tenho a impressão que falam mais por causa do isolamento moral, do que propriamente pelo sofrimento físico.

– Depende dos indivíduos – disse Sem Medo. – Os dois fatores contam, nuns indivíduos mais um fator que outro.

– E depois, na prisão... já com interrogatórios terminados, anos lá dentro, face a face consigo mesmo. É de endoidecer! Compreendo que haja tipos que não aguentem...

– Parece-me que há três tipos de indivíduos perante a prisão – disse Sem Medo. – Há em primeiro lugar os que se conformam; são os desesperados, que se deixam destruir, que se queixam constantemente mas que aceitam, no fundo, a desgraça. Por isso se queixam. Formalmente, aparentemente, são os mais inconformistas, porque gritam, protestam, choram. Mas isso afinal é uma forma de aceitação. O inconformismo é uma atitude racional e coerente. Esses são apenas tipos sem personalidade, para quem as lágrimas ou os gritos não passam de um meio exterior de se crerem ainda revoltados.

– Porreiro! – disse Teoria. – Continua.

O Comandante olhou o Comissário, que procurava manter os olhos fechados. Uma ruga cavou-se na testa de Sem Medo.

– Há depois os inconformistas, que lutam para fugir, que preparam planos e criam novos logo que aqueles falharam, que vivem em oposição direta com os guardas, que levam pancada todo o tempo mas que se levantam em seguida.

– E depois?

– O terceiro tipo é o dos inconformistas serenos. Vendo que a fuga é impossível, organizam-se, fazem agitação junto dos outros presos, arranjam maneira de estudar, escrever etc. Nunca se lamentam, porque sabem ser inútil. Não tentam uma fuga individual, porque é inútil. E eles detestam os

gestos inúteis, que só desgastam a capacidade de revolta.

– Vejo-te no segundo grupo – disse Teoria.

– Eu preferiria ver-me no terceiro – disse Sem Medo. – Mas talvez tenhas razão. Nem sempre se consegue ser o que se deseja.

Os guerrilheiros, de fora, chamaram Teoria. Estava na hora das aulas. As aulas eram seguidas com pouca atenção. Mas o Comando e o professor insistiam nelas, pois, de qualquer modo, ajudavam a passar o tempo e a esquecer a fome. Teoria sofria, enfraquecido e a ter constantemente de falar, mas suportava o dever.

O Comissário e Sem Medo ficaram sós. Sem Medo desligou o rádio.

– Que se passa, Comissário?

– Por que perguntas?

– Estás com cara de quem chocou com um gorila!

– E choquei mesmo! Esse Mundo Novo... apanhou-me no rio, passou-me uma xingadela porque estou a deixar abandalhar a disciplina na Base. Que devia ser mais duro, que estou a tomar posições liberalistas...

– Isso é bem dele!

– Que serei responsável do que se passar, qualquer dia há tiros, que não deverei ligar às opiniões dos outros. Com isso ele queria dizer para não ligar à tua opinião. Mas estava-me a gritar a opinião dele. Veja lá!

– E tu?

– Acabei por lhe virar as costas. É certo que a situação é delicada, uma pessoa não sabe bem o que deve fazer. Anda tudo nervoso e deve-se ter isso em consideração, mas também é preciso não deixar apodrecer a coisa.

– Que pensas então que se deve fazer? Pôr nas cordas dois guerrilheiros que se insultem?

– Não, isso não.

– Pô-los de guarda suplementar?

– Com a fome, ninguém aguenta de guarda mais que o tempo normal. Vão dormir na guarda.

– Então? – perguntou Sem Medo.

– Não sei, não sei. Mas penso que também não se pode deixar abandalhar...

– Claro, também acho. O problema é que não se pode castigar agora. Mas deves criticar os faltosos, mesmo muito duramente, não podes registar apenas.

– Não faço outra coisa!

– Então, que é que queres modificar na tua atitude?

– Eu, nada. O Mundo Novo é que queria.

– Parecia-me há pouco que não estavas totalmente seguro da tua posição.

O Comissário olhou Sem Medo, soerguendo-se na cama até ficar sentado.

– Alguém pode estar seguro nesta situação? Diz, Comandante, alguém pode estar seguro?

– Sim, pode. O Mundo Novo! Ele tem uma Bíblia... Toda a verdade está escrita, gravada em pedra, nem dois mil anos de história poderão adulterá-la. Felizes os que creem no absoluto, é deles a tranquilidade de espírito! Não queres ser feliz, seguríssimo de ti mesmo? Arranja um catecismo...

O Comissário sorriu. Voltou a deitar-se.

– Que devemos fazer?

– Nada. Esperar.

– O povo é tão longe! – disse o Comissário. – Se houvesse povo perto, poderia dar-nos comida. Aquela aldeia em que estivemos na última missão podia abastecer-nos. Temos de levar a Base mais para dentro, lá para aquela zona. Podia abastecer-nos, não achas?

– Podia, poderia... Agora só resta esperar o Das Operações. Se o senhor André se dignou abrir a bolsa.

– Mas não terá mesmo dinheiro?

– Quem?

– O André?

– Deve ter dinheiro, sim. Aquilo é sabotagem.

– Mas por quê? – perguntou o Comissário.

– Vai lá saber porque um burocrata sabota a guerra! Ou porque a guerra leva à formação de mais quadros, que um dia o podem substituir... Ou porque as coisas devem ser feitas dentro de normas que ele se criou e que não pode torcer de maneira nenhuma. Sei lá! Também não compreendo. Porque ele não guarda o dinheiro só para o gastar com mulheres. Gasta bastante com elas, ao que dizem tem uma série de amantes. Mas ele tiraria o dinheiro doutros sectores menos fundamentais, os sectores civis, para que a guerra não sofresse com a sua vida noturna. Era o que faria qualquer tipo, desonesto mas inteligente. Ele não. Vai exactamente sabotar o sector que o pode liquidar. Porque era fácil agora provocarmos aqui um levantamento. Haveria coisa mais fácil que levar os guerrilheiros até Dolisie para o

prenderem? Brincadeira de crianças! Isso forçaria a Direção a tomar medidas, e quaisquer que elas fossem, ele tinha que ir bater com os ossos para outro sítio. Muitas vezes me pergunto se não será a única solução que nos resta...

– Por que não a pões em prática?

– Quais seriam os guerrilheiros que não o fariam? Só os kikongos. Mas mesmo esses talvez marchassem, se eu os convencesse.

– Não sei. O André dá-lhes sempre dinheiro às escondidas, quando vão a Dolisie.

– Aí é que está! Nem a todos. O próprio Pangu-A-Kitina se queixa. E mesmo que os kikongos não quisessem, eles são uma minoria que não se oporia, porque eu estava com os amotinados.

– Perderias totalmente o prestígio perante eles.

– Se soubesses como estou cagando para esse prestígio tribal! Se não o faço, não é por isso.

– Por que então?

– Talvez porque é um gesto de rebelião demasiado forte, talvez exagerado em relação à gravidade do caso. Ou porque tenho uma secreta esperança que haja outra solução.

– Essa agora! – disse o Comissário. – Se fosse outro, não me admiraria. Mas fico pasmado em ouvir-te falar assim.

– Que queres? Talvez seja menos anarquista do que pensas... E tu, serias homem para dirigir esse levantamento?

– Já pensei nisso também. Seria capaz, se ele nascesse duma reunião de militantes. Se a maioria dos militantes o exigisse. Por que não? O que está em causa é a luta. A nossa última ação mostrou que há condições para a luta alastrar aqui. O que falta é organização. O André está pois a sabotar o desenvolvimento da guerra. É um direito dos militantes o de o varrerem. Mas tinha de ser uma decisão tomada pela grande maioria dos militantes.

– Estás a ser demagogo! Sabes bem que a maioria marcharia se os dois tomássemos posição a favor desse levantamento. Não digas pois que te sujeitarias à opinião da massa, se sabes perfeitamente que podes influenciar essa massa.

O Comissário ia replicar, mas Lutamos entrou abruptamente na casa do Comando.

– Camarada Comandante, posso ir caçar?

– Tão tarde?

– Estava no rio e vi um pássaro azul no céu. É sinal de Sorte. Há caça aqui perto. De certeza que encontrarei alguma coisa, foi o que o pássaro mostrou.

– Tu e a tua superstição! – disse Sem Medo. – Vai, vai lá. Ainda vais dizer que sou o responsável pela fome na Base, porque não deixo os caçadores marcados pela Providência irem caçar. Claro que se não encontrares nada, continuarás a acreditar nos pássaros.

Lutamos encolheu os ombros. Saiu.

– Quando acabarás com estas crenças, Comissário?

– Nem com vinte anos de socialismo!

O Comandante voltou a ligar o rádio. A Emissora Oficial dava música de dança.

– Estávamos a falar do levantamento – disse o Comissário. – Devo dizer-te que, se nunca te falei nisso, foi por medo de te incitar. Pensava que agarrarias logo a caução política (o Comissário carregou no termo), para fazeres um discurso aos guerrilheiros e dares a ordem de ataque, como se fosse uma operação...

– Como vês, enganaste-te redondamente.

Indecifrável Sem Medo, pensou o Comissário. Realmente as linhas nunca são retas.

– Sabes uma coisa, Comandante? Tenho vontade de fumar.

– Este gajo! Nunca fumas...

– Às vezes dá-me para isso.

– Toma lá um cigarro. Não te engasgues!

Sem Medo estendeu-lhe o maço. O Comissário pegou num cigarro, depois voltou a pô-lo no maço.

– Não, deixa. Os cigarros estão a acabar. Eu não sou viciado, é egoísmo fumar um dos poucos que te restam.

– Tens razão, não insisto. Restam-me três. A fome suporto facilmente. Mas a falta de tabaco é pior. E quanto menos se come, mais vício de fumar se tem. Como fazer se o Das Operações não chega hoje? Teremos mesmo de marchar sobre Dolisie.

– Só por causa dos teus cigarros?

– Claro! Aí já terei um motivo sério que me fará esquecer os escrúpulos.

O Comissário riu. Um riso juvenil, em que todos os músculos participavam no esforço. Sem Medo, não. O riso de Sem Medo parecia vir muito do fundo e soltava-se, numa gargalhada atroadora. O riso do Comissário vinha da pele, o seu vinha do ventre, pensou Sem Medo. Seria a idade que levaria o riso a enterrar-se no corpo? Como riei dentro de dez anos? Um risinho baixo, sem mexer os lábios, sons roucos libertando-se duma garganta velha. Roncos como o do leão, talvez. É isso, o leão está sempre associado à ideia de velhice. E dentro de vinte anos? Aos cinquenta e cinco? Ora, nessa altura já não viverei, certamente. O riso sairá duma cova, um metro abaixo da terra, mais profundo portanto, e fará estremecer a estela com o nome e as datas. Se estela houver...

Sem Medo foi treinar os novos recrutas. O Comissário foi assistir às aulas, para passar o tempo e para encorajar o professor e os alunos. Os recrutas queixavam-se de fraqueza, não estavam habituados a tal regime. Sem Medo fez-se surdo aos seus protestos, obrigou-os a executar os exercícios habituais, embora desse mais espaços de descanso e não insistisse tanto nos mais duros. Vewê continuava a fugir ao seu contacto, por isso o Comandante colocava-o sempre perto de si e escolhia-o como parceiro nos exercícios de pares. Vewê obedecia, mas não abria a boca. Está ofendido ou envergonhado? Certamente as duas coisas.

A escola e o treino foram interrompidos pelo aviso do guarda: aproximava-se um grupo de homens. Os guerrilheiros abandonaram o que estavam a fazer, correram para a entrada do caminho, esquecendo mesmo as armas. Sabiam que só podia ser o grupo de reabastecimento do Chefe de Operações. Os abraços dos que chegavam e dos que os esperavam mostravam não só a alegria de se reencontrarem como também o sentimento de quebra do isolamento. O ambiente distendeu-se imediatamente na Base, com gritos e gargalhadas, abraços à mistura.

Mas o Chefe de Operações não trazia só o reabastecimento. Chamou o Comandante à parte:

– Trago um mujimbo1. O camarada Comandante é a pessoa mais capaz de resolver esse caso.

– De que se trata?

– Há uma maka em Dolisie. Foi por isso que demorámos mais tempo. Impossível de encontrar o camarada André, que se anda a esconder dos militantes. Só o ajudante dele é que o encontra. Acabou por arranjar essa

comida, mas demorou.

– Mas que se passa então?

– Coisa séria, há muita confusão... Foram apanhados o camarada André e a camarada Ondina... Apanhados no capim! Está tudo em pólvora. Dolisie está quase a pegar fogo. Não sei como fazer com o Comissário. Toda a gente sabe, ele tem de saber.

Sem Medo encostou-se a uma árvore. Acendeu um cigarro. O Chefe de Operações reparou que a mão do Comandante tremia.

– Que devo fazer, camarada Comandante?

– Não fazes nada, não dizes nada.

– E ele fica assim?

– Não, eu falarei com ele – suspirou Sem Medo. – Quem é que poderá falar com ele, senão eu?

– Mas eu trago uma carta da Ondina para ele.

– Ah bom? Entrega-a. Depois eu falarei com ele. Tens a certeza de que é verdade?

– É verdade, camarada Comandante. Até deve estar a chegar hoje um camarada da Direção para resolver o caso.

Voltaram à casa do Comando. O Comissário encontrava-se lá, com alguns militantes. O Comissário estava animado, os outros reservados, falando cerimoniosamente. O Comissário não notava, mas Sem Medo percebeu logo. O Chefe de Operações olhou o Comandante. Este ordenou-lhe com a cabeça o que tinha a fazer.

– Está aqui uma carta para si, camarada Comissário.

O Comissário reconheceu a letra. Um sorriso perpassou-lhe nos lábios e, sobretudo, nos olhos. Interrompeu a conversa, rasgou precipitadamente o envelope e sentou-se na cama. Sem Medo estudava-lhe as reações. E viu o Comissário passar lentamente, com a lentidão com que lia a carta, do estado de deleite à estupefação, depois à incredulidade, para terminar na apatia. Deitou-se na cama, fixando o capim do teto, a carta na mão. Ondina tinha explicado tudo, era evidente.

Que fazer? O melhor era deixá-lo sair por si mesmo da apatia. Quando passasse ao desespero, então sim, seria o momento de intervir.

O Comandante foi à cozinha ordenar que se preparasse um almoço abundante, mas o chefe-dia já tinha tomado a iniciativa. Os grupos cochichavam. O mujimbo passava da boca dos que chegavam de Dolisie

para os ouvidos dos que estavam na Base. Ao menos uma vez, pensou Sem Medo, o maior interessado não foi o último a saber. Precisava de conhecer os pormenores da coisa antes de formular uma opinião, mas sentiu pela primeira vez uma certa admiração por Ondina, que fora capaz de utilizar a primeira oportunidade para contar o que se passara. Vá lá, ao menos isso abona a seu favor...

O Chefe de Operações aproximou-se.

– Vai haver grandes problemas em Dolisie, camarada Comandante. Como lhe disse, a Direção já foi avisada. Vai ser preciso substituir o camarada André.

– Já não é sem tempo – disse Sem Medo.

– Parece-me que o camarada Comandante tem de ir lá. E o Comissário também.

– O Comissário vai se quiser. Isso é um problema pessoal, não temos que nos meter. Também estou a pensar que tenho de ir lá, isso já é um problema de organização. Mas onde está o André?

– Escondido. Tem medo da reação dos militantes, é o que se diz. Porque o problema tribal vai entrar também. Vigiam os comboios e ele não apanhou nenhum. Deve estar em Dolisie, a menos que tenha apanhado boleia dum carro para Brazza.

André era kikongo e Ondina noiva dum kimbundo. Não é preciso ser feiticeiro para adivinhar o clima que reinará em Dolisie, pensou Sem Medo. O André enterrou-se definitivamente. Enquanto tinha amantes congolezas, as pessoas murmuravam mas não ousavam agir. Agora era diferente. O dramático é que o inevitável sucedesse para André à custa do Comissário, isso era injusto. Vamos lá nós saber o que é justo ou injusto, quando há mulheres no meio!

Não foi por causa duma mulher que Caim matou Abel? Se não o diz, a Bíblia escondeu pudicamente a verdade.

Ao voltar à casa do Comando, Sem Medo encontrou o Comissário preparando o sacador. Este mirou-o. Sem Medo notou o olhar vazio e teve medo. Inútil tentar esconder ou ir com meias palavras, era o momento de agir.

– Onde vais? A Dolisie?

O Comissário não respondeu. Embrulhou o cobertor, meteu-o no sacador

e apertou as correias. O Comandante pôs-lhe a mão no ombro.

– Não queres ir bater um papo?

O outro não respondeu. Meteu o sacador às costas, pegou na arma e no cantil.

– Comissário, responde, aonde vais?

O Comissário virou-se para ele, mexeu os lábios e, repentinamente, deu-lhe as costas e saiu. Sem Medo pegou na AKA e foi atrás dele.

O Comissário caminhava rapidamente. Ultrapassou a sentinela, atravessou o rio, tomou o atalho para Dolisie. O Comandante seguia-o a dez metros de distância. Marcharam quinze minutos, atravessando os rios a vau. O Comissário parecia não se aperceber da presença de Sem Medo. Vai cego e surdo, pensou este. É um perigo caminhar assim no mato.

No entanto, o Comissário parou e virou-se para trás.

– Que queres, Sem Medo?

– Vou contigo.

– Por quê?

– Não me disseste aonde ias. Eu sou o Comandante, tenho o direito e o dever de seguir quem arranca da Base ilegalmente. Ou mesmo prender, se julgar necessário.

– Eu não vou fugir.

– Quem mo garante?

– Não sou um desertor.

– Estás em estado de deserção, pois não avisaste aonde ias.

– Sabes muito bem aonde vou.

– Não sei, porque não fui avisado. Pensa que é burocracia, mas é o meu dever.

– De qualquer modo – disse o Comissário – estou-me marimbando. Considerem-me desertor, se quiserem. Se pensas que tenho muito respeito pela vossa organização...

– Não podes condenar a organização pela atitude reprovável dum responsável.

– São todos a mesma coisa. Aproveitam sempre do facto de serem responsáveis para...

– Tu também és responsável, Comissário!

O Comissário encolheu os ombros. Enfrentavam-se agora sobre o caminho, o Comissário segurando a arma com as duas mãos, o Comandante

com a arma ao ombro.

– Vamos sentar e conversar – disse Sem Medo.

– Não há nada a conversar!

– És parvo! Vais a Dolisie fazer o quê? Eu também vou a Dolisie. Estava a pensar em ir amanhã, hoje já é muito tarde e é preciso aproveitar para comer. Se quiseres, podes vir comigo. Aliás, é mesmo melhor que vamos os dois, pois haverá sérios problemas políticos a resolver.

– Estou-me cagando para os problemas políticos!

– Está bem, eu sei. Compreendo perfeitamente o que sentes, acredita. Mas para que desertares se podes ir legalmente? Para que perdes parte da razão aos olhos do Movimento, só por um gesto impensado?

– Não é deserção, pois já estás avisado. De qualquer modo, sou membro do Comando e posso tomar as minhas decisões. E não me interessa nada pelo Movimento.

– Não me obrigues a ser eu a defender o nome do Movimento contra ti, Comissário. Eu, o anarquista, a impedir o Comissário Político de desrespeitar o Movimento...

– Que dá o Movimento aos militantes? Só punhaladas pelas costas.

– Não confundas um responsável irresponsável com a organização.

– São todos iguais!

– Não são nada e tu bem sabes.

Sem Medo estendeu-lhe o maço de cigarros que viera com o Das Operações. O Comissário aceitou-o. Fumaram os dois.

– Vamos sentar. Fumar de pé não dá nada.

O Comissário obedeceu. Primeiro assalto ganho, pensou Sem Medo. Agora trata-se de agir com muita cautela.

– Que farás se eu continuar a andar? – perguntou o Comissário.

– Das duas, uma: ou te prendo ou te acompanho. Estou indeciso. A primeira repugna-me, nem é justa. A segunda hipótese agrada-me muito mais, mas não avisei na Base nem trouxe o sacador.

– Nunca me prenderias.

– Seria forçado, pois não te posso deixar ir sozinho. Vais apanhar a noite pelo caminho.

– Nunca me prenderias!

– Achas que não?

O Comissário deitou o cigarro fora.

– Que vais fazer a Dolisie, João?

Pela primeira vez, Sem Medo chamara-o pelo nome. O nome que Ondina utilizava.

– Resolver esse problema.

– De que maneira?

– Sei lá!

– Não é melhor pensares um pouco, e irmos amanhã os dois?

– Preciso de vê-la, de falar com ela... Não posso decidir nada sem falar com ela.

– De acordo! Mas é melhor amanhã. Vais chegar à noite, sem Guia de Marcha. Claro que isso não é grave, mas.. Se quiserem, podem complicar-te a vida.

– Achas que alguém me pedirá a Guia de Marcha? Todos fugirão de mim, como se eu tivesse sarna, que é preciso evitar, pois ninguém sabe como falar a um sarnoso... Posso desertar, posso ofender, tudo me é permitido, pois eu tenho sarna. Uma sarna que não se cura, uma sarna que fica até à morte, como a infâmia. Corno! Eu sou um corno, compreendes? E vens tu falar-me de pequenos aspetos formais, como Guias de Marcha... Sei que estás a procurar um pretexto qualquer, queres reter-me na Base, tens medo que eu ande assim à noite. OK! Por que estás com tantas curvas?

Sem Medo desviou o olhar para o caminho. Um dia, os portugueses descobririam esse caminho que estava a ser demasiado utilizado e iriam até à Base. Os pisteiros colonialistas já andavam à procura dele, a notícia de que a Base estava no interior já lhes chegara aos ouvidos, pelos espias infiltrados no Congo. Talvez neste momento estivessem numa emboscada. Toda a atenção era pouca. E o Comissário corria por esse caminho, sem reparar no leve quebrar de galhos que faz um pé prudente.

– Não podes falar assim, não sabes o que se passou ao certo.

– A Ondina escreveu-me. Contou tudo.

– Era uma ligação permanente ou foi por acaso?

– Por acaso, uma vez. Por acaso não, isso nunca é por acaso. Se ainda gostasse dele, eu compreenderia. Tive mesmo esse pressentimento um dia, mas foi algo de muito vago. Mas ela diz que não gosta dele, que aconteceu... Eu não percebo, Comandante, não percebo. Faço esforço, mas não consigo perceber.

Eu percebo, pensou Sem Medo. Mas quem pode afirmar finalmente que

percebe, que está seguro de alguma coisa?

– Parecia que ela gostava de mim, embora com certos problemas, ela mesma na carta o deixa entender... Nem sei. Diz que se vai embora, pede a transferência, pede perdão... Eu não consigo compreender, Comandante. Por quê, por quê? Oh, por quê?

Sem Medo deixou-o chorar. Era tudo o que Sem Medo desejaria, era que ele chorasse. Como um miúdo. E ele serviria de mãe e deixá--lo-ia chorar no seu *colo*. Passou-lhe um braço pelo ombro. Sentiu no corpo as convulsões do corpo do Comissário e lembrou-se doutro momento em que sentira no corpo as convulsões do traidor apunhalado. A mesma sensação amparou-se dele e quis repelir o Comissário. O pânico apossou-se de Sem Medo, abraçando um Comissário moribundo que tremia. Não podia repeli-lo, ele precisava de se aninhar no seu colo e deixar escapar toda a raiva, todo o desespero que nele se acumulara. Sem Medo suportou estoicamente a sensação desagradável, até que o Comissário acalmou.

Levantou-se, pegou na arma e caminhou para trás, em direção da Base. Sem Medo seguiu-o. Chegado ao primeiro rio, o Comissário parou e meteu a cabeça na água. Retirou a cabeça da água para inspirar e de novo a mergulhou, até ficar sem fôlego. Repetiu a operação cinco vezes. Por fim, sentou-se numa pedra. A água caía-lhe da cabeça e escorria pelo pescoço, molhando a camisa. Ergueu-se num repelão.

– Vou a Dolisie.

– Disparate! Espera e vamos amanhã.

– Preciso de a ver hoje. Preciso de estar descansado.

– Descansado de quê?

– Saber realmente o que se passou.

– E o André? Que pensas fazer em relação a ele?

O Comissário olhou Sem Medo. Olhar puro, de criança, embaciado pelas lágrimas. É assim que te vais tornando homem, pensou Sem Medo. Tornar-se homem é criar uma casca à volta, cheia de picos que protejam, uma casca cada vez mais dura, impenetrável. Ela endurece com os golpes sofridos.

– Nada. Claro que não lhe vou fazer nada. O Movimento que se encarregue.

– Pensei que te quisesses vingar.

– Vingar de quê? Não a violou!

– Mas há pouco estavas a dizer que todos os responsáveis são iguais, que

abusam do seu poder.

– Isso compete à organização. A falta dele é em relação ao Movimento, é um responsável que faltou à disciplina da organização. Não tenho nada com isso. O que me interessa é ela.

– Quer dizer que fazes confiança no Movimento, então...

– Como não hei de fazer, Comandante? Que seria eu sem o Movimento? Um órfão. Se o Movimento ainda tem tipos como tu, então como não hei de fazer confiança?

– Cuidado! Essas ideias são perigosas e erradas. Daí a cair-se no culto da personalidade...

– Que burro sou! Estás para aí a puxar discussão, para me distrair e me atrasar, e eu a cair na armadilha... Vou-me embora. Deixa-me passar!

– Não, João, não passarás. Vamos amanhã.

– Deixa-me passar!

O Comandante estava no caminho de Dolisie, a arma ao ombro. O Comissário apontou-lhe a AKA.

– Eu vou passar, Sem Medo. Não me tentes impedir.

– Não faças isso, João, ou terei de te prender.

– Tenta, se és capaz.

O Comissário avançou, a arma apontada: Sem Medo estudou os seus olhos. Avançou um passo. Um fulgor brilhou no olhar do Comissário. Fulgor repentino que logo desapareceu. Sem Medo avançou outro passo. O cano encostou-se-lhe ao ventre. Sem Medo afastou o cano com o braço esquerdo, fixando sempre os olhos do Comissário. Segurou o cano e puxou-o. O Comissário largou a arma. O Comandante pôs tranquilamente as duas armas no mesmo ombro.

– Vamos para a Base. Avança!

O Comissário avançou à sua frente, sem protestar. Perto da Base, Sem Medo entregou-lhe a arma.

– Isto fica entre nós.

Quando entraram na Base, eram duas horas e o almoço estava pronto. O Comissário foi para a casa do Comando. Sem Medo pediu aos guerrilheiros que não o incomodassem. E foi à cozinha buscar a comida para os dois. O Comissário recusou o prato. Sem Medo não insistiu, deixou o prato sobre a mesa. O Comissário acabou por pegar no seu, olhou-o com um sorriso envergonhado e começou a comer.

– Desculpa, dá-me mais um cigarro.

O Comandante estendeu-lhe o maço.

– Não me digas que agora vais começar a fumar.

– Sou capaz disso. Não se diz que o cigarro é o único fiel companheiro?

Sem Medo sentiu a amargura do outro. Acendeu-lhe o cigarro sem ripostar. Acendeu depois o seu.

– No outro dia querias conhecer o meu segredo, lembras-te? Ainda o queres ouvir?

– Sim.

– Acho que é chegado o momento. Vamos então até ao rio. É lá o nosso confessionário.

Foram. Sentaram-se sobre um tronco. Sem Medo tirou as botas e meteu os pés dentro da água.

– Devias fazer o mesmo. É das sensações mais agradáveis.

– Talvez – disse o Comissário. – Mas, se o tuga aparece, deixas as botas e tens de fugir descalço, o que não é nada agradável.

– Já me aconteceu.

– Eu sei.

– Como vês, há erros que se não corrigem. Mas tu querias conhecer a minha história. Pois bem! Em Luanda eu vivia com uma moça, tinha eu vinte e quatro anos. Ela chamava-se Leli, era uma mestiça. Em 1960 começámos a viver juntos. Não casámos por complicações com a família dela. O pai era um comerciante e queria que a filha casasse com um branco. Para adiantar a raça! Mas as coisas arranjavam-se. Por azar, a Leli convenceu-se que gramava um outro. Um dia apareceu-me em casa dizendo que se ia embora. Eu já desconfiava que havia qualquer coisa, pois ela ultimamente andava ausente, fria, sempre irritada. Eu era um miúdo, sem grande experiência. Era a minha primeira mulher, só tinha antes conhecido prostitutas. Uma série delas, é verdade, mas isso não chega. A tática é totalmente diferente, com uma prostituta não há praticamente uma relação de forças que se cria, tudo se faz à base do dinheiro. Salvo se és chulo, aí está bem. Mas eu nunca fora chulo, desconhecia praticamente toda a arte de dominar o outro.

– Dizem que é a arte suprema, ser chulo – disse o Comissário.

O Comandante não pegou no que ele disse. Continuou, dentro das suas recordações:

– Foi uma cena terrível, ela chorando num canto, eu no outro. Que não, nunca dormira com ele, mas era o que mais desejava na vida. Acabou por ficar comigo mais uns tempos. E eu sem aprender! Parecia que a coisa estava acalmada, mas afinal estava apenas adiada. Eu fazia trabalho clandestino, por vezes tinha de arrancar para Caxito ou Dalatando. O meu emprego ressentia-se com isso, mas não me importava. Ela importava-se, dizia que eu ia arranjar mulheres, que não queria ter uma boa posição social, que ela é que sofria a miséria etc. Eu considerava isso como ciúmes e estava tranquilo. Se tinha ciúmes é porque me amava. Ingénua! O ciúme e o amor são independentes, pelo menos nesta sociedade. Pois bem. Um dia ela voltou a repetir-me que ia ter com o outro. E saiu de casa. Nessa noite revolvi-me no mais atroz ciúme. Queria percorrer o muceque à procura dela, imaginei matar os dois, sei lá mais quê! Depois compreendi que a nossa vida era finalmente monótona, os rasgos de amor tinham acabado no primeiro ano, e Leli era insaciável. Decidi que a devia reconquistar. Ela voltou na manhã seguinte, desfeita. Contou-me que não tivera coragem de ir ter com o outro, dormira na casa duma amiga. Compreendi que ela estava bastante presa a mim, mas que era necessário ter uma experiência negativa de outro lado, para poder ser reconquistada.

– E então empurraste-a...

– Exato. Disse-lhe que não queria mais nada com ela, ia arranjar uma outra mulher. Isso libertou-a de mim, mas, ao mesmo tempo, chocou-a. O facto de me perder fê-la imediatamente vacilar. Dominei a vontade que tinha de lhe dizer a verdade e expliquei-lhe que nessa noite refletira e que, afinal, ela já não me interessava. Leli não sabia que fazer. Vi-a desamparada. Nesse momento senti que a vencera, era só uma questão de tempo.

– Por que não a recuperaste logo ali?

– Era preciso consolidar a vitória. Ela foi viver com o outro. Era um empregado dos correios, metido a intelectual, extremamente vaidoso. E vazio, no fundo. Eu encontrava Leli frequentemente, comportava-me com ela como o melhor amigo, o confidente. À sua frente tomei a personalidade dum libertino, compreensivo com tudo e todos. No primeiro mês, Leli não me pertenceu, pertencia ao outro. Mas observei nela a desilusão cavar-se, à medida que o tempo passava e conhecia melhor o outro. Inconscientemente ela tinha de fazer a comparação comigo, o novo homem, agora adulto, que à

sua frente surgia. Foi com requinte que me moldei à personalidade que lhe devia apresentar. E ela começou a lamentar a escolha. Eu aparecia frequentemente com raparigas e sentia o ciúme dela avivar-se. Leli sempre fora uma comediente, mas conhecia-a bem de mais para ser enganado: Leli tinha ciúmes de qualquer miúda que eu olhasse com interesse. Era cedo ainda para atuar. Deixei-a desiludir-se completamente do outro. Jantávamos juntos quase todos os dias e ela confidenciava-me as suas amarguras. Eu, sub-repticiamente, levava-a a aperceber-se da vaidade do outro, das suas pretensões, das suas ideias atrasadas. O pequeno-burguês-tipo. Leli não era pequeno-burguesa, teria mais defeitos de grande-burguesa que de peque-no-burguesa.

– Possas! Foi preciso sangue-frio... Até fizeste uma análise de classe?

– Não, isso sou eu agora a explicar, naquele momento não o seria capaz de fazer.

Sem Medo tirou os pés da água e esfregou-os distraidamente.

– A partir do segundo mês, era já certo que Leli estava farta dele. Só sexualmente ainda havia uma certa ligação entre eles. Era nesse domínio que eu teria de agir. Chegou uma noite em que ela confidenciou que iria arranjar um amante. Comigo nunca o fizera, porque me respeitava. Mas a ele... Disse-o de uma maneira superficial, talvez mais para saber a minha opinião. Nessa noite convidei-a a minha casa. Pus discos, dançámos e, por fim, ataquei-a. Só se apercebeu do que acontecia depois já de termos feito amor. Procurou ainda lamentar-se, mas eu disse-lhe que era o mais natural, que nada tinha a reprovar-se. Fizemos amor durante a noite inteira. No dia seguinte, ela foi buscar as suas coisas à casa do outro.

O Comandante calou-se, os olhos perdidos no vago.

– E depois?

– Vivemos assim dois meses. Vem o mais difícil de contar, agora. Enquanto estivemos separados, habituei-me à nova personalidade que me forjara. Todo o esforço de dominar o ciúme, de pensar nela como uma vítima a abater, acabou por me endurecer. Deixei de a gramar ou, pelo menos, de a gramar da maneira absoluta como até aí. Eu precisava de me libertar dela, da influência que Leli tinha sobre mim. Para isso tinha de a reconquistar, de me sentir superior a ela, de ser capaz de agir apenas racionalmente, apenas movido pela razão, sem sentimentos. Depois de a reconquistar, senti-me liberto.

– Estavas desforrado, não é isso?

– Se quiseses, o meu amor-próprio estava vingado. Comecei a descobrir realmente todo o lado mesquinho que Leli possuía mas que, até aí, eu não descobrira. O hábito de ter outras mulheres levou-me à busca de outras mulheres. Nunca mais lhe fui fiel. Ela sabia-o, mas perdoava. Pensava que o fazia por vingança tardia. Estava toda chocada com o que se passara e maravilhada ainda por eu a ter aceitado. Não sei se compreendes, mas o problema é que ela se apercebeu que me amava irresistivelmente quando sentiu que me perdeu. Depois disso, ela foi tentando esconder a si própria essa descoberta.

– E então?

– Ao fim de dois meses, analisei-me profundamente. À mesa dum bar, como sempre faço quando quero ser sincero comigo mesmo. Analisei-me e vi que estava liberto. Nada do que fora era ainda. O passado estava morto, nem me emocionava ao pensar no outro ou em Leli nos braços do outro. Decidi então acabar de vez. Entrei em casa e disse-lho. Ela não acreditou. Repeti-lho: “Acabou, já não gosto de ti, habituei-me a viver sem ti.” Ela compreendeu por fim. Poupo-te a descrição da cena. Disse-me algumas verdades, falou-me por exemplo do meu orgulho sem limites que tudo sacrificava a ele. Não era totalmente verdade, tudo é mais complicado.

– Mas tinha uma grande parte de verdade. Recuperaste-a só para a deixares a seguir, para satisfazer o teu amor-próprio. Mas, e depois?

– Tinha de o fazer para me libertar, compreendes? De qualquer modo, quando a reconquistei era sincero, não pensava abandoná-la depois. Enfim... Todas as interpretações são possíveis. Continuando... O 4 de fevereiro estoirou então. Estava na organização clandestina e consegui passar para o Congo. Leli entretanto procurava-me, tentando recuperar-me. Ela fugiu de Luanda em abril. Tentava chegar ao Congo. Foi apanhada pela UPA e assassinada. Não sei se te disse que era mestiça...

– Quer dizer que...

– Não o digas! Fui o causador da sua morte, não é isso que ias dizer? Sim, fui o causador da sua morte. Involuntário, mas que importa? Leli viva não me conseguiu reconquistar. Mas a sua vingança foi a sua morte. Ligou-me fatalmente a ela, num sentimento que não é de maneira nenhuma o amor, mas que me amarrou. Hoje não posso amar nenhuma mulher, pelo medo de lhe fazer mal. Quando me interesso por alguém, zás!, há um vidro a separar-

me dela, é o medo de voltar a sentir o que senti ao saber da morte de Leli. Matar não custa, Comissário. Não é nada matar na guerra!

O Comissário mediu as palavras.

– Isso passará quando encontrares uma mulher à altura.

– Encontrei tantas! Parti em 1962 para a Europa. Aí conheci tanta estudante, dormi com tanta estudante! Em 1964 voltei para a luta. Encontrei tanta miúda! Não, há qualquer coisa que se quebrou com Leli. Talvez tenha endurecido demasiado, o certo é que há uma barreira. Eis a história. Eu fico com as marcas, mas tu podes ficar com a experiência. Por isso te vou dar os ensinamentos que dela tirei.

O Comissário aprovou com a cabeça, silenciosamente.

– Compreendi, em primeiro lugar, que o verdadeiro homem, aquele que não pode ser dominado, é o que pode calar a paixão para seguir friamente um plano. Todo o sentimento irracionaliza e, por isso, incapacita para a ação. Que todo o dominador é em parte dominado, é essa a relação dialética entre o escravo e o senhor de escravos. Que as relações humanas são sempre contraditórias e que as não há perfeitas. Que a sorte sorri a quem a procura, arriscando. Que não há atos gratuitos e que não existe coragem gratuita, ela deve estar sempre ligada à procura dum objetivo. E que, quando alguém quer fazer uma asneira, deves deixá-lo fazer a asneira. Cada um parte a cabeça como quiser! Depois de ter a cabeça partida, aceitará melhor um conselho. Só se pode provar que um plano é mau, quando ele não atingir o objetivo proposto.

– Dir-se-ia que toda a tua vida te levou para a estratégia militar, Sem Medo. O seminário, o amor...

– Sim. A vida modelou-me para a guerra. A vida ou eu próprio? Difícil de saber.

– Pensas muito na Leli?

– Sim. Antes duma ação. Isso aliás dá-me força para combater.

– É por isso que lutas?

Sem Medo observou-o. Depois desviou a vista para a água que, de novo, corria sobre os seus pés.

– Não, penso que não. Já antes lutava. Nunca é só uma a razão que leva um tipo a lutar. Isso contou, talvez, mas não é a única razão. Mas não me críticas? Esta história não te choca?

– Hoje não. Talvez depois, quem sabe?

Sem Medo despiu-se. Ali perto havia uma enorme pedra que entrava na água. Ao lado da pedra, o rio era profundo, da altura dum homem, o que formava uma piscina natural de sete metros de comprimento por três de largura. Sem Medo mergulhou e deixou-se ficar submerso até perder o fôlego. Veio à tona e deu umas braçadas, atingindo o bordo da piscina. Voltou a mergulhar, atravessou a piscina debaixo da água e veio sair perto do Comissário.

– Devias nadar.

– E quem faria a guarda?

– Está bem. Quando acabar, vou fazer a guarda.

O Comandante voltou a mergulhar. A água estava fresca, quase fria. No Mayombe é sempre cristalina, pois são rios de montanha que correm sobre pedras. Sem Medo nadou dum lado para o outro, até sentir frio. Saiu a tremer e procurou uma réstia de sol.

– Podes ir. Eu faço agora a guarda.

– Não – disse o Comissário. – Acabei de comer agora.

– Teorias! Nunca fez mal a ninguém. Só apanha congestões quem tem medo delas.

– É estúpido morrer numa congestão.

– É estúpido morrer! Mas se te digo que não faz mal... Não penses nisso e mergulha. Vais ver que nada acontecerá.

– Não vale a pena.

Sem Medo encolheu os ombros. Tremia ainda, mas o corpo começava a secar.

– Não me explicaste uma coisa, Comandante. Se compreendi bem, a Leli sempre gostou de ti. Mas então por que se convenceu que gramava o outro?

– O amor é assim. Se se torna igual, a paixão desaparece. É preciso reavivar a paixão constantemente. Eu não o sabia ainda, deixei-me convencer pela vida sem histórias que levávamos. Vês a vida dum empregado de escritório em Luanda? Está bem que tinha o trabalho clandestino, a Leli começava a interessar-se, estudávamos juntos o marxismo. Mas sentimentalmente tínhamos parado. Chegámos à estabilidade. A culpa foi minha que me acomodei à situação, que não me apercebi que a rotina é o pior inimigo do amor. Mesmo na cama nos tornámos rotineiros. Depois apareceu o outro, metido a poeta, fazendo-lhe versos, falando bem. Tocou na corda sentimental dela. Toda a mulher gosta

de ser a musa dum poeta. Ela mais tarde mostrou-me os poemas. Eram detestáveis, mas emocionavam Leli. Ela nunca teve grande espírito crítico, é preciso que se diga. E ele utilizou os golpes baixos: conhecia-me melhor que eu a ele. Em conversas ia contando a Leli como eu era, ou antes, os meus lados negativos. Só depois de viverem juntos é que eu o conheci bem. Tinha de conhecer o adversário para melhor o liquidar.

– E não lhe deste porrada?

– Para quê? Tirei-lhe a Leli quando o quis. Queres maior desforra do que essa?

Um bando de pássaros grandes poisou numa árvore ali perto. Grasnavam como patos. Sem Medo pegou na arma. Depois encolheu os ombros: já havia comida na Base.

– Os primeiros tempos da vossa separação devem ter sido duros.

– Sim. As coisas não se passaram linearmente. Tinha crises de angústia, misturadas a momentos de apatia. Todo o trabalho se ressentiu. À noite pensava que ela estava nos braços do outro. Esforçava-me então por adormecer, para me convencer de que era o mais forte, capaz de dominar todo o sentimento. Adormecia esgotado. Por vezes tinha vontade de lhe rogar que voltasse. Mas à sua frente mantinha um desinteresse de pedra, uma esfinge. Foi o nome que me dei, a Esfinge. Tornou-se o meu nome de guerra, até que me deram a alcunha de Sem Medo, nem sei por quê. A Esfinge ficava-me melhor.

O Comissário viu Sem Medo dominando o deserto, recebendo as chicotadas da areia sem mexer as pálpebras. Tudo se passava no interior, nas convulsões da pedra, nas correntes de ar percorrendo os túneis cavados pelo tempo, no lento borbulhar da matéria aparentemente parada.

– O contrário da vida é o imobilismo – disse Sem Medo. – No amor é a mesma coisa. Se uma pessoa se mostra toda ao outro, o interesse da descoberta desaparece. O que conta no amor é a descoberta do outro, dos seus peca-dilhos, das suas taras, dos seus vícios, das suas grandezas, os seus pontos sensíveis, tudo o que constitui o outro. O amante que se quer fazer amar deve dosear essa descoberta. Nem só querer tudo saber num momento, nem tudo querer revelar. Tem de ser ao conta-gotas. E a alma humana é tão rica, tão complexa, que essa descoberta pode levar uma vida. Conheci um tipo, um militante, que ao se juntar a uma mulher fez uma autocrítica sincera do que era. Passou uma noite a falar. Contou tudo tal qual se via.

“Agora já me conheces, já estás prevenida.” Ao fim de um mês, a mulher abandonou-o. E ele era o melhor tipo do mundo. O seu mal foi aplicar à letra no amor o que aprendera no Partido sobre os benefícios da autocritica.

Isso depende das mulheres. Há mulheres que querem saber exatamente como o homem é, para se acomodarem a ele, para moldarem o seu comportamento segundo o do marido.

— São as escravas. As que não procuram o amor, com todos os seus riscos, mas uma situação tranquila. Isso para mim não são mulheres, são coelhas. Não é dessas que falo. Falo das que são adversários sérios e que, portanto, são capazes de dar o maior prazer e os maiores desgostos a um homem. A mulher sem personalidade, que vive em função do outro, a submissa, é como o homem que aceita a desgraça sem se revoltar. Uns medíocres!

— São consequência duma sociedade — disse o Comissário.

— Conheci uma mulher assim. Era casada, o marido abandonou-a, penso que por ter feito dela um capacho tal que se fartou de limpar os pés nela. Foi na Europa. Há quatro meses que se separara do marido. Eu já a conhecia antes, ela tinha um corpo bastante excitante, a ocasião ofereceu-se, aproveitei. Aceitou facilmente os beijos e as carícias, mas não queria ir para a cama. Ainda tinha esperanças em que o marido voltasse e não queria traí-lo, mesmo que num momento de separação. Se foi para a cama comigo é porque estava realmente com necessidade de homem, é das tais coisas a que uma pessoa se habitua, mesmo se mediocrementemente. Levei três horas a convencê-la.

— Grande luta...

— Nem imaginas! Foi preciso levá-la a reviver os momentos de separação do marido, levá-la a ver o marido nos braços de outra, pô-la a chorar, para depois as carícias a aquecerem até ser capaz de perder a cabeça. Nessa noite eu estava excitado, ela tinha umas coxas atrativas, senão teria desistido. Não, não foi isso! Foi mais a aposta comigo próprio e a curiosidade de ver como ela era realmente. Depois do amor pôs-se a chorar, a dizer que já não merecia o marido, que era uma puta etc. A submissão tinha moldado completamente o seu espírito. Nunca mais quis nada com ela, como é evidente.

— Isso vem do papel social da mulher — disse o Comissário. — Numa sociedade em que o homem controla os meios de produção, onde é o marido que trabalha e traz o dinheiro para casa, é natural que a mulher se submeta à

supremacia masculina. A sua defesa social é a submissão familiar.

– No geral é isso. Mas há mulheres que se não submetem, que encontram no amor o contrapeso a essa inferioridade social. E mesmo sem trabalhar, estando dependentes economicamente, são capazes de jogar taco a taco com o homem. Seria aliás essa a sua melhor defesa.

– São exceções. Repara que há séculos de submissão. Isso marca.

– Tens razão. Mas essa mulher que conheci, e tantas outras afinal, era dum país socialista.

– Não quer dizer nada, Comandante. Primeiro, esse problema não está ainda resolvido nos países socialistas. Em segundo lugar, deve ser a última superestrutura a ser modificada. A mais difícil de modificar, que choca contra toda a moral e preconceitos individuais que os modos de produção anteriores provocaram.

Sem Medo tinha secado. Vestiu a farda, contemplando o rio.

O Comissário tinha deixado o seu problema para mais tarde, estava mais calmo. Oh, ficava para mais tarde! Quando a noite viesse bem o sentiria revolver-se na cama. Mas nesse momento o desespero tinha desaparecido, já não era um mau resultado. Levantaram-se e partiram para a Base, sem falar.

Partiram da Base às sete da manhã, com mais três guerrilheiros. Meia hora depois subiam o Cala-a-Boca, montanha que demorava duas horas a subir, com intermitências, onde o solo estava eternamente escorregadio, pela humidade permanente. O nome da montanha fora encontrado por um dos primeiros grupos de reabastecimento, na altura em que a Base fora instalada no interior. Era um grupo constituído por civis. Um deles, no cume da montanha, pôs-se a chorar, a dizer que não avançava mais. Outro disse-lhe: “Cala a boca, não chora, quem te mandou vir para a Revolução?” Todos os sítios tinham os seus nomes picarescos. Um tronco de árvore em que um civil se deixara cair, recusando seguir, era a “árvore do Nuno”; uma descida em que uma pioneira escorregara era a “descida da Helena”; um rio onde Ngandu caíra ao atravessar o vau era o “rio Ngandu”. Nomes que recordavam proezas negativas dos civis de Dolisie. Os guerrilheiros apontavam sempre os sítios e deleitavam-se a dizer os nomes. Isso também ajudava para a troca de informações.

Venceram o Cala-a-Boca e meteram-se pelo capim alto que fustigava os rostos e se introduzia na roupa, provocando comichões. Já estavam no

Congo. Angola apresentava-se atrás deles com a forma de montanhas cobertas de mata, o cume afogado nas nuvens.

Chegados a Dolisie às duas horas, o Comissário partiu para a escola e Sem Medo foi ao *bureau*. No *bureau* encontrou o velho Kandimba, que lhe disse não haver almoço. Os responsáveis? O André ainda não aparecera e o membro da Direção que viera de Brazzaville tinha saído.

– Arranja-me um pão, mais velho. Ainda não almocei.

O velho Kandimba trouxe-lhe meio pão. Sem Medo comeu-o à porta, observando a rua. Trocara a farda pela roupa civil, mas não tomara banho na casa de passagem dos guerrilheiros, à entrada da cidade. Fá-lo-ia no *bureau*, depois de comer o pão.

– Então vocês agora metem-se com as mulheres dos outros? – disse Kandimba.

– Vocês?

– Sim, vocês, os kikongos.

– Está lindo isto aqui! – disse Sem Medo.

Acabou o pão e foi tomar banho. Kandimba passou-lhe a toalha.

– Está mau – disse o velho. – O camarada André fez bem em fugir, senão tinha levado um tiro.

– Era o que ele merecia – disse Sem Medo.

– Acha que sim?

– Por que não?

O velho abanou a cabeça. Recebeu a toalha molhada e abanou de novo a cabeça. Apontou o maço de cigarros que sobressaía do bolso da camisa atirada sobre uma cadeira.

– Posso tirar um?

– Tira, mais velho. O André não vos dá dinheiro?

– Aquele? Fuu!

Ouviram um carro parar à frente do *bureau*. O velho saiu da casa de banho a correr. Sem Medo acabou de se vestir e foi ao gabinete. Encontrou lá o membro da Direção e um André amarrotado, perdido todo o porte aristocrático que lhe conferia o corpo esguio e a barbicha longa. Sem Medo cumprimentou o dirigente.

– Quando chegaste da Base?

– Agora mesmo. Esse homem finalmente apareceu? – disse Sem Medo, apontando André com o queixo.

– Não me cumprimentas? – perguntou André.

– A ti? Só a murro!

O dirigente olhou para o velho Kandimba, que presenciava a cena. Este, sem uma palavra, abandonou o *bureau*.

– Estava escondido numa casa. Foi um trabalhão para o convencer a vir aqui.

– Vão-me matar, eu sei que me vão matar.

– O Comissário veio comigo – disse Sem Medo.

André estremeceu. Levantou-se da cadeira, agarrou o braço do dirigente.

– Deixe-me ir embora. Vão-me matar. É um escândalo para o Movimento, deixe-me ir embora.

– Parecias mais corajoso quando enfrentavas as mulheres – disse Sem Medo.

– Ninguém fará nada – disse o dirigente. – O camarada vai ficar no seu quarto, com militantes à porta para o protegerem. É só o tempo de acabar o inquérito, depois seguirá para Brazzaville.

– Vão ser os próprios guardas que me matarão.

– Deixa-te de chorar como uma galinha – disse Sem Medo. – Se te matarem, também não se perde muito.

– Chega, Sem Medo! – disse o dirigente.

O Comandante saiu do *bureau*. Agoniava-o ver homens aterrorizados pela morte: um comportamento de traidor. E foi isto o todo-poderoso senhor de Dolisie? O verniz cai sempre que o perigo o risca.

André foi para o seu quarto, acompanhado por dois guerrilheiros armados. O dirigente mandou chamar Sem Medo. Este sentou-se à frente da secretária.

– O pior já passou – disse o membro da Direção. – Ao chegar cá, o ambiente estava explosivo. Fizemos ontem uma reunião de militantes, onde se explicou tudo. As acusações choviam. Não só este caso, mas a corrupção, o desinteresse pela luta, o tribalismo. Ninguém se atrevia a defender o André.

– Todas as acusações são verdadeiras, como é que o iam defender? Mas não te iludas. Ele tem os seus apoios.

– Eu sei. Apoio tribal.

– Claro! Tudo aqui é assim.

– Não penses que é só aqui – disse o dirigente. – Nas outras Regiões é a

mesma coisa. O tribalismo é um fenómeno objetivo e que existe em todo o lado. O curioso é que... sei lá! Pega num grupo que aqui seja tribalista, separa-o e espalha-o noutra Região. Serão os primeiros a gritar contra o tribalismo.

– Estarão em minoria – disse Sem Medo. – Aqui vemos que camaradas que estão isolados, pois são os únicos da sua região aqui, esses camaradas aparentam ser destribalizados. Digo bem, aparentam, pois não sei se voltando à sua região de origem, onde serão portanto maioritários, eles não voltem ao tribalismo.

– Portanto, as maiorias tenderiam a ser mais tribalistas, não é? Maiorias e não só, basta que haja um grupo, mesmo que seja minoria. O grupo faz criar a antiga solidariedade tribal.

– É isso – disse Sem Medo. – O ideal seria que cada indivíduo estivesse durante xis anos isolado, no meio de outro grupo, para perder os sentimentos tribais. Ao fim dum certo tempo, creio que começaria realmente a perdê-los.

– Em parte é o que acontece com a urbanização. Processo que é doloroso, mas que tem o mérito de ir aos poucos eliminando o tribalismo. Mas, mesmo assim, é um processo lento.

– Todos esses processos são lentos. Vê a Europa e o problema das minorias nacionais. Nem hoje está resolvido...

– Mas os europeus gostam de nos atirar à cara com o nosso tribalismo – disse o dirigente.

– Para eles, o que se passa na Europa não é tribalismo. Está bem, já não há tribos, o nome está incorreto. Mas é um fenómeno muito semelhante. Às vezes fico desesperado, aqui. Será que conseguiremos vencer esse mal?

– Não tenhas dúvidas. Mas é preciso muito trabalho. E não são tipos como o André que ajudam a vencê-lo.

– Sim – disse Sem Medo –, esses só o reforçam. O que me admira é que seja necessário este escândalo para se arrumar um responsável incapaz. Sem sabermos do que se passava, nós estávamos para marchar sobre Dolisie e prendê-lo, porque morríamos de fome e a comida não chegava. Durante quatro dias só nos alimentámos de comunas. E isto não é novo. A Direção estava farta de saber, porque deixou apodrecer a situação?

– Não havia dados concretos.

– Não havia dados concretos? Quantos relatórios foram feitos a avisar-

vos? Foi preciso um assunto de mulheres para resolver o problema.

O dirigente ofereceu cigarros.

– Sem Medo, ouve. Há coisas que não podem ser feitas no ar. Lemos os relatórios, recebemos cartas, mas isso não chega. Tinha de haver um facto...

– É sempre isso. Quando um homem anda com uma pistola a gritar que vai matar outro, ninguém faz nada. É preciso que ele dispare para que se tomem medidas.

– Há outros problemas a resolver. As coisas não são simples.

– As coisas nunca são simples, camarada – disse Sem Medo. – E complicam-se cada vez mais com o tempo que passa.

– Eu compreendo que para vocês as coisas devessem ser todas rápidas, têm o desejo de fazer avançar a guerra, está certo. E não têm em conta outros fatores, ou subestimam-nos. Mas muitas vezes somos obrigados a ir mais devagar do que o desejável... Enfim, isso pode-se discutir, mas ainda não almocei...

– Eu também não – disse Sem Medo.

– Vieste da Base e não comeste?

– Não, o Kandimba disse que não havia nada.

– Essa agora! Kandimba! Kandimba!

O velho apareceu quase imediatamente na porta.

– Então não deste almoço ao camarada Comandante? O velho coçou a cabeça.

– O camarada disse para eu guardar o almoço, eu guardei. Mas não disse para dar a outros.

– Então uma pessoa vem da Base, está cansado, e tu não lhe dás comida? Isso não pode ser. Vamos então almoçar, Sem Medo.

Levantaram-se e foram para o quarto ao lado. O velho serviu-os. Quando o velho saiu, o dirigente disse:

– Não percebo o que se passa aqui.

– Eu sou kikongo e ele é kimbundo. Neste momento esse problema conta, está na base das reações de qualquer pessoa, pois o André é kikongo. Não foi ele que cometeu o erro, foram os kikongos!

– E misturado com a burocracia. Não deu porque eu disse para guardar a comida!

– A burocracia é a defesa – disse Sem Medo. – Ele socorreu-se com a burocracia, não era esse o fundo do problema. No entanto, foi capaz de me

cravar um cigarro...

– Temos de arranjar um substituto para o André – disse o dirigente.

– Não deve ser difícil.

– Hum! Não é assim tão fácil. Tem de se considerar uma série de aspetos.

– A Ondina já foi ouvida? – perguntou Sem Medo.

– Já.

– Pediu a transferência?

– É mesmo a única coisa a fazer.

– Não sei – disse Sem Medo. – As coisas ainda se podem arranjar com o Comissário. É pelo menos o que ele pensa. Nesse caso, seria melhor passar a esponja.

– Não creio. A Direção verá. Mas estes casos, no Movimento, implicam sempre um castigo. Nem que seja uma suspensão.

– Sim, a eterna moral cristã! – disse Sem Medo.

– Moral revolucionária, camarada.

– Deixa-te disso! Moral revolucionária, nada. Seria moral revolucionária, se todos os casos fossem sancionados ou nenhum o fosse. Há uma série de casos similares que se passam, toda a gente sabe, e não se faz nada. Só quando provoca escândalo é que o Movimento se mete. Isso é moral cristã, que se interessa pelas aparências. Aliás, penso que um caso destes não é um crime contra o Movimento, é humano. No caso da Ondina. No do André já não, porque é responsável.

– Continuas o mesmo, Sem Medo.

– E acabarei mal por causa disso, eu sei.

Comeram em silêncio durante um certo tempo. Era fúnji de peixe. Kandimba trouxe uma garrafa de maluvo e encheram os copos.

– Há quanto tempo não bebes, Sem Medo?

– Há uns quatro meses.

– Quem te viu na Europa, nunca diria que ias aguentar isto. Não me esqueço uma reunião que fiz com os estudantes e em que tu apareceste bêbado a cair.

– Mas não disse asneiras. Bebia demais, sim, mas aguentava. Quando me sentia fora de mim, adormecia.

– Atitude prudente!

– Habituei-me a isso em Luanda – disse Sem Medo. – Uma bebedeira é perigosa para quem faz um trabalho clandestino, pois pode falar. Foi um

bom hábito.

– Geralmente, quando uma pessoa bebe, torna-se sincero.

– Eu também. Mas só para mim. É perigoso ser sincero para os outros. Por isso, quando chego ao limiar que me vai fazer sincero para os outros, adormeço, perco os sentidos, entro em coma.

Acabaram o fúnji e o maluvo. Fumaram em silêncio, observando-se.

– Como está o Comissário? – perguntou o dirigente.

– Abatido.

– Isso passa-lhe.

– São coisas que marcam sempre. Temi que fizesse alguma asneira, mas não, está lúcido.

– Tanto melhor! É um moço que pode ir longe.

– Sim, pode ir longe – disse Sem Medo.

– É preciso que não faça asneiras.

– Não fará.

– Tu velas por ele, não é?

– Faço o que posso.

– Ouvei dizer que eras um pai para ele.

Sem Medo sorriu. Puxou uma baforada.

– Se há coisa que nunca tive foram instintos paternais. Mas enfim, pode ser uma maneira como outra qualquer de rotular a minha atitude.

– Ele pode subir. É disciplinado, bom combatente, boa formação política. É preciso é que não faça asneiras. Mudando de assunto... Foi bom teres vindo, pois é preciso ficar aqui alguém. Logo que o inquérito esteja pronto, sigo para Brazza com o André. Talvez já amanhã. Enquanto não vem o novo responsável, tens de te ocupar de Dolisie. Não protestes. Não há nada a fazer, é necessário. Prometo que nunca será mais do que uma semana.

– O que é o mesmo que dizer um mês.

– Não, será rápido. Sabemos que fazes falta no interior para esta arrancada.

– Íamos fazer uma série de ações. Todos os planos caíram por terra. Primeiro atrasaram por falta de comida. Agora por causa do que se passou. Se ainda tenho que ficar, então... É preciso considerar que neste momento o Comissário não está capaz de arcar sozinho com todas as responsabilidades. Desde que o pontapé de saída seja dado, então já será mais fácil.

– Só ficas uma semana.

– Mas metam um tipo capaz aqui. Já é tempo de haver aqui responsáveis capazes. Não esse bando de burocratas que se instalam nos lugares vitais e que sabotam tudo.

– Os melhores estão na guerrilha – disse o dirigente. – E estarás de acordo em que se tirem quadros da guerrilha?

– Em última instância. Mas só em última instância. Há lá uns moços com capacidade: Mundo Novo, Teoria... Com mais uma rodagem, vão dar excelentes quadros. Sobretudo quadros políticos. Nos militares, temos boas promessas: Muatiãnvua, o Chefe de Operações, Milagre, Verdade... Esses são os melhores combatentes.

– Achas que o Mundo Novo serviria para Dolisie? Sem Medo baixou os olhos. Terminou o cigarro, refletindo.

– Mundo Novo é um duro. Gostaria de o ter mais tempo na guerrilha para saber se é realmente um duro ou se é apenas uma capa. Mas parece-me ser duro. É decidido, tem boa formação, tem conhecimentos de organização, é dinâmico. E esteve na guerrilha, conhece pois as dificuldades e as necessidades dela.

– Estarias pois de acordo que viesse para aqui?

– O problema é que é uma subida brusca. Eu estava a pensar nomeá-lo chefe de grupo, para começar. Um salto assim tão grande não será prejudicial? De guerrilheiro simples passar a responsável de Dolisie... Pode estragar-se. Embora não creia muito nisso, sim, ele é sólido.

– Não tens nenhuma reserva contra ele?

– Não gosto muito dele, pessoalmente. É um dogmático! Mas isso é pessoal, nada tem a ver com o resto. Não poderia ser meu amigo, mas pode ser um bom responsável para esta fase e, quem sabe, se no futuro... E é preciso sangue novo. Ele é capaz de fazer um bom trabalho, disso estou certo. E o peixe aprende a nadar vivendo dentro da água. A guerrilha é capaz de ser um quadro demasiado estreito para ele.

– Do facto dessa, não sei como chamar, incompatibilidade de feitios entre vocês, não nascerão problemas entre a Base e a retaguarda?

– Não, não o creio. Não há razões para isso. Por que é que o século XXI e o século XX se não uniriam contra o século XIX?

– Quando ele chegou – disse o dirigente – reparei na sua dureza. Acho que tens razão, é um duro. Vamos estudar essa hipótese. O salto é brusco, mas estava na lógica das coisas.

– Ele pode organizar bem a retaguarda. E sem uma retaguarda sólida, nada se fará.

Levantaram-se da mesa. Kandimba veio buscar os pratos. Encostaram-se à varanda.

– Só falta um bom café e aguardente – disse Sem Medo.

– O café pode-se arranjar. Não a aguardente, pois estamos em crise financeira.

– Como sempre!

– Que queres? Enquanto não contarmos essencialmente com as nossas forças, isso será assim. O povo não apoia, nem conseguimos quotizações sérias. Tudo tem de vir do exterior.

Kandimba, faz café, por favor. A propósito do Mundo Novo: a que chamas tu ser dogmático?

– Ser dogmático? Sabes tão bem como eu.

– Depende, as palavras são relativas. Sem Medo sorriu.

– Tens razão, as palavras são relativas. Ele é demasiado rígido na sua conceção da disciplina, não vê as condições existentes, quer aplicar o esquema tal qual o aprendeu. A isso eu chamo dogmático, penso que é a verdadeira aceção da palavra. A sua verdade é absoluta e toda feita, recusa-se a pô-la em dúvida, mesmo que fosse para a discutir e a reforçar em seguida, com os dados da prática. Como os católicos que recusam pôr em dúvida a existência de Deus, porque isso poderia perturbá-los.

– E tu, Sem Medo? As tuas ideias não são absolutas?

– Todo o homem tende para isso, sobretudo se teve uma educação religiosa. Muitas vezes tenho de fazer um esforço para evitar de engolir como verdade universal qualquer constatação particular. Uma pessoa está habituada a não discutir, a não pôr em questão uma série de ensinamentos que lhe vieram da infância. É preciso uma atenção constante para não cair na facilidade, não atirar com um rótulo para a frente e assim fugir a uma análise profunda do facto. Porque o esquematismo, o rotulismo, são o resultado duma preguiça intelectual. Preguiça intelectual ou falta de cultura. Mas é a primeira que é grave. Claro que também é uma covardia.

– Sabes uma coisa, Sem Medo? És um intelectual.

– Somos.

– Não o digo no sentido pejorativo. És de facto um intelectual. E eu penso que é bom que os haja. Talvez tenhas uma atitude demasiado crítica, estás

sem dúvida marcado pela Região, pelos fracassos, pelos erros. Nas outras Regiões não é assim. Se fores para uma outra Região, então modificarás um pouco a tua atitude, verás que as coisas não são tão más, ganharás mais perspetivas. Penso aliás que não falta muito tempo.

– Vou ser transferido?

– Pensa-se nisso. Mas fica entre nós, por enquanto. Agrada-te a ideia?

Sem Medo permaneceu calado por instantes. Contemplou a rua, os raros transeuntes que se aventuravam ao sol, olhou o responsável.

– Agrada-me, sem dúvida. Estou farto de resolver problemas de fraldas. Eu gosto de fazer a guerra e aqui não há guerra. E é cansativo lutar-se sem povo. Por outro lado, devo dizer-te que gosto desta Região e que ela tem possibilidades. A culpa é nossa, não temos sabido aproveitá-las. Mas, se me dessem a escolher, preferiria ir para outra Região. Sobretudo se fosse uma Região nova.

– Abrir uma nova Frente?

– Sim. A serra da Cheia, por exemplo. Ou o Huambo.

– É o espírito de pioneiro que fala! Isso não será um complexo que te ficou?

– Não percebo o que queres dizer.

– Descabaçaste alguma miúda? – perguntou o dirigente.

– Não, nunca calhou.

– É isso o que eu queria dizer. Enquanto o não fizeres, queres sempre abrir novas frentes.

Sem Medo lançou uma gargalhada. O outro riu também.

– Freud não explica tudo.

– Mas explica muita coisa – disse o dirigente.

– É curioso!

– O quê?

– É curioso – disse Sem Medo – que estejamos para aqui a discutir Freud, quando nos encontramos em plena confusão política, com adultério e quase revolta pelo meio. É o vício dos intelectuais, este gosto pela conversa em qualquer circunstância.

– Não, o povo do kimbo ainda é pior. E repara que isto foi um parêntesis, estávamos mesmo assim a tratar de assuntos atuais. Falávamos mesmo da tua transferência...

– Está absolvido, camarada responsável! Mas é coisa séria?

– Certíssima. O problema é encontrar um substituto. Claro que não é imediato, levará bem uns três meses. Mas entretanto as coisas aqui avançarão um pouco, espero. Não vim incumbido dessa missão, mas tu deverias ser contactado brevemente para a Direção conhecer a tua opinião. Embora penses o contrário, há certas medidas que não tomamos sem consultar os interessados. Quando isso é possível, evidentemente. A sugestão tinha vindo do Leste, nós aqui devíamos dar o nosso parecer. O teu desejo será realizado, pois se precisa dum Comandante para avançar para lá das regiões atualmente em guerra. Onde, não sei, isso é segredo militar. Mas é para uma nova Região.

Os olhos de Sem Medo iluminaram-se. Sentiu nas narinas o vento do Planalto que conhecera na sua juventude. Viu as vertentes imponentes da Tundavala, onde o Mundo se abria para gerar o deserto do Namibe: a Tundavala eram as coxas entreabertas da montanha que deixavam escorrer as areias do deserto, inundando o horizonte até à África do Sul. Sentiu o perfume de eucalipto nas montanhas do Lépi, recordou os campos de milho do Bié e do Huambo, as bandeiras vermelhas das acácias no Chongorói, tudo indo dar, descendo, aonde a terra morria e os escravos do passado perdiam para sempre o seu destino. Viu Benguela, o antigo armazém de escravos, o quintalão de engorda dos negros, como bois, esperando o barco para a América. Lá se abria o caminho da América, mas se fechava o caminho da vida para o homem negro. Agora, Benguela não seria o cemitério antecipado do Novo Mundo, mas a porta aberta para o Mundo novo. Os olhos de Sem Medo desciam sensualmente pelas vertentes escarpadas da Huíla ou pelas doces vertentes do Huambo e deleitavam-se, espalhando-se no mar, confundindo na espuma as silhuetas solitárias dos imbondeiros ou os penteados arquitetónicos das mulheres do Planalto.

– Seria o paraíso – sussurrou.

Percorrera isso tudo em turista, de cima das carreiras de passageiros, altivo pela visão de cima e pelas suas pretensões de jovem kaluanda. O mesmo circuito faria, agora a pé, o lar às costas, caracol empunhando uma arma, talvez que já não identificado ao vulto do imbondeiro majestoso, mas à amoreira do Mayombe, cujas raízes se entrelaçam com as árvores de teca ou de comunas, num abraço vital.

– Por enquanto a tua ação é ainda aqui – cortou o dirigente.

– O que não impedirá de sonhar com esse futuro.

– Desde que o sonho te não tire faculdades para o presente, isso não é proibido.

– Não tirará. Não sou um sonhador passivo. O sonho leva-me a criar o futuro.

– Bolas! Há muito tempo que te não via tão otimista, tão seguro de ti.

– Deste-me a única boa notícia que ouvi desde há anos.

– E esse café vem ou não? – gritou o membro da Direção.

– Está a ser plantado – disse Sem Medo. – Nesta Região tudo leva tempo a nascer.

O café chegou, finalmente. Tomaram-no em silêncio.

– Vou até à escola – disse Sem Medo. – Tenho de vigiar o Comissário, velar por ele, como dizes. Olha, aí está quem me pode substituir.

– Também tinha pensado nele. Mas talvez seja demasiado jovem.

– Que medo é esse dos jovens? Fazes-me lembrar os velhos funcionários que temem a concorrência das novas gerações. Bem, vejo--te logo. Agora vou cumprir as minhas funções paternas.

As pessoas evitavam-no. Ou quando o não podiam fazer, cumprimentavam-no sem saber bem o que dizer. Um sarnoso, pensou ele. Um corno, para chamar as coisas pelo seu nome.

Ondina estava no quarto. Bateu e a resposta veio logo a seguir. Entrou. Ondina olhou-o, aceitou a mão que ele lhe estendia.

– Era melhor não teres vindo.

– Recebi a tua carta. Tinha de falar contigo.

– Para que, João? Não há nada a falar.

Ele sentou-se na cama. Evitavam fitar-se. Mas num relance teve tempo de observar as olheiras profundas da rapariga. Ela sentou-se num banco, as mãos entre as coxas.

– Preciso de saber. Acho que tenho direito a uma explicação.

– É inútil.

– Preciso de saber.

– Isso é masoquismo.

– Não é nada. Até agora não compreendi por quê. Quero saber onde falhámos. Não achas que tenho esse direito?

Ondina abanou a cabeça. Pela primeira vez, mirou-o de frente. Ele não sustentou o olhar.

– Tens esse direito? Nem sei. O problema não é de direitos ou de deveres. Mas penso que é só mexer na ferida inutilmente. Vamos só sofrer, sem nenhum resultado concreto. Teria sido melhor que eu partisse sem nos encontrarmos. Acabou. Cada um para seu lado.

– Não.

Ondina levantou o braço e deixou-o cair, em seguida, desalentada.

– Está bem. Que queres saber?

– Como se passou.

– Como se passou? Queres os detalhes?

– Tudo.

– João, isso é masoquismo.

– Talvez, não me importo. Que é masoquismo? Eu quero compreender. Não me basta aceitar sem compreender, é o mesmo que não aceitar.

– Bem. Há uma semana talvez, encontrei o André no caminho para Dolisie. Ele parou o jipe, deu-me boleia. Aceitei. Fomos a um bar, bebemos uma cerveja. Voltámos para a escola. Escurecia. Ele parou o jipe a meio do caminho.

– E depois?

– Depois fomos para o capim.

– Só assim?

– Que mais queres saber?

– Não irias assim para o capim, conheço-te.

– Conheces-me, João?

Ele não respondeu. Ela fitou-o, viu as mãos que se revolviam.

– Bem, se queres saber... Ele beijou-me no jipe. Quando me propôs para irmos para o capim, aceitei.

– Por que o deixaste beijar-te? Por que aceitaste?

– Sei lá. Apeteceu-me.

– Mas por quê? Isso não acontece à toa.

– Comigo pode acontecer à toa. Depende das circunstâncias, depende do homem... Eu sentia-me só, André é um belo homem.

– Não me gramavas então.

– Quem sabe? Há várias espécies de amor. Aliás, isso já não interessa. Vou-me embora e tu encontrarás outra mulher.

– Não, não me interessa. Nenhuma mulher me interessará. Nunca mais!

– Ora! Isso é criancice. Já imaginaste o que seria se não nos tivessem

visto? Um militante viu o jipe abandonado na estrada, desconfiou de qualquer coisa, sabes como eles espiavam o André para o eliminarem. Viu-nos voltar ao jipe.

— Se não te tivessem visto...

Ondina marcou uns instantes de silêncio. Voltou a fazer o mesmo gesto de lassidão.

— Ter-te-ia escrito na mesma. Foi nessa noite que escrevi a carta que recebeste, ainda antes de saber que o caso tinha sido descoberto. Não, não to poderia esconder.

— Mas antes, Ondina? Nunca tinha havido nada com o André?

— Não. Ele agradava-me como homem, é tudo.

— E depois disso, passaste a gramá-lo?

— Não. Acabou aí.

O Comissário levantou-se e pegou-lhe as mãos.

— Ondina, nada está perdido. Eu não me importo.

— Não, João; não vale a pena.

— Se gostasses dele, então seria diferente. Assim não tem importância. Estavas só, estavas aborrecida pela maneira como eu parti, a ocasião favoreceu. Sim, eu sei, foi isso mesmo. Foi um gesto impensado. Não me importo!

— Dizes isso agora, João. Depois viriam as queixas, as acusações.

— Não falarei mais nisso.

— Mesmo que não fales, não poderás esquecê-lo. Cada vez que partirás, será sem confiança. Estarás sempre à espera de receber outra carta. Não tenho o direito de te manter nessa situação.

Ele procurou abraçá-la. Ela repeliu-o docemente.

— Recordarás tudo o que é mau e nunca me perdoarás. As nossas relações serão feitas de ciúme, de amor, e de desejo de vingança. Viveremos sobre uma corda esticada. Até que, um dia, me atirarás à cara com o que se passou.

— Nunca!

— Dizes isso agora.

— Eu amo-te, Ondina.

— Talvez. É certo. É mesmo o que complica as coisas. Tudo poderia ser tão fácil... Poderíamos continuar a ser amigos.

— Ou amantes ou inimigos. Entre nós a amizade não é possível.

– Eu sei, é pena.

O Comissário tentou de novo abraçá-la. Ondina deixou-se abraçar. Ele afagou-lhe o cabelo, beijou-lhe o pescoço. Quando procurou os lábios, ela libertou-se.

– Não, João, é inútil. Eu não gosto de ti, compreendes? Quando compreendes isso duma vez? Eu não gosto de ti, não te quero mais.

A voz alterada dela fez enfurecer o Comissário.

– Não é verdade! Eu sei que não é verdade.

O Comissário abraçou-a com violência, apertou-a de encontro a si. Ela tentou fugir mas ele fez força. Beijou-lhe os lábios, quase mordendo. Ondina gemeu. Ele acariciou-a brutalmente, depois derrubou-a sobre a cama.

– É melhor não, João.

O vestido voou com o puxão dele. Ele despiu-se rapidamente, dominando-a, enquanto ela se debatia.

– Vou-te provar que me gramas.

Ele foi brutal, sem se importar que ela gozasse. Ondina ficou deitada, os olhos fechados, as coxas na mesma posição, enquanto ele se levantava num repelão, já arrependido.

Deixou-se cair aos seus pés e soluçou baixo. Ela saiu do torpor e afagou-lhe a cabeça. O Comissário voltou a deitar-se, a cabeça no seio, chorando. Até que os soluços fizeram endurecer de novo os bicos dos seios de Ondina e ele sentiu. O amor foi menos brutal, da segunda vez.

– Vão ouvir – disse ela quando se afastaram.

– Que me interessa? Que te interessa? Diz-me que ficas comigo.

– Posso dizer-te agora, João, mas que valor tem isso dito numa cama, depois de se fazer amor? Amanhã, a frio, poderei dizer-te o contrário.

– Não. Dirás a mesma coisa.

– Agora aceitaria ficar. Porque pela primeira vez nos entendemos realmente bem. Mas depois será a mesma coisa e eu desejarei outros homens.

– Diz-me que me queres.

– Sim, João. Mas amanhã...

– Que me interessa amanhã?

Novamente se entrelaçaram. A noite caía lá fora e o quarto estava escuro.

Sem Medo esperou longo tempo na escola e acabou por voltar sozinho a Dolisie.

O Comissário só mais tarde apareceu em Dolisie, já o Comandante se deitara. João foi ter com ele ao quarto.

– Está tudo arranjado, Sem Medo. Ela fica comigo. Sem Medo viu os olhos luminosos do Comissário, procurando nos seus a aprovação.

– Que pensas, Comandante?

– Tu é que sabes. Se vês que as coisas se podem arranjar, tanto melhor para vocês. Fico muito contente. O que se passou pode não ter importância...

– Não tem mesmo. Foi um impulso de momento. Não tem importância, Sem Medo.

– Para ti não tem realmente importância, João?

O Comissário baixou os olhos, que, num instante, se tinham perturbado. Logo os ergueu. Mas o brilho luminoso desaparecera.

– Farei os possíveis, Sem Medo. Hei de habituar-me aos poucos à ideia.

Não serás capaz, pensou Sem Medo. Talvez na próxima experiência, aí já serás suficientemente relativo e sem preconceitos. Mas agora ainda é cedo. Eu tinha um ano a menos do que tu, vê o que deu. Também eu tentei passar a esponja, em circunstâncias talvez menos dramáticas. Ou talvez mais dramáticas, quem pode comparar o incomparável? Ondina não é Leli, Ondina é dominadora, Leli era submissa. O problema não está em Ondina, e isso é o pior. O problema estava em mim, está em ti. Também tu queres libertar-te, dizendo tu a última palavra. Será bem isso? Será talvez o amor verdadeiro, aquele que abafa o amor próprio. Existirá realmente? Existiu em Leli, no fim, quando me tentou reconquistar. Fase passageira, enquanto não encontrou outro. O certo é que não encontrou outro apenas porque não teve tempo. E no João, existirá realmente?

– Como a convenceste? Porque suponho que ela não queria.

– À força. Quase que a violei. Depois aceitou.

E o resto, João? O sexo era o fim, mas antes? Será mesmo o fim? É a base, bem pode ser o princípio. Quem sabe onde é o fim ou o princípio da circunferência? O amor é uma circunferência, cujo centro é o sexo, talvez assim seja mais verdade. E afinal não é nada. Quem pode delimitar o amor, quem o pode geometrizar?

– Deverias falar com ela, Sem Medo.

– Talvez.

Quem se mete entre um homem e uma mulher nunca resolve nada, antes complica. Mas não te posso dizer, João. Como dizer: não acreditas nas fadas boas? Como dizer-te que se eu tentasse fazer-vos colar talvez fosse eu o ácido que acabaria por corroer a vossa frágil ligação? As coisas devem passar-se só entre vocês, nunca aceites um conselheiro no casal, João. Como dizer? Quantos lares destruídos por terceiros armados em aprendizes feiticeiros? Destruídos aqueles que tinham os alicerces em ruínas. É o teu caso, João. É sempre o caso quando tem de se pedir o auxílio de terceiros. A gangrena já destruiu os alicerces, a cola não serve para nada, é preciso desmoronar para construir de novo. Sim, mas como dizer?

– Tens de ser tu e ela a resolver, João.

– Tu és meu amigo, podes ajudar, Sem Medo.

– Não. Cada um parte a cabeça como melhor entende!

– Deixas-me só?

– Já resolveste o problema. Será essa a melhor maneira? Como posso saber? Só vocês o sabem.

É o cigarro alimentando o vício, aquele que se diz ser o último. Por que não deixar de fumar de vez? Medo do salto no abismo. Agarramo-nos desesperadamente a raízes frágeis, atrasando apenas o inevitável. Salta, João, larga a raiz e salta no abismo. No fundo pode haver água que te amortença a queda. Não tenhas medo do risco, João. Como dizê-lo? Que direito tenho de dizê-lo? O que é verdade para uns não o é para os outros. Ondina não quererá, ainda te não apercebeste, João? Disse-te isso hoje, ofereceu-te o último cigarro. Mas amanhã começará o desmame. Enfrenta-o já hoje. Como dizer? Como dizer sem o matar? Desintoxica-te de vez, és suficientemente forte para aguentar, não precisas de ir diminuindo o vício gradualmente. Liberta-te, João, salta no abismo, recusa o último cigarro.

O Comandante não disse nada. O Comissário foi deitar-se, amuado. Ficaram os dois acordados, mas não se falaram.

EU, O NARRADOR, SOU ANDRÉ.

Eis-me no comboio, a caminho de Brazzaville, a caminho do desterro, sentado à frente dum homem que não responde senão por monossílabos, grave como deve ser um membro da Direção. A pasta vai ao lado dele,

fechada à chave, cheia de documentos que me hão de comprometer. Basta ver a sua cara para saber que o processo me será desfavorável.

E onde estão os meus companheiros que me não defenderam? Fugiram todos, nenhum ousou abrir a boca a meu favor. Todos aqueles que me lisonjeavam, que andavam à minha volta esperando uma migalha, fugiram com medo dos kimbundos. Não há dúvida que são os kimbundos que fazem a lei. Não conseguiram eles libertar o Ingratidão? Quero ver agora como Sem Medo resolverá o problema. Ele conseguiu o que queria. Sempre desejou o meu lugar, por isso mexeu os cordelinhos, levantou os kikongos contra mim, até veio da Base quando teve conhecimento do que se passava, só para estar presente para poder enterrar-me mais.

Rio quando lembro a cara do membro da Direção, ao saber que o Ingratidão escapou da cadeia. Estávamos na estação com o Sem Medo. O dirigente olhou Sem Medo duramente. Saberá que foi Sem Medo que o não quis fuzilar? Deve saber, eles sabem sempre tudo. Sem Medo ficou sem fala. Agora ele terá de resolver o caso, que é complicado, pois deverá tomar medidas contra os kimbundos, nesta fase em que o conflito tribal é forte. Na Base ele recuou: por medo desse conflito, foi clemente, sabendo perfeitamente que em Dolisie o Ingratidão fugiria. Vamos rir, muito vamos rir. Fez tudo para me apanhar o lugar, ele sempre quis ficar na retaguarda, a sua combatividade era só fogo de artifício. Tens agora o meu lugar, vais ver quais os espinhos que o assento camufla, primo meu.

Porque quem se pode enganar sobre o complô que foi preparado contra mim? Não tinham factos em que se agarrar, o Sem Medo e o seu grupo. Planearam então o golpe da Ondina. Pago pela minha imprudência, pela minha credulidade. Desejava Ondina? Sim, há muito tempo. As suas coxas eram uma tentação. Os seus olhos que prometiam, que se não baixavam. Ao vê-la na estrada, não tive nenhum pensamento. Foi no bar que o desejo veio. Começava a escurecer. Por que não? Ela olhava-me a desafiar. E depois, no jipe, as suas coxas a abrirem-se... Olhei-a e ela fixava-me. Viu que eu mirava as coxas e aproveitou um solavanco do carro para as afastar mais, imperceptivelmente mas o suficiente. Parei o jipe, quem o não faria? Um homem não é de pau! Fui eu que a beijei ou foi ela que fez o primeiro movimento? A puta aceitou logo ir para o capim. Que fogo, meu Deus! Que vulcão! Perdi o meu lugar, mas valeu a pena. Tinham emboscado uma série

de militantes na estrada, para testemunharem. E ela aprestou-se ao complô, porque é uma vaca que gosta de homem e porque assim o seu Comissário vai subir. O Sem Medo vai para o posto que pretendia e quem será o novo Comandante da Base? Claro que será o Comissário.

Foi tudo um plano arquitetado pelo Sem Medo, não pode haver dúvidas. Foi-lhe fácil convencer o Comissário, que só faz o que ele quer e que tem ambições. Simples como água! Fui levado, mas desforrei-me. Que momentos! E ela gozou, a cabra! Não parava, queria mais, sempre mais, nem sentia os mosquitos a picarem-lhe a bunda. Quando veio para o jipe, mal podia andar, estava derreada. Ela também aproveitou para ter um homem. Porque não é aquele miúdo do Comissário que lhe dá gozo, isso vê-se logo. Era um plano em que ela quis ainda beneficiar duplamente. O Comissário terá querido que ela fosse só para o capim e aí recusasse e fugisse para o jipe. Tanto bastaria para me tramar. Devia ser esse o plano. Mas a cabra quis também tomar a sua parte. E que parte! Foi zelosa, as mulheres são sempre assim, têm de modificar um plano a seu favor, se quinze minutos lhes bastam, elas demoram duas horas.

E este cara de pau não percebeu nada. Quem acreditará no complô? Ninguém. Nem vale a pena denunciá-lo, ninguém acreditará. Pensarão que é desculpa.

De qualquer modo, estou-me marimbando. O pior momento já passou. Em Brazzaville não me liquidarão. E sempre tenho os meus apoios. Não destes tipos que nem ousaram defender-me, não da plebe. Tenho apoios bem colocados, que têm influência. Farei a minha autocrítica para desarmar os adversários e isso dará possibilidades aos meus amigos para advogarem a minha causa.

Lenine teve razão ao inventar a autocrítica. Que boa coisa que é a autocrítica! Há uns burros que sempre a recusam. Ainda não descobriram o furo. Quando estiveres em maus lençóis, faz a tua autocrítica. Todos os ataques pararão imediatamente. E a teoria da ação e da reação: uma força que faz uma ação e provoca uma reação, precisa que haja uma reação para se exercer. Se tu eliminas a reação, que no caso seria a tua defesa, que acontece? A ação deixará de se exercer. É simples como água. Faço logo de começo a minha autocrítica, aí os ataques serão só para a forma, já terão perdido toda a força da raiva. Quem pode atacar um homem que se não defende? Considerarão que sou um bom militante, pois autocrítiquei-

me. E não me fazem baixar de posto, mandam-me para outro sítio.

Só os burros são teimosos, se mantêm no erro. Porque eu cometi erros, para que negar? Deveria ter desconfiado da Ondina e tê-la levado para um sítio bem escondido, onde não pudessem arranjar testemunhas. Falar-se-ia mas não haveria provas. E ela acabaria por aceitar, já estava ao rubro: o plano cairia, mas ao menos ela sempre teria uma parte. Outro erro foi o de confiar nalguns militantes. A plebe é toda igual, não merece confiança, o responsável para ela só vale enquanto lhe pode trazer benefícios. Por isso o meu pai, que era soba, gastava tanto dinheiro a distribuir pelos seus homens. Ele bem sabia que se não o fizesse perderia a força. O meu erro foi esquecer esses ensinamentos elementares.

No fundo, no fundo, quem se vai tramar é o Sem Medo. Eu irei para outro sítio onde subirei na mesma: há tal falta de quadros que quem tem um olho é rei. Ele ficará aqui com todos os problemas, agora agravados. Sem Medo é apenas um lobinho, eu sou um lobo experimentado, sei o que digo.

Tenho que preparar a minha autocrítica, ela terá de ser sincera. Para me entristecer no momento, pensarei que poderia ter gozado uma semana com a Ondina e não foram senão duas horas de capim e mosquitos. Simples como a água!

No dia seguinte de manhã, Sem Medo foi acompanhar o dirigente e André ao comboio. Fora nomeado provisoriamente responsável de Dolisie, enquanto não se designasse o responsável definitivo. O Comissário partira para a escola. O dirigente tinha dado instruções para que Ondina ficasse a morar no *bureau*, enquanto o seu caso não fosse resolvido. O Comissário foi ajudá-la a mudar as suas coisas.

Na estação souberam da fuga do Ingratidão do Tuga. O dirigente olhou o Comandante.

– Trata-se dum guerrilheiro teu. Tens de resolver isso imediatamente.

– Sim – disse Sem Medo.

O comboio arrancou, desapareceu na curva. Sem Medo sentiu-se só. Nunca gostara de acompanhar pessoas que partiam, preferia ser ele a partir. Sobretudo no momento presente, era bom que o dirigente ficasse mais tempo. Mas o inquérito estava terminado e tinha de ir comunicar o caso ao resto da Direção.

Sem Medo saltou para o jipe, Hungo sentou-se ao lado. Vontade de beber

uma cerveja. Meteu-se a caminho da cadeia.

– Como é que o Ingratidão fugiu?

Hungo fez um gesto vago.

– De manhã viram que ele não estava.

– Quem era o guarda?

– Não sei.

O Comandante acendeu um cigarro. Para isso teve de largar o volante e baixar-se por causa do vento. Pensou em dar um salto à escola e apanhar o Comissário. Seria um bom conselheiro, em tal altura. Mas desistiu da ideia: o Comissário estava incapaz de pensar noutro problema que não o seu.

A cadeia era um pequeno bloco do depósito de material de guerra, guardado por alguns guerrilheiros. Sem Medo saltou do jipe e mostrou a Ordem de Serviço, nomeando-o responsável de Dolisie.

– Bem, camarada Comandante – disse o Chefe do Depósito –, que é que quer de nós?

– Quem estava de guarda ao Ingratidão?

– Houve dois à noite: primeiro o Mata-Tudo, a seguir o Katanga.

– E no portão?

– O Tranquilo e o Ângelo, o que desertou do tuga há pouco.

– Vocês põem um desertor que chegou agora já de guarda?

– Falta de efetivo.

– Não pode, está errado, não sabem quem ele é. Pode ser enviado pelo tuga para sabotar.

– Sim, camarada Comandante.

Todos kimbundos, salvo o desertor, pensou Sem Medo.

Os guardas foram chamados ao interrogatório. As respostas foram as mesmas: não tinham ouvido nada, não adormeceram não senhor, não notaram nada de anormal. Os guardas do portão podiam não estar implicados. Ingratidão escaparia facilmente pela sebe, sem passar pelo portão. Mas, dos guardas da cadeia, um dos dois teve de lhe abrir a porta ou deixá-lo fazer. O guarda ficava só à porta, à noite, não ia verificar se o preso dormia lá dentro. Por isso, um deles podia estar inocente.

Sem Medo mandou fazer formatura. Depois de os guerrilheiros estarem alinhados e o Chefe do Depósito lhe ter apresentado a formatura, o Comandante disse:

– O Mata-Tudo e o Katanga vão para a cadeia. Um deles ajudou o

Ingratidão a fugir. Vão cumprir a pena dele, enquanto se não souber exatamente o que se passou.

Os guerrilheiros hesitaram em cumprir a ordem.

– Camarada Chefe, nomeie dois guerrilheiros para irem fechar o Mata-Tudo e o Katanga. E se algum deles fugir, o responsável será o Chefe do Depósito.

O Chefe fez sinal a dois guerrilheiros, que, de má vontade, cumpriram a ordem. Os outros murmuraram.

– Escusam de falar – disse Sem Medo. – Sei o que estão a pensar. Mas descansem, este caso será definitivamente resolvido pelo novo responsável. Enquanto ele não vem, ou enquanto o verdadeiro culpado não se apresentar, sou obrigado a mandar prender os dois camaradas. Um deles cometeu o erro, mas como saber?

Os murmúrios não cessaram.

– Camaradas, sei que vai haver agitação, estava à espera dela. Vão atirar mais isto para cima do camarada André. Neste caso ele não tem nada a ver, sabem tão bem como eu. Vamos falar claro! O Ingratidão é kimbundo, a maioria de vocês também o é. Algum malandro aproveitou a confusão de Dolisie para o libertar. Pensaram que se não tomariam medidas porque, como o André é kikongo e cometeu crimes, ninguém ousaria tomar uma medida contra um kimbundo. Pois eu tomo! A mim não me interessa se este é kikongo ou kimbundo. Sou contra aquele que comete. Não podem negar que eu era contra o André, pois ele fazia muitos erros de propósito. E ele é quase meu parente. Todos aqui me conhecem. Só os cegos ou os desonestos podem dizer que faço tribalismo. E sabem que não tenho medo da chantagem tribal. O camarada Chefe do Depósito é responsável pelos dois presos. Até que um deles fale, se acuse e diga que o outro não tem nada a ver. O inocente será imediatamente libertado.

Sem Medo partiu para Dolisie, sentindo nas costas a hostilidade quase geral. Hungo murmurou, mas o Comandante já não ouviu o comentário do guerrilheiro:

– Esse Comandante é homem!

O Chefe do Depósito aprovou com a cabeça, mas os outros guerrilheiros protestavam contra a arbitrariedade.

Sem Medo guiava distraidamente. Estão habituados a que se atrasem as coisas, que se faça um inquérito e depois se decida. Com o tempo que era

necessário, o culpado já estaria longe. Têm de compreender que os métodos covardes do André acabaram, pelo menos enquanto eu cá estiver.

O Comandante encontrou o Comissário no *bureau*. Notou logo o ar abatido.

– A Ondina?

– Já está no quarto.

– Que há contigo?

– Discutimos. Afinal ela não quer. Tens de ir falar com ela, Sem Medo. Por favor! Só tu a podes convencer. Não me deixes só, por favor.

O Comandante não lhe respondeu, mas dirigiu-se ao quarto que fora designado para Ondina. Ficava à frente do quarto do André, que agora ele deveria ocupar. Bateu à porta e entrou. Ondina estava sentada na cama, as mãos entre as coxas. Levantou a cabeça para ele.

– Bom dia, Ondina. Ainda não nos tínhamos visto.

– Não.

– O João falou-me agora. Diz que não queres mais nada com ele.

Ela encolheu os ombros.

– Não seria muita ousadia pedir-lhe um cigarro? Agora já posso fumar à vontade. Evitava fazê-lo para não chocar as pessoas. Tiraram-me os miúdos, não mereço confiança para os educar. Posso pois fumar à vontade, já nada tem importância.

Sem Medo acendeu-lhe o cigarro. Ela aspirou.

– O João não compreende ou não quer compreender. Conheço--o. Agora aceita bem a coisa, a sua atitude é mesmo maravilhosa. É isso que complica as coisas, é que ele tem lados maravilhosos. É difícil recusar-lhe algo, fica tão desamparado, é tão criança! Agora aceita. Mas amanhã começará a reprovar-me. O problema nem é esse. O problema é que entre nós dois as coisas não podem ir. Sou mais madura que ele. Terei tendência a dominá-lo. Outra vez acontecerá o mesmo e ele será capaz de aceitar. Não é justo!

O Comandante acendeu um cigarro para si. Sentou-se também na cama.

– Se bem compreendo – disse ele –, pensas que há um desequilíbrio entre vocês que joga a teu favor.

– É isso.

– E não aceitas esse estado de coisas.

– Conheço-me. Sei que abusarei da sua fraqueza. Porque ele é fraco. Eu não quero abusar de ninguém, sobretudo dele. Preciso de encontrar um

homem que se não deixe dominar. Respeito-o demasiado para abusar dele. E serei sempre obrigada a isso.

Sem Medo mirou-a em silêncio. Pensara que ela era apenas uma personagem de mulher livre, criada por si própria. Afinal enganara-se.

– João não é um fraco, acredita. Não tem muita experiência, é tudo. Quem sabe se isto não o fará amadurecer?

– Certamente – disse ela. – Se rompermos, isso pode temperá-lo. Se continuarmos juntos, só o marcará sem o levar a ultrapassar-se.

– E se ele tivesse de lutar para te reconquistar?

– Não dará tempo. Vou partir em breve, nem percebo por que me deixaram ainda em Dolisie.

– A tática do Movimento nestes casos é mandar cada um para o seu sítio – disse Sem Medo. – Mas só quando todas as possibilidades de reconciliação estiverem esgotadas. Isto no caso de casais. No vosso, como ainda não casaram, não sei...

– Sem Medo, desculpa tratar-te assim mas é mais fácil – segurou-lhe no braço. – Compreendes-me?

Ele aprovou com a cabeça.

– Não pensas que é melhor assim? Não sou mulher para o João.

Sem Medo suspirou. Depois disse:

– O problema está aí. É que tu és mesmo mulher para ele, e o João sabe-o. Não para o João que conheceste, mas para o João que fizeste germinar, o que está a nascer.

– Era preciso tempo.

– Era, sim.

– E também que eu o amasse.

– Noutras circunstâncias, sem guerra, talvez fosse possível. O mal é que ele tem de estar longe, não terá ocasião de se mostrar com a nova pele que se construirá, que o ajudaste a construir-se. E uma metamorfose é dolorosa e lenta.

Ela não respondeu. Sem Medo saiu do quarto, fechando docemente a porta. E agora teria de defrontar o Comissário. Entrou no *bureau*, suspirando.

– Então?

Que dizer? Como dizer? Como adoçar o vinagre?

– Nada a fazer, João. Ela tem as suas razões. Mais tarde compreenderás.

Um dia verás que era melhor assim. Quis dizer-to ontem, mas não estava seguro.

O Comissário deixou-se de novo cair sobre a cadeira. Apoiou a cabeça na secretária. Sem Medo foi fechar a porta de entrada, para que não o vissem chorar.

Os soluços foram diminuindo gradualmente. Até que o Comissário levantou a cabeça.

– A vossa conversa foi tão rápida... Não fizeste nada para a convencer, pois não?

Qual era a verdade? Fizera alguma coisa para a convencer? Sim e não. Convencer de quê? De qual verdade?

– Não, não fiz nada. Ela tem as suas razões, estou de acordo com ela.

O Comissário olhou-o em silêncio. As lágrimas deslizavam ainda, mas os soluços tinham parado.

Um dia tu também compreenderás. Entre vocês nada é possível. Nada de sério, de duradouro. Talvez mais tarde. Mais tarde, sim, se se reencontrarem. Mas nem deves pensar nisso, deves libertar-te.

– Então tu disseste-lhe que ela tem razão? Então tu reforçaste a sua ideia?

Reforcei a ideia dela? Talvez. Sempre o sim ou o não, quando se não sabe o caminho a tomar.

– Ela já tinha a sua ideia.

– Mas não procuraste convencê-la do contrário.

– Não.

– Disseste-lhe mesmo que ela fazia bem.

– Se não o disse, era o que queria dizer. Não sei se lho disse, mas era isso que queria dizer.

O Comissário levantou-se. Os lábios tremiam. Apertou violentamente o bordo da secretária.

– Traíste-me, Sem Medo. Tu traíste-me.

– Mas que queres afinal? Queres a Ondina a todo o preço, ou queres uma ligação séria com a Ondina? Que queres afinal, João?

– Eu quero a Ondina, ainda não compreendeste?

– Quaisquer que sejam as consequências?

– Sim.

– Então traí-te, João. Traí-te. Porque não era isso que eu pensava ser o melhor. Se era para teres a Ondina a qualquer preço, sem te importares com

o que te poderia suceder no futuro, não me devias ter pedido para lhe ir falar. Eu não iria.

– Sabes o que tu és afinal, Sem Medo? És um ciumento. Chego a pensar se não és homossexual. Tu querias-me só, como tu. Um solitário do Mayombe. Para que só te tivesse a ti, o meu protetor, o meu padrinho. Afastaste a Ondina de mim. Nunca quiseste aconselhar-me, várias vezes te pedi. Nunca quiseste falar com ela e tu poderias tê-la convencido. Nunca quiseste meter-te para arranjar as coisas entre nós. Querias-me a mim e por isso deixaste-me ir até ao fracasso. Vê o que fizeste com o teu egoísmo. Vê o que fizeste. Hoje sou um corno, um farrapo, em que pões os pés, um farrapo que todos gozam. Estás contente, Sem Medo, estás contente?

A chapada de Sem Medo fê-lo abater-se contra a parede oposta. O Comissário levantou-se, devagar, esfregando a face. Os olhos faiscaram.

– Cuidado, Sem Medo! Não vou lutar contigo, é isso o que a tua fúria quer. Desprezo-te. Não vou lutar contigo, não te dou essa confiança. Pensa que é medo, se quiseres, não me importo, já te enganaste tanto sobre mim que é mais uma. Pensas que me liquidaste, que afastaste de mim o amor. Mas eu não serei um solitário como tu. Nunca me verás atrás duma garrafa vazia. Com Ondina ou sem Ondina. Adeus, Sem Medo, até à próxima. Verás no que me vou tornar. Cada sucesso que eu tiver, será a paga da tua bofetada, pois não serei um falhado como tu.

Saiu, batendo com a porta. Tremendo, Sem Medo deixou-se cair na cadeira. Acendeu um cigarro avidamente, como se cada chupaça fosse a última. Imbecil, pequeno imbecil! Acabou o cigarro. Os papéis acumulavam-se à sua frente. Dum gesto, varreu a secretária. Levantou-se e caminhou pela sala. Imbecil, pequeno imbecil!

Saiu do *bureau*, marchou a pé rapidamente até ao bar mais próximo. Sentou-se na mesa do canto e encomendou uma cerveja. Bebeu-a pelo gargalo até ao fim e pediu outra. Encheu o copo. Não, não se ia embriagar como um miúdo. Esvaziou o copo duma assentada. Voltou a enchê-lo. O amor! O amor torna estúpido. A mão ardia-lhe com a violência da bofetada. Era a mesma mão que segurava o copo. Esvaziou de novo. Encomendou outra garrafa. A mulher pediu o dinheiro. Ele pagou as três cervejas. Ela trouxe a garrafa. Tem medo que me embriague e não tenha dinheiro. Não, não beberia mais. Esvaziou o primeiro copo, encheu-o de novo. Seria o último. Deixara de tremer, a mão segurava agora firmemente o copo. A

cerveja muito gelada provocou-lhe uma nevralgia. Foi a cerveja ou esse miúdo? Ele, Sem Medo, sempre resolvera sozinho os seus problemas amorosos. Desde o tempo do Seminário, em que não podia confiar nos colegas, sempre prontos a ir denunciar no segredo da confissão. O Comissário ameaçara-o. De quê? De passar a resolver sozinho os seus problemas pessoais.

Sentiu o que vinha, mas não pôde evitá-lo. A gargalhada encheu o bar vazio, fez levantar as moscas que sugavam os restos de cerveja deixados sobre as mesas, levou a criada a virar-se. A mulher viu-o agarrado ao ventre, rindo até às lágrimas. Depois encolheu os ombros e continuou a limpar os copos.

Sem Medo parou de rir, só as lágrimas brilhavam. O miúdo mostrava as unhas, finalmente. E ele, Sem Medo, não o compreendera, até lhe dera uma chapada. Castigara as palavras e deixara escapar o sentido das palavras. Finalmente, suspirou ele. Finalmente! E não o percebi, fiquei ofuscado pelas palavras. E sou eu que digo sempre que as palavras são relativas...

Esvaziou o copo e levantou-se da mesa, sorridente. Ao passar pela criada, cumprimentou-a, afagando-lhe a bunda. Ela deixou, encolhendo os ombros.

Ao voltar ao *bureau*, Sem Medo quase chocou com Ondina, que saía, o ar assustado.

– Que há? – perguntou ele.

– Onde estavas?

– Fui ali ao lado. Mas o que há?

– O João, o João endoideceu.

– Por quê? Calma, calma, Ondina!

Levou-a para o *bureau* e fechou a porta. Sentou-a à secretária.

– Ele está maluco!

– Mas o que se passou, merda! Conta lá duma vez!

Ondina procurou dominar-se. A voz dela era primeiro incerta, foi ganhando segurança aos poucos.

– Ele foi ao meu quarto, penso que quando saiu daqui. Abriu a porta sem bater. Começou a falar, a dizer que tu e eu estávamos enganados com ele, que se não deixaria abater. Que nós queríamos liquidá-lo, amachucá-lo, que abusávamos da sua ingenuidade. Que eu pensava que ele era um miúdo, que fizera tudo para o destruir, mas que ele não era um miúdo e não se deixaria destruir. Que ia mostrar do que era capaz. Para isso, não queria saber mais

de mim, ia passar-se de mim, ia esquecer-me imediatamente. E que tu sempre tentaras impedir-me de o amar, ou, pelo menos, não ajudaste. Que querias que...

– Ele fosse um solitário como eu – disse Sem Medo.

– É isso.

– Ele contou-me o mesmo discurso. E depois?

– Depois despiu-me. Ontem tinha-me rasgado um vestido, hoje rasgou o outro. Despiu-me à força, mas não tentou tocar-me. Disse--me: “Vê, posso estar contigo aí nua e não ter vontade de fazer amor contigo!” Dizia que era a primeira vez que isso acontecia e provava a sua cura.

– E tu?

– Eu? Nem abri a boca. Depois disse que ia mostrar que era tão bom militar como tu, que tu criaste um mito que ele iria destruir, provando que não eras nenhum feiticeiro a comandar.

– Tem razão.

– Que ele se deixara convencer que eras um homem excecional em todos os domínios, que afinal não eras nada.

– Tem razão.

– Que criaste esse mito tu próprio, só por vaidade. Que fingias arriscar muito, mas sempre medindo as tuas probabilidades de risco. Enganavas os outros, pois parecias arriscar tudo, quando, afinal, te colocavas em posições seguras.

– Aí ele exagera!

– Que ele, sim, arriscaria tudo, sem batota nenhuma. E mostraria assim que o que tu fazes é só para enganar.

– Logo que não faça asneiras...

Por que é que a afirmação dum homem tem de se fazer sempre em oposição a todos os outros? pensou Sem Medo. Por que sempre a luta pela vida, a luta pelo lugar, ou a luta pelo prestígio? Tal é o pecado original, não de que fala a Igreja, mas de que fala Marx.

– Disse também que partia imediatamente para a Base. Tu ficavas aqui como responsável, ele ia comandar a Base.

– É a ordem natural das coisas! O Comissário substitui automaticamente o Comandante. Mas ia partir imediatamente?

– Sim.

O primeiro impulso de Sem Medo foi pegar no jipe para o impedir. Era

tarde, teria de caminhar no escuro e sozinho possivelmente, não era prudente. Mas depois deixou-se cair na cadeira. Continuo a reagir como pai! Ele desembrulha-se.

– Acho que ele não está nada maluco – disse Sem Medo. – As suas reações são quase normais. Um pouco impetuosas, como são sempre as decisões rápidas. Não deves preocupar-te com o que ele diz, ele diz não importa quê, amanhã já terá passado. Deves é observar a sua atitude. Tinha-te dito que ele se tornava homem, viste já um pouco que é verdade.

– Mas é uma atitude infantil...

– O invólucro talvez. Mas a decisão não o é. Como queres que ele reaja duma maneira totalmente madura, no fundo e na forma? Não pode, é cedo demais. É uma revolução profunda. A forma é ainda infantil, dirás tu, mas a forma modifica-se depois. A forma é a atitude, o fundo é a motivação da atitude.

Ondina mexeu o lábio inferior, cética.

– Achas que sim?

– Pelo menos é dialético. Pode ser que recue, é certo mesmo que recuará nalguns aspetos. A sua maturidade é brusca, violenta, por isso não será total no imediato. Mas está no caminho. Já tenho substituto, espero que melhor que eu. Se fôssemos almoçar?

– Não estás preocupado, Sem Medo? Não estás chocado com o que ele disse de ti? Ficas assim indiferente?

– Como querias que ficasse?

– Ele ofendeu-te.

– Ora! Nunca foi ofensa quebrar um mito. Ele é que se criou um mito sobre mim, agora apercebe-se que estava enganado. Talvez eu o tenha ajudado a criar esse mito, quem sabe? Não era a minha intenção, mas posso ter contribuído. Ele apercebeu-se por si próprio e agora, pelo caminho, a cada passada, vai desmoronando a estátua que construía. Não há razão nenhuma para estar preocupado ou ofendido. A partir de agora, ele não precisará de mitos para viver, vai tornar-se um homem livre. Devemos mesmo estar contentes.

– Não te compreendo, Sem Medo.

– Não és só tu. Mesmo eu, por vezes, tenho dificuldade em compreender-me. *Mais c'est comme ça*. Vamos comer, que isto abriu-me o apetite.

– Eu não como, não posso comer.

- Atitude cristã! O estômago não tem nada a ver com os problemas.
- Estou demasiado nervosa.

Ondina foi fechar-se no quarto, refletindo. Sem Medo foi comer.

No dia seguinte, de manhã, um velho pediu para falar ao responsável. Introduziram-no no *bureau*. O velho era um militante do MPLA na fronteira. Admirou-se ao ver Sem Medo.

– Não te assustes, mais velho! O camarada André foi transferido, sou eu que estou aqui por enquanto. Que há então?

– Camarada Comandante, vim avisar que os tugas fizeram um acampamento no Pau Caído.

– No Pau Caído?

– Sim. Foram uns caçadores que tinham ido ao interior que os viram. Um grande acampamento.

O Pau Caído fora uma antiga base guerrilheira, abandonada há três anos. Os tugas queriam controlar a fronteira, dali facilmente vigiariam as entradas e as saídas. E estavam a um dia de marcha da Base, com um caminho quase direto.

– Quando os viram?

– Antes de ontem. Vim para cá ontem. No caminho encontrei o camarada Comissário, ontem à tarde.

– Avisaste-o?

– Sim. Disse que estava bem.

– Não disse para me avisar?

– Não. Disse só que estava bem. Eu vim porque já estava perto, aproveito comprar umas coisas em Dolisie.

O Comissário quis assumir sozinho a responsabilidade, pensou Sem Medo. Era o que tinha a fazer. Despediu o velho e mandou o jipe de urgência buscar o Chefe do Depósito. Enquanto esperava, foi resolvendo os pequenos assuntos dos militantes de Dolisie. Mas o seu pensamento estava longe. Os tugas no Pau Caído era uma má notícia. Em breve descobririam a Base. Além disso dali podiam cortar o caminho do reabastecimento, a entrada em Angola não era bastante camuflada, prestava-se bem a ataques. E aquele tipo do João que fora sozinho e furioso! Eles lá saberão o que hão de fazer, não tenho que me preocupar.

O Chefe do Depósito chegou, entrou no *bureau* e deixou-se cair numa cadeira.

- Que há, camarada?
- Que há? Não dormi esta noite.
- Por quê, está doente? – perguntou Sem Medo.

O Chefe do Depósito era um homem pesado, aparentando quarenta anos. Suspirou.

- Esses presos! Tive de fazer guarda toda a noite.
- Por quê? Não há gente para fazer guarda?
- Há. Mas eu não tenho confiança. Só em dois ou três é que eu tenho confiança. Os outros deixavam fugir os presos, é certo.
- Conhece bem a sua gente, camarada Chefe!
- Conheço, sim.

Sem Medo sorriu: o Chefe do Depósito era kimbundo.

– Não foi por causa disso que o chamei. Vieram agora informar-me que os tugas estão no Pau Caído.

- É verdade?
- Sim, parece. Sabe o que isso quer dizer?
- Sei, sim, camarada Comandante. Perigoso!
- É preciso tomar medidas. O Depósito fica de prevenção. Ninguém pode sair. Mande limpar as armas.

– Está bem. Aqui fora há militantes que podem pegar numa arma, para reforçar.

- Faça-me a lista desses – pediu Sem Medo.
- Depois mando, camarada Comandante. A todo o momento eles podem atacar a Base.

– Ou fazer emboscada na fronteira ou no Cala-a-Boca. Não sei se da Base vão mandar um grupo para lá, temos de pensar nisso nós aqui de Dolisie. Os guerrilheiros fazem falta na Base, aqui é que não fazem falta nenhuma.

– Pode contar connosco, camarada Comandante, faremos todos os possíveis. Perigoso, muito perigoso.

- É perigoso, sim – disse Sem Medo.
- E sobre os presos? – perguntou o Chefe do Depósito.
- Ponha de guarda os seus homens de confiança e vá dormir. Eles ficam assim, enquanto não vem o novo responsável.

O Chefe do Depósito saiu e entrou Ondina.

- Estás muito ocupado?
- Sim.

- Sobre mim, que decides?
- Eu nada. Espero instruções.
- Não fizeste um relatório sobre a decisão do João?
- Não faço relatórios sobre assuntos pessoais.
- Mas não é pessoal, Sem Medo. Podias mandar dizer que o João aceitou a separação. Já não haverá nada que faça a Direção retardar a minha partida.
- Queres partir, Ondina?
- Que estou a fazer aqui? Ao menos que me castiguem e mandem para o Leste!
- Espera mais uns dias. Ao menos enfeitas a casa!
- Não te sabia tão galanteador, Sem Medo. Diz. O meu atraso não depende de ti?
- Como, de mim?
- Não és tu que deves informar a Direção?
- Não. Isso já está nas mãos da Direção, não tenho nada a ver.
- Bom. Posso ao menos sair do *bureau* ou estou aqui presa?
- Podes sair à vontade.
- Então, até logo, Sem Medo.
- Até logo, Ondina.

Sem Medo ficou vendo as ancas que se afastavam. Acendeu um cigarro e mandou entrar o militante seguinte. Era um pedido de um par de calças.

Eis-me agora a resolver problemas de par de calças, pensou ele. Acabei mal, não há dúvida. O Comissário tinha razão: um perfeito falhado. Esperemos que eles tomem todas as medidas de segurança, que o João não faça asneiras.

- Não fará – disse em voz alta.
- Como, camarada Comandante?
- Nada, nada, estava a pensar noutra coisa.

Pronto, agora este pensa que enlouqueci. Também não falta muito: basta que me mantenham um mês neste posto. Como estará o Mayombe? Verde, como sempre.

EU, O NARRADOR, SOU O CHEFE DO DEPÓSITO.

É a segunda noite que não vou dormir, por causa dos presos. Se adormecer, eles fugirão.

Fui combatente na Primeira Região, servi de guia aos grupos que do Congo entravam em Angola ou saíam para o Congo. Fui para o interior de novo com o Esquadrão Kamy e, depois do fracasso, consegui voltar. Doente, fiquei a trabalhar no Depósito. Até hoje. A saúde não me permite estar permanentemente na guerra e tenho pena. Mas tomar conta do material de guerra também é fazer a revolução.

Lá em Quibaxe, eu já era homem e casado, quando começou a guerra. Camponês sem terra, trabalhava na roça dum colono. Entrei na guerra, sabendo que tudo o que fizesse para acabar com a exploração era correto. E tudo fiz. Mas não foi tão rápido como se imaginava. Os traidores impediram a luta de crescer. Traidores de todos os lados. É mentira dizer que são os kikongos ou os kimbundos ou os umbundos ou os mulatos que são os traidores. Eu vi-os de todas as línguas e cores. Eu vi os nossos próprios patrícios que tinham roças quererem aproveitar para aumentar as roças. E alguns colaboraram com a Pide.

Por isso, Sem Medo tem razão. Por isso não durmo, para que haja justiça. Ingratidão cometeu um crime contra o Povo e quem o ajudou a fugir cometeu também. É justo serem castigados.

Já sou velho, já vi muita coisa. As palavras têm valor, o povo acredita nas palavras como deuses. Mas aprendi que as palavras só valem quando correspondem ao que se faz na prática.

Sem Medo fala como age. É um homem sincero. Que me interessa a língua que falaram os seus antepassados?

Ele está sozinho aqui, em Dolisie. Rodeado de inimigos ou, pelo menos, de pessoas que não o compreendem. Os guerrilheiros apreciam-no como Comandante, mas desconfiam dele porque é kikongo. Eu aprecio-o e não desconfio dele.

Por isso fico acordado.

Capítulo IV

A SURUCUCU

Um dia passou, sem novidades. Sem Medo esperava notícias da fronteira ou da Base. Outro dia passou e a preocupação diminuiu. Talvez fosse apenas engano dos caçadores ou o exagero natural do mujimbo. No entanto, o Comandante manteve o Depósito de prevenção.

Ao jantar, só havia Ondina: os outros militantes estavam retidos no Depósito. Comiam o pão com chá, em silêncio.

– Andas preocupado – disse Ondina.

Ela não sabia de nada e não pudera compreender as idas e vindas. Sem Medo encolheu os ombros.

– Estou farto de estar aqui. Só há problemas de dinheiro ou de indisciplina. A guerra está longe do pensamento de todos. Numa Revolução, há os que vivem para ela e os que vivem dela. Dir-se-ia que aqui se juntaram todos os que querem viver da Revolução. E são os que sugam mais recursos e mais tempo.

– Se fôssemos dar uma volta? Podias-me convidar a passear.

– Não posso. Podem procurar-me para um assunto urgente.

– O André não se preocupava com isso – disse Ondina. – Saía sempre que lhe apetecia.

– O André era um burocrata e um sabotador. Agradeço que nunca me compares ao André.

Ondina baixou os olhos com a frieza súbita de Sem Medo. Sussurrou:

– Não queria comparar-te ao André, desculpa.

– Sair não podemos. Mas, se quiseses, podemos ir para a varanda apanhar fresco.

Foram para a varanda, deserta e escura. Sentaram-se no chão de cimento, contemplando as estrelas e os quintais vazios. O movimento da pequena cidade tinha terminado, apenas por vezes passavam pessoas a pé a caminho dum bar.

– Nunca gostei das cidades pequenas – disse Sem Medo. – Ou das grandes cidades ou do mato. As cidades pequenas põem-me doente.

– O que não suportas é trabalhar num *bureau*.

– Isso também, claro. Mas as cidades pequenas, em que todos sabem tudo, põem-me doente.

– Por vezes penso que fugiste do teu curso, com o pretexto de vir para a luta. Não te vejo como economista, sentado a uma secretária. No outro dia observei-te. Estavas sentado à secretária e mexias todo o tempo, como quem está incomodamente instalado. Como economista, devias ser bem infeliz...

– Depende. Há economistas que se mexem, que não trabalham num *bureau*. Não me vêes como economista, vêes-me então como?

– Militar.

– Só?

– Sim, só te vejo como militar.

– Também eu, Ondina. Esse é o problema. Porque um dia será necessário abandonar a arma, já não haverá razão para vestir farda... Porque também não gosto de estar num exército regular.

– Que farás então, quando acabar a guerra?

– Não sei. Isso não me preocupa. E tu?

– Estamos a falar de ti. Não te vejo também como marinheiro, não é esse o teu género. E não és pessoa para viver duma pensão e entreter os outros com os teus feitos na guerra.

– Em suma, não tenho futuro. Mas isso não me atrapalha.

– No entanto, deves fazer planos. Por vezes não sonhas com o futuro?

– Sim.

– O quê?

– Coisas impossíveis.

– Por exemplo?

– Ora. Que todos os homens deixam de ser estúpidos e começam a aceitar as ideias dos outros. Que se poderá andar nu nas ruas. Que se poderá rir à vontade, sem que ninguém se volte para ti e ponha um dedo na cabeça. Que se faça amor quando se quiser, sem pensar nas consequências. Etc., etc. Coisas impossíveis, como vêes.

– Pensas realmente isso?

– Se te digo!

Ondina sorriu. Apontou um bêbado que passava, cambaleando.

– Também eu gostaria. No entanto, estou a apontar aquele bêbado. E na rua, seria capaz de me virar para trás e rir dele.

– Também eu, Ondina. Isso é que me enraivece. Queremos transformar o mundo e somos incapazes de nos transformar a nós próprios. Queremos ser livres, fazer a nossa vontade, e a todo o momento arranjam desculpas para

reprimir os nossos desejos. E o pior é que nos convencemos com as nossas próprias desculpas, deixamos de ser lúcidos. Só covardia. É medo de nos enfrentarmos, é um medo que nos ficou dos tempos em que temíamos Deus, ou o pai ou o professor, é sempre o mesmo agente repressivo. Somos uns alienados. O escravo era totalmente alienado. Nós somos piores, porque nos alienamos a nós próprios. Há correntes que já se quebraram mas continuamos a transportá-las connosco, por medo de as deitarmos fora e depois nos sentirmos nus.

– Hoje estás abatido, Sem Medo.

– É sempre assim quando...

– Quando?

– Nada.

Ondina olhou-o. Ele sustentou o olhar dela, mas não falou. Ela baixou os olhos. Sem Medo observou-a à vontade. Ondina estava na sua posição habitual, a cabeça baixada para o chão, as mãos entre as coxas, que sobressaíam da saia subida, o ventre dilatando-se suavemente. Ondina era bela? Talvez não, tinha qualquer coisa de menina inacabada sendo mulher. A posição realçava essa sensação, sentada no chão com as pernas fletidas. Via-a difusamente pela luz que vinha do candeeiro da rua. O silêncio que se seguiu colocou uma barreira entre os dois. Ela foi a primeira a falar.

– Tu és um homem, podes ser muito mais livre. Se queres uma mulher, nada te retém.

– Como tu, é igual.

– Não, a sociedade é muito mais severa para uma mulher.

– Não estava a falar da sociedade, mas da moral individual.

Ondina riu.

– É engraçado. Tu tens uma moral individual?

– Estás a ofender-me. Achas-me um tipo sem moral?

– Estamos a falar de coisas diferentes. No aspeto sexual, por exemplo, a tua moral por vezes impede-te de satisfazer os teus desejos?

– Mas era isso o que eu dizia! Uma pessoa é levada a pensar nas consequências e trava os desejos.

– Tu?

– Pensas então que sou um tarado sexual...

– Não. Um libertino.

– Nem isso. Conheci um libertino. Conheci um monte de pessoas, devia

ser escritor para as descrever. Foi em Praga, nas férias. Um verdadeiro libertino. Mulher que lhe agradasse não lhe escapava, mesmo se fosse a sua irmã.

– Que lhe aconteceu?

– Nada. Não sei, deve ter continuado assim. Eu não sou um libertino. Fui demasiado marcado pelos tabus para o poder ser. A um momento dado, pensei ser essa a solução, fiz tudo para me criar uma filosofia libertina. Mas não consegui, desconsigui mesmo, apareceram sempre problemas morais a estragar tudo. Discuti muito com esse amigo de Praga e vi que havia um mundo entre nós. Pelo menos uma geração.

– Era Checo?

– Não. Francês. Um comunista. Comunista, talvez não no sentido clássico, ortodoxo, da palavra, mas no meu sentido.

– No de que as mulheres são coletivas?

– Que ideias são essas? Isso é propaganda católica anticomunista. Para ele, toda a mulher devia ser livre de o aceitar ou de o recusar, assim como ele era livre de desejar ou não qualquer mulher. Só isso. E se houvesse consequências, cada um era livre de as aguentar. Era um comunista, não no sentido de que as mulheres são coletivas, mas no de que são tão livres como os homens livres. Como vês, é um programa que cabe numa mão.

– Há tipos que não são comunistas e pensam assim.

– Eu sei, Ondina. Isso não chega para fazer o comunista. Mas ele tinha todo o resto. E o burguês ou o pseudorrevolucionário como nós pode pensar assim, mas nunca é coerente até ao extremo dos seus atos. Ele foi a pessoa mais livre que conheci. Sempre o invejei. Depois compreendi que nunca poderia ser como ele e conformei--me. Um homem deve conhecer exatamente os seus limites e aceitá-los. De outro modo é um parvo que se ilude sobre si mesmo. Ou um desonesto.

– Mas ele punha os seus desejos acima da Revolução?

– Era o seu drama, dizia-me ele. Por vezes sucedia desejar uma mulher e ter um trabalho urgente, sem possibilidades pois de a seguir. Nesse momento, escolhia o trabalho.

– Então não era livre.

– Ninguém pode ser livre quando tem uma Revolução a fazer. Mas ele, mesmo assim, foi o mais livre que encontrei, pois só as razões sociais ou políticas o podiam travar. Não eram razões de moral individual, ou porque

ela é casada ou porque... sei lá mais quê. Há homens que não traem a mulher apenas porque não gostariam de ser traídos e têm consciência de que a liberdade é igual para todos. Já são evoluídos, mas terás de reconhecer que ainda ficam longe do meu libertino de Praga. E esses são os mais evoluídos da nossa sociedade.

– Como tu o farias?

– Eu? Eu não me casaria, é o mais simples.

– Estás a fugir à resposta.

– Tu és viva! – Sem Medo sorriu-lhe com ternura. – Tens razão, estou a fugir. Vou ser sincero, ao menos uma vez na vida. Eu detestaria, não poderia mesmo suportar, que mulher minha dormisse com outro. Sei o que é isso, já o sofri, não poderia repeti-lo. Acho, no entanto, que ela deveria ser tão livre como eu para ter as suas aventuras. Se casasse, o que se passaria? Ser-lhe-ia fiel. Não porque não desejasse outras mulheres, mas para poder exigir dela a mesma fidelidade. Como vês, o casamento seria uma prisão hipócrita. Por isso não caso. Ainda não cheguei, nem chegarei nunca, ao nível do meu amigo de Praga. Para ele isso era natural, estava na ordem das coisas.

– Afinal era casado?

– Sim, com uma alemã do Leste.

– Como era ela?

– Como ele. Perguntas como era fisicamente? Muito bela, verdadeiramente muito bela. Tinha uns olhos azuis que, por vezes, sobretudo quando a luz batia neles, tinham fulgurações violeta.

– Poeta...

– Há mulheres que me fazem poeta.

– Dormiste com ela?

Sem Medo acendeu um cigarro. Viu Karin à sua frente, uma rainha de desafio, plantada sobre as pernas afastadas e as mãos nas ancas, um sorriso trocista.

– Não. Fugi dela. Foi aí que compreendi que nunca poderia ser como o meu amigo. Ela provocava-me, acariciava-me e eu fazia-me desentendido. Por que? Porque era mulher do meu amigo, o qual, aliás, estava-se marimbando para que eu dormisse com ela ou não. Até acharia bem! Como vês, não sou um libertino.

– Ele não gostava dela – disse Ondina.

— É o que diria a minha mãe e a minha tia, e a tia da minha tia... Não estou tão certo como tu. Raciocinamos em função da nossa sociedade, sociedade assimilada à cultura judaico-cristã europeia, em que o homem tem de ser ciumento, porque é o bode do rebanho e a mulher é a sua propriedade. No fundo, que acontece à propriedade que é arrendada a outro? Às vezes até fica renovada, rejuvenescida, com o empate de capital e de trabalho. Mas nós não compreendemos isso. A mulher é uma propriedade especial. Temos uma geração de atraso. Nós, os citadinos, que somos pretos por fora. Olha, um congolês que apanhou a mulher em flagrante, aí numa buala perto da fronteira, exigiu o pagamento pela ofensa, claro. Um camarada perguntou-lhe se não ficou zangado. Ele respondeu: por quê? Isso não gasta a mulher. E esta é a maneira de pensar do africano que tem pouco contacto com a religião cristã. Nós estamos aculturados, corrompidos, muito mais alienados.

— É por isso que não casas, Sem Medo? Porque o ciúme é a alienação?

— Hoje essa é a razão principal. Ontem pode ter sido outra. Há muitas razões para uma atitude dessas, depende das ocasiões e das conversas. Por isso nunca ninguém é sincero. Só se apresenta um motivo, o que deturpa totalmente a interpretação do problema. Mas chega de falar de mim. Falemos de ti.

Ondina levantou os braços e deixou-os de novo cair.

— Dá-me um cigarro. Eu cá sou uma libertina. Poderia casar perfeitamente com o teu libertino de Praga, que faríamos um casal perfeito...

— É mentira! Ainda há pouco dizias que ele não amava a mulher por não ser ciumento.

— Não me deixaste acabar. Faríamos um casal perfeito, mas quem falou em amar? Para mim, o casal perfeito é aquele onde há ternura e vontade de estar por vezes com o outro. O amor destrói os casais. Não acredito no amor. Eu só casaria com um homem como o teu amigo, por quem sinta amizade e uma certa atração física. Mas nunca encontrei um homem desses.

— Não acredito numa palavra — disse Sem Medo.

— Neste momento penso assim.

— De acordo. Mas ontem não o pensavas.

— Oh! Ontem, sim.

— Está bem. Mas aqui há um mês não o pensavas.

Ondina encolheu os ombros.

– Tu próprio disseste que nunca se diz tudo. Também posso ser ciumenta, depende das alturas. No começo duma relação sou ciumenta. À medida que o tempo passa, deixo de o ser. Isso significa que me farto da pessoa.

– Não és ciumenta do João?

– Por que falar do João, Sem Medo?

– Porque ele está aqui presente.

– Talvez em relação a ti. Eu já o tinha esquecido.

– Mentirosa!

Ela voltou a fazer o seu gesto de levantar os dois braços esticados, ao mesmo tempo.

– Tinha-o esquecido. Já estava tão longe! Para ti não? No fundo, tu é que devias ser mulher dele.

– Foi o que ele me disse. Até insinuou que pensava que eu fosse homossexual...

– Dás demasiada importância às palavras dele.

– És uma boa aluna! Repetes-me o que te lancei no outro dia... É por isso que uma pessoa não deve atirar chavões à toa: eles vêm sempre bater na cabeça de quem os proferiu.

Fumaram em silêncio. Agora era Ondina que observava Sem Medo, perdido a contemplar as estrelas. Sem Medo era belo? Sim, sem dúvida. Dele transpirava força, não a força física animal, mas uma força controlada, desejada. A barba aprofundava-lhe o aspeto de leão que dorme tranquilamente, seguro de si. Demasiado seguro de si, fora isso que a irritara quando se conheceram. Vencera-a com a tranquilidade de quem está habituado a vencer e já não dá importância à vitória. Ao pé dele, Ondina sentia-se uma garota intimidada, precisando de se salientar para chamar a atenção sobre si. O desafio contra ele tornara-se impossível, o duelo não tinha sentido: Sem Medo não se prestava a ele, não por receio, mas por desinteresse pela conquista. E, no entanto, Ondina pressentia que Sem Medo a desejava e que sentia mesmo ternura por ela.

Talvez porque ele estivesse calado, longe num mundo a que ela não tinha acesso, Ondina disse:

– Uma mulher tem medo de te amar, de se prender a ti... É como se tivesses sempre a mochila às costas, pronto a escapar.

Sem Medo foi tocado pela queixa, porque era uma queixa sussurrada. Virou-se para ela.

– Já me disseram isso.

– Quantas mulheres já se apaixonaram por ti, Sem Medo? As que conheces e aquelas que calaram, por medo de parecer ridículas? Quantas choraram, quantas fugiram antes de cair na rede de onde se não volta mais?

– Não sei, algumas.

– Milhares!

– Por que dizes isso?

– Tu és o género de homem que as mulheres gramam. Tu passas por elas, indiferente e altivo. As mulheres são masoquistas, gostam de quem as trata como mercadoria cara mas acessível para os recursos do comprador. Assim tu as consideras...

– Isso é uma declaração de amor?

– Não.

– Ah bom! Senão fugia já!

Ondina riu sem vontade. Sempre o humor a travar uma conversa que se torna perigosa. Ondina compreendeu que o humor de Sem Medo era uma defesa. Foi nessa altura que o desejo entrou a sério nela, um desejo incontável que a levou a cruzar as pernas e apertar o sexo com as coxas. Sem Medo olhou-a. Ela desviou a vista. Mas engoliu saliva e ele sentiu a comunicação. Deixou-se penetrar aos poucos pelo desejo dela, crescendo nele o seu. Depois segurou-lhe num braço e puxou-a para si. Ondina ofereceu os lábios e ele bebeu a sede deles.

– Vamos para o meu quarto – disse ele.

Ondina levantou-se e seguiu-o, apertando as coxas para não gritar. O corredor estava vazio e entraram no quarto. Ela ia despir-se sofregamente, mas Sem Medo impediu-a com um gesto. Abraçou-a. Beijaram-se longamente. Só então ele a levou para a cama.

A meio da noite, acenderam-se cigarros.

– Ninguém entra aqui? – perguntou ela.

– Não. Se alguém, por acaso, bater à porta, põe-te atrás dela. Ninguém entrará.

– Ficavas mal se soubessem. Eu não, que a minha reputação já está estabelecida. Mas tu...

– Só me importaria por causa do João.

– Por quê?

– Não lhe seria nada agradável saber.

– Mas já acabou comigo!

– E depois? Julgas que matou o amor e o ciúme num dia? Iria pensar que foi tudo uma tática minha para ficar contigo. Considera isso estúpido, se quiseres, mas é assim. Sabes lá o que uma pessoa imagina quando está sozinha a pensar que o objeto de amor está com outro! Julgas que se não rebola ainda na cama, pensando em ti?

– Não fales dele.

Ondina quase gritara. Não é insensível a ele como queria parecer, pensou Sem Medo. Não se admirou com a constatação. Ondina era um vulcão, todos os elementos da Natureza desencadeados por um herói mítico. Sem Medo sabia agora por que o Comissário falhara. Demasiado tarde para o ajudar.

– Tu nunca tiveste prazer com ele.

– Para que queres saber?

– Não estava a perguntar – disse Sem Medo. – Estava a afirmá-lo, por isso escusas de responder.

Ondina deitou o cigarro fora. Soergueu-se na cama e ofereceu--lhe o peito jovem. Sem Medo mordeu-lhe levemente o bico da mama e ela torceu-se para trás, entregando-se. Ele afastou-se.

– Por que não vens? – disse ela.

– Ainda não acabei o cigarro.

– És odioso!

Ele sorriu. Afagou-lhe as coxas com a mão livre e ela apertou-lhe a mão. Sem Medo deixou ficar a mão e continuou a fumar.

– Nunca nos demos bem. Ele controlava-se demasiado, ou controlava-me demasiado, não sei. O certo é que estava sempre ausente, preocupado... crispado.

– Foi aí que tudo falhou.

– Salvo da última vez. Quando me forçou, foi maravilhoso. Foi violento, apaixonado, pagava-se, desforrava-se, sem se preocupar com o prazer que despertava no outro. Por que não era assim antes, Sem Medo?

– Ainda não tinha sido chicoteado... Não podia ser assim antes. Foi com o fracasso que ele aprendeu. Se fracasso houve! Há agora. Sim, agora há um fracasso, pois nada queres com ele. Mas vocês podiam tentar recomeçar.

– O passado não se apaga, Sem Medo.

– Podes ajudá-lo a apagar o passado, aos poucos ele esquecerá.

– Mas eu sou assim, gosto de conhecer novos homens. Mais tarde desejarei outro. No fundo, não será pelo homem em si, mas pelo facto de ser uma novidade.

– Gostas da descoberta, não é? Gostas do risco dos primeiros passos, da luta cautelosa que leva à aproximação final, a entrega cheia de reticências do início até à entrega total. Não é isso?

– Exato. Como sabes?

– Ora, é normal. Isso é passageiro. Penso que é uma fase no desenvolvimento da personalidade. Eu fiquei por essa fase. É um lado infantil, inacabado. Ou talvez seja isso o amor. O homem tem atração pelo que lhe faz medo. O mar, o deserto, o abismo, a ideia de Deus, a morte, o relâmpago... Enfrentar pela primeira vez uma outra pessoa faz medo, por isso atraí os aventureiros. Há no entanto casais que só encontram o verdadeiro prazer muito depois do primeiro amor. Não se podem estabelecer leis universais.

Sem Medo acabou o cigarro. Esmagou-o no cinzeiro e Ondina deitou-se sobre ele. Ele aceitou-a.

Voltaram a fumar mais tarde. Sem Medo ligou o rádio para a Emissora Oficial. Dava música angolana.

– Contigo, sim, ficaria – disse Ondina. – Contigo viveria.

Sem Medo deixou-se abraçar. Ela afagou-lhe o cabelo, beijou-lhe a barba, os olhos.

– Contigo ficaria, Sem Medo.

Ele abanou a cabeça. Beijou-a.

– Não, Ondina. Não aceitaste o Comissário porque ele se submeteu a ti. Comigo, seria o contrário: ias-te submeter a mim.

– Sim, não me importo. É mesmo disso que preciso. Dum homem forte que me domine. Sinto-me como um animal selvagem que tem de ser domado. Os animais domados são os mais fiéis ao seu dono!

– Não quero dominar ninguém.

Ia dizer: não preciso de dominar ninguém, mas mudou a frase a tempo. Ondina encostou-se a ele e murmurou:

– Talvez te dominasse também.

– Quando o sentisse, ir-me-ia embora. Por isso não vale a pena tentar. Fiquemos nesta noite, que foi inesquecível. Para que estragar tudo, procurando a continuidade impossível? Há coisas feitas para serem únicas,

tal esta noite.

Foram acordados por pancadas raivosas na porta. Ondina correu para trás da porta, tapada pelo lençol. Sem Medo perguntou para fora, enquanto enfiava as calças:

- Que há?
- A Base foi invadida! – gritaram.
- O quê?
- A Base foi invadida!
- Qual Base?
- A Base, a sua Base, camarada Comandante.

Sem Medo atrapalhou-se a vestir as calças, esqueceu Ondina, abriu a porta. Vewê estava do outro lado, exausto. O Comandante estava com as calças meio enfiadas, torcidas, lutando nervosamente para as arranjar. Vewê não reparou.

- A Base, Comandante, a Base...

Ondina escondia-se atrás da porta, agora aberta. Sem Medo foi procurar as botas debaixo da cama. Vewê entrou, Sem Medo não o impediu.

- Procura-me aqui o raio das botas... A Base, dizias tu... Como foi?

Vewê agachou-se no chão para procurar as botas. Ao virar-se, Sem Medo apercebeu o vulto branco do lençol e lembrou-se de Ondina.

– Vem, vamos para fora. Conta primeiro como foi. E arrastou Vewê para fora do quarto.

- Os tugas atacaram.

- O Comissário?

– Não sei. Eu estava no forno, ouvi as rajadas, vi os camaradas a correr, a fugir, fui à minha casa buscar a pistola que tinha deixado lá. Os camaradas fugiram para o sítio onde estava o inimigo.

– Espera, depois contas. Vai chamar o Kandimba. Já venho, é só encontrar as botas.

Voltou a entrar no quarto. Ondina estava sentada na cama. Sem Medo procurou as botas, enfiou-as, vestiu uma camisa de farda, passou a cartucheira à volta da cintura e pegou na AKA.

- Vou buscar gente ao Depósito.
- O que vais fazer? – perguntou Ondina.
- Chegar à Base. Salvar o que se puder salvar.

Ondina apertou-lhe as mãos. Os olhos brilhavam com as lágrimas.

– Se o João foi apanhado?

Sem Medo encolheu os ombros.

– Tens de o salvar, Sem Medo. Tens de o salvar. Por esta noite, por mim, tens de o fazer.

– Afinal gostas mesmo dele!

Ondina deixou-se cair, soluçando, sobre a cama.

– Se alguma coisa lhe sucedeu... Oh, se alguma coisa lhe sucedeu, sou eu a culpada...

– Disparates! Foste tu que levaste o tuga lá? Eu vou salvá-lo, se for possível.

Sem Medo beijou-lhe a nuca e saiu, fechando cuidadosamente a porta. A nuvem que estava à frente dos olhos desapareceu. No jipe, largado a cem à hora para o Depósito, Vewê contava.

– O camarada Comissário trouxe a notícia que os tugas estavam no Pau Caído. Mandaram um grupo patrulhar a montanha à frente do Pau Caído. Afinal o inimigo já tinha avançado, porque nos atacou.

– Quem chefiava esse grupo?

– O Chefe de Operações.

– Continua.

– O Comissário mandou reforçar as guardas e cavámos abrigos. Foi aí que ouvi as rajadas e gritos de “apanha vivo, apanha vivo”! Não sabia o que fazer, lembrei-me que deixei a pistola no quarto, fui buscar. As minhas roupas podia deixar, a pistola é que não. Foi aí que vi os camaradas a correr, todos em fila. Mas iam para o lado donde vinham os tiros. Devem-se ter atrapalhado.

– O Comissário?

– Não o vi. Lembrei-me do guarda, que estava do outro lado, fui--lhe avisar. Ele já estava a avançar para a Base. Veio comigo e recuámos pela montanha.

– Que pensas que sucedeu aos outros?

– Eles foram a correr para onde estava o inimigo...

Havia qualquer coisa na história que intrigava Sem Medo. Mas não estava com o raciocínio claro.

– Por qual lado atacaram eles?

– Pelo rio.

– Só pelo rio?

– Os tiros vinham só daí.

O tuga não é assim tão estúpido! Atacar uma Base só por um lado? E como é que o Muatiânvua ou o Verdade, ou mesmo o Comissário, iam correr para o lado dos tiros, se tinham a montanha livre? Sem Medo parou de refletir porque chegou ao Depósito.

Entrou em tromba, buzinou, gritou. Os homens levantavam-se estremunhados, as armas na mão. Apareceu também o Chefe do Depósito, vestindo-se.

– A Base foi atacada – gritou Sem Medo. – Vá com o camião recolher todos os civis que possam dar tiros. Eu levo os guerrilheiros no jipe. Encontramo-nos no *bureau*.

O camião arrancou quase imediatamente. Sem Medo ficou com os guerrilheiros, escolhendo as armas para os civis. Carregaram as munições no jipe e duas metralhadoras ligeiras. Quando a operação estava terminada, o jipe arrancou para o *bureau*. O camião já lá estava, cheio de homens. Saltaram do carro e rodearam o jipe do Comandante.

– Vamos tentar chegar à Base – disse Sem Medo. – Só quero voluntários. Quem tem medo que não suba no camião, não vale a pena. A Base foi atacada, não sabemos o que se passa com os nossos camaradas. Quem não quer ir, não é obrigado. Os que querem ir, venham receber as armas e as munições.

Os homens todos estenderam as mãos para receber as armas. O Chefe do Depósito distribuiu-as.

– Camaradas, o MPLA tem homens! – disse Sem Medo.

Saltou do jipe e entrou no *bureau*, para esconder a comoção. Encontrou Ondina no caminho. Ela apertou-lhe as mãos.

– Promete-me que farás tudo.

– Já o prometi, Ondina.

– Obrigada.

Sem Medo deu algumas ordens a Kandimba e voltou ao jipe. Os homens subiram para os dois carros e estes arrancaram a grande velocidade. Atravessaram a cidade adormecida e meteram-se pelo mato, a caminho da fronteira. Ao lado do Comandante, que continuava a guiar o jipe, ia Vewê. Corajoso, o miúdo! Não esqueceu a pistola nem o guarda. No meio dos seus sentimentos contraditórios, Sem Medo pôs-se a pensar nas três gerações de

combatentes que estavam representadas por ele, pelo Comissário e por Vewê. A de Vewê seria fatalmente a melhor, aquela que iria conquistar a vitória final. Nós somos as pedras, mas só as pedras, da catedral. Ele é o teto, a torre do sino... Merda, lá estou eu a fugir para o lado religioso!

– E o Chefe de Operações? E o guarda? – perguntou o Comandante, quase gritando para se fazer ouvir.

– Encontrei-o – disse Vewê. – O guarda ficou com ele, eu vim avisar. O Chefe de Operações está à sua espera na cascata. Ele disse logo que o camarada Comandante ia vir com um reforço, não se ia deixar ficar em Dolisie à espera do mujimbo.

– E que reforço! Viste como todos se ofereceram? Esqueceram as tribos respetivas, esqueceram o incómodo e o perigo da ação, todos foram voluntários – bateu na perna de Vewê. – É por isso que faço confiança nos angolanos. São uns confucionistas, mas todos esquecem as makas e os rancores para salvar um companheiro em perigo. É esse o mérito do Movimento, ter conseguido o milagre de começar a transformar os homens. Mais uma geração e o angolano será um homem novo. O que é preciso é ação.

Vewê nada disse, agarrado fortemente à parte da frente do jipe, para aguentar os solavancos do carro, embalado sobre um terreno feito para cultivar. Mas não se pôde impedir de pensar que o Comandante lhe parecia mais otimista que nunca, numa altura em que talvez se tivesse de voltar a partir do zero, com a perda dos melhores guerrilheiros.

O jipe continuava largado, lançando uma nuvem de pó para trás. O camião tinha-se atrasado, por causa do pó. O capim alto dos bordos do caminho fustigava as costas dos guerrilheiros, que se abaixavam constantemente para não apanharem com ele na cara.

– *Ça va*, camaradas? – perguntou Sem Medo.

– Pode ir mais depressa, a gente aguenta – disse um guerrilheiro.

Sem Medo meteu o acelerador a fundo. Andaram mais uns quilómetros e o caminho tornou-se impraticável. O dia já nascia e a fronteira estava diante deles. A fronteira manifestava-se por uma linha de montanhas coroadas de árvores. Tiveram de parar os carros. Camuflaram-nos com ramos e capim. Puseram-se em coluna. Sem Medo disse:

– Vamos encontrar o grupo do Chefe de Operações na cascata. Mais uma vez repito: quem tem cagaço, que fique!

– Já ouvimos, camarada Comandante. Vamos mas é avançar – disse um velho guerrilheiro.

Sem Medo pôs-se à frente da coluna, imprimindo-lhe um ritmo diabólico. A noite de amor marcara-lhe profundamente as feições. Ondina, oh, Ondina, que mulher! Sorriu à lembrança. Ela ama o João, é evidente. Mas não o quer, para não mais o fazer sofrer. Não deixa de haver uma certa dignidade nos seus atos. Melhor, há mesmo muita dignidade. No entanto, é o João o seu homem. É isso que é estúpido: agir no presente pressupondo um futuro incerto. Nunca se deve agir em função do futuro. Mas quem não o faz? Ondina é profundamente humana, decidiu Sem Medo.

O Chefe do Depósito vinha logo a seguir ao Comandante. Cansado pelas noites sem dormir, doente, escondia o esforço para acompanhar o ritmo de Sem Medo. Este, de vez em quando, virava-se para trás e piscava-lhe o olho. O Chefe do Depósito sorria, percebendo o encorajamento.

Ao fim de duas horas de marcha, chegaram à cascata, que marcava o limite da fronteira. O Sol inundava o Mayombe de todos os tons do verde. E vou abandonar este arco-íris de verdes, pensou Sem Medo com angústia, a troco do arco-íris de amarelos do Centro ou Sul?

Os guerrilheiros que formavam o grupo do Chefe de Operações vieram ao seu encontro; entre eles, Mundo Novo. Abraçaram-se.

– Não pude fazer o reconhecimento esta noite – disse o Das Operações –, pois o Vewê apareceu por volta da meia-noite.

– E antes?

– Aproximámo-nos do Pau Caído, vimos muitos rastos. Era claro que o tuga estava lá. Viemos para aqui, pois da fronteira era mais fácil ele encontrar o caminho da Base. Os outros caminhos estão todos minados.

– Então como é que o inimigo chegou à Base?

– Não percebo – disse o Das Operações. – Só se há um caminho que não conhecemos, o que é quase impossível, pois os caçadores teriam dito e nós nunca o encontrámos. Isso é quase impossível. Ou então houve uma traição. O Lutamos saiu para a caça.

– Continuas a desconfiar do Lutamos?

– Claro!

– Lutamos não traiu.

– Como o sabe?

– Não sei – disse Sem Medo. – Pressinto. Conheço os homens e

raramente me engano sobre eles.

– Mas então como explicar?

– Saberemos mais tarde. Quantos homens estão contigo?

– Nove, camarada Comandante.

– Trouxe trinta. É um grupo suficiente para atacar a Base, se o inimigo ainda lá estiver.

– Oh, ele nunca fica muito tempo numa base nossa, é melhor perder as esperanças.

– Eu sei. Mas devemos contar com tudo. Também não sabemos explicar como ele chegou lá, portanto... Estamos em pleno mistério. Pode ser que, também contra todas as previsões, ele ainda lá esteja. Daqui a bocado, acredito nos espíritos! Avancemos!

Sem Medo meteu-se à frente da coluna. Precisavam de ir a corta--mato, pois o inimigo devia controlar o caminho de acesso à Base. O Chefe de Operações pôs-se ao lado de Sem Medo.

– Desculpe, camarada Comandante. Mas o camarada deve ir no meio da coluna. Vou eu à frente.

– Deixa-te disso!

– Não. Pode haver uma mina, nunca se sabe. O comandante é demasiado importante para ir à frente.

Sem Medo não respondeu. Obedeceu. Vários guerrilheiros se puseram entre ele e o Chefe de Operações, que abria a mata à catanada.

Marcharam todo o dia, pois tinham de abrir o caminho e dar voltas para não se aproximarem do trilho normal. As lianas defendiam o segredo da sua impenetrabilidade, mas os homens eram teimosos e vergavam o deus-Mayombe a seus pés. Às seis da tarde, exaustos, chegaram a quatrocentos metros da Base.

– Não podemos avançar mais – disse Sem Medo. – Atacaremos de madrugada.

Todos concordaram. Deitaram-se sem comer. Não tinha havido tempo de se pensar em preparar comida, no momento da partida. Há cerca de 24 horas que nenhum de nós come, pensou Sem Medo, e ninguém parece pensar nisso. Então o grupo do Das Operações talvez esteja sem comer há muito mais tempo.

Alguns guerrilheiros adormeceram, mal se deitaram. Ninguém tinha trazido panos para se cobrir. O frio do Mayombe ia penetrar-lhes os ossos,

talvez viesse a chuva, mas quem se importava?

Mundo Novo aproximou-se de Sem Medo.

– Veio rápido.

– Ora, era o mínimo!

– Nunca pensei que pudesse arranjar um efetivo tão elevado.

– Nem eu. Mas, como vês, a realidade ultrapassa a imaginação. Às vezes subestimamos os nossos militantes...

– O Vewê não devia ter vindo – disse Mundo Novo. – Desde ontem que marcha sem parar, sem dormir e, possivelmente, sem comer. E teve de andar toda a noite na floresta.

– Tens razão. Fez um esforço extraordinário. Mas ele colou-se ao meu lado e não me lembrei do que já tinha feito antes. É um miúdo corajoso, portou-se muito bem.

– O camarada Comandante era inflexível para com ele...

– Era! Mas ele portou-se bem. Era isso o que eu queria, que no momento difícil ele fosse capaz de fazer o seu dever.

– Reconheces que antes erraste em relação a ele? Que foste injusto?

– Lá vens tu com a mesma história! Não me chateies!

Mundo Novo não insistiu. Que homem era Sem Medo? Não o compreendia, fugia aos seus esquemas. Um aventureiro que ama a ação, decidiu a seguir. No entanto, a conclusão não lhe agradou totalmente. Algo faltava, algo indefinível faltava.

– Temos de conversar, camarada Comandante. Noutra altura, mais calmamente. Acho que o que nos separa é a linguagem. Não temos a mesma linguagem.

– Há muito que deixei de acreditar nas palavras – disse Sem Medo. – Mas, se queres, por que não discutir? Mas agora estamos demasiado perto da Base...

Sem Medo deixou-o e foi ter com o Chefe de Operações.

– Não aguento mais. Vou aproximar-me da Base, tentar ouvir qualquer coisa.

– É perigoso, Comandante.

– Farei atenção.

– Então vou consigo.

– Vamos.

Descalçaram as botas e avançaram cautelosamente, evitando pisar os

ramos secos que disparavam como armas na noite. Ainda não fumei hoje, pensou Sem Medo. O cheiro do cigarro podia chegar até ao inimigo. Mastigou uma folha, para que o amargor lhe tirasse a vontade de fumar. Gesto irrisório, a vontade não vinha da boca, embora se manifestasse por um excesso de saliva.

O Chefe de Operações ia à frente, caminhando como um gato. Sem Medo era mais pesado, fazia por vezes barulhos impercetíveis. Tinham de caminhar a um metro de distância um do outro, pois a noite era escura e só os pirilampos a iluminavam fugazmente. Ao fim de meia hora, chegaram ao rio. Tinham andado cem metros.

– Vamos subir o rio – propôs Sem Medo, num sussurro.

O outro não respondeu, mas pôs-se a caminhar. Ao longo do rio era mais fácil caminhar, pois o terreno estava limpo. Mas havia pedras e era preciso explorar o sítio com o pé antes de o assentar no solo. Fizeram assim duzentos metros, ao fim de outra meia hora.

Deitaram-se no chão, lado a lado, os corpos tocando-se. As luzes que poderiam existir eram invisíveis, pois a Base ficava no alto duma pequena falésia que descia para o rio. Ouviam-se vozes abafadas na Base. Havia gente. Mantiveram-se deitados uns bons quinze minutos, descansando do esforço incrível de mover cada músculo impercetivelmente para chegarem ali. Não conseguiam perceber nenhuma palavra, nem distinguir uma voz conhecida. Sem Medo mandou retirar.

Refizeram o mesmo caminho, agora mais depressa. Mesmo assim, levaram meia hora a atingir os outros guerrilheiros. Deitaram-se ao lado um do outro, sem vontade de falar. Mundo Novo aproximou-se e, a seguir, o Chefe do Depósito.

– Então?

– Há pessoas – disse Sem Medo. – Mas falam baixo, cautelosamente.

– O tuga deve estar à espera que o ataquemos – disse o Das Operações. – Por isso mantém as medidas de segurança. Eles são sempre barulhentos, um acampamento tuga ouve-se a um quilómetro, à noite.

– Sim – disse Mundo Novo –, eles devem estar à nossa espera. A quantos metros se aproximaram?

– Uns cem – disse Sem Medo. – Mas pelo lado do rio é impossível ver-se qualquer coisa. Nem uma luz.

– Aqui só os ouvidos contam – disse o Chefe do Depósito.

– Vamos acordar às cinco horas – decidiu Sem Medo. – Precisaremos de uma hora para progredir até onde estivemos. Talvez mesmo mais tempo, pois somos muitos.

– Não – disse o Das Operações –, de dia é mais fácil.

– Mas o dia só nasce às seis horas – disse Mundo Novo. – Acho que o Comandante tem razão.

Mundo Novo instalou-se naturalmente no Comando, pensou Sem Medo. E fica-lhe bem.

– Vamos tentar dormir – disse o Comandante.

Mas Sem Medo não dormiu. Quando caía em sonolência, era acordado pela angústia. Leli aparecia, misturada com Ondina e, sobretudo, João. Estaria morto ou prisioneiro? Ou perdido na mata? A última hipótese era a mais otimista, agarrava-se a ela. Era absurdo que o Comissário ou Muatiânvua se enganassem e corressem para o inimigo. Se Vewê escapou, por que não os outros? A esperança instalava-se nele e adormecia.

Logo a seguir, o rosto de Leli vinha acordá-lo, mergulhando-o em suores frios. Ondina sobrepunha-se então e a paz instalava-se nele. Momento breve. Ondina estava ligada a João e trazia-o logo a seguir. As horas não avançavam no seu quadrante luminoso. O arco-íris verde desaparecera, só o negro existia. O negro era a cor da sua angústia.

EU, O NARRADOR, SOU O CHEFE DE OPERAÇÕES.

Não durmo, nesta noite que não acaba. Sem Medo, a meu lado, também não dorme. Mas não posso falar com ele. Nunca pudemos conversar. Ele é um intelectual, eu um filho de camponês.

Nos Dembos, os homens viviam miseráveis no meio da riqueza. O café estava em toda a parte, abraçado às árvores. Mas roubavam-nos nos preços, o suor era pago por uns tostões sem valor. E as roças dos colonos cresciam, cresciam, atirando as nossas pequenas lavras para as terras mais pobres.

Por isso houve Março de 1961.

Eu era criança, mas participei nos ataques às roças dos colonos. Avançava com pedras, no meio de homens com catanas e alguns, raros, com canhangulos. Não podíamos olhar para trás: os kimbandas diziam que, se o fizéssemos, morreríamos. As balas dos brancos eram água, diziam

eles. Depois da independência renasceriam os que tinham caído em combate. Tudo mentira. Hoje vejo que era tudo mentira.

Massacrámos os colonos, destruámos as roças, mesmo o dinheiro queimámos, proclamámos território livre. Éramos livres. Os brancos durante séculos massacraram-nos, por que não massacrá-los? Mas uma guerra não se faz só com ódio e o exército colonial recuperou o território, o território livre voltou a ser território ocupado.

Vim para o Congo e no MPLA aprendi a fazer a guerra, uma guerra com organização. Também aprendi a ler. Aprendi sobretudo que o que fizemos em 1961, cortando cabeças de brancos, mestiços, assimilados e umbundus, era talvez justo nesse momento. Mas hoje não pode servir de orgulho para ninguém. Era uma necessidade histórica, como diz o Comissário Político. Percebo o sentido das palavras, ele tem razão, nisso ele tem razão.

Só não tem razão em estar do lado do Comandante, que é kikongo. Foram os kikongos que vieram mobilizar-nos, que trouxeram as palavras de ordem do Congo de avançar à toa, sem organização. Os kikongos queriam reconstituir o antigo reino do Congo. Mas esqueceram que os Dembos e Nambuangongo sempre foram independentes do Congo. Pelo menos, a partir duma certa altura. Isso disseram-me os velhos dos Dembos e isso diz a história do MPLA. Por que o Reino do Congo e não o Ndongo e não os Dembos?

Perdida a guerra de 1962, os kikongos infiltraram-se no MPLA. O Sem Medo não. Ele é kikongo, mas nasceu em Luanda. O Sem Medo é um intelectual, é isso que complica as coisas.

Ele não dorme.

Não pode dormir. A sua Base está ocupada pelo inimigo. Foi ele que a construiu, foi ele que a impôs ao André, que a queria no exterior. É a sua Base. Por isso sofre. É uma derrota para ele. Sem Medo é um intelectual, o intelectual não pode suportar que o seu filho morra. Nós estamos habituados. Os nossos filhos morreram sob as bombas, sob a metralha, sob o chicote do capataz. Estamos habituados a ver os nossos filhos morrer. Ele não. A Base era o seu filho, criou-a contra todos. Contra nós mesmos, que queremos é voltar aos Dembos e a Nambuangongo, onde há verdadeiramente guerra popular. Ele acredita que a luta aqui é possível, que ela pode crescer. É o seu filho, está bem, é preciso compreender.

O Comissário diz que, se avançarmos a luta em Cabinda, as outras

regiões estarão aliviadas, porque o inimigo terá de dividir forças. É verdade. Por isso, luto aqui. Mas não por Cabinda, que não me interessa. Luto aqui para que a minha região tenha menos inimigos concentrados nela e assim possa ser livre.

Mas Sem Medo é um homem. Quando combate, tem o mesmo ódio ao inimigo que eu. As razões são diferentes, mas os gestos são os mesmos. Por isso o sigo no combate. O mal é ser um intelectual, é esse o mal: nunca poderá compreender o povo. Os seus filhos ou irmãos não morreram na guerra. Não, ele não pode compreender.

Ele não dorme.

Gostava de lhe explicar isto. Mas não sei como dizer. E ele não compreenderia.

O quadrante luminoso de Sem Medo indicou finalmente as cinco horas. Bateu no ombro do Chefe de Operações e apercebeu-se de que ele já estava acordado. Foram despertando docemente os homens, os quais se levantavam imediatamente.

Dividiram-se em dois grupos de cerca de vinte homens cada: um, comandado por Sem Medo, que avançaria pelo rio para assaltar a Base, outro, comandado pelo Chefe de Operações, que deveria dar a volta à Base e apanhar o inimigo por trás, quando este tentasse fugir pela montanha.

– É preciso que vocês andem mais depressa do que nós – disse Sem Medo.

A noite era escura ainda. Só às seis horas os primeiros luares conseguiriam infiltrar-se pelas copas das árvores, recriando o verde do Mayombe.

O grupo do Chefe de Operações partiu pela direita, docemente, para fazer um semicírculo. O plano dará certo se ninguém estiver no rio, pensou Sem Medo. Senão, será preciso abrir fogo antes de podermos tomar posições para o assalto. E o assalto é necessário para libertar os prisioneiros, se os há.

Sem Medo ficara com os melhores combatentes. Mesmo assim, havia alguns civis no meio, ou guerrilheiros que há anos não combatiam. Tenho a impressão que terei de passar ao assalto sozinho. Talvez só Mundo Novo me acompanhe. Será praticamente um suicídio. A angústia ganhou-o. Era preciso dispersar os homens pela pequena colina contígua ao rio, subi-la sem barulho, e só então abrir fogo. Começo a duvidar da seriedade deste

plano. Improvisado. O que vale é conhecermos perfeitamente o terreno. Não me sinto eu, estou demasiado angustiado, a emoção não é controlada.

Esperando que o grupo do Chefe de Operações ganhasse terreno, Sem Medo pensava.

“Na Europa tive ocasião de jogar em máquinas, onde uma bolinha de metal vai contando pontos. O jogador só tem de fazer funcionar os *flippers*, quando a bola vai sair, ou encaminhar, com gestos doces, a bola para o sítio mais conveniente. O prazer do jogo não é o de vencer. É o de se atingir o êxtase, o esquecimento do corpo e do espírito pela concentração total na bolinha que salta dum lado para o outro e vai somando pontos. Havia momentos em que sabia que ia ganhar, atingia o estado de graça. Dominava de tal modo a máquina, pela força da minha tranquilidade, que, de facto, os reflexos eram perfeitos: uma confiança absoluta nos meus dedos que levemente tocavam os *flippers*, nas mãos que orientavam, por movimentos suaves, a bolinha para o sítio desejado. Atingia o estado de possessão da máquina, era sem dúvida um prazer sensual.”

“No jogo, o homem que se domina e ao mesmo tempo se entrega não pode ser escravo. Escravos são os que se entregam ao jogo sem se dominarem ou o inverso: é a dialética da dominação-submissão que distingue o homem feito para senhor, o dominador, e o escravo. Também no amor.”

“Há homens que vencem no póquer, embora percam dinheiro. Têm tal domínio dos nervos, sendo simultaneamente ousados, que os adversários são subjugados, não têm a iniciativa, ficam à espera das suas reacções, dos seus desejos. São os senhores que podem, numa cartada, arriscar tudo o que ganharam, só pelo prazer de arriscar. Os adversários podem ganhar, no sentido em que saem com mais dinheiro que o capital inicial; mas o verdadeiro vencedor foi aquele que os fez empalidecer, apertar os lábios, roer as unhas, tremer, ter vontade de urinar, e se arrepender num instante de jogar. O verdadeiro senhor, o conquistador, não se aborrece por ter perdido: essa é a sua ocasião de dominar e, se de facto impôs a sua lei, contenta-se com a derrota. São os homens de temperamento mesquinho que sofrem por perder.”

“Na guerra, também há os senhores, os que decidem. Não são fatalmente os chefes, embora essas características só se possam manifestar totalmente em situação de chefia. São os dominadores, finalmente, os mais

magnânimos para os adversários. Fazem a guerra, em parte, como quem joga à roleta: é um meio de se confrontarem com o outro eu. São uns torturados. Lúcidos, compreendem que o inimigo em face, tomado individualmente, é um homem como eles; mas está a defender o lado injusto e deve ser aniquilado. A guerra revolucionária é nisso mais dura que as clássicas. Outrora, o combatente estava convicto que o estrangeiro que defrontava era o somatório de todos os vícios, de todas as baixezas. Era fácil odiar pessoalmente o soldado que avançava contra ele, não o inimigo em abstrato, mas aquele mesmo Frank, Schulz, Ahmed ou Ngonga que se metia à sua frente. Hoje, quem é o combatente consciente que nisso acredita? Só existe o ódio ao inimigo em abstrato, o ódio ao sistema que os indivíduos defendem. O soldado inimigo pode mesmo estar em contradição com a causa que é forçado a defender. O combatente revolucionário sabe disso; pode mesmo pensar que aquele inimigo é um bom camponês ou um são operário, útil e combativo noutras circunstâncias, mas que está aqui envenenado por preconceitos, supercondicionado pela classe dirigente para matar. O revolucionário tem de fazer um compromisso entre o ódio abstrato ao inimigo e a simpatia que o inimigo-indivíduo lhe possa inspirar.”

“Por isso esta guerra é mais dura, pois mais humana (e, portanto, mais desumana).”

“O dominador, o senhor, nunca procurará matar por matar, antes pelo contrário, evitará matar. Ele vê a guerra como o jogo ou o amor. E seu momento de perda de lucidez é quando o ódio abstrato se concretiza no indivíduo e avança, raivosamente lúcido, contra os soldados que procuram impedi-lo de avançar, não porque são inimigos, mas porque o impedem de avançar, são obstáculos que têm de ser afastados do caminho. Nesse momento, o equilíbrio está vencido e a necessidade psíquica – sentida fisiologicamente – de fazer a ação leva ao ódio frio e calculado, implacável. Um dominador com ódio não gesticula, não ofende; ele poupa o esforço, os gestos, o ódio; é a sua ação, mais que os símbolos, que exprime a sua determinação.”

“Tal gostaria de ser hoje, mas este é um herói de romance. Há os camaradas mortos ou em perigo de morte e não consigo dominar as emoções, não consigo atingir o êxtase sensual de dominar, arriscando friamente, lucidamente. Há o João no meio, deixo de ser lúcido. E, mais do que nunca, Leli.”

Sem Medo fez aos homens o sinal de avançar. Deu ele próprio o exemplo, refazendo o caminho da véspera. Avançava de cócoras, limpando o terreno com as mãos, evitando assim que um guerrilheiro pisasse um pau seco. Ao fim de certo tempo, as coxas e os músculos das nádegas doíam atrozmente. Mas era o único processo. Se há uma cobra? Só faltava mais essa, pensou ele. Como conhecia já o caminho, chegaram ao rio em vinte minutos. Sem Medo descansou, antes de prosseguir.

Mundo Novo chegou-se a ele e sussurrou:

– Agora é melhor ir eu à frente.

– Não, vou eu – disse Sem Medo. – Vem atrás de mim.

Puseram as armas em posição de fogo e retomaram a marcha. Pararam na última curva do rio.

– Agora é preciso esperar a madrugada para avançarmos. Não conseguiríamos colocar bem os camaradas.

Estava mais próximo da Base que na véspera. Os guerrilheiros sentaram-se silenciosamente. A progressão foi perfeita, pensou Sem Medo. Só mesmo um guerrilheiro já de prevenção poderia pressentir a nossa marcha. Quando poderei eu fumar?

Às seis menos dez, as árvores começaram a tomar formas difusas. Cinco minutos depois, já se viam os vultos dos paus. O Mayombe renascia da escuridão. Sem Medo pôs-se de pé e segredou aos homens:

– Um de cada lado do rio, com dez metros de intervalo.

Sem Medo viu Mundo Novo colocar-se na primeira posição, do outro lado do regato. É corajoso, vai dar um bom responsável de Dolisie. A vida ensiná-lo-á a ser mais relativo.

A progressão foi ainda mais vagarosa, pois deviam ir de rastos sobre as pedras. Por vezes, tinham de entrar na água pouco profunda. A água estava fria e a roupa molhada colava-se em arrepios ao corpo. O Mayombe já recuperara o arco-íris verde. Sem Medo recebeu-o como um primeiro sinal de boas vindas.

Iam acabar de dobrar a última curva. Bastaria avançar mais vinte metros e o leque estaria naturalmente formado. Sem Medo e Mundo Novo fizeram a curva. Estacaram de repente. A quinze metros deles estava um homem claro, lavando-se no rio. Um mulato, pensou Sem Medo. O homem estava de costas para eles. A meia obscuridade não permitia ainda distinguir tudo muito bem. O Comandante e Mundo Novo interrogaram-se com os olhos.

O plano falhou, pensou Sem Medo. Precisavam de avançar até onde estava o soldado, pois só dali se podia fechar a fuga do inimigo pelo outro lado do rio, obrigando-o a subir a montanha, onde o esperava o outro grupo. Além disso, se subissem a falésia a partir do sítio onde se encontravam, não surgiriam no meio da Base. Teriam de avançar vinte metros em terreno descoberto. Não beneficiariam do efeito de surpresa e seriam um alvo fácil.

Esperar não podiam: se um tuga se lavava, outros viriam a seguir. Leli reapareceu e Sem Medo fez sinal a Mundo Novo para continuar a progredir.

Avançaram mais lentamente ainda, a AKA em posição de fogo. Era um mestiço, não havia dúvidas. Despiu-se totalmente e meteu-se na água. Sempre de costas. Sem Medo avançava mais depressa que Mundo Novo, tinha mais treino. Cinco metros de distância. O soldado estava completamente ensaboado. Se eu pudesse chegar até ele e apunhalá-lo, tudo estaria salvo. Não podia avançar mais, ele aperceber-se-ia. Sem Medo mandou estacar e fez sinal para que os guerrilheiros subissem a ladeira. Fariam fatalmente barulho. Quando o soldado se virasse, ele matá-lo-ia. Depois correria, sozinho, para comandar o assalto e fechar a saída do inimigo. Era a única solução.

Os homens que estavam na margem esquerda do regato atravessaram-no e juntaram-se aos outros. Só se viam seis camaradas. Os outros estavam escondidos pela curva do rio. É pouco para o assalto, pensou o Comandante. Pode ser que o exemplo os contamine e avancem. Com os civis nunca se sabe! Ora, eram os civis que estavam mais atrás, portanto na posição mais difícil de passar ao assalto.

Os guerrilheiros começaram a rastejar, subindo a falésia. Faziam ligeiro barulho, era fatal. Sem Medo só tinha olhos para o mestiço, embora visse tudo. Este emergiu da água, limpando os ouvidos. É agora, pensou o Comandante. O mulato ouviu o barulho duma pedrinha rolando na falésia e virou-se: Sem Medo apertou a AKA.

O homem viu os guerrilheiros, viu a AKA de Sem Medo apontada para ele e ficou apático, as pernas afastadas, no meio do rio que lhe ia até aos joelhos. Os braços foram-se afastando lentamente do corpo, até ficar na posição de Cristo na cruz. Sem Medo reconheceu nele Teoria.

O Comandante baixou a arma e mostrou-se. Segundos de hesitação. Depois Sem Medo distinguiu nitidamente o coração de Teoria começando a bater ao nível do estômago. Os guerrilheiros aproximavam-se do alto da

falésia. Em breve aí se instalariam e esperariam a rajada do Comandante para abrir fogo. Sem Medo avançou para Teoria.

– Que se passa? – sussurrou.

– Nada – respondeu o professor, no mesmo tom.

– Os tugas?

– Quais tugas?

– A Base não foi atacada?

– Não.

O Comandante, incrédulo, aliviado, sem compreender nada, virou-se para os seus homens.

– Parem, camaradas. Parem! São os nossos afinal que estão na Base.

Os guerrilheiros viraram-se para baixo e viram Teoria. A ordem transmitiu-se a todos os guerrilheiros.

– Teoria, vai avisar na Base que somos nós que vamos entrar. Senão, alguém ainda abre fogo. Mundo Novo, corre a avisar o Das Operações.

A certeza de que a Base estava intacta começava a instalar-se aos poucos em todos. Ouviram Teoria gritando, avançaram então calmamente, mas ainda em leque. Os guerrilheiros saíam das palhotas, as armas na mão. Viram os outros que para eles avançavam, de armas na mão. No meio, um mulato todo nu que gritava:

– Os nossos chegaram. Sem Medo chegou. Não atirem, não atirem! Sem Medo chegou.

Passados os primeiros momentos de surpresa, os guerrilheiros correram uns para os outros. Abraçaram-se apertadamente. Os que ficaram na Base eram só doze, sentiam o perigo já longínquo, com a vinda do reforço. Os que chegavam riam de os ver vivos. A confusão de gritos e risos e abraços foi tumultuosa. Os homens olhavam-se, apalpavam-se para ver que em face de si estavam companheiros, e abraçavam-se.

Sem Medo deixou o Comissário para o fim. Quase correu para ele, os braços abertos, a AKA esquecida contra uma árvore. Os nervos cediam, queria abraçar João, rir e chorar. Mas o Comissário percebeu o gesto e estendeu-lhe uma mão fria. Sem Medo estacou, hesitou, fez uma careta. Apertou-lhe molemente a mão. Correu para o seu catre e deitou-se nele.

Acendeu o seu primeiro cigarro e consumiu-o raivosamente.

Os responsáveis foram-se reunindo na casa do Comando. Sem Medo

fumava ininterruptamente, fixando o teto.

– Que se passou então? – perguntou o Chefe de Operações.

O Comissário sentou-se no catre. Acendeu um cigarro. Já tem os seus próprios cigarros, reparou Sem Medo. Fixando o teto, estava atento aos gestos do outro, que evitava olhá-lo.

– O Teoria foi ao rio – disse o Comissário, dirigindo-se ao Chefe de Operações, mas falando para Sem Medo. – Estávamos de prevenção, tínhamos cavado abrigos, tínhamos-te enviado para controlar o caminho. (A voz do Comissário era firme, agressivamente firme, como o constatou o Comandante.) De repente, no rio, o Teoria viu avançar uma surucucu. Pareceu-lhe que o ia atacar. Teoria deu-lhe uma rajada e a seguir uma outra. Ouvindo isso, mandei todos para os abrigos. Depois, o Teoria veio explicar o que se passara. Notámos a ausência de Vewê e do camarada que estava de guarda. Éramos tão poucos, ficámos com o efetivo ainda mais reduzido.

Os guerrilheiros que acabavam de chegar ouviam, estupefactos, a história narrada pelo Comissário.

– Era então uma surucucu? – perguntou um. – Uma surucucu que invadiu a Base?

– Estraguei então tudo – disse Vewê, desamparado. – Mas ouvi gritar “apanha vivo”...

– Eu é que gritei “apanhem os abrigos” – disse o Comissário.

O camarada Comissário gritou “apanhem os abrigos” e eu ouvi “apanhem vivos”? – repetiu Vewê. – Estraguei tudo...

Os guerrilheiros começavam a sair do estado de estupor quando ouviram, vindo do catre do Comandante, uma espécie de ronco profundo, saído do estômago, e que em breve se libertou na mais monumental gargalhada da história da Base. A gargalhada fez estremecer os homens, subiu através dos troncos das árvores e foi misturar-se ao vento que agitava as folhas do Mayombe.

– O camarada Comandante ri? – perguntou o Comissário. – Não vejo onde está a graça! Todo o esforço que fizeram foi inútil, percebeu? Percebeu? Trouxe tanta gente, arrancou-os das camas, paralisou todo o trabalho do Movimento em Dolisie, e ainda ri? Tudo por causa dum miúdo covarde, que não resistiu a umas rajadas. E o camarada ri?

O Comissário estava diante do Comandante, as pernas afastadas, um dedo trememente apontado para ele.

– A invasão da surucucu! disse Sem Medo, no meio da gargalhada que o sufocava.

Alguns guerrilheiros sorriram. Vewê encolhia-se num canto, fascinado pelo Comandante. Teoria, ainda sumariamente vestido, também se encolhia. Mundo Novo fechava a cara, olhando Sem Medo.

De repente, Sem Medo saltou da cama.

– Que querem que se faça? Agora, só nos resta rir. Quem não compreende, paciência, que não compreenda! Mas eu prefiro que tenha sido uma surucucu que o tuga a invadir a Base. Esforço inútil? Acham inútil? Mobilizámos mais de trinta homens em menos de uma hora, com civis no meio. Sabem o que isso significa? Se não sabem, não percebo por que estão aqui a dizer que lutam. Foi o mais extraordinário sinal de solidariedade coletiva que vi. E de espírito combativo. Para mim chega. Estou contente por vos encontrar todos vivos. E acho graça à história, acho, sim. E depois? E depois?

Voltou a deitar-se. Teoria percebeu as lágrimas que faziam faiscar os olhos do Comandante.

– A culpa foi minha – disse ele. – Nunca deveria fazer fogo, quando se estava à espera do inimigo. Devo ser castigado.

– A culpa foi minha – disse Vewê, levantando-se e virando-se para o Comandante. – O guarda disse que parecia rajadas de Pépéchá, que era melhor esperar. Mas eu disse-lhe que ouvi gritar “apanha vivos” e puxei-o para fora. A culpa foi minha.

– Os camaradas serão julgados mais tarde – disse o Comissário.

– Mas por que não avisou Dolisie, camarada Comissário? – perguntou Mundo Novo. – Quando se apercebeu de que os camaradas tinham fugido, devia pensar que eles iam avisar em Dolisie. Por que não enviou logo alguém? Era certo que o camarada Comandante viria logo a correr...

– Esperámos que o Vewê e o outro aparecessem até às seis da tarde. Podiam ter recuado um pouco e, não ouvindo mais nada, voltassem. Depois era noite. Preferi não mandar ninguém. Teriam de ir dois e o efetivo reduzia-se demasiado.

– Sim – disse Sem Medo –, o Comissário fez bem. Silêncio fez-se. O próprio Comissário olhou, perplexo, o Comandante que lhe vinha em socorro. Este fumava, fixando o teto. O cigarro tremia-lhe na mão.

– O camarada Teoria deve ser castigado – continuou Sem Medo. – Sobre

o Vewê... Os camaradas devem ver que a culpa não é dele. A culpa é de quem o mandou para aqui sem preparação. Ele não sabe, nem pode saber, distinguir as nossas armas e as do inimigo. Nunca combateu, falta-lhe sangue-frio. Mesmo assim, teve a coragem de ir recuperar a sua pistola e ir buscar o guarda. Poucos de vocês o teriam feito, se estivessem no caso dele. Vamos ser objetivos!

– Isso é assunto para o Comando decidir – cortou o Comissário.

– Efetivamente! Mas como estamos a discutir aqui, eu dei já a minha opinião.

– Por que não fazer um julgamento público, uma reunião de todos os camaradas que aqui se encontram agora? – propôs Mundo Novo. – É muito mais democrático.

– Não é esse o estatuto do Movimento – disse o Comissário.

– De acordo, camarada Comissário. Mas o camarada Comandante falou e bem no esforço extraordinário que se fez. Este assunto tocou tanta gente que talvez fosse bom, para continuar a mobilização a que ele deu origem, continuar a discutir numa reunião, em que cada um daria a sua opinião. Assim, todo este caso seria muito positivo para a politização e mobilização dos camaradas.

– Estou de acordo – disse Sem Medo.

– Eu também – disse o Chefe de Operações.

O Mundo Novo adivinhou que se pensava nele para responsável e já está a assumir o seu papel, pensou Sem Medo, ou é naturalmente que se assume como quadro consciente?

– Vergo-me à maioria do Comando – disse sombriamente o Comissário.

Até à hora do almoço, ninguém mais falou e os que vieram de Dolisie dormiram. Depois do almoço, houve a reunião geral.

Vewê não foi castigado, por votação da grande maioria dos guerrilheiros. Teoria teve a atenuante de afirmar que a surucucu o ia atacar. Foi castigado com guardas suplementares durante um mês.

À noite, Sem Medo sentiu o Comissário revolver-se na cama, mas acabou por adormecer, vencido por duas noites em claro.

Na manhã seguinte, houve reunião do Comando. Decidiu-se atacar o Pau Caído, para obrigar o inimigo a retirar o acampamento. Aquele acampamento era uma espada colocada atrás da Base guerrilheira. Tinha de desaparecer. Sem Medo voltaria a Dolisie ocupar o seu posto e preparar a

logística da operação. Entretanto, os civis regressariam a Dolisie e tentava-se enviar mais guerrilheiros para a zona.

Sem Medo e o Comissário despediram-se com um frio aperto de mão.

EU, O NARRADOR, SOU O CHEFE DE OPERAÇÕES.

Mais uma vez Sem Medo provou ser um grande comandante. Mais uma chapada no orgulho do Comissário, que já se tomava pelo melhor. Esse Comissário é um miúdo, quer opor-se à toa ao Comandante, e acaba por cair no ridículo.

Os guerrilheiros perceberam e admiraram Sem Medo. Os guerrilheiros, na reunião, elogiaram o Comandante pela rapidez com que atuou e pela coragem que deu aos próprios civis. Elogio justo. Eu próprio apoiei. Ele é assim: quando há que defender um camarada, esquece tudo e atira-se para a frente.

E aquela gargalhada? O Comissário não percebeu, mas os guerrilheiros que vieram no reforço perceberam e apoiaram. Não é mesmo de rir que uma surucucu tenha provocado tudo isso? Claro que o Comissário não gostou, ele teve culpa do que aconteceu, não soube decidir rápido. Mas o facto levou a uma grande mobilização e Sem Medo soube aproveitá-la e apoiá-la. Ele falou de maneira que todos sentiram que se comportaram como heróis. Quem não gosta de ser considerado herói?

Hoje, Sem Medo ganhou o apoio dos guerrilheiros da Base e dos de Dolisie. Não se fala de outra coisa, só se fala do Comandante. Esqueceram que ele é kikongo, só veem que ele é um grande Comandante.

Se todos assim pensam, sobretudo o Chefe do Depósito que já é um mais velho, talvez então seja verdade. Começo a pensar que fomos injustos para ele.

É um intelectual. O Povo só o compreende, quando ele se explica pela ação. E de que maneira se explicou, sukua!

Capítulo V
A AMOREIRA

Sem Medo voltou a Dolisie, acompanhado pelos civis. Os guerrilheiros que tinham vindo em reforço aceitaram ficar mais uns tempos na Base, para participarem no ataque. Ficou combinado que as coisas deles seguiriam imediatamente para o interior: cobertor, mochila etc. O Comandante estava maravilhado com o entusiasmo desses combatentes. O Chefe do Depósito queria ficar, mas Sem Medo insistiu com ele para voltar a Dolisie.

No caminho, Sem Medo sentiu alegria por ir reencontrar Ondina. Logo se reteve. Pensou no Comissário e na sua hostilidade. Isso passa-lhe! Lamentava apenas que tivesse de ficar em Dolisie e não poder participar na operação. O Comissário seria capaz de a chefiar? Há muito tempo que se não fazia uma ação tão importante e fora sempre ele, Sem Medo, que as comandara. João ainda poderia fazer asneiras. Lá estou a pensar que ele é um miúdo! As metamorfoses são bruscas e nós continuamos a ver os outros na sua antiga pele. Ele forja-se a couraça dum Comandante, couraça cheia de espinhos agressivos, e eu vejo-o ainda como larva de borboleta.

Ao chegarem à cidade, Sem Medo encontrou logo o envelope com aviso da Direção: Mundo Novo era nomeado provisoriamente responsável de Dolisie; Sem Medo retomava imediatamente as suas funções de Comandante, dado o perigo iminente de um ataque colonialista; estava a preparar-se a sua transferência para o Leste. Sem Medo saiu a correr do *bureau*, foi mostrar a mensagem a Ondina.

– Estás tão contente assim?

– Oh, sim, tudo corre à medida dos meus desejos. Posso participar no ataque e, mais tarde, arranco para a Frente Leste, abrir uma nova Região. Mas não digas a ninguém, isto são segredos militares.

– Então não me devias ter dito...

– É o meu eterno liberalismo, como diria o Mundo Novo!

– Reencontrar-nos-emos no Leste – disse ela. Sem Medo olhou-a e perturbou-se.

– Não creio. O Leste é grande e vou muito para o interior. Sobre ti, de qualquer modo, ainda não veio nada. Não, não nos encontraremos.

– Por quê?

Ela fitava-o, num convite mudo. Sem Medo saiu, sem responder,

dominando o desejo.

Despachou imediatamente um camarada para a Base, a convocar Mundo Novo. E correu à cidade, escolhendo os poucos guerrilheiros que restavam, preparando os morteiros e as armas, comprando conservas para a missão. Não jantou.

Voltou a casa às onze da noite. Quando entrou no seu quarto, Ondina estava deitada na cama, acordada.

– Que fazes aí?

– Esperava-te.

– Vai para o teu quarto.

– Por quê?

– Saí da Base de manhã, fiz oito horas de marcha a pé, depois não parei a preparar as coisas. Estou rebentado, preciso de dormir. Ora! Não é essa a razão. Vai para o teu quarto.

– Fico só a ver-te dormir.

– Vai para o teu quarto.

Ela saiu, vexada. Sem Medo atirou-se, vestido, para o sítio que o corpo dela marcara, e sentiu o seu calor. O calor que vinha da cama penetrava-o, o desejo entrou nele com violência. Fumou para queimar o desejo. O cansaço da viagem e do trabalho intenso acabou por vencê-lo.

Mas Ondina vinha no sonho, oferecendo-se nua a ele e dizendo: “Amo o João”. Sem Medo acordava, fumava, voltava a adormecer. Ondina corria agora sobre a savana da Huíla, os cabelos eram longos e negros, os cabelos de Leli, os braços estendidos para ele. Mas ele estava cem metros abaixo, no fundo do precipício, e Ondina-Leli atirava-se no vazio para cair nos seus braços. Noite interminável. Levantou-se com o Sol que raiava, os olhos pesados e a cabeça doendo.

Ao fim da tarde, chegou Mundo Novo. Prepararam a missão em conjunto: obtiveram mais vinte guerrilheiros; o efetivo seria de cinquenta. Pioneiros ofereceram-se e três foram aceites para municiar os morteiros. Mobilizaram todos os homens válidos, mulheres e pioneiros, para transportar a comida e os morteiros até à Base. A partida era para o dia seguinte de manhã.

Sem Medo meteu Mundo Novo ao corrente dos assuntos urgentes, foi ainda apresentá-lo no Depósito como novo responsável. Foram jantar às dez horas. Quando se sentaram à mesa, Mundo Novo disse:

– Não tenho nenhuma experiência disto. Não sei por que me nomearam...

– Eu apoiei a tua candidatura para este lugar.
– Tu?
– Espanta-te?
– Um bocado, sim. Parece que não temos as mesmas ideias. Ou só são as palavras?

Sem Medo bebeu um trago de cerveja. Ondina era o terceiro participante no jantar, mas não prestava atenção ao que diziam.

– Não temos as mesmas ideias – disse Sem Medo. – Tu és o tipo do aparelho, um dos que vai instalar o Partido único e onnipotente em Angola. Eu sou o tipo que nunca poderia pertencer ao aparelho. Eu sou o tipo cujo papel histórico termina quando ganharmos a guerra. Mas o meu objetivo é o mesmo que o teu. E sei que, para atingir o meu objetivo, é necessária uma fase intermédia. Tipos como tu são os que preencherão essa fase intermédia. Por isso, acho que fiz bem em apoiar o teu nome. Um dia, em Angola, já não haverá necessidade de aparelhos rígidos, é esse o meu objetivo. Mas não chegarei até lá.

– E entretanto o que fazes?

– Faço a guerra. Permito, pela minha ação militar, que o aparelho se vá instalando.

– E quando o aparelho se instalar, o que farás?

– Não sei. Nunca soube responder a essa pergunta. O que sei, o que queria que compreendesses, é que esta revolução que fazemos é metade da revolução que desejo. Mas é o possível, conheço os meus limites e os limites do país. O meu papel é o de contribuir a essa meia revolução. Por isso vou até ao fim, sabendo que, em relação ao ideal que me fixei, a minha ação é metade inútil, ou melhor, só em metade é útil.

– No fundo, é a minha posição – disse Mundo Novo. – Eu sei que o comunismo não será conquistado já, comigo em vida, que o mais que conseguiremos é chegar ao socialismo. São precisos muitos anos para vencer as relações de produção capitalistas e a mentalidade que elas deixam. É a mesma posição!

– Não, não é. Tu estás na luta pela independência, preparando ao mesmo tempo o socialismo. O teu móbil é político. Para ti, tudo se passa em função do objetivo político a atingir.

– E tu?

– Eu? Eu sou, na tua terminologia, um aventureiro. Eu queria que na

guerra a disciplina fosse estabelecida em função do homem e não do objetivo político. Os meus guerrilheiros não são um grupo de homens manejados para destruir o inimigo, mas um conjunto de seres diferentes, individuais, cada um com as suas razões subjetivas de lutar e que, aliás, se comportam como tal.

– Não te percebo.

– Não me podes perceber. Nem te sei explicar, é tudo ainda tão confuso. Por exemplo, eu fico contente quando um jovem decide construir-se uma personalidade, mesmo que isso politicamente signifique um individualismo. Mas é um homem novo que está a nascer, contra tudo e contra todos, um homem livre de baixezas e preconceitos, e eu fico satisfeito. Mesmo que para isso ele infrinja a disciplina e a moral geralmente aceitas. É um exemplo, enfim... Sei apenas que a tua posição é a mais justa, pois a mais conforme ao momento atual. Tu serves-te dos homens, neste momento é necessário. Eu não posso manipular os homens, respeito-os demasiado como indivíduos. Por isso, não posso pertencer a um aparelho. A culpa é minha. Culpa! A culpa não é de ninguém.

– Estás desmoralizado, Sem Medo.

– Não – disse ele, olhando Ondina. – Estou angustiado, porque luto entre a razão e o sentimento.

Ela ouviu e baixou os olhos. Mundo Novo estava demasiado ocupado em analisar o que dissera Sem Medo.

O jantar terminou e foram para os quartos respetivos.

Pouco depois de se deitar, Sem Medo ouviu o velho Kandimba chamá-lo de fora. Foi ver, vestido apenas com as calças. O velho disse:

– Está aí um camarada que quer falar com o responsável. Como o outro ainda é novo, vim chamar o camarada Comandante.

– Bem. Quem é?

– Está aí fora.

Sem Medo, resmungando interiormente, foi até à varanda. Olhou para o recém-chegado e, embora a cara não lhe fosse estranha, era incapaz de saber onde o vira antes. O homem avançou para ele, sorrindo.

– Que sorte! É mesmo o senhor Comandante que encontro. Conhece-me, não?

– Não vejo...

– Daquela vez que apanharam os trabalhadores que cortavam as árvores...

– Já sei – gritou Sem Medo. – És o mecânico. Que fazes aqui?

– Vim ter com vocês. Quero trabalhar no Movimento. Saí do kimbo ontem de manhã, cheguei ao Congo sem problemas. Venho apresentar-me.

O Comandante ficou um segundo hesitante, depois, num ímpeto, abraçou-o.

– És bem-vindo, camarada. Como te decidiste?

– Bem, aquela conversa que os camaradas tiveram connosco começou a convencer-me. Realmente nós somos explorados e deve-mos lutar. Mas o que me convenceu mesmo foi quando os camaradas se arriscaram tanto para me devolver o dinheiro. Aí, sim, eu compreendi tudo. Os camaradas eram mesmo para defender o povo. Comecei a ouvir a rádio, Angola Combatente. Aí aprendi umas coisas. Depois falei com os meus amigos, começámos a discutir da situação e do MPLA. Achámos que podíamos trabalhar para o Movimento mesmo lá, sem ninguém saber. Mas os camaradas não apareciam mais lá. Então eu vim fazer contacto.

– Queres voltar para o kimbo?

– Posso ir lá, se os camaradas acharem bem, para fazer contacto com os outros. Mas eu queria mesmo era ser guerrilheiro. Mas nem sei mexer numa arma...

– Isso aprende-se.

– Há lá mais que querem vir, outros querem ficar lá e ajudar os camaradas.

– Isso também é muito importante. Camaradas que fiquem nos kimbos, para nos darem informações e para ajudarem em tudo o que for preciso.

– O exército e a Pide fizeram muitas prisões, disseram que o povo tinha ajudado os camaradas. Ficaram bravos porque houve muitos soldados mortos. Aí o povo ficou mais revoltado. O povo está a compreender quem é afinal bandido!

– Depois falamos. O camarada já comeu?

– Não, nada.

– Kandimba, arranje de comer para este camarada, faz favor.

– A esta hora?

– A esta hora mesmo. O camarada andou muito e não comeu. A fome não tem horas.

– Só há pão e chá.

– Já é alguma coisa – disse o mecânico.

– Então venha comer – disse Sem Medo.

Ficou a fazer companhia ao mecânico, conversando, enquanto ele comia. Depois indicou-lhe o sítio onde dormir.

– Amanhã de manhã fale com o camarada Mundo Novo, que é o responsável daqui. Aliás, já o conhece.

Foi-se deitar, sorrindo. O Comissário tinha feito bom trabalho, quando foi devolver o dinheiro.

Sem Medo esforçou-se por adormecer, mas não o conseguiu. Ondina vinha despertá-lo da sonolência. Ele adivinhava o corpo dela mexendo na cama, lembrava os mais pequenos detalhes do seu corpo, do seu calor.

Saiu do quarto e abriu a porta dela.

– Estava à tua espera – disse ela.

Sem Medo correu para os braços que se abriam para ele.

– Por que foges de mim? – perguntou ela.

Sem Medo afastou a boca do seio que rompia a combinação e disse:

– Tu amas o João. Tu reencontrarás um dia o João.

– Neste momento amo-te. É a ti que amo.

– Não. Desejas-me, é diferente. Mas amas o João. É isso o amor. Manter a ternura pelo mesmo homem, embora se deseje outros a momentos diferentes.

Ela acariciou-lhe a cabeça.

– Nós podemos ficar juntos. Seríamos felizes. Cada um com as suas aventuras provisórias, mas voltando sempre ao outro.

– Não, eu não suportaria. O João, sim. Com o João poderás fazer isso. Ele adaptar-se-á, é um homem diferente. Eu pertenço à geração passada, aquela que foi marcada por toda a moral duma sociedade tradicionalista e cristã.

Fizeram amor. Desesperadamente. Sem Medo sabia que era a última vez: depois da missão, só voltaria a Dolisie quando recebesse a ordem de partida para o Leste. Entretanto, Ondina já teria partido.

Acenderam-se cigarros. Ela aninhou-o no seu seio.

– Amo-te, Sem Medo. Amo-te e, ao mesmo tempo, fazes-me medo, pois és demasiado senhor de ti.

– Se fosse senhor de mim, não viria esta noite. É um sinal de fraqueza. No fundo, sou um fraco.

– És um homem, é tudo.

Sem Medo aspirou uma baforada. Contemplou as volutas do fumo.

– Sempre quis ultrapassar o meu lado humano. Ser Deus ou um herói mítico. Fazes confusão entre mim e o João. O que amas em mim é o que há de comum entre o João e eu mesmo. Apenas, não o conheces suficientemente para saberes que é esse o traço comum. É como se fôssemos a mesma pessoa, mas com dez anos de revolução de intervalo, percebes? Ele pertence à geração que vencerá e que, ultrapassando-se, te poderá compreender e aceitar. Eu compreendo-te, mas não te aceito tal como és. Tentaria modificar-te à minha imagem. Destruir-te-ia, dominar-te-ia. Não o posso fazer.

– E se eu o quisesse?

– Para quê? Para me odiar ao fim de dois anos? Eu tenho uma imagem de mim próprio: um caracol com a casa às costas. Assim me sinto livre, eu mesmo. O amor, o desejo, ou a paixão podem fazer-me abandonar essa imagem. Mas perderei o respeito por mim mesmo. É como se estivesse ferido e sentisse medo de morrer.

– Tens medo de morrer?

– Não, acho que não. Mas seria horrível se, quando estivesse a morrer, tivesse medo da morte. Perderia o respeito de mim mesmo. A personagem que me construí seria destruída num segundo e morreria com o sentimento de ter sido um impostor. Seria terrível! Por isso afronto a morte. Não tenho medo da morte. Tenho medo de sentir medo, o Medo, ao morrer. Por isso corro sempre riscos, apenas para me confrontar comigo mesmo.

– É estúpido! – disse ela.

– Não é. Nada no que é homem é estúpido. Há sempre uma razão, que pode ser psicológica, para cada atitude. Seria estúpido, se fosse gratuito. Em mim não é gratuito, pois é uma necessidade íntima. Claro que, se o dissesse a Mundo Novo, ele acharia que era gratuito. Mas Mundo Novo é um político. Isso lhe quis explicar, mas ele não pode compreender. É um botão dum aparelho, uma manivela, mais nada. Eu sou, como tu dizes, um homem. Antes de tudo, um homem torturado, um solitário. Por isso me sinto bem no Mayombe, onde todos somos solitários.

– Desejo-te – disse ela.

Amaram-se. Interminavelmente. Que esta noite não termine, desejou ele. Mas às quatro da manhã deveriam partir. Mundo Novo encarregava-se de tudo para ele poder descansar. Olhou o quadrante luminoso: uma da madrugada.

– Temos três horas – disse ele.

– Temos toda a vida – disse ela.

– Não.

Ela abraçou-o.

– Vou conquistar-te de tal modo que correrás para mim logo que destruas o Pau Caído. Tenho três horas para o fazer.

– Não tenhas ilusões. Não virei. Vê e sente esta noite como a última. É o melhor.

– Não – gritou ela. – Não quero que seja a última. É como se morresses para mim.

– O teu homem é o João, mete-o bem na cabeça.

– Por ele tenho ternura.

– Mais que isso. Tens amor. A necessidade dele, da sua presença, virá com o tempo. E a imagem que tens de mim desaparecerá, quando compreenderes que em mim o que amas é o João.

Amaram-se de novo. Acenderam cigarros.

– Posso saber para onde vais? – perguntou ela.

– Não sei. Mas penso que o objetivo será a Serra da Cheia, na Huíla. Ou o Huambo.

– Pedirei para ser afetada aí. Devem precisar de professores.

– Opor-me-ei. E eu sou um responsável.

– Por que és cruel?

– Sou lúcido. Quero o teu bem. E o teu bem é reencontrares o João, um João diferente, que já vislumbro, mas que não conheces. Um João relativista, humano, sem a ganga artificial da ideologia estreita.

Amaram-se sem se falarem. Às quatro horas, Sem Medo levantou-se.

– Voltarás? – perguntou ela.

– Não.

E saiu do quarto para se ir equipar. Ela não abandonou a cama, gozando o calor e o odor que ele deixara.

A longa comitiva de guerrilheiros, mulheres e pioneiros chegou à Base ao meio-dia.

Sem Medo notou que o Comissário ficara descontente ao vê-lo. Queria comandar o ataque sozinho, seria a sua afirmação. A presença do Comandante colocava-o em posição subalterna.

– Vamos ao rio, temos de falar – disse Sem Medo. O Comissário pegou

na arma de maus modos e seguiu-o ao rio. Sem Medo sentou--se no tronco habitual.

– Vou ser transferido para a Frente Leste, possivelmente para a Huíla. É para abrir uma nova Região. Tu substituir-me-ás aqui. É possível que esta seja a minha última operação em Cabinda. Vim, porque era o meu dever. Mas tu comandarás o ataque. Farei parte do Comando, mas o Comandante serás tu.

– Por quê?

– Porque o podes fazer e tens de ganhar experiência. Na prática, trocamos os nossos papéis. De acordo?

– Se assim o queres – disse o Comissário. Olharam-se em silêncio. Sem Medo procurava manter uma atitude natural, o Comissário destilava hostilidade.

– É inútil parecermos dois galos enfrentando-se – disse Sem Medo.

O outro encolheu os ombros.

– Como queiras! – disse Sem Medo.

E voltou à Base, a AKA poisada sobre o ombro forte, seguido pelo Comissário, magro mas musculado.

O Comando traçou o plano de ataque, baseado sobre dois morteiros e bazukas, seguido dum grupo de assalto. O Pau Caído ficava ao lado dum morro acessível, no qual se podiam instalar os morteiros. O grupo de assalto ficaria no único sítio possível de fuga para o inimigo, isto é, exatamente do lado oposto ao morro dos morteiros. As cinco bazukas ficariam de lado, para destruírem as trincheiras que os tugas tinham feito. O objetivo da operação era liquidar o inimigo, obrigá-lo a abandonar o Pau Caído. O efetivo tuga era de uma companhia.

– Podemos aniquilá-los – disse Sem Medo.

– Se os morteiros caem em cima de nós? – perguntou o Comissário

– Impossível – disse Muata, o chefe da bateria de morteiros. – Estaremos muito perto e do morro o acampamento vê-se bem. É impossível errar um só obus. Vão todos cair bem no meio do acampamento.

– Os morteiros darão o sinal e a seguir as bazukas trabalharão – disse Sem Medo. – Entretanto, o grupo de assalto progride.

– As responsabilidades? – perguntou o Chefe de Operações.

– O Muata comandará a artilharia, dez homens. Tu comandarás o grupo de bazukas, onze homens, os cinco bazukeiros, cinco municidores e tu. O

Comissário comandará o grupo de assalto, trinta homens.

– E o camarada Comandante?

– Eu estarei no grupo de assalto, mas o Comissário comandará.

Partiriam no dia seguinte. Alguns civis ajudariam a levar os morteiros, os outros voltariam a Dolisie. Três pioneiros também iam, para municiar os morteiros. É preciso que os pioneiros estejam em contacto com a guerra, dissera Sem Medo.

O ataque seria de madrugada.

EU, O NARRADOR, SOU LUTAMOS.

Vamos amanhã avançar para o Pau Caído. Missão arriscada, pois ou são eles ou somos nós. O Pau Caído ocupado pelo inimigo representa mais um punhal no povo de Cabinda. E onde está esse povo? Deixa-se dominar, não nos apoia. A culpa é dele? Não, a culpa é de quem não soube convencê-los.

Amanhã, no ataque, quantos naturais de Cabinda haverá? Um, eu mesmo. Um, no meio de cinquenta. Como convencer os guerrilheiros de outras regiões que o meu povo não é só feito de traidores? Como os convencer que eu próprio não sou traidor?

As palavras a meia voz, as conversas interrompidas quando apareço, tudo isso mostra que desconfiam de mim. Só o Comandante não desconfia.

Entrámos no mesmo ano na guerrilha. Eu era o guia, ele era o professor da Base. Não queriam que ele combatesse, davam-lhe os comunicados de guerra para escrever. Até que um dia ele exigiu que o deixassem combater. Nunca mais escreveu os comunicados de guerra, passou a vivê-los.

Estivemos sempre juntos, ele sabe que não trairei. Mas quantos são os que pensam como ele? Vai embora, foi dito que se vai embora para o Leste. Quem me defenderá dos outros, quem terá a coragem de se opor ao tribalismo?

Terei de ser eu a impor-me, sendo mais corajoso que ninguém. E Nzambi sabe como tenho medo! Mas que será feito do meu povo se o único cabinda se portar mal?

Às vezes penso que os outros têm razão, que era preciso liquidar os cabindas. É nos momentos de raiva. Mas o meu irmão, bem mobilizado, não seria capaz de lutar? Seria, sim, é só preciso que a luta avance.

Depois de amanhã, no combate, serei como o Sem Medo. O meu povo o

exige.

A progressão até ao Pau Caído passou-se normalmente. Por vezes, viam novos trilhos, abertos pelo inimigo, procurando a Base. As patrulhas de reconhecimento iam e vinham, estudando minuciosamente o terreno. Qualquer choque prematuro estragaria o efeito de surpresa. O grosso da coluna avançava em etapas curtas, de uma hora de marcha.

Às três da tarde estavam a quinhentos metros do acampamento. Ouviam-se vozes, gritos e gargalhadas. O grupo de artilharia separou-se, foi ganhar o morro onde pernoitaria. O fogo começaria exatamente às seis da manhã.

Os guerrilheiros descansavam, calados. Os responsáveis cochichavam, combinando os últimos detalhes. Comeram às cinco horas. Nessa altura, deslocou-se o grupo de bazukeiros, comandado pelo Chefe de Operações. Tomariam posições à noite, antes de dormir, e às seis menos dez progrediriam para o acampamento. O grupo de assalto mantinha-se naquele local, e começaria a progressão às cinco e meia da manhã. Era um grupo numeroso e, por isso, não podia dormir demasiado junto do inimigo: há a tosse incontrollável ou o pesadelo que faz gritar.

Sem Medo aproximou-se de Teoria.

– Que tal?

– Normal – disse Teoria.

– Os nervos?

– Porreiros!

Calaram-se. Sem Medo fumava, escondendo a chama do cigarro com a mão em concha.

– O Comissário está chateado contigo? – perguntou Teoria.

– Sim.

– Veio diferente de Dolisie. Voluntarioso, cheio de autoridade. Vê-se que é ainda um bocado forçado, mas fica-lhe bem.

– Vai dar um bom Comandante.

– É pena ires embora. Fazes falta aqui. Agora que isto tinha possibilidades de crescer...

– Lá também, segundo parece. Gosto do Mayombe, mas também gostaria muito de chegar ao Planalto.

– Também eu. Mas tu aqui fazes falta. Não sei se o Comissário vai aguentar os homens.

– Vai, sim. Melhor do que eu. E não sei se já notaste que houve melhoria das relações.

– Sim, com a saída do André.

– O mecânico que tínhamos apanhado está em Dolisie. Veio integrar-se no Movimento. A guerra está a avançar.

Deitaram-se. O Comissário não se aproximava. Sem Medo também não o fez. O Comandante mais uma vez iniciou uma noite de insónia. Ondina. Ondina tentava agarrá-lo, puxá-lo para o calor do seu seio e ele debatia-se. Cedesse mais uma vez e estaria preso. Ondina domesticava os homens e ele, no fundo, sentia-se fraco contra ela. Só o João, um João temperado, teria força para não se deixar dominar. Ele começava a envelhecer, a repartir o prazer, a solidão pesava-lhe. Se voltasse a Dolisie, ficaria enredado na teia. Isso sentiu ao despedir-se dela. O seu “não” saiu-lhe como um suspiro de alívio. Durante a marcha, era um homem livre. Agora vinham os fantasmas, as visões, mas não importava. Durante o dia era livre, ele mesmo, um imbondeiro no meio da savana. Amanhã seria o combate, o seu instante supremo de medo e, em seguida, quando o fogo comesse, a libertação.

Virou-se para Teoria. Este ainda não dormia. Sem Medo segredou-lhe:

– O que conta é a ação. Os problemas do Movimento resolvem-se, fazendo a ação armada. A mobilização do povo de Cabinda faz-se desenvolvendo a ação. Os problemas pessoais resolvem-se na ação. Não uma ação à toa, uma ação por si. Mas a ação revolucionária. O que interessa é fazer a Revolução, mesmo que ela venha a ser traída.

Teoria não respondeu. Voltaram a tentar dormir, Teoria com o seu medo, o Comandante com os seus fantasmas.

Levantaram-se às cinco e um quarto. O Comissário aproximou-se.

– Camarada Comandante, não é melhor dividirmos dois grupos? Um comandado por mim e outro por si? Mas que fiquem próximos um do outro. É mais fácil.

– De acordo. Mas quem dá as ordens és tu.

– Está bem.

Avançaram como gatos. Os sacadores tinham ficado no ponto de recuo, onde tinham dormido. A progressão fez lembrar a Sem Medo a marcha de madrugada para atacar a Base. Muito diferente. Agora avançava, seguro que o inimigo estava lá, mas só com os seus fantasmas. Da outra vez havia a vida de João no meio, a angústia que lhe tomava o ventre e subia até ao

peito, donde irradiava para todo o corpo.

Chegaram a cinquenta metros do acampamento. Os dois grupos dividiram-se, fechando completamente a fuga do inimigo. Se os morteiros e as bazukas trabalhassem bem, os tugas fugiriam. Só poderiam fazê-lo pela esquerda, onde se encontrava o grupo do Comissário. Desde que os obuses comessem a cair, os dois grupos avançariam mais para preparar o assalto. O plano não podia falhar, o inimigo ia perder uma companhia no combate. Sobretudo, o povo saberia e diria que realmente o Movimento era muito forte. Isso era o fundamental.

Faltavam cinco minutos para o início do fogo. Sem Medo deitou--se, esfregando a face contra uma liana. Pensava em Ondina: Leli ficara nas trevas, só Ondina aparecia. Ondina e a ternura escondida por uma capa de frieza: era um personagem; mas ele arrancara-lhe a capa, o personagem era destruído e Ondina vinha, nua, um Oceano de ternura nos olhos, um vulcão nas coxas. Ondina, Ondina, porque se encontravam tão tarde? Era irremediavelmente tarde. Cinco anos atrás talvez fosse possível.

Faltavam dois minutos. E depois um. Os homens olhavam os relógios. Sem Medo observou-os. No seu grupo estava Verdade, calmo como sempre; Teoria, mordendo nervosamente um capim; Muatiânvua, olhando para ele, esperando as suas ordens; Pangu-A-Kitina sorriu-lhe. E depois já não faltava nada, só havia Ondina no meio, pois a hora chegara.

Os primeiros obuses fizeram estremecer o deus Mayombe. Os macacos saltavam de árvore em árvore, guinchando. Muata era eficiente, os obuses caíam a um ritmo diabólico, bem no meio do acampamento. Os tugas gritavam, gemiam, insultavam. Depois Sem Medo ouviu a primeira bazukada.

Fora Milagre, o melhor. O primeiro grupo inimigo que compreendeu o que se passava precipitou-se para uma trincheira. Milagre levantou-se, avançou dois passos e lançou um obus que aniquilou os inimigos antes que se instalassem convenientemente na trincheira. Os que corriam para a segunda trincheira ficaram estupefactos, inertes, vendo Milagre, de pé, o peito descoberto, carregando a bazuka. Mas foi outro guerrilheiro que colocou o segundo obus no meio do inimigo. Houve ainda um terceiro grupo que tentou progredir até aos abrigos, mas a AKA do Chefe de Operações e as Pépéchás cantaram alto e Milagre terminou com eles, mais uma vez.

Os morteiros continuavam a cair. Os oficiais tinham perdido a mão nos homens. Só lhes restava a fuga.

Sem Medo seguia o combate pelo ouvido. Ainda era cedo para agir. Era aliás o Comissário quem poderia dar as instruções, pois estava bem à frente do sítio de fuga do inimigo. Ele, Sem Medo, dali não via nada.

Nesse momento apercebeu um vulto esguio que saltava no ar e rebolou, agachando-se. Era João. Que faz ele? Avança para o inimigo? Loucura, pensou Sem Medo. O Comissário levantou a cabeça e olharam-se. Estavam a vinte metros um do outro. Sem Medo fez--lhe um gesto imperioso de parar. João encolheu os ombros e deu mais uma cambalhota, o que o fez desaparecer.

Os primeiros soldados surgiram para aquele lado. O grupo de Sem Medo fez fogo e eles deixaram-se cair num talude, ficando abrigados do fogo.

Então, Sem Medo viu a cena. Como num filme. João apercebera--se da existência do talude e avançou para ficar à frente do inimigo, quando este se metesse na vala. Mas não dera a ordem aos seus homens para avançar. Fizera-o sozinho, desafiando a coragem de Sem Medo: era um duelo que ele impunha ao Comandante, uma espécie de roleta russa. Loucura, pensou Sem Medo. O inimigo tinha de avançar por ali, quarenta ou cinquenta homens avançariam pelo talude, protegidos do fogo do grupo de Sem Medo. À sua frente encontrariam o Comissário, com a AKA.

Era um filme. Lutamos, que estava no grupo do Comissário, também percebeu o que se passava. Saltou da sua posição, correndo para o Comissário. Seriam ao menos duas armas que conteriam a contraofensiva inimiga. Mas a sua corrida foi bruscamente travada, a cabeça violentamente atirada para trás pela rajada da Breda. Lutamos morreu instantaneamente.

O inimigo fazia agora um fogo violento contra a posição do Comissário, que estava protegido por um tronco. A Breda varria o espaço livre entre João e os seus homens, os quais não ousavam abandonar os refúgios. Sem Medo distinguia a AKA do Comissário, reconhecia a sua cadência: uma rajada de três tiros, um silêncio, uma rajada de dois tiros, um silêncio. Em breve tudo estaria acabado, pois uma bazukada inimiga destruiria o refúgio precário de João.

Era um filme. E ele espectador. A sensação de impotência.

E depois, como sempre, o formigueiro nasceu no ventre de Sem Medo. Gritou, saltando do abrigo: “MPLA avança!” Correu, atirando a primeira

granada no meio do talude. Teoria seguiu-o imediatamente. Também Verdade. Também Muatiânvua. E a seguir os outros. O plano de Sem Medo era o de passar ao assalto do talude, à granada, para lançar a confusão no inimigo e salvar o Comissário.

Estava a dez metros do talude, quando a rajada da Breda o apanhou em pleno ventre, lá onde lhe nascia o formigueiro. Caiu de joelhos, apertando o ventre. Teoria abaixou-se para ele.

– Ao ataque! – gritou ainda Sem Medo, ajoelhado, apertando o ventre.

Galvanizados por Sem Medo, os guerrilheiros atravessaram o espaço livre e as granadas caíam bem no meio do inimigo. O grupo do Comissário ousou então avançar, Ekuikui entre eles. Ekuikui viu o Comissário, a AKA esquecida nas mãos, olhando o vulto de Sem Medo. Ekuikui tocou-lhe no braço.

– Camarada Comissário, ao assalto!

– Vão, avancem, avancem.

E João correu para Sem Medo.

O inimigo já não tinha possibilidade de fuga por aquele lado. Retirava para o acampamento. Os guerrilheiros perseguiam-no. A Breda calara-se para sempre.

João debruçou-se sobre Sem Medo.

– Onde estás ferido?

– Miúdo! Miúdo, vai comandar o assalto.

E sorriu para o Comissário. Este apertou-lhe o ombro. Correu para o acampamento, gritando, lágrimas nos olhos:

– MPLA avança! MPLA avança!

A sua AKA varria o terreno. Os soldados tentavam subir o morro dos morteiros, que já estavam a ser retirados, e ele apontava friamente, abatendo os inimigos, tiro a tiro. Ninguém já se camuflava. Os guerrilheiros faziam fogo de pé, visando cuidadosamente.

Raros soldados conseguiram escapar ao cerco. O Pau Caído estava tomado.

Os guerrilheiros recuperaram o que podiam carregar: as armas e munições em primeiro lugar. Depois retiraram. O Comissário e Muatiânvua transportaram o Comandante para o sítio de recuo. Ekuikui levou o corpo inerte de Lutamos atravessado sobre os ombros. Pelo caminho, os grupos explicavam uns aos outros os factos mais importantes do combate.

No ponto de recuo, esperaram o grupo dos morteiros. Pangu-A-Kitina tentava estancar a hemorragia de Sem Medo. Um outro guerrilheiro fora ferido num braço.

– As perdas? – perguntou Sem Medo, num sussurro.

– Um morto e dois feridos – disse o Comissário.

– Vi o Lutamos cair. Morreu?

– Sim.

– Lutamos! Eu também – disse Sem Medo.

– Tu não.

– Sei que sim. Mas, afinal, não tenho medo da morte... Pangu-A-Kitina apertou todas as ligaduras que tinha no ventre de Sem Medo. O sangue corria em abundância, era impossível estancar a hemorragia. Pangu-A-Kitina tinha as mãos a escorrer sangue.

– Inútil – disse o Comandante. – Deixem-me aqui. Morrerei no Mayombe. Não combaterei na Huíla, é pena! João...

– Sim.

A voz de Sem Medo era cada vez mais fraca e o Comissário precisava quase encostar o ouvido à boca dele para perceber.

– A Ondina grama-te. Tenta reconquistá-la. São feitos um para o outro.

– Não fales. Não fales, é pior. Dói muito?

– Suporta-se.

João apertava a mão do Comandante.

– Peço-te perdão, Sem Medo. Não te compreendi, fui um imbecil. E quis igualar o inigualável.

Sem Medo sacudiu a cabeça.

– Coragem gratuita!... Só... – O Comissário não respondeu.

Passados momentos, Sem Medo apertou a mão do outro.

– João.

– Que é, Comandante?

– O mecânico, lembras-te? Que apanhámos...

– Sim.

– Está em Dolisie... Veio para nós...

– Vou vê-lo. Não fales agora.

– Não faz mal... Olha! A classe operária adere à luta... Já vencemos...

– Sim, Sem Medo. Mas não fales, por favor.

O Comandante obedeceu. Apertava só a mão do Comissário.

O grupo dos morteiros chegou. Todos rodeavam o corpo de Sem Medo. Foi então que começou o fogo do quartel do Sanga. Os tugas enviavam morteiros para o Pau Caído. O Sanga não estava longe, o sítio era bem conhecido do inimigo, os morteiros caíam com precisão sobre o acampamento.

Os guerrilheiros agitavam-se.

– Temos de sair daqui – disse um. – Eles estão a mandar para o Pau Caído, porque pensam que estamos ainda lá. Depois vão mandar mais para aqui, a perseguir.

– Isso matava o Comandante – disse Pangu-A-Kitina. – Ele não pode sair daqui.

Uma brisa ligeira levantou-se e farrapos brancos de flores de mafumeira caíram docemente.

– Neve no Mayombe? – perguntou Sem Medo.

O Comissário apertou-lhe mais a mão, querendo transmitir-lhe o sopro de vida. Mas a vida de Sem Medo esvaía-se para o solo do Mayombe, misturando-se às folhas em decomposição.

Os obuses caíam agora a duzentos metros deles. Os guerrilheiros protestaram.

– Ninguém sai daqui – gritou o Comissário.

– Deixa-os ir, João. Eu fico... Que melhor lugar para ficar?

Mas o Comissário não ouviu o que o Comandante disse. Os lábios já mal se moviam.

A amoreira gigante à sua frente. O tronco destaca-se do sincretismo da mata, mas se eu percorrer com os olhos o tronco para cima, a folhagem dele mistura-se à folhagem geral e é de novo o sincretismo. Só o tronco se destaca, se individualiza. Tal é o Mayombe, os gigantes só o são em parte, ao nível do tronco, o resto confunde-se na massa. Tal o homem. As impressões visuais são menos nítidas e a mancha verde predominante faz esbater progressivamente a claridade do tronco da amoreira gigante. As manchas verdes são cada vez mais sobrepostas, mas, num sobressalto, o tronco da amoreira ainda se afirma, debatendo-se. Tal é a vida.

E que faz o rosto do mecânico ali no tronco da amoreira! Sorri para mim.

Os olhos de Sem Medo ficaram abertos, contemplando o tronco já invisível do gigante que para sempre desaparecera no seu elemento verde.

O Comissário estremeceu com o estrondo do obus a menos de cinquenta

metros. Os homens resmungaram e fizeram um gesto de avançar. O Comissário enfrentou-os, a AKA em posição de fogo, os olhos fulgurando.

– Não compreendem que ele morreu? Ele morreu! Sem Medo morreu! Não compreendem que ele morreu? Sem Medo morreu!

Os homens olharam o vulto do Comandante e viram-lhe o sorriso nos lábios. Sorria à vida ou à morte?

– Vamos então embora – disse Muatiânvua.

– És tu que dizes para irmos embora? – gritou o Comissário. – Tu, de quem ele gostava tanto? Tu, Muatiânvua? Ninguém vai embora. Vamos enterrá-lo aqui.

– É loucura – disse Ekuikui. – Não temos pás nem enxadas. Os obuses caem perto. Vamos levá-lo para outro sítio.

– Cavemos com os punhais, com as mãos, com o que quiserem. Mas ele será enterrado aqui. Ninguém tem o direito de transportar Sem Medo morto. Onde ele morreu é onde ele fica enterrado. É a única homenagem que lhe podemos prestar.

O Comissário atirou-se de joelhos no chão, ao lado de Sem Medo, e o seu punhal mordeu com raiva a terra. Escavava freneticamente, ao ritmo dos soluços. Um a um, os guerrilheiros ajoelharam-se ao lado dele e imitaram-no. Os obuses caíam agora mais longe, em ritmo decrescente. Os homens cavaram rápido, eletrizados pelo Comissário, o qual se esvaía no buraco que alargava.

Puseram os corpos do Comandante e de Lutamos no buraco e taparam-nos. O Comissário não falou, como lhe competia. Não haveria oração fúnebre. Ekuikui chorava silenciosamente. Verdade também.

O Chefe de Operações disse:

– Lutamos, que era cabinda, morreu para salvar um kimbundo. Sem Medo, que era kikongo, morreu para salvar um kimbundo. É uma grande lição para nós, camaradas.

Milagre, o bazukeiro, suspirou e disse:

– Foi um grande Comandante! E Lutamos um bom combatente!

Afastou-se uns passos dos outros e lançou um obus de bazuka que foi estoirar no tronco duma amoreira, a cem metros deles. Os guerrilheiros imitaram e as AKAs e Pépéchás cantaram, em última homenagem.

As flores de mafumeira caíam sobre a campa, docemente, misturadas às folhas verdes das árvores. Dentro de dias, o lugar seria irreconhecível. O

Mayombe recuperaria o que os homens ousaram tirar-lhe.

EPÍLOGO

O NARRADOR SOU EU, O COMISSÁRIO POLÍTICO.

A morte de Sem Medo constituiu para mim a mudança de pele dos vinte e cinco anos, a metamorfose. Dolorosa, como toda metamorfose. Só me apercebi do que perdera (talvez o meu reflexo dez anos projetado à frente), quando o inevitável se deu.

Sem Medo resolveu o seu problema fundamental: para se manter ele próprio, teria de ficar ali, no Mayombe. Terá nascido demasiado cedo ou demasiado tarde? Em todo o caso, fora do seu tempo, como qualquer herói de tragédia.

Eu evoluo e construo uma nova pele. Há os que precisam de escrever para despir a pele que lhes não cabe já. Outros mudam de país. Outros de amante. Outros de nome ou de penteado. Eu perdi o amigo.

Do coração do Bié, a mil quilómetros do Mayombe, depois de uma marcha de um mês, rodeado de amigos novos, onde vim ocupar o lugar que ele não ocupou, contemplo o passado e o futuro. E vejo quão irrisória é a existência do indivíduo. É, no entanto, ela que marca o avanço no tempo.

Penso, como ele, que a fronteira entre a verdade e a mentira é um caminho no deserto. Os homens dividem-se dos dois lados da fronteira. Quantos há que sabem onde se encontra esse caminho de areia no meio da areia? Existem, no entanto, e eu sou um deles.

Sem Medo também o sabia. Mas insistia em que era um caminho no deserto. Por isso se ria dos que diziam que era um trilho cortando, nítido, o verde do Mayombe. Hoje sei que não há trilhos amarelos no meio do verde.

Tal é o destino de Ogun, o Prometeu africano.

GLOSSÁRIO

À rasca: com medo.

AKA: metralhadora de fabricação soviética.

Aldrabar: enganar, mentir; passar conto do vigário.

Assimilado: designação colonial para os elementos da população africana, negra ou mestiça, que já eram considerados “civilizados” pelo colonizador.

Bailundo: região e povo do planalto central de Angola.

Batota: trapaça.

Bazuka: Mesmo que bazuca. Grafia utilizada nos tempos de guerrilha – talvez por influência das línguas em que apareciam essas armas, inglês, alemão, russo... – e mantida até hoje por Pepetela.

Berça: província (no sentido português; no Brasil seria “do interior”).

Bié: região do planalto central de Angola.

Buala: kimbo, sanzala, povoação.

Bufo: espião.

Buldôzer: trator potente utilizado para terraplanagem ou para carregar pesos muito grandes.

Cabinda: da região de Cabinda.

Canhangulo: arma rudimentar, de fabricação caseira.

Catana: facão.

Corta-mato: fora dos caminhos, pelo meio do mato.

Cotonang: Companhia Geral dos Algodões de Angola, que detinha o monopólio do cultivo e comercialização desse produto em Angola.

Cueca: calcinha.

Dembo: tribo do norte de Angola.

Eh pá!: ó cara!

Está porreiro: está bom (normalmente, porreiro significa boa gente).

Estela: placa funerária.

Fiote: povo da região de Cabinda; língua falada por este povo.

Fúnji: prato típico – pirão de farinha de mandioca, milho ou batata-doce.

Gajo: cara.

Gamela: vasilha pequena de madeira ou alumínio.

Ganga: rebotalho dos minerais; em sentido figurado: confusão.

Gramar: gostar muito de.

Haussa: povo e língua do norte da Nigéria.

Henda: herói nacionalista, comandante, membro do Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA), morto em combate em 1968.

Imbondeiro: baobá.

Kaluanda: habitante de Luanda.

Kikongo ou kikongu: etnia do Norte de Luanda, que ocupa a região até a fronteira com o Zaire; é nessa região que se localiza Mbanza Congo, sede do velho reino do Kongo.

Kimbanda: adivinho.

Kimbo: povoado.

Kimbundo ou kimbundu: etnia angolana da região que abrange Luanda, Malanje etc; essa população também se designa por N'golas.

Kuanhama: povo que vive no sul de Angola; dedica-se à criação de gado.

Lata: pretensão, desplante (E tens a lata: não tens moral para...).

Lunda: povo que habita nas terras do antigo império Muatiânvua da Luanda, a Nordeste, onde mais tarde se estabeleceu a Diamang – Companhia dos Diamantes de Angola.

Maka: briga; discussão.

Malta: grupo.

Maluvo ou marufo: vinho de seiva de palmeira, matebeira ou sumo de caju.

Marimbar: dar pouca importância.

Masé: mas é.

Mata-bicho: café da manhã; a primeira refeição; gorjeta.

Matete: papa de farinha de milho ou mandioca com açúcar; mingau.

Mayombe: grande floresta tropical localizada em Cabinda.

Miúdo: garoto.

MPLA: Movimento Popular de Libertação de Angola.

Muceque ou musseque: bairro popular urbano e suburbano, semelhante à favela.

Mujimbo: originalmente, significa notícia, mas tomou o sentido de boato,

mexerico.

Nambuanguo: região do norte de Angola.

Nguendeiro: mulherengo.

Nguêta: homem branco (depreciativo).

Nzambi: Deus (kikongo).

Pépéchá: pistola-metralhadora de origem soviética.

Pide: Polícia Internacional de Defesa do Estado – polícia política portuguesa.

Possas: interjeição utilizada com um sentido de admiração e, ao mesmo tempo, irritação. Equivale aproximadamente a “puxa vida!” ou, até mesmo, uma forma branda de “porra!”.

Quitata: mulher da vida, prostituta.

Sacador: mochila (do francês: sac-à-dos).

Salalé: tipo de formiga cujos formigueiros se elevam como montículos de barro; cupim, aleluia, sililuia, siriruia.

Sanzala: aldeia, lugarejo africano.

Sukua!: expressão chula, que equivale aproximadamente a “bolas!” ou “porra!”.

Swahili: língua veicular que se fala desde a costa oriental até o interior da África.

Tareia: pancada.

Taty: traidor ao nacionalismo angolano que passa a comandar os soldados colonialistas (Tropas Especiais).

Tchokue ou Tchokué: povo também conhecido por quioco (kioco); vivem na região de Luanda.

Teca: árvore, também chamada de Acapu, no Brasil.

Tramado: ruim, mau.

Tromba: violentamente; como uma tromba d’água (tufão).

Tropas especiais: tropas coloniais englobando angolanos.

Tuga: português (depreciativo).

Umbundo: povo e língua dominantes de Benguela ao Bié (etnia mais populosa de Angola).

UPA: União dos Povos de Angola.

Vewê: é o nome que se dá ao carro Volkswagen (VW). Os guerrilheiros chamavam assim os cágados pela semelhança da forma com a viatura.

Xanguí: fuga; bater (ou tirar) o xanguí; fugir.

Xikuanga: arbusto do Mayombe; pasta de mandioca que se deixa fermentar em folhas de bananeira ou nas folhas de xikuanga.

Xulo: homem que vive à custa de uma prostituta.



PEPETELA

O PLANALTO E A ESTEPE

Angola, dos anos 60 aos nossos dias. A história real de um amor impossível.



O planalto e a estepe

Pepetela

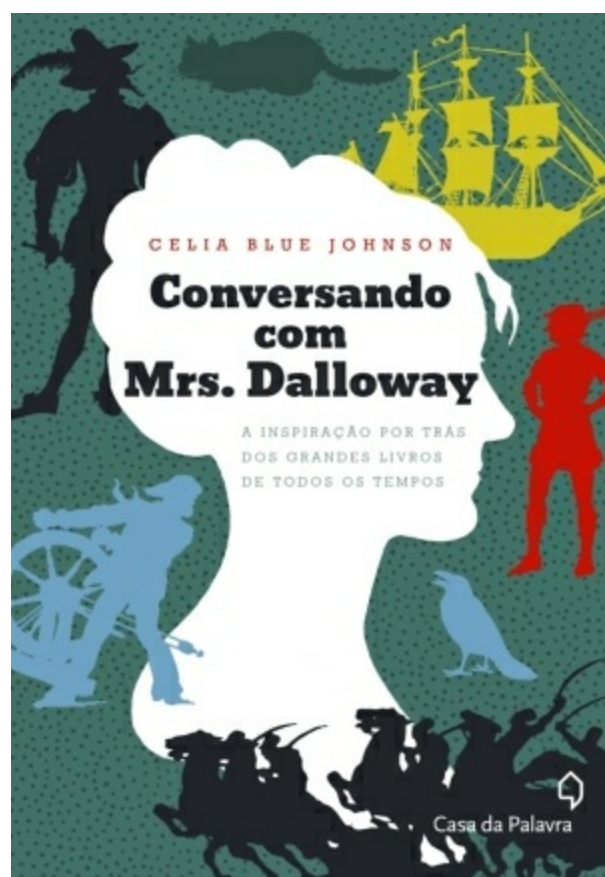
9788580441383

192 páginas

[Compre agora e leia](#)

Do encontro entre um estudante angolano e uma jovem mongol, nos anos 1960, em Moscou, nasce um amor proibido. Baseada em fatos verídicos, romanceados pelo autor, esta história põe em evidência o vazio dos discursos ideológicos e palavras de ordem, que se revelam sem relação com a prática. Política internacional, guerra, solidariedade e amor, numa rota que liga um ponto perdido da África a outro da Ásia, passando pela Europa e até Cuba. Uma viagem no tempo e no espaço de uma geração cansada de guerra num mundo cada vez menor. Maravilhoso e comovente, este é um romance sobre o triunfo do amor, contra todas as vontades e todas as fronteiras.

[Compre agora e leia](#)



Conversando com Mrs. Dalloway

Johnson, Celia Blue

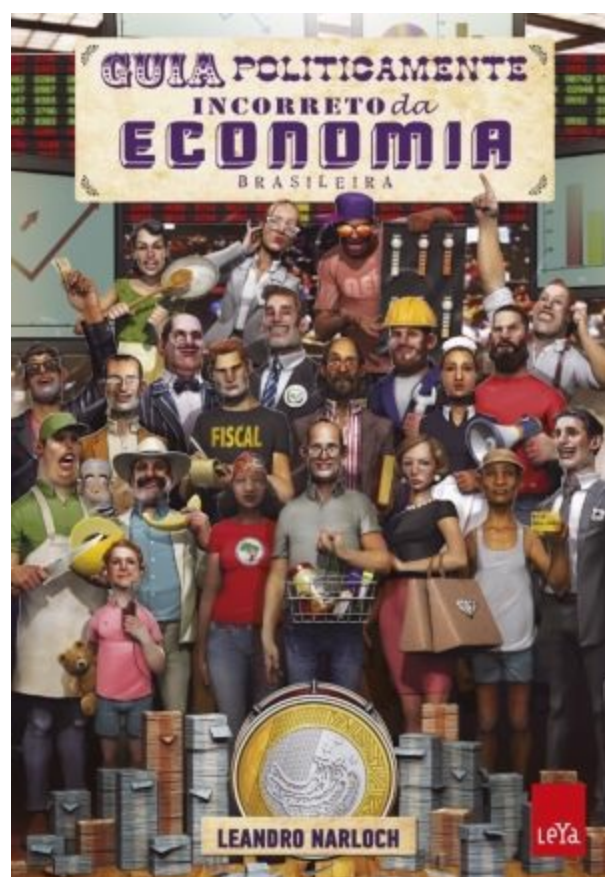
9788577343485

256 páginas

[Compre agora e leia](#)

A volta ao mundo em 80 dias, Alice no País das Maravilhas, Moby Dick, Crime e castigo, Orgulho e preconceito, E o vento levou. Todos esses livros resultaram de uma intrincada trama de imaginação, experiência e, muitas vezes, mero acaso. Mas o que os autores desses títulos de fato têm em comum é um intenso desejo de capturar a inspiração no momento em que ela se manifesta. São essas inspirações que Celia Blue Johnson apresenta neste livro. As histórias por trás de cinquenta clássicos, entre eles O fantasma da ópera, Jane Eyre, Frankenstein e O ursinho Pooh, revelam os motivos que levaram nossos heróis literários a pôr a pena no pergaminho, a caneta no papel ou o dedo no teclado da máquina para escrever alguns dos livros mais queridos que conhecemos.

[Compre agora e leia](#)



Guia politicamente incorreto da economia brasileira

Leandro Narloch

9788544102350

304 páginas

[Compre agora e leia](#)

Se amanhã você acordar com a estranha decisão de prejudicar os trabalhadores brasileiros, espalhar a miséria e a corrupção e aproximar o país do Apocalipse, saiba que assim estará lado a lado com diversas das leis e medidas econômicas que o governo pratica todos os dias e que têm como apoiadores ativistas corretos e políticos bem-intencionados. O bom mocinho é o maior vilão da economia brasileira. Foi com a intenção de desmascará-lo que nasceu este livro um guia contra as vacas sagradas do discurso econômico politicamente correto. Ao revelar os clichês econômicos repetidos diariamente por quem se considera herói contra a opressão, a desigualdade de renda e a insegurança da indústria nacional, Leandro Narloch mostra que é justamente por meio desses argumentos enganosos que perpetuamos o freio do desenvolvimento e do enriquecimento da população. Sobre o autor Leandro Narloch foi repórter da revista Veja e editor de Superinteressante e Aventuras na História. É autor do Guia Politicamente Incorreto da História do Brasil e coautor do Guia Politicamente Incorreto da América Latina.

[Compre agora e leia](#)

A HISTÓRIA OFICIAL QUE DEU ORIGEM AO JOGO

GOD OF WAR II



ROBERT E. VARDEMAN

leYa

God of War II

Vardeman, Robert E.

9788580447699

384 páginas

[Compre agora e leia](#)

Após derrotar Ares e conseguir sua vingança, Kratos ascende ao Olimpo e torna-se o novo Deus da Guerra. Mas seus problemas estão só começando: humilhado e nova mente traído, o Fantasma de Esparta descobre o verdadeiro jogo dos deuses, no qual é apenas uma peça. Agora eles devem pagar. Renascendo dos mortos e abrindo seu caminho para fora do Hades, Kratos parte em busca do impossível: matar Zeus, o Rei do Olimpo. Para isso, o espartano deve encontrar as Moiras, aquelas que detêm o poder sobre o destino de todo o cosmos e que estão acima dos próprios deuses. Em sua jornada, Kratos terá de enfrentar criaturas de poder indizível e alguns dos maiores heróis gregos, como Teseu, Jasão e Perseu. Mas ele não estará sozinho em sua busca: uma força antiga ressurgue, dando início a uma aliança que fará o Olimpo tremer... Pode um simples mortal mudar seu destino? Encontre a resposta neste segundo volume da saga de Kratos, cujo fim guarda uma surpreendente revelação.

[Compre agora e leia](#)



A menina que não sabia ler

Harding, John

9788544100202

288 páginas

[Compre agora e leia](#)

Um acidente de trem. Uma identidade trocada. Os detalhes poderão mudar o rumo dessa história... Depois de viver presa num mundo obscuro, assustador e sem palavras em *A menina que não sabia ler*, a pequena Florence viverá uma nova e misteriosa aventura onde nada é realmente o que aparenta ser e todos podem se tornar inimigos em potencial. Mas onde ela encontrará uma saída? Um aliado? O misterioso médico John Shepherd busca um recomeço para sua vida em um lugar nada promissor — uma ilha que funciona como uma clínica psiquiátrica exclusivamente para mulheres. Nesse antro de segredos e sofrimento, Shepherd tentará esquecer seus pecados devolvendo a humanidade às pacientes. A primeira em quem vai experimentar sua doutrina de cuidados, o "tratamento moral", é uma atraente jovem pálida de cabelos escuros que não se lembra do próprio nome, fala de modo estranho e não consegue saber quando e como chegou àquele lugar. Por que afinal ela desperta tanto a curiosidade do médico? Entre pacientes mais inteligentes que as próprias enfermeiras responsáveis por elas, segredos por todos os lados e figuras assombrosas (e assombradas) percorrendo misteriosamente os corredores da clínica durante a noite,

as vidas de Florence e John Shepherd estarão mais ligadas do que podemos imaginar... Arrisque-se e tente achar uma saída no labirinto claustrofóbico criado em A menina que não sabia ler vol. 2.

[Compre agora e leia](#)



PEPETELA

O PLANALTO E A ESTEPE

Angola, dos anos 60 aos nossos dias. A história real de um amor impossível.



Ficha Técnica

Copyright © 2009, Pepetela e Publicações Dom Quixote

Revisão de textos **Tulio Kawata**
Capa adaptada do projeto original de **Atelier Henrique Cayatte**
Imagem de capa © **ImageZoo/Casa da Imagem**
Foto do autor © **Jorge Nogueira**

Pepetela
O planalto e a estepe / Pepetela. – São Paulo : Leya, 2009.

ISBN 9788580441383

1. Romance angolano (Português) I. Título.

09-11144 CDD-869.3

Índices para catálogo sistemático:

1. Romances : Literatura angolana em português 869.3

2009

Todos os direitos desta edição reservados à
TEXTO EDITORES LTDA.

[Uma editora do grupo Leya]

Av. Angélica, 2163 – Conjunto 175
01227-200 – Santa Cecília – São Paulo – SP – Brasil
www.leya.com

Nota Prévia

A estória aconteceu.

No essencial, mais ou menos como se conta.

As personagens são de ficção.

Todas.

Mesmo aquelas que fazem lembrar alguém.

Para a Suren
Em memória do Piricas

OS ROCHEDOS DA TUNDAVALA

*Os olhos dele continham o céu do Planalto.
Na Huíla, Serra da Chela, Dezembro, quando o azul mais fere.
Nos olhos dela estavam gravadas suaves ondulações da estepe mongol.
Tons sobre o castanho.
Entremos primeiro no azul.*

A minha vida se resume a uma larga e sinuosa curva para o amor.

Começando por um caminho longo até Moscovo.

Não vos contarei todos os detalhes dessa viagem. Houve outras, também importantes, houve mesmo muitas viagens. Mas essa primeira viagem em arco amplo e súbitos desvios demorou mais, começou na Huíla, Sul de Angola, quando fui parido.

Nasci no meio de rochedos. A casa, porém, era de adobe.

Casa de adobe com rochedos à volta. Título de quadro?

Era muito duro fazer uma casa de pedra, como na aldeia de Trás-os-Montes onde o meu pai tinha nascido. A minha mãe era já de algumas gerações huilanas e nascera numa mais pequena que a nossa. Por isso se construiu a de adobe, quando casaram. Os dois, com a ajuda de um serviçal muíla, chamado Kanina, nome de soba grande, ergueram a moradia, usando o barro de uma baixa sempre húmida para fazerem blocos secos ao sol. Primeiro teve capim como cobertura. Depois chapas de zinco. Finalmente telhas.

Houve progresso.

Nasci na fase intermédia, das chapas de zinco. Na do capim tinha nascido a Olga, minha irmã mais velha. Depois, já na de telhas, nasceram o Zeca e o Rui, meus mais novos. Só eu tive direito, ao ser atirado para o mundo, a

ouvir chuva batendo em chapas de zinco. Foi mesmo a primeira música que aprendi a ouvir. Os ritmos variam, conforme a nuvem de chuva é mais grossa ou menos espessa, ou conforme a força e direcção do vento. Até conforme a temperatura da água. Músicas diferentes de gotas batendo no zinco, quem pode esquecer? Bebê eu era e estendia as mãos para o tecto, talvez para agarrar a música da chuva. Contaram mais tarde os meus pais, sorrindo. No entanto, essas lições da primeira infância não tiveram importância nenhuma para o resto da estória, pois sempre fui péssimo em música, duro de ouvido. Acabei mesmo meio surdo, mas isso foi mais tarde, por causa dos tiros e rebentamentos.

As guerras não perdoam.

Construíram a casa sobre terreno cedido pelo meu avô materno. O casal queria moradia independente e ali eram terras virgens, já fora do perímetro urbano. Façam a casa para lá, indicou o meu avô com gesto largo. O avô tinha gestos amplos, se tratando de terra, espaço. Como os muílas, na sua secular sabedoria. E o meu pai aproveitou do gesto, escolheu o melhor sítio e depois foi plantando árvores de fruta e fazendo hortas. Até erguer uma vedação. Eu já era miúdo e ajudei na vedação, imitando a Olga. O avô tinha entretanto morrido e os outros filhos dele não se opuseram. No fundo, o terreno ficou para a minha mãe, como herança não estabelecida, no meio de algumas hortas com cubatas. Aquele terreno nunca fora utilizado para nada, esquecido no caminho da Tundavala, fantástica fenda de mil metros na montanha, fenda sorvedouro de sonhos e presságios. Não se tratava de lendas antigas portadoras de ameaças nem de estórias de feitiços e mortos injustiçados, como há tantas por aí contaminando lugares. Apenas não era local utilizável e os pastores tradicionais preferiam outros e não aquele sítio meio perdido como passagem. Ainda menos para pastagem dos bois.

Bois tivemos nós, primeiro um par, depois os que foram sendo paridos. Em miúdo, o Kanina ensinou-me a pastorear bois. Acordava com o sol, levava primeiro o gado para o pasto, me lavava rapidamente e corria depois para a escola, a quase uma hora de marcha. Não cansava, distraía. No fim das aulas, os bois estavam à minha espera onde os tinha deixado, de barriga cheia, pois o capim era farto. Ao entardecer, havia que os pôr no cercado feito de paus cruzados e arbustos. Como nos eumbo¹ tradicionais. A diferença é que o nosso curral ficava afastado da casa, evitando as moscas, enquanto os eumbo são constituídos de várias cubatas, onde moram as

peessoas, em volta do cercado dos bois. Os bois no Sul são valiosos, ficam no centro.

Os bois são o centro das habitações e das vidas.

Mas antes de guardar o gado, tinha tempo de brincar. A Olga era uma menina muito agarrada à casa e os meus irmãos eram pequenos. Preferia ir brincar com os miúdos das redondezas, que moravam nas cubatas dispersas ao lado de hortas. Eles não iam à escola mas sabiam muitas coisas para me ensinar. Eu também a eles. Caçávamos pássaros com chifutas² de borracha, mergulhávamos na lagoa azul perto da estrada, contávamos estórias, ríamos, formávamos um bando unido. No tempo certo, apanhávamos mirangolos às carradas. Eram frutos vermelhos no começo, roxos quase pretos quando maduros, nascidos em arbustos do tamanho de uma pessoa. Comíamos até termos dor de barriga, o resto levávamos para as casas, onde as mães faziam compotas espantosas porque os mirangolos são simultaneamente doces e ácidos. É a melhor compota do mundo, venham os sabichões contar o contrário. Os pais dos meus amigos trabalhavam na cidade, geralmente como criados nas casas dos brancos, ou nas chitacas³ maiores, também dos brancos. As mães ficavam nas cubatas a tomar conta das crianças e a tratar da chitaca, normalmente muito pequena pela falta de braços, produzindo apenas milho, legumes e fruta para a família. As mulheres pisavam ainda o milho nas covas dos rochedos ou nos pilões e faziam a comida, peixe seco com funje de milho. Só em dias de festa grande comiam carne. De boi muito raramente, de cabrito mais frequentemente. Vinha gente de todos os lados para comer a carne de boi nas festas grandes, casamento ou óbito.

Dois do meu bando eram filhos do Kanina, João e Job, mas ele tinha outros, ou muito grandes ou pequenos de mais. Nunca reparei na cor da pele deles, quente como a minha.

O valor da pele é o seu calor.

No entanto a Olga, sempre atenta aos meus passos, um dia me chamou a atenção para as diferenças:

- Devias brincar com os teus colegas de escola e não com esses.
- Porquê?
- Porque eles são pretos e nós brancos.
- E então?
- Os pais não acham bem.

Os meus pais nunca tinham dito nada, nem mesmo com os olhos.

Mandaram a Olga dizer? Ou foi só uma boca dela? A Olga tinha a mania de irmã mais velha, sabem como é.

Metia-se na vida dos mais novos.

Continuei porém a brincar com os meus amigos. À volta de casa não tinha outros. Mas não gostava deles por isso. Gostava por serem meus amigos verdadeiros, me lembro deles quando era muito pequeno e crescemos juntos. Tinha outros amigos, alguns companheiros de escola. Brancos, quase todos. Um ou outro mestiço. Não me lembro de nenhum negro na escola. Mas devia haver, pois se dizia Salazar construiu uma Angola multirracial. Bem, nessa altura nem percebia ideias nem palavras tão complicadas. O certo é ter os amigos das redondezas, com eles jogava futebol e caçava sardões ou pássaros e apanhava fruta. Só hoje sou capaz de reparar terem cores diferentes dos outros da escola. Na época éramos todos iguais, julgava eu.

Não éramos afinal, havia racismo.

Olga era racista, desde pequena dizia, não gosto nada de negros. Devia ter ouvido os colonos vezes sem conta com afirmações desse género e aprendeu a frase. Acho, começou a repetir como um papagaio antes de a perceber. Eu só mais tarde percebi. Não gostei. Mal sabia eu! O racismo havia de me perseguir a vida inteira, como vos explicarei.

Se tiver tempo.

O tempo é um atleta batoteiro, toma drogas proibidas, corre mais que todos. E quanto mais o quisermos agarrar, porque resta pouco, mais ele corre. Por isso são sábios os velhos dos kimbo⁴, nunca querem agarrar o tempo, deixam-no passar por eles, as peles devem ser rugosas e o tempo entranha-se nelas, deslizando com mais dificuldade. Entranha-se mesmo nas peles das mulheres velhas tratadas diariamente com leite coalhado e óleos tirados de sementes especiais para ficarem macias. Se elas usam a sabedoria dos anciãos, as peles lisas pelo leite e óleo têm no entanto entalhes, escarificações, travando a corrida do tempo. Nós achamos ser superiores, modernos, vivemos em cidades, porém não sabemos nada disto. O tempo goza com a nossa estúpida vaidade, passa por nós como um foguete, nos torna seus escravos. Os velhos dos kimbo não correm atrás, antes ficam parados contemplando as diferentes manchas de uma vaca, distinguindo uma de outra, assim conhecendo toda a manada, a sua e as dos vizinhos. Ficam a ver as formigas fazendo carreiros no solo seco ou os pássaros

sulcando riscos no espaço. Tantos riscos desenhavam os pássaros no espaço! Só é preciso saber ver.

Então, o tempo passa devagarinhovagarinho, como uma solitária gota de chuva se desprendendo com dificuldade de uma folha da árvore mutiati.

Éramos crianças e corríamos à volta da lagoa. Aos domingos, depois da missa, pedíamos boleia no sô Rodrigues, comerciante da loja mais perto da casa, que nos levava de camioneta até à zona da Tundavala, onde ele tinha uma lavra grande. O resto do caminho fazíamos a pé. Ainda era longe, sobretudo o campo das estátuas. Se tratava de rochedos, grandes e pequenos, mas muitos, os quais indicavam a aproximação da fenda. Para nós eram estátuas, pareciam talhadas de propósito, algumas quatro vezes a altura de um homem. Cada pedra era diferente e alguns dos meus amigos conheciam quase todas. Diziam, agora vamos passar pelo elefante adormecido, depois era a vaca a parir, depois a mãe de um de nós a soprar na fogueira, depois o cão de cinco patas, a camioneta invertida, enfim, cada rochedo tinha o seu nome escolhido pela aparência, e eram centenas, que digo eu, talvez milhares. Levou anos e anos a darmos nomes àqueles rochedos todos. Às vezes havia discussões sobre os nomes, nem sempre estávamos de acordo.

A memória prega partidas, como a vida.

Vivi sempre com muitas pedras à minha volta. É bom ter pedras na vida. Sobretudo lembrar as que se teve. Nunca poderia esquecer o campo das estátuas. Muito menos agora. Os rochedos indicavam a direcção. Havia depois uma pequena planície com flores de muitas cores no tempo da chuva. E estávamos na fenda sem quase dar por isso. Já viram uma montanha cortada a pique, em cima o verde do planalto, em baixo o amarelo do deserto? É quase assim. Só não é exactamente assim porque no meio há o Morro Maluco, o qual corta de verde e castanho o amarelo do deserto, lá em baixo. O deserto leva para o Namibe, o grande Sul que alguns chamaram Kalahari. Com muitos bois pelo meio.

Tive pedras na minha vida e tive bois. Uma sorte.

Não íamos só à fenda da Tundavala aos domingos. Também jogávamos futebol e mais tarde começámos a nos meter com as miúdas. Ficava complicado: umas eram irmãs dos amigos. Não dava para perder o juízo. Já tínhamos aquela idade em que se rouba dinheiro para comprar cigarros e fumar às escondidas. Eu contribuía mais que os outros com os cigarros, o

meu pai era rico ao pé dos deles. Ou menos pobre, talvez. Francesinhos, Jucas, Negrita, algumas marcas dos mais baratos. Sô Rodrigues no princípio não queria vender, e se os vossos pais sabem? Íamos comprar a lojas mais longe, próximas da cidade, e ele fazendo contas, fazendo contas. Perdia para as outras lojas. Engoliu os escrúpulos, passou a vender, até nos dava um de esquebra se comprávamos dez. Nos escondíamos no meio do milheiral para fumar.

O fumo escondido sabe melhor.

Kanina um dia apanhou-nos. Sentiu restolhar no milho alto. Pensou ser um bicho, talvez onça, quem sabe leão. Corajoso, avançou à altura das espigas já quase maduras, o punhal da tradição em riste. Quando ouvimos, já era tarde. Ainda por cima um de nós tinha derrubado dois pés de milho, não havia espaço para tantos rapazes sem se criar involuntariamente uma pequena clareira. Foi talvez o que o enfureceu mais. Pelo menos, foi isso que queixou no meu pai, os miúdos mataram dois milho. Os filhos apanharam castigo à noite, em casa. Não por estarem a fumar, mas por se esconderem e estragarem o trabalho dele. Não fui castigado, o meu pai não considerou importante dois pés de milho, para a próxima vez não brinquem no milheiral, têm tanto espaço.

O meu pai era pessoa compreensiva.

Olga não acreditou na estória. Interrogou o Kanina, que brincadeira era essa dos miúdos no meio do milho. Que não era brincadeira, não, menina, eles só estavam a fumar. Olga foi queixar no meu pai, o Júlio e os outros estavam a fumar no meio do milho. Quando eu era miúdo também fazia cigarros com barba de milho, disse candidamente o meu pai. Saudades. Olga ficou sem fala. Kanina não lhe explicara que tipo de cigarro fumávamos, os argumentos dela se esvaíram como o fumo das queimadas no céu do planalto.

Fumar barbas de milho não era pecado.

Pecado era roubar dinheiro para comprar cigarros da loja. Sabedoria do meu pai, pelo menos foi isso que entendi então. Nada mau como ensinamento moral. Melhor que os do padre Mateus no catecismo. Passámos a ir todos juntos, depois da missa. Adeus Tundavala, agora tínhamos catecismo. A Olga lembrou à minha mãe no devido tempo, eu já tinha idade. E o Kanina achou bem que os filhos fossem também, éramos da mesma geração. Os outros amigos do grupo, mesmo sem serem

pressionados pelos pais, também acompanharam. Por solidariedade. Não se queixaram da chatice tremenda do catecismo depois da missa. Era Deus a mais, Jesus Cristo a mais, pecados a mais, tristeza de mais. Eu enjoava essa demasia toda e queixava. Os meus amigos no entanto sorriam, de olhos no chão. Tinham querido ir apenas pela amizade, os pais deles não se aproximavam da igreja e por isso não os obrigaram. Eles não tinham portanto o direito de reclamar, sendo voluntários.

A solidariedade é um dom.

Ficava tarde para ir à Tundavala depois da missa e do catecismo, mesmo se as boleias não faltavam. Nos conformávamos com uns mergulhos na lagoa, evitando a parte dos caniços, do lado direito de quem vai para a cidade. Nessa parte, o chão estava pejado de pontas perfurantes, cortavam os pés. Também se dizia, nessa parte mais escura, se acoitavam seres estranhos, os seres malfazejos das águas paradas. Por vezes engoliam cabritos, cães, crianças. Nunca soube de nenhuma criança desaparecida na lagoa. Mas se dizia. Talvez tivesse acontecido em outras eras antigas e ficou a recordação. Portanto não íamos para a parte dos caniços. Nadávamos em águas pouco profundas e o chão era de areia. Não se notava na época das chuvas, com a lagoa cheia. Mas na estiagem, a água recuava e ficava uma praia de areia branca.

Foi a primeira praia da minha vida.

Vi depois outras, em várias partes do mundo. Vi de areia amarela, fina e grossa, vi de rochas negras, vi de calhaus cinzentos, vi de areia branca, muitas. Mas nenhuma de uma areia tão branca, até brilhava ao sol e fazia chorar.

O Paraíso só podia ser uma praia de areia branca.

Mas era difícil chegar ao Paraíso. Pelo menos o padre Mateus não facilitava. Todos estávamos devidamente condenados ao Inferno, pecadores que éramos. Quanto mais nos esforçávamos, mais nos enterrávamos no Inferno, vãos eram os gestos e as rezas. Mesmo depois da comunhão e de todas as confissões. Comparávamos as confissões de uns e outros, entre nós não havia segredos. As confissões eram todas iguais. Iguais também os castigos. Três Ave-Marias e dois Padre-Nossos, ou o inverso, tanto fazia, ia dar tudo à inutilidade, ao Inferno.

Sobretudo depois de ter ido às putas.

Duas irmãs que moravam numa cubata à entrada da cidade recebiam os

estudantes. A cubata era no meio dos eucaliptos por trás do liceu, bem camuflada por ravinas e árvores. Os estudantes geralmente iam aos pares. Fomos também formando par, mas aceitaram só a mim e não ao que era da cor delas. Foi o que me disseram da primeira vez. Tu está bem, que és branco, mas ele não. Ele era o filho mais velho do Kanina, o João. Tínhamos dinheiro para os dois, dinheiro que levei tempo a roubar na máquina de costura da minha mãe, aos poucos. Mostrámos o dinheiro. A que me tinha interessado, talvez por ter o lábio debaixo atravessado por uma cicatriz clara, sorriu, tu podes, vem comigo. Ele não, disse a irmã. O dinheiro é igual, disse o João. Pois, mas a cor não é, disse a irmã.

Racismo? De negro para negro?

A minha era muito jovem. Ensinou-me a fazer sexo. Eu só queria provar, mas não sabia como, apesar das lições dadas por amigos experientes. Ela foi paciente, depois até gostou, disse-me. O João ficou fora da cubata, a dar pontapés nas árvores, furioso e impotente, o inútil dinheiro na mão. Esperou no entanto por mim. Demorei, porque quis mais. Como é a tua primeira vez, podes repetir sem pagar de novo, disse a puta, mas só desta vez. Fizemos e eu ainda gostei mais. Ela também, confessou. Acreditei, sempre fui crédulo. De facto ela estremeceu, senti os estertores no corpo dela mas estava no céu, podia ser um sonho. No fim perguntei, mas como recusas um da tua cor? Porque se um branco souber que me deitei com um negro, não vai querer se deitar mais comigo. E os brancos é que têm dinheiro.

Racismo, sim, mas dos brancos.

Os brancos é que tinham dinheiro. Isso era verdade. Estávamos situados no fundo da escala social entre os brancos, chicorinhos, o que era uma corruptela sem maldade de colonos. Já o termo mapundeiros era ofensa usada pelos outros brancos contra nós, por a nossa zona ser a Mapunda, onde se refugiavam os mais miseráveis dos brancos. No entanto, éramos ricos se comparados com os negros, nossos serviçais. Vendo bem hoje, havia negros que tinham manadas de bois, mas esses viviam nos seus eumbo e não se misturavam com os brancos. Viviam as suas vidas, a igreja é que ia ter com eles para os desencaminhar das suas práticas feiticistas. Diziam os padres. Se fizéssemos contas aos bois, os donos das manadas eram muito mais ricos que o meu pai.

Fora da área da cidade, as contas eram outras, não dá para comparar.

Fui várias vezes a essa puta. Sozinho. Um dia encontrei o Arnaldo, meu

colega no liceu, a sair da cubata dela. Fiquei furioso. Ciúmes, era verdade. Sabia, ela era uma puta. Mas nunca tinha visto ninguém sair da casa dela, partilhar os favores da puta se tornara uma ideia abstracta. Agora não, era a sério, concreto. Arnaldo sorriu, é bem boa, disse ele. Concordei, armado em perfeito conhecedor. Amargo dentro, cortês por fora. Ela me recebeu muito satisfeita, gostava de mim. Aquele teu colega não dá nada, quase ia dormindo, a coisa dele é muito pequena, confidenciou. Comigo ela estremeceu de gozo, ou parecia.

Eu era feliz, fazia as putas gozar.

Uma semana depois, o Arnaldo veio ter comigo no recreio das aulas, aquela puta pregou-me um esquentamento, fui ao médico, confirmou, receitou umas injeções fodidas, doem pra burro. Como sabes que foi ela, perguntei tentando defender a minha dama, tão asseada ela parecia, se lavava numa selha sempre depois. Aliás, ao cruzar com Arnaldo, estava ela na selha quando entrei na cubata. E cheirava bem, cheirava a mato.

O melhor cheiro é o do mato.

– Não estive com outra faz meses, portanto só pode ter sido ela a passar-me o esquentamento – disse o Arnaldo. – Tu não sentes nada?

– Não, está tudo bem.

Depois pensei, sem querer ferir o colega, ele apanhou a doença porque não a fez gozar, tem aquilo muito pequenino, o merdas. O que constava era exactamente o contrário, os esquentamentos são apanhados quando elas gozam, conforme me tinham ensinado os mais velhos. Tretas. Ela gozou comigo e não me passou a doença. Será? Ainda havia tempo, talvez numas pessoas demore mais a se manifestar. Tive calafrios durante uns dias. Como dizer aos pais que devia ir ao médico porque o sexo me doía e ardia e estava a deitar pus? Iam logo perceber. Vinham as confissões, e até iam descobrir onde arranjava o dinheiro. Uma tragédia. Lavava constantemente o sexo com sabão, como se adiantasse. Não me aconteceu nada, mas nunca mais procurei aquela puta que tinha uma cubata no meio dos eucaliptos, perto do liceu. E uma racha antiga no lábio inferior, o que lhe fazia um sorriso lindo. Tive saudades, oh, se tive.

As saudades não vencem o medo.

Os pais faziam sacrifícios para me sustentarem até terminar o liceu. Depois se veria. O meu pai era ambicioso. Nunca tinha podido estudar grande coisa. E como eu era o melhor aluno entre todos os irmãos, ele

decidiu, este vai ser doutor. De qualquer coisa, mas doutor. Nunca se queixava de falta de dinheiro quando era preciso comprar livros ou roupas melhores para ir ao liceu. Desde que tivesse boas notas... E eu tinha. Fazia as minhas escapadelas para correr pelos campos ou fumar ou jogar futebol ou ir às putas, mas estudava nas horas vagas. E, de vez em quando, ainda ia apascentar os bois. Era um bom filho, dizia ele. E de facto era, acho eu.

Bom filho e bom amigo, pois nunca esqueci os meus.

Apesar de analfabetos e dispersos pela exigência dos empregos, por vezes conseguíamos estar todos juntos a conversar ou a comer fruta. Era o que havia mais na chitaca: maçãs, laranjas, sape-sape, tangerinas, nêspersas, morangos, goiabas, era só apanhar e comer. E havia sempre coisas a aprender com os meus amigos. Domingo à tarde íamos à cidade, passear no Picadeiro. Assim chamavam à rua principal, que se enchia de gente a andar para lá e para cá na tarde de domingo. Havia algumas cervejarias e pastelarias e as pessoas com dinheiro paravam nelas para lanchar. Nós do bando da Mapunda não tínhamos dinheiro para uma Carbosidral, maravilhosa gasosa feita de maçã, e uma sanduíche ou um prego no pão. As meninas preferiam bolos com muitos cremes. Nós só olhávamos as mesas apinhadas. Muitas caras eram de conhecidos meus, colegas do liceu. E quando nos viam, as meninas riam, lá vai o branco mapundeiro com os seus negros. Poucos eram os negros que se aventuravam ir ao Picadeiro no domingo.

Um branco com amigos negros era um branco estranho, malvisto. Subversivo.

Salazar não gostava dos subversivos e Salazar tinha muitos seguidores na cidade. Um dia dois homens com chapéu cinzento na cabeça encostaram-me a um canto do liceu. Então és tu o bolchevique amigo dos pretos... Só percebi uma coisa, me acusavam de ser amigo dos pretos, o resto para mim era chinês. Mas eu não era amigo dos pretos por serem pretos, nem via bem as cores nem as cores têm importância. Era amigo dos meus amigos, isso sim. Eles não entenderam o que tentei explicar. Estamos de olho em ti, vê se tens juízo.

Os adultos querem sempre os jovens com juízo. Se for preciso, enfiam o juízo na cabeça dos jovens à porrada. O problema é que os juízos variam, não são sempre os mesmos.

Aqueles tipos ficaram só pelas ameaças. Sabia, o meu pai não conseguiria

explicar o que eles queriam nem aquela palavra feia que me chamaram. Falei ao padre Mateus, o qual coçou a cabeça, na obrigação de ajudar uma ovelha do seu rebanho mais tresmalhada do que nunca. Não lhe saiu nenhuma ideia válida, apenas me aconselhou a rezar muito e a arrepender-me dos numerosos pecados. Foi a última vez que o procurei. Também não voltei à missa dele. E disse ao João, acho que não acredito em Deus. João era, de todos, o meu maior amigo. Assustadiço, arregalava constantemente os olhos brancos, imensos. Teve medo do que lhe disse. Era uma ideia estranha, pesadíssima, peso de mais para a coragem dele. Como podes não acreditar em Deus?

Deus ouvia a nossa conversa, ouve todas, mas desta vez ficou calado.

E eu expliquei ao João, se Deus existisse, já me tinha lançado um raio em cima porque estou a mandar bocas contra ele. E se existisse não aceitava ser representado por um padre tão burro como o Mateus. João fez o sinal da cruz e bateu com a mão na boca. E Deus não deixaria que dois matulões de chapéu encostassem um rapaz de quinze anos à parede para lhe chamarem um nome feio e amigo dos pretos. Então tem mal ser amigo de pretos? Onde está Deus no meio disto tudo? É melhor que não exista. Porque, se existir, então é um filho da puta. O João fugiu, tapando os ouvidos, com medo de ouvir mais heresias. E eu não tinha com quem falar disto tudo. A Olga, essa estava mesmo fora de questão.

Um rapaz só, assim me julgava eu.

Mas eram mesmo só bocas. Depois fui esconder-me para rezar e pedir perdão a Jesus Cristo pelas blasfêmias proferidas. Fiquei calmo, mas sem resposta à minha pergunta. Que mal tem ser amigo de pretos? O João está em pecado por ser amigo de um branco, eu, na ocorrência? O padre Mateus saberia responder a esta questão, pelo menos? Duvido. No entanto, esta era uma questão simples a que até eu sabia responder: o João devia ser amigo dos brancos, era obrigado por lei e pela Igreja a ser amigo dos brancos, senão levava porrada. Os brancos é que não deviam ser amigos dos pretos. Não há equilíbrio na vida. A ideia da reciprocidade é uma falácia para enganar parvos. Eu já estudava Filosofia e tinha obrigação de perceber o conceito. Mas era novo de mais, fiquei-me pela pergunta, não cheguei ao conceito de desigualdade natural entre seres humanos.

O homem só gosta da diferença, sobretudo a que o favorece.

O meu professor de Filosofia era outro padre. Mas deu para perceber a

diferença. Até na cor, pois este era de origem indiana, família de Goa. Porém, não me refiro a essa diferença. Quero falar da inteligência e das ideias. Cedo se mostrou um professor diferente dos outros. Secretário do bispo do Lubango, não dava aulas para sobreviver, dava aulas porque queria ensinar. Um dia disse, quero ensinar-vos a pensar. Desesperava, nós não pensávamos senão na bola e nas miúdas. Pelo menos os meus colegas. Quanto a mim, disse um dia, nada tenho a perder, vou falar com ele. Apanhei-o à saída das aulas. Do liceu até ao bispado era relativamente perto e no caminho para casa. Ele autorizou a minha companhia, até disse ter muito prazer nela. E lhe perguntei com todo o descaramento o que aqueles dois homenzarrões eram e o que diziam. Quanto a bolchevique, era simples explicar, os comunistas russos assim se chamavam e ele até me podia explicar porque mais tarde, mas importante agora era isso de ser amigo ou não dos pretos e insistiu, Jesus Cristo disse para sermos todos irmãos e eu fazia muito bem em ser amigo de todos, não havia nisso pecado, antes pelo contrário, pecadores eram os que diziam só os pretos podem ser amigos dos brancos, não o inverso. Esses são racistas e são colonialistas.

A palavra nova estoirou em mil relâmpagos de luz na minha cabeça.

Fiz o professor repetir e ele disse, não confundas com colono, chicorinho, isso é outra coisa, são apenas pessoas que vão para outras terras, neste caso os que vieram de Portugal para cá porque lá morriam de fome. Colonialistas são os que querem que os africanos sejam sempre inferiores, sem direitos de gente na sua própria terra. Era um padre avançado, afinal lhe tinham despachado de Goa porque defendia a ideia subversiva que a Índia devia ser para os indianos e não devia haver colónias lá, sobretudo depois de o império britânico ter ido para a sarjeta, de onde nunca devia ter saído à nascença, aliás. Disse também, os mesmos homenzarrões que te ameaçaram no outro dia, ou colegas deles, estão sempre a vigiar-me, talvez neste momento estejam a espiar-nos atrás de uma árvore. Não tenhas medo, continua a ser como és, Jesus vela. E eu arrependido por ter dito ao João que Deus era um sacana ou pior, afinal havia padres que me podiam dar razão e dizer a Jesus para tomar conta de mim. De certeza que Jesus ouvia este padre e seguia os seus conselhos.

Falámos mais vezes. Cochichando verdades. A minha cabeça crescia.

A cabeça cresce com as verdades que nela entram.

Nunca falei ao professor das minhas experiências com putas. Tenho pena

hoje. Talvez ele tivesse compreendido. Jamais falei do assunto com um padre, porque deixei de me confessar e de ir à missa. Este meu professor era um padre diferente, era único. E comigo não tratava como padre, mas como professor. Confidente. Dou um salto no tempo e explico desde já, não durou muito como professor nem como secretário do bispo. Os homenzarrões de chapéu obrigaram-no a partir para o Vaticano e por lá ficar a envelhecer e fazendo estudos de Teologia. Até se perder e esquecer que havia vida no universo.

Os homens bons duravam pouco na nossa terra.

A diferença entre colono e colonialista durante muito tempo trabalhou a minha cabeça. E me entretive a colar rostos aos nomes. Por exemplo, a minha mãe provinha dos primeiros colonos vindos da ilha da Madeira que fundaram o Lubango. Os avós dela viveram nos barracões, perto do campo de aviação, hoje aeroporto. Do outro lado da cidade. Uns miseráveis, como ela contou, chamados pela gente da terra chicoronhos, angolanizando a palavra colono. Os filhos e os netos de alguns mudaram de vida, cresceram como negociantes ou agricultores, alguns chegaram a doutores. A família dela se mudou para este lado, teve campos não cultivados, os que o meu avô abarcava com um gesto largo do braço. Mas eram terras de ninguém e não valiam nada. Por isso sempre foram chicoronhos pobres, pior, mapundeiros. No entanto, Olga, a minha irmã, quanto mais crescia mais se tornava colonialista. Como aqueles brancos todos que se riam de nós no Picadeiro aos domingos e gostariam de nos expulsar da cidade, das suas vidas. Colonialistas!

As palavras pesam como o ouro. Porém, algumas brilham com a sua clareza.

Brilhante fui eu nos exames de fim do liceu. Com tais notas, o meu pai obteve facilmente uma bolsa de estudos da Câmara Municipal para poder continuar. Não havia universidade em Angola, os colonialistas nunca tinham querido, para manterem a terra no atraso, como me tinha explicado o professor de Filosofia. Devia ir para Portugal. A ideia arrepiava-me. Deixar tudo? Não era muito, talvez, mas era tudo. Sonhos, amigos, família, terra, bois, cheiros, mato, rochedos, sabores, verde. Não sei se pensei em tudo isso no momento ou se é agora apenas que a ideia me vem. Pouco importam os detalhes. Ia enfrentar o desconhecido, pisar outra cidade. Nem tinha conhecido Moçâmedes, que hoje chamam Namibe, e está ali ao pé do mar.

Viver em Lisboa, a capital do império? Ou Coimbra, a cidade dos doutores imitando corvos nas capas pretas? Metia realmente medo. Sabia, ia encontrar pessoas conhecidas, colegas do liceu, alguns tipos bons, outros umas alimárias. João procurava animar-me, estudas e depois voltas como doutor, qual é a maka?

Também ele tinha dado um salto na vida, pois era criado no Grande Hotel. Com farda branca, muitas vezes lavada e engomada. Kanina estava cheio de orgulho no filho, trabalhava bem e não arranjava confusões. O irmão mais novo, Job, era mais rebelde, retilão, como queixava o pai, tinha sido despedido do emprego por recalcitrar com o capataz branco, o qual sabia menos do trabalho que ele, afirmava com raiva Job, todo saliente nos seus dezasseis anos. Job era como eu, desde pequeno avesso a ordens que não compreendesse. A diferença entre nós não era por eu ter estudado, era pela cor. A minha cor permitia certas rebeliões, a dele não. Kanina insistia em explicar as virtudes da submissão, como ensinava o padre Mateus, mas Job não aceitava. Se fosse ele, eu também não aceitaria submissões. Por isso, quando começou a grande revolta no Norte, em 1961, os colonialistas armados em milícias de autodefesa correndo pelas ruas desertas da cidade lhe deram um tiro numa noite, no ano seguinte à minha partida. Que tinha pose de terrorista, foi a desculpa para o assassinato.

Há sempre quem aceite uma desculpa, mesmo não sendo boa.

O silêncio caiu sobre ela.

No momento da partida, todos lá em casa choravam. Menos eu e a Olga. Não devia ser pelas mesmas razões. Olga nunca chorava, mesmo ao se queimar acendendo o fogo, ou se um espinho lhe rasgava a carne. Era uma moça dura, feita para mulher de colono de chitaca, obrigada a partir pedras e a desenterrar árvores seculares. Eu tinha vontade de chorar, mas os olhos estavam secos, cheios de visões de desertos. Antevia coisas? Sabia, a vida nunca mais seria igual. Acontecesse o que acontecesse, era um passo definitivo, um mudar de página. Há gente que não se apercebe de quebras de tempo ou de espaço. Ou de vida. Ali estava uma fenda tão grande como a Tundavala. Mas era uma fenda na minha vida. Adivinhava. Por isso os olhos secos. Lagrima-se quando um acontecimento tapa a visão, a dor domina o cérebro, as barreiras permanecem obscurecendo tudo. Então as águas saem, se soltam na escuridão. Quando uma pessoa adivinha o que está para vir, os olhos desfilam sobre desertos, pedras, planuras, florestas ou

estepes, pinturas pontilhistas, aquilo que se sabe estar perdendo corre mais rápido que o tempo. Sensação de perda, olhos na planície ondulando. A infância? A inocência? O professor de Filosofia podia esclarecer, mas já não estava ali.

Sem eu saber, tinha começado a viagem até Moscovo.

¹ Eumbo: residência típica dos Handa, um povo que vive sobretudo nas províncias do sul de Angola.
(Nota da Edição Brasileira)

² Chifuta: estilingue. (N. E. B.)

³ Chitaca: sítio, chácara. (N. E. B.)

⁴ Kimbo: aldeia. (N. E. B.)

A GRANDE VIAGEM

Prometi, cumpro: pouparei detalhes, irei aos factos.

Apanhei o barco em Moçâmedes, hoje Namibe, atraquei enjoando no Lobito, no dia seguinte, e no imediato em Luanda, e dois dias depois em S. Tomé, até só parar na ilha da Madeira e em Lisboa. Terminou finalmente o enjoo, não nasci para marinheiro, rapaz do interior e do Planalto. Passei por muitas cidades em onze dias, sem conhecer realmente nenhuma. Imagens fugazes, tons e cheiros diferentes. Lobito tinha uma linda restinga, praia de casuarinas na areia branca, tão branca como a da minha praia de montanha. Luanda ostentava a esplêndida baía fechada e o vermelho das barrocas, S. Tomé era uma festa de todos os verdes, a Madeira um presépio pelas montanhas iluminadas, Lisboa bué de casas, algumas altas, e um rio manso. Não parei aí, fui fundear em Coimbra, numa casa de estudantes a que chamavam “república”. Tudo arranjado pelo meu pai à distância, nem sei como. Foi a família de lá, prestimosa certamente. Eu tinha as coordenadas todas escritas, bastava seguir o roteiro. O roteiro só não ensinava como me comportar no meio de estudantes, eu que nunca tivera grandes amizades nesse meio, mais virado para o mato e meus amigos de chitaca. As aulas eram bem chatas, Anatomias, Fisiologias, Biologias, tudo para aprender de cor e pouco para perceber. Foi rápida a percepção de estar no curso errado. Doutor sim, mas não de andar cortando corpos ou adivinhando doenças. Nada a fazer, a bolsa era para aquilo.

Quando se faz o indesejado, só resta sonhar.

A medieval capa e batina negra dos estudantes, além de incómoda, não chegava para o frio que fazia. E eu estava habituado a ele, pois em Julho e Agosto no Lubango o frio sopra. Mas é diferente, frio seco. Frio de dois mil metros de altitude. Frio de imensidões em volta. Não o frio acanhado da

Europa, acanhado e pequeno, assobiando por vielas e escadas de pedra, húmido de pedras que choram saudades e tragédias.

Chorava à noite. Silencioso, para o colega de quarto não ouvir.

Acabei por reconstituir um grupo de amigos, entre os que tinham estudado no mesmo liceu do Lubango e outros, os de Luanda. Um moçambicano e um cabo-verdiano pelo meio. Com ligações mais ou menos frouxas com companheiros em Lisboa, o centro principal. Pessoas com ideias próximas, sobretudo em relação ao colonialismo, um grupo portanto. Os livros subversivos começaram a circular, com eles poemas de gente que estava presa ou prestes a ser, ou já bazara para o estrangeiro. Havia efervescência no ar, se notava. Mudei de república, fui para uma constituída apenas por gente do grupo de amigos. O meu pai não deve ter gostado, mas nada disse. Da família dele que andava por Trás-os-Montes mantive distância. Suportava as aulas sem rendimento e sonhava com lutas. De libertação, pois claro. Como a dos argelinos, que tinham mandado os franceses pregar para outras paragens, na terra deles não queriam mais donos estrangeiros. Os franceses não respeitaram esses desejos, tentavam manter o império, e a guerra continuava. Li o célebre livro de Franz Fanon, médico antilhano que lutava ao lado dos argelinos e teorizou a luta de libertação. Nem sempre me entendia com ideias contraditórias existentes nos livros, pois percebia que Fanon diferia de Marx ou Sartre, sendo embora próximos. Lia toda a propaganda considerada clandestina que me chegava às mãos, discutia os mambos em voz ciciada, sonhava de olhos abertos. Não tinha obviamente tempo para os calhamaços de Anatomia. Perdi o ano, como era natural, e foi-me retirada a bolsa. O meu pai escreveu numa carta, fica tranquilo, continuo a mandar-te dinheiro, confio em ti, foi um percalço. Grande percalço! O segundo ano ia pelo mesmo caminho e tentava abafar os remorsos de enganar os velhos, mas não suportava aquelas aulas enfadonhas quando nas casas e cafés se trocavam ideias apaixonadas sobre o destino do mundo.

Destino que estoitou com as revoltas de Angola, nos primeiros meses de 1961.

O mundo era diferente, a partir daí. Também os homens de gabardina e chapéus na cabeça que nos vigiavam nas ruas e procuravam ouvir as conversas nos cafés atulhados de estudantes. Se já antes o ambiente se revelava acanhado, agora abafava. Uns estudantes foram presos, aqui e ali.

E nós sonhávamos apenas, não passávamos à acção. Senti, íamos tornar-nos tão pequenos e acanhados e cinzentos como os respeitosos escravos que se dobravam aos homens de gabardina. Coimbra e Portugal eram terras de gente temente ao poder, respeitando os mandantes, dobrando a espinha perante uns gângsteres de feira. Havia o perigo de nos habituarmos, ficarmos iguais a eles, aceitando, de coluna em curva para o chão. Servis. Discutíamos isso, esbracejávamos, que fazer?

Se Deus se manifestou algum dia na minha vida, foi dessa vez.

O chefe virtual do nosso grupo, um mais velho de Benguela que jogava futebol e tinha imenso prestígio junto dos novos, reuniu-nos e disse, quem quer vir comigo para Marrocos? A Argélia já se tinha tornado independente, de Marrocos era fácil lá chegar e obter apoio dos argelinos. Do Algarve a Marrocos eram umas horas de barco. Estava tudo preparado e pago, quem quiser vai, quem não quiser fecha a boca, não fala, não sabe de nada. Houve certamente os que fizeram contas rápidas, outros nas escondidas atiraram moeda ao ar, se sair caras vou, se for coroa fico. Fazendo contas.

Eu não fiz contas, decidi logo.

Os continentes são convenções, apenas existem terras separadas por mares.

Nos bolsos dos seres marinhos sempre há montes de terra seca.

Nós conseguimos de chegar aos bolsos aferrolhados.

Na loucura do pôr do Sol, gaivotas gritam avisando rotas.

Uns poucos sabem traduzir os gritos das gaivotas.

Esses chegam a terra firme.

Assim me vi num pequeno barco de pesca, ao todo umas dez pessoas, embarcado numa noite de Tavira, rumo ao Norte de África. Enjoar foi o menos. O dono do barco, para quem antes tudo era fácil por só sentir o cheiro do dinheiro à frente do nariz, às tantas já se considerava meio perdido e temia estarmos a ir para o oceano largo. Raio de marinheiro tínhamos arranjado. Horas de angústia, muitas, um dia inteiro e mais uma noite. A água tinha acabado, da comida nem falar, e ia uma mulher grávida a bordo, a mulher do nosso mais velho futebolista. O dono do barco começou então a temer a reacção dos marroquinos, se nos vissem clandestinamente desembarcar. Vocês depois defendem-me lá, são amigos

deles, dizem que me obrigaram a transportar-vos, me ameaçaram com uma faca, para eu poder voltar para casa. E nos dava a faca. Não queria ir para a cadeia, ao regressar a Portugal. Tinha sido bem pago, não tínhamos remorsos, o problema era dele. Ainda por cima mau piloto, nos obrigou a andar em círculo. Finalmente vimos terra. Podia ser a Espanha de Franco ou o Portugal de Salazar, os dois comparsas. Felizmente era mesmo Marrocos. Para trás ficavam as capas pretas e o frio. E o fado.

Estava de novo em África.

África surgiu nessa madrugada na forma de um morro encimado por uma nuvem branca. O céu ficava cada vez mais azul e o mar ia acalmando à medida que nos aproximávamos de terra. Era tudo imaginação, mas no barco sentíamos os cheiros familiares e eu até ouvia o mugir dos meus bois. Cada um reconhece a sua África, aquela era a minha, tinha de meter bois. A nossa África recebeu-nos como sonháramos. Sem sequer pedirem vistos e passaportes, quando o nosso chefe se apresentou, no posto de polícia de uma aldeia onde acostámos, como um dos responsáveis pelo movimento de libertação. Marrocos foi solidário. E o barco foi enviado para trás, com comida e água. O dono nos abraçou a todos, tinha ganho mais numa viagem que em dois meses de pesca. Que se lixasse a polícia política que muito provavelmente o esperava no regresso.

Quando a gente é pequena, só o dinheiro faz horizontes se abrirem.

Andámos uns meses por Rabat, onde havia um escritório para os movimentos das colónias portuguesas. Querendo ir lutar. Era um grupo misturado, todas as cores. Depois dividiram-nos. Os mais escuros iam combater. Receberiam treino militar na fronteira entre Marrocos e Argélia. Os mais claros tinham bolsas de países amigos, iam estudar para a Europa. A razão era não existirem condições subjectivas para os mais claros participarem na luta armada. Traduzido por miúdos, os mais claros ainda não eram suficientemente angolanos para arriscarem a vida na luta pela Nação, pelo menos havia dúvidas quanto à sua nacionalidade. E utilidade. De novo as raças a separarem os grupos. Fiquei desiludido, sobretudo humilhado.

Calei, ia fazer mais como?

Me deixaram escolher o curso, não o destino. Economia. Nada a ver com Anatomia ou Fisiologia. Disseram, é um bom curso, precisaremos de muitos economistas para desenvolver o país livre, vais para Moscovo, União

Soviética. Agradei. Do Lubango a Moscovo, passando por muitas cidades e regressando pelo meio a África. Não vos tinha prometido uma viagem longa?

A viagem durou três anos.

Não usava a tristonha capa e batina dos estudantes de Coimbra, que no Inverno moscovita pareceria roupa de Verão. Pus casacões forrados de pele, que deram num armazém onde me levaram logo no primeiro dia. E gorros e luvas grossas. Mesmo assim o frio estava sempre entre a pele e a roupa. Vestia de urso mas não tinha o calor do urso. A senhora que me acompanhou às compras era redonda já de si, mas com aqueles casacões era uma bola que eu imaginava subindo no ar gelado até atingir as coloridas cúpulas das igrejas. Soberbas. De todas as cores. Não me cansava de admirar as cúpulas das igrejas russas, foi a mais forte impressão que guardei para sempre de Moscovo. O português da senhora redonda era sofrível, mas dava para entender. Seria a nossa intérprete, guia e vigia. À noite fazia o relatório à polícia ou ao Partido sobre esses estranhos africanos quase tão brancos como os russos. Eu então, com os olhos azuis... Merecíamos vigilância especial, claro. Quem garantia não sermos espiões infiltrados pelo regime do fascista Salazar para minar a pátria do socialismo?

Terminologia da época, cada época tem a sua.

Por coincidência, a nossa guia tinha o nome da minha irmã, Olga. Claro, pensei imediatamente, esta também faz de irmã mais velha. E dizem que não existem coincidências. Em breve notaria as grandes diferenças entre as duas, pelo menos na linguagem e nos pensamentos. Estavam nos antípodas uma da outra. Ainda bem, evitava o perigo de as confundir. Também fisicamente eram diferentes, a minha irmã era seca e para o alto, esta era uma bola, como já disse. De facto, só os nomes eram iguais.

O que restava do nosso grupo também se dividiu. Eu fiquei em Moscovo, um foi para Leninegrado e o outro foi para Minsk. Estava de novo sozinho. Talvez mais do que nunca. Numa cidade gelada, com neve por todo o lado. Era bonito mas incómodo. Sobrou a Olga, que me levou para a escola de russo e o respectivo quarto de estudante. Depois, de vez em quando, aparecia para conversar, saber se precisava de alguma coisa. Não tenho razão de queixa, tinham cuidado comigo. Ao fim de um mês ela tentou falar em russo, num passeio pelas ruas já livres de neve. Era cedo de mais mas consegui aguentar umas réplicas. Ela bateu palmas. Comovida com os

progressos. Não era teatro, estava mesmo comovida. Eu era um estudante esforçado. Todo o dia a tentar falar aquela língua suave, mais língua de mulher que de homem, acho. Se alemão é uma língua claramente masculina, sem dúvida a russa é feminina. Opinião minha, também tenho direito. Um dia exprimi essa ideia a Olga e ela bateu palmas. Batia palmas quando estava contente. Deve ter posto no relatório dessa noite, Júlio Pereira entendeu a verdadeira alma da língua russa. Júlio, a seus olhos, devia ter sucesso no comunismo do futuro.

Era útil ter o guia/vigia do nosso lado.

Na escola de língua russa ou no lar de estudantes, onde encontrava jovens de todos os lados do mundo, despertava sempre curiosidade. Logo eu que preferia confundir-me com os rochedos, ser uma lagartixa ao sol entre duas pedras... Despertava curiosidade. Desconfiança, nalguns casos. Um branco quase louro era angolano e queria lutar pela independência? Então não eram os brancos que colonizavam Angola? Curiosamente, os primeiros a me estenderem a mão foram africanos. Um senegalês, um tanzaniano e um congolês. O senegalês e o congolês, indubitavelmente negros, o tanzaniano mais claro um pouco. Para eles eu era camarada. Os europeus olhavam de lado, desconfiados. Os quatro formámos o meu primeiro grupo em Moscovo. Passámos a andar sempre juntos. Falando com os braços e mãos primeiro, depois em russo titubeante. Dois deles falavam francês e o outro inglês, línguas que eu tinha estudado no liceu, embora sem grande resultado. Mas decidimos desde o princípio tentar nos entender em russo, esforço para aprender mais rápido. Os sorrisos no começo resolviam as faltas de vocabulário, por vezes Olga ajudava, ela parecia saber um pouco de todas as línguas.

Os vigias são dotados para as línguas.

Quando já podíamos trocar opiniões entre nós, Salim, o tanzaniano, Moussa, o senegalês, e Jean-Michel, o congolês, resolvemos fazer uma revolução no lar de estudantes. Pequena revolução, mas cada um tem a que pode. Nenhum de nós estava satisfeito com os parceiros de quarto. A mim tinha calhado pela vontade dos responsáveis um polaco desconfiado e eternamente a cheirar a cebola. Não sei onde as encontrava, mas tinha sempre algumas na mala em baixo da cama. As cebolas empestavam o ar, eram uma ameaça ao ambiente. E resmungava quando me mirava de lado, talvez invejoso por eu ter os olhos mais azuis que ele. Os meus amigos

também não apreciavam os respectivos parceiros, todos europeus, excepto Salim, a quem calhara um australiano impossível de aturar. Evidentemente, estes europeus faziam parte das organizações juvenis dos partidos comunistas dos seus países. Embora Salim e o australiano pudessem conviver em inglês, a convivência parecia condenada por outras razões insondáveis. Falámos os quatro, conferenciámos com Olga, que se assustou, não podem pedir isso, é contra os princípios, mas nós não quisemos saber de princípios que não compreendíamos, e fomos falar ao director do lar, Olga traduzindo, muito incomodada, procurando um buraco onde enfiar o redondo rabo. Foi Moussa, o mais antigo em Moscovo, três meses já de permanência, quem falou. Como africanos, queríamos ficar juntos em dois quartos contíguos para podermos estudar russo. Seria mais fácil para a entreaajuda. O director repetiu os dizeres de Olga, não é permitido, o internacionalismo proletário obriga a misturar pessoas diferentes para se conhecerem e se solidarizarem umas com as outras. Salim era o mais teimoso, pegou na palavra, estamos a estudar russo e não internacionalismo proletário, e é mais fácil aprender se o fizermos em conjunto. Argumento fraco, é bom de ver, mas o director era mais vigia que argumentador, coçou a cabeça, até Jean-Michel explicar, vimos de um continente oprimido e explorado, alguns de nós nem independentes são, outros há muito pouco tempo, não nos entendemos com gente livre desde sempre, embora explorados pelo capitalismo internacional, como já aprendemos. Temos hábitos diferentes e estamos cansados de que riam dos nossos hábitos estranhos. Olhares assustados entre Olga e o director, a acusação era grave, alguns alunos riam dos africanos, podendo haver conotação racista, não era isso que o Partido proclamava, uma bronca se fosse conhecido. E eu? Bem, não precisei de dizer nada, os amigos falaram por mim, o que me agradou bastante. O director concordou, embora relutantemente, passam para os dois quartos do fundo da ala esquerda do corredor número sete. Vitória.

A minha primeira em Moscovo. A mais fácil.

À saída Jean-Michel disse-me em francês, que eu compreendia minimamente apesar dos cinco anos de estudos no liceu, acho preferível ficarmos os dois no mesmo quarto. Pensei ser porque poderíamos conversar melhor em francês que em russo, pelo menos por enquanto. Mas não era isso, pois Moussa falava um francês impecável, até melhor que o próprio Jean-Michel, e tínhamos combinado não usar essas línguas entre nós,

apenas russo. Se Jean-Michel se exprimia assim baixinho era porque só queria ser compreendido por mim, aguicei portanto o ouvido. O Salim e o Moussa são muçulmanos, explicou ele. Nunca estiveste num quarto com um muçulmano? Acorda de madrugada para se pôr de rabo para o ar e rezar ladainhas. Até pode não fazer muito barulho, mas é o suficiente para te acordar. Assim, eles se despertam juntos e rezam. Achei razoável. Quando foi da atribuição dos quartos, assim fizemos. Os outros também aceitaram as razões de Jean-Michel. Deixariam de acreditar na religião deles com o tempo, mas isso era trabalho dos soviéticos e do tempo, não nosso. Por enquanto, poderiam rezar em conjunto.

Como constataria mais tarde na minha penosa existência, os fiéis deixavam de o ser ao estudarem marxismo e comunismo e enquanto lhes convinha. Mas, tempos depois, desiludidos com a vida, abandonavam o marxismo. E regressavam às religiões. Acontecia por vezes não ser a religião de origem, mas era de qualquer modo uma religião. Fraquezas, medos, interesses, sei lá.

Não é fácil viver sem Deus.

Esta revolução provocada no lar de estudantes, se bem que pequena, foi importante para mim. Os russos e outros europeus passaram a olhar-me de maneira diferente. E, mais tarde, ganha mais intimidade, houve alguns que confessaram, duidávamos no princípio da tua africanidade mas agora aceitamos, é verdade, preferes estar com um africano no quarto que com um polaco. A esses eu dizia subtilmente, Jean-Michel não cheira a cebola. Eles não entendiam, mas também não era para eles entenderem. E bem podiam ficar com os seus preconceitos raciais e o cheiro a cebola, os meus amigos não tinham preconceitos e ríamos entre nós com as cores diferentes que ostentávamos.

Na época não conhecíamos, mas Mandela falou em criar a sociedade do arco-íris.

Mandela pensava em nós, num lar de Moscovo, quando criou a ideia da nação arco-íris. Um continente inteiro arco-íris, com todas as cores do mundo. É sonho? É sonho, sim. Mas é lindo. Os meus amigos do Lubango, correndo atrás dos bois, não pensavam de outra maneira. Hoji-ya-Henda e Che Guevara também não. E para mim isso chega.

Veio o Verão, no entanto não tivemos férias. Estávamos atrasados na aprendizagem do russo. E em Setembro devíamos entrar na universidade, já

com essa ferramenta adquirida. Havia sol e vida para lá das salas de aula. Mas a nossa vida era aprender e fazer amor com essa língua tão sensual. Tivemos uma nova professora, Ludmila, linda como só as russas sabem ser quando louras e de nariz ligeiramente arrebitado. Pelos lábios dela as palavras saíam molhadas, sobretudo quando tinham éles, e os lábios abriam ao pronunciar o ié da letra E, a língua rosa a vislumbrar-se lá no fundo. Sim, Ludmila obrigava-nos a amar a língua russa e a fazer amor com ela e nela. Faltava a ocasião.

Sonhava com Ludmila.

Acordava molhado, tanto como os éles dela. Os meus companheiros também, pois não tínhamos segredos desses e partilhávamos. Mas sabíamos, Ludmila era um sonho impossível, como uma etérea patinadora sobre o gelo, riscando círculos e ovais irrealizáveis, levantando pó de neve na derrapagem ligeira, um meteoro silencioso luzindo na noite, uma gata se espreguiçando voluptuosamente, uma quimera. Ludmila era bela de mais, não existia na realidade, fugaz produto de um pintor inspirado. O belo não existe se faz doer. A nós doía tudo por causa de Ludmila. E dos seus éles molhados.

A juventude merece perdão pela sua credulidade.

Os quatro apaixonados por Ludmila. E não escondíamos uns dos outros, porque não era coisa para disputar. Sabíamos, ninguém chegaria lá. Moussa, o senegalês, alto e magro, de uma elegância aristocrática e uma cor de azeviche, tão negro que azul parecia, foi sempre considerado um belo homem pelas mulheres. Também Salim era tido como uma beleza com o seu tom acobreado do Índico. Jean-Michel e eu não podíamos ser mais banais. Mas nenhum teve algum dia ilusões. Ludmila estava para além dos nossos sonhos. Hoje penso, quem sabe, se Moussa tivesse tentado... Talvez não trouxesse nenhuma mudança ao mundo, mas que pancada daria na nossa vida de Moscovo. Uma Vénus russa, professora soviética, cassumbulada⁵ por um aristocrata negro e muçulmano, que estória! Vitória nossa maior que a mudança de quarto.

As grandes vitórias exigem estratégia.

Nenhum de nós era estratega. Acabei por ser mais tarde como militar, a vida mandou. Mas no momento não soubemos convencer Moussa a avançar, não lhe abrimos perspectivas de sucesso. Limitávamo-nos a sonhar com Ludmila e a correr para as suas aulas. Melhores alunos jamais teve,

sempre avançados em relação à hora. E atentos. Aos seus lábios, aos seus gestos, aos seus sorrisos. De facto não aprendíamos a língua. Bebíamos dela. É diferente. Por isso hoje a minha relação com o russo tem certa ambiguidade.

Porém, tudo o que é bom termina.

Fomos aprovados na língua russa e podíamos ingressar na universidade. Adeus Ludmila, tragada pela cidade no seu Outono. As folhas ficavam amarelas e caíam, assim como as mágoas dentro de nós. Nos consolávamos sem vergonha nem ciúme. Outras haveria e para todos. Sabíamos ia ser difícil. Difícil também continuar juntos, pois eu e Jean-Michel estudaríamos Economia, Salim Agronomia e o alto Moussa Engenharia Electrotécnica. Com efeito, eu e Jean-Michel fomos para um lar que servia a nossa faculdade, enquanto os outros foram para as respectivas especialidades. Mas nos encontrávamos frequentemente aos fins--de-semana e trocávamos experiências. Continuávamos confidentes. Eu e Jean-Michel continuámos a partilhar um quarto no novo lar, mais confidentes ainda. Não sabíamos que um dia nos separariam irremediavelmente.

Conto já, para quê guardar segredos?

Quando terminámos o curso de Economia, Jean-Michel regressou a Brazzaville, ansioso por participar na revolução em curso no seu país. O socialismo tinha sido instaurado como doutrina oficial do regime. As cartas que me escrevia contavam dos seus sonhos e das suas esperanças. Arranjou emprego no gabinete de um ministro, foi subindo muito rapidamente na Juventude do Partido no poder. E fui percebendo, à medida que o tempo passava e que ele ia subindo na Juventude, até ser o chefe máximo da organização, que perdera as antigas convicções. As suas cartas denotavam desespero por estar a colaborar com uma farsa, qual socialismo qual nada, só pensam em mulheres e carros, já que enriquecer é difícil em terra tão pobre. A notícia repentina não me surpreendeu. Jean-Michel se meteu numa tentativa de revolução que correu mal, fuzilaram-no numa esquina perto do estádio de futebol. Juntamente com um cantor de músicas revolucionárias.

Pobre África.

Mas ainda estávamos no princípio do curso e todos os sonhos permitidos. De economia ensinavam-nos pouco, o primeiro ano eram só as bases do marxismo-leninismo: filosofia marxista, comunismo científico, dialéctica e mais dialéctica. Talvez não saiba explicar porquê, mas já na época os

exemplos da dialéctica me pareciam metidos a martelo. *A água, pela acção do fogo, vai aquecendo, aquecendo, até que de repente se torna em vapor, muda da qualidade líquido para a qualidade vapor, salto qualitativo provocado pelo aumento progressivo da quantidade de calor.* Não era nada de repente que a água passava a vapor, era molécula a molécula. Se fosse de repente, todas as panelas com água no fogo derretiam por subitamente ficarem sem água, lógica simples de cozinheiro. Pensamentos subversivos os meus. Leis pretensamente universais e imutáveis numa disciplina que dizia nada é imutável? Contradições. Exactamente, o princípio da contradição, pedra de toque da dialéctica. E depois, na prática, era tudo feito para ser eterno e recusava-se a contradição, sobretudo na política? Era só um incómodo, talvez passageiro. Aprendi as lições, mas não interiorizei todas. Jean-Michel parecia mais conciliador, se eles dizem, companheiro, porque duvidar? Tantos crânios escreveram sobre isso, quem somos nós? Ele devia estar com a razão e eu me mortificava, tinha preconceitos pequeno-burgueses, armado em intelectual niilista.

Por muito menos se pode ir para o Inferno.

Ou para a Sibéria.

Uns tantos foram. Contra-revolucionários, agentes do imperialismo internacional, capitalistas encrostados. Milhares, milhões. Se falava baixo, denúncias se murmuravam mas as discussões não eram públicas. O segredo era o relatório de Kruchchev ao Congresso do Partido, onde tinha denunciado uma série de crimes no tempo de Estaline. Já tinham passado muitos anos sobre esse célebre relatório e respectivo congresso que o analisou, mas ninguém sabia ao certo o que dizia, pelo menos as pessoas a que tínhamos acesso. E a imprensa ocidental não chegava às nossas mãos. Se chegasse, também não acreditaríamos nela, só defendia os interesses e mentiras dos burgueses. Tinha havido umas limpezas nas chefias da URSS, havia regularmente, nós é que não sabíamos serem limpezas. Muitos russos estavam ao corrente, alguns sopravam ao ouvido. Mas era preciso ter muita confiança na pessoa para lhe soprar ao ouvido.

Nós não merecíamos confiança, éramos estrangeiros.

Ainda por cima, membros de movimentos de libertação nacional ou de partidos amigos da URSS, era o mesmo, não confiáveis para quem tinha algo a contar. Nós só podíamos nos informar com o *Pravda* ou outro jornal ligado ao Partido, a imprensa perita em arredondar os ângulos das notícias,

transformar infernos em paraísos, fracassos em vitórias, atrasos em progressos. Estávamos, com a ajuda do comunismo, sempre a avançar para o futuro risonho, brilhante como as auroras, graças aos nossos líderes bem-amados, imortais, quase seres míticos anteriores à humanidade, do tempo em que os deuses faziam filhos. Alguns desses filhos sobraram, eram os nossos líderes. Como não acreditar em dialécticas travestidas?

– Acreditas ou não no materialismo dialéctico e em tudo o que nos ensinam?

A pergunta de Jean-Michel me apanhou desprevenido. Passeávamos num parque ao sol, sonhando com o calor africano. Me sentei num banco e ele ao lado. Ele fez o gesto habitual, meteu os braços entre os joelhos afastados, por cima do casacão de cossaco e curvando as costas para o chão. Ria. Eu não tinha resposta. Quando lhe apresentava dúvidas, no quarto, ele era claro, se os professores dizem é porque é verdade, nem temos capacidade de duvidar perante tais poços de sabedoria revolucionária. No entanto, por trás das frases proferidas havia aquele sorriso, os olhos brilhantes, a eterna ironia dos africanos, que eu não sabia ocultar, talvez por ter olhos azuis. Mas sabia reconhecer a alegria da ironia nos outros.

– Porque me perguntas? Já sabes das minhas dúvidas.

– Porque aqui podemos falar. Já te fiz mil vezes sinais no quarto e em todos os lados. Mas nada. És mesmo branco burro. Como pode um branco ser tão burro?

– Sou mesmo, não te entendo.

– Pois. Aqui podemos falar, não pode haver microfones escondidos.

E deu aquela gargalhada estrondosa que incomodava tanto polacos, búlgaros e checos, quando estes não estavam bêbedos. Com vodka todos davam gargalhadas semelhantes.

– Achas mesmo que nos controlam? Com microfones?

– Julgavas que era só a Olga? Branco burro!

Afinal Jean-Michel tinha tantas dúvidas como eu, só que era mais esperto, se precavia. Não convinha a ninguém ser recambiado da União Soviética por falta de convicção revolucionária. Acabar o curso primeiro e depois poder pensar segundo a sua cabeça, ideia que ele aprendera de um tio, militando no Partido Comunista Francês até ser expulso, anos atrás, por duvidar da essência quase divina de Maurice Thorez, o chefe, e da sua ajuda desinteressada à independência africana. Ao fim de tanto tempo a

fingir inocências, o meu amigo se confiava e contava coisas. Abri a boca até a cabeça estar dividida em duas partes, como melancia cortada ao meio. Jean-Michel não podia estar a mentir nem a brincar. A alegria tinha desaparecido do olhar, contou da dor do tio ao perceber que não havia solidariedade permanente nem desinteresse total nas relações entre forças políticas ou mesmo entre pessoas situadas no mesmo lado da barricada. Nem sempre. Falou das dúvidas, hesitações e pequenas traições feitas pelo Partido Comunista Francês aos revolucionários africanos que apenas queriam a independência para os seus países. Relações aparentemente de camaradas, mas com punhais escondidos. Existia uma grande orquestra de muitos partidos e movimentos de libertação, todos ditos irmãos, e o maestro estava ali perto, no Kremlin. Mas o maestro só pensava nos interesses do Kremlin, não houvesse ilusões. De vez em quando recolhia aos bastidores para esconder moedas de ouro. Os outros não tinham acesso aos bastidores, reservados aos senhores do Kremlin.

– Os revolucionários como nós só têm um caminho. Aprender o máximo, para depois esquecer algumas coisas. Não temos de repetir os erros que estes tipos cometem. Temos de inventar o nosso próprio caminho em África.

A via africana para o socialismo.

Não estava frio nesse dia em Moscovo. Quer dizer, para quem tinha um casacão e grossas meias. Mas eu sentia frio, muito frio por dentro. Ainda queria acreditar que tudo era sincero no que nos contavam. Os professores e colegas e órgãos de comunicação insistiam, quem procura particularidades, vias alternativas às da União Soviética, comete o crime do revisionismo, não há outro socialismo verdadeiro, só este. Jean-Michel dizia, temos de procurar a nossa própria via, era um revisionista, conspurcado pelo pecado do desvio de direita, talvez um futuro traidor. Era meu amigo, nunca seria um traidor. Eu sabia. Morreu mais tarde por causa das suas ideias. Como eu esperava dele e dos meus verdadeiros amigos. Embora se tenha dito dele, já morto e gelado, morreu por ser um aventureiro esquerdista. Desvio de direita, revisionista ou esquerdista? Palavras contrárias. Pouco importa, as palavras que se dizem sobre um morto só servem para o incensar indevidamente ou o condenar definitivamente. Tanto valem umas como outras.

Só para os profetas e os escritores as palavras são sagradas.

No entanto, duvido dos profetas e do seu respeito pelas palavras. Os outros, os escritores, que remédio, vivem delas... Tinha havido discussões parecidas em Coimbra, mas essas não valiam, não passavam de especulações por estarmos então longe dos lugares santos. Mas agora, naquele parque próximo do Kremlin, com um céu azul depois dos meses da neve, na sede e centro do comunismo, a Meca e Roma da esquerda mundial, as palavras tinham outro valor. Também as ideias perigosas. Por isso eu sentia frio no peito, frio na barriga, que é o sítio onde nasce o medo, aprendi nos combates mais tarde. O medo que vai penetrando silenciosa e traiçoeiramente. Medo de duvidar, mas também medo da verdade.

A verdade é dura, sempre.

De repente, tive a sensação que os muros do Kremlin podiam captar as nossas palavras, ou melhor, as falas de Jean-Michel e os meus silêncios cúmplices. Os muros são apenas pedras alinhadas umas em cima das outras, polidas pelas mãos dos servos e do tempo, os muros não espiam ninguém.

Mas há alguém em cima de muros a espiar. Sempre.

Jean-Michel continuava. O tio estava no Congo, doente, mas guardando as esperanças num mundo melhor. Na sua terra tinha havido movimentos, lutas subterrâneas e depois mesmo maciças manifestações de rua contra o corrupto padre que se fez presidente do Congo. O abade que dormia em cama de ouro num país de miseráveis. Acredita no que te digo, esse abade não durou muito tempo na sua cama de ouro. O povo destronou-o, destronar não, porque o padre nem trono tinha, o povo descamou-o, foi isso, mas Jean-Michel teve de usar o francês porque em russo não era capaz de inventar a palavra, e mesmo em francês era uma heresia, o francês é ortodoxo e rígido, não aceita mudanças e neo-logismos assim à toa, apesar de alguns escritores das Antilhas terem sacaneado a língua francesa, de a lagartizarem, tropicalizarem, para escândalo dos puristas e nosso encanto, pois nós descamámos o gordo do abade Youlou, a cama foi posta na rua para toda a gente ver e foi um escândalo. Apesar de doente, o meu tio assistiu à cena.

Um gordo abade numa cama de ouro é pouco cristão. Arrancá-lo de lá, derreter a cama para comprar pão para os pobres, isso sim, é cristão.

E revolucionário.

— Os soviéticos ficaram satisfeitos por o abade ser derrubado — ousei eu dizer, a medo.

– Mas não fizeram nada antes para ele sair. Também não podiam. Agora dão umas bolsas de estudo a alguns...

– Mas espera lá. Se o teu tio teve problemas com o PC francês, porque te deram a bolsa? Não sabem?

– Claro que sabem, até radiografias minhas devem guardar. Não é forçoso que eu tenha as mesmas ideias do meu tio, em primeiro lugar. Mas não é isso que lhes interessa. Fui proposto por uma organização estudantil, eles sabem quem sou, e talvez o que penso e o que escondo. Mas também conhecem a hipótese, os homens podem mudar. Ou então, talvez lhes convenha apoiar, mesmo só através de um sobrinho sem valor, quem se opôs um dia ao amigalhaço Thorez. A camaradagem não é sempre uma garantia e quem adivinha como vai ser o amanhã? Aliás o camarada Thorez está no fim.

– É tudo uma jogada?

– Na política é. Sempre. Não tenhas ilusões, amigo.

Eu tinha ilusões, várias e fortes. A minha viagem para Moscovo estava baseada numa ideia que podia se revelar uma ilusão. No entanto, havia alguma coisa a fazer?

– Diz-me, Jean-Michel. Falaste por acaso destas coisas com o Moussa?

– Não.

– A ninguém, aqui, em Moscovo?

– Claro que não.

– Obrigado pela confiança.

– É só para te abrir os olhos. És muito crédulo. E às vezes falas muito. Estes gajos são mestres em espionagem, é conhecido. Têm microfones em todo o lado. Não estou a inventar nada, acredita. Dás um peido e eles sabem.

– Foi o teu tio que contou?

– Sobretudo ele. Mas outros amigos também me avisaram. E todos os partidos comunistas usam métodos semelhantes. Já agora, o chinês igualmente, embora tenha deixado de ser um partido amigo dos soviéticos e portanto de nós. Os métodos foram todos moldados no princípio do século à boa maneira russa. Reproduzem-se como porquinhos.

Imagem de banda desenhada, os métodos dos partidos comunistas a se reproduzirem como porquinhos.

Mas adivinhávamos nós, naquele Outono de entrada na universidade, que

poucos meses depois haveria nova mudança entre os camaradas? Kruchtchev, o mal-amado por ter denunciado, anos antes, uma série de crimes e erros do endeusado Estaline, dando assim munições ao inimigo, foi derrubado e sucedeu-lhe o cinzento Brejnev, buldogue de cara e corpo, de cuja boca opaca nunca sairia nada de que o Partido se arrependesse. Havia golpes e contra-golpes na pátria perfeita do socialismo, cartas escondidas debaixo da mesa, pior, facas escondidas nos casacos, sangue escorrendo pelas paredes.

– Vês? – disse Jean-Michel na altura da queda de Kruchtchev. – Ensinam-nos a pureza das ideias mas praticam todas as sujidades. Isto foi um verdadeiro golpe de Estado.

Jean-Michel era um herético, não queria aceitar a necessidade de os partidos políticos se purificarem de vez em quando, livrando-se das ovelhas que se corromperam. Na Idade Média, o meu amigo congolês seria queimado na fogueira. Admirava-o mas temia onde nos podiam levar as suas ideias. Por falta de oportunidade ou de vontade, apesar de continuarmos grandes companheiros e confidentes, não falámos muito mais destas coisas, ou apenas dissimuladamente. Para quê insistir? Tudo fora dito. Eu tinha de escolher a minha via, pois a dele só podia dar na heresia, no confronto com o poder estabelecido. O seu fim, desgraçadamente, não foi muito diferente dos heréticos da Idade Média, afinal. Felizmente foi fim mais rápido, evitou o horror do fogo.

Tentei um dia falar com Moussa, mas os engenheiros são seres de outro mundo, conseguem passar por este sem nele repararem. Continuava o mesmo devoto muçulmano, querendo uma sociedade mais justa. Mas não se interrogava sobre filosofias. Estudavam menos essas matérias que nós em ciências sociais, mas sempre tinham duas ou três disciplinas para aprender a nova doutrina. Ele estudava aquilo, da mesma maneira que fazia problemas de álgebra. Constava no programa, tinha de decorar umas ideias, cumpria. E me fitou pasmado por eu ter avançado algumas dúvidas sobre o que nos ensinavam. No mesmo parque onde tinha conversado com Jean-Michel, olhando as muralhas do Kremlin. Mudou de assunto, não por medo ou desconfiança, apenas porque aquele mambo não lhe interessava, não lhe dizia respeito. Era para ideólogos e nós, sim, estávamos a ser preparados para trabalhos ideológicos. Ele ia trabalhar em circuitos integrados, em equações diferenciais, coisas palpáveis e concretas, as únicas coisas

concretas. As minhas preocupações eram da ordem da religião e ele não discutia religião. Acreditava apenas.

Jean-Michel era um herético e Moussa um crente.

Os meus maiores amigos em Moscovo.

[5](#) Cassumbulada: conquistada, roubada. (N. E. B.)

LUAR EM MOSCOVO

E Sarangerel entrou na minha vida.

Nada mais foi como antes.

Pessoas têm vidas paralelas, seguem juntas sem se cruzarem.

Outras, convergentes, acabam se encontrando num canto do mundo.

Explicar a razão é gesto vazio, como cabaça depois de feita a manteiga.

No entanto, na cabaça de manteiga não se faz hidromel.

Nem as vacas nem as abelhas deixariam.

Já eu estava no segundo ano do curso quando a conheci. Ela viera da Mongólia, República Democrática e Popular, onde tinha estudado o obrigatório russo desde os primeiros anos de escola, e entrou numa faculdade de Leninegrado, hoje de novo São Petersburgo. Pediu mais tarde transferência para Moscovo, por razões não vindo ao caso. Por isso não a tinha visto anteriormente e agora era minha colega. Algo me atraiu, talvez a sua cara redonda, e ousei lhe chamar de Lua Cheia, enquanto fumava um cigarro no recreio e ela se encostava timidamente a uma coluna, observando em redor.

Existem milagres.

Quando eu esperava uma resposta desabrida, ofendida, porque de facto eu fora estúpido e pouco educado, veio uma fala suave:

– O meu nome é Sarangerel, sim. Mas não quer dizer Lua Cheia, enganaste, quer dizer luar.

Fiquei confuso. É evidente, não revelei desconhecer o seu nome à partida. Ficávamos com esse mal-entendido como início de conversa. Eu a tentar meter-me com ela, usando o aspecto arredondado do rosto, e ela

compreendendo que eu apenas confundira o significado do nome, pequeno erro para um iniciado. A pergunta óbvia aconteceu a seguir:

– Onde aprendeste a minha língua?

Não podia manter muito tempo o mal-entendido. Disse, não sei a tua língua, apenas uma palavra ou outra, mas, como vês, até confundi o significado do teu nome, parvo que sou.

– Não erraste por muito.

– É, havia uma relação.

– Que palavras mongóis sabes mais?

– Gengis Khan!

Rimos os dois. Quem não associa o grande Khan à Mongólia? Não precisa de ser génio, basta ter estudado um pouco de História universal. E usar apenas o nome do chefe mítico era a prova de que não sabia nada mais de mongol. O riso dela era contagiante, embora contido. Talvez por isso, por ser contido, mais contagiante ainda. Ninguém resiste a uma mulher que ri baixando a cabeça e pondo a mãozinha à frente da boca. Ela era delicada em tudo, não parecia vir de um povo com a rudeza suficiente para criar cavalos. Não me aguentei, tive de perguntar o que ela mil vezes ouvira antes:

– Sabes montar a cavalo?

– Claro, desde pequenina.

Era óbvio. Pergunta estúpida. Ela só podia ter corrido por estepes amarelas no dorso de um cavalo sem sela, as coxas bem apertadas no lombo dele para se segurar, cabelos voando ao vento. Era a imagem dos filmes, quer do Oeste americano, quer dos chineses ou dos soviéticos sobre a Sibéria e as repúblicas do Leste. Imagens feitas, pastiches, como diria o francês. Mas eu tinha sorte, Sarangerel era ingénua, ou então não tinha ninguém com quem conversar e me suportava as ignorâncias e atrevimentos. Outra teria virado logo costas. Apenas perguntou, embora pergunta soando a afirmação:

– Não és soviético?

Pelo aspecto até podia ser, com os meus olhos azuis. Mas certamente a pronúncia denunciava-me. Apesar de haver povos muito diferentes na União Soviética, e pronúncias também. Quando lhe disse o que era, ela abriu os olhos, primeiro de admiração, quem espera de um branco de olhos azuis ser africano? Quase imediatamente, deslumbramento.

– Nunca falei com um africano, que bom! Estás aqui há mui-to tempo?

Nos sentámos ao lado um do outro ali no pátio e na aula seguinte. E no dia seguinte. E no imediato. E no fim-de-semana fui buscá-la ao lar e fomos passear pelos parques. Cruzando informações sobre as terras amadas mas longe de cada um de nós. E fomos ao cinema. E lhe peguei na mão, a medo. Ela, também a medo, deixou a mãozinha dentro da minha. E a levei a lanchar. E rimos, envergonhados, sempre que os nossos olhos se encontravam. E corremos depois por ruas povoadas ou sem gente, ainda envergonhados. Faltando a coragem de nos mirarmos. Medo de nos derretermos.

Assim é o amor.

O nome é pesado e nem sempre corresponde à realidade. Os documentos tratando dele devem ocupar uma cidade inteira e no seu todo há ambiguidades. Alguém sabe mesmo o que amor é?

Pobre é o amor

Que pode ser contado.

(William Shakespeare)

Estou a arriscar muito, portanto, tentando contar a minha história de amor. Passamos a vida a tentar descobrir, alguns vivem mesmo só para o encontrar. Já sem falar nos escritores, que fizeram dele o tema inesgotável para poemas e romances. Uns tantos apenas no fim da vida percebem nunca com ele terem cruzado, para além dos inevitáveis equívocos. Outros, pelo contrário, descrentes de tudo desde a mais tenra idade, se surpreendem no leito de morte a sonhar com uma menina que afinal preencheu as suas vidas. Na maior parte dos casos, leva-se a verdade para a tumba. Se verdade houver.

Que há de verdade no amor?

A mesma verdade que existe na verdade. Se consome pelo uso. Ou se reforça pela ausência. Ou nem uma coisa nem outra. O mistério permanece e nos espanta sempre.

Para quê então falar no que não se pode perceber?

Os dias corriam e ficávamos cada vez mais próximos. As confidências sussurradas levaram, só ao fim de três meses de conhecimento, a uma informação inquietante. O pai dela afinal não era um qualquer criador de

cavalos de amplos bigodes, cuja filha tivera a sorte de obter uma bolsa para estudar na União Soviética, em nome da amizade entre os povos. Membro do Bureau Político do Partido do Povo Mongol, o partido no poder e único legal, era nem mais nem menos o ministro da Defesa, um dos cinco homens mais importantes do seu país. Olhei bem para ela quando me confessou, de olhos baixos, a sua condição de filha de um homem poderoso. E custava acreditar. Toda ela era modéstia, simplicidade, meiguice. Devia estar orgulhoso, no fim de contas namorava a filha de um grande militante socialista, como nos habituámos a chamar na época aos dirigentes dos “partidos amigos”. No entanto, o conhecimento causou mais inquietação que felicidade, por muito estranho que pudesse ser. Ela devia ter intuído isso desde o início, pois ocultou o facto e depois contou com certa vergonha, ou pelo menos timidez. Quando lhe perguntava sobre os progenitores, no princípio do nosso relacionamento, era deliciosamente vaga, se tratava de um casal de funcionários. O que era indubitavelmente verdade. A mãe, professora do ensino secundário. Só que o pai não era um funcionário qualquer, era dos mais altos que podia haver, até difícil de imaginar.

– Porque não me disseste logo?

Se fazia alguma diferença e a vizinha dela era temerosa, como a criança que sabe ter cometido uma malandrice. Claro que fazia diferença e ela era consciente, por isso calara. Depois do primeiro estado de atordoamento, olhei instintivamente para todos os lados. Procurava as escoltas se escondendo entre as árvores ou em baixo dos muros. Não havia, ela andava de facto sozinha. Na pátria do socialismo estávamos seguros, o Kremlin velava pela nossa segurança, ninguém ousaria fazer mal à filha de um alto mandatário estrangeiro. Mas não era esse o perigo que me assustava. Estranhamente, eu é que me sentia alvo.

– O teu pai sabe de nós?

Os pais continuavam a julgar que ela apenas pensava nos estudos, pretendendo ser economista para ajudar o glorioso país de Gengis Khan a avançar para o socialismo científico, futuro radioso, Primavera da humanidade. Escondia de todos a nossa relação, até de uma amiga mongol que convivia no mesmo lar de estudantes dela. O nome dessa amiga era Erdene e significava jóia. Correspondia ao nome, era mesmo uma jóia de rapariga, afirmava Sarangerel, estudiosa, séria e muito alegre, um dia tens

de a conhecer. Um dia havíamos de lanchar juntos, a melhor maneira de conhecer uma pessoa delicada. Por muito séria e amiga que Erdene fosse, Sarangerel ainda não lhe tinha contado que andava de amores com um jovem colega. Nem a Nara, outra estudante da sua terra e também habitando o mesmo lar, embora de relações mais distantes, talvez por estudar medicina. O nosso namoro é um segredo só nosso, pelo menos por enquanto, pediu ela. Os olhos imploravam mais que as palavras. Nela, os olhos eram sempre mais expressivos que tudo, por isso tantas vezes os escondia, ou baixando a cabeça ou tapando delicadamente a face com os punhos pequenos. Realmente era melhor guardar segredo. O segredo, quando deixa de o ser, perde parte do encanto. O sabor reside no mistério. A verdade crua é o ácido da doçura do segredo. Um dia, o nosso segredo teria de ser revelado, a felicidade não é eterna. Mas a nossa parecia ser. E esquecíamos o futuro, concentrados apenas na ventura de nos amarmos.

O segredo permaneceu até ao fim do ano lectivo.

Nem só a Lua é redonda, nem só a Lua cheia é bela.

Flores existem, pássaros de cores de fogo.

Pessoas têm a beleza interior atribuída aos santos. Os verdadeiros, sem veneno.

Ela, porém, com sua cara de Lua, era a criação mais perfeita.

Ele não a amou apenas, adorou-a como uma deusa.

Tinha medo de partir a louça de madrepérola, criada na rota da seda. Só lhe tocava com mãos de veludo. E, mesmo assim, tremia de cada vez.

Havia férias e eu ia passá-las em Moscovo. Para onde mais podia ir? A família estava longe de mais e nem suspeitava onde me encontrava. Tinha conseguido, através de um camarada vivendo na Alemanha, mandar uma carta para os meus pais. Pedia desculpa, mas as minhas obrigações para com o país natal obrigaram-me a sair de Portugal, onde a tropa exigia a minha presença para ir fazer a guerra do lado contrário ao dos meus sentimentos. A deserção foi obrigatória e para fora de Portugal. Carta difícil de escrever, porque a linguagem devia ser toda cifrada. O correio do estrangeiro era escrupulosamente lido pela polícia portuguesa e a família ainda poderia ter problemas se as minhas posições políticas fossem conhecidas. A linguagem foi de tal maneira cifrada e rebuscada que a carta passou na censura da

polícia e por isso foi entregue, mas os familiares não perceberam nada, pelo menos não atinaram com as razões da minha fuga, isso sim, tinham entendido. Eu estava na Alemanha, foi a conclusão. E por uma causa desconhecida, não queria voltar a dar sinal de vida. Soube muito mais tarde que a minha carta foi assim interpretada pela família desconcertada. Com Olga silvando por todos os lados, é um falso, é um ingrato, o único que teve direito a estudar mais e afinal abandonou tudo, sabe-se lá porquê. Ela estava mais perto da verdade que os outros, eu era um traidor na sua óptica, mas não chegou a um sentido político, não tinha cultura para tanto. Só instinto.

Não havia pois família com quem passar as férias.

Mas Sarangerel tinha. Foi para Ulan Bator e eu fiquei com a minha saudade. Dois longos meses de saudade, recebendo cartas dela, mas nas quais pedia para não lhe responder, medo dos esbirros do pai. Tudo indicava um desastre futuro, a felicidade não dura a vida toda, me dizia a razão. Mas que razão reconhece um rapaz apaixonado? Escrevia perdidamente cartas que varavam a noite, controlava o desejo cada vez mais forte de as meter no correio para a Mongólia e escondia-as numa gaveta. Daria a ler quando ela voltasse. Já me consolava o que ela escrevia, as lágrimas que dizia estar a verter mas sempre com cuidado para não borrar a escrita. Erdene morava mesmo ao lado e a sua presença lembrava Moscovo a Sarangerel e, portanto, a minha pessoa. Estava infalivelmente associado a Moscovo na cabeça dela, veio de Leninegrado e conheceu-me logo na primeira aula, como uma estranha profecia. Reparou em mim a fumar um cigarro com um ar superior e desinteressado do mundo como um grande galã de cinema. O meu descaramento encantou-a e sobretudo o mal-entendido que nos levou à fala. Contava e recontava isso nas cartas doridas e eu tinha vontade de chorar. Mas nunca lhe disse que de facto, quando da primeira fala, me referia ao rosto dela e não ao nome. Foi mentira que não revelei. Só agora. Mas já não tem importância, ela não vai saber que o nosso relacionamento começou com uma mentira sem gravidade. Há quem jure, uma relação sã só admite a verdade. Estou eu aqui para negar com a voz da experiência. Uma relação verdadeira pode (e talvez deva) começar com uma mentira.

Conheço casos.

A felicidade perdida retomou com o telefonema atendido no único telefone do andar, ao fundo do corredor. Ela estava no aeroporto de volta. E deixou Erdene à espera das malas para se escapulir e me telefonar, morria

de saudades de ouvir a minha voz. E eu então! Mal conseguia balbuciar um bem-vinda. Muito menos, bem-vinda, amor. A primeira vez que lhe chamei querida, a palavra me tinha queimado os lábios. E deve ter destruído os tímpanos dela. Depois perdeu a força, com a rotina, já não fazia os mesmos estragos na boca de um e no ouvido da outra.

As palavras carinhosas são infelizmente amansadas pelo tempo.

Foi então tempo de muito amor. Os meses de ausência mostraram a cada um de nós a impossibilidade de estar sem o outro. Inevitável. Tragédia no ar, ao crepúsculo. Adivinha-se.

Hereges existem. Tentam fazer hidromel na cabaça da manteiga. O hidromel é intragável, mas eles dizem, do alto da sua arrogância, vocês não têm bom gosto. Nem o gosto de arriscar.

Ele pressentia o perigo de trocar as cabaças.

Felizmente, não avistava abelhas nem vacas.

Ali.

Afinal estavam bem perto.

Erdene desconfiava, insistia em perguntas. Sarangerel achava dever revelar o segredo. Perderíamos a nossa jóia mais valiosa, de que nem os colegas de faculdade suspeitavam, argumentava eu, àtoamente mas por instinto. Só Jean-Michel suspeitava, claro. Esse não desconfiava, sabia mesmo. Mas era suficientemente discreto para nem a mim confidenciar a suspeita ou o conhecimento. Mais tarde contou, várias vezes nos apanhou no mesmo parque fechado onde dei o primeiro beijo a Sarangerel. Descobriu por acaso, não era sítio que frequentasse habitualmente. Aconteceu num fim de tarde. O meu regresso ao lar no crepúsculo era sempre esfuziante, tinha um ar tão feliz e barulhento que só ao amor podia ser devido. De maneira que dias depois voltou ao mesmo local para comprovar as dúvidas e nos encontrou abraçados, meio escondidos por uma árvore. Não precisava de mais. E se eu não queria contar, tinha o direito de manter o segredo que só a mim dizia respeito. Por isso não me confrontou, nem lançou piadas e até deixou de perguntar, mas onde estiveste até agora, para não me obrigar a uma mentira. Gentil ao extremo, Jean-Michel. Amigos assim são raros.

Mas Erdene era diferente.

Desconfiava e queria saber. Tantas fugas, desculpas constantes, chegadas sistematicamente atrasadas ao lar, só podiam ser devido a algum homem encapuzado na vida de Sarangerel. Esta negava, cada vez com menos convicção, disparates, Erdene, disparates. Se não fosse por termos feito o pacto do silêncio, há muito Sarangerel se tinha aberto com a amiga, tal a pressão.

– Leio nos teus olhos – dizia a outra.

– És uma analfabeta, não sabes ler no papel, quanto mais nos olhos – ria Sarangerel.

Mas o riso não sabia mentir. E um dia ela disse-me, já não consigo esconder dela, vou contar e apresentar-te. Espero que faças boa figura. Eu estranhava tanto medo, no fundo ela se aterrorizava com Erdene e o seu julgamento. Haveria razão? Se eu me abrisse com Jean-Michel sobre Sarangerel e o estranho medo em relação a Erdene, certamente ele diria, a outra só está cá para vigiar a filha do ministro, é da bófia secreta. Pensamento de herege político, claro.

Havia inquietações no ar. Se tornaram tempestade.

Foi numa aula de um dia começando aprazível pelo raro sol. Desde o princípio da manhã ela estava nervosa, se mexia no banco, eu sentia. Eu falava banalidades ao ouvido, para a ver sorrir, como habitualmente, mas nada, mantinha o ar sério, preocupado. Que se passa contigo hoje, segredei. Nada, depois digo. No intervalo, levei-a para um canto isolado.

– Conta-me, qual o problema?

Sarangerel baixou os olhos. Mas não levou a mãozinha à boca, mau sinal. Não tinha vontade de rir. Antes fazia esforço para não desatar aos soluços. Falou baixo:

– Estou grávida.

Assim mesmo. Como uma bomba que explode num dia de sol.

Sarangerel encontrou força lá dentro do seu pequeno corpo para tentar me consolar, segurando a mão entre as suas. Basta chorar eu pelos dois, não precisas também de lamentar, me disse. Eu no entanto dei uma gargalhada feroz. A ela deve ter parecido idiotice, no princípio sim, como confessaria mais tarde, mas depois se comoveu com a minha satisfação. Eu, um miúdo de pouco mais de vinte e um anos, ia ser pai. Não me vieram inquietações, não imaginei catástrofes, a bomba afinal era de perfume. Beije-a delicadamente, ri de novo e, finalmente, ela sorriu baixando os olhos.

Deliciava-a a minha alegria, atirava para longe as angústias dos últimos dias ao perceber o atraso das regras e imperceptíveis mudanças no seu corpo. Imperceptíveis para outros, claro, não para ela. Várias noites passou em branco, imaginando futuros. O mais simples seria desembaraçar-se do filho, havia na União Soviética facilidades para o aborto em nome da liberdade da mulher. Ela era maior. Bastaria ir a um hospital e falar com um médico. Embora talvez fosse rotina o hospital depois informar o país de origem, dado se tratar de uma bolseira. E aí estava a razão dos seus temores, o pai podia saber.

Havia outra hipótese, claro, era contar-me tudo e esperar a minha reacção. Podíamos casar e assumir as consequências. Mas para isso o pai tinha de concordar, até talvez o Partido do Povo da Mongólia. Ela não era uma cidadã qualquer, era filha de um membro do Bureau Político. Eis os factos e a maneira simples como me contou.

— Casamos, qual é a dúvida?

Sarangerel não esperava uma resposta tão pronta. Para dizer a verdade, nem pensei. Não sopesei a decisão nem as palavras. Não olhei para o futuro, eu, que tinha o futuro bloqueado, dependente da vontade de alguns dirigentes me autorizarem a arriscar a vida numa guerra incerta. Tão incerta que o mais certo era morrer. Devíamos ter esse filho, o aborto estava fora de questão. E a maneira mais fácil e correcta de resolver os mambos era o casamento.

— Escrevemos aos teus pais. E começamos a viver juntos. Em alguns lares vivem casais de estudantes. Podemos pedir transferência para um desses lares e ter um quarto. E é hoje mesmo que vamos tratar do assunto.

— Espera. Pensaste tudo sozinho. E eu não decido?

Fiquei francamente espantado com a reacção dela. De facto, estava a determinar sozinho pelos dois e sem qualquer reflexão. Mas então ela não se satisfazia com a minha resolução? Parecia um bicho defendendo o seu espaço, ah, a emancipação das mulheres, estudávamos e discutíamos isso, mas era algo teórico. Um casal é constituído por duas pessoas e as decisões devem ser sempre colectivas. Na prática, eu nem me preocupava em imaginar as consequências de tal princípio filosófico na vida individual. Sarangerel, estranhamente, me declarou não se sentir preparada para casar assim de repente. Devia ser ela a mais entusiasmada, pelo menos aliviada por eu aceitar tão bem a gravidez, uma parte importante da sua angústia.

Mas não, evitava precipitar-se ladeira abaixo, como eu fazia. Sempre fui de decisões rápidas, guiadas pelo instinto. Até então não tinha muitas razões de queixa. Mas até então as decisões tinham implicações directas apenas na minha vida e só remotamente na de alguns outros. Agora já não diziam respeito somente a mim. Havia outros dois seres em jogo, insistiu ela.

O eterno egocentrismo do macho.

Aquela miúda franzina vinda das estepes geladas onde pastam cavalos milenares, de uma sociedade onde muitas vezes apenas havia mulheres porque os homens ou estavam longe nas guerras ou em longas peregrinações comerciais, portanto mulheres bastante livres, habituadas a decidir sobre as suas vidas e as dos filhos, não se deixava domar, seguia a tradição dos séculos. Eu não decidiria sozinho. Nem precisou de me olhar muito intensamente para me pôr no meu lugar. Foi só a voz mansa, falsamente dócil, temos de pensar juntos e com calma. Hoje foi só para te contar o meu estado. Temos tempo para decidir.

– Disseste à Erdene?

– Vou dizer, contar tudo. Não aguento mais as perguntas dela.

– Prepara-te. Vem borrasca.

– Erdene é minha amiga.

Acreditei na sua boa-fé. Se tivesse falado antes com Jean--Michel, não seria tão optimista.

Erdene afinal arrancou os cabelos, pisou raivosamente o chão com os pés, ameaçou Sarangerel com todas as pragas do mundo, chorou, implorou impossibilidades, entre elas a solução aborto, se atirou para a cama de braços abertos como morrendo, se levantou de novo numa fúria cuspiendo infernos, se dobrou num canto do quarto soluçando culpas e recriminações. Sarangerel assistia ao filme, espantada. E por fim Erdene confessou, estás a condenar-me à morte ou à cadeia.

Dava para entender?

No dia seguinte Sarangerel contou-me os detalhes da conversa. E as espantosas revelações vieram perante os meus ouvidos atónitos. Erdene era de facto uma guia ou polícia ou espia ou o que se queira chamar. Fingia estudar, com a conivência das autoridades soviéticas. Mas a sua missão em Moscovo se resumia a ser guarda-costas e informadora de todos os gestos de Sarangerel para Ulan Bator, via embaixada. E a sede na Mongólia já estava informada, bem antes das férias, que a filha do ministro da Defesa

mantinha um relacionamento secreto com um jovem estudante, de boa aparência mas de ascendência não mongol, um pecado capital, portanto. As palavras são minhas, de hoje, mas era essa a essência da questão. O pai de Sarangerel, constantemente informado pelos serviços da embaixada mongol em Moscovo, preferia por enquanto deixar andar sem interferir, pois sabia que a mãe dela queria acima de tudo a filha formada. E o ministro prezava muito a opinião da mulher, capaz de fazer uma cena épica de rebeldia, digna de uma descendente directa do grande Khan. Sarangerel só tinha voltado a Moscovo para continuar os estudos por imposição da mãe. Ela não sabia nada sobre as discussões havidas entre os pais, nem sobre os relatórios dos encontros secretos. Erdene já tinha descoberto a relação no meio do ano anterior, alertada pelo seu contacto do KGB, o qual controlava os agentes enviados pelos serviços secretos dos países amigos e por vezes lhes passava informações inócuas. No princípio tentou encobrir, para evitar um escândalo. Sobretudo, para evitar ser considerada incompetente por ter conseguido de impedir tão espúrias relações. Mas depois, com medo que o próprio KGB informasse directamente Ulan Bator, o que a colocaria numa situação ainda mais complicada, de cúmplice, resolveu fazer um relatório ao seu superior hierárquico da embaixada. Chamada ao ministro durante as férias, prometeu que controlaria a situação. Seria uma atracção de criança, nada de grave, em breve Sarangerel cairia em si e se dedicaria exclusivamente aos estudos, como sempre. E, no caso pouco provável de Sarangerel arranjar algum namorado, ela providenciaria para ser um mongol puro, ninguém de raças espúrias. Em favor de Sarangerel, Erdene devia referir que trabalhara afincadamente, apesar dos amores clandestinos, e tivera uma classificação excelente. O camarada ministro reconheceu a verdade dos seus argumentos e amansou. Intimou Erdene à garantia, aquele relacionamento quase terminado não teria consequências. Aceitou as exigências quase gritadas da mãe da minha amada, deixou a filha voltar para Moscovo, fingindo não saber de nada, meigo como sempre em relação à filha adorada. Mas agora? Erdene era obrigada a revelar a gravidez, um crime supremo de mistura de raças, seria chamada à Mongólia e podia se preparar porque a punição seria exemplar. Não a de Sarangerel, acima de todos os castigos, mas a dela, Erdene, funcionária dormindo no serviço, deixando que um desastre daqueles acontecesse. Por fim, o ultimato: Erdene nos tinha dado um dia para decidirmos. Ou havia aborto e suspensão

imediate das nossas relações, conseguindo ela em compensação que o aborto não fosse conhecido das autoridades mongóis, ou ia contar tudo ao agente da embaixada e entregar a cabeça ao cepo.

Nos momentos decisivos há pensamentos estúpidos. Muitas vezes. Ou demasiado lúcidos, o que vai dar no mesmo.

– E dizias tu que essa Erdene era uma jóia. Só de nome. Aposto que nem isso, é um nome falso, como o seu passaporte, a sua idade, tudo.

– Dadas as circunstâncias, até nem se portou mal, mas agora não interessa – a voz de Sarangerel parecia demasiado ríspida para comigo, e até injusta, pois eu só queria o melhor para o que já considerava a minha família.

– Tens razão, devemos escolher o que fazer. Diz-me, a Erdene sabe que vieste falar comigo?

– Claro, se nos deu um dia para decidir...

– É a primeira vez que estamos reunidos oficialmente... com a benevolência das autoridades mongóis...

– Não gozes. É só responsabilidade dela. Está a arriscar muito.

O problema de aceitar um aborto realmente não se punha para mim. Nem para Sarangerel, sabia. Não era por qualquer sentimento religioso, os dois éramos ateus. Ela sempre fora educada longe de qualquer religião, como mandava a filosofia do partido do pai. Eu me tinha afastado das crenças e depois fui convencido por Marx e o seu ateísmo militante. O que dizia meio a brincar ao João no Lubango afinal era mesmo verdade, Deus se revelava uma mera invenção dos homens incapazes de descobrirem uma razão plausível para a vida e a morte. No entanto, repugnava-me a ideia de impedir a vida a um filho meu, o que, diga-se de passagem, muito me espantava. A constituição de uma família nunca me tinha sequer aflorado o pensamento, era de facto novo de mais para tanto. E a minha situação de membro de um movimento de libertação, sem poder imaginar de que era feito o futuro, mais condicionava os projectos pessoais. Instintivamente recusava a solução mais fácil. Provavelmente qualquer outro aceitaria de mão beijada a oferta de Erdene, pelo menos a primeira parte, a de conseguir um aborto secreto. A suspensão das nossas relações já seria mais difícil de aceitar, mas ganharíamos tempo e depois logo se veria. Era o mais racional. Qualquer um faria assim, nas mesmas circunstâncias, não é? Porém, recusei. E Sarangerel também. Ela ficou satisfeita por eu concordar com a sua decisão. Vendo bem, ela tinha mais a perder que eu. Mas os dois reagíamos

da mesma maneira, o fruto do nosso amor era sagrado. Nem que nos esfolassem vivos, nem que nos amarrassem a dois cavalos, uma perna para cada lado, como se fazia em tempos medievais nas estepes, e fossem afastando os cavalos para nos abrirem ao meio.

– Telefona para a tua mãe, as mães são mais compreensivas. Não escrevas, telefona. Estou disposto a ir amanhã mesmo a Ulan Bator apresentar-me ao teu pai. Negociamos o casamento.

Era uma posição de risco extremo. Sarangerel abriu os olhos de emoção. Havia lágrimas a brilhar. Era o seu herói e comportava-me como tal. Não tinha a mínima sensação de tomar uma atitude corajosa, apenas não medi consequências. Por ela iria ao fim do mundo, porque não enfrentar o poderoso e obstinado pai?

– Posso convencê-lo a deixar-te casar e continuarmos a estudar. Bolas, e o internacionalismo proletário? A Mongólia, como país socialista, apoia a luta dos povos oprimidos. O meu povo é colonizado e eu sou um lutador pela liberdade do meu povo. O meu Movimento é aliado do Partido dele, tem de ser sensível a esse argumento. Agarremo-nos à política, ela pode ajudar-nos.

Sarangerel segurou a minha mão. Com as duas, como era seu hábito.

– Não conheces o meu pai. Não conheces a Mongólia. Acho até que não conheces os países socialistas.

E mais não disse. Esperei esclarecimentos. Não vieram. Ficámos os dois sentados, de mãos dadas, perdidos em pensamentos desconstruídos. Seria mais tarde Jean-Michel a esclarecer-me, meu velho, deixa-te de ilusões, o internacionalismo proletário é uma treta, a amizade indestrutível entre os povos é outra, o que conta é que tu não és mongol, portanto, és um ser inferior. Nem que fosses o rei do Kongo. Mas na altura ainda não me tinha aberto a Jean-Michel, estava cheio de boas intenções. E de ilusões. Passado muito tempo, ela perguntou, o que fazemos então? O aborto tinha sido posto de lado, havia que decidir o passo seguinte.

– Já te disse, vou falar com o teu pai.

– E eu já te disse, é inútil.

– Vale a pena tentar.

– Não. Ainda te arriskas a ser expulso da União Soviética, ele vai exigir isso.

– Os soviéticos não o fariam.

– Fariam, podes ter a certeza.

– Casamos então em segredo. Assim ele não pode fazer nada. Tu és maior, não precisas de autorização para casar.

Era a única solução. Romeu e Julieta casando com a cumplicidade de um padre, como Shakespeare escreveu. Infelizmente ali não havia padres complacentes, apenas zelosos funcionários do Estado soviético, hieráticos e inflexíveis como qualquer burocrata.

– Vou falar com a Olga. Ela pode ajudar-nos a casar sem que a Mongólia saiba.

Sarangerel fez um muxoxo descrente com a boca, mas tão delicado que só eu podia perceber. No entanto, não contrariou. Também não tinha soluções melhores, é verdade. Ficou combinado ela dizer a Erdene que no dia seguinte lhe daria a resposta definitiva, ganhando algum tempo. Eu entretanto fui tentar falar com Olga. Não a encontrei no escritório onde habitualmente estava e para me adiantar aos acontecimentos procurei Jean-Michel. Estava na biblioteca da faculdade, cumprindo o seu dever revolucionário de estudar.

É bom ter amigos verdadeiros, apesar das dolorosas verdades que arriscamos ouvir.

Jean-Michel foi claro, já esperava uma coisa dessas. Temia isso, sempre me pareste um tipo ingénuo. Foi então que ele contou como nos apanhara no parque. Assobiou de admiração e susto quando soube da posição política do pai de Sarangerel, tu ao menos atacas logo em cima. Só ao fim de três meses de namoro é que soube quem era o pai, me defendi. Jean-Michel tentou tirar-me as ilusões, há racismo, e o racismo nem sempre é de branco contra negro ou de negro contra branco, há entre todos os grupos. E o marxismo não extirpou esse cancro, meu irmão, podes crer. Podes arriscar ir à Mongólia, mas ela conhece o pai e o país melhor que tu, e se não acredita... Aqui os casamentos são fáceis e os divórcios também, é verdade. Até podem casar rápido, sendo ambos maiores. Mas é preciso que a Olga alinhe e convença um funcionário de estatuto superior. Será que ela é de fiar?

– Não tenho mais ninguém.

– O teu Movimento?

– Só há a União de Estudantes e não tem influência para tanto.

– Sei. Mas escreve à Direcção do Movimento. Se vier um pe-dido da Direcção, os soviéticos podem facilitar as coisas.

- Vai demorar muito tempo.
- Também é verdade. A Direcção está muito longe. Fala com o responsável dos estudantes, de qualquer forma. Podem meter o Komsomol⁶ no barulho. O Komsomol tem muita força, tu sabes. Se quiseres, tenho bons contactos, falo com um chefe deles.

Jean-Michel, apesar da solidariedade evidente, não parecia de grande ajuda. Restava mesmo Olga. Depois de muita ponderação, isto num espaço que decorria entre a biblioteca da faculdade e o lar, marcha de quinze minutos, decidi primeiro contactar o responsável pela União dos Estudantes Angolanos. Era uma camarada baixinha, um pouco para o forte, chamada Esmeralda. Já nos conhecíamos das reuniões para troca de informações sobre a luta de libertação e o progresso nos estudos. Também, por vezes, a secção de Moscovo da União de Estudantes organizava uns encontros com alguma comida e bebida e a indispensável música. Acabávamos sempre a dançar, porque angolano só sabe atirar para longe tristezas e saudades dançando.

Na dança, não é só o corpo que bebe seiva do ritmo, é a alma.

A camarada Esmeralda estava no seu sítio habitual. Não havia tempo para rodeios e contei-lhe tudo desde o princípio, quase sem respirar. Evitando os detalhes, claro. Não lhe falei por exemplo do mal-entendido sobre a Lua Cheia e o luar. Nem outras coisas lindas que aconteceram entre nós os dois. Ficou a olhar para mim, nitidamente perturbada. Porque se apercebia do amor que transparecia das minhas palavras? Porque a situação lhe colocava um complicado problema político? Porque nunca imaginara uma mongol com tanta determinação? Não sei, mas se tornou imediatamente minha cúmplice.

- E o que conta o camarada fazer?
- Casar, claro. Mas tem de ser rápido, ela tem medo da reacção do pai quando souber da gravidez.

A camarada Esmeralda abanou a cabeça afirmativamente. Havia pena nos olhos dela por não poder fazer nada para me ajudar? Achei, era isso.

– Vou falar com os camaradas do Komsomol. Mais não posso. Pode ser que eles facilitem o casamento, pode ser que não. Compreende, a Mongólia está encaixada entre a União Soviética e a China. Pende para a União Soviética neste conflito ideológico entre os dois, talvez por uma parte do seu território ter sido anexada pela China. Os camaradas soviéticos não vão

querer afrontá-la por um problema...

– Menor... – disse eu, conformado.

– Pessoal – disse ela, generosa. – Fale com a Olga, ela tem mais influência do que se pensa. Ou falamos os dois?

– Se fosse com a camarada seria melhor – me agarrei ao pau que ela lançava. Esmeralda era mesmo camarada.

E lá fomos de novo, agora os dois, tentar encontrar a minha guia/vigia. No caminho lhe disse isso mesmo e ela riu, é a guia/vigia de todos nós. Os angolanos são assunto exclusivo da Olga, e ela é muito ciumenta. Um camarada do Komsomol, aliás importante, um dia quis intervir no caso de um angolano que estava a ser injustamente acusado de ter roubado uma carteira num lar. Esse tipo do Komsomol por acaso estava lá e resolveu ajudar o angolano. Quando a Olga chegou, fez uma cena dos diabos, que ele não tinha nada que se meter, ela era a mãe dos angolanos, enfim, não disse a palavra mãe mas era como se fosse... esperemos que desta vez seja a mãe que desejamos.

Mas a camarada Olga não foi nada mãe, nem sempre se é mãe.

Começou por me dar uma tremenda reprimenda, que eu estava em Moscovo para estudar e não para arranjar problemas com os camaradas mongóis, uns grandes revolucionários que levavam a palavra de Lenine a cavalo por todas as estepes da Ásia. Quando o cavalo morria de exaustão iriam a pé, se preciso fosse. Não disse isto, até porque não fazia ideia de quanto aguentava um cavalo com o tremendo peso das palavras leninistas. Mas era a ideia geral. Que o casamento entre estudantes estrangeiros tinha de ter a autorização dos dois países, no meu caso do Movimento que representava o meu país. Isso não seria problema, achei eu, mas demorava, os correios eram difíceis e a sede do Movimento ficava no coração de África enquanto Moscovo estava na esquina da Europa com a Ásia, muita distância portanto. A verdadeira dificuldade seria obter a autorização mongol, evidentemente.

– Um documento da União dos Estudantes não chegará? – perguntou a camarada Esmeralda, a tentar facilitar a parte angolana.

– Podem mandar um telegrama à Direcção do MPLA – disse Olga.

Até podia ser, pensei eu, não estava preocupado com a permissão dos meus dirigentes, eram gente que compreendia as coisas. O problema era ela não aceitar mover uma palha por causa do pai de Sarangerel.

Evidentemente, se tratava de um problema político que a ultrapassava, que se emaranhava nas teias do conflito sino-soviético, assunto central do movimento comunista da época. Mais me convenci de só haver uma solução, eu me apresentar arrojadamente em Ulan Bator e pedir a mão de Sarangerel ao meu futuro sogro. Se os soviéticos me deixassem sair de Moscovo...

– Considero um disparate – cortou logo Olga. – Mas tente pedir um visto na embaixada mongol. Se eles autorizarem o visto, nada o impede de ir lá nas férias. Mas não durante o tempo de aulas, está aqui para estudar. O povo soviético faz um grande sacrifício dando bolsas aos jovens dos países amigos, mas é para tirarem proveito desse sacrifício e não para perderem tempo com distrações...

– Distrações?... – eu ia explodir, mas Esmeralda me segurou o braço. As coisas deviam ser tratadas com serenidade, entre camaradas que se gostam, nada de fúrias descontroladas que só criam inimizades, impedindo as soluções. E então o internacionalismo proletário?

– Camarada Olga, podiam abrir uma excepção por dois ou três dias – disse Esmeralda. – Não é isso que vai fazer o camarada Júlio atrasar-se nos estudos. Pelo contrário, com um problema como tem é que não terá a paz de espírito suficiente para aproveitar o enorme sacrifício do povo soviético.

Claro que havia ironia na fala da camarada Esmeralda. Mas como ela usava sempre a sua fala cantante com ironia, sobretudo nas questões graves, Olga pareceu não levar a mal. Ou fingiu. Nunca consegui perceber como funciona o cérebro de um guia/vigia. Deveria haver compêndios de psicologia tratando esse assunto, mas não certamente na União Soviética, apesar de ser dos países mais avançados do mundo na ciência de manipular cérebros. Não haveria compêndio pelo menos à disposição do pessoal comum, gente como eu. Pensei nesse momento, foi coisa que nunca esqueci apesar da distância e do tempo, teria de procurar na biblioteca da faculdade algo do género, embora estivesse certo de não encontrar. (Permitam-me o aparte, mas realmente o cérebro humano é uma coisa complicada, pois, num momento tão delicado da minha vida, estava eu a fazer filosofias sobre psicologia de vigias em vez de empenhar todas as minhas faculdades a convencer a guia!) Com efeito, não procurei então, e até hoje duvido que houvesse a explicação do funcionamento desse tipo de cérebros, tão comuns na época. Só comuns naquela época? Avancemos.

Olga deixou de ser mãe para mim. Nos olhámos com rancor, à despedida.

Acompanhei a camarada Esmeralda à sua residência, agradecendo o esforço. Ela ainda disse, vou meter o Komsomol nisto, quanto mais não seja para autorizarem a ida à Mongólia. Me despedi, o coração como chocolate quente. Ainda havia camaradas.

Sempre houve, do meu lado.

Jean-Michel foi um deles. Também secundou a camarada Esmeralda e foi falar com o seu amigo do Komsomol, o qual fez uns rodeios prudentes e não prometeu nada, mas ia ver. A questão se tornava africana, proclamou Jean-Michel, de volta ao lar na noite avançada. Vamos convocar o Moussa e o Salim e todos os angolanos e congoleses de Moscovo para um encontro. Essa criança, filho de dois revolucionários, é um belo exemplo da união dos povos. De um lado, os tocadores de batuque e, do outro, os homens dos cavalos.

– Já viste um cavalo mongol a dançar ao som do batuque africano?

Ria para tentar me animar. Sacou uma garrafa de vodka do seu armário sempre com surpresas e me encheu um copo. Ele bebia pelo gargalo e avançava na teoria da criança afro-asiática, exemplo para o futuro do mundo, então não há mesmo uma organização de solidariedade dos dois continentes com sede aqui em Moscovo? De vez em quando essa organização organiza uns congressos da amizade, onde se encontram os desempregados da política, mas isso não interessa. Tudo se conjuga, vamos internacionalizar o problema. Eu não tinha vontade de rir nem de brincar e a solidariedade entre os povos começava a ficar esfumada nas minhas ilusões. Tinha sido um dia difícil. Bebi a vodka de uma virada.

Caí morto na cama.

⁶ Komsomol – Organização da Juventude do Partido Comunista da União Soviética.

CONTRA UMA PORTA DE PEDRA

No dia seguinte não assisti às aulas. Andei pela faculdade, subindo e descendo escadas, percorrendo corredores, à espera de Sarangerel. Nada tinha para lhe oferecer de tantas voltas dadas na véspera. Vagas promessas? Nem isso, com efeito. O mais importante de tudo era a posição de Olga, totalmente negativa. Sarangerel demorou. Estaria certamente a tentar ganhar a cumplicidade de Erdene, feito praticamente impossível, se tratando de uma bófia. Os bófias têm muito medo, por saberem o significado de um risco, por isso não ultrapassam hierarquias, não descumprem regras.

Jean-Michel, solidário, ia a uma aula e depois procurava-me para o apoio psicológico. E corria para outra aula, dizendo sempre, não estás a perder nada de importante, é sempre a mesma coisa. Tinha razão. As matérias mudavam de nome, apareciam em disciplinas diferentes, mas apresentavam muitas repetições de aulas anteriormente dadas, como se o curso fosse concebido para dois anos mas ministrado em cinco, destinado a atrasados mentais. Pouca ou nenhuma rentabilidade no trabalho mas pleno emprego, norma nunca confessada mas sendo o verdadeiro eixo do sistema socialista. Todos se sentiam úteis, sem noção de serem quase inúteis. Gente feliz, portanto.

Infeliz era eu.

Sarangerel apareceu pelo fim da manhã, com cara de papel enrugado, olhos vermelhos e papudos. Passou noite e manhã a chorar, era evidente. Me disse logo, como a matar sonhos, Erdene foi à embaixada, a esta hora o meu pai já sabe.

– No relatório ela vai mencionar que declarámos querer casar imediatamente?

– Não creio.

- Não conseguiste convencê-la a esperar um bocado?
- Ela tem medo de esperar. Se demora muito a fazer o relatório, o KGB informa Ulan Bator antes dela. Estaria perdida nesse caso. De qualquer maneira, assim também está.
- É apenas uma maneira de falar.
- Não é apenas uma maneira de falar. Não conheces a Mongólia, não conheces os países socialistas.

Era a segunda vez que me dizia. Só omitiu o facto de eu não conhecer o pai dela.

- Explica-me então como é a Mongólia e os países socialistas.

A minha voz deve ter parecido rude, acusatória, mas era apenas o desespero a falar. Sarangerel abanou a cabeça mas não me fez a vontade. Suspirou:

- Erdene está mesmo tramada.⁷ E eu sou a culpada.

Pouco me importava o que aconteceria à guia/espia. Nem a conhecia e muito provavelmente nunca a veria, embora ela estivesse farta de me conhecer, observando-me dissimuladamente, embuçada pelas esquinas. Fazia o seu trabalho reles, porém. O que me incomodava era Sarangerel se considerar responsável pelo azar da outra. Não tinha feito nada de mal, apenas talvez se apaixonar pela pessoa errada. Embora eu achasse que era o melhor homem para ela, evidentemente, consideramos sempre isso e nem sempre com razão. Erdene se tramava, paciência, tinha uma missão e não a cumpriu correctamente, o problema portanto era dela, não nosso. Para quê nos culpabilizarmos sobre o destino de um espião? Tinha escolhido conscientemente a profissão de espia, que se lixasse! O importante era resolvermos o nosso problema a contento, guardando o filho e ficando juntos. Estudando. Essa era a verdadeira missão, contribuindo para um futuro mundial mais risonho. Sarangerel compreendia, apoiava com a cabeça, mas as lágrimas rolavam pelas faces redondas. Condoída com a terrível ameaça pairando sobre a cabeça da suposta amiga? Ou apenas com a nossa pouca sorte?

Almoçámos juntos no refeitório da faculdade, com Jean-Michel a tentar animar o turvado ambiente. Sem sucesso. Quando o apresentei a Sarangerel, que ele efectivamente já conhecia de vista, tomou a pose de quem lidava com a minha miúda desde sempre. Como continuando uma pretensa conversa iniciada na véspera e interrompida por alguma razão corriqueira.

Ela primeiro estranhou mas compreendeu rapidamente, táctica dele para a pôr à vontade, a namorada do amigo só podia ser uma velha conhecida, nada menos. Falou, falou, dos professores e de suas manias e tiques, inventando nomes cómicos para cada um, tecendo comentários sobre os colegas com qualquer característica pouco usual, das matérias vazias e repetitivas das disciplinas, com piada, rindo. Eu sorria de vez em quando mas Sarangerel apenas esboçava uma careta forçada, tentando ser simpática. Ela não estava habituada às heresias de Jean-Michel e até podia se escandalizar com tanta iconoclastia, se de facto lhe prestasse um mínimo de atenção. Mas a sua cabeça derivava para outras preocupações, se notava facilmente. De qualquer maneira, eu sempre iria reter na memória e no coração aquele almoço a três, pelo esforço titânico do meu amigo em nos fazer por momentos esquecer a nossa miserável situação.

– E agora, para finalizar, vamos buscar o Moussa e o Salim e todos os cinco falamos com a Olga. Encostamo-la à parede. Ela tem de fazer qualquer coisa. Vou agitar-lhe à frente dos olhos os nomes dos meus amigos do Komsomol. Ela não vai ficar indiferente.

Não acreditávamos no resultado, mas a determinação de Jean-Michel levou-nos a pensar, também não perderemos nada. Podia ser que Olga, vendo o ar sofrido de Sarangerel, parecendo tão frágil e destrozada, se comovesse. Já uma vez cedera e nos levou ao director do lar, para a troca de quartos. Quem sabe, agora...

Agarramos sempre uma esperança que passa na última nuvem.

Moussa e Salim fizeram olhos redondos ao ouvirem a estória. Olhavam Sarangerel como se fosse alguém do espaço sideral. Quem diria que o seu amigo angolano se tinha metido numa enrascada daquelas... E guardando um segredo digno dos melhores livros de espionagem. Se disponibilizaram imediatamente a apoiar, claro. Embora achassem melhor a primeira ideia de Jean--Michel, a de mobilizar os estudantes africanos de Moscovo para fazerem uma petição às autoridades russas, um abaixo-assinado de centenas. Isso é depois, se Olga nada fizer, insistiu o congolês. Os outros não continuaram na argumentação, valia sobretudo o esforço. E assim fomos de novo falar com a nossa guia/vigia.

A qual ainda gostou menos da insistência.

Manteiga não calha bem com mel, já sabíamos.

No mundo da natureza.

No mundo dos humanos, tudo pode calhar. Se vontade houver.

E se os poderosos permitirem.

Normalmente, os poderosos encolhem os ombros. Indiferentes à dor.

O seu silêncio marca a eternidade da separação.

Houve discursos, trocas de alegações, subentendidos e alguns gritos abafados, perante o mutismo sofrido de Sarangerel. Ameaças de protestos públicos ficaram no ar. Protestos nas faculdades, protestos nas ruas, se a situação a tanto obrigasse. Mas Olga tinha mais medo do Partido que de todos os protestos e ameaças vindas de bolseiros. Ou então desacreditava desprezivelmente na nossa capacidade de mobilização. Não acrescentou uma vírgula ao que tinha dito na véspera. Com ela não contássemos, nunca facilitaria um casamento semiclandestino, pondo em causa relações políticas importantes. Nem tinha na realidade poder para forçar o nosso casamento, se justificava. O que talvez fosse verdade, no fundo. Temos sempre tendência a exagerar a importância dos polícias e espões, mas eles dependem de outros que dependem de outros... As hierarquias servem para diluir a capacidade de decisão, atirando todos os assuntos delicados e os menos delicados sempre para cima, até ao chefe, o que delibera sobre tudo, até a cor das cuecas dos soldados em férias. Voltámos de rabo em baixo. Jean-Michel prometeu mobilizar os estudantes africanos para uma reunião onde se decidisse sobre os meios de pressão a usar, ou abaixo-assinado, ou mesmo manifestação. E meter ao barulho a relativamente poderosa União Internacional de Estudantes, com sede em Praga. E ainda a dita organização de solidariedade afro-asiática.

O que fez rir Salim.

Salim era mais afro-asiático que os dirigentes da organização, por isso riu. Nascido em Zanzibar, ilha de misturas raciais entre africanos, árabes, indianos e gente do Golfo Pérsico, trazia no tom de pele a união dos dois continentes. Até mesmo a sua língua materna, o kiswahili, idioma franco da África Oriental, era uma mistura desses elementos de todas as terras banhadas pelo Índico. Soltou mais uma gargalhada e disse:

– A esses senhores quem fala sou eu, Jean-Michel. Nunca foste lá, pois não? São todos russos, e com muita vergonha de o serem, complexados, gostariam de ser somalis ou cingaleses. Por isso terei muita autoridade sobre

eles.

Ficou assente.

O que aconteceu logo no dia seguinte. Jean-Michel foi rápido nas mobilizações, era um líder quando queria. Vinte estudantes africanos, representando as suas organizações e mais a internacional sedeadada em Praga, bateram à porta de uns velhos russos que faziam as vezes de direcção. A camarada Esmeralda e eu próprio fazíamos parte da enorme delegação. Os russos reformados da Revolução e temerosos pelas suas pensões, sempre tão periclitantes com as mudanças políticas impostas por outros, passaram responsabilidades cada um para o degrau de cima sem nenhum se queimar, até chegarmos, já perto da hora do almoço, ao próprio secretário executivo. Este não teve outra alternativa senão receber-nos e ouvir o que Salim lhe contou.

Que parecia haver muito má vontade em se autorizar o casamento entre um angolano e uma mongol, num claro desrespeito pelo espírito de Bandung, Indonésia, onde se criara nos anos cinquenta a tal organização unindo os dois continentes numa conferência que ficara famosa. Haveria maior prova de união que um casamento intercontinental? Os estudantes estavam dispostos a levar o caso até onde fosse necessário para que se cumprisse o espírito sacrossanto da Conferência de Bandung. O secretário mostrava o mesmo ar de Olga, assustado, fazendo contas mentais, ao que isto me vai levar, até às masmorras da Sibéria? Quando prometeu que iria falar com outros membros da direcção para saberem qual o veredicto, Salim foi ríspido, dizendo não acreditar que a direcção tivesse outra alternativa senão pedir encarecidamente aos amigos soviéticos que o casamento fosse imediatamente celebrado. Por isso, para quê perder mais tempo? O secretário apenas teria de telefonar, ali, à frente de todos, para uma conservatória, a qual registaria o acto. Não sairíamos sem uma resposta positiva. Que se não iludisse supondo ser uma figura de estilo, não íamos mesmo sair dali, nem que dormíssemos no chão, estávamos dispostos a defender o que os povos dos dois continentes desejavam, nós éramos de facto pelo espírito afro-asiático contra uma camarilha de burocratas irresponsáveis. E além disso, acrescentou com toda a calma, esta nossa intrusão na sede da associação iria ser interpretada pelos países africanos como uma defesa de nossa parte do verdadeiro sentido internacionalista que devia presidir ao relacionamento entre os dois continentes se opondo ao

imperialismo, apesar de se adivinharem mãos tenebrosas por trás, revisionistas, a sabotarem as sadias relações entre povos irmãos e igualmente explorados.

Eu suava, pois o discurso era acutilante, talvez de mais.

Se nos ensinavam a demagogia do discurso, não íamos usá--la em causa própria?, se justificava Salim perante alguns reparos posteriores de que tinha ido longe de mais e os velhinhos estavam assustados a ponto de terem algum ataque cardíaco.

Entretanto, o secretário começava a arrepender-se de tanto ter lutado para chegar àquele posto, onde não fazia nada, pois nada havia para fazer, e que lhe prometia uma reforma dourada dali a pouco tempo. Para estes casos, a reforma compulsiva era aos 75 anos, diga-se de raspão. Suspeitou que nunca lhe dariam reforma alguma e iria masé imediatamente para o olho da rua se tomasse a decisão errada. E qual seria afinal a certa? As dúvidas, medos e perguntas passavam velozmente pelo cérebro dele, sendo reflectidos para nós pelos seus olhos revolteando pelas paredes e tectos, evitando os nossos. O lápis vetusto, azul, denotando pouco uso, batia regularmente no tampo da mesa cheia de troféus, bustos de celebridades do movimento de solidariedade afro-asiática, estatuazinhas comemorativas de encontros e congressos e ainda bandeirinhas com estrelas, foices e martelos, mas sem documentos para estudar ou assinar. Ele próprio, redondo e vermelhusco, careca no cimo da cabeça e de cabelos brancos no resto, era um símbolo do burocrata normalmente entediado no serviço, excepto quando uma presença incómoda como a nossa perturbava a habitual apatia e preguiça. O ritmo do lápis na secretária era apenas a confissão de impotência e falta de ideias. Teria de dizer alguma coisa e gaguejou. Desconsequimos de perceber o que ele gargarejava. Ficou a olhar para as paredes, à espera de nos ter convencido do nada. Salim voltou a insistir, é só pegar no telefone e ligar para uma conservatória, amanhã de manhã lá estaremos com a noiva para o registo do casamento. Ele voltou a gargarejar, cada vez mais rubicundo. Ao fim de mais de dois anos em Moscovo, eu começava a entender os russos. Se não fosse um problema me tocando tão de perto, arriscaria perguntar em que armário estava escondida a garrafa de vodka de que ele tanto necessitava naquele momento para ganhar coragem. Mas podia tornar ainda pior a situação e fiquei calado, testemunha atormentada da escrita do meu próprio futuro. Ele voltou a tartamudear

umas frases sem nexos e finalmente se percebeu o que lamuriava, não posso fazer nada, não insistam, vou apenas relatar à direcção, deve ser uma decisão colectiva. A um discreto gesto de Salim, espalhamo-nos pelo gabinete, sentando-nos em tudo que dava para poisar as nossas cansadas bundas. Alguns tiveram mesmo de as assentar no chão. Mais horrorizado ficou o secretário executivo, pois o nosso gesto significava a concretização da ameaça feita por Salim, dali não saíamos sem uma decisão positiva. O burocrata se levantou do cadeirão com inesperada rapidez para a sua idade e disse para aguardarmos, que encomendaria água. E saiu velozmente do gabinete, mais velozmente do que seria de prever dada a sua passividade anterior, fechando a porta atrás de si. Como se finalmente tivesse encontrado solução para o seu problema, que poderia não ser a do nosso, obviamente. Em breve vinha uma matrona com ar de muito encolerizada, transportando numa bandeja três copos e uma garrafa de água. Decididamente, não era o emprego com que sempre sonhara, mas apenas o que conseguira com os conhecimentos ou ligações familiares. Ou por ser membro assíduo do Partido e já não ter idade para outros empregos.

– Camarada, os copos não chegam – disse um de nós.

– Não temos mais copos – respondeu, mesmo sem vontade de nos aturar.

Ninguém acreditou, claro. Todas aquelas repartições estavam cheias de copos e pratos, porque eram muito frequentes as recepções, mesmo pequenas, às delegações dos países amigos em visita. E nunca acontecia visita ou reunião sem se provar uma bebida e uns bolinhos, no mínimo. Nas melhores ocasiões, havia caviar e salmão, com muita vodka para os frequentes brindes, porque a amizade entre os povos é coisa que tem de passar pelas barrigas e, sobretudo, por inconfidências éticas. Mas fingimos acreditar na miséria da organização e repartimos a escassa água, esperando o regresso do secretário. Supúnhamos na nossa inocência que ele fora a outro gabinete contactar algum responsável acima, provavelmente o presidente da organização, para resolver finalmente o problema. Que fosse, sempre era melhor que nada. Esperámos, primeiro em silêncio. Passaram quinze minutos e começámos a trocar impressões mais acaloradas, com o propósito de acelerar a passagem do tempo. Passou meia hora e já as vozes se soltavam, impacientes. Todos nós comíamos em cantinas de estudantes e estas tinham horas certas para abrir e fechar. Já tínhamos então perdido a possibilidade do almoço, estava visto. Mas certamente quem não o perdeu

foi o secretário executivo da união dos afro-asiáticos, que apareceu muito mais tarde, com o ar sonolento de quem se empanturrou e não dormiu a merecida sesta. Trazia o mesmo discurso, tinha falado com os responsáveis e não se podia realizar o casamento sem a autorização formal da embaixada da Mongólia. Era lá que devia ser resolvida a questão. Era lá mesmo que eu não queria ir. Admirei a capacidade de repetir discursos já gastos só para tudo ficar na mesma. Mais tarde viria a descobrir ser tática comum nas negociações políticas ou económicas, sobretudo a repetição para cansar o adversário, levando-o não ao convencimento mas ao esgotamento físico ou moral. Os meus companheiros, exaustos pela espera e apertados pela fome, como os sacanas dos velinhos afro-asiáticos esperavam, encolheram os derrotados ombros, vamos lá então.

Antes fôssemos passear bois.

Na embaixada mongol, não havia evidentemente ninguém para nos receber. Desconsequimos de ultrapassar o portão de fora. Havia três soldados na guarita, impecavelmente fardados e de ar enfasiado. Os dois responsáveis pela Internacional de estudantes de Praga, um soviético do Cáucaso e um espanhol antifranquista, ameaçaram os guardas com uma manifestação de protesto ali mesmo na rua. Era ameaça perigosa, as autoridades não apreciavam manifestações senão as que eram a favor do regime, o que não é nenhuma raridade. Mas o estudante soviético se sentia envergonhado perante as hesitações dos seus dirigentes e mediu pouco as palavras. Perigosamente pouco. Os guardas, no entanto, não responderam às ameaças e apenas repetiram o que lhes tinham dito de dentro, não há audiências sem marcação antecipada. E ali ficámos nós até escurecer, sem sermos afastados, mas sem notarmos sequer um movimento numa cortina indicando que alguém se interessava pela nossa presença. Claro, sabíamos, tínhamos sido fotografados e filmados metodicamente. E o estudante soviético talvez viesse a pagar muito caro o seu entusiasmo em defesa do internacionalismo proletário, quando o KGB analisasse as fotografias e o relatório dos guardas. Tenho a certeza hoje, ele no ano seguinte já não fazia parte nem da organização de Praga nem de outra qualquer, com uma desculpa perfeitamente aceitável, por exemplo saúde depauperada ou família exigindo a sua presença constante. Há gente muito boa a inventar desculpas, não fazem outra coisa, é um emprego com largo futuro no mundo da política.

Um dia de aulas perdido.

Caía a noite quando nos convencemos que nada havia a fazer. Eu me sentia vigiado, o centro de todas as atenções, embora não visse ninguém a nos espreitar. Mas já tinha aprendido com Jean-Michel, eles estão a controlar tudo, embora não aparecesse nenhum carro de polícia, nem os civis passando na rua parecessem sequer reparar na nossa presença. Os russos tinham aprendido a ser transparentes e a fingir que os outros também o eram. Um grupo de vinte e poucas pessoas, com uma maioria colorida de africanos, chamava forçosamente a atenção, não só dos passantes como sobretudo da polícia secreta. Ainda por cima à frente de uma embaixada com guardas à porta. Mas os russos passavam, baixavam os olhos ou miravam para além de nós, como se fôssemos seres de vidro, até mesmo fantasmas. Não podia deixar de admirar a capacidade diplomática que isso revelava por parte das autoridades soviéticas. Eu chegava a ouvi-los pensar, deixem-nos estar, nada acontecerá. E não acontecerá nada porque não reparamos neles. Se reparamos nesses bizarros estudantes e fizermos qualquer coisa contra ou a favor deles, aí sim, eles passam a existir realmente e os problemas se tornam também reais. Se ultrapassarem uns limites estabelecidos previamente, então actuamos. Violentamente, só pode ser. No entanto, não nos convém actuar num caso tão simples e sem importância.

A violência só é escusada quando a vitória se torna evidente.

Começámos a congeminar inevitável retirada. Os meus amigos batiam-me nas costas, haveremos de resolver este caso, não desesperes. A camarada Esmeralda, que morava longe, também se despediu, vou escrever à direcção do Movimento, não se aflija, camarada. Os da União Internacional de Estudantes prometeram continuar com as tentativas a seu nível, não descuraremos a situação, camarada, isto é uma grave injustiça e dela vamos dar conhecimento a gente com muita força. Por fim, Salim e Moussa, desconsolados, também retiraram para as suas posições, com os olhos a falarem solidariedade mais que as bocas, prometendo rezar a Allah, o Único a compreender a verdadeira luta pela igualdade entre os povos. Regressei com Jean-Michel para o lar, a fome apertando as nossas barrigas subdesenvolvidas.

E sem ver Sarangerel.

Encontrei-a na manhã seguinte, na faculdade. Parecia mais animada, pelo

menos disfarçara com maquilhagem a cara amarrotada da antevéspera. Primeiro lhe contei das nossas desgraçadas iniciativas do dia anterior. Só depois deu a notícia importante: a mãe tinha conseguido furar todos os cercos e viera da Mongólia no primeiro avião para conversar com ela. O pai tentou primeiro impedir a viagem mas depois acabou por aceitar, as mulheres sempre se entendem melhor entre elas, sabedoria que é transmitida em todas as línguas por via matrilinear, embora eu tenha muitas razões para duvidar desta sabedoria interesseira, sobretudo em época de lutas para afirmação dos géneros, como se diz por aí. Sarangerel acreditou piamente na chegada de socorro e tentou convencer a mãe a aceitar um encontro para me conhecer, ia ajudar se visse que eu tinha um ar apresentável e cheio das melhores intenções, mas a mãe foi inflexível, prometi ao teu pai não ter nenhum contacto com esse moço que sempre desconhecemos. A destroçada Erdene também achava razoável a posição da mãe, uma apresentação formal podia ser entendida como um apoio ou pelo menos uma compreensão. E não devia haver compreensão nem encorajamento para nada. Sobretudo em relação a um abominável ser que destruíra a sua carreira nos serviços secretos, isto é, eu.

– Afinal, o que diz a tua mãe?

Era isso que interessava e não tanto o que a mãe ou a inútil Erdene achavam.

– Que é fácil fazer um aborto. E que seria melhor eu voltar para Leninegrado, de onde nunca devia ter saído.

Fiquei em silêncio, ruminando as palavras dela. Tinha aprendido com os meus bois, ruminar silêncios doirados.

– Eu disse que não queríamos um aborto, queríamos o filho. E só iria para Leninegrado se tu também fosses.

Ruminei silêncios com mais entusiasmo. Essa era a minha Sarangerel, reconhecia a miúda.

– Por isso não fazia sentido nenhum voltar para lá. Ela falou muito, que eu estava a desgraçar a minha vida. Tinha-me defendido até então, não deixou o meu pai tomar uma atitude mais forte, para desespero do resto da família, desejando um castigo fulminante e exemplar. Mas não podia fazer resistência por muito tempo. Só um irmão dela a apoiava, mas esse irmão mais velho era um quase desclassificado na família, o seu apoio de nada valia, pois viveu durante seis meses com uma americana na Austrália, onde

fora enviado para uma missão diplomática, que se frustrou por causa desse relacionamento com uma agente do imperialismo internacional. Que eu reflectisse bem, devia fazer tudo para estudar. Estudando bem, depois casaria com uma pessoa importante da minha terra, com os mesmos hábitos, a mesma cultura, com quem ia constituir uma família feliz. A nossa família sempre tinha sido afortunada e importante, mesmo quando só tínhamos cavalos. Pelo lado do meu pai, éramos descendentes dos mongóis mais reputados, a começar por Gengis e Kublai Khan. Eu não podia deitar tudo isso a perder com uma precipitação juvenil...

Mais falou Sarangerel, quase imitando os gestos e a entoação da mãe, senhora que nunca vi para de facto constatar qualquer imitação, mas não era a minha miúda a falar, ela falava por outra e só podia ser a mãe. O pai estaria lixado se o caso fosse tornado público, ou mesmo chegasse aos ouvidos do Comité Central, difícil de não acontecer, provavelmente neste momento toda Ulan Bator que interessa, isto é, a corte rodeando o grande líder, já devia estar informada. A filha com um caso quando ainda estudante e, ainda por cima, com um tipo branco, de outro país, de outra cultura, apesar de dizer ser revolucionário... hum, dava para destronar qualquer ministro da Defesa. Um revolucionário sabe educar os seus filhos dentro dos princípios do socialismo, isto é, a fidelidade mais absoluta à pátria e ao grande líder. Ter uma ligação com um estrangeiro revela falta de fidelidade à pátria, prova de uma péssima educação em casa. E quem não sabe educar os filhos não pode ter um posto importante num país internacionalista e revolucionário. Portanto, filha, o futuro do teu pai e o nosso futuro estão nas tuas mãos. Se queres ver o teu pai destituído, enviado para trabalhar numa cooperativa de cavalos nas montanhas Altai, ou, pior ainda, no terrível deserto de Gobi, se não directamente para um campo de reeducação, então persiste na tua ideia e preparemo-nos para perder todos os privilégios e comer pão simples durante o resto da vida. De nada valerá a tua teimosia, aliás, pois o Partido impede o casamento ou a vida em comum com esse estrangeiro, esse ou outro. E forçará os soviéticos a expulsá-lo, que vá estudar para a terra dele. Decide portanto por nós, deixo o nosso futuro, as nossas vidas, nas tuas mãos. E chorava, a mãe, não por pena dela, a sua filha antes querida, mas por perder as regalias dos dignitários do regime e por ver destroçado o futuro do marido sexagenário.

– O que propõe ela, afinal?

– Já te disse. Aborto e Leninegrado. Senão seguiremos a vontade do meu pai...

– Que é?

– Não sei, não me disse. Mas deve ser pior, claro.

– O que pode ser pior?

De repente, sentia raiva. Raiva, ondas tenebrosas de raiva. Tinha de me controlar, não podia virar a minha raiva selvagem contra Sarangerel, ela não o merecia. Mas se devia notar nas minhas perguntas secas, se devia notar nos meus olhos duros, se devia notar nas palavras embargadas, ruminadas, pois a namorada dos meus sonhos começava a ter aquele ar assustado de quem se sente injustiçada. No entanto, apesar de saber tudo isso e uma parte de mim dizer o mesmo à outra parte, não evitei o inútil exercício de crueldade.

– Não me dizes, o que é ainda pior para o teu pai? Tirar-te a pele? Ou a mim? Mais, empalar-me como os teus antepassados faziam aos inimigos vencidos? O que é pior, afinal?

Sarangerel começou a chorar. Mas sem fazer uma cena. As lágrimas brotavam silenciosamente dos olhos e não punha a mãozinha à frente para as esconder. Lagrimava e aceitava as lágrimas, apenas. Levou a mão à barriga, num gesto que se tornara habitual, o de acariciar o nosso filho. Procura de compensação, de consolo, talvez. Os psicólogos explicam. De uma coisa eu estava certo, e foi essa a ideia que me manteve dentro de limites aceitáveis de raiva, Sarangerel nunca aceitaria que nos tirassem o nosso filho. Não haveria transigências, por muito que a mãe suplicasse e o pai chantageasse ou o Partido ameaçasse.

Sempre há compensações, afinal.

Ficámos assim, num nem água vem nem água vai, rio irresoluto entre a foz e a nascente.

O mesmo no dia seguinte. Novas revelações das conversas entre desesperada mãe e teimosa filha nada traziam de relevante. Apenas uma pequena novidade, Erdene já tinha sido despachada para a Mongólia, por reconhecida inutilidade. Que lhe passem muitos cavalos por cima e que ainda estejam a passar neste momento em que vos conto os meus padecimentos!

Até a mãe ir embora e Sarangerel ficar de novo inteiramente para mim. Não devia crer em milagres, mas então acreditei mes-mo. A mãe voltou

efectivamente para a Mongólia sem explicação e tínhamos o tempo todo só para nós. Podia ainda haver felicidade no mundo? Ousei mesmo infringir todas as regras e passar uma noite no quarto dela, no lar supervigiado, coisa que nunca tinha acontecido antes. Talvez fosse privilégio de filha de ministro, mas o quarto era só para ela, não o repartia. Aproveitei. Situava-se no andar superior, mais protegido portanto. Mas consegui subir as escadas sem que me vissem, perante o ar assustado e ao mesmo tempo entusiasmado de Sarangerel. Eu era o seu herói. A verdade é que nunca tínhamos passado uma noite juntos, apenas encontros fortuitos. Foi uma noite fantástica, mas arriscada de mais. Talvez não tivessem reparado, talvez não tivessem fotografado. Não eram assim tão bons em espionagem naquela época, me tentei convencer.

Jean-Michel deitou as mãos à cabeça no dia seguinte. Foi duro.

– Estás maluco ou quê? Dá-te por feliz porque a mãe dela foi embora e não insistiu mais na mudança para Leninegrado. Em vez de deixares passar um tempo a ver se as coisas acalmam, fazes uma estupidez dessas. Claro que sabem que dormiste lá. E claro que o pai vai saber. É um desafio à sua autoridade. Ele vai responder, prepara-te.

Os feiticeiros do Congo eram fortes e o meu amigo devia ser um deles. Adivinhou o meu destino, claro. Hoje sei, de qualquer forma não foi esse gesto infantil que forçou o meu destino, ele há muito estava escrito, esse destino adivinhado por qualquer feiticeiro do Congo.

No dia seguinte encontrei Sarangerel na faculdade e ela não escondia o sonho feliz que lhe ocupava todo o cérebro. Os olhos diziam, os olhos cantavam, brilhantes. No fim das aulas levei-a ao lar, mas não tive coragem de repetir a loucura da véspera. Talvez ela tivesse ficado desapontada com a minha falta de ousadia, mas não o mostrou. Tinha a mesma canção nos olhos. E o mesmo brilho.

E depois desapareceu.

A cabaça de mel quebrou, por acção da manteiga.

Ou foi o contrário.

Nas fábulas da vida, algumas misturas são intoleradas.

Porém, com palavras doces, amigas.

Maiakovski estava equivocado,

As palavras não são sinos de redenção.

Não foi às aulas e telefonei para o lar. Ninguém sabia informar. O dia inteiro passou e nem uma palavra. Não era normal. Fui ao domicílio dela, mas já começava a escurecer e nem me deixaram entrar para obter a mínima informação. O mau pressentimento de Jean-Michel começou a se apoderar de mim.

Uma noite em claro, olhando para a janela, à espera dos primeiros fulgores do dia. Seria mais um dia ensombrado, de Inverno sem neve.

Apareceu então Nara, a outra mongol do lar de Sarangerel e estudante de medicina, mas que eu conhecia apenas de vista. Foi num intervalo de aulas, na faculdade. Ela parecia querer se esconder do sol inexistente, roçava angulosa por esquinas, se moldando aos buracos e saliências. Se aproximou sorrateiramente e me segredou a medo:

– Sarangerel foi para Ulan Bator. Apareceram no lar três homens da embaixada, nem a deixaram arrumar as coisas, levaram à força. Só no dia seguinte apareceu uma senhora para fazer as malas e sumir com elas. Essa senhora disse-me que Sarangerel tinha sido uma má menina e por isso foi expulsa para a Mongólia, para casa dos pais.

– Raptaram-na, queres tu dizer.

– Foi o pai que ordenou. Sarangerel gritou para mim, avisa Júlio. Eu sabia quem tu eras... oh, quem não sabia? Por isso vim avisar.

Nem agradei a Nara a sua informação, tão tonto me encontrava. Nara de facto não me deu tempo, roçou pelos ângulos das paredes para desaparecer. Sarangerel raptada? Sarangerel em Ulan Bator? Sarangerel nas garras do pai dela?

E o meu filho?

Abandonei as aulas, andei como um perdido por Moscovo. Fazia muito frio, com o Natal à porta. Pouco me interessava o frio, resistia. O pior era não haver sol, nem neve. São os dias piores, os frios e sombrios, que corroem os sonhos, o futuro. Uma obsessão apenas, Sarangerel em Ulan Bator, Sarangerel longe de mim, como podia? Dois dias antes os olhos dela brilhavam e cantavam na despedida e agora estava perdida na Mongólia? Nara era falsa, vinha maldosamente enganar-me. Talvez Sarangerel tivesse alguma ligeira doença e ela aproveitou logo para me atormentar. A razão? Inveja, ciúmes, claro. As mulheres sentem inveja quando descobrem um grande amor retribuído. Mas logo em seguida a certeza, ela falava verdade,

não tinha motivos para me atormentar, por muito diabólica que fosse. E nunca me constou que se desse mal com Sarangerel. Por outro lado, tudo fazia sentido. O pai esperou para ouvir o que a mãe lhe contava, argumentos que não o convenceram nem um pouco. Tomou então a decisão definitiva. Radical. A filha desobediente para casa e já. Tinha um exército às suas ordens, obedeceram. Sem lhe darem tempo de me escrever um bilhete, apenas o grito para Nara, avisa Júlio.

Ela demorou dois dias, mas veio avisar. Sabia o que lhe doía se a apanhassem comigo.

Há vigias nas embaixadas que não dormem.

Andei por Moscovo, me sentindo impotente para recuperar Sarangerel e o nosso filho. Tinha de procurar Nara, primeiro para agradecer o seu perigoso gesto, depois para tentar descobrir meio de ela entrar em contacto com Sarangerel, saber algo, o pouco que fosse. Havia mais que uma escola de medicina em Moscovo, mas perto do lar de Sarangerel só aquela. Nunca punham os estudantes em lares longe dos locais de estudo. Iria lá no dia seguinte, não existiria mais de uma estudante mongol chamada Nara em medicina. Com o azar com que eu andava, até poderia haver centenas, apenas para me desorientar. Não importava, eu descobriria a verdadeira. Demorasse o tempo necessário, pouco mais me interessava. Fui dar a informação a Jean-Michel e chorar no seu ombro, como tão poucas vezes fiz no colo da minha mãe. Devia ter aproveitado enquanto foi tempo, mas era um miúdo com manias de duro, formado pelas rochas da infância, difícil de chorar. Agora era tudo o que me apetecia fazer, fugir do frio das ruas ventosas e chorar no peito ou no ombro de alguém amigo. Já que não havia rochedos...

Jean-Michel foi o escolhido, também estava mais à mão.

O meu companheiro de quarto conteve a indignação, me deu vodka para combater o gelo do corpo e da alma. O sistema de aquecimento do lar era antiquado e reduziam nos gastos de gás. Os quartos convidavam pois ao consumo de vodka, para aquecer. E não havia melhor maneira de derrotar o vento gélido vindo da Sibéria. Talvez por isso muitos de nós voltaram da União Soviética com um curso hoje pouco valorizado... e um vício. Nunca nos queixámos disso, também não somos ingratos. E a vodka é uma grande bebida, digam o que quiserem os fanáticos do uísque. Mas não era de bebidas que eu ia falar, sim da minha dor. E de como Jean-Michel me

consolou, contando a estória da tia dele, outra desgraçada. Soubera na véspera por carta familiar, mas não me disse nada naquele momento, por me ver tão inquieto pela falta de notícias de Sarangerel. Porém, agora achava ser o tempo certo, pois se consola uma desgraça mostrando que há outros bem desgraçados também.

Era uma carta grande da irmã, vivendo em Brazzaville.

A tia, que eles tratavam por Dianne embora sabendo não ser o verdadeiro nome dela, tinha resolvido vir de Ponta Negra, cidade da costa. Em vez do comboio, preferiu o avião. Deve ter enlouquecido no ar, aquelas caranguejolas que andavam lá por cima não aguentavam as fortes tempestades equatoriais, umas tantas caíam e as que sobreviviam punham os passageiros a se borrar (literalmente) de medo. Supõe a família, o avião terá entrado numa tempestade com trovoadas e raios e nuvens negras como a noite. O terror foi tanto que a tia Dianne, farta de gritar e ouvir os outros passageiros gritar e se agarrar à cadeira, queimou definitivamente os fusíveis, autodefesa. Ao chegar a Brazza, não dizia coisa com coisa. Largou mala, largou casaco, veio a pé do aeroporto dizendo que andava pelo ar quando acabou o combustível e aterrou em cima de uma árvore. As pessoas começaram a rodeá-la. Há gente a mais e sem fazer nada na cidade, procurando sempre uma diversão. Não sabiam que ela tinha vindo de avião, apenas percebiam que lhe tinha acabado o combustível e aterrara numa árvore. Só podia ser uma feiticeira voando pelos ares. O boato depressa se espalhou, uma feiticeira caíra em cima de uma árvore porque lhe falhara a vassoura. Convém explicar, as pessoas são conservadoras e passam a vida a falar nas tradições africanas, criticando culturas alheias e as suas imposições neocoloniais, mas se socorrem facilmente de lendas estrangeiras como essa de as feiticeiras voarem com vassouras, superstição de raiz europeia. Juntava-se gente, cada vez mais gente, ganhando raiva e coragem com o número. Até que alguém se lembrou de atirar a primeira pedra. A irmã de Jean-Michel diz que a família não sabe como a tia Dianne ficou viva com tanta pedrada que levou. Ninguém lhe pontapeou ou deu murros, todos com medo de tocarem numa feiticeira, mesmo com o bico do sapato. Mas atirar pedras é seguro, não contagia. Está entretanto internada no hospital. Os filhos vieram de Ponta Negra e aos poucos foram juntando os fios da estória para perceberem o que se tinha passado. Tudo suposições, claro, mas com muita credibilidade. E a pergunta que se fazem é qual a razão de ela, antes

de enlouquecer, ter decidido ir de avião se o comboio é muito mais seguro, embora a viagem demore mais de doze horas. A tia Dianne não explica nada, esqueceu já as aventuras aéreas e a aterragem em cima da árvore. Apenas se queixa, sente bué de dores. Vai escapar das pedradas e temos mais um maluco na família, concluiu Jean-Michel, para me arrancar um sorriso.

Foram entretanto noites mal dormidas. E os dias não eram melhores. Frios, ventosos, sem esperança. Até ao Natal. Descoberta facilmente na sua faculdade, Nara foi de pouco préstimo. Prometeu dizer qualquer coisa quando conseguisse entrar em contacto com Sarangerel. Tentaria, garantiu. Mas não quis ficar comigo mais que dois minutos, se escapuliu de olhares indiscretos e perigosos. Eu devia ter sarna. Pelo menos para algumas pessoas em Moscovo.

Não chegavam notícias, nem sequer da direcção do Movimento.

Decidi então ir à embaixada mongol requisitar um visto de entrada no país. Sem pedir conselho aos amigos, pois já tinha percebido que ninguém do meu conhecimento sabia lidar com situação tão complicada ou tinha influência para tanto. Logo se veria o que a minha tentativa ia dar. Depois de ter o visto pensaria na maneira de comprar um bilhete de avião e de recolher a necessária autorização soviética. Era assunto a tratar por partes.

Na embaixada, havia absoluto vazio de clientes, por isso os assuntos podiam ser resolvidos rapidamente. No entanto foram precisas muitas explicações e insistências para chegar a um guiché onde estava uma mulher igualmente de cara redonda, mas mais velha que Sarangerel. E sem os olhos dela, luminosos. Esta tinha os olhos comuns, semicerrados, mas com algo de sardónico a bailar entre as pálpebras. Como se já tivesse a resposta para as perguntas que ainda lhe não tinha feito. Para obter o visto, primeiro tinha de apresentar um passaporte, me disse. Eu não possuía. Viajara para Moscovo com um livre trânsito passado pela embaixada soviética de Marrocos e válido apenas para uma ida à URSS. Tinha um cartão de estudante, que permitia alguns descontos e frequentar bibliotecas e outros locais. E um cartão de residência provisória, que todos os anos devia renovar. Isso não chega, é preciso passaporte, disse a funcionária, feliz com a minha desgraça. Expliquei que era estudante bolseiro, como o cartão provava, membro de um movimento de libertação africano, por isso não podia ter passaporte. Se nem país ainda tinha, pois se tratava de uma colónia

oprimida, como ia ter passaporte? Era uma questão de internacionalismo proletário. Sem passaporte não pode ter visto e sem visto não pode viajar para a Mongólia, repetiu ela, quase sorrindo, ignorando o proletariado, aliás quase inexistente no seu país de estepes e cavalos. O meio sorriso não era de compreensão ou humanidade, apenas de gozo sádico. A minha fotografia devia ter corrido por todos os funcionários da embaixada com um aviso por baixo, corram-no a pontapé. A zelosa funcionária logo terminou a brincadeira dizendo que se insistisse tinha de pedir auxílio, o que significava chamar dois gorilas para me porem a andar dali.

Gostavam de soluções radicais, se notava.

Saí, conformado. Também não depositara muitas esperanças prévias na diligência. Mas tinha de tentar. É na capacidade de perder e mesmo assim lutar que está a grandeza. Quem escreveu esta sentença já não sei, mas terá sido um grande homem, por certo.

Estava na época do Natal, embora em Moscovo pouca gente o festejasse. Permitiam só em algumas igrejas e no recato das famílias. E era festejado em Janeiro e não a 25 de Dezembro. Mas o facto de existir Natal fazia lembrar a família, mesmo a um ateu como eu. No Lubango eram dias óptimos, pois havia as sempre desejadas férias escolares, abundava a comida e os bolos, familiares reunidos em grandes bandos, e as prendas para as crianças e jovens. Agora eu pensava nas minhas duas famílias separadas. A do Lubango, lá permanecendo provavelmente sem notícias minhas, e a de Ulan Bator. Destinadas as duas a nunca se encontrarem, por vontade dos homens.

Ou só pela vontade de um homem, o general que não quis ser meu sogro.

Passaram semanas, passaram meses. Num desses meses, Nara voltou de umas férias na Mongólia. As primeiras a que tinha tido direito, dez anos depois de deixar a família, me disse. Pelo facto de não tentar arredondar com o corpo as esquinas, depreendi ter deixado de constituir perigo para a sua integridade física ou moral. Aceitou caminhar comigo um bocado para me contar coisas da minha amada.

Era pai de uma menina.

Foi a notícia mais importante, logo de rajada. Depois explicou, lá chegada insistiu para saber onde Sarangerel morava, pois nestes países nem sempre é fácil descobrir onde vive um ministro ou a sua família. Os ministros são seres imprescindíveis, insubstituíveis, têm de ser protegidos dos olhares

estranhos que os podem deformar ou enfraquecer. No mínimo, empalidecer o brilho do poder. E como qualquer estranho é um potencial terrorista, quando ela bateu à porta foi muito complicado falar com alguém que confirmasse a existência de uma cidadã chamada Sarangerel, quase segredo de Estado. Finalmente apareceu ela e trocaram notícias. Sarangerel falou do parto e do desconhecimento total do que seria a sua vida futura, embora uma coisa estivesse assente, não voltaria a Moscovo. Nara contou a minha tentativa de obter visto para a Mongólia e as perguntas insistentes por notícias. Que Sarangerel chorou ao falar de mim e da filha. Confirmando ter sido o pai a ordenar o seu rapto. Os polícias soviéticos olharam para o lado quando ela atravessou a fronteira do aeroporto, acompanhada de dois membros da embaixada que a escoltaram até casa do general para a entregarem pessoalmente.

Aos amigos especiais os soviéticos não pediam portanto visto.

Não trazia carta, Sarangerel não queria metê-la em situações difíceis, o que sucederia se fosse apanhada com um papel escrito para mim. Trazia apenas um recado verbal, o melhor era esquecê-la e fazer a minha revolução. Uma frase valendo uma ruptura definitiva. Não veria mais olhos cantando brilhos? Nara tirou-me qualquer ilusão, Sarangerel está convencida que os pais estão a deixar passar tempo para resolverem o futuro dela, casando-a com algum mongol mais ou menos importante. Depois da filha crescer um pouco e o escândalo amansar. Se fosse já, só conseguiriam alguém sem grande futuro. Passado mais tempo, poderão arranjar um genro com uma carreira se não brilhante, pelo menos aceitável. Não foi assim tão clara, explicou-me Nara, mas entendi nas meias palavras sussurradas. Sussurradas? Só então me apercebi, claro, casa de ministro é vigiada pela polícia secreta, as paredes estão pejudas de microfones, não são só as muralhas do Kremlin, os ministros são seres superiores e por isso reféns do seu poder. As duas raparigas devem ter conversado durante poucos minutos e olhando para todos os lados, murmurando. O que quer dizer que nada mais haveria a retirar de Nara. Ainda lhe perguntei se podia me dar o endereço de Sarangerel ou arranjar maneira de lhe fazer chegar uma carta. Ela negou, nem pensar. Não sai mais de casa até arranjar noivo. E nenhum papel entrará para ela sem ser lido pelo pai.

— Mas eu quero escrever ao pai dela — quase gritei. — Se não me deixam ir lá falar com ele, quero escrever.

Nara olhou para mim como se fosse louco furioso. Nos olhos da futura médica transparecia algum receio. De eu cair num fosso e a arrastar na queda?

– Faça o que ela diz, esqueça. É melhor.

Como se eu fosse capaz de deixar a minha filha na casa de um monstro. Apesar de general-ministro de “um país amigo”...

[7](#) Tramada: prejudicada. (N. E. B.)

REGRESSO A ÁFRICA

O certo é que deixei, fui obrigado.

Terminei o curso com a obrigatória distinção, todos tínhamos. Durante esses anos cinzentos, consegui raras notícias de Sarangerel, por Nara. Como as cartas eram controladas, a minha miúda só falava da filha. Para a Nara me contar, claro. Como crescia, como começou a falar, como era excepcionalmente inteligente, essas coisas que os pais separados dos filhos gostam de saber. Muitas vezes me recolhia ao quarto depois de um encontro com Nara e chorava. Pela ausência das duas. Sarangerel nunca contava nada de relevante sobre si própria, como se a vida inexistisse. E talvez a vida dela fosse mesmo isso, um não existir, fechada em casa, vivendo apenas para a filha. Não devia ainda ter casado, porque senão teria contado a Nara, era mesmo uma parte que a censura mongol sublinharia e hiperbolizaria em vez de suprimir. Podia omitir a notícia, para não me fazer sofrer. Mas os zelosos censores iriam estranhar, então escreve uma carta a uma amiga e não fala do casamento, a coisa mais importante na vida de uma mulher? Os censores marxistas nem reparariam no sexismo da sua própria ideia, apenas desconfiariam certamente de haver outro destinatário. E de mim, evidentemente ela não dizia nada, nunca mencionou o nome ou a minha imagem, apenas vagas sugestões, pelo menos parecendo vagas sugestões à minha teimosia de não me deixar convencer. Compreendia a necessidade do silêncio, embora me provocasse uma estranha sensação. Sabem o que é sentirem-se apagados, escoraçados da história? Talvez não saibam, poucos hoje em dia viveram as experiências de colonizados ou de escravos, que significa exactamente a não existência, o terem sido de repente apagados do mundo, da vida, da memória, transmutados em não-seres humanos. Esperava que Sarangerel ainda me amasse, sofresse com a separação, e

imaginasse loucos planos de fuga para se juntar a mim. Ela não escreveria nada podendo ser interpretado como um desejo qualquer de fuga. Para deixar aberta a possibilidade de fugir, um dia. Eu compreendia. Mas estranhava, me deixava numa confusa situação entre a raiva e o vazio da não existência, o limbo. Era um jovem muito irracional, muito contraditório, reconheço.

Seremos sempre racionais? Que monotonia!

Uma vez que não me tinham deixado ir falar com o pai dela, escrevi-lhe uma carta. Em russo, no melhor que possuía, sem pedir o aprimoramento de Olga, como é óbvio. Sei, era capaz de escrever um russo decente, certamente melhor que o dele, já aprendido quando era adulto e a revolução lhe apanhou no meio do percurso para general. Mandeí a carta para o ministro da Defesa Nacional da República Democrática e Popular da Mongólia, eram todas democráticas e populares no nome. Talvez chegasse ao destino. Como não houve resposta, escrevi outra. Voltava a protestar, embora em termos delicados e formais, por me terem afastado compulsivamente da minha filha e da mãe, reafirmava querer casar com Sarangerel e por isso pedia ao general para me arranjar autorização de viagem até Ulan Bator e a realização da cerimónia. Não houve resposta também. Nunca haveria, estava cansado de saber. Mas queria apenas mostrar ao monstro que não tinha medo dele e não me calava. Sempre fui teimoso, cheguei a confessar? Nas minhas noites de desvario, chegava a imaginar uma discussão com o todo-poderoso ministro, os dois montados em cavalos sem selas, numa imensidão de estepe que me fazia lembrar as terras de Benguela ao Namibe, sem o calor delas, naturalmente. Nunca vi o personagem, pois Sarangerel escondeu as fotografias de família. Mas imaginava o tipo género guerreiro terror das estepes, com um enorme machado de duas lâminas e olhar facínora, rabicho de cabelo e farta barba hirsuta, a gritar não te aproximes da minha filha. E eu, de mãos nuas, a tremer de frio, pois apenas envergava uma t-shirt vermelha e preta, as minhas cores da guerra, e uma estrela amarela na boina guerrilheira, lhe mostrando os dentes rangentes, não tenho medo de ti, devolve a minha mulher, devolve a minha filha, troglodita de meia tigela.

Devaneios de noites de insónia, claro.

Chegou entretanto a altura das despedidas. Jean-Michel foi o primeiro a partir, ansioso por participar na Revolução do seu país, animado pelas cartas

e notícias recebidas de Brazzaville. Foi mantendo regularmente correspondência comigo, encontrou enfim a jovem dos seus sonhos no bairro Mpila, viveu com ela nesse bairro de subúrbio até ao fim trágico, o qual já conhecem.

Moussa tinha entretanto casado com uma russa, enfermeira e membro do Partido Comunista. Me contou das suas hesitações. Ele já não era crente, mas a família continuava obviamente muçulmana. Podia ele levar para o Senegal aquela mulher destinada a ter hábitos livres, fruto de uma revolução que libertara de facto a mulher, e enfiá-la numa casa onde viviam dez pessoas, e todas a controlarem os seus gestos e pensamentos? O próprio casamento russo seria válido no seu país? E seria ele capaz de a obrigar a casar segundo os ritos do seu povo e religião? Outra questão espinhosa se prendia com a própria liberdade dela. Os soviéticos iam deixá-la sair do país para acompanhar o marido? Talvez o fizessem, mas com que restrições futuras? Moussa não estava arrependido de ter casado, longe de lá, mas dizia, sabes como é, uma pessoa regressa à terra, cai no seio da família tradicional, as mais velhas começam a se meter entre nós, a dar palpites, a criticar os hábitos estranhos, que branca foi essa que nos trouxeste, não podias esperar para arranjar uma das nossas, vais ter filhos enfeitados, nem carne nem peixe, mulatos, com os estranhos hábitos da mãe de não crer em nenhum deus, e eu fico todo atrapalhado, amarrado pelas contradições, a tentar justificar e a consertar os conflitos, não dá, meu, não dá mesmo. Conheço a minha gente e conheço a minha mulher, não se vão entender desde o primeiro dia e tenho de descobrir uma solução conciliatória. Moussa fez o que não desejava nem tinha previsto à partida, acabou por partir para Paris com a mulher, devidamente autorizada pelos soviéticos, *Inch'Allah*, até encontrar emprego em algum país, africano de preferência, mas sobretudo onde os dois se sentissem estrangeiros e portanto livres de se amarem e viverem como entendessem. Claro exemplo da fuga de cérebros.

Oh, como se repetem experiências.

Uma vez e ainda mais outra.

Nunca se aprende nada sobre o amor e ele é um eterno retorno ao tema das cabaças trocadas.

Nem sempre, porém, a cabaça de manteiga destrói a de mel.

Luas de esperança no horizonte.

Quanto a Salim, as coisas pareciam mais simples. Partiu sem se despedir, à maneira do gato tranquilo que sempre foi. Segundo constou, mujimbos apenas, porque notícias nunca enviou aos antigos amigos, voltou à ilha natal de Zanzibar, se impregnou dos fortes cheiros a cravinho da cidade de pedra, sua capital, mergulhou demoradamente nas cálidas águas do Índico, fazendo poucas ondas à superfície, e deve ter explorado calmamente recifes de corais muito profundos, de modo que nunca mais soube dele. Houve convulsões políticas próprias a Zanzibar e também no conjunto do país, a doce Tanzânia, mas o nome de Salim nunca sobressaiu de notícias vagas. Se teve algum papel de relevo, consta apenas da história local, não ultrapassou fronteiras, como é devido às pessoas normais. Deixou de fazer parte da minha história pessoal, talvez mesmo da História. Assim me separei dos meus amigos de Moscovo, nenhum dos quais pensava voltar a encontrar. Excepto Esmeralda, mas essa era angolana, os nossos caminhos haveriam de se cruzar muitas vezes ainda. Inevitavelmente.

Passei a vida a perder amigos.

Depois da formatura, teria de sair de Moscovo para fazer treino de guerrilha. O Movimento tinha finalmente acedido ao meu pedido de participar activamente na libertação. Mandaram-me primeiro para o Sul da Rússia, perto do mar Negro. Fiquei maravilhado com a decisão. O clima era melhor, quase temperado, e seria integrado num grupo de mais estudantes angolanos a serem preparados militarmente. Antes de partir, fui falar com Nara, a qual ainda ficaria dois anos em Moscovo para concluir o curso de medicina. Dei-lhe o que supunha seria o meu endereço durante o treino militar e pedi para me reproduzir qualquer carta recebida de Sarangerel. A futura médica parecia boa amiga, concordou prontamente com a minha pretensão.

– Pedi para ir novamente de férias – explicou. – Se me autorizarem, e acho que sim, este ano ou no próximo, pois já tenho tempo regulamentar de lá voltar, vou procurar Sarangerel. Prometo. E no regresso escrevo-te a contar todas as minhas impressões. Mas só te escrevo a partir de Moscovo, não de lá, por causa do controlo.

– Claro. Obrigado.

Nara tinha a sinceridade no sorrir dos olhos. E era amiga de Sarangerel, embora não muito chegada. Dava para desconfiar ser apenas uma promessa

ligeira, das feitas para não serem cumpridas, apenas para me ver pelas costas? Acreditei.

No entanto, nunca mais vi Nara, nem com ela falei, nem carta recebi. Admitamos, pode não ter sido culpa sua. O destino tece muitas armadilhas à volta das pessoas e das suas boas intenções, impedindo-as de realizar o mais desejado.

Fiz o treino, portanto.

O instrutor principal tinha sido comissário político, conforme afirmava, durante a Segunda Guerra Mundial, na Ucrânia ocupada pelo exército nazi. Era perito em guerra de guerrilha, sobretudo em acções de sabotagem, minas e armadilhas. Nas folgas entre aulas e exercícios, contava detalhes das operações em que participara e em outras de que ouvira falar. Desfilava diante dos nossos olhos a resistência à ocupação nazi e os combates duríssimos que puseram fim ao regime abominável de Hitler. De qualquer modo, para os mais interessados em aprofundar o assunto, havia alguma literatura, embora insuficiente porque unilateral. E exibiam também os inevitáveis filmes a preto e branco, só mostrando coragem e abnegação de um lado e covardia e prepotência do outro. Felizmente, nos filmes pelo menos, os bons ganhavam sempre. E os bons eram os nossos amigos, guerrilheiros ucranianos e soldados soviéticos, unidos como um bloco de aço. Ele gostava de comparar a resistência feita na Ucrânia pelos comunistas com a da França ocupada pelos alemães, muito menos efectiva na realidade mas mais conhecida hoje, pelo facto de os escritores e cineastas franceses usarem o assunto exaustivamente para as suas obras do pós-guerra, criando um orgulho nacional periclitante e comprometido. Os americanos aproveitaram também para terem tema fácil de vender, os americanos comerciavam tudo, até lembranças de guerra e destruição. Tudo ficção, aldrabice, dizia o nosso instrutor, os franceses não combateram nada, foram derrotados em pouco mais de duas semanas e depois andavam de rabo enfiado entre as pernas a se esconderem da Gestapo, mas todos os consideram uns grandes heróis, uns resistentes ímpares. Infelizmente não tínhamos tantos escritores ou cineastas famosos a pintarem a nossa luta, ou até chegávamos a ter mas ninguém lhes liga importância, acrescentava. Por ironia do destino, hoje parece que foram os livres guerrilheiros franceses os libertadores do seu país e não os detestados ingleses e americanos, ria ele. Ou nós, os soviéticos, que, ao dizimarmos o exército do Hitler deste lado,

obrigámos o nazi a desguarnecer o flanco ocidental e permitimos a chegada dos aliados ocidentais, que só desembarcaram na Normandia porque tínhamos atraído os boches para aqui e os destroçámos. Essa história da Segunda Guerra Mundial está pessimamente contada pelo cinema e pelos escritores burgueses do Ocidente. Como vêem, rematava, puxando a brasa para a sua sardinha um pouco a despropósito, é importante saber imobilizar um exército com as minas e armadilhas.

Nunca me interessei muito pelo assunto das minas e armadilhas, preferindo armas mais directas e tratando com homens em grupo, isto é, infantaria. Me parecia uma guerra mais limpa, já que tínhamos de fazer alguma. O comissário acabou por descobrir o meu preconceito quanto às armas traiçoeiras e se desiludiu de mim. O seu foco de interesse mudou para outros companheiros mais frios e calculistas, capazes de enterrarem uma mina e depois a desenterrarem sem suar. Não é bem uma questão de coragem ou medo. É um problema de estrutura mental. Há quem seja mais explosivo e por isso prefira os ataques frontais. E há quem seja mais ponderado e capaz de executar gestos comedidos e precisos em situações de transe. Há quem não pense, no momento da acção, nas pernas cortadas a meio e nas vidas destruídas, sobrevivendo a vítima apenas para tormentos e discriminações futuras. Talvez pelas reminiscências desse treino no mar Negro, fiquei sempre com horror a minas e explosivos.

Fiz portanto treino de infantaria, com grau de comandante, e logo de seguida me embarcaram para Argel, sem regressar a Moscovo, perdendo a oportunidade de contactar Nara mais uma vez. Dava para protestar com os benfeitores soviéticos? E quais os argumentos? Saudades da cidade, vontade de rever as muralhas do Kremlin, de observar pela última vez as cúpulas douradas das igrejas? Uma mala com a pouca roupa que escolhi, deixando a de Inverno num sítio qualquer, um pacote dos livros de estudo, um diploma, a certeza de que estava preparado para fazer guerra de guerrilha e muitas ilusões de revolução na cabeça, com um desgosto pesado a contrabalançar por perder a minha recente família, eis a parca bagagem.

Com ela desembarquei num dia festivo da Argélia, um sol radioso num céu azul, prometendo tudo de bom para o mundo. Voltava mais uma vez a África. Definitivamente?

Nunca se sabe responder à questão da definitude, eis o Homem.

Em Argel encontrei bastante compreensão. Dos meus companheiros, em

primeiro lugar. Eles conheciam o drama que vivi. E, curiosamente para gente disposta a morrer por um ideal, todos percebiam ser importante para mim reaver mulher e filha. Como se o futuro familiar fizesse pender a balança da justiça como povo para o nosso lado. Um talismã? Nós éramos os que lutávamos pelas famílias unidas, embora muitas vezes subestimando nas afirmações o próprio conceito de família, nós éramos portanto os lutadores pela humanidade e pelo amor. Palavras pesadas que não ousávamos sequer pronunciar mas estavam, afinal, no fundo de cada um. Tudo misturado à crença mais ou menos assumida em talismãs, espíritos ou kijilas,⁸ em conjunto com o materialismo dos marxistas... Salada ideológica que os “nossos amigos do campo socialista” jamais compreenderiam, está bem de ver. E no entanto era tão simples de perceber, bastaria sermos pessoas, ainda por cima africanos.

Compreensão também das autoridades argelinas, as quais, alertadas pela representação diplomática do Movimento em Argel, imediatamente fizeram pressão sobre os soviéticos para ajudarem na solução do caso, reunião de uma família. Acreditei no sucesso da empreitada, juro que acreditei. Não conhecia, de facto, “o campo socialista” e o seu “internacionalismo”.

Continuavam a existir as conhecidas “dificuldades subjectivas” para fazer os angolanos brancos participarem directamente na guerra contra os colonialistas, pois as populações oprimidas durante séculos por brancos ou por outros a mando de brancos não compreendiam poder existir gente da nossa cor disposta a lutar desinteressadamente pela independência (e tenho de acrescentar, desde o primeiro minuto entendi essa dificuldade tão compreensível). Uns achavam, se tratava de infiltrados pela polícia política portuguesa para minarem por dentro o Movimento, não seria a primeira vez. Outros, mais tolerantes, pressentiam apenas o desejo oportunista de ganhar posições políticas para não perderem inteiramente as fortunas amealhadas pelos pais colonos. Uns e outros rejeitavam a participação directa, para um dia não terem de conceder a nacionalidade angolana a brancos filhos de colonos e deles voltarem a receber ordens e humilhações. Dava para compreender, apesar de injusto. Naquele tempo de definições primordiais! Por isso eu aceitava as relutâncias e não insistia demasiado, mais cedo ou mais tarde haveria um consenso sobre as nossas razões. Afinal, muita coisa dependia da postura que tomássemos, do comportamento irrepreensível que assumíssemos.

Permaneci pois em Argel mais tempo do que era o meu desejo. No entanto se tornou útil. Ganhei experiência profissional na minha área de estudo e, sobretudo, conheci as primeiras tentativas sérias de se construir um país realmente independente em África. Não era fácil, apesar de a Argélia ter gás e petróleo, além de um clima excepcional para as culturas mediterrânicas.

Primeiro foram as vinhas que desapareceram ou quase, porque o vinho era proibido aos muçulmanos e eles produziam a bebida sobretudo para os franceses. Uma metade de vinho francês e outra metade de vinho argelino davam o Bordeaux conhecido no mundo, me contavam os novos amigos. Eis a razão por que o Bordeaux de hoje já não é o que era, falta-lhe o sabor do nosso sol de África a amadurecer as uvas. A revolução agrária acabou praticamente com o vinho, sobretudo o soberbo *La Trappe blanc de blanc*, orgulho continental, património da humanidade. Só nunca foi dado este título pela UNESCO ao famoso branco por receio de ofender certos fundamentalismos no mundo árabe e também para não acalentar algumas memórias saudosistas do passado colonial francês, mais chauvinista e inconformado que outros. E todos sabemos como os antigos colonialismos continuam a dominar as organizações internacionais e mais modernamente as chamadas ONG... Mas dizia, o vinho praticamente acabara. Existem nichos, mas são só isso mesmo, nichos de saudade.

Depois veio a queda na produção do trigo, por se querer substituir todas as quintas europeias do tempo colonial por cooperativas de camponeses. O princípio estava certo, sabemos hoje nós, houve regiões do mundo onde deu certo, só que não foram escolhidos os melhores gestores ou, muitas vezes, se cedeu ao populismo de aceitar gente sem preparação eleita pelos camponeses analfabetos. Nem sempre são os melhores eleitores para grandes questões económicas, temos de convir. Em seguida ou ao mesmo tempo, surgiu a tentação fatal de nacionalizar todo o comércio, mesmo o mais pequeno, em nome do socialismo, e então a *Casbah* em peso se revoltou, tendo os produtos desaparecido das lojas num ápice. O governo recuou, ninguém podia ir contra a *Casbah*, o maior centro do nacionalismo argelino, o que mais mártires tinha dado à causa da independência, e o verdadeiro centro do poder popular. O mal, no entanto, estava feito. Perdida a confiança dos pequenos comerciantes e dos agricultores no seu governo, tudo começou a correr mal. Golpe de Estado, regime militar, discurso

libertador de circunstância, igual ao resto de África. Morta a mística da revolução socialista e popular, ficou de qualquer modo a solidariedade em relação aos povos que lutavam pela independência em África. Nunca a Argélia falhou nesse dever, posto acima de todas as dificuldades e incompreensões. Ganhámos nós com isso.

Ganhei eu, que um dia me meteram num avião, vai à Mongólia negociar a tua vida, meu irmão.

Levara passaporte argelino com um nome árabe muito sonoro, como são todos eles. Said Benselama. Said em árabe quer dizer o sortudo, o feliz. Era uma boa profecia, me disseram. Aparecia no passaporte como nascido em Tlemcen, cidade da parte ocidental da Argélia e muito tradicionalista, numa data fictícia. A única coisa verdadeira do passaporte era a minha fotografia. Gozei comigo mesmo, oficialmente deixaste de ser quem és, agora és Said Benselama. Mas se revelou mesmo bom aquele passaporte, pois entrei em Moscovo sem problemas. E dali viajei no dia seguinte para Ulan Bator. Só que os responsáveis mongóis sabiam sob que nome ia, pois me apanharam logo no aeroporto, embora eu também não pretendesse viajar incógnito. Uma intérprete veio falar comigo, vamos levá-lo ao hotel e amanhã discute-se o seu caso. Pareceu-me razoável, estava extenuado. Dois homens e a mulher deixaram-me num hotel decente do centro. Apesar de ter passado a minha infância a dois mil metros de altitude, num clima relativamente frio, nada se podia comparar a Ulan Bator. Diziam ser a capital mais fria do mundo e muito mais tarde conferi na Internet. Deve ser verdade, o ar corta e o oxigénio falha. Preferi ficar no quarto de hotel, com escassas comodidades, sem interesse em conhecer alguma coisa mais da cidade, esperando o dia seguinte. Mesmo no quarto sentia alguma dificuldade em respirar, como tinha sentido logo ao desembarcar e no carro. Primeiro pensei ser apenas questão nervosa, ansiedade de rever o meu amor, mas em breve percebi estar relacionada com o clima seco e frio. Não sabia o que ia se passar no dia seguinte, supunha apenas que íamos conversar sobre mim e Sarangerel. Já não era mau, mesmo desconhecendo os interlocutores. Por insistência dos amigos argelinos, o governo mongol tinha aceitado, a título absolutamente excepcional, a minha presença na sua capital. Grandes kambas² argelinos! Isso revelava a sua influência na arena internacional, pelo menos entre os países ditos socialistas. Agora ia depender de mim, da minha capacidade de persuasão. Tinha de mostrar não ser nenhum selvagem

iletrado, antes uma pessoa com princípios morais e boa formação ideológica, disposta a lutar pela emancipação dos povos do mundo e pela felicidade de Sarangerel e da filha. E, sobretudo, que nada tinha a ver com o imperialismo internacional, sendo mesmo um dos seus mais intransigentes adversários, o que era estrita e absolutamente verdade, pelo menos na época. Ingenuidade minha achar que tão nobres razões podiam passar como salvo-conduto, pois era pouca garantia em tempos de Guerra Fria paranóica e espionagem exacerbada.

Não jantei, ficando no estômago apenas com o que tinha comido no avião. E não consegui pregar olho. Estava perto de mais de Sarangerel e da minha filha, ao fim de tantos anos de angústia e falta. Esse pensamento não me deixava dormir. A minha filha já teria seis anos. Tinham passado velozmente, sem mim.

A única coisa que descobri no dia seguinte foi o facto de a minha filha andar na escola. Grande novidade! Os mesmos três me vieram buscar ao hotel numa Tchaika¹⁰ oficial, preta e de vidros fumados, sem explicações. Se via, faziam um frete e não tinham vontade nenhuma em conviver com um estranho, provavelmente apelidado de inimigo declarado do povo mongol. Andámos por umas tantas ruas todas parecidas e paralelas, de prédios idênticos de apartamentos quadrados, e depois pararam o carro. Do lado esquerdo havia uma escola, onde entravam crianças fardadas, ostentando a alegria própria das ocasiões festivas. Ao fim de um certo tempo parou à nossa frente um carro igual ao nosso. Dele saiu uma menina de uns seis anos, mas nitidamente mais alta que as outras. A mulher ao meu lado sussurrou em russo:

– É a sua filha. Como vê, está a ser bem tratada.

Eis o resultado da mistura de cabaças.

Não havia monstros de duas cabeças, oma-kisi comedores de gente. Não havia estranhos rumores no vento.

O mel tinha dominado a manteiga ou o contrário.

Harmonia tinha sido criada.

Uma criança normal era o remate do amor deles.

Como não soluçar no grande silêncio da estepe?

Tentei abrir a porta mas estava trancada. A criança avançou para a escola,

fazendo gestos e falando para as colegas, sem virar a cabeça para o nosso lado. Forcei de novo a porta mas não cedeu, como nunca cedem os carros soviéticos. Só vi uma farda coberta por um casacão de pele, uma figura menos arredondada que as outras, todas vestidas da mesma maneira. Nem a cara da criança pude distinguir.

Perante os meus protestos impotentes, o carro arrancou e levaram-me de novo ao hotel. Para lá fiquei esquecido umas horas, durante as quais almocei no restaurante. Tinha o inevitável *hushuur*, espécie de pastel de massa tenra feito com carne de cordeiro, que escolhi porque umas vezes Sarangerel tinha feito para mim com todo o mimo e dito, esta é a comida mais popular da Mongólia. Depois do almoço, vieram os três esbirros, e a mulher disse, o melhor é sairmos já com a mala feita para a viagem, ganhamos tempo. Fechei a mala, a qual quase não tinha desfeito, supondo que me iam mudar para uma residência oficial, como havia muitas nesses países, para ficar mais à vontade e contactar a família. Qual não foi pois o meu espanto quando me vi a caminho do aeroporto... Que se passava, perguntei, mas ninguém respondeu e a mulher, que era intérprete, ou pelo menos falava russo, não abriu a boca a partir de então. De repente deve ter esquecido todo o russo que sabia, é habitual nesse tipo de intérpretes, como haveria de aprender mais tarde, contactando com outros governos parecidos. Também não havia ninguém no aeroporto para falar comigo e me meteram quase à força no avião para Moscovo. Fui à Mongólia só para ver as costas da minha filha? Até podia não ser a minha filha, que provas me deram de se tratar mesmo dela?

Em Moscovo também não havia ninguém para explicar alguma coisa, só que tinha viagem marcada para o dia seguinte para Argel. E assim aconteceu. Tudo conforme os interesses e planos das autoridades mongóis. Como podia lutar contra um sistema em que tudo está preparado, planificado e, sobretudo, com o máximo sigilo? Ninguém me deu uma explicação nem permitiu discutir ou discordar. Por isso as discordâncias não existem em certo tipo de sociedades ou regimes, pois não são reconhecidas como existentes. O não discutido, o não contestado, obviamente é inexistente.

O mundo perfeito, redondo, dos silêncios.

À chegada ao aeroporto de Argel tive uma pequena contrariedade, com a qual não esperava, e que era muito comum em passageiros nas nossas

condições. O passaporte era tão bom que o polícia da imigração me falou em árabe. Expliquei em francês quem era e porque tinha esse documento mas o polícia devia ser novo naquele posto, não compreendia como um argelino nascido em Tlemcen insistia em só falar em francês, e foi preciso vir o chefe para abarcar toda a situação, sorrir, dar-me uma palmada amiga no ombro, este é um combatente da liberdade. Deixaram-me passar.

Quando em Argel contei aos meus amigos só ter visto as costas de uma criança que apontaram como sendo minha filha, tiveram dificuldade em acreditar. Angolanos e argelinos. Os soviéticos gastaram o dinheiro em passagens aéreas e hotéis só para isso? Ridículo! Sim, ridículo, mas verdade. Como de facto as autoridades soviéticas não tinham de prestar contas das despesas do Estado aos seus cidadãos, agora podiam dizer aos argelinos, fizemos os possíveis, meus irmãos, até o levámos a Ulan Bator, infelizmente sem êxito, pois o assunto ultrapassa-nos, diz respeito apenas aos companheiros mongóis, eles é que sabem como lidar com mambo tão complexo e inesperado. Complexo uma ova, era assunto simples de resolver, bastava o general deixar. Mas o general que podia ser meu sogro nunca deixou.

Assim perdi o rasto de Sarangerel e da minha filha. Nos anos passados na Argélia, sempre à espera das “condições subjectivas” para descer mais a sul e ir combater no meu país, nunca descobri a pista de Nara ou outra qualquer me levando ao meu amor. A Mongólia era uma terra perdida entre a vasta Sibéria e a enorme China, um grão de areia no mundo. Nunca se ouvia falar da Mongólia, muito menos de alguém que a Mongólia queria esconder.

E a minha filha crescia sem mim.

Conheci entretanto algumas mulheres, normalmente defensoras entusiastas da nossa causa. De diferentes proveniências, sobretudo francesas, até mesmo uma jamaicana, lufada de ar fresco. No entanto, apesar da proximidade ideológica, eram só fugazes companhias, sem compromissos sentimentais, pois o meu único compromisso se firmara definitivamente com Sarangerel.

Guardo lembrança especial de uma jovem argelina sem complexos, lutando raivosamente por direitos iguais aos dos homens, imaginem, naquela sociedade patriarcal fechada e religiosa, mais fechada ainda por ter sido obrigada a fazer uma guerra de sete anos contra os franceses, aparecendo estes como cristãos, cruzados invasores. A família da jovem até

nem era particularmente devota do Islão, com laivos de esquerda comunista para os lados do pai, mas trazia consigo toda a carga do passado cultural do país. Bem podiam ser de esquerda, mas a tradição tinha muita força. Ela decidiu um dia me levar a uma festa familiar, bastante restrita, para grande escândalo de todos os adultos e surpresa divertida das crianças. Não era ocasião para levar um estranho, em todos os sentidos do termo. Como me senti logo mal-disposto, provavelmente com algo que comi, produto da má vontade sentida no ambiente ou mau olhado, indicaram com gestos de desprezo um sofá na sala para eu me recompor. Só uma irmã dela falava comigo, deitando receosos olhares ao resto da família, silenciosa, a observar a cena. É tradição, os irmãos ou o pai e tios podem defender a honra ofendida, cortando as goelas do prevaricador ou da filha que os desonra. São prudentes normalmente e escolhem a mulher, é sempre crime menor cortar as goelas de um ser que nem merece lugar no paraíso, caso das mulheres muçulmanas, como se diz. E eu sentia ter cometido tremendo erro em participar na festa para a qual tinha sido convidado apenas pela minha companheira, cuja família desconhecia em absoluto. Devia andar mesmo muito chibado ou carente para aceitar convites desses! O mal estava feito e ainda por cima me sentia doente.

Não é que, ainda pouco satisfeita com a electricidade vibrando no ar, a provocadora jovem se deitou no sofá comigo? Virei-lhe imediatamente as costas, mostrando à família não estar nessa jogada, mas ela abraçou-me por trás e assim ficou. Alguém lhe falou rudemente em árabe e ela respondeu em francês de modo a eu compreender, o meu homem está doente e devo apoiá-lo. Era grande injúria para eles o facto de ela me considerar o seu homem, se nem lhes tinha falado em casamento nem coisa que se parecesse, e ainda por cima na primeira vez que me viam. Tremenda discussão se gerou e me pareceu serem as mulheres as mais agitadas e ofendidas. Quanto a mim, estava virado para as costas do sofá, muito quietinho, como alheado da discussão desenfreada se passando atrás, fazendo de morto. Confirmei mais tarde, os homens ainda se retinham em condenar as coisas e a passar a actos violentos, provocados pelas mulheres, histéricas de raiva. Segundo a minha amiga, as mulheres chamavam fracos aos homens da casa, ofensa admissível entre portas, embora aparentemente as mulheres sejam sempre dóceis e sofredoras. Não o são quando se trata de assuntos de quebra de tradição ou decoro familiar. O pai dela tinha lutado pela libertação contra os

franceses e por isso tinha algum respeito por mim, disposto a ser um futuro companheiro de armas. Em outras circunstâncias, até me teria dado alguns conselhos e provavelmente uma lembrança útil, por exemplo, uma mochila ou um punhal. Ali estava, meio entalado por uma filha disposta a quebrar todos os tabus e as mulheres dispostas a defenderem com sangue a pureza das tradições. Curiosamente, as mulheres argelinas de classe média, as tais que são minorizadas pela religião e as tradições machistas, são as primeiras e as mais obstinadas a defendê-las. Paradoxos deste mundo mais surreal do que acham os seus moradores de todos os tempos e idades.

– Me sinto mesmo mal – disse.

Levantei-me a custo, rejeitei o apoio da miúda que se queria agarrar a mim, e desandei sem despedidas. Ao ultrapassar a soleira da porta executei o gesto instintivo e estúpido de passar a mão pelo pescoço, só para me certificar que ele não sangrava.

Acabou aí o namoro.

Bem que ela tentou reactivar as nossas relações, mas depois passou a me julgar duramente, impiedosamente, talvez com alguma razão afinal, por ti afrontei a minha família e abandonaste-me no meio da refrega, seu covarde, traidor e ingrato. Porém, eu não tinha pedido nada e me senti sempre uma carta de trunfo de que ela se serviu nalgum contencioso antigo com a família. Se soubesse que a minha estória argelina afinal podia vir a apresentar algum interesse um dia tão tardio, digamos interesse sociológico, teria na época sondado com algum rigor amigos e conhecidos, ou ela própria, para conhecer as origens de tanta altercação. Hoje é tarde de mais para esmiuçar os passados e saber a verdadeira razão levando aquela jovem, de resto gentil e meiga como poucas e de quem perdi completamente o rasto, a sentir tanta raiva pela família, levando gente de carácter ao extremo de se forçar a decidir entre os seus princípios de igualdade de género e a defesa da honra familiar. Felizmente, sendo lúcidos, não me consideraram o principal culpado da situação, antes um brinquedo, e deixaram-me de fora da quezília doméstica. Outros tiveram menos sorte, e por causas menores apareceram de garganta cortada num beco nocturno de Argel.

Conheci casos.

Também é verdade, me senti desconfortável por ser usado nesta altercação. Desde o nascimento percebi ser um brinquedo nas lutas entre forças desconhecidas. Os gregos atribuiriam muitos dos seus azares ou venturas a

deuses bêbedos e venais, cheios de ciúmes e invejas, usando os humanos uns contra os outros para satisfazerem os seus fúteis caprichos de poder. Os gregos tinham grande compreensão da essência dos seres divinos, sobretudo a futilidade, o ciúme exacerbado, a ganância e a obsessão pelo poder.

Nós, pelo contrário, como bons africanos, pensamos ser utilizados por outras forças, provenientes da sociedade e muitas vezes da própria família, em guerras intestinas, também aqui com o poder como íman. O feitiço se torna então a arma preferida, muitas vezes letal. Mas também espíritos de antepassados e forças da Natureza são utilizados nas disputas. Vai dar no mesmo, a pessoa julga ter capacidade de julgamento e de escolha, o livre-arbítrio das civilizações ocidentais, quando afinal anda ao sabor de ventos ou marés, e de vontades alheias, sejam elas deste ou de outro mundo.

Era sem dúvida o meu caso. Um joguete à espera de ter um papel na vida.

⁸ Kijila: tabu, proibição. (N. E. B.)

⁹ Kamba: amigo. (N. E. B.)

¹⁰ Tchaika: marca de um carro russo de grandes dimensões, própria de altos dignitários do regime soviético. (Nota da Edição Portuguesa)

AS GUERRAS E OS SILÊNCIOS

Até um dia me chamarem à representação do Movimento, onde tinham chegado notícias sedutoras. Viria em breve um responsável para escolher os militantes devendo partir imediatamente para o Congo, Brazzaville, e daí para Angola. Fui um dos escolhidos, desconhecendo até hoje as verdadeiras razões da preferência. Éramos todos jovens, a maior parte tinha treino militar recente e alguns possuíam profissões extremamente úteis para as circunstâncias do momento. O meu treino militar já estava bastante enferrujado pela vida sedentária em Argel, trabalhando como economista para uma repartição do governo e apoiando as iniciativas do nosso Movimento em dar a conhecer ao mundo a luta de libertação. Suspeitei, me escolheram por ser do Sul, onde se queriam abrir novas frentes de guerra. Suspeita não confirmada mais tarde, pois me deixaram sempre em Cabinda, até ao fim da guerra contra os colonialistas. E Cabinda era o mais norte que podia haver em Angola, não o meu Sul de rochas e montanhas. Cabinda também tinha montanhas, mas cobertas de mata densa e o chão dos caminhos era lama escorregadia escondendo raízes de árvores monstruosas e não pedras sobrepostas. Seja qual for a razão desconhecida, hoje praticamente impossível de descobrir e afinal sem qualquer interesse, fui um dos poucos escolhidos. Outros menos sortudos ficaram na Argélia até ao momento da independência, se ocupando de tarefas nada exaltantes, provavelmente sem nunca saberem também o porquê da rejeição. Como se as espadas ou as coroas de louros caíssem na cabeça ao acaso, fruto das bebedeiras dos deuses.

Fiz portanto guerras.

No princípio denotei alguma falta de prática e discernimento, mas depois os conhecimentos adquiridos perto do mar Negro vieram ao de cima. Era

tudo uma questão de circunstância, no fundo. Lembrava e relembra as palavras e esquemas do comissário político, combatente na Ucrânia contra os invasores alemães, num tipo de guerra e terreno muito diferentes, no entanto. Fui mesmo assim gabado por altos responsáveis, me revelara um quadro válido, particularmente em duas operações de risco e de vital importância. Nada me interessaria mais. A opinião positiva de responsáveis considerados acima de qualquer erro de julgamento anima os jovens ansiosos por participar numa mudança de mundo. No entanto, me faltava o ouvido de Sarangerel a quem confiar dúvidas e certezas, contar vitórias e derrotas. Me faltava o olhar orgulhoso da filha, o meu pai é um combatente. Saberá ela a verdade? Provavelmente combinaram nunca lhe dar a conhecer a identidade do pai, enterrado em vida nas recordações e nas palavras. Depositava total esperança em Sarangerel, ela nunca me trairia ao ponto de esconder da filha a sua origem. Ao menos que ela reconhecesse, ao ouvir alguma notícia sobre Angola, esse é o país do meu desconhecido pai. E prestasse um pouco de atenção à notícia. E se comovesse com isso, mesmo escondendo lágrimas do resto da família.

Tão poucas esperanças enchem um coração em guerra!

Fiz guerras, muitas. Evitando pensar nas pessoas do outro lado. Certamente me envolvi em combates contra membros da minha própria família ou antigos amigos e colegas, tudo é possível neste tipo de confrontos, embora não tenha hoje conhecimento de um caso concreto. Era no entanto uma possibilidade sem dúvida perturbante, uma suposição devendo ser posta de forma fria, racional, como uma mera hipótese de trabalho. Podia estar a dar tiros para os lados de um irmão ou primo ou amigo de infância, sim, era bem possível, diria mesmo, quase inevitável, no entanto não devia pensar muito a sério na probabilidade. Se fazemos a guerra com coração de mais, ficamos loucos varridos, cacimbados definitivamente. Por isso o bom senso me ensinou a evitar reflectir sobre o assunto, admitir apenas as possibilidades como outra casualidade qualquer, para poder premir o gatilho sem tremor nem remorso. É difícil, dirão. É, mas a gente a tudo se habitua.

Até às guerras fratricidas.

A onça deixada para trás no nosso trajecto de humanização nunca se dilui completamente dentro de nós, por muitos livros lidos, viagens feitas ou debates intelectuais participados. Existe sempre uma unha ou dente de onça

que se manifesta quando a ocasião é propícia. Somos considerados civilizados se somos capazes de o esconder sempre do conhecimento dos outros. Mas existe todavia um pedaço selvagem permanecendo de atalaia. E ao menor pretexto damos o bote.

Somos de uma humanidade animal.

A dado momento, acharam-me capaz de comandar um pequeno grupo de homens. Sempre evitei admitir essa capacidade, ela me aterrorizava. Havia alguns tabus no meu espírito para me manter são na guerra. Um, já vimos, era o de nunca considerar a presença próxima de familiares ou amigos do outro lado da barricada; outro, fugir à promoção a cargos que exigissem comando. Tive de aceitar o posto, na guerra se aprende a regra da obediência. No entanto, e para meu terror, em breve me apercebi da razão de uma certa falta de confiança no grupo: os homens tinham passado por cerimónias rituais para blindarem o corpo às balas inimigas. No entanto, se o seu comandante não estivesse blindado, de pouco lhes valeriam as suas protecções, ficavam contaminados pela fraqueza do chefe. Tais dúvidas levavam-nos a muitas hesitações na altura de executarem as minhas ordens e a arranjarem sempre desculpas para evitar certos riscos ou apenas incomodidades, tais como marchas nocturnas. Já me tinham advertido desse perigo, sobretudo o comissário político do destacamento, hábil na manipulação das vontades e crenças, para isso era comissário. Depois de algum tempo de recolhimento e sondagens discretas, com perguntas feitas aparentemente na brincadeira, descobri só haver mesmo uma solução.

Numa das noites à volta da fogueira, fazendo tempo para o sono chegar, anunciei ao meu grupo querer contar uma estória confidencial, que devia ficar nos ouvidos mas nunca repetida, sob pena de exercer sobre eles todos os meus poderes, oficiais e outros. Sublinhei a palavra “outros” com voz rouca, voz vinda dos aléns sombrios se confundindo com o negrume da floresta gigantesca. E então contei sobre uma noite igual àquela, escura por ausência de luar e plena de nuvens sussurrando ameaças, na qual visitei um especialista, no Congo, próximo da fronteira, meses antes.

– Entrei na cubata e estava muito escuro, só um fraco fulgor vinha do chão onde ardeu uma pequena fogueira e agora só tinha brasas. Vocês sabem como é uma cubata onde morre uma fogueira. Mal via o camarada que me servia de intérprete e entrou comigo na cubata. Este falou para alguém agachado no chão, junto ao braseiro, um vulto encolhido. Já íamos

preparados e entregámos a galinha, isto é, galo, um galo preto. O kimbanda, um homem velho e mirrado, de barba branca, se levantou então com alguma dificuldade e pegou no galo, sem uma palavra. Amarrou o pescoço do galo com um cordel e usou a outra ponta para fazer o laço, o qual passou pelo meu pescoço. Fiquei portanto com o galo pendurado nas costas. O animal, meio sufocado, batia as asas, lutando para se libertar, e fazia sons estranhos com a garganta apertada. O kimbanda voltou a sentar sobre os próprios calcanhares, cantando baixinho, mastigando folhas e remexendo uma colher de pau numa panela pousada no chão de terra batida. Deitou um pouco do conteúdo da panela num prato de alumínio muito amachucado, me pareceu.

Tinha prendido a atenção dos meus companheiros. Todos me fixavam, imóveis. Só o branco dos olhos deles surgia na espessura da noite, onde se escondem todos os mistérios.

— Demorou algum tempo a cantoria, acho mesmo durou muito tempo. Depois levou à boca um pouco do líquido contido no prato e cuspiu para o chão dos quatro lados. Se levantou de novo com dificuldade e chicoteou o ar com um ramo de árvore, dando passos que pareciam de dança, mas não era uma dança, apenas gestos das pernas dando fracos pontapés a espíritos, como aprendi mais tarde. Disse algo para o meu intérprete, o qual saiu da cubata, se agachando, e explicou para eu fazer o mesmo, batendo palmas ritmadas. O kimbanda também batia palmas, ele é que marcava o ritmo, seguindo-nos. Apontou em silêncio para a arma do meu companheiro. Falou e o camarada disse, ele quer que eu dispare no galo. No galo? Achei um pouco perigoso, embora conhecesse a boa pontaria do meu camarada, e certamente seria de muito perto, pouco risco de falhar. Mais perigoso achei quando ele me disse que de facto dispararia para o meu peito e a bala atravessaria o galo. E eu? Não corria perigo. O kimbanda dizia para disparar, eu não sentiria nada. Dá para acreditar? Estava já pronto para largar o galo estrebuchante no chão e ir-me dali, quando o kimbanda falou de novo. O intérprete traduziu, não há perigo nenhum, o remédio é seguro, a melhor blindagem existente à superfície da Terra, as balas nunca poderão entrar no teu corpo. Fechei os olhos e disse, sou doido varrido em acreditar neste feiticeiro congolês, mas outros passaram pela mesma prova e estão aí vivos. Vou mesmo experimentar. Senão, como contar mais tarde aventuras interessantes?

Suponho, os meus homens não perceberam a ironia da última frase,

porque nenhum reagiu com um esgar de sorriso. Estavam totalmente suspensos das minhas palavras, numa expectativa nervosa, acreditando piamente, à espera do fim da estória, de muitos adivinhado. Esqueceram mesmo de respirar, pelo menos não ouvia o som nem via peitos a dilatar e encolher, apenas olhos fixos na minha boca. Tive o sangue-frio suficiente para gozar o efeito do relato:

– Ordenei então ao meu companheiro para disparar sobre mim, que se lixasse a vida se o kimbanda fosse um aldrabão. Ele hesitou mas levantou o cano da arma na minha direcção. Não tomava a iniciativa, ficou apenas apontando para o meu peito. Dispara, gritei eu, e gritei de novo. Ele disparou um tiro.

Fiz o silêncio habitual dos grandes contadores de estórias, como tinha aprendido no Lubango com os mais velhos da minha meninice. O êxito do conto está nos segundos seguintes, em que a voz se cala e ninguém respira. A assembleia estava paralisada, sofrendo com o silêncio. Contemplei os meus companheiros, um a um. Nas caras deles lia o respeito e a ansiedade de conhecerem o resto. Falei com a voz mais profunda que consegui:

– O galo, nas minhas costas, parou de estrebuchar, depois de duas sacudidelas. Eu passei a mão pelo peito mas não senti sangue. O kimbanda foi por trás de mim e cortou o cordel. O galo caiu no chão, morto. Eu estava vivo. E com blindagem da melhor que há. Aqui, bala vira água, não entra – afirmei, pomposo, batendo no peito.

Os meus homens então soltaram aquele ah de alívio próprio das grandes emoções e recomeçaram a respirar. Depois bateram palmas, anarquicamente primeiro, com ritmo certo em seguida. Não sei se os aplausos eram dirigidos ao espantoso relato ou se à habilidade usada para o contar, mas deve ter sido para as duas coisas. Passaram a ter confiança em mim, é certo. Terminaram as hesitações, os resmungos, ordem minha era sagrada, eu tinha sido ungido pelos espíritos de protecção contra balas, o inimigo nunca me feriria e eles beneficiavam da minha protecção. Todos conheciam essa lenda da prova do galo, cochichada de boca a orelha, embora nenhum tivesse a sorte de encontrar o misterioso kimbanda, único no Congo e em Angola, possuidor de tamanho segredo. Pouco lhes importava, o seu comandante conseguira convocar para si os poderes sobrenaturais do especialista, bastava.

Senti falta de Sarangerel, para lhe repetir a bravata. Ia rir?

Veio entretanto a independência, no meio da confusão, a incerteza e o

caos. Andei então pelo meu Sul, comandando tropas, cada vez mais tropas. Os donos do *apartheid* não abdicavam do seu autoproclamado direito de intervenção nos destinos de Angola, se arrogavam a justificação de escolher por nós o melhor futuro. Não estavam sozinhos, pois havia donos do mundo que os apoiavam escondidamente, não por vergonha mas por cálculo estratégico. Alguns eram até muito explícitos no seu apoio. Os anos passavam e só uma coisa mudava, a intensidade da guerra e um ou outro interveniente. A intensidade sempre a subir, como dizemos. De ano para ano o material se tornava mais poderoso dos dois lados e o poder letal também. Vi muitos amigos morrer. Vi igualmente inimigos, bastantes. Não me dava prazer, nem uma coisa nem outra. Acho, o deleite de ver um inimigo morto ou moribundo é resto de animalidade ainda abrigada em nós. O país vinha a ser destruído passo a passo, tiro a tiro, vida a vida. Mas não estou aqui para falar de guerras, há outros mais preparados para isso. Neste momento, sobretudo.

Nas guerras apanhei sustos.

Bué deles, nem vale a pena esconder. Talvez o maior tenha sido, poucos meses antes da independência, quando viajei de avioneta com um piloto inexperiente de Luanda até Benguela. Levávamos um canhão entre os dois, peso excessivo para o aparelho, mas aquela arma era vital para amedrontar o inimigo. Na minha cabeça era apenas um instrumento de guerra psicológica, não para dizimar guarnições. Levantámos de Luanda com atraso devido à desorganização generalizada da capital e a meio da viagem começámos a fazer contas, chegaríamos antes do anoitecer? Era tempo de entusiasmos aventureiros e muita falta de bom senso. O piloto tinha acabado de receber o seu brevet e nunca tinha treinado de noite. O avião só tinha uma luzinha em cima e outra em baixo, que piscavam para marcar a sua existência. Nenhum farol para iluminar a nossa frente. E o peso excessivo aliado a um vento forte de sentido contrário atrasava-nos inexoravelmente. Ainda pensei em aterrar no actual Sumbe, mas o jovem disse, com a maior candura, não se preocupe, chegamos a tempo. Parecia um profissional a falar com firmeza, o que me deu alguma confiança, ainda desconhecedor do seu recente brevet. O facto é que ficou escuro lá em baixo, enquanto nós ainda víamos o Sol no seu ocaso, à nossa direita. Adivinhámos que estávamos sobre Benguela, mas como reconhecer o aeroporto? Eu pouco sabia da cidade e o piloto também não era dali. Demos uma volta a rasar no

lusco-fusco, tentando descobrir luzes indicando a pista. Não havia. Ninguém estava à nossa espera, em tempo de guerra as expedições secretas não são comunicadas, e o avião também não possuía rádio. Era uma simples avioneta para passeios de fim-de-semana e treinos. Por isso, ninguém acendera as luzes da pista. Eu disse, aterramos numa avenida, sabendo perfeitamente o que isso exigia de sangue-frio, perícia e, sobretudo, muita sorte. Adivinhei o suor do piloto, suor frio. Afinal a firmeza dele desaparecera com a realidade da noite cobrindo o chão. Não seria boa solução procurar uma estrada, estava visto. Dá mais uma volta, gritei para ele, descobre o raio da pista. Sabia, era nos morros do lado sul da cidade. Baixámos tanto pela segunda vez que nos apercebemos de uma estrada escura no caminho do mar. Nenhum carro à vista, nenhuma luz, só o silêncio da noite caindo. Aterra, gritei, aterra. Não sei se ele percebeu ser a solução ou se instintivamente obedeceu à voz de comando. A avioneta tocou na estrada de asfalto, estabilizou, o piloto travou. Depois de parada nos apercebemos que tínhamos com efeito acertado na pista do aeroporto. Foi pura sorte, podia ser o leito de um rio seco, o conhecido Corinje. Terá sido mesmo sorte? Sempre achei haver uma mão por baixo de mim, me sustentando. E não de Deus, sou orgulhosamente ateu.

Sustos em guerras, pois.

Há rostos que aparecem em combates

Moscas zumbindo sobre corpos apodrecendo

Ao cheiro do sangue seco.

Rostos há que não são moscas

Não rondam mortes nem sangue

Trazem apenas melancolia e uma réstia de esperança.

Assim ela lhe aparecia em combates

Ternura, meiga ausência.

O facto importante é que um dia, dez anos depois da independência e tendo eu o posto de coronel, me chamaram ao quartel-general da Frente Sul, no Lubango.

Pois é, tinha voltado à minha cidade natal tempos atrás, por duas breves vezes, reencontrando a família que nem queria acreditar nas minhas andanças, sobretudo Olga, agora convertida em grande nacionalista e

berrando contra os imperialistas opressores e os racistas sul-africanos, os quais nos atacavam incessantemente, impedindo o negócio do gado e outros negócios. Passei a ser o seu orgulho, um combatente pela liberdade na família! Tinha marido e quatro filhos, a quem apontava o irmão coronel, vejam o vosso tio, um exemplo para nós, sempre lutou pela igualdade entre todos os angolanos, pretos ou brancos. Era ela quem o dizia! Sem nenhum pudor. E os outros irmãos, e os meus pais, sabendo das suas ideias racistas de juventude, não a corrigiam? Talvez tivessem esquecido as bocas. Ou, por estarem sempre juntos, deixaram de reparar nas subtis mudanças que se vão acrescentando às ideias, acrescentando, até um dia não serem as mesmas ideias, antes o seu contrário. Sempre a dialéctica!

Olga era sem dúvida o chefe da família. O meu pai, velho e cansado, abatido definitivamente com a morte da minha mãe, apresentando além disso sérios problemas renais, deixava-a dispor da casa e quinta de onde nunca tinham saído, nem quando os sul-africanos ocuparam o território sulano e logo depois, quando fomos nós a libertá-lo e podiam até temer represálias por terem colaborado com o inimigo, mesmo se forçados. A questão, meramente teórica, se punha: Olga era a irmã mais velha mas eu oficialmente o mais graduado. Se quisesse disputar o mando, quem seria agora o chefe da família? Não estava interessado, nem ia ficar eternamente ali no Lubango, a minha vida não tinha poiso, simplesmente andava com as tropas ao sabor da guerra. Mas, e se quisesse? Ela ia aceitar? Não, certamente. Disputaria. O marido era um sorna, sempre de acordo com ela, mais preocupado em limpar o ranho a um filho pequeno que a discutir qualquer opinião. E os outros irmãos também não pareciam ter grandes ambições, faziam a sua vidinha. Olga ficaria portanto como chefe da família e seria melhor assim, pois possuía de facto espírito de líder. Já sabia com quem teria de tratar os assuntos importantes, se fosse o caso algum dia.

Tinha revisto com emoção não contida o meu amigo João, cujo pai, Kanina, já falecera. João tinha ficado muito tempo a trabalhar no Grande Hotel, onde foi sendo promovido à medida que baixava a qualidade dos serviços. Tempos depois da independência, resolveu adaptar uma casa na cidade para modesta pensão, com um crédito milagroso. Ainda lutava para a fazer resistir, mas parecia, os novos tempos traziam alguma gente, fugida da guerra, à cidade, e a pensão dava assim para viver. Já não era um empregado, agora se considerava um empresário, embora pequeno, ria para

mim. E eu com ele, feliz, recordando os tempos antigos. Sempre que ia ao Lubango, visitava-o na sua pensão. E o crédulo e amável João, tão diferente do seu irmão Job, o revoltado que acabou morto em 1961, fartava-se de gozar com o meu nome de guerra, “Alicate”.

– Coronel Alicate – cumprimentava.

E ria.

A ideia na origem não tinha sido para rir, mas hoje de facto é no mínimo estranha.

Aconteceu em Cabinda. Precisava de ter um nome de guerra, como todos os outros guerrilheiros. Nada me ocorria de particularmente interessante ou original. Abundavam os Che Guevara, Lumumba, Gandhi ou Lenine. Antes que fossem os companheiros a escolher por mim, me resolvi a uma espécie de autoflagelação simbólica. Pelo menos no Sul, era muito comum os colonos (sobretudo as suas mulheres) darem nomes de coisas aos homens ou rapazes que lhes serviam como criados. Se fosse mulher chamavam-lhes sempre Maria. Se fosse homem, era “Canivete”, “Sabonete”, “Caixa de Fósforos”, “Bicicleta”, etc. Diziam eles, os nomes dos negros são horríveis, ninguém os consegue pronunciar, damos-lhes assim nomes fáceis de aprender. Então eu lembrei de subverter esse pensamento, dando a mim mesmo, branco e de olhos azuis, o nome de um instrumento vulgar. Fiquei conhecido como o camarada Alicate. Muitos acharam bizarro, alguns terão mesmo sorrido às escondidas, mas não contrapuseram. Aos que ousavam expressar o seu espanto, não entendendo a ironia, eu dizia, um alicate que torce o orgulho e a prepotência dos colonialistas. Acreditavam. Quase escolhi “Alicate de Aço”, mas na altura me pareceu sofisticado de mais, arrogante mesmo, e me fiquei pelo nome único. Finalmente João descobria a verdadeira piada, a ironia escondida nesse nome comum. E mais irónico ficava quando eu próprio pronunciava coronel Júlio Pereira “Alicate”, ao me apresentar a alguém. João lembrava as nossas cenas de criança, João percebeu. Como Job perceberia, se fosse vivo, talvez até ainda mais.

Já não se fazem amigos desses.

Mas contava antes, tinha sido chamado ao quartel-general do Lubango. Para me dizerem que precisavam de mim em Luanda, passava a ser um dos chefões da logística militar. Havia muitos roubos, perdas, desvios, o que se queira chamar. A logística era uma das áreas mais vulneráveis à desorganização ou à desonestidade. Dados os exemplos de integridade e

desinteresse material apresentados até então, eu era um tipo para além de qualquer suspeita e portanto requisitado para exercer um cargo tão burocrático como importante.

Foi uma tristeza, uma facada nas costas.

Estava evidentemente próximo de uma promoção e, sobretudo, afastado dos perigos e canseiras das operações militares. Mas nunca me tinha visto num futuro de cadeira a contar feijões. Os responsáveis devem ter lembrado o meu curso de Economia de Moscovo, onde pouco tinha aprendido dessa arte estranha de somar milho com obuses de morteiro, excepto a experiência da Argélia, valiosa. Lembraram sobretudo que nas minhas unidades todos os soldados e oficiais comiam por igual, sem privilégios de uns e reclamações dos outros. Isso certamente contou fortemente na decisão. Mas me condenavam a ficar longe das resoluções estratégicas, daquele frio que entra pelo estômago quando se tem de decidir, avançamos pela direita, pela esquerda, ou ficamos parados tensamente à espera? Há de facto um inqualificável pecado na necessidade da escolha. Há um prazer, chegando a ser sensual, de escolher o tipo de medo, o provocado pelo facto de atacar ou pelo de ser atacado, pois são medos muito diferentes um do outro. Com o tempo aprendemos a distingui-los. E a acariciá-los cuidadosamente. Viciosamente, talvez. Tem tudo a ver com terrores infantis, com sensações e, portanto, com prazeres. Elaborar um plano de ataque sobre um mapa é mais parecido, a nível de sensibilidade, com o dedilhar as costelas nuas de uma mulher, do que ouvir uma sonata de Bach. Brade de revolta e desdém quem nunca tenha passado por essa experiência. E cale-se depois para sempre.

Falei como um sacerdote, não é?

Foi a última vez que tentei defender a minha rainha. Não aceitava de bom grado promoções ou transferências, queria comandar tropas, elas só em mim confiavam.

– O camarada é mesmo muito convencido nas suas capacidades – me derrotou o general, luzinha malandra nos olhos, por uma vez me apanhando em falta evidente. – A vaidade é um vício que não casa com a virtude de um verdadeiro oficial.

Eles sabiam, eu também.

– Peço desculpa por parecer arrogante ou convencido, mas não compreendo porque devo ficar longe das frentes de combate em momento

tão delicado – foi outro argumento utilizado por mim, no cúmulo do desespero.

Não riram de mim porque afinal eram bons camaradas. As frentes de combate estavam em péssimas condições porque as munições e a comida nunca chegavam a tempo, pois os oficiais responsáveis pela logística pensavam em tudo menos nos interesses das Forças Armadas, foi a resposta. E eu estava ao corrente, já tínhamos debatido bastantes vezes esse assunto. Valia a pena discutir? Eles conheciam, ou supunham conhecer, as minhas virtudes melhor que eu. E não se consideravam vaidosos por afirmarem em tom alto e arrogante esta avaliação, mas para isso eram chefes. Avançaram com o último argumento, eu tinha estudado Economia e conhecia a guerra como poucos economistas, portanto, estava destinado a planificar os meios necessários às operações militares.

Fim de conversa, as ordens são para cumprir.

Deixei de comandar tropas no terreno e me enterrei num cadeirão da logística militar. Adeus tiros e rebentamentos, pelo menos directamente. Deixei o meu Sul, fui para Luanda. João lamentou, eu sei. A minha família também, excepto provavelmente Olga, embora me tenha abraçado forte e silenciosamente na despedida.

Houve guerras, acordos de paz, guerras, eleições de 1992, guerras. Entretanto cheguei naturalmente ao posto de general. Aproveitei a minha situação privilegiada e o facto de conviver mais proximamente com colegas soviéticos, alguns sendo até meus assessores, para tentar uma nova iniciativa de aproximação com o governo de Ulan Bator. Pensam eu tinha esquecido?

Ele sabia, tinha o futuro enterrado.

Esperava apenas pelo desespero. Alguns diriam

Futuro adiado.

Era pior, enterrado nas brumas.

Quem arranja uma pá desenterrando brumas?

Angola e Mongólia continuavam sem relações diplomáticas directas e os contactos eram feitos como sempre a partir da nossa embaixada de Moscovo. Os generais russos com missões em Luanda prometiam interceder, saber pelo menos alguma coisa. Quando lhes lembrava as

promessas, baixavam os olhos, envergonhados, não há novidades. Pelos deveres do serviço, fui duas vezes à União Soviética. Depois das negociações e os habituais brindes com vodka, cada copo de vodka acompanhado por uns goles de água mineral para diluir, expus o caso pessoal às altas autoridades militares locais e meti o nosso embaixador no barulho. Este era um antigo conhecimento da guerrilha de Cabinda. Sabia da minha estória, afinal quem não a conhecia? A camarada Esmeralda contava-a sempre, quando havia falta de assunto para as conversas à volta de uma fogueira. O nosso embaixador prometeu portanto falar com o seu colega mongol em Moscovo. Um dia mandou-me uma missiva, há boas perspectivas, mas é preciso deixar correr o tempo, tem só paciência. Como já constatarem, se alguma virtude eu possuía era mesmo paciência. Esperei, fui esperando.

Tinha um assessor, Serguei, com quem me relacionava melhor, talvez por ser mais novo, ainda sem os vícios que a burocracia e o cadeirão mole conferem aos responsáveis militares muito graduados. Este Serguei teve a coragem de me dizer, um dia:

– O general me perdoe o abuso, mas gostaria de lhe fazer um reparo, se não se importa. Não vejo nenhum responsável angolano ir passar férias à URSS ou a um país socialista. Talvez um ou outro vá a Cuba, mas mesmo assim é raro. Vão ao Brasil ou Portugal, ou a França e Itália, países capitalistas, e alguns chegam mesmo a ir à Inglaterra e Estados Unidos, países imperialistas. Porque não vão gastar os vossos dólares nos países amigos?

– Basta-nos onze meses por ano de socialismo e de países amigos – respondi. – Por um mês de férias preferimos espairar nas molezas do capitalismo. Amigos amigos, férias à parte!

Dei uma gargalhada final, para suavizar a fala.

Não estava a mentir. Raro era o responsável que gastaria as suas férias em países africanos (“para ver misérias bastam as nossas”) ou em países socialistas, onde os divertimentos e os produtos de luxo mal existiam. Nós éramos socialistas só de boca, isso já tinha percebido há muito. Estávamos todos à espera da primeira oportunidade para declarar de viva voz o nosso fervor capitalista. E muitos para declarar o fervor religioso, sempre escondido. Mas não podia contar tudo a Serguei, que descobrisse por si próprio. A vantagem de ter assessores é essa, eles devem contar-nos tudo ou

a maior parte do que sabem, nós só contamos o que queremos. Filosofia própria, não generalizável, pois alguns chefões dos nossos se entregavam totalmente nas mãos e cérebros dos assessores, apenas por preguiça de agir, de decidir ou até mesmo de pensar.

Talvez Serguei fosse apenas mais esperto que os outros “cooperantes socialistas” e, ao ganhar confiança comigo foi fazendo confidências bastante livres, quase heréticas. Discutíamos muito o futuro do mundo, à volta de uma vodka. Sem ilusões, mas em termos abstractos. Depois de ter conhecido Jean-Michel, nada me assustava nas heresias ao socialismo e por vezes até sentia prazer em nelas mergulhar. As falas do soviético podiam ser provocações, estilo KGB, para me fazer falar e recolher os trunfos com os seus relatórios periódicos. Não era segredo para ninguém, tinham uma ficha muito actualizada de cada um de nós, a usar em caso de necessidade. Mas naquele momento, a quem ia fazer o relatório ou me acusar de heresia? Aos seus companheiros soviéticos cada vez mais desmoralizados? Eu estava para lá das garras deles, perdera as ilusões sobre a sua “missão” histórica e o seu internacionalismo, por isso não tinham influência sobre mim. Nem ousavam usar de ameaças ou chantagens, pouco lhes adiantaria, pois os meus camaradas ainda falavam pior, quando estávamos entre nós. Era uma aliança forçada, em que nenhum tinha ilusão sobre o outro.

Uma boa aliança, portanto.

– Falhámos em toda a linha, camarada – me disse Serguei um dia, parecendo mais desesperado. – Não construímos a sociedade do futuro, nem a mais justa, como prometemos aos povos do mundo. Antes pelo contrário, criámos tremendas injustiças em todos os países onde tentámos espalhar a revolução, na Europa ou fora dela. Nós, soviéticos, vamos pagar caro, mais caro que os outros. O sistema não vai aguentar, estoira por algum lado, só não sei quando.

Isso era um espanto, ouvido da boca de um oficial superior soviético em missão de aconselhamento num país amigo. Eu tinha dito em privado coisas parecidas inúmeras vezes, usando a experiência colhida na terra deles e nas chamadas democracias populares da Europa de Leste. Mas podia permitir-me esse luxo desbocado, sempre fomos considerados falsos revolucionários e muitas vezes a realidade dava razão aos críticos. Porém, ele ainda brandia o cartão de militante do Partido Comunista da União Soviética... E os galões de oficial superior do Glorioso Exército Vermelho, vencedor da Segunda

Guerra Mundial, travão seguro à hegemonia militar imperialista.

– Peço que o camarada general considere as minhas palavras como de profunda confiança na sua compreensão – pediu logo a seguir, temendo as consequências de uma denúncia. – Mas já não dá para esconder mais tempo. O camarada Gorbatchov e a sua Perestroika falharam, não conseguimos reformar o sistema. Minámo-lo por dentro e ele está a desfazer-se. Vocês foram mais espertos, abandonaram há anos a economia centralizada, deixaram os negócios serem feitos pelo mercado, estão a abrir-se de forma controlada...

– Com muito roubo pelo meio...

– Sim, general, sei, muito roubo pelo meio. Mas ao menos o discurso hoje corresponde mais à prática. No nosso imenso país, pelo contrário, todos começam a meter bens de lado enquanto mantêm o discurso do tempo do camarada Brejnev. Vão formar-se máfias com discurso comunista, enquanto aqui apenas haverá ladrões com discurso capitalista, não máfias. Sempre é mais honesto e menos perigoso. As máfias de lá podem dominar facilmente o aparelho de Estado e Gorbatchov será incapaz de as conter, até ser inevitavelmente engolido.

– Está a sugerir que talvez fosse tempo de se livrarem do camarada Gorbatchov?

Em outro tempo qualquer, pensar sequer naquela frase seria um crime eternamente condenado. Mas Serguei não reagiu como eu esperava, com indignada negativa e um discurso sobre a lealdade exigente dos comunistas ao seu chefe supremo. Apenas considerava um erro fatal qualquer tentativa de golpe contra o Secretário-Geral. Sempre simpatizou com o chefe do Partido e a sua corajosa denúncia dos erros do sistema e não havia outro líder melhor. Mas tinha de reconhecer se tratar de um homem com grandes ideias mas fraco, por vezes irresoluto, ninguém é perfeito. Talvez seja esse um dia o julgamento da História, me confessava tristemente Serguei. Parece não ter estado muito errado já na altura, devo hoje reconhecer. Quanto mais penso no caso mais me assombro com a lucidez de Serguei, avançado uns anos em relação a todos os outros assessores soviéticos. Dizia ele:

– Pela teoria dos sistemas, muito em moda nestes anos oitenta que agora terminam, e que o camarada general bem conhece, se mexemos num elemento do sistema, outro tem de se modificar, para restabelecer o antigo equilíbrio. Vocês fazem isso intuitivamente, é um espanto. Tenho aprendido

muito mais aqui do que numa universidade. Começaram por mexer na economia, abrindo aos poucos... sem se dar por isso, estavam a estabelecer relações internacionais diferentes, começando a dialogar com as potências inimigas, Estados Unidos por exemplo... Estabelecendo automaticamente novos equilíbrios... Até com a África do Sul conversavam secreta e cautelosamente... E a abrir politicamente na frente interna, como não podia deixar de ser. O sistema, jovem, pouco estável, estremece, balança por todos os lados, mas não cai. Mantém-se. Um dia chegarão à paz verdadeira e será o mesmo sistema, as mesmas elites no poder, só que em novos termos e com diferentes discursos, claro. Com um bocado de sorte, pois para tudo ela é necessária. Na União Soviética, começámos por mexer na área política, mas à bruta. Somos uns brutos, uns camponeses rústicos, com o eterno espírito de *mujik* rude, também na política. O que acontece? Os muros do Kremlin estão a ruir.

– Também não exagere, camarada Serguei.

Lembrava-me de passear com Sarangerel perto dos muros do Kremlin e do medo se apoderando de mim ao pensar nos microfones e máquinas de filmar neles embutidos. Muros grossos, enormes, impenetráveis. Tudo isso a ruir? A Revolução de Outubro a ruir? O túmulo de Lenine também? Inacreditável, nem no mais arrojado filme de ficção científica. Serguei devia estar liambado ou bêbedo, para fazer tais afirmações. Mas não estava, nem tínhamos aberto a garrafa de vodka que eu guardava sempre na minha secretária. O tom era ansioso, angustiado, vindo de uma necessidade irresistível de confissão, mas estava indubitavelmente sóbrio.

– Vim de lá agora e volto em breve – continuou. – Acredite, o nosso sistema não aguenta as mudanças, está em desequilíbrio total. E ninguém parece perceber isso, nem o próprio Gorbatchov. Ou percebe e esconde, como se a ocultação impedisse o acontecimento. Tenho de reconhecer, não temos a vossa habilidade. A URSS vai implodir e Angola, pelo contrário, estabilizar. Aposto?

– Mas não há alternativas, camarada Serguei? – custava-me acreditar que a União Soviética estivesse condenada a se autodestruir, como um imperiozeco qualquer. Há muito não confiava no modelo meramente teórico e rígido, todos fingíamos apenas acreditar. Mas não ao ponto de poder imaginar uma explosão meteórica.

– Implusão com muito fogo de artifício – repetiu ele. – E balas tracejantes

nas noites frias para anunciarem o nascimento de centenas de ilhas políticas. Pode crer, camarada general. Não há alternativa, nós fomos queimando as possíveis vias reformistas, considerando-as sempre vindas de Satanás, no qual não acreditávamos também, fuzilando quem tinha uma ideia original. Estava nos genes da União Soviética. Em Lenine, em Estaline... em Brejnev, o último urso sem ideologia... Agora é tarde, só dá para assistir. E lamentar. Este socialismo real, como lhe chamaram, está liquidado para sempre. Na União Soviética e no mundo.

Pareceu-me realmente análise de bêbedo a tentar profecias calamitosas, bem na linha dos russos do século XIX. Serguei estava um pouco, ou mesmo muito perturbado. Quase em pânico. Os olhos se abriam em brancos assustados, a boca seca, falando com urgência. Seríamos nós angolanos assim tão lúcidos que escapávamos a tal hecatombe revolucionária? Eu julgava precisamente o contrário, fazíamos muitas coisas erradas, tínhamos apenas sorte em estar ainda vivos e com um país inteiro embora em guerra civil. Na luta contra os colonialistas eu tinha desenvolvido a ideia, segredada prudentemente aos companheiros mais chegados, de que a incompetência militar era a nossa melhor arma. Muitas vezes constatei não termos caído numa fatal emboscada apenas porque, por uma razão menor, nos tínhamos atrasado na marcha. Também nas guerras que se seguiram havia a apontar factos semelhantes, operações que se realizavam com êxito por serem destituídas de toda a lógica. Eu dizia, naqueles tempos em que os computadores não tinham uso tão generalizado, a nossa imprevisibilidade por falta de preparação é tão grande que quando os tipos da CIA ou da Inteligência sul-africana enfiam os dados no computador, relatando as nossas acções, reacções e contra-reacções, queimam os sistemas todos, por incompatibilidade absoluta. E nós passamos incólumes.

Hoje pergunto, era mesmo só sorte?

Pouco depois desta conversa, Serguei deixou de ser meu assessor, não por minha culpa mas por sua vontade, e voltou para a União Soviética. No seu discurso de despedida, repetiu-me os seus terrores diurnos do fim de um império. O império soviético estava condenado e, como um não anda sem o outro, o americano logo lhe seguiria. A dialéctica dos contrários, não há luz sem sombra ou sombra sem luz. Os dois impérios seriam sugados pela economia, onde tudo começava. Continuava pois a ser marxista, o meu ex-assessor. Foi um dos que prometeu interceder para me dar notícias de

Sarangerel e da minha filha, usando conhecimentos no KGB e na secreta militar, à qual obviamente pertencia, provavelmente com alguns remorsos escondidos. Nunca mais consegui estabelecer contacto com ele, no entanto acredito piamente nos seus esforços para esclarecer o paradeiro da minha família mongol. Talvez tenha chocado contra um muro de betão, ou tenha enfrentado uma qualquer máfia, quem sabe?

Só as máfias conseguem engolir betão.

No dia confirmando a profecia de Serguei e quando a URSS implodiu fragorosamente, relembrei, como todos os dias afinal, aquele general que nunca aceitou ser meu sogro. Ainda existiria? O campo dito socialista tinha derrocado com estrépito, em consonância com o Muro de Berlim. A Mongólia iniciava um processo semelhante ao da Rússia, com tentativas serpenteantes de passar a uma democracia formal, mas denotando demasiado peso do passado maniqueísta. Ele já não seria ministro da Defesa, não era previsível com aquela provecta idade. Mas estaria ao menos vivo? Não era o que me interessava, evidentemente. Apenas me importava saber o que tinha sido feito de Sarangerel e da minha filha.

O general que se lixasse! Há generais suficientes neste mun-do, talvez até de mais. Para um desaparecendo, dois novos eram imediatamente promovidos. Particularmente em Angola, onde tínhamos de tudo sempre a dobrar. Se falava em passagens compulsivas à reforma e eu achava bem. Pelas contas que, por obrigação do cargo, tinha de manusear, se gastava de mais em honorários de generais e outros oficiais superiores. O exército era um sorvedouro de riqueza pública. Desnecessariamente. Apesar de, após muitos anos de turbilhão e incerteza, estar agora a ganhar a guerra. Essa, aliás, era a única certeza num mundo em mutação. A guerra civil estava ganha, inexoravelmente, mesmo se a prazo ainda. Tínhamos algum mérito, talvez. Mas o mérito maior foi o de termos ficado com a parte onde se explorava petróleo, o rei do mundo, contra a parte onde se garimpavam diamantes, os pequenos príncipes. O nosso petróleo permitiu os erros escandalosos e as vitórias decisivas. E algum génio nos ensinou desde o começo que tínhamos de resistir na costa, podíamos perder tudo menos a costa, costa onde nascera a nossa actual identidade. E sobretudo, de onde se controlavam os poços de petróleo.

Sei do que falo, trabalhei com números.

Não foram só os do arroz e das balas, da fuba ou das granadas. Tive de

estabelecer estratégias económicas, a nível do Estado-Maior, tive de discutir com “os nossos amigos” (os quais iam mudando rapidamente, segundo as necessidades políticas e financeiras de ganhar a guerra, desde os antigos companheiros cubanos e soviéticos até aos mercenários sul-africanos e ingleses que trocaram lealmente de campo conforme as conveniências dos negócios, e mesmo os operacionais ciáticos e empresários pronto-a-vestir), tive de fazer contas ao dólar e ao franco suíço. Não é assim tão fácil comprar blindados ou aviões e distribuir rações de combate. Convivi com gente que aparece nas revistas do jet-set mundial, festejando negócios em iates com modelos anoréticas de mirradas mamas à mostra, jantei na Torre Eiffel com os maiores traficantes do mundo, ostentando passaporte diplomático das principais potências e honorabilidade garantida por cabeças coroadas. Cheguei a ir a Nova Iorque negociar com uma empresa mais tarde tornada famosa pelas suas falcatruas no Iraque pós-Saddam, também com interesses no petróleo, e conheci um senador poderoso, apesar de latino, que ainda se arrisca a chegar a presidente dos Estados Unidos se os seus amigos de uma das máfias americanas não lhe enfiarem um balázio antes, ou não divulgarem os escândalos em que anda metido. Estive na Suíça obtendo um sofisticado dispositivo norte-americano de detecção de tropas no solo a partir de aviões em voo noturno, um negócio com israelitas que afirmavam aos ingénuos desconhecerem a Mossad. Fossem espões ou não, pouco importa, o certo é que os nossos aviões detectavam a partir de então os alvos em terra e metiam obuses nos bunkers mais camuflados e nas florestas mais fechadas. Conheci portanto os podres do mundo e também os lugares mais luxuosos, os aventureiros condenados a ser ricos e os que herdaram nomes e genealogias de nobreza, mas não os escrúpulos.

Sei portanto do que falo.

Não fiquei no entanto rico, vivendo sempre do meu salário de oficial superior. Até sabia como fazer as coisas, nem exigia imaginação, bastava copiar outros colegas e guardar as comissões que me queriam constantemente oferecer em negócios legítimos. Mas eu não cedia em princípios de probidade, participava ou propunha os negócios, recebia as comissões e depois estas eram religiosamente entregues ao ministério, com as contas certinhas.

É um feito meritório, não acham?

Falando agora de coisas mais locais, conheci oficiais de logística que

venderam rações de combate para os mercados paralelos, sobretudo no Roque Santeiro, um mesmo tendo desviado combustível em doses avultadas para o inimigo. E me vinham sempre, quase como desculpa dos seus próprios pecados, relembrar a famosa estória de um oficial tuga, nos tempos do passado colonial, o qual enriqueceu roubando as rações de combate portuguesas que nós, guerrilheiros do outro lado, cobiçávamos por lhes sentir o inconfundível cheiro na refrega das emboscadas. O dito oficial tuga, pelos vistos, conseguiu de desviar todas, pois ainda encontrávamos as latas vazias nos sítios onde o exército inimigo tinha acampado. O cheiro dessas rações me ficou no cérebro. Daí a obsessão de combater os desmandos cuja consequência seria a de ver os meus homens sofrerem a mesma humilhação de só cheirarem latas vazias. Por isso, acho, comigo acabou ou diminuiu bastante o tráfico de rações, acabou ou diminuiu a fome nas frentes militares. Não sou tipo de me gabar à toa e muito menos em situações como a actual. Porém, quero acreditar ter contribuído para uma maior igualdade no tratamento das situações de combate. Ao menos isso.

Levam-se tão poucas certezas desta vida.

Passei então à reforma.

A guerra estava mesmo no fim, só faltava a estocada decisiva. Me sentia cansado, não tanto dos trabalhos burocráticos e dos formalismos oficiais, mas dos vazios da vida. Era um economista, queria trabalhar como tal. Talvez nem soubesse já o que isso significava, mas queria provar a mim próprio ser capaz de elaborar projectos interessantes e sustentáveis. Sobretudo, de paz. Só aprecia verdadeiramente a paz quem muito conheceu de guerra, é um lugar-comum.

Não foi tão fácil convencer os chefes da minha vontade de reforma. Compreendiam o meu estado, mas continuava a ser considerado imprescindível. Claro, ninguém o é. Mas dá jeito achar isso, sobretudo aos chefes evitando mudanças, pois se instalaram na rotina da sesta a horas certas.

Fui finalmente trabalhar para uma empresa de transportes, cujos donos eram antigos colegas meus, também reformados das Forças Armadas. Se dizia, tinham conseguido obter uma série de camiões quando houve as eleições de 1992 e os bens do exército em extinção foram postos à venda ao desbarato para não caírem em mãos inimigas. Era um pouco irritante desconfiar de antigos colegas e ainda por cima trabalhar para eles. Mas ia

fazer mais como? Não tinha capacidade nem gosto de montar a minha própria empresa. Também não queria bumar para estrangeiros no meu país. Conformei-me e mandei calar a voz interior que me dizia, trabalhas com material cassumbulado às Forças Armadas. Roubado não seria, tecnicamente falando, mas de facto vendido muitas vezes abaixo do valor real. O argumento basicamente era o seguinte: se não fosse vendido a preço da chuva, quem teria dinheiro para o comprar, além dos inimigos ou dos estrangeiros? Não seria justo beneficiar aqueles que tinham tanto lutado pelo país numa fase difícil? Então o material foi vendido a preço da chuva, no salve-se quem puder antecedendo as eleições. O problema é não ter havido oportunidades iguais para todos, foram os kambas mais próximos os beneficiados. Engoli os escrúpulos chatos, reconheci a legitimidade capitalista dos patrões, e fiz o meu melhor no trabalho.

Nunca vivi tão bem. Realmente. Tinha uma reforma bastante decente como general, algumas mordomias vitalícias e um salário razoável como economista de uma empresa próspera. Por esse lado material, nada a queixar, gastava o que me apetecia e até economizava para a velhice próxima. Também ninguém me chateava no serviço, todos muito atenciosos, pudera, não é todos os dias que lhes cai um tipo com as minhas habilitações e prestígio no colo.

Fui uma vez a Cabinda tratar dos assuntos da firma. Fiquei lá três dias. Trabalho terminado, aproveitei para me escapulir por umas horas num jipe que pedi emprestado a um dos clientes, o qual não quis se afastar do querido carro e por isso veio agregado. Fez a gentileza de me deixar guiar, e eu usufruía do prazer de o fazer onde sempre tinha andado a pé. Fui dar uma olhadela à floresta-rainha, o Mayombe, claro. Não era aconselhável passear pelos matos, havia guerrilheiros dispersos. Eu tinha sido ali guerrilheiro também, por isso sabia dos perigos. E pouco adiantava dizer, não me apanham pois tenho experiência, a experiência não evita uma emboscada numa curva do caminho ou uma mina bem plantada na estrada. Não me aventurei muito, portanto, fui apenas respirar um pouco aqueles ares e rever os desenhos das sombras nas folhagens das árvores descomunais. Só queria apreciar de novo as centenas de tonalidades do verde que transpareciam pelo sol e seus reflexos nos troncos indo do negro ao amarelo. Os antigos cheiros voltavam a brincar com o meu nariz, os cheiros da floresta nunca esquecem. Fiquei no meio da mata um momento me parecendo demasiado

curto, mas o meu companheiro de viagem tremia de medo, implorando a misericórdia de dar meia-volta. Regressei à cidade, já tinha matado saudades. Por uns tempos. De facto nunca se matam realmente saudades, é apenas uma forma de dizer.

As saudades voltam desde o momento que deixamos o sítio ou o ente amado.

Regressei de Cabinda para Luanda e tinha um recado da camarada Esmeralda, telefona-me urgente, tenho boas novidades. Esmeralda fora a responsável pelos estudantes em Moscovo, nos tempos em que lá estive, lembram?

O coração começou doidamente a galopar.

NUNCA DIGAS NUNCA

Em vez de telefonar, resolvi ir a casa de Esmeralda. Estava muito sorridente e me recebeu com o habitual carinho. No entanto, notei alguma hesitação, uma reticência, como se um receio misterioso estivesse por trás do carinho. Perguntou três vezes como eu me encontrava de saúde sem fazer caso da minha resposta positiva. Da segunda vez, lembrei-lhe ter-me informado ao telefone de novidades, a convidá-la a atirar tudo cá para fora de um sopro. Voltei a responder, estou ótimo, precisava mesmo de reforma das Forças Armadas, um tipo também se cansa de fardas e continências. Ela pareceu acreditar, fez hum hum, como os políticos a ganharem tempo e criando paliativos na conversa, mas ansiosos por outra coisa. De repente lançou a bomba, quando eu me começava a inquietar.

– Estive com Sarangerel. Em Cuba.

Estava à espera de alguma revelação imprevista, embora não tão precisa nem tão brutal. Era mesmo um canhonaço de fazer estontear qualquer valente. Felizmente já me sentara numa poltrona da sala. Se estivesse de pé poderia ter cambaleado.

– Ela está casada, te digo já. É a mulher do embaixador da Mongólia em Cuba.

Eu devia exprimir ou perguntar alguma coisa. Para isso ajudam as interjeições, os oh e haka de espanto. No entanto, fiquei calado, olhando para Esmeralda. Ela se sentiu na obrigação de preencher, sozinha, os vazios.

Numa conversa entre amigos não deveria haver vazios, mas existem, constantemente. Esmeralda não gostava disso, eu sei.

– Primeiro não a reconheci ou nem me chamou a atenção. Foi numa recepção oficial dada pelo governo cubano. Ela estava vestida à moda tradicional mongol e em Moscovo só a tinha visto uma vez, lembra-te

certamente, vestida como todos nós. Foi há tanto tempo! Apresentaram-nos na recepção e o nome pareceu familiar. Só depois olhei a sério para ela, seria mesmo? No entanto, muita gente tem o mesmo nome. Ela falava russo, normal numa mongol culta, e perguntei se tinha estado em Moscovo. Disse, há muito tempo estudara lá. Tinha razão, já te falei, foi há muito tempo. Perguntei se por acaso não tinha conhecido um angolano em Moscovo e antes mesmo de dizer o teu nome os olhos dela brilharam. Júlio, sim, disse ela, conheci. Aí perdi a contenção e perguntei directamente, tiveste uma filha com ele, não foi? Ela concordou, nasceu Altan. E explicou em seguida, Altan quer dizer ouro. Pronto, era mesmo a tua Sarangerel. Expliquei que tu nunca casaste, como se estivesses ainda à espera dela. Era absurdo, toda a gente considera esta tese disparatada e já serviu para discussões entre camaradas, mas eu sei, é verdadeira. Sarangerel se abraçou a mim e chorou no meu ombro. Eu sou pequena, ela ainda é mais, se aninhou perfeitamente nos meus braços.

– Está mesmo à minha espera? – perguntou Sarangerel.

– Este tempo todo tem estado à tua espera – respondi. – É verdade, diz-me, ou menti para ela?

Eu ouvia. Nem percebi ser uma pergunta a mim dirigida. Não respondi, não mexi a cabeça, nada. Estava vazio de ideias. Sarangerel em Cuba? Esmeralda tinha falado com ela? Esta tinha começado a contar e não esperou pela minha resposta, continuou. Falou do marido da minha amada, o qual parecia ser uma pessoa muito gentil, não por exigência diplomática mas pelo seu próprio temperamento. Se tinha aproximado ao vê-la abraçada à mulher, depois ouviu a explicação de que se tinham conhecido em Moscovo, kambas do antigamente, Sarangerel limpando os olhos das lágrimas às escondidas, Esmeralda disfarçando a emoção também, pois então não é emocionante reencontrar a protagonista de uma história tantas vezes contada e recontada em rodas de combatentes? O marido foi entretanto chamado para falar com outra pessoa e Sarangerel aproveitou perguntar por mim, queria saber como eu estava, o que fazia, e Esmeralda lhe contou das minhas vidas posteriores a Sarangerel.

– E pronto, é isto que eu tinha para te dizer. És avô, a tua filha Altan está casada e tem dois filhos. De olhos azuis, disse Sarangerel. Fazem sucesso na Mongólia, onde toda a gente tem olhos castanhos. Eles são como mongóis mas de olhos azuis, os teus olhos.

Eu era avô.

Estranha sensação para quem nunca chegou a ser pai ou a saber o que isso significa na prática.

– Coisa importante. Ela não sabia que tinhas conseguido ir à Mongólia. Chorou de novo quando lhe contei. Só viste as costas da vossa filha, também expliquei. Não sabia que tinhas escrito ao pai dela, não sabia das nossas insistências estes anos todos. Julgou que tentaste no princípio mas com o passar do tempo a tinhas esquecido, te tinhas resignado, acho. Não me disse, só que não soube mais de ti. Nada. Esconderam-lhe tudo. Mas não se queixou, chorou apenas.

Sarangerel não era pessoa para se queixar, isso eu sabia. Era uma domadora de cavalos, habituada a quedas perigosas e a desprezar nódoas negras.

– Obrigaram-na a casar?

– Não falámos mais, ali não dava para muitas confidências e eu vinha embora no dia seguinte. Não me disse em que circunstâncias casou. Mas não deve ser muito difícil de adivinhar, não é? Se ela pensou que tinhas desistido dela, pois nunca a procuraste, é normal ter aceitado um casamento ao fim de algum tempo.

Os pais contavam com isso e ganharam a aposta.

Não há amor resistente à solidão.

– Mas porque não vais a Cuba e lhe perguntas directamente?

Esmeralda sempre teve o condão de me surpreender nestes anos todos de amizade. Surpreender por dizer em voz alta o que eu muitas vezes pensava e timidamente calava. Ir a Cuba? Fora várias vezes no decurso da minha carreira militar, uma vez até de férias para conhecer melhor o país e sua história. Mas agora estava retirado, não seria assim tão fácil arranjar uma viagem, e até mesmo o visto cubano comportaria suas complicações.

Ela respondia às perguntas não formuladas, dom de certas pessoas.

– Vai ao ministério e logo sabes se há alguma missão. Há sempre. Se pedires para ser integrado numa delegação, ninguém tem a coragem de te negar isso. Sabes muito bem.

Sabia alguma coisa?

Precisava de estar sozinho. Incapaz de pensar, de falar. Queria ir para casa, enrolar-me na cama. Recusei pela primeira vez na vida a oferta de um uísque na casa de Esmeralda. Agradei as notícias, dei-lhe os dois beijos da

praxe, bazei na zuna.¹¹ Esmeralda não deve ter estranhado, naquele momento nem reparei ser uma atitude bizarra. Seria mesmo bizarra? Se foi, a minha amiga nunca me atirou com ela à cara, compreendeu. E aceitou. Quem não ficaria desnorteado com tal impacto? Pior que obus de canhão a explodir ao lado, dentro de uma trincheira. Noto insistir em imagens de bombardeamentos e guerra neste relato, me desculpo, mas é a minha experiência, não tenho outra. Guiei até casa, usando apenas o sexto sentido, pois não me lembro de luz de rua, de barulho de carros ou gritos de pedestres, de apitos policiais, de nada.

Me enovelei todo na cama, chorando sem vergonha. Ia fazer mais como então? O mundo desmoronava, e a luz azul era demasiado ténue, lá à frente, luz luzinha azul.

Fui no dia seguinte ao ministério da Defesa, onde durante tantos anos trabalhei. Como se estivesse bêbedo, evitando ao máximo raciocinar, deixando as emoções me governar. No ministério todos me conheciam, desde as sentinelas da porta aos mais graduados e, apesar de reformado e trajando camisa civil, tive honras de continência por todo o lado. Estava desorientado ainda, não deu para apreciar na altura. Mais tarde estimei, possas, afinal ainda me conhecem e respeitam. Nada mau para um general famoso como Alicate. Nestas coisas de arranjar esquemas de desenrascar não há como ir logo o mais alto possível, só para começar, conforme aprendemos no socialismo de kambas. Pedi para ser recebido pelo ministro, ele próprio. O director de gabinete mandou-me sentar numa poltrona, entregou-me uma revista militar para entreter, ele está com dois generais mas, logo que saiam, eu digo que o espera aqui. Como contei antes, estava desorientado, drogado. Ou em êxtase, é igual. Por isso até nem sentia vergonha ou timidez por ir pedir uma pequena ilegalidade, ou enfim, talvez não ilegalidade no sentido absoluto do termo, mas de qualquer modo um privilégio exorbitante ao qual já não tinha direito. A desorientação me fazia minimizar os escrúpulos, que se lixe, ao menos por uma vez posso aproveitar das relações de amizade nas cúpulas e usufruir da organização débil da administração. Para um benefício pessoal. Dei muitos anos com o coirão na merda, também tenho direito. Nunca quis, quando era responsável, açambarcar terrenos de dez mil hectares ou mais, como muitos fizeram, para quintas de fim-de-semana, ou terrenos entre dois rios para explorar minas de diamantes, nunca aceitei sequer guardar um tanque

blindado como recordação de guerra... Ao menos que me arranjassem uma viagem a Cuba. Seria exigir de mais? Não sei nem me interessa, é assunto sem graça.

Conseguir a viagem foi a coisa mais fácil do mundo.

Os dois militares saíram do gabinete do ministro, abraçaram-me, estás aqui, o ministro que os acompanhava também me abriu os braços e quase nem precisei de explicar para ele dizer, com certeza, com certeza, sai no próximo mês uma delegação com o vice-ministro, incluo-te já nela, e deu logo ali as ordens ao director de gabinete para executar prontamente, como convém a um militar. Nem perguntou a razão de eu querer ir a Cuba, não é fantástico? Nada de espantar, só causa mesmo admiração a quem não nos conhece.

Saltarei os nervosos detalhes desse mês que foi preciso esperar para a viagem. De como nasciam ilusões e de como as destruía logo a seguir, só quero falar com ela, ao menos uma vez, é tudo, saber da filha, dos netos, fazer uma série de perguntas que só ela poderá responder, e contar certas tristezas e derrotas sofridas durante a vida sem ela. Não contava com mais nada, trinta e cinco anos depois de a perder. Não tinha o direito de esperar alguma coisa, ela refizera a sua vida e não a poderia aniquilar, passado tanto tempo. Mas me concedam, ó deuses inexistentes e apesar disso cruéis, a consolação de falar uma hora com ela e de poder contemplar aquele rosto redondo de Lua Cheia.

Seria pedir de mais?

O trabalho deve se ter ressentido, pois eu andava como os liambados, um olho aqui e outro lá à frente, metade do cérebro num sítio e a outra metade perdida no espaço sideral, fazendo contas ao tempo de acabar o trabalho, fazendo contas ao tempo de chegar a casa, fazendo contas ao tempo de chegar o dia da partida. Nem imaginam quanto é bom não precisar de fazer contas ao tempo, porque ele se tornou eterno ou inexistente.

Saberão também um dia, fiquem descansados.

Mas ainda não era esse tempo da paragem. Era só o de preparar a cabeça para algum imprevisto me esperando do outro lado do Atlântico. Ressalvadas as devidas proporções, dei em mim comparando a viagem com aquela, de sentido contrário, feita pelos cubanos décadas antes na denominada Operação Carlota. Se tratava de dezenas de milhares de soldados e em aviões caindo aos bocados de tão velhos, partindo para ajudar

um povo atolado em gravíssimos problemas de sobrevivência. Mas o imprevisto para eles seria o mesmo, que África é essa que vamos encontrar do outro lado do oceano, e que guerra? Sei hoje, estava a ser boçalmente presunçoso comparando coisas incomparáveis. Mas já o afirmei mil vezes, andava nesses tempos absolutamente despistado, panco, esgrouviado, cacimbado, para usar apenas algumas das palavras apropriadas.

Chegou finalmente o dia e lá segui para Cuba. À partida e no avião, bem tentei me desmarcar da comitiva oficial, por sentir estar nela a mais, só que não me deixavam. Era o vice-ministro a me chamar, senta aqui connosco, ou era um general meu amigo íntimo, junta-te a nós, ou foram os cubanos já lá em Havana, *compañero general, se quede con nosotros, coños, usted es nuestro invitado especial*. Acabei por integrar de abuso o séquito, ficando hospedado na mesma casa de trânsito do ministério cubano da Defesa, embora estando dispensado das reuniões e deslocações que não me interessassem. O melhor dos estatutos para um pato de delegação oficial! Se me dissessem antes da conversa com Esmeralda, vais fazer de pato um dia, eu diria, estão mesmo loucos varridos só de o pensarem, nunca farei uma coisa dessas, tenho vergonha na cara e bué de escrúpulos, só entro onde sou convidado. Que ideia! Lá estava de caxexe. Ainda por cima, o único civil.

É o amor, virtuosa desculpa.

No dia seguinte ao da chegada, pus-me em campo. Não foi difícil saber qual a residência do embaixador mongol. Fui bater à porta duas horas antes do almoço, quando tinha a certeza de ele estar retido no gabinete da chancelaria. De facto. Havia um polícia cubano fardado numa guarita, que abriu o portão e telefonou para dentro. Talvez pela ausência do chefe da casa, o segurança mongol que abriu a porta hesitou tanto em chamar a embaixatriz. Quer falar com ela sobre o quê?, me perguntou num espanhol de horrorizar um defunto ou um antepassado de pirata caribenho. Assunto particular, entregue só este cartão de visita, por favor. Tinha um com nome, telefone e endereço electrónico, usado em contactos profissionais. Para ela bastaria. Com muita relutância, o bófia lá foi entregar o cartão, olhando sempre para trás, mais parecendo eunuco guardador de harém. Nem me mandou entrar na casa. Felizmente não me deixou do lado de fora do muro, essa benevolência me concedeu.

Eram novos tempos e se notava perfeitamente a pequena câmara de vigilância insistentemente apontada para mim. Por isso não dei uns passos

para a direita e para a esquerda, o que normalmente se faz nessas ocasiões para disfarçar a ansiedade. Doíam-me as tripas, um frio se espalhava a partir da barriga para a garganta, o coração galopava a ritmo infernal. Talvez naquele preciso momento estivesse Sarangerel a olhar para os ecrãs, tentando descobrir, antes de se apresentar na porta, quem era o desconhecido querendo falar com ela. Não, até podia estar a olhar, mas não para um desconhecido. Tinha o meu cartão entre os dedos trementes, não tinha esquecido o meu nome que um mês antes pronunciara à frente de Esmeralda, apenas tentava controlar a respiração, tão desregulada quanto a minha. Eis a razão pela qual eu estoicamente fitava directamente a câmara, para ela ver a minha determinação, a coragem de enfrentar qualquer coisa, por ela. Por ela, já não fechara a vida antes?

*Quando o futuro se tornou porta de pedra
Respira fundo devagar devagar
Como os grandes peixes em águas profundas.
Sê tu próprio o teu respirar.*

A porta se abriu. O segurança mandou entrar. Ouvi cerrar-se a porta atrás de mim mas nem percebi. Ouvi apenas. Porque pensar, reconhecer, perceber, reparar, se tinham tornado acções impossíveis: Sarangerel estava à minha frente.

Morri ou renasci? Haverá diferença?

Não havia dor. Não havia sensações. Apenas um rosto redondo, sorrindo timidamente, mas sem os olhos baixados. Os olhos castanhos fitavam os meus e nunca os senti tão azuis. Foi só isso, a sensação de ter olhos azuis no meio do castanho. E de estar parado de pé, imobilizado, talvez para sempre. As mulheres dão sempre lições de determinação, foi a primeira a reagir. Se aproximou e me agarrou na mão com as suas duas pequeninas.

— Júlio, Júlio.

A primeira coisa a perceber foi que deveria responder no mesmo tom, Sarangerel, Sarangerel. Mas fiquei calado. Ainda não tinha sensações. Mais tarde ela me contou, estaquei rígido e com um ricto na boca. Ela até se assustou um pouco, pensando nalguma súbita doença, um AVC por exemplo, acrescentou rindo. Parecia embrutecido, como o macaco olhando a Lua, a boca um pouco cambaleante para a esquerda, gelado por fora e por

dentro, mas sem o saber. Só me apercebi da figura patética quando ela me contou, gozando, muito mais tarde. Era conhecido nos tempos guerreiros pelas reacções rápidas e precisas em momentos difíceis, o que me valeu certamente as promoções e o respeito dos camaradas. Mas naquele momento não reagia a nada, estava como a múmia de Tutankhamon no seu túmulo do Vale dos Reis. A diferença era ainda não terem passado mais de três mil anos sobre a minha morte, estava vivo e pronto para muitas coisas. Pois é, mas não reagia, nem vontade tinha de o fazer. Deixem-me contemplar a sua face, tinha pedido a todos os espíritos... e finalmente estava a fazê-lo. Tantos anos a implorar a deuses e demónios, primeiro aos deuses dos diferentes comunismos, depois aos nossos deuses se escondendo astutos nas encruzilhadas, mais tarde a indiscriminadas divindades ou belzebus de todas as religiões, para me deixarem apenas vê-la, e finalmente chegar ao destino... Cheguei.

Foi a segunda sensação, tinha chegado.

A minha mão estava entre as mãos dela, embora não sentisse o seu calor. E comecei a ver. As lágrimas brotando dos olhos dela, os lábios se mexendo em murmúrios de russo, primeiro frases incompreensíveis e depois a mesma pergunta, sempre a mesma pergunta.

– É verdade que me procuraste?

A terceira sensação, entendi a pergunta. A vitória final. O dique rebentou, explodi em frases.

– Fui a Ulan Bator. Mas não me deixaram ver-te. Só me mostraram a nossa filha... Ou uma criança que disseram ser a nossa filha. De costas, correndo para a escola. A porta da Tchaika preta estava trancada, não pude sair para a abraçar. Resmungaram qualquer coisa contra os meus protestos pesados, o carro arrancou, ainda olhei para trás num desespero, mas ela já tinha passado a porta.

Os olhos de Sarangerel estavam marejados de lágrimas. Também os meus, senti depois o frio escorrendo pela minha face. Quem disse as lágrimas são quentes? Sempre foram geladas. Mesmo as de alegria.

Já não sentia o ódio contra o pai e a mãe dela, ódio que me acompanhou durante todos os anos. Nos separaram, por isso os odiava. Ódio vulcânico, tórrido, não o frio dos chineses que se consome como a vingança. Terei sobrevivido por causa desse ódio? Ultrapassei catástrofes, guerras, perigos extremos só por odiar os pais dela? Hoje sei, não era afinal o ódio que me

movia. Vivia para chegar ao momento de poder para ela olhar. Esse momento chegou. O objectivo da minha vida durante mais de trinta e cinco anos tinha sido alcançado. O ódio podia pois recolher-se furtivamente para a sombra do esquecimento.

– Fiz petições. Levei o meu partido a fazer petições. Depois o governo. Os responsáveis do teu país nunca me deixaram falar contigo ou com o teu pai, pedir-lhe a tua mão. Ou foi o teu pai que não quis, não importa. Escrevi mesmo duas cartas a suplicar para casar contigo, a reclamar direitos sobre a minha filha. Nada. Nunca houve resposta, Ulan Bator continuava muda como sempre. Decidiram pôr um manto sobre ti, não consegui descobrir onde estavas, o que fazias, se ainda existias, nada. Só me mostraram a nossa filha, nem sei porquê. Deve ter havido contradições entre eles, dúvidas, e deixaram-me ir para depois se arrependerem da fraqueza demonstrada e me despacharem brutalmente no primeiro avião. Algo se terá passado e nem tu deves saber. Mas nesses regimes era assim, coisas pessoais eram decididas ao mais alto nível, tudo era político, mesmo o amor entre dois jovens. Tudo era político. E, agora que esses regimes se corroeram por dentro e desapareceram, os antigos responsáveis ainda se perguntam porque foram derrotados. Afastaram-nos um do outro só por sermos de países diferentes, por um ter olhos castanhos e o outro azuis. E ao mesmo tempo gritavam vivas ao internacionalismo e à amizade eterna entre os povos. Tudo mentira! Todos estes anos eu te queria dizer isto, vivemos sem o saber numa mentira permanente e continuaram sempre a mentir-nos.

Ela deixou-me desabafar. Só assentia com a cabeça, já de olhos secos. Fui explicando em detalhe os anos sem ela e as tentativas de a reencontrar. Só não disse uma verdade, é que nos conhecemos em Moscovo com uma mentira minha, mas esse era o meu segredo. Desabafei até ficar cansado. Finalmente falou:

– Não me contaram nada. Aliás, disseram uma coisa, mais tarde. Que esquecesse, porque nunca tinhas manifestado nenhum interesse em me rever ou em conhecer a tua filha. Nara me explicou, tentaste ter um visto na embaixada de Moscovo e te recusaram o visto. Isso eu soube. Mas Nara depois desapareceu e não tive mais notícias. Eu achava primeiro tu não podias, tinhas uma guerra à tua espera. Depois da independência de Angola, altura em que já podias te virar para mim, isso não aconteceu. Acreditei de facto que me esqueceste, fora um fogo de juventude. Então aceitei casar.

Havia silêncios entre nós. Os silêncios se tinham estabelecido muitas décadas antes, agora seria difícil preenchê-los. Não tinha importância. Os silêncios também são expressivos. Ficámos momentos calados, nos olhando. Ela levou-me para uma cadeira e se sentou também. Porque eu me mantinha gozando silêncios, senti necessidade de falar. Ou de se justificar. Não sei, de facto não era importante.

– O meu marido é um bom homem. Antes do casamento, quando lhe falei de ti e do que pensava ter acontecido, ele compreendeu serenamente. Disse ao fim de algum tempo, espero conseguir fazer-te esquecer esse jovem, se me ajudares...

– Tens filhos com ele?

– Tenho dois. Um rapaz que é engenheiro informático. E uma filha, médica pediatra. Ela já me deu dois netos. Estão na Mongólia, tal como Altan e os outros netos. O meu filho é solteiro, vive nos Estados Unidos, trabalha para uma empresa de computadores.

O mundo tinha dado uma volta, de facto. Difícil de imaginar o neto de um ministro da Defesa da Mongólia, democracia popular, a viver nos Estados Unidos, o grande inimigo imperialista. E que ministro! Um general irreduzível, desumano, cruel, o meu carrasco.

Sarangerel queria contar outra coisa, voltar ao que falava antes da minha pergunta/interrupção. Continuou:

– No mês passado, depois de encontrar a camarada Esmeralda, falei com o meu marido. relatei os factos, acabados de me serem contados. Que afinal sempre me procuraste, que não tinhas desistido de mim, as verdades escondidas pela minha família. O meu marido lamentou e estava a ser sincero, sei...

Sarangerel interrompeu a fala e ficou em suspenso. Como quem hesita, digo ou não? Por fim, lá se atreveu e numa voz muito sumida, que me pareceu de mentira, não soube no momento porquê, disse:

– Temos entretanto conversado sobre o assunto. Ele quer te conhecer.

– Mas eu não quero. Que ideia é essa? Porque hei-de conhecer o teu marido?

– Pessoas civilizadas conversam. Nós tentamos ser civilizados.

Nós, angolanos, sempre fomos civilizados, tive vontade de retribuir, e não conheço caso de uma rapariga mwangolê grávida ser raptada pelos pais para não ficar com o pai do seu filho só por este ser estrangeiro. Mas era uma

querela sem sentido, saber se uns povos são mais educados que outros. Sempre foi o argumento principal dos europeus para colonizar outras nações, o direito à comparação entre culturas numa hierarquia, o que lhes dava a tranquilidade de espírito para apregoarem estar a civilizar os indígenas, incultos, bárbaros, selvagens. Como comparar passados e experiências? Mordi a língua que ia falar uma qualquer barbaridade nacionalista.

– Compreendo – disse eu. – Mas vou falar o quê com o teu marido?

– Não sei. Ele quer. Disse que talvez um dia nos encontrássemos e gostaria de te conhecer. Nem imaginava que fosse tão cedo.

– Pois é, vim a correr. Aproveitei a primeira oportunidade.

– Vieste só por minha causa?

– Claro, já estou reformado das Forças Armadas e portanto não teria sequer direito de vir nesta delegação. Trabalho numa empresa privada. Mas quando Esmeralda me disse que te encontrou aqui, arranjei boleia na primeira missão de serviço a Cuba, vim ter contigo. Para te ver. Apenas para te ver.

– Então podes falar com o meu marido.

Lá estava ela. Sarangerel era assim, teimava devagarinhovagarinho, como se não fosse. Podia rodear o discurso, seu ou do outro, para voltar sempre ao mesmo objectivo, como chineses em negociações, formigas diligentes guardando os seus tesouros. Sarangerel queria que os dois conversássemos e nunca desistiria dessa pretensão. Era certamente a sua sabedoria, milénios de sabedoria contemplando as estepes sem fim. Tentei imaginar o que diriam os mais velhos, os sekulos do meu kimbo, talvez a mesma base de discurso, a conversar o leão e o elefante evitaram um combate fratricida, por sugestão do sábio cágado. Seria assim o começo de alguma fábula da minha banda. Não era difícil imaginar o contexto. Em tempos de muita fome e miséria, o leão e o elefante lideravam grupos rivais na procura ou da carne ou do capim. E se combatiam desesperadamente. Até que o cágado, conseguindo fazer ouvir a sua voz profunda do alto de um morro, lhes disse, estúpidas criaturas, chocam constantemente entre vocês e eu fico no meio, por isso a minha carapaça é tão dura, para resistir aos vossos choques de gigantes sem cérebro. No entanto, se conversassem, podiam chegar a um entendimento permitindo dividir a pobreza entre todos. Quando é para dividir as riquezas, tudo se torna fácil, não exige imaginação, só força. Mas

dividir a pobreza é bem mais complicado, e por isso, vocês, cegos e estúpidos, pensam apenas em lutar para evitar atingir o impossível. Vamos sentar à sombra de uma árvore e conversar. Encontraremos certamente a solução, o impossível morreu de velho.

Filosofia seguida igualmente por Sarangerel. Oh, a sabedoria das civilizações antigas...

– Posso falar com ele. Só não percebo para quê.

– Se falares, talvez percebas.

Claro, era a conclusão lógica da fábula anterior. E ela mais uma vez cerzindo as ideias e as intenções, volteando.

Não foi mais explícita. Rematou:

– Podes vir amanhã almoçar connosco?

Achei, devia fazer algum humor. Ou mostrar que não tinha esquecido nada do passado. Perguntei, ao mesmo tempo que me considerava um perfeito cretino:

– Vais servir *hushuur*?

Ela sorriu, e simultaneamente os seus olhos embaciaram de novo. Lembrava certamente as vezes que tinha feito os pastéis para mim e as nossas conversas sobre as comidas tradicionais dos dois países.

– Nada mais apropriado – disse.

Tinha provado a última vez em Ulan Bator, quando me deixaram lá ir. Comi como se fosse a última refeição do condenado. E não me soube bem, não podia, claro. A carne parecia estar rançosa e seca de mais, a massa não era estaladiça. O melhor caviar naquele momento saberia a batata sem sal. (Isto para quem gosta normalmente de caviar, claro, não evito parentesiá-lo. E, já agora, perdoem a tosca rima.)

Sarangerel bateu levemente com a mão na testa, gesto característico que eu não esquecera.

– De facto podias ficar já hoje para almoçar. Ainda dava tempo de mandar fazer *hushuur*. Mas acho melhor falar primeiro com o meu marido.

Mulher fiel e honesta.

Azar o meu, não usei da sua fidelidade. Conheci algumas, e talvez até fossem tão fiéis e honestas, mas não lhes dei tempo de o demonstrarem. Realmente, pouco me importavam, só uma existia.

– Como se dá a nossa filha com o teu marido?

Sarangerel sorriu aquele sorriso tímido-doce dela. Sorriso que eu não

pudera roubar e aprisionar para sempre. Tinha-o apenas numa fotografia descolorida dos tempos de estudante. Fotografia na carteira, claro. E a mesma, mas em dimensões grandes, emoldurada na sala de estar da casa. E outra mais pequena, na mesinha de cabeceira. Era o sorriso dela, que me preenchia a existência, mas sorriu também para outras pessoas, depois de mim. Por isso falei em aprisionar, privatizar, que o tornasse só meu, intransmissível.

Ciúmes.

– Dão-se muito bem. De facto Altan considera-o o seu pai. Sabe que tu exististe, mas apenas conhece a versão da família, claro, exististe e nunca mais ninguém soube de ti. O único pai que conheceu foi ele, o meu marido. Dão-se muito bem. Tens de compreender.

– Compreendo. Mas dói. Por isso não tenho muita vontade de o conhecer. No entanto, Esmeralda disse que ele é gentil.

– Muito.

– Pois. Mas eu tenho medo de sentir necessidade de o ferir, de me portar como um garoto.

– Tu não és assim. Vais entender-te facilmente com ele. Eu sei.

A intuição dela. As mulheres sempre consideram ser muito intuitivas, com um instinto infalível. Por isso, em Moscovo, Sarangerel me disse, as coisas estão a se compor, a minha mãe já passou um pouco para o nosso lado. Engano, a mãe não estava do nosso lado, estava apenas do lado das ambições políticas do marido. Agora de novo Sarangerel tinha intuições positivas. Sorri da minha própria sacanice. Sim, porque eu sabia estar a pensar sacanices. A dor faz-nos cruéis. A dor muito prolongada faz-nos cruéis e indiferentes à crueldade, o que é ainda pior. Felizmente pensei só para mim, de boca fechada. Sarangerel talvez fosse capaz de ler pensamentos, antes era com certeza, mas tinha passado muito tempo desde então e já não conhecia ou adivinhava os escaninhos do meu cérebro, ainda mais retorcido pelo sofrimento de décadas. Continuava a sorrir o seu sorriso doce. Na maior das inocências. E eu, nesse preciso momento, a imaginar-me um Otelo a descarregar pela violência das punhaladas as frustrações do ciúme.

Além do ciúme, havia perguntas, muitas. Mas uma ficara a brincar com os meus nervos, algo dito por ela.

– Nara desapareceu, disseste. Nunca mais soubeste dela?

– Esteve lá uma segunda vez de férias. Disse que tinhas acabado o curso e foste para um treino militar. Que tinham combinado um contacto permanente para ela te informar sobre mim.

– Exacto. Mas nunca me escreveu.

– Nem a vi, nunca mais. Desapareceu. Achei estranho na época. Éramos suficientemente amigas para trocarmos confidências. E ela passou a ser importante para nos pôr em ligação. Por isso estranhei. Ninguém me sabia informar. E como eu não podia sair de casa sozinha...

– Mistérios das democracias populares...

– Ela não estava satisfeita com muitas coisas – disse Sarangerel. – Talvez tenha terminado o curso e arranjado maneira de escapar para lá da cortina de ferro.

Podia ser. Uma vez no Ocidente, também lhe seria difícil entrar em contacto comigo ou mesmo saber por onde eu andaria. E também não teria novidades a dar-me, portanto não me procurou, a ligação se quebrou. Era uma explicação, embora houvesse outras bem mais razoáveis. Não quis levantar uma suspeita que seria dolorosa para Sarangerel, a possibilidade de o pai ministro ter descoberto o pombo-correio e mandado um milhafre atrás. Havia coisas que se podiam pensar, mas nunca afirmar sem provas seguras. Não o sugeri, evitando constrangimentos para Sarangerel, mas pensei, esse general-ministro era capaz mesmo de tudo, conheci demasiada gente assim.

– Porque Altan? – perguntei despropositadamente, mas para mudar o rumo da conversa.

Ela fez um breve sorriso, como uma moça apanhada em falta. Para disfarçar ou ganhar tempo, foi a uma outra mesinha e trouxe uma moldura com uma fotografia. Uma jovem senhora, alta e com olhos ligeiramente rasgados, com duas crianças pela mão.

– Altan e os teus netos.

Voltou a sentar e deixou-me a moldura nas mãos. Achei a minha filha muito bonita. Teria a mesma opinião se fosse filha de outro? Os netos eram engraçados, mongóis de olhos azuis.

– Altan quer dizer ouro. Ela é mongol, tinha de ter nome mongol. E era o meu ouro, tudo que restava de ti.

Um homem gosta de fazer de duro. Sobretudo um general na reserva. E não general de gabinete e papéis, realmente um general de muitas batalhas. Mas uma frase dessas derrete qualquer blindagem. As lágrimas não

resistiram, derrubaram os diques da minha dureza. Sarangerel não me acompanhou nas lágrimas. Ficou a ver-me chorar, agarrado à fotografia. Até me sentir ridículo. Limpei os olhos, me levantei num impulso inconsciente.

– Vens amanhã almoçar?

O que podia dizer ou fazer? Aquiesci em silêncio. Dirigi-me para a porta de saída, sem me despedir, a moldura na mão.

– Podes levar a fotografia. Amanhã dou-te outras.

De costas levantei a moldura e abanei-a suavemente, gesto de despedida. Abri a porta da sala e lá estava o bófia guardando a saída. Nem esperei que ele se antecipasse para a fechadura. Tonto, alucinado, com vontade de chorar. Hoje digo, sempre saí cá um maricas chorão... Felizmente tinha havido apenas uma testemunha. E essa era testemunha de defesa. Sarangerel, nome de ave e mel.

Ou de luar.

O carro do protocolo militar estava à minha espera. Pedi para me levar ao Malécon. Deixei-o parado no primeiro estacionamento, fui andar ao longo do muro marginal. O mar estava agitado com o vento do norte. Vento vindo directamente da Flórida, a uma centena de quilómetros. Vento e frio, uma nortada. Talvez houvesse tempestade no Caribe, são frequentes. As ondas chocavam contra as rochas e a espuma saltava por cima do muro de protecção. Seria perigoso naquele dia atravessar o canal em barcos pequenos. Muitos o fizeram, por várias razões, no decorrer dos anos. E era desagradável percorrer o Malécon. Andei na mesma, me mortificando. Primeiro para lá, depois para cá. Quilómetros. O ar vinha impregnado de sal e respirava humidade. Pouca gente se aventurava nesse dia por aquele passeio, pouco disposta a apanhar uma molha. Só os malucos, os desesperados, alguns atletas treinando corridas, e eu. Tinha ficado molhado logo no princípio da caminhada, quando desprezei as primeiras gotas caindo sobre o fato. De volta ao carro, a roupa estava toda encharcada. A cara também e o cabelo. Por isso o militar meu motorista não notou as lágrimas. Deve ter apenas pensado, este companheiro é bizarro, gosta de se molhar com as nortadas. Como bom militar, porém, não exprimiu a opinião, conduzindo-me antes para casa.

No dia seguinte, desmarquei-me de uma ida a Camaguey, itinerário turístico da delegação. Tinha um assunto a tratar, foi o suficiente para calar os protestos dos meus camaradas. Deviam comentar entre si, que assuntos

podia eu ter a tratar em Cuba? Se fosse noutro país, haveria negócios, compras, cumplicidades. Mas em Cuba? O instinto nacional indicou, só pode ser mulher. Sorriam, cúmplices, com a malandrice habitual. E não estavam longe da verdade, no entanto. Se enganavam afinal nos detalhes, pois entre eles conversaram e chegaram a um consenso, devia haver um namoro antigo com uma das cubanas que nos apoiaram nos tempos difíceis, talvez uma médica ou uma professora, mais dificilmente uma militar. Soube mais tarde dos comentários. Nessa altura, já nem foi preciso corrigir suposições, a verdade seria quase pública.

O fato usado na véspera tinha secado e as calças de novo vincadas pelo serviço da casa de trânsito. Na habitual imprevidência, não trouxera outro. E não parecia bem ir almoçar a casa de um embaixador sem fato ou traje tradicional. Também é verdade, uma *guyabera* bastaria, o informalismo dos cubanos contaminando o corpo diplomático. Mas quis levar fato e gravata. Pena já não estar no activo, senão iria de farda. Para impressionar. Quem? Sarangerel não seria, certamente.

Os ares fortes de Cuba faziam-me idiota, sem dúvida.

O mesmo bófia veio abrir a porta. Sarangerel vinha acompanhada do marido receber-me solenemente. Nos olhámos um ao outro. Tentei não medir o embaixador de alto a baixo, como se faz a um adversário desconhecido. Desejo quase impossível. Queria apenas ter olhos para ela, mas a presença masculina me impedia. Os modos dele me pareceram no entanto cordiais. Pelo menos o eram as palavras.

– Bem-vindo, general – disse num russo melhor que o meu. – Há muito queria conhecer o pai biológico da nossa querida Altan.

Sentei na mesma poltrona da véspera, remoendo pensamentos. Essa de pai biológico é já para me retirar quaisquer direitos, conheço a música. E se quisesses mesmo conhecer-me, tinhas conseguido, meu sacana, pois dispunhas de muito mais meios que eu. Tinha realmente pouca vontade de ser condescendente, mas percebi rápido estar de facto a ser injusto, o pobre homem não fazia até então a menor ideia sobre a minha existência, eu era um tipo desaparecido na voracidade de uma guerra. Se nem a mulher sabia de mim... Eu era naquele momento um poço de contradições, navegando entre a vontade de ser agradável (*civilizado*, diria Sarangerel) e o ciúme corroendo os nervos.

Há desculpa.

Vieram os aperitivos. Aceitei um uísque, embora tivesse vontade de pedir uma vodka, talvez até mais apropriada à ocasião. Considerei o caso como uma imagem, eu estava a usar alegorias, tudo fazia com intenções e subentendidos. Se falávamos russo, então bebia uísque. Se tivéssemos escolhido o espanhol, talvez pedisse gin. O mongol, nas prudências, escolheu água tônica.

São muito comedidos, os diplomatas, sempre atentos, na defensiva.

Sarangerel tinha ido saber do almoço e nos deixou entregues às bebidas. E a uma conversa se adivinhando difícil. No entanto, havia uma escapatória. Há sempre, nessas ocasiões. A situação política de ambos os países seria o tema. Então como vai a Mongólia e então como vai Angola? E cada um tentou explicar ao outro os caminhos e experiências da passagem de regimes autoritários para democracias pluralistas. Ele era embaixador e tinha de pintar de cor-de-rosa todos os tropeços do complexo processo mongol. Eu nem político já era, estava livre de relatar o que pensava, mas sempre segui uma máxima, só falo mal do meu país entre os meus. Ainda por cima, ia de boleia numa delegação governamental. Descrevi pois o processo com as cores mais optimistas que consegui arranjar, apesar de tantas dúvidas e amarguras. O embaixador não escondeu a crise provocada no regime mongol pela Perestroika de Gorbatchov, que os apanhou desprevenidos, sem uma burguesia capaz de segurar o leme. Explicou os jogos escondidos nos bastidores da política e a maneira como encontraram algum equilíbrio, ainda precário. Eu contei algumas cenas de guerra e o conturbado processo que provavelmente nunca deixará de o ser, com todo o realismo. Havia conversa para um almoço inteiro.

E foi o que realmente aconteceu.

Comemos entradas, sendo hoje incapaz de as enumerar, *hushuur* certamente, sobremesas e cafés com digestivos. Mas só recordo uma conversa agradável, sem escolhos, sobre política, assunto cheio de pontos de convergência, até mesmo o escândalo das eleições americanas fazendo Bush cassumbular a vitória a Al Gore, pouco tempo antes, ali pertinho, na Flórida, para tentar meticulosamente espalhar toda a merda pelo mundo. Muito democratas, riu o embaixador, riu Sarangerel, e eu ri também. Era uma inconveniência protocolar da parte dele, mas entre amigos os embaixadores permitem-se a um dado momento baixar a guarda e dizer o que pensam, pelo menos sobre países terceiros. Aliás, falar verdades sobre

as burrices dos Estados Unidos na época Bush deixou rapidamente de ser desdiplomático, apenas frases óbvias para entreter. E se havia microfones coscuvilhando a nossa conversa, certamente não seriam norte-americanos, podíamos estar tranquilos!

Num bom almoço a tranquilidade é importante, ajuda a digestão.

Durante todo o tempo, esperava um gesto do meu anfitrião indicando mudança de conversa. Para assuntos mais pessoais, perturbadores. Mas tal não se verificou até ao fim. O convite de Sarangerel era mesmo só para aquilo, que nos conhecêssemos, que não fôssemos bichos estranhos um para o outro. Eu imaginava, ao menos a evocação da minha filha apareceria pelo meio, mas só aconteceu no fim, quando a mãe me passou um envelope para as mãos, tens aí fotografias de Altan e dos filhos. Sem mais comentário. O marido sorria, condescendente. Preferi travar o impulso inicial de abrir o envelope à frente deles. Não abri, pois podia exprimir alguma comoção. É sabido, pelo menos consta de todos os exemplos de estereótipos entre culturas, os africanos são expressivos em demasia, enquanto os orientais são extremamente reservados. Ver fotos da minha filha podia originar alguma debilidade emotiva, quanto mais não fosse um soluço reprimido, um engolir de saliva precipitado, um humedecimento do olhar, quando devia apenas sorrir diplomaticamente, fria e cinicamente. Numa palavra, fazer de filho da puta controlado. Fiz.

Se pensam que me gabo, estão enganados.

Nos despedimos civilizadamente. Partiria no dia seguinte para Luanda e a minha missão estava cumprida: tinha visto Sarangerel, recebi notícias da minha filha. Ela não sorriu na despedida. O marido sim, estava satisfeito com o tom cordato do encontro, talvez supondo se confirmar como um óptimo diplomata. Até podia ser, quem sou eu para julgar? Fingi indiferença amigável, me voltei no passeio para lhes fazer um adeus simpático, *civilizado*, entrei no carro.

Com vontade de morrer.

Estava no quarto de hotel, à noite. Os da delegação tinham um jantar de despedida, mas arranjei uma desculpa. Dores. Requisitei uma garrafa de rum e de vez em quando telefonava para o serviço de quartos a pedir mais gelo. A garrafa já ia adiantada e contava acabar com ela antes de partir para Angola. Como dizíamos nos tempos da guerra, se tratando de uma garrafa de bebida, nunca se deve deixar um prisioneiro ferido nas nossas costas, ele

pode disparar à traição.

Tocou o telefone.

Era Sarangerel.

– Não nos despedimos – disse ela.

– Pois não. Enfim, não como eu queria...

– Falei com o meu marido. Ele compreendeu.

– Compreendeu o quê?

Silêncio prolongado. Repeti a pergunta. De novo um curto silêncio. Depois ela falou de um jacto, para não dar tempo ao arrependimento.

– Quero ir ter contigo a Angola. Arranjas um visto de entrada?

O silêncio agora foi meu. Certamente tem relação com a idade, os velhos não reagem tão rapidamente aos estímulos ou às surpresas como os jovens. Ou efeitos do rum. Uma confusão se estabelecia na minha cabeça e era incapaz de a deslindar. Qual o significado de tudo aquilo? Sarangerel ir a Angola? Perante o meu silêncio de incredulidade total, ela insistiu, com voz mais firme e pausada.

– Se me arranjares visto de entrada, vou visitar-te a Angola. Tu vieste visitar-me. Eu retribuo.

– Visitar?

– É uma maneira de dizer. Visito e fico para sempre. Aceitas?

Agora a intuição, negada com ferros por medo da desilusão seguinte, se transformou em certeza. Suspeitara de alguma revelação inusitada quando percebi ser ela ao telefone. Apenas não queria acreditar. Sofri demasiados desapontamentos na vida para crer à primeira num milagre. A intuição afinal era verdadeira.

– Espera. Vou ter contigo.

– Não. Já é tarde e vais partir de manhã cedo. Eu vou visitar--te em breve. Trata do meu visto de entrada.

– E despedimo-nos assim?

– Assim mesmo, pelo telefone. Vou enviar-te um e-mail com os dados do passaporte. Até breve, meu amor.

Ainda tentei falar, reconfirmar o confirmado, mas ela desligou o telefone, tinha urgências. Seriam dúvidas, temores? Para não ser ouvida por estranhos, de casa dela ou das escutas? Esses serviços eram activos e curiosos, já se sabe. E fomos claros ao falar, não usámos códigos nem alusões. Hesitei. Não seria difícil obter o número da residência do

embaixador da Mongólia. Talvez até fosse difícil, sim, normalmente se tratam de números confidenciais. Mas não fazia sentido telefonar e ser o marido dela a atender. Situação constrangedora. Não. Ela prometeu enviar um e-mail, mas eu nem possuía o dela. Dera apenas o meu no cartão de visita. Tinha de confiar em Sarangerel. Se não confiasse nela, em quem poderia confiar? Confiar e esperar.

Tinha esperado uma vida inteira, ou alguém já se esqueceu?

Para esperar melhor, existem felizmente garrafas de rum pela metade.

Ele respirou fundo como os grandes peixes

Deu voltas frenéticas nas águas profundas

Respirou devagar devagar

Enovelou o suspiro no espírito

Rompeu de pedra a porta

Ousou enfim olhar o futuro.

Existia.

A ESCOLHA

Apesar de não ter dormido e sentir uma ligeira ressaca pela garrafa inteira derrotada, devia apresentar qualquer traço revelador no rosto. Algo luminoso. Antes de embarcarmos, durante o pequeno-almoço, os meus companheiros de viagem e o próprio vice-ministro sorriam, coniventes, correu-lhe bem a estada, general, a sua cara não engana, reencontrou a felicidade.

Seria possível os serviços secretos cubanos terem já descoberto tudo e informado os kambas mwangolês? Não, assunto delicado de mais para ser assim tratado. E nestes aspectos de relacionamentos pessoais, os cubanos eram não só tolerantes como discretos. Ninguém da delegação descobrira

nada. A minha própria cara revelava os segredos, era evidente. Para quê esconder então?

– De facto a estada foi muito rentável.

Me odiei pela linguagem usada, parecia um frio homem de negócios, como se trabalhar numa empresa me tivesse feito vestir uma nova pele, de capitalista sôfrego. No entanto, os companheiros aprovaram, satisfeitos com a confirmação do meu sucesso.

Cuba nunca me traiu, essa ilha me dava de facto sorte.

Comemos com apetite a última refeição antes de enfrentarmos a longuíssima viagem. Os companheiros cubanos fingiam não partilhar do nosso apetite, mal provavam a comida, poupando mantimentos para futuras visitas, a ilha passava dificuldades que eles, por delicadeza, tentavam esconder. Assim é Cuba, assim são os cubanos, com seu orgulho, pobres mas não pedintes. Nem forretas.

Estava depois sobre as nuvens, no avião, mas como se pairasse dentro delas. De olhos fechados, acordado, gozando a consistência suave das nuvens, sentindo com complacência a minha companheira de algum tempo, aquela dorzinha nas costas que me lembrava estar acordado. O Atlântico é uma cama de plumas de cisne, o futuro é feito de plumas e nuvens e Sarangerel. Sarangerel. Não tinha outro pensamento, estava impregnado da sua presença. Como sempre. Uma vida inteira a sonhar com uma pessoa, imaginando um leito de plumas de cisne, tão macio, ou a sombra acariciante de um coqueiro. Ia ser difícil passar o tempo até à chegada dela.

Não foi.

A casa tinha de ser preparada. Era a residência de um solteiro empedernido e desleixado, que se preocupava apenas em ter um sítio onde morar, enfrentando críticas dos amigos e sobretudo das mulheres dos amigos, nem te importas como vives, pareces um miserável, quando afinal nem és. Agora a residência devia ser arranjada para receber uma senhora. Ainda por cima senhora embaixatriz, habituada a viver bem e no maior conforto, em palacetes. Mandeï pintar as paredes da casa por dentro e por fora. Comprei alguma mobília nova, sobretudo uma cama grande e móveis para o salão. Escolhi o estilo tradicional em madeira de luxo, nas improvisadas oficinas da beira da estrada para Viana, nuns artesãos que levavam os olhos da cara mas faziam mobílias únicas, dignas do rei do Kongo. Pedi a umas amigas para orientarem a disposição das coisas e o

fornecimento da despensa. Sobretudo, foi preciso ensinar Dona Dulce, minha empregada durante vinte anos, a ter hábitos mais sofisticados nas arrumações e outro cuidado com as limpezas e tratamento da roupa. A senhora só muxoxava, descrente na minha mudança para homem casado. As minhas amigas insistiam com ela:

– Vai ter de tratar bem deles, Dona Dulce, é como se fosse um casal de jovens, é a mesma coisa.

– Onde já se viu, um mais velho desses agora é que vai arranjar mulher? – refilava a senhora.

Antes ela passava a vida a chatear-me, porque homem a sério não vive sozinho, tem mulher e muitos filhos.

– Apesar de branco é africano e nunca vi africano sem mulher, pelo menos uma, duas até era melhor.

Falava assim apenas para manter as aparências, pois correra com um marido que tinha arranjado outra mulher além dela. E lhe dava jeito o meu solteirismo, tinha pouco trabalho e nenhuma dona de casa a controlar. Agora que eu ia amigar, ela refilava, já era velho de mais... Típico! Coisa grave para ela, tinha desencaminhado mulher alheia, no outro lado do mundo. Esperava que ao menos simpatisasse com Sarangerel e se entendessem. Até certo ponto era problemático, pois estava comigo desde a transferência do Lubango para Luanda e considerava ter certos privilégios que talvez perdesse com a presença de outra mulher. Estes problemas caseiros e algum trabalho a mais no serviço fizeram que o tempo voasse, até ela chegar. Quanto ao visto não houve problemas, ela obteve-o com facilidade. Ou obtive eu para ela, dava no mesmo.

E chegou.

Era Abril, um dia de sol pleno e relativamente fresco para a estação. O tempo foi clemente para o seu primeiro encontro com a minha terra. Pena não ter sido no Lubango, onde Abril é ainda mais azul e fresco e cheira logo a todas as frutas e flores do país. Não se pode ter tudo na vida, por isso chegou apenas a Luanda. Devo confessar, até a ver sair do avião, não acreditava totalmente no tal milagre prometido. Eram muitos anos de descrença e à última hora acontecem sempre imponderáveis que atrasam uma vida de uma vida. Mas ela veio mesmo e pôs os pés em terra e eu percebi, venceu-os bem, marcou território, naquele jeito seu, aqui eu devia ter chegado muito antes mas agora é meu esse chão. Não pousou os pés,

enterrou-os no asfalto do aeroporto. Um dia irei ver o sítio para reconhecer as marcas, elas têm de estar lá. Não se chega a um país da maneira determinada como ela chegou sem deixar um vinco no chão.

Gostou da casa, gostou de Dona Dulce, gostou do cheiro, do clima, da balbúrdia da cidade, do nosso desgoverno e indisciplina de todos os dias, gostou de tudo. Estava num sétimo céu que nunca tinha conhecido, me confessou um dia. Era uma África diferente da que tinha imaginado, mas todos nós sabemos como África sabe se transformar naquela que cada um tem dentro de si. E, afinal, a que estava dentro dela era a melhor imagem de África. Talvez resquícios da terra que lhe fui revelando em Moscovo, da minha meninice lubanguense, e cujas recordações guardava mesmo em fiapos.

Dona Dulce também se entendeu rapidamente com Sarangerel. Sabiamente, dividiram os espaços e as respectivas competências, como só podem fazer as mulheres, mesmo sem falarem a mesma língua. Uma preocupação a menos para mim.

Os filhos, por outro lado, segundo Sarangerel, tinham compreendido a opção da mãe, depois de ela lhes ter demoradamente contado os mambos. O marido também foi estupendo, um verdadeiro kamba. Lhe concedeu o divórcio sem litígio, agradecendo mesmo os anos bons que lhe tinha proporcionado. Me pareceu um pouco exagerado, mas, enfim, ainda há maridos compreensivos, talvez. Altan ansiava por me conhecer e dar a conhecer os meus netos. Combinámos então um encontro de toda a família dela (com excepção do antigo marido, obviamente), na Itália. Um dia lá fomos e estivemos duas semanas de férias todos juntos. Acho, nenhum ficou muito desiludido com as relações tecidas, embora pudessem surgir alguns desentendimentos ligeiros e pontos de fricção entre pessoas tão diferentes e vivendo uma experiência singular. Notei sobretudo um sorriso cúmplice nos olhos da minha filha quando eu abraçava a mãe dela. Foi o meu maior temor no princípio, imaginar como Altan ia admitir as coisas novas. Mas eu devia ter aspecto confiável, ela me aceitou imediatamente como pai. Não só biológico, mas pai.

Sorte dela, tinha dois pais verdadeiros.

Foi o que me disse uma noite, estávamos nós sozinhos sentados na varanda de um hotel em Nápoles, olhando o mar coalhado de luzes dos veleiros e iates milionários.

– Há muita gente que nunca conheceu o pai, eu porém tenho muita sorte, arranjei dois. Não te importas, pois não?

Várias vezes lhe disse, não me importo, antes fico contente pois te faltei durante demasiado tempo e felizmente te encontraram outro.

– Não foi culpa tua, todos sabemos agora, e eu só fico a ganhar com isto tudo – repetiu ela.

Nem um reparo aos anos da meninice em que cresceu só com mãe, o que é muito complicado por vezes. Nem um reparo nem um queixume. Nem sequer raiva em relação ao avô ministro, verdadeiro culpado da situação. Altan tinha herdado a força da mãe criadora de cavalos, senhora da estepe que não admite queixas nem gemidos.

Tirámos fotografias desse tempo em que os filhos de um e de outro com respectivas proles estiveram reunidos em férias na Itália. Fotografias que agora preenchem vazios.

E voltámos, apaziguados, para Angola.

Só então Sarangerel contou a verdade sobre a sua separação. Nem tinha sido tão fácil como me parecia, nem o marido tão compreensivo. Nem sempre as minhas intuições são falsas, afinal. Em Cuba, quando ela lhe disse, encontrei a camarada Esmeralda que me informou sobre o Júlio, e lhe explicou das minhas insistências em saber dela, o marido ficou a roer as unhas. Se percebia, ele estava nervoso, querendo saber mais, mas manteve o mutismo. Ela só contou isso, não voltou a insistir. Mas a casa não era a mesma, pesava sobre ela algum espírito maligno, uma má vontade permanente. Os risos desapareceram, as respostas desabridas se sucediam. Ela não tinha feito nada de mal nem sequer pusera em questão o casamento. Mas o marido adivinhava e o humor mudou. Tinha ciúmes. Não dava para os expressar, apenas senti-los e engolir.

As mulheres são consideradas as intuitivas, mas muitas vezes os homens também adivinham, fingem é que não.

Quando eu apareci na casa dela, em Havana, o mundo lhe caiu em cima da cabeça e ao mesmo tempo o céu se abriu em luares azuis. Percebeu, nada estava terminado. No entanto, era toda a sua vida que fugia pela janela, o passado varrendo tudo à sua passagem. E por isso me mentiu. Não era verdade que tinha conversado com o marido, não era verdade que o marido quisesse me conhecer. Ela forçou o destino, me convidando para almoçar no dia seguinte. Contou à tarde ao marido e este berrou como um urso ao cair

numa armadilha. A exigência dele era simples e decisiva. Ela devia telefonar a anular o almoço, nunca se sentaria à mesa comigo. Ela usou então o mesmo argumento que para comigo. Gente civilizada discute os mambos. Anular o almoço era uma prova de fraqueza por parte dele, inconcebível para um embaixador de carreira. Ele amansou, reflectiu, finalmente aceitou.

O almoço correu melhor do que ela podia desejar, apertando as mãos para esconder os tremores, falando o mínimo pois a voz podia trair a sua emoção contida. A todo o momento pensava, o Júlio está enganado sobre a boa vontade do meu marido, vai dizer alguma coisa e tudo rebenta no ar. Por isso conseguiu ajudar o embaixador na sua tarefa de manter uma conversa o mais impessoal possível. Correu bem o almoço, ninguém discutiu futuros, cada um com a sua ideia diferente e os mal-entendidos. Por isso a despedida foi amistosa. O marido achava, Júlio regressa definitivamente para Angola e acabou o pesadelo, a vida volta à normalidade. Eu partia de casa, desorientado, mas também considerando ser apenas uma página virada na vida dela. E ela montava a jogada.

Ao me telefonar, anunciando a viagem a Angola, não tinha sequer falado com o marido. Precisava de trabalhar a cabeça dele, mas com tempo e paciência. Mas não me podia deixar ir sem uma esperança. Mais, ao telefonar, tinha dado mais, tinha prometido uma vida. Depois se arrependeu de tanta certeza. No entanto, a decisão estava tomada e ao me comunicar se tornara irrevogável.

Discutiu então com o marido os termos da separação. Ele foi apanhado de surpresa, realmente pensava ser assunto arrumado. Fez chantagem, que a proibia de voltar a ver os filhos, que podia remover montanhas para a impedir de pôr os pés na Mongólia, rogou, chorou, tudo no meio das piores ameaças. Ela entretanto esperava o visto de entrada em Angola e ia insistindo no jeito particular dela, aos círculos. Finalmente ele cedeu. Era melhor aceitar as coisas a bem do que entrar num processo judicial complicado podendo prejudicá-lo politicamente. Pois ela poderia fazer constar publicamente a cena do rapto em Moscovo e ele aparecer como alguém tendo aproveitado dos métodos totalitários usados antes no país, perdendo assim a imagem positiva que deve ter um embaixador de um país democratizado. Estava armada a ratoeira de Sarangerel. Chantagem dele ameaçando esconder os filhos? Chantagem envenenada dela para retribuir.

Ele cedeu, pois, pela via política. Só então ela contou os seus planos aos filhos, os quais logicamente se revoltaram no princípio. Ela primeiro foi aos Estados Unidos e convenceu dificilmente o filho. Em longos telefonemas, obteve o mesmo da filha. Quanto a Altan, foi mais fácil, um só telefonema bastou, pois já antes lhe tinha podido explicar que afinal eu existia. Se existia, teria de entrar na vida delas, pelo menos na de Altan, mais cedo ou mais tarde.

Esta era a verdade.

Hesitou em me contar e até ficou admirada por eu ter acreditado piamente na extraordinária boa vontade do marido. Hoje, até compreendo que ele aceitou, mesmo assim, com relativa facilidade, outro tipo teria reagido muito mais violentamente, conheço os homens despeitados. É verdade que ele era político ou aspirava a uma carreira política. Nestes casos, vale mais a perspectiva de carreira que uma mulher. Sendo embaixador ou mesmo ministro, arranjará outra mulher mais nova com relativa facilidade, pensamento de político. Oh, conheço o género, seja europeu, africano ou mongol.

Entretanto tinha acabado definitivamente a guerra, aquela que eu tinha previsto estar ganha há muito tempo e só o seu fantasma ainda estrebuchar em resistências inúteis, pela vontade doentia de um aprendiz de ditador e seus temerosos serviçais. O fantasma se aquietou um dia e o silêncio da paz caiu de repente sobre a terra martirizada. O que também não deixava de ser estranho, pela surpresa da novidade. Mas nos habituámos rapidamente. Se fomos capazes de nos habituar a uma guerra quase eterna, porque não nos habituáramos ao silêncio da paz? Os ouvidos dos militares foram os primeiros a se adaptarem ao parar dos tiros e bombardeamentos, o resto seguiu depois.

Os ouvidos militares adivinham melhor os silêncios.

Já antes o país estava agitado em crescimento e tráficos de todo o género. Mas depois da guerra explodiu em empreendimentos, legais ou nem tanto. A paz atraiu muita gente e negócios. Para minha surpresa e deleite, caiu um dia lá em casa o Moussa, amigo senegalês com quem estudara língua russa em Moscovo e que considerava perdido para sempre. O engenheiro electrotécnico era dono da sua própria empresa, embora pequena, e tinha vindo com uma equipa propor um negócio. Perguntou por mim aos seus interlocutores locais e acabaram por lhe indicar o meu endereço, mas só na

véspera da partida. Ficou feliz ao saber da minha estória e de Sarangerel.

– Lutámos para vos reunir mas falhámos em Moscovo. Felizmente conseguiram.

– Só agora, Moussa, só agora.

Ficou para jantar, evidentemente. Falámos a noite toda, só os três. Como ele casou com uma russa, continuava à vontade na língua. O mais burro dos três era eu, apesar de algum contacto com os assessores soviéticos primeiro, russos depois. Com Sarangerel cada vez menos, à medida que o português dela melhorava. Havia muita informação a partilhar entre os três e Moussa partia no dia seguinte, por isso só nos despedimos depois de tomarmos o mata-bicho. Entretanto fiquei a saber que ele tinha percorrido uma quantidade de países africanos, sobretudo da zona do Sahel, sempre na mesma firma francesa de electrónica. Ganhou muita experiência na profissão mas se sentia diminuído, humilhado mesmo, pois não podia sequer chegar a director de serviço ou posto equivalente, embora os salários fossem interessantes. Os altos cargos estavam destinados a franceses de raiz, inútil sonhar em subir. Decidiu então arriscar tudo numa empresa com sócios senegaleses, unicamente. Tinham conseguido alguns contratos no seu país e nos vizinhos, agora tentava expandir os negócios. E jogava forte, se afastando decididamente da sua região, porque algo do passado lhe dizia ser Angola uma terra promissora. Era a primeira vez que vinha e estava espantado com a maneira de negociar aqui. A proposta que trazia era boa, sabia, ele próprio a tinha melhorado lutando muito com os sócios, os quais queriam logo lucrar, enquanto ele achava melhor se implantar com uma actividade útil e barata, sobretudo de forma honesta. Mas as autoridades com quem contactou não mostraram interesse sobre esse assunto, ligado a telecomunicações, Internet e telefonia móvel mais especificamente. Alguém finalmente lhe explicou o mambo. Uns chefões queriam apenas tratar com uma grande empresa multinacional, pagando suculentas comissões aos indígenas com poder político, inflacionando os custos orçamentados das operações e lucrando todos, em detrimento do Estado angolano. Contra tubarões desses ele não podia lutar e voltava para o Senegal, triste com uma experiência fracassada. Falámos muito sobre casos como esse, acontecendo um pouco por toda a África. Moussa era da minha opinião, era mais difícil ver duas empresas africanas cooperarem do que uma africana com uma europeia, o mesmo se passando com os Estados africanos entre si.

– Pobre África, viramos as costas uns aos outros e quem lucra é o antigo colonizador.

Tentei animá-lo a experimentar mais uma vez, talvez mais tarde, eu poderia apresentar-lhe gente um pouco mais séria, quem sabe! Ele sempre tinha sido bem-educado e condescendeu. Mas percebi, era apenas para não me entristecer. Também me anunciou ter voltado à sua antiga religião, mas deixando a mulher e filhos crerem no que quisessem.

– Sou um muçulmano liberal, tu sabes. Portanto, sou o único muçulmano lá de casa...

Eu conhecia o seu grande coração, por isso acreditava, ele nunca imporia as suas crenças ou ideias aos outros, mesmo sendo filhos. Nos despedimos com lágrimas nos olhos, até Sarangerel que só o vira uma vez em Moscovo em circunstâncias dramáticas, mas o conhecia profundamente das minhas recordações.

No ano seguinte, a família de Sarangerel, e agora também minha, chegou para a visita combinada a Angola. Vimos então algum país. Andámos um pouco para norte, onde Cabinda nunca podia faltar com o meu amado Mayombe sempre pujante, parecendo respirar profundamente embebido em névoas e humidades, e depois fomos para leste, visitar chanas alagadas e rios tranquilos passando no meio delas, até terminarmos no Sul, no meu berço, a Serra da Chela. Ainda era complicado viajar de carro por todos esses sítios, com estradas esburacadas ou camufladas pela força da natureza entregue a si própria e pontes destruídas pela guerra. Usámos portanto muitas vezes o avião.

Fizemos um grande almoço na casa onde nasci, unindo as duas famílias. E em seguida fomos em procissão visitar a Tundavala e o campo das estátuas de pedra, terrenos preferidos da minha meninice. Altan, a quem eu tanto falara sobre as paisagens, aprovou depois da visita, isso sim, foi uma infância feliz.

Os parentes de Sarangerel estavam encantados com o vigor e exuberância da terra e a variedade das paisagens, pois se podia passar na mesma jornada da mais densa floresta tropical para a estepe e o deserto semelhantes aos da pátria deles. Claro, nas faces dos nossos filhos notávamos por vezes também a contrariedade da descoberta da miséria humana elevada ao máximo dos expoentes. De gente sem pernas por causa das minas vivendo em aldeias quase abandonadas. De crianças indo descalças pelas avenidas e

com ventres inchados pela fome e os vermes. De velhos decrepitos e seminus vagando pelos vazios da existência. De lixos fétidos percorrendo ruas. De doenças se propagando pelos rios e ares contaminados. Tentámos explicar o que significava tudo isso para um país demasiado tempo se autodestroçando, enquanto alguns poucos privilegiados se opulentavam pornograficamente e sem vergonha ou remorsos. Espero, entenderam o essencial. Eram pelo menos muito bem-educados e não faziam os ares superiores de alguns europeus nos visitando e só faltando porem máscaras nos narizes para não cheirarem os nossos males. Eles ao menos respiravam e tinham a honestidade de dizer, que fedor! Conheci francesas que usavam lenços com perfume e diziam *quelle merveille, je suis ravie de connaître un vrai pays africain*.¹² Só faltava gabarem a qualidade do ar, tão puro afinal, depois de passarem nos seus filtros. Os nossos filhos e netos não, tinham a frontalidade da juventude sem complexos e diziam o que pensavam. Felicitei Sarangerel pela educação que lhes dera. Ele também ajudou muito, me disse ela com toda a simplicidade, se referindo ao ex-marido embaixador. E não senti ciúme, apenas um mudo agradecimento a um homem que tinha sabido ser o pai que não fui. Que não me deixaram ser. Nesse momento percebi ter deixado de vez os ressentimentos, agora despropositados, e aceitei plenamente o passado de Sarangerel. Nem sempre é fácil aceitar o partilhado passado de outrem. Estava aquietado.

Também eu finalmente em paz.

Ele já não contemplava o futuro ao longe

Ansiando por sua chegada

Tinha o futuro na palma da mão e apertava-a.

Nem as pombas escapam de mão bem apertada

Pombas brancas, bem entendido.

Deixei o emprego, para tristeza dos meus patrões e amigos, os quais contavam comigo para aumentarem os seus negócios. Propuseram uma mudança, apenas meio tempo e mesmo salário, com muitas conversas de convencimento. A minha decisão, porém, era irreversível. Só me restava tempo para Sarangerel e possuía dinheiro suficiente para manter o nosso nível de vida, modesto mas digno. Sabia, os dois exigíamos pouco e a reforma como militar, acrescida da pensão de antigo combatente, bastava e

sobrava para vivermos como gostávamos. Só uma coisa me faltava, tempo. A dor nas costas era um aviso, urgia viver.

Passado o terceiro ano de vida em comum, o qual voava como o tempo que os jovens desconhecem de dominar, me obriguei a uma consulta no Hospital Militar por causa da dor aparecida nas costas tempos antes, me parecendo ser o momento de enfrentar também essa verdade mal escondida. Vários companheiros sentiam o mesmo tipo de dor, por nós atribuída a lesões na coluna vertebral, lesões aliás confirmadas pelas radiografias. De facto, tinham sido muitos anos a marchar e saltar com mochilas pesando trinta quilos, isto na altura da guerrilha. Depois, durante a guerra civil, foram muitos quilómetros de jipe ou camião em más estradas, quando não era apenas por mato sem picada. As costas se ressentiam dos esforços exagerados. Ultimamente a dor tinha aumentado, já não era aquele sinal de companheirismo vindo de um passado orgulhoso. Por isso me decidi a consultar um médico amigo, sem nada dizer a Sarangerel.

Muito rapidamente e com poucos exames, pois as condições técnicas eram deficientes, o médico-chefe chegou a uma conclusão. Era camarada dos tempos da guerra, habituado às ordens e falas cruas, não esteve com meias medidas, disparou como um canhão B10, tens um cancro muito avançado.

Estava relativamente preparado para coisa parecida, aquela dor contínua não anunciava nada de bom, há tempos me parecia mais do que reflexos da coluna queixosa. Mas, mesmo assim, a notícia foi uma tremenda pedrada na cabeça. Todos no fundo contamos com passes de magia em momentos difíceis, ou no acordar seguinte a um pesadelo. Não era pesadelo, não precisava de acordar, só tinha de me controlar. Chamei em meu socorro todos os espíritos conhecidos e suportei o choque sem denotar que me enfraqueciam as pernas, me secava a garganta e o cérebro ameaçava desfalecer. Num esforço de manter dignidade, pedi segredo ao médico, como lhe competia. Ele insistiu, vai ao estrangeiro fazer mais exames e um tratamento, não temos condições no país para combater isso. Segundo ele, e eu não tinha razões para duvidar, a doença começara num pulmão mas estava espalhada por outros órgãos.

– Os dois sabemos o significado e como isto acaba, portanto para que me estás a aldrabar? – critiquei.

O médico baixou os olhos, petrificado com a minha clarividência. Já vos

expliquei, às vezes eu era muito rápido. O companheiro não disse, mas o seu silêncio indicava, me concedia alguma razão.

– Dá-me masé qualquer coisa forte para as dores e deixa o resto comigo – insisti.

Ele forçou-se a repetir, no estrangeiro talvez... Sabia perfeitamente não me poder convencer, mas lhe competia tentar alguma esperança. Quase lhe arranquei os analgésicos e fui para casa, tinha estado uma manhã inteira no hospital, longe de Sarangerel. Ausência demasiado grande, demasiado pesada.

Não era fácil esconder as dores. Sempre fui estóico e os comprimidos ajudavam. O problema principal não eram as dores, coisa que temos sempre no decorrer da existência, até a dormir, e nem notamos. Ou esquecemos facilmente. O problema era a fraqueza que por vezes me dava e tinha dificuldade em esconder. Sorria quando me doíam as costas ou o peito, sorriso disfarçando a careta. Mas o que fazer quando tropeçava ou empalidecia? Sarangerel se inquietava, estás bem? E eu rindo, claro que sim, olha, vamos à ponta da Ilha beber um copo. A qualquer hora do dia ou da noite, pois o relógio deixara de marcar os nossos passos, atravessávamos a cidade para ir a uma esplanada de praia sorver uma caipirinha ou uma cerveja. Aí diferíamos. Nunca consegui fazer Sarangerel apreciar cerveja gelada, gostava dela ao natural, como os ingleses ou alemães. E nós só a bebemos próxima do grau zero. Ríamos dessa diferença permanente e intransponível. E fazíamos as pazes em seguida com um mojito cubano ou uma vodka gelada, terreno de preferência comum.

Quando fui parar ao hospital, pela primeira vez levado por uma ambulância, por me encontrarem inconsciente no chão da sala, o médico-chefe falhou à palavra dada e contou a verdade do meu estado a Sarangerel, sem muitos rodeios nem paninhos quentes. Ela esperou que me recompusesse para puxar a discussão, a zanga fingida tentando ocultar o desespero.

– Porque me escondeste isso? Não tinha o direito de saber?

Apesar de pertencer à agreste estepe mongol, desconseguia de reter as lágrimas nos olhos. E as recriminações saíam forçadas, fruto de um pacto social mas não sentido.

– Tens razão em estar chateada. Reconheço e peço perdão. Mas temos tão pouco tempo juntos, para quê estragar o que nos resta com preocupações e

tratamentos demoradíssimos? Ainda não há milagres comprovados e a cura neste estado da ciência é impossível, o médico é o primeiro a reconhecer. Sabia, mesmo antes de me terem dito, pode ser questão de meses ou dias. Ia gastar essa eternidade num hospital, talvez longe de ti? Era a imagem que ficava para ti dos nossos últimos tempos em conjunto? A das paredes brancas de um hospital e de uma cama com tubos pendurados e eu a definhar? Não, assim é melhor.

Ela chorava.

– Vamos aproveitar o tempo que nos resta. Os comprimidos tiram-me as dores. Quando acabar, acabou. Mas viveremos bem nem que sejam dois dias.

Ela chorava, mas dizia com a cabeça que sim, ia fazer mais como então? Compreendia.

Quem não compreenderia?

O tempo restante foi complacente, talvez por influência dos espíritos libertados da Mapunda ou do campo das estátuas, não houve muitas dores nem desfalecimentos, apenas uma ou outra fraqueza, que já não procurava esconder. Vivíamos juntos, vivíamos felizes. Altan ainda veio visitar-nos mais uma vez, mas sozinha. Era a despedida do pai que teve por tão pouco tempo. Fizemos os possíveis por nos divertir, fruindo a magia de cada instante. Altan regressou à Mongólia e ficámos de novo os dois, desfrutando da presença do outro. Isso nos bastava.

Não era tanto?

[11](#) Bazar na zuna: escapar rapidamente. (N. E. B.)

[12](#) Que maravilha, estou encantada de conhecer um verdadeiro país africano. (N. E. P.)

EPÍLOGO

Tive uma infância feliz, livre. Vivi. Tive uma juventude de luta por nobres ideias, persegui sonhos, vivi uma revolução empolgante. Tive um grande amor e desfrutei dele até me impedirem. Quando a pretensa revolução desmoronou, assistindo eu a toda a espécie de oportunismos, de ambições escondidas, de traições, a esperança louca nesse amor me deu força de desejar sobreviver, diferentemente de alguns homens bons que preferiram deixar-se morrer ou mesmo cometer o suicídio. E vivi os últimos quatro anos com Sarangerel, o amor da minha vida. Não me posso queixar. Outros, morrendo aos noventa anos, viveram muito menos, sem o saberem.

Foi o que lhe quis dizer quando me pegou pela última vez na mão. Mas eu já não tinha força para falar. Só os olhos. Com os olhos lhe disse tudo e ela percebeu. Sempre soube ler os meus olhos azuis. Deixei-a com os olhos, os quais ficaram definitivamente parados no rosto redondo dela, rosto de Lua Cheia.

São histórias que poderia contar vezes sem conta, como nas fogueiras de guerrilheiros. Talvez um dia o faça a quem souber ouvir vozes vagueantes por aí. Entretanto, deambulo em novas viagens. Etereamente. Agora sobre a Serra da Chela. Podia ir visitar as estepes da Mongólia, ou as montanhas Altai. Ou até planar sobre as ilhas do Pacífico. Mas não me apetece. Prefiro o Planalto a partir da Chela, as rochas de muitas cores, as falésias e suas cascatas, o verde dos prados, o campo das estátuas, o milho ondulado, as árvores retorcidas pelo vento. E pairar sobre a gigantesca fenda da Tundavala, fenda que aponta o deserto. E o mar. E aponta o Sul, o grande Sul. O Sul da minha vida.

Dezembro de 2008
Pepetela



PEPETELA

LUEJI

O NASCIMENTO DE UM IMPÉRIO



Lueji - o nascimento de um império

Pepetela

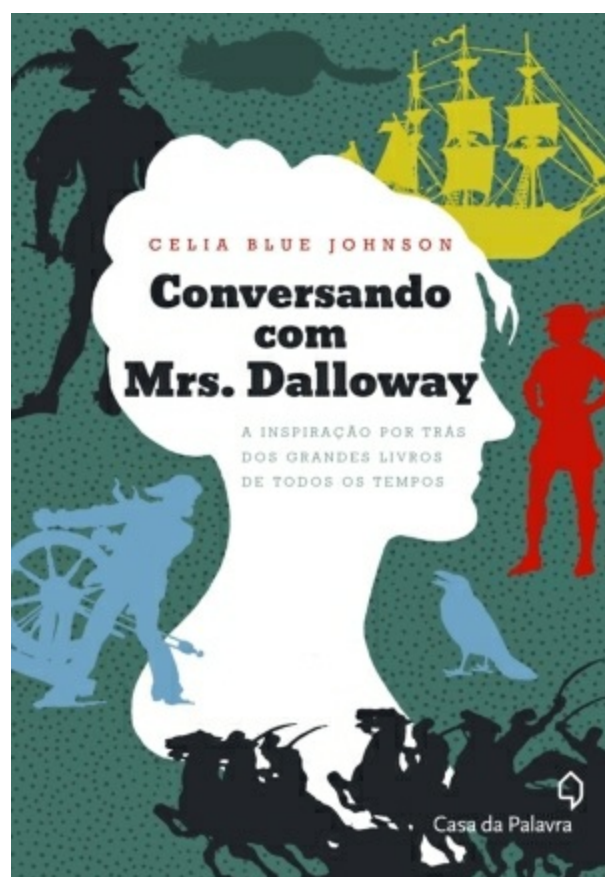
9788544101896

464 páginas

[Compre agora e leia](#)

Em Lueji, o nascimento de um império, Pepetela constrói uma narrativa original, revelando a história de duas mulheres, Lu e Lueji, personagens separadas uma da outra por 400 anos, mas unidas numa mesma trajetória: o confronto com o mundo e a busca por identidade. É por meio dessa intersecção, que extrapola os próprios limites do tempo na prosa, que o autor tece a História de Angola. E as lacunas deixadas pelo mito, pelo saber colonial e pela tradição oral são preenchidas pela fascinante ficção de Pepetela. Pepetela nasceu em Benguela, Angola, em 1941. Licenciou-se em Sociologia, em Argel, durante o exílio. Foi guerrilheiro pelo MPLA, político e governante. Desde 1984 que é professor na Universidade Agostinho Neto, em Luanda, e tem sido dirigente de associações culturais, com destaque para a União dos Escritores Angolanos e a Associação Cultural e Recreativa Chá de Caxinde. A atribuição do Prêmio Camões (1997) confirmou o seu lugar de destaque na literatura lusófona.

[Compre agora e leia](#)



Conversando com Mrs. Dalloway

Johnson, Celia Blue

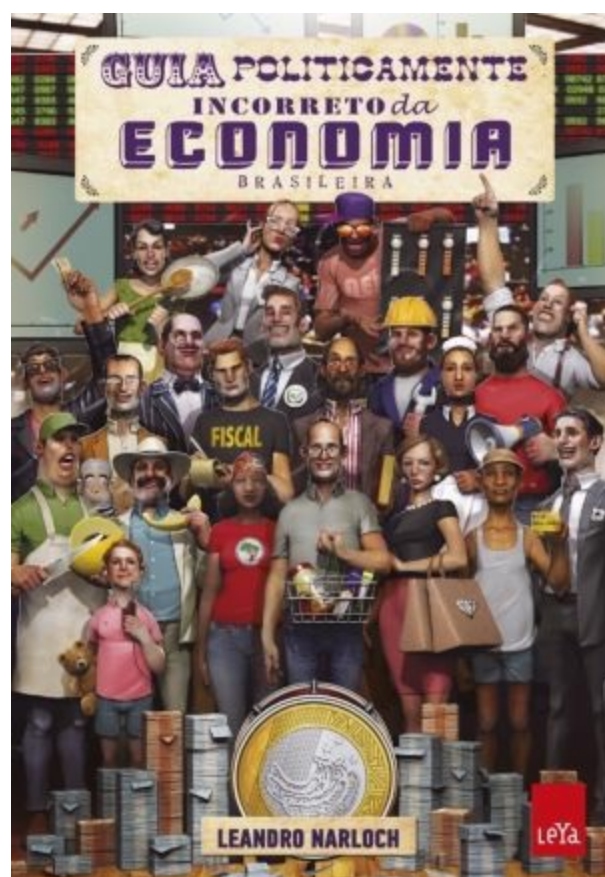
9788577343485

256 páginas

[Compre agora e leia](#)

A volta ao mundo em 80 dias, Alice no País das Maravilhas, Moby Dick, Crime e castigo, Orgulho e preconceito, E o vento levou. Todos esses livros resultaram de uma intrincada trama de imaginação, experiência e, muitas vezes, mero acaso. Mas o que os autores desses títulos de fato têm em comum é um intenso desejo de capturar a inspiração no momento em que ela se manifesta. São essas inspirações que Celia Blue Johnson apresenta neste livro. As histórias por trás de cinquenta clássicos, entre eles O fantasma da ópera, Jane Eyre, Frankenstein e O ursinho Pooh, revelam os motivos que levaram nossos heróis literários a pôr a pena no pergaminho, a caneta no papel ou o dedo no teclado da máquina para escrever alguns dos livros mais queridos que conhecemos.

[Compre agora e leia](#)



Guia politicamente incorreto da economia brasileira

Leandro Narloch

9788544102350

304 páginas

[Compre agora e leia](#)

Se amanhã você acordar com a estranha decisão de prejudicar os trabalhadores brasileiros, espalhar a miséria e a corrupção e aproximar o país do Apocalipse, saiba que assim estará lado a lado com diversas das leis e medidas econômicas que o governo pratica todos os dias e que têm como apoiadores ativistas corretos e políticos bem-intencionados. O bom mocinho é o maior vilão da economia brasileira. Foi com a intenção de desmascará-lo que nasceu este livro um guia contra as vacas sagradas do discurso econômico politicamente correto. Ao revelar os clichês econômicos repetidos diariamente por quem se considera herói contra a opressão, a desigualdade de renda e a insegurança da indústria nacional, Leandro Narloch mostra que é justamente por meio desses argumentos enganosos que perpetuamos o freio do desenvolvimento e do enriquecimento da população. Sobre o autor Leandro Narloch foi repórter da revista Veja e editor de Superinteressante e Aventuras na História. É autor do Guia Politicamente Incorreto da História do Brasil e coautor do Guia Politicamente Incorreto da América Latina.

[Compre agora e leia](#)

A HISTÓRIA OFICIAL QUE DEU ORIGEM AO JOGO

GOD OF WAR



ROBERT E. VARDEMAN

leYa

God of War II

Vardeman, Robert E.

9788580447699

384 páginas

[Compre agora e leia](#)

Após derrotar Ares e conseguir sua vingança, Kratos ascende ao Olimpo e torna-se o novo Deus da Guerra. Mas seus problemas estão só começando: humilhado e nova mente traído, o Fantasma de Esparta descobre o verdadeiro jogo dos deuses, no qual é apenas uma peça. Agora eles devem pagar. Renascendo dos mortos e abrindo seu caminho para fora do Hades, Kratos parte em busca do impossível: matar Zeus, o Rei do Olimpo. Para isso, o espartano deve encontrar as Moiras, aquelas que detêm o poder sobre o destino de todo o cosmos e que estão acima dos próprios deuses. Em sua jornada, Kratos terá de enfrentar criaturas de poder indizível e alguns dos maiores heróis gregos, como Teseu, Jasão e Perseu. Mas ele não estará sozinho em sua busca: uma força antiga ressurgue, dando início a uma aliança que fará o Olimpo tremer... Pode um simples mortal mudar seu destino? Encontre a resposta neste segundo volume da saga de Kratos, cujo fim guarda uma surpreendente revelação.

[Compre agora e leia](#)



A menina que não sabia ler

Harding, John

9788544100202

288 páginas

[Compre agora e leia](#)

Um acidente de trem. Uma identidade trocada. Os detalhes poderão mudar o rumo dessa história... Depois de viver presa num mundo obscuro, assustador e sem palavras em *A menina que não sabia ler*, a pequena Florence viverá uma nova e misteriosa aventura onde nada é realmente o que aparenta ser e todos podem se tornar inimigos em potencial. Mas onde ela encontrará uma saída? Um aliado? O misterioso médico John Shepherd busca um recomeço para sua vida em um lugar nada promissor — uma ilha que funciona como uma clínica psiquiátrica exclusivamente para mulheres. Nesse antro de segredos e sofrimento, Shepherd tentará esquecer seus pecados devolvendo a humanidade às pacientes. A primeira em quem vai experimentar sua doutrina de cuidados, o "tratamento moral", é uma atraente jovem pálida de cabelos escuros que não se lembra do próprio nome, fala de modo estranho e não consegue saber quando e como chegou àquele lugar. Por que afinal ela desperta tanto a curiosidade do médico? Entre pacientes mais inteligentes que as próprias enfermeiras responsáveis por elas, segredos por todos os lados e figuras assombrosas (e assombradas) percorrendo misteriosamente os corredores da clínica durante a noite,

as vidas de Florence e John Shepherd estarão mais ligadas do que podemos imaginar... Arrisque-se e tente achar uma saída no labirinto claustrofóbico criado em A menina que não sabia ler vol. 2.

[Compre agora e leia](#)



leYa

PEPETELA

SE O PASSADO NÃO TIVESSE ASAS

romance





Duas personagens femininas: Himba e Sofia. Dois momentos da história de um país: a guerra civil e o pós guerra.

Himba tem apenas treze anos, perdeu sua família num ataque na estrada, ao tentarem fugir da guerra. Foi violada por um bando de meninos nas areias da praia da Ilha. Junto a Kassule, um jovem também órfão e vítima da guerra, lhe resta revirar o lixo dos restaurantes para encontrar comida.

Sofia sempre sonhou em mudar de vida. Agora, depois de uma aposta arriscada, é sócia num restaurante em ascensão, frequentado por clientes da alta burguesia de Luanda. Sem muito tempo para vida social e amorosa, Sofia preocupa-se apenas com seu irmão Diego – um artista de rua que sonha expor em galerias – e com suas ambições profissionais, que vai atingindo pouco a pouco.

Com um desfecho imprevisível, *Se o passado não tivesse asas* conjuga as trajetórias de Himba, a menina que, sozinha no mundo, tenta sobreviver à guerra, e de Sofia, que deseja uma vida melhor em tempos de “paz” e crescimento econômico. Histórias que se encontram e completam, nos fazendo pensar sobre os últimos vinte anos de Angola, mas, sobretudo, nos fazendo perceber a fragilidade do ser humano e nos suas mais aterradoras contradições.





Pepetela

SE O PASSADO NÃO TIVESSE ASAS

Pepetela

SE O PASSADO NÃO TIVESSE ASAS

Romance



Copyright © 2016 Pepetela
© 2017 Casa da Palavra/LeYa

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610, de 19.2.1998.
É proibida a reprodução total ou parcial sem a expressa anuência da editora.

PREPARAÇÃO
Bárbara Anaissi

REVISÃO
Marcelle Paciello

DIAGRAMAÇÃO
Elmo Rosa

CAPA
Maria Manuel Lacerda

FOTOGRAFIA DO AUTOR
© Jorge Nogueira

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

P477s

Pepetela, 1941-
Se o passado não tivesse asas / Pepetela.
Rio de Janeiro : LeYa, 2017.

Glossário
ISBN 978-85-441-0599-3

1. Romance angolano. I. Título

17-43205 CDD: 8698996733
CDU: 821.134.3(673)-3

10/07/2017 12/07/2017

Todos os direitos reservados à
EDITORA CASA DA PALAVRA
Avenida Calógeras, 6 – sala 701
20030-070 – Rio de Janeiro – RJ
www.leya.com.br

*O país é de todos e não deve ser culpado
pelos erros dos seus filhos.*

(fala de um artista *naïf* dos
mercados de Luanda)

*As terras exigem muito das pessoas.
Mais do que elas podem dar.
Quando as pessoas falham, as terras nunca
se sentem culpadas.
Talvez tenham razão.
Mas como se devem as pessoas sentir?*

(dúvida de um cágado velho,
sussurrada a um milenar muxixi)

SUMÁRIO

1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16

GLOSSÁRIO

OBRAS DE PEPETELA

1995

A menina se deslumbrava com a beleza da paisagem.

Vinha, mais a família e outras pessoas, vinte ao todo, no alto de uma camioneta carregada de imbambas. Parecia estava no cume do mundo. A camioneta tinha pedaços de toldo cobrindo a carga, onde todos sentavam, mas aqui e ali despontavam sacos, talvez de milho, noutro lado espreitavam peles inteiras de boi, que cheiravam mal, num canto haveria galinhas protegidas por bidões vazios, pois se ouvia o doce cacarejar. O camião ia bem carregado e foi uma sorte lhes terem aceitado, dissera o pai, quando saíam da terra onde sempre viveu, no Planalto Central. Era lindo o Planalto, com enormes rochedos cinzentos e negros emergindo como sentinelas gigantescas do verde familiar do capim, das nakas abandonadas à beira dos rios, do mato rasteiro avançando por entre as cubatas vazias das aldeias. Abandonavam tudo porque mais uma vez a guerra chegou na terra deles. Já tinham tido muitos azares antes, com ataques e ocupações acompanhadas de mortes, violações, raptos, saques. A calma se instalava e depois aparecia outro bando e as mesmas cenas se repetiam. Desta vez o pai disse chega, não aguento mais, vamos para a capital, lá temos família que vai nos ajudar no princípio, prometeram mesmo. Arranjo trabalho, um qualquer se não me aceitarem na profissão, vivemos como pudermos, alugamos a mais modesta das casas e as crianças retomam a escola, mas tudo é melhor que isto. Andavam aterrorizados, por isso Himba rezou calada para que o pai não mudasse de opinião.

Ele a manteve, com hesitações. E um atraso.

Agora estavam em cima da camioneta, a caminho da cidade grande, que sempre preencheria sonhos e temores, Luanda. Desfrutando da paisagem. No princípio ela teve receio, nunca tinha viajado em cima de uma lona mal cobrindo a mercadoria, sem sítios onde se agarrar quando o veículo caía num buraco. E como tinha buracos aquela estrada! Mas havia expectativa em conhecer a mítica capital onde tudo acontecia, como o pai contava, pois tinha estado lá há anos para um estágio de reciclagem de professores e trouxe presentes, notícias espantosas, provocando haka! em todas as bocas. Luanda estava longe, ainda não dava para sentir o cheiro quente dela. Himba bem tentava, aspirando com força o vento frio do Planalto.

Só cheiro do pó.

Foi três horas depois de saírem da terra, ainda os matacos não reclamavam das dores pela posição incômoda.

Uma explosão, tiros.

O camião reboiou para um dos lados da estrada, originou gritos e mais pó. Himba foi imediatamente projetada para o capim, sem ferimentos. Pensou nos irmãos, nos pais, quis procurar na confusão de corpos e mercadorias saltando e rolando, galinhas voando no meio de penas soltas, gemidos, pedidos de socorro, pânico, mas uma voz forte gritou, julgou ser para ela, corre, corre, depressa, depressa. Achou ser a voz assustada mas imperiosa do pai e obedeceu, atordoada. Entre o

fumo e a balbúrdia dos tiros, Himba correu pelo mato, correu, e só parou quando deixou de ouvir qualquer som.

Estava sozinha.

Olhou para trás, de onde vinha. Tinha vindo mesmo dali, de certeza? Sim, refletiu com muita confusão nos olhos e ouvidos, mais ainda no cérebro, sentira sempre o sol nas costas. Medo e o calor do sol, no ar fresco e puro do Planalto. Himba tinha treze anos acabados de fazer, com a sexta classe concluída também há pouco. Respirava com dificuldade por causa da corrida e não fazia ideia de quanto tempo passara. Mas enquanto descansava decidiu, tenho de ir procurar os pais. O terror já não a dominava, embora continuasse nela. Já tinha antes sentido o medo, todos sabiam o horror da guerra e falavam disso. Ter medo não é o problema, ensinara o pai, até é bom porque nos torna prudentes, o problema é ser escravizado pelo pânico, deixar de pensar com calma. Por isso tentou regular a respiração e refletir.

Tinha vindo daquele lado e para lá devia voltar, com cuidado, até encontrar os outros. Evitando os guerreiros que a esta hora deviam estar a procurar nas mercadorias as coisas úteis para levarem. E entretidos a matar feridos e prisioneiros, o que sempre faziam. A ideia súbita e cruel aterrorizou-a e tremeu ainda mais forte. Deixou de respirar calmamente, de novo esbaforida pela corrida e a ideia, o coração aos saltos. Puderam escapar? Ou morreram com o acidente ou os tiros? Quatro irmãos mais pequenos do que ela, dois rapazes e duas meninas. E os pais.

O pai era professor e a mãe enfermeira, não eram agricultores, um da Ganda, província de Benguela, a outra do Chinguar, província do Bié. Se conheceram ali mesmo no município, quando a mãe foi transferida e se estabeleceu naquela terra boa para a agricultura. Gostavam de lhes contar a estória de como se conheceram, porque o pai foi ao posto para tratar a mão que ferira ao martelar um prego. O pai sempre foi um homem sem jeito para trabalhos manuais, gostava só de ler e ensinar. Também jogar futebol com os alunos. Por isso quase esmagou dois dedos ao consertar uma gaveta da cômoda, azarado. A mãe tinha começado o seu primeiro dia de trabalho na terra, chegara dois dias antes. E o primeiro paciente dela foi o pai. Os dois solteiros, num sítio novo, a inaugurarem a profissão.

Destinos.

Agora, onde estavam e como? Foi acalmando de novo, controlando a respiração. Isso foi ensino da mãe. Lhe explicou quando ela estava com muito medo do seu primeiro exame na escola. Respira fundo e devagar, o medo passa. E quando estiveres sentada, antes de começares a ler a prova, faz o mesmo várias vezes. Vais ver, a cabeça fica limpa, sabes responder a tudo. Aconteceu com sucesso no primeiro exame. Aconteceu depois. E ela ganhou o hábito. Quando um irmão a chateava e ela tinha vontade de lhe sorrar, respirava fundo e a raiva ia desaparecendo, pensava melhor, ralhava só, sem violência. Simples. Nas coisas simples está a solução das coisas complicadas, dizia a mãe. E o pai também concordava, embora por vezes perdesse um cochito a cabeça com um aluno mais distraído ou pouco inteligente, ele mesmo reconhecia em casa, algo arrependido e envergonhado perante a mãe. Mas nunca recorria a castigos físicos, para além de proibidos pelo ministério eram contraproducentes, segundo explicava. Ela era pequena mas percebia essas conversas dos adultos. Talvez fosse demasiado adulta, tinha muito sentido da responsabilidade e só tentava uma coisa se sabia que a conseguia fazer com perfeição.

Sentada ao sol no mato, lembrou a conversa que ouviu por acaso sobre isso mesmo. Dizia o pai que ficava um bocado preocupado com a falta de gosto de Himba pelas brincadeiras e correrias, sempre ocupada a tomar conta dos irmãos e a aprender a lida da casa com a mãe ou os deveres da escola.

– É demasiado adulta, uma criança deve brincar, haka!

– São os tempos – disse a mãe. – Uma situação de guerra afeta as crianças tanto ou mais que os adultos. Percebe que andamos sempre com medo, preocupados... não lhe apetece brincar, rir, contar piadas.

– Mas os outros cantam e dançam, jogam futebol. E têm a mesma idade. Só a Himba...

– Não é só ela. Outras mães se queixam do mesmo. Aqui no posto, onde nem médico há, a enfermeira é tudo, até psiquiatra e padre... Ou madre. E por isso me vêm pedir conselhos. E eu digo a mesma coisa, com esta guerra, o perigo constante de um ataque, as crianças são muito atingidas pelo clima de tensão. Uns são mais sensíveis que outros, uns mais virados para dentro. Mas no fundo todos ficam marcados...

– Com o cacimbo a entrar nas cabeças.

– Sim, todos cacimbados, como se diz.

Himba tinha de os procurar. Levantou, olhou para todos os lados, perscrutando algum perigo, tentou voltar para o sítio do ataque. Deviam ter queimado a camioneta, era o costume, destrói-se o que não dá para levar. O fumo ia orientá-la, quando estivesse mais perto. Andou, andou. O dia inteiro passou e ela sempre a caminhar no meio do mato, no princípio com esperança e depois já sem pensar em nada, era melhor sentir a cabeça vazia de ideias ou recordações ou sentimentos, só andar naquela direção onde eles deviam estar.

Que era a direção errada.

À noite soube que estava perdida e se deitou no chão, a chorar. O frio do Planalto lhe entrou no corpo e não adiantava muito ficar toda recurvada em posição fetal. Cansada, acabou por adormecer. Para acordar com o uivo de um animal que não soube identificar. Um mabeco, uma hiena? Uivos terríficos, em seguida o barulho da solidão. Houve logo depois outros uivos e ruídos de patas a arrastar no chão, silvos estranhos, talvez de cobras, e pios de corujas. O mato se encheu de rumores, sombras, fulgores, e ela não conseguiu mais adormecer, abraçada ao seu medo. Estava perdida, sem a família, a bater os dentes de frio. E de desespero.

Uma criança no meio do nada.

Ou no inferno.

Foi com alívio que assistiu enfim ao amanhecer, as cores amarelas, rubras e violetas se misturando com as trevas da noite, se afirmando aos poucos, apagando as estrelas. Sentou, os braços rodeando as pernas magras. Era bom ver o dia. O sol despertara a terra, o céu ficava azul e a anhora verde. Outros ruídos se substituíam aos apavorantes da noite. Uns pareciam bichinhos a se coçarem, outros eram claramente dos pássaros a acordarem, outros, roçando o capim, eram antílopes a se esconderem para dormir. E lembrou então, não ouviu urros de leão.

Ainda bem.

Quando os urros do leão chegavam ao município, vindos de muito longe, quilômetros e quilômetros que desconsuavam de os abafar, os homens iam buscar as armas de guerra ou os canhangulos antigos, faziam batidas para caçar o bicho. Não era seguro conviver com um leão perto, sobretudo com as agressivas leas, as vidas das crianças ficavam em perigo e as suas, as dos seus bois e cabras.

Levantou e esticou os braços. Estava frio, mas o sol em breve faria o seu trabalho. Não havia uma nuvem no céu, bom augúrio. A chuva, tão frequente no Planalto, que ela adorava quando permanecia em baixo do teto de zinco, gozando a sinfonia das gotas contra o metal, na situação presente seria muito incômoda e, ao fim de algum tempo, um tormento. Sofrera uma vez que foi no rio e caiu um aguaceiro repentino. Correu para casa mas mal via o caminho com as faíscas e a cortina de água. A dado momento, já não sabia onde se encontrava. Ficou parada, como lhe ensinaram, à espera que a tempestade abrandasse. No princípio só sentia o habitual frio e sensação de molha. Não durou muito até as gotas baterem sem piedade no corpo e parecerem que a perfuravam, mil pregos contra a pele. Doía mesmo, uma dor crescentemente forte.

A chuva seria mal vinda e deve ter adivinhado.

Himba olhou para todos os lados, indecisa. Na manhã da véspera, correu com o sol nas costas quando fugia aos tiros. A estrada tinha de estar portanto na direção do sol. Era um bom ponto de referência enquanto ele não subisse muito no firmamento. Caminhou portanto para oriente, a estrela nos

olhos.

A sua salvação estava na estrada.

Tinha fome, sede, cansaço, dores por todo o corpo. Mas avançou para oriente. Sempre. Até o sol estar no meio-dia e não lhe servir mais de bússola. Resolveu parar e se resguardar na sombra de uma mangueira. Era a melhor sombra, tão escura que no chão nem o capim nasce. Infelizmente despida de frutos, não era a época. Se deitou encostada ao tronco, descansando e esperando a marcha do sol. Lutava para não adormecer, porque podia então perder muito tempo. Pensou nos pais, nos irmãos, na mangueira. Devia ter havido um kimbo muito tempo atrás para ali estar uma mangueira. Mas só uma? Se fosse um kimbo antigo, mais árvores estariam ali a marcar a história. Só uma? Não, foi algum caçador que comia uma manga quando andava por ali e atirou o caroço que, milagrosamente, caiu numa poçazita onde se acumulava a água da chuva. E assim nasceu a árvore. Tentou imaginar o caçador. Em que época foi? Antes da guerra. Antes de qual guerra?

Houve tantas.

O pai explicou algumas delas, também não conhecia todas. Ia adormecer mas despertou num repente e se pôs de pé, sacudindo a cabeça. Se fico aqui não resisto, adormeço e acordo só à noite. Sentia muita fome. Ainda olhou para cima, para a folhagem acolhedora. Se adormecesse, depois podia passar a noite num ramo da mangueira, estaria abrigada. Disparate, qualquer cobra chega lá ou uma onça. Tinha de andar.

Saiu da sombra, imaginou pela posição do astro-guia onde seria o leste e continuou a marcha. A meio da tarde, ouviu um barulho de motor. Acelerou o passo, não tinha forças para correr. O barulho foi esmorecendo até desaparecer. Mas andou nessa direção e encontrou a estrada. Seria a sua estrada, a de Luanda? Devia ser. Embora achasse, todas as estradas eram parecidas, terra com poeira e buracos, carcaças de carros destruídos pela guerra. Entrou na estrada e andou para norte.

Era a norte que ficava a grande cidade.

E a família? Como procurar naquela imensidão toda? Talvez tiveram sorte e já estão em Luanda a chorar por mim.

Andou, antes que chegasse a noite. Tropeçava de vez em quando, de fraqueza e cansaço. Mas o pior era a sede. Olhava ocasionalmente para os lados, podia estar a passar perto de um rio e nem dava conta. Não. Tinha a experiência, um rio se dá a conhecer muito antes de a ele se chegar. Sobretudo esses rios do Planalto, que correm em anharas de capim. Quando tudo fica mais verde e os arbustos se transformam em árvores, se ouve ao longe o rumorejar da água. Ia perdida nesses pensamentos quando pressentiu um motor atrás de si. Olhou e não viu o carro, mas sim uma coluna de poeira. Parou, no meio da estrada, para ser notada e que travassem. Se fossem dos que atacaram a camioneta? Era um grande risco, mas tinha de o correr, aqueles preferem andar a pé, não arriscam muito nos carros, pelo menos nestes sítios, se tranquilizou.

Ou tentou, pelo menos.

Estava certa. O camião era militar, se via pelo verde da pintura. E parou quando ela não arredou pé do meio da estrada. Dois soldados saltaram da parte de trás e perguntaram, o que fazes aqui? E ela contou o essencial, ia para Luanda com os meus pais mas houve um ataque e eu fugi e depois me perdi. Içaram-na para o carro, deram água, abriram uma lata de ração de combate e forneceram a comida, mais água. Ela devorava tudo sem hesitar, enquanto os observava. Havia uns dez soldados apertando com força as armas. Nas caras se notava a tensão de andarem na picada, sujeitos a pisarem uma mina anticarro e irem pelos ares. Himba já sabia desses mambos de tanto ouvir falar no município, o grande inimigo dos carros era o mais oculto, sepultado com terra como um morto mas sempre atento, pronto a atacar. Apesar de estarem sérios e olharem para ela sem um sorriso, os soldados pareciam bons, pelo menos para ela foram.

Pararam enfim num quartel estabelecido em antiga fazenda, perto da estrada principal. Saíram todos

do camião, Himba com eles. Depois o graduado entrou num gabinete do comando, enquanto o resto do grupo aguardava, descontraidamente, uns sentados, outros encostados à parede. Começava a arrefecer. Havia soldados a jogar futebol no centro do quartel, enquanto outros andavam a fumar e a conversar, dois a experimentarem os sons de uma viola de tinta desbotada. A menina olhava para tudo, curiosa, pois nunca tinha entrado num quartel. E aquele parecia grande, mas ela não podia comparar, era de certeza o maior que vira, o único. O graduado saiu do gabinete e com ele veio um mais velho e a caminhar para gordo. Devia ser o chefe. Pediu a Himba para explicar o que acontecera na véspera. Ela repetiu.

– Sei desse ataque – disse o oficial. – Não foi perto daqui. Houve algumas vítimas.

– Os meus pais... os meus irmãos? Crianças pequenas...

O oficial abanou a cabeça.

– Não sabemos detalhes. Ali não é a nossa zona e este camião veio de outro sítio. Até acho que nem foi na estrada onde te encontraram, foi noutra. Sei que houve vítimas, mas não sei quem, nem quantos. Nada mais. Tenho pena, lamento mesmo. O sargento disse que iam para Luanda. Queres ir para Luanda?

Himba hesitou. Se os pais estavam à espera dela na capital, para lá devia ir. Mas, se andassem também pelo mato, não podiam aparecer no quartel? Questão sem resposta possível.

– Se queres ir para Luanda, podes dormir hoje aqui e amanhã tens boleia num camião que sai às seis da manhã. A estrada daqui até Luanda está segura neste momento... Enfim, parece... Se não quiseres ir, diz e tentamos pôr-te no sítio que escolheres. Pode demorar, mas é possível.

Para a terra dela não podia voltar. Se tinham fugido de lá, alguma razão havia. Não conhecia outra. Tinha opção?

– Vou para Luanda.

– Muito bem. O sargento vai tratar de ti e arranjar banho, comida e lugar tranquilo para dormir.

O que aconteceu. Deitada num catre confortável, depois do banho e muita comida, Himba descontraíu. Só teve pena de não ter roupa limpa para mudar no dia seguinte.

Adormeceu, finalmente.

Acordou com barulhos de gente a gritar e a correr. O coração ficou assim, pequenino. Depois lembrou, estou no quartel e vou para Luanda. Acalmou. Veio a dor de nada saber da família. Era um vazio constante que só se esvaneceu enquanto dormiu. Mas já não chorava, jurou baixinho, nunca mais ia chorar. Tinha dormido com a roupa, a qual estava cada vez mais amarrotada e suja, mas não se importou, em Luanda limpava.

Encontrou cá fora uma torneira onde lavou a boca e a cara, bebeu água. O dia nascia.

O sargento apareceu com uma caneca de café e pão com ovo. Lhe deu também um pequeno embrulho, come durante a viagem, ainda é longe. Lhe deu também um pau de uns dez centímetros, escuro por fora, amarelo por dentro, um pau de limpar dentes, para os teres sempre branquinhos. Ela agradeceu e teve vontade de deixar cair uma lágrima pela bondade, mas resistiu, tinha jurado. O sargento sorriu para ela e apontou o camião.

– Vais à frente, é mais cómodo.

E ela entrou no veículo, cumprimentou o cabo Trindade, cuidado, não fales muito com ele, pois se distrai e ainda provoca acidente, mas o cabo riu, meu sargento, não meta medo na miúda, sou um grande condutor. Entrou também uma senhora mais velha, Dona Clara, assim se apresentou, de cara amarrada. Himba portanto ficou no meio, ao lado do manípulo das mudanças, objeto que a fascinava. Alguns soldados fardados e com armas subiram para a carroçaria tapada pelo toldo. Em seguida, mais alguns homens jovens à civil, deviam ser soldados em visita à família, imaginou ela.

– Se os meus pais aparecerem, diz que fui para Luanda? – pediu ao sargento. – O meu nome é

Himba.

O militar prometeu, ia mesmo escrever um aviso no quadro de informações. O caminhão partiu e a menina fez adeus grato ao sargento e ao quartel e ao passado, sem querer pensar realmente nisso, ia só procurar os pais e irmãos lá à frente.

Nem fazia ideia do que ia encontrar.

O motorista afinal não era nada tagarela, pois só tentou duas vezes provocar conversa, mas ela respondeu brevemente, pouco tinha para dizer, e Dona Clara nem suspirou, a cabeça encostada à porta, os olhos fechados. De vez em quando os lábios mexiam, Himba reparou. Devia estar a rezar. Ou mesmo a dormir. A velha não disse uma palavra desde que entraram no caminhão. E parecia não notava as sacudidelas, a cabeça sempre encostada à porta. Um pouco estranha, pensou a menina. A um dado momento, já andavam há muitas horas na viagem, olhou para a senhora de forma mais demorada, tentando perceber se dormia mesmo e depois, ao virar a cabeça, reparou no sorriso zombeteiro do cabo Trindade. Ele piscou o olho, apontando com a cabeça para Dona Clara. Estava a gozar, claro. Himba mudou o olhar para a estrada, não queria conversa de falta de respeito pelos mais velhos, coisa que o motorista parecia se preparar para iniciar.

Cerca do meio-dia, o cabo encostou o caminhão numa berma com sombra e anunciou:

– A partir daqui é asfalto e vamos melhor. Já faltam poucas horas. Paramos para fazer necessidades. E quem quiser comer que aproveite.

Se Dona Clara estava a dormir, então acordou muito rápido, porque logo abriu a porta e saiu. Himba aproveitou e saiu também, levando o embrulho que o sargento lhe tinha dado. Os soldados se espalharam alegremente pelo sítio, cada um atrás de uma árvore ou arbusto. Dona Clara imitou-os. Himba ficou hesitante, era melhor esperar que voltassem, pois todos os sítios bons para mijar à vontade já deviam estar ocupados. Aproveitou para abrir o embrulho e ver uma maçã, um pão com ovo igual ao que tinha comido e uma banana. Até uma garrafinha de água. Um bom almoço. Obrigada, sargento, de quem não sei o nome, tenho de perguntar ao motorista, porque ele merece que reze para que se salve da guerra, boa pessoa. E ficou surpreendida porque a sandula lhe desapareceu da mão, direta para o estômago. O mesmo aconteceu com a banana. Os outros já tinham regressado e ela bebeu a água toda e foi se agachar atrás dumas vissapas, se aliviando, a maçã na mão.

Retomaram caminho. Aparentemente, só ela comeu na paragem. Os soldados lá atrás podiam ter pancado antes, não dava para saber, mas o cabo nem provou uma bolacha. Ela perguntou, mostrando a maçã:

– Quer?

– Não, obrigado. Guarda para ti. Eu tenho um almoço prometido pela minha mulher que já deve estar à espera. Vai ser almoço à hora do lanche, não importa...

– É verdade, cabo Trindade... Como se chama o sargento que estava lá no quartel? E no caminhão que me encontrou?

– O sargento Dúvidas. É esse, o que te trouxe para este caminhão.

– Dúvidas?

– E é mesmo muito duvidoso.

Riram os dois, pois se tratava de uma brincadeira da moda. Dona Clara não percebeu ou fingiu. Ficou calada. Mas estendia a mão para a maçã, como a dizer, se não queres comer eu posso aceitar. Himba ficou muito admirada e deixou que a velha lhe tirasse a fruta da mão. Ela tinha oferecido ao motorista que estava a cumprir a tarefa toda, era apenas uma delicadeza. Mas que fazer? Não estava educada para chocar contra a vontade de um mais-velho. O cabo Trindade percebeu, mexeu a cabeça e cantarolou numa voz disfarçada de mulher, olhando firmemente para a frente: oportunismos, oportunismos, oh, oh, os oportunismos desta terra são mais fortes que a guerra. Himba percebeu a piada em rima mas não se permitiu mostrar. A velha talvez tenha percebido, porém deu uma grande mordida

na maçã, a primeira de quatro dentadas.

Os velhos podem ser oportunistas?

Horas passadas em silêncio, já se percebia que entravam em Luanda e Himba esqueceu a velha, a maçã, o ataque, admirada a olhar para o que era novo para ela, um mundo de cimento e gente, carros e grande barulheira. Durante um tempão.

Sensação de hostilidade.

Depois de muitas ruas e buzinadelas, o camião estacionou à porta de um quartel.

– Vou meter o carro lá dentro, é obrigatório – disse o motorista. – Os civis têm de sair, não podem entrar no quartel. Cada um à sua vida. Gostei muito da companhia.

Dona Clara saiu e Himba seguiu-a, mas antes agradeceu ao motorista a simpatia. Viu os civis saltarem lá de cima e cada um partir para o seu destino. Os soldados permaneceram no veículo que entrou pelo portão. Dona Clara nem despediu, nem agradeceu a maçã, se desenfiou nos seus passinhos de velha por uma rua.

Himba ficou sozinha. E agora? Os pais é que sabiam onde morava o tio dela.

Perdida na grande cidade.

Olhou para todos os lados, ponderou esperar pelo cabo Trindade, era simpático, talvez lhe ajudasse com alguma orientação. Mas teve a mesma visão de quando estava sozinha no mato, depois do ataque. Uma voz lhe dizia, fecha os olhos e salta. Era a voz do pai, quando ela tinha medo de fazer uma coisa e ele a incentivava assim, é o que se deve fazer quando o risco é real mas a ação necessária.

Ia avançar, à procura da família, Deus ajudaria.



2012

Sofia Moreira levantou a voz, irritada com o jovem parecendo molengão, estás a demorar demais, tenho trabalho.

Ela era normalmente paciente, uma das suas qualidades. Tivera de esperar muito por uma oportunidade, mais que o cão pelo dono. O tempo passou e passou, nada de relevante acontecia nos últimos anos, depois de uma infância demasiado agitada e uma adolescência mais calma. Estudou um curso médio, experimentou alguns empregos, onde aprendia sempre um pouco, mas não se entusiasmava, arranjava o primeiro pretexto para o abandonar. Nada sucedia de interessante, nem no trabalho nem na vida, mas não se incomodava muito com o tédio, as mudanças por vezes tinham sido perigosas demais, ao menos agora havia sossego. E ela aguardava, sem grandes sonhos, mantendo no entanto uma ponta de esperança, algo há de mudar para melhor.

De repente aconteceu, uma espécie de aposta arriscada, porque não tento fazer aquilo de que gosto afinal? Os conhecimentos adquiridos até podem ajudar, mesmo se de forma indireta. Acertou na aposta, mudando de ramo. Hoje, beirando os trinta anos, tudo se afigurava diferente. A inauguração de um apartamento novo poderia parecer pouca coisa. Era, porém, a primeira vez na vida. Embora o apartamento de facto não lhe pertencesse, apenas alugado numa urbanização acabada de construir. E constituído por dois quartos, sala modesta, casa de banho, cozinha e arrumo pequeno, um T2. Podia lhe chamar de seu, mesmo se havia outro dono, o verdadeiro, empresa de alguém invisível. Era a primeira pessoa a usá-lo, tinha por isso muito significado, os outros kubikos sempre foram velhos, gastos, miseráveis, passando de mão em mão, cada vez mais velhos e sujos.

Fosse o rapaz mais expedito.

O jovem demorava a montagem do aparelho de ar-condicionado no quarto que viria a ser de Diego. Era surpresa e ela queria o quarto pronto antes que o irmão chegasse. Só faltava o ar-condicionado, um luxo. Tinha comprado tapetes, a cama estava feita e até ostentava uma colcha azul por cima, a cor preferida de Diego. Mesa grande para as pinturas. E muita parede para ele pendurar os seus quadros, se para aí estivesse virado. Sofia tinha reservado o maior compartimento para ele, trabalharia lá, o desejo de uma vida. Tinha outro tesouro, o que se via pela janela. O mar da península do Mussulo, do qual se vislumbrava uma parte. Não havia janela para tanto Mussulo, afinal eram quarenta quilômetros de areia e coqueiros, ilhas no meio, mar de baía do lado mais próximo, mar batido, o oceano, do lado de lá. Só dava para descortinar a mais pequena das ilhas, a chamada Ilha dos Pássaros por alguns. A da Cazanga, a maior, por outros designada Ilha dos Padres, pois ali tinha existido um convento, ficava mais a sul, não aparecia para lá da janela. Mesmo se inclinando para fora da janela não a poderia avistar. Tinha tentado na última vez, mas sem grande insistência, lhe tomava o medo das alturas. Estava no segundo andar e sempre habitou ximbecos térreos. Ela ainda não tinha assistido, talvez amanhã fosse possível, pois todos diziam era um espetáculo soberbo apreciar o pôr do sol no mar do Mussulo. O artista que havia em Diego ia se regalar. Até ao dia em que resolvessem construir um prédio à frente da janela dele, também era muito frequente naquela Luanda onde só o dinheiro era dono e senhor.

No outro quarto, o seu, um pouco mais pequeno, havia de colocar uma pintura de Diego, mas esperaria o tempo necessário até ele decidir qual lhe oferecia. O irmão era muito meticoloso no trabalho e mais ainda nas raras prendas que escolhia. Particularmente para ela. Sofia na véspera tinha dito, vou pôr um dos quadros que me ofereceste no meu quarto e outro na sala. E ele dissera, na sala podes pôr um qualquer, para o teu quarto arranjo um novo. Devia ser ao contrário, na sua maneira de pensar, a sala é que mereceria o último, feito especialmente. Mas Diego lá sabia dos seus kalundús e a pintura dele estava muito misturada com sonhos, cultos, magias...

Não era a arte uma magia?

Depois de quase desfazer o aparelho e o remontar, porque uma peça aparentava afinal estar mal colocada, o rapaz carregou no botão do comando e o dispositivo de ar-condicionado começou a ronronar, muito suave. O trabalhador olhou para Sofia com ar satisfeito e meio desafiador, julgavas que nunca mais ficava pronto e deste um grito a apressar? Mas não disse nada, pois sabia, ela tinha sempre resposta para todos os desafios, e muitas vezes afiada. Além do mais, o restaurante era um ótimo cliente, sempre com avarias num ou outro lado, todas as semanas o chamavam para algum conserto. A senhora jovem era uma freguesa daquelas que se deve conservar com paciência e alguma diplomacia.

Até sabia ser simpática.

– Tudo pronto, merecemos uma cerveja – disse Sofia, lhe dando um toque no ombro.

Foram para a cozinha, onde sentaram à mesa, enquanto ela tirava duas garrafas da geladeira, comprada há dois dias. As mobílias tinham sido adquiridas uma semana antes e os aparelhos eram na totalidade novos. Ia deixar o antigo kubiko com a mobília velha lá dentro, o dono achara bom negócio. Vida nova, casa nova, tudo novo. Cabeça nova? Isso já era mais difícil. Passou uma garrafa para o rapaz e bebeu da sua. Cerveja gelada numa casa nova.

Um luxo.

Dissera o mesmo na véspera, quando com Diego tomara umas birras. Beberam a festejar, arrumaram o que puderam, mas ainda foram dormir no antigo ximbeco. Só hoje se mudariam oficialmente, com tudo pronto. Terminaram a cerveja, ela pagou o trabalho e deixou o moço seguir para outras tarefas. Sofia tinha de ir para o restaurante, já estava atrasada. Mas havia uma boa razão e todos compreenderiam. Aliás, só uma pessoa interessava nesse mambo, a patroa, Dona Ester. Estava prevenida, Sofia avisara e ela disse, demora o que for preciso, cá nos arranjaremos até chegares. Dona Ester abençoava o dia em que Sofia parou lá na primeira vez.

Como um raio de sol entre nuvens de tempestade.

O restaurante ficava perto, por isso tinha escolhido aquela urbanização, um dos resultados da

explosão imobiliária em Luanda. Se viam guas gigantescas e a cidade velha, como chamavam alguns ao centro tradicional e seus musseques, se ia envaidecendo de prédios de trinta andares, alguns espelhados em várias cores. Ao mesmo tempo, para os três pontos cardeais, norte, este e sul, se multiplicavam condomínios para ricos e urbanizações para a classe média, enquanto muitos moradores dos musseques eram atirados para o Zango e outros bairros de casas econômicas, melhores que as suas anteriores, mas demasiado longe do centro, onde permanecia o trabalho e a clientela. Mesmo para oeste se construía, com aterros na orla marítima, um ponto muito controverso no crescimento da cidade. Demorou dez minutos até ao serviço, uma raridade naquela metrópole imensa de seis milhões de habitantes. Luanda era de facto bué grande.

Os amantes da vida noturna também diziam, bué faine.

Dona Ester olhou o relógio, estavas a fazer falta.

– O Ananias não dava com o bilo a montar o último aparelho de ar-condicionado. Espero que não pare a meio da noite, é chato.

– Tenho de ir ver o que se passa com o Ezequiel – disse Dona Ester. – Telefonou muito assustado, quer falar comigo. Estava à espera que chegasses para poder ir a casa. Deve ser grave...

Não devia ser nada grave, pensou Sofia, mas calou.

Ezequiel era o filho desgovernado da dona do restaurante, o único que conhecia. Com trinta anos, mais ou menos a idade de Sofia, não era autossuficiente. Desconseguiu na escola, pouco aprendeu, a escrever o nome apenas, mas com o tempo até isso parecia ter esquecido. Desconseguiu em qualquer emprego. No restaurante nem durou uma semana, chorava com medo do fogo e da barafunda na cozinha, só atrapalhava. Nunca ousaram pô-lo a servir uma mesa, ainda derramava a sopa sobre o cliente. Os médicos disseram, ele tem um trauma qualquer, não deve ter sido de nascença nem é nada genético, o cérebro ficou afetado. Mas Dona Ester há muito deixara de acreditar na capacidade dos médicos em entenderem o filho ou seus mecanismos secretos. Acreditava muito mais no pastor da igreja dela, que dizia, são demônios, só com muitas rezas e cultos aqui na igreja pode melhorar, se Deus quiser. E lhe cobravam dízimos pesados, mas o filho não melhorava, os demônios chatos não desandavam. Na igreja ficava calmo, olhando com curiosidade para tudo, enquanto cantassem os hinos e o pastor pregasse com frases bonitas. Mas quando começavam os xinguilamentos e os uivos e gritos de hossana, fugia do templo de colunas douradas. A mãe ia encontrá-lo na cama, já acabaram de chorar pelos mortos? Ela tentava explicar que eram os espíritos a entrar na alma das pessoas, não tinha perigo nenhum, os mortos estavam longe em baixo da terra e ninguém chorava por eles, só orava, mas Ezequiel se encolhia na cama, os espíritos entram sempre na minha cabeça quando as pessoas começam a gritar, estão a gritar para mim e os espíritos acordam. Disparate, tens de acreditar em mim, as orações e as idas à igreja te vão curar, mas quanto tempo, mãe?, e Dona Ester tinha de lhe dar razão, há muito tempo faziam a terapia religiosa sem resultados visíveis, embora ela não fizesse contas ao dinheiro inutilmente investido. Tens de ter paciência, são tratamentos demorados, questão de fé e tu tens pouca fé, foi o que o pastor disse, a falta de fé é que dificulta a cura. Se acreditasses... Eu faço força para acreditar, mãe, faço muita força... Até me cago. Resposta que Dona Ester fingia não ouvir, podia parecer ofensa às crenças do grupo.

– Vá então para casa, eu aguento com isto tudo – disse Sofia à preocupada mãe.

Ezequiel, apesar do seu estado mental, ficava sozinho em casa, da qual só saía com Dona Ester. Tinha medo da rua. Só quando as pessoas começavam a gritar na igreja o medo da rua era vencido pelo medo dos gritos e fugia para casa. Sofia achava, devia haver alguém em permanência a tomar conta dele, mas a experiência foi negativa, quando a senhora resolveu arranjar uma pessoa para lhe fazer companhia. A mãe ia e vinha de casa para o restaurante, tinha de orientar a feitura do almoço e do jantar, largos períodos longe do filho, portanto. Um dia chegou a casa e apanhou a mulher que tomava conta dele montada em cima de Ezequiel, na cama, talvez numa nova espécie de terapia religiosa. Despediu-a à chapada. Nunca mais quis ninguém para tomar conta de Ezequiel, podia se viciar nesse

tipo de tratamentos ímpios. Ele passou a ficar entretido sempre com o mesmo canal de televisão. Comprou um telemóvel barato, ensinou o filho a carregar num botão e depois no outro, pronto, ele liga para mim. Isso ele podia aprender e quando precisava conseguia comunicar com ela, falar dos seus terrores.

Longe das tentações libidinosas.

A senhora saiu e pareceu imediatamente que a sala aumentou. Dona Ester exagerava na gordura, pesava cento e vinte quilos, sendo baixa. Baixa e redonda. Gostava de comer, o que não era proibido pela religião, sobretudo molhos com muito óleo de palma e bolos de toda a espécie. Só bebia água, kijila da igreja. Tinha sido um assunto discutido com Sofia um dia, quando esta informou a patroa que encontrara o pastor da igreja num bar daquela zona de Talatona, bebendo uísque com amigos. Dona Ester se zangou, estás a mentir ou então te enganaste, ele não pode nos impedir o álcool e depois bebê-lo nos bares, devia ser chá, gosta muito de chá e é da mesma cor. Eu não minto, senhora, Sofia se enfurecendo. Te enganaste, era chá. O chá não vem em garrafas de uísque, disse a jovem, pode vir de muita maneira, em saquinhos por exemplo, ou em latas coloridas, nunca em garrafas. A proprietária do restaurante tinha muito apreço por ela, uma verdadeira graça para o negócio, pois fazia as contas todas e as compras e, além de gerir a administração, tinha um sentido muito apurado do gosto, provando sempre a comida antes de servida, quando havia alguma dúvida sobre o tempero. A qualidade tinha melhorado desde que Sofia foi trabalhar com ela, e a clientela triplicou, tornando em poucos anos uma espécie de cantina de trabalhadores das obras no Morro Bento num restaurante renomado nas urbanizações mais próximas. Uma das últimas aquisições em termos de clientela era a juventude de um condomínio muito reservado e resguardado que apreciava os jantares mais caros da casa. Por isso não insistiu com a empregada, embora desacreditasse totalmente no que ela dizia, devia ter confundido o venerando pastor com outra pessoa qualquer.

O destino tinha atuado com face de mero acaso.

Um dia, na época em que Sofia não se fixava num emprego, teve de tratar um assunto burocrático e passou naquela rua durante a hora do almoço, em plena época da explosão do imobiliário, com prédios inteiros comprados antes mesmo de saírem do papel e gente a enriquecer da noite para o dia por causa de negócios mais ou menos legais, sobretudo muito kilapi. Tinha fome, viu a cantina e decidiu, por um dia também posso comer aqui, deve ser barato, estou cansada de cozinhar sempre para dois. Depois levo qualquer coisa para o Diego. Havia lugar numa mesa, Dona Ester fazia a comida com uma auxiliar e ela própria servia. Depois de comer, Sofia falou com ela, enquanto pagava.

– Sabe, gostei da comida, mas devia ter posto um pouco de pimenta, só um pouco, e umas lascas de gengibre para condimentar o gosto. Ficaria ótimo. Se acrescentasse umas poucas folhas de coentros ainda melhor...

– E onde encontro coentros, minha filha? Mais pimenta? O preço tinha de subir.

– Experimente um dia, mesmo sem coentros. Pimenta em pó, uma qualquer, e gengibre. Vai ver como os clientes apreciam a sua caldeirada, mesmo se o preço subir um pouco.

Na semana seguinte aconteceu de novo passar lá. E se lembrou do conselho dado. Já agora volto a comer aqui, a qualidade até era boa em relação ao preço. Entretanto, a senhora não tinha esquecido aquela cliente jovem que lhe elogiara a caldeirada de peixe. Fez um grande sorriso, mostrou um lugar e veio lhe dizer:

– Temos o seu prato, como me disse para fazer. Sem coentros, que não encontrei. Quer provar? Os clientes estão a gostar.

Estava mesmo bom e Sofia elogiou, sim, senhora, aposto que em Luanda não há caldeirada de peixe como esta. Dona Ester não lhe cobrou o almoço, oferta da casa. Perguntou o que ela fazia e ao ouvir falar de contabilidade fez uma careta, que pena, tinha esperança que quisesse trabalhar comigo. Com liberdade de mudar os temperos como quiser. Foi a epifania. Porque não? Loucura?

Sempre gostara de cozinha.

Os temperos melhoraram, mas muita coisa tinha de ser mudada, as compras começaram a ser feitas com mais racionalidade, as paredes foram pintadas, o número de pratos aumentou e mais uma pessoa foi contratada para servir. Dona Ester deitava as mãos à cabeça, estou velha, não tenho dinheiro para tanta despesa, que loucuras me metes na cabeça. Sofia ria, vai ver, vamos atrair muitos clientes, teremos de aumentar a sala em breve. E fazer sobremesas a sério, as pessoas gostam e o lucro é maior.

O que se revelou verdadeiro. Um sucesso. Em quatro anos, a senhora comprou o casinhoto ao lado, que mandou deitar abaixo para esticar a sala e a cozinha, acrescentar um pequeno bar, mobília nova foi adquirida, mais pessoal recrutado e treinado por Sofia. Dona Ester deixou de servir, ficou só a comandar os cozinheiros e Sofia se ocupava de toda a parte financeira e burocrática além de orientar o salão. Nunca cozinhou nem serviu a uma mesa. Punha a máquina a funcionar sobre rodas de ouro, como dizia a Diego. O salário dela também subiu, claro. Embora fosse modesto para o nível de vida de Luanda, considerada uma das cidades mais caras do mundo. Não se queixava, porém.

A cidade crescia, havia ansiedade e expectativas no ar, de novas obras, empreendimentos grandiosos, muito dinheiro a jorrar do petróleo, compras exuberantes, luxos ostentados por garotos, ganância e contratos duvidosos. Aproveitaria a sua oportunidade de ouro.

Ela surgiu afinal em forma de caldeirada de peixe.

– Estive a pensar muito – lhe disse um dia Dona Ester. – Tu trouxeste muita sorte a este restaurante. Sorte? Bem, chamemos assim... Acho que mereces. Deixas de ser minha empregada, és minha sócia...

– Sócia?

– Sim. Não te quero perder. Te ofereço um quinto, vinte por cento do restaurante. E portanto vinte por cento dos lucros. Tu sabes quanto é, fazes as contas. Aceitas?

Ela respirou fundo para não denunciar o anseio que a acometia. Vinte por cento do lucro, se as coisas continuassem como estavam, era uma boa maquia. Não para ficar rica, mas, mesmo assim, para quem tinha vivido em esgotos...

– Não sei como lhe agradecer, a senhora caiu do céu – e lhe pegou sem subentendidos nas mãos papudas e gordurentas. – Mas... basta a participação nos lucros... Sócia?

– Sim, sócia. A participação não chega. Quero que mudemos os papéis para a tua parte ficar registada, assim percebes que não estou a prometer à toa, como há muita gente que faz, promete e não cumpre, mesmo gente de igreja às vezes também, para nossa vergonha. Sabes melhor disso que eu, trata da papelada, há o guichê que resolve rápido as coisas das empresas, nem é longe, trata de tudo, eu depois assino os documentos.

Sofia ainda reclamou, toma-me por alguma ingrata, não é preciso papel para eu saber que a senhora cumpre, mais honesta que Dona Ester não existe nesta cidade de Luanda, quem não reconhece?

– Está bem, está bem, mas trata dos papéis, OK? Fica tudo mais faine assim.

Sofia tratou da mudança do alvará e do resto, se tornara proprietária de um quinto do restaurante. Agora lhe doía mais se não tivessem lucro. Abriu uma conta num banco, as agências se desdobravam em Luanda-Sul como os cacussos se multiplicavam nos lagos. Mostrou com orgulho o cartão associado à conta, podia levantar o dinheiro com ele numa das caixas que o irmão sempre admirava, quando passeavam pelas avenidas novas da centralidade, nome politicamente correto para definir bairros de casas altas, todas iguais e algumas quadras de vivendas para os privilegiados.

Tinha sido o ano passado.

O restaurante continuava a prosperar, pois, a conselho dos clientes jovens e ricos, investiram em vinhos e uísques de maior qualidade, os quais eram consumidos em quantidades invulgares pelos próprios filhos de boas famílias, que iam jantar e ficavam até à meia-noite a beber, se mantendo firmemente Sofia a acompanhá-los, não na bebida, mas na audição de conversas, para depois poder

fechar o restaurante, porque todo o pessoal era dispensado às dez horas. Essas conversas depois do jantar traziam muito dinheiro, porque as bebidas eram vendidas a mais do triplo do preço de custo. O sacrifício dela era reconhecido por Dona Ester, só o lucro dessas tagarelices dava para pagar várias vezes o que Sofia ganhava. E a senhora se benzia, que Deus a guarde conosco durante muitos anos. Repetia o dito na igreja ao pastor, na esperança de obter uma oração para Sofia.

Ele não ia em fitas, sem paga adicional não havia rezas.

2

Era o meio da tarde e havia muito movimento nas ruas. No município onde nascera era fácil atravessá-las, mas na grande cidade constituía grave complicação. Primeiro, a menina estudou os gestos dos outros transeuntes. E depois começou a imitá-los. Se a rua era larga, com várias filas de carros, tinha de esperar que ficassem todos parados no engarrafamento. Então se tornava fácil passar entre eles para o outro lado. Se era rua estreita, tinha de esperar uma aberta de um lado e outro, depois correr. Em algumas estradas havia passagens para peões, mas ela não sabia para que serviam e também ninguém as utilizava. Sorte deles, pois quem fosse devagar por cima de uma passagem tinha muitas possibilidades de ser atropelado por um motorista mais acelerado. Os passeios também estavam todos cheios de carros estacionados e era complicado andar neles. Alguns com grandes lagoas provocadas pelos miúdos que lavavam os automóveis por uns kwanzas de pagamento ou porque um tubo de água ou de esgoto se rompera. Obstáculo suplementar, porque tinha de rodear os charcos, operação nem sempre possível por causa dos veículos estacionados de qualquer maneira.

Afinal Luanda era assim, fumo, confusão e mau cheiro?

Outra coisa que a confundiu, as centenas de jovens a venderem as mais disparatadas coisas no meio das ruas aos automobilistas, os quais baixavam os vidros e perguntavam quanto era e depois começavam a regatear o preço, com o vendedor a correr ao lado, se o trânsito abria, o motorista já com o objeto na mão. O trânsito parava à frente e o objeto regressava à mão do vendedor, o preço não agradava ao cliente. Alguns subiam o vidro e arrancavam sem pagar a mercadoria. Coitados dos rapazes, pensou Himba, estão todo o dia ali de pé a andar entre os carros e de vez em quando a correr, para não venderem nada ou serem roubados? Mas os jovens também provocavam confusão, dificultando a caminhada dos peões que tinham de fugir dos passeios e andar no mesmo sentido dos carros, os vendedores lhes empurrando sem maneiras. Hi, gente da cidade, é? Haka!

Cheios de pressa a fazerem nada. Ou faziam?

Foi andando sem destino. Por vezes parava para ver uma montra, coisas boas lá dentro, comidas ou roupas ou objetos, alguns conhecidos, outros novos para ela. Tinha consciência de estar suja, talvez a cheirar mal, por isso nem ousava entrar na loja. Bem, quanto ao odor, talvez não fosse grave, cheirava à cidade, por isso ninguém notaria. Entrou então numa avenida larga que desembocou num largo com um blindado em cima de um grande pedestal de cimento, com figuras de pessoas em relevo. Como tinha ido parar o blindado lá em cima? Eh, a cidade tinha mistérios. Desceu por ali, fugindo sempre dos carros e caiu noutro largo supermovimentado, onde havia muitas crianças sentadas no chão ou procurando comida nos contentores do lixo. Um prédio amarelo à frente tinha arcadas e em baixo delas havia outras crianças. Não sabia na altura, mas tinha chegado à célebre Mutamba, onde aparecia um ou outro machimbombo em que as pessoas se apertavam até transbordar e depois partir, deitando fumo. Por sorte ou azar, tinha entrado no centro do mundo, segundo a mitologia kaluanda.

O olho do furacão, diriam os mais versados em meteorologia.

Se encostou a um poste no que era uma paragem de autocarros, contemplando a praça, descansando também. Porque não fazia como as outras crianças e sentava no chão? Já não havia sombra, porque o sol estava cansado do seu percurso e se escondera, mas ainda tinha luz. Sentar no chão? Mais suja não

ia ficar. Se encostou a um muro baixo, que marcava o começo do jardim do palácio do governo provincial, e se deixou escorregar até no chão. Um alívio, tinha andado muito, praticamente toda a tarde. Pensou, em termos de caminhada já começava a se habituar, nos últimos dias não tinha feito outra coisa, exceto quando dormia ou quando andou de camião. E a fome veio com a consciência do cansaço. E sede. De facto, só tinha bebido a garrafita à hora do almoço. Olhou em volta, onde podia beber água?

Himba lembrou de repente, nas suas costas estava um jardim em declive, com relva e plantas. Elas tinham de ser regadas. No jardim devia existir uma torneira. Descansou um pouco mais, depois levantou e saltou o muro. Avançou pela relva até lá cima, onde viu uma mangueira ligada a uma torneira. Ninguém parecia estar de guarda ao jardim. As pessoas passavam nas ruas, cada um com seus pensamentos. Abriu a torneira e foi para a ponta da mangueira, onde bebeu. Só depois de engolir avidamente uma boa quantidade reparou no jovem polícia, a uns vinte metros e a olhar para ela com cara fechada. Himba encolheu os ombros e estendeu os braços para o lado, as mãos para cima, em pedido de desculpa. O polícia só lhe fez um sinal com a cabeça, põe-te a andar. O que ela fez, regressando ao mesmo lugar na praça. Pelo menos sede já não tinha, apenas fome. Estava muito perto do mar, que não conhecia, talvez a trezentos metros da baía. Mas nem se tinha lembrado do mar, queria descansar, não se mexer durante muito tempo. Como ia arranjar comida? Nos contentores do lixo, como vira outros fazerem? Sentia repugnância. Antes dormir com a fome, não seria a primeira vez.

Escureceu completamente. Alguns miúdos desenrolavam cartões que tinham escondido algures e se deitavam neles. Iam dormir ali? Depressa se convenceu, estavam tão perdidos quanto ela, ficavam pelas ruas, sem casa nem família, talvez também fugindo da guerra. E ela? Onde estava não seria bom, sem nenhum teto por cima. Mas tinha medo de se aproximar dos que estavam no prédio com as arcadas, o melhor sítio para se acolher. Iam aceitá-la perto deles? Que remédio senão tentar? Era mais uma perdida, pois nem o nome do tio sabia para perguntar às pessoas, onde mora fulano de tal? Numa cidade daquelas, quem conhecia o nome do tio? Se nem ela conhecia... Deixou acalmar o movimento de pedestres e machimbombos. Os carros continuavam a passar mas eram menos. Atravessou com todos os medos a praça, atenta aos automóveis descortes, passou para o edifício que mais tarde viria a conhecer como o Ministério das Finanças. Os outros miúdos, uns sentados, outros deitados, nem olharam para ela quando se sentou num sítio mais isolado. Havia duas ou três meninas, apenas. Alguns rapazes fumavam, tabaco ou liamba, ela sabia distinguir os odores. Outros dormiam. E havia também os que cheiravam panos. Viria a saber que eram panos embebidos em gasolina, droga mais comum para menores de catorze anos.

O cansaço venceu e ela dormiu mesmo no cimento.

Não ouviu canto de galo, como acontecia na casa materna pela madrugada. Só o barulho crescente de vozes e carros. Os restantes miúdos também acordavam. Olhavam uns para os outros, alguns se acenando bons-dias. Foi o que ela fez para os mais próximos. Houve quem correspondesse, outros não estavam nem aí. Mal-educados, pensou Himba, num primeiro impulso. Ou apenas cacimbados, assumiu depois. Que devia fazer? Procurar comida. Pedir nas casas? Podia ser, a fome vence a vergonha. Assim decidiu. Foi para baixo, por uma rua nova e viu uma extensão azul à sua frente. Dos dois lados da rua não via casas onde pedir, lhe parecia serem lojas ainda fechadas ou edifícios para serviços. Avançou mais e a extensão azul, que ela reconhecia, se alargou. Desembocou em plena Avenida Marginal, rodeando a apertada baía, até parecia era lago muito grande. Se maravilhou, nunca tinha visto coisa mais linda. Tinha estudado nos livros da escola e o pai também contou, por isso sabia de que se tratava. Mas era mais bonita na realidade que nas fotografias que vinham nos compêndios escolares. Lá do lado esquerdo devia ser a Ilha com suas palmeiras e casuarinas. Esqueceu a fome e a vontade de urinar. Ficou só contemplando a baía, os prédios à volta, a Fortaleza de S. Miguel, que ela sabia ser muito antiga, ascendendo à época da conquista colonial. Viu muitos barcos ancorados e um objeto enorme e muito estranho no meio da baía, que mais tarde lhe explicaram ser uma plataforma de petróleo que vinha para manutenção em Luanda.

O sol começou a aquecer e ela regressou ao outro lado, onde havia prédios, procurando sombras. Muitos edifícios tinham arcadas e ainda havia pessoas dormindo debaixo delas. Adultos e crianças. Sobretudo crianças. Foi andando pela sombra, estudando as casas. Mas não eram de viver, se tratava de bancos, companhias, serviços. Os prédios de apartamentos tinham as entradas fechadas, nenhuma janela onde bater e pedir comida. Ou sítio onde urinar. Como vou fazer para mijar? Atrás de algum contentor de lixo? Seria visível de algum lado. Andou, viu um grande edifício azul onde estavam polícias à porta, preferiu evitar e atravessou a estrada, agora já com movimento assustador de carros, ultrapassou a esquadra ou lá o que era e voltou a atravessar para o lado dos prédios, deixando a borda do mar. Se aproximava do morro onde estava a fortaleza. No morro havia muitos arbustos e mato, bom sítio para se esconder e fazer as necessidades. Atravessou mais um largo e se embrenhou na vegetação.

Saiu dela mais ligeira, mas com nojo, pois servia para todo o tipo de despejos. Teve de ter muito cuidado ao pôr os pés para não pisar os excrementos depositados na véspera. Encontrou as quase ruínas da antiga fábrica de sabão, imaginou ser um local possível de refúgio. Mas não era ali que encontraria comida. Entrou no Bairro dos Coqueiros, com muitas casas velhas e baixas, sítio dos começos da colonização, conforme aprendera nas aulas de história. A primeira construção foi uma capela no sítio onde hoje é a fortaleza, que sofreu melhoramentos durante séculos, sobretudo quando os holandeses ocuparam Luanda e deram ao forte a estrutura pentagonal. Na parte adjacente à fortaleza se estabeleceram várias igrejas e o palácio dos governadores e os tribunais, cadeias, enfim, o centro do poder político e religioso, a chamada Cidade Alta. Ao mesmo tempo, em baixo da barroca, próximo do mar, onde atracavam os barcos, se estabeleceram os comerciantes, criando o Bairro dos Coqueiros, a dita Cidade Baixa. Ainda há tempos o pai insistira na lição de história de Luanda, quando à capital tinha vindo refrescar os conhecimentos. Por isso ela sabia que estava nos Coqueiros. E que havia muita gente humilde habitando ali, onde alguém poderia lhe dar um pedaço de pão. A fome ganhava na barriga, mas sobretudo na boca. Bateu a uma primeira porta na Rua das Flores com seu letreiro envelhecido. Ninguém atendeu. Experimentou a janela. Nada. Uma senhora estava a varrer o passeio à frente, lhe disse, já saíram, não está ninguém, quem és tu? Himba explicou que só queria um pouco de comida, tinha chegado na véspera sozinha do mato.

– Hum! – Fungou a senhora, parando de varrer e contemplando-a. – Todos dizem a mesma coisa, todos dizem estão a fugir da guerra... Afinal fugiram de casa mesmo ali no Prenda ou no Cazenga. E fugiram porque não querem ouvir os conselhos dos pais ou ir na escola.

– Vim mesmo do município, juro...

– Xê, não jura! Não sabes é pecado jurar em vão?

Himba não queria discutir nada, só um pedaço de pão. Por isso avançou pelo passeio sem responder, em busca de uma casa com gente. Ouviu a voz da senhora:

– Xê, tu aí, matuense, estás a ir aonde? Eu acabei de falar?

A menina se virou de novo para a senhora, mas sem lhe olhar de frente, com vergonha. Dera um passo muito grande, nunca na vida pedira algo a estranhos. E ainda por cima estranhos que não acreditavam nela. Mas os pais lhe ensinaram bem, se respeita um mais-velho, não se pode ignorar alguém que nos fala, mesmo se mal. Ficou calada, mirando os pés, à espera do que tinha a outra para lhe dizer.

– Vem aqui deste lado, te vou dar pão e leite. Mas não julga que me enganaste, sei que andas a fugir da família.

Himba avançou para ela e esperou ao lado da porta de madeira já sem pintura, enquanto a senhora foi dentro de casa. Reparou na janela, antiga, a pedir lixa e tinta. A casa era muito pobre mesmo, se não visse uma pessoa até julgaria estar abandonada. A senhora apareceu com um pão e uma caneca de leite. Himba agradeceu e comeu avidamente. Quando entregou a caneca vazia e ousou fitar de frente a outra, esta disse:

– Volta para casa dos teus pais. E não fujas da escola.

Himba negou com a cabeça.

– A senhora desculpe. Agradeço o que me deu. Mas eu disse a verdade. Vinha com os meus pais a fugir da guerra, o camião foi atacado, muitos tiros e explosões, fugi com medo, fiquei sozinha, depois apanhei boleia com uns soldados que me trouxeram a Luanda, ontem. O meu pai é que sabia onde mora a minha família aqui, mas nem sei se ele está vivo... Bom dia.

Tinha lágrimas nos olhos, o que amoleceu a mulher, mas esta nem teve tempo de reagir, porque Himba já se afastava com um muito obrigado. Estendeu a vassoura para as costas da miúda, como em chamamento mudo, mas nada lhe saía da garganta. Envergonhada, arrependida? Sim, devia ser isso. Ao menos lhe tinha dado alguma coisa de comer, não se portara tão mal assim. Continuou a varrer o passeio, resmungando para si, crianças de hoje, uma pessoa nunca que podia adivinhar, mas talvez ela falou a verdade, coitada, que vai ser dessa criança?

Himba seguiu pelos Coqueiros e parou na sombra de um enorme jacarandá, contemplando a subida íngreme da Calçada dos Enforcados, elo antigo de ligação entre a parte alta, do poder, e a baixa da cidade. Já tinha gente a subir e a descer, com dificuldade, dada a inclinação e o piso pouco cuidado. Que haveria lá em cima? Não teve coragem de inspecionar, ficou sentada a digerir a comida, pensando nas palavras da senhora. Um dia talvez voltasse para a encarar e ver se acreditava que afinal só falara a verdade. Essa gente de Luanda era sempre assim, desconfiada? Até podia ter dito, nunca fugi à escola, tenho a sexta classe feita, segundo o pai já pertencia a uma elite, atendendo a que mais de metade da população era analfabeta e ela percebia um pouco o que o pai queria dizer, embora a palavra elite lhe fosse totalmente estranha. Aquela senhora seria alfabetizada? Pouco importava, tinha uma casa mesmo se velha e decrépita, pão e leite, o suficiente para ela e para dar. Até podia ser analfabeta, o que era uma pena mas pecado nenhum, só lhe merecia gratidão por no fundo ter sido generosa. E algum pesar pela incompreensão. Ela, Himba, também podia ser mais persuasiva, insistir na verdade. Mas para quê? Era assim tão importante um adulto acreditar numa criança mal vestida?

Tinha de pensar masé na vida. Que fazer? Sozinha numa enorme cidade, sem conhecer ninguém. Como procurar os pais? Depois lembrou, inconscientemente evitara o amontoado de polícias, os únicos que a podiam ajudar a encontrar a família. Sim, devia explicar aos polícias quem era, o que acontecera, eles até podiam pedir informações aos soldados que a ajudaram, procurarem os pais, os nomes e profissões ela sabia, talvez nem fosse preciso dar o nome dos irmãos, mas também podia fazer. Passada a fase da fome, devia tratar de saber da família.

Decidida, avançou para a marginal, refez o caminho e informou o polícia da entrada que perdera os pais. O polícia mandou-a ir para o serviço de recepção, onde contou a sua estória a um homem com cara de sono que a interrompeu a meio e gritou, chamem a camarada Aurora. Enquanto a citada não veio, percebeu que estava num comando policial importante, muita gente andava a subir e descer escadas, alguns com fardas impressionantes. O homem da recepção deixou-a observar tudo com curiosidade de menina, depois lhe mandou sentar numa cadeira e esperar. A camarada Aurora, também fardada de polícia, gorda e bem-disposta, um sorriso que lhe cortava a cara ao meio, acabou por aparecer, ouviu a estória dela, franziu os lábios, resmungou para o polícia da recepção, não sei se os Assuntos Sociais lhe vão aceitar, estão cheios de crianças abandonadas e perdidas, mas vale a pena tentar, disse o outro. Coçando antes a cabeça, a camarada Aurora pegou numa caneta e escreveu num papel que entregou a Himba.

– Vai aqui nesta direção, é o Ministério dos Assuntos Sociais, está aqui o nome da diretora Anacleta Dias, ela é que se ocupa dessas coisas, pode ser te ajudam. Nós somos polícia, temos outra missão.

– Esta camarada Anacleta pode procurar os meus pais? Então não é a polícia?

– Não temos meios. Ela pode. Pelo menos pode te pôr numa família ou num lar, coisa assim, enquanto esperam resposta ao aviso.

– Aviso?

– Costumam pôr avisos no jornal para ver se a família aparece.

Era coisa nova para Himba, lá no município não tinha jornal e ninguém punha avisos fora da administração.

– É longe?

– Um bocado. Não temos carro para te levar, é mesmo melhor ires a pé. Mas com esse papel podes perguntar às pessoas, toda a gente conhece.

Saiu pouco convencida. Também não tinha alternativa. Andou e perguntou. De facto, rara era a pessoa que não lhe indicava, ainda é longe, vai por ali e depois vira à esquerda etc. Bem mais lá à frente, voltava a perguntar e lhe indicavam. O sol estava alto e a arder, quando chegou. O porteiro não queria lhe deixar entrar, porque estava mal vestida e suja. A sorte foi o papel escrito pela camarada Aurora ter dizeres da polícia e o próprio logótipo em azul-escuro. Quem gosta de barrar uma pessoa que anda com um papel da polícia a dizer o nome da camarada Diretora? Carrancudo mas obediente, o porteiro disse o sítio. Himba subiu dois andares. Mas a camarada Diretora não era tão acessível assim, primeiro teve de esperar outras pessoas a serem atendidas, depois mostrar o papel numa secretária, que a enviou para a colega do lado, o tempo passando. E as secretárias ou lá o que eram liam atentamente o papel que só tinha o nome da Diretora e o nome do serviço. Mas parecia um código muito secreto, pois elas mexiam os lábios a ler com toda a atenção e depois deviam ler mais três vezes, dado o tempo do exame. Finalmente, uma disse, aliviada, afinal isso é com a chefe do Departamento de Apoio ao Menor e Himba foi mandada descer um andar para entregar o papel a outra secretária, esta de óculos e por isso lendo mais depressa, a qual lhe disse logo, estamos fechados para o almoço, volta às três da tarde. Almoço?

Era bom que ela tivesse.

Esperou fora, numa sombra. Não lhe parecia que aquelas secretárias fossem capazes de descobrir a família dela ou lhe darem um refúgio. Só sabiam mexer em papéis e dizer não às pessoas, conversarem uma com a outra, ignorando desdenhosamente quem esperava por elas. Mas, já que estava ali, ia experimentar a tal chefe de departamento.

A qual, ainda brilhante do que comera e bebera, palitando os dentes sem pôr a mão à frente como a mãe de Himba lhe ensinara nas lições de etiqueta e boa educação, foi logo dizendo que procurar família não era trabalho do departamento nem do ministério e os poucos lares estavam cheios a atirar crianças pela janela. Era alta e com cara de cavalo, parecia o Trovão que ela conhecera numa quinta do município natal.

Tinha só perdido o seu tempo.

Foi marchando pelas ruas, empurrada por pessoas correndo para apanhar os candongueiros, ignorada pelas demais. Não sabia onde ir e a fome tinha voltado. Felizmente encontrara uma mangueira de jardim no largo do ministério, por isso bebera água que dava já para muito tempo. Não tinha vontade e se forçou a beber, quem sabe quando teria acesso a outra mangueira? Decidiu voltar ao sítio onde tinha dormido, se a sorte lhe levasse lá. Alguns edifícios serviam de referência e conseguiu chegar à baixa, com a tarde muito avançada. Devia bater a uma porta e pedir comida? A experiência da manhã ainda estava presente, desconseguiu de enfrentar outra senhora desconfiada. Ou o destino lhe levava comida às mãos ou dormia mesmo assim, decidiu. E desceu a avenida Amílcar Cabral, a caminho do mar. Antes chegando à Mutamba. Tinha explorado uma parte importante do casco urbano, atravessara muitas ruas, só não sabia os nomes.

Havia alguém que soubesse nomes de ruas em Luanda?

Nomes não fazem falta, interessa a memória dos lugares. E ela tinha uma excelente memória. Um recurso indispensável numa cidade onde os mapas eram raros e desatualizados e faltavam nomes de ruas e números de casas. Os carteiros lá se safavam em alguns bairros, mas era um saber muito antigo e transmitido pela tradição oral.

Nos outros bairros nem carteiro havia.

Chegou à Mutamba na hora em que ela começa a esvaziar lentamente e os miúdos se aproximam dos locais de repouso. Alguns andavam pelos contentores, dois até lutaram por causa de qualquer pacote lá encontrado, talvez com restos de bolacha, parecia. Um mais velho foi separá-los, o mais pequeno refilou porque ficara sem o pacote, o mais velho lhe deu um empurrão, desaparece. E dividiu o pacote com o que o apanhara. O mais pequeno se afastou, limpando as lágrimas dos olhos.

Foi nesse momento que ela reparou no rapazinho, franzino e mais pequeno que ela, só com uma perna, saltitando apoiado num pau. O toco da outra perna desaparecia nos calções. Ele vinha da marginal e parecia decidido. O pau não era uma muleta, antes uma parte de vassoura, numa das pontas da qual estava incrustado um bocado de madeira enrolado em panos para suavizar o uso. Nesse bocado de madeira ele assentava o sovaco. Dava para andar, mas devia cansar muito, pensou Himba. E, apesar dos panos, devia magoar. Nem precisaria de perguntar, a criança tinha pisado uma mina, havia gente assim por todo o país. O pequeno veio na sua direção, como se de longe tivesse reparado nela. Já perto parou, olhou atentamente, depois disse com descrença:

– Não, não és a Sofia.

Ela negou com a cabeça.

– O meu nome é Himba. Quem é a Sofia?

– Ao longe parecias... É a minha irmã.

Outro procurando família. Mas pela desenvoltura dava para ver ele estava familiarizado com a cidade. De facto, se encostou a um dos pilares do edifício das Finanças, perguntou, vais dormir aqui? Ela concordou, já ontem o fiz. Ele fez sinal para a parede, ficamos ali.

E se sentaram debaixo da cobertura, perto do canto onde Himba estivera na véspera.

– Ontem fui fazer mais um reconhecimento à Ilha. Dormi lá. Muito melhor que aqui ou na marginal. Tem alguns restaurantes, dá para apanhar comida que sobra e eles deitam no contentor do lixo. Até cães e gatos vivem por ali, à espera das esquebras dos restaurantes. E se dorme melhor na areia. Amanhã vou passar a viver lá. Antes estava na marginal, umas vezes dormia aqui, mas fica frio à noite, vem vento do mar. Na Ilha tem vento, mas bocados muito grandes de cimento onde se pode arranjar proteção, assim como uma coisa, esqueço o nome, que se cava na rocha, um buraco...

– Uma gruta?

– É isso. Claro, uma gruta é maior, mas mesmo assim... conheci umas no Kwanza-Sul, minha terra. Quando era pequeno.

Himba riu, até parece que és muito grande.

– Me chamo Kassule.

– Cheguei ontem do Huambo.

A pedido dele, ela contou resumidamente a sua trágica aventura. Ele mexia a cabeça, indicando compreensão. Não disse uma palavra de pena, só os gestos da cabeça.

– Eu pisei uma mina lá na terra, perdi a perna. Me mandaram para Luanda, cortaram mais um bocado da perna porque estava mal, disseram, ficou só um restito. Um dia vão me pôr uma perna de metal e madeira, mas ainda falta. Dizem, há uma lista grande, é preciso esperar a vez. E crescer. Se me põem agora, vou crescer e depois ela já não serve, fica pequena demais, têm de me pôr outra. Assim estou à espera de crescer depressa para ter uma pótese, não, prótese, me ensinaram mesmo. E saltou de seguida para o assunto que lhe interessava, a minha irmã mais velha veio me visitar onde eu estava, mas houve um incêndio no bairro, a família onde vivíamos, nossos parentes, uma parte morreu no incêndio, o barraco desapareceu, ficou só cinza. Tivemos de abandonar o bairro... Os parentes foram recolhidos pelos deles, já não havia lugar para nós. Dormíamos por aqui ou na marginal. Um dia, um carro parou, um homem falou na minha irmã. Ela me disse, espera aqui, vou ganhar comida e talvez dinheiro. Esperei. Não voltou. Dias passaram e eu à espera, nunca voltou. Costumo vir aqui algumas

tardes, três vezes por semana, pode ser ela volta.

– Há quanto tempo ela foi no carro?

– Muito. No ano passado. Mas agora ela já tem de ser maior do que tu, não sei porquê te confundi... Parecias ela. Assim bonita...

– Às vezes é a vontade de ver que nos engana.

– Achas ela está viva?

Muita ansiedade na voz do menino, quase uma prece tímida. Quantas vezes se fizera essa pergunta e a outros? Teria ouvido muitas respostas?

– Gostava de te responder, mas que sei eu? Vim ontem do mato, ainda hoje uma senhora me chamou de matuense... Ela tinha razão. Não sei nada da grande cidade.

Kassule bateu com a mão na perna boa, num gesto de ânimo.

– Ela está bem e vai voltar. Eu sei vai voltar, a Sofia não me ia abandonar. Já me falaram, muitas moças vão com tipos nos carros e desaparecem, lhes mandam para o estrangeiro, nem sei bem o que isso de estrangeiro é. Mas a minha irmã Sofia? Não. Ela vai voltar, eu sei, sinto...

E batia com a mão no sítio do coração.

– Mas porquê foi com o homem no carro?

– Então não te disse? Para ganhar comida e talvez dinheiro, o homem lhe prometeu.

Himba não percebeu todo o sentido, mas preferiu não insistir numa coisa que incomodava o menino.

– E os teus pais?

– O meu pai era soldado, morreu na guerra, primeiro. A mãe ia comigo na picada, pisou a mina. De facto foi ela que pisou a mina, por isso fiquei vivo. Muitas vezes pergunto para quê...

– Não digas isso, Kassule... Deus lá sabe porque nos faz viver.

– Nunca lhe vi, esse teu deus.

– Nem eu, mas acredito.

Kassule não disse nada, respeitou. Tinha dez anos. Foi assim que se tornaram amigos.



Diego Moreira estudou o quadro que pintava, de animais selvagens numa savana. Há pouco tempo comprou um cavalete, mas era apenas pretensão. As telas grandes, como as que via nas exposições dos pintores, os mais e os menos conhecidos da terra, sempre o assustaram. Tentou misturar tintas diretamente numa delas, para ver o que saía. Sempre podia experimentar o abstracionismo, ainda atual. Mas a mistura lhe repugnava, não acertava em combinações interessantes e acabava por retirar a tela do cavalete, cortá-la em quatro pedaços, o que dava origem a quatro quadros diferentes, embora de uma mesma linha narrativa, instrumentos tradicionais de música, kakoxi, reco-reco, kissanje, tambores, puíta, címbalos etc., organizados como uma natureza morta dos pintores europeus. Em vez de elementos culinários, instrumentos musicais. E mudava posições, introduzia ou retirava um deles, diferenciando portanto os quadros. De outras vezes pintava mercados ao ar livre, como as centenas que existiam em ruas ou antigas praças de Luanda. Ou tipos de árvores, mussivi, acácia amarela ou rubra, imbondeiro, mafumeira, mulemba, muxixi, em conjuntos ou com um exemplar isolado. Ainda usava cenas de mar, pescadores a puxar redes para uma canoa, traineiras, calema, calmária. Fazia questão em que, embora tratando do mesmo assunto, estes tipos de conjuntos nunca fossem iguais, senão, como supunha, seria um artesão e não um pintor, pois o artesão faz sempre os mesmos objetos, maiores ou mais pequenos, em madeira mais escura ou clara, se repetindo e ganhando eficácia, produzindo

rapidamente. Alguns amigos contestavam, talvez não fosse a distinção, mas ele de qualquer modo se sentia mais confortável fazendo cada mercado diferente do outro, ou cada imbondeiro com um tronco menos gordo que outro. Sempre quadros com cores vivas, predominância do ocre quase vermelho da terra angolana, o verde muito verde das serras da Gabela, o azul muito azul do céu e do mar, saudade de um tempo sem poluição. Podia ser chamado de um pintor *naïf*, como os franceses diziam dos congoleses, uns ingênuos, não se importava, devemos ser diferentes e se a ingenuidade da nossa arte choca o gosto europeu, tudo bem, passemos. E até nem chegava a ser verdade, uma boa parte dos compradores dos seus quadros, se não a maioria, eram europeus. Um dia Sofia perguntou, achas que comprem porque gostam mesmo ou apenas querem ser simpáticos, algum paternalismo à mistura? E ele respondeu, nunca vi ninguém perder dinheiro para ser simpático, mas se conheces alguém assim, mostra-me que lhe vendo uma carrada de quadros pendurados por aí há um tempão, não te ofendas, se defendeu ela, apenas te transmiti o que alguns dizem dos quadros comercializados na rua e não nas galerias ou exposições.

Como se só os das galerias fossem sérios.

– Nunca haveremos de sair da rua, não é mesmo? – disse ele. – Condenados à partida, como os cristãos com o seu pecado original. O nosso pecado é o da rua, vendedores ambulantes...

Ela pediu mais uma vez desculpa.

Diego era muito sensível a certas posições. Sempre que conseguia ter acesso, devorava as revistas sobre arte e passava horas a folhear livros com reproduções dos grandes mestres, desde os medievais europeus aos cubistas, também europeus, era já uma sina. Também seguia as discussões sobre escolas e estilos. Nem sempre se podia aceder à bibliografia e mesmo a internet não era totalmente fiável. De qualquer modo, em muitas críticas ou observações feitas aos artistas africanos, notava, por parte de estrangeiros ou mesmo continentais, complexos quer de superioridade balofa quer de inferioridade bacoca. Havia preconceitos em todo o lado e a simples suavização do colonialismo operada no século anterior se revelava insuficiente para colocar as coisas em pratos equilibrados. Nem tudo era mau, infantil, grotesco, tosco, como advogavam críticos geralmente ocidentais, nem eram obras-primas feitas a um ritmo de dez por dia por iluminados pintores repetindo paisagens de rios e crocodilos ou escultores trabalhando sobre peles de zebra ou chifres de olongo. Tudo devia ser medido segundo critérios rigorosos e frios, imparciais. Se uma obra lhe tocava as mais profundas fibras da imaginação, pouco importava se provinha de um Rembrandt ou um habitante de um musseque de Luanda, comovia na mesma. O espírito humano não tinha fronteiras e os que lhe criavam as barreiras do preconceito mereciam ser lançados do alto do Kilimanjaro para caírem no vulcão do monte Fuji, se é que ainda estava ativo. Longas conversas contra si próprio, olhando uma tela vazia, sentindo não ser capaz de dar a volta e colocar o fiel parado na balança. Com ele o fiel balançava mais que a balança, indeciso, sem ver para lá dos olhos. Tinha conseguido algumas vezes e então sabia, o trabalho estava excelente.

Raras vezes.

Mais raras do que gostaria. Claro, almejava sempre ficar contente consigo e em cada obra no começo lhe parecia, agora é que vai ser, esta arrancou muito bem, há aqui uma sólida base para avançar. Mas como o general que dá a ordem de ataque e só depois descobre ter faltado reconhecimento suficiente do terreno ou do inimigo, e vê o seu exército se esboroar em armadilhas, se adivinhando impotente para evitar a vergonhosa derrota, também com ele acontecia ir progredindo e percebendo que a ideia inicial e fulgurante lhe fugira, afinal era uma quimera impossível de atingir, tinha de se contentar com a mediocridade de sempre, o quadro bem executado e sem chama. Talvez fosse demasiado exigente, pelo menos os amigos criticavam esse aspecto dele, a procura da perfeição. Mas então o que será a arte senão a procura da perfeição? É mesmo da procura que se trata. No fundo, tudo na vida. Até o da prostituta consciente que tenta satisfazer ao máximo o cliente que lhe causa repugnância. O que conta verdadeiramente é o caminho da busca, não o que se atinge. Acertar no alvo é apenas uma consequência, sabedoria budista. A procura é o processo, o conjunto de vitórias e reveses, dores e sonhos, avançando aos tropeções, uma luz pálida na linha do horizonte. Para se extinguir no

quase lhe tocar.

Os artistas são mesmo complicados.

Desta vez era uma experiência como das outras, parecia ter arrancado bem, o sorriso sarcástico da hiena estava perfeito, o olhar assustado do mabeco dando já o flanco para recuar perante forças mais poderosas, a carcaça do grande antílope no chão à disposição do primeiro bicho, a leoa se afastando com uma perna do ondjiri caçado, o capim ondulado com o vento, e ele conseguia ouvir a canção do vento no capim ondulado, luíniiiiiii, tudo se apresentava certo e consistente, tinha de ganhar a confiança necessária para não se interromper com dúvidas, sim, o capim em cima ainda apresentava manchas verdes mas em baixo já estava amarelo, pois se entrava na estação do cacimbo, o mundo da anhara ia em breve secar, a enorme perna do antílope pingava sangue para a boca da leoa e havia gotinhas num arbusto por onde passou o felino com a presa, tudo certo, milhões de vezes acontecido, mas o que faltava? De repente a mesma sensação horrível de tentativas anteriores. Os elementos se apresentavam pintados com realismo, o conjunto equilibrado, as cores corretas como lembrava de vidas anteriores ou tinha visto em livros e em filmes, os movimentos bem delineados, mas faltava a alma, o estilo único de uma pintura. Qualquer um faria aquilo. E ele não era qualquer um.

Atirou com raiva o pincel contra a parede.

A parede nova do apartamento novo na urbanização nova. Com um borrão de tinta. O chão também com pintas vermelhas. Que diria Sofia? Ficou a olhar para a parede, consternado. Suspirou de alívio por fim, para quê era pintor? Devia deixar a tinta secar na parede, depois disfarçava com um pouco de branco, ninguém ia notar. Se nem isso fosse capaz de fazer, então...

Se deitou na cama, desolado com as suas malambas. Dali podia ver o cavalete e o quadro, bem maior que o habitual. Vulgar, um quadro africano, como esperavam os turistas... A paisagem era inconfundível, podia ser no Quênia ou Tanzânia, ou mesmo Angola, os bichos, os que habitualmente se veem na televisão e as crianças europeias reconhecem aos quatro anos, a cena banal, uma leoa que caçou um grande antílope e os necrófagos depois aproveitam os restos. Como ele aproveitava os restos que sobravam da arte dos grandes pintores. Antes pintar imbondeiros de todos os tamanhos, com múkua ou sem múkua, de preferência com as múkuas penduradas, parecem mamas de velha embora menos ressequidas.

Amargo, o seu estado de espírito.

Tentou dormir. Ficava um momento de olhos fechados, mas logo os abria. O quadro atraía-o. Parecia um desafio. Ele estava ali na tela a chamar por ele, vem jogar comigo, não queres fazer uma aposta e jogar comigo? Era o espírito do quadro, a alma que ele procurava? Haveria mesmo uma voz interior de todos os quadros que por vezes ele conseguia ouvir? Histeria, toque de marketing? Magia inexplicável que rodeia qualquer obra de arte quando executada sob o efeito de drogas ou sentimentos indomáveis? Ou apenas uma aglomeração de disparates que os artistas inventam para rodear a sua obra de mistérios insondáveis, forças ocultas arrebatadoras, misturadas com a obsessão do sublime, o tal elo perdido? Artistas e escritores têm estas confidências bem estudadas, sobretudo para entrevistas de televisão, pensadas com tempo. De preferência, referências acompanhadas de uma voz profunda e baixa, a mão a sustentar vagamente o queixo, o olhar perdido no vácuo, fingindo inteligência e sentido de comunicação com outros universos, inacessíveis ao comum dos mortais. Sucesso garantido neste mundo de aparências e futilidades. Sobretudo para jovens sonhando com aventuras românticas, mesmo se rodeados de um cinturão de explosivos.

Mas... E o quadro?

Estava ali a desafiá-lo. Que mais pode fazer um quadro inacabado do que desafiar o seu autor? A tentar terminá-lo ou a destruí-lo à facada, não, isso não, que a tela é cara e difícil de encontrar, sem esquecer a eterna falta de capitais. Um facto era certo, o quadro comunicava com ele, ou a alma da pintura, como se queira. Não entendia o que dizia ou gemia, gemendo ele também.

Foi assim que Sofia o encontrou, entrando sem bater, como era hábito na casa, entre eles não havia

privacidades.

Diego saltou da cama e então ela viu a mancha na parede, uma mancha insignificante.

– Aconteceu um acidente... – Se apressou a justificar. – Mas vou disfarçar isso, não te preocupes.

– Atiraste com o pincel à parede?

Era muito comum, embora para ele parecesse sempre a primeira vez. Ela apreciava bué a atrapalhão dele, como uma criança apanhada em falta. Fingia não gozar, ria para dentro. Diego era previsível, todos os próximos sabiam as suas reações, mas fingiam ser apanhados pelos sustos ou ameaças. Ele adorava provocar admirações e o seu medo ficava amainado quando acreditava ter conseguido esses efeitos. Um teatro para todos, menos para ele.

– Quer dizer que não estás muito satisfeito com o teu trabalho. Olha que não está nada mau, tem movimento, há uma estória por trás, se percebe, a hiena e o mabeco são símbolos fortes dos aproveitadores, a leoa faz o que a sua natureza manda fazer, alimentar a família, acho está quase pronto, porque te chateaste?

– Qualquer mau pintor é capaz de fazer aquilo.

– Aquilo? Bem, eu nem má pintora chego a ser, não posso falar sobre o assunto, mas conheço uns quantos pintores reconhecidos que não se importariam de assinar por baixo... quando estiver concluído, claro.

– Achas mesmo? Falta-lhe alma.

Sofia deu uma gargalhada.

– O sopro divino? Vai lá assoprar e devolve-lhe a alma que lhe roubaste.

– Estás a gozar.

– Estou.

– No entanto, tem algum sentido. Dei-lhe corpo e lhe tirei a alma, é isso? O sopro divino...

– Deixa de feitiçarias! Muito gostas tu de ir buscar sortilégios para explicar o que crias. Pensava que já tinhas abandonado essas partes de animismo pictural, enganei-me, passaste apenas a esconder de mim. De facto, não sinto cheiro a fumos de ervas estranhas. Antes usavas. Até mesmo fumavas as liambas fundamentais para a criação, conforme dizem os consagrados... Aqui não, aposto por ser um apartamento novo e andas com cautelas. Podes fazer os teus feitiços à vontade, o quarto é teu. Quando abandonarmos este, mandamos pintar tudo para entregar ao dono em condições decentes... Devias ter mesmo um estúdio só para pintares, isolado, com todos os fumos, sujando todas as paredes, escrevendo mesmo nelas se necessitasses. Mais um tempo e poderemos arranjar o estúdio, te prometo. Então, sim, vais sentir o sopro divino que emana das tuas obras.

– Andas a falar muito caro. Emana? Quer dizer o quê?

– Não me gozes... Te agrada a ideia de um estúdio?

– Por enquanto aqui estou bem. E os fumos e as drogas já passaram de moda, não uso mais. Nem os colares de conchas ou de unhas de onça. Ainda menos a liamba... Nem trabalhar todo nu, só com um sapato calçado...

– Já houve um escritor que escreveu isso, lembra?

Sofia não queria ir por aquele caminho, sabia ele estar chateado e faria tudo para lhe mudar o humor. Mudou o foco da conversa, insistiu:

– Um estúdio, pois claro. Se as coisas continuarem assim com o restaurante, vamos conseguir depressa.

– Agora és sócia... Uma mijagrosso...

– Ainda. Mas vou chegar. Que dizes, um estúdio?

Diego riu. Depois falou e a voz era sentida:

– Não percebes o disparate? Um tipo com um estúdio e tem de vender quadrinhos nas kitandas e na rua?

– Há quem venda nos hotéis e com sucesso. Devias procurar colocar alguns quadros. Os hotéis não se importam, muitas vezes nem cobram comissão, porque os turistas gostam de ver arte e dá vivacidade ao sítio. E se cobrarem comissão também não faz mal, porque os preços se tornariam mais altos. Mas tens de te mexer, ir lá, falar com alguém, tentar vários sítios, com uma amostra, pedindo um espaço de parede num bar, nas escadas, numa sala de passagem, num corredor, sei lá, onde muita gente visse. Se eu tivesse tempo te ajudava, ia convencer os tipos, mas tens de te desenvolver sozinho, já és grandinho...

– Já falámos disso. Sim, tens razão. É o gênero de pintura que tem nos hotéis.

Ela notou a amargura dele, relegado para mercados e sonhando com vãos de escada num hotel, enquanto os outros conseguem fazer exposições em salões importantes.

De repente, Diego olhou o quadro e saltou da cama. Foi buscar o pincel abandonado no chão e começou furiosamente a misturar tintas na paleta. Frenético, os olhos esgazeados, com medo de deixar fugir a ideia. A presença da irmã não o incomodava. E ela nem se mexia, percebendo o êxtase que o atingira. Só pensava, acendo uma vela se der certo, se ele ficar feliz no fim, mesmo se não acredito na força das velas e no que representam.

Diego encontrou a combinação de cores pretendida e começou a pintar. Era um tom acinzentado com um toque de vermelho sanguíneo muito ligeiro e ela não entendia as formas que se iam desenhando por cima da imagem da carcaça do antílope. Depois ele passou para outro tom, mais escuro, para em seguida voltar ao cinza inicial, pintando com fúria, em largas pinceladas. Sofia compreendeu então, o tom mais escuro eram os cascos e o resto, espectral, era o corpo de um belo ondjiri, de cornos enormes e retorcidos, em três volutas, fugindo dele. O espírito saindo do cadáver esfacelado, voando em direção de onde estava a leoa com a perna do antílope. E o espectro com efeito só mostrava três pernas, a quarta podia estar escondida pelo resto do corpo ou simplesmente não existir no espírito por ser levada na realidade pela leoa. Tinha estória, talvez a alma que ele procurava. Muito lentamente, sem um ruído, saiu e fechou a porta do quarto.

Os artistas precisam de solidão, mesmo se não o reclamam.

3

O grupo de jovens continuava a frequentar o restaurante, pelo menos duas vezes por semana. Agora o grupo agregara outros que tinham acabado cursos no estrangeiro e também habitavam os condomínios novos e de luxo de Luanda-Sul ou Luanda-Sudeste. Amigos de escola ou de infância, levavam namorados e namoradas, maridos ou esposas raramente, jantavam e depois ficavam na conversa e a beber os mais caros digestivos. Era nessa altura que Sofia dispensava o pessoal e se reunia ao grupo, puxando uma cadeira e bebendo água mineral gaseificada ou uma cerveja. Eles bem insistiam com ela, gin com pimenta e framboesas ou com maçã verde e zimbro ou alecrim e azeitona verde ou apenas com pepino, todas as variedades de gin, a moda do momento e a moda que nunca deixava de o ser, o uísque de malte de quinze anos, uísque escocês de vinte e quatro anos, uísque sem cor de quarenta e oito anos, mas ela não passava da cerveja, já com álcool a mais para o seu gosto. Por ter a certeza de que tudo se ingeria, ela encomendava para o restaurante essas bebidas caras, que davam o maior lucro. Não foi sempre assim. No princípio, tinha medo de investir em mercadoria que não tivesse consumo. Mas os rapazes (primeiro eram de facto só rapazes, quatro, seis, mais tarde começaram a vir acompanhados de moças) exigiam, comida tão boa merece acompanhamento melhor. Ela arriscou comprar alguns vinhos de mesa de qualidade, contrariando a vontade de Dona Ester, condicionada só a cerveja e bebidas baratas que os clientes habituais preferiam. Os jovens apareceram mais vezes e consumiam todas as garrafas. Parecia, quanto mais caro era o vinho, mais eles bebiam. E pagavam com cartões de crédito de platina. Por vezes ela levava os cartões para o pagamento e os nomes raramente correspondiam. Não interessava, ou eram dos pais ou nomes falsos mas de empresas sediadas em ilhas estranhas, ela não estava ali para investigar, apenas receber os pagamentos.

Depois foi a luta pelos digestivos. Esse uísque é reles demais, comprem esta marca e aquela. Já mais confiante, ela comprava os destilados caros, toda arrepiada só de ver os preços no grossista. E mais arrepiada ficava quando multiplicava por três o preço para venda e os moços acabavam com o *stock*, pagando sem sequer fazer contas. Dona Ester aos poucos foi acalmando com as explicações dela, veja, isto é lucro proveniente desse grupo e isto é o lucro geral do restaurante, veja a importância destes clientes. Não havia dúvidas, aqueles moços eram uma galinha de ovos de ouro.

Deviam ser acarinhados, satisfeitos em tudo.

Por vezes vinham doze, geralmente mais, nunca chegando aos vinte. Para festas, iam a outros sítios, ela ouvia-os conversar. Mas para um grupo de clientes de quatro no princípio já era ótimo que aparecessem doze agora. Todos eles esfomeados, embora isso pouco contasse, mas com vontade tremenda de beber e o mais caro que existisse. Além disso, as contas eram sempre muito fáceis de fazer, não era ao copo que se cobrava, era à garrafa. Ela de vez em quando aliviava um pouco a mesa, juntando as garrafas vazias num canto para no fim as contar. Em três horas, podiam derrotar três garrafas de gin e oito de uísque, dependendo do número deles. Havia ocasiões em que reclamavam, está tão boa a discussão, deixa-nos ficar mais tempo, mas Sofia era inflexível, à meia-noite fechamos, é um trato com a vizinhança e mesmo assim são muito compreensivos, muitos se levantam às cinco da manhã para levar os filhos à escola e estarem nos empregos às oito. Claro, os jovens não sabiam o que era isso, o mundo do trabalho lhes era absolutamente estranho, viviam na casa dos pais ou na casa que os pais compraram para eles, trabalhavam em empregos fictícios ou então familiares, sem obrigações

de horário nem produtividade, formatados só para gastar o dinheiro fácil de ganhar. Horários?

– Deixa lá os vizinhos, hoje dormem um pouco pior, Sofia, não queremos sair.

Mas ela conseguia pô-los na rua, depois de feitas as contas e pagarem, à meia-noite em ponto.

Também acontecia as conversas derivarem para assuntos mais íntimos. E um ou outro olhar para ela em atitude menos convencional. Ela se mantinha distante, nada interessada na conversa, menos ainda nos olhares convidativos.

Abdias, sentado ao lado dela, uma noite lhe segredou, não queres ir a uma festa que vamos dar na casa do Solferino? Vais gostar, tem uma boa piscina, todo o dia a apanhar sol e portanto com a água tépida, muita bebida, gente bonita, algumas pessoas que costumam ver nas revistas de fofocas, até na televisão em anúncios e a fazerem de atrizes de novela... Nem precisas de fato de banho, cueca serve. Às quatro da manhã nem de cueca precisas para entrar na piscina, está todo o mundo bêbedo, muito pedrado, há cada ganza... Ela declinou o convite, um pouco escandalizada. Abdias encolheu os ombros, nem sabes o que perdes, são grandes farras, as melhores. A casa é dos pais do Solferino, por isso só dá para fazer trumunos quando eles estão no estrangeiro, o que é o caso agora. Haverá outras oportunidades, mas quem adivinha quando? Por isso hoje a malta até vai sair mais cedo. Se quiseses levo-te no meu ruca, um novo que me ofereceram porque o paizão fez um grande negócio na China e então, na passagem pelo Dubai, se lembrou do filhinho que andava numa sucata velha e me fez o carinho.

Abdias estava em veia de confidências, talvez porque seria a primeira vez que ficava naquele canto da mesa onde ela encostava sempre a cadeira, lugar de eleição para controlar o grupo e o resto das mesas, bem como a porta de entrada. Ela ouvia só, sem repetir a negativa, sentindo no entanto a coxa dele em contacto com a sua. Mantinha a posição, não retirava a sua, por medo de poder parecer demasiado grosseira, embora não a excitasse o contacto físico. Abdias até era interessante e um dos menos excessivos do grupo. A coxa dele procurou a sua, disso estava certa, não era um acaso que acontecia nessas mesas com muita gente, uma pessoa tocava na perna da outra sem querer e retirava. Só mantinha o contacto quem queria mesmo. Sofia falava sobretudo com outros, Abdias era mais discreto, talvez tímido. Nessa noite se desforrava de toda a timidez, pensou. E lhe deu vontade de sorrir, vontade que não se materializou ao sentir a mão dele pousar no seu joelho. Ela empurrou levemente o braço e ele retirou. Desculpa, disse, e pôs a mão em cima da mesa.

Não era o primeiro que tentava.

– Deixa lá, só estás um bocado bêbedo.

Então, tinha de manter a freguesia, não?

Abdias não voltou a abordá-la, nem falou mais, parecia ter perdido a língua. Nunca era muito loquaz, deixava as grandes discussões para os outros, por vezes tentava extrair uma conclusão de uma conversa, uma frase breve, concisa, nunca deslocada. Seria dos mais inteligentes do grupo, achava. Tinha pena que ele se tivesse excedido, talvez contagiado pelo espírito dela, se concentrando no contacto da perna masculina, embora sem prazer. No entanto era verdade, sentia mesmo a coxa dele, quente, houve transmissão de pensamento e o jovem perdeu a timidez, tentou. Pode ter sido ela a razão da atitude. Mas como foi parar ali a perna dele? Ela não tinha feito nenhuma aproximação, estava segura disso. De facto, a iniciativa partiu de Abdias, começada com o convite para os acompanhar, a alusão à piscina e à nudez dos corpos, para, Sofia, para de te recriminares, agiste bem em afastar a mão e mostrar que não estavas interessada em brincadeiras.

Iria contar a Diego?

Obviamente, não. Ele já tinha perguntado várias vezes, mas esses rapazes não se atiram a ti? Nunca te convidam para saíres com eles? E ela dizia, nunca, mas também recusaria, se algum o fizesse. Acho que eles adivinham. E que interesse posso suscitar em gente tão rica que vê tudo no mundo e convive com mulheres belíssimas? Nunca se sabe, dizia Diego. Podia ao menos ser simpático, dizer mas tu és

linda, minha irmã, são cegos ou quê? Preconceito de classe? Mas Diego nunca ripostava assim, o que teria valor pois vinha de um artista, conhecedor do belo, opinião abalizada, portanto. Depois de ela responder com seu jeito de boca descaída, em desdém, ele mudava a conversa e não lhe fazia o cumprimento que lhe agradaria ouvir. Talvez fosse o problema dele, que se queixava às vezes de não provocar o interesse das mulheres, embora as estrangeiras, sobretudo francesas, lhe fizessem muitas perguntas sobre a sua arte, a técnica utilizada, de que forma era influenciado pela pintura da África Central, perguntas bué, para deixarem os quadros todos sem comprar e franzirem os lábios daquela maneira própria que têm as francesas de nariz empinado como evitando cheirar os maus odores dos corpos e do lixo empilhado perto das bancas dos vendedores. Teria mais sorte se fizesse um reparo sobre o cabelo bem penteado, ou a curva das sobrancelhas, coisas que as mulheres gostam de ouvir. Ele era incapaz. E depois se queixava da falta de clientes e também de amantes.

Fora o próprio Diego que lhe contara a estória de Eneias, pseudônimo mítico de um pintor como ele, de sereias e hipopótamos em todas as lagoas à volta de Luanda, o qual conseguira interessar na sua arte muito rústica, no parecer do irmão, uma francesa casada com um tipo dos petróleos, a qual frequentava com regularidade a feira de artesanato no caminho do Sul, se perdendo em reflexões e palpites pelas bancas dos pintores. Não se interessava pelas esculturas ou os trabalhos sobre osso e marfim, na altura em que o marfim tinha tráfego legal, antes das campanhas contra o abate indiscriminado de elefantes levadas a cabo por algumas oénegês. Ela só queria os quadros. E quantos mais rios e lianas de árvores tivessem, melhor. Por isso se enamorou de Eneias, um tipo que apesar do nome mais parecia ser do Congo ou ter vindo de lá. Ele tinha a paciência de lhe explicar todos os detalhes e inventar situações complicadas em que estivera envolvido com cobras nas matas ou com todo o tipo de bichos nos rios do Norte do país. Tinha lábia, o Eneias. Daí que ia a casa dela lhe levar quadros e mais quadros. Até o marido lhes apanhar pintando de outra forma na cama. A francesa levou um visto de saída em vinte e quatro horas e o Eneias perdeu uma boa fonte de receitas. E de prazeres, segundo contava a Diego, coisas que ele nem imaginava poderem ser feitas numa cama ou numa mesa de cozinha. Eneias ficou mais pobre com a partida abrupta da francesa, mas manteve a ginástica e sempre conseguia convencer algumas clientes europeias do bem fundado da arte pictórica africana, fazendo mesmo filosofia sobre o que pintava, misturando fabulário com mitos mal apreendidos, sempre na ótica de Diego, e com listas de reis do Kongo ancestral, a começar por Nimi-a-Lukeni, os quais na realidade não tinham nada a ver com os quadros que ele pintava, mas serviam para criar uma aura de credibilidade histórica às paisagens ou cenas representadas. E elas, as babacas, loiras em geral ou de cabelo pintado, se rendiam aos seus encantos, como aconteceu com uma holandesa que mal entendia o português já por si difícil dele, mas deixava as palavras do artista escorrerem pela pele sardenta e suada, escolhendo quadros, tocando inadvertidamente a mão do pintor, até ele estar certo de que a presa ficara fígada e combinar ir lhe levar quadros em casa. Até o marido descobrir e o visto dela caducar de um dia para o outro... Eneias tinha herdado certamente alguma coisa do nome, habilidade talvez para enganar pessoas. Não foi o Eneias da lenda que aprendeu comércio em Cartago com Dido e depois a largou em lágrimas para montar uma banca no sítio que um dia seria Roma? Ou estava a confundir nomes?

Sofia ria, tenho de conhecer esse Eneias, é um personagem, podes crer, minha irmã, que personagem! Pinta mal que chega, mas vende mais que uma zungueira vende tomate...

– No outro dia veio ter comigo – continuou Diego. – Um grande negócio. Sentia não ser capaz de uma encomenda. Uma alemã qualquer, ou era norueguesa, não sei, queria um quadro de um elefante a trepar numa árvore. Irreal, claro. Pagava bem. O Eneias então me propôs para eu pintar aquilo e depois dividirmos a meias, imagina.

– Não aceitaste porquê? Por dividir a meias ou por não gostares de pôr um elefante a subir uma árvore?

– Até era muito fácil fazer um quadro desses. Demasiado imbecil para o meu gosto. Ainda por cima de encomenda, nunca gostei de encomendas dessas. A cliente decidia tudo, só faltavam as cores, até lhe

podia exigir um elefante cor-de-rosa ou verde-marinho, um capricho, e o artista que o faça, pois ela paga. Só perguntei, como quer ela, as orelhas caídas para o chão, porque o elefante está a subir e as orelhas sofrem os efeitos da gravidade, ou ficam direitas como normalmente têm os elefantes de pé? Não lhe perguntei, disse ele. Mande-o perguntar antes de decidir.

– Mas já tinhas decidido...

– Claro.

– E ele trouxe a resposta?

– Ela hesitou muito, parece, nem sei se compreenderam o que eu tinha perguntado, um e outro. Então, a senhora mudou de opinião e já não era elefante, queria uma girafa a descer os rápidos do Kwanza, ali onde vão fazer a nova barragem e dar cabo de toda a paisagem. Para ela era histórico, uma agressão ao coração de África, um crime ecológico...

– Até pode ser.

– As barragens sempre dão cabo das cataratas e rápidos, li isso algures. Ficamos sempre a usar candeeiros a petróleo só para não dar cabo das cataratas? Eles nos países deles já acabaram com as cataratas todas para terem progresso, porquê vêm cá exigir que mantenhamos as nossas e tenhamos de voltar às fogueiras?

– Calma, calma, estamos a falar do Eneias.

Diego sempre reagia violentamente quando supunha ou pressentia que um estrangeiro estava a expressar alguma opinião, certa ou errada, sobre o país. Nem precisava de falar. Ele imaginava o que o outro ia dizer e passava logo ao ataque. Muangolê a valer!

– Portanto, ela queria os rápidos como ainda estão e a girafa a passar por eles... Maluca! Porquê uma girafa?

– Resumindo, não ganhaste nada no negócio – disse Sofia.

– Nem o Eneias. Ele não seria capaz de fazer o quadro. Só sabe pintar lagos ou rios, árvores com lianas e canoas.

– Mas vende bem.

– Mais que eu, oh, muito mais. É a lábia dele... Um verdadeiro artista!

Pois, os artistas usam de muitas artes.

Sofia não contou nada ao irmão, mas ficou tocada pelo interesse de Abdias naquele jantar. Sobre tudo pela vergonha que tolheu a fala dele, a partir daquela altura. Tinham passado duas semanas, pelo menos quatro refeições, e ele sentava propositadamente do lado oposto ao que ela iria ocupar, para não ficarem mais juntos. E, se estava a falar quando ela encostava a cadeira, permanecia mudo. Comprometido. Exagerava, achava ela, também não era causa para tanto. A algazarra daquele bando de amigos impedia os outros de repararem no súbito silêncio dele a meio de uma frase. Logo dois ou três pegavam nesse ou outro assunto, depois discutiam a dois e dois, até algum dar um berro, esperem aí, e debitar a sua verdade urgente de ser vertida sobre a mesa. Os outros não notavam, entendia ela. E ficava também perturbada, não sabendo o que pensar da situação e muito menos como lidar com ela. Ignorar? Seria o mais sábio. Abdias desaparecia e ela fingia não reparar. Abdias entrava com o bando e ela cumprimentava todos por igual, com alguma piada de boas-vindas, sem o encarar para ele não ter de baixar os olhos.

Parecia um pacto não combinado.

Mais cedo ou mais tarde o pacto seria rompido, como todos os pactos, afinal. Estava inscrito algures entre a constelação do Touro e a de Aquário. Ela sabia. Saberá ele?

– Ficamos aqui hoje, disse Kassule, amanhã cedo vamos para a Ilha, vais ver, lá é melhor. Agora vamos cubar.

Se virou para o outro lado. Himba ainda ficou um bocado a pensar. Fui mesmo burra, de dia podia ter apanhado uns jornais antigos ou uns cartões num contentor de lixo, devia haver bué de coisas dessas mais ou menos limpas pela cidade. Estaria mais confortável à noite. Kassule parecia não precisar de nada, já tinha caído no sono.

Dormiram quando a cidade se aquietou um pouco. Rugia, no entanto, nunca ficava calada. Ela já tinha aprendido. Talvez na Ilha fosse tudo mais calmo, podiam descansar sem se sobressaltarem com as aceleradelas de um carro potente ou uma moto.

Esperanças.

A luz do sol rompendo nuvens despertou a miudagem. Uns resmungavam e continuavam a dormir. Kassule e Himba se levantaram, esfregaram os olhos, caminharam para a avenida marginal, tomaram o caminho da Ilha, rodeando a baía. A água permanecia calma, parada mesmo, exceto quando um peixe saltava e redemoinhava um pouco. Para as ondinhas pequenas se esbaterem e voltar de novo o céu a se mirar na água estática. Ela deixava o kandengue impor o seu ritmo de marcha, ele é que era o deficiente, achava ela, mas andava rápido. E foi contando o que sabia, distâncias entre um ponto e outro, explicações sobre a fortaleza, adiantando que começou a ser construída ainda no século XVI, mas como era possível ele ter a noção de séculos?, contou do istmo que antes fora uma ponte mas no tempo do colono resolveram pôr cimento e pedras até ao fundo do mar, cortando a passagem das águas da barra da Corimba até à baía. A Ilha de facto passou a ser uma península ou restinga, já ouviste falar da restinga do Lobito?, sim, ela tinha ouvido, o pai falou. É igual, disse Kassule. Como a do Mussulo, lá é o princípio. Ou o fim...

– Como sabes todas essas coisas? – perguntou ela.

– Sei muito mais. As pessoas me contam e eu não esqueço – murmurou, como se fosse só para si: – Nunca esqueço nada, esse é o problema que estou com ele.

Mas continuou nas explicações, pronto, agora já estamos na Ilha, se nota logo por causa das casuarinas, já tinhas visto estas árvores? E ela disse não, pois nunca tinha visto casuarinas, parece só gostam de viver junto da água do mar, são salgadas, experimenta provar as folhas, que nem parecem folhas, são fininhas e compridas como pelos de gigante, prova um desses pelos e vais ver, são salgados. Ela obedeceu e provou, desconfiada. Engraçado, ele tinha razão, havia um toque de sal para lá do sabor de folha. Aquelas bolinhas castanhas são os frutos, nunca provei porque picam, mas aposto são salgados. E se morderes o tronco também deve ser. Andaram mais, andaram muito. Kassule parecia não se cansar, apesar de ter só uma perna e também gostava de falar, não parava. Ela tinha fome e sede. Sobre tudo sede. Disse a Kassule.

– Vamos avançar mais um pouco, é onde tem mais casas. Já passamos a igreja, não falta muito para um sítio com árvores altas, não são casuarinas, acho aí nos dão água.

Em breve de facto encontraram do lado direito da estrada um conjunto de casinhas pequenas, com quintal, mas dispostas de maneira a formar um pequeno largo cheio de sombra. Viram uma senhora sentada num banco, fora de casa mas perto do muro, se percebia logo qual era a sua habitação, com uma menina no colo, a quem ela fazia trancinhas. A menina por vezes queixava com doçura, dói. E a senhora dizia suavemente, sim, às vezes é preciso doer para se ficar bonita, tens de aprender. Os canucos se aproximaram da senhora e Kassule fingiu tossir para chamar a atenção e disse:

– Bom dia, minha senhora. Se não incomodasse muito, podia nos dar água? Estamos a vir a pé da cidade e temos sede.

A senhora disse logo, claro, água nunca se recusa a ninguém. Mandou a menina a quem entrançava o cabelo, vai só rápido lá dentro dizer à Luzia para trazer água. Enquanto esperavam, ela perguntou:

– Vêm da cidade? A vossa família?

Kassule coçou a cabeça, olhou Himba, é uma estória um bocado comprida. Mas resumindo, eu sou do Kwanza-Sul, vim para Luanda como deslocado de guerra, caí numa mina e fiquei sem a perna, a minha mãe morreu. E aqui a Himba chegou ontem do Huambo. Caíram numa emboscada, se perdeu da família toda, não sabe o que lhes aconteceu. E eu vou levá-la para um sítio onde se pode dormir melhor do que na Marginal ou na Mutamba, que foi onde ela estava a dormir. Himba se espantou da capacidade de síntese do amigo, esse miúdo mais novo que ela, não só atrevido, dialogando com toda a gente, como sabia falar muito bem para a idade dele, e sem dizer nenhuma palavra ofensiva, nenhuma asneira...

Entretanto chegou a água, uma cafeteira e dois copos.

– Luzia, então não havia outro jarro para trazer a água? Numa cafeteira. Espero que não saiba a café.

– Não faz mal, senhora – se antecipou Himba. – Bebemos e agradecemos. Estamos com muita sede.

– Sede e fome, não?

Olharam um para o outro, as mãos inquietas, sem sítio onde pararem. Não podiam mentir. Kassule disse, também temos fome, é verdade, mas só íamos pedir água.

– Luzia, primeiro traz dois bancos. Depois dois pães e chá aqui para as crianças. O mais rápido que puderes. Acho, a água ainda está quente, não precisas de aquecer.

E recolheu de novo a menina no colo, voltando a lhe fazer trancinhas apertadas. Esta se lamuriava, mas mais parecia ser um hábito que propriamente uma prova de dor.

– É sua filha? – perguntou Kassule.

– Não, é de uma vizinha. Mora ali. A mãe foi trabalhar e achei que podia ajudar. Estava com o cabelo todo desarrumado. Vá lá que não tens piolhos...

– Não tenho mesmo – queixou a menina.

– Sei, estou só a brincar. Mas contem-me lá a vossa estória completa, um de cada vez. São parentes?

Enquanto comiam, contaram as respectivas desventuras, evitando muitos detalhes, mas explicando de onde vieram e de que tipo de famílias, ele de uma camponesa, ela de pai professor e mãe enfermeira. É muito triste, disse a senhora no fim do relato.

Avisou-os de alguns perigos da Ilha, como de qualquer zona urbana, afinal. Disse que tinha um filho, o mais velho, já a trabalhar, e duas meninas mais novas, estavam na escola. Não falou do marido, não lhe perguntaram.

Os kandengues tinham descansado, comido, Kassule disse, Himba ainda temos de andar. Se despediram da senhora, que para eles a partir desse dia ficou a ser conhecida como a senhora boa das trancinhas, a qual senhora ainda lhes disse:

– Olhem, vão ter muitas dificuldades. Uns mais outros menos, todos temos. Mas se estiverem bem mal um dia, com um problema grande ou com muita fome, venham aqui. Se for coisa mesmo séria, vejam lá.

Prometeram que não a iam incomodar com coisas sem importância, tinham sido educados como se comportarem, não só nas boas situações, também nas difíceis. Claro, o orador foi Kassule. Ela apenas agradeceu com o seu melhor sorriso.

No caminho, já próximos do restaurante que era o alvo do menino, este disse, vês aquele esporão? Eles chamam aqui aqueles muros de pedras que vimos no caminho, são muitas pedras para não deixarem o mar levar toda a areia e invadir a Ilha.

– Não são pedras, são blocos de cimento.

– Sim, no princípio tem algumas pedras depois tem esses blocos. Sabes quanto pesa cada um?

Quinhentos quilos. O mar, mesmo quando está muito bravo, consegue de lhes levar, nem mexer. Os outros dizem, esses blocos foram postos há muito tempo, nenhum que desapareceu. Ali, no meio, vais ver, há o buraco de que te falei. Dá para dormirmos muito bem, protegidos do frio, só com alguns caranguejos às vezes a nos tocar. Não tenhas medo, não mordem... Claro, se houvesse cobertor era melhor. Mas, paciência, somos filhos da guerra.

O restaurante ficava a uns vinte metros do princípio do esporão, virado para a contracosta. Parece, havia também restaurantes do lado da baía, mas pequenos, não dava para a concorrência com os gatos e cães, piada do canuco. Este era um restaurante grande, com muita frequência e portanto restos abundantes no contentor para lixo que tinha por trás da cozinha. No princípio do esporão havia duas árvores de sombra, bom sítio para se sentarem e esperarem haver restos do almoço.

Mas quando Kassule queria mostrar o lugar de mais perto, notaram, alguém dormia no sítio que ele tinha descoberto. E havia três rapazes na água, nadando, brincando, roupas na areia.

– Não te preocupes, quando lhe cheirar a comida, ele vem para aqui e depois ocupamos a nossa gruta.

– Aquilo não é gruta nenhuma... Mas ele vai mesmo sair?

– Vai.

Se sentaram em baixo das árvores e Himba não se cansava de olhar o mar. Não era como do lado da baía, este mar tinha ondas que faziam um barulho grande, mas hoje até está calmo, disse ele, quando vem a calema, aí é que ele canta.

A um momento dado, Kassule falou:

– Há vezes que já começo a esquecer a cara do meu pai. Da minha mãe não, dessa lembro sempre. Ele andava na guerra, muito tempo longe, vinha por períodos curtos.

Himba só abanou a cabeça em concordância. Para ela estava tudo muito fresco, lembrava cada traço da cara da mãe, do pai, dos irmãos. Depois se abriu com Kassule, como se confessasse:

– Não quero culpar o meu pai, é verdade, não quero mesmo. Mas também estou sempre a pensar que se saíssemos antes tínhamos chegado todos juntos a Luanda. O meu pai decidiu, hoje não vamos, partimos só amanhã, vai haver outro camião. O camião do dia anterior passou, o nosso caiu na emboscada...

– Nem podes pensar assim. Os homens dos bandos às vezes ficam muitos dias de emboscada na mata, sabem que algum carro vai passar. Tiveram azar, eles estavam à vossa espera. Na véspera já podiam estar lá e aconteceu qualquer coisa que impediu o ataque. Na véspera até podia ter sido pior, com azar.

– Pior?

– Estás viva, sem ferimentos... Uma sortuda.

– E a minha família?

Kassule não respondeu. Haveria mesmo resposta? O que era mais importante? Entre os dois, ele estava pior, perdera uma perna e também a família. Mas não disse nada, porque, apesar de ser muito novo, sabia, nada servia de consolação à desgraça de outra pessoa. Os espíritos rodeavam a amiga, lhe punham ideias complicadas na cabeça e ele só podia ajudar estando presente, mesmo se calado, para ameaçar os espíritos com o seu pau no caso de eles a incomodarem demais. Os espíritos se afastaram, intimidados, talvez para cima das casuarinas, sítio preferido deles.

Himba tentou um sorriso, aliviando a conversa. Apontou o moço que ocupava o lugar preferido de Kassule.

– Aquele vai dormir todo o dia?

– Só acorda quando o restaurante começar a mandar o cheiro de comida para fora. Vais ver, aí ele se agita todo... Por enquanto também não faz mal. Estamos melhor aqui que nos rochedos.

Não eram rochedos, quis ela dizer, eram blocos de cimento. Mas ficou só calada, controlando os kazumbis se agitando de novo à volta. Na Gabela devia haver muitas grutas em rochedos, era terra de montanhas, como lhe dissera Kassule, igual que na terra dela, só com mais floresta e plantações de café. Portanto, ele tinha todo o direito de chamar aos blocos o que quisesse.

Até chamar de seio materno, se lhe desse para aí.

Como estavam encostados a uns restos de parede, à sombra, com o barulho sossegado do mar, adormeceram. Também era preciso dizer, a areia era mais mole e cômoda que o cimento onde deitaram de noite. Kassule nem se preocupava, sabia, acordariam quando o odor a comida os despertasse.

Despertar de esfomeados.

Assim aconteceu, muito tempo depois. Kassule, mais habituado a essas lides, lhe tocou no braço, cheira então, já estão a assar carne ou lá o que é.

– Costeletas – murmurou ela. – Costeletas de porco.

– Gostas?

– Muito. O cheiro é esse. Lembro quando a minha mãe fazia. Costeletas.

Repararam, os miúdos que estavam a nadar tinham ido embora enquanto eles dormiam. Eram mesmo banhistas então, menos concorrência para os restos, bom sinal, disse o kandengue. A sombra no buraco entre os blocos mexeu e em breve o rapaz se levantou, bem maior que eles. Devia ter uns dezoito anos ou mais, calculou Himba. Era pescador ou um refugiado? Não tardariam em saber, imaginava ela.

– Kassule, aquele ali também vem procurar comida?

– De certeza. Viste que acordou com o cheiro? É porque estava à espera da hora.

Uma ruga de preocupação vincou o rosto da menina.

– Aqui se luta pela comida?

– Sim, claro. Como em todo o lado.

Himba ia dizer não é verdade, não se luta em todo o lado, mas calou, porque Kassule só conhecia este mundo dos meninos de rua, dos refugiados sempre a guerrear pela sobrevivência. Era o mundo a que ela agora pertencia. E nem lutar sabia. Certamente o grandalhão ia se aproximar, os enxotar, xê, saíam daí do meu lugar, e apanhar tudo o que caía no contentor. Só iria embora quando estivesse mesmo farto e eles podiam então aproveitar. Se houvesse sobras. Num mundo de guerra é assim que acontece.

Mas, por enquanto, o outro estava mais interessado em tratar da higiene corporal. Tirou a tichârte, deixou-a ao lado dos chinelos de praia, entrou de calção na água. Depois de uns mergulhos, sentou no chão molhado e esfregou todo o corpo com areia. Voltou a mergulhar e permaneceu muito tempo em baixo de água. Ainda se esfregou um pouco, para perder toda a areia e então saiu da água, ficando ao sol para secar. Era um tipo habituado às rotinas, sabia, ia demorar muito até no restaurante começarem a deitar fora a comida, tinha tempo para secar o corpo e só então voltar a vestir a tichârte e calçar os chinelos. Era musculado e se alimentava bem, achou Himba, muito diferente dos outros meninos que vira a dormir nas ruas. Talvez não fosse refugiado, talvez mesmo pescador ou algum morador da Ilha que tinha dormido pouco à noite. E Kassule estivesse enganado. Seria bom.

Porque, com aquele corpo, seria um concorrente perigoso.

Finalmente o rapaz achou era tempo de se vestir. E se aproximou deles. Nem ligou a Kassule, só mirou Himba. Ela desviou a vista, não devia dar confiança a estranhos, a mãe lhe ensinara.

O outro se sentou ao lado da menina, sem cumprimentar. Ela agora estava no meio dos dois. Nem bom dia ou boa tarde, nada, sentou apenas. Um mal-educado e definitivamente um sem-teto também. Forte concorrência, portanto. Ela nem ousava comentar mais nada com o amigo, a presença do grandalhão intimidava.

– Está a cheirar a carne – disse enfim o intruso, metendo conversa. – Ou é peixe? Estou farto de peixe.

– Deve haver carne e peixe, vários pratos – disse Kassule, como quem sabe do assunto.

Não acrescentou, a minha amiga acha é costeleta, como ela temia, porque a obrigaria a falar com o estranho, pelo menos facilitaria alguma pergunta dele. O outro acenou com a cabeça, concordando. Restaurante é coisa fina, tem vários pratos, também sabia isso. A pergunta dele tinha sido mesmo para meter conversa. Não insistiu mais em perguntas, nem do gênero, miúda, nunca te vi por aqui na praia, vieste de onde? Himba agradeceu aos deuses do mar ele não se aproximar mais dela.

Os carros dos clientes chegaram, só dava para os ouvir porque paravam do outro lado, no parque e ao longo do passeio. As vozes se elevaram no restaurante e também gritos de ordens para a cozinha. Faltava ainda um bocado para os pratos serem retirados das mesas e os restos deitados nos baldes de lixo na cozinha e daí para o contentor. Os dois rapazes conheciam os ritmos e por isso esperavam com paciência. Himba é que se mexia muito, afinal nunca mais vem o pitéu? Outro miúdo, um pouco mais velho que ela, chegou da rua, disse boa tarde, se sentou ao lado de Kassule. A menina estava quase em pânico. Se aparecerem muitos, como vamos dividir os poucos restos? Ou haveria o suficiente? Não fazia a menor ideia e era a incerteza que lhe aumentava a sensação de fome e provocava câibras na barriga.

– Ouvi um a pedir café, já não falta muito – disse Kassule.

– Tens bons ouvidos, miúdo – cumprimentou o grandalhão.

Himba lembrou, o pai, lá em casa, também pedia o café no fim do almoço. E a mãe sempre reclamava, já tomaste café de manhã, uma caneca cheia, mas o pai insistia, sorrindo, depois de comer se deve tomar um café pequeno mas mais forte, isso é moda masé dos brancos, ripostava a mãe. Brincadeira que Himba ouvia desde muito pequena, brincadeira deles os dois, como todos os casais devem ter, supunha, nunca se cansando de repetir os mesmos ditos. Há muito tinha aprendido a explicação, de facto isso era hábito trazido pelos brancos, eles nem costume de tomar café tinham, só os do Norte ou os da Gabela, e era o café matinal, em grandes canecas e muito aguado. Mas nas cidades se introduzira o novo hábito em muitas famílias, não todas, ainda as havia que preferiam a todo o momento os diferentes chás que se faziam de folhas ou ervas, muitos tendo efeitos curativos. E para passar o tempo, tentou lembrar os diferentes que bebera com a mãe, uns só para pretexto de tomarem açúcar, outros para limpar uma parte do corpo ou tratar uma doença. Nomes familiares que lhe rolavam na boca, aguardando que esta se enchesse de comida.

Por enquanto, só tinha saliva, abundante.

Mas sempre há resultados das rotinas. A porta de trás se abriu, um rapaz grande e forte trouxe dois baldes, despejou imediatamente para o contentor. Olhou os miúdos, disse:

– Lutem então para eu ver.

Os quatro já estavam de pé, hesitando. O grandalhão disse para o trabalhador do restaurante:

– Tu nos viste à espera. Podias ter deixado a gente catar aí mesmo nos baldes. Atiraste lá para dentro por maldade.

– Vai bumar masé, seu inútil...

Kassule não quis saber de mais discussões, se atirou para dentro do contentor, com o pau de muleta e tudo. Estendeu uns pedaços para Himba. Enquanto isso, o grandalhão estava mais interessado em enfrentar o servidor do restaurante, tão forte como ele afinal.

– Vou trabalhar aonde? Me dás o teu lugar aí dentro? Eu aceito.

O outro fez um riso escarninho e entrou, levando os dois baldes vazios.

– Olha, Himba, tinhas razão, é costeleta mesmo. Toma os ossos.

O quarto miúdo também se atirou para dentro do contentor. O mais velho escolhia coisas de fora,

era suficientemente grande para chegar à comida. Himba esperava que Kassule lhe passasse coisas e ia guardando no vestido, apanhado em baixo e puxado para cima, formando saco. Vieram ossos e restos de costeletas, vieram partes de carne assada, uns rabos de peixe, feijão de óleo de palma, arroz, massa.

– Chega, Kassule, já chega.

– Chega nada – disse ele. – Comida nunca chega.

Mas Himba foi se sentar no sítio onde estava antes, à espera do amigo. Este comia mesmo lá dentro do contentor malcheiroso e só passado algum tempo saiu. O matulão escolhia com calma e comia de pé. Tinha pose, reparou Himba. Ainda mais, refilou com o empregado do restaurante, o qual tinha sido cruel ao atirar tudo para o contentor sem lhes dar. E o grandalhão não os empurrou nem exigiu nada. Devia ser boa pessoa, afinal. Pensamentos que lhe vinham ao mesmo tempo que engolia a comida. Kassule sentou ao lado, avançou a mão para apanhar uma coxa de frango no regaço dela.

– Vai sobrar, é muita – disse a menina.

– Come tudo, nunca se sabe o que acontece à noite.

– Não comemos aqui?

O grandalhão falou do sítio onde estava, perto do contentor, com a boca um pouco cheia.

– O teu amigo tem razão, miúda, come o mais que puderes agora. Nunca se sabe se à noite há quatro pessoas, como agora, ou quarenta. E tu não provas nem uma espinha porque haverá lutas. O melhor sítio para guardar comida é na barriga, mas lá dentro, não como tu tens agora, de fora...

– Depois tens de lavar o vestido – disse Kassule.

O quarto miúdo falou, de dentro do contentor:

– Hoje temos sorte, porque somos poucos. E vai haver mais restos, tem ainda muitos clientes lá dentro do restaurante. Comer até rebentar, hoje é hoje.

– O Che Guevara ensinou, quando há come-se tudo – disse o grandalhão. – Se guardamos comida, o inimigo pode vir e aproveitar. Não, se ela já estiver na barriga. Quando a comida acaba, sofremos, pronto.

Himba acatou os conselhos, engoliu até lhe doer o ventre, mas deixando sempre para o amigo se servir à vontade. Quando não havia mais um grão de arroz nem um osso com um restito de carne, levantaram para beber água na torneira. Nessa altura o grandalhão parou também de comer, bebeu água.

– Bom, vou dar o fora. O meu nome é Noé. Toda a gente me conhece aqui nesta zona, menos esse parvo aí do restaurante, deve ser de um musseque longe. Se tiverem problemas, me procurem. No que eu puder ajudar...

Eles não replicaram. Então não é um refugiado? Deve se tratar afinal de algum ilhéu com casa perto e pouco dinheiro. Ou então mesmo um refugiado mas com conhecimentos locais, um sítio onde viver, também acontecia, o Kassule devia poder adivinhar. Estava tão preocupada antes com ele, que lhes ia ficar com toda a comida... Parva!

Noé foi embora. Andava com banga, um pouco de lado, a cabeça também inclinada. Só lhe faltava um chapéu, pensou Himba, sem poder explicar porquê.

4

A sócia principal entrou no restaurante de manhã com muita dificuldade a andar e arfando ruidosamente. Balançava toda e mostrava dificuldade em se equilibrar, dado o peso descomunal. Sofia se dirigiu logo a ela, semblante preocupado.

– Que tem, Dona Ester? Está a se sentir mal?

– O meu coração, filha, o meu coração – batia com raiva no peito avantajado. – O médico já disse, quando estou assim cansada e sem poder respirar à vontade é do coração.

– E veio a pé de casa?

– Que remédio! O Ezequiel foi ao tratamento, foi num táxi. E eu depois vinha de táxi para aqui? Que luxo!

– Claro, porque não? Luxo coisa nenhuma. Parece que não tem dinheiro para isso...

– A vida não está fácil. Devemos poupar o máximo.

– Disparate. A senhora tem dinheiro para gastar e ainda poupar. Devia vir de táxi, sim.

Sofia ajudou a senhora a sentar numa das cadeiras do salão. Estavam todas vazias, ainda era muito cedo para abrirem o restaurante ao público. Os cozinheiros esperavam ordens de Dona Ester, só em caso de força maior Sofia se metia na cozinha e comandava o trabalho. Ainda tinham muito tempo, o que devia ser demolido já estava desde a véspera e todos os preparos em ordem para se acenderem os fogões, todos a gás ou elétricos, finda a época dos fogareiros a carvão, exceção feita para alguns assados, por causa do gosto. Panelas e pratos lavados, sala arrumada, cozinha impecável. Só faltava a chefe para tudo arrancar. A jovem se sentou também à mesa, poisando o copo de água. Andava sempre com um copo de água, mania que lhe vinha não sabia de quando, relativamente recente, foi ali no restaurante que iniciou isso, sim, talvez para evitar a tentação do álcool.

– Dona Ester, sei que me estou a meter na sua vida, mas é por carinho. Tenho andado a pensar na sua situação, do seu filho... Já é altura de a senhora comprar um carro e arranjar motorista. É mais cómodo e seguro para o Ezequiel e também para si. Não faz sentido nenhum vir a pé com este calor. A sua casa não é tão perto assim, a minha é mais e custa-me, a sério, custa-me, sobretudo por causa deste sol assassino daqui de Luanda...

– Deixa lá o sol, que é uma obra de Deus.

– Se não tivesse dinheiro, tudo bem, eu compreendia o sacrifício. Mas tem mais que o suficiente.

– Devo guardar o máximo para o Ezequiel. É verdade, agora tenho dinheiro, acabou a aflição de todas as noites sem saber se no dia seguinte o meu filho estava pior e não descobrir como me desenrascar, a quem pedir ajuda para os tratamentos, quem encontrar para ficar com ele enquanto eu vinha trabalhar. Agora estou bem de finanças e tenho-te a ti, que me tiras muitas tarefas do restaurante e até me dás conselhos sobre outras coisas. Às vezes exageras, tudo bem... Mas não devo gastar se posso poupar. Se me dá alguma camoeca, e um dia vai dar... O coração está fraco...

– Dieta, Dona Ester, dieta. Come tudo e mais alguma coisa, faz mal ao coração...

– Lá estás tu nos exageros, és médica ou quê?

– É o que o seu médico lhe diz, ele até me pediu para lhe cortar nalgumas gorduras e doces, mas a senhora é teimosa.

– Mudaste a conversa com essa coisa da dieta, é a tua habilidade. Eu dizia que se me dá alguma coisa, o Ezequiel fica sozinho e só a viver daquilo que tiver no banco. Não precisamos de carro mas de dinheiro no banco. Porque o imprestável do irmão nunca lhe dará uma mãozinha. Nem sequer vai saber que eu morri.

O outro filho dela fugiu para o Canadá no tempo da guerra, quando se aproximava a idade de ir para a tropa. O Canadá não regateava nos vistos de entrada, bastava arranjar dinheiro para o avião. E havia sempre trabalho, país bom, embora gelado. Vítor partiu e nunca mais disse nada. Dona Ester sabia, ele primeiro foi para uma cidade chamada Vancouver, depois apagou o rasto, cortou comunicações com a família e os amigos da terra e até com os patrícios muangolês que estavam no Canadá. Por muitas insistências que tivesse feito, a senhora nunca mais soube de Vítor, até pode estar no Canadá ou no Camboja ou nos Emirados Árabes. Ou na Lua. Não podia mesmo contar com ele para ajudar o irmão mais novo e problemático, se algo acontecesse à mãe.

Haveria de acontecer.

– Vai beber um copo de água, pelo menos faça-me esse favor.

– Está bem, filha, faço-te o favor.

Sofia foi buscar o copo. A senhora sorriu, se reconfortando. Perdeu um filho para o Canadá mas arranjou uma filha, que a ajudava no restaurante e de que maneira, além do mais se preocupava com ela e com Ezequiel. Quando um dia eu desaparecer, a Sofia vai tomar conta do meu filho, valha-me Deus. E o pessoal da Igreja também, claro.

Veio o copo e ela bebeu, mais para fazer a vontade à sócia, pois não tinha sede. Era outra coisa que o médico lhe repreendia, tem de beber muita água e não o faz, eu sei. Julga que me escapa alguma coisa? Basta olhar para as análises. A senhora desconfiava, nas análises pode se saber se uma pessoa bebe água ou não? Sei lá, são uns cuscus, andam sempre a inventar coisas para espiar na gente! Talvez que descubrem, os grandes feiticeiros. Acabava por ir ao médico se se sentia pior, mas acreditava muito mais no pastor da Igreja, esse é que era um verdadeiro curandeiro, todos os domingos presenciava os milagres feitos por ele. Punha paralíticos a andar e cegos a ver. Bem, quando Sofia a interrogava muito a sério, ela reconhecia, não sabia se antes eram mesmo paralíticos ou cegos, o certo é que passavam a andar e passavam a ver. Só era preciso fé. Nessa coisa da água, porém, o pastor coincidia com o médico, pois mandava beber muita, a água limpa tudo, purifica a alma e o corpo, o que aliás não deve ser tomado à letra, a água sozinha não limpa grande coisa, nem cano entupido, fará um corpo inteiro.

– Há carros muito baratos – voltou a insistir Sofia. – Mas no nosso caso, pensando a sério, era melhor uma carrinha, escusávamos de carregar os grandes pesos das compras para o restaurante e podia dar ainda outro apoio, quando temos de tratar de assuntos burocráticos, além de que a levava e ao Ezequiel a casa ou a outro sítio qualquer. É um bom investimento, sobretudo se for uma carrinha. Os motoristas não exigem grandes salários, menos que um cozinheiro. Pense nisso, Dona Ester. Mas, mais cedo ou mais tarde, temos de comprar mesmo uma carrinha. Já viu quando vou com algum ajudante comprar bebidas, por exemplo? Temos de alugar um candongueiro, o carro todo para as garrafas e latas. Ir e vir, o carro inteiro alugado. E pesa-nos no corpo, causa doenças. Todos os dias temos de ir ao mercado, para os legumes, e aos talhos, para as carnes. O peixe vá lá, que as senhoras nos trazem aqui. Mas tudo o resto tem de ser buscado. Com uma carrinha é mais rápido e outro conforto. Tenho de fazer as contas, vou lhe apresentar, o preço de uma carrinha barata, o salário do motorista e o combustível. Isto de um lado. Do outro, o preço dos candongueiros e as doenças que podemos apanhar, com respectivos tratamentos. Faço as contas?

A senhora suspirou. Era demais para o seu conhecimento de deveres e haveres.

– Tenho de pensar.

Mas se Sofia dizia, ela tinha mesmo de pensar. Se tratava de assunto sério. Tudo menos contrariar a sócia minoritária, o anjo que tinha caído do céu para velar por ela. É o meu santo da guarda, confidenciava ao pastor, o qual muxoxava sem vergonha, não abuse, Dona Ester, anjos são outro elemento e gostam de igreja, devendo pensar que ele próprio devia ser tratado por arcanjo, por quase habitar no templo. Um dia seria, um dia, depois de chegar a bispo. Por enquanto tinha de cuidar da senhora com muito desvelo, como aos outros fiéis que tinham proventos mais chorudos que a vizinhança desgraçada dos bairros à volta, pois os dízimos eram importantes para poder levar a palavra divina cada vez mais longe. Sem dízimos os deuses emudeciam, ou as pessoas ficavam surdas para as preces dos sacerdotes.

E não seria fácil comprar cumplicidades para os milagres de domingo.

Dona Ester se levantou com dificuldade, avançou para a cozinha, bom dia, meninos, bom dia, meninas, vamos começar a fazer o almoço?

Sofia continuou sentada à mesa, o copo de água na mão. Meditando em cenas passadas ou mais atuais.

No grupo do Abdias havia um casal especial. Ela tinha mais intimidade com Salomé, a mulher, o que não era de espantar, uma economista formada nos Estados Unidos, numa universidade perto de Nova Orleães. Para o dinheiro que o pai tinha, podia ter ido para universidade mais famosa, mas ela se encantou pelo sítio e escolheu-a. O marido se chamava Alfredo e era engenheiro de petróleo, formado em Houston, Estados Unidos. Era o único casal legítimo, ou, se quisermos, com casamento oficial. Se conheceram na América, quando ele foi passar o carnaval em Nova Orleães. Numa rua do Bairro Francês, ainda sem a animação que teria horas depois. A animação começava quando aparecessem os músicos e toda a gente fosse para as ruas e as varandas apreciando o corso e caindo na dança. Por causa da hora da manhã, antes de arrancar o carnaval, foi possível reconhecerem-se. Salomé estava na rua e gritou qualquer coisa para um homem na porta de um bar, ainda fechado. Ele respondeu em português, está tudo a dormir ou a se preparar, impossível encontrar pequeno-almoço. Alfredo ia a passar, ouviu a fala em português com o sotaque igual ao seu, eram escuros, difícil não adivinhar a proveniência. Se virou para a moça, disse, xê, vocês são muangolês mesmo? Ela riu, como nos descobriste? Ele riu, rendido com o riso dela, contagioso.

Andaram os três juntos durante todo o carnaval, embora estivessem em hotéis diferentes. Alfredo e Salomé não se largavam e ele nem perguntou que relação havia ou tinha havido com o outro homem do trio. Se houve, deixou de ter interesse. E o tipo também não se importou, parecia era apenas amigo dela, ou parente. Quando Alfredo a levou para o seu hotel, na segunda noite desde a altura que se encontraram, o outro gritou boa sorte e até amanhã. Apenas na madrugada seguinte Alfredo perguntou a Salomé, afinal eras namorada dele? Ela riu, não voltes a fazer perguntas dessas, seu zongola. Ele riu com o riso dela, ficou sem saber, mas também não lhe interessava. Foram ter com o amigo para passarem o último dia juntos, pois Alfredo tinha de voltar a Houston. À despedida, trocaram carícias e a promessa de se encontrarem em breve. O que aconteceu com frequência enquanto os dois viveram nos Estados Unidos.

Ela acabou o curso, voltou a Luanda, ele ainda ficou um ano mais. Casaram quando Alfredo começou a trabalhar numa petrolífera importante. Salomé nunca bumbou, o dinheiro dos pais permitia viver e fazer projetos, realizar alguns deles, sem entrar numa empresa ou organismo público. Se ocupava com a melhor maneira de organizar mulheres para obterem créditos de bancos, ou montarem pequenos negócios, o que não era nada fácil pois os bancos adoram receber os depósitos dos clientes mas não gostam nada de emprestar, ou então aplicam juros proibitivos, porque o crédito mal parado é muito grande e os angolanos gostam demais de kilapis sem retorno. Desculpas de sempre. Salomé criava as empresas delas, as organizava em associações para em conjunto discutirem com os bancos, muitas vezes ia com elas e tomava a palavra, argumentava melhor do que ninguém porque conhecia todo aquele jargão de palavras inglesas tão apetecíveis aos ouvidos dos economistas subdesenvolvidos que infestam os bancos, conseguia melhores condições e por vezes abria portas que pareciam fechadas

com ferrolhos de titânio. Pequenas vitórias, mas não era grande habilidade, confidenciava ao jantar quando a sua vez chegava de se fazer ouvir. Explicava com modéstia, ela se apresentava na mesa de reuniões antes de falar e os bancários ouviam o apelido, começavam a suar e a ter comichões estranhas, será mesmo filha de quem estou a pensar?, e o curioso é que era mesmo, o pai era o mijagrosso que temiam, mas ninguém lhe fazia a pergunta nem ela confirmava, não era necessário nem ela teria apetência para usar o apelido, apresentava apenas os projetos e os desejos das empresárias de rua, enquanto os interlocutores se babavam e acabavam por conceder o pouco que as mulheres pediam.

Na guerra, cada um usa as armas que por sorte arranjou.

– Uso o meu apelido para causas nobres – ria ela.

Se confessou a Sofia mais tarde, quando já mantinham alguma intimidade.

– O Alfredo, quando suspeitou das minhas origens, quis se afastar. Verdade mesmo. Ainda vivíamos os dois nos States. Mas estava demasiado preso a mim, não conseguiu. Um dia contou, hesitei muito. Não era por qualquer razão, apenas queria ser independente e criar a sua carreira por mérito próprio, sem usar a influência da família ou da minha. A dele até é modesta. Conseguiu uma bolsa dos petróleos por ser bom estudante, de outra maneira nunca tiraria um curso superior. Quer dizer... acabava por tirar, à noite, trabalhando de dia, é superinteligente e voluntarioso. Mas lhe deram a bolsa e assim foi melhor, é curso reconhecido, fez um ótimo estágio e tem um bom emprego. A casa onde vivemos foi conseguida por ele, a empresa serviu de fiadora porque o quer manter etc., vê o mambo.

– Mas és tão inteligente e preparada, porque não te empregas?

– Para quê? Assim divirto-me, desenho planos... Alguns levo para a frente, outros não. Ah, o que te preocupa é se vivo à custa do Alfredo... Não, de facto não. O meu pai dá-me a mesma mesada de quando eu era estudante, ou antes, quando fiz dezasseis anos, o agiota nunca me aumentou. Apenas ajusta à medida da inflação... Mas chega e sobra...

Deu uma gargalhada e Sofia foi forçada a imitá-la. Decididamente, ninguém ficava indiferente ao riso de Salomé.

– Portanto, amiga, contribuo para as despesas da casa. E dedico-me a ajudar a igualdade de gênero, pois só apoio mulheres. Os homens nem precisam deste tipo de apoios, querem logo um Ferrari para começar um negócio.

– E porque não crias o teu próprio negócio? Uma empresa inovadora, algo assim que o país não tenha, que sirva de exemplo... Uma coisa a fazer a diferença para condizer contigo...

– Nem morta! Ter empregados, ser responsável por pessoas, cumprir horários para levar o pessoal a cumprir, esses bilos? Não. Os meus projetos são concebidos de maneira a serem doados imediatamente aos outros, não para continuarem no tempo.

– Considero um desperdício...

– Ajudar as mulheres?

– Não. Evitares explorar a capacidade que tens. Serias um exemplo de como as mulheres podem triunfar em qualquer assunto, derrotar o machismo condescendente...

– Nunca criando uma empresa. Estou farta desse meio e de sentir as responsabilidades dos outros.

– E filhos?

– Hão de vir. A seu tempo. Ainda somos novos. Mas não te contei do meu casamento. Foi uma tragédia.

Sofia se preparava para rir, porque tragédia na boca de Salomé só podia ser risível, uma brincadeira. Nasceu em berço de ouro, como se costuma dizer, e bastava estalar os dedos para tudo de bom lhe ser trazido.

– O Alfredo não tinha dinheiro para estoirar à toa, como dizia, e não queria o meu dinheiro envolvido na cena. O meu pai queria pagar tudo, helicópteros se fosse preciso, e o Alfredo queria um

casamento com dez pessoas, os meus pais, os pais dele, irmãos dos dois e os padrinhos. Um pouco mais de dez pessoas, fazendo bem as contas.

– E o teu pai queria mil.

– Mais ou menos.

– Qual foi o compromisso?

– Não houve. Casamos nos Estados Unidos, com duas testemunhas entre os amigos e depois o casamento foi registado na nossa embaixada. Acabou. Ah, teve um jantar especial para os noivos a sós. Compromissos com o Alfredo? É difícil.

Não seria uma tragédia, mas era mais para o triste que para o risível. De novo Salomé a surpreendia.

– O teu pai?

– Até hoje não perdoa ao Alfredo. Fala com ele, mas o mínimo possível. Diz que desonrou a família, uma desfeita.

– Acho que desonrar é outra coisa.

– Também acho. Mas esses mais-velhos têm a língua descontrolada. Uma coisa é preciso dizer, já o ouvi gabar as qualidades de trabalho e inteligência do Alfredo. Nunca à frente dele, claro. Um cumprimento, vindo de quem vem, é importante para firmar o prestígio profissional do meu marido, como deves imaginar. Nem lhe contei. Achas, o Alfredo ia gostar de saber que o sogro uma vez falou bem dele? Publicava um comunicado com um desmentido...

Outra gargalhada de fazer desabar a casa. Felizmente era rés do chão, o perigo era grande de o teto cair, mas não fatal.

Esta conversa aconteceu na mesa onde estavam umas quinze pessoas. Salomé nem queria saber se mais alguém ouvia, o que não parecia ser o caso, estando a discussão geral centrada num jogo do Real Madrid que alguns dos amigos prometiam ir ver a Espanha. Outros desdenhavam, eram do Barcelona ou do Manchester United, vários dos que tinham estudado no Reino Unido, poucos do Chelsea, o clube dos novos-ricos, dizia a maioria. Sofia não percebia nem se interessava por futebol, se admirava que aquela rapaziada, todos filhos de novos-ricos, tivessem a lata de atribuir essa vergonha a um clube de futebol, com o maior desprezo. Curioso grupo.

Ela gostava de ouvir as conversas e as confidências picantes de Salomé.

Alfredo não estava com eles, como acontecia frequentemente. Passava períodos nas sondas de petróleo no mar, por vezes a mais de cem quilómetros da costa, indo de helicóptero. Muitos engenheiros e trabalhadores estavam fixos numa sonda e passavam lá três semanas, tendo depois férias de duas semanas no país de origem. Havia empresas que tinham outras regras, mas isto era o mais comum. Alfredo nunca chegou a essa fase. Tinha sob sua responsabilidade várias sondas e também trabalho de escritório na sede, por isso ficava três ou quatro dias numa sonda, regressava a Luanda, ia por dois dias para outra etc. Menos rotineiro mas mais complicado de gerir, salário acrescido. Salomé não se queixava, estamos sempre a reencontrar-nos, é uma maneira de refrescar o casamento, que achas?

Sofia não achava nada, nunca casara nem pensava fazê-lo.



Passaram uns dias. Se tinham apoderado da reentrância para dormir, sem mais concorrentes. Apanharam cartões que puseram na areia, serviam de colchão ou até como para-vento. Para cobertura, folhas de jornal, as quais guardavam entre os blocos quando saíam do refúgio. Mesmo com a maré cheia, a água não chegava ao sítio, por isso a areia estava seca.

– Quando vier a calema, temos de recuar até às árvores, lá não costuma chegar a água – avisou Kassule. – Mas me contaram, às vezes a calema chega à rua, não é todos os anos, calma aí.

– Como se sabe que vem a calema?

– Ela vem sem avisar, primeiro ondas um pouco maiores, depois começa. Mas tem meses mais ou menos certos. Fevereiro e abril de certeza. Nos outros meses, pode acontecer.

– Uma pessoa está a dormir muito bem e acorda com uma onda fria? Deve ser muito mau.

– Que queres? Nem tudo pode ser bom.

Himba pensou, a onda pode puxar uma pessoa para o mar. Seria perigoso? Ela nadava mal, o pai lhe ensinou um pouco no rio, mas tinham medo de praticar muito no rio por causa dos jacarés. Tinha de aprender mais antes que viesse o tempo das calemas.

– O povo aqui da Ilha costuma fazer umas coisas para Kianda, que é como um deus do mar. Ou espírito ou o quê, ainda não percebi bem, os velhos é que sabem. Dão comida e vinho antes da altura das calemas para ela se acalmar e não provocar ondas muito grandes.

– Funciona?

– Sei lá! Dizem que sim. Quando há azares e calemas muito fortes, então é porque não deram o suficiente ou não dançaram ou cantaram bem para ela, há sempre um erro... Os padres também aproveitam para fazer uma missa e uma marcha a sair da igreja de Nossa Senhora do Cabo, é assim que se chama a igreja aqui da Ilha, passamos perto...

– Uma procissão.

– Isso. Conheces coisas da religião.

– Sou batizada.

Era nas conversas entre eles. Outros garotos dormiam por ali, procurando aconchego nos blocos ou no muro perto do restaurante. Não era um mundo tranquilo, porém. Havia lutas por ocupação do território. Kassule recolheu testemunhos de duras lutas que passaram no ano anterior, algumas metendo mais que paus e pedras. Facas... Sobretudo garrafas partidas que podem cortar a garganta de um desgraçado. E o que havia mais na Ilha eram garrafas, inteiras ou partidas.

Por enquanto nada indicava a continuação dessas lutas, Himba perguntou ao amigo porquê, mas ele tinha de encontrar alguém conhecedor dos factos e que estivesse disposto a contar. Não era assim tão fácil, o silêncio é muito prezado pelos fracos, teoria de Kassule. Um dia veio com a novidade.

– Viste aquele muadiê com quem estava a falar? – Himba de facto reparara, parecia mais velho que os outros. – Ele contou, o bando do Jonas expulsou o bando do Austrália desta zona para a Chicala, aquele resto da Ilha para lá da passagem... Não me perguntes porquê esses nomes porque eu também não perguntei. Agora o Jonas anda a explorar a zona na ponta da Ilha, onde tem melhores restaurantes e clientes finos, bem balados. Por isso tem desprezado isto. Ainda bem. Dizem, esse Jonas é um desesperado kid...

– Um quê?

– Desperado kid. Disseram assim. Deve ser alguma coisa muito má, não achas? Parece que é forte, luta bem, bassulas, aqui na Ilha sempre foram bons em bassulas e ele aprendeu com os mais velhos. Mas também usa faca ou garrafa, se estiver a perder a luta.

Ficaram apreensivos. Quem diria? Os últimos dias têm sido muito calmos, quase sem vento nem ondas, comida suficiente, poucos comensais nos contentores, ninguém a disputar o sítio de dormir. E se vem um desses bandos? Bué chato! Talvez o Austrália não ouse e se mantenha só na Chicala, borrado de medo. Bando é sempre mau, pensou Himba, bando com arma ou sem arma, bando é bando, as pessoas funcionam de outra maneira, imprevisíveis.

Foi quando apareceu Madia.

Era um pouco maior que Himba, mais forte de ossos, com carnes. Nadava bem, mergulhava como os rapazes, fumava os restos de beatas que encontrava. E ria com voz forte. A voz um pouco rouca também se fazia ouvir a muitos metros de distância, sobretudo se contava uma estória que a entusiasmava. Sem querer, estava a gritar. Retirou da ponta da Ilha, contou aos dois, se juntando à noite no muro perto do restaurante, esperando o pitéu, estava farta de ser fodida pelos outros, aos três de cada vez, os tipos do bando do Jonas. E se ficasse grávida, já viram a cena? Por isso se aproximou da cidade, embora houvesse menos comida.

– Te faziam o quê? – perguntou Himba.

– Ué. Me fodiam. Não sabes o que é, sukua?

Kassule disse, não sabe mesmo, ela veio do mato há pouco, sem mal na cabeça, mas Himba conhecia a palavra, tão utilizada na vida de todos os dias, desconhecia era o ato em si ou apenas suspeitava. Madia olhou para ela com espanto, o branco dos olhos luzindo com as estrelas. Primeiro foi assombro, pena em seguida.

– Deixa só quando um dos bandos vier aqui... Coitada, vais aprender à tua custa e bem rápido. O do Jonas então... São muitos, ninguém segura eles, e gostam de foder miúdas, três de cada vez. O Jonas tem uma só para ele, por isso os do bando é que atacam as outras.

Himba estava mesmo pouco tranquila antes, ainda ficou pior depois. Não queria ouvir falar de bandos, deles fugiram no município e caíram numa emboscada de um qualquer. Bandos de praia talvez não fossem piores que os do mato, pelo menos não tinham aquelas armas barulhentas e mortíferas. Bandos na mesma.

Arranjaram espaço no recanto deles para Madia. Ficavam um bocado apertados, mas ainda dava. Kassule, o mais pequeno, dormia no meio. Feliz da vida, tinha calor emanando dos corpos delas. E o cheiro bom, repousante, da pele de Himba. Madia não tinha muito cheiro bom, mais salgado talvez por viver sempre por ali, mas se sentia menos porque ele lhe dava as costas. Não que fosse mau cheiro, ele já não tinha pruridos de distinguir os maus cheiros, todos os dias se atirando para um contentor de lixo, mas havia diferenças. Himba tinha um particularmente fresco, de flor. No meio do fumo mais espesso poderia adivinhar a presença dela, só pelo olfato.

– Esse teu nome – perguntou um dia Kassule – é mesmo Madia ou é Maria?

– É a mesma coisa – disse ela. – Na minha terra, Malanje, muitos não distinguem. Então prefiro Madia, gosto mais, ninguém tem assim. Marias há muitas.

– Isso é verdade, há muitas Marias – disse Himba. – Mas tens a certeza que é a mesma coisa?

– A minha mãe disse que sim.

– Onde está ela? – perguntou Kassule.

– Na cidade. Antes andava no bairro Prenda, dormia na casa de um homem. Agora não sei, muito tempo que não lhe vejo.

Himba não gostava de fazer muitas perguntas às pessoas, parecia era má educação entrar sem autorização na zona proibida ou reservada de cada uma. Mas já tinham alguma familiaridade, afinal andavam os três sempre juntos. Perguntou:

– Tu é que vieste para aqui e lhe deixaste? Ou foi ela que te deixou ou te mandou embora?

Madia sentou, as mãos se apertando entre os joelhos fletidos. Olhou o mar, concentrada, demorou a responder. Quando Himba achava ela tinha amuado com a pergunta tão íntima e ia ficar calada, marcando o seu espaço, a amiga falou:

– Eu é que vim embora. Disse mesmo, vou arranjar outro sítio. Ela disse está bem, vai então.

– Mas porquê disseste?

– Porque ele não me largava. O homem dela. Sempre a me apanhar a dormir e me foder. À frente da minha mãe. Sukuama! Ela reclamava, lhe dava socos com cuidado para não o irritar demais, deixa a

minha menina em paz e ele dizia menina o quê, está bem larga já.

Himba teve noção do que acontecia. Pela primeira vez ligava completamente as pontas, as quais se mostravam às vezes para depois se esconderem e não revelarem toda a verdade. Na terra dela, mesmo na escola, entre meninas, havia conceitos que não se pronunciavam, pelo menos em voz alta. As ideias sim, se transmitiam. Com risinhos tímidos, sem total noção dos factos, na ingenuidade dos matuenses. Agora percebia também os acontecimentos na ponta da Ilha, que a fizeram procurar aquele abrigo ali.

– Dói, não é? – perguntou ela.

– Só no princípio. Depois não dói. Mas aquele homem era horrível e cheirava mal e bebia muito e sempre a me acordar.

– E lá no fundo da Ilha...

– Esses miúdos... Se fosse um só, tudo bem, podia aceitar e até gostar, aconteceu. Mas três ao mesmo tempo, ainda com chapadas e empurrões no meio, é só para magoar, não é outra coisa. Se chama violação, violência doméstica ou quê... Tu vais ver, quando te apanharem...

– Xê, não fala isso – disse Kassule. – Parece queres trazer azar. Não vai acontecer, porque nós não vamos deixar. E tu também não.

Madia encolheu os ombros. Riu alto.

– Se acreditas... Por mim tudo bem, não quero que aconteça nada mau... não quero trazer azar. O problema é que o azar se adianta, mesmo se não o queremos. E esses rapazes andam bué. Já dormi em muitos sítios por aqui, conheço. Nenhum é seguro.

Madia parecia mais velha, talvez por causa do vinco permanente na testa alta. E era mesmo, acabou por lhes dizer que ia fazer quinze anos daí a pouco tempo. Baixinha para a idade, mas forte pelas lutas. Contou a sua infância na província de Malanje, no Kela, sítio muito bom, até ficar um dia isolado, guerra por todos os lados, o pai no exército, a mãe dada a esquecer sofrimento na bebida. Um dia a mãe disse vamos para Luanda onde a vida é melhor, tenho lá um irmão. Mas afinal o irmão tinha sido transferido para o Lubango, longe, longe, não tinham família na grande cidade, ficaram sem pé. Transferido como, se perguntava a mãe, inconsolável. Aquele imbuembável arranhou trabalho de lhe transferirem? Nem sequer souberam qual era esse trabalho que o mandara para o Lubango mais a mulher, a tia velha da mulher e quatro filhos. Madia acrescentou, não acredito muito nessa estória de irmão, com certeza nem existia, pelo menos nunca tinha ouvido antes e a mãe depois desviava a conversa quando eu perguntava. Riu alto, mais uma vez. Deve ter sido algum tipo que apareceu lá no Kela, trepou na minha mãe como tantos outros, contou cenas sobre a família dele e ela acreditou no meio dos copos ser um irmão dela. Ou sonhou. Com aquela senhora nunca se sabe. Mentirosa, maluca ou bêbeda, escolham lá o que quiserem, mas sem ofender, porque é minha mãe.

Himba estava um pouco escandalizada, uma filha falar assim da própria mãe? Talvez o homem fosse mesmo mau, mas tinha sido escolhido. Ou não tinha havido opção? A culpa era de Madia ou da mãe? E se a filha falava mal da mãe, de quem era a culpa? Da filha não devia ser. O pai tinha desaparecido no exército, segundo Madia foi com as Fapla e nunca mais voltou, mesmo quando as Fapla já tinham outro nome... Pode ter morrido na guerra, ou ter desertado, ou até pode ter sido desmobilizado com uma reforma e outro nome, havia casos. Quem sabe, aproveitou a situação de caos permanente que a guerra sempre provoca para fugir da mãe dela e suas bebedeiras e mentiras, para sempre. O certo é que Madia só tem lembrança dele de há mais de dez anos, quer dizer, nem o reconhece se o vir. Coitada da amiga, tem passado grandes cenas.

Um dia desses o Noé voltou a aparecer. Himba gostou de o ver, cumprimentou muito bem, um rapaz forte que não pretendeu abusar do físico, até lhes deu conselhos e promessas de apoio.

– Cresceste, Himba, desde a última vez. Tem havido pitéu por aqui, portanto. E esta, como se chama?

– Madia.

Himba ficou contente porque ele afirmou ela tinha crescido, mas não dava tempo para tanto, estava só a ser simpático, todas as crianças gostam da ideia, estás mais crescida, quase uma mulher, como se o ideal das crianças fosse se transformarem em mulheres, apressando a decadência. Mas não gostou dos olhares dos dois, um para o outro, os quais nem disseram nada, se separaram deles até desaparecerem lá à frente, na floresta da Ilha.

– Que foi isso? – perguntou ela a Kassule. – Onde foram sem avisar?

– Ao sítio onde se pode estar tranquilo de dia. À noite qualquer areia serve. De dia é mais difícil encontrar esconderijos para fazer essas coisas.

Ela percebeu o mambo, os olhos eram forçados a se abrir aos acontecimentos da vida, tão claros para aquele menino de dez anos. Qualquer coisa partiu dentro dela.

Noé deixara de parecer tão simpático.

– Eles já se deviam conhecer, disfarçaram só... – disse Kassule, em suas artes de adivinho.

Foi uma tarde e uma noite sem a companhia de Madia. Himba se tentou convencer, também não perdiam nada. Mas sabia não ser verdade, se tinham habituado ao riso franco dela, a dizer o que eles pensavam sem ousar expressar, a maneira como desafiava mais velhos, pelo prazer da competição... Madia animava as conversas, sabia muitas coisas da grande cidade, aquela leoa que ficava lá atrás, ameaçadora. Quando não havia gritos nem barulho de carros na avenida da Ilha, se ouvia sempre um trovejar constante, por vezes vinha do Sul, por vezes da frente, do outro lado da baía. Era o rugido da leoa, marcando o território, ninguém põe o pé perto dos meus filhos, eu ataco para os defender. Implacável. Quem seriam os filhos da grande cidade que ela protegia? Teria realmente filhos ou era uma leoa estéril? E os filhos consideravam-na mãe e a respeitavam, sabiam ao menos que ela os defendia?

Defenderia mesmo alguém ou se alimentava de todos?

Perguntas que Himba gostaria de pôr a Kassule, quando estavam sozinhos olhando para a imensidão azul. Guardava as questões no entanto dentro de si, porque o menino ia encolher os ombros, que coisa mais disparatada, é isso mesmo que andas sempre a pensar, calada? Sim, porque Himba matutava muito, em mambos por vezes quase estranhos, outros que lhe pareciam o mais normal que havia. Até Madia por vezes dizia, esta Himba é mesmo esquisita, fica um dia sem dizer nada, depois fala uma frase daquelas, complicada como as tiradas dos livros, uma frase que ninguém entende. És mesmo marada, boêla, sua matuense. Himba não zangava, os amigos não se devem chatear quando os outros lhes dizem verdades. Compreendia, aos olhos dos urbanos devia parecer uma estrangeira, ignorante das coisas da cidade, matumba.

Porém, o facto de Madia ter desaparecido com Noé e depois voltar como se nada tivesse passado despertou em Himba uma certa desconfiança. Essa moça vivida não tem os melhores princípios de educação, como falaria o pai. E logo a mãe responderia, que queres, com uma família pouco adequada ao preparo de uma menina... Várias vezes tiveram conversas dessas à frente dela, analisando atitudes de uma ou outra moça do município. Com uma linguagem profissional, mais fechada que a falada pelas outras pessoas da terra, menos instruídos que o casal, mas à qual a filha estava habituada.

Até tinham comentado, com algum recato de expressão por causa da presença dela, acerca da sobrinha do padre Gonçalves, aparecida grávida aos dezasseis anos, vinda de Benguela para passar uns tempos, na realidade para ter o filho longe do conhecimento do resto da família, o que provocou problemas graves no pobre padre, que só tinha albergado a sobrinha por solidariedade familiar mas que foi pasto de todos os mujimbos quando a barriga dela já não dava para esconder. Finalmente apareceu a mãe dela, irmã do padre, a qual senhora, a pedido do administrador do município, um homem ainda novo mas cioso de paz e concórdia sociais no seu feudo e preocupado pelo prestígio ferido da igreja, ou talvez por alvitre aflito do sacerdote, apontado a dedo pelos fiéis, explicou à saída da missa de domingo e em voz bem audível para muitos, que vinha ajudar o parto da filha, presa fácil de um ricoço de Benguela, com muito tesão mas nenhum escrúpulo, que agora negava a paternidade, dizia nem conheço

essa menina, quando ela era a melhor amiga e colega de escola da filha mais nova do próprio ricaço. Esclareceu com nome e tudo, para não haver dúvidas e provocar muitos sinais da cruz de benzimento por parte das beatas indignadas. Como o ricaço tinha, entre muitos empreendimentos, uma fazenda de fruta no município e aparecia de vez em quando para as devidas vistorias, o alvoroço não podia ser maior. Com escândalo ou sem ele, o certo é que o padre foi ilibado, até porque nem cinco meses tinham passado desde a chegada da moça já esta paria um rapaz. Segundo as senhoras muito zongolas do sítio que foram logo inspecionar parecenças, o recém-nascido já apresentava a bocarra e os lábios inconfundivelmente grossos do mijagrosso, como é conhecido qualquer ricaço que se preze.

Haveria maior prova de que o padre era inocente?

Acontecia muitas vezes com Himba: um voo de pássaro, uma rabanada de vento, uma frase apanhada da rua, qualquer coisa, por mais insignificante, evocava os pais, a vida anterior, os irmãos mais novos, a casa perdida na voragem da guerra. Esses pequenos episódios tão importantes hoje quase não tinham significado na altura em que ocorreram. Os eruditos chamariam marcas da sua identidade. Claro, a menina não perceberia sequer a frase. Pouco interessa a designação, os episódios do passado viviam com ela, viviam nela. Também Kassule os teria e também ele os não exprimia, ou por não saber, ou por não lhes dar ainda a importância que mereciam. Um dia haveria de conversar com o amigo sobre isso. Sabia, ia ser uma conversa muito séria e muito relevante. daquelas que começavam: “Olha, tenho uma coisa para te dizer, ouve com atenção...”, não era assim que o pai lhe falava para transmitir um conhecimento ou um conselho que ele achava fundamental?

Marcas de uma infância normal, no meio da guerra.

Noé aparecia mais vezes desde que Madia andava com eles. Ficava a conversar, a explicar coisas, esperando a hora da comida e dividia o resultado da busca no contentor. Quando ele estava, se integrava no grupo. Pois formavam de facto um grupo que recolhia alimentos em conjunto e depois repartia. Outras vezes, Noé aparecia só mesmo para apanhar Madia e a levar a desaparecer por horas ou dias. Dizia que conseguia de arranjar trabalho, só por acaso o aceitavam num barco para ajudar na pesca, mas não apreciava o salo, a faina não era a sua vocação, nem da sua família aliás, camponeses deslocados do Planalto Central antes mesmo de ele nascer. O pai trabalhava para um pescador, dono de uma chata, a mãe vendia peixe pela cidade. Viviam numa barraca perto da Marinha de Guerra. Conhecia desde sempre a Ilha e muitos lhe sabiam o nome, se dava bem com todos, já tinha sido adotado como um ilhéu. Evitava os bandos de rapazes que proliferavam nas areias, grande preocupação dos habitantes, desconfiados por dever de história. Ele explicava aos mais-velhos, nem todos os miúdos são bandidos, a maior parte até não é, não tem só aonde ir, mas havia uns que compreendiam e aceitavam, outros não. Ouvia muitas vezes os ilhéus reclamarem com a polícia, ponham mais agentes para os controlar, mandem todos para os musseques, a Ilha é boa demais para eles, façam uns cercados com arame farpado no mato e ponham todos lá dentro. Himba ficava muito admirada e ofendida com essas afirmações transmitidas pelo Noé, podia ser que as pessoas dissessem coisas tão feias e sérias? No pouco tempo que passava ali, não tinha assistido a grandes cenas que assustassem os habitantes, porque não lhes queriam então? A senhora boa das trancinhas não tinha tido essa reação de medo ou rejeição em relação aos meninos, até lhes disse, venham cá se precisarem muito, felizmente que não estavam a precisar. E a cena fê-la pensar que as crianças ali eram bem recebidas. Afinal, havia receios e desconfianças, alguns até a quererem lhes expulsar para o musseque ou para campos de concentração? Esses bandos eram assim tão perigosos?

Começou a ter a resposta uns dias mais tarde.

Foi assim.

Kassule lhe convidou, vamos até à floresta, lá por vezes tem tesouros escondidos. Ela riu, tesouros escondidos? Tinha lido um livro antigo sobre piratas das Caraíbas e seus tesouros. Ou pelo menos a procura de um tesouro, o qual, aliás, acabava por ser encontrado. Ali também era perto do mar e tinha havido barcos antigos, quem sabe? Pelo menos, do lado da baía, havia carcaças de barcos, uma parte

dentro da água, enterrados na areia, outra parte de fora, a enferrujarem. Um parecia ter sido barco de guerra, segundo opinião sempre avisada de Kassule. Para falar verdade, percebia ser brincadeira do amigo, só uma forma de a atrair para mundos novos. No tempo todo que tinha vivido na Ilha, percorrera a praia inteira desde a ponta até à Chicala e também a do lado da baía, se admirando com a beleza da cidade quando o sol se punha por trás da fortaleza. Porém, nunca tinha entrado na floresta, um conjunto de árvores pouco diversificadas, pois às originais palmeiras e acácias bravas lhes tinham juntado casuarinas, coqueiros e os recentes nimis, uma acácia nova na região, parecia ter sido trazida da América e que crescia muito mais depressa que qualquer outra, dois anos para atingir os cinco ou seis metros de altura, invadindo todos os espaços, sombra cerrada. Do sítio onde havia o restaurante até ao princípio da floresta eram duzentos metros, mas com a avenida no meio. Talvez por isso nunca tinha passado para o lado de lá, evitava cruzar a avenida. Esse afastamento da floresta podia ser considerado estranho, dado o hábito que ela tinha de árvores e outras plantas, todas as plantas, a profusão de espécies do Planalto Central.

Pressentimento?

Era mais fresco que na praia, pois estavam à sombra e tinham mar dos dois lados, havendo sempre uma brisa, ou de um lado ou do outro. Achou ela. Na ponta mais próxima deles pessoas trabalhavam num terreno com flores, um negócio de reprodução e venda de plantas. Não se meteram por aí, também por ser o refúgio de gente, a avaliar pela dezena de casebres que se escondiam entre o arvoredo até ao mar. Foram para mais longe, no sentido do fim da Ilha. A floresta afinal era um mundo em si, pensou Himba, pois mal se ouvia o barulho dos carros, se viam masé grandes barcos a fundear na baía, à frente o porto com a cidade e seus prédios altos. Insetos e pássaros. Poucas pessoas. Uma velha ao fundo a apanhar paus secos para a fogueira da noite. Miúdos a banharem na água muito calma da baía. Galinhas e cães. Barulhos abafados. A leoa ao longe a rugir, arfando.

Avançaram mais um pouco, olhando para os lados. Estudando os detalhes. Sobre tudo ela, para quem tudo era novo, pois Kassule já conhecia a floresta, mesmo antes de pensar em morar na Ilha. Ele confessou ter um dia pensado em assentar acampamento ali, mas achou depois ser má ideia, ficava muito escuro à noite, não se viam estrelas. Ele ia ter medo.

De repente, chocaram com um grupo de rapazes, sentados no chão, a fumarem. Cheiro de liamba. No município, os mais-velhos usavam os seus cachimbos muito antigos e feitos por eles, quando se juntavam ao fim da tarde para conversarem no njango, mas o pai prevenira, não se aproximem disso, a liamba faz mal aos mais novos, é só para os sekulos. O cheiro da folha era inconfundível, Himba percebeu logo o consumo pelo cheiro antes de ver os demônios nos olhos dos rapazes. Eram quatro. Se levantaram quando os viram. O que estava com o cigarro na mão avançou rapidamente o braço para Himba, queres?

Ela negou com a cabeça. E se virou na direção da praia, tocando no braço de Kassule, indicando a retirada.

– Pronto, não querem fumar – disse o do charro. – Mas podem sentar conosco... dizer boa tarde pelo menos.

– É verdade, não vos ensinaram a cumprimentar? – disse outro, mais ameaçador.

– De facto foi nossa falta – disse Kassule, se virando para eles com toda a tranquilidade. – Não foi má educação, foi do susto de encontrar alguém.

– Susto? Estavam à procura de um sítio onde se deitarem sozinhos, afinal?

Os outros riram à insinuação. Himba recordava as palavras do pai e via a razão nos olhos deles, contemplando-a fixamente. Não sabia o que dizer, só queria fugir. Mas o medo entrara sorrateiramente e levou-a a ficar sem ideias, sem vontade. Kassule também se calou, lhe escapando a resposta. Teria o menino percebido o segundo sentido? Certamente que sim, mais novo mas mais vivido naqueles ambientes. O do charro passou-o a um outro e falou para Himba:

– Senta aqui ao pé de mim, beleza.

Ele fez primeiro o que disse e bateu em seguida com a mão no chão, ao seu lado, a indicar o sítio. Ela ficou parada, uma voz lhe segredando corre, corre. Faltava a coragem de obedecer à voz prevenida.

– Vá lá, senta ao pé de nós – disse um outro, parecia o mais velho de todos. – O aleijado pode ir embora, queremos só a companhia aqui da pequena. Mas não sentas nada ao pé do Chico, vem para aqui – e bateu também no chão, com gesto imperativo, de mandão.

Kassule se endireitou na muleta improvisada, falou com orgulho:

– Não sou aleijado, não nasci assim. Caí na mina.

Todos riram. Menos Himba, claro.

– Não é a mesma coisa? – perguntou o que parecia mais velho.

– Não, não é a mesma coisa – disse Kassule.

– Olha, que se foda! – disse o que primeiro estava com o cigarro. – Aleijado ou minado, desaparece. A miúda fica.

Kassule não se mexeu. Dois rapazes ainda estavam de pé, sempre calados. Empurraram de repente Kassule que se desequilibrou e caiu, desamparado.

– Não façam isso, por favor – pediu Himba, se inclinando para ajudar o amigo.

Um dos dois empurrou-a também. Caiu perto do mais forte, que logo a agarrou, é isso mesmo, minha menina linda, fica só ao pé de mim. Himba tentou se debater mas ele abraçava-a por trás firmemente. Kassule se atirou para a frente contra o que segurava Himba, mas levou um murro de um deles e foi contra uma árvore.

– Foge, Kassule, foge – gritou Himba.

Mas o menino se levantou sobre uma perna, com a muleta erguida como arma de combate. O nomeado Chico lhe deu um pontapé na perna e ele caiu mais uma vez. Do chão tentou responder com a muleta mas esta foi-lhe arrancada das mãos e atirada para longe. Foi a vez de se virarem todos para Himba.

– Segurem só as pernas dela – mandou o mais forte, o que a abraçava.

Dois seguraram com força as pernas que se debatiam, mas foram afastadas. O terceiro ficou a observar divertido os esforços de Kassule, se arrastando pelo chão, para chegar à muleta.

O maior se deitou por cima da menina e violou-a.

Os gritos dela se confundiram com os de Kassule. Depois se revezaram os quatro, seguindo uma hierarquia de grupo, e ela já não gritava, só chorava. Também Kassule, deitado no chão em posição fetal, virado para não ver.

Os quatro deixaram os dois com seus soluços e foram embora, a contar vitórias e heroísmos.

Muito tempo depois, Kassule se levantou e foi ter com ela. Havia sangue no chão e ele notou, mas não falou disso, vamos, vamos para a nossa praia. Ela ainda demorou a parar de chorar mas acabou por ganhar forças e, apoiada pelo amigo, caminhou para fora da floresta e dos seus monstros gargalhando entre os ramos e as folhagens. Tudo lhe doía mas o pior não era a dor física. Se sentia roubada, violentada no mais íntimo, como se deixasse de haver qualquer tipo de segurança no mundo. Ao mesmo tempo, uma tremenda vergonha. De não ter podido lutar? Fez o que as forças permitiam, tinha sido pouco. Vergonha, medo, e lá no fundo, uma tremenda revolta, inconfessável. Desânimo também.

Derrota.

As lágrimas eram teimosas e não paravam de correr.

Só queria voltar para a praia, o refúgio entre os blocos de cimento. Era o seu lar. A ideia de o alcançar diminuía o fluxo das lágrimas, embora não as expulsasse de todo.

Madia adivinhou logo o que aconteceu. Pediu nomes a Kassule, só falaram num, Chico.

– Isso não ajuda, há muitos Chicos. Vou masé tratar dela.

Com imensa ternura, levou Himba até ao mar, lhe tirou o vestido que ficou na areia, entra na água, entra, fica o tempo que quiseres, a água do mar lava tudo.

Mas sabia estar a mentir, a água do mar só lavava o corpo.

Diego olhava para a tela vazia. Gostaria de retomar a ideia várias vezes perseguida, um ondjiri morto e se despojando do espírito que saltava sobre o predador, talvez para se vingar. Como muitas vezes acontecia, via melhor a cena antes de a pintar e depois era incapaz de realizar o imaginado, se contentava com o pouco conseguido, sempre dá para vender. Por isso merecia negociar apenas no mercado do artesanato e não em galerias. Sucedia quando colocava à sua frente telas grandes, assustadoras no seu enorme vazio. Se já tinha decidido cortar a tela em quatro, resignado na sua mediocridade, então se tornava expedito, sacava rapidamente uma coleção de quatro peixes, búzios, mbambis ou rosas de porcelana, tanto fazia, tudo lhe saía se fosse um poker, dominado pelas cores agressivas da alegria.

Não vivia mal, com a ajuda de Sofia. Ela sempre se encarregou de pagar o alojamento e tudo ligado a ele, luz, água etc. Com a venda dos quadros, comprava a sua roupa e comia nos mercados, por vezes jantava com a irmã, muito raramente agora que ela ficava pelo restaurante à noite, tenho de controlar todas as coisas, Dona Ester já não pode ficar até tarde, o coração está mal e tem de se cuidar, tu levas mesmo a sério tomar conta dela e de seus mambos, gozava ele escondendo algum ciúme, até do filho maluco, não, Diego, ele tem uma pancada mas não chega a ser maluco, traumatizado por causa desconhecida, a mãe nunca lhe bateu, pode ser alguma coisa de criança ou por ter ficado sem pai muito novo, como vamos saber agora se ele não lembra, mas fica incapaz de se concentrar, fazer as coisas mais simples, e se ouve um barulho entra em pânico, então está sempre em pânico nesta cidade de todos os barulhos, se divertia Diego que detestava o anormal, da próxima vez levo uma corneta para lhe buzinar nos ouvidos quando estiver distraído. Porquê dizes isso, Diego, se não és capaz de fazer mal a ninguém, sempre foste a pessoa mais gentil que conheci?

Fim de conversa sobre Ezequiel.

Hora de entrar noutra. Nos poucos momentos em que estavam juntos, praticamente só de manhã. Ao pequeno-almoço, encontro sagrado. O que primeiro chegasse à cozinha preparava a refeição para os dois. Aquecia a água para o chá, tirava o pão do congelador e metia no forno. Era possível comprar logo pela manhã pão acabado de fazer mas eles se habituaram a essa rotina, comer primeiro, sair em seguida. O pão de véspera, congelado na geleira e depois torrado no forno, ficava como vindo da padaria nesse momento, mais duro por fora e igualmente mole por dentro. Só à espera de receber a manteiga no seu seio, a qual derretia e se impregnava por todo o miolo. O tempo de um preparar o modesto mata-bicho e o outro já estava na cozinha, bom dia, tudo bem por aí? Sentavam e comiam, conversando sobre a véspera ou o dia seguinte. Nunca nada de importante.

Falar de coisas pesadas à refeição atrapalha o estômago.

Foi Diego que inventou a cena e tudo o que a acompanhava. Ele inventou, Sofia aceitou, agradada com rotinas. Ela gostava mesmo de rotinas. Tivera demasiadas surpresas na infância para as apreciar na idade adulta. Ele apreciava aquele hábito que inventara mas não era escravo dele ou nenhum outro, se deixava apanhar por factos ou gestos inesperados, enfrentava-os sem medo, antes respeito e atenção. Se metia com desconhecidos, trocava conversas e fazia amizades, era conhecido e apreciado em todos os meios que frequentava, infelizmente pouco diferenciados, precários sobretudo, para ser rigoroso. Não era um solitário nem se comprazia no vazio dos relacionamentos. Língua muito afiada, resposta pronta,

por vezes se colocava em situações difíceis, pois há gente maldosa capaz de se vingar de uma brincadeira bem-intencionada, sem atingir o significado social dela, a troca. As zungueiras de rua e as vendedoras de mercado brincavam com ele, andas sempre com os teus quadros bonitos na mão, não me dás um?, só se trocares por um beijo e dois montes de batata-doce, xê, que é isso, tenho marido, haka! Leva lá um montinho de batata-doce.

Brincadeiras inocentes de gente que se gosta.

Era raro ir ao restaurante de Dona Ester, ainda menos depois de terem comprado telemóveis, o dinheiro ganho já permitia satisfazer várias necessidades. Quando Sofia começou a trabalhar lá, de vez em quando ele aparecia por haver assunto urgente, mas depois passou a evitar e se falavam pelo telefone. Por isso mal conhecia Dona Ester e ainda menos o seu filho anormal. Teria visto o rapaz talvez duas vezes. De maneira que a piada de lhe invadir os ouvidos com uma buzina era só a primeira coisa que lhe veio à cabeça para provocar as fidelidades de Sofia. A sabedoria de uma curta vida lhe ensinou ser melhor andar por longe dos sítios que a irmã tinha de frequentar profissionalmente, assim ninguém se metia também na vida dele. Ele próprio escolhia com quem se ligava, não através de Sofia. Da mesma maneira, ela desconhecia os companheiros dele que pintavam quadros ou esculpiam a madeira ou o osso, angolanos ou congoleses, com quem puxava umas liambadas para afastar maus espíritos, ou derrotava uma garrafa de uísque barato, quando não era o mortal caporoto. Eram os seus kambas, não os da irmã. Gente que gostava dele pelas suas próprias qualidades, da mesma maneira que ela tinha amigos pelas suas capacidades. Talvez fosse o segredo de tanto gostarem um do outro e nunca terem tido, nunca, mas mesmo nunca, uma zanga, opiniões diferentes sim, amiúde, nunca uma zanga. Se perguntou, quem inventou esse truque, eu ou ela? Inexistia autor reconhecido, sempre foi assim, desde que um teve conhecimento da existência do outro. E passaram por muita coisa. Sempre juntos.

A irmandade não é uma coisa boa?

Pensamentos de quem tem uma tela à frente e não sabe o que fazer com ela. Dois anos antes, numa cena de vida selvagem, uma leoa a levar a perna de um ondjiri que matara e desventrara, enquanto uma hiena e um mabeco esperavam para se atascarem nos despojos, experimentou fazer sair do corpo devastado do antílope o seu espírito em perseguição da leoa e se lembra bem, da primeira vez Sofia observava o ato criativo e já lá não estava quando ele zangou consigo mesmo, o movimento não era suficientemente ondulado no espaço como se devia a um kazumbi, arrancou a tela do cavalete, a cortou em quatro e pintou quatro espécies diferentes de acácias, algumas que conhecera na infância, outras que viu em Luanda, era um profundo sabedor de árvores e flores. Durante dois anos voltou a essa cena que ele via com todos os detalhes, o corpo do antílope acinzentado voando no espaço, tentou várias vezes captá-lo e sempre conseguiu. Ou por isto ou por aquilo. Entretanto, a qualidade constante estava nos outros animais, bem retratados nos seus instintos básicos, a leoa com a arrogância elegante da força triunfante, o mabeco e a hiena com fâcias de ganância, covardia e traição. Sentia uma vertigem incontrolável de esconjurar a cena e acabava sempre da mesma maneira, a tela cortada em quatro para por cima pintar uma coleção qualquer. Inevitável. Sofia viu a primeira tentativa, perguntou por ela no dia seguinte, ele disse não deu, ela lamentou, pena, era uma excelente ideia, ele também achava, mas nunca mais lhe confessou ter voltado a tentar. Um dia que conseguisse, o quadro seria dela, uma boa oferta para a sala. Nem por todo o ouro do mundo o venderia.

O seu primeiro quadro com uma estória, não é de desprezar.

Entretanto, Sofia esperava a hora de receber os primeiros clientes para o jantar. Tinha proposto a Dona Ester uma nova maneira de fazer o arroz de peixe e marisco, ou melhor, o mesmo prato com um diferente tempero, baseado em massa de loengos. Ela mesma provaria na cozinha o resultado das primeiras experiências, a senhora seguia as sugestões dela e aguardava nervosa o veredicto, ainda falta sal ou devíamos acrescentar tomilho ou um toque de água de coco. A senhora seguia as instruções, pondo cuidadosamente uma pitada ou uma colherinha do ingrediente sugerido. Sofia reparou, Dona Ester parecia uma bruxa daquelas das estórias quase saltitando à volta do caldeirão. No entanto havia diferenças e a primeira ela não ser má nem ter dentes compridos, não pegava em sapos e a panela era

pequena. Se resultasse, fariam numa panela grande e proporião como novidade aos clientes.

Era noite de o grupo de amigos aparecer, embora nada estivesse combinado. Quinta ou sexta vinham sempre e já era sexta-feira, portanto apareceriam. Se os outros clientes não quisessem aceitar a sugestão não haveria prejuízo, vários do grupo provariam, andavam sempre à cata de novidades, com tendência para comida caseira, segundo diziam. Foi o que os atraiu naquele pequeno e pobre restaurante, se comparado com os que estavam habituados a frequentar. Não era requintado, não era frequentado por gente rica, a comida embora boa evitava grandes artifícios para enganar os paladares. Mas sempre com um toque à parte, diferente dos outros. E o atendimento personalizado de Sofia, atenta aos gestos, às faltas.

Hoje ela estava particularmente ansiosa, embora tivesse a certeza da boa qualidade do peixe, um punho apanhado nas profundidades, e do marisco, apenas camarão, lagosta e quitetas. A ansiedade vinha de desconhecer se alguém já ousara meter loengos, uma fruta amarga e ácida, com uma ponta de doce, sim, misturando três sabores fundamentais, numa cozinha. Diferente seria. O tomilho dava gosto forte, mas sem exagerar. Os amantes de picante, quase todos os clientes do restaurante, acrescentariam jindungo, mais um sabor especial. Nunca provaram um arroz assim, tinha de dar certo, pelo menos pela surpresa e a mistura dos perfumes do mar com os da terra. No entanto, tinha dificuldade em controlar o nervosismo. E não era devido à quase certa presença de Abdias, achava.

Abdias não lhe interessava mesmo nada.

Dona Ester arriscou provar o arroz ainda no fogo.

– Está divino!

Era quase uma heresia tal frase brotar da boca da senhora. Divino era reservado a coisas de religião e ela não facilitava na linguagem. Olhou Sofia com carinho e repetiu a palavra, sem temer o ciúme de deus nenhum. Naquele momento, o paladar falava mais alto que a crença.

– Vai ser um sucesso – voltou a elogiar a senhora. – Vamos fazer no maior panelão que temos. Se as pessoas estiverem com receio de provar, sabes o que tentamos? Além da comida que encomendarem, levamos um pratinho com o arroz. É só para provarem. Vais ver, muitos vão mudar de opinião.

– É uma boa ideia – concordou Sofia. – Até podíamos oferecer logo à entrada um pratinho. Depois escolhem o que quiserem.

– Sim, é isso mesmo.

Dona Ester deu as ordens ao pessoal da cozinha. A Sofia parecia, a voz da sócia até estava mais forte, segura de si. Foi inspecionar o salão, satisfeita com o sucesso. Nem sempre as boas ideias conseguem ser postas em prática. Tinha de inventar outros temperos, misturando sabores de continentes diferentes. De vez em quando, qualquer restaurante deve apresentar novidades. E se forem invenções dos próprios, sabores únicos, usando alguns produtos próprios da terra, ainda melhor. Podia pedir a um dos amigos para fazer uma referência numa rede social da Internet, isso espalha a descoberta, publicidade gratuita. O Tiago, que andava sempre a zongolar cenas no telemóvel de última geração, era a pessoa ideal. Se eles aparecessem e gostassem do prato, ela pediria ao Tiago. Ou a Salomé. O melhor é falar aos dois. Com uma fotografia, claro, as fotografias são muito apelativas. Tinha aprendido qualquer coisa na disciplina de marketing que estudara há tempos.

Começaram a aparecer alguns clientes e Sofia explicava terem uma novidade, arroz de peixe e marisco. Provavam do pratinho e muitos aprovavam, excelente, original, diferente. Alguns aceitavam encomendar esse prato. Os que preferiam outra coisa, gabavam na mesma o arroz mas vai ficar para a próxima vez, hoje já vínhamos com a ideia de cair num muzonguê ou numa saka-saka. Os elogios não pararam. A novidade estava aprovada. No entanto, ela esperava o grupo, sempre mais atrasado, para confirmar o conseguimento. Porque, embora mais novos que os outros comensais, viajavam buê, tinham estado nos melhores restaurantes do mundo, faziam questão de o mostrar em fotos, nas redes sociais, nas conversas. Os primeiros elementos do grupo apareceram às vinte e uma horas, eram Salomé

e Alfredo.

– Quantos virão hoje? – perguntou Sofia. – Para mandar preparar a mesa.

– Não faço ideia – disse Salomé. – Mas reserva umas dez cadeiras, depois veremos.

Foram aparecendo os outros, afinal vieram treze, com a notícia, o Abdias chega mais tarde. O restaurante não ficava apinhado porque entretanto alguns já tinham acabado a refeição e ido embora. Com as melhores referências à experiência, ponham isso no menu e em primeiro lugar. Sofia sorria, agradecia, vamos tentar introduzir novas coisas de vez em quando. Os do grupo provaram os pratinhos, encomendaram todos o arroz, não há qualquer dúvida, trovejou Tiago, isto é comida dos deuses.

– Tira uma foto ao prato e mete na rede social – pediu Sofia, sem vergonha nenhuma.

Ele obedeceu no tempo de dois cliques. Depois acrescentou umas frases divertidas a gabar o restaurante e seu arroz de peixe com marisco, por exemplo, se vocês conhecem esta iguaria de outros sítios, esqueçam, não conhecem nada enquanto não provarem o do restaurante da Mamã Ester, nem nas Canárias encontrei melhor e eles lá sabem de peixes e mariscos. Ou na ilha de Lesbos, Grécia. Instigada por Sofia, Salomé pegou no telemóvel e respondeu a Tiago, no mesmo teor. Como eles tinham muita gente com quem se relacionavam, os elogios podiam funcionar para chamar clientela nova e endinheirada.

Mal é que não fazia.

Solferino mandou calar toda a gente e avisou, na próxima semana os meus pais viajam. Vamos fazer uma festa lá em casa.

– Sofia, desta vez não podes recusar – acrescentou. – Vou encomendar duas panelas enormes deste arroz, podes fazer uma etiqueta ou cartaz com publicidade do restaurante, para que saibam onde podem repetir...

Ela não disse nada, ainda nem sequer estava sentada à mesa, tinha outros clientes na sala e devia controlar tudo, em particular o pessoal que servia. Fez um gesto vago com a mão, no gênero depois falamos, foi à cozinha convencer a mais-velha para recolher a casa. Não gostava que ela andasse sozinha à noite, por isso a Rosa, uma ajudante da cozinha, acompanhava-a habitualmente. Mas Dona Ester não aceitou, hoje vou mais tarde, quero apreciar bem o que os clientes dizem do nosso novo prato, está mais que aprovado, disse Sofia, mas a senhora não se contentava com pouco, desfrutava do contentamento geral. Mesmo o pessoal da cozinha, sempre reservado com a chefe presente, nessa noite se soltava mais, havia risos e piadas. Se o restaurante ia bem, tinham esperança de manter o emprego e até de sonharem com um aumento salarial, prometido há tempos. Todos ganhavam pois com o sucesso.

Conversa de Sofia nos intervalos, para os motivar.

Depois só ficou o grupo de amigos, já com a presença de Abdias, para o qual não sobrou o arroz, fica para outra vez, jantei em casa, desconsigui de me safar. Então, Dona Ester aceitou ir embora. Sofia mandou arrumar a cozinha e despediu o pessoal. Pôde finalmente sentar ao pé dos amigos, saboreando a sua vitória. De vez em quando um deles regressava ainda ao tema, mas por que raio te lembraste de acrescentar loengo, essa é de gênio.

– O loengo de facto é que faz toda a diferença – disse Alfredo.

– Esta miúda tem talento – disse Solferino. – Devias lançar-te num restaurante maior e mais requintado. Não queres um financiamento do meu pai? Ele é um chato mas tem faro para os negócios. Dás uma quota de vinte ou trinta por cento nos lucros e pronto, ele avança a bala, eu sirvo de fiador.

– Grande fiador – disse Tiago. – Se ainda fosses filho único...

– Não me referia a esse tipo de fiança. Eu garanto que vai ser um sucesso, que comemos sempre bem aqui e ela é a alma do restaurante e isso seria suficiente para o meu pai acreditar que não deita o dinheiro à rua, isso ele nunca faz...

– Ainda bem que reconheces – disse Salomé. – Não o consegui convencer de avançar uma verba

mínima para apoio a um grupo de mulheres que tinham uma ideia que entretanto já milhares tiveram. Ir à China comprar diretamente os produtos que chegavam aqui via Dubai. Era no princípio. Em duas viagens elas tinham dinheiro para lhe pagar o capital inicial. Ele não foi nas conversas, nem com números. E eu era a fiadora, ou antes o meu pai, melhor fiador que eu... Recorri mesmo ao velho, o qual é um forreta daqueles, vocês sabem. Dessa vez ele cedeu. E sabem o que aconteceu? O que eu previa. Foi um grupo de cinco mulheres, sem falar nenhuma língua a não ser português e kimbundo ou português e umbundo ou português e kikongo. O meu pai avançou o dinheiro para comprarem os bilhetes de avião e a estadia numa pensão do mais rasca que existe em Xangai. Com gestos, porque pela língua não podia ser, fizeram as compras que queriam com o dinheiro delas, já acumulado nas vendas de mercadoria vinda do Dubai. Em duas viagens pagaram ao meu pai e agora têm um apartamento em Xangai, alugado pois claro, onde vão aos cachos. Outros imitaram-nas. Foi um dos meus primeiros projetos.

– Estão ricas – disse Alfredo, comendo a mulher com os olhos.

– Não exageres, ricas não estão. Mas têm dinheiro, vivem bem, negócios estáveis. Um bando de mulheres tirado à pobreza... O teu pai podia ter ficado associado a isso, Solferino.

– É, o velho não se comove. Mas acho que se lhe apresentar a Sofia, se provar do arroz que hoje comemos, mais um paleio meu para ajudar, ele abre a bolsa. Um restaurante bem situado, moderno, arranjam um decorador, temos amigos, e depois garantimos clientela. Só pode dar certo.

– Só pode – apoiou Abdias, saindo da sua reserva.

– Demais para mim – disse Sofia. – Aqui sinto-me bem, é o meu lar, meu refúgio. Uma pessoa deve saber o tamanho do passo que pode dar. As minhas pernas são curtas.

– Tens de ter ambição – insistiu Solferino.

– E tenho. Fazer coisas boas aqui, inventar uns sabores novos, sem nunca pôr um dedo numa panela. Pelo menos aqui, porque em casa por vezes cozinho.

Travou a confidência, estava a falar demais. O papel dela ali era ouvir. Se sentia mal estando no palco, para o qual não era chamada. No entanto foi ela que saltou para a cena? Solferino a pôs lá em cima, mas ela tinha de retirar imediatamente e retomar o seu estatuto de gestora do restaurante que acompanha um grupo de amigos nas suas libações, ouvindo os disparates e as análises, as piadas, as fofocas, mas também explicações sérias, como quando Tiago expõe teorias e novidades sobre informática, a sua área de formação na África do Sul, ou Alfredo desenvolve as informações sobre técnicas de perfurar poços de petróleo no Atlântico.

– Duvido que o pai do Solferino aceite, não sei como enriqueceu, com a falta de visão que tem para os negócios – voltou Salomé. – Desculpa, meu, se trata do teu velho, mas é verdade. No caso do futuro restaurante até posso estar errada e ele alinhar, mas não interessa... O que me admira é tu, Sofia, imediatamente rejeitares a ideia, como se perdesse a coragem de arriscar. Este restaurante é simpático, estás ligada à Dona Ester, compreendo, mas não queres mais... Tentar a tua própria jogada?

Por um momento as palavras levaram Salomé ao curso que fez e à Teoria dos Jogos, disciplina que adorou, embora nunca fosse aplicar os conhecimentos em coisa útil.

– Aqui estou bem. Tranquila, segura. E pode ser melhor. O meu sonho é ter sempre casa cheia. Mas esta casa, não outra com espelhos e coisas modernas, mesas baixinhas ou cadeiras desdobráveis...

Calou, atônita pela sua verbosidade, porque hoje conseguia de se controlar. Por causa do êxito do arroz? Provavelmente. Tinha de contar ao Diego, abrir uma garrafa de vinho branco que tinha bem frio na geleira, festejarem sozinhos. Se ele ainda estivesse acordado...

Resistiu a todos os cantos de sereia, só sorria, dizia sim ou não, mais nenhuma frase completa. Os outros iam bebendo garrafa sobre garrafa, saltitando de temas, em toda a fraternidade.

Os dias iam passando, parecidos. Havia mais garotos na praia, por vezes era preciso disputar ferozmente o recanto nos blocos de cimento. Também os restos do restaurante. Noé, que parecia saber tudo, explicou, a guerra estava muito quente no Huambo e no Bié, por isso mais crianças tinham aportado à cidade, milhares cada dia. Se espalhavam pelas ruas, dormiam nos vãos das portas, quando lhes deixavam, nas arcadas da marginal então não se fala, estavam cheias, alguns vinham para aqui, a Ilha. Também havia famílias de Luanda que diziam não aguentar tanto filho com a vida cada vez mais difícil e lhes mandavam para a rua, vão mendigar ou roubar, desenrasquem.

E a comida rareava nos contentores.

– Há três tipos de pessoas aqui – disse o Noé. – Os que comem dentro dos restaurantes e pagam, os balados, só olham para nós com nojo. Para eles ficam os pratos cheios e bem servidos, já vi mesmo, vocês também podem verificar se arriscarem espreitar pela porta até vos enxotarem. Do que sobra das comidas nas panelas e nos grelhadores uma parte pode ser guardada e servir para o dia seguinte, com um molho diferente, ou misturada com outras coisas, me explicou o Fausto, ele era ajudante de cozinheiro lá no fundo da baía...

– Não é mais? – perguntou Kassule.

– Pois, a maka dele foi essa mesma. Levou para casa uns bons nacos de carne de primeira que tinham sobrado e estavam fora da geleira, já com moscas a rondarem. Mas foi apanhado pelo dono e lhe puseram na rua. Bem... esses restos bons continuam portanto no restaurante e a ser do dono. Mas o que sobra dos tachos e de algumas travessas, o patrão deixa o pessoal levar para casa, se repartem, mais o pão que não dá para guardar até amanhã e algumas bebidas que ficam a meio. Portanto, os empregados são o segundo grupo, os que se safam. Depois vimos nós, os do terceiro grupo. Para nós é o que sobra dos pratos, ossos, legumes já mastigados, ou bocados de comida que não ficou bem feita ou a azedar, quer dizer, o que vai para o lixo. Somos os lixeiros. Lixeiros, empregados e clientes, assim é sempre a subir. E o dono? O dono é do grupo dos clientes, de vez em quando vai comer a outros restaurantes para fazer comparações.

Riam todos, menos Himba, sempre fechada dentro dela. Kassule reparava e calava rápido os risos dele. Himba agora andava descalça, as sandálias tinham ficado perdidas na floresta. Os pés não estavam habituados ao cimento quente ou à areia de cima da praia, igualmente a queimar quando o sol batia furioso. Só mesmo a areia da noite ou a da beira da água eram suportáveis. Não pensava no que lhe tinha acontecido, varria a memória com uma mão aberta, como se pudesse. Lamentava a perda das sandálias, a mãe tinha comprado numa loja do município, eram rasas, cor-de-rosa, boas para o pé entrar. Como substituir as sandálias? O pensamento fixo nas sandálias, a sua perda menor, impedia-a de ouvir muito das conversas dos outros, era frequente terem de lhe repetir qualquer coisa.

Kassule uma vez ganhou coragem para perguntar uma dúvida que lhe estava a fritar os miolos, como dizia, e que Himba também já se tinha posto. Porquê Noé tinha de visitar os contentores, então os pais não levavam comida para casa? O amigo deu uma gargalhada, na altura das faturas eu não apareço por aqui. Mas julgam é sempre que eles ganham alguma coisa? Quando não há almoço em casa, venho nas esquebras. A minha mãe é que me mandou, já faz muito tempo, diz eu sou de muita comida, nasci em mês de fome, meu nome devia ser Onjala. Claro, prefiro o mufete que ela faz, ou mesmo o caldo de peixe. Mas nem sempre tem. Vocês pensam toda a gente da Ilha é rica?

Os meninos se acumulando na porta de trás do restaurante muitas vezes entravam em lutas. Primeiro se empurravam para ganhar melhor espaço, depois voavam os insultos aos pais dos outros, finalmente os punhos saíam da cômoda posição ao longo dos braços, se agitavam em movimentos rápidos, a pancadaria generalizada. A presença de Noé impunha algum respeito e o grupo sempre conseguia uns restos. Mas na maior parte dos casos ele andava por outras bandas, colhendo mujimbos e aventuras, se sabia agora porquê. Madia tentava substituir o ausente na liderança e defesa do grupo,

mas não era a mesma coisa. Lutava, gritava e rasgava caras alheias, também apanhava murros e bofetadas. Não impunha o devido respeito e no fim ficavam sempre muito atrás no contentor, se satisfazendo com peles e ossos de galinha de aviário, mais fáceis de roer.

Um dia, uma senhora saiu de um carro grande e brilhante, carro de mijagrosso, e se aproximou deles. Falou alto, queria uma menina para ir na casa dela trabalhar.

– Tenho um quarto no quintal com uma cama, dou comida e alguma roupa. De vez em quando posso dar um dinheirito, se se portar bem. Quem quer?

Havia só quatro mocinhas, Himba, Madia e duas chegadas há pouco do mato. Os rapazes ficaram parados, logo à partida não era o seu negócio, mas estavam prontos para apreciar a cena fora do vulgar. Ia sair pancada entre as quatro? Espetáculo digno de se ver, sobretudo para quem estava desocupado à espera dos ossos caírem no contentor. E pancada entre meninas tinha muito mais piada que entre homens, coisa banal.

Madia foi a primeira a se aproximar da senhora, perguntou logo:

– E o trabalho é o quê?

– Tenho uma filha pequena, três anos. É para tomar conta dela. Quando ela dorme ou eu estou em casa, ajudas a arrumar as coisas, varrer o quintal, lavar a louça quando é demais para a minha empregada, esses trabalhos pequenos...

Himba não mexera do sítio, perto de Kassule. Primeiro estava dentro dos mambos dela, mas a voz da senhora era autoritária, parecia uma professora, lembrou do pai, despertou para a cena se passando ali à frente, como de manhã a acordar com uma voz grossa ou um choque aparatoso de carros.

– E a casa é aonde? – Voltou a perguntar Madia, como sempre desbocada e sem rodeios.

– É na cidade. Não muito longe.

Madia se virou para trás, fitou Himba e as outras duas.

– Eu acho estou mais capaz de tratar de uma criança, a senhora é que sabe. Tenho a quarta classe... Bem, a Himba, lá atrás, até tem mais, a sexta, não é mesmo, Himba? Mas é mais nova... e fraquinha...

– Que idade tens?

– Fiz quinze agora – respondeu Madia, para assombro dos dois amigos dela que sabiam ainda não ter completado essa idade. Verdade, porém, que não lhe faltava muito, um ou dois meses, segundo tinha explicado um dia a eles e a Noé.

– Para ser franca, prefiro aquela lá de trás, Himba, é esse o nome? Cara triste, sossegada. Mais nova e com mais estudos...

Eram só vantagens a favor de Himba.

Kassule empurrou a amiga mais para a frente, aproveita, vai para uma boa casa, dormir na cama, sempre é melhor do que aqui. Eram esses os segredos que o kamba lhe sussurrava, mas não a convenciam muito. De qualquer modo, deixou ser empurrada, até ficar perto da senhora. Muito bem vestida, se via mais ao longe, mas agora sentia o perfume dela e admirou o cabelo comprido e ondulado, como das mulheres brancas que vinham tomar banho na praia. Extensões, pois claro, mas Himba ainda não conhecia, admirava mesmo aquele cabelo de branca. Madia muxoxou de despeito, baixinho, pela escolha da senhora, mas respeitou Himba. Deixou espaço.

– Então, menina, vens comigo? Vou te tratar bem, não sou como algumas aí que exploram as crianças. Até podes estudar mais, se quiseres. Se fores boa miúda, posso ajudar.

– O Kassule pode ir comigo?

– Quem é esse?

– É o meu amigo aqui.

A senhora teve um gesto de indignação ou repulsa, não era fácil distinguir. Os olhos fixos na muleta

gritavam.

– Claro que não. Só tenho lugar para uma menina.

– Então não quero.

Kassule insistiu, aproveita, Himba, não seas parva. Eu cá me viro por aqui. Ela negou com a cabeça. A senhora disse, trocista:

– A amizade é muito bonita, mas as pessoas espertas agarram bem as oportunidades.

– Eu não sou esperta mesmo.

E Himba voltou para o sítio em baixo da árvore, desligando do assunto. Kassule veio ter com ela, pronto a lhe passar um raspanete, do gênero és mesmo burra, não queres escapar desta miséria, destes perigos, ainda não aprendeste?

Mas calou, os olhos inundados de mar.

Madia não deixou escapar o momento de sorte. Disse para a senhora:

– Estas duas mal falam português, são umas matumbas. Eu já vivi muitos anos numa casa e conheço a cidade. Porque não me experimenta? Se não servir, me manda para aqui de novo, sem makas nem kijilas.

– És saliente demais, não aprecio o gênero. Mas, vendo bem, posso tentar. Se me arrepender ponho-te logo a andar, vê lá. Vamos, entra no carro.

Madia se virou para os dois amigos, primeiro estendeu os dois braços para o lado, talvez a pedir desculpa, talvez a dizer estão a ver como se faz?, lançou depois um adeus, venho vos visitar sempre e trago coisas, prometo.

Assim Madia desapareceu da praia e desta estória.

Promessas nem sempre são para cumprir.

Himba no entanto sempre achou que talvez Madia tenha tentado encontrá-los, sem êxito. Noé também achava isso. Estar no sítio errado ou no momento errado quando ela vinha procurar os amigos... Ou então era só o orgulho ferido dele a arranjar desculpas.

Ninguém gosta de ser esquecido.

As pessoas iam e vinham, uns apareciam, outros nunca mais. Para substituir Madia, surgiu Luemba, uma menina de oito anos, mas tão pequena e magrinha que parecia ter seis. Com pesadelos nos olhos, cabelo todo duro de terra misturada na trunfa de muito tempo sem ser desencarapinhada, fios de remendos como vestuário. Himba lhe viu de costas, com medo de molhar os pés no mar, o coração bateu, podia ser uma das suas irmãs. Milagres existem. Saiu da escuridão em que a tinham mergulhado, correu para a menina, raio de luz, lhe pegou no braço. Ela virou, mas afinal os milagres só valiam para os sortudos de sempre. Não a conhecia de lado nenhum. A menina aceitou a mão dela no braço, falou numa vozinha branda:

– Me ajudas a entrar no mar? Tenho medo.

Nesse dia as ondas estavam maiores que habitualmente. Himba, ela própria, ainda não banhara e já era quase a hora de se pôr no lugar de sempre, perto do restaurante, esperando os restos. Não tinha se aventurado, ao contrário de Kassule, a quem as ondas grandes não atemorizavam, mesmo sem uma perna. Talvez fosse mesmo o tempo de entrar, para ajudar a menina, que precisava com urgência de banho. Assim, esperou que houvesse uma ligeira calmaria e mergulhou com ela no mar, calada, pois não lhe apetecia o esforço de falar. Bem bastava ter de lutar pela comida, sem Noé para ajudar. Esfregou um pouco o cabelo da miúda, notando a água à volta se tornar castanha, tanta era a terra acumulada. Por onde andara aquela pequena? Bem, um dia iria saber, todos têm uma estória e sentem a necessidade de a contar. Não era o caso agora, apenas se banharem. A menina gritou de medo quando viu uma onda maior avançar para a praia, mas Himba, já com mais treino do que antes, mergulhou com ela no momento certo e deixou a onda passar. A menina riu para Himba, afinal era assim fácil?

De repente, se libertou.

Como quando ela dormia em casa e de súbito o despertador dos pais tocava, acordando toda a gente. Um despertar rápido e uma pessoa, enroscada num sonho, parece saltar do sítio onde dorme, enfrentando uma realidade diferente. Isso aconteceu com a miúda, que sabia nadar, mas estava intimidada pelas ondas. Passaram a zona de arrebentação, não tinham pé, estavam entregues a si próprias, rindo a menina, ela séria mas também gozando o momento.

E lhe apeteceu falar.

– Como te chamas?

– Luemba.

– Qual é a tua terra?

– Lépi.

– Haka, perto da minha – disse Himba.

– Hi, perto mesmo?

– Nem tanto. É perto, sim.

Riram as duas. Mal sabiam elas, nem Himba, pois o pai talvez desconhecesse ou lhe faltou tempo de lhe contar, mas as duas terras tinham pertencido ao mesmo sobado grande, jagado, reino ou lá o que queiram chamar àquelas montanhas a furar o céu, os imensos rochedos de centenas de metros quase impossíveis de escalar, o ar puro e seco, cheirando a flores e troncos, o verde cobrindo as serras, a combinar com os castanhos e negros e cinzentos e ocre e todas as cores possíveis daqueles sítios, região antes conhecida como Tchiaka, a mítica.

As ondas embalavam-nas e elas também as cavalgavam até mais perto da arrebentação, mas depois se deixavam levar para mais longe, até apanharem boleia numa maior, regressando onde tinham pé. Kassule gritou da praia, o pitéu vai sair daqui a pouco, venham.

– Vamos, Luemba, vamos pitar.

Foi um pouco mais difícil sair, pois aí precisavam nadar mesmo, aproveitando a força de uma onda e fugir logo da ressaca. Riram em terra, se dando as mãos. A miúda estava um pouco mais limpa, mas devia se esfregar. Agora não havia tempo, tinham de avançar para a sombra da árvore, a casuarina velha que sempre os abrigava.

Nesse dia Noé estava presente, arranjavam proteção e puderam apanhar o suficiente. Para a menina, famélica de muitos dias, foi parecido com um Natal.

– Temos uma nova amiga? – perguntou Noé, apontando para ela, quando tinham acabado de comer e estavam encostados no princípio dos blocos de proteção, ainda à sombra da casuarina velha.

– Apareceu agora – disse Kassule. – A Himba é que a descobriu.

Esta parecia ter finalmente saído do pesadelo. Falou:

– Estava a precisar de banho mas tinha medo das ondas. Eu mergulhei com ela.

– A Himba agora é uma grande nadadora – disse Kassule. – Antes só gostava de rio.

– Já me habituei ao sal do mar – respondeu ela.

Kassule e Noé trocaram um olhar. Há tempos que ela não participava de nenhuma conversa, sempre alheada na sua dor. Foi por causa do aparecimento de Luemba? Parecia a Kassule, sempre atento à amiga.

– E tu, já tinhas entrado no mar? – perguntou Noé para a menina.

– Aprendi a nadar no rio. No Lépi...

– Onde é que é isso? – perguntou Kassule.

– Na minha região, mas outro município – adiantou Himba. – Mais a sul.

– Mas em Benguela tomava banho no mar – acrescentou Luemba, para admiração de todos.

Afinal a miúda era viajada. Todos conheciam de nome essa cidade do Sul que muitos comparavam a Luanda antiga.

– É verdade, nunca te perguntei – disse Kassule para Noé. – E tu de onde és? Do Planalto eu sei. Mas de que sítio?

– Andulo. Um kimbo perto de lá. Mas vim na barriga da minha mãe. Não me perguntem como é, porque não me lembro de nada.

Os quatro eram pois do famoso Planalto Central, embora Kassule fosse da parte norte, onde já a língua umbundo era menos utilizada tradicionalmente. Os quatro eram da geração que se comunicava quase exclusivamente em português, embora percebendo ainda parte das línguas das respectivas regiões. Com a estadia prolongada em Luanda, era difícil reterem esse conhecimento, exceto cumprimentos, insultos ou alguma expressão mais habitual. Até mesmo a nasalização típica do umbundo desapareceria, como era o caso de Noé, falando já como um kaluanda. Ou Kassule. Ou Himba ou Luemba que já não a tiveram.

– E a menina tem nome? – perguntou Kassule, imitando as maneiras da senhora que levava Madia, o que fez Himba sorrir.

– Luemba.

– Bonito nome – aprovou Noé. – Parece já entraste no grupo. Ou conheces outros?

Ela só abanou a cabeça. Muito tímida para se integrar num grupo por sua iniciativa. Himba achava, eram parecidas. Tinha de a proteger. Não sabia era como. E os bandos não escolhiam idades.

Foram andar as duas à beira-mar, olhando os banhistas, cada vez mais numerosos à medida que a tarde avançava. Havia muitos estrangeiros, embora, como Himba explicava, os estrangeiros preferissem praias onde não havia refugiados nem pescadores, sobretudo lá mais para o fundo, onde predominavam restaurantes com barreiras, guardas, também sombrinhas e camas.

– Camas?

– É. São assim umas cadeiras que se podem inclinar muito para trás e as pessoas ficam deitadas. São de alugar, tens de pagar muito. O Kassule é que sabe essas coisas todas, me mostrou. Mas as pessoas baladas preferem ir para aí, porque ninguém lhes rouba nada e podem ser servidas de bebidas e comidas mesmo na praia, um luxo.

Quando achou que já tinham conversado bastante, Himba achou ser o momento de ir sabendo coisas sobre o passado de Luemba. Fez a pergunta sacramental, como vieste parar a Luanda, sobretudo como vieste parar à Ilha de Luanda? E Luemba contou uma estória parecida com muitas que Himba ouvia ou iria mais tarde ouvir, que os pais a mandaram para Benguela, cidade mais segura, no litoral onde não havia guerra, viver na casa de uma tia, irmã mais velha do pai, com família numerosa mas que a aceitou de bom coração, era mais uma boca, mais preocupações, porém o sangue conta acima das dificuldades da vida, pôs a menina na escola, ela estudou dois anos, até que apareceu lá uma prima do marido da tia dela que disse, posso te levar para Luanda, lá é muito melhor e sempre alivia a carga familiar. O marido aceitou logo mas a tia não queria, o meu irmão mandou para eu tratar dela, fica mesmo aqui que está a estudar bem, vida calma, e a menina concordava com a tia, em Benguela se sentia à vontade e também era mais perto dos pais, um dia podia voltar lá para lhes visitar, matar as saudades pesadas, bastava a guerra acalmar um pouco, mas a Dona Fifi era insistente, vou tratar dela com todos os cuidados e ela pode me ajudar em muitas coisas, não tenho filhos infelizmente, fica como filha para mim, sou eu que peço e é um favor que me faz, não sou eu que faço, insistiu um dia, insistiu no dia seguinte, disse fico mais tempo até convencer a tua tia, enfim a senhora concordou, pronto, família do marido também era família dela, devia de confiar, entregou uma chorosa Luemba à prima do marido. Luemba apanhou grande susto com o avião, no entanto chegaram em Luanda, Dona Fifi muito contente até lhe comprou roupa para viajar, e vieste mesmo de avião, perguntou Himba, vim mesmo,

cheia de medo o tempo todo, por sorte não durou muito. Instalada em Luanda, nada de escola. Falou com Dona Fifi e a escola? Que tinha passado o tempo das inscrições, só no próximo ano. E começaram os gritos e os maus tratos, afinal tinha de limpar e varrer a casa toda, passar pano molhado no chão, lavar roupa para uma mulher engomar tudo uma vez por semana, a comida a ser dada cada vez com mais dificuldade e recriminações, quem não sabe bumar não come, mas ela era uma menina pequena, nunca tinha trabalhado assim, andava só na escola e em casa ajudava as mais velhas, mas era só ajudar, não fazer os trabalhos pesados, então lavar lençóis é trabalho de criança pequena? E a Dona Fifi afinal não tinha um marido, tinha era vários amantes, um cada dia da semana, nada como tinha contado em Benguela, um casamento feliz com vestido de noiva e limusina para lhes levar na igreja, tudo mentira, vivia dos senhores com dinheiro, como tinha explicado a vizinha do lado e que engraçara com Luemba, até que um dia apareceram homens de voz grossa em casa, a menina estava a descascar batatas na cozinha, não viu mas ouviu tudo, eles a ameaçaram, se não pagas o que nos deves vamos dar uma carga de porrada que nem te vais levantar mais, Fifi, te partimos mesmo pernas, sua ordinária, ladra, filha da puta e muitos mais nomes que Luemba nem quer repetir, a mulher só chorava e gritava até eles irem embora, prometeu pagar tudo no próximo mês, me deixem até ao próximo mês que eu arranjo o dinheiro, um cliente me está a dever muito de um negócio, até que eles foram embora sempre nas ameaças e ela se lamentava a berrar sozinha que era muito dinheiro, onde vou arranjar isso tudo, já não tenho amigos que me avancem tal soma, era um dinheiro que pedira emprestado a antigos clientes para comprar um carro mas o carro foi roubado logo que comprado e ela nem tinha dinheiro para lhes pagar o kilapi nem carro. O carro ia servir para um negócio de táxi, parecia, um negócio seguro, até já tinha motorista, um moço conhecido de boa família, responsável, devia ser dinheiro garantido todos os dias, o correspondente a quinhentos dólares, o resto ficava para o motorista, mas ele pagava as reparações, para ter cuidado com o carro e não o javalizar logo no primeiro mês, mas não houve negócio nenhum, o carro foi logo roubado. Frustrada por ser obrigada a entregar a casa, ou parte dela, ou então fugir para um sítio onde não lhe encontrassem, embora acreditasse pouco, eram parte de uma quadrilha perigosa e com muitos tentáculos pela cidade, também talvez mantendo alianças com algumas autoridades competentes, acedendo a todos os dados, percorreu a casa numa cólera misturada ao terror, olhando para todos os lados como uma fera encurralada, até encontrar Luemba na cozinha, tremendo pelo futuro. Descarregou todas as fúrias na menina, o que lhe ameaçaram ela fez na pequena, porrada por tudo e por nada, um dia lhe arrastou pelos cabelos que a vizinha tinha entrançado muito bem, pois gostas das tuas tranças, não é, estás vaidosa com as tranças que aquela puta invejosa te fez, sua matumba e mangonheira, te vou mostrar como se ensina quem não sabe trabalhar, e lhe enterrou a cabeça num canteiro do quintal, desfazendo as tranças e esfregando terra de estrume que ia servir para plantas novas do jardim, tudo com muitas chapadas e pontapés, até que Luemba fugiu, fugiu, se perdeu por Luanda que mal conhecia, mas também não queria voltar naquela casa amaldiçoada, antes ficar perdida, andou, dormiu na rua, andou mais, chegou à Ilha e pronto...

Uma estória como muitas.

– Sabes o endereço dos teus pais? Ou da tua tia de Benguela? Podemos escrever uma carta...

Luemba muxoxou. Afinal era pequena mas não ingênua.

– Xê, a carta nunca que chega no Lépi, é zona de guerra... São outros que mandam lá.

– Eu sei, lá não deve dar... mas Benguela... a carta vai de avião...

A esperança entrou afinal no coração da menina. Sabia o endereço da tia, claro, uma carta podia chegar. Mas como arranjar papel e envelope e selo...

– O Noé ou o Kassule podem ajudar – disse Himba. – Eles são despachados.

Voltaram ao ponto de refúgio. Noé já tinha ido embora. Mas Kassule estava. Onde arranjar papel e envelope? E dinheiro para ir no Correio postar? Complicado.

– Vamos resolver – disse ele. – Vou pensar como fazer.

Não ganharam jantar e dormiram com fome. O medo crescia pois era já habitual haver mais de

vinte miúdos à espera dos restos, a concorrência se tornara mais feroz, sobretudo à noite, pois a escuridão conferia seriedade às ameaças e à violência.

No dia seguinte, Kassule tinha a solução.

– Himba, vamos os três procurar a senhora boa das trancinhas. Este é um caso importante, ela vai nos aceitar.

A amiga concordou. E os três partiram para casa da senhora. Ainda era um bocado de caminho, mas se fazia bem de manhã, quando o chão não estava muito quente. Kassule gozava com Himba, a menina tem os pés muito fracos, queimam logo, a menina não aguenta o calor. Olhem aqui, esse meu único pé não precisa de sapato, pode pisar em brasas, nem sinto o calorzinho... Brincava com a obsessão de Himba, chinelos ou sandálias, qualquer coisa que pudesse calçar. Sempre atenta no chão e procurava nos contentores de lixo, com sorte podia encontrar uns sapatos velhos e podres, para ela seriam de princesa. Nesse aspecto Luemba estava melhor, saiu de casa como se encontrava vestida e por acaso naquele momento usava sandálias, não as suas melhores, mas as de andar sempre. Um dia podia recuperar os tesouros deixados com Dona Fifi? Se a prima do outro não tinha já vendido tudo...

Encontraram a senhora debaixo da mesma árvore, a figueira grande que dava muita sombra às casas gêmeas e ao espaço vago em frente. Sentada num banquinho, fazendo tranças a uma das filhas. Himba achou que seria uma filha, mas não conhecia a família e não era a mesma miúda da primeira vez, esta era mais velha. A senhora reconheceu os meninos, também era fácil, quem esquecia Kassule, agarrado à muleta improvisada? Mas foi Himba que se aproximou mais, vencida a timidez natural, e falou, depois de cumprimentar.

– Senhora... desculpe, não queríamos incomodar, mas temos um problema e como disse que se fosse coisa séria podia ajudar...

– Sim, lembro... E trazem uma companheira mais pequena.

– Pois, o problema é esse. Se tem um momento eu posso explicar...

A senhora assentiu, mandou vir bancos, a mesma Luzia apareceu com os assentos e nem esperou ordens, voltou depois com água numa caneca grande, toda a gente tem sempre sede. Himba entretanto foi contando a estória de Luemba. Só foi interrompida uma vez pela senhora, quando lhe contou que a Dona Fifi insistia em trazer a menina para Luanda...

– Já sei o que vais contar. Tratou-a mal e fez dela uma espécie de escrava. Conheço o gênero.

Esse era um episódio mais à frente, Himba ainda estava na parte de Benguela, já a senhora adiantara toda a novela. Mesmo assim, fez questão em explicar o já adivinhado. No fim, a senhora disse:

– Essas vadias da cidade fazem sempre isso. Se dão ares de grandes senhoras, viajadas, casadas com homens poderosos, mas são o lixo do mundo. Não querem pagar a empregadas para lhes tratarem das casas, então aproveitam a desgraça dos outros. Umas sanguessugas. Ainda dizem que a escravatura já acabou. Mentira! Pode ter acabado no mundo, mas aqui estamos no mundo?

Eram pensamentos demasiado complicados para os meninos manejarem, mas entendiam perfeitamente o que ela queria dizer. E só agradeciam a solidariedade da senhora das trancinhas.

– Para nós os dois é mais complicado porque perdemos a família – falou pela primeira vez Kassule.

– Mas a Luemba sabe onde mora a tia dela em Benguela, estudou lá. Pode lhe escrever uma carta a explicar a situação. E esperar a ajuda da família...

– Claro, claro – disse a senhora. – Desculpa que te diga, minha filha, mas foi grande falta de responsabilidade da tua tia. Como é que te entrega a uma vadia qualquer...

– É prima do marido da tia – disse Luemba.

– E depois? Não é da tua família, ela nunca devia aceitar. Por isso tem mesmo de te vir buscar. Escreve, é o conselho que te dou, escreve mesmo uma carta a contar tudo.

– Pois, por isso viemos falar com a senhora – disse Himba. – Não temos papel nem caneta nem

dinheiro para o selo...

– Ah! Fizeram bem. Não custa nada arranjar isso. Mais difícil era arranjar dinheiro para pagar o carro da Fifi...

Deu uma gargalhada que despertou a canuca que tinha entre os joelhos, dormitando enquanto ela entrançava o cabelo. Os meninos também riram, boa piada.

Quem diz que gente generosa não tem humor?

Luzia trouxe pão e chá, depois a senhora foi desencantar papel, caneta e envelope, acabaram todos à volta da mesa na sala, enquanto Himba, a que tinha melhor letra e a sexta classe, escrevia a carta mais longa da sua vida. A senhora ficou com o envelope, eu depois mando o meu filho Mariano levar no correio, amanhã, pois hoje ele está no serviço e vem tarde. Na carta, por sugestão da senhora, Himba escreveu que o contacto era a própria que afinal ficaram sabendo se chamar Isabel Kimba, ou tia Isabel como toda a gente conhecia no bairro, e bastava pôr assim mesmo no envelope e remeter para a Ilha de Luanda que a carta chegaria a ela. De vez em quando passem aqui para ver se vem resposta, mas não vale a pena vir para a semana, os Correios são muito demorados e também não garanto, muitas cartas se perdem, toda a gente conhece. E talvez a tua família demore um bocado até saber o que fazer, como responder... Se daqui a uns tempos não houver resposta, escrevemos outra vez.

Os meninos explicaram em que praia costumavam estar, embora não fosse um ponto de encontro muito certo, pois podiam ter de mudar, sabe como é, explicou Kassule que nessas questões geográficas estava mais à vontade, a Ilha é longa e os restaurantes também mudam, e há cada vez mais meninos na rua e na praia, mas passamos daqui a uns tempos, sim. Duas semanas está bom? Era um tempo um pouco apertado, mas a senhora sorriu e concordou.

Enquanto voltavam à sua zona, Luemba tinha um sorriso na boca.

Himba, essa, voltava a acreditar em milagres.

6

Veio o dia do jantar na casa dos pais de Solferino.

Como este prometera, encomendou enormes doses do arroz de peixe e marisco com toque de loengos. Nessa tarde, a cozinha do restaurante trabalhou como nunca, porém Sofia prometeu uma compensação monetária ao pessoal, mesmo sem o consentimento da sócia principal, sabia ser justo e Dona Ester aceitaria de bom grado. A encomenda era tão grande que mesmo se o restaurante fechasse nessa noite o lucro seria o de três dias. E o restaurante não ficaria vazio, a clientela tinha aumentado ultimamente, talvez por causa do arroz ou por o restaurante ter sido referido nas redes sociais. Vinha gente até da parte tradicional de Luanda para experimentar o afamado restaurante caseiro que servia bem. Salomé e Tiago tinham uma rede muito grande de amigos e admiradores, os quais partilharam as informações com outros, que as replicavam para mais alguns, tendo certamente a notícia chegado a sítios tão improváveis como o Japão, Jutlândia ou Sopracá, no Brasil. Veio um carro da casa de Solferino no princípio da noite recolher os panelões de arroz, o qual se manteria quente no bufete, prometeram a Sofia. Ela tinha tempo de gerir o serviço de jantar e mudar de roupa na casa de arrumos para aproveitar a boleia de Salomé, para isso já tinha trazido consigo o vestido e sapatos adequados. Alfredo estaria ausente, voltara para uma das sondas. Condição de Sofia, às duas da manhã levavam-na a casa. Condição de bom grado aceite, eu mesma te levo e depois bazo, não posso ficar toda a noite como os outros, primeiro porque o Alfredo não está, depois porque... Hesitou e Sofia não dizia nada, à espera da conclusão.

– Sabes? Estou grávida.

– Uau! Parabéns.

Sofia lhe abraçou instintivamente, mas a outra se afastou um pouco, relutante.

– Que se passa? Não estás contente?

– Acho que sou nova demais, preciso de crescer. Devíamos viver ainda um pouco, aproveitar a juventude. Depois vêm os filhos e ficamos limitados. Melhor, eu fico limitada...

– Ora, há sempre soluções...

– Nem sempre. Ainda são poucas semanas, se quiser posso abortar. Mas acho, vou guardá-lo. Não por razões religiosas ou morais, não, mas já que me faltou o juízo...

Sofia não tinha experiência de vida, comparada com a outra, apesar de ser mais velha que Salomé, já ultrapassara os trinta anos há uns tempos. Por isso lhe faltavam palavras, conselhos ou perguntas. Embora notasse uma falha da argumentação da amiga, então não era mesmo por causas morais, castigo por uma falta qualquer? Preferiu desistir desse caminho e arriscou:

– Não tomavas precauções?

– Deixei de o fazer há tempos. Controlávamos... Era uma brincadeira nossa, arriscar. Tenho em casa a pílula do dia seguinte. Houve uma noite de bebedeira, descontrole... No dia seguinte também não tomei a pílula, disse ontem não aconteceu nada demais. Uma estupidez, sei, nem precisas de dizer. Afinal aconteceu. Por isso agora fica mesmo assim, bem feito!

Algo não batia certo, continuava a achar Sofia. Uma quantidade incrível de erros que aqueles dois

eram demasiado informados para não terem cometido. Mas que sabia ela da vida dos outros? Só os conhecia das conversas no restaurante, muitas vezes gritadas e aos arrancos, constantemente interrompidas. Dava mesmo para avaliar a dose de loucura das pessoas em noite de bebida e droga? Sim, não dava para ignorar, eles consumiam de vez em quando algum desses venenos, havia alusões em certas frases. Nem queria imaginar como acordavam.

– E Alfredo?

– Está satisfeito. Não vai sobrar muito para ele... Não afeta a sua brilhante carreira profissional.

Sofia achava que tinha de dizer alguma coisa de inteligente, dever de amizade, pois notava a amargura na voz da amiga.

– Olha, se me permites uma opinião... – foi encorajada por um gesto da outra, avança. – Eu não tenho grande conhecimento dessas coisas, mas penso... se não tens vontade de ter um filho é melhor cortar desde já. Se o tens para te castigares por um erro, vais pagar mais tarde dez vezes pelo erro, mas o teu filho vai pagar mais. Vi muita criança abandonada ou detestada pelos pais. Às vezes sem eles saberem a verdadeira razão... Talvez porque não foram desejadas naquele momento ou vieram mesmo contra a vontade dos pais. Se vingam nas crianças que não têm culpa nenhuma...

– Eu nunca trataria mal o meu filho só porque não o planeei...

O tom tinha sido duro, cortante, insólito na doce Salomé.

– Pronto, desculpa... Foi só... uma ideia estúpida.

No carro, na noite do jantar, enquanto conduzia para casa de Solferino, Salomé voltou às confidências.

– Se ficasses até às quatro da manhã hoje ias perceber melhor porque algumas coisas que não são planeadas acontecem. Como te prometi, vamos sair cedo. Mesmo assim dará para teres ideia. A partir de certa altura ninguém sabe muito bem o que faz, há muita adrenalina no ar e outras hormonas, percebes? Sobretudo dopamina...

Sofia confirmou com a cabeça, embora não soubesse o que era dopamina, percebendo no entanto a ideia geral. Depois disse:

– Imagino.

– Pois, muita carga no ar. Só gente de ferro resiste...

Queria contar mais, se entendia. Mas também hesitava, como pôr os seus segredos nas mãos de uma quase estranha, ainda por cima desconhecadora do seu meio social? Talvez por isso mesmo, é mais fácil confessar vergonhas a quem não se conhece bem, melhor ainda se for um desconhecido de todo, um padre escondido no escuro de um confessionário, uma pessoa qualquer que se não identifica ao cruzar numa rua, alguém que nunca mexeu num computador ou tirou uma selfie. Sofia não perguntou nada, não pressionou. Se ela quisesse falar, não a impediria, ouviria com toda a atenção e boa vontade, mas nunca podia arrancar segredos.

Bem lhe bastavam os seus, pesados.

Tinham chegado, já havia carros estacionados à frente e na rua, tiveram de procurar um bom sítio, perto da mansão, pois de facto era disso mesmo que se tratava. Sofia nunca imaginou que podia ser uma casa tão grande, rodeada por um jardim com tamanho de campo de futebol na parte visível pois devia continuar lá para trás, piscina potentemente iluminada mas só vista depois de penetrarem nos enormes portões onde se postavam dois seguranças amadores de halteres e luta livre, caras fechadas, olhos inquisitivos, desconfiando da própria mãe. Salomé era conhecida, deixaram-nas entrar sem perguntas. Andaram entre duas filas de arbustos bem cortados e à direita chocaram com as luzes potentes que iluminavam a piscina enorme, com repuxos num dos lados. A água saía com várias cores. Efeitos de ótica ou corantes? Preferiu não perguntar, fingiu achar natural água colorida em repuxos. Muita gente elegante à volta da piscina, uns sentados, outros ainda de pé, copo na mão. Predominava a

roupa branca, como num culto. A vivenda, do lado esquerdo, brilhava com centenas de espelhos e mobílias de cristal junto de metal prateado. Sofia treinara antes ao espelho, por isso conseguiu compor um sorriso bem curto de espanto, nada que desse a perceber o seu deslumbramento de menina crescida pobre pela primeira vez entrando num palácio de fadas.

Foram saudadas pelo dono da casa, Solferino, todo trajado de branco, sapatos inclusive, sem meias. A camisa estava ligeiramente aberta por baixo do casaco leve, o que lhe dava um ar de estudada negligência. Como eles apareciam nas televisões e nas revistas de fofocas, pensou a visitante.

– Salomé, estás em casa. Guia a Sofia, por favor. Depois vou fazer algumas apresentações, a grande maioria desta gente não conhece o teu restaurante. Mas só depois de comermos.

Sofia intuiu porquê. Será que ele vai mesmo pôr o arroz em destaque? E depois mostrá-la a algumas pessoas, se querem comer bem, façam como nós que todas as semanas vamos ao restaurante dela. Seria bom, aumentava a clientela. Mas esqueceu logo o assunto, inebriada com os rostos conhecidos que encontrava, cantores, atores de telenovela, misses e modelos, desportistas, tudo gente mostrando diamantes e ouros, vestidos compridos muito caros, fatos masculinos de marca, sorrisos e beijinhos, conversa ligeira como convém nesses ambientes. Um ou outro parzinho de mãos dadas bordejando a piscina. Lhes serviram champanhe francês, é bom não abusares, aconselhou Salomé, o mesmo para ti, replicou Sofia. Sorriam, brindaram.

Cada uma com sua alusão.

O jardim estava tão bem tratado que nem uma palmeira tinha uma folha um pouco acastanhada ou nenhum canteiro tinha um fino capim a brotar junto das plantas. Quantos jardineiros devem ter para tratar destas plantas?, se interrogou Sofia, sem ousar fazer a pergunta em voz alta. Sabia, havia coisas que se não diziam junto daquele tipo de gente, muito simpáticos mas sempre à espera para ostentarem a sua superioridade. Salomé era bruxa, ou os olhos da outra falavam demais, pois pareceu adivinhar pensamentos.

– Não te deixes enganar pelas aparências. Há aqui de tudo, gente adulta jovem que merece estar onde está, uns que estudaram e com valor mesmo, outros têm apenas pais com dinheiro e há uns tantos que estão na escada procurando subir, talvez a maioria. Os atores que andam por aí não têm onde cair mortos, salvo um ou outro que consegue ganhar dinheiro com uns vídeos de publicidade num jornal ou televisão, o que pode durar pouco. O cinema ou as novelas não dão para muito. As misses andam à procura de alguém que as sustente, mas sabem, não encontram aqui. Vais ver, ficam um pouco pelo divertimento e vão embora. Precisam de homens mais velhos, que já controlam as fortunas. Os desportistas são famosos, relativamente, mas é só na rua e nos musseques. Ganham bem mas não têm fortuna. Nem a sorte de serem contratados para o estrangeiro. Dão um certo brilho popular à festa, por isso são convidados, até se lesionarem ou passarem de moda. Aquele apresentador ali é conhecido porque trabalha na televisão. É conhecido, parado na rua para assinar um autógrafo num papel ou caderno, mas não pesa nada aqui. Etc. E muita desta malta sabe cumprimentar e fazer ares amáveis e sofisticados mas se começares uma conversa vais logo ver que não passam de banalidades, falhos de cultura e curiosidade de aprender. Só sorrisos treinados. Boa, gostei desta, sem vaidade, gente de sorrisos treinados...

– Também treinei um sorriso para hoje. Notas?

– Sim – lançou uma gargalhada que fez algumas cabeças rodarem na direção delas. – Estás diferente. Mas és tu. Não tens dinheiro para gastar à toa e por isso o teu vestido é bonito mas simples. Passa muito bem nesta situação, foi escolhido com gosto, escusas de te preocupar. E estás bem arranjada sem ser pretensiosa. Aposto que vais atrair muitas atenções de homens. Até de algumas mulheres, cuidado com elas, são mais competitivas...

Andaram por ali, Salomé cumprimentando algumas pessoas com a cabeça, sem nunca apertar a mão ou dar um beijo. Sofia estranhou, pois via toda a gente a se abraçar e beijar como velhos amigos. É alguma mensagem que passas, a princesa que se digna apenas fazer uma ligeira vênica aos seus vassalos

babados?

– Sofia, que pergunta de filme antigo... E linguagem de livro de raparigas, como a minha mãe lia... Estou a fazer um papel de mulher madura junto de um bando de miúdos alienados. Apesar de ser mais nova que a maior parte desta gente, sou das poucas casadas e grávida. Ninguém sabe nem tem de saber. Mas ando por aqui como uma rainha no seu jardim, sim, é verdade, pose estudada para épater le bourgeois, como dizem os franceses.

– É isso mesmo que parece.

– Pois, ensaiaste um sorriso. Eu ensaiei esta pose. Que tal?

Desataram a rir e acabaram com o líquido das taças. Mas Salomé não se safaria de companhia por muito tempo. Primeiro foi Segismundo que se juntou a elas. Segismundo era frequentador do restaurante, muito versado em poesia, ele próprio se apresentava como poeta. Numa das últimas reuniões serviu de alvo para a estiga dos amigos, porque só publicaria um livro se o pai desse dinheiro a uma editora, o que o grupo sabia ser prática cada vez mais comum entre os ricos procurando afirmação intelectual. Ele aceitou com bonomia a brincadeira, pronto, vou dizer mais o quê?, sou mesmo poeta, embora tenha escrito só quatro poemas, os quatro recusados pelas donas a quem os dediquei. Não tenho culpa de me apaixonar por gente inculta, ignorante da grande poesia, só conhecem a do kuduro. O papá pode ainda guardar o dinheiro, não preciso de comprar um editor. Mas querem que me apresente como doutor? Sim, sou. Licenciado, aqui vale como doutor. Licenciado em letras. Não é mesmo melhor dizer logo, sou poeta? Ainda iam perguntar o que faz um doutor em letras e não vou aldrabar dizendo que dou aulas, tarefa demasiado aborrecida e seria falso, aliás. Assim, ninguém pergunta mais nada, ando entre árvores ou entre carros compondo poemas, tenho um caderninho onde aponto ideias e palavras. Qual a maka? As pessoas gostam de saber. Devem pensar, eis um tipo original, olham para mim e imaginam um gajo a saltar para uma cadeira e fazer gestos largos, declamando versos.

Sofia achava graça a Segismundo. Seria talvez o mais simples entre o grupo de amigos, apesar da apresentação pretensiosa, sou poeta, apresentação que miúdos de dezoito anos não tinham vergonha de fazer. Tinha graça porque viviam o tempo em que tentavam matar a poesia existente na vida. Só isso.

Segismundo lhe tomou o braço e depois apareceu um outro rapaz, que Salomé apresentou como Kaleb, o qual se virou para Sofia e disse, antes que pense que sou árabe ou maliano, esclareço desde já que vim de Malanje e o meu pai foi à Bíblia procurar um nome quando nasci e escolheu esse, sabe porquê?, porque em hebreu significa cachorro, o que me leva hoje a perguntar que raiva me tinha ele para me presentear com tal nome bíblico.

– Felizmente ninguém sabe o significado – acrescentou com uma gargalhada.

– Agora vão sabendo porque contas sempre essa estória – disse Segismundo.

– Verdadeira. O meu pai nunca explicou a razão da escolha além de dizer, li e gostei do som. Mas adivinho outras intenções. Devia estar muito raivoso por eu ter nascido. Serei um bastardo?

Sofia percebeu o gesto de defesa instintivo de Salomé. Mas esta continuou calada, contemplando o vazio da frente.

– É um nome muito bonito – disse Sofia. Estava a ser absolutamente sincera, se percebia.

– Não sei se o kota teve algum remorso, porque quis mudar-mo, já eu tinha alguma idade, no tempo era fácil mudar, se queria um nome bíblico punha Samuel ou Golias ou Ismael. Mas eu já estava habituado a este e não aceitei, fui eu mesmo que quis manter o nome. Um dia li não lembro onde, podia significar fiel como um cão. Fiel não é mau para identidade, mas sempre aparece o cão ou cachorro. Eu quis manter o nome. Assim lhe lembro sempre que em algum momento ele me teve raiva.

– Nunca insististe com ele para se explicar a sério? – perguntou Sofia, evitando olhar para a amiga.

– Para quê? Obrigá-lo a mentir ainda mais? Tudo bem, já lhe perdoei.

Os outros riram, era mais fácil para evitar veredas perigosas, por isso Sofia também riu. Só Salomé se manteve retraída, interessada no que ia acontecendo à sua volta ou a fingir desprendimento com conversas já conhecidas. Passou um empregado com taças borbulhantes e todos se serviram.

– Mas o Solferino quer embebedar-nos com champanhe? – perguntou Segismundo. – Bebo mais um e depois passo para outras coisas mais sérias, isto dá uma ressaca daquelas.

– Tudo dá ressaca – disse Salomé.

– Isto dá tanta ressaca como a poesia – disse Segismundo, provocando a sorte.

– Vodca não dá ressaca – disse Kaleb.

– Os novos gins também não, segundo dizem, não sou muito entendida – continuou Sofia.

– Estão a falar com uma perita em bebidas e comidas, embora modesta – disse Segismundo. – Kaleb, aqui a Sofia dirige o melhor restaurante da cidade de cá. Talvez no lado tradicional haja melhores, há por lá uns bons, mas deste lado...

Procurando mudar rapidamente a conversa, nem percebeu porquê, Sofia perguntou ao parceiro novo:

– O que é que fazes na vida, Kaleb? Se me permites perguntar...

– Trabalho. Neste grupo todo sou dos poucos que pode dizer, trabalho. Verdade ou mentira, reconheçam vocês aí – e se virou para os amigos, os quais aquiesceram com a cabeça. – Sou biólogo e ando metido em estudos de impacto ambiental para uma empresa estrangeira. Só para o meu pai não me sustentar e ter debaixo da asa, como ele gostaria. Bati asas masé, arranji o meu emprego, o meu apartamento, e nem o vejo. Ele que se dane com a sua nova mulher, uma miúda muito mais nova que eu. Ainda nem tem vinte anos.

– Isso é novidade – disse Segismundo. – Quem diria que o kota... Bom, se conhece algumas cenas dele, mas uma miúda de menos de vinte, quase uma catorzinha?

– Resta saber se já não andava com ela há anos, quando era mesmo uma catorzinha... Desinteressa. Pois, como ia dizer, largou a antiga mulher com dois filhos pequenos, está bem, devo reconhecer a verdade, lhe deu uma boa casa em Miami, ela vive feliz da vida naquele mundo e diz que nem volta a pôr os pés aqui, tem uma mesada importante e lá arranja uns latinos jeitosos com quem namorar.

Sofia ia dizer, não fales assim da tua mãe, mas se refreou e fez bem, porque Salomé adiantou perguntando nunca mais soube da tua velha, como é que ela está, ao que Kaleb respondeu, mudou para Malanje há anos, aguenta bem as malambas, a minha irmã mais velha casou e vivem todos juntos, o casarão dá para um regimento. O kota não teve coragem de lhe negar a propriedade do casarão, deve ter pesadelos quando pensa no castigo que há de ter na próxima reencarnação, largar uma malanjina daquela maneira? Hum! Velho maluco!

Foram andando e bebendo, agora Sofia com Segismundo lhe segurando um braço e Kaleb o outro. Salomé observava, divertida. Não havia dúvidas, a amiga atraía os homens. E dois pesos pesados em termos de finanças, pelo menos no futuro, com ideias, cultos. Conhecendo-os desde sempre, como depois contou à outra, não podia haver dois amigos mais diferentes. Segismundo era de facto um poeta no sentido passado do termo, um sonhador, indiferente à vida que não fosse a sua interior e os seus sentimentos em relação aos outros. Kaleb, pelo contrário, era prático, batalhador, sério e exigente no seu trabalho. Tinha já causado problemas a uma série de amigalhaços do pai, dando pareceres negativos sobre projetos de investimento, defendendo com unhas e dentes o meio ambiente e os interesses do país, posição difícil no contexto atual da terra e até do mundo, regido pela ganância dos mais poderosos. Claro, as pessoas respeitavam as suas conclusões também por ser filho de quem era, com acesso aos altos responsáveis. Mas ele se marimbava para as influências e também não era vulnerável a pressões. O pai dela já se tinha queixado, esse teu amigo se vê logo que é malanjino, teimoso como um burro... Ela contou a Kaleb e ele riu, o teu pai ficou bravo, já contava com o maná que lhe ia cair do céu sem mexer uma palha, rebentavam com uma parte da floresta e ele recebia um balúrdio de avanço

dos dois lados que faziam negócio, sem se molhar. Jogada de mestre, aqui para nós, o kota é malandro, parece macaco velho. Não lhe digas que te contei, os pais não gostam que os filhos conheçam os seus jogos sujos, mas no fundo nem entrei em detalhes. E respeito a astúcia do kota, consegue enganar os mais espertos...

Salomé ia ao lado dos três, os dois homens falando ao mesmo tempo para Sofia, a qual mantinha um sorriso reservado. Conseguiu perceber a conversa simultânea dos dois? Entretanto, nenhum dos quatro recusava as bebidas que lhes iam servindo.

Chegou a altura da refeição e Solferino reuniu os convidados ao pé do bufete e falou:

– Sirvam-se à vontade. Só queria chamar a vossa atenção para o prato em destaque, um arroz de marisco e peixe de morrer de prazer. Alguns de nós todas as semanas nos regalamos com ele. É obra do restaurante que está aí apontado nesses papelinhos. Obrigado por terem vindo e bom apetite.

Mais não disse. Nem era preciso. As pessoas pegavam nos papelinhos, liam e guardavam. Sofia, incitada por Salomé, fez o mesmo. Lá estava o nome do restaurante com um mapa e o endereço. Bom trabalho de publicidade. Ela agradeceu e Solferino disse, não fiz mais do que a minha obrigação, vale a pena divulgar as nossas coisas boas. Eu é que agradeço o teu talento.

Nem todos os filhos de rico são meninos mimados e sem coração.

Sentaram os quatro juntos. Havia outras pessoas na mesma mesa. Sofia provou iguarias diferentes, não ia ali comer o seu arroz, mais lhe faltava. Mas Kaleb não hesitou em se servir e revirava os olhos, acrescentando mais e mais jindungo. Um basquetebolista enorme, sentado do outro lado da mesa, disse, meu, como consegues pôr tanto jindungo na comida?

– Pôr é fácil, meu, basta haver jindungo, difícil é aguentar comer! Não te aflijas, estou habituado.

Se virou para Sofia, ouviste aquela pergunta, coisa mais parva? Ele que meta muitas vezes a bola no cesto e não abra masé a boca. Está divinal, este arroz é uma maravilha. Ela agradeceu. Gostava da conversa de Kaleb. Mais do que a de Segismundo, do seu lado direito, tentando lhe explicar porquê a poesia moderna angolana não chegava aos pés da do século XX. Ela fingia ouvir, acenava com a cabeça e esperava que lhe voltassem a encher o copo de vinho tinto. Reparou na garrafa, era um italiano de muita reputação. Se bebia bem na casa de Solferino. Mas não devia ficar bêbeda, amanhã tinha trabalho e assim não desfrutaria das piadas com estilo de Kaleb.

Aí estava um tipo interessante.

Abdias, do outro lado da sala, mantinha um ar sofredor. Devia ser outro poeta, sem capacidade de escrever um só verso.

Muitos dos convidados acompanhavam a comida com uísque ou outras bebidas destiladas. As senhoras se inclinavam para o champanhe. Podia passar por vinho branco mas não era, ela distinguia o pedaço de garrafa que se deixava mostrar mesmo com guardanapo envolvente, se tornara uma perita.

Logo a seguir ao começo das sobremesas, uma modelo anorética que Sofia tinha visto numa entrevista de televisão deu o exemplo, se levantando primeiro que todos e atirando os sapatos para o lado. Gritou, daqui a pouco me lanço na piscina, e muitos riram. Ela lá foi, descalça, copo na mão, aos ziguezagues, se deixando cair numa cadeira de jardim. De certeza não tinha comido nada para não engordar, mas bebia, talvez pouco mas o suficiente para lhe cair o álcool na fraqueza e a pôr num estado lastimável. Foi a primeira pessoa bêbeda da festa, já se tinha destacado nalguma coisa. De seguida um tipo branco se levantou e foi ter com ela, conversando como a lhe dar uma lição de moral. O mais provável seria uma tentativa de engate.

Há quem goste de ossos e não é cão.



As duas semanas passaram.

Entretanto, Himba escapou de cometer um crime.

Estava numa praia, ela e Kassule. Havia uma rapariga jovem na água com a mãe. Deveria ser um pouco mais velha que Himba. Esta viu na areia as toalhas e um saco. Roupas, documentos e dinheiro, certamente, preciosidades. Mas não foi isso que a atraiu. Foram os chinelos da menina, junto dos maiores, da mãe. Era muito fácil, tinha pensado e repensado a técnica. Passavam ao lado das coisas, nem olhava nem se baixava. Punha simplesmente os pés dentro dos chinelos. E continuava a andar, já calçada. Quem estivesse na água nem podia reparar.

Kassule adivinhou o pensamento, porque viu o olhar famélico de Himba. Ela se encaminhava para as roupas, quando ele disse baixo, de modo que a arrebenção e a distância cobrissem a voz:

– Como vou fugir, se elas virem? E quantos miúdos pernetas há na Ilha?

Fácil de identificar. Himba se desviou logo das coisas, continuou a caminhar. Ela não falou, ele não perguntou. Mas sabia, a amiga ia mesmo cometer, os olhos não enganam. Ficou calado, evitou a vergonha dela ter de confessar. Mas Himba ficou na mesma com vergonha, como pôde ter esquecido Kassule e a sua incapacidade? Ia colocá-lo em risco, não se faz. Os pés descalços estavam a lhe causar muito mal, a pôr a cabeça a fazer disparates de que podia se arrepender. Procurou a partir daí com mais frenesim nos contentores.

Mas continuava sem calçado.

Quando voltaram a se reunir com Luemba, esta estava a conversar com Noé. O amigo tinha sido informado da iniciativa deles e achou bem, claro, era mesmo a solução.

– Duas semanas não é muito tempo para haver resposta. Mas podem voltar lá, a saber. Ainda ganham um mata-bicho, sempre é um pão com chá...

– Ora, não é por isso – falou Himba, incomodada.

– Eu sei. Mas também ajuda.

– Ficas conosco para o almoço?

Noé percebeu a ansiedade na voz de Himba. Sabia, era a oportunidade para terem de facto alguma comida. A ele tanto fazia, em qualquer restaurante conseguia arranjar os restos, sabia lutar por eles. Era forte e bom em lutas de praia, lhe tinham dito uns brasileiros que ele devia ser bom na dança de capoeira. Mas os amigos eram fracos demais, pequenos demais. Que mal fazia ficar e ajudá-los? Não perdia nada com essa refeição conjunta.

– Fico. Vamos ver se servem bem a freguesia hoje.

Os outros riram da piada. Sobretudo, riram confortados por ele ficar, dando a garantia de alguma comida. Que seria deles sem o Noé?

No dia seguinte foram à senhora Isabel Kimba, a qual não estava na residência, mas Luzia, sempre ao corrente de tudo que se passava na casa da madrinha, lhes disse logo, ainda não chegou resposta de Benguela. Dona Isabel estava numa sentada, reunião de família por causa de uma sobrinha que lhe engravidaram e agora o rapaz queria fugir ao dever de casar e assumir a criança, conforme explicou em breves frases, devia ser difícil de acertar as partes porque desde ontem que a madrinha Isabel não voltou, dormiu mesmo na sentada, só veio o aviso.

Regressaram para a praia sem mata-bicho, não ousaram pedir nada a Luzia.

Noé não apareceu para o almoço e conseguiram de chegar ao contentor, tal era a afluência. Havia cada vez mais refugiados do interior, eram notícias que nasciam nos rádios e lhes chegavam aos ouvidos através dos outros. Também crianças nas praias. Falavam de uns lares acolhendo meninos na cidade, mas sem pormenores. Alguns eram de igrejas, outros de iniciativas particulares. Nada de muito concreto, mas dava para sonhar, sobretudo nas noites de estômago vazio, quem sabe, um dia, um carro chegava, quem quer ir num lar?

Noé não apareceu nos dias seguintes.

Voltaram a casa de Dona Isabel, ela os recebeu muito bem, mas não havia novidades, porém não se desencorajassem, as comunicações eram péssimas, já se sabia, e também as pessoas ficam sem saber as decisões a tomar, quando se trata de assuntos tão graves. Embora, pensava Dona Isabel só para si, a tia nem devia hesitar, apanhava o primeiro transporte para resgatar a criança, culpada como era do drama por que passava a sobrinha.

Eles estavam nitidamente mais esfarrapados e fracos, a senhora notou.

– Hoje vão almoçar comigo. A Luzia está a preparar um funje de uma fuba de bombó que me mandaram da terra. Dá para todos.

A senhora lhes explicou que era de família do interior, do Golungo, porém ela já tinha nascido na Ilha. Não naquela casa moderna, mas num ximbeco de pau a pique construído pelo pai. Esta casa, de alvenaria, fora do marido dela, morto na guerra de 92. Era funcionário da alfândega, bom salário, viviam bem, a casa e um subsídio modesto ficaram para ela e filhos. Tinha quatro, um no exército, não sabia bem onde andava, outro a trabalhar, o Mariano, que tinha levado a carta de Luemba no correio, e duas meninas mais novas, a estudarem na escola da Ilha. Uma teria a idade de Himba, pois andava na sexta classe. A pergunta em que todos matutavam acabou por sair da boca de Himba, estranhamente à vontade com a tia Isabel, como já lhe chamava.

– Afinal o seu marido como morreu? Se trabalhava na alfândega...

A senhora suspirou. Se via, a ferida ainda estava mal cicatrizada. Estaria algum dia?

– Foi no sábado de manhã. Ele trabalhava na alfândega dos correios centrais. Como sabem, o correio fica entre o comando da polícia e o hotel que está todo esburacado de balas agora, ao pé da igreja da Conceição. Quase nenhum colega foi trabalhar, se sabia a guerra rebentava nesse dia ou no seguinte. Mas ele nunca faltava no serviço, ia e vinha a pé, ainda é um bocado longe. Ao sábado fechavam ao meio-dia, mas aquele era um sábado fatídico. Quando saiu do trabalho com um companheiro, disse, vou apreciar bem esse hotel que virou quartel da oposição armada, assim ele chamava, nunca os nomes dos partidos, dizia dava azar. Nomeava o partido do governo e o partido da oposição armada. Para ele chegava, os outros partidos não contavam. E toda a gente percebia, claro. O colega disse, vamos masé embora para casa, no entanto ele estava com grande curiosidade, não sei também porquê, disse, está a haver preparação de qualquer coisa e quero saber o que é. Avançou um pouco e estava perto da igreja quando percebeu muitas movimentações de tropas, uns a sair do hotel e a tomar posições, outros a sair do comando, fardados de polícias, que eram os únicos do governo que tinham armas na altura. De repente estava cercado. Não tentou vir para casa, o caminho devia estar fechado. Ficou à frente da igreja, pessoas lhe viram e contaram depois no colega dele. Não sei mesmo o que passou na cabeça dele, penso nisso e não posso encontrar explicação, ele sempre tão certo, tão pontual, calmo e prudente... Quando começaram os tiros, queria se refugiar dentro mas a porta da igreja estava fechada. Foi então morto. Por quem? Vá-se lá saber... Também não interessa, foi morto pela guerra, chega! Então, quando o Mariano acabou o curso médio de administração, eu fui falar com o chefe do meu marido na alfândega e ele arranjou o lugar lá, disse o seu marido, tão bom trabalhador, merece o filho a substituí-lo. Ainda não terá o mesmo lugar, claro, é novo e sem experiência, mas vai ficar nesse posto, o pai era amigo de todos, porquê então o filho não vai ser?, foi assim que falou o responsável. E Mariano trabalha lá, gosta do serviço e parece todos gostam dele, ainda bem.

Nessa altura Luzia anunciou, o funje de peixe está pronto. Comeram na sombra, mas no quintal da casa, não no exterior onde habitualmente Dona Isabel ficava a trançar o cabelo das filhas e das meninas da vizinhança. Era ali fora, intuiu Himba então, que ela esperava o marido na volta do trabalho. Todos os dias. E continuava, apesar de ter acontecido aquele sábado.

Ainda à espera do milagre?

A senhora lhes deu muitos conselhos, nunca aceitem experimentar fumar liamba, nem cheirar gasolina. São drogas comuns e a gasolina é fácil de obter, algumas gotas já põem a cabeça à roda e a

vida mais alegre. Mas é só por uns momentos, depois vêm as dores de cabeça. E as meninas deviam ter cuidado com os rapazes, brincam com eles e depois podem ficar grávidas, Luemba ainda não mas a Himba tem idade, já pode ficar, sabes como isso é? Muito envergonhada e sem coragem de mirar Kassule, testemunha do seu drama na floresta, ela confirmou, sim, sabia dessas coisas, pensando só para si, talvez ainda não pudesse porque não tinha chegado à idade das regras. Madia era diferente, talvez dissesse o mesmo a Dona Isabel mas com o orgulho de ser uma veterana e não só conhecer na teoria como ter mesmo provado dessas coisas, mas a tia tinha razão, era de evitar enquanto fosse possível, embora naquele meio fosse difícil fugir ao destino. Isto era apenas Himba a imaginar o que poderia falar Madia, a desaparecida. Os conselhos eram bons, assim como a comida, por isso agradeceram muito, prometendo voltar na semana seguinte, na certeza de encontrarem a resposta à carta de Luemba.

Antes de partirem, as meninas foram presenteadas com roupa usada, talvez das filhas de tia Isabel. E Himba recebeu o seu par de chinelos de praia, aquilo por que mais ansiava. Afinal não precisara de roubar, nem mesmo pedir. Kassule recebeu um boné pequeno, ficou todo satisfeito.

Ao regressarem ao seu quartel-general, como chamava Kassule à árvore e ao abrigo no meio dos blocos, tiveram notícias de Noé. Houve uma rusga duas noites antes e vários jovens, com a aparência de terem mais de dezoito anos, foram levados pelos militares vindos em jipes e camiões. Com documentos ou sem eles. Mobilização obrigatória. Outros escaparam, ou por serem avisados a tempo ou por parecerem mais novos. Lamentaram a perda de Noé, agora é que estavam mesmo mal. Lhes contaram, os que assim são apanhados nunca ficam na cidade. São levados para quartéis fora, onde fazem treino militar e depois vão para a guerra. Com muita sorte, ao fim de um ano conseguem arranjar uma licença para visitarem a família. Mesmo os sem família logo inventam uma para poderem rever a cidade. Luanda é dura de viver, Nguimbi sem alma, como se diz, mas tem um íman poderoso que suga as pessoas para si e dela não deixa escapar.

Só os muito fortes resistem.

Os três miúdos por vezes pediam esmola. Nos cruzamentos da Ilha estendiam a mão, mas raro era o carro que abrandava, raro era o peão que lhes dava qualquer coisa. Um dia resolveram mendigar aos clientes do restaurante a cujos restos de lixo tinham cada vez mais difícil acesso. O restaurante era todo aberto do lado do mar, apenas um murozinho o separava da areia. Sabiam, as coisas podiam correr mal, já acontecera com anteriores crianças. Mas a fome era demais. Ficaram parados, a olhar para os comensais. Himba de cabeça inclinada, naquele jeito de pedir com os olhos que aprendeu com a vida a ver os outros na Mutamba, no pouco tempo que lá pernoitou, Luemba de mão agressivamente estendida para as pessoas, Kassule imóvel e digno, encostado à sua muleta, uma marca de sacrifício.

Um homem forte, de barriga a sair do casaco escuro, estava numa mesa de dois casais, a mesa mais próxima. A gravata berrante não ajudava a esconder o ventre regozijado. Fez porém um gesto para os miúdos, no gênero vão embora, desapareçam, ainda me podem provocar uma congestão. As crianças não obedeceram ao gesto, antes ignoraram. Ele chamou o empregado e Kassule, sempre o mais atento, percebeu nos lábios do outro que a presença deles o incomodava, lhe tirava apetite, ponham aquelas crianças a correr dali. O empregado olhou para os miúdos, foi falar com o segurança, que logo apareceu, fardado, cassetete na mão.

– Vão para longe. Não sabem não podem estar aqui?

– Estamos na praia. É mal?

Himba reforçou a fala de Kassule:

– A praia não tem dono, é de todos. Ficamos onde queremos.

– Estão a chatear os clientes – roncou o guarda. – Eles reclamam, não podem comer bem se vos estão a ver.

Clientes bem nutridos não podem ver crianças miseráveis e com fome, isso incomoda. Ela até

compreendia. Mas voltou à carga:

– Não eram os clientes. É esse gordo aí. Nós vimos ele chamar o empregado que depois falou com você. Os outros nem nos olharam, atentos à comida e às companhias.

Himba até se admirou por ter falado tanto. Agora era muito frequente ela dizer o que antes reprimira e durante semanas calou mesmo totalmente. Libertada pela presença de Luemba, da idade da sua irmã do meio?

O segurança não se sentia à vontade. Por um lado, cumpria ordens. Por outro, compreendia a posição dos meninos, os quais até conhecia de os ver todos os dias lá atrás da cozinha. E tinha filhos. E o salário era miserável, ouvira um dia um dos chefes da empresa a que pertencia, uma privada, a falar com um possível futuro sócio, olha, pagamos de salário a um segurança quatrocentos dólares por mês para ele proteger um indivíduo ou uma casa e ao cliente cobramos três mil. E muitas vezes esquecemos de levar comida para o guarda, ele que se vire. Com transportes e fardas, amortizadas rapidamente, metemos dois mil ao bolso por cada guarda, é um bom lucro. O segurança ouviu essa conversa e tinha vontade de vomitar. Só faltou dizer que não era apenas a comida que esqueciam de levar, muitas vezes não havia renda e um guarda podia ficar vinte e quatro horas no posto, sem horas extraordinárias nem descanso nem água, lutando para ficar acordado porque o empregado apanhado a dormir no posto iria para a rua. Mas calou, ia comentar com alguém? Ia refilar, fazer greve, meter sindicato que não existia sequer? Perdia o emprego e ainda ficava pior. Além disso, ninguém lhe deu a ordem, foi um criado que lhe chamou a atenção para os miúdos que estavam perto demais do restaurante, tinham mau cheiro, dissera o cliente. Batia o cassetete na mão, parecia gesto intimidatório mas de facto era de dúvida, que fazer?

– Se vocês afastassem um pouco...

– Se afastássemos um pouco, nenhum cliente reparava em nós – disse Kassule, mais confiante. Luemba estava calada, teimosamente de braço estendido para a frente.

– Só reparam os que vos querem longe.

– Que fiquem a conhecer a nossa fome, esses... – disse Himba.

– Vão só para trás e eu levo comida para os três. Prometo. Também tenho filhos.

Hesitaram, se entreolhando. Himba tomou a iniciativa e disse:

– Está bem, acreditamos. Vamos, malta.

Kassule iniciou o movimento de retirada. A última foi Luemba, parecia uma estátua de areia, imóvel.

– Vamos, Luemba, vamos.

O guarda cumpriu o prometido. Foi à cozinha e trouxe, dez minutos depois, um saco de papel cheio de comida. Da que não cheirava a lixo, nem a bocas alheias. Ainda era cedo para os outros miúdos se aproximarem do contentor, de modo que o saco foi mesmo para eles.

– Posso saber o seu nome? – disse Himba para o segurança.

– Kassanje.

– É boa pessoa, senhor Kassanje, não vou esquecer o seu nome. Nunca esqueço o nome de quem me ajuda. Só esqueço os outros. É pena esses serem de mais.

Os miúdos sentaram na sombra da casuarina, se dividiram a comida, escondendo a ansiedade de engolir tudo de uma vez. Afinal, eles tinham tido educação, uma casa, não eram animais.

– O gordo que nos queixou – disse Himba. – Vocês viram como pegava no garfo? Em baixo, nos dentes, com a mão toda. Muito bem vestido, cheio de importância, mas nem sabe comer a uma mesa...

Os outros dois confessaram, não tinham reparado. Kassule engoliu o que tinha na boca e retrucou:

– Não sabemos o nome dele. Dá para ir perguntar no segurança?

– Ele também não sabe – disse Himba. – E nem quer saber disso, pode ficar mal.

– Se soubéssemos o nome, íamos para a frente do restaurante – disse Kassule. – Quando ele saía com os amigos, gritávamos, senhor tal, não sabe comer, a mão estava a rapar o prato... Não sabe uê, não sabe uê, não sabe comerê...

Riram. Era um impossível. Mas fazia bem imaginar um impossível daqueles.

– Melhor não – disse Luemba. – Afinal pode ser ministro...

Os outros concordaram. O impossível era só bonito de imaginar.

Nem todos os sonhos se realizam, afinal.

Estavam bem refastelados na areia, a barriga cheia. Conversavam de coisas à toa. Riam com mais frequência do que era habitual. Apareceu um grupo de miúdos, por volta de quinze anos, liderados por um mais velho, talvez dezoito. Este escapou da tropa, pensou Himba, ou não estava aqui quando canzaram o Noé.

– A laifar bué, não? Estão a rir de quê?

Himba se encolheu toda ao ouvir a voz grossa. Era nova para ela, mas não de bom agouro. O medo paralisou-a. Kassule, mais desprendido ou astuto, respondeu sorrindo:

– A rir mesmo dos nossos mambos...

– Não nos querem contar?

– Ora, que vos interessa? Deve estar a sair comida do restaurante, ali onde tem o grupo, isso é que vos interessa.

Kassule tinha apontado para a pequena aglomeração ao pé do contentor do lixo, por trás do restaurante. Desviava assim a atenção dos intrusos, certamente catadores de comida como todos.

– E quem te disse que precisamos ir catar no contentor?

– Ninguém mesmo. Adivinhei?

Kassule estava a ser muito atrevido, pensou Himba. Uma coisa ela já tinha aprendido, não se deve chamar a atenção do perigo. No entanto, com a conversa o amigo acalmava alguma má intenção dos outros, maiores e de atitude rufiona. Nem sempre as fintas saíam bem. O chefe do bando deu um ligeiro pontapé na muleta, em aviso. A sorte do miúdo era estar sentado, senão já tinha caído. Largou a muleta que ficou esquecida na areia.

– És um bocado atrevido, garoto. Mas as meninas estão caladas, não falam?

As duas encolheram os ombros, gesto típico de quem nada tem para dizer. Ou acha mais prudente.

– Essa aí até que é bonitinha – disse um deles, apontando Himba.

O chefe concordou, até que é.

– Tens marido?

Himba se encolheu mais ainda. Mas tinha de responder, tudo devia ser feito para evitar violência.

– Eu sou pequena demais para ter marido.

– Ah, afinal ela fala... E solteira, ainda por cima. Não queres te casar comigo?

Himba não podia evitar, tinha de enfrentar o mais velho com astúcia. Talvez parasse a conversa sem sentido.

– Sou muito pequena para casar. O meu pai, que está ali ao lado, não ia gostar desta conversa... Eh, vamos embora, vamos ter com os pais.

Himba levantou, entregou a muleta a Kassule, puxou Luemba, aparvalhada a olhar para ela.

– Vamos então, os pais disseram para não falarmos com estranhos, vocês não ouviram?

Não sabia onde tinha encontrado a força para fazer de irmã mais velha, saiu assim de repente sem

pensar, mas resultou. Começaram a andar para o sítio indicado onde estariam os pais e o grupo ficou só a observar, não os seguiu. Kassule olhou para trás, sibilou:

– Sacanas, escapamos. Eles agora vão se juntar aos outros à espera da comida. A armarem em finos, como se não fossem catadores como todos nós...

Luemba não tinha percebido bem a cena, mas a palavra lançada entrou no ouvido dela. Perguntou:

– Escapamos? De quê? Eles queriam nos fazer mal?

– Queriam fazer mal à Himba. Depois te explicamos, ainda és muito miúda para perceber.

Andaram no sentido do princípio da Ilha, para despistarem. Como tinham comido bem, servia de passeio.

– O problema é quando voltarmos – disse Kassule. – Aí vão perceber que não temos pais à espera e que lhes mentimos. Vão se vingar.

– Só voltamos quando eles tiverem ido embora – disse Himba.

– Oremos, irmãos, oremos – disse Kassule.

As duas meninas riram. Andaram mais, ultrapassaram o sítio onde morava Dona Isabel, do outro lado da estrada. Não saltaram, ainda era cedo para maçarem com a resposta esperada de Benguela. Por pensar em família...

– É verdade, Kassule, nunca mais fomos à Mutamba procurar a tua irmã.

– O Kassule afinal tem uma irmã? – perguntou Luemba.

– Sofia. Se perderam.

Luemba mexeu a cabeça para cima e para baixo, assimilando a resposta de Himba. O menino ficou calado, manquejando com a sua muleta. Mas a amiga não ia esquecer mais.

– Vamos então hoje mesmo, Kassule. Tu ias três vezes por semana procurá-la, foi o que me disseste quando nos conhecemos, lembras? Depois viemos para a Ilha, nunca mais foste... Hoje vamos lá e dormimos nas Finanças.

– Com aquele dinheiro todo em cima – troçou Kassule. – Por isso acordamos de manhã com dores de cabeça, é muito peso, o dinheiro é bué pesado.

Riram os três.

– Só é pesado para quem não tem – respondeu Himba. – Para os ricos não deve ser, o meu pai dizia que os ricos nem sentem o cheiro do dinheiro, nunca tocam nele.

– E como fazem então? – perguntou Luemba.

– Usam papel, cheque. Ou têm um caxico atrás que leva a pasta deles com as notas.

– Hum, também não acredito – disse Kassule. – Já vi ricos a puxarem de umas notas para darem nos outros. Ou nas mulheres...

– Então vamos ou não dormir na Mutamba? – insistiu Himba. – Tu é que mandas.

– Quem manda és mesmo tu, a mais velha. E foste esperta, te safaste muito bem. Como é que aqueles tipos acreditaram tínhamos os pais à espera, assim vestidos de pedintes?

– Roupa da Dona Isabel, não é tão de pedinte assim. Vamos ou não vamos na Mutamba?

– Tão longe... Para nada.

– Nunca se sabe, Sofia pode aparecer. Vamos.

– Nem dinheiro temos para apanhar um candongueiro – disse Kassule. – Isso é que era uma grande ideia.

– Paramos a meio do caminho para descansar, temos muito tempo. Amanhã voltamos à Ilha. Pode ser, aquele bando já mudou para outro sítio.

Um lampejo súbito nos olhos do menino. Deu um ligeiro empurrão com o braço livre no ombro de Himba.

– Então é isso? A ida à Mutamba, ficar lá... Estás só a ganhar tempo, a fugir deles...

– Não, é a sério. Lembrei da tua irmã. Nunca mais falaste nela. Tens de continuar a procurar... a acreditar...

Ele ficou em silêncio. Percorria com o cérebro o tanto caminho ainda a percorrer, as dores no sovaco, na única perna útil, o cansaço e a sede antes da chegada. Mas a amiga tinha razão, devia continuar a acreditar.

– Está bem, ganhaste – disse Kassule.

De todas as maneiras, a Ilha hoje era perigosa para Himba, pensou o miúdo. E, quem sabe, talvez a intuição dela estivesse certa e Sofia voltasse do nada enevoadado em que sumira.

Chegaram já com a noite e a barriga a exigir comida. Era mais o tempo em que sentiam fome do que o tempo em que a esqueciam. Fome de pobre é a única constante desta vida, pensou, muito filosoficamente, Himba, embora não partilhasse a ideia com os outros.

Sofia não apareceu.

O chão era muito duro em comparação com a areia fofa da Ilha, fazia doer os ossos das ancas. Ainda por cima, os esquadrões de mosquitos eram demais nessa noite. Faltou-lhes também o barulho embalador das ondas. Pouco dormiram, mas em tranquilidade. Já não era nada mau.

Estava terminado o jantar formal.

Eles ainda ficaram na mesa, conversando e bebendo, sempre a provar sobremesas. Se juntou a eles Solferino por uns momentos e mais tarde Abdias, recuperado do seu desterro no fundo da sala. Sofia evitava mirá-lo, sabia, estaria a comê-la com os olhos, arrependido de uma ousadia passada e sem coragem de retomar a conversa interrompida há semanas. Salomé fazia sinais, sem parar de beber, ela fingia não perceber. Salomé já lhe tinha dado a entender que veria com bons olhos um relacionamento de Sofia com Abdias, vocês foram feitos um para o outro, o que era um perfeito disparate, Salomé talvez conhecesse Abdias mas desconhecia como ela era e muito menos os dois em conjunto. No entanto o ambiente não estava pesado. Solferino acendeu um charro, aqui é zona libertada, usar disto nesta casa não é crime nem pecado, pelo menos enquanto os velhos estiverem fora, quem aceita uma passa? Há muito mais lá em cima, estrategicamente escondido. Para quem desejar, outras coisas também se encontram... Só Abdias aceitou dar duas passas, logo entregou o charro ao dono. O qual se levantou, foi atender outros convidados, o dever de anfitrião obrigava.

– Explica então qual é o segredo do teu arroz – pediu Kaleb. – Comi não sei quantas vezes. É prato muito conhecido nos países com mar, pelo menos na Europa. Só que este tem um sabor diferente, nada de semelhante com os outros que provei.

– O segredo está nos loengos, massa de loengos – respondeu Salomé. – Penso que a Sofia já está arrependida de nos ter revelado, devia guardar melhor o mistério. Tem outros produtos, tomilho, pimenta. Mas o valor está no loengo. Sabes o que é? Também não conhecia até aquela noite.

– É uma fruta do Planalto Central – disse Sofia, hesitando. – Acho, só ali é que cresce.

– Tem de haver em Malanje – disse Kaleb. – Tudo o que é bom tem em Malanje. Ou não fosse o meu berço.

– Deve haver – disse Sofia. – Até em Luanda. Eu compro na rua. Mas vem do Planalto Central.

– Estás a ver? – Kaleb não percebeu a ironia ou fingiu. – Eu admiro a gente que consegue descobrir coisas novas. Porque uma combinação diferente de sabores é uma arte.

Todos concordaram com o biólogo, menos Sofia, claro, o recato ficava bem, sobretudo naquele meio de gente sofisticada, ou achando ser. Kaleb prometeu estudar a planta maravilhosa que produzia o loengo, vou divulgar os seus poderes afrodisíacos, alucinogênicos, embriagadores, reforçadores da inteligência e sensibilidade. E já agora com antioxidantes, evitando vários cânceres temíveis.

– Tudo isso? – riu Sofia. – Ainda dás ideia à polícia para perseguir os que apanham os frutos no mato. Porque, a menos que esteja errada, ninguém planta loengos, eles nascem selvagens. Mas se comesças a dizer que tem tantas qualidades, ainda por cima algumas perigosas para a juventude, provocas umas rusgas no Planalto. E as zungueiras que vendem os frutos nas ruas de Luanda vão ser condenadas sem culpa. É bom refletir antes de fazer elogios fáceis.

Kaleb não replicou, deve ter pensado era uma mensagem codificada. Aliás, bem explícita. Sofia esperava réplica, não houve. Terá ficado um pouco decepcionada? Salomé suspeitou esse sentimento nos olhos da amiga. Mas nada disse.

Da mesa apreciavam parte considerável da piscina e as cenas cada vez mais carregadas de tensão que se adivinhavam. Os charros de liamba passavam de mão em mão. Ou Solferino não andasse por ali, pródigo e solícito. Uma moça muito bonita se lançou para a piscina toda vestida, tendo antes, num rasgo de lucidez, atirado a bolsa para uma cadeira, os documentos se salvavam. Era já muito álcool misturado com liamba, nem todos aguentavam como deve ser. Ninguém lhe deu a mão, ela se agarrou ao varão lateral e conseguiu sair da água. Sentada no bordo, olhava à volta, em total paz de espírito, lavada pela água límpida e com o cloro escondido atrás de perfumes discretos, acalentado pelo fumo dos kotas, agora proibido na rua e nos kimbos, não em casa de ricos, onde nada é de facto proibido.

Um tipo com ar atlético, de jeans e casaco azul, tirou os sapatos e pôs os pés na água. Batia com as pernas, olhando a moça de vestido colado ao corpo. Ela percebeu o olhar e voltou a se meter na piscina. Ele atirou calças e casaco para a relva, imitou-a. Ficaram abraçados na água morna, alheios aos outros. Solferino fez sinal a um empregado que estendeu para o par a bandeja com bebidas. Cada um tirou uma taça de champanhe, brindaram, deixaram os copos na borda e submergiram as cabeças. Parecia, embora fosse difícil distinguir a partir da mesa, que se beijavam debaixo de água. Seria o mais comum. Logo outros pares se formaram para os acompanhar.

Tinha começado a verdadeira farra.

As roupas começaram a ser atiradas para a relva, os sapatos idem, um ou outro sutiã. A relva à volta parecia uma exposição pós-moderna de roupa em jardim, talvez uma instalação artística de escultor com falta de inspiração para a pedra ou a madeira. Havia sobretudo vestidos de marca reconhecida, com os signos ou as iniciais famosas em destaque, pelas quais muita gente se suicidava. E matava aos cachos. Também calças, desde as clássicas de linho branco aos jeans que só podiam ser comprados na Union Square de S. Francisco ou nos Campos Elísios. Os sapatos desirmanados procuravam outros pés.

Em breve a piscina tinha umas vinte pessoas de ambos os sexos, nadando ou bebendo, seminus, alguns se tocando e beijando. Uns tantos convidados olhavam a cena com expressões de espanto, alguns com rictos de incomodidade. De todas as reações se constituía o público num bacanal programado pelos príncipes, escandalizando parte da corte ainda inibida por morais consideradas vetustas. Assim são as verdadeiras cortes, mas uma parte da humanidade delas sempre esteve arredada, confinada em aldeias empobrecidas.

Foi na altura que Kaleb disse, aquilo está a animar lá fora, vamos nos sentar na relva? Pelo menos para apreciar as cenas. Segismundo aprovou com entusiasmo, Abdias se levantou automaticamente, elas encolheram os ombros com indiferença. Seguiram-nos. Salomé conseguiu uma cadeira, os outros ficaram mesmo na relva bem aparada, continuando a conversa um pouco descosida mas interessante, sobretudo pela espécie de duelo camuflado entre Kaleb e Segismundo, tendo por objeto a atenção de Sofia. Tiago e Patrício, que tinham estado na prosa com alguns dos artistas colunáveis e com aparência de se incomodarem com a mudança quase brusca de ambiente, se juntaram ao grupo, o que é que os desocupados estão a conspirar? Em breve riam e bebiam, sem atentar muito no que ia acontecendo à sua volta. Só houve tempo para Tiago explicar o que conversava com os jovens convidados e como eles pareciam caídos de paraquedas ali na festa. Kaleb começou a rivalizar com ele nas piadas, algumas visando os colunáveis presentes. Colunáveis-não-príncipes, como eles se distinguiam dos outros, vindos de meios mais modestos mas lutando por se afirmarem e conseguirem adquirir alguma atenção dos *media* ou pelo desporto ou por entrarem em alguma telenovela. Havia um, muito referenciado pelo grupo, embora com sarcasmo, que se tornou conhecido pela maneira mais moderna que a terra oferecia, fazendo comentários políticos numa televisão independente, forma mais recente de se destacar e se colonizar.

Sofia tinha sido aceite pelo grupo e esqueciam que ela afinal também não era herdeira de coisa nenhuma, nem princesa nem sequer colunável. Ela percebeu ser de outro mundo, mas por momentos tentou ignorar e se sentir também nascida em família rica, desconhecendo de onde tinha vindo o dinheiro. Não durou muito o faz de conta, caiu na realidade. Salomé pareceu não reparar e Sofia agradeceu mentalmente. Depois refletiu, como Salomé podia saber o que lhe tinha passado pela cabeça,

era alguma bruxa? As mulheres grávidas tinham certos poderes, se dizia nos meios populares, da mesma maneira que os albinos atraíam certas forças ou os gatos pretos azares mil. Ela aprendera a não acreditar nessas superstições. Salomé estava para lá de Marraquexe, como se dizia, sem parecer atentar no que fosse. Não devia beber tanto e se ela, Sofia, era amiga, devia preveni-la. Porém não o fez. Salomé já era adulta e casada, como dissera, tinha obrigação de saber o que tomar e em que doses. Que direito tinha ela de lhe chamar a atenção? Até podia entrar em manobras com um tipo qualquer, como parecia que aconteceria com outras em breve, ela não estava ali para julgar nem para interferir. Fora convidada apenas por causa do seu arroz ou por os ouvir conversar no restaurante com regularidade e a isso se devia limitar. Até aparecer algum príncipe encantado...

Príncipes encantados só existiam nas histórias do Norte, já devia saber.

Solferino foi se abastecer lá acima e vieram mais charros e pó branco que as pessoas eram convidadas a ir snifar numa mesa de canto. Como fazia para que o pessoal da casa, vendo aquilo tudo, não contasse aos pais dele no regresso? Pergunta que até era muito pertinente mas ela nunca faria. Quero lá saber, uns dólares fecham bocas. No entanto, começou a achar que era o momento de desaparecerem dali antes que a festa desse para o torto. O mesmo raciocínio deve ter batido na cabeça de um casal, um pouco à margem da festa, pois se retiraram sem despedidas. Sofia bateu discretamente na perna de Salomé, apontou para o casal saindo da zona de visão. A outra assentiu com a cabeça.

Salomé devia ter a iniciativa da retirada, não ela que estava ali a mais.

A amiga ingeriu o resto da bebida, disse para os outros, isto está muito bom mas a Sofia e eu temos trabalho cedo amanhã, vamos embora. Se levantaram afrontando os protestos dos membros do grupo, agora é que isto vai aquecer, não nos podem deixar sós no momento mais interessante, vão perder o melhor. Salomé foi inflexível, deu o braço a Sofia, vamos embora que ninguém se despede aqui.

– Posso ao menos ficar com o nome e endereço do restaurante? – perguntou Kaleb, fingindo desespero na voz. – Ou nem isso me é concedido pelas deusas?

– Em todas as mesas há papelinhos com esse dados, tu sabes – disse Salomé, comboiando a amiga.

Alguém aumentou o som da música, até aí discreta. Parecia, era para as acompanhar na saída.

– Agora já viste como são as noites de farra desta malta.

– Tinha uma ideia – disse Sofia. – Mas não tanto.

Se dirigiram para o carro e então Sofia reparou nas marcas dos outros automóveis parquados no estacionamento à frente da vivenda, eram só aquelas conhecidas como custando muito dinheiro. Alguns carros desportivos ou com aparência, outros mais recatados, mas todos de bué de números, pagando em dólares.

Salomé perguntou, viste aquelas cenas que aconteciam um pouco no escuro, pela relva à volta da piscina?

– Sim, vi. Havia também vultos dentro de casa...

– Em todos os quartos, aposto. Menos no quarto principal, o dos pais. Fica fechado e a mãe leva a chave.

– A sério?

– É verdade. Podes perguntar ao Solferino. Ele conta sempre e ri, eles sabem o filho que têm, confessa sem problemas. Agora, que viste umas coisas, imagina daqui a duas horas, quando começarem a snifar a sério e a fumarem cachimbos de liamba especial, produzida com todos os cuidados numa roça da Lunda. É o caos total. Caos não será, mas... quase. Muitas bebidas, misturas de vodcas e gins e uísques com champanhe, e mais fumo e mais coca... Vá lá, nunca vi que se injetassem ou consumo de coisa pior que coca. Bem, uma pessoa fica fora de si...

Salomé fez o carro sair do estacionamento quando Sofia disparou, quase de instinto:

– Foi assim que fizeste o teu filho?

Salomé reduziu, esperou que outro carro atravessasse primeiro uma avenida. Arrancou com cautela.

– Não foi nesta casa. Mas numa festa parecida. Sim, resultado de um tremendo bacanal.

– Acontece com frequência no vosso meio.

Salomé não replicou. Como se falasse para si mesma, reflexiva:

– O problema é que não me lembro de tudo ou de muito pouco mesmo. Estava desvairada, o Alfredo por seu lado também estava. Imagino o que ele sonha quando está no meio do mar... Numa festa destas, às tantas ele solta as amarras. Foi o que aconteceu, ele deve ter-se metido nalgum quarto ou por trás duns arbustos, tenho uma vaga ideia de o procurar, não sei se o encontrei, não sei se era ele, mas que estive com um homem, isso de certeza. Espero que tenha sido ele.

Sofia ouvia e não queria acreditar, isso era possível com aquela jovem senhora muito bem-falante e comportada, sempre a expressar as suas ideias com suavidade, contando dos projetos fantásticos que tem com mulheres de classes pobres, dando o melhor que sabe, ajudando sem interesse que não seja o de perseguir o bater do seu coração generoso? Podia se passar daquela maneira?

– Queres dizer que não sabes se o teu filho é do Alfredo?

– Exatamente! Foi a única vez em que não controlei as coisas. Pronto, agora já conheces a estória completa.

De repente, uma ideia maluca entrou na cabeça de Sofia.

– Diz-me uma coisa. Nessa festa, todos os homens eram negros?

Salomé deu uma gargalhada.

– Hi! Viste hoje. Há alguma festa destas em que todos os homens são negros? Há sempre de todas as cores, estamos em Luanda, mulher.

– Pode ter acontecido com um branco ou mestiço?

– Devia lá haver vários bem interessantes. Não faço ideia.

– Outra pergunta disparatada, já agora, se permites... É possível que um filho teu e do Alfredo saia mais claro? Há misturas de cor na tua família ou na do teu marido?

– Não conheço mistura nenhuma. Sei o que estás a pensar, já me veio a dúvida. O ndengue pode sair mais claro, sim.

– Estás a arriscar muito. Porquê não usam camisinha?

– A um momento dado ninguém quer saber disso.

– E o perigo da sida?

– Sim, sempre existe. Embora no nosso meio seja raro. Hoje em dia conseguimos controlar a sida.

– Controlar uma merda! O vosso meio é como outro qualquer. Sabes quantas pessoas do teu meio vão procurar prostitutas nas ruas, catorzinhas? E quantas estão contaminadas? O vosso meio... como se os privilegiados estivessem imunes. Vai-te lixar! Têm dinheiro para pagar os tratamentos, é a única diferença.

– Hei, minha! Porque falas assim? Não me agridas...

Sofia se conteve, respirou fundo, respirou fundo. Acalmou.

– Desculpa, passei-me, também tenho o direito. Porque me contaste isto tudo? Preferia ficar na ignorância.

– É verdade que bebi uns copos a mais e tinha prometido não beber. Foi a última vez, juro. No que acabas de dizer tens razão, não devia ter confessado isto tudo, é como se tivesse cometido um crime e fizesse de ti minha cúmplice. Mas senti que precisava de um ombro amigo, diferente dos que tenho à minha volta. Talvez tenha sido um erro. Deixei falar o coração, precisava de desabafar, ninguém sabe destes meus mambos. Muito menos o Alfredo...

Sofia estava com muito má disposição, talvez pelo desencanto. Contou a mim como poderia ter contado ao seu cão, alguém que não é e nunca será do seu meio, sempre a regra da exclusão, até mesmo nos melhores que parecem não ter preconceitos. Mas preferiu não entrar em discussões de classes e de privilegiados. Os príncipes e duques que ficassem com o seu dilema, mas não deveriam passar os dramas para os populares.

– O Alfredo sabe que podes ter-te enrolado com outro tipo?

– Não. Se nem eu tenho a certeza... Pode ter sido ele. Se soubesse, também não tinha importância, ele foi com outra. Nestas festas há menos compromissos, uma cambalhota não é considerada adultério.

– A sério?

– Sim, a sério, pelo menos no caso de pessoas mais avançadas, com outras vivências. Ele compreenderia. Se o monarca sair mais claro, bem, teremos uma crise, mas superável. O pior vai ser a família dele, é de mais tradicionalistas que a minha. Não dará para esconder... Suponho que o Alfredo me ajude a diminuir o drama em relação à família dele, mas será sempre uma grande confusão. E cai na minha família também.

– Haka! Rezemos para que saia bem escurinho... Falando a sério, não devias arriscar. Faz um aborto, podes arranjar um pretexto qualquer e ir tratar disso no estrangeiro. Arriscar assim é quase suicídio...

Salomé estava bastante toldada pelo álcool e conduzia com prudência. Demasiada para os parâmetros de Luanda. Àquela hora, em ruas sem outros veículos, ia muito lentamente mesmo. Por norma, não só luandense, quem está muito pedrado abusa da velocidade e esse tinha sido um dos medos de Sofia, um risco a correr ao aceitar voltar com ela. Afinal, o único risco era o de adormecer ao volante pelo vagar da condução. Salomé, porém, estava concentrada no que fazia, muito mais do que quando foram para a festa.

Há atitudes assim, imprevisíveis.

– Suicídio? Talvez. Quem sabe, todos nós temos propensão para ele.

– Eu não tenho. Podes ter a certeza.

Salomé riu, sem tirar os olhos da estrada.

– Deves pensar que sou mesmo louca!

– Neste caso pareces.

– Deves ter razão. E sabes que mais? Nem me importo nada. O que me chateia é não me lembrar de quem terá sido o homem. E se valeu a pena.

– Não valeu. Se não te lembras...

Ela moveu a cabeça para cima e para baixo. Em silêncio. Depois disse:

– De facto, não tens propensão para o suicídio, Sofia. Ainda tens ambições na vida. O que é bom. Se não forem demasiado desmedidas, se não te levarem a ultrapassar algumas barreiras...

Chegaram sãs e salvas aos respectivos kubikos.

Nunca voltaram mais a falar do assunto. Confidências enterradas? Nunca o são totalmente.



Apesar de ser manhã cedo e por isso o calor ainda estar escondido, o regresso à Ilha se revelava penoso. Não se podiam queixar do sol, nem do fumo dos carros, mas havia cansaço de noite mal dormida. E a eterna fome. Discutiram se deveriam ir saber da resposta à carta de Luemba, maneira manhosa de obterem um pão e chá. Mas Himba negou a proposta de Kassule.

– A senhora vai perceber que não estamos a procurar resposta mas mata-bicho. É feio. Eu, pelo menos, tenho vergonha.

Kassule não replicou, embora tivesse menos pruridos, a vida não estava para gente envergonhada. Assim, havia que esperar pela hora do almoço e lutar pelos restos. Se tivessem alguma sorte...

Parecia tudo na mesma no refúgio deles. O grupo que os assustara na véspera não estava. Também não tinha mais ninguém, era muito cedo. Andaram por ali. O mar numa calmaria, nem pequenos novelos de espuma apareciam em cristas de ondas, que não as havia na imensidão azul. Luemba não resistiu, deu uns pinos alegres na água, sem companhia dos outros, preferindo a areia ainda fresca. De repente, surgiu do nada uma avalanche de gente. Nunca tinham visto tantos candidatos aos restos do restaurante e tão cedo. Não eram só miúdos, havia gente grande, uns matulões de mais de dezoito anos, escapados da tropa. A esses não cangaram eles, só levaram o Noé, lamentou Himba. É, disse Kassule, o Noé faz falta. Ainda era muito cedo para começarem a sair tesouros da cozinha mas já se formava uma fila para apanhar a comida. Iam ficar bué de horas à espera, que é que eles imaginam?, pensamento de Himba. Além do insólito, se tratava de fila conflituosa, pois havia ameaças, empurrões, insultos, entre os integrantes. Está-se mal, pensou Kassule, hoje nem vale a pena tentar, somos esmagados se nos atirmos para os contentores. A menina estava de acordo e também Luemba que, entretanto, viera do mar, toda molhada mas feliz.

Afastaram dali, ficaram perto do sítio onde dormiam. Porém, não podiam evitar olhar para a confusão que se ia tornando cada vez mais ruidosa e violenta. Apareceu um empregado do restaurante, deu mesmo uns berros, arrecuem daqui, senão guardamos os restos dentro e só à noite atiramos fora, para o mar. A ameaça inusitada resultou por momentos, pois a bicha desorganizada recuou um pouco. No entanto, minutos depois já se aproximava de novo dos contentores, cada um lutando por uma posição.

O segurança Kassanje tentou pôr calma nos esfomeados.

– Ainda não se está a cozinhar, é hora de lavar e arrumar o restaurante. Porque não vão dar uma volta?

Apupos e assobios, Kassanje recuou para o seu posto de observação. Primeiro um, depois outro, se foram aproximando de novo dos contentores. Os de trás fizeram pressão, os da frente protestaram, voaram insultos, empurrões, luta mesmo de socos entre grupos.

Foi então que Himba viu, por entre uma batalha de corpos se atirando uns aos outros, um brilho de lâmina, um pescoço sangrando, um miúdo caindo na areia. Himba viu a cara do agressor, conhecia já aqueles olhos maus, de outras alturas, olhos ameaçadores embora não soubesse o nome do dono deles. Kassule também viu, segredou:

– Amaro, foi ele. Mas não fales nada, vamos dar uma volta.

Aumentou a barafunda, pois alguns tinham gritado ao notar a agressão e apareceram também pessoas do restaurante, chamadas pela barulheira.

– Vamos dar uma volta, vamos já – disse Kassule.

As duas meninas saíram do torpor aterrorizado e seguiram-no. Caminharam até ao esporão seguinte, sem olharem para trás. Ficaram assim mais longe do local do crime e pareciam estar apenas a gozar a bela vista do mar azul se espalhando ligeiro pela areia. No entanto, dava para observar tudo o que passava.

Em breve apareceu um carro da polícia e uma ambulância. Se via bem, mesmo à distância, meteram o miúdo esfaqueado na ambulância mas sem grande pressa nem cuidados particulares, o que significava ele estava morto. O Amaro devia ter desaparecido no meio da confusão com a arma, a polícia andava de um lado para o outro, perguntando coisas. Outro carro chegou e mais caíngas se metiam nos grupos, querendo saber como tinha começado a briga.

Se briga séria houve.

Porque Himba e Kassule, para além de murros e bassulas, o habitual nessas desavenças, só viram o gesto fatal, não os antecedentes precisos, pois eram grupos a discutir e depois a lutar uns com os outros, se empurrando para ficarem mais perto do contentor, um a ser projetado para cair na areia, até aquele brilho aparecer porque o sol bateu em cheio na lâmina da faca, sim, devia ser uma faca, disse Himba, talvez uma navalha de ponta e mola, avançou Kassule, o que é isso?, perguntou Luemba, mas o menino nem explicou, esse Amaro é bandido, conheço estórias dele, já andava a roubar aí na praia, um dia apanhou um rádio de um senhor que estava deitado na areia, mas escapou, outro foi acusado e preso, desta vez também vai escapar. Os que viram que foi ele se vão calar, ninguém denuncia os kambas aos caíngas.

– E nós? – perguntou Himba.

– Estás louca ou quê, mana? Boca fechada, para não sair asneira.

Os polícias tinham de mostrar serviço, que não saíam das esquadras só para passear as fardas. Apanharam uns tantos miúdos inocentes e ingênuos, logo considerados suspeitos. Os mais atentos ou experientes ou mais implicados previram a situação, já tinham fugido. Os prisioneiros foram levados, protestando fraca e timidamente, numa carrinha que chegou entretanto.

Tinha sucedido antes da hora de abertura do restaurante e o tempo passou nessas idas e vindas, interrogatórios e investigações, o que afastou a clientela. Os candidatos a comensais nem saíram dos carros, foram procurar refeição noutro sítio. Quando tudo estava calmo, já era tarde, só dois clientes tinham se sentado, meio distraídos, no restaurante. Os últimos polícias foram embora e Himba comandou, já está tudo sossegado, regressamos ao nosso sítio.

– Com essa maka toda, hoje não aproveitamos restos – disse Luemba.

Não tinham concorrência, eram os únicos que ali estavam. Mas também não haveria grandes sobras. De certeza iam guardar a comida já feita para o jantar. Bem, aguardariam o jantar, nada a fazer. Os outros miúdos teriam medo de se aproximar hoje da cozinha, imaginavam que a polícia ainda rondava.

No entanto foram bafejados pela sorte, porque apareceu na porta das traseiras o guarda de serviço, o Kassanje, que da outra vez lhes tinha arranjado bom pitéu. Ele olhou para todos os lados, como garantindo anonimato. Se aproximou deles e perguntou:

– Sabem do que aconteceu?

– Chegamos agora – se antecipou Kassule, temendo a boa-fé de Himba, por vezes perigosa. – Aconteceu alguma coisa?

– Um vosso colega morreu. Lhe cortaram a garganta.

– Haka! – disse Himba, seguindo na onda de Kassule. – Porquê lhe cortaram a garganta? Quem foi?

– A polícia levou uma carrada. Suspeitos. Mas ninguém viu nada e quem viu deve ter fugido também. Amanhã os que foram apanhados voltam livres para aqui. Hoje não sei o que sucedeu, havia muitos, mesmo muitos, nunca tinha visto tantos. Então deu confusão, uns a querer ficar à frente dos outros. Lutas, bassulas, até que alguém pegou numa navalha...

– De ponta e mola? – perguntou Kassule.

Himba temeu que o normalmente prudente amigo, levado pelo entusiasmo do espetáculo a que assistira, escorregasse e contasse detalhes que só quem assistira podia saber. Lhe lançou uma rápida mirada de advertência. Mas viu nos olhos de Kassule que este não avançaria mais que o conveniente.

– Não sei – disse o guarda. – Não vi, estava do outro lado, à entrada, para tomar conta dos carros que iam chegar. Falavam de faca, uns, outros de navalha... Porquê? Conheces alguém que tenha uma de ponta e mola?

– Eu é? – disse Kassule. – Não conheço. Mas costumo ouvir quando a malta fala, diz navalha de ponta e mola, como se fosse o máximo. Qual é a diferença? É só banga?

– Navalha é navalha, sei lá, é punhal, tudo igual. Só conheço baioneta e arma de fogo. Mambos de

guerra.

Himba admirou, esse guarda vinha lhes fazer essas perguntas porquê? Também era da polícia? Ou só porque não tinha clientes e se aborrecia na porta da frente? Nunca saberia. O certo é que o Kassanje lhes disse, ao caminhar para o restaurante:

– Esperem um coche, depois vos trago o que sobrar. Hoje isto está vazio e já ouvi o chefe dizer que fecham mais cedo.

Aconteceu. Um tempo depois ele apareceu com um embrulho, tinha uns bons restos da comida destinada ao pessoal.

Estavam a comer no alto das pedras, quando Kassule comentou, depois de uma gargalhada:

– O mal de uns é o bem de outros, como já dizia não sei mais quem... Já viram? Um tipo que desconheço o nome dele morreu e por causa disso nós temos uma refeição especial.

– Não fales assim que me cai mal – disse Himba.

– Não sei porquê – replicou o miúdo. – Então o komba não é isso mesmo? Se come porque alguém morreu? É o nosso komba desse camarada que ficou de garganta cortada.

– Cala, Kassule – gritou Luemba, tiritando de medo. – Não são conversas boas. De morte...

O garoto encolheu os ombros e meteu mais um pedaço de carne na boca. Mastigou, satisfeito, olhando o mar. Miúda pequena demais, pensou, não conhece o mundo, parece há conversas más e conversas boas. São apenas conversas. Como as que temos às vezes e procuramos explicar a nós próprios como perdemos a família. Mas preferiu calar, saboreando a comida, e a brisa fresca que lhe batia na cara. Já tinha visto muita coisa, certamente demais para a sua idade.

O mar estava muito mais picado. As ondas se sucediam, embora não fossem grandes demais, como numa calema. Os riscos de espuma no cimo das ondas se juntavam, formando figuras.

– O mar tem tranças – disse Himba.

Kassule estranhou, tranças?

– Não vêes? Essas ondas que se seguem umas nas outras, de vez em quando uma vem e outra vai, ao chocar na arrebentação. Se trançam umas nas outras, fazem novelos. Não parece mesmo, com a espuma por cima? É como as vidas das pessoas.

Essa é boa, agora o mar tem tranças ou novelos, pensou o kandengue. Mas ficou a meditar, a seguir as linhas de espuma que se ligavam, se entrançavam. E viu as imagens de fitas como algas se enrolando, tal como Himba tinha dito. Era só uma questão de olhar bem. O mar tinha novelos, novelos de mar.

Aquela miúda mandava ideias!

Dois dias depois apareceram alguns dos presos. Entre eles o Jesse, um miúdo dos primeiros que conheceram a catar comida nos contentores do restaurante. Vinha com a cara inchada, lábios fendidos, inchaços nos olhos quase fechados.

– Te deram, meu – disse Kassule.

– Muita porrada – disse Jesse. – Para contar quem cortou o pescoço do Jiki. Eu só dizia, não vi nada, sou pequeno, até estava no chão, empurrado, gente em cima de mim. Não interessa, porque tu viste e fala já, e era murros e pontapés, chicotadas com cinturão, tudo a arder. No outro dia, um falou, não sei mesmo quem foi, o culpado era o Malaquias, um miúdo calado que também estava conosco. Nos soltaram a todos, menos ao Malaquias. Não foi ele, estava ao pé de mim, empurrado também pelos grandes, lhe vi a cara enterrada na areia com o peso dos outros. Lembro, naqueles momentos de medo uma pessoa tem ideias malucas e eu pensei, esse miúdo não vai poder respirar, morre aí mesmo, lhe sufocam com areia. Nem o Malaquias tem faca nenhuma, lhe viram com alguma?

Os miúdos negaram, o Malaquias era um miúdo de uns treze anos, magrinho como todos, quieto,

calado, nunca teve arma nem ameaçou ninguém.

– Haka! Então porquê disseram foi ele? – perguntou Himba.

– Só quem lhe acusou é que sabe o porquê. E não sei quem foi o filho da puta.

Os outros recém-libertados concordaram com a cabeça. No entanto, talvez o culpado estivesse entre eles, tendo denunciado um mais fraco para se safar, agora se fazendo de compadecido, cheio de pena do companheiro preso e inocente.

– Coitado do Malaquias – disse Kassule. – Tens razão, grande filho da puta quem lhe acusou. – Olhou todos, que baixaram os olhos, menos Jesse. Se os baixasse, também não se notaria muito, tão inchados estavam.

Durante aqueles dias seguintes ao assassinato do Jiki, havia muito pouca frequência na zona do restaurante. Os miúdos desconfiavam da possibilidade de uma rusga inesperada e os maiores seriam apanhados para a tropa, aquele sítio estava marcado, um ponto de encontro com a guerra. Como se não bastasse estarem em luta constante com a fome, a falta de um teto, uma família. Só apareciam de facto os mais novos, sem idade para serem mobilizados. Como ninguém tinha documentos, só o aspecto físico e a aparência contavam. Tu já tens barba, pelo menos dezoito anos fizeste, toca a ir para as forças armadas, tu és menina, ficas de fora, tu pareces um kandengue de catorze anos, vai para casa, não te queremos só a atrapalhar.

Himba sempre ouvira dizer idade não era problema para os bandos armados que atacavam os municípios, esses levavam as crianças, quanto mais pequenas melhor, para as educarem na arte de matar sem hesitar nem tremer e venerarem só o chefe. Ela até era uma exceção, pois tinha bilhete de identidade, infelizmente tendo permanecido com o pai, o qual transportava os documentos de toda a família, com ele ficariam mais seguros. Neste caso, teria sido melhor para ela se guardasse o documento. Mas logo a dúvida surgiu, adiantava? Teria posto o bilhete de identidade na carteira, que largou quando o camião saiu da estrada. Perderia na mesma. De facto, o pai não tinha culpa, ninguém a tinha. Só quem atacou o camião de civis inocentes a fugirem de uma possível guerra. Ou eram culpados de sentirem medo e recuarem para a capital? Sentir medo pode ser crime?

Deus castiga assim o crime do medo?

Ela tinha medo permanente dos rapazes mais velhos, capazes de a violarem de novo, e isso era pecado? Deus é Deus, não tem medo, sabe ninguém lhe pode tocar que fica logo queimado, ele próprio criou o medo do fogo eterno. Assim é fácil, até eu não me importava com a guerra. Reparou, pois tinha andado na catequese, que estava a cometer uma falha grave, duvidando da bondade de Deus. Se é o criador de todas as coisas, também o é do mal. Quem cria o mal não pode ser bom. Himba percebeu, tinha perdido a fé. Já há muito tempo que não rezava, nem se lembrava disso. E as ideias heréticas não a assustavam, antes lhe davam agora prazer. Preferia olhar o mar, procurar Kianda. Esse ser ao menos agia com lógica, segundo aprendera com os outros. Se ficava zangada porque não lhe prestavam atenção, não atiravam umas oferendas para o mar, a vingança era certa, fustigava os barcos e as praias com as ondas implacáveis que, mesmo se não feriam ninguém, pelo menos impediam as pessoas de pescar e estas sofriam da fome. Se os ilhéus lhe dessem prendas de vez em quando, em sinal de veneração e respeito, as águas eram benignas e o peixe procurava as redes e os anzóis. Kianda sim, merecia estima, era um deus a sério, com ações que todos podiam entender. E se contentava com pouco, apenas uns presentes modestos, não era como o da Bíblia, ciumento e vingativo, que exigia adoração constante, e de castigos implacáveis.

Um dia falaria a Kassule destes pensamentos, quando ele fosse maior. Os pensamentos devem ser partilhados, se têm valor. Ela sabia, esses seus pensamentos eram sérios, difíceis de rebater, por isso mereciam ser explicados. No entanto, ela própria partilhava sempre pouco as suas ideias mais íntimas, mesmo com os irmãos, todos mais novos que ela. Devia ser a guia, a orientadora dos irmãos, lhe dizia a mãe. Não só pelas palavras como pelo exemplo. O problema era a sua timidez, a sua falta de confiança. Não tinha nada para dizer, achava. Afinal não era verdade. Um miúdo como Kassule estava sempre a

esclarecer coisas que ele sabia, outras que até nem sabia, mas falava, estabelecia relações, se aventurava no conhecimento do outro. Realmente era um disparate manter o pensamento, vou deixar que ele cresça para lhe falar das minhas dúvidas e certezas, ele estava mais que crescido, ela é que precisava de crescer. Voltou de novo a ficar triste e aquele dia, nascido limpo e fresco, parecia se tornar em pesado e opressivo, como os outros. Sentia falta da mãe, com suas advertências calmas, e do rigor do pai, sempre focado na sua missão de educar. Se completavam para ela, só o percebia porque os perdera. Pôs a cara entre os joelhos para os outros não repararem nas lágrimas rebeldes.

A dor da ausência exige recato.

Porém, Kassule estava sempre atento, mesmo quando dormia. Tinha já muito tempo de viver sozinho e sem poder correr. A vigilância constante era a sua possibilidade única de sobrevivência. Ninguém que lhe ensinou, aprendeu com a vida, como os bichos a têm nos instintos. Por isso ele viu a posição de Himba e adivinhou o ligeiríssimo tremor dos seus ombros. Sentado na areia, fez deslizar a bunda pelo esforço da perna válida e se juntou à menina.

– Deixa, a vida há de melhorar.

Ela não conteve então os soluços. Luemba dormia no seu sorriso de menina e não acordou.

– Sinto falta dos meus pais... E não sei, não... esta vida vai melhorar? Viste o que fizeram ao Malaquias? Devíamos ir à polícia, explicar quem deu a facada...

– Xê, não fala isso. Depois, tínhamos de fugir da Ilha, os grandes nos iam perseguir, até podiam matar. Íamos para onde? Nas arcadas da marginal ou nas Finanças, eles iam nos descobrir. Mesmo os que não são amigos do Amaro. Só porque falamos na polícia. Um bufo nunca é de confiança. Um bufo deve ser castigado, é a lei das ruas.

– Mesmo se for para ajudar um inocente preso?

– Nunca se conta nada na polícia, nem num segurança, nunca... Viste o guarda Kassanje a querer saber coisas só porque foi bom para nós duas vezes? Para quê queria saber, o que lhe interessava? Também deve ter uma missão que não conhecemos, todos têm. Às vez, me disseram, uma informação dessas dá dinheiro.

– Dinheiro de quem?

– Alguém paga, também não sei.

Himba não estava convencida, embora reconhecesse em Kassule a prudência do cágado, de cuja sabedoria estavam cheias as estórias contadas na meninice. Insistiu de outra forma:

– Podíamos escrever num papel e deixar na polícia.

– Deixar como? Alguém te via levares lá. E depois tinhas de aparecer no julgamento... Servir do... quê? De destemunha, não é?

– Testemunha, assim é que se diz.

– Está bem, testemunha... Se por acaso conseguisses fazer o papel chegar sem ninguém saber, achas a polícia ia ligar? Deitavam fora. Devem estar sempre a receber queixas de quem não se quer mostrar. Não adianta, Himba, é melhor esquecer...

– Esquecer o Malaquias? E o Amaro?

– O Malaquias vai levar muita porrada, mas depois vão soltar ele, só podem. E o Amaro um dia encontra um gajo que lhe põe as tripas de fora. Tipos como o Amaro não duram muito. Basta o chefe do bando dele se chatear um dia.

– Fraca consolação, haka!

– Já é alguma. Se não tens melhor...

Himba pensou, ela era a mais velha e instruída, como o próprio Kassule reconhecia. Porém, nas coisas da luta pela vida ele parecia um ancião, lhe dava conselhos, fazia de pai ou avô. Até podia estar

errado, mas apresentava argumentos mais fortes que os dela. A senhora boa das trancinhas podia talvez orientar melhor, mandar o filho denunciar o caso na polícia. Instintivamente, no entanto, Himba afastou logo a ideia. Ela e Kassule eram as testemunhas. A senhora ia dizer, vocês têm de se apresentar, não podem ficar escondidos e a esconder a verdade. E voltavam à situação que Kassule descrevera. De terem de abandonar a Ilha. Se tivesse outro sítio onde se refugiar, ela nem se importava, a zona tinha se tornado hostil depois da violação, estava sempre a acordar aterrorizada com pesadelos de rapazes grandes a quererem repetir a violência. Acordada, evitava os matulões e fazia de morta se algum para ela olhasse com apetites evidentes. Deixara de ser uma vida, mas era a que tinha, sina de viver com medo. Madia afirmara, o sexo depois deixa de doer e uma pessoa se habitua. Himba não acreditava. E o terror morava nela.

Sempre.

Os dias passaram e nem sinal do Malaquias. Pouco a pouco, os bandos iam regressando às traseiras do restaurante.

– Acabou o que era bom – disse Kassule, apontando para o grupo de uns vinte miúdos, todos pequenos, duas meninas no meio. E um matulão armado em organizador de bichas. Tão bem organizou que ficou em primeiro lugar. Os três amigos, porque viviam mesmo ali no refúgio, estavam atrás dele, suportando os empurrões, sobretudo quando vieram os baldes com os restos. Deu para comer algum coisa e enganar a fome permanente.

Depois do almoço, Himba recordou, já passou tempo suficiente, devíamos ir a casa da senhora boa das trancinhas para saber se chegou resposta à carta. Luemba achou bem. Kassule encolheu os ombros, podemos ir amanhã de manhã. Para parecer que vamos ao mata-bicho, reclamou Himba, não, vamos agora e dizemos já comemos, o que é verdade. O miúdo se conformou, meteu a muleta no sovaco, partiu à frente, sem uma palavra.

Amuado.

A meio do trajeto, Himba lhe deu razão. De manhã era melhor, por causa do calor da tarde. Havia árvores de vez em quando e o sol, declinando para ocidente, provocava algumas sombras das casuarinas. Mas não chegava para refrescar.

Dona Isabel estava em casa, ou melhor, fora de casa, debaixo da árvore habitual. Só que, desta vez, estava sozinha, a escolher feijão. Nas lojas do bairro, muitas vezes os comerciantes misturavam pedrinhas e areia no feijão, para enganarem no peso. Então era preciso separar o feijão do lixo. Se cumprimentaram e os meninos ficaram a ver a senhora no seu trabalho, concentrada.

– Também aqui enganam os compradores? – Foi logo perguntando Kassule, o conversador.

– É verdade. Desde que fecharam o mercado lá mais à frente, ainda não percebi bem porquê, agora estamos entregues a esses aldrabões das cantinas. Aprenderam com o colono, não esqueceram. Há muito tempo já não acontecia estas vigarices, porque se comprava o feijão em sacos nas lojas grandes ou às senhoras no mercado, nossas vizinhas aqui da Ilha. Senhoras honestas, bessanganas. Agora estamos entregues a esses cantineiros que ressuscitaram o que tinham aprendido com os fubeiros do tempo colonial. Nem sempre dá jeito fazer compras longe, ir às lojas. E eles aproveitam, os oportunistas.

O silêncio se instalou e Himba intuiu que não tinha chegado resposta nenhuma, porque seria logo a primeira notícia a saltar da boca de Dona Isabel. Ou então ela estava muito esquecida.

– Viemos saber se a minha tia respondeu – disse Luemba, com muita vergonha.

A senhora olhou para ela com pena, só abanou a cabeça.

– Mas é normal. Devem estar a pensar como resolver o problema, pode ser complicado virem cá, tem de ser de avião. Vamos esperar mais uns dias. Se não houver resposta, escrevemos outra vez. As cartas se perdem muito, sabias? Deve ser isso, pode se ter perdido. O meu falecido marido, que trabalhava lá no edifício, na área da alfândega, vocês sabem, já vos contei no outro dia, ele dizia que

muitas cartas ou encomendas demoravam anos a chegar ou nem chegavam mesmo. Ficavam esquecidas num sítio qualquer e como ninguém reclamava, elas não iam para o destino.

Luemba, coitada, só torceu a boca, despeitada e pouco convencida com a longa explicação. Ia chorar?, se perguntou Himba. A desilusão é a pior coisa para uma criança e ela era ainda uma criança. Himba já não se considerava como tal, mas Luemba era mesmo, pela idade e pela experiência de vida. Luemba resistiu no entanto com sucesso à vontade de chorar, acabou por concordar com a cabeça. Sem emitir um som.

Quem disse todas as crianças são choronas?

Dona Isabel pousou a quinda com o feijão, puxou Luemba pelo braço e a pôs no seu colo. A menina se aninhou, como um passarinho junto da mãe. E Himba teve saudades de outros tempos, em que tinha sempre um colo à sua disposição, mesmo quando era maior. Sentou no chão, logo imitada por Kassule.

– Oh, desculpem, distração minha, não sentem no chão, vou mandar vir bancos...

Os dois pareciam teleguiados, ao mesmo tempo disseram, não vale a pena, estamos bem no chão. Depois Himba acrescentou está bem limpo, foi varrido hoje, se vê...

– Hoje ando distraída, desculpem. Cabeça de velha é assim.

– A senhora não é velha – disse Kassule. – Algum problema?

– Problemas há sempre, não é mesmo? Coisas minhas, nada de grave, mas dá para distrair. Mas digam lá, não foi no vosso sítio em que houve uma morte?

– Foi lá mesmo – disse Kassule. – A senhora já sabe?

– Toda a Ilha sabe. Se conhece sempre tudo, no fundo é um meio pequeno. Até soube que não vos aconteceu nada. Uns foram presos mas não vocês. Tenho os meus informadores secretos...

Os dois riram. Luemba estava alheada da conversa, talvez absorvida pela falta de resposta da tia. Achava com algum terror, a tia se tinha livrado dela, agora não sabia como explicar aos pais o que lhe acontecera, por isso nem ia responder, fazia de morta. Por enquanto estava bem ali, no colo da senhora das trancinhas, com vontade de chorar mas também a apreciar o carinho.

– Um continua preso – disse Himba.

Kassule lhe mandou um aviso com os olhos. Mas Himba não ia avançar mais, embora tivesse vontade de se abrir com Dona Isabel.

– Estão a ver? Isso eu não sabia... Ainda! Quem ficou preso?

– O Malaquias – disse Kassule. – Eu conheço ele, muito calmo, quieto mesmo... A Himba também conhece...

– Queres dizer... Achas que não foi ele.

Kassule aprovou com a cabeça. Ela olhou para um e para o outro.

– Onde estavam vocês quando houve a confusão? Não estavam lá à espera da comida?

Desconfiada, a senhora. Himba se antecipou a Kassule.

– Estávamos num esporão para lá, um pouco longe. Havia muita gente e muita confusão, sabíamos que não tínhamos possibilidade de chegar à comida, desistimos antes e nos afastamos para evitar problemas. Não vimos nada, só ouvíamos gritos de lutas.

– Fizeram bem em não se meterem. Então passaram fome, coitados.

– Já estamos habituados à fome, Dona Isabel – disse Himba, suavemente.

– Antes passarem fome que arranjam problemas. E como estão as coisas por lá?

– Depois daquilo, os miúdos foram para outros sítios, tinham medo que a polícia voltasse – disse Kassule. – Para nós até era bom, havia calma e mais comida. Agora estão a regressar aos poucos, hoje já havia uns vinte.

– Então não comeram nada.

– Comemos, sim. Como ficamos sempre ali perto, somos dos primeiros a nos posicionar na bicha. Quando não há os grandalhões. Quando eles estão, aí ficamos mal, ele nos empurram para fora. Nenhum mais pequeno consegue se safar.

– Hoje almoçamos – reforçou Himba, com um sorriso. – Verdade mesmo, comemos bem.

Para que a senhora não pensasse, estamos aqui para pedir alguma coisa, afinal viemos só por causa da carta.

– Não, já comeram mas eu vou chamar a Luzia para trazer uns banquinhos. Almoçaram no melhor restaurante do mundo, não foi? Mas podem ainda comer um lanche leve. Chá com pão. Pode ser?

Olharam uns para os outros, concordaram, ainda há lugar para isso. Com a fome com que andavam, até podiam ter sido os únicos a ficar com o contentor inteiro, aceitariam na mesma o lanche.

Reservas para a noite.

8

Daquela festa houve uma consequência, Kaleb passou a se juntar ao grupo nas jantaras. Na hora da despedida, porém, não seguia com os outros que muitas vezes iam ainda para um bar novo ou uma festa. Passavam a vida em farras, os privilegiados. Ele tinha trabalho, não era um desocupado como os amigos, dizia Kaleb para Sofia. E ela pensava, devias dizer não sou um príncipe desocupado. Príncipe sempre seria, não havia maneira de evitar.

Salomé apareceu com o marido na ocasião seguinte e depois ficou sem comparecer durante duas semanas. Voltou, sozinha, com aspecto mais calmo e participativo nas discussões. Sofia olhava com frequência para a barriga da outra, plana. Ainda seria muito cedo para a gravidez se manifestar ou teria ela resolvido o problema? Bebia como antes, sem restrições. Acabou por concluir que tinha mesmo tomado uma decisão radical, a única com lógica. Arriscar por um objetivo é meritório mas arriscar apenas para se castigar de uma falta inexpressiva é um disparate. E Salomé não era estúpida, embora com os copos a mais tivesse feito afirmações melodramáticas e disparatadas, pondo em causa o bom senso. Seria apenas o sofrimento a falar.

Kaleb saía sempre em último, lhe perguntando quando a levava a passear pelas noites cálidas de Luanda. A estas horas?, deves estar a gozar comigo. Daqui vou dormir que amanhã pego no serviço cedo, como tu, suponho, pelo menos é o que dizes... ou também és um imbumbável como os outros?

– Uma vez não são vezes e amanhã é sábado, fico na cama até mais tarde. Está bem, já sei que não gostas de convites para passeios noturnos.

– Sabes como?

– Alguém me disse, não interessa.

E ela pensou, só Abdias uma vez a convidou e levou tampa. Seria ele capaz de confessar o seu insucesso a Kaleb? Abdias não lhe parecia ter coragem para reconhecer uma derrota, pela qual poderia ser estigado. Kaleb estava apenas a especular, decidiu.

– Mas um copo para despedida? Há um bar aqui perto, depois da esquina.

– Conheço. Vou passar por lá quando for para casa. Mas já bebi o meu último copo de água.

– Então te dou boleia. Juro que não te perturbo o sono, só uma boleia.

Sofia aceitou então. E se tornou hábito.

Os outros acabaram por perceber as manobras de saída do restaurante. Não da primeira vez e da segunda, pois quando ela fechava as portas do negócio e dizia boa noite ao guarda, já eles todos tinham partido nos seus carros topo de gama. Mas uma vez Segismundo ficou mais tempo a digerir o jantar no carro, olhando as estrelas e a lutar contra um poema demasiado esquivo. Viu, portanto, quando os dois entraram no automóvel do biólogo e sentiu um soluço no coração. Despeitado, esqueceu o poema, no entanto ligou para os amigos pela Internet, afinal sabem o que eu vi?

Quem disse os poetas são discretos e só comunicam por verso?

Nada acontecia para lá da boleia e se despediam com um aperto de mão, no carro não era prático dar beijinhos, conforme o hábito entre eles. Porém, os amigos admitiram haver uma relação muito bem escondida entre os dois, faziam ares sérios à sua frente e diziam piadas pelas costas, que tal o parzinho

clandestino?

Salomé tinha porém algumas dúvidas. Da mesma maneira que não contou como tinha resolvido o mambo da gravidez, nem Sofia a questionara, também não perguntou o que acontecia com Kaleb, seria uma atitude baixa demais para ela. Todos falavam do mambo e ela não estava convencida.

Claro, tantas boleias se repetiram e de uma vez à frente do apartamento a conversa estava tão boa que Kaleb não resistiu e aflorou os lábios dela com os seus. Ela não recuou a cabeça, o beijo rápido aconteceu, ela abriu a porta, já estás despedido, deu uma gargalhada e entrou no prédio. Da vez seguinte Sofia aceitou com naturalidade a boleia, deixou que ele lhe segurasse o ombro e a beijasse na despedida, beijo um pouco mais longo. Saiu do carro e disse, não tenhas ilusões, não passamos daqui. Desapareceu no prédio e Kaleb pela primeira vez se perguntou mas que raio está a acontecer conosco? Ele se apaixonara, era evidente. E ela? Tinha sido bem cristalina, não passariam daquela amizade que se resumia em boas conversas e um beijo de despedida. Em que século estaria ela? Naquele milênio antigo em que havia namoros com um muro pelo meio, como os pais contavam ter conhecido? Kaleb manteve o hábito das boleias e do beijo breve, sem insistir em mais intimidade. No entanto, não achava muito normal para pessoas adultas. Três meses passaram assim, o que era uma eternidade naquela cidade de mudanças constantes, não só na cidade ela própria com novos bairros e condomínios, como nas relações entre os seus habitantes.

Dona Ester, senhora de poucas confidências mas pressentimentos severos, também se preocupava com o aparente desprendimento de Sofia em relação aos homens.

– Nem um namorado, minha filha? Na tua idade, eu já tinha tido todos os filhos, os dois vivos e as duas falecidas. E tive ninhada pequena, comparando com todas as minhas familiares e amigas, um mínimo de nove por casal. Quando casas afinal? Ou não tens intenção de casar? Vais fazer trinta e três anos, não é mesmo? Com essa idade Cristo caminhou para a morte e tu ainda solteira...

Sofia deu uma gargalhada. Era boa essa ligação de idades, a senhora na sua crença conseguira uma piada. Devota como era, não se podia admitir que tivesse sido humor propositado, aliás Dona Ester não fazia brincadeiras, falava sempre a sério e pouco, religiosa radical. Um dia chegou a admoestar um cozinheiro que devia ter bebido demais antes do jantar e a língua se soltou numa menção à bunda de uma assistente, não por ele se meter com a bunda da outra, mas por procurar fazer uma graça. Só satanás fala através de gargalhadas, disse ela, provavelmente lição aprendida na igreja. O cozinheiro baixou a cabeça, procurou um canto para se esconder e a conversa morreu ali. Portanto, Sofia sabia, não fora de propósito, mas mesmo assim tivera piada.

Experimentou maneira de desviar a conversa incômoda para paisagens diversas:

– Dona Ester, quem sabe com que idade morreu Cristo? Naquele tempo não havia registo nem bilhete de identidade...

A senhora bravou. Mas só fez um muxoxo, desculpava tudo ao seu anjo da guarda. Sofia era a única pessoa no restaurante a quem se admitia dizer o que quisesse, da maneira que lhe saía, com humor ou com raiva.

A inquirição, essa, tinha ido para o balde do lixo.

Não impedia que Dona Ester esperasse outra ocasião para voltar à carga, pois estava consumida com a falta de apetência da sócia por relações com homens, a menos que fosse tão dissimulada que o conseguia esconder de todos. Já havia muita gente a conhecer a amizade entre as duas, portanto ela acabaria por receber o mujimbo se Sofia cultivasse alguma relação clandestina. Já eram vários anos de convivência diária e nunca descobrira o menor indício nem uma fofoca lhe chegara. Tinha pouca intimidade com o irmão dela, um tipo reservado e que pouco aparecia por ali, senão iria abordá-lo para pôr as coisas a limpo. Sem vergonha de ser considerada zongola, a amizade tem certos direitos quando se trata do bem de outrem. Porém, Diego era praticamente inacessível e não lhe parecia correto se plantar na casa do outro para fazer perguntas íntimas sobre a irmã. Quem dera que ele surgisse um dia por ali, ia mesmo esclarecer o assunto. Entretanto, como não tinha relações com o grupo de amigos de

Sofia, o mujimbo de suas saídas com Kaleb nunca lhe chegaria aos ouvidos. Seria uma preocupação a menos mas razão para um xingamento, tens um namorado e andas a esconder de mim, que já perguntei? E te portas bem com ele, mantendo todo o recato antes do casamento ou já perdeste a honra?

De repente, na sua ignorância da vida da sócia, uma ideia perversa lhe pregou um susto. Podia Sofia preferir mulheres? Seria uma vergonha, pecado do tamanho de uma catedral. Não, conseguia de imaginar uma aberração dessas.

As mulheres com formação católica ficavam por vezes inibidas, por considerarem as práticas sexuais pecaminosas por natureza, sobretudo antes do casamento, conduta aliás comum no cristianismo em geral e rara nas sociedades africanas tradicionais, onde desexistia muitas vezes o culto da virgindade. Sofia tinha tido educação católica, conforme Dona Ester se apercebera de algumas conversas. Mas estava completamente cortada de qualquer prática religiosa, isso ela conhecia. Seria o caso de, apesar de já não seguir os rituais, ter ficado marcada pelo estigma da pureza e renunciar voluntariamente ao sexo? Como uma madre? Uma espécie de kijila da juventude? Podia acontecer. Isso lhe dizia a sua pequena experiência desses mambos, pois sempre fora uma devota de moral rígida e admitindo pouco conversas sobre tais assuntos, mesmo com o pai dos seus filhos, mas os ouvidos não estão na cabeça para permanecerem tapados.

Dona Ester se admirava do caminho dos seus pensamentos, nadando em águas quase heréticas. Mas era por amor, tudo seria perdoado quando se trata de amor.

Foi por essa altura que aconteceu o escândalo que abalou a sociedade dos príncipes, duques e seus vassallos das revistas de modas e fofocas: Dona Jezabel de Anunciação Noronha foi detida por acusação de assassinato. Logo lhe fez companhia o filho, Gedeão de Anunciação Gomes Lukunga, conhecido nos meios da noite e da moda por Gidinho. A vítima foi o marido dela, um conhecido empresário brasileiro, encontrado com vários ferimentos de faca, dois deles mortais. A primeira notícia, a da morte do empresário Noronha, foi divulgada pelas rádios de manhã, e à noite já se informava da prisão da suspeita. No dia seguinte, presume-se que depois de interrogatório à assassina, foi preso o filho dela, cúmplice provável do crime.

A prisão coincidiu com a ida do grupo de amigos ao restaurante na noite seguinte, quando já se sabia da prisão de mãe e filho. Como a acusada era senhora relacionada com o meio deles e famílias, partícipe constante dos encontros do jet-set local, a conversa não podia fugir ao assunto, cada um procurando nos telemóveis detalhes e suposições que contava aos outros, animando assim a especulação sobre os motivos, modos de conduzir o inquérito policial, consequências e mais veredas desbravadas pela conversa. Ainda estavam a comer e havia mais clientes no restaurante mas chamavam constantemente Sofia para a mesa, lhe explicando as causas da sua excitação. Salomé não aparecera desta vez, Alfredo devia estar numa sonda em pleno Oceano Atlântico. Também lá chegavam as notícias e estaria informado da coisa mais importante que os príncipes tinham para debater numa semana fraca em escândalos. Alguém até talvez ligasse para ele da mesa, trocando opiniões, se houvesse lembrança. Sofia nem quis sugerir tal coisa, pois para ela o mambo desinteressava totalmente, não fazia ideia de quem fosse a senhora presa e muito menos a vítima e o filho da assassina, o Gidinho. Fugia depressa da malta com uma desculpa, enquanto os outros comensais não fossem embora ela cumpria o seu dever de gestora, sem se sentar a nenhuma mesa nem beneficiar com a sua presença um grupo ou uma pessoa em particular. Kaleb percebeu a pouca importância que ela dava ao assunto, sorriu para dentro, pois também ele considerava esta uma conversa de desocupados, mas tinha de fazer parte do coletivo, eram seus amigos e os amigos são também para fofocas sem interesse. Não era amigo de Jezabel, a cinquentona que parecia da idade de Sofia, tantas as plásticas e lipoaspirações feitas para conservar a juventude e a beleza. Quanto a beleza, ele poria entre aspas, porque as operações lhe fixaram os lábios num sorriso permanente, soando a falso por todos os lados que se contemplasse o rosto liso. O inútil do filho, como contaria mais tarde Kaleb a Sofia, era resultado de um casamento anterior com um rico chamado Gomes Lukunga, empresário legalizado de diamantes depois de uma vida arriscada de contrabando de kamanga, o qual morreu de doença difícil de identificar, súbita como

um ataque cardíaco.

Segundo diziam as más-línguas, o Lukunga fizera um testamento secreto que passava toda a riqueza para outra mulher e filhos que tinha na região da Lunda, onde possuía minas e fazendas, a sua morte pouco beneficiando portanto Jezabel e Gidinho, os quais não ficaram propriamente na miséria mas com bastantes dificuldades para o seu estilo perdulário de vida. Talvez o dinheiro nas contas chegasse para uma situação desafiada, se tratando de outra gente. No entanto, Jezabel e o filho estavam habituados a altos voos, como explicou Kaleb, com férias de três em três meses para todos os recantos paradisíacos do mundo e consequentes internamentos em clínicas para remoçar o corpo da mãe, clarear o do filho, que tinha a estúpida pretensão de um dia passar por sueco, e muito mais razões para viagens e gastos faraônicos. No entanto, não foi Kaleb que fez o relacionamento de factos que ia ocupar inteiramente a atenção dos amigos. Foi o mais improvável dos investigadores, o poeta Segismundo, nem sempre a olhar para a Lua e a contar sílabas. No meio da animadíssima conversa, permeada por discussões paralelas, disse ele:

– Se a nossa amiga tem instintos assassinos, então a morte suspeita do anterior marido pode ter sido um bocado forçada. Sabem se foi feita autópsia, coisas assim?

– Achas? – disse Solferino, com uma gargalhada. – A morte foi estranha, lembro-me que não foi encontrada a doença, mas e depois? Pensaram, é ataque cardíaco, morte natural... Ninguém investigou nada. Que eu saiba e também não sei muito.

– Se tivesse havido suspeitas, todos estávamos informados – reforçou Tiago. – Uma investigação dessas à morte de um tipo como o Gomes Lukunga, com minas de diamantes e frotas de camionagem que davam a volta ao mundo ou quase, nunca ia ficar no segredo dos deuses. Nós sabíamos.

Tiago batia levemente no telemóvel, a indicar que as redes sociais se mexeriam imediatamente e todos ficavam ao corrente, no que tinha toda a razão, como concordaram os outros.

– Ninguém deve ter mexido uma palha, a malta come demais e bebe demais, os corações são fracos para tanta coisa, uma morte é sempre natural – disse Segismundo. – Agora sim, podem começar a conectar as coisas, como eu fiz. Aposte comigo quem quiser, hoje mesmo lhe estão a fazer perguntas sobre a morte do marido anterior, o qual tinha outra família e deixou tudo para eles. Jeza pode ter descoberto a verdade e se vingou com veneno ou outra maneira sofisticada de fazer um homem saudável virar cadáver, picada de surucucu, feitiço do Uíje...

– Já agora porque não de Malanje? – disse Kaleb no gozo.

– Não sei se vocês em Malanje têm bons feitiços, no Uíje sei que têm.

– Falando sério – disse Abdias, à vontade por Sofia estar longe dali. – O *modus operandi* é completamente diferente. No primeiro caso, a polícia nem se apercebeu de ser assassinato. Agora foi um festival de sangue e facadas... Ou o primeiro de facto não foi crime ou é outro criminoso...

– Vês muitas séries – disse Kaleb. – Essa coisa que um assassino atua sempre da mesma maneira é por economia criativa, o episódio só pode durar cinquenta minutos...

– Esqueces que sou formado em direito? – disse Abdias.

– E depois? – replicou Kaleb, encolhendo os ombros. – Sabes tanto de criminologia como eu. Mesmo se fizeste alguma cadeira teórica.

– Até fiz duas ou três. E aprendi alguma coisa, apesar de não praticar.

Kaleb se arrependeu de ter levado a conversa para aquele tabu, o de os príncipes não trabalharem senão fingindo roçar a bunda nos cadeirões das empresas paternas. Podia dizer, como fizera quando foi apresentado a Sofia, que era o único com um emprego, isso não ofendia. Era diferente de dizer, vocês não aprenderam nada só com aulas teóricas. Lógica deles, orgulho ferido deles, muito ciosos dos seus diplomas ingleses ou americanos. Fez um gesto de desculpa com o braço, passemos para outro ponto.

– Acho que Abdias viu bem a coisa – disse Segismundo. – Parece ser uma maneira completamente

diferente de se livrar do marido. O que não afasta a suspeita de ter liquidado também o anterior. Desta vez pode ter sido de raiva, com a ajuda do Gidinho... Ou ter sido o Gidinho que começou a maka e ela ajudou o filho. Enfim, isso ainda não se sabe. Mas juro pelo sangue de Cristo, esse julgamento não falho, nem que haja uma festa de arromba no Rio de Janeiro ou em Calcutá.

– Toda Luanda vai assistir, podes crer – disse Abdias.

Ou a única Luanda que lhes interessa, pensou Kaleb, puxando pela sua veia ecoanarquista. Ainda bem que Sofia não estava ali, não se sentia bem com a atitude tida em relação a Abdias. Mas o pretenso jurista lhe metia raiva, sempre a comer a sua apaixonada com os olhos, parecia um rafeiro galando uma cadela de raça. Abdias merecia mudar de nome e se chamar Kaleb ou outra palavra relacionada com cão.

Veio mais comida e sobretudo duas garrafas de vinho para matar a muita sede provocada pela conversa entusiasmada.

– Uma coisa interessante foi a ordem das prisões. Primeiro a mãe e umas horas depois vai o filho. A Jeza denunciou o Gidinho?

A pergunta de Solferino criou um silêncio momentâneo no grupo. Todos meditavam. A razão da prisão do filho podia ser outra, mas até parecia mesmo que a mãe não se preocupara muito em protegê-lo, o que os escandalizava, onde já se viu mãe a incriminar o mona?

– De facto, é o que parece – disse Abdias. – Claro, foram investigar em casa e podem ter encontrado outras provas. Mas porquê prenderem primeiro a Jeza, à noite, e só no dia seguinte o Gidinho? O crime foi descoberto de manhã, a polícia investigou todo o dia, prendeu a Jeza e se tinham encontrado provas incriminatórias contra ela, também deveriam ter contra o filho. Uma noite inteira de interrogatório e ela abriu o jogo, vou kuzuo mas o Gidinho vai me fazer companhia.

– Achas que ela tem tanta maldade? – perguntou Patrício, outro do grupo.

– Bem, agora já acho tudo – disse Abdias, muito feliz por ser o animador da conversa, já não acontecia há uns tempos. – Tinha realmente muito carinho pela Jeza...

– Sempre há a presunção de inocência... – não resistiu Kaleb em falar, embora usando um tom neutro. O pretenso jurista que desse o exemplo de defender o bom nome das pessoas até serem julgadas culpadas por tribunal idôneo. Nem isso sabia? Ora porra!

Silêncio de novo na mesa e um olhar hostil de Abdias, posto profissionalmente em cheque e de maneira elegante, inatacável.

Sofia apareceu no momento, está tudo bem por aqui, continua a animação? Mais vinho? Eles mostraram, ainda havia vinho nas garrafas, incomodados com a tensão estabelecida pelo remoque de Kaleb. Ela também se apercebeu de alguma coisa.

– A comida não vos agradou, falta alguma coisa?

Jared de Oliveira foi o primeiro a reagir:

– Não, tudo está perfeito, Sofia. É só aqui este mambo que estamos com ele.

– Ainda?

– Vai durar muitos jantares – disse Solferino. – Esperem pelos jornais de fim de semana, a coisa anima ainda mais, há sempre uns agentes bem informados que dão dicas aos escribas. Se diz nalguns casos a troco de umas gasosas pesadonas...

– Xê, nada de política! – avisou Tiago.

– Está na hora de passarmos às sobremesas – disse Patrício.

– Ya! O que tem de bom para nós, patroa?

Foi Jared quem perguntou mas ela respondeu para todos, recitando os doces e frutas existentes. Falava sempre nas frutas, sabendo perfeitamente que nenhum queria. Iam todos para os bolos e doces,

de preferência com natas e recheios mais sofisticados. Tinha apostado nos últimos tempos também na melhoria dessa parte da ementa e se revelava rentável. Sofia, no entanto, insistia nas frutas porque podiam comer uma delas e depois uma doçaria, fazia menos mal e era na mesma rentável.

Com os príncipes, o dinheiro do petróleo jorrava.



O mar estava bravo quando Tobias entrou na sua vida.

Ao acordar com o bramido das ondas avançando como um esquadrão de conquista para depois se espalmarem na praia e avançarem pela areia quase até ao sítio onde os miúdos estavam deitados, Himba antecipou um dia difícil, adivinhado na cor do mar, estranhamente escuro, misturado com a espuma branca suja que, pelo contraste, reforçava a impressão de fúria. Osovelos sujos e desmanchados. Kianda se zangara? Cólera repentina, pois, na hora de adormecer, as ondinhas arrulhavam nos seus ouvidos, convidando ao sono tranquilo. A noite enfureceu Kianda ou foi Kianda a enfurecer a noite e o mar? Os pescadores lá saberiam, sobretudo o Kilamba que era profissional de tratar esses assuntos de espíritos e seres marinhos, não ela, menina e quase acabada de chegar àquela Ilha, ainda menos de um ano, sem nunca antes ter visto uma praia. No entanto, na sua ignorância das coisas do mundo e do mar, conseguia pressentir a maldição daquele dia, antes mesmo de ele se desvendar. Com apreensão, despertou os outros, acordem, vamos recuar, o mar está bravo e a se aproximar.

Foi nesse dia que Tobias voltou a aparecer.

Ela compreendeu o inevitável ia acontecer, ao ver o bando de cinco rapazes a avançar para as últimas pedras do esporão onde se tinham refugiado da água fria, quase na estrada. Da primeira vez conseguiu lhe fintar com aquele truque do pai ali próximo, agora não tinha hipótese, ele já estava avisado. O grupo se encostou às pedras e o mais velho, aparentando uns dezoito anos, logo disparou, mordaz:

– Então, filhinhos do papá, dormiram bem com essa calema? Não foram para as vossas boas caminhas na casa dos velhos, preferiram ficar nas pedras? E o papá deixa?

Eles calaram. Iam dizer mais quê?

– O meu nome é Tobias. Sou o chefe deste grupo. E tu, espertinha, vais ser minha mulher. Te disse no outro dia.

Himba não precisou levantar os olhos para saber que se referia a ela. Os amigos de Tobias riram mas não acrescentaram palavras. O mar parecia fazer eco da ameaça tranquila do rapaz. Ele continuou num tom sem qualquer animosidade, antes divertimento:

– Julgas foste muito esperta no outro dia, que nos enganaste. Vimos muito bem não havia pai nenhum, vocês são kandengues de rua como nós... aqui até nem são, só kandengues de areia... Eu deixei-te ir, sabia íamos se encontrar de novo. Demorei uns dias porque teve confusão nesta praia, tu conheces. E onde está polícia eu não gosto de estacionar. Agora acalmou, apanharam um miúdo, ficam todos satisfeitos, missão cumprida. Por isso voltamos. E te pergunto já, como vai ser? Vens conosco para a nossa zona ou mudamos nós para aqui?

A menina se sentia encurralada. O que era melhor? Kassule não tinha uma ideia, uma finta suplementar? Parecia tão cercado quanto ela, embora não fizesse parte da equação. No entanto, no seu íntimo, o rapaz se sentia também ameaçado. Sobre tudo se Himba reagisse mal e a violência podia se virar contra todos. Tobias parecia muito senhor de si, os seus desejos eram ordens, falava até com calma e uma certa indulgência. Talvez não fosse pior que outro qualquer, mas havia uma ameaça, sim, não só nas palavras, sobretudo na presença. Sempre podia ensaiar uma diversão.

– Falaste do assassinato aqui – disse Kassule. – Sabes de tudo que passou, Tobias?

O matulão se virou, admirado, para o miúdo, como ofendido por aquela migalha de gente, um sub-humano, ousar lhe dirigir a palavra. Logo, porém, mudou de atitude, um sorriso breve perpassou pelos lábios. Condescendente.

– Sei o que todos sabem. Alguém passou uma faca no pescoço de alguém, nem interessa o nome, e um kandengue foi apanhado pela polícia. Foram vários, mas depois de surrados, guardaram um só lá na kionga.

– Foi o que passou a faca no pescoço do falecido?

– Canuco, fazes muitas perguntas. Mas vou te responder. Pode ser que sim, pode ser que não. Interessa?

– Se eu dissesse que não foi o Malaquias, o que está preso?

O terreno era perigoso e Himba estava assustada. Percebia, Kassule tentava desviar a atenção dos outros, interessá-los noutra coisa que não ela, mas pouco adiantava ganhar alguns minutos. E se expunha sem sucesso. A amizade forçando um milagre.

– Se me dissesse que não foi esse, é porque sabias quem foi de verdade... – se adivinhava um laivo de falsidade na voz suave de Tobias, Kassule que se cuidasse.

– Pois, se te dissesse que não foi ele...

– Mas não disseste.

– Pois não.

– E eu volto a repetir, não interessa. – Tobias mudou de tom, mais assertivo, forte. – Esse Malaquias vai ser solto, é um kandengue da tua idade ou pouco mais velho. Alguém lhe denunciou, talvez para se livrar. E o assassino verdadeiro anda por aí. Pode muito bem ser o que aconteceu, imaginar as diferentes possibilidades não é crime nenhum, mas isso não muda nada. O mambo é que nós não somos nada, não valem nada. Nós todos. Olha, olha para ele.

Apontou para o mar, cada vez mais bravo, rugindo ventos, que quase obrigava a levantarem as vozes por momentos para poderem ser ouvidos pelos outros.

– Aquele sim, aquele tem força, quando se zanga derruba tudo. Aquele é poderoso. E tu? Achas que vais poder tirar o teu amigo da cadeia, desafiar a polícia, mostrar que são incompetentes, e avisar portanto o verdadeiro assassino que o conheces? Que é, meu, pensas és capaz de lutar contra o que está errado, mudar o mundo? Nem tu nem eu, nem ninguém aqui nesta Ilha. Somos todos merda no mundo. Se o mudarmos, ainda fica uma merda maior.

Tobias pelos vistos era filósofo. Estudou alguma coisa, julgou Himba, não era um analfabeto ignorante. Pelo menos falava melhor que os outros jovens e miúdos da praia. Perante o inevitável, o encontro com ele talvez fosse o mal menor. Não tinha tido consciência, mas já estava vencida por antecipação, aceitando a fatalidade. O que Madia tinha previsto, essa Madia que tão bem conhecia o mundo, seus demônios, e tanta falta lhes fazia.

– Deixa, canuco, não vamos falar mais dessa confusão que passou aqui, o passado deve ir para o sítio dele, o passado. O Malaquias é vosso amigo, é chato, mas a dor da porrada acaba um dia e ele vai voltar. Mudamos de assunto – se virou para o centro óbvio do seu interesse. – Minha garina linda, afinal qual é o teu nome?

– Himba – foi um sussurro mas ele ouviu por cima do bramido da calema.

– Himba – acariciou a palavra com a boca, criando a ilusão de conseguir enrolar uma só palavra na língua. – Bonito. Simples. Suave. Como tu...

Ela estava semiparalisada, parecia a vontade lhe tinha sido sugada, os pensamentos revolteavam incapazes de se fixarem, procurando uma saída que sabia inexistente. Magia de Kianda? Ou apenas medo daquela voz forte que já da primeira vez lhe fizera estremecer? Se ouvia apenas o rugir do mar, enquanto Tobias fitava a menina e esta escondia os olhos na areia. Ele lhe tomou a mãozinha, a

comparou com as suas, a dela por cima.

– Mão delicada, parece uma flor. Não foi feita para estar aqui nesta miséria. Devias viver numa verdadeira casa.

– Vivi...

– Eu sei. Todos nós, nalgum momento das nossas vidas. Mas tu e essa pequenina, como é o nome dela?

– Luemba – voltou a sussurrar muito baixo, mas ele ouvia.

Ou adivinhava no mover dos lábios.

– Vocês as duas não deviam estar aqui. Isto é só para homens fortes – voltou a fazer mudar o tom de voz, autoritário. – A partir de agora, estão protegidas, uma é a minha mulher, outra é minha cunhada. Tu também, cunhado, sei o teu nome, Kassule, não é? A gente da Ilha te conhece, um gajo famoso...

Não precisou de dizer, fazes-te notar com a tua perna teimosa e a muleta improvisada. Embora na cidade haja muitos, pequenos ou grandes, mas não estamos na cidade, estamos na Ilha, aqui és único, meu cunhado. Kassule e Himba perceberam, ele teve o cuidado ou a delicadeza de fingir não reparar na deficiência do miúdo, pelo menos não a invocou. Depois de algum tempo de silêncio, o chefe do bando se afastou das pedras, ficou de braços abertos, virado para todos eles, os seus companheiros e os três amigos.

– Só eu é que falo? Afinal? Matias, diz alguma coisa. Ou tu, Munhango... Zero? Bom, depois dizem que sou um mau chefe, um tirano. Até parece têm medo de mim.

Os do bando riram. Calados. Submissos? Himba se desapoiou das pedras, sem saber o que faria a seguir, empurrada por um impulso, ficou de frente para ele.

– Quem é mais forte, tu ou o Jonas, o Desperado Kid?

A cara de Tobias se modificou num segundo. Cerrou os maxilares, os olhos se fecharam, sacudiu a cabeça. A fera escondida se tinha soltado, mostrou o ódio. Falou ríspidamente, embora não tão alto quanto seria de prever, para quem conhecia os mambos da Ilha:

– Não me fales nesse nome da túji. Nunca me fales nele.

– Quero saber quem é mais forte. Me contaram, aqui havia o Austrália e seu bando, mas veio o Jonas e lhes deu uma carga de porrada, uma carga mesmo. O Austrália fugiu para a Chicala, já não arrisca vir deste lado. É verdade?

– O Austrália é um cobardolas e um fraco, é isso.

– E tu és mais forte que o Jonas? Ou ele também te vai mandar para a Chicala?

Tobias tremia de raiva, porém contida. Mais ou menos. Himba sabia estar a arriscar uma surra, pelo menos muitos berros e insultos. Porém, lhe sabia bem desafiá-lo, o impulso impensado a levava a sair do transe de medo paralisante. Foi a figura dele, de braços abertos, armado em líder, consolidando a posição em relação aos outros, obtenho tudo o que quero e vocês só me ouvem, ficam calados, borrados de medo, foi essa figura que lhe deu a entender ela tinha de o enfrentar, agora, não saberia explicar porquê, só sentia, agia por instinto. A partir deste momento nada a deteria, porque tinha a última palavra. Guardava a frase para o fim, como uma arma secreta. A frase que surgiu do nada, da própria discussão entre os dois.

– Miúda, te respeitei, te falei bem, à frente de todos – voltava o tom suave, insinuante. – És minha mulher, te escolhi entre todas. E pode haver muitas por entre essas areias. Me respeita também, mereço. Te fiz mal? Te insultei? Nada. Só palavras boas. E me ofendes assim?

Himba olhou para ele de frente, com o seu ar calmo e comedido, parecia mesmo não estar a desafiar. Estava e não estava, era um teste, embora desconhecesse a palavra. Lançou a estocada final, a frase que lhe tinha surgido da disputa.

– Te pergunto de novo, és tão forte como ele? Porque disseste que me ias proteger, a mim e à minha família. Preciso de saber se é verdade, nos proteges do Jonas?

Os maxilares dele subitamente descerraram, os olhos abriram no que parecia um maravilhamento, sorriu um sorriso aberto, que lhe cobriu a cara toda. Como um pedaço súbito de calma no mar furibundo.

– Afinal é isso? Porquê não disseste logo?

– Eu perguntei logo. Tu é que ficaste zangado, parecia a calema te entrou na cabeça, não respondeste. Levaste para o mal. Querias me meter medo? Não tenho medo nem de ti nem do Jonas. Deixei de ter medo da própria vida.

Ninguém replicou a tal afirmação vinda de uma miúda magrinha e fraca, com os mamilos se escondendo ainda no vestido. Tobias voltou a lhe pegar na mão com cuidado, falou mais alto para todos ouvirem sem qualquer dúvida:

– Te juro, minha deusa linda, vou te proteger de todos os perigos. À tua família também, passa a ser minha família. Um dia te mostro sou mais forte que esse nome que falaste, nem sujo a minha boca com essa palavra merdosa.

Os companheiros dele bateram palmas e se davam agora grandes palmadas nos ombros uns dos outros, aliviados pelo desaparecimento da tensão. Kassule observava o espetáculo como alheado, embora percebendo o ardil da amiga, a qual tinha jogado os trunfos e ganhado o que podia. Depois deveria ceder muito, mas não contava, a vida se vive minuto a minuto, nunca se sabe o que vem a seguir. Kassule percebeu ainda que Himba aprendia depressa a arte de se defender, e sobreviveria, mesmo rodeada de hienas. Luemba parecia nem notar o acontecido, fitando apenas o mar, se lembrando das calemas de Benguela, mais fortes ainda que essa que estavam com ela.

Tobias ficou com a mão de Himba entre as suas e todos voltaram a se encostar às últimas pedras, o mais longe possível da arrebentação. Mesmo assim, a água por vezes chegava a lhes lamber os pés.

– Hoje o mar vai chegar à estrada – disse Munhango.

– Pode – concordou Insepulto, o quinto, até então calado.

Este miúdo, como Himba e Kassule viriam a saber mais tarde pela boca do próprio, tinha a história de vida mais estranha. A aldeia onde ele vivia foi atacada, muito tiroteio, três mortes entre os habitantes. Ele apanhou um tiro na coxa, cuja cicatriz era visível quando levantava os calções. Com o impacto ou o susto, desmaiou por cima de um dos mortos, seu tio materno. O resto dos moradores fugiu ou foi feito prisioneiro, entre os quais os pais de Insepulto, então chamado Kembua. Os atacantes obrigaram os prisioneiros a abrir um buraco, para lá atiraram os quatro corpos sem comprovarem que estavam todos mortos. Tiveram entretanto de fugir porque se aproximavam soldados. Por isso não deitaram terra para cima dos cadáveres. Insepulto acordou no meio dos mortos, se içou para fora do buraco, com poucas forças pela perda de sangue. Um soldado viu-o sair do buraco, entrou em pânico, um morto-vivo era uma ameaça terrível, um kazumbi, como explicou mais tarde. Levantou a arma para disparar, porém foi travado pelo oficial ao lado, espera, não faças fogo, é uma criança. Lhe aplicaram um garrote no alto da coxa para estancar a hemorragia e depois enviaram-no para o primeiro posto médico da área, onde lhe foi extraída a bala. A história do soldado com medo de kazumbi foi motivo de muito gozo entre os militares seus companheiros e a Kembua deram então o nome de Insepulto. Era uma nova vida, vida de órfão com pais talvez vivos, atirado para as ruas de cidades menores até chegar a Luanda. Adotou o novo nome para essa nova vida. Até se ligar pouco tempo antes ao grupo de Tobias, com quinze anos de idade. Nunca mais soube dos pais, andam pelos matos ou estão numa base, dizia para os amigos.

– Vai ficar bravo durante quatro ou cinco dias – disse Zero.

– Afinal? Sabes muito sobre calema – disse Kassule, sem disfarçar a ironia.

– Sei alguma coisa... Também tenho obrigação, não é?

– O Zero nasceu aqui na Ilha – disse Matias, olhando com gozo para o pequeno Kassule, o qual tentava disfarçar a vergonha, grande boêlo que eu sou, devia ficar masé calado.

– Porquê não estás em casa, então? – perguntou Himba.

– Os meus pais saíram da Ilha pouco tempo depois de eu nascer. Moram no Sambizanga. O ano passado vim para aqui.

– Porquê?

– Sempre a me controlarem. A obrigarem a ir na escola. Escola chata... Não gostei, preferi fugir.

– E nunca mais lhes foste ver? – Himba insistia no interrogatório. O ponto era muito sensível para ela.

– Não. Um dia vou lá ir. Mas quando tiver dinheiro, apareço bem vestido, presentes para eles. Aí já não vão mais me estigar, vão mesmo respeitar.

Ficaram calados por instantes. Matias deu um empurrão no Zero, riu para os outros:

– Já lhe dissemos muitas vezes, essa estória não é assim... Hum, hum! Foram os próprios pais que lhe puseram fora, porque ele vinha sempre tonto de cheirar gasolina, disseram vai viver então na rua no meio dos cheiradores de gasolina e pede esmola. Quando a esmola for bem grande, então volta aqui para te darmos comida. Não foi assim mesmo que passou?

Zero riu.

– Nada. Eu é que fugi.

– Mas há uns que andam por aí, sobretudo na marginal, e foram mandados para a rua pelos pais – disse Tobias. – Alguns reconhecem mesmo. Falta dinheiro em casa, não tem comida, então os muadiês preferem...

– Os pais fazem isso? – perguntou Himba.

– Ya, minha. Tem pais que fazem.

– Haka!

A menina estava escandalizada. Foi preciso Kassule lhe dizer que tinha conhecido um kandengue em situação semelhante para ela acreditar. Vida dura leva a decisões duras.

– Não é só aqui que isso acontece – disse Tobias, sempre segurando delicadamente na mão da menina. – Sei de casos, até na Europa.

– Que é que conheces da Europa, hem, Tobias? – perguntou Himba, agora abertamente desafiadora. – Estiveste lá?

– E é preciso ter estado para saber coisas de lá? Em todo o mundo acontece os pais largarem filhos, alguns no contentor do lixo, um dia ainda vamos procurar comida e encontramos um bebê...

– Não têm outra conversa? – gritou Luemba por cima do barulho da calema.

– Oh, oh, ela fala! – disse Tobias.

Todos ficaram a olhar para a canuca, a qual se enfiou de novo na concha, assustada por ser o foco de tanta atenção. Himba lhe abraçou, fica só calma, está tudo bem.

– Que idade tem a miúda? – perguntou Matias.

– Oito anos, fez há pouco – disse Himba.

– E tu, Kassule?

– Tenho onze.

Tobias recuperou de novo a mão de Himba, que se tinha libertado para confortar Luemba.

– E a minha princesa que idade tem?

– Tenho treze anos.

– Eu tenho dezassete – disse Tobias. – E os outros todos são de quinze, não é, meus?

Os outros concordaram.

– Podíamos nos chamar o grupo dos quinze, mais um, que sou eu – disse o chefe. – E estão feitas todas as apresentações.

Não era verdade, muita coisa ficou escondida nas memórias. Haveriam de ser reveladas aos poucos, pensou Himba. O sol tinha levantado muito e fustigava as ondas, provocando reflexos brilhantes, revelando seres desconhecidos nas entranhas do oceano, uns reais, outros nascendo na imaginação de cada um, conforme o estado de espírito como se olhava o mar. Cabelos dos seres imaginários, transformados em algas, eram atirados para a areia. Com elas vinha muito lixo, garrafas e sacos de plástico, paus, folhas secas de palmeira ou bananeira, um búzio. Tobias foi recuperar o búzio, cada vez mais raro de encontrar nas praias de Luanda pelo sobrepovoamento que fazia desaparecer as quitetas, os caranguejos, as lapas e mexilhões dos rochedos, enfim, toda a vida marinha.

Tobias entregou o búzio a Himba, que pelo seu estranhamento mostrava que nunca tinha visto um.

– Junta na orelha, vais ouvir o mar. Minha primeira prenda para ti, a voz do mar.

Ela obedeceu e sorriu, de facto ouvia o vento que vinha do mar.

Há dias assim, começam com maus pressentimentos que de facto se realizam, depois acontece uma coisa que pode ser boa. De repente, tudo muda. Apareceu da estrada um miúdo com uma carta na mão. Se dirigiu sem hesitação para Kassule.

– Toma, Dona Isabel mandou entregar.

Kassule ficou espantado, estático, o outro teve de lhe enfiar o envelope na mão.

– Para mim? Quem é que ia me escrever uma carta?

Himba já tinha percebido. Gritou:

– É a carta, Kassule. É a carta para a Luemba. Dá cá para eu ler.

Com efeito o nome escrito era o de Luemba, ao cuidado de Dona Isabel Kimba, Ilha de Luanda.

Luemba despertou de novo, olhou para o envelope a ser rasgado pelas mãos nervosas da amiga, mostrou alguma curiosidade, mas nenhuma excitação, como se não tivesse percebido a importância do acontecimento.

– Mas porquê Dona Isabel mandou entregar a mim? – perguntava Kassule ao miúdo, o qual repetiu ela só mandou te entregar. Encolheu os ombros e foi embora.

– Não te disse que toda a Ilha te conhece? – perguntou Tobias.

Himba estava muito nervosa a tentar ler tudo de uma vez, senão tinha respondido a Kassule, eras o mais fácil de identificar, a senhora disse ao miúdo vai àquele restaurante assim e assim e procura o Kassule, o que não tem uma perna, mas isto ela por delicadeza não diria, Dona Isabel nem abriu a carta, podia ler por precaução, não fosse o miúdo confundir e não entregar à pessoa certa, mas tal era a certeza de Kassule ser encontrado que nem se deu ao trabalho de conferir, os kandengues iriam logo falar com ela, tinha a certeza.

Depois de ler duas vezes, Himba informou Luemba:

– É carta da tua tia, é carta da tua tia. Diz que vem um senhor buscar-te para te levar para Benguela, devemos ir a casa da senhora boa das trancinhas, porque ela é que ia combinar com o senhor que trouxe esta carta como fazer para te encontrar. Podes ler, tu sabes ler. Vais para Benguela, Luemba, a tua família te encontrou.

A alegria de dar a boa notícia e a tristeza simultânea de perder a amiga e protegida. O importante era a Luemba reencontrar a família, o resto não contava, eram só mágoas que se guardavam. Kassule também sentiu o mesmo e deu saltos sobre a perna, para gáudio dos mais velhos, sempre ávidos de espetáculo que os retirasse da monotonia. Luemba só tinha captado a mensagem principal, porque

realmente Himba, com a excitação, tinha lançado frases muito enoveladas, como as linhas do mar em calema. Lia agora com muita atenção a carta da tia, viu mesmo o nome dela e era a letra da tia e a assinatura da tia que lhe pedia muitas desculpas, nunca podia se perdoar o que lhe fez, confiar naquela bandida da prima Fifi, a oportunista, mas que ela fizera muito bem em lhe escrever, falou com um amigo ainda parente que ia a Luanda e ele prometeu levar esta carta e te trazer para Benguela de avião, em breve estaremos juntas e te pedirei perdão, e depois vamos à igreja juntas agradecer a Nossa Senhora do Pópulo, padroeira de Benguela, porque rezei muitos Padre-Nossos por ti quando percebi que a Fifi não sabia onde estavas, ela disse tu fugiste de casa, não percebia a razão da fuga, mas foste muito clara na tua carta e acredito em ti, meu anjinho, aquela prima do meu marido não presta mesmo e perdoa esta velha estúpida que acreditou na família alheia, erro que nunca mais cometerei.

– Temos de ir a casa de Dona Isabel – disse Himba. – O senhor que trouxe a carta pode estar ainda lá.

Tobias estava mesmo desconfiado. Não seria enganado segunda vez, era mesmo certo. Pediu para ler a carta, posso? Luemba lhe entregou a carta da tia e ele leu. Percebeu que a desconfiança era desnecessária. Suspirou ao entregar de novo o papel.

– Pode estar mesmo à espera – concordou.

– Vamos então – disse Kassule, adivinhando a suspeita do chefe do bando e ao mesmo tempo vislumbrando uma possibilidade de fuga para Himba. – Vamos, estão à espera do quê? Luemba, tunda!

Quando os meninos se preparavam para partir, Tobias segurou a mão de Himba e deu uns passos com ela.

– Vais voltar, não é? Espero aqui, depois te vou mostrar o sítio onde vivemos, melhor que este. Não vais fugir...

– Eu volto. Não tenho mais para onde ir. Vou levar a Luemba e volto. Podes ficar à espera. Prometeste me proteger.

Ele soltou a mão dela e Himba seguiu os outros dois, apressados. Levava o búzio bem seguro, seu único tesouro.

Todas as praias ao longo da Ilha eram atacadas pelas águas furiosas, era sempre preciso dar escapadelas para as evitar. Até ao sítio onde deviam atravessar a estrada e se internarem na parte mais larga da Ilha, onde havia o povoado original. O lugar de Dona Isabel Kimba.

A qual se encontrava sentada no seu banquinho à sombra, trançando o cabelo da filha mais nova, acompanhada de um senhor de meia-idade e um pouco gordo, também num banco.

– Ah, chegaram! O Xandu ainda não veio, deve se ter enfiado por aí, distraído como sempre. Lhe disse para me avisar se vos encontrava. Fico a saber que encontrou.

– Viemos logo – disse Kassule, um pouco ofegante pela rapidez da caminhada.

– Aqui o senhor Faustino veio buscar a Luemba... Luemba, minha filha, vem cá, te apresento, este senhor é que a tua tia mandou...

Himba empurrou Luemba que hesitava em se aproximar, vai então cumprimentar o senhor, ainda é teu parente. Luemba de facto se lembrava da cara dele, já o tinha visto na casa da tia. Cumprimentou como deve ser. O Sr. Faustino disse:

– Leste a carta, sabes portanto que prometi à tua tia entrar em contacto e levar-te comigo. Vim tratar de um assunto de serviço e volto amanhã para Benguela. Tenho também um bilhete de avião para ti, a tua tia deu-me o dinheiro para o comprar. E agora como fazemos?

– O Sr. Faustino está num hotel – disse a senhora boa das trancinhas. – Mas tu estás muito suja para ir assim para um hotel.

Nem Luemba nem nenhum dos amigos tinha entrado num hotel, portanto não perceberam a alusão. Luemba estava suja? Como em todos os dias antes de entrar no mar. Hoje não dava para entrar, muita

agitação nas águas. Isso queria Himba explicar, ainda bem ficou calada, porque a intenção de Dona Isabel já tinha sido expressa antes ao senhor.

– Vais com a Himba se quiseres, para te ajudar. Tomar um banho. Está roupa limpa com a Luzia para vestires. É um pouco usada mas serve para não envergonhares ninguém no hotel. Vá, despachate... Ou não queres ir?

Himba mais uma vez incitou a pequena a avançar. As duas entraram na casa da senhora, onde Luzia lhes mostrou a selha com água limpa e um sabonete. No pequeno quintal de trás, protegido dos ventos e dos olhares indiscretos. Luemba não precisava de ajuda, mas ficava mais tranquila com a presença da amiga mais velha.

– A calema está aí – disse Luzia. – Vão dormir onde... vocês, os que ficam?

– No mesmo sítio de sempre – respondeu Himba.

– A água não chega lá?

– Está a chegar.

– E então?

– Havemos de arranjar maneira.

Himba não disse que tinha uma proposta de Tobias para mudarem para o sítio deles, provavelmente melhor. Não disse nem tinha de dizer, como ia explicar Tobias à outra?

Aliás, como explicava Tobias a si própria?

As despedidas foram difíceis. Luemba queria ir para Benguela mas também não os queria perder. Eles na mesma. Dona Isabel contemplava a cena, com pena dos que ficavam. Se ela pudesse fazer mais. Ainda bem que a pequenita voltava ao ninho, ao menos isso.

De regresso à praia, Kassule disse:

– Não temos de voltar lá. Hoje a Mutamba e a marginal estão cheias, com os que recuaram das praias. Podemos procurar outros sítios fora da Ilha.

– Não, vamos onde o grupo está.

– Queres mesmo ir? Sabes muito bem o que ele quer.

– Não vou passar a vida a fugir. Cansa.

Apertou o búzio com força. As últimas prendas que recebera tinha sido no Natal. Há tanto tempo já. Outro Natal, bem diferente, se aproximava, dezembro já entrara. Kassule devia ter um sexto sentido, pois parecia adivinhar o pensamento dela. Disse, como se tivesse pegado na recordação dela e isso lhe tivesse feito nascer uma ideia:

– Esta calema veio em época errada. Me contaram e confirmei, costumam ser em fevereiro ou abril, os meses das grandes chuvadas. Mas dezembro, o mês do Natal? Devia ter perguntado à senhora boa das trancinhas se é mesmo normal ou se anda alguém a brincar com as águas.

Diego riu muito quando, ao mata-bicho, a irmã lhe contou das conversas que dominaram a noite anterior no restaurante. Ele tinha ouvido no rádio do candongueiro a cena do assassinato do ricoço, o brasileiro Noronha. Este empresário era conhecido e pouco simpático aos pintores amigos dele, pois tinha organizado uma exposição coletiva de artistas angolanos em Salvador da Bahia, Brasil, denominada “Regresso às Origens”, mas afinal não ajudara ao regresso do dinheiro arrecadado pela venda dos quadros no país irmão, exigindo uma comissão por cada transferência, pouco sobrando para os artistas. Ainda pensei em enviar um poker de cactos do deserto do Namibe, contou Diego, mas desisti, não me cheirou bem, uma intuição. Os que embarcaram na aventura até hoje se queixam de terem confiado no dito Noronha, trambiqueiro de primeira. Os que venderam quadros pouco receberam por eles. Os que não venderam, também não recuperaram as pinturas. Se pode dizer que foi um atribulado regresso às origens do kilapi. Já então era rico para burro, nem precisava de meia dúzia de dólares fanados aos pintores, só mesmo por vício de roubar...

– Mas nunca desejariam a morte dele...

– Claro, os meus amigos são calminhos, tudo peace and love. Com muita liamba para tranquilizar o ambiente. Os artistas são uns anjos sonhadores, preferem ficar no sossego deles, vendo cenas e mais cenas, por vezes conseguindo passá-las para a tela ou o papel, então não sabias disso, minha irmã? Alguns são mesmo rastafári, o seu profeta é Bob Marley, o rei do reggae. Gente do bem.

– Sei, sobretudo a avaliar por ti.

Diego lhe deu dois beijos na face. Os momentos de fraternidade eram cada vez mais raros, afastados um do outro pela cidade e sua vida subterrânea. Só mesmo o mata-bicho se mantinha como ponto de união. Um ritual importante, ultrapassando em significado a rotina.

– A propósito, como vai a tua pintura?

– Igual. Nada de anormal. Também nada de merecimento.

– Quando me fazes o grande quadro prometido?

– Não sei. Acho que ainda quando for vivo.

– Brincalhão.

– Sou otimista. Os kazumbis pintam mal.

Ela lhe serviu mais café, mas temeu derramar para fora, porque a mão tremia com o esforço de controlar as gargalhadas. Diego sempre fora um brincalhão, provocador. Ele bebeu com golinhos pequenos, como sempre fazia, a saborear cada trago. Assim bebe quem teve uma infância precária, em que o café ou o chá eram uma bênção caída do céu. Um maná a mais, como para outros era um Ferrari ou um Bentley.

Cada bênção nas devidas proporções.

– Tenho de ir – disse Sofia. – Aulas de condução. Devias começar com elas. O meu carro será também para ti.

– Não. Fico satisfeito por poderes comprar um carro, fico mesmo a torcer que escolhas bem. Mas

não tenho coragem de tirar carta de condução. É para suicidas. Esse trânsito se tornou uma loucura e os motoristas mais assassinos que a tua fofoqueira de sociedade.

– Minha fofoqueira... Agora estás a me ofender. Nunca vi a senhora em vida, nem tinha sequer ouvido falar, sabes, não é o meu meio, o nosso meio é este. Só ontem aprendi que ela era jurada frequente no concurso de Miss Angola e estava em todas as festas dos novos-ricos, dos príncipes e dos duques. Convidada para dar glamour ao ambiente, como eles dizem. Ficarem extasiados com a presença de uma chupista dessas mostra cabeça muito oca, não achas? Só há pouco tempo aprendi o que é glamour. Se isso existe mesmo.

– Se existisse já o tinha pintado.

A gargalhada de Diego era impossível de ser ultrapassada. Ela bem que tentou. Se separaram com aquela boa disposição.

Sofia foi para a aula de condução. O mais fácil era a parte teórica, onde aprendia as regras de trânsito. Complicado arrancar com o carro sem ser aos sacões e conduzir pelo meio dos milhares de veículos que quase não se deslocavam, por causa dos engarrafamentos.

– Agora imagine – lhe falava o instrutor, enquanto ela tentava se desembaraçar dos concorrentes e andar mais uns tantos metros. – Você passa no exame, o que vai acontecer, está bem preparada. Mas só sabe andar a vinte à hora no máximo. Depois se decide a ir para a estrada livre, até Malanje ou Benguela. Acelera. Chega aos noventa à hora, mesmo cento e vinte, é uma tentação, ninguém resiste a provar da velocidade. Como aguenta o carro se tem uma surpresa qualquer? Um buraco, eles estão sempre a surgir nas nossas estradas, um camião do outro lado, um candongueiro fora de mão, uma vaca, outro obstáculo qualquer? Não aguenta, se espatifa contra essa coisa ou uma árvore. É o que acontece na maior parte dos casos. Somos o quinto país do mundo com mais acidentes mortais. Muita sorte não sermos o primeiro, pelos vistos há ainda mais malucos ou mais nabos. O problema é esse, as pessoas só aprendem a conduzir muito devagar porque as ruas estão atulhadas, não sabem segurar um carro com velocidade. Por isso, minha senhora, quando tiver a carta, conduza à noite por estas ruas que ficam vazias. E acelere. Para ganhar experiência. Ou então nunca saia dos congestionamentos de Luanda. Conselho que lhe vale uma vida, a sua, e de outros que poderia atropelar.

Palavras sábias levadas para o restaurante, enquanto escolhia mentalmente o carro que compraria quando tivesse a carta. Um pequeno e barato, para começar. Destinado a ser arranhado, amolgado, por culpa dela e da pressa dos outros. Mais tarde, com mais experiência de condução e mais dinheiro, compraria o carro da sua vida.

Não tem mal sonhar.

Esquivou as perguntas, cada vez mais insistentes e ansiosas, da sócia principal sobre os seus amores ou desamores, desviou o fluxo para o escândalo do ano, o assassinato do empresário, afinal a senhora se interessa por essas coisas, Dona Ester?, não, é apenas uma prova de que o mundo caminha para o seu fim, satanás domina, dizem era uma senhora de respeito, brilhava em todos os sítios onde ia, exageram sempre a falar dos outros pois no fim de contas... Mas, Dona Ester, ela brilhava quando ia na igreja ou num templo?, ela por si já fazia milagres, Dona Ester? O que provocou a zanga da senhora, ela era e é uma ímpia terrível, com vários maridos e cenas de amantes jovens, merece estar na cadeia pelo que fez e o que pensou fazer, devia ficar com correntes pesadas nas mãos e nos pés para toda a eternidade, o que levou Sofia a perguntar só mesmo para lhe estigar, onde fica então a piedade cristã, a capacidade do perdão, Dona Ester?

A sócia bufou com a boca, muxoxou, mas se calou. Esta Sofia tem resposta para tudo, pensou a senhora, ou melhor, não tem nada, nunca responde às perguntas que interessam, impossível entrar na vida mais reservada. Nem sobre relações nem sobre o passado. Afinal, o que realmente sabia sobre ela? O nome, a terra onde nasceu, a data de nascimento, os nomes de pai e mãe, o que vem no bilhete de identidade. E sei isso porque foi necessário mostrar o bilhete quando tratamos da entrada dela para a sociedade, porque sem isso bem podia pensar que ela tinha nascido em Cabinda. Não me interessava

nada essas coisas, mas podia ao menos contar uma cena com a mãe, ou dizer o que fazia o pai, se são vivos, ela só disse a guerra separou todas as famílias, o que em parte é verdade, nunca mais soube nada dos meus irmãos e primos, perdidos pelo Bié em tempos, sei lá agora onde estão. Certamente mortos, enterrados de qualquer maneira porque aquela guerra foi a pior de todas as guerras... Enfim, todos têm os seus dramas que preferem não recordar porque doem. Deve ser isso. Coitada da minha menina, sofreu muito.

Trataram do almoço.

A surpresa veio ao jantar, pois os amigos apareceram de novo e muito mais cedo que o habitual. Não era normal virem duas noites seguidas, haveria novidade, desconfiou. Com efeito, traziam com eles um desconhecido, logo apresentado a Sofia com certo sigilo. O desconhecido cumprimentou com voz baixa e os olhos estudando as outras mesas.

– O nosso convidado é o comissário Linha da Frente, um maioral da polícia de investigação criminal – apresentou Segismundo, se antecipando a qualquer outro.

– O comissário vem provar o teu arroz – avançou logo Patrício, bem relacionado com a nomenclatura institucional por parte do pai, mais que no mundo dos negócios. – Se gostar, fazem uma grande encomenda para uma festa que projetam, aniversário da santa organização.

Sofia foi logo avisar na cozinha, hoje temos um cliente de luxo, precisamos agradecer, o arroz vai estar pronto a horas? Lhe garantiram que sim, fosse recebendo as encomendas de aperitivos e entradinhas.

O jantar foi muito concorrido, casa cheia, e não tinham chegado ainda ao fim de semana. Bom sinal. O grupo hoje era mais numeroso que das outras vezes, pois até Salomé e Abigail, nos últimos tempos muito ausentes, tinham comparecido. A mesa foi ocupada por dezanove pessoas, com o comissário no local mais central. Sofia percebeu, lhe convidaram para sacar dados confidenciais. Ainda sobre o crime? Só podia. Não lhe interessavam nada as venturas e desventuras de Dona Jezabel de Anunciação, mas o restaurante a abarrotar tinha outro encanto. No entanto, como não podia deixar de notar, Kaleb se destacava pela ausência. Não foi avisado? Talvez. Ou então nem queria ouvir as fofocas de desocupados. Afinal ele não se enquadrava totalmente com os príncipes, embora fosse um deles, pelo menos um duque. Porém não fazia parte do grupo inicial, foi recrutado apenas na festa do Solferino.

Todos os grupos têm a sua ovelha ranhosa.

Não se atreveu perguntar, qual a razão da ausência de Kaleb? Primeiro, podia ser considerada demasiada intromissão por parte de quem não pertencia ao clube, apenas uma convidada para certas ocasiões. Depois, seria dar combustível às zongolices sobre o presumível relacionamento dos dois. Ficou assim no escuro. Tinha o número de telemóvel de Kaleb, nunca lhe ligava, ele sim, às vezes, só para dar a entender sem o afirmar, continuo a existir e penso em ti. Sofia queria mostrar que não pensava nele, por isso ignorava o número, não replicava às chamadas. Hoje até havia uma razão para ligar, está tudo aqui em alegre companhia descobrindo pistas misteriosas e tu não apareces? Nunca telefonaria, seria dar parte de fraca, confessar o que não queria, sobretudo encorajar avanços dele para depois o rejeitar.

Há coisas que não se fazem.

O jantar terminou para muitos comensais e também para o comissário, amarrado a outro compromisso inadiável, de barriga cheia. Cumprimentou Sofia no final, gostei muito da vossa comida, são capazes de servir duzentas pessoas?, ela afirmou claro, podemos, desde que contratados com dois dias de antecedência, e então ele disse, o meu serviço depois virá contactá-la, temos o almoço para a próxima semana e pagamos imediatamente, não fazemos como alguns que ficam a dever, outra coisa não seria de esperar da polícia nacional, respondeu ela com diplomacia, o que agradou a um dos principais responsáveis pela segurança e sossego dos cidadãos.

Vazia a sala, ela se sentou no seu canto de mesa, ouvindo os restos de discussão, a qual afinal não estava no fim, nem no princípio, sempre no meio, sempre a recomçar, como são as boas discussões entre amigos, sobretudo se alimentadas com dados novos, secretos.

Soube então que a ideia insólita de Segismundo se revelava verdadeira, os poetas são loucos mas também proféticos, como sempre se conheceu, e por isso muitos não escapavam a fogueiras ou prisões de alta segurança. A polícia investigava a morte do primeiro marido de Jezabel, por se ter confirmado ela conhecer a existência de uma segunda mulher do falecido, a qual escapara antes na Lunda a uma morte encomendada, a ser perpetrada por dois congoleses que atravessariam a fronteira de caxexe para assassinar mãe e filhos, todos, sem deixar uma semente, e logo bazarem para a sua terra sem deixar pistas, mas foram tão incompetentes que não só falharam o alvo como mataram um pacato cidadão libanês que vendia comida aos trabalhadores das minas de diamantes e, por uma questão religiosa, não lhes quis servir bebida alcoólica no almoço. Onde se pode logo concluir que alguns interditos alimentares, kijilas, às vezes são perigosos. O caso tinha sido analisado na altura pela polícia local que nunca se lembrou de avisar Luanda sobre as suspeitas e conclusões. Com dez anos de atraso, chegavam agora à capital. Este um dado.

O outro, mais importante, era que o falecido brasileiro, o segundo marido agora assassinado, tinha constituído advogado há um mês para se divorciar de Jezabel por esta lhe dilapidar parte importante da fortuna com suas viagens, tratamentos de rejuvenescimento, lipoaspirações, implantes mamários, de cabelos e de dentes, além de constantes tratamentos de hormonas para Gidinho se transformar em mulher, dada a sua atração fatal por homens, de preferência com muito dinheiro. Afinal, se confirmava o suspetado há muito, o filho era homossexual e queria impressionar o jet-set angolano com uma aparição sensacional usando um vestido amarelo de Madonna utilizado no concerto de Madison Bay, Austrália. Tinha feito descolorações várias na pele e ainda sonhava em ser mulato claríssimo para competir com Beyoncé ou mesmo loura, quando na personagem de mulher. Todos esses tratamentos, feitos na Califórnia, em conhecida clínica para deuses do cinema, saíam obviamente dos bolsos do Noronha, o qual já tinha quatro filhos de anterior casamento e era obrigado a pagar pensões elevadas. O empresário, de visão virada para a frente, achava que o seu dinheiro seria mais bem empregue na construção de uma refinaria de petróleo, há muito prometida ao país por todos os governantes e nunca concretizada, com visíveis prejuízos para toda a África Austral, projeto esse impedido pelos gastos exorbitantes da mulher e enteado bicha, como dizia com desprezo o padrasto, voltando pela raiva à sua linguagem de favela.

– Há um claro exagero na comparação – disse Patrício, também formado em gestão de empresas, o curso mais na moda entre os príncipes. – Todas as despesas dela e do filho não pagam o preço de uma refinaria, mas percebo a ideia. Ele tinha razão...

– Pode ser – disse Abigail, uma moça baixinha e quase sempre silenciosa, com família de muitos dodós, milhões e milhões. – Mas temos de ver do lado dela. Tinha os seus motivos para gastar dinheiro, afinal não há nada que pague uma boa aparência...

O olhar mortal que lhe lançou Salomé calou a moça. Fala só quando souberes o que vais dizer, minha burra. Era esse o recado. Abigail pareceu ter compreendido, pois baixou a vista, emborcou mais um copo de uísque velhíssimo, vinte e quatro anos, e mais não falou.

Na realidade, não se perdia muito com o seu silêncio, notou Sofia, que sempre a achara um zero vazio, apesar dos muitos zeros da sua conta bancária.

Abdias tinha duas ou três ideias sobre o assunto e fizera perguntas pertinentes ao comissário. Agora estava calado pela presença da gestora do restaurante. Segismundo, no entanto, sentia brilhar a sua estrela profética:

– Uma coisa já se sabe. Ela confessou o crime, esfaqueou o marido porque ele a ia deixar. Perdeu a cabeça quando o Noronha lhe disse, estou farto das tuas futilidades, desisto, vou viver a minha vida simples, sem festas de arromba nem fogos de artifício só para embasbacar os outros inúteis, arranja os

jovenzinhos que quiseses, estou-me bem lixando para isso, quero o meu dinheiro e a minha paz. Por outro lado, o Gidinho nem estava presente, foi chamado pela mãe para limpar o sangue e se desembaraçar do corpo. Mas começou a tremer e a dizer não sou capaz, que faço com um corpo tão grande? Um imprestável, como bem sabemos... só não percebo porque o prenderam. Nisso o comissário não foi nada claro. O rapaz é inocente, nem se pode falar de ser cúmplice, apenas andou com a mãe de pano do chão para a frente e para trás a limpar as pistas, francamente, é crime proteger a mãe? E Gidinho tinha razão, o padrasto era muito alimentado, mais de cem quilos de peso e um metro e noventa de altura.

– Outra coisa se confirma – disse Solferino. – A mãe contou à polícia que chamou o filho para a ajudar. Raio de mãe! Não podia ocultar esse detalhe insignificante, só para o proteger? Onde eu estiver o meu filho deve estar. O eterno egoísmo do amor de mãe, que até o arrasta para a prisão, nunca longe dela.

Sofia se admirou com as últimas frases de Solferino. Revelaria algo da sua relação com a própria mãe? Parecia. Do que ia aprendendo, todos os príncipes tinham afinal vidas familiares atribuladas.

E segredos, pois então.

Segismundo, o poeta, entusiasmado nas suas vestes de investigador criminal, aproveitou a pausa para perorar:

– O mais interessante da coisa é que nem foram capazes de se desfazer do corpo. Tanta incompetência! Sentiram receio de chamar mais alguém, os dois juntos não tinham força para o meter na mala de um carro e lançá-lo para um mato qualquer... Era preciso uma mala grande, mas eles tinham escolha em casa, o que não faltavam eram carros com grandes dimensões e malas fundas. O que fizeram? Ficaram a limpar o sangue e as impressões digitais na sua própria cozinha. Como se não as houvesse a granel... O anormal era não haver. Esperaram pelo amanhecer e a Jeza telefonou para a polícia. Que tinham chegado a casa, vindos de uma festa, e encontraram o marido naquelas condições. Uma tentativa de roubo, sem dúvida!

Os outros riram. Era mesmo muita estupidez.

– Quem tenha visto um filme policial logo percebia que não tinham álibi, pois que festa iam inventar? – continuou Segismundo, lançado por uma ladeira sem travões, encantado com as próprias ideias. – Talvez se considerassem acima de todas as suspeitas, ninguém iria comprovar o álibi, acreditavam na versão só porque a senhora Jezabel de Anunciação afirmava. Brincadeira!

O grupo tinha mudado de opinião numa vertigem em relação à alegada assassina. Dois dias antes até a convidavam para os acompanhar e podiam gabar a sua elegância e maneiras de aristocrata inglesa, agora a senhora servia de escárnio e alimentava gargalhadas. Sofia compreendia, por um lado, a máscara caíra e a realidade se tornava revoltante. Por outro, adivinhava o que podia acontecer a qualquer um que andasse com o grupo mas não fizesse de facto parte dele.

Cuidado, as amizades são instáveis.

Salomé carregava no uísque, aproveitando a ausência do marido, o qual a moderava. Mandou vir mais uma garrafa de vinte e quatro anos, se ainda tem *stock* acabamos com ele. Riram os outros. Sofia fez sinal a um empregado, o qual foi buscar a nova garrafa, com a chave que ela lhe passou. O quarto onde se guardavam as bebidas mais caras tinha uma porta muito resistente com fechadura de trancas e só uma chave, na posse de Sofia. Todas as semanas se contavam as garrafas e fazia o balanço com as vendidas. Se alguma bebida faltasse, ela sempre sabia a quem tinha confiado a chave, das raras vezes que lhe dava a preguiça para ela própria ir buscar. De facto, sem que ninguém soubesse, nem Dona Ester, ela possuía uma segunda chave em casa, guardada para caso de emergência. O resto do restaurante podia ser roubado sem grande perda, com exceção dos frigoríficos e aparelhos da cozinha. O tesouro estava nas garrafas caras, ela tinha investido a sério e aos poucos, sempre a melhorar as existências com novos produtos, alguns raros, de difícil saída. Mais ganharia com eles um dia.

– Afinal, quando será o julgamento? – se atreveu a perguntar Sofia.

– Oh, ainda falta muito – gritou do outro lado Jared. – Embora pareça um processo simples, na medida que ela já confessou e todas as provas estão lá no local do crime... É preciso muita burocracia e também investigação. Os polícias vão querer apurar a morte do primeiro marido, outros casos cuja solução nunca foi encontrada e que se podem relacionar etc. Há para mais um ano, na melhor das hipóteses.

Tiago acrescentou, bem avisado pelo que estudava nas redes sociais:

– Além de que o Noronha é brasileiro. Portanto comporta também implicações internacionais, o que atrasa sempre os processos. O Jared tem razão, no mínimo um ano.

Olharam para Abdias, afinal o único jurista do grupo e com a última palavra em mambo como este, mas ele matutava no seu canto, caladinho, como alheado da discussão.

Sabemos todos porquê. Os amigos não.



Muita coisa passou naqueles seis meses, desde que Luemba partiu. Escreveu de Benguela, estava bem e feliz com os tios; alguém tinha rompido o cerco do Planalto e lhe trouxe boas notícias dos pais, pelo menos estavam vivos. Luemba teve sorte, se regozijou Himba na altura, escapou, sabe da família. Boa miúda, merece. Luemba se preocupava com eles, como estavam, o Tobias e os outros tinham desaparecido sem fazer estragos? Himba respondeu mais tarde, sempre com a ajuda de Dona Isabel para fazer a carta chegar ao destino, estavam bem, dentro do normal, mas um pouco melhor que antes, pelo menos já não tinha muito medo. O Tobias e seu grupo protegiam-nos e nem precisavam de ir lutar nas bichas, no novo lugar escolhido, entre dois restaurantes, depois da floresta da Ilha na direção da ponta, o bando arranjava comida para todos e de vez em quando ela visitava a senhora boa das trancinhas e lhe dava notícias também. A senhora se interessava por eles, sempre com cuidados e conselhos. Portanto, tudo certo.

O que Himba nas cartas não lhe contou foi o conselho sério de Dona Isabel, pouco tempo depois de Luemba partir, lhe chamando à parte e falando, minha filha, reparei, te estás a fazer mulher rápido-rápido e talvez a tua mãe não tenha tido tempo de te explicar umas coisas ou achou eras muito nova, mas foste obrigada a crescer mais depressa e sei, já tens as regras, e podes portanto engravidar, o que é a pior coisa para uma criança de treze anos, sem falar do perigo da sida, já ouviste falar, os rapazes podem ter a doença sem o saber e passarem-te, por isso tens de usar isto, não tu, mas ele – e lhe mostrava uma caixa com preservativos, leva contigo e obriga o teu namorado a usar, tu não precisas porque não andas por aí à toa, mas ele pode andar e até pode se injetar com seringas de outros já com a doença, há muitos drogados, outra maneira de ficar infectado.

Himba ia negar, mas eu não tenho namorado, depois calou, a senhora das trancinhas ouvia as vozes profundas da Ilha, as sibilantes e as silenciosas, todos os segredos iam parar aos seus ouvidos, como não saberia de Tobias? Do seu pacto de proteção? Melhor aproveitar sem mentir, a senhora também não estava a condená-la, antes pelo contrário, só queria ajudar.

Tobias não gostou nada do mambo dos preservativos, mas ela pediu para ele usar, melhor para todos e ele lhe fez a vontade, de facto era novo demais para ser pai e que iam fazer ali ao relento com um filho? Dormiam no acampamento do grupo que se resumia a vários cobertores velhos deitados na areia, perto de um esporão numa parte mais alargada da Ilha e também com mais casas perto, além dos dois restaurantes, um de cada lado da avenida. Tinham quatro paus espetados fundo na areia onde ficavam presos alguns panos para a sombra. Os panos evitavam também o ligeiro cacimbo que nas noites mais úmidas caía sobre os corpos. As noites arrefeceram mesmo e Himba se habituou a sentir o calor de Tobias, que dormia abraçado às costas dela, lhe acariciando o corpo sempre, até ela cair na

inconsciência.

Era isso, estava habituada a ter um homem. Por vezes ele era um pouco violento, para marcar a sua autoridade, sem exageros. Acabava por fazer tudo o que ela queria, com jeitinho o convencia. Das primeiras vezes lhe doeu quando ele a penetrou, sempre à noite, longe do grupo, só lhe pedindo para evitar muitos gemidos, ele fazia o mais suavemente que podia. Ela obedecia, engolia os gemidos, deixava o seu homem exercer o direito de macho embora se retesasse como uma mabanga. Tempos depois já não estava aterrorizada com o que iria acontecer quando ele a afastava do grupo e a levava a deitar na areia e começava a lhe acariciar os mamilos e depois as coxas. Aprendeu a relaxar o corpo, deixar acontecer com naturalidade. Doía menos. Até tentar participar e, por vezes, sentir um ligeiro prazer, nunca o verdadeiro prazer, de que falara Madia. Pelo menos já não tinha dores e era mais agradável do que entrar na água fria. Tobias não cheirava mal, não a apertava com brutalidade. Se era isso que tinha de pagar pela ausência do medo constante, então pagava. Achava, tinha feito a opção certa.

Foi o que disse um dia a Kassule que lhe perguntou, depois de muitos rodeios, como se sentia. Bem, disse ela. Quero dizer, quando ele te faz, é melhor ou pior do que quando aquele bando na floresta... Ela cortou rápido, não tem comparação, Tobias não é bruto, sempre foi carinhoso, nunca me violou. Não seria bem verdade, pois no princípio ela não queria, apenas desconsentia de opor resistência à vontade dele. Sabia, se recusasse, ele faria na mesma, no entanto com mais brutalidade. Quando ela contestava diretamente o que ele dizia ou queria, desafiava a sua liderança, sentia o corpo dele enrijecer e a voz sair cortante, embora contida. Tobias sabia travar a raiva, coisa rara ali na Ilha. No que Kassule concordou com ela, somos todos muito violentos, à menor coisa explodimos uns contra os outros. Nisso Tobias parecia diferente, como se tivesse feito exigente treino militar, habituado a controlar a situação e as suas próprias reações. Porém, era tão capaz de violência quanto os outros.

Apenas mais inteligente.

– É o que dizem dele – confessou Kassule.

Tinha havido um momento complicado, uma semana atrás, quando deram encontro com o grupo do Jonas. Os chefes se evitaram, passaram um pelo outro, vigilantes, mas fingindo desconhecimento ou desprezo. O grupo do Jonas era constituído por uns dez rapazes, todos a rondarem a idade dos amigos de Tobias. O Jonas teria uns dezoito anos, ou mais. O cabelo de metade da cabeça estava rapado, a outra metade pintada de amarelo, chamava a atenção, desejo de se exibir, eu sou um muata. Himba reconheceu Chico no grupo, um dos que a tinham violado. Tremeu mas se conteve, porque sentiu a mão livre de Kassule no seu braço. Também ele tinha reconhecido. Passaram uns pelos outros, imitando a indiferença dos líderes. Kassule, porém, encarou atrevidamente Chico, mostrando saber quem ele era, tu não te escondes mais, te galei mesmo, um dia vais pagar. Himba percebeu a cena e os pensamentos do amigo, tremeu durante muito tempo com o terror vindo das profundezas da memória.

Não pudera evitar de contar a Tobias, quando passaram a dormir juntos. Ele afirmou, algo desapontado, que afinal ela já não era virgem e perguntou como tinha acontecido. Ela preferiu engolir a vergonha e contar a verdade nunca antes revelada. Não falou em nomes, eram uns desconhecidos com quem nunca mais cruzara. O que era verdade até aquele dia na semana anterior. À noite, antes de se deitarem todos, Kassule se juntou ao par e disse:

– Tenho uma coisa para dizer ao Tobias e quero que tu oiças, Himba.

Ela adivinhou e implorou:

– Não digas, Kassule.

– É melhor mesmo ele saber. E explico depois porquê.

Falou então a Tobias, contando a cena da violação, com todos os detalhes, muito mais pormenorizados que a versão de Himba, culminando com a afirmação de que hoje tinham cruzado com o Chico, um do bando do Jonas.

– O Jonas era o chefe desse grupo?

Se notava na voz de Tobias uma raiva fria, não tanto contra Chico mas contra o líder do bando rival, chegando a pronunciar inadvertidamente o nome odiado que jurara nunca referir.

– Daquele grupo não. Era um outro. Não era?

– Era outro – concordou a menina, com alívio, pois já sabia que a cólera de Tobias seria muito maior se tivesse sido o Desperado Kid a desflorá-la.

– Podia ser outro gajo do bando – sugeriu o líder.

– Não – disseram os dois.

– Olhei para todos – continuou Kassule. – O chefe daquele grupo não estava hoje com o Jonas.

– Pode ser que foi a algum lado, hoje não andou com eles.

– Pode, mas então são assim tantos?

– É um grupo numeroso – concordou Tobias, indiferente, parecia, pelo menos.

E talvez fosse verdade, o número não contava, o importante era a qualidade da chefia e a disciplina dos outros. Himba ouvira Tobias dizer isso várias vezes e devia acreditar no que afirmava. Ela tinha dúvidas. Um grupo de dez tem vantagem contra um grupo de cinco, alguém é sempre apanhado pelas costas. Mesmo quando o chefe apresenta mais valor. Se for numa batalha campal, todos envolvidos, claro que o número conta, Tobias apenas se tentava convencer de uma certa invulnerabilidade para os outros acreditarem cegamente nele ou para ele próprio disso se convencer.

– Vou pedir ao Zero para descobrir esse Chico e com quem andava o ano passado. Minha deusa, te juro, vamos saber. E ele vai pagar pelo que te fizeram.

Himba não queria vingança, apenas esquecer. No entanto sabia, era uma ideia que desconseguiria sempre de impor a Tobias. Mais cedo ou mais tarde, o seu namorado havia de apanhar o tal Chico a jeito para lhe responder a umas certas perguntas. Em seguida, recebia o castigo. Esperava que Tobias pudesse se conter e não passar de uma carga de porrada. Era merecida, de qualquer forma. E os amigalhões que ele denunciasses também receberiam o prémio, um a um. Não era assim a justiça dos grupos?

Kassule não precisou sequer de explicar porquê tinha resolvido contar tudo ao Tobias. Ninguém lhe perguntou. E era evidente, Tobias precisava saber que os violadores andavam na zona e podiam ter vontade de repetir a façanha. Isso daria mais segurança a Himba, mesmo se ela queria esconder as coisas por vergonha ou medo de consequências imprevisíveis. O pequeno Kassule se arvorava em irmão protetor, nada a fazer para o persuadir do contrário.

Zero era kaluanda, ainda por cima nascido na Ilha, o que queria dizer, numerosos familiares por ali, uma rede que ele alimentava bem com visitas e algumas brincadeiras. Muitos eram da mesma idade e se davam com outros de todos os bandos. Nem durou uma semana. Há três dias disse a Tobias, o qual à noite transmitiu a Himba, o Chico está há pouco no grupo do Jonas, antes andava com um tal Costa Longa, assim o nome dele, que fugiu quando o Jonas lhe exigiu dinheiro, uma espécie de renda semanal, para poder continuar a roubar os banhistas nas praias controladas pelo Desperado Kid. Ou a renda semanal ou uma carga de porrada que podia ser fatal. O tal Costa Longa, habilidoso em detectar carteiras em bolsos de calças, levou tal susto que a esta hora deve andar a fazer descobertas sensacionais de carteiras enterradas na costa que vai para Cabo Ledo, mais de cem quilômetros a sul... O Chico, por seu lado, continuava com a fixação na floresta, ia lá muitas vezes fumar liamba com uns kambas, nem sempre os mesmos.

O reconhecimento estava feito. Por isso, os cinco saíram da praia sem dizer nada, voltamos para o almoço, não se aflijam, e os dois amigos andavam por ali a fazer horas, esperando o resto do grupo. Três dias seguidos foram à floresta, de manhã e de tarde. Até que vieram de uma forma diferente, mais barulhentos, e Himba soube, Chico tinha sido apanhado.

– Pronto, minha deusa, esse já vai mudar de Ilha, nesta não fica mais.

– Que lhe fizeste?

– Nada de especial. Mas tem de procurar um enfermeiro que lhe faça uns pontos na cara e deve usar gesso num braço. Vai ser difícil rir sem fazer caretas, aquele sacana da merda. E tenho o nome dos outros dois. O Costa Longa será o último, anda longe, sumiu, o Chico confirmou e não havia razão para o esconder. Mas vou encontrá-lo, mais tarde ou mais cedo, podes ter a certeza.

Ela acreditou.

O Kassule, instruído por ela, foi falar com o Munhango, com quem se entendia melhor. E veio confirmar a Himba, o Chico levou uma carga de porrada daquelas... Nem teve tempo de fugir. Uns três que estavam com ele aproveitaram desaparecer, fiquei sem saber se são do grupo do Jonas. Não foi preciso muita coisa para o Chico dizer qual era a companhia dele daquela vez da violação. Deu os nomes. E agora o Zero vai localizá-los. O Chico agradeceu no fim, lágrimas de gratidão nos olhos inchados, o conselho de sumir para sempre da Ilha. O Munhango acha que ele já deve estar bué longe, se tiver forças para isso.

Um a menos.

Uns dias depois, o segundo foi apanhado perto de um restaurante. Cerca de vinte miúdos assistiram a uma surra que ia ficar na história desses tempos. O rapaz só gritava e queria saber a razão por que estava a ser tão furiosamente massacrado, mas só quando jazia no chão, bem abonado, incapaz de levantar sequer um dedo, é que Tobias lhe segredou porquê tinha sido castigado e o fim reservado para ele, se algum dia se cruzassem mais uma vez nesta terra ou na Caxemira ou na Lua, tendo de certeza o muadiê já embarcado em qualquer meio de afastamento de Luanda.

Ou então era doido.

Depois houve o terceiro, começando por se mijar nas calças quando percebeu que estava caçado. Se encontravam em sítio reservado, em plena floresta, por isso Tobias foi mais claro logo no início, lhe dando uma lição de moral sobre os danos que podia fazer a uma criança, o que era crime em qualquer tribunal, por isso não tivesse ilusões, ia ser condenado e executada a sentença imediatamente, começando esta por pontapés nos joelhos para ele não se levantar mais e depois uns paus serviram de luvas de boxe, Tobias não queria ferir as mãos como acontecera com os outros, usou só um pau e depois de este partir, escolheu um maior, até se ouvirem ossos a fraturar e os gritos do ferido trespassarem as sombras das casuarinas e dos nimis. Umas boas pisadelas na cara completaram o julgamento sumário.

– O tipo ficou desacordado – disse Kassule a Himba. – O Munhango não tem a certeza se está vivo. Mas deve estar, esses criminosos são rijos, satanás faz milagres com eles, acreditas?

– Não.

Também não disse mais nada. Para quê?

Himba, no seu recato solitário, contemplando o mar, evitava pensar no assunto, tinha medo de o fazer. Talvez porque achava bem a vingança de Tobias, a envaidecesse tanta devoção. Seria mesmo devoção ou só ciúme? Talvez porque não o queria julgar. Apenas. A vida é dura e os fortes usam a força. Até outros mais fortes mostrarem que os fortes são fracos. Sucessivamente. Uma fileira enorme de fraquezas e forças, ondulando sem sentido. As formigas eram diferentes, seguiam atrás umas das outras. Se algo interrompia, elas se desorientavam e espalhavam imediatamente. No caso das forças e das fraquezas não havia desorientação, corridas para aqui e para ali, choques cabeça contra cabeça, era tudo mais linear, o mais forte devorava o mais fraco até ser devorado por um mais forte, numa verdadeira cadeia alimentar. Ideias que vinham de aulas ou livros ou conversas, não sabia, mas eram abstratas e ela fazia os possíveis para essas ideias não pousarem nunca sobre factos concretos ou pessoas reais, eram só ideias vogando no espaço. Para não analisar os seus sentimentos?

Melhor é ficar na dúvida, no limbo, como os inocentes que morrem sem batismo.

De Costa Longa nem o rasto. Zero vasculhava em todas as suas relações, conseguiu até a colaboração de um polícia do Posto da Ilha, um nato dali, o qual jurou não haver nenhuma informação sobre o paradeiro do foragido. Mas que Zero não se preocupasse, o tal Costa Longa havia de fosforescer algum dia e os caíngas saberiam ler a luz emanada, era sua missão monitorizar a zona, distinguir os bandidos dos não-bandidos, saber onde cada um dormia, passando muito mujimbo a Zero, que memorizava tudo para contar ao seu muata, Tobias, essas notícias podiam ser utilizadas algum dia, era bom saber o que os polícias conheciam e não conheciam, se moveriam assim melhor naqueles meandros perigosos da Ilha de Luanda, sempre nas margens da lei, evitando pisar demasiado o risco para não provocarem rusgas prejudiciais, porém pisando o suficiente para poderem sobreviver. Tobias tinha noção perfeita do equilíbrio necessário e por isso era o chefe. Usava moderadamente da violência, só a indispensável para provocar respeito e medo, mas sem exagerar para não instigar revoltas em que todos perderiam.

Sobreviver era viver sobre o risco, manter o equilíbrio.

Nunca tinha dito a Zero, mas não precisava, o outro beneficiara de experiências nos becos escuros do Sambizanga, onde se vive na ponta da agulha, entre os gangues do mercado Roque Santeiro e os dois postos policiais que marcavam o limite norte e o sul, com todos os tratos e negociações e traições que isso implica. Zero sabia de equilíbrios. O chefe nunca precisaria de lhe explicar para ele adivinhar o seu método. Portanto o respeitava e confiava nele.

É preciso mais alguma coisa para ser fiel?

Zero lembrava a primeira vez que viu alguém morrer de morte provocada. No Sambizanga. Tinha sete anos, dois anos depois de mudarem da Ilha para aquele bairro. A mãe bem tentou pôr a mão nos olhos dele, mas desconseguiu e ele presenciou tudo. Foi uma facada espetada por marido ciumento em peito de mulher supostamente infiel. As famílias próximas dela diziam não havia razão para aquilo, mas o homem tinha bebido ou inalado, vinha numa fúria a interpretar uma piada que um amigo dissera, entrou em casa, mastigando suspeitas, o kamba estava mesmo a falar da mulher dele que foi apanhada a amigar com um comerciante maliano nas traseiras da loja? Ela assustou quando viu os olhos do marido fixos nela e as palavras se atropelando na boca a babar de cólera, recuou de casa antes que houvesse desgraça, o que apareceu aos olhos do homem como uma confissão de medo por ter sido descoberta, pegando então na primeira faca que encontrou e saindo também para o beco, onde a mulher se pôs a gritar por socorro e todos acorreram mas já não houve tempo para intervir, a punhalada tinha sido rápida e certa, uma só, mesmo no coração. Todos viram, também Zero, contra a vontade da mãe dele. É, como dizem os kotas, nesta terra para morrer basta estar vivo. Frase que corria mundo, muitos já tinham ouvido, mas para Zero era novidade, dita na noite do Sambizanga, quando os vizinhos e parentes velavam o corpo da falecida, no quintal da casa, o marido já na esquadra, sangrando pela boca do primeiro julgamento feito pelos caíngas, para ele ficar quieto e deixar de alimentar ilusões, estava mesmo lixado e sem os dentes da frente.

Gesto de misericórdia policial, não permitir desilusões futuras.

Tinha contado essa estória da sua meninice, quando foi admitido no bando. Podia ter escolhido outro, mas preferiu o de Tobias, atraído pelo carisma do chefe, embora Zero desconhecesse a palavra carisma ou mesmo o conceito.

Tobias tinha nascido no Planalto Central, como quase todos eles, mas na parte do Bié, muito longe do mar. Num kimbo perto de uma missão evangélica, onde muito cedo aprendeu a ler e escrever. Estudou até aos quinze anos, passando miraculosamente pelas guerras sem ser recrutado por um exército ou outro, talvez por efeito dos missionários, respeitados por ambos os lados, os quais profetizavam grande futuro para ele, pelo seu feitio calmo mas seguro, inteligência e vontade de aprender. Leu mais que os colegas de escola, discutiu com os missionários quase como um adulto, não só as coisas da religião, mas as da terra e do universo. Um dia arrumou as suas imbambas, despediu da família, está na hora, desapareceu no caminho. A família e os missionários lamentaram, ficaram

convencidos de que tinha sido o chamado da guerra, mas não, foi o chamado da grande cidade, a leoa que rugia ao longe, tão fortemente que ele ouviu e veio, entre perigos e ciladas, respondendo ao apelo da leoa que tinha conhecido nos livros e histórias. Ao chegar a Luanda, não estranhou o meio, ignorou o desprezo dos naturais lhe tratando como outro matuense qualquer, se meteu na Ilha, entrou na água como Jesus no rio Jordão, só lhe faltou mesmo João Batista para o batizar. O sabor salgado não lhe foi estranho, tudo conhecido, vinha nos livros, nem o roncar dos carros e a confusão do trânsito, as correrias dos vendedores nas ruas fugindo dos fiscais querendo se apoderar dos bens à venda, os ladrões e suas práticas eram sabidos de Tobias, estava preparado para se adaptar. O que aconteceu com toda a naturalidade. Caminhou sozinho, percorreu a cidade como se andasse pelo dorso felpudo da leoa, inspecionou os cantos e becos, até escolher mesmo a Ilha como morada definitiva. Onde acabou fazendo amizade com Munhango, primeiro, depois o discreto Matias, o gozador do Insepulto e por fim o kaluanda Zero. Um grupo capaz de se defender, cada um contribuindo com as capacidades para a sobrevivência.

Matias tinha o dom da obediência, um perfeito segundo homem ou adjunto, incapaz de aspirar à chefia, ao mesmo tempo que podia reconhecer o que passava no esconderijo da mente humana. Difícil de perceber como fazia, ele sabia sempre se era verdade ou mentira o que alguém dizia. Munhango era bom na pancada, sem medo, forte e ágil, com certa tendência para o furto, no entanto, atraído por um brilho dissimulado, como se cheirasse o valor das coisas, dom abençoado quando a vida estava difícil e era preciso um objeto qualquer, relógio, gravador, pulseira, para vender. Insepulto era também bom nas lutas, tinha passado pela morte e portanto pouco valor dava à própria vida, mas guardava o humor de antes de todas as desgraças. E Zero tinha a utilidade dos relacionamentos, o jeito para perguntar coisas e perseguir pistas, além de extremamente hábil com facas e cartas. Um grupo bom, se bem comandado.

O papel dele, Tobias.

O líder andava um pouco obcecado em encontrar Costa Longa para terminar a tarefa que prometera a Himba. Ela não mostrava os sentimentos e ele não sabia se lhe agradava o castigo infligido aos três restantes ou não. Teve relutância em perguntar diretamente, sempre esperançado numa frase dela, de agradecimento ou felicitações, ou então o contrário, dizer estão perdoados, um bom cristão perdoa. Nessa zona do caráter da namorada ele estava mesmo no escuro, pois lhe parecia Himba não ter fé nenhuma, bem menos do que ele, que ainda conservava algumas ideias e reflexos da educação recebida, mas ela se recusava a expressar opinião religiosa, nem mesmo nas discussões de grupo depois de comerem, parecia assunto tabu. Lembrava uma conversa com um dos missionários do Bié sobre delinquência, em que o escocês lhe dizia, por vezes uma pessoa sofre um trauma grande, qualquer mal acontecido a ela ou à família e, de repente, deixa de crer, no fundo porque culpa a divindade de indiferença perante o seu sofrimento. Seria a razão do silêncio de Himba sobre alguns assuntos? Agora era importante saber a opinião dela, pois um dia iam apanhar o Costa Longa e ele queria lhe dar o castigo que mais agradasse à namorada, matar se fosse preciso, ela é que devia decidir. Mataria? Era contra os princípios dele, embora admitisse lutar até à morte, em situação de defesa. Como punição de outro, um assassinato a frio seria muito mais difícil de admitir. Porém, não queria cair no desprezo de Himba, nem fosse capaz de o matar... Seria para mais tarde, Costa Longa ainda andava a fugir de Jonas e sua ameaça feroz. Um dia perderia o medo ou receberia informações que Jonas procurara outros ares, qualquer mudança que o levasse a voltar. Então, tinha de saber a escolha de Himba. Estava disposto a seguir essa vontade.

Himba, por seu lado, conseguia bloquear o cérebro e não refletir sobre o assunto, como uma ferida que se tem e é dolorosa, mas preferimos ignorar, numa tentativa patética de fazer desaparecer a dor. Ensaia a experiência com a perda dos pais, por vezes conseguindo passar períodos do dia sem pensar no que poderia ter acontecido com eles, sem angústia. Horas benditas, tranquilas. Era mais comum na parte da tarde, olhando o mar, quando ele estava calmo como agora, embora de cores amortecidas pela névoa quase permanente a cobrir o horizonte. No entanto, havia aberturas no cacimbo, o sol irrompia dominador e milhares de brilhos surgiam na crista das ondas, cabritinhos de espuma cintilando. Sem

novelos mais escuros, enrolados uns nos outros. Nesses momentos encontrava paz, como quando soube que Luemba tinha chegado bem a Benguela, finalmente alguém conhecido venceu o triste destino provocado pela maldade humana, fica bem, minha irmãzinha, aproveita do que a vida te quis dar, já viste o outro lado, o lado onde nos encontramos, perigoso e de sofrimento constante, aproveita então a bênção de teres passado além do espelho, como todos deveríamos poder fazer.

E havia Kassule, observando à sua volta, todas as antenas de fora. Entrava na cabeça da amiga? Sim, por vezes, começava a entender os longos silêncios, sabia ela estava mergulhada em pensamentos tristes demais, pensamentos de perda, sonhando com regressos impossíveis ao passado, regressos que ele já tinha abandonado depois de viver anos a sonhar com a recuperação das duas pernas para poder correr e jogar futebol. Nada podia fazer para a ajudar, além de ficar por perto e mostrar com os olhos atentos que velava por ela. Seria suficiente? Talvez ajudasse. Himba, pelo menos, parecia notar a constante amizade e atenção, por isso tinha recusado abandoná-lo para ir com a senhora que levou Madia, renúncia da libertação apenas por causa dele.

Gesto nunca esquecido por Kassule, era um bem-agrado.

Quando Dona Ester morreu, o crime de Jezabel de Anunciação tinha deixado as primeiras páginas dos jornais. Se tornara também tema secundário nas conversas da gente elegante, habituada à fugacidade do interesse. As futilidades têm vida curta.

A senhora caiu de forma fulminante na cozinha. Largou a colher com que provava um tempero, a colher caiu primeiro, depois ela se abateu com todo o peso. O seu primeiro adjunto, o cozinheiro Tadeu, nem teve tempo de lhe deitar a mão para apagar a queda. Ficou de boca aberta, olhos arregalados, um arranhar estranho na garganta, gorjeios de pássaro. Kiaxi, uma das auxiliares, soltou o grito que iria despertar os demais, entretidos na preparação do almoço. Alguém se lembrou de berrar em seguida mais forte e foi esse segundo brado que chamou Sofia da adega, como ela chamava no gozo ao quarto das garrafas, onde verificava os *stocks*.

Tadeu já lhe tinha tocado no pulso gordo à procura de batimentos. Constatou a morte. Abanou apenas a cabeça, informando os outros. Foi então que apareceu Sofia, uma mão no pescoço, contendo sustos. Viu o gesto de Tadeu, debruçado sobre a senhora, percebeu o acontecido. As lágrimas ocuparam os olhos, se inclinou também para ela, apalpou o coração, depois procurou o pulso, inútil, o cozinheiro tinha razão, a vida partiu sem avisar. Encorajados pelas lágrimas de Sofia, os presentes deram largas ao seu sofrimento, mais as mulheres que os homens. Ululavam e xingulavam, aiué, mamaué, nossa mãe, aiué, não despediu, foi, aiué, sem mesmo despedir, ué. Os homens calados, apertando as mãos impotentes. Sem saber o que fazer, Sofia segurava o telemóvel, tudo passaria por aí, mas desconhecia os procedimentos e nem tinha números de bombeiros, de emergência ou da polícia. Quem chamar? E ela era obrigada a liderar o pessoal, a tomar iniciativas, então não chegara a segunda chefe do restaurante, a primeira desde há momentos, embora sem ter tomado posse? Desnecessária.

Levar a senhora para o hospital mais próximo, sim, havia um posto médico na área, por vezes quem parece morto não o está realmente, só os médicos podem saber. Pediu ajuda, dois dos homens seguraram no pesado corpo de Dona Ester, duas mulheres se calaram e pegaram nas pernas, levaram-na para a carrinha de serviço e deitaram-na no banco de trás. Sofia se sentou ao lado do condutor.

No posto confirmaram o óbito. Um médico veio falar com Sofia, a qual explicou como se tinha passado a morte e ele disse ser ataque cardíaco instantâneo, não sentiu nada. Nem teve tempo de pedir perdão a Deus por algum pecado?, se perguntou Sofia, sabendo da religiosidade da sócia. Pouco importava agora. O médico trazia um formulário que ela preencheu com os dados da senhora, pelo menos nome e idade e naturalidade, os outros seriam para depois, precisava encontrar o bilhete de identidade dela. Deixou o seu contacto e saiu dali o mais depressa que podia.

Havia medidas a tomar.

Uma delas era fechar o restaurante, não haveria almoço nem jantar para servir, o pessoal seria dispensado depois de terminar o trabalho que tinha começado, comida só para os da casa, no dia seguinte deviam todos aparecer para saber no que poderiam ajudar, pois teriam certamente tarefas relacionadas com o óbito. Não dispensou Kiaxi, a mais nova trabalhadora, que deveria ir com ela a casa de Dona Ester para avisar Ezequiel da morte da mãe. Kiaxi ficaria com ele, a fazer companhia, enquanto Sofia daria as voltas que se impunham. Talvez o motorista soubesse o que fazer, os motoristas

sabem sempre imensas coisas e conhecem a cidade como ninguém. Teria de tratar do velório e do funeral, isso parecia ser o mais urgente. Ah, e um anúncio no jornal para avisar amigos e conhecidos. Familiares não tinha em Luanda, além do filho. O outro, que desaparecera no Canadá, não contava, nem se daria ao incômodo de o informar. E como, se pode saber?

O motorista explicou que havia uma funerária no bairro, podia não ser muito boa, mas também para enterrar uma pessoa desnecessitavam de luxos, no que ela concordou. Ficava bem avisar a gente da igreja dela, alguns gostariam de estar presentes nas exéquias. Mas deixaria para o fim, adivinhava futuras dificuldades com o pastor, um aldrabão e vigarista, que ainda ia tentar ganhar alguma esmola de última hora, necessidade de fazer umas orações especiais ou pregação inevitável no funeral. Com ela estava o pastor mal, não levava nada para compensar a perda do dízimo pesado, apenas a paga pelo serviço religioso do enterro, indispensável para ela, Sofia, não cair na boca do mundo, como ingrata e avarenta, que nem elogio encomendava para a sócia defunta.

Ezequiel não reagiu à notícia, como se não tivesse percebido. Ela repetiu e ele só inclinou a cabeça de lado e deitou a língua de fora, processando a informação. Estava cada vez pior desde a última vez que o vira, um ano antes talvez. Se deu então conta de que nunca mais tinha visitado Dona Ester em casa, quanto mais não fosse para saber se estava tudo bem. Via-a todos os dias no restaurante, esquecera que a senhora tinha uma vida fora, e um filho. Os familiares, se ainda estavam vivos, andariam pelo Bié, segundo informações da sócia, pois ela tinha vindo de lá muito nova. Perdera o rasto da família, com tanta guerra que houve por toda a parte. Não seria Sofia a se preocupar com eles também. A família era Ezequiel, precisando urgentemente de cuidados. Para já estava Kiayi, depois veria o que fazer. Era urgente tratar de Ezequiel mas tudo era urgente.

Foram à funerária, não só para contratar os serviços como para pedir informações sobre os passos a dar, pois haveria burocracias com que ela nem sonhava. O homem que a atendeu, se apresentando como um dos donos da empresa, já de certa idade, para lá dos cinquenta, trajando fato escuro como convinha à profissão, baixinho, não chegava a um metro e meio, com voz fraca mas modos cerimoniosos e gentis, habituado a lidar com pessoas em dificuldades, foi logo dizendo:

– Não poderá ser para amanhã, já é quase meio-dia.

Sofia tinha esperanças de resolver o assunto nesse dia mesmo e no seguinte seria só o funeral, mas o senhor Gomes foi peremptório, o corpo ainda está no hospital e não o libertam logo. Se a polícia não complicar essas coisas.

– Polícia? – estranhou Sofia.

Logo se lembrou da morte do brasileiro e das peripécias do caso. Também ia haver averiguações e interrogatórios? Ela caiu à frente de muita gente sem que lhe tocassem mas mentes retorcidas podiam pensar em efeitos de veneno, nunca se sabe o que alguns interesses podem provocar. Até suspeitas de feitiço poderiam ser levantadas, se algum interesse fosse despertado.

– Sim. A polícia local tem de ser informada. Mas o hospital encarrega-se de fazer essas coisas. A senhora deve me dizer como quer o velório, o tipo de caixão, o funeral, as flores, essas coisas. Eu trato de tudo, o contacto com o cemitério, o terreno para a sepultura, essas coisas. Se quiser poupar no dinheiro, arranjo o caixão e alugo o carro, o resto trata a senhora. Mas olhe que vai ficar com muita sarna e nervos em pé, essas coisas... É tudo muito complicado com a papelada, se não é alguém do meio a resolver...

– Faça o orçamento para tudo, todo o serviço. Não sei nem tenho tempo para resolver as burocracias.

– Uma jovem senhora com muita sabedoria. Não imagina a complicação que são essas coisas. Uma pessoa morre e fica com os problemas resolvidos, por muito grandes que fossem. Os que sobrevivem é que têm o trabalho, essas coisas... Vamos então especificar essas coisas, como quer o caixão, onde fazer o velório... Há uma sala aqui no bairro que tem sido utilizada, alugada, claro, mas não é cara. Posso tratar do assunto.

– Sim, sim, trate, por favor. Faça o orçamento.

Queria se livrar com rapidez dessas coisas, termo recorrente na boca do cangalheiro, porém não teve muita sorte. Ele exigia precisão com todos os detalhes, quero que a jovem senhora concorde com o processo completo para depois não falar mal da nossa empresa aos seus amigos, a publicidade aqui no bairro é feita apenas pelo exemplo, todos me conhecem como uma pessoa competente e honesta, quero do melhor para os nossos clientes, por isso vamos conversar e pôr tudo no papel, essas coisas. E o senhor Gomes passava à prática, pois escrevia com pormenor o que eles iam combinando, de facto sempre seguindo as sugestões do cangalheiro, era ele o profissional.

Todas as contas feitas, Sofia perguntou como queria o pagamento. Descobriu, o orçamento se apresentava menos caro que o previsto, afinal a funerária era modesta e com dificuldades em se implantar num bairro em que a maior parte das pessoas ia morrer no estrangeiro ou na parte tradicional da cidade, onde estavam os hospitais importantes. Os pobres do bairro, que os havia ainda nos ximbecos destinados a serem derrubados, gastavam o essencial. Por isso, o material seria do mais barato mas pouco interessava, Dona Ester não era de luxos e lhe parecia um desperdício gastar bué de kumbú em cetins e madeiras caras para ir tudo para baixo de terra. Só se fosse para armar em fina. E o pessoal que apareceria no velório e no funeral não era do que reparava em aparências, umas flores bastavam para compor a cerimônia e uns tantos prantos e xinguilamentos para a senhora não se sentir abandonada nos últimos momentos que passava ao ar livre. Para o resto, já que ela acreditava nisso em vida, tinha a companhia dos anjos que tocavam harpa e lira muito bem. Avançou um adiantamento em notas que por acaso levava na carteira e depois levantaria dinheiro num multicaixa para pagar o resto, pois a funerária ainda não aceitava a modernice dos cartões de débito ou crédito.

Quando ela perguntou se aceitava cartão, o senhor Gomes sorriu meio encabulado:

– Ó, minha jovem senhora...

Ela percebeu e puxou das notas.

– Chega, chega muito bem como avanço de primeiras despesas – disse ele, perante o ar interrogativo de Sofia.

Tudo como os clientes gostam, raciocínio do senhor Gomes, sem saber que ela tinha estudado marketing e se socorria disso por vezes.

No carro para o regresso, ligou para o irmão, informando-o da morte da sócia e que não fazia ideia das voltas a dar. Ele se ofereceu, estou na zona do mercado do artesanato com os meus avilos mas vou para aí, posso apoiar nalguma coisa. É só o tempo de apanhar um candongueiro, não é longe. De facto não era. Ela a chegar ao restaurante fechado, abrir a porta e Diego a aparecer, como te sentes? Destroçada, coitada da Dona Ester.

O motorista também não sabia como se fazia para ter aviso no obituário do diário, Sofia já tinha perguntado. Muito menos Diego, desligado de problemas do dia a dia, bem lhe bastava resolver os seus. Mas este lembrou, escreve num papel, manda o motorista com algum dinheiro, ele pode perder todo o tempo até chegar à sede do jornal, outras horas para voltar aqui, mas trata do assunto. Assim fizeram, o motorista conhecia a sede do único diário do país, toda a gente em Luanda conhecia, lá podiam indicar como proceder. Se tivesse dúvidas, ligava para Sofia.

A gestora do restaurante se sentou a uma mesa, um pedaço de papel e uma caneta, tenho de fazer uma lista das tarefas, aquilo que aprendi com o cangalheiro.

– Posso beber uma cerveja? – perguntou Diego.

Ela apontou o frigorífico maior no bar, traz uma também para mim, os copos estão por baixo do balcão. Era a primeira vez que estavam os dois sozinhos no restaurante. Das poucas vezes que ele fora lá para tratar de algum assunto, havia sempre gente, trabalhadores e clientes. Fazia impressão olhar o restaurante a partir do balcão do bar.

Impressão estranha.

Sacou as caricas, respirou o ambiente, olhando em volta com a visão de artista, e sentiu como compreendia tão bem Toulouse-Lautrec e seus fascínios. Talvez fosse uma boa ocupação, embora não percebesse grande coisa de bebidas. Pelo menos tinha uma perspectiva privilegiada dos clientes, tipos humanos, comportamentos, dissimulações. Seria capaz de pintar uma cena como a via agora, numa mesa a irmã inclinada sobre uma folha de papel, a janela deixando coar a luz de fora, a penumbra do bar, o balcão em grande plano, duas garrafas de cerveja no tampo, os copos...

– A cerveja vem ou não? – Depois de falar, Sofia levantou a cabeça para ele e percebeu, pelo ar alheado, que o irmão imaginava uma cena, talvez um quadro. Que nunca pintaria. Melhor não perguntar pois a invasão só o perturbava, ele se quisesse podia contar. Diego sacudiu a cabeça, voltou à realidade, sorriu, pegou nas cervejas e copos, trouxe para a mesa, arrastando ligeiramente a perna esquerda.

Serviu as cervejas com cuidado.

– Muito me admira queres beber – disse ele. – Agora é só água.

– Às vezes acontece beber uma cerveja, é muito raro um uísque ou um gin. Hoje até devia ser uma coisa mais forte que cerveja.

– Pois, gin, bebida de rico. Nunca achei graça, antes caporoto.

– Deixa disso! Já comeste?

– Sim, uma sandula. E tu?

– Não tive tempo. Vou fazer esta lista e depois como. Se quiseses me acompanhar, até podemos abrir uma garrafa de vinho. O pessoal guardou o almoço para mim, dá para dois e sobra.

– Pode ser. Mas primeiro a cerveja.

Beberam em silêncio. Ela olhava para o papel, mordida a ponta da caneta ao de leve, pensativa. Estariam inscritos todos os passos a dar? De certeza faltaria algum, mais tarde haveria de lembrar. Dobrou o papel. Levou o copo finalmente aos lábios, bebeu dois tragos com prazer evidente.

– Sabes, eu estava ali no balcão... Nunca tinha estado do lado de lá de um balcão de bar... Acontece a muita gente? Nunca ter estado desse lado?

– Acontece, de certeza. Muita gente nunca pôs sequer um pé num bar ou num restaurante.

– Claro. Não falo dessas pessoas, coitadas. Ou por dificuldades de kumbú ou por religião ou apenas por falta de gosto. Falo das que frequentam bares e cabarés, mas ficam sempre do lado dos clientes... A perspectiva é completamente diferente.

– Qual é a mais bonita?

– De certeza a do lado de lá, como eu estive.

– Depende dos bares...

– E das pessoas também, eu sei... Estava a me lembrar de uma série de quadros do Toulouse-Lautrec, conheces? Um pintor francês do século dezanove, o artista dos cabarés de Paris, o melhor.

– Bem me parecia que estavas a imaginar coisas. Só podia ser um quadro.

– Ele pintou muitos. Não só de gente a beber mas também dos bailarinos e tipos de pessoas da época. O ambiente... Acho, ele via do lado de lá, embora muitas vezes a perspectiva pintada pudesse ser outra. Mas a capacidade de captar as luzes, a alegria, o cansaço, as maquilhagens, o vício... Isso só se deve apanhar pelo olhar do barman, o único lúcido, distanciado.

Ela aprovou com a cabeça.

– Não faço a mínima ideia, mas acredito em ti.

Como ele fez cara de desconfiança, está a gozar comigo?, ela sorriu, apaziguadora, lhe pegou na mão.

– Falo sério. Acredito que devia ser assim como dizes. Tu sentes os quadros, melhor, sentes a vida que a pintura transmite. Ou um simples desenho. Falo sério, és um verdadeiro artista. Tenho muito orgulho em ti, acredita.

Ele lhe acariciou a mão, em agradecimento.

– Eu podia trabalhar aqui como barman. Só para sentir a casa, quando estivesse cheia. Aceitas-me como empregado? Mesmo de borla.

– De facto não temos ninguém. Esse bar é mais para fazer estilo, vês como é pequeno? Tem três bancos altos, próprios de bar. Se algum cliente quer beber um aperitivo antes de comer, pode ir se sentar. E um dos empregados de mesa serve-lhe a bebida. É bonito ter uma estante com garrafas de muitas marcas, garrafas bonitas, a máquina de café, um relógio em cima. Só para decoração... se queres experimentar a sensação, podes vir numa noite e fazer de barman. Vens bem vestido, não é preciso fato nem gravata, claro. Uma camisa branca de manga comprida. Mas tenho de te ensinar a servir um gin ou um uísque com gelo, isso sabes... se alguém pedir um cocktail, temos o Armando, ele é o mais conhecedor. Podes vir e sentir o ambiente, quantas vezes quiseres. E quando estiveres chateado, podes bazar, ninguém te cobra nada. Pelo meio, às escondidas, bebes qualquer coisa. Mas às escondidas, um barman nunca consome à frente dos clientes.

– Ofereço-te o quadro que fizer. Ficava bem ali naquela parede.

Apontou para a principal, de frente para o bar, vazia de enfeites. As outras tinham uns panos coloridos e umas máscaras, colares e búzios, desenhos feitos de missangas. Não a principal, Sofia não sabia porquê tinha ficado assim, já a encontrou na versão antiga e manteve, quando aumentaram e remodelaram a sala. Só disse, esse quadro ficava bem naquela parede, sem dúvida. Sabendo que era mais uma promessa, como as que regularmente ele lhe fazia, sem nunca concretizar. Ele pensou no mesmo, disfarçando uma careta.

O silêncio caiu sobre eles e lembraram da morta.

A empresa funerária já teria obtido o corpo para o preparar? Quando disse o peso da falecida ao senhor Gomes, ele teve um baque, pensando no trabalhão de a meter num caixão e depois na cova. Não é todos os dias que se enterra uma pessoa de cento e vinte quilos. Quatro homens chegariam? Bem, o problema era dele, se cobrou mais, tudo bem, estava no orçamento. Ela tinha de ir a casa de Dona Ester, escolher o melhor vestido para levar à agência. O cangalheiro tinha dispensado brincos e outras joias, é uma atração para os ladrões, desenterram os caixões à noite para levarem o que tem um mínimo de valor, traga só o vestido e a roupa interior. Ela tinha ouvido falar do vandalismo nos cemitérios, houve uma altura em que todos os caixões eram partidos pela família do falecido antes de lhe deitarem terra em cima.

Pelo menos o caixão não seria aproveitado para outro funeral.



Naquele dia, foram visitar Dona Isabel.

Antes Himba insistiu com Tobias. Foi durante o banho matinal, hábito de Tobias, sem medo do frio da água, bem quente quando comparada com a de qualquer rio ou torneira do Planalto onde crescera. Também Himba recordava a temperatura com que sempre tomara banho em casa, embora tivesse de reconhecer, sabia bem entrar no mar durante os meses quentes. Nessa altura então a menina repetiu, Tobias, devias conhecer a senhora, é muito boa.

– Ora, não quero saber de senhoras. Mais que fazer...

Kassule, da praia, ouviu a resposta despreziva de Tobias, fez um gesto a Himba, deixa andar, qual é, minha?

Pelo caminho, o kandengue admoestou-a, às vezes parece muito burra, então agora vais aparecer lá em casa com o bando completo e depois dizes o quê?... Este é o meu namorado e seu bando. Achas a senhora vai apreciar? Ainda bem o Tobias recusou, era uma grande bandeira que davas. Dona Isabel ia estigar o Tobias, tão grande e não trabalhas, passas o tempo com os outros rapazes apenas em conversas e brincadeiras, passeios e talvez coisas que não possas contar, e o que andas a fazer com essa menina, mais isto mais aquilo, ele podia se enfurecer e responder à maneira dos matulões da Ilha, embora que não parece mal-educado, mas nunca se sabe. Acabavas a relação com a senhora que nos tem ajudado. És mesmo mais velha que eu, mais esperta? Mete juízo masé nessa cabeça.

Felizmente chegaram, porque Himba já não aguentava tanta recriminação, às vezes Kassule sabia ser chato que nem mosquito, a rezingar, zin, zin, zin.

Como habitualmente, a senhora recebeu-os fora de casa, na sombra da árvore centenária, a qual choraria saudades se um dia ela não sentasse ali. Estava sozinha e sem fazer nada. Olhava apenas para as sombras e as luzes, pensativa. Contemplava o passar dos anos, o marido falecido, quem sabe? Os meninos romperam a placidez dela, logo se pôs a gritar pela Luzia, banquinhos, chá e pão, temos visitas. Himba e Kassule tinham falado muitas vezes do prazer que dava serem recebidos como visitas crescidas e apreciadas, não um par de crianças miseráveis malvestidas e sem futuro que todos teriam desgosto em atender.

Feitos os cumprimentos e as perguntas sobre a saúde respectiva, Himba informou o conteúdo da última carta de Luemba, recebida na véspera pelo procedimento habitual, a qual menina continuava bem e mais uma vez lhe pedira para agradecer a Dona Isabel a ajuda prestada, inestimável. A senhora ficou satisfeita, desta vez tivemos sorte, correu tudo bem e custou tão pouco afinal, foi o que respondeu. Pela rapidez com que entrou num assunto novo de conversa, se percebia ser mambo que ela levava muito a sério, lhe martelando a cabeça há certo tempo:

– Vocês sabem uma coisa? Começaram a criar lares para crianças que estão como vocês, abandonadas, a viverem nas ruas... Algumas instituições, quer dizer, serviços e pessoas contribuíram, o governo também, parece... Não sei bem de todas. Mas conheço um padre que encontrei por acaso na igreja de Nossa Senhora do Cabo no domingo, ele foi visitar o colega e ficou para ajudar na missa, depois almoçavam juntos. À saída da missa conversei com ele. O nome é Adão. O padre Adão criou um lar para meninos de rua. Rapazes e raparigas. Dormem em camas, não em esteiras como noutros sítios, comem todas as refeições. E vão à escola. Esteve a falar que tem dificuldades com algumas crianças, estão tão mal-educadas, futuros delinquentes, que lutam lá dentro, levam gasolina e cola para cheirar, recusam estudar, o pessoal dele até sente medo de se meter nas lutas entre eles. Esses ficam pouco tempo, logo desaparecem por causa da disciplina. Mas diz que vai conseguindo acalmar as coisas, ensinar boas maneiras aos outros, com a ajuda de mais pessoas, formadas mesmo, que aparecem no lar de vez em quando. Tem a maior parte das crianças controladas, se comportam bem, porque tiveram educação um dia, mas algumas... Perguntei se não arranjava lugar para dois, uma menina e um rapaz, calmos, bem-educados, com estudos... Ele disse que ainda arranja sítio para dormirem, lhe prometeram dar mais umas camas. Uma rádio local está também a fazer campanha, convencendo pessoas a doações, quer dizer, a darem dinheiro ou comida ou coisas... Bem, pensei em vocês os dois...

Os olhos de Kassule brilharam, Himba não reagiu. Desentendeu?, se perguntou o amigo.

– Que é que dizem? Querem ir para lá?

Kassule agradeceu o lanche que lhe entregava Luzia, esperou alguma reação da passiva Himba, a receber indiferentemente o lanche, decidiu desviar a atenção da má educação da amiga e ser portanto ele a responder. Aclarou a garganta com uma tossidela como vira algum dia os adultos fazerem, disse:

– Gostava de experimentar... Se não for bom, podemos vir embora, voltar para a Ilha?

– Não precisam de fugir, seria feio. E eu dei a minha palavra que vocês são bem-educados, ia parecer uma mentirosa ou uma maluca. Se não se derem bem lá, claro, podem explicar ao padre Adão o

que não vos agrada, e vir embora.

– E me arranjam a prótese?

– Prótese – corrigiu Himba. Afinal ela não estava alheada, apenas apática.

– Isso não sei – disse a senhora. – Mas certamente é mais fácil lá do que aqui. Sobretudo com o apoio da rádio. Ouvi mesmo aí no aparelho do falecido meu marido, o coitado estava sempre com o ouvido colado ao aparelho, essa emissora fala muitas vezes do apoio que o lar do padre Adão precisa, acho vai resultar para ele melhorar as condições, ainda há gente boa nesta terra.

– Quando eu era miúdo, me disseram primeiro tinha de crescer, só depois me punham a pó... A prótese – uma careta para Himba. – Porque a outra perna ia aumentar e podia ficar todo torto, era pior.

– Deve haver uma solução, mas não falamos disso. Porque não vais lá perguntar?

– Onde é o tal lar?

– No Morro Bento.

– Haka! Bué longe.

Uma ponta de desconsolo na voz de Kassule. Morro Bento, no caminho para sul, depois da Corimba, era a zona onde se construía uma espécie de nova cidade, ao que diziam, fora de portas. Anarquicamente. Como havia falta de terrenos em Luanda, as pessoas iam ocupando o que antes eram quintas, abandonadas na altura da Independência, e erguiam os seus kubikos, uns parecendo pardieiros ou cubatas, outros casas de blocos de cimento ou tijolos, coisa fina. Sem um plano e sem autorização do Estado. Também se instalavam aí algumas empresas necessitando de espaço. Os restos das matas de caju, outrora donas preciosas do sítio, iam sendo devastadas para aparecerem habitações. Um dia constituiria um problema sem solução aparente. Por enquanto era o regabofe habitual, salve-se quem puder, as autoridades clementes fecham os olhos.

– Sim, é longe – concordou Dona Isabel. – Ele explicou, foi o único lugar onde encontrou um terreno grande, pois dá para uma futura escola e um campo de futebol, além de poder acrescentar pavilhões para o internato. Felizmente há transporte para lá, candongueiros... E tu, Himba, não dizes nada?

– Não sei onde é o Morro Bento... Só conheço esta parte de Luanda até aos Assuntos Sociais, fui lá quando cheguei...

– Não interessa onde é. Quero saber é se estás interessada. Se queres ir, posso combinar com o meu filho, ele vos leva de candongueiro. Também não têm muitas imbambas para transportar. Ou já têm casa montada?

Riu a senhora, malandramente, riu Kassule. Himba ficou parada, calada, sem reação aparente. Nem respondeu à pergunta direta. De facto não sabia o que dizer, obcecada com a dúvida, como reagiria Tobias? Ele não tinha idade para ir num lar, já era grande. Nem queria, de certeza, perder a sua liberdade. Era sempre a conversa entre os membros do grupo, aqui não temos casa mas não precisamos, temos o mar e a nossa liberdade.

– Kassule, afinal também não respondeste, disseste só que era longe – insistiu a senhora.

– Eu gostava de viver com um teto por cima, dormir numa cama, ter comida, estudar. Gostava. Mesmo se é longe. Mas a Himba não disse nada... Ela é a minha irmã mais velha...

A senhora voltou a perguntar à menina, que ficou calada, abanando a cabeça. Por fim, com voz cansada, resultado evidente de forte combate interior, lá respondeu com uma pergunta:

– Posso pensar? – ia dizer, preciso de perguntar a opinião de alguém mas se conteve. Kassule, adivinhando, suspirou de alívio por ela não ter continuado a fala. Ao mesmo tempo desiludido pela indecisão da amiga, percebendo ser de facto preocupante a dependência dela em relação a Tobias.

– Não precisas de responder hoje. Mas não demorem muito tempo a se decidir, porque, segundo o padre, por vezes a polícia leva para lá uma carrinha com crianças. Se forem muitas, depois vocês não

têm lugar. E terão de esperar muito tempo por vagas.

Ambos concordaram, decidiram depressa. Comeram, a senhora deixou-os fazer isso em silêncio. Quando terminaram e Luzia levou as canecas e pratos, Dona Isabel pigarreou. Era outro assunto sério, pensou Kassule, hoje é hoje.

– Ouvi dizer, tem havido umas cenas de pancadaria nos vossos lados. Pode não ser ali, mas com gente que vocês conhecem. Uns miúdos levaram pancada. Desapareceram.

– Estão sempre a desaparecer – o kandengue antecipou, adivinhando onde Dona Isabel queria chegar. – E aparecem outros, estão sempre a chegar novos... A guerra está brava no interior.

– Isso é verdade, Kassule. Só que têm desaparecido uns muito estropiados depois de grandes surras. Ninguém sabe porquê são castigados, mas parece um ajuste de contas. E quem dirige as coisas é o Tobias, vocês sabem quem é.

Himba levantou os olhos para ela. Assustada. Como podia a senhora conhecer o nome do chefe do bando? E o que andavam a fazer na sua missão de vingança? Quem mais saberia? A polícia ia descobrir em breve, se já não estava informada. Tinha de arranjar maneira de desviar o pensamento da senhora, pôr dúvidas na cabeça dela, defender o seu protetor.

– São cenas... são lutas entre eles... nada mais.

– Deixa-te de defender o Tobias, Himba. Eu sei, ele tem fama de violento. Não me interessa nada o que ele faça, tu é que me preocupas. Andas com ele e isso nunca pode ser bom para ti.

– Ele nos protege... Não é verdade mesmo, Kassule?

– Sim, é verdade. Ele nos protege e arranja comida. Nunca mais andamos a catar nos contentores. Estamos mesmo mais gordos, então não estamos?

A senhora abanou a cabeça, mostrando pena. Demorou um bocado a retomar a fala, como se estivesse discutindo com as malambas os seus direitos de interferência em vida alheia.

– Compreendo, ele protege-vos e vocês defendem-no. Mas a polícia já está ao corrente de que estão a acontecer coisas. Talvez não sabe ainda o nome dele, mas eu já sei. Tudo acaba por se saber. Qualquer dia vocês, inocentes, podem pagar por uma coisa que não fizeram. Lembram o Malaquias?

Claro que lembravam, como podiam esquecer o coitado do Malaquias, dois meses detido na cadeia, apanhando com frequência de qualquer guarda que passasse ao pé, assassino, tão pequeno e já matador, nem vergonha tens, filho da puta. Até que de repente foi solto. Por enquanto anda à volta do restaurante durante todo o dia, falando sozinho, mal conseguindo comer, a se mover às voltas até à exaustão, cacimbado no absoluto, o Malaquias, pagando por um crime que o Amaro cometeu, um Amaro que aparece todo vaidoso com roupa nova e limpa, todos desconhecem como arranjou. É claro, roubou. Agora até parece um boss, enquanto o inocente apagou de vez o cérebro, não quer mais saber de nada, a não ser as suas conversas com algum ser imaginário, quem sabe, talvez JC ou seu pai.

– Por isso é que eu acho, deviam ir para o lar do padre Adão. Vocês estudavam. Podiam vir me visitar aos domingos, contar como são as coisas por lá e o que estão a aprender. Eu ficava tranquila.

– Vamos mesmo pensar – garantiu Kassule.

Pronto, a conversa tomou outras direções mais tranquilas, o kandengue e a senhora alimentavam o encontro com recordações de outros tempos, enquanto Himba ia descontraindo, descontraindo, até finalmente entrar também na cavaqueira sem recriminações nem promessas.

No caminho de regresso para o abrigo do grupo, Himba garantiu a Kassule, vou conversar muito bem com o Tobias esta noite, podemos ir os dois para o lar e aos domingos venho ter com ele aqui na Ilha. Acredita, ele vai aceitar.

Coisa que não estava mesmo nas intenções de Tobias.

A voz não só ficou mais funda e grossa, ameaçadora, também os olhos faiscavam de raiva, quando ela lhe falou. Embora afastados dos outros, todos perceberam, era evidente haver maka no ar, espadas

de fogo esgrimidas se chocando, vontades a se enfrentarem. Só Kassule sabia do motivo e teve medo, agora é que tudo estava estragado, mania da Himba, deviam bazar sem dizer nada, deixar os outros do grupo viverem a vida deles, mas ela tinha mesmo de explicar, deixar todos os mambos arranjados, para sempre amigos e o seu namorado bem-disposto.

De meninas ingênuas estavam as ruas cheias.

Segundo Himba contou a Kassule no dia seguinte, contendo soluços, Tobias foi inflexível. Considerava-a mesmo sua mulher e a mulher não abandona o marido para ir num internato.

– O gajo está maluco ou quê? Como se vocês fossem casados, deixa-me rir...

– Ele acha que sim, estamos casados. Casados pelo mar. Falou mesmo no rio Jordão, era a mesma coisa, só que era o mar.

– Nem idade tens!

– Ontem só faltou me dar porrada. Vi vontade nos olhos dele, na fala dele, tremia mesmo de raiva. Tive de calar, fazer de conta o assunto estava passado, uma conversa apenas. Se voltar a falar no assunto, ele vai me abonar, tenho a certeza.

– Vamos bazar. Lá no lar ele não te faz nada, o padre não deixa. E eu falo logo a explicar o mambo, para prevenir o padre.

– Não. Não quero acabar assim, a fugir de novo.

– E que vais fazer? Até tens medo de lhe falar outra vez, disseste mesmo, ele te vai dar porrada.

– Talvez. Ou talvez não. Se usar o meu jeitinho...

– Deixa disso! Não tem jeitinho nenhum, ele nunca que vai aceitar, é maluco, até acha vocês estão casados, coisa mais sem pés nem cabeça, casar na areia sem padre nem nada, talvez casamento de kimbundo com Kianda a servir de testemunha... Brincadeira! Lhe prometeste algum dia isso, mesmo se foi só para o acalmar?

– Não, nunca, até ontem eu achava que quando ele falava era só divertimento, uma maneira carinhosa de me tratar, minha mulher, minha deusa, minha flor... Afinal parece é a sério.

– Cacimbou, também ele. Afinal, com a vida que levamos... quem não queima os fusíveis? No fim de semana... Estás ouvir, Himba? No fim de semana vamos na senhora boa das trancinhas e dizemos, Dona Isabel, o seu filho pode nos levar no lar do padre, estamos prontos. No fim de semana, nem mais um dia.

Ela hesitou, depois assentiu com a cabeça. Também estava a tentar ganhar tempo, claro. No entanto, acreditava poder convencer o Tobias a mudar de atitude, aceitar numa boa apenas encontros de domingo ou de sábado. Dois dias, três dias para o amansar. Ia ser tarefa complicada. Mas sabia ser persuasiva, descobrira os pontos fracos dele, ontem nem teve possibilidade de usar qualquer estratégia, ficou só assustada com o vulcão subitamente a cuspir fogo. Culpa dela, devia ter pensado bem as palavras antes, preparado o discurso, mostrando vantagens, mas entrou a direito, como se tivesse todo o poder sobre Tobias, o eterno rebelde. Foi estúpida e pagou, devia reconhecer.

Já o resto da conversa de Dona Isabel tinha sido deveras preocupante, a polícia começava a se interrogar sobre as surras, talvez algum bufo estivesse destacado para os vigiar, impossível descobrir, só com muito tempo. Ela não tinha dito nada dessa conversa a Tobias, as relações ficaram muito tensas logo no princípio da discussão e ela esqueceu a segunda parte das preocupações de Dona Isabel. Mas agora lembrava, com todos os detalhes. Tinha de o avisar, podia mesmo dizer quem tinha falado e o que contara. Seria uma maneira de tentar nova aproximação, de mostrar também se interessava pela segurança de todos, o que aliás era verdade.

Tobias mostrava cara fechada naquela manhã, nem a cumprimentou como sempre fazia, foi logo mergulhar na água fria. Himba falou com Kassule, recebeu o ultimato, até ao fim de semana, decidiu aproveitar o momento para conversar a sós com o namorado. Entrou na água, onde ele ainda se

encontrava, se chegou, falou baixo, esfregando o corpo com areia para se limpar e aquecer.

O rapaz ouviu, calado, sem resmungar. A testa estava franzida. Não disse nada. Saiu da água, deixou-a lá, para mostrar ainda estava chateado, nem as informações passadas por ela podiam acalmar a sua raiva por aquela ideia maluca de ir num lar de órfãos ou abandonados. Himba viu-o se dirigir na direção de Zero e falar com ele. Zero aprovou com a cabeça, saiu quase a correr no sentido da entrada da Ilha. Para o posto da polícia, adivinhou Himba. Falar com o parente ou conhecido dele, saber quão perto estavam os caíngas da verdade. Intuiu apenas, de forma distante, como se nada fosse com ela. A tal defesa que de forma inconsciente usava para não ter de tomar posição sobre as makas perturbantes dos últimos dias. Lealdade para com o homem que decidira ser o escudo de proteção dos dois, três, quando Luemba ainda vivia com eles. Três pequenos eram um peso grande para o bando naquela altura, exigira trabalho dos mais crescidos, devia estar sempre grata. No entanto, outros sentimentos se misturavam, submissão com instinto de libertação, mágoa por se sentir usada, abusada, subjugada. Vergonha de se deixar dominar, também muita vergonha.

Veio o almoço e os quatro membros do grupo presentes na praia apanharam uma boa porção de comida. Trouxeram para o abrigo.

– Temos de deixar a parte do Zero – disse Matias. – Foi cumprir missão.

Kassule, que já tinha recebido as queixas de Himba sobre o facto de Tobias não lhe falar, mesmo depois de ela o avisar sobre as desconfianças da polícia, percebeu também qual seria a missão de Zero. E comeram, os dois ansiosos pela chegada do outro membro, certamente com dados importantes para a vida futura.

Só ao fim da tarde apareceu. Fez um gesto para Tobias, no gênero tudo bem, não há crise. Entretanto foi cochichar com ele. Souberam depois, Zero explicou a Tobias, o polícia seu parente andava por outros sítios em patrulhamento de rotina, não estava na esquadra, Zero teve de esperar mas valeu a pena, perguntou mesmo diretamente, é verdade que vocês estão a suspeitar, nós andamos a maltratar aí uns muadiês, o caínga lhe garantiu, sim, os nomes deles apareceram, mas também os do Jonas e de tantos outros, inexistiam elementos para qualquer ação repressiva. Se de facto as provas ficassem muito claras, apontando para eles, o parente avisava a tempo o Zero para voltar logo-logo no Sambizanga, naqueles becos ninguém encontra ninguém, se alguém quiser mesmo desaparecer. E não é a polícia que lá vai inquietar os ratos abundantes. Tobias ficou mais tranquilo, nessa noite voltou a conversar com Himba e lhe contou essa cena que ela já tinha adivinhado. A menina, ficando cada vez mais esperta, não disse a descoberta de Zero apenas confirma o que eu supus, ficou calada, falou de outras coisas de quando era pequena, das montanhas e do Planalto, do frio à noite, valia a pena acender fogueira no quintal, eles não o faziam para não gastarem lenha, nunca se sabia quando iam precisar dela para assuntos mais sérios, se embrulhavam em mantas até irem para a cama, no entanto Tobias também era do Planalto e sabia muito bem como o frio fazia doer o corpo todo, sobretudo quando o vento vinha do sul, se riram os dois, cúmplices, e depois brincaram de marido e mulher. Adormeceram reconciliados, ela com as suas dúvidas, ele escondendo ameaças.

Continuavam premonições, ninguém as decifrava.

Na manhã seguinte apareceu o maluco nu, o Louco de Deus, como lhe chamara uma vez o padre da igreja e o nome correu desde então pela Ilha, com fortes discussões entre os fiéis, pois o padre quase cometia sacrilégio, na opinião dos mais tradicionalistas, louco de deus era termo para os santos e mártires dos primeiros tempos do cristianismo, vivendo no deserto como eremitas, sem beber e sem comer quase nada, esperando conversar com Deus, como Moisés muito antes tinha feito. Alguns voltavam ao convívio social, dizendo ter recebido uma incumbência divina, sendo então tratados como profetas. A maior parte morria dos males do deserto, sol, fome e sede. Não se aplicava a este maluco, de cabelo com melenas de rasta emaranhadas, compridas até à cintura, sem no entanto lhe cobrirem o sexo, cheirando a esgoto do mais fétido e gritando impropérios e frases incompreensíveis. Era alto, delgado, andava com grandes passadas, com alguma elegância, era preciso reconhecer. Mas ao ver o

grupo sentado nos pedregulhos, parou sua caminhada sem destino pela avenida. Apontando para o grupo o braço esquelético, proferiu em altos berros, de voz forte, boa para comício ou comando de um combate, furibundo:

– Que é que estão a fazer no meu reino, ratazanas? Quem vos deixou penetrar ou onde roubaram a chave do portão dourado? Pois em verdade verdade vos digo, criaturas do demônio, do meu reino não fazem parte, imundos pecadores, fornicadores, ladrões, delatores, adúlteros, criminosos, abutres, venais, assassinos, beijoqueiros, os gas, bajuladores, corruptos, louvaminhas, pedintes, papa-rezas, pelintras, batoteiros, vigaristas, gabarolas, mangonheiros, lagartos, mentirosos, usurários, e muito mais pecados que não me ocorrem de momento, mas que mostram, são uns merdas, intrometidos, fora do meu reino.

– Pelas palavras, pode ser maluco mas é com instrução – segredou Munhango, impressionado pela verborreia.

O maluco começou a proferir um discurso desconexo, mas não falava para os garotos, virado agora para a estrada. Qualquer coisa sobre caminhos e encruzilhadas. Se voltou de novo para eles e os berros ganharam sentido:

– ... sim, os espíritos dos cruzamentos de caminhos que chocam contra os dos postes de eletricidade, tudo por graça do careca que fez a arca e lá meteu um monte de lixo, o que pôde apanhar na Ingombota, na Baixa, até mesmo no Kinaxixi, lixo e pulgas, ratos, cães, formigas, lacraus, serpentes, uma data de bicharada e latas amolgadas e papéis de limpar o cu, para vocês, meus caras do próprio cu, impotentes, enraivecidos, intriguistas, matadores, hereges, descrentes, que não respeitam o lixo dos outros, lhes dão pontapés, como aquela mulher ali – apontava para o mar – julga que escapa do meu olhar mas lhe vejo muito bem, estropiada do amor, incoerente, fragilizada, viúva da morte, pois ela a morte matou, não foi a morte que lhe matou, estão a fazer o quê no meu reino? Vão para as vossas repartições apertadas, armados em sabichões, vão para os bares e os hospitais, apanhadores de injeções e clisteres, vermes nojentos, batráquios tosquiadores, bitacaias imundas, desapareçam, deixem o ar mais saudável, porque o filho do outro se foi pendurar numa cruz e disse sou Deus, depois reclamou com o pai que mandou vergastá-lo, como qualquer criança faz quando tem medo e o pai vem logo castigar, olha a mulher a sair da água – apontou de novo para o mar – agora vai foder com o pendurado, já se sabe, elas gostam das posições difíceis, andaram a estudar o Kamasutra, enquanto os maridos vão para os escritórios fingir que trabalham, adúlteras, marafonas, sectárias, porquê ela me fez isto – passou as mãos pelo corpo violentamente – se eu nem sei o nome dela, pois o pai era um passarão da túji, um desembargador do vício, uma luminária esdrúxula, fanático de acordos diplomáticos, filho da puta, chulo, patranheiro, pirata das Caraíbas, dromedário animalesco, Lúcifer, LÚCIFER, onde está ele para o mumificar, eu sou o homem que torna Lúcifer numa múmia e todos eles, os belzebus chifrudos, os banqueiros, os cobradores, polícias e juizes, abocanhadores da comida de criancinhas, ainda não se piraram, ainda não bazaram, fora do meu reino, canalha, a revolução francesa ainda não chegou aqui...

Foi andando ao longo da estrada, gritando por Danton e Robespierre, fazendo as pessoas pararem ou se afastarem, assustadas, pois além da voz poderosa, ele tinha uma figura de meter medo, com o sexo a badalar entre as melenas ensebadas.

– Coitado – disse Himba.

– Pode ser perigoso – disse Zero. – Um dia vi-o puxar de uma faca, nessa altura ainda usava calças e a faca no bolso...

– Feriu alguém? – perguntou Matias.

– Não, só ameaçou. O outro foi muito rápido e fugiu. Não sei o que aconteceria, se o Louco de Deus chegasse perto. Talvez espetasse mesmo a faca, não sabe o que faz.

– Ouvi uma vez uma estória dessas – disse Tobias. – Conhecem S. Serapião?

Ninguém fez sinal positivo. Era mesmo a primeira vez que ouviam aquele nome estranho. Ele repetiu e todos abanaram a cabeça, negando. Tobias voltou a pegar na palavra.

– Um missionário me contou no Bié, nos tempos em que eu estudava com eles. O missionário branco estava mesmo a falar dos tipos que andavam pelo deserto, os tais loucos de deus... Serapião e não S. Serapião, acho que nunca foi considerado santo, pouco interessa. Andava com uma camisa longa, de linho, creio. Apenas. Um dia um tipo nu abordou-o, tenho frio, ajuda-me. O Serapião tirou a camisa e lhe deu. Passou a andar completamente nu, como este nosso maluco. Alguém passou por ele e perguntou, mas afinal quem te fez isso, te pôs assim nu? Ele não respondeu, apontou apenas para o Evangelho, com que andava sempre na mão. Chegou nesse momento um grupo de soldados que levavam um tipo para a prisão, condenado por dívidas. Para onde o levam?, perguntou Serapião. Os guardas explicaram tudo. E quanto deve ele?, voltou a perguntar. É tanto. Serapião entregou o Evangelho, isto vale muito mais, soltem o homem. Confusos, os guardas soltaram o preso e levaram o Evangelho.

– Isso não pode ser verdade, não é assim que funciona – duvidou Zero.

– Ouve, ainda não acabou. Foi assim que me contaram, deve estar nalgum livro, o missionário não ia inventar... Então, indo encontrar os seus discípulos, sabem como é, na Bíblia explica, essa malta dos profetas, um tinha sempre seguidores a quem ia ensinando as coisas...

– Eram as escolas daquele tempo – disse Himba.

– Certo! Pois então... O Serapião foi ter com os seus discípulos e um notou logo, ele não trazia o Evangelho. E perguntou onde estava o livro sagrado. Então o homem nu disse, o Evangelho anda sempre a ensinar para vendermos todos os nossos bens e darmos aos pobres, escutei-o. Dei toda a minha riqueza para o outro ficar livre. Não queiras saber, me sinto mais leve.

Ficaram todos em silêncio. Munhango disse, então esses são os loucos de deus?

– O nosso maluco foi perdendo as coisas uma a uma – disse Zero. – Ou então deixou-se roubar. Ou ofereceu tudo para se sentir mais leve, mais nu.

– Fala, fala sozinho e nem repara que lhe estão a roubar as roupas, os sapatos, tudo, completamente para lá – disse Kassule. – Se lhe falássemos, acham ele ia ouvir?

– Só ouve a voz que fala na cabeça dele – disse Tobias. – E pensa ser a de Deus. Assim se fazem profetas. Só que a nossa terra é tão desgraçada e desconfiada, nunca acreditamos que Deus está a falar pela cabeça de um maluco. Por isso temos poucos profetas. E os que há são masé uns aldrabões... Falta um a sério.

Zero se mexeu. Se notava, não concordava com o chefe. Tossiu um pouco, preparou a voz.

– Têm aparecido uns que dizem são profetas. Acho bom que haja poucos. As religiões são perigosas. E essas com profetas vivos então são piores. Não houve uns que andaram a vender os terrenos do Céu para depois da morte os crentes terem o seu sítio no Paraíso? Porra!

Alguns riram. Olharam para Tobias, tentando adivinhar a reação. O chefe, porém, se deslocara do assunto, segurando na mão de Himba, soletrando pensamentos longínquos, tão nebulosos que a própria Himba conseguia de entrar neles. E não interpretou a fala de Zero como uma contestação. Seria?

– Os burros compraram mesmo os terrenos do Céu? Pagaram? – perguntou Matias.

– Juro – e Zero passou a mão pela garganta, reforçando o juramento.

– Cambada de matumbos! – explodiu Munhango. – Mereceram mesmo ser enganados.

– Alguém foi para a cadeia? – perguntou Insepulto. – Isso tem um nome que até eu sei, se chama fraude. Alguém pagou pela fraude?

– Achas? – respondeu Zero.

Bateram palmas e riram, alguns dando murros amigáveis nos ombros dos outros. Kassule se rebolou na areia, com largas gargalhadas, porque era tão absurdo comprar terrenos no Céu que só dava para rir. E descrever. O grupo se sentia unido em afetos, a olhar o mar e a brincar, como se fosse a última tarde de alegria des preocupada.

Afinal, havia o fim de tarde. E a noite.

Quando se acenderam as luzes da rua e no restaurante ali perto aumentou a agitação, os miúdos e os mais graúdos se posicionaram para receber os restos. Nessa noite havia muitos pretendentes, uns trinta ou quarenta, ninguém se preocupava em contar, bastava um olhar para sentir a afluência. Haveria uns desgraçados que se contentariam com uma espinha de peixe ou as cascas dos caranguejos e lagostas que lá dentro comiam. Tobias e os outros quatro conseguiram impor a sua força ou autoridade e se colocaram mesmo à frente do contentor. Himba e Kassule ficaram afastados da confusão, encostados aos rochedos do princípio do esporão, uns felizardos. Ainda faltava tempo para a porta mágica da cozinha se abrir e os sacos e baldes de restos aparecerem em mãos sarcásticas, tomem lá os ossos, seus porcos inúteis. Humilhação que todos estavam dispostos a aceitar em troca de menos fome.

Nessa altura apareceu o grupo do Jonas completo, uns doze rapazes de ar feroz, gingando o corpo, os cintos das calças muito para cima, como fora moda no tempo em Kinshasa. Parecia, não estavam interessados no piquê, porque ficaram a ver o jogo de empurrões, um pouco distantes. Passaram assim alguns momentos, até Himba reparar neles e tocar no braço de Kassule, olha. Não era boa coisa, esse grupo raramente era visto por ali, em princípio estava fora do seu território. Jonas fez sinal com a mão e se aproximaram em meio círculo, rodeando os que estavam na tosca fila de espera.

– Então, Tobias, diz. Onde está o meu amigo Chico? Me disseram lhe partiste um braço e esmagaste a cara dele. É verdade?

O Jonas, depois de falar, avançou, afastando alguns miúdos da fila, para se colocar perto de Tobias. Himba sentiu um baque no peito, um suspiro assustado se libertou. Tobias virou o corpo para trás, enfrentou o outro. Respondeu com voz calma:

– Não sei de que estás a falar. Quem é o Chico?

– Já disse, o meu amigo que tu e o teu bando abonaram, cinco contra um.

Tobias ia dizer, não foram cinco contra um, fui eu sozinho, mas estacou, isso seria reconhecer a suspeita como verdadeira. E havia certamente algum informador da polícia infiltrado entre os miúdos, a proteção servia de moeda de troca com os indícios.

– Já te disse, não sei do que estás a falar.

Tinha havido hesitações involuntárias na sua voz desta vez, os outros pensariam que ele estava com medo, se apercebeu ou imaginou Tobias. De qualquer modo, tinha escorregado, ficado vulnerável. Do Jonas não tinha medo, mas era o que podia aparecer aos olhos dos assistentes, uma desonra. E isso irritou-o, fez saltar para fora o animal feroz enjaulado no seu cérebro. Encostou o peito ao do outro, um pouco mais alto.

– Não repitas essas merdas, ouviste?

– Porquê? O que é que acontece se eu repetir estas merdas? – Jonas fazia força, empurrando o outro com o peito, os olhos nos olhos, lançando estrelas para todos os lados.

– Rebento-te o focinho.

Jonas então abriu os braços, deu uma meia-volta para que todos lhe vissem as mãos, falou para os

presentes:

– Estou eu a perguntar pelo meu amigo Chico e a resposta é uma ameaça. Que vou fazer? Digam, que vou fazer?

Rodou de repente da posição em que estava para enfiar um murro poderoso no estômago de Tobias, o qual foi projetado contra o contentor. Os amigos de Jonas encurralaram os de Tobias, quatro no meio de doze, mas sem fazerem mais nada, apenas se aproximaram e os fecharam, como a dizer, isto é um combate de chefes, ninguém se mete. Tobias respirou fundo e ripostou e os dois começaram a esgrimir murros e pontapés. Jonas era grande mas o outro era mais ágil, por isso o combate estava equilibrado. Kassule segurou a mão de Himba para a encorajar. Ou se convencer a si próprio. Só os chefes lutavam e assim estava bem, o derrotado arrastava o seu grupo na vergonha e o vencedor repartia o triunfo com os seus companheiros, código das ruas, dos becos do musseque, também ali da areia. Para quê querer ser chefe então, se não era para arriscar o corpo e a alma pelo grupo?

Ali os chefes deviam ter honra.

Entretanto Jonas, depois de levar três murros bem direcionados que o fizeram recuar e cambalear, perdeu a compostura e rasgou os códigos. Com um esgar de ódio na cara, agarrou uma garrafa de cerveja, das muitas que eram atiradas para o chão, bateu com ela numa pedra para fazer saltar o fundo e apontou a arma afiada para a cara de Tobias. Este deu um salto para trás, apanhou por sua vez uma garrafa, partiu o fundo e se posicionou para uma luta muito mais arriscada. Porém, Jonas tinha experiência e foi esperto como uma serpente. Virou um pouco a cabeça num relance para o seu lado esquerdo e Tobias instintivamente também virou a sua para ver o que chamara a atenção do outro. Ficou com o pescoço vulnerável e foi aí que o Jonas espetou num bote fulminante a garrafa, lhe cortando em profundidade. Himba deu um grito antes mesmo de ver o sangue espichar da garganta de Tobias. Jonas se afastou um pouco, assistindo ao espetáculo, um sorriso de troça lhe arrepanhando os lábios grossos. Tobias largou a garrafa, tentou segurar com as duas mãos o pescoço que perdia golfadas de sangue, mas logo desistiu de pressionar, caiu de joelhos e depois para o lado. Alguém da cozinha do restaurante afastou os assistentes, ficou a olhar os últimos estertores do rapaz.

A morte foi rápida, discreta.

O grupo de Tobias conseguiu se desembaraçar com empurrões dos seus adversários, agora assustados, e se aproximou do chefe. Sabiam, nada a fazer. Num instante Jonas se desvaneceu na escuridão, depois o seu bando. Os que esperavam comida também bazaram, antes que chegasse a polícia. Ficou só o grupo de quatro, agora sem líder, e os dois meninos, um pouco afastados.

– Vamos embora – disse Kassule.

Zero deu dois passos para eles, vão para o nosso sítio, é melhor.

Himba estava atordoada, a contemplar o corpo de Tobias inerte, o sangue parecendo negro na areia mal iluminada. Tinha vontade de correr para ele, lhe tocar, não para o acarinhar, apenas constatar que não mexia. Por outro lado, os pés estavam colados na areia, impossível de os mover. Não queria pensar, mas estava a sentir coisas contraditórias, horror e medo, também o sentido de libertação, já não havia Tobias para a reter. Mas o horror se sobrepunha e também vergonha pela sua imensa ingratidão. Começou a chorar. Em silêncio.

Por ela.

Lembrou uma conversa tida naquele isolamento da noite, em que ficavam deitados, sozinhos, sentindo o corpo do outro, e ela perguntou se ele, Tobias, era um bandido e ele disse não, apenas temos de sobreviver, o nosso grupo não é um bando, não roubamos, catamos o que comemos, não andamos por aí a matar pessoas, mas gostamos uns dos outros, confiamos entre nós e é essa confiança entre nós que mantém o grupo unido e nos permite sobreviver. Ela falou no Desperado Kid e ele disse, aí tens um bandido, eles vivem de roubar, por isso não os vês muito nas bichas de catar comida, não precisam, arranjam dinheiro noutro sítio, assaltando casas, ou roubando as carteiras e roupas dos turistas que vêm

tomar banho na praia. Nunca confundas o nosso grupo com o bando desses merda, porra.

E o bandido venceu a luta, por traição, ela viu, na névoa em que se tornava a sua vida. Talvez Tobias dissesse a verdade. Talvez não toda a verdade. Não queria saber.

Munhango gritou então para eles:

– Zero falou. Vão para o nosso sítio.

Kassule puxou pelo braço da menina. Esta resistiu, ele insistiu, Zero voltou a gritar, já se ouvia movimentação de carros chegando, ela se deixou quase arrastar. Os outros ficariam como testemunhas para a polícia. Zero esperava que o parente estivesse entre os caíngas, senão lhes aconteceriam coisas más, até talvez fossem acusados de causadores da morte do amigo. Até porque o empregado da cozinha, adivinhando interrogatórios chatos, tinha já desaparecido dentro do restaurante, onde estava resguardado. Esse seria uma testemunha credível para a polícia, já adulto e com um trabalho, não aquele grupo de quatro rapazes com as trufas mal aparadas, já sem memória de uma escova ou um banho de água natural, apenas cheiro de mar. Mas era seu dever ficar ali com o companheiro, explicar aos bófiás o que passara, com todos os nomes, arriscando futuros e vinganças de sangue. O chefe merecia que, no momento da sua morte, a verdade fosse contada. Não eram bandidos, mesmo, só um grupo de kambas.

Ao mesmo tempo que chegava a polícia, os dois amigos se aproximavam do refúgio de Tobias. Kassule viu sombras e segurou Himba. Estacaram de súbito.

Tarde demais.

A voz do Jonas se fez ouvir, acompanhada de gargalhadas dos companheiros:

– Olhem quem vem aí. A causadora disto tudo.

Dois deles saíram do círculo de luz dando sobre os panos e agarraram em Himba, a qual nem teve tempo de se defender. Foi levada ao chefe. Todos olharam para a menina, ignorando Kassule.

– Então, esta é a canuca que provocou a maka toda – disse Jonas. – Sabemos o mambo completo. Tu é que disseste ao Tobias, o teu namorado Tobias, que o Chico te fez mal. Mentira, sabemos tudo. E o Tobias quis se vingar nele, estava muito ofendido, o coitado. Não sabia a lei da Ilha? Ninguém toca nos meus amigos.

Jonas olhou os seus companheiros, um a um. Tentando adivinhar intenções escondidas? Continuou:

– Alguns aqui podem pensar, esse Chico estava conosco há pouco tempo. É verdade. Mas basta um dia ser nosso companheiro que passa a ser um mano. O Tobias esqueceu a regra, porra... Ou nunca a conheceu. Acreditou em ti, canuca intriguista, queria mesmo cumprir a tua vingança. Agora tens o resultado da tua mentira, o namorado já era... E tu vais pagar também.

Kassule fez as contas e agiu rápido. Ali não podia fazer nada. No entanto, os polícias estavam perto, no outro restaurante. Era só o tempo de correr para lá. E correu mesmo, parecia não usava muleta mas já a prótese própria. Chegou a arquejar, o exercício fora intenso. Não esperou retomar a respiração, se meteu mesmo no meio da confusão dos caíngas. Foi difícil atrair a atenção do chefe da patrulha policial mas conseguiu se fazer ouvir, depois de alguma insistência:

– Ajudem, os que mataram este aqui estão a violar uma menina ali à frente, por favor, venham rápido, ainda lhe vão matar, são muitos, o chefe é o Jonas, foi ele que matou...

– Já sabemos que foi o Jonas, estes aqui contaram – disse o que parecia ser o chefe dos polícias.

– E estão a continuar ali, a violar a namorada do Tobias – insistiu Kassule.

Com ar de enfado, o chefe disse para um dos companheiros, Tiago, vai lá com o Trindade, tendo os dois polícias puxado primeiro o cinto das calças para cima da barriga volumosa, antes de enfrentarem a areia. No entanto, foram com Kassule, este correndo à frente e depois parando, à espera que eles se aproximassem. Não tinham pressa, devia ser uma manobra de diversão, pensavam os caíngas, do alto da sua autoridade, esse miúdo julga que aldraba o chefe, mas vão ser todos cangados para aprenderem a

não andar por aqui a sujar a Ilha, boa para os turistas. No entanto, esqueceram as suspeitas, porque em breve viram sombras agitadas e gritos. Começaram então a gritar e a correr, polícia, polícia, fazendo o bando do Jonas dispersar em debandada.

Como iria saber nessa mesma noite Kassule, dois ou três ainda tiveram tempo de a violar, mas aproveitaram também para lhe avançar com umas chapadas. Himba chorava suavemente e sangrava do nariz.

– Tão pequena, porra! – disse o Trindade.

– Deve ir no posto médico – disse o Tiago, querendo fazer-se passar por responsável da operação.

– Está fechado – replicou o Trindade. – Só está aberta a clínica do fundo da Ilha. Mas não é para estes casos.

– Sim. Só clientes fixos. E os bem balados.

Kassule se debruçou sobre Himba, deitada na areia, chorando e tremendo, a inquirir como se sentia. Ela só disse, quero ir na água. Estava noite fria e a água ainda piorava a situação dela. Kassule disse, não vais nada, ainda ficas doente.

O polícia Tiago disse para Himba:

– Olha, menina, tenho de relatar a ocorrência ao nosso chefe. Podes andar? Vens conosco. Afinal o morto era teu namorado...

Kassule se intrometeu.

– Ela não pode andar. Não está a ver? Vão buscar o carro, nos deixam numa casa que eu conheço aqui mesmo na Ilha, sei quem pode tratar dela.

Tiago tirou o boné, coçou a cabeça, isso o chefe é que pode decidir, mas vai ser preciso um depoimento, se trata de crime grave e violento, homicídio, sabem o que é? E se houve violação, é preciso ser confirmada por um médico...

Trindade disse então:

– Se ela não pode andar, vamos então falar com o chefe. Vocês fiquem aqui, talvez o boss nos manda lhe levar na clínica, para as provas do crime... Mesmo essa aí bem cara, o Estado paga. Achas, Tiago?

– Está bem, está bem, esperamos – disse Kassule, apressando os hesitantes agentes.

Quando os dois polícias se afastaram, no seu passo lento derivado do peso da autoridade atascada nas costas redondas, o kandengue segredou para Himba:

– Consegues andar? Ou precisas mesmo de ir à clínica?

– Posso andar. E não quero ir à clínica, fazer o quê?

Contou então o que lhe sucedeu de forma resumida, os detalhes guardaria por pudor ou seriam relatados para se livrar desse fardo, um dia. Agora só queria entrar na água para se lavar.

– Está muito frio e vais ficar doente. Se podes mesmo andar, não vamos nada esperar pelos polícias, não adiantam nada, passamos para o lado de lá da avenida e nas barbas deles. Vamos masé à casa de Dona Isabel. Ainda é cedo, está acordada. Te limpas lá e pedimos para nos deixar dormir no quintal de trás, estamos habituados. Amanhã vamos para o lar.

Himba concordou, na praia não podiam ficar. Ela seria alvo do bando do Jonas e de outros gangues, as violações se sucederiam. Mesmo se naquele momento havia muitos miúdos que estavam furiosos com o Jonas e sobretudo com a violação de uma menina tão nova, no dia seguinte começariam a pensar, porquê só eles e não eu? E agora já está carimbada, tanto faz uma vez ou vinte, como diria Madia. Também não haveria Tobias, nem para a proteger, nem para a subjugar. Tinha de aproveitar a liberdade.

No caminho até à casa de refúgio, amparada pelo amigo, Himba percorria mentalmente os passos

da sua vida, tão curta e cheia de tristezas, terror, sofrimento. É assim mesmo a vida das pessoas normais? Não lhe parecia. Primeiro foi tudo bem, o tempo da descoberta e das brincadeiras e do amor. Depois o mundo caiu com a fuga do município, a sua vida se virou de pés para cima, tudo foi acontecendo, cada vez pior. Afinal só tinha passado um ano completo sobre o recuo da terra natal. No entanto, valia por todos os anos anteriores. Um ano de perda constante. Só tinha Kassule, a única presença boa e fiel em todos os momentos. A sua vida, no meio do caos, lhe tinha dado um irmão para substituir todos os outros perdidos. Se agarrava a esse irmão, até para caminhar. E quem fazia o maior esforço era o irmão corajoso e incansável, o qual nem tinha uma perna.

Não sentia dores, mesmo se o sangue não parava de sair do nariz por causa das chapadas. O corpo estava feito para ser torturado, por isso era indiferente doer ou não doer, qual era a diferença? Quando a dor é constante, deixa de ser sentida. E assim queria ficar, imune à dor, à física e à outra, a da perda. Já tinha perdido tudo ou quase, pois lhe restava Kassule. Era pouco?

Era imenso.

Mas também queria mais. Mentira. Agora já não desejava mais nada, ficava satisfeita com o que tivesse, só tinha de andar, andar, evitar pensar, evitar fazer comparações com outras vidas, o passado se enterrava automaticamente, inútil fazê-lo ressuscitar, pois só trazia sofrimento, saudade, angústia. Devia agradecer cada minuto de vida e viver assim, cada minuto de sua vez.

O futuro não existe para gente como nós, só o minuto em que ainda cá estamos.

Chegaram à casa de Dona Isabel e nem seria preciso falar para a senhora compreender a gravidade da situação. Desta vez, porém, Kassule pôde se adiantar para contar o mujimbo que ainda não chegara ali àquele sítio sempre bem informado sobre o que passava na Ilha. A senhora boa das trancinhas, que os fez entrar na casa, onde estavam os três filhos e Luzia, só abanava a cabeça e resmungava, eu sabia ia acontecer coisa má, eu sabia, e não foi nenhum pássaro que veio contar, eu sabia apenas na minha cabeça, até disse no domingo ao padre, isto tudo vai acabar mal, é como um perfume mau, daqueles tão fortes que não se pode desprezar, temos mesmo de o cheirar e nele entender a revelação de um segredo do futuro, não o trazido pelos pássaros.

Viam pela primeira vez Mariano Kimba, o filho da senhora, trabalhador da Alfândega dos Correios centrais. Um rapaz novo, ar de sossegado, sentado numa cadeira, o jornal à sua frente, mas agora deixara de ler para observar os dois meninos, conhecia-os pelas conversas da mãe, sabia mesmo os nomes, só que nunca se tinham cruzado de olhos. Dos chegados, apenas Kassule estava atento ao que passava na sala, Himba repousava dentro dela e não reparou em Mariano, nem nas duas irmãs já crescidas, embora ainda andassem na escola, nem em Luzia. Tinha uma vaga ideia de Kassule falar para a senhora, ainda na porta, quando ela os mandou entrar. Mas o mundo era uma névoa à frente dos olhos de Himba, névoa ainda mais realçada porque de repente tinham entrado numa sala com lâmpadas elétricas, luz que ela tinha esquecido, mais habituada à da Lua e à que vinha tamisada pelo cacimbo dos candeeiros da rua ou dos faróis dos carros.

Kassule sentou numa cadeira porque lhe mandaram. A família já tinha comido, mas Luzia recebeu instruções para lhes preparar qualquer coisa. E Dona Isabel levou Himba à casa de banho, para a tratar e observar e talvez consolar. Dali só saíam quando a menina estivesse com o sangue estancado no nariz, toda limpa e com roupa nova tirada de um armário. A conversa, necessária, ficaria para depois. Se fosse mesmo preciso, Dona Isabel tinha o colo bom, onde se aquietara Luemba, dava para mais alguém.

Depois de comerem, debaixo dos olhos dos outros, Dona Isabel deu mais instruções a Luzia para preparar as camas. Himba dormiria com uma das irmãs e Kassule no sofá da sala. Quando ele disse, desnecessita, dormimos no quintal de trás, estamos habituados, a senhora cortou:

– Pois desabitua-te de dormir ao relento e é já. Nunca mais vais dormir com as estrelas em cima, só se quiseses passear um dia, fazer de viajante. Agora deitas em baixo de teto e acabou. Amanhã ainda ficam cá em casa, no dia seguinte é sábado e, como combinado, o Mariano vos leva ao lar. Não foi isso

que combinamos, Mariano?

– Foi, sim, mãe. Depois de amanhã levo.

Kassule encolheu os ombros, um pouco cético. Até gostava de dormir no sofá da sala, devia ser fixe. E o lar também? Mas quem pode fazer previsões para tão longe como a senhora estava fazer, que se devia desabituar de dormir ao relento? A vida dá tantas cambalhotas... Tinha, porém, uma preocupação.

– Dona Isabel, agradecemos muito. E agradecemos ficar cá amanhã. Mas a polícia vai estar agitada, querem falar conosco, sobretudo com a Himba. Era bom ninguém dizer nada que estamos aqui. Eles podem nos levar para averiguações...

– Já percebi. E vocês todos não sabem o que se passa, mas perceberam que não abrem a boca sobre isto, não é? Não temos duas pessoas a mais em casa, entenderam?

Os filhos e afilhada concordaram com a cabeça. Não foram obrigados a jurar, o respeito era grande. A senhora boa das trancinhas continuou:

– É melhor saberem uma coisa, já, pois vão acabar por ouvir amanhã. Houve uma luta na praia e um amigo deles, o Tobias, foi morto. Por isso é questão de polícia. Eles devem ir para o lar no sábado e se a polícia os descobre vai só atrasar a ida deles para interrogatórios que não vão dar em nada, todos sabem o nome do matador, outros ficaram como testemunhas. É só isso. Está claro?

Mais que suficiente para os jovens. Nessa altura Dona Isabel ainda não sabia da violação. Apenas que bateram também em Himba, não dava para esconder o nariz sangrento e inchado. Se soubesse, contava aos filhos e à afilhada? Uma dúvida que Himba e Kassule levariam para a cama. A menina achava a senhora não ia contar, mas quem adivinha o que passa na cabeça de uma pessoa cheia de boas intenções?

Custou a adormecer, muitas vozes falando na sua cabeça.

Vozes desencontradas, algumas augurando mais desgraças, outras compassivas, soando do longe. Vozes de mortos e de vivos, vozes de quem não sabia se estavam mortos ou vivos, mas também vozes diretamente do futuro, destapando segredos que se revelariam falsos mais tarde, enquanto alguns acertariam em cheio nas previsões, mas as vozes se encavalitavam umas nas outras e era apenas um zoar de onde se escapava por vezes uma palavra, uma frase incompleta, na maior parte dos casos nem podia perceber o significado, só o adivinhava. Porque esse tipo de vozes não chega nos ouvidos, só no coração.

Estou a ficar maluca. Quem não ficaria?

A madrugada chegou. Os sons eram outros, de gente a passar, crianças a rir, carros, pássaros. A filha de Dona Isabel gemeu, se sentou na cama, olhou para Himba, disse bom dia. Custou levantar, queixou de novo, depois se decidiu de repente e saiu do quarto. Para a casa de banho, imaginou Himba. Se vestiu com a roupa nova, a sua tinha sido atirada para o cesto da roupa suja e dali talvez fosse para o lixo, embora lhe parecesse que a senhora não era muito adepta de deitar coisas fora, tudo podia ter a sua utilidade. A prova estava nas calças e blusa que lhe deu, não servindo a ninguém da casa. Ousou meter um pé fora do quarto, lembrou o Kassule, foi acordá-lo na sala. Deu encontro com Mariano, já pronto. E percebeu que Dona Isabel andava pelo quintal. As pessoas se levantam cedo na Ilha, todas têm a sua função, não eram como eles, sem horário, acordando a ritmos próprios, cada um na sua hora, porque o resto do dia era vazio. Mariano lhe perguntou se queria comer e ela perguntou, e os outros? Cada um ia à cozinha e preparava o seu pão e chá, ele ia agora, se ela quisesse... E Himba deixou Kassule continuar a dormir, foi com Mariano.

Este lhe explicou, o serviço abria às oito horas, como toda ou quase toda a função pública, mas ele gostava de chegar um pouco antes, dali apreciava a baía, tão calma de manhã cedo, cumprimentando os colegas que iam aparecendo.

– Sou sempre o primeiro a chegar. Faço de porteiro...

E riu, enquanto abria com a faca os dois pãezinhos. Sempre que podia, mirava Himba. Ela notou. Olhar bom, não tinha o jeito manhoso do Zero ou a raiva controlada do Tobias. Como o do Kassule, quando estava bem-disposto. Parecido ao da mãe dele, diferente das irmãs. As jovens pareciam alheadas dos outros, como se não existissem, deve ser o que aprendem na escola, pensou Himba. Ninguém se tinha lembrado de lhes ensinar o nome delas, por isso eram apenas as irmãs. Luzia não olhava as pessoas de frente, baixava sempre a cabeça. Submissa? Foi apresentada como afilhada e era claramente bem tratada, embora fizesse o trabalho de criada, com um quarto próprio. Habituada à casa onde nascera, Himba se espantara já da primeira vez e agora de novo. Como era possível aquela casa, que não era maior que a do município, ter sala de estar, quatro quartos pequenos, um sendo no quintal, onde dormia Luzia, cozinha e duas casas de banho? Uma das casas de banho ficava ao lado do quarto de Luzia, no quintal. Bom aproveitamento do espaço. Por causa de duas grandes árvores que lhe davam sombra todo o dia, era bastante fresca. A árvore da frente era o escritório de Dona Isabel, como ela própria dizia, no gozo. A de trás sombreava a casa na parte da tarde. Muito agradável de viver, pensou Himba.

Mariano barrou o pão com goiabada feita em casa e lhe serviu o chá.

– Isso é só hoje para ver como fazemos – brincou ele. – Amanhã és tu que me serves.

Himba sorriu pela primeira vez. Ele ficou encantado com o sorriso, não podia evitar olhar para ela, como hipnotizado. Se sentaram em bancos e comeram calados, apreciando a companhia.

– Como é, Himba, dormiste bem? – perguntou Dona Isabel, do lado de fora, pela janela. – Já vi que se entenderam para comerem.

– Fomos feitos para nos entendermos – disse Mariano, um toque enigmático na voz.

E pela segunda vez Himba sorriu, achava graça à maneira dele. Até se sentia envaidecida pela insistência do seu olhar apreciador, diferente de todos os que sentira poisados na cara dela.

A mãe entrou pela porta de trás diretamente para a cozinha e ajudou o filho a preparar o taparuere onde levava o almoço. Era longe para vir comer a casa no meio do trabalho. O falecido sempre fizera o mesmo. A pé ainda era uma caminhada, por isso Mariano, como o pai antes, saía cedo de casa, um passeio saboroso e higiênico, dizia ele, nem toda a gente tem esta sorte de habitar na Ilha de Luanda, uns felizardos. O que era verdade para quem desfrutava de uma boa casa e uma família, reconheceu facilmente Himba. A Ilha era dura para quem tinha de sobreviver na areia.

Se despedia dela sem particular saudade.



O cangalheiro Gomes tinha razão, o corpo não foi entregue no dia da morte à funerária, só no seguinte de manhã. Por isso à noite não houve velório, fica mal fazer velório sem corpo. Sofia e o irmão, mais alguns trabalhadores do restaurante, os que puderam ser avisados, foram passar um tempo na casa da falecida, para reconfortarem o estranho Ezequiel, uma espécie de noite improvisada de óbito. Sofia carregou a carrinha com cerveja e refrigerantes, foi ao mercado de rua comprar o mais que havia de paracuca, kitaba, gengibre, cola, múkua, pé de moleque e outras guloseimas para acompanhar bebida, levou tudo para casa da sócia. Não tinham o corpo para chorar sobre ele mas sempre podiam ir conversando e contando estórias, recordando as melhores cenas de Dona Ester, até mesmo ensaiarem uns jogos de cartas, enquanto consumiam os quitutes da terra e as birras e gasosas. Não havia mais família, desconheciam se os vizinhos se davam com ela, preferiu não avisar. Os que liam jornais podiam ver o anúncio sem fotografia no dia seguinte de manhã, a necrologia era das páginas com mais adeptos no único diário, rivalizando com o futebol, sendo o resto utilizado para embrulhar coisas e limpar vidros.

O motorista dispendeu esforço em ganhar um espaço na célebre página, depois de algumas

tentativas infrutíferas. Tive de pagar mais um cochito ao camarada de serviço, além da taxa de urgência, para passar à frente de outros anúncios menos necessários, está tudo aí no papel das contas, disse ele a Sofia, apresentando o troco e o que gastara no anúncio. Podia ser uma maneira de aumentar um pouco o salário, ficando com umas notas, mas também podia muito bem ser verdade, se tornara comum a exigência de gasosa para qualquer favor ou cumprimento mais escrupuloso do dever de trabalhar, por isso ela aceitou, fez só que sim com a cabeça, até no jornal governamental é preciso pagar gasosa, admirou.

Estavam na casa da sócia, sala pequena demais para a dezena e meia de pessoas. As mulheres no princípio iam ensaiar uns choros e lamentações, mas o cozinheiro Tadeu, investido em segundo chefe da empresa por ser o responsável pela cozinha até novas ordens, falou logo, nada de komba aqui, respeitem a falta de corpo. E ninguém mais ousou fungar, mesmo quando se contavam as estórias sobre a bondade da finada. Ezequiel não parecia reagir a nada. Bebeu o refrigerante que lhe deram, mastigava as paracucas ou kitaba que Kiaxi de vez em quando lhe passava para a mão, mas nada dizia, nem parecia se condoer em particular. Sabereria porque estavam ali? Sofia não tinha a certeza de quanto ele compreendia sobre os factos comuns que lhe iam acontecendo. Era frequente acordar com pesadelos, sobre mortos e espíritos, segundo contava a mãe. Também havia as cenas dos gritos na igreja, quando os crentes berravam hossanas e xinguilavam. Mas pouco mais sabia do que acontecia no seu cérebro. Talvez não tivesse mesmo noção do que existia, embora conseguisse, se espicaçado, responder a perguntas com certa lógica.

Ezequiel era mesmo o problema que estava com ele.

Hoje companhia não faltava, o pessoal só ia desgrudar quando acabasse a bebida e ela carregara bastantes grades. Se fosse preciso, ia buscar mais, que não a acusassem de diminuir o brilho do óbito de Dona Ester. Embora não tivesse ainda a carta de condução, conseguia guiar a carrinha, por isso dispensaria o motorista se ele quisesse ir embora. Além disso, àquela hora, se fosse obrigada a dirigir o veículo, não havia perigo nenhum de encontrar um zeloso polícia a pedir os documentos do carro e a carta de condução.

O senhor Gomes tinha ligado às cinco da tarde, só agora consegui a certeza de que me deixam ir buscar o corpo às oito da manhã, portanto vou marcar o funeral para as quatro da tarde, não pode ser antes e isto se houver vaga no cemitério, sabe como são essas coisas, às vezes o pessoal faz greve de zelo para reclamar dos salários baixos, que até são, devemos reconhecer, mas o administrador municipal não vai em cantigas, diz que não tem dinheiro para mais e há gente a morrer à toa, muitos acidentes, sobretudo de moto e de carro, doenças de todos os cantos do mundo, desculpas, essas coisas... A segunda notícia é que ia cancelar o aluguer do recinto para o velório, reservado para todo o dia, porque não se justifica, o corpo pode sair da funerária, onde o preparo e ao caixão, essas coisas, diretamente para o cemitério. Ao que Sofia se opôs, não faça isso, senhor Gomes, mantenha a reserva do sítio, mesmo que seja uma hora, devemos deixar os amigos se despedirem com decência da Dona Ester, dali partimos para o funeral. A jovem senhora é que sabe, tentava lhe poupar algum dinheiro mas se acha bem reservarmos o espaço para todo o dia, tudo certo, não telefono a cancelar o aluguer, essas coisas. Fico satisfeito por saber que estou a lidar com alguém a quem não importa gastar mais algum dinheiro só para honrar uma amiga falecida, cai sempre bem na juventude de hoje.

Sofia só avisaria o pastor da igreja de Dona Ester de manhã, antes que ele lesse o jornal ou alguém o avisasse do infeliz acontecimento. Assim, teria tempo de mobilizar algumas carpideiras para se postarem no local do velório, até mesmo o coro de gospel se para aí lhe desse, e depois seguirem num camião da igreja para o cemitério, como sucedera de outras vezes, conhecimento sobre os procedimentos fúnebres obtido nas conversas da sócia, sempre muito orgulhosa da maneira como a sua religião se preocupava com os rituais. Da vida ou da morte.

Talvez para a convencer a aderir a algo tão perfeito.

Parecia tudo tratado, a polícia afinal aceitou os documentos e as conclusões do hospital, não exigiu

perícias nem interrogatórios, nem quis saber da existência do filho, havia muito bandido a perseguir e motoristas a quem extorquir dinheiro, seria tempo perdido se ocuparem mais que o devido de um caso límpido de morte por doença grave.

Ainda bem, chatice a menos.

Morta Dona Ester, ninguém ia pensar mais no Ezequiel, só mesmo ela. Como fazer? Não podia viver sozinho. Tinha de arranjar alguém para se ocupar dele, pagava o salário dessa pessoa com o rendimento do restaurante. Descontava do lucro dele, claro. Mas tinha de ser uma pessoa cuidadosa e de confiança, de preferência de certa idade, que lhe limpassem a casa e o obrigassem a se lavar e vestir decentemente. Aí começavam os problemas, pois poucas pessoas estariam dispostas a servi-lo, há sempre muito receio de malucos. E isso é o que ele era, maluco. Bastava ver a maneira como se agarrava agora a Kiaxi.

Fixação perigosa.

A moça era muito nova, órfã de pai, vivendo com a mãe e irmãos num ximbeco qualquer lá para o mabululo. Segundo lhe constava, pertencia a uma família expulsa para a área rural quando começaram a construir em Talatona, considerada a Luanda do futuro. Kiaxi era nova mas poderia começar a ter ideias, por exemplo deixar que ele se apegasse a ela e ainda convencê-lo a viverem juntos. Ele era maluco mas tinha devaneios e apetites sexuais, Sofia não esquecia porquê tinha sido expulsa a chapadas a mulher que há anos atrás exercia a mesma função. Portanto, não seria difícil uma rapariga esperta amarrá-lo. As contas seriam feitas rapidamente, aos olhos dela Ezequiel era muito rico, herdeiro do restaurante, um bom partido portanto, longe dos seus sonhos. Ninguém sabia, para além do círculo restrito de Dona Ester, Sofia e Diego, talvez o pastor da igreja, quantos sócios havia e quais as quotas na sociedade. Portanto, Kiaxi ou outra qualquer pensaria, ele tem pelo menos metade, o que era uma fortuna para gente despossuída de quase tudo. Uma tentação a que era preciso cortar já as pernas. Foi um disparate levar Kiaxi com ela lá a casa, uma coisa mal pensada, mas a primeira que lhe ocorreu, não podia estar atenta a tudo, muita pressão e deveres imediatos a fazer, era humana, alguma coisa correria mal.

Os erros só o são se não forem corrigidos.

Chamou Kiaxi de parte, podes ir para casa, devem estar preocupados contigo, afinal ainda és muito nova para estares fora à noite, mas como assim, Dona Sofia, todas as noites trabalho no restaurante, chego a casa muito mais tarde que a hora que é agora. Tinha razão, estava mesmo esgotada, a começar a fazer asneiras para corrigir um erro.

– Era só para te dizer que quando quiseses ir, podes bazar. Pedi para ficares com o menino Ezequiel para ele não ficar sozinho. Agora já estamos aqui, vou tentar pô-lo a dormir.

Se ele aceitar, pensou. Não aceitaria enquanto houvesse animação em casa, para ele devia ser novidade. Ou as amigas da igreja costumavam fazer serões lá em casa? Nunca pensara no assunto. Mesmo fora da religião, Dona Ester devia ter pessoas conhecidas, visitas. Se as tivesse, saberiam pelo jornal, talvez não a tempo de irem ao funeral, mas para depois aparecerem a perguntar como estava Ezequiel. De facto, tinha de arranjar alguém de confiança que tratasse dele.

Diego tinha feito amigos. Mudou o sentido da conversa, agora falavam de monstros marinhos, de lendas e realidades em outra dimensão, como ele dizia. Havia uma das ajudantes de cozinha que nascera na Ilha de Luanda, comunicava mais com ele, contando o que tinha ouvido quando era kandengue.

Assim passava o serão do óbito, quase como o tradicional.

Mas não passavam as preocupações de Sofia. E a mais urgente se chamava Kiaxi. Instado a ir para a cama, Ezequiel disse na maior candura que só ia se Kiaxi também fosse. E lhe estendia a mão, que a moça apertou, uma ponta de vaidade na cara, dava para perceber. Podia ser tudo muito inocente, sobretudo por parte da rapariga, mas Sofia desconfiava. Que teriam andado a fazer enquanto ela tratava

do funeral e ficaram os dois sozinhos em casa? Ezequiel não tinha inibições, se simpatizava com uma pessoa pedia logo para abraçar, tocar, coisa que nunca acontecera com Sofia, com quem ele sempre manteve um relacionamento distante. Ela nunca tinha tentado uma aproximação e há muito tempo não o via. De certeza Ezequiel não guardava a mínima ideia dela. Com Kiaxi a empatia foi imediata. Sofia tentou lhe explicar o que significava a morte da mãe, ele praticamente não reagiu, mas quando apresentou Kiaxi e disse, ela vai ficar um bocado contigo enquanto vou tratar de uns assuntos, ele se animou, não olhou mais para Sofia, todo sorrisos para a moça. Devia ter trazido uma senhora casada da cozinha ou da limpeza, burra que sou! Teve o raciocínio contrário, ao trazer uma jovem e simpática, ele se sentiria mais à vontade. O problema foi mesmo esse, ele se sentiu à vontade demais.

Agora tinha de limpar a merda que espalhara.

Diego animava a festa. Todos riam, alguns batiam palmas quando a tirada tinha mesmo piada. Esqueceram as cartas, não tentaram cantar, antes ouviam aquele artista que tinha muitas histórias para contar, sobretudo dos seus amigos pintores e escultores, alguns congoleses, outros do Leste do país, menos do Sul. Histórias de feitiços mortais, de encantamentos amorosos, de como em Kinshasa as mulheres são cada vez mais claras por causa dos produtos que usam, alguns com consequências perigosas, dos pregadores de ilusões que começaram por criar partidos políticos e quase todos descobriram o filão das igrejas, dava muito mais dinheiro ser dono de igreja que de partido político. Saltava de assunto para assunto, gozando com todas as situações. Sofia ouvia e se admirava, quase tinha esquecido essa faceta do irmão. E, no entanto, era a faceta mais marcante, sempre fora um gozador, por vezes escapando a grandes surras pelos que se sentiam zombados. Metida com outras tarefas, se tinha afastado de Diego. Ou foi ele que se afastou? Afastamento temporário, ia já corrigir, puxando-o de novo para si. Foi preciso morrer a sócia para ela descobrir as mudanças negativas da sua vida. Porque Diego era importante, era a pessoa mais importante. De repente sentiu ciúme. Ele contava as cenas para os outros, se divertia fazendo-os rir, cozinheiros, senhoras da limpeza, ajudantes, pessoas com quem estava habituado a lidar, do mesmo meio. Nunca contara aquelas cenas à irmã. E agora, nem olhava para ela, procurando o seu aplauso. O seu público estava ali, era indiferente se ela fazia parte do público ou não.

Grande vazio no coração de Sofia.

Diego já lhe tinha lançado umas farpas, de vez em quando. Por achar que ela se deslumbrava apenas por ser aceite pelo grupo de amigos, os príncipes? Da primeira vez que ela lhe tinha falado sobre eles, o que bebiam e quanto gastavam num jantar, ele usou o termo, são os nossos príncipes de musseque, a nossa realeza subdesenvolvida. Quando mais tarde ela falava deles, usando a terminologia de príncipes e duques, com ironia, Diego fingia não ouvir, mudava de conversa, exceção feita ao caso de Jezabel de Anunciação, que o interessara de veras. Seria possível Diego pensar que ela se orgulhava de participar das conversas deles, acreditar pertencer ao grupo? Podia Diego interpretá-la tão mal? Ele contava histórias ao seu público, não procurava a aprovação dela e Sofia se sentia infeliz.

Pior ainda quando olhou para o lado e viu Ezequiel e Kiaxi de mãos dadas e olhos líquidos.

Finalmente a conversa esmoreceu. A cerveja tinha acabado mas ela decidiu não ir buscar mais. A sentada acabava ali, queria pôr toda a gente na rua. Pediu o telemóvel de Ezequiel, apagou o número da mãe, pôs o seu, quando precisares de mim, carregas aqui e aqui, como Dona Ester lhe ensinara. Não havia perigo de errar.

Todos começaram a se despedir e Kiaxi ia ficando para trás, as mãos dadas com o órfão. Foi preciso Sofia lhe segurar no braço, até amanhã no funeral, vai bem e obrigada apanha a companhia de alguém, Ezequiel ainda tentou segurar Kiaxi, mas Sofia tinha pensado bem no assunto, interpôs o corpo, empurrou a rapariga no meio dos outros, fechou a porta com brusquidão.

Ezequiel queixou, eu quero a Kiaxi comigo.

– Vais masé para a cama. E já.

Ele era muito obediente, sempre lhe dissera Dona Ester. À voz de comando, o coitado se enfiou no

quarto, sem uma palavra audível mas se percebia, queixava baixinho, eu quero a Kiaxi. Diego assistia à cena, sem interferir. Ajudou a irmã a arrumar a sala, despachando as garrafas vazias e os copos para a cozinha.

– Ele fica bem sozinho?

– Fica – respondeu Sofia. – Vamos só esperar um pouco para ver se adormece.

– Não foste um pouco dura para o coitado?

– Fui. Mas tinha de ser.

Ficaram um bom bocado de tempo calados. Passava da meia-noite e Diego pensava, ainda temos de andar. Quando manifestou essa preocupação ela disse:

– Te dou boleia – riu por causa do espanto dele. – Fiquei com a chave da carrinha. Vou te levar a casa com toda a segurança. Já sei, não tenho carta de condução ainda, mas achas que vai aparecer algum caínga a me pedir?

Ele encolheu os ombros. Já tinha passado por aventuras muito mais perigosas. Sofia foi espreitar no quarto de Ezequiel. Ouviu a respiração regular de quem dorme. O homem estava habituado a adormecer cedo, logo que a mãe chegasse. Uma sentada como a desta noite despertou-o, mas logo que as pessoas bazaram, o sono veio. Amanhã já nem lembrava de Kiaxi, esperava Sofia. Ia encontrá-la no funeral, talvez lhe despertasse desejos, mas ela depois arranjará maneira de os afastar de vez. Ezequiel não tinha autonomia. A menos que Kiaxi tomasse alguma iniciativa. Amanhã mesmo tenho de falar com ela, dizer que o que fizera era muito perigoso, deu esperanças ao homem lhe segurando a mão, sabia que ele não era normal, a polícia podia achar que ela queria aproveitar da maluquice dele, qualquer ameaça velada no gênero seria suficiente. Toda a gente tem medo da polícia, com culpa ou sem ela.

Voltou para a sala.

– Podemos ir. Amanhã tenho de vir cá cedo para lhe dar de comer e ordens. Para se vestir, para ver televisão etc. É essa a vida dele, fica a olhar para a televisão. Será que entende alguma coisa?

– Deve entender. Não sabemos é se da mesma maneira que nós...

Não fosse a presença de Ezequiel no quarto ao lado, a frase merecia uma sonora gargalhada. Os dois se contiveram. Sofia fechou a porta, levou as chaves. Ezequiel nunca saía de casa por sua iniciativa, mas podia alguém bater à porta e ele abrir. Todo o cuidado é pouco, esse país tem muito maluco perigoso.

– Como é que vais fazer com o restaurante? – perguntou Diego, já na carrinha, com ela a conduzir com todo o cuidado para não ter um acidente logo da primeira vez que infringia o código.

– Vou tomar conta dele, como sempre fiz desde que lá estou. O meu problema é a cozinha. Será o Tadeu capaz de tomar conta dela? Essa é a maka. Não me convinha ainda contratar um cozinheiro já feito. Salário pesado.

– Podes orientar o Tadeu. Ou não?

– Posso. Ultimamente a Dona Ester já pouco fazia... Estava pior do que eu pensava, a arfar, a arfar... Porque não dei conta?

– Não te culpes disso. Ela era gorda demais, sempre dissesse que não se cuidava na comida, nos doces e gorduras... Até eu sei que faz mal ao coração, o colete... quê? Isso.

– O colesterol, assim se chama... Era difícil convencê-la de qualquer coisa. Confiava mais no aldrabão do pastor que em qualquer médico... Esses, nem vê-los... Sim, perguntaste se posso orientar a cozinha? Posso, claro. Mas antes éramos duas cabeças, experimentávamos juntas. As ideias podiam ser minhas, mas fazíamos as experiências juntas. Sentia-me mais segura. E quando tinha de ir a uma repartição ou fazer compras, sabia que a cozinha estava em boas mãos, mesmo se afinal ela já andava debilitada. Agora vou ter de estudar os horários, controlar mais os tempos, melhor organização...

– Bumbar mais!

– Sim, bumbar mais. Mas se mantém a oferta de trabalhares no bar quando quiseres, nada disso muda.

Ele sorriu. Eu sei, eu sei, disse para si próprio.

No sábado, Mariano levou Himba e Kassule para o lar do padre Adão. Apanharam um candongueiro até à Samba e depois outro até ao Morro Bento. Longe, fora do que na época se considerava Luanda, razão pela qual se chamava Luanda-Sul, por ter começado sendo no caminho para a barra do Kwanza, para lá dos limites da cidade. Se não fosse com Mariano, Himba teria medo, dos bairros e da viagem. Era a primeira vez que andava de candongueiro e não tinha passado naqueles sítios quando entrara na capital. Assustava-a o barulho das conversas, gritos e risadas no meio, as acelerações e ultrapassagens apertadas do carro, seguidas de travagens repentinas. Os outros passageiros pareciam não notar, iam todos em festa, exceto uma senhora mais velha num canto, calada, com cara triste. Talvez se dirigindo para um óbito ou tivesse algum problema grave. Kassule também nunca tinha tido dinheiro para entrar num candongueiro. Olhava para todos os lados com sofreguidão, como se quisesse tudo apreender, em particular a maneira como o motorista conduzia. Mariano ia como ele mesmo era, tranquilo, sem dar corda às conversas dos outros, de vez em quando a observar os meninos para comprovar que os dois se sentiam bem. O olhar dele atento acalmava um pouco Himba, mas logo estoirava grande discussão a propósito do jogo que haveria à tarde, decisivo para o campeonato, entre duas equipas rivais da capital, e ela se assustava. Lhe dava a impressão que essas berrarias e conversas animadas podiam distrair o motorista, o qual participava delas com todo o interesse, guiando mecanicamente o Hiace, rasando os outros carros e os passeios sem mirar, se virando muitas vezes para trás, onde estavam os adeptos de uma e outra equipa. Só faltava puxar de uma garrafa de cerveja e beber enquanto conduzia, contra todas as palavras de ordem da polícia e de responsáveis pela sociedade.

No entanto, chegaram a salvo.

Ainda foi preciso percorrer a pé uma rua empoeirada, porque sem asfalto, de uns quatrocentos metros. Porém, não sabia mal andar assim, depois daquela viagem iniciática e assustadora. Os muros das residências quase iguais e com o cimento à vista, sem pintura, indicavam bairro novo, construído como calhava, sem plano nem fiscalização. Himba reparou, a rua não era direita, era aos ésses, contornando os muros desalinhados. E não tinha postes de iluminação.

Entraram por um portão avermelhado, num muro como os outros, mas viram logo dois barracões grandes, construídos de blocos de cimento e teto com chapas vermelhas. As paredes estavam pintadas de verde-claro e tinham janelas com persianas e vidro. Mais adiante, um espaço coberto, grande, com mesas e bancos compridos de cimento, sem paredes, apenas o mesmo teto de chapas vermelhas, que Himba mais tarde saberia serem de fabrico chinês. Os dois pavilhões de entrada eram dormitórios, um para rapazes, outro para raparigas, e o espaço tapado e sem paredes o refeitório. Ao lado deste um pequeno edifício que devia ser a cozinha e respectivo armazém de víveres. Passavam pessoas de um lado para o outro, alguns adultos, outros crianças e jovens. Sem gritarias nem corridas, tudo muito calmo. A disciplina deve ser rigorosa, pensou Kassule, aqui não dá para armar em esperto, te estigam logo ou te dão porrada, para aprenderes boas maneiras.

Um homem de meia-idade, baixinho, veio ter com eles, se apresentando logo como Adão. Mariano cumprimentou-o e falou:

– Sou Mariano Kimba, filho de Dona Isabel da Ilha, com quem o senhor padre conversou no outro

dia. E estes são os meninos que ela mandou.

O padre apertou a mão de todos. Coçou a cabeça, fazendo contas talvez. Era careca ou então rapava os cabelos com navalha, moda adotada primeiro pelos rapazes da cidade, imitando os manos norte-americanos do basquetebol e que mais tarde os adultos masculinos também seguiriam. Ao menos não apanhavam piolhos, agradeciam as mães. Algumas cabeças eram regulares e a falta de cabelo até calhava bem, no entender de Himba, sempre muito atenta à aparência das pessoas, mas alguns homens ficavam uma desgraça, com crânios disformes ou com cicatrizes e amolgadelas vindas de passados difíceis. A esses dava mesmo jeito um bocado de cabelo, mas teimavam em seguir a moda.

– Bem, de facto prometi. Chegaram entretanto alguns rapazes a mais e vou ter dificuldade em acomodar o kandengue. Quanto à menina, não há problema, temos lugar.

– Não fico sem o Kassule, é meu irmão – disse logo Himba, com voz fraca e chorosa.

– Calma – disse o padre. – Falei de alguma dificuldade, não de impossibilidade. Percebes a diferença, pequena? Como é mesmo o teu nome?

– Himba.

– Pois, Himba, é verdade. Vamos também arranjar lugar para o teu irmão, só que tenho de puxar pela sapiência – e deu uma chapada na nuca – para encontrar solução. Não te preocupes, deve sobrar uma cama... Ah, já sei, temos um catre guardado nos arrumos, é dos primeiros tempos, não está muito bom, mas o menino é leve, não vai cair com o peso. Mais tarde haveremos de receber uma cama nova e fica com primeira prioridade para essa.

Os meninos sorriram um para o outro. Também para os adultos. O padre convidou-os a visitar o recinto, que tinha mais atrás um grande terreno com balizas de um lado e outro, miúdos a jogar. Logo Kassule falou:

– Fixe, o famoso estádio. Já posso voltar a jogar futebol, na praia não dava muito jeito.

O padre pelos vistos levava tudo muito a sério, pois se virou, admirado, para o menino.

– Jogas mesmo futebol?

– Só sem a muleta, a muleta atrapalha-me para as fintas de corpo.

Riu Himba, esse Kassule sempre com as dele, riu Mariano e o padre Adão finalmente percebeu o gozo. Fez um sorriso contrafeito. Na religião dele talvez não fosse muito aceite gozar com a própria desgraça, pensou Himba. Não era nada disso, todos faziam parte da mesma religião, a católica. E no catecismo nunca aprendera assim. Gozar com a deficiência de outro é que era pecado, não com a sua própria, sinal de coragem, pelo menos ela assim o entendia. Entretanto, já o padre mudara a conversa, mostrando as plantas pequenas que cresciam em todo o terreno, entre as casas.

– Fizemos há pouco tempo um grande trabalho de plantação de árvores. Um grupo de voluntários trouxe mudas de Viana, de uns viveiros, foi muito divertido, todos a cavarem os buracos e a discutirem em que sequência punham, pois tem muita variedade e havia uns que achavam, cada qualidade num sítio próprio, outros achavam que devia ser tudo misturado...

– E o que decidiram? – perguntou Himba, muito interessada. Tinha ganhado vivacidade, notaram Mariano e Kassule, satisfeitos.

– Ficou por alas. Há a ala dos nimis, a ala das mangueiras, a ala das palmeiras, a ala dos coqueiros e a dos abacateiros. Acho que não esqueci nenhuma, pois a desprezada vai ficar zangada comigo. Ah, também mamoeiros, desculpem, mamoeiros queridos. Bem... Daqui a uns anos vamos ter muita sombra e flores, vai ficar um sítio bonito. E estamos a preparar também canteiros, veem aquelas pedras brancas todas alinhadas lá e ali e ali, por todo o lado? Pois, vamos pôr crótalos, girassóis, rosas de porcelana, gerberas, todas as flores que conseguirmos arranjar. E vamos ter mesmo, pois a malta da rádio diz que está a juntar uma coleção completa para trazer.

– Gosto muito de tomar conta das plantas e flores. Lá em casa era eu que tratava disso...

Logo se interrompeu, pois estava a trazer para a conversa confidências sobre a vida passada, coisas que ela nunca contava perante estranhos. Só Kassule não o era e já tinha ouvido essas estórias das experiências que ela fazia em vasilhinhos, imitando os japoneses, criando árvores em recipientes pequenos e cortando sempre os raminhos para que ficassem árvores em ponto pequeno, os célebres bonsais. E dos seus fracassos, pois não teve tempo de aperfeiçoar o método. Talvez ali lhe deixassem experimentar, não era muito caro e uma coisa bonita.

– Pois te ocuparás também das plantas, se quiseres. Aqui toda a gente trabalha para limpar e arrumar os dormitórios, o refeitório, fazer comida, varrer o terreno, tratar dos lixos etc. Por isso, uns tantos, que julgam que vêm passar férias, fogem ao fim de uns dias...

– Estou habituada a ajudar na casa. E o Kassule também, não é?

– Bem, isso já foi há muito tempo... ajudava na lavra, lembro, o resto...

Também não gostava de abrir o livro do passado diante de estranhos. Devia ser uma atitude normal, pensou Himba, mas ela sabia mais do que o amigo tinha admitido, ele ajudava mesmo a mãe em casa, só que a lembrança da mãe era sempre dolorosa e ele evitava falar muito sobre isso.

– Ajudavas mesmo, sei – disse Himba. – Nós não vamos fugir, senhor padre, e o trabalho não nos mete medo. Também queremos estudar, claro.

O padre acenou com a cabeça, mostrando agrado. Mariano estava sempre calado, deixando que os meninos estabelecessem conhecimento maior com o sacerdote, embora Himba sentisse os olhos dele na cara dela, sobretudo quando falava.

– Temos acordo com duas escolas aqui da zona. São do Estado e portanto gratuitas. Senão ia ser complicado, as privadas exigem propinas que só ricos podem pagar, nunca me hei de conformar com isso, é uma vergonha, tanta ganância, como é que as pessoas de repente aprenderam a só dar valor ao dinheiro?... Mas temos de ver se nesta altura do ano podemos matricular-vos. Acho que já é tarde, têm talvez de esperar até ao próximo ano.

Ainda faltava muito tempo, pensou Himba. Estavam a entrar no tempo do cacimbo e as aulas recomeçavam só no pico da estação quente. Uns sete ou oito meses de espera. Havia que procurar alternativas.

– Como estivemos algum tempo sem estudar, talvez nestes meses que faltam até ao próximo ano letivo pudéssemos fazer revisões, porque esquecemos algumas matérias... Não sei se é possível, se há livros...

O padre Adão bateu-lhe no ombro, sorridente.

– Vejo que és uma menina com a cabeça no lugar. Vamos arranjar alguém para dar explicações ou, como é que chamam agora com as modernices, estudo orientado?

Só então Mariano se manifestou, é isso, estudo orientado. Riram todos. E Mariano se despediu, estão entregues, vou regressar à Ilha, demora bastante lá chegar e a mãe não serve o almoço sem mim presente. O padre enviou cumprimentos para a Dona Isabel e para o padre da Igreja do Cabo, se o encontrar, por acaso, na esperança que Mariano dissesse, com certeza, vejo-o amanhã na missa, lhe dou os cumprimentos, mas o jovem ficou calado, era evidente nunca ia à igreja, só a mãe por ele.

Não é também para isso que servem as mães?

O sacerdote foi com eles para os alojamentos. Primeiro Himba, que escolheu uma cama vaga perto de uma janela. A janela tinha rede contra os mosquitos, um luxo. E um pequeno armário ao lado com gavetas. A parte de cima podia servir de mesa de cabeceira e as gavetas para guardar roupa. Ela não tinha, por enquanto dispensava as gavetas. Reparou, as camas estavam alinhadas em duas filas. E todas se encontravam impecavelmente feitas, com uma colcha fina por cima. Passou a mão por ela, para sentir a espessura.

– Cada cama tem dois lençóis e essa colcha. No tempo mais fresco, a colcha sabe bem. Na maior

parte do ano todos dormem só com o lençol por cima e janelas abertas. Corre o ar, porque tem muitas janelas. Tenho muito orgulho nestes dormitórios porque foi um amigo meu que os desenhou, um arquiteto argentino, vocês vão conhecer. Primeiro estudou num seminário mas não tinha vocação para o sacerdócio, mais tarde se formou em arquitetura. É adepto de construções adaptadas ao clima, estão a perceber? Por exemplo, orientou as janelas para o vento e por isso no tempo do calor vem a brisa do mar e refresca. Nunca faz de facto calor, tudo muito pensado para ser barato e confortável. Vai além disso melhorar bastante quando as árvores crescerem, foram dispostas em função da sombra para as camaratas. Ele tem umas ideias que aqui as pessoas não apreciam muito, queria construir as paredes de adobe prensado, que ele diz ser melhor para o calor. Mas os financiadores ficaram ofendidos, então iam patrocinar uma obra de adobe, como as do mato, ou do musseque? Queriam de certeza tijolos envernizados e só haveria um dormitório e não dois, com o pouco dinheiro que avançaram. Bem, eles que perdoem esta boca cansada e pecadora, não tenho o direito de estar a criticar quem nos ajudou com generosidade, logo vou me arrepender junto de Cristo... Devia estar a dar-vos bons conselhos e exemplos, afinal estou a ensinar-vos o pecado da ingratidão. Desculpem-me, é da velhice...

Os meninos não sabiam o que dizer, esse mais-velho está mesmo bem?, se interrogou Kassule, é bué engraçado, embora não tenha ousado rir ou lançar uma das brincadeiras dele.

– Asseguro-vos, dorme-se bem. Pronto, Himba, já escolheste a tua cama, vamos tratar do Kassule então.

Entraram na outra camarata e o padre indicou uma cama numa ponta, ali é onde eu durmo. Chamou um rapaz que por ali andava em arrumações e explicou onde devia ir buscar o catre para Kassule. Indicou o canto vago, mesmo à frente da sua cama, na fila do outro lado, ali ficas bem. Kassule concordou, até podia dormir no chão, desde que tivesse teto por cima...

A adaptação não foi difícil.

Com o decorrer do tempo foram conhecendo as regras e as pessoas que tentavam fazê-las cumprir. Tudo com a tranquilidade do padre Adão, por vezes provocando sorrisos com suas distrações. Ele era o único religioso e trajava sempre de civil, uma camisa, calças de tropa e sandálias. Havia uma aspirante a madre, Débora, filha de italiano com angolana, de uns vinte e cinco anos, a qual se tornara aos poucos numa espécie de subdiretora e a responsável pela camarata das raparigas, onde ela própria dormia, num canto, como o padre fazia na dos rapazes. E Débora estava sempre atenta, pois num sítio onde dormem rapazes de um lado e donzelas do outro, há tendência a cruzamentos de fronteiras. Não poderia impedir encontros furtivos nos bancos do refeitório, altas horas da noite, quando ela ressonava levemente, ou combinas para os casais irem passear fora do lar e depois se enrolarem no capim ou nalgum princípio de construção abandonado, lugar ideal para todas as necessidades fisiológicas, longe de olhares alheios, mas no seu dormitório os abusos e más-criações estavam mesmo proibidos, exigia, quase a bater o pé no chão. Ao conhecer melhor Débora, Himba não se admiraria que o romper dessa regra levaria a mulher a um ataque de histeria que nem o padre conseguiria controlar. Felizmente nunca aconteceu para a boa saúde da jovem candidata a madre, bonita, por sinal. Kassule, que começava a apreciar esses mambos, confessou paixão secreta por Débora, ela é um avião, uma para-fogo, olha só como tem curvas, carnes e aquela cara... Beleza provavelmente desaproveitada, se ela cumprisse o sonho de entrar nalgum convento, mosteiro ou coisa parecida. Um desperdício, segredou um dia Kassule e Himba riu, não sabia que tinhas inclinação por latonas, mano, mas o menino ficou uma fera, não gosto que lhe chames esse nome, agora viraste racista? Himba, da primeira e única vez que usou a palavra, não o fez para depreciar, apenas porque a diziam correntemente os meninos da areia, olha os dois latões a se esfregarem na água, por exemplo, se um par de namorados mulatos tomavam banho juntos. Pediu muita desculpa, não quis ofender a tua namorada, juro, saiu sem mal. Estás perdoada e não repitas. Suspirou ele em seguida, não é minha namorada, nem me declarei, achas mesmo uma futura madre vai aceitar um tipo como eu, metade da idade dela? Só posso segredar a mim próprio, olha mesmo para a beleza, sonha, aproveita, Kassule, não faz mal sonhar.

Essa era Débora, rígida e severa na sua formosura.

Outro elemento importante do lar se chamava Job, como o abençoado da Bíblia. “Pobre que nem Job” era uma frase que ela aprendera em pequena, muito antes de conhecer a história. Formado em contabilidade, com o apoio do padre Adão, numa altura em que este dirigia um Instituto Médio da igreja, nunca mais a partir de então o abandonou. Combinaram em conjunto a criação de um lar onde albergariam os meninos de rua, fenómeno provocado por aquela guerra inesperada. Inesperada? Na cabeça de alguns otimistas ingênuos, sim. Job foi nomeado desde o começo do lar como responsável pelas contas, compras e refeitório. Bem antes de terem refeitório e compras a fazer. Números eram com ele. E gostava de fazer perguntas às crianças, quanto é o diâmetro da Terra, quantos hectares tem um campo de futebol, quantos centímetros são dez polegadas etc. Job nunca viveu no internato, estava na casa dos pais, na Corimba, relativamente perto dali, sendo essa a verdadeira razão da colocação do lar no Morro Bento, num terreno baldio que David, o pai de Job, tinha aconselhado. Além de contabilista, Job era grande pescador. Todos os tempos livres aproveitava para lançar a linha. Tinha a vantagem de morar mesmo na costa, numa casa que o pai tinha aproveitado de um colono bazante, na altura da Independência. Foi negócio lícito e honesto, dizia Job, não como aquelas ocupações de casas abandonadas onde o mais forte ou o melhor encostado ganhava o pleito. Com escritura passada e tudo. O padre Adão não pagava nada pelo serviço dele, além das refeições feitas com todos. Nem poderia. O dinheiro era coisa que só existia para a comida e equipamento do lar, por vezes para alguma roupa muito especial de um internado. Tinham contactado algumas organizações e de vez em quando traziam roupa usada ou alguma comida. Salário era coisa desconhecida na banda. O que irritava solenemente David, não por estar cansado de albergar ainda o filho em casa, só tinha um casal de filhos vivos e a menina morava longe, amigada com um caçador de pacaças, desconfiando o sogro que as pacaças eram masé pedras brilhantes que noutros sítios se chamariam diamantes, pois para caçar pacaças em tempos de guerra não se ia para a Lunda ou Malanje e não se vinha passar uns tempos em Luanda, nadando em dinheiro. Onde é que carne de pacaça dava tanto kumbú? Ainda por cima, duvidava muito que sobrasse uma só pacaça em todo o território nacional, com mais armas que habitantes, segundo os cálculos imperfeitos das oenegês, ONU e outros FMI's, sempre exagerados para mais ou para menos, conforme os interesses em questão, o que se verificava também em relação às minas terrestres, a sua contabilidade subindo todos os anos para se obterem verbas cada vez maiores dos doadores internacionais, pois segundo as oenegês interessadas se chegava ao absurdo de haver mais minas que habitantes, gozava o senhor David. O certo é que o único restaurante que ele conhecia onde se comia funji de carne-seca, normalmente pacaça, tinha fechado, alegando o dono falta de matéria-prima. Portanto... Mas ainda voltando ao Job e seu pai, era motivo de fértil discussão, os dois na areia com as linhas na água, o facto de o filho trabalhar sem receber um kwanza que fosse, já tinha idade para ter um salário, descontar para a reforma, pois não se é jovem toda a vida, um dia queria casar e qual era a moça com juízo que ia aceitar se unir a um desassalariado, só por boa vontade de ser trabalhador à borla numa obra sem dúvida meritória mas que nunca poderia encher a barriga de uma família? Em suma, Job podia ajudar na contabilidade, no fim de semana, mas devia arranjar um emprego bué remunerado, que os contabilistas até se safam bem nesta terra desgraçada com tanta falta de propensão para números e contas certas.

Conselhos avisados de pai.

Job fintava as discussões com o progenitor, olhe, está a picar pouco hoje, qual é a razão?

– Poluição, só pode. Vês o lixo todo que se acumula nas praias, trazido pelas marés e correntes? Porcaria e plástico. E esta arrebentação da Corimba sofre ainda mais, pois apanha toda a porcaria que é deitada na baía do Mussulo, pelos habitantes, pelos visitantes e turistas e, sobretudo, porque todos os esgotos dos novos bairros vão dar à baía. A maré baixa trá-los para aqui. E a maré alta já não leva todos. Então se vão acumulando.

– Sim, a acumulação de lixo eu vejo. De ano para ano. Mas que tem a ver com o peixe?

– Vai para outras paragens, baza. Julgas que o peixe gosta de nadar no meio da porcaria? Experimenta mergulhar com óculos aqui no mar ou na baía do Mussulo. Ou ao longo da Ilha de

Luanda. Observa o fundo do mar. Só plástico, já quase nem se vê a areia.

David tinha sido grande caçador de peixes, um dia apanhou com o arpão um espadarte de duzentos e seis quilos, foi mesmo pesado por fiscais neutros. Claro, desconseguiu de o puxar sozinho para a praia. Pediu ajuda a um barco de pescadores de fim de semana e eles rebocaram o peixe. Duzentos e seis quilos. Não era nenhum record, nem mundial nem nacional, o que é a mesma coisa, rondando a tonelada, mas de qualquer modo mostrava a qualidade e persistência do caçador. Os outros conseguiam capturar monstros mas pescando em barcos apetrechados com todas as tecnologias modernas; ele ficava dentro da água levando uma arma fraca e um arpãozinho de meio metro, para isso era preciso ter outros atributos. Deixou essas lides quando descobriu o nojo que era o fundo do mar em toda aquela costa da cidade da porcaria, como David, nascido namibense, chamava a Luanda.

Job gostava de pescar à linha, não se aventurando pelas proezas aquáticas do pai. Apreciava também esses momentos de intimidade com o senhor David, em que conversavam sobre a maior variedade dos mambos, enquanto o peixe não picava. Mas gostava também de passar o dia no lar, tratando de tudo que dissesse respeito a números, se interrogando por vezes se não deveria fazer um curso superior de matemática, a ciência que de facto o fascinava. O pai não se oporia e até podia ajudar. Apreciaria certamente ter um filho doutor. Porém, não eram os títulos a atrair Job, apenas a elegância do raciocínio matemático, a música que ele conseguia adivinhar nas fórmulas e nas séries da ciência.

Também, desejo escondido, era atraído por Débora.

Julgava poder dissimular de todos, sobretudo da própria, tão entusiasta, diria mesmo fanática, da pureza e castidade nos atos e nos pensamentos. Ele nunca poderia conspurcar uma santa daquelas. E baixavam os olhos um para o outro. Um para esconder a paixão considerada pecaminosa. A outra para não ser contaminada pelo desejo alheio. No entanto, o padre Adão há muito tinha descoberto as tendências do jovem e andava ultimamente desconfiado da vocação de Débora. Já tinha sido mais forte. A prova disso é que há mais de três meses conseguira uma entrevista com a madre superiora de um convento escondido para os lados de Belas, muito perto dali portanto, e até então a futura noviça não tinha dado um passo para conversar com a madre. Alegava muito trabalho, necessidade de presença constante para evitar males maiores, tentações nas raparigas instigadas pela sua ausência, mesmo se breve, o que eram justificações a ponderar, mas a dúvida se instalara na cabeça do padre e o presente não o confortava. E depois se punha a avaliar, se eu for egoísta, até é bom que ela se mantenha aqui e não vá para o convento, como vou substituir pessoa tão insubstituível? Bem, o papa também é insubstituível enquanto está vivo, mas depois de morto sempre se encontra alguém, o que não é a mesma situação, convenhamos, há mais de cem cardeais para se tornarem papas de um momento para o outro, enquanto aqui duvido poder encontrar uma nova Débora. Pensamentos complicados.

E elevados à dimensão da teologia.

Os dois meninos estavam alheios a estes dramas e problemas, gozavam a paz e segurança, esperando o princípio das aulas. O padre Adão tinha sido picado pela pergunta de Himba e organizou as sessões de recuperação, como ele chamou, evitando o clichê do estudo orientado. Ele próprio, forte na língua, ensinaria português, lamentando ser uma sobrecarga para as crianças ensinar-lhes também latim. Job, contactado, conseguia tirar algum tempo às suas ocupações para trabalhar com eles a matemática e ciências relacionadas. Convenceram Débora a dar geografia e história. O benévolo arquiteto argentino se encarregou de desenho e de línguas estrangeiras. Arrebanharam mais voluntários para outras matérias. Só que não foram apenas dois os alunos. Em breve havia mais de trinta estudantes, em diferentes fases de aprendizagem, contando também com o pessoal da cozinha, alfabetizados mas com pouco mais instrução. Aí está uma boa coisa, pensava Adão, não será apenas até começarem as aulas, montamos um sistema permanente e os alunos mais avançados vão ajudar os outros, mas porque é que não me lembrei mais cedo disto? Era muita preocupação, necessidade de organizar as coisas, dar comida e um teto a crianças desprotegidas, uma coisa tão importante ficara para trás, também não podia inventar mais culpas que os seus pecados já comportavam.

Com as aulas de recuperação, o lar ganhou maior dinâmica, começou a ser mais falado, com a rádio amiga sempre a publicitar as realizações e as dificuldades, o que fez afluir visitantes e doadores. Até a vice-governadora da província para a área social marcou previamente uma visita, levando jornalistas, pois qual é o político que vai a algum lado e não convoca jornalistas para fazerem cobertura? Até na televisão passou. Houve alguns planos gerais, onde tinha de surgir sempre a cara da vice-governadora, aspirante a um cargo de deputada, e uma rapidíssima entrevista ao padre Adão, o qual nem queria aparecer, mas a vice insistiu, o anfitrião devia explicar brevemente o projeto e ela depois se apoderou do microfone e repetiu o que tinha ouvido do padre, mas acrescentando despidoradamente o apoio do governo central e provincial, coisa que ninguém poderia contestar em público, só em surdina, nem um kwanza, nunca, protestou Job ao ouvido de Débora, e não foi por falta de pedidos, mas agora fica bem aparecer como benemérita, ela e os seus diretores... Sem querer saber nada de política, mas regida pelo bom senso, Débora respondeu também em murmúrios, mas agora ela não vai poder negar algum apoio se lhe pedirmos e já que está ali mesmo o diretor de educação da província, vamos encomendar material, livros, cadernos, quadro preto, para as nossas lições. O que foi de imediato concedido em frente das câmaras e microfones, com certeza que o governo daria todo o material didático necessário para tão importante projeto. Rezemos para que não esqueçam amanhã as promessas, desligadas as câmaras, se benzeu discretamente o padre Adão, cético em relação às coisas terrenas.

A televisão mostrou os dormitórios com as camas todas feitas na perfeição, como era de hábito, e o refeitório limpo, com algumas crianças sentadas disciplinadamente nos bancos de cimento. E passou também imagens de um trumfo de futebol improvisado. Nem Himba nem Kassule se mostraram no pequeno ecrã, estavam escondidos atrás do grupo dos maiores, por modéstia ou medo de aparecer. O padre tinha feito questão de mostrar a realidade do lar tal como ele era, nada foi arrumado ou destacado para dar melhor aspecto, era a sua filosofia, ser e não parecer. E apontou mesmo o pequeno monte de lixo que se ia formando num terreno ao lado, dizendo à vice-governadora que ela devia usar da sua influência e impedir que aquele monte crescesse e se mantivesse ali, um verdadeiro atentado à saúde pública. Imagens que foram cortadas pelos responsáveis da televisão, pouco receptivos a mostrar cenas menos reconfortantes aos espectadores, vivendo nesta terra das mil maravilhas e de todos os sucessos garantidos para a eternidade. Os responsáveis da televisão sabiam, só podiam revelar o que agradava ao poder político, senão arriscavam, talvez não o pescoço, mas o posto.

Também o padre Adão sabia, mas calava, não era sua função entrar em makas políticas.

O lar passou a receber apoios consistentes e alguns vinham falar de ampliação, pois havia cada vez mais crianças nas ruas. O padre dizia, estamos a crescer ao nosso ritmo, não vamos ampliar só por ampliar, precisamos de consolidar. A prática ainda não é grande e falta pessoal de confiança. Há mais crianças na rua? Pois há. Construam outros lares, apoiem os que existem, escolas com internatos, distribuição de comida pelas existentes, o que é um bom chamariz para os que fogem do estudo, muitas medidas que podem tomar. Nós vamos andar conforme o tamanho das nossas pernas. E já agora não esqueçam: as famílias são o melhor meio para as crianças viverem e se educarem, não destruam as famílias nem o permitam.

Conselhos sensatos mas pouco seguidos.

Podia haver pessoas bem-intencionadas a defender o crescimento do lar. Mas a maior parte eram responsáveis por este pelouro administrativo ou outro, com vontade de se apoderarem do prestígio que o trabalho do padre e seus ajudantes proporcionava. Cambada de oportunistas, resmungava ele. Nunca falava assim tão cruamente, nem com Job ou Débora. A sua missão era missionária, não política. Conseguia separar as coisas. Pelo menos parecia. Só se abria mais com o arquiteto argentino, que já conhecia há muito tempo.

O arquiteto apareceu em Angola quase na juventude, uns anos depois da Independência. Se chamava Radamel e queria estudar a forma tradicional de fazer casas em vários países africanos, pressentia métodos capazes de revolucionar a construção de habitação barata e autossustentável. Para além de servir para uma tese de pós-graduação, sonhava em aperfeiçoar essas técnicas, de maneira que

a utilização de materiais como os caniços, capim, terra vermelha, folhas de palmeira, permitisse a construção de casas econômicas, sem necessidade de importação de materiais, e fossem casas adequadas ao clima e à cultura popular. Tinha visto desenhos de residências da Lunda, com os famosos desenhos tchokuê e as cores vivas das paredes, os jangos, as cubatas circulares ou as casas de pau a pique e retangulares do Norte. Procurava criar com os habitantes máquinas simples que misturassem a terra molhada com capim e prensassem o produto, de modo a fazer paredes sólidas, mais frescas, e afastando mosquitos. Devia haver plantas que atraíam os mosquitos e outras que os afastavam. Incluir estas nas paredes seria uma grande medida contra a malária. Perguntava aos mais-velhos mas ninguém conhecia essas plantas. Ele porém persistia na sua crença, devia haver. Tinha também ideias para fazer o ar circular dentro das habitações sem deixar espaços para os insetos penetrarem, e estudou os ventos dominantes e suas direções para escolher os sítios de abertura para portas e janelas. Enfim, pesquisava.

Foi nessa altura que conheceu Adão, jovem padre no Bom Jesus, sonhando em ser transferido para a igreja de Nossa Senhora da Muxima, do outro lado do rio Kwanza, lugar consagrado por muitos milagres. E outros mistérios menos católicos. Adão lhe contou que em livros antigos tinha suspeitado existirem forças especiais na Muxima, legados de antigos senhores, muenes e makotas habitando a região, que enraizavam no rio figurinhas de pedra ou madeira, chamadas *malunga*, para defenderem as terras e as famílias, influenciando o clima, provocando chuva quando havia falta ou o contrário. Mergulhavam no rio, desafiando jacarés e serpentes venenosas, para incrustarem as figuras em rochedos ou troncos muito grossos. Talvez daí viesse a devoção do povo ao lugar, dando poder aos detentores de *malunga*, muito antes de a colonização chegar e construir o primeiro forte e a capela adjacente, hoje tão venerada. Estas alusões a um passado mítico e profético com figuras representando forças da natureza e da história faziam aparecer o padre aos olhos de Radamel como um candidato a dissidente, um herético em potência, um ser capaz de cavalgar a liberdade de pensamento, mesmo se fosse contra a visão tradicional e dogmática da sua igreja. O padre também comungava do sonho de Radamel de serem feitas habitações sociais, com produtos locais, capazes de resolver a gravíssima falta de alojamento da população. No entanto, rezava a um deus que o argentino preferia ignorar e por isso tinha abandonado o seminário, na sua tenra juventude. As ideias de um se conjugavam com as do outro nalgum ponto nebuloso. Se tornaram amigos, embora divergissem mais nas discussões do que convergissem, sobretudo sobre questões de fé, sendo o argentino um seguidor de seu compatriota Ernesto Che Guevara, revolucionário e ateu. Divergiam talvez apenas nas discussões, admitia Radamel. O padre, por seu lado, não tinha a pretensão de convencer o argentino a regressar ao catolicismo da infância e juventude, antes lhe apresentando obra em prol dos mais novos e da instrução.

Almas próximas, em suma.

Radamel tinha tido um começo de vida bastante burguês, na sua cidade de Buenos Aires, com a frequência da escola católica e o seminário, até entrar na universidade, onde se aproximou de um grupo de reflexão, animado por um professor de origem catalã. Ouviu falar dos republicanos centrados em Barcelona e sua luta contra Franco. Da guerra civil de Espanha e dos entusiasmos e desilusões que provocou, com a vitória dos fascistas, apoiados por Mussolini e Hitler, perante um Ocidente a fazer contas às moedas que ia juntando. De como figuras tão importantes como o francês André Malraux ou o americano Ernest Hemingway tinham participado nessa luta e sobre ela escreveram romances imortais. *[Radamel haveria de saber mais tarde em Angola que nessa guerra civil de Espanha também combateu bravamente um angolano ilustre, chamado Inocêncio da Câmara Pires, tendo chegado a subsecretário de Estado do governo republicano e, depois da derrota dos governamentais, a primeiro representante do movimento de libertação de Angola em Paris. Estórias que a história tece.]* Voltando a Buenos Aires, Radamel aprendeu a saga do seu conterrâneo Che Guevara e da Revolução Cubana. E, de repente, se viu sonhando com cavalgadas por países longínquos, descobrindo povos, com eles construindo futuros. Veio parar a Angola depois de se formar. Porquê este e não outro país? Atraído pelos cubanos que apoiaram os angolanos, na esteira da operação Carlota. No fundo foi isso, veio atrás da obra dos cubanos, talvez no caminho imaginário do Che. Se apaixonou pela terra. Mais tarde por uma angolana, Sara da Conceição, membro de família considerada, também com passado de luta

emancipadora. Sara, porém, não quis um filho dele. Viveram juntos dois felizes anos. Depois ela partiu para os Estados Unidos, com uma bolsa de uma igreja, estudar teologia. Imaginava vê-la aparecer nas suas vestes de sacerdotisa, mas nunca aconteceu. Se perdeu por algum canto de Nova Orleães, cantando soul, ou andava pelo Harlem, escrevendo num jornal alternativo a troco de uma miséria. Em suma, não sabia dela. E a família também não. Particularmente uma sobrinha, jovem muito despachada, que lhe disse, a tia Sara sumiu de vez, já nem tentamos procurar por ela, só sabemos que se formou, talvez ande pelo Tibete ou o Nepal, sabes, Radamel, os angolanos usam caminhar, como canta o nosso Carlos Burity.

O argentino nunca esqueceu Sara. Teve relacionamentos com outras mulheres, mas sem lhes dar a espessura suficiente para atravessarem com sucesso a primeira crise. Como dizia ao padre, os meus amores morrem na areia.

– Estás como eu destinado ao celibato – dizia Adão.

– Com uma diferença – frisava Radamel. – O meu celibato não tem nada a ver com castidade. Sempre que posso...

– Para, para, poupa-me os detalhes – apostrofava o outro.

– Então não estamos num confessionário? – gozava o ímpio.

Os amigos se permitem conversas com um toque de sal. Sem nunca ultrapassar as margens, por respeito à sensibilidade alheia. Por vezes, no entanto, Radamel, tentava provocar o padre:

– Diz-me com sinceridade, Adão. Ou não respondas. Mas, se responderes, é com a verdade... Bem, quando vês uma beldade como a Débora, não sentes nada, um calor, uma certa falta de ar, um...

– Xê, não faz isso.

– Responde então. E não me venhas com essas tretas que estás casado com a Virgem Maria... Com ela esteve casado o José e mais ninguém, que me conste...

– Estou casado com a Igreja, é o que responderia.

– Brilhante! Muito conveniente, casado com uma instituição, por isso não te sentes atraído por nenhuma mulher, dormes sozinho que nem um justo, abraçado a montes de pedra e cal. Digo-te que essa Débora vale por uma instituição...

O padre sorria, não ficava ofendido, embora compreendesse a curiosidade do outro. Mas cortava qualquer continuação de conversas como esta. Mudava a direção da discussão. Ou então entrava na brincadeira, virando o foco para o amigo, fica sabendo que de Débora nada beberás, ela vai casar com uma instituição, a Igreja, mais cedo ou mais tarde entra num convento... Adão sabia, por outro lado, que Radamel nunca tentaria qualquer aproximação maior com a rapariga, por respeito para com ele, por esse lado estava tranquilo. Já o caso seria diferente em relação a Job, um jovem inquieto.

Ainda à procura de um destino.



O funeral correu como previsto.

Houve ameaças de perturbação antes, mas Sofia tinha antecipado e logo às sete da manhã estava em casa de Ezequiel para saber como tinha passado a noite e escolher a roupa que ele devia usar. Ele se aprontava e ela preparava o mata-bicho para os dois, quando tocou a campainha. Era Kiaksi a oferecer os seus préstimos. Sofia entreabriu a porta, para não a deixar entrar.

– Podes ir de onde vieste. O funeral é só à tarde. Vai.

– Vinha ajudar.

– Não ajudas. Só atrapalhas.

Fechou logo a porta na cara da moça. Ezequiel, no entanto, tinha reconhecido a voz de Kiaxi, não a esquecera como Sofia desejava. Veio aos tropeções, com as calças meio enfiadas nas pernas, os olhos esgazeados, a boca ligeiramente torta, eu ouvi mesmo, alguém tocou na porta e depois falou com a senhora, é a Kiaxi?

– Já foi embora. Vem acabar de te vestir.

E Sofia puxou-o para o quarto, depois foi acabar o mata-bicho. A moça estava de facto a abusar, tinha de ter uma conversa séria com ela. Deu de comer a Ezequiel e esperou que ele acabasse, enquanto petiscou qualquer coisa, embora sem apetite. Depois disse, venho à hora do almoço, entretanto fica a ver televisão, está bem? Ele concordou, foi logo segurar no comando. Sabia ligar e desligar o televisor, conhecia alguns números de canais que mais lhe interessavam. Só não ficava claro se entendia tudo o que via e ouvia.

Sofia abriu a porta para sair e deu de caras com Kiaxi, sentada à entrada do apartamento. Afastou com a perna o corpo dela e fechou a porta com a chave.

– Tu agora vem comigo, vamos falar.

Na rua, longe dos ouvidos de Ezequiel, Sofia apostrofou:

– Ontem eu não fui clara? Não te despedi até ao funeral? Que vens aqui fazer tão cedo?

– Ajudar... – a voz era um lamento, só faltavam lágrimas.

– Já não precisamos da tua ajuda, ouviste? Pensava que tinhas compreendido, foi só para ontem. O teu lugar é na cozinha do restaurante e hoje está encerrado.

– O coitado fica ali fechado.

– Está como sempre ficou quando a mãe ia trabalhar. A ver televisão. É assim que ele gosta. Porquê? Queres ficar de mãos dadas com ele? Ainda não te perguntei, o que fizeram mais quando ficaram sozinhos? Aconteceu alguma coisa que não contaste?

– Só foi isso. Ele me deu a mão, eu deixei. Ficamos assim. Ele nunca queria largar a minha mão, se sente seguro. Acho.

– Eu posso pensar que queres fazer mais coisas com ele. Criar uma ideia nele, te aproveitares, abusares da sua inocência. Toda a gente sabe que o Ezequiel, coitado, não é normal. Se nunca ligaste ao que a mãe dele dizia muitas vezes no restaurante, pelo menos ontem percebeste. Ou não percebeste?

– Coitado, é muito meigo, só me fez festinhas na mão, todo satisfeito a ver televisão.

– Agora já sabes do que desconfio. Mas tenho pressa, muitas coisas a tratar. Vai para casa e logo ao restaurante, onde todos se encontram para partirem para o cemitério.

– Já tinha sido avisada.

– Então vai.

Se certificou que a moça partia mesmo para os lados do mabululo onde morava, só então subiu para a carrinha. Tinha de a levar até ao restaurante, onde estaria o motorista. Havia várias voltas a dar. Um enterro é coisa complicada, exigia por exemplo ir comunicar na igreja a triste notícia.

Todas as formalidades foram tratadas, o senhor Gomes preparou o corpo e sobretudo a cara de Dona Ester, a vestiu com as roupas levadas por Sofia, tendo precisado da ajuda dos seus dois auxiliares para as manobras com a volumosa senhora. Devia estar arrependido de não ter cobrado taxa suplementar de peso, como fazem as companhias aéreas para as bagagens, porém já era tarde, a lição serviria para próximos orçamentos, pois havia cada vez mais gente a morrer com peso excessivo, derivado das maioneses, doçarias, essas coisas da nova alimentação trazida pela civilização ocidental que estamos com ela.

Os fiéis da igreja foram no camião com bancos corridos e num autocarro fretado. O pastor disse antes a Sofia, as despesas do enterro não podiam ser por conta da igreja, tão pobrezinha, e ela disse,

claro, não se apoquente, Dona Ester gostaria de companhia, ela sempre falava da beleza dos funerais com cânticos e uma bela pregação para arrematar os xinguilamentos e lamentos. Que lhe dissesse o montante das despesas. Pagou em antecipação a soma que ele deu, achando ser um roubo, mas não ia fazer cena, regatear antes do velório. Entraria nas despesas do restaurante, quando fizesse o balancete do mês. Verdade seja dita, a falecida pagava as despesas do seu próprio funeral. E nunca poderiam acusá-la de não ter tratado bem a sócia e amiga até ao fim.

Mal chegou ao cemitério, Ezequiel avistou Kiaxi. Logo lhe abriu um sorriso largo e a abraçou, mantendo tempo demais o abraço. Foi Kiaxi quem o afastou e depois fez tudo por desaparecer da vista dele, embora inutilmente. Tinha tido nova conversa com Dona Sofia no restaurante, a qual lhe ameaçara com o inferno da terra e do mar, se julgava que ela não reparara nos olhares lambezudos... que tirasse daí a ideia, era crime abusar de uma pessoa com mentalidade de criança, mesma coisa que abusar de criança, e a polícia estava atenta e cada vez mais implacável. A moça não tinha medo da polícia, sabia não ter cometido crime nenhum e se avançasse mais no relacionamento também crime não seria, eram ambos maiores de idade, mesmo se ele tinha cérebro de menino, o corpo até era muito desenvolvido e nesses mambos o corpo é que conta. Tinha alguns estudos, não era nenhuma matumba, se tentava moralizar. Mas reconhecia, podia perder o emprego, os colegas falavam nas costas das patroas, Dona Sofia não era para brincadeiras, pior que Dona Ester, uma senhora de virtude e caridade, sem ver o mal escondido nos outros. E agora Dona Sofia era a chefe única. Kiaxi não podia dizer ser o trabalho dos seus sonhos, mas era o possível, relativamente perto da casa dos pais. Pô-lo em risco só para acarinhar um pouco um homem grande mas carente como um kandengue? Jovem, mas nada parva. Se afastou de Ezequiel, embora tivesse pena, o homem ficava tranquilo e feliz com ela por perto, sofria menos.

No fim do funeral e nas despedidas, Sofia avisou o pessoal, amanhã há trabalho, ao sétimo dia vamos fazer uma sentada em vez de missa para lamentar a morte da senhora e é tudo, não há mais komba, a igreja dela não permite nem os tempos estão para grandes festas. O pessoal dispersou, comentando, até parece houve grandes festas, uma sentada com umas cervejas e refrigerantes, mais umas coisitas de petiscar, nem um caldo como manda a tradição dos Axiluanda... Hum!

Diego foi solidário nesses dias, andou sempre com a irmã, embora só para acompanhar, as decisões eram dela, o dinheiro também. Mas a presença representava muito, o ombro estaria ali, como sempre, se lhe apetecesse chorar. Além das pessoas do restaurante e da igreja, só um vizinho aparecera em casa de manhã e depois no funeral. Disse ser amigo da falecida, embora não muito íntimo, aconteceu trocarem pequenos favores de vez em quando. Um viúvo como ela, os viúvos se compreendem melhor, sabe como é, confessou ele para Sofia, a qual não sabia mesmo nem percebeu até onde ia a amizade e o conhecimento mútuo. O vizinho se afastou no fim do funeral, não perguntou, não prometeu nem pediu nada. Um bom vizinho, afinal.

Não se encontravam vizinhos desinteressados todos os dias.

Nos dias seguintes teve de tratar um pouco de Ezequiel, sempre com a ajuda do irmão. Por vezes Diego ia sozinho fazer companhia ao órfão recente, ajudando-o a comer e a resolver pequenos assuntos em casa. Entretanto, Sofia ia procurando uma solução definitiva. Depois de muitas perguntas e candidaturas rejeitadas, desistiu de encontrar alguém que reunisse todas as condições para tomar conta dele sem tentar se aproveitar das fraquezas óbvias, mas ouviu falar de instituições que aceitavam pacientes com alguma deficiência mental ou física, não serviços públicos, que esses eram gratuitos mas tinham outras prioridades, insondáveis. Visitou dois ou três lares privados, escolheu o mais perto do bairro, que também tinha melhor aparência.

Abrira uma conta conjunta no banco em nome de Ezequiel e dela, preencheu os papéis e fê-lo imitar a assinatura que um dia escrevera no bilhete de identidade. Foi uma operação complicada, pois Ezequiel já não sabia escrever nada, se alguma vez aprendeu mais que o nome. Treinou durante duas tardes mortas até ele conseguir fazer uns rabiscos parecidos com o que fora a sua assinatura dez anos antes. Com isso conseguiu abrir a conta. Transferiu para ela o correspondente a uma parte dos lucros

prováveis do restaurante dos dois últimos meses, um quinto para maior precisão, o que garantia o pagamento de um ano do lar, pelo menos. E foi ao banco entregar uma ordem de transferência mensal para o lar de acolhimento. Era caro, dadas as condições da instituição, as mínimas aceitáveis. Mas garantiam atendimento permanente, inspeção médica todos os meses, comida decente e um quarto privativo com televisão, ela comprovou tudo. Ezequiel não precisava de mais, só da presença de Kiaxi, no entanto essa não teria. No lar ficaram com o número de telemóvel dela e de Diego, para alguma emergência. E recomendação de não aceitarem visitas para Ezequiel de mais ninguém senão os dois, para despistar alguma tentativa da moça ou algum familiar ressuscitado das cinzas. Levaram o homem com duas malas de roupa e objetos indispensáveis. Ezequiel nem deve ter percebido que mudava de casa, como aparentava não sentir a falta da mãe, só queixava levemente quero a Kiaxi, nunca mais vi a Kiaxi. Essa era a parte que maior confusão fazia a Sofia. Uma pessoa pode ter forte pancada mas há presenças que não dispensa, como a da mãe, que o acompanhou toda a vida. O tipo reagia à sua maneira, sentia a falta da paixão súbita. Um dia talvez se pusesse a soluçar, exigindo a presença materna, reentrava nos eixos.

Esperava não estar por perto nessa altura.

O apartamento foi remetido ao proprietário, fechado o arrendamento, as mobílias oferecidas à igreja, exceto o televisor que passaria para o quarto de Diego. As mobílias foram recebidas com alegria pelo pastor, embora não valessem nada, quase todas velhas e estropiadas. Quem é pobre sempre agradece. Nesse aspecto, o vigarista do pastor, como lhe chamava Sofia, não se mostrou esquisito, até tentou convencê-la a aderir à seita, seria uma satisfação para a sua tia, que está lá no paraíso a olhar para nós e vai velar por si. E uma pessoa inteligente e sensível como a senhora era, não vou negar, uma mais-valia para a nossa instituição, quem sabe um dia chegaria a diaconisa ou mesmo bispa, as mulheres com capacidades se *empoderavam* cada vez mais, usando uma palavra muito em voga no meio empresarial africano. Sofia agradeceu mas se desmarcou, apenas vinha trazer as mobílias, não era de igrejas nem cultos.

Assim se encerrou aquele capítulo da vida de Sofia.

Tinha de pensar em coisas novas para o restaurante, dar uma guinada, mostrar a sua verdadeira face. Até então o negócio era de Dona Ester, combinando com ela, até no nome. Para o futuro devia aparentar o caráter da nova proprietária, pois de facto ela se tornara a verdadeira dona, Ezequiel não contava. Quem poderia contestar? Não seria certamente o canadiano desaparecido!

Telefonou a Solferino no dia a seguir ao funeral, explicou a razão dos dias de fecho, mas o grupo nem reparou, tinham andado por outros sítios. Ela avisava que estavam abertos, aparecessem quando quisessem, a morte de Dona Ester não implicava mudanças, apenas mais trabalho para ela. Solferino prometeu avisar os outros. Em breve apareceram.

Para um certo incômodo de Sofia, quando se sentou com eles à mesa, as perguntas choveram. Queriam todos saber como ficavam resolvidas as questões legais. Ela dizia, nada muda, Dona Ester tem um herdeiro, o seu filho Ezequiel. Ela própria tinha uma parte da sociedade. Em vez de serem três, agora eram dois sócios, seria preciso legalizar a mudança, porém ainda não tinha pensado a sério nas formalidades necessárias.

– Sim – disse Abdias, o único jurista do grupo e hoje estranhamente loquaz, pelo menos já tinha soltado uma palavra na presença de Sofia. – Além disso, és a sócia executiva, portanto tens de negociar novo contrato. Deves ser paga pelo acréscimo de responsabilidades e trabalho, embora já antes fosses a gestora, pelo que percebi. Responsabilidade maior, mais tempo de ocupação, remuneração maior. É justo.

– Vamos ver, depois – disse Sofia, procurando evitar a conversa.

No entanto, esforço em vão. O grupo era estranhamente solidário quando se agarrava a um assunto, não o largava enquanto ele ainda estrebuchasse de vida. Faziam perguntas a que ela não sabia ou não queria responder, lançavam conjecturas e sugestões, animados, como se tratasse de negócio deles. Até

mesmo Abigail, com muitos sorrisos e festas na mão de Jared, pelos vistos seu novo namorado.

– Deves discutir um financiamento, aproveita a oferta que o Solferino te fez de falar ao pai dele, um aumento de capital com um sócio milionário e fazes um upgrade tremendo do restaurante. Ainda ganhas uma estrela Michelin.

Talvez não fosse a intenção de Abigail, mas o dito provocou gargalhada generalizada. Não por causa do upgrade e o financiamento do pai de Solferino, mas pela estrela Michelin. Seria como mandar um foguete para Marte sem ajuda de outros. A ideia disparatada nem fez Sofia sorrir, preocupada em desviar a conversa sobre temas financeiros e legais para longe dela.

– Como está o caso de Jezabel? – perguntou, em desespero de causa.

– Na mesma, como é óbvio – respondeu Patrício e ninguém acrescentou uma palavra.

Não percebeu porque seria óbvio, porém depois pensou, em poucos dias seria difícil haver muitos desenvolvimentos, Patrício tinha razão e ela só estava a mostrar nervosismo à toa.

– À parte a estrela, a ideia de Abigail não é má – disse Jared. – É o momento de te lançares para a frente. A senhora te travava, sabemos sem que o tenhas dito, ela já estava mais que deslumbrada pelo êxito conseguido. Tu és capaz de ir mais longe. Lança-te. Esta zona está a precisar de um restaurante de qualidade, os bons estão todos do outro lado, na cidade velha. É longe e chato ir para lá sempre.

Sofia olhava para Kaleb e Salomé, pedindo socorro. Porém, eles não pareciam perceber. Estavam até um pouco alheados do assunto. Em Salomé se tornava um hábito, muitas vezes Sofia a apanhava fora da conversa, discutindo com os seus kazumbis. Kaleb, pelo contrário, parecia sempre atento, sobretudo se o assunto dizia respeito a ela, antes. Ou seria apenas ilusão sua e Kaleb deixara de se interessar? Essa rapaziada era muito inconstante, demasiadas solicitações, convites para viagens e festas, moças a se atirarem descaradamente, algumas verdadeiras belezas a sonharem com um lugar na alta-roda. Ou estaria atraído por Salomé, mais uma vez sem marido, sentada ao lado dele? Sofia levantou do lugar, deu a volta à mesa para apanhar a garrafa de uísque vazia, aproveitou para ver a posição das mãos dos amigos. Não, a mão de Kaleb não estava poisada na coxa de Salomé nem a de Salomé tocava no corpo dele. Coincidiu estarem sentados juntos e sem intervirem na conversa. Foi buscar uma garrafa nova ao quarto delas e veio a tempo de ouvir uma explicação de Jared sobre as razões do sucesso do Mamã Ester, centrado no crescimento acelerado da urbanização do Morro Bento atraindo mais gente e de mais dinheiro para as imediações. Sofia colocou a garrafa no centro da mesa, cada um que se servisse, e foi sentar no lugar habitual, de frente para Kaleb.

Reparou por um momento em Jared, absorto em inventar estratégias financeiras para ela.

Jared de Oliveira era formado em Relações Internacionais, um curso que abria muitas portas nos tempos das especulações intelectuais. Vários comentaristas nas televisões e rádios ostentavam o título de especialista em relações internacionais, assim como alguns conhecidos catedráticos. Jared tinha sido convidado uma vez para comentar um mambo qualquer numa televisão, era o seu momento de glória. No entanto, fez uma figura lamentável, se encolheu com o peso da responsabilidade ou era apenas medo, medo puro, gaguejou que nem um rafeiro enfrentando um *dobermann*, o pivô bem que tentava lhe sacar uma frase de jeito sobre estratégias políticas ou as contradições essenciais do mundo contemporâneo, mas nada saía com coerência, percebendo que suava, o que o enervava ainda mais. Tiveram de meter publicidade de emergência e ele dispensado de todos os *media* para sempre. Voltou para o aconchego da casa paterna, à espera de uma vaga de docente numa universidade, a descoberta brusca de uma vocação pedagógica era a desculpa habitual para a inércia dos príncipes, preferindo viver da mesada substancial que o pai lhe dava, acrescida da clandestina que ele mendigava à mãe e por vezes ao padrinho, um general na reforma com interesses em empresas avulsas, sobretudo de pedras preciosas.

Dizia Jared, se referindo a Sofia:

– Se não quiser um financiamento de um particular, sempre pode obter de um fundo de pensões.

Conheço um muito conceituado que avança uma almofada financeira para quem queira investir para aumentar um negócio, apresentando já resultados, o que é o caso aqui em questão. Imaginemos, subir um andar nesta casa para criar uma nova sala em cima, com todos os apetrechos. Como já existe a sala de baixo e pode apresentar as contas provando lucros seguros, eles avançam o dinheiro para a construção em cima. Com juros baixos e por dez anos, por exemplo. No caso do Mamã Ester, a decisão seria óbvia, eles aceitavam. E os lucros obtidos nem precisavam de cinco anos para pagar o empréstimo.

Era ideia interessante. Ela pediu os dados do tal fundo, ele deu. Se quiseses, acrescentou, ajudo a fazer a proposta, é preciso desenhar o projeto, podemos pedir o apoio da Salomé ou outro formado em gestão. E vou mesmo contigo. Se eles não me conhecerem, sabem de gente que me conhece.

Claro, o pai ou o padrinho, tanto fazia, o nome era cunha garantida. Ela não se manifestou mas guardou na memória. Porque já tinha pensado na possibilidade remota de aumentar o espaço, acrescentando um andar. Se tratava de um restaurante num edifício de um piso térreo e sem construções contíguas. Portanto aguentava perfeitamente um acréscimo. Diferente do caso muito conhecido e contestável de prédios de quatro andares, que tinham recebido mais três por cima, fora do projeto original, os quais, além do mais, serviam para celebração de casamentos e torneios de dança no último andar, com centenas de participantes. Felizmente não estavam em zona sísmica, senão muitos desastres ocorreriam só por causa da batida dos aparelhos de amplificação sonora, sempre no máximo da capacidade decibélica.

Não alimentou a conversa, desejosa de acabar com ela. Mas não esqueceu as boas sugestões.

À meia-noite, disse, meus meninos, é hora de fechar. Todos se levantaram, disciplinados. Esperava que Kaleb ficasse para trás, mas ele saiu com os outros. Por sorte tinha a carrinha, com a qual iria para casa. Até Kaleb a abandonava, nem lhe perguntou se queria boleia. Salomé entrou no carro dele, Sofia viu ao trancar a porta. Afinal vieram juntos. Tinha algum significado?

Teria sido Kaleb a convencer Salomé a fazer o aborto?

Nunca te admires do admirável.

O tempo no lar ia passando. Os dois amigos entraram na escola e se destacavam pois tinham aproveitado os meses sem aulas oficiais para avançarem em matérias desconhecidas. Em breve era claro que Radamel sabia o que dizia quando gabava os dotes de Kassule para o desenho e a pintura. No resto era mediano, mas nas belas-artes brilhava. Infelizmente o professor da escola não chegava aos calcanhares do argentino e com ele o miúdo pouco aprendia. Radamel lhe arranjava papel especial para desenho e ele muitas vezes passava tardes inteiras tentando captar todas as sombras de uma folha de palmeira, entrevista do banco de cimento do refeitório, a curva graciosa de uma anca feminina, ou as nervuras e poros da sua mão esquerda servindo de modelo, enquanto os outros seguiam as lições mais díspares ou estudavam solitariamente.

Himba se destacava mais em português e ciências. Gostava de saber porquê os músculos se retesavam ou relaxavam, ou como uma planta se reproduzia. Muitas vezes, porém, se distraía do estudo para ver como os donos da cozinha preparavam a comida. Aprendeu a fazer refogados e cozidos, ao mesmo tempo que muzonguê ou saka-saka. Tudo na cozinha a deliciava. Infelizmente era uma cozinha de gente pobre, onde não se faziam bolos ou doces, nem entradas de marisco. Depois lá voltava ao estudo, prolongando as tardes.

De vez em quando tinham autorização para ir à Ilha. Geralmente alguém proporcionava boleia e voltavam de candongueiro, com dinheiro que o padre Adão lhes dava, depois de convencer o inflexível Job a abrir os cordões à bolsa. Seria pequena quantia, mas muito para as finanças do internato, barafustava Job. No entanto conhecia o suficiente da estória das crianças para acabar por satisfazer o sacerdote. Uma vez aconteceu irem com o próprio Adão e voltarem com ele. Enquanto o padre ajudou na missa e depois almoçou com o colega da Ilha, eles foram comer a casa de Dona Isabel Kimba, sempre feliz por os encontrar. Com ela estavam em segurança. Himba nunca ia absolutamente tranquila, tinha medo de encontrar uma ponta do passado. E só serenava quando deparava com a senhora boa das trancinhas ou Mariano. Então, o passado começava a fazer música, perdia os tons de roxo violento, volteava entre os lilases e amarelos da música.

E foi mesmo dessa vez que surgiu Noé, fardado, saído da tropa para visitar a família. Foi uma grande festa na casa da senhora boa das trancinhas quando o soldado bateu à porta. Já tinha estado com os familiares, vinha cumprimentar os amigos. Sobretudo Mariano, seu kamba dos pinos nas águas luandinas. Embora dois anos mais velho que ele, Mariano vivera a mesma infância turbulenta. E muitas vezes Noé se agasalhava naquela casa, quando a sua problemática família apresentava sinais da constante disfuncionalidade.

Pois esta parte era um mambo que os meninos desconheciam. Quando se tornaram amigos e protegidos de Noé, desconfiavam das suas ausências. Ele nunca lhes disse ter família na Ilha, uma casa, mas dizia ser conhecido, conseguir ligações. Apenas. Porque o pai tinha duas casas, duas famílias, filhos de ambos os lados. A mãe, primeira mulher, não aceitava a existência de uma segunda, mais nova. Religiosa como Dona Isabel, frequentadora da igreja, queixava no padre a bigamia do marido. O padre reprovava, mas nada podia fazer. A igreja era por dogma contra a poligamia, mas fechava os olhos na prática, dada a tradição africana que resistira a todos os meios usados para acabar com a vergonha, como diziam os religiosos. Cinco séculos de evangelização, se queixava o vigário da Ilha ao

amigo Adão, cinco séculos e nunca vencemos esse costume horrível, havendo mesmo sacerdotes a darem o exemplo da prática vergonhosa, se deitando com duas ou mais mulheres.

A última tentativa para combater a poligamia tinha sido a do partido único que se instituiu depois da Independência e que condenava a prática, não podendo os polígamos se inscreverem como militantes, como rezavam os Estatutos. Mas o partido, tal como a igreja, proibia a prática mas fechava os olhos para quem a praticava. E toda a gente sabia que A e B, membros importantes, tinham Luanda 1, Luanda 2 e às vezes mesmo Luanda 3 e Luanda 4, como se chamavam na gíria as kitias. Estes membros eram invejados pelos apenas bígamos, havia cochichos nas reuniões de célula, cenas de crítica e autocritica, tudo simulação, para Marx não se contorcer na sua tumba, nunca ninguém deixou de subir até às instâncias superiores por causa da sua poligamia. Uns malandros nas células sibilavam, e se a sua esposa fizer a mesma coisa, você aceita, ou recusa a igualdade entre os sexos, bandeira fundamental do partido? Discussões acesas se havia mulheres militantes na reunião. Porque o assunto era discutido com muita paixão por elas, as principais visadas ao verem parte dos proventos terem de ser divididos por outra casa. Mas fazer mais como então? Protestar e fechar os olhos. Como a igreja durante cinco séculos, como o partido...

Por causa da relação conflituosa entre os pais, talvez pela intransigência religiosa da mãe, Noé muitas vezes se afastava e dormia onde calhava e até ia catar comida nos contentores, se juntando aos grupos de famintos. Um dia diria a Himba que afinal acabava por tomar posição a favor do pai, culpando a mãe de radicalismo. Uma estupidez, reconhecia mais tarde, mas no tempo da sua juventude era assim, muitas gerações de poligamia educam os filhos a aceitar a atitude. Só não ia aproveitar da comida de Luanda 2 do pai, isso não, seria desrespeitar a mãe. Embora conhecesse o sítio da barraca dela, um alojamento mais pobre do que o dos pais, e até conversasse por vezes com os meios-irmãos, mais novos que ele. Parecia normal falar com os miúdos e até protegê-los se fosse preciso, afinal se tratava de irmãos. Mas entrar em casa da segunda já não era possível.

Nesse almoço, Noé explicou que ainda não estivera em situação de guerra, apenas em quartéis perto do troar dos canhões e do silvo dos mísseis. Tinha, porém, ouvido muitas histórias. Uma era verdadeira e o tinha marcado, chegou a um jornal, embora ninguém tivesse ligado importância. Os camaradas de armas afirmavam ser autêntica, estavam presentes quando se passou.

– Há pouco tempo, como sabem, se deu a batalha do Cuíto. Uma parte da cidade, a maior, com os rebeldes, a mais pequena, ligada ao Cunje, com os nossos, totalmente cercados. Meses, muitos meses. Os cadáveres eram enterrados nos quintais das casas ou nas ruas. Não sobrou nenhum bicho, nem rato. A população e militares a morrer de fome. Só não pereceram todos porque havia bombardeamentos de comida. Os aviões arriscavam o fogo das antiaéreas inimigas e lançavam para as nossas linhas munições, armas, comida, água potável, medicamentos, tudo, tudo tinha de ser lançado. De vez em quando um avião era abatido, muitas vezes o lançamento era malfeito por ser de noite e os bens caíam nas mãos dos outros. Havia muitos feridos e o sangue acabou. Os que resistiam estavam tão fracos que não podiam dar sangue aos que tinham hemorragias. O sangue também era lançado em sacos especiais. Um dia, um soldado apanhou sacos de sangue. Em vez de entregar nos hospitais de campanha, o egoísta, pior, não há termo para esse gajo, desculpe, Dona Isabel, o filho de uma cabra, vendeu o sangue a uma senhora que tinha dinheiro, como os outros, mas não tinha onde comprar comida. Vinte milhões de kwanzas pelos sacos. A senhora abriu logo um para cozinhar, julgava era carne-seca. Mas achou estranho aquele tom castanho. E, como tinha um primo enfermeiro, perguntou o que era aquilo. Assim soube que tinha comprado sangue humano. É mesmo verdade.

A indignação estava espelhada na cara de todos os ouvintes. Ninguém ousava falar.

Por fim, Dona Isabel expressou o sentimento geral:

– Esse devia ser apanhado e fuzilado.

– Nada. Ninguém descobriu o culpado. Só a senhora conhecia a cara dele. Ela não saía das ruínas da casa, com medo dos tiros e obuses. Ele deve ter sido alertado pelo falatório dos enfermeiros e

médicos, evitou aparecer perto da senhora. Se tinha ainda alguns sacos escondidos, fê-los desaparecer. E pronto. Ficou com um monte de dinheiro... Também é verdade, aquele monte de dinheiro valia muito pouco.

- Um tipo que faz uma coisa dessas... – disse Kassule.
- A guerra manda cenas estranhas – disse Mariano. – Cria heróis e também bandidos como esse...
- É, há gente mesmo gananciosa – disse Noé. – Sabendo que esse sangue ia salvar muitas vidas...
- Acreditem, esse criminoso vai ficar rico. Se faz isso na guerra, o que não faz na paz?

Ninguém contrariou a fala da senhora boa das trancinhas. A menina pensou, está vivo de certeza, só os bons morrem nas nossas guerras. Pensava nos pais ou talvez também em Tobias, morto numa guerra diferente, na guerra do areal, mas guerra na mesma. Por causa dela. Uma sombra deve ter passado na sua cara, pois os outros olharam para a menina, alheada do mundo. Noé viu Mariano fitá-la com preocupação. E Noé também fitou Mariano. Se mediram com os olhos. Ameaças mútuas? A amizade era forte, sorriram.

De regresso à igreja, onde iam encontrar o padre Adão, Kassule gozou com Himba:

- Grande acaso encontrar o Noé. Gostaste de o ver?
- Está mais velho. Um homem.
- Quase tão homem como o Mariano.
- O Mariano é mais velho, tu sabes.
- Se nota ainda?
- Acho que não. O Noé fala de forma diferente de quando nos deixou. Já antes falava como um adulto mas agora... A guerra...
- Qual preferes?
- Prefiro como? – Himba na defensiva.
- Como homem... Gostas mais do Noé ou do Mariano?
- Sei lá. Conheço o Noé há mais tempo. Lembras? Sempre nos ajudava, era um sossego quando ele estava conosco...
- Por causa da Madia.
- Lhe conhecemos antes da Madia. Depois de ela ir embora, ele continuou a aparecer e nos ajudar.
- O Mariano também ajuda.
- Os dois são boa pessoa.
- Se tivesses de escolher, quem escolhias?
- Mas escolher para quê?
- Como homem. Tu sabes.
- Não sei nada. São dois amigos meus, é tudo.
- Os dois olhavam para ti de maneira especial, julgas eu não vi? Ainda vão andar à pancada por tua causa, apesar de serem amigos.
- Cala, ouviste? Cala já. Não te admito. Conversa da túji...

Kassule ficou espantado com uma reação tão violenta, quase gritou para ele, coisa rara na amiga. Afinal ele só estava a lhe provocar de brincadeira. Mas ela levou a sério, zangada mesmo. Despreparado para continuar a guerra verbal, preferiu obedecer, então não era a irmã mais velha? No entanto, ficou a matutar nas razões que poderiam levá-la a perder assim a cabeça, gritar com os olhos a arder, como ele nunca tinha visto. Mesmo nos momentos mais difíceis, em que dava vontade de explodir, ela mantinha a atitude comedida e doce. Afinal também a raiva, comum em todos eles, podia

se apoderar dela. Uma novidade. Por causa de Noé? Por causa de Mariano? Por causa dos dois ou por causa de ninguém em especial?

O padre Adão já estava à espera deles, temos de ir agora, senão chegamos de noite, cada vez há mais movimento para aquela região e os candongueiros vão sempre cheios, assunto que, pelos vistos, os dois padres tinham estado a discutir como toda a gente fazia afinal, não é só agora que os habitantes da capital se queixam do trânsito infernal, tema de introdução e fecho de qualquer conversa, primeiro para a desculpa pelo atraso ou escassez de contacto e depois pela necessidade da partida rápida. No entanto, os meninos ainda tiveram de fazer detalhado relato do encontro com os amigos, do regresso momentâneo de Noé, do almoço e acolhimento de Dona Isabel.

– Uma boa senhora, das minhas melhores fiéis – disse o padre da Ilha. – A generosidade feita pessoa.

Himba concordou em silêncio, não havia melhor maneira de caracterizar a senhora das trancinhas, a mãe de Mariano. Também morreria cedo? Só se Deus fosse mesmo um ser maldoso e não o que lhe contavam os padres. Ela ainda acreditava neles?

Com sono regular e comida suficiente, Himba e Kassule cresceram e engordaram. Pelo menos já não tinham os ossos de fora e os olhos a crescerem nas faces. E ela se arredondara um pouco de ancas e os botões do peito robusteceram. Como prometido, se ocupava das plantas. As árvores eram regadas sempre. E os primeiros bolbos de rosa de porcelana davam rebentos que brotavam do chão como pontas de lança para se transformarem em canas. Lento, tudo muito lento, só daí a dois anos dariam as primeiras flores, diziam os entendidos. E exigiam muita água. Mais fácil era fazer crescer os outros tipos de plantas dando flores, nos canteiros marcados pelas pedras brancas. Enquanto se entretinha a mondar com as próprias mãos, a enterrar as sementes ou a regar, ela não pensava em mais nada, só nas plantas que dela dependiam para viver. Era injusto dizer que dependiam pois ela não deixava ninguém mais se intrometer. Para a rega das árvores, por serem muitas e espaçadas, tendo de se utilizar baldes e regadores pesados, aceitava o apoio dos outros. Para as flores não. Sua propriedade particular, seu monopólio, como lhe chamou Job um dia. E ela gostou, é mesmo o meu monopólio, elas só me querem a mim, amam como a uma mãe. E temos de arranjar mais espécies, fazer jardins a sério, com relva e tudo.

– Relva? – se espantou um dia o padre. – Imaginas a quantidade de água que seria precisa?

– A água sai das torneiras. É só arranjar umas coisas... aprendi mesmo o nome mas agora esqueci... Aspersores?

– Talvez sejam. Mas a água vai ser paga um dia, por enquanto estamos a beneficiar do desvio pouco legal que fizemos no tubo da empresa... Mais tarde ou mais cedo põem aqui um contador que marca toda a água que gastarmos e temos de a pagar. Não vai ser nada barato. E tens de concordar, ainda não é urgente.

– Não falei assim, padre. Disse, um dia vamos fazer...

O padre não insistiu, não tinha a mínima importância, eram só sonhos inocentes e antes esses que outros piores. Mas lhe parecia ter mesmo percebido ser um plano que ela acalentava como próximo e importante, fazer um belo jardim com grande variedade de flores e relva. Um pequeno Planalto Central?

Na conversa com Radamel, o padre contou o desejo de Himba. O arquiteto abanou a cabeça.

– Eu não apoiaria. Primeiro há a razão que invocaste, a da água. A que temos já nos basta e devemos agradecer que estejam a fechar os olhos, dando uma de apoio a uma obra com interesse social. A relva, além do mais, atrai muitos mosquitos. Aconselharia mesmo que fizessem um esforço para arrancarem os capins que vão nascendo entre as plantas, o capim úmido é o melhor ambiente para a mosquitada prosperar. Já são tantos, ainda será pior um dia que o capim cresça.

O padre, para as coisas deste mundo, seguia os conselhos do amigo.

E, para desespero de Himba, o seu território foi invadido sábado por um grupo de jovens comandados pelo próprio Adão, que lhe avisou de véspera, amanhã vamos te ajudar a mondar o jardim, não deve haver nem um capim, por causa dos mosquitos. A menina chorou de raiva, nem se queria levantar da cama nesse sábado fatídico, imaginando futuros sombrios. Os invasores iam pisotear as plantas, estragar as flores em crescimento, destruir o seu trabalho. Não participou, ficou a observar de longe o trabalho alheio. O sacerdote percebeu a frustração dela, pediu a Débora para a confortar, com calma, só conversar, ela acaba por perceber que é um trabalho penoso, embora não pareça, o terreno é grande e exige muito tempo numa posição difícil, não estamos habituados a isto, nunca fomos camponeses, nem ela, para passar horas acorados. Débora foi falar estas coisas e a voz dela era tranquila, doce, explicando muito bem, o padre não tinha intenção de se meter no trabalho dela e ninguém estragava nada, as instruções foram claras e escolhidos os jovens mais responsáveis, exatamente para não se porem em brincadeiras que podiam gerar o caos e pisarem as plantas. Aos poucos, Himba foi digerindo a sua raiva, mas não gostou. Kassule, sentado a seu lado, sem poder participar por causa da falta da perna, achava a amiga andava a exagerar naquele frenesim de tratar de plantas, assim como fora dura a despropósito para ele um dia que brincara só por causa de Noé e Mariano. Depois concluiu, é, as miúdas têm cenas dessas quando chegam a uma certa idade, me contaram os mais velhos, deve ser isso o que acontece com ela, entrou nessa idade. E riu alto. Himba e Débora olharam para ele, mas o kandengue fez um gesto com a mão a dizer, deixem lá, uma coisa minha, coisa de malucos, claro. E elas continuaram a conversa, conversa não, porque só Débora falava, mas Himba já concordava com a cabeça, o que era um progresso, achava Kassule.

E o território dela ficou sem um capinzinho. Careca como a cabeça de Adão. Os mosquitos teriam de ir procurar outro sítio onde deixar as suas perigosas larvas.

As aulas também corriam bem para os dois amigos e não havia demasiados desacatos, normais em concentrações de jovens com muitas hormonas a se desenvolverem. Ao domingo iam à missa na igreja mais próxima, a qual ficava a cerca de três quilômetros. Marchavam em grupos e demoravam a chegar. Ocasão aproveitada por muitos deles para se despistarem e passearem pela vizinhança em vez de assistirem ao culto. As igrejas católicas não eram como as pentecostais, que nasciam mesmo em baixo de imbondeiros. Precisavam de um mínimo de instalações próprias e sobretudo de ter aqueles artefactos como altar, custódia etc. Esta era a razão por que ainda não tinha sido aceite o pedido de padre Adão para officiar no próprio lar. A área do refeitório aberto era boa para as missas e ele estava habilitado para o fazer. Mas a autorização da hierarquia só acontecia se ele tivesse esses instrumentos fundamentais, os quais afinal não eram fáceis de obter, por se tratar de uma igreja de pobres. Faltava mesmo uma grande cruz de madeira para ficar implantada no refeitório e assim indicar que ali se celebravam cultos cristãos. Isto tinha sido explicado por Débora aos amigos, quando lhe perguntaram porquê tinham de se deslocar tão longe a pé, quando podiam ter missa no sítio onde moravam. As burocracias e a pobreza da igreja, foram essas as ideias que retiveram. Pobreza podiam entender, nunca dela tinham saído afinal, mas burocracia era palavra desconhecida e estranha. Metia algum medo.

A igreja então também tinha burocracia?

Aos domingos, de todos os modos, apesar da cansaça de irem à missa tão longe, obrigação que Kassule suportava com um sorriso nos lábios, sempre apoiado numa muleta mais confortável, arranjada por Radamel, tinham no regresso almoço reforçado, ao qual nunca faltavam aqueles que se despistavam para fugirem à missa. Alguns apareciam com fruta ou doações pequenas dos vizinhos. As quais eram partilhadas, compensando portanto o pecado de fugirem do culto. O padre bem teimava, ninguém era obrigado a assistir, mas no íntimo ficava compungido ao verificar que apenas metade dos seus protegidos se manifestavam crentes, ou sem vontade de o decepcionar. Gostaria que todos seguissem os ensinamentos dados nas aulas de moral cristã que prodigalizava no sábado à tarde, enquanto Débora preparava os mais devotos com a instrução do catecismo. De qualquer modo, nunca admoestava alguém que bocejasse nas aulas ou evitasse o culto. Preferia manter os jovens no lar, apesar de não se converterem, a abandoná-los pelas ruas do vício e da fome. Nisso era apoiado pelo arquiteto, puxando

com argumentação da América Latina, a pior coisa que o catolicismo fez foi se considerar a única religião verdadeira e obrigar pela força todos a aderir, é preciso convencer e não impor, e outros exemplos tirados da história da própria Angola colonial, em que só uma Igreja era considerada como tal, sendo o resto escória proibida e perseguida, particularmente as crenças de origem africana, com exceções tardias de aceitação em relação a alguns cultos protestantes. Conversas longas em que nem sempre concordavam um com o outro, mas chegando finalmente a certo consenso, como bem provava a atuação posterior de Adão.

Além das aulas regulares, havia o estudo orientado em outras alturas, em que os mais preparados ajudavam os internos com maiores dificuldades ou em que normalmente se fazia o trabalho de casa. Altura própria para Kassule deixar extravasar a sua veia artística, desenhando atitudes, gestos ou detalhes da vida. Cada vez melhor. A habilidade tão gabada por Radamel afirmava-se. E Himba um dia foi surpreendida por um retrato que o amigo lhe ofereceu. Ela olhou e viu no papel o que achava ser verdadeiramente, ou o que parecia ser aos olhos de Kassule, coincidente. Estava numa atitude meditativa, contemplando o seu interior ou o seu passado, o que se notava no toque quase imperceptível do lábio inferior, que lhe fazia a boca assimétrica, e na profunda tristeza dos belos olhos. A preto e branco, com muitas sombras e matizes de cinzento. Apesar da tristeza evidenciada pelos olhos, o todo transmitia uma nota de malícia, própria das meninas a descobrir a vida. O retrato não foi mostrado a mais ninguém e permanecia guardado no fundo da última gaveta, com alguns objetos por cima, escondendo-o. O pacto entre eles era o de ser secreto. Ela muitas vezes contemplava o retrato, a sós na camarata. Até descobrir o amor que Kassule lhe demonstrava ao desenhá-la daquela maneira. E ela aquecia por dentro, um fogo que vinha das entranhas, se mirando no espelho que o retrato representava. Achava, ninguém a podia conhecer tão bem. Estava ali inteira, como pensava que era, como queria ser, e o que tinha sido antes de tudo. A capacidade técnica era apenas um instrumento para exprimir o sentimento do artista. Ao mesmo tempo, o próprio Kassule estava todo ali, se expondo talvez de forma inocente. Tivesse na época Himba conhecido algo sobre pintura e teria certamente associado o seu retrato, todas as proporções guardadas, ao de Lisa Gherardini que Leonardo da Vinci pintou e que seria conhecida como Gioconda ou Mona Lisa.

– Tens feito o retrato de muitas pessoas? – perguntou um dia ao amigo.

– Às vezes, mas é difícil. As pessoas se mexem muito ou vão embora antes que acabe. Outras vezes não fica muito bem e já não as volto a apanhar. Porque não desejo qualquer pessoa. Tem de ter alguma coisa que me chame a atenção. Também não quero ser descoberto a desenhar alguém, podia criar ofensas.

– E eu fiquei um dia muito tempo quieta e foi assim que me apanhaste...

– Não, o teu retrato eu fiz de cabeça. Estava numa aula chata de matemática.

– Não precisaste de me estudar para fazer o desenho?

– Claro que não. Precisava?

E era assim. Ele tinha-a apanhado melhor que uma fotografia, talvez a pensar na vida passada e nos pais, ou nas tristezas da Ilha, sabia lá em quê, tanta coisa em que uma pessoa se perde ao perder... Sem precisar de olhar para ela, copiando o que dela tem no pensamento e na memória. Um artista. E também muito amor. A ideia não a perturbou, antes pelo contrário, aquecia o coração saber que alguém gostava dela de verdade, como a mãe o tinha feito, ou o pai.

Não estava sozinha na cidade voraz.

Débora tinha também por missão visitar as diferentes escolas onde aprendiam os jovens do lar, para saber como progrediam e ouvir uma ou outra queixa de um comportamento, que sempre as havia. Por vezes vinha furiosa, como quando se queixou ao padre, estando Radamel e Job presentes, essa diretora pedagógica da escola 30 é uma incapaz, nem sequer tem opinião sobre a Joana e a Adélia. Eu ando preocupada com elas, parecem-me muito alheadas, sobretudo à tarde quando estudam aqui, suspeito que tenham problemas que não querem revelar e não estão concentradas no trabalho, vou lá à escola

falar com a senhora e ela diz que está tudo muito bem, elas são exemplares. Exemplares até podem ser, caladinhas, quietas, mas naquilo que eu queria saber fiquei na mesma, não sei se estudam e se percebem o que lhes é ensinado ou não. Bem, ela acha que sim. Acha? Tem de ter a certeza, não é para isso uma diretora pedagógica, ainda por cima com curso superior?...

– Ora, ora, ora... Quimeras! – cortou Radamel. – Aqui curso superior tem algum significado? Temos verdadeiros ignorantes da sua profissão não só com curso superior mas com doutoramento... está bem, não será de universidades de grande prestígio, as quais até rugiriam de vergonha se houvesse algum exemplo de um dos seus formados a dar barraca profissional. Mas vêm com diplomas de doutoramento e são uns anormais...

– Radamel, como falas essas coisas? – cortou o padre.

– Tenho visto cada burrice que nem imaginam. De gente de fato e gravata, sempre muito ufana a exhibir os seus diplomas emoldurados... Isso não quer dizer nada.

– Está bem – disse o padre. – O outro também dizia que não era preciso ir à escola, pois Jesus Cristo não foi e fez mais milagres do que ninguém. Bom, mas isso é só ignorância, obscurantismo. Estamos de facto a falar de coisas sérias. A senhora tem a obrigação de saber como avançam as crianças na sua escola.

– De todas é difícil – disse Job.

– Sim – disse Débora. – Não pode saber de todas, mas pelo menos devia dizer, vou perguntar ao responsável pela turma, este é que tem de saber o estado de cada aluno. Nem se lembrou disso ou a escola nem tem professores responsáveis de turma... Foi o que me revoltou.

– A Débora tem toda a razão – apoiou Radamel. – Mas, voltando ao que o Adão disse, porque é que Jesus Cristo teria de ir à escola... Então não era a outra face de Deus, uma parte da Trindade, Pai, Filho e Espírito Santo, um deus portanto? Ele não precisava de ir a nenhuma escola, sabia tudo, até como ia ser atraído e ia morrer. Quem sabe todo o futuro não precisa de escola...

– Não gozes com coisas sérias – disse o padre Adão.

Uma coisa eram as conversas que tinham a sós, outra aquela ali com testemunhas.

– Estou mesmo a falar a sério. É um grande problema teológico, esse. A Igreja deve ter uma resposta para ele. Se Cristo foi à escola a fingir que ia aprender alguma coisa, era um grande hipócrita e mentiroso. A única alternativa é não ter precisado de ir por saber já antes o que lhe poderiam ensinar. E a tua Igreja tem de o dizer.

Job percebeu a incomodidade de Adão e desviou:

– Se eu for lá, ou melhor, se o senhor padre for lá, a diretora da escola não vai ter outra atitude? Acho que sim. Senhor padre, devia ir falar com ela. Se quiser, acompanho.

No que todos concordaram.

A dúvida lançada por Radamel coseu em lume brando.

Sem resposta.



Kaleb apareceu de manhã no restaurante, queria se explicar sobre a cena do outro dia. Não estava na hora de abrir, o trabalho tinha começado na cozinha há pouco tempo. Ela disse para ele sentar a uma mesa, perguntou se queria beber alguma coisa.

– Deve ser muito cedo para um uísque – disse ele, duvidoso.

– Uma cerveja então?

Ele concordou e ela chamou um dos criados de mesa. Depois de servido e ter provado um gole,

disse:

– Deves ter estranhado, nem te ofereci boleia...

– Estava aí a carrinha do restaurante, fui nela. Em breve tenho a carta de condução, estou no fim do curso, o exame é uma formalidade, segundo diz o meu instrutor. Sabias?

Claro que ele não sabia, ou soube e esqueceu há muito. Na realidade não era assunto importante.

– Houve um lance estranho... Com a Salomé.

Sofia sentiu o peito apertar, sinal de uma revelação desagradável, talvez mesmo fatal. Ela sabia que boa coisa não seria, como um grasnar de ganso indicava um invasor. Um fio de voz:

– Não tens nada que explicar.

– Tenho, sinto que tenho. Vinha para o jantar quando ela me telefonou pedindo boleia, um problema no carro. Desviei para casa dela e apanhei-a. Depois do jantar tinha de a levar. Claro, podia na mesma ter ido contigo e ela. Mas Salomé pediu para irmos sozinhos. E no caminho disse que se ia separar do Alfredo. Perguntei porquê. Ela não quis dizer. Mas então falou uma coisa estranha, a única pessoa que sabe a razão é a Sofia e ela não vai contar nada. Pronto, foi isso...

– E deixaste de trabalhar para vir me dizer isso? Dois ou três dias depois?

– Fui processando, processando, falo com a Sofia ou não? Também estás enganada, não tenho trabalho. Acabei um relatório, não há projeto novo. Nenhum. Parece que Angola deixou de ser interessante para investimentos exigindo estudos de impacto ambiental.

– É mesmo crise?

– Saímos alguma vez dela?

– Parece que não – concordou Sofia. – O progresso e as conquistas são sempre mais propaganda que realidade. A boa notícia é que estamos habituados, sabemos virar-nos.

– Alguns... Os mesmos de sempre. Este restaurante talvez sofra alguma coisa, menos frequência, as pessoas poupam nas bebidas, bebem mais cerveja que vinho etc., o que tem acontecido em muitas partes do mundo. Mas tens razão, não vais sentir muito, as pessoas precisam sempre de comer. Nem eu vou sentir, nem os amigos... Que se lixe a crise, se de facto há... Desculpa ter-te deixado pendurada na outra noite, fui um vulgar cretino...

– Já te disse, tinha a carrinha. E não tens obrigação nenhuma de me dar boleia, ora essa.

– Não tenho obrigação, é prazer.

Ela mirou-o atentamente. Ele estava com os olhos fixos no copo de cerveja, talvez por se sentir arrependido ou então por não saber onde fixar os olhos sem incômodo. Podia ser sincero e querer uma relação verdadeira com ela, daí os remorsos por não lhe ter prestado a devida atenção. Podia no entanto ser também outra coisa muito diferente. Teve um pressentimento, muitas vezes os pressentimentos batiam certo. Perguntou de chofre:

– Vieste tirar nabos da púcara sobre a Salomé?

Kaleb abanou a cabeça lentamente. Sem tirar os olhos do copo vazio. Falou e a voz era suave, meiga.

– Vim explicar. Só isso.

Ela avaliava a situação, não deixando de o fitar.

– Não te choca que ela se separe do Alfredo? Parecia um casal firme, equilibrado...

Sofia não respondeu logo. Que sabia ela dessas coisas, o que era um casal firme? No entanto, a dúvida lhe surgiu no cérebro e insistia em permanecer, como um diabrete das estórias infantis que impediam as crianças de sossegar com seus ditos ou movimentos súbitos. Deixou que ele bebesse o resto da cerveja, ia processando, como diria Kaleb.

– Já que vieste te explicar, diz-me uma coisa. Haverá alguma razão para Salomé te informar a ti sobre essa decisão tão íntima? Afinal, ela tem muitos amigos com carro, todos os do grupo... E podia se confessar comigo, normalmente é mais fácil com outra mulher... Mas escolheu-te. Tem algum motivo?

Kaleb talvez esperasse todas as reações menos essa pergunta. Pergunta incômoda, a rainha das perguntas. Decisiva, perigosa. Resolveu não iludir a resposta, haveria oportunidade para a contrição, mais tarde. Nem teve tempo para repensar, respirar fundo, marcar uma pausa, disse muito depressa, sem deixar que as palavras voltassem para a boca, sufocando-o:

– Há. Antes de conhecer o Alfredo ela tinha uma relação comigo.

– Ah!

– E numa festa há uns meses houve uma daquelas cenas confusas, tudo bêbedo ou drogado, encontramos-nos de novo. Ela procurava o Alfredo, achava que ele tinha ido com outra, vingou-se... comigo.

Pronto, bem sabia, o pressentimento estava certo, pouco faltava para a revelação brilhar como um diamante. De sangue.

Porém, na conversa do outro dia, Salomé só disse a Kaleb, Sofia sabe a razão da separação, mais palavra menos palavra. Dava a ideia de não ter acrescentado outra ideia e ela não devia mujimbar qualquer suposição sobre o resultado dos atos deles. De facto não tinha certeza nenhuma, apenas podia suspeitar. Até podia ter se tratado de outra festa, eles iam a tantas... Porque tinha de ser a farra a que Salomé aludira, falando com ela? Embora fosse uma grande coincidência... Estas, porém, existiam. Se não fosse, porquê diria Salomé que Sofia sabia da verdade, se lhe tinha falado apenas de uma festa?

– Não te deu nenhuma razão para a separação... – disse ela, em estilo de pergunta.

– Não. E afinal podia. Como bem falaste, houve razões para me dar a notícia. Eu é que a apresentei ao Alfredo. Eu é que a conhecia há muito tempo. Mas não disse mais nada. Só se referiu a ti como sabendo. E agora eu pergunto, como? Contou-te o quê?

– Achas que vou kuribotar o que uma amiga me segredou?

Ele virou a garrafa vazia, deitou-a na mesa num gesto brusco.

– Sei que não vais. Desculpa.

Sofia tinha vontade de o provocar, contar a verdade, ela nem lembra que te encontrou nessa farra louca em que se vingou do Alfredo, só tu te lembras, pois ainda estás fixado nela, afinal. Mas não devia revelar nada, a verdade ficava melhor enterrada, se fosse mesmo essa a verdade. Salomé viria se confessar mais tarde, sobretudo descobrindo que Kaleb a procurara. O que era normal, pois sabia da inclinação recíproca, recíproca pelo menos na opinião dos amigos. Ele tinha sido muito claro mais de uma vez quando conversavam no carro, tinha interesse genuíno nela, não uma brincadeira sem consequências, como era frequente no seu meio social. No entanto, no último jantar, Kaleb também esteve ausente das conversas mais tempo que o habitual. Entendeu bem ou ele disse que ela lhe contou do divórcio apenas no regresso? Foi no regresso, sim, por isso Kaleb não lhe propôs a habitual boleia. Como explicar então a ausência dele? Andou no jantar a fazer contas sobre o que podia acontecer com uma mulher com quem tivera uma relação, depois um caso esporádico, que lhe pede uma boleia, com o marido ausente. Como se planeasse o resto da noite. Ele ainda devia estar ligado a ela, embora se dissesse atraído por Sofia. Ela fez as contas e batia certo, o rapaz devia andar um bocado dividido e por isso demorou a aparecer. Tinha de olhar para o lado, não se apegar, não acreditar em estórias de fadas, nenhum dos príncipes lhe estava destinado, tinham outras princesas a quem acordar com um beijo de amor.

– Queres mais uma cerveja?

– Não, não, obrigado.

– Com franqueza, se me permites a franqueza, ainda não percebi porque vieste hoje.

Ele olhou para Sofia, uma cara de admiração. Tinha andado a falar para as paredes ou em finlandês?

– Não te disse? Queria perceber.

– É tão essencial para ti perceber?

Ele embatucou. Voltou a fazer rolar a garrafa em cima da mesa. Depois falou baixo, como só para si:

– Talvez nem me interesse nada, tudo impessoal... Não. Não é verdade. Morro de curiosidade, confesso...

– Apenas curiosidade?

– Sim, é isso. E estranheza. Não vos sabia tão ligadas, cheias de segredos. Quando te conheci, naquela festa na casa do Solferino, não parecias à vontade, a Salomé era a tua guia...

– É verdade, eu estava completamente fora do meu meio.

– Pois. Por isso me surpreendeu que fossem íntimas ao ponto de só tu poderes compreender uma decisão dela. Ou deles, nem sei... Se tratando de uma decisão tão importante...

Ela ficou calada, tentando adivinhar o que significavam as dúvidas e reticências dele. Ora, são interesses um pouco mesquinhos, já me remeteu para o meu lugar, de forma delicada mas segregou, como todos eles fazem. Os príncipes nunca deixam o seu espaço para os outros, qualquer dia tudo está reservado, terras, praias, até o céu. Ando mesmo a perder tempo com este, agora também desocupado, para não variar. Tem todo o tempo do mundo para tentar descobrir a verdade sobre Salomé e o seu aborto. Pelos vistos, não havia nada a recear, o monarca nunca iria sair claro, se tratou de um crime inútil. Como todos os crimes? De qualquer modo, encorajei-a a fazer o aborto, parecia o mais prudente. Não a posso criticar por isso.

Kaleb sentiu a frieza dela. Lhe faltou a coragem de argumentar, a enfrentar, se abrindo nas suas verdades e dúvidas. Disse meia dúzia de frases inócuas e se despediu. Sem a tentativa de um beijo.

Mas Sofia não ia ter tréguas por muito tempo.

Depois do almoço, quando o pessoal descansava antes de começar os preparativos para o jantar, apareceu o pastor da igreja de Dona Ester. Sofia, ao vê-lo pedir licença para falar com ela, adivinhou, vem o vigarista defender os seus dízimos.

– Sabe como a nossa igreja é pobre, vivemos das esmolas dos fiéis. Dona Ester devia pagar o seu dízimo uns dias antes de falecer, uns dias não são nada, nem lhe lembrei, senhora tão caridosa... Depois sucedeu o infausto acontecimento...

Sofia acertou, ele ia reclamar a dívida para com o deus enganado, que deu à senhora muitas alegrias nos últimos dias e ela não recompensou como devia, embora se saiba que foi por falta de tempo e não de querer. Um deus enganado é muito raivoso, pode ameaçar lançar pragas, fogo, destruição, ela devia se preparar.

Ainda estava magoada com a conversa com Kaleb, que lhe parecia ser um corte definitivo. Não ia apaziguar a consciência tratando o farsante como uma pessoa de respeito, precisava ser direta e dura. Falou num tom seco, em contraste com a maneira melíflua do pregador de todas as curas.

– Se houve dívida, é com ela, senhor pastor. Se tiver algum meio de comunicar com ela, vocês são bons nessa coisa de milagres e comunicação com o outro mundo, então acerte as contas com ela. Eu não pago dívidas alheias. Se foi para isso que cá veio, perdeu o seu tempo.

– Ela não pagou, mas deixou dinheiro consigo para essas coisas que foi gastando. Aliás, senhora, o filho pode pagar pela mãe, ele também frequentava a igreja, onde estava a ser tratado e a melhorar muito depressa, devo dizer.

Sofia começava a se impacientar. Ainda por cima o homem se revelava um mentiroso descarado,

apresentando êxitos falsos, falando de melhoras num Ezequiel que fugia dele como o rato do cheiro do gato. Mais raivosa ficou quando notou, o pastor procurava com insistência os olhos dela, em tentativa de controlar as ideias. Tinha pensado num primeiro momento em pôr o charlatão na rua, mas depois refletira, devo à lembrança de Dona Ester não destratar demasiado quem ela apreciava, com razão ou sem ela. Porém, não admitia que quisessem lhe controlar a mente, truque de burlão que conhecia há muito. Foi ainda mais fria na resposta:

– O filho não está e nisso de ter havido progressos com as suas rezas é falso. Neste momento está muito mais calmo, a ser tratado a sério, medicado por profissionais da saúde e não por aldrabões. Sem os demônios que sentia na sua igreja, como ele mesmo dizia, fugia de lá agarrado à cabeça e aos gritos, todos sabemos... E não estando ele, ninguém lhe vai pagar nada. Estamos conversados?

O homem, num primeiro arreganho, tentou crescer perante ela, como se a pudesse atemorizar. Desconseguiu, pois tinha fraca figura, voz de periquito, e a boca denunciava apenas ganância. E ela continha uma raiva que ameaçava romper todos os diques.

– A ser tratado? Onde?

– Não lhe vou sequer dizer, não lhe diz respeito.

– O filho de uma crente diz respeito à igreja, aí é que a senhora se engana.

– Em que lei está isso escrito? Talvez na sua, que não é lei reconhecida pelo Estado, o qual anda a investigar as suas fraudes. Se não sabia, fica a saber... Na nossa lei, que é defendida pela polícia, as crenças não se transmitem como se fossem uma propriedade. E agora pode sair, que temos mais que fazer do que aturar sugadores de dízimos.

O pastor, que não o era de bois como os criadores de gado do Sul, frase muito usada nas suas prédicas, mas de almas, fez o gesto de levantar um imaginário chicote ou porrinho, de ameaça.

– Não me vai dizer onde mantém sequestrado o filho da nossa irmã?

– Já lhe disse, não vou.

Sofia deixou passar as palavras sequestrado e irmã, para não alimentar a discussão, mas não as esqueceu. Ele voltou ao tom ameaçador:

– Falou de polícia? Pois ela vai gostar de saber que raptou um homem incapaz de tomar decisões.

Sofia deu uma gargalhada. Dona Ester, que se queixava amiúde das injustiças cometidas nesta terra, por vezes dava o exemplo de a igreja não estar legalizada por pura perseguição ou influência das já estabelecidas. Era a razão de evitar grandes cultos e iniciativas arriscando chamar a atenção das autoridades. Por isso mesmo Sofia tinha mencionado o Estado, a polícia, investigações. Passou ao contra-ataque:

– Sim, senhor. Quer então contar as coisas à polícia? Pois eu também estou muito interessada em ver a autorização que tem para fazer cultos e cobrar funerais, o que pode ser considerado negócio ilícito. Vamos pois juntos à polícia, nem é longe daqui. E assim vamos saber qual é o avanço das averiguações que estão a fazer. Até aproveitamos ir na nossa carrinha para o senhor não apanhar muito pó. É só chamar o motorista. Vamos?

Avançou para a porta de saída. Gritou para a cozinha, Tadeu, nós vamos ali à polícia tratar um assunto e já volto. Apareceu a cara assustada de Kiaksi a olhar para eles. Logo meteu a cabeça para dentro da cozinha. O pastor não se mexeu.

– Então? Estou à sua espera.

O homem sabia estar entalado. Polícia era a pior coisa com que se queria deparar. Não contava com o bluff, sabia ser bluff, os burlões têm muito faro para os truques dos adversários. Mas não podia arriscar. Ela atravessou a porta para fora e ele ficou parado dentro.

– Dona Sofia, podemos conversar.

Ela voltou um passo atrás, estacionando no umbral. Usou o tom de maior desprezo que conseguiu.

– Ainda não percebeu? Não tenho nada que conversar consigo, só quero que me acompanhe à polícia e faça lá todas as queixas. Depois eu só faço uma pergunta, onde está o papel de autorização da sua igreja, mais nada. O resto não é consigo nem comigo. É com as autoridades. Venha mostrar que é homem.

E partiu mesmo para a carrinha. Avisado não se sabe como, talvez por uma das muitas moscas que frequentavam o bairro, o motorista já estava ao volante. Sofia entrou e sentou ao lado dele. Apareceu na porta a figura derrotada do pastor. Ela fez um gesto com a mão, apresse-se. Ele veio com o rabo entre as pernas, não entrou no carro. Falou num queixume pela janela:

– Sequestrou, sim. A noiva dele é que me contou. Não tem coração, separa casais?

Sofia percebeu de onde o pastor tinha recebido informação. Por isso Kiaxi, ao ouvir a voz dela em tom alto, tinha deitado a cabeça fora da cozinha, onde devia estar de ouvidos arrebitados. Assustada com o caminho que os mambos tinham levado.

– Entra ou não entra no carro? Tenho mais que fazer.

– Pobre rapaz. Já não lhe chegavam os demônios, agora também lhe retira a noiva.

– Vou perguntar pela última vez. Entra ou não?

– Isso é que a senhora queria. Para me fazer desaparecer. Aí com o seu segurança – e apontou para o motorista.

Sofia saiu do carro, depois de dizer ao motorista:

– Antônio, já que és meu segurança, dá uma corrida a este senhor. De preferência com a chave de rodas.

– Sim, senhora – disse Antônio, saindo do seu lugar e indo lá atrás pegar numa chave de rodas.

O motorista era grande e pesado. Tinha ouvido o bocado de conversa e ficou ofendido por ser tratado de segurança e cúmplice de um crime qualquer que nem tinha percebido qual seria. Avançou para o pregador com vontade de lhe dar mesmo uma pancada com a chave. Não foi preciso. O homem bazu sem olhar para trás.

– Obrigado, Antônio. Não te canses a ir atrás dele, missão cumprida.

Voltou a entrar no restaurante. Foi à cozinha, respirou fundo e de maneira ruidosa. Falou para Kiaxi na frente dos outros:

– Vou fazer as contas contigo. Quantos dias trabalhaste este mês? Nunca mais pões os pés nesta casa, ouviste? Desde quando é que os nossos trabalhadores vão a uma igreja alheia fazer queixas da patroa? Assim aprendes a não te meteres onde não és chamada.

A moça deitou as mãos à cabeça, berrou que nem um cabrito, batendo com um pé no chão. Uma verdadeira xinguiladora em plena sessão mortuária. Entretanto olhava de lado para os colegas, procurando apoio.

– Chega de teatro, não estamos no komba. Quantos dias trabalhaste?

Kiaxi calou de repente. Percebeu, a cena não lhe valia de muito, arriscou, perdeu. Fungou apenas um pouco, começou a fazer as contas. Sofia, para a humilhar de forma definitiva, disse para os outros:

– Sabem o que esta menina foi dizer ao pastor? Que era a noiva do menino Ezequiel, imaginem!

Um coro de muxoxos condenou a rapariga até ao fim dos tempos. Uma mulher da limpeza até levantou a mão e avançou para ela, mas Sofia lhe fez um gesto imperativo que a paralisou.

– Não é verdade, eu só queria lhe ver – gemeu Kiaxi.

– Não estou a inventar nada, foi o pastor que disse. E o Antônio ouviu, podem lhe perguntar.

Kiaxi desatou num pranto silencioso. Se via, agora não se tratava de cena, era choro sentido. Tarde demais.

Sofia não perdoava traições.

Himba terminou a oitava classe, que na época marcava o fim do Ensino de Base. Podia agora seguir estudos para o Ensino Médio, tirando um curso profissionalizante ou a via rápida para o Superior, fazendo três anos de Pré-Universitário. Queria estudar mais e por isso se aconselhou com padre Adão e Radamel. A universidade era praticamente impossível de atingir, apesar das suas capacidades, reconhecidas por todos. Um curso médio então, mas qual e como? Os institutos que proporcionavam esse tipo de cursos ficavam longe daquela área periférica da cidade, como aliás era o Pré-Universitário, em pleno centro urbano. Havia candongueiros mas necessitaria de mudar duas ou três vezes de rota, o que aumentava o preço. Nem ela nem o lar tinham verba para as viagens. Poderia trabalhar em qualquer coisa para arranjar dinheiro do transporte. Tinha catorze anos, outras começavam mais novas que ela. Não temia salo pesado, mas que poderia fazer? Pedia conselho.

A discussão foi animada. Os dois mais-velhos achavam ela tinha muitos dotes para o estudo e devia lutar por isso, a escola de base não lhe bastava. Mas fazer então o quê? Radamel logo avançou, eu pago os teus transportes, não tenho grandes encomendas porque cobro pouco e não gosto de burocracias nem de andar a inventar projetos só para sacar dinheiro, como outros infelizmente fazem, mas tenho o suficiente para te garantir candongueiro até ao sítio onde for o teu instituto ou escola. São necessárias no entanto outras coisas, por exemplo roupa e sapatos, não podes vestir sempre da mesma maneira, serias muito desprezada... é isso mesmo, esta sociedade é tão cruel como outra qualquer, um estudante de certo nível já tem de se apresentar melhor que o de nível de ensino inferior, para não sofrer a troça escondida dos colegas. E o material escolar, os livros que por vezes são muito caros, alguns até nem existem, as escolas funcionam com os professores a ditarem as lições, não fazem mais nada senão ditarem... Teríamos de arranjar algum fundo para essas despesas suplementares. Como providenciar? E, escolhida a escola, ainda há a matrícula, mas isso acho que o padre Adão resolve, e este disse, sim, a matrícula resolvo, seja no Pré-Universitário seja num Instituto Médio, mantenho conhecimentos no ministério, um familiar meu é até diretor de qualquer serviço lá.

Se falava há muito nas bolsas internas, isto é, facultadas pelo Estado a alunos com bom rendimento escolar e sem possibilidades de estudar apenas com a ajuda da família. Mas as únicas bolsas que de facto existiam eram as externas, dadas para fora do país, um processo difícil e incerto, exigindo cunhas mais fortes. Himba também não aceitaria sair da terra, ligada ainda à esperança de paz e reencontro familiar.

O padre, por um lado, Radamel, pelo outro, perguntavam às pessoas conhecidas, procuravam mesmo instituições que pudessem garantir alguma ajuda. Parecia difícil, embora não impossível, pois os dois tinham grande poder de convencimento e teimosia suficiente, se o objetivo era arranjar meios para outros, não para si próprios, o que afinal acaba por não ser tão raro assim em qualquer sociedade. Himba entretanto já tinha optado por um curso médio que lhe proporcionasse um emprego quase certo, mal acabasse os estudos. Job aconselhou-a, és boa na matemática, gostas de fazer coisas, acho que o curso de contabilidade e gestão estava mesmo bem para ti, afinal o mesmo que eu fiz. E podia ajudar-te em alguma dúvida.

Foi assim que Himba optou por contabilidade e gestão, uma carreira garantindo futuro risonho no capitalismo, como declarou Radamel ao saber da decisão dela. Ironia escondida na declaração do

arquiteto? Himba não notou, talvez nova demais para essas subtilidades, mas repararam Job e Débora, esta sempre hesitante na sua decisão pessoal.

Como o lar tinha crescido com a construção de um novo dormitório para rapazes e alguns acréscimos no refeitório, o padre abençoava a falta de vocação da moça que mantinha ali como seu braço direito. Adão já não tinha vergonha de mostrar contentamento por ela nunca se ter apresentado no convento para a entrevista. Mais ainda depois de apanhar Débora e Job enlaçados num fim de tarde com um pôr do sol magnífico sobre o mar do Mussulo como pano de fundo. Era um belo par e certamente se tratava da vontade do Senhor que casassem e tivessem muitos cristãozinhos. Chamou-os a um espaço confidencial e disse que era altura de oficializarem o namoro com a apresentação às famílias e pedido de noivado, como manda a tradição da terra. Que Job preparasse já o alembamento, embora estivesse a gozar, pois os pais de Débora não eram tradicionalistas, pelo menos exigindo pagamento ou outros dotes particulares. Depois, casamento na igreja, proferiu o sacerdote. Os dois ficaram a olhar um para o outro, assustados. Ainda não tinham pensado em casamento?, se interrogou de repente o eclesiástico, já mais escandalizado. Não ousou no entanto fazer uma pergunta tão direta, era pessoa delicada. Por isso não teve resposta e a conversa ficou sem conclusão. Talvez já tivessem avançado no namoro mais que o permitido pela moral e a Igreja, há muito ela deixara de se confessar a ele, preferia o padre que dizia missa a três quilômetros, confissão depois da missa. Ao que constava, Job nunca se confessava nem aparecia no culto, mais interessado em pescar com o pai nessas manhãs de domingo. Adão achou que deveria ter uma conversa a sós com o pupilo e amigo, noutro dia, quanto mais próximo melhor. Com Job seria mais direto, homem a homem, só o casamento era uma solução para dois adultos na situação deles. Ou então supunham ele não tinha percebido há muito a inclinação recíproca? Quem julgavam enganar afinal? Ele sabia e nunca interferira, mas agora era o momento das grandes decisões. Ao que Job respondeu, tem razão, padre, mas lhe digo o mesmo que o meu pai me disse, como queres casar se nem emprego tens?, porque para o meu pai isto não é emprego pois o senhor padre não me paga salário e portanto tenho de procurar um trabalho na cidade para poder casar e manter a minha mulher na nossa casa, criando os filhos. Só então e só mesmo então o padre Adão percebeu que todos os feitiços que tivesse feito estavam destinados ao fracasso ou tinham virado ao contrário, pois o facto de Débora não ter ido para o convento ainda tornava mais complicada a tarefa dele, pois a perdia a ela e a Job, com o casamento. Se tivesse ingressado no noviciado, só a perderia, guardando Job por mais algum tempo. Mas não havia maneira de voltar atrás, o cesto mágico tinha sido agitado, só dava agora para espreitar lá para dentro e perceber o resultado. Sempre funesto para as suas intenções e mau para o lar. Job prometeu, vou fazer como o senhor padre aconselhou, primeiro tenho de arranjar um emprego, mas venho cá lhe fazer as contas no fim de semana, sempre. Há muito o pai lhe tinha feito essa sugestão, prontamente rejeitada. As circunstâncias tinham mudado, havia Débora, o rapaz se adaptava à nova situação.

O que obrigava o sacerdote a tomar as decisões financeiras do dia a dia. Mau comércio.

– Arranjo alguém para o ajudar, prometo – disse Job.

Débora também prometeu preparar a mais velha das raparigas, já na casa dos vinte, para a substituir na camarata.

Não era a mesma coisa.

Mas sempre um consolo.

Os passos foram dados, Job arranjou facilmente emprego numa empresa acabada de abrir na Corimba, perto da casa paterna, foi pedir a mão de Débora e o casamento marcado. O mais difícil seria arranjar um ximbeco onde morar. O pai dele ajudaria, permitindo que se instalassem nos anexos da vivenda dele, depois de obras de adaptação. E Débora se esforçou com Judite, a nova responsável pelo dormitório das meninas.

Kassule avançava também nos estudos, embora sem o brilho de Himba. Só mesmo em desenho e pintura, onde experimentava tintas oferecidas por Radamel. Este gostava particularmente das cenas de

vida quotidiana que o menino tentava reproduzir, como as zungueiras a venderem coisas ao ar livre, os carros enferrujados numa rua, os imbondeiros e cactos-candelabro da paisagem ambiente, o mar e seus barcos, uma mulher a bater o funje, um alfaiate a cortar um pano para uma camisa, o barbeiro a rapar a cabeça de um cliente cheio de caretas etc. etc. Kassule considerava mais difíceis as imagens de um figurante só, pois tinha de precisar as feições, o que exigiria espiar os alvos ou conseguir mesmo que posassem para ele, enquanto as cenas de multidão exigiam apenas traços e volumes estreitos representando indivíduos, o que contava eram as cores. Mas o arquiteto insistia, o retrato é mais difícil mas uma etapa necessária, como a pintura das veias de uma mão, as diferentes colorações das unhas, as folhas e troncos de uma árvore, e outros detalhes. As cenas de multidão num mercado eram interessantes, sem dúvida, mas não treinavam o artista para mais altos voos. Incentivava-o para procurar as dificuldades, não caias na tentação do facilitismo, para progredir é preciso enfrentar os obstáculos, falhar, repetir, até se atingir o ponto mais próximo da perfeição. Isso se aplicaria a qualquer arte. Nunca ficar satisfeito com um trabalho, insistir com ele, insistir, repetir, repetir. Haka, coisa mais chata, se rebelava o menino. Mas ia fazendo o que o professor aconselhava. E sentia que progredia. Essa disciplina fazia que fosse admirado na classe e os professores lhe perdoassem falhas em matemática ou português. Ele tem o dom para as artes plásticas, deve se dedicar a elas ao máximo. O que era bastante cômodo para Kassule, a passar de classe apenas porque desenhava e pintava bem.

Sentia algum susto ao pensar que Himba ia mudar de escola, enquanto ele permaneceria naquela. Estava habituado à companhia dela na ida e a esperar pela amiga, pois as aulas dela demoravam mais, para regressarem juntos ao lar. A partir de agora seria diferente, ele a continuar a ir a pé, é verdade que com outros companheiros do internato, enquanto ela se aventuraria na grande cidade. Himba haveria de se orientar, tinha crescido nos dois anos seguintes à saída da Ilha, já sabia como se defender. Ele também tinha crescido e a sua muleta era uma arma intimidante. Treinou contra os miúdos que se metiam com ele e de uma vez chegou a derrubar dois, um pouco mais velhos, que se tinham zangado a sério com alguma piada dele. Como Himba acusava muitas vezes, Kassule era um desbocado, falava onde não devia e dizia o que não agradava a outros. Porém, ele continuava a usar o seu direito de expressão e se metia em enrascadas. Os outros no princípio evitavam ameaçar, considerando a condição física dele. Quando perdiam a cabeça, ele guardava a sua fria e usava com habilidade a muleta. Himba muitas vezes o via a treinar a arma contra uma árvore, em golpes debaixo para cima ou o contrário, ou em meia-volta para trás, truque que resultava sempre. E, só apoiado naquela perna, conseguia dar cambalhotas no chão com enorme rapidez, o que desorientava os adversários. Quando descobriu as suas faculdades de luta, então, se tornou mais agressivo ou corrosivo nos comentários, para levar os outros ao combate. Ainda te vai sair caro, advertia Himba, afinal só tens doze anos. Doze anos, sim, mas doze anos muito vividos, valem por dezasseis. E como era alto e os braços muito fortificados, de facto enfrentava com sucesso rapazes de dezasseis anos. Um lutador, o mano Kassule. E artista. Onde tinha ela conhecido um personagem assim? Num livro? Devia ser, porque tinha visto muito poucos filmes.

Se falava em arranjar uma televisão para o lar, Radamel e Job eram adeptos ferrenhos da ideia, e de vez em quando voltavam ao tema, no entanto o padre resistia, o dinheiro pode ser utilizado em coisas mais úteis. Claro, temia o reforço que o aparelho emprestaria às tendências pecaminosas dos internos, particularmente das internas, mais influenciadas pela moda das telenovelas. Sabia o que acontecia na cidade e no mundo, deviam comentar muito isso nas suas reuniões de igreja, maus exemplos para a juventude e perda dos valores cristãos em concorrência com a luxúria e as práticas libertinas propagadas pela televisão. Adão era bastante conservador em termos de moral, se inscrevendo na corrente dominante das hierarquias católicas africanas, consideradas reacionárias pelos mais avançados membros do clero. Embora fosse quase um revolucionário no respeitante aos temas económicos e sociais, advogando sociedades igualitárias e justas, em que a honestidade fosse a primeira virtude e o povo o único promotor e beneficiário das políticas, insistindo ser esse o pensamento social da Igreja, esquecido pelos papas e cardeais. Um conservador e um socialista ao mesmo tempo, gozava Radamel. E tu és um libertino e pouco socialista, adivinho alguma ganância em ti, disparava o padre, injustamente, confessava logo no seu íntimo, pois Radamel era tão despojado das coisas materiais como

ele próprio e por isso se tornaram amigos chegados, apesar das diferenças religiosas.

Enquanto os dois disputavam o luxo de comprar uma televisão ou não, outros benfeitores se mobilizaram e realmente um fundo foi criado para ajudar Himba nos estudos. Fundo garantindo as viagens, vestuário e material escolar. O acordo foi selado numa reunião no refeitório, entre o padre, o arquiteto, o senhor David, pai de Job, e uma dezena de apoiantes do lar. Destes se destacou na discussão pela negativa o padre da igreja mais próxima, em representação da diocese naquela zona, por se opor a que a sua igreja despendesse algum dinheiro com uma miúda que, embora batizada, pelo menos era o que ela dizia e o padre Adão certificava mesmo sem apresentar nenhum documento, sim, sabemos que a guerra impede as pessoas de terem os documentos, muitos arquivos foram destruídos, mas isso não é o mais grave, o problema é que ela nunca se confessou nestes dois anos ou sim?, no que Adão foi forçado a reconhecer, pelo menos a ele não, a menos que o fizesse ao padre da Ilha, mas bem sabia que isso não era possível, das poucas vezes que fora visitar Dona Isabel nem tinha posto o pé na igreja, mas ia à missa todos os domingos, replicou, em defesa da sua pupila, no que a discussão se transformou numa renhida luta verbal entre os dois sacerdotes. Pouco proveitosa para o fim em questão, na medida em que a igreja não deu uma moeda, tendo felizmente os outros assegurado o provimento do fundo. Se confessando ou não, batizada certamente mas não contava, o certo é que Himba obteve a possibilidade de estudar. Ao mesmo tempo que, nas horas vagas, frequentava a cozinha do lar, aprendendo como confeccionar certos pratos e ajudando o pessoal na sua feitura. Já na casa dos pais gostava de secundar a mãe na cozinha e um dos seus sonhos escondidos na Ilha era obter autorização para trabalhar num dos restaurantes. Em casa dos pais e no lar, os pratos eram normais, sem grande elaboração. Embora a mãe caprichasse nos dias de festa, fazendo doces das frutas da região e até bolos, se conseguisse alguma farinha, proeza difícil em tempos de guerra. No lar os panelões não permitiam sutilezas, o objetivo era produzir comida barata para muita gente. Aprendia pois pouca coisa dessa arte. Num dos restaurantes da Ilha, sim, teria tido oportunidade. Mas quem a aceitaria numa cozinha, esfarrapada e cheirando a mar? Um dia aprenderia a cozinhar a sério, já tinha ouvido conversas entre as colegas de escola e professoras sobre essa profissão útil e cada vez mais sofisticada.

Era um sonho, também tinha o direito.

A conspiração acabou por funcionar, pois ela tinha sempre o dinheiro para os transportes e comprou roupa num mercado do Rocha Pinto onde algumas oñégês, que recebiam doações de fardos vindos da Europa com vestuário usado, vendiam esse material a preços acessíveis para obterem dinheiro que investiam em escolas ou postos médicos ou campanhas de educação da população dos bairros mais carentes. A propósito, esta prática deu alguma discussão, pois os fardos de roupa barata acabavam com qualquer possibilidade de se criar uma indústria de vestuário competitiva, reclamavam alguns ativistas e candidatos a empresários. O certo é que muitas senhoras se dedicando antes a esse tipo de confecção arranjavam menos clientes, algumas mesmo tendo mudado de atividade, passando a vender legumes ou cerveja pelas ruas e engrossando o exército de zungueiras. As organizações mostravam as obras e diziam, o dinheiro foi bem empregue, estão aí escolas ou diminuição da natalidade das famílias com o ensino de métodos anticoncepcionais ou melhor defesa dos direitos políticos das pessoas. Os críticos aproveitavam para sacarem argumentos negativos, como o facto de o negócio de fardos arranjar emprego em Angola para jovens drogados que era preciso afastar dos centros de vício na Europa. Discussão envenenada, interminável, sem fim à vista. Para Himba foi mais fácil encontrar no mercado dos fardos o que necessitava. Livros e material escolar também eram adquiridos nessas bancas de produtos baratos pois não pagavam impostos, provenientes ainda por cima dos desvios perpetrados nas escolas por dirigentes ou professores, tudo servia para abastecer o mercado paralelo, onde nada faltava, diferentemente das lojas legalizadas, por vezes carentes de alguns produtos. E ela se admirava e contava no lar aos amigos com alguma estupefação, como é possível que me vista e calce por menos dinheiro que o despendido para o material escolar? Alguma coisa está errada, dizia padre Adão, no que concordava Radamel, talvez muita coisa está mesmo errada, mas o argentino evitava concluir, por ser estrangeiro e achar que não tinha o direito de criticar certos aspectos mais ligados à política do país hospedeiro. Ele sabia como os angolanos eram orgulhosos e adeptos da teoria de poderem criticar tudo,

mas só entre eles, os estranhos não tinham esse direito. Evitava chocar sensibilidades.

À parte uma ou outra tentativa de um rapaz em gombelar, Himba não tinha razões de queixa. Rejeitava logo e com tal frieza que ninguém queria repetir.

O pior até nem aconteceu no Instituto mas numa vinda para o lar, com a noite a cair. Na estrada mesmo que dava para o dormitório, foi empurrada de repente para o capim da beira. Caiu, largando a pasta com os livros. Um homem se atirou sobre ela, tentando dominá-la. Estava escuro e não havia mais ninguém na estrada. A casa vizinha parecia desocupada e o terreno ainda distava um pouco da do outro lado, onde uma luz bruxuleava na noite. O homem ficou sobre ela e tentou lhe imobilizar os braços. Himba lutou e ele mudou de ideia, lutou para lhe levantar a saia. E depois a menina pensou, vi muitas lutas e sei tudo sobre a autodefesa, só devo recordar. Como se tivesse ouvido a voz de Tobias, numa luta o primeiro mandamento é não perder a cabeça. Ele vai ainda gastar muito tempo na preparação e terei a minha oportunidade, a qual pode estar ao lado. Aconteceu de facto. O homem, considerando-a dominada, se ergueu um pouco para baixar as calças e ela aproveitou. A pedra já estava na sua mão esquerda há momentos, tinha-a encontrado ao procurar de um lado e outro, sorrateiramente. Ele nem adivinhou o que podia ser aquele gesto dela, o braço do chão para a cabeça dele. Caiu para o outro lado, inanimado. Ela afastou o corpo, evitou tocar por causa do sangue, apanhou as suas coisas e correu para o lar. No caminho tentava não se descontrolar, ele ia ficar um bom bocado sem mexer, a pancada tinha sido forte. Ela estava a salvo. Quando chegou ao portão e o abriu, encostou-se a ele, respirando forte. Tinha de se recompor, pensar em todas as possibilidades. Não conhecia o homem, mais adivinhado que visto naqueles momentos de luta. Tinha a certeza de não o conhecer, mas a questão era outra, foi um ataque de oportunidade ou o tipo sabia quem ela era e estava à sua espera? Eram situações muito comentadas, as violações frequentes nesses bairros escuros, sem postes de eletricidade, sem patrulhamento policial. E, nesta zona, ainda pior, porque não havia muitas casas e as pessoas habitando as existentes tinham hábitos domésticos, não ficavam muito tempo na rua, nem deixavam as crianças nela. Cenário perfeito para um ataque, sobretudo aquele sítio, o único efetivamente ainda não ocupado pelas habitações. Seria um maluco que fazia aquilo com frequência, se escondendo ali à espera de uma presa? Ou fora alguém que a seguira no candongueiro ou a partir do ponto onde ela saiu do carro? Alguém que a tinha escolhido para alvo? Este seria o pior cenário. Agora conhecia-a, sabia as suas rotinas, e queria se vingar. A violação já não lhe bastaria.

O sangue puxava o sangue.

Contava ao padre Adão? Decidiu logo, não, pode depois me proibir de estudar. De hábito ela saía mais cedo da escola e chegava ainda de dia ao lar. Mas hoje tinha decidido aceitar o repto de participar num ensaio para uma peça de teatro que o Instituto queria apresentar no 11 de novembro, Dia da Independência. Os ensaios só eram possíveis depois das aulas, daí o atraso. A primeira resolução estava tomada, para o futuro não se metia em mais cenas de ensaiar peças, pelo menos a horas tardias. Portanto, o que tinha a fazer era explicar o que realmente sucedeu na escola, justificando o atraso. E esconder o ataque. Devia arranjar muito bem a roupa e o cabelo, parecer como todos os dias, vinda das aulas, acalmar os nervos e controlar a tremura da fala. Talvez a Kassule contasse algum dia, quando estivesse disposta a ouvir os xingamentos dele, és maluca, como vieste tão tarde sozinha, esqueceste como é o mundo?, o que já ia acontecer quando pusesse o pé no refeitório ou no campo de futebol, onde estariam quase todos reunidos. Ainda pensou em falar a Débora, mas não, a outra estava demasiado preocupada a pensar no casamento e a arranjar o enxoval, ajudada por muitas meninas. Deixa a Débora sonhar, fica toda preocupada e a imaginar criação de brigadas de vigilância à estrada. O que de facto podia ser uma boa solução, uma brigada atenta e apanhavam o maluco, e depois de uma carga de porrada entregavam-no à polícia, ele merecia. Era melhor não meter a Débora no assunto, nem ninguém.

De repente a ideia terrível, e se o homem tivesse morrido?

A pedra era pesada e a pancada foi com força na parte lateral do crânio. Só então a ideia dominou o seu cérebro, deixou de ser uma pergunta, passou a ser um assustador pensamento permanente. Podia ter

matado o maldito desgraçado. O coração bateu com mais força. Amanhã, ao sairmos para a escola, vamos ver as moscas naquele local e alguém descobre um corpo? Ela, assassina? Foi legítima defesa, até conhecia o termo das muitas conversas na Ilha com o grupo do Tobias. No entanto, nunca deixaria de ser uma matadora, com razão ou sem ela. Melhor não comentar com ninguém, mesmo sendo legítima defesa. Se encontrassem um corpo, quem ia fazer a ligação? Quem ia suspeitar dela, uma menina bem comportada e boa estudante, só porque um desconhecido aparecia morto com uma pancada de pedra na cabeça num terreno de ninguém onde talvez estivesse a fumar liamba ou a espiar alguma casa? Não chegavam a ela e se chegassem teria todos os defensores do seu lado. Estava decidido, nem a Kassule contaria, pelo menos por enquanto.

Respirou fundo mais uma vez, sentiu a coragem, avançou para o refeitório iluminado.

Explicou ao padre a razão do atraso, tentando falar como era habitual, ele abanou a cabeça em reprovação, disse, a estas horas já é perigoso andar por estas ruas, não acho bem que continues nesses ensaios, por muito boas que sejam as tuas intenções, e ela disse ele tinha razão, não imaginara que chegasse tão tarde. É a pior hora para o trânsito, já sabes disso, mas todas as horas eram más para o trânsito, ela aprendera nos meses em que andava no Instituto.

Em Luanda não há boas horas para o trânsito.

Kassule estava entusiasmado com o jogo de futebol, apesar de ter ficado escuro e muitas vezes nem conseguirem ver a bola. Ele, sem jogar, remetido para uma das linhas, via no entanto a bola e todas as jogadas. Por isso não se aproximou dela e era menos uma preocupação, pois o menino tinha um dom natural em perceber as agitações dela. Ao jantar, também não ficaram lado a lado, como normalmente acontecia. Ela tinha conseguido se antecipar num lugar entre outros dois, Kassule sentou mais ao lado, sem reparar ter sido afastado de propósito. Como podia sequer adivinhar tal coisa, não eram como irmãos?

Himba dormiu mal, pesadelos que a levavam a acordar. Voltava ao passado, ao medo constante da noite, não só da noite, da própria vida. Sentiu a falta da presença de Tobias, deitado a seu lado, um braço sobre ela, sentiu mesmo o peso agradável do braço e o cheiro que lhe estava associado. Tinha arrancado facilmente o jovem da sua memória, recusava qualquer alusão ou imagem que o pudesse fazer voltar ao pensamento. Mas nessa noite pela primeira vez sentiu a falta. Ou já acontecera antes ou mesmo todas as noites e o seu subconsciente conseguia abafar a saudade? Tinha respirado de alívio quando percebeu estar livre de tudo aquilo, tinha finalmente voltado a ser um pouco criança nos primeiros dias do lar, sem ter de olhar sempre para trás e respeitar as vontades do “marido”. E agora sentia falta da proteção de Tobias e suas exigências, por acaso nada extravagantes? Chorou silenciosamente a morte do amigo, ele era mesmo seu amigo.

Pela primeira vez.

Na manhã seguinte, o coração não parava de saltar. Manteve a rotina e saiu com um grupo de miúdos que iam para a escola antes frequentada por ela, entre os quais ia Kassule. Deixavam-na no ponto do candongueiro, no fim da estrada, e continuavam para a escola. Quando se aproximaram do sítio do ataque, ela deixou se ficar um pouco para trás, hesitando em enfrentar o inevitável. Sem pensar, Kassule imitou-a. Vinham os dois no fim do grupo. Ela esperava a todo o momento um grito de alguém da frente. Não aconteceu. Os pés estavam muito pesados e tinha mais dificuldade em andar que o próprio Kassule. Era aquele o lugar. Quem soubesse do caso talvez pudesse notar o capim deitado num ponto, talvez descobrisse gotas de sangue e uma pedra com marcas castanhas. Só uma pessoa sabia do caso e essa não quis olhar para o local. Passaram. E nada sucedeu. Nem corpo, nem moscas, nada. Respirou fundo. O que seria melhor, haver lá um cadáver que só passaria a persegui-la em pesadelos ou assim, o vazio, que significava a sobrevivência do tipo que poderia voltar a atacar? Assim era melhor, de todos os modos, pensou. Continuou a andar, mais ligeira, até o ponto do candongueiro. Já havia duas pessoas à espera do carro. Não ficava sozinha, com medo de novo ataque. Se despediu dos amigos com alegria quase fingida. Como todos os dias.

O candongueiro apareceu, tinha lugar para os três passageiros, se acomodaram e ela suspirou de alívio. A partir dessa altura, jurou, devo olhar bem para as pessoas. Posso reconhecer o atacante. Na véspera à noite, tinha cassumbulado uma faca muito afiada na cozinha e escondido no seu saco, em sítio onde chegaria sempre com facilidade. Não a apanhariam a jeito nunca mais.

Julgavam ela era o quê, uma gruta para pilas carentes?



O tempo foi passando, o grupo de amigos a comparecer uma a duas vezes por semana como sempre, o restaurante sempre cheio e de gente mais rica ou simplesmente mais esbanjadora, muito dinheiro a entrar. O pastor parecia ter desistido de procurar Sofia exigindo dízimos. Mas ganhou mais uma fiel, Kiayi. Sofia soube do recrutamento pela indignação de uma das ajudantes da cozinha, a qual encontrou a moça em pleno dia de semana a caminho do culto. Disse que não trabalhava, andava só na igreja, mas não explicou quais as reais funções em tão importante instituição para o consolo das almas. Em hora de trabalho, bravava a empregada. Se calhar anda a lavar a roupa do pastor, se não for lavar mais alguma coisa. As outras riam, não tanto do dito, mas da raiva da colega, notória como fervorosa católica.

Sofia conheceu entretanto, nas suas voltas de compras e resolução de assuntos burocráticos, um funcionário importante do governo da província, mandachuva dos mercados, restaurantes e bares, o qual descaradamente se fez a ela. Evitou maior intimidade mas lhe perguntou porquê nunca o tinha visto no seu restaurante, o senhor diretor não come? Pois fique sabendo, está convidado.

Ele apareceu um dia para jantar e foi tratado como um príncipe. Quando pediu a conta, Sofia foi lhe dizer, cortesia da casa, a conta estava saldada, o que mais entusiasmou o homem. Três noites depois, lá estava de novo ele para jantar. Sofia fazia contas, uma vez é cortesia, no fundo podia interpretar a pergunta dela como um convite e convidado não paga. Mas uma vez sem direito a repetição. Voltava por causa dela ou pela comida de borla? Como saber? Situação complicada. Ainda por cima o tipo era casado e vinha sozinho. As intenções não deviam ser de um comensal apreciando umas boleias. Preferiu arriscar, levou a conta ao cliente e aceitou o pagamento, gesto que ele fez sem dúvidas nem hesitações. Entendera portanto que a primeira refeição foi apenas de convite ou cortesia. Gostava mesmo da comida ou tentava gombelar? Sofia deixou o assunto para o futuro. Se informou e constatou ter acertado na primeira intuição, o diretor era uma das pessoas que a podiam ajudar a resolver assunto delicado e confidencial. Esperou alguns dias que ele aparecesse de novo no restaurante. Aconteceu, com uma semana de intervalo. Atenta, viu como ele lhe mirava entre garfadas. Se aproximou da mesa, perguntou se a comida lhe agradava, se o vinho estava na temperatura certa, tudo perfeito, cliente satisfeito e fidelizado, parecia. Ela adiantou então dizer que um dia desses apareceria no serviço dele, tinha um assunto de grande importância a tratar. Ele deu dia e hora, de facto no dia seguinte às nove horas da manhã, portanto prioridade máxima, o que lhe agradou.

As despedidas foram calorosas e de olhos brilhantes.

Ela foi à administração, lutando contra o tráfego intenso para chegar a tempo, mas tudo correu bem, pois ela a entrar por um lado e ele pelo outro, nove horas em ponto. Alegria do diretor por ser ela a primeira atendida.

Explicou a morte súbita da sócia e portanto a necessidade de mudança do nome no alvará do restaurante, uma vez que as formalidades com as Finanças estavam atrasadas, o sistema sofrendo nova atualização. Ele foi compreensivo, reconheceu as dificuldades geradas no distrito por causa das bruscas mudanças de estrutura, estamos a crescer rápido demais, não há administração que aguente, porém veio bater à porta certa, resolvo isso num instante, promessa cumprida pois deu uma instrução à secretária que foi com Sofia ajudá-la a preencher impressos, entregar no guichê correspondente e voltar com tudo pronto para o chefe assinar e carimbar de selo branco. Saiu de lá com o alvará em nome dela e o mais

legalmente possível. Claro, disse ao diretor ser ele convidado para um almoço especial no sábado em que apresentaria um novo prato saído da sua imaginativa cozinha. Difícil de saber se o homem ficava feliz com o convite para provar uma iguaria única sem pagar ou se o motivo era outro. Ela lançou o isco, se quisesse levar a sua mulher, são almoços familiares, mas ele respondeu muito rápido, ela foi no Lubango, tem lá óbito, o que era bastante ambíguo. Foi dali despachar a inscrição nas Finanças com o novo nome e confirmar portanto a legalização da passagem do restaurante para sua propriedade. Só faltaria o registo imobiliário, já agora ficava com tudo, também o edifício do restaurante e terreno, para o que contava com uma outra ajuda importante.

Tratava das questões burocráticas sem ter recurso à amizade e influência de algum dos príncipes. Deixava-os como reserva estratégica, por um lado. Pelo outro, mantinha a sua privacidade, nenhum deles devia saber como resolvia alguns mambos. Para quê? Para um contar ao amigo, que de seguida punha a notícia numa rede social e tudo ser público? Se afastava desses meios de fofoca quanto podia. O mesmo fazia Diego, que apenas postava de vez em quando um quadro para ver se apelava ao bom gosto de algum potencial cliente. Sem grande sucesso, se diga. Só tinha atraído a atenção de um inglês que se gabava de ser grande colecionador de arte africana, mas foi mais regateador que qualquer vendedor do *souk* de Marraquexe, informações das práticas de comerciantes árabes colhidas junto de um amigo e colega maliano. A quantia era tão irrisória que ele recusou a transação, afinal o inglês só queria burlar negros? E por isso Diego acreditava estar destinado a vender apenas nos mercados, onde socializava com os meios populares a que pertence, como ele dizia com orgulho.

Diego tinha percebido grande tensão em Sofia, nos dias seguintes à morte da sócia, que ele atribuiu ao natural sofrimento pelo passamento de alguém tão próximo. Aprovou também a escolha do lar para Ezequiel e passou a visitá-lo todas as semanas, só para saber se o tratavam bem e, com a sua inspeção semanal, impedir qualquer falta de atenção do pessoal se responsabilizando pelo bem-estar do filho de Dona Ester. Se ninguém aparecesse para o visitar, para perguntar que progressos fazia ou se lhe tinham passado os pesadelos com os espíritos dos mortos, eles iam abusar, não lhe dar as refeições a horas, ou empobrecê-las ao máximo. Como ele mudava os dias e os momentos, aleatoriamente, o pessoal do lar conseguia de lhe aplicar um padrão e portanto tinha de fazer as coisas bem, sempre. Afirmou mesmo a Sofia, sei que não te dá jeito ir lá, deixa comigo, uma vez por semana pelo menos passo, fico um quarto de hora com ele, por vezes conversamos bem, e não me incomoda porque é no caminho para a kitanda. E sabes, não tenho maior fã dos meus quadros que ele. A sério, fica a olhar, vira e revira o quadro, maravilhado, fazendo sons complicados com a garganta, feliz da vida. Vou lhe pintar um com pássaros, ele gosta de passarinhos, vai lhe fazer bem. Ideia apoiada pela irmã, é ótimo, faz isso, ele gosta de pássaros, queria ter um periquito em casa, me contou Dona Ester, ela é que não quis, teve medo de ele ter um daqueles ataques e ver no bicho um espírito inimigo. Na sequência dessa conversa com a irmã, Diego pintou mesmo o quadro, eram quatro passarinhos todos diferentes, um bico de lacre, um caxinjonjo, um peitinho-celeste, um pardaleco, três a voarem, o caxinjonjo parado sobre uma flor, lhe sugando o néctar. Ezequiel até chorou de emoção. Sempre que ele ia ao lar, Ezequiel apontava o quadro, estava a tomar bem conta dele, depois andava com a pintura debaixo do sítio por todo o lado. Se suasse demais debaixo do braço ainda ia esborratar o quadro, pensou o artista, mas não o impediu de passear a obra assim por todo o lado, era bom se o fazia feliz.

Não custa nada dar o pouco que se tem, dizia Diego.

– Conversam sobre o quê? – perguntou Sofia.

– De muitas coisas. De comida, de pássaros, do mar que ele não conhece...

– Não conhece o mar?

– Não. A mãe nunca o levou. Talvez medo que ele se afogasse?

– Talvez – disse Sofia. – O pai morreu quando ele era muito pequeno, naquela altura muita gente em Luanda nunca tinha estado numa praia. Parece impossível mas é verdade. O pai acabaria por levá-lo, se ficasse vivo. Já a mãe... E sobre mulheres não conversam?

– Às vezes. Ele é muito curioso sobre mulheres. Quer saber coisas.

– Que coisas?

– Ora, no fundo é o normal para um rapazinho. Se as mulheres são iguais aos homens... Percebeu algumas diferenças, têm mamas grandes... quer saber mais coisas...

– E tu explicas-lhe tudo.

– Só um bocado. Não é bom criar macaquinhos na cabeça dele, não achas?

Ela anuiu. Embora não tivesse esquecido a cena contada por Dona Ester com a antiga empregada montada em cima de Ezequiel. Ele sabia mais coisas ou então tinha esquecido, cabeça fraca. Ficava espantada com a capacidade revelada pelo irmão de ter sensibilidade e paciência para uma pessoa que antes desprezava, que tratava de anormal ou algo pior. De facto, antes de privar com ele. Depois a alma generosa de Diego levava a melhor. Não era mesmo um tipo especial?

Na sequência dessa conversa, começaram a recordar pessoas que conheceram. Pobres como eles, jogados pelas ruas. De que nunca mais ouviram falar. Por vezes acontecia um jornal ou televisão tratar de desaparecimentos de crianças ou de algumas que eram descobertas a passar em aeroportos longínquos. E se perguntaram, será que aquelas que desapareceram e que eles conheceram tiveram destinos semelhantes? Raptadas nas ruas e enviadas para paragens distantes, com destino à prostituição, escravidão ou, o mais horrível, para serem mortas e os seus órgãos servirem para transplantes, salvando a vida dos ricos?

Se contemplaram, desviaram o olhar, magoado. Quem garantia alguma coisa?

O diretor apareceu de novo no restaurante, desta vez mais afoito. Esperou que os clientes saíssem, ele se foi deixando a bebericar uns conhaques. Quando ficaram sozinhos, falou para Sofia, que estava do outro lado da sala:

– Não quer beber um copo comigo?

Ela pediu desculpa, mas as regras da casa impediam o pessoal de beber ou provar qualquer comida com os clientes, mesmo se não havia mais ninguém. Para todos os efeitos, o restaurante ainda estava aberto.

– Então feche isto e depois vamos a um bar americano que conheço aqui perto beber qualquer coisa. Pode dar-me a conta, por favor.

Ela fez o que ele pediu, levou a máquina para o pagamento, enquanto matutava, recusar seria muito injusto e parecendo má educação. Tinha de ir, mesmo contrariada.

Mas não estava disposta a ser cobrada de um favor.

Ele pagou, ela despediu o pessoal, apagou quase todas as luzes e fechou a porta, se despedindo do guarda. Mas não entrou no carro dele, tenho de levar a carrinha, vá à frente a mostrar o caminho, eu sigo-o. E assim foi, o carro dele à frente, fazendo todos os sinais muito cuidadosamente para ela não se perder. Era afinal um bar que ela já conhecia, bastante perto. Ele continuou no conhaque, é a melhor bebida do mundo, os franceses é que percebem de prazeres, dizia ele, mas Sofia ficou por uma cerveja nacional.

Quando beberam a segunda rodada e depois de uma conversa ligeira e não desagradável, ela se despediu, agradecendo o convite, mas tinha de ir para casa tratar da família, nesse momento com sério problema pois tinha chegado uma tia do Bié, vinda para tratamento e Sofia não sabia se o irmão sozinho lhe podia valer em caso de emergência, o irmão era muito atado e com pouca iniciativa, tendo ela mordido os lábios ao dizer tamanha mentira mas precisava de uma desculpa razoável para se desenvencilhar da situação delicada, Diego que desculpasse. O diretor tentou insistir para mais uma rodada, mas ela repetiu a estória da tia em mau estado de saúde e ele desistiu. Ela lhe apertou a mão, agradecendo mais uma vez todas as gentilezas.

Bazou.

O homem deve ter compreendido de forma definitiva. Ou então era burro, o que não seria de negar de imediato, dada a vacuidade das conversas. Não lhe interessava, ela só queria mostrar que sabia ser educada mas não pagava favores daquela maneira que ele ia insinuando. E se era burro e não tinha entendido, então ainda ia partir a cabeça mais uma vez. Meteu a primeira mudança da carrinha, arrancou para casa, aliviada. Um problema a menos.

Na vida é assim, um a um se resolvem os problemas.

Não tinha masé sacudido para trás o problema do Kaleb. Ele parecia em rutura, pelo menos não se deixava ficar para o fim, no momento da saída, nunca mais a convidara para a levar a casa. Nem se despediam com um beijo. Devia estar baralhado, sem saber o que pensar sobre o estado da sua relação. Ela também. Achava-o o mais atraente homem que conhecera, se destacando do grupo por ter ideias, por se bater por elas, não como os outros, se limitando a criticar e escarnecer de tudo e todos, mesmo daqueles que os tinham feito ricos e mimados, sem uma ação, uma iniciativa interessante para preencher o tempo da existência. Neste caso separava também o casal Salomé e Alfredo, duas pessoas que como Kaleb faziam coisas, e que nunca mais apareceram como casal mas cuja situação ela recusava inquirir, por medo de ser remetida ao seu lugar de mulher vinda do musseque ou da rua, sem direito portanto a entrar na intimidade dos eleitos. Alfredo nunca mais tinha aparecido e se os outros discutiram o mambo, o que parecia inevitável ao fim de certo tempo, não foi na presença dela, Sofia. Quem disse, os casais foram inventados para se separarem? Devia ser algum comentarista de televisão, não tinha estofo de sentença filosófica. Um tremendo disparate no caso dos dois amigos, eles sempre se entenderam bem e quando estavam juntos se adivinhava a química existente. O mais comum era as pessoas profetizarem, eis um casal perfeito, cientes de tudo, até das coisas do coração. Sofia tinha esperança de os profetas terem razão e o desentendimento ser temporário.

Se fosse crente, rezaria por isso.

Deus faz deuses para os que neles não podem acreditar, pensamento dela. Sem pretensões filosóficas.

Muitas coisas iam acontecendo na vida de Himba e Kassule, mas eles não retinham tudo, apenas alguns aspectos mais relevantes. Seriam mesmo relevantes? Ninguém manda na sua memória portanto é inútil selecionar o que cada um nela enterra. Embora, muito depois, haja sempre quem diga, perante uma atitude qualquer do protagonista, isso foi influenciado pelo trauma que sofreu naquele dia. Os psicólogos clínicos são campeões desse jogo.

Himba guardou bem no subconsciente o ataque de que foi vítima e do qual se desembaraçou com uma pedrada fortemente aplicada na cabeça do agressor? Tinha muitos pesadelos, mas vinham desse ataque, ou de todos os outros? De um dia em que resvalou quando brincava com os irmãos na beira do rio, caiu na água e imaginou num relance a mordidela de um jacaré? Ou na emboscada em que caiu o caminhão transportando a família para Luanda? Ou a primeira violação? Ou o pão que um miúdo lhe roubou na praia? Ou aquela vez em que padre Adão foi duro para ela ao interpretar mal uma frase inocente? Ou o desprezo na cara das pessoas quando descobriam que fora uma menina de rua, ou de praia, melhor dizendo? Tantas razões. Parecidas tinha Kassule, embora nunca revelasse sonhar pesadelos e fosse alegre por natureza. Perdeu pai, mãe, até uma perna, no entanto parecia gozar com benevolência a medíocre vida que tinha. Seria mesmo medíocre? Como a considerava ele? Interrogações e mais interrogações para o narrador.

Felizmente eles se interrogavam menos.

Himba estava a meio do curso, gostava mesmo dele e ia passando com distinção. Kassule desenhava e pintava cada vez melhor, brincando sempre que seria um artista, mas antes haveria de jogar futebol como Maradona, o seu ídolo. Himba nunca sabia se Kassule falava a sério, se efabulava. Era alto para os seus quinze anos e uma cara agradável, quase sempre sorridente. Difícil distinguir nele quando algo lhe corria pior. Ela porém sabia. Porque o sorriso não era o mesmo, havia um ricto qualquer no canto da boca, ou então eram os olhos que brilhavam menos que o costume. Os dois amigos se conheciam muito bem e desconsuavam de se enganar um ao outro. Uma exceção: Himba conseguiu esconder dele o ataque a que tinha sido sujeita na estrada para o lar. E até a dúvida morando em si para sempre desde essa noite, por ter sido descoberto o corpo de um homem já em decomposição, a pequena distância dali, num ximbeco miserável, três ou quatro dias depois. O mujimbo chegou ao lar, teria sido assassinato, pelo menos tinha um osso da cabeça metido para dentro, certamente provocado por objeto contundente. Podia ser o mesmo tipo, que ainda teve força suficiente para chegar ao seu refúgio, ou podia ser outro miserável. Havia uma dúvida razoável, provocando em Himba um baque forte quando lhe contaram, mas nunca teve certeza. Ou não quis descobrir. Nem perguntou pormenores. Ela tinha usado o braço esquerdo para desferir a pancada, acertando portanto no lado direito da cabeça do agressor. Mas nem inquiriu para saber que parte da cabeça do homem encontrado tinha sido amolgada. O desgraçado foi logo enterrado, dado o estado do corpo, a polícia mergulhada em demasiados afazeres para tentar descobrir como morre um vagabundo com um osso da cabeça metido para dentro. Sem detalhes, Himba nunca poderia garantir, era aquele mesmo. No entanto, se tratava de uma coincidência perturbante. Preferiu juntá-lo a Tobias, os dois numa zona qualquer da sua memória a que preferia não aceder. Embora com Tobias o feitiço não resultasse tão bem, pois à noite, deitada, muitas vezes sentia o braço dele por cima do corpo, pensamento fazendo-a dormir em segurança.

Tobias a levava para a areia da praia.

Também escondeu de Kassule uma cena passada no Instituto, essa então imprópria mesmo de ser contada. Encontrou uma certa dificuldade em economia política, disciplina teórica cujo programa se falava em alterar totalmente, pois era ainda inspirada no dos países socialistas colapsados com os escombros do muro de Berlim. O diretor pedagógico do Instituto, conhecido por tentar seduzir as jovens estudantes e colecionar conquistas amorosas, era o professor dessa matéria. Usava sempre fato e gravata, com um lençinho a condizer. Diziam, eram fatos caros, mas os alunos não sabiam distinguir. E era muito improvável que conseguisse obter fatos mesmo caros com o salário de professor. Mas se dizia isso e ninguém negava. Teria outras fontes de rendimento. Devia passar bastante tempo com o ferro quente a desfrisar o cabelo, mantendo-o em caracóis apertados que provocavam a inveja dos colegas. Metade das moças estavam apaixonadas por ele, no que deviam concorrer com algumas professoras mais novas.

Já tinha lançado algumas piadas indiretas a Himba, com seus prometedores dezassete anos. A prova final se aproximava e ela sentia estar mal preparada, a única exceção em todas as disciplinas. Lhe aborrecia estudar aquela matéria, de forma um pouco inexplicável, porque engolia outras talvez mais aborrecidas. Seria do professor? O chumbo em economia política era uma possibilidade que a deixava fora de si. Concebeu então um plano. Começou a procurar os olhos do diretor pedagógico nas aulas, não desviava os seus, sorria levemente, só então baixava os olhos, como embaraçada. E debandava logo a seguir à aula. Ele bem a procurava pelos corredores, mas ela tinha artes de se colar nas paredes. O homem passou a estar mesmo muito interessado, gostava das moças esquivas. Nas vésperas dos exames, ela bateu à porta do gabinete do professor. Este autorizou a entrada e um sorriso rasgado lhe atravessou a face, ao ver quem o visitava.

– Senta-te. A que devo a honra da tua visita?

Himba sentou na cadeira à frente, muito direita. Que é que estou a fazer aqui?, ainda se perguntou num último arrependimento. Mas precisava de ter boa nota naquela disciplina e a vida era uma guerra, aprendera desde sempre.

– Professor, tenho dificuldade na economia política e preciso de saber duas ou três perguntas que vão ser feitas no exame.

Ele olhou-a diretamente, a estudar. Notou, o peito da moça arfava. E como era pontiagudo aquele peito. Tanta promessa!

– Espera lá. Queres que te diga que perguntas vão sair na prova?

– Só duas ou três.

– Duas ou três ou todas é a mesma coisa. – Tirou um molho de chaves do bolso e abriu uma gaveta. Mostrou uma folha de papel. – Vês? Está aqui a prova que fiz. Mas não te digo nem uma das perguntas. Nem te entrego a folha...

Até aí o plano estava a correr como ela pensara. Ainda melhor, pois não imaginava que a prova até já estava feita.

– Não quero a folha, professor. Só uma fotocópia.

Ele riu do descaramento. Ela também se espantava com a sua ousadia, mas manteve a cara fechada.

– E que ganho eu com isso?

– Não sei. O que o professor quer ganhar? Dinheiro não tenho.

Ele olhava para ela cheio de dúvidas. Demasiado direto, podia ser uma armadilha. Sabia estar em vantagem, era o professor e, ainda mais, o diretor pedagógico. E era bonito como homem, as mulheres rodopiavam à volta dele. Já tinha percebido a atração que a moça sentia por ele. Não podia ser armadilha nenhuma, ainda por cima vinda de uma ingênua como aquela, nascida de certeza num mato qualquer. Ficou calmo. Voltou a pôr o papel na gaveta mas sem a fechar.

– Tens alguma coisa para me dar?

– Sou pobre, vivo num lar fora da cidade. Não tenho nada para lhe dar...

Não devia ser ela a tomar a iniciativa, isso sabia. Se corresse mal, ela só tinha pedido, mais nada, é crime pedir umas perguntas de um exame? É, claro que é, mas menos grave do que propor o negócio em que os dois estavam a pensar. Estariam a pensar no mesmo negócio? Subitamente o diretor se decidiu e levantou da cadeira. Se postou ao lado dela, lhe tocou na face, depois no pescoço, demorou aí a mão, hesitando. Era o passo decisivo, a moça sabia, tremendo por dentro, mas aparentando firmeza de granito preto. Muito lentamente, explorando, a mão deslizou para os seios.

Himba saltou da cadeira, representando muito bem a honra ofendida.

– Que está a fazer, professor? Haka! Não respeita as alunas?

O diretor ficou de braço no ar, parado, estupefacto, perante uma reação tão inesperada. Não lhe ocorria nenhuma ideia. Respirou fundo, recuou, com o braço estendido para a frente a pedir tréguas, por favor, ouve.

– Podemos fazer uma troca... Que dizes? Ficas com a prova e eu gozo o que tens em baixo da saia por uma hora. Tenho o carro ali e podemos sair sem que ninguém repare.

Ela olhou-o de frente, mantendo a posição de força. Um sorriso de desprezo nos lábios.

– Por quem me toma? Alguma prostituta? Se volta a me tocar, eu grito. E bem alto. Não imagina como consigo gritar alto.

O diretor pedagógico recuou para a secretária e as bagas de suor ininterrupto surgiam na testa, apesar do ar-condicionado.

– Que queres, afinal? – suspirou.

– Já lhe disse. Uma fotocópia dessa prova. E não pode mudar as perguntas à última da hora.

– Se não te der a fotocópia?

– Grito. E tenho as confissões da Ivone, da Luísa, da Olga, e de mais algumas, que o professor lhes fez coisas e promessas. Vai para a cadeia e nunca mais pode pôr o pé numa escola.

– É chantagem, é crime.

– Crime já cometeu, apalpou as mamas de uma menor de idade. Pedófilo!

Encurralado, olhou para a porta fechada, outro erro cometido. Os professores não deviam receber moças no seu gabinete e manterem a porta fechada, regra primeira de segurança. Ela percebeu o que estava por trás do olhar dele.

– E nem pense em abrir a porta porque eu grito. Se sai de onde está, é só para ir ali à fotocopidora. Vá, faça a cópia, e o assunto fica resolvido.

Ele não tinha escapatória. Se dirigiu em passo pesado para a máquina, fez a fotocópia e entregou-lha.

– Prometes ao menos que isto fica entre nós...

– Se não alterar as perguntas...

E ela saiu do gabinete, a tremer de medo, com a fotocópia bem guardada no saco das aulas. A prova não foi alterada, foram outros os avaliadores, Himba conseguiu nota elevada. Não o voltaria a ter como professor, por isso iam ignorar-se até ao fim do curso dela. Não, esse segredo não contava a Kassule nem a ninguém. O pedófilo continuou a atuar no seu gabinete? Nunca soube nem lhe interessava. As outras que se safassem, cada um se defende com as armas que possui, princípio escondido de Himba desde os tempos da Ilha de Luanda. Só que nem sempre podia usar as armas.

É tudo uma questão de oportunidade.

De vez em quando ia espreitar o retrato dela feito pelo Kassule. Nos olhos dela estava

determinação? Estava, sem dúvida. Tinha também doçura. Ela fora dura com o professor, nada de doçura, foi aliás isso que o atraíu, até então devia pensar nela como uma aluna meiga, carente, apaixonada pelo deus que se apresentava à sua frente, falando com palavras difíceis que parecia dominar como o herói que era. Como poderia ele se imaginar na posição de alvo? Deve ter sido uma grande decepção, se dizia ela, quando pensava sobre o assunto. Não sentira remorsos e continuava na mesma. Tinha de passar no ano e a disciplina era um escolho. Removeu o escolho. Ainda por cima se tratando de um criminoso, um pedófilo, de que todos falavam mas sem atuarem contra o prevaricador. Ela fez justiça. E lucrou com a justiça. Nada tinha de se envergonhar, a vida era uma guerra, como todos lhe diziam, e ela tinha aprendido nas circunstâncias mais difíceis. Ia agora ter remorsos?

Remorsos são para os fracos, ela era uma lutadora.

Quanto a Kassule, teve uma boa prenda de Natal. Por insistência do padre e de Radamel, lhe arranjaram a tão desejada prótese. Não das que eram fabricadas ou adaptadas no país, pesadas e rígidas, mas uma importada, moderna, articulável. O tamanho podia ser aumentado ou diminuído e até o tamanho do pé, para poder calçar sapato esquerdo igual ao direito. Antes nem pensara na questão do sapato, não o incomodava nada como fazer, pois usava sempre chinelo. Queria poder andar, mesmo coxeando e com calçado diferente. Mas agora, com um par de sapatos e calça, podia disfarçar a sua deficiência. Se conseguisse a adaptação. A grande vantagem desta prótese é que podia ser alongada para acompanhar o crescimento da perna incólume. E ele prometia ter ainda muito para crescer. Também era muito leve e um material de primeira, disse o arquiteto, impossível de quebrar. Ia três vezes por semana ao Centro de Reabilitação para aprender a usar a perna. Também a solidariedade entrou em jogo para isso, pois a Reabilitação ficava no centro da cidade e era preciso pagar os bilhetes de candongueiro. Usaram o fundo de Himba, pedindo um reforço suplementar, como já o tinham usado para outras emergências do gênero. O número de apoiantes tinha aumentado, o lar gozava de alta reputação e alguns governantes aproveitavam para melhorar a imagem pessoal com alguma doação especial e muitos jornalistas a cobrirem o espetáculo da oferta. Kassule acabou, portanto, por se habituar à prótese. Doía muito de manhã, quando a colocava, se queixava a Himba, mas só a ela. Depois diminuía.

– A dor vai passar, é o que eles dizem. Também no sovaco me doía muito a muleta, depois ficou calo e deixou de doer.

Meses, anos? Demoraria. Ia, no entanto, vencer essa batalha, dizia Himba e ele acreditava.

– Imagina, um dia vou poder correr. Ainda não tento, falta o equilíbrio. Uns saltinhos só...

Ela batia palmas, animando.

– E até vais jogar futebol... Não é o que dizes sempre?

– Bem, isso é mesmo só no gozo. Sei, nunca poderei jogar futebol...

– Porque não? Explica, Kassule. Porque não?

Uma esperança maluca entrava nele, esperança tão maluca como as ideias que aquela irmã mais velha por vezes lhe incutia.

– Porque não? – murmurava Kassule. – Podia rematar com a perna boa, a outra a servir de apoio. Questão de treino.

Já tinha havido milagres maiores.

Demorou meses a se adaptar, porém disfarçava as dores e ia para a escola com a prótese, calças e sapatos. Já não era um rapazinho, agora mais parecia um adolescente que coxeava. As pessoas iam deixando de o ver como uma pessoa a quem faltava um órgão, apenas alguém que, por um qualquer acidente, ficara com uma lesão um pouco grave, e coxeava. De sorriso nos lábios.

Estava decidido a não seguir os estudos normais, ficava com a oitava classe, que tinha completado. Queria ser pintor e portanto prosseguiria buscas nessa linha, mesmo se de maneira menos formal. Havia cursos irregulares, encontros de jovens artistas, onde se podia aprender alguma coisa. Não precisava

saber escrever melhor nem conhecer a estrutura da matéria ou os pensamentos de um rato quando lhe apresentam um pedaço de queijo. Acreditava serem coisas interessantes para outros, mas não para ele. Odiava matemática, tão amada por Job, o qual, infelizmente, nunca seguiria para um curso superior, casado e com um bebê, o que acarretava responsabilidades. Estava bem no emprego arranjado pelo senhor David numa empresa com sede em Benguela e um ramo em Luanda, apoiava o lar do padre no fim de semana, se sentia feliz com a família em crescimento, mas seria difícil conseguir manter isso tudo e estudar.

Na vida, tem de se saber deixar alguma coisa para trás.

Ele nunca abandonaria a pintura, nem se voltasse de novo a passar fome. Admitia que no princípio do próximo ano escolar, percebendo que ele não se queria matricular, o padre Adão talvez lhe dissesse, está na hora de arranjares outro alojamento. Pensamento assustador. Tão assustador que nem a Himba o revelava. Mas depois acalmava, não, o padre os aceitou sem obrigação de estudarem, enfim, estava pressuposto mas não era absolutamente obrigatório, eles é que queriam, pois havia outras crianças que nunca quiseram estudar, sempre a fugirem da escola. Só tinha quinze anos e o padre não ia pô-lo na rua. Para compensar, trabalharia no lar, havia sempre muita coisa a fazer e ele tinha jeito para pintar paredes ou consertar mobílias, com isso justificava a permanência, pelo menos até aos dezoito anos, a maioridade. Outros tinham medo dessa idade, significava ida obrigatória para a guerra, muitos amigos dele desapareciam na altura. Ele não tinha de se preocupar, já tivera o seu ferimento, gozava consigo próprio, só faltara a medalha. Por vezes gozava também com os amigos, vocês não sabem o que é guerra, eu sou um antigo combatente e ainda por cima mutilado de guerra. Os outros faziam uma careta incrédula, não respondiam, ele trazia no corpo as provas, dizer mais o quê?

A paixão pelo desenho e pintura levava-o a ficar horas a admirar livros de arte que os kambas emprestavam, ia conhecendo os nomes dos pintores famosos, estrangeiros e nacionais, estudando as fotografias dos quadros de diferentes escolas e épocas, se interessava pela história do tema, mas também apreciava muito a escultura, sobretudo a clássica africana. Radamel um dia lhe deu uma fotografia de uma máscara tchokuê, uma Muana Puó, quer dizer a mulher-menina, observa o que é beleza, e ele viu, para lá das linhas esculpidas da face bela da moça, um mundo inteiro, ovalidades dentro do oval do rosto, dramas, sonhos, fascínio. Encontrou máscaras parecidas em feiras de artesanato e em lojas, era um dos ícones maiores da arte do Leste do país e do vizinho Congo, mas nenhuma tinha o enlevo daquela fotografada num museu belga, para onde a máscara fora levada há muitos anos. Nela não havia cor, era negra como o modelo e a cor da madeira, ébano, mas afinal a cor não era tudo na arte, sem ela se podia pintar um universo de sensações. Quando Himba lhe perguntou o que via naquela Muana Puó para ficar horas longe da vida, mirando, ele só disse beleza, beleza pura, total. Não sei explicar, só sinto, esta máscara faz-me vibrar, é o mundo, olha, olha para o meu braço, a pele está toda arrepiada, assim fico quando tenho vontade de chorar, chorar de alegria, de prazer.

Por vezes acontecia a ver o mar calmo da Ilha.

O jovem não desfrutava a foto e ela achava estranho, mas ao mesmo tempo se sentia contente por perceber o embevecimento dele. Uma alma sensível, procurando, não o sentido da vida em si, mas o sentido da vida na beleza do mundo. Para lá da desagregação do mundo, ou nessa mesma desagregação, ele descobria encanto, era um quase milagre.

Tinha mudado muito. Quem hoje estudasse Kassule, não encontraria o menino astuto e desenrascado da praia, quando ela o conheceu, sabendo muitas coisas, inventando o que ignorava, sempre porém com uma solução para um problema. Bem, nem sempre tinha soluções, ninguém as tem, mas se movimentava na rua com um sentido da oportunidade que era fora do comum na idade dele. Já era muito curioso, perguntava sobre tudo, olhava e voltava a olhar algo despertando a sua atenção, sim, essa curiosidade o perseguiu. No entanto, agora se tornara mais pensativo, virado para dentro, ao mesmo tempo que observava as particularidades das coisas que todos viam mas nem reparavam. Não só as estudava, como as reproduzia. E o que ele reproduzia tinha uma ideia, uma mensagem, não eram imagens mudas, mesmo se belas. Kassule se fartava de falar através das pessoas que desenhava ou dos

bichos que pintava. Tinha acontecido primeiro com o desenho que fez de Himba. Ela se revia naquele desenho, era sempre ela, quer estivesse orgulhosa de alguma vitória, quer se sentisse envergonhada por algum ato menos digno que cometera, o orgulho e o remorso ao mesmo tempo. Um único retrato, escondido na gaveta de uma cômoda, podia refletir estados de espírito tão opostos? Sabia, era a sua própria consciência a se rever no retrato. Mas quantos seriam capazes de criar uma obra que provocasse tais sentimentos dissonantes? Deviam ser muito bons, muito verdadeiros. Ideia que por vezes lhe causava algum medo, ao desenhar uma pessoa ele entrava na alma dessa pessoa, via o modelo tal como era? Ou era o modelo a se ver apenas como queria, a dado momento? No fundo, voltava sempre ao tema de ficar sem saber quão bem Kassule a despia ao desenhá-la. Podia esconder algum segredo, algum defeito, se para ele posasse? Mesmo sem posar, se ele apenas a imaginasse e a reciasse com o lápis e o papel?

Jogo muito perigoso para quem oculta a cor da alma.



O pai de Patrício voltou a ser nomeado ministro. Já tinha sido muitos anos antes, o que lhe proporcionou a maior parte da sua fortuna, se fôssemos acreditar nas más-línguas, o que todos na realidade fazemos. Os amigos de Patrício eram os primeiros a defender essa origem pouco digna da riqueza paterna, na qual ele se lambuzava com prazer evidente. Desta vez a situação era complicada, pois mandavam os protocolos que o país tinha assinado no quadro da região pugnar pela transparência nos negócios e boa governação. O que implicava uma rápida substituição de nome do titular nas empresas de alguém que fosse nomeado para o governo. Patrício, na tarde mesma da nomeação, foi empossado como administrador e sócio principal de muitos dos negócios paternos, alguns outros passando para um tio ou irmão. Convidou os amigos para o jantar e até Alfredo, ultimamente muito arredio, recebeu telefonema dele, sei que estás em Luanda, faz o favor de vir comemorar comigo a minha ascensão aos cargos de Presidente do Conselho de Administração de algumas companhias e Diretor-Geral de outras, o que é uma grande chatice, portanto pelo menos hoje quero ter todos os amigos comigo para em conjunto solidário chorarmos a perda de tempo que vou ter a gerir as ditas cujas empresas da túji.

Jantar de trinta pessoas, encomendado às cinco da tarde para começar às nove da noite. Sofia já tinha treino, não entrou em pânico, reuniu o pessoal, vamos reservar aquela parte toda da sala, preparem tantas doses disto mais tantas daquilo, ela conhecia os gostos, preveniu por precaução quarenta refeições e foi limpar as garrafas correspondentes que seriam derrotadas no jantar de comemoração. Tinha sentimentos divididos: por um lado, ficava contente por um amigo ter oportunidade de aplicar ao mais alto nível o curso e mestrado de gestão de empresas que tinha feito nos Estados Unidos, sem nunca ter praticado nem como ajudante de um diretor qualquer. Por outro lado, percebia a injustiça da coisa, pois não seria Patrício a trabalhar, ele ia se limitar a aparecer de vez em quando na sede do grupo de empresas, onde ficaria com o gabinete que antes o pai ocupara para se refastelar nalguma poltrona mais confortável, telefonando aos amigos ou clicando numa rede social sobre fofocas, enquanto uma série de estrangeiros com muitos títulos e fraca experiência iam gerindo as empresas, combinando contratos com o ministério do pai, sem concursos públicos nem concorrentes, por vezes desviando para as suas próprias contas as comissões dos negócios, outras pondo nos depósitos *offshore* do novel ministro ou de algum familiar muito próximo. Patrício não ia controlar nada, pois era apenas um bom e simpático rapaz com propensão para despesas luxuosas e inúteis.

Se esmerou na preparação do jantar, talvez o pai dele aparecesse lá para o meio, lhe confidenciou ao telefone Patrício, pelo menos ia tentar convencê-lo, o que seria excelente para ela, nunca nenhum ministro se tinha dignado entrar no restaurante, por dois minutos que fosse. Já tinha estado perto de gente importante, os seus amigos de certa forma eram, mas nunca tinha cheirado diretamente o perfume ligado ao poder. Através de Patrício ia acontecer.

Os clientes habituais encheram a parte não reservada e outros mais atrasados já não conseguiam entrar. Ela pedia desculpa, uma reserva de há uns tempos para um grupo numeroso, institucional, frisava a palavra para perceberem que ela não poderia recusar, mas contava com os fregueses para a segunda mesa ou então num dos próximos dias. A notícia correria por aquela área da cidade, para se ir jantar no restaurante da Mamã Ester agora era preciso reservar mesa ou ir muito cedo, estava sempre cheio.

Boa publicidade!

Os do grupo foram chegando e Patrício não foi dos primeiros, nunca era. A nomeação do pai não o faria mudar os hábitos. Mesmo para um jantar de sua iniciativa.

Chegaram Jared e Abigail, juntos, com ar apaixonado. Depois Salomé, sozinha, depois Solferino com nova amiga, depois Segismundo e Tiago, mais tarde ainda Alfredo, o qual ignorou Salomé e se sentou perto de Abdias, cumprimentando todos em geral e sem olhar para a ex-mulher, confirmando a separação de forma pública, o que também já deixara de ser novidade. Havia no grupo umas pessoas desconhecidas de Sofia e os restantes membros habituais da tribo, sendo o novo grande empresário um dos últimos a aparecer, mas já com os copos e falando muito alto, arrotando autoridade emprestada. A mesa foi pequena para os que se juntavam a eles e Sofia providenciou uma fora de uso por ter uma perna muito insegura, mas lá veio a mesa e cadeiras diferentes, o que ninguém notou, até porque estavam mais interessados em esvaziar os copos com os aperitivos e provar os quitutes que ela mandara preparar durante o fim de tarde, quitutes da terra com jinguba, mandioca, gengibre, milho, açúcar e jindungo, misturados com pastéis e salgados de proveniência europeia de muita variedade, o que por si só seria uma refeição, mas se apresentavam como entradinhas para puxar as bebidas. De maneira que ninguém notou a periclitância da mesa acrescentada, tendo no entanto Sofia avisado os que a ela se sentaram para terem alguma prudência no jogo de cotovelos, pois uma pressão mais forte podia provocar um desastre. Patrício falou em trinta pessoas mas apareceram mais e se o senhor ministro viesse com o seu séquito, claro, ministro nunca anda sozinho, então a situação se tornaria catastrófica, ou como dizia um antigo combatente, empírica.

Uma conversa muito animada se passava com o agora verboso Abdias, nas suas vestes de jurista sem casos, o qual se embebedara mais cedo do que era habitual e insistia com Patrício sobre o que todos suspeitavam mas não ousavam deitar para fora:

– Não podes fazer essa jogada, meu. Tens mesmo de controlar muito bem os contratos, sabes que existe um Tribunal de Contas que vai estar atento, é um conflito de interesses... Como fazer negócios com o ministério do teu pai? Todo o mundo vai falar.

Perante o desinteresse de Patrício, ele insistia:

– Podes dizer que a empresa do teu grupo tem autonomia e que ninguém tem culpa que o ministro contratante seja teu pai, mas o que sempre foi feito agora cai mal na opinião pública...

Grande gargalhada dos amigos a acompanhar a eloquência do pseudojurista.

– Alguém quer saber da opinião pública? – perguntou Solferino, com lágrimas nos olhos de tanto rir.

Uma senhora acrescentou:

– Ainda se fosse o Conselho de Segurança...

Mais gargalhadas.

– Qual deles, o da ONU ou o nosso? – perguntou Jared, o homem das Relações Internacionais.

Novo riso histérico. Depois pouco se entendia, pois falavam e riam todos ao mesmo tempo, cada um querendo ser mais divertido que o parceiro do lado. Sofia acompanhava com dificuldade as piadas, estava muito afastada, embora atenta à mesa em U, não fosse faltar alguma coisa. Começavam a servir os pratos principais e ela queria ouvir as opiniões, sobretudo das pessoas que vinham pela primeira vez. Dos outros já conhecia os gostos e dizeres, variavam pouco.

A ausência de Kaleb lhe chamara a atenção. Por demais evidente aos seus olhos. Podia estar fora de Luanda, ter surgido algum trabalho, o qual faltava ultimamente como o próprio lhe tinha dito e repetido várias vezes. Quem sabe viajou? Não tinham compromisso, mas ele avisaria se se ausentasse por um período de tempo, achava ela. Afinal havia entre eles um pouco mais do que amizade, embora sem hipótese de avançar muito, por vontade dela. Andava chateado com as barreiras impostas ao relacionamento, claro, mas não lhe faria a ofensa de viajar sem a prevenir, não, isso não era próprio de Kaleb. Tarde demais, já não viria ao jantar. Dor no peito. Sem importância, disse a si mesma, já passa. No entanto, não passava. Era mesmo sentimento de ausência, saudade. Tinha dificuldade em reconhecer, mas a saudade estava lá incrustada, como sempre, saudade de muita coisa que devia ter ocorrido e não aconteceu, muita gente que foi e não se sabe para onde, na voracidade da vida citadina da grande leoa. Gostaria muito de ter cruzado os olhos com Kaleb, de ver aquele sorriso escondido nos lábios cuja destinatária só ela reconheceria.

Nem Kaleb apareceu nem o novo ministro. Patrício olhava muitas vezes para a porta, expectante. Em vão. Ainda não seria hoje que exibiria o pai, o seu máximo ídolo, à curiosidade dos amigos, embora todos o conhecessem. Não na intimidade de uma conversa informal, no meio de copos, o velho se resguardava um pouco das armadilhas sempre preparadas pelas selfies e respectiva divulgação por tudo que fosse rede social. Macaco velho com calos no rabo, o seu pai. Teve de responder a nova arremetida de Abdias sobre o assunto chato da incompatibilidade de uma companhia de um filho estabelecer contrato com o ministério de que o pai fosse responsável. Ou vice-versa:

– Não me lixes, meu. Eu ainda nem conheço o nome das empresas, só de algumas, de ouvir por acaso o velho falar com os amigos... Não faço a mínima ideia de qual a sua atividade. E já me vens com conselhos e restrições sobre o que elas devem fazer e evitar. Não achas isso um bocado boêlo e a despropósito? É mesmo muito. Vá, bebe mais um copo, que viemos cá para isso.

Recebeu palmas dos ouvintes. Estavam ali todos para festejar novas oportunidades e pretexto para encontros, farras, bacanais, não para se enredarem nos meandros dos negócios da velha guarda e suas leis incompreensíveis, coisas chatas que para poucos eram sagradas.

– Ainda por cima vindo de ti – disse Segismundo. – Já esqueceste de como o teu papá enriqueceu? Alguns de nós ouviram uns segredos gritados pelas casas e nem todos esqueceram tudo...

Abdias se virou para o agressor cheio de vontade de responder com violência. Mas lhe saiu uma voz pouco convincente:

– Não vamos mexer na merda uns dos outros, OK? Eu nem sei dessas coisas, nem o meu pai me pôs ao corrente dos seus negócios... Até podia, sou da área do direito.

– Se é para mostrar que és um brilhante jurista que estás aí a chatear o Patrício, te saiu o tiro pela culatra – gritou uma dama de vestido amarelo brilhante, parecido ao das princesas de banda desenhada. Só lhe faltava o grande medalhão da sorte.

Ainda por cima a frase foi proferida num momento em que Sofia se tinha aproximado por outra razão da mesa e forçosamente ouviu. A frase assassina fez Abdias se calar de vez, para sossego de Patrício. Sossego permanente por esse lado, mas desilusão pela ausência paterna. Também permanente.

Os outros clientes foram abandonando o restaurante até por fim a sala ficar só com a grande mesa ocupada, onde se amontoavam as garrafas de todos os álcoois do planeta. Sofia perguntou a Patrício se algumas garrafas vazias podiam ser retiradas e ele aquiesceu, era mesmo melhor trazer mais cheias. Estavam no momento do champanhe para o brinde, quando ele fez sinal à dona da casa para se aproximar, um brinde primeiro a quem nos recebe tão bem e com tão boa comida, todos batendo os cálices, também Sofia. A partir dessa altura ela ficou por ali, mas desta vez de pé, pois a mesa era grande demais e devia se aproximar de um ponto ou outro para poder inspecionar o trabalho do pessoal. Lhes tinha prevenido, esta noite ficam a servir mais tempo, é especial, depois compenso. Dispensou os trabalhadores da cozinha, havia sobremesas e gelados suficientes para o resto do jantar, agora só as bebidas contavam e um ou outro café ou chá, incumbência que o pessoal de sala podia resolver.

Tinha decidido antes, romperia o princípio de fechar a porta à meia-noite, era uma ocasião especial, não é todos os dias que um dos nossos tem o pai nomeado ministro.

– Já encomendei um – quase gritou Segismundo, o poeta.

Sofia pensou que ele falava para ela, reclamando de atraso no serviço. Se aproximou e depois percebeu, falavam entre eles de outro assunto qualquer.

– Um puto é fixe – disse Tiago. – Eu que o diga. Todos os meses brinco com ele. O azar é a mãe, não escolhi muito bem.

Sofia percebeu o tema. Eram conhecidas as queixas de Tiago em relação à mãe do filho dele, devia estar com três anos agora. Se lembrava de ele confessar no ano passado que até teve vergonha de a levar a casa para a apresentar aos pais. Uma ordinária, tinha sido a sua expressão final. Fora mesmo obrigado, tinha de mostrar a mãe do primeiro neto dos pais dele e não podia levar a criança sozinha, como se fosse uma abandonada. Os pais gostaram muito do mona, lhe descobriam parecenças com ambos, mas depois lhe ralharam a sós como a uma criança, que raio de mulher escolheste para lhe fazer um filho, foi a primeira e última vez que essa senhora entrou aqui em casa, proibição que ele cumpria com prazer. A bem da verdade, só a via quando ia brincar com o filho durante meia hora, lhe deixando um bom presente, e depois desaparecia durante um mês. Por exigência da mãe de Tiago, regularmente ele fazia um depósito bancário para as despesas da criança. Uma soma a seu ver exagerada com a qual a “ordinária” vivia na melhor...

– Mas afinal encomendaste com quem, Segismundo? – perguntou uma senhora.

– Ora, uma por aí. Não interessa, a criança é que conta.

– Deve ser como a mãe do meu canuco – disse Tiago.

– Não é chata, nem interesseira, parece... Só que foi uma relação pouco séria, de curta duração... Ela ficou grávida... Que se lixe, está encomendado e pronto!

– Tens a certeza que é teu? – perguntou a senhora.

– Certeza, certeza, alguém a tem? Agora há os testes, é mais seguro. Mas acho mesmo que é, não é bandida, só que...

– Ao menos é bonita? – perguntou o homem que estava ao lado da senhora.

– Isso é, sem dúvida – disse Segismundo.

– É o que interessa – voltou a falar o homem, cismando com o copo nas mãos.

A mulher lhe mandou um olhar rancoroso, então só a beleza conta? A reação da esposa levou o senhor a pensar baixo, se a mãe é bonita o filho tem possibilidades de também ser. Desviou o mambo:

– Menino ou menina?

– Ainda não se sabe. Queria que fosse miúdo, mas...

– Já há mulheres a mais nesta terra, não é? – perguntou Jared do outro lado da mesa.

Todos os próximos riram. Senhoras inclusive.

– Nunca são demais – disse Solferino.

Dada a distância a que Solferino se encontrava, no meio do zoar de tantas vozes, Sofia se espantou, como pôde ele seguir a conversa? Ouvidos de tuberculoso, como diziam? Ou entendeu apenas a fala de Jared, mais perto dele e se intrometeu na conversa, para agrado das damas. Solferino era muito atencioso para as mulheres e tinha um enxame delas sempre à volta.

Não nessa noite, em que a estrela era Patrício.

Sofia mudou de posição e se aproximou de Salomé. Lhe segredou ao ouvido:

– Estranho Kaleb não ter aparecido para uma comemoração do amigo do peito. Sabes dele?

Salomé se virou, os olhos a brilhar de forma anormal, parecia liambada.

– Porque é que haveria de saber, não me dizes?... Já agora, por acaso até sei. Ele não te disse?... Tem um irmão muito doente, foi visitá-lo à África do Sul.

Havia muita violência controlada na fala dela. Ele não te disse? Acusação? Como se Sofia e Kaleb fossem confidentes para tudo, o que era injusto. Nem sabia existir um irmão na África do Sul.

Sofia percebeu na dureza dela. Salomé a acusava de alguma coisa, fruto de intriga ou má interpretação, só podia. Sofia tinha o seu orgulho, não ia perguntar o que lhe mexia com os kalundús, que se lixe, menina mimada! Percebeu uma coisa porém, isso era certo, tinha perdido Salomé. Antes perdera Kaleb, também de forma pouco explícita.

As perdas começavam a contar.

O resto da noite foi um fardo difícil de suportar. Embora tivesse dado bué de lucro.

No fundo, não era o que importava?

Era o ano de 2002.

A anunciada chegou como a chuva no Planalto.

Só avisos leves, nada de barulhos certos, apenas rumores. Como as nuvens esparsas e sons abafados de trovoadas longínquas, cinco minutos antes de uma mansa tempestade.

A paz desdobrou sua manta sobre o país.

Os inimigos se abraçaram, a reconciliação foi proclamada, as armas se calaram de forma definitiva, ao que parecia. E as pessoas voltaram a sonhar. Nem julgavam já isso provável. Algumas, pelo menos, acreditavam na possibilidade, porque otimistas existem sempre em toda a parte, mesmo em minoria. Logo se começou a falar de reunião das famílias separadas, muitas delas até nas ideias e nas ambições, outras apenas pela distância ou o desconhecimento. Foi criado um programa oficial para o reencontro das famílias. Ia resultando.

Himba se apresentou, mostraram a cara dela na televisão, em todos os jornais, jovem procura família, e havia os dados todos, nomes, idade, sítio de nascimento. Kassule encolheu os ombros, não aceitou fazer o que os companheiros do lar empreenderam. Para quê?, ele sabia que não ia encontrar familiares porque simplesmente não os havia, o que não era verdade, lhe contrapunham, tens tios, talvez avós, primos de certeza, a família africana é sempre bastante extensa, alguém sobrou. O rapaz resolveu o problema há muito, acabara com esse tipo de laços sentimentais. Não aceitou participar. Mais tarde, quando se percebeu que o apelo dela não fora ouvido, dizia ele, vês como eu tinha razão, Himba? Criaste ilusões, sim, outros encontraram parentes, mas a ti ninguém respondeu, valeu a pena acreditares no impossível?

– Outros encontraram, disseste bem. Eu não. Mas isso não quer dizer que tiveste razão ao recusar tentar. Foste medroso, não arriscaste a desilusão que tenho agora.

– Medroso nada. Haka! O meu pai morreu, a minha mãe morreu. Ainda não tinha irmãos, além da Sofia, que desapareceu e não pode estar viva, senão me procurava, sabia onde me encontrar. O que me interessam os outros parentes, tão afastados? Talvez um dia, mas agora não contam. Só isso.

– Tive pouca sorte até agora. No entanto, não desisti. Estive a guardar dinheiro para a viagem. Vou ao município descobrir. Já se pode circular, dizem.

Himba estava prestes a concluir o curso médio de contabilidade e gestão. Desde o ano anterior trabalhava a meio tempo em modesta loja de roupa numa rua paralela à do lar, tendo dispensado o fundo criado para o apoio dos seus estudos, o qual foi desviado a outros necessitados. Ganhava um pequeno salário na loja mas chegava para os extras, pois tinha assegurada comida e dormida no lar. Por pouco tempo. Logo que acabasse o curso, procuraria outro emprego e um alojamento. E levaria Kassule consigo, claro. Mas nunca tinha dito nada ao amigo sobre estes planos, podiam as coisas correr mal e era depois uma tristeza maior. Segredo dos muitos que ela ciosamente guardava, uns para serem revelados no devido tempo, outros fechados para a eternidade.

Kassule não tentou demovê-la da viagem. Afinal seria bom para ela, teria a certeza de uma vez por todas. O padre Adão também concordou, deves mesmo ir, se for preciso alguma coisa... mas ela

dissuadiu-o, não preciso, obrigada, só quero a sua bênção. Vou rezar muito para que encontres as respostas à tua angústia, minha filha. Irás sempre com Deus, eu sei.

Esse era outro grande segredo de Himba. Embora frequentasse a missa todos os domingos, há muito deixara de acreditar nos dogmas da Igreja. Dessa ou de qualquer outra. A fé numa divindade tinha sumido do seu cérebro. Simplesmente, como quem acorda de um sono tranquilo transformado numa barata monstruosa. Talvez desde que deixara a Ilha, talvez momentos antes. Dizia com frequência a si própria que se existisse um deus tão poderoso como as religiões afirmavam, então não consentiria nas desgraças que ela vira e algumas sofrera na sua curta vida. Não era possível um ser tão insensível, ainda por cima num mundo criado por ele próprio. A fé era um logro, quem a sentisse só queria ser enganado. Então, virou o feitiço contra o feiticeiro, enganou todos, fingiu crença, só não se confessava porque tinha vergonha de mentir com descaramento ao pedir um perdão para aquilo que não seria perdoado, apenas porque inexistia o perdoador. Não escondeu de Kassule a ausência da confissão, eles entravam e saíam juntos da igreja. Dizia, uma verdadeira seca, o padre é só uma pessoa como outra qualquer, para quê lhe contar coisas vergonhosas? Ele concordava e rematava, então podíamos nos confessar a Radamel ou à senhora boa das trancinhas, seria a mesma coisa. E ela dizia, vês que tens razão?

Partiu para o município. Foi uma viagem complicada, demorada, incômoda, de dias, porque as pontes tinham sido todas destruídas e as estradas estavam impraticáveis. Também eram raros os carros arriscando minas enterradas e outros tipos de avarias. Mas chegou lá e reconheceu os cheiros, os sons, os morros, a cor do capim. Não havia casas novas e grande parte das existentes estavam até em escombros. A guerra tinha sido destruidora. A administração já não era no mesmo sítio, da antiga construção sobravam dois muros partidos e entulho. A igreja estava de pé, embora sem uma das paredes e com um grande buraco no teto. A escola onde o pai ensinava e ela aprendera as primeiras letras também se tornara uma ruína. O hospital, reduzido a metade, ainda funcionava, lhe disseram. E, ao passar, ela viu um enfermeiro. Avançou para a casa onde nascera e sentiu muita dor, pois era um terreno vazio, com alguns tijolos no chão. Não reconhecia ninguém nas ruas. No entanto, havia gente. Aspecto de camponeses meio perdidos entre ruínas. Eram refugiados que preferiam viver nas cubatas que construíram nas periferias e vinham para o centro da vila à procura de alguma coisa. Kazumbis olhando para todos os restos com atenção. Procuravam comida? Devia ser. Atravessou a povoação, percorrendo toda a rua principal. Ninguém a chamou, o que era natural, saíra dali menina e agora tinha quase vinte anos, quem ia mesmo reconhecê-la? Visitou lugares onde tinham morado pessoas conhecidas, amigos dos pais, mas nada. Ou não existiam as casas, ou aparecia outra gente, ocupante de oportunidade, com o olhar característico de quem teme ser desalojado pelo legítimo proprietário, ressuscitado dos mortos. Esgares fúgitivos e ao mesmo tempo arreganhadores de medo. Se sentiu perdida e sentou em cima de uma pedra larga no antigo jardim do centro, irreconhecível. No seu tempo havia bancos e sombras, até uma pequena piscina onde nadavam e brincavam. Agora sombras imperavam, embora houvesse menos árvores, muitas abatidas para aproveitarem a lenha. Mas não sobraram os bancos de jardim. E conseguia de descortinar onde fora a piscina, talvez naquele monte de escombros e lixo que se avistava dali. Sim, aquele monte tinha sido a piscina onde aprendera a nadar. E o rio? Não, esse ninguém levou, o rio estaria no lugar de sempre. Mais tarde iria comprovar, porque na sua desorientação nem nisso acreditava realmente.

Sentada na pedra, recordando os tempos da infância, procurou solução para o início da busca. Ou indago sobre alguém da igreja, deve haver padre ou sacristão, ou vou descobrir a administração, sei, disseram, ainda existe um administrador municipal. É só perguntar onde fica, tudo tão perto afinal.

Umas crianças olharam com estranheza quando ela perguntou pela administração. E apontaram para o edifício da esquina, onde antes morava o veterinário, lembrava bem. Lá chegada, viu de facto um letreiro indicando ser ali a sede da administração municipal. Hesitou, mas depois puxou dos galões de filha da terra e entrou, sem pedir licença. Havia um porteiro ou guarda, que nem lhe ia perguntar o que queria e deve ter ficado admirado por ela lhe dar explicação desnecessária.

– Vim de Luanda para falar com o senhor administrador.

O porteiro ou guarda sorriu, solícito. Quem vem de Luanda é importante. Ainda por cima bem-vestida, talvez tenha pensado o funcionário, a gente da terra usava remendos e farrapos. Himba leu os pensamentos nos olhos do indivíduo. Com uma espécie de vênia, ele juntou as duas mãos e apontou para uma porta. Se adiantou e bateu, abrindo-a de seguida.

– Tem aqui uma senhora de Luanda para falar com o sô administrador.

Ela não ouviu a resposta, entrou. Um homem estava sentado a uma secretária, com alguns papéis à frente. Poucos. Imaginava as autoridades sempre atulhadas em pilhas de papéis e por isso se admirou. Não havia livros na estante de uma parede, algumas pastas de arquivo apenas. Mas mais admirada ficou por reconhecer o homem. Era o mesmo administrador de quando ela saíra do município. Finalmente, alguém conhecido, amigo dos pais, as famílias se visitavam, comiam juntos muitas vezes. Sorriu. De pura felicidade. O outro estranhou.

– Conhecemo-nos?

Ela afirmou que sim, mas fora há muito tempo. E falou dos pais, o professor e a enfermeira. Uma sombra nos olhos do outro indicou a Himba o pior. Ele pediu para ela se sentar, dispensou o porteiro, lamentou o que tinha acontecido à família.

– Então tu sempre sobreviveste? Sim, lembro-me, eras a mais velha, a boa estudante...

Himba ganhou coragem para lhe pedir que contasse os pormenores conhecidos, não sabia nada do que se passara com os pais e irmãos, resumidamente falou do ataque, da fuga dela e de como se perdera. A última esperança de saber alguma coisa era mesmo vir ao município e por isso fez a viagem de Luanda.

– Soubemos do ataque aqui no dia seguinte – disse o administrador, homem baixo e magro, com ar bem mais desgastado do que ela lembrava. – Duas pessoas viram ou ouviram o que passou e mandaram um estafeta contar. Era muito longe, naquela altura. Fomos com alguns populares que ainda tinham um carro. O meu, o da administração, já tinha sido destruído, caindo numa mina, não sei se te lembras disso. Eles não atacaram o município logo, não era uma prioridade, só nos cortaram das outras terras, tomaram conta das estradas. Portanto fomos lá e o camião estava todo queimado. Trouxemos os corpos das pessoas, alguns muito carbonizados, foi demasiado trabalho para tão pouca gente... Várias viagens, muito medo... Fizemos um enterro digno. Conseguimos identificar os corpos de alguns, de outros não. Mas sabíamos quantos tinham saído daqui e verificamos que faltavam três corpos, o de uma menina, tu, sei agora, e de dois homens. Um deles encontramos quando voltamos lá, no dia seguinte, estava afastado da estrada. O outro não sabemos quem é, nunca se manifestou.

– Um deles gritou para mim, para eu correr sem olhar para trás. Lembro.

– Salvou-te a vida. Talvez.

– No momento pensei que era o meu pai.

– Não era. O teu pai foi identificado. Depois te levo ao cemitério improvisado que temos agora. Se quiseres...

Himba soube mais tarde, ao almoço na casa do administrador, que ele tinha saído da vila só quando ela foi atacada. Pensava todos os dias em retirar mas depois dizia, amanhã parto, aguento ainda mais um bocado. Assistiu à degradação de todos os serviços, incapacitado de fazer alguma coisa, estavam cercados, sem apoio de lado nenhum. Aumentou o número de refugiados que se aconchegavam à vila, erguendo cubatas, fazendo lavras, abatendo árvores. Ele deixava, como podia impedir? No fundo, só lhes dava palavras de consolo, um dia a guerra vai acabar, e eles, na sua miséria, lhe davam restos de comida. Um comércio de palavras por comida. O padre foi embora e ele era a única autoridade, que não mandava em nada, não havia nada para mandar. Um fantasma, sabes, Himba, o que é um kazumbi?, bem, eu me chamava a mim próprio de kazumbi, era um fantasma da autoridade central. Não fugi apenas por falta de coragem. Devia ter feito como o teu pai ou o padre. Sei que não correu bem convosco, mas era um gesto de coragem. O padre se deu bem, escapou. Outros acham que o herói sou

eu que fiquei, até falam em me dar uma medalha de mérito, mas é tudo falso, te digo, sou herói porque não tive coragem de fugir.

Himba não compreendeu muito bem o raciocínio alheio e tomou-o apenas como uma tentativa de consolo pela confirmação da sua perda. No entanto, não era conforto nenhum, o pai é que fora culpado do que tinha acontecido, primeiro por querer fugir, segundo por atrasar a fuga já decidida. Se tivessem tentado na véspera, tudo correria bem. Podia estar a ser injusta, mas era o seu sentimento já antigo, que nunca revelava senão a Kassule.

Sim, ela nunca perdoaria ao pai, era o seu destino.

Depois perguntou pela mulher do administrador, mas, ao ver a careta, logo se arrependeu.

– Morreu. Há muito tempo. Ficou doente e aqui não havia tratamento possível. Tentei evacuá-la, mas como fazer? Ainda procurei arranjar apoio, pessoas que me ajudassem a transportá-la de maca pelo mato até onde fosse possível tratá-la, mas ninguém aceitava. Também já não tinha amigos, só os refugiados que sentiam ainda mais medo que eu. Morreu sem tratamento.

– Lembro-me, tinha três filhos.

– Quatro. Estão bem, dois ainda em Benguela, os outros dois já foram estudar para o estrangeiro. Mande-os para o litoral ainda antes da vossa fuga. Tiveram sorte, chegaram bem. O meu irmão tratou deles. Já há alguns anos começou a melhorar a situação, como deves saber. Pelo menos acabou a guerra aqui na região, levada mais para o Leste. Então foi possível ter algum apoio do governo. Pedi bolsa para os dois mais velhos e consegui. Também pudemos limpar o lixo maior do município e pôr o hospital a funcionar com um médico vietnamita e dois enfermeiros. E algumas outras coisas. Além disso temos escola. Tudo feito ainda antes da paz definitiva. Agora espero que se possa desenvolver a sério a região, já não há entraves...

– O município foi ocupado...

– Sim, acabaram por ocupá-lo. Fugimos para o mato, conhecíamos bem a montanha, havia muitos abrigos, era o nosso último recurso. Tu também deves ter brincado na montanha, era o sítio dos piqueniques e de onde vinha o leite todas as manhãs, lembra? Fomos para lá, outros ficaram na vila, sem medo do exército de ocupação ou sem coragem de fugir. Aguentamo-nos dois meses, os populares e eu. Alguns morreram de doenças misturadas com a fome. Apanhávamos pouca comida nas lavras à noite, o mel ajudava e os frutos que todos conhecemos. Água não faltava, há duas nascentes. Depois o nosso exército atacou a vila, hoje cidade, e os outros fugiram. Voltamos então para as casas. Ou escombros... Ficou muito destruída, como podes constatar. Mas já está melhor, muito melhor. Chorei quando vi a destruição, o lixo, a falta de tudo. Chorei e pensei, a minha terra nunca mais se vai erguer. Mas depois ganhamos coragem. Trabalhamos bué. E as ajudas vieram. Poucas, mas vieram. Um professor para aqui, um enfermeiro para ali, um dinheiro para contratar alguns funcionários. Ninguém queria vir das cidades para esta vila em ruínas e sem futuro. Ainda temos falta de muitos funcionários. Acredito que virão. Chamamos cidade a isto, ninguém contestou, talvez ajude a atrair pessoas competentes.

Himba não sabia se o sonho do administrador se tornaria realidade. Normalmente, as pessoas que fugiam de um lugar não voltavam a ele. Os que estavam nas cidades maiores recusavam ser colocados nas menores. Ela própria nunca sairia de Luanda, esta terra já não era a dela. Porém, a narrativa do administrador comoveu-a. Como é que aquele homem de mais de cinquenta anos, franzino, magro por ser magro mesmo antes de ter passado fome, tinha aguentado tanto e ainda acreditava? O futuro atuava como algum deus, um fazedor de promessas?

– Eles têm razão, o senhor merece uma medalha e das grandes. Aqui para nós, também acho, não há heróis. Nem fazem falta nenhuma.

O administrador precisava desviar a conversa para temas menos comoventes, pediu desculpa por só lhe ter oferecido água a acompanhar a refeição, não havia outra bebida para eles.

- É o que bebo – disse ela.
- Tenho uma garrafa de vinho guardada, reservada, o governador prometeu uma visita.
- Se fosse no sítio de onde venho, não teria que guardar garrafa nenhuma. Ao que me dizem, antes de uma visita das autoridades grandes, vem sempre a logística com tudo.
- Podes ter razão. Por prudência, mantenho a garrafa guardada.

Foi assim que Himba soube que estava de facto sozinha no mundo, pois nem conhecia o resto da família espalhada por muitos sítios, sobretudo no Planalto Central devastado pela guerra. E a tal parentela de Luanda, nem o nome dela sabia.

O regresso decorreu sem incidentes. Demorado, complicado, doloroso. Foi preciso apanhar vários carros e dormir no caminho duas noites. Luanda-Sul, com o ritmo cada vez mais rápido de expansão, lhe pareceu o futuro certo. Se construía por todo o lado, as gruas gigantescas marcavam a paisagem, mais para o interior e sul que o Morro Bento, atraindo gente de todos os lados, contraste absoluto com o que passava no município de nascimento.

Foi muito breve no lar, ao contar o que soubera, em poucas palavras, encontrei o mesmo administrador de antes, todos morreram, os corpos foram identificados e enterrados. O padre ainda perguntou:

- Te deram uma certidão de óbito?
- Os papéis da administração foram todos queimados, até os assentos de batismo da igreja. Não há documentos, também ninguém está preocupado com eles. Ah, já é uma cidade, posso dizer nasci no que hoje é uma cidade, um grande motivo de orgulho para qualquer nativo, como é lógico.

Kassule não gostou nada do azedume disfarçado de ironia. Calou o que tinha vontade de dizer, tu já sabias, não tinhas esperança, só querias acreditar. A tristeza era genuína no rosto dos amigos.

Amigos são para isso, afinal.

Pouco tempo depois, ao lutar contra a falta de sono, muito frequente desde que tinha estado no sítio do seu nascimento, Himba teve uma espécie de revelação. Virou e revirou a ideia, fazia sentido, sim. Talvez fosse difícil de convencer as pessoas, em primeiro lugar Kassule. Depois o padre, os outros não interessavam. Talvez Radamel ou Job para a ajudarem. Ninguém entenderia, está bem de ver. Mas não se importava, ela sabia o significado da atitude, radical, definitiva. E pouco trabalho daria, apenas algumas peias burocráticas, ultrapassáveis. Estava habituada a sofrer, como todos os compatriotas, as demoras, as repetições de pedidos e procedimentos, as fotocópias inúteis, tudo porque não se confiava nos honestos para se ser enganado pelos desonestos sem controlo. O supercontrolo formal e pouco eficaz levava ao peso da máquina burocrática, registos e confirmações para todos os atos, necessidade de certificar qualquer documento no notário, numa terra quase sem notários, filas compridas e horas de espera para uma qualquer senha sem importância. Ia só com a sua calma e coragem fazer as coisas e andar de um lado para o outro, de repartição em repartição, se fosse caso disso, para atingir o objetivo. Quanto mais difícil, maior o prazer da vitória.

Foi pensando num nome.

Quando chamou Kassule à parte, na hora antes do jantar, e lhe contou a conclusão a que chegara e a luta que se propunha travar, o rapaz abriu muito os olhos.

- Porquê?
 - Não achas uma grande ideia?
- Ele afinal não achava grande ideia. Nem má. Tanto lhe fazia. Mas não entendia a razão daquela maluqueira.
- Acho que devemos fazer – insistiu ela.
 - Se eu não quiser, tu fazes na mesma?

– Claro, eu vou fazer, se me deixarem. Sei que é possível e legal, mas complicado. Tu fazes se quiseres. Mas para sermos verdadeiramente irmãos...

Se tratava de mudar de identidade.

Os dois. Ficariam com o mesmo apelido e registados como irmãos. Não era a razão principal de Himba. A que ocultava. De facto, queria se libertar do apelido paterno, talvez isso lhe fizesse esquecer o passado, toda a dor acumulada, partia para uma nova vida com novo nome. Sem o lastro da culpa do pai, vergonha por ele, causador da tragédia da família. E o primeiro nome seria Sofia, em vez de Himba, nome de kimbo. Sofia, como a irmã perdida de Kassule. Teriam o mesmo apelido e ficavam como irmãos. Só era preciso convencer o padre a lhes dar o apelido dele, Moreira. Sofia Moreira.

Bué fixe.

Essa era a ideia, completamente louca, nas primeiras avaliações de Kassule, o qual no entanto encontrava uma vantagem na proposta, se livrava desse nome que o menorizava, o de filho mais novo, um perfeito disparate lhe darem esse nome, tema de muita gozação na Ilha e na escola, pior ainda com o crescimento. Nisso Himba tinha razão. Ficar com o apelido do padre, como é então?, vamos ficar filhos dele?, toda a gente sabe padre não pode ter filhos, poder pode e alguns têm, mas não devem. De repente lembrou um nome que sempre o perseguiu e a ideia da maluca da irmã começou a ganhar nova consistência, se chamaria Diego, como Maradona. O grande argumento que não ocorreu a Himba, também longe de alguns sonhos dele.

Ela não tinha a exclusividade dos segredos.

– OK, o meu nome será Diego. Mas Moreira? Achas que o padre vai no registo dizer, estes são meus filhos, quando os registei para poderem entrar na escola, menti, dei outro nome para cada um deles, mas afinal são irmãos, assumo, a mãe se chamava Madia, que é Maria, Nossa Senhora, em kimbundo?

– Qual é o problema? O papel de identidade que nos deram é provisório, serviu só para a escola, nem precisamos de o guardar. Vamos com o padre, mentimos, nunca fomos registados, estamos a se registar. Pela primeira vez. E acabou. Na minha terra os arquivos foram queimados, na tua de certeza que também, têm de acreditar numa pessoa conceituada como o padre. Ele não vai dizer que é nosso pai, vai só dizer que, como apenas tínhamos um nome, o nome que escolhermos, ele nos dá o apelido. Mais fácil. E não há mentira nenhuma, nem podem saber que já temos um registo provisório, vamos noutro sítio, há uns de registo mais facilitado agora por causa dos milhões que nunca tiveram documentos, ou estavam fora da sua área, ou os papéis foram queimados nas vilas e kimbos.

– E ficamos irmãos?

– Sim, pela lei. Se não quiseres ser Diego nem meu irmão, tudo bem. Eu falo sozinha com o padre.

Kassule aceitou, depois de algumas hesitações, vou pensar, amanhã te digo. No fundo, para ele era igual. Quando fizesse quadros mesmo a sério talvez assinasse como Kassule. Mas o mais certo seria usar Diego. Nenhum angolano se chama Diego, só eu. Achava.

Quando foram falar com o padre, este primeiro ficou zangado. Que brincadeira é essa? Nunca o tinham visto zangado a sério. Mas amoleceu, respirando fundo e tentando pensar, eles devem ter alguma razão, que se expliquem.

– Sô padre, vou ficar Kassule e só Kassule toda a vida. Toda a gente na cidade tem mais que um nome. E isso é nome de menino, não para um homem feito. E vou ser homem um dia.

– Tu, sim, compreendo. Nos kimbos normalmente só se tinha um nome. De resto se dizia, quando era preciso diferenciar, o fulano, filho de sicrano. Por isso vais precisar de um apelido e podes tomar o meu. Mas a Himba... ela tem dois apelidos, do pai e da mãe... E Himba é muito bonito.

– Sofia também é – replicou Kassule.

– Sim, e tem significado, sabedoria – concordou o padre. – Quadra bem com ela. Mas renegar os

apelidos paternos, não acho bem.

Ela não tinha imaginado este tipo de objeção. Pelos vistos, o sacerdote se desimportava de lhes emprestar a identidade, problema menor. Punha masé em causa a razão profunda da atitude de Himba. Decidiu explicar à sua maneira, voz baixa, com ecos dramáticos.

– Enquanto tinha esperança que eles fossem vivos... Mas agora... Cada vez que escrevo o nome completo, me lembro deles, me dá uma saudade, morreram de maneira horrível... quero cortar, não pensar no assunto, vida nova...

– Podes até não pensar... Mas vais sonhar. Impossível comandar os sonhos.

– Com sonhos posso eu bem, já estou habituada. Mas preciso de respirar outro ar. E o nome é importante, muito mais do que se pensa. O nome marca uma pessoa.

Embora Himba tivesse escondido o mais importante, o sacerdote foi tocado pela argumentação dela, sobretudo o ar de criança sofredora que ela aprendeu nos tempos da Ilha, se precisava de pedir algo de importante, comida por exemplo.

– Deem tempo, preciso de pensar.

Eles concordaram, o padre tinha todo o tempo. Himba lhe explicou, agora havia postos de registo rápido, duas testemunhas chegavam para se ter um assento e bilhete de identidade. Bastava dizer o pai era Moreira, ninguém conhecia o padre com esse nome, apenas padre Adão. A mãe seria Madia. Por isso eles ficavam Sofia e Diego mais o nome do pai. Qual o problema?

– Não é esse o problema, embora me obriguem a mentir, posso até fingir que não oiço o que vocês dizem no registo, para não cometer pecado, se forem vocês a falar. Tenho dúvidas, também deve haver o pecado da omissão... Passemos. O Job pode servir de segunda testemunha, já percebi, não tem esse tipo de problemas morais. Infelizmente. E mesmo sem compreender vai aceitar. A maka é outra, ainda não estou convencido.

Ia se aconselhar com Radamel, estava visto. Este era mais moderno, aceitaria facilmente. Himba resolveu se antecipar e pedir o apoio do arquiteto para convencer o sacerdote.

Logo no dia seguinte, quando ele foi ao lar, no fim da tarde, para ver como andavam alguns dos seus jovens educandos. O assunto é sério, preciso lhe pedir um favor, sussurrou Himba. Se afastaram para baixo de uma árvore. E ela contou o seu plano, acrescentando:

– Gostamos muito do padre Adão, tem sido um pai para nós. Usar o apelido dele era um orgulho.

– E o teu não é? O do teu pai?

Ela voltou ao teatro já ensaiado com o sacerdote. Mesmo com excelente representação, não convenceu Radamel.

– Mudar o nome não tira a dor, se de facto dor existe. Podes enganar o Adão, a mim não. O que há por trás do teu desejo?

A moça hesitava, mas acabou por jogar os dados. Suspirando.

– Quero esquecer que fui filha dele. Quero rasgar o passado, nunca mais pisar aquela terra, não ter nenhuma foto, que não tenho mesmo, nem documentos de lá, tudo foi queimado. Não fiquei com nada daquela terra e daquele tempo. Sinto pena pela minha mãe mas tem de ser. Se tivesse sobrevivido algum irmão, podia manter o nome, só para o encontrar. Não sobrou nenhum. Como se muda de pele se não se muda de nome?

Havia desespero e não era fingido na voz e nos olhos de Himba.

– Porque não dizes a verdade ao Adão? Seria mais fácil.

– Ele não ia aceitar. Honrarás pai e mãe, não é o que ensinam? Para ele é uma questão religiosa, não para mim.

– Não o conheces tão bem como eu. Se ele hesitou, como achas, e vem falar comigo, eu vou contar

a verdade, tens vergonha de ser filha de quem és e por isso mudas de apelido. Duvido que ele aceite, nessas circunstâncias. Não acredito no deus dele, mas acredito naquele homem. E não deixarei que o enganem. Estamos conversados. Tens um dia para lhe contar, não, tens uns minutos, porque daqui a pouco ele vem contar a vossa pretensão. E terei de dizer o que penso e que falaste comigo. Por isso vai procurá-lo.

– Não é só o problema da vergonha ou culpa, entendeste mal. Quero esquecer o meu passado...

– Em que foste feliz.

– Talvez. Mas acabou e quero enterrá-lo.

– Entendo a simbologia, podes crer. Se contares ao mais-velho Adão toda a verdade, eu apoio-te quando ele me vier falar. Mas não deixo que o enganes com as tuas manhas de menina. Porque estás a ficar manhosa, sabias?

Himba muxoxou com raiva. Deu meia-volta e se afastou. Não tinha alternativa. Manhosa, não é? Seja.

Encontrou o padre no sítio onde ele devia estar e lhe contou tudo. Tudo? Nunca se conta tudo. O essencial. E que falou com Radamel que a convenceu a vir esclarecer as razões da sua atitude. O padre não respondeu imediatamente. Olhava só para ela. Depois suspirou e disse:

– Em várias das nossas sociedades tradicionais, uma pessoa muda o nome se casa, ou se passa pelas cerimónias de iniciação e é considerado adulto. Há outras culturas em que se muda o nome porque se tem o primeiro filho, o pai e a mãe assumem o nome que a sociedade ou o grupo escolheu para o recém-nascido. Passam a ser o pai e a mãe de fulano. É curioso como chegas às mesmas práticas que não te foram ensinadas. Duvido que as soubesses. Mas talvez a razão seja a mesma por que elas ficaram instituídas nessas sociedades. À mudança de estatuto social deve corresponder novo nome. No teu caso por razões negativas, o azedume e o despeito. Nas nossas sociedades pode ser por outras razões... Está bem, vamos fazer como queres. Mas para o futuro lembra uma coisa. O teu pai foi bom pai e guardas muitas coisas boas dele. Se decidiu que deviam abandonar a vila, tinha razão, estava a defender a família. Se demorou um dia a mais, ninguém podia imaginar que isso tivesse importância. Talvez precisasse de um dia para se despedir dos amigos, dos alunos, da terra. E por um acaso essa demora foi fatal. Pensaste nisso?

Himba ia ter muito tempo para pensar na conversa e nas palavras de padre Adão. No momento só lhe interessava a decisão dele. Agradeceu pela compreensão.

Afinal foi tudo mais fácil.

Se encaminharam ao posto de registo com o padre e Job, que aceitou ser testemunha, Himba contou a estória, Job acrescentou umas coisas, introduzindo depois o padre como sacerdote do lar e de repente obtinham os documentos. Tiraram fotografia e marcas das impressões digitais. Daí a uma semana receberam o bilhete de identidade. Com este, ela foi ao Instituto mudar o nome de matrícula, inventou uma estória um bocado descosida mas deu para ser aceite pela funcionária.

Quando terminou o curso, recebeu um diploma legítimo em nome de Sofia Moreira.

Kassule não tinha pedido certificado da oitava classe, se estava nas tintas para isso, só queria pintar. Ia manter Kassule nas suas obras como nome artístico, até porque reproduzia cenas da vida nas ruas e nos musseques e um pseudónimo africano condizia mais com o que revivia na tela ou no papel.

Não demorou muito a que Sofia arranjasse um emprego a tempo completo. Ao fim de um mês e de receber o seu primeiro salário, falou com Diego, vamos arranjar um ximbeco fora do lar. Espanto do rapaz. Ela insistiu, não podemos continuar aqui, temos de nos virar, deixar o lugar para outros. Vou fazer vinte anos, tenho vergonha de estar ainda num lar. Vão me dizer, tens idade a mais e há muita criança na rua, vai embora. Antes disso, saio eu. E acho que, como meu irmão mais novo, deves vir comigo. Também vais fazer dezoito anos e ser maior, te dizem a mesma coisa. Com toda a razão.

Alugou um quarto de arrumação numa casa modesta mais para sul do Morro Bento, para lá se

mudaram. Levaram emprestados dois catres do lar, devolveriam quando ela tivesse dinheiro para comprar os próprios. E se desenrascaram assim. O padre Adão e os outros amigos compreenderam, de facto ela não devia continuar lá. Prometeram se ver muitas vezes.

No entanto, Sofia nunca mais pôs o pé no lar e deixaram as missas de domingo. Diego aparecia de vez em quando para visitar os amigos e desculpar a irmã, anda sempre muito ocupada.

Todos sabiam, era mentira.

O mesmo para a Ilha, a senhora boa das trancinhas e seus filhos.

Sofia cortou com todos. Diego, por vezes, aparecia.



A caravana parou à frente das bancas onde os artistas expunham as suas obras. Eram três todo-o-terreno de alta cilindrada, mais conhecidos pelo sugestivo nome de tubarões. Devia ser alguma comitiva de gente importante e Diego olhou com mais atenção as pessoas, todos homens, que saíam das viaturas. Logo se distinguiu o chefe, o qual começou a andar para a direção contrária à de Diego, concentrado nas caras dos vendedores e pouco nos quadros. Esta era a zona dos pintores. Os escultores ocupavam as bancas a seguir, com menos cores mas mais objetos e atraindo maior número de clientes. Devia saber aproveitar os veios de uma madeira para criar uma figura, pensou pela milionésima vez o artista, mas me deu para o desenho e depois a pintura. Só devia ter paciência, não lamentar a opção.

Os lamentos são para os fracos e os covardes.

O amigo dele, Joseph, nascido no Congo Democrático, lhe segredou da banca ao lado:

– Esse mijagrosso que vai à frente é o que manda nas autorizações para se vender nos mercados aqui deste município.

– Como sabes? – perguntou Diego.

– Lembro a cara. Foi ele que me vendeu autorização.

– Gasosa?

– Sim, lhe paguei gasosa.

– Foda-se... Corrupto!

– Xê, eu corrupto?

– Não tu. Ele.

Nenhum dos dois sabia que pela lei o comprador e o vendedor de favores administrativos são considerados corruptos. Só que para Joseph era questão de vida ou de morte, não tinha alternativa senão obedecer às regras dos fiscais. Diego tivera sorte, a sua licença tinha sido tratada por Sofia noutra repartição há muito tempo, ainda nem tinha a ideia de acabar ali no mercado. A irmã nunca lhe disse que tinha pagado alguma coisa senão o estipulado por lei. Suspirou. Se fosse preciso também untaria as mãos do responsável, chorando apenas pelo dinheiro gasto injustamente. A vida era injusta. A de artista em terra subdesenvolvida ainda mais.

Ia fazer mais como então?

A comitiva chegou ao fim e regressou pelo mesmo caminho. O responsável por vezes parava diante de um artista e falava com ele, as habituais perguntas sem interesse, nem para um, nem para o outro. Cada um fazia a sua parte, os jogos da política eram conhecidos. Ao chegar à frente de Diego, o responsável ia passar e se dirigir a Joseph mas de repente travou. Se virou para as telas expostas em conjuntos de quatro. Aproximou a cara de uma delas e leu o nome do pintor.

– Kassule? É o que assinou aqui? É você mesmo?

– Sim, o meu nome é Diego Moreira. Assino Kassule.

– Onde ouvi esse nome? Ah, já sei, conheço a sua... mulher?... irmã?... Sofia...?

Diego achou estranho, mas respondeu, sim, tenho uma irmã que se chama assim.

– Dona de um restaurante... Não é longe daqui, não é verdade?

– Sim, é ela mesmo. O Mamã Ester.

– É isso – disse o diretor dos restaurantes, mercados e afins. – Boa comida, por sinal. Fui eu que lhe arranjei o novo alvará, em nome dela, tem ali uma máquina de fazer dinheiro. Dê-lhe os meus cumprimentos. E parabéns pelas suas obras, são muito interessantes.

Se apertaram as mãos e o responsável continuou a visita, tendo depois entrado no carro da frente e os três tubarões se fizeram à estrada, imponentes.

Novo alvará, não foi mesmo o que o corrupto disse? A questão lhe perturbava a cabeça, para em seguida dizer, claro, Sofia teve de tratar de novo alvará por causa da morte da sócia. Lhe daria os cumprimentos do senhor das gasosas. E ia perguntar se também tinha pagado gasosa ao vigarista. Ou seria uma espécie de renda mensal, como vira em filmes das máfias? Diego podia ser cruel, na sua integridade.

No dia seguinte de manhã, foi ele que preparou o mata-bicho e quando Sofia se sentou à mesa ele lhe contou a cena da véspera.

– É verdade, sim, ele me ajudou no alvará. Eu lhe tinha convidado para um jantar, não faças essas caras porque nos nossos negócios tem de ser, e depois ele apareceu mais vezes, gostou da comida. Talvez tivesse outras intenções, mas não lhe dei oportunidade de avançar.

– Ele exigiu dinheiro para dar a autorização de venda no mercado ao meu amigo Joseph.

– Não me admira – disse ela. – Essa gente das administrações se governa assim, entram em todos os negócios para ficar com comissões, mesmo se depois os negócios não avançam. A comissão, essa, fica logo, em primeiro lugar.

– E como é que ficou o alvará, em nome de quem?

– No meu, claro...

O tom da resposta tinha sido ligeiro, despreocupado, mas Diego conhecia a irmã e os seus segredos, mesmo se fingia não reparar. Achou uma ponta estranha na forma demasiado desprendida dela responder ao assunto, hum, hum, não lhe agradou, coçou o queixo num gesto que ela conhecia e não era de bom augúrio. Diego então se lembrou.

– Não devia ser no do Ezequiel? Ele é o herdeiro da mãe. Sem contar com o outro irmão, esse que foi para a América...

Ela mastigou o pão torrado lentamente, concentrada. Sabia, Diego não ia largar mais o mambo enquanto não tivesse uma explicação detalhada e satisfatória. Preferiu não desviar muito o assunto e andarem às voltas durante semanas ou meses no jogo das meias verdades.

– O Ezequiel não podia ficar com aquilo, como ia gerir? Pôr o restaurante na situação em que está deu muito trabalho... para ser destruído logo a seguir pelo coitado. E o outro irmão desapareceu, nem a mãe sabia onde ele anda. Não conta. Tive de ficar com o restaurante. Mas todos os meses ponho dinheiro numa conta que abri para o Ezequiel e que tem dinheiro para pagar o lar dele por muitos anos, já agora.

– No documento só está o teu nome?

– Sim. É mais fácil. Seria uma carga de trabalhos pôr o Ezequiel a assinar toda a papelada. Se fosse preciso um documento das Finanças ou da Hotelaria e ele tivesse de estar presente... imaginas? Mesmo para ele assinar um papel é um problema, nem sei se ainda sabe... E depois para quê? Assim está mais protegido...

– Protegido? Foi roubado... desculpa, mas essa é a palavra, ele foi roubado. O restaurante era da mãe, portanto ele é o herdeiro e o restaurante devia ser dele, estar em nome dele. E não é, agora passou para ti. Era possível arranjar uma maneira legal de ficar o nome dele no papel e tu com a parte que a mãe dele te deu. Eram sócios e tu a administradora ou lá como se chama. Mas lhe cassumbulaste com a ajuda daquele corrupto. Tens palavra melhor que roubo?

Sofia contava que o mambo fosse descoberto por Diego, mais cedo ou mais tarde, mas de outra maneira. Fez asneira, reconheceu, devia lhe ter falado logo, assim se sente também ele enganado, quando a ideia não fora essa, nunca tentara enganar Diego.

Também nunca vira tanto desgosto e nojo na cara dele.

– Ouve, mano. Eu ia te dizer, um desses dias. Mas só nos temos encontrado ao mata-bicho, há muito tempo que não saímos juntos. E de manhã não é boa altura para se conversar.

– Qualquer altura é boa para falar sobre um assunto importante destes. Podias ter pedido a minha opinião. Não o fizeste. Sabias, eu ia dizer que estava errado, era só por ganância, não para ajudar o pobre do Ezequiel. Quando é que te tornaste assim, a pensar apenas no teu interesse? Essa não é a Himba que se tornou minha irmã Sofia...

Ela ficou calada, deixando passar a tormenta. Como o caranguejo, metida na sua toca, por causa da onda do mar.

– Foi na Ilha, por causa da morte do Tobias? Nunca mais te conheci namorado, nem homem que aceitasses perto de ti. Foi a morte dele que te pôs assim? Esqueceste toda a gente da Ilha e lá tiveste amigos que te ajudaram muito, como a mim. Eu vou visitá-los, a senhora boa das trancinhas, os filhos, o Noé. Eles perguntam por ti e me obrigas a mentir, sempre o trabalho ou porque estás doente ou foste ao Planalto. Mentiras. Para não dizer a verdade que ia deixá-los tristes, ela já não quer saber de vocês...

– Não é isso.

– É exatamente isso. Ou os mais próximos, o padre e os amigos do lar, que nos acolheram... Nunca foste cumprimentar, dizer sou eu mesma, estou aqui porque vos agradeço todo o apoio, vocês fizeram que eu não fosse uma puta de rua, me deixaram estudar, poder trabalhar, ser o que sou... Convidá-los para irem comer uma vez no teu restaurante, só ficava bem. Não, não queres saber, e ali eu não minto porque eles descobrem logo a falsidade. Digo só que tu estás diferente, qualquer coisa se passou e eu não sei, queres apagar o passado ou um mambo assim... Eles compreendem, não falam mais do assunto, mudamos para discutir futebol. Porque eles têm pena de mim, envergonhado, ali a torcer as mãos porque a minha irmã, que lhes pediu o nome, agora nem os vai visitar. Isso faz-se? Eu vi te transformares e não fiz nada. Também tenho culpa. Depois conheceste esse grupo. Lembras-te quando fiquei no bar durante o jantar em que eles lá estiveram?

Sofia lembrava. Tinha prometido a Diego, ele podia ficar no bar e dali observar o restaurante e os comensais. Podia até servir os que se sentassem ao balcão do bar. Não aconteceu, nenhum se sentou, as pessoas preferem as mesas. Os bancos do bar estavam lá só para enfeite e às vezes um dos príncipes sentava à espera dos outros. Por pouco tempo. Diego ficava atrás do bar e estudava as posições, as feições, as conversas e as pequenas brigas, os gestos tirados dos hábitos, os relacionamentos. Fascinado. E depois Sofia se sentava à mesa deles e o artista percebia as mudanças sutis, uns olhares esperançosos, outros obstinados, Abdias sofredor em silêncio. Dificilmente poderia acompanhar todas as conversas, eram muitas ao mesmo tempo, se encavalitavam umas nas outras, mas não tinha importância, ele absorvia o ambiente dos que nasceram com toda a fortuna e futuro. Os príncipes.

– Não gostei de te ver com eles. Bebias as palavras deles, os gestos, se percebia, querias ser como eles, tinhas inveja de não poderes ser igual. Parva! Nunca poderias ser. Nascestes numa vila de província, de pais que não sabiam o que é o poder, seja ele o que for. Te aceitavam ali, no teu restaurante, te podiam até levar a casa deles, mas para mostrar, olha, eu vivo e sou assim, vou ao teu restaurante de vez em quando para viver outra realidade, me misturar um pouco com as classes inferiores, a tua classe...

Ela não respondeu. Se encolhia na cadeira, mexendo na colher do açúcar. Fraca demais para contrapor uma frase, uma ideia.

– Talvez nunca te tenhas deitado com nenhum deles. Acho mesmo que não o fizeste. Não és capaz. Porquê? Isso não sei, mas adivinho.

Sofia sentiu necessidade de falar, talvez para lhe inspirar compaixão. Nem saberia explicar essa necessidade, não havia racionalidade a que se agarrar, queria desaparecer, deixar de ouvir aquela voz suave, dorida, nunca se exaltando, mas ao mesmo tempo precisava de o sentir perto dela, o seu irmão, o que não foi a família que lhe arranjou, ela própria o escolheu, tinha muito mais força e valor. Falou numa voz muito fraca, quase inaudível:

– Nunca me deitei com mais ninguém, desde o Tobias. Não sou capaz. Não são saudades dele, é outra coisa... Medo de enfrentar um homem? Medo de ficar presa a alguém? Não sei dizer...

Ele concordou com a cabeça. Agora estavam em sintonia, como antes, como durante tantos anos. Falou:

– Durante muito tempo tive medo de me aproximar demais de uma mulher. O meu problema era simples. Como fazer quando estivesse com ela no quarto? Espera aí, agora vou tirar esta perna de metal, porque senão te podes magoar. Como dizer isso? Perdi assim algumas raparigas muito interessantes que estavam dispostas a tudo. Até que falei com o Radamel. E ele explicou, se ela gosta de ti então não se vai importar se tens duas pernas ou não. Mas tens de lhe falar antes, para ela não se assustar no quarto. Tens de ser sincero, olha, gosto de ti e tu pareces gostar de mim, mas já reparaste que não ando como todos, arrasto um pouco a perna esquerda? É porque tenho uma prótese. Simples. Aceitei o conselho dele. Arranjei uma miúda porreira, fixe mesmo, namoramos, até que me enchi de coragem e lhe disse que era mutilado. Ela ficou chocada, nem tentou esconder. Não sabia, lamentou. Falamos e nos encontramos de novo e ela já estava normal. Falei de novo no assunto e ela disse, não tem importância, o teu valor não está numa perna a mais ou a menos, gosto de ti na mesma. Então lhe levei para o quarto de um amigo. Hesitava. Foi ela que disse, mostra então essa perna, tira as calças. Fiz. Ela não mostrou nenhuma pena ou admiração, nada, tinha uma reação normal. Perguntou como se punha e se tirava a prótese. Lhe mostrei. Depois fizemos amor. Eu sabia tudo de ver e de ter lido, nunca tinha feito. Ela já. Me ajudou. E pronto. Nunca mais tive esse tipo de problemas. Porque o meu amigo Radamel me aconselhou bem e eu tive a coragem de seguir o conselho dele.

– É bom ter um amigo como o Radamel – disse ela.

– Mas tu abandonaste-o e ao padre e aos outros. E nunca lhes pediste conselho sobre as coisas realmente importantes...

Ela se encolheu de novo, dentro da concha. Ou da cova.

– Também tenho culpa. Desconfiei que tinhas problemas desses e nunca tive coragem de falar contigo, de te contar a minha experiência e como era importante arranjar um namorado. Te ensinar como podias fazer. Ou contar ao Radamel, que teria um conselho acertado. Devia ter rompido a barreira que criaste à tua volta. Reconheço, tenho culpa. Desconfiei que estavas a afundar e não soube dar a mão.

Sofia continuou calada. As lágrimas corriam dos olhos. Porque é sempre tarde demais que as coisas acontecem, nunca no momento certo? Porque não me deste duas chapadas e disseste o que eu devia ouvir? Só agora. Tarde demais.

Diego levantou da mesa. Com o dedo indicador lhe tocou na mão, num gesto tímido de carinho.

– Não posso morar mais contigo. Vou arrumar as minhas coisas e deixar esta casa.

– Porquê?

– Não posso beneficiar do roubo que cometeste. Como posso comer da comida que trazes para casa, usar a eletricidade que pagas, o aluguer do apartamento? Seria cúmplice e não quero ser. Lamento.

– Vais para onde?

– O meu amigo congolês, o Joseph, vive num kubiko fixe. Tem um quarto pequeno vazio, com tralhas. Ele me deixa dormir lá. Até eu arranjar outra coisa.

– Não precisas ir embora.

– Preciso mesmo. Não posso conviver com a ganância ou o resultado dela. Não vou ser um escravo desta ditadura da ganância, que parece ser o nosso destino. Outros sejam escravos. Eu sou diferente.

– Eu sou o que fizeram de mim. O teu país.

– Outros sofreram tanto como tu e continuaram honestos e dignos. Humanos... O país é de todos e não deve ser culpado pelos erros dos seus filhos.

– Não posso viver sem ti, és o meu irmão.

Ele ficou calado algum tempo, talvez para pensar numa resposta, talvez apenas para engolir o sofrimento autoinfligido. Quem sabe o que passa na cabeça de uma pessoa?

– Devia ir à polícia denunciar o roubo. Um cidadão cumpridor fazia assim. Mas não sou capaz. Afinal continuas a ser a minha irmã. Não me peças mais do que isso, Himba.

Foi para o quarto arrumar as imbambas. Dali telefonou para Joseph, o qual aceitou de bom grado acolhê-lo, o tempo que quiseses, meu. Afinal nós, congolezes, acolhemos milhões de angolanos durante muitos anos das vossas guerras, estamos habituados. E deu uma gargalhada fraterna. Era verdade absoluta, os angolanos no entanto têm tendência de o esquecer.

Sofia ficou a ouvi-lo fazer todo o barulho a arrumar com raiva e pressa os quadros, as tintas, os pincéis, a roupa, os sapatos, os livros de arte. Tinha de inventar caixas e malas que não existiam. Não poderia levar tudo de uma vez, mas já não era problema dela.

Foi ao quarto e abriu a gaveta do fundo da cómoda. Afastou as roupas e encontrou o retrato que ele tinha desenhado no lar. Um dia ela comprou uma moldura para proteger o retrato mas nunca mostrou a Diego. Ele provavelmente nem se lembrava dessa sua primeira obra. Olhou para ela durante muito tempo. Havia tristeza, sim. Mas era ela. O olhar era duro. Ou por vezes se tornava duro, depois amansava. Seria ela dura? Sim, tinha de reconhecer. Chorou por cima do retrato, porque ele lhe dizia coisas que ela não queria ouvir. Diego sabia como ela era. Há muito tempo. Esse conhecimento estava ali, aprisionado no retrato. Para quê negar?

Guardou o retrato na mesma gaveta, saiu de casa, entrou no carro. Lutou contra o trânsito que ia todo na direção de Luanda antiga, esteve parada e a andar quase a passo na estrada da Samba, depois na Marginal, até chegar à Ilha, duas horas depois. Foi avançando, já com muito maior facilidade até à Ponta, onde estacionou. No restaurante deviam estar em pânico com a falta dela para os orientar. Até podia fazê-lo pelo telefone, mas não lhe interessava. Naquele momento, o restaurante tinha deixado de existir. Por umas horas, no entanto.

Ficou parada a olhar em frente.

Cabritinhos de espuma na crista das ondas. Escuros, oleosos, os cabritinhos.

Viu os novelos de ondas no mar.

Os novelos também estavam escuros, oleosos, restos derramados de petróleo. Ameaçadores.

Diego disse mesmo, é este o nosso futuro, a ditadura da ganância?

Luanda – São Paulo, novembro de 2015

GLOSSÁRIO

Aiué: manifestação de dor ou desespero equivalente a “ai”.

Bacoco: bobo.

Balado: pessoa com muito dinheiro.

Banga: vaidade.

Bassula: rasteira.

Bilo: problema, assunto escondido.

Birra: cerveja.

Boêlo: parvo, besta.

Borla, de: gratuitamente, de graça.

Bué: muito.

Bumbar: trabalhar.

Cacimbo: estação sem chuva, mais fria e frequentemente enevoadada.

Cacusso: peixe de duas variedades, uma de rio, outra de mar. Tilápia.

Caíngas: polícia de turno.

Calema: ondas fortes provocadas por tempestades no Atlântico Sul.

Canhangulo: arma rudimentar, de fabricação caseira.

Canuco: criança.

Canzar: apanhar.

Caporroto: aguardente de milho de fabricação caseira.

Carica: tampa de garrafa usada para jogo popular.

Cassumbular: furtar, apoderar-se de.

Caxexe: segredo.

Caxico: criado; bajulador.

Coche [ou cochito]: um pouco, um bocado.

Cubar: dormir.

Cubata: habitação rústica tipicamente africana.

Dodós: dólares.

Esquebra: brinde que, no comércio, dá-se como agrado ao comprador.

Estigar: ridicularizar com bom humor.

Funje [ou funji]: pirão de farinha de mandioca ou milho.

Galar: olhar, mirar.

Ganza: embriaguez, estado induzido por drogas ou álcool.

Haka: interjeição de admiração usada no centro do País, mas compreendida no resto.

Hi: interjeição de admiração.

Imbambas: os pertences, as bagagens.

Imbumbavél: aquele que detesta trabalhar.

Javalizar: tirar peças de um carro ou trocá-las por outras de menor qualidade.

Kaluanda: natural ou habitante de Luanda; luandense.

Kalundús: entidade sobrenatural que guia ou perturba o espírito dos homens.

Kamanga: diamantes de garimpo ilegal.

Kambas: amigos.

Kandengue: criança.

Kazumbi: espírito, fantasma, zumbi. Plural já aportuguesado: kazumbis.

Kianda: espírito habitando as águas de mares, rios ou lagos.

Kijila: proibição, tabu.

Kilapi: empréstimo ou a própria dívida.

Kimbo: povoado.

Kimbundo: língua do Norte.

Kionga: cadeia, prisão.

Kitaba: pasta de amendoim e picante.

Kitias: amantes.

Komba: reunião de óbito na casa do finado, onde se come e bebe. Em Luanda há cânticos e jogos de cartas.

Kota: mais velho.

Kubiko: quarto ou casa.

Kumbú: dinheiro.

Kuribotar: fofocar; mexericar.

Kuzuo: preso.

Kwanza: unidade monetária de Angola.

Laifar: viver bem. Do inglês life.

Liamba: maconha.

Mabululo: fora da cidade, bairros marginais.

Maka: discussão, conflito.

Makota: homem poderoso.

Mamaué: Minha mãe!

Mambo: coisa, assunto, problema.

Matuense: aquele que é natural do mato, do interior de Angola.

Matumbo: estúpido, tacanho, ignorante, inculto, provinciano.

Masé: mesmo que “mas é”.

Mbambi: antílope pequeno.

Muadiê: senhor, patrão.

Muata: chefe tradicional do Leste.

Muene: tratamento respeitoso para homens importantes.

Mujimbar: fofocar; mexericar.

Mujimbo: originalmente, significa notícia, mas tomou o sentido de boato, mexerico.

Múkua: fruto do imbondeiro. Com ele, faz-se um sumo, bem fresco e com qualidades laxativas.

Muzonguê: guisado com peixe seco e fresco, folhas ou de batata doce ou de outras plantas naturais, e quiabos. Acompanhado de funji.

Naka: horta.

Ndengue: criança.

Njango: construção circular utilizada para reuniões.

Oénegês: ONG (Organizações Não Governamentais).

Pacaça: antílope grande, como um búfalo.

Panquê: comida.

Paracuca: doce de amendoim em torrões.

Rítimo: ritmo. Pepetela decidiu passar a escrever assim, com o intuito de aproximar o escrito do falado.

Ruca: automóvel.

Saka-saka: prato típico feito com as folhas mais novas e tenras da mandioca, que são esmagadas e cozidas com óleo de palma. Acompanha-se com funje ou arroz. Em Luanda, diz-se Kisaka.

Salo: trabalho.

Sandula: sanduíche ou sandes. Todas as formas provêm do inglês sandwich.

Sekulo: líder de aldeia ou aconselhador do soba.

Snifar: cheirar; inalar droga em pó.

Sukua: expressão chula, que equivale aproximadamente a “bolas!” ou “porra!”.

Sukuama: interjeição similar a “com os demônios!”.

Tchokuê: etnia do Leste de Angola com uma rica arte pictórica e escultura.

Trumuno: jogo de futebol informal.

Túji: merda.

Vissapa: marca que os militares usam no ombro, para mostrarem o seu lugar na hierarquia militar.

Ximbeco: habitação feita de materiais precários.

Zongola: pessoa que quer saber tudo o que se passa com os outros, linguarudos.

OBRAS DE PEPETELA

As aventuras de Ngunga

(1972, novela)

Muana Puó

(1978, romance)

Mayombe

Prémio Nacional de Literatura (Angola)

(1980, romance)

O Cão e os Caluandas

(1985, romance)

Yaka

(1985, romance)

Lueji, o nascimento de um império

(1990, romance)

A geração da utopia

(1992, romance)

O desejo de Kianda

(1995, romance)

Parábola do cágado velho

(1996, romance)

A gloriosa família

(1997, romance)

A montanha da água lilás

(2000, fábula)

Jaime Bunda, agente secreto

(2001, romance)

Jaime Bunda e a morte do americano

(2003, romance)

Predadores

(2005, romance)

O terrorista de Berkeley, Califórnia
(2007, novela)

O quase fim do mundo
(2008, romance)

O planalto e a estepe
(2009, romance)

A Sul. O Sombreiro.
(2011, romance)

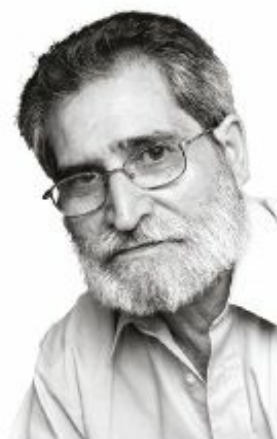
O tímido e as mulheres
(2013, romance)

Crônicas maldispostas
(2015, crônicas)

1ª edição Agosto 2017
papel de miolo Pólen Soft 70 g/m²
papel de capa Cartão Supremo 250 g/m²
tipografia Rongel
gráfica







Pepetela (Artur Carlos Maurício Pestana dos Santos) nasceu em Benguela, Angola, em 1941. Licenciou-se em Sociologia, em Argel, durante o exílio. Foi guerrilheiro do Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA), político e governante. Foi ainda professor na Universidade Agostinho Neto, em Luanda, e tem sido dirigente de associações culturais, com destaque para a União de Escritores Angolanos e a Associação Cultural Recreativa Chá de Caxinde. Em 1997, recebeu o Prêmio Camões, maior prêmio literário das letras lusófonas. Ganhou duas vezes o Prêmio Nacional de Literatura de Angola e outras distinções no Brasil, Holanda e Espanha. Com mais de 20 livros publicados, é sem dúvida um dos grandes nomes da literatura em língua portuguesa.

Porque para sobreviver é preciso enfrentar
nossas fragilidades e maiores contradições.

Em *Se o passado não tivesse asas*, passado e presente se cruzam. Duas fortes personagens femininas, Himba e Sofia, tentam seguir em frente. Histórias que se encontram e completam, em dois momentos: a guerra civil e o pós-guerra. Passada a guerra, é difícil estar num país marcado por ela, pela desigualdade social, num tempo de violência e exploração. Himba e Sofia buscam no amor e na amizade o alimento para sobreviver.

PEPETELA · PRÊMIO CAMÕES 1997





PEPETELA

LUEJI

O NASCIMENTO DE UM IMPÉRIO



Lueji - o nascimento de um império

Pepetela

9788544101896

464 páginas

[Compre agora e leia](#)

Em Lueji, o nascimento de um império, Pepetela constrói uma narrativa original, revelando a história de duas mulheres, Lu e Lueji, personagens separadas uma da outra por 400 anos, mas unidas numa mesma trajetória: o confronto com o mundo e a busca por identidade. É por meio dessa intersecção, que extrapola os próprios limites do tempo na prosa, que o autor tece a História de Angola. E as lacunas deixadas pelo mito, pelo saber colonial e pela tradição oral são preenchidas pela fascinante ficção de Pepetela. Pepetela nasceu em Benguela, Angola, em 1941. Licenciou-se em Sociologia, em Argel, durante o exílio. Foi guerrilheiro pelo MPLA, político e governante. Desde 1984 que é professor na Universidade Agostinho Neto, em Luanda, e tem sido dirigente de associações culturais, com destaque para a União dos Escritores Angolanos e a Associação Cultural e Recreativa Chá de Caxinde. A atribuição do Prêmio Camões (1997) confirmou o seu lugar de destaque na literatura lusófona.

[Compre agora e leia](#)

NICHOLAS MONTEMARANO

O Livro do Porquê

a vida se encarrega
das respostas

ROMANCE



"O Livro do Porquê explora os profundos poderes do coração e da mente que moldam o mundo à nossa volta, borrando as fronteiras entre perda e amor, destino e livre-arbítrio, desespero e alegria." Goodreads

leYa

O livro do Porquê

MONTEMARANO, NICHOLAS

9788580448900

272 páginas

[Compre agora e leia](#)

Eric Newborn está acostumado a lidar com pessoas cujas vidas estão em crise. É um aclamado autor de diversos livros motivacionais e também um inspirado palestrante. No entanto, quando sua esposa morre, a angústia o toma de forma inescapável. Não existe cura fácil, nenhum clichê é capaz de consolá-lo, nada preenche o enorme vazio deixado pela perda. Ele se recolhe com sua cadela, Ralph, em sua isolada casa em Martha's Vineyard. Cinco anos mais tarde, em uma noite agitada de tempestade, um carro sofre um acidente em frente a sua casa e uma mulher bate à porta, procurando ajuda. Sam é uma admiradora que estava a procura de Eric, convencida de que ele saberia dar sentido às coincidências que, simultaneamente, destruíram e deram nova cor à vida dela. À medida que Eric e Sam orbitam um em torno do outro, como constelações em um gigantesco universo, eles se põem a buscar respostas para suas perguntas, e encontram significados em sinais que às vezes ignoramos diariamente. Uma poderosa história de amor e um mergulho profundo no funcionamento da alma, O Livro do Porquê é um romance delicado e instigante, que nos faz refletir sobre a natureza da felicidade humana.

[Compre agora e leia](#)

**a
bruxa
não vai para
a fogueira
neste livro**

amanda lovelace



A bruxa não vai para a fogueira neste livro

Lovelace, Amanda

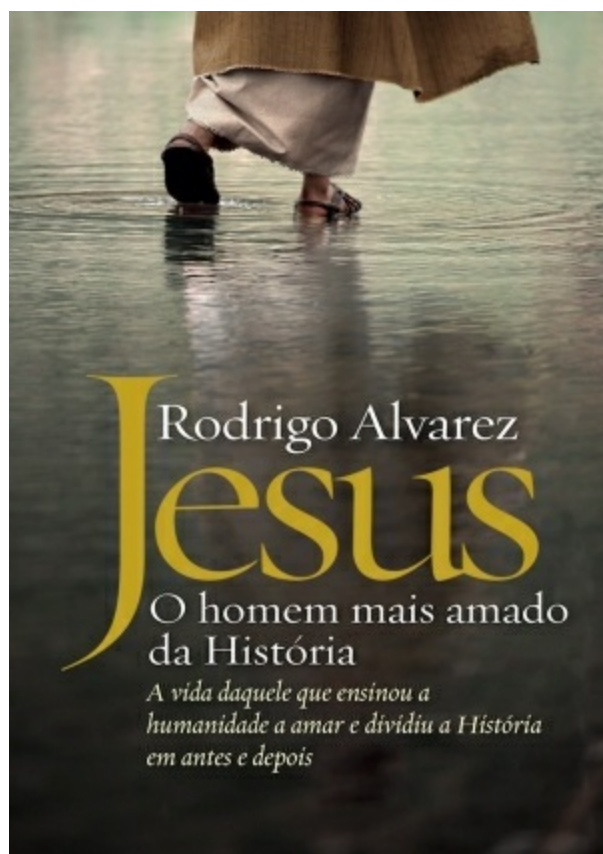
9788544107027

208 páginas

[Compre agora e leia](#)

Aqueles que consideram "bruxa" um xingamento não poderiam estar mais enganados: bruxas são mulheres capazes de incendiar o mundo ao seu redor. Resgatando essa imagem ancestral da figura feminina naturalmente poderosa, independente e, agora, indestrutível, Amanda Lovelace aprofunda a combinação de contundência e lirismo que arrebatou leitores e marcou sua obra de estreia, *A princesa salva a si mesma* neste livro, cujos poemas se dedicavam principalmente a temas como relacionamentos abusivos, crescimento pessoal e autoestima. Agora, em *A bruxa não vai para a fogueira* neste livro, ela conclama a união das mulheres contra as mais variadas formas de violência e opressão. Ao lado de Rupi Kaur, de *Outros jeitos de usar a boca* e *O que o sol faz com as flores*, Amanda é hoje um dos grandes nomes da nova poesia que surgiu nas redes sociais e, com linguagem direta e temática contemporânea, ganhou as ruas. Seu *A bruxa não vai para a fogueira* neste livro é mais do que uma obra escrita por uma mulher, sobre mulheres e para mulheres: trata-se de uma mensagem de ser humano para ser humano – um tijolo na construção de um mundo mais justo e igualitário.

[Compre agora e leia](#)



Rodrigo Alvarez
Jesus
O homem mais amado
da História

*A vida daquele que ensinou a
humanidade a amar e dividiu a História
em antes e depois*

Jesus, o homem mais amado da História

Alvarez, Rodrigo

9788544106440

368 páginas

[Compre agora e leia](#)

Escrito pelo autor laico brasileiro que mais vende livros de temática religiosa no Brasil, Jesus – O homem mais amado da História: a biografia daquele que ensinou a humanidade a amar e dividiu a História em antes e depois é o livro mais atual sobre a vida do homem cuja história mantém seu vigor e interesse há mais de dois mil anos. O escritor e jornalista Rodrigo Alvarez tomou como base as fontes arqueológicas e bibliográficas mais recentes, além das mais antigas (entre eles diversos manuscritos originais), e viajou pelos mesmos lugares percorridos por Jesus em seu tempo para reconstituir os passos do pregador que, ao mesmo tempo Deus e homem, ensinou a amar, mudou o curso da humanidade e dividiu a História em antes e depois. Com uma narrativa elegante, acessível e guiada pelos fatos, além de ricamente ilustrado, Jesus – O homem mais amado da História é um livro sobre um Jesus de antes do cristianismo e de todas as suas divisões futuras – e que mostra a todos os leitores, cristãos ou não, a relevância e a permanência de sua trajetória e de seus ensinamentos.

[Compre agora e leia](#)



O LIVRO QUE
DEU ORIGEM À
SUPERPRODUÇÃO
DIRIGIDA POR
STEVEN SPIELBERG

ERNEST CLINE

Jogador nº 1

Cline, Ernest

9788580444728

464 páginas

[Compre agora e leia](#)

Agora uma megaprodução de Steven Spielberg para os cinemas Cinco estranhos e uma coisa em comum: a caça ao tesouro. Achar as pistas nesta guerra definirá o destino da humanidade. Em um futuro não muito distante, as pessoas abriram mão da vida real para viver em uma plataforma chamada Oasis. Neste mundo distópico, pistas são deixadas pelo criador do programa e quem achá-las herdará toda a sua fortuna. Como a maior parte da humanidade, o jovem Wade Watts escapa de sua miséria em Oasis. Mas ter achado a primeira pista para o tesouro deixou sua vida bastante complicada. De repente, parece que o mundo inteiro acompanha seus passos, e outros competidores se juntam à caçada. Só ele sabe onde encontrar as outras pistas: filmes, séries e músicas de uma época que o mundo era um bom lugar para viver. Para Wade, o que resta é vencer - pois esta é a única chance de sobrevivência. A vida, os perigos, e o amor agora estão mais reais do que nunca.

[Compre agora e leia](#)



PEPETELA

LUEJI

O NASCIMENTO DE UM IMPÉRIO



Ficha Técnica

Copyright © 2015, Pepetela
Preparação: Cristina Pereira
Revisão: Adriana Ayami Takimoto
Capa: Maria Manuel Lacerda
Fotografia do autor: © Jorge Nogueira
Dados internacionais de catalogação na publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057
Pepetela
Lueji, o nascimento de um império / Pepetela. – São Paulo: LeYa,
2015.
ISBN 9788544101896
1. Literatura Angolana 2. Luanda – África I. Título.
15-0063 CDD A869.3
Índice para catálogo sistemático:
1. Literatura angolana

Este livro foi produzido conforme o Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.
Nos casos de dupla grafia ou nos que não foram contemplados pelas normatizações do Acordo, optou-se por manter a grafia original. Todas as ocorrências em que se percebe a falta de algum elemento da escrita, seja preposição, um pronome, ou mesmo composições inesperadas ou uma vírgula incomum, é proposital do autor, num exercício de aproximar a língua escrita da falada.

2015
Todos os direitos reservados à
LeYa Editora Ltda.
Rua Desembargador Paulo Passaláqua, 86
01248-010 – Pacaembu – São Paulo – SP – Brasil
www.leya.com.br

Para a minha filha Lueji
a quem este livro muito deve.
Tudo?

Lueji, o nascimento de um império: sob as verdades da ficção
Rita Chaves (USP)

Mesmo o leitor mais atento terá dificuldade em definir o foco central do olhar de Pepetela em *Lueji, o nascimento de um império*. Sobre o poder? Sobre a tradição? Sobre a mulher? Sobre o colonialismo? Sobre Angola? São muitos os temas focalizados nesse romance que tem na multiplicidade uma de suas matrizes e faz do movimento a sua força.

Ao focalizar preferencialmente a região da Lunda e a cidade de Luanda, o autor confronta dois espaços matriciais na história do país, investindo em uma operação que reflete a necessidade de ocupação de um território que a empresa colonial juntou no mapa da apropriação mas manteve sempre cindido. Um dos desafios da luta contra a dominação era, sem dúvida, construir a ideia de unidade fundida sob o signo de uma utopia associada à crença na libertação. O desejo de romper a incomunicabilidade projetava-se na vida literária e iria conduzir o itinerário dos intelectuais. Trazer para o reino da literatura esses vários espaços é uma das estratégias de Pepetela, que à rota de suas protagonistas incorpora o sul que Benguela também representa.

Na construção romanesca de *Lueji, o nascimento de um império*, contudo, o espanto maior pode vir do tratamento dado ao tempo. O recorte é amplo e abriga uma dimensão algo insólita. Traz um passado remoto, perdido na fabulação mítica, e um futuro que carrega também traços da mitologia que cercava o fim do milênio.

Escrito nos anos de 1987 e 1988, o romance foi publicado em 1989, com um enredo constituído numa longa duração: os acontecimentos encadeados chegam a um futuro apontado para o fim do século XX, mas começam num passado remoto, identificado num pouco preciso “Quatro séculos atrás (pelo menos)”. Ou seja, plasma-se em um abraço que, atingindo o ano de 1999, tem raízes no já longínquo século XV. A sugestão entre parênteses é apenas uma das indicações da curiosa relação com a verdade que o romance alimentará.

No centro da narrativa, estão duas mulheres em confronto com os mundos em que vivem. Separadas por centenas de anos, Lueji e Lu trilham o caminho da diferença como projeto identitário e assim incursionam por desafios tocados pela aspereza, reiterando percursos que marcam outras personagens femininas do autor, como Ondina, Matilde, Sara... Na figuração das trajetórias da rainha do reino da Lunda e da bailarina colocam-se em diálogo esses tempos e espaços diversos, levando-nos a ler as sombras das muitas contradições no peso dos seus dias.

Lueji habita a Lunda de sua época ancorada à volta dos quatro séculos atrás e Lu vive o fim do século XX em Luanda, habitante dessa Angola que a independência traz à cena. Protagonizam experiências que as definem como metonímias de um processo histórico sobre o qual não podem reinar certezas absolutas. Colocando em causa a pretensão do discurso científico, em que se apoiam alguns saberes, a escrita de Pepetela corteja abertamente a imprecisão. O recurso a certas fontes, como a narrativa de viagem de Henrique Carvalho ou o trabalho de Vansina, textos de referência para pesquisas sobre a Lunda, combina-se à escavação de base inventiva da qual se afasta o tributo da submissão. Com as fontes, o autor estabelece um jogo muito vivo, procurando sem hesitação preencher com a sua imaginação as lacunas que o saber colonial, a investigação acadêmica e/ou a tradição oral não colmataram.

Mais uma vez, o escritor que o Brasil já conhece de obras como *Mayombe*, *Yaka*, *A geração da utopia*, *A sul*, *o sombreiro*, entre outros títulos, lança mão das potencialidades do romance como um gênero para abrir perspectivas sobre um universo em que se cruzam dimensões da História, em que se mesclam as vias da memória, em que se superpõem as verdades da ficção. Desconsideração com o rigor documental? Talvez. Ironia relativamente ao discurso pretensamente científico? Certamente. Desrespeito ao leitor? De forma alguma. Ao chegar ao fim de suas páginas, compreendemos tão bem: uma história como a de Angola e seus povos bem reclama a energia da ficção para dar sentido às profundas contradições que a cercam.

Quatro séculos atrás (pelo menos)...

Lueji voltou ao lago da sua infância. Era elíptico, grande, só os bons nadadores o podiam atravessar no sentido do comprimento. As margens estavam cobertas de fetos compridos e também dos mais pequenos, de folhas em palma todas recortadas, os fetos da Lunda. Brincavam a se mascarar com estes, através dos quais tudo podiam ver. Além de muitas outras variedades, o lago era rodeado de plantas com caniços compridos e de folha grande, que davam estranhas flores cor-de-rosa na ponta de hastes estreitas, as rosas de porcelana. O nome veio certamente da cor das flores e da sua consistência carnuda e brilhante, lembrando o material mais puro de que eram feitos moringues e sangas. Era uma planta da espécie das Proteas, mas esse nome não existia por enquanto na Lunda. Diziam os mais velhos, os bolbos tinham sido trazidos dum lago bem longe, lá onde nasce o rio Cassai, para Ocidente, no berço fabuloso dos Tchokue. Se reproduziram à beira da água, pintando de rosa o verde das margens.

Aos doze anos já Tchinguri atravessava o lago e Lueji pasmava, orgulhosa dos feitos do irmão mais velho. Chinyama, pelo contrário, mal sabia nadar. Preguiçoso como só ele, esse seu irmão do meio. Corriam despreocupados pelo lago, com outros rapazes. As raparigas olhavam e riam, não participavam das brincadeiras masculinas. Lueji sim. E Tchinguri lhe ensinou a lançar a funda de caça e a fazer armadilhas para os bichos e a pescar e a subir às altas árvores da beira-rio para apanhar os favos de mel. Em tudo imitava o irmão mais velho. Chinyama só gostava fazer armadilhas e depois ficar escondido à espera. Gostava era da espera, para inventar estórias. Nunca subiu numa árvore e a funda não lhe dizia nada. Tchinguri era o ídolo de Lueji. Nem mesmo Ndumba ua Tembo, um pouco mais velho que Tchinguri e por isso mais forte, se podia comparar a ele. Chinyama também admirava o irmão mais velho, mas de maneira diferente: tinha

medo dele. Pois Tchinguri era violento. À menor contrariedade, batia os pés no chão e dava uma surra no caçula. Também tentou duas vezes bater em Lueji mas esta se defendeu. Lhe mordeu um braço e Tchinguri nunca mais usou de violência contra ela. À sua maneira de irmão mais velho, respeitava-a também. Chinyama se encolhia todo quando Tchinguri gritava ou mesmo abria demasiado os olhos. Pior então quando ele batia os pés no chão. E obedecia sempre.

Ela olhou o lago. Deserto. Ninguém nas pedras onde as raparigas se banhavam e lavavam roupa. Nenhuma canoa de pescador no meio das águas. Um silêncio só cortado pelos gritos angustiantes das aves e um restolhar ligeiro de peixes a comer. Sentou num rochedo, por baixo duma grande árvore. As bimbos estavam quietas e as garças roçagavam nelas com a ternura do cio. Caniços de papiro se agitavam levemente com a viração. A superfície do lago, parada, refletia o azul dum céu sem nuvens. Céu de espera. No entanto, a tranquilidade do lago acalmou-a, nada podia acontecer perante aquela paz.

Tinha fugido da casa materna e procurado refúgio no lago da sua infância. Mais uma vez Tchinguri era responsável pela fuga. Numa discussão violenta com Ndumba ua Tembo, que era o único com coragem de lhe fazer frente, saiu furioso do tchota e bateu na primeira mulher que encontrou. O marido da mulher viu a cena e, cego pela raiva, não reconheceu o filho do chefe. Lhe deu logo uma bassula e Tchinguri ficou vermelho do pó da terra. Se levantou, irado, e então o outro reconheceu nele o provável herdeiro da Lunda. Antes mesmo que Tchinguri puxasse do punhal, já o outro tremia, paralisado pelo susto de ter atirado o filho de Kondi a terra. Tchinguri apunhalou-o, mas conseguiu de o matar porque outros muatas o seguraram, implorando calma. Não satisfeito com a vingança, Tchinguri arrastou a mulher para a sua chipanga e violou-a. Aí as opiniões divergiam, os amigos do príncipe dizendo a mulher não gritou, por isso aceitou. O caso foi levado a Kondi para ser julgado. O encontro entre os dois, filho e pai, foi uma cena penosa, pois o chefe andava furioso com os desmandos constantes de Tchinguri, mas era velho demais para impor a sua autoridade. Tchinguri gritava não vai haver julgamento nenhum, ele me atacou primeiro, quem ousa levantar a mão para Tchinguri e fica impune? Lueji gostava muito do pai, fraco mas justo. E ainda gostava mais do irmão. Fugiu para o lago, evitando o drama.

Agora ali estava, procurando a paz. Lembrou a vez que Tchinguri lutou com Ndumba ua Tembo, tinha o irmão uns catorze anos e já era caçador. Dos jovens, Ndumba era o melhor caçador e lutador, ia ser um grande chefe, diziam os mais velhos. Apesar dos dois anos a mais, e nessa idade isso conta, Ndumba conseguiu de levar a melhor na luta. Durou mais duma hora, de mãos nuas. Ficaram muito feridos, mas nenhum desistiu. Podia? Só a prostração os venceu, ao mesmo tempo. Ninguém ousou separá-los, muito menos Lueji. O irmão até que podia morrer, mas nunca ia se dar por vencido. E nunca perdoaria quem interrompesse o combate. A partir daí, Ndumba e Tchinguri eram rivais, mas não se defrontavam senão por palavras e piadas venenosas, cada um respeitando a força do outro. Numa coisa partilhavam a mesma opinião, era quando se tratava de decidir sobre a lição a dar nalguma aldeia recalcitrante ou num grupo estranho que penetrava o território de caça. Porrada! No mais estavam sempre em desacordo. Só pelo prazer de contrariar o outro.

Escureceu e a Lua subiu, inteira Lua de prata se refletindo no lago, azul-escuro ao luar da Lunda. Lueji nela viu a silhueta do homem eterno, elástico e firme. E foi sonho ou ilusão, foi pressentimento ou magia, mas do outro lado da margem, banhado pelo luar, estava o homem que saiu da Lua, alto e quase nu, um machadinho de chefe na mão esquerda e um longo arco na direita. A princesa teve um assomo de consciência e levantou a cabeça para olhar a Lua. O disco de prata estava liso, vazio, só brilhava. E o homem caminhava pela margem, se afastando. Agora só havia o silêncio e a figura difusa se recortando no luar. Quis gritar, chamar, travar a despedida, mas a garganta estava seca, não emitiu senão um gemido. Ficou parada, muda e angustiada, vendo-o desaparecer para lá da colina. E do horizonte azul da sua vida. Um soluço subiu e ficou tremeluzindo ao luar.

Regressou altas horas da noite, esquecendo as onças e leões se agitando nas chanas. Levantava pó vermelho no caminho entre capim alto, pelo arrastar dos pés colados ainda à visão do lago. Mussumba dormia e passou entre as cubatas sem ninguém encontrar. As brasas se consumiam nas fogueiras e só os cães ladravam de vez em quando. Das cubatas vinham lamentos, suspiros, ruídos de gente que dorme ou faz amor. Nada de vozes ciciadas, discutindo a maldade de Tchinguri ou a justiça do chefe dos Tubungo. Nada a indicar ter havido um drama. Passou à frente da casa do homem esfaqueado, vigiado pelo kimbanda e pela irmã dele. A mulher fora

dormir para perto dos pais, escorraçada pelo marido ofendido. Mas não havia lamentos nem pragas. Só o silêncio das ruas entre as cubatas, incontáveis na capital do reino. Passou pela onganda real, grande paliçada dentro da qual se situavam as cubatas onde dormia o pai e cada uma das suas quatro mulheres. Não entrou na onganda dessa vez. Avançou mais um pouco e passou ao lado da chipanga de Chinyama e mesmo da rua se podia ouvir o ronco de homem gordo. Logo à frente se situava a chipanga de Tchinguri. Tinha um guarda dormindo na porta. Foi o chefe que mandou o guarda ou era precaução de Tchinguri? Voltou para trás, penetrou na onganda real, fez um gesto ao soldado da entrada e foi para casa da sua mãe, Nayole, a segunda mulher de Kondi. Se deitou na esteira de caniços tenros sobre o catre de madeira, se enrolou em duas peles de onça, tentou adormecer. Mas a visão do lago não a deixou.

Levantou de manhã bem cedo, sem ter dormido. A vida agitava Mussumba. Pescadores passavam com as nassas e mujias para o rio, mulheres iam com enxadas para as lavras, os mais velhos se reuniam aos poucos no tchota. As crianças aqueciam ao sol nascente, a ganhar energia para as correrias. No cercado da cozinha encontrou apenas Musole, a quarta mulher de Kondi, era a sua vez de preparar a comida para o chefe dos Tubungo. Sentou ao lado dela e perguntou qual a decisão do pai.

Musole muxoxou, aquele teu irmão Tchinguri ué, contou o julgamento, o relato das testemunhas, as falas dos familiares do homem apunhalado, a defesa feita pelos amigos de Tchinguri, tinha muitos pois já viam nele o futuro chefe. E falou também da soberba do príncipe, que não admitia a falta. E Chinyama? Não falou, esse teu outro irmão também, tchá, e a decisão de Kondi foi dez cabritos de multa e uma grande reprimenda, não foi muito duro pois o apunhalado não ia morrer e um muata deve defender a honra conspurcada pela plebe, ainda mais se tratando do herdeiro, portanto o castigo era apenas o macoji da mulher violentada, por gosto ou não, a família foi ofendida e merece macoji de dez cabritos. Assim Musole explicou os fatos e ainda a atitude ativa de Tchinguri se levantando no meio da assembleia sem para tal ter recebido autorização do pai, gritando para um serviçal, Chimbica vai apanhar os dez cabritos, os piores que encontrares, porque eu não os apanho, não me sujo, sou um guerreiro, o que era de novo uma falta grave, manda a tradição o culpado deve apanhar ele mesmo os cabritos e entregar aos ofendidos, em gesto de humilde

arrependimento, mas Tchinguri nunca aceitaria e Kondi deixou passar, encolhendo os ombros, o filho não tinha cura, o que foi apreciado pelos amigos do herdeiro, nisso viam um sinal de força, mas herdeiro nada, disse Musole, na véspera falou com Kondi e este não sabia como evitar a subida ao trono de Tchinguri, talvez o Conselho dos Tubungo não o vai aceitar, o que era a sua esperança, pois era difícil ele não indicar o filho para sucessor, só em caso de falta extremamente grave e ainda te digo mais, Lueji, Kondi vai consultar Kandala, o grande adivinho da Lunda e já partiu bem cedinho pois Kandala mora longe de Mussumba, num cercado isolado no cimo dum morro.

– Que quer o meu pai saber?

– Já te disse. Tem medo que Tchinguri seja um mau chefe, que o povo sofra com ele. Quer saber o que deve fazer.

Lueji calou mas não gostou. Tchinguri ia se moderar quando subisse ao poder, passaria a ouvir os conselhos dos Tubungo. Era o mais corajoso de todos os lundas e um grande guerreiro, as tribos vencidas aí estavam para o provar. Era capaz também de gestos justos, como quando defendeu o seu amigo Nandonge, acusado injustamente de feitiçaria por dois adivinhos. Exigiu que se repetissem as adivinhações, mas com o cesto de Kandala, o maior dos adivinhos. E Kandala deu razão a Nandonge e provou o feiticeiro era alguém da família da vítima. Tchinguri subiu na consideração dos muatas e de Lueji, se ainda era possível. Porque precisava muita coragem para defrontar a opinião de dois adivinhos num caso de feitiçaria. Podia atrair as raivas deles para numa próxima oportunidade ser ele próprio acusado. E mais. Só uma grande lucidez conseguia destrinçar o falso e o verdadeiro, quando se trata com espíritos malignos. Tchinguri o fizera, podia ser um mau chefe?

O mujimbo se espalhou, Kondi foi consultar Kandala, pois Musole era incapaz de guardar segredo. À tarde toda Mussumba aguardava impaciente o regresso do chefe dos Tubungo. Mas ele não veio. Caso complicado, Kandala desconseguia de dar resposta imediata. Lueji aproveitou ir visitar Tchinguri. Este não tinha saído de casa todo o dia, seria vergonha do que passara, seria raiva do mujimbo que Chinyama correu a lhe contar? Lueji encontrou lá Chinyama e também o inseparável Nandonge.

Tchinguri estava uma fera, dava os seus passinhos miúdos dum lado para o outro, no terreiro embaixo da árvore. A barba afilada no queixo parecia

mais desafiadoramente espetada para a frente. Tchinguri era baixo e em tudo contrastava com o irmão mais novo, pachorrentamente sentado num banquinho ao lado de Nandonge, os pneus da barriga saindo generosamente da tanga. Tchinguri usava também só tanga, tecida artisticamente de ráfia, o punhal eternamente colocado à cintura, com ele dormia. O único ornamento no peito era o colar de unhas de onça, bicho que ele matara, ornamento e poderoso amuleto, pois no meio tinha um tubinho de madeira com ervas e pós mágicos. Quando se voltava, tal era a fúria que o colar chocalhava. Na cabeça usava as miluínas, ornamento que só o pai e ele podiam possuir. Eram três objetos, em forma de chifre, mas feitos de pelos e fios, que desciam do alto da cabeça para as duas têmporas, presos ao cabelo. As pontas vibravam quando ele se irritava. No pé esquerdo tinha a lucanga, pulseira que só os herdeiros podiam usar. Chinyama também tinha a lucanga, imposta depois da circuncisão, mas não as miluínas.

Lueji cumprimentou, batendo as palmas rituais, respeito que se deve ao irmão mais velho. Este falou logo:

– O pai já voltou?

– Não. Deve passar lá a noite.

Lueji sentou num banco, sem esperar convite. Apesar de mulher, tinha certos direitos por ser filha de chefe.

– Então Kondi quer deserdar-me?

– Assim me disseram – respondeu ela.

– E o povo todo está contente com isso, não é?

– Não me disseram. E não acredito.

Tchinguri parou a olhar para ela. Pela primeira vez, os olhos ficaram menos maus. Um breve fulgor de sorriso nos lábios?

– Felizmente os meus irmãos estão comigo. E os amigos. É um consolo para quem tem um pai velho e caquético.

– Não fales assim do pai, Tchinguri.

– É a verdade, Lueji. Está a morrer de velho e já não tem as ideias claras. Só faz o que lhe aconselham certos Tubungo, como o Kakele e o Kakolo, esses cretinos.

– Mas muata Kakolo é teu sogro... – disse Lueji.

– E depois? É outro caquético. Quem o diz é a filha dele. E anda a intrigar a favor de Ndumba ua Tembo. Ele, o Mbumba, o Moxico... Os caquéticos intriguistas que têm o poder na Lunda! Se eu não for o sucessor ou o

Chinyama...

– Nem quero ouvir falar – cortou Chinyama. – Já me viram chefe dos Tubungo? Dá muita chatice, uma pessoa emagrece. E a propósito, Tchinguri, o ndoka acabou?

O chefe da casa bateu impacientemente as palmas. Não foi preciso falar. Logo apareceu uma mulher com uma cabaça grande cheia de hidromel e uma cabacinha pequena cortada ao meio. Chinyama pegou logo na cabacinha, mergulhou-a na cabaça grande e retirou-a cheia de ndoka. Assoprou a afastar os restos de abelhas e bebeu gulosamente. Depois, passou a cabacinha aos outros, estalando a língua. Só Nandonge aceitou beber.

– Como eu dizia, se não formos nós os escolhidos, será Ndumba ua Tembo. Ele tem apoio dos muatas.

– Não é Kondi quem decide, é o Conselho dos Tubungo – disse Nandonge.

– Vai dar no mesmo – disse Chinyama lentamente. – O Conselho sempre aprova a proposta do chefe. Kondi tem o lukano e com ele o poder sobre a chuva. O Conselho vai desafiar o poder do lukano? Nunca.

– Só com o chefe morto – disse baixinho Tchinguri.

O silêncio que se seguiu foi aproveitado por Chinyama para encher de novo a cabacinha. Lueji adiantou falar:

– Estão só aí a fazer suposições à toa! A verdade é que o nosso pai está muito triste com o que fizeste, Tchinguri. Não tem razão? Precisas ter mais calma, não te enfurecer por qualquer coisa...

– Estás contra mim, mana? Afinal?

– Sabes que não. Mas o julgamento foi justo e faltaste ao respeito ao chefe. A culpa é tua... Mas a raiva do pai passa. Qualquer que seja o oráculo de Kandala. Sempre me ensinaste que é preciso interpretar as palavras dos adivinhos e que cada um entende à sua maneira. Não acredito que o pai passe o poder para fora da sua família, é contra a tradição.

– A tradição se torce quando é preciso – disse Chinyama.

– A tradição depende da força – reforçou Nandonge.

– E quem tem a força? – perguntou Lueji.

– Kondi – disse Tchinguri. – Ele tem o lukano.

Lueji foi dormir. Os outros ficaram a beber. Na sua cubata, deitada, muito tempo ela ouviu as vozes pastosas de ndoka se elevando da chipanga de

Tchinguri. Até que adormeceu, sonhando com um lago e um homem a sair da Lua, com uma machadinha e um longo arco. Ela ia com ele, uma rosa de porcelana na mão.

Kondi só regressou na tarde do dia seguinte. Vinha cansado, de passos trôpegos, acompanhado de três homens do seu séquito. As pessoas saíam das casas para o cumprimentar, batendo as palmas, bem-vindo, Kondi, filho de Yala Muako, e ele só respondia com um breve aceno de cabeça. Lueji estava em casa dele e viu, Kondi tinha envelhecido. Chinyama tinha razão, o poder dá cabo da saúde. O chefe se embrulhava no manto tecido de casca de árvore e pintado de vermelho, sem coragem de tomar banho. No entanto, o fim da tarde não estava frio.

Logo chegaram os Tubungo mais próximos, muata Kakele à frente. Se vinham na esperança de um mujimbo, ficaram defraudados, pois Kondi despediu-os logo, estava cansado. À noite ia passar o mujimbo a Musole, a sua atual confidente.

Lueji foi também se despedir. Ajoelhou, poisou a cabeça nos joelhos do pai, como fazia em pequena. Ele apoiou a mão sobre a cabeça dela.

– Pai, perdoa o meu irmão Tchinguri.

Kondi não respondeu. Acariciou a cabeça da filha. Ela repetiu a súplica.

– Ele é que devia pedir.

– É orgulhoso. Sabes bem, pai.

– Faltou ao respeito ao soba dos Tubungo, em pleno julgamento. Um futuro soba não pode faltar ao respeito ao soba atual. Como depois se faz respeitar, se deu aos outros o mau exemplo?

– Conheço-o melhor que ninguém. E juro, pai, ele vai mudar.

– Sim, tu conheces Tchinguri melhor que ninguém. Conheces com o coração. E teu coração é grande, Lueji.

– Se ele for soba, a responsabilidade obriga-o a pensar antes. E a moderar o seu orgulho.

– É essa a minha esperança.

Assim falou Kondi e Lueji entendeu, o pai não tinha ainda decidido deserdar Tchinguri. Se foi deitar, tranquila, a crise ia ser ultrapassada. Conselho de Kandala, o que sabe tudo, o depositário do saber do povo lunda?

Lembrou, de certeza pela evocação do nome de Kandala, a cena de uma mulher do povo ser tomada por um espírito e se arrojava no chão e se

encolhia, se revolvia no pó vermelho e depois começou falar palavras à toa que ninguém entendia, as pessoas se aproximando para ouvir a voz do espírito que nela cavalgava, mas não dava para entender, pois só disse uma frase construída, incompreensível aos ouvidos de Lueji mas que enfureceu um nobre presente, muata Kalucinga de seu nome, bêbado inveterado, o qual, tomado pelo vinho de palma, bateu na pobre mulher inconsciente, talvez que ela o acusou de não tratar bem os espíritos dos antepassados, e a mulher gritava e esperneava no seu delírio e o muata batia, batia, sem ninguém que lhe travasse e ela, Lueji, não pôde mais, era uma garota mas se agarrou ao braço do muata e obrigou-o a parar, apesar dos safanões e dos gritos e dos insultos, quem era a mulher que ousava levantar a mão para um Tubungo, nem mesmo sendo filha do soba, era ofensa que se lava com sangue, até que outros vieram apartar e Kalucinga exigiu reparação da ofensa, o que só Kondi podia decidir e decidiu pela filha, não por ser filha mas porque tinha sido justa e corajosa, heresia era violentar uma mulher cavalgada por um espírito e que se duvidavam perguntassem a Kandala, que tudo sabia, o que foi confirmado pelo adivinho, Lueji não só agira bem como conquistou o coração do povo simples, não dos muatas que sempre se podem defender mas dos outros, os que só têm a palavra quando um espírito os elege para serem cavalgados.

Estava pois Lueji deitada quando ouviu as vozes de Tchinguri e Chinyama se dirigindo para a casa de Kondi. Preocupou-a o tom das vozes, de quem passara o dia a beber ndoka. Não ouviu mais, mas ficou atenta, perscrutando o silêncio de Mussumba. Soube depois...

Os filhos encontraram Kondi ainda sentado no banco, os pés numa bacia de água morna e com uma cabacinha na mão.

– É marufo, pai?

– É água.

– Que pai é este que nem nos dá de beber? – disse Tchinguri. – Até marufo nos negas?

– Já disse é água. E agora vou dormir.

– Velho mentiroso – disse Tchinguri. – Bebes às escondidas dos teus filhos. Fazes tudo às escondidas dos teus filhos. Não tens coragem de fazer de frente?

– Rua da minha casa, seus bêbados. Rua!

O grito fez Tchinguri perder a cabeça, ainda a tinha antes? Avançou para

Kondi, lhe deu duas chapadas na cara.

– Isso, Tchinguri, dá mais nesse velho maluco – apoiou Chinyama.

Kondi caiu do banco e a cabeça rachou ao chocar contra uma trave. Os gritos de Musole e dos serviçais despertaram a vizinhança. Lueji saltou da esteira e foi, nua, ver o que passava. Já Tchinguri e Chinyama saíam da onganda aos berros, é para aprenderes a não mentir aos teus filhos, velho caquético. O soba jazia prostrado no chão, o sangue escorrendo da cabeça. Lueji foi a primeira a pegar nele, depois Musole. Estenderam-no na esteira e tentaram estancar o sangue. Mensageiros foram enviados à pressa buscar os melhores kimbandas. Os ngomas e chingufos não pararam mais o seu batuque, invocando os espíritos protetores da linhagem do soba. Toda a noite Kondi passou inconsciente, apesar de estar nos braços de Lueji que lhe aplicava emplastos de ervas para parar o sangue e apesar de todas as medicinas dos kimbandas. A cubata estava cheia do fumo das ervas e das penas de galinha, cheirava a sangue de homem e também das galinhas e capotas sacrificadas para o salvar. As invocações dos kimbandas se misturavam aos ruídos vindos de fora, do batuque interminável e das preces das mulheres.

Já o Sol estava alto quando Kondi abriu os olhos. Muito tempo ficou sem entender o que passara. Depois a inteligência foi aparecendo nos olhos desbotados, olhou a cara de Lueji inclinada sobre ele, sentiu o colo nu dela onde a cabeça apoiava, sorriu. Não foi preciso explicar, lembrava agora tudo. Se via. Ninguém falou e ele adormeceu.

Kondi acordou de novo à tarde e voltou a ver a cara da filha. Ouviu o rítmico monótono do batuque. Viu depois Kandala que mexia à sua frente o ngombo de adivinhações. Pegava numa mahamba, depois noutra, misturava e olhava, olhava para dentro do cesto e mexia e remexia os ossos carcomidos, os pedaços de madeira, as figurinhas de madeira e pano, os búzios de todas as formas apanhados nos rios, os restos de peles e pelos, o pedaço branco de caulino, a pempa, misturava tudo e olhava, olhava e meditava. Todos estavam suspensos das suas palavras. Mesmo os kimbandas tinham parado as suas fumigações para observar a figura veneranda do mais velho entre os velhos, chamado para ditar o destino do soba grande dos Tubungo. Kondi sabia, a sua vida estava ser jogada às sortes, mas não estremecia.

Kandala levantou os olhos para ele e ficou calado, o ar triste de muito

velho.

– Então, Kandala? – disse Kondi numa voz fraca.

O adivinho abanou a cabeça e suspirou.

– Deves preparar-te, filho de Yala Muako.

Musole saiu a correr aos gritos. No terreiro à frente se pôs a lamentar e a xinguilar, mataram o meu homem, mataram o chefe dos Tubungo. Veio também a primeira mulher de Kondi, mãe de Tchinguri, e a segunda, e a terceira, se puseram a xinguilar, que vai ser de nós, que vai ser do povo da Lunda, sem chefe a quem falam os espíritos, sem chefe para fazer vir a chuva e o bom tempo, sem chefe para chamar a caça e as sementes do massango e da massambala, aquele que dos espíritos ganha ventos propícios vai morrer, o pai das gentes vai morrer, que seremos nós, seus órfãos, crianças abandonadas em plena chana infestada de feras, que seremos nós, povo da Lunda?

Kandala saiu da cubata e gritou para as mulheres que já atraíam gente correndo de todas as partes:

– Calem-se, mulheres. Ele ainda não morreu.

O respeito era demais e as mulheres calaram. As pessoas estacaram, não entraram na onganda. Kandala voltou para dentro, dizendo deixem-nos sós.

Ninguém nunca soube o que falaram os dois sozinhos, mas dá para supor. Lueji aproveitou para ir pôr o pano, desde a véspera estava nua e nada tinha comido. A mãe dela, a segunda mulher de Kondi, levou-a para a sua cubata, mesmo atrás da do soba e lhe deu xima de massango e um pedaço de carne, come, estás com mau aspecto. Ela obedeceu, olhando a mãe. Também estava velha. Novas eram a terceira mulher, mas estéril, e Musole, que ainda não tinha concebido. Diziam as más línguas a esterilidade não era delas, apesar de se saber que um soba é sempre fértil até à hora da morte. Mas o povo lunda ainda obedecia pouco ao saber dos mais velhos que lhe queriam impor a tradição, achava um rei era apenas um muata quase como os outros que tinha o dom de fazer chover e aplacar as forças da natureza. Só. Também podia ser estéril na velhice. E as más línguas grassavam na Lunda, apesar dos ditos dos muatas e dos adivinhos. Kandala, sim, esse sabia tudo e disse o soba vai morrer.

Saíram as duas da cubata de Nayole e encontraram a primeira mulher sentada à frente da sua. Estava abatida pelo crime cometido pelos dois filhos. Nada disse e elas passaram, como se a mãe de Tchinguri não

existisse. Pelo crime dos filhos, perdia a primazia de Muari, a primeira mulher, talvez até fosse condenada por feitiçaria, quem sabe. A palavra estaria com os adivinhos.

Depois Kandala saiu. Se espreguiçou, falou para Lueji:

– Podes entrar, filha de Kondi.

O pai estava com pior aspecto. Lueji ajoelhou ao lado da esteira, compôs a pele de onça que o tapava. O velho sorriu para ela.

– Ainda me pedes para perdoar os teus irmãos?

Ela baixou a cabeça e soluçou.

– Um chefe não pode ouvir o seu coração, sobretudo se é um coração grande. Tchinguri não presta. E Chinyama não é melhor.

– São teus filhos, pai.

– São. E vê o que fizeram ao pai. Talvez a culpa seja minha, defeito meu, não soube fazer filhos bons. Só uma filha.

– Que vais fazer a eles?

– O castigo está decidido. Nenhum será chefe dos Tubungo. Mas não quero que sofram outro castigo. São filhos de chefe e devem ser respeitados.

Lueji agarrou na mão dele, sussurrou:

– És o homem mais justo que conheci, pai.

Ficaram longos momentos em silêncio, escutando o som dos ngomas que invocavam os espíritos, pedindo a cura de Kondi.

– Mas Kandala também se pode enganar, pai.

– Não. Sinto, esta noite tudo termina.

– Terá de ser assim?

– Assim está escrito no ngombo de Kandala... Lueji, tomei uma decisão. O lukano não pode passar para fora da minha família, essa é a tradição dos Tubungo. Nós descendemos diretamente de Tchyanza Ngombe, a mãe Nhaweji, a grande serpente que criou o Mundo, assim como o fogo e a água. Nenhuma outra linhagem descende diretamente dela, tu sabes. Mas os teus irmãos não merecem o lukano. Como fazer? Só há uma solução. Entrego-te o lukano.

– A mim, pai? Não, não quero.

– Tem de ser. Assim ele não sai da linhagem paterna. E entregarás o lukano ao teu filho que se mostrar capaz de ser o chefe dos Tubungo. É a minha vontade e a dos antepassados também.

– Mas, pai... Eu sou uma rapariga, não sei comandar, nem tenho força

para isso. Pedes demais, filho de Yala Muako.

O velho lhe passou a mão pela cabeça. Suspirou.

– Já não temos muito tempo. É a vontade dos antepassados e vais obedecer. Sempre obedeceste ao teu pai. Encontrarás a força em ti própria e na tradição dos Tubungo. Eles te ajudarão. Confia em Kandala e no muata Kakele. Em mais ninguém, entendes? Em mais ninguém. Se o lukano sai da nossa família, os Tubungo se matam uns aos outros pelo poder. E os estrangeiros do Norte dominam a Lunda. Se necessário, procura alianças fora da Lunda. Mas não tenhas pressa em casar e em fazer alianças. E nunca mostres que hesitas. Quando não souberes o que fazer, ganha tempo até saberes. É esse o segredo. O chefe tem de parecer saber sempre mais que os outros.

– Não sou capaz, pai. Não sei, não quero, não gosto.

– Gostarás quando sentires nos outros o medo por ti. É um vício que se apanha rápido.

Lueji chorava, esmagada pelo que dela pretendiam. Gostava era de correr pelas chanas atrás dos animais, se banhar no rio, subir às árvores à procura do mel, ouvir as piadas dos rapazes e provocá-los, ir sonhar para o lago ao anoitecer. Tudo isso ia terminar. Não, o lago ficava. Só o lago.

Kondi voltou a falar e as palavras eram cada vez mais débeis, estava muito cansado pelo esforço.

– Escolhe bem o teu marido, ele vai reinar. Mas o lukano passará para o teu filho, isso é o importante. Tem de ficar decidido no ato do casamento, pela jura mais sagrada. O futuro dos Tubungo depende desse juramento.

Podia recusar? Podia objetar contra aquela voz querida que se apagava? Apressar a morte pela discussão?

– Farei o que mandas, pai. Mas os outros?

– Eles aceitam, não há outra solução. Vai convocar o grande Conselho dos Tubungo. E chama Kandala também. Ele nunca quis, mas hoje ocupará o seu lugar no Conselho. Vai, não há tempo a perder.

Lueji saiu da casa e a luz do Sol lhe feriu os olhos. Chamou os mensageiros, mandou convocar o Conselho dos Tubungo. Logo os mundos encheram os ares, tocando a convocatória. E foi ela própria a correr à procura de Kandala. O velho adivinho não devia ter ido para o seu retiro, que era muito longe da capital. Melhor que ninguém ele sabia o chefe estava na agonia. Não se ia afastar e ter de voltar para o óbito. Devia estar na

cubata da filha em Mussumba. Efetivamente, Kandala já aí tinha chegado. Lueji se arrojou aos pés dele, em sinal de máximo respeito.

– Kondi chama-te para o grande Conselho, pai.

Kandala tentou erguê-la. Ela resistiu e ficou prostrada no chão, à entrada da casa.

– Pai, não sou capaz do que Kondi me ordena.

Kandala puxou-a mais vigorosamente e ela obedeceu.

– A partir deste momento não tens o direito de ficar aos pés de ninguém. São os outros que o devem fazer à tua frente.

– Sei, pai. Mas...

A barba branca de Kandala se agitou de impaciência. Falou com voz severa, parecia voz que vinha das sepulturas dos antepassados, dos próprios Namutu, a mãe do homem, e Samutu, o pai do homem.

– Vais ser capaz, porque o bem da Lunda o exige. Também eu jurei nunca pôr os pés num Conselho, apesar de ter esse direito. Para ser um adivinho respeitado, devo estar afastado das decisões. Mas hoje vou, porque assim exige o bem da Lunda. Compreendes?

– Sim, pai. Mas comigo passarás a assistir ao Conselho, peço-te, mais-velho.

– Não, filha. Só hoje. Depois retiro-me. Mas podes chamar-me ou visitar quando quiseres. Teu pai não tem tempo, pediu para te ensinar a chamar a chuva. E há muito mais coisas que te quero ensinar. Se confias em mim.

– Assim me ensinou Kondi.

– Vamos então. Há pouco tempo.

Lueji acompanhou o velho até a casa do pai. Mas disseram, Kondi foi transportado numa liteira para o tchota do grande Conselho, na praça principal, é lá que vai reunir. Era ali perto e Kandala partiu. Outros muatas apareciam, eram informados do lugar da reunião. O Sol começava a declinar e o calor desaparecia. Lueji passou uma pele de cabra sobre os ombros, fugiu para o lago. Os seios jovens e rijos, que poucos rapazes tinham conseguido acariciar, saltitavam com a corrida entre o capim alto do caminho.

Ainda pôde observar o Sol vermelho, lançando fulgores violeta, alaranjar as águas do lago parado e morrer para além dele, muito longe, kuluanda, como dissera o velho do povo Pende que um dia encontrou no mato. Mais dissera o velho. Era da tribo dos Pende, que vivia muito para Ocidente,

perto dum grande rio chamado Cuango e tinha chegado mais longe ainda, à beira dum lago imenso, com ondas altas e brancas de espuma, donde se tirava o sal que por vezes chegava à Lunda, muito melhor sal que esse apanhado nas minas. Essa terra vermelha à beira do grande lago se chamava Luanda, onde o Sol morria todos os dias, deitado na água salgada. E Lueji sonhou com esse grande lago de espuma branca.

Não queria pensar no que decidia naquele momento o grande Conselho dos Tubungo. Queria pensar no grande lago que gostaria conhecer, queria pensar no homem que saíra uma vez da Lua, queria pensar em tudo menos no Conselho. Mas não podia. O coração estava agitado, perante o futuro que lhe reservavam. Era uma grande injustiça.

Só mais tarde soube os pormenores da reunião, o pai deitado na liteira, aos ombros de doze homens para ficar em plano superior aos demais, com voz fraca anunciando não quero castigo para os meus filhos mas o lukano só a Lueji pertencia, o burburinho no Conselho pelo inesperado da revelação, muata Nandonge berrando o lukano pertence a Tchinguri, seu amigo, o qual seria um grande soba, mas muata Kakele contrapôs, Tchinguri já provou que leva a Lunda à ruína, se é despótico agora mais será quando tiver o lukano, todos vamos tremer à noite sem saber o dia de amanhã, no que foi apoiado por muata Kakolo, Tchinguri não serve mas Lueji é uma mulher, nunca uma mulher tinha reinado no trono da Lunda, as mulheres eram importantes mas não até esse ponto, Lueji é minha filha, tem o meu sangue e ao meu sangue pertence o direito ao lukano, no que tinha razão Kondi como reconheceu muata Vungi, se metendo na discussão para sugerir o nome de Chinyama, seu amigo e confidente, o que fez aumentar ainda mais a balbúrdia, pois os Conselhos eram assim, o chefe era respeitado só relativamente e sobretudo agora que estava moribundo, se lia na cara dele o avanço da agonia e só mesmo a força do lukano no braço impedia o tumulto de crescer, podiam os espíritos castigar com alguma seca ou epidemia se se agredissem no Conselho faltando ao respeito ao chefe, até que muata Moxico propôs, apesar de não ser direto sucessor mas colateral, Ndumba ua Tembo se tinha revelado com grandes qualidades e merecia o lukano, proposta logo apoiada por uns tantos que aqueceram a esperança no coração de Ndumba, único dos propostos ali presente, por direito próprio, já Tubungo ainda tão jovem por ser grande guerreiro e caçador, mas Ndumba tinha um ar modesto e não falava, os olhos no chão, fazendo contas, até

porque seria prejudicial mostrar demasiado interesse pelo poder e os amigos se encarregavam de defender os seus direitos, enquanto Kondi se desesperava por sentir as forças desvanecerem, não ia durar muito mais e se a sucessão não ficasse decidida antes da morte, os pretendentes iam fazer a guerra uns aos outros, sobretudo Tchinguri e Ndumba ua Tembo, dividindo a Lunda para sempre em chefias isoladas e fracas, xima pronto para o apetite dos reinos do Norte, por isso tinha de intervir, ameaçar, prometer seca e epidemias e pragas de gafanhotos, mas a voz saía fraca e não dominava o barulho do Conselho, até que Kandala se levantou e só isso acalmou os Tubungo, nunca tinham ouvido Kandala no Conselho, era a surpresa que paralisa e Kandala nem precisou fazer soar a voz de além-tumba para impor silêncio, se ouviram logo as moscas rodopiando sobre as cabeças dos muatas, que lhe desculpassem os outros Tubungo mas estava admirado da sua falta de visão, como podiam propor Tchinguri e Chinyama, quem mata o pai mata todo o povo, e como podiam propor Ndumba ua Tembo, sem dúvida um jovem com qualidades de chefia mas sem a principal, a de ser descendente direto de Tchyanza Ngombe, a grande serpente que nos criou e a tudo que existe, se queriam heresia ele abandonava já a sala e deixava de se preocupar com o destino do povo dos Tubungo, pois os seus chefes não o mereciam, ao que os muatas baixaram as cabeças, temerosos e envergonhados, pois o grande Kandala só falava uma vez e era a última, Lueji será a nossa soberana e escolherá o marido que a ajudará a governar, até o neto de Kondi ter razão suficiente para tomar o lukano, assim está escrito no meu ngombo, único ngombo da Lunda que pode adivinhar o futuro, pois os outros só adivinham o que passou e as suas causas, mas quem quiser desafiar a escrita do ngombo que o faça mas não se queixe depois se a sua família desaparecer numa noite, pois nada posso fazer contra os malefícios em que incorrem os descrentes e já muata Kakele apoiava, soluçando, ele tem razão, Lueji é a única possibilidade, e também muata Kakolo, nunca uma mulher reinou sozinha mas nada está escrito contra e se todos ajudarmos salvamos a Lunda das guerras intestinas que já se adivinham aqui pelas mãos apertando os punhos dos mucualis, sangue humano correrá mas que corra só o necessário para entronizar o novo chefe e muata Moxico olha de lado para o cabisbaixo Ndumba ua Tembo e concorda timidamente com Kandala, segredando para o amigo casas com ela e temos o poder, o que veio de novo aquecer o coração de Ndumba, era

mel em xima de massango de véspera, o qual se levantou e disse em voz jovem e forte, só Kandala e Kondi têm razão e eu prometo, juro pelos meus antepassados, defenderei e apoiarei Lueji em tudo, fala que fez suspirar de alívio os seus apoiantes, adivinhando com olhinhos risonhos a grande aliança contra os partidários dos parricidas, futura aliança que estes logo perceberam mas só muata Nandonge teve coragem de refilar, coragem vinda da lealdade devida a quem lhe salvou a honra e a vida, mas era já a voz isolada e o soba pôde ainda murmurar, chamem a filha de Kondi, a descendente direta de mamã Nhaweji, de Namutu e Samutu, os primeiros homens, de Muako e Kaweji, e de todos os outros grandes chefes lundas até mim, seu pai, para lhe passar o lukano e salvar a Lunda, no entanto o Conselho teve de esperar que os mensageiros percorressem Mussumba inteira, esquadrinhassem ruas e casas, uma a uma, gritos e mais gritos, não se encontrava a sucessora, até que uma criança lembrou ela gosta ir no lago ao entardecer e para lá correram e a trouxeram quase à força por causa da pressa, Kondi já agonizante, os tremores dele faziam tremer a liteira, a baba escorria pela boca do chefe quando ela entrou no tchota do Conselho, temerosa e cinzenta, do medo e do pó do caminho, mas teve força de chegar arquejante junto do pai, o qual ganhou energia não se sabe bem onde, tirou a pulseira sagrada feita de tendões humanos enrolados, a enfiou tremendo, com vontade para além da morte física, no antebraço da filha, perante o silêncio ajoelhado de todos os membros do Conselho, levantou o braço de Lueji para mostrar aos presentes como o lukano se ajustava perfeitamente, murmurou entre a baba és a senhora das terras, Lueji-a-Kondi, e morreu.

Foi assim.

AGORA SOU EU QUE FALO, EU, KONDI,

chefe dos Tubungo e rei da Lunda, no momento em que o meu espírito do corpo se liberta e voa, ligeiro, para cima da mulemba mais alta de Mussumba, onde vai ficar para sempre.

Toda a vida tive medo deste instante e afinal nada senti, só uma sensação de leveza, uma estranha paz interior, um até que enfim estou livre, fiquem vocês no pó da terra com vossas lutas mesquinhas feitas de invejas e ambições, cumpri o meu destino para o bem da Lunda e apesar de ter enterrado viva a minha filha, a ter arrancado aos seus sonhos

despreocupados para a colocar no centro dos redemoinhos de vento, não sinto remorsos, apenas tranquilidade. Ela vai fazer o necessário, vai alimentar o meu espírito com as melhores iguarias da Lunda, vai respeitar o meu nome e cultivar o meu prestígio, não vou ser esquecido pelas gerações que se colocam já na bicha do futuro. Kondi será sempre recordado como um homem justo que salvou a Lunda, ao evitar que os filhos varões tomassem o poder para com ele brincar e o destruir.

Que dor tão grande deserdar Tchinguri, o mais valente, o mais inteligente de todos os lundas. Mas também o mais descrente, o mais ímpio, o destruidor das crenças seculares que podem manter vivo o meu espírito e a recordação do meu nome. Por isso era necessário eliminá-lo. Que seria dos homens se adivinhassem tudo pode ser contado de mil maneiras diferentes e sempre verdadeiras? Que seria da Lunda se os homens acreditassem em Tchinguri? Nada do que foi voltaria a ser e quem nos garante que seria melhor? Lueji não, ela vai conservar as belas tradições dos Tubungo, será a voz e a vontade deles, não vai inventar caminhos novos só por estar cansada da rotina de ir sempre buscar água ao rio pelo mesmo trilho. Assim os espíritos dos antepassados a iluminem. Tem Kandala para com eles falar.

Lueji vai invocar o meu espírito, comigo vai tentar falar? Duvido agora que lhe responda. Me sinto tão bem aqui no alto da mulemba, as folhas a roçar umas nas outras pela brisa que vem do Ocidente fazem um sussurro tão agradável e tão calmo, que o meu espírito preguiçoso não vai responder aos seus apelos, vai apenas querer sonhar numa sonolência de quietude, observar sorrindo o que passa no Mundo, finalmente sábio ao infinito, desprezando os míseros sentimentos humanos de dor e desejo.

Lueji, não me chames, pois não responderei.

Agora sei, os espíritos não podem responder aos humanos, pois são demasiado felizes no alto das árvores para se preocuparem com o que foi e o que é e o que será. Se lixem vocês todos aí embaixo, eu já sou o infinito, o zero absoluto.

Quatro séculos depois (amanhã)...

Ao ver Lu sair naquela manhã do Centro de Documentação Histórica, onde eu ia entrar, não podia imaginar a força daquele encontro. Não está na cara das pessoas o que elas estão ouvir. Sons inconsistentes, fragmentados,

tocavam nos ouvidos de Lu. Sons de marimbas. Como podia eu saber? Só mais tarde, quando ela tudo contou. Mas havia algo estranho no olhar ausente dela, passando por mim sem me ver. Aí começou tudo. Num olhar vazio, porque todo para dentro. Com a ajuda dela, iria reconstituir o seu percurso solitário. Percurso ao mais profundo de si própria, ao grito último da gaivota.

Na altura dei meia volta, a observar o seu passo gracioso de bailarina. As pessoas viravam a cabeça para apreciar o jogo subtil das ancas e o lançamento das pernas longas descendo para a Baixa de Luanda. Irresistível. Fui atrás. Pensei chamá-la, acompanhar ao lado. Mas ela não ia ouvir o apelo, abafado pelo barulho dos carros e os gritos dos vendedores ambulantes. Andei só. Perdendo terreno. A ciática não deixava descer depressa e ela foi afastando, afastando. Via o cabelo de carapinha larga lá à frente, já com muita gente entre nós. Depois perdi-a de vista. E me perguntei, por que a persigo? Realmente só havia uma razão, aquele olhar ausente. Afinal o pensamento dela estava na Lunda antiga. Nunca fui bom adivinho, embora o senso comum atribua esse dom aos escritores. E sou eu realmente escritor? Há vinte anos me pergunto, apesar de nisso crer há mais de quarenta, quando imaginei o primeiro conto. Angústias de quem se procura toda a vida, enchendo páginas para resolver o enigma. Mas as minhas angústias desinteressam, não são elas que vou tratar, pois Lu já as tem demais, e o Mundo então...

Faltavam poucos meses para a mudança do século. Os velhos mitos renasciam com a aproximação do ano 2000. Medos. Esperanças. Arritmias. Fim do Mundo, Julgamento Final? Bem procurávamos nos afastar desses temores, pensando isso são mitos da Europa, lendas criadas a partir dos semitas e do Novo Testamento, que temos nós, bantos, a ver com isso, os nossos mitos são outros, de nascimento e formação, não de mortes e catástrofes escritas em livros antigos. Mas o Mundo deixara de ser o somatório de mundos fechados, era um só, cada vez mais mestiço. E os mujimbos assustados percorriam os becos dos muceques, as crianças paravam o jogo de bola nos areais vermelhos para pôr perguntas, será mesmo a Lua vai chocar com a Terra? Angústias do tempo presente.

Lu as tinha de outra ordem. Raramente pensava no próximo ano 2000. Ouvia música indefinível de marimbas, procurava algo desconhecido em livros sobre a Lunda, só porque a avó viera de lá para Benguela e encheu a

infância dela de lendas e histórias de feitiços, cuidado menina, teu pai não acredita porque é branco, mas eu vi muita coisa, vivi muito, sabedoria antiga, não despreza só. E Lu agora ia a caminho do Grupo de Dança Kukina, nome redundante mas que ficava disfarçado pela diferença de línguas. Ia chegar atrasada ao ensaio, o que começava a se tornar rotina. Nunca antes tinha acontecido, era modelo de pontualidade no grupo. Mas ultimamente, talvez pela ânsia de devorar os livros do Centro de Documentação, talvez pela procura cega que efetuava, talvez porque as marimbas tocavam e ela não as entendia, perdia a noção do tempo e chegava depois do aquecimento. Talvez não lhe agradava o que dançavam. Também era isso.

Então eu não sabia, foi só depois. Mas quando a perdi de vista, ela virou na Rua Rainha Jinga e foi a caminho da sede do Kukina, agradada quase inconscientemente pelo olhar lambezudo que os homens lhe colavam nas costas, na bunda, nas pernas. O seu corpo, modulado por anos de exercício, cumpria também uma função social, já lho tinha dito Michel, o engenheiro de petróleo que lhe falava de Maio de 68, glória e nostalgia duma geração, no distante Bairro Latino de Paris. Função social, não só exercida nos palcos, mas também nas ruas e na cama. Libidinoso, esse francês quarentão. Lhe refinou o amor, ensinou-lhe os prazeres afrodisíacos do champanhe e ostras, luxos permitidos pelos muitos francos ganhos no Gabão, a chupar o petróleo equatorial. Agora Michel estava em Luanda, disse vim atrás de ti, mas a chama se tinha apagado, eram só amigos, por vezes confidentes, nunca amantes.

Os sons de marimba não saíam do cérebro, frescos e gotejantes como água da serra da Chela. Seria a música de fundo do casamento de Lueji? Porque os chingufos e mondos o anunciaram a todos os recantos do reino, mas só as marimbas o celebraram. Talvez.

— Estás mais uma vez atrasada, Lu — disparou logo a professora, quando entrou na sede do Grupo, antigo palácio duma escravocrata enriquecida com o tráfico para o Brasil, no século passado.

Os colegas estavam já nas barras, aquecendo. Lu fez um dúbio sorriso para a professora, entrou na sala que servia de camarim. Na passagem notou Uli, brilhante de suor, reforçando os músculos dos braços com os pesos. Para a poder levantar, aparentando apenas prazer, nenhum esforço.

Depois de trocar a roupa, Lu se pôs ao lado dele. Uli apenas lhe sorriu, se

concentrou de novo nos pesos. Ele estará sempre comigo, pensou, começando os exercícios de aquecimento. Sempre? Tinha de ser. Como enfrentar o mundo se não tivesse aquele ombro forte onde amparar suas dúvidas? Apesar do calor dos exercícios, sentiu uma ponta de frio ao imaginar também Uli me pode abandonar. Não por querer, isso estava fora de questão, mas pelas obrigações da vida. Conheceu-o quando entrou na escola de dança, tinha seis anos e era uma mulatinha fina e esguia, salimentando do ritmo e recusando o pão e a sopa. Uli tinha mais três anos e já era um iniciado nos saltos e nas piruetas. Tomou-a sob sua proteção, era delgado mas forte, de voz e maneiras suaves. Anos depois formaram um par constante na dança. Ela era leve e ousada, Uli a punha a voar pelo palco e estava sempre na outra ponta para a receber. Nunca falhavam, Lu se deixava voar, tendo confiança total na atenção e força de Uli para a segurar nos braços. Por isso entregava ao ar, descontraída como uma pena batida pelo vento do sul, maravilha. O segredo estava apenas na confiança em Uli. Sem ele, esses saltos arriscados eram impossíveis. Foi difícil os coreógrafos se convencerem disso e insistiam na troca de par. Os fracassos lhes ensinaram, também coreógrafo tem muito que aprender, ou só nós somos ignorantes? Com outro par, os dois faziam tudo regularmente, mas sem voos planados nem se fundirem num só. Uanga deles!

O coreógrafo chegou, cumprimentou todos num português estropiado: era checoslovaco, vindo especialmente por três meses para preparar um espetáculo. A professora deu por terminado o período de aquecimento e sentou numa cadeira, a observar. Servia de assistente, mas era tarefa difícil pois até hoje não tinha entendido o objetivo do coreógrafo. Nem os bailarinos, pensou Lu. Nem o escritor, Dinoluan, o celebrado, que concebera a novela *Cahama*, uma vintena de anos atrás. Se tratava duma estória baseada no ataque do exército sul-africano à guarnição angolana de Cahama, chave de defesa do Sul do País e que resistiu vitoriosamente a todas as investidas e bombardeamentos. A figura central da novela era o comandante da guarnição, um misto de pai extremoso dos combatentes e de linguagem rude do guerreiro, que combinava os filhos-da-puta-não-recuem com os meus-filhos-isto-está-no-papo-meus-queridos-cabrõezinhos. A namorada do comandante, que vive na aldeia ao lado da guarnição, fura as linhas inimigas para levar todas as noites a comida aos soldados sitiados. Até que é apanhada pelos sul-africães. Torturam-na, violam-na e por fim

crucificam-na como ao Cristo, deixando o corpo exposto. A ação se vira contra o feiticeiro. Em vez de desmoralizarem, os sitiados, com a coragem da raiva, fazem um contra-ataque repentino, recuperam o corpo, matam um exército de inimigos. O Estado-Maior da ofensiva decide então recuar. A imagem final da novela é o enterro da jovem, na chana devastada do Cunene, com o comandante misturando filhos-da-puta-de-racistas com meusacanjuel-de-asas-longas, descarregando rajadas de desespero no céu parado do Cunene.

O coreógrafo, com o auxílio dum tradutor, trucidou a novela na adaptação para o bailado. Alongou as cenas de amor e de tortura, imaginou danças de guerreiros cuanhamas no espaço estreito da guarnição, acrescentou uma cena final de revolta no exército invasor. De tal modo modificou a estória que nem mesmo o escritor, traduzido em vinte línguas e com um nome a preservar, podia descobrir no roteiro a sua própria criação. Isto confidenciou Dinoluan a Lu, antes de começarem os ensaios, naquele seu jeito irónico debaixo do farto bigode grisalho. Mas deixara, constrangido, se utilizasse o seu nome e estória, tudo em prol do bailado nacional. Sacrifício individual em nome do bem coletivo, desprendimento só mesmo de escritor, aproveitado pelos outros para nos lixar. Mas Lu não se sentia no papel da namorada do comandante, o seu estilo de gazela se desadaptava aos vigorosos saltos e batidas de pés das mulheres cuanhamas. Nem via Uli, tão refinado e suave, interpretar a rudeza do comandante. O coreógrafo ainda não explicara como traduzir para o bailado a linguagem do comandante, isso é um detalhe. Detalhe uma puíta, se lamentava Dinoluan, a novela é um exercício sobre a linguagem. O checo sorria, condescendente, a todas as críticas, tímidas, é preciso dizer, que os bailarinos faziam. A professora, essa, só abria a boca era de pasmo e receio. E a Diretora do Grupo nem aparecia nos ensaios.

Outro problema era a música. Contatados, os compositores angolanos desconsigliam pegar na ideia, a coreografia exigia uma sinfonia vigorosa, bélica, que não estava nos seus hábitos todos feitos de requebros e ritmos sensuais. Por isso ensaiavam a maior parte dos passos com o *Spartacus* de Katchaturian. Apenas um trecho estava definitivamente escolhido. Era a canção *Cunene* do Impactus 4, grupo infantil na época da agressão sul-africana. Falta um mês e a música?, dizia Lu para Uli. Ainda me estou a ver a bater os pés ao ritmo de Katchaturian. E os pés estão cada vez mais

inchados. Uli trazia gelo de casa para os tratar nas pausas. Era finalista de Medicina e queria estudar as lesões provocadas pela dança, juntaria assim a ciência à arte. Com este coreógrafo precisas é de estudar feitiço para nos salvar, gozava Lu.

Naquela mesma manhã em que para mim tudo começou ao ver Lu de olhar ausente, sucedeu o drama.

Ao fim duma hora de saltos e de batidas de pés, Lu já nada sentia. Sobretudo, não sentia a música. Era o mais grave, tudo se tornava mecânico, impessoal, ela não dançava, apenas o seu cazumbi. Ainda por cima, na cena de tortura, atirada no ar entre três bailarinos, que dela faziam uma boneca desarticulada, mais uma vez um deles falhou e Lu se despedaçou contra o chão de madeira. Uli sentiu no próprio corpo o ruído dos ossos a fraturarem, deu um grito, se precipitou sobre o corpo caído. Lu não se mexia.

– Ninguém toca – berrou Uli, ameaçador. – Ninguém toca.

O coreógrafo tinha aproximado, solícito, mas o rapaz lhe deu um safanão que o fez recuar três passos. Pegou em Lu com todo o cuidado e levou-a para o camarim. Aí ajoelhou, tocando de leve todo o corpo dela, as lágrimas teimosas se colando ao suor. Esse merdas matou-a, matou-a o cabrão do checo. As mãos dele percorriam docemente o corpo dela, à procura de lesões e, ao mesmo tempo, em carícia de a trazer à vida. E trouxe. Lu abriu os olhos, viu reclinada sobre ela a bela cara negra, sorriu. Não lembrava do que passara, mas não podia ser mau, pois Uli estava ali, tinha sentido primeiro as suas mãos, depois o hálito nervoso e por fim a imagem dele surgiu. Onde estavam? Não sabia. Ela estava deitada sobre qualquer coisa mole, certamente uma cama. E Uli se debruçava sobre ela e as mãos dele agora tinham parado de mexer mas estavam ainda nas coxas dela e o calor das mãos dele se transmitia ao sexo e ela voltou a fechar os olhos para durar a sensação cálida. Estavam a fazer amor, ela e Uli, tinham feito amor? A ideia insólita despertou-a de vez.

– Fizemos amor, Uli?

A fala atirou a cara dele para trás, num rictus horrorizado, e as mãos afastaram do corpo dela.

– Como podes pensar isso? Que te deu?

A reação de Uli lhe trouxe a realidade. Nunca o tinham feito, eram mais que irmãos, nunca o fariam, certamente. Naquele momento, Lu lamentou a ausência. Pela primeira vez na vida.

– Aqueles tipos te deixaram cair. Desmaiaste. Estava a ver se tinhas alguma coisa partida. Só isso.

Uli falava rispidamente, parecia a culpa era dela. Distante, tenso. Ela lhe segurou na mão que se manteve hirta.

– Desculpa pelo que disse. Não foi por mal.

As cabeças dos colegas surgiram na porta, como está ela? Isso desfez a tensão primeira que surgiu entre os dois.

– Parece bem – respondeu Uli. – Mas é preciso examinar com cuidado. Levanta-te, mas devagar.

Lu se levantou, apoiada a ele. Doíam as ancas e os ombros mas não devia ser nada de grave. Ele fê-la flexionar para a frente, para trás, para os lados. À altura da anca esquerda havia já um ligeiro inchaço. Uli entregou gelo.

– Tira o collant e fricciona com gelo. Tenho de falar com esse checo.

Saiu e fechou a porta. Antes do sucedido, seria normal ele próprio lhe tirar as meias e a tratar. Mil vezes o tinha feito. Porque fui perguntar aquilo, cretina? Ofendi-o, afastei-o. Vai demorar a esquecer. O gelo no sítio ferido fê-la arrepiar de dor, mas massajou durante um minuto, deve chegar. Vestiu os jeans, hoje não ensaiaria mais, o checo que se morda o rabo.

Quando deixou o camarim, notou tinha estado deitada sobre o pano de cena antigo que servia para as audições reservadas, antes de passarem à sala de espetáculos do Nacional. Ao voltar à sala de ensaios, soube não ia dançar nos próximos dias. A anca doía horivelmente. Os três torturadores rodearam-na, contritos, pedindo mil desculpas, deixem, meus, a culpa não é vossa.

Era isso mesmo que Uli explicava ao coreógrafo, o qual só abanava a cabeça, em jeito teimoso.

– Já disse isso mil vezes. Para a atirarem assim a dois metros do chão, tenho de estar eu do outro lado para a receber. Só eu. Quando a matar, vai entender. Mas aí mato-o eu também.

Uli parecia um leão furioso, tinha perdido o tom suave. Lu achou lhe fica bem a cólera. Mas o coreógrafo não sassustou com a ameaça, sorriu do alto da sua superioridade.

– Você comandante das Fapla, não estarr ali. Não poder também serr sul-africano. Não entenderr?

O checo era um obcecado pelo realismo. Saudades de cinquenta anos. Obrigava os bailarinos que representavam os soldados sul-africães a usar

máscaras de plástico pintadas de branco e fatos completos e luvas brancas, para esconder os inevitáveis tons negros e castanhos. Eles refileavam por causa do calor, mas isso não contava, os sul-africanos eram brancos e o realismo mandava que os espectadores assim o entendessem, a verdade devia ser evidente, nada de vanguardismos de atores negros representarem brancos e vice-versa, fazia confusão na cabeça do público. O público não é burro, contestavam os bailarinos, era um público razoavelmente culto, sabia perfeitamente separar o ator do personagem, nada disso, não estavam na Europa, apostrofava o coreógrafo.

– Por uma vez a sua parvoíce de usar máscaras e luvas brancas pode servir – disse Uli. – Assim mascarado de branco posso fazer os dois papéis e não vai confundir o público. É só mais trabalho, é tudo.

– Não, não – teimou o checo. – Cara não se verr, mas corpo igual. Uli olhou, impotente, para Lu. Ela encolheu os ombros, afagando a anca.

– O que eu sei é que nos próximos dias não vou poder ensaiar. Está a doer muito. E além disso não posso acertar o ritmo se na minha cabeça soam marimbas.

Ninguém a entendeu e Uli pensou a queda transtornou-a mesmo, precisa descansar.

– Vou levar a Lu a casa.

– Não. Você ensaiar – se desesperou o checo.

Saíram na mesma. Quem trava Uli, quando se trata de Lu?

No caminho, Uli apoiava o corpo dela sobre a sua força, para ele era uma brincadeira, passava duas horas por dia com Lu nos braços. É mais seguro fazeres uma radiografia a essa anca, pode haver fratura, que nada, há quinze anos que caía em todas as posições, já não tinha ossos, só bossas, com repouso tudo passava, preciso é de pensar em marimbas, mas não estás bem, deliras, deliro nada, é qualquer coisa aqui dentro da cabeça, ainda nem dá para falar, e foram assim caminhando até à Marginal para apanhar um maximbombo embora Uli preferisse fazer parar um táxi, era caro mas ele tinha bué de kumbú e por uma vez se justificava, tenho medo dos balanços do maximbombo sobre essa anca, táxi nunca, Uli, é contra os meus princípios, bem sabes, mas claro que ele sabia, Lu tinha muito tempo fazia greve contra os táxis e até tentara provocar uma campanha para fazer baixar os preços astronómicos, só que os transportes coletivos sempre faltavam e os milhares de taxistas, utilizando tudo o que era veículo para o negócio,

enriqueciam num instante apesar da concorrência e só Lu mantinha teimosamente os seus princípios, por isso muitas vezes se lixava, pensando os outros tão íntegros como ela mau grado as evidências e lá ficaram parados à espera do maximombo, o braço de Uli à volta da cintura dela que sencostava toda, pensando as pessoas devem achar um bonito par de namorados, assim abraçados em plena luz de Setembro, à sombra duma palmeira real com fundo de céu e mar, provavelmente dois estudantes que fugavam as aulas da universidade para irem fazer amor na praia, possas, outra vez, Lu, se recriminou ela, começa a ser ideia obsessiva, mas tão nova, tão fulgurantemente nova depois de quinze anos de irmandade que não a podia afastar, se incrustava no cérebro e sobretudo no sexo que humedecera com a pressão dos dedos de Uli nas suas coxas e agora esvaía cálidos espasmos secretos, só pelo calor da perna dele sobre a qual ela sapoiava, no entanto esse maximombo nunca mais vem, vou parar mesmo um táxi, não, Uli, deixa, espero todo o tempo, pois se sentia bem com ele colado, não queria era pensar na Marina, sua maior amiga que apresentou a Uli e de súbito senamoraram, ela até já teve de fazer aborto, mas a ideia veio na mesma, as ideias não se travam com as mãos nem vontades, e ela se desapoiou um pouco, intuitivamente, ao que Uli respondeu mudando a posição e ficaram agora mais formalmente encostados, até que passou o calor dela na chegada do maximombo.

A entronização de Lueji não teve o brilho da dos chefes anteriores. Ela mesma o quis e os Tubungo acharam bem, afinal era um soberano provisório. Mataram pouca gente para sacralizar o novo chefe, apesar de Lueji implorar ninguém seja morto, mas tradição é tradição e o sangue correu. Não houve grandes festas de rios de ndoka e ualua, montes e montes de carne para comer durante dias, noites seguidas de batuque e danças de roda animadas pelos bailarinos mascarados.

As grandes cerimónias foram dedicadas ao óbito de Kondi. Foi enterrado, acompanhado por quatro homens escolhidos pelos muatas para lhe fazerem companhia, o que Lueji também não pôde impedir. Os mondos e chingufos tocaram durante cinco dias para avisar da morte todos os súbditos que chegavam em grandes comitivas e acampavam à volta de Mussumba. As fogueiras à noite faziam um círculo de fogo em redor da capital. Os Tubungo e os familiares, pintados de branco pela pemba da purificação, presidiram todos os atos dedicados à memória do grande chefe e para que o seu espírito descansasse em paz e não viesse perturbar depois os vivos. Os choros do povo subiam para o céu sem nuvens da Lunda.

Depois do óbito, as comitivas ficaram para a entronização. Foi uma cerimónia simples, no grande tchota do Conselho e o povo à volta na praça. Lueji foi purificada pela pemba, recebeu o fogo sagrado que colocou à entrada da sala. Todos os fogos foram então apagados em Mussumba, só ficou o que ela acendeu. Todos teriam de o ir aí buscar com archotes, para acenderem os das suas casas. Lhe colocaram sobre os ombros o manto real de cor púrpura, vindo gerações atrás do lago salgado de Oriente, lhe entregaram o cetro talhado em pau preto que ela segurou, pensando preferir uma rosa de porcelana. Sobre a cabeça lhe colocaram as miluínas do poder, ao pescoço o colar tchimba com a grande concha trazida também do Leste. Lhe entregaram depois o machadinho de duplo gume, símbolo de chefia, e o mupungo, espanta-moscas com sortilégios mágicos. Finalmente ela ergueu

o braço acima da cabeça para todos verem o lukano sagrado que o pai lhe colocara no pulso. Todos bateram palmas e assim reconheceram nela a rainha. Os irmãos não foram à cerimónia, mas na primeira fila estava Ndumba ua Tembo que sorria para ela, apesar da tradição que mandava todos os presentes manter a cabeça baixa, em sinal de respeito. Lueji se apercebeu da atitude de Ndumba, interpretou-a como um apoio naquele momento difícil e retribuiu o sorriso. Ninguém mais viu, mas o sangue pulsou mais forte nas veias do guerreiro.

Depois a rainha saiu da sala e o povo aclamou-a na praça. Os seios nus de Lueji pareciam mais firmes, atirados provocantemente para a frente, se destacando do colar. O povo, antes duvidoso da força do novo chefe, viu neles um desafio que o tranquilizou. E os gritos e assobios e palmas não paravam. Recebeu, ali mesmo, os presentes que as comitivas trouxeram de todas as partes do reino, agradecendo com uma ligeira vénia. Subiu para a liteira, transportada por doze guerreiros armados de porrinhos de guerra, escoltada por mais vinte ornados de plumas brancas. E avançou, por entre o povo em delírio. Foi render homenagem ao túmulo do seu pai e lá colocou duas figuras toscas de madeira, as mahamba, representando os ascendentes de Kondi. E regressou à casa grande que mandara construir durante os dias de óbito. Era a casa maior de Mussumba, feita de paus entrançados e barro vermelho, com uma varanda e esteiras a toda a volta. Uma paliçada rodeava a habitação e a nova casa da mãe dela e a cozinha e as casas dos serviçais, tudo à sombra de grandes árvores. O chão, de tão regado e batido, estava liso como uma cara de menino. Por tradição, novo chefe escolhia o sítio duma nova Mussumba. Mas Lueji apenas mandou fazer nova onganda para ela, deixando a capital no local escolhido pelo pai. Afinal, era só uma rainha provisória.

Entrou na nova casa, agradada pela frescura que dela se desprendia, despiu os paramentos de cerimónia, ajudada pela mãe, e se lavou. Ficou com o lukano no braço. Apenas o devia tirar quando estivesse com a menstruação, o sangue menstrual conspurcava o lukano e lhe tirava a força mágica. Assim lhe ensinou Kandala e também que nesses dias não se devia mostrar ao povo, nem presidir cerimónias, pois estaria sem força mágica. Pensou, sentada na cadeira esculpida, tinha de inventar estratégias nesses períodos se houvesse alguma maka e a sua intervenção fosse necessária. Os homens não têm destes problemas, podem usar todos os dias o lukano. E, o

poder está concebido para os homens. Terei de ser mais esperta que eles.

Bateram palmas lá fora e a mãe foi ver quem era.

– Está ali o teu irmão Chinyama. Quer ser recebido.

Não tinha mais visto os irmãos, desde a morte do pai. Se escondiam para não dar nas vistas, com medo de castigo. Apesar de terem sabido da posição de Kondi, não confiavam nada nos inimigos. Algum podia fazer feitiço para pagar o parricídio. Chinyama se prostrou aos pés dela.

– Venho cumprimentar-te, irmã.

– Levanta-te, Chinyama. Queres beber?

O irmão sorriu, aliviado. Esperava gritos e recriminações, nunca uma recepção tão afável. Lueji nem esperou pela resposta, conhecia bem demais Chinyama. Bateu as palmas e logo um serviçal meteu a cabeça na sala, traz bebida.

– O povo já começou a festejar. Bebem e dançam, logo mais aparece comida e carne. O povo está contente por te ter, Lueji.

– Ainda bem.

– Sinceramente, espero um bom reinado. Vais te safar.

– É tudo tão complicado!

– Tenho mais uma coisa, além de te cumprimentar. O Tchinguri pediu-me para te falar. Ele está muito arrependido.

Afinal trazia um recado do irmão mais velho. Pobre Chinyama, hás-de andar sempre atrás do outro, nunca mais te libertas.

– Ele pede para o receberes.

Lueji guardou silêncio. Não sabia o que responder e o pai tinha dito, um chefe deve parecer que tem sempre uma resposta. Tchinguri cometeu um grande crime, mas já recebeu o castigo, perdeu o trono e o pai está vingado. E é meu irmão, apesar de tudo. Os Tubungo vão ficar chocados se ele me visitar? Certamente. Mas na minha família decido eu.

– Apesar do que ele fez, será bem recebido. É o filho mais velho de Kondi e a sentença já foi proferida pelo Conselho. Nada tenho contra o meu irmão.

Entrou a cabaça de vinho de palma e Chinyama encheu logo uma cabacinha. Estendeu-a para Lueji.

– Bebe comigo, irmã. Devemos festejar.

Ela aceitou, em gesto de amizade. Depois Chinyama se serviu. O ambiente ficou menos tenso. O irmão riu, limpando os lábios com as costas da mão.

– É a melhor coisa que há, o vinho assim bem fresquinho. Não sei como há gente que prefere outras coisas, como a caça ou a guerra. Vinho, um bom xima, uma mulher nova, isso sim, são as boas coisas do Mundo. E tem gente que se mata só para mandar nos outros! Tu e eu nunca quisemos, mana. E afinal agora és tu o chefe dos Tubungo. Não é engraçado?

– Bebe à tua vontade, eu não quero mais. Olha, Chinyama, eu nunca quis nem sequer pensei em mandar. Mas não acho engraçado. Preferia ser livre, agora sou uma escrava, pior que a esposa dum marido ciumento e cruel.

Chinyama apoiou com a cabeça. Bebeu mais um trago. Não engolia logo, deixava o marufo ficar na boca, para apreciar o gosto. Há os verdadeiros bebedores, os que gozam cada gota, e os bebedores-elefantes, que sorvem tudo duma vez sem desfrutarem, costumava ele dizer. Ficava o dia inteiro a beber, mas sempre gole a gole.

– Compreendo, maninha. Era isso que eu sentia se estivesse no teu lugar. Mas não me referi a esse aspecto. Acho engraçado, porque havia tanta gente interessada em suceder a Kondi e afinal és tu, que nunca o quiseste e em quem aliás ninguém pensou.

– Nesse aspecto pode ser engraçado para ti. Mas não para mim. Nem para Tchinguri, por exemplo.

– Claro. Nem para Ndumba ua Tembo, embora esse ainda tenha esperanças. Nem para o Kakolo, nem para o Moxico... Todos esses podiam suceder ao pai, se não existisses tu.

– O Kakolo e o Moxico? Estás a levantar mujimbos.

Chinyama encheu mais a cabacinha. Perfeitamente à vontade, esticou as pernas sobre as peles de ondjiri, falou com ar superior:

– Maninha, não sejas ingénua. Não só eles. Desde o momento em que nenhum dos filhos de Kondi fosse escolhido, qualquer Tubungo podia ser. Dependia da força. E sabes todo o muata pensa que tem força. Ia ser no jogo das alianças que se resolveria. Todos tinham esperanças. Exceto um Nandonge que só queria o Tchinguri como chefe ou um Kakele que nunca teve ambições sobre o poder total, prefere influenciar na sombra.

A afirmação sobre Kakele condizia com o conselho do pai, embora criando uma nota de suspeição. Confia em Kakele e Kandala, só neles, lhe dissera Kondi. Chinyama era inteligente, isso toda a gente sabia. O que dizia era certamente verdade. Poderia ser-lhe útil conversar muitas vezes com o irmão, aproveitar os conhecimentos e a falta de ambição dele.

– Disseste que Ndumba ainda tem esperanças. Como?

Chinyama deu uma gargalhada, batendo fortemente com a mão na perna. Bebeu mais.

– Sabes certamente, Lueji. Espera casar contigo. No Conselho, ouviram muata Moxico aconselhá-lo assim. Logo o Ndumba se levantou para dizer que te apoiava. Nada parvo. Votou por ti, foste eleita, depois casa contigo e fica com o poder. Esse rapaz vai longe. Mas já sabias isso.

Daí o sorriso de Ndumba ua Tembo na entronização, pensou com amargura Lueji. Pôs na conta da amizade de crianças, apesar do ódio de Ndumba para Tchinguri. Comigo sempre se deu bem. Afinal? Só a ambição o fez quebrar a tradição e sorrir para a soberana? Tinha de aprender muita coisa sobre os homens e o poder. Aprender, mas não mostrar que estava aprender.

– Sim, isso é claro. É inteligente, o Ndumba. Até pode acontecer. Afinal é um grande guerreiro e até bonito homem...

– Maninha, não faças isso.

– Por que?

– Casa com todos menos com esse. Tchinguri nunca aceitaria. Provocas uma guerra.

– Guerra que Tchinguri perde. É a minha força e a de Ndumba contra a dele.

Chinyama ficou calado, surpreso. Era a sua irmã Lueji que assim falava? Que frieza! Bebeu mais um trago para disfarçar a admiração. Que cínica estou a ficar, pensou Lueji. Por nada querer uma guerra, muito menos contra Tchinguri. Nem me passou na cabeça o casamento com Ndumba ua Tembo. Mas tenho a certeza, respondi como uma rainha, o respeito com que Chinyama me olha prova isso. E vai contar a Tchinguri, o que não é mau. Assim vai ter mais juízo.

Repentinamente, Chinyama ficou com pressa de partir. Se levantou. Lá vai ele a correr a contar a conversa a Tchinguri. Mas posso utilizá-lo assim, ouvindo o que ele diz e mandando recados ao Tchinguri. Esse não me perdoa ter subido ao trono, fará qualquer coisa, nunca aceitou perder. Por Chinyama estaria informada das ideias do irmão mais velho.

– Bem, tenho de ir festejar lá fora. Muito obrigado pelo marufo, maninha. Virei depois conversar com mais tempo.

– Só um momento, irmão. Diz-me, Tchinguri ainda usa as milúinas na

cabeça?

– Claro que sim – respondeu Chinyama, fazendo cara de espanto. – Sempre usou...

– Pois é, mas agora tem de as tirar. Só o rei ou o sucessor podem usá-las. Ele não é nem uma coisa nem outra. Aconselha-o a tirá-las, Chinyama. É melhor para todos.

– Mas...

– Eu tenho de fazer cumprir a tradição. Se ele não o fizer por si próprio, receberá uma ordem, o que é muito mais humilhante. E não quero dar uma ordem que humilhe o meu irmão. Peço-te, dá-lhe esse conselho como uma ideia só tua.

Chinyama ainda estava surpreso. Mas baixou a cabeça, concordando. Disse baixinho, perturbado:

– Tens razão. Como te pudeste lembrar disso? Vou lhe dar o conselho. Mas ele não vai seguir o conselho, sabes como ele é.

– Tenta convencê-lo, ele acaba por te ouvir.

Ele ia se retirar, sorrindo, confuso.

– Chinyama! Não esqueceste nada?

O irmão se virou para ela, já quase na porta.

– Esqueci?

– A vénia devida ao chefe dos Tubungo.

Perturbado, atrapalhado, Chinyama se inclinou, batendo as palmas rituais. Esta minha irmã mudou muito, uma miúda dessas, vejam só como já assume o poder!

– Vai agora, irmão. E volta sempre que quiseres.

Lueji se sentiu tremendamente só. Chinyama fazia o que Tchinguri queria, não dava para confiar. E Tchinguri devia estar a pensar nalguma desforra. Podia aceitar que a miúda reinasse no lugar dele sem reagir? E Ndumba ua Tembo, antes um amigo, agora apenas um pretendente ambicioso? Era no fundo o que mais lhe doía. Não podia ser invenção do Chinyama. Havia grande confiança entre Ndumba e Lueji, apesar da rivalidade dele com Tchinguri. Talvez até por causa disso. Lueji tinha prazer por vezes em desafiar a autoridade do irmão, embora fosse o seu ídolo. Até os heróis são desafiados. E Tchinguri parecia compreender estava ser provocado, pois nunca teve coragem de dizer qualquer coisa sobre a amizade dela com Ndumba ua Tembo. E afinal este se revelava também um

mero ambicioso? Não dava para confiar nos homens. Só em Kakele e Kandala, disse o pai. É mesmo isso. E na mãe dela. Não em Musole, porque falava demais. Não na mãe de Tchinguri, que a olhava despeitada por nenhum dos filhos ter ficado com o poder. Tinha de ter cuidado com a comida, se lembrou de repente. Podiam envenená-la, era arte muito cultivada na Lunda. Não a mando de Tchinguri, o irmão nunca chegaria a atentar contra ela, mas a mando dos parentes dele. A lembrança cansou-a ainda mais. Ouvia os ngomas a marcar o ritmo para as danças e lhe ocorreu ir lá para fora se misturar com o povo. Como se a festa não fosse em sua honra. Porque assim não tinha piada nenhuma, nem dava gozo dançar. Quando era uma rapariga como as outras, não perdia um minuto de dança. E quem perdia? Voluntariamente, ninguém. A dança está no sangue, no coração, nos tendões. Basta os tambores o ritmo marcarem, o corpo começa a se agitar, o sangue aquecendo por dentro, e os pés e as ancas têm de seguir. É tão assim que já ninguém repara nisso.

Estava só. Terrivelmente só. Ela e o seu lukano. Tinha de se habituar à solidão que havia de ser a sua vida, a partir de agora. Mas sentia revolta. Nunca mais podia correr pelas chanas nem subir nas árvores, provocando os rapazes que tentavam lhe acariciar os seios? Nem ir para as lavras com as mulheres do pai, usando o matemo para cultivar o massango e o feijão makunde? Nem fazer potes e panelas e moringues, no maior silêncio para o espírito da cerâmica não despertar e os partir? Nem mesmo ir ao rio ou ao lago? Isso não, tinha de ir. Mas com escolta, o que ia aumentar ainda mais a solidão. O poder é um vício, adquire-se usando-o, assim dissera Kondi. Não, ela nunca se viciaria. Trocava facilmente o lukano pela liberdade perdida. Hoje. Mais tarde também?

Mais tarde se veria. Agora é preciso deitar, descansar e esperar o médico, Timóteo, amigo comum. Assim falou Uli e Lu obedeceu, se deitando logo.

— Não é melhor dares uma massagem? Tenho aí linimento.

Ele sabia até o sítio onde estava o linimento. Misturado aos cosméticos, perucas, lápis de pintar, tintas, apetrechos duma bailarina. No armário branco da casa de banho. Como sabia o sítio do óleo de cozinha, da fuba e do pão. Algo nesse apartamento lhe era estranho? Ele o obteve, quando se desfez o lar de estudantes e Lu precisou de sítio onde morar, cinco anos atrás. Não foi fácil, mas o kumbú da mãe dele corria solto, era só abrir um garrafão dos muitos enterrados no quintal. Lu nem nunca soube, foi preciso

pagar gente da Habitação. Uli calou o segredo, pois ela nunca ia aceitar morar num sítio arranjado com corrupção, antes mesmo dormir num banco de jardim.

– Prefiro chamar o Timóteo, ele é médico e eu ainda não.

Noutras circunstâncias ela ia rir, pela infantilidade da desculpa. Mas não teve vontade, pois percebeu o frio que nele entrou, a distância provocada pela cena no camarim. Despiu os jeans, ficou com a cueca castanha clara, única cor usada para se confundir com a cor da pele, segredo de bailarina, Uli desviou o olhar.

– Está inchado e azul. Faz lá uma massagem. Por favor.

Contrafeito, Uli foi buscar o linimento. Tenho de me dominar, pensou ela. Mas, possas, também não vamos modificar os hábitos só porque descobri nele um homem. O rapaz fez a massagem, rígido e profissional, mudo. Está ofendido e eu agora reajo apenas como paciente, sem sentir a mão que me acaricia na coxa, é curioso. Disparate, esperavas outra coisa?

– De qualquer modo o Timóteo vai passar logo. E hoje não vais andar, é preciso deixar isso descansar.

– OK, doc!

Ele sorriu pela primeira vez. Descontraiu?

– Sonha com marimbas. Tens almoço?

– A Marina faz, deve estar a chegar. Não esperas por ela?

Não, tinha de ir para casa, era na Ilha, e à tarde tinha hospital, onde fazia o estágio final do curso. Saiu com um chau e Lu ficou deitada na cama, ainda de cuecas, com preguiça de enfiar as calças. Ele tinha razão, com a ridícula máscara branca e as luvas, podia muito bem interpretar a cena da tortura. E claro, os espectadores iam notar ser o mesmo bailarino, o corpo de Uli era inconfundível, mas isso só tinha importância na cabeça do checo. Nem sequer era original. No dia seguinte ia impor essa condição ou então arrajassem outra solista. Até já ganhara medo, retraía-se, o que dificultava o trabalho do Jaime. E Jaime era um bom bailarino. Mas para me agarrar naqueles saltos só mesmo o Uli, não vale a pena, quantas vezes já tentara com o Jaime? Com Uli era intuitivo, nem precisavam treinar antes. Num passo novo, ela sabia como rodar no ar para cair de determinada maneira, facilitando o trabalho dele que adivinhava como ela rodaria e se colocava logologo na posição certa. O mínimo tremor num músculo era automaticamente traduzido pelo parceiro e respondido de instinto. Eram

muitos anos de união carnal, pareciam siameses.

Lu notou isso sobretudo em Paris, quando, dois anos antes, foi lá fazer um estágio de seis meses. Tremendamente caro. Mas o Governo pagou tudo, apostou nela. Estágio de dança moderna numa grande escola. Investimento para o futuro. A maka foi que queriam pô-la a dançar o Gisela. Modernizado, mas sempre o Gisela. Seria a sua grande oportunidade, diziam, o lançamento na Europa. Ao coreógrafo agradava a ideia duma Gisela bem escura, talvez fosse novidade. Mas ela recusou, vim fazer estágio de moderno e não danço o Gisela, por muito computadorizado que seja. Uma pena, lastimava o coreógrafo, uma pena, ia ser uma sensação e a possibilidade de se tornar profissional. Seriam só mais três meses na Europa e o Governo ia aceitar, para ter uma bailarina nos principais palcos do Mundo qualquer sacrifício é pouco. Não, não e não, findos os seis meses volto mesmo para a terra, respirar o ar fétido dos contentores de lixo, torcer pés nos buracos das ruas, mas receber ao mesmo tempo as carícias do Sol e o sorriso das gentes, lá me inspiro. E no estágio sapercebeu, nenhum dos bailarinos a agarrava como o Uli, nenhum a adivinhava como ele, por melhores que fossem. Por isso se evidenciava mais nos solos que em danças de par, onde não ficava à vontade.

E o Uli nunca seria profissional, cúmulo da ironia do destino. Seria médico e só bailarino de horas vagas. Lu queria ser profissional, quase impossível de conseguir em Angola, não havia público que enchesse sempre as salas de espetáculo. Talvez só quando tivesse quarenta anos! Se falava numa lei que previa salários do Estado para os artistas de qualidade, permitindo o aperfeiçoamento que só o profissionalismo dá. Se falava. Mas se falava de tanta coisa, o mujimbo sempre foi entretenimento nacional. Mesmo que isso acontecesse, Uli nunca ia aceitar abandonar a ciência.

Por queres um mbambi, vais perder muitos songues, tinha dito o adivinho a Lueji. Também ela, Lu?

Levantou, pôs um disco de Vivaldi, sempre o mesmo, *As Quatro Estações*. Os violinos tomaram-na, parou no Verão, uns sons de marimba entravam na perfeição, por que o Vivaldi não conheceu a marimba? Ou por que não temos um Vivaldi para compor uma sinfonia de marimbas? O Hermenegildo podia, se não fosse maluco, sempre com a mania de escrever contos azarados que só ele apreciava, em vez de compor. Era injusta, esquecia o Mabiala, Afonso sim, podia compor. Satirou para a cama, pois as

dores na anca eram insuportáveis. E se o Uli tem razão e parti a bacia ou o fêmur ou lá o que é ? Devia ter ido logo fazer uma radiografia, ele adivinha o meu corpo. Não, não adivinha tudo. Ou adivinha e finge só? Merda, o problema agora é que está a doer e se parti alguma coisa, adeus espetáculo. Apesar de não lhe agradar o bailado e da sua raiva contra o checo, queria muito entrar no papel, gostava da novela. Não, não vou fazer chantagem, aceito os pares que me derem, mesmo à custa da minha integridade física. Que o Uli convença o checo, não mexo uma palha. E não era justo para ele: teria cinco segundos para terminar a cena de tortura, mudar de roupa e voltar ao palco, interpretando o solo desesperado do comandante à espera da namorada que não pode vir à hora combinada. Humanamente impossível. Impossível não, o coreógrafo havia de arranjar uma maneira. Era casmurro mas talentoso. Bastava pôr dois soldados a fazer uma ronda de um minuto, para dar tempo à mudança de roupa e depois entra o comandante no escuro da noite, luz apenas duma fogueira num terreiro vazio, perguntar às estrelas onde está a sua amada. Teria Lua de prata essa noite interminável do Cunene? Devia ser lindo, uma Lua de prata a iluminar a face angustiada de Uli a sofrer por ela... Uli, Uli, o que passa comigo?

É espantoso tudo o que se passa na cabeça das pessoas e nós não apercebemos. Ou esquecemos de notar. Como podia eu, só de ver o olhar vazio de Lu na rua, ter intuído o drama? Vi, senti qualquer coisa, segui atrás, perdi-a. Mais tarde ela ia contar. E, abismado, descubro que fui assistente involuntário do começo. E se o descobri, foi porque esse olhar provocou interesse e dela me aproximei. Rondei durante dias a sede do Grupo Kukina sem ousar entrar. Já a conhecia, mas não éramos amigos. Tinha de ser um reencontro casual. Se me perguntava, não podia explicar por que queria o encontro. Não era desejo físico, embora toda a gente saiba como ela é apetecível. Mas eu estava numa fase difícil, era a quarta mulher em pouco tempo que mabandonava, dizendo com escritor nunca mais, são todos uns cacimbados, se falo é porque falei quando não devia, se me calo é porque estás chateada comigo, estás pensar noutro, porra, escritor só visto em capa de livro. Mais uma vez fiquei com um vazio, apesar do hábito. E estava ficar velho para essas andanças. O interesse veio apenas de tentar decifrar aquele olhar. Talvez me desse uma ideia para um livro que em vão procurava fazer dois anos. Crise total, pessoal e de inspiração, mas anda uma sem a outra?

No entanto, o barulho na porta indicou a chegada de Marina e voltemos a Lu.

– Já acabou o ensaio?

Explicou a queda e a luxação, agora tens de fazer o almoço, estou inválida, talvez para sempre. Isso tinha de acontecer algum dia, Lu, és uma saltadora de altura frustrada, é o que dá, por que não treinam com rede de circo? Marina era uma pessimista, mas de bom humor. Atirou os livros para cima da cama, deixou a porta do quarto aberta e continuou a falar aos berros da cozinha, para poder ser ouvida sobre a música de Vivaldi.

Mas Lu deixou mesmo de a ouvir, a outra não simportava, repetiria tudo se fosse preciso, assim era Marina, cuja voz se integrava em solo na música e fazia Lu voltar atrás, ao tempo de estudante, quando a conheceu na Faculdade, as duas caloiras de Biologia. A amizade foi crescendo. Marina vinha de Malanje, mas era natural de mais a Leste, da terra dos Imbangala, como gostava dizer. O meu pai é descendente de Kinguri, o chefe-fundador dos Imbangala, que parece deram trabalho aos portugueses... A todos.

– Kinguri, o irmão de Lueji?

– Esse mesmo. Conheces a estória?

– Coincidência incrível! Tenho uma avó, ainda hoje vive em Benguela. Sempre me contou veio da Lunda e é descendente dos Muatiânvua, quer dizer da Lueji. Mas chama Tchinguri a Kinguri.

– Acabamos por ser irmãs? – se maravilhou Marina.

– Se as estórias forem verdadeiras... Quem pode saber? Seríamos primas em centésimo grau... Lueji e Tchinguri viveram há mais de quatrocentos anos. O Herculano diz que todos os lundas se consideram descendentes de Lueji. Da mesma maneira os Imbangala se consideram de Kinguri ou Tchinguri. Que são mitos de formação das etnias.

– Quem é esse Herculano?

– Um historiador meu amigo – disse Lu.

– Deve ser um chato, armado de espírito europeu. Somos mesmo irmãs, à boa maneira africana.

Riram as duas, se deram as mãos, passaram a se considerar irmãs, mesmo que Lu não acreditasse, mas Marina tinha razão, era mais bonito que fossem e o destino as tivesse reunido, o belo tinha de ser sempre mais forte que a verdade histórica, se alguma havia. Discutiam muito, brincando, sobre qualidades e defeitos de lundas e bangalas e isso levou Lu a aprofundar os

conhecimentos sobre os tempos antigos, para arranjar argumentos. Se foram apresentando os amigos comuns e o ano passou. Marina foi para Malanje, Lu para Benguela, nas férias. Curtas para Lu, tinha a dança que não consentia interrupções longas.

Se reencontraram no ano letivo seguinte, se beijaram, abraçaram, como vai a minha irmã mulata, como vai a minha irmã negra? E o meu tio Kinguri como está, e a tua avó Lueji ainda anda? Risos e abraços e os colegas aparvalhados, sem entender nada da cena. Um dia Marina falou:

– Há um assunto a esclarecer. Se conheces a estória, deves saber que Kinguri e Lueji se tornaram irmãos inimigos. Foi uma maka que dividiu a família.

– Claro que sei. E então? Voltamos a ser inimigas, sem nunca o termos sido?

O riso de Marina fez estremecer o candeeiro do quarto de Lu.

– Nada disso, minha parva. Mas o nosso reencontro significa uma reconciliação familiar. E não houve festa...

– Tens razão – disse Lu. – Vamos organizar uma festa para selar a nova aliança entre os Imbangala e os Lundas.

– Mas com uma condição. De convidares o teu amado, de quem tanto falas e que não me apresentas.

– O meu amado? Conheces todos.

– Não conheço o único. O Uli...

Era verdade. Evitava apresentá-lo? Ou apenas coincidência? Os dois sempre em casa dela e nunca se encontraram. Saía um e entrava o outro, cruzavam talvez na escada. Durante mais de um ano, era fantástico. Os dois conheciam a existência mútua, Lu falava sempre num ao outro, e não se conheciam. Foi de propósito? Hoje já nem sei. Mas houve uma intuição nesse momento.

– Mil vezes te disse, Marina, nunca houve nem haverá nada com o Uli. É outra coisa, é superior às coisas terrenas.

– Amor platónico e místico, é bonito!

– É claro que convido o Uli para a festa, nem poderia ser de outra maneira. Não imagino festa minha sem o Uli. E ele arranja a cerveja, nem que fosse só por isso.

E fizeram a festa e o Uli veio e Lu apresentou-os, esta é a Marina, e se olharam e se apertaram as mãos e não mais se largaram.

Incompreensivelmente, o coração de Lu sapertou. Uma gota de sangue fica sempre na ponta da flecha.

E veio o momento das opções. Marina era basquetebolista mas teve de abandonar o clube e por isso o basquete, porque o treinador a ameaçou de lhe deixar no banco se não fosse para a cama com ele, podia até ter proposto isso antes que ela aceitaria, é um borracho, te digo, mas agora já não dá, existe uma coisa no meio chamada Uli, e ela mandou o clube à merda porque acreditaram no treinador que negava tudo, precisavam mais dele do que dela, e teve de abandonar o apartamento do clube que partilhava com outras jogadoras de fora de Luanda e Lu disse vem cá para casa, a sala se transforma em teu quarto, até é melhor para mim. E Marina passou a viver com ela, se dedicou apenas ao curso. E a Uli. E depois chegou a vez de Lu optar também. Abandonou o curso de Biologia pelo estágio de dança moderna em Paris. Faltavam três anos para terminar o curso. Quando regressou, os amigos insistiam para voltar a estudar, só perdeste um ano afinal, mas não aceitou, ela abandonava na mesma se não fosse para Paris, estava farta de ver ao microscópio os bicharocos fazerem coreografias que ela conseguia copiar, os cromossomas se movimentarem sem articulações, sem ossos, se sentia frustrada por não ter todos os movimentos da Natureza, desistiu de descobrir os segredos da vida, dela só queria o movimento. Marina tomou conta do apartamento enquanto ela esteve ausente. Ao regressar, soube do aborto. Também se entristeceu com Marina, choraram as duas. Mas tinha de ser, o curso estava acima de tudo.

A amiga falava, falava. Depois calou e trouxe o almoço, não te deves levantar, comes mesmo na cama, e lhe pousou o tabuleiro no colo. Trouxe também um tabuleiro para si. Comeram as duas.

Timóteo chegou logo depois do almoço, destapa-te, mostra lá essas belas pernas de bailarina, hoje é que vou regalar os olhos. Examinou atentamente o sítio, obrigou-a a fazer movimentos com a perna. O médico sentou na cama, sorrindo, acho que o Uli já fez tudo. Foi o meu melhor aluno, não admira. Timóteo era um branco alto do Bié, óculos e barba à Trotsky. Tinha uns trinta anos mas já era Assistente na Faculdade. Daí vinha a amizade com Uli. Foi ele que ajudou Marina a se desembaraçar do filho precoce.

– Dois dias de repouso e ficas boa. Se até lá ainda doer, então fazemos uma rádio. Pode haver ligeira rachadura no fémur, mas não acredito. Tens aí umas belas carnes que amorteceram o choque. Vai massajando sempre com

o gelo.

Marina estava encostada à janela, muda, se sentia intimidada diante de Timóteo, por causa do aborto.

– Queres um café? – perguntou Lu.

– Não, ainda não comi. O Uli telefonou e eu vim logo. Como podia deixar uma artista sofrer? É preciso respeitar os talentos...

Lu sabia ele estava brincar mas gostou. A presteza com que veio mostrava interesse. Apenas profissional? O médico era casado, mas isso não queria dizer nada, tinha fama de gombelador, alguns falavam mesmo de poligamia. Curibotices, certamente.

Timóteo foi embora, prometendo voltar amanhã. Marina descolou da janela, pôs um velho disco de Elias dia Kimuezu, vou estudar. Lu puxou o caderno que estava na cabeceira, se pôs a escrever. Sons de marimba e imagens de chanas amarelecidas se baralhavam nas palavras. Talvez também sons amortecidos de palmas batidas ritualmente. Foi isso que despertou Lueji, sentada sozinha na sala de audiências. Levantou vivamente a cabeça e à sua frente estava Kandala, o adivinho, saudando.

– Bem-vindo, pai.

– Desculpa entrar assim, mas além do guarda da frente, não estava mais ninguém.

– Senta, Kandala. Queres beber alguma coisa? Ele sentou pesadamente, estava muito velho e o corpo endurecia. Fez um gesto de negativa.

– Não fui à cerimónia, estava muito cansado e essas coisas são longas. Mas quis vir cá visitar-te. E te dizer podes contar sempre comigo.

– Eu sei, pai, e te agradeço. Sentia-me sozinha.

– Não foi isso que me segredou o coração? Toda a gente dança nas ruas, menos tu. Não queres ir?

Ela abanou a cabeça. Kandala sorriu, arreganhando ainda mais as rugas que lhe cortavam a face. Era alto, muito mais alto que a média dos lundas e andava curvado pela velhice, ajudado por uma bengala artisticamente esculpida. Oferta de Yala Muako, o pai de Kondi.

– Compreendo. São sempre mais alegres as festas dos outros.

Lueji assentiu com a cabeça. Eram dotes de adivinho ou apenas dum velho que muito da vida conhecia? Em Kandala nunca se sabia onde terminava um dote e começava o outro.

– Não foste preparada para isto. O teu pai perdeu muito tempo a ensinar

Tchinguri. Alguns Tubungo também. Sem proveito. Para ti não houve tempo de aprendizagem. É mais duro. Quando se aprende uma função que se vai executar, uma pessoa habitua-se à ideia. E ganha confiança. Depois já não lhe custa. Tens agora de recuperar o tempo perdido.

Perdido? O tempo da felicidade e das brincadeiras foi perdido? O tempo dos sonhos do lago azul rodeado de rosas de porcelana, únicas no universo? Únicas não, havia muitas nas nascentes do Cassai, de onde foram trazidas, como lhe tinham ensinado. Cetros de Kaweji, lhes chamava Chinyama, o inventor de nomes. Se sentia menos só com elas, tinha de as mandar buscar. Ou ir cortá-las ela própria. Kandala não seria uma boa companhia? Não, era demasiado violento para ele, já estava velho. Desistiu da ideia. Mas ele falava:

– O grande poder dum chefe é o povo acreditar que ele pode fazer vir a chuva. Penso, é por aí que devemos começar. Se estás de acordo, amanhã cedo.

Lueji assentiu com a cabeça, sim, isso era importante, até porque já era época de chuvas e o céu continuava limpo.

– Durante uns tempos vou morar aqui em Mussumba. Assim não caminharei muito.

– Vou mandar fazer uma chipanga para ti, aqui perto.

– Não é preciso. Fico com a minha filha. Mas obrigado, rainha. Começamos a aprendizagem amanhã. Da chuva, mas também de outras coisas. Conheces bem a História da Lunda?

– Conheço o que todos os jovens conhecem. Não mais.

– É pouco para um chefe. Os Tubungo utilizam muito nos Conselhos as histórias antigas. Por vezes só sugeridas por uma imagem ou um nome. E o chefe dos Tubungo tem de entender logo sobre o que estão a falar, qual a lição se pretende tirar. De caça e pesca tu sabes, sempre ouvi dizer eras a única rapariga que ousava acompanhar os rapazes.

Lueji sorriu ao recordar. Era isso mesmo que gostava fazer e sabia todas as armadilhas de caça e todas as maneiras de pescar no rio, com nassas ou com lanças. Também era mestra a atirar a funda.

– Isso não precisas aprender. Mas a arte dos kimbandas? Tens de saber um pouco.

Ela abanou a cabeça, de medicinas não sabia nada. E lhe causavam medo, embora reconhecesse a utilidade.

– Também tens de saber comandar um exército, mesmo que nunca necessites de o fazer. Mas deves compreender o que dizem os comandantes, não deves confiar neles só à toa. Além disso, neste momento as coisas estão confusas. Não se sabe muito bem quem deva comandar, se uma guerra estala. Terá de ser uma das tuas primeiras obrigações. Nisso pouco te posso ajudar. Mas Kakele foi um brilhante comandante. Ele vai te ensinar tudo o que sabe. Já está velho para combater, mas a cabeça ainda está boa.

Lueji ouvia e se assustava com tanto que tinha a aprender.

– O mais urgente é a ligação com a chuva – disse ela. – É para o bem do povo.

– Por isso começamos já amanhã. Mas não te iludas. Isso não basta. Um chefe tem de saber pelo menos um pouco de tudo o que todos os homens sabem. Tudo o que ajuda um chefe a governar é para o bem do povo. Povo com um chefe que não sabe é como uma manada de elefantes com um guia maluco. Nunca viste? Eu também não, mas ouvi contar. Se o guia dos elefantes enlouquece, é o fim do Mundo. Chocam-se uns com os outros, atropelam as crias, lutam entre si, o bando se desfaz. Com os homens é parecido. Cada um tem a sua vontade e pensa só devo cumprir a minha vontade. O que é seu é mais importante que tudo o resto. É o chefe que deve fazer sentir que a vontade de todos é mais forte e melhor que a de cada um. Não é fácil, por isso tem de ser sábio e capaz de ouvir muito. Ouvir, ouvir, ouvir. Ouve mais do que fala para, quando falar, dizer só coisas definitivas. As conversas com os espíritos dos antepassados ajudam muito. Mas também tem de se aprender a falar com os espíritos.

Tanta coisa! Por que Tchinguri lhe fez isto? Por que não mereceu o trono que pretendia? Foi ele o culpado de ela estar agora nessa situação. Isso nunca lhe perdoaria.

– E há mais, Lueji. Há sempre mais, quando um velho fala. Tens de ter paciência. Os Nganji resolvem muitos casos de justiça, quase todos. Mas os mais graves, os que põem em perigo o povo inteiro, esses têm de ser resolvidos pelo chefe dos Tubungo. Precisas aprender a julgar. Tens de conhecer grandes julgamentos e decisões do passado, com elas aprendes a ser justa. Talvez seja o mais difícil. Esperemos nos primeiros tempos não apareçam casos complicados, pois é uma aprendizagem longa.

– Por favor, Kandala, chega. Já estou tonta só de ouvir o que tenho de aprender.

O velho sorriu. Ficou um bocado calado, olhando para ela. Depois continuou:

– Muitas vezes vais ficar tonta de tanto ouvir e procurar não esquecer nada. Mas vais conseguir.

– Como sabes vou conseguir?

– Porque é necessário. Sempre foste capaz de fazer o que tinha de ser, não é verdade?

Por que Kandala fazia tudo isso? Tinha prometido a Kondi. Mas não só por isso. Ajudou o poder a vir para a sua linhagem, agora ia tudo fazer para o lukano nela permanecer. Efetivamente, o grande adivinho era irmão da mãe de Nayole, tio-avô portanto de Lueji. Pela mãe, Lueji pertencia à linhagem dele. Com a entronização de Lueji, o poder tinha passado para a linhagem de Kandala, uma linhagem importante sem dúvida, mas que normalmente não podia aspirar ao poder máximo. Tchinguri e Chinyama pertenciam a outra linhagem, pois a mãe era outra. Linhagem que se sentia prejudicada por ter perdido o lukano. Linhagem que sempre seria inimiga, isso Lueji sabia.

– Pai, como faço para evitar o veneno?

Kandala sorriu. Ficou olhar apreciadoramente para ela, acenando com a cabeça, como que a medir. Disse suavemente:

– Não te preocupes com isso. A rainha tem muito em que pensar e não tem tempo para vigiar a sua comida. Por isso eu pedi à tua mãe. Ela vai se ocupar disso, já começou no dia em que foste escolhida para o trono. Nunca comas nada, se ela não estiver presente. Pois só ela sabe o que vigiou e o que não vigiou. Ela não te falou desse meu pedido? Então foi para não te assustar. Mas claro, tu já descobriste donde pode vir o perigo, és muito esperta. De quem foi a ideia da nova onganda, afastada das outras mulheres do teu pai?

– Foi minha. E a mãe concordou logo, ela mesma dirigiu as obras.

– Foi muito prudente. A paliçada tem uma passagem escondida?

– Tem, pai. Só nós conhecemos.

– E quem a construiu?

– Dois sobrinhos da minha mãe. Um é filho de Salukunga.

– Muito bem, Lueji. Como vejo, já és prudente como um grande e velho chefe, o cágado.

Ela calou. Tinha ficado mais tranquila se houvesse outros meios de evitar

o veneno. Insistiu.

– Mas, pai, não há uma maneira de tirar a força do veneno se toda a vigilância falhar?

– Não, filha, não há antídoto. Alguns kimbandas dizem conhecem o segredo, como o que evita picadas de cobras ou de lacraus. Mas não acredito. Se envenenam uma pessoa, eu posso saber quem o fez. Mas não posso evitar que o envenenado morra. E nunca vi outro consegui-lo. É preciso estar sempre atenta... Tenho um sobrinho, Kumbana, conheces?

Era também sobrinho de Nayole. Vivía longe, era o chefe duma aldeia grande na margem do Cassai, um Tubungo respeitado. Lueji foi com a mãe visitá-lo uma vez, ficou lá o tempo de a Lua voltar à mesma posição. Dessa estadia guardava belas recordações, sobretudo de nadar no grande rio cheio de hipopótamos e das caçadas que fez com Kumbana, seu mais-velho mas alegre e brincalhão como um jovem. Claro se lembrava bem de Kumbana.

– Se estiveres de acordo, vou chamá-lo para Mussumba. Fica o chefe da tua guarda. Com ele, podes estar tranquila. É um guerreiro experiente, vai ele mesmo escolher e treinar os guardas. E será absolutamente fiel. Não conhece bem os segredos de Mussumba, porque sempre recusou sair do Cassai. Mas para ser teu guarda não precisa conhecer os segredos dos Tubungo, não será teu conselheiro. Apenas os teus olhos e o teu braço. Posso chamá-lo?

– Sim, por favor, Kandala. Preciso dum guerreiro ao meu lado. Até já devia ter vindo.

– É possível que ele tenha decidido vir saudar-te. Para ganhar tempo, é bom preveni-lo já. Antes de partir, pode indicar um filho ou sobrinho para o substituir no Cassai. E vem com alguns homens de confiança.

A mãe de Lueji assomou à porta. A rainha fez sinal para ela entrar. Nayole obedeceu e cumprimentou respeitosamente o tio. Sentou no chão, sobre uma pele de ondjiri. Kandala explicou tinham resolvido chamar Kumbana e os olhos dela se iluminaram.

– Tenho estado com muito medo, pai. O perigo vem da família de Tchinguri. E os guardas eram fiéis a Kondi. Mas serão à filha dele? Sobretudo Kakaya, o chefe da guarda. Ultimamente ia muito a casa de Tchinguri e se embebedavam juntos.

– Sim, por enquanto o perigo vem daí – disse Kandala. – Por enquanto... Mas não falem a ninguém sobre Kumbana. Até ele chegar e a Lueji o

nomear. Outra coisa. Quando Kumbana vier, manda-o fazer uma outra saída secreta. Que só ele e vocês as duas conheçam. Durante estes dias, Kakaya pode descobrir a atual saída, não deve ser difícil para o chefe da guarda descobrir. É sua função estudar todos os dias a defesa da paliçada.

Lueji pensou, cansada, de repente virei uma pessoa mais frágil, que é preciso proteger das sombras que antes se não agitavam. É isso o poder, o que torna uma pessoa mais importante e ao mesmo tempo mais vulnerável?

– São apenas precauções necessárias – disse Kandala. – Não creio que eles tentem imediatamente qualquer coisa. Tchinguri só pode aspirar ao trono, usando a força. E neste momento está isolado, não tem muita força.

– Ndumba ua Tembo deve ter mais – disse Lueji.

– Se fores esperta, equilibras a força dos dois. Enquanto vais arranjando a tua.

Lueji contou então a conversa que teve com Chinyama. Kandala sorriu ao ver a animação que passava pela voz da rainha. Ouviu tudo e depois se levantou. Falou de pé, apoiado sobre a bengala.

– Estás aprender rápido. Nunca esqueças, o poder é como um jogo. Como o cutangaje, que outros chamam tchela. O cutangaje é só para homens, mas uma rainha deve saber jogar. Vou arranjar alguém para te ensinar isso. Ajuda a vencer os adversários pelo pensamento, é um bom treino.

Kandala se despediu, voltaria amanhã cedo.

Os ngomas ressoavam lá fora. As pessoas dançavam e bebiam e fugiam para o mato fazer amor. E ela ali enclausurada. Vontade de ir até ao lago. A mãe disse estás maluca, não estou nada, vamos disfarçadas, sem guardas, vamos, mãe. E saíram, com panos na cabeça, pela passagem secreta. Depressa se misturaram com o povo que festejava. Num largo ali perto havia a concentração maior. Muatas, facilmente reconhecíveis pela sala de plumas de papagaios cinzentos que lhes coroavam as cabeças, camponeses e pescadores, só com a tanga e de troncos nus, todos dançavam em roda, as mulheres dum lado, os homens do outro, os ngomas no meio. As mulheres vinham até aos homens provocar, batendo os pés e mexendo as ancas. Depois os homens iam até às mulheres, batendo palmas e pés, dando saltos, ao rítimo frenético do batuque, estimulado pela ualua e ndoka das cabaças. Por vezes apareciam mulheres com quindas de peixe ou carne fumada. A dança não parava, as gentes iam se servindo na passagem. As crianças eram as mais animadas, se metiam nas danças, passavam entre as pessoas,

corriam e riam. Num ou noutro sítio, os bailarinos mascarados, representando os muquixes, se misturavam agora na dança do povo. Já tinham atuado antes as suas danças sagradas, chocalhando com os tornozelos o rítmo alucinante.

Lueji e a mãe, com os panos à cabeça, não foram reconhecidas. Mesmo os homens mais bêbados não se metiam com elas, as tomavam por duas velhas cheias de frio, já demasiado à beira da morte para dançarem. Viram o muata Kakele, a cair de bêbado, seguro por duas mulheres, a caminho de casa. Viram um jovem dançarino, brincando sozinho, com acrobacias e saltos mortais, aplaudido pelas crianças. Viram Musole, abraçada a um homem, fugir para o mato. Viram muata Mbumba, imponente com suas peles de grande caçador, disputar aos encontrões uma perna de livongue, levar a melhor sobre os contendores e dar uma dentada que quase acabou com a carne, aplaudindo, viva a nossa rainha. Mais à frente, sentado num banquinho, estava Chinyama, agarrado a uma rapariga que lhe deitava ndoka para uma cabacinha. Tchinguri não estava com ele. Passaram o largo e entraram para uma rua com menos agitação. As pessoas andavam apressadas, dum largo para outro, a ver onde a festa estava mais animada. Logo desembocaram noutro largo, onde se dançava também ao som do batuque. Os tocadores estavam cansados, há uma semana que se revezavam para que o batuque, por uma razão ou outra, nunca parasse. E não havia assim tantos tocadores em Musumba. Neste segundo largo havia menos gente e não se via comida, apenas uma ou outra cabaça de hidromel. Por isso a população confluía para o primeiro largo, mais perto das residências reais. Mas viram muata Kakolo, dançando apesar da velhice. Atravessaram o largo e saíram da cidade. Ainda era dia, mas estava fresco. Já era época de ter começado a chover e a aquecer o tempo, mas o cacimbo este ano estava renitente em ir embora. Tenho de ver isso, pensou Lueji, começa mal a minha chefia se vem logo uma seca. O que era o mais certo, pois o chefe dos Tubungo morreu antes da transição e não pôde chamar a chuva. Avançaram em silêncio para o lago, por vezes ouvindo restolhar no capim, ao lado do caminho. O restolhar dos pares no amor. Também ela fugia com rapazes para o capim em tardes de dança como esta. Sempre com medo que Tchinguri descobrisse, aí sim, ele viraria um oma-kisi de raiva.

Chegaram ao lago e caminharam à borda dele, até ao sítio dos cetros de Kaweji. Não havia ninguém. Lueji puxou o punhal que agora sempre usava,

se abaixou ao nível do solo e cortou alguns pés de rosas de porcelana. Sentaram depois a olhar o lago, os ramos de flores no colo. Se ouvia ao longe o batuque, rítmico que entrava em todas as coisas, no azul mais azul da água, na mancha rosa no meio do verde, na terra vermelha e negra donde brotavam os fetos e as begónias.

– Sou a soberana, mãe, mas nada posso fazer. Até para vir ao lago tenho de vir disfarçada.

A mãe não respondeu. Só olhava o lago. Mas no canto do olho, tremeluzia uma lágrima.

Lu melhorou da luxação e voltou a ensaiar. Sempre com medo dos algozes, que a deixavam cair, para furor de Uli. O bailado estava comprometido pela falta de música. Nenhuma que os compositores pariam agradava ao checo. E ele tinha razão, nem mesmo a última tentativa escapava, apesar dos sons eletrônicos e sintetizadores computadorizados. Afonso Mabiala se retratava perante os amigos, no bar ao lado:

– Eu sei essa música é uma porcaria. Meti-lhe eletrônicas como os franceses metem molhos na carne para disfarçar a qualidade. Mas a base é má e não é o computador que a vai salvar. Não dá mais, desisto.

– Mas qual é o mambo? – perguntou Lu.

– Não sei, não sai. Deve ser da estória. Se fosse o *Cahama* original, de certeza já tinha feito a música há muito tempo. Agora esta estória, com romantismos no meio... É muito europeu.

– O drama não é só europeu – disse Uli.

– Oh, não era isso queria dizer – corrigiu Afonso. – Vou tentar explicar. Estes dramalhões de mulher morta e noivo que chora, quer queiramos quer não, sabem-nos a europeu. Porque apareceram em mil peças de teatro e filmes. Estamos fartos de amores infelizes. Estou numa de fazer música nossa, para realidades nossas. É isso. E o checo a gritar, não serr essa música, prreciso música drramática, herroica... Que se lixe!

– Mas esse drama existe na estória original – disse Jaime, provocando o compositor.

– Existe, mas contado à nossa maneira. Não é melodramático, o drama sai natural. E tem a linguagem do comandante a salvar tudo com os seus porras e filhos-da-puta, o leitor ri no meio do drama. Nós sempre rimos das nossas tragédias, é característica nacional. Mas o checo acrescentou sentimentalismo demais e não soube adaptar a linguagem do comandante. Não entendeu nada, estragou tudo.

– Não alinhavas numa de marimbas? Um heroísmo latente, não

necessariamente expresso, uma sensualidade difusa, sem dramalhões de gestos a arrancar corações, uma mulher que ultrapassa o seu medo e a sua fraqueza para...

Lu sinterrompeu e os outros olharam, admirados. Ninguém pegou na palavra que ficou a tremular, órfã. Ela sorriu timidamente, bebeu a cerveja, encolheu os ombros.

– Temos de ir – disse Lu. – O checo já deve estar nervoso.

E ela levantou. Mas Uli lhe segurou na mão, espera aí, Lu, que andas a magicar? Ela voltou a sorrir e retirou a mão, que queimava, Uli falou para os outros:

– A Lu anda a esconder-nos qualquer coisa. Essa das marimbas tem algo atrás. Sei que anda sempre com um caderno onde toma apontamentos, parece virou escritora. E vai muito ao Centro de Investigação Histórica ler livros sobre a Lunda.

– Quem te disse? – perguntou Lu, um pouco assustada.

– O Herculano.

– Oh, esse é um historiador mujimbeiro.

– Olha, Lu – disse Afonso Mabiala. – Se estás com alguma ideia para eu fazer uma música... com marimbas e mulheres... apita lá que largo o checo hoje mesmo. Com ngomas e chingufos da Lunda? Isso é uma maravilha.

– Não, não é nada. É ainda só uma ideia difusa. Vamos que o checo está à espera.

E saíram do bar, voltando para os ensaios. Menos Mabiala, que se afastou pela Marginal trauteando, procurando inspiração para a música conveniente do drama da Cahama. Se nada saísse nos próximos dias, tinham de adiar a estreia, pois não daria tempo para ensaiarem. Mabiala se sentia culpado. Tinha concordado imediatamente em fazer a música, pois pensava se tratar da estória de Dinoluan. E compôs a primeira versão nesse sentido. Uma boa música. Só depois se apercebeu o bailado tinha pouco a ver com a estória original e a música estava deslocada. Tentou então outras composições, mas eram artificiais, não havia nada dele ali dentro. Nem com efeitos especiais para disfarçar. E agora iam dizer, não há bailado porque o grande Afonso Mabiala conseguiu compor. Que desprestígio! Sacana de checo, não podia muito bem seguir a estória e deixar de modificações ao gosto do realismo socialista? Ora porra, afinal a estória é nossa! E coitada da Lu, a ter de dançar ao som de Katchaturian e a bater os pés no chão como os

cuanhamas. Ela é toda de formas suaves, para dançar música de flautas e marimbas. Marimbas, é isso, ela tem razão. Só que o checo matava-me se metesse marimbas no Cahama, ali só mesmo rugido de canhões, címbalos e pratos a chocar... Triste vida a de músico de encomenda.

Mas não era só a falta de música que comprometia a peça. Também os bailarinos principais, Lu e Uli. A dança de amor dos dois, no meio do bailado, desesperava o coreógrafo. Ou ficavam demasiado tímidos, evitando se tocar, ou pelo contrário esqueciam tudo e se sentia uma sensualidade tremendamente forte que saía do corpo dos dois. Era muito bonito, sem dúvida. Tudo parava no ensaio para os contemplar. Era mais que bailado.

– Isso é fazerr amorr no palco! – gritou o checo, nesse dia, sem se poder conter.

O coreógrafo não era parvo e sempre evitou expressar a sua opinião. Mas dessa vez foi forte demais, conseguiu de calar o grito. E agora sabia tinha estragado tudo.

Os bailarinos se separaram de repente. E ficaram de cabeças baixas, intimidados. A verdade escondida tinha estalado à vista de todos, pela explosão do checo.

– Desculpa, desculpa, não é isso querrer dizerr – tentou emendar o coreógrafo.

Mas Lu já nem ouviu e correu para o camarim, Uli olhava o checo, aparvalhado. Fez menção de seguir Lu, mas sarrependeu. Foi sentar numa cadeira, a cabeça entre as mãos.

– Dança dos combatentes, dança dos combatentes! – gritava o coreógrafo, tentando mobilizar o grupo.

Mas ninguém mexeu, cada um pensando na verdade ou mentira da cena que passara à sua frente. Juntavam os detalhes conhecidos, a proteção constante de Uli a Lu, a harmonia quase diabólica com que conseguiam coordenar os movimentos dos corpos, o estranho fascínio desprendido pelos dois quando juntos, então isso não era mesmo fazer amor a dançar, sem talvez saberem?

O checo gritava e batia palmas, vamos, vamos, espetáculo quase quase, mas ninguém que lhe ligava, tudo olhando Uli com as mãos na cabeça, afinal era verdade? Começou a soar a música da dança dos combatentes, mas nenhum som fazia mexer um músculo, a música enérgica se escoava pelas paredes, infrutífera. E viram Lu sair pela porta, um punho a limpar as

lágrimas.

Havia de contar mais tarde, a vergonha não a fez fugir. Foi a desorientação de saber descoberta uma coisa que ela própria desconhecia. E em público. Sobre si, mas principalmente sobre Uli. O desejo afinal era recíproco. Quando ela contou, aprendi ser possível se descobrir muitas verdades numa só e ao mesmo tempo. Nada é único. Felizmente estamos sempre a aprender. A morte é apenas a impossibilidade de aprendizagem. A aprendizagem de Lueji, essa, começou no dia seguinte. Kandala trazia os seus instrumentos mágicos, se fechavam na sala de audiências, a porta guardada pela mãe e pelos sobrinhos para ninguém interromper. Ficavam assim todo o dia, até lhes ser servido o xima da tarde. Kandala ia embora, cansado de tanto falar. E Lueji recebia os Tubungo que vinham apresentar problemas.

Passou uma semana e ela já estava preparada para fazer chover. O que se tornava cada vez mais urgente. Durante as cerimónias, o povo não se preocupou muito com a persistência do cacimbo. Mas depois da ressaca começaram a murmurar é a seca, é a seca que se abate pela morte violenta e prematura de Kondi. E os Tubungo iam a Lueji manifestar preocupação, se o povo teme calamidade, nunca se sabe, tudo pode acontecer, até mesmo assaltarem os celeiros das casas nobres, heresia sem nome. Os Tubungo sugeriam, apressa a vinda da chuva. Mas era necessário esperar que a Lua estivesse na posição propícia, não é em qualquer altura que se chama a chuva, por muito poderoso que seja o soberano. Azar maior era se as regras de Lueji coincidissem com a fase da Lua, pois nessa altura ela não podia usar o lukano e portanto estava sem força para atrair as nuvens negras. A rainha começou a se inquietar com a demora do fluxo menstrual. Já devia ter vindo também. Tudo o que era natural atrasava agora na Lunda, a mudança de poder tinha influído na ordem cósmica, era preciso esperar e invocar os espíritos dos antepassados, dizia Kandala.

Os dias se seguiam e as dores da menstruação não vinham. Lueji andava cada vez mais nervosa, ao mesmo tempo que o povo se angustiava com a falta de chuva. Mais quinze dias e o massango e a massambala não germinariam. E Kandala lhe veio dizer a fase propícia da Lua é daqui a uma semana.

Kumbana chegou com as mulheres e filhos, mais os homens da sua escolta. Trazia presentes para a soberana e sal vindo das terras onde

reinavam os Ngola. Lueji nomeou-o chefe da guarda, mas chamou Kakaya e lhe falou, vou precisar de ti para uma missão de grande responsabilidade, só posso confiar no chefe da guarda de meu pai. Kakaya aparentemente aceitou a substituição sem muita mágoa, na esperança da grande missão de tanta confiança. Mas Tchinguri não gostou, a rainha começa a afastar os homens da linhagem de meu pai, a se rodear dos da sua. Decidiu pedir uma audiência, o que ainda não tinha feito apesar dos conselhos de Chinyama. Mas antes reuniu os amigos e insinuou a chuva este ano não vem, a chuva não aceita ser chamada por uma mulher. Todos os dias a rainha vai ao rio invocar os espíritos mas desconssegue, eu sei pois tenho gente a lhe vigiar os passos. Os muatas amigos dele mais preocupados ficaram e foram contar ao povo. E o mujimbo correu solto pelas ruas de Mussumba.

Muata Kakele veio todo nervoso falar a Lueji, contar o desespero do povo. Já se lamentavam nas casas, passada a alegria de ter uma soberana popular, agora punham em causa a decisão do Conselho de ter escolhido uma mulher, contra todas as tradições. Era preciso fazer alguma coisa. Ainda não chegou o tempo, disse Lueji, encontrando voz firme apesar de todas as dúvidas. E o povo dançará quando chover. Que seja rápido, que seja rápido, rezou muata Kakele.

Mas a firmeza do tom soçobrava logo que ficava sozinha. As regras não vinham e os dias iam passando. Foi nessa noite, Tchinguri bateu à porta. Trazia uma bela pulseira de cobre vermelho, com baixos relevos representando a grande serpente criadora do Mundo.

– Para mostrar a muita amizade que tenho pela minha irmãzinha.

Lueji recebeu-o muito bem e mandou servir bebidas. Notou imediatamente ele não trazia as miluínas de sucessor. Chinyama convenceu-o? Ou a astúcia? Um pouco de humildade ajudava-o nesse momento de espera. E não provocava inutilmente a raiva dos Tubungo. Para lhe agradar, Lueji colocou logo a pulseira no braço e não parava de a contemplar. Era realmente um belo presente. Falaram dos tempos bons da infância, dos amigos comuns, e a rainha aceitou beber com ele. Já nas despedidas, Tchinguri disse:

– Espero que tenhas perdoado o que passou com o pai. Eu não tinha intenção de provocar a morte dele. Foi o vinho.

– Eu sei não foi de propósito. Todos sabem, aliás. Não falemos mais nisso.

Tchinguri prosternou-se, obrigado, maninha, esperava a tua compreensão. Se levantou e já na porta lançou:

– Olha, Lueji, tens de chamar a chuva rápido. O povo está desesperado. Muitos muatas agora dizem foi uma asneira deles terem escolhido uma rainha que não pode falar com as nuvens. Eu bem tento defender mas eles não me ouvem.

O sorrisinho de lado é que irritou Lueji. Grande cínico! Percebeu logo donde vinha a agitação. Foi se deitar muito nervosa, com vontade de chorar. Então era Tchinguri que andava a soltar a confusão pelas ruas. Mas não ia chorar, ia enfrentar o cinismo dele e a subversão criada pelos seus amigos. Tchinguri, Tchinguri, ao amor me pagas com o ódio, só porque cumpri a vontade de nosso pai? E rindo de lado, ainda por cima. A raiva dela era tanta que nessa noite vieram as regras.

Depois foi a angústia dos dias seguintes. Geralmente o fluxo menstrual lhe durava três dias, mas tudo na Lunda estava alterado e ainda no quarto não podia usar o lukano, escondida de todos menos de Kandala. Este dizia não há medicações para isso, é preciso ter paciência, como veio assim vai. E no dia mesmo em que a Lua se colocou em posição propícia, as regras tinham ido embora. Os espíritos dos antepassados estão só a brincar com as minhas dúvidas, estão a preparar a minha têmpera, como os forjadores dizem do ferro. Deve ser esta noite, avisou Kandala. Espero não esqueces nada. Não podia esquecer, tinham repetido todas as palavras e operações dezenas de vezes.

A cerimónia era secreta e feita no maior sigilo. Por uma questão de prudência. Se falhasse, o povo não devia saber o soberano tinha tentado e fracassado. Isso tirava o prestígio ao chefe. Só meia-dúzia de pessoas mais chegadas ficavam ao corrente da tentativa. Se a seca persistisse, era porque não chegara a altura propícia e o soberano aguardava o momento ideal. Nunca podia falhar.

Mas Lueji sabia, começava a reinar em momento difícil. Logo no primeiro mês o povo duvidava das suas capacidades. Tinha de jogar forte. Arriscar e ganhar, desafiar Tchinguri no terreno dele. O poder é como um jogo, lhe disseram. Não preveniu Kandala do que pensava fazer. Chamou Musole, lhe disse esta noite vou ao lago chamar a chuva. E despediu-a. Logo o mujimbo correu pelas ruas de Mussumba, é esta noite que a rainha vai fazer chover. Convocou depois Kumbana, lhe pediu para juntar os

homens necessários até rodearem o lago, a uma distância de cem metros, para que ninguém se aproximasse das águas e visse o que faria a soberana. Os soldados deviam também ficar de costas para o lago.

E à hora propícia, Lueji foi na liteira transportada por doze homens, com Kumbana marchando a seu lado. As pessoas saíam das casas e se arrojavam no chão, esfregando terra no corpo, que a rainha traga a chuva, todos admirados porque nunca tinha acontecido o segredo mais secreto dos Tubungo ser assim violado. Na casa da filha também Kandala ouviu o mujimbo, ficou primeiro aterrorizado, havia espiões mesmo junto da rainha, só podia ser isso e então estava tudo perdido, os inimigos sabiam até os seus pensamentos mais íntimos, ou então Lueji era duma ingenuidade total e não servia mesmo para soberana, e nestas dúvidas e terrores saiu à rua, a tempo mesmo de se ajoelhar no chão porque passava a rainha, e ela lhe sorriu e no sorriso travesso dela compreendeu que não foram espiões nem a ingenuidade que fizeram vaziar o mujimbo mas a própria vontade dela, nascida para jogar e vencer. Acalmou os receios, se fechou na casa e invocou todos os espíritos que conhecia, durante a noite inteira, para ajudarem a soberana que nesse momento tinha jogado o poder na rua com o fim de o recuperar multiplicado. Ou perder a vida. Porque erros desses só se podiam pagar com a vida.

O séquito chegou ao lago e se afastou, deixando Lueji sozinha, no sítio dos cetros rosados. Kumbana foi dar a volta ao lago, para se certificar que ninguém podia observar a rainha. Se alguém visse a mínima coisa da cerimónia, esta estava irremediavelmente perdida, a seca ia se estabelecer definitivamente e o povo desaparecia.

Lueji se pintou com pomba e fez todas as operações secretas que lhe ensinara Kandala, e que seu pai tinha feito um dia, e que o pai de seu pai tinha feito, até à grande serpente que transmitiu o segredo aos primeiros pais dos homens, para com esse segredo sobre eles reinarem. Depois invocou os espíritos dos antepassados, recitando as ladainhas devidas a todos eles.

Quando terminou, recapitulou para ver se nada tinha esquecido. Tudo estava em ordem. Cortou uma rosa de porcelana e se sentou no rochedo, a flor no colo, olhando a Lua e conversando com o espírito do seu pai:

— Kondi, meu pai, sempre te respeitei e cumpri os teus desejos. Até esse último e o mais terrível de todos, ser rainha. Fiz tudo o que disseste e um

dia passarei o lukano ao meu filho, para perpetuar a tua memória. As tuas mahambas sempre serão cuidadas e na tua campa nunca faltará a comida e o vinho de palma, para te alimentares e distraíres. Isso eu te prometo. Mas agora ajuda-me a salvar o povo da Lunda. Não por mim, que nada valho, entreguei o meu futuro à promessa que te fiz. Salva o povo da Lunda, espírito de Kondi. Intercede junto dos espíritos de Namutu e Samutu, roga-lhes para trazerem a chuva ainda hoje, vai falar a Tchyanza Ngombe, a grande serpente, pois só tu podes ter essa coragem, explica dentro de dias o massango e a massambala perderão a força de romper a terra dura e o teu povo virará errante à procura de raízes e de folhas pelas matas da fome como os homens amarelos que desprezamos por isso. Fala, Kondi, filho de Yala Muako, fala e convence. É a tua filha que te pede, aquela que te segurou a cabeça quando expiraste.

No vento ligeiro que se levantou e na sombra que passou pela cara da Lua, compreendeu, o espírito do pai tinha ouvido e se comovido. Esperou, tranquila, o amanhecer. Tinha feito tudo o que podia, só restava esperar.

E a aurora veio escura e feia, com um vento trazendo as nuvens negras do Ocidente, de lá donde vinha o sal, a terra de Luanda.

Quando as primeiras gotas caíram, Lueji respirou fundo o cheiro da chuva que a ela se antecipava, e avançou para onde estava a liteira, na mão a rosa de porcelana. Os carregadores da liteira, molhados pelo frio da chuva, aclamaram-na. Se deitaram no chão e passaram terra pelos braços, em saudação. Nos olhos atónitos se via o muito respeito e temor que deviam a um chefe tão poderoso, que diz antes o que vai fazer, tanta é a certeza da sua força.

O barulho da chuva a cair no capim dos telhados e a formar charcos nas ruas de terra vermelha despertou os habitantes de Mussumba. De modo que, ao entrar na capital, Lueji foi acolhida por uma multidão de seres rendidos à sua força e as aclamações subiam aos céus espessos e frios, mas ninguém sofria com o frio e a chuva, rendiam homenagem à rapariga que salvara as culturas e as gentes. Também Tchinguri acordou, ouviu as aclamações, muxoxou despeitado, essa minha irmã tem muita sorte. Sorte não, tem um Kandala. O povo rompeu também a tradição, já tantas tinham sido rompidas em poucos dias, e acompanhou o cortejo até à porta da onganda real, não parando de aclamar. Lueji recebia a chuva que ia desfazendo o pó de pamba na cara e no busto nu e acenava com a rosa para a multidão em delírio.

Kumbana seguia orgulhoso a seu lado, os olhos atentos para todas as direções, a mão descansando no mucuali. Nayole, a mãe da rainha, estava deitada no chão, à porta de casa, seguida dos serviçais, o peito inchado de orgulho pelo poder da filha que tinha nascido, e também uma ponta de receio.

Mais tarde, quando o povo correu para as lavras ver o milagre da chuva molhar os sulcos onde estavam as sementes e Lueji se limpou e cobriu com uma pele de onça para aquecer o corpo, apareceu Kandala. Se atirou no chão, os braços bem esticados para a frente.

– Saúdo a filha de Kondi, a grande soberana dos Tubungo.

Pelo cumprimento, único no adivinho que tratava os reis como iguais, Lueji compreendeu ele aprovava o feito. Mas ficou calada, bebendo o ndoka quente que a mãe lhe entregou.

– Quando ouvi o mujimbo fiquei aterrorizado. Lueji, é preciso saber arriscar para vencer. Mas não faça isso muitas vezes, o meu coração pode não aguentar. A sabedoria é jogar forte, mas quando estritamente necessário.

– E não era necessário, pai?

– Assim o mostraste. Mas podias ter-me avisado.

– Não. Podias não estar de acordo. O poder é meu, eu tinha de o jogar sozinha.

Não é só teu, minha filha, é nosso, pensou o velho. Hás-de aprender. No entanto disse:

– Tens razão, rainha da Lunda.

O adivinho aceitou o mata-bicho de ndoka. Bebeu da cabaça, limpou os lábios e continuou:

– Não dormimos esta noite. Vamos descansar de dia. Amanhã continuamos com as lições. Já nada é tão apressado agora.

Mas Lueji conseguiu dormir. Estava muito agitada pelo seu êxito, não parava de ouvir a chuva tamborilar no telhado, a sua chuva. Todo o dia choveu e o barulho das gotas se misturava ao rufar dos ngomas. O povo dançava nas praças, festejando a vitória da rainha. Com ela, muitas vezes iam dançar de alegria, se diziam uns aos outros, ela era a carne nova e o sangue que faltava. As reservas de marufo estavam esgotadas, não há palmeira que produza tanto e também com a chuva não o podiam apanhar. Mas dançavam mesmo sem vinho, havia a alegria da chuva e o ritmo dos

batuques, não substituíam a bebida? Lueji ouvia tudo isso, deitada sobre as peles que lhe tinham trazido de presente no dia da entronização. Peles de onça, de zebra, de ondjiri, de raposa e mbambi, todas bem curtidas, moles e quentes. O quarto estava mergulhado na penumbra dum dia de chuva, a cama era macia, tudo convidava a dormir. Mas ela conseguia.

Acabou por se levantar. Comeu e anunciou que estava pronta para as audiências. O primeiro a se apresentar foi Ndumba ua Tembo. Trazia uma azagaia e um escudo forrado de pele de leão.

– Para uma grande rainha. A ponta foi forjada pelo meu tio Kakoma. Como sabes, é o melhor ferreiro da Lunda, aprendeu a arte lá no Norte. E a pele é dum leão que matei há semanas.

Ndumba era vaidoso dos seus feitos de caça. Pudera, poucos eram os Tubungo capazes de desafiar o leão. Ndumba, além do mais, se recusava a caçar com fosso, isso era para crianças. Enfrentava o bicho com a azagaia, rodeado pelos seus homens armados de maças e fundas. Os homens feriam o leão e quando este atacava, desesperado, à sua frente encontrava a azagaia firme de Ndumba ua Tembo. O perigo lhe valia grande prestígio. Tchinguri sempre prometia fazer o mesmo um dia, mas nunca ousara. Ficava a roer as unhas, despeitado, quando lhe contavam os feitos do rival. E ninguém podia pôr em dúvida o valor de Tchinguri. Mas desafiar o leão não era só questão de coragem. Lueji admirou os presentes. Eram realmente valiosos.

– Ficaria muito orgulhoso se aceitasses ir comigo à caça e levasses essa lança e o escudo.

– Sempre quis ver caçar o leão, Ndumba. Levas-me? Prometo não grito de medo.

– Então aceitas o convite?

– Claro que sim.

Os olhos dele brilharam. Havia melhor maneira de conquistar uma mulher forte que mostrar valentia lutando à sua frente contra um leão? E o modo infantil como ela disse a promessa ainda mais lhe aqueceu o coração. Não podia resistir, quando lhe propusesse casamento. Apesar de o casamento ser apenas uma aliança.

De repente Ndumba ua Tembo fez um ar sério, como convém a um muata quando trata assuntos de Estado.

– Vim te trazer esse presente como prova de grande respeito e amizade. Mas também para te falar dum assunto. Melhor, é uma proposta que te

quero fazer.

Já? Ele nunca perdia tempo? A ideia assustou Lueji, teria de ser muito hábil, recusar o casamento, adiar a decisão, mas dando esperanças, mesmo ténues, sem ofender. E ainda não tinha preparado bem o assunto.

– É sobre a situação no Cassai, no território dos Mataba.

Não era proposta de noivado e Lueji respirou, aliviada. Também era cedo demais, haka!

– Deves já saber os Mataba se revoltaram contra nós. Dizem o acordo que tinham era com Kondi. Agora não têm mais que enviar tributos.

– Sim, sei.

– E que decidiste, Lueji?

– Vamos discutir no Conselho.

Ndumba ua Tembo se mexeu, incomodado. Era uma resposta prudente, embora a rainha pudesse decidir sem o Conselho. Ele tossiu para aclarar a voz.

– Se me permites uma opinião, acho não devemos perder tempo. É um mau exemplo e deve ser reprimido imediatamente. A minha proposta era que me deixasses ir lá.

– Não.

Ndumba ua Tembo baixou os olhos, confuso. Os Tubungo tinham bastante liberdade para refutar o chefe e ainda mais ele que era amigo de infância. Não estava habituado a receber uma negativa seca. Apesar de querer evitar polémicas e ser o mais íntimo possível, não resistiu a perguntar:

– Posso saber o porquê?

Lueji sorriu. Talvez fui demasiado rude e agora preciso desanuviar o ambiente. Falou de forma suave:

– Podes, claro. Primeiro, quero associar ao máximo os Tubungo às minhas primeiras decisões. Segundo, evitarei a guerra até ao possível. Terceiro, preciso de ti aqui em Mussumba para me apoiares. E ainda posso por último dizer, quarto, quero ir caçar o leão contigo. Chega?

A face de Ndumba ua Tembo se iluminou. Podia ser de outra maneira? Fez uma vénia respeitosa, mas com um sorriso matreiro nos lábios.

– São muitas razões juntas e todas importantes. Não posso mesmo insistir na proposta.

Serviram bebidas. Ndumba ua Tembo estava afinal contente com a

conversa. Estendeu descontraidamente as pernas, observando o jeito da soberana levar a cabacinha aos lábios. Ao lado de Lueji estava a rosa de porcelana colhida na madrugada.

– Sabes como o povo chamou hoje a essa flor que trouxeste do lago? Vinhas com ela na mão e acenavas para as pessoas... O povo murmurava o nome.

– Como chamam?

– O cetro de Lueji. Nome bonito, não é?

– Fico vaidosa se lhe chamarem sempre assim.

Se calaram durante um certo tempo. Beberam. Depois Ndumba voltou a aclarar a voz com uma tossezinha suave, era o seu hábito. Contrastava um pouco com o seu físico forte e os ares dominadores, de muata.

– Se por acaso for preciso ir corrigir os Mataba... Já pensaste em quem envias lá?

Devia revelar a ideia? Tinha pensado em Kakaya, por um lado para o compensar da perda da chefia da guarda, posto de alto prestígio, mas também para o afastar de Mussumba, devido às suas amizades com Tchinguri. Era cedo demais para falar a Ndumba.

– Já. Mas é só ainda uma hipótese. Primeiro vamos parlamentar com os Mataba. Se assim decidirem os Tubungo, claro.

Tinha a certeza de não ter cometido nenhum erro. Mas ficou mais aliviada quando Ndumba ua Tembo se despediu, com grandes elogios à sua sabedoria e a promessa de organizar rapidamente uma caçada ao leão.

O chefe do protocolo veio anunciar a chegada de muata Kakele. Lueji disse para esperar um momento. Queria relembrar cada uma das passagens da conversa com Ndumba ua Tembo, pesar cada palavra dita, cada gesto, para tirar uma conclusão. Só depois ouviria outras pessoas e outros problemas. Os Mataba serviam de pretexto a Ndumba para mostrar lealdade e ganhar prestígio. Nunca foram um povo submisso e apesar de pagarem apenas um tributo simbólico ao soberano da Lunda, aproveitavam qualquer momento para reivindicar a sua autonomia. A Lunda não tinha praticamente populações submetidas. Havia era acordos entre alguns Tubungo mais poderosos e povos que ficavam junto das suas terras. Estes pagavam com alguns produtos o direito de cultivarem as terras ancestrais dos Tubungo. O único povo que pagava tributo diretamente ao chefe da Lunda eram os Mataba, mas era sempre preciso negociar. Kondi tinha comandado uma

guerra contra eles na sua juventude e por isso a vinculação era direta com Mussumba, mas apenas enquanto ele viveu, diziam agora os Mataba, a experimentar o poder do novo rei. E Lueji também achava, no fundo morto Kondi devia acabar o tributo. Mas Ndumba tinha razão, era um precedente. A morte do rei colocava todas as alianças e deveres em questão, seria o caos, adeus estabilidade. Por outro lado, no entanto, que é que se ganhava com os Mataba? Um tributo ridículo que não dava para as necessidades da família real. Traziam mel, alguns tecidos de má qualidade e alguma carne fumada. Nada de cobre ou ferro, nem mesmo sal. Valia a pena fazer uma guerra, mesmo por interposta pessoa, só para dar um exemplo aos Tubungo? Sim, porque a mensagem era enviada aos Tubungo. Não tentem se revoltar contra o novo soberano, vão ser esmagados como os Mataba o foram. Com um suspiro resignado, Lueji concluiu tendo de enviar alguém submeter os recalcitrantes. Primeiro pela diplomacia, depois pela força. Kakaya faria isso bem. Tchinguri ficava contente, pois o prestígio do amigo caía também sobre ele, apesar de ser uma tarefa fácil contra um pequeno povo. E como Ndumba ua Tembo ia interpretar a preferência dada a um amigo de Tchinguri? Lhe dei razões que podem aquecer a sua vaidade, mas chega para o contentar? Muata Kakele podia aconselhá-la. Mandou-o entrar.

Era um velho miudinho, com passinhos pequenos e uma pele de onça que o cobria quase até ao chão. Os cabelos e a barba estavam completamente brancos e o peito magro era côncavo. No entanto, tinha uma voz atrojada que não condizia com o físico. Depois das saudações pelo grande feito, Kakele disse:

– Hoje é dia de festa. Não para te pôr problemas, Lueji.

– No entanto trazes problemas, não é assim?

Muata Kakele mudou a direção do olhar para a azagaia e o escudo oferecidos por Ndumba ua Tembo. Contemplou os presentes com ar de apreciador.

– Foi Ndumba que trouxe. E falou-me sobre os Mataba. Era sobre isso que me querias falar?

– Não, rainha. Para isso há tempo, só os jovens fogosos querem resolver em dois dias o problema dos Mataba. Vinha falar sobre o novo chefe do protocolo. Os muatas não apreciaram a substituição. Este é muito novo, ainda não conhece bem a função. Está todo empertigado e recebe os Tubungo sem o respeito devido.

– Vai aprender. Estamos todos a aprender, muata Kakele. E é da minha confiança.

– Devias ter escolhido alguém mais velho. E com assento no Conselho dos Tubungo. É um cargo importante, fica a par de muitos segredos. Kanyika é de uma grande linhagem, mas ainda não é um Tubungo, mesmo que pouco falte para o ser.

– Passa a ser pelo cargo que ocupa.

– É esse o maior problema. Os Tubungo não gostam que alguém passe a ser um deles por ter sido nomeado para uma função. É sempre o contrário que se faz. Tubungo é quem dirige linhagens ou partes importantes das grandes linhagens da Lunda. Kumbana está bem. Já era um Tubungo, dirigia a parte ocidental da linhagem da tua mãe. Nunca assistia aos Conselhos, mas apenas porque vivia longe. Já Kanyika é um garoto. E arrogante, ainda por cima. Agora tem acesso ao Conselho e a todos os segredos!

– Há coisas a mudar, muata Kakele.

– Não muito depressa, tem cuidado com os sentimentos dos Tubungo. Somos muito agarrados à tradição, sobretudo quando se trata de defender as linhagens da interferência do rei. Sobre Kanyika pediste conselho a alguém?

– Não. Achei não era preciso.

Muata Kakele abanou a cabeça. Tentou sorrir, para não parecer muito pesado o que tinha a dizer. Mas a voz atroou, mesmo sem ser de sua vontade.

– Desculpa este velho, rainha. Mas prometi ao teu pai ajudar-te. E a ajuda que te posso dar é dizer onde erras. Pois também tu podes errar, minha filha.

– Isso eu sei – disse Lueji, apertando os lábios em gesto amuado. Por que hão-de sempre pensar eu sou uma criança?

– Além disso tudo, Kanyika é amigo de Ndumba ua Tembo e não o esconde. Convém nomeares pessoas neutras entre Ndumba e Tchinguri. Neste caso, até era possível.

– É da minha confiança, já disse.

– Não basta. Podes errar na tua confiança. É teu amigo de infância, mas também é de Ndumba. E ele agora tem aqui uma pessoa que pode ouvir as conversas. Ou, pelo menos, saber quem vem cá mais vezes e o que fazes. Pode não haver perigo. Depende como lebares as coisas com o Ndumba, todos sabem o que ele pretende.

Tinha ficado tão vaidosa da sua esperteza em escolher um amigo para esse posto, substituindo o anterior que já estava velho! Nem com a mãe se aconselhou, nem com Kandala. Mas este nada disse, é porque não achou mal. A família de Kanyika tinha alguma ligação com Kandala? Pensava que não.

– Que devo fazer então, muata Kakele?

– Foi um erro. Mas agora não o podes mudar já, isso ia ser prova de que erraste, perdes força junto dos Tubungo. Tem cuidado com ele, até descobirmos outra função que nos sirva. Talvez nomeá-lo embaixador junto dos Mataba, embora seja novo demais.

– Tinha pensado no Kakaya...

Muata Kakele ficou pensativo. Depois bateu com a mão na coxa, para afastar uma mosca. Contemplou de novo a oferta de Ndumba ua Tembo, apertou os olhinhos.

– Que queria ele?

– Comandar uma guerra contra os Mataba. Mas eu disse que vamos primeiro discutir no Conselho.

– Falaste no Kakaya?

– Não.

– Foi bom. Com certeza acabará por haver guerra. O Conselho deve decidir pelo envio duma embaixada parlamentar. E pode ser o Kakaya o embaixador, acho bem. Mas se houver guerra, manda o Kanyika ajudá-lo no comando. Fica tudo equilibrado. Nem Ndumba nem Tchinguri se poderão queixar. Assim arranjam as coisas ao nosso jeito, não é?

Lueji perdera a alegria da sua vitória. Um erro estraga sempre tudo?

Kanyika era seu amigo, uma vez até foram para o capim, depois duma dança. Precisava ao seu lado de pessoas de quem gostava, se sentia isolada. Nos dias anteriores, preocupada com as regras atrasadas, cercada de inimigos, julgou encontrar nele um amparo possível. Nomeou-o sem pensar duas vezes. O curioso é que só agora, uma semana depois, lhe vinham pôr a questão. Geralmente as reações eram mais rápidas. Mas Kakele explicou:

– Tinhas outros problemas, por causa da seca. Para quê perturbar-te mais? Deixei passar o momento difícil. Agora já posso falar, já fizeste o mais importante. Mas é uma lição.

Muata Kakele se levantou. Fez uma vénia curta e sorriu.

– Também não deves ficar assim. Mais vezes vais errar e todos erram. O

importante é saber corrigir. E erras menos se pedires sempre conselhos. Tudo isto é muito novo para ti, mas já aprendeste muito. E hoje tens o povo na mão.

Quando Kanyika veio dizer há vários muatas pedindo audiência, Lueji fez um gesto de desespero, não recebo hoje mais ninguém, estou muito cansada. E ficou sozinha, na sala das audiências, segurando na azagaia de Ndumba ua Tembo, sopesando-a, imaginando lançá-la, para vencer o despeito. Mas desconsuía. A vergonha vinha. Estava convencida já sabia tudo, aí vinha a lição na voz forte dum velho. Continuava a chover e os ngomas a tocar. Mas esses ruídos agora já não lhe aqueciam o coração de orgulho, era como se outra pessoa os merecesse e não ela, se sentia muito menina nos seus dezoito anos, uma criança que precisava dum pai a correr com ela pelos caminhos de barro vermelho e depois a aninhasse no colo e lhe fizesse cafuné até adormecer. Ou outro homem, um homem alto a sair da mancha da Lua e lhe pegasse nos braços até a fazer esquecer a humilhação de não ser perfeita.

Chamou a mãe.

AGORA SOU EU QUE FALO, EU, TCH1NGURI,

filho de Kondi, herdeiro legítimo do trono da Lunda pela linha direta dos meus avós, ascendendo até Tchyanza Ngombe, a grande serpente criadora da Terra e do Céu, dos vermes e das plantas, do ar e dos homens, até Samutu e Namutu, os pais dos Tubungo, que nos deram o lukano para com ele dirigir o país da Lunda e todos os outros que a nós se vergarem. Anos e anos levaram os Tubungo para crescer e se fortificar, até originarem o chefe que os pudesse levar aos confins do Cassai, às planuras do Tchikapa e do Cuango, de que falam os velhos vindos de Ocidente, contando as maravilhas dessas terras de rios e florestas, de chanas sem fim peçadas de caça e mel e marfim. Anos e anos levaram os Tubungo a aprender a se defender dos Lubas, o grande inimigo do Norte que tenta se estender para as nossas terras sagradas, anos e anos levaram a aprender todos os sortilégios da caça e da guerra, para criar o grande chefe que havia de os levar para Sul e Ocidente, lá onde morre o Sol, em campanhas vitoriosas de conquista de terras e gentes, de passagem de rios e estabelecimento de fortificações a atestar o poderio dos Lundas. Não tinham esse chefe, pois todos queriam

mandar, todos ciumentos do seu pedaço de poder nos territórios que pertenciam a cada um por direito de linhagem, sem se preocupar com a grandeza da Lunda. Leva tempo a criar um grande chefe. E eis que me nasceram, eu, Tchinguri, e compreendi esse grande chefe só podia ser eu, que tinha coragem de afrontar os Tubungo com as suas próprias armas e não o meu pai, Kondi, um velho fraco querendo o calor das suas mulheres e cuja única guerra foi contra os desprezíveis Mataba, desconhecedores da arte de forjar o ferro, caçadores de animaizinhos com fundas e armadilhas, só. E o filho de Yala Muako, vaidoso com seu feito guerreiro, em vez de submeter esse povo inferior e o obrigar a trabalhar para a grandeza da Lunda, aceitou um tratado ignóbil a troco dum mísero tributo, para não assustar os Tubungo invejosos do poder real que podia se estabelecer com as riquezas das tribos subjugadas. Deixou Kondi que os tributos dos povos periféricos fossem para os Tubungo, os quais mais força ganhavam e podiam assim impor as suas ideias ao Conselho dos Tubungo, onde ele apenas era o árbitro. Nunca dessa maneira os Lundas iam ter o grande chefe, com armas e exército capazes de submeter os rebeldes Tchokue, que vivem da caça para lá do Cassai, nem os pacíficos Luvale que só esperam os deixem em paz com as suas lavras e mulheres. Para os dominar nasci eu e me opus a Kondi e aos Tubungo que só querem discussões e mais discussões, refastelados a fumar liamba no seu Conselho de comadres. Exigi do meu pai que formasse um exército só do chefe da Lunda, força a se impor aos Tubungo recalcitrantes que não quisessem pagar tributos para sustentar esses soldados, força que ganhava escravos para vender aos árabes que demandaram Mussumba há anos e de Mussumba voltaram para as terras de Zanzibar, desgostosos pela incapacidade dos Tubungo em apanharem gentes que podem ser trocadas por armas poderosas e finos tecidos. E o meu pai não quis me ouvir, que o exército real ia assustar os Tubungo, que vender homens não podia pois a terra tem pouca gente, como se interessasse a gente pouca que a terra possa ter, se é terra vazia para nós crescermos. Gente se faz todos os dias. E mais fez meu pai, foi falar das minhas ideias aos seus amigos Tubungo, cheio de medo deles como velho fraco que era. Traição fatal. Eu, Tchinguri, herdeiro legítimo da Lunda pelo poder do sangue, fui caluniado a partir daí pelos covardes Tubungo, temerosos da força que eu podia representar, inventaram sacrifícios humanos em cujo sangue me banhava nas noites de Lua cheia, inventaram até que para me

levantar ou sentar tinha de espetar dois punhais nas costas de dois escravos, trespassados assim pelo meu peso. Tudo fizeram para o povo temer o reinado de Tchinguri, o mais despótico de todos os chefes que a Lunda jamais teve, Lunda esta conhecida pela brandura dos costumes, quando à fraqueza se chama brandura e à traição generosidade. Podem ficar com a sua brandura, orgulhosos do colo tranquilo das suas fêmeas, que as terras do Ocidente para lá permanecem incultas e desocupadas, entregues a bandos preguiçosos e covardes de Mataba e Tchokue e Luvale e outros, muitos outros. Pende a pedirem um poder forte que os faça se sentir gente respeitada. Tanto intrigaram, tanto caluniaram, que o meu pai Kondi começou a me destratar e até mesmo ao pobre do Chinyama, que esse bem parece um Tubungo pela covardia e preguiça, sempre de acordo com o mais forte, logo que o deixem comer e beber e dormir no colo das suas mulheres. De que crueldades me acusam? Tudo fantasia bem medida para provocar o ódio e a desconfiança. Teria eu na rua de deixar a passagem a um pescador mísero que leva a nassa para o rio? Teria eu de me inclinar frente a um velho camponês, só porque ele é velho? Essa a brandura de costumes que de mim exigiam? Estão muito enganados, um muata não dá o lugar a ninguém na rua e um herdeiro real não se inclina nem perante um velho Tubungo, só e apenas perante seu pai, não por ser seu pai mas por ser o soberano. Despótico, assassino cruel, desrespeitador das tradições, sacrílego, herege, de tudo me acusaram. E hoje até de parricídio. Esses lacraus venenosos fingem esquecer foram eles os culpados do acontecido, com as suas calúnias que levaram Kondi a não me escolher para o trono da Lunda, nem ao coitado do Chinyama. Nisso também eu estaria de acordo, nem para copeiro-mor servia o meu pobre irmão, pois acabaria com toda a ualua da corte! E entregam o poder a essa criança da Lueji, adorável mas uma criança e uma mulher, se uma objeção não bastasse. E já ela se prepara para se deixar conquistar pelas falinhas mansas e pelo peito ruculante de rola desse galito do Ndumba ua Tembo, crista de fora sonhando com o lukano. Um galo é o que ele é, um galito petulante. Ó pobre Lunda, mais uma vez vais deixar as terras e rios do Ocidente sozinhos, sem homens que mereçam o nome. Vais continuar nesta pasmaceira de danças e batuques para ocultar a grandeza que está ao teu alcance mas que não desejam os covardes Tubungo que te dominam. E eu, Tchinguri, filho e neto de reis, herdeiro traiçoeiramente destronado, vou permitir que a Lunda se revolva nos seus

próprios excrementos, sem coragem para levantar a cabeça e lançar a flecha ao Sol? Eu, Tchinguri, também vou participar desta traição ao que está escrito na areia? Não posso, não vou aceitar.

Mas que fazer?

Claro, não posso fazer nada, sobretudo depois da Lueji ter feito chover. Não viram como o povo ficou? Nenhum Tubungo ousará nada contra ela nos tempos mais próximos. Até mesmo o meu fiel Nandonge confessou, ela é muito forte, a tua irmã tem o apoio de todos os antepassados, nunca um rei anunciou antes o momento de chamar a chuva, pois nunca nenhum teve tal certeza da graça dos espíritos. Adianta expor as minhas dúvidas sobre a capacidade de se chamar a chuva? Mais um argumento para me chamarem herege. Admitamos, Lueji tem as mahambas do lado dela. Pobre Lunda, quando os espíritos dos antepassados se conjugam todos contra mim, o único que podia levar este povo a criar um império.

Entretanto, o mujimbo corria solto pelos bastidores. E dos dançarinos passou aos músicos e destes aos escritores e aos estudiosos. Lu amava Uli, Uli amava Lu. E se descobriram dançando. Verdade verdadeira que todos adivinhavam desde a entrada dela na escola e Uli lhe pegou na frágil mão para a proteger. Daí o feitiço daquele par perfeito. Enquanto se não reconheceram.

Porque agora não podiam ensaiar juntos. Se inibiam, se mortificavam, as mãos queimavam ao tocar no corpo do outro, a mais leve brisa soprada pelo movimento dum provocava colapsos no parceiro. E erravam os passos. Continuamente. E não se falavam, contrafeitos, cada um carregando a sua culpa.

O checo ainda tentou substituir os pares, mas era impossível. Não havia mais tempo para ensaiar outros bailarinos. E a música não existia. O espetáculo estava terminado antes de chegar ao palco. O coreógrafo reuniu os bailarinos, anunciou a sua demissão, assim serr impossível, não haverr espírito profissional, não haverr responsabilidade, eu terr outras obrrigações, partirr e esquecer, e ali mesmo abandonou a sua campanha africana. Primeiro e último safari artístico.

Os bailarinos ficaram sem ter o que fazer, matavam o tempo com a professora na manutenção. À espera de nova oportunidade.

Para ter um mbambi perco muitos songues, se disse Lu, como o adivinho dissera a Lueji. Importava? Já não. A música de marimbas parecia ter deixado de soar, a ideia ténue sesvanecera, ela não a tinha sabido agarrar. Como a sorte, que só se ganha ao arriscar o momento exato. Restava o vazio dos escombros.

– Não lighes, Lu – disse o Jaime. – Ninguém te culpa do fracasso do espetáculo. O problema é que o checo modificou completamente o texto original. Nunca se faz isso à obra dum escritor sem haver consequências. Os deuses da terra se vingaram, quem gosta ver o seu filho abandalhado? O checo não acreditava nos cazumbis, talvez agora compreenda.

– Quem não te compreende sou eu – disse Lu, meio distraída.

– Ele mudou a estória, não é? A luta principal no *Cahama* é a dos soldados angolanos contra os oma-kisi, os monstros míticos do Sul, os quais se vencem pela coragem e sobretudo pela esperteza. Os oma-kisi vêm vomitando fogo pela boca, arrasam tudo, tentam tudo engolir. Se sentem donos e senhores, na sua superioridade branca de espectros. E pela frente encontram os soldados, quais miúdos espertos e teimosos que se não deixam engolir. Defendendo a sua onganda até ao fim. E o espanto, o desconcerto, como é possível estes miúdos fracos, com poucos anos de vida, se atreverem a resistir à nossa potência que já venceu hotentotes e bosquímanos e zulus, que desafia toda a comunidade internacional, como é possível não se amedrontarem perante a nossa inteligência que assimilou a ciência da Bíblia e do nazismo? O espanto faz descomandar as engrenagens dos computadores que estão nas cabeças dos oma-kisi, as respostas ilógicas dos nossos queimam os circuitos lógicos deles, e os oma-kisi ardem em curto-circuitos eletrônicos. Esta é a estória verdadeira do que passou na Cahama. Do que passou todos os dias no nosso Sul, mítico-verdadeiro. Vem um gajo, resolve mudar tudo. Claro, aconteceu o que tinha de acontecer. Os espíritos que com os nossos estavam na Cahama se revoltaram, sabotaram tudo e adeus espetáculo. Se ao menos o checo tivesse feito oferendas aos espíritos, nos tivesse deixado pôr bacias de água à entrada para os deter... Nada! Nem queria ouvir falar, vem da terra da lógica matemática, da racionalidade elevada ao infinito, não pode entender os improfissionais que nós somos. Improfissionais feiticistas. Quer realismo, mas recusando o realismo de Kafka, e não entendeu qual é o realismo aqui, o animista. Se fodeu e nós com ele.

– É uma versão.

– Que explica muito, tens de concordar. Numa terra de muitas verdades, esta é tão verdadeira como as outras.

Lu foi caminhando pela Marginal, a frase de Jaime martelando na cabeça. Por que não? Numa terra de muitas verdades, quem pode dizer que uma é menos verdadeira? Por qual necessidade lógica ou ilógica Lueji tinha de ser filha do mesmo pai e da mesma mãe que Tchinguri? Aí estou com ela.

A baía de Luanda tinha cor tão azul quanto o céu. Água absolutamente parada, como um lago. Para o ser faltava no entanto muita coisa. Faltava retirar dela os navios e as plataformas de petróleo vindas para revisão e que a poluíam, faltava acrescentar fetos e begónias e sobretudo rosas de porcelana. A terra vermelha em cima, nas vertentes das barrocas, já a tinha. Lu olhou a baía com saudade, sonhando com um lago oval.

A aprendizagem de Lueji continuava, ora com Kandala, ora com Kakele. Aprendeu como presidir às diferentes cerimónias, como curar as doenças mais comuns utilizando ervas e sementes, aprendeu a História da Lunda e dos povos vizinhos, a arte da guerra e os feitos dos antecessores, os costumes antigos e os modernos, os julgamentos mais importantes. Os juízes resolviam os casos correntes, ela escutava para um dia resolver os mais graves.

Uma vez Kandala contou:

– O pai do teu pai, Yala Muako, tinha um escravo e uma escrava, apanhados numa guerra a Sul. Era um casal muito jovem e a mulher muito bonita, Yala Muako fez dela sua amante, apesar de ter já quatro mulheres. O rapaz nunca aceitou isso, mas nada podia fazer, dependia do chefe dos Tubungo. Ele pescava para Yala Muako, tinha sempre pescado no Zambezi e era perito, sem dúvida o mais hábil pescador do soberano. A mulher, Kakeya, vivia na sua cubata, mandada construir pelo rei para nela poder dormir quando estava cansado das outras mulheres. Afinal Kakeya continuava a se encontrar com o antigo marido, o pescador Sumbi. Este esperava que a noite estivesse adiantada e não vendo Yala Muako se dirigir para lá, penetrava na paliçada real por uma entrada que tinha aberto. E dormia com a mulher. Um dia, Yala Muako conseguia adormecer. Já muito tarde, resolveu ir à cubata de Kakeya. Foi sozinho no escuro da noite, sem guardas, e encontrou os dois no ato do amor. Yala Muako tentou matar Sumbi mas este fugiu. Com as pancadas, Kakeya acabou por confessar, nunca deixara de se encontrar com o antigo marido. Os guardas do soba esquadrinharam Mussumba e acabaram por encontrar o escravo escondido numa das ilhas do rio. Levaram-no à presença de Yala Muako. Se fez o julgamento. Um escravo não tem direito a defesa, mas o chefe dos Tubungo permitiu que ele falasse. E Sumbi disse eu era casado com Kakeya, fomos feitos prisioneiros. Yala Muako quis fazer dela sua mulher, mas nós não

estávamos divorciados, a minha família não reaveu o matemo que eu tinha pagado por ela. Donde se conclui que Kakeya passou a ter dois maridos, o legítimo, que era eu, e o marido pela força das armas. O rei agora se diz ofendido e roubado. Isso posso eu dizer. Se não estou divorciado dela, então posso com ela dormir, é ainda a minha mulher. Yala Muako não tem nada que se queixar, devia era me ter pago o matemo que dei por ela e eu o enviava à minha linhagem, mostrando assim o nosso casamento era nulo. E então sim, seria crime eu voltar a dormir com ela. Era precisa muita coragem para falar assim em pleno julgamento, mas Sumbi sabia estava perdido, um escravo apanhado com mulher de chefe só merecia a morte. No entanto, os Tubungo se mexeram nas esteiras onde estavam sentados, começaram a falar um a um, que a tradição era clara e Sumbi ainda era o marido legítimo pois o matemo não tinha sido repostado e que Yala Muako tinha a força e pela força agira, mas agora o caso estava complicado. O julgamento durou dois dias de discussão. O que parecia um caso simples, afinal se tornou num debate árduo entre a razão da tradição e a razão da força. Yala insistia no crime de o escravo ter feito uma passagem na paliçada do rei, mas os outros argumentaram que a isso fora forçado pelo erro anterior do soberano. Finalmente, Yala Muako teve de tirar o consenso do Conselho contra si próprio. Não tinha havido crime, pois nada impedia o marido legítimo de dormir com a sua mulher. Se o soba quisesse ficar com Kakeya, tinha de repor o matemo. Nesse momento o divórcio estava consumado e o rei podia torná-la como esposa. Foi esta a sentença. Yala Muako, melindrado, já não quis Kakeya e não pagou o matemo. Sumbi e Kakeya continuaram casados e a trabalhar para a casa do rei. Tiveram filhos, talvez o primeiro até fosse de Yala Muako, quem pode saber? Os filhos ainda vivem hoje perto de Mussumba, são livres e tundas como nós.

Assim contou Kandala e Lueji achou justa a decisão do Conselho. Se o soberano pudesse fazer tudo o que lhe passasse pela cabeça, nunca haveria paz na Lunda. Mesmo com os escravos se deve respeitar as tradições, são elas as normas que regem a justiça dos homens. Aliás, os escravos só o são durante certo tempo, acabam por fazer parte da família do dono. Tchinguri estaria de acordo com a sentença? Certamente não, considerava inadmissível os Tubungo limitarem os poderes do rei.

– Se Yala Muako tivesse matado o escravo naquela noite, estava encerrado o caso – concluiu Kandala. – E tinha ficado com Kakeya. Mas

desconseguiu.

– Então o Conselho castigou Yala Muako por não ter sido capaz de resolver o caso sozinho...

– É mais ou menos isso. O Conselho não pode nada contra um fato consumado pelo soberano.

Lueji gravou a lição da História, mas Lu se sentia incapaz de ordenar as ideias. As que lhe vinham das leituras e por vezes se traduziam em esparsas notas de música, num gesto de perna que se prolongava em arabescos ao retardador, numa palavra comum que ganhava sentidos inusitados. E pior ainda de ordenar eram as ideias da sua situação atual, fugindo quase de Uli. Ele não voltou a aparecer lá em casa, Marina se queixava. Nos ensaios sevitavam, baixavam os olhos. E agora não dava mais para esconder de si própria, queria Uli. E sabia, ele também, embora não o reconhecesse.

À tarde ela ia para as aulas, ensinava Biologia no Ensino de Base. Tinha abandonado o curso e não considerava justo os pais a sustentassem. Por isso virou professora para sobreviver. Ensinando, não precisava trabalhar com microscópios, evitava ver os bicharocos a se contorcer como ela nunca poderia fazer, era menos frustrante. Apesar do calor das salas, da falta de luz por vezes, do barulho duma turma de quarenta alunos pouco interessados. Já eram rapazes grandes e sinteressavam masé por ela, cada um a querer ngombelar. No quadro negro apareciam sempre desenhos e ditos, gabando as formas do seu corpo, a beleza da sua cara, o seu andar de onça domesticada, as paixões juvenis que desencadeava. Não zangava, antes ficava envaidecida, a beleza era mesmo para isso, um dom a ofertar aos olhos do outro. Se não fosse assim, escolheriam atrizes e modelos e bailarinas gordas e de pernas tortas.

Quando souberam ela queria ensinar, lhe propuseram emprego numa escola de dança. Era bailarina, facilmente seria professora. Ninguém entendeu por que ela recusou. Nisso foi inflexível. A sua arte era para ser vista, apreciada, não a podia transmitir. Com a Biologia já não tinha desses problemas, podia ensiná-la porque não era a sua arte. Desistiu de explicar, pois ninguém a entendeu. Uli ouviu uma vez a resposta dela, sorriu, aprovou com a cabeça. Apesar de não ter concordado com o abandono do curso. E nunca mais falou nisso. Uli, Uli, por que só tu mentendes? E por que nos aconteceu isto agora, separados como inimigos? Como Lueji e Tchinguri, para lá do amor?

Mais cedo ou mais tarde, Marina ia procurar uma explicação. E aconteceu naquele fim de tarde, quando Lu voltou das aulas.

– Talvez tu saibas alguma coisa, mana mulata. O Uli positivamente foge de mim. Quando quero fazer amor, ele esquiva. E se recusa a falar do assunto. Nunca mais veio cá a casa, para o encontrar só na Faculdade ou indo a casa dele. E está frio, distante. Por que não vem cá? Se passou alguma coisa entre vocês os dois? Se chatearam por causa do espetáculo e por isso não aparece? Ou é mesmo comigo?

Mentir? Dizer sei lá, não faço a menor ideia? Talvez Lueji mentisse para defender o lukano, era a sua missão, mas Lu não o sabia fazer à melhor amiga. E não foi Marina que mais a interessou na estória de Lueji, que a levou a consultar os calhamaços nas bibliotecas, para conhecer a centavó mítica? Isso, sim, era traição. Oh, espírito de Lueji, se pairas sobre as árvores ali defronte, inspira-me neste transe. Não é esse o papel dos antepassados, mesmo se nunca os adorei antes?

– Olha, por que ele te evita não sei, não tenho a certeza. Mas por que me evita e portanto esta casa, isso eu sei.

Pronto, tinha lançado o corpo para a frente, agora só lhe restava saltar. Ou cair no abismo. A verdade não ia ferir mais que a mentira? Pegou impulsivamente nas mãos de Marina, recordando outras ocasiões em que tivera vontade de o fazer e lhe faltara a coragem de romper tabus. Afastou essas ideias. Se devia concentrar na explicação da descoberta toda recente, evitando ferir.

– É tão difícil contar! Marina, não te quero fazer mal.

– Que se passou entre vocês? – perguntou a outra, libertando bruscamente as mãos, desconfiada.

– Nada. Espera, ouve. Não passou nada. Mas é tudo tão complicado...

Respirou fundo, como quando tinha de arriscar um salto perigoso ou devia entrar em cena e os nervos faziam tremer os joelhos. Lueji, se andas por aí, ajuda-me, centavó. Ora, inútil implorar, os espíritos andam refastelados lá em cima no fresco, se marimbam para nós, já não o disse Kondi?

– Lembras-te quando me magoei, Marina? Por causa da casmurrice do checo? Pois bem. Caí e desmaiei, tu sabes. O Uli me levou para o quarto que nos serve de camarim e fez-me voltar os sentidos. Acordei devagarinho-vagarinho... Acordei sentindo as mãos dele a me afagarem. Estava apenas a

ver se tinha algo partido. Mas eu vinha de muito longe. Ao acordar deitada, com ele ali, a mexer-me docemente, estupidamente pensei... Oh, que cretina fui! Sabes o que fiz? Perguntei fizemos amor, Uli? Ainda estava fora de mim, não tinha intenção...

– Foi o subconsciente, está claro.

– Foi, depois descobri isso. Ele ficou chocado, quase me abandonou ali, nem me queria mais tratar. A partir daí tudo mudou entre nós. O Uli sempre na reserva e eu...

– E tu?

Aí estava. Já não podia recuar, mas queria mesmo? Tinha de falar, desabafar, e para isso são os melhores amigos. Mesmo se no caso Marina era parte diretamente interessada. Andou pelo quarto, fazendo gestos largos com os braços. E se via ao mesmo tempo no palco, não era estranho?

– Eu? Desesperada. Apaixonada. Sem saber o que fazer, é mais forte que a vontade. Descobri o que todos suspeitavam e nunca quis admitir. Pronto, já te disse.

Marina estava surpreendentemente calma. Levantou para acender um cigarro. Tinha apanhado o vício quando abandonou o basquete, apesar de todas as campanhas antitabagistas. Falou e o fumo saiu da boca com as palavras.

– Só tu mesma não acreditavas, Lu. Eu tinha medo era do momento da descoberta, da tua descoberta... E ele?

– Ele? Ficou tão incomodado que nem me olha, mal me fala. E deixámos de acertar a dançar. Não posso sentir uma mão dele, o calor do corpo... Compreendes? E ele não está à vontade. Falhamos todos os passos. Foi isso que desesperou o checo.

– Como explicas a atitude do Uli?

– Sei lá. Está chateado comigo, como se eu tivesse cometido um sacrilégio, é isso.

– E por que me evita então? Não tenho nada a ver com essa vossa maka. Ou será que descobriu também que gosta de ti, que estava enganado ao sinteressar por mim?

Lu não respondeu. Por vezes ela suspeitava disso e logo o desânimo a invadia, podia lá ser! Era demasiado feitiço, os dois ignorando um sentimento mútuo, para de repente a descoberta dum provocar a imediata descoberta do outro. Nesta terra de mistérios, tudo no entanto podia

acontecer e os cazumbis corriam soltos como o mujimbo. E se fosse verdade, como ficava Marina no meio do fluxo-refluxo da calema?

– O que não adianta nada é fugirem um do outro. Ou falamos a três. Que achas, Lu?

– Não tenho vontade nenhuma de falar...

– Eu é que não posso viver assim. E vou mesmo falar com ele. Mas acho tu também deves... Possas, vamos resolver isto como gente civilizada.

– Marina, tenho vergonha. Ele sabe o que sinto, é horrível. Sei, pareço uma menininha de escola, mas no fundo devo ser ainda.

Marina riu. Um riso tenso, agudo.

– Não estás chateada comigo? – perguntou Lu.

– Não. Estou chateada comigo. Desde o princípio eu sabia. Bastava ouvir-te falar dele, contar com ele, era o Uli para tudo. Depois me deixei convencer, podias vê-lo apenas como o irmão mais velho. Não é caso assim tão raro em filhas únicas. Engracei com ele e pensei, talvez Lu tenha razão e nunca poderá haver nada entre os dois. Foi esse o meu erro, quis acreditar. Tu não tens culpa, mana mulata, eu é que me meti no meio.

– Falas como se ele...

– Então por que me foge? Descobriu a verdade e agora não sabe como me enfrentar, é evidente. Por isso te digo, o caso tem de se resolver às claras.

Nada fazia parar Marina, quando se decidia. Hoje mesmo ela ia procurar Uli. E arrastando Lu, se esta não resistisse. Mas Lu estava prevenida, adivinhava aquele sangue bangala.

– Fala com ele, se queres. Eu ainda não estou preparada. Nem insistas. Mas eu só não queria uma coisa. Que isto nos afaste uma da outra, Marina.

– Somos irmãs, mas não vamos fazer a guerra.

E Marina saiu. Iria à Ilha do Cabo, a casa de Uli, e voltaria com uma posição, nem que lhe arrancasse uma orelha.

Lu ficou a perder tempo, sem segurar as ideias, sem mesmo dar sequência à melodia que por vezes lhe rasgava o cérebro, para logologo desaparecer. Pegou no caderno de apontamentos e tentou reler o que nele estava escrito. Mas desconsequia, cada frase a fazia se perder entre lagos e chanas, passos mágicos de bailados sinsinuavam nas palavras, o sonho vinha e refluía sem deixar marca e ela não parava para o gravar no papel, nem mesmo a queixa dum Tubungo, porque muitos queriam deixar Mussumba para as suas aldeias. Tinham vindo por causa dos grandes acontecimentos que se

sucederam e já estavam há mais dum mês na capital. Lueji pensava aproveitar a presença de todos eles para presidir o seu primeiro Conselho e resolver a questão dos Mataba. Ganhou o máximo de tempo possível para se sentir minimamente instruída, agora tinha mesmo de convocar a reunião.

Não se via um Conselho tão completo há muitos anos. Estavam lá quase todos os Tubungo da Lunda. Mesmo Tchinguri e Chinyama compareceram, pelo direito de serem filhos de Kondi. Chinyama acedeu apenas à curiosidade de ver como se comportava a irmã, tão jovem e inexperiente, embora ela me esteja a assombrar pela sua capacidade, observação que conseguiu irritar Tchinguri. Causou sensação a entrada de Kanyika, o novo chefe do protocolo. Muitos pensavam ele não ia ousar comparecer, por saber que a sua nomeação era tão contestada. Precedeu por um minuto a entrada da soberana, como convinha a um chefe do protocolo. Fingiu não ouvir os zumbidos partidos das esteiras onde sentavam os muatas, escolheu um lugar perto do cadeirão esculpido onde se sentaria Lueji. Cruzou o olhar com Ndumba ua Tembo que sorria, mas nada no rosto de Kanyika refletiu emoção. Depois chegou a rainha e todos se prostraram nas esteiras. Ela sentou no cadeirão, mostrando bem alto o lukano. No outro braço trazia a pulseira de cobre, oferta de Tchinguri, e este reparou, satisfeito. Na cabeça trazia um diadema brilhante de cobre, incrustado de pérolas pequeninas. Uma parte frontal do cabelo era rapada para fazer aumentar a testa, o que realçava o diadema. Do pescoço pendia o colar com o corno de mbambi cheio de pós mágicos, que lhe oferecera o pai depois da festa da puberdade, e o colar tchimba com a grande concha da entronização. Na mão o mupungo, o espanta-moscas com sortilégios mágicos. Deixou em casa o machadinho de duplo gume, já levava peso a mais e o seu uso era obrigatório só para as grandes cerimónias. O ventre e as pernas estavam tapados por peles de gato bravo e as costas pelo manto real de tecido púrpura trazido de muito longe. Está linda, pensou Ndumba ua Tembo, preso de estranha agitação. Está ficar uma rainha, pensou Tchinguri, orgulhoso apesar de tudo.

Primeiro falou Kakolo em nome do Conselho, primazia concedida pelos outros ao mais-velho, para felicitar a rainha por ter trazido a chuva à Lunda. Na sua voz emproada enalteceu a soberana. As notícias vinham de todos os lados demonstrando a gratidão do povo pela salvação das sementeiras e anunciavam boas colheitas. A felicidade reinava no país graças à força de

Lueji. Desejou grandes êxitos e nas tuas mãos entrego a vontade dos Tubungo, graciosa rainha da Lunda.

Lueji agradeceu as boas palavras e foi breve ao explicar o assunto que a levava a convocar o Conselho. Queria ouvir as opiniões. E as opiniões não se fizeram esperar, umas prudentes, como de Kakele, de Mbumba, de Kapenda, de Cangombe, outras inflamadas e pedindo guerra, como a de Tchinguri e de Ndumba ua Tembo, sempre juntos para defender posições bélicas. A reunião durou todo o dia, com as argumentações e contra-argumentações, mas o ambiente estava relativamente calmo. No fundo, não era assunto tão importante assim e todos estavam ali com curiosidade de ver o que diria a soberana. E ela disse devemos evitar uma guerra sempre que possível, morre gente na guerra e as mães e as esposas sofrem, é nosso dever evitar sofrimento ao povo. Que vá uma embaixada parlamentar com os Mataba e para castigo da petulância deles vamos exigir um tributo maior. Apesar de algumas contestações de Tchinguri, para quem era só perder tempo, a maioria estava nitidamente a favor e Lueji indicou o nome do embaixador, Kakaya, um Tubungo de grande sabedoria e que foi o fiel chefe de guarda do meu pai, uma honra merecida para o grande Kakaya, o qual baixou a cabeça, agradecido, sempre era verdade a soberana tinha reservado para ele uma missão de prestígio, o que justificava plenamente a sua substituição por Kumbana. Tchinguri ficou desarmado, não podia contrariar a nomeação do amigo, mas Ndumba ua Tembo mostrou desagrado no olhar, qual é o jogo dela afinal? Publicamente ninguém se manifestou. À partida, já todos estavam vencidos pela habilidade da soberana e a sua graça, falando com voz suave mas onde se adivinhava a firmeza do caminho a percorrer. E ela até podia nem indicar o nome hoje no Conselho, era atribuição que lhe competia, embora fosse uma cortesia pô-lo à discussão do Conselho. E porque estava esgotado o assunto que os trouxera ali, se deu por encerrado o primeiro Conselho presidido por Lueji, com quase unânime satisfação. Afinal foi fácil, diria no dia seguinte a rainha a Kandala, sim, porque foste bem preparada para ele.

No entanto, Lueji saiu do Conselho com os pés gelados, apesar da tarde quente.

Tchinguri tinha mudado de residência. Mandou construir uma casa grande de três quartos, abandonando a tradição da cubata circular. Ainda dentro do cercado, fizeram uma cubata espaçosa para a mulher dele e algumas para os

serviçais mais diretos. Fez vir gente da sua linhagem para as obras. A nova chipanga ficava afastada de Mussumba, na saída para o lago. Aproveitou uma grande árvore, que dava sombra ao terreiro onde costumava receber os amigos e beber. Lueji não apreciou a ideia da nova chipanga mas nada podia fazer, Tchinguri tinha o direito de mudar para onde quisesse, até podia ir para as terras que ele dominava, no Luengue, a Oeste de Mussumba, das quais recebia os tributos em comida e o mel para as bebidas. Claro, antes devia prevenir, por respeito ao chefe. Mas a soberana decidiu fazer um gesto de conciliação e foi visitar a nova chipanga, depois de ter se desembaraçado das insígnias do poder. Só acompanhada por Kumbana e doze portadores de liteira, os quais ficaram do lado de fora do cercado. Kumbana esperava à porta, para mostrar era visita particular a um irmão.

Surpreso, Tchinguri fez grandes manifestações de alegria, era uma honra receber a rainha na sua nova residência. Também lá estava Chinyama, o qual levou logo a reprimenda, há muito tempo não me vais visitar, mas estava para ir lá mesmo hoje depois do Conselho, maninha, queria te cumprimentar pela maneira como o dirigiste, mas depois o Tchinguri chamou-me para um marufo acabado de tirar e sabes não resisto a isso, e também estava Nandonge ainda com o traje que levava à reunião e mais Kakaya. Era evidente, tinham vindo diretamente para comentar as decisões tomadas e fazer planos de futuro, mas Lueji fingiu não ter percebido, pensando masé tenho de arranjar maneira de saber o que eles discutem a sós. Chinyama evitava-a, provavelmente ameaçado pelo irmão mais velho e a esperança de saber coisas através dele se esfumava com os dias passando.

Fizeram-na sentar no cadeirão do chefe da casa, serviram marufo que ela aceitou, embora pensando que não devia, podia estar envenenado, disparate, todos estão a beber da mesma cabaça e nem deu tempo para preparar o veneno pois não contavam com a visita. Tchinguri, muito solícito, estava na defensiva, procurando adivinhar as intenções da irmã e por isso ela ficou calada, a beber lentamente, e só falou para perguntar como está a minha cunhada, a qual veio logo cumprimentar a rainha, trazendo o único filho pela mão, pois só agora começava a andar. A conversa estava por aí, pelos terrenos serenos da família, até que Chinyama repetiu as felicitações pela forma como tinha decorrido o Conselho, estás mesmo uma rainha, e Tchinguri não resistiu mais:

– Continuo a achar que se devia atacar imediatamente. O Kakaya deve levar já os seus homens para começar a guerra logo que fracassem as negociações.

– Que pensas, Kakaya? – perguntou Lueji.

O interpelado olhou para Tchinguri, atrapalhado pela posição incómoda em que o colocou a rainha. Mas respondeu, depois de algum tempo de hesitação:

– Devo cumprir as ordens do Conselho.

– Mas achas que deves levar já um exército ou não? O Conselho nada disse sobre isso.

Kakaya coçou a cabeça. Era um homem maduro, o mais velho de todos que ali estavam. A bem dizer, era o único homem maduro se encontrando debaixo da árvore, os outros eram todos jovens. Tinha experiência destes jogos de esquivar respostas diretas, mas Lueji era persistente e encurralava-o.

– Bem, se vou como embaixador para negociar... Não posso me apresentar como já pronto para a guerra.

– Era a resposta que esperava de ti – disse Lueji, notando o olhar homicida que Tchinguri lançou ao amigo. – Se as negociações falharem, mandas um aviso e ficas por lá. Eu depois envio os homens necessários.

Os homens de Ndumba ua Tembo, claro, pensou Tchinguri, com vontade de se embriagar. Mas não devia, toda a atenção e lucidez era pouca. Ficou calado, tentando controlar a sua raiva. Chinyama soltou uma gargalhada inesperada.

– Maninha, por que me não mandas lá?

– A ti?

– Nunca vi nenhuma guerra. Sei que é uma coisa cansativa e sem piada. Mas também já é altura de participar de alguma, não? Posso arranjar uns cem homens no Kalanhi, nas minhas aldeias. Não são guerreiros, mas de algum modo têm experiência. Para os Mataba devem chegar...

Lueji sorriu à ideia. Até que nem era tão má assim, tudo o que ajudasse Chinyama a se tornar um pouco independente de Tchinguri podia ser útil.

– Vou pensar nisso. Embora cem homens não cheguem. Kakaya, quantos podes arranjar?

– Neste momento também uns cem. É boa altura. As sementeiras foram feitas, as mulheres podem se ocupar de ir capinando as ervas, os homens só

fazem caça e pesca. Claro, se for preciso, ainda posso arranjar mais. Mas aí já se desguarnecem as aldeias, o que também não é bom.

– E duzentos homens chegam para derrotar os Mataba?

– Não sei, rainha – respondeu Kakaya. – Eles não são guerreiros, mas vão lutar nas suas terras. Isso conta. Podem arranjar facilmente dois ou três mil homens.

– Em dois dias arranjo-te quinhentos, mesmo mil homens – disse Tchinguri.

Reparou depois que devia ter ficado calado, mas o mal já estava feito. Lueji registou que Tchinguri tinha mil homens prontos para qualquer momento. Muitos dos quais com treinos regulares. Era o único Tubungo que se preocupava realmente em ter um exército permanente, sempre fora o seu sonho. Não eram guerreiros profissionais, porque ele não tinha comida para tanta gente. Por isso queria tributos e conquistas. Mas eram homens treinados, o que significava a maior força militar da Lunda, sem qualquer dúvida. Força suficiente para tomar o poder, a menos que todos os outros se unissem contra ele. Mas neste caso, se ele atacasse, não daria tempo a que os outros se unissem. Já teria o lukano no braço, o que lhe daria ainda a força mágica. E quem era o muata capaz de enfrentar Tchinguri, já com a força mágica do lukano? Lueji tentou mostrar que não reparou na gravidade da descoberta.

– Não vamos precisar disso tudo, Tchinguri. Mas agradeço a oferta. Kakaya, tu conheces a zona. Quinhentos homens chegarão para vencer os Mataba definitivamente?

– Sim, rainha, se forem bem comandados.

– Mas serás tu o comandante!

Kakaya baixou modestamente a cabeça e olhou para as mãos. Falou baixinho:

– Quinhentos homens chegam para trazer a cabeça do chefe deles, rainha da Lunda.

Tchinguri não estava nada contente. Para disfarçar, mandou vir mais vinho de palma. Lueji não aceitou nova cabacinha. E Nandonge falou pela primeira vez:

– Pelo que vejo, rainha, também pensas que só a guerra resolve a situação...

– Tenho esperança que não seja preciso. Mas devo pensar em todas as

alternativas.

– Muito sábia, muito sábia – disse Chinyama, se esforçando por manter as boas graças da irmã.

Tchinguri lhe lançou outro olhar raivoso, mas se manteve calado. Lueji bateu as mãos.

– Mas eu não vinha cá para falar destas coisas, era uma visita familiar. Já me basta por hoje o Conselho. É muito bonita a tua casa, Tchinguri. E está bem situada.

Com efeito, ficava na pequena elevação ocidental de Mussumba. Não só recebia mais brisa como se podia ver até ao rio, do outro lado da capital. O rio propriamente não se via, pois estava ladeado de árvores e muxitos. Mas se via o cercado real e as lavras de massango do lado de lá, bem como as chipangas dos Tubungo que rodeavam Mussumba. E as chanas enverdecidas pelas chuvas.

Lueji nada mais tinha a fazer e se despediu, prometendo voltar com mais tempo. No caminho para casa, pensava no perigo representado pela força militar de Tchinguri, nunca imaginara podia ser tanta. Tinha de estudar desde já a composição do exército a enviar para Kakaya. Não podia recusar a oferta de Tchinguri, isso ia preveni-lo antes do tempo da sua desconfiança. Uns cem homens tinha de aceitar. O resto tinha de ser formado pelas gentes de Ndumba ua Tembo e de Kakele e os que Kanyika pudesse mobilizar. Ficava equilibrado e ninguém tirava glória da operação, a não ser ela. E os tributos iriam para a casa real, que bem precisada estava. Haveria de discutir calmamente com Kakele e Kandala, pesando todas as opções. Seria tão bom se os Mataba aceitassem as novas condições... Não, não valia a pena ter ilusões, eles iam recusar. O chefe deles era um velho teimoso. Kakaya tinha mesmo de trazer a cabeça dele num escudo.

Já tinha entrado em Mussumba e as pessoas aclamavam a liteira da soberana. Se lembrou e disse para Kumbana, que caminhava ao lado da tipoia:

– Vamos voltar atrás. Para o lago.

– Está a escurecer. É melhor ir buscar uma escolta.

– Não, vamos assim mesmo.

Kumbana não mostrou contrariedade. Deu a ordem aos carregadores e, para surpresa das pessoas que saudavam a rainha, a liteira fez meia volta e tornou a sair de Mussumba. Lueji foi cortar algumas flores ao lago.

Voltaram, já noite escura, cheios de fome. Mas os cetros de Lueji brilhavam nas mãos da rainha.

Não conseguia dormir, revendo os acontecimentos do dia. A meio da noite um galo cantou. Coisa estranha que acordou muita gente. Logo o dono lhe deve ter cortado a cabeça, pois é o que se faz em tais casos. Se o galo que canta fora de horas não for logo morto, más coisas podem acontecer. Lueji se mexia na cama, chamando o sono. Quando finalmente o cansaço venceu, apareceu Tchinguri, pintado de guerra, acompanhado de Nandonge e Kakaya, também pintados de tacula vermelha e envergando as maças de guerra e as azagaias. Roubaste o lukano de meu pai, gritou Tchinguri, mas agora é meu. Os outros dois, rindo ruidosamente, manietaram Lueji e Tchinguri lhe tirou a pulseira sagrada. Os relâmpagos iluminaram a cena e a trovoadas cantava lá fora, ninguém podia ouvir os avisos dela. Tchinguri pôs o lukano no seu próprio braço e ergueu-o para os amigos. Estes aplaudiram. Não tentes reavê-lo, gritou ainda Tchinguri. Deitou as rosas de porcelana para o chão e pisou-as com o pé. O sangue delas ficou coalhando o chão de terra batida, brilhando em cristais à luz dos relâmpagos.

Logo de manhã cedo, Lueji mandou chamar Kandala. Estava ainda muito excitada por causa do sonho e nada podia fazer se não conhecesse o significado exato. Profecia ou apenas aviso dos espíritos dos antepassados?

Kandala ficou muito tempo pensando. Depois disse:

– É difícil saber assim. Parece mais um aviso para teres atenção, Tchinguri quer o poder supremo, isso está claro. Kakaya está do lado dele e é bom afastá-lo por muito tempo. Deixa-o lá ficar na terra dos Mataba o mais que puderes. Curioso, Chinyama não apareceu. É um sinal? Deves falar mais vezes com ele, trata-o bem. É possível separar Tchinguri de Chinyama, é isso que o sonho indica. Mas por que as rosas de porcelana? Isso não entendo. Tenho de trabalhar com o ngombo, mas não o trouxe. E que espírito falou no sonho? Só o ngombo pode dizer, vou buscá-lo.

Kandala saiu e Lueji ficou dando voltas na sala de audiências. Depois chegou Kakele, a chamado da rainha. Esta explicou a conversa na casa de Tchinguri e os seus receios. Por fim contou o sonho, mas isso é assunto para Kandala, o que quero saber é se é possível Tchinguri ter tantos homens.

– Quis te impressionar. Não pode ter mil homens dum dia para o outro. No máximo duzentos. E bem treinados, o que já é uma força considerável. Poderá juntar uns quinhentos talvez. Mas precisa de tempo para isso.

– Temos de saber quais as forças dele ao certo. Não se ocupa doutra coisa, já pode estar muito avançado nos preparativos.

– Vou mandar alguém saber. Do Luengue até aqui são três dias de marcha. É no Luengue que estão os kimbos dele e as lavras. Aí poderá ter talvez uns quinhentos homens. O Kandama anda lá há muito tempo. É um bom comandante e o braço direito de Tchinguri. Deve estar a treinar a tropa. Vou mandar rapazes de confiança no Luengue para descobrirem quantos se estão preparar.

– Pode ter noutros sítios.

– O Luengue é o território dele. Aqui em Mussumba ele tem no máximo cem homens espalhados por aí. Vou mandar vigiá-los, podem ir num sítio isolado treinar e voltam dormir em Mussumba.

Lueji assentiu com a cabeça. Kakele voltou a falar, a voz grossa mostrando preocupação:

– Rainha, não podes ter uma guarda tão pequena.

– Não tenho comida para mais. Os silos já estão quase vazios, só por alimentar os homens que vieram com o Kumbana. Trouxeram as mulheres e os filhos para fazerem lavras. Mas até à colheita, tenho de os alimentar a todos. E as minhas lavras não têm muita gente a trabalhar. Bem sabes como era o meu pai. Dizia a sua força era a unidade dos Tubungo. Não precisava ter muitas lavras nem tributos pesados. Agora os Tubungo estão divididos. Quer dizer, a minha força é mínima.

– Mas uma guarda de trinta homens... Num ataque de surpresa, os cem de Tchinguri aqui de Mussumba são suficientes para tomar o poder.

– São talvez suficientes para o tomar, mas não para o conservar. E ele sabe disso.

– Oxalá tenhas razão. De qualquer modo, temos de reforçar a guarda. Uma guerra se prepara. Claro, os Mataba são fracos mas servem de pretexto para reforçares a tua guarda. Podes exigir de cada Tubungo uns cinco ou dez homens que fiquem em permanência na tua guarda. Evidente, aos Tubungo em quem confiamos.

– Mas, Kakele, já te disse, o problema não são os homens. Do Kalanhi, das minhas terras, também posso mandar vir homens. O problema é a comida.

– Os Tubungo fornecem a comida para os seus homens.

– Eles aceitam? É um tributo pesado.

– Têm de aceitar. Sabem o que perdem se Tchinguri receber o lukano. Eu falo com eles, se quiseres. Precisas de cem homens aqui, treinados pelo Kumbana.

Lueji concordou e Kakele saiu para tomar as providências. E foi assim que Lueji, quase sem querer, começou a constituir o seu exército e a pensar como comandante. Foi andando às voltas na sala, fazendo planos. No Kalanhi tinha o seu território, o da sua linhagem, governado pelo irmão mais velho da sua mãe, muata Salukunga. Apesar de ser só um dia de marcha de Mussumba, o tio nunca vinha à capital, nem sequer veio para a entronização da sobrinha, pois tinha uma doença nas pernas que não lhe permitia andar. Mandou o irmão mais novo representá-lo, muata Chiloya, que um dia lhe sucederia na linhagem. Lueji tinha tido esperanças nesse tio que não via há muito tempo, mas quando o recebeu, depois de ter tomado o lukano, perdeu as ilusões. Chiloya não lhe servia para nada, era pouco mais que atrasado mental. Chegou mesmo a falar com a mãe, esse teu irmão não pode vir a ser o chefe da nossa linhagem. Restava o irmão caçula de Salukunga, Cambongo, mas esse tinha acabado de fazer a mukanda, ainda era criança. Quantos homens podia arranjar no Kalanhi? Só indo lá falar com muata Salukunga. Havia mesmo muitos assuntos a tratar no Kalanhi, iria logo que despachasse a embaixada para os Mataba. Mussumba podia ficar sem a rainha por uns dias, Kakele defenderia o poder. E Kakuala ia aprovar a ideia, ele era tio de Salukunga e sabia que a força da rainha só podia estar na sua linhagem, que era a dele, afinal.

Mandou chamar o primo que tinha feito a primeira passagem secreta na nova residência. Era Kamexi, um filho de muata Salukunga e que ainda estava a viver ali, agora integrado na guarda real. Mandou-o seguir para o Kalanhi, a avisar o pai que ela e Nayole iam visitá-lo dentro de dias. E que voltasse imediatamente para as acompanhar. E avisou Kumbana.

Kumbana, apesar de dentro da linhagem ter certa autoridade sobre Lueji, nunca invocava isso. Se comportava como o chefe da guarda face ao soberano. Nunca discordava ou fazia perguntas, cumpria apenas as ordens. E sempre de bom humor. Lueji resolveu pô-lo a par da situação.

– Sim, rainha, ouvi já muita coisa. Fala-se demais em Mussumba. E Nayole explicou-me os seus receios quanto a Tchinguri. Por acaso até pensava em falar contigo, mas não sabia se me permitias um conselho.

– Claro que sim, Kumbana.

– Era mesmo sobre a guarda real. É muito fraca para te defender. Treinamos todos os dias, são bons guerreiros, tenho a certeza que são os melhores da Lunda. Sobretudo Kamexi, que vai ser um grande combatente. Mas são muito poucos.

– Foi isso mesmo que falei ainda agora com muata Kakele. Ele acha devemos aumentá-la para uns cem homens, fazendo alguns Tubungo darem os homens e a comida respetiva para eles. O problema é a comida. Kakele vai tentar convencê-los.

– E vais ao Kalanhi arranjar comida?

Kumbana fez a pergunta de maneira que Lueji percebeu ele não acreditava muito nessa possibilidade. Por isso o semblante do muata se abriu num sorriso, quando a rainha respondeu:

– Não. Mas preciso de preparar um exército de reserva, o maior possível. Isso só no Kalanhi. Fica a um dia de Mussumba, pode intervir a qualquer momento. Vou falar com o meu tio Salukunga sobre esse plano.

– Tens toda a razão. Além disso, as terras de Chinyama são também no Kalanhi, mas mais a sul. Quer dizer, os nossos homens podem interceptar qualquer avanço do exército de Chinyama sobre Mussumba...

– Chinyama não é perigoso.

– Nunca se sabe, rainha. Toda a prudência é pouca.

– De qualquer modo, Kumbana, isso neutraliza o Chinyama e aí estamos de acordo.

Kandala entrou na sala, trazendo o seu cesto de adivinhações. Sentou pesadamente numa pele de ondjiri, muito cansado pela pressa com que andara. Kumbana hesitou, ia retirar, mas Lueji reteve-o, ia ainda dizer qualquer coisa, podes falar.

– Sim. Sabes se lá há alguém capaz de treinar os homens? Isso é fundamental.

– Não sei. Mas vai pensando sobre isso, ver se te lembras de alguém. Fica como reserva, no caso de lá não haver.

Kumbana se retirou, saudando a rainha e Kandala. Este fez um gesto vago de resposta, colocou o ngombo entre as pernas, depois mandou Lueji sentar na sua frente. O ngombo estava cheio de objetos, figurinhas de madeira, pedaços de cascas de diferentes árvores, raízes, um pedaço de argila vermelha, dentes, unhas, cabelos, restos de peles de animais, seixos, e sobretudo a pempa, um pedaço de caulino branco. Kandala invocou

primeiro os espíritos e mexeu o cesto. Observou atentamente a posição respetiva dos objetos. Era sobretudo em relação à pemba que a posição das outras coisas ganhava significado. Foi contando o sonho por perguntas e agitando o cesto. De cada vez a pemba ficava em cima, fruto de muita habilidade na arte de agitar a kinda. E Tchinguri que fez? Agitava o ngombo e olhava. E Nandonge? Agitava e olhava. E as rosas de porcelana? Agitou o ngombo. Ficou muito tempo a analisar a situação. E as rosas de porcelana? Agitou de novo. Olhou e viu o amor do povo pela soberana. Tchinguri quer destruir o amor do povo pela Lueji? Agitou o ngombo. É então isso. E que espírito falou? Agitou o ngombo. Kondi? Agitou de novo. É isso, Kondi. Estás contente com a tua filha, tem tratado bem da tua memória, tem posto comida e bebida nas tuas mahamba? Agitou de novo. Sim, estás satisfeito. Fala então, Kondi, foi um aviso que mandaste ou é uma profecia do que vai passar? Agitou o ngombo e a respiração de Lueji ficou suspensa, era a pergunta última e decisiva. Se fosse profecia, toda a resistência era inútil. Ah, é só um aviso do que Tchinguri pretende. Suspiraram os dois, aliviados.

– Ouviste tudo, minha filha. Vai já agradecer às mahamba do teu pai e ver se estão bem tratadas.

Kandala estava exausto com a concentração exigida. Ficou reclinado sobre a pele. A rainha foi, de passo ligeiro, a caminho do rio, onde estava sepultado Kondi, depositar oferendas junto das mahamba e agradecer o aviso. Seu pai velava por ela, estava na graça dos espíritos que trouxeram a chuva e com isso a prosperidade da Lunda e o amor do seu povo. Tchinguri já não metia medo, ela saberia se defender e defender a Lunda. Ficou muito tempo a conversar com o espírito do pai que para ela se inclinava daquele ramo grande de mulemba, cujas raízes beijavam o rio.

Estava um espantoso dia de Setembro: amanheceu de céu limpo, varridos de vez os fiapos de cacimbo que fantasmagoravam os barcos na baía. O tempo quente ia chegar cedo. Por enquanto era bem-vindo, já tínhamos saudades e eu sobretudo, por causa dos ossos que chiavam com a humidade. Acordei cedo, não eram seis horas e já andava pela Marginal, esperando o amanhecer. Dizia para mim espero o amanhecer, mas não era isso, fazia masé emboscada. À Lu.

Naquela hora havia pouca distração na Marginal, a cidade ali quase não revelava o seu despertar. Passava um raro carro ou um camião a caminho do porto. E alguns corredores no seu passo de animal sábio. Nos tempos eu também experimentara a corrida de manutenção. Quando decidi deixar de fumar e cuidar mais da saúde, para esquecer uma mulata que me abandonou por não suportar a minha tosse à noite. Sempre tive pouca sorte com as mulheres. Nos últimos três anos, quatro me mandaram passear, sempre por motivos fúteis. Não era tão dramático assim, tinha mulheres demais aí nessa cidade de Luanda. Mas era chato, podia criar complexos, se eu fosse dado a eles. Corri regularmente durante um ano, mas pequenas distâncias e a passo de cágado, não estava para me cansar. Então quase abandonei o cigarro. Logo me apaixonei por uma fula do Sambizanga, uma beleza. Mas era viciosa, exigente. Difícil acordar cedo para correr depois duma noite com a fula Rosinha. Fui tendo cada vez menos resistência e mais preguiça, emagreci, abandonei a corrida, recuperei o fumo. Foi essa fula assanhada que agora me deixou porque escritor é complicado demais, exige silêncios quando não deve, etc., vocês já conhecem. A quarta! Decidi fazer jejum de namorada fixa e escrever o livro. O problema era saber qual. As ideias estavam ainda mais esfumaradas que as da Lu, como mais tarde aprenderia. No entanto eu devia pressentir em Lu um tema, por que senão qual o interesse?

O bar Manda Fama abriu as portas. Ali habitualmente os artistas iam

beber um café ou uma cerveja. Para lá me mandei, ver se também arranjava fama, pobre escritor desprezado pelos críticos e pelas ideias. Tomava o meu café, quando do quarto do fundo surgiu o Afonso Mabiala. Surpresa. Que fazia ele nos fundos do bar naquela hora tão matinal?

Sentado à minha mesa, ele logo explicou:

– Ontem apanhei uma daquelas! O patrão deixou-me dormir aí na arrecadação. Tem lá uma cama para os clientes fiéis.

O patrão trouxe logologo uma chávena de café para o músico. Me piscou o olho.

– Aqui o Sô Mabiala ontem estava inspirado. Xibado como a Cuca inteira. Pena que não tinha a viola, iam sair boas músicas.

– Cala-te lá, explorador do povo – disse Mabiala. – Pensas que os artistas só compõem bêbados? Erro, erro crasso! Música de bêbado é música que não presta. Pergunta aqui ao escritor... Porque ele é escritor, não conheces? Pergunta lá se ele escreve quando está ganzado. Nada, nem uma linha que sai, não é verdade?

Concordei com a cabeça. Para escrever, além de outros rituais, tinha de estar em jejum absoluto, de comida, bebida e mulher, todo nu e só com uma meia no pé esquerdo. Isso da meia no pé esquerdo não é ritual, mas necessidade. Quando escrevo tenho o tique de coçar o pé direito com o esquerdo. Se não uso a meia, fico com o pé direito em sangue por causa da unha do gaduga, unha coriácea que só se corta com tesoura de podar. Tenho outras cerimónias rituais mas não revelo, por segredo profissional. Tinha de estar de acordo com o Afonso. Até porque fiz uma experiência, quando jovem, de escrever depois de ter puxado uma boa liamba. Era de noite, estava em casa. Pus-me todo nu, claro, e peguei no papel. À medida que surgiam as imagens ia escrevendo. Era uma fabulosa sequência de imagens, mais para o cinema. A Ermengarda, uma bailunda casada com quem eu andava na época, estava toda nua, deitada num chão de marmorite. O chão parecia um tabuleiro de xadrez, aos quadrados brilhantes pretos e brancos. Até perder de vista. E a Ermengarda rebolava lentamente no chão, toda esticada, com seu corpo escultural brilhando como o marmorite. Silêncio total. De repente, ao levantar o ângulo da câmara, ou do meu olhar se preferirem, se via o marido dela sentado num cadeirão e me fitando em ameaça. Um branco, forte e barbudo, sentado com os peludos braços pendendo do cadeirão, não dá medo? Ultrapassei o susto e escrevi a cena.

Mais não deu e adormeci. Acordei horas mais tarde e logo tive a ansiedade de ler o que tinha escrito. Desilusão, aquilo era indecifrável. No meio dos gatafunhos apenas se apercebia mal desenhada a palavra mamã. Por quatro vezes. O que tinha a minha mãe a ver com aquela experiência literário-sexual? Nunca mais tentei. Isso foi há vinte anos, mas nunca mais tentei.

O patrão tinha voltado para o balcão do bar, contando as moscas. O Mabiala bebia o seu café, sorvendo forte. Talvez um ritual para afastar a ressaca, cada artista tem os seus. Perguntei:

– Como vai o trabalho?

– Pior que péssimo. Bastantemente péssimo, para ser mais claro.

Continuou a beber o café, sorvendo com mais força. Usava casaco, o que é raro por aqui, sobretudo com o calor a chegar. Um casaco de abas puídas e sebatas. Fora castanho-escuro, agora já tinha tons amarelados. Nem penteara a carrapa espessa. O cabelo estava aos tufos, com marcas de algodão. Um artista um pouco desleixado, mas que artista! As pessoas bem situadas na vida lhe perdoavam o aspecto e franqueavam as portas das vivendas, para encantar os convidados. Mas ele raramente acedia. Preferia compor e poucas apresentações públicas fazia do seu trabalho. Desprezo? Aí estava um bom personagem para o romance que havia de me tirar da miséria aos cinquenta anos. Decidi puxar por ele, para saber mais.

– Mas que está compor agora? Pergunto porque aprecio a sua obra. Especialmente o *Espelho Quebrado*. Se não revolucionou a música angolana deste século, é porque ela não tem cura.

Atirei aquilo porque sabia era o pensamento profundo dele. Ouvi-o um dia defender o *Espelho Quebrado* como a sua melhor música. Não era muito do meu gosto, mas queria era adulá-lo, pô-lo bem disposto para falar. E eu aproveitar. Oportunistas somos todos, só que uns têm mais vergonha. Os olhos dele brilharam pela primeira vez.

– Pensa isso? Somos tão raros a preferir essa música...

Vitória efêmera. Me incluiu no seu grupo restrito, mas logo soçobrou na apatia. Nada a fazer, antes do meio-dia não ia despertar, a ressaca aumentava a amargura.

– Que está compor agora? – insisti. Bolas, estava a defender o meu pão, tinha de ser carraça.

– Nada. Fiz uma merda aí para um bailado. Uma autêntica merda. Foi recusada, ainda bem. Mas o bailado também morreu. E recebi um

adiantamento que tenho de repor. Só tenho dívidas, é tudo uma puíta.

– Que tipo de bailado era?

– O *Cahama*. Baseado na novela do mesmo nome.

Senti um estranho prazer por o bailado se ter afundado. Como se não houvesse outros escritores! Sempre o mesmo a ser adaptado para cinema, música, teatro, escolas... E as minhas obras nem sequer para discurso serviam, esquecidas. Não era inveja, apenas um legítimo sentido de justiça.

– E você foi responsabilizado pelo afundamento do bailado?

– Não. Houve outros problemas com o grupo.

O grupo de Lu? O olhar vago dela era derivado desses problemas? Talvez Mabilia pudesse informar. Afastou as moscas da mesa e continuou, baixo:

– Mas é o meu orgulho que está ferido. Desconsegui arranjar a música, percebe?

– Claro. Mas agora vai tentar outra coisa, não?

Fez um gesto vago com a mão. Perguntou se eu queria beber e como recusei, encomendou uma cerveja. Foi nesse momento que vi Lu atravessar a rua do outro lado. Paguei a conta, me despedi na corrida e desandei para a sede do grupo. Estaquei antes de me aproximar muito dela, de forma a não se aperceber eu corria para a apanhar. Fiz cara de surpresa, há quanto tempo, Lu. Ela pareceu não me reconhecer à primeira. Depois fez um ah, você, como está? Ficámos parados, eu sem saber o que dizer. O olhar dela era o mesmo, para dentro.

– Como vai a dança? Quando nos ofereces um dos teus fabulosos espetáculos?

Não reagiu ao cumprimento. Olhava a porta da casa, como desinteressada de mim. Talvez estivesse atrasada e me considerava um importuno que não podia despedir sem mais nem quê.

– Assim-assim.

– O que quer dizer não muito bem. – Tive uma intuição que no ar andava o fracasso do *Cahama*.

– É. A fase não é boa.

– Problemas?

– Alguns, sim.

– Mas estão a preparar algum espetáculo?

– Não neste momento. Só manutenção.

– É pena. Está a fazer falta. Já há muito tempo não há nada de bom. E eu

perdi o vosso último, estava muito ocupado na altura.

O que era exatamente verdade, a fula Rosinha não me dava tempo para nada. Ou estava na cama a trabalhar com ela, ou estava na cama a descansar do trabalho com ela. Já não tinha idade para essas cavalgadas, o corpo pedia sossego. Mas e o coração? O coração estava sempre arranjar pretextos para meter o corpo em tropelias. Por isso tinha perdido o último espetáculo, a bem dizer tinha me passado completamente despercebido e agora lamentava, podia servir para prolongar a conversa. Mas não tinha nada para dizer e Lu se despediu, muito prazer em vê-lo, e entrou na sede do Kukina. Fiquei parado, tão adiantado como antes. Não exatamente. Tinha ao menos confirmado aquele olhar vazio, o desinteresse pelo Mundo, havia drama, havia.

Conhecia Lu há uns anos, tínhamos amigos comuns, embora os dois não fôssemos íntimos, nem pouco mais ou menos. Tratava-a por tu, o que nada quer dizer, era normal pela diferença de idades. Desesperado por encontrar tema para inspiração, decidi ali mesmo, tenho de receber as suas confidências. Era preciso ganhar a confiança dela até me considerar um amigo fiel, tão fiel quanto Kamexi que foi num dia, veio no outro. Chegou ainda de tarde, as aldeias de Lueji eram perto. Foi logo comunicar à soberana, o meu pai ficou muito satisfeito com a honra de te receber, vai preparar uma grande recepção.

– Falaste a alguém antes de vir aqui?

– A ninguém.

– Ótimo. Então espalha por aí que o meu tio Salukunga está muito doente. E por isso eu vou visitá-lo. E mostra preocupação pela saúde do teu pai, entendido?

Kamexi era esperto e começava a entrar nas intrigas de Mussumba. Não foi por acaso escolhido para fazer a saída secreta, a primeira? E não ajudou Kumbana na segunda? Sorriu, cúmplice.

– Claro, rainha.

E saiu a cumprir as ordens. Um dia inteiro a andar, sem comer, e veio logo fazer o relatório da missão, isto é que é um primo de confiança. E bem forte e bonito, dava um belo marido se o casamento fosse mais que uma aliança. Mal Lueji tinha concluído o seu pensamento, já Nayole irrompia aos prantos pela sala de audiências.

– Soube que o meu irmão Salukunga está muito mal. Vou contigo visitá-

lo, Lueji.

A filha puxou-a pelo braço para lhe segredar ao ouvido:

– Mãe, ele não está doente. Pedi ao Kamexi para dizer isso apenas para os inimigos não suspeitarem das minhas intenções. Finja preocupação, mas escusa de chorar. É claro que vai comigo, isso também faz parte do plano.

Nayole parou de chorar. Olhou antes para todos os lados, perguntou baixinho:

– Por que segredas?

– Todo o cuidado é pouco. Não sabemos quem temos junto de nós, mãe.

Lueji pensava em Kanyika, pois Ndumba ua Tembo também não tinha nada que saber das suas intenções. Mas não revelou o nome.

– Julgava que aqui só havia gente de confiança – insistiu a mãe, cada vez mais assustada, olhando incessantemente à volta.

– Calma, é só prudência.

Nayole saiu para se lamentar junto das pessoas da casa pela doença do irmão. Kamexi é eficiente, pensou Lueji, cada vez mais agradada com o primo. Dentro de momentos Musole virá confirmar o mujimbo e depois encarrega-se de o espalhar por toda Mussumba. O mujimbo é uma arte de governo, pensou a rainha, orgulhosa da sua esperteza. Cuidado, Lueji, também te sentiste muito esperta quando nomeaste Kanyika. A ideia enraiveceu-a. Começou a passear na sala para acalmar. Ainda havia de provar que não tinha errado. Mas não depende de mim, depende dele.

A lembrança de Tchinguri voltou. Como era possível o seu ídolo de infância, o seu irmão querido, se tornar uma ideia obcecante? A culpa não era dela. Os espíritos avisavam e os espíritos não se enganam. Ainda gostava dele, oh, gostava muito de Tchinguri, apesar de tudo, e não lhe queria nenhum mal. Mas ele já não gostava dela, já não era a sua mana que ele ensinava e defendia, a companheira das brincadeiras arriscadas e das caçadas. E de mais, muito mais... Se tinha tornado a adversária, só porque tinha o lukano. Por que, Tchinguri, por que? Não estávamos tão bem antes, não ficarias perfeito neste trono que eu não quis? Seria apenas a irmã caçula do soberano, que ele continuaria a proteger. E continuariam a rir e a brincar juntos, embora já fossem risos e brincadeiras de adultos, isso tinha de ser. Provocaste a morte do pai e estragaste tudo, quando ele não tinha ainda decidido deserdar-te, eu sei que não. Poderia ter falado ao irmão dessa conversa com Kondi, quando este voltou da residência de Kandala ainda

pleno de dúvidas e da sua defesa de Tchinguri. Mas não deu tempo na altura e depois já era tarde demais. E ele nunca ia acreditar. Convinha a Tchinguri pensar que Kondi já tinha a decisão tomada, nisso baseava a sua razão para tudo o que fazia hoje. Nunca acreditaria. E ia só pensar era uma hipocrisia minha. Medo meu. E era verdade que tinha medo do irmão, sempre tivera, embora nunca demonstrasse e nisso estava antes a sua força para o desafiar e dominar. Medo daqueles súbitos arranques de cólera, incontrolláveis e fatais. Medo do esbracejar repentino que aterrorizava Chinyama e o deixava pregado no chão. Um homem pequeno e magro que infundia medo, assim era Tchinguri. Mas no fundo, ela sabia, ele não era mau, apenas impulsivo. Nunca Tchinguri matou ninguém friamente, seguindo um plano. Se o fez, foi levado pela cólera súbita que o acometia, como quando um espírito cavalga a gente e deixamos de ser nós próprios, apenas o corpo onde se materializa a vontade do espírito. E ela, ainda criança, tinha descoberto a maneira de acalmar aquela ira furiosa, superando o próprio medo e enfrentando o irmão. Enfrentando sem ódio. Calmamente, engolindo todos os terrores. E Tchinguri, parecia era feitiço, ficava fraco, sem vontade, esquecida a raiva, procurando a trégua, lhe oferecendo um makolo ou uma matundua ou o último pássaro que tinha apanhado. Era fraco na sua força, ela sabia. Mas agora havia ódio contra ela no coração dele. Já não a raiva que se domina, mas o ódio frio e calculado, capaz de todas as perfídias. Era isso que a assustava, contra o ódio não aprendera a lutar. Até tinha pisado as rosas de porcelana, aí estava o sinal do seu ódio, queria destruir o amor do povo pela soberana. Já não era só a raiva de lhe tirar o lukano sagrado, era o ódio de esmagar as flores. Compreendera a mensagem mesmo antes de Kandala, ele apenas confirmou. Por isso tenho de me armar contra Tchinguri, ter uma força minha que o faça pensar duas vezes antes de atacar. Que tristeza, a Lunda se armar contra si própria, por intermédio de irmãos. Tinha prometido ao pai defender o lukano e transmiti-lo ao seu filho. Nada podia contra essa promessa. Se não cumprisse, o espírito de Kondi ia persegui-la sempre, provocar as maiores desgraças, torná-la desprezível como uma leprosa. A pior vingança é a dum espírito atraído, por isso nunca ninguém ousaria descumprir uma promessa feita a um moribundo. O moribundo é paradoxalmente a pessoa mais forte que existe, ele já vê o outro lado, que nenhum vivente pode ver. Já está em contato com os espíritos do vento e da chuva, da sombra e da luz, ninguém lhe pode mais

fazer mal, impor a sua vontade. Só o moribundo pode impor vontades. E ninguém escapa a elas. E ela prometeu a Kondi velar pelo lukano, evitar que ele caísse nas mãos erradas. Não podia pois sequer pensar em entregar o lukano a Tchinguri. Teria a paz dele, mas não a do espírito do pai. Terrível, porque atraído. Antes a guerra com Tchinguri, antes todas as guerras. Por isso tenho de ter um exército, que não é contra Tchinguri, mas a favor de Kondi.

No dia seguinte, foi despedir a embaixada junto dos Mataba. A cerimónia pública, o tetame, se realizou na grande sala do Conselho, no largo principal de Mussumba. Era um tchota ou njango, conforme a língua, isto é, uma casa circular, mas com parede de paus e capim até à altura máxima dum metro, o resto aberto até ao teto, sendo portanto muito clara e arejada. Era coberta por espessa camada de capim, colocado em forma cónica. Lueji estava apetrechada de todas as insígnias do poder. Kakaya também trajava de cerimónia e na cabeça levava uma sala de plumas brancas. Mas as plumas vermelhas de papagaios do Norte iam também nas imbambas, para o caso de guerra. Tinham combinado todos os detalhes na véspera. Agora era apenas uma despedida formal, na presença de todos os grandes muatas ainda presentes em Mussumba. O povo ficava à volta na praça, apreciando os movimentos e podendo ouvir aquilo que a distância permitia. A guarda de Kumbana cercava o tchota do Conselho, afastando os curiosos demasiado atrevidos.

– Vai, Kakaya, dizer ao chefe dos Mataba que quero bom relacionamento e paz entre eles e a Lunda, como houve no tempo do meu pai, Kondi. Mas não admito insultos e foi um insulto o que disse o chefe deles, só tinha acordo com Kondi, não com a filha. Vai dizer, Kakaya, ele tem um acordo com a Lunda, não com Kondi ou Lueji. A Lunda permanece para lá dos chefes que passam. E o acordo permanece também. Foi uma ofensa que ele fez ao lukano sagrado. Para apagar a ofensa, os tributos são duplicados. Só assim o meu coração ficará sossegado e o poderei considerar um amigo. Assim deves falar, meu embaixador Kakaya.

– Assim farei, rainha.

O embaixador bateu três vezes palmas, inclinando-se para a frente. Os Tubungo bateram também três vezes as palmas. Kakaya se retirou, se pôs à frente dos homens da comitiva, uns cinquenta ao todo entre dignitários, soldados e carregadores, estes com as imbambas à cabeça, e começou a

marchar à frente até sair de Mussumba. O povo aclamou a embaixada, desejando boa sorte. Todos perceberam a rainha evitava a guerra e estavam com ela: só mesmo os estouvados queriam provocar o perigo do sangue correndo pelas chanas.

Os Tubungo presentes se prostraram e bateram as três palmas rituais, quando Lueji se levantou da cadeira esculpida. A rainha passou entre eles, não ligou para o sorriso de Ndumba ua Tembo, saiu do tchota e sentou na liteira. A conselho segredo de Kakele, deu ordens a Kumbana para seguir a rua principal até ao outro largo e assim ser aclamada pela população. Os aplausos e assobios chamavam mais povo, que se juntava para homenagear a soberana que negociava a paz. O cortejo real passou pela rua principal de Mussumba até ao segundo largo, onde havia outro tchota mas mais pequeno, local de reunião dos mais-velhos para conversarem durante o dia e fumarem liamba. Depois o cortejo voltou para a onganda real.

Já lá estava Kakele. Lueji se desembaraçou dos paramentos rituais e os entregou ao dignitário encarregado de os guardar. Depois perguntou a Kakele:

– Já tens notícias de Luengue?

– Ainda não deu tempo, rainha. São três dias para ir e três para vir. Mais alguns para colherem as informações. Mande o meu filho Katuya, que é um rapaz esperto, ir lá visitar a família. Levou mais dois rapazes, mas foram por caminhos diferentes. Encontram-se quando tiverem informações e depois Katuya manda um deles com as notícias. Katuya fica lá, a pretexto de visitar a família, à espera de mais instruções. Mas ainda vai demorar, Lueji.

– Sigo amanhã para o Kalanhi. Era bom se já tivesse as informações mas paciência! O Katuya deve ficar no Luengue o tempo que for preciso. Que arranje gente de confiança para espiar todas as movimentações de Kandama. Temos de estar sempre a par de tudo.

– Foi o que eu disse ao Katuya. Não te preocupes, ele vai cumprir os teus desejos.

Depois Lueji ficou a preparar a viagem. Despachou Kamexi à frente, para explicar ao pai que devia fingir de doente, pelo menos à chegada da rainha. Ia muita gente com ela e certamente algum enviado de Tchinguri, o qual logo iria contar que Salukunga não estava nada doente e portanto o objetivo da viagem era outro. Essa notícia ia pôr Tchinguri de sobreaviso e passaria a se interessar mais pelo Kalanhi. Logo descobria os preparativos do exército.

Lueji explicou tudo a Kamexi, para este o transmitir ao pai. Estando todos ao corrente da estratégia, era mais difícil haver falhas.

Com Kumbana tinha combinado como ia se fazer a viagem. O chefe da guarda se encarregou dos homens e da comida. Nayole preparou os presentes para Salukunga, pois a rainha tinha de levar lembranças para o chefe da sua linhagem.

Tudo estava pronto quando apareceu Kandala. Ficaram a conversar sobre a História da Lunda. Kandala falava, falava e Lueji ouvia. Por vezes esta fazia uma pergunta ou uma observação. E Kandala contava, contava. Assim passou o dia.

No dia seguinte, ao nascer do Sol, a comitiva real partiu para o Kalanhi. Um grupo de vinte guardas ia à frente. Depois as duas liteiras, da rainha e de Nayole. A seguir Kumbana, com o resto dos guardas. Atrás os carregadores com as imbambas. O povo lá estava concentrado nas ruas, para aclamar a soberana, desejando boa viagem. Alguns Tubungo iam ao lado das liteiras, acompanhando a rainha até à saída de Mussumba. Aí, Lueji deu ordem de baixar a liteira, se despediu dos Tubungo e passou a andar a pé, ao lado de Kumbana.

– Gosto de andar, já tem tempo que não o faço.

Atingiram o rio e fletiram para o Sul, seguindo sempre na margem.

Mais à frente haveriam de o atravessar numa vau. O tempo começava a aquecer e o céu estava limpo.

– Era bom se não chovesse – disse Lueji.

– Não sei, rainha – disse Kumbana. – Tem chovido muito, o rio já está cheio. De repente pode chover.

Se embrenharam nas matas, em comprida fila indiana. A liteira de Nayole atrasava um pouco o grupo do meio, pois a vegetação era espessa e o caminho muito estreito. Em breve também ela mandou baixar a tipoia e passou andar a pé. Assim avançavam muito melhor, apesar do chão escorregadio pelas muitas chuvadas sobre as folhas caídas. Ao fim de várias horas, terminou a floresta. Atravessaram o rio a vau, as duas mulheres a pé apesar dos protestos de Kumbana, o rio estava cheio e tinha jacarés. À frente havia uma longa chana e elas aceitaram subir para as tipoias. O Sol estava no zénite e todos suavam com o calor. Muito tempo demorou a atravessar a chana, alagada com as chuvas. Ia ficar assim durante meses e tinha de se passar com água pelos joelhos.

Depois começaram as elevações, cobertas de capim alto, cortadas pelos pequenos afluentes do Kalanhi. Aqui e ali se viam cubatas. Mas ainda muito dispersas. E uma ou outra lavra ao pé do caminho: massango, massambala. Perto dos riachos, uma horta de feijão makunde ou jinguba. Uma ou outra mulher nas lavras. Depois o terreno ficou mais acidentado, atravessaram um riacho já de cinco metros de largura e Lueji gritou para Kumbana, estou em casa. Efetivamente ali começavam as terras da linhagem. Logo se notava a diferença. Mais campos lavrados, mais cubatas, um kimbo lá à frente pela direita. A população estava avisada e veio saudar a rainha da Lunda, batendo palmas e assobiando. Atravessaram o kimbo sem parar. O caminho fletiu para a direita, entrou numa floresta e de novo as duas mulheres saíram das liteiras. Mas a floresta não durou muito a ser atravessada. Lueji ia andando e antecipando o prazer da visão que se tinha ao sair da floresta. Era uma baixa que aparecia à frente e lá no fundo brilhava o rio Kalanhi, à luz da tarde. Três aldeias grandes se dispunham dum lado e outro do rio, sobre pequenas elevações. Era a capital de Salukunga. Muitas vezes aqui viera e sempre a encantava a visão repentina que surgia ao sair da floresta. A baixa, o rio, as três aldeias de onde se elevava o fumo das muitas fogueiras acesas para cozinhar a refeição do dia. Desta vez também a visão não a desiludiu. Estava em casa, ali se sentia em casa, apesar de ter nascido em Mussumba. Lembrou a vez que foi com Tchinguri e Chinyama. Foi só uma vez pois eles não pertenciam ali. Mas Nayole foi visitar a sua família e Lueji convenceu a mãe dos irmãos a deixá-los ir também. Tchinguri já era um rapaz e passaram os dias em caçadas e correrias. Foi ali que Tchinguri matou o seu primeiro sefu. Voltou para Mussumba todo orgulhoso, não parava de falar no assunto. Belos dias do Kalanhi. Agora era tudo diferente, não vinha passear, vinha arranjar forças contra Tchinguri. Uma pontada no peito e passou a beleza da visão.

Kamexi estava à sua espera, no caminho, acompanhado de outros rapazes. Todos com as fundas e mocas de guerra, além dos mucuali. Se integraram no cortejo até à aldeia principal.

A população das três aldeias e de outras mais próximas estava concentrada à espera. Batia palmas e dançava de alegria. Vaidosos todos porque a sua filha era rainha da Lunda. Nayole disse para Lueji a soberana devia fazer a entrada na liteira, assim mandava o protocolo, mas ela recusou, em minha casa ando a pé, deixe esses protocolos para Mussumba.

E cumprimentava as pessoas pelos nomes, toda feliz, esquecida das responsabilidades do Estado, de novo uma rapariga de dezoito anos de visita a familiares. Os muatas, chefes das aldeias, estavam defronte da chipanga de Salukunga e se deitaram no chão, esfregando o corpo de areia, mas Lueji rompeu a tradição, cumprimentou batendo as palmas e respondendo muana vulié, como se fosse ela a súbdita ou uma igual, a minha filha ainda tem muito que aprender, pensou Nayole, mas os muatas compreenderam a honra que lhes era dada e os olhos sorriam de lágrimas pela sobrinha que não os esquecera, apesar de tudo.

As duas mulheres entraram na casa de Salukunga para cumprimentar o inválido. Depois do ritual, Lueji perguntou ao tio como se sentia e este respondeu, com um sorriso matreiro nos lábios:

– Muito doente por ordem tua. Mas com a tua presença já me sinto melhor e logo até posso dançar contigo. Se o consentires.

– Logo ainda não.

E riram os três porque Salukunga, mesmo sem fingir doença, não podia dançar, nem mesmo andar.

Depois dos cumprimentos, as visitas foram se lavar e comer. A população tinha sido mobilizada para uma grande caçada na véspera e havia carne em abundância. Também peixe, pois o Kalanhi tinha muito bagre e cacusso. A comida e o vinho de palma correram pelo povo todo reunido e logo começou o batuque. Lueji apreciou um pouco a dança, que se passava no terreiro vazio por trás das casas, cheia de vontade de nela entrar, apesar do cansaço da viagem. Mas ainda não podia, estava ansiosa de falar com o tio. Avisou Kumbana para a acompanhar e se dirigiu a casa de Salukunga.

Explicou a situação toda ao muata, dando detalhes que Kamexi evidentemente desconhecia.

– Estive a pensar nisso tudo – disse Salukunga. – Não temos possibilidade de arranjar imediatamente um exército tão grande como o que parece ter Tchinguri. Falas em mil homens! É muita gente. Repara. As aldeias são muito dispersas. Daqui perto, de maneira que os homens possam vir treinar e ir comer e dormir às casas todos os dias, podemos arranjar uns duzentos. Para mais que isso, temos de os mobilizar nas aldeias distantes e não dá para virem de casa, treinarem e voltarem para casa. Seria preciso concentrá-los num sítio e as mulheres trazerem a comida, de vez em quando.

– E qual é o problema?

– É muito difícil, pois se torna muito trabalho para as mulheres. Tomam conta das lavras e ainda têm de trazer a comida. Mas em caso de absoluta necessidade, temos de fazer isso.

– E nesse caso quantos homens teríamos?

– Quinhentos, um pouco mais.

Lueji ficou calada, pensando.

– Vou chamar o Kumbana, pois ele é que é o comandante. Mas parece que quinhentos homens é uma força suficiente. Temos a vantagem de os poder chamar a Mussumba mais depressa que Tchinguri. E depois temos reforços dos outros Tubungo, em especial de Ndumba ua Tembo.

Gritou para fora e logo Kumbana apareceu. Depois de ter ouvido a informação, o chefe da guarda coçou a cabeça.

– Duzentos homens é pouco, é. Quinhentos já estava bem. Mesmo se no Luengue eles têm mil.

– O grande problema é concentrar os outros trezentos – disse Lueji.

– É. Tem de se constituir um kilombo. Qual é a disposição das aldeias?

Salukunga desenhou no chão a posição das suas vinte aldeias, marcando com um traço o rio Kalanhi. Às perguntas de Kumbana, foi indicando por gestos que mostravam a posição do Sol, qual a distância entre as aldeias. Ficavam dispostas em dois grupos principais. O primeiro, mais perto de Mussumba e cujo centro eram as três aldeias, era constituído por sete, numa distância máxima de duas horas de marcha. O segundo grupo compreendia as outras treze aldeias e estabelecendo o centro a três horas de marcha da capital de Salukunga para sul, ficavam dispostas a uma distância máxima de quatro horas desse centro.

– Fazemos um kilombo aqui perto, para estas sete aldeias. Aqui não tem problema, eles podem ir comer e dormir em casa. O kilombo é só para treino. É um grupo que está pronto a toda hora para avançar sobre Mussumba. Temos de procurar o sítio para o outro kilombo aqui nesta zona – e apontava o centro teórico do segundo grupo. – Aí já alguns têm de dormir no kilombo, outros podem ir para casa. Mas há seis aldeias que ficam mesmo longe, não dá para irem todos os dias.

Lueji interrompeu:

– Por que dois kilombos e não três ou quatro? Os que forem precisos para evitar a distância?

Kumbana mais uma vez coçou a cabeça, olhou para a rainha. Em tom de

desculpa por ter de discordar dela, explicou:

– Quatro kilombos resolvia o problema da comida. Mas, e os instrutores? Quando me falaste, rainha, pensei em quem podia ficar aqui a preparar o grupo. O meu irmão mais novo serve, o Kandumba. É um grande guerreiro e aprendeu muito combatendo os povos do outro lado do Cassai. Mandeio chamar. O mais-velho tem aqui alguém que possa treinar os grupos?

– Só o meu filho Kamexi.

– Também pensei nele, aprende rápido. Mas nunca combateu. Serve para ajudar o Kandumba e aprender mais com ele. Mas não pode ficar já com um grupo.

– Esse então é o problema – disse Lueji. – Precisamos de tempo para que uns aprendam e possam ensinar os outros.

– Os que ensinam depois vão comandá-los – explicou Kumbana. – Assim os homens se habituem aos chefes.

– Quer dizer que para já só podemos ter duzentos homens. Isso não serve para nada.

Kumbana não respondeu logo. Refletia, olhando para o mapa desenhado no chão. Depois se agachou à frente do desenho, iluminado pela luz da fogueira que crepitava dentro da cubata. Avivou um pouco o fogo.

– Mais-velho Salukunga, não é possível que estas aldeias mais próximas e todas as outras arranjem comida para duzentos homens? A minha ideia é a seguinte. Neste primeiro kilombo podemos concentrar os duzentos que vão dormir em casa e mais duzentos que dormem no kilombo. Para estes duzentos, todas as aldeias devem contribuir com comida. Se organizam e uma vez por semana cada aldeia tem de levar comida lá. Não é assim tão pesado. Esses duzentos não dependem só das suas famílias. Passam a ser alimentados por todas as aldeias. Isso não é possível? Com mais os cem que teremos em Mussumba, ficamos com os mesmos quinhentos. E se a rainha conseguir convencer os Tubungo a darem mais homens, ainda podemos aumentar a guarda em Mussumba.

O velho olhou longamente Kumbana, depois Lueji. Muxoxou.

– Essa gente não entende dessas coisas, vai refilar só. Mas se a rainha falar com todos os chefes dos kimbo, acho eles vão aceitar dar comida para cem. Mais que cem não acredito. E é preciso que a rainha os convença.

– Seja – disse Lueji. – Vou falar com eles. Mas não transijo. Preciso de trezentos homens nesse kilombo. Em Mussumba vou apertar com os

Tubungo, temos de ter duzentos homens na guarda. Kumbana, amanhã vais escolher com o Kamexi o lugar do primeiro kilombo, aqui perto. E depois o lugar do segundo, para quando tivermos arranjado um outro comandante. Começamos com o primeiro kilombo logo que o Kandumba chegue. Eu, entretanto, vou ter outras informações e procurarei ganhar tempo. Tens razão, muata Kakele também me ensinou, o comandante tem de conhecer os seus homens e treiná-los a seu gosto. Temos de arranjar outro instrutor. Mas da nossa linhagem, este é o nosso exército.

Os olhos de Kumbana procuraram os de Salukunga e sorriram os dois. Isso eram palavras que fazia bem ouvir, quando vindas da boca do chefe supremo.

Terminou a reunião e Lueji partiu na direção dos tambores. Aspirou o pó amarelo que saía dos pés dos bailarinos, encheu o peito, e se atirou para o meio da dança, esquecendo exércitos, comandantes, logísticas e essas políticas todas que só faziam os homens ficar velhos e chatos. O povo aplaudiu e trouxe ualua para a soberana. Lueji bebeu e o ritmo aumentou nos seus pés, nas ancas, nos ombros. Sim, agora se sentia em casa. Só faltava mesmo mais logo escolher um rapaz e ir com ele para o capim. Por que não o seu primo Kamexi?

Toda a gente dormiu muito pouco e houve gente que não dormiu mesmo nada, pois a festa durou toda a noite. Lueji foi se deitar, esgotada pela viagem e pela dança, pouco antes de o Sol nascer. Desconseguiu de fugir para o capim, pois os guardas de Kumbana não despregavam o olho dela, apesar da ualua que corria. Bem treinados, treinados até demais para o seu gosto naquela noite. Dormiu muito pouco, o Sol ainda não aquecia quando se levantou. Bebeu o ndoka morno que Salukunga lhe mandou e chamou Kumbana.

– Vai com o Kamexi escolher o sítio dos kilombos. Mas antes diz a Salukunga para convocar todos os muatas dos kimbos.

Foi no rio tomar banho, enquanto esperava o aviso de Salukunga que os muatas estavam reunidos. Nayole se juntou a ela no rio, bem cansada. Estava velha a sua mãe, pensou Lueji, já não aguenta estas noitadas. Pudera, a mãe dançara toda a noite.

Quando regressou, Salukunga e os muatas estavam prontos. Todos tinham ficado na aldeia, nenhum contava regressar aos seus kimbos antes da rainha voltar para Mussumba, como era da tradição. Lueji indicou o sítio da

reunião, embaixo da mulemba sagrada onde ficavam as mahamba dos antepassados da linhagem. E deu ordem a Salukunga de montar guarda à volta, a uma distância suficiente para que ninguém pudesse ouvir nada do que iam discutir. Se dirigiram para a mulemba, do outro lado do rio, ela e os vinte muatas a pé, Salukunga aos ombros do seu kimangata, o portador. Puseram peles e esteiras na sombra espessa e larga da mulemba, depois Lueji despediu os carregadores. Ficaram apenas os dignitários da linhagem.

A rainha se levantou, fazendo um gesto para que os outros permanecessem sentados, apontou para as mahamba, um conjunto de figuras de madeira, toscamente talhadas, colocadas num nicho formado de paus entrançados. Falou:

– Convoquei-os aqui, junto da morada dos nossos antepassados, porque o que tenho para vos dizer é importante, meus avós, meus pais e irmãos.

Todos sentiram de fato as revelações eram graves. Só assim se explicava a convocatória para aquele lugar sagrado e a maneira como a rainha se lhes dirigia, invocando as ligações que tinham com os avós dela e com a sua mãe. Na Lunda o sistema era complicado, pois se para a sucessão do poder interessava a linha do pai, para o resto o que contava era a linhagem da mãe, esta regulava as alianças e os casamentos, as heranças e tudo o resto. Mais excitados ficaram os muatas, quando a ouviram dizer:

– Sei que temos o hábito do mujimbo, nunca podemos ficar sem contar logo às nossas mulheres o que se discute. Esse hábito cria muitos problemas, pois deixa de haver segredos. E os inimigos conhecem logo os nossos planos. Por isso vos digo, vão antes fazer um juramento em frente das mahamba dos antepassados. Se alguém revelar, a quem quer que seja, o que falarmos hoje aqui, cuidado, a desgraça vai se abater sobre a sua casa. O poder do lukano vai cair sobre aquele que falar. Jurem!

A ameaça era clara e ninguém tinha coragem de desafiar o feitiço do lukano, que pela primeira vez estava na sua linhagem. Todos juraram, batendo as mãos e dizendo muana vulié, que o poder do lukano se abata sobre o que revelar os segredos. Depois disto cumprido, Lueji sentou na pele de onça e explicou a situação em Mussumba e as pretensões do seu irmão Tchinguri. Resmungos indignados se soltaram do grupo dos muatas, o sanguinário lhes queria roubar o lukano. Lueji contou a necessidade de se formar um exército fiel a ela e de esconder ao máximo esse plano. Depois insistiu na dificuldade da comida para os homens e na ideia do kilombo.

Logo as vozes se levantaram, para os primeiros duzentos homens não havia problemas, mas os outros complicavam tudo, pois as aldeias não podiam garantir a subsistência deles fora dos seus kimbo, as mulheres não aguentavam.

– Aí está onde quero chegar – voltou a falar a rainha. – Os meus parentes só pensam nas mulheres para cultivar e transportar a comida. Vamos ter uma guerra e se a perdermos, o lukano passará para Tchinguri e ele vai se vingar primeiro em vocês, que são da minha linhagem. É verdade ou mentira?

– É verdade – responderam em coro os muatas.

– Por isso todos têm de contribuir para o exército. Não só as mulheres e as famílias dos soldados. Também os homens podem arranjar comida e a transportar para o kilombo. Os homens podem pescar mais e caçar mais e levar a comida que as mulheres colhem nos campos. Por que não? É contra os hábitos, mas uma guerra obriga a mudar os hábitos. Só por uns tempos, até termos assegurado o lukano entre nós. Depois volta tudo à antiga.

Um muata já de idade avançada tomou a palavra:

– Ouvimos tudo o que disseste. Era mais fácil montar um segundo kilombo. Não há instrutor? Desculpa, rainha, mas estás mal informada. Então eu não posso treinar os homens? Combati contra os Laza e também fui com o teu pai combater os Mataba.

– Pensei em ti – disse Salukunga. – Mas já estás velho para comandar. Precisamos de comandantes novos e fortes. Não é vergonha admiti-lo.

Seguiu forte discussão entre os dois muatas e os outros acabaram por intervir, dando razão a Salukunga, ninguém negava o valor do velho guerreiro mas agora se tratava de Tchinguri com um grande exército, precisavam de comandantes como o Kumbana. Lueji deixou que o consenso ficasse claro e depois falou:

– Os muatas têm razão, precisamos de gente nova. Agradeço muito o teu oferecimento mas não o posso aceitar. Poderás ser um bom conselheiro para o Kandumba e os outros comandantes que arranjarmos, isso sim. A tua idade já não permite combater, mereces o descanso. Mas te peço, ajuda-me a convencer os outros de que todas as aldeias têm de contribuir em comum para a formação do kilombo de quatrocentos homens.

Salukunga olhou para ela, admirado por insistir nos quatrocentos e não nos trezentos, como tinham combinado na véspera. Mas nada disse. E a

discussão voltou ao ponto inicial. Se fizeram contas, analisando as forças de aldeia a aldeia. O Sol já tinha passado o meio-dia e os argumentos e os números voavam pela assembleia, cada muata querendo demonstrar o seu kimbo era menos populoso e rico que o dos outros.

A rainha deixava-os falar e depois voltava a tomar a palavra, sempre com a mesma pergunta, que custa a cada muata assegurar a alimentação para dez homens? Iam ficar mais pobres por isso? Muito mais iam ficar quando Tchinguri tomasse o poder e requisitasse pesados tributos para alimentar o seu exército permanente. Se escapassem com vida, o que ainda era a dúvida principal. As famílias dos duzentos que iam dormir a casa é que se podiam queixar. Pois perdiam a força de trabalho desses rapazes e tinham de continuar a alimentá-los, além de terem de contribuir em coletivo para a alimentação dos outros duzentos. Salukunga era diretamente o mais prejudicado e dava o exemplo de chefe, aceitando o sacrifício. Os outros parentes não viam isso e só pensavam no seu pequeno prejuízo, era uma tristeza.

Sempre que a rainha falava, os muatas concordavam com os olhos no chão. Mas logo aparecia alguém a fazer uma pergunta ou uma afirmação neutra e a discussão retomava. Era uma prova de longa resistência, a que não faltavam alusões a estórias passadas na linhagem, que por vezes Lueji desconhecia. E, Kandala tinha razão, um rei tinha de conhecer muita coisa. Sobretudo, suportar muita coisa. A soberana resolveu mudar de tática. Se levantou de repente, e a discussão morreu. Falou e a voz saiu colérica.

— Está bem, já entendi tudo. Vou agora mesmo para Mussumba, vou falar a Tchinguri, lhe oferecer o lukano e implorar que não vos corte a cabeça a todos. É o máximo que posso fazer para vos salvar a vida, já que não querem lutar. Como se fosse tão difícil cada muata assegurar a alimentação de dez homens suplementares! As mahamba dos antepassados são testemunhas, fiz tudo o que podia para vos convencer. Mas são incapazes de pensar nas famílias, eu é que tenho de pensar por todos?

E fez menção de sair, abandonando a reunião. O coro dos muatas foi imediato, espera, rainha, perdoa a nossa fraqueza, vamos continuar a falar, a tua cólera é justa mas não desprezes os teus parentes, vamos assegurar a comida dos homens. Lueji parou, se voltou para a assembleia já vencida.

— Cada muata assegura a alimentação de dez homens?

— Sim.

– Juram pelos antepassados?

– Juramos, rainha.

Lueji voltou a sentar. Passaram a discutir os detalhes de como se organizaria o abastecimento para os quatrocentos homens do kilombo. Salukunga coordenaria tudo, como chefe da linhagem. Os homens todos trabalhariam, comandados pelos muatas respetivos. E se procuraria manter o segredo máximo sobre a operação, pelo menos até Kandumba chegar. Estava terminada a reunião e Lueji começava a ver o seu exército nascer. Uma cólera bem medida e no momento oportuno podia acelerar uma decisão difícil, aprendeu ela. Ainda tinha muito que aprender, mas as coisas corriam bem, os espíritos favoreciam-na.

Voltaram para o kimbo, todos contentes, falando de coisas passadas e rindo muito, como bons parentes. Salukunga, aos ombros do seu kimangata, olhava para a rainha com embevecimento, que miúda tão esperta, conseguiu mesmo os seus quatrocentos homens e em breve terá mil, ela vai conseguir tudo. Velho feliz sou eu que tenho uma sobrinha assim.

Mandou o kimangata se aproximar de Lueji, lhe puxou pelo braço e segredou ao ouvido:

– Mas não eram só trezentos?

– Eram, tio. Mas à noite pensei, quem arranja trezentos também pode arranjar mais. É só questão de ser firme, o lukano ajuda.

Era já a hora da comida do fim da tarde e tudo estava pronto. Foram comer todos juntos para o tchota e depois ali ficaram a beber vinho de palma, mais Nayole, à espera que os ngomas aquecessem para a dança.

Já o batuque estava no auge quando chegaram Kumbana e Kamexi. Se reuniram logo com Lueji, na cubata destinada a esta.

– Vimos tudo, rainha. O lugar para o primeiro kilombo está escolhido e o do segundo também. Ainda fomos até algumas aldeias, para ver as posições. E quantos homens se arranjam?

Lueji explicou as decisões tomadas. Os olhos dos dois se animaram mais, quatrocentos homens era um número com que já nem ousavam sonhar.

– Kamexi deu uma boa ideia, rainha. Com a tua autorização, ele vai ficar aqui até chegar o Kandumba para montar uma linha nossa de mondos.

– Como é?

As comunicações a grande distância eram feitas pela batida dos mondes, enormes batuques de uma só peça trapezoidal que faziam se ouvir a dez

quilómetros de distância. Os sinais eram conhecidos de todas as aldeias e acompanhavam a estrutura silábica da língua, um kimbo tinha de os repercutir para o seguinte e assim a mensagem ia transitando.

– Combinámos um código só nosso e muito mais simples que o habitual. Assim, quando quisermos chamar o exército para Mussumba, tocamos o mondo de certa maneira. Kamexi vai instalar tocadores nos sítios convenientes, para que a mensagem chegue aqui logo. Esse é o toque do leão. Só eu em Mussumba e Kamexi aqui é que sabemos que o toque do leão significa o exército deve avançar imediatamente para a capital. Os tocadores só sabem esse é o toque do leão e se o ouvirem têm de o repetir. Tchinguri ouvirá que foram tocados os mondes de maneira diferente, mas não pode saber o que isso quer dizer. Assim, tocamos o mondo de Mussumba e, se for de manhã, à noite o exército está lá.

– No mesmo dia!

– No mesmo dia, rainha. É uma vantagem enorme.

– É possível? E que tem o Kamexi de fazer?

– Tem de ensinar o toque aos tocadores. E montar cubatas para eles nos sítios convenientes. Há grandes extensões sem aldeias, onde no meio tem de ir viver um tocador. Quando a distância é grande, o tocador da aldeia que ouve a mensagem tem de andar com o seu mondo até um sítio donde pode ser ouvido na aldeia seguinte. Se perde muito tempo, porque o mondo é pesado. Tendo os tocadores a distância certa, é quase imediato, ouve e transmite. Se se tocar em Mussumba com o Sol assim – e indicou com o braço a posição das seis horas, o braço horizontal ao chão – recebe-se a mensagem no kilombo com o Sol assim – e indicou com o braço a posição das sete horas.

– Bravo pela ideia, Kamexi. Estou mesmo muito satisfeita contigo. Agora vão comer que depois vamos dançar. Quero que dances ao meu lado, Kamexi.

E assim foi. Dançaram toda a noite. O povo satisfeito porque a sua soberana estava satisfeita, os muatas satisfeitos porque, apesar do sacrifício, a vitória ia lhes trazer muitos privilégios. Alguns aspiravam com razão a lugares na corte. E Salukunga estava satisfeito porque a linhagem que comandava estava bem encaminhada com esta rainha.

Partiram no dia seguinte, depois de muitas despedidas e manifestações de regozijo. Agora tu, Mussumba, pensou Lueji, quando a caravana começou a

subir a primeira ladeira, ainda acompanhada por Kamexi. Estava com a angústia de não saber o que se passava na capital há três dias. Era tempo suficiente para Tchinguri tomar o poder, liquidar todos os que se opusessem e ficar, tranquilo, à sua espera. Não, havia um mensageiro pronto a partir por ordem de Kakele, ao mínimo sinal de anormalidade. Mussumba estava calma e à sua espera, decidiu Lueji. E ficou a contemplar a floresta que se aproximava. Não tinha chovido este tempo todo, mas hoje ia mesmo chover. As nuvens vinham do Ocidente, primeiro esparsas, depois cada vez mais densas.

Choveu até chegarem a Mussumba. Por causa disso, só chegaram de noite. Com frio, mas em paz.

A noite tinha terminado, mas não foi uma noite de paz, afinal. Através da janela, viu o Sol nascer, sem o cacimbo matinal. Prenúncio de Verão? Talvez o dia luminoso fosse mais pacífico que os anteriores e sobretudo aquela noite que parecia nunca findar. Corpos febris, corpos estropiados, corpos já inchados, só corpos lhe apareceram durante a noite. E faltara um dos colegas do turno, teve trabalho dobrado. Os corpos doentes acabaram por lhe criar náuseas, gostava era de ver e tocar corpos sadios, de músculos finos e treinados, corpos flexíveis imitando as folhas das árvores e o dobrar do capim com o vento. Conseguiu apenas dormir uma hora mas logo o médico veio chamar, chegara uma mulher com as duas pernas esmagadas por um caminhão. E teve de ajudar o cirurgião a amputar as duas pernas, não tinham salvação. Duas pernas perdidas, para ele os órgãos mais importantes, pois só elas permitiam saltar e rodopiar.

Acabei por ganhar confiança com ele e me contou aquela noite de crise. E os seus sentimentos e as suas dúvidas. A família o empurrou para a Medicina e Marina o encorajava. O coração e Lu o empurravam para a dança. Muito pequeno, venceu os preconceitos do seu meio familiar para estudar bailado. Primeiro clandestinamente, depois abertamente contra a opinião da mãe, dos tios, dos irmãos. Teimou contra todos para ser bailarino. E ao ver aqueles corpos flácidos, doentes, só sonhava com a manhã que o ia libertar do banco do hospital e o levar para a sede do Grupo, onde podia exercitar o corpo e se deixar penetrar pela música e o movimento. E ver e sentir o corpo de Lu...

Cortou rente o pensamento, não tinha esse direito. O desejo que nele apareceu, ou que sempre existiu e só agora se manifestou, era pecaminoso.

Lu era sua irmã. Tinha outras irmãs e antes de conhecer Lu já sabia não podia pensar no corpo delas, todas mais velhas. Aprendeu isso naturalmente no meio dos filhos de pescadores, em que as grandes lutas sucediam quando um miúdo referia o corpo da irmã dum outro. Irmã era para se defender, era um ser puro e frágil, sempre merecedor de pensamentos elevados. Também a catequese na igreja da Ilha reforçou essa ideia. E aqueles anos todos de amizade com Lu tinham feito dela sua irmã, assim se habituara. Bem podia dizer isto é falso, nem conheço os pais dela, mas a irmandade nem sempre é biológica. E, além do mais, gostava da Marina que o encorajava a estudar, sempre puxando conversa sobre Medicina e Biologia. Duplamente pecador, porque também traía a confiança de Marina.

Ainda ontem ela foi a casa dele pedir explicações. E lhe disse Lu confessou tudo, mas isso não minteressa, quero é saber os teus sentimentos em relação a ela. Não vês que a considero uma irmã? Marina não se contentou com a resposta, insistiu, chorou, suplicou, gritou, ameaçou, veio até a mãe dele saber a razão de tamanha maka. Que podia ele fazer? Se fechou no seu silêncio orgulhoso, não respondeu mais nem justificou, calou apenas olhando a parede do quarto. Marina não desistia e Uli acabou por a deixar se lamentar com a mãe dele, que já sonhava com casamento dos dois no fim do curso, queria nora com estudos superiores, não uma matumba qualquer, para analfabeta na família bastava ela, nascida ainda em outros tempos em que a instrução era reservada só a alguns. Tenho banco no hospital e Uli fugiu de casa e da mãe e de Marina.

Pegou no Volvo do irmão mais velho, oferta de casamento da mãe, antiga peixeira e viúva de pescador, mas muito rica hoje. Foi para o hospital e nem perguntou a Marina se queria boleia, fosse de maximbombo, só ia encher o saco dele durante o percurso. Sabia estar errado, ela não merecia um comportamento assim, tinha todas as razões. E Marina não fez maka logo de início, pareceu até compreensiva, queria apenas a verdade. Mas ele falou a verdade dele e Marina não acreditou. Ou não entendeu, o que era pior. As pessoas têm de mostrar inteligência a todo o momento, ou então deixam de o ser, se justificou para si mesmo.

Acabou por chegar ao hospital antes da hora e depois enfrentou aquela noite terrível. Mas agora estava acabada, só lhe restava ir a casa lavar a cara e comer alguma coisa. Depois ir para o Kukina fazer manutenção. E com isso esquecer a morbidez de corpos feios e febris. Azar. Ao despir a bata,

apareceram mais três feridos de outro acidente. Teve de apoiar os colegas que começavam o turno e só saiu do banco de urgência às nove horas. O Sol brilhava irónico, queres mesmo ser médico? Faltava tão pouco tempo para o ser e as dúvidas iam e vinham, A velha teria um colapso cardíaco se lhe dissesse abandono o curso e vou ser bailarino. No mínimo um colapso. Anos e anos a senvaidecer do filho caçula, o único que ia ter curso superior e fugir da vida do mar e ele aparecia a dizer não quero mais? Podia preparar o caixão.

Não, não queria ser bailarino. Apenas de horas vagas. E já nem isso talvez, pois nos últimos tempos desconseguira totalmente acertar os passos com Lu. Pareciam dois principiantes. Ou se agarravam demais ou fugiam um do outro. Ele sabia, desejos inconfessáveis contra os quais os dois lutavam. Mas isso destruía o par de dança. E teria interesse continuar a dançar assim? Com o tempo ia se habituar a não reparar na fealdade dos corpos que tratava, é tudo questão de tempo.

Entrou em casa, evitou a reprimenda da mãe por causa da cena da véspera, comeu à pressa. Ia chegar muito atrasado, estavam os outros já no bar, no intervalo dos exercícios.

As primeiras notícias chegaram do Luengue e eram inquietantes, Katuya, o filho de muata Kakele, mandava dizer muitos homens se preparavam para a guerra, com treinos diários. Não podia dizer o número, mas eram muitos, mais de quinhentos sem dúvida. Kandama tinha montado dois kilombos cheios de gente que passava o dia a correr e a fazer movimentos militares, marchando ao som dos chingufos e ngomas de guerra. Tinham mesmo canções que falavam da vitória de Tchinguri sobre os seus inimigos, os desprezíveis Tubungo, fracos e covardes, dirigidos pelas mulheres. Muitos combates vamos ganhar, muitas cabeças cortar, muitos tributos e raparigas conquistar, para aos Tubungo mostrar onde se encontra a riqueza da Lunda. A Mussumba de Tchinguri vai ficar no cimo do morro mais alto do Luengue, de onde se verá as tribos todas dominadas até ao Cassai, esperando o dia de o transpor no caminho do Sol. Só Tchinguri é o nosso chefe e vai nos levar para onde o mel corre como os rios e o marufo forma lagos onde nos podemos banhar. As cabeças decepadas dos Tubungo serão os estandartes dos exércitos de Tchinguri, o rei entre os reis, o chefe destemido de coração forte que quer novas terras para a Lunda. E Tchinguri agora estava no Luengue, certamente para inspecionar as suas tropas e acelerar os preparativos de guerra. Assim falou Katuya, pela boca do mensageiro que chegou a Mussumba.

– E Tchinguri abandonou Mussumba sem se despedir de ti, o que é uma falta de respeito grave, podes castigá-lo – acrescentou muata Kakele, todo nervoso, irritado sobretudo com o tom das canções dos guerreiros.

– Logo que cheguei a Mussumba, Chinyama veio me dar o recado de Tchinguri. Assuntos urgentes chamaram-no ao Luengue e não podia esperar-me para se despedir. Ele não é burro, Kakele, pensou em tudo. Não, não o posso castigar por isso.

– Achas ele percebeu por que foste ao Kalanhi? Por isso acelera a guerra, antes que estejas preparada?

– Se percebeu, Chinyama não o deu a entender. Ou Tchinguri não lhe disse mais nada.

Mas nem todos os mujimbos eram maus. Um emissário veio avisar Kumbana da chegada eminente de Kandumba, com cinquenta guerreiros. Vinham diretamente duma surtida que tinham feito ao Norte, às terras dos temidos Uanda, os que cobrem as partes com as peles das barrigas. A mensagem do irmão encontrou Kandumba em plena campanha e ele interrompeu-a para vir a Mussumba.

– Os Uanda, Kumbana? – perguntou Lueji.

– Já ouviste falar dos Uanda, não, rainha? Vivem a norte das nossas terras, nas florestas mais impenetráveis. Dali saem às vezes para nos atacar e roubar raparigas. São baixinhos e como andam sempre nus, de crianças começam a puxar as peles das barrigas para baixo. Assim tapam as partes.

– Claro que já ouvi falar. Mas que andava lá Kandumba a fazer?

– Os Uanda atacaram a minha gente e raptaram raparigas. O Kandumba foi resgatá-las. Parece teve grandes vitórias. E esses homenzinhos são perigosos, usam flechas envenenadas e saltam de árvore em árvore para atacar no momento mais propício.

– Kandumba deve ser um grande guerreiro.

– Te disse, rainha. Só ele pode fazer frente a Kandama. E é bom ter trazido os homens, ficam de reforço aqui na guarda. Alguns vão com ele para ajudar a treinar o exército.

Muitas estórias tinha ouvido Lueji contar sobre os terríveis homenzinhos da floresta do Norte, que nunca tinham sido dominados pelos Tubungo. Se refugiavam nas matas mais densas, viviam de tubérculos e caça e comiam gente nas suas práticas religiosas. Se dizia... Ninguém voltou vivo para confirmar as estórias. E Kandumba não tinha medo de atacá-los, lá, no seu santuário. Tenho primos com valor, é essa a minha força.

– Mas as minhas terras no Cassai agora estão sem defesa – disse Kumbana, a coçar a cabeça, seu gesto habitual. – Tenho de ver isso bem com Kandumba. Os Uanda podem aproveitar para fazer umas razias. Ele trouxe o seu grupo e é quase o que nos resta para defender as aldeias.

Sim, a linhagem estava arriscar demasiado para defender o lukano. Risco necessário, mas Kumbana merecia um presente, para mostrar como ela estava satisfeita por o ter a seu lado. Talvez uma rapariga do seu serviço, uma das muitas amilombes que os muatas ofereciam à rainha como penhor

de amizade e respeito. Logo mais vou escolher uma bonita e novinha para ajudar a mulher a cuidar dele. Kumbana vai gostar.

– Se Kandumba teve muitas vitórias, ainda vai demorar até os Uanda ganharem coragem para atacar o Cassai – disse Lueji.

– Eles não têm medo de nada. E devem estar com raiva. As aldeias têm de se preparar.

Kumbana era realmente uma pessoa muito especial, sabia sempre ver o que era mais importante. Numa situação de guerra civil, as aldeias tinham de se defender sozinhas dos perigos externos. Agora era preciso vencer o inimigo principal, mesmo que se perdesse território e gente. Depois de eliminado o perigo maior, se recuperava o resto. Assim lhe tinha ensinado Kakele e assim parecia pensar Kumbana. Nem era necessário falar para se entenderem. E isso, merecia mesmo a sua amilombe mais bonita para lhe aquecer as noites como concubina. E a mulher dele ia apreciar, teria menos trabalho. Mas não poderia ser Kamonga Luaza, essa tinha acabado de lhe ser ofertada no Kalanhi e era miúda demais, ainda tinha de aprender.

Continuou a pensar, mesmo depois dele ter saído. Que ganhava Kumbana em lhe ser fiel? Foi nomeado chefe da guarda, um cargo importante, sem dúvida. Mas que lhe trazia esse cargo que ele já não tinha antes? No Cassai era o chefe de muitas aldeias, comia e bebia o que queria, tinha as mulheres que escolhesse. As lavras das suas mulheres e as ofertas que o povo lhe fazia davam para nunca ter fome e receber bem as visitas. Em Mussumba? Comia bem, dos restos da rainha. O soberano repartia as ofertas e pequenos tributos pelo pessoal, contemplando especialmente os importantes. Da sabedoria na distribuição dos presentes vinha a tranquilidade na onganda e a fidelidade dos servidores. Lueji estava atenta a isso mas sabia, no Cassai ele tinha mais, era ele que repartia. Aqui podia receber mulheres também, mas dependia da vontade da rainha. Não, não ganhava nada em estar em Mussumba. Era mais respeitado, por ser o chefe da guarda? Participava do poder central, só isso. Em troca, arriscava mais o feitiço ou o veneno ou a emboscada dos inimigos da rainha. As intrigas da corte não lhe interessaram antes, sempre viveu longe de Mussumba, arredio às cerimónias e homenagens. O poder dele aumentou e o prestígio, embora não fosse isso que o fazia fiel. Era mesmo só a lealdade a ela e à linhagem. E outra coisa, o mesmo que amarrava Lueji. O medo. O medo de descumprir a vontade dos antepassados. Ninguém podia imaginar os perigos que incorria quem não

respeitasse os deveres para com os espíritos. Pestes, raios, razias, tudo podia acontecer. Famílias riscadas da face da terra só por um capricho dum espírito insatisfeito com os homens. Kumbana tinha de ser fiel à linhagem, senão perdia a sua razão de ser. E ela também tinha de ser fiel à promessa feita ao pai, mesmo contra a sua vontade, senão era pó, desprezível pó que se pisa sem sequer reparar.

E Tchinguri? Não tinha medo do espírito do pai e dos antepassados? Que coragem era essa e onde ia ele encontrá-la para se opor à vontade dum moribundo? Pior ainda, moribundo que fora seu pai e por ele empurrado para a morte. Tchinguri não tinha medo dos espíritos dos antepassados? Uma admiração temerosa muito grande entrou nela. A mesma que tinha pelo irmão quando eram pequenos e ele arriscava só pelo prazer ou pela vaidade de arriscar. Tchinguri tinha forças internas que ela não entendia, que ninguém nunca entendera. Por isso todos tinham medo dele? Porque se ria daquilo que todos temiam? Sim, Tchinguri era diferente, sempre o soube. Por isso dizia lhe conheço melhor que ninguém, dissera mesmo ao pai antes de este morrer. Sentia no irmão as tais forças desconhecidas que os outros atribuíam a um mau espírito e que ela sabia não ser. Também não podia explicar, só que ele era diferente e tinha a coragem de o ser. E por ação dessas forças, a ela cabia a missão de o combater, amando-o e admirando-o. Triste destino que faz os irmãos se situarem em posições contrárias! Ele devia ser o rei, tinha forças para isso, não exércitos mas sim forças dentro dele. E ela devia estar ao seu lado, apoiando-o a cumprir o seu destino. Assim devia ser. No entanto, os espíritos a ela confiaram a missão de não o deixar cumprir o seu destino, para bem da Lunda. Para bem da Lunda? Gostava de ter essa certeza.

Certezas? Quem as tem? Marina era mulher de certezas, mas tinha ontem voltado a casa cheia de dúvidas, com as respostas evasivas de Uli. E ela, que certezas tinha? Do seu amor, e mesmo desse só agora, levava mais de dez anos para as ter. Quanto a ele, tivera a certeza da sua amizade, maior que tudo. Hoje nem sabia. Certezas só os religiosos. E os políticos, os que acreditam na verdade eterna, enquanto não a mudam segundo os seus interesses. Lu nunca teve certezas, sempre balançando entre o mundo dos amigos do pai e as crenças da avó, depositária do saber lunda, e isso a tornava frágil. Mas tenho de me concentrar no que estou a fazer, senão o corpo não obedece. A dança sempre a libertou dos mundos em conflito, nela

se consumia. A música comandava o cérebro e os músculos, se deixava levar para o nada, o vazio, o-apanas-som-e-movimento. Até que aquilo aconteceu. Agora a música já não a libertava, não a impedia de pensar. Dançava dividida, uma parte dela no que fazia, a outra vendo-a fazer. Estranha sensação de impotência.

Continuou repetindo exercícios, por vezes interrompida pela professora, Lu, vê o que fazes, não te ponhas a gaguejar com o corpo. Nunca nenhuma professora precisara de lhe chamar a atenção, ela mudava de movimentos sem se notar uma quebra, era tudo uma sequência fácil, evidente, tão natural que parecia feitiço. E o problema não estava ser compreendido pela professora, pois Lu via exatamente o que fazia, estava desdobrada em bailarina e assistente, o que a obrigava a dar sacões, a ter hesitações. Era no ver que estava a maka. Se via e pensava noutras coisas, tudo ao mesmo tempo. E Uli não aparecia, coitado, o seu banco de urgência no hospital demorava mais que o esperado.

Houve o intervalo para descanso e foram tomar um café no bar do lado, o Manda Fama. Já lá estava Afonso Mabiala, o compositor, agarrado à cerveja gelada. Se notava já tinha varrido uns finos. Estava lá também eu, quase me agachei na mesa quando os vi entrar, era sorte demais e não queria afugentar a sorte. Fosse camaleão e tinha virado verde, como o tampo metálico da mesa. Mas nem repararam neste insignificante aspecto, apesar de não ter conseguido me mimetizar.

– Logo de manhã, Afonso? – perguntou Jaime.

– Que querem? Um fracasso como eu só no álcool se pode refugiar. Desde que abandonei a liamba.

– Abandonaste de vez? – perguntou Lu.

– De vez. Por enquanto...

– E por isso não compões?

– Nada a ver, Lu. Nem com ela compus coisa de jeito para o *Cahama*. Isso são tretas. Talento é que é preciso, o resto é feiticismo. E o meu problema é esse. Me convenci, o talento se vaporou. Foi... – e deu um estalido com os dedos.

– O talento não vai embora assim – disse Jaime, que adorava filosofar sobre arte. – São fases, crises que todos os criadores têm. E que os burocratas não compreendem. Há planos a respeitar, a encomenda está aí, tem de ser realizada, senão há castigo. É isso sempre que provoca as crises

de criação.

Mabiala acabou de varrer o fino e fez sinal ao criado para lhe servir outro. E chegaram os cafés para Lu e Jaime. Foi nesse momento que apareceu Uli. Sentou, mandou vir um café, só agora me safei, ainda posso fazer alguns exercícios. Eu conhecia Uli, quem não o conhecia? Fingi continuar a escrever, na minha mesa de canto. Mas de ouvidos bem abertos.

– Estávamos mesmo a falar de talento – disse Mabiala. – Acreditas, Uli, que os culpados pelas crises de criatividade são os burocratas? Sempre a nos pressionarem com o plano?

– Estou fora dessa, cheguei agora – sesquivou Uli.

– Acho é uma boa desculpa dos criadores – continuou Mabiala. – Desculpas apenas. O problema é do talento.

– Mas é evidente que um compositor não pode estar sujeito a um plano burocrático – disse Lu. – Se te encomendam uma música, ela pode sair ou não. Não é uma questão de talento. Há uns que se marimbam, mesmo se não gostam do que fizeram, apresentam-na só para cumprir o plano. E há os verdadeiros artistas que entram em crise.

– Quer dizer que sou um verdadeiro artista, Lu?

– És.

Mabiala levantou o copo em brinde, obrigado, só tu me compreendes. Tinha vindo do Zaire muito novo, lá nascera. Os pais se tinham exilado no Zaire durante a guerra de independência de Angola e ele nasceu em Kinshasa. Voltou com a independência, aprendeu o português, esqueceu o lingala, e se integrou. Hoje ninguém mais lembrava que fora um “regressado”, adjetivo quase pejorativo que numa dada fase era utilizado em Luanda. Mas tinha-o marcado na infância esse sentimento de desconfiança, quase rejeição. Por isso apurou a pronúncia, estudou como ninguém, tirou o curso superior de Música em Moscovo. O seu trabalho estava virado para a estilização da música tradicional do Norte do país e fazia composições surpreendentes com diálogos entre quissanjes e chingufos e órgão eletrónico.

– Sabes, Lu, só tu me podes salvar.

– Como, Afonso?

– No outro dia falaste de marimbas, uma mulher incerta e forte, e sei lá mais quê... Eu tenho qualquer coisa no ouvido, mas não sei expressar. Preciso que fales mais dessa ideia. Isso agora não me larga, mas é muito

indefinido...

– O meu problema também é esse. É tudo muito indefinido. É cedo para falar. Mas prometo, quando estiver claro, falo contigo.

Veio mais um fino para o compositor. A voz já estava arrastada e os olhos mortiços. Vai só sembebedar à toa, pensou Lu. E ainda não era meio-dia. Mas não havia nada a fazer, ela por vezes também precisava de se refugiar, embora o álcool fosse desaconselhado para a plástica duma bailarina.

– Ontem à noite essa ideia foi mais precisa – disse Mabiala. – Estava deitado ali, no quarto de bêbados do bar, e vi-te, Lu. Havia sons de marimbas e tu dançavas. Nem sei se estava acordado, se foi sonho. De qualquer modo estava bem ganzado, como devem imaginar. Não tenho feito outra coisa.

– E como me viste?

– Dançavas, uma leveza incrível, estavas sobre uma nuvem. Só de tanga e pulseiras e colares. Uma argola de cobre.

– Só de tanga? – interrompeu Jaime.

– Só. Se queres saber, as belas mamas da Lu estavam de fora. Pequenas, redondas, direitas, lindas...

– Como se já tivesses visto as minhas mamas, sacana...

– Infelizmente nunca as vi. Só adivinho. Infelizmente... – Fez um gesto largo, teatral. – Aliás, nenhum de nós as viu. – Depois olhou para Uli, que tinha fechado a cara: – Ao menos suponho...

A conversa tinha escorregado para um ponto difícil, pela presença de Uli. Jaime olhou para outro lado, Lu baixou os olhos, Uli brincava com a chávena de café. Ouvi e vi tudo e uma intuição chegou, estaria aí a raiz do drama? Porque se percebia imediatamente, fora uma inconveniência. Mas Mabiala estava chupado demais para notar a inconveniência e continuou:

– Dançavas sobre a nuvem. Não era dança guerreira, não batias com os pés no chão como o checo lobrigava. Nem remexias as ancas e a bunda como aqui se pensa que é a nossa única dança. Era qualquer coisa de etéreo e sensual, muito sensual mesmo. E as marimbas produziam sons de água caindo e tu nadavas entre a água da música. É isso, lembro, água, o tema é esse.

– E a música como era? – perguntou Lu, se curvando intensamente para ele. – Podes lembrar?

O compositor varreu o fino inteiro duma vez. Bateu com o dedo na

cabeça.

– Está aqui. Mas é só uma fração. Assim...

E trauteou algumas notas.

– Pode ser isso – disse Lu.

Mabiala largou o copo e lhe agarrou nas mãos, ansioso.

– Achas que é isso? É a tua ideia?

– É fantástico – disse Lu. – É fantástico mas oiço também um tema semelhante a esse. Ainda muito impreciso. Mas estás lá, Afonso. Não digo és um génio?

– Tens de me falar mais sobre isso, Lu. Salva-me. Aí está o fim da minha crise de talento.

– Ainda é cedo, Afonso. Como queres que te fale disso se ainda nem sei? Primeiro tenho de descobrir. Mas que tem água, isso tem. E pulseiras de cobre e colares e tangas de mabela... Que a ação se passa na Lunda, já te posso dizer de certeza.

– É então um bailado que estás a pensar criar, Lu? – perguntou Jaime.

– Ora, é muito cedo. É só ainda uma ideia. E quem sou eu para criar um bailado? Isso é trabalho de coreógrafo. Poderá vir a ser uma ideia que um coreógrafo utilize. Apenas. Mas pode não ser nada e fique apenas nisto, uma ideia que se evapora.

– Não me faças isso, Lu – suplicou Mabiala, lhe segurando de novo as mãos. – Não a deixes evaporar. Será tão belo, nem imaginas. Como o vi ou o sonhei, não sei, era duma beleza que doía. Infelizmente é sempre assim. As coisas mais belas que se imaginam, se intuem, sei lá, nunca passam para o concreto. Ficam como uma puríssima linha azul que se busca, se busca, e nunca se encontra. Também isto, Lu?

– Não te posso prometer nada, Afonso – e acariciou a desalentada mão fina do compositor.

Mabiala mandou vir mais um fino e Uli disse vamos embora. Os bailarinos se levantaram, Lu me fez um gesto de despedida, afinal tinha notado a minha presença, e voltaram para a sede do grupo, cada um pensando de forma diferente na conversa com Mabiala. Lu sentia uma dor no peito, por adivinhar a aproximação de mais uma descoberta. Estava perto, muito perto, mas de quê? A pergunta de Jaime tinha antecipado as coisas, devia ser mesmo um bailado que ela procurava nos livros antigos sobre a Lunda. Antes pensara numa fuga, um pedido de socorro, procurava

na centavó alguma força que lhe faltava. Também era isso. E mais. Depois suspeitou duma estória, procurava nas diferentes vidas de Lueji uma estória, ela que não era escritora. Mas Jaime acertara, era um bailado. Tinha ainda de amadurecer muito a ideia, tudo estava difuso. Um bailado sobre Lueji? Um mito de há quatro séculos transposto para o palco? Mas tinha ela, Lu, coragem de o defrontar? Se lembrou nesse momento de mim, quem sabe eu poderia ajudar? Se se tratava de literatura... Ajudar como? Compor a estória, escrever o roteiro ou apenas dar conselhos? Esqueceu a ideia, esqueceu-me, porque chegavam. Mas eu faria Lu se lembrar de novo de mim, não tinha vergonha de ser carraça. Pela minha presença constante, calada, neutra, no Manda Fama.

Entraram na sala de exercícios e a professora impaciente batia as palmas para os chamar.

Primeiro se ouviram as palmas, depois surgiu Kanyika, o chefe do protocolo. Vinha anunciar a chegada de Ndumba ua Tembo, pedindo uma audiência. Este mal deixou que ela autorizasse, logo apareceu, radiante no seu porte de chefe.

– Rainha, há um leão atacando as aldeias do rio, aqui perto. Venho te convidar para uma caçada amanhã. Poderás usar a lança e o escudo que te ofereci.

Ndumba se comportava como um familiar, o convite era quase uma ordem. Lueji não gostou do tom mas não tinha vontade de o humilhar, dizer amanhã não posso, espera uns dias. Procurou ganhar tempo.

– Matou alguém?

– Só uns cabritos. Mas as pessoas estão aterrorizadas e pediram para o caçar. Nunca se sabe quando ele vai atacar uma pessoa. As mulheres têm de ir para as lavras e as crianças vão tomar banho ao rio. Uma desgraça pode acontecer se não o matarmos depressa.

Ele tinha razão. Não podia atrasar a caçada e pôr em perigo a vida de alguém, apenas por um capricho. Ele tinha de ir. A ela de escolher se o acompanhava desta vez. Queria ter notícias do Luengue e de Kandumba, mas isso tudo podia esperar, até mostraria confiança se se afastasse de Mussumba por um dia. Tchinguri ia saber e isso era bom. Por um lado, mostrava estar em bons termos com Ndumba, uma aliança que faria refletir o irmão. Por outro lado, parecia que a rainha estava na maior das inocências, sem se aperceber dos planos de Tchinguri. Tinha todas as

vantagens em ir. Ainda mais se convidasse Chinyama.

– Está bem. Mas vou levar o meu irmão Chinyama. Já é tempo de ele se mexer um bocado.

Ndumba pareceu encantado. A presença do futuro cunhado não o atrapalhava nada, era até mais um aviso para Tchinguri, o grande rival. Mato um leão e Chinyama está lá para depois ir contar ao irmão. Imagino já a raiva dele.

– Ótimo. Devemos sair antes do nascer do Sol. Vou já mandar homens para vigiarem o leão, tentarem descobrir onde ele dorme de dia. Se me permites, retiro-me para preparar tudo.

Lueji mandou Kanyika enviar um mensageiro a Chinyama com o convite. Tentou adivinhar a reação do irmão, que chatice, não dá para escapar, é convite de rainha, lá vou me cansar inutilmente e ainda por cima apanhar uns sustos que me vão fazer emagrecer. Mas Lueji sabia ele iria, que remédio, não se tinha proposto fazer a guerra aos Mataba? Então?

Saíram ainda estava noite fresca. Lueji recusou a liteira e foi a pé, à frente, junto de Ndumba ua Tembo, Kumbana logo atrás, com dez guerreiros que formariam uma barreira de lanças se o leão resolvesse escapar aos caçadores e atacasse a rainha. Ndumba avançava orgulhoso, com o seu passo elástico de grande caçador, no braço esquerdo um escudo e na mão direita uma lança igual à da rainha, de ponta temperada por Kakoma, o melhor ferreiro da Lunda. Essa ponta ia hoje mergulhar no pelo fulvo do leão, mostrando a todos e só a ela quem era Ndumba ua Tembo, o caçador que não teme nada. Nem Tchinguri, o grande ausente deste dia memorável. O coração jovem de Ndumba batia forte, pela excitação do perigo, mas sobretudo porque Lueji ia a seu lado, jovem e forte, alegre por saborear o que ia vir. Não está nada assustada, é mesmo uma rainha. Já o coitado do irmão...

Chinyama vinha no fim da fila de homens, encavalitado nos ombros do seu kimangata, que bufava com o peso. O aristocrata lhe dava chibatadas com o espanta-moscas para o animar a avançar, mas o kimangata perdia constantemente terreno. Chinyama berrou, mandou-o parar, chamou um segundo kimangata, passou para os ombros dele. Não ia adiantar muito, em breve este ia estar também esgotado. Se a viagem demorasse muito, Chinyama teria de se sujeitar ao vexame de se encavalitar aos ombros dos guerreiros, homens que não estavam treinados a transportar suavemente um

nobre, o que era realmente uma humilhação. Que me sirva de lição, tenho de arranjar pelo menos mais dois kimangatas, quatro a se revezarem já dá para grandes distâncias. Provavelmente a Lueji vai me mandar fazer a guerra aos Mataba e isso significa viagens enormes. É, o mais urgente é preparar mais kimangatas.

Chegaram à primeira aldeia e lá estava um batedor de Ndumba à espera. O leão não tinha rondado por ali à noite, deviam avançar para ter notícias. Aproveitando a pausa da conversa com o batedor, Chinyama fez o kimangata andar até à altura de Lueji.

– Ainda falta muito?

– Já estás cansado? – perguntou a rainha, rindo.

– Eu não. Estes é que estão – e apontou para baixo.

– O melhor é andares a pé.

– Se fizer isso, então são as minhas pernas que ficam cansadas, o que é muito pior.

Voltaram a avançar, sempre pelas suaves elevações à borda do rio, com poucas árvores esparsas. Para baixo, até às margens, se via muitas mulheres a trabalhar nas nakas. As crianças brincavam na água. As raparigas novinhas lavavam os panos e panelas nas pedras que sobressaíam das margens. Ninguém tinha ouvido o leão nessa noite, na anterior sim. Temos de andar muito então, disse Ndumba ua Tembo para Lueji, a fala do leão à noite vai mais longe que o som do chingufo. O que fez lembrar à rainha o sistema de mundos que neste momento estaria a ser montado por Kamexi, antecipando a chegada de Kandumba e o começo da preparação do exército. Os meus negócios estão em boas mãos, não tenho que pensar nisso, devo só gozar este passeio agradável e o quente nervosismo de procurar o leão, só isso conta hoje. O segredo do bom chefe é só pensar naquilo que deve em cada momento, para poder sempre pensar bem. Foi Kandala que lhe ensinou isso? Não, não foi ninguém, tenho a certeza, mas deve ser verdade. Digamos foi o espírito do meu pai, o que nunca se engana.

Andaram mais uma hora e já Chinyama passava de ombro em ombro, pelos soldados da guarda. Não era o trabalho deles, mas desconsuavam de ficar zangados pois isso os divertia. Saltitavam mais que o necessário, para fazerem o aristocrata balançar, depois fingiam estar esgotados, haka, vou cair, o que levava logo Chinyama a berrar, para, para, matumbo, ainda me fazes cair também. E ele passava para outros ombros. Era o gáudio geral,

mas silencioso. Kumbana é que não apreciava, pois o divertimento tirava a disciplina aos soldados e, entretidos como estavam, não protegiam a rainha em caso súbito de necessidade. Mas nada podia fazer, senão Chinyama ia se aperceber que brincavam com ele e isso podia ter consequências negativas para os homens, os melhores da sua guarda, escolhidos a dedo para esta ocasião perigosa.

O leão tinha sido ouvido na segunda aldeia que atravessaram. Mas longe, na perpendicular ao rio. Os batedores de Ndumba já tinham notícias e de vez em quando um aparecia para lhes indicar o caminho certo. Se afastavam agora cada vez mais do rio, para as colinas arborizadas. Na mesma direção, mais longe, se adivinhava o começo da floresta. Ndumba estava inquieto, se ele está na mata cerrada, não é bom, não. Primeiro era difícil encontrá-lo. E no meio das árvores ele podia atacar de repente, se fosse ferido apenas, ou mesmo se não tivesse caçado à noite.

Mas a terceira aldeia, perto dum riacho, tinha notícias mais concretas. O leão tinha levado um cabrito e mesmo tentado atacar uma família. Rodeavam todos o grupo de salvadores e depois reconheceram a rainha. Muitas palmas rituais, muitos estamos salvos, a rainha vem caçar o leão, uma pele no chão para Lueji sentar, mel e bolos de massango, ualua para Chinyama a morrer de sede, explicações a Ndumba, braços esticados a indicar para onde foi o leão, é lá onde ele dorme de dia.

Ndumba mandou os pisteiros avançar para seguirem as pegadas ainda recentes, depois os caçadores. Ficaram mais um pouco, para darem tempo a que os kimangatas de Chinyama recuperassem e este matasse toda a sede que a marcha lhe tinha provocado. O Sol agora já estava forte e com as elevações e a vegetação ia ser mais difícil marchar. Mas Chinyama se encheu de brios, talvez efeitos da ualua logo de manhã, e disse vou andar um pouco.

Alguns soldados da guarda pessoal de Ndumba ua Tembo abriram a marcha, depois vinha Lueji e Ndumba, com Kumbana atrás, Chinyama e os guardas da rainha. Os pisteiros e caçadores e os batedores espalhados pela zona faziam muita gente. Lueji calculou uns cem. Ndumba tinha realmente um exército grande. Apesar de ter jurado a si própria não pensar nessas coisas durante a caçada, a rainha não pôde resistir:

- Quantos soldados podes mobilizar em Mussumba num dia?
- Não sei – ele mentia, ela sabia. – Nunca contei. Mas deve dar aí uns

duzentos, contando com esta gente toda que pode pegar em armas. São teus soldados, rainha, quando deles precisares.

– Não preciso deles, pelo menos por enquanto, espero. Foi só curiosidade, por ver tanta gente nesta caçada.

– São necessários. Têm de descobrir o leão e depois fazer barulho e assustá-lo, levando-o para o sítio que eu escolher. Para isso tem de ser muita gente.

– E consegues arranjar comida para todos?

– Eu não. As mulheres trabalham. Vivem todos à volta de Mussumba. E eles caçam.

– As tuas terras ainda são longe daqui. Tens muitas aldeias e gente lá?

– As minhas terras ficam a cinco dias de marcha, não é longe. Enfim, pelo menos para um caçador... E quanto às aldeias, sei lá, não gosto de fazer contas.

Toda gente sabia Ndumba tinha o mais forte efetivo, talvez não um exército treinado, mas muitos caçadores. Podia estar a falar verdade e não conhecer o número, exatamente porque não era um exército. Lueji preferiu não insistir. Mas se ele queria casar com ela, devia ter todo o interesse em mostrar a sua força para que a proposta de aliança fosse tentadora. Não percebia bem o jogo dele. E se não se tratasse mesmo de jogo e apenas sincera despreocupação? Ou vaidade? Devia ser isso, vaidade, achava ele sozinho valia como oferta irrecusável. O seu território ficava também no Cassai, mas a sudoeste de Mussumba, guardando a fronteira desse lado, onde viviam os selvagens Laza e Luvale, povos considerados inferiores pelos Tubungo. Mas muitas vezes causavam perturbações e por isso os homens de Ndumba tinham trabalho com eles. Devia ter mesmo um núcleo de guerreiros, mas que não queria revelar. Kakele também se devia interessar em saber exatamente o que se passava nas terras de Ndumba ua Tembo, ia lhe dizer para mandar lá uns informadores. A força maior dum soberano é o conhecimento exato da força dos seus muatas, se também não foi Kandala que me ensinou, então foi o espírito de Kondi.

Contemplou o ar emproado de Ndumba ua Tembo, as penas voláteis na cabeça, caminhando ligeiramente à sua frente. Tchinguri dizia dele que mais parecia um galo. Sim, tinha algo dum galo, não por causa da crista que as plumas faziam lembrar, mas a maneira de andar com o peito cheio e as pernas fortes pisando delicadamente o solo. Caminhar furtivo de caçador,

atento ao menor ruído duma folha pisada. A vaidade também era própria dum galo? Pensar que casaria com ele, apenas pelo seu apoio individual? Não precisava dum exército para mostrar a sua força, ele próprio era a força? Ou estaria a ser injusta, levada pelo ódio de Tchinguri ao caçador da Lunda? Sobre Ndumba, nunca se deixara influenciar pelo irmão, não ia ser agora. Mas a comparação com o galo fê-la soltar uma gargalhada e ele se virou para trás, interrogativo.

– Não é nada, lembrei duma coisa.

– Agora silêncio, estamos próximos.

Efetivamente, um batedor estava à sua frente, fazendo gestos. Estacaram. Os pisteiros tinham descoberto não só pegadas, mas a carcaça dum cabrito. O leão comeu o animal tranquilamente, depois foi se refugiar num esconderijo. Os pisteiros perseguiram o rasto que se afastava da região arborizada, fletindo para a direita. Chinyama gemeu atrás:

– Ainda falta muito? Já não posso mais.

Fez sinal ao primeiro kimangata e encarrapitou-se nos seus ombros. Os soldados trocaram olhares entendidos, mas ninguém falou. Ndumba deu o sinal de avançar. À sua frente se encontrava um morro alto que se destacava dos outros. Sem árvores, apenas pedras enormes. Se viam os pisteiros e caçadores na base do morro. Caminharam para lá e logo um pisteiro avisou Ndumba:

– Deve estar aí escondido numa gruta ou embaixo duma pedra. É perigoso avançar à toa.

– Para onde vão as pegadas?

– Para o alto, muata.

Ndumba olhou para todos os lados, indeciso. Alguns pisteiros estavam a meio do morro, esperando as ordens. Se via nos olhos, nas mãos que apertavam as armas, os homens estavam nervosos. Pelas pegadas se podia adivinhar, era um velho macho, muito grande.

– Velho e solitário, que ataca aldeias. Muito perigoso.

Chinyama, que chegava nos ombros do seu kimangata resfolegante, ouviu a última frase de Ndumba e logo disse:

– Então, estás com medo, grande caçador?

Ndumba olhou para ele com desprezo e encolheu os ombros.

– Se ele resolver atacar, o primeiro que apanha és tu, aí em cima. Nós cá embaixo estamos muito mais protegidos.

Logo Chinyama bateu com o espanta-moscas nas costas do kimangata, abaixa-te, abaixa-te, matumbo, e saiu dos ombros dele. Ficou junto dos outros, a esfregar a bunda triturada, que coisa mais disparatada uma caçada. Quem me dera estar já em Mussumba.

– Os velhos solitários são os mais perigosos, não é? – perguntou Lueji a Ndumba.

– Assim dizem os caçadores. Porque são velhos, são afastados das fêmeas por outro mais jovem. Aí ficam com raiva, se escondem nas pedras, atacam tudo. Parece não têm mais medo de nada.

Não só os leões, pensou Lueji. Os espíritos desprezados também são os piores. E os homens...

Logo Ndumba se decidiu:

– Fiquem aqui e em silêncio. Vou fazer um reconhecimento ao terreno.

Levou alguns homens com ele e foi rodeando a base do morro, até desaparecer das vistas dos outros. Os pisteiros que se encontravam no meio do morro sentaram, à espera de instruções.

Chinyama escolheu uma pedra à frente de Lueji, afagou a barriga proeminente e falou:

– Maninha, isto dá uma fome! Se ainda estivéssemos a caçar um golungo ou uma pacaça, sempre havia a esperança de se comer uma boa posta de carne logo a seguir. Mas do leão não se aproveita nada...

– O prestígio, Chinyama.

– O prestígio não se come. Achas que quando voltarmos encontramos um xima já pronto naquele kimbo?

– Certamente que não. Nem lhes passa pela cabeça arranjar comida para mais de cem pessoas.

– Não falo para todos. Mas para nós... Tu és a rainha!

– Há uma tradição na marcha. Ou comem todos ou não come nenhum. Não vou quebrar essa tradição. Em Mussumba ofereço-te um banquete, bem o mereces.

– Mussumba está cada vez mais longe, maninha.

Realmente Chinyama estava com um ar todo desconsolado. Lueji teve pena dele. Disse para Kumbana, que estava divertido a ouvir aconversa:

– O muata Chinyama está a precisar de trincar um pouco de carne seca.

Kumbana fez sinal a um carregador que trazia um cesto na cabeça. Apareceu logo um pedaço de carne seca e Chinyama se agarrou vorazmente

a ela. Falou com a boca cheia:

– Maninha, só por isto merecias ser rainha.

– Trouxemos essa carne para o caso de termos de dormir fora de Mussumba – disse Lueji. – Mas parece não vai ser preciso.

– Imploro aos espíritos para que não – disse o irmão, olhando ansiosamente para a fila de carregadores. – Também trouxeram bebida?

– Não – respondeu Kumbana. – Só carne seca e massango.

– É pena. É mesmo pena.

Tempos depois apareceu Ndumba ua Tembo. Vinha com um sorriso nos lábios.

– Encontrei o sítio ideal. Este não escapa.

Começou a escolher os homens e a dispô-los no terreno. Os pisteiros e batedores formaram uma fila no meio do morro, os tocadores de ngoma atrás. Os caçadores e soldados iam avançar com Ndumba e Lueji para o outro lado. Depois de andarem um bom bocado, Lueji viu o que entusiasmaria Ndumba ua Tembo. A descida do morro por aquele lado tinha de se fazer por uma espécie de caminho entre rochedos, até à base. Não havia outra saída. Ndumba dispôs os caçadores com os arcos e flechas e as azagaias dos dois lados do caminho, em cima das pedras. E ele, como dizia a sua fama, contada e recontada gerações depois, ia ficar sozinho no meio do caminho, com lança e escudo, à espera do leão. As flechas não eram uma arma muito poderosa, pois as pontas de mau ferro se partiam facilmente na pele do leão e não penetravam na carne. As azagaias eram mais poderosas, mas era muito difícil acertar num leão a correr. Por isso podia acontecer o animal estar incólume, quando chegasse sobre Ndumba ua Tembo. Lueji sentiu um arrepio.

– Não podes fazer isso, é muito perigoso.

Ndumba fez um sorriso um pouco forçado. Nada mais nele aparentava nervosismo. Nem mesmo a tensão que fazia os músculos dos ombros e dos braços se retesarem. Notou no entanto a preocupação dela e a apreciou.

– É assim que gosto de caçar o leão, é um jogo. E te prometi que o caçava. Então?

– Há outras maneiras.

– Isso é o que fazem os outros. Por que vou fazer como todos os outros? O meu medo é que ele encontre outra saída e nos escape. – Falou para os soldados: – Formem uma barreira com as lanças para protegerem a rainha.

Os soldados obedeceram e fincaram as azagaias no chão. Também Kumbana, um pouco à frente deles. Lueji e Chinyama se puseram atrás da muralha de azagaias e mais na retaguarda os carregadores, tremendo de medo, sem entenderem estas brincadeiras estúpidas dos muatas. Chinyama também não procurava esconder a preocupação.

– Achas que os soldados não vão fugir quando o leão estraçalhar o Ndumba e saltar sobre nós?

– Não, são bons guardas. O que me assusta é o risco que o Ndumba vai correr, é uma loucura.

– Não liguês, será um galo a menos. E tudo para se fazer valer aos teus olhos, maninha!

Ndumba ua Tembo se colocou bem no meio do caminho. Apesar de ter feito as operações mágicas próprias da caça do leão antes de sair de Mussumba, segurou ainda no colar que levava ao pescoço. Era constituído apenas por um pequeno chifre de mbambi, dentro do qual tinha a pamba e pós de raízes especiais. Apresentou o chifre aos espíritos dos quatro lados, protejam-me, mais-velhos. Depois concentrou toda a força do olhar nos rochedos cinzentos que encimavam o morro e ficou largos instantes imóvel. O suor fazia refulgir o corpo negro ao Sol. Matizado de azuis. Levantou o escudo com o braço esquerdo. Era o sinal.

A vida, que parecia ter estado parada durante uma eternidade, com o silêncio de todos observando a imponente figura de Ndumba ua Tembo, subitamente renasceu em mil ritmos. Um dos homens, em cima das pedras, apitou para os da outra encosta. Se ouviu imediatamente, do lado de lá do morro, o barulho infernal dos ngomas, dos gritos, das lanças chocando em pedras, dos ferros batendo em chocalhos e sinos. E os pisteiros avançaram, barulhando, para o alto do morro.

Há muito o leão tinha sentido a presença humana embaixo dele. Se mantinha quieto, na expectativa. Sabia, a sua posição mais invulnerável era ali mesmo onde estava. Mas a gritaria e a batucada foram repentinas demais, ele se assustou, deixou o refúgio. Procurou uma saída. Deve ter pensado em atacar os homens que avançavam para ele, mas viu um bando de demónios pintados de vermelho e branco, atirando o medo pelas gargantas, e deu meia volta, como era de prever. À sua frente tinha agora só o caminho entre os rochedos e a fúria e a desorientação do barulho de mil trovoadas não o deixavam ver bem, apenas divisava aquele vulto pequeno lá

embaixo com uma inofensiva azagaia na mão. Não tinha outra alternativa senão enfrentar aquele mísero homem que se situava no caminho da sua fuga. Saltou, rugindo de raiva e desespero e começou a descer a senda traçada pela natureza, mas escolhida pelo seu inimigo.

– Atirem! – gritou o adjunto de Ndumba, em cima dos rochedos.

E Lueji viu, como num sonho, as flechas e azagaias saírem das pedras, caírem quase todas aos pés do animal, uma ou outra tocando na pele dele e sendo repelidas pela fúria do bicho que estremecia a cada ferroadada, as flechas pareciam era madeira que ricocheteava em ferro, só uma ou outra ousava penetrar naquela massa de carne e nervos raivosos e o leão descia, aos saltos de oito metros, direito a Ndumba ua Tembo, enquanto as azagaias iam pontuando a descida dos cem metros, espetadas na terra como espinhos de ouriço, até que uma entrou finalmente no flanco traseiro da fera e esta rebolou, se levantou, hesitou por causa da força que se esvaía pela perna de trás, ouviu de novo a gritaria e os ngomas, viu o homem à sua frente, uma lança apenas apontada, quando recebeu mais duas flechas que lhe entraram nas costas por estar parado e foram fogo que provocou a súbita raiva assassina, esquecido o desejo de fuga para apenas persistir o desejo de destruir aquele boneco imóvel e arreganhador que tapava o caminho, e então se lançou sobre o caçador, as garras de fora prontas para rasgar, com toda a força de quatrocentos quilos naquele salto que o fez apagar a distância e ficar empalado na azagaia e cair, já irremediavelmente morto, sobre o escudo de Ndumba ua Tembo, o qual quase desapareceu debaixo dele e o grito de Lueji não deixou se instalar o silêncio sobre o pó que revolteava, pois ela já tinha rompido a barreira de segurança e corrido para os dois corpos misturados, trespassando o leão com a lança forjada por Kakoma, tio do homem que ela julgava moribundo debaixo do leão, mas que fez sair um braço, se libertar rodando o corpo enquanto ela continuava a fazer força na azagaia com todo o seu peso, e saiu ileso, sacudindo o pó das pernas e se prostrando diante dela, obrigado, rainha, por me teres vindo salvar, mas ele já estava morto, frase enigmática que Lueji não entendeu se era gozo ou sentida, pois mantinha a lança espetando o leão no chão para não o deixar sair dali enquanto Ndumba ua Tembo não estivesse completamente salvo, até que acordou do sonho com as aclamações dos caçadores que tudo tinham visto e agora felicitavam os dois, o grande caçador que desafiava o leão e a rainha mais rápida que todos os soldados,

arriscando o trono para o salvar, soberano como aquela nunca a Lunda tinha visto, pois não só chamava a chuva mas, convidada como espectadora, acabava por tirar a Ndumba ua Tembo a solidão do estrelato, no próprio terreno escolhido por ele, o que Kumbana percebeu instantaneamente, com seu instinto todo recente de cortesão, e segredou a um dos soldados, voa até Mussumba, vai avisar muata Kakele e toda a gente que a rainha salvou Ndumba ua Tembo e matou o leão, o qual arrancou sem ser notado e correu espalhar o mujimbo, começando logo pela aldeia ali perto até às outras mais longe e às portas de Mussumba, a rainha matou o leão que ia devorar Ndumba ua Tembo, para que o povo se preparasse para receber a sua soberana como se devia a quem realizava tão grande feito, mas o difícil depois da caçada foi mesmo encontrar muata Chinyama que correu logo no princípio para baixo, ainda mal o leão aflorara no alto do morro, e se entranhou na sombra das árvores, se mijando pelas pernas a ualua toda e depois não queria acreditar na morte do monstro igual a um oma-kisi do Sul, nem que as coisas se passaram como lhe queriam endrominar, seria possível aquela rapariga, por acaso rainha e por acaso sua irmã, ter sido capaz de destruir um monstro de sete cabeças com catorze olhos a lançar fulgurações ao Sol da Lunda? Haka!

Enquanto todos se refaziam da emoção, os caçadores retiraram a carne da pele. Só esta e a cabeça iam como troféu a mostrar que o perigo passara e as aldeias podiam dormir descansadas por uns tempos, até outro macho ser afastado das suas fêmeas e perder a velha cabeça.

No kimbo que tinha sofrido o ataque de véspera, já os batuques estavam a aquecer para festejar. A pele foi posta para Lueji sentar e os mais velhos vieram lhe agradecer o grande feito.

– Devem agradecer é a Ndumba ua Tembo, é ele o grande caçador que fez tudo.

Além de corajosa como poucos, também era modesta, como deve ser um eleito pelos espíritos, assim diziam os velhos, e os mais novos concordavam. Ndumba estava com um sorriso contrafeito, pois a vitória lhe escapava. Não tinha importância, pensou, ela viu tudo. E tão cedo não vai esquecer. Só importa que ela tenha visto. Mas, claro, seria melhor se ele tivesse também o triunfo popular que lhe foi arrebatado pela rainha.

A ualua apareceu e também o marufo, tirado à pressa, para grande alegria de Chinyama que assim se recompunha do medo. A dança ia começar,

enaltecendo a morte do leão assassino, mas agora todos tinham pressa de regressar a Mussumba e não ficaram para a festa.

O caminho de regresso foi muito mais rápido, apesar do povo que acorria de todos os lados para felicitar a rainha. O mujimbo alastrava pela Lunda como fogo em chana seca e Chinyama só pensava tenho de contar isto ao Tchinguri, muito ele vai gozar, o galo ficou de crista caída, salvo pela galinha que ele queria seduzir. Esssa minha irmã realmente... Nos ombros do seu kimangata, ele via Lueji andar à frente, toda alegre com a caçada que tinha corrido bem e com Ndumba ua Tembo, tão corajoso, que ia sem um ferimento a seu lado.

A chegada a Mussumba foi tão memorável como quando ela veio do lago, depois de ter feito chover. O mujimbo já crescera, a conselho de Kakele, e nele a lança de Ndumba só raspou o leão, foi a de Lueji a única que o trespassou. Desde criança ela era uma grande caçadora aí estava agora a prova que os espíritos estavam com ela, todos. O povo dançava nas ruas, gritava viva a rainha, batia palmas e assobiava. Nunca nenhum chefe tinha tido tantas aclamações e tão sentidas em tão pouco tempo. Era um reinado para perdurar, diziam os Tubungo que sempre apoiaram a escolha de Kondi, procurando ganhar pontos nas lutas internas. Até Kandala veio esperá-la e andou uns metros a seu lado para aconselhar, só espero que tantos êxitos não te façam perder a cabeça, não tenha medo, pai, sei que não fiz nada de especial, tudo isto é injusto para Ndumba mas enganaste, rainha, isto é política.

Todos acompanharam a soberana até à sua residência, mas ela só fez entrar Ndumba ua Tembo e Chinyama. Deu ordens para que servissem de comer. Ndumba recusou comida, só aceitou uma cabacinha de ndoka.

– Se me permites, vou me lavar e depois descansar. E vou levar a pele do leão para a fazer curtir. Depois ta entrego, Lueji.

– Não, o contrário. Eu é que vou mandar curtir para depois te entregar. Ela é tua.

– Mas fomos caçar o leão para ti, rainha.

– Não, ela pertence-te. Sabes bem que sim. Pela tua coragem. Quando te for visitar, quero sentar-me nela.

Ndumba sorriu, recompensado de todas as injustiças. Ela sabia, ela não se deixava enganar pelos mujimbos. O triunfo entre os dois era dele. Pouco lhe importava se diziam Ndumba falhou o leão, foi Lueji que o matou. Que ela

ficasse com a fama. Ele tinha a sua vitória. Encheu o peito e saiu, todo encantado.

– Maninha, acho que lhe estás a dar demasiadas esperanças. Ou é mesmo sério isso de pensares em casar com ele?

– Viste como é corajoso? Ao lado dele não tenho medo de nada. Não se pode rejeitar facilmente um tal pretendente. E até não é feio de todo.

– Vais criar uma crise...

– Que isso não te tire o apetite. Cá estou eu para resolver as crises, mesmo as que não provoco.

Ele foi devorando o xima com galinha, lambuzando as mãos. Era preciso trazerem constantemente cabaças de marufo para acompanhar a refeição. Lueji continuou:

– Mas está descansado quanto ao casamento. Não decidi ainda. E não tenho tanta pressa assim.

– Ainda bem. Podia mesmo perder o apetite.

Ela ficou a vê-lo comer. Seria mesmo verdade Chinyama se preocupava com uma aliança entre ela e Ndumba? Se sim, por quê? Amizade por Tchinguri?

– Chateias-te mesmo se casar com ele?

– Eu não, não tenho nada com isso. Mas Tchinguri... E sabes como ele fica quando se enerva. Pode partir a Lunda.

– Mas se eu casar com Ndumba, não é nada contra Tchinguri.

– Afinal? Tens graça, maninha. Eu até acho, qualquer que seja o homem que escolhas, vai sempre pensar que é uma aliança contra ele. Mas, sobretudo se for o Ndumba.

– Ele não quer que fique solteira toda a vida, não?

– Não tem poder para isso. Mas bem que queria, acho. Ou não sabes, maninha?

– Isso são coisas de infância – cortou Lueji, impetuosa.

As recordações faziam reviver cenas que hoje se tornavam dolorosas. Cenas só conhecidas dos três irmãos. E que ela não podia esquecer, por muito que doesse.

Kandumba partiu para o Kalanhi treinar o exército da linhagem da rainha. Tchinguri voltou das suas terras e foi visitar Lueji, sorridente, felicitando-a por salvar aquele galo empertigado de Ndumba ua Tembo, que anda agora de crista baixa, humilhado. Observação que a irmã deixou passar, pensando no entanto tenho de ir levar a pele do leão para o pobre do Ndumba, deve estar mesmo vexado. Sobre as suas andanças no Luengue Tchinguri não falou, nem ela perguntou. Mas as informações chegaram, as tropas se preparavam e ele assistiu a treinos nos dois kilombos comandados por Kandama. Não devia estar longe dos mil homens, com efeito Tchinguri não se gabara à toa. Kakele se assustou com os termos utilizados por Tchinguri diante dos seus homens, a raiva dele não ia contra Lueji, nem uma vez falou contra a irmã, mas sim contra os Tubungo fracos que só pensavam no seu sossego, ele quer acabar com os Tubungo e subverter a ordem da Lunda, rainha. Logo partiram espiões para o Cassai, tentar descobrir as forças reais de Ndumba ua Tembo.

Como os mujimbos são difíceis de travar, as informações sobre o exército de Tchinguri deixaram de ser restritas a meia-dúzia de muatas. Transbordaram para os outros e destes para o povo. Se comentava já nos djangos e nas casas, chegaram mesmo ao Kalanhi e ao Cassai. De todos os lados vinham emissários saber as novidades para as transmitirem aos muatas se encontrando fora de Mussumba. Assim estes se preparavam para escolher um campo, se fosse caso disso. Mas muitos mandavam mensagens das províncias para a soberana, podia contar com eles, deviam já preparar as tropas? Os mujimbos aumentavam também as ameaças de Tchinguri contra os Tubungo, o que os fazia escolherem geralmente o campo de Lueji. Nas faces que se cruzavam nas ruas de Mussumba começava a se desenhar o rictus de tensão que precedia as guerras.

E chegaram os emissários vindos do território dos Mataba. Estes rejeitaram a embaixada conduzida por Kakaya, não aceitavam condições e

porque não fora a rainha falar com eles se tinha tantas ameaças a lhes fazer? Queriam ver a coragem dela de lhes bocar de viva voz o que mandara dizer pelo embaixador. Era um desafio de guerra e Lueji bem o compreendeu.

– Mas devo evitar a guerra ao máximo, não quero mortes – disse ela para Kakele.

– E deixas um povo miserável gozar o rei dos Tubungo? Perdes toda a autoridade junto dos muatas lundas.

– Ganho-a de outra maneira.

– Caçando leões?

– Por exemplo.

– Não, rainha. Isso não ia chegar. Foi enviada uma embaixada para discutir. Já foi um gesto de boa vontade. Agora só a guerra. E essa guerra convém-nos neste momento. Vai distrair as atenções de Tchinguri, enquanto o teu exército se prepara. Não há que hesitar.

Mas Lueji hesitava. Fazer a guerra só para defender o seu orgulho ferido pelos Mataba? Além disso, Tchinguri evitava atacá-la, nos seus discursos nunca falou contra ela. Parecia um ajuste de contas entre ele e os Tubungo. Claro que no fim se tratava da tomada de poder contra ela. Mas parecia procurar um compromisso. E por que não tentar um compromisso com o irmão? Logo que não ferisse a promessa a Kondi, ela tinha alguma margem de manobra.

– Manda Tchinguri ir combater os Mataba. Qual o perigo? Ganha algum prestígio, é verdade. Mas ele tem tão pouco que não faz mal. Enquanto estiver entretido lá fora do reino, unimos todos os exércitos dos Tubungo contra ele. Nem volta já à Lunda.

– Isso é desleal. Mandá-lo defender o prestígio do rei e aproveitar a sua ausência para o destruir?

– Desleal, rainha? Não é o que se faz sempre? Ele é que é desleal, pois quer acabar com os primeiros chefes da Lunda, os Tubungo. Estes têm o direito de se defender.

– Não faço isso ao meu irmão. E julgas que ele é burro? Nunca aceitaria meter todo o seu exército fora da Lunda, para nos deixar o terreno livre.

– Tem de cumprir a ordem do soberano de defender a Lunda dum perigo exterior. Senão pode ser banido. Tem todo o país contra ele, está perdido. Acusado de traição e covardia.

Lueji não aceitou, mas a alternativa de Kakele fazia o seu caminho junto

dos Tubungo. Todos se apercebiam, era a armadilha ideal para destruir Tchinguri de vez. Ou ia fazer a guerra e teriam tempo de juntar todos os homens contra ele ou recusava cumprir a ordem e tinha todo o país contra ele. Nem Tchinguri se safava de tal armadilha. Por isso vinham os muatas agora falar com Lueji, aconselhando a solução diabólica de Kakele.

A rainha foi oferecer a pele do leão a Ndumba ua Tembo e este também abordou o assunto que era o tema de todas as conversas. Tinha uma opinião diferente, ele era pelas soluções diretas. Também não lhe agradava ver Tchinguri colher sozinho os louros da guerra contra os Mataba. E o pior ainda, rainha, nessa guerra ele experimenta o seu exército que sairá dela muito mais treinado do que quando entrou. Argumento que Kakele não previu, mas que facilmente derrotava, sim, ganham mais treino, mas isso será insuficiente contra todos os exércitos da Lunda.

No entanto, neste tempo que se discutia o que fazer em relação aos Mataba, nenhum muata se lembrou de ir preparando os seus homens, apenas Kandumba treinava o exército real. E, caso surpreendente, o mujimbo ainda não corria sobre os preparativos feitos no Kalanhi, afinal tão perto da capital. Os dias passavam, Kakaya aguardava na fronteira uma decisão e Lueji hesitava. Até que mandou chamar Chinyama.

– Vai dizer ao Tchinguri quero falar com ele. Mas os dois sozinhos e que ninguém saiba. Logo, depois do Sol morrer, no nosso lago. Vou absolutamente sozinha. Ele que vá também. E isto vai ficar só entre nós os três. Se tu quiseses ir também podes, até acho melhor. Somos irmãos e vamos falar como irmãos.

E assim se encontraram os três irmãos clandestinamente naquele lago onde aprenderam a brincar. Lueji saiu pela passagem secreta e ninguém reparou na mulher com um pano de luto na cabeça que passou pelas ruas de Mussumba. Se sentaram nas pedras à borda da água e a rainha iniciou:

– Pedi para falar com vocês, mas o assunto é o Tchinguri. Sei, todos sabem, estás a preparar um exército. Falaste para os teus homens e disseste, é preciso acabar com os Tubungo. Os teus homens falam de guerra. Queres combater contra mim. Por quê? Para teres pelas armas o que o nosso pai não te deu?

É claro, Tchinguri estava preparado e não foi apanhado de surpresa. Sorriu. Se via perfeitamente à luz das estrelas o sorriso dele de infância, não o de um homem mau mas apenas de um menino travesso.

– Esses Tubungo têm muito medo e já te foram envenenar a cabeça contra mim. Te convenceram que te quero fazer mal, não é? E tu acreditaste.

– Então esses homens que mandaste treinar não são contra mim? Pensas ainda sou criança?

– Sabes bem, irmã, não são contra ti. Muito antes de o nosso pai morrer já eu tinha os meus soldados. E sempre achei ele os devia ter também. Um rei sem um exército não é nada, depende dos Tubungo, não pode fazer nada sem a força deles. Tu mesma agora bem precisavas dum exército para combater os Mataba. Mas vais depender de mim, do Ndumba ua Tembo, dos homens do Kakele e de outros, para pôr aqueles selvagens na linha. O meu pai nunca o compreendeu, porque isso era contra a tradição. Tradição... A tradição se cria. Eu preparei o meu exército. A pouco e pouco. Para o utilizar quando fosse rei. Meu pai não quis me dar o lukano, ia então desfazer o exército? Agora não tem sentido abandonar um trabalho de anos. Nunca podia ser um exército contra ti, tu ainda não contavas. E nunca te escondi, tenho homens preparados no Luengue. Então?

Chinyama tomou a palavra:

– Tudo isso é verdade, Lueji. Tens de acreditar nele. Tchinguri sempre falou nos seus homens, sobretudo no Kandama. Nunca escondeu nada.

– Mas agora estás a incitar os homens contra os Tubungo.

– Quem incitou o meu pai contra mim? Não foram os Tubungo? E por quê? Porque não queriam um rei que pensasse pela sua cabeça, que procurasse ter a sua própria força. Se agora tu preparas um exército no Kalanhi e eles acham bem, é porque estão aterrorizados por minha causa. Por um lado, o teu exército vai neutralizar o meu. Por outro lado, não é muito perigoso tu teres um exército, porque pensam te podem manobrar, o que não fariam comigo.

– Quem te disse eu preparo um exército no Kalanhi?

Tchinguri deu uma gargalhada diabólica. Se levantou e a sua pequena altura ganhou contornos no escuro da noite.

– Tens sido tão inteligente e agora estás a te fazer de ingénua. Como não ia saber? Mandaste espiões para o Luengue, o Katuya por exemplo, filho desse lacrau venenoso do Kakele. Muito bem. Então também não posso ter os meus informadores? O que foi fazer Kandumba para o Kalanhi? O que foste tu lá fazer antes? Cumprimentar um tio doente? Deixa disso, maninha. Outro talvez podia acreditar, mas eu? Espero só a ideia foi tua, fico vaidoso

por teres continuado esperta como antes. Ou foi o lacrau do Kakele que te aconselhou a formar um exército? Duvido, não lhe convém, aceita apenas porque tem medo de mim. E espera te manobrar sempre. É o guardião de todas as tradições que fazem dos lundas um povo infeliz porque pouco respeitado, nunca gostaria de ver um soberano forte. Por isso aconselhou Kondi sempre contra mim. E Kandala é a mesma coisa.

– Não fales mal de Kandala.

– Não, não falo, ele sabe muito. Gostaria de o ter do meu lado, sobretudo porque toda a gente acredita nele. Também nisso foste inteligente, maninha. Mas tens de reconhecer, ele só defende o passado. Utiliza Kandala, mas usa a tua cabeça para pensar o futuro. É o que eu faria. Se ainda aceitas algum conselho deste irmão miserável que só quer o teu mal por despeito, não é o que dizem?

A rainha ficou calada. Tchinguri tinha mais armas que ela, estava muito mais preparado. Já se arrependera de ter proposto a reunião, ele sabia tudo o que lhe passava pela cabeça e dos seus conselheiros, enquanto ela acabava por não saber o que ele imaginava. Ou não era nada disso, apenas intrigas, como ele dizia? E se o seu amor por ele afinal tinha razão, aquele amor de criança que ela agora procurava reprimir, desde a morte do pai?

– Lueji, de fato tens sido mal aconselhada – disse Chinyama. – Quem não sabe o que se diz? Que o Tchinguri quer tomar o poder para dar cabo de tudo. Talvez ele queira, talvez. Mas nunca contra ti, nisso tens de acreditar. Estão só a nos dividir para se aproveitarem. Olha, eu estou bem assim, não quero poder nenhum. Mas também não ia estar com o Tchinguri contra ti. Mesmo que ele ameaçasse me bater...

Tchinguri deu mais uma gargalhada. Voltou a sentar, olhou para os dois irmãos. Com escondida ternura? Só podia ser uma partida das estrelas.

– Não lighes para o Chinyama, não tem tanto medo assim de mim. Já teve, mas agora é homem.

– Tem, sim, ele tem mesmo, consegues criar medo em toda a gente. E Chinyama tem coragem de o afirmar, essa é a diferença. Mas não, isso não interessa agora.

– O que interessa é isso que estamos a falar. Chinyama diz eu quero o poder. Hoje já nem sei. Não o escondo, sempre pensei era o mais capaz de o conservar e de fazer da Lunda um grande país. Mas as coisas correram mal, os Tubungo ganharam. Nisso, eles ganharam. Só pela força posso tomar o

lukano. Mas vou destruir a minha irmã? Posso ser muito mau, sanguinário – não é o que dizem? – mas não vou levantar as minhas armas contra ti, Lueji. Não é contra ti que elas estão preparadas. Nunca estiveram. O mesmo talvez se não possa dizer das tuas.

– Esse exército do Kalanhi não é contra ti, Tchinguri. É para defender o lukano, a vontade de meu pai. Fiz uma promessa e vou cumprir. Contra todos, se for preciso. Para isso é o exército.

– E o que pensa o Kakele, o Ndumba, e os outros?

– O Ndumba nem sabe desse exército.

– Agora já deve saber. Não vai gostar. E também que o Kakele mandou homens para o Cassai espionar as suas forças. É capaz de ficar zangado contigo, maninha. E bastava me perguntares, eu te digo as forças do galo vaidoso.

Era realmente diabólico o Tchinguri, sabia tudo. Como era possível? Espiões na casa dela ou na de Kakele? Na dela havia muita gente que ela pensava de confiança, podia ser os segredos daí saíssem. Mas era mais possível que Tchinguri se tivesse particularmente interessado em espiar Kakele, se o considerava o seu grande inimigo. Como saber? E depois, ele se preparava para o trono há anos. Teve tempo de estudar todos os muatas e todas as forças e montar os mecanismos necessários para os eliminar quando achasse conveniente. Era trabalho de formiga para ser um soberano forte e respeitado.

– Escusas de fazer esse ar de admiração, Lueji. Tudo se sabe na Lunda, sobretudo quando há crises internas. As pessoas sentem a necessidade de falar, o seu prestígio vem de saberem alguma coisa que os outros ignoram. Toda a gente gosta de ter prestígio. São mais carinhosamente recebidos para beber ndoka se têm algo a revelar. E por isso contam os segredos de Estado.

– Ninguém pode resistir a uma boa cabaça de ndoka – suspirou Chinyama.

– Mas te fiz uma pergunta, Lueji. O Kakele também pensa o teu exército não é contra mim?

A rainha não respondeu imediatamente. Olhou para os dois. Os olhos de Tchinguri eram agora duas brasas acesas. Preferiu ser sincera e se arrepender depois.

– Não sei. Lhe disse para que era o exército, para defender apenas o lukano. Não sei o que ele pensa. Mas sou a rainha e é o meu exército. Ele

nunca será o primeiro a atacar.

– Acredito em ti, maninha. Nem tenho razão para duvidar. Apesar do que aconteceu, não me mostraste inimizade. Isso eles ainda não conseguiram. Quando o conseguirem, então adeus Lunda.

– O que acontece?

– Partimos a terra ao meio, é certo. Mas não quero isso. Tu queres?

– Nunca quis.

– Então não podemos deixar que os Tubungo nos dividam. Deixa-os fazer intrigas, não acredites. Nunca te farei mal.

– Qual é a garantia?

Tchinguri se levantou de novo. Desde miúdo, nunca podia ficar parado longo tempo. Tinha de percorrer o espaço com seus passinhos pequenos, frenéticos, com os braços a marcar o ritmo da fala ou só dos pensamentos. Demorou desta vez a responder. Falou em voz mais baixa e pausada:

– Talvez não haja nenhuma... Se eu quisesse, já tinha atacado. Com os homens que tenho, não é nada difícil tomar Mussumba. Quem se oporia? A tua guarda? A de Kakele? Ou de Ndumba, que está dispersa por aí? Tudo isso junto não resistia a um grupo dos meus. Sabes disso. Será diferente quando tiveres um exército. Mas ainda vai demorar.

– É verdade, podes tomar o lukano quando quiseres. Mas não o podes guardar. Ocupas Mussumba. Mas logo depois tens de te dividir. Atacar o Kalanhi, a leste, para destruir a minha linhagem? Atacar para o norte, destruir a de Kakele e de Kakolo e outros? Ou para ocidente, atacar as forças de Ndumba ua Tembo? Tinhas de te dividir e não possuis forças para tanto. Estarias afinal cercado. E mais. Com o povo todo contra ti, porque mataste a rainha.

– Isso nunca eu faria.

– Está bem, acredito. Mas o povo ficava furioso na mesma porque me destronaste.

– O povo não conta para o caso. As forças dos Tubungo, sim.

– Elas são o povo e mais as mulheres que lhes preparam a comida. Nas tuas próprias hostes haveria quem ia pensar duas vezes. Chinyama, por exemplo.

– Podiam pensar duas vezes, mas faziam o que queria quem tivesse o lukano.

– Que chatos! – interrompeu Chinyama. – Não quero nada dessas estórias

de se atacarem e eu de que lado vou ficar. Parem masé com isso.

– Estava só a mostrar ao Tchinguri não é do interesse dele tentar tomar o poder pela força.

– E eu estou só a tentar mostrar já o tinha tomado, se realmente quisesse.

– Já o tinhas perdido de novo.

– Julgas não penso nessas coisas, não tenho nenhum plano? As perguntas que puseste, nunca as pus a mim próprio? Francamente, maninha, há sempre uma estratégia...

– Oh, parem com isso – interrompeu de novo Chinyama. – Estamos aqui para nos entender, como irmãos. Não para ver quem é o mais forte. Isso é coisa de miúdos.

Ficaram calados os três. Lueji esperava a aparição da Lua por cima do lago, mas ela demorava. Tchinguri batia com o punhal na pedra à sua frente, provocando chispas no escuro. Chinyama suspirou, que sede, que sede, nunca mais acaba esta conversa parva para eu poder ir varrer um marufo?

– Tenho pensado muito nisto, Lueji, não faço aliás outra coisa. Neste momento, se tomasse o lukano, podia conservá-lo. Havia guerras, sangue, muito sangue, mas a vitória não me escapava. Se quisesse apanhá-lo pela força, já tinha arriscado. Quanto mais tempo passar, pior para mim. O teu exército se forma, os outros preparam os seus... O tempo é contra mim, bem sei. Então por que não arrisquei o mais cedo possível, sobretudo logo depois da morte do nosso pai, quando ninguém tinha autoridade? Ou antes de fazeres chover, ou fingires; o que vem dar no mesmo... Nessa altura ninguém acreditava em ti, não se iam revoltar por te destronar. Não aproveitei por quê? Porque a vontade do poder era menor que a de não te fazer qualquer mal.

– Pode ter sido apenas um erro, um mau cálculo. Pensaste eu ia fazer tanta asneira que todos queriam logo me substituir. E aí aparecias tu a dizer, veem como o meu pai era um velho louco, que só fazia burrices? Olhem o que deu a sua última ideia. Pôr esta rapariga no trono para nos levar para a desgraça. Por isso sempre me opus a ele, eu era o único que via ele estava caquético. Talvez assim não encontrasses grande resistência para tomar o lukano e podias reinar sossegado.

Tchinguri soltou mais uma gargalhada, mas nervosa.

– Era arriscar muito, contar com a tua estupidez. Outro talvez o fizesse, mas eu não, eu te conheço.

– Não era preciso ser estúpida. Bastava não ter experiência de governo. Ou até uma questão de sorte...

– Como a da chuva ou do leão? Foi sorte, mas também foi esperteza de aproveitar a sorte. Sorte todos têm nalgum momento, mas raros a sabem aproveitar. É próprio de ti, maninha.

Lueji se endireitou na pedra. Olhou firmemente para o irmão. A voz saiu um pouco esganiçada.

– Que estás a dizer? A chuva chamei-a porque cumpri todas as instruções e o espírito do meu pai estava comigo...

– Acreditas mesmo nisso, Lueji?

– Claro que sim. Como podes duvidar?

Tchinguri apenas sorriu. Chinyama entrou de novo na conversa para explicar:

– É que Tchinguri me disse, ele não acredita nada nessas coisas. Pensaram ele ia ser o chefe e lhe ensinaram a chamar a chuva. Ele diz, o saber todo está em escolher o momento exato.

– Tchinguri não acredita em nada – acusou Lueji. – Por isso ele é assim.

– Assim como, maninha?

– Assim como tu és. Nem nos espíritos acreditas. Em nada. É essa a razão por que perdeste o trono da Lunda.

– Talvez estejas a dizer uma verdade maior que tu própria. Por isso perdi o trono, concordo. Porque não me deixo enganar por coisas que foram feitas para enganar e para fazer que uns mandem nos outros. Agora, tu que mandas, não tens nada que acreditar. Os outros é que têm. Não te enganes a ti própria, que é a pior coisa que há. Não podes governar bem, se acabas por acreditar nas tuas mentiras. Apesar de necessárias, mas mentiras.

– Não são mentiras. Fiz todas as operações como me ensinaram e por isso choveu.

– Foste tu que escolheste o dia? Disseste é esta noite?

– Não, foi Kandala.

– Eu sabia. Foi Kandala. Ele é que sabe quando vai chover. Não me perguntes como mas ele sabe. Quer tu tivesses chamado a chuva ou não, ia chover naquela noite. E se fosse eu a fazer as operações em que não acredito, também chovia.

– Ora, tu...

– Espera. Não digo isso não é necessário. É, claro que é. Dá muita força

ao chefe, faz o povo ficar à volta dele. Portanto, eu como chefe também faria isso tudo e depois dizia, vejam como fiz chover, sou poderoso. É assim mesmo. Só que eu estaria a rir para dentro dos matumbos que me aclamavam. Reza masé para que Kandala ainda esteja vivo para o ano ou o seguinte, se por acaso atrasar de novo a chuva e tiveres de a chamar. Sozinha, não vais saber escolher o dia certo.

Lueji não ousou ripostar. Sentia agora uma grande lassidão, falta de vontade de argumentar, um não acreditar em nada que lhe entrava com as palavras de Tchinguri. Queria estar sozinha, ali, no lago, colher umas rosas de porcelana, e pensar no homem que ia sair da Lua e lhe dar a calma e confiança necessárias para acordar no dia seguinte. Nada mais. Mas Tchinguri continuou:

– O importante é que acredites que nada do que eu faça será contra ti. Tenho quase a certeza de que não me atacarás nem vais deixar que me ataquem. Mas também precisas confiar em mim... Ainda bem que está aqui o Chinyama, ele nos ajuda a recordar o passado. Lembras quando eu dizia queria...

– Cala-te! Não fales nisso – interrompeu Lueji com um grito e se levantando pela primeira vez.

– Falo, sim, de que tens medo? Queria casar contigo...

– Cala, Tchinguri, ou eu vou embora.

– O nosso pai ria, nunca contrariou. Lembras, Chinyama?

– Sim, é verdade – concordou Chinyama. – O pai ria, as mães riam, ninguém levava a mal.

– Mudem de conversa ou esta acaba assim – gritou ela.

Os dois irmãos se olharam, encolheram os ombros. Mas calaram. Lueji voltou a sentar, tentando pensar nos aspectos políticos da conversa, para a retomar como um rei nas negociações. Mas desistiu. Tchinguri tocou num ponto sensível, hoje doloroso, do passado e ele vinha agora às catadupas.

Corriam os dois nus na beira do lago. Por vezes um mergulhava na água, no meio dos nenúfares. Do outro lado de lá estavam umas mulheres a lavar, mas mal se ouvia o que diziam. De repente, Tchinguri desapareceu no meio das rosas de porcelana e Lueji foi atrás, mas ele estava bem escondido, só depois uma voz se fez ouvir perto, estou aqui, ela se virou, não viu nada, avançou mais uns passos, saiu da matinha de rosas de porcelana para entrar

no reino das begónias, ele não estava ali também, onde estás, Tchinguri, não vale te afastares muito, ao que só o silêncio respondeu e depois um restolhar ligeiro do lado esquerdo, uma sombra veloz se esgueirando entre os fetos do tamanho dum homem, visão que ela perseguiu em vão até de novo parar, tentando captar um mínimo ruído mas só havia o vento acariciando as hastes de papiro, Tchinguri, a voz saindo mais impaciente, deixa dessas brincadeiras, vem aqui, não quero estar sozinha, súplica que também não obteve resposta e ela afastou com as mãos as folhas de fetos e se internou mais na sombra dos arbustos, sem nada encontrar, e de repente se sentiu perdida, já não sabia onde ficava o lago em que tinha deixado a tanga, nunca mais encontraria o irmão nem o caminho, estava à mercê das onças que gostavam de dormir ali nas sombras densas à espera dos antílopes indo beber, Tchinguri, Tchinguri, grito desgarrado que rompeu o silêncio do meio-dia, onde estás, o pânico invadindo tudo, apagando os rastos no chão e nos fetos e begónias pisadas, criando caminhos cruzados, mil, impossíveis de decifrar, o Sol rindo lá em cima sem indicar nenhuma direção e os restolhares se confundindo, onças e mais onças saindo dos abrigos para o seu banquete de meio-dia, Tchinguri, por que me fazes isso, mas ele já não ouvia, devia ir a caminho de Mussumba e ela estava ali perdida, pasto todo pronto para as feras, as lágrimas irreprimíveis correndo dos olhos cegos para os caminhos que se cruzavam e descruzavam, até que sentiu um corpo atirado contra o seu e com o ímpeto caiu, sendo abraçada pelas costas, era a temida onça sem dúvida, nem coragem tinha de se debater e afinal era isso a morte, o não ter coragem de reagir ao perigo que está atrás de nós, basta um safanão e nos libertamos mas não temos força de dar esse safanão desesperado, ficamos encolhidos no chão, sentindo apenas o calor do outro corpo e o bafo quente no nosso pescoço, esperando apenas o rasgar de tecidos pelas garras afiadas e os pontinhos dos dentes na garganta, quando ouviu sou eu, maninha, sempre estive perto de ti, e é difícil compreender o que dizem as palavras da onça, e é difícil entender por que ela nos acaricia o corpo com as mãos e as garras não ferem, por que os dedos mexendo nos mamilos dão tal lassidão ao corpo, é a morte sem dúvida, na morte se está bem e se goza da bem-aventurança, mesmo quando uma substância quente e dura causa dor ao penetrar o nosso sexo virgem, é dor que não é dor, é beijo da morte e a morte afinal é suavemente dolorosa, só isso, e os jatos quentes que entram para o nosso ventre provocam contrações desconhecidas na

vagina e causam a angústia anunciadora de suspiros e gemidos, já não com dor, apenas angústia, até que não há mais angústia, não há mais restolhares de onças, não mais cantares de vento entre os papiros, apenas uma grande paz, uma eterna e grande paz.

Assim, quebrando a tradição que manda uma rapariga ser deflorada pelo tio depois da festa da iniciação, Lueji foi deflorada pelo irmão, antes da festa da iniciação. Sem pesares nem remorsos. Começava então a quebrar tradições.

Muitas vezes foram tomar banho sozinhos no rio e muitas vezes se esconderam nas matas de papiros, fetos e begónias. Chinyama acabou por descobrir e também quis, mas tens outras raparigas, na Lueji não tocas senão rebento contigo, e Chinyama só podia obedecer ao irmão.

Por isso era sentido que Tchinguri dizia ao pai e às mães, quando for grande caso com a Lueji, sem no entanto revelar os gestos escondidos. Kondi ria e uma vez mesmo contou:

– Isso se pode fazer, quando se trata de reis. Muako e Kaweji, nossos antepassados diretos, eram irmãos gémeos. Serve para reforçar o poder, porque é um desafio às proibições. Se outros irmãos, não reis, casarem entre si, grandes desgraças se abatem sobre as famílias e a terra. É ato que chama as pragas de gafanhotos, que faz enraivecer os espíritos vigilantes, que faz secar os rios e partir as montanhas. Entre reis, sim, é possível, mas em circunstâncias especiais.

E Tchinguri, encantando toda a gente pela sua inteligência e persistência, repetia claro que o faremos, vou ser um grande rei e para o ser tenho de casar com a minha irmã. Isto era muito antes de Kondi se convencer de que as fúrias cegas do primogénito, a sua maldade inata, acabariam por ser maléficas para o povo dos Tubungo. Isto era muito antes de Kondi adivinhar ou sonhar que um dia teria de afastar Tchinguri do trono, respeitando a vontade sempre sábia dos Tubungo.

Por um esforço enorme de vontade, Lueji conseguiu varrer o passado da memória, como antes afastava os fetos com as mãos para procurar Tchinguri. Agora procurava uma saída para a crise política se avizinando.

– Então, em que ficamos? – perguntou ela. – Falamos de coisas sérias?

Mas Tchinguri sabia aquela fala era apenas da boca para fora. O longo silêncio da irmã, olhando o vulto quase imperceptível da matita de rosas de porcelana, fora dedicado a sonhar com o que passara. Não o podia afastar

com os ombros, tal como ele não podia, fazia parte indissolúvel deles os dois.

– Estávamos a falar de coisas sérias, Lueji. De nós.

– Não da maneira que tu queres.

– Já o fizemos. Em silêncio.

A última palavra se tornou realidade. Nem Chinyama tentava agora quebrá-lo, entendia demais o que se passava e era a sua esperança de não se partir ao meio, entre os dois. Sou um capim entre o leão e o elefante, pensou, amargurado. Podia ao menos ser uma pacaça, mas nem isso merecia.

– Lueji, já decidiste pregar-me a armadilha do Kakele?

– Que armadilha é essa?

– Ora, se diz por aí. Devo dizer é duma inteligência própria do pior cazumbi. Mandar-me combater os Mataba com o meu exército. E quando os vencer, não poder voltar à Lunda, porque entretanto todos os Tubungo já juntaram as forças para me escorraçarem. Trabalhar para ti e como recompensa receber o exílio. Ou a morte.

A rainha não respondeu logo. Tudo se sabia, realmente. Também não admirava, no fundo. Os Tubungo estavam tão entusiasmados com a solução que falavam dela aos quatro ventos. Algum amigo a ouviu e foi contar a Tchinguri. Talvez Chinyama, por que não?

– Foi apenas uma sugestão.

– E vais segui-la?

Pela primeira vez, Tchinguri parecia pouco seguro. Tinha razão para isso: era um dilema de que dificilmente escaparia. Perdera a desdenhosa arrogância com que sempre tratava todas as coisas. A voz dele e sobretudo o faiscar ávido dos olhos deixavam adivinhar a sua ansiedade na resposta. E Lueji percebeu, afinal tinha Tchinguri na mão. Era uma arma terrível que ela possuía e o deixava sem ponto de recuo. Bastava mostrar hesitação, não responder claramente, e o irmão ia passar a noite em branco. Essa e as próximas. Ela podia decidir a qualquer momento, não era ele que escolhia o momento do ataque, era ela. Arma terrível. Que obrigava a arriscar tudo numa jogada desesperada, antes que a rainha tornasse pública a decisão. Da resposta dependia certamente a atitude futura dele. Assim, Tchinguri encaminhara toda a conversa para este ponto, o vital, e disparara a pergunta quando Lueji estava mais amolecida. Que irmão diabólico tenho! Não tinha

ainda decidido se tomava o poder, chocava-se com sentimentos contraditórios, mas a resposta de Lueji podia obrigá-lo a esquecer tudo e a tomar a iniciativa. Estava tudo claro. E, no entanto, Lueji queria acreditar na sinceridade dele. Se não o empurrasse para uma solução desesperada, ele não atacaria. Pelo menos a ela.

– Nunca te faria isso, Tchinguri, sabes bem.

Ele suspirou de alívio e sorriu. Joguei fora a minha melhor arma. Não me comportei como uma soberana. Se o Kakele souber, vai me chamar todos os nomes e vai se arrepender de ser meu conselheiro. No entanto, não estava arrependida do dito. Sentia o mesmo alívio que o irmão.

– Era uma armadilha de que muito dificilmente escaparias.

Lueji ia acrescentar, só se tomasse o poder esta noite, mas calou, ele podia pensar fora por medo que ela assim tinha respondido. Continuou:

– Mas isso não se faz a um irmão. És arrebatado, por vezes irresponsável, mas não és um espírito maligno.

– Ainda bem que assim pensas – disse Chinyama. – Realmente, quando ouvi falar dessa armadilha, disse para comigo, desta o Tchinguri não se safa. Só se a Lueji recusar lhe pregar a armadilha. Ele estava arrumado, maninha. Por isso insisti com o Tchinguri para vir cá esta noite...

– Por que ele não queria afinal?

– Não queria – respondeu o próprio Tchinguri. – Ouvi muita coisa, soube de tudo, soube o que os Tubungo andavam e andam a tramar à tua volta. E estava ofendido por tanta falta de confiança da tua parte. Parecia tinhas esquecido tudo o que vivemos juntos, parecia só querias lembrar a morte do nosso pai. É verdade, não queria falar contigo, sobretudo aqui. Mas Chinyama insistiu, podia ser me quisesses anunciar primeiro me ias enviar contra os Mataba. Talvez houvesse tempo de te demover. Por isso vim, embora pudesse escapar dessa armadilha. Tomava o poder esta noite.

– Só por isso vieste...

– Nos dividiram, Lueji. Pensei mesmo podia ser uma cilada. Os Tubungo criaram a desconfiança entre nós, que queres?

Lueji se levantou de novo, toda agitada. Quase gaguejava de indignação.

– Como pudeste supor eu te atraía para o lago... para o nosso lago... para te prender ou te matar? Talvez até tenhas posto espiões no caminho para saber se eu vinha sozinha, como prometi...

– Não pensei nada disso. Estou a ser sincero. Disse-te foi uma

desconfiança passageira, não o esconde.

– E obrigaste Chinyama a vir, porque de qualquer modo era uma garantia... Eu não tinha coragem de te fazer mal à frente do outro irmão... Porque vejo mal o Chinyama abandonar as comidas a esta hora para vir aqui participar desta discussão... Foste tu que o obrigaste a vir.

– Agora és tu que me ofendes! – gritou Chinyama, também se levantando.
– Sou capaz de um pequeno sacrifício para o bem da Lunda. Ora, deixemo-nos de grandes palavras. Sou capaz de não comer a horas para que os meus dois irmãos não se peguem à porrada, ora merda! O que pensas eu sou?

Estavam agora os três de pé, se enfrentando. Lueji foi a primeira a ceder. Voltou a sentar.

– Desculpa, Chinyama, perdi a cabeça. Eu própria te pedi para vires. E tens sido muito útil. Desculpa.

Chinyama suspirou. Se sentou com visível prazer, suspirando. Disse com fala mansa:

– Estás desculpada. Todos nos podemos enervar, não é só o Tchinguri que tem esse direito. Senta-te, irmão, e vamos continuar a conversar.

Tchinguri obedeceu. Que estranho, pensou Lueji, Tchinguri até já obedece ao irmão caçula, muita coisa mudou na Lunda.

– Está bem, admito, a desconfiança não se justificava – disse ele. – São estes tempos, queiras ou não queiras.

– Eu também podia pensar ias aproveitar para me fazer uma cilada. Também podia juncar o caminho de guardas.

– Para quê? Sabes bem que não te quero mal nenhum.

Chinyama soltou uma gargalhada pesada, daquelas que mais parecem um ronco de leão. Ou de porco.

– Os dois sabem nenhum quer fazer mal ao outro. E no entanto estão todos prontinhos a se ferir logo que surge a oportunidade. Tchinguri tem razão numa coisa, maninha. Os Tubungo estão quase a nos dividir irremediavelmente. Tem cuidado com eles.

A Lua tinha nascido e lá estava o homem com o seu longo arco. Parado, ia sair de novo? Arcos assim longos não existiam na Lunda. Tinham conservado os arcos pequenos dos homens amarelados das matas, só que já não os envenenavam como na tradição.

– O que vais fazer com os Mataba? – perguntou Tchinguri, retomando a conversa.

Lueji voltou à realidade. Bateu com a mão na pele nua da coxa.

– Tenho de fazer a guerra. Kakaya vai comandar o exército. Tu forneces duzentos homens, o Ndumba ua Tembo outros tantos, o Kakele e o Chinyama os que puderem...

– Que homens tenho eu? – perguntou Chinyama.

– Arranjas lá no Kalanhi. Até querias participar na guerra. Pelo menos mandas uns homens.

– E tu, rainha? – perguntou Tchinguri.

– Os meus não estão preparados, bem sabes. E têm outra missão importante.

– Defender o lukano!

– Exato, defender o lukano. És contra?

– Antes contigo que com outro qualquer, maninha. Sobretudo se não for contra mim.

– Não será contra ti, já disse.

Chinyama, apesar de gostar muito das coisas materiais deste Mundo, era um homem prático. Ou talvez por causa disso mesmo.

– Afinal a que acordo se chega? – perguntou.

– Este mesmo – respondeu Lueji. – Não atacarei Tchinguri e ele não atacará ninguém.

– Espera, espera aí – cortou Tchinguri. – Não te ataco a ti. Mas os Tubungo terão de perder privilégios, vão deixar de mandar na política da Lunda.

– Eles não mandam na política da Lunda. Quem manda sou eu.

– Com os conselhos deles.

– Quando me interessam.

– Infelizmente não é verdade.

– Provas. Dá uma prova do que afirmas.

– Por exemplo, vais tirar o Kanyika de chefe do protocolo. Até estou de acordo, é um jovem pretensioso que só faz o que aquele galito empertigado do Ndumba ua Tembo quer. Mas vais tirá-lo, não por isso e porque tu queiras, mas porque Kakele o exige. Ele e alguns Tubungo.

– Como sabes?

– O Kakele se gabou disso no tchota. Disse, deixem começar a guerra com os Mataba que o Kanyika vai ser adjunto de Kakaya. Que era imposição dele, Kakele. O que todos os Tubungo do tchota aplaudiram.

Mesmo alguns amigos de Ndumba mas que não podem com as maneiras vaidosas do Kanyika. Quem manda afinal, maninha?

– É mesmo verdade, Lueji? – perguntou Chinyama, como se tivesse uma enorme decepção.

Para quê mentir, se os próprios conselheiros se encarregavam de divulgar todas as decisões secretas? Aquele Kakele ia pagá-las, não sabia ainda como, mas ia. Para já tinha de ser muito mais reservada em relação a ele.

– Neste caso é verdade.

– E eu a julgar que eras tu mesma que mandavas... – disse Chinyama. – Estava tão orgulhoso de ti!

– Sou inexperiente, uma ou outra vez cometo um erro. Como o de ter nomeado o Kanyika. Aceito que os conselheiros me corrijam, não é vergonha nenhuma. Afinal, eles foram preparados para isso e eu não. Mas estou aprender.

– Está certo, compreendo – disse Tchinguri, estranhamente conciliador. – Não estavas preparada para reinar e muito tens feito. O problema não está em ti, nunca esteve, mas nos Tubungo que escolheste para te aconselharem. Principalmente Kakele. Esse velho lacrau não faz nada sem vir cá para fora se gabar. Não sei o que quer, prestígio, claro, mas não aspira ao poder, nem para ele nem para ninguém da sua linhagem. Aparentemente pelo menos. É um velho vaidoso, sempre foi, e só a vaidade pode explicar essas atitudes pouco prudentes. Também foi ele o da ideia de que salvaste o Ndumba das garras do leão?

– Certamente não. Nem sei quem foi, mas ele não pode ter sido, não estava lá. Por quê? Também se gaba disso?

– Não, isso não. Se se gabasse estragaria todo o efeito. Essa é uma verdade que tem de aparecer como verdade contada com modéstia e não como mentira necessária. Verdade aliás que nos interessa a todos. E como fui eu que te iniciei nas armas e na caça, é uma verdade que me interessa também.

– Não sejas cínico, Tchinguri.

– Sou, maninha. Já esqueceste que fui educado para chefe? Tenho de saber sempre onde está o meu interesse, chamar a caça para o meu lado. Por que te havia de esconder, a ti que vais descobrir isso se é que ainda não o descobriste?

– Estás hoje muito sincero!

– O mal do Tchinguri é esse, maninha, ele é demasiado sincero – disse Chinyama. – Nisso não lhe valeu de nada a educação para chefe. É o que engana as pessoas. Ainda não descobriram ele é sempre sincero.

– Com a verdade enganar os outros? – perguntou Lueji, meditativa, como quem quer apreender o sentido mais profundo de algo essencial que lhe escapava.

– Não será uma forma superior de cinismo, Chinyama? – perguntou Tchinguri.

– Entramos agora em conversa mole e eu quero ir comer – cortou Chinyama. – Em que ficamos? Qual a conclusão?

– Já tirámos a conclusão, não tirámos, Tchinguri?

– Já, maninha, já tirámos a conclusão.

– Ainda bem que já a tiraram. Eu, apesar da minha conhecida inteligência, estou um pouco confuso.

– É da fome – disse Tchinguri, lhe dando uma palmada na barriga grande.

– É, depois de comer entendes tudo – acrescentou Lueji alegremente. Os olhos dela brilhavam de calma.

Começaram a marchar pelo caminho, ela no meio, um à frente, um atrás. Como três irmãos que foram passear ao lago da sua infância e dele voltavam felizes.

– Esta conversa deve ficar só entre nós – disse Lueji.

– É evidente, nem precisas falar – disse Tchinguri. – Os Tubungo davam cabo de ti.

– Não têm força para tanto – replicou ela. – Precisam de mim, neste momento.

– Agora – disse Chinyama. – Mas não esquecem.

Tinham de se separar pois se aproximavam de Mussumba. Ficaram parados numa encruzilhada de caminhos.

– Queres que te acompanhe? – perguntou o irmão mais velho.

– Não, podem ver-nos. Se me virem sozinha, vão pensar venho clandestinamente da casa de algum homem. Apenas.

– A rainha não vai visitar os homens à noite – discordou Chinyama. – Chama-os.

Depois do reencontro, a separação era difícil. Todos o sentiam. Lueji hesitava em se despedir. Tchinguri percebeu isso e mais os eflúvios que dela emanavam. Falou em sussurro:

- Aquele meu sonho de criança... Agora já não é possível, pois não?
- Não – disse ela. – Já não. Fiz uma promessa ao meu pai e tenho de a cumprir. Custe o que custar. Lamento muito, Tchinguri.
- Seria o ideal. Já viste as nossas duas linhagens aliadas? Eram imbatíveis.
- Eu sei. Mas não quebro um juramento.

E Lueji partiu, para que ele não pressentisse o soluço que se formava dentro dela. Nem os irmãos devem adivinhar o choro duma rainha da Lunda.

Haveria de chorar muitas noites o seu desânimo. Se as relações com Uli tinham melhorado, pelo menos já se falavam como antes, uma barreira tinha no entanto surgido entre ela e Marina. Evitavam o assunto, se tratavam com cordialidade, mas já não era a mesma coisa. Faltava aquela confiança total, a necessidade imediata de uma confidenciar à outra qualquer ocorrência ou pensamento súbito. Era evidente, Uli mantinha o afastamento em relação às duas. E Marina não mais se queixava, o que era grave. À noite, Lu só adormecia depois de chorar.

Numa dessas noites, mesmo depois dos soluços não conseguia adormecer. Se refugiou na infância em Benguela, recordou a avó falando da Lunda, o caranguejo se esconde e a água passa, não se deve defrontar forças mais poderosas, e qual é a caça que levantada num sítio vai cair noutro? É o pó.

A ligação com a avó sempre tinha sido muito forte, mais que com a mãe. A velha tinha paciência, falava, falava, e ela ouvia. Lendas, estórias de cazumbis, enfeitiçamentos, provérbios, a família e os antepassados, os conhecidos e os míticos, tudo era pretexto para a avó lhe falar. Talvez por isso cada vez mais lembrasse a velha, à medida que se afundava em tristezas. Pensando bem, a procura da avó começara bem antes, tinha sido em Paris. Foi lá também que sinteossou a sério por Lueji. Efeitos da civilização pós-industrial? As pessoas que desprezavam os outros, nem neles reparavam ao andar nas ruas? Gente que nem olhava para o que morria de fome na esquina? Nunca poderia precisar, mas a busca começou aí. Era uma mulher e o mundo era feito para os homens. Oh, claro, tinha havido avanços, já se não considerava a mulher apenas o resultado duma costela masculina. Talvez já houvesse legislação igualitária na maior parte dos países. Mas faltava ainda muito, sobretudo nas mentalidades. Dos homens e das mulheres. Em Paris se sentiu mulher. Ou foram saudades da

terra, pela primeira vez tão distante? Em Paris sonhava todos os dias com a casa de Benguela. Não, nunca ia saber e por isso também eu não, porque sagarrava à lembrança da avó, porque começou uma busca febril nos documentos sobre a Lunda de raízes tão fracas já. Mais uma vez esta noite a infância voltava.

A visão da casa de Benguela tomou conta do seu cérebro, aquela casa onde nasceu, dando para o leito seco do Casseque. O pó era levantado pelos carros que atravessavam o leito seco e vinha se depositar nas folhas das mangueiras e sape-sape do quintal. Por isso as janelas viradas para o Casseque estavam sempre fechadas, o que aumentava também o frescor dentro de casa. Uma casa que mais parecia um quarteirão. De fora só se via uma parede com duas portas e oito janelas, parede que se prolongava por um muro a toda a volta. No lado oposto à entrada principal, havia um portão suficientemente grande para deixar entrar um camião. Era no interior do muro que tudo se passava, bem protegido pelos cacos de garrafa que brilhavam no topo. Havia a casa principal, com muitos quartos uns a seguir aos outros, em comboio, e com uma enorme varanda interior a todo o comprimento, onde se serviam geralmente as refeições. A ala direita tinha as dependências, quartos de arrumação, lavandaria, cozinha. Da varanda se passava sem transição para o quintal, sombreado pelas pitangueiras, goiabeiras, nonas e mesmo um imbondeiro, cujo tronco só cinco adultos de braços esticados podiam abraçar. Do lado esquerdo do quintal havia a horta, com todos os legumes, de que viviam. Do lado direito havia os canteiros de flores, dalias, archotes, rosas de porcelana, rosas vulgares, cravos. Ao fundo, as capoeiras com patos, galinhas e coelhos.

O pai de Lu herdou a casa e o terreno quando o velho dele morreu. Há muito tempo. Lu não conheceu o avô vindo da Beira, desterrado para a colónia por se opor à ditadura de Salazar, em 1932. O avô se fixou ali, terreno ainda fora da cidade, construiu a casa, fez os furos para a água, passou a viver da horta. O pai de Lu nasceu naquele terreno, quando só havia uma casita de pau-a-pique. Depois o avô foi alargando a casa, acrescentando quartos, à medida que ia ganhando dinheiro com a horta e podia contratar mais trabalhadores. Eram vários filhos mas dois morreram, e o quarto, uma mulher, casou com um administrativo que vivia no Norte do País e fugiu para Portugal na altura da independência. O pai de Lu começou a trabalhar na Câmara, não queria saber da horta. Casou com uma negra, foi

um escândalo na apesar de tudo liberal Benguela. Ora, vivem lá para o Casseque, são brancos atrasados, diziam as pessoas bem-pensantes. E o avô morreu. O pai de Lu teve de tomar conta da horta. Abandonou a Câmara, construiu o muro a toda a volta, fez mais furos para a água, passou a vender camiões cheios de legumes no mercado, além de ovos, galinhas e patos. Por vezes até para Luanda. Lu teve um irmão mais velho, morto no parto. E depois nasceu ela. Antes do seu nascimento, a cidade expandiu-se para sul. E o movimento continuou depois da independência, quando ela nasceu. E sem se dar por isso, a casa-quinta estava dentro da cidade, uma quinta toda cercada por um muro alto pintado de amarelo, encimado por cacos de garrafa, dentro da cidade, não valia ouro? Muitos quiseram comprar o terreno, mas o pai de Lu nem quis ouvir falar disso. Era a herança de Lu. Lá estava a herança à espera dela, lá no Sul, em Benguela.

A lembrança do pó arranhou as narinas dela. E o frescor da sombra das goiabeiras, em cujos galhos se refugiava para sonhar. E o chão liso da varanda onde deslizava em passos de dança, para espanto dos mais velhos. Tinha seis anos e dançava ao som de discos. Tinha começado aos dois, à frente da televisão, a imitar as bailarinas. O padrinho, comerciante em Luanda, numa das suas viagens a Benguela disse aos pais, é uma pena que aqui não exista nenhuma escola de dança, só em Luanda, essa miúda devia estudar dança. E a ideia nasceu das conversas na varanda entre o pai e o padrinho, bebendo vinho e saboreando doces de jinguba e coco, enquanto ela, indiferente, deslizava pelo chão, criando passos e piruetas, só sentindo a música, o prazer do ritmo dentro dela e a brisa suave trazendo perfumes de pitanga e sape-sape. E ali ficou combinado, o pai pagava uma pensão e Lu passou a viver na casa do padrinho, para estudar e aprender bailado. Nas férias vinha a Benguela. Então mostrava à família os seus progressos.

Mas no resto era tudo igual como sempre. E Lu era uma menina normal. Gostava era de passear pelas ruas da cidade, ir ao cinema, ler, e deslizar no chão liso da varanda, para depois terminar em cima de uma árvore, a apanhar fruta ou apenas contemplar os pássaros e o céu. Muitas vezes o António, filho da lavadeira, mais novo um ano, a acompanhava nas viagens pelos ramos, passando de árvore em árvore.

Como daquela vez, tinha Lu doze anos e ele a perseguia nos galhos da pitangueira, que davam acesso aos maiores da mangueira, os quais se cruzavam com os do senhor imbondeiro, o rei do quintal, para depois

passarem aos duma goiabeira e voltarem ao imbondeiro e deste para outra goiabeira e dela ao sape-sape, daí para outra mangueira e terminarem na mandioqueira gigante do fundo do quintal. Chega, vamos descansar, disse ela sentando num ramo. António parou num galho de baixo e ficou a contemplá-la. Era depois do almoço. Os pais e a avó estavam deitados dentro de casa, fazendo a sesta. A lavadeira estava a passar roupa a ferro lá dentro. O cozinheiro devia estar arrumar a cozinha e lavar louça. A criada de dentro, a Maria Fula, se escondera nalgum canto para descansar à revelia. Os trabalhadores da horta tinham ido almoçar a casa e só voltavam por volta das quatro horas para darem a última rega. No quintal só restavam os dois.

O ar de Agosto estava fresco, apesar do sol estranhamente brilhante que fazia tremular a visão. Da mandioqueira se via para lá do muro e o asfalto das ruas parecia libertar ondas, como em Janeiro. Os pássaros se escondiam na sombra da folhagem e nem mexiam. Os cães da casa dormiam algures e até o gato *Pimpão* desaparecera atrás de algum vaso de begónia. E Lu reparou no António, a olhar fixamente para as pernas dela, acima da cara dele. E lembrou. Fora à casa de banho, deixara as cuecas sujas e teve preguiça de ir buscar umas limpas. Trazia apenas uma saia curta. Juntou as pernas com raiva, qué que estás a olhar? Ele não respondeu, mas mudou de posição para continuar a mirar. Não sabes é feio ver as pernas das meninas? As pernas estou farto de ver, estava a olhar outra coisa. É, e nunca viste? Não, afinal é diferente. Lu estava agora com as pernas juntas e sabia, o espetáculo só podia estar pela metade. Acalmou. Nunca tinhas visto mesmo? Nunca, deixa ver mais. Estás maluco? Não tem mal, Lu, e ele fixava na mesma os olhos, aqueles grandes olhos redondos e admirados, no começo da bunda dela. Olhar lambezudo que a acariciou. Inconscientemente, devagarinho-vagarinho, ela foi descolando uma perna da outra, imaginando o que ia aparecendo aos poucos nos febris olhos dele. Até que voltou à posição inicial, deitada sobre o tronco da mandioqueira, as pernas se firmando em galhos diferentes, se deixando diluir na carícia dos olhos de António nas coxas e no sexo. Muito tempo ficaram assim, calados, gozando. Depois ela fechou as pernas, já viste tudo? É bonito, mostra mais. Lu saltou da árvore para o chão, vem então. E se dirigiu para o alpendre do fundo, onde se guardavam os instrumentos da horta e coisas velhas. António foi atrás.

Lu levantou a saia toda, vê tudo duma vez, mas agora baixa os calções para eu te ver também. António assim o fez, timidamente, e se postou à frente dela com o sexo ereto. Ainda não circuncidado. E se deitaram no chão, António por cima, tentando lhe fazer o amor. A minhoca dele me fazia cócegas, batia, batia, mas conseguia de entrar na minha porta, por muito que eu ajudasse, contaria mais tarde Lu a Marina. Muito tempo tentaram em vão, até que Lu sentiu uma angústia muito grande porque estranha, se apertou mais contra ele, desesperadamente, e teve o seu primeiro orgasmo.

E a lembrança antiga entrou nela, fez a mão descer para o sexo, acariciá-lo por cima da cueca, e lembrou outros orgasmos e viu Uli reclinado sobre ela e outros que de fato sobre ela se deitaram e a mão não parava o seu vaivém doce e lembrou caras e corpos que a atraíram, para finalmente se fixar naquela noite em que estava muito calor e ela e Marina se despiram, se puseram completamente nuas a ouvir música e a conversar, até que a conversa morreu porque Lu olhava Marina e Marina gozava a visão do corpo de Lu e ela tinha a maior vontade de se abraçar à irmã negra mas algo interior a impedia e via nos olhos da outra o mesmo desejo, cada vez mais forte e transparente, só mesmo tabus muito grandes podiam fazê-las ficar estáticas, se olhando apenas, enquanto a música se esvaía pelo gira-discos, até que perdeu as imagens e as recordações, tudo misturado num soluço profundo porque a mão tinha cumprido a sua função e agora era Lu que se esvaía.

Adormeceu em paz.

Vão dizer, isto ela não me contou. Claro. Por muita confiança que me tenha feito. Mas precisava? E a imaginação do escritor não preenche os vazios? Há muito tempo Lu não tinha uma relação, desde Michel. Era normal? Talvez daí viesse a crise, o corpo precisa salimentar. Mas também o leitor tem o direito a usar da imaginação. Para ele fica o prazer de inventar a verdadeira razão do olhar vago de Lu, ao andar pelas ruas de Luanda.

Lueji acordou já os galos tinham cantado há muito. Com a fome e a excitação da conversa no lago, não tinha sido fácil adormecer. Passava e repassava pela memória as fases mais importantes das falas e das emoções, a noite foi correndo e o sono não veio. Só mesmo na madrugada foi vencida pela fadiga. Agora tinha a boca amarga de quem bebeu muita ualua, os olhos pesados e com vontade apenas de dormir. Mas tinha uma guerra a fazer e por isso levantou para chamar Kumbana. Explicou o que pretendia: requisitar os duzentos homens de Tchinguri, os duzentos de Ndumba ua Tembo e mais duzentos a dividir por Kakele, Chinyama, Vungi e Kakolo. Que os enviasse logo para Kakaya, com uma mensagem para ele arrasar os Mataba. Como despojos de guerra queria cereais e raparigas. Eles devem ter marfim, sugeriu Kumbana. Marfim também, embora fosse de pouca utilidade, decidiu ela.

Estava com Kandala, ouvindo mais uma lição sobre a História da Lunda, quando apareceu Kakele, todo agitado.

– Ouvi dizer, rainha, que estás a mobilizar um exército contra os Mataba...

– Assim é. Mas eu estava com muata Kandala e não devo ser interrompida. Kanyika não lhe disse?

– Disse, sim – respondeu o kota em modos bruscos, todo excitado. – Esse garoto até me quis impedir a entrada, vejam lá. A mim! Tenho assuntos urgentes e esse garoto quer...

– Tem ordens, muata.

– Mas com certeza essas ordens não são para mim. O chefe do protocolo deve saber distinguir...

– As ordens são para toda a gente e ninguém as deve infringir. Mas já que interrompeu, diga lá...

Kakele ficou desarmado pela frieza do tom. Olhou para Kandala, à espera duma resposta, mas este nem mexeu os olhos da pele em que estava

sentado.

– Devo então entender que não vais mandar Tchinguri combater os Mataba?

– Disse-lhe logo que não faria isso.

– Mas é uma ocasião única... um dilema do qual ele não se pode safar, é o fim dele.

– Eu disse que não enviava o meu irmão. É bom se habituarem a receber as minhas decisões como definitivas. E espero que mobilize os seus homens para fazerem parte do exército, como lhe deve ter pedido o Kumbana.

– Sim, claro... mas...

– Era só isso, muata Kakele? Posso continuar com muata Kandala? Estou a ouvir coisas muito importantes.

Kakele não compreendia o que se passava. Muitas vezes era até convidado a assistir, se se tratava de coisas de História. E podia mesmo acrescentar informações. Ele é que geralmente escapava, pretextando algo a fazer, já conhecia essas histórias. Agora estava a ser posto na rua por uma rainha impaciente, escondendo dificilmente a animosidade. Que se passava? Tentou manter a conversa, se fazendo de útil.

– E Kanyika? Não esqueceste de o enviar também para ajudar Kakaya?

– Pensei melhor. Kanyika ainda se vai manter por uns tempos como chefe de protocolo. Afinal, Kakaya não precisa de ajuda, é um guerreiro muito experiente. Depois se verá. É tudo?

Kakele fez uma vénia irritada, desandou praguejando para dentro. Lueji aparentou calma, ao se dirigir a Kandala, pode continuar onde fomos interrompidos, pai.

– Falaste com muita frieza para Kakele. E não aceitaste nenhuma das sugestões dele. Que há?

– Nada, pai. Só que às vezes também tenho de pensar pela minha cabeça.

– Cuidado, minha filha. Já te avisei uma vez ou duas. Não te deixes convencer pelos teus êxitos. Apoia-te nos conselhos dos mais velhos.

– É o que faço sempre, pai – falou em voz humilde. – Já deixei de seguir um conselho seu? Mas as coisas do Estado têm de ser decididas pela rainha. Ouço várias opiniões e depois decido. Assim me ensinaram.

– Ouves então opiniões de outras pessoas... Posso saber quem são essas outras pessoas?

– Ora, pai... A minha mãe, por exemplo. E caçadores e pescadores e

muatas, sei lá. Tanta gente que me vem falar!

– Os tempos estão mudados! Já caçadores e pescadores têm conselhos a dar à soberana...

– Foi uma maneira de falar. Mas continue, pai, Yala Muako disse então isso?

Kandala abanou a cabeça, mas aceitou a palavra estendida e nela pegou. Enquanto ele falava sobre a decisão de Yala Muako quando tinha sido apanhado um luba a caçar no território da Lunda, Lueji voltou a pensar em Kakele. Tinha de ter mais cuidado e não mostrar o seu ressentimento. Fora demasiado brusca para o velho, o que não adiantava nada. Como lição bem chegava. Logo devia lhe enviar uma prenda para compensar a derrota e a humilhação do Tubungo. As duas sugestões que ele apregoara aos quatro ventos serem dele foram rejeitadas pela rainha. Isso fazia cair muito o seu prestígio junto dos Tubungo e provocar mesmo o gozo aberto dos mais novos. Durante dias ele não ia sair de casa, a menos que ela lhe enviasse um presente, maneira de mostrar não era nada contra ele, apenas uma decisão de pleno direito. Era cinismo, ela bem sabia, mas o poder não está dele feito? Ainda ontem Tchinguri tinha dito. Tchinguri, Tchinguri... um rei deve ter um exército, ela compreendia isso. Para se defender. Mas para mais quê? Tchinguri não pensava basicamente em defesa do trono, falava na força da Lunda. Contra quê? Eram conversas antigas, mas ela nunca se preocupara em entender direito. Precisava de falar com ele de novo. Ou talvez Chinyama lhe explicasse para que mais podia servir um exército, pois como defesa do trono era uma despesa bem pesada para as famílias que alimentavam os homens. De tantas conversas com o irmão, Chinyama devia conhecer todas as suas ideias.

– Lueji, não estavas ouvir. Te fiz uma pergunta...

– Desculpe, pai. Estou muito cansada, dormi mal.

– Isso se vê – Kandala fez um sorrisinho malandro. – Mas imagino que não posso perguntar por que uma rapariga dorme mal...

– Oh, não foi nada do que pensa – disse ela, atrapalhada.

Fez um esforço para ouvir a lição até ao fim, o qual esperava ansiosamente. Finalmente o velho calou. E acabou por partir, para alívio de Lueji.

Estava sonhando acordada, quando Kanyika anunciou Chinyama. Fez sinal que sim e o irmão entrou, falando logo, todo animado:

– Vim pessoalmente entregar os cinquenta homens que Kumbana me requisitou. Fui de certeza o primeiro a cumprir.

E sentou a larga bunda num banco, se abanando com o espanta-moscas. Estava radiante.

– Mas como fizeste para os teres tão depressa?

– O quê? Pensas que os mandei vir do Kalanhi? Nada disso. Dispensei a minha guarda pessoal. Eram exatamente cinquenta rapazes. Pronto, fiquei só com dois ou três. Espero que não morram muitos, pois já conhecia o nome de quase todos e é tão difícil aprender novos nomes...

– Ficas sem guarda?

– Não preciso. Não tenho inimigos e agora vamos estar todos tranquilos.

Chinyama era realmente um despreocupado. Mas indiretamente lhe dava uma boa notícia. Confirmava que Tchinguri não tinha intenções de tomar iniciativas guerreiras. No entanto, por prudência, ela perguntou como quem não quer a coisa:

– E disseste isso a Tchinguri? Ele não te aconselhou a manteres a guarda?

– Como havia de aconselhar? Só riu. Disse que eu era sempre o mesmo, as tais frases que não dizem nada.

Se Tchinguri estivesse a prever qualquer tipo de confrontações, queria ter à mão os únicos homens de Chinyama minimamente treinados. A conversa da véspera tinha tido bons resultados, aí estava a prova. Lueji se distendeu na pele. E bateu as palmas para servirem de beber.

– Uma coisa que não entendo, Chinyama, é a ideia do Tchinguri sobre o exército do rei. Vê o meu caso. A minha linhagem tem de o alimentar, o que é um grande peso para ela. E são poucos homens. Como faria ele para alimentar um exército realmente grande?

– Nunca te falou nisso? Ele tem ideias assentes. Ninguém arranja comida nenhuma para o exército. Ele vai subjugar os povos à volta. E estes pagam os tributos em comida, bebida e coisas mais. Dá para alimentar o exército e ainda sobra para a corte.

– São os povos submetidos que trabalham?

– Claro. Aqui, quem aceitaria? Eu tenho problemas constantes com os tributos que as minhas aldeias têm de mandar. E são tributos leves, para me alimentar e mais as mulheres e filhos e parentes. Mas sempre que a família cresce eles protestam lá nas aldeias, que já trabalham demais e estão a ser espoliados. O que vale é o medo do feitiço, senão cortavam-me a ração... O

exército tem de ser alimentado pelos estrangeiros, são eles que se lixam por perderem a guerra, maninha. Quanto mais povos se submetem, mais tributos há. E dos pesados, dos bons. Por isso não queremos que os vizinhos do Norte se aproximem demasiado de nós, para não nos submeterem e termos de lhes pagar tributos.

– Isso no fundo eu sabia.

– Claro, isso toda a gente sabe. Agora, o que Tchinguri diz e é novo, é que esse exército não pode ser constituído pelos Tubungo. Só o rei e o povo. Ligação direta através de comandantes fiéis ao rei e só ao rei. É a ideia nova.

– Que faz os Tubungo se enfurecerem.

– Perdem toda a força, maninha. Deixam de ser necessários. Por que, aqui para nós, que são os Tubungo? Os grandes conselheiros do rei porque vieram das primeiras famílias de comandantes. Isso lhes dá territórios e até exércitos, enquanto o rei não tem território próprio, nem exército próprio. Quer dizer, ele é rei porque os Tubungo lhe deixam. Eles têm esse direito porque são descendentes das primeiras famílias que vieram do Leste conquistar estas terras. E o absurdo é que a família do rei, descendente do chefe que os comandava a todos na vinda do Leste, essa não tem direitos de família real, apenas as dum Tubungo qualquer. Tu mesma tens terras?

– Não.

– Pois não. O chefe da tua linhagem é que as tem lá no Kalanhi, é o Salukunga. E no entanto tu és a rainha. Eu tenho agora terras porque entretanto fiquei como chefe duma parte da linhagem, assim como o Tchinguri. Mas não somos chefes de linhagem, mesmo sendo filhos de rei. O problema que estamos com ele é esse. Isso tudo é que o Tchinguri quer mudar.

– Mas muda tudo!

– Muda mesmo. Por isso é tão combatido.

– E os comandantes dele não são Tubungo?

– Não. Kandama não é. São gente do povo que se distingue na guerra pela sua coragem e fidelidade ao rei. São nomeados pelos feitos que realizarem. Dependem do rei para tudo. E o povo aprecia isso, pois cada um pode vir a ser um grande comandante e estar ao lado do rei, mesmo se o seu pai era um mísero pescador.

– São ideias perigosas para os Tubungo, Chinyama.

– Claro. Por exemplo: quem vai comandar os homens que o Tchinguri envia contra os Mataba é o Tchoia. E quem é o Tchoia? Um homem que nem sabe quem foi o seu pai, parece era um laza lá do Sul. A mãe é ainda hoje uma serviçal da família do Tchinguri no Luengue. Tchoia cresceu na caça e se fez um grande guerreiro. É ele que vai comandar uma parte importante do teu exército, rainha. O filho dum desprezível laza...

– Mas não é da linhagem de Tchinguri?

– Não. Nem o Kandama. E afinal se tornou o braço direito, o lugar-tenente de Tchinguri.

A rainha ficou calada, meditando nas modificações fantásticas que as ideias de Tchinguri podiam provocar na Lunda, se ele tivesse tomado o poder, uma Lunda sem Tubungo? Sem as reuniões longas e difíceis no tchota do Conselho? Com as aldeias pagando tributos diretamente ao rei, reforçando o seu poder? E quem ia coletar os tributos? O exército, certamente. Ou funcionários nomeados pelo rei? As linhagens perdiam força, pois não eram os chefes a comandar os exércitos, pelo direito do nascimento, mas sim pela competência na guerra. Era realmente uma heresia.

Chinyama, de súbito, deu uma palmada na testa.

– Estava tão excitado que nem te contei. Passou por Mussumba uma nuvem de gafanhotos.

– Gafanhotos? Quando?

– Quando vinha para cá. Bem... nuvem é um exagero. Mas era um grupo grande. Dá para limpar uma horta num dia. Esperemos que seja só essa. Passou no caminho do Sol.

Lueji ficou preocupada. Era um péssimo agouro. Estava para vir uma praga de gafanhotos? Agora que as plantas estavam a crescer, com muita chuva, todos esperançados em ótimas colheitas, não podia vir o gafanhoto tudo comer e deixar as gentes na miséria. Só se os espíritos estivessem irritados com a Lunda e não havia razão para isso. Tinha a certeza? Nunca se podia ter, quando se tratava com espíritos. Lembrou a grande fome quando ela era pequena. A nuvem de gafanhotos tapou o Sol e escureceu a manhã. Os bichos pousaram em todos os campos. Se ouvia um ruído uniforme de milhões de mandíbulas a triturarem o capim e as colheitas. As crianças foram apanhá-los, primeiro era uma brincadeira alegre, apesar de os adultos xinguilarem e se lamentarem, estamos perdidos. As crianças

levaram enormes quantidades de gafanhotos para casa, foi a refeição desse dia. Mas à tarde, quando os gafanhotos levantaram voo e foram para Ocidente, a terra estava nua. Todas as culturas, o capim, mesmo as folhas das árvores, tudo tinha desaparecido. Foi um ano de muita fome. Só o peixe permaneceu. Mesmo caçar era difícil, pois os animais se afastaram muito de Mussumba e dos kimbos, à procura do capim que sobrara dos gafanhotos. Comeram peixe e raízes, esse ano. Por vezes mel. Até os grandes Tubungo ficaram magros, fará o povo. E nunca se descobriu por que a praga veio, quem foi o culpado.

Agora de novo vinham os gafanhotos? Diziam os velhos era sempre do mesmo sítio, do Nordeste. De lá vinham todos os males, as invasões, as guerras, as pestes, os gafanhotos. Das bandas da Luba. De lá tinham vindo os Tubungo, rezava também a tradição.

– As pessoas estavam assustadas – disse Chinyama. – Todos se puseram a olhar para a nuvem e a lamentar. Mas atrás não vieram outros.

– Pode ser só um grupo pequeno. Pode não haver mais nada atrás.

– Espero. Senão a minha barriga vai desaparecer. Mas deixemos essa preocupação, se for preciso tu vais afastar o espírito mau que lançou os gafanhotos sobre Mussumba, como trouxeste a chuva.

– O problema é que não há receita para afastar gafanhotos, como há para chamar a chuva.

– Da outra vez não houve, não. Quando éramos pequenos.

– Talvez Kandala possa saber o que significa essa nuvem. Pode ser um espírito zangado. Pode ser outra coisa qualquer...

– E pode ser apenas um grupo de gafanhotos que resolveu mudar de sítio, mais nada.

– Esperemos.

Chinyama acabou de beber a cabaça que tinha à frente. Voltou ao assunto inicial:

– O nosso irmão tem ideias que tu podias aproveitar, Lueji.

– Impossível.

– Difícil, mas não impossível.

– Impossível mesmo. O espírito do meu pai ia se vingar de mim e de todos nós.

Chinyama estremeceu com a evocação. Não tinha a coragem do irmão que se ria dos espíritos dos antepassados.

Espíritos? Quem sabe os seus males não vinham daí. Disparate, agora vou virar feiticista? Havia no entanto coisas estranhas. Estórias que a avó contava e que nada podia explicar. A do homem do Lubango que engravidou uma rapariga com quem não queria casar, fugiu do Lubango para Malanje e lá se escondeu, mas a família da rapariga foi ao feiticeiro e o homem lá, escondido em sítio que ninguém conhecia, acabou por inchar, inchar, até morrer. Havia milhares de casos desses. Ou aquele que aconteceu com ela mesma, Lu, quando um amigo brasileiro, devoto dos candomblés da Bahia, lhe pediu ajuda por desgraças sucessivas que lhe aconteciam. Ela devia conhecer alguém que o tratasse. Lu de fato conhecia, quem não conhece? Levou-o ao “mercado dos congoleses” a uma velha que vendia milongas, pedras de todas as cores, raízes, caroços de frutos, missangas variadas, cruzeiros e medalhas. Levou o amigo e não precisaram de explicar nada. Ah, minha filha, vejo trouxeste um amigo cheio de problemas. Abandonou a primeira mulher, depois casou com uma mais nova. Ela ficou lá do outro lado do mar e ele veio trabalhar aqui. E tudo corre mal, não é? A mulher está lá doente e cheia de problemas, até a casa foi roubada, aqui o trabalho dele não vai bem, a cabeça a se baralhar de coisas, é triste. E isso me vinham dizer? Lu não acreditava nessas coisas, só um medo longínquo vindo da infância. Mas ficou de boca aberta, ouvindo a velha dizer aquilo que o amigo lhe contara. Como então? O brasileiro, esse, ajoelhou, só queria beijar as mãos da velha, sem vergonha ali naquele mercado cheio de gente a lhe olhar, os miúdos gozando o branco filho alheio ajoelhado aos pés da velha senhora de panos, só murmurava mãe de santo, ai, minha mãe de santo tão sábia, isso nem na Bahia, terra de todos os mistérios e maravilhas, mas a velha disse, posso ver as coisas mas não sei tratar, porém te indico um kimbanda que vai resolver tudo, leva já antes esta raiz, mais este bocado de pemba, mais esta pedra rosa de todos os poderes, mais isto, mais aquilo, porque a tua antiga mulher preparou isso tudo e agora o kimbanda tem de te tratar para arranjar as coisas, e o brasileiro depois foi sozinho ao kimbanda e saiu de lá curado. A próxima carta da mulher indicava tudo na ordem. O brasileiro trabalhou e trabalhou bem, na altura do fim de contrato foi ao mercado se despedir da velha e lhe deixou uma série de recordações valiosas e em troca levou mais raízes e pemba e pedras e paus, cuidado, meu filho, isso ganha muita força se passa por cima da água, o que ia acontecer pois sobrevoava o Atlântico, e o que de fato

aconteceu segundo ele informou em carta para Lu, pois os kimbandas da Bahia com aquele material passaram a operar milagres. Tão afamados ficaram os produtos da mítica Angola naquela terra de deuses e espíritos africanos, tanta era a procura por parte dos brasileiros nos mercados angolanos, que uma conhecida empresa de supermercados fez uma proposta ao Governo angolano: comprar tudo o que aparecesse por cá para ser vendido na Bahia, já em frasquinhos e com rótulos, pedra que desvia o mau-olhado, raiz que domestica filho indócil, missanga que faz aumentar a potência sexual, colar que impede o ciúme de mulher, etc., etc. Podia dar muitas divisas ao País, sofrendo de crônica dívida externa. Mas os kimbandas se movimentaram, isso ia abandalhar a arte deles, ia o vil comércio conspurcar o que era sério e de tradição sagrada. Fosse pelos argumentos anticapitalistas, fosse pelo susto que pregaram por ameaçarem enfeitiçar quem aprovasse o contrato, o certo é que tiveram ganho de causa. A empresa comercial ficou com o projeto a apodrecer nas gavetas do Governo. Por isso é que um conhecido escritor brasileiro, habitando uma ilha mesmo à frente de Salvador da Bahia, pede a todos os amigos que vêm a Angola para lhe levarem pemba. E explicaram a Lu porquê. Aquele brasileiro que tivera os mambos todos por causa da mulher lhe levou um bocado. E o escritor passou a se pintar de pemba, pintar também é exagero pois fazia apenas uns riscos na testa, antes de começar a escrever. E as coisas passaram a sair melhor. Não mais aquele vazio de ideias à frente do visor do computador, não mais frases interrompidas sem saber como continuar e o computador lá na sua língua de ianque a piscar as luzes e a perguntar, o resto da frase está onde, imprimo assim mesmo? Tudo lhe saía bem e o escritor agora põe apenas uns calções largos com que sai de casa, atravessa uma rua até à pracinha sombreada por árvores ancestrais onde tem um pequeno escritório, bebe uma cachaça no bar de baixo, sobe para o escritório, pinta a testa de pemba, liga o computador e as estórias saem, saem, como se já estivessem na memória. Só se interrompe de vez em quando para beber um trago ou para gritar para o pagagaio que está no poleiro quase embaixo da sua janela, ao que o pagagaio responde escreba, escreba, puta que pariu. E sai do escritório satisfeito da vida, com aquela tranquilidade do dever cumprido. Se senta numa mesinha do bar ao fresco, vai bebendo cachaça com os seus personagens, esperando a hora do almoço. E sempre um dos seus personagens diz, este doutor é uma inteligência, não

veem mesmo que a inteligência lhe sai pela testa quando acaba de escrever? O que eu não sabia é que inteligência de escritor parece pó de talco.

Os espíritos podiam se manifestar contra alguém que os não temia? Lu foi iniciada nos mistérios pela avó, mas a escola tinha tirado deles toda a carga irracional, havia apenas coisas que a Ciência não sabia ainda explicar. Recordou uma discussão havida nos seus tempos de faculdade, provocada pelo Carlos Muana, na época finalista do curso de Física e hoje doutorando nos Estados Unidos. Muana tinha escandalizado um professor vindo da Europa, ao dizer não se podem rejeitar simplesmente esses fenômenos apenas porque se não conhecem ainda as suas causas. A discussão saiu da aula e ganhou os corredores da faculdade, misturada com fórmulas matemáticas complicadas escritas nas paredes para reforçar um ou outro argumento. O professor estava possesso, pois como era possível um finalista de Física, aliás brilhante, defender ideias feiticistas, idealistas, obscurantistas, contra toda a lógica materialista? E Muana, muito calmo, como quem ensina a um menino as primeiras contas, repetia a Ciência não pode esconder a cabeça debaixo da areia para não ver o que parece evidente. Alunos de outros cursos também se metiam na maka e toda a manhã se debateu o assunto pelos corredores. A tese de Muana era muito simples. Por que não admitir podia existir outros tipos de energia além dos já estudados? A nossa energia vital vinha do Sol. Não podia haver outra fonte, desconhecida, que transmitia também um tipo de energia desconhecido? Energia essa que se podia manifestar nalguns cérebros privilegiados, ou como visões do futuro, ou intuições parapsíquicas, ou ideia deformada de espíritos ou deuses, ou a arte de manipular essa energia para curas consideradas milagrosas através das mãos, da fala, ou de objetos aparentemente neutros? Concluir ela não existe só porque ainda não a conhecemos, isso é que era idealismo, porque se partia do pressuposto, só existe o que sai do conhecimento do homem. Argumento fatal que arrumou o professor, com conhecimentos de Filosofia apenas decorados em manuais dizendo todos a mesma coisa, vírgula a mais, vírgula a menos, apesar de sucessivas reformas e reedições. Agora Muana desenvolvia a sua tese de doutoramento. Talvez conseguisse explicar os meus mambos, pensou Lu.

Estava sentada à frente da baía, esperando a hora do ensaio. Na baía procurava o lago da sua imaginação, que lhe trazia sons de marimbas. No saco tinha o caderno de apontamentos, agora sempre presente. Escreveu

nele duas frases. Mas riscou-as em seguida. Espíritos? Como dançam os espíritos? Como aves, como fumos? Todos pintados do branco de pemba ou apenas pintalgados? Em solos de marimba ou no rufar dos ngomas sagrados? Uma cena ela via, mas só o silêncio a musicava. O espírito baixava da mulemba, a chamado de Kandala, e ia enredando Lueji numa teia de aranha gigante. A rainha estava de pé, à beira do lago, quase imóvel pois balançava suavemente com a viração. E o cazumbi rodava, rodeando o corpo dela, tecendo lianas que a amarravam a si própria. Só o luar de prata azulada. E o silêncio. Havia muita angústia na cena, tinha de ser, era uma visão da essência. Devia durar apenas o suficiente para criar no espectador essa angústia da revelação. E Lueji mexia apenas as ancas, cada vez mais ligeiramente, ao ritmo da brisa que soprava do lago. Até que o cazumbi se vapora e a rainha inclina para a frente, docemente, docemente, como cumprindo um destino, e se torna numa bola ensarilhada.

Suspirou para libertar a ansiedade. O coração batia e doía. Lu sentiu falta de ar, levantou do banco, sacudiu a cabeça. Esta cena ainda me mata. Mas é essencial, não dá para fugir. Sou eu ou Lueji? Se a vou dançar, ela sou eu, pois é minha criação. Não é peso demais criar uma Lueji? Eu? Tão fraca e sem espíritos protetores? Inútil tentar escapar, só na minha fraqueza posso encontrar a força. E nela.

Com este pensamento conformista, Lu caminhou para o grupo de dança, onde encontrou Uli. Sabia, pelo ar dele queria lhe falar. Mas nunca teria coragem, pois a pergunta mais inócua ia criar o constrangimento da explicação de que os dois fugiam. Sim, Uli lutava para se libertar pela fala. Ela não. As palavras não tinham importância, só os gestos de corpos senleando, para no dele apagar aquele fogo lento que a consumia. Era tão perfeitamente inútil uma palavra como um som na cena do lago. Só contavam movimentos e sensações. Mas seria capaz um dia de enlaçar Uli e o levar a se explicar pelos gestos? Podia arriscar um empurrão de raiva vindo do corpo amado? Não, viraria bola ensarilhada. Para sempre.

Se sorriram e entraram naquela casa de dois séculos atrás, onde vivera uma escravocrata que controlava boa parte do tráfico de gente para a América. Era um casarão imenso, de paredes de adobe com quase um metro de espessura, reformado anos antes para abrigar a sede do grupo. Só o chão tinha sido modificado, aplicaram tacos de madeira sobre as pedras para amaciar as batidas de pés e os sons. A arquitetura original foi mantida,

apenas rebocadas as paredes e substituídas algumas traves do teto. Nas divisões interiores nem mexeram, pois cada sala dava para um bailado. O salão maior não era utilizado nas aulas e ensaios, estava reservado para as audições. Por contraste, Lu lembrou a escola de dança para onde entrara, quinze anos atrás. Tudo se passava numa sala emprestada, quentíssima no Verão, onde só mesmo o amor pela dança os podia manter vivos. Se discutia muito na época os caminhos do bailado nacional. Lu era muito miúda mas ainda hoje recorda as diferentes opiniões. Havia os elitistas que diziam só o ballet clássico, europeu, é digno duma escola. Os mais avançados entre os elitistas faziam uma concessão ao chamado ballet moderno, com incursões pelo jazz. E havia os tradicionalistas, tentando com a mão fazer parar o tempo, que apenas admitiam as danças camponesas africanas. Os tradicionalistas invocavam as raízes bantas, tudo o mais era estrangeiro, alienante. Discussões por vezes acaloradas, naqueles tempos dos dez primeiros anos da independência, mas a maior parte das vezes apenas sussurradas nos bastidores. Havia um grupo que procurava sínteses. E foi este que, pouco a pouco, sem muito barulho, se foi impondo. O grupo se constituiu no terraço dum dos prédios do Maculusso, onde ia ensaiar todos os dias, desiludidos de qualquer escola. A animadora, Raquel, passou a ser conhecida apenas como a Diretora. Acabou por agregar uma outra professora. E chamaram os melhores bailarinos, de todos os grupos, para experimentarem coisas diferentes. Treinavam ao fim da tarde, no terraço deserto do prédio, onde morava a Diretora, entre arames para secar a roupa. E aí foi nascendo um género próprio, nacional, indo buscar temas e passos à tradição dos camponeses, misturando por vezes as culturas de origem, e estilizando com recurso ao que de mais avançado se fazia no Mundo. E o grupo de bailado Kukina, que se formou no terraço, já tinha obtido prémios em festivais internacionais, pois cativava as atenções pela originalidade das criações, misturando kimbos com computadores e danças de roda com sapatilhas de ponta. Uma imagem do país, proclamavam os jornais mais otimistas. Os mais comedidos corrigiam, uma imagem que se procura para o país, com a arte sempre à frente. Não tinha sido sempre assim? Por que é que no fim do século havia de ser diferente, havia a arte de ficar atrás? Alguns tinham sido marcados pelas rixas desses tempos de procura. Até houve os que safastaram para outras ocupações, inconformados pelos novos tempos. Mas os melhores prosseguiram. Entre eles, Uli e Lu. Depois vieram

os apoios. O Governo pagava os salários da Diretora e da professora, por vezes contratava um coreógrafo estrangeiro. E lhes cedeu aquela casa antiga para sede e local de ensaios. Grupo semiautónomo, com possibilidades de tomar iniciativas mas dependendo de qualquer modo dum plano estatal. Lutavam agora para chegar ao profissionalismo dos bailarinos, o que se revelava difícil.

Afinal não ia haver aula, mas sim uma reunião de emergência. A Diretora juntou o grupo e informou:

– Fui chamada lá acima. Estão furiosos com o fracasso do *Cahama*. E mantêm a exigência dos espetáculos. Se não podemos apresentar o *Cahama*, devemos inventar qualquer coisa... Temos uma semana.

Foi o pânico. Uma semana? Só mesmo fazendo uma manta de retalhos, aproveitando números já apresentados. O grande problema, e Jaime lembrou à Diretora, é que por teimosia do checo tinham abandonado os ensaios de coisas antigas, como sempre faziam, apenas para se dedicarem ao *Cahama*. O checo não queria misturas com a sua coreografia. Agora ninguém se lembra e é preciso começar tudo de novo. Numa semana?

– Ensaíamos de manhã e de noite. Ficam com as tardes para as suas ocupações. E vamos seleccionar os números apresentados há seis meses. Ainda se devem lembrar deles.

– O problema é que o público também se lembra – disse Uli. – E vai comparar. E vai ver que os números estão piores. Numa semana não é possível retomar o nível anterior.

– Eu sei – disse a Diretora. – Mas tens alguma ideia melhor? Só fazendo greve e isso não é sequer pensável.

– E quantos espetáculos temos de fazer? – perguntou Lu.

– Os que estavam programados. Seis numa semana. Vá lá, concederam anular a excursão para as outras cidades, como faríamos com o *Cahama*. Mas dão dois meses para prepararmos um espetáculo inteiramente novo. Senão...

– Senão? – gritaram os bailarinos.

– As cabeças rolam.

Claro, pensou Lu, e a minha em primeiro lugar, sou a principal responsável pela debandada do checo. A da Diretora também vai, e a de Uli, oh, de todos, de todos. Dois meses para inventar um espetáculo novo? Sim, senhor, os planificadores compreendem a arte e apoiam-na. Jaime tirou as

palavras da boca dela:

– Que se lixe que a arte seja conspurcada por um espetáculo de má qualidade. O que interessa é cumprir o programa anual, pôr cruzinhas à frente dos diferentes ítems. Tal grupo realizou tantos espetáculos, como programado. Tal grupo também. Sim, senhores, merecemos prémio de produtividade porque obrigámos os grupos a cumprir o que planificámos no ano anterior. O público? Ora, aceita o que lhes derem, são uma cambada de analfabetos! Os artistas ficam frustrados por que não produziram o que podem? Isso não conta, estão aí para artistar de qualquer maneira. O importante são as cruzinhas à frente dos números.

– Tudo muito certo, Jaime – disse a Diretora. – Mas agora vamos escolher os números para ensaiar. Acho que nem preciso dizer, mas enfim... Conto com o vosso sacrifício.

– Ora, é só mais um – suspirou Uli.

– Uli, como vais conciliar o tempo dos ensaios com o estágio e os bancos no hospital?

– Não sei, Lu. Esperemos que na faculdade sejam mais compreensivos.

A ideia ia e vinha na cabeça de Lu. Dois meses dá tempo? Talvez, se todos ajudassem. Certamente ajudariam, se o projeto fosse bom. A Diretora e a professora faziam as coreografias, o Mabiala as músicas... O grande problema era mesmo o projeto. Tinha de nascer naquelas duas semanas dos ensaios intensivos e dos espetáculos. Depois havia dois meses para preparar tudo. Loucura? E o que se pode chamar à decisão duma rapariga sem experiência que aceita o poder supremo? Há momentos que só mesmo a loucura é racional. Se nunca o disse, certamente Chinyama, o sábio, pensaria assim.

AGORA SOU EU QUE FALO, EU, CHINYAMA,
filho de Kondi e irmão da rainha da Lunda.

Um dia merecerei a alcunha de Chinyama, *o Sábio*. Primeiro nasceu Tchinguri, depois eu. O pai arranjou nova mulher, dizem que bela, e dela nasceu Lueji. Haveria de ser mais bela que a mãe, mas só muito mais tarde é que nos apercebemos. No princípio era só uma miúda que acompanhava o irmão mais velho para todo o lado. Como os dois eram cansativos, sempre a correr e a me fazer correr. Subiam às árvores mais lisas e de lá de cima me

chamavam. Eu preferia ficar a ver as florzinhas que nasciam da chana verde e amarela e azul de flores e vermelha de botões, com os insetos de mil cores passeando pelo capim. Durava pouco o sossego. Logo se lembravam de saltar de ramo em ramo, como fazem os Uanda para caçar e guerrear, se segurando nas lianas, até que um dia uma liana se partiu em pleno voo e Tchinguri se estatelou no chão, ficando sem falar. Eu ri, pela primeira vez Tchinguri estava inerte, sem fala, a meus pés. Lueji gritou, morreu? Mas ele estava de olhos abertos, a nos fitar, humilhado e furioso. Comecei a ficar com medo daquele olhar e por isso não parava de rir. Ela ajudou-o a levantar. Quando estava de pé, me deu logo uma chapada, para não rires de mim. Afinal estava vivo, vivíssimo, a primeira coisa que fez foi me bater. Mesmo se tivesse morrido era capaz de ressuscitar só para me dar aquela surra.

E no lago passavam horas a nadar e a mergulhar, sempre os dois, Tchinguri e a irmãzinha pequenina, sem medo das cobras de água nem dos sengues. Eu ficava sentado na margem a olhar os nenúfares e as rosas de porcelana. Inventei então um nome para elas, cetros de Kaweji, porque era uma antepassada fantástica, dela se contavam histórias de arrepiar, sobretudo dos seus feitiços que derrotavam os inimigos. Hoje o povo adaptou a minha invenção para as rosas de porcelana, lhes chamam o cetro de Lueji. Nome bem mais merecido afinal, pena não me ter lembrado disso antes.

E caçavam tudo o que era bicho, pequeno ou grande. Eu tinha de os acompanhar, tinha medo de ficar sozinho e sobretudo porque Tchinguri me batia logologo, para te tirar a preguiça. Mas me sentava quando podia. Num desses momentos de descanso inventei a história do caçador e do leão, que são amigos e caçam juntos, até que o homem quer ficar com toda a carne que o leão caça e aí acabou a amizade. Essa história se conta hoje às crianças e ninguém mais lembra que fui eu o inventor. Não tem importância. Inventei mais histórias, como a do caçador e o cazumbi, de que ouvi versões diferentes com nomes diferentes, contadas por outros povos perto da Lunda. Como as histórias correm rápido. E essas versões chegam depois a mim e ninguém se lembra eu as criei. É curioso, pois elas vão mudando, mudando, e de fato já não são minhas porque se diferenciaram bastante, já são de todos que as contam, pois cada um põe algo de pessoal nelas. O Ndumba gostou da história quando a ouviu pela primeira vez, éramos os dois muito pequenos. E no outro dia me contou o que suponho ser a sua versão, mas aí

o caçador não tem medo do cazumbi, porque Ndumba acha um verdadeiro caçador não pode ter medo de cazumbi e assim se deve ensinar. Eu tenho medo terrível dos cazumbis e por isso na versão original o caçador só treme perante o cazumbi e se escapa é por acaso. Assim é a vida própria das histórias que ultrapassam o seu criador.

Fomos crescendo. Um dia descobri o que Tchinguri e Lueji faziam por trás das rosas de porcelana. Foi por acaso, mas a partir desse dia apanhei-os muitas vezes e já não era por acaso. Ficava a ver e a me masturbar, era maravilhoso. Mas um dia me descobriram a espiar e Tchinguri me deu uma surra, claro. E quando eu disse também quero fazer isso, ele ia me matando, a Lueji era só dele. Nunca mais tive coragem de os espiar. Quando eles desapareciam de repente do lago, já sabia o que iam fazer, mas ficava a olhar para as águas, imaginando apenas. Era bem triste. Não podia resistir muito tempo e acabava por me masturbar, mas só pela lembrança, não era a mesma coisa. É uma das perdas da infância que mais lamento.

Depois foi a mukanda. Horrível. Fechados três meses numa cubata isolada, longe de Mussumba, o Tchinguri, eu e mais dez rapazes. Ndumba era mais velho, pertenceu a uma mukanda anterior. Mas conosco estavam o Nandonge e o Kandama, daí vem a nossa amizade, mais forte que a ligação entre irmãos. Da mukanda não posso falar, é segredo entre todos os que por ela passam, quem revelar o segredo sofre mais que um leproso, desses que ficam com manchas de hiena na cara. Só posso falar do que é público, no fim, quando nos cortaram a kinhunga. Momento terrível, cuja lembrança antecipada me fazia tremer durante os três meses de preparação. O Tchinguri, o Kandama e o Nandonge riam do meu medo, de propósito mostravam como nos iam fazer, exageravam as caretas e eu ficava borrado de susto. É isso que nos vai fazer homens, diziam com orgulho, ansiosos pela chegada desse dia. Me doeu antes, durante (oh, gritei que nem um cabrito quando lhe cortam as goelas, o meu pai ficou todo envergonhado) e mesmo depois, até cicatrizar. Andávamos com um pano à volta, eles todos vaidosos porque agora eram homens e eu todo trémulo ainda a pensar que ao tirar o pano ia doer para morrer. Afinal não doeu, mas durante três dias andei angustiado. Não percebo essa coragem dos outros. Como, por exemplo, quando Tchinguri matou a sua primeira onça e teve de lutar com ela só com o mucuali, a onça estava muito ferida mas era ainda perigosa, lhe rasgou um ombro e o meu irmão, todo vaidoso pelo seu feito, até parecia

não sentir as dores, ficava de pé enquanto o kimbanda lhe punha as ervas para o sarar e só falava, ela me atacou assim e eu a feri com a azagaia assim e assim até que a azagaia se partiu e ele teve de puxar pelo mucuali, último recurso, e se abraçar a ela para dar as punhaladas mortais. Eu é que morria, só de pensar que podia encontrar uma onça no caminho.

Éramos homens e as brincadeiras mudaram. Exceto os banhos no rio ou no lago. Tchinguri começou a criar conflitos porque falava demais e, se o irritavam, perdia a cabeça e agredia. Mesmo que fossem maiores e mais fortes. Como o Ndumba ua Tembo, com quem lutou sem armas durante uma hora, até os dois caírem de cansaço. Eu assisti, Lueji também e Kandama e Nandonge e outros, eu chorava com medo que o meu irmão morresse, implorava aos outros para suspenderem a luta, eles é que eram corajosos para o fazer, mas Lueji não consentia, deixa ele lutar até ao fim, é o seu desejo, não temos o direito de o impedir, até que os dois caíram ao mesmo tempo, desmaiados. Lueji tratou dos dois rivais. Daí vem a sua amizade com Ndumba. Terá sido só amizade? Nunca consegui saber se também o levou para a parte atrás das rosas de porcelana.

O meu pai começou a se impacientar com Tchinguri. Falava já há uns tempos muito com ele, levava-o a assistir aos atos importantes, Kakele e outros Tubungo também lhe ensinavam coisas. Tchinguri dizia com a maior naturalidade, estão a me preparar para suceder ao pai. Mas Kondi ouviu, ouviu, coisas demasiadas que os Tubungo lhe contavam sobre o meu irmão. Sobre as suas ideias e as kazukutas e makas que provocava. Um dia Kondi me chamou, a partir de agora aonde levar o Tchinguri vou te levar também. E o que falar para ele vou também falar para ti. O mesmo com Kakele e os outros muatas. Mas por que, pai, então não é o Tchinguri que vai ser o chefe dos Tubungo, para que tenho de aprender também? Ainda não decidi, será o melhor de vocês dois. Grande susto. Mandar nos outros, eu? Era a pior ideia que alguém podia ter tido. Perdi o apetite, contei aos irmãos e amigos, desesperado, já viram? No fundo não acreditava muito que Kondi me preferisse e só por isso não morri de susto. Mas Tchinguri não gostou nada quando contei. Nem Lueji. Nem o Kandama ou Nandonge. Todos queriam o meu irmão para rei. Só que não me hostilizaram. Mas Tchinguri ficou desconfiado, frio, distante. E passou a me acusar, andas a fazer de mais esperto para me tirar o lugar, andas a fazer de bonzinho para o pai te preferir, e aqueles olhos dele me espiavam e ameaçavam. Eu não queria

nada o trono, gostava era de comer e beber, olhar as flores e inventar estórias, ter raparigas com as quais imaginava as cenas espiadas na infância. E tinha muito medo de Tchinguri. Por isso passei a fazer de mais estúpido do que era, difícil entender qualquer coisa que Kondi dissesse, para seu desespero, e obrigava Kakele a repetir três vezes uma frase que uma criança percebia à primeira. Quando Tchinguri armava alguma cena, eu apoiava sempre e até exagerava. Se ele batia em alguém, eu aproveitava para dar também uns pontapés e era tão colérico como Tchinguri, com a agravante de só lutar contra o homem derrotado. Kondi sabia e se desiludia, eu não era alternativa para Tchinguri, seria desastre ainda maior para a Lunda. E se o meu irmão em público dizia algo contra a tradição, eu apoiava veementemente, embora por dentro estivesse a morrer de medo dos espíritos que acabam sempre por se vingar.

Porém, o soberano agora está escolhido e já não preciso fingir ser arrebatado nem parvo. Posso ser o que sou: medroso, mas nada parvo. Só não consegui enganar a Lueji, ela sempre percebeu a minha esperteza. Mas calava, porque também queria o Tchinguri para chefe, disso tenho a certeza. Talvez Kondi tenha razão, Lueji não foi preparada mas é uma boa rainha. E é minha irmã. Só não gostei do desprezo com que trata a minha mãe, a qual não a gerou mas é também mãe dela e a primeira mulher do seu pai, a muari. Lueji não a levou para a nova onganda, não lhe pergunta se precisa de alguma coisa, anda abandonada pela antiga onganda como se fosse uma velha serviçal. Desconfia dela porque é a mãe de Tchinguri? Mas nela devia confiar, porque é a minha mãe. Nisso deve andar o dedo de Nayole, Kondi nunca conseguiu apagar a rivalidade entre as duas primeiras mulheres. Com o dedo de Nayole ou não, a rainha tem de tratar bem a sua mãe, isso não lhe perdoo. Também abandonou Musole mas essa não tem problema, logo arranjou outro marido. Mas a minha mãe é velha, ninguém mais a quer. Vou ter de a levar para a minha chipanga, o que muito vai irritar as minhas mulheres, razão para eu emagrecer com as suas queixas.

No entanto, agora o ambiente está saneado. Parece mesmo, acabou a desconfiança entre Tchinguri e Lueji, espero que dure. Claro, já não somos os três irmãos amigos da infância, mas isso era impossível conservar, há um trono no meio. Já viram a minha triste situação se aqueles dois se pegam à porrada? Nada tenho contra a Lueji, por isso nunca poderia apoiar Tchinguri contra ela. E como arranjar coragem para afrontar a raiva dele? Estava

perdido. Quando dois irmãos lutam entre si, o terceiro não pode ser neutro? Dizem não. O meu trabalho agora é esse, mostrar à rainha as intrigas que os Tubungo armam contra Tchinguri, para evitar o pior. Mas serei capaz de mostrar ao Tchinguri que ela nada tem a ver com essas intrigas? O problema que estamos com ele é esse, vamos fazer mais como? Casassem, era a solução. Mas hoje já não dá, isso significava a subida ao poder de Tchinguri e o espírito de Kondi ia se revoltar. E é preciso respeitar os espíritos, senão eles te mascaram como uma hiena. Muito trabalho vou ter, capim entre o leão e o elefante!

Foi no mesmo dia que Ndumba ua Tembo pediu a mão de Lueji em casamento que a mulher recebeu o espírito de Kondi e lançou a confusão em Mussumba.

Ndumba ua Tembo estava à espera do que pensava ser o melhor momento, apenas. Mas começou a ouvir mujimbos inquietantes. Lueji não enviou Tchinguri para a armadilha de Kakele, podia ser por Ndumba ua Tembo ter mostrado desagrado, mas com muito mais razão por não querer colocar o irmão perante o dilema fatal. Chinyama estava sempre com ela agora, lhe contava Kanyika, seu amigo fiel. Comiam e bebiam juntos, com grandes risadas. Uma vez também Tchinguri foi à onganda real e os três fizeram um festim, a que assistiu apenas Nayole. Os mujimbos indicavam reconciliação entre os irmãos, o que não era bom para as suas aspirações. Por isso Ndumba não esperou mais. Aproveitou um dia em que Lueji estava no rio a visitar as nakas da sua casa e foi ao seu encontro.

Ela viu-o chegar, acompanhado de dois guardas. Teve um pressentimento que chegara o momento delicado.

– Queres alguma coisa? – respondeu ela ao cumprimento respeitoso de Ndumba.

– Quero falar contigo, mas pode ser depois de teres acabado o teu trabalho. Eu espero.

Lueji sorriu gentilmente e convidou-o a ir a seu lado. Viram o crescimento dos legumes e das folhas, falaram sobre isso com as poucas mulheres que tratavam das nakas. Nayole continuava como sempre a se ocupar delas.

– Eu gostava de vir cá trabalhar de vez em quando, mas agora é impossível – disse a rainha. – Não imaginas como é agradável. Fala-se e discute-se tanto pelo meio...

– Compreendo – disse ele. – É como quem me tira a caça.

As folhas de jimbôa estavam bonitas e discutiram sobre elas, era o que

havia mais nas hortas, pois serviam para acompanhar quase todos os pratos. Tinha também feijão makunde, quiabos, abóbora e jinguba. As nakas ficavam mesmo na margem do rio e o terreno não era inclinado, o que facilitava a rega. Além disso, a terra era negra, muito produtiva. O problema eram as cabras do mato e os coelhos que conseguiam passar às vezes pela vedação e tudo comiam. Por isso o maior trabalho além de cavar e descapinar constantemente era tratar de reforçar a vedação.

Todo esse trabalho podia ser inútil, se a nuvem de gafanhotos que passara por Mussumba tivesse pousado nas nakas. Mas não, continuou em frente. E atrás não vieram mais. Mesmo Kandala não conseguiu descobrir o que isso significava. Era um aviso, mas qual? Os dias passaram e a nuvenzinha de gafanhotos foi esquecida, como tudo o que perdeu significado.

Tinha terminado a visita e Lueji disse para Nayole:

– Mãe, vou à frente com o Ndumba para falarmos.

– Podem ir. Eu ainda fico aqui mais um bocado.

Os dois se despediram das mulheres e foram a caminho de Mussumba, com os guardas atrás, a distância respeitosa. Lueji sentia a ansiedade dele e também estava nervosa. Mas Ndumba era um homem decidido e não esperou que se afastassem das nakas para começar.

– Olha, rainha, eu estava para te dizer isto já há um tempo. Quando chegares a tua casa vais encontrar um presente meu. É para me permitires te fazer uma proposta.

– Proposta?

– Sim, uma proposta de casamento. Não quero parecer vaidoso, mas acho que posso ser o marido de que precisas. Tens de escolher um, mais tarde ou mais cedo. Ora, eu sou novo e de boa saúde, posso te dar filhos fortes para um deles ser escolhido para chefe dos Tubungo. Sou também um Tubungo, descendente dos primeiros que vieram com os teus antepassados. Alguns até pensaram em mim para ser o sucessor de Kondi. Mas isso era errado e portanto apoiei o teu nome, o único bom no momento para governar a Lunda, como Kondi desejava.

– Sim, sei disso.

– Além do mais, tenho forças e apoios que juntos aos teus farão a maior força, imbatível. E estou disposto a jurar perante o Conselho dos Tubungo que cumprirei a vontade de Kondi. Logo que aches que um filho teu está pronto para tomar o lukano, nós os dois lhe pomos o lukano no braço. É

essa a minha proposta, rainha.

Lueji caminhou muito tempo sem responder. Tinha de parecer surpresa com a proposta, embora dela soubesse desde que foi indicada para reinar. Sabia o que tinha a dizer, muitas vezes recitara as frases escolhidas, mas a sabedoria mandava pensar, ultrapassar o momento do espanto, pensar mais e então falar. Assim era uma resposta madura com toda a consideração que a proposta merecia. Falou com voz meiga, a qual sempre usava para Ndumba.

– Agradeço muito a tua lembrança. Ainda ninguém me tinha proposto isso.

O que era quase verdade. Apenas Tchinguri, mas eram águas passadas. Os outros Tubungo, conhecendo as intenções de Ndumba, não ousaram se antecipar, reconhecendo nele o candidato com mais possibilidades de êxito.

– Sou tão nova. Claro que as mulheres se casam cedo. Todas da minha época de iniciação já têm dois filhos. Mas nas minhas circunstâncias é normal que seja a última. Aliás, comigo tudo é diferente. Não serão os meus pais a decidir. E tu vieste falar diretamente comigo e não com o meu tio Salukunga, como devia ser nos outros casos.

– Tu és a rainha, tu é que decides, Lueji.

– Claro. Por isso comigo é diferente das outras. Também a altura de casar.

Ndumba ua Tembo pisou o caminho com mais força. Ela adivinhou nele a impaciência.

– Devo então compreender que não queres casar já? Mas podemos chegar a um acordo...

– É cedo ainda para casar. Não se trata apenas de unir duas linhagens, se trata de unir toda a Lunda. Se visse apenas o lado pessoal, talvez não hesitasse. Sempre fomos amigos e é uma sorte uma rapariga receber a proposta dum amigo que conhece desde a infância. É tão raro acontecer! Tenho a certeza que serás um ótimo marido e de quem me posso orgulhar. Fiquei muito vaidosa por me escolheres, acredita.

– Ficaste vaidosa e dizes não.

– Eu não disse não. Só que ainda é cedo. Quando decidir chegou o momento de casar, com certeza vou lembrar a tua proposta com muito carinho. É mesmo o mais certo que a aceite. Quem se te pode comparar, Ndumba?

Ele encheu o peito de ar e ficou com o aspecto de galo, mais ainda. Era

mais forte que a sua vontade, não podia evitar a comparação sugerida pelo irmão. Conteve a gargalhada, sorriu apenas. Ele olhava os pés no pó do caminho, não notou o sorriso.

– Posso então aceitar essa resposta como quase um sim?

Ndumba era obstinado e queria levá-la a se comprometer para o futuro. Tinha de ter cuidado. Devia lhe dar algumas esperanças, mas não demasiadas. Se por acaso não o escolhesse depois, ele se tornaria num inimigo perigoso pelo despeito de se sentir traído. Como o leão velho desprezado.

– Já te disse. Se fosse uma questão pessoal, é quase certo que diria sim, espera apenas um pouco. Mas o casamento da rainha nunca é um negócio pessoal. Menos ainda que o casamento duma rapariga qualquer. O casamento da rainha é uma aliança mais que qualquer outro. Sabes isso. Depende das conveniências políticas. E ainda não sei o que é melhor para a Lunda.

– Não insisto, que remédio! Mas aceitas ao menos o presente que te enviei?

Era de qualquer modo um compromisso. Que podia ser rompido com a devolução do presente. Enquanto o presente ficasse com ela, ele podia acalantar esperanças. Lueji tinha de aceitar, assim ele estaria do seu lado, pelo menos enquanto ela não rompesse definitivamente.

– Aceito com muito prazer. E te prometo, sem saber o que é, vou tratá-lo com o máximo cuidado.

– Quanto tempo precisas para dar uma resposta definitiva?

Ela encolheu os ombros, pegou na mão dele.

– Quem pode saber? Talvez só Kandala, ele adivinha o futuro... Às vezes!

Ndumba se manteve um bocado calado. Contemplou as primeiras cubatas que indicavam a entrada de Mussumba. Depois disse com a habitual voz firme:

– Esperarei o tempo necessário. E não me caso entretanto com outra mulher. Acho não ficava bem se fosses a minha segunda mulher e não a primeira.

– Oh, eu me tornava logo na muari – disse ela, levianamente.

– Acho que nem a rainha se pode tornar na primeira, se o homem for já casado. Provavelmente isso nunca aconteceu na Lunda, nem os kotas devem

saber.

– Nunca aconteceu. Sei, porque nunca houve rainha solteira. Apenas houve mulheres de reis. Como para este caso não há tradição, eu podia me tornar na muari e a muari passar para segunda esposa. Seria a minha vontade que criava a tradição.

– És muito esperta – riu ele. – Já vejo que vais dar muito trabalho ao teu marido. Mesmo se não fosses rainha...

– Vai já te preparando então para teres muito trabalho e não te queixares – disse ela, a brincar.

Chegaram a Mussumba, alegres, ele tomando as palavras dela por uma forte maneira de lhe acalantar esperanças, ela pensando ter nele um aliado vital e agora fiel. Ndumba notou então as ruas desertas na entrada da capital e fez sinal aos guardas. Estes rodearam logo o casal, para protegerem a rainha.

– Não está ninguém aqui. Algo aconteceu.

Avançaram mais e viram a aglomeração de pessoas à entrada do primeiro largo. Silenciosas, a olhar para a frente.

– É melhor irmos pelo campo para a tua onganda, Lueji. Está muita gente aí e os guardas são poucos.

Com efeito, a rainha tinha saído apenas com quatro guardas e Ndumba andava só com dois. Insuficientes para enfrentar uma multidão, se fosse o caso.

– Ninguém me vai fazer mal. Vamos ver o que passa.

E Lueji recomeçou a andar, na direção do largo, onde as pessoas se concentravam e empurravam para melhor ver.

– Deixem passar a rainha! – gritou Ndumba. – Afastem-se, deixem passar a rainha.

As pessoas obedeceram prontamente. Não aclamavam, não batiam palmas, apenas se afastavam, olhavam para Lueji, inclinavam a cabeça em sinal de respeito. Mas a sua atenção estava religiosamente concentrada lá à frente. Mais uns gritos e uns empurrões dados pelos seis guardas e o caminho se abriu até ao meio do largo, onde tinha uma mulher no chão. Alguns muatas estavam ali, atentos aos lábios da mulher. Mas esta já se tinha calado e agora descansava ao sol, inconsciente.

– Foi um espírito? – perguntou Lueji.

– Sim, rainha. Mas já foi embora.

– Era o espírito de quem?

– Não sei – respondeu um muata. – Ela só disse palavras sem sentido. Ouvi desde o princípio e não entendi nada. Nem qual o espírito nem qual a mensagem. Já chamaram Kandala.

Lhe contaram os populares que ali estavam, a mulher ia a passar no largo com uma quinda na cabeça. De repente começou a xinguilar, sacudindo os ombros freneticamente e gemendo. O espírito entrou nela. Se atirou no chão, rebolando e gritando palavras incompreensíveis. O povo se juntou logo à volta. Todos calados, presos aos sons que saíam da garganta da possuída, podia ser alguma revelação importante ia se fazer. Agora estavam todos frustrados, porque o espírito não foi claro.

– Mas eu conheço-a – disse Lueji. – É da casa de Chinyama.

– É, sim, é Insuzi.

Insuzi era mulher dum homem da guarda de Chinyama que partiu combater os Mataba. Ele tinha ido buscá-la fora da Lunda, para lá do Cassai, anos atrás. Lueji se lembrava dela porque falava uma língua estranha e cumprimentava de maneira diferente, com umas vénias de cabeça engraçadas.

– Deve ter sido um espírito da terra dela, por isso ninguém entendeu – disse Lueji.

– Aí vem Kandala com o ngombo. Ele dirá.

O velho adivinho olhou a mulher durante longos momentos. Depois mirou os circunstantes e viu a rainha. Inclinou a cabeça em silêncio, mas a testa se franziu de admiração. Nada disse. Perguntou para todos em geral:

– Ela disse o quê?

– Não se entendia – respondeu o mesmo muata.

– Umas palavras eu ouvi – disse outro. – Falou no nome de Chinyama várias vezes e também no de Tchinguri.

Alguns apoiaram, foram os únicos nomes que percebemos, mas outros não estavam de acordo sobre o nome de Tchinguri.

– Mais nada? – perguntou Kandala.

– Mais nada, grande tahi.

– Vai ser difícil saber – disse o adivinho. Apontou um alpendre próximo.
– Levem-na para ali.

Quatro homens pegaram em Insuzi pelos braços e pelas pernas e cumpriram a ordem de Kandala. Lueji viu nesse momento muata Kakele se

aproximar do adivinho e murmurar para ele. Kandala fez sim com a cabeça. Foi para o alpendre. Kakele viu então a rainha e se inclinou todo numa vénia. Parecia perturbado por a ver ali. Ainda deve estar ofendido, apesar do presente que lhe mandei. Não havia mais nada para ver e Lueji se retirou, acompanhada de Ndumba. O povo foi dispersando da praça. Alguns mais curiosos ficaram à distância, observando as manipulações de Kandala com o ngombo, mas nada se podia ouvir.

Ndumba ua Tembo levou Lueji até à onganda e se despediu. Ela ainda tinha nos olhos a figura de Insuzi deitada no chão, coberta de pó vermelho. Nem mesmo Kandala pode adivinhar. Oh, sim, Kandala é um grande adivinho, só ele mesmo para descobrir os espíritos que se acobertam no corpo de alguém. Mesmo sendo espírito estrangeiro, Kandala pode adivinhar a mensagem.

Horas depois, o mujimbo foi até à casa de Lueji avisar, o adivinho terminou o trabalho e se dirige para a onganda. O mujimbo também se ramificou para todas as casas e recantos de Mussumba. Era assunto sério, pois Kandala não disse nada antes de falar à rainha. Mussumba inteira ficou suspensa, seria assunto relacionado com a guerra dos Mataba, onde estava o marido de Insuzi? Uma derrota e morreram todos? Só podia ser e as mulheres já se preparavam para sair pelas ruas a carpir a morte dos maridos e dos filhos. No espaço que distou entre a praça e a onganda, espaço marcado pelos passos de Kandala, já corriam as versões mais desencontradas como se tinha passado a batalha e como todos os lundas tinham morrido nas armadilhas dos Mataba. O mujimbo da derrota chegou a Tchinguri, estava este com Chinyama na sombra da sua chipanga, e Tchinguri riu, povo mais estúpido, ainda nem pode ter havido a batalha, o exército nem teve tempo para lá chegar. Chinyama admirou a calma do irmão, a derrota seria uma perda enorme para Tchinguri, perdendo Tchoia e Kakaya, mais os homens bem treinados. Mas Tchinguri riu e continuou a beber, enquanto Lu se debatia com os seus fantasmas. Porque tinha de começar a acreditar neles, depois da cena com Marina, ao chegar a casa para comer.

Não havia almoço, Marina nem se lembrara de o preparar, mais preocupada em arrumar as roupas e os objetos pessoais na mala. A sala estava toda revolvida, pois Marina era uma fúria, desarrumando tudo para encontrar os seus pertences.

– Que se passa?

– Que se passa, que se passa... Vou embora, vou para Malanje. E não perguntes mais nada.

A amiga tinha traços de lágrimas nas faces. E não podia esconder os soluços, apesar de tentar falar normalmente. As mãos tremiam e a roupa era demais para a mala, conseguia meter tudo lá dentro.

– Vou-te ajudar. E explica o que houve.

– Nem sonhes em tocar nas minhas coisas. Já sabes o que passou, deixa de hipocrisias.

– Mas, Marina, como posso saber?

– Não o viste no ensaio? Então ele já te disse.

– O Uli? Então o mambo é o Uli? Juro, Marina, não sei nada. Ele não me falou.

– A culpa é tua. A culpa é sempre dos irmãos. Parva que sou, acreditei em ti. Podias ser uma irmã diferente.

Ela estava a ir longe demais e Lu começou a sirritar. Levantou a voz, que saiu esganiçada.

– Porra, queres explicar o que passou em vez de fazer acusações estúpidas? E não vais nada para Malanje, precisas primeiro de acabar o curso.

– Tenho é de sair deste ar infestado pela hipocrisia, isso sim. Cambada de mentirosos, nunca têm coragem de dizer as coisas pela frente. Todos iguais...

Lu reuniu as últimas forças para se controlar. Ela está fora de si, não posso eu também descarrilar na histeria. Calma, Lu, muita calma. Sentou na cama, guardou um minuto de silêncio, respirando fundo. Depois falou em tom neutro:

– Já percebi que tiveste maka com o Uli, isso é evidente. E ele devia me ter avisado e não disse nada. Por isso estás a ser injusta. Acredita, Marina, não sei de nada. Por que não falamos como pessoas desta época e não como os nossos antepassados?

– Os antepassados! Que sabes tu da maneira como falavam? Lá porque leste uns livros já sabes tudo sobre eles? Então devias pensar que os nossos centavós se tornaram inimigos e a razão foi a traição. A história se repete.

De qualquer modo Marina parecia mais calma, já não falou com tanta raiva. Era um disparate ir buscar os centavós, que neste preciso momento

até se estão a dar bem os três. Claro que se conhecia o fim da estória, com os irmãos inimigos, como em qualquer tragédia. Mas no presente ainda havia razão de se acreditar num desfecho feliz, apesar das nuvens a anunciar desgraça. E, embora noutro tom, Marina falava de traição. Qual?

– Não te entendo. E não te entendo porque não sei o que passou. A nossa amizade não pode acabar assim. Fala, Marina, insulta se quiseres, mas que eu fique a saber o que te chateia.

A outra lutava para fechar a mala, sentada sobre ela. A dois seria mais fácil, mas Lu nem tentava mais ajudá-la, queria era a explicação. Marina demorou a responder. Mas por fim se decidiu, sempre lutando contra a mala.

– Não acredito que não saibas, mas vou te dizer... O Uli acabou tudo comigo hoje de manhã. E reconheceu que era por tua causa.

O coração de Lu bateu mais forte, embora já esperasse a revelação. Só podia ter sido isso para a amiga ficar naquele estado. Mas a raiva contra ela, por quê?

– Porque me andaram a aldrabar este tempo todo. Andam a sencontrar nas minhas costas e só contaste uma parte.

Lu ficou chocada. Como podia Marina acreditar em tal traição, não se conheciam afinal? Tentou se tranquilizar para poder raciocinar e usar argumentos irrefutáveis. Mas nada saiu, apenas a verdade.

– Conte-te exatamente o que passou, tens de me acreditar, Marina. Nunca me senti tão infeliz como quando o descobri. E por tua causa, ias sofrer.

– Hipocrisia, isso sim. Só hipocrisia. Eu sou a burra que veio do mato, que pode ser enganada... mesmo se sou chamada de maninha querida.

– Está bem. Estás a ser injusta, mas é por causa do nervosismo, compreendo. Amanhã verás claro. Fica, Marina, não estragues o curso por isso. Nem a nossa amizade.

Finalmente conseguiu fechar a mala. Olhou ao redor, a ver se não tinha esquecido nada. Pegou na mala e caminhou para a porta, os olhos em fogo.

– Espera, Marina...

O tom da malanjina foi de mágoa e profundo desprezo:

– Amizade! Com traições pode haver amizade?

E bateu a porta. O estrondo fez Lu dar um grito de desespero. Satirou para a cama, soluçando. Oh, espírito de Lueji, é assim que me tratas, a tua neta? Passou a hora do almoço e ela nem lembrou. Chorava e se amargurava,

samargurava e chorava. Por que Uli não lhe disse nada? Ao menos estaria preparada. Não, ele não teve coragem. Por quê? É assim tão difícil reconhecer que se esteve enganado durante anos, sem dar importância ao que realmente era importante? Outros eram capazes de reconhecer os enganos em que sempre viveram e se retratavam. Oh, sim, os excepcionais. E Uli afinal não era excepcional? Apenas um homem como os comuns, com as suas fraquezas e covardias? Custava acreditar. Era mesmo o mais duro, se aperceber o seu Uli afinal não passava dum homem como outro qualquer. E que estava eu à espera? Ser amada por um deus? Já é bem bom que ele tenha tido a coragem de o reconhecer perante Marina. Dizer-mo? E aceitar a verdade da curibotice, dos olhares de esguelha dos amigos, não há fumo sem fogo, e do absurdo da sua frieza para comigo. Ele nunca terá essa coragem, porque não é excepcional. O eterno orgulho do macho!

Não foi mesmo um espírito maligno que segredou a Marina uma traição inexistente? Porque Lu podia se culpar de muita coisa e em particular da sua cegueira. Mas nunca tinha havido má intenção. E contou a verdade a Marina quase logo-logo. Traição? Nunca. Nem de parte dela nem de Uli. Ele até safastou. E a amiga sabia disso, quis mesmo discutir o caso a três. Mudou de opinião ao ter a confirmação por Uli, mas até já suspeitava. Por que a raiva, a suspeita de traição, se não houve sopro maligno? Como não acreditar que um cazumbi rondava pelas cercanias, decidido a se vingar dalguma culpa ignorada?

Disparate, disparate, a infelicidade põe-me maluca. Só porque uma ciumenta, por despeito, precisa de encontrar razões nos outros, já me socorro de superstições? Lu chorava e a tarde passava.

Bem queria pensar em coisas alegres, Uli reconhecera o seu amor por ela. Não era motivo para a tornar feliz e esquecer Marina e seu rancor estúpido? Acontecia o inacreditável, ia ter Uli, e se preocupava apenas com os ciúmes irracionais da preterida. Devia era dançar. No entanto não se alegrava. Tudo seria diferente se ele lhe tivesse dito, de manhã, falei à Marina, acabei com ela porque não posso passar sem ti, amo-te como tu me amas, mas ele escondeu dela, lhe sorriu apenas ao entrarem na sede do Kukina quando tinha acabado de sexplicar com a namorada. E nem uma palavra. Lu, ao entrar com o ar de todos os dias em casa, quando devia aparentar saber, ainda mais enfureceu Marina que já estava com os kalundus a lhe olharem nos olhos. Impossível uma explicação sincera naquelas circunstâncias. Mas

também Marina não tinha razão de falar em traição. Ou acreditava agora em intrigas? Só mesmo um cazumbi podia pô-la assim. E a atitude de Uli, fechado e indecifrável como sempre, mais a decepçionava, amava um ser ambíguo demais. Como podia Lu fazer outra coisa senão chorar?

Depois do jantar tinha novo ensaio. Fora escolhido para ela um solo baseado na tradição da Ilha do Mussulo, uma lenda sobre a kianda. Solo extremamente difícil, pois se imaginava a dança da kianda sobre as águas e tinha de dar a ideia da ondulação do corpo lutando contra o mar. É uma dança de grupo da tradição do Bié, com Uli e Jaime e mais acompanhantes. Os passos desta eram mais simples, mas a coreografia era complicada e exigia muito treino para relembrar exatamente as entradas e saídas. Com o seu desespero, esqueceu as aulas. De qualquer modo, não estava em condições de aturar os alunos. Só dava mesmo para chorar e se lamentar sozinha. Nunca poderia recorrer a Uli para a consolar, isso era interdito. Levantou para ir à casa de banho e no seu desvario não viu a cómoda e pancou violentamente contra ela. Uma dor aguda na altura da anca e caiu no chão. A mesma anca que ficara traumatizada no ensaio do *Cahama*. Levantou a custo, chorando mais fortemente por causa da dor, e só conseguiu cair sobre a cama.

Ó céus, do que eu precisava era de um Kandala para esclarecer tudo, mas este ia a caminho da onganda real e foi imediatamente recebido pela rainha. Ela tentou adivinhar na cara dele, mas o rosto do tahi era como sempre imperscrutável. Sentou na pele à frente dela. Se olharam demoradamente. Era assunto grave e ela não ousava perguntar nada, o coração apertado por um pressentimento.

– Rainha, tens tratado das mahambas do teu pai?

– Sempre. Tenho tratado bem o espírito do meu pai.

– Infelizmente não é verdade.

A luz veio com o terror. A voz vacilou, ao perguntar:

– Foi Kondi que falou?

Kandala aprovou com a cabeça. Olhou de novo Lueji que não escondia agora a apreensão. Como era possível, como podia ser uma má filha se o respeitava acima de tudo e sofria as maiores contrariedades só para lhe acalmar o espírito?

– Foi Kondi que falou. Duma maneira estranha, é certo. Foi difícil entender, porque ele escolheu o corpo duma filha alheia. Até nisso o espírito

de Kondi foi prudente. Se manifestou de forma que só eu e mais ninguém pudesse interpretar.

Era então assunto da mais alta importância e as forças de Lueji abandonavam-na. Que fizera ela de tão grave para Kondi se manifestar assim? Pedia a vida dela? Mas a vida da rainha já lhe pertencia desde que ele a escolheu para sucessora. Que mais queria o espírito de Kondi? Tinha de ser algo de terrível. A cabeça de Lueji andava à roda, ainda bem que estava sentada. Mas já nem sentia o peso do corpo sobre a pele de onça, parecia flutuar, em transe, aguardando as palavras seguintes. E elas vieram.

– Kondi está muito triste. Não tens cumprido os teus deveres de filha.

Ela ficou hirta, esperando a revelação. Não adiantava perguntar, falar, pressionar. O veredicto ia vir no tempo próprio das condenações.

– Os gafanhotos eram um aviso que não compreendemos. Vem uma praga como nunca se viu, se a vontade de Kondi não se cumprir.

– Mas...

– Foi ele que assim falou. Tratas das mahambas, muito bem. Mas só isso. Não tens cumprido os seus desejos. Esqueceste quem o matou.

Ninguém o matou, foi um acidente infeliz, quis ela gritar. Mas não tinha coragem. O espírito sabia mais que ela, lá em cima das mulembas sabia tudo. Até assistiu à conversa a três no lago, lembrou de repente. E os calafrios obrigavam o corpo que flutuava na pele a estremecer como quando tinha as febres. Era isso então.

– Kondi diz que os teus irmãos não foram suficientemente castigados pelo que lhe fizeram.

– Mas ele mesmo me falou. O castigo era apenas não subirem ao trono. E ele disse no Conselho, não queria mais castigos para eles, eram filhos de rei. Foram as palavras de Kondi.

– Sim. Mas não era para serem recebidos na tua casa como irmãos queridos. Era para serem afastados definitivamente do trono da Lunda. Ora, segundo Kondi, sendo recebidos por ti, comendo contigo, continuam a influenciar o poder da Lunda.

Agora o corpo dela estava muito pesado, corpo de velha que precisa dum esforço de vontade para mexer um braço. Sentia-o com o peso do elefante. Como pudera irritar o espírito de Kondi, o melhor entre todos, como pudera?

– Que quer Kondi que eu faça?

– Proibir os teus irmãos de ficarem em Mussumba.

A frase martelou várias vezes na cabeça dela, até a entender completamente. O degredo para os dois? A rainha superou a filha por breves instantes.

– É a guerra que tu queres?

– Eu não quero nada. Apenas interpretei os desejos do teu pai. Ele quer Chinyama e Tchinguri longe de Mussumba, longe do trono. Mas tu és a rainha, podes seguir a vontade do teu pai ou ignorá-la. Tu é que sabes. Muitas vezes tens mostrado que queres pensar sozinha, decidir sozinha, agir sozinha. Então? Também podes dizer agora faço o que entender.

A voz de Kandala, cheia de sons graves e profundos, parecia vir do outro mundo.

– Sabes que não posso ir contra a vontade do meu pai.

O adivinho sorriu pela primeira vez. Sorriso fininho que ela não notou. Reparou apenas que a voz era menos severa, quase terna, quando disse:

– Compreendo o que sentes. Vocês sempre foram muito unidos. Mas agora é preciso escolher, minha filha, e só podes escolher duma maneira. Como Kondi quer. Estaremos do teu lado.

Lueji não podia levantar a cabeça, não tinha força para isso. Queria apenas fugir para o lago, gritar à Lua o seu desespero, se esconder entre as rosas de porcelana, se embrenhar no chão húmido entre fetos e begónias, se conspurcar na lama da base dos papiros, morder o chão, as plantas, ficar com o gosto amargo na boca, e adormecer. Dormir, dormir.

Mas Kanyika chamou-os à realidade, pois mais-velho Kakele tinha vindo a correr para saber os mujimbos e pedia para ser recebido. A rainha fez que sim com a cabeça, já nada lhe interessava. Kakele entrou agachado, humilde como um cão, cudicalando com os dedos.

Kakele ouviu de Kandala qual a vontade do espírito. Lueji não escutava, refugiada em sonhos de infância. Se revia correndo com Tchinguri atrás dos songues feridos, pelas chanas sem fim, contando as gotas de sangue que perlavam nas hastes de capim, até aparecer o corpo do animal morto e soltarem o grito de triunfo dos caçadores. Se revia comendo e rindo com Chinyama, sempre queixoso mas bem-disposto, contando os mais disparatados mujimbos sobre as mulheres do pai ou as suas aventuras para surpreender as pessoas no ato do amor. Nunca mais?

– Que vais fazer, rainha?

A voz de Kakele fê-la estremecer, mas acordou-a. Era a soberana por vontade de Kondi e dos Tubungo, tinha de assumir essa condição. Num esforço de vontade, se concentrou na pergunta e olhou o mais-velho. A rainha superou a irmã e falou:

– Manda convocar o Conselho dos Tubungo para amanhã, Kakele. Vou anunciar que Tchinguri e Chinyama são banidos de Mussumba. Isso significa a guerra, bem o sabes.

– Se o Tchinguri tivesse ido combater os Mataba, tudo teria sido mais fácil. Nem haveria guerra contra ele.

Lueji ia responder rudemente. Mas se reteve pelo gesto imperativo das sobancelhas de Kandala. Nada disse. Notou a alegria de Kakele e a suspeita nasceu. Se tudo era apenas uma armadilha bem urdida, um aproveitamento de uma pobre mulher cavalgada por um espírito da sua terra, absolutamente alheio à luta de poder que se travava na Lunda? Não, isso significava que Kandala fazia batota. Não era pensável, Kandala sempre fora um adivinho íntegro, o maior de todos. Duvidar da honestidade de Kandala era duvidar dos espíritos, era duvidar de tudo que fazia as pessoas se unirem para o bem da Lunda. Essa suspeita absurda tinha de ser imediatamente afastada como a mais horrenda heresia, senão ela própria perdia a sua razão de ser e de governar. Duvidar de Kandala era perder o respeito pelos antepassados e ofender tão gravemente o espírito de Kondi como ir profanar as suas mahambas. Se arrependeu de ter podido albergar, nem que por um instante, essa dúvida.

– Hoje mesmo vou falar com os meus irmãos e lhes informar a minha decisão.

– É muito perigoso, rainha, não faças isso – disse Kakele. – Nunca se sabe a reação de Tchinguri.

– Não tenho medo. Já não. E é agora. Vai mandar convocá-los, muata Kakele.

O velho se prostrou, mas não escondendo um olhar preocupado dirigido a Kandala. Pigarreou, hesitante.

– Se me permites, Lueji... Kandala talvez saiba melhor do que eu, mas isto significa provavelmente guerra. Talvez fosse melhor adiar por uns dias o anúncio da tua decisão. Para ganharmos tempo e mobilizarmos os exércitos.

– Não se pode adiar uma decisão dum espírito, não é assim, Kandala? Ele

escolheu o momento para se manifestar e nós só temos de cumprir.

O tahi fez um gesto ambíguo com as mãos, sem responder claramente. Lueji esperou que ele se pronunciasse, mas perante o silêncio teimoso do adivinho, se virou para Kakele e continuou:

– E além disso, não vejo utilidade em adiar. Serás tu o primeiro a divulgar a minha decisão no tchota. Não adianta tentar esconder, já me convenci que não existem segredos nesta terra. Será pior se Tchinguri souber logo à noite pelo mujimbo que vai começar a correr por Mussumba.

– Ofendes-me, rainha. Não sou nenhuma velha que não sabe guardar segredos.

– Já não tenho ilusões, Kakele. Ninguém sabe guardar segredos na Lunda. Exceto Kandala.

O kota queria replicar mas Kandala fez um gesto que lhe travou a resposta. Kakele coçou a carapinha esbranquiçada e falou suavemente:

– Não estamos preparados para a guerra, rainha.

– Foi o espírito de Kondi que escolheu o momento. Ele lá sabe o que fez.

Kandala se levantou. Segurou num braço do outro e este imitou-o. O adivinho falou então:

– Vamos deixar a Lueji descansar um pouco antes de enfrentar os irmãos. Ela tem razão, Kondi sabe o que faz. Vai mandar chamá-los, Kakele.

Saíram, fazendo vénias, descansa um pouco, rainha. Ela ficou, tentando juntar os destroços do seu espírito.

Foi buscar o presente de Ndumba ua Tembo, que esquecera por causa dos acontecimentos. Era um colar, vindo do Oriente com a caravana de árabes que no tempo do seu pai quis negociar escravos e marfim. Kondi recusou vender escravos, trocou apenas algum marfim. Pouco, pois os lundas não caçavam o elefante nem o exigiam como tributo. A mãe de Ndumba tinha uma presa de elefante e trocou-a pelo colar. Ndumba herdou o colar da mãe e agora oferecia-o a Lueji, como joia única na Lunda. Era de pérolas. A rainha afagou as pérolas entre os dedos, admirada como pedras podiam ser tão redondas e macias ao tato. Mas o drama recente não a deixava pensar a sério no colar. Nem procurou imaginar o artista tão hábil que podia fazer aquelas pedrinhas. O tempo passou e ela não se dava conta, afagando as pérolas distraidamente.

Até que Kanyika anunciou a chegada dos dois irmãos. Entraram e cumprimentaram familiarmente. Mas logo calaram ao notar o olhar vazio

dela. Sentaram nas peles sem terem sido convidados e se miraram, interrogativamente.

– Que se passa? – perguntou Chinyama.

Lueji levantou a vista para ele e as lágrimas brilharam no claro-escuro da sala. Era assunto sério, isso eles tinham logo percebido ao serem convocados. Mas também triste, a julgar pelas lágrimas nos olhos da irmã. Chinyama insistiu:

– Mandaste nos chamar. Que se passa, Lueji?

Ela não tinha vontade de falar, só queria dormir. Mas não podia e sabia, à noite o sono não ia vir. Sentiu, a rainha tinha de despertar, tinha de falar firme, anunciando uma decisão soberana. Mas toda a sua lassidão ia desmentir as palavras duras, para quê então fingir? Se levantou para sacudir a apatia e encostou o rosto a uma trave de madeira que subia até ao teto de capim. Falou, de costas viradas para eles:

– Acabo de ter uma revelação terrível. Quem falou pela boca de Insuzi foi o espírito de Kondi.

Os dois irmãos se olharam e perceberam a inquietação mútua. Aquilo lhes dizia respeito, de alguma forma. E não podia ser bom. Maquinalmente, Tchinguri apertou o punho do mucuali num gesto nervoso. Chinyama suspendeu a respiração à espera do resto. Mas o resto custava a sair e ele perguntou:

– Que queria Kondi então?

– Que os expulse de Mussumba. Que não tenho cumprido a minha promessa.

– Que estória é essa? – explodiu Tchinguri, se levantando num salto.

Lueji não se virou para ele, embora tivesse percebido o gesto e sentisse até a respiração dele nas costas nuas. Guardou segundos antes de continuar.

– Eu devia vos afastar definitivamente do trono e afinal tenho permitido que comam e falem comigo. Assim influenciam as minhas decisões. Ele vos quer longe de Mussumba.

– Ele quem? – gritou Tchinguri.

– Kondi, já disse.

– Não – respondeu ele. – Não é Kondi. É Kandala, é Kakele, são os meus inimigos.

– Não podes duvidar de Kandala.

Lueji tinha levantado a voz, se virando para ele. Pela primeira vez o

mirou nos olhos, enfrentando-o. Tchinguri baixou os seus e deu um passo atrás.

– Calma, irmão – falou Chinyama. – Se Kandala disse...

O silêncio baixou por momentos e Lueji lembrou de repente, os gritos de Tchinguri deviam ter atraído pelo menos Kanyika, que nalgum ponto devia estar a tentar ouvir a discussão. Que se lixasse, podia ouvir e depois informar Ndumba ua Tembo, já nada havia a esconder. Pelo menos de Ndumba.

– Aquela estúpida mulher... – disse Tchinguri.

– Ela não tem culpa de nada – replicou Lueji. – Não tem culpa de ter sido escolhida pelo espírito.

– Lueji tem razão – apoiou Chinyama. – Insuzi nem sabe o que disse lá naquela desgraçada língua dela. Mas como é que Kandala entendeu?

– Não estás mesmo a ver que isto é uma maquinação? – gritou Tchinguri para ele. – Disseram ela falou no Chinyama e no Tchinguri. Alguns dizem que falou. E Kandala logo aproveitou, era o momento para afastar a Lueji de nós, agora que nos estávamos outra vez nos entender... Insuzi até pode ter falado. É da tua chipanga, é normal que fale. Está preocupada com o marido que foi para a guerra, foste tu que o mandaste, como não vai falar de ti? Bem até, é o mais certo, mas ninguém percebe o que ela diz. E Kandala, sem a ter ouvido, logo adivinhou. Isto não é suspeito?

– Passou tempos e mais tempos com o ngombo e com ela. Ele adivinha tudo.

– Não sejas ingénua, Lueji. Te disse uma vez, és a rainha, não tens o direito de acreditar naquilo que fazes os outros acreditarem. Só os outros devem acreditar.

– Duvidar do Kandala é duvidar de tudo e eu não posso. Senão como vou reinar?

Chinyama fez um gesto a Tchinguri para este sentar. Ele obedeceu. Depois Chinyama falou:

– Não a podes obrigar a ir contra aquilo em que sempre acreditou. Nem todos podem ser como tu. Eu também não duvido de Kandala. Se fosse outro tahi... Apesar de o Kakele ter falado com ele antes, me disseram.

– Eu mesma vi.

– Mas isso não quer dizer nada – continuou Chinyama.

– Mas quer dizer tudo, seus estúpidos! – explodiu Tchinguri, saltando de

novo. – Como não veem o que passou? Kakele segredou, aproveita agora, é um presente dos espíritos. E ele aproveitou.

A mesma suspeita voltava e Lueji combateu logo a dúvida. Isso significaria que Kandala era um impostor, que não via nada no ngombo, apenas inventava para ser respeitado e ter poder. Que não queria o bem dela, nem da Lunda, mas via apenas os seus interesses pessoais. Absurdo não acreditar naquele que a ajudou a fazer vir a chuva e reforçar a sua potência. Nunca poderia viver com aquela suspeita, antes morrer. Por isso tinha de matar a suspeita à nascença, para sua própria sobrevivência. E quem alimentava a suspeita? Tchinguri, o que não cria em nada, nem respeitava o espírito do próprio pai. Uma grande raiva começou a subir nela contra o irmão adorado, ao mesmo tempo que chorava para dentro por ter de o afastar definitivamente da sua vida.

– És um descrente, Tchinguri. Por isso és expulso de Mussumba. Nem respeitas a memória do teu pai, não respeitas nada. Como podes viver assim? És um ser maldoso, que tens provocado a desgraça de muita gente e agora provocas também a desgraça do teu próprio irmão, expulso por tua causa.

Se olhavam os dois com raiva, frente a frente. Chinyama teve de se soerguer e puxar o irmão pelo braço. Este caiu sobre a pele de ondjiri onde estavam sentados antes.

– Calma, calma, vamos chegar a um acordo.

– Não pode haver acordo, Chinyama – falou Lueji com voz mais baixa. – Só há uma decisão, a minha. Amanhã reúno o Conselho dos Tubungo para anunciar que vocês têm de sair imediatamente de Mussumba, senão serão mortos. Lamento por ti, Chinyama, oh, lamento.

Tchinguri se libertou da mão de Chinyama e se levantou de novo. Disse com um meio sorriso forçado:

– Quem tem coragem de nos matar se não sairmos?

– Haverá gente, porque eu o ordenarei. Com mucuali, feitiço ou veneno, alguém o fará...

Tchinguri se moveu no recinto e foi quase até à porta. Olhou o irmão sentado na pele, a rainha de pé, encostada à trave. A luz filtrada pelo capim do teto punha sombras no corpo de Lueji e fazia bailar partículas de pó no ar. Elas rodopiaram, quando ele disse:

– Então é a guerra.

Chinyama agitou um braço, mas não teve coragem de se levantar. Suspirou. O suspiro pesado dele teve o condão de chamar a atenção dos dois e travar a réplica de Lueji.

– Tchinguri talvez tenha razão e isto é uma maquinação muito hábil. Até o fato de ser uma mulher de minha casa, portanto insuspeita... Mas tens razão, irmã, não temos o direito de duvidar de Kandala. É o espírito de Kondi que o quer, ele pode estar errado, mas tu não tens alternativa. Compreendo que é contra tua vontade, sei que lamentas. E tu, Tchinguri, também devias compreender a Lueji. Ela tinha estado a chorar, ela sofre, mais que nós. Mas não pode fazer outra coisa.

– Não é obrigada a obedecer a um adivinho, mesmo se se trata de Kandala.

– É obrigada, sim. Tem de obedecer a Kondi.

– É a rainha. Ela pode torcer todas as leis, se quiser. O problema é que não quer, porque lhe convém.

Era tão bom se fosse verdade, meu irmão impetuoso. Mas a raiva cega-te, até contra mim te vais virar. Falaste em guerra e voltarás a repetir. Não, o espírito de Kondi não está errado, eu é que me deixei enganar pelo amor. E num soberano o amor é mau conselheiro, como o ódio ou o ciúme.

– Jurei respeitar a vontade do meu pai. E farei isso, mesmo contra ti, Tchinguri.

– Obrigas-me a fazer a guerra.

– Não és obrigado a nada, só a sair de Mussumba. Podes viver no Luengue tranquilamente. Não te faltará comida nem mulheres. Que mais queres? A vingança contra os Tubungo? Isso é só ódio e não serve para nada.

Tchinguri avançou para ela. Ostensivamente, apertava o punho do mucuali. Parou a um metro, as pernas afastadas, em atitude de desafio, a barbicha afilada bem para cima, arrogante.

– Queres a guerra e vais tê-la. Vou chamar os meus homens que marcharam contra os Mataba e depois ataco Mussumba.

Chinyama desta vez foi obrigado a se levantar. Meteu o volumoso corpo entre os dois, apertando o braço de cada um. Calma, calma, irmãos.

– Os teus homens foram cumprir uma missão da rainha da Lunda – disse Lueji. – Se os impedires de a cumprir, perderás o direito a eles. Amanhã mesmo segue uma mensagem para Kakaya, explicando tudo. Pensas que ele

ousa desafiar o espírito de Kondi, de quem era chefe da guarda?

O argumento era pesado e Tchinguri não encontrou resposta imediata. Não era difícil de adivinhar, Kakaya estaria ao lado dele contra todos os vivos, mas podia hesitar em se colocar contra o espírito do seu rei e amigo. De repente, Tchinguri sentiu um peso enorme nas costas, como quem caminhou um dia inteiro com uma cabra morta sobre os ombros. Percebeu pela primeira vez o seu isolamento.

– Também posso atacar esta noite. Tenho forças para tomar a tua onganda.

A réplica foi imediata, como se há muito pensada:

– Não tens, Tchinguri. Os homens da minha guarda ficaram todos aqui e também os de Ndumba. Ele mandou contra os Mataba os homens que estavam no Cassai. Aqui, neste momento, não tens força para tomar o poder.

Tchinguri não respondeu, arrasado pela lógica dela. Era verdade. Com a confiança reavivada pela conversa no lago e contagiado pelo entusiasmo de Chinyama, ele tinha retirado cem dos seus soldados da capital, para não mexer muito no exército que treinava no Luengue. Ingenuidade imperdoável num grande chefe. Agora estava enfraquecido em Mussumba, não podia atacar imediatamente. Olhou a irmã com respeito, apesar da raiva. De propósito ou não, ela tinha-o neutralizado momentaneamente.

– E eu, maninha, para onde vou? – perguntou Chinyama, aproveitando o silêncio para mudar a conversa.

– Vais para o teu território no Kalanhi, para onde mais podes ir?

– Separas-nos, um para cada lado? Sempre vivemos juntos.

– Podes ir visitar o Luengue sempre que quiseres. Isso não me diz respeito. Mas sem passar por Mussumba.

– O Chinyama vai ao Kalanhi só o tempo de reunir as suas tropas. Depois ataca Mussumba. Estará do meu lado na guerra.

– Não tens autoridade para o obrigar, Tchinguri. Ele não me quer fazer a guerra.

– Tenho a autoridade que sempre tive. Ele sempre esteve do meu lado e agora também estará. Mesmo contra ti.

Lueji olhou os dois irmãos. Tchinguri desafiante, postado de pernas afastadas à sua frente. E Chinyama de rosto para o chão, trémulo por mais uma vez estar apanhado entre os dois.

– Tem coragem de dizer ao Tchinguri que nunca farás a guerra contra mim. Vá, tem essa coragem, ele não te pode fazer mal.

Mas Chinyama manteve os olhos embaixo, sem falar. O terror vindo da infância paralisava-o, mesmo se agora já Tchinguri o ouvia e até por vezes lhe obedecia. Em casos menores, porém. Não naquele, o mais importante de todos.

– Ele faz o que eu quero, Lueji.

– Por tua causa ele vai para o degredo, Tchinguri. É por tua causa. E queres ainda lhe causar maior desgraça, talvez a morte? Que raio de irmão nós temos!

Tchinguri deu um safanão e libertou o braço ainda seguro por Chinyama.

– Aqui não se trata de sentimentos de irmãos. Temos uma missão a cumprir para o bem da Lunda. Tu já mostraste que és incapaz de te livrar dos Tubungo. Por isso o Chinyama fica a meu lado. Os dois juntos libertamos a Lunda dos Tubungo.

– Falas que ele fica do teu lado. E por que não lhe perguntas aqui, à minha frente?

– Não precisa responder aqui.

– Precisa, sim. Quero saber se Chinyama é meu inimigo.

Ele se sentia mal, obrigado a tomar uma posição entre os dois. Mas também se sentia mal de nada dizer. Tchinguri exagerava, ele já não era como em criança. Medroso, mas homem.

– Sabes bem que não sou teu inimigo, Lueji.

– E se não és, vais fazer a guerra contra mim?

– A guerra não é contra ti – procurou driblar.

– Agora é. Ouviste o Tchinguri.

Chinyama olhou para o irmão, lágrimas em promessa. Os lábios tremeram, mas disse:

– Nunca farei a guerra contra ti, maninha.

Levou um empurrão de Tchinguri, mas era muito pesado e apenas se apoiou um pouco na irmã. Não ousou voltar a olhar o primogénito, talvez já com o mucuali na mão. Esperou o golpe. Mas depois sentiu os passos de Tchinguri, se afastando.

– Ele foi embora, Chinyama.

Tremiam os dois, ligeiramente abraçados. Depois Lueji levou-o para a pele de ondjiri e o sentou lá. Bateu as palmas para trazerem marufo. E

ficaram calados, enquanto não chegou a serviçal com a cabaça. Chinyama bebeu, deixando escorrer um pouco de líquido com o nervosismo. Limpou os lábios com as costas da mão e falou:

– Ele vai me matar, isso nunca me perdoa. E não tenho guardas, todos foram para Mataba. Prende-me aqui, Lueji.

– Não podes passar a vida a fugir dele, Chinyama.

– Não. Mas hoje não posso ir para casa. Prende-me aqui e amanhã manda-me preso para o Kalanhi, com uma guarda. Depois nunca mais me verás, nem te peço mais nada.

Lueji não pôde reter as lágrimas. Elas agora corriam, por Chinyama, por Tchinguri, por ela. Podiam ter sido tão felizes os três. Podiam... Se Tchinguri fosse diferente. Ou se... sei lá, não adianta lamentar, tinha de ser, era a vontade dos espíritos.

– Vais dormir na casa de Kumbana. E o próprio vai enviar gente para te acompanhar amanhã cedo até Kalanhi. Ele é de toda a confiança, com ele não deves ter medo de nada.

Ficaram calados, a beber, sabendo os dois que era a última vez. Depois Kumbana veio e recebeu as instruções. Também para pôr toda a guarda de prevenção, não fosse o caso de Tchinguri atacar por desespero. Kumbana não deixou mostrar o seu assombro. Provavelmente o mujimbo ainda não tinha chegado a ele. Lueji conhecia-o e percebeu num brilho de olhar que estava espantado, isso sim. Ninguém mais poderia entender aquele brilho.

Kumbana esperou para acompanhar Chinyama. A rainha se despediu, procurando nada mostrar da sua perturbação.

– Será para sempre, irmã?

– Um dia, mais tarde, vou te visitar. Prometo.

Os dois homens saíram. E Lueji chamou Nayole para chorar no seu ombro, pois essa tinha ao menos alguém com um ombro onde apoiar os soluços, não ela, isolada, com uma dor na anca que nem a deixava andar, fechada num apartamento onde ninguém iria, com um telefone que há muito emudecera de vez, e já passava das oito da noite, no ensaio os outros estavam à espera dela, a Diretora bravando contra a falta de profissionalismo, logo na primeira noite de treino suplementar falhava tudo porque a estrela, armada mesmo em estrela, não estava para sacrifícios apesar de ter sido a principal responsável pelo fracasso anterior e ter todo interesse em se redimir, muxoxando perante o tímido protesto de Uli,

aconteceu alguma coisa, adivinhando que tinha a ver com a ruptura dele com Marina mas sem coragem de ir saber o que passava, sarriscava a encontrar a antiga namorada e mais uma cena dolorosa, estava farto de choros e recriminações, queria apenas queimar as angústias em saltos e passos enérgicos, dançar com Lu e sentir o corpo dela colado ao seu numa volúpia incestuosa sem o ser, sentir o se dar se negar dela em espasmos de remorsos, mas onde estava Lu que não vinha lhe matar a saudade duma tarde inteira sem ela, como se fosse possível agora ficar uma tarde fora dela, mas teria que ficar mais que isso, a noite toda, pois Lu tentou um esforço supremo de vontade para vestir os jeans e desconsagui, arfando ficou deitada sobre a cama, incapaz do menor movimento sem um gemido de dor, devia ir à cozinha buscar gelo e friccionar a anca, podia não ajudar mas era uma hipótese, só que era impossível sequer sarrastar até à cozinha e ela chamava baixinho por Uli, talvez ele ouvisse, talvez isso o decidisse a procurar o apartamento, vem, preciso de ti, Uli, preciso de ti em todos os sentidos, mas o espírito maligno devia planar sobre ela e interferia nas mensagens, Uli não vinha e ninguém mais viria, pois já eram dez da noite e não era hora para visitar meninas solteiras a menos que se tivesse uma razão muito forte e o único que sarrogava essas razões era Michel, o engenheiro francês dos petróleos que por vezes batia à porta a horas sombrias, definhando na saudade dos tempos de Paris, o cabelo todo branco pela recusa constante dela, ele não aceitava tudo pode terminar um dia e viera atrás, se valendo dos seus conhecimentos técnicos para arranjar emprego numa multinacional, na esperança que Lu se compadecesse e lembrasse com carinho o restaurante marroquino da Place Clichy onde iam comer cuscus ou do bistrot escuro perto do Jardim do Luxemburgo onde sencontravam depois dela terminar as aulas ou daquela escadinha na borda do Sena mesmo à frente de Notre Dame que ela descera para ir aliviar a bexiga, enquanto ele vigiava, não fosse aparecer algum polícia ou cidadão zeloso e acabarem a noite num comissariado do Bairro Latino, em confissões que sujavam a reputação de qualquer um, mas ela não se comovia com as recordações, foram belos tempos que morreram e não devem ser ressuscitados porque senão cheiram mal como todos os cadáveres e ele ia espaçando as visitas, se consumindo no álcool e nas meninas precisando de luxos que encontrava nas buates, sem vontade no entanto de voltar para França ou Gabão, perdido naquela terra em que o europeu era

desejado pelas meninas sonhando com champanhe e vestidos caros, mas não bajulado pelo resto da população, antes pelo contrário, ele percebia nos olhares de lado a desconfiança, o fica onde estás que não te chateamos mas o pé em cima do pescoço não nos voltas a pôr, sacudimos tudo o que nos abraçava para nos chupar o sangue, e por isso Michel não ia vir naquela noite em que Lu precisava dele, de alguém, porque o cazumbi velava, criando o vácuo à volta dela, enredando-a numa teia, como a imagem da dança que sonhara, Lueji ensarilhada numa bola, Lueji ou ela, era a mesma coisa, pois já não se distinguiam no sofrimento, mas podia ela aceitar o que a centavó não repelira, ia deixar a sua vontade ser ditada do cimo das árvores, sem luta, responde Lu a ti própria, vais deixar que te ponham o pé no cachaço, agora que os tempos são novos e o ano 2000 está à porta, ao que não podia responder naquela noite de isolamento, sem Marina, sem Uli, sem a dança, sem mesmo o domínio do seu corpo, por isso acendeu a luz, se sentou a custo na cama e se pôs a escrever no caderno de apontamentos frases que esculpia e riscava para de novo escrever e no vaivém do avança e apaga, algo ia ficando definitivo, rosas de porcelana, brilhos mágicos da Lua, piruetas por cima de chingufos, vontades em choques de madrugada, *fouetés*, *glissades* e *espargattas* em ritmos de kissanje, um órgão eletrónico no escuro antes do relâmpago que ilumina o lukano, frases que enchiam páginas e afastavam angústias, pois eram a própria angústia, a única, a escorrer do seu corpo exausto, agora insensível à dor provocada pelos fantasmas, oma-kisis de todas as eras, domados afinal como o foram na Cahama outros oma-kisis arrogantes da sua força balofa, e Lu inscrevia e riscava freneticamente antes que viesse a alvorada empalidecer a magia daquele momento em que passado e futuro casavam parindo o presente, enquanto Lueji adormecia finalmente nos braços de Nayole, embalada por canções de infância.

No dia seguinte, antes mesmo de começar o Conselho dos Tubungo, já Lueji sabia da partida de Tchinguri com a sua gente toda para o Luengue. A gente de Chinyama também partiu com ele para o Kalanhi, acompanhados pelo próprio Kumbana e alguns guardas. Na volta aproveita para falar com meu tio Salukunga e com Kandumba, disse Lueji ao chefe da guarda, vê como estão os preparativos do exército e que acelerem ao máximo, a guerra deve ser questão de dias.

O Conselho, como previsto, apenas ouviu a decisão da soberana. Um grupo de muatas, sentados junto de Nandonge, onde se destacavam Kinzunzu, Mua Cangombe, Kibondo e Ndonga, não aplaudiu, não mostrou satisfação, antes caras de desespero. Mas nada disseram. No fim Lueji falou da ameaça de Tchinguri retirar os seus homens da frente contra os Mataba, o que provocou murmúrios raivosos da assembleia, mas não se preocupem, hoje mesmo vou enviar um muata de grande confiança para informar Kakaya de tudo o que passou e para impedir Tchoia de retirar com os homens, é uma missão do espírito de Kondi, ninguém terá coragem de a desrespeitar e esse muata de confiança ela não falou o nome dele, mas olhou Kanyika e muata Kakele suspirou de alívio, finalmente a rainha mostrava sensatez e seguia seus conselhos, esse emissário que hoje vai seguir depois fica lá para ajudar Kakaya a comandar o exército, assim falou ela e estava terminada a mais rápida reunião do Conselho dos Tubungo na memória da gente da Lunda.

Depois a rainha chamou Kanyika para ir passear até ao rio. Aí chegados, sentaram nas pedras. Os guardas faziam uma barreira de segurança à volta, impedindo também que os interrompessem.

– Preciso de alguém da máxima confiança para ir explicar tudo a Kakaya e pensei em ti. Serás o seu adjunto. Ele é amigo de Tchinguri e pode ser influenciado por Tchoia, totalmente leal ao meu irmão. Mas se insistires com ele que o degrado de Tchinguri foi ditado por Kondi, Kakaya não

hesitará, creio. De qualquer maneira, tem cuidado.

Kanyika aprovou com a cabeça, em silêncio. Olhando o rio, talvez pela última vez, esperou que Lueji continuasse a falar.

– Esta noite não consegui dormir. E pensei na tua missão e me lembrei duma coisa que talvez seja importante. É uma estória que ouvi em pequena, quando fui ao Cassai visitar o meu parente Kumbana. Como deves saber, as terras dele ficam a sul de Mataba e da terra dos Uanda. E ele me contou essa estória que vem do princípio, ainda quando não se chamavam Mataba mas Calamba e eram dirigidos por Calenga. O chefe deles se chama sempre Calenga, é curioso. Mas escuta a estória.

Lueji mudou o tom da voz, modulou-a aos sons do rio correndo entre penhascos, como a voz da marimba que reproduz a fala das gotas de água que caem nos rápidos e cataratas, como a voz da menina meiga e sensual que fora ao ouvi-la pela primeira vez, pois se tratava duma estória de amor e de água.

E contou:

Por entre a densa floresta do lado do Nordeste, vinham fugindo as tribos dos Calamba das suas regiões de origem. Povos invasores tinham-nos obrigado a abandonar o aconchego das suas habitações tradicionais, os prodigiosos morros de salalé, maiores de todos os conhecidos nestas florestas. Calenga, o chefe dos Calamba, rapaz ainda novo, vinha na frente e muito adiantado à sua gente. De repente estacou surpreendido e aterrado, pois lhe surgiu na frente um rio desconhecido. Se sentiu perdido, porque só podia ser um feitiço forte dos perseguidores para impedir a fuga dos Calamba. Desesperado, invocou os espíritos dos antepassados, me salvem, avós, me salvem, os sanguinários invasores se aproximam e este rio parece intransponível.

Uma cabaça surgiu então à tona da água, sem ele ter visto donde vinha. A corrente puxou a cabaça para a margem dele. Com um pau ajeitou-a para a poder agarrar. Subitamente ela se abriu e de dentro dela foram saindo cabaças, cabaças, cabaças. Saíam da cabaça mãe e se enfileiravam ao longo da margem, logo se abrindo. No côncavo da última estava sentada uma formosa rapariga, com os peitos muito direitos e redondos, sinal de virgindade. E ela falou maviosamente para Calenga:

– Chamaste-me, aqui estou. Sou a dona deste rio e todos os que aqui vivem me obedecem.

Ofuscado pela beleza da jovem e premido pelos gritos dos perseguidores que já eram audíveis, Calenga respondeu:

– Sejas espírito bom ou maligno, antes quero ficar sob o teu domínio com o meu povo, que em poder dos bárbaros que nos querem roubar e matar. Salva-nos e seremos teus escravos.

– Eu sou Luia – disse a bela jovem. – Só te quero para meu amante, nunca escravo. Se o teu coração pertence a alguma rapariga, segue com ela o teu destino. Se no entanto podes dispor do teu destino para mim, que te esperava desde o tempo dos tempos, então salta e senta no meu colo que os meus braços te defendem e ninguém te alcançará.

Lueji calou à evocação de Luia esperando Calenga desde o tempo dos tempos. Como ela esperava a sombra diáfana que se desprendia da Lua? Sacudiu a cabeça, estendeu a perna para tocar na água do rio, e continuou a contar:

Calenga estava muito tentado a fazer o que Luia aconselhava, mas teve ainda um arreganho de dúvida:

– E a minha gente?

– Ela que se aproxime. E, se te são fiéis, que te imitem, entrando cada um na sua cabaça. Eles nos seguirão.

Calenga não hesitou mais. Saltou para a cabaça, Luia abraçou-o, a cabaça se fechou e mergulhou, seguindo com a corrente. Os companheiros puderam ver o que se passava com o chefe e, chegando à margem, entraram nas cabaças que se abriram. Se fecharam logo e mergulharam, seguindo a de Luia.

Atingindo os invasores o rio, não viram as gentes que perseguiam. Supuseram que tinham sido levadas pela corrente e na esperança que alguns sobrevivessem e deles fossem escravos, caminharam para o Sul. Encontraram um afluente e alguns tentaram passar a nado, mas num remoinho pereceram. Os outros recuaram, desistindo da perseguição. E deram ao afluente o nome de Luáfua, o rio da morte.

Livres para sempre dos invasores, os Calamba se foram estabelecer na montanha ao lado do rio onde escaparam. Calenga deu ao rio o nome de Luia, o do amor.

Muito tempo ficou Lueji olhando o rio, imaginando contemplar o Luia, onde aconteceu um amor feliz. Mas as suas tropas agora avançavam para lá. Como as dos antigos invasores que obrigaram os Calamba a procurar aquele

refúgio? Fosse como fosse, devia proteger os seus. Falou para Kanyika:

– Cuidado com o rio Luáfua. Nós lhe chamamos mais Lufi, mas é a mesma coisa, é sempre morte. Se eles vos deixarem perseguir, é porque vão repetir o que passou há muito. Nunca atravessem o Lufi, só o Luia.

– Está bem, rainha.

– E outra coisa. Hás-de reparar no sítio onde vive Calenga. Dizem, tem jardins tratados e muito bonitos. Vê tudo bem para me contares como eles fazem.

E despediu Kanyika ali mesmo junto ao rio, pensando, um homem belo e forte que talvez não veja mais, a guerra é mesmo um desperdício.

Esqueceu esse pensamento no dia seguinte, entusiasmada com a descrição de Kumbana sobre os progressos da preparação do seu exército. O chefe da guarda real aproveitou para parar na chipanga de Salukunga, inspecionou os recrutas, experimentou o sistema de mondos, os tambores de mensagem. Mas não estava inteiramente contente.

– O tempo é curto demais, rainha. Os homens não estão prontos e os mondos ainda não passaram o Kalanhi para cá. Mas Salukunga deu uma ideia e hoje fui verificar. A meia distância de Mussumba até à aldeia do teu tio há um sítio ideal. É para lá que se deve mudar já Mussumba.

– Mudar Mussumba? Estás maluco?

– Não estou, Lueji. E teu tio tem toda a razão. Aqui é muito longe e muito aberto, terreno desprotegido. Os nossos homens não podem resistir aos de Tchinguri. Lá eu vi um sítio, desvia-se um pouco para a esquerda no caminho das tuas terras. Fica entre o rio Cajidixi e o Kalanhi. Aí se juntam os dois na parte de cima. Tem montanhas e florestas e muita água. A Mussumba fica protegida pelas montanhas e rios de todos os lados, menos do sul. Mas é uma faixa relativamente estreita onde se pode montar uma paliçada. Tchinguri ou atravessa um dos rios à frente de Mussumba, o que o torna vulnerável, ou choca contra a paliçada. Numa paliçada bem construída, quatrocentos homens valem por mil.

– Mudar a Mussumba? Nem quero ouvir falar disso.

– Mas tens de ouvir, rainha. Kandumba foi comigo e disse aqui é o sítio ideal. Lá estás em segurança.

Lueji não insistiu logo, tanto a ideia lhe parecia absurda. Abandonar os sítios da sua meninice, o lago? As rosas de porcelana, os fetos e begónias? O rio e as nakas? Deixar tudo, fugir para o Kalanhi? E os lugares sagrados,

como os levar? As mahambas, as árvores onde repousam os espíritos, tudo isso fica para trás, nas mãos de Tchinguri?

– Podia ser uma mudança temporária, rainha. Quando a situação ficar normal, podemos trazer de novo a Mussumba para cá. Mas agora é indispensável. Significa a vitória, a única possibilidade de vitória.

– Temos o nosso exército.

– Precisa pelo menos dum mês para combater em terreno raso. E são poucos os comandantes experientes.

– Temos os homens de Ndumba ua Tembo.

– Estão dispersos e muito longe daqui. Quando chegarem os homens de Ndumba, já estamos todos mortos.

– Então fui enganada, Kumbana. Pensava que tínhamos forças suficientes...

– Se tivesses ganho mais tempo, teríamos forças suficientes. Repara. Os treinos começaram há pouco, não podes exigir que se forme um exército dum dia para o outro. E os homens de Ndumba são caçadores. Podem ser corajosos e hábeis, não duvido. Mas estão dispersos e só sabem combater em grupos pequenos. Não se transformam de repente num exército. Só Tchinguri o tem, levou anos a prepará-lo.

– Uma parte foi contra os Mataba.

– O que foi não significa nada comparado com o que ficou. Mais um mês e talvez pudéssemos, juntando todas as forças dos Tubungo... E mesmo assim...

– O espírito de Kondi precipitou tudo.

– Sim, rainha, Kondi precipitou tudo. Agora temos de recuar a Mussumba para o Kalanhi.

Perdi muito tempo, se recriminou Lueji. Presumiu podia dominar Tchinguri pelas palavras e tudo parecia indicar isso. Nem sequer mandou Ndumba mobilizar os seus homens, acreditava na paz. Confiou demasiado em si própria. Depois foi tudo muito rápido. Kakele pressentiu o desastre e pediu à última da hora para atrasar uns dias a decisão. Aí fez bem, se ia saber logo a seguir, já não dava para adiar. Mas perdera muito tempo antes.

– Achas mesmo não há outra solução, Kumbana?

– Confia em mim, rainha, alguma vez te traí? Confia no teu tio, confia no Kandumba, confia em Kamexi. Todos pensamos da mesma maneira.

Lueji meditava. Tentava não lembrar o lago da sua infância. Devia refletir

apenas como rainha que tem o dever de proteger o lukano. Não é fácil abandonar a terra onde se nasceu e cresceu. Mas Kumbana não o fez? Sem refilar, por amor à linhagem. E Kandumba também. E muitos outros o fariam. Pelo bem da Lunda. E ela? No fundo, não se tratava de defender a própria vida e cumprir o seu destino? Pelo bem da Lunda.

– As lavras e as nakas estão aqui. Lá não há comida.

– Esse é o problema principal, rainha. No caminho vim a pensar nele. Mudas a tua onganda, com toda a tua gente. Salukunga pode nos alimentar, até as novas lavras e nakas produzirem.

– Se para fornecer de comida o kilombo foi um problema, como poderão agora...?

– É uma situação de emergência. É duro, mas é possível. A nova Mussumba só fica a meio-dia de marcha das primeiras aldeias de Salukunga. E podemos levar tudo o que se encontra nos silos, ainda dá para algum tempo.

– Mas não é só a minha onganda. É Mussumba inteira!

– Convidas os Tubungo a te acompanharem. Mas terão de tratar da sua alimentação. Ou ficam aqui à mercê de Tchinguri.

– O soberano não abandona a sua gente.

– O soberano tem primeiro de proteger o lukano, depois o resto. E não abandonas ninguém, porque eles podem ir contigo. Vai quem quiser.

Kumbana estava particularmente firme. Falava de igual para igual, não como o chefe da guarda em face do rei. Era porque a situação o exigia, falava em nome dos chefes da linhagem. Lueji percebeu e não se ofendeu nem procurou reduzi-lo à sua posição oficial. No fundo sabia, era por lealdade que ele se mostrava teimoso na discussão.

– E dá tempo?

Ele esperou um momento para responder. Tentava encontrar as palavras certas e o tom certo. A rainha começara a aceitar a ideia, agora tinha de ser confiante, tranquilizador.

– Temos uma semana, pelo menos. Tchinguri não pode chegar aqui antes desse tempo. Dá para mudar. O mais difícil é fazer a paliçada. Mas eles vão começar amanhã. Se mobiliza todo o povo do Kalanhi para cortar os paus, lá tem florestas muito boas.

– Afinal já tinham decidido da mudança sem mim...

– Não, rainha, tu é que vais decidir. Se quiseres, lutamos aqui. Mas para

ganhar tempo, para o caso de tu aceitares a nossa ideia, decidimos começar a fazer a paliçada. Sempre será um abrigo de último recurso. Ninguém decide nada sem ti, Lueji, o lukano é teu.

– Vamos consultar Kandala, ele é que sabe se se pode abandonar a terra dos antepassados, deixar as mahambas para trás.

Apesar de ser noite cerrada, Lueji e Kumbana saíram pela passagem secreta, apenas os dois, a caminho da casa onde se hospedava o adivinho.

Este já dormia. Apareceu a esfregar os olhos, mas ouviu tudo com a máxima atenção. Mandou-os sentar, avivou a luz da fogueira, foi buscar o ngombo. Manipulou-o, fazendo perguntas, perguntas, perguntas. E manipulava, manipulava o ngombo. Até que se deu por satisfeito e falou:

– O meu ngombo diz os teus têm razão, Lueji. Os espíritos são favoráveis à mudança da Mussumba, os espíritos querem que defendas o lukano.

A sentença estava proferida e Lueji suspirou de tristeza. Tinha uma secreta esperança que o adivinho dissesse não é necessário, os espíritos protegem Mussumba. Tinha mesmo de abandonar o conhecido, a terra mãe, e criar nova capital em sítio estranho.

– E como se faz, Kandala? Deixamos as mahambas nas mãos de Tchinguri?

– Não, leva-as contigo. O Kalanhi também é terra dos antepassados, mais sagrada até que a atual Mussumba. A primeira foi lá, no Kalanhi começou a Lunda.

Nada mais havia a discutir, os espíritos tinham falado. Lueji convocou o grande Conselho dos Tubungo para a manhã seguinte, manhã que viu Lu adormecer com o caderno de apontamentos no regaço. Acordou horas depois com batidas fortes na porta, ao mesmo tempo que tocavam insistentemente a campainha, quem será o desesperado, mas quem é?, não me posso mexer. Gritou suficientemente forte e da porta foi ouvida.

– Sou eu, o Jaime. Abre a porta, Lu.

– Espera. Vou tentar. Espera.

A dor na anca não a deixou levantar. Mas tinha de abrir a porta. Foi deslizando para o chão e se arrastou à força de cotovelos, gritando ao mesmo tempo, espera, Jaime, não vás embora, estou a chegar à porta, não vás embora, por favor. Ele procurava acalmá-la do outro lado, espero, está descansada. Conseguiu alcançar a porta mas o problema agora era se soerguer até chegar à fechadura. Fê-lo com a outra perna e rodou a chave,

arquejante. Jaime conseguiu entrar.

– Mas que se passa? Como é que estás assim?

– A maldita perna. Me panquei contra um móvel e exatamente no mesmo sítio dantes. Agora ficou pior.

Jaime pegou nela e levou-a para a cama. Explicou então ficaram admirados porque ela faltou ao ensaio de ontem à noite e de hoje de manhã, a Diretora estava furiosa, mas o Uli dizia aconteceu alguma coisa e lhe pediu para vir ver o que passava, ele não podia e como sei que há problemas entre vocês, vim mesmo, mas a Marina?

– A Marina bazou ontem para Malanje. Feri-me e não podia avisar, o telefone não funciona. Já pensava ia morrer de fome.

– Precisas de quê?

– Um médico ou ir para o hospital. E há vinte e quatro horas que não como nada. Podes chamar o Timóteo, conheces?

– Conheço, claro. Mas vou avisar a malta lá no ensaio, antes de tudo. Eles ainda lá estão e a Diretora tem de saber. Tens outra chave do apartamento? Para poder entrar e sair sem teres de te levantar...

– A chave da Marina... Deve ter deixado por aí na sala.

Mas a chave não estava, Marina devia ter esquecido. Jaime teve de levar a dela, a porta tinha de ficar fechada, não fosse algum ladrão aproveitar, mas não vou demorar muito, ficas presa só por uma hora, aguenta aí, vamos trazer comida e alguém que fique contigo em casa. Mal ele saiu, Lu adormeceu.

Acordou com a barulheira de muita gente falando e se mexendo no apartamento. Estava lá a Diretora e a professora e os colegas todos, menos Uli. Foi buscar o médico, lhexplicaram. Duas bailarinas preparavam uma refeição na cozinha. A Diretora viu a luxação, a mancha azul e o inchaço, adoçou a cara, estás mesmo fora de combate, rezemos para que não haja fratura, mas isso só o médico podia dizer, e este entrou logo a dizer mais uma vez me vou regalar em tocar tão boas pernas, franziu a cara em seguida, olhou e apalpou, obrigou-a a levantar e flexionar a perna, dói?, dói, e assim dói?, claro que sim, Timóteo, dói por todos os lados, e ela não podia conter as lágrimas com as dores, mas Uli via, apesar de estar atrás dos outros, evitando aproximar. Tinham de a levar ao hospital para fazer radiografia, lhenfiaram uma blusa e uma saia, os bailarinos pegaram nela ao colo e desceram-na pela escada até ao carro de Timóteo, enquanto os outros

ficavam no apartamento à espera, Lu notou, Uli não segurou nela. Queimava assim tanto o seu corpo? Mas agora iam no carro e também Jaime, e Uli no hospital não podia evitar, tinha de a transportar. Lu só pensava nisso, ansiando pelo momento, durante todo o trajeto. E assim aconteceu, Uli e Jaime fizeram cadeirinha com os braços onde ela sentou, entrando no hospital como uma rainha. Timóteo gritando para a radiografista, rápido, é uma emergência, uma artista tem todas as prioridades, mas Lu nem ligava, só sentia o cheiro que se desprendia do corpo suado de Uli e o calor subindo dos seus braços. As radiografias não indicaram fratura. Voltaram para o apartamento e Timóteo explicou a todos, nada partido, apenas uma luxação muito forte, os ossos e tendões e músculos dessa região estão doloridos, uma dor aguda e persistente mas que acaba por passar, analgésicos e massagens e repouso. Para o espetáculo era preciso escolher outros números, ela não podia recuperar a tempo de ensaiar, mesmo que não sentisse dor tinha de ficar uma semana deitada o máximo de tempo possível. A Diretora coçou a cabeça, bem, temos de remediar com outros bailados, estás dispensada, Lu, mas começa a ver onde pões os pés, a tua cabeça está fora do lugar e o corpo paga, reparo incontestável que Lu aceitou sem refilar e sem ousar fitar Uli, o qual também se encolheu no seu canto. Mas ia ser preciso tratar dela e Olga sofreu. Vivia com a família, no momento não fazia mais nada senão o bailado, podia ocupar a sala por uns dias, saindo só para os ensaios. Oferecimento que foi aprovado com palmas e todos saíram, Timóteo prometendo passar ao fim da tarde. Olga ficou até Lu acabar de comer, depois foi a casa buscar as imbambas para se instalar com a colega. Por efeito dos analgésicos, Lu voltou a adormecer.

Foi Mabiala que a despertou. Já era o fim de tarde. Olga abriu a porta, ah, és tu, Afonso, ela está dormir. Só agora Mabiala tinha sido informado e se sentira obrigado a vir. É melhor ser mais logo, quando eu for para o ensaio da noite, pois fazes companhia à Lu, não é bom ficar muito tempo sozinha. Mas Lu ouviu as vozes e disse já acordei, podes entrar, Afonso.

– Então eu aproveito e vou fazer uma coisa lá fora, enquanto o Afonso está aqui. Precisas de alguma coisa da rua?

Lu não precisava e Olga saiu. Mabiala sentou aos pés da cama. Suspirou.

– Menina de ouro esta Olga.

– Sim. Foi mesmo uma grande kamba em querer ficar aqui em casa. Não

sei o que seria de mim. Não me posso levantar, estou mesmo uma inválida.

– Não. Inválida nada. Neste momento o teu corpo não é importante. O importante é o que está na tua cabeça. Sei que está. Aliás acho já todos perceberam.

Lu não respondeu. Era assim tão importante o que podia ter na cabeça? Quem sabe? Que lhe causava infelicidade, isso sim, sentia. Mas era importante?

– Mas a respeito da Olga... Tu sabes, Lu, que a um momento dado olhei duas vezes para ela? É verdade, sim. Mas depois passou, ela não me ligou nenhuma.

– Foste muito discreto, ninguém reparou. Pelo menos não se falou. Mas que é isso afinal? Não tens mulher? Como podes olhar duas vezes para outra?

Mabiala deu uma gargalhada, batendo com a mão na colcha.

– Desde quando um angolano não olha para as outras só porque já tem mulher? E ainda mais eu, um artista incompreendido... Um tipo tem de se afogar em alguma coisa para esquecer sou um falhado. Faço músicas fantásticas e ninguém aprecia, não entendem. Ou que é muito avançada, ou muito atrasada, ou então é uma síntese artificial. Faço músicas na casa de banho, para me divertir apenas e se as apresento, dizem sublime, é isso mesmo. Bolas! Já viste aquela canção, *O Filho da Kitanda*? Fiz aquilo de brincadeira, exatamente para gozar as canções em voga, quase copiando tudo o que de mau, de cretino, encontro nas obras dos outros. E ninguém percebeu eu estava fazer antimúsica, virou sucesso. Talvez porque o Aires Mestre lhe colou em cima um bom poema, não tem dúvida, é um bom poema.

– Como foi isso?

O compositor sorriu. Mudou de posição nos pés da cama, com muito cuidado para não magoar a perna da bailarina.

– Estávamos num bar, já bem ganzados, onde haveríamos nós de estar? E comecei a trautear a música, acompanhando com a viola. O título eu tinha, *O Filho da Kitanda*. E ele chupava cerveja e dizia palavras, a voltar atrás, a colar e recolar, mamando as cucas pela garrafa. Uma hora depois cantávamos o produto já pronto, rindo de nós próprios. A música era uma porcaria e ninguém me vai convencer do contrário. Chegou o Anselmo, ouviu duas vezes, fez coro à terceira vez, disse é uma maravilha, o cretino!

Copiou a letra para um papel e pediu autorização para a apresentar no próximo espetáculo. Estávamos tão chibados, o Aires Mestre e eu, que dissemos é uma merda mas está bem, só com uma condição, não revelares o nome dos autores, temos vergonha. O gajo do Anselmo tem bom ouvido, captou tudo direitinho, cantou-a na Tourada, foi um êxito, a rádio passa aquele nojo todo o tempo e até querem fazer um disco. Como é que não vou me sentir incompreendido...

– Pode ser antimúsica, mas é perfeita.

– Também tu? Fico desiludido.

– O que interessa a maneira do criador criar? E mesmo a intenção? Colaste o que chamas o mau dos outros. Só que o colaste de tal maneira que o conjunto é genial. Desde quando o todo é o somatório das partes? E o poema? Feito com os copos, muito bem, a brincar. Mas um poeta é poeta mesmo a brincar. É uma linguagem nova. E quem ouve a canção sabe que é a realidade duma geração. Esses homens que eram candengues e cresceram à volta, dentro, dos mercados paralelos... A vender e a revender ou a acompanhar a mãe que vendia e revendia, a ouvir conversas só de montinho, a tentar enganar o freguês e a entrar em negócios de coisas roubadas, esses homens poderiam ser outros senão o do poema? Podiam acabar de outra maneira? Egoístas, individualistas, frustrados, marginais... Desculpa, Afonso, mas música e poema são geniais, até porque se não podem separar. Não há colagem, há arte.

Mabiala ouviu de cabeça baixa. Ainda não tinha bebido muito, ainda não tinha entrado na fase da teimosia. Só o hálito mostrava que consumira a tarde no bar, o que não era suficiente para ele. Ou o bafo de álcool já estava entranhado, mesmo ficando uma semana a beber água? De qualquer modo não insistiu.

– Ouve, Afonso, posso te desiludir e ser cretina como os outros. Mas se todos acham essa música é boa, não serás tu que estás enganado?

– Depende. Se toda a gente foi educada com má música, só pode gostar do medíocre.

– Sim, podia acontecer. Se estivéssemos isolados do Mundo. E não estamos, o Mundo hoje é só um.

Ele sacudiu a cabeça e sorriu. Os olhos se iluminaram de novo. Falou com a voz mais alta.

– Não interessa essa canção. O que me atormenta agora... Tu sabes,

imaginas pelo menos. Tenho uma música fantástica na cabeça, uma música não, só partes, pequenos fragmentos. Por vezes só acordes. Tu criaste isso, com as tuas alusões. Mas preciso saber mais. Tens de me contar o que anda pela tua cabeça.

– Ainda é cedo.

– Porra, não é nada cedo. Ou não acreditas também te posso ajudar a meter ordem nas ideias? A dois é mais fácil. Tu falas e eu trauteio. E gravamos tudo. Não tens um gravador? Então? Depois essas gravações vão nos servir para a música e o resto.

– Está tudo tão confuso!

– Ótimo! Conta essa confusão, de forma confusa, com palavras confusas. É isso mesmo que eu preciso. Que nós precisamos. De desconfundir esta confusão em que vivemos. Salva-me, Lu. E a ti própria.

Quem pode saber quando chega o momento do começo da brisa? O momento exato das coisas necessárias nunca se anuncia, é apenas o momento do impulso irresistível, o começo. Isto se disse Lu, enquanto lhe subia um calor do ventre como quando uma flor se abre, e esse calor sufocou a garganta e ela quase gritou:

– Traz o gravador, está ali, na sala. E as primeiras cassetes que apanhares, não interessa se estão gravadas, rápido, antes que marrependa.

Num salto, Mabilia foi buscar as coisas, ligou o gravador, não a tempo de captar a primeira frase, mas não interessava, muitas vezes ela ia repetir as ideias, as frases, ia prolongar os silêncios e os gaguejes, ia dizer não é assim, pois falou durante quatro horas, até Olga vir, trazendo jantar para os dois e partindo em seguida para o ensaio, enquanto Lu falava e só interrompeu quando chegou Timóteo, o qual a examinou rapidamente e saiu, alegando ter um doente urgente, mas também podia ser por ela não estar sozinha, e Lu recomeçou imediatamente a falar, com ânsia incontável, se abria toda e mais às suas inquietações e dúvidas, contando o que conhecia de Lueji e Tchinguri e Chinyama, por ter lido nos livros de Vansina, Henrique de Carvalho, Bastin, Redinha, Calder Miller e outros, versões contraditórias todas elas e mais as versões que imaginava poderem existir, e lia os apontamentos para citar os autores e também as invenções dela, os personagens fictícios mas tão importantes quanto os conhecidos, pois faziam as ligações lógicas e davam vida aos fatos enterrados no esquecimento do tempo, talvez incómodos para os narradores da tradição

oral e por isso apagados da História em momentos diferentes de afirmações de poderes, mas que ela fazia renascer para que o mito tivesse corpo e não apenas um esqueleto, deixando assim de ser mito para se tornar realidade presente que a amparasse, a alimentasse dessa fome de certezas no seu mundo de hesitações e dúvidas, e descrevia passos e cenas de bailado à luz do Sol ou da Lua, em chanas e em florestas, soletrava solos e danças de roda, voltava atrás, improvisava, enquanto Mabiala fazia nascer a música dançando entre os dois, etérea, música que a ajudava a recompor situações, a aclarar os traços de Ndumba ua Tembo ou a última fala de Kandala, a eliminar gente a mais nas futuras encenações, música de marimbas, chingufos e ngomas, cortada por lasers imitando relâmpagos, música criando nacionalidade que tinha um pé ali, na Lunda de Lueji, e muitos outros algures, até mesmo para lá do grande lago salgado de Ocidente, mas a voz ficava cansada, se recusava a prosseguir, só mesmo um esforço enorme levava ainda Lu a narrar, enquanto Mabiala esquecia de perguntar se não há nada para beber e já Olga voltara do ensaio quando ela emudeceu definitivamente, depois de contar como via o Conselho dos Tubungo convocado por Lueji de emergência para anunciar a decisão da mudança da capital, onde primeiro aconteceu o espanto, a descrença, não pode ser, um espírito maligno tomou conta da soberana, mas os argumentos vieram, Kumbana explicou tudo e defendeu com ardor as ideias da linhagem, apoiadas agora pela indiscutível profecia de Kandala, o mais sábio da linhagem e de toda a Lunda, o único que podia adivinhar o futuro, enquanto muata Kakele estava arrasado no seu canto, para uma decisão tão fundamental nem tinha sido consultado antes do Conselho, reduzido à condição dum Tubungo como os outros, mas como velho guerreiro não podia ir contra, era a única estratégia possível embora mudasse a vida de toda a gente, o desbravar de novos terrenos quando as searas se anunciavam boas nos antigos, a construção de novas casas, o que era relativamente secundário, casas se constróem num dia, mas o mais importante seriam as novas combinações de poder, agora apenas ao critério de Lueji que iria indicar a cada um onde edificar a sua chipanga e onde mandar as mulheres fazer a sua lavra, a disposição delas indicando quais os Tubungo preferidos e quais os caídos em desgraça e ele adivinhava já ficar com um terreno marginal, afastado da onganda real, perdera a consideração e confiança da soberana ainda não sabia porquê, num dia ela seguia os seus conselhos para

no outro dia os ignorar, como hoje que nem sequer os pediu, mas o instinto guerreiro o obrigou a tomar a palavra e defender as ideias de mudança da capital, não tinham tempo para mais nada nem para mobilizar exércitos, mas pedia que cada um reunisse desde já os seus homens, pois mesmo que não enfrentassem o primeiro embate, sempre podiam ir depois em socorro da nova Mussumba e da soberana, certamente cercados pelos fanáticos de Tchinguri, contando com a fome que ia se instalar entre os sitiados quando acabassem as reservas alimentares, ao que os jovens Tubungo contrapunham estratégias suicidas de atacar primeiro, assim é que se lutava, se fechar na nova Mussumba era covardia de velhos e mulheres, oh jovens incautos que não medem as suas palavras, ofendiam o orgulho da rainha que saltou para cima, parecia era Tchinguri, desafiando os jovens de sangue quente e cabeça vazia a provarem que ela era covarde, sem mencionar sequer a cena do leão pois todos entenderam e baixaram as cabeças, mulher mais valorosa não havia em toda a Lunda, só os melhores entre os melhores a ela se podiam comparar, o ngombo o tinha provado mais de uma vez, o que fez surgir mais vozes de apoio, agora dos velhos também ofendidos e se protegendo por trás da soberana, ela tinha o prestígio e eles a força, aliança decisiva em qualquer Conselho, até mesmo para Kakolo, sogro de Tchinguri mas apoiante de Ndumba ua Tembo e que fez pender a balança pois a ele se seguiu o próprio Ndumba, até aí calado, também irritado por não ter sido consultado antes, então ela já esqueceu a minha proposta, essa omissão significava o pouco caso que lhe merecia apesar das palavras melosas, mas teve de se pronunciar mesmo, quase obrigado pela intervenção de Kakolo que lhe estava a indicar, é surgido o momento de apareceres a apoiar a rainha e a virar a discussão, debes sempre surgir como o que a apoia no exato momento em que as vontades estão empatadas, essa é a tua oportunidade de futuro pelo eterno reconhecimento dela, e Ndumba falou então forte e duro, virado contra os jovens Tubungo de sangue quente, mais velhos no entanto que ele próprio, quem falava em coragem que o provasse no campo de batalha, fosse imediatamente mobilizar os seus homens se preparando para reforçarem a nova Mussumba ou, se o tempo não desse, para intervirem logo que Tchinguri a atacasse, mas também aproveitava fazer uma sugestão e era a de se nomear um comandante máximo das forças dispersas fora da nova Mussumba, pois deviam atacar os sitiados de forma coordenada e isso só era possível com um comando único, não podia ser

segundo a vontade de cada Tubungo, o que fez muitas cabeças aprovarem imediatamente, este Ndumba é um rapaz esperto e sensato, vai longe, mas Lueji interrompeu os rumores de aprovação e os agora raros rumores de ressentimento dos jovens, é uma ideia excelente mas não é o Conselho a nomear, isso é atributo meu e não cedo as minhas prerrogativas de chefe dos Tubungo e por isso decido aqui mesmo e à vossa frente que esse comandante máximo que reunirá todas as forças dispersas será o meu amigo Ndumba ua Tembo, não porque teve a ideia aqui apresentada mas porque é um grande caçador e comandante, cuja coragem eu mesma constatei e todos conhecem, e só espero que ele vença o tempo e vá socorrer Mussumba antes que tenhamos morrido de fome ou espetados pelas azagaias de Tchinguri, fala esta que teve o estranho condão de unir quase todos imediatamente, esquecidas as divergências, pelo reconhecimento da extrema sabedoria da soberana que sabia escolher os homens certos e no momento exato, atributo de quem anda na graça dos espíritos e por isso já se pode cantar vitória, os olhos luminosos de confiança, menos os amigos de Tchinguri, sem saber a atitude a tomar, pois não podiam se manifestar a favor do degredado e contra o espírito de Kondi, apenas aguardar os acontecimentos e depois escolher a forma de apoiar Tchinguri, mas claro que uma coisa estava entre eles decidida mesmo sem se concertarem, para a nova Mussumba é que não iam, ficavam na velha preparando as condições de entrada do seu favorito, porque era o caminho obrigatório para a nova e então se podiam juntar a ele como mandam as regras da lealdade, apesar de estarem temerosos por irem desafiar a vontade de Kondi, pois mesmo conhecendo as falas de Tchinguri temiam os espíritos como os outros, só ele tinha a coragem de os afrontar lucidamente, rindo até aquelas gargalhadas sarcásticas de arrepiar, tão diferentes destas dos Tubungo que riam já de confiança na vitória, mas eram gargalhadas de grupo, com a coragem dos muitos que eram, não suportavam a solidão de Tchinguri e a sua coragem nessa solidão, só Lueji sabia mas não queria pensar nisso no momento, abafado no mais íntimo o sentimento pelo irmão-herói tão perseguido por tudo quanto era espírito dos lundas, nem mesmo já o pior dos feiticeiros era tão odiado e agredido em pensamentos e falas, mil vezes esquartejado em sonhos de vingança e agora apupado em coro, que venha Tchinguri para nós lhe cortarmos a cabeça, que venha Tchinguri, não temos medo, esquecidos já dos tremores provocados tantas vezes pelos perfurantes olhos dele, dos seus gritos súbitos, daquele

bater de pés no chão, força contida do rio que rebenta as margens e leva tudo à sua passagem, esquecidos do medo de ainda ontem à noite em que o ladrar dum cão prevenia da ameaça concreta, esquecidos mesmo de reparar nas faces graves da soberana, de Kakele e Kumbana, os que por uma razão ou outra sentiam o perigo verdadeiro e não gastavam forças em gargalhadas e gabarolices e ali estavam para pensar, o que acabou por fazer a rainha, dando por encerrado o Conselho dos Tubungo com todas as suas decisões ratificadas, mas podia mesmo ser de outra maneira?

No fim da reunião, Lueji chamou o ainda mais convencido Ndumba à parte e lhe ordenou, vai já preparar os teus homens, não há tempo a perder, eu vou ver o sítio da nova Mussumba. Ele encheu o peito de orgulho, desta vez a rainha lhe tinha dado um importante testemunho de consideração e o tinha elevado em relação a todos, e respondeu parto sem tardar. As terras de Ndumba ficavam depois do Luengue, a cinco dias de marcha da capital. Assim, estaria sempre na retaguarda de Tchinguri, se este avançasse contra Mussumba. Mas suficientemente perto para atacar por trás, em caso de necessidade, colocando os insurrectos em difícil posição, a sitiarem a capital e a serem atacados pelas costas. Lueji agora entendia claramente o plano de Salukunga e Kumbana. A mudança da cidade fazia ganhar tempo, pois dois dias que fossem de resistência eram suficientes para que os pequenos exércitos se reunissem e atacassem Tchinguri, virando fatalmente as operações a favor da soberana. Se admirou da inteligência do seu tio. Quem não pode andar tem mais tempo para pensar, é isso. E Kumbana, que quase gritou para ela, só para a obrigar a defender o lukano! Estava contente por lhe ter oferecido a sua mais bela amilombe como concubina. Outras lhe daria, pois ele merecia.

Kumbana opôs certa resistência quando ela disse, prepara uma pequena escolta, vamos ver o sítio da nova Mussumba.

— Se vamos agora, não dá para voltar hoje. Vais ter de dormir ao ar livre, rainha.

— E depois, isso tem mal? Não temos tempo a perder. Devo ver o sítio para planear a mudança. Há muito a decidir.

Ele inclinou a cabeça em obediência e foi preparar a escolta. Entretanto, Kakele quase correu mas conseguiu apanhar Lueji a tempo de lhe aconselhar, com voz cúmplice:

— Rainha, tens de eliminar já os amigos de Tchinguri. Estiveram calados

durante todo o Conselho. Vão te trair.

Eliminar Nandonge e os outros? Amigos de Tchinguri, mas seus amigos também. Apenas porque estiveram calados? Fez um ar espantado.

– Claro, Lueji. Antes de mudares a Mussumba, ordena a sua morte. Assim enfraqueces os teus inimigos. Eles vão passar para o outro lado.

Considerou os argumentos de Kakele. Com horror. Era para isso que a tinham feito rainha? Um braço que manda matar quando os Tubungo querem?

– Que passem! Não serei nunca a primeira a atacar. Isso significa um ataque a Tchinguri. E não quero mortes inúteis, de quem quer que seja.

– Assim muitos mais vão morrer.

– Nunca se dirá eu mandei matar alguém para prevenir o que ele ia fazer. Se traírem, serão castigados. Mas só depois...

Virou as costas a Kakele, com raiva. Deu sinal a Kumbana e partiram mesmo, antes de o Sol estar a pino, apenas com uma escolta de dez guardas e sem carregadores. O ritmo da marcha foi rápido, sem os carregadores nem as liteiras a estorvar. Lueji caminhando à frente, logo a seguir a Kumbana, levando a azagaia e o escudo oferecidos por Ndumba ua Tembo. Desviando pelo Sul, não precisaram atravessar o rio Cajidixi, penetrando na estreita passagem entre este e o Kalanhi, onde se ergueria a paliçada. Subiram para o Norte e começaram a encontrar as gentes de Salukunga, homens e mulheres, a cortar árvores nos bosques.

Ainda o Sol batia em cheio e já inspecionavam todos os sítios, escolhendo o lugar da onganda real e os das outras chipangas. Chegaram até ao ponto mais norte, onde o Cajidixi mergulhava no Kalanhi, para depois correrem juntos. Bastariam alguns pontos de observação aí, pois os rios caudalosos, cheios de rápidos, furando entre montanhas, praticamente impossibilitavam qualquer travessia escondida de muitos homens. E Tchinguri não podia trazer tantas canoas. O lado norte era absolutamente seguro, protegido pelos penhascos de difícil acesso. O lado ocidental, onde corria o Cajidixi antes de se reunir ao Kalanhi, era mais vulnerável, pois aí o rio passava por morros menos altos e as águas eram mais calmas, apesar de ser necessário construir canoas grandes, para atravessarem um grupo numeroso de homens. De qualquer modo, havia que reforçar a guarda desse flanco, sobre os rochedos numerosos que encimavam os morros. O lado oriental era tão inacessível como o do norte, por causa dos rápidos do Kalanhi. Restava o

sul, sem rios, onde se deveria construir a paliçada de troncos de árvores, com mais de dois metros de altura. Na parte interior da paliçada iam erguer um muro de terra, em cima do qual os soldados ficariam para disparar as flechas sobre os sitiados.

Depois de escolherem o terreno onde se ia edificar a nova Mussumba, que, pela tradição, devia ter a forma dum cágado com as patas de fora, Lueji se aprestou a seguir o ritual para indicar os principais pontos. Montou para as costas dum kimangata, no sítio escolhido para a sua onganda, e se virou para o nascente. Fez um gesto e os homens começaram a pisar o capim dos dois lados, marcando a linha. À frente dos homens deveria marchar o kalala, o comandante das forças de vanguarda. Lueji reservava esse cargo vago para Kandumba, sem ninguém saber. A conversa com Chinyama tinha reforçado a sua opinião, pois o kalala era sempre um Tubungo e Kandumba não o era. Mas ia imitar Tchinguri, nomear o competente e não alguém que só pelo nascimento tinha direito ao cargo. Ele não se encontrava ali e por isso o trabalho foi executado por Kumbana. Este avançou para oriente, até ao sítio onde deveria ficar a chipanga do kalala, na parte da frente da Mussumba, chamada o messu, isto é, os olhos. Os homens seguiram Kumbana, calcando o capim e assim marcando o traçado da rua principal. Depois Lueji se virou para ocidente, indicando a continuação da rua principal até ao extremo de trás, o mazembe, isto é, a cauda. No mazembe seria erguida a chipanga do kanapumba, o comandante da guarda real. Por isso Kumbana foi à frente dos homens, calculando a distância a que a sua residência ficaria da onganda real. Escolhido o sítio e calcado o capim para se indicar a extensão completa da rua principal, Lueji se virou para o norte e o sul, marcando uma cruz que saíria da sua residência. Saiu das costas do kimangata e sentou no chão. Exatamente nesse sítio seria a porta da onganda.

Traçado o esquema principal de Mussumba, Lueji foi indicando a Kumbana os lugares onde os muatas iam erguer as suas chipangas. A posição de cada chipanga era escolhida em função da importância que Lueji atribuía ao muata.

Finalmente, no local onde seria a onganda, ela plantou uma mulemba. Isto foi feito no máximo silêncio e ansiedade. Um frémito de tensão percorreu o povo reunido a assistir, quando ela invocou os espíritos dos antepassados. Se a mulemba vingasse e crescesse normalmente, o seu reinado seria

frutuoso. Se a mulemba secasse, os maiores horrores atingiriam o povo lunda, pois a rainha tinha cometido faltas imperdoáveis que exigiriam a terrível vingança dos espíritos: epidemias, secas, guerras.

Terminadas as cerimónias para a implantação da nova Mussumba, o povo voltou aos seus trabalhos. Lueji ficou com Kumbana e os soldados da guarda, contemplando ainda o sítio da capital. E as águas revoltas do Kalanhi ali perto.

– Rainha, mandaste-me fazer o trabalho do kalala – disse Kumbana. – Já pensaste em alguém para esse posto?

– Kandumba, é claro. Tu és o kanapumba e ele será o kalala. Assim posso dormir tranquila. Pensavas ia nomear o Kakele ou o Ndumba como kalala?

O chefe da guarda sorriu, satisfeito pelo irmão. Mas se sentiu na obrigação de avisar:

– Os muatas não vão gostar.

– Sei. Mas vão estar demasiado ocupados com a guerra para refilar. Por favor, Kumbana, não passes o mujimbo, nem mesmo a Kandumba. Escolherei o momento certo para o anunciar.

Foram andando lentamente, olhando para todos os lados, se familiarizando com o sítio. Não era ali que iam viver a partir de agora e combater?

– Temos de fazer grande reserva de pontas de flecha – se lembrou Lueji de repente.

– Melhor que isso, rainha. Pedi a Ndumba ua Tembo para, antes de partir, dizer ao seu tio Kakoma de mudar já. Será um dos primeiros a se instalar aqui. Monta a forja e começa a fabricar as pontas. Pedimos a Salukunga para nos mandar ferro não fundido. Há lá muito no Kalanhi. Ficamos com reservas que chegam para destruir dois mil homens.

– Bravo, Kumbana, pensaste em tudo.

– Oh, certamente que não, Lueji.

Viram os homens a trabalhar. Por todos os lados se ouvia o barulho dos machados. Ao mesmo tempo que cortavam os paus para a paliçada, adiantavam desmaiar o terreno para as futuras lavras de massango e massambala. Depois seria o trabalho das mulheres, cavar e semear. Mas agora elas ajudavam no transporte dos troncos para o local da paliçada. Toda a gente minimamente válida do Kalanhi estava ali, menos os jovens do kilombo que aproveitavam os dias para treinar táticas defensivas.

– Logo que a paliçada esteja pronta – disse Kumbana – , os homens de Kandumba vêm para aqui. Conhecerem bem o terreno e treinarem no sítio onde vai haver os combates. É uma grande vantagem nossa.

– Quando será isso?

– Não sei. Talvez uma semana.

– Numa semana já Tchinguri pode estar aqui.

– Eu sei, rainha. Mas é uma grande paliçada, com essa gente é difícil fazer antes.

– Pode vir gente de Mussumba ajudar. Vou dizer aos muatas para mandarem todos os seus homens válidos à frente, para cortarem e transportarem os troncos. As mulheres podem fazer a mudança das imbambas de Mussumba para cá.

– Assim podemos fazer a paliçada mais rápido. Se os muatas aceitarem, Lueji.

– Vou tentar.

Mas ia haver problemas de comida e eles estavam conscientes disso. Os alimentos tinham de vir do Kalanhi e de Mussumba e muita gente tinha de se ocupar do seu transporte, o que reduzia a força de trabalho. Era necessária uma mobilização geral. Lueji pensou por isso mesmo é preciso trazer o máximo de muatas possível para a nova Mussumba. Com eles vem a sua gente e ficam tão interessados na construção e defesa da Mussumba como eu. Muitos vão querer voltar para os seus territórios de origem e isso é mau, enfraquece o poder de resistência. Tchinguri vence-os um a um. Tinha de os convencer, ou mesmo obrigar. Tinha força para isso? Não é fácil fazer as gentes mudarem de sítio de residência, ela mesma se recusara no princípio. Mas não tinha outra solução. O lukano precisava de muitos braços ali na nova Mussumba, para a construírem e defenderem e para a alimentarem. Se os muatas arranjassem pretextos de se espalhar pela Lunda, ela devia imaginar um estratagema qualquer. Precisava pensar muito nisso.

Veio o anoitecer e o trabalho parou. Se juntou toda a gente num descampado onde, durante a tarde, Kakongo, um primo de Lueji, tinha improvisado uma cubata para a soberana dormir. A comida trazida do Kalanhi foi servida. Cerca de quinhentas pessoas ali se encontravam para os trabalhos e no dia seguinte mais comida tinha de chegar. Instintivamente, as mulheres se sentaram mais perto de Lueji e os gracejos em relação ao trabalho dos homens começou. Os homens, do outro lado, replicavam, mas

sem muito calor, intimidados pela presença da rainha na equipa feminina. Com a comida, foram esquecidas as fadigas do dia de trabalho. Logo começaram a aquecer os ngomas e o batuque se sobrepôs às falas e gargalhadas. Ninguém que podia resistir ao apelo do batuque. E todos se puseram numa roda gigantesca para dançar. Kakongo organizou a dança, era impecável no papel de mestre-de-cerimónias, notou Lueji. Horas depois, quando se foi deitar, Lueji levava consigo uma ideia que pensava discutir no dia seguinte com Kumbana.

Não havia galos ainda para despertar as pessoas. Foram os primeiros luares da madrugada que acordaram os pássaros e o canto destes fez inquietar os corpos deitados no chão. Novo dia de trabalho começava.

Lueji acordou com os barulhos levantados pelo acampamento. Estava cansada da viagem e da exploração interminável a todos os recantos do novo sítio e ainda da dança noturna. Mas encontrou já na cubata água para se lavar. E uma mulher para a ajudar.

– Quem mandou trazer a água? – perguntou à mulher.

– Foi Kakongo.

Era isso mesmo, a sua ideia estava certa. Se lavou e procurou Kumbana. Ele já estava a vigiar o trabalho da paliçada. Também devia escolher o sítio para o único portão de entrada pela paliçada. Tinha de estar estrategicamente colocado pois seria o ponto mais vulnerável de todo o sistema defensivo. Lueji deixou-o terminar a escolha. Depois disse:

– Conheces o meu primo Kakongo?

– Sim, rainha, conheço-o há muito tempo, andou lá pelas minhas terras. É um rapaz muito inteligente e conhecedor duma série de coisas. Infelizmente não dá para guerreiro.

– Penso nomeá-lo no lugar de Kanyika, como chefe de protocolo. Que achas?

– Para isso é bom. É delicado e frágil, quase uma mulher, por isso não serve para a guerra. Mas não é membro do Conselho dos Tubungo, rainha.

– Também Kanyika não era. Nomeio-o e assim passa a ser membro do Conselho.

Kakele ia ficar mais uma vez furioso, os Tubungo não gostavam desse género de cooptações para o Conselho pelo cargo. Mas não tinha importância. Só o ia nomear quando a capital estivesse instalada na nova Mussumba e antes do ataque de Tchinguri. Seria um fato secundário nesse

momento, com toda a gente preocupada masé com a guerra. E numa coisa Tchinguri tinha razão, o soberano não podia estar sempre amarrado pelo Conselho. Uma forma era nomear gente nova para as funções da corte e consequentemente pô-los no Conselho. Isso reduzia a influência dos velhos Tubungo que só sabiam discutir e atrasar as decisões. Lueji sorriu para dentro. Ela combatia Tchinguri mas aproveitava as suas ideias.

– E o sistema de mundos, Kumbana?

– Está montado até aqui. Para Mussumba é que era difícil, há muito terreno sem população. A propósito, queres enviar uma mensagem ao teu tio?

– Sim. Que estou aqui e o saúdo. Mas atenção, não ordenes o toque do leão.

O toque do leão era a inovação de Kamexi, num código muito mais simples, para chamar o exército a Mussumba. Kumbana deu as ordens. Em breve se ouviam os sons graves do mondo cruzando os ares para o sul. Quando tinham acabado de ver todo o trabalho da paliçada, ouviram do sul os sons dum mondo e, em breve, aparecia o tocador com a mensagem:

– Rainha, teu tio Salukunga pergunta se o vais visitar. E que já partiu para aqui uma caravana com mais comida.

– Responde que não posso ir visitá-lo agora. Regresso já a Mussumba.

O tocador lá foi a correr para o morro onde estava o mondo. E de novo os sons graves cruzaram os ares.

– É rápido – disse Lueji.

– Os tocadores estão bem colocados em elevações e praticaram muito os sinais. Quase não é preciso repetir os toques. O do leão é ainda mais rápido.

– Kamexi é eficiente. Vou precisar muito dele.

Tinha chegado a hora de partir. Lueji se despediu dos muatas da linhagem e foi saudando o povo à medida que passava a caminho de Mussumba. Agora havia que acelerar a mudança. E trazer o máximo de muatas possível.

Ainda o Sol não estava no meio-dia e já a rainha entrava na capital e agora vais descansar, lhe disse Kumbana.

– Vou descansar as pernas. Mas há muita coisa a fazer.

Tinha acabado de se lavar e beber o ndoka que Nayole lhe trouxe e já alguns muatas pediam para ser recebidos. Lueji não respeitou a ordem dos pedidos e mandou entrar primeiro muatas Vungi e Mua Cangombe, por serem amigos de Chinyama. Talvez lhe trouxessem notícias do irmão. Eles

entraram com grandes deferências e cudicalando ritualmente.

– São mujimbos de Chinyama?

– Sim – disse Vungi, olhando admirado para o outro, como podia ela adivinhar? – Recebemos uma mensagem dele. Está muito triste, muito isolado lá no Sul do Kalanhi. Pede para irmos ter com ele. Tem medo que Tchinguri o obrigue a te fazer a guerra e ele não quer. Se estivermos ao lado dele, poderá resistir melhor.

– Vocês falaram com ele antes de partir, não?

– Sim, rainha – respondeu Mua Cangombe. – Naquela noite que dormiu em casa de Kumbana, este nos mandou chamar. Pudemos assim falar com Chinyama e ele nos explicou tudo. Não queremos ficar do lado de Tchinguri, não estamos de acordo com o teu irmão mais velho. Mas somos amigos de Chinyama e os nossos territórios são vizinhos. Por isso te pedimos, deixa-nos voltar para as nossas terras, ficamos lá com Chinyama.

– A minha decisão é que todos devem ir para a nova Mussumba. Há muito trabalho lá. Ia informar os Tubungo.

– Compreendemos, rainha – disse Vungi. – Por isso te pedimos encarecidamente para nos deixares partir para as nossas terras. Podemos ser mais úteis lá que na nova Mussumba. Ao lado de Chinyama, podemos ser uma força moderadora em relação a Tchinguri.

Não era nada, queriam masé evitar ficar entre dois fogos e terem de escolher o campo da rainha, pensou Lueji. Mas que ganho em guardar aliados destes? A nova Mussumba precisava de braços, mas os homens dos dois muatas ficavam a sul das terras de Chinyama, muito longe portanto. Não serviam para nada como aliados. E se fossem forçados a acompanhá-la, talvez por despeito se sentissem atraídos pela traição. Não tragas lacraus para casa, podem te picar, lhe ensinaram em menina. Levantou o braço.

– Juram pelos antepassados que não vão apoiar Tchinguri?

– Juramos.

– Então podem ir. E deem saudações minhas a Chinyama.

Os dois muatas saíram, com muitos salamaleques e agradecimentos, esfregando poeira nos braços. Chinyama vai ficar eternamente reconhecido a ti, ele só quer o teu bem e está muito triste por as coisas acabarem assim, mas não te trairemos e muito obrigado, muana vuliê.

Outros muatas pediam audiência também para obterem autorização de regressar às suas terras e a rainha respondeu diferentemente a uns e a outros.

Consentiu partissem aqueles que ela tinha a certeza de irem mobilizar homens para se juntarem às forças de Ndumba ua Tembo e constituírem o exército exterior. Os outros não autorizou. Iriam para a nova Mussumba com toda a sua gente, era preciso muito trabalho para erguer a paliçada. Rogos, protestos velados, ela não tinha autoridade para tanto, o soba é apenas um pouco superior a um Tubungo e se tratando duma rainha... Não adiantava, ela não vergava. No caminho tinha feito a contabilidade dos nobres, um a um, e sabia quem podia dispensar. Jogava todo o prestígio dela e do lukano nessa prova de força. E os Tubungo se iam retirando, resmungando mas sem ousarem desobedecer.

Também muata Kakele apareceu, foi dos últimos, faria como a rainha ordenasse mas lhe parecia ser mais útil fora que dentro da nova Mussumba, por isso a aconselhava a deixá-lo partir mobilizar a sua gente para marchar com Ndumba.

– Podes mandar um teu filho mobilizar os homens. Mas os teus conselhos em tempo de guerra não posso dispensar, muata Kakele. Por isso mesmo escolhi um sítio próximo da minha onganda para edificares a tua chipanga.

O velho não esperava ouvir aquilo, ainda na véspera o seu conselho tinha sido rejeitado com raiva. Viver perto da rainha era um argumento decisivo. Ela reconhecia a sua utilidade e o colocava em situação de grande prestígio. No entanto, nada no rosto astuto fez mostrar o contentamento dele.

– Disse logo no princípio que faria conforme a tua vontade, Lueji.

E saiu, de coração ligeiro, para convencer os outros Tubungo a seguirem as ordens da rainha, apesar de serem um pouco arbitrarias e prepotentes. Em tempo de guerra, é compreensível que o chefe seja mais duro, justificou ele, com uma ponta de ternura.

O problema de Lueji era Kandala, estava muito velho para andar tanto, mas tinha de o ter a seu lado. Mandou-o chamar.

– Vi um sítio perfeito para ti. Um morro, com rochedos e árvores, muito parecido com aquele em que habitas, quando estás fora de Mussumba. E vais numa liteira para não te cansares. Preciso de ti, por favor, pai.

– Não precisas de pedir. Nunca te abandonaria, minha filha. Mas obrigado pela atenção. Aceito a liteira, as pernas já estão muito cansadas.

Por fim, Nayole acabou com as audiências. À falta de chefe de protocolo, ela tomou a iniciativa de despachar para o dia seguinte os muatas que queriam vir apresentar problemas, a rainha precisa de descansar. Veio ter

com a filha, pus todos na rua, tens de comer e dormir.

– Não adianta muito, mãe. Amanhã tenho na mesma de os receber. E à noite pouco durmo, tenho muita coisa em que pensar. Se o pai soubesse que era tão duro para mim...

– Ele sabia. Julgas não sabia?

Um muata, no entanto, ainda conseguiu furar a barreira de Nayole, insistindo, trago novidades do Nordeste, urgentes e importantes. Lueji acabou por o receber e ouviu da boca dele o mujimbo, um nobre luba mais o seu séquito avançavam para o Kalanhi à procura de caça. É uma invasão dos lubas? As informações dizem não, rainha, é um grupo pequeno que caça elefantes, dentro de dias chegará ao Kalanhi. A soberana tinha muito em que pensar, mais tarde se ocuparia dos caçadores lubas, afinal o mujimbo não era assim tão importante nem urgente, em tempo de guerra civil quem se ocupa de elefantes?

Nos dias seguintes foi a mesma coisa. Audiências, decisões. Era preciso torná-las rápidas, ordenar, ser dura, por vezes gritar. Eu antes ficava com dores de garganta se gritava muito nas brincadeiras, até chegava a ficar sem fala. Agora nem direito tenho de perder a voz, com ela perco o lukano. É isso ser rainha.

Mas a mudança da Mussumba lá se fazia. Primeiro foram construir os novos celeiros e silos, para guardar a comida que pudessem levar. Depois começou o transporte propriamente dito. Era uma dor de coração ver os belos campos de massango e massambala, prometendo uma colheita excepcional, serem abandonados nas mãos de Tchinguri. Se a guerra durasse pouco, talvez pudessem voltar para os colher, a tempo de evitarem a fome. Das nakas retiravam todos os legumes que podiam, mesmo que não tivessem crescido o máximo. As mulheres arrancavam o makunde ainda pequenino e se lamentavam ódios contra Tchinguri. Mil vezes ele teria morrido se as pragas valessem para alguma coisa contra ele. Mas estava imunizado, era feiticeiro dos mais malignos, feiticeiro não sofre pragas, se diziam as mulheres, desesperadas, arrancando as folhas de jinguba e jimbôa, pelo menos serviam para alguma coisa.

Seis dias depois de Tchinguri ter saído de Mussumba, seis dias precisamente, numa noite escura de estrelas tapadas pelas nuvens, a cabeça de Katuya foi atirada para a casa de Kakele e uma voz gritou, assim morrem os que vão espiar Tchinguri e assim vão ficar os cobardes Tubungo.

Por mais batidas que se fizessem, não foi descoberto o portador do presente macabro. Muata Kakele chorava e arrancava os cabelos, por que me lembrei de o mandar para lá, o meu melhor filho?

Na Lunda inteira soavam os tambores de guerra.

Uli se despediu dos colegas e entrou no carro. Ninguém precisava de boleia e já era tarde, mais das onze da noite. Decidiu ir para casa. Apanhou a Marginal, a caminho da Ilha. Silencioso aquele carro do irmão mais velho. A mãe ia comprar um para ele, logo que acabasse o curso, estava prometido. E a velha cumpria as promessas, dinheiro não lhe faltava. Toda a vida fora vendedeira de peixe, ali mesmo na Ilha do Cabo. O pai pescava e a mãe vendia no passeio. Tiveram a vida pobre de pescador e peixeira até pouco depois de Uli nascer. Vida pobre, pois o preço do peixe era baixo e sofriam da abundância do pescado pelas traineiras. Tiveram sorte de ir habitar as casas novas, construídas dentro dum plano colonial para adaptar as habitações aos costumes do povo. Projeto para toda a Ilha, mas ficou só no começo. Foi nessa casa nova, de tijolos e cimento, com um muro circundando o quintal onde se cozinhava e se comia, que Uli nasceu, em 1974.

Pouco depois tudo mudava. Houve as guerras de Luanda e depois a independência, Uli deixou o pai nessas guerras, dele não guarda memória, pois foi morto por não aderir à FNLA que queria dominar a Ilha. A mãe não voltou a casar, tomou conta dos dois filhos varões e da menina, a Alcinda. Passou a comprar o peixe aos irmãos, cunhados e primos, e a revender no passeio. Mas as traineiras tinham ido embora, ou para Portugal ou para a África do Sul, o peixe faltava e a carne também. Os preços foram subindo progressivamente. Nunca mais faltou dinheiro em casa. Depois começaram a vir outros estrangeiros, os cooperantes. E hábitos novos se introduziram, primeiro timidamente, para se tornarem em normas praticamente obrigatórias. O peixe era cada vez mais trocado por produtos de importação, comida, mas sobretudo cerveja em lata. E os preços subiam, subiam. A mãe vendia a cerveja de lata e acumulava dinheiro nos garrafões enterrados no quintal. Garrafões e mais garrafões. Essa é a primeira lembrança de Uli. Caixas de cerveja Heineken, Tuborg, Brahma, Sagres, Stella Artois, nomes

estranhos e familiares, acumuladas num quarto reservado só para arrecadação, e garrações cheios de dinheiro enterrados no quintal, Uli lembra agora, ao atravessar a antiga ponte que ligou a Ilha ao continente, as suas primeiras impressões vendo os estrangeiros quase lutarem para trocar o peixe-espada, na época chamado “cinturão das Fapla”, ou o pargo ou a corvina, por uma caixa de cerveja. Os angolanos vinham humildemente com notas de mil e quase eram escorraçados, leva esse dinheiro vermelho, desse tenho muito, traz masé cerveja. E depois também eram desprezados mesmo trazendo cerveja, xi, quem quer essa Cuca que sabe mal e às vezes tem barata dentro, leva lá isso, só troco por cerveja da estranja ou Coca-cola de lata. Aconselhada pelos familiares, a mãe um dia abriu uma conta no Banco Popular. Foi festa lá em casa, mobilizada toda a família para ir com ela depositar o dinheiro em malas e sacos emprestados, tantas eram as notas de mil kuanzas. Mas, prudentemente, nunca se sabe se os do Banco não me desviam o dinheiro, deixou ainda muitos garrações enterrados, era a sua reserva de segurança.

Uli entrou na escola e passava todos os dias à frente da Escola de Dança e via os meninos e meninas, vestidos de modo estranho, entrarem e saírem do prédio. Primeiro foi a curiosidade, depois o fascínio da descoberta. Não falou em casa, decidiu sozinho ir perguntar se não havia vaga para ele. Havia e foi aceite, se adivinhava nele um corpo ideal, esguio e seco dos homens do mar. Deu grande maka lá em casa, então o menino de manhã vai na escola e ainda quer ir de tarde para a cidade dançar? Alguém mais conhecedor lançou, ainda por cima dança de branco e foi a confusão. Ao menos se fosse a nossa, essa que dançamos no Carnaval... Uli tinha seis anos mas argumentou com a sua voz fraca. É por isso mesmo, porque gosto sair no Carnaval atrás do “Sonho da Kianda”, porque gosto dos ensaios na areia, que quero aprender melhor as danças, todas elas, de branco, de preto ou dazul, para melhor kazukutar no Carnaval. Foram makas e mais teimas, mas a mãe acabou por deixar. E Uli, até hoje, sai todos os anos no Carnaval, inventa o tempo quando o não tem para os ensaios do “Sonho da Kianda” e há cinco anos é o Rei, ostentando orgulhosamente na cabeça a coroa de latas pintadas, imaginando passos novos baseados na tradição da Ilha, o que arranca sempre muitas palmas na Avenida. Várias vezes foram os vencedores, pela qualidade dos bailarinos, pelas coreografias sempre originais, pelas músicas de Afonso Mabiala, pela união entre artistas e povo

que os faz insuperáveis. Mas nos primeiros tempos Uli sofreu em silêncio. Os colegas do bailado eram quase todos filhos de quadros, vinham de carro para a Escola enquanto ele voltava a pé para a Ilha. Finalmente a mãe trocou latas de cerveja por uma bicicleta e ele deixou de ir a pé, mas havia sempre uma diferença. Pouco a pouco, os tempos foram mudando, outras crianças entraram na Escola porque os pais iam perdendo os preconceitos ou a vergonha, o bailado se popularizou, ganhou mesmo os bairros marginais e deixaram de ser nítidas as diferenças de classe. E surgiram os grupos formados nos terraços, como o deles, o Kukina.

Chegou a casa. A mãe já dormia. O irmão mais velho tinha casado e arranhou outra casa, ali perto. A Alcinda também casou e mudou. Com a mãe só vivia ele, o caçula. O irmão e o cunhado comandavam agora as traineiras que a mãe comprou. Ela deixou de vender o peixe no passeio, agora só vendia por grosso para os comerciantes. E falava em comprar outro barco. Nascera para o negócio, apesar de quase analfabeta. Mas o seu orgulho nem eram as traineiras, era o curso superior do filho caçula, o Senhor Doutor.

Uli ouviu bater à porta e foi abrir, antes que o visitante insistisse e acordasse a velha. Afinal era Timóteo. A estas horas?

– Passei pelo ensaio mas já tinhas saído. Livrei-me agora dum doente e por isso vim. Tens alguma coisa que se beba?

Uli foi buscar duas cervejas geladas, assim está bem ou preferes uísque? Timóteo aprovou com a cabeça. Sentaram nas poltronas forradas de veludo azul, escolha da velha.

– No princípio da noite passei na casa da Lu. Depois tive de ver um gajo que está quase a baicar, enfim, vai se safar... E achei que te devia falar mesmo hoje.

– A Lu está pior?

– Não, acalma-te. Aquilo passa, não é grave. Mas sabes quem estava lá com ela? Tão entretidos que quase não deram por mim? O Afonso e a sua viola.

– E depois?

Timóteo bebeu grande parte da cerveja. Falou, medindo mais as palavras:

– Vou te falar como irmão e que se lixe se ficas chateado. Toda a gente sabe o que estás a sofrer por causa da Lu, a Marina até foi embora. Acabaste ou não com ela, isso já não conta, deixa-me falar. Hoje vi como te escondias

atrás dos outros, com medo de enfrentares a Lu. Nem lhe falaste, o que seria normal noutra altura qualquer. Não queres reconhecer que sofres, o problema é teu. Mas ela precisa de ti. De ti, principalmente. Precisa de alguém que a apoie. Se não fores tu, então será o Mabiala, ou o Jaime... ou eu! Escolha não lhe falta. Porra, decide-te.

Uli não gostou de saber Afonso na casa de Lu. Ela tinha o músico na máxima consideração, apesar de ser alcoólico e até há pouco tempo grande liambeiro. Podia, sim, acontecer. Mas não falou.

– Tu és um raio dum teimoso. Os gajos que falam pouco são sempre assim. E devo estar a perder o meu tempo contigo. Mas é por uma questão de honestidade. Acho que vocês se deviam entender, estão a esvair-se no chão um por causa do outro. Até que ela se desespere. Aí aparece outro. Depois ficas a roer as unhas. Toda a vida te vais culpar e não quero que isso suceda.

– Obrigado pelos sentimentos. Queres mais cerveja?

– Tuji, vai lá buscar.

Uli foi à cozinha tirar mais cerveja da geleira. Timóteo ficou a olhar um quadro que retratava os pescadores puxando as redes na Ilha. No mar se via um rinoceronte branco, Uli voltou e o médico disse:

– Esse quadro é novo aqui. Foi a velha que comprou?

– Não, fui eu, lhofereci no aniversário dela. É um Ole.

– Soberbo! Isso vale uma fortuna.

– Foi caro, sim, mas merece. E afinal a velha não apreciou tanto assim. Disse que disparate, nunca vi rinoceronte no mar, mas tem cores bonitas. Por que é que ele não pôs uma kianda no mar em vez do rinoceronte?

Riram, enquanto se serviam das cervejas geladas. Depois Timóteo voltou a ficar sério.

– Não tens nada para me dizer?

– Não. Estou a pensar.

– Pois pensa depressa, Uli. Não gostei nada do que vi lá na casa da Lu. É sempre assim que tudo começa, um amigo vai visitar, dá apoio, apoio, enfim... O que devia dar não aparece, arma em fino. Pumba, aconteceu!

– Não posso fazer nada.

– Podes, se meteres esse orgulho estúpido no cu.

– Não é orgulho.

– É quê então?

Uli mais uma vez não respondeu. Ficou olhando, pensativo, de cara fechada, para o copo de cerveja. Timóteo acabou com a bebida num trago longo.

– Vou embora. Pensa, mas age. Depois não digas que não tavisei. E pode dar-se mesmo o caso... Repara. Eu e a Júlia, isso já era, vou mesmo me divorciar, não dá mais. E a Lu sempre foi apetitosa. Sou o médico dela, lhe dou apoio... tudo pode acontecer. Nunca o faria se estivesse na jogada. Mas se saís dela, então tenho caminho aberto. Posso muito bem competir com os Mabialas. Depois não te queixes que o teu amigo te traiu. Mas um pedaço daqueles não pode ser atirado assim para o lixo. É caso de deontologia médica!

Deu uma gargalhada de despedida, bateu no ombro de Uli e saiu. O bailarino ficou a olhar o copo de cerveja. A mão tremia. O Afonso ainda estaria lá? Pensou num relance em pegar no carro e ir verificar. Merda, ciúmes ridículos! Bebeu tudo e ficou quieto, a sentir a cerveja percorrer o seu trajeto. Um rinoceronte branco no mar e não uma kianda. Não é a mesma coisa? Era, sim. O Mabiala podia visitar a Lu quantas vezes quisesse, ele tinha de ser forte e não entrar em pânico, embora a cabeça cortada de Katuya tivesse mesmo criado o pânico entre os Tubungo. Mas pânico maior foi criado pelos mujimbos que indicavam a saída do exército de Tchinguri do Luengue, a caminho de Mussumba. No fundo, os muatas sempre tiveram esperança que Tchinguri não ia ousar fazer a guerra. Agora se convenciam que não era ameaça vã. Apesar dos vem Tchinguri, para te cortarmos a cabeça, eles não tinham nenhuma vontade de se medirem contra ele, tinham terror daquele corpo pequeno e frenético que batia com os pés no chão quando o sangue lhe subia à cabeça.

Vieram quase em massa exigir da soberana a retirada imediata para o Kalanhi, aqui não temos defesa. Infelizmente a paliçada exigia mais trabalho que o previamente calculado e ainda não estava pronta. Vamos mesmo assim, lá acabamos a paliçada, pediam eles, todos nós trabalhamos. Lueji ouvia os Tubungo e se admirava. O que pode fazer o medo! Depois compreendeu as razões deles. Antes estavam a pensar que Tchinguri os ameaçava apenas, mas chegado o momento se viraria contra a rainha. Daí a resistência à mudança e as bazófras, mas sem tomarem medidas práticas de guerra. A cabeça de Katuya indicava a raiva de Tchinguri contra eles, raiva manifestada pelo fato de ela ser enviada ao pai, antes do ataque, para os

intimidar, para lhes mostrar era mesmo contra eles ia se virar a vingança do escorraçado.

Se Tchinguri quisesse apenas o trono e não a desforra, atacaria primeiro e só mais tarde daria a conhecer o destino de Katuya. O alvo primeiro eram os Tubungo, era essa a mensagem sangrenta de Tchinguri.

– Um erro tático – disse Kumbana. – Isso faz os Tubungo realmente se unirem contra Tchinguri, agora não têm alternativa.

– Sim – disse Lueji. – Vamos aproveitar e mudar definitivamente a Mussumba hoje mesmo. Eles virão todos atrás.

E foi mesmo assim. Mal a rainha e o seu séquito, carregando as últimas coisas e principalmente as mahambas dos antepassados, deixaram a capital, esta ficou praticamente deserta, filas e filas de gente vindo atrás. Também muata Kakele, trazendo embrulhada a cabeça do filho para poder ser chorado na nova Mussumba. Seria o primeiro. Ficaram apenas Kinzunzu, Nandonge, Ndonga, Kibondo, Kalanda e as suas famílias e serviçais, desaparecidos misteriosamente durante a noite, esperando a chegada de Tchinguri. Kakele ainda tentou virar contra eles a ira dos Tubungo, mas não foram encontrados e o medo acabou por triunfar, levando os muatas a esquecer os desertores, na ânsia de abandonarem a capital, agora maldita.

Nayole e Kandala iam nas liteiras, mas Lueji preferia marchar a pé, junto de Kumbana, como sempre. Por causa das liteiras, dos velhos e das crianças, das imbambas e dos cabritos e galinhas, levaram quase um dia para chegar. Exceto a vanguarda, caminhando a pé e sem peso, onde ia Lueji, que chegou ainda o Sol estava a meio da tarde.

Efetivamente, a paliçada não estava completa, faltava uma parte até ao rio Kalanhi. Kumbana calculou, precisariam ainda de dois dias. A menos que chamassem já o exército do kilombo para ajudar nos trabalhos.

– É isso mesmo, Kumbana, ordena o toque do leão.

Ainda os sons graves do mondo se ouviam em batidas rápidas e simples, já Lueji dizia:

– É preciso preparar muita resina para os archotes. Vamos trabalhar toda a noite.

– De noite, rainha?

– Tem de ser. Os homens de Kandumba vão chegar no princípio da noite. E as gentes da antiga Mussumba também. Mas ninguém vai dormir. Amanhã à noite a paliçada tem de estar pronta e o muro de terra também.

Tchinguri pode chegar no dia seguinte.

Pelas informações que tinham, Tchinguri podia muito bem chegar depois de amanhã, por isso Kumbana não insistiu. Começou a dar ordens para se apanhar resina das árvores e preparar centenas de archotes. Kakongo se encarregou de organizar a recepção dos fugitivos. Quis ir mostrar a Lueji a sua nova onganda, já construída, mas a rainha recusou, mais tarde, Kakongo, agora vai tratar da comida para essa gente toda que vem. Mas em primeiro lugar dos soldados de Kandumba, eles é que precisam de comer.

A paliçada ia ficar pronta a tempo, se trabalhassem de noite. Mas a maior preocupação de Kumbana era o fato de os soldados não terem podido treinar na paliçada, não poderem fazer reconhecimentos de terreno ao longo das margens, para imaginarem com tempo todas as defesas. Foram ver a forja de Kakoma e já havia muitas pontas de flechas feitas. Faltavam as hastes de madeira onde se fixariam as pontas de ferro e as penas para a direção da flecha.

– Já deviam estar prontas – disse Kumbana, irritado.

Kakoma limpou o suor da testa, fazendo sinais para não avançarem mais. Apesar de tio de Ndumba ua Tembo, Kakoma não era um homem velho, ou pelo menos não parecia. Alto e forte como o sobrinho, tinha no entanto a cara muito enrugada, devia ser por causa do calor do fogo, pensou Lueji. Só ele e os seus adjuntos podiam se aproximar da forja, senão os espíritos propiciadores iam se irritar e o ferro seria de má qualidade. Por isso recebeu a rainha à sombra duma árvore, onde estavam amontoadas as pontas de flecha. Daí para a frente ninguém passava.

– O meu trabalho está avançado, rainha. Salukunga mandou muito minério e de boa qualidade. E os espíritos do ferro estão contigo e o trabalho corre bem. Essas pontas são as mais resistentes e perfurantes que já fiz. O resto não sei, não é o meu trabalho.

– Mas as pontas sozinhas não servem para nada, Kakoma – disse Lueji.

– Os caçadores é que sabem escolher os bons paus para fazer as hastes e depois cortá-los bem direitinhos. Eu não sei fazer isso, nem ninguém me pediu. Sou ferreiro.

– Não te estamos a criticar, mais-velho – acalmou Kumbana. – A culpa é minha. Pensei nas pontas, esqueci o resto.

– Nem tinhas nada que pensar, Kumbana – disse Lueji. – Estavas em Mussumba e com outros problemas. Alguém aqui se devia ter lembrado,

para isso é que há muatas.

Lueji estava furiosa e o ferreiro Kakoma aprovou a escolha do seu sobrinho, sim, senhor, isso é uma mulher. Não vires é a tua fúria contra mim, nunca.

– De qualquer modo ainda há tempo – disse Kumbana. – Vamos destacar caçadores que não fazem mais nada senão preparar as flechas. Mais tarde os soldados podem ajudar.

– Os soldados têm muito que fazer. Logo que chegue muata Kakolo, vou encarregá-lo de dirigir este trabalho. Ele deve organizar um telheiro e orientar os caçadores, o máximo que houver. E tu, mais-velho Kakoma, funde todo o ferro que te for possível. Mesmo que pareça que já chega, continua a fundir. E também são precisas pontas de azagaias.

– Era o que ia fazer agora, rainha.

– Não precisas de mais ajudantes?

– Não, estes chegam. Muita gente só atrapalha. Estes rapazes já estão habituados comigo. Talvez só mais dois rapazes para os foles, é trabalho muito duro e devem se revezar.

Logo Kumbana deu as ordens para virem mais dois rapazes ajudar Kakoma. E foram ver os outros trabalhos.

Os ruídos chegavam de todos os lados, indicando a grande efervescência na nova Mussumba. Eram as machadadas nas árvores para cortar paus para a paliçada e para as casas, era o barulho dos pilões farinhando o massango para a refeição, os gritos das crianças que corriam, ajudando e brincando ao mesmo tempo, as falas gritadas das pessoas comandando. Os chefes de aldeia do Kalanhi estavam ali e orientavam a sua gente por equipas. Tinham limpo o terreno de arbustos e capim, só deixando as árvores. A rua principal estava traçada e dos dois lados se ergueriam as chipangas dos muatas que chegavam da antiga capital. A localização de cada chipanga tinha sido escolhida por Lueji, respeitando certas hierarquias vindas da tradição ou inventadas no momento por ela. Ainda não pensara na distribuição dos terrenos para as lavras, isso ficava para depois. Mas os chefes de aldeia tinham tido tempo de estudar bem o território e reservarem para ela as melhores terras. Se fossem demasiadas para as necessidades da sua casa, ela sempre podia distribuí-las pelos nobres que quisesse premiar mais tarde.

Antes que o Sol caísse de vez, Lueji mandou chamar os chefes de kimbo

da sua linhagem e lhes disse que tinham feito muito trabalho e em breve iam ser dispensados e voltar para as suas terras, pois não queria que Tchinguri os apanhasse todos lá com as mulheres e os filhos, mas tinha havido erros evidentes de organização, se preocuparam demais em preparar as comodidades para os cortesãos, até adiantaram o trabalho das casas, quando deviam ter acelerado a construção da paliçada, em tempo de guerra se dorme no chão e à luz das estrelas mas não sem proteção, que agora ia ser preciso trabalhar à noite na paliçada, tudo o resto era secundário, e também era preciso mobilizar todos os caçadores para prepararem as flechas, sob a direção de muata Kakolo, especialista na matéria e lhes agradecia todo o esforço, o trabalho e a comida gastos para defender o lukano e a culpa das falhas no fundo não era deles, era o problema da linhagem, Salukunga é que devia orientar toda a tarefa mas ele não podia andar e Chiloya, o seu irmão que ele mandou para o substituir, era incapaz de organizar qualquer coisa, a cabeça dele não regulava bem, o que aliás estava bem patente na reunião, pois Chiloya ouvia tudo o que ela dizia sobre ele e em vez de se ofender só ria, catando piolhos na cabeleira densa, e portanto não vos censuro pelas falhas mas vos felicito pelo grande trabalho, meus tios e primos, e sereis recompensados quando chegar o momento de se esquecer guerras e mortes e se pensar nas coisas agradáveis, mas agora vamos trabalhar toda a noite e por isso ordenem às mulheres para acumularem todos os restos de árvores, todos esses galhos partidos que estão nos bosques, para se fazerem archotes e fogueiras que iluminem o trabalho e também para nas noites seguintes iluminarem Mussumba de mil fogos, pois com Kandala ela ia fazer as cerimónias de sagrar a nova capital e colocar as mahambas dos antepassados e para isso era precisa muita luz, e nas noites seguintes também ia ser precisa muita lenha para queimar nas fogueiras de modo que Tchinguri, ao chegar, de muito longe visse as fogueiras de Mussumba a pintar de vermelho e laranja a noite e percebesse Mussumba era um Sol sempre a lhe fugir à frente.

Dali foram assistir à chegada do exército comandado por Kandumba, quatrocentos homens com arcos e azagaias, alguns com porrinhos e machados, todos com longos facões bem afiados. Os guerreiros entraram no território da Mussumba a cantar os feitos da rainha, batendo os pés com força ao ritmo dos ngomas. Toda a gente parou o trabalho para presenciar o espetáculo invulgar e bater palmas de alegria. As crianças corriam ao lado

dos combatentes, saltando e acompanhando as canções viris.

Kandumba e Kamexi vieram cumprimentar a rainha. Kamexi trazia as saudações de seu pai Salukunga e algumas informações. Uma das quais era o pedido de entrada no território por parte dum caçador luba com a sua gente, à procura de elefantes, muito numerosos naquela região. Salukunga tinha autorizado e os lubas deviam estar a chegar. Não te ocupes disso, rainha, o meu pai recebe-o e fala com ele, não trazem intenções agressivas. Lueji franziu a boca, desconfiava de tudo que vinha da Luba, mas Kandumba lhe desviou o pensamento ao mostrar insatisfação pelo atraso das fortificações.

– Por isso vos mandei chamar mais cedo. Vamos trabalhar mesmo à noite. A paliçada tem de ficar pronta amanhã. Mas primeiro vocês vão descansar e comer.

Os comandantes deram as ordens aos soldados, que se espalharam pelo rio Kalanhi a se lavar. Depois foi servida a refeição da noite, para os soldados primeiro, para toda a gente depois. A comida foi preparada toda junta e repartida por igual, com grande descontentamento dos muatas vindos da antiga capital, habituados a comer o que as suas mulheres cozinhavam só para as famílias. Mas a nova Mussumba era ainda apenas um kilombo e se regia pelos costumes dele: algumas mulheres eram destacadas para fazer a comida de todos. O resto trabalhava. E Lueji disse a Kakongo para explicar isso aos muatas e que tinha a intenção de manter as regras de kilombo enquanto durasse a guerra. Também ela preferia comida feita para poucos, o funje ficava bem batido e sem bolas de farinha, mas durante a guerra comeria a refeição comum.

Lueji jantou com Kumbana e os dois comandantes que chegaram do Kalanhi. E perguntou como estavam preparados os homens. Logo disse Kandumba:

– São corajosos e têm vontade de lutar. Mas o treino é pouco demais. Ultimamente treinámos mais a atirar ao arco, vai ser a principal arma, pelo menos no princípio. No corpo a corpo, Tchinguri leva grande vantagem.

– E são hábeis no arco? – perguntou Lueji.

– Assim assim. Alguns já tinham prática de caçadores, esses atiram bem. Mas não são numerosos.

A maior parte dos lundas caçava com armadilhas, raramente utilizavam os arcos, esse era o problema. E eram muito mais pescadores que caçadores.

– Juntámos os que atiram melhor em dois grupos, o grupo do leão e o do elefante. Cada grupo tem quarenta homens. Um vai ficar de permanência na paliçada, o outro de reserva para o caso de Tchinguri tentar atravessar por um dos rios. Os restantes oito grupos servem de apoio. Também atiram as flechas mas acertam menos.

– Então temos dez grupos ao todo.

– Sim e cada um tem o seu nome. Cada grupo é comandado por um chefe. Quatro grupos e o do leão são comandados por mim. Os outros quatro e o do elefante são comandados pelo Kamexi. Assim estamos organizados.

– Quarenta homens para um chefe é demais – acrescentou Kumbana. – Mas foi o que conseguimos. Tivemos pouco tempo para formar chefes.

– E os soldados que vieram de Mussumba? – perguntou por sua vez Kandumba.

– Kumbana vai comandá-los – disse Lueji. – Há a minha guarda e mais as dos Tubungo. Ao todo são agora uns trezentos homens. Podemos mobilizar mais gente, mas sem treino nenhum.

– É melhor não, rainha – disse Kandumba. – Gente sem treino só atrapalha. Kumbana deve organizar bem esses trezentos. Vão ser a força de reserva, sobretudo se o inimigo conseguir penetrar na Mussumba. A tua guarda sobretudo será fundamental, pois está muito treinada para o corpo a corpo.

Acabaram de comer e tudo tinha sido dito. Lueji foi ver como Kandala estava instalado, no morro isolado a noroeste do território. Amanhã a minha família vai construir as habitações, estou bem, rainha. O morro ficava muito perto do rio Cajidixi, de dia se via a água lá embaixo.

– Obrigado pela visita, Lueji, mas não devias ter vindo. À noite esse morro é perigoso de descer e ainda não há caminho.

Mas ela e o seu pequeno séquito desceram facilmente, pois tinham levado archotes. Antes de se despedir, tinha combinado com Kandala as cerimónias para propiciarem os favores dos espíritos à nova Mussumba. Agora tinha de decidir onde colocar as mahambas dos antepassados. No rio Kalanhi, naturalmente.

No caminho lembrou a conversa que teve com a mãe de Tchinguri, antes de sair da antiga capital. Foi lá saber se ela vinha. A mulher pediu para ficar à espera do filho. Lueji propôs então que ela partisse para as terras de Chinyama, sempre ficaria longe das complicações e ao lado dum dos filhos.

A muari de Kondi olhou-a com raiva, o meu filho é Tchinguri e vou esperar por ele. Pobre Chinyama, pensou Lueji, nem a mãe o quer, o outro sempre foi o preferido. Nos olhos que a velha lhe deitou Lueji leu o ódio visceral. Tenho de pedir a Kandala proteção contra o mau olhado, tanta raiva pode provocar um feitiço forte. Estremeceu e tentou mudar de pensamento.

Toda a gente tinha acabado de comer e se ouviam já as machadadas nos troncos das árvores. Luzes de archotes cruzavam os bosques, pareciam pirilampos enormes a iluminar oma-kisi, os monstros do Sul comedores de gente. As pessoas andavam sempre em grupo à noite, com medo das feras mas sobretudo do chieye, essas fosforescências aterrorizadoras que pairavam pouco acima do solo, pela putrefação da matéria orgânica. Se por vezes se ouviam gritos e o restolhar de pés correndo em todas as direções e de corpos se pancando contra os paus, era porque tinha aparecido o chieye. Lueji sorriu a uma lembrança. Em toda a Lunda apenas duas pessoas não tinham medo do chieye, ela e Tchinguri. Por causa do Tchinguri, claro. Sendo crianças, fugiam como os outros quando o fogo-fátuo surgia. Mas um dia Tchinguri, já depois da mukanda, se pôs a pensar, a ter raiva de sentir medo de algo desconhecido. Um homem mau, se podia explicar o medo que ele provocava; um feiticeiro também, quem não conhece o perigo do feitiço? Mas uma aparição dessas, por que o medo? Sem nada dizer, Tchinguri ia à noite para os bosques, armado com a sua azagaia, procurar o chieye. E encontrou-o uma noite. Resistiu ao terror que o assolou, em vez de fugir ficou parado, tremendo parecia tinha febre, a olhar para o inimigo. Se és homem, avança! A voz não lhe saiu tão firme como pretendia. O chieye não se moveu, ficou pairando acima do chão, como uma fumaça brilhante que não subia. Tchinguri deu dois passos para a aparição. Apesar do medo, lhe pareceu que o chieye recuava. Deu mais uns passos e o cazumbi ou lá o que era não o atacou. Gritou de novo e ele não se moveu. Se és um espírito, vem, ataca-me, eu sou Tchinguri e supero o medo. Mas o fantasma pairava apenas, sem forma definida, um vaporzinho a sair dum grande panelão? O rapaz avançou mais e o chieye desapareceu. Andou por todo o bosque mas não o encontrou. Ao voltar ao mesmo sítio onde o vira, lá estava de novo o chieye. Tchinguri, já sem medo, deu uns passos na sua direção e a visão desapareceu. Voltou a Mussumba, perturbado. Contou a aventura a Lueji, amanhã te levo lá para veres. Ela tinha muito medo, mas podia resistir a um convite do irmão para uma aventura? Na noite seguinte,

saíram os dois quando na onganda real todos dormiam. Mas antes Tchinguri tinha preparado um archote e o material para o acender. Foram com o archote apagado, se o chieye vê luz vai fugir antes do tempo e não o descobrimos, disse o irmão. Foram ao mesmo sítio onde ele estivera ontem e lá estava o chieye. A primeira reação de Lueji foi dar meia volta e correr. Mas só deu uns passos de fuga e logo se envergonhou, tinha deixado Tchinguri sozinho. Vem, não tenhas medo, lhe gritou ele, o chieye não faz mal. Se encheu de coragem, se chegou ao irmão. Deram dois passos para a frente, vês? Ele nem se mexe. Não fales, disse ela, se pode zangar. Nada! Afinal pareces o Chinyama. Ela não gostou da comparação mas calou. Deram mais uns passos, ele lhe segurando na mão. O chieye não se moveu. Avançaram mais e a visão sumiu. Estás a ver? Quando ficamos perto ele desaparece. Vou acender o archote. Demorou muito tempo até conseguir fazer surgir uma chamazinha entre os dois pauzinhos especiais que friccionava. Com ela pegou fogo ao archote. A noite se iluminou e Lueji deixou de ter medo. Que procuras? perguntou ela, vendo-o olhar atentamente para o chão. Não sei, qualquer coisa. E acabaram por descobrir, entre folhas e restos de troncos carcomidos, os ossos dum animal grande. Deve ser uma palanca, disse Tchinguri. Era o espírito da palanca? perguntou Lueji. Pode ser, disse ele. E o espírito duma palanca não é perigoso, ainda se fosse dum leão... Mais vezes repetiram a experiência e sempre encontravam os ossos ou restos de animais perto. Uma noite viram um chieye maior, bem mais afastado de Mussumba, e ali perto estava uma ossada de elefante. Vês, Lueji, este é maior porque é um espírito de elefante. Os chieyes são mesmo os espíritos dos animais, as pessoas têm medo porque são estúpidas. Por mais que contassem aos quatro ventos, ninguém lhes acreditava. Nem Kondi, nem as mães, nem os amigos. E nunca ninguém aceitava ir com eles testar a experiência. E Kondi, agastado e temeroso, proibiu-os de sair à noite, não têm nada que provocar o chieye. Tchinguri insistiu e Kondi castigou-o. Depois desapareceu a novidade e se interessaram por outras coisas.

Agora ela era rainha e podia dizer, o chieye não faz mal, é apenas um espírito de animal. Ouviam-na mas não acreditavam. E iam pensar a rainha ficou completamente maluca. Deixá-los com esses medos, apesar de isso perturbar o trabalho noturno. Esse Tchinguri sempre foi assim, nada que o assustava. E fazia descobertas em que ninguém podia acreditar. Por isso o

perseguiam, diziam nele morava um espírito maligno. Outros diziam ele era maluco, pois tinha dormido com a mulher dum tio, o pior dos crimes, apesar de ter jurado na mukanda nunca o fazer, com riscos de morrer ou enlouquecer. Um chieye morava em Tchinguri? Chieye de quem?

A luz das fogueiras, demarcando a zona limpa onde dormiam as crianças e os velhos, fê-la mudar de pensamentos. Devia ir ver se Kakolo já tinha organizado as pessoas para fabricarem as hastes das flechas. Iam faltar penas para tantas flechas. Daria tempo para se fazer uma caçada às capotas, espécies de galinhas pretas com pintas brancas, as quais forneciam as melhores penas para flechas? De dia ela tinha ouvido o grasnar incomodativo de capotas, deviam andar por perto. Se dirigiu à forja de Kakoma.

Kumbana também tinha tido a mesma ideia que ela, pois lá estava a falar com Kakoma e muata Kakolo. Num telheiro improvisado trabalhavam cerca de vinte homens, caçadores especialistas em fabricar flechas. Cortavam os paus com as facas, apontando-os para a luz das fogueiras, para ver se eram direitos. Depois tinham de os talhar minuciosamente. Era muito trabalho para tão pouca gente.

– Vão te faltar pessoas, Kakolo – disse Lueji.

– Sim. Mas amanhã Kandumba vai me dispensar o grupo do leão para esse trabalho.

– E penas? Hoje ouvi capotas. Vai ser preciso caçá-las.

– Sim, rainha. Mas qualquer pena de pássaro grande serve. Vamos pôr as crianças a caçá-los.

Lueji nunca gostara de Kakolo e sempre o mantinha a distância. Não porque fosse o sogro de Tchinguri, aliás as relações entre sogro e genro eram as piores. Mas era um velho arrogante e sempre falava de maneira a troçar das pessoas. Se sentia superior a todos? Não havia razão. Apoiava as pretensões de Ndumba ua Tembo, talvez para irritar o genro. Mas não fora contra o casamento de Tchinguri com a filha dele, talvez por ser uma grande aliança com Kondi. Isso revelava ambição e ambiguidade, além do seu aparente desprezo pelos outros. Mas era um aliado e Lueji não tinha motivo de o hostilizar. É preciso apenas utilizá-lo bem, é tudo. E que se sinta superior a mim, deixa!

– As melhores são sem dúvida as de capota – disse Kumbana. – Mas as de aves grandes também servem. Sobretudo as das asas, que fazem as flechas

voar mais.

– E as do rabo para darem boa direção – acrescentou Kakolo com os olhinhos a piscar de malícia. – Isso até as crianças sabem.

Kumbana deixou a indelicadeza sem resposta. Mas Lueji não gostou e um dia havia de pôr o muata Kakolo na linha, quando fosse o momento. No sítio escondido da forja se via apenas homens a trabalhar, iluminados pelas fogueiras. Chamaram Kakoma para ver qualquer coisa e a rainha aproveitou para se afastar. Kumbana acompanhou-a. Ela perguntou:

– Como vai o trabalho da paliçada?

– Vim de lá agora. Está a ir muito mais depressa.

– Fica pronta amanhã?

– Fica. E já se começou a juntar terra para o muro. De dia fica tudo pronto.

Kandumba e Kamexi faziam reconhecimento às margens dos dois rios, escolhendo os sítios para os postos de observação. Lueji e Kumbana acabaram por os encontrar na margem do Kalanhi.

– Já vimos todo o curso do Cajidixi. Agora estamos a ver este. Por aqui eles não atacam.

– Por que tanta certeza, Kamexi? – perguntou Lueji.

– As águas correm muito depressa, só pequenas canoas podem atravessar. E eles não podem transportar um exército em pequenas canoas, rainha. Se tentarem, será pelo Cajidixi, é mais pequeno e mais calmo.

– De qualquer maneira vamos colocar aqui postos de observação – disse Kandumba. – Mas o grupo do elefante vai ficar mais perto do Cajidixi.

– Não acredito que no princípio atravessem qualquer dos rios – disse Kumbana. – Têm de fazer muitas canoas e isso leva muito tempo. E têm de as construir longe da margem, para não vermos o sítio onde elas estão. Se ouvirmos cortar muitas árvores num local, sabemos logo que é ali que estão a fazer as canoas e temos tempo de reforçar a defesa nessa zona. O grupo do elefante deve ficar de reserva, sim, mas perto da paliçada. É aí que ele vai ser necessário primeiro.

Kandumba era mais ousado e tinha mais experiência de guerra. Mas respeitava muito o irmão mais velho que falava pouco mas sempre coisas importantes. Refletiu antes de dizer:

– Talvez Kumbana tenha razão. Primeiro eles vão atacar a paliçada. Se forem travados, então vão pensar noutra maneira de penetrar. E tentam

passar o Cajidixi. Mas vai demorar.

– Primeiro atacam a paliçada, parece todos temos certeza disso – falou a rainha. – Mas depois podem fazer uma coisa. Continuar a atacar a paliçada, para nos fixar a atenção, enquanto fazem as canoas longe, mas no próprio Cajidixi. E descem com o rio até perto da paliçada. Aí desembarcam e levam as canoas aos ombros, pela margem de lá, até ao ponto onde decidam atravessar, longe das nossas defesas. Não dá?

– Dá, claro – disse Kandumba. – Pensando bem, era o que eu fazia.

– Se tiverem tempo – disse Kumbana. – Mas entretanto já o exército do exterior os ataca por trás.

– Se chegar rápido – disse Lueji. – Quanto tempo precisam para fazer as canoas?

Nenhum respondeu logo. Faziam contas. Era preciso cortar uma árvore grande, limpar o tronco de todos os galhos e depois escavar o interior, com machados e com fogo. Dependia do número de pessoas a trabalhar e de outros fatores.

– Dois, três dias? – arriscou Kandumba.

– Mais – disse Kamexi.

– Mais, sim – disse Kumbana. – Quatro, no máximo cinco dias.

– Então o exército de Ndumba não chega a tempo – concluiu Lueji. – Devemos contar com um ataque pelo rio. E não podem fazer jangadas, que é mais rápido? Quatro troncos amarrados juntos e pronto.

– Não, rainha – respondeu Kamexi. – Nenhuma jangada pode atravessar o Cajidixi. É impossível governar uma jangada com essa corrente toda e os rápidos. Só a canoa passa. Aí tenho a certeza. Muitas vezes tentámos atravessar os afluentes do Kalanhi com jangada, era nossa brincadeira quando crianças. Nunca deu.

– Kamexi tem razão – disse Kumbana. – Vão fazer canoas. Nos primeiros dias de combate, escusamos de nos preocupar. Mas passados três dias, temos de reforçar a vigilância no rio, mesmo se não ouvirmos cortar troncos.

– Então nos primeiros dias o grupo do elefante fica perto da paliçada – decidiu Lueji.

A Lua estava no quarto crescente e iluminava fracamente o rio. Subiram os quatro a correnteza até ao sítio onde ia chegar a paliçada. Já ali havia gente a cavar os buracos onde iam ser fixados os troncos. Era realmente um

trabalho gigantesco, pois a paliçada tinha mais de um quilómetro de extensão. Quantas árvores seriam derrubadas? Um dia vou contá-las, pensou Lueji. Uma floresta tinha sido quase toda arrasada, só ficaram os cepos no chão. E continuavam a cortar.

– Uma coisa que devemos fazer é cavar fossos – lembrou Kumbana. – Armadilhas.

– Também pensei nisso – disse Kandumba. – O problema é falta de gente para cavar os fossos. Só depois de terminada a paliçada. Se tivermos tempo...

Pelo silêncio que se seguiu, ninguém acreditava nessa possibilidade. Lueji e os três parentes andaram durante toda a noite a visitar os locais de trabalho. Ela bem sabia, as pessoas trabalhavam com mais vontade se viam a soberana ali, ao pé deles, sem dormir também. Todos trabalhavam, e o trabalho dela era aquele, andar por ali a ver as obras para aumentar com a sua presença o ritmo das operações. Quando o Sol começou a pintar o céu de um ligeiro fulgor, mandou chamar Kandala.

Foram então os dois fazer as preces aos antepassados para protegerem a nova Mussumba. Escolheram um sítio perto do Kalanhi, o berço da Lunda. Fizeram uma fogueira e aí procederam ao ritual complicado de invocação dos espíritos, com preces, cânticos e gestos, os dois pintados de branco pela pemba. Já o Sol tinha nascido quando terminaram a primeira parte. Vinha o mais importante, a implantação das mahambas dos antepassados, que geralmente eram paus toscos, com uma parte saliente em cima, semelhando cabeças. Alguns eram muito antigos, meio carcomidos pelo salalé. Eram os mais valiosos, cheios de força.

– Escolheste o sítio, rainha? – perguntou Kandala.

– Dentro da minha onganda. Eu mesma tratarei das mahambas.

Kandala não respondeu logo, atónito. Depois sacudiu a cabeça de velho. As mahambas ficavam sempre em sítios públicos, espalhadas pela Mussumba. Assim era de tradição. Mas o soberano podia decidir da sua colocação onde achasse melhor, a tradição podia ser torcida. Havendo uma razão.

– Podes fazer isso. Mas por quê? Isso não compreendo.

– Se estiverem dentro da minha onganda, eu posso protegê-las melhor. E a Lunda vive dias difíceis, as mahambas têm de ser bem tratadas. Por isso a rainha da Lunda vai se ocupar pessoalmente delas. És contra?

– Não, não sou contra. Mas é uma coisa tão nova...

– A situação exige coisas novas, Kandala.

O velho ficou calado, olhando para Lueji. Em tão pouco tempo ela mudara. Estava mais firme, desaparecida a rapariga assustada com o seu destino. Se tinha dúvidas e angústias, nada transparecia no seu rosto, nas suas palavras. Era possível tal transformação? Só por causa dum grande sofrimento...

– Lueji, as pessoas sempre querem falar com as mahambas, pedir-lhes proteção.

– E poderão fazê-lo. Antes de irem para a caça, os caçadores me pedem licença para ir falar com as mahambas e eu deixarei. Quando faltar peixe nos rios e os pescadores precisarem de falar com elas, eu autorizo. E para os outros casos também. Se pode fazer uma entrada especial para eles irem diretamente até ao sítio das mahambas. Kumbana trata disso depois.

– Mas terão de te pedir licença...

– Claro. Ninguém entra na onganda da rainha sem autorização dela, é claro.

De repente, uma luz perpassou rápida nos olhos de Kandala. Tinha compreendido.

– Isso te dá mais poder, Lueji. É isso?

– A rainha da Lunda precisa de muita força para defender o lukano, como quer Kondi.

– Os Tubungo não vão gostar.

– Talvez. Eles nunca gostam de coisas novas. Mas é do interesse dos Tubungo que a rainha tenha poder suficiente para lutar contra Tchinguri.

– Só contra Tchinguri?

– Por enquanto, é ele o inimigo, não é?

Não acrescentou, mas tinha a certeza que o irmão faria algo semelhante se tomasse o poder, para o reforçar. Ou então não conhecia bem as ideias dele sobre o poder de Estado. Tinha pensado nesse problema toda a noite, quando andava para cima e para baixo, onde colocar as mahambas? E a ideia surgiu ao pensar em Tchinguri. Depois mandaria construir uma anza, um cercado de paus altos, para proteger os objetos sagrados. E havia de colocar lá dentro cágados e jiboias, os guardiães dos espíritos dos antepassados e por isso os animais mais sábios e prudentes. E nomearia um cabila, porteiro encarregado de não deixar entrar ninguém sem autorização

dela, o qual também cuidaria das mahambas, para não serem comidas pelo salalé. Se quisesse desmoralizar algum Tubungo, bastava recusar a autorização de falar com as mahambas, pois a sua presença conspurcaria os espíritos. Esse Tubungo perdia a proteção delas e por isso a força que pudesse ter adquirido. Não era uma ideia estilo Tchinguri? Sedutora, sem dúvida.

– Faz como quiseses, Lueji. Vamos então.

Kandala seguiu a rainha para a sua onganda, em silêncio. O que reforçava o poder dela reforçava o próprio poder da linhagem comum. No entanto, a reação dos Tubungo podia ser violenta. Não agora, em guerra tudo se aceitava. Mas depois. Depois talvez já fosse tarde para reagirem e era com isso que ela contava certamente. Miúda esperta como só ela, pasmou o adivinho. Não a queria ter como adversário.

Lueji indicou o sítio, na parte da onganda mais próxima do rio Kalanhi. Os carregadores trouxeram as mahambas e ela própria as fixou no chão. Depois todos se retiraram e a rainha ficou a invocar os espíritos e a lhes pedir proteção para a nova Mussumba, cantando e dançando ritualmente.

Terminada a cerimónia, foi se lavar no rio, numa zona reservada para ela. E entrou pela primeira vez na sua nova casa para beber o ndoka que Nayole tinha preparado.

Foi pouco depois que se começaram a ouvir os gritos.

Toda a gente parou o trabalho na paliçada, nas matas, no interior da Mussumba, para escutar o homem que corria a gritar, Tchinguri ataca as terras de muata Kakele, Tchinguri ataca as terras de muata Kakele. Parou extenuado à frente da onganda real e Lueji saiu de casa para ir ter com ele. Era um emissário que andou todo o dia e toda a noite para trazer o mujimbo à nova Mussumba. Muata Kakele apareceu logo a correr, que se passa nas minhas terras, que se passa nas minhas terras? E o homem então contou à frente de Lueji e de Kakele e de toda a gente que se ia chegando, Tchinguri afinal desviou o caminho, não chegou a entrar na antiga Mussumba, subiu para o Norte e caiu em cheio sobre o território do Tubungo. Ele foi despachado logo pelo filho de Kakele para vir avisar, mas teve tempo ainda de ver o exército invasor, centenas e centenas e centenas, não dava para contar, todos pintados de vermelho de tacula, arrasando os kimbo e incendiando as casas e os celeiros, aprisionando mulheres e crianças, matando os velhos e os homens feitos, só queriam mulheres novas e

crianças e jovens dos dois sexos, os quais eram logo enviados para trás, em direção do Luengue, mais a comida retirada dos celeiros. Kakele gritava e rebolava no chão, perdi todos os meus, perdi as minhas terras, as minhas searas e as reservas de comida, perdi tudo, rainha, o teu irmão me desgraçou, por quê, por quê?

O mesmo se perguntava Lueji, calada. Era a vingança tão prometida de Tchinguri? Sim, isso estava claro, mas por que atacar primeiro as terras de Kakele e não Mussumba? Por que perder tempo com esse desvio para norte? Afinal Tchinguri estava mais avançado do que eles contavam, pois se tinha podido entrar no território de Kakele ontem pela manhã, também podia ter chegado ontem mesmo à nova Mussumba. Como conseguira o irmão evitar os mujimbos do seu real avanço, deixá-los a pensar que estava ainda a dois dias de marcha, com todas as informações a correrem nesse sentido, quando afinal estava às portas da antiga capital ao mandar entregar a cabeça sanguinolenta de Katuya? Fazendo correr mujimbos falsos, é evidente. Mas como? Só mistérios.

Tentou fazer parar as lamentações de Kakele e lhe disse vamos discutir com os comandantes. Mandou chamar Kandumba e Kamexi e entrou em casa, para refletir sozinha.

Nayole olhava para ela, estarecida, que vai ser de nós, mas que vai ser de nós, minha filha?

– Calma, mãe, acho que Tchinguri fez um erro fatal. O ódio está a cegá-lo.

Nayole não acreditou nela. Tremia. Mas não respondeu. Saiu para ir buscar mais ndoka, foi tudo que conseguiu inventar. Lueji ficou só, analisando o erro de Tchinguri, que lhes dava mais tempo. O irmão precisava de uns dois dias para tomar todo o território de Kakele e mais dois pelo menos para chegar à nova Mussumba. Tinham assim tempo de terminar as fortificações e até treinar um pouco o exército no terreno das operações. Tchinguri era assim tão estúpido que perseguisse primeiro a vingança para perder o poder?

E se não fosse um erro? E se fosse uma estratégia sábia de um grande comandante? O pressentimento veio e com ele uma grande angústia. Se Tchinguri soubesse os planos dela? Sabia de certeza. Foi revelado no Conselho que deviam retirar para o Kalanhi e aí fazer uma paliçada. Ele sabia quais os efetivos dela. E pode ter percebido que não tinha forças

suficientes para tomar Mussumba assim fortificada. No Conselho foi nomeado Ndumba ua Tembo para organizar o exército exterior e atacar por trás. Tudo isso Tchinguri sabia, pois os seus amigos estavam no Conselho e de certeza lhe enviaram imediatamente uma mensagem. Se Tchinguri achasse que realmente a estratégia dela era inteligente e ele não teria forças para resistir, ia cair na armadilha? Não, ele era esperto. Então? Fingia vir a direito contra a Mussumba e depois atacava, um a um, os territórios dos seus inimigos. Kakele primeiro, depois Kakolo, depois Sambunje, se afastando sempre da nova Mussumba, para finalmente cair sobre o seu principal rival, Ndumba ua Tembo. Este, mesmo reforçado com os homens dos outros Tubungo, dificilmente podia resistir a um exército bem treinado e com tanta experiência depois dos pequenos combates contra Kakele e os outros. Kakaya facilmente juntaria o seu exército ao de Tchinguri, mesmo com toda a persuasão de Kanyika, se Ndumba ua Tembo fosse derrotado. Até esqueceria o espírito de Kondi. Nesse momento, Tchinguri podia marchar calmamente contra o Kalanhi, ocupava as terras da linhagem de Salukunga e a nova Mussumba estava cercada, isolada, sem fontes de abastecimento exterior. Mesmo se resistisse aos ataques, não podia resistir à fome, logo que acabassem as provisões. Teria de se render. Era esse, só podia ser esse o plano de Tchinguri. E sem contar com Chinyama que, a qualquer momento, reforçaria o irmão, vendo que não tinha alternativa. Chinyama faria jurar a Tchinguri que a vida de Lueji seria poupada e tratada como a irmã do rei e pronto, embarcava na canoa do vencedor.

Uma grande lassidão tomou conta do espírito de Lueji. Tchinguri era o mais inteligente de todos, o lukano estava perdido. Ia lutar, sim, ia cumprir a promessa feita a Kondi. Mas desesperadamente, conhecendo o resultado final da guerra. E sem poder evitar a inútil carnificina dos seus fiéis. No fim de contas, talvez o lukano estivesse melhor no braço de Tchinguri.

A lassidão, no entanto, tinha abandonado Lu, estimulada pela visita de Mabilia. Tinha conseguido se levantar sozinha para as lavagens matinais, até quis ajudar Olga na preparação do mata-bicho. Esta é que não deixou, onde já se viu?, vai masé para a cama. Ela obedeceu e pela primeira vez se sentiu bem. Livre de ensaios, e de aulas e espetáculos, todo o tempo para pensar. Pegou no caderno de apontamentos, foi pondo ordem nas ideias. Afonso levou as cassetes gravadas com a fala dela, logo ia aparecer para continuarem, talvez trouxesse já mais trechos musicais. Isso é uma ópera,

disse ele à despedida, tem de ser uma ópera de duas horas. Ópera? Isso mesmo, o bailado decorre enquanto há música de orquestra, depois só tambores, depois só marimbas e também canções ligadas às cenas. E silêncios, disse Lu. Também silêncios, concordou ele, o silêncio sempre foi o elemento mais importante da música. Mas não ponhas instrumentos estrangeiros, Afonso, utiliza só os nossos. É um desafio.

Agora ela tinha de resolver o problema da guerra para a contar logo a Afonso Mabiala. Não entendia nada disso, era um ser crescido na guerra e por isso só prezava a paz. Mas tinha de ser. Herculano, esse historiador mujimbeiro, podia ajudar, tinha obrigação de conhecer estratégias e táticas, passadas e presentes, não era isso que estudava? Herculano não tinha imaginação, se desiludiu ela. Vai só se preocupar com verosimilhanças e possibilidades históricas, forças sociais abstratas, e vai esquecer o homem que modifica tudo. Tinha de ser alguém com experiência militar e com imaginação, mas quem? De repente, lembrou o general Bit-Bit, era o homem ideal, veterano da luta pela independência e depois das lutas todas que se seguiram, com esse nome de guerra porque começara nas comunicações militares nos tempos da guerrilha. Bit-Bit já estava reformado, tinha pois todo o tempo. E sinteressava pela dança, um filho dele chegou a ser colega de Lu mas mais tarde desviou para o desporto. E o general não recusaria passar uns momentos com uma jovem bonita, mesmo que fosse só para falar de guerra. Ela bem notava os olhares concupiscentes dele a contrastarem com as gargalhadas terremóticas que lançava. E imaginação não lhe faltava, era capaz de analisar em segundos qualquer situação e dar uma opinião. Muitas vezes errada, mas isso não tinha importância nenhuma. Se decidiu por Bit-Bit, gritou a chamar Olga, a qual já ia sair para o ensaio matinal.

– Telefona para este número, para o general Bit-Bit. Diz que estou neste estado, não me posso mexer, mas preciso muito de falar com ele. Se ele puder vir hoje, seria ótimo.

– Não sei se tenho coragem...

– Qué que tem? É um general, está bem, mas é meu amigo e não se vai chatear. Se considera um Mecenas das artes. Não te ofereceu já flores depois dum espetáculo? Faz isso a todos.

– Sim, rosas de porcelana, lembro-me.

Olga sempre fora muito acanhada, apesar de bailarina. No palco, e só aí,

se desinibia. Lu insistiu:

– Diz-lhe que preciso de ajuda para um bailado, só ele pode dar uns conselhos. Vais ver, dá uma gargalhada, faz umas perguntas a tentar saber detalhes, tu aí dizes que só conheces o recado que pedi para lhe transmitir, lhe dás o endereço. Ele vem.

– E se eu pedir ao Jaime para telefonar?

– Pode ser. Quero é que ele venha cá. E deixa a porta só no trinco para ele poder entrar.

Olga saiu, mais aliviada por não ter de telefonar ela própria, já viram, telefonar a um senhor general? O Jaime era mais despachado e faria isso. Lu ficou entregue ao seu caderno de apontamentos, onde se misturavam frases e desenhos. Esqueceu o inchaço da anca, o qual aliás diminuía muito, esqueceu o espírito que a perseguia, a frustração de não participar nos próximos espetáculos apesar de improvisados, e sembrenhou em sonhos de movimentos, Uli sim, estava presente, em cada linha que desenhava.

Mais tarde, por curiosidade, procurei o general Bit-Bit e ele concordou que ajudara Lu. Conhecíamos-nos de há muito tempo, quem não se conhece em certos meios? Me puxou logo por um braço, mas que interesse o teu, acho estranho. Não lhe dei detalhes mas ele lançou uma gargalhada das suas, metade de Luanda queria ter essa bailarina, eu é que já estou velho, as guerras deram cabo de mim. Eu fiz as guerras e vocês aproveitam escrever sobre elas e até aproveitam para apanhar aquilo que já está alto demais para mim, como a Lu, é assim a vida. Não expliquei mesmo ao general o meu interesse, ficasse na sua e mais com a sua raiva. Nunca fiz guerra nenhuma, mas apoiei por trás. Na altura da luta pela independência, não perdia um programa da rádio clandestina e passava os mujimbos aos amigos. Arriscava a liberdade. Isso era ser militante naqueles tempos. Outros fizeram bem menos e hoje até memórias já escreveram, por isso vão ficar na História como grandes patriotas. O Bit-Bit tinha de engolir tudo, se contentar em enviar rosas de porcelana para o palco e inventar possíveis estratégias militares para uso artístico dos outros. Alguma vez houve justiça neste Mundo? O Mundo sempre foi dos vivaços, já os filósofos antigos o sabiam.

Os comandantes entraram na casa de Lueji e com eles Kakele. A rainha mandou chamar também Kakolo, que chegou mais tarde, mas ainda a tempo de ouvir a estratégia que ela imaginava ser a de Tchinguri. Kakele foi o primeiro a contestar, Lueji estava a sonhar, isso era um disparate porque Tchinguri, apesar de ser dominado por espíritos malignos, talvez os dos Uanda, esses selvagens das matas do Norte que cobrem as partes com as peles das barrigas por não conhecerem a maneira de fazer tecidos das fibras das palmeiras ou das mulembas, tinha muitas noções militares, não tantas como as dele, Kakele, grande general dos tempos anteriores, mas as suficientes para não cometer o erro de inventar uma estratégia nova nunca antes experimentada, isso eram sonhos de rapariga jovem que nunca vira uma guerra, o que Lueji tomou como uma ofensa perdoável, dado o estado de desespero do velho conselheiro, hoje ele poderia dizer tudo e ninguém lhe levaria a mal, os seus haveres e a sua gente estavam a ser engolidos por Tchinguri, desgraça que justificava todos os desmandos verbais, só não podia era subestimar a inteligência do irmão dela e a sua ousadia também, capaz de o fazer imaginar coisas nunca dantes vistas apenas para surpreender os inimigos, mas ora, rainha, deixa de delírios, ele atacou as minhas terras por raiva contra mim pois sempre me opus a ele, sabe que agora não tenho força nenhuma, sou um velho sem terras nem gente e ninguém mais vai ouvir os meus conselhos, e agora sim, ele vai se virar contra a nova Mussumba, contra ti, e vai tentar apanhar o lukano nem que para tanto te corte o braço direito, o que causou um arrepio em todos os presentes, mesmo em Kandumba, o guerreiro sem medo, mas este nada disse, ficou só olhando a rainha, contemplando as escarificações na barriga dela que tremiam quando falava e faziam adivinhar a força escondida daquele sexo tapado pela pele de mbambi, nem Kumbana falou, estudando as palavras proferidas, nem Kamexi que também mirava a beleza perturbada da rainha, parecia ainda mais jovem com a inquietação de não conseguir

convencer Kakele, e afinal foi Kakolo que tomou a palavra, primeiro rindo superior, muata Kakele tem toda a razão, ideia mais disparatada que Tchinguri depois vai atacar o meu território, que ganha ele com isso se lá apenas encontra gente e searas não maduras, o que lhe interessa é o lukano e ele está aqui na nova Mussumba, amanhã ele avança para cá mas então já será tarde, a paliçada fica pronta hoje e os meus homens estão a preparar milhares de flechas que cairão como uma nuvem sobre ele e reduzirão a pó o célebre e tão dançado exército real de Tchinguri, o rei dos cazumbis que só mete medo a meninos e a raparigas românticas e isso já era uma ofensa inadmissível, Kakolo não tinha ainda a desculpa de tudo ter perdido, por isso Lueji se levantou num ímpeto, se essa é para mim ponho-o imediatamente fora da minha casa, calma, calma, rainha, cortou Kumbana, certamente muata Kakolo não se referia a ti mas sim a crianças assustadiças que tremem perante Tchinguri, o que não acalmou Lueji mas a levou a sentar de novo, sibilando, eu bem vi quem tremia perante Tchinguri e posso garantir não eram crianças, pois há muatas muito corajosos quando protegidos e depois se molham de medo se o leão saltar a paliçada, estão logo dispostos a entregar a filha mais velha ao leão apenas para salvarem a pele, o que levou desta vez muata Kakolo a se levantar, se te referes a mim, então prefiro me retirar pois não foi para salvar a pele que entreguei a minha filha mais velha a Tchinguri e não interessa aqui porquê, resposta que levou Kandumba a falar pela primeira vez, pois estavam ali para analisar as razões do ataque às terras de Kakele e não a esmiuçar a vida alheia nem os sentimentos duns e doutros e que lhe desculpassem os mais velhos, tão sábios e experimentados na guerra, mas ele, apesar de ser ainda jovem e inexperiente, não tinha prestado um ouvido ligeiro à argumentação da rainha e lhe parecia ser uma estratégia possível essa que anunciava, tão nova e fascinante que causava até arrepios, pois era mortal para eles a menos que todos os espíritos se coligassem contra o sanguinário, fala que provocou novos protestos nos Tubungo e o riso de Kakolo, a quem está o futuro da Lunda entregue, a jovens sonhadores que engolem qualquer ideia desde que seja absurda só porque nova e vão ser estes os novos comandantes, realmente falta aqui Ndumba ua Tembo para tomar as coisas na mão, ele é o único, o que talvez seja verdade, o meu amigo Ndumba é muito capaz e por isso o nomeei para reunir e comandar os exércitos do exterior, mas não é chamado agora ao caso, estamos a ver o que devemos

fazer em função da estratégia do meu irmão e Kandumba tem razão, vamos nos cingir apenas a isso e deixar os ataques pessoais para outro momento, peço desculpa se ofendi muata Kakolo e retiro o que disse se ele promete ouvir com respeito todos os que aqui se encontram, afinal este é o meu estado-maior e nessa qualidade os reuni, não para nos agredirmos uns aos outros, mas para descobrirmos uma resposta e ao lhes explicar o meu receio foi com intenção de vos ouvir não rebatendo esta ideia mas sim mostrando como ela podia ser vencida se algum dia passou pela cabeça do meu irmão e até agora só ouvi a opinião de Kandumba, semelhante à minha, que se pode resumir numa frase, é uma estratégia perigosa para nós, o que fez Kakele pegar de novo na palavra pois tens razão numa coisa, rainha, devemos analisar qualquer possibilidade mesmo se nos parece ridícula como esta, mas não tens razão ao te preocupar tanto com ela porque apresenta uma falha importante que é o tempo, o tempo conta a nosso favor, quanto mais tempo passar mais nos fortalecemos e organizamos, aqui dentro da Mussumba e lá fora, e isso Tchinguri sabe, por isso tem de atacar agora, argumento apoiado embora timidamente por Kumbana, realmente lhe parecia o tempo como fator importante agindo a favor deles, desde que se pensou em formar o exército do Kalanhi que a estratégia foi de ganhar tempo até o exército estar preparado e agora Tchinguri estranhamente lhes dava mais um tempo suplementar que deveria ser utilizado para treinar ainda mais os homens no tiro ao arco e fazer uma série de fossos entulhados de paus aguçados, como as armadilhas para elefantes, deixando apenas uma estreita passagem à frente do portão da paliçada para se poder entrar e sair de Mussumba, mas tão estreita que não podia ser atravessada por mais de dois homens de cada vez, impedindo assim qualquer ataque em linha que era o único possível para evitar a mortandade criada nos assaltantes pelas chuvas de flechas e até aí estou de acordo contigo, meu irmão mais velho, disse Kandumba, mas estão mesmo a subestimar Tchinguri, o tempo deixa de ser um fator importante na estratégia dele e passa a contar contra nós e não a nosso favor, se o objetivo é isolar Mussumba do resto do país, pois aí o tempo significa fome, acabadas as reservas e impossibilitados de ter acesso às novas searas então nas mãos dele, e uma coisa é evidente, se ele atacar uma a uma as forças dos Tubungo ninguém lhe pode resistir, nem Ndumba ua Tembo, pois serão combates em campo aberto de guerreiros treinados contra caçadores mesmo que mais numerosos, a sorte dos

caçadores fica logo ditada, escrita na ponta dos mucualis de Tchinguri e se o tempo é a nosso favor numa estratégia pode ser contra nós na outra, nada é sempre igual a si próprio e a luz pode ser sombra, isso sempre nós soubemos, nos ensinaram os mais velhos, mais velhos esses que estavam agora silenciosos, pela primeira vez tentando pensar no que diziam os jovens, embora não acreditassem na argumentação de Kandumba, que estória era essa de o tempo umas vezes ser a favor e logo em seguida desfavorável, ele ou era ou não era propício e uma estratégia se escolhe de uma vez por todas e a tradição ensinava como conquistar lukanos ou protegê-los, sempre por ataques frontais e não com evasivas de ir roendo o xima pelos lados até o centro ficar isolado e fraco, o centro do xima é xima na mesma, mas claro que o poder não, o centro do poder é o próprio poder e não pode ficar isolado pois então deixa de ser centro e por isso deixa de ser poder, até que Lueji sentiu nada poder ser ali decidido, as palavras iam e vinham sem se engordarem com as viagens e Kandumba já se impacientara naquele jogo de palavras, era preciso acelerar os preparativos de defesa e não mostrar quem era mais eloquente, se os jovens se os velhos, iam masé aproveitar o tempo que lhes restava para fortificar Mussumba e esperar o próximo passo de Tchinguri e até lá tentar descobrir alternativa, se se confirmasse a estratégia nova e perturbante.

Lueji saiu portanto com os comandantes e foi ver os trabalhos de defesa. A andar, falou para Kamexi:

– Não abriste a boca, meu primo. Qual é a tua ideia?

Kamexi ficou atrapalhado, como ficava sempre que a prima estava perto dele. Era o perfume do corpo dela, era a voz, era os olhos, era qualquer coisa ou tudo que ela tinha, não sabia, só que ficava de boca seca, com vontade de beber água e engolir saliva, o cérebro parado como quando experimentou fumar liamba do cachimbo do pai e só lhe apetecia sonhar com o voo de pássaros ou com o roçar suave do vento no capim alto. Nunca mais tentou fumar liamba, deixava a mutopa para quando fosse velho. Mas a presença de Lueji não podia evitar. E o efeito era o mesmo. E nem queria evitar a presença dela.

– Nunca vi nenhuma guerra, rainha. Não sei.

– Eu também nunca vi mas tenho uma ideia.

– Tu és a rainha, Lueji.

Ela riu e não insistiu, ele tinha razão. Que dizer quando gente que muito

vira discutia à sua frente? Kamexi tem a prudência do cágado e a sabedoria da jiboia, pensou Lueji, podia dar um bom chefe da nossa linhagem, se fosse sobrinho ou irmão de Salukunga e não seu filho. A chefia da linhagem se transmitia sempre pela linha materna, ao contrário do lukano que vinha pela linha do pai. É um problema importante que terei de enfrentar mais tarde, esse da transmissão da chefia da linhagem, Chiloya não tem miolos e Combongo é ainda um miúdo. Por que não eu? No fundo, sou sobrinha de Salukunga. Acumular o lukano e a chefia da linhagem, por que não? Pensaria nisso por altura da morte de Salukunga, ele ainda estava vivo e ainda bem.

O trabalho avançava depressa, apesar de toda a gente estar muito cansada pela falta de sono e a atividade consecutiva. Também a preparação das flechas acelerava agora, com o reforço constituído pelos soldados do grupo do leão. Mas o ritmo dos ferreiros era ainda mais rápido e as pontas de flechas se acumulavam. As crianças batiam todos os bosques a caçar aves para delas se aproveitar as penas, e os gritos e risos enchiam os ares quando conseguiam matar alguma. Sempre ouviram das mães e mais velhos que a guerra era uma coisa horrível, mas afinal não era verdade, se aquilo era a guerra então não havia coisa mais divertida, pois aliava a atividade útil ao prazer. No fundo, as crianças bendiziam Tchinguri por ter provocado aquela guerra e só esperavam que ela durasse para poderem gozar a valer.

Ao meio-dia, a paliçada estava pronta. O povo e os soldados não festejaram, pois faltava fazer a banquetta de terra que permitiria ao mais baixo soldado ver o inimigo e lançar as flechas por cima da vedação. Se atiraram imediatamente a esse trabalho, enquanto Kumbana foi delinear o único caminho de acesso à porta de entrada. Dos dois lados do caminho iam cavar fossos, no fundo dos quais espetariam paus aguçados e depois camuflariam os fossos com uma rede ligeira de ramos entrecruzados, tapada por fina camada de terra e folhas. Isto a todo o comprimento da paliçada e a uma distância máxima de cinquenta metros dela. Os inimigos, atacando em linha, apanhavam primeiro a chuva de flechas e depois caíam nas armadilhas. Os que escapassem com vida eram dizimados pelos atiradores de elite. Só uma coisa Kumbana não sabia. Teriam tempo de cavar os fossos? Era uma grande distância, mais de um quilómetro de fossos e eles tinham de ser fundos. Muitos dias eram necessários. O tempo jogava ainda a favor deles, apesar das ideias de Kandumba sobre o tempo.

Foi nesse momento que chegou um mensageiro de Salukunga para Lueji. O tio recebera o caçador luba, de nome Ilunga, e aconselhava a rainha a deixá-lo atravessar o Kalanhi e falar com ele. Estou muito ocupada agora, mas não posso desdenhar um conselho do meu tio, o luba que atravesse o Kalanhi, se vem em paz. Os mondos transmitiram a resposta da rainha. Lueji esqueceu o incidente.

À tarde a banquetta estava terminada. O fim da tarefa foi festejado com grandes gritos e risos. Kandumba organizou a guarda ao longo da paliçada e dispensou os outros soldados para tomarem banho e descansarem. Os civis também se foram lavar. Logo mais iam comer a refeição de fim de tarde e aquecer os tambores para o grande batuque. Tinha sido um trabalho esgotante que merecia uma boa festa. Não havia muito marufo, ninguém tivera tempo de subir às palmeiras, nem havia ualua, apenas um pouco de ndoka. Mas não era precisa bebida para animar uma dança, bastava a alegria do dever cumprido. Todos sabiam que, apesar das notícias que vinham das tropelias de Tchinguri, a rainha também dançaria e isso era suficiente para os animar.

Quando Lueji se preparava para ir ao rio, surgiram dois homens de aspecto cansado e miserável, os olhos transmitindo o terror. Vinham fugidos do território de Kakele e contaram o que tinham visto. Tudo arrasado, muita gente morta, a maior parte aprisionada. Confirmavam o mujimbo do primeiro mensageiro, só que traziam mais detalhes. Toda a família de Kakele teve a cabeça cortada, assim como todos os homens válidos. Eles conseguiram escapar e mais alguns que estavam a chegar, outros andavam perdidos pelos matos. Foram poupadas as mulheres, crianças e jovens. As mulheres seriam o prêmio dos soldados de Tchinguri, iam aumentar as famílias deles e mais as crianças. Os jovens foram guardados à parte, ouviram os invasores dizer que seriam treinados para reforçar o exército do sanguinário. Depois de ouvir o mujimbo, Lueji mandou-os ir ter com muata Kakele, afinal era o chefe deles. E foi tomar banho no rio.

Lá chegada, foi logo rodeada pelas suas amilombes, raparigas que tratavam dela e lhe faziam companhia, uma das quais ela de vez em quando presenteava a um muata para premiar os seus feitos. As amilombes estavam excitadíssimas, queriam falar todas ao mesmo tempo, com grandes gargalhadas e olhares malandros. Sobretudo Kamonga Luaza, a mais nova de todas, acabada de fazer a festa da puberdade quando foi oferecida por

Salukunga como amilombe. Kamonga Luaza era filha de outra irmã de Salukunga, portanto prima e da mesma linhagem de Lueji. Era uma jovem muito esperta e faladora, os seios ainda pequenos e redondos, como os duma rapariga de catorze anos. Nos tornozelos usava manjata, fiadas de frutos secos de onde se tirava o miolo e se enchiam de pequenas sementes, que chocalhavam sempre que mexia um pé. A sua brincadeira era caminhar de tal modo que se ouvia um ritmo particular, só dela, quando se aproximava, sendo logo identificada pelo som. Puxava as outras, para ser ela a contar primeiro, mas todas falavam ao mesmo tempo e Lueji acabava por não entender nada.

– Calem-se, calem-se. Que se passa? Fala tu, Kamonga, senão morres de tristeza.

Kamonga olhou as outras amilombes com orgulho, passou a mão pela barriga nua e molhada, lançou rapidamente as frases:

– Chegaram há pouco os tubas, atravessaram o rio ali embaixo. São muitos, demoraram bué a atravessar o Kalanhi pois só havia duas canoas. Primeiro nos assustámos, pensávamos que eram os homens de Tchinguri. Nos escondemos no mato, mas depois vimos não podia ser, estes são grandes e fortes e bonitos... Então o chefe deles, haka! Assim alto – e estendeu o braço para cima, a indicar a altura. – A pele dele brilha, parece azul.

– E atravessaram o rio aqui?

– Aqui, não. Ali – e as raparigas apontaram para o Sul.

– Os guardas e os passadores das canoas vão ter de me ouvir. Como é que estrangeiros atravessam o rio aqui, na zona onde a rainha toma banho?

– Por isso achámos primeiro eram os homens de Tchinguri – repetiu Kamonga. – E eles queriam acampar ali embaixo. Nós é que não deixámos, não foi?

As outras todas confirmaram, com risos e palmas. Rodeavam a soberana alegremente, como iguais.

– Dissemos que esta era zona reservada da rainha. Que fossem acampar mais para sul.

– Vocês foram falar com eles? – perguntou Lueji, em tom de reprovação.

– Fomos – disse candidamente Kamonga, revirando os olhos. – Fizemos mal?

– Claro. Não se fala assim com estrangeiros.

– Ora. Vimos logo eram amigos, assim tão bonitos e bem vestidos. E o chefe deles nos disse, eu sou Ilunga, o Tchibinda, irmão do rei da Luba e sou o caçador que caça tudo e que está sempre a caçar. Meu pai foi Kalala, o rei da Luba, que morreu faz uns tempos. E trago um presente para a vossa soberana. Nós lhe indicámos o caminho para a tua onganda e ele disse vou mandar o meu irmão lá entregar. Devem estar lá à tua espera, rainha.

– Que esperem! Não percebo por que tanta excitação por causa duns kandakas...

– É porque não os viste, rainha.

– Andas muito assanhada, Kamonga.

A miúda riu e ajudou Lueji a se desembaraçar das roupas e adornos para poder entrar no rio. Mas o lukano se manteve no braço dela, só o tirava quando estava com as regras. Todas as amilombes entraram com ela na água, brincando e rindo, atirando água umas às outras e à rainha. E Lueji esqueceu a sua estranha condição de soberana da Lunda e se tornou numa rapariga como elas, rindo e participando da batalha de água. Até o Sol desaparecer.

Quando entrou na onganda, foi informada da chegada duma comitiva com presentes. A curiosidade foi mais forte e mandou-os entrar para a sala de audiências. À frente vinha um jovem alto que se inclinou à sua frente, batendo as palmas rituais. Falou a língua da Luba, que se entendia perfeitamente embora fosse engraçada para ouvidos estranhos:

– Rainha da Lunda, o meu irmão, o grande Tchibinda Ilunga, me mandou te entregar estes presentes por nos teres deixado entrar na tua capital sem dificuldades nem demoras. Está muito honrado por isso. Pede encarecidamente que lhe concedas uma audiência, pois tem assuntos a tratar contigo.

Lueji agradeceu os presentes. Pelo que via, eram dois enormes dentes de elefante, nunca vira tão grandes, muhambas com carne seca ou fumada, colares e outros objetos de adorno. O rapaz fê-la ver os colares. Alguns tinham as características conchas que os árabes por vezes traziam do grande lago salgado onde o Sol nasce. A primeira mulher de Kondi tinha um desses. Outro colar era de pérolas, muito semelhante à oferta de compromisso de Ndumba ua Tembo. Mas a atenção de Lueji estava atraída pelas presas do elefante.

– Quem matou um elefante tão grande?

– Foi o meu irmão Ilunga, grande rainha. É um caçador extraordinário, um tchibinda.

– E tu como te chamas?

– Mai.

– Então os dois são irmãos do rei da Luba?

– Efetivamente. O nosso pai era Kalala, o rei da Luba. Morreu há pouco tempo e o nosso irmão mais velho lhe sucedeu. Se chama Luevu. Então o meu irmão Ilunga decidiu avançar para sul na pista dos elefantes, que aqui são muito abundantes. E eu aproveitei vir com ele.

Lueji refletiu sobre as informações recolhidas, que a assustavam um pouco. Mas fez os possíveis para nada deixar transparecer.

– Diz ao teu irmão que amanhã lhe concedo audiência. E que agradeço mais uma vez presentes tão valiosos.

Os lubas saíram com grandes saudações e Lueji mandou Kakongo levar a comida. E disse para ele arrumar os dentes de elefante ali mesmo, por trás da cadeira onde ela habitualmente sentava para conceder audiências. Ficou a acariciar os colares e pulseiras de cobre oferecidas pelos lubas. Kakongo voltou para arrumar as presas e não se conteve:

– Rainha, viste toda aquela carne? Tem de elefante, que é muito dura. Mas tem carne de palanca, de songue, de cefo, de mbambi... As mais variadas carnes, as mais saborosas. São de fato uns grandes caçadores.

– Sem dúvida. Só que Salukunga me informou eram apenas caçadores. Não príncipes da Luba.

Isso mudava muita coisa. Receber na sua capital uns caçadores estrangeiros não era nada de especial, embora muito raro. Mas irmãos e provavelmente irmãos sucessores do grande reino do Nordeste, isso era outra coisa muito diferente. Boa ou má. Os lubas souberam das dificuldades existentes na Lunda e aproveitavam a ocasião para os invadir e tomar o reino? Não havia melhor oportunidade. Já antes tinham tentado, depois desistiram, e as relações melhoraram. Eram tensas, as mais raras possível, mas não hostis. Para todos os efeitos, o tal Ilunga devia ser o segundo homem da Luba. Se se maçara a vir tão longe, é porque perseguia um plano importante. Reconhecimento da situação para depois fazer avançar os exércitos lubas? Podia muito bem ser. Lueji mordeu o lábio inferior, sentada na cadeira. Por que Salukunga aconselhou-a a recebê-los? Por que não os reteve no seu território? Em Mussumba eles se apercebiam imediatamente

dos preparativos de guerra e ouviam os mujimbos sobre o que passava na Lunda. Talvez até as amilombes, estouvadas e faladoras como eram, já lhes tivessem contado. Não dava para esconder muito tempo que a situação do trono era periclitante. Ocasão única para a Luba os anexar. Que fizeram eles a Salukunga para o enganarem assim, que viu o tio neles de interesse para a Lunda? O chefe da linhagem não era parvo, alguma razão havia. Bom, talvez amanhã soubesse. Tinha de ser muito prudente ao falar com o kandaka, não podia mostrar fraqueza. E mandar Kumbana montar imediatamente uma vigilância discreta mas atenta ao acampamento dos lubas.

Vieram chamá-la para comer. Já em Mussumba se começavam a ouvir os primeiros sons de chingufos e ngomas, aquecidos para o batuque. Era a festa pelo termo da paliçada.

Os sons do batuque saíam das palavras de Mabiala, pontuando os acordes do gravador. Tinha trabalhado febrilmente, transportado para outros tempos e para fora da cidade de cimento, compondo trechos que evocavam fogueiras alaranjadas na noite, rios palhetados pelo luar, dramas de irmãos amantes, flores estranhas nascendo nas chanas, ora em ritmo de festa, ora em batidas angustiantes de ngomas guerreiros. Lu ouvia o que estava gravado e lhe apetecia mudar a estória pois os contornos se precisavam, estranhas falas sussurradas pelo tempo a indicar a verdade desconhecida que muitos procuravam mas nunca encontravam, pois a perseguiam fora deles e não como ela, dentro dela. A cassette terminou e muito tempo os dois ficaram silenciosos, mergulhados na magia da música se escoando por baixo da porta. Ele falou, então:

– Só são uns trechos. Mas os temas estão aí, os elementos também. Agora é preciso que escrevas o roteiro, a partir dele posso compor as músicas propriamente ditas. E depois pensar na orquestração final.

– O ambiente está aí, Afonso, não tem dúvida. É esse mesmo o que imagino. Mas preciso dessa cassette em permanência para escrever o roteiro.

– Fica com ela. Calculei isso, fiz logo duas cópias. Quanto tempo demoras a escrever?

Lu tinha perdido a noção do tempo, sempre fechada no apartamento. Já nada lhe doía e podia se movimentar perfeitamente pela casa. Mas na última visita o médico proibiu-a ainda de sair. Até passar uma semana. Ele próprio, Timóteo, a levava ao espetáculo. A partir daí podia andar normalmente.

Mas faria exercícios de recuperação que ele lhe ia ensinar e só depois recomeçaria a dançar. Ela prometeu sim, obedeço.

– Sei lá quanto tempo. Digamos, uma semana?

– Por mim está bem, Lu. Numa semana falo com a malta. Quero arranjar a melhor malta de músicos que este país já teve para gravar essas músicas. Uma coisa, no roteiro vais indicar já os bailados, não é?

– Como assim? Pensava que te referias à estória. A partir dela tu fazes a música. E fazemos depois a coreografia para acompanhar a música. Tenho de meter a Diretora nisto, não sou coreógrafa. É a tua música que nós vamos coreografar.

– Não. É o teu bailado que vou musicar.

Riram os dois. Ele deu uma palmada no joelho dela e disse:

– Vamos falar sério. O bailado não precede a música, nem esta o bailado. É dialético. Estória, música, bailado, nascem uns dos outros e, evoluindo, se modificam uns aos outros. Assim é que deve ser.

– Claro, Afonso, tens razão. Eu já tinha modificado a estória só por imaginar alguns passos e a tua música agora traz-me elementos novos para a estória e para os passos. Vamos continuar a trabalhar assim. Vou escrever o roteiro, mas literário. Entretanto, tu continuas com a composição. Depois metemos os coreógrafos. E isso vai levar a novas alterações, do roteiro e da música.

– Sim, tudo vai ser provisório até à audição final. Isso é que é trabalho de artista, o resto é burocracia.

– Leva mais tempo.

– Temos todo o tempo, Lu. Não me amarres com o tempo, depois de me salvars da loucura.

– Não te estou a exigir pressa nenhuma. É só uma constatação, leva mais tempo. Mas tu trabalhas rápido.

– Ora, posso compor uma sinfonia inteira numa noite. Ou levar um ano para escrever uma canção. Depende da febre interior.

– Agora estás com febre, se vê.

– Febre? Pior. O que é mais febre que febre? Não há palavra. Tu puseste o meu sangue a ferver, deve ser assim que se fica no Inferno, se ele existe.

Lu riu. Mabiala dizia coisas engraçadas com o ar mais sério. Por vezes até parecia zangado. Mas quando ria, atroava os ares. Como o general Bit-Bit que a fora visitar e inventou logo ali a estratégia militar adequada, dizendo

sempre era inspirada na de Mao, grande mestre dos tempos da guerrilha. Mao viveu uns séculos depois de Tchinguri, portanto apenas reinventara o que o irmão de Lueji tinha descoberto antes, ou mesmo tinha copiado, sabes, entre a África e a Ásia sempre houve um comércio de coisas e ideias hoje desconhecido. Por que não é possível que a arte militar tenha chegado à China através do Índico? E ria, batendo nos joelhos dela. Mas agora era Afonso que estava ali e não ria, antes parecia doente.

– A sério, pareces mesmo com paludismo. Estás mais magro.

– Claro que estou, Lu. Mais magro. Deste-me essa febre que me salvou mas me fez emagrecer.

– Eu não, a estória de Lueji.

– Tu, tu, tu. A estória da Lueji é tua e não foi só isso. Foste tu inteira que me pôs assim. Espera, ouve.

Ligou o gravador e pôs a cassete a girar para trás. Experimentou, não, é mais à frente, voltou a experimentar, é aqui. Sons de flauta encheram o quarto, mas não duma flauta qualquer. Daquela feita de caniço do bordão que cresce nas margens dos lagos e rios. As crianças, na infância de Lu, as tapavam na ponta com papel transparente ou uma membrana de bexiga de cabrito, para o som vibrar. A flauta de Mabiala por vezes era abafada pelos sons de marimba, mas acabava por emergir deles, num crescendo constante, enquanto ao longe se ouviam batuques. E depois as marimbas se sobrepunham de novo até de novo a flauta emergir. Assim, três vezes. De cada vez que a flauta se fazia ouvir, Lu senterrava mais no colchão, sentindo volúpia no ventre aquecido.

– Sabes o que é isto? – perguntou o compositor. – É aquela parte que Lueji se despe e atira ao lago e nada por baixo da água e depois vem respirar acima e mergulha de novo. Não sei como o vais dançar, mas imaginei-te nadando, apenas. Vi o teu corpo nu a acariciar e ser acariciado pela água e compus isso. Compreendes?

– É bastante erótico, é.

Afonso levantou. Parou o gravador e retirou a cassete. Com gestos sacudidos. Falou entre dentes:

– Não estejas a desconversar.

– Não estou. Acho uma música bastante erótica, como forçosamente vai ser esse bailado. Pensei-o erótico. Tu captaste isso e deste erotismo à música. Perfeito!

– Merda! Não estou a falar da música, estou falar de mim. Só podia dar erotismo se imaginasse que a água era eu. Foi isso o que fiz. Imaginei-te Lueji e imaginei-me água. E a música saiu como um orgasmo, para ser bem claro.

Não era novidade para Lu. Aprendera a ler nos olhos dos homens. E também lera isso na música de Afonso, logo da primeira vez que a ouviu.

– Nem precisavas de dizer.

Ele pareceu assustado, voltou a sentar. Percorreu o quarto com os olhos, objeto a objeto, viu o relógio, se concentrou nas horas, eram dez da noite. Depois falou:

– Quando ficares boa, conversamos.

– Se é por isso, eu já estou boa. Já posso andar... também já posso fazer amor.

Mabiala calou. Está desconcertado, hesita pensar que estou a encorajá-lo. E estou? Sem dúvida, neste momento estou. Se ele vier, não o repudio, quem pode repudiar o criador de tal música?

– Estás boa da pancada, estás boa fisicamente, Lu. Mas não do resto.

– Te referes ao Uli?

– Sim. Não é nada agradável fazer amor com uma mulher e descobrir no meio que ela está a fazer com outro. Um homem pode notar isso, sabias?

– Não um homem qualquer, penso.

– E eu sou um homem qualquer, diz-me? Sou um artista, tenho antenas.

Mabiala se levantou definitivamente. Foi guardar o gravador na estante. Com a mão já no trinco da porta, disse:

– A minha mulher não acredita nisso. E passava a vida a pensar noutros. Sempre fingi que não notava, já não tenho paciência para essas cenas de discute aqui, discute ali. Por isso me vou separar dela.

– Também tu? Ainda ontem o Timóteo me dizia que se vai divorciar. É uma epidemia?

– É o fim da família angolana, outro tipo vai nascer. Bem. Escreves numa semana. Mas antes passo cá... Ora, passo amanhã, é evidente. A menos que vá a um bar menfrascar.

– Deixa disso, tens trabalho. Olha, Afonso, achas esta conversa vai cortar a tua inspiração?

– Disparate! Tu continuas a dançar. Que posso eu fazer senão compor para ti?

Lançou um beijo no ar e bateu a porta. O calor foi se diluindo no ventre insatisfeito de Lu. Foi buscar o gravador e voltou a pôr a cassete. Apagou a luz. Dúvidas e certezas se misturavam, saindo das notas ancestrais, períodos de calmarias e novas angústias se alternavam, quem sou eu afinal? E uma pergunta se impôs, fulgurante, que sentiu Lueji quando pela primeira vez viu Ilunga? Isso sim, isso era o mais importante agora. Que sentiu ela ao fitar Ilunga? O Mundo a desmoronar ou o Mundo a se reconstruir? É exatamente a mesma coisa, pensou Lu, imaginando Ilunga a ouvir o batuque, no seu acampamento, antes de Lueji caminhar para ele.

Tinha cortado um ramo em forquilha e espetou-o no chão. Na forquilha pendurou as suas armas e os amuletos para a caça. Se deitou, os pés para o rio, a cabeça apoiada num pequeno morro de salalé. Na mão conservava o machadinho de lâmina dupla, o tchimbuya, símbolo de poder. Mai deitou ao lado dele.

– A rainha podia ter-nos convidado para a festa – disse o irmão mais novo.

– Não podia. Só amanhã nos recebe oficialmente.

– Por que fazem a festa hoje?

– Salukunga contou estão a fortificar a nova Mussumba. Deve ter acabado esse trabalho.

– Ou então dançam todas as noites, o que era bem bom. Parece os lundas só gostam de dançar, mais nada.

Ilunga não respondeu. Ficou a olhar para as chamas da fogueira que os aquecia. Os companheiros estavam espalhados pela beira do rio. Eram uns cem entre muatas, caçadores e carregadores. Não havia mulheres e todos tinham ficado muito excitados com a visão das amilombes no rio. As mulheres da Lunda seriam todas assim bonitas? Nas terras de Salukunga viram poucas, o velho disse o povo quase todo estava a trabalhar em Mussumba, lá só ficaram os velhos e algumas crianças.

Mai pareceu adivinhar-lhe o pensamento, pois disse:

– Precisas de ver a rainha. Muito nova e bonita.

Ilunga não respondeu de novo. Fechou os olhos, fingindo dormir, mas o irmão queria conversa.

– Achas que a rainha se pode interessar por mim?

– Acho. Agora vou dormir.

Mas não dormiu mesmo. Estava muito longe de casa e se pôs a pensar no

que o levara até ali, às margens do Kalanhi, num país em guerra fratricida. Não era novo para ele, isso de irmãos lutarem um contra o outro, pelo poder.

AGORA SOU EU QUE FALO, EU, ILUNGA,
o Tchibinda, filho de Kalala e irmão de Luevu.

Abandonei as margens verdes do Lualaba e os lagos azuis por causa da inveja do meu irmão. Procuro terras onde a inveja e a ambição não seja o que faz os homens viver. Existirão essas terras? Até aqui não as encontrei. Pelo que aprendi nestes tempos próximos, a Lunda é igual à Luba. A minha família então!

Meu avô, Mbidi Ilunga, abandonou o seu território entre o lago Tanganika e o Lualaba, avançando para ocidente. Atravessou o Lualaba e entrou no território de Kongolo, o fundador do Império Luba, cuja capital era perto do rio Lomani. Mbidi era um grande caçador e a sua fama corria à frente dele. Tinha maneiras aristocráticas também e isso tudo encantou Kongolo. Sobretudo a capacidade dele para a guerra, claro. Kongolo abrigou-o e lhe deu duas das suas irmãs para casar. Havia guerras e mais guerras e em todas Mbidi triunfava. O seu prestígio era igual ao de Kongolo e este sentiu ciúmes, então quem era o rei-fundador? As perseguições e feitiços foram tantos que Mbidi teve de retirar para as suas terras além do Lualaba, deixando as suas duas mulheres grávidas na corte de Kongolo. Pouco depois, Bulanda teve um filho de Mbidi a quem deu o nome de Kalala, o meu pai. Ainda jovem, já a força e inteligência de Kalala eram indispensáveis ao seu tio materno Kongolo. E as vitórias se acumularam e o império cresceu, cresceu, ameaçando transbordar sobre a Lunda, mas também crescendo para o lado donde nasce o Sol. Mas tinha acabado a doentia inveja de Kongolo? Ele não podia repartir prestígio com ninguém, nem mesmo com o sobrinho, filho da sua irmã. E decidiu matar Kalala. Mas este foi informado pelos familiares da mãe e fugiu para lá do Lualaba, para as terras do pai que não conhecia. Reuniu aí as suas tropas e avançou contra a Luba. Recebeu o apoio de parte da família da mãe, farta dos desmandos cruéis de Kongolo, e tomou o poder. Kongolo morreu como todos os invejosos. Sozinho. Kalala conquistou novos territórios e voltou a ameaçar a Lunda, mas sem nunca chegar a atacar. E depois morreu.

Quando a questão da sucessão se pôs, só havia dois candidatos possíveis: Luevu ou eu. Mai era novo demais. Escolheram Luevu, que prefere agora lhe chamem Lui. Tudo muito bem, eu não estava interessado em disputar. Mas nunca perderei a Luevu o que ele fez para apanhar o poder das mãos do Conselho. A todos dizia eu era um caçador desprezível, porque Tchibinda. Sempre teve inveja da minha perícia, da fama que corria à frente de mim porque não havia elefante que escapasse. E os mercadores árabes, quando conseguiam chegar à Luba, vinham logo ter comigo para negociar o marfim, nada queriam com Luevu ou outro caçador. A inveja dele começou a trabalhar muito antes de o pai morrer. Se lhe perguntavam, onde está o teu irmão, respondia na caça, sabe ele fazer outra coisa, pensa ele noutra coisa? Nem mulher tem o meu irmão Ilunga, pois só quer caçar, deve estar casado com o rabo dos animais. Me vinham contar e eu calava, era meu irmão mais velho. Mas doía. E quando Kalala morreu, logo se pôs a gritar aos quatro ventos e pôs também os seus partidários a gritar, Ilunga caça muito não por saber caçar ou por ser corajoso, mas apenas porque caça com magias que um nganga lhe ensinou. E a palavra que era orgulho meu e de todo o verdadeiro caçador, a palavra Tchibinda, na boca dele e dos amigos virou insulto mais temido que a palavra nganga.

Sou Tchibinda, sim, tenho muito orgulho nisso, aprendi o uanga para caçar, um nganga me ensinou, e depois? Força apenas contra os animais, não contra as pessoas. Também aprendi a atirar com precisão, também aprendi a seguir os trilhos dos animais, também aprendi com um Sekele, um caçador amarelo baixinho das matas de muito a sul, a atrair os animais, assobiando através duma folha especial. Com ele ainda aprendi a andar sem fazer ruído e a cheirar o sítio onde os bichos estão a pastar. Esse Sekele tinha sido aprisionado a sul do território e eu o libertei para andar comigo. E ele me ensinou mais coisas que o nganga. Lamentei muito quando morreu, apesar de ser feio e amarelo e com o cabelo a nascer aos tufinhos na cabeça e falar dando estalidos com a língua. Só eu o não desprezava. Tudo é preciso para caçar: pernas fortes para muito andar, mão certa e potente para puxar o arco, olho direito e perfurante, flecha dura e o uanga certo. Por isso sou Tchibinda, o que caça com magias, e não me envergonho de o dizer. Quem tem inveja da minha magia? Os que não sabem caçar.

Luevu ficou com o poder. Que goze muito. Não vou procurar um exército para lho arrebatá-lo. Quero é terrenos verdes para caçar. E ver o elefante

levantar a tromba à minha frente para a minha flecha assobiar ao Sol e se enterrar atrás da orelha dele. O poder? Que maior poder que matar um elefante, o mais forte animal que existe? Esse sim, é o poder que quero.

Só espero que amanhã Lueji me autorize a ficar aqui na Lunda, terra de tantos rios e elefantes. Só espero que ela veja em mim um amigo e não alguém cheio de inveja a tentar lhe roubar o poder. As terras da Luba são lindas e boas as suas gentes. Mas todas as terras são como a Luba e as gentes também. É preciso apenas saber conhecer e descobrir em cada uma a sua beleza oculta. As gentes que vieram do lago Tanganika choram por terem deixado as suas belezas. O mesmo fazem os que deixaram o Lualaba e as suas margens perfumadas. E lá para os sítios onde morre o Sol, quantos há que choram pelo brilho dos rios ou pelo azul único do seu céu? Todos os sítios são únicos e se repetem, se repetem, sendo no entanto únicos.

Único também tinha de ser esse bailado, trazido dos tempos pela memória coletiva de vários grupos. Por isso Lu não suportava de imaginar passos dos muquixes dos Tchokue e mesmo as suas vestes, animando as festas da rainha, ou o cadenciado das palmas femininas dos Luvale, ou mesmo os sembas dos que falavam kimbundu, tudo isso acompanhado por sons de kissanje eletrônico, única maneira de se fazer ouvir. O problema era pôr essas impressões em poucas linhas, espremer todas as emoções numa frase seca, Lueji vai com seu séquito ao encontro de Ilunga. Como pôr num roteiro o brilho especial do Sol, o zumbido histérico das moscas, o silêncio agitado dos vimbululu procurando nos olhos das pessoas o sal esquecido das lágrimas antigas, o jeito todo especial do capim dobrar ao vento que o afaga? O mais importante ficava de fora. Sempre fica de fora, mas nesse bailado não podia ficar. Como desprezar os vimbululu, essas mesquinhas irritantes que só andam com o Sol para sintroduzirem nos olhos, e se esmagadas cheiram a flor? Atirou com raiva o caderno de apontamentos contra a parede.

Foi se vestir, pois Timóteo devia estar a chegar para a levar ao espetáculo. Olga tinha saído há horas, por causa das maquilhagens e dos últimos arranjos. Sorriu ao pensar nela. Quando lhe disse já podes voltar a casa, me safo sozinha, a outra quase chorou, não me queres mais aqui em casa? Pelos vistos, ia ficar para sempre. Não suportava, Olga era leve como uma pluma de que se faziam os penachos dos muatas. Totalmente diferente de Marina, barulhenta e faladora. A lembrança de Marina estragou o princípio

de boa disposição que nascia. Tinha de lhe escrever, insistir no que ela não acreditava. Deviam vencer a tradição e continuar amigas.

Timóteo chegou, ainda não estás pronta, é por isso que os espetáculos nesta terra nunca começam a horas, espera que é só um segundo, imagino o tamanho desse segundo, vou masé sentar até adormecer, mas não, ela se preparou rápido e saíram.

O velho Nacional já estava cheio quando chegaram. Lu sentiu um aperto no peito por estar no lugar errado, sentada numa cadeira de frisa à boca de cena, quando devia estar no palco. Mas o pano abriu e esqueceu. O primeiro número não saiu mal e teve palmas condescendentes. Apesar do programa que explicava serem números todos já conhecidos, o público parecia esperar algo diferente. E por isso as palmas diminuíram no fim do segundo número, apesar de ser Uli no palco. Este, no entanto, pareceu uma sombra dele próprio, emperrado, intimidado talvez pela presença dela, não a via desde o acidente e mesmo as luzes não podiam impedir que a notasse tão perto. O terceiro número, uma dança coletiva, saiu francamente mal. Os bailarinos hesitavam nas entradas, houve um mesmo que se desequilibrou. Teve só palmas isoladas e alguns murmúrios subiam já da plateia. O público nunca ia assobiar, não estavam na Cidadela onde jamais se sabe se os assobios são aplausos ou vaias, mas a reprovação se manifestava pelos comentários sussurrados, nas cabeças que se inclinavam para o lado em confidências. À medida que o espetáculo prosseguia, o mal-estar de Lu aumentava, se sentia culpada pelo fracasso evidente. Felizmente chegou o intervalo, vamos beber alguma coisa, propôs Timóteo que se mantivera sempre calado. Enquanto se levantavam, Lu reparou nisso e lhe agradeceu mentalmente. O médico sabia o que estava por trás daquilo tudo e o silêncio mostrava apenas solidariedade. Ela sapoiou no braço dele, ao irem para o bar, na parte ao ar livre.

Tinham passado as portas para o fresco, quando logo foi abordada pelo Matias, crítico de arte dum jornal, um homem ainda novo mas competente.

— Lu, que saudades tenho de te ver dançar. Hoje mais do que nunca. Já estás recuperada?

— Mais ou menos. — Quem sabia disso estava ao lado dela, mas nada disse.

— Foi só mesmo a luxação que tafastou do espetáculo ou há mais alguma coisa pelo fundo?

— Trava já aí, deixa de imaginar coisas. Está aqui mesmo o meu médico

que pode confirmar. Só me levantei hoje e para vir aqui. Ou queres lançar já um mujimbo maldoso e sujo na porcaria da tua coluna dita de arte?

– Ei, ei, ei, para aí, agora sou eu que digo. Só fiz uma pergunta. Curiosidade pura e sem intenção de publicar. E porcaria está este espetáculo, isso não podes negar.

Timóteo, sempre oportuno, tinha conseguido encomendar três cervejas e o crítico de arte aceitou a dele com um agradecimento rápido. Lu respondeu:

– Numa semana não se podia fazer melhor. E à última da hora tive de ficar na cama. Querias milagres?

Matias bebeu um gole da cerveja. Como que a medo, pela ponta dos lábios, mas era só estilo. Tomou um ar sério e falou mais baixo, concentrado:

– Sei disso, estive com a vossa Diretora antes, já há uns dias. Apesar de tudo, está pobre, pobre, pobrezinho. Parece não estão convictos do que fazem. E não estão mesmo. Nunca os vi com tanto medo, é esse o termo, estão borrados de medo. Se eles não acreditam, como vai o público acreditar? O Uli então está uma lástima. Desconsegue esconder os seus dramas pessoais. E quem escolheu os números tem culpa, pois devia tê-lo posto a dançar qualquer coisa desesperada, mais a condizer com o seu estado de espírito. Põem-lhe em danças alegres quando ele tem vontade de chorar... Até o sorriso lhe sai de lado!

– Não exageres. Estás só a mujimbar à toa.

Ele riu e lhe deu uma palmadinha no ombro. Acabou a cerveja, olhando para todos os lados. Segredou:

– Julgas alguém nesta sala não sabe o que se passa com o Uli? Ou a grande parte das pessoas? Eu sou amigo dele, admiro-o muito. Acho e já escrevi, o Uli é o melhor bailarino que já dançou aqui. E têm vindo estrangeiros de grande nível. Acho isso e escrevi muitas vezes, tu sabes, a minha palavra está empenhada. Só que este não é o espetáculo dele, devia ter ficado em casa com uma desculpa qualquer.

– E o dever profissional? – se meteu Timóteo na conversa.

– Sei disso tudo. O Uli nunca fugiria. Mas digo que para ele seria melhor ter ficado em casa, o fracasso era inelutável. I-ne-lu-tá-vel. Vocês não percebem que não estou a falar do Uli?

Lu agarrou no braço dele com firmeza. Olhou-o de frente e sibilou:

– Já entendi. Queres a cabeça da nossa Diretora. No entanto sabes que ela

foi forçada a montar o espetáculo numa semana...

– Sei, claro. E não teve coragem de dizer não. Um artista tem de defender a qualidade do seu trabalho sempre e não ceder a pressões, venham donde vierem. Foi covarde e agora está pagar. Era melhor entrar em rebeldia aberta. Pelo menos tinha o meu apoio. Isso mesmo lhe disse antes do espetáculo, já sabia o que ia dar.

Lu voltou a agarrar o braço que se libertara. Se juntou mais a ele, ameaçadora.

– Não vais escrever isso no teu pasquim. Não seria justo para o esforço que eles todos tiveram, ensaiando até à meia-noite. Tentaram fazer o melhor. Um crítico tem de ser justo.

– Justo? Um crítico tem de ser verdadeiro. E a verdade é esta. É o pior espetáculo que vi o vosso grupo fazer desde que sou crítico de dança. Está a anos-luz do que fazem habitualmente. E se a Diretora voar, a culpa não é minha, é dela. E o dever profissional obriga-me exatamente a respeitar a verdade – acrescentou, se virando para Timóteo.

Havia gente a querer cumprimentar Lu e fazia roda a distância respeitável. Não podiam ouvir a conversa, por causa do barulho de muitas vozes reclamando cerveja ou café. Achei o momento oportuno para me meter no grupo. Ainda por cima era kamba do Matias, um rapaz cheio de talento e de vaidade, o que, parece, valoriza socialmente o talento. Ele pelo menos o pensava e nunca escondia o orgulho de ser ele próprio. Me juntei pois, cumprimentando Lu e o branco ao lado dela, mas esta não ouviu, toda atenta a Matias. Baixou ainda mais a voz ao pedir:

– Por favor, sê justo. Nós precisamos da Diretora, sempre foi a nossa. Não engrosses o coro dos inimigos.

– Digo-te uma coisa. Ela só pode se safar se alinhar no teu projeto. Anunciar uma coisa dessas fá-la subir logo uns pontos, cria expectativa por uma coisa nova, pode ser a redenção. Só tens dois meses para a salvar, Lu.

– Mas questória é essa?

– Ora, sou jornalista. E amigo do Afonso Mabilia, tomamos uns copos juntos. Ele mostrou-me o que está a fazer. Isso sim, isso é um bailado de rebentar com as paredes desta sala. Mas o tempo é curto, Lu, tens de andar depressa. E a tua Diretora tem de alinhar imediatamente. Agora desculpa, tenho de falar aí com umas pessoas, colher opiniões.

Matias me segurou no ombro e empurrou. Só tive tempo de fazer um

desajeitado adeus a Lu. Enquanto Matias me levava, fiquei a saber Lu preparava um bailado. Daí o seu ar vazio, de criada? Era um tema, se pudesse aprofundar os meandros e remeandros da criação. O meu companheiro ia contar mais, até mesmo antes de a noite terminar. Por enquanto ele falava às pessoas, com o seu ar suficiente e desancando alegremente no espetáculo que sofriamos.

Quando Matias se afastou, Lu foi cumprimentando maquinalmente as pessoas que lhe perguntavam se já estava bem, se ia dançar no dia seguinte, se dançar volto cá amanhã só para a ver, enquanto a cabeça dela girava, assimilando as palavras do crítico, uma a uma, como gota d'água soletrada pela marimba. Timóteo fazia as vezes de perfeito cavalheiro, presenciava silenciosamente os cumprimentos, ao lado dela num apoio mudo. Lu pegou no braço dele, vamos aos camarins. Furaram entre as pessoas, avançaram no meio dos comentários de não devia ter vindo, amanhã a sala está vazia, a falta da Lu é por demais evidente, o organizador devia nos dar o dinheiro de volta, chega a ser um escândalo, ouvi dum crítico que amanhã vai disparar de canhão, até chegarem à porta dos camarins, entra tu, Lu, espero cá fora, não sou da casa. Ela entrou e percebeu imediatamente do clima. Foi beijando os colegas um a um, alguns choravam, a Diretora procurava levantar o moral perorando que a segunda parte ia ser melhor, muito mais animada e o que interessava era a segunda parte, é a impressão final que fica na cabeça do público, mas Uli resmungou lá do fundo, se houver público para a segunda parte e Lu avançou para ele, lhe deu um beijo em cada face, depois beijou a Diretora, sempre sem palavras, enquanto eles a beijavam e continuavam a se lamentar, derrotados antecipadamente. Olga então estava numa lástima. Abraçou Lu e ficou chorando no seu ombro, um desastre, fui um desastre, este é o meu último espetáculo, nunca mais. Lu viu a um canto as rosas de porcelana, colhidas antecipadamente para serem entregues aos integrantes no fim, algumas por crianças previamente escolhidas, outras que seriam vendidas aos espectadores entusiasmados desejando homenagear os bailarinos e pensou, essas rosas vão murchar aí mesmo nesse canto, ninguém as vai querer oferecer, só mesmo eu, vou ser a única a subir ao palco, e comprou um ramo enorme, depois faço contas, e saiu com o ramo dos bastidores, as lágrimas bailando no fundo dos olhos, ao menos houvesse em Luanda vimbululus para as secar.

O resto não foi muito melhor. Alguns espectadores do fundo chegaram a

abandonar sorrateiramente a sala. Quantos não o fizeram por estarem nas primeiras filas?, sinterrogou Lu. Não, o público apreciava o grupo e até ao fim esperou uma chispa que apagasse a má impressão. Chispa que não aconteceu. Poucos aplausos no final, só mesmo calorosos quando Lu apareceu no palco, distribuindo as rosas de porcelana aos bailarinos. As palmas eram para ela e isso ainda mais a incomodou, a grande culpada do fracasso saía quase em triunfo. Era absurdo. Não teve coragem de mirar a Diretora, por isso não viu o esforço que ela fazia para sorrir ao receber as flores.

Olga foi com eles no carro, evitou sequer cumprimentar os pais que a esperavam, contrafeitos, à saída. E correu chorando para o apartamento, mal chegaram ao prédio.

– Vou subir contigo, Lu, e beber um copo.

– Não, Timóteo. Obrigado por tudo.

– Não mofereces um copo?

– Se fosse só isso, claro que sim. Mas é mesmo só um copo que queres? Hoje não estou para mais nada.

Timóteo segurou na mão dela e obrigou-a a permanecer dentro do carro.

– Mas claro que era só um copo, qué que estás a pensar?

– Então vamos subir.

– Deixa, vai dormir. Também tinha pensado que te podia ajudar a consolar a Olga. Bem bastam as tuas chatices e ainda mais ter de aturar as dos outros. Era mesmo só isso, Lu.

Ela ficou silenciosa. Sentiu a mão dele que apertava a dela. Há quanto tempo ninguém a apertava nos braços e como estava a precisar disso. Um amigo, até mesmo Michel. Por isso imaginava suspeitas infundadas, como há pouco. Histeria, por falta dum amigo. Mas ele libertou a mão.

– Se não soubesse como te sentes neste momento, até podia ficar ofendido. Mas não fico. Boa noite, Lu.

– Desculpa, Timóteo. Não te quis magoar.

– E desconsiguiste, descansa.

Agora foi ela que lhe agarrou a mão repousando sobre o volante do carro. Involuntariamente, a voz saiu quente, numa súplica:

– Vem, deixa de orgulhos parvos. Preciso tanto de alguém amigo. E homem...

Ele não reagiu nem à mão nem ao tom de voz. Ela se virou para a porta e

abriu-a, hesitando em sair. Nessa posição, perguntou:

– Não vens mesmo beber só um copo e consolar a Olga?

– Não. E não é por orgulho, podes ter a certeza.

Ela saiu e o carro arrancou.

Aquela forquilha enterrada por Ilunga no chão, para nela pendurar as suas armas e amuletos e passar a primeira noite, ia se tornar árvore e um dia seria uma relíquia para os tundas, como tantos outros dos seus gestos. Mas ninguém podia adivinhar isso ainda, nem mesmo Kandala.

Assim, Lueji acordou no dia seguinte com grande indisposição. Tinha dançado e bebido na véspera, quando estava sem vontade, pelas preocupações da guerra e pela presença dos kandaka, que queriam eles afinal? Acordou com preguiça de se levantar, de enfrentar o Mundo. Na véspera, no fim do batuque, devia ter arrastado para a sua casa ou o jovem e gentil Kakongo, próximo chefe do protocolo, ou o esperto Kamexi, futuro comandante. Teria acordado mais bem disposta. Mas não tinha ousado, desde que era rainha nunca brincara com um rapaz. Porquê não sabia. Tinha antes vontade, mas no momento recuava. E, de repente, acordou de vez com a lembrança. Não, não era por ser rainha. Foi sim, depois de ver o homem esguio sair do disco da Lua e passar ao longe, na outra margem do seu lago, silenciosamente alto e elástico, empunhando um arco quase do seu tamanho. A visão do homem da Lua a impedia de querer outro rapaz para a acariciar. Se levantou, ainda mais insatisfeita.

Não estás bem, minha filha, não é nada, mãe, só os problemas. Nayole abanou a cabeça, condoída, pobre criança, o que lhe fez o pai? Lueji bebeu o ndoka morno e se sentiu melhor. O hidromel a aqueceu por dentro, lhe segredou força, rainha, estou aqui, dentro de ti. O ndoka era a melhor bebida e comida ao mesmo tempo, aquecia e fortalecia, adoçava e libertava o espírito. Vamos lá ver como vão estas guerras todas.

Não havia novidades. Os batedores, enviados para todos os lados com mondos, na finalidade de anunciar rapidamente os movimentos de Tchinguri, permaneciam mudos. O inimigo se mantinha longe de Mussumba. Toda a gente cavava os fossos a toda a extensão da paliçada. Precisamos pelo menos de mais três dias, lhe disse Kumbana. Tchinguri ia

lhes dar os três dias? Certamente que sim, ele ia se desviar para ocidente, perseguindo o caminho do Sol, caindo sobre as terras do tolo do Kakolo. Lueji tinha a certeza hoje, apesar de na véspera Kandala nada ter visto no seu ngombo.

Depois de ter examinado o trabalho dos fossos e ido visitar Kakoma e a sua forja incandescente, Lueji mandou chamar Kakongo. E disse para Kumbana:

– Vamos cumprimentar os kandaka. Tu vens, Kumbana. E tu, Kakongo, e todo um séquito. Vou na liteira.

Kakongo organizou rapidamente o cerimonial do cortejo. Se tratava dum visitante ilustre e a rainha da Lunda não podia aparecer como uma pedinte, tinha de mostrar o fausto da sua força. Como gesto de boa vontade para com os tubas, tinha escolhido um colar trazido por eles, aquele que tinha como joia solitária uma grande concha em forma de meia-lua apanhada nas margens do oceano Índico. A concha brilhava no seu peito nu. Ia subir para a liteira, quando apareceram os mais-velhos Kakolo e Kakele. Este falou:

– É verdade que vais visitar os lubas, rainha?

– É sim, muata Kakele.

– Não é dar-lhes demasiada importância?

– Eles trouxeram presentes reais. Devo retribuir com a minha cortesia.

Os dois muatas olharam em silêncio um para o outro. Depois Kakolo tomou a palavra:

– Não gosto da vinda deles. Têm um novo rei pelos vistos e não sabemos as intenções dele. Mas o maldlio Kalala sempre tentou anexar a Lunda. Chegou a mandar recados ao teu pai.

– Sei disso. Mais uma razão para falar com eles.

– Devias tu recebê-los. E que entrassem na tua onganda de cabeça baixa, a bater as palmas. Visitá-los é quase um gesto de rendição.

– Muata Kakolo, se eles interpretarem assim, então são muito ingénuos. Se confundem cortesia com fraqueza, não constituem perigo nenhum para nós.

Era uma forma indireta de dizer que Kakolo era ingénuo e este engoliu em seco, mordendo os lábios. Os dois mais-velhos hesitaram em insistir e Lueji aproveitou mandar avançar a liteira. Ficaram os dois ali, se olhando, em silêncio. Kakele pensou nem me convidou a fazer parte do séquito, estou atirado para o lado como uma folha velha de palmeira. E Kakolo rosnou

para dentro, garota pretensiosa e estúpida, ainda me vais implorar ajuda, com lágrimas nos olhos.

Kumbana abriu a marcha com dez soldados. Depois vinha a liteira, carregada, por doze portadores. Ao seu lado caminhava Kakongo, ornado de uma sala das mais belas plumas brancas. Fechavam o cortejo mais dez soldados. Os soldados marchavam orgulhosamente, com as suas plumas vermelhas e novas na cabeça, as azagaias perfeitamente paralelas ao corpo, os olhos rigidamente fixados em frente. Kumbana tinha-os treinado bem, se via logo.

Ao lado do rio e perto do acampamento dos lubas, Lueji viu uma pedra branca e lisa em cima. Apontou para Kumbana. Fizeram descer a liteira e a rainha sentou na pedra.

– Vai chamar o kandaka. Recebo-o aqui.

Kakongo avançou imediatamente para o acampamento dos lubas, cumprindo a ordem.

Lueji não sabia então, mas, mais tarde, segundo diz a tradição que nunca mente, Ilunga plantaria três árvores atrás daquela pedra onde a rainha da Lunda o recebeu. As três árvores cresceram e ainda hoje lá devem estar. Durante séculos seriam um monumento sagrado, apresentado de geração em geração.

Em breve apareceu o estrangeiro, acompanhado de Kakongo. Mais atrás vinha Mai e outros do seu séquito. Ilunga andava com seu passo elástico de caçador, alto e esbelto, a cor com cintilações azuladas ao Sol. Numa mão trazia o enorme arco de caça e na outra o machadinho de duplo gume.

Subitamente o vento cessou de fazer mexer os papiros da margem do Kalanhi. Os pássaros calaram seus pios de amor e os ruídos longínquos de Mussumba deixaram de se ouvir. Na manhã morna do Kalanhi, nem uma abelha zumbia, nem uma mosca passava, mesmo as águas turbulentas silenciaram. O coração de Lueji parou. Subitamente se pôs a galopar, parecia rinoceronte fugindo.

Era ele, o homem que saíra da Lua.

Ilunga se prostrou aos seus pés, batendo as palmas rituais. As palmas acordaram-na e com a mão convidou distraidamente o kandaka a se sentar na pedra, a seu lado. Ilunga levantou os olhos para ela pela primeira vez, viu o gesto e não percebeu, pois a visão do busto dela lhe provocou um grito calado dentro de si, grito do nome dela, grito da luz da Lua, grito que ficou

ressoando no peito seco dele, até que ela repetiu o gesto. Maquinalmente, Ilunga sentou ao lado de Lueji.

Foi difícil libertar a garganta para falar e era ele que o devia fazer. Dominou a vontade de deixar soar o grito que no interior dele ressoava. Num esforço enorme, conseguiu balbuciar:

– Vim como amigo, rainha da Lunda. O teu tio Salukunga nos recebeu muito bem, ouviu as minhas intenções e convidou-me a avançar para a tua Mussumba, pois achou que era do teu interesse.

Ela também não tinha vontade de falar. Aspirava docemente o cheiro forte dele, sentado a seu lado. E imagens alucinadas passavam nos seus olhos, de correrias à volta do lago atrás da sombra recortada no luar. Não podia ser, mas era. Tinha de reagir, falar, perguntar, discutir se necessário. Afinal era um luba, talvez inimigo. Não podia ficar aniquilada pela sua presença. Num esforço supremo, contemplou os elementos dos dois séquitos que se mediam com os olhos, sem se aproximar uns dos outros. Ninguém podia ouvir a conversa, dada a distância respeitosa a que Kakongo os colocou.

– Que tens para me dizer, príncipe da Luba?

A voz dela entrou no peito dele como uma carícia e o grito nele quase se libertou. Engoliu saliva mais uma vez e falou:

– Abandonei as terras da Luba por causa da inveja do meu irmão Luevu, o atual rei. Ele não podia suportar a minha fama de grande caçador e começou a me perseguir, logo que subiu ao trono. No fundo, já antes o fazia, mas era mais discreto. Resolvi pois avançar para novas terras onde pudesse caçar, principalmente elefantes. Para mim, rainha, a vida é caçar, nada mais interessa.

– A vida não é só caçar. Temos aqui caçadores, grandes também como Ndumba ua Tembo, mas se interessam por outras coisas.

Ilunga não replicou imediatamente, pois a frase dele também lhe começava a parecer despropositada. E falsa. Preferiu desviar a conversa.

– Aqui na Lunda há muitos elefantes, já pude constatar. E eles para vocês não têm grande valor, pelo menos não os caçam muito. Por isso abundam.

– Não temos muita tradição de caçar elefantes. Só com fossos, de vez em quando. Tu como os caças?

– Com isto.

E Ilunga levantou orgulhosamente o arco que tinha largado sobre a pedra.

– Então com flechas envenenadas – disse Lueji.

– Não, rainha, não é preciso. Isso fazem outros povos, sobretudo os Sekele, os homens pequenos e amarelados que vivem lá para o Sul e falam a estalar a língua.

– Conheço, às vezes aparece um ou outro aqui.

– Se se envenena as flechas, isso estraga a carne e tudo do elefante se deve aproveitar. Mas o que me interessa é o marfim. Por isso tenho uma proposta.

– Qual é essa proposta?

– Se nos deixares ficar aqui na Lunda, vamos caçar elefantes. Não nos meteremos na política do teu reino, da política fugi eu, vindo para cá. Os dentes são meus e a carne tua. Da carne tirarei apenas uma pequena parte, para a minha gente comer, gostam muito dessa carne, sobretudo a tromba. Outros animais que caçarmos servem para a nossa alimentação e para trocar com a tua gente, sobretudo por farinha e legumes. Tu vais precisar dessa carne, pelo menos enquanto estiveres em guerra. Os teus homens não têm tempo para caçar. E um elefante alimenta Mussumba por uns dias.

Calou, esperando a reação dela. Salukunga havia garantido, era um negócio muito aceitável, Mussumba precisava terrivelmente de alimentos. Por isso se surpreendeu com a pergunta seguinte dela:

– E para que queres o marfim?

– O marfim? Bem. Regularmente vão caravanas do lago salgado onde nasce o Sol até à Luba. Elas trazem joias como esse colar que usas hoje e que considero uma honra usares neste momento. São caravanas comandadas por homens claros, que falam uma língua estranha, que lhes sai toda do fundo da garganta.

– Árabes, assim se chamam a si próprios. Veio cá uma vez uma caravana, no tempo de Kondi.

– Vejo que conheces... Eles só querem marfim e escravos. E trazem sal, tecidos finos, joias, cadeiras ricamente esculpidas e outros produtos. Levam todo o marfim que eu puder apanhar.

Uma palavra no entanto tinha ficado a retinir no ouvido de Lueji. Apesar de se sentir estranhamente bem ao lado do homem que saíra uma noite da Lua, a rainha ainda estava desconfiada. Perguntou em tom indiferente:

– E não lhes entregas escravos?

– Não, isso não me interessa – a resposta foi rápida e com raiva escondida

nela. – Para ter escravos é preciso fazer guerras, atacar outros povos. Não quero guerras, na Luba sempre me opus a que negociássemos homens com os árabes, temos outras coisas para trocar. Foi uma das razões das minhas desavenças com Luevu, ele só sonha em despovoar a Luba e os territórios vizinhos, para vender as gentes. O meu pai também era assim.

– Kondi, pelo contrário, recusou fazer esse negócio com a caravana que esteve aqui.

– Fez muito bem, rainha. Gostava de o ter conhecido.

– Era um homem justo. Morreu há pouco tempo.

– Sei, sim, Salukunga me informou. E também sobre as pretensões dos teus irmãos. Mas que dizes da minha proposta?

Lueji ficou calada, refletindo. Tinha agora a certeza, os kandaka não tinham vindo preparar uma futura invasão por parte dos lubas. Ilunga não podia ser tão dúplice para a enganar. Era sincero, isso lhe dizia o coração. No entanto, ela era uma rainha e não podia se fiar apenas no coração, lhe tinha ensinado Kondi. Sobretudo porque o coração dela era por vezes muito mole, tinha já a experiência de Tchinguri para a alertar.

– E se me parecer que não é um acordo razoável?

Ilunga ficou petrificado. Esperava tudo menos aquilo. A maneira gentil como Mai foi recebido, a honra de ser visitado primeiro, o que revelava grande interesse por parte de Lueji, a situação precária da Lunda, quase sem reservas alimentares e condenada a ter apenas o peixe do Kalanhi, a conversa agradável que estavam travando, tudo anunciava um acordo fácil. Também aquele grito contido dentro de si era um pressentimento de coisas novas e belas que estavam para acontecer. E ela, de repente, recusava?

– Não compreendo, rainha da Lunda.

– Repito. Se eu achar que não é um bom acordo para mim, que vais fazer?

– Mas, rainha, nunca pensei que pudesses recusar. O teu tio Salukunga me explicou a situação, tu precisas de carne...

– O meu tio não é o rei da Lunda. E a Lunda não está assim tão desesperada como pretendes.

Ilunga levantou da pedra e se inclinou à frente dela. A voz saiu perturbada. Mas era macia ao mesmo tempo.

– Desculpa, rainha, se te ofendi. Não era minha intenção.

– Senta-te. Não precisas de pedir desculpas, não me ofendeste. Te fiz apenas uma pergunta.

O luba respirou fundo, atônito. Controlou o grito que mais uma vez se queria soltar. Grito que agora era de admiração pelo orgulho dela, tão nova e tão soberana.

– Se não nos quiseses cá, rainha, que posso fazer? Te peço autorização para atravessar o teu território, vou atrás do Sol. Não é isso que a minha família tem feito desde que se conhece? Para lá do Cassai sei que existem muitos elefantes. Ouvi falar do sítio onde esse rio nasce...

– Também ouviste falar? Dum lago no Tchivokue?

– Dum lago não. Ouvi dizer que na nascente do Cassai há mais elefantes que os dedos das mãos e dos pés de todas as pessoas que lá vivem...

– Os Tchokue!

– Te pediria licença e iria para lá. Só que se tornava difícil mandar o marfim até à Luba, para os árabes. Mas não tinha outra solução, rainha.

Que pena ele não ter ouvido falar do lago onde nasciam as rosas de porcelana, cujos bolbos alguém trouxe para Mussumba. Se lembrou então, nunca mais as veria? Com a guerra era impensável ir colhê-las lá no lago da sua infância. Sentiu um grande vazio que nem a presença de Ilunga podia preencher. E sentiu também a angústia dele.

– Não te vou mandar embora, príncipe. Te fiz apenas uma pergunta e respondeste satisfatoriamente. Mas o acordo que propões não é inteiramente justo. Ora vê. Vocês ficam no meu país, vão precisar de arranjar mulheres, o que vai causar problemas. Caçam os nossos elefantes, andam por toda a parte... Não te esqueças que são estrangeiros e as relações com os lubas nunca foram boas. E além disso tudo, a Lunda também pode querer negociar com os árabes. Para isso precisamos de marfim.

Ilunga começava a sentir o peito menos apertado. Não era uma recusa, apenas uma negociação. A voz dele saiu quase alegre de tão macia:

– Quais são então as tuas condições?

– As tuas. Mas com uma pequena diferença. Por cada elefante morto, tu ficas com um dente e eu com o outro. E com toda a carne, claro. A tromba inteira fica para ti. Outro tipo de carne será trocado normalmente. Mas te previno, talvez venhamos a ter falta de farinha, as searas ficaram longe.

Ilunga respondeu sem hesitar:

– Aceito, rainha.

– Há mais. O nosso acordo diz apenas respeito a este teu grupo de companheiros. Só chamarás outros com a minha autorização.

– Claro, isso é evidente.

– Poderão arranjar mulheres aqui, mas segundo as leis da Lunda. Mais tarde vão conhecê-las. Em troca, quero uma coisa.

Ela hesitou, pois era uma ideia nova que lhe tinha vindo ao ver o arco dele e o facão enorme e reluzente que todos os lubas traziam à cintura.

– Que coisa, rainha?

– Que ensines os meus homens a caçar e a fazer armas iguais às tuas. Se de fato são melhores que as nossas.

Ilunga sorriu. Descontraíu o corpo e notou então que a tensão nervosa lhe fazia doer os músculos todos.

– Posso satisfazer quase todos os teus desejos. Tenho comigo um excelente ferreiro, o encarregado de fazer as nossas armas, sobretudo as pontas das flechas. Ele pode ensinar os teus ferreiros. Se achares que as minhas armas são melhores que as tuas... E isso é fácil de ver. Queres experimentar?

– Quero.

– Chama então um dos teus guerreiros, rainha.

Lueji fez um gesto a Kumbana. Este se aproximou, Ilunga levantou da pedra e desembainhou o facão. Não precisou perguntar o nome, Salukunga tinha feito uma descrição precisa e colorida do chefe da guarda.

– És Kumbana, não?

– Sim, kandaka – respondeu o kanapumba, admirado e muito desconfiado, a mão segurando o cabo do facão.

Só então Lueji notou que o gesto de Ilunga, ao segurar no facão, tinha feito todos os soldados avançarem para eles, com as armas prontas a serem usadas em sua defesa. Ela fez um gesto brusco, parem, o estrangeiro vai nos mostrar uma coisa.

– Kumbana, segura no teu facão com força. Não tenhas medo, não te vou ferir. Vou bater com o meu no teu, para ver o que acontece, percebes?

Kumbana assentiu com a cabeça, olhando para a sorridente Lueji. O sorriso dela tranquilizou-o. Tirou o facão e segurou-o com as duas mãos. Ilunga levantou o seu e baixou-o com toda a sua força. Saíram faúlhas do encontro dos dois facões e Kumbana ficou com metade do dele na mão. O mucuali de Ilunga tinha-o cortado pelo meio. Um oh de espanto temeroso partiu das gargantas dos lundas. Ilunga se virou para Lueji, sorrindo.

– Sabia que isso ia acontecer, pois fizemos a mesma experiência na aldeia

do teu tio. Só que lá foi preciso eu propor. Mas tu viste imediatamente a qualidade do nosso ferro. Felicito-te pela tua perspicácia, rainha.

– E eu felicito-te pela tua habilidade.

– Não é uma questão de habilidade. Nem de força. É o nosso ferro que é melhor. Fazemos outra experiência?

Como ela assentiu, os olhos a brilhar, Ilunga se virou para Kumbana e disse:

– Agora fazemos ao contrário. Bates tu com força no meu mucuali. Kumbana pegou no facão dum dos soldados e levantou-o o máximo que pôde. Ilunga estendeu o seu. Kumbana bateu com toda a força que tinha, faíscas saltaram e de novo ficou com metade do seu na mão.

– Como vês, rainha, não é questão de habilidade ou força.

As palmas de admiração dos soldados tinham-nos feito perder toda a disciplina. Tentavam chegar mais perto para ver as armas brilhantes dos lubas.

– Se quiseses, podemos experimentar o arco.

Lueji apenas acenou com a cabeça. Enquanto Ilunga segurava o seu longo arco e tirava uma flecha da saca de couro de mbambi, ela pensou com aqueles mucuali Tchinguri começaria a ser um perigo mais remoto. Se tivessem tempo de fabricar novas armas. Dá-me tempo, Tchinguri, dá-me tempo.

– Vês aquela árvore, rainha?

E Ilunga apontou uma árvore torta que estava a uns cem passos de distância. Apontou para ela a flecha e esticou o arco. Os músculos dele brilharam ao Sol. Solto a flecha e esta partiu zunindo. Se espetou na árvore com violência e ficou tremendo. Muitos ohs saíram das gargantas lundas. As flechas deles chegariam ao fim daquela distância quase sem força de se enterrar na árvore. E se o fizessem, o mais certo era partirem a ponta e não penetrarem. Ilunga repetiu a experiência e a segunda flecha se espetou quase ao lado da primeira.

– Aí já não é só a qualidade do ferro, Ilunga. Te felicito pela tua habilidade com o arco.

– Obrigado, Lueji.

Sem notarem, se tinham tratado pelos nomes. Foi tão natural que nenhum registou o momento. Só mais tarde, quando Lueji se quis recordar quando se começaram a tratar pelo nome próprio e conseguiu lembrar, é que deu

pelo caso. Entretanto, Ilunga voltou a sentar na pedra, sorridente.

– O meu ferreiro pode ensinar os teus a tratar assim o aço. Ele me disse o minério daqui é de boa qualidade, melhor que o da Luba. Se os espíritos forem favoráveis, até podem sair armas melhores que estas.

Lueji estava encantada. Aquele príncipe tinha mesmo saído da Lua para a salvar e salvar o lukano. Com armas daquelas o seu exército em breve seria muito mais forte. Mas logo parou de sorrir porque um pressentimento lhe assolou o espírito. Kakoma ia aprender a nova técnica. Kakoma era tio de Ndumba ua Tembo. Este hoje era um aliado, mas que passaria a ser quando recusasse o casamento com ele? Poderia vir a ser um inimigo. Um inimigo com o segredo de fazer melhores armas...

– Peço-te uma coisa, Ilunga. O teu ferreiro só ensinará o segredo aos ferreiros que eu indicar. E a mais ninguém.

O Tchibinda ficou admirado, mas não respondeu. Assentiu apenas com a cabeça. Depois compreendeu e sorriu. Que rapariga esperta. Claro, como não tinha pensado nisso? Era um segredo que lhe dava enorme poder. Pensou com certa mágoa, um segredo que lhe ofereço sem nada pedir em troca. Podia obter os dois dentes de marfim de cada elefante. Ou mais. Na situação dela, este segredo é mais valioso que tudo o resto. Mas o trato estava feito e não ia voltar atrás. Por isso nunca poderei ser um soberano, não me interessa por esses jogos subtis de poder e negociações, nem tenho jeito para eles. Mai deve ter razão, sou um ingénuo. Se eu tivesse a cabeça da Lueji, Luevu não reinaria na Luba, se disse com certa amargura. Deixa lá, ela é bonita e doce. Merece o mais maravilhoso presente que lhe posso dar. A vitória contra Tchinguri.

– Há só uma coisa que não posso satisfazer totalmente, Lueji. Posso ensinar os teus homens a caçar, lhes explicar tudo o que aprendi. Exceto uma coisa. A magia do uanga. Faz parte mesmo da minha arte. Só um nganga a pode ensinar e eu não sou um nganga. Posso fazer bons caçadores dos teus homens, mas caçadores normais, não tchibindas.

– Compreendo, Ilunga. Guarda para ti o segredo do uanga. Me contento com o resto.

Lueji fez um gesto para Kumbana e Kakongo, os quais se aproximaram logo. A rainha levantou no alto da pedra e falou para eles, mas suficientemente alto para todos ouvirem, lundas e lubas.

– O Tchibinda Ilunga e os seus companheiros vão construir as suas

chipangas aqui em Mussumba. Depois Kakongo lhes indicará o sítio que eu escolher. Ficam a viver connosco, com todas as honras devidas a pessoas da mais nobre linhagem. Poderão arranjar mulheres, conforme os costumes da Lunda. Vão caçar em todo o território e trocam a carne pela nossa comida. Kakongo, quero que sejam sempre convidados para as nossas festas.

Gritos de parte dos lubas celebraram as palavras da rainha. Mai sobretudo estava exuberante. Se aproximou de Lueji como se olhasse o Sol e ajoelhou, obrigado, rainha da Lunda. Tinha cometido uma falta de protocolo, pois só Ilunga devia agradecer em nome de todos, mas não lhe fizeram reparo, a sua juventude desculpava muita coisa. Lueji sorriu para Mai, porém falou para Ilunga:

– Ao fim da tarde os dois estão convidados para comer comigo. Não é um banquete, porque estamos em regime de kilombo, do que peço antecipadamente desculpa.

Ilunga se inclinou à frente dela, assim como Mai. O tchibinda aclarou a voz, pigarreando.

– É uma grande honra e nós teríamos o maior prazer em aceitar o teu generoso convite, rainha. Mas perdoa-nos antecipadamente e não te ofendas. Isso não nos é possível.

– Por quê? – O espanto e uma ponta de irritação fez a voz dela sair mais aguda que o habitual.

– O nosso costume proíbe-nos isso, rainha. Peço que compreendas e não leves a mal...

– Se o explicares, posso compreender.

– Aceitar o teu convite era a coisa que mais gostaria de fazer hoje, acredita. Mas segundo o costume da Luba, o rei e os seus prováveis sucessores são obrigados a comer sozinhos. Só podem ser vistos comer pela sua própria mulher ou, se forem solteiros, por uma mulher especial que os serve. Se alguém uma vez os vir comer, grandes desgraças ocorrem.

Lueji ficou silenciosa, meditando. Estranho costume. Será por medo do feitiço? Ou uma maneira polida de recusar a comida dos lundas que para eles pode ser demasiado pobre? Tentando esconder a irritação que queria dominá-la, perguntou:

– É para evitar envenenamentos? Se é isso, podes estar descansado. Eu só como o que a minha mãe vê cozinhar, essa é uma das suas tarefas.

– Não é para evitar envenenamentos, rainha. Talvez tenha sido no

princípio essa a razão, nunca procurei saber. O fato é que se faz assim e somos educados desde crianças para aceitar esta regra. É um dever da nossa alta condição. Nem posso ver Mai comer ou beber, nem ele me pode ver. Lamento muito, rainha da Lunda, e peço a tua compreensão.

– Está bem.

Mas ela não estava totalmente convencida e tinha perdido uma parte da alegria anterior. Ilunga notou.

– Se nos dás essa honra, rainha, ficaríamos muito felizes em podermos te visitar ao fim da tarde, depois da refeição. Poderia te explicar outros costumes nossos e teria o prazer da tua companhia.

A voz dele era forte e doce e Lueji teve de sorrir. Fez um gesto despreocupado com o espanta-moscas.

– Claro que autorizo a vossa visita. Terei muito prazer.

Ilunga e Mai se inclinaram, batendo palmas, muana vuliê. A audiência estava terminada e ela não tinha mais pretexto para ali permanecer. Contrafeita, deu uma ordem e partiu com o séquito para Mussumba. Quando se afastaram do rio e das vistas dos lubas, a rainha fez baixar a liteira e deu ordens a Kakongo para levar os homens para a onganda real, ela ia andar com Kumbana e apenas dois dos guarda-costas.

– Que pensas das armas deles, Kumbana?

– Estava a pensar nisso o tempo todo, rainha. Se nos ensinassem a fabricá-las... Podíamos derrotar Tchinguri mesmo em campo aberto... Se houvesse tempo...

– Era isso mesmo que te queria falar em particular. Fiz um acordo com o kandaka. Eles trazem o seu próprio ferreiro. E uma das cláusulas do acordo é ensinarem os nossos ferreiros a fabricar aquele aço. Por isso Salukunga tinha tanta pressa que eu recebesse Ilunga. Devem ter falado nisso.

– É formidável, rainha.

Os olhos do fiel Kumbana brilhavam e os seus lábios esboçaram um sorriso, gesto raro nele.

– Fiquei admirada como ele aceitou sem hesitar. Se tivesse más intenções a nosso respeito, guardaria o segredo, pois é a grande força dos lubas contra nós. Afinal, eles podiam mesmo nos invadir e derrotar à vontade. Se o segredo passa para nós, isso já se torna muito difícil.

– É. Parece, rainha, podemos confiar nestes lubas.

– Sim, tenho a certeza. Mas não digas nada a ninguém, por enquanto.

Temos de decidir primeiro como fazer.

– Não aproveitamos o segredo contra Tchinguri?

A pergunta trazia implícita uma discordância. Lueji segurou no braço dele e falou ainda mais confidencialmente:

– Não é isso, Kumbana. Se eles ensinam o Kakoma a fazer o aço e foi nisso que pensaste logo...

– Claro.

– Pensa. Kakoma é mais fiel a Ndumba ua Tembo que à rainha da Lunda. Ndumba quer casar comigo. É um grande aliado neste momento, porque casando comigo pode ter acesso ao lukano. Mas não tenho intenções de casar com ele. Pelo menos por enquanto... O despeito não o fará se tornar um inimigo? O segredo do aço passa para ele, tornado inimigo...

– Como não pensei nisso, Lueji? Estás com toda a razão. O segredo tem de ficar na nossa linhagem, tem de te pertencer apenas a ti, rainha.

– No acordo com Ilunga ficou dito que o ferreiro luba só vai ensinar quem eu indicar. O problema agora é o seguinte, podemos evitar que Kakoma o aprenda?

Kumbana não respondeu. Ele sabia da arte militar, nisso era quase tão bom como Kandumba. Mas as subtilezas dos jogos de poder eram complicadas demais para o seu treino de cortesão recente. Preferia deixar ao cuidado de Lueji, que já se revelara ser muito competente nas intrigas do poder.

– Eu podia mandar o ferreiro luba para o território de Salukunga e lá fabricar as novas armas, ensinando ao mesmo tempo Kimuanga, que é o melhor que lá temos. E qual seria a reação de Kakoma e mais tarde de Ndumba? Se sentiam enganados, que eu não tinha confiança neles...

– Aí de qualquer modo seria tarde demais para eles. Os nossos homens com as novas armas eram um exército que Ndumba tinha de respeitar. Que podia ele fazer?

Tchinguri não pensaria duas vezes, ia guardar o trunfo só para si. Tinha preparado o seu próprio exército, só dele, e armaria apenas os seus homens com as novas armas. O poder não se divide, não era mesmo a divisa de Tchinguri? Ela tinha imitado quase inconscientemente a ideia do irmão e criado o seu exército, com vocação de se tornar independente dos Tubungo. Então, por que repartir o segredo com Ndumba e os outros Tubungo? A rainha da Lunda tem de ter o máximo do poder para defender o lukano.

Quem mais o vai defender no meu lugar?

– Tens razão, Kumbana. Eles não poderão fazer nada mais tarde, terão de se conformar. Logo vou falar com Ilunga e amanhã cedo o ferreiro deles parte para a aldeia de Salukunga. Kamexi vai com ele para explicar tudo ao meu tio.

– Mas Kamexi nos faz falta. Mesmo que volte amanhã. Se Tchinguri ataca?

– Então vai Kakongo. É esperto e de confiança. E na guerra não nos serve de nada.

Tinham chegado perto da paliçada. Ficaram a inspecionar o trabalho dos fossos. Os homens cavavam os buracos e as mulheres carregavam a terra para dentro da paliçada. Se ficasse essa terra toda à vista dos atacantes, logo percebiam que fossos tinham sido cavados. Era um duplo trabalho e fazia perder tempo, mas não havia outra solução. Todas as muhambas que normalmente transportavam farinha ou peixe ou carne, agora eram utilizadas para carregar a terra. E eram poucas, por isso um grupo de mulheres tinha sido destacado para fabricar só muhambas. Tchinguri, a quanto trabalho obrigas, pensou tristemente Lueji. Começava a se notar o resultado de tantos esforços e da má alimentação. Os populares pareciam mais magros, mais velhos. Eram dias e dias de trabalho intenso, comendo só uma refeição, dormindo ao relento. Só os jovens soldados pareciam em boa condição física, mas eles eram tratados com mais cuidado e comiam também de manhã.

Kandumba se chegou a eles e Lueji lhe contou rapidamente o que combinara com Ilunga. Os olhos de Kandumba brilhavam.

– Se tivermos tempo de fabricar as armas, mesmo que seja apenas para a tua guarda pessoal e para os grupos do leão e do elefante, Tchinguri não entra na Mussumba.

– Vai haver tempo, Kandumba. Ele ainda vai atacar as terras do velho Kakolo.

– Tens a certeza, não é, rainha? – perguntou Kandumba.

– Tenho. Conheço o meu irmão e ele escolherá sempre a estratégia mais inteligente.

– Deves ter razão – disse Kandumba. – E agora espero mesmo que tenhas razão, porque assim nos vai dar tempo. O tempo volta a contar a nosso favor. A estratégia mais inteligente acaba por ser errada, rainha.

– Errada não. Só que aconteceu algo que ele nunca podia prever. Os espíritos dos antepassados estão mesmo comigo.

Kandumba concordou com a cabeça. Kumbana ouvia a conversa dos dois, e a certeza de Lueji começava a convencê-lo. Ela tem de fato os espíritos do lado dela, já aprendeu a falar com eles, talvez tenha razão também ao adivinhar a estratégia diabólica de Tchinguri. E fez uma triste figura em não a ter apoiado contra Kakele e Kakolo.

– A propósito do Kakolo, rainha... – disse Kandumba. – Esse muata anda por aí toda a manhã a gritar que tu não percebes nada de guerra, que pensas Tchinguri vai atacar primeiro as terras dele. E dá grandes gargalhadas de desprezo. Tive vontade de ir lá calar a boca dele.

– Deixa-o falar. Se eu tiver razão, ele vai perder a soberba duma vez por todas.

– Mas muata Sambunje veio falar comigo, todo preocupado. Ouviu de Kakolo que depois seriam as terras dele as invadidas, segundo a tua ideia. E me perguntou se eu achava melhor ele avisar o povo dele para recuar, se esconder nas matas e vir para Mussumba. Eu disse era melhor falar contigo, rainha.

– Acho prudente que o povo se esconda nas matas. Se ao fim duma semana, os homens de Tchinguri não ocuparem as terras, então podem voltar à sua vida normal. Temos de criar o vazio diante de Tchinguri. E avisar Ndumba ua Tembo que depois de Sambunje provavelmente será a vez dele. Mas Ndumba será avisado só depois de se confirmar o ataque a Kakolo. Diz a Sambunje eu acho melhor ele mandar o povo se esconder com alimentação para uma semana. Recuar para Mussumba não, a comida vai faltar aqui.

Mais gente de Kakele tinha chegado a Mussumba e todos contavam a mesma coisa. Mas os batedores enviados para perto das tropas de Tchinguri não comunicavam nada, os mundos estavam calados. Ou Tchinguri era feiticeiro e tornava os seus homens invisíveis, ou não se dirigia ainda contra a nova Mussumba. E se Tchinguri fosse nganga? A suspeita assustou Lueji. Se ele aparecesse de repente diante de Mussumba, então era nganga mesmo e nada havia a fazer, era inútil tentar qualquer oposição. Ora, disparate! Se ele fosse nganga, teria contado. Esconderia de todos menos dela, sabia que Lueji nunca trairia o segredo, Lueji não era como Mabiala que teve logo de confidenciar no crítico o seu projeto comum. Lu não pediu segredo mas era

evidente, andava a esconder de todos enquanto a ideia não amadurecia. Agora era inútil tentar esconder alguma coisa.

Mabiala tinha a estranha função de a empurrar para a frente, a levar a enfrentar o que temia mas desejava. Começou daquela vez no bar, ele pegou em palavras soltas dela e as transformou em música. Sons também esparsos mas que estimularam as ideias. Graças àqueles acordes, a busca cega se tornou um projeto. Antes procurava, como Lueji ansiava pelo homem que saíra da Lua. Afonso Mabiala a fez descobrir o que procurava. Pela intuição apenas. Não era a mesma magia de Kandala? Depois, os trechos musicais tornavam concretas as visões embaciadas dela. Novos desenvolvimentos surgiam daqueles sons de batuque e harmonias de órgãos imitados por kakochis e kissanjes. Através deles ela via e se via. E agora, mostrando ao crítico Matias o seu trabalho, tinha atirado Lu contra a parede, já não tinha ponto de recuo. Temores, inseguranças, hesitações? Como não ultrapassar tudo isso, fechar os olhos e satirar para fora da trincheira? O Bit-Bit tinha contado daquela vez no mato em que ficou cercado e já nem medo podia ter, pois não tinha fuga possível. Aí fechou os olhos, que tudo terminasse rápido, só não queria era ser torturado, correu sozinho para os inimigos e estes deixaram passar, aterrorizados perante o contra-ataque inesperado. A ela só restava agora reunir a coragem e ir falar à Diretora.

Estranho mágico Mabiala! Todo artista é um pouco feiticeiro, isso sempre eu soube, mesmo se o não reconheço. Recordou quando tinha onze anos e se frustrava porque nunca tinha recebido flores em espetáculos. Elas eram só para as solistas e para um ou outro bailarino que se destacasse, ou então os pais ofereciam aos filhos. Os padrinhos nunca tinham tido essa sensibilidade, aliás nem iam aos espetáculos organizados pela Escola. O padrinho sinteressava apenas em conversar sobre candongas e esquemas, para ampliar os negócios e enriquecer mais ainda. A madrinha só queria ver televisão, mas não os programas culturais. Vivia na casa deles para poder frequentar a Escola de Dança e aí terminava o encargo dos padrinhos. E de ano para ano, de espetáculo para espetáculo, crescia a frustração. Ainda era muito pequena para ser solista e nunca a escolhiam, apesar de fazer par constante com o Uli e ele por vezes ser escolhido. Como desejava receber uma rosa de porcelana no palco! Mas sempre calou o desejo. Até que inventou uma invocação à frente do espelho do seu quarto, uma série combinada de piruetas e arabescos finalizados por uma *attitude*. Tinha a

certeza, representava uma rosa de porcelana, a flor só podia ser aquela série de movimentos lentos e esguios mas redondos, pétala a pétala. À noite, antes de se deitar, como outras rezavam, ela dançava nua à frente do espelho a invocação à rosa de porcelana. E o feitiço funcionou. Nas vésperas dum espetáculo, a Otília apanhou hepatite, numa epidemia que grassava em Luanda. Não podia participar no *pas-de-deux* com Uli. E foi ele mesmo que disse, só se for a Lu a substituta, nos entendemos tão bem que em dois dias ensaiamos o adágio. Contrafeitos, adivinhando o descalabro de pôr uma principiante como solista, os professores aceitaram a alternativa. E Lu dançou o adágio com Uli. E encantou. Recebeu a sua primeira rosa de porcelana. A partir daí, não havia espetáculo sem ser solista, apoiada sempre por Uli. E, a invocação funcionou. Até hoje, antes dum espetáculo, Lu dança a rosa de porcelana, para chamar a sorte. A sua carreira se construiu sobre isso. E vou de novo passar a dançar antes de me deitar, para acalmar esse maldito cazumbi que me persegue, como não lembrei isso antes?

Agora mesmo o devia fazer, para poder ser convincente perante a Diretora. Fechou a porta do quarto, se despiu toda à frente do espelho. O guarda-fatos tinha três portas, ocupava quase a parede do quarto. Cada porta tinha um espelho maior que ela. Custara uma fortuna, mas era indispensável para poder treinar em casa e se ver. Começou os movimentos lentos com cuidado, Timóteo a tinha proibido de forçar a anca. Mas logo esqueceu o medo, pois devia se concentrar na flor. Não tinha de desejar nada, apenas se concentrar na flor e desenhá-la no espaço. A invocação durava dois minutos, mas suave quando terminou. Incrível falta de forma, vou sofrer para recuperar. Sentou na cama, olhando o corpo nu, tão mal amado. Tempos e tempos sem um homem, ainda sabia o que era isso? Agora, de repente, entregara sem sucesso numa noite a Mabilia e depois a Timóteo. Duas negas seguidas. Que se passava com ela? Nunca um homem lhe tinha resistido, antes pelo contrário, passara a vida a fugir deles. Nem mesmo Bit-Bit tentou uma alusão velada, manteve sempre a atitude paternal. Como Mabilia disse, se via ela não estava curada, era assim tão evidente que afastava o desejo? Ou ainda era o espírito a isolá-la, a cercá-la numa redoma de aço invisível? Uli, esse então, nem reagiu ontem, quando o beijei no intervalo do espetáculo, parecia de cera. Foram beijos fraternais, nas bochechas, mas ele devia normalmente reagir. E nada. A quem pertenceu

esse cazumbi? Se a dança da rosa de porcelana não o acalmasse, tinha de ir ao mercado dos Congolesees procurar uma mais-velha para a orientar a dominar o espírito desencarnado. Os grandes meios da avó! Talvez até fosse melhor ir em Benguela e cortar o mal pela raiz. A Catumbela e o Dombe Grande, duas cidadezinhas próximas da capital, sempre rivalizaram nessa arte. Talvez o Dombe Grande fosse mais apropriado para o caso, a Catumbela era sobretudo para casos de morte ou de amor infeliz. Também era o problema dela afinal. Só mesmo a avó podia decidir.

Mas ainda era cedo para tratar disso. Tinha era de se vestir e ir falar com a Diretora. Mas ficou se olhando no espelho. E se metesse a dança da rosa no bailado? Lueji dançando a invocação, na nova Mussumba, transmitindo a sua saudade do lago? Era perfeito. Afonso certamente comporia um trecho belíssimo. Nunca ninguém a vira dançar, nem Marina ou Michel, sempre se trancara no quarto para a invocação. Se o fizesse à frente de Afonso, ele captaria logo a música ideal. E ia dançar toda nua para ele? Quimportava? Ele não ia interpretar mal. E, no fundo, se isso provocasse outras reações, tanto melhor, já estariam fechados no quarto com uma cama à disposição. É, nessa noite, quando Mabiata viesse, lhe contava toda a lenda da dança, se despia e dançava para ele ver. Uma, duas, as vezes que fosse necessário até a música surgir. E se se misturasse amor pelo meio, amor, dança, música, amor, ainda melhor ficava a música. E a dança. E o amor. Levantou e repetiu os arabescos e piruetas, lentamente, muito lentamente, sentindo o desejo crescer, se forçando em não pensar em Afonso, só na rosa, mas a invocação da rosa vinha associada a mil desejos e, dançando, ela fazia amor com o seu próprio corpo, ao longe soando acordes doces de marimbas e a flauta surgindo deles, e os gestos eram cada vez mais lânguidos, mais lascivos, concentrados em pétalas não de porcelana mas de sémen e de repente o orgasmo veio, enquanto no espelho se desenhava o inconfundível corpo de Uli.

Sentou na cama, desalentada, estou perdida.

Muito tempo ficou assim, olhando o espelho, mas a figura do corpo de Uli durara apenas o tempo do orgasmo e agora só via o dela, murcho como o duma rosa de porcelana colhida há um mês.

Não, não podia dançar a invocação para Afonso. Nem para ninguém. Era o seu segredo, o seu uanga profissional. Perderia todo o poder se saísse dela. O mesmo que o tahi devassar a sua arte na praça pública, expondo os

elementos do ngombo à luz do Sol. Dançar para Afonso, ou mesmo para Uli, é pôr a nu as minhas defesas, é suicídio, é oferecer-me à escravidão. Sou tão fraca já! Ia perder o seu único trunfo perante um Mundo endoidecido pela concorrência. Espírito da centavó Lueji, como o desespero me põe tão estúpida? E tu não me ajudas. Parou logo a queixa, pois podia estar a ser injusta e era perigoso. Quem me garante não foi o espírito de Lueji que criou a imagem de Uli no espelho para me fazer cair em mim? Tão bom se fosse, quem sabe?

Venceu a indecisão e se vestiu febrilmente. Pegou no caderno de apontamentos, na cassette que Mabiala gravou, saiu disparada do apartamento, antes de arranjar novo pretexto de adiar. Se não for agora, nunca mais falo com a Diretora.

Não sentiu o corpo nem mesmo a anca, ao descer até à Baixa. Estava toda concentrada nas palavras que ia proferir, agora só o discurso interessava. Encontrou a sede do grupo vazia. Os bailarinos tinham espetáculo à noite, por isso alguns tinham ido à praia, outros tratar dos seus problemas. Mas a Diretora estava no gabinete. Ao abrir a porta, Lu viu num relance a cara dela e o jornal à frente. Sarrependeu de ter vindo. Tentou um recuo, mas a voz da Diretora empurrou-a para a frente.

– Entra. Já leste a crítica do jornal?

Não lera, nem precisava, adivinhava facilmente o que estava escrito. Mesmo se Matias não tivesse falado com ela, bastaria notar a cara da Diretora. Respirou fundo, sentou na cadeira, leu por alto. Se fixou nas últimas frases com um aperto no peito, ou muda a orientação artística do grupo ou ele terá o mesmo fim de tantos outros, em tantas modalidades, que nascem e desabrocham em talentos e propostas novas, mas no auge do seu desenvolvimento apanham estranhas doenças e se desfazem incompreensivelmente, perante o justificado desespero dos participantes e do público adepto. Este grupo tem mais responsabilidade que outro qualquer, pois conseguiu criar um estilo próprio, que em vários países já é considerado uma marca característica de Angola. Só um bailado novo, embora seguindo a linha natural da evolução de há dez anos a esta parte, pode recuperar a confiança do público e dos integrantes. Felizmente o projeto existe, pois a arte jorra em catadupas dos grandes artistas que temos. Tememos no entanto que a tibieza e espírito carreirista demonstrados ultimamente pela Direção do grupo a leve a rejeitar esse projeto audacioso,

digno dum Béjart, e perder assim a última oportunidade de salvar anos e anos de trabalho de alta qualidade. Seria uma perda para a cultura nacional que, desde já avisamos, não pararemos de denunciar, até ao apuramento total das responsabilidades por esse ato de lesa-cultura angolana. O grupo tem dois meses para se salvar ou desaparecer.

– Que raio de projeto é esse? Sabes de alguma coisa escondida, Lu?

Por que a Diretora lhe perguntava a ela? Suspeitaria dalgum estranho complô em que Lu estivesse envolvida com o crítico? Era o pior momento possível para lhe falar de Lueji, só confirmava suspeitas. Para ganhar tempo, Lu perguntou:

– E lá de cima já veio a reação?

A Diretora deixou cair o braço sobre a secretária. O desalento dela era gritante. Olhou a bailarina pela primeira vez e falou, derrotada:

– A pior possível. Telefonaram há bocado. Só bafos e ameaças. Temos dois meses para salvar o grupo, até parece que recitavam essa crítica. E daí... É mesmo o Matias quem pensa por eles. Querem um espetáculo de alta qualidade e não vale a pena contar com coreógrafos estrangeiros. Já não precisamos deles e as últimas experiências têm sido desastrosas...

– A do checo foi...

– Tenho a espada sobre a cabeça. Se não apresentamos esse espetáculo único em dois meses, sou transferida para o Luena. Vão lá abrir uma escola e precisam de alguém. Para mim não é castigo ir para o Luena, por acaso até nasci lá, só na cabeça deles é que isso representa castigo. Mas significa acabar com o grupo. Os bailarinos também são espalhados pelo País, para ensinarem nas cidades. Acaba o grupo. Claro, aí há exagero na ameaça, não é legal. Nem todos querem ser professores.

– É o meu caso. Ninguém me pode obrigar a ensinar dança, sempre recusei.

– Nem podem fazer nada ao Uli, vai ser médico. E nem profissionais são. Por isso é só ameaça vazia. Quanto a mim e à professora, sim, podem transferir-nos.

– E então?

– Temos dois meses e vou lutar. Essa crítica tem um aspecto positivo, me fez pensar que errei. Devia ter posto os pés contra a parede e nunca aceitar preparar um espetáculo da última hora. Realmente fui fraca.

– Não pense assim. Não tinha outra saída.

– Tinha. Recusar, lutar. Talvez esse tal projeto misterioso estivesse mais avançado. Se o Matias fala disso, é porque o conhece e é de qualidade. Esse gajo nunca escreve à toa, é demasiado vaidoso para isso. E o máximo da humilhação é ter de ir falar com ele ao jornal, para pedir que me explique que projeto é esse. Só ele deve ter as ligações.

– Não precisa. Sei de que se trata.

O momento chegou e Lu não se conteve. Podia? Antes tinha decidido não lhe falar de Lueji, mas agora era diferente, um impulso repentino a atirou definitivamente para fora da trincheira. Só lhe restava voar. A Diretora inquiria com os olhos pisados. Desconfiados? Apenas ansiosos.

– Foi o Mabiala, esse mujimbeiro bêbado, que revelou a ideia ao Matias. Ainda não o apanhei a jeito, vai me ouvir das boas. Mas eu explico... Tenho aqui as primeiras tentativas de música para esse bailado. E a primeira parte do roteiro também. Estamos a trabalhar nele, o Afonso e eu. Queria avançar mais com o roteiro, para então lhe falar. Só que a inconfidência do Mabiala e o espetáculo de ontem precipitaram tudo.

Tirou do saco o caderno de apontamentos e a cassete. Havia um leitor ao lado e Lu introduziu nele a cassete. E começou a contar a estória de Lueji, lendo por vezes parte do roteiro. Ligou o gravador e foi explicando a estória, estórias à volta da estória, roteiro, enquanto os sons da música de Mabiala enchiam o gabinete da Diretora. Esta ouviu um pouco a música, levantou nervosamente, vem, não podemos ficar aqui que nos vão interromper, vamos para a sala secreta. Era um quartito nos fundos, onde ela se escondia quando precisava pensar tranquilamente num assunto. Deixou na porta do gabinete um letreiro de “Ausente”, foram as duas com o leitor de cassetes se refugiar na sala secreta.

Lu falou muito menos do que a Mabiala. Aliás não precisava, se a Diretora quisesse detalhes ouviria as gravações da conversa com Afonso, estava tudo registado. A música terminou e ficaram silenciosas, saboreando as suas próprias emoções. E agora vai dizer, que pretensão a tua, cresce primeiro, e o meu sonho morre. Não a deixou destruir as ilusões e falou:

– Isto é o resumo. Se lhinteressar, passamos para as coreografias. É o seu trabalho.

A Diretora acendeu um cigarro. Lu recusou a oferta, esperando a sentença.

– Essa música é fantástica, adivinha-se que vai ser fantástica. E o roteiro é

muito bom.

Lu não disse nada, gozando a revelação. Se via, a outra estava interessada, considerava o trabalho bom. Podia ser a salvação do grupo? Não havia outra.

– Esse Afonso Mabiala... Quando lhe dá na gana, faz música que é uma maravilha. Se é pressionado, nada sai. Como o conseguiste mobilizar?

– Foi a estória. Ele andava já antes em crise de criação, procurava qualquer coisa. Eu também. E por acaso aconteceu, palavra aqui, palavra ali, descobrimos que procurávamos a mesma coisa. Sei lá, deve ter sido assim. Também não sei muito bem como tudo isto aconteceu.

– Nunca tinhas tentado criar antes?

– Deste género não.

– É sempre assim que se começa, perseguindo uma ideia que afinal nem se tem, ou se pensa que se não tem... E agora, em que ponto estão?

– Estou a escrever o roteiro. Mais uns dias e deve ficar pronto. Preciso de alguém para o rever, um escritor talvez. Se a música ajudar... Entretanto, o Afonso vai desenvolvendo as ideias. Mas era preciso ir metendo já a coreografia, umas coisas ajudam a melhorar as outras.

– E pensaste em mim para a coreografia?

– Claro, quem havia de ser?

– Serei capaz, Lu?

– Quem me dissesse antes que eu ia escrever um roteiro, recebia num mínimo um estás maluco...

A Diretora apertou a mão dela. Sorriu, falou:

– Não temos alternativa, pois não, Lu?

– Parece.

A outra levantou da cadeira. Esmagou o cigarro mal começado e acendeu o seguinte. Deu duas voltas pela salita. Falou em voz alta, mas Lu sabia, era consigo própria que argumentava:

– Nunca fiz uma coreografia tão complexa como essa. Nem falo das cenas de multidão, os batuques, os movimentos de massa, nisso vocês são exímios. O problema são os solos ou os *pas-de-deux*. Claro, alguns já estão facilitados, pois me parece, tens todos os passos da Lueji na cabeça. Mas a ligação de tudo isso... Oh, quem me dera ter o checo aqui, ele ia ajudar.

– Só ia complicar.

– Era competente. Mas não está, pronto... E para os movimentos de

massa não temos tantos bailarinos. Precisamos de figurantes para encher.

– Há os alunos da Escola de Dança. Podem muito bem ser figurantes.

– Sim, os mais velhos. Temos de ir para a frente, não é, Lu? Então é inútil pensar muito. Como vamos trabalhar?

A música de marimbas retiniu na cabeça de Lu. Tão nítida, tão dolorosamente nítida, que não a ia esquecer. Bastava trauteá-la para Afonso e ele comporia. Servia de ligação entre os trechos musicais já criados. Tinha nascido difusa, mas agora se afirmava irreversivelmente. A Diretora tinha aceitado, Lueji ia dançar num palco.

– A três – respondeu Lu, já sem poder conter o entusiasmo, sempre reprimido. – Cada um pensa uma coisa no seu setor, mostra aos outros, isso cria novas ideias...

Lu abraçou a Diretora, selando o acordo. A mais velha afagou a cabeça dela, adivinhando o pranto prestes a explodir.

– É o teu sonho, não é, Lu?

A bailarina não resistiu ao afago, à fala doce. Mais sabraçou a ela, soluçando.

– Tudo corria mal, aconteceu tanta coisa... Só mesmo esse sonho me manteve de pé. Senão... nem sei.

– Vai ser uma maravilha, Lu-Lueji.

– Dá tempo?

A pergunta profissional quebrou o encanto. A Diretora abandonou o cabelo de Lu, refletiu.

– Tem de dar. Havendo o roteiro e a música, posso dilatar o prazo para três ou quatro meses. O tempo não é problema. E lá de cima disseram que suspendem os espetáculos, se o de hoje for também um fracasso. Como vai ser... ganhamos tempo!

Lu não podia impedir as lágrimas de correr. A Diretora voltou a lhe afagar o cabelo, então, então, não há tempo para chorar, tens de escrever rápido. Foi nesse momento que Lu se lembrou de mim para a ajudar. E se confessar. Eu estava tão à mão...

Já a tarde daquele dia ia em meio quando os mundos falaram pela primeira vez. Toda Mussumba ficou em transe, tentando perceber a mensagem transmitida pelo mondo. Tchinguri vinha a caminho, era a guerra? Só as crianças festejaram, finalmente iam ter a desejada. O tocador de mondo veio a correr anunciar a Lueji, que estava com os comandantes:

– Rainha, o mondo diz, Tchinguri saiu das terras de Kakele atrás do Sol. Não vem para aqui, vai no caminho do Sol.

Lueji sorriu, aliviada, eu não dizia, Kumbana?

– Tinhas razão – respondeu Kandumba. – Ele vai para ocidente, vai cair em cima das terras de Kakolo. Vai nos dar tempo de fabricar as novas armas.

Kumbana olhou só a rainha, depois o irmão. Os espíritos estavam com ela e com Kandumba, o único que a tinha apoiado. Seria agora o seu principal conselheiro militar, sem dúvida, e o kalala, o comandante do exército da vanguarda. Já o era na prática, sem ter sido nomeado. Kumbana sentiu pena de ter errado, mas, ao mesmo tempo, estava orgulhoso pela perspicácia do seu irmão mais novo. E do futuro nítido a ele destinado.

– Kandumba – disse Lueji. – Dá ordens aos batedores que estão junto do último mondo, o mais afastado de nós, para correrem às terras de Kakolo. Que avisem o povo dele para se refugiar nas matas, antes que Tchinguri os ataque. E que avisem também a gente de Sambunje para fazer o mesmo.

– Não deve dar tempo para os avisar. Os mundos ainda ficam muito longe das terras de Kakolo. Mas vou dar as ordens.

– O exército de Tchinguri não vai andar de noite, uma parte da população pode ainda ser avisada a tempo.

– Vou mandar os batedores marcharem durante toda a noite – concordou Kandumba.

Pouco depois se ouvia o mondo de Mussumba falar na sua linguagem cheia de ritmo. Falava e repetia a mensagem. Utilizavam o sistema

tradicional e por isso alguns mais-velhos compreendiam a fala do mondo e passavam o mujimbo das instruções. E Kakolo foi logo informado do que passava e das ordens da rainha. Normalmente seria ele a dar as ordens à sua gente, só ele. Mas ficou tão perturbado pelo mujimbo que o ridicularizava que nem teve cabeça para se sentir ultrajado. Não saiu da sua chipanga em construção, parou de falar e de rir da criancice da rainha, passou a berrar contra as mulheres da sua casa.

Sambunje também foi informado da fala do mondo e agradeceu mentalmente Lueji por o ter aconselhado. Ainda de manhã tinha enviado um parente avisar o seu povo para recuar nas matas com comida de reserva. Talvez a mensagem do mondo chegasse primeiro que o parente. Mas não interessava, uma mensagem ia reforçar a outra e a sua gente podia se salvar. Tchinguri ia apanhar toda a criação e depredar as lavras, mas não ficaria com o principal, as pessoas. Sambunje não sofreria ruína igual à de Kakele, nem o desprestígio sofrido por Kakolo. E o mais-velho fez contas na cabeça e chegou à conclusão que a sua atitude lhe ia valer os favores da soberana. Era bom estar nos favores dela, Lueji tinha sem dúvidas dons de vidente. Foi escolher a rapariga mais bonita da sua criação para logo mais a oferecer à rainha como amilombe, prova da sua gratidão e lealdade. Era um presente pequeno que seria devolvido com juros. E acabou por escolher uma segunda rapariga, duas amilombes numa só vez era um presente digno de receber mais tarde grandes retribuições da rainha.

À hora da refeição, Lueji foi como sempre para a praça, onde se juntava o povo para comer em conjunto. Só alguns muatas se recusavam a comer na praça, mandavam as mulheres ir buscar os alimentos na cozinha coletiva e faziam a refeição nas chipangas. Muata Kakolo, entre outros. Lueji mandou-o chamar, convidava-o a comer com ela, ali, no meio do povo.

O velho estava abatido e tinha perdido a arrogância. Tudo o que dissera durante o dia se virava agora contra ele. Quando se aproximou da rainha, de cabeça baixa e cheia de rancores ocultos, as mulheres e os comandantes ali perto fizeram força para não sorrir. A vingança de Lueji era essa, obrigá-lo a se mostrar em público, com a crista para baixo, como castigo da sua presunçosa estupidez. A mulher dele vinha atrás, humildemente trazendo as panelas com o funje e o conduto.

Um miúdo não resistiu à tentação, tinha ouvido hoje o mais-velho perorar sobre os seus conhecimentos de estratégia militar, e lhe gritou:

– Ei, muata Kakolo, afinal quem sabe mais de guerra, tu ou a rainha?

As gargalhadas ameaçaram se generalizar e o muata mais se encolheu. Mas Lueji fez cara feia e levantou o braço. Logo todos se calaram. Ela fez sinal a Kakolo para se sentar a seu lado. Não falou, comendo primeiro. Nayole se sentava na pele mesmo atrás de Lueji, atenta ao que ela comia. Nunca parava de vigiar, os venenos eram poderosos na Lunda e havia muitas maneiras subtis de os jogar nas panelas. A rainha acabou a refeição e depois bebeu água do moringue. Ficou observando, em silêncio, a maneira delicada como Kakolo tirava um pedaço de funje da panela, utilizando apenas o indicador e o polegar da mão direita, o enrolava para formar uma bolinha e depois mergulhava a bola na panela do conduto, donde saía amarela por causa do óleo de palma. Aristocrático, um Tubungo de velha linhagem. Kakolo comeu pouco, se via tinha perdido o apetite, ainda mais com gente a espiar. Lavou as mãos e ficou em silêncio.

– Talvez ainda dê tempo para a maior parte da tua gente retirar, muata Kakolo – disse Lueji, com voz neutra.

O velho abanou a cabeça, em gesto de dúvida. Respondeu muito baixo, de modo que só a rainha e Nayole podiam ouvir:

– Não creio. Tchinguri teve todo o dia de hoje para avançar. E o meu território é vizinho ao de Kakele. Neste momento ele já está bem dentro das minhas terras.

Lueji teve pena do abatimento do muata. Afinal era seu súbdito e nunca lhe tinha sido infiel. Era apenas presunçoso e antipático, hoje exagerara e só essa falta se lhe podia imputar. Se tivesse ouvido a hipótese posta por ela, talvez tivesse havido tempo de avisar uma parte da sua gente, a soberba o impediu. Mas não merecia tão grande desgraça, o castigo era pesado demais. Fui cruel em o obrigar a vir se expor à chacota pública, mas também não tenho o direito de lhe pedir desculpa. Tentou reanimá-lo:

– Certamente Tchinguri não atacou hoje, vai fazer só amanhã. Os batedores têm toda a noite para andar. Pelo menos as pessoas podem se salvar. Os teus filhos e sobrinhos estão lá para organizar a retirada.

O muata abanou a cabeça. Olhou para a rainha. Nos olhos dele leu despeito contido e muita tristeza, com laivos de humildade, tudo junto. Ia se arrepender das atitudes anteriores ou se tornar seu inimigo rancoroso? Difícil adivinhar. Mas a fala saiu apenas alquebrada:

– Esse é o problema, rainha. Já não devem estar lá. As ordens eram de os

meus filhos reunirem todos os homens válidos e irem ter com Ndumba. No meu território não deve haver neste momento um só chefe capaz de levar o povo em ordem para as matas. Vai ser uma desordem, um corre-corre, muitos se vão perder e afogar nos rios ou morrer de fome por aí.

– Talvez tenha ficado algum chefe de kimbo. Achas iam deixar as mulheres e os velhos sozinhos?

– Os que não morrerem e se perderem serão apanhados pelo Tchinguri. Sabes como são as mulheres, recuam sim, mas sem nunca saírem do perímetro das lavras, são como as galinhas. Os soldados apanham-nas todas.

É sempre assim, os mais autossuficientes e arrogantes nunca resistem a uma desgraça, pensou Lueji. O seu otimismo exagerado cede logo o lugar ao pessimismo mais completo. Sentia pena, mas ele não era capaz de ouvir a menor palavra de encorajamento, deixá-lo.

– Amanhã talvez haja notícias. E vais ver, Kakolo, uma grande parte da população vai conseguir se esconder. Não desanimes. Manda lá alguém capaz de passar entre os soldados e reunir as pessoas nos melhores refúgios.

Ele concordou com a cabeça, mas não falou, nem levantou os olhos do chão para se despedir. E Lueji se retirou para a onganda. Esperava a visita dos príncipes lubas. Tinha ansiado todo o dia pelo momento de rever Ilunga, o homem que saíra da Lua. E tinha de lhe perguntar se ele não tinha já andado pelas paragens da velha Mussumba, onde havia um lago que era azul mesmo ao luar.

Eles apareceram pouco depois de Lueji ter chegado. Recebeu-os fora de casa, debaixo dum enorme girassonde onde ardia uma fogueira. Entre o tronco do girassonde e a fogueira estavam peles estendidas. A rainha sentou numa pele de onça e convidou-os a sentar em peles de ondjiri.

– Já visitaram a Mussumba?

– Já – respondeu Ilunga. – Vimos a paliçada e as margens dos rios, não tudo, mas o suficiente para dar uma opinião. Mussumba pode albergar muita gente e está excelentemente protegida. É o lugar ideal para a capital dum grande reino.

– Foste tu que escolheste o sítio? – perguntou Mai.

– Não, foi o meu tio Salukunga.

– Um mais-velho sábio – disse Ilunga. – E não pode andar, imaginem.

– Talvez por isso mesmo – replicou ela. – Tem mais tempo para pensar. Sim, o lugar foi bem escolhido. Mas lhe falta uma coisa.

– Falta?

– Falta, Ilunga. Um lago rodeado de fetos e begónias, e numa parte com rosas de porcelana. Conheces esse lago?

– Que são rosas de porcelana?

Lueji explicou, sem lhe dizer que hoje eram mais conhecidas por cetros de Lueji. Observava atentamente as reações dele, mas nada nos gestos ou nos olhos ou nos lábios indicou qualquer conhecimento anterior.

– Nunca estive nesse lago, rainha.

– Nunca passaste perto da antiga Mussumba?

– Como podia? – disse Mai, se metendo na conversa. – Esta é a primeira vez que estamos na Lunda. Tens alguma suspeita?

Ela abanou a cabeça, sorrindo tristemente. Fez um gesto de deixem lá, não liguem.

Tinha sido um sonho? Uma visão do futuro? Não havia razão para duvidar deles. E se de fato Ilunga tinha estado antes na Lunda, não teria meio de o ocultar. Não interessava. Ele tinha saído da Lua, era o homem que vira caminhando à beira do lago. Mesmo sem nunca lá ter posto os pés. Os espíritos têm poderes que os homens não conhecem nem podem entender. Ela viu-o, mesmo se nessa altura ele estava a um mês de distância, que importância tinha a distância se ela olhou para dentro de si própria e o viu? Mai mexeu com um pau para avivar o fogo e Lueji acordou.

– Ilunga, quero que amanhã mandes o teu ferreiro para junto do meu tio Salukunga. Será acompanhado pelo meu primo Kakongo. Vai ensinar Kimuanga e outros que Salukunga indicar. Mas deve ser um segredo total.

– Entendo, Lueji.

– Farão armas iguais às vossas. E assim os meus ferreiros aprendem a vossa arte do ferro. Podemos talvez utilizar essas armas ainda nesta guerra.

– Vai dar tempo, rainha? – perguntou Mai. – São precisos pelo menos uns cinco dias para as primeiras ficarem prontas. Se fossem feitas aqui, seria mais rápido.

– Tens razão, Mai, aqui era mais rápido. Mas devem ser feitas nas terras da minha linhagem, tenho outras razões. E Tchinguri vai nos dar tempo, pois resolveu atacar primeiro o território dos muatas que se encontram a ocidente de Mussumba. Só depois avança contra nós.

– Por que decidiu isso? – perguntou Ilunga.

– Era a maneira mais inteligente. Isola Mussumba, destruindo todas as

forças que estão fora. Cerca Mussumba então. Ou tem força para a tomar e ataca, ou acha não tem força e espera que morramos à fome. Ele deve saber que o sítio nos é favorável e o nosso pequeno exército aqui se pode defender, mas não em terreno aberto.

– Sim, é uma estratégia muito inteligente. Eu faria isso no lugar dele.

– No entanto, com as vossas armas já podemos lutar em terreno aberto contra eles. As flechas perfuram mais e sobretudo os mucuali partem os deles e ficam desarmados à nossa frente. Isso ele não podia prever. É agora só uma questão de tempo.

Ilunga assentiu com a cabeça. Mai estava ansioso por participar na conversa, por isso aproveitou perguntar ao irmão:

– Tu farias como ele?

– Claro. Isto é, talvez não me lembrasse de o fazer, pois é uma maneira nova de combater. Mas se me dessem essa ideia, acho que não hesitava, obtinha a vitória com muito menos custo de vidas. O teu irmão deve ser um grande comandante, Lueji.

– É, sem dúvida que é. – Os olhos dela se iluminaram e brilhavam com o clarão da fogueira. Ilunga notou e fitou-a surpreso. Mas achou ser indelicado mostrar estranheza por tanto entusiasmo em relação ao irmão-inimigo. E ela perguntou: – Combateste muitas vezes, Tchibinda?

– Sim. No tempo do meu pai houve muitas guerras. Kalala nunca estava satisfeito, queria sempre mais terras. E mais homens para vender aos árabes. Passei a vida toda a caçar e a lutar. No fim era o comandante principal da Luba. Mai desde menino andou sempre comigo.

– E ganhámos sempre – acrescentou Mai, olhando orgulhoso para o irmão. – Luevu, pelo contrário, ficava na corte. Preferia as intrigas. Com elas apanhou o poder.

– Nunca vi uma guerra – confidenciou Lueji. – Houve muito poucas no tempo do meu pai. E sempre longe de Mussumba. Tchinguri participou nalgumas, mas era muito novo ainda e nunca foi comandante principal. Me contava os detalhes com entusiasmo, ele adora guerras e lutas. O meu outro irmão, Chinyama, também nunca viu uma guerra nem quer ouvir falar disso.

– E tem razão – disse Ilunga. – Participei em muitas, como te disse, mas nunca foi do meu agrado. Acho muito mais nobre e útil caçar.

– Eu não – disse Mai. – A guerra é a verdadeira ocupação para um homem. É bom sentir aquele nervosismo antes de começar a batalha, aquele

friozinho que entra pela barriga e faz a gente respirar mais depressa. E saber que logo que se comece a lutar, o frio desaparece, só fica o calor nos braços e a vontade de destruir o adversário. E procuramos sempre o inimigo mais forte e corajoso. Quando o matamos, oh, não há felicidade maior.

Lueji riu.

– És como o meu irmão Tchinguri, Mai. Espero que não se defrontem um dia.

– Rainha, a propósito... Autorizas-me a lutar no teu exército quando o inimigo atacar Mussumba?

– Só o teu irmão mais velho pode autorizar. Não tenho poder sobre ti.

– Mas se Ilunga autorizar, deixas-me?

– Se Ilunga autorizar, claro que sim. Preciso de toda a gente... Mas esta não é a vossa causa!

– A partir de agora é, rainha. Vivemos na Lunda.

Foi a vez de Ilunga sorrir. Levantou o braço direito, como quem pede a palavra. As pulseiras de cobre vermelho brilharam faíscas à luz da fogueira. E Lueji admirou a beleza daquele braço vigoroso. Sentiu uma contração de desejo no ventre. Ele entretanto falou no seu jeito suave:

– Perdoa o entusiasmo deste jovem, Lueji. Ele é sempre assim, quando se trata de guerra. É pena que não tenha o mesmo interesse pela caça. Mas é claro que a tua causa agora é a nossa causa, rainha. Se for necessário, podes dispor de todos nós para combatermos os teus inimigos. E nada pediremos em troca.

O silêncio que se seguiu só era perturbado pelo crepitar da resina na fogueira. A lenha ainda estava muito verde e fazia fumo. Felizmente não havia vento e o fumo subia em espiral para a noite. E Ilunga acrescentou muito baixo:

– Apesar de eu não gostar de guerras...

– É esse o teu defeito – disse Mai. Depois se virou para Lueji: – Quando Luevu foi escolhido, os comandantes e soldados queriam que Ilunga tomasse o poder pela força. Todo o exército estava com ele. E Ilunga recusou, não queria guerras, preferia caçar...

Havia um fundo de desprezo na fala de Mai ou era impressão dela? De qualquer maneira, Lueji não hesitou em responder:

– Não considero isso um defeito, Mai. Antes pelo contrário, é prova de um bom caráter, de um nobre coração. Se outro foi escolhido para reinar,

devemos aceitar a decisão dos mais velhos, eles têm muita sabedoria.

– Na Luba não foi sabedoria, foram intrigas, intrigas do Luevu. Uma decisão baseada em intrigas não deve ser respeitada, deve ser combatida pela força.

Ilunga não parecia ter tanto ódio a Luevu como Mai. Devia ser por causa da idade, os jovens são muito estouvados. Depois Lueji riu para dentro. Mai é mais velho que eu e trato-o como um garoto, que presunção! Só porque sou rainha? No fundo, talvez esteja mais velha que ele, por causa destes meses tremendos depois da morte de Kondi. Quem não envelheceria? Mas não era essa certamente a ideia de Mai, pois a olhava descaradamente com o desejo aflorando. Sempre sentira prazer ao notar o desejo nos olhos dos homens, sobretudo belos, mas neste caso Mai incomodava-a. Por Ilunga estar presente? Falou para o tchibinda:

– Por que queres então combater por mim, Ilunga?

A resposta dele veio pronta, o que a surpreendeu. Contava ele ia se atrapalhar, hesitar, o que provaria haver razões que talvez nem para ele fossem claras. Mas não.

– Estás a ser atacada. Não foste tu que provocaste a guerra, isso Salukunga me explicou.

Ficou desiludida com a resposta? Preferia ouvir porque estou sempre do teu lado, não pelas razões que te assistem, mas por seres tu, Lueji. Disparate! Tentou ser racional. Era um grande apoio, cerca de cem homens bem armados e com experiência de guerra valiam talvez todo o seu exército atual. Com os lubas do seu lado, Tchinguri estava batido mesmo antes de começar o combate.

– Digam-me uma coisa. Na Luba, o rei possui um exército? E os nobres também?

– Pelo que percebi, lá é diferente – disse Ilunga. – O rei tem um exército permanente, que é o mais importante de todos. Os nobres têm os seus homens para defender as suas terras. Mas estão sempre subordinados ao comando do rei. Só ele pode decidir da guerra.

– No fundo era isso que Tchinguri pretendia para a Lunda.

– Sim, compreendi isso nas conversas com Salukunga. Claro que o teu tio estava contra a ideia, mas agora já aceita que o rei tenha um exército, porque o rei és tu.

Ilunga sorriu e Lueji também. Ela preferiu não falar disso e ele pareceu

compreender, pois continuou:

– Se só os nobres têm exércitos, então o rei está sempre nas mãos deles. Na Luba era assim há muito tempo, muitas gerações atrás. Depois o rei juntou todas as forças sob o seu comando. Falam os velhos que houve muitas lutas por causa disso. Claro, os nobres entendiam que assim o seu poder ficava reduzido. E não o queriam aceitar. Durante duas gerações, houve guerras e mais guerras, alianças que se criavam, alianças que se desfaziam. Foi só mesmo o antecessor do meu pai, Kongolo, que conseguiu unificar o mando. Agora já é uma tradição aceite. Muitos nobres foram mortos, outros enviados para o exílio. Alguns devem ter vindo para aqui perto...

– Sim, ouvir falar de alguns que passaram a caminho do Sul.

– É isso. Kongolo nomeou chefes de províncias novos, entre aqueles que o tinham apoiado, mesmo sem serem nobres. Se tornaram nobres e hoje obedecem ao rei.

Eram ideias muito próximas das de Tchinguri. O irmão teria aprendido de alguém a história dos lubas e descoberto que era essa a via correta? Nunca tinha ouvido Tchinguri falar dos lubas, senão para mostrar o seu ódio, talvez vindo da tradicional desconfiança dos lundas em relação aos poderosos vizinhos do Nordeste. Quem sabe se tinha tido algum contato com um nobre luba exilado e este lhe tivesse contado porquê caíra em desgraça? Talvez mesmo uma conversa de criança. Mais tarde, sem mesmo saber que aproveitava ideias alheias, pensou copiar o modelo luba a seu favor. Podia ser. Mas agora Tchinguri não estava ali para ela lhe perguntar o como e o porquê das suas ideias, tão novas na Lunda que pareciam uanga.

No entanto, devia haver um falha no pensamento de Tchinguri, se era mesmo o que ela imaginava. O rei devia ter força para submeter os Tubungo, isso parecia claro. Kakele, por exemplo, pensava mandar tanto como ela, pelo menos no princípio. E se gabava. Agora estava enfraquecido, mas por ação de Tchinguri. Kakolo também não se curvava à autoridade do rei. E o próprio Ndumba, tão valente e com tantos homens valentes sob o seu mando, era um perigo constante à autoridade do rei. O exército real era necessário para contrapor à força dos Tubungo. Mas o erro de Tchinguri estava em contar apenas com a sua força e autoridade, esquecia a sua própria linhagem. Ora, isso era a coisa mais sagrada que havia. Soberano que quisesse ter poder real devia contar com a sua linhagem e não querer

fazer tudo sozinho. Sem a sua linhagem, ela não seria nada. A força dela vinha de quem? De Salukunga, de Kandala, de Kumbana e do resto dos parentes da sua mãe. Trabalhavam todos o dia inteiro para proteger o lukano, por este estar nas suas mãos. Ela tinha a força que a sua linhagem tivesse, nunca o devia esquecer. Tchinguri não se preocupava muito com isso e a sua linhagem estava dividida. Não só entre ele e Chinyama, mas mesmo contra os dois. Era um erro importante.

– Estava a pensar nas tuas palavras, Ilunga. Se pode aprender muito com os outros povos.

– Os lubas são muito orgulhosos – disse Ilunga. – Todos os outros povos são inferiores, não têm nada para lhes ensinar. Só como os lubas fazem é que está bem feito. Acho isso mau.

– Mas é a verdade – disse Mai. – Somos mais fortes que os outros, que temos para aprender deles?

– Olha, Mai, isso é muito falso. As nossas armas são melhores do que de todos os outros que conhecemos, é verdade. Mas não sabemos onde aprendemos a fazê-las, fomos mesmo nós que as inventámos? Às vezes me pergunto. E vê o meu caso pessoal. Aprendi a caçar com os lubas, mas o meu grande mestre de caça foi um luba? Não foi. Foi um desprezado homem castanho do Sul que quando falava parecia uma fogueira a estalar. O arco dele era fraco e as suas flechas caíam perto dele. Mas sabia tanto que podia caçar elefantes com essas armas ridículas. Por quê? Porque sabia outras coisas. Conhecia mais os hábitos dos bichos que eu conheço ainda hoje. Era capaz de andar sem fazer ruído nenhum e quase tocar um songue com as mãos. E com folhas especiais imitava o som das cabras em cio, o que atraía os machos até junto dele. Descobria o mel a enormes distâncias e nunca percebi como fazia, se ouvia, se cheirava, se quê... O certo é que descobria sempre o mel. Não tenho vergonha de dizer, aprendi muito com ele e chorei quando morreu. E quem me ensinou a magia da caça para ser um tchibinda também não foi um luba. Então?

– A sabedoria dum homem está em aproveitar tudo o que lhe ensinam – disse Lueji. – E qualquer pessoa pode nos ensinar alguma coisa.

– É isso. Os lubas são superiores? Julgam. Mas passam a vida em guerras e lutas pelo poder. As populações nunca têm tranquilidade, pois a todo o momento têm de participar numa guerra e perder as colheitas. Ou serem vendidas para os árabes da costa, a troco de mercadorias que no fundo não

têm grande valer. Isso é ser sábio? Duvido. Cada vez que morre um rei, há lutas entre os herdeiros. Se desta vez não houve foi porque penso de maneira diferente. Devia haver regras fixas que todos respeitassem para a sucessão. Nunca fomos sábios para as descobrir, Mai.

Ficaram de novo em silêncio, contemplando as chamas alaranjadas da fogueira, cortadas de vez em quando por verdes e azuis vindos em línguas. E Lueji se encantava com a sabedoria de Ilunga. Aí estava um homem que entendia a arte de governar com modéstia. Tinha sido afastado do poder, talvez de forma injusta, e não recorrera à força para o retomar, apenas porque achava que se a força podia resolver o seu problema de ambição, não ia resolver os dos outros, mas, pelo contrário, complicá-los.

– Por que abandonaste a Luba? – perguntou ela.

– Já te disse. Não acreditaste?

– Acreditei. Mas não foi só por causa de Luevu. E podias ir para outro sítio. Por que para aqui?

Foi a vez de Ilunga reavivar a fogueira com um pauzinho. Refletiu e olhou Mai, que começava a dar sinais de desinteresse pela conversa, toda ela passada entre o irmão e a rainha. Ilunga falou com a sua voz doce:

– Tens razão, rainha, não foi só Luevu. Podia ficar com uma província e caçar lá. Mas todos temos caminhado no sentido do Sol. Diz a tradição que grupos de homens vêm sempre avançando para onde o Sol morre. Também eu não fugi à tentação. O que há para lá? – E apontou o ocidente. – Também há guerras e gente que mata só para ter poder? Ou há terras onde as gentes caçam e são felizes assim e não pretendem mais nada? Se fazem guerra é apenas para se defender e proteger os seus terrenos de caça dos invasores. Há gente assim? Preciso saber.

– Do que eu sei, de ouvir dizer... Há uma terra onde nasce o rio Cassai, que tem florestas e lagos e muita caça, onde nasceram as rosas de porcelana. Já falámos dela quando te visitei... As pessoas aí mal sabem o que é a guerra. Povos com nomes estranhos, Minungo, Luimbe, Xinje, Tchokue... Mais para a frente, sempre no caminho do Sol, há a terra dos Pende e ainda mais longe a terra dos Ndongo, onde tem um lago grande com ondas salgadas... Kuluanda! São capazes de ser mais sábios que nós.

Os olhos de Ilunga acompanhavam os olhos luminosos de Lueji e as chamas da fogueira faziam os olhos se encontrar num ponto distante que eles não sabiam onde era, mas que tinha água e florestas e caça e outras

gentes e esse encontro dos olhos deles fazia o ventre de Lueji aquecer e se contrair em espasmos suaves, como se fizesse amor com Ilunga à distância, apenas pela força da imaginação. Não podiam falar mais, as gargantas estavam secas, só os olhos diziam. O que incomodou Mai.

– Devemos ir dormir, Ilunga. Deixar a rainha descansar.

Mai tinha razão e se despediram. No caminho de regresso ao acampamento, o irmão mais novo disse:

– Quando fores falar com a rainha, não te acompanho. Só falam um para o outro e eu fico de fora.

Ilunga só soltou uma gargalhada. Forçada. Isso percebeu o outro, ele não tinha vontade de rir. Aliás, nenhum dos dois tinha vontade de rir.

Rir? Só depois da vitória. E geralmente nessa altura não dá vontade de rir, apenas descansar. E não se pode, pois uma vitória traz com ela o perigo da derrota seguinte, se o esforço para. E é preciso continuar, sempre para a frente, consolidando a vitória, a qual deixa de o ser para se tornar sacrifício, esforço. Rir? Só na morte, se a coragem de não a temer persiste.

Por isso Lu não festejou com gargalhadas o acordo selado com a Diretora, nem verdadeiramente teve tempo, pois revolveu Luanda à procura de Afonso Mabiala, desaparecido de casa há três dias como soube quando para lá telefonou e lhatendeu a mulher, quê, você é mais uma dessas aí que andam atrás do meu marido a lhe desviar da casa, sua puta ordinária e teve de desligar para não ouvir mais, porque a mulher não era para brincadeiras, não ia se calar a contar as malandrices do músico que devia estar refugiado nalgum canto a compor ou então estava caído sobre a mesa dum bar, mas em nenhum dos bares conhecidos de Lu, pois os percorreu todos e não o viram, a última vez foi há dois dias, estava já bem ganzado e lhe pusemos a dormir no quarto dos fundos, de manhã sumiu e não voltou, ontem apareceu na Ilha num restaurante segundo me contaram, todo abandalhado e desgrenhado, mas o ontem não interessa a Lu, anteontem à noite tinha ele estado lá em casa, ela queria masé o agora e tanto podia ter ido ao Mussulo como ao Soyo, como estar nalgum banco de jardim, pois afinal já nem casa tinha, bem lhe parecera anteontem estar com ar desmazelado, sem mudar a roupa, nem talvez se lavar, mas cantara uma espantosa música, sacompanhando à viola, composta especialmente para ser interpretada por Kafala ao vivo no espetáculo da estreia, para as outras representações seria gravada, o que era bom demais para ser verdade, mas está descansada, Lu,

eu consigo isso dele, é meu kamba dos primeiros tempos, lhe dei mesmo um empurrão para ser o que é hoje, e então ela ligou para casa de Kafala mas também ninguém tinha visto por ali o compositor, onde se meteu esse bêbado genial quando preciso dele, temos de combinar o roteiro e ele levar o resto, ao mesmo tempo ficar com o mote da música de marimbas original que tilintava ainda na cabeça de Lu, avisando, avisando, até que desistiu pelo cansaço, ele à noite devia aparecer, só ontem o não fez porque havia o espetáculo, e ela não podia andar mais à procura, passara uma semana deitada e lhe faltava fôlego para subir e descer a cidade, quase sempre a pé, por isso se meteu num maximbombo e chegou em casa, onde encontrou Olga com um telegrama do pai, vem rápido Benguela avó muito mal, e sentiu de novo o cazumbi rondar, rir, sim, só ele podia rir no seu xuaxualhar de folhas de mulemba, mais uma desgraça se perfilando para lhe estragar os primeiros lampejos de esperança, como ia rir afinal com aquela presença maligna cercando, enrodilhando teias de dor, agora era a avó, a sua ligação afetiva com as terras da Lunda e ao mesmo tempo o desaparecimento de Mabiala, sem possibilidade de com ele e a Diretora combinar o trabalho, enquanto tinha de acabar o roteiro e modificá-lo com as novas ideias surgidas da música e da coreografia, entretanto podes ver o horário dos aviões por mim, Olga, deve haver por aí um jornal qualquer, o que a outra fez diligentemente, só pensava em ajudar e ainda nem sequer estava dentro do segredo, era injusto, portanto Lu pensou tenho de lhe contar tudo e a convencer a aceitar um papel importante, talvez o de Nayole, apesar de muito nova é maternal para mim, sua mais-velha, pode muito bem ser Nayole se ultrapassar a crise de ontem, o que acabaria por acontecer, as crises se vencem com perspectivas de novos trabalhos e seria mesmo a melhor maneira, mas agora Lu não tinha tempo de lhexplicar, nem sabia o que fazer, precisava apanhar um avião para Benguela mas ao mesmo tempo escrever o resto do roteiro e provocar o encontro entre o músico e a Diretora para organizarem um plano, era demais para os seus nervos tentar juntar todos os destroços e ainda mais as aulas, pois é, tinha esquecido completamente as aulas de Biologia, nem levava à escola o certificado de Timóteo justificando as faltas e imediatamente tinha de sair de Luanda, abandonando os alunos sem uma explicação, seria demasiada falta de brio profissional, afinal era ali que ganhava o dinheiro para viver e os alunos, apesar de indisciplinados e pouco interessados pelos cromossomas e

amebas, não tinham culpa nenhuma dos seus dramas pessoais e por isso ainda tenho de te pedir mais um favor, Olga, vai à minha escola entregar o certificado médico e avisa ainda não estou boa, depois seguirá outro certificado a justificar mais uma semana, o Timóteo abafa a consciência e faz isso por mim, assim o espero pelo menos, o que Olga sapsressou a prometer, hoje mesmo vou, mas antes de partir para Benguela tenho de falar com a Diretora e o Afonso desapareceu, não sei se posso seguir hoje, mesmo se há avião, ora, Lu, apanhas o do fim da tarde e ainda podes falar com eles mas agora vamos almoçar, preparei uma refeição rápida, o que ela negou para tristeza de Olga, não tenho mesmo tempo, devo ir a um sítio onde haja telefone para reservar a passagem e falar com a Diretora, que desgraça, só espero que a avó vença mais essa, é uma velha rija mas depende da força de vontade, do amor à existência e nem sei como estão os seus nervos, se dão para aguentar, pois se os nervos da avó estivessem como os dela não tinha hipótese, já nem a veria viva, pensamento, que a fez sapsressar, sair disparada pela porta, esquecido o cansaço, em direção do grupo de dança, onde não estava ninguém como era evidente, a casa da Diretora ficava longe e era hora do almoço, por isso só podia telefonar e teve de ser do bar Manda Fama, quase gritando ao telefone para cobrir o barulho da freguesia, sim, vou tentar voltar o mais rápido possível e vou deixar as folhas do roteiro na sala secreta para a coreografia avançar na minha ausência, ao mesmo tempo gritava e pensava, felizmente ninguém está aqui do grupo, senão lá ia o segredo pela baía ali à frente, mas a Diretora compreendeu tudo e prometeu falar com o Mabiala, que Lu deixasse o recado com Olga para ele a procurar imediatamente, os dois adiantariam as coisas até ao seu regresso e as melhoras para a tua avó e para ti também, vê lá se te trata, no entanto a Diretora também sabia o tratamento era outro, muito mais subtil, o mundo desabava a todo o momento sobre a cabeça da bailarina e muita força moral tinha ela afinal para suportar, só agora sinteirava totalmente e já não a culpava de nada, antes lhe estava agradecida por o seu sonho talvez salvar o grupo e a si própria, embora não expressasse estes pensamentos pelo telefone, e Lu se despediu até breve e foi deixar as folhas arrancadas do caderno de apontamentos na mesa da sala secreta, rezando para a letra ser suficientemente legível, e voltou para casa sem ter telefonado à Companhia Aérea, ora, tento mesmo no aeroporto, se for cedo tenho hipóteses, agora já

não há lufa-lufa de embarques como era uns anos atrás em que os passageiros caíam dos voos apesar de todas as reservas e confirmações de reservas, havendo sempre três passageiros para cada lugar de avião e ainda dois esquemas para nenhum dos três apanhar o lugar que ficava para um quarto não constando de lista nenhuma, o que terminara há tempos com o aumento das linhas e sobretudo com o aumento do tráfico de carros e navios entre as duas cidades, agora mais ligadas do que nunca e no fundo tão diferentes, diferentes como cada uma das versões da lenda de Lueji, a qual nesse momento devia estar lutando contra o tempo como ela fazia para chegar a casa, apanhar um saco com roupas e o dinheiro necessário para a passagem, a de volta não tinha problemas, o pai comprava, para isso era pai e também para a receber no aeroporto, a menos que mais uma vez o espírito interferisse, por isso já no avião Lu rezava para que tudo continuasse assim na viagem, afinal tivera lugar sem problemas e ainda por cima o comandante era um seu admirador e avisou logo para a torre de controlo de Benguela que informassem o pai da hora da chegada, e Lu pensou, sentada na poltrona do avião, aqui estou a salvo desse cazumbi maligno, a única coisa que pode fazer é atirar com o avião para baixo mas isso também era demais e de fato o cazumbi não ousou, pois chegaram perfeitamente à orgulhosa cidade das acácias e lá estava o pai no aeroporto.

O pai ia envelhecendo suavemente, já lhe apareciam fios brancos na barba farta. Tinha menos de cinquenta anos, mas aquele sol de Benguela tisonava a pele branca e lhe dava aparência de mais idade. Se via estava preocupado com a velha, falou logo, antes mesmo de chegarem ao carro:

– Parece grave, muito mesmo. O médico torceu a boca. Mas hoje melhorou, pelo menos já fala. Tia Augusta foi lá para casa, tive de a ir buscar na Catumbela, sabes quem é. Talvez isso tenha animado a tua avó, continua a acreditar nessas coisas... Ou então foi porque soube que vinhas. O certo é que não parava de me chatear, menino, vai já no campo daviação, vai buscar minha neta. Eu nem sabia se podias vir hoje... É como se fosses a única neta que ela tem. Aqui és.

A avó tinha tido outros filhos, que tiveram filhos. Mas estavam espalhados pelo país, um mesmo tinha ido trabalhar nas minas do Rand, no tempo colonial, e por lá ficara. Talvez já tivesse morrido, quem sabia? Tinha outras netas, mas só mesmo Lu ela vira crescer. Quando se referia à sua neta, era de Lu que se tratava, as outras tinham nome.

Foi observando a avenida que percorriam saindo do aeroporto. Que diferença dos seus tempos de menina, em que lhe parecia uma avenida larga e deserta. Agora se tornara numa rua apinhada de gente e de carros, com o crescimento da cidade para sul, à volta do aeroporto.

– Sei que andas muito ocupada – disse o pai. – Se a avó dormir bem, amanhã podes voltar a Luanda. Não queríamos era que acontecesse o pior e nem tivesses vindo te despedir.

– Fez bem em mandar o telegrama. Mas é assim tão grave?

– Ela está muito velha. Qualquer gripe a arruma.

– É. De fato dava-me jeito voltar amanhã. Mas só se a avó estiver mais ou menos.

Não falaram mais até chegar em casa, que aliás era muito perto. Tão perto que se sabia pelo barulho que avião estava aterrar ou a partir. Lu cumprimentou a mãe e o pessoal da casa. Foi logo para o quarto da avó.

A velha estava deitada na cama, envolta em fumo. Sentada no chão, ladainhando para o fogareiro onde queimava folhas, estava tia Augusta, kimbanda da Catumbela, mais velha ainda que a avó e também originária da Lunda-Norte, na fronteira mesmo do Cassai. De surpresa, Lu se virou para trás. O pai abriu os braços em sinal de resignada impotência.

– Que queres que faça? Imagina só se aparece o médico, o que é mais certo. Vai me xingar de todos os nomes, de branco gentio que permite feitiçarias em sua casa.

– Xê, menino, não fala essas coisas de feitiço que é nome feio – ralhou a avó, lá da cama. – E me traz aqui a minha neta, quero ver ela.

Lu sproximou e beijou a velha. A kimbanda parecia totalmente absorta nas suas ladainhas e na visão do fumo saindo do fogareiro. Nem deu sinal de reparar na entrada deles. A avó segurou a mão de Lu e ficou a olhar. De muito longe. Um ténue sorriso no fundo dos olhos. Passado algum tempo, falou em português:

– Tia Augusta, vê só a minha neta, como está bonita. A kimbanda levantou os olhos do fogareiro. Mas teve de limpar as lágrimas com as costas da mão. Mirou Lu num relance, disse:

– Bonita, sim. Mas tem muito problema, não é?

O pai deu dois passos para dentro do quarto. A mãe permaneceu na porta. Ele replicou:

– Problemas nada. Até está com bom aspecto. Não achas, Juliana?

A mãe disse sim, mas sem convicção. Então não se via o brilho baço dos olhos, os ombros imperceptivelmente descaídos? Podia ser só preocupação pelo estado da avó, sempre fora muito ligada, mas havia, sim, qualquer coisa com Lu. O pai não notava os pequenos sinais e muito menos se era a velha Augusta a afirmar. Então não tinha dado tanta mala o desejo da avó de chamar a kimbanda? E quando ela veio e quis fazer fogueira no quarto? Ela, Juliana, conseguira chegar a um compromisso, propondo o fogareiro. Augusta não queria, ia tirar forças ao medicamento. Mas acabou por ceder, porque mesmo assim o pai de Lu berrava por todos os cantos, estou farto de curandices, o médico o que vai dizer? Mas com recuo equilibrado das duas partes, foi mesmo se buscar o fogareiro, onde se assava ainda o milho e a mandioca e o peixe, pois o fogão a gás estragava o sabor dos alimentos.

— É, eu não estava a ver bem — disse a avó. — Tem problema sim. Me conta então, minha neta.

Lu olhou incomodada para os pais, depois para a velha sentada à frente do fogareiro.

— Estou bem, sim, avó.

— Não mente, menina, isso é feio. Conta então.

Foi a vez de Juliana avançar no quarto. Agarrou no braço da filha e puxou com firmeza.

— Agora ela vai tomar banho e comer. Depois podem conversar.

— Está bem, pode ir. Mas vem logo me falar. Não durmo sem falar com a minha neta.

A kimbanda aprovou com a cabeça e retomou as rezas em lunda antigo. Os pais saíram do quarto cheio de fumo e levaram Lu. Enquanto tomava banho e durante o jantar, Lu se dividia entre a vontade de contar tudo à avó, sabrer toda, e a vergonha de revelar segredos.

Mas no fundo sabia, não podia fugir. Por isso no fim do jantar disse vou falar com a avó, pode ser que durma mais descansada.

Estava agora sentada na cama, os olhos ardendo por causa do fumo, não sabendo por onde começar. A kimbanda parou a ladainha, atenta às palavras que não saíam da boca da bailarina. A avó sorriu a encorajar.

— Custa muito falar?

E de repente as palavras começaram a sair em torrentes da boca dela, falou do projeto de bailado, dos livros antigos que lera, de Uli e de Marina e do seu pretenso parentesco com Tchinguri, o que fez a kimbanda muxoxar e

dizer qualquer coisa em lunda, cuspiu no chão duas vezes.

– Que foi?

– Tia Augusta disse praga para o nome do feiticeiro maldito – traduziu a avó. – Continua...

E Lu falou dos azares todos, as luxações, o rompimento da amizade com Marina, o fracasso dos espetáculos, o afastamento de Uli, até mesmo as negas de Mabiala e Timóteo não escondeu. E falou de Lueji, porque a foi buscar ao fundo dos tempos para firmar raízes e a amparar e como pensava dançar a rainha do seu coração e como as versões se transformavam por influência da música de marimbas e do lago que criara em sonhos acordados. As duas velhas abanaram as cabeças e suspiraram. Quando terminou, levada num impulso irresistível, foi correr fechar a porta à chave, se despiu toda e dançou para elas a secreta rosa de porcelana, o meu talismã, o meu uanga. As velhas aprovaram com a cabeça, muito bonito.

Enquanto Lu se vestia, cansada de tanto explicar, mas tranquila pela primeira vez, a kimbanda falou em lunda. A avó traduziu:

– Augusta diz o português dela deu para perceber o que contaste, mas não dá para falar muito.

Fez sinal à outra para iniciar e a kimbanda obedeceu. Longas frases, sons estranhos mas ao mesmo tempo familiares aos ouvidos de Lu, por vezes a avó dizia coisas na língua secular para Juliana, embora esta só falasse umbundo e português. A musicalidade da língua acariciava cordas escondidas dentro dela, provocava ritmos desconhecidos, trazia imagens de movimentos de labaredas em chanas ressequidas. Depois a avó traduziu:

– Tia Augusta diz tu foste buscar coisas muito antigas. Hum, hum! Os espíritos dos antepassados estavam tranquilos, a dormir só, tu acordaste algum. Mas é muito velho, do princípio do tempo, difícil saber o nome dele. Não é espírito de mulher, não. É homem zangado contigo. E muito forte, devia ser chefe. Não é bom mexer nessas coisas velhas assim à toamente. Ele acordou e não quer te largar. A minha doença é ele. Augusta antes já tinha dito, anda aí um cazumbi a te rondar, não sei qual, não sei quem o chamou. Ela diz agora foste tu lhe chamaste, Lu, é o mesmo.

– Então eu sou responsável pela sua doença, avó? Oh, não queria...

– Ele quer só descansar.

– Devo então abandonar esse projeto, não pensar mais em dançar a Lueji?

A fala foi tão magoada que a avó lhe apertou a mão. Esquecer tudo,

podia? Arrancar de dentro dos nervos os ritmos e os movimentos, os sonhos que a faziam viver? Deixar o grupo sem projeto, condenado à dispersão? Não podia, era já uma coisa para além dela, deixara de lhe pertencer, nem podia decidir sozinha. Por outro lado, condenava a avó à doença, provavelmente à morte? Encostou a cara no ombro da velha e soluçou. Era demais, um dilema assim nunca enfrentara. E nem sequer lhe passou pela cabeça duvidar do vaticínio. A kimbanda falava, falava, e Lu soluçava, desesperada. Mas quando a avó começou traduzir, ela sesforçou por ouvir.

– Augusta diz pode ser um espírito raivoso porque tu estás falar dele duma maneira que ele não gosta. Deve se respeitar os antigos, mas às vezes os antigos não foram o que as pessoas dizem. Mas eles querem se diz assim, ficam vaidosos. Se tu falas outra coisa ou pensas, dá no mesmo, eles acordam zangados. Também pode ser porque tu falaste do Tchinguri duma maneira que Augusta não gostou – a avó interrompeu a fala para cuspir no chão ao mencionar o nome do monstro sanguinário que ao sentar e levantar enterrava dois punhais nas costas de dois escravos. – Não falaste com raiva dele, como se deve. Algum espírito inimigo do feiticeiro se zangou por isso talvez. Mas ela ouviu a tua pergunta. E disse não precisas deixar essa dança. Só é preciso acalmar o cazumbi. Única maneira é acordar um outro, um espírito de mulher.

– Como? Não preciso abandonar? E a avó não vai sofrer?

– Augusta diz não. Te vai dar uma coisa.

A kimbanda já tinha ido ao saco e tirado de lá um tubo de madeira, parecia um apito pequeno, amarrado num colar de missangas. Falava para o amuleto, enquanto a avó continuava:

– Deves andar sempre com esse colar. Não abras, lá dentro tem forças muito grandes, fechadas desde os tempos. Era do tio dela, da própria Lunda. Para dançar, para tomar banho, tudo, deves ter esse colar. Se tiveres vergonha, podes amarrar na perna, onde quiseses. Mas anda sempre com ele. Augusta agora está a chamar um espírito feminino, ela disse podes pensar é o de Lueji. Tens de pensar nela. Vai acalmar o outro, o raivoso. Só mulher para pôr homem direito, não é mesmo?

Era impressão, loucura sua, ou o fumo deixou de subir em volutas lentas e verticais do fogareiro? Agora o fumo se espalhava logo à saída das brasas, por todos os cantos, como se várias correntes de ar se cruzassem no quarto

absolutamente fechado. Ficou de repente com a garganta seca e sentiu o coração galopar. Entretanto, a kimbanda acabou a invocação e lhe entregou o colar. Lu pensou em Lueji, espírito da centavó mítica vem me ajudar, tantas vezes te pedi e não te manifestaste, mostra agora que és. E colocou o colar no pescoço. O fumo revolteou por instantes e logo voltou a subir, tranquilo, na vertical.

– Vou mesmo usar aqui no pescoço – conseguiu articular, apesar da garganta que falhava.

Augusta voltou a falar e a avó traduziu:

– Agora vai ficar tudo bem. E dança sempre antes de dormir, como fazias. Pensa na flor, é pensar na Lueji. Se acreditas nessa dança, ela vai te ajudar. Vai dormir então. Augusta diz amanhã estamos boas as duas.

Lu despediu das duas velhas, muito tonta, os olhos ardendo, mas estranhamente calma. Nunca acreditara nessas coisas, mas dava para duvidar? Segredos antigos. Precisava acreditar agora, acalmar os nervos, ganhar coragem de continuar. Mesmo se depois risse dela própria. Segredos antigos não dão para desprezar.

AGORA SOU EU QUE FALO, EU, MAI,

irmão de Ilunga e Luevu, mas que um dia serei conhecido não por deles ser irmão, mas por Mai Munene, o grande.

Ilunga não dorme, ao meu lado. Finge apenas. A sua atenção está concentrada nela, a rainha. Pretende esconder, mas será isso possível? Pela primeira vez uma mulher lhe faz esquecer a caça. Devíamos ir amanhã explorar os novos terrenos, mas ele disse logo ainda é cedo, pode haver guerra. Alguma ameaça de guerra impedia Ilunga de ir bater o terreno, procurar as moitas onde dormem os elefantes?

Isto é grave. Não falo por ciúmes, embora deva confessar, passava umas belas noites com ela. Mas o caso morria aí. Com ele não, nem pensa nas noites a passar, quer se prender para toda a vida. Nunca o vi assim alheio a tudo, nunca vi os olhos dele se fixarem tanto nuns olhos de mulher. Pode tudo abandonar por ela. Já fez um mau negócio, se deixou enrolar e vai lhe passar os segredos do nosso ferro, sem nada em troca. Quando podia pedir metade do reino. Por estupidez? Não, ele não é parvo. Apenas porque ficou aturdido pela beleza dela, pela força e coragem que dela se desprendem,

qualquer um nota logo.

E vai largar a nossa ideia de obter um grande território, onde ele cace como quiser e onde eu governe para alargar os domínios até onde morre o Sol. Não combinámos isso mas estava implícito ao sairmos da Luba. E ele vai tudo esquecer, apenas na ilusão de se aquecer na fogueira da rainha.

E tem mais. Quando se souber desse interesse de Ilunga, os lundas nos põem na rua. Onde já se viu uma rainha ter uma ligação com um kandaka, como eles nos chamam? Ela vai aproveitar, sugar dele tudo o que puder e depois denuncia, vejam este kandaka que quer dormir comigo, conspurcar o meu fogo sagrado. Se ela não o fizer, fazem os Tubungo que nos odeiam. Como não perceber os olhos desconfiados deles? Parece aceitarem o acordo conosco, porque é do interesse deles, estão quase perdidos. Mas depois? Os ódios antigos vêm ao de cima, ultrajados pela ligação espúria e herética. Comigo isso não teria importância. Uma noite, duas, três, até cansar. E ia cada um para seu lado, contente pelo que gozou, escondendo de todos o acontecido. Sem consequências.

Com Ilunga vai ter consequências. Más, só podem ser. E eu não posso aconselhar. Sou o irmão mais novo, de quem se ri. A criança fogosa que apenas sonha com guerras e conquistas. O sábio pode ouvir uma criança impetuosa?

Meu pobre irmão, tão ingénuo. Um homem bom, sem dúvida, que não gosta de fazer mal aos outros, até o homem castanho de língua de estalidos entrava na chipanga dele. O que prova a sua ingenuidade. Esquece facilmente as suas origens, não procura sempre a companhia dos seus iguais, tem prazer em conversar com um mísero caçador sobre a sua arte. E deixa que todos comam do seu celeiro. Tão ingénuo que o Luevu o enganou, contra a opinião de toda a gente. E ele se deixou enganar, talvez até feliz por isso. E eu pago pela sua ingenuidade ou o seu desprezo pelos jogos do poder. Fica cada vez mais longe o meu sonho de um reino poderoso que um dia disputava o trono de Luevu. Até podia ser a Lunda, terra de atrasados, diga Ilunga o que disser.

E estou a ser otimista quanto às consequências do interesse dele pela rainha. Se os Tubungo sabem, não vão nada nos pôr a correr. Nos cortam masé a cabeça numa noite escura. Estamos no meio deles, é fácil nos apanharem pela traição. Porque às claras não ousam, já viram a superior qualidade do nosso ferro. Mas amanhã, quando tiverem armas iguais às

nossas? Estamos nas mãos deles, foi isso que Ilunga conseguiu. Por causa duma mulher que se ri dele. É ele um luba? Nem parece.

Lu acordou cedo e correu logo ao quarto da avó. Encontrou discussão entre esta e a filha, pois a velha queria se levantar e Juliana não estava de acordo, tem de descansar, foi o médico que disse. E ele deve estar a chegar, prometeu vir cedo hoje, nunca mais, já estou boa, Tia Augusta me curou. Lu sorriu ao cumprimentar a avó, vejo que estamos curadas, aquilo funcionou, é, só tua mãe não acredita e quer mobrigar ficar na cama, mas é melhor, vó, o doutor vai vir e vai fazer maka, já sabe ele é torto.

O médico era um mulato do Moxico. O pai podia ter sido um comerciante português ou algum guerrilheiro claro, do tempo da luta de libertação no Leste. Nunca que se soube, a mãe dele não falava disso. O certo é que ela se refugiou numa base guerrilheira perto de Cangamba, tinha ele dois anos. Cresceu no kibeto e depois foi para uma escola da mata. Mais tarde, na independência, foi estudar para Cuba, na Ilha da Juventude. Voltou de lá médico e comunista convicto. Foi colocado em Benguela e aí ficou, casou com mulher da terra, se tornou benguelense. Tinha acedido a deixar a avó em casa e vir todos os dias visitá-la, dada a idade avançada e a eterna falta de camas no hospital. Mas era um favor especial, pois conhecia o pai de Lu faz muito tempo e não desesperara ainda de o converter às ideias socialistas. O pai de Lu dizia não me meto em política, só sei tratar dos meus negócios, mas ia ouvindo, ouvindo. Até já tinha dito um dia quero visitar Cuba, ver se é mesmo como o doutor fala.

Tia Augusta ainda estava dormir no quarto que lhe reservaram. O fogareiro tinha sapagado durante a noite, também já não era preciso. Mas mesmo assim Juliana abriu a janela para arejar. E arranjou a velha e a cama, não fosse o médico chegar de repente e encontrar tudo abandonado. Não ousou porém retirar o fogareiro, a kimbanda tinha de autorizar.

Estavam a matabichar quando chegou o médico. O pai de Lu foi recebê-lo à porta. Tia Augusta ficou na mesa, não ia encarar o doutor, atrapalhar os seus milongos, cada um com sua arte. Juliana e Lu foram assistir à consulta.

– Está muito melhor – disse o doutor. – Tomou sempre os medicamentos, não é?

– Sim, doutor – disse Juliana. – Ela até se quer levantar já, diz está curada.

– Não convém. Mais uns dias de repouso. Pode haver uma recaída e isso é muito perigoso. E deve continuar com os comprimidos. Ainda lhe vou dar mais uma injeção. Amanhã, se estiver assim, paramos as injeções, só toma os comprimidos.

O pai de Lu saiu do quarto para deixar o médico dar a injeção à velha. Esta resmungou, não sei para quê mais injeção, isso não faz nada, mas o médico não percebeu e lhespetou mesmo a agulha na bunda descamada. Já ia entrar nas despedidas, quando reparou no fogareiro.

– Que é isso? Então aqueceram alguma coisa no quarto da doente? Isso vicia o ar.

– Bem, é que... – Juliana não sabia o que dizer, olhando assustada para a mãe.

– Não foi isso, doutor – cortou da porta o pai de Lu. – Trouxeram o fogareiro para aqui mas não foi acendido. Essas cinzas são antigas.

O médico concordou com a cabeça, como quem compreende. Já ia a sair quando a mais-velha não resistiu e disse da cama, indignada com o genro:

– Não mente, menino. Então a mentir na frente da tua filha, isso é feio, não tens vergonha?

O médico se voltou para ela, surpreendido pela fala inesperada e forte, nada adaptada a quem esteve quase a baleiar ainda na véspera. E porque percebera haver mentira no ar e portanto coisa que se queria ocultar dele.

– É melhor mesmo falar a verdade para ele saber. Doutor, veio Tia Augusta da Catumbela. Queimou aí ervas e folhas, me deu medicamento para beber. Me curou.

Os pais de Lu só faltavam tremer de susto, imaginando a reação ofendida do médico. Mas este sorriu, passado o momento da surpresa. Falou calmo e sem ponta de ressentimento na voz:

– Há certos medicamentos desses que curam, efetivamente. Mas o fumo não, o fumo é mau para a sua doença. O que vale é que lhe dei um tratamento de cavalo e resistiu a tudo, à doença e ao fumo das ervas. Mas não aconselho a voltarem a acender fogo aqui no quarto, vai piorar.

– Não precisa mais, já estou curada.

– Minha senhora, quem a curou foram as injeções e os comprimidos que lhe dei.

– Tchá! – fez a velha. E muxoxou em seguida. – Remédio de branco... Augusta me curou e minha neta ajudou muito a descobrir o mal. Mas vocês não vão saber, é segredo de minha neta só para mim. E tu, menino meu genro, tens mania de branco que não credita, deixa, não vais saber nunca.

O médico bateu amigavelmente na mão dela. Já a sair na porta, disse para o pai de Lu:

– Como ela acredita nessas curas, isso também ajudou. O aspecto psicológico é muito importante nestes casos. Mas foi a minha dose de cavalo que a curou, pode estar certo.

– Eu estou. Mas fui obrigado a ir buscar a velha na Catumbela, senão caía-me a casa em cima.

– Imagino, imagino...

– Ainda bem que o doutor compreendeu. Outro qualquer era capaz de fazer uma cena, me xingar até...

– Outro qualquer... Sim. Mas não esqueça cresci no mato. Vi muita coisa e a medicina ainda não explica tudo. Mas lá havemos de chegar. E depois tudo fica claro.

Ele foi embora e Lu pensou, estamos empatados. Nunca se saberá quem curou a avó. Não importa, ela já está em plena forma. E honesta como sempre. Já posso regressar à minha guerra de Luanda e às anteriores, de Lueji.

O pai precisava primeiro de levar a velha Augusta na Catumbela e depois Lu embarcava. Mas a kimbanda quis ainda falar com ela. Se fecharam as três no quarto e a avó traduziu:

– Tia Augusta diz esse amuleto vai fechar teu corpo, vai acalmar o cazumbi. Mas ele pode se mexer ainda, não vai parar logo de chatear. O espírito de mulher vai pouco-pouco lhamarrar. Não tassusta se ele mexer, fizer algumas malandrices. Não vai ser grave, tu vai poder resolver mesmo sozinha. Mas chama sempre o espírito de Lueji, ela é tua avó também, vai tajar.

E a velha kimbanda partiu na carrinha do pai. Lu foi telefonar para reservar lugar no avião, ainda podia ganhar o dia de hoje para o seu trabalho, era preciso começar a contar os dias, os quais foram passando e cada um trazia um mujimbo a confirmar a estratégia de Tchinguri. Arrasou

as terras de Kakolo e pouca gente pôde se salvar. Passou pelo território de Sambunje e, não encontrando ninguém, se limitou a queimar as casas. Mas ia apanhando muito povo de muatas menores, uns a bem, outros à força. Se podia dizer que todo o Norte da Lunda pertencia agora a Tchinguri. Já ninguém em Mussumba tinha dúvidas, ele apanhava os jovens para os treinar. Os seus mil e poucos homens podiam enquadrar cinco recrutas cada um, o que significava o exército dele em pouco tempo podia ser multiplicado por cinco, uma força muito considerável, gigantesca mesmo para a Lunda. Se faziam apenas conjecturas sobre o passo seguinte: ou ia ter com o exército que devia combater Mataba ou fletia já para sul e atacava as forças coligadas de Ndumba ua Tembo.

E foi naquele dia que Lueji foi convidada por Ilunga para ir dar um passeio no rio que surgiu a notícia: o exército contra Mataba se desagregara. Tchinguri chamou Kakaya e Tchoia para conversarem com ele. Conferenciaram à noite, depois os comandantes voltaram ao acampamento do exército da rainha. Reuniram a gente e lhes disseram, agora lutamos sob as ordens de Tchinguri, deixemos os Mataba para mais tarde. Só Kanyika se opôs, temerariamente. Os outros já esperavam aquela reação e ele foi logo cercado. Lutou bravamente e rompeu o cerco, fugindo com alguns seguidores para o Sul. Os homens de Chinyama, de Kakele e os restantes de Ndumba aceitaram a chefia de Tchinguri e agora o seu exército era ainda mais numeroso. O próximo passo era o aniquilamento de Ndumba ua Tembo.

– E não posso fazer nada aqui. O Ndumba está avisado há uns tempos de todos os passos de Tchinguri, mas que adianta?

Isto disse Lueji a Ilunga. Caminhavam ao longo do Kalanhi, vem comigo, te quero mostrar uma coisa, dissera Ilunga na onganda. Mas, perante o desânimo dela, o que lhe queria mostrar perdera já parte do interesse.

– Não podes chamá-lo para aqui? Ao menos ele e seus homens ficavam protegidos. E reforçavam o teu exército. Amanhã já haverá as primeiras armas novas...

– Não dá tempo, só se viessem como fugitivos. E Ndumba nunca ia aceitar recuar assim, não o conheces... Neste momento já devem estar a combater. As notícias chegam com atraso de dias, é muito longe e o sistema de mundos não está todo montado para o Ocidente da Lunda.

Esperavam receber no dia seguinte as armas novas para a guarda real e

para os grupos do leão e do elefante. Salukunga estava encantado com a qualidade do aço. E os ferreiros trabalhavam sem parar, aprendendo a nova técnica. Nos dias seguintes viriam mais armas para o resto da guarnição. Mas isso era suficiente contra cinco mil homens?

Chegaram à pedra onde Lueji recebeu pela primeira vez Ilunga. Havia três arvorezinhas plantadas atrás da pedra.

– É esta a minha homenagem à rainha da Lunda. Onde tive o prazer de te conhecer, plantei estas três árvores. Eu próprio as rego até terem força de encontrarem água sozinhas.

Lueji ficou comovida e esqueceu as más notícias. Árvore plantada era símbolo de amizade eterna, de paz. Ela conhecia a mensagem. O coração batia forte e temeu que se notasse.

– Foi assim tão importante teres me conhecido, Ilunga?

– Foi a coisa mais importante que me aconteceu, Lueji.

Ela olhou as árvores durante muito tempo. Depois sentou na pedra. Fez um gesto aos guardas para se afastarem, podem ir, aqui estou em segurança. Ficaram os dois sozinhos e ela mandou-o sentar também, como da primeira vez.

– Para mim também foi muito importante, Ilunga.

Se olharam nos olhos e leram o desejo do outro. Não houve palavras, não houve suspiros, não houve jogos de mão. Ela levantou, caminhou um pouco no mato. Ele veio atrás. Numa pequena clareira, ela se deitou. E ele.

Foi assim.

Muito tempo depois, cansados e felizes, se desprenderam.

– Tenho de voltar – disse Lueji. – Ninguém deve saber disto. Para tua segurança.

E voltaram para o rio e muito mais vezes se iam encontrar naqueles dias, sempre como caçadores furtivos. Não era proibido, Lueji era soberana e podia ter relações com quem quisesse. Mas Ilunga era um luba e podia provocar a ira dos lundas. Além do mais, o conhecimento dos seus encontros podia enfraquecer o ascendente dela sobre os nobres e o povo. Só Nayole foi informada, tinha de ser, e não gostou. Mas nada disse.

Chegaram mesmo as armas, no dia seguinte. Os soldados não perderam tempo. Foram logo treinar com elas e se divertiam a partir os mucualis antigos. Vieram também milhares de pontas de seta, para substituírem as antigas nas flechas já prontas. Foi um corre-corre dos muatas a quererem

saber a que se devia o milagre de agora terem armas lubas. E protestavam, porque só a guarda real e os dois grupos de guerreiros as receberam. Lueji resolveu anunciar as coisas num Conselho de Tubungo, convocado à pressa no tchota novo e bem mais amplo que o da antiga Mussumba. Explicou donde elas vinham e qual fora o acordo com Ilunga. E que todos os soldados seriam equipados com elas, era só questão de dias. Escondeu o nome dos ferreiros que aprendiam com o luba, mas não pôde esconder o sítio onde eram as armas fabricadas. E o que ela temia aconteceu. Kakoma se sentiu ultrajado, ele era o melhor ferreiro da Lunda, porque não foi convocado para aprender também? Lueji não queria mentir, mas podia dizer a verdade? Muitas vezes tinha tentado imaginar uma justificação que satisfizesse o orgulho de Kakoma, mas lhe custava mentir. O poder obrigava pelo menos a ocultar a verdade. E disse não te sintas ofendido, Kakoma, também aprenderás, mas não agora. Tinha as minhas razões para que as armas fossem feitas às escondidas e só podia ser lá onde foram. Neste momento não posso dizer mais nada sobre o assunto, é segredo da rainha da Lunda. Alguns Tubungo protestaram, tinham o direito de saber todos os segredos mas não têm nada, quem é afinal o soberano aqui? Outros disseram não é justo que só os teus homens sejam equipados com as armas lubas, e os nossos? A vez deles chegará, primeiro a força principal que vai combater Tchinguri e esse é o meu exército, depois os outros. Houve resmungos, as asas da rainha estão a crescer demais, já não respeita a vontade dos Tubungo, mas ela sabia não passavam de impotentes resmungos, agora era ela que os protegia, estando entre eles e Tchinguri. Só podiam mesmo refilar. E obedecer.

Lueji aproveitou o ensejo para anunciar a nomeação de Kandumba como kalala da Lunda, o comandante mais importante pois chefiava a vanguarda do exército real. Aos murmúrios de desaprovação, respondeu com um sorriso, com certeza havia de ser algum Tubungo velho que ia defrontar Tchinguri? A guerra é minha, só eu a dirijo como entendo, e o meu exército também. E anunciou ainda novas nomeações, a de Kakongo para chefe do protocolo e outras para cargos menores. O Mundo caía ao redor dos Tubungo e eles só podiam mesmo refilar. Assim ela encerrou o Conselho.

Lueji saiu do Conselho mais tranquila. Pelo menos todos sabiam as coisas agora seriam diferentes na Lunda. Os Tubungo das grandes linhagens estavam enfraquecidos e desmoralizados, pois o seu poder ruía com a

invasão de Tchinguri. Se queriam um dia reconstruir as suas forças teriam de ser auxiliados pela soberana, isto no caso de Tchinguri ser derrotado. Em caso de vitória, ela iria distribuir as terras como bem entendesse. E se agora se mostravam demasiado hostis às suas medidas, ela mais tarde não contemplaria as pretensões deles. Só três pessoas tinham força na Lunda: Tchinguri, Lueji e Ndumba ua Tembo, mas os dias deste pareciam contados. Entre o irmão e a irmã, tinham escolhido esta última e era tarde para se arrependeram. Estavam portanto nas suas mãos. Ela demonstrou isso no Conselho e eles entenderam. Protestaram alguns, mas sem convicção.

A rainha encontrou Kandala à sua espera. A seu lado estava um homem de meia-idade, magro e baixo, de olhar fugidio. Nayole parecia encantada com ele.

– Vinha já a caminho para te visitar, quando soube do Conselho. E resolvi esperar por ti. Trazia-te o meu sobrinho Majinga, não te deves lembrar dele.

– Sabia que chegou ontem – disse Lueji. – Que os teus dias em Mussumba sejam muito felizes.

Majinga se inclinou num agradecimento mudo.

– Eras muito criança quando ele partiu – disse Kandala. – Com a mudança da Mussumba e todos estes acontecimentos, não me lembrei de te dizer que o tinha chamado. Peço desculpa.

– Todos andamos atarefados, não tens que te desculpar. – Lueji se virou para o primo: – Estiveste onde vivem os Minungo, não é?

Mas Kandala não o deixou responder, se antecipou:

– Preparei-o para tahi, é o meu sobrinho mais velho e muito capaz de lidar com a nossa arte. Quando aprendeu tudo, resolveu ir para o outro lado do Cassai. Andou, andou, o seu nome ficou conhecido por lá e agora era um tahi importante na terra dos Minungo, como disseste. Já vi aprender muita coisa, mas precisa aprender mais. Estou velho, posso morrer dum dia para o outro. Por isso o chamei. Um dia ocupará o meu lugar e fica com o meu ngombo. É o meu sucessor, assim queiram os espíritos.

– Onde vai viver? – perguntou Lueji.

– Comigo. Assim tenho todo o tempo para lhe ensinar o que resta. E se, quando eu morrer, ele merecer a tua confiança, poderá continuar a habitar no alto do morro que me ofereceste. Mas acho podes desde já agraciá-lo com a tua confiança.

Quanto mais não seja, porque é da nossa linhagem, pensou Lueji. Mais-

velho Kandala não perde tempo. Logo que subi ao poder e portanto a sua linhagem, mandou vir o sobrinho. Assim, no caso de ele morrer, a linhagem não ficará sem um grande tahi em momento nenhum. Nem eu. Mas a maneira sorrateira de olhar de Majinga lhe provocava arrepios na espinha, era totalmente diferente do tio, direito e digno na sua pose. Kandala era um senhor. Majinga parecia um rafeiro que rosna de lado, rabo entre as pernas, para o canzarrão que o desafia de frente. É primo mas não gosto dele, nunca gostarei, decidi eu. Mas tinha sido educada em Mussumba e disse, com um sorriso encantador:

– Tens de me contar como são os costumes das terras que conheceste. E as que ficam mais para lá, no caminho do Sol. Um destes dias vou te chamar, para conversarmos sobre isso.

– Terei muito prazer, rainha.

Foi a primeira vez que ele falou e a voz afinal não era desagradável. Começava a pensar ele era mudo. Vá lá, ao menos isso não. O mais-velho mudou a conversa:

– Nayole me falou da grande notícia. Já temos armas novas e muito boas.

– Sim, Kandala. Os lubas nos ensinaram a fabricá-las.

– Fico admirado como aceitaram. Foi sem dúvida um bom negócio para ti. Mas isso pode mudar as coisas?

– Pelo menos equilibra mais as forças.

– Nayole me disse, foram feitas nas terras de Salukunga.

– Sim, pai. Hoje fui criticada por isso e talvez tu também não estejas de acordo. Mas pensei, essa maneira de preparar o ferro é um segredo demasiado importante para ser divulgado pela Lunda inteira. Ainda. Por isso só os ferreiros de Salukunga aprenderam o segredo, que deve ficar bem guardado.

– Acho que foi muito prudente da tua parte – disse Kandala, indo diretamente ao fundo da questão. – Só mesmo a tua família deve saber isso, pelo menos enquanto Tchinguri for um perigo. Sabe-se lá o que farão os outros, muitos já passaram para o lado do teu irmão, só porque pensam ele tem toda a força. Digo mais, Salukunga devia ter uma guarda especial por causa desse segredo. Imagino que neste momento todos os homens válidos dele estão aqui. O segredo está pouco seguro lá.

– Não pensei nisso, tens toda a razão. Logo que Tchinguri saiba, pode mandar uns homens lá para apanharem o segredo. Raptarem o ferreiro luba.

E as terras de Chinyama são perto...

– Tchinguri, Chinyama ou outro qualquer. Pode ser um teu cortesão, Lueji.

– Estás a pensar em alguém em particular, pai?

– Não, não, pode ser qualquer um. Todo o cuidado é pouco. É triste dizer, mas hoje só podes confiar na gente da tua linhagem. Esses não te vão trair, não têm interesse. Agora os outros...

Kandala se levantou, indicando ia partir. Majinga se inclinou perante a rainha em despedida muda. Esta disse:

– Kandala, amanhã vou te visitar no morro. Preciso que leias no ngombo.

Os adivinhos saíram. Nayole foi buscar água fresca da sanga. Enquanto a dava à filha, disse agora estou mais descansada, com Majinga aqui. Já Kandala pode morrer que terás um adivinho competente. Lueji bebeu a água, não respondeu à fala da mãe, se for tão competente como é esquivo... Disse:

– Vou passear um pouco pelo rio, queres vir comigo?

As duas mulheres foram andando pela beira do Kalanhi, gozando o Sol e o ar fresco que ali se fazia sentir. Nayole lamentava as nakas e lavras que deixara perto da antiga Mussumba. Tinha trazido algumas sementes, mas eram poucas e ainda nem tinha começado a nova horta. Os problemas alimentares iam surgir em breve se a guerra não acabasse. Lueji já tinha escolhido os lotes para as nakas da família e em breve Nayole e as amilombes iam começar a preparar o terreno. Era isso que viam agora. As terras eram mais escuras, por isso mais ricas que na antiga Mussumba, onde predominavam as terras encarnadas. O problema era a falta de sementes.

Viram à frente um pescador solitário, que montava uma armadilha para o peixe. Colocava no rio troncos pequenos de árvore, para segurarem mujias, espécies de cestos de forma cónica, feitos de entrançados de caniço, onde os peixes entravam e não saíam.

– É Mulaji – disse Nayole.

Se aproximaram do pescador, o qual estava entretido na sua tarefa e não as viu chegar.

– Não o conheço – disse Lueji.

– Deves conhecer. Morava perto da antiga Mussumba. Só veio há uns dias. Não queria sair de lá, mas depois se assustou com as depredações que Tchinguri fez nas terras de Kakele. Tem filhos pequenos e resolveu mudar

também para aqui, ao menos os filhos ficam protegidos, não se tornam escravos de Tchinguri. E ele já tem essas experiências na família.

– Por quê?

– O pai dele e a mãe foram apanhados no tempo de Yala Muako, no Zambezi. E até se conta uma estória engraçada, pois Yala Muako fez da mãe sua concubina, mas o pai continuou a visitá-la, porque era o marido legítimo...

– Sumbi e Kakeya! – exclamou Lueji.

– Assim se chamavam os pais dele. Conheces a estória?

– Sim, Kandala me contou. O Conselho decidiu que Yala Muako devia pagar o matemo deles ou deixar Kakeya ficar com Sumbi.

– É isso. E eles voltaram a viver juntos. Pouco depois nasceu Mulaji e os outros irmãos. Muita gente dizia Mulaji era filho de Yala Muako, mas como saber ao certo? Filho que nasce da mulher pertence ao marido legítimo, assim é a tradição.

Estavam paradas na margem e o homem não notava que falavam dele, totalmente absorto no trabalho.

– Mulaji aprendeu a pescar com o pai, eles são mestres lá no Zambezi. Às vezes ia levar peixe a Kondi, daí o conheço.

Nayole atirou um pau para a água, mas o pau caiu longe do alvo e o pescador não se virou para a margem.

– Eh, Mulaji – gritou então Nayole. – Mulajiéé.

O homem ouviu, se virou. Reconheceu a segunda mulher de Kondi e recuou para a margem. Olhou atentamente para Lueji, mas não cumprimentou. Bateu as palmas respeitosamente para Nayole.

– Não conheces a minha filha, Mulaji?

Ele olhou subitamente para todos os lados e depois se inclinou. Falou a medo:

– Desculpa, rainha, mas não te reconheci, há muito não te via. E como não vejo guardas, nunca pensei eras Lueji.

– Para passear não preciso de guardas, Mulaji.

O pescador tinha ficado com uns bocados de caniço na mão. Brincava distraidamente com eles, sem saber o que dizer. Era um homem de meia-idade, seco de carnes mas forte. Tinha os dentes incisivos limados e uma barbicha. Nayole perguntou:

– Aqui há mais peixe que na antiga Mussumba, não é?

– Parece. Mas ainda não conheço os bons sítios. Estou a procurá-los, hoje experimento aqui, amanhã ali. Cada rio tem os seus bons sítios, por isso não é bom mudar quando já o conhecemos bem.

– Sei que não querias recuar para aqui – disse Lueji. – Mas fizeste bem.

O pescador olhou as duas mulheres, como se hesitasse em falar. Por fim decidiu:

– É. Os muatas se zangam, fazem guerras... Nós ficamos no meio, a apanhar cacetadas dos dois lados.

– Quem é que apanha as cacetadas? Nós, quem?

– Nós, rainha, nós que não somos muatas... uma pessoa vive à beira dum rio, já conhece todos os fundões bons onde vivem os bagres. Tudo é calmo e o único problema são os jacarés. De repente, vem um grupo de homens armados, te apanham, te levam com eles. Fiz quê? Nada fiz, apenas existo, o que parece ser proibido em tempo de guerra. Adeus rio, adeus família, adeus tudo, tenho novo senhor, sem saber porquê.

– Eu não queria essa guerra – se justificou Lueji.

Mulaji baixou a cabeça, olhou as mãos que remexiam os pedaços de caniço com que faria uma corda.

– Eu sei, rainha, todos sabemos. Por isso estamos contigo. Que os espíritos te ajudem a evitar a guerra.

Não disse, que os espíritos te ajudem a vencer a guerra, pensou Lueji, enquanto continuava a caminhada. Foi por acaso ou era o pensamento profundo de Mulaji? Evitar, não vencer. O lukano não significava nada para ele, tanto lhe fazia que estivesse com um ou outro, o que interessava era não haver guerra. Seria isso? E era um caso isolado ou muitos pensavam assim? Foi matutando e já não respondia à conversa de Nayole.

Evitar a guerra! Se lhe ensinassem como... Tchinguri já dominava metade da Lunda e o resto vinha depois. Ia atacar Mussumba. Só havia uma maneira de evitar a guerra, era renunciar ao lukano. Tinha sequer esse direito? Teria coragem de enfrentar a ira do espírito de Kondi? Kakaya tinha tido essa coragem, renunciou ao seu lugar de comandante do exército contra os Mataba para seguir Tchinguri. Ou não respeitava tanto o espírito de Kondi como ela pensara ou Tchinguri o convenceu que se não tratava da vontade de Kondi, apenas a de alguns Tubungo. Se o irmão tivesse razão e tudo não passasse duma maquinação de Kakele e Kakolo? Usando o prestígio de Kandala? Nesse caso era ela o brinquedo deles, o instrumento que

provocava involuntariamente a guerra. Mas podia duvidar de Kandala? E da verdade do ngombo sagrado? Não, não podia. E de Kakele? Não foi Kondi que lhe disse ao morrer para confiar em Kakele? Kakele era da mesma linhagem de Kondi. Talvez por isso... Kondi, na hora da morte, queria ainda preservar alguns privilégios para a sua linhagem? Mantê-la, mesmo indiretamente, no poder?

Nayole falava, falava, e Lueji não ouvia. Havia ambições por todos os lados, pelo menos em Kakele ela podia adivinhar. A ambição do poder oculto, da influência sobre o soberano, não o poder que se manifesta a cada instante. Aparentemente desinteressada, a mais hábil forma de poder. E em Ndumba. E em todos os outros. Só mesmo Chinyama parecia não ter ambições, preferia influenciar moralmente as pessoas inventando estórias, mas isso também era uma subtil necessidade de poder, um outro poder. E Ilunga? Esse não e assim a subjogou. Estranho e nobre homem saído da Lua, com seu arco longo e machadinha, caminhando em passadas largas à beira do lago. No sonho acordado ele caminhara para longe dela. Na vida fora o contrário. Ou era apenas um instante passageiro e logo ele ia mudar de direção e se afastar? Não, não podia ser passageiro, tinha de ser para sempre. Como, para sempre?

Chegaram à paliçada e lá estavam os comandantes e os soldados, treinando. Se exercitavam com os novos arcos, mais longos, feitos de ramos de uma árvore especial indicada por Ilunga. E este estava no meio deles a explicar como se devia soltar a flecha. Apontavam para um grupo de árvores que servia de alvo e depois iam comprovar os resultados. Com outro grupo estava Mai, também ensinando. E Muasanza e Mutombo, outros nobres do séquito dos lubas.

Ao verem a rainha, os soldados aumentaram de ardor. Todos sabiam que deviam as novas armas e os ensinamentos dos lubas à habilidade dela. Queriam mostrar os progressos rápidos. Kumbana e Kandumba se aproximaram das duas mulheres. O kanapumba disse:

– Os soldados estavam assustados com as notícias que chegavam. Começavam a duvidar que os pudéssemos deter. Agora tudo mudou. Já se acham invencíveis.

Kandumba estava calado, olhando Lueji, que olhava Ilunga. Nayole percebeu e teve medo que o segredo da filha fosse descoberto. Falou para desviar a atenção:

– Kandumba, conhecestes Majinga, não? Ele voltou.

– Já sei. Mas não me lembro dele, eu era muito pequeno quando foi embora.

Lueji achou disparatado que Nayole perguntasse isso a Kandumba e não a Kumbana, que era o mais velho e podia se lembrar do primo adivinho. Mirou a mãe rapidamente e o olhar desta fixo nela lhe fez perceber que Nayole queria lhe transmitir alguma mensagem. Mas logo esqueceu, entusiasmada a observar Ilunga a ensinar o tiro ao arco. De modo que Nayole foi obrigada a puxá-la para o lado e lhe segredar, para de olhar para ele dessa maneira que vão perceber. Só então Lueji caiu em si e reparou no olhar inquisitivo de Kandumba colado a ela. Ficou perturbada, não sabia do interesse do kalala, de Kamexi sim. Tenho de ter cuidado, todos me estudam e a vida do luba pode correr perigo, se desconfiam de alguma coisa. Ainda não tinha pensado nessa possibilidade e a revelação súbita assustou-a. O kalala Kandumba podia estar apenas a olhar para ela, sem suspeitar do que passara na véspera. E não tinha nenhum direito. Mas se Ndumba ua Tembo soubesse? Não se iria vingar em Ilunga? Certamente que sim. E, a ligação íntima comigo é fatal para ele, tem de ficar bem escondida. Ainda bem que contei logo a Nayole, ela vai estar sempre atenta.

Ilunga se apercebeu então da presença dela, falou qualquer coisa para os soldados e avançou para cumprimentar. Lueji respondeu à saudação de forma quase indiferente, como se fala para um estrangeiro útil, mais nada. Ilunga percebeu a frieza da atitude dela. Também adotou uma postura altiva e distante, apenas bem-educada. Como são espertos e finos, pensou Nayole.

– Os meus homens aprendem bem, kandaka?

– Sim, rainha. Eles já eram bons atiradores e por isso se adaptam rapidamente aos novos arcos. Tchinguri vai perder muitos homens, antes mesmo de chegar aos fossos. E aí então é o fim deles.

– Achas mesmo? – perguntou Kumbana, ansioso.

Ilunga se virou para ele e para o kalala. Fixando-os nos olhos, disse para Lueji:

– Rainha, os teus comandantes fizeram um extraordinário trabalho de defesa. A ideia de mudar a Mussumba para aqui foi espantosa. E a ideia da paliçada e dos fossos também. Com os arcos mais potentes e as flechas mais perfurantes, acho que Mussumba é inconquistável. Podes dormir descansada. Com os comandantes que tens, nada acontecerá ao lukano.

Kumbana sorriu, agradado. Kandumba baixou a cabeça numa vénia, agradecendo o cumprimento. No entanto, o olhar dele estava desconfiado, notou Lueji. Sentia Ilunga como um rival? No comando, ou em relação a ela? E Ilunga dizia aquilo para vencer a desconfiança normal dos comandantes tundas ou era apenas sincero? Havia de lhe perguntar mais tarde. Kandumba levantou os olhos para a rainha e perguntou a Ilunga:

– Kandaka, achas que podemos resistir mesmo a um assalto de cinco mil homens?

– Olha, kalala, sabes tão bem como eu que neste sítio interessa pouco o número de homens. Cinco mil ou mil é a mesma coisa, pois têm de passar a dois e dois pelo caminho que leva à paliçada. Alvo fácil para os arqueiros. Por isso tiveste a ideia dos fossos, não foi? Isto, é claro, para o primeiro ataque. Depois as coisas podem mudar...

– Mudar como? – perguntou Kumbana.

– Mudam, sim. No primeiro dia eles vão perder muitos homens, é certo. E vão desistir do ataque. Mas têm a noite para pensar e arranjar novos planos.

Kandumba não pôde evitar que o olhar traísse irritação, apesar da voz ser, calma e quase amistosa.

– Que planos podem arranjar, kandaka?

– É só uma suposição, kalala. Mas dizem-me Tchinguri é esperto. Que faz ele quando vir que existem fossos a toda a dimensão da paliçada e a única passagem é muito estreita para um ataque? Vai tentar alargar essa passagem, enchendo os fossos...

– E como o vai fazer? Cortando árvores para encher os fossos com elas? – A voz tinha agora uma entoação levemente sarcástica, notou Lueji.

– Para quê ter esse trabalho todo e perder tempo cortando árvores, se tem outro material à mão? – disse Ilunga, elevando um pouco a voz ativa.

Kandumba já não conseguiu esconder a irritação e o ar de desafio quando prosseguiu:

– E que material tem à mão? Não estou a ver.

– Os corpos dos homens mortos. Atira-os lá para dentro e passa por cima deles...

O kalala não respondeu, espantado com a ideia. Mas nem mesmo sorriu, porque afinal não era ideia disparatada. Sim, à noite eles podiam fazer isso e de manhã atacavam numa frente mais larga.

– Ilunga, tinhas dito que Mussumba é inconquistável! – disse Lueji,

confusa.

– Disse e repito, rainha. Eles vão passar assim pelos fossos. Mas não esqueças. No primeiro ataque já perderam muita gente e nesse segundo também vão perder muitos. No entanto chegam à paliçada, isso chegam. Ou então Tchinguri não é tão obstinado como dizem. E depois? Chegam à paliçada, depois de muitos mortos. E aí vão encontrar as azagaias. Vão tentar encostar troncos de árvores, pelos quais subir à paliçada. Enquanto as flechas continuam a cair sobre eles. E vão subir à paliçada, deixando mais mortos no terreno. Admitamos que alguns consigam saltar para o lado de cá. Vão então encontrar os mucuali dum aço mais duro. Achas que sobram muitos? Não creio.

– Mas cinco mil homens... – fez Kumbana. – Podem morrer muitos mas sobram sempre muitos.

– Não precisam morrer todos. Basta morrerem mil, dois mil, para os outros desanimarem. Os comandantes não vão conseguir fazê-los avançar. Se os comandantes estiverem ainda vivos...

– Falas bem, kandaka – disse Kandumba.

Agora não procurava esconder a hostilidade. E a frase era quase um insulto. Mas Ilunga não percebeu o tom irónico ou resolveu passar por cima. Respondeu com naturalidade:

– É que já vi muitos assaltos a paliçadas. Estive dum lado e do outro. E uma destas, tão alta, tão bem feita, com os fossos antes, só pode ser tomada por um exército cinco vezes mais numeroso que o defensor. E nós temos armas muito melhores. Faz as contas. Nos outros casos, as paliçadas têm de cobrir todos os lados ou pelo menos três. É mais difícil de defender. Aqui só há um lado. Sabemos já por onde eles vão atacar. Teriam de ter dez ou vinte vezes mais homens que nós.

– Podem atacar ao mesmo tempo pelo rio – lembrou Lueji.

– Sim, é uma possibilidade. Embora seja muito difícil atravessarem o rio, pelo menos de dia. À noite é muito arriscado. Mas é a possibilidade deles.

– À noite? – disse Kumbana, espantado.

Mai se tinha aproximado e ficara só a ouvir, sem se meter na conversa. Mas não resistiu mais.

– Era o que farias, não, Ilunga?

– Tentava isso, sim, Mai.

Para os tundas essa era uma ideia disparatada. Quem se atreveria a

atravessar um rio de noite, ainda por cima um rio de corrente e rápidos como o Kalanhi ou o Cajidixi? Quem ousava desafiar isso tudo e mais os hipopótamos? O luba estava a descarrilar. Foi Kumbana que falou:

– Isso Tchinguri não faz.

– Não sei se faz ou não – disse Ilunga. – Vocês é que o conhecem. Mas me parece que quem imaginou uma estratégia tão hábil como ele o fez também é capaz de se lembrar de atravessar o Cajidixi de noite, para nos atacar por dentro da Mussumba. Perde muita gente na travessia, claro. Mas sempre chegam alguns. Os suficientes para lutarem contra os arqueiros e os impedirem de atirar contra os outros que atravessassem durante o dia. Aí sim, o número superior de homens vai contar.

– Então Mussumba não é inconquistável! – voltou a insistir Lueji.

Ilunga riu para ela. Era um sorriso reconfortante, sem malícia. E a voz foi suave, mais suave do que antes:

– É, sim, rainha. Basta que montemos guarda bem apertada no Cajidixi. No Kalanhi não é preciso, mesmo de dia é muito difícil de atravessar aqui neste sítio. Bem vi como nós sofremos na travessia. Mas o Cajidixi tem menos corrente. À noite, a guarda principal deve ser aí e não na paliçada.

– Vê-se que já estudaste bem o sítio da Mussumba – disse Kandumba, sem disfarçar a desconfiança.

– Sim. Eu e Mai não perdemos tempo. Queremos ser úteis à rainha da Lunda que tão bem nos recebeu.

E fez uma vénia em direção de Lueji, olhando de maneira especial para ela. Mas estava de costas para os outros. Só Nayole se apercebeu do olhar. Nesse momento Kakele se aproximava e os comandantes se viraram para ele. Lueji aproveitou segredar a Ilunga, na pedra quando o Sol morrer. Apenas os olhos dele deram a entender que ouvira. Também Nayole ouviu e o coração se apertou, que desajuizada esta rapariga.

Kakele não queria nada de especial, apenas se certificar do andamento dos trabalhos e dos treinos. Olhou com inveja para os facões novos e brilhantes que Kandumba e Kumbana ostentavam à cinta.

– Quando terei um desses, rainha?

– Quando Tchinguri estiver a entrar em Mussumba e precisarmos de toda a gente para combater – disse Lueji, sabendo bem estava a ser maldosa. – Por enquanto, são só para os soldados. Bem, vamos voltar, mãe.

E partiu para a onganda, acompanhada de Nayole. Kumbana hesitou, mas

depois se pôs a andar ao lado delas.

– Já acabaste o que tinhas a fazer aqui, Kumbana?

– Já, rainha. E não vou te deixar andar assim sozinha.

– Nós pensávamos dar apenas um passeio junto do rio e por isso mandei os guardas para trás. Afinal, chegámos até aqui.

– É perigoso, rainha. Nunca debes sair assim. Nayole, recomendo-te a ti.

– Não adianta recomendaras a mim – queixou Nayole. – De pequena que ela é teimosa, vai mudar agora? Tchá!

Nayole teve de esperar a chegada à onganda para ficar sozinha com a filha. Vinha a ruminar durante todo o caminho, por isso não perdeu tempo.

– Não te vais encontrar com o luba, Lueji.

– E como faço? Chamo-o aqui? Isso é pior.

– Nem uma coisa nem outra. Tu és a rainha, não podes te meter assim com um kandaka. Vai dar confusão.

– Ninguém vai saber nada. À noite, saindo pela passagem secreta...

– Aqui tudo acaba por se saber.

– E que me fazem? Não posso? Nem isso posso ter, só por ser rainha? Até o meu lago já perdi. Mãe, não vale a pena discutir, vou mesmo.

– Que os espíritos te protejam. Já Kandumba desconfia. Bem vi como te olhava.

– Não desconfia nada. Olhava por outra coisa.

Nayole fez um gesto de impotência. Numa coisa Lueji saía igual a Tchinguri, na teimosia. Já quando era miúda e os dois resolviam escapar à noite da onganda. Kondi bem barafustava, castigava, adiantou? Fizeram sempre o que lhes apeteceu, esses dois. Por isso a luta entre os dois é mais dura que outra qualquer. Feitos para se entenderem, agora inimigos mortais. Culpa do Tchinguri, claro, sempre teve um mau espírito que lhe entrou no corpo quando pequeno. Lueji nunca foi má como ele, só teimosa.

– Não sei como vai acabar isto tudo – suspirou.

– Nem eu, mãe. Mas hoje vou ter com ele. Depois se verá.

– Maus tempos estes na Lunda. O coração duma mãe não tem um momento de descanso, sempre a tremer...

E a rainha esperou o cair da noite, para sair da onganda, a cabeça coberta, caminho do rio. À cintura levava um punhal luba, oferta de Ilunga na véspera e um mucuali dos novos. Se fosse atacada, podia se defender. Logo que chegou ao rio, se escondeu atrás duma árvore e esperou. Da onganda

vinham ruídos habituais e um ou outro riso duma amilombe. Se podia notar os clarões das fogueiras, mas a noite estava escura. Ninguém a seguia. Prosseguiu pela margem do rio, mais descontraída. Os cuidados não eram por ela. Se a seguissem, o perigo era para Ilunga.

Ele estava na pedra, imóvel. Se meteram logo no mato, sem barulho. Antes de se abraçarem, ela sussurrou:

– Tem cuidado com Kandumba. Não gosta de ti.

– Notei isso hoje.

Não falaram mais. Fizeram amor. Durante muito tempo. Do acampamento dos lubas já não vinham vozes nem risos. Só se ouvia a voz do vento roçando nas árvores e um grito de gato-bravo. As estrelas apareceram a brilhar para lá da copa das árvores. Os dois estavam deitados, olhando para as estrelas, se acariciando ternamente, insensíveis ao voo dos mosquitos. Lueji soltou um risinho baixinho e sussurrou:

– Vocês têm hábitos estranhos. Gostava tanto de te ver comer! Seguras no xima só com as pontas dos dedos, como os nobres lundas, ou com a mão toda como os bárbaros?

– Só com as pontas dos dedos. Essas já estão calejadas e não se queimam.

– Por que comer sozinho? Já me explicaste. Mas qual a verdadeira razão?

– O rei e os seus descendentes diretos vêm do que tudo fez, a terra e a água, o vento e a gente, Nzambi. Somos quase como ele, tanto ou mais que os espíritos sagrados. E tu podes ver um espírito comer? Deixas as oferendas, mas se ficas lá, ele não come. Tens que te ir embora. Quando fica sozinho, então o espírito come. Nós somos iguais aos espíritos, é a mesma coisa.

– Eu também descendo diretamente da grande serpente que criou tudo o que existe na Lunda e o meu pai antes de mim e o pai do meu pai... No entanto, comemos à frente de toda a gente.

– Descendem dela mas não são como ela... É a diferença. Nós, os reis lubas, somos da mesma qualidade de Nzambi.

– As pessoas respeitam-vos mais então. É isso?

– Talvez. Mas na Lunda também te respeitam.

– Não como a um espírito. E até me respeitam mais a mim que a Kondi. Deve ser pela maneira especial como subi ao poder e esta situação toda... Pelo menos é o que me parece, mas posso estar enganada e não me terem mais respeito que ao meu pai. Aqui o rei é só rei, apesar de poder chamar a

chuva e fazer muitas coisas. Trata com os espíritos, fala com eles, consegue convencê-los. Mas não é um espírito, não.

Perderam a vontade de conversar e fizeram de novo amor. As estrelas mudaram de posição e estava frio. Ilunga disse é tarde, vou te acompanhar. Ela não deixou, não podem nos ver juntos, amanhã volto à mesma hora.

Ela caminhou lentamente até à onganda, respirando com prazer o ar puro e fresco da noite. Os mosquitos iam à volta e um ou outro picava-a, mas ela não sentia. Não sabia mesmo como aquela ligação ia acabar. E por que teria de acabar? Lueji se recusava a pensar no futuro, só o presente contava. E que o presente durasse o mais possível.

Nayole ainda estava acordada, quando entrou na onganda. Acocorada sobre as brasas, imóvel, nem levantou os olhos para a filha. Mas sabia que ela chegara. Assim como Lu, que foi logo direta para a sede do grupo, procurar a Diretora. Não estava no gabinete, devia estar na sala secreta. Assim era.

– Ainda bem que já vieste. Como está a tua avó?

– Perfeita. Aquilo é matéria de outro tempo, bem rija. Mas era preciso mesmo eu ir lá, senão... Bom, como vão as coisas?

– Tudo bem. O Mabiala já apareceu, esteve na tua casa, disse que vem cá agora à tarde. E eu avancei alguma coisa. Estive a ver no vídeo umas danças da Lunda. Material antigo que tínhamos para aí no arquivo. Que sorte termos um arquivo, só em certos momentos lhe damos valor. Depois deves ver, dá muitas ideias.

– Claro. Já vi alguns, mas agora é preciso ver melhor, estudar. Sabendo qual o objetivo...

– Tive uma ideia. Não vem no roteiro, mas é preciso incluir. Danças de muquixes. Os muquixes estão presentes em toda a cultura da Lunda, em todas as manifestações. Têm de aparecer no nosso bailado. Entram e saem, sem necessariamente se perceber porquê. Servem para fazer ligações entre cenas, sugerir coisas. Estás a ver?

Lu não respondeu logo. Sentou numa cadeira, cruzou as pernas alongadas. A Diretora aproveitou acender outro cigarro.

– Pensei neles. Não os meti no roteiro porque não há nenhuma referência a eles nos textos antigos. Parece ser uma criação dos Tchokue, já depois de Tchinguri ter saído da Lunda.

– Que interessa? Primeiro argumento, os Luvale também têm os

muquixes. Se Luvale e Tchokue têm, é provável ser uma tradição trazida da antiga Lunda. Até os umbundos têm, lhes chamam chinganjis. Segundo argumento, hoje não se pode destrinçar o que é dos Lundas e o que é dos Tchokue. Estes acabaram por dominar a Lunda e hoje estão todos misturados. Terceiro, não estamos a fazer obra de História, mas sim um trabalho artístico.

– Sim, tem razão. Noutros casos, até mais importantes, não me preocupei nada com a verdade histórica, apenas com a verdade estórica, isto é, artística. A verdade da ficção, a sua lógica interna... Agora estava armada em rigorista, para um pormenor. Vamos sim meter os muquixes. Dá um colorido e uma animação frenéticos. E desafio o chato do Herculano a provar que os muquixes não vieram da Lunda antiga.

– Quem é o Herculano?

– Um historiador meu amigo. Orientou-me na bibliografia. Mas nunca discuti com ele a minha ideia, nem para que andava a ler. Agora terei de o fazer, lhe mostrar o roteiro. Já sei, vai ser uma maka, vai discordar de tudo, vai dizer que traímos a tal verdade histórica, que é um escândalo, um insulto à Ciência. Os cientistas estão sempre tão convencidos que só eles sabem tudo, possuem o Método, e levaram o Mundo à beira da catástrofe. Enfim, não só os cientistas... Mas nalguma coisa essas críticas podem ajudar. Como o Herculano sabe muito, vai dar umas ideias. Logo que o roteiro esteja mais ou menos vou lhe mostrar. E arranjar paciência para o aturar.

– Possas, parece tens medo dele.

– É um chato! Mas tem de ser.

– Outra coisa que pensei. Temos de ir à Lunda. Com o Mabiala. Nem que sejam três dias, mas temos de ver, cheirar, sentir. É muito importante.

– Temos tempo?

– Já te disse, consigo esticar o tempo. Desde que haja um projeto concreto que se possa mostrar lá em cima... E isto é o tipo de projeto que eles apoiam, vai lhes dar prestígio. Um novo salto no bailado de raiz nacional! Até nos pagam os bilhetes de avião e vamos como VIP.

Lu sorriu porque imaginou o Mabiala todo bêbado a desembarcar na Lunda pela sala do Protocolo. Por que não? Um artista daqueles não merecia? Quando morrer é capaz de ter ruas com o seu nome. Então por que esperar pela morte? O seu génio devia ser reconhecido em vida, nada mais justo. É, ainda estamos longe de reconhecer o talento e lhe dar o estatuto

merecido. Só depois de morto, quando já não poderá fazer asneiras que comprometam os que o prestigiaram em vida. Sábia prudência!

Mas as batidas na porta interromperam as reflexões de Lu, já nos descobriram, disse a Diretora. Ela levantou numa fúria, disposta a preservar o seu único canto de tranquilidade. Mas afinal era Afonso Mabiala e Uli.

– Trouxe-o aqui porque sabia que andavas à procura dele – se justificou Uli.

– Fizeste bem. Podes entrar também, Uli.

Afonso fez uma festa ligeira a Lu, o outro só cumprimentou de longe. O músico nem explicou a sua ausência, ninguém tinha nada com isso. Talvez se Lu lhe perguntasse, mas ela não o fez, perturbada pela presença de Uli. A Diretora entretanto passou ao comando das operações.

– Que achas, Lu? Podemos dar o mujimbo ao Uli, não? Afinal ele é o nosso principal bailarino... E pode nos ajudar bué.

Lu concordou com a cabeça. Já não tinha segredos, mostrara mesmo a dança da rosa de porcelana às velhas em Benguela. O que não queria dizer ia torná-la pública, aquilo foi uma situação especial e em clima de magia, sem possibilidade de ser repetido. Quanto ao projeto, ele já era dos outros também. Se já tinha saído no jornal... Haka, noutra altura qualquer eu nem ia hesitar em falar ao Uli, seria o primeiro a saber. Agora sapercebia do abismo cavado. Podia o amuleto de Tia Augusta preencher o abismo? Só eu posso. Se quiser, se tiver coragem.

Enquanto a Diretora explicava o projeto a Uli, Mabiala ouvia Lu falar sobre a viagem a Benguela. Mas ela acabou brevemente e ficaram ambos calados, escutando a Diretora, Uli ouviu até ao fim, nem olhou para o roteiro que lhe apresentavam, resmungou:

– Vocês estão malucos em se meterem numa dessas. Isso precisa de seis meses de preparação no mínimo. E não é só isso...

– Achas que não somos capazes? – sofendeu a Diretora.

– Desculpa, mas é muito difícil coreografar uma peça inteira e tu nunca o fizeste. Sempre recorremos a estrangeiros.

– Alguma vez tem de ser a primeira, não? – perguntou Mabiala. – Por que essa falta de confiança no talento nacional? Não precisamos de estrangeiro nenhum para montar isso.

– Falas porque não sabes o quanto custa. Isto não é música, é dança tradicional estilizada em jeito de bailado moderno. Se percebi bem. Tem

muita investigação e muita tentativa e erro, até dar certo. O tempo é curto e a experiência também. Não tenho a certeza de que serão capazes, sou sincero e rude. Quanto à música não tenho dúvida nenhuma, Afonso vai fazer e bem. Mas a coreografia, os movimentos de massa... Hum, ainda bem que não estou aqui para ver o desastre!

A Diretora saltou da cadeira. Tinha gestos graciosos, de bailarina, mas fervia rápido-rápido, por vezes ninguém suportava as suas crises de nervos. Esganiçou a voz:

– Que brincadeira é essa, Uli? Não vais estar aqui para ver? Vais estar e dançar o papel masculino principal. O de Tchibinda Ilunga.

– Ou o de Tchinguri – falou pela primeira vez Lu. – Eu tinha pensado no Tchinguri para ele, nem sei porquê.

– Nem um nem outro – disse Uli. – Primeiro, o meu estágio está quase no fim e não me dão férias para escrever o relatório final. Tenho de fazer isso sem largar o apoio no hospital. Não tenho tempo para tantos ensaios, é impossível. O meu curso é mais importante, ou não acham?

– E segundo? – perguntou a Diretora, tentando se controlar, o que nitidamente conseguia.

– Segundo, não acredito nesta coisa. Não vou arriscar atrasar o curso por um projeto que me parece duvidoso.

– Arriscar, é? Tu sempre dizias é preciso arriscar, ir prá frente. Muitas vezes queríamos desistir de alguma coisa e tu nos empurravas. Estás muito mudado. É por seres quase doutor? Mete masé o teu curso no cu.

Mabiala procurou acalmar a Diretora, mas Lu só pensava é por minha causa, se recusa a dançar comigo, é isso, tudo o resto são desculpas, ó espírito de Lueji, trava lá esse cazumbi que já está a mexer outra vez. Tinha pensado em Uli para o papel de Tchinguri talvez por causa disso mesmo, a relação entre os dois irmãos era ambígua, como era a dela com Uli, mais fácil pois de dançar juntos. Mas mesmo isso ele ia recusar, tinha um pretexto fortíssimo. Só mesmo se ela tomasse a iniciativa, empurrasse Uli num canto escuro, o violasse. Depois sentenderiam. Mas podia? E o seu orgulho? O orgulho não conta quando é um caso de vida ou de morte. Tinha de vencer aquela barreira que ele criava e só havia uma maneira. Não, não era capaz. Podia ficar humilhado por ser forçado, podia também julgá-la mal. Se algo falhava, perdia Uli de vez. Arriscar sim, mas não até esse ponto.

A Diretora estava mais calma, pediu desculpa, não te quis ofender, mas Uli era intransigente.

– Têm de se habituar a não contar comigo. Mais cedo ou mais tarde vou abandonar a dança. Têm outros muito bons.

Mabiala cortou a conversa:

– E inútil continuar agora, temos trabalho a fazer e há muito tempo para o Uli repensar. Agora fora, estás a nos atrapalhar.

E praticamente pôs o bailarino na rua, fechou a porta e se virou para as duas mulheres. Sorriu:

– Se não é um homem a resolver os assuntos, nunca se avança.

– Resolver? – disse a Diretora. – Não resolveste nada.

– Resolvi, sim, agora podemos trabalhar. Porque o outro assunto, o do Uli, só Lu pode resolver.

– Eu?

– Claro. Sabes tão bem como eu. Só tu. Quando as vossas relações ficarem claras, tudo se resolve. Ele faz o estágio e o relatório, acaba a merda do curso e ainda entra neste projeto.

– Gostaria de saber como posso resolver.

– Se for preciso eu tensino. Embora eu é que lerro. Paciência, me sacrifico a bem da arte. Mas agora quero mostrar uma música que compus.

Meteu a cassete no gravador, sorriu para Lu, triste sorriso, e os sons do chingufu entraram pela sala e pareciam fazer estremecer a mesa e as cadeiras. A Diretora ficou de boca aberta, a escutar as batidas vindas de muitos séculos antes, revividas, mais potentes que nunca. As duas esqueceram Uli e os seus dramas, pois o ritmo saindo do gravador falava doutros dramas e doutras lutas, sacudindo a poeira do tempo para apenas afirmar a força dos que acreditavam na vida. Mabiala sencolhia no seu canto, modestamente surpreendido pelo vigor da sua criação. Mais magro parecia, o cabelo aos tufos, os olhos febris, mas fui eu mesmo que compus isto?

Os dias foram passando sem novidades, exceto a chegada de novas armas que iam sendo regularmente distribuídas aos grupos. Já metade do exército estava bem equipada, quando os mondos falaram, Tchinguri derrotou Ndumba ua Tembo, Tchinguri derrotou Ndumba ua Tembo. Foi ainda preciso esperar um dia para o primeiro emissário aparecer em Mussumba e contar os detalhes vividos da batalha. Ele contou assim:

Foi perto do Cassai que os dois exércitos se encontraram, os mil e quinhentos homens de Tchinguri e os mil que Ndumba conseguira entretanto juntar. Kanyika e os outros adjuntos insistiram para se refugiarem numa zona montanhosa e se defenderem, mas Ndumba nunca se escondia para lutar contra o leão e resolveu esperar Tchinguri em plena chana, os verdadeiros guerreiros combatem a peito aberto e não camuflados covardemente pelos penhascos e pelas árvores, o que foi um erro provindo da imensa vaidade e autossuficiência de Ndumba ua Tembo, como logo notou Lueji, mas ela calou o pensamento e deixou prosseguir a narrativa do emissário cheio de pó e sede do caminho, que ele nem reparava nisso, pois nos olhos tinha apenas as imagens sangrentas da carnificina em que participara e de que miraculosamente escapara, obra certamente do poderoso amuleto à volta do pescoço oferecido pelo pai depois da circuncisão, mas já parte do exército de Tchinguri avançava em linha, comandado pelo terrível Kandama, o gigante de dentes limados em ponta e que usava desafiadoramente à cintura um pedaço de pele de boi, cinto esse que só as gentes nascidas em alta condição podiam usar, o que não era o caso de Kandama nem de Tchoia, os dois grandes comandantes de Tchinguri e vindos de famílias modestas, mas que pela sua habilidade na guerra tinham sido promovidos a lugares-tenentes do príncipe da Lunda e este lhes autorizara a usarem o cinto de pele de boi, para mostrar aos Tubungo que se ria deles e das suas tradições elitistas obsoletas, considerações estas que o emissário não fez, pelo menos ali à frente da mais

alta linhagem do País, se limitou a contar que a primeira carga foi comandada por Kandama, o gigante temido por todos, carga essa de um terço do exército que chocou contra os homens de Ndumba dispostos em linha, os quais resistiram perfeitamente às primeiras escaramuças, enquanto os ngomas dos dois campos marcavam o ritmo para encorajar os combatentes e as cornetas de corno de palanca gritavam roucamente para assustar os adversários e a batalha durou muito, pois os mil guerreiros de Ndumba eram o dobro dos outros e pelo número conseguiam equilibrar o maior treino dos homens de Kandama, treino esse que provavelmente Tchinguri queria testar ao lançar só uma parte do exército, como julgou intimamente Lueji, perturbada pela significação do excelente trabalho anterior de preparação feito por Kandama, o qual distribuía golpes de maça à esquerda e à direita, abrindo caminho até ao sítio onde combatia Ndumba, perdida a azagaia na confusão da batalha e segurando apenas o facão e o escudo, mas os guerreiros comandados por Kanyika fechavam o cerco à volta de Ndumba e o gigante desconseguiu de o romper, o que provava o equilíbrio da contenda e até eu, lá no meio, me convenci da possibilidade de resistir ao exército do sanguinário, só que me tinha esquecido dum fato, combatíamos contra um terço do inimigo, pois o resto, dividido em duas alas, a da direita comandada por Tchoia e a da esquerda comandada pelo próprio monstro que apunhala dois homens sempre que se quer levantar, mas isso são divagações que não interessam, vamos aos acontecimentos, lhe gritou a irritada Lueji e o emissário se deitou no chão, desculpa, rainha, se te maço, mas quero contar todos os detalhes do pouco que vi, pois quando as duas alas complementares nos fizeram envolvimento pouco mais pude observar, preocupado mais em evitar os golpes que caíam agora por todos os lados, estávamos já cansados quando a força principal se atirou para cima de nós e começámos todos a lamentar a nossa triste sorte nas mãos daqueles canibais tão bem treinados, com as maças a abrir buracos no nosso grupo e os facões a acabar a vida dos que eram derrubados, ainda o Sol não ia no meio-dia e já estava claro qual seria o nosso fim, quando Kanyika começou a gritar, se juntem todos e recuem todos juntos, o que era difícil de realizar pois os homens de Tchinguri tinham conseguido fazer um cerco completo, e ainda mais difícil porque Ndumba ua Tembo gritava de dentro do círculo de ferro e escudos em que estava metido, aqui ninguém recua, o que confundia todos, mas no fundo não era tão importante assim pois já ninguém

respeitava as ordens, cada um juntava a bunda ao colega do lado apenas para se defender dos golpes e Lueji podia imaginar a cena de um grupo de homens com os escudos acima da cabeça seguros pelas duas mãos e os outros a baterem com as maças e os facões nos escudos ao ritmo frenético dos ngomas de guerra, devia ser um batuque fabuloso aquele, mas voltou a prestar atenção às palavras do narrador que contava sempre fazendo gestos o pouco que vira pois te digo, rainha, se ouviam preces partindo de todo o lado enquanto os canibais nos insultavam e ameaçavam, quando se operou o milagre, ninguém deve saber como foi possível, mas o certo é que Kanyika conseguiu romper aquele cerco infernal e pelo buraco aberto no exército inimigo todos nós passámos de roldão, todos não, apenas os que conseguiram conservar a cabeça colada ao pescoço e bem me lembro de olhar para trás e ver Ndumba ua Tembo a ser empurrado pelos seus homens e passar pelo buraco no preciso momento em que se encontravam junto dele o gigante suado do Kandama, Tchoia e o próprio Tchinguri, os três prontinhos para lhe caírem em cima e só mesmo o milagre realizado por Kanyika salvou o nosso chefe, porque ele passou assim como nós e lá fora do cerco corremos com todas as forças até às primeiras elevações, apesar de termos ouvido perfeitamente Tchinguri gritar para os seus homens, não os persigam, eles não nos escapam, mas quem ia acreditar nele naquele momento era maluco e por isso corremos até os pulmões arderem e nos deixámos cair nas primeiras colinas e olhámos para trás e vimos o campo de batalha coberto de corpos e os inimigos a cortarem as cabeças dos feridos que não puderam fugir e depois nos contámos e sobrámos duzentos, tendo depois Ndumba ua Tembo mandado três de nós à frente te contarmos o que passou, rainha, e te avisar que ele vem aí com o resto dos seus homens, se conseguir chegar aqui, pois provavelmente Tchinguri os vai perseguir e apanhar um a um, isso não creio, interrompeu Lueji, mas te agradeço o teu relato e teres demorado tão pouco tempo do Cassai até aqui, que deem de comer e beber a este valoroso soldado, mais tarde receberás um presente por teres sido o primeiro a chegar a Mussumba, pois só os covardes mandam matar os mensageiros de más notícias, isso é tradição desaparecida da Lunda.

Por que aquele absurdo medo enquanto o emissário contava as cenas da batalha e o não menos absurdo alívio, no fim, por saber Tchinguri vivo? Não era o seu inimigo, não o queria ver humilhado a seus pés? Devia estar

triste por Ndumba ser derrotado, mais um muata sem força e desmoralizado, fugindo para o refúgio de Mussumba. E no entanto não estava. Lueji afastou os pensamentos tristes, ocultou a confusão de sentimentos no fundo de si própria, não se queria analisar. Tchinguri tinha o caminho livre para Mussumba, ia aparecer às suas portas, mais dia menos dia. Tudo se decidiria então. Lueji suspirou, que tudo se decida rápido, tudo é melhor que esta incerteza.

O dia seguinte viu chegar os dois outros emissários. Contavam essencialmente as mesmas coisas, com as diferenças vindas apenas do sítio onde se encontravam durante a batalha e a maior ou menor vontade de valorizarem a sua participação. O principal era o mesmo, muita gente morreu, sobretudo no campo de Ndumba, o exército do exterior tinha simplesmente desaparecido. Para se opor aos moralizados homens de Tchinguri havia agora apenas o exército da rainha da Lunda e os reforços lubas. Chegavam?

Lueji foi visitar Kandala, como prometido. Os dois ficaram na sombra da árvore que culminava o morro, donde se podia ver as águas do Cajidixi correndo embaixo, espumando nos rápidos. Durante muito tempo o tahi mexeu e remexeu o seu ngombo sagrado, fazendo perguntas e espiando as respostas nas figuras que apareciam à superfície. Depois resumiu:

– Está tudo muito confuso. Vejo em primeiro lugar que para teres um mbambi vais perder muitos songues. Não sei o que significa e o ngombo não fala mais claro.

Podia querer dizer muita coisa, pensou ela. Lembrou o que Tchinguri lhe ensinara, as profecias são interpretadas segundo a vontade de cada um. Perguntou:

– O ngombo não diz qual vale mais, o mbambi ou os songues?

– Não. É fácil adivinhar o que passou, encontrar a explicação para as doenças ou saber os desejos dos espíritos que se manifestaram. Mas o que vai acontecer não é fácil de ler. E outra coisa estranha, não vejo muito sangue a correr.

Era estranho, sim, em plena guerra civil. Não ia haver muito sangue? Que podia se passar para evitar a carnificina que todos adivinhavam, mesmo sem o ngombo de Kandala?

– Lamento, rainha. Não vejo respostas às tuas perguntas. Talvez eu esteja velho demais.

Lueji abandonou a chipanga do tahi, martirizada pelas dúvidas. Desde as primeiras notícias da batalha estava estranha, como se vivesse num sonho, o qual não era pesadelo nem agradável. Uma angústia indefinida apenas. Falta de vontade de pensar, desejo apenas de estar no seu lago com Ilunga e deixar tudo o resto seguir o caminho que as coisas quisessem. Ela já não tinha força para interferir nos destinos, mesmo que Kandala matasse um cabrito e lesse os intestinos dele, não ia responder às perguntas, pois ela já nem as sabia fazer.

Era o mais grave, nem saber o que perguntar, não conhecer a cor das suas dúvidas, isso disse ela à noite a Ilunga, junto à pedra onde se encontraram pela primeira vez e onde todas as noites se reencontravam.

– Não posso fazer nada, Lueji. Só tu mesma podes responder às perguntas que não és capaz de formular.

Tinha hesitado em lhe falar. Mas se não se confiasse a ele, então a quem? Ilunga não era apenas o corpo que se deseja, não apenas a voz quente que sabe bem ouvir junto do nosso ouvido. Era muito mais, tudo aquilo que ela não sabia definir.

– O mbambi de que fala o ngombo pode valer muito mais que todos os songues juntos. Pode não ser um erro escolher o mbambi. Mas o que é o mbambi?

– A tua pergunta é mais clara, sem dúvida – disse Ilunga, acariciando o seio nu. – Mas realmente só tu podes saber.

– E não haver sangue... Uma coisa está relacionada com a outra?

– Pode ser que Tchinguri não avance contra Mussumba.

– Não o conheces. Ele vai mesmo avançar. Está a seguir exatamente o percurso que adivinhei. Neste momento já deve ter chegado ao Luengue. Vai enquadrar os novos recrutas que entretanto tiveram um treino sumário. E vai avançar com cinco mil homens contra nós. Não leio no ngombo, leio cá dentro – e apontou o coração.

A caminho de casa, na noite escura, a angústia não a abandonava. Apenas um pouco amortecida pelo carinho de Ilunga. Ele estaria sempre a seu lado, era o único consolo.

No dia seguinte, não se admirou quando foi anunciada a chegada dos muatas Vungi e Cangombe. No fundo, sem querer ter pensado nisso, parecia estava à espera deles.

– Sabia que trariam uma mensagem do meu irmão Chinyama. Está bom e

bem-disposto?

– De saúde está – disse muata Vungi. – Temos ficado sempre com ele. Mas tem recebido muitas pressões de Tchinguri. Rainha, a situação está complicada. O teu irmão pede para encontrares uma solução que ponha fim à guerra.

– Isso também eu queria. Ele sugere alguma?

– Não. Ainda ontem chegaram mais emissários de Tchinguri. Por isso Chinyama nos mandou cá. O teu irmão mais velho domina praticamente toda a Lunda. Está no Luengue...

– A preparar um grande exército.

– Afinal já sabes, rainha.

– Não é difícil adivinhar.

Muata Cangombe tossiu para aclarar a voz. Tinha estado calado até então.

– Tchinguri tinha mandado constantemente emissários. Mas os de ontem mudaram o tom. Ele exige que Chinyama e nós nos juntemos ao exército dele para isolar Mussumba. Os nossos homens que tinham ido contra os Mataba se passaram todos para o lado dele. Agora quer o resto. E diz que vai sair do Luengue e passar para as nossas terras. Dali sobe para Mussumba. Quer já encontrar os homens prontos e comida, para não perder tempo. Dentro de dois dias pode estar no Kalanhi e em mais dois está aqui.

– Chinyama não sabe o que fazer – acrescentou Vungi. – Enquanto Tchinguri estava longe, era fácil ignorar os seus chamados. Mas em breve ele estará em pessoa nas nossas terras.

– Compreendo – disse Lueji.

E ficou apática, ouvindo as moscas zumbir. Vontade de correr para o lago, deixar tudo. Estavam à espera duma decisão dela, dum conselho? Não eram todos mais velhos? Que esperavam duma rapariga que só queria amar e ser amada, brincar com as amilombes e correr à beira dos rios?

– Que dizemos a Chinyama, rainha? – perguntou Cangombe.

Sim, tinha de dar uma resposta, era a soberana, cuja voz era quase a dos espíritos. Na Luba era mesmo a voz dos espíritos, pensou, se lembrando da conversa com Ilunga. Havia de ser lindo se na Lunda também assim o rei fosse considerado e não tivesse nada para dizer! Os espíritos estão mudos, já nem sabem pensar, lhe apeteceu gritar e chocá-los de vez. No entanto, a voz saiu cansada e como vindo de muito longe:

– Digam ao meu irmão que conto com a coragem dele.

Os dois muatas se olharam, surpresos. Quem não sabia que Chinyama perdia a coragem diante do irmão mais velho? Não era nenhuma resposta, por isso Vungi insistiu:

– Só isso?

– Chinyama sabe não é possível ser neutro neste conflito. A menos que abandone as suas terras e se esconda em qualquer lado. O que é lamentável para um príncipe da sua estirpe. Que tenha a coragem de dizer não a Tchinguri. Só isso.

Os Tubungo ainda tentaram ripostar, prolongar a audiência. Mas a rainha tinha um ar alheado, não altivo, apenas distante. E se consultaram com os olhos e depois se despediram, confusos e desanimados. Caminhada inútil.

Lueji ficou por momentos olhando a porta. E nem mandei uma recordação para o meu irmão Chinyama. Estava demasiado cansada para os chamar atrás e para fazer o esforço mental de escolher qualquer lembrança. Ele não vai reparar, está preocupado e sabe que estou desesperada.

Chamou os guardas, foi para o rio Kalanhi. Encontrou Nayole e as amilombes preparando um terreno para uma naka. As amilombes riam e conversavam, enquanto trabalhavam com as enxadas. Se ouvia acima de todas as outras a voz cristalina de Kamonga Luaza, a mais nova. Sempre alegre, aquela não tem problemas, ainda, pensou a rainha. Fez um gesto de despedida e continuou a subir o rio. Viu o sítio onde estivera dias antes o pescador Mulaji. Só alguns paus na beira indicavam que ele tinha ali tentado pôr as armadilhas para o peixe. Devia pôr uma pergunta ao pescador e foi andando, andando, à procura com os olhos. Pescava com certeza por ali. Ou então desistira do Kalanhi e agora tentava o Cajidixi? Tinha de o procurar. Mas não foi preciso andar muito. Antes mesmo do acampamento dos lubas, viu Mulaji cravando paus no leito do rio, acompanhado de dois rapazes. Se aproximou e chamou:

– São teus filhos?

– Os mais velhos, rainha. Vão entrar na próxima mukanda.

De novo Mulaji tinha na mão um pedaço de caniço, que manuseava distraidamente enquanto falava. Deve passar a vida com um bocado de caniço na mão. Mesmo para dormir? Não era essa a pergunta que queria lhe fazer.

– No outro dia me falaste. Esperavas que eu evitasse a guerra. Não que a ganhasse, mas que a evitasse. Por quê?

O pescador não respondeu logo. Olhou a rainha, depois os quatro guardas que tinham parado a alguma distância, conversando entre eles. Procurou as palavras no ar quente que soprava do sul, depois disse sem receio:

– A guerra não serve para ninguém. E nós sofremos mais com ela do que todos os muatas.

– Os muatas também morrem na guerra. E têm os filhos que morrem na guerra. Olha o que aconteceu com o muata Kakete.

– Sim. Mas nós morremos na guerra e se escapamos morremos na mesma de fome, por causa da guerra. Os muatas nunca morrem de fome, têm sempre alguém que lhes procure a comida. Muata Kakete perdeu muito, sim, mas passa fome agora?

Lueji tinha uma pergunta mais a fazer mas decidiu, não, vou obrigá-lo a mentir ou a se colocar em posição difícil, não é pergunta que se faça a um homem como Mulaji. A pergunta era simples, em caso de guerra estás comigo ou com o meu irmão? Simples de fazer, mas uma ratoeira tremenda para o pescador. Ele ia responder nem com um nem com o outro, ou então mentia. Não tinha interesse pô-la se já sabia a resposta.

– Tenho tentado evitar a guerra. Mas se atacarem Mussumba, que faço? Cruzo os braços, Mulaji?

– Tu é que sabes, rainha.

– Não me ajudas nada.

– Eu, um pobre pescador, é que vou ajudar a rainha da Lunda? Se quiseres que te apanhe um bagre de dois metros, posso tentar. Talvez num dia desconsiga, mas nos seguintes apanho. Agora nisso não te posso ajudar. Tens os teus conselheiros, são tantos e tão sábios, tens os teus comandantes, eles é que sabem. Eu, rainha? Eu não sei nada.

– Os outros pescadores e as mulheres que fazem as lavras e os caçadores, enfim, todos os que não são muatas, todos eles pensam como tu? Esperam que não haja guerra?

Mulaji sorriu, tímido, enquanto mexia no caniço. Hesitou um pouco, depois ganhou coragem:

– Não sei de todos, falo com pouca gente. Mas sinto. Acho ninguém gosta de guerra. Os jovens, sim, claro, esses estão todos ansiosos por combater... São jovens, querem coisas diferentes, pensam talvez vão ganhar muito com isso.

– Se eu abandonar Mussumba, deixar o lukano no braço do meu irmão,

achas isso vai fazer as pessoas suspirarem de alívio? Assim não haverá guerra.

– Dizem de Tchinguri que ele é mau, nem respeita os espíritos dos antepassados. É cruel. As pessoas não iam gostar disso, iam viver no medo constante.

– Então?

Tinha acabado por fazer a tal pergunta, de outra maneira apenas. Lueji ficou indignada consigo própria e ia dizer não respondas, desculpa. Mas Mulaji tinha ganho à vontade na conversa e ripostou rápido:

– Deve haver outra maneira. E só tu podes descobrir.

De qualquer forma, não era a resposta que ela antecipara. Disse, em tom baixo e humilde.

– Eu não sei tudo, Mulaji.

– Os espíritos vão te ajudar. É o que todos dizem, tens a arte de falar com os espíritos. As pessoas confiam em ti, rainha. Eu também.

Podia dizer os espíritos deixaram de falar comigo, nem o ngombo de Kandala me aconselha de forma explícita? Que papel faria a rainha da Lunda em face dum simples pescador, ao mostrar estava tão confusa quanto ele? O pai lhe ensinara, é preciso sempre dar a entender que se tem resposta para tudo. Mas o pai falava em relação aos cortesãos, os que espiam sempre o poder. Não pensara no povo simples. Kondi já esquecera que os pescadores também podem sentir e pensar, não era a eles que se referia. O rei também deve mostrar omnisciência em relação às pessoas vulgares? Mesmo se elas pensam diferente dos muatas? Porque os muatas sempre quiseram expulsar Tchinguri e esmagá-lo. A guerra assustou-os, se a pudessem evitar era tanto melhor, mas estava dentro das previsões deles. Só se enganaram numa coisa, Tchinguri tinha muito mais força militar que alguma vez eles imaginaram. Mas queriam agora que Tchinguri fosse totalmente derrotado. Mulaji não pensava em termos militares, nem em termos de poder. Queria outra solução, pacífica e definitiva. E ela não sabia qual podia ser. Mas também não podia dizer não a procuro.

– Estou a tentar encontrar outra maneira, Mulaji, estou a tentar. Acreditas?

– Sim, rainha, eu sei.

Deixou o pescador entregue à sua ocupação e caminhou para trás, na direção da onganda real. Os filhos de Mulaji logo se meteram na água, para

ajudarem a cravar as estacas. Ela quisera derrotar Tchinguri? Não, nunca. As razões não eram as mesmas de Mulaji, mas sempre tentara evitar a guerra. Para isso constituiu o seu exército. Não era para combater Tchinguri, mas para que ele não ousasse atacá-la. E ele reforçou o seu. E ela respondeu com as novas armas. Agora nada mais havia a fazer. Os dois exércitos tinham ganho o máximo da potência. Se nenhum intimidasse o outro, a colisão era inevitável. A menos que o ngombo falasse verdade e o sangue não seria derramado. Como? Tinha alguma coisa a ver com o mbambi que ela ia escolher?

O pensamento repentino foi como uma faísca caindo do céu límpido e azul. Estacou. Sem ver, olhou o rio, de água também azul e que ficava branca ao cair nos rápidos. O coração partiu num galope desenfreado e abriu a boca para respirar. Os guardas pararam atrás dela e miraram o rio, seguindo o olhar da rainha, prescrutando o perigo que a fizera assustar. Dois avançaram para observar de mais perto, as mãos segurando firmemente as azagaias. Mas nada viam. No entanto, Lueji contemplava as águas, fascinada, de boca aberta, parecia assustada, até tremia no calor do meio-dia.

– Que foi, rainha? – perguntou um deles.

Ela não respondeu, nem ouviu a pergunta. O guarda não ousou insistir. Mas a tensão nervosa fazia os músculos deles se retesarem e o suor brilhar com mais intensidade nos corpos quase nus.

De repente, Lueji desatou a correr na direção do grupo de amilombes. Os guardas imitaram-na, cada vez mais alarmados, olhando para todos os lados. Os quatro faziam um semicírculo à volta dela, para a proteger do desconhecido que a assustara. A correria parou quando a rainha chegou perto de Nayole.

– Mãe, vem aqui, preciso te falar.

– Que se passa? – quase gritou Nayole.

Mas não recebeu resposta e já estava a ser arrastada para uma sombra de árvore afastada do grupo de amilombes. Os guardas foram atrás das duas mulheres, as azagaias viradas para a frente, as pontas novas brilhando ao sol. Lueji lhes fez sinal para se afastarem, preciso de falar com a minha mãe.

Nayole tinha deixado a enxada na naka e procurava se libertar do braço da filha, mas que se passa afinal?

– Mãe, resolvi o problema.
– Qual problema?
– Mãe, vou casar com o Tchibinda Ilunga.
– Estás doente, filha? Tremes debaixo deste Sol escaldante. Os teus olhos estão virados para dentro, tão abertos para nada verem. Dizes coisas sem nexo, deliras... É preciso chamar já um kimbanda...

– Não, não estou doente. Vou casar com Ilunga. Acho que ele aceitará.
Nayole não teve dificuldade agora de libertar o braço das garras em que se tinham tornado os dedos da filha. Fê-la sentar numa pedra à sombra. Observou melhor e entendeu, ela está a falar a sério, não são os espíritos da febre do rio que a fazem dizer coisas sem sentido, para ela as palavras têm um sentido.

– Para quê casar com ele? Não o tens todas as noites? Podes até casar com outro e continuar a tê-lo à noite. És a rainha.

– Eu sei. Não é para o ter que caso com ele.
– Lueji, o país está em guerra. O exército do sanguinário avança contra ti e neste momento só pensas no luba? Que feitiço poderoso te levou ele a beber?

A filha fez um gesto de impaciência para terminar com as perguntas. Ao fazê-lo, brilhou no ar a bela pulseira de cobre oferecida um dia por Tchinguri.

– Não estou a pensar em mim, estou a pensar na Lunda. É preciso fazer uma aliança sólida com os lubas, para isso é o casamento. Ele, Ilunga, é o mbambi de que falou Kandala, não percebes?

Não estava mesmo a perceber e sacudiu a cabeça para o afirmar. Tivera medo da relação da filha com o luba, desde a primeira noite. Ia trazer muita desgraça, se lia nos olhos de Kandumba, se adivinhava no peito de Ndumba ua Tembo. E, em vez de terminar com a loucura daquelas noites, ainda Lueji as queria tornar públicas e constantes?

– Isso pode travar Tchinguri – disse a rainha.

Travar Tchinguri? Que pode travar a água do Kalanhi quando as chuvas o engrossam e ele inunda as margens? Que pode travar a raiva do espírito do relâmpago quando resolve riscar a noite? Que pode travar a turbulência brincalhona do vento quando faz remoinhos e tudo leva para o ar? Travar Tchinguri! Está irremediavelmente louca, esse amor pelo luba foi demais para ela.

– Esqueces os teus irmãos – disse Nayole, procurando manter o contato. Falando, talvez ela caísse em si.

– Estou mesmo a pensar neles. Como manda a tradição, vou preveni-los primeiro, sobretudo o mais velho.

– Tchinguri nunca aceitará!

– Nem preciso que aceite. Só vou preveni-lo antes de anunciar o casamento.

– E como?

– Antes que ele ataque.

– E isso o fará travar?

– Talvez. Se não for isso, então não sei.

– Antes pelo contrário. Fica com mais raiva. E vai ganhar apoios junto dos teus próprios amigos. A rainha da Lunda casar com um estrangeiro, ainda por cima um luba?

– O casamento não passa duma aliança – disse Lueji. Sorriu e continuou: – Neste caso, uma aliança que me interessa também pessoalmente. Uma aliança com amor. A única aliança que justifica um casamento.

– Não faças um erro desses sozinha, Lueji. Pede conselho a Kandala, pede conselho a Kakele, a Kumbana...

– Neste caso só eu posso ser a minha própria conselheira. Foi Mulaji que me abriu os olhos.

Nayole ficou petrificada. Se antes tinha dúvidas, agora já era demais. Lueji endoidou de vez, ou estava sob a ação dum poderoso feitiço. Não diziam do luba que ele caçava com feitiços, por isso lhe chamavam o Tchibinda? Então? Com ela fez o que aprendeu nos bichos que respondem ao seu chamado, se deixam morrer às suas mãos sem combater. Mulaji, aquele ignorante rústico, filho de escravos vindos das terras bárbaras do Zambezi, que falar só sabe de peixe, ele é que abriu os olhos da rainha da Lunda, filha de Kondi, vinda na linha direta dos seres que criaram o Mundo, dos irmãos gémeos que casavam entre si para ganhar força na violação das leis do incesto? Só Kandala podia salvar a filha daquele feitiço diabólico, ou então Majinga, que noutras terras fora aprender mágicas igualmente poderosas.

– Vou falar agora mesmo com Ilunga – disse Lueji.

E eu com Kandala, pensou Nayole. Se ainda o fizer a tempo para evitar a desgraça dela.

– Mãe, não quis falar com Ilunga antes de pedir o teu conselho...

– Para não o segyres, filha.

Lueji se levantou e num impulso se pôs a andar de novo na direção do acampamento dos lubas. Os guardas foram atrás, sem nada entenderem daquelas voltas e reviravoltas. Nayole esqueceu definitivamente a enxada, se meteu no caminho do morro de Kandala, tão rápido quanto lhe permitiam os anos.

Ilunga não estava no acampamento, como a rainha já previa. Treinava certamente os soldados nas fortificações. Lueji mandou um rapaz luba chamá-lo, diz eu estou na pedra à espera dele. E foi sentar na pedra, olhando o monumento que Ilunga criara para ela. Só então pensou nas palavras que teria de dizer. Mandava a tradição, devia ser um tio dela, em princípio o chefe da linhagem, a falar. Nunca uma mulher tomava tal iniciativa. Mas tinha já havido rainha solteira na Lunda? Todas as iniciativas lhe eram permitidas, ela própria constituía a tradição para o futuro. O problema não era esse, o problema era como dizer.

E nada tinha decidido quando Ilunga apareceu lá na curva do rio, caminhando tão depressa que quase corria, seguido pelo rapazinho e mais os soldados do seu séquito. Suava abundantemente pelo esforço feito e àquela luz de Sol do meio-dia, Lueji viu a pele negruzca brilhar. Ia ser dela para sempre? Um frémito percorreu o corpo ardendo e os líquidos do antegoço humedeceram a vagina dela, talvez por o Kalanhi fazer sons de marimba ao cair, gota a gota, na cascata em frente.

– Que se passa, rainha? – perguntou alarmado.

Lueji fez sinal aos guardas para se afastarem e não correspondeu à pergunta dele enquanto não ficaram absolutamente sós.

– Algo muito grave se passa para vires aqui em pleno dia – insistiu Ilunga.

Os guardas dos dois séquitos se juntaram a conversar à sombra das árvores. Agora havia já confiança entre eles e não se miravam desafiadoramente enquanto os chefes falavam. Muitas coisas importantes se passavam naqueles dias e os soldados só viam as consequências delas depois.

– Senta, Ilunga. Tenho uma coisa muito séria para te dizer. Por isso tinha de ser aqui, na nossa pedra.

– Tem de ser mesmo muito séria. Mai anda desconfiado, com perguntas e

olhares inquisidores. Kandumba me estuda de lado. Este encontro fará aumentar as suspeitas.

– Por isso vim aqui, Ilunga. Já é tempo de não nos escondermos mais para nos encontrarmos. Fazer tudo às claras. Vim perguntar se aceitas casar comigo.

Seria uma negativa aquele silêncio súbito? Seria raiva por a mulher ter tomado a iniciativa? Tristeza da recusa e não se saber escolher as palavras menos duras? Pensara ver logo no brilho dos olhos dele a alegria dum sim, antes mesmo dos lábios se descerrarem. E, no entanto, os olhos de Ilunga demonstravam confusão, apenas isso. Desprezo? Talvez também. Fora demasiado impulsiva, dissera de chofre, sem preparação, uma frase que marcava a vida. Mas um soberano não tem de ser decidido e rápido? Mesmo nos assuntos que tocam as pessoas e o Estado inteiro? Talvez sobretudo nesses. Mas por que Ilunga não diz nada, se limita a olhar para ela, brilhos baços confusos no olhar? Faz contas quando apenas o coração deve falar? Imagina perder os atributos de Tchibinda por se ligar a uma mulher de outro povo? Mas os lábios se abriram, já a língua os humedece, embora os olhos mantenham a mesma perplexidade. Vai falar para me apunhalar as esperanças?

– Lueji, tudo assim tão de repente... Que se passou?

Procura ganhar tempo, não sabe o que responder, tem de pesar desesperadamente apressado todos os fatores. Quando ela esperava o salto de alegria, o abraço súbito, o rufar imediato dos ngomas e as puítas a imitarem gemidos de amor! A desilusão entrou nela e secou os líquidos que ainda sentia na vagina.

– Plantaste estas árvores porque eu tinha sido a coisa mais importante que te aconteceu. Afinal não é verdade.

Ilunga se levantou num salto. Ela notou a respiração acelerada, os músculos da barriga a tremerem sob os bagos de suor.

– Falei verdade. Nem admito que duvides.

– No entanto, não és capaz de dizer que aceitas casar comigo. Então?

– Uma coisa não tem nada a ver com a outra.

Esteve todo aquele tempo a fazer contas, dum lado os sentimentos, do outro as vantagens da aliança? Afinal é tão príncipe como ela e antes de tudo pensa em termos de Estado? Isso é bom, isso é mau, que importa?

– Mais cedo ou mais tarde eu ia perguntar, pois te quero sempre ao meu

lado e sem me esconder de ninguém. Sabia isso desde sempre, desde antes de te conhecer, quando um dia saíste da Lua e te vi à beira do meu lago. Não entendes, eu sei, nem interessa.

– Estar sempre ao teu lado é a única coisa que hoje desejo, Lueji.

– Então por que hesitas?

– Mas por que esta pressa? Ainda ontem à noite estivemos juntos e nada disseste...

– Ontem não sabia. Só agora percebi, és tu o mbambi da profecia de Kandala...

Ilunga voltou a sentar, retomando o fôlego. O significado profundo das palavras lhe escapavam, isso estava claro. Se lia nos olhos dele, agora fixos nas águas do Kalanhi, brancas depois de caírem da cascata, fazendo arco-íris no meio dos verdes da floresta do outro lado. Por vezes um golpe de vento trazia os vapores frescos chocar contra as peles nuas e suadas, num carinho cristalino. Mbambi? Não um leão, um elefante, nem mesmo um búfalo? Apenas um mbambi que atravessa rios em fuga, passa zigzagueando pelas pernas dos caçadores, nos olhos meigos o medo? Assim devia ele se interrogar e ela explicou:

– Esse é o meu interesse. Mas também o da Lunda. Preciso duma aliança com a Luba. Talvez assim Tchinguri não ataque Mussumba. Pediria para casar contigo de qualquer maneira. Mas as circunstâncias exigem decisão imediata.

Ele concordou com a cabeça, já tinha entendido isso. Falou com a sua voz suave:

– Eu também te pediria o casamento mais cedo ou mais tarde. Mas essa aliança é que me parece falsa.

– Por quê?

– Porque não terei o apoio da Luba. Luevu não virá em nosso socorro. Muito feliz fica ele se eu morro aqui.

Lueji sorriu. Lhe pegou na mão escondidamente, para os guardas não verem. A voz dela foi de criança traquinas, que está a pregar uma partida divertida.

– Não estou a contar com o apoio da Luba. Basta que Tchinguri nele acredite. Não é para isso que lhe anuncio o casamento? Ele não pode saber quais os sentimentos do rei da Luba a teu respeito, só pode saber que és o sucessor natural do trono da Luba. Isso basta.

Ilunga sorriu por sua vez. Ela sempre pensava mais rápido que ele, estava talhada para reinar. E ele ia ajudá-la. Podia escapar ao seu destino?

– Aceito com uma condição, Lueji.

Ele disse aceito? Que interessavam as condições? Concorro com todas à partida, já não pensava ouvir um sim, nem mesmo um talvez. As marimbas começaram a tocar, agora era o som inconfundível delas, imitam as gotas de água mas não o são, apenas música.

– Qual, Ilunga?

– Continuo a caçar. Teu marido e caçador. É só o que me interessa na vida.

– Aceito, Ilunga. E também há uma condição da minha parte. Não, da parte de Kondi.

– Qual é?

– O nosso filho será o futuro rei da Lunda. Vais me ajudar a pô-lo no trono.

– Nem era preciso prometer.

– Jurei isso ao meu pai.

– Também o juro, Lueji. Aconteça o que acontecer.

A música que entrava nos ouvidos de Lueji mal a deixava escutar as palavras dele. Também não era necessário, pois as adivinhava nos lábios do homem amado. No meio do arco-íris por cima do rio passava agora a silhueta inconfundível do homem da Lua, segurando seu longo arco e a machadinha de mando. Faltava apenas retesar o arco e fazer a flecha partir, zunindo, zunindo, até atravessar o Sol, numa curva larga de toda a vida. Que magia não era possível, ali, naquele momento?

– Agora só falta falarmos com o meu irmão. Irás comigo.

– Falar com Tchinguri? Quando?

– Quando estiver às portas de Mussumba. E se os espíritos de fato estiverem comigo, não haverá sangue, como falou o ngombo de Kandala.

– Qualquer cesto serve para ngombo de Kandala.

– Não – insistiu Lu. – Tem de ser um verdadeiro. Isso é muito importante.

– Não vejo a importância – repetiu a Diretora. – No palco nem se nota se é um ngombo ou um cesto vulgar.

O conservador do Museu do Dundo, que os acompanhava por todo o lado, não só mostrando as peças do Museu como também nas peregrinações pela Lunda, se meteu na conversa:

– É fácil. Pode se mandar fazer um ngombo, os nossos artesãos executam muito bem qualquer imitação. Lá dentro vocês metem o que quiserem, porque isso no palco não se vê.

Lu aceitou a ideia. Não seria um cesto qualquer, seria um ngombo. Sem poderes mágicos, mas um ngombo. Noutras coisas ela estava sempre pronta a fugir ao rigor científico, mas nisso não. Por quê? Nem se perguntava, sabia apenas devia ser assim.

Estavam há quatro dias na Lunda, amanhã seria o último. O conservador do Museu tinha ficado orgulhoso em ajudar, de certo modo era o seu trabalho pois faziam pesquisa sobre a região, mas sobretudo porque achava ótima a ideia de se montar um espetáculo sobre a lenda antiga da formação do Império, para ele o primeiro dos grandes acontecimentos que iriam moldar a futura Angola. Não se cansava de lhes repetir tudo o que sabia sobre o assunto, e era muito. Organizou grupos de dança para exemplificar como se faziam as cerimónias principais naqueles tempos, como eram os batuques festivos à luz das fogueiras, como se faziam os instrumentos de trabalho. Levou-os a falar com os mais-velhos que transmitiam a tradição, nas suas versões mais desconstruídas. Incitado por Lu, reuniu grupos diferentes de mais-velhos que se pegaram em intermináveis discussões, cada um defendendo a verdade da sua versão sobre o que passara. Claro, terminava sempre em empate. Mabiala se desinteressava dessas makas, ficava a examinar e experimentar os instrumentos musicais, rodeado por miúdos. Ainda era primo afastado do conservador do Museu, também regressado do Zaire na juventude, talvez fosse também uma razão para o apoio prestado.

Lu respirava o ambiente e procurava raízes. Mas eram débeis, apenas alimentadas pelas recordações das falas da avó. Ainda por cima, a cultura dominante era Tchokue, assim como a população. Gente lunda era minoria, reduzida a grupos cercados e isolados. Muitas vezes nem o próprio conservador conseguia separar as duas culturas. E ela se preocupava com a origem dos muquixes, ridículo! Se as próprias estátuas de Tchibinda Ilunga e de Lueji, raridades existentes no museu, eram indubitavelmente de arte tchokue... Mabiala tinha razão em se desinteressar totalmente da origem do kissanje ou dos mondos que iam tocar a sua música, só se preocupava com o som de cada um, fosse lunda, fosse tchokue, fosse luvale. É o som puro que tremeluz no ouvido, não é a lição de história ou antropologia, dizia ele,

convicto.

No entanto, aqui e ali, Lu reconhecia cheiros familiares, uma expressão, um gesto, uma cor. Sensações indefinidas que lhe diziam estás também em casa. E nunca se lembrou tanto da infância de Benguela como na Lunda, a mais de mil quilómetros de distância e sem mar. Ligação imaginária? Não eram decerto as casas vermelhas de tijolo à vista e rodeadas por relva e flores, herança dos ingleses da antiga Companhia dos Diamantes, que lhe traziam essas sensações.

No tempo da colonização, o Dundo cresceu como capital do diamante. A parte residencial, feita para os administradores e técnicos estrangeiros, toda de vivendas com jardins, piscinas, campos de ténis, lembrava uma cidadezinha da Inglaterra. Depois da independência se degradou com a quebra da produção, mas depois a Companhia foi desmembrada e aceites novas concessões de capitais estrangeiros. Nas ruas sombreadas havia intenso tráfico de americanos, holandeses, filipinos, portugueses, belgas, pertencentes às diferentes empresas com interesses nos diamantes. E a cidade voltou a crescer; apesar de já não ser a capital administrativa da Província da Lunda-Norte.

Não era isso que lhe dizia estás em casa. Era na vida calma das aldeias à volta, nas peças protegidas no Museu, nas fogueiras iluminando as chanas, nos cânticos ritimados.

Era nas danças, como naquela última noite que iam ali passar e o conservador organizou um espetáculo de despedida no enorme terreiro com bancadas em volta, construído no tempo colonial para os turistas e que agora servia para os atos públicos, como nessa última noite em que não era para turistas mas sim para os artistas convidados, embora na assistência houvesse alguns estrangeiros das companhias diamantíferas, mas sobretudo povo trabalhando nas lavarias, nos escritórios, nas lavras e nakas, e em que o ambiente começou a aquecer com os muquixes Tchiongo e Muana Puó, representando os antepassados masculino e feminino, mas só dançados por homens, acompanhados depois pelos outros muquixes, o Ngulu, o porco, o Kanga, a galinha-do-mato, o Chikungu, encarnação dos espíritos dos chefes e até mesmo o Katoyo, muquixe representando um homem branco e com os muquixes sim, Lu sentia o sangue palpitar, mas não era só ela, bem o sentia na Diretora e em Afonso, esse então não podia ficar sentado, andando dum lado para o outro, na mão levando descaradamente uma garrafa de

kaporroto que o primo lhe tinha passado, até que o ritmo mudou e as palmas vieram acompanhar os ngomas e chingufos e bailarinos apareciam de todos os lados para fazer a dança de roda, o makopo, chamada chinjanguila mais no Sul, e Mabiala não se conteve, saltou da bancada para o terreiro, foi se misturar com os músicos, acabou por recuperar um ngoma e batia nele com quanta força tinha, só interrompendo para beber um gole pelo gargalo, e a roda imperceptivelmente se movimentava sempre no sentido da direita, acompanhando o movimento dos astros na noite luminosa, lá estava Muiza, Vénus, Ngonde, a Lua, e milhões de katumbo, as estrelas, observando o movimento ritimado dos bailarinos e foi então a vez de Lu saltar para o terreiro entrar na roda, provocando muitos aplausos do povo concentrado nas bancadas, sintegrando na dança como se nela tivesse nascido, batendo os pés nus na terra vermelha compacta, indo ao centro fazer solos iguais aos dos outros, convidando depois um dançarino do lado oposto para com ela ir ao centro onde rodopiavam batendo sempre os pés no chão e voltando então para a roda, até de novo chegar a sua vez de ser convidada, o que acontecia cada vez mais frequentemente, não por ser visita mas porque dançava como filha da terra e tão bem como as melhores, só mesmo a Diretora ficando na bancada apesar das muitas insistências e convites para saltar no terreiro, mas não era por vergonha ou qualquer instinto elitista não, tinha mesmo de ficar de fora para poder fazer o seu trabalho de coreógrafa, captar movimentos e passos, imaginar aquilo tudo num palco, selecionar dançarinos que pudessem ser contratados para o espetáculo, ideia maluca, logo se contrariou, ia ficar um orçamento que ninguém aceitaria desembolsar, tinha de pensar maduramente no assunto, quem falou trabalho de coreógrafo é só desenhar passos num papel, também deve fazer contas de lucros e perdas, mas era mesmo preciso levar alguns bailarinos para Luanda e estudar a sua adaptação a um palco, até porque havia dois que faziam pares fabulosos com Lu, quando um deles dançava com ela parecia até o ritmo do batuque aumentar de frenesim, os pés nem que se viam de tão rápidos a bater no chão de terra vermelha e os espectadores aplaudiam entusiasmados porque percebiam para além da arte da bailarina havia algo mais, indefinível ligação mágica, pois Lu estava ali e não estava, nem no espaço nem no tempo, aliando norte e sul, ontem e amanhã e isso também ela sentia pela primeira vez faz muito tempo porque hoje não se via dançar, dançava apenas, esquecida de si e dos problemas

todos, se concentrando apenas no som dos ngomas e nos pés dos parceiros que voavam por cima do terreiro vermelho, como os sacanjueles e benguelinhas da sua terra, lá longe longe, no Sudoeste, também caminho do Sol, e afinal tão perto tão perto que dava para cheirar os perfumes dos morros escavados quando explodiam em verdes e vermelhos da primeira chuva, e dava para ouvir o mar nos sons cavos dos chingufos, o grande lago salgado à beira do qual ela nasceu sem o perceber, e Mabiala batia no ngoma e Lu dançava, sem pensar em Uli ou no espírito maligno, apenas entregue ao ritmo e à visão de conjunto daquela massa humana rodopiando em piruetas, batendo os pés, indo e vindo do centro para a roda, misturando cheiro de sal do corpo com o cheiro do pó vermelho, em cerimônia religiosa de trazer o passado para o futuro, sem encantões nem preces, apenas ritmo, ritmo de fazer a vida reviver, a arte unindo tudo e Mabiala tocava e Lu dançava. Apenas.

Mas a festa acabou e foram para a casa de trânsito dormir a última noite. O conservador do Museu estava encantado, nunca uma sua realização tinha tido tanto sucesso. E a Diretora tomara notas e mais notas, já tinha a coreografia para uma série de cenas e até os bailarinos, pois o Museu ia contratá-los para os espetáculos, usando o seu próprio orçamento, a troco de o grupo vir fazer dois espetáculos no berço de Lueji.

– Foi importantíssimo termos vindo cá – disse a Diretora, quando o conservador se despedia até amanhã. – Agora sim, podemos montar um espetáculo fabuloso.

– Só não fomos a Mussumba – disse Lu.

– Com tempo se podia – disse o conservador. – Mas é do outro lado da fronteira. De qualquer modo, nada há lá para ver, nem vestígios.

– Tem o monumento que Ilunga fez a Lueji – disse Lu.

– Não sei se ainda existe – duvidou o conservador.

– De qualquer modo temos os desenhos do século passado, é a mesma coisa – concluiu a Diretora. – Vamos pôr a pedra e as três árvores no palco. Ou pintadas no cenário. Para isso não era preciso irmos lá.

O conservador partiu e a Diretora disse vou dormir, nem me aguento de pé. Lu não tinha sono, ficou na sala vendo Mabiala acabar com duas garrafas de cerveja. Estava muito chupado, mas nem se notava, a voz parecia normal e não titubeava a andar. Martelava ritmos com uma garrafa vazia na mesa da sala.

– O makopo é fantástico. Não sei se a malta lá do grupo vai conseguir reproduzir o que vivemos hoje.

– Claro que não – respondeu o compositor. – Nunca é a mesma coisa uma dança tradicional no terreiro ou no palco. Vocês podem estilizar, arranjar todos os artifícios, mas o ambiente... Nem tu vais conseguir dançar da mesma maneira, por muito que treines. Estavas fabulosa, Lu, eras tu inteirinha, a grande Lu dos velhos tempos, até me emocionei.

– Tem muito tempo não sentia assim a música.

Afonso deixou de bater com a garrafa na mesa. Levantou, deu duas voltas pela sala. Falou, olhando para a parede:

– Eu batia no ngoma e te via dançar. Acho, pode ser presunção, mas acho tu estavas a dançar o meu ritmo e não o dos outros ngomas. É verdade?

– É possível. Mas não pensava em nada.

– É isso. Te deixaste possuir pelo meu ritmo, ele entrava em ti e te fazia mover. Fizemos amor assim, entendes?

Lu deu uma risada. Mas nervosa. Não notara nada, não pensara em nada disso. Havia uma sensualidade latente, claro, mas sempre havia quando ela dançava, sentia a sua própria sensualidade. Mas amor só fazia ao dançar com Uli, aí sim, o checo tinha razão, mas nunca devia ter expressado o que todos entendiam. Por que então ficara nervosa com a fala de Afonso, se perguntou. Pelo que adivinhava vir a seguir?

– Na outra noite fui um parvo. Hoje arrependi mil vezes. E batia no ngoma com raiva de mim, ao mesmo tempo que procurava te transmitir esse arrependimento.

– É porque estás bêbado. Na outra noite não estavas.

– Deve ser isso. Mas estou lúcido. E te desejo terrivelmente. O álcool libertou a minha paixão, que eu estava travar por preceitos morais cretinos.

Lu não respondeu. Sentada à mesa, olhava as costas de Mabiala, sempre virado contra a parede. Costas magras, chupadas pelo álcool, como antes foram chupadas pela liamba. Tão diferentes das fortes costas de Uli. O músico, todo ele, desde o comportamento ao físico, transmitia fragilidade, insegurança. Como eu? Nisso eram parecidos e não só. Também agora na situação, pois ela disse:

– Naquela noite tu é que foste o lúcido, não eu. Podia ir para a cama contigo, mas pensaria noutro homem.

Ele se voltou para ela. Abriu os braços em gesto de impotência. Depois

baixou os olhos para o chão.

– Eu sei. Mas com o álcool nem mimportava.

– Passou o momento, Afonso. Foi só naquela noite, em que me sentia só e fraca. Hoje dancei bem, muda tudo.

– Aquele gajo do meu primo podia ter mandado mais cerveja. Não há nem uma gota para mafogar. Como vou dormir?

– Compõe uma música. Não ajuda?

– É a única coisa mesmo que pode ajudar.

– Eu cá vou embora dormir.

E Lu foi se deitar. Mas antes se despiu toda e dançou a rosa de porcelana, apenas com o colar e o amuleto ao pescoço. Para que tudo continuasse a correr bem. Já dentro da cama, pensou no Afonso. Coitado. Isso vai levá-lo a compor como nunca, os artistas precisam sofrer para criar. E se Mabiala não fosse assim? Se caísse no desespero incontrólável? Que sabia dele no fundo? Tudo podia acontecer, ele mergulhado na abulia e incapaz de continuar o trabalho, lá se ia o projeto para o lago. Como adivinhar? Se ao menos eu tivesse um Kandala que pudesse perceber a fala dum ngombo...

Se o ngombo falou ou não, pelo menos Kandala veio logo a correr, acompanhado de Majinga, tentar convencer a rainha do erro prestes a ser cometido. Já a encontraram na onganda, descansando de tantas voltas e emoções.

O adivinho não esteve com meias medidas e falou duramente do absurdo daquela ideia que Nayole lhe transmitira e, coisa mais grave ainda, decisão capital tomada sem a consulta da linhagem, a única instituição que era a força dela, o seu apoio constante, e que se sentiria traída pelas costas. Lueji ouviu, ouviu. Fitava Majinga, que a olhava apenas. Só Nayole interrompia o velho tahi, para dizer não é o que eu te dizia, não é mesmo? Kandala não se irritava com as interrupções, deixava-a falar e depois retomava as frases onde tinham parado, como o contador de estórias que espera as palmas e os muana vuliê que marcam o ritmo da fala. Kandala já estava cansado de repetir as mesmas ideias, as mesmas profecias de fim do Mundo, com todos os Tubungo virados contra a rainha por escolher um marido estrangeiro, os parentes enraivecidos por não terem sequer sido ouvidos, os soldados desmobilizados pelos comandantes que sonhavam com a vitória, Tchinguri entrando sem resistência numa Mussumba enfraquecida pelas discórdias e as lutas internas e ela, a rainha, fugindo para o mato com seu amante, fazendo a vida errante dos caçadores sem pátria, os escorraçados da sua própria terra por não respeitarem a memória dos antepassados, mil vezes maldita em todas as memórias passando de geração em geração por não ter cumprido a palavra do pai. Kandala estava cansado e parou. E se sentou sem cerimónia numa pele, pronto a escutar os lamentos e as desculpas daquela rapariga desmiolada, crente de ser mais esperta que todos, apenas por ter chegado a um trono que exigia cabeça e sangue-frio e não impulsos de jovem apaixonada e estúpida. Sentou, esperou a retratação, e foi abrindo os olhos de espanto e amargura à medida que ouvia a resposta dela.

– Não fiz mais que interpretar a profecia que leste no ngombo e não

entendeste. Ilunga é o mbambi que escolho, perdendo muitos songues. Não me parece que songues, mesmo muitos, valham um mbambi. Com ele, não vai correr o sangue, pois Tchinguri vai desistir de atacar a Mussumba, sabendo que existe um pato de casamento com a Luba. É só isso.

Kandala estava velho e cansado e do morro dele até ali ainda era um longo caminho que fizera quase correndo. No entanto, se levantou dum salto, os olhos incendiados de raiva, o braço esticado para a frente, acusador e profético, de tal forma que a cólera dele fez tremer Nayole.

– Quem és tu para ousar adivinhar o que fica escrito no meu ngombo? Só eu o posso fazer, só eu sou o seu tahi.

Se Nayole tremeu com a cólera do adivinho, o mesmo não se passou com Lueji. Ouvia a música de marimba dentro dela, Ilunga ia ser seu a todos os instantes, mesmo de dia poderia fazer um gesto e despedir toda a gente para ficarem os dois sozinhos e fazerem o que é direito de marido e mulher.

– Desconseguiu interpretar, pai. Por isso tive eu de o fazer.

– Com que direito, com que direito, não me dizes?

– O de principal interessada pelo bem da Lunda. Que não haja mortes à toa, que as pessoas possam cultivar a terra e pescar sem medo. Que as danças sejam todas as noites para festejar nascimentos e casamentos e não óbitos de inocentes.

– Interpretaste o ngombo à tua maneira, como te interessava, e não como ele falou.

– Não o podes afirmar, pai, com todo o respeito que te devo. Me disseste que não compreendias o sentido do que estava escrito. Como podes então dizer a minha interpretação é falsa?

– Porque não és tahi. Isso é uma heresia.

– A rainha pode se permitir uma heresia de vez em quando, para salvar a Lunda.

Kandala estava destroçado. Se deixou cair na pele, deitando as mãos à cabeça. Já não respeita as coisas mais sagradas, o espírito maligno do irmão entrou nela, é maldição de Kondi. Mas precisava respirar antes e não falou esses pensamentos. Nayole aproveitou a pausa para perguntar:

– Como sabes que Tchinguri vai desistir de tomar Mussumba?

– Porque é sensato. E procurarei convencê-lo que isso é o mais sensato. Para quê perder uma guerra contra a Luba?

A respiração do grande adivinho se fazia ouvir com ruído. Abria a boca

para absorver o ar que parecia se recusar a entrar pelo nariz. Mas tentou um último esforço e a voz profunda de além-tumba ressoou:

– Perdeste o respeito pelo espírito do teu pai.

– Não é verdade. Todos os dias vou visitar as suas mahambas e ver se estão tratadas. Para isso as pus na minha própria onganda.

– Outra quebra da tradição que deixei passar. Essa foi culpa minha. Se os Tubungo ainda se não revoltaram é porque estão mais assustados com o avanço de Tchinguri.

O esforço feito prostrou-o. Agarrou com as suas mãos o lado do coração e ficou deitado de lado, ofegante. Majinga se assustou pela primeira vez e foi observar o tio de perto. Também Lueji se inclinou para ele. O velho adivinho se babava e resmungava palavras incompreensíveis. Mas uma frase se soltou livre e pura, apesar da baba e do arfar da boca, só eu posso ler o meu ngombo. Todos puderam ouvir.

– Vai chamar os kimbandas, Nayole – gritou Majinga.

E o sobrinho se pôs a fazer invocações de espíritos, enquanto olhava para todos os lados, à procura não se sabe de quê. Não trouxera o ngombo nem nenhum processo mágico para adivinhar a causa daquela síncope e se sentia incapaz de ajudar o tio. Só podia invocar os espíritos, pedindo auxílio, mas ele sabia, era pouco provável que eles acorressem apenas ao chamado da sua voz, eram mais sensíveis ao fumo de certas ervas a serem queimadas ou ao som do chocalhar dos amuletos especiais. Só tinha um corno de mbambi ao pescoço e por isso o agitava, enquanto ladainhava os chamamentos. Desesperadamente, pois a vida se esvaía rápido pela boca babada de Kandala, teimando em falar algo inaudível.

Lueji nada podia fazer. Ficou ali parada, a olhar o grande adivinho da Lunda arfar, deitado na pele, e o sobrinho agitando o silencioso corno de mbambi cheio de pós e unhas e pelos, agora inúteis, pois eram feitiço poderoso para a sua proteção pessoal, mais nada.

Até que Kandala fez um derradeiro esforço, abriu os olhos na direção de Lueji, eles rebolaram talvez sem a ver mas ela sentiu a acusação escrita neles, tentou levantar o dedo para o apontar à rainha e caiu definitivamente para o lado. Morto.

Agora que a sua decisão tinha provocado o fim do maior adivinho da Lunda, um frio súbito gelou a soberana. Os olhos acusadores, abertos para sempre e nela fitos, ou rogavam uma praga terrível ou previam desastres de

que só ela era culpada. A firmeza abandonou-a. Perdeu a teimosia com que afrontou a cólera de Kandala, absolutamente certa da sua ideia. E se pôs a tremer perante o mistério daquela morte. Culpada também de ter matado o homem sagrado? Era demais. Já não procurava encontrar força nas convicções. Sentia apenas vontade de se abandonar ao desespero, fugir correndo para o mato, nele se dissolver.

A voz calma de Majinga se fez então ouvir:

– Rainha, tens de continuar a lutar. Kandala podia estar errado.

Foi água que caiu do céu para apagar fogos invisíveis? A voz de Majinga não a acusava, antes pelo contrário. Pouco a pouco, Lueji retomou a calma. Se o sobrinho do grande tahi dizia, por que duvidar e ter medo? E medo de quê? Fazia o que achava o melhor, mesmo se os outros não compreendiam. Respirou fundo, tentando pensar. E conseguiu.

Lueji teve a noção de que o grande adivinho não podia ser chorado na sala de audiências, onde estranhamente morrera e pediu a Majinga para a ajudar e os dois levaram o corpo para outra cubata ao lado, onde os súbditos esperavam a sua vez de serem recebidos, e nesse momento os guardas viram a cena e correram para os ajudar, ao mesmo tempo que as mulheres perceberam num relance que havia óbito e antes mesmo de os kimbandas chegarem já os prantos se levantavam da onganda real e o mujimbo correu como fogo na chana seca, para levar a todos os lados de Mussumba a grande perda para o reino, provocando a desorientação que seguiu e os lamentos e os aiue que vai ser de nós, tão fortes como quando morreu Kondi, pois o grande tahi era a figura mais veneranda da Lunda, o conciliador permanente entre os homens e os espíritos e o único capaz de adivinhar o futuro, o que fez acorrer gente de todos os lados para confirmar o mujimbo e as mulheres abandonaram os terrenos onde preparavam as lavras e os homens os rios onde pescavam e os soldados os regimentos e os treinos e todo o povo ia se concentrando fora da onganda, se mortificando e rebolando na areia vermelha do largo, o que vai ser de nós sem o grande tahi e com o exército de Tchinguri avançando contra a Mussumba, é o fim, a rainha sem Kandala não pode operar milagres, só ele a conduzia pela mão para conversar e convencer os espíritos dos antepassados, sem ele ela é cega e muda, pode gritar que os espíritos não ouvirão sua voz, pode perscrutar as encruzilhadas dos caminhos que não encontrará as marcas dos pés deles, passará ao lado das árvores onde eles se banqueteiavam com as oferendas que

lhes fazemos sem os ver, sem lhes poder implorar auxílio, e assim o grande carniceiro marcha alegremente e vitoriosamente sobre Mussumba, apunhalando dois homens de cada vez que senta ou levanta, ávido já das nossas costas para nelas apoiar a sua tremenda preguiça, e nós aqui, desarmados apesar das novas armas tão poderosas, indefesos apesar da inexpugnável paliçada imaginada pelos comandantes, em campo aberto apesar dos dois rios e das montanhas que nos protegem, só nos resta gritar para os antepassados, num coro enorme talvez eles oiçam o nosso desespero que é o desespero da rainha, então não está ela chorando e implorando com as demais à volta do corpo do grande Kandala, seu conselheiro número um e primeira pessoa da sua confiança, o confidente de todos os momentos mesmo antes da sua consciência, desamparada e já certa da derrota contra o irmão injusto e cruel, esperando talvez um milagre que a ilumine agora que perdeu os olhos e a língua, mas Lueji se preocupava apenas em pensar naquele último olhar de Kandala, não sabia se de raiva, se de acusação, se apenas a pedir socorro a quem era capaz de adivinhar o que para ele era segredo, rendido afinal aos seus argumentos, e decidindo para si própria, aquela morte lamentável, por tão inesperada e em sítio menos apropriado para se morrer, não podia representar uma condenação, nem um enfraquecimento do trono, nem ia modificar em nada a sua atitude já estabelecida com Ilunga, agora era ir para a frente mesmo sem os conselhos do grande tahi, estava aí Majinga para o substituir e tinha de falar com ele para obter o seu apoio e lhe prometer o dela, afinal cada um precisava do outro e para isso ele viera, pois então, também era da mesma linhagem, e ela podia exigir dele mais do que do falecido tio, já tahi antes dela rainha, o que não se passava com o sobrinho, herdeiro do ngombo sagrado que ela confirmaria se ele lhe promettesse o apoio mais leal que se deve a um soberano, senão arranjava outro adivinho de sua confiança, embora isso não seja possível, lembrou num arrepio, era o último que restava à sua linhagem e nem pensar em procurar noutras, só mesmo Kondi tivera a coragem de confiar num adivinho da linhagem da segunda mulher, mas isso fora uma aliança necessária e de que por acaso não se arrependeu, contudo a Lunda já não era a mesma do tempo de Kondi e a sua aliança seria com os lubas e ficava evidentemente fora de pensamento escolher um tahi luba, precisando assim de trazer Majinga para o seu lado, o que tentou logo que estavam organizados os prantos e as cerimónias de óbito, levado o corpo embrulhado

para o rio Kalanhi onde ia ser sepultado como os grandes chefes de antigamente, pois foi depois do enterro que chamou Majinga com o ngombo de Kandala e lhe disse confirma a predição que fiz e que teu tio negou, tenho a certeza de estar certa mas perdoa-me, rainha, só Kandala podia predizer o futuro, não tive tempo de com ele aprender essa parte, a mais delicada de todas as artes e que só ele na Lunda conhecia, o que significa um segredo perdido para sempre, mas poderei, isso sim, sondar no ngombo se os espíritos são favoráveis aos teus intentos, o que de certa forma é uma confirmação indireta, então seja assim, se só isso sabes fazer apesar de tão viajado, vê se os espíritos são favoráveis ao meu casamento com o Tchibinda Ilunga e o tahi mexeu o ngombo e remexeu, perguntou e olhou, mexeu e remexeu, invocou e pediu auxílio, perguntou e olhou, enquanto na praça o povo cantava e dançava ao anoitecer o óbito de Kandala e o coração de Lueji, apertado e latindo de mansinho, ansiava pela resposta do ngombo, a qual finalmente veio, dizendo os espíritos se felicitam pela tua ideia, foi mesmo a velhice de Kandala que não o deixou adivinhar o significado da pamba e dos amuletos, já o cheiro da morte lhe tapava os olhos e nem via bem as figurinhas, pois Kondi se alegra que cases com Ilunga e que tenhas filhos que continuem o poder dele e Lueji ouviu tudo o que falava o ngombo e no fim declarou, a partir de agora, Majinga, és o tahi único e sempre escutado da rainha da Lunda e vais morar na casa de Kandala e esse ngombo é o teu e o teu nome vai ser anunciado pelos mundos para toda a Lunda, para seres respeitado como foi teu tio, assim me sejas sempre fiel, no que podes totalmente confiar, Lueji a Kondi, toda a minha arte fica a teu serviço e para teu poder, respondeu ele se inclinando e com um sorriso de esguelha no rosto de rato de olhar fugidio.

Toda a noite os ngomas tocaram no batuque pelo óbito do grande adivinho e a festa ia se manter no dia seguinte, se pouco depois do Sol nascer não viessem notícias lhes lembrar que a guerra estava às portas e não era momento para se dançar.

A primeira notícia era só para Lueji mas foi logo conhecida por todos. Veio um mensageiro enviado por Chinyama anunciar à irmã que, face às pressões de Tchinguri, só tinha encontrado uma maneira de não se envolver na guerra contra ela. Deixava a Lunda, acompanhado dos fiéis Vungi e Cangombe e todos os amigos, suas mulheres e filhos e súbditos, a caminho do Sul, para as terras mais perto do rio Zambeze onde habitavam os Luvale

e talvez se fixasse num ponto aí ou perto do rio Luena, onde lhe tinham falado de povos acolhedores e pacíficos que aceitavam os lundas como chefes. Apesar da grande maçada que representava para ele uma tão grande viagem, mandava dizer Chinyama, era a solução possível, pois não queria estar contra um dos dois irmãos e lhe desejava felicidades e muita paz, apesar de não ver como Tchinguri a ia deixar viver em paz. Mandaria sempre notícias das novas terras e queria manter laços estreitos com Lueji e a Lunda. Talvez aqueles povos que habitavam o rio Luena, nome estranho do escaravelho que empurra à sua frente o excremento, fossem sensíveis às estórias que adorava inventar à volta da fogueira para ajudar a passar as noites frias de cacimbo. E que talvez um dia as adotassem como suas, o que para ele era uma grande alegria. Nada mais desejava senão isso, muito xima e marufo e uma rapariga bonita de vez em quando. Pedia também à soberana para deixar voltar o mensageiro, pois tinha poucos rapazes de confiança, já que todos tinham sido apanhados por Tchinguri.

Lueji ouviu a mensagem, escondeu a cara para se não verem as lágrimas pelo irmão partido para o exílio voluntário. Podes ir encontrar o meu irmão Chinyama, disse para o mensageiro, mas espera, pois vais levar um presente meu para ele, como penhor de muita amizade e de compreensão pelo seu gesto. Saiu da sala de audiências, chamou as amilombes, para escolher a que enviaria a Chinyama. O seu olhar pousou longamente sobre Kamonga Luaza, seria um presente real, tão bonita e alegre, o irmão ia adorar, mas não, é nova demais, e escolheu outra.

Iam dizer de Chinyama que tivera mais um gesto de covardia, mas ela não considerava assim. Covardia seria se juntar a Tchinguri, agora que ele parecia ter todos os trunfos na mão. Se juntar a ela era impossível, pois tinha sido banido de Mussumba. Escolheu a via mais justa e corajosa, porque muitos perigos e canseiras teria de passar até encontrar um ponto de refúgio, bem longe da raiva de Tchinguri. Escolheu também a via da paz, o que era sábio. Lueji entregou a amilombe ao emissário, não percas pelo caminho nem um fio do cabelo dela, senão a minha praga te persegue até ao último rio. E deixou-os partir. Se sentiu mais sozinha.

Saindo desta estória, Chinyama passou a sul das tropas de Tchinguri, fletiu para ocidente até atravessar o Cassai e depois de novo para sul, até se fixar perto do rio Luena, onde fundou novas chefias dos Luvale, que o adoraram pelo seu espírito brincalhão e amante de boa vida, dele

aprendendo muitas coisas, como viver sem procurar chatices e contar histórias de arrepiar, de monstros e fantasmas, para que as pessoas tivessem medo da violência e dela se servissem o mínimo possível. O nome dele até hoje é conhecido como o grande e sábio chefe daquela terra de rios e chanas, e também montanhas e florestas, do Cazombo até ao Luau e Dala.

A outra notícia era menos triste, embora preocupante em certa medida. Falava da chegada iminente de Ndumba ua Tembo e seus duzentos guerreiros, correndo à frente de Tchinguri.

Se perdeu toda a vontade de festejar o óbito, cada um voltou às suas ocupações, os pescadores ao rio e os soldados à paliçada, as mulheres para as lavras, cada um pensando na guerra iminente. E horas depois, Ndumba e Kanyika entravam em Mussumba. Foram convidados para as casas dos amigos, aí beberam e se lavaram, ouviram as notícias em catadupa, contaram as suas, até que Ndumba ua Tembo foi chamado para se apresentar à rainha.

Era um homem diferente, mais maduro e magro, perdida parte da sua pose de grande caçador. General derrotado nunca é mais o mesmo, apesar de todos contarem da sua coragem e vontade de lutar até à morte. Lueji tinha de lhe estar reconhecida e recebeu-o com todas as atenções.

Os principais Tubungo foram chamados para formarem uma guarda de honra, no meio da qual passaram Ndumba ua Tembo e Kanyika, este um pouco atrás, enquanto tocavam os ngomas e as pessoas batiam palmas. Ninguém se espantava de tão caloroso acolhimento. Se tratava do grande comandante e caçador, Ndumba ua Tembo, e alguns murmuravam, conhecendo a proposta dele, isto é quase um anúncio de casamento. Ndumba passou pela guarda de honra sem o sala de penas vermelhas que usava durante esse período de guerra. De cabeça baixa, sem plumas, sem um sorriso. Um general vencido. A rainha fê-lo entrar sozinho na sala de audiências e despediu os nobres que tinham participado da cerimónia.

– Não era assim que eu sonhava voltar a ver-te, rainha.

– Saiu tudo ao contrário, Ndumba. Tchinguri usou uma estratégia terrivelmente inteligente. Adivinhei-a mas só me acreditaram demasiado tarde. Nada podias fazer.

– Sim, eu sei. Só que sonhava tudo de maneira diferente.

Ele seria o salvador, com o exército do exterior. Afinal, ficou quase sem exército e encontrou em Mussumba homens bem preparados e com armas

mais aperfeiçoadas. Perdera toda a força, enquanto Lueji aumentara em muito a sua. Agora só havia duas potências na Lunda, Tchinguri e Lueji. Não, nunca sonhara com isto. E estava humilhado, como um muata caído em desgraça.

– Não procuro desculpas para o que aconteceu, tu mesma o fizeste. Mas quase se pode falar de traição de alguns Tubungo, rainha. Diziam iam enviar os homens deles para se formar o exército do exterior, mas poucos mandaram. Adiaram, adiaram, não sei se por cálculo se por preguiça. Só consegui mil homens, quase todos das minhas terras. Esses Tubungo esperam que tu ou eu lutemos por eles, não se querem arriscar. E agora também estão lixados, nas mãos de Tchinguri. Ou nas tuas. Merecem um castigo exemplar.

– Depois vou pensar nisso. Muita coisa tem de mudar na Lunda, se vencermos. Se perdermos também, aliás.

Ndumba ua Tembo levantou pela primeira vez os olhos para Lueji. Envergonhado, abatido. Falou:

– Ouvei muitos mujimbos e cheguei ainda agora. É tudo verdade, rainha?

– Não sei o que ouviste.

– Os lubas ensinaram a fazer um aço melhor. Dele são as novas armas.

– É verdade.

– O meu tio Kakoma se queixou, utilizaste-o para fazer armas e depois não o deixaste aprender o segredo do novo aço.

– É verdade também. Só os ferreiros do Kalanhi aprenderam. O que não quer dizer que Kakoma não venha a aprender. Mas neste momento não quero falar nisso.

– Muito bem, depois falas comigo? Kakoma é o melhor ferreiro da Lunda e merecia conhecer o segredo.

– Mais tarde.

– Tudo é então verdade, rainha?

– A que mais te referes, Ndumba?

– Ouvei também dizer... É um mujimbo que começa a correr, ainda só reservado a alguns Tubungo... Kandala morreu nesta sala?

– Sim. Falava comigo quando morreu.

– É um mau agouro, rainha.

– O que falam disso, Ndumba? O que falam disso?

O caçador marcou uma pausa. Olhou o escudo e a azagaia que lhe tinha

oferecido e que se encontravam sempre na sala do trono. Naqueles tempos ele era quase invencível e se cria todo-poderoso. Agora já não estava tão certo.

– Dizem que discutia contigo por causa dos lubas. Alguém ouviu umas palavras, alguém da tua guarda ou algum serviçal, não sei. O que me contaram foi isso, que era uma discussão por causa dos lubas. Se pensa ele foi enfeitiçado pelo caçador luba e morreu logo. Nem deu tempo para os kimbandas o tratarem.

Espiavam os gestos dela e tudo o que passava na sala de audiências. Apesar de todos os cuidados, tudo transpirava. Não estavam muito longe da verdade, mas não foi isso que preocupou subitamente Lueji. Se esse mujimbo comesse a correr com força, Ilunga estava em perigo. Acusado de ter matado Kandala por feitiço? Nem mesmo todo o poder dela era suficiente para o defender. E de repente compreendeu que estava nas mãos de Majinga. Se o mujimbo ganhasse força, o que ia acontecer de certeza.

– Atrevem-se a adivinhar o que passa e não passa na minha onganda? Quem te disse isso, Ndumba? Quem falou de mim nas minhas costas? Dá-me já o nome, Ndumba.

– Calma, rainha. Estava muita gente, nem sei ao certo quem falou nisso, um dizia uma coisa, outro acrescentava, sabes como se passam essas conversas. E eu tinha acabado de chegar, não me posso lembrar.

– Não me queres dar o nome?

– Não te posso dar o nome, rainha.

Neste momento já certamente o mujimbo grassava na Mussumba. E ainda não sabiam o pior, o seu casamento. Então... Só Nayole e Majinga sabiam, se ninguém tivesse conseguido ouvir mais. Nayole era de confiança, mas Majinga? E se a hipótese da morte por feitiço viesse a ser encarada, um adivinho tinha de confirmar com o ngombo a verdadeira causa. Como o óbito ocorreu em plena sala real, Kandala foi enterrado sem delongas, nem nenhum tahi se lembrou de procurar no ngombo a causa da morte. Mas bastava uma pequena suspeita. Que descobriria Majinga no seu ngombo? De repente, Lueji descobriu que desconfiava não só de Majinga, mas de todos os adivinhos, da arte de adivinhação até. Ficou assustada. Cada vez me pareço mais com Tchinguri. Não, a arte de adivinhação era sagrada e os adivinhos homens honestos. Não dava para duvidar. Pois bem, se desconfiavam de alguma coisa, que Majinga lesse no ngombo. Logo se

inocentaria Ilunga. Ou então Majinga incriminava Ilunga. Então, antes de a noite acabar, ela matava Majinga. Não se horrorizou com esse pensamento sacrílego.

– É muito grave o que se diz para aí, Ndumba ua Tembo. Sabes que os lubas são nossos aliados. Quem são os inimigos infiltrados que levantaram essa suspeita, só para nos separarem dos nossos amigos e fortalecerem Tchinguri?

Ndumba ficou perturbado. Quem não sabia que havia homens de Tchinguri na Mussumba? Nem todos foram embora. E essas malandrices eram conhecidas dos Tubungo. Podia bem ser.

– Realmente, rainha, não sei quem disse. Mas não foi coisa inventada ali onde eu estava, foi notícia vinda de algures.

– Bem imaginado! Os inimigos são rápidos a pensar. Enquanto Tchinguri avança, nós ficamos aqui a perder tempo a ver se Kandala foi ou não enfeitiçado. E acusamos um inocente que, como por acaso, é o nosso principal aliado neste momento para combater Tchinguri. Muito bem imaginado.

– Se ele está inocente, os tahi vão dizer.

– Escuta, Ndumba. Majinga é tahi e agora o meu único. Ele estava presente quando Kandala morreu e não notou nada.

– Não precisas de me convencer, rainha. Não fui eu que inventei isso. Lamento ter falado para te arrelhar assim.

– Em que casa ouviste? Também não o podes dizer?

Ndumba olhou admirado para aquela fúria que nascia nela. Lembrava uma leoa a defender os filhotes. Ou lembrava Tchinguri? O pensamento chocou-o.

– Posso, sim, por que não? Foi em casa de Kakolo.

E tudo se começou a movimentar com rapidez. Lueji bateu as palmas e logo correu um guarda.

– Vão quatro de vocês a casa de Kakolo e tragam toda a gente que lá estiver. Depressa. E alguém vá chamar Kumbana. E Majinga, o tahi. Que traga o ngombo.

Outros emissários foram despachados freneticamente, uns para convocar os muatas, outros para chamar os comandantes, menos Kandumba, esse devia ficar a controlar a defesa da cidade, até porque era desfavorável a Ilunga. Ndumba se conservava calado, observando a rainha a dar as ordens,

a se agitar dum lado para o outro, nervosa. Disse depois:

– Escusas de levar isso tão ao peito. É só um mujimbo.

– Te enganas, Ndumba. São os amigos de Tchinguri a tentar me arrancar o lukano do braço.

Ela sabia que exagerava, podia ser apenas a natural curiosidade dum guarda ou serviçal que ficou mais atento aos gritos que saíam do salão de audiências e captou algumas palavras. Daí passou o mujimbo. E como sucedeu a morte imprevista, alguém ligou as coisas. Podia não ser por mal. Mas ela também sabia, todos temiam Tchinguri, ele era o mais odiado. Imediatamente desviava as atenções, se mostrasse como esse mujimbo beneficiava Tchinguri. Tinha de passar ao ataque, antes que a acusação contra Ilunga fosse formalizada. Da sua rapidez de decisão dependia a sua felicidade. Não ia confiar em tahi nenhum. E os meios não interessavam.

Os convocados começaram a chegar e a ocupar a sala de audiências. Os primeiros sentaram nas peles. Os outros foram sentando no chão. Quando apareceu Kumbana e Kamexi, Lueji procurou o tahi com os olhos. Ainda não tinha aparecido, a sua morada era a mais distante. Também estavam Kakolo, Kalele e Kakoma e outros Tubungo. Finalmente chegou Majinga e Lueji mandou-o sentar na própria pele onde se situava a cadeira real. Era uma grande honra e todos compreenderam que a rainha o designava como tahi acima de todos os outros, o substituto de Kandala. Espero que ele corresponda a esta honra com honestidade, senão lhe corto a cabeça com o facão que Ilunga me ofereceu.

– Mandei-os chamar porque uma coisa muito grave se passa. Os nossos inimigos, homens que intrigam a favor de Tchinguri, espalharam o mujimbo que Kandala foi morto por feitiço feito pelos lubas. Isto é uma manobra dos amigos de Tchinguri para não termos o apoio dos lubas quando ele nos atacar. E nos vence de certeza. Ndumba ua Tembo ouviu isso ser dito na casa de Kakolo.

Era quase uma acusação a Kakolo e a assistência estremeceu. Um oh muito prolongado correu de boca em boca. No canto onde se encontrava Kakolo e os outros que com ele vieram, trazidos pelos guardas, os queixos começaram a bater. Kakolo pediu a palavra e a rainha disse fala o que sabes.

– De fato foi dito lá em casa. Mas não tenho nada com isso. Todos sabem que, apesar de meu genro, Tchinguri é meu inimigo. As minhas terras estão tomadas por ele, matou e raptou gente minha. É absurdo pensares que

trabalho a favor dele.

Apesar de vencido e humilhado, havia ainda altiva dignidade na pose do muata. Olhava a rainha de frente, sem desafio já, mas também sem medo. Lueji falou com voz mais branda:

– Quero saber quem disse, até chegar a quem inventou isso. Quem inventou é um homem de Tchinguri. Não te acuso a ti, muata Kakolo, que fique claro.

Tremendo, um homem se levantou no grupo de Kakolo.

– Fui eu que disse, rainha. Acabava de o ouvir...

– De quem?

– De muata Kakele.

Lueji se virou para Kakele. Este se encolhia sobre a pele de ondjiri. Mas foi citado e não procurou esquivar. Se levantou e falou, tentando aparentar calma:

– É verdade, disse-o, mas não como uma verdade certa. Que se dizia por aí. Também o ouvi assim.

– De quem?

– Estou a tentar lembrar, Lueji.

A rainha deixou pairar um momento o silêncio sobre a assistência. Todos sabiam, quem não conseguisse lembrar de onde tinha ouvido era suspeito de ser o inventor. Ninguém podia duvidar de Kakele, o primeiro inimigo de Tchinguri. No entanto, o velho fazia esforço e não lembrava. Começou a suar, se sentindo já acusado do maior absurdo, ser agente do homem que lhe matou os filhos. Lueji sentiu a humilhação de Kakele. Falou:

– Muata Kakele, todos sabemos não foi você que inventou, nunca poderia estar do lado de Tchinguri. Apenas não se lembra. Por isso lhe peço, sente-se, pense com calma, eu espero. Já se vai lembrar. É importante que nos ajude a desmascarar os inimigos infiltrados. Isto pode ser muito grave.

O velho sentou, aliviado pelo apoio da soberana. Estou tão desgraçado, pensou, que já preciso do auxílio dela, quando aqui há uns meses era o contrário, a rainha não o era sem mim. Estava aliviado, mas humilhado da sua condição recente. Reviu os seus passos até encontrar o homem que lhe transmitiu o mujimbo. E de repente lembrou. Saltou da pele como mordido por uma serpente.

– Já sei, foi Ngonga.

Muata Ngonga era um homem grande, mas que desde o princípio se

escondia por trás dos outros. Não adiantou, fizeram logo um espaço à sua frente e ele teve de se levantar. Tremia visivelmente. Antes que alguém lhe perguntasse, adiantou logo:

– Foi um guarda teu que me disse, rainha. Ele mesmo o ouviu aqui. É o meu sobrinho Chiombe.

Lueji fez um sinal a Kumbana e este saiu da sala. Nos minutos que seguiram, podia se ouvir as respirações perturbadas dos assistentes e sobretudo os gemidos baixos de muata Ngonga, sempre de pé, estou desgraçado, estou desgraçado.

Kumbana voltou, acompanhado dum soldado jovem e o atirou rudemente para o meio da sala. O guarda caiu de joelhos à frente de Lueji, sem saber por que estava ali. Kumbana estava furioso, se via, pois um elemento da sua guarda tinha faltado ao dever, qualquer que fosse a sua falta.

– Que ouviste ontem nesta sala que foste contar ao teu tio Ngonga? – perguntou a rainha. – Sobre a morte de Kandala.

O guarda rebolou os olhos de terror. Subitamente compreendia que estava apanhado numa ratoeira e a face da rainha era de mármore negro, rígido e implacável mármore negro.

– Rainha, perdoa, perdoa, rainha.

– Fala antes que eu perdoe. Fala o que ouviste e contaste.

– Eu estava de guarda na porta de entrada. Ali... E entraram, a tua mãe, o velho Kandala e este aqui – apontou para Majinga. – Primeiro falou o mais-velho falecido, falou, falou, não entendi... Depois falou a rainha e também não percebi nada. Mas depois voltou a falar o grande tahi e percebi algumas palavras, falava zangado dos lubas, lubas para aqui, lubas para ali... Foi isso que ouvi. Foi o que contei ao meu tio.

– Foi só isso que contaste ao teu tio?

– Foi, juro, rainha... Tens razão de me castigar, não posso ouvir o que passa aqui e muito menos contar. Mas fiquei assustado com a morte do grande tahi, tive de contar ao meu tio.

– E disseste ao teu tio que os lubas enfeitiçaram o grande tahi, por isso ele morreu?

– Eu, rainha? Não disse nada disso.

– Fica aí.

Lueji se virou para Ngonga, que não parava de tremer. A rainha apontou o braço na sua direção e o homem grande se encolheu, à espera que o braço se

tornasse punhal e lhe trespassasse o peito.

– Ouviste apenas isso do teu sobrinho e ao muata Kakele já acrescentaste a estória do feitiço. Ou foi muata Kakele que acrescentou essa parte?

– Já ouvi assim – gritou Kakele. – Nada acrescentei.

– Eu sei – disse a rainha. – Mas quero ouvir da boca dele.

Ngonga olhava para todos os assistentes, talvez à procura de apoio nalgum lado. Não viria de parte alguma. Todos tinham os olhos acusadores colados nele. E alguns começavam a lembrar, Ngonga nunca fora inimigo de Tchinguri, nunca tomava posições nem por um nem pelo outro lado. Não era estranho? Se havia algum infiltrado, que fosse Ngonga e acabavam as suspeitas. Porque nestas questões de feitiço nunca se sabia, às vezes alguém estava inocente, nem lembrava o sonho que teve, mas esse sonho provocou a morte de outro e o anterior inocente se via incriminado. Nas lutas de poder, também era parecido. Que fosse Ngonga e acabava o medo que rondava as cabeças de todos.

– Então, muata Ngonga? – disse Lueji. – Essa coragem?

Foi a vez de Ngonga se atirar no chão. Rebolou no pouco espaço, chorando, aiue, rainha, perdoa, falei sem maldade, nunca pensei podia ser um problema tão grande, falei sem pensar ao muata Kakele, admirado com aquela morte tão súbita como me contaram, disse isso, sim, que podia ser um feitiço dos lubas...

– Que podia ser, não – interrompeu Kakele. – Disseste foi o caçador luba.

Desde o princípio Lueji falava dos lubas em geral, sem nunca mencionar expressamente Ilunga. Isto para não provocar qualquer desejo de Majinga intervir, lembrado da conversa com Kandala. Pela primeira vez ali alguém mencionava Ilunga. Mas agora já não era tão importante, Majinga parecia desinteressado da cena, todo vaidoso por estar sentado na pele da rainha.

– Sim, foi isso – reconheceu Ngonga.

Lueji levantou o braço, sempre sem se sentar. A sua figura dominava realmente a assembleia e os muatas se admiravam, quem lembrava a rainha no primeiro Conselho, tão nervosa e tímida?

– Ngonga, eu te acuso de teres conscientemente levantado um boato que podia pôr em perigo a Lunda, pois podia provocar uma divisão entre nós e os lubas.

O acusado baixou a cabeça sobre os joelhos. Parecia uma bola no chão. Lueji pensava, tenho de proferir a sentença, ele não merece a morte, porque

certamente não é agente de Tchinguri e mesmo se fosse, eu estou pronta a tudo perdoar ao meu irmão. No entanto, só existe essa sentença. Senão as pessoas vão desconfiar da minha magnanimidade e o mujimbo continua a se espalhar. Não há alternativa. É preciso cortar o mujimbo pela raiz. Pobre Ngonga, na Lunda se morre por falar à toa. Depende dos momentos.

– Vais ter a cabeça cortada. Kumbana, manda executar esse homem no largo. E expliquem o porquê. A partir deste momento, se alguém for ouvido a transmitir esse mujimbo sobre os lubas, também terá a cabeça cortada.

A exclamação em coro foi de espanto por tão pesado castigo ou de alívio por ser outro o condenado?

Ngonga gritava, perdoa, rainha, perdoa, foi dito sem pensar. Foi brutalmente levantado do chão pelos soldados de Kumbana e arrastado para fora. Fui implacável, pensou Lueji, eu sei, mas se trata da segurança de Ilunga, não tenho escolha. No entanto, conseguia se convencer. Depois reparou em Chiombe, que tremia no chão, à espera da sua sentença, certamente tão dura quanto a do tio. Mas Lueji olhou-o quase com doçura, um rapaz belo, e proferiu:

– Chiombe, cometeste uma grande falta e não mereces mais pertencer à minha guarda. Porque és jovem, poupo a tua vida. Kamexi, ele vai ser integrado num dos grupos do exército. E que seja vigiado até termos a certeza que está arrependido da sua falta e deixou de se preocupar com o que não lhe diz respeito.

Não, não o podia mandar matar, apesar de ter sido o causador de tudo com a sua curiosidade. Vai servir de exemplo para os outros guardas, que se tornarão mudos e surdos. Assim o espero, pelo menos. Passou os olhos pela assembleia, viu Majinga fitando-a de lado.

– Tahi Majinga, achas necessário utilizar o teu ngombo para este caso?

O homem calado fez ouvir a sua rara voz. Mas agradável. Levantou respeitosamente para responder:

– Rainha, só nos socorremos do ngombo quando as pessoas conseguem de encontrar soluções para os problemas. Tu já a encontraste, o problema está resolvido...

E voltou a sentar, com um gesto de saudação. Lueji sorriu para ele. Haviam de se entender bem, não estava arrependida de o ter promovido. E o que era melhor, nada ficara falado entre eles. Ela não tinha compromisso.

– Podem todos sair agora. Vão assistir à execução e contem lá fora o que

viram e ouviram. Mas exatamente como se passou. Menos Ndumba ua Tembo. Preciso ainda de falar contigo.

A um gesto da rainha, enquanto a sala se esvaziava, uma serviçal foi buscar uma cabaça de hidromel. Beberam em silêncio, se fitando. Se medindo? Ndumba olhava apenas, tentando perceber as mudanças nela operadas e que eram evidentes. Perdeu um pouco o ar de galo, pensou dele Lueji, parece mais modesto.

– Que pensas desta sessão, Ndumba?

– Se me pedes a opinião... Acho que foste muito dura. Ngonga não é um homem de Tchinguri. Um neutro, isso sim. O exílio por uns tempos bastava.

– Talvez. Mas estamos em guerra. As pessoas têm de pensar antes de falar. E, sobretudo, ninguém pediu para eu abrandar a pena. Teria reduzido...

O efeito provocado pela primeira sentença seria suficiente para arrancar o mujimbo. Podia ser magnânima em seguida. Mas só agora se lembrava disso.

– Ninguém pediu para abrandar a pena, porque estavam com medo de se assemelhar de qualquer modo a Ngonga.

Lueji fez um gesto para afastar a discussão. Serviu mais ndoka. Hesitou, vendo-o beber. Tinha de falar, era melhor.

– Pedi-te para ficar porque tenho uma coisa a te dizer... Pediste que casasse contigo.

Ndumba ficou tenso, incapaz de ouvir os tambores lá fora no largo, que convocavam os populares para assistirem à execução de Ngonga. Todos os seus sentidos estavam fixos na boca de Lueji que finalmente ia dizer o sim há tempos pretendido. Porque Ndumba não tinha dúvidas, apesar de ter perdido a força, ainda era o melhor partido para a soberana. E amigo desde criança, o que contava muito se era uma mulher a decidir e não a família.

– Pensei com muito carinho na tua proposta, Ndumba. E o fato de teres sido derrotado não significaria nada... Mas apareceu alguém. É com ele que vou casar e não contigo.

O caçador se levantou. O espanto provocado pela revelação a isso o obrigou. Mas não falou. Ficou só a olhar para ela, sem querer acreditar nos ouvidos.

– Quis te dizer antes de tornar público o meu casamento. E antes mesmo de falar ao meu irmão. Devia-te isso pela muita amizade que nos une.

Tenho pena, Ndumba, mas não vou casar contigo. Continuamos amigos como sempre.

– Quem é ele?

– Será sabido a seu tempo.

Ndumba ua Tembo sentiu o ridículo da sua posição, de pé, inclinado para a frente, como quem ouve um animal e tenta situá-lo. De repente, não sabia como pôr as mãos, se atrás das costas, se nas ancas, se apontadas para ela. Preferiu cruzar os braços no peito e afastar as pernas, endireitando o tronco. Como um muata indiferente. Podia fazer outra coisa?

– Muito bem, rainha. É a tua vontade.

– Continuamos amigos? Preciso da tua amizade, Ndumba.

Ele sustentou o olhar dela. Implorante, embora calmo. Um olhar de rainha que pede qualquer coisa. Mas ele estava mesmo chocado e não gostava de mentir.

– Serás sempre a minha rainha, Lueji.

– Uma rainha absurda – gritou Herculano, o historiador. – E todo esse roteiro é absurdo. Não se pode brincar assim com a História.

Atirou com raiva a cópia do roteiro que Lu lhe dera a ler. E simportava pouco com a cara assustada da Diretora. Mabiala estava presente também. Sorria da raiva do outro. Lu já imaginava qual a reação de Herculano, embora a cólera manifestada excedesse as suas previsões. No entanto, se mantinha calma, enquanto o historiador dava pesadas passadas pela sala secreta.

Dois dias antes, Lu foi me procurar. Não precisou fazer grande esforço, eu me tornara cliente habitual do bar Manda Fama. Estava na emboscada, ouvindo palavra aqui, palavra ali, algumas confidências de Mabiala e fazendo amizades para o futuro. Sentia próximo o desfecho, o prémio pelo tempo investido. E ele chegou na forma de Lu, um maço de papéis na mão. Pediu para eu examinar o roteiro, explicou a história conhecida da Lunda e a que ela imaginara, precisava duma opinião crítica sobre as personagens, lógica da estória, etc. Prometi ver, me fazendo um pouco caro, o tempo era escasso, estava com outra obra nas mãos, mas enfim, como era para ela... Dessa vez ainda não me fez confidências, mas já estava na muzua, agora era só puxar. Li rápido, ansioso. E mentusiasmei. Aí estava um tema. Fiz algumas observações no dia seguinte, ainda tínhamos de trabalhar em conjunto para dar consistência ao drama. Citei semiologias e crítica literária,

para realçar a minha importância no trabalho e lhe propus um plano de sessões. Mas só depois de Lu mostrar o roteiro a Herculano, que faria a crítica histórica. O que acontecia:

– É certo que há versões contraditórias. Como tudo na tradição oral. Cada grupo deforma uma versão em função dos seus interesses mais ou menos imediatos, isto é, a versão tradicional é sempre ideológica, justifica ou o poder que se tem ou o poder que se quer obter. Ou o porquê de se ter perdido o poder. Depurar a versão da ideologia que nela está presente, eis o trabalho da Ciência histórica. E isso só se pode fazer comparando as diferentes versões e situando cada uma no seu contexto histórico. A partir daí se vê as incoerências e se escolhe a versão mais de acordo com a possibilidade do contexto. Todos os elementos comuns às várias versões são considerados como históricos, quer dizer, verdadeiros. Não foi essa metodologia que vocês usaram.

– Não usámos metodologia nenhuma – disse Lu. – Não nos interessam as metodologias.

– E depois querem fazer obra científica...

– Ninguém pretendeu fazer obra científica. Para isso são os cientistas. Nós somos artistas. Eu li uma série de livros. E tu sabes bem, porque mos indicaste. Ora, as versões são contraditórias, como disseste. São ideológicas? Tudo certo. Então, não tenho o direito, eu também, de inventar a minha própria versão? Quem te garante que é mais falsa que a que tu escreverias? A tua também seria ideológica...

– Aí é que te enganas! A minha seria científica.

– Tretas, Herculano, tretas! Ias te basear nos elementos comuns a todas as versões. E quem te diz que não partem todas duma versão original, ela própria ideológica, como não podia deixar de ser? Basta uma falsidade, no início, para ser repetida em todas as versões e ser considerada verdade indiscutível. Quem transmitiu a primeira versão?

– Mas, Lu, isso passa de pais para filhos...

– Pois é. Ao fim de trinta gerações que vale essa versão? Olha, vou te contar uma estória verdadeira. Conheço dois senhores de Benguela, hoje muito respeitáveis com mais de cinquenta anos e vários filhos. Por altura da primeira invasão sul-africana, dias antes da independência, esses dois amigos de infância estavam nas Fapla, mas em sítios diferentes. Um em Benguela, outro no Sumbe, Cuanza-Sul. Os sul-africães tomaram o

Lubango, depois derrotaram as Fapla em Catengue e tomaram Benguela. Aí estava o Estado-Maior da Frente. Todos tiveram que recuar para o Sumbe. Os sul-africães acabaram por atacar o Sumbe, tentando chegar a Luanda e tomaram a cidade. Os do Cuanza-Sul diziam a culpa foi dos de Benguela, pois, ao se refugiarem na cidade, desorganizaram tudo. E os de Benguela diziam a culpa era outra qualquer. A verdade é que os sul-africanos nessa altura eram mais fortes, é tudo. Pois bem, esses dois amigos, até hoje, quando caem nas recordações, se põem em grande maka, cada um defendendo o heroísmo do seu lado e desprezando o outro. E contaram aos filhos as versões respetivas. Os filhos, se discutem o assunto, nunca se entendem, o grupo do seu pai é que fez tudo de bem. E isto se passou há menos de trinta anos. Então, como saber?

– A verdade deve estar no meio – disse Herculano. – A síntese das duas versões é a verdadeira.

– Foi o que eu fiz. Mas uma síntese artística. Pelo menos pretende ser.

– Não entendo isso de verdade artística.

Afonso Mabiala entrou na conversa, até porque via o ar assustado da Diretora. Não interessava nada a crítica de Herculano nem as suas ameaças de tentar impedir legalmente o espetáculo, o preocupante era o medo estampado na cara da Diretora. Se ela se acagaçasse era capaz de recuar no projeto. Por isso falou, mais para a convencer:

– O que realmente passou naqueles tempos tão antigos, é mentira, ninguém vai saber. Por muitas metodologias científicas que se usem. O que importa é o que as pessoas imaginaram, criaram, a partir dos fatos definitivamente enterrados na areia. Nos interessa a imaginação, a poesia, a mensagem que os intelectuais da época sintetizaram no mito. E esse mito por isso pode ser mudado à vontade, é a liberdade da imaginação, da criação artística. E abaixo a tirania dos dogmas! Sobretudo os pretensamente históricos. Tu, Herculano, dizes não é lógico que fizessem assim ou assado. Não é lógico dentro da tua lógica de hoje. Que sabes sobre a lógica daquela época?

– A sociedade é um sistema...

– Pois é. E como pretendes analisar os elementos do sistema, se não conheces as relações dentro do sistema, a sua lógica? Ou as relações não influem sobre os elementos?

– Claro que sim – disse Herculano, mais calmo.

– Então? São essas relações, que tu não podes conhecer, que dizem se um elemento é verdadeiro ou falso. Donde se conclui...

– Donde se conclui que se não pode conhecer nada!

– Não – continuou Mabiala. – Pode se saber muita coisa. Que por exemplo não podia haver armas nucleares. E não entra nenhuma na nossa versão. Aí sim, podias protestar, embora... Passemos! Agora, se houve amor incestuoso entre Lueji e Tchinguri, desafio-te a provar o contrário. É comum na humanidade e sobretudo entre filhos de rei. A tradição da Lunda refere isso nos primeiros mitos. E a estória fica mais dramática, permite belos bailados de desespero.

– Não te sabia tão conhecedor – disse Herculano, recuando.

– Ora, tive de fazer um curso superior, de Música. Sabes, tem de se aprender qualquer coisa. Essa ideia do músico analfabeto que só toca de ouvido começa a estar ultrapassada...

– E o que nos interessa é a arte – disse Lu. – Pode ser outro tipo de verdade, mas tão verdadeira quanto a vossa verdade histórica. E mais bonita.

A Diretora sorriu finalmente. Afonso viu ela recuperou confiança. Por isso voltou a sentar, já não precisava de intervir mais, tinha era de se concentrar no problema da integração do kissanje no primeiro encontro amoroso entre Ilunga e Lueji. Herculano já não tinha grandes argumentos, abanava só a cabeça, protestando silenciosamente. Lu também sentou e descansou uma perna sobre a outra. A Diretora aproveitou acender mais um cigarro. O historiador finalmente pigarreou e disse:

– Há cientistas que pretendem nunca ter havido um Tchinguri ou uma Lueji. Que eram linhagens em luta e que a tradição corporizou em pessoas.

– Isso é uma hipótese – disse Lu. – Conheço.

– Sim, é uma hipótese.

– Então, se é apenas uma hipótese, tem tanto valor como as versões da tradição. Interessa-vos a vocês. Mas a nós... Quem garante que Lueji não existiu e a linhagem se formou depois? Mas não é o caso. Nós, artistas, precisamos de personagens, vivemos delas. Sempre queria ver uma peça de teatro só com forças sociais abstratas, linhagens, classes, sem pessoas. Uma chatice! Não aguentava dez minutos de representação.

– Está certo, compreendo que precisem de personificar.

– E tens de compreender o resto – disse Lu. – Isto é arte, a qual tem as

suas necessidades.

– O incesto ainda passa, no fundo era coisa normal. O que não está referido na tradição pode ser acrescentado por uma questão estética. Mas essa Nayole que inventaste, Lu...

Mabiala sabia, Herculano, além de gordo, era teimoso. Não ia desistir facilmente. Mas começava a sagarrar apenas em detalhes, era porque estava vencido. Nunca poria em prática a ameaça proferida de escrever uma crítica histórica, arrasando o projeto, pedindo às autoridades competentes a sua proibição por deturpar a rica História de Angola. Já preparava a retirada. Por isso deixou retinir no cérebro o som melodioso do kissanje e não ouviu o resto da fala.

AGORA SOU EU QUE FALO, EU, NDUMBA UA TEMBO,
o maior caçador da Lunda e futuro grande chefe dos Tchokue.

Na grande batalha do Cassai, quando vi Kandama e Tchinguri avançarem para mim, me senti perdido. Não era um leão, corajoso mas estúpido, que atacava. Eram homens com toda a força e inteligência. E manha, sobretudo. Não lamentei, no entanto. Sentia já os golpes caírem sobre o meu escudo e só tinha vontade de lutar, medir forças, e que o mais forte vencesse. O frio da morte não entrava no meu coração, ele batia firme como sempre. Lutava e ia morrer por quê? Me perguntei nesse momento? Pensei, não vou receber o sim pedido, não vou levar a rainha para as peles de onça que amaciam o seu catre? Não, em nada disso pensei. Apenas que ia morrer lutando. Por que lutava? Para ser rei um dia? Certamente. Mas não só. Para fazer Tchinguri perder de vez o lukano? Também e talvez fosse a razão principal. Por que a tradição mandava lutar em defesa do soberano? Claro, nisso fui educado. E de tal maneira fui educado nisso que vou voltar a lutar em defesa do soberano. Já sem esperança de vir a ser rei, nem de levar a rainha para as peles de onça. Alguém pode viver com a vergonha de não combater? Só mesmo Chinyama, o covarde.

Mas vejam as injustiças do destino. Por ela morri sem dor naquele dia da grande batalha, pois já estava mais do lado de lá. Por ela morreram os meus homens, na esperança de um dia me aclamarem de lanças no ar. Por ela perdi as terras, aquele enorme território junto do Cassai. Por ela não escolhi outra mulher, deixei de ter filhos até hoje, para ela ser a muari. E agora casa

com outro. Já não tenho força, já não sirvo para marido. E o pretendente quem será? Mistério bem guardado. Todos se espantam, a rainha escolheu esposo e ninguém sabe? Por isso Ngonga foi sacrificado, para que os espantosos segredos não filtrem. E quer continuar amiga? Como? Rainha, soberana, apenas. Amiga, nunca mais.

De criança, Tchinguri dizia com minha irmã vou casar. Queria seguir as tradições antigas dos antepassados deles que casavam entre irmãos. No nosso grupo de companheiros de mukanda se dizia que muitas vezes Tchinguri e Lueji eram vistos no lago em atos de amor. Acreditei sempre ser boato, derivado das fanfarronadas do próprio Tchinguri. Agora me pergunto, não seria verdade? E não vai ela casar com o irmão? Por isso o segredo tão aferrolhado? Depois desta guerra toda, um casamento maldito mas que ninguém terá coragem de contestar, dada a força e crueldade dos dois. Lueji será capaz de enterrar de vez a vontade de Kondi, de renegar os espíritos, e casar com o irmão, entrando com grande pompa em Mussumba, pela força coligada dos dois exércitos? Bastava cortar a cabeça a meia-dúzia de Tubungo e não havia oposição. A de Ngonga já foi, o que prova afinal a sua crueldade camuflada. A minha cabeça não rolou no Cassai, em Mussumba rolaria. Será ela capaz de rir do espírito do pai e resistir depois a todos os feitiços?

Oh Lunda, já tantos sortilégios viste, não é apenas mais um? Já viste os Tubungo serem os verdadeiros senhores e, depois de Kondi, não se sabe por que magias, perderem pouco a pouco o seu poder, até hoje andarem de cabeça para baixo, tremendo às ordens da soberana, tremendo só de pensar que o lukano pode ir parar às mãos do irmão, desgraça pior. Onde estão os grandes Conselheiros do Estado? Kakele estremece sempre que é chamado, Kakolo se inclina e cala os rancores bem fundo, Cangombe e Vungi se foram com Chinyama, Mbumba e Moxico estão aí, mas só ousam comentar comigo, e os outros, e os outros? Perdida a grande força das famílias que fizeram a Lunda, que se coligavam para eleger um dentre eles como seu chefe máximo, mas sempre dependente do seu conselho. Oh, Lunda, perdeste os favores da grande mãe serpente? Já as faíscas que iluminam o céu deixam de alimentar a coragem das gentes? Já as nuvens não trazem a felicidade com a água, já os rios pararam seus encantamentos e neles não mais moram as kiandas? Já as mulembas e mafumeiras deixaram de abrigar os espíritos? Ou estes se corromperam com os presentes, apenas pensam em

comer e gozar, e nos esqueceram na terra?

Que se passa contigo, Lunda, que admites tantas mudanças? E tudo porque um louco, um dia, pensou em ter um exército próprio para reinar sozinho e retirar os privilégios dos muatas. Tudo começou aí. Se enganam os que falam apenas da sua crueldade, ou da sua coragem, ou da sua teimosia. Isso são defeitos ou qualidades menores. O problema é a loucura de querer reinar sem os Tubungo que o alimentam.

E a irmã agora vai trair o nosso apoio, casa com ele numa aliança bárbara que multiplica por vinte o poder do trono e sai por aí a conquistar o Mundo? Oh Lunda, Lunda, sou obrigado a assistir a isto, eu, Ndumba ua Tembo, herdeiro duma das mais dignas famílias que te criaram? Nunca. Antes a vida de caçador errante, lá, perto das nascentes do Cassai, de onde dizem haver mais animais que as folhas das árvores.

O trabalho preparatório estava pronto. Lu nem queria acreditar. Tudo tinha corrido bem demais. O roteiro terminado, muito modificado, por vezes em função da música, por vezes pelas exigências da coreografia. Os anexos ao roteiro também estavam feitos: as descrições das personagens, a base histórica, as sugestões das indumentárias dadas pelo Herculano, a lista de todo o material cénico necessário. A música ia sendo preparada progressivamente, apesar de toda composta. Mas havia que ensaiar e gravar. O essencial já gravado era suficiente para se começar com os ensaios. Também a coreografia estava concebida, durante os ensaios se veriam os detalhes. Lu agora só tinha de se preocupar com a sua atuação, preparar o corpo para o tremendo esforço exigido, pois Lueji era a personagem principal e dominava praticamente todo o espetáculo. Quase duas horas a dançar, pelo menos dois quilos perdidos por noite, podia recuperar? Só tinha uma solução, apesar dos protestos dos responsáveis e colegas e médicos, era passar o dia a beber cerveja para reidratar, não ia perder a linha por isso, os espíritos protetores não permitiriam.

A parte administrativa também correria à perfeição. Quando a Diretora foi “lá acima” apresentar o projeto e pedir apoio financeiro e técnico, os burocratas mostraram interesse imediato. Até alargaram o tempo de preparação, valia a pena, sadivinhava um espetáculo à altura das tradições do grupo. Tanto mais que na véspera o jornal tinha criticado certa apatia que reinava no setor, chamando a atenção para a esperança que representava o projeto indo à aprovação em breve, “verdadeira tábua de salvação para o bailado nacional, se não fosse torpedeado pela indiferença e imobilismo que teimavam ultimamente em invadir certos gabinetes antes tão ativos, mas agora conformados com a mediocridade provocada pela falta de espírito crítico e sobretudo autocrítico e pelo sentimento generalizado do deixa-andar-que-Deus-está-connosco”. Tive algo a ver com esse artigo. Agora fazia parte do grupo, participei do roteiro e lia os livros sobre os quais Lu se

baseara. Meti o meu amigo Matias ao corrente de tudo e insisti na publicação duma advertência no jornal, é o que mais temem os burocratas. Foi pois um corre-corre “lá em cima”, toda a gente a querer conhecer o projeto, a oferecer préstimos e meios, a Diretora no meio da barafunda, dando explicações e exemplificando cenas, expondo a História do Império Lunda e contando a estória, andando de gabinete em gabinete para pedir o apoio financeiro, logo concedido, o alargamento do prazo para a representação, logo concedido, as requisições de material, logo concedidas, chegando até a recusar a proposta de se fazer uma importação especial para cetins, veludos e todos os apetrechos, espantando pela sua modéstia pois só iam utilizar produtos locais, não era preciso importar nada, nem mesmo um coreógrafo para ajudar, será tudo angolano e a coreografia até já está pronta, podem ver aqui os esboços, tudo escrito e esquematizado, assim como a música que não tem um único instrumento estrangeiro, kandaka, pensou a Diretora mas não ousou lançar a palavra, ninguém ali sabia o lunda antigo e os panos necessários são todos fabricados aqui e os ornamentos também, até já temos o ngombo igual aos antigos, o que deixou toda a gente suspensa, que era isso de ngombo, devia ser uma coisa essencial e era mesmo, só que não no sentido que eles entendiam, e ela pediu dinheiro para sustentar os bailarinos que deveriam vir do Dundo, o que foi logo concedido, mandem vir os que quiserem, receberão salários e pagamos também o hotel para o tempo de permanência em Luanda, mas uma coisa dessas não se pode limitar só a Angola, é preciso já prever uma excursão pela Europa e participação em festivais internacionais, proposta tentadora que a Diretora não podia recusar, sempre era uma forma de pôr a arte angolana a correr o Mundo e vamos já tratar disso mesmo antes de ver os primeiros ensaios, temos a máxima confiança na vossa capacidade, precisamos contatar os principais palcos de Berlim, Paris, Moscovo e Londres, sem esquecer Copenhague, claro, Copenhague, não vão atuar em teatros de periferia mas nos palcos mais célebres, mostrar que se pode fazer tudo em Angola, sem importações, apenas pelo talento dos nossos artistas, com esforço e trabalho, pois ainda há uns derrotistas que pensam nada se pode fazer aqui mas é porque se não querem mexer, acomodados com os aparelhos de ar condicionado e o seu pessimismo de classe, avancem que acreditamos em vocês e peçam qualquer coisa, para o Grupo Kukina as portas estão sempre abertas.

A Diretora saiu “lá de cima” bêbeda de tão boa disposição. Que diferença com a maneira como foi recebida três semanas atrás, quase aos pontapés e com a ameaça de ser enviada para o Moxico e o grupo desfeito. Que se teria passado para provocar tal mudança? Os artigos do jornal, disse o Mabiala. Lu não respondeu mas preferiu pensar foi o espírito de Lueji que anda lá por cima a arranjar as coisas. E apertou o amuleto debaixo da blusa.

Lu, deitada, pensava na maneira maravilhosa como as coisas estavam a correr. Tinha de telefonar à avó e contar, agradecer os conselhos e as crenças da velha. Por isso não tinha vontade de dormir, esperando a madrugada, aquela madrugada que acordou diferente. Se sentia nos primeiros raios iluminando o Kalanhi, fazendo-o se distinguir aos poucos do verde das suas margens. Eram os pássaros que piavam de outra maneira ou não pipilavam mesmo? Era talvez o modo de cada um despertar, o gesto dos braços afastando o sono e desentorpecendo o corpo. Os odores, os ruídos, as cores, tudo era diferente. Até o peso do ar. E cada habitante de Mussumba, sem ser adivinho, notou, com um peso no coração, esse ia ser um dia decisivo. O que ia suceder ninguém sabia ainda.

No entanto, todos se ocuparam das mesmas atividades. Logo as mulheres levaram as enxadas para os terrenos, onde as lavras e nakas eram preparadas. Os homens foram com as suas nassas e redes e arpões para os rios, os caçadores foram montar as armadilhas. E os guerreiros pegaram nas armas, se exercitando mil vezes no tiro do arco longo ou nos combates de corpo a corpo com os facões e as azagaias.

Porque todos sabiam ser um dia diferente, ninguém admirou ouvir os mondos falar, anunciando a aproximação do exército inimigo. Kumbana veio anunciar à rainha, tudo está pronto para a defesa de Mussumba, tens ordens especiais a transmitir aos comandantes? Ainda não, respondeu ela.

Na véspera, todas as aldeias de Salukunga se despiram de gente, se escondendo até o próprio chefe inválido nas mais densas florestas do território, com o segredo do novo aço. Podia Tchinguri invadir as terras antes de atacar Mussumba. Mas agora os mondos diziam essa precaução fora inútil, pois os atacantes avançavam diretamente das terras de Chinyama, sem se preocuparem com o território da linhagem inimiga. O sanguinário tinha pressa de tomar o lukano, assim falavam os mondos, pois quase corria para a capital, vindo do Sul, tendo também poupado a antiga Mussumba, hoje um local sem interesse nenhum. Chegariam por volta do

meio-dia à vista da cidade.

Logo depois, os batedores espalhados pela região começaram a afluir com os detalhes da aproximação. O exército de Tchinguri era uma mancha negra que alastrava pelas chanas do Sul, milhões e milhões de kissondes em progressão para Mussumba. O pó levantado pelos pés formava nuvens vermelhamarelas que se confundiam com as rubras plumas de guerra dos soldados.

Lueji se vestiu com as cores da guerra, pintou o tronco e a cara com pemba, substituiu o diadema de cobre pela sala de plumas vermelhas, se armou da azagaia e escudo oferecidos por Ndumba ua Tembo, do punhal luba oferecido por Ilunga e do grande mucuali de novo aço. Deixou o espanta-moscas e a machadinha de comando, eram símbolos a mais e que só atrapalhavam em combate. Chamou Majinga e foi com ele se recolher na futura anza, atrás da onganda real, onde estavam as mahambas dos antepassados. Muito tempo lá ficou, fazendo preces e conversando com o espírito de Kondi e dos outros ancestrais, enquanto o próprio Majinga tocava ritimicamente o ngoma sagrado, invocando as boas graças dos interlocutores da rainha. Acenderam uma fogueira, de forma que o fumo se dirigisse para as mahambas e as envolvesse, enquanto ela falava e cuspiu água para os quatro cantos, deem-me força para a minha voz não tremer antes que trema o meu braço, oh espíritos de Tchyanza Ngombe, a grande serpente que nos criou, a mãe Nhaweji, oh espíritos de Namutu e Samutu, os esposos gémeos pais do primeiro casal, de Muako e Kaweji, todos vós que das mulembas me observam, não sejam indiferentes à sorte da Lunda, pois para quê então a criaram se foi para a deixar perecer, ponham na minha voz o timbre certo da força e da arrogância, de modo a convencer Tchinguri que Mussumba é invencível, ponham nos meus olhos o desprezo pelos inimigos para que estes se acovardem antes de o meu braço erguer o mucuali de guerra, pois esse gesto provocará a futura fraqueza da Lunda, ajudem-me a respeitar a promessa feita a Kondi de passar o lukano a meu filho, seu neto, e a mais ninguém. E mais uma vez cuspiu para os quatro cantos a água que bebia da cabacinha ritual segura por Majinga.

Terminado o rito, regressaram à onganda e Lueji mandou Kakongo, o chefe do protocolo, convocar Ilunga e os principais elementos do seu séquito. E que viessem vestidos de guerra.

Foi a ocasião aproveitada por Nayole para, pela última vez, tentar

convencer a filha a não casar com o luba. Se aproximou devagarinho-vagarinho, lhe acariciou os ombros nus, falando docemente em tom de lamento:

– A minha filha pensa que salva a Lunda, casando com um caçador. Nem Kandala a convenceu, nem a sua morte. E a minha filha sabe o que espera a mulher dum caçador, mesmo sendo rainha. Se vai tornar a Na Caianga de Ilunga e por isso terá de receber os remédios próprios de Na Caianga. E será sempre a responsável pela falta de pontaria do marido. Se o caçador falha a flecha, é porque Na Caianga perturbou a paz conjugal. Ou sorriu para um rapaz ou dançou com ele na ausência do esposo. E se o marido volta a falhar, é porque Na Caianga cometeu crime. O caçador lhe amarra as mãos, lhe bate, obriga a confessar a verdade e a mentira. A culpa só pode ser dela, como não vai confessar? E é escorraçada de casa, porque adúltera. A minha filha não liga a essas ameaças, quer ser uma Na Caianga. E dum tchibinda, ainda por cima. Que tormentos pode ele imaginar que nós nem conhecemos? Outras gentes, outros costumes, ainda piores certamente.

Lueji ouviu tudo, sorrindo. Conhecia as tradições da caça. Se virou para a mãe:

– Se para salvar a Lunda, me tenho de tornar numa Na Caianga, então não vale a pena? E as coisas são diferentes, se se trata duma rainha.

– Não sei, não sei. Esses kandakas têm hábitos tão estranhos...

– Não se preocupe, mãe, vou ser muito feliz. Todos nós.

Nayole abanou a cabeça, ia falar mais para quê? Teimosa como Tchinguri. Do encontro daqueles dois teimosos podia sair alguma coisa boa? Só mesmo Lueji que acreditava. Ficou acariciando os ombros da filha, admirando como ficava bonita, vestida de guerra. E o coração apertava, apertava.

Quando, ao meio-dia, a primeira mancha do exército inimigo já podia ser adivinhada da paliçada pela poeira vermelhamarela flutuando no horizonte, e quando já a rainha tinha conferenciado a sós com o grande príncipe luba, o séquito saiu com toda a pompa da onganda. À frente, vinte soldados da guarda real, pintados do vermelho de tacula e do branco da pemba sobre o negro oleado do corpo, orgulhosos das novas armas que levavam, seguidos por Kakongo, apenas pintado de pemba como convinha a um mensageiro de paz, levando peles de onça onde a rainha iria sentar. Depois o palanque de Lueji, carregado por doze homens também pintados de branco, onde se

sentava hirtamente a soberana empunhando a azagaia e o escudo, mais bela que nunca, pensou num relance Mai, já saudoso dela por Ilunga lhe ter confidenciado o projeto de casamento. Nayole e as amilombes, ajoelhadas no pátio da onganda, batiam palmas rituais e rezavam, que os espíritos te favoreçam, apesar de Nayole ser obrigada a engolir lágrimas e tremores para parecer confiante, nunca a mãe pode aparentar temer pela sorte dum guerreiro caminhando para a batalha, isso é chamar sobre o filho as forças malignas que se agitam mais que nunca nesses momentos. Depois vinha Kumbana e ao lado dele o Tchibinda Ilunga, alto e impassível nas suas peles de guerra, no seu arco longo e nas pontas brilhantes das flechas, à cinta um mucuali cujo punho era revestido dum pedaço de pele de onça, seguido por Mai e o Muadi Muixi, o nobre cozinheiro, e Mukanda Kambaje, o portador das restantes armas do chefe. Para fechar o cortejo, dez soldados lubas e por fim quarenta guardas da rainha. Os outros comandantes lundas e lubas já se encontravam na paliçada, observando a aproximação do inimigo.

O povo se aglomerou na rua principal de Mussumba, para aplaudir a soberana, lhe desejar boa sorte e que os espíritos propiciem a vitória sem guerra, ou então uma batalha curta e fulminante, em que ninguém acreditava pelos mujimbos vindos da paliçada, mas que era preciso pedir e esperar, apesar de tudo. Os Tubungo já velhos e que por isso se não enquadravam no exército, se misturavam com o povo ao longo da rua, para aclamar e rezar com ele. Mulaji também abandonou as armadilhas do Kalanhi, em dia de guerra ninguém pesca, chamado pelos filhos com a notícia da chegada de Tchinguri. Ainda tinha uma nassa na mão, quando o séquito passou por ele. Olhou a rainha e esta o viu. Foi um olhar imperceptível, um bater de pálpebras apenas, mas os dois sabiam, cada um lembrou a última conversa no rio. E sem pensar, pela primeira vez na vida, Mulaji gritou viva Lueji, a grande rainha da Lunda. Ela ouviu o grito já nas suas costas, adivinhou de quem partiu e um ténue sorriso cortou pela única vez a rigidez do seu rosto.

O séquito chegou à paliçada no exato momento em que a guarda avançada de Tchinguri parava a quinhentos metros, enquanto o grosso do exército continuava a avançar, preenchendo a floresta logo atrás da chana de acesso a Mussumba. Lueji mandou baixar o palanque, falou com Kakongo, sem se levantar. Este ouviu a fala dela, consentiu com a cabeça, entregou as peles ao seu ajudante e mandou abrir o portão da paliçada. Saiu dela,

acompanhado por dois soldados, passou pelo estreito carreiro entre os fossos camuflados, e se dirigiu para o exército atacante.

– Que vai ele fazer? – perguntou Kandumba.

– Lueji quer falar com Tchinguri – respondeu Kumbana.

– Ainda?

A rainha subiu para o muro de terra, logo seguida pelos dignitários lubas. E viu então o exército do irmão.

A guarda avançada formava em linha, ocupando quase toda a extensão à frente da paliçada. O resto ficava atrás, agora praticamente invisível pelas árvores à sombra das quais parara. Para trás ainda, revolteavam colunas de pó, talvez provocadas pelas mulheres e carregadores e crianças, que acompanhavam os soldados. Quinze mil, vinte mil pessoas ao todo? Difícil de calcular. Mas pelas nuvens de poeira que davam uma cor irreal ao céu azul, não podia ser muito longe disso.

Lueji viu Kakongo avançar para o inimigo, três pontos negros no meio da chana, cada vez mais pontozinhos, até se dissolverem na linha negra da guarda avançada de Tchinguri. Ouviu então os ngomas de guerra do adversário, cujo som começou a chegar por uma mudança do vento. Esperou enquanto, pouco a pouco, a poeira lá por trás do exército de Tchinguri começava a ser menos espessa. Muito tempo depois, de novo se destacaram da massa da vanguarda os três pontos negros que se foram avolumando, avolumando, até se poder distinguir, do alto da paliçada, a figura de Kakongo. O exército inimigo não mexia, embora os ngomas continuassem a rufar. Kakongo entrou na paliçada, se dirigiu a Lueji, Tchinguri está de acordo em falar agora contigo.

Ela deu ordens rápidas a Kumbana e este as transmitiu ao grupo do leão. A rainha voltou para a liteira e o séquito começou a sair de Mussumba, com os mesmos nobres mas os soldados substituídos pelo grupo do leão, ostentando os longos arcos. O cortejo se dirigiu para um muxito, à direita da paliçada, perto do rio Cajidixi e a meio caminho entre Mussumba e o exército inimigo.

– É uma loucura – disse Kandumba para Kamexi. – Manda preparar a guarda real para sair em socorro de Lueji, ao primeiro sinal de perigo.

– Deixa – disse Kamexi. – Lueji sabe o que faz.

Kandumba agitou fortemente a cabeça, fazendo abanar as plumas vermelhas, furioso por não estar ao corrente do que se tramava.

– E o luba vai com ela!

Kamexi olhou para o seu parente e superior, estranhando o ódio que vazava da fala dele. Mas nada disse. Ficou olhando o séquito que se aproximava da matita, ao mesmo tempo que se destacava um grupo da linha avançada do inimigo, também caminhando para o local de encontro. Pouco depois notou alguém sentado numa liteira. Era Tchinguri, só podia ser.

Ndumba ua Tembo, na paliçada, estremeceu ao reconhecer a magra figura do adversário de sempre. Lá vão eles consumir a traição, vão combinar o casamento e depois abrir as portas de Mussumba ao exército invasor. E esse povo de covardes vai aplaudir, porque assim se evita a guerra. Posso suportar isto? Mas Ndumba não encontrava maneira de o evitar. Os seus homens tinham sido trucidados, não tinha força para dominar rapidamente os comandantes de Lueji e incitar os soldados à resistência. Era isso o que devia fazer. Quando os dois irmãos terminassem a conspiração, tinham os portões fechados e todos preparados para os repelir. Mas sabia não tinha força. Loucura do desespero. Nem sequer seria capaz de prender Kandumba e Kamexi, quanto mais enfrentar o exército de Tchinguri... Ficou só olhando o homem magro e nervoso, sentado na liteira que se aproximava do muxito. Engolindo pressentimentos e rancores.

Lueji chegou primeiro ao muxito. Viu o irmão atravessar a chana, acompanhado de cinquenta homens armados. Fez sinal a Kakongo e este estendeu no chão as peles de onça, uma onde ela sentaria e a outra para Tchinguri. A rainha saiu da liteira e sentou na pele, hirta, o escudo no braço esquerdo e a mão direita segurando a azagaia. Os membros da comitiva formaram um semicírculo a vinte passos dela, os arqueiros com as flechas nos arcos, mas sem as apontar para o inimigo. O séquito de Tchinguri parou a igual distância e o filho de Kondi saiu da liteira e se encaminhou para ela.

Tchinguri baixou apenas ligeiramente a cabeça num cumprimento e Lueji fez um gesto para ele se sentar. Obedeceu, mas disse logo, apontando os arqueiros:

– Se vamos conversar, os teus homens não precisam estar tão nervosos.

Ela percebeu a ironia das palavras e respondeu no mesmo tom:

– Não penses que têm medo. Sabem que as nossas armas são superiores às tuas. Já notaste? Não ouviste falar disso?

Tchinguri olhou longamente os arcos, as flechas, os mucuali à cinta, as pessoas desconhecidas que estavam no meio e com aspecto estranho. Falou

gravemente, sem ironia alguma:

– Nas terras de Chinyama ouvi falar qualquer coisa. Muito vaga. Sempre é verdade que pediste auxílio aos lubas?

– É. E nos ensinaram a fazer armas muito mais potentes. Queres uma demonstração?

Tchinguri não aguentava mais estar sentado. Mas sabia, um gesto demasiado brusco podia provocar o começo da batalha antes do tempo. E era ele quem devia escolher o momento do ataque. Por isso conteve o ímpeto, coçou uma perna, e permaneceu sentado. Disse em tom escarninho:

– E pensas que é com isso que me vences, maninha? Meia dúzia de homens bem armados não vencem um exército como o meu.

– Os teus informadores falharam, Tchinguri. Então não te disseram o tamanho do meu exército e a quantidade de lubas que chegou faz pouco tempo à Lunda?

Era preciso manter esse tom, pensou Lueji. De soberano desprezo. Apesar da comoção de ver o irmão depois de tanto tempo, como estava magro com tantas andanças e combates, e apesar de conhecer perfeitamente a força de ambos. Tchinguri estava realmente admirado com a segurança dela e não respondeu diretamente. Depois de uma hesitação, em que procurava ler nos olhos dela, propôs:

– Sabes não sou capaz de falar sentado muito tempo. Mas se me levanto, os teus homens vão pensar que tento te matar. E sabes que isso nunca acontecerá, nunca, em nenhuma circunstância. Vê, só trouxe um punhal. Entrego-te. Mas manda os teus homens mais para trás, os meus também recuam. E diz-lhes que se me levantar e mexer os braços, isso não quer dizer que te vou atacar. E tirem as flechas dos arcos.

– Ah bom, os novos arcos sempre te impressionaram! Atravessam o teu escudo a mais de cem passos, se quiseses podemos experimentar. E os nossos mucuali, se chocarem com os teus, cortam-nos ao meio. Não acreditas? Posso provar-te.

Tchinguri coçou a outra perna, se mexeu. Disse entre dentes:

– Manda masé os teus homens recuar.

A estratégia estava a dar resultado, Tchinguri parecia muito menos arrogante que no princípio. Lueji levantou o braço e Kumbana se aproximou. Tchinguri repetiu o gesto dela e também o gigante Kandama se chegou a ele. Os dois explicaram as ordens aos comandantes, Tchinguri

nervoso, Lueji sorrindo. Esperaram que as ordens fossem cumpridas. Os dois séquitos se afastaram mais uns trinta passos, lentamente. Tchinguri pegou no punhal e o atirou para a pele de onça onde a irmã estava sentada. Se levantou, aliviado, mostrando aos homens de Lueji o corpo quase nu, totalmente desarmado. Os arqueiros riram e retiraram as flechas dos arcos. Tinham percebido o receio do inimigo sanguinário e se sentiram invencíveis. De repente, a tensão desapareceu. Tchinguri voltou a sentar.

– Vamos então falar – disse ele. – Tu é que pediste este encontro.

– Como te dizia, gostava de fazer uma demonstração da superioridade das minhas armas.

– Para quê? Podem ser melhores, admito. Mas são só essas. Não chegam.

– Ai é? Por que não mandas Kandama a Mussumba para ver todos os meus homens com armas iguais? Manda-o, nada lhe acontecerá.

Tchinguri não respondeu. Sabia, a conversa não estava a caminhar nada bem, ela tinha a iniciativa. Esperara encontrá-la assustada, pedindo para não atacar Mussumba, procurando apenas um compromisso honroso. Foi o que pensou quando Kakongo pediu o encontro. No caminho fez cálculos, pensando nas exigências a impor. E estava disposto a ser até generoso. Afinal...

– Estamos só a perder tempo. É isso que queres, ganhar tempo? Não vejo o interesse... Qual é a tua proposta?

– Já te disse. Enquanto Kandama vai ver as armas que os meus homens mostrarão da paliçada, eu aqui parto o teu mucuali com o meu. E aquele alto e escuro, ali, vês? – Apontou para Ilunga. – É um príncipe luba, o herdeiro do trono deles e grande caçador. Mata elefantes sozinho com o seu arco. E sem usar flechas envenenadas. Ele vai atravessar um dos teus escudos a cem passos, à primeira flechada.

– Maninha, deixa disso. Vamos falar a sério.

– Estou a falar a sério. Pede um mucuali aí aos teus homens. Anda, se não acreditas.

E Lueji se levantou, tirando o longo facão da bainha. Brilhou e Tchinguri olhou-o, fascinado. Gritou para trás, começando a acreditar no que ela dizia. Logo lhe trouxeram um mucuali. Lueji levantou embora o braço esquerdo, por forma a todos saberem que era um gesto de paz e ninguém devia interferir.

– Queres bater tu no meu ou o contrário? – perguntou.

Tchinguri fez um esforço para sorrir, parecendo não dar muita importância à jactância da irmã. Estendeu o seu facão.

– Bate tu, para os teus homens se não assustarem muito. A rainha reuniu todas as forças num golpe fulminante. O irmão ficou com metade do mucuali na mão. Dos dois campos partiram as exclamações. Às espantadas e temerosas dos homens de Tchinguri, se sobrepunham os ohs de contentamento dos soldados de Lueji. A rainha não deu tempo a que os adversários se recompusessem e gritou, chamando Ilunga, o qual se aprestou a aproximar.

– Te apresento o Tchibinda Ilunga, irmão e herdeiro de Luevu, o rei da Luba.

Ilunga fez uma vénia com a cabeça, cumprimentando. Tchinguri apenas olhou o luba com um rictus de desprezo e raiva, do muito ódio acumulado em anos.

– Manda os teus homens porem um escudo naquele grupo de árvores, Tchinguri. Anda, estamos a perder tempo.

Contrafeito, o irmão transmitiu a ordem para trás e logo dois soldados foram a correr para o grupo de árvores e aí colocaram o escudo. Ilunga pôs uma flecha no arco, retesou-o e deixou-a seguir o seu destino. Ela zumbiu e atravessou o escudo, perante as exclamações de todos os presentes. Ilunga se inclinou, ironicamente, para Tchinguri e depois perguntou, é tudo, rainha? Ela fez que sim e ele retirou para junto dos outros. Tchinguri voltou a sentar.

– Agora manda Kandama ver se estas são as únicas armas que tenho. Kumbana vai com ele dar as ordens.

– Não, é inútil. Mesmo que todos os teus homens tenham essas armas, elas vão acabar por ficar para mim. Não podes ter juntado mais de mil soldados. E com pouco treino. Escusas de mentir, não podes ter mais que isso. E o grupo dos lubas foi visto antes, é um pequeno grupo. Não podem resistir aos meus dez mil.

Ele exagerava certamente o número dos seus, mas cinco mil seriam. Não iam agora discutir as forças dum e doutro, pensou Lueji. O que lhe interessava estava feito.

– De qualquer modo, tomar Mussumba, se o conseguires, não será fácil. Muita gente morre.

– Se os teus homens forem tão corajosos como tu, Lueji. Mas não são.

Não vai ser fácil, não. Essa paliçada é alta. Mas tem de ser tomada e será.

– Muita gente vai morrer.

– Não fui eu que o quis. Pelo contrário. Mas aconteça o que acontecer, tu tens a vida salva, te prometo.

– Não penso na minha vida. Só quero que retires com os teus homens e deixes que eu governe a Lunda. Tudo o que fizeste será esquecido se voltares para o Luengue.

Tchinguri deu um salto e ficou de pé, rindo às gargalhadas. Os homens dos dois lados ouviram as gargalhadas e se olharam, atónitos, mas aqueles dois se encontraram para discutir a guerra ou quê? Ele acabou por ficar sério e um brilho mau apareceu nos seus olhos. Voltou a sentar.

– Agora que tenho a vingança na minha mão é que vou recuar? Ali estão os meus inimigos – apontou para a paliçada. – Não és tu, nunca foste tu. Eles estão lá, a tremer atrás daqueles altos paus, a rezar para que me convenças. E engraçado, não trouxeste nenhum contigo. Tiveram medo de me ver de perto?

– Aqueles que chamas os teus inimigos hoje não representam nada. Eu e só eu governo a Lunda. Com esses que vieram comigo, os meus homens.

– Os lubas também?

– Oh, esses são aliados.

– Muito mal estás tu, que precisas de tais aliados...

Lueji não respondeu. Respirou fundo. Chegara o momento. Até aí não fora muito mal. Sabia à partida que a demonstração das armas não chegaria para o convencer, embora o abalasse. Ia lançar o seu trunfo mais poderoso. Depois desse, nada mais teria para discutir. Olhou o irmão e notou na cara dele um cansaço profundo, seria uma certa apatia? A campanha, o ódio dos Tubungo, a traição de Chinyama como só podia considerar, o que quer que fosse, mas algo havia que o fazia parecer menos crente em si próprio, menos voluntarioso. A vitória era mais difícil do que pensara, era isso? Algo havia, algo havia. Mas ela tinha de lançar a estocada definitiva. Se falhasse, era o fim da Lunda.

– Os lubas são aliados fortes e leais. Acabo de fazer uma aliança indestrutível com eles.

– Que aliança podes fazer com os inimigos da Lunda?

– Já não são inimigos da Lunda. A minha aliança é com o trono da Luba. Vou casar com Ilunga, o herdeiro.

– O quê?

De novo Tchinguri saltou. Agitou os braços, pisou a pele de onça com os pés, resmungando e cuspiendo para o chão. Agora os homens dos dois lados viram, a discussão estava séria, não havia mais gargalhadas. Lueji aparentava serenidade, bem conhecia aquelas crises de furor.

– A partir de agora, quem me ataca ataca o trono da Luba. Tu percebeste muito bem.

– Como podes fazer isso? Casar com um luba? Todos os espíritos dos antepassados se revolvem nos ares.

– Agora te preocupas com os espíritos dos antepassados? Se te interessa, eles foram consultados e estão de acordo.

– Claro, o Kandala...

– Não foi Kandala. Está morto.

Era uma outra novidade e Tchinguri ficou quieto, de pé mas quase agachado sobre as duas pernas, pensando muito rápido, que significado podia ter a morte de Kandala e como podia beneficiar disso. Nada lhe ocorreu e Lueji aproveitou a surpresa para acrescentar:

– Saíram ontem emissários para a Luba. Eles têm um grande exército e armado com bom aço. Dentro de pouco tempo esse exército estará aqui, se tu tomares Mussumba. Nessa altura estarás tão fraco, que qualquer grupo de caçadores lubas te arrasa.

– Tu fizeste isso, Lueji? Tu pudeste fazer isso?

– A isso me obrigaste, Tchinguri.

– Esta guerra nunca foi contra ti.

Tchinguri voltou a se sentar. Lueji olhou-o de frente, mas ele desviou a vista, a tentar esconder a perturbação. É, perdeu o ímpeto, pensou ela. Meu pobre irmão, por esta mentira não contavas. Mas como pode ele saber que é uma mentira e que Luevu nunca correria a socorrer Ilunga?

– Qualquer guerra na Lunda é contra o rei. E não permitiste que se cumprisse a minha ordem de castigar os Mataba, desfizeste o meu exército, escarneceste da minha autoridade. Isso tudo chega para justificar uma aliança com a Luba. Que te é fatal e tu bem sabes. Podes tomar Mussumba, não acredito mas suponhamos... Que será o teu exército depois disso? Pelo menos metade morrerá. Precisarias de muito tempo para o refazer. E não tens esse tempo, Tchinguri. Perdeste.

– Tu não vais casar com esse kandaka...

De novo a chama nos olhos dele e de novo de pé, pisando com raiva a pele de onça. As palavras se embrulhavam na boca e desconsegua de as articular. Lueji não esperou que lhe passasse o furor. Em miúda aprendera, só lhe ganhava se o afrontasse, se não lhe desse tempo.

– Já não me podes impedir. Num último gesto de amizade, quis te prevenir antes. Chinyama partiu e não pude avisá-lo. Mas também já seguiram emissários para lhe anunciar o meu casamento. É meu súbdito, para além de irmão.

A referência a Chinyama ainda o pôs mais furioso. Gaguejava, fazia um esforço sobre-humano para dizer alguma coisa, mas só os gestos eram eloquentes. E os olhos, cheios de raiva, injetados de sangue. Sentou, procurando se dominar. Mas logo a seguir se pôs de pé, começou a dar voltas rápidas entre o sítio dos seus homens e Lueji. Por fim parou, se virou para ela e proferiu:

– Não podes ser tu a fazer uma coisa dessas. Entregar a Lunda aos lubas...

E logo voltou a andar, incapaz de continuar a fala. A rainha elevou a voz para que ele ouvisse, mas não suficientemente para passar do círculo dos dois. Ninguém mais podia ouvir as suas palavras, estava atenta.

– Depende de ti, Tchinguri. Se houver guerra entre nós, qualquer que seja o vencedor, será dominado pelos lubas. Mas se não houver guerra, a Lunda estará de pé e eles não ousam nos dominar. Vai haver apenas uma aliança que reforça o trono da Lunda. Por isso te digo, volta para o Luengue. Governarás essa parte da Lunda até ao Cassai. Em nome da rainha da Lunda. Na prática será uma divisão temporária do poder. Os nossos filhos casam entre si e pronto, refaz-se a unidade da Lunda.

Durante a fala dela, ele tinha recuperado a respiração. Voltou a sentar, ouvindo sem a interromper. Ainda ficou calado algum tempo, meditando. Depois respondeu, estranhamente calmo, quase meigo.

– Maninha, isso não dá. Essas divisões temporárias acabam sempre por se eternizar, criar ódios. E os lubas aproveitam, já que os instalas aqui. Se casássemos os dois, sim, tudo era ainda possível. Refazíamos tudo.

– Sabes que passou o tempo disso, Tchinguri. E já fiz a minha escolha.

Numa reviravolta de humor bem própria dele, Tchinguri bateu com a mão na perna e deu uma gargalhada.

– Ao menos não é com o peito-de-rola do Ndumba ua Tembo! Também,

depois da tarefa que lhe dei... E sabes? Não o persegui, deixei-o vivo, apenas por tua causa... É verdade. Já não me fazia mal e tu nunca o ias aceitar como marido, eu sabia. E a sua morte ia te causar pena...

Isso também era próprio do Tchinguri que ela conhecera, dissessem os Tubungo o contrário. Mas agora Ndumba estava longe das preocupações dela e por isso não lhe agradeceu a atenção.

– Mas casar com esse kandaka, Lueji! Francamente...

– É do interesse da Lunda eu casar com ele. Mas casaria na mesma, fosse apenas um pobre caçador. É o homem que quero. Compreendes isso?

– Não.

– Bem sei. Nayole também não compreende.

Tchinguri voltou a se erguer. Deu uns passinhos, matutou, mexeu os braços. Falou finalmente:

– E por causa desse... interesse, lhe entregas a Lunda. Porque os lubas vão escravizar os lundas.

– Não. Fizemos um pacto e ele cumpre. O meu filho reinará. Claro, se a Lunda não estiver enfraquecida por uma guerra entre nós os dois. Nesse caso, eles vão aproveitar. Mesmo que eu venha à frente do exército luba, como poderei impor a minha autoridade a Luevu e aos outros lubas? Ilunga não é um problema, ele não quer o poder daqui. Nem sei se aceitará reinar na Luba, quando Luevu morrer.

– Queres dizer que o futuro da Lunda depende de mim? Se eu retirar, a Lunda terá força de resistir ao poderio luba. Senão, eles tomam tudo. É isso?

– Exatamente.

– Esqueces uma coisa, maninha. Posso tomar Mussumba e depois resistir aos lubas. Terei todo o povo do meu lado contra os estrangeiros.

– Não estou nada certa, o povo não te quer, ouviu muita coisa. E isso nem é o mais importante. Não terias exército para te opores aos lubas, isso é que ia contar nesse momento. Não tens tempo, Tchinguri.

– Tu chamas os futuros invasores e depois a responsabilidade é minha.

– Tu provocas esta guerra que destrói a Lunda.

– Não a quis.

– Mas começaste-a.

Tchinguri deu mais uns passos, mas devagar. Tinha passado a raiva, tentava raciocinar, uns passos para lá, uns para cá, a cabeça virada para o

pouco capim do chão.

– Esse acordo que propões... Eu voltar ao Luengue e os nossos filhos casarem... Quem mais sabe disso?

– Ninguém. Absolutamente.

– Só podia dar certo com uma condição. Enquanto os Tubungo te envenenarem os ouvidos com as suas intrigas, o perigo de divisão definitiva da Lunda é real. Mas sem eles... Entrega-me os Tubungo, Lueji. Todos, o Kakele, o Kakolo, Sambunje, Moxico, todos... O Ndumba podes conservá-lo, sozinho não é perigoso, ainda mais sem as terras do Cassai. Entrega-me os meus inimigos e esse acordo é possível.

Foi a vez de Lueji refletir. Nunca contara que ele aceitasse retirar para o Luengue tão facilmente. Mas, no fundo, ele estava a ser coerente. Não a considerava inimiga, só os Tubungo. E lhes cortaria a cabeça. A vingança o satisfaria.

– Sabes bem, Tchinguri, um soberano não deve trair a sua gente. E eles me são fiéis. Não os entrego à morte.

– Mas eles também são teus inimigos.

– Não são. E já não me fazem sombra, estão enfraquecidos. Essa traição ia impedir-me de reinar. Quem mais ia ter confiança em mim? Retira para o Luengue, mas sem eles.

Tchinguri voltou a sentar. Já não estava nervoso, não se lhe enrolavam as palavras. Fitou a irmã nos olhos e ela neles leu um grande e disfarçado carinho. E tristeza. E cansaço. Sim, Tchinguri estava mortalmente cansado. Essa ideia a perturbou, nunca o tinha visto tão abatido. Já estava antes de começarem a conversa, mas agora não conseguia ocultar. Por quê? Por que lhe custava avançar contra a Mussumba onde ela se encontrava? Por que deixara de acreditar no que sonhara até aí e nunca podia ser soberano das terras todas do Kalanhi até ao mais longe dos ocidentes?

– Lembras, Tchinguri, das nossas conversas sobre o que existe para lá do Cassai? O nosso irmão vai a caminho.

Ele desta vez não se zangou pela recordação de Chinyama. Apenas abanou a cabeça. Ela continuou:

– E tínhamos imaginado as terras que íamos ver, quando fôssemos grandes e tu poderoso...

Ele concordou de novo com a cabeça. Bateu tristemente com as duas mãos nos joelhos, se pôs de pé.

– Amanhã tens a minha resposta. Esta noite podes dormir tranquila, não decido nada antes da madrugada.

Olhou pela última vez a irmã, deu meia volta e caminhou para os seus homens. Recusou a liteira que lhe ofereciam, continuou a caminhar até onde estava o seu exército. Lueji permaneceu sentada, vendo as costas dele se afastar, se afastar, até desaparecerem, tapadas pelas dos soldados. Estes acabaram por atravessar a chana, se misturaram com a linha avançada.

– Por que não vem a rainha? – perguntou Kumbana, fazendo menção de ir ter com ela.

– Deixa-a – disse Ilunga, lhe travando com a mão.

E ficaram todos a observar a rainha, sentada de costas para eles, a vista fixa na linha escura da guarda avançada que agora se desfazia, recuando, perdida nas lembranças da sua meninice, toda passada à beira dum lago onde rosas de porcelana se casavam com papiros e fetos e begónias e onde fora feliz, única e despreocupadamente feliz.

Despertou finalmente e viu o punhal esquecido de Tchinguri. Pegou nele, se levantou a custo, também mortalmente cansada, desdenhou o palanque que lhe apresentavam e avançou a pé para Mussumba. Entrou nela, segurando o punhal do irmão.

– Então? – perguntou Kumbana, já dentro da paliçada.

Os outros muatas rodeavam-na, ansiosos por notícias. Ela sentou na liteira, olhou Ilunga, olhou Kumbana, Mai, Kamexi, e depois proferiu fracamente:

– Há trégua até à madrugada. Agora vou descansar.

E deu a ordem de avançar para a onganda. O povo não arredara pé das ruas, à espera das notícias e todos miravam a soberana em silêncio, tentando adivinhar no seu rosto se tivera sucesso ou se deviam começar antecipadamente a xinguilar os mortos que ia haver. Mas era de mármore negro o rosto dela. E nem notou a figura de Mulaji, encostado ao tronco duma palmeira. Lueji pensava apenas em ir colher rosas de porcelana com Ilunga ao seu lago. Quando?

Se fechou com Nayole no quarto, pediu à mãe para lhe cafunar o cabelo e falou e chorou, até que adormeceu, o mesmo não acontecendo com Lu pois havia apenas um ponto a estragar tanta felicidade. Esse ponto era Uli e a sua teimosia em não participar do bailado.

Todos os membros do grupo tinham falado com ele, para o convencer.

Até o médico Timóteo, seu melhor amigo, fora chamado para apoiar. Só mesmo Lu não falou com ele. Todos eram unânimes, ela podia demover as razões dele, se é que existiam. Ela também sentia devia tentar. Mas como? Mabiala propusera tratamento de choque, atacar a onça pela frente, não o deixar esquivar com um bote de lado. Podia? Poder, podia. Agarrá-lo num canto, empurrá-lo contra a parede e lhe despir as calças. No fundo, não era isso os dois queriam? Quanto mais rápido melhor. Mas Lu sabia, isso ela nunca ia fazer. Por respeito. Por tantos anos de respeito.

Tinha de pôr as cartas na mesa, falar com ele francamente, Uli era um bailarino antes de tudo. Ser médico era um objetivo, para isso foi preparado pelo seu meio familiar, ricos mas com pouca cultura. Um curso superior era importante para consagrar um estatuto obtido pelas candongas. Para o legitimar. Mas Uli não precisava, tinha a sua legitimidade pela arte. E gostava de dançar. Podia renunciar a entrar nessa peça, renunciar ao sonho, apenas por causa de Lu? Uma boa conversa franca talvez resolvesse, todo o grupo pensava assim. E quando um grupo inteiro tem a mesma opinião, a razão deve estar do seu lado. Nessa altura eu também estava ao corrente do problema e aconselhei a bailarina no mesmo sentido, um escritor é sempre ouvido, tem fama de bom conselheiro. Devo ter sido o elemento decisivo, modéstia à parte.

Iam começar os ensaios e ela precisava descansar ao máximo para poder resistir. Mas o sono não vinha. Nunca viria, enquanto não resolvesse o problema número um do grupo. Era possível substituir Uli, adaptando a coreografia. Mas sem ele nunca seria a mesma coisa. E a magia se perdia, pois cada passo dela era pensado em função dele. Ou então a dança era maquinal, sem interesse. Se estivesse numa situação como a dela, que faria a centavó? Oh, essa tinha outros recursos, embora nem sempre conseguisse convencer as pessoas, também ela. Mas tentava, não fugia aos problemas por vergonhas ou medos infundados. Era vergonha ou medo? Lu não sabia, só que ia ser muito difícil falar com Uli. Não tinha saída, haveria de o fazer. E no momento ia se socorrer da lembrança da centavó, para encontrar os argumentos. Sim, Lueji podia ajudar, bastava recordar como ela enfrentou toda a gente para casar com Ilunga. Foi já no fim da tarde. A rainha convocou o Conselho dos Tubungo para o tchota real. E mandou chamar também Ilunga e Mai. Todos compareceram rapidamente, ávidos em saber em que pé estavam as coisas. Certamente ela ia explicar a conversa secreta

com Tchinguri, que nenhum soldado ou muata pudera seguir e por isso nenhum mujimbo transpirava, para grande angústia de todos. Apenas que havia trégua até de madrugada.

Quando Lueji chegou, já a sala estava lotada, todos olhando surpresos para os dois príncipes lubas, direitos e impenetráveis. Comentários eram segredados, a que é devida a presença dos dois kandaka, que se passou no muxito?

A rainha começou por dizer que a partir de agora, os dois lubas faziam parte do Conselho, sem dar razões, o que imediatamente levantou zumbidos incomodados entre os Tubungo, mais uma entorse inédita na tradição, nunca na memória de gente se tinha conhecimento de um kandaka fazer parte do Conselho supremo da Lunda. Mas o momento era de expectativa e angústia, o zumbido logo acalmou para se poder ouvir as revelações da soberana. Esta explicou a conversa com o irmão muito resumidamente e a primeira parte todos entenderam mais ou menos que condizia com o que já era público, a demonstração da força das novas armas. Depois Lueji chegou à parte mais importante e marcou uma pausa de hesitação. Deixou de narrar a conversa e falou diretamente, agora quero apresentar ao Conselho o meu futuro marido, o Tchibinda Ilunga. O teto de capim do tchota quase vinha abaixo com as exclamações dos Tubungo, apanhados de surpresa, mesmo os mais íntimos. Lueji não se preocupou em observar a reação de Kakele ou Ndumba, de Kumbana ou Kakolo. A sua atenção estava fixada em Kandumba. Este, no entanto, não pestanejou. Deve ter sido o único que não comentou para o lado, que não lançou um haka de surpresa ou de despeito, que não mexeu um músculo. Os olhos permaneceram parados nela e notando talvez o seu receio. Ela fez um esforço para parecer natural, impôs silêncio e explicou o pacto feito com Ilunga. E depois resumiu o resto da discussão com Tchinguri, sem no entanto falar do medo em relação aos lubas, mas dando apenas os argumentos que apresentara ao irmão para o convencer que nunca podia tomar Mussumba ou que perderia o poder logo em seguida, pela intervenção armada dos lubas. À medida que uma ou outra razão era evocada, algumas poucas cabeças começaram a aprovar, passada a brutal surpresa do início. Lueji também informou que antes o ngombo de Kandala, agora manipulado por Majinga aqui presente, fora favorável ao casamento. Acrescentou a proposta de Tchinguri de lhe entregar os Tubungo para satisfazer a sua vingança e assim ele retiraria para o Luengue

sem guerra. Recusei, porque não traio os meus súbditos tão leais e tudo isto é para defender as vossas vidas, sem no entanto falar da hipótese de partilha do poder nem do futuro casamento dos seus filhos. São muitas mentiras e a toda a gente, dum lado e doutro, mas só assim mantemos o lukano, justificou para si própria. Um dia contaria tudo a Ilunga. E terminou dizendo isto é uma decisão da rainha da Lunda para nos salvar e não é sequer para discutir. Considero todos os que falarem contra este casamento como adeptos indiretos de Tchinguri e a ele serão entregues, talvez acalmem a sua raiva. E despediu os Tubungo, ainda pasmados e extremamente chocados com a dureza final.

Depois chamou Kumbana e Kandumba à parte, mandando Kakongo fazer esperar Ilunga.

– Meus primos, espero compreendam o meu gesto. É o único que pode salvar a Lunda. Tive de decidir em segredo, para surpreender o meu irmão. E pelo menos uma trégua já ganhámos. Agora, vocês são responsáveis pela vida de Ilunga.

– Nós, rainha? – disse Kumbana.

– Sim, têm de o proteger. Há Tubungo que não aceitarão nunca. Um kandaka casar com a rainha é demais para a cabeça deles... Se algo acontece a Ilunga, vou vos culpar a vocês, apesar de serem os meus mais leais amigos.

Os dois baixaram as cabeças. Lueji fitava particularmente Kandumba. Mas este não reagiu. Seriam infundados os seus receios? Ou a lealdade dele era superior ao seu despeito? A rainha despediu-os e chamou Ilunga. Disse:

– Esta noite vais dormir na minha cama. Já não temos que esconder nada e é mais seguro para ti.

E partiram os dois para a onganda real.

É claro que os Tubungo foram comentar a novidade em tudo que era canto. A ameaça da rainha não tinha força suficiente para cobrir a sua ânsia pelo mujimbo. E quase instantaneamente, toda a Mussumba soube que a rainha ia casar com o caçador luba e que esse fora o argumento final contra Tchinguri. As opiniões se dividiam, havia os raivosos que consideravam irreparável vergonha uma princesa lunda se sujar com um luba, outros profetizavam a perda da independência do reino, mesmo se Tchinguri fosse derrotado, outros falavam apenas da tradição que nunca tal vira, havia os descontentes porque os Tubungo nem foram convidados a opinar, no tempo

de Kondi uma decisão destas nunca seria possível sem a autorização do Conselho, os mais moderados no entanto diziam no fundo talvez tudo corresse bem e tinha sido uma decisão corajosa e oportuna, e a rainha se recusou a nos trair para satisfazer a vingança do sanguinário. O povo ouvia e ia para suas cubatas comentar baixinho. E nas cubatas havia mulheres tchokue e também homens luvale e rapazes de Mataba e dos Laza até, e nunca tinha constituído grande problema se casar com gente de outras tribos, claro que fazendo rituais especiais de purificação, senão os espíritos amaldiçoavam as uniões com povos inferiores, o que também não era propriamente o caso, ninguém podia considerar um luba como inferior, olha só para as armas deles e o aço que fazem, e se era para evitar a batalha e que todos sejamos trucidados pelo sanguinário, haka, tudo vale a pena.

Naquela noite, só as crianças dormiram em Mussumba. Os adultos, aristocratas ou plebeus, ficaram à volta das fogueiras, cochichando ou polemizando, outras vezes mergulhados em profundos silêncios de como ia ser o dia seguinte. Apesar das novas armas, ninguém tinha muitas ilusões. Se Tchinguri não tomasse Mussumba, um cerco duma semana era suficiente para acabarem as reservas alimentares e os cereais do Kalanhi estavam no fim. Quem ia furar o bloqueio para os abastecer? Morrer da guerra ou da fome, tal era a alternativa. A aliança com a Luba era uma esperança vaga, seria preciso pelo menos um mês para ver o exército do Nordeste avançar sobre Mussumba. E mal sabiam eles que Lueji não pedira apoio ao trono luba, ninguém saíra da capital para ir anunciar a Luevu o casamento. Durante os preparativos de defesa e com a aparição das novas armas, as pessoas ganharam confiança, até exagerada, que venha Tchinguri para o destroçarmos. Mas todos tinham visto a poeira que o exército dele levantava, potência igual nunca houvera sobre a face da terra, e o pessimismo tomou o lugar da bazófia. E à medida que os pensamentos se tornavam mais frios com o avançar da noite, as pessoas, aristocratas ou plebeus, reconheciam a única hipótese de sobrevivência, a de Lueji ter convencido o irmão da inutilidade de tentar conquistar Mussumba. Involuntariamente, todos aqueles que se opunham ao casamento espúrio iam calando os argumentos, visionando nele a única salvação.

Mulaji não precisou pensar muito para chegar a essa conclusão. Ainda os filhos estavam acordados, quando a mulher lhe perguntou, assoprando para avivar o braseiro:

– Achas a rainha vai evitar a guerra?

– Não sei essas coisas. Pescar, sim, sei. Mas que ela tentou, isso tentou.

Ndumba ua Tembo, que chefiava o grupo de duzentos homens sobreviventes do Cassai, estava na paliçada, tentando ver algo mais que as centenas de fogueiras acesas pelos homens de Tchinguri e definhando à medida que a noite avançava. A floresta atrás da chana de acesso brilhava de laranjas no negro da noite. Os ngomas se tinham calado desde a tarde, não havia barulhos de palmas ritimando danças, mas as chamas provocavam fantasmagorias de infernais batuques nas sombras das árvores. Ali estava o seu rival de criança, tornado inimigo mortal na idade adulta. Escapou chocar o seu facão contra o dele no Cassai. Amanhã acontecerá? Os dois quiseram Lueji, por isso se odiavam? Não, o ódio veio antes, muito antes. De qualquer modo, agora nenhum deles a teria. Aparecera o homem de fora, o presunçoso que ninguém podia ver comer. E que agora se aquecia no calor dela. Mas ainda nada estava perdido. Numa guerra todos podem morrer. Ou num feitiço bem preparado pelo muito ódio adivinhado ao luba. Se Ilunga morresse, Lueji hesitava em escolher Ndumba para marido? Ele não tinha dúvidas, apesar de tudo continuava o melhor partido. Se Tchinguri fosse vencido. Por isso na decepção encontrava forças surpreendentes para desejar com ardor a batalha de amanhã. Na cintura tinha um mucuali novo, que a rainha expressamente lhe mandara entregar. Isso não era prova de uma tentativa de bom relacionamento? E, devia esconder a raiva, se mostrar cordato para ela. Eram trunfos para o futuro.

Também na paliçada estava Kandumba. Não respondia às falas de Kumbana ou Kamexi, não questionava os homens. Tinha perdido a língua desde a reunião do Conselho? Kamexi julgava adivinhar a razão daquele raivoso silêncio. E o vigiava disfarçadamente, sem saber em quem confiar os seus temores. Para Kamexi só uma coisa era sagrada, Lueji. Foi sobretudo naquela viagem ao Kalanhi que melhor a conheceu e ousou sonhar com ela. Sabendo ser um sonho impossível. Não se desiludiu com a escolha do marido, até compreendeu as razões, para lá das de Estado. Então não tinha notado o fulgor nos olhos da rainha ao mirar Ilunga? Kandumba também notou e era isso que o assustava, porque quando Kandumba reparou, a vista se turvou de ódio. E Kandumba tinha muito poder sobre os soldados, lhe obedeciam cegamente. Mesmo contra a rainha da Lunda? De Kandumba diziam ser invencível na guerra por os seus feitiços serem

poderosos, uanga de blindar o corpo, aprendidos nos que cobrem as partes com as peles das barrigas. Como Ilunga na caça. Feitiço de guerra ou feitiço de caça, qual o mais forte? Kamexi pensava e se arrepiava, o universo estava cheio de forças ignoradas e potencialmente maléficas, se os ódios e as ambições as manipulassem. No meio de todas elas estava Lueji, tentando conciliar as forças da Natureza e as dos espíritos com o povo da Lunda. Como conseguia ela, aparentemente tão frágil, tão nova e ignorante ainda dos miasmas dos pântanos? E agora sem Kandala? Aquela morte era um mau augúrio, apesar de ninguém o querer mencionar. Avisava da desunião da linhagem, pelo ódio futuro de Kandumba? Se a linhagem se dividisse, tudo seria sem solução. Kamexi desconsequia mesmo de se imaginar vivendo com a linhagem dividida. O ninho de proteção e certezas desfeito, podia?

Kumbana, como comandante da guarda, o kanapumba, tinha escolhido o lado mais importante. Vigia os guardas que se encontravam ao longo do Cajidixi. O príncipe luba não dissera ser ali o ponto vital da defesa? A palavra de Ilunga agora era sagrada, pois ia ser o marido de Lueji. E Kumbana não confiava na promessa de Tchinguri de esperar até de madrugada. Bem podia o sanguinário tentar atravessar o Cajidixi, como previra o caçador luba, tentando numa operação de surpresa entrar em Mussumba, enquanto todos confiantes esperavam a alvorada. De Tchinguri tudo era de prever. E Kumbana percorria a margem do Cajidixi, encorajando os vigias colocados de vinte em vinte passos. Atrás deles se encontrava concentrado o grupo do elefante, pronto para intervir ao menor alerta. Andando dum lado para o outro, Kumbana não se interrogava sequer sobre o fundamento da decisão real. Sabia, isso provocava maka. Mas se ela o fez é porque era o melhor para todos. O chefe da guarda cumpre as ordens do rei, não lhe compete questioná-las. Se todos pensassem e discutissem antes de cumprir, então onde estava a disciplina? Por conseguinte, nem com Kandumba comentou a novidade. Nem o irmão disse nada, e ainda bem, pois revelava a que ponto colocava a disciplina. O kalala era o seu orgulho, pois a bem dizer foi Kumbana que o criou e lhe ensinou tudo.

Muambo mu Tutumbo, o Cruzeiro, tinha desaparecido lá para o Sul. As outras estrelas perdiam o brilho, menos Muiza, Vénus, que engordava com a luz delas todas.

Foi então que chegou Lueji à paliçada. Atrás vinha Ilunga e a sua guarda.

Olharam as fogueiras que se extinguíam ao longe no acampamento adversário. Mal se notavam agora. Os homens não tinham frio e não as avivavam? Ou era já o Sol, a tingir de violeta-alaranjado as nuvens por cima da floresta, que embaciava a sua luz? Ninguém falava na paliçada. Se alguns estiveram durante a noite estremunhados, a presença da rainha os tinha despertado de vez. Todos olhavam a mancha que se ia recortando no fim da chana, onde os sanguinários deviam se espreguiçar para preparar o ataque. A todo o momento os ngomas iam soar e o barulho encheria Mussumba, pois o vento vinha do acampamento de Tchinguri e traria o som dos batuques e chocalhos. A ansiedade fazia crisar os dedos sobre os arcos e as azagaias. Os soldados queriam enfrentar as honras duma batalha, mas mesmo os mais experientes sentiam o bicho morder na barriga e o coração bater mais depressa.

E depois ouviram ténues ruídos longínquos, trazidos pelo vento. Não era o barulho dos ngomas, nem falas de gente acordando, nem ordens ciciadas. Ruído indefinível de mão a raspar em pele de tambor. Que seria? Os olhos se tornaram mais perfurantes e ardiam pelo esforço. Os ouvidos se abriam ao máximo até quase estalar os tímpanos. Os homens se olhavam na paliçada, fazendo gestos de incompreensão.

– Devem estar a rastejar pela chana – disse subitamente Kandumba. – Para chegarem de surpresa ao pé da paliçada.

Podia muito bem ser o ruído abafado de milhares de corpos roçando pelo capim. E deixaram de mirar a sombra da floresta para estudarem o negrume da chana mais próxima. Nada. E o ruído persistia. Mas, ou era ilusão ou era cada vez mais longínquo e vindo da direita, para lá do muxito onde Lueji e Tchinguri conferenciaram. Os nervos se contraíram até à exaustão dos músculos e apesar da madrugada fria, os corpos suavam.

De repente, a ténue claridade da alvorada rompeu a cortina de nuvens e a chana clareou um pouco. Se distinguia perfeitamente a floresta ao fundo. Os olhos percorreram toda a extensão ao longo da paliçada e não puderam ver nada. Mas ainda era muito escuro. E o ruído continuava, milhões de kissondes caminhando pelo capim. Nzambi, que se passa?, perguntou baixinho Lueji. Era um perigo desconhecido, uma infernal manobra de Tchinguri? Os soldados se miravam, cada vez mais assustados. Que magia era aquela? De Tchinguri tudo se podia esperar, até que tornasse o exército invisível para penetrar em Mussumba pelos ares, como o chieye.

O dia clareou mais um pouco e já se podia ver a chana. Nada. Para a frente e para trás, para a direita e para a esquerda, os milhares de olhos da paliçada a percorriam. Na floresta também nada. Se volatilizou o exército inimigo? Se transformou em milhares de chieye? Os soldados estavam muito perto do pânico, quando bradou a voz juvenil de Mai:

– Olhem, lá ao fundo!

Iluminada pelo Sol nascente, se via ao longe, para a direita, uma espessa nuvem de pó violetavermelho. De lá vinha o ténue ruído. Parecia...

– Eles vão embora, eles vão embora – gritou Kamexi.

Ninguém quis acreditar. Ainda. Ficaram vigiando, arquejantes, tentando descortinar para lá das florestas o sentido do prodígio.

– Vão dar a volta para nos atacar por outro sítio – disse Kandumba. – Só pode ser.

– Não – disse Ilunga. – Estão a retirar.

Com efeito, a nuvem de poeira parecia se estender a direito para o Ocidente, na direção da antiga Mussumba. Ou do Luengue. Momentos depois, com o céu mais claro, se pôde ver era uma linha para Ocidente, cujo princípio se perdia nas copas das árvores. Aí os soldados relaxaram. Os primeiros sorrisos surgiram.

Ainda era muito cedo para festejar e os comandantes seguraram os soldados na paliçada. Pisteiros foram mandados para confirmar se o recuo de Tchinguri era mesmo sério, se apenas um estratagema. E Mussumba viveu ambigualmente aquele dia, pois queriam parar tudo e dançar, mas, ao mesmo tempo, ansiavam por certezas. Ninguém fazia nada, apenas se olhava para o horizonte, com a angústia de ver de novo aparecer a nuvem de poeira. A morte de Kandala não era de bom augúrio, devia trazer inimigos em vez de os afastar. Não dava para estar confiante, apesar dos muquixis de Lueji se revelarem poderosos.

No fim do dia, os mondos e pisteiros confirmavam, Tchinguri chegara à antiga Mussumba e ia aí pernoitar. E pouco depois vinha um mujimbo das terras de Salukunga, um numeroso grupo de homens tinha ocupado de manhã os kimbo e fizera batidas nas matas. Tinham apanhado o ferreiro luba e dois ajudantes lundas e levaram-nos com eles. Tchinguri ia ter também o segredo do novo aço. Kimuanga escapara e vinha a caminho de Mussumba, onde ficaria mais protegido, pois era o único agora que sabia o segredo.

Lueji comentou o caso com Ilunga, é possível que Tchinguri tenha retirado para ganhar o tempo de fazer armas iguais às nossas. E depois volta para nos atacar com toda a força e resistir ao exército luba. No entanto, não sei, não precisava de ir para tão longe. Mantinha o cerco a Mussumba, aproveitava o ferro e as forjas já prontas do Kalanhi, fabricava as armas e depois atacava. Poupava tempo e canseiras e enfraquecia-nos com o cerco e a fome. Ilunga nada disse, ela é que conhecia o irmão.

Mas foi essa a versão que ganhou corpo no coração das pessoas. Então a morte do velho tahi não estava aí a falar, a falar? Foi apenas trégua duns dias, Tchinguri ia voltar com mais força ainda. E perderam logo a vontade de dançar. Os pensamentos se viravam para a rainha. Ela conseguira a trégua, só ela podia evitar a carnificina. Muitos foram os muatas que no

entardecer vieram à onganda pedir audiência. Mas Kakongo era intransigente. Lueji só recebia notícias de fora de Mussumba, as audiências estavam canceladas, um soberano também precisa de descansar. E os muatas voltavam para as casas deprimidos, sem terem recebido uma palavra de esperança.

A noite não teve batuque. Todos aproveitaram para dormir e os soldados se revezavam nas guardas. Tinha sido muita a tensão e o trabalho daqueles dias. Piores viriam, os maus presságios não falham nunca.

A meio do dia seguinte, chegou um emissário de Tchinguri e foi logo recebido na onganda. Se tratava nada mais nada menos que Nandonge, o amigo número um de Tchinguri. Logo os mujimbos rebentaram em Mussumba. Ainda ele não tinha dito a Lueji ao que vinha e já toda a gente tinha escutado pelo menos duas versões diferentes. Que vinha trazer as condições do sanguinário para a rendição da rainha. Que vinha pedir a paz a troco duma divisão do território. Que vinha anunciar a morte de Tchinguri, executado pelos seus comandantes, furiosos com o recuo. Que vinha anunciar o ataque amanhã de Mussumba. E naquele corre-corre desencontrado dos mujimbos, toda a gente acreditava no último e agradecia os espíritos ou se punha a xinguilar de desespero.

Nandonge falou em nome do seu chefe e amigo, rainha da Lunda, minha irmã, ouvi atentamente as tuas palavras e nelas refleti durante toda a noite, e decidi retirar para fora da Lunda, não seguindo a trilha aberta pelo nosso irmão Chinyama, mas sempre a direito no caminho do Sol que morre, como um dia tínhamos sonhado fazer. Esta viagem longa seria alegre se feita contigo, mas assim não quis o destino e a perfídia dos teus conselheiros. Retiro pois para reinar além Cassai, como um verdadeiro lunda. Contigo aprendi muito e sobretudo que algumas tradições há que preservar, senão um homem se perde nas suas dúvidas e se consome em pequenas lutas sem significado. No Luengue vou libertar todos os homens que capturei e que não me queiram seguir. Levarei os que aceitarem me acompanhar e vou tratá-los como filhos, pois o Estado que constituir será um Estado lunda, como o teu. Comigo levo o segredo do novo aço, pois dele vou precisar para submeter os povos inferiores que habitam naqueles territórios. Sempre que possível, mandarei emissários te informando das minhas desventuras e sucessos, para que a Lunda saiba que mesmo longe nela penso. Poderás assim resistir ao poderio luba e talvez um dia te ajude com novas forças, se

a elas recorrerem. Desta maneira falou o teu irmão Tchinguri, por intermédio do meu amigo Nandonge, que peço deixes regressar até mim, trazendo a tua resposta.

Lueji não escondeu as lágrimas a Nandonge. Lhe entregou o punhal que Tchinguri tinha esquecido sobre a pele de onça e um amuleto muito forte que lhe tinha vindo dos avós. Leva para o meu irmão como sinal de amizade. Come e descansa, Nandonge, e parte quando quiseres. Ele preferiu partir imediatamente.

O emissário saía de Mussumba e o povo corria à volta dele, para saber do mujimbo. Mas nada obteve. E a confusão reinava na cidade, com tanta notícia desencontrada. Kakongo foi informar Lueji do que passava e já um velho tinha morrido em plena praça, espumando pela boca, por não aguentar tamanha desorientação e angústia. Os Tubungo eram impedidos de entrar na onganda pelos guardas com as azagaias em riste, porque queriam forçar a vedação para dela obter uma resposta às muitas interrogações surgidas com a vinda de Nandonge e sobretudo com a sua muda partida.

— Manda tocar os ngomas, toda a gente para a praça grande. Vou explicar tudo no tetame.

E coisa inédita aconteceu naquele dia na Lunda. Pela primeira vez se via a rainha, de pé em cima da liteira suportada por dezasseis homens acima das suas cabeças, no meio da praça, cercada por todo o povo de Mussumba, gritando as novidades que sempre os Tubungo ouviam em primeira mão e depois se encarregavam de espalhar até aos mais humildes, mas desta vez o contato era direto e nem os Tubungo repararam mais uma vez foram ultrapassados, mais uma tradição se rompia, pois tão ávidos de notícias estavam que ouviam no meio do povo e aplaudiam com o povo a fantástica informação gritada pela rainha, não haveria mais guerra, não haveria fome, podiam colher os campos intactos da velha Mussumba, os caminhos agora estavam livres, já podiam caçar e pescar e cultivar em paz, ir apanhar o mel das abelhas e dançar todas as noites se quisessem, e fazer amor no capim e se perderem nos pequenos dramas e nas pequenas intrigas e no medo dos feitiços, porque o meu casamento com o Tchibinda Ilunga foi sagrado pelos espíritos dos antepassados e a Ilunga e aos lubas devemos também esta vitória sem sangue e por isso deverão ser tratados com toda a consideração e amizade, então não foram eles que trouxeram a arte de fabricar as novas armas e nos vão ensinar novas técnicas de caça, o que o povo ouvia com

gulodice e aplaudia, esquecida a reverência natural para tão grande soberana, ali era apenas a sua jovem rainha que aprenderam a adorar porque os salvara e com ela queriam dançar como se da sua linhagem fossem, não havia marufo nem hidromel mas as bebidas se inventam quando há que comemorar e então os ngomas deixaram de servir para convocar o povo ou para marcar o ritmo das guerras e tocaram para ritimar o batuque, o mais entusiasta que se tinha visto, de saltos e piruetas no ar, de pernas batendo fortemente o chão, batuque igual só haveria para festejar o casamento de Lueji, amanhã e nos dias seguintes, uma semana inteira de festa, com pouca carne pois naqueles momentos quase ninguém caçou, com pouca ualua pois o massango faltava, com pouco ndoka pois não teve tempo para apanhar muitas colmeias, mas com muito marufo pois as palmeiras estavam ali, era só nelas subir, furar um buraco no coração e pôr uma cabaça para recolher gota a gota o líquido branco e doce que embebeda quase tanto como as notícias de paz, como aquelas proferidas por Lueji do alto da liteira servindo de palco no primeiro comício improvisado na Lunda, o primeiro nunca mais esquecido porque único, contado de pais para filhos e destes para netos, embelezado de cada vez, mais arredondado e elegante, mais heroico e dramático, como as histórias inventadas por Chinyama que cresceriam de geração em geração e que ele nunca poderia reconhecer, pois a imaginação popular sempre acrescenta ou reduz qualquer coisa, de modo a tornar a história mais verdadeira porque mais adaptada ao tempo em que é narrada e não ao da criação, que esse já passou e enterra consigo a sua verdade, mas a realidade ali é que toda a gente dançava, esquecidos os medos e as mesquinhas intenções de alguns, até momentaneamente esquecidas as torpes ambições dos oportunistas, puros de intenções naqueles instantes de alegria, capazes de sinceramente perdoar os adversários, como muata Kakolo que abraçava toda a gente até os plebeus e queria se deitar por terra à frente da rainha, lhe agradecendo a paz e esperando recuperar os territórios arrasados por Tchinguri, e até Ndumba ua Tembo esquecia a humilhação e estava disposto hoje a saudar Ilunga, só hoje, no dia da vitória, porque toda a festa acaba e com as cinzas dela se espalham também as intenções puras e as generosidades, a vida exige choques e contradições, pois só nas utopias as gentes são todas como Nzambi, que criou os seres e não mais se ocupou deles, como se a obra sua propriedade não fosse, pensamentos estes que talvez passassem pela cabeça de Lueji ao observar a

alegria da multidão, talvez ela não chegasse a tanto, mas quem pode saber, não estávamos no seu coração naquele momento, dançávamos masé no meio da poeira vermelhamarela, mirando já o peito robusto do rapaz que queríamos arrastar para o capim ou as nádegas trementes daquela rapariga que bungulava à roda da fogueira a um ritmo infernal e que nossa não seria porque um soldado mais lesto a puxava num repente e os dois desapareciam na noite, nos deixando na boca um gosto amargo, por segundos apenas, pois outros alvos atraíam logo a nossa cobiça e a festa é isso, o ganhar e o perder a cada momento, o aproximar e o afastar dos corpos suados à luz da fogueira, o pulsar das veias com o esforço de mexer todos os músculos das pernas, do tronco, dos braços, e o esvaziamento total do cérebro, perdidas as lembranças da infância, apagados os interesses do quotidiano, afastados os temores dos futuros incertos, o ritmo e só ele batendo na cabeça, como a liamba, preenchendo todos os espaços vazios, freneticamente repetindo verdades simétricas, martelando como o sangue latejante nas veias do pescoço, nas veias do pescoço latejando, latejando, e as crianças compreenderam tudo num instante, daquela guerra que não houve iam brincar para sempre e recriá-la, acrescentando detalhes de coragem a Kumbana e a Mai, a Kandumba e Kamexi, e aumentando a ferocidade de Tchinguri e Kandama, os gigantes que engoliam árvores mais altas que a mulemba da praça, mas que jazeram no chão feridos de morte pelo mucuali de Lueji, pernas e braços decepados dum só golpe, os urros se elevando nos ares a imitar vendavais, mas isso seria para mais tarde quando não houvesse festa, agora era só hora de dançar ou passar bassulas malandras nos mais velhos que levantavam imediatamente para não parecerem bêbados, de lançar piadas aos membros do sexo oposto, se preparando para um dia serem arrastados no capim, naquelas volúpias ainda proibidas pelo costume mas já sonhadas em sonhos acordados de masturbações precoces e as crianças se ficavam pelas brincadeiras e dizendo curibotices sobre os rapazes da guarda real, de olhar atento na soberana e interditos de dançar, ordens de Kumbana, não ia haver guerra mas tem sempre perigos a rondar um grande rei e a diferença entre os guardas e os outros era essa, eles só podiam dançar danças de guerra e não de paz, enquanto o povo ansiava por estas, como as amilombe, libertadas pela rainha para animarem a festa e passando de mão em mão, exceto Kamonga Luaza, a mais querida, batendo palmas junto da soberana que ela não queria deixar, para o coração de Lueji

se não sentir sozinho, mas secretamente lançando olhares lascivos para Mai e o resto dos lubas que se misturaram ao povo, por ele aceites como seus, pois eram aliados dos melhores, como dissera a rainha no tetame memorável, aliados tão leais que desde esse dia deixaram de ser vistos ou pensados como filhos alheios, kandakas, se tornaram lundas como os de nascença, sobretudo o Tchibinda Ilunga, venerado pela sua sabedoria e tranquilidade, as gerações iam contar a calma como ele atravessou com uma flecha o escudo de Tchinguri e se inclinou depois num sorriso irónico, de altiva majestade, pois só tem esse sorriso quem pode enfrentar o elefante, o soberbo senhor dos matos que tudo destroça à sua passagem, e o prestígio de Ilunga era tão forte que as raparigas sonhavam dançar uns passos com ele, sobretudo as amilombe que não o largavam, o que levou Kamonga Luaza a confidenciar a Lueji, o teu marido é o mais belo dos homens e o disse sem maldade ou inveja, por isso a rainha sorriu e lhe apertou o ombro gentilmente, ninguém podia ter medo da sinceridade de Kamonga, de seios ainda esticados porque não arredondados por mãos de homem, embora ela sonhasse com Mai para o fazer, talvez em vão, pois o príncipe luba tinha olhos para outras mulheres, sobretudo Lueji, Kamonga bem tinha percebido mas agora estava calma, ele era obrigado a mudar de ideias e talvez nela se fixasse, assim como Kandumba, encostado a uma árvore do outro lado da praça, sem dançar, fitando a rainha com olhos que a distância não deixava trespassar para se saber o que passava no seu coração, mas agora por momentos conseguimos nos libertar do ritmo do batuque e podemos entrar no coração de Lueji e perceber por que não dança, só segue o batuque com palmas, afinal o seu espírito está ali e também longe, na festa e no casamento e com Tchinguri e ao mesmo tempo vê o irmão atravessar o Cassai, o Luachimo, o Chicapa, o Cuílo, e atingir o imenso Cuango, que serpenteia preguiçosamente para norte, e daí fletir para sul e chegar às margens do mais mítico de todos os rios, cantado pelos viajantes do Ocidente, o Kwanza, com suas ilhotas verdejantes de palmeiras, água de muitas águas e kiandas, o intransponível Kwanza, o que leva cadáveres de animais e troncos de árvores na sua corrente barrenta, procurando tocar a linha azul do horizonte, até ao infinito lago salgado das lendas, onde o Sol morre, kuluanda... vai chegar?

– Chega, não insistas. Sempre te vi como uma irmã. É incesto, de qualquer forma.

– Mas não somos irmãos.

– Podes ter imaginado amores entre Lueji e Tchinguri e talvez pensasses em nós quando imaginaste isso. Foi aí que tudo começou. Disseste era uma ideia vaga que perseguias e desconsiguias agarrar. Escapava-te entre os dedos, porque a consciência impedia. Tinhas o desejo do incesto e ao mesmo tempo o horror.

– Deixa de psicanálise, Uli.

– Não posso deixar. Ela explica este caso. Não tiveste o irmão que se deseja, transferiste esse desejo para mim. Eu era o irmão, quem mais podia ser? O mais velho, o protetor. E escondidamente, o objeto, de desejo sexual. Problemas de filha única.

– Já reparaste que estás a teorizar para justificar uma posição irracional?

– Vou concluir, Lu. O teu subconsciente veio à luz quando despertaste daquela vez e eu estava a ver se tinhas ferimento grave. Aí o subconsciente falou. E tudo ficou claro. Aliás, a partir daí pudeste avançar na estória da Lueji, não mais a tua imaginação encontrou entraves.

– Não foi nada disso. Foi Mabiala e a sua música...

– Deixa lá o Mabiala. Ele é apenas um instrumento do teu subconsciente. Assim como a Marina, que era o elemento essencial do drama. Tinha de haver isso tudo, pois o incesto é próprio da tragédia...

– Tragédia?

– Sim. Moderna, claro.

Lu tinha apanhado Uli no aquecimento e lhe disse, vamos falar de uma vez por todas. Ele encolheu os ombros mas seguiu-a no bar da esquina, onde eu de emboscada os observava avidamente, confesso. Não era o melhor sítio, podiam ser interrompidos a todo o momento, mas havia outro? E agora ali estavam, cada um com a sua cerveja na frente, como adversários, depois de Lu ter exposto o seu amor e a certeza na recíproca. Os argumentos eram só defesas ou estava ser sincero?

– Não há tragédia nenhuma, Uli. Só se for no teu espírito.

– Talvez eu tenha lido demais os clássicos, pode ser. E não quero que isto se torne numa tragédia. O que acontecerá se não resistir aos impulsos incestuosos que criaste em mim.

– Quantas vezes é preciso dizer não somos irmãos, nunca fomos, nem seremos?

– Quinteressa, Lu? Não é um problema de sangue. Nem nunca foi. O

incesto e a sua proibição são sociais, para levar os grupos a alargarem as suas alianças pelo casamento. Sabes tão bem como eu. Se fosse apenas biológico, não haveria problemas. Mas é mais que isso, é social, e entra na consciência das pessoas. Por isso para mim é a mesma coisa, é kijila, somos irmãos biológicos ou não. Sempre te vi como irmã. São muitos anos a pensar da mesma maneira, os meus instintos foram socialmente treinados para isso.

– Absurdo!

– Não. Científico. Se nos apegamos apenas ao biológico, então também vamos aceitar todos os racismos. São a consequência direta duma visão apenas biológica das coisas.

– Uli, estás a descarrilar. Agora vens com racismos... Apenas para não enfrentar a realidade de frente.

– Não compreendes. Dei isso como um exemplo extremo dos biologismos. Tu que ias ser bióloga devias compreender isso. Muitas vezes discutimos essas coisas.

– Mas é que não vem para o caso.

– Enganas-te. Vem, sim. Se toda a minha vida fui educado no horror do incesto e se te vi sempre como irmã, é evidente que guardo para ti sentimentos fraternos. E que não podem ser ultrapassados.

– Então por que rompestes com a Marina?

– Porque não a podia enganar, não era honesto.

– Porque me desejavas...

– Sim, passei a desejar-te. Ao mesmo tempo, com um sentimento de culpa.

– Disparate!

– Fiquei arrasado quando o descobri. E era impossível dançar contigo, até estar contigo. Tinha de te tocar, abraçar, envolver, sentir o teu cheiro. E os instintos chocavam. Como podia dançar? Um lado atraía-me, o outro punha barreiras. Não podes compreender isso ao menos?

– Posso, senti o mesmo. Mas hoje não aceito, Uli. Durante uns dias ficasse baralhado, dividido, entendo. Mas depois se ultrapassa. Uma pessoa normal...

– E quem te diz sou normal?

– Claro que és. Como qualquer outro anormal. Somos todos um pouco, não?

– Um miúdo filho da Ilha que naquela altura escolhe ir para a escola de dança e ainda por cima aprender ballet clássico... O único miúdo negro na época... Não sei se é bem normal. Seria talvez para o filho dum intelectual e mesmo esses não iam. Além disso era filho dum pescador desgraçado e inculto.

– Tinhas um pendor artístico muito forte, é tudo. Isso fez ultrapassar todas as barreiras e preconceitos. Sobretudo os do teu meio. Talvez não fosse normal, mas qual artista é normal? Normal no sentido que o meio lhe dá. A definição do artista é mesmo essa, estar em constante ruptura com o meio. Sempre foste mais artista que médico, embora os preconceitos não te deixem aceitar isso.

– Preconceitos, eu?

– Estás cheio deles. Como eu, aliás. Todos temos. E os teus são tão fortes que te levam agora a não dançar, só por uma questão pessoal e irracional até. Abandonas a dança para seres um médico frustrado toda a vida. Porque na tua família ensinaram que médico é que é bom, isso é que dá prestígio social. O senhor doutor. Bailarino quê? Só dá para brilhar no Carnaval, brincadeira de rua, não é sério.

– Sabes muito bem que não penso assim.

– No fundo pensas. Fizeste tudo para me convencer a continuar com a Biologia, sempre consideraste um disparate eu ter abandonado, chegaste mesmo a dizer era mania de filha única isso de querer ser só bailarina. Então não é preconceito?

– Queria o melhor para ti.

– Aí está. O melhor para mim era ter um diploma universitário, mesmo depois de descobrir que não gostava daquilo. O melhor para mim é fazer o que sei fazer melhor. Aí sim, sou útil aos outros, porque mentrego verdadeiramente à profissão.

– Não discuto, podes ter razão.

– Portanto, podemos concluir que tens preconceitos. E por isso não queres participar no espetáculo.

– Xê, trava aí. Podemos apenas concluir que no caso do teu curso tu tinhas razão. O resto é generalização abusiva.

Pela primeira vez ele riu. Se descontraía? Acabou o fino e fez sinal para lhes servirem mais dois. Mas logo se concentrou em pensamentos e a testa voltou a ficar franzida. Lu não tinha vontade de falar, tinha era de lhe pegar

na mão, o levar para a casa de banho ou para trás dum muro qualquer. Há muito não ficava assim na frente dele, solhando diretamente. O calor no ventre não diminuía, logo mais começariam as dores pelas críspas nervosas do útero. Inutilmente. Mas tinha de falar e não esperou pelas cervejas.

– Bem, pode ter sido generalização abusiva. Mas deixemos o passado. O presente é que conta.

– Ah, bom? Só vais ao passado quando te interessa?

– Claro. Vou lá buscar força para lutar no presente. Só para isso serve o passado.

– Lamento, Lu. Estás a perder tempo comigo. Com tanto homem por aí... Por que logo eu?

– É isso. Por que tu? Só podias ser tu... E é recíproco, apesar dos teus preconceitos.

– Lá vens tu com os preconceitos...

– Desculpa, mas eles estão sempre presentes.

– Arranja um Ilunga qualquer. Não um Tchinguri.

– O problema é esse. Tu és os dois. A síntese.

– Encara a realidade, Lu. Isso é poesia.

– E desde quando a poesia não é a realidade? Ou a dança? Há outra realidade para além disso?

Uli não respondeu. Bebeu rapidamente a cerveja, indicando em silêncio a conversa estava terminada. E ia parar assim? Ficar tudo na mesma? Lu se revoltou interiormente, enquanto o olhava de frente. Que cara ele tinha! Lisa, quase sem barba. O oposto absoluto de Mabiala, peludo e malvestido, talvez mal-lavado até. Uli brilhava de limpeza e elegância. Bonito demais para ser verdade. Um príncipe nascido nos coqueirais da Ilha, no meio de porcos e galinhas e moscas e cheiro de peixe incrustado na areia. Teimoso também como um príncipe.

– Uli, meu Uli. Vamos resolver de vez este problemzinho. Vamos poder dançar juntos e melhor do que nunca. Basta saciarmos o desejo que temos um do outro.

Ele abanou a cabeça em silêncio. Os olhos dele não fugiam aos dela, no entanto.

– Vem hoje a minha casa. Vamos fazer amor. Fazer amor, mesmo com todo o sentimento de culpa, vamos amachucar esse sentimento de culpa no

amor, vamos nos emporcalhar se for preciso. Sairemos dali lavados, definitivamente.

– Não, Lu. Ia ser um fracasso. Toda a vida nos arrependeríamos. Aí sim, começava a tragédia.

– E se houver tragédia, importa? É preciso arriscar.

– Não, irmãzinha, não arrisco nada. Este desejo vai passar.

– Não sou tua irmã.

Ele sorriu tristemente ao grito dela. Não repararam que nas mesas vizinhas se viraram para os observar. Menos eu, aparentando impassibilidade, apesar de ter ouvido muito bem. Mas a voz de Uli foi suave:

– Para mim serás sempre a minha irmãzinha. Não posso lutar contra isso. Foi o único sentimento puro que tive na minha vida. Não o quero perder.

– Já o perdeste, Uli. Desejas-me. O sentimento puro está totalmente viciado.

– É só provisório. Quando acabares de dançar a Lueji, verás. Tudo volta ao anterior. É amor que se extingue pela própria criação. Recriação?

– Estás a ser contraditório. Foi o desejo inconsciente do incesto que esteve na base ou o desejo de criação artística?

– Não interessa. Tudo está enrolado. Uma coisa criou a outra, como uma serpente que engole o próprio rabo.

– A Grande Mãe Serpente da Lunda, que se criou a si mesma?

– Não sei, não conheço essa Grande Mãe.

– Dela acabou por nascer a Lueji e todos os imperadores.

– O fato é que quando tiveres criado, tudo desaparecerá. Vais dançar como nunca, recriar o Mundo e as coisas. No fim, restam cinzas do sonho. E voltas a ser tu própria. E eu também, porque foi essa tua obsessão que me provocou este desejo estúpido.

– Nem sempre a arte resolve tudo.

– Agora és tu que estás a ser incoerente.

– Nunca disse não o era. Assim me assumo.

Uli levantou da cadeira, lhe dando uma palmadinha no ombro, temos de voltar para lá.

– Espera. É a tua última palavra? Não vais mesmo entrar no espetáculo?

– Mas claro que não. É preciso repetir?

Lu apertou o amuleto debaixo do fato de dança. Apertou com raiva. Onde

estás, espírito da centavó, onde estás que não vês isto? Vais deixar o cazumbi maligno vencer, não o dominas? Resolveste outros problemas menores e este, o mais importante, o único, consegues? Ou tenho de queimar esta porcaria que trago no peito? Foi inútil a invocação raivosa, Uli safastou para a porta do bar. Virou para trás, à espera dela. E Lu seguiu-o, segurando desesperadamente as lágrimas. E que faço eu agora?

AGORA SOU EU QUE FALO, EU, NDONGA,

filho e neto e bisneto e trisneto de Cassanje, o jaga dos Imbangala, descendente direto de Kinguri, o primeiro, e que um dia também serei Cassanje.

Muitas gerações passaram desde que Tchinguri abandonou a Lunda e se tornou Kinguri. Tantas gerações passaram que a memória daqueles tempos se toldou e muitos de nós, Imbangala, acabámos por aceitar as estórias contadas pelos velhos lundas, esses mentirosos que se reúnem no njango para fumar liamba e inventar versões cada vez mais favoráveis sobre o passado, para justificarem o que fizeram. Mas eu sei o que passou, a tradição foi transmitida de pais para filhos assim como o lukano do chefe e não me deixo enganar pela perfídia dos lundus, nem pelas suas doces palavras mentirosas.

E o que realmente passou foi assim:

Kondi morreu quando Kinguri era muito pequeno e este não podia governar, apesar de ser o herdeiro. Os Tubungo escolheram Lueji, mais velha, para regente do irmão, enquanto ele fosse menor.

Um dia passeavam os dois na margem do rio Lukongolo, que existe lá na Lunda mas cujo nome foi modificado de propósito para embaralhar as pistas. No bosque havia homens a subir às palmeiras para apanhar marufo. Curioso como toda criança, Kinguri deixou a irmã e foi apreciar o trabalho.

Nesse momento chegou junto de Lueji um caçador estrangeiro, que disse se chamar Ilunga. E lhe ofereceu a presa dum elefante que tinha matado. Lueji aceitou a oferta e retribuiu em comida.

Kinguri, a observar os colhedores de marufo, sentiu de repente o coração apertar. Logo reconheceu nisso um sinal. Voltou para trás sorrateiramente e encontrou Lueji comendo com Ilunga. Sacrilégio! A posição de Lueji proibia-a de receber no seu acampamento outro homem que não Kinguri. A

presença de Ilunga violava a lei e logo Kinguri desconfiou dele. Perguntou a identidade do estrangeiro. Lueji explicou o que sucedeu e mostrou o presente de Ilunga. Imediatamente Kinguri reconheceu outra transgressão. Como regente, Lueji não podia aceitar dentes de elefante, presente reservado apenas ao chefe que ela não era.

Furioso pela maneira como as leis do povo estavam a ser violadas pela irmã, Kinguri só tinha uma coisa a fazer, defender o seu trono. Pequeno embora, cresceu em coragem e ameaçou o estrangeiro. Ou ia embora dali ou ele o punha a andar. Ilunga recusou, com um dito de desprezo para a idade do jovem herdeiro. Kinguri não temeu a diferença de idade e de estatura. Valente como um leão, atacou.

Começou então Ilunga a mostrar os encantamentos que possuía. A sua cabeça deitava labaredas de fogo quando Kinguri aproximava. Mais uma vez Kinguri atacou e mais uma vez a cabeça de Ilunga deitou labaredas de fogo. De novo Kinguri atacou. Agora Ilunga se transformou num gato-bravo. Haka! Grande feiticeiro. Quem pode combater um nganga assim? Nem o corajoso Kinguri. Este teve de reconhecer a sua inferioridade. E depôs as armas.

Lueji então mandou-o sair da Lunda, para ela reinar para sempre com Ilunga. Kinguri não tinha maneira de recusar. Exigiu então que Ilunga lhe ensinasse aquela magia e ele abandonaria a Lunda. Ilunga assim o fez.

Kinguri tinha agora força para defrontar o próprio Nzambi-ya-Meia, o senhor das águas, que encontrou no Cassai. Nzambi-ya-Meia provocou uma tempestade enorme quando Kinguri e a sua gente atravessavam o rio. Mas a magia era forte e eles resistiram aos ventos fortíssimos e às ondas gigantescas. E caminharam para Ocidente. Até chegarem aqui, à terra dos Imbangala, onde Kinguri foi rei. A ele sucedeu Caluxingo.

Esta é a verdade verdadeira, não a que os lundas contam. E digo mais, Kinguri morreu pela traição dos lundas, foi assassinado por eles. Não podiam suportar um tão grande rei ali próximo da Lunda, era um perigo permanente à sua hegemonia. Mataram Kinguri e depois tentaram assassinar a sua memória, contando falsidades sobre ele. Mas nós cá estamos para velar por ela.

Eu vejo daqui os lundas velhos e decrépitos, cuja potência hoje não existe, fumar liamba e tossirem e inventarem mais alguma coisa contra Kinguri e rirem, batendo com as mãos nos joelhos ossudos de fumadores de

liamba, escarrando no chão onde depois vão deitar, os olhos toldados pela droga, mas sem esquecerem a maldade. Essa nunca esquecem, nem a liamba.

Assim falei eu, Ndonga, futuro jaga de Cassanje, e repito, os lundas nunca esquecem a maldade, nem a liamba, que era mesmo do que eu estava a precisar agora, pensou Afonso Mabiala, perdido entre os instrumentos e as pernas e ditos dos músicos. Estes não concretizavam a ideia que corria solta na cabeça dele. Bem que demonstrava nos chingufos e depois nos ngomas, a seguir pegava no kissanje e depois no kakochi, espécie de violino tradicional. Os músicos desconsuavam de reproduzir os sons. Cada um individualmente sim, mas atrapalhavam uns aos outros, quando todos juntos. E ele não tinha vinte e quatro braços para tocar todos os instrumentos ao mesmo tempo.

– Tuji! Não é nada disso. Bebam mais, pode ser que depois acertem.

Mas a bebida tinha sido toda consumida. Lhe mostraram a última garrafa vazia. Que podia ele fazer? Onde encontrar liamba a essa hora? Já tinham reclamado da sua falta, o compositor devia ter providenciado antes. Como tinha deixado de fumar, nem se lembrou dos outros. Agora era tarde. Na cabina de gravação, os técnicos faziam sinais, desesperados com tantos erros e repetições. Só podiam gravar à noite, depois de diminuir o trabalho na rádio. Recebiam dinheiro pela gravação, mas estavam cansados e queriam abreviar. E os músicos não acertavam. O técnico principal falou pelo microfone para o estúdio:

– Ó Mabiala, já está bom. Nem sei porque interrompeste, estava sair bem.

– Bem para ti, seu cabrão! És tu que sabes que música eu quero? Faz o teu trabalho, masé, eu sei qual é o meu.

– Já viste as horas? Duas da manhã.

– Fossem seis. Vocês foram contratados para gravar, não para chatear.

E Afonso terminou com a conversa, fazendo um manguito para o vidro que separava a cabina de gravação. Se virou para os músicos, obrigando a repetir. Nem era pelas falhas que estava desesperado, já sabia que havia de ser assim. E embora o tempo apertasse, com muito trabalho de gravação à noite e ensaios de dia podiam chegar lá. O que o desesperava era a imagem apetecida do corpo ondulante de Lu, como a via nos ensaios, imagem que não lhe saía do cérebro, mesmo nas gravações. Porque ela agora estava livre, o Uli nem aparecia, e o papel de Tchinguri ia ser desempenhado por

Jaime e o de Ilunga pelo Cândido, um rapaz alto que foram buscar no Lubango de propósito. Todos sabiam qual tinha sido a resposta do Uli e por isso ele, Afonso, tinha o caminho aberto. Mas desde aquela vez no Dundo não tentou mais falar com ela. E estavam frequentemente juntos. Já despachara definitivamente a mulher, o divórcio tinha sido pedido. Dormia agora na casa dum primo, até encontrar outro alojamento. Ia assistir o mais possível aos ensaios, tinha uma boa desculpa, a dança modificava a música e esta a dança. Mas a razão era outra, apenas para a ver. E ouvir o que dizia o mujimbo. E o mujimbo uma vez lhe disse, a Lu anda com o Timóteo, conseguiu esquecer o Uli. Doe, doe, doe muito. Mas depois desconfiou. Timóteo por vezes estava na casa dela, mas saía antes de Mabiala. E por duas vezes Afonso saiu a seguir e montou espera durante horas, para ver se o médico voltava, pensando-o ausente. Das duas vezes não aconteceu. Era pois só mujimbo, mas que o médico rondava, lá isso rondava. Como outros. Até o miúdo do Jaime, com aparência de homossexual mas as aparências enganam, sobretudo nos bailarinos. Podia ser lâmina. E ele, Mabiala, rondava também, toda a gente sabia e sobretudo a principal interessada. Não tinha nada a esconder, só que não dava nenhum passo para acelerar. Tinha ficado traumatizado com essa coisa de fazer amor com uma mulher que pensava noutro. Só mesmo quando Lu pudesse fazer com ele e ele só. Mas como adivinhar ela estava pronta? Se atrasasse o momento, outro podia aproveitar a ausência. E esse dilema o impedia de se concentrar na orientação dos músicos e o fazia se desesperar cedo demais.

Uma voz forte veio interromper o trabalho:

– Então que tal vai isso, Afonso?

O músico se virou para disparatar, não sabiam não podiam interromper? Mas antes de fazer o gesto engoliu em seco, pois reconheceu a voz forte. Era o Senhor Eugénio, o patrocinador da música. Podia disparatar com muita gente, menos com o Senhor Eugénio. Este adiantou logo:

– Vim aí duma recepção e decidi passar por aqui para vos dar um bocado de ânimo. E ver como vai isto. Mas esses sacristãs nunca vão aprender a respeitar as pessoas. Não me deixaram meter o carro no parque de estacionamento. Não tenho livre-trânsito! Deixei-o na rua, um Mercedes Benz último modelo. Se roubarem, amanhã faço uma maka com o diretor da rádio que ele vai ver.

Falava perto dum microfone e na cabina ouviram. Logo um dos técnicos

desceu a correr para o estúdio. Estendeu a mão e falou humildemente para o Senhor Eugénio:

– Pode dar-me as chaves? Eu meto o carro dentro do parque.

O patrocinador meteu a mão no bolso do casaco azul-escuro, mas a custo, pois tinha barriga volumosa. Sorriu, agradado.

– Toma lá, rapaz. Mas tem cuidado com ele, é um Mercedes último modelo. Custou um dinheirão. E então, Afonso, como vai isso?

Mabiala coçou a cabeça. Tinha sido forçado a arranjar um patrocinador, porque o Estado pagava-o para fazer a música e pagava os tocadores. Mas as despesas extra, que eram muitas, não tinham lugar nas rubricas do orçamento. Pagamento suplementar aos técnicos, bebidas para todos, compra de instrumentos, transportes para os ensaios, compra no mercado negro duma série de pequenos produtos indispensáveis, etc. Tudo isso saía mais caro que o que ele recebia do Estado para compor e apresentar o seu trabalho no espetáculo. Como fazer senão arranjar um mecenas que financiasse as despesas a troco duma menção no programa do espetáculo, música patrocinada pela firma Senhor Eugénio & Filhos? A Diretora ainda nem sabia, tinha de arranjar coragem para lhe dizer. Ia barafustar, mas que remédio, acabava por aceitar. Maka ia fazer, sobretudo porque Senhor Eugénio ainda conservava uma réstia de má fama. Para já, diriam os artistas, o nome da firma é ridículo com aquele Senhor antes do nome. Talvez não conhecessem o passado, mas Afonso conhecia, o próprio patrocinador contara. No tempo colonial, eu era tratado de rapaz pelos colonos, como todos nós. Rapaz práqui, rapaz pra lá. Tinha de engolir. Mas depois veio a independência, a bendita. Mudei o nome, isto é, acrescentei esse nome a Eugénio. Senhor é mesmo o meu nome. Todos são obrigados a me chamar assim. Na altura da independência todos eram camaradas. Eu não. Era o camarada Senhor Eugénio, assim é que é bonito. Até os filhos tinham de lhe tratar por Senhor Eugénio que essa estória de chamar pai ou papá é tradição colonial. E a nossa é muito diferente, é a do respeito perante o mais-velho. Mas o patrocinador tinha perguntado como aquilo ia...

– Vai bem, Senhor Eugénio... isto é, não vai bem mas há-de sair. Ainda está tudo muito desafinado. O problema é que falta combustível para os músicos.

– Ó rapaz, porque não disseste logo? Manda aí um dos teus apanhar o jovem com as chaves do carro. Na mala tenho umas garrafas de uísque, para

uma enrascada qualquer. Podem trazer todas. Bem sei os artistas precisam chupar muito e não regateio despesas. Tudo pela arte nacional!

Um dos tocadores de ngoma largou a correr para fora do estúdio. O Senhor Eugénio agora era assim, um mãos largas a financiar espetáculos e organizações desportivas. Não para fazer publicidade aos negócios, nem precisava. Tinha uma frota de camiões que faziam o percurso Luanda-Malanje, três lojas grandes em Luanda, duas em Benguela, duas em Malanje, uma em Ndalatando, tinha duas fazendas de café no Uíje e várias residências e carros de turismo espalhados por aí. Isto era o que se conhecia. E partiu do nada, como ele gostava repetir. Ajudante duma loja de colono pequeno. Quando este bazou, antes da independência, deixou no nome dele, para não ficar para o Estado dos comunistas do Poder Popular, como o colono disse. Senhor Eugénio foi vendendo os stoques, mas não como outros, ao desbarato. Foi acumulando dólares, diamantes e outros produtos raros que depois negociava nas candongas. Quando os stoques sesgotaram, pois era difícil renová-los pela importação, ele não teve de fechar a loja como os outros. Tinha bens para trocar e a loja deixou de ser unicamente dedicada a roupas, passou a vender artesanato ou comida ou ferragens ou peças de carros, enfim, o que ia conseguindo arranjar. Mas o que o lançou no grande mundo dos negócios nem foi tanto a loja. Foi sobretudo o camião e a carrinha que herdou do colono. Transportava todo o tipo de géneros e pessoas, dentro ou fora da cidade. Com a crise de transportes públicos que havia, os preços dos fretes eram altíssimos e assim acumulou fortuna. Não só no país mas fora. Se falava de grandes contas em bancos da Suíça, de sociedades-fantasma com estrangeiros, mas podia ser só má-língua. A um momento dado teve problemas com a justiça, por acusação de tráfico de divisas e kamanga, mas as provas não eram conclusivas. No entanto, ficou a mancha. As pessoas tratavam-no com deferência, exigida pela riqueza e ostentação, mas sorriam por trás. E ele sabia. Por isso decidiu lavar a imagem. Daí o se ter tornado um mecenas das artes e do desporto. Pouco a pouco, as pessoas esqueciam o passado confuso, descobriam que muito do que gostavam ver a ele era devido. Senhor Eugénio passou a ser considerado um tipo generoso que não envergonhava nenhuma festa ou recepção. Um verdadeiro Senhor.

— Toquem lá alguma coisa para eu ouvir. Pago e afinal ainda não conheço um minuto da música.

Chegou o tocador de ngoma e o técnico, com seis garrafas de uísque. Da cabina de gravação, o técnico principal ergueu o polegar, indicando agora tudo bem, podemos trabalhar até às seis da manhã. Mabiala disse:

– Estamos a gravar um trecho forte, para uma dança guerreira. Vamos lá, kambas, não bebam tudo duma vez. Vamos tocar para o Senhor Eugénio ouvir.

Os músicos se tinham apoderado de cinco garrafas, a sexta subiu para a cabina. Dentro de momentos está tudo incapaz de fazer um som, pensou Mabiala. Mas ele mesmo foi arrancar a garrafa duma boca para beber uns goles. Seja o que santa Lueji quiser! Mas não é que o tipo do kakochi acertou? A música começava com esse som suave, de violino, e depois entrava o kissanje. O batuque é que lhe dava o tom épico, mas só lá para o fim. E os ngomas entraram bem e acertaram perfeitamente no ritmo dos chingufos.

– Perfeito! – gritou Mabiala. Se virou para a cabina: – Gravaram direitinho?

O técnico principal ergueu a garrafa de uísque apontando a vitória. Senhor Eugénio disse, com tom concentrado:

– Música forte, sim senhor. É o que eu digo. Nenhuma chega à nossa música, quando corretamente estimulada. Aí está o nosso sangue, as tradições dos mais-velhos, aquilo que nos faz viver. E há uns a querer adulterar, a misturar com coisas europeias.

Afonso engoliu em seco, pois se lembrou doutras músicas que compusera, todas feitas de diálogos entre instrumentos tradicionais e europeus. Felizmente desta vez era diferente, não havia violas elétricas nem órgãos eletrônicos. Assim não teria problemas com os gostos artísticos do patrocinador. Mas porra, que tem ele com isso? Paga e pronto, quem faz a música sou eu. Por acaso saiu assim, sugestão da Lu, mas também podia ter saído cheia de sons eletrônicos, e nunca haveria de se sujeitar aos gostos duvidosos de um homem de kumbú. Foi sacar de novo a garrafa da mão dum dos músicos que comemoravam o sucesso e bebeu mais uns goles. Iam agora gravar outro trecho que já estava ensaiado, mas ele duvidava da possibilidade, tudo bêbado demais. Ele, sobretudo. Só lhapetecia ver a Lu, mais nada. E não é que ela apareceu no estúdio? Estou chupado demais, até já a vejo aqui.

No entanto, era verdade, Lu vinha com Jaime e Cândido. Afonso só

acreditou não era visão quando viu a cara radiante de Senhor Eugénio, cumprimentando-a bamboleando. O patrocinador ignorou os dois bailarinos.

– Estávamos a andar por aí e resolvemos vir ver como vão as coisas – explicou Lu para Afonso. – Não resistimos à curiosidade.

– Mas vocês não dormem? – respondeu o compositor. – Com tantos ensaios, vão rebentar se não dormirem oito horas por noite.

– Foi só hoje. Tínhamos de saber como está a música.

– E fez muito bem – se meteu Senhor Eugénio. – A música está perfeita. Toda nossa. Não vou perder um espetáculo, pela música e para a ver dançar – acrescentou, piscando um olho cúmplice.

Lu não respondeu ao cumprimento. Afonso não gostou, mas calou, esse gajo com cinquenta anos ainda pensa em apanhar garinas novas? Senhor Eugénio estava lançado, esticou mais a barriga dentro do casaco, disse em voz melíflua:

– A menina é a minha estrela preferida. Quando dança, eu danço também.

Lu riu, imaginando a barriga de Senhor Eugénio dentro dum fato de dança. Não conhecia pessoalmente o mecenas nem o que ele fazia ali, talvez fosse algum kamba do Afonso. Se via imediatamente, pela roupa e os modos mandões, tipo bem balado. O Afonso arranja cada amigo! Porque o brilho dos olhos dele não enganava, tinha de se preparar para o fintar e atirar para canto. Aliás, toda a gente parecia muito chupada, especialmente Mabilia. Voltava à antiga? Diminuíra consideravelmente a bebida nos últimos tempos, as más-línguas diziam por causa dela. Mas hoje ultrapassara o limite.

Os músicos estavam impacientes e Afonso mandou os assistentes sentar para começar a gravação. Era música suave, de marimbas e flauta, com um kakochi pelo meio. Mas os dois tocadores de marimba em breve desconversaram e Mabilia gritou, porra, não é nada disso. À tarde tinha saído bem, agora era uma desgraça. Repetiram e voltaram a desconversar.

– É difícil, eu sei – gritou o compositor. – Cada marimba toca um ritmo diferente. Mas os dois se complementam em polifonia, não nesse desafinamento total. Tu comesas primeiro, Adão. E manténs sempre o teu ritmo. Não foi isso que se fez à tarde?

Mas a tarde tinha sido a tarde, agora era quase madrugada e as garrafas estavam vazias. De novo na cabina se sucediam os gestos de sono e desespero. E a mala do Mercedes último modelo não continha mais

tesouros. Ainda por cima a presença de Lu aumentava o nervosismo de Afonso, conseguia de se concentrar. Baixou os braços, se virou para ela.

– Paramos aqui. Amanhã vai sair melhor.

O mecenas não perdia uma para mostrar autoridade. Levantou da poltrona do auditório, falou forte:

– Também acho melhor. Vão descansar, rapazes. Amanhã vai sair bem. E ainda há muito tempo.

– Não há, não – disse Jaime. – É difícil ensaiarmos sem a música definitiva. Basta um som diferente para se alterar a coreografia. Tens de te apressar, Afonso.

O compositor sabia ele tinha razão. Sencostou a uma parede, para manter o equilíbrio, as pernas falhavam.

– Têm já um trecho definitivo. Amanhã podem começar com esse. Os outros vão ser mais rápidos.

– O trecho tem quantos minutos?

– Seis, mais ou menos.

– Então ainda faltam cem minutos – disse Lu. – Está a ficar feio, Afonso.

– Mas que é isso? – Senhor Eugénio tentava falar suave, gombelador, mas a voz era forte demais. – Não pressionem os artistas, é o pior que há.

– Ninguém está a pressionar nada – respondeu Lu, já irritada com o tom autoritário do desconhecido. – Faça favor de não se meter no nosso trabalho. Afonso, achas que numa semana tudo pode ficar pronto?

– Pode ficar, quem sabe?

O patrocinador não gostou das maneiras de Lu e voltou a interferir na conversa:

– Mais semana menos semana... O importante é ser uma grande música, a qualidade é que conta.

Lu fingiu não ter ouvido. Para não ser malcriada, pois tudo indicava ser um amigo de Mabiala e este já parecia não estar bem, não valia a pena entrar numa discussão violenta.

– Se for uma semana não há mambo, Afonso. Queres que te levemos a casa?

– Nem pensar – cortou Senhor Eugénio. – Eu levo-o a casa. E a menina vem comigo, assim podemos nos explicar.

Lu olhou para ele, de alto abaixo. Personagem irritante, pretensioso, quem se julgava?

– Eu só vou com quem aprecio. Vamos embora, Jaime. Afonso, vens ou ficas?

O compositor estava dividido. Ir com eles seria uma afronta ao patrocinador, que já se tinha oferecido. E Senhor Eugénio era rancoroso. A vontade era mesmo de ir com ela, ainda por cima o álcool fazia o seu trabalho e essa noite ele teria coragem de romper todas as barreiras. Sadmirou de ouvir a sua própria voz:

– Podem ir. Vou com Senhor Eugénio.

Lu virou costas, boa-noite a todos, e saiu sem notar o nome do gordo. No corredor de saída, Jaime disse:

– Aquele gajo é o tal Senhor Eugénio afinal, um ricaço.

– Pelo ar dele julga o dinheiro lhe dá todos os direitos – disse Lu. – Que amigos arranja o Mabiala, tenho de lhe falar...

Já no carro do Senhor Eugénio, depois de despedirem os músicos e técnicos, o patrocinador disse para Mabiala:

– Aquela mulata é toda cheia de partes. Mas vais ver, rapaz, ainda vai para a minha cama.

O compositor não respondeu, se recostou apenas no assento de luxo. Um ódio mortal lhe subia das entranhas, provocado e ao mesmo tempo toldado pela muita bebida. Sacana de burguês, julga compra tudo, até a Lu? A mim já me comprou, o neocapitalista sanguessuga, então não cedi a vir com ele? Pobre terra, onde os artistas têm de se vender para poderem criar... Dum lado os burocratas com seus planos imperativos, do outro os sanguessugas com a sua incultura de arrivistas. E eu no meio, eu e a Lu, feitos para criarmos juntos e em liberdade. Porra, por que não nos deixam? E por que não sou capaz de gritar o meu amor, aproveitar a única coisa boa que resta na vida? É preciso pensar primeiro na barriga, não foi o Marx que disse? Alienados, estamos todos alienados.

Mal se ouvia o barulho do motor do Mercedes, deslizando pelas ruas vazias de gente. Senhor Eugénio falava do seu amor pela arte e do muito que podia ajudar, pensava até em montar uma firma de espetáculos para apoiar os talentos, que pensava Mabiala da ideia? Afonso não pensava nada, nem ouvia, furioso contra o ricaço que o afastava nesse momento da casa de Lu, amarrado como qualquer proletário que tem de vender a sua força de trabalho, é isso mesmo, nós os artistas somos os novos proletários, assim como os cientistas, pobres tipos que só têm o conhecimento, vale para

alguma coisa? Os cientistas criam coisas para os sanguessugas aproveitarem delas e nós criamos para eles se masturbarem de orgulho. Puta que pariu tudo!

– Saio aqui, Senhor Eugénio.

– Mas não é aqui...

– É, sim, desde ontem. Boa-noite.

E saiu do carro. Quando o ricaço partiu, Afonso respirou o ar puro da noite moribunda. Nem sabia bem onde estava, mas não interessa, andar faz bem, ao menos vejo a cidade acordar, sespreguiçar ainda estremunhada, como o caçador lunda que acorda para a caça. Porque na Lunda já se podia caçar.

E Ilunga, pouco depois do casamento, preparou as cerimónias propiciatórias. A principal era a do muhanhe, o grande tronco seco de árvore com muitos ramos sem folhas, que se enterra em lugar destacado para nos ramos se pendurarem as caveiras dos animais abatidos pelos caçadores.

Ele e os seus homens cavaram um buraco no chão e Majinga lhe deitou água, falando com os espíritos. Ilunga fez o mesmo, invocando os seus antepassados, lhes pedindo êxito na caça, para em breve aqueles ramos estarem coroados de caveiras e não haver fome de carne. Depois um caçador trouxe pemba e outro trouxe ocre. O tchibinda esmagou-os entre os dedos, esfregando a cara, o peito e os braços com o branco da pemba e o vermelho do ocre. Enquanto as marimbas tocavam, Ilunga lançava pitadas de pó para a cova, invocando os espíritos. Os caçadores, em roda, acompanhavam as marimbas com um cântico.

Todos dançaram então à volta do tronco que ia ser enterrado. E chegaram cabaças com marufo para Ilunga deitar na cova. Este assim o fez, deitando também pitadas de pemba e ocre. O buraco estava pronto para receber o tronco. Mas teve ainda de ser pintado com a pemba, em forma de cruz. E então puseram-no na cova.

O tchibinda distribuiu pemba pelos caçadores, riscando o peito de cada um. E também cada um dos arcos. Depois o buraco foi tapado e a terra calcada firmemente. E todos dançaram à volta do muhanhe.

A Lunda podia ficar tranquila, a paz chegara e a carne não ia faltar. Grande era a magia de Ilunga, o tchibinda, cujo personagem ia ser interpretado pelo Cândido, escolhido num grupo do Lubango pela Diretora,

com o olho nele há muito tempo, não só pelo corpo alto e fino de filho de pastores, mas pelo ar altivo de quem, do alto da serra contempla os outros por cima. Era só o porte, pois Cândido guardava a timidez dos Cuvale, ao mesmo tempo que o orgulho da raça.

Nascido nas faldas da serra da Chela, na transição do mato verde para o deserto, guardou os rebanhos da família desde muito cedo, percorrendo com eles a zona de transição à procura de água e de melhores pastos. Tinha cinco anos na altura da Independência e da primeira invasão dos sul-africães. Ainda hoje lembra as correrias e as brincadeiras de esconder dos invasores e os primeiros tiros que marcaram a lendária guerrilha dos Cuvale contra os ocupantes. O pai morreu nessa guerra e o irmão mais velho. Cândido não subiu a serra com os guerrilheiros, não participou na tomada do Lubango, quando os sul-africães retiraram. Mas os feitos dos irmãos e tios e primos povoaram a sua meninice de pastor e por ele foram retratados em danças guerreiras. Aos doze anos, por imposição da mãe, entrou na escola da Bibala, chamada Provisória porque melhor nome não foi encontrado. Era uma escola especial, para crianças que tinham atraso escolar, com um ensino acelerado e ligação com a produção agrícola. Ele se distinguiu desde logo nos estudos e na animação do grupo cultural, bailarino sem igual, inventor de danças baseadas na tradição da tribo e na história recente da guerrilha. Em quatro anos fez seis classes normais. Nada mais natural do que ser convidado para ir continuar os estudos no Tchivinguiro, centro de formação de técnicos agrários, lá em cima, a cerca de dois mil metros de altitude. Cândido subiu a serra, com seu saquito de pastor ao ombro, integrou no Tchivinguiro. Custou, mas acabou por se adaptar ao frio e à falta de mato de espinheiras e terra mole da região da Bibala. Nas férias pegava no saco, descia pelo Bruco, o chão da Chela, caminhava mais de cinquenta quilómetros ladeando a serra, com o morro Maluco primeiro à sua frente e depois à sua esquerda, entrava no mato de espinheiras e rios secos da terra dos Cuvale, ia rever a família e os rebanhos. E dava conselhos aos irmãos e primos sobre a melhor maneira de cuidar do gado, pois no Tchivinguiro ia aprendendo coisas, não só as que vinham nos livros, mas pela prática de cuidar do gado da escola, orientado pelo professor de Pecuária. Na idade de ir para a tropa, foi dispensado por ser aluno aplicado e pedra basilar da escola, não só na produção, mas como organizador do grupo de dança. Antes mesmo de terminar o curso médio, já era o

responsável pelos rebanhos. E eles cresceram. Aprendeu a tratar não só do boi cabiri dos Cuvale, mas também das vacas leiteiras de raças europeias, experimentando cruzamentos para criar mestiços de alta produtividade e adaptados ao clima e doenças da região. Aos vinte e dois anos estava formado e com experiência considerável. Mas recusou a bolsa de estudos para fazer o curso superior no Huambo, da Cheia não queria sair. Continuou na escola, como professor dos cursos de formação profissional, responsável pelos rebanhos e dinamizador do grupo de dança. Foi nesta qualidade que conheceu Luanda, num festival de trabalhadores em que o seu grupo ganhou a medalha de ouro. E foi notado pela Diretora, que fez a viagem ao Lubango, agora, para convencer a escola a dispensá-lo por dois meses para o espetáculo, quando ficou evidente que Uli não queria mais dançar.

Para Lu era uma experiência incrível. Como dançar com um parceiro que não sabia o que era uma *pirouette* ou um *foueté*? Por muito que treinassem e lhe ensinassem, Cândido sempre fugia à coreografia, improvisava passos cuvales sobre as tradições da Lunda, podia haver coisa mais oposta? Uma cultura agrícola do Nordeste e outra cultura pastorícia do Sudoeste, os antípodas, com o que isso representava de diferente na dança. Tudo ia muito bem quando Cândido dançava sozinho ou em grupo. Mas na dança de par com Lu nada funcionava. Ele não sabia servir de base, a sua técnica era outra. E aos trinta anos de idade, não ia aprender em dois meses a técnica do bailado clássico. Nem lhe interessava. Ora, apesar do Lueji ser um bailado moderno a partir da dança tradicional, precisava da base clássica para a dança de pares. Aí estava o mambo e já a Diretora se arrependia da sua ideia. E Lu apertava o amuleto e invocava a centavó, ajuda-me que isto é o mais difícil de tudo.

Meses passaram. A Lunda começava a cicatrizar. Mussumba se organizou para a paz, as lavras foram cultivadas e semeadas as nakas junto dos rios. Com a retirada de Tchinguri, Chinyama e os seus adeptos, alguns territórios ficaram sem senhor. Lueji distribuiu-os equitativamente entre a linhagem de Kondi, chefiada por Kakele, e a sua própria linhagem. Salukunga anexou os territórios que foram de Chinyama. Kumbana juntou aos seus os de Kinzunzu, partidário de Tchinguri, que fora seu vizinho. Ndumba ua Tembo e Kanyika também receberam novas terras. Os outros recuperaram as suas, tomadas pelos insurrectos. Muita da população raptada voltou para os antigos senhores. A Lunda se estabilizava, a comida não faltou apesar das razias e choveu com fartura nos meses seguintes, graças a Lueji que a sabia chamar. Nos areais, brancos ao luar, das aldeias, se dançava todas as noites.

Uma angústia passou, outra surgiu. Os meses corriam e apesar do fogoso amor de Ilunga, Lueji não concebia. E esse filho era indispensável. E Majinga tentava ler no ngombo, os kimbandas faziam as suas medicinas, ela se prestava a todos os ritos e purificações. Nada. O seu ventre parecia terra onde os elefantes dormem. Nada ali crescia.

O ferreiro Kimuanga se estabeleceu em Mussumba. Por recomendação de Lueji, Kimuanga ensinou Kakoma, o tio de Ndumba, a fazer o novo aço. E Kakoma foi aperfeiçoando o sistema. O artesão esqueceu o rancor contra a soberana, lhe estava agradecido pois ela cumpriu a palavra. Até o ferro das enxadas e catanas de trabalho começava a ser da nova qualidade e todos o gabavam. As mulheres sobretudo, que cavavam melhor e com menos esforço. Tudo na Lunda sorria. A rainha também, mas era um sorriso triste. Só Nayole sabia a razão, seu neto tardava.

Ndumba ua Tembo saía frequentes vezes com Ilunga para a caça. E aprendeu as novas técnicas. Um dia, quando um elefante ferido investiu contra ele, a flecha do Tchibinda salvou-o. E Ndumba não podia mais desejar a morte do rival para ficar com a rainha, isso é ingratidão que se

paga com a eterna perseguição dos cazumbis. Tinha vivido esses meses com a esperança da morte de Ilunga. Agora estava confuso, não sabia o que fazer, nem o que esperar. Durante muito tempo albergara a ambição do mando supremo. A possibilidade lhe escapara com o casamento de Lueji e não podia se conformar a um lugar subalterno. Era um Tubungo respeitado, sim, mas Tubungo eram muitos. E como comandante deixara de ser dos mais prestigiados, os outros não tinham sofrido nenhuma derrota. Depois de ser salvo por Ilunga e, por causa disso, lhe estar interdito sonhar com a viuvez de Lueji, o rancor ganhou o seu coração. Contra a terra, não contra as pessoas. E uma ideia surgiu. Conferenciou muitas vezes a sós com Kakoma. Este recomendava calma, mas sentia o sobrinho cada vez mais distante, mais distante. Um dia não se conteve, fez um longo discurso ao sobrinho e terminou dizendo, se assim o queres, então fala com ela. Talvez seja melhor para todos.

Ndumba seguiu o conselho e pediu audiência à rainha. E lhe expôs o seu desejo de seguir a rota de Tchinguri, passar para o outro lado do Cassai, onde podia dirigir populações Tchokue, de caçadores como ele. Lueji nem quis ouvir falar. Dias depois Ndumba insistiu e já não veio sozinho. Trazia os seus amigos Mbumba, Moxico, Kanyika e outros. E não falou em audiência privada, mas em pleno tchota com muitos Tubungo presentes.

Falaram uns a seguir aos outros, todos insistindo no mesmo ponto, as riquezas em caça do outro lado e a necessidade de os lundas se expandirem. Os outros Tubungo estavam espantados e assustados, se os melhores queriam ir embora como ficaria a Lunda? Desguarnecida de gente? Mas os Tubungo se limitavam a ouvir e a soltar exclamações às frases mais veementes. A rainha que lhes respondesse, eles já se tinham habituado ao papel de ouvintes das suas decisões, só ela tinha a força agora. E Lueji ouvia, ouvia, triste pela insistência deles, mas mais triste ainda pois a mão acariciando o ventre nu não o sentia crescer. Esperavam que ela rebatesse os argumentos, dissesse quero que fiquem? Estava muito desgastada, tudo fora inútil se o filho não nascesse, que lhe interessava que mais uns abandonassem a Lunda?

Para espanto e quase escândalo dos velhos Tubungo, Lueji se levantou com ar ausente, estendeu o braço na direção do ocidente e gritou, talvez para o lago salgado:

– Vão! Vão atrás de Tchinguri!

E saiu do tchota, para desamparo dos velhos. Os jovens que queriam partir se arrojaram no chão para esfregarem o peito com terra, em sinal de respeito e muita alegria. E foram correr anunciar a boa nova, a partida iminente para os espaços sem fim, savanas verdes cheias de caça, povos de belas mulheres, terras de rios e lagos às dezenas, onde finalmente podiam ser seus próprios senhores. Os velhos ficaram no tchota, acenderam as mutopas de liamba e com ela tentaram esquecer as futuras saudades.

Muitos partiram com Ndumba ua Tembo, perante a indiferença da soberana. Também Kakoma foi, levando o segredo do novo aço. Nas terras que Ndumba passou a dominar, perto das nascentes do Cassai, Kakoma iria inventar o forno feminino, de corpo de mulher, as pernas afastadas, de cuja vagina escorria o ferro em fusão, aquecido no ventre pelos foles. O forno dos Tchokue. Kakoma dizia a forma foi inspirada por Lueji, a fertilizadora, que tinha permitido adotarem a nova técnica e os deixara ocupar novos territórios. Que homenagem melhor? Um forno com a forma do seu corpo. Mas essa ligação acabou por se perder, depois da morte de Kakoma, e ninguém mais soube que o tradicional forno dos Tchokue a Lueji deve a sua forma.

A rainha agora não tinha rivais, todos os que podiam aspirar a disputar o poder estavam longe. Tchinguri por vezes mandava notícias e sabiam que se estabelecera entre os Imbangala, perto do Cuango, depois de muitas peripécias. Meses depois também Ndumba estava estabelecido no território prodigioso dos Tchokue, por eles aceite como um dos chefes principais, mas nunca conseguindo reuni-los num Estado. Assim como Chinyama, mais a sul, no território dos Luvale. Os irmãos e amigos se dispersavam, dirigiam povos, transmitiam as tradições lundas. Mas Ilunga um dia disse:

– Eles estão a ganhar força. Nós aqui tranquilos e eles lá a crescer. Um dia não poderão acalantar a tentação de voltar à Lunda como conquistadores?

Tinha sido apenas uma pergunta. Mas ela ficou a martelar o coração de Lueji. Podia bem ser. E se aconselhou com Majinga, que tinha conhecido aquelas terras e povos. As respostas do tahi não a deixaram tranquila. Eram terras ricas, com muita gente. Um grande chefe ali se tornava muito poderoso. Era sem dúvida um perigo futuro para a Lunda.

As novas ideias cresciam nas gerações jovens. Sempre os lundas tiveram a tentação dos grandes espaços, a procura constante da linha azul.

Frustrados no seu desejo de aventura, pois a maior, a guerra, lhes fugira das mãos com o casamento da rainha, falavam apenas de seguir o exemplo de Tchinguri e Ndumba. As notícias vindas do Ocidente mais os entusiasmavam. E Lueji pensava, que ganhava a Lunda com essas migrações dos jovens chefes? Nada, porque criavam estados independentes ou reforçavam as chefias já existentes nos novos territórios, sem mandarem tributos para Mussumba. A Lunda não ganhava nada, enquanto era sangrada da sua melhor juventude. E constituíam um perigo, com o seu crescimento independente. Majinga falava dos Xinje e Minungo, povos que ele conhecia bem, numerosos e saudáveis, apenas sem chefes que os organizassem para outros objetivos. Terreno fértil para um ambicioso. Tchinguri tinha visto tudo faz muito tempo, por isso queria tomar o poder e conquistar esses territórios para o Estado lunda, reforçando-o.

Todos queriam partir, menos o único que ela queria ver longe dali, Kandumba. O olhar de ódio dele quando fitava Ilunga, o seu silêncio ostensivo, toda a atitude indicava que esperava algo. E algo que não podia ser bom. Ela lhe deu duas das suas amilombes como prêmio, quis lhe oferecer terras. Ele agradeceu e recusou tudo, numa ofensa sem nome. Só ele ousava desafiar a soberana, recusando presentes dignos dum rei. Mas Lueji tinha medo de o chocar, aquele olhar frio paralisava-a. E não o castigou, para espanto de todos. Nayole sabia do medo que grassava no coração da filha e aconselhou-a a ignorar as ofensas. Mas elas tinham abalado o prestígio da rainha. As ofensas e sobretudo a ausência do castigo devido.

Uma noite em que não conseguia dormir, reclinada sobre as brasas que aqueciam a casa, pensava na tristeza de não ter o filho. Seria o mau-olhado de Kandumba? Tem olhares que fazem secar a vida nas plantas e no ventre das mulheres. Majinga nunca descobrira a causa da esterilidade, mas podia bem ser efeito do olhar frio do primo. Era preciso tomar uma decisão, uma decisão que resolvesse muitos problemas duma só vez. E a ideia surgiu.

Pensou e repensou nela. De madrugada, sem poder dormir, deu ordens e partiu para a aldeia de Salukunga. Lá passou dois dias, discutindo com o chefe da linhagem. E voltou a Mussumba, com a decisão tomada.

Foi assim que Kandumba recebeu a ordem de escolher voluntários e partir, como kalala, para o outro lado do Cassai, onde formaria um Estado-tampão, tributário da Lunda. O objetivo principal era criar uma barreira a

Tchinguri ou a Ndumba, se um dia estes pensassem em invadir a Lunda. Kandumba obedeceu, sem refilar. Se estava contrariado, não o manifestou. Levou a sua sobrinha Mona Mavu e muitos soldados que formara. Em breve se estabelecia nas terras dos Xinje e ele e seus descendentes formariam os três estados de Kapenda, dos quais o mais famoso foi Kapenda Ka Mulemba, nomes todos derivados do título de Kapenda Ambungo, dado por Lueji a Kandumba. A pacífica partida deste resolveu muitos problemas da Lunda, pensou a rainha. Mas não resolveu o principal dela, pois nem assim engravidou. Ou não era mau-olhado do primo ou era um mau-olhado que persistia para além da ausência dele. Mistério superior à capacidade de Majinga. Só Kandala poderia ter adivinhado, mas Kandala foi único.

Dois anos passaram. Aquilo que era apenas um drama pessoal, se tornou um drama do Estado. Já não dava para esconder mais a esterilidade da rainha. Primeiro se pensou ser apenas pouca aplicação do marido, sempre fora nas caçadas. Mas depois das doze luas, as pessoas começaram a murmurar. Mulher estéril era repudiada pelo marido, não servia para nada. No caso isso não se passaria pois a estéril era rainha. Não teria o desprezo. Mas criava um gravíssimo problema de sucessão. E os Tubungo recomeçaram a deitar as cabeças de fora. Tinham finalmente um pretexto para recuperar autoridade e diminuir a força da soberana. Afortunadamente para Lueji, as chuvas vinham com normalidade. Se a menor seca se manifestasse, o poder derrocava. Pois então? Se o rei não pode fazer filhos, como vai fertilizar as terras? Uma coisa não está ligada à outra? Isso sempre toda a gente soube, desde que o Mundo foi criado pela Grande Mãe Serpente.

Nayole desesperava, ouvindo os mujimbos. Consultava Majinga, o qual, através dela, se tornara no primeiro conselheiro da rainha, apesar do mal que causava aquele olhar de lado. Os conselhos de Majinga acabavam por ser mais importantes que os do próprio Ilunga, sempre ausente em caçadas cada vez mais longínquas. E o tchibinda, talvez porque o amor no seu coração secasse pela esterilidade da mulher, talvez por causa das longas estadias sem fêmea, seguiu o exemplo dos Tubungo e arranjou um catuma, um rapazito afeminado que à noite aquecia o seu corpo. Nayole ouviu o mujimbo e ficou aterrada. Lueji não ia resistir à notícia se espalhando pela Lunda. Que o marido arranjasse outras mulheres nos kimbos onde se acoitava durante as caçadas, que coisa mais natural? Nenhuma esposa se

ofende com isso. Mas um homem novo arranjar um catuma, preferindo-o à própria mulher, era coisa de espírito velho ou então fruto de enorme desprezo. E tudo porque alguma maldição tinha caído sobre a filha, que o melhor tahi não conseguia descobrir. Nayole fez tudo para abafar o vergonhoso mujimbo.

Mas não pôde impedir que Kakongo cumprisse o seu dever de chefe do protocolo e mujimbeiro oficial da rainha. Kakongo contou a Lueji o que constava sobre o marido. Estava resguardado na sua posição, nada lhe podia suceder por dar más notícias, sucederia pelo contrário se alguma ocultasse. Mas era tão terrível e humilhante que mesmo Kakongo gaguejava ao contar. Para seu espanto, Lueji não reagiu. Ouviu só.

Os meus seios vão cair de velhos sem que uma criança neles chupe a vida? A pele da minha barriga vai um dia morrer sem ser esticada por dentro? E llunga se comporta assim porque já o meu corpo lhe não agrada ou para me forçar a uma decisão? Mas qual? Tudo tristes pensamentos que levavam ao desânimo e não à raiva da ofendida. Kakongo contou apenas a Kumbana a reação da parente. Ficaram os dois a abanar a cabeça e a suspirar, olhando a fogueira à sua frente.

AGORA SOU EU QUE FALO, EU, KUMBANA,
kanapumba da Lunda.

Foi para isto que tanto lutámos e sofremos e ansiámos? Noites e noites sem dormir, caminhos sem fim a percorrer, perigos constantes a enfrentar, dúvidas a abafar no coração quando as tradições eram quebradas, tudo para que ela reinasse. Até mesmo Tchinguri enfrentámos e os espíritos sabem como o temíamos. Nem o medo de Tchinguri ou dos cazumbis nos fez vacilar.

E ela reinou. Como foi escolhida. E mostrou ser capaz de resolver os nossos problemas, a chuva inundou as terras, a vitória foi conseguida quase sem sangue e o povo adorou-a. Arranjou para a Lunda carne e mais carne que llunga caça, trouxe para a Lunda o aço bom para fazer enxadas e armas, com ela o povo está feliz. Nunca nenhum soberano foi tão amado. Se acabaram os castigos injustos, os julgamentos se passam como manda a tradição mais nobre dos lundas. Ela foi o prémio bom que os espíritos dos antepassados trouxeram para este povo pacífico que apenas quer dançar.

E a nossa linhagem cresceu. Antes era importante, daí Nayole ser escolhida para segunda mulher de Kondi. Mas era só isso, uma linhagem importante. Com ela se tornou numa força que nenhuma outra jamais teve. Reinamos em toda a Lunda e até fora dela, com Kandumba e outros que se vão seguir. Tudo graças a Lueji, a menina esperta e corajosa que recebi no Cassai e a quem ensinei os mistérios do outro lado. Nela também incuti o desejo das grandes chanas alagadas e das montanhas azuis. Desde aí fiquei impressionado pelo seu coração. E hoje todos me dão razão. Generosa como ninguém, cumprindo sempre as promessas.

Sofreu para cumprir a promessa feita ao pai moribundo. Sei como sofreu. Adorava Tchinguri e teve de o combater, apenas para seguir os desejos do espírito de Kondi. Não é qualquer um que o faz. E agora está sozinha, pelo próprio marido desprezada, porque algum cazumbi maligno entrou no ventre dela e não deixa crescer a semente de Ilunga. É justo isto? Que me castiguem, mas os espíritos são injustos. Se banqueteiavam no cimo das mulembas com as oferendas que lhes fazemos. Para eles é o primeiro marufo, para eles é a primeira farinha tirada das lavras, para eles a melhor hortaliça das nakas, para eles é o primeiro peixe e o melhor pedaço de carne que caçamos. Merecem? Engordam com os nossos sonhos, as nossas preces, as nossas vidas. E se vingam depois nos inocentes, nos mais puros, nos únicos. Espíritos malditos, que se tornem cazumbis errantes, todos vocês! Não me perdoem estes pensamentos heréticos, de vocês nem o perdão aceito. Cuspo para o chão, para as vossas mahambas, malditos sejam! E podem mandar a lepra comer a minha cara, podem mandar o raio queimar a minha família, apenas mostrarão a vossa verdadeira face.

Olhem para ela. Tão nova e já os ombros se curvam, por não poder ter um filho a quem passar o lukano, como prometeu. Olhem para ela. Sofrendo uma vez mais pela Lunda. Nem disso têm pena? Nem com a Lunda se preocupam? Egoístas até ao fim. Malditos, cazumbis das trevas, cazumbis de Nhaweji, de Muako, de Kondi, de todos, todos. Mas vos prometo, haka, vos prometo. Se Lueji não arranjar um filho, eu mesmo utilizarei o machado e cortarei rente o frágil tronco da mulemba sagrada que a rainha plantou na sua onganda. Pensam ir refastelar-se aí para do alto contemplarem os nossos dramas? Cama não terão. Essa, eu corto-a. É um sacrilégio a ser pago por gerações de sofrimento, eu sei. Mas aquela cama dela vocês não terão.

Querem promessas e não ameaças? Também as posso fazer. Serei o chefe

da nossa linhagem, tudo o indica. Salukunga já pouco tempo tem de vida, os irmãos não lhe podem suceder. Não sou hoje o seu sobrinho mais velho? E Lueji apoia a minha pretensão, estou certo. Pois bem, lhe deem um filho e não serei chefe da linhagem. Querem maior sacrifício?

Não me importo em perder a linhagem. Só quero ver um sorriso naquele rosto de menina. Só quero ver a apatia dela desaparecer, a cada mês que o sangue escorre do seu corpo jovem, aparentemente tão forte. Nada vos peço para mim, espíritos malditos e mentirosos. Lhe deem o filho, não o merece?

Preces e ameaças fez Nayole. Lueji já nada fazia. Apenas bebia o que lhe davam os kimbandas, vindos de cada vez mais longe com curas milagrosas. Inúteis. Alta noite se ouviam ngomas rituais a invocar os espíritos da fertilidade. O povo ouvia e também falava para os espíritos, ajudem a nossa rainha. Em vão.

Sem que ninguém lhe falasse, sem ter ouvido uma voz vinda do alto da mulemba, sem ter visto isso no rosto da Lua, Lueji teve uma ideia. Há anos sentia a saudade das rosas de porcelana, o seu cetro. Nelas e no seu lago muitas vezes falara a Ilunga, mas nunca o levava lá. Se decidiu acompanhar o marido a uma caçada na região da velha Mussumba. E lhe mostrar o lago.

Foi uma caçada emocionante. Pela primeira vez Lueji viu matar o elefante. Ilunga estava alegre, faz tempo não ria e falava tanto. Estiveram todo o tempo juntos, felizes por estarem. O catuma também tinha ido mas a rainha fingia ignorá-lo. Nessa noite dormiria sozinho, Ilunga era dela. Depois da caça passaram pela Mussumba antiga. Dois anos tinham feito desaparecer quase todos os vestígios. Dificilmente se poderia adivinhar que ali vivera gente, que aquilo fora a capital da Lunda. O salalé se encarregara de devorar todo o capim das cubatas e a maior parte dos paus das paredes. Um ou outro ficou de pé, mas já tapado pelos arbustos e capim que cresciam à vontade. Se podia adivinhar o sítio das lavras, por não ter árvores. Mas os arbustos retomavam já todos os espaços. Foi aqui que nasci, se dizia Lueji com espanto. Conseguiu reconhecer o sítio da grande praça, onde tinha havido o tchota das reuniões. Aqui fui eleita rainha. Ela tudo mostrava a Ilunga, espantada com as diferenças. Mas conseguiu reconhecer o carreiro para o lago, todo tomado embora pelo capim. Avançou à frente de todos e se maravilhou de saudade ao chocar com a beleza azul do lago ao

entardecer. Lá, para a direita, no meio do verde das folhas, estava a mancha rosada dos cetros de Lueji. Ela apenas apontou e Ilunga soube a que se referia. O luba se dirigiu para o matagal e cortou algumas rosas. Com elas num feixe, veio lhas trazer. Lueji agradeceu, apenas baixando os olhos. Ilunga sabia ser gentil. Ela sentou nos rochedos da sua meninice, as rosas de porcelana no colo, e ficou a olhar o lago, recordando o inenarrável. Enquanto o séquito montava o acampamento. Assaram carne e ela comeu. Ilunga se escondera no mato para comer. Os caçadores marcaram o ritmo do batuque e, mesmo sem mulheres, se puseram a dançar à volta da fogueira. E Lueji pegou Ilunga pela mão e o levou para a mata de fetos e begónias e rosas de porcelana, onde conhecera o amor com Tchinguri. Ilunga não se espantou e correspondeu ao desejo dela. Aqui será feito o meu filho, pensou Lueji, antes de se abandonar nos braços do marido.

Só Lu não encontrava braços onde sabandonar. Apesar do trabalho duro dos ensaios, das angústias provocadas pelo atraso da música, isso lhe faltava. Uli desaparecera, afogando no hospital as suas dúvidas. Mabiala passava as noites a beber e a gravar. Até mesmo Timóteo se tornara reservado. E Senhor Eugénio, depois de duas tentativas infrutíferas para fazer amizade, parou de insistir. Conformado? Apenas desorientado, traçando algum plano infalível a que mulata alguma pode resistir.

Mas Afonso conseguiu, depois de muitas garrafas ingeridas. A música estava pronta, toda gravada. Até mesmo a canção que Kafala iria apresentar ao vivo na noite de estreia estava gravada para as outras sessões. O compositor apareceu com uma bobina no ensaio. Mais magro e chupado ainda. Entregou a bobina à Diretora, está tudo aí, agora vou dormir três dias. Lu veio lhe beijar as faces e ele pensou, dormir? Como posso dormir sem ela? Se retirou, não procurou cama, foi se refugiar num bar, sonhando com linhas azuis e lagos e Lu dançando no meio.

O ritmo de trabalho aumentou ainda mais. Já nada faltava, exceto escolher os adereços, preparar as roupas, criar os cenários. Só isso faltava? Faltava o mais difícil. As coreografias coletivas estavam mais ou menos aprendidas, mas a maka eram as danças de par de Lu com Cândido. E eram várias e diferentes. De amor, de alegria, de desespero, exigindo muita arte e coordenação perfeita. Como coordenar com Cândido que a todo o momento se revoltava contra as marcações estritas e inovava sobre o tema?

Até que a Diretora teve uma ideia. À noite, depois do ensaio, levou Lu

para a sala secreta.

– Temos de tomar uma decisão. Já falta pouco para o espetáculo, a data está agora marcada e não podemos adiar. Estive a pensar. Ou o Cândido se adapta ao que queremos dele, o que me parece impossível, ou mudamos a coreografia ou a estória, ou mudamos de Ilunga. Que achas?

– Alguma coisa é preciso mudar – concordou Lu.

– Mas o quê?

– Aí está a puíta! Não há outro Ilunga. Só o Jaime, mas então ficaríamos sem Tchinguri. E Cândido não pode interpretar Tchinguri, ainda seria pior.

– Ele é um Ilunga perfeito, exceto quando dança contigo.

– Comigo ou com outra. Não se adapta a dança de pares.

– Por isso tenho uma ideia. Mudemos a coreografia desses bailados.

– Mudar agora? – assustou Lu.

– Não há outra solução. Repara. A coreografia dessas danças vem na linha do clássico. Embora os passos sejam tradicionais, a concepção é clássica. O Cândido tem de te apoiar, servir de cabide, levantar-te e segurar-te, por vezes fazer um solo e aí vai bem, mas logo deve voltar a ser base da bailarina. Não é isso? Mas não tem técnica para servir de base, está mais que provado. Mudemos então tudo. À merda a concepção clássica! O bailarino que se autonomize, invente passos. Tu és suficientemente boa para o seguir, te adaptares à dança dele, seres o complemento e não o elemento principal. Deixa de haver uma base, mas dois elementos complementares. O que é de fato moderno. E isso ele pode fazer. Tu também. Ou não?

Lu ficou calada por momentos. Era uma ideia que virava tudo de pernas para o ar. Coreografia nova. Bem, só nas danças entre eles, o resto funcionava bem. Mas as danças entre eles eram importantes. A Diretora continuou:

– Ele conhece bem os temas, os sentimentos a transmitir. É perfeito nos solos. Por isso poderá ser perfeito nos pares, se não tiver que se preocupar com o apoio a dar à bailarina. É isso que tem de se mudar. Deixa-o criar e cria tu depois a partir dos movimentos dele.

– É difícil.

– Tu podes fazer. Já criaste tanto, sempre improvisaste... O problema é que agora não és tu que diriges a coisa. Tens de improvisar sobre o improvisado do outro. É isso que te choca?

– Não, não. Mas altera a estória. Ilunga era dependente de Lueji. Na

dança será o contrário...

– Não altera nada. Nas relações entre eles, não havia um dominador. Havia sim em relação ao exterior e era Lueji. Mas entre eles...

– Pode ser. No geral, é a figura de Lueji que sobressai, é ela que tem a batuta. Por que não passar a batuta a Ilunga, quando estão sós? Ferirá menos o machismo reinante...

– Não tinha pensado nisso, Lu. Mas de fato assim fica mais equilibrado. Não nos poderão acusar de feminismo militante. Vamos experimentar?

– Que remédio! Aliás é uma experiência enriquecedora.

E no dia seguinte começaram a experiência. Cândido sorriu quando a Diretora lhe explicou o que queria, assim é muito melhor. Deixo de ficar amarrado à Lu, ganho a minha independência. E passou a dançar solto, retomando o seu papel de professor do grupo do Lubango. Lu procurava seguir, inventando as réplicas que se impunham, e a Diretora desenhava os passos para mais tarde refundir tudo numa nova coreografia. Não ia implicar em alteração da música? Isso assustava Lu, sabia Mabiala incapaz de trabalho suplementar. Mas não era preciso, Cândido interiorizara perfeitamente a música, tornava-a mais límpida com o corpo. Ao fim de três dias, Lu reconheceu, está muito melhor. Mas falta ainda muito trabalho, sobretudo dela, que muitas vezes não encontrava a resposta adequada e Cândido tinha de a ajudar e discutiam os dois e ensaiavam de novo, até ela acertar. Sinverteram os papéis, agora sou eu que tenho de acertar com ele, nunca me tinha acontecido. Mas é excitante.

Excitante em todos os sentidos, pois à medida que a dança se recompunha e mais tempo se coordenavam sem erros, mais ia aparecendo o desejo do corpo de Cândido pelo corpo dela. Ele não escondia, não procurava disfarçar como Uli fazia. Era uma força da Natureza, Cândido, e também os seus desejos. E o corpo de Lu se deixava ganhar pelo desejo dele, se submetia. Involuntariamente. Nos intervalos ela se pensava e não compreendia. Sempre fui eu que excitei os homens e me excitava por isso. Agora esse corpo excita-me por ele próprio e não pelo meu desejo. E toda eu luto contra isso, conscientemente. No entanto, aquele fogo que adivinho me queima, oh como queima. Fogo que a levava a errar, por vezes, e ter de ficar abraçada a Cândido, se consumindo.

A Diretora andava radiante, o bailado progredia, os dois bailarinos iam formar um par único, melhor que Lu e Uli. Não era difícil adivinhar a

corrente elétrica que passava dum para o outro, natural e desinibida, tão diferente do feitiço ambíguo que encantava antes ao verem Uli e Lu dançar: Agora não havia rotina profissional no meio a subtilizar as emoções. Era o vento forte do Sul arrastando nuvens sobre o deserto, era o rugido da calema atirando barcos sobre a praia, era o rebentar irresistível do capim verde por baixo do castanho, terra e semente se germinando, não mais passos perfeitos porque antes adivinhados, mas passos que se procuravam, se recriavam em múltiplas variações mutuamente grávidas da vontade dos espíritos, espíritos da Lunda e espíritos dos povos pastores do Sul, enredados e empurrando um corpo para o outro, como a força que empurrava Ilunga para a caça, sempre para novas caçadas. Mas Lueji estava tranquila, aguardando a outra Lua. No meio das rosas de porcelana tinha engravidado. Tratou com mais interesse dos negócios de Estado, uma vez ou outra foi mesmo assistir ao batuque noturno. Vendo-a mais alegre, Kumbana serenou. Eles ouviram o que lhes disse. Tiveram medo da ameaça ou se comoveram com a promessa? Nunca poderia saber. O que importava é que a rainha ostentava uma segurança que ele já esquecera.

Mudou a Lua e Lueji começou a mostrar sinais de nervosismo. Nayole segredava para Kamonga Luaza, as regras dela devem estar a vir, é agora a altura. Se não vierem é porque está grávida. E Kamonga também ia para a anza, contemplava a jiboia e os cágados protetores dos espíritos, se prostrava junto das mahambas, façam que o sangue não venha, façam a minha rainha feliz outra vez.

Mas uma noite Lueji acordou se sentindo molhada. Desesperada, avivou o fogo no braseiro e se olhou. A menstruação tinha vindo. O grito de desânimo acordou Nayole e Kamonga Luaza que correram. Lamentos e xinguilamentos não acalmaram o desespero da rainha. Nem o feitiço das rosas de porcelana tinha resultado.

Sabedor do mujimbo por Nayole, Kumbana refletiu, refletiu. Os espíritos se riram das suas ameaças e desdenharam a promessa? Mas era preciso fazer qualquer coisa para salvar Lueji. Já os Tubungo murmuravam, ainda com medo, mas mais tarde talvez abertamente mesmo, uma rainha estéril é uma desgraça para a Lunda. Iam cobrar os agravos recebidos e tentar recuperar todo o poder. Bastaria convencerem os principais cortesãos e os comandantes que a situação não podia perdurar. Sabiam, o kanapumba sempre lhes faria frente. Mas que é um kanapumba se os seus comandantes

o abandonam? E o argumento era pesado. Rei sem filhos causa a seca e a morte do povo, mais cedo ou mais tarde. Ilunga era um mistério, não se importava nada com os negócios do trono, só queria caçar. Quem sabe apoiaria as ideias dos Tubungo? Se Kandumba ali estivesse... Continuava a ser o kalala, Lueji não nomeou substituto. Ah, com Kandumba ao seu lado ele não tinha medo de enfrentar todos. Mas assim... Alguma coisa era preciso fazer, mas o quê? Se os próprios kimbandas desconseguiam... Ouvira por vezes dizer que o mal não estava na panela mas no pau com que se bate o funje. E se fosse? Indiretamente, com todas as precauções, foi perguntando aos mais-velhos e aos kimbandas, chegou mesmo a falar com Majinga. Foi visitar Salukunga e com ele se abriu. O velho admitiu a possibilidade. E um dia Kumbana se encheu de coragem, foi falar com Lueji, quando ela tinha acabado de ir à anza ver como estavam a ser tratadas as mahambas dos antepassados.

– Os Tubungo continuam a refilar por eu ter as mahambas aqui fechadas?
– perguntou ela.

– Sempre, rainha. Não te perdoam isso. Que é uma humilhação terem de te pedir licença para visitar os seus antepassados.

– Kandala, no fim da vida, também se revoltou contra isso. Talvez tenha sido um erro. Me pergunto...

Ela não continuou e Kumbana não pediu esclarecimento sobre o que queria dizer. Tinha entendido. Lueji se interrogava se a sua esterilidade não era provocada por ter fechado as mahambas, só podia ser isso. O kanapumba ganhou coragem para abordar a conversa que o tinha levado até ali.

– Rainha, não queres passear pelo rio? Tenho um assunto para falar contigo.

Lueji mirou-o, admirada. Um olhar cansado e triste, notou ele. Geralmente Kumbana não falava com ela a sós, os seus assuntos eram postos livremente. Algo muito importante ou pessoal devia ser.

– Vamos.

Se afastaram da onganda, chegaram ao rio, ultrapassaram o sítio onde Lueji e as amilombes costumavam tomar banho. E Kumbana sempre calado.

– Então?

– Rainha, em primeiro lugar peço desculpa pelo muito atrevimento. Tenho pensado todo o tempo neste assunto e ando muito magro com isso.

Peço que entendas este meu atrevimento apenas como prova de muito respeito e amizade...

– Podes falar à vontade.

Pela introdução e pelo modo reticente, Lueji adivinhou de que se tratava. Que coisa podia fazer Kumbana emagrecer? Só podia ser a infelicidade dela. Se retraiu, com vergonha, pois o único homem com que falara foi Majinga, mas esse é um tahi, e Salukunga, mas esse é o pai da linhagem.

– É sobre o fato de não teres tido um filho – se afoitou ele, num repente. E se calou, mortificado.

Lueji lhe tocou no ombro, em sinal de afeição. Que seria eu sem Kumbana?

– Já tinha adivinhado. Podes falar à vontade, não me ofendo.

– Pois bem. Sem que ninguém se apercebesse, tenho andado a perguntar aos mais-velhos, aos que muito sabem. E embora seja raro e pouco se fale no assunto, é possível que o mal não esteja em ti mas no teu marido.

– Como assim?

– Há casos. Homens que abandonam as mulheres porque elas são estéreis e depois elas concebem com outro homem. E eles, com outras mulheres, não têm filhos. São raros, mas existem esses casos.

– Também ouvi dizer.

– E se é o que se passa contigo?

A ideia não era nova, já Nayole a referira. Mas Lueji nunca a quis admitir. O castigo era para ela, alguma coisa que fez errado e mereceu a ira dos espíritos, talvez a morte de Kandala na sua casa, talvez ter sequestrado as mahambas para reforçar o seu poder em época de crise, qualquer coisa irritara algum espírito e este se vingava. Tão vingativamente que nem os tahi descobriam qual fora a ofensa. Se ter dado primeiro ao irmão? Podia ser. Havia tanta falta que um soberano cometia que o equilíbrio do mundo exige castigos exemplares, diferentes dos dos mortais comuns. Esses morrem pelo feitiço.

– E se fosse? – perguntou ela. – Como posso saber?

– Muito fácil.

– Se nem os tahi descobriam, como podes achar fácil?

Kumbana respirou fundo. Chegava à parte mais delicada da questão. Mas tinha de continuar, a felicidade dela estava em jogo. E a da Lunda. Como o prisioneiro que estende a cabeça para o algoz que lha vai decepar com o

mucuali, Kumbana falou:

– Experimentando com outro homem.

– O quê?

– Perdoa se agora me tens raiva. Disseste para eu falar à vontade... Corro o risco da tua raiva. Mas é por te querer bem que falo.

Lueji tentou dominar a ponta de irritação. Se arrependeu de ter gritado, não havia motivo.

– Foi o espanto e não a raiva que me fez gritar. Desculpa, Kumbana, sei nada fazes contra mim.

– Obrigado, rainha. Mas que outra maneira tens para saber, senão essa? Leva para a tua cama um homem que se saiba ser fértil. Tens direito a isso. O teu filho tem de receber o lukano.

– É uma ideia tão espantosa... Nunca me passou pela cabeça. Embora como rainha possa ter vários homens, quem o vai impedir? Só Ilunga, mas nem sei se ele se importa já.

– Não digo para teres outro homem como segundo marido. Nunca se fez entre nós. Mas ninguém precisa saber. Se for alguém capaz de guardar segredo, mesmo à custa da sua morte...

Lueji não contestou. Se aproximavam do sítio preferido de Mulaji, onde ele apanhava os maiores bagres. Mas o pescador não se encontrava à vista. E Kumbana continuou:

– Se tiveres o filho, nem precisas dizer a Ilunga o que passou. Ficará feliz por ter um filho que vai receber o lukano. E se nascer na casa dele é filho dele, bem conheces o costume.

– E quem seria esse homem capaz de guardar segredo?

A rainha fez a pergunta conhecendo já a resposta. Kumbana era fértil, tinha vários filhos de duas mulheres. Curioso. Se admirava como ele era capaz de se propor a si próprio. Mas por ela e pela Lunda Kumbana tinha todas as coragens.

– Kamexi.

Lueji se espantou. Kamexi? Este Kumbana era único, deve ter adivinhado o que lhe passou várias vezes pela cabeça, sobretudo em alturas de batuque, antes de conhecer Ilunga. Mas guardou o segredo com ele. Com efeito, a corça não pare à frente do leão, era a máxima de Kumbana. Prudência. E só agora, indiretamente, lhe dizia há muito descobriu o interesse dela, mesmo passageiro, pelo primo.

– Já tem um filho, é pois fértil. E nunca se vai gabar, se o futuro rei for dele. Aliás não será. De Ilunga será. Kamexi apenas ajuda. Nele podes confiar, rainha.

– O meu desespero é tão grande...

– Sei. Não custa tentar. Os Tubungo qualquer dia vão começar a falar alto, a falar. E propõem a escolha de outro rei. Será o fim da Lunda, pois voltarão Tchinguri e Ndumba e os outros. E novos apetites aparecem. Tens de evitar isso.

– Não há outra maneira, não é, Kumbana?

– Já tentaste tudo menos isso.

– Está bem. Fala com ele. Se prometer o silêncio total...

– Podes confiar. Não pensa em mais nada senão em te servir.

– Manda-o esta noite. Fá-lo entrar em segredo. Ninguém mais pode saber, só Nayole.

– Ninguém saberá. Te juro, rainha.

E assim, Kamexi passou pela entrada secreta, todo nervoso, acompanhado por Kumbana. E foi ter com Lueji. Muitas noites. Todas em que Ilunga dormia nos matos, atrás da caça. E se primeiro Lueji aceitou apenas para ter o filho, o interesse por Kamexi há muito tinha secado, depois o corpo jovem dele despertou nela todos os prazeres. E era com ansiedade que a rainha esperava que Ilunga partisse para a caça. Chamava Kamexi. E loucas noites de prazer passavam os dois amantes. Muitas e loucas noites de prazer. Kumbana e Nayole vigiavam, não fosse alguém descobrir. E estremeciam a qualquer ladrar de cão nas noites sem fim.

Três meses passaram e ela não engravidou. Tinha de se render à evidência, o mal não estava em Ilunga. E numa noite em que Lueji não podia usar o lukano por estar menstruada, chamou Kamexi e lhe disse é inútil estarmos aqui a arriscar ser descobertos, de todas as maneiras adultério é crime e eu sou a Na Caianga dum tchibinda, ele vai acabar por perder a pontaria e me culpar, e nem por isso vou ter um filho, te agradeço o interesse e o teu silêncio, mas não vou te chamar mais para a minha cama e se despediu com lágrimas nos olhos do amante fiel e meigo.

O desespero voltou a reinar sozinho. Durante aqueles meses de esperança e prazer dado por Kamexi, se tinha voltado a interessar pelos negócios do poder, muitas decisões tinha tomado e mantido os Tubungo no seu lugar. Meses de ilusão. Nada valia a pena. Tudo fizera para conservar o lukano, na

promessa de o passar para o filho. Não concebia e toda a sua vida perdia significado. O poder pelo poder? Tinha ganho gosto a ele, sem dúvida, mas não esquecia que era uma situação temporária. Agora ia conservar o poder, sem ter a quem o passar um dia? Defrontar mais uma vez os Tubungo, tendo de exilar todos os que falassem da sua infelicidade, apenas para ser rainha? Era assim o cumprimento da promessa feita a Kondi? O importante era ter alguém que pudesse receber o lukano. Se o passasse sem grandes resistências, a promessa principal estaria cumprida. Mesmo se esse alguém fosse apenas seu meio-filho. Podia ser?

Não estava segura do que pensava e foi falar com Majinga. Ele conhecera outros povos e costumes, já tinha dado conselhos úteis. Podia talvez confirmar a sua ideia. Majinga primeiro ficou surpreso, era uma ideia que só podia nascer na cabeça de Lueji. Mas refletiu, refletiu e concluiu, por que não?

Assim, quando Ilunga voltou da caça, Lueji deixou que ele comesse sozinho e depois foi lhe falar.

– Ilunga, a promessa feita a Kondi ainda está de pé. A tua também?

– Claro, o teu filho reinará.

– Muito bem. Mas há um problema. Não posso ter filhos, algum espírito não o quer.

– Já falámos nisso.

– Tenho uma solução, mas deves estar de acordo.

Ilunga olhou-a e viu o desespero dela. Lhe afagou um ombro. Continuava a gostar dela da mesma maneira de sempre, mas só que gostava ainda mais da caça, por isso ficava muitas vezes ausente. Falou com o seu tom habitualmente meigo:

– Se achas que é uma boa solução, eu estarei de acordo. Até aqui não fiz tudo o que quiseste?

– Então te vou oferecer uma segunda mulher.

– O quê? É essa a solução?

– Uma rapariga da minha linhagem, como uma irmã minha. O filho que tiveres dela, na minha casa, também será meu filho. Tomo conta dele. E ele reinará.

Ilunga resistiu, porque não acreditava na ideia. Não vai dar certo, os Tubungo nunca aceitarão.

– Quem é o filho? É o que sai do ventre da mulher ou aquele que ela trata,

a quem dá amor como filho, gerado pelo seu marido, a quem ela dá o nome e o lugar na linhagem? Este é que é o filho.

– E os Tubungo?

– Eles vão aceitar. Nem precisam de saber que não saiu do meu ventre. Pelo menos no princípio. Quando o souberem, será muito tarde para recusarem. E se recusarem, temos forças para o impor como rei da Lunda. Prometes?

– Será o meu filho e não o teu, Lueji.

– Já te disse também será o meu. Eu lhe darei o nome e o criarei e a mim ele chamará mãe. É meu filho.

– E a mãe dele vai aceitar?

– Tenho alguém que aceita de certeza. Mas primeiro preciso da tua concordância.

– E isso fará que rias de novo, dances no batuque como antes, não fiques a chorar pelos cantos?

– Com esse filho serei feliz de novo. Terei vontade de viver outra vez.

– Então aceito, Lueji. Sempre quero ver quem me arranjas para segunda mulher. Espero que não seja uma velha feia.

– É a mais bonita das raparigas da minha linhagem.

Ela estava tão contente com o seu consentimento e ele estava há tantos dias sem ela, que a noite de amor foi louca como as primeiras que passaram juntos. Esquecido estava Kamexi. E o catuma.

No dia seguinte, Lueji chamou Kamonga Luaza. Explicou tudo que dela queria. Repetiu muitas vezes, mas o filho será meu. Os seguintes serão teus, mas meu será o primeiro varão. Kamonga Luaza aceitou. Por vários motivos. Primeiro, não podia recusar nada à sua rainha, por quem estava disposta a dar a vida. E em segundo lugar, lhe agradava ser mulher de Ilunga, quem não queria? Tantas vezes sonhara com aquele tom negrazul de pele que nenhum homem tinha! E finalmente, não era uma honra ter um filho destinado para rei da Lunda? Mesmo que só ela soubesse.

O casamento de Kamonga não teve o brilho do casamento de Lueji. Mas podia? Não houve música de marimbas, apenas os ngomas e as danças habituais. Não havia aquela alegria logo a seguir à vitória contra Tchinguri, o clima agora era outro. Os Tubungo assistiram a tudo com curiosidade e viram a alegria da rainha e de novo o olhar triunfante. Não o podiam entender, devia era estar preocupada por não conseguir arranjar um

herdeiro. Se via, fora casamento que ela decidira. Se fosse decisão do marido, ela não estaria com aquele brilho nos olhos. Não dá para entender, confidenciou muata Kakele aos outros, mas essa rapariga sempre foi assim, nunca a entendi muito bem, só acredita na sua cabeça, e a Lunda sem herdeiro, pobre Lunda! Qualquer dia recomeçam as guerras civis, pois terra sem herdeiro é terra com demasiados herdeiros.

Ilunga passou a dividir as suas noites entre as duas, na melhor concórdia. As duas se tornaram ainda mais amigas, unidas pelo mesmo homem e o segredo comum. E todos os dias Lueji se informava sobre os sintomas de gravidez de Kamonga. Ainda era cedo, ria Nayole. Os espíritos não iam se vingar de novo, rezava Lueji para as mahambas, que todos os dias recebiam a sua visita.

E dois meses depois do casamento, as regras não vieram. Uma lua de incerteza e angústia passou e elas decididamente não vieram. Kamonga Luaza estava grávida. Havia ainda muita maneira de os espíritos se rirem dela, mas Lueji acreditava o seu filho ia nascer.

Tal era a sua segurança que reuniu o Conselho dos Tubungo. E explicou ao Conselho que se ia retirar para a aldeia de Salukunga até o filho nascer. A Lunda não podia ficar tanto tempo sem soberano, por isso passava o lukano a Ilunga. Os dois reinariam até o seu filho ter idade para ostentar ele próprio o lukano, como tinha sido prometido a Kondi. Ilunga se submeteu, aborrecido por ter de reduzir os períodos de caça. Mas Lueji merecia o sacrifício.

Houve murmúrios entre os muatas, um kandaka ia reinar sobre eles. Murmúrios fracos, temerosos, bem sabiam já não podiam impor nada. E as cerimónias foram preparadas para a transmissão do lukano. Se passaram na pedra onde pela primeira vez eles conversaram. Os Tubungo mais importantes fizeram discursos, realçando as qualidades de Ilunga. E por imposição da rainha, foi Majinga que dela recebeu o lukano e o colocou no braço do luba. E falou Majinga o que os Tubungo queriam ouvir e também o que não queriam, pois algumas eram as satânicas ideias de Tchinguri:

– Tchibinda, em nome da Lunda recebi o lukano da senhora das terras e o pus no teu braço. Com isso te dei poderes maiores que os de qualquer homem. Te dei poderes para reunires todos os pequenos estados num só, que será governado pelo teu filho, o neto de Kondi. Te dei poderes para fazeres crescer essa herança, de preferência pela paz mas se preciso pela

força, contando com os esforços e a vida de todos nós, teus súbditos. Te dei poderes para mandares matar qualquer um que te desobedeça e seja ele quem for, grande ou pequeno. Te dei poderes para mandares matar os feiticeiros, os que usam as forças sagradas para fazer o mal e os criminosos de qualquer género. Te dei poderes para dispores da vida e das riquezas de todos os súbditos, para grandeza e bem-estar do teu filho que vai nascer, pois eles eram escravos da tua mulher, a senhora das terras, e agora são teus. Te dei poderes para ensinares os lundas a serem bravos e inteligentes como os filhos que te acompanharam. Usa esses poderes com sabedoria, para bem do teu filho e de todos nós.

Logo Kumbana pegou no machadinho de Ilunga e iniciou a Cufuinha, dança ritual dos guerreiros, dando grandes saltos, indicando pela mímica que lutava com inimigos, homens, feras, monstros, incitado pelas palmas e assobios do povo inteiro que se aglomerava à volta. Kumbana suava mas não parava de depor aos pés de Ilunga os corpos dos inimigos vencidos, só interrompendo a dança para exclamar, recebe, grande entre os grandes, mais este inimigo vencido. Até que caiu exausto, exclamando, sê grande, Ilunga, em nome do teu filho, para que ele possa repartir pelo seu povo as riquezas que ganhares. Outro dançarino lhe tomou o passo, gritando, sê justo e forte, Ilunga, para que o teu filho te imite e todo o povo te queira.

E a cerimónia se transformou em festa, a comida e a bebida surgiram e as danças duraram três dias.

Terminada a investidura, as duas mulheres de Ilunga, acompanhadas de Nayole, foram se refugiar no kimbo da linhagem. E Lueji e Nayole trataram da gravidez de Kamonga Luaza com todos os cuidados. Ficaram numa onganda afastada do kimbo, construída especialmente para elas e onde ninguém tinha acesso. Só Nayole fazia a ligação entre a onganda e a aldeia. Nem Lueji nem Kamonga foram vistas durante aqueles meses até ao parto. Só Kumbana de vez em quando aparecia com as notícias de Mussumba e os recados de Ilunga, desesperado por ter de governar e ainda por cima sozinho. Kumbana transmitia os apelos do marido, que o parto seja breve e volta depressa, os elefantes me chamam e eu aqui a aturar estes velhos fumadores de liamba que passam a vida em disputas ridículas. Manda os velhos passear, não lighes a essas disputas, ocupa-te só do essencial, mandava Lueji dizer a Ilunga, mas o problema é que ele nem sempre sabia distinguir o essencial. E Lueji ria do desespero do marido, lhe faz bem se

ocupar um pouco da casa, brincava com Kumbana e Kamonga, os quais batiam palmas de gozo.

E um dia vieram as dores. Os gritos se ouviam no kimbo e as gentes queriam ir ajudar. Mas Salukunga tinha dito, ninguém pode ver nem ouvir uma rainha parir, isso provocará a ira dos espíritos. Esses gritos são do vento, uma rainha não grita a parir, não se apercebem que é Kamonga quem grita por ela? De fato era a voz de Kamonga Luaza a gritar, a rainha sofria silenciosamente todas as dores e angústias, uma rainha sabe esconder o sofrimento. E as pessoas do kimbo ouviam os gritos de Kamonga, fingiam trabalhar mas estavam apenas concentradas naqueles gritos, oxalá a rainha deite para fora depressa o herdeiro da Lunda, só isso interessa. E sem ninguém ouvir um só queixume seu, para não provocar a seca e as tempestades e as epidemias.

Muito tempo depois, o silêncio se fez na onganda, logo seguido do choro do recém-nascido. As gentes do kimbo e mais os que, prevenidos, tinham vindo das outras aldeias, se rojaram no chão, esfregando o corpo com pó, gritando de alegria e batendo palmas, festejando o nascimento do futuro rei da Lunda.

Mais tarde, Lueji foi com Nayole apresentar a Salukunga o herdeiro, de nome Yanvu. As pessoas, aclamando, viram na cara da rainha os vestígios das dores que ela calou. Mas viram sobretudo o orgulho que imperava no seu rosto.

Os mondos tocaram a anunciar o nascimento para Mussumba. E o batuque rolou solto durante toda a noite, no kimbo e na capital.

No dia seguinte, um séquito imponente, comandado pelo próprio Ilunga e de que faziam parte todos os muatas presentes em Mussumba, se dirigiu às terras da linhagem para ir buscar a rainha e o seu filho Yanvu. Kakongo levou também o manto púrpura com que Lueji se cobria nas grandes ocasiões. E foi com esse manto, sentada na liteira, o filho nos braços, que a rainha da Lunda voltou a Mussumba, aclamada pelo povo, voltada a antiga alegria das vitórias.

Depois daquela vitória, foram ao bar da esquina festejar a certeza de que não só o trono da Lunda estava salvo, mas também o seu espetáculo. A Diretora declarou hoje sou eu que pago e todos aplaudiram. Lu e Cândido estavam sentados lado a lado, depois Jaime e Olga, a Diretora e os outros. Faltava Afonso Mabiala, mas tem uns dias já que anda desaparecido,

embora me tivesse dito que hoje ia aparecer sem falta para me pagar umas despesas fiadas. E é muito dinheiro, confidenciou o dono do bar aos bailarinos, ele bebe e mija, bebe e mija, bebe e mija. No meio compõe umas músicas.

– Não assuste – disse Jaime. – Ele vai receber bué agora.

– Espero que não gaste tudo antes de me pagar.

– É preciso ser indulgente para os génios – disse Lu.

– E não tenho sido? – perguntou o dono do bar. – Até o deixo dormir aí nos fundos quando não aguenta ir para casa... E aqui para nós, é mesmo um génio. Quase choro ao ouvir as músicas dele.

Foi buscar as cervejas e cafés, pausa aproveitada pela Diretora para falar:

– Podemos dizer o espetáculo está pronto. Mais uma semana para limar as arestas e depois, ensaio geral. Haka, se soubesse nunca me tinha metido nesta, vejam o que emagreci.

– Deixe disso – falou Jaime. – Até gostou. E fica melhor assim magrinha. O seu marido que o diga.

– Este aqui deu-nos trabalho – disse a Diretora, apontando para o Cândido. – Primeiro que descobríssemos o mambo, eu quase desesperava.

– O mal é que vocês não conheciam os Cuvale, só de nome. Nós somos seres independentes, sempre fomos. Para nos dominarem, só massacrando. E renascíamos. Como queriam aprisionar um cuvale com as vossas marcações? Obrigar-me a fazer um pirueta quando eu estava mesmo a ver tinha era de saltar! Enfim, compreenderam.

– Mais um a engrossar a tribo dos anarquistas – suspirou Jaime. – Como querem fazer um país com cada um a agir como pensa e se marimba para o coletivo, para as regras seculares e sagradas?

– Aqui não estamos a fazer país nenhum – disse Lu. – A arte não tem que o fazer, apenas refleti-lo.

– Frase profunda – disse Jaime. – Talvez falsa, mas quimporta? E estou de acordo. Não percebeste a ironia, Lu. Eu queria era fustigar os dogmas, *un, deux, foueté, un, deux, trois, quatre, plié...*

– Eu sei, Jaime. Por isso te inscreves na corrente do realismo animista...

– É. O azar é que não crio nada para exemplificar. E ainda não apareceu nenhum cérebro para teorizar a corrente. Só existe o nome e a realidade da coisa. Mas este bailado todo é realismo animista, duma ponta à outra. Esperemos que os críticos o reconheçam.

– Questória é essa? – perguntou Cândido.

– O Jaime diz a única estética que nos serve é a do realismo animista – explicou Lu. Como houve o realismo e o neo, o realismo socialista e o fantástico, e outros realismos por aí.

– Hum, estou mais ou menos a ver – disse Cândido.

– Ainda bem – disse Jaime. – Porque às vezes eu não vejo. Mas isto que andamos a fazer é sem dúvida alguma. E se triunfamos é graças ao amuleto que a Lu tem no pescoço. Ela não quer contar a estória, mas que é um amuleto ela não pode negar.

– Claro que é – disse Lu, muito rápido. – Só que se contar, talvez ele perca o efeito.

– Disparate! – disse Cândido. – Se o espetáculo resulta, é porque vocês todos tinham capacidades e energias até aqui ignoradas, E acreditaram em vocês próprios. Vontade, muita vontade, foi esse o feitiço.

Um dos bailarinos que veio do Dundo pediu disciplinadamente a palavra, levantando o braço, dá licença? Todos olharam para ele, permitindo-lhe a fala:

– Sou o vosso mais velho. E já vi muita coisa. Na Lunda então, que é terra de mistérios... Não dá pra duvidar. E esse amuleto eu conheço, é dos mais velhos, não é?

– É – disse Lu.

– Esse tem muita força.

– Ora – interrompeu Cândido. – Andaram vocês a fazer esse esforço todo, a lutar contra tudo e contra todos e agora dão o mérito só a um bocado de pau. Não acham que é modéstia demais?

– Anarquista e materialista! – disse Jaime. – Já viram o que nos saiu na rifa? E espantem, vindo dos desertos, onde nada se faz sem uma cerimónia sagrada.

– Estás a brincar e eu estou a falar sério, Jaime.

– Olha, Cândido – interrompeu Lu. Eu também não acredito... não acreditava, agora já nem sei... O certo é que começou tudo a sair melhor. Ou quase tudo...

– Te deu confiança, só isso. Quando se acredita que se consegue fazer alguma coisa, é já meio caminho andado. Mas uma vaca não consegue parir um leão, com todos os amuletos que se lhe ponha ao pescoço.

– Oh, as vacas tinham de vir – disse Jaime. – Ou não se tratasse dum

cuvale.

– Cada um usa os exemplos que conhece. Desculpa se tenho pouco conhecimento citadino. Sou um criador de gado, mas não acredito nessas magias de que tanto falam. Estudei o suficiente para entender a raiz das coisas.

– OK, OK, não te zangues, cada um fica com as suas crenças. Mas que só podia ser o realismo animista a contar a estória de Lueji, isso não podes negar.

– Obscurantismos! – refilou Cândido, meio irritado.

Lu lhe segurou na mão por cima da mesa, calma, essas coisas não devem ser discutidas, nunca se chega a lado nenhum. Depois retirou a mão, porque todos os olhavam, admirados. Lu não era muito desses gestos de ternura para os amigos, havia já algo por trás? Não, não havia, foi um gesto irrefletido, apenas. No entanto, Jaime ficou pensativo.

– De qualquer maneira, agora que as coisas estão a correr bem, Lu, não abandones o amuleto – disse a Diretora. – Ninguém acredita nisso, mas mal não faz. Cágado sábio morre velho...

– Não faz mal! – disse Cândido. – Vocês não entendem. Realmente os citadinos nunca deixam de me surpreender. Vivem numa metrópole onde aparece gente de todo o Mundo, veem cinema e televisão de todo o lado. Deviam ter um espírito científico, ainda mais porque estamos a meses do ano 2000. E afinal querem desenterrar crenças que só atrasam...

– Desenterrar? – falou Olga pela primeira vez. – Elas estão aí, como desenterrar?

– Sim, tens razão – concordou Cândido. – Desenterrar é palavra imprópria. Querem reforçar, assim está melhor. As religiões só amarram o homem. Nunca estiveram no campo, não é? Pois não sabem o que se faz em nome dessas crenças e religiões. O homem é impotente perante a Natureza, deixa se subjugar por ela, não há nada a fazer, os espíritos é que sabem se deve chover ou não, o deserto avança e o gado morre, são os espíritos que o querem porque alguém cometeu um crime contra eles. E as obras necessárias não se fazem e o homem continua escravo da Natureza ou dos outros homens mais poderosos. Os tais que defendem as tradições para que tudo se mantenha na mesma e eles conservem ou reforcem o seu poder sobre a sociedade. Isto não é teoria, passa-se ali na minha região. E nas outras. E venho para Luanda, onde deviam nascer as ideias mais avançadas,

e afinal o que vejo? Intelectuais, artistas, rezando aos deuses ou com amuletos ao pescoço. E perdendo a confiança em si próprios, perdendo até o amor-próprio, subjugados a vontades de cazumbis. Francamente!

Ninguém replicou. Eram palavras magoadas, ditas em tom sério mas sem agressividade. Não ficaram chocados, apenas refletindo. Cândido continuou:

– O bailado é bom porque se juntaram vontades e talentos fora do comum. Vocês são mesmo bons e criaram uma coisa bela. Não diminuam o valor do vosso trabalho. Deixem que os outros o diminuam, por todas as razões obscuras que conhecemos. Não sejam vocês a ver defeitos no vosso filho.

– Por que te pões de fora? – perguntou Lu.

– Porque já apanhei o comboio em movimento. O mérito é vosso. Eu não fiz nada...

– Criaste, sim. Estás a enriquecer o que estava planeado.

– OK! Estou a enriquecer. Estamos todos. Não foi nenhum ser sobrenatural que nos ajudou, é isso que minteressa compreendam.

– Claro que não foi – disse a Diretora. – No fundo, sabemos. Mas pensar que a conjunção de astros ou de espíritos é favorável reforça a nossa confiança e faz com que as coisas saiam melhor, porque mais convictas. É só isso.

– Continua a ser uma concessão ao obscurantismo.

– Se declarássemos isso numa entrevista, então seria – disse Jaime. – Mas fica só entre nós. É uma espécie de cumplicidade coletiva, meio a brincar, que reforça a coesão do grupo.

– Meio a brincar? É a brincar que põem uma panela com água à entrada da sala, quando vão ensaiar?

– Oh, isso é para os espíritos malignos não passarem da porta – disse Jaime, com uma gargalhada. – O que o checo devia ter feito quando ensaiámos o *Cahama*. Daí o fracasso...

Cândido levantou, agora furioso, da mesa. A voz saiu contundente, parecia mesmo um cuvale a comandar um ataque:

– Com vocês não dá mesmo para falar.

Ia sair mas Lu lhe segurou de novo na mão, espera, não nos vais acompanhar a casa? O teu hotel é para as nossas bandas. O grupo inteiro levantou da mesa, se diluiu aos grupos na noite de cacimbo que já caía

sobre a cidade. Cândido acompanhou Lu e Olga. Durante um bom bocado em silêncio. Lu pensava na força que emanava do caráter do parceiro. Teimoso, obstinado, talvez dogmático, também ele? A obstinação da raça estava bem patente, quem não conhecia a irredutibilidade dos Cuvale, que sempre levantaram a cabeça contra todas as opressões, orgulhosos com o seu gado e as suas ongandas? Mas ao mesmo tempo Cândido era generoso e sabia ser meigo, como Ilunga. Uma combinação de Ilunga com Tchinguri? Já antes tinha pensado o mesmo de Uli, mas então estava errada, Uli não tinha a firmeza de Tchinguri. Cândido, sim, era a síntese. Que significa isso para mim? Recusou ir mais longe nos pensamentos e disse:

– Vens jantar connosco. A Olga vai preparar uma coisa boa, não é, Olga?

Cândido aceitou e entraram no prédio, cujas escadas estavam mais uma vez às escuras.

– Nunca mais vai haver luz aqui – queixou Olga.

– Mas por quê? – perguntou Cândido.

– Sempre que se põe lâmpadas novas, roubam-nas. Continua a haver falta na cidade.

Subiram pela escada às apalpadelas nas paredes. E Olga foi preparar o jantar. Cândido aproveitou falar:

– Não queria voltar ao mesmo, mas francamente, Lu, vocês desiludem-me. Brincam com essas coisas, uns brincam, outros não, mas dizem que brincam... E não veem as consequências. Imagina os bailarinos que vieram da Lunda. Não têm o vosso nível de instrução. Acreditam totalmente no feitiço. E que vão dizer quando para lá voltarem? Os artistas da cidade também acreditam, até põem panela com água para afastar os cazumbis. Isso reforça as suas crendices e vai lhes dar um argumento fortíssimo para convencerem os seus lá na Lunda. Ora os artistas têm uma responsabilidade muito grande na educação do povo. Pelo que dizem ou criam e pelo exemplo. E é esse o exemplo? Gostava que pensasses nisso, Lu. O que pode ser uma brincadeira na cidade, sem mais consequências, é de uma importância terrível no campo. Luanda tem de começar a pensar em termos do resto do País, não viver só para si.

– O Jaime brinca com isso, mas eu não. Um dia vou te contar a estória, é pelo menos perturbante. Mas hoje não.

– Então eu conto-te a minha. Quando fui para a escola, acreditava nisso tudo como qualquer miúdo cuvale. Depois comecei a estudar Ciências e a

encontrar respostas para as perguntas que fazia na onganda e que me explicavam pelas forças naturais ou feitiços ou maldades desconhecidas. E as respostas da Ciência tinham sentido. Interessei-me, era curioso, e estudei mais que ninguém. E cada vez mais as respostas tinham sentido. Fui para o Tchivinguiro, só queria estudar para encontrar respostas cada vez mais coerentes. E convenci-me. Essas crenças só servem para escravizar. Por isso quis ser professor. Para libertar aqueles jovens que vão para lá cheios de superstições, pois praticamente todos vêm do campo. Qual é o cidadão que quer estudar Agronomia ou Pecuária? E o meu trabalho é esse. Mostrar que, se se tem mentalidade científica, o gado produz mais e as pessoas obtêm mais bens, vivem melhor. Essa é a minha luta de todos os dias. Também como professor de dança, mostrando que a tradição deve ser utilizada, mas num sentido de progresso, de libertação das pessoas. Pois bem. Imagina que o brincalhão do Jaime vai lá expor as suas brincadeiras. Destrói todo esse trabalho. É justo?

– Estou muito baralhada. Claro que não é justo ir um diletante qualquer lá estragar o vosso trabalho. Por diletantismo. Mas não estou tão certa que essas crenças escravizem...

– É evidente para quem viveu nessas sociedades. O poder tradicional baseia-se nisso. Dos velhos sobre os novos, dos homens sobre as mulheres, das ideias velhas sobre as ideias novas. E a submissão do homem à Natureza. O homem se torna incapaz de iniciativas para mudanças benéficas, pois tudo gira segundo a vontade dos ventos ou do oma-kisi. O homem acaba por não contar, é um brinquedo das forças superiores. Se o homem não conta, como vai mudar a sociedade e aperfeiçoar os métodos de trabalho? Só a educação pode mudar as coisas, mas uma educação vista em termos globais, de cultura. É o que fazemos lá.

– Talvez tenhas razão.

– Devemos aproveitar os cânticos, as danças, as outras artes tradicionais. Mas depurando-as das crendices obscurantistas.

– O que significa adulterar a cultura, pois esta é um todo.

– Qualquer aperfeiçoamento é uma adulteração. E nenhuma cultura se mantém parada. Isso queriam os nossos tradicionalistas, para não perderem os privilégios.

– Talvez.

– Não te chateio mais. Põe música. Tens Vivaldi?

- Como adivinhaste, Cândido?
- Talvez eu seja um pouco feiticeiro!

E riram os dois. Os primeiros acordes das *Quatro Estações* invadiram a sala e Lu se sentia bem com Cândido a seu lado. Um cuvale materialista que gostava de Vivaldi. Que mistura! Eu, como escritor, nunca teria a ousadia de inventar um personagem assim. Mas essa é a magia do nosso mítico Sul, que cria tais homens.

Estava nas férias da escola. Lu tinha todo o tempo para ensaiar, de manhã e de tarde, à noite se fosse preciso. Mas já não era, o grupo estava pronto. E veio o dia do ensaio geral, no palco do Nacional, que eles tão bem conheciam. Mabiala e Uli apareceram, mais alguns jornalistas convidados. Os jornais e a rádio tinham feito muita publicidade e até a televisão. Os bilhetes da estreia estavam todos vendidos e se repassavam na candonga a preços cinco vezes superiores. Fantástico, disse Cândido a Lu, até bilhetes para espetáculos de dança entram na candonga, estamos a ficar civilizados. Quando chegaram os responsáveis para visionarem o espetáculo, acompanhados por Senhor Eugénio, a Diretora fez sinal ao operador do som para começar a música. E desabafou:

– Esse Senhor Eugénio não nos larga! São sempre os lumpen que promovem a burguesia.

Fora uma cena difícil quando Mabiala lhe disse, no programa deve vir que a música foi patrocinada pela firma de Senhor Eugénio. A Diretora sempre conseguira evitar a interferência do rico no seu grupo. Berrou e barafustou, xingou o Afonso de todos os nomes, e ele podia perder as ilusões que no programa não ia aparecer isso. O compositor coçava a cabeça, eu sei, eu sei, foi um erro mas está feito. Eu estava desesperado, precisava de dinheiro para pôr os músicos a gravar, não encontrei outra solução. Foi esse o contrato e agora tenho de cumprir. Discutiram ainda, mas a Diretora teve de ceder, também não podia colocar o Afonso em situação de dívida permanente em relação ao rico, seria escravizado, com a obrigação de lhe pagar tocando nas festinhas particulares que Senhor Eugénio promovia só para amigos e meninas das escolas. E no programa constou discretamente o patrocínio.

Os primeiros minutos foram de tensão, apesar de não ser ainda a estreia. Mas depois o grupo se soltou, esqueceu o público restrito, sobretudo com a dança coletiva anunciando a morte de Kondi. No intervalo, Mabiala e Uli

foram aos camarins. Senhor Eugénio também tentou, mas foi travado na porta por ordem expressa da Diretora, a entrada era só para os da casa. O ricaço tentou forçar, fui eu que paguei a música, mas o empregado se manteve inflexível. E Senhor Eugénio foi fumar um charuto para o pátio, ruminando rancores.

Lu estava sentada com Cândido, quando Mabiala fez irrupção, lhe pregando dois beijos.

– Estás um espanto, Lu. A minha música é boa, muito boa mesmo, mas tu lhe dás uma dimensão... como dizer? Sideral. A cena do lago então, quando vês o Ilunga sair da Lua... Espantosa!

– Não sou só eu. O Cândido também está perfeito, a sair da Lua. É mesmo um príncipe encantado.

Mabiala olhou de lado para o bailarino, que sorriu pela fala de Lu. O compositor disse:

– Desculpa, não reparei nele. Só te vi a ti.

– Exagero!

– Sou sincero. Tu enches demais o palco para que se repare nos outros.

– Então é uma falha, algo está errado – disse Lu.

– Não, está tudo certo. Eu é que talvez seja um mau espectador, que me fixo só em ti. Que queres? Essa música toda foi feita para ti, só para ti. Salvaste-me. E me amarraste para sempre.

Cândido estava incomodado por assistir àquela declaração de amor. Mabiala não se constrangia e podia gritar até pelos telhados, que a cidade inteira soubesse. E estava sóbrio, durante todo o dia só bebera umas cinco cervejas. Lu também não sabia como agir, pois sentia a verdade no que era dito. Tinha pena do Mabiala, compusera a sua obra-prima para ela e ela estava já tão longe dele, dividida, e ele não fazia parte da divisão, nem como resto. Foi Uli que salvou a situação, ao saudá-la. Lu aproveitou e disse, preciso de falar contigo e puxou-o para um canto. Mabiala fez um gesto de impotência, lançou um sorriso triste a Cândido e foi falar com Olga.

– Então, repensaste? – perguntou Lu.

– Em quê? – respondeu Uli. – Referes-te à dança? Acho que parei de vez, vou ser médico. Aliás, vejo bem que já não precisam de mim, esse Cândido é muito bom.

– Não falava da dança. Falava de nós.

– Ora, já te disse, é impossível. E fico tranquilo, maninha, tu também já não precisas de mim. O Cândido é um bom par, vocês se entendem, e não só a dançar. Está na cara!

– Que estás a pensar? Não há nada entre nós.

Na véspera Cândido lhe falou da mulher que tinha e que foi embora com o filho, farta de viver longe da cidade. E que nunca mais sinteressara por ninguém, até a conhecer. E avançou mais, mas ela incompreensivelmente pôs travão. Precisava ainda de falar com Uli?

– Não há nada? Vai haver.

– É assim tão evidente?

A pergunta dela era quase uma confirmação e os dois assim entenderam. Lu sentiu tinha dado mais um salto no escuro, mas estranhamente não se arrependeu.

– É sim, maninha, está escrito na maneira como dançam. Acho bem, fico contente, verdade mesmo.

– Não acredito, Uli.

– Ora, fico contente e também com ciúmes, não o posso negar. Ver-vos assim juntos, a dançar, sentados juntos depois de dançarem, para que o cordão se não rompa... Claro que me faz qualquer coisa. Mas isso passa e vai ficar só o contentamento. Quero que sejas feliz.

Lu ficou calada. Tinha precisado falar antes com Uli, como Lueji precisara de anunciar primeiro a Tchinguri o seu casamento com Ilunga? Era a estória a se repetir ou apenas coincidência? Até porque nada estava decidido e certamente nem haveria casamento nenhum. Cândido nunca aceitaria se fixar em Luanda. E ela ia abandonar tudo para se enfiar no Tchivinguiro, uma aldeia lá no cimo da serra da Chela? Nem sequer tinha pensado nisso, só agora. Tinha admitido a hipótese duma ligação, claro que sim, aquela atração ao dançar com Cândido tinha de desembocar na cama, o caminho era uma picada a direito. Mas não pensara em mais nada.

– Sabes, Lu, escrevi à Marina.

– Sim? E então?

– Ela vai voltar. Compreendeu finalmente. Não há nada como voltar a casa para ver mais claro. Respondeu a dizer que vem.

– Ainda bem – disse Lu, um soluço na voz.

Uli safastou e Lu foi sentar ao lado de Cândido. Pegou na mão dele para ganhar força. Tinha vontade de chorar, por causa do Uli. Mas não podia, ia

estragar a maquilhagem, ia perturbar o ensaio geral, um profissional esconde todos os sentimentos, ultrapassa-os sozinho, para que a arte não sofra nenhum arranhão. E depois, não era normal que Uli e Marina voltassem a sentender? Estava certo. A mão dela na de Cândido mostrava já nada havia a esconder, era a resposta que recusara ontem. Então, para a frente, Lu, e que a centavó ajude. Mas não seria nessa noite, não na véspera da estreia. Seria na própria noite da estreia, decidiu ela.

Voltaram para o palco, os dois de mãos dadas perante o sorriso cúmplice do grupo e um certo fulgor de raiva no olhar de Jaime. Estavam prontos para o segundo ato e o ato mais importante de Ilunga durante a ausência de Lueji foi enviar Mai e o seu primo Mutombo para as terras dos Mataba. Mai nada podia esperar da Lunda e não se conformava em ser o eterno companheiro do irmão nas caçadas. Aspirava a terras e horizontes. E os Mataba continuavam a recusar qualquer tributo. Ilunga tinha consultado Lueji, por intermédio de Kumbana. E eles lá foram, com acompanhantes lubas e lundas, mais as suas mulheres lundas, conquistar as terras vizinhas do rio Cassai.

Dias depois de Lueji voltar a Mussumba, vieram as primeiras notícias. Um combate tinha tido lugar, Mai fora triunfante, mas não tinha sido decisivo. As forças dos Mataba eram muito superiores em número e defendiam o seu território. A Lunda precisava de mandar reforços. Ilunga entregou essa tarefa à mulher, feliz por poder voltar à caça. Ele agora era o rei nominal, o lukano sagrado enfeitava o seu pulso, mas delegava na rainha a chefia dos assuntos do Estado, és melhor do que eu para essas coisas. E tenho de apanhar mais marfim, preparar a primeira caravana para a Luba, os árabes devem estar a chegar lá.

Lueji retomou assim o reino. Encontrou os Tubungo muito calmos. E depois descobriu que Ilunga, sem lhe dizer, tinha tomado outra medida que ia se revelar fundamental para a consolidação do trono. Forte pelo mujimbo que a rainha ia ter um filho e pelo prestígio que ele próprio tinha, Ilunga instituiu a obrigatoriedade de os principais nobres viverem na capital: ou eles, ou representantes que tomavam as suas funções e até eram designados pelo seu nome. Muitos Tubungo preferiam viver nas suas terras e assim eram bastante autónomos do poder central. Nem tributos enviavam e sempre refilavam se se lhes pedia jovens para o exército ou para pequenos trabalhos. Agora ficavam na corte, em chipangas confortáveis, cujo sítio

fora escolhido pelo trono. E passavam o dia a conversar no tchota e a fumar liamba. Inofensivos. Enquanto isso, jovens funcionários escolhidos pelo rei fiscalizavam as terras e obrigavam os pequenos muatas a enviar os tributos. Primeiro os Tubungo pensaram em mandar representantes a Mussumba. Mas refletiram melhor. Se o fizessem, estes representantes podiam tomar decisões em seu nome, sujeitos a todas as pressões do soberano. Mesmo contra, a vontade deles. E resolveram quase todos se fixar na capital. A razão invocada por Ilunga era simples: como estrangeiro, só podia governar se tivesse os mais sábios conselheiros. A vaidade ajudou-os a aceitar. Depois Lueji voltou e manteve a medida. Apesar de quase nunca os consultar. Alguns, como Kakele, Kakolo e Sambunje já viviam antes em Mussumba. Mas muitos viveram sempre arredados do trono, senhores totais nas suas terras. Esses perderam a independência. Mesmo para irem visitar o território respetivo tinham de pedir autorização ao soberano. O que por vezes lhes era negado. Os Tubungo já não eram nada, só o trono e os jovens oficiais mandavam. Mas estavam conformados, perdidas as ilusões criadas pela esterilidade de Lueji.

Um dia Kamexi pediu audiência. Lueji o recebeu com uma ponta de nostalgia, não tinha esquecido o que ele fizera por ela.

– Rainha, estás a preparar os reforços para enviar a Mai. Venho te pedir, deixa-me comandar os reforços. E depois deixa-me avançar para ocidente de Mataba.

Também ele? Se todos os jovens queriam ir, quem restaria na Lunda? Sempre a perseguição da bela linha azul. Tentou fazê-lo voltar atrás na sua decisão, mas Kamexi insistiu:

– Lueji, depois que saboreei o teu corpo nunca mais tive sossego. Vivo nesse tormento. Por favor, deixa-me ir para longe. Assim esquecerei talvez.

Era irrecusável. Também o mais prudente. Apesar de Kamexi ser absolutamente fiel e discreto, podia alguém desconfiar da maneira dele a fitar. Lueji já não precisava de arriscar aventuras, agora tinha o seu filho. E Kamexi seria útil, se conseguisse formar um Estado mais à frente de Mataba e acima do de Kapenda. A Lunda estaria totalmente protegida do lado ocidental. Aceitou a contragosto.

Na véspera da partida de Kamexi e porque Ilunga continuava na caçada, e porque muito gostara do primo, a rainha convidou-o a passar a última noite com ela. Era a despedida para sempre.

Kamexi partiu com os reforços, ajudou Mai e Mutombo a dominar os Mataba, onde se edificaria o Estado de Mai Munene, o Grande, tributário da Lunda. E Kamexi recebeu o título de Caungula e avançou para ocidente, formando o Estado de Caungula no rio Chicapa, que dividiu depois entre os seus filhos. Esses Estados tributários enviavam à Lunda marfim, carne seca, cereais, mel e sal, sobretudo sal. E as lendas, com que sonhava a rainha.

Lueji se ocupava de duas coisas: o Estado e Yanvu. Kamonga Luaza só lhe dava de mamar. De resto quem tudo fazia era a rainha. Tratava dele como prometera, como dum filho. E o amava como tal. Quase sempre esquecia que ele tinha outra mãe. Passava tempos infinitos a brincar e o levava para todo o lado. Kamonga tudo aceitava de boa vontade, tal fora o contrato. E nunca queixou a ninguém. Depois deixou de amamentar e Ilunga já podia voltar a dormir com ela. E voltou a engravidar. Isso simplificava muito as coisas, cada mulher ia ter um filho com quem se ocupar.

A rainha falava cada vez mais com Majinga. Tinha superado a aversão que lhe causava aquele olhar de lado e reconhecia nele muito conhecimento, sobretudo dos povos ocidentais. Como tahi se mostrara impecável: sempre o seu ngombo confirmava o que Lueji queria ouvir. Os conselhos de Majinga tinham sido valiosíssimos para o relacionamento da Lunda com os vizinhos e possibilitaram a integração desses povos sem guerra. O segredo era simples: os chefes dos povos submetidos conservavam a maior parte das regalias e uma grande parte do poder de administrar a justiça; os lundas decidiam apenas das grandes questões. Os chefes locais assim mantinham o prestígio e recebiam o apoio militar do grande vizinho. E os tributos que enviavam eram compensados pelo que aprendiam para caçar melhor e produzir com instrumentos mais aperfeiçoados. Conselho de Majinga.

O tahi se revelava também um pensador. Em longas conversas, revelava aos poucos as suas ideias. E era muito diferente de Kandala, que sempre fora apenas o guardião das tradições. Majinga inovava. Relacionando os costumes de vários povos e aprofundando as ideias em discussões com Ilunga e Lueji, o tahi acabou por formular o que seria a chave do poderio lunda nos séculos seguintes. O poder obtido pela força se perde também pela força. O verdadeiro poder é aquele que se ensina pela persuasão e pelo benefício que se pode adivinhar nele. Assim a integração dos chefes de territórios vizinhos.

– Mas há mais. Ilunga diz na Luba a morte do chefe é acompanhada de grandes convulsões. Também na Lunda. Se há vários pretendentes só a guerra pode decidir. E uns muatas apoiam um pretendente e outros apoiam o outro, porque com a vitória do seu, obtêm cargos importantes. É isso que se deve mudar.

– Mas como é possível? – interrogava Ilunga.

– Vejamos. Kumbana é o kanapumba da Lunda. Fundamentalmente porque pertence à linhagem de Lueji e por isso lhe será fiel. Mas não só. Porque é competente no cargo. Ora, nem sempre se é competente e se pertence à linhagem certa. Que fazer então? Em caso de morte de Kumbana, escolher alguém competente para lhe suceder. Se for da mesma linhagem, perfeito. E se não for, o que é mais comum? Muito simples. O escolhido, mesmo se não é sobrinho de Kumbana, passa a ser Kumbana, no nome e no parentesco. Substitui o falecido em tudo, ele é o falecido. O cargo determina a pessoa e a sua linhagem. Assim, as gerações se sucedem, mantendo as mesmas ligações de origem. As alianças que formaram o poder se mantêm, tudo fica estável.

– Deste o exemplo de Kumbana – disse Lueji. – Mas se se tratar de Yanvu? Ele é da minha linhagem e será rei. Mas o seu filho pertencerá à linhagem da mãe e não à de Yanvu... Se o filho de Yanvu for Yanvu em tudo, no nome e no parentesco, então ele pertencerá à minha linhagem. E o filho dele também...

– Sim. O poder nunca sairá da tua linhagem, rainha.

– Yanvu assim nunca morre. Muda apenas de corpo para rejuvenescer...

Ficaram calados, meditando na última frase de Lueji. Se o rei nunca morre, apenas adquire um novo corpo, deixa de haver convulsões na altura da sucessão. É a linhagem que escolhe o herdeiro. E o mesmo se passa com os mais altos cargos, que encontram novos corpos para os preencher. As alianças se tornam eternas.

– Uma coisa dessas ia provocar a ira dos Tubungo – disse Ilunga. – São tão agarrados às tradições da Lunda...

– Me pergunto se as nossas tradições são sempre as melhores – disse Lueji. – Se outros povos têm leis que parecem mais favoráveis ao trono, o qual dá a unidade do povo, por que não as adotar? Os espíritos se revoltam. Por quê?

– Já houve mudanças na tradição e os espíritos não se revoltaram – disse

Majinga. – Só se revoltam se as novas medidas põem em perigo a Lunda. Eles protegem a Lunda, para isso estão lá no cimo das mulembas. Mas pode não ser a Lunda igual à que era no seu tempo de vida.

– A minha esterilidade não foi castigo por ter quebrado algumas tradições? Sempre me perguntei isso.

– Ninguém conseguiu saber – disse Majinga. – Mas se foi castigo, o caso foi resolvido na mesma. Como vês, rainha, os espíritos acabam por aceitar as decisões dos reis.

– Se são justas – rematou Ilunga.

– Sim, se as decisões conservam a Lunda – apoiou o tahi. – Quando a presença de Tchinguri na Mussumba representava um perigo para a Lunda, logo o espírito de Kondi se manifestou... Só então.

– Tchinguri disse foi uma manobra dos Tubungo – revelou Lueji. – E que Kandala se prestou a isso.

– Pensava não era o espírito de Kondi? – perguntou Ilunga.

– Isso. A mulher falou só à toa, na sua língua que ninguém podia compreender. E logo Kandala, a conselho de Kakele, disse é o espírito de Kondi a exigir o exílio de Tchinguri.

– Kandala contou-me – disse Majinga. – Um grande tahi pode entender o espírito que fala numa língua estranha. O mal de Tchinguri é que não acredita em nada, só nele. Por isso vai acabar mal. Um chefe pode mudar as coisas, mas sem ofender os espíritos. Tchinguri queria mudar as coisas, tinha ideias novas, mas ria dos espíritos. Os espíritos aceitam mudanças, se se lhes explica o sentido das mudanças. O que nunca aceitam é a ofensa, o riso acerca do culto, eles são os espíritos dos antepassados, merecem todas as deferências.

– E os espíritos podem aceitar o filho de Yanvu como Yanvu? – perguntou Lueji.

– Se quiseres, rainha, eu falo com eles. Vai durar muito, mas posso convencê-los.

– E os Tubungo? – perguntou Ilunga, preocupado.

– Os Tubungo hoje são nada – disse Majinga. – Se os espíritos aceitarem, eles são obrigados a aceitar. Qual é o Tubungo que ousa ir contra a vontade dum espírito, revelada pelo ngombo? E há muito tempo para isso.

– Uma coisa eu já decidi – disse Lueji. – Quando Yanvu tiver idade para comer sozinho, ninguém mais o verá comer. Como o pai. Ninguém pode ver

Nzambi comer, ou os espíritos. Yanvu é da mesma qualidade de Nzambi.

– Isso é tradição da minha terra – disse Ilunga.

– Yanvu recebeu essa qualidade do pai dele – disse Lueji.

– É preciso aproveitar as boas tradições das outras terras – concordou Majinga. – E o filho de Yanvu, sendo Yanvu, também é da qualidade de Nzambi, não é assim, rainha?

– Claro.

Terminaram a conversa, satisfeitos porque se compreendiam bem os três. Noutra ocasião, sentados à volta do fogo na onganda real, Ilunga perguntou a Majinga:

– Tu que sabes tanto, podes dizer-me se há espíritos mais fortes e outros mais fracos? Ou são todos iguais?

Majinga sorriu e atçou o fogo.

– Também para lá do Cassai se discutia muito isso. E a minha ideia é clara. Evidente que há espíritos mais fortes. Alguns nem sabemos que existem. Quais são os fortes, os que se manifestam? Os espíritos, dos antepassados que foram importantes em vida. Numa família de pescadores, o espírito dum avô pescador pode se manifestar para proteger a família. Por causa duma doença, por exemplo, ou um enfeitiçamento. Mas nunca esse espírito vai dar uma opinião sobre um assunto que toca muitas famílias. Os que se manifestam sobre os grandes assuntos são os antepassados dos reis, aqueles que foram grandes chefes, os criadores de tudo. Esses são os espíritos poderosos, Nhaweji, Muako, agora Kondi, os que vêm em linha reta desde os fundadores da Lunda. E já repararam que não é um tahi qualquer a poder adivinhar os seus desejos? Um tahi qualquer pode descobrir a causa duma doença e indicar como causador o espírito do avô pescador. Mas para tratar com os grandes espíritos, os que dão opinião sobre os assuntos do Estado, só um tahi especial...

– Como tu – disse Lueji.

– Como Kandala – corrigiu Majinga, modesto.

– Da mesma maneira que só o soberano pode tomar certas decisões que dizem respeito a todos – disse Ilunga.

– Lá em cima é como cá embaixo – concluiu Majinga.

Como o país estava calmo e não havia perigo iminente, Lueji resolveu diminuir o seu exército. Os soldados eram um peso na capital e a sua linhagem tinha de os manter, apesar de muitos já terem mulheres que

faziam lavras. Os tributos vinham das províncias mas os celeiros reais estavam sempre vazios. Já não se justificava tanta gente a treinar todo o dia e a fazer guardas. Assim, os soldados foram sendo mandados para as províncias como fiscalizadores dos tributos, se tornaram funcionários fiéis ao trono, até porque quase todos eram provenientes das terras de Salukunga. Lueji tinha informações seguras de tudo o que se passava no reino e a certeza de receber os tributos certos no tempo certo. Kumbana ainda tentou replicar e se nos atacam? Mas Lueji tinha a resposta pronta, se nos atacam, sabemos isso com muito tempo. Convocamos de novo toda a gente para o exército. O sistema de mundos ocupava todo o território e num só dia a Lunda inteira podia ouvir o toque do leão, chamando os soldados para Mussumba. A guarda real foi reforçada com os bons soldados e comandantes que não serviam para mais nada, com o efetivo de quinhentos homens. Era de fato um exército pronto a integrar os soldados que seriam convocados. E o kanapumba acabou por aceitar, como Timóteo que veio encorajá-la antes do espetáculo começar. Vinha acompanhado duma nova mulher, talvez apenas uma amiga, mas com Timóteo nunca se sabia. E lhe segredou ao ouvido, apontando Cândido com o queixo, já sei que encontrei o teu príncipe. Felicidades! Por causa dum mbambi perco muitos songues, pensou Lu, satisfeita, um mbambi vale uma multidão de songues, é muito mais difícil de apanhar. Na noite da véspera, Cândido tentou subir com ela ao apartamento. Como tinha decidido, Lu disse hoje ainda não, amanhã sobes. Cândido ficou desapontado, mas não insistiu. Ele nunca pedia ou suplicava, orgulho de cuvale. Abraçou-a repentinamente e lhe beijou os lábios. Até amanhã, e partiu. Como quem recupera o seu boi roubado.

Antes de começar a estreia, fui ter com os bailarinos ao camarim. Precisava mabrir para Lu, estava demasiado apaixonado. Me deixaram entrar e vi Lu e Cândido de mãos dadas.

– Lu, preciso te falar agora mesmo. Bem sei, o momento não é apropriado. Mas há coisas que se dizem em qualquer momento.

Ela olhou para mim com estranheza? Talvez por causa do meu ar ansioso. Cândido também se colocou numa defensiva eriçada de tabaibo.

– Que se passa?

– Não aguento mais. Estou amoroso e tenho de te dizer agora.

– Afinal? – disse ela, nitidamente atrapalhada, olhando de lado o cuvale.

– Sim, pela estória que inventaste. Lu, deixa-me escrever um livro sobre isso. A tua visão da Lueji, como está no roteiro. Desenvolvo num romance.

Ela lançou uma gargalhada. De alívio? Olhou sorridente para Cândido, que retribuiu, abrindo as mãos.

– Claro que pode. Isso foi só feito para um bailado. Pode fazer daí um livro, até fico muito satisfeita.

Beijei-a. Apertei a mão ao outro, muito obrigado e boa sorte. Em tudo. E fui quase a correr, apesar da ciática, ocupar o meu lugar na primeira fila, reservada aos convidados do Grupo Kukina.

A sala do Nacional estava cheia e lá fora tinha sido necessária a intervenção da polícia, porque nas candongas se tinham vendido bilhetes a mais. Inexplicável. Algumas pessoas, com bilhetes na mão, não puderam entrar, porque a sala já abarrotava. Foi o caso de Senhor Eugénio, barafustando, eu sou um dos promotores, mas não adiantava todo o seu ar importante, a polícia afastou-o da porta e a todos que estavam atrás, tivesse vindo mais cedo, e Senhor Eugénio não assistiu à estreia porque quis chegar mesmo um minuto antes, para que todos o vissem entrar e comentassem, este senhor é um mecenas das artes, então o nome dele não está no programa?

Através do pano de boca, Lu viu na primeira fila Mabiala, roendo as unhas com seu ar desarranjado, Uli parecendo imperturbável para quem não o conhecia, mas estás a rezar por mim, maninho, eu sei, e Matias, o crítico de arte do jornal, com seu estilo impertinente e ao mesmo tempo simpático.

O bailado começava com Lu no lago, desesperada por causa da maka entre Tchinguri e o pai. No cenário estavam pintadas gigantescas rosas de porcelana, sobre fundo azul, e a luz também seria azul, dando a dimensão da noite sobre o lago. Viteix tinha acedido a pintar esse cenário. A Diretora lhe fez sinal, Lu beijou Cândido à frente de toda a gente e foi se colocar no meio do palco, sentada, pronta a começar. E pensou num relance, mas vai dar mesmo certo com o Cândido? Ele era independente e orgulhoso, como ela. Numa relação alguém tem de ceder. Quem iria ceder ao outro? Porque ela nunca iria para a serra da Chela. Já adivinhava os relâmpagos e cenas de amor que se sucederiam. Ora, o futuro dirá. Agora não sou Lu, apenas Lueji renascendo a cada dia que dance, como os Yanvus de todos os tempos, a partir daquele Yanvu original que agora já comia sozinho. Apenas uma mulher lhe podia servir comida feita pelo Muari Muixi, cozinheiro-mor de

Ilunga. Por essa altura, Lueji perguntou a Majinga:

– E como vão as tuas conversas com os espíritos? Já os convenceste que o filho de Yanvu deve ser Yanvu?

– Só falta convencer o espírito do teu pai. Os outros estão de acordo.

– E por que o espírito do meu pai está tão reticente?

– Não sei. Talvez te ocupes demais do teu filho e não o vás visitar tanto quanto ele quer.

Lueji voltou a ir todos os dias à anza, onde a jiboia e os cágados guardavam os espíritos. Falava com o pai e via se as suas mahambas eram bem cuidadas. A comida e o vinho de palma nunca faltavam. De que se queixava ele então? Não fizera sempre as suas vontades? Devia pois aceitar que o bisneto fosse igual ao neto, para a sua descendência reinar eternamente.

No entanto, segundo Majinga, o espírito de Kondi não se comovia, no ngombo se manifestava inflexível.

E muata Kakele morreu. Lhe devia suceder o sobrinho Mujimbula na chefia da linhagem. Não sem problemas. Os debates e rixas entre os sucessores duraram muito tempo, pois Mujimbula era um ser apático, silencioso, se ocupava mais de problemas pequenos da casa e se desinteressava do resto. Era uma linhagem importante, a de Kondi, a grande aliada da linhagem de Lueji. Por isso a rainha se sentiu na obrigação de intervir. Distribuiu terras e títulos pelos outros pretendentes, com a condição de não obstruírem a chefia de Mujimbula. E este ficou a dever o favor à rainha da Lunda. Ocupou o lugar de Kakele no Conselho dos Tubungo, sempre distraído, sempre sem opinião própria. Quer dizer que estava sempre de acordo com a soberana. Gente dessa é que ela precisava no Conselho.

Aprendendo com a experiência, Lueji voltou a intervir na sucessão duma linhagem, quando velho Kakolo morreu. Apoiou o sobrinho Massaca, que lembrava Chinyama, só pensava em comer e beber. E Massaca lhe prometeu fidelidade se ela convencesse os outros pretendentes a se afastarem da chefia da linhagem. Para isso Lueji passou a reservar territórios e títulos. Não impunha os seus pretendentes à força, mas pela persuasão. E em poucos anos as principais linhagens tinham chefes que iam dormir ou sonhar para o Conselho, o qual reunia cada vez menos, para alívio dos seus componentes.

E Lueji reinava sozinha, com os conselhos de quem ela escolhia, Ilunga,

Kumbana, Majinga, Kakongo e poucos mais. Mas o espírito de Kondi continuava a recusar o novo costume que lhe queriam impor, era a única nuvem negra.

Yanvu ia fazer a circuncisão. Acompanhava a mãe para todo o lado e até assistia às reuniões do Conselho, para se preparar. Lueji consultou Majinga e Kakongo, cada vez mais importante como chefe do protocolo, apesar de não ter casado e se ligar a catumas, o que provocava risadinhas medrosas entre os Tubungo. Então Lueji convocou Mujimbula:

– A tua linhagem sempre foi aliada da minha, era a linhagem do meu pai. Yanvu qualquer dia é homem. Por isso decidi que, quando tiver idade, ele vai casar com a tua filha. A aliança entre as nossas duas linhagens é a pedra da Lunda.

Mujimbula saiu da audiência todo feliz. Em breve a boa nova se espalhava por Mussumba. Os membros da linhagem de Kondi festejavam, pois segundo a tradição, o filho de Yanvu pertenceria à linhagem da mãe, portanto a deles.

Só que foi esse o momento escolhido por Kondi para se manifestar, concordando com o projeto de Lueji. Talvez porque ela tinha dado grande alegria à sua linhagem. Majinga veio avisar, ele concordou finalmente, já podemos preparar as coisas. E Majinga foi falando com os outros tahi, lhes mostrando qual a vontade dos espíritos. E Lueji foi educando Yanvu nesse sentido. E os Tubungo começaram a ouvir coisas fantásticas, vontades dos espíritos, de que eles seriam substituídos totalmente, no nome e nos cargos e nas alianças, por isso não morriam, só mudavam de corpo. Assim falavam os espíritos nos ngombos. E Mujimbula mais uma vez foi chamado pela rainha e lhe foi explicado que o filho de Yanvu seria Yanvu e como tal continuaria a pertencer à linhagem dela e não à de Mujimbula, como já se gabavam os parentes de apregoar. Mujimbula já tinha escutado essas coisas, mas agora era diferente, falava a rainha. Como ia estar em desacordo? Continuava a ser uma grande honra ter a filha casada com o futuro rei da Lunda. E lá foi contar à família, a qual teve de calar, então o chefe da linhagem não tinha já concordado?

Ainda por esta altura, a conselho de Majinga, Lueji foi mudando o seu comportamento público em relação a Ilunga. Subtilmente primeiro, depois cada vez mais acentuadamente. Se arrojava no chão à frente dele quando lhe devia dirigir a palavra e besuntava os braços de pó se ele lhe falava. Assim

habituaava todos a tratarem o marido com o máximo respeito, hábito que se manteria com Yanvu. As pessoas não falavam com um caçador qualquer, mas sim com um igual aos maiores espíritos dos antepassados, os fundadores da Lunda. Em privado tratava-o como antes e de fato ela continuava a dirigir o reino. O que por vezes provocava situações complicadas, pois ela governava e no entanto se prostrava aos pés do caçador sagrado. E os súbditos tinham de cultuar Ilunga, mas seguindo o que ela ordenasse. Bem ou mal, lá se foram habituando, um dia iam respeitar Yanvu como nunca nenhum chefe antes. Assim queria Lueji.

E Luevu morreu envenenado, o trono da Luba estava vago. Vieram emissários lubas em grande pompa, cheios de presentes do grande lago salgado onde nasce o Sol. Anunciaram a Ilunga a morte do irmão e transmitiram o pedido dos grandes dignitários e sobretudo dos comandantes para ele regressar à Luba e reinar. Ilunga disse logo não, os emissários insistiram, ficaram hospedados em Mussumba até ele pensar bem.

– Nunca! – disse Ilunga a Lueji. – Se aceito, perco-te, pois não vais abandonar a Lunda, Yanvu ainda não pode reinar. E depois não é isso. Que me interessa reinar? Gosto é de caçar. Lá será impossível. Que falem ao Mai, ele aceita. E teremos um amigo no trono da Luba, Mai nunca nos atacará.

– Será? – perguntou Lueji. – Tu é que sabes, faz como quiseres. Numa coisa tens razão. Eu nunca deixarei a Lunda.

– E eu nunca te deixarei a ti. Está decidido e nem quero ouvir mais. Amanhã vou para a caça. E bem longe.

Os lubas se sentiram enxovalhados com tanta falta de interesse e pediram a Lueji guias e mantimentos para chegarem ao Estado de Mai Munene. Lá foram dar a boa nova a Mai, tinha a Luba à sua disposição. Muito tempo depois voltaram, cansados e desiludidos. Mai lhes disse fiquem lá com a vossa Luba, onde se envenenam uns aos outros. Tenho mais que fazer do que aturar intrigas e intrigazinhas de cortesãos. Aqui o meu problema são os Pende que se não deixam submeter. Já vêm escorraçados desde o grande lago salgado onde morre o Sol e agora dizem que lutam até ao fim, de Mai Munene não recuam mais. Mas os farei ceder e só isso me interessa. Um guerreiro morre na ponta duma azagaia, não dum covarde veneno. E os emissários voltaram para a Luba sem conseguirem levar rei. Mas foram para lá dizer era inútil ter intenções sobre os territórios lundas, nem se metam

com eles, são estados poderosos e bem armados e sobretudo são gente altiva que nos não teme e até é capaz de nos assimilar.

E a Luba perdeu para sempre as pretensões sobre a Lunda.

Os anos foram passando, com chuvas regulares e sem grandes epidemias. Os espíritos estavam contentes. Yanvu ia à caça com o pai e ajudava a mãe na condução dos assuntos do Estado. Cada vez mais. Os seios de Lueji feneciam, mas nem por isso acabava o interesse de Ilunga. E nas noites de cacimbo passavam horas espevitando o fogo e conversando sobre os grandes espaços a ocidente do Cassai e as notícias que deles chegavam. Os outros povos aceitavam a autoridade lunda, imposta quase sem guerra, apenas por uma forma de organização política superior que os integrava como iguais.

Tchinguri tinha formado o grande Estado dos Imbangala, perto do Cuango, mais tarde conhecido por Reino de Cassanje, em que os chefes se chamavam Jaga. Tinha perdido o interesse pela Lunda. E depois foi assassinado pelos próprios generais dele, que olhavam apenas para ocidente. E Chinyama reinava tranquilamente sobre os Luvale, inventando estórias moralistas. Não havia perigos sobre a Lunda.

Nas noites de cacimbo, em que custa adormecer porque o frio entra por todas as partes não viradas para a fogueira, os velhos reuniam as crianças e punham adivinhas, o que passa de noite sem parar? A água do rio, respondiam as crianças, batendo palmas. E quem é o muata que dorme na terra com as esteiras por cima? A abóbora, pois o corpo fica na terra e as folhas por cima. A vida corria com os habituais casos de feitiço e rixas, que os juizes de Lueji resolviam sem a incomodar, porque só os casos importantes são dignos duma soberana de tanta grandeza, realçada agora pelo bailado que a ia imortalizar, arrancada das cinzas da História e das falas locais dos mais-velhos para ser conhecida do grande público, espantado com a revelação, afinal este País teve gente assim e nós nem sabíamos, despojados que fomos da nossa História por séculos de obscurantismo, muitas vezes nos sonhando iguais aos outros mas sempre temerosos da comparação, nada igualava as tradições da Europa a que tínhamos de ficar para sempre agradecidos porque das trevas nos tirou, quando afinal as trevas vinham de lá e nos escondiam de nós próprios, órfãos de passado, sem saber que também é glorioso, como o é essa música só feita de instrumentos locais, que enche a sala e ocupa a rua, sobe pelos

prédios vizinhos, desperta as consciências e aquece os corações descrentes de tudo, essa música que nos aponta a possibilidade de futuro, porque renascida dum passado livre, embora também servil, como tudo que existe neste Mundo no qual afinal nos inscrevemos por direito próprio, o direito de sermos nós, redescobertos, maravilhados com a nossa existência de sempre, orgulhosos por sermos diferentes e tão iguais aos outros, orgulhosos por proclamarmos a nossa diferença entre iguais, como esse bailarino diferente que faz de Ilunga, indo buscar ao seu passado de criador de gado os passos e atitudes que mistura à dança dos lundas, dos tchokue, dos do Norte e dos de Luanda, até mesmo às regras do Harlem e de Paris, enquanto a bailarina que faz de Lueji vai buscar a graça das balinesas para reforçar a graça da sua raça universal, enquanto o Jaime, puro kaluanda, revive o nervosismo dos Imbangala, os modos bruscos de Tchinguri, o que veio do Leste mítico para criar mais mitos, hoje tão mal contados, e os grupos de roda, saltando e batendo os pés, fazem levantar imaginárias nuvens de pó de terra calcinada das chanas, ali, sobre o palco de madeira do Nacional, lavado e relavado para a ocasião, mas as pessoas sentem nos narizes o irritantedoce gosto de poeiras antigas, depositadas na memória coletiva que nunca é aniquilada, por quantas ideologias se lhe ponha em cima, porque são poeiras que se levantaram nos terreiros do Leste, de danças comemorando vitórias mas também mortes, as quais estão sempre associadas, porque se levantaram também nas clareiras entre florestas do Norte, em marchas guerreiras de redenção e também levantadas pelos pés das manadas em busca de água, no Sul não menos mítico, e a sala explode em aplausos agradecidos e orgulhosos, o que por vezes perturba os bailarinos mas ninguém nota, só eles, se sentindo responsáveis pelo encantamento provocado, querendo dar cada vez mais de si próprios, porque já não é um bailado, é uma festa, todos no palco, os que morreram e os que partiram, juntos no batuque final em que cada um dá um salto, ou faz um passo ou uma atitude, integrando o particular no coletivo, enquanto a música de Mabiala sai em torrentes, não sabia era tão boa, segreda ele para o vizinho, lágrimas nos olhos, é demais, se sentindo ao mesmo tempo uma criança comovida com a própria obra, olhos molhados só para Lu e também por causa dela, luminosa no palco, segurando o lukano e uma rosa de porcelana, o cetro de Lueji também recuperado do esquecimento e a festa está no fim, Lu-Lueji sabe, só lhe resta avançar, erguer os braços bem alto, mostrando o lukano e a rosa e ficar

assim, majestática, enquanto todos os outros saem a correr do palco para cair o pano e ela vê as caras de Uli e Mabiala e do crítico de arte, as bocas abertas de espanto ou comoção e o silêncio pesado que de repente se abate sobre a sala, embrutecida por instantes pela esperança, o não sei quê bom e quente a encher os peitos, finalmente livres para respirar e Lueji pensa esta noite vou fazer amor com Cândido e Lu sente o orgasmo imparável vir, olhando a plateia. Sesvaindo para ela, sendo nesse momento que vê Mulaji, enrolando os seus caniços e sorrindo para ela, enquanto Matias, o crítico, grita, possesso, bravo, bravo, nunca vi antes nada melhor, e a sala arrebenta então em aplausos de pé, selando a vitória.

Mas toda a vitória vem acompanhada de dor. E chegou o momento temido da morte.

Sem um ai, dormindo depois duma caçada, Ilunga morreu.

Foi encontrado no dia seguinte, um sorriso nos lábios. Sonhava com Lueji? Os mondos informaram toda a Lunda e muito antes de o seu corpo chegar a Mussumba já as carpideiras xinguilavam e atiravam as lamentações para o céu azul sem nuvens. Lueji, Kamonga Luaza e os filhos, todos os muatas e o povo, foram esperar o rei na margem do Cajidixi. Quase nus, vestidos das mabelas mais miseráveis, o corpo sujo de terra, para chorarem devidamente o grande chefe, pois só para festejar a morte do inimigo nos enfeitamos ricamente.

Lueji não participava do choro das mulheres. Antes de ver o corpo do marido recusava acreditar nos mondos. Embora soubesse era verdade. Recordava a chegada de Ilunga naqueles tempos de aflição, tempos todos pintados de guerra. Ele trouxe a paz. Ele desceu da Lua com seu arco longo para a socorrer. E nunca a traiu. Mais que amante, fora o amigo fiel. Agora ia ficar sepultado na margem do rio, não ia voltar para a Lua? Não mais ia correr atrás dos elefantes, não mais lhe faria companhia nas noites frias? O coração dizia docemente nunca mais. E o coração chorava, não os olhos.

A comitiva chegou à outra margem, atravessou o rio, trazendo o corpo numa padiola. Redobram os gritos e os xinguilamentos. Ela viu então o rosto sorridente de Ilunga. E sorriu ela também, ele tinha voltado à Lua. Kamonga Luaza se arrancava os cabelos mas viu o sorriso dos dois amantes. Também Kumbana e Yanvu. Os outros, apesar das lágrimas, não podiam deixar de reparar no rictus feliz dos lábios do falecido e o sorriso correspondente de Lueji. E, pouco a pouco, os gritos se calaram, os olhos

secaram. Ali, na margem do rio, Ilunga foi enterrado, no maior silêncio. Coisas prodigiosas se passavam na Lunda! Então não era prodígio um rei ser enterrado sem choros, sem sacrifícios rituais, sem suspeitas de feitiço, ele só e mais a sua felicidade?

Diferente foi o óbito de Afonso Mabiala, suicidado na noite do espetáculo. Pelo amor não correspondido? Não, pelo menos no bilhete deixado em cima da mesa indicava outra razão: nunca mais circunstâncias tão favoráveis se iam apresentar para compor um concerto como o da Lueji. Se não podemos sempre fazer melhor, então não vale a pena viver mais. Muita gente saglomerou no cemitério, perplexa, revoltada até. E o coral universitário cantou, em homenagem, algumas das músicas do suicidado.

O tempo para chorar veio depois, oito dias de carpir e dançar, para restabelecer o equilíbrio. Oito dias em que o lukano ficou no braço da rainha, à espera de ser passado ao herdeiro.

– Não me conformo – dizia Yanvu. – O meu pai foi enterrado e não morreu ninguém. Nunca tal aconteceu.

– Pois não – respondeu Lueji. – Era tempo de acabar com isso. E tu vais ser entronizado e ninguém vai morrer. Porque eu não deixo.

– E não tens nada que deixar – disse brutalmente Yanvu – Já não mandas.

– Cuidado! O lukano está no meu braço.

– Indevidamente. Estava no do meu pai. Não tinhas o direito de o recuperar. Ele agora é meu.

– Enganas-te, jovem pretensioso. Ainda não é teu. Só o Conselho pode decidir se o mereces ou não. E ainda não mandei reunir o Conselho.

– Pois reúne sem demora. Ou não queres cumprir a promessa feita ao teu pai? Não foi isso que combinaram, Ilunga e tu?

Lueji abandonou-o e foi para o rio. Quase fugindo. O seu Yanvu tratava-a assim? Não foi mais que uma mãe para ele? A paga era esse desprezo, agora que já se via rei. Mudou rápido. E para pior. Sempre tinha tido atitudes arrogantes, muito cedo habituado a ser o herdeiro. Mas nunca para Ilunga ou para ela. Talvez pela presença de Ilunga? Sem ele, já se permitia todas as arrogâncias. Só Majinga a podia aconselhar.

O adivinho franziu a testa, ao ouvir a queixa de Lueji. Mas ficou calado e ela prosseguiu:

– Me pergunto se não vai ficar ainda pior quando tiver o lukano no braço. Ainda não está preparado para o poder total.

– Que estás a pensar?

– Nada. Não sei. Talvez fosse melhor adiar a cerimónia de posse. Fica a me ajudar a governar mais um tempo, até amadurecer.

– Guardares o lukano?

– Mais um pouco. O Conselho aceita isso. E obrigar Yanvu a ser mais moderado. Assiste-me em tudo e assim aprende.

Majinga abanou a cabeça. Mas não falou logo. A rainha olhava para os lábios dele, ansiosa pelo que ia sair. Não era um conselho que procurava, era um apoio. Majinga tinha poder, podia influenciar o Conselho. Poderoso graças a ela.

– Não, Lueji, já não é possível. O Conselho não vai aceitar. Os Tubungo foram fiéis a ti, fizeram sempre o que querias, mas porque Ilunga estava vivo. Já não há nenhuma razão para adiar o cumprimento da promessa feita a Kondi. Neste momento o lukano já não te pertence, não pertence a ninguém. E é urgente que pertença. O Conselho não vai querer situações provisórias, eles querem segurança. Já imaginaste as catástrofes que podem acontecer só porque o lukano não tem um dono legal? Os Tubungo vão rejeitar a tua proposta e nomear Yanvu. Contra ti. É melhor não propores isso.

– O Conselho vota o que eu quiser. Se me ajudares.

– Não. O Conselho vai votar a favor daquele que vai ter o poder. É ele, de qualquer maneira, que vai governar, mais tarde ou mais cedo. Achas algum Tubungo vai ter coragem de adiar a posse e depois sofrer a vingança? E os espíritos já estão preparados para o aceitar.

– Lê no ngombo. Lê o que dizem os espíritos.

– É inútil. Sei, eles querem Yanvu. E já.

– Os espíritos não querem o lukano no meu braço?

– Nem mais um dia.

– Leste isso no ngombo?

– Não preciso ler no ngombo para saber.

Lueji se deu por vencida. Retirou o lukano do braço. Sem Majinga não o podia guardar. Mesmo a sua linhagem ia recuar, pois Yanvu também era da mesma linhagem e um conflito dentro dela enfraquecia-a. E Yanvu certamente ia procurar todos os apoios, convencer os parentes, o poder permanente pôs um mau espírito na cabeça de Lueji, agora quer conservá-lo a todo o custo, afastando-me do trono, não foi isso que combinámos na

nossa linhagem. Tinha perdido. Ela sabia.

– Ilunga morreu cedo demais – suspirou.

– Talvez – disse Majinga. – Mas se fosse mais tarde, ias pensar o mesmo. Para ti, Yanvu nunca estaria preparado para assumir o poder.

– Não me interessa guardar o lukano, não é por mim.

– Sei, é pela Lunda. Sempre se pensa assim. E estás a ser sincera. Mas, no fundo, sempre achamos que somos mais capazes de a defender que o nosso sucessor. Às vezes podemos impedir que o sucessor tome o nosso lugar. Às vezes não. É este o caso. Não tens força para o impedir.

– A Lunda vai pagar, Majinga.

– Antes não pensavas assim.

– Antes Ilunga estava vivo.

– Antes Yanvu te obedecia cegamente.

Ficaram os dois em silêncio, olhando as brasas se consumirem na fogueira. Depois Lueji levantou a cabeça e fitou-o nos olhos.

– Yanvu te prometeu alguma coisa? Vais continuar a ser o tahi principal?

– Ele disse só confia na sua linhagem, na nossa. Isso ele aprendeu contigo, rainha.

De novo o silêncio, ritimado pelo crepitar suave do braseiro. Lá fora, um cão ladrava aos vultos do mato. Seria algum chieye a enraivecendo o cão? Tchinguri, Tchinguri, tu não tinhas medo do chieye, não tinhas medo de nada, e também te afastaste quando soubeste que tinhas perdido. A sabedoria é saber quando não há nada a fazer, Majinga tem razão.

– Yanvu quer fazer uma matança quando subir ao poder. Acha um grande rei tem de se sentar sobre muitas cabeças. Majinga, ajuda-me a impedi-lo. A Lunda tem paz, deve conservá-la. Senão, é como se eu não tivesse feito nada.

E assim foi.

A cerimónia de posse foi discutida entre os Tubungo e Lueji, com ajuda de Majinga. Não podia ser idêntica à de Kondi, última cerimónia seguindo a tradição. As de Lueji e Ilunga tinham sido excepcionais, simplificadas ao máximo pela urgência da situação. A de Yanvu devia ser mais sumptuosa, correspondendo ao poder novo da Lunda e ao carácter divino do futuro rei. Mas aproveitariam para lhe dar conselhos e medir a sua capacidade de ouvir os outros. Não haveria mortes. Todo o ritual seria baseado no diálogo entre o passado e o futuro rei. E Lueji reuniu então o Conselho dos Tubungo que

escolheu Yanvu por unanimidade.

O futuro rei foi dormir na outra margem do Kalanhi. No dia seguinte, os principais muatas foram ter com ele à praia do Cassaco. Despiram-no e à sua muari, a filha de Mujimbula. Lhes deram apenas uns panos de mabela grossa para se taparem as partes. Passaram então o rio em canoas e levaram o casal para uma cubata entre as chipangas dos Tubungo. Aí lhes deixaram comida e bebida, avisando de manhã vimos para vos apresentar ao povo.

A hora combinada, no largo principal à frente da onganda, estava Lueji e os principais dignitários e o povo todo, à espera do tetame. Os muatas sentados em peles, o povo na areia. Lueji fez sinal e uma delegação foi buscar Yanvu e a muari. Quando eles apareceram, o povo rompeu em aplausos, com gritos e assobios e os chingufos e ngomas batucando. Foram obrigados a sentar no centro da roda, na poeira da praça.

Se levantou então muata Sambunje, o mais velho dos Tubungo.

– Estás aqui, Yanvu, porque os mais sábios dos Tubungo te chamaram para herdares o Estado dos teus avós. Herdas o reino de Kondi, engrandecido pelo trabalho de Lueji, a senhora das terras, e do teu pai Ilunga. Mas isso não chega. Fica sabendo, Yanvu, que nós, os Tubungo, é que somos os donos destas terras e só damos o nosso consentimento se mostrares que serves para alguma coisa.

Depois Sambunje narrou resumidamente os principais feitos dos soberanos anteriores, mudando apenas o que os novos tempos exigiam na tradição oral. E terminou assim:

– Antigamente se exigia ao soberano que fizesse uma guerra e só depois da vitória se podia ele considerar de fato senhor dos Tubungo. Mas com Lueji os tempos mudaram. Não exigimos de ti uma guerra, temos grandes territórios e somos ricos, não precisamos de mais. Queremos é que saibas governar e saibas defender o que já temos. Assim nos ensinou a tua mãe, Lueji a Kondi, a senhora das terras. Mas tens de passar algumas provas.

Entregaram-lhe então uma cesta mussassa, feita de entrançados de caniços. E lhe mandaram ir buscar água no rio. Yanvu se levantou, pôs a mussassa sobre os ombros e caminhou para o rio. Deu alguns passos e logo um Tubungo gritou:

– Volta, onde vais? Não vês não podes ir buscar água com uma mussassa, que a água escorre pelos buracos? Para quê tens olhos afinal?

O povo rompeu em apupos, gargalhadas e saltos. Alguns reboavam no

chão, de tanto rir. Yanvu voltou calmamente para o seu lugar, sem mostrar irritação.

Logo um Tubungo saltou para a sua frente, brandindo um mucuali. Silêncio pesado se fez na praça. Em gestos ameaçadores, o provocador pulou e executou saltos de dança, lançando golpes que se aproximavam cada vez mais do pescoço de Yanvu. Este guardou o ar impassível. O Tubungo parou de repente, fez uma vénia, e o povo aplaudiu o sangue-frio do futuro rei.

Durante horas se sucederam as provas. Um mandava apanhar moscas com uma caixa, outro insultava-o por uma traquinice da sua meninez, uma mulher vinha dançar à sua frente provocantemente. Yanvu obedecia, ouvia sem responder, tudo engolindo, mostrando sempre boa disposição. Finalmente, Sambunje voltou a tomar a palavra:

– Muito bem, Yanvu, tudo cumpriste e ouviste. Não esqueças a lição. O rei tem de ouvir os Tubungo e não se deve zangar com os seus conselhos. Deve ter sangue-frio para não se irritar com o que vê e ouve, e nunca deve interromper quem fala.

Todos retiraram para as suas casas, mas Yanvu e a muari ainda tiveram que ir visitar todas as mulembas que existiam no perímetro da Mussumba e em particular a mulemba plantada por Lueji na sua onganda. Depois foram comer e dormir.

No dia seguinte, acompanhados por todos os Tubungo e o povo, se dirigiram para a pedra onde pela primeira vez Lueji viu Ilunga e onde as três árvores plantadas por este já eram grandes. Sentaram na pedra, com Lueji, e ouviram discursos sobre a História recente da Lunda, desde esse dia que marcou o começo do novo Estado. Depois Lueji convidou-os a irem à anza, onde se recolheram perante as mahamba dos antepassados e onde iriam ficar depositados os cabelos e unhas dos soberanos da Lunda. Voltaram finalmente à pedra.

Yanvu sentou na pedra sozinho. A muari sentou numa pele atrás dele. E Sambunje retomou a palavra:

– Aqui a senhora das terras recebeu pela primeira vez teu pai Ilunga, o qual engrandeceu o reino de Kondi. Aqui Lueji pôs a Ilunga o lukano, quando se retirou para te dar à luz. Este lukano é a herança de teu avô, defende-o como tua mãe e teu pai fizeram.

E Lueji se aproximou e enfiou o lukano no braço de Yanvu.

Todos se prostraram no chão, os Tubungo espalhando pemba pelo corpo e o povo se besuntando de terra. Yanvu ficou com o braço direito estendido para a frente, enquanto os presentes lhe juravam fidelidade. Levantou o braço para o ar e logo os ngomos cantaram e o povo se levantou, dançando. Entregaram panos novos a Yanvu, que ali mesmo se cobriu. E lhe impuseram os rituais símbolos do poder. Foi também pintado de branco pela pemba, o símbolo do Sol, da vida e da pureza. Tomava posse das terras onde se encontram as sepulturas dos antepassados e reunia em si as forças vitais da natureza e da sociedade.

Lueji suspirou. Estava cumprida a promessa feita há muitos anos a Kondi. O espírito dele não enviou o raio nem epidemias, nem a seca. Aceitava portanto o filho de Kamonga Luaza como seu neto. E assim compreenderam os Tubungo que tinham dúvidas sobre a verdadeira maternidade. Se o avô estava de acordo, a eles só restava manterem viva a dúvida para que constasse e fosse transmitida de geração em geração. Lueji já podia descansar. No entanto, o peito lhe doía de angústia, e se errei?

Terminadas todas as cerimónias, Lueji foi falar com o filho, a sós. E lhe disse:

– Agora que és rei e cumpri a minha promessa, vou descansar. Sempre que queiras um conselho, podes pedir, estou cá para isso. Mas só se precisares. No entanto, queria lembrar-te um ensinamento antigo. É melhor tomar o rio do que todo o peixe que ele apresenta num dia, porque o peixe acaba e o rio fica. Muitos vão querer te levar a guerras de conquista para saquear territórios e vender escravos aos árabes. Tem cuidado. O território deve ser tomado com carinho, sem destruições, para poder render. É o último conselho que a tua mãe tem para ti.

Parece Yanvu não ouviu bem o conselho. Mas já não cabe nesta estória. O que cabe é uma conversa que espionei no bar Manda Fama, quinze dias depois da estreia, quinze dias de espetáculos diários, abarrotados de gente, o maior sucesso de sempre no bailado nacional. Tinha autorização para tratar o tema da Lueji, mas também queria o da Lu. Sem autorização, claro. Como fazer, senão perguntando subtilmente, buscando confidências, espionando? Perdera um bom informador, o pobre Mabiala, fraco demais para aguentar o seu êxito-fracasso. Por isso, sem remorsos nem falsos pudores, escutei.

– Da próxima vez que conceberes um bailado, deixa de lado os Tchinguris, Ilungas e outros e trata os camponeses, os pescadores, os

escravos...

– Aproveitei o que conta a tradição, Cândido, e a tradição não trata desses, só dos grandes. Os mitos não se interessam por gente comum. E da gente comum os mitos fazem heróis. A culpa não é minha.

– Não podias deformar o mito?

– Até deformei. Mas não a esse ponto. Deixa de ser mito.

– E que mito vamos seguir nós agora? – perguntou ele.

– O mito do amor impossível – disse Lu. – Tu voltas para os teus bois e eu para o meu palco. Sempre sozinha.

– Não há mesmo conciliação, não é?

– Só dura o tempo do bailado. E na ponta da flecha fica sempre uma gota de sangue.

O drama ia continuar, portanto. Mas não o persegui, tocado pela crítica de Cândido, a arte só trata dos grandes deste Mundo. Por isso se acrescenta um Epílogo.

EPÍLOGO

AGORA SOU EU QUE FALO, EU, MULAJI,
filho de Sumbi e Kakeya, um pobre pescador.

Serei mesmo filho de Sumbi? Uma dúvida sempre pairou e não é agora, depois de velho, que me vou preocupar em saber se o meu pai era mesmo aquele pescador que foi escravo de Yala Muako, ou o próprio Yala Muako. Nasci na casa de Sumbi, da barriga de Kakeya, sua mulher, por isso seu filho sou. E nunca quis ser irmão de Kondi. Também dizem o Muata Yanvu não é filho de Lueji, porque ela foi sempre estéril. E de fato nunca teve mais nenhum filho, o que é estranho. Mas isso tem alguma importância? Mãe ou pai é aquele que nos dá uma casa e comida todos os dias e nos dá amor. Senão haveria órfãos abandonados e bastardos sem pai ou mãe que sofreriam os rigores dos sem família. Se mesmo os escravos apanhados em terras longínquas logo se tornam gente da casa e da família do seu dono, por que não os que nascem na dúvida? Para quê criar descontentes que depois se vingam enfeitando as famílias? A sabedoria que nos vem dos tempos antigos vai se perder um dia? Desgraças se abaterão então sobre a Lunda.

De todos sempre escondi um dom, até de minha mulher. Se alguém soubesse, logo me ia utilizar e não gosto de ser utilizado como uma panela. Mas àqueles que vão viver muito tempo depois de eu morrer, posso revelar esse segredo, já não me fará mal. Às vezes, não é sempre, quando a Lua cheia deixa ver Muiza ao mesmo tempo, o que é raro, eu vejo em Muiza aquilo que vai passar. Mas não as coisas de amanhã, apenas as de depois de amanhã. E que vi então várias vezes em Muiza?

Este muata Yanvu não vai reinar muito tempo. Morrerá na sua primeira guerra de conquista. Lhe sucederá o seu irmão mais novo, filho de Ilunga e de Kamonga Luaza, que se tornará Yanvu e portanto da mesma linhagem. E depois o filho dele. E o filho ou o irmão mais novo. Assim, até haver mais de vinte muata Yanvu. A memória das gentes vai baralhar tudo e nenhum deles poderá ser distinguido do outro. Com os outros muatas o mesmo vai

sucedem. Um será substituído pelo outro com o mesmo nome e com a mesma família. Assim por diante. E daqui a vinte gerações parecerá que tudo está sempre na mesma. Mas não está, vocês vão ver.

O muata Yanvu vai nomear como seus conselheiros os quinze chefes das linhagens principais. Esses terão todos os privilégios, até nem precisarão se prostrar no chão quando ele passar, basta fazerem um cumprimento com a mão. Depois virão os outros muatas, cheios de riqueza e de maior ambição ainda. Todos se perpetuando nos seus descendentes, que mantêm os mesmos cargos e ligações familiares.

Isso é só lá no alto. Aqui embaixo, o ofício de Mulaji será feito por Muzumbo, seu filho, o qual nunca será Mulaji, pois pertence à linhagem da mãe. E a arte de pescador deste passará para Mucanza, que já vai pertencer a outra linhagem. Nós somos os que não temos direito a ser perpetuados, nós morremos mesmo quando o nosso corpo morre de cansaço ou de veneno ou de alguma azagaia perfurante. E o meu espírito poderá protestar, se manifestar, enquanto o meu neto for vivo. Depois dele, ninguém mais se lembrará de mim, morri mesmo, em corpo e no espírito. A mahamba que põem nalguma encruzilhada do caminho será comida pelo salalé e ninguém se vai preocupar. Assim será aqui embaixo.

E lá em cima, a vaidade dos muata Yanvu que nunca morrem se tornará enorme. Esquecerão os ensinamentos de Lueji, não há ensinamentos que sempre durem. Vão querer conquistar povos pela força, vão exigir tributos pesados, vão fazer guerras. Na sua vaidade e ambição, só vão se preocupar com as lutas e intrigas da corte, todos querendo cada vez mais vantagens. E a força da Lunda, aquilo que fazia os outros povos a admirar e aceitar a sua chefia, a lição de Lueji, vai se perder. Dela fica apenas o nome, mesmo esse muitas vezes modificado, e uma estória que cada qual contará conforme o seu interesse.

Quem vai saber um dia que ela sofreu por ter perdido o lago da sua infância, onde havia estranhas aparições de rosas de porcelana? Quem vai saber um dia que o seu irmão Tchinguri, o odiado, foi o seu primeiro amante? Quem vai saber que não perdeu nenhum poder por ter casado com Ilunga e que este apenas continuou a ser um tchibinda e não um rei? Quem vai saber daquela conversa no muxito com o irmão, conversa que salvou a Lunda?

Os muata Yanvu vão ser os primeiros a esquecer isso tudo. Apenas vão

querer que se saiba da sua ascendência divina, os iguais de Nzambi, e por isso terão todos os direitos. Se vêm duma mulher que tinha as suas dúvidas e fraquezas, isso não lhes interessa. E se as pessoas pensassem, afinal os muata Yanvu são gente como nós? Perdida a força do trono, desgraça da Lunda. Como eles se enganam. A força da Lunda estava nisso que eles esqueceram, que procuraram ocultar dos outros. E os meus filhos e netos neles vão ver Nzambi e os espíritos personificados, vão temê-los apenas.

E um dia muito longe, fartos de serem humilhados e espoliados, outros povos vão se levantar nas nascentes do Cassai contra o despotismo do muata Yanvu. Neste momento já se encontram lá, crescendo e aprendendo devagarinho-vagarinho. Um dia vêm pintados de guerra e tomam a Mussumba e acabam com o Império. Alguém vai lamentar? Não seria eu, se nesse tempo vivesse.

Percebem por que não posso falar o que vejo em Muiza? Prefiro ficar calado, nas margens do Kalanhi, conversando com os peixes que me ouvem, com as águas que me refrescam, relembrando aquela mulher que um dia veio me procurar, pedindo conselho, apesar de ser rainha. Como a amei. Tinha o poder de vida e de morte sobre todos nós, e lutou para nos dar a vida. Frágil e cheia de medos e de dúvidas, pressinto. Errou no fim, criando em Yanvu a ideia de que ele era igual a Nzambi? Foi ela a responsável pelos futuros desmandos dos muata Yanvu e a derrocada do Império que ela criou? Claro que sim, ela é a responsável. Sempre foi assim, o criador duma coisa é também o criador da morte dessa coisa, ao dar a vida dá a morte. O filho que a mulher faz nascer não está já destinado a morrer? Lueji criou o Império e criou as condições da sua destruição. Só podia ser assim.

Por que culpá-la da sua humanidade?

Luanda, Fevereiro de 1988

GLOSSÁRIO

Amilombe: jovem destinada ao serviço particular de mulheres de alguns potentados africanos.

Apupado: vaiado.

Azagaia: lança curta.

Baicar: morrer.

Bassular: atirar ao chão, derrotar.

Bimbas: plantas de madeira muito leve, de que se fazem jangadas.

Calema: ondas fortes provocadas por tempestades no Atlântico Sul.

Candongá: contrabando ou qualquer tráfico ilegal.

Capota: galinha-do-mato. Às pintas pretas e brancas.

Carrapa: carapinha (cabelo muito frisado de raça negra).

Cazumbi: alma do outro mundo, duende.

Chana: o mesmo que savana.

Chieye: fogo-fátuo que se desprende de corpos em decomposição.

Chingufu: tambor de madeira de forma trapezoidal.

Chipanga: paliçada de proteção em volta da casa dos nobres.

Cuca: marca de cerveja mais conhecida de Angola.

Cudicalando – de Kudikala: estalar os dedos, pedindo autorização para se aproximar.

Curibotice: maledicência.

Gabarolices: fanfarrices.

Ganzar: ficar sobre efeito de drogas.

Haka: interjeição de admiração.

Imbodeiro: baobá.

Insurrecto: insurgente.

Jaga: grupo guerreiro; mesmo que Imbangala.

Kamba: amigo.

Kandaka: estrangeiro.

Kaporoto: aguardente caseira.

Kijila: proibição, tabu.

Kimbanda: adivinho.

Kissanje: instrumento musical, uma caixa de madeira cavada com palhetas de metal.

Kuluanda: para Luanda; Kaluanda = habitante de Luanda.

Lambezudo: ternurento; que lambe e acaricia.

Lerpar: perder; morrer; fugir.

Liambeiro: maconheiro.

Lingala: dialeto da região noroeste da República Democrática do Congo (Congo-Kinshasa).

Livongue: antílope. Termo da língua mbunda, do Leste de Angola.

Lukano: pulseira feita de tendões humanos que era o símbolo do poder máximo.

Lumpen: de Marx: lumpen-proletariado.

Lunda: povo que habita nas terras do antigo império Muatiânvua da Luanda, a Nordeste, onde mais tarde se estabeleceu a Diamang – Companhia dos Diamantes de Angola.

Maça: clava.

Macoji: multa que o sedutor deve pagar ao marido enganado, quando tem relações com mulher casada e é descoberto.

Mafumeira: espécie de árvore muito grande.

Mahamba (pl.): objeto mágico que representa o espírito de um antepassado. É feito toscamente de madeira.

Maka: discussão, conflito.

Makolo: fruto que noutras regiões se chama maboque.

Makunde: feijão-frade.

Massambala: pequeno sorgo, cereal similar ao milho utilizado na produção de fubá e na alimentação de aves domésticas.

Massango: cereal produzido em Angola. Sorgo.

Mata-bicho: pequeno-almoço (café da manhã).

Matemo: dote da noiva, alembamento.

Matundua: fruto.

Mbambi: antílope pequeno.

Mondo: grande tambor.

Moringue: bilha de barro para conter e refrescar água.

Muata: chefe tradicional dos Lunda e dos Tchokue.

Muceque: bairro africano de Luanda.

Mucuali: facão longo.

Muhamba: cesto para transporte de mercadorias.

Mujia: armadilha para apanhar peixe, feita de entrançado de caniços.

Mujimbo: notícia. Ultimamente usado com sentido de boato.

Mukanda: festa de iniciação masculina.

Mulemba: árvore frondosa e considerada sagrada.

Mupungo: objeto feito com cauda de animais, espécie de espanta-moscas, de grande carga mágica.

Muquixe: dançarino mascarado do Leste de Angola.

Mutopa: cachimbo de água.

Muxito: conjunto de árvores, geralmente num ponto de água.

Muzua: armadilha para peixes.

Na Caianga: é uma espécie de título da mulher de um grande caçador, cujas ações influenciam o êxito do marido na caça.

Nassa: o mesmo que Mujia.

Ndoka: bebida fermentada à base de mel (hidromel).

Ngoma: tambor vulgar.

Ngombo: cesto mágico de adivinhações.

Oma-kisi: monstro mítico comedor de gente. Em línguas do Sul.

Ondjiri: antílope africano considerado belo.

Onganda: paliçada de proteção à volta da residência do rei e suas mulheres.

Paludismo: malária.

Pemba: caulino branco.

Possas: interjeição utilizada com um sentido de admiração e, ao mesmo tempo, irritação. Equivale aproximadamente a “puxa vida!” ou, até mesmo, uma forma branda de “porra!”.

Rítimo: ritmo. Pepetela decidiu passar a escrever assim, com o intuito de aproximar o escrito do falado.

Sacanjuel: nome de um pássaro.

Sala: diadema de plumas, usado por aristocratas ou guerreiros.

Sefu: animal, antílope.

Soba: chefe de tribo africana.

Songue: antílope africano.

Tabaibo: fruto de um cacto.

Tahi: adivinho, também curandeiro, na Lunda.

Tareia: surra, pancada.

Tchá: interjeição de admiração ou respeito.

Tchela (também Cutangaje ou Kuela, como é mais conhecido hoje): um jogo de estratégia no chão, com buracos e pedras, avançando as pedras para tomar posição e conquistar território.

Tchimba: nome dado a um povo, uma pequena etnia que acabaria por ser parte do Império.

Tchota: recinto circular coberto de capim e aberto dos lados. Njango ou Nzango noutras regiões.

Tubungo: nobres com acesso aos Conselhos. Originalmente, Tubungo eram os primeiros Lundas.

Ualua: bebida fermentada, espécie de cerveja.

Uanga: feitiço maligno.

Ué: Interjeição de admiração ou de dor.

Vimbululus: mosquinhas pequeníssimas que fabricam mel. São especialmente atraídas pelos olhos dos animais.

Viteix: nome de um grande pintor angolano já falecido.

Xima: pasta de farinha e água. Funji ou pirão, noutras regiões.

Xinguilar: estremecer os ombros e depois todo o corpo, quando se recebe um espírito.

Índice

[CAPA](#)

[Ficha Técnica](#)

[Lueji, o nascimento de um império: sob as verdades da ficção](#)

[1](#)

[2](#)

[3](#)

[4](#)

[5](#)

[6](#)

[7](#)

[8](#)

[9](#)

[10](#)

[11](#)

[12](#)

[13](#)

[14](#)

[15](#)

[16](#)

[17](#)

[18](#)

[19](#)

[20](#)

[21](#)

[EPÍLOGO](#)

[GLOSSÁRIO](#)



PEPETELA

SE O PASSADO NÃO TIVESSE ASAS

ROMANCE



Se o passado não tivesse asas

Pepetela

9788544106006

352 páginas

[Compre agora e leia](#)

Duas personagens femininas, dois momentos de um país. Ambientado em Angola durante a guerra civil e no pós-guerra, *Se o passado não tivesse asas*, novo romance de Pepetela, conjuga as trajetórias de Himba, menina que, sozinha no mundo, tenta sobreviver em meio ao conflito, e de Sofia, que deseja uma vida melhor em tempos de crescimento econômico – porém ainda marcados pela desigualdade social e violência. São narrativas que se combinam e completam, somando-se à experiência pessoal do escritor, ex-guerrilheiro do Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA). Trata-se de um mergulho nas últimas duas décadas de história do país africano e, sobretudo, de uma reflexão sobre a fragilidade do ser humano e suas mais aterradoras contradições – sempre pelo olhar, pela sensibilidade ímpar de um dos maiores nomes da literatura em língua portuguesa atual, vencedor do Prêmio Camões e autor de obras como *Mayombe* e *A geração da utopia*.

[Compre agora e leia](#)

Autora n.1 do New York Times

SYLVIA DAY

PRAZERES
DA NOITE

Quinta Essência



Prazeres da noite

Sylvia Day

9788544100547

256 páginas

[Compre agora e leia](#)

CHEGA O MAIS QUENTE ROMANCE DOS ÚLTIMOS TEMPOS DA AUTORA BEST-SELLER Nº 1 EM MAIS DE 20 PAÍSES, SYLVIA DAY No limiar entre o sono a consciência, uma batalha se trava entre o sonho e o pior pesadelo. Capitão Aidan Cross é uma lenda, tão hábil em criar sonhos eróticos quanto em matar seus inimigos. As mulheres o veem como parte de suas fantasias... Exceto Lyssa Bates. Esquisita, desejável e enigmática, Lyssa desdenha deste sedutor imortal, porque ela o vê como ele realmente é. E, enquanto ele tenta desvendar seus segredos, o impensável acontece: Aidan Cross se apaixona. Lyssa tem tido os sonhos mais incríveis com esse homem de olhos azuis que promete prazeres intensos e profunda intimidade. Até que ele aparece em sua porta. Mas na sua rendição, há também um grande perigo... Aidan está em uma missão e a paixão que os consome poderá ter consequências terríveis. Amar a mulher que veio para destruir seu mundo não é apenas impossível... é proibido. Sobre a autora: Sylvia Day é autora best-seller do New York Times e internacionalmente reconhecida com mais de uma dúzia de romances premiados e vendidos em quarenta países. Figura em primeiro lugar de vendas em 21 países, com 10 milhões de exemplares vendidos.

Sua série Crossfire será adaptada para televisão pela Lyonsgate, e a autora já foi nomeada para o Goodreads Choice Award for Best Author.

[Compre agora e leia](#)

**a
bruxa
não vai para
a fogueira
neste livro**

amanda lovelace



A bruxa não vai para a fogueira neste livro

Lovelace, Amanda

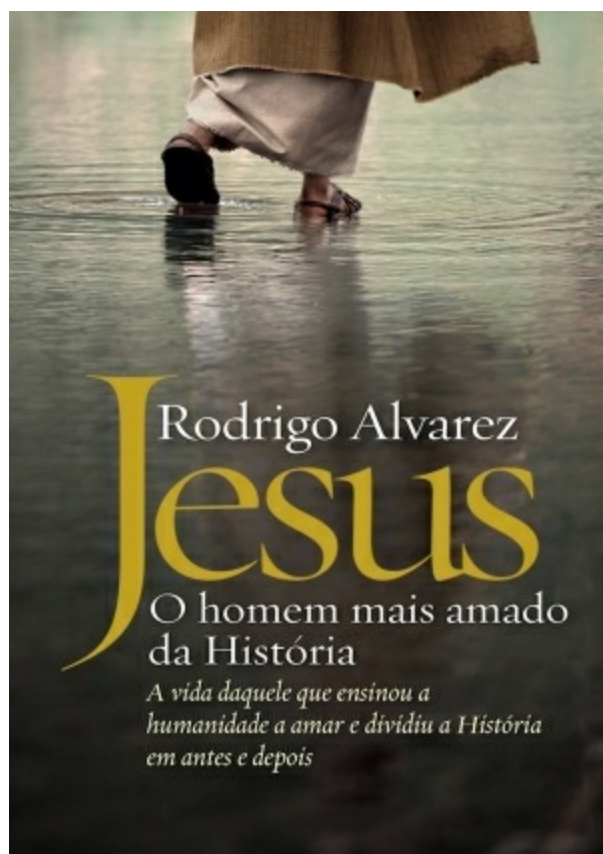
9788544107027

208 páginas

[Compre agora e leia](#)

Aqueles que consideram "bruxa" um xingamento não poderiam estar mais enganados: bruxas são mulheres capazes de incendiar o mundo ao seu redor. Resgatando essa imagem ancestral da figura feminina naturalmente poderosa, independente e, agora, indestrutível, Amanda Lovelace aprofunda a combinação de contundência e lirismo que arrebatou leitores e marcou sua obra de estreia, *A princesa salva a si mesma* neste livro, cujos poemas se dedicavam principalmente a temas como relacionamentos abusivos, crescimento pessoal e autoestima. Agora, em *A bruxa não vai para a fogueira* neste livro, ela conclama a união das mulheres contra as mais variadas formas de violência e opressão. Ao lado de Rupi Kaur, de *Outros jeitos de usar a boca* e *O que o sol faz com as flores*, Amanda é hoje um dos grandes nomes da nova poesia que surgiu nas redes sociais e, com linguagem direta e temática contemporânea, ganhou as ruas. Seu *A bruxa não vai para a fogueira* neste livro é mais do que uma obra escrita por uma mulher, sobre mulheres e para mulheres: trata-se de uma mensagem de ser humano para ser humano – um tijolo na construção de um mundo mais justo e igualitário.

[Compre agora e leia](#)



Rodrigo Alvarez
Jesus
O homem mais amado
da História

*A vida daquele que ensinou a
humanidade a amar e dividiu a História
em antes e depois*

Jesus, o homem mais amado da História

Alvarez, Rodrigo

9788544106440

368 páginas

[Compre agora e leia](#)

Escrito pelo autor laico brasileiro que mais vende livros de temática religiosa no Brasil, Jesus – O homem mais amado da História: a biografia daquele que ensinou a humanidade a amar e dividiu a História em antes e depois é o livro mais atual sobre a vida do homem cuja história mantém seu vigor e interesse há mais de dois mil anos. O escritor e jornalista Rodrigo Alvarez tomou como base as fontes arqueológicas e bibliográficas mais recentes, além das mais antigas (entre eles diversos manuscritos originais), e viajou pelos mesmos lugares percorridos por Jesus em seu tempo para reconstituir os passos do pregador que, ao mesmo tempo Deus e homem, ensinou a amar, mudou o curso da humanidade e dividiu a História em antes e depois. Com uma narrativa elegante, acessível e guiada pelos fatos, além de ricamente ilustrado, Jesus – O homem mais amado da História é um livro sobre um Jesus de antes do cristianismo e de todas as suas divisões futuras – e que mostra a todos os leitores, cristãos ou não, a relevância e a permanência de sua trajetória e de seus ensinamentos.

[Compre agora e leia](#)



O LIVRO QUE
DEU ORIGEM À
SUPERPRODUÇÃO
DIRIGIDA POR
STEVEN SPIELBERG

ERNEST CLINE

Jogador nº 1

Cline, Ernest

9788580444728

464 páginas

[Compre agora e leia](#)

Agora uma megaprodução de Steven Spielberg para os cinemas Cinco estranhos e uma coisa em comum: a caça ao tesouro. Achar as pistas nesta guerra definirá o destino da humanidade. Em um futuro não muito distante, as pessoas abriram mão da vida real para viver em uma plataforma chamada Oasis. Neste mundo distópico, pistas são deixadas pelo criador do programa e quem achá-las herdará toda a sua fortuna. Como a maior parte da humanidade, o jovem Wade Watts escapa de sua miséria em Oasis. Mas ter achado a primeira pista para o tesouro deixou sua vida bastante complicada. De repente, parece que o mundo inteiro acompanha seus passos, e outros competidores se juntam à caçada. Só ele sabe onde encontrar as outras pistas: filmes, séries e músicas de uma época que o mundo era um bom lugar para viver. Para Wade, o que resta é vencer - pois esta é a única chance de sobrevivência. A vida, os perigos, e o amor agora estão mais reais do que nunca.

[Compre agora e leia](#)